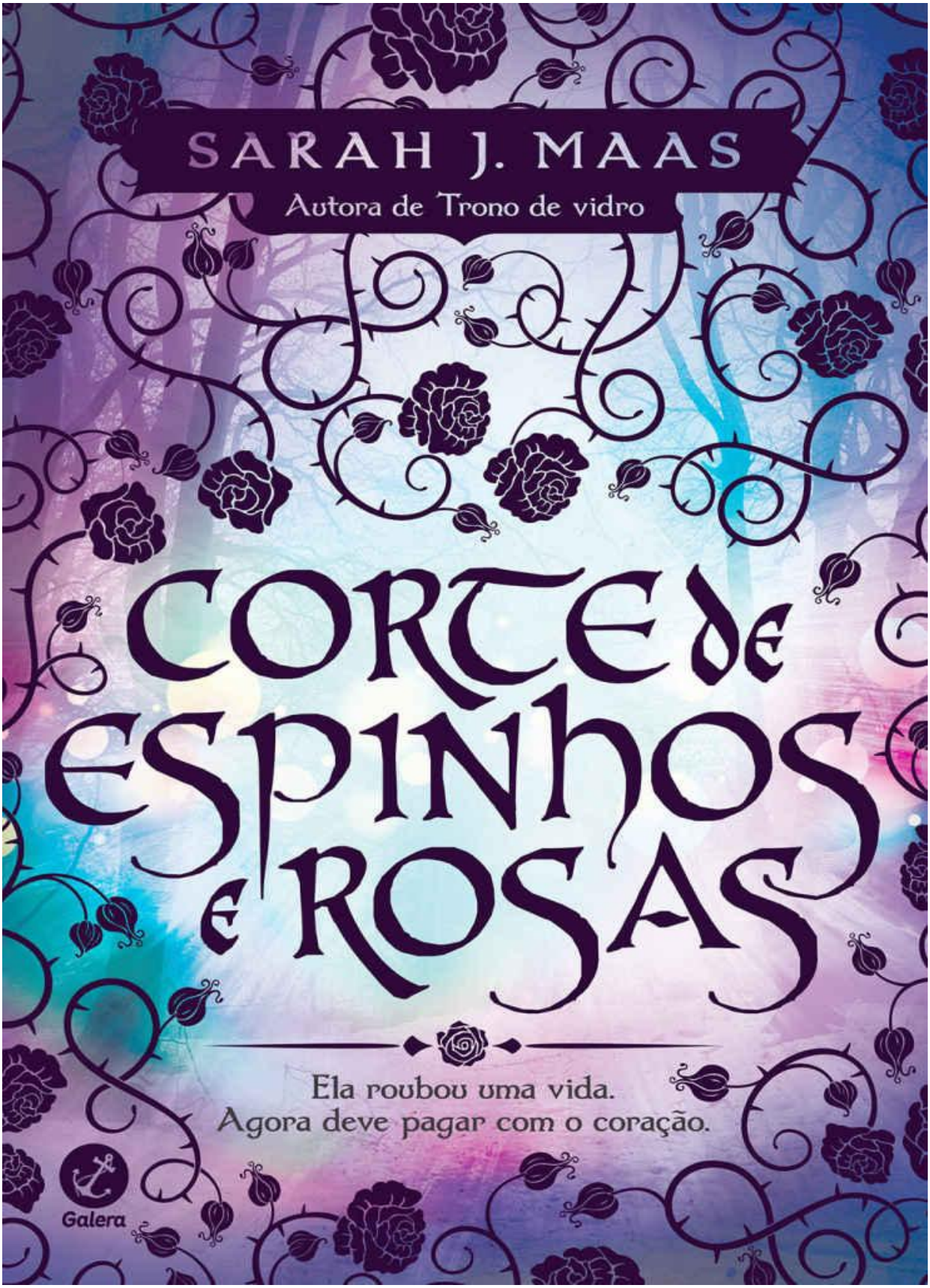
Galera
SARAH J. MAAS
CORTE DE
ESPINHOS
E ROSAS


SARAH J. MAAS
Autora de Trono de vidro
CORTE DE
ESPINHOS
E ROSAS
Ela roubou uma vida.
Agora deve pagar com o coração.
Galera

Obras da autora lançadas pela Galera Record:

Série Trono de vidro

Trono de vidro
Coroa da meia-noite
Herdeira do fogo

A lâmina da assassina

Série Corte de espinhos e rosas

Corte de espinhos e rosas

SARAH J. MAAS

CORTE DE ESPINHOS E ROSAS

Tradução
Mariana Kohnert Medeiros

1ª edição

Galera

Rio de Janeiro | 2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

M11c

Maas, Sarah J.

Corte de espinhos e rosas [recurso eletrônico] / Sarah J. Maas ; tradução Mariana Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2015.

recurso digital

Tradução de: A court of thorns and roses Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10711-4 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Mariana. II. Título.

15-28521

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original:
A court of thorns and roses

Copyright © Sarah J. Maas, 2015

Publicado mediante acordo com Bloomsbury Publishing Inc.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10711-4

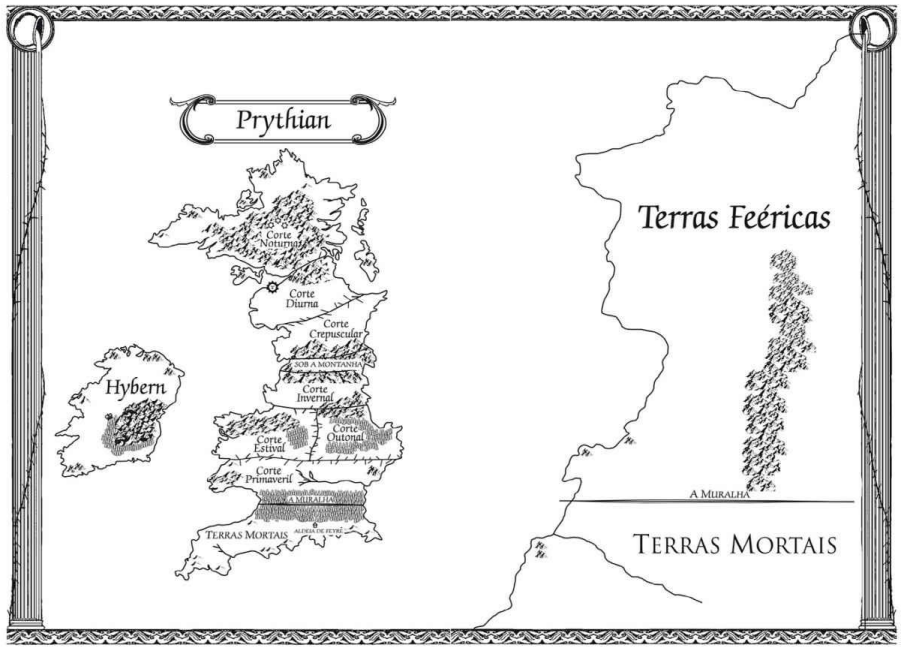
Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

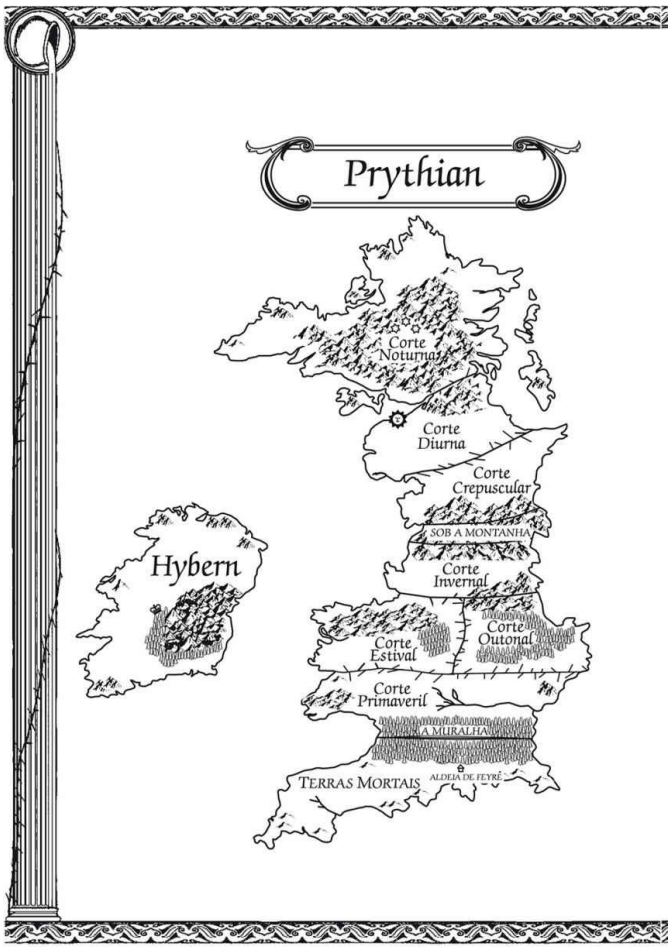
Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

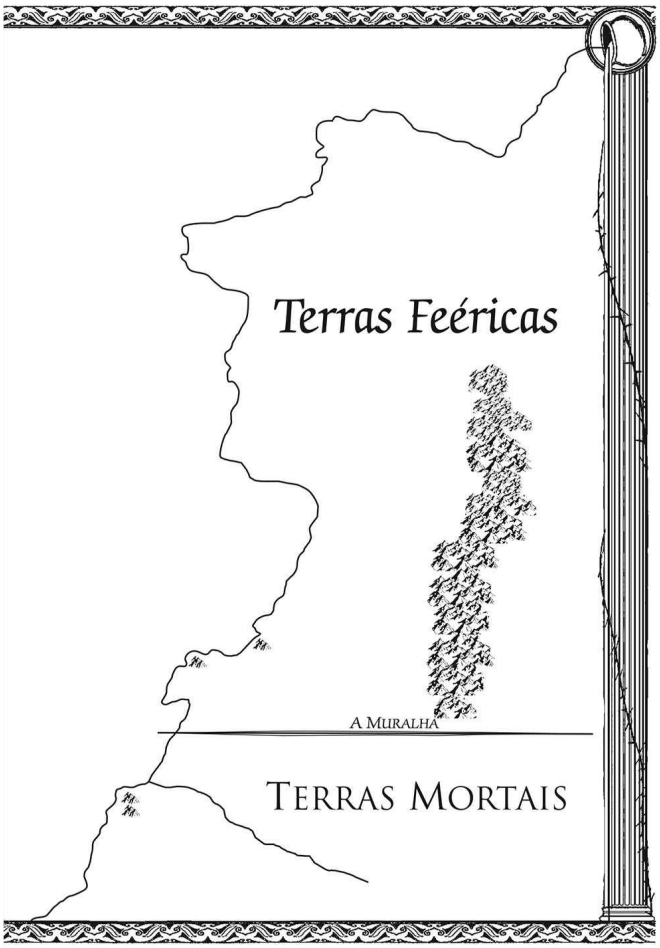
Para Josh —

Porque você iria Sob a Montanha por mim.

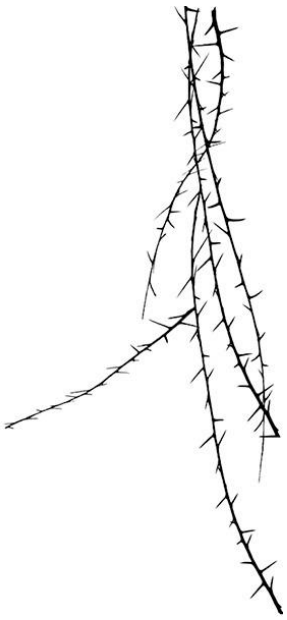
Amo você.


Prythian
Corte Noturna
Corte Diurna
Corte Crepuscular
SOB A MONTANHA
Corte Invernal
Corte Estival
Corte Outonal
Corte Primaveril
A MURALHA
TERRAS MORTAIS
ALDEIA DE FEYRE
Hybern
Terras Feéricas
A MURALHA
TERRAS MORTAIS


Prythian
Corte Noturna
Corte Diurna
Corte Crepuscular
SOB A MONTANHA
Corte Invernal
Hybern
Corte Estival
Corte Outonal
Corte Primaveril
A MURALHA
TERRAS MORTAIS
ALDEIA DE FEYRÉ


Terras Feéricas
A Muralha
Terras Mortais

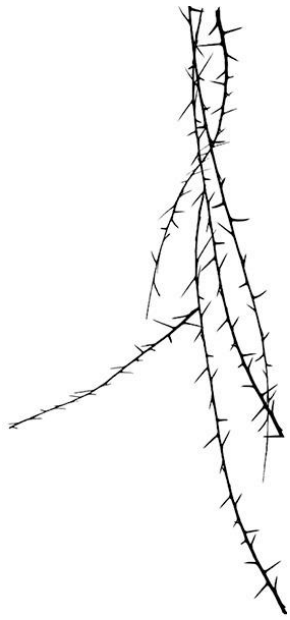
Capítulo 1



A floresta tinha se tornado um labirinto de neve e gelo.

Eu monitorava os limites dos arbustos havia uma hora, e meu ponto de vantagem na concavidade de um galho de árvore perdera a utilidade. O vento forte soprava montes espessos de neve que varriam minhas pegadas, mas enterravam com elas qualquer sinal de possíveis pedras.

Capítulo 2



O sol tinha se posto quando saí da floresta; meus joelhos tremiam. Minhas mãos, rígidas por segurar as pernas do cervo, haviam ficado completamente dormentes quilômetros atrás. Nem mesmo a carcaça conseguia afastar o frio que se intensificava. O mundo estava coberto por matizes de azul-escuro, interrompidos apenas por raios de luz amanteigada que escapavam das janelas fechadas de nosso chalé em ruínas. Era como caminhar por uma pintura viva — um momento de quietude tornado mais lindo pela agilidade com que os azuis se transformavam em escuridão sólida.

Conforme me arrastava pelo caminho, cada passo impulsionado apenas pela fome quase desnorteadora, as vozes de minhas irmãs flutuaram até me encontrar. Não precisei discernir as palavras para saber que, muito provavelmente, conversavam sobre algum rapaz, ou sobre as fitas que viram na aldeia, quando deveriam cortar lenha, mas sorri um pouco mesmo assim.

Chutei as botas contra o batente da porta de pedra, tirando a neve do solado. Pedaços de gelo se desprenderam das pedras cinza do chalé, revelando as marcas de proteção desbotadas entalhadas no portal. Meu pai tinha, certa vez, convencido um charlatão fortuito a trocar os entalhes de proteção contra feéricos por uma de suas

próprias esculturas de madeira. Meu pai podia fazer tão pouco por nós que não tive coragem de dizer a ele que os entalhes eram inúteis — e, sem dúvida, falsos. Mortais não tinham magia; não possuíam nada da força e da velocidade superiores dos feéricos ou dos Grão-Feéricos. O homem, alegando ter sangue Grão-Feérico em sua linhagem, simplesmente entalhou as espirais, os redemoinhos e as runas ao redor da porta e das janelas, murmurou algumas palavras sem sentido e seguiu seu caminho.

Abri a porta de madeira, e a maçaneta de ferro congelada feriu minha pele, como uma víbora. Calor e luz me cegaram quando entrei.

— Feyre! — Ouvi o arquejo baixo de Elain, pisquei de volta contra a luminosidade do fogo e, então, vi a segunda mais velha de minhas irmãs diante de mim. Ela estava enroscada em um cobertor, mas os cabelos castanho-dourados, que todas herdamos, estavam perfeitamente presos em um coque. Oito anos de pobreza não a haviam destituído do desejo de parecer linda. — Onde conseguiu isso? — A fome implícita tornou suas palavras afiadas. Não mencionou o sangue em mim. Eu desistira, havia muito, de que elas reparassem se eu voltava da floresta toda noite. Pelo menos até que ficassem com fome de novo. Minha mãe não *as* obrigara a jurar nada em seu leito de morte.

Respirei para me acalmar quando soltei a corça dos ombros. O animal acertou a mesa de madeira com um estampido, chacoalhando uma xícara de cerâmica do outro lado.

— Onde acha que consegui? — Minha voz tinha ficado rouca. Desenrolei a pele de lobo do corpo da corça e, após descalçar as botas e colocá-las ao lado da porta, eu me virei para Elain.

Seus olhos castanhos — os olhos de meu pai — permaneceram na corça.

— Vai demorar muito para você limpar?

Eu. Não ela, não as outras. Nunca vi as mãos de minhas irmãs grudentas de sangue e pele. Eu aprendera a preparar e limpar minhas caças, graças à instrução de

outros.

Meu pai e Nestha ainda estavam sentados à lareira, aquecendo as mãos, e minha irmã mais velha o ignorava, como sempre. Elain continuou encarando a carcaça, pressionando a mão contra a barriga, provavelmente tão vazia e dolorida quanto a minha. Não que Elain fosse cruel. Ela não era como Nestha, que nascera com desprezo no rosto. Elain às vezes apenas... não entendia as coisas. Não era maldade que a impedia de oferecer ajuda; simplesmente não lhe ocorria que pudesse ser capaz de sujar as mãos. Jamais consegui decidir se ela realmente não entendia que éramos pobres de verdade, ou se simplesmente não queria aceitar o fato. Isso, mesmo assim, não me impedia de comprar sementes para o jardim de flores que ela cultivava nos meses mais amenos, sempre que podia pagar por elas.

E não impedira Elain de me comprar três pequenas latas de tinta — vermelha, amarela e azul — durante aquele mesmo verão em que consegui o suficiente para comprar a flecha de freixo. Foi o único presente que ela me deu, e nossa casa ainda tinha as marcas dele, mesmo que a tinta estivesse agora desbotando ou descascando: pequenas vinhas e flores ao longo das janelas e dos batentes, e nas beiradas de coisas, minúsculas espirais de chama nas pedras que ladeavam a lareira. Qualquer minuto a mais que eu tivesse naquele farto verão usava para ornamentar a casa com cores, às vezes escondendo pequenas decorações dentro de gavetas, atrás das cortinas puídas, sob as cadeiras e na mesa.

Não tivemos um verão tão tranquilo desde então.

— Feyre. — A voz profunda e rouca de meu pai veio da lareira. A barba escura estava perfeitamente aparada, o rosto impecável — como os de minhas irmãs. — Que sorte você teve hoje de nos trazer tal banquete.

Ao lado de meu pai, Nestha riu com escárnio. Não era surpreendente. O mínimo sinal de elogio para qualquer um — eu, Elain, outros aldeões — costumava ser brindado com seu desprezo. E toda palavra de nosso pai costumava ser ridicularizada por Nestha também.

Estiquei as costas, quase cansada demais para ficar de pé, mas apoiei a mão à mesa ao lado da corça quando lancei um olhar a Nestha. De nós, ela sofrera mais com a perda de nossa fortuna. Secretamente se ressentia de meu pai desde o momento em que fugimos de nossa mansão, mesmo depois daquele dia horrível em que um dos credores veio mostrar o quanto estava infeliz com a perda de seu investimento.

Mas pelo menos Nestha não enchia nossas cabeças com conversas inúteis sobre recuperar a riqueza, como meu pai. Não, ela apenas gastava todo o dinheiro que eu não escondesse, e raramente se dava o trabalho de reconhecer a presença manca de meu pai. Havia alguns dias em que eu não sabia dizer qual de nós era o mais desprezível e amargo.

— Podemos comer metade da carne esta semana — falei, virando o olhar para a corça. O animal ocupava toda a mesa bamba que servia como nossa mesa de jantar, de trabalho e cozinha. — Podemos secar a outra metade — continuei, sabendo que por mais delicadamente que eu falasse, ainda faria a maior parte do trabalho. — E vou ao mercado amanhã ver quanto consigo pelas peles — concluí, mais para mim mesma que para eles.

A perna ruim de meu pai estava estendida à frente, o mais perto da fogueira que conseguia chegar. O frio ou a chuva ou uma mudança na temperatura sempre agravavam os ferimentos horríveis e deformados ao redor de seu joelho. A bengala de meu pai estava apoiada contra a cadeira — uma bengala que Nestha às vezes tinha a propensão de deixar bem longe do alcance dele.

Ele poderia encontrar trabalho se não se sentisse tão envergonhado, sempre dizia Nestha quando brigávamos por causa isso. Ela odiava meu pai pelo ferimento também — por não haver revidado quando aquele credor e seus brutamontes invadiram o chalé e golpearam o joelho dele diversas vezes. Nestha e Elain tinham fugido para o quarto, bloqueando a porta. Eu fiquei, implorando e chorando a cada grito do meu pai, a cada esmagar de osso. Eu me borrei — e então vomitei bem nas

pedras diante da lareira. Somente então os homens foram embora. Jamais os vimos de novo.

Usamos uma enorme parte do dinheiro restante para pagar o curandeiro. Meu pai levou seis meses para sequer andar, um ano antes de conseguir caminhar 1,5 quilômetro. As moedas que trazia quando alguém sentia pena dele a ponto de comprar os entalhes de madeira não eram suficientes para nos manter alimentados. Cinco anos atrás, quando o dinheiro acabou de vez, quando meu pai ainda não conseguia — não queria — se mover muito, ele não discutiu quando anunciei que caçaria.

Meu pai não se deu o trabalho de tentar se levantar da cadeira ao lado da lareira, não se deu o trabalho de erguer o rosto do entalhe de madeira. Ele apenas me deixou entrar naquele bosque mortal e assustador que até mesmo os caçadores mais experientes temiam. Ele havia se tornado um pouco mais alerta agora — às vezes oferecia sinais de gratidão, às vezes mancava até a aldeia para vender as esculturas —, mas não muito.

— Eu adoraria um manto novo — disse Elain, suspirando, ao mesmo tempo que Nestha ficou de pé e declarou:

— Preciso de um novo par de botas.

Fiquei quieta, sabendo que não deveria entrar no meio de uma de suas discussões, mas olhei para as botas ainda reluzentes de Nestha à porta. Ao lado das dela, minhas botas pequenas demais se desfaziam na costura, unidas apenas por cadarços puídos.

— Mas estou congelando com meu manto velho e em frangalhos — implorou Elain. — Vou tremer até a morte. — Ela fixou os olhos arregalados em mim e falou: — Por favor, Feyre. — Elain pronunciou as duas sílabas de meu nome: *fei-re*, com o choro mais terrível que eu já ouvira, e então, Nestha emitiu um estalo alto com a língua antes de mandar Elain se calar.

Esqueci as duas quando começaram a discutir quem ficaria com o dinheiro das peles no dia seguinte, e notei meu pai, agora de pé à mesa, uma das mãos apoiada contra o móvel a fim de aliviar o peso enquanto inspecionava a corça. Fiquei tensa quando a atenção dele se voltou para a enorme pele de lobo. Os dedos de meu pai, ainda macios como os de um cavalheiro, viraram a pele e traçaram uma linha pela parte inferior ensanguentada.

Os olhos escuros de meu pai se voltaram para os meus.

— Feyre — murmurou ele, e a boca se tornou uma linha contraída. — Onde conseguiu isto?

— No mesmo lugar em que consegui a corça — respondi, a voz igualmente baixa, minhas palavras frias e afiadas.

O olhar de meu pai percorreu o arco e a aljava presos a minhas costas, a faca de caça com cabo de madeira na lateral de meu corpo. Os olhos dele se encheram d'água.

— Feyre... o risco...

Indiquei a pele com o queixo, incapaz de evitar o tom afiado da voz quando falei:

— Não tive escolha.

O que eu queria dizer de verdade era: *Você sequer se dá o trabalho de tentar sair de casa na maioria dos dias. Se não fosse por mim, passaríamos fome. Se não fosse por mim, estaríamos mortos.*

— Feyre — repetiu ele, e fechou os olhos.

Minhas irmãs tinham se calado, e ergui o rosto a tempo de flagrar Nestha enrugando o nariz ao fungar. Ela pegou meu manto.

— Você fede a porco coberto pelos próprios excrementos. Pode ao menos *tentar* fingir que não é uma camponesa ignorante?

Não deixei a mágoa transparecer. Eu era nova demais para aprender mais que o básico da etiqueta, da leitura e da escrita quando nossa família caiu em desgraça, e

ela jamais me deixava esquecer.

Nestha recuou e passou o dedo sobre os cachos trançados dos cabelos castanho-dourados.

— Tire essas roupas nojentas.

Eu me demorei, engolindo as palavras que queria latir de volta para ela. Três anos mais velha que eu, Nestha, de alguma forma, parecia mais nova, as bochechas douradas sempre coradas, com um delicado rosa vibrante.

— Pode colocar uma panela de água no fogo e lenha na lareira? — Mas, enquanto perguntava, reparei na pilha de madeira. Restava um só pedaço de lenha. — Achei que iriam cortar lenha hoje.

Nestha limpou as longas unhas cuidadas.

— Odeio cortar lenha. Sempre fico com farpas. — Ela me olhou por baixo dos cílios escuros. De todas nós, Nestha se parecia mais com mamãe. — Além do mais, Feyre — disse ela, com um biquinho —, você é muito melhor nisso! Leva metade do tempo que eu levo. Suas mãos são melhores para isso... já são tão ásperas.

Meu maxilar se contraiu.

— Por favor — pedi, lutando contra a raiva, sabendo que uma discussão era a última coisa que eu queria ou de que precisava. — Por favor, levante-se ao amanhecer para cortar a lenha. — Desabotoei a parte de cima da túnica. — Ou comeremos o café da manhã frio.

Suas sobrancelhas se uniram.

— Não vou fazer tal coisa!

Mas eu já me dirigia ao pequeno segundo quarto, no qual nós, garotas, dormíamos. Elain murmurou uma súplica baixa a Nestha, o que lhe garantiu um sibilo em resposta. Olhei por cima do ombro para meu pai e apontei para o cervo.

— Prepare as facas — falei, sem me dar o trabalho de parecer agradável. — Vou sair logo. — Sem esperar resposta, bati a porta.

O quarto era suficientemente grande para uma cômoda bamba e a enorme cama de pau-ferro na qual dormíamos. O único resquício de nossa antiga riqueza, encomendada como presente de casamento de meu pai para minha mãe. Era a cama na qual nascêramos todas, e a cama na qual minha mãe morrera. Apesar de toda a pintura que fiz na casa nos últimos anos, jamais a toquei.

Joguei as camadas externas de roupa na cômoda gasta — franzindo a testa para as violetas e as rosas que havia pintado em volta dos puxadores da gaveta de Elain, para as chamas crepitantes que pintei em torno dos de Nestha, e para o céu noturno — com espirais de estrelas amarelas em vez de brancas — circundando os meus. Eu havia feito isso para alegrar um quarto sombrio. Elas jamais comentaram. Não sei por que eu esperava que o fizessem.

Resmungando, fiz o possível para não desabar na cama.

Jantamos cervo assado naquela noite. Embora eu soubesse que era tolice, não protestei quando cada uma de nós comeu uma segunda vez antes de eu declarar que já era o bastante. Passaria o dia seguinte preparando as partes restantes da corça para o consumo, e então separaria algumas horas para curtir as duas peles antes de levá-las ao mercado. Eu conhecia alguns mercadores que poderiam se interessar por tal compra — embora nenhum provavelmente me daria a quantia que eu merecia. Mas dinheiro era dinheiro, e eu não tinha tempo ou fundos para viajar até a cidade grande mais próxima a fim de encontrar uma oferta melhor.

Lambi os dentes do garfo, saboreando resquícios de gordura que cobriam o metal. Minha língua deslizou pelas pontas tortas — era parte de um faqueiro tosco que meu pai recuperara da ala dos criados enquanto os credores saqueavam nossa mansão. Nenhum de nossos talheres combinava, mas era melhor que usar os dedos. O faqueiro do dote de minha mãe fora vendido há muito tempo.

Minha mãe. Altiva e fria com os filhos, alegre e deslumbrante entre os conhecidos que frequentavam nossa antiga propriedade, apaixonada por meu pai — a única pessoa que ela realmente amou e respeitou. Mas também amava de verdade as festas; tanto que não tinha tempo de fazer nada comigo, a não ser contemplar como minhas habilidades com desenho e pintura, ainda por desabrochar, poderiam me garantir um futuro marido. Se ela tivesse vivido tempo o bastante para ver nossa riqueza ruir, teria ficado arrasada. Mais que meu pai. Talvez o fato de ela ter morrido tenha sido um ato de misericórdia.

De qualquer forma, pelo menos sobrava mais comida para nós.

Não havia nada dela no chalé além da cama de pau-ferro — e a promessa que eu fizera.

Sempre que olhava para um horizonte, ou pensava se eu não devia simplesmente andar e andar e jamais olhar para trás, ouvia aquela promessa que havia feito, 11 anos antes, enquanto ela definhava no leito de morte. *Fiquem juntos, e cuide deles*. Prometi, jovem demais para perguntar por que ela não havia implorado a minhas irmãs mais velhas, ou a meu pai. Mas jurei para ela, e então ela morreu, e em nosso mundo humano desgraçado — protegido apenas pela promessa dos Grão-Feéricos há cinco séculos, em nosso mundo, no qual havíamos esquecido os nomes de nossos deuses —, promessa era lei; uma promessa era moeda de troca; uma promessa era sua garantia.

Havia momentos em que eu a odiava por ter pedido que eu prometesse. Talvez, delirante de febre, nem soubesse o que estava exigindo. Ou talvez a morte tivesse dado a ela alguma clareza sobre a verdadeira natureza das filhas, do marido.

Pus o garfo na mesa e observei as chamas de nossa lareira minguada dançarem pela lenha restante, estendendo as pernas doloridas sob a mesa.

Virei para minhas irmãs. Como sempre, Nestha reclamava dos aldeões — que não tinham modos, que não tinham traquejo social, ou não faziam ideia de quanto o tecido de suas roupas era inferior, embora fingissem se tratar de seda fina ou

chiffon. Desde que perdemos nossa fortuna, as antigas amigas passaram a ignorá-las incontestavelmente, e minhas irmãs agiam como se os jovens aldeões fossem um círculo social de segunda classe.

Tomei um gole da xícara de água quente — nem mesmo podíamos pagar por chá ultimamente — enquanto ela continuou a história.

— Bem, eu disse a *ele*: "Se acha que pode simplesmente me pedir de modo tão indiferente, senhor, vou recusar!" E sabe o que Thomas disse? — Nestha falava para Elain, que ouvia com atenção total. Perdido em qualquer lembrança enevoada que o havia tomado, meu pai sorria gentilmente para a amada Elain, a única de nós que se esforçava para falar com ele de verdade.

— Tomas Mandray? — interrompi. — O segundo filho do lenhador?

Os olhos azuis de Nestha se semicerraram.

— Sim — disse ela, e se voltou para Elain de novo.

— O que ele quer? — Olhei para meu pai. Nenhuma reação, nenhum sinal de alarme ou de que sequer ouvia.

— Ele quer se casar com ela — disse Elain, sonhadora. Pisquei.

Nestha inclinou a cabeça. Eu tinha visto predadores fazerem esse movimento antes. Às vezes imaginava se sua determinação irredutível nos teria ajudado a sobreviver melhor — a prosperar, inclusive — se não estivesse tão preocupada com nosso status perdido.

— Algum problema, *Feyre*? — Nestha disparou meu nome como um insulto, e meu maxilar doeu por contraí-lo com força.

Meu pai se mexeu na cadeira, e, embora eu soubesse que era estupidez reagir às provocações, falei:

— Você não pode cortar lenha para nós, mas quer se casar com o filho de um *lenhador*?

Nestha empertigou os ombros.

— Achei que tudo que você queria era que saíssemos de casa, casar a mim e Elain para que tenha tempo de pintar suas gloriosas obras-primas. — Ela olhou com desprezo para a coluna de dedaleiras que pintei na borda da mesa; as cores eram escuras e azuis demais, sem nenhuma das manchinhas brancas dentro dos túbulos das flores, mas eu me superei, mesmo que tivesse sofrido por não ter tinta branca, para fazer algo tão defeituoso e duradouro.

Ignorei o insulto, embora desejasse cobrir a pintura com a mão. Talvez no dia seguinte eu simplesmente a raspasse da mesa de vez.

— Acredite — falei para Nestha —, no dia em que quiser se casar com alguém, vou marchar até a casa dele e entregá-la. Mas não vai se casar com Tomas.

As narinas de Nestha se dilataram delicadamente.

— Não há nada que possa fazer. Clare Beddor me contou esta tarde que Tomas *vai* me pedir em casamento a qualquer momento agora. E então, nunca mais vou precisar comer essas sobras de novo. — Ela acrescentou, com um leve sorriso: — Pelo menos não preciso recorrer a me deitar no feno com Isaac Hale, como se fosse um animal.

Meu pai soltou uma tosse envergonhada, virando o rosto para a cama dele ao lado da lareira. Jamais dissera uma palavra contra Nestha, por medo ou culpa, e aparentemente não começaria agora, mesmo que aquela fosse a primeira vez que ele ouvia falar de Isaac.

Apoiei as palmas das mãos na mesa enquanto a encarava. Elain tirou a mão de onde estava, como se a terra e o sangue sob minhas unhas, de alguma forma, fossem saltar para sua pele de porcelana.

— A família de Tomas vive melhor que a nossa por pouco — argumentei, tentando evitar grunhir. — Você seria apenas mais uma boca para alimentar. Se ele não sabe disso, então os pais devem saber.

Mas Tomas sabia — tínhamos nos esbarrado na floresta antes. Vi o brilho de fome desesperada em seus olhos quando Tomas me flagrou carregando uma penca

de coelhos. Eu jamais matara outro ser humano, mas, naquele dia, minha faca de caça pareceu um peso na lateral do corpo. Fiquei longe do caminho dele desde então.

— Não podemos pagar um dote — continuei, e embora meu tom de voz fosse firme, minha voz ficou mais baixa. — Para nenhuma de vocês. — Se Nestha quisesse ir embora, tudo bem. Que bom. Eu estaria mais perto de alcançar aquele glorioso e tranquilo futuro, de conseguir uma casa calma e comida o bastante e tempo para pintar. Mas não tínhamos nada, absolutamente nada para atrair qualquer pretendente a tirar minhas irmãs de minhas mãos.

— Estamos apaixonados — declarou Nestha, e Elain assentiu. Quase ri. Quando tinham deixado de desejar aristocratas para paquerar camponeses?

— Amor não alimenta barriga vazia — repliquei, mantendo o olhar o mais firme possível.

Como se a tivesse golpeado, Nestha deu um salto do banco.

— Você só está com ciúmes, ouvi falar que Isaac vai se casar com alguma camponesa de Greenfield por um bom dote.

E eu também; Isaac tinha se gabado disso na última vez em que nos encontramos.

— Ciúmes? — falei devagar, cavando fundo para esconder o ódio. — Não temos nada para oferecer a eles, nenhum dote, nem mesmo gado. Embora Tomas possa querer se casar com você... você é um fardo.

— O que você sabe? — sussurrou Nestha. — É apenas uma besta semisselvagem, com coragem de dar ordens dia e noite. Continue assim e algum dia, algum dia, Feyre, não haverá ninguém para se lembrar de você, ou para se importar com o fato de que você sequer existiu. — Ela saiu irritada, e Elain disparou atrás dela, arrulhando sua simpatia. As duas bateram a porta do quarto que compartilhávamos com tanta força que a louça chacoalhou.

Eu tinha ouvido aquelas palavras antes — e sabia que ela só as repetia por que encolhi o corpo da primeira vez que Nestha as dissera. Ainda doíam, mesmo assim.

Tomei um longo gole da xícara lascada. O banco de madeira sob meu pai rangeu quando ele se mexeu. Tomei outro gole e falei:

— Você deveria colocar juízo nela.

Meu pai examinou uma marca de queimadura na mesa.

— O que eu posso dizer? Se é amor...

— *Não pode* ser amor, não da parte dele. Não com aquela família desprezível. Já vi o modo como anda pela aldeia, ele quer algo de Nestha, e *não* é sua mão em...

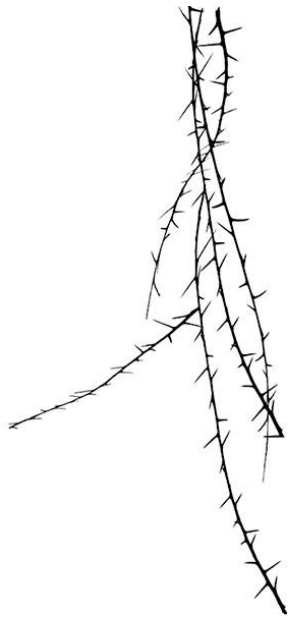
— Precisamos de esperança tanto quanto precisamos de pão e carne — interrompeu meu pai, os olhos vívidos por um raro momento. — Precisamos de esperança, ou não sobreviveremos. Então, deixe que ela mantenha a esperança, Feyre. Deixe que imagine uma vida melhor. Um mundo melhor.

Eu me levantei da mesa, os dedos se fechando em punhos, mas não havia para onde correr em nosso chalé de dois quartos. Olhei para a pintura desbotada da dedaleira na beira da mesa. As flores mais na borda já estavam lascadas e sumindo, a parte mais baixa do caule tinha se apagado por completo. Em alguns anos, teria desaparecido, sem deixar marcas de que estivera ali. De que eu estivera ali.

Quando olhei para meu pai, meu olhar era ríspido.

— Isso não existe.

Capítulo 3



A neve pisoteada, cobrindo a estrada para nossa aldeia, estava salpicada de marrom e preto por conta do tráfego de carroças e cavalos. Elain e Nestha emitiam estalos com a língua e faziam caretas conforme seguíamos pela estrada, desviando das partes especialmente nojentas. Eu sabia por que tinham vindo; elas olharam uma vez para as peles que eu havia dobrado na sacola e pegaram as capas.

Não me dei o trabalho de falar com elas, pois as duas não se dignaram a falar comigo depois da noite anterior, embora Nestha tivesse acordado ao amanhecer para cortar lenha. Provavelmente porque sabia que eu venderia as peles no mercado naquele dia e voltaria para casa com dinheiro no bolso. Elas me seguiram pela estrada solitária, caminhando pelos campos cobertos de neve, até nossa aldeia em ruínas.

As casas de pedra da aldeia eram medíocres e entediantes, e pareciam ainda mais tristes pela desolação do inverno. Mas era dia de mercado, o que significava que a minúscula praça no centro da aldeia estaria cheia de todo tipo de mercadores que tivessem encarado a manhã gelada.

A um quarteirão, o cheiro de comida quente pairava no ar; temperos que incitavam o fundo de minha memória, chamando. Elain soltou um grunhido baixo

atrás de mim. Temperos, sal, açúcar — mercadorias raras para a maioria dos habitantes de nossa aldeia, impossíveis de comprar.

Se eu me saísse bem no mercado, talvez tivesse o suficiente para comprar algo delicioso para nós. Olhei para trás, abrindo a boca para sugerir, mas viramos a esquina e quase tropeçamos umas nas outras quando paramos ao mesmo tempo.

— Que a Luz Imortal brilhe sobre vocês, irmãs — disse a jovem de túnica pálida diretamente em nosso caminho.

Nestha e Elain estalaram a língua; contive um gemido. *Perfeito*. Exatamente do que precisava, os Filhos dos Abençoados na aldeia, em dia de mercado, distraindo e agitando todos. Os anciões da aldeia costumavam permitir que eles permanecessem ali apenas por algumas horas, mas a mera presença dos tolos fanáticos que ainda adoravam os Grão-Feéricos deixava as pessoas nervosas. *Me* deixava nervosa. Há muito tempo, os Grão-Feéricos tinham sido nossos senhores supremos — não deuses. E eles certamente não foram bondosos.

A jovem estendeu as mãos brancas como a lua em um gesto de cumprimento, um bracelete de sinos de prata — prata *de verdade* — tilintando no pulso.

— Têm um momento para poder ouvir a Palavra dos Abençoados?

— Não — rebateu Nestha com desprezo, ignorando as mãos da garota e cutucando Elain para que caminhasse. — Não temos.

Os cabelos escuros e soltos da jovem reluziam à luz da manhã, e seu rosto limpo e descansado brilhava enquanto a garota abria um belo sorriso. Havia cinco outros acólitos atrás dela, rapazes e mulheres, de cabelos longos, não cortados; todos perscrutando o mercado em busca de jovens para incomodar.

— Só levará um minuto — disse a seguidora, postando-se à frente de Nestha.

Era impressionante — impressionante mesmo — ver Nestha ficar ereta como uma vareta, esticar os ombros e olhar com o nariz empinado para a jovem, como uma rainha sem trono.

— Vá cuspir suas baboseiras fanáticas para algum tolo. Não vai encontrar ninguém para converter aqui.

A garota se encolheu de volta, uma sombra perpassou seus olhos castanhos. Contive minha vontade de encolher o corpo. Talvez não fosse o melhor jeito de lidar com eles, pois poderiam se tornar um verdadeiro transtorno quando agitados...

Nestha ergueu a mão e puxou a manga do casaco para mostrar o bracelete de ferro ali. O mesmo que Elain usava; elas haviam comprado adornos combinados anos antes. A seguidora arquejou, os olhos arregalados.

— Está vendo isto? — ciciou Nestha, dando um passo à frente. A seguidora recuou. — É isto que *deveria* estar usando. Não uns sininhos de prata para atrair aqueles monstros feéricos.

— Como *ousa* usar essa afronta vil contra nossos amigos imortais...

— Vá pregar em outra aldeia — disparou Nestha.

Duas bonitas e gorduchas esposas de fazendeiros passaram andando a caminho do mercado, de braços dados. Conforme se aproximaram dos acólitos, seus rostos se contorceram com expressões idênticas de desprezo.

— *Prostituta amante de feéricos* — grunhiu uma delas para a jovem. Eu não pude discordar.

Os acólitos ficaram em silêncio. A outra aldeã — abastada o suficiente para ter um colar farto de ferro trançado ao redor da garganta — semicerrou os olhos, o lábio superior se afastando dos dentes.

— Vocês, idiotas, não entendem o que aqueles monstros fizeram conosco durante tantos séculos? O que ainda fazem, por diversão, quando podem sair impunes? Vocês merecem o fim que encontrarão nas mãos dos feéricos. Tolos e prostitutas, todos vocês.

Nestha assentiu para as mulheres conforme seguiram seu caminho. Nós nos voltamos para a jovem que ainda parada diante de nós, e até mesmo Elain franziu a

testa com desprezo.

Mas a jovem respirou fundo, o rosto mais uma vez se tornando sereno, e falou:

— Eu vivia nessa ignorância também, até ouvir a Palavra dos Abençoados. Cresci em uma aldeia parecida com esta, tão desolada e sombria quanto. Mas, há menos de um mês, uma amiga de minha prima foi para a fronteira, como oferenda a Prythian, e não retornou. Agora, vive entre riquezas e conforto, como a noiva de um Grão-Feérico, e vocês também poderiam se parassem um momento para...

— Ela provavelmente foi devorada — ciciou Nestha. — Por isso não voltou.

Ou pior, pensei, se um Grão-Feérico estava realmente envolvido em encorajar a entrada de uma humana em Prythian. Nunca encontrei os Grão-Feéricos cruéis e vagamente semelhantes a humanos que governavam a própria Prythian, ou os feéricos que ocupavam as terras deles, com escamas e asas, e longos braços pendentes que poderiam arrastar alguém para muito, muito abaixo da superfície. Eu não sabia o que seria pior de enfrentar.

O rosto da seguidora se contraiu.

— Nossos mestres benevolentes jamais nos feririam de tal forma. Prythian é uma terra de paz e fartura. Caso os abençoassem com sua atenção, vocês ficariam felizes por viver entre eles.

Nestha revirou os olhos. Elain lançava olhares de nós para o mercado adiante — para os aldeões que agora também nos observavam. Era hora de ir.

Nestha abriu a boca de novo, mas me coloquei entre elas e percorri os olhos pelas vestes azul-pálidas da jovem, as joias de prata, a limpeza profunda da pele. Não havia marca ou sujeira.

— Você está lutando uma batalha vencida — declarei.

— Uma causa digna. — A garota deu um sorriso beato.

Dei um leve empurrão em Nestha para que saísse andando, e então falei para a seguidora:

— Não, não é.

Pude sentir a atenção dos acólitos ainda sobre nós conforme caminhamos para a movimentada praça do mercado, mas não olhei para trás. Eles iriam embora logo, pregar em outra aldeia. Precisaríamos tomar um caminho mais longo para fora da aldeia a fim de evitá-los. Quando nos afastamos o bastante, olhei por cima do ombro para minhas irmãs. O rosto de Elain permanecia fixo com espanto, mas os olhos de Nestha pareciam tempestuosos, os lábios, contraídos. Imaginei se voltaria batendo os pés para a garota e começaria uma briga.

Não era meu problema; não agora.

— Encontro vocês aqui em uma hora — falei, e não lhes dei tempo de grudarem em mim antes de seguir para a praça lotada.

Levei dez minutos para contemplar minhas três opções. Havia meus compradores de sempre, o sapateiro enrugado e o alfaiate de olhar aguçado, que frequentava nosso mercado, vindo de uma aldeia próxima. E, então, o desconhecido: uma mulher grande como uma montanha, sentada na beira da fonte quadrada de nossa praça em ruínas, sem qualquer carrinho ou barraquinha, mas parecendo disposta a negociar mesmo assim. Suas cicatrizes e as armas que carregava a delatavam facilmente. Era uma mercenária.

Eu conseguia sentir os olhos do sapateiro e do alfaiate em mim, sentir seu desinteresse fingido conforme avaliavam a sacola que eu levava. Tudo bem; seria um daqueles dias então.

Eu me aproximei da mercenária cujos grossos cabelos escuros eram cortados na altura do queixo. O rosto bronzeado da mulher parecia lapidado em granito, e seus olhos negros se semicerraram levemente quando me viram. Tinha olhos tão interessantes — não apenas de um tom de preto, mas... de muitos, com toques de castanho que reluziam entre as sombras. Afastei aquela parte inútil de minha mente, os instintos que me faziam pensar em cor e luz e forma, e mantive meus ombros para trás conforme a mulher me avaliava como ameaça ou empregadora potencial.

Suas armas — reluzentes e perigosas — bastaram para me fazer engolir em seco. E estacar a uns bons 60 centímetros de distância.

— Não troco mercadorias por meus serviços — disse ela, a voz carregada com um sotaque que nunca tinha ouvido antes. — Só aceito dinheiro.

Alguns aldeões que passavam tentaram não parecer interessados em nossa conversa, principalmente quando falei:

— Então, você não terá sorte neste tipo de lugar.

Ela se agigantava mesmo sentada.

— Qual é seu interesse em mim, menina?

A mulher podia ter qualquer idade entre 25 e 30, mas imaginei que eu parecesse uma menina para ela, vestindo minhas camadas de roupas, magricela de fome.

— Tenho uma pele de lobo e outra de corça para vender. Achei que pudesse estar interessada em comprá-las.

— Você as roubou?

— Não. — Fixei os olhos nos dela. — Cacei eu mesma. Juro.

A mulher me esquadrinhou com aqueles olhos escuros de novo.

— Como. — Não foi uma pergunta, mas uma ordem. Talvez fosse alguém que tivesse encontrado outros que não consideravam sagrados os juramentos, as palavras como compromisso. E havia punido as pessoas adequadamente.

Então contei a ela como havia abatido os dois, e, quando terminei, a mulher apontou minha sacola com a mão.

— Deixe-me ver. — Peguei as duas peles dobradas cuidadosamente. — Você não estava mentindo quanto ao tamanho do lobo — murmurou a mulher. — Mas não parece um feérico. — Ela examinou as peles com um olho de especialista, percorrendo as mãos por cima e por baixo. A mulher deu o preço.

Pisquei, mas contive a vontade de piscar uma segunda vez. Ela ofereceu um preço alto... muito alto. Encarei a mulher em silêncio.

Ela olhou para além de mim, depois de mim.

— Presumo que aquelas duas meninas observando do outro lado da praça sejam suas irmãs. Vocês todas têm esse cabelo acobreado e esse olhar faminto. — De fato, elas ainda estavam tentando ao máximo ouvir sem ser vistas.

— Não preciso de sua piedade.

— Não, mas precisa de meu dinheiro, e os outros mercadores foram avarentos a manhã toda. Todos estão distraídos demais por aqueles fanáticos de olhos arregalados se lamuriando pela praça. — A mulher indicou com o queixo os Filhos dos Abençoados, que ainda soavam seus sininhos de prata e saltavam no caminho de qualquer um que tentasse passar.

A mercenária dava um leve sorriso quando me voltei para ela.

— Depende de você, menina.

— Por quê?

A mulher deu de ombros.

— Um dia alguém fez o mesmo por mim e pelos meus, numa época em que eu mais precisava. Imaginei que fosse a hora de pagar o que devo.

Eu a observei de novo, sopesando.

— Meu pai tem umas esculturas de madeira que eu também poderia lhe dar, para que fique mais justo.

— Viajo com pouco e não tenho necessidade delas. Estas, no entanto — a mulher deu tapinhas nas peles que estavam nas mãos dela —, me poupam o trabalho de matar os animais eu mesma.

Assenti, as bochechas ficando quentes à medida que a mulher levava a mão para a bolsa de moedas dentro do casaco pesado. Estava cheia e pesada, com, no mínimo, prata, possivelmente ouro, se o tilintar fosse algum indicativo. Mercenários costumavam ser bem pagos em nosso território.

Nosso território era pequeno e pobre demais para manter um exército a postos a fim de monitorar a muralha contra Prythian, e os aldeões só podiam contar com a força do Tratado forjado quinhentos anos antes. Mas a classe alta podia contratar

espadachins, como aquela mulher, para vigiar as terras que faziam fronteira com o reino imortal. Era uma ilusão de conforto, exatamente como as marcas em nosso portal. Todos sabíamos, bem no fundo, que não havia nada a ser feito contra os feéricos. Todos tínhamos ouvido, independentemente de classe ou patente, desde o momento em que nascemos, os avisos cantados para nós enquanto nos balançavam em berços, ou as rimas entoadas nos pátios das escolas. Um dos Grão-Feéricos poderia transformar nossos ossos em pó a 100 metros de distância. Não que minhas irmãs e eu tivéssemos visto.

Mas mesmo assim tentávamos acreditar que alguma coisa — qualquer coisa — pudesse funcionar contra eles se algum dia os encontrássemos. Havia duas barracas no mercado que alimentavam esses medos, oferecendo amuletos e bugigangas, e encantamentos e pedaços de ferro. Eu não podia pagar por eles; e se, de fato, funcionassem, só nos dariam alguns minutos para nos preparar. Correr era inútil; lutar também. Mas Nestha e Elain ainda usavam os braceletes de ferro sempre que saíam do chalé. Até Isaac tinha uma pulseira do material ao redor de um dos punhos, sempre escondida sob a manga. Ele se oferecera para me comprar uma, certa vez, mas eu recusei. Pareceu pessoal demais, muito semelhante a um pagamento, muito... um lembrete permanente do que quer que nós fôssemos e do que não éramos um para o outro.

A mercenária transferiu as moedas para a palma da minha mão, que esperava, e eu as coloquei no bolso; o peso das moedas lembrava o de uma pedra de moinho. Não havia como minhas irmãs não terem visto o dinheiro; sem dúvida, já estariam imaginando como poderiam me persuadir a dar um pouco a elas.

— Obrigada — agradeci à mercenária, tentando, sem conseguir, evitar a amargura na voz conforme sentia minhas irmãs se aproximarem, como abutres circundando uma carcaça.

A mercenária acariciou a pele de lobo.

— Um conselho, de uma caçadora para outra.

Ergui as sobrancelhas.

— Não entre muito no bosque. Eu nem chegaria perto de onde você esteve ontem. Um lobo deste tamanho seria o menor de seus problemas. Mais e mais, ouço histórias daquelas coisas atravessando o muro.

Um calafrio percorreu minha espinha.

— Elas vão... elas vão atacar? — Se fosse verdade, eu encontraria um modo de tirar minha família deste território miserável e úmido, e rumaria para o sul, para longe da muralha invisível que dividia nosso mundo, antes que pudessem cruzá-la.

Houve um tempo — há muito tempo, e durante milênios antes disso — em que éramos escravos dos senhores Grão-Feéricos. Houve um tempo em que construímos para eles gloriosas e extensas civilizações, com nosso sangue e suor, construímos templos para seus deuses selvagens. Houve um tempo em que nos rebelamos, em todas as terras e territórios. A Guerra fora tão sangrenta, tão destrutiva, que foi preciso que seis rainhas mortais oferecessem um Tratado para que o massacre terminasse dos dois lados e para que a muralha fosse construída: o Norte de nosso mundo foi concedido aos Grão-Feéricos e aos feéricos, que levaram sua magia com eles; o Sul ficou para nós, mortais covardes, eternamente forçados a tirar o sustento da terra.

— Ninguém sabe o que os Grão-Feéricos estão planejando — disse a mercenária, o rosto como pedra. — Não sabemos se os Grão-Senhores estão afrouxando as rédeas de suas feras, ou se esses são ataques objetivos. Trabalhei como guarda para um velho nobre que alegou uma piora nos últimos cinquenta anos. Ele pegou um navio para o sul há duas semanas, e me disse que eu deveria partir se fosse esperta. Antes de zarpar, o velho admitiu que soubera de um dos amigos que, na calada da noite, um bando de martax atravessou o muro e destroçou metade de sua aldeia.

— Martax? — sussurrei. Eu sabia que havia tipos diferentes de feéricos, que eles variavam tanto quanto qualquer outra espécie de animal, mas só conhecia

alguns pelo nome.

Os olhos escuros como a noite da mercenária brilharam.

— O corpo grande como o de um urso, a cabeça parecida com a de um leão, e três fileiras de dentes mais afiados que os de um tubarão. E malignos, mais cruéis que todos os três juntos. Eles deixaram os aldeões literalmente em farrapos, o nobre contou.

Meu estômago se revirou. Atrás de nós, minhas irmãs pareciam tão frágeis, a pele pálida tão infinitamente delicada e quebradiça. Contra algo como os martax, jamais teríamos chance. Aqueles Filhos dos Abençoados eram tolos; tolos fanáticos.

— Então, não sabemos o que todos esses ataques significam — continuou a mercenária —, a não ser mais contratos para mim, e vocês se mantendo bem longe da muralha. Principalmente se os Grão-Feéricos começarem a aparecer, ou pior, um dos Grão-Senhores. Eles fariam os martax parecerem cães.

Avaliei suas mãos cobertas de cicatrizes, ressecadas pelo frio.

— Já encarou outro tipo de feérico?

Os olhos da mulher se fecharam.

— Não quer saber, menina, a não ser que queira vomitar seu café da manhã.

Eu estava mesmo meio enjoada... enjoada e assustada.

— Era mais mortal que os martax? — ousei perguntar.

A mulher puxou a manga do pesado casaco, revelando um antebraço bronzeado e musculoso salpicado de terríveis cicatrizes distorcidas. O arco que formavam era tão semelhante a...

— Não tinha a força bruta ou o tamanho de um martax — revelou a mulher —, mas sua mordida era cheia de veneno. Dois meses foi o tempo que fiquei apagada; quatro meses até ter forças para andar de novo. — A mulher puxou a perna da calça. Lindo, pensei, mesmo quando o horror daquilo se contorceu em meu estômago. Contra a pele bronzeada, as veias estavam pretas, um preto sólido, em formato de teia de aranha, que cobria suas pernas, como geada. — O

curandeiro disse que nada podia ser feito, que tenho sorte de andar com o veneno ainda em minhas pernas. Talvez me mate um dia, talvez me deixe aleijada. Mas pelo menos partirei sabendo que matei a coisa primeiro.

O sangue em minhas veias pareceu gelar quando a mulher desceu a barra da calça. Se alguém na praça tinha visto, não ousou falar a respeito — ou se aproximar. E eu ouvira o bastante por um dia. Então, recuei um passo, me acalmando apesar do que ela havia contado e mostrado.

— Obrigada pelos avisos — falei.

A atenção da mulher se voltou para trás de mim, e ela me deu um sorriso levemente divertido.

— Boa sorte.

Então, a mão esguia de alguém se fechou em meu antebraço, me arrastando para longe. Eu sabia que era Nestha antes mesmo de olhar para ela.

— São perigosos — sussurrou Nestha, os dedos se enterrando em meu braço conforme ela continuava me puxando para longe da mercenária. — Não chegue perto deles de novo.

Encarei Nestha por um momento, e, depois, Elain cujo rosto ficara pálido e contraído.

— Tem alguma coisa que eu precise saber? — perguntei, baixinho. Não conseguia me lembrar da última vez em que Nestha tentara me avisar sobre alguma coisa; Elain era a única com quem ela se importava.

— São trogloditas e levarão qualquer moeda que conseguirem, mesmo que seja à força.

Olhei para a mercenária, que ainda estava examinando as peles novas.

— Ela roubou você?

— Não ela — murmurou Elain. — Um outro que passou. Só tínhamos algumas moedas, e ele se irritou, mas...

— Por que não o denunciou... ou me contou?

— O que você poderia ter feito? — indagou Nestha, com escárnio. — Desafiaria o homem para uma briga com seu arco e flecha? E quem neste esgoto de aldeia sequer ligaria se nós denunciássemos alguma coisa?

— E quanto a Tomas Mandray? — falei, com frieza.

Os olhos de Nestha brilharam, mas um movimento atrás de mim chamou sua atenção, e ela me lançou o que imaginei ser uma tentativa de um sorriso doce, provavelmente quando se lembrou do dinheiro que eu agora levava.

— Seu amigo está esperando você.

Virei. De fato, Isaac observava do outro lado da praça, os braços cruzados ao se recostar contra uma construção. Embora fosse o filho mais velho do único fazendeiro abastado da aldeia, ainda estava magro devido ao inverno, e os cabelos castanhos ficaram ralos. Relativamente bonito, de fala mansa e reservado, mas com um toque sombrio que nos havia atraído um para o outro; aquela compreensão mútua de como nossas vidas eram desprezíveis e sempre seriam.

Nós nos conhecíamos superficialmente havia anos, desde que minha família tinha se mudado para a aldeia, mas nunca pensei muito em Isaac até que acabamos pegando a estrada principal juntos certa tarde. Só conversamos sobre os ovos que ele estava levando ao mercado; e eu admirava a variedade de cores dentro do cesto que Isaac carregava: marrons, escuros e claros, azuis e verdes dos mais pálidos. Simples, tranquilo, talvez um pouco esquisito, mas Isaac me deixou em meu chalé sem que eu me sentisse tão... só. Uma semana depois, eu o puxei para aquele celeiro decrépito.

Isaac fora meu primeiro e único amante nos dois anos em que nos encontrávamos. Às vezes nos encontrávamos toda noite durante uma semana, em outras, passávamos um mês sem nos ver. Mas era sempre igual: uma descarga de roupas jogadas e fôlegos compartilhados e línguas e dentes. De vez em quando, conversávamos, ou melhor, *Isaac* falava sobre as pressões e os fardos que o pai colocava sobre ele. Em geral, não soltávamos uma palavra o tempo todo. Eu não

podia dizer que nosso jeito de fazer amor era especialmente habilidoso, mas, ainda assim, era uma libertação, um alívio, um pouco de egoísmo.

Não havia amor entre nós, e jamais houvera — pelo menos o que eu presumia que as pessoas queriam dizer quando falavam sobre amor —, mas parte de mim tinha ficado deprimida quando Isaac contou que em breve se casaria. Eu ainda não estava desesperada o bastante para pedir que ele me visse depois de casado.

Isaac inclinou a cabeça em um gesto familiar, e então desceu a rua; para fora da aldeia e para o antigo celeiro no qual ele estaria esperando. Não éramos discretos a respeito de nossos encontros, mas tomávamos medidas para evitar que ficasse óbvio demais.

Nestha emitiu um estalo com a língua, cruzando os braços.

— Espero que vocês dois estejam tomando cuidado.

— É um pouco tarde para fingir se importar — falei. Mas tomávamos cuidado. Como eu não podia pagar, o próprio Isaac tomava a mistura contraceptiva. Ele sabia que eu não o tocaria de outra forma. Levei a mão ao bolso, tirando de dentro uma moeda de vinte. Elain inspirou fundo, e não me dei o trabalho de olhar para qualquer de minhas irmãs quando coloquei a moeda na palma da mão dela e falei:

— Vejo vocês em casa.

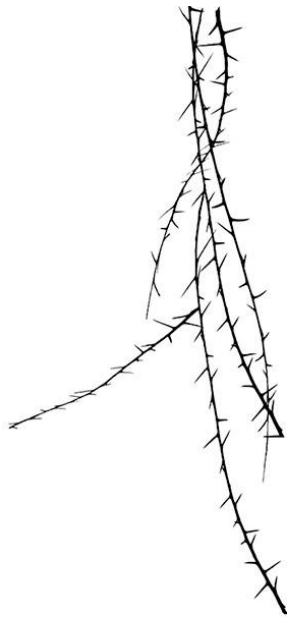
Mais tarde, depois de jantar mais cervo, quando estávamos todos reunidos ao redor da lareira para um momento tranquilo antes de dormir, observei minhas irmãs sussurrando e rindo juntas. Parte de mim sempre as invejou pela proximidade. Tinham gastado até o último centavo do que dei a elas — em que, eu não sabia, embora Elain tivesse trazido um novo cinzel para os trabalhos em madeira de nosso pai. O manto e as botas pelos quais haviam choramingado na noite anterior haviam sido caros demais. Mas não briguei com elas por isso, não quando Nestha saiu uma

segunda vez para cortar mais lenha sem que eu pedisse. Felizmente, elas evitaram outro confronto com os Filhos dos Abençoados.

Meu pai cochilava na cadeira, a bengala sobre o joelho retorcido. Era um momento tão bom quanto qualquer outro para tocar no assunto de Tomas Mandray com Nestha. Eu me virei para ela, abrindo a boca.

Mas um rugido quase ensurdecedor ressoou, e minhas irmãs gritaram quando a neve irrompeu na sala e uma silhueta enorme, grunhindo, surgiu à porta.

Capítulo 4



Eu não sabia como o cabo de madeira de minha faca de caça tinha chegado à minha mão. Os primeiros movimentos foram um borrão dos grunhidos de uma besta gigantesca com pele dourada, os gritinhos esganiçados de minhas irmãs, o frio lancinante que inundou a sala, o rosto aterrorizado de meu pai.

Não era um martax, percebi — embora o alívio tivesse durado pouco. A besta devia ser tão grande quanto um cavalo, e, mesmo tendo o corpo mais ou menos felino, a cabeça era distintamente lupina. Eu não sabia o que pensar dos chifres curvados como os de um cervo que despontavam da cabeça. Mas leão, cão ou cervo, não havia dúvida dos danos que as garras pretas semelhantes a adagas e as presas amareladas poderiam infligir.

Se eu estivesse sozinha no bosque, poderia ter me deixado consumir pelo medo, poderia cair de joelhos e implorar por uma morte limpa e rápida. Mas não tinha tempo de sentir terror, não daria ao medo o mínimo espaço, apesar de meu coração latejar desesperadamente em meus ouvidos. De alguma forma, acabei diante de minhas irmãs, mesmo quando a criatura se apoiou sobre as pernas traseiras e gritou com a boca cheia de presas:

— *ASSASSINOS!*

Mas foi outra palavra que ecoou em minha mente:

Feérico.

Aquelas palavras ridículas no portal serviam tanto quanto teias de aranha contra ele. Eu deveria ter perguntado à mercenária como ela matara aquele feérico. Mas o pescoço grande da besta... aquilo parecia um bom lar para minha faca.

Ousei olhar por cima do ombro. Minhas irmãs gritavam, ajoelhadas contra a parede da lareira, e meu pai estava agachado diante delas. Outro corpo para defender. Estupidamente, dei outro passo na direção do feérico, mantendo a mesa entre nós, lutando contra a tremedeira em minha mão. O arco e a flecha estavam do outro lado da sala, além da besta. Eu precisaria passar por ela para pegar a flecha de freixo — e ganhar tempo o suficiente para atirá-la.

— *ASSASSINOS!* — rugiu a besta de novo, os pelos eriçados.

— P-por favor — balbuciou meu pai atrás de mim, incapaz de encontrar forças para ficar ao meu lado. — O que quer que tenhamos feito, foi sem saber, e...

— N-n-nós não matamos ninguém — acrescentou Nestha, engasgando nos soluços, o braço erguido sobre a cabeça, como se aquele minúsculo bracelete de ferro funcionasse contra a criatura.

Peguei outra faca da mesa, o que era o melhor que poderia fazer, a não ser que encontrasse uma forma de alcançar a aljava.

— Saia — disparei para a criatura, brandindo as facas diante de mim. Não havia nenhum ferro à vista que eu pudesse usar como arma, a não ser que atirasse os braceletes de minhas irmãs contra ele. — Saia e não volte. — Embora as palavras fossem ríspidas, meus joelhos tremiam, e tive dificuldades em manter meu domínio das facas. Um prego, eu pegaria uma porcaria de prego de ferro se estivesse disponível.

A besta gritou comigo em resposta, e o chalé inteiro estremeceu, os pratos e as xícaras chacoalharam uns contra os outros. Mas, com o grito, o animal deixou o

enorme pescoço exposto. Não era boa no arremesso, mas atirei a faca de caça mesmo assim.

Rápido — tão rápido que mal consegui ver —, a besta golpeou com a pata, lançando a faca pelos ares no momento em que disparou contra meu rosto com os dentes.

Dei um salto para trás, quase tropeçando sobre meu pai, encolhido. O feérico poderia ter me matado; poderia, mas o ataque tinha sido um aviso. Nestha e Elain, chorando, rezavam para quaisquer deuses havia muito esquecidos que ainda pudessem estar à espreita.

— *QUEM O MATOU?* — A criatura caminhou até nós. Ele apoiou a pata na mesa, e o móvel rangeu sob seu peso. As garras emitiam um som seco à medida que cada uma delas cravava na madeira.

Ousei dar mais um passo à frente enquanto a besta empinava seu focinho sobre a mesa para nos farejar. Os olhos da besta eram verdes, salpicados de âmbar. Não eram olhos de animal, não com aquele formato e cor. Minha voz saiu surpreendentemente tranquila quando questionei:

— Matou quem?

A besta grunhiu, um ruído baixo que fez o lobo na floresta parecer um filhotinho.

— O lobo — disse a fera, e meu coração quase parou. O rugido tinha sumido, mas a ira permanecia, talvez até mesmo um toque de tristeza.

O choro de Elain atingiu um tom estridente. Mantive o queixo erguido.

— Um lobo?

— Um enorme lobo, com pelagem cinza — grunhiu a besta em resposta. Será que saberia se eu mentisse? Feéricos não podiam mentir, todos os mortais sabiam disso, mas será que podiam farejar as mentiras nas línguas humanas? Não tínhamos chance de escapar daquilo lutando, mas talvez houvesse outras formas.

— Caso ele tenha sido morto por *engano* — falei para a besta o mais calmamente possível —, que pagamento poderíamos oferecer em troca? — Aquilo era um pesadelo, e eu acordaria rapidamente ao lado da lareira, exausta pelo dia no mercado e pela tarde com Isaac.

A besta soltou um latido que poderia ter sido uma gargalhada amarga. Ele empurrou a mesa para caminhar em um pequeno círculo diante da porta destruída. O frio era tão intenso que estremeci.

— O pagamento que devem oferecer é aquele exigido pelo Tratado entre nossos reinos.

— Por um lobo? — repliquei, e meu pai murmurou meu nome como advertência. Eu tinha vagas lembranças de ouvir o Tratado lido para mim durante as aulas na infância, mas não me lembrava de nada sobre lobos...

A fera se virou para mim.

— Quem matou o lobo?

Encarei aqueles olhos de jade.

— Fui eu.

O animal piscou e, então, olhou para minhas irmãs, depois de volta para mim, para minha magreza, sem dúvida enxergando apenas fragilidade.

— Certamente está mentindo para salvá-las.

— Nós não matamos nada! — choramingou Elain. — Por favor... *por favor*, poupe-nos! — Nestha calou Elain subitamente com o próprio choro, mas empurrou Elain mais para trás de si. Meu peito se apertou ao ver aquilo.

Meu pai ficou de pé, grunhindo devido à dor na perna enquanto cambaleava, mas, antes que conseguisse mancar até mim, repeti:

— Fui eu. — A besta, que farejava minhas irmãs, me avaliou. Endireitei os ombros. — Vendi a pele no mercado hoje. Se soubesse que era um feérico, não o teria tocado.

— Mentirosa — disparou a besta. — Você sabia. Teria ficado mais tentada a matá-lo se soubesse que era um dos meus.

Verdade, verdade, verdade.

— Pode me culpar?

— Ele atacou você? Você foi provocada?

Abri a boca para dizer que sim, mas...

— Não — respondi, soltando um grunhido também. — Mas considerando tudo o que os seus fizeram conosco, considerando o que os seus ainda *fazem* conosco, mesmo que soubesse, sem sombra de dúvida, foi merecido. — Melhor morrer com a cabeça erguida a morrer como um verme, encolhida e covarde.

Mesmo que o grunhido de resposta da criatura fosse a definição da ira e do ódio.

A luz da lareira refletiu nas presas expostas do animal, e imaginei qual seria a sensação de tê-las em meu pescoço, e a que altura minhas irmãs gritariam antes que também morressem. Mas eu soube, com uma clareza repentina e certa, que Nestha ganharia tempo para que Elain fugisse. Não para meu pai, por quem sentia rancor com todo o coração de aço. Não para mim, porque Nestha sempre soubera e odiara que ela e eu fôssemos dois lados da mesma moeda, e que eu pudesse travar minhas próprias batalhas. Mas Elain, a jardineira de flores, o coração carinhoso... Nestha morreria lutando por ela.

Foi esse lampejo de percepção que me fez apontar a faca que me restava contra a besta.

— Qual é o pagamento que o Tratado requer?

Os olhos do animal não deixaram meu rosto à medida que ele falava:

— Uma vida por outra. Qualquer ataque não provocado contra feéricos, por humanos, só pode ser pago com uma vida humana em troca.

Minhas irmãs pararam de chorar. A mercenária na aldeia tinha matado um feérico... mas ele a atacara primeiro.

— Eu não sabia — falei. — Não sabia dessa parte do Tratado.

Feéricos não podiam mentir, e ele falou bem diretamente, sem distorcer palavras.

— A maioria de vocês mortais escolheu se esquecer dessa parte do Tratado — disse a besta —, o que torna puni-los muito mais prazeroso.

Meus joelhos falharam. Não podia escapar daquilo, não podia fugir daquilo. Não podia sequer correr, pois o animal tinha bloqueado o único caminho até a porta.

— Faça-o do lado de fora — sussurrei, as palavras falhando. — Não... aqui. — Não onde minha família precisará limpar meu sangue e meus restos. Isso se a besta sequer os deixasse viver.

O feérico bufou com uma risada cruel.

— Disposta a aceitar seu destino tão facilmente? — Quando eu apenas o encarei, o feérico disse: — Por ter a coragem de sugerir *onde* eu deveria matar você, vou lhe contar um segredo, humana: Prythian deve reclamar sua vida de alguma forma pela vida que lhe tirou. Então, como representante do reino imortal, posso estripá-la como um suíno ou... você pode atravessar a muralha e passar os restos de seus dias em Prythian.

Pisquei.

— O quê?

Ele falou devagar, como se eu fosse, de fato, tão burra quanto um suíno:

— Pode morrer esta noite ou oferecer sua vida a Prythian e morar ali para sempre, abrindo mão do reino humano.

— Faça isso, Feyre — sussurrou meu pai atrás de mim. — Vá.

Não olhei para ele quando falei:

— Morar *onde*? Cada centímetro de Prythian é letal para nós. — Seria melhor eu morrer naquela noite que viver em terror absoluto do outro lado da muralha, até encontrar meu fim de uma forma sem dúvida ainda mais terrível.

— Tenho terras — disse o feérico, baixinho, quase relutante. — Darei permissão para que more nelas.

— Por que se incomodar? — Talvez essa fosse a pergunta de um tolo, mas...

— Você assassinou meu amigo — grunhiu a besta. — Assassinou e escalpelou seu cadáver, vendeu-o no mercado e depois disse que ele *mereceu*; mesmo assim, tem a audácia de questionar minha generosidade? — *Tipicamente humano*, ele pareceu acrescentar em silêncio.

— Não precisava mencionar a brecha no Tratado. — Eu me aproximei tanto que conseguia sentir o hálito quente do feérico no meu rosto. Feéricos de fato não podiam mentir, mas eles podiam omitir informações.

A besta grunhiu de novo.

— Tolice minha me esquecer de que humanos têm uma opinião tão baixa a nosso respeito. Vocês, humanos, não entendem mais o que é misericórdia? — censurou ele, as presas a centímetros de meu pescoço. — Vou deixar bem claro para você, menina: pode vir viva para minha casa em Prythian, oferecer sua vida pela do lobo dessa forma, ou pode sair agora mesmo e ser destroçada. Sua escolha.

Os passos hesitantes de meu pai soaram antes de ele segurar meu ombro.

— Por favor, bom senhor, Feyre é minha caçula. Imploro para que a poupe. Ela é tudo... ela é tudo... — No entanto, o que queria dizer morreu na garganta de meu pai quando a besta rugiu de novo. Mas ao ouvir aquelas poucas palavras que ele conseguiu dizer, o esforço que tinha feito... foi como uma lâmina contra minha barriga. Meu pai tremeu, encolhendo o corpo quando falou: — Por favor...

— *Silêncio* — disparou a criatura, e o ódio fervilhou tão forte em mim que foi difícil não correr e enfiar a adaga em seu olho. Mas, quando cheguei a levantar o braço, soube que o animal fecharia a boca em meu pescoço.

— Posso conseguir ouro... — disse meu pai, e meu ódio se dissolveu. O único modo de ele conseguir dinheiro era mendigando. Mesmo assim, teria sorte se conseguisse algumas moedas de cobre. Eu tinha visto como os abastados eram

impiedosos em nossa aldeia. Já fazia anos que eu sabia que os monstros em nosso reino mortal eram tão ruins quanto aqueles do outo lado da muralha.

A besta riu com escárnio.

— Quanto vale a vida de sua filha para você? Acha que equivale a uma quantia?

Nestha ainda mantinha Elain atrás de si. O rosto de Elain estava tão pálido que se igualava à neve que caía pela porta aberta. Mas, com as sobrancelhas abaixadas, Nestha monitorava cada movimento que a criatura fazia. Ela nem se importou de olhar para meu pai, como se já soubesse qual era a resposta.

Quando meu pai não respondeu, ousei dar outro passo na direção da fera, atraindo sua atenção para mim. Eu precisava tirá-la dali — afastá-la de minha família. Pelo modo como o animal afastou minha faca, qualquer esperança de escapar estava em, de alguma forma, surpreendê-lo. Com a audição aguçada do feérico, eu duvidava de que teria qualquer chance em algum momento, pelo menos até ele acreditar que eu era dócil. Se tentasse atacar o animal ou fugir antes disso, ele destruiria minha família por diversão. E então me encontraria de novo. Eu não tinha escolha a não ser partir. Depois, encontraria uma oportunidade de cortar a garganta do animal. Ou pelo menos debilitá-lo o suficiente para fugir.

Contanto que os feéricos não conseguissem me encontrar de novo, não poderiam me fazer cumprir o Tratado. Mesmo que isso me tornasse uma amaldiçoada quebradora de juramentos. Mas, se fosse com a besta, estaria quebrando a promessa mais importante que eu já fizera. Isso com certeza vencia um tratado antigo que eu sequer havia assinado.

Soltei o cabo da adaga que me restava, e encarei os olhos verdes em um longo silêncio, antes de dizer:

— Quando partimos?

Aquelas feições lupinas permaneceram ferozes, cruéis. Qualquer esperança teimosa de resistência morreu quando o animal foi até a porta — não, até a aljava

que eu tinha deixado atrás dela. Ele pegou a flecha de freixo, farejou e grunhiu. Com dois movimentos, o animal partiu a flecha ao meio e a jogou na fogueira atrás de minhas irmãs antes de se voltar para mim. Eu conseguia sentir o cheiro de minha ruína em seu hálito quando o animal falou:

— Agora.

Agora. Até mesmo Elain ergueu a cabeça para me encarar com horror mudo. Mas não podia olhar para ela, não podia olhar para Nestha; não quando ainda estavam agachadas ali, ainda em silêncio. Eu me virei para meu pai. Os olhos dele estavam marejados, então olhei para os poucos armários que tínhamos. Narcisos desbotados, amarelos demais, se curvavam sobre os puxadores. *Agora*.

A besta caminhou de um lado para outro em frente à porta. Eu não queria contemplar para onde iria ou o que faria comigo. Correr seria tolice até que fosse o momento certo.

— O cervo vai durar duas semanas — falei para meu pai, enquanto reunia minhas roupas para me proteger do frio. — Comece com a carne fresca, então passe para a carne já seca, você sabe como fazer isso.

— Feyre... — sussurrou meu pai, mas segui enquanto fechava o manto.

— Deixei o dinheiro das peles na cômoda — avisei. — Vai durar um tempo se forem cuidadosos. — Finalmente, olhei para meu pai de novo e me permiti memorizar as feições de seu rosto. Meus olhos arderam, mas pisquei para afastar as lágrimas quando enfiei as mãos nas luvas gastas. — Quando a primavera chegar, cacem perto da vegetação ao sul da grande curva do rio Nascente de Prata, os coelhos fazem as tocas ali. Peçam... peçam a Isaac Hale que mostre como montar armadilhas. Ensinei a ele no ano passado.

Meu pai assentiu, cobrindo a boca com uma das mãos. A besta grunhiu como advertência e saiu noite afora. Fiz menção de a seguir, mas parei a fim de observar minhas irmãs, ainda agachadas ao lado da lareira, como se não ousassem se mover até que eu fosse embora.

Elain disse meu nome sem emitir som, mas continuou encolhida, manteve a cabeça baixa. Então, me voltei para Nestha cujo rosto era tão parecido com o de minha mãe, tão frio e determinado.

— O que quer que faça — disse eu, baixinho —, não se case com Tomas Mandray. O pai dele bate na mulher, e nenhum dos filhos faz nada para impedir. — Os olhos de Nestha se arregalaram, mas acrescentei: — Hematomas são mais difíceis de esconder que a pobreza.

Nestha enrijeceu o corpo, mas não disse nada — nenhuma de minhas irmãs disse algo — à medida que me dirigia à porta aberta. Mas a mão de alguém se fechou em meu braço, me puxando até que eu parasse.

Quando me virei para olhar para ele, meu pai abriu e fechou a boca. Do lado de fora, a besta, sentindo que eu tinha sido detida, emitiu um grunhido estrondoso na direção do chalé.

— Feyre — disse meu pai. Os dedos tremeram quando segurou minhas mãos enluvadas, mas os olhos dele ficaram mais nítidos e mais fortes do que eu vira em anos. — Você sempre foi boa demais para este lugar, Feyre. Boa demais para nós, boa demais para qualquer um. — Ele apertou minhas mãos. — Se algum dia fugir, se convencê-los de que pagou sua dívida, não volte.

Eu não esperava um adeus de partir o coração, mas não imaginava *aquilo* também.

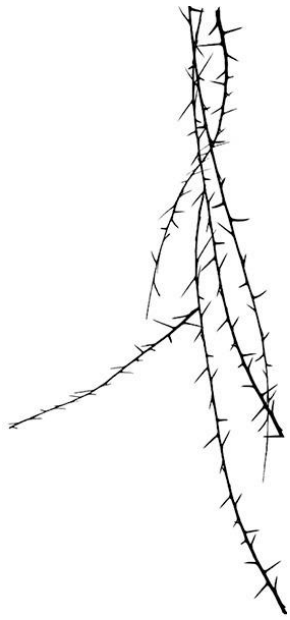
— *Jamais* volte — aconselhou meu pai, soltando minhas mãos para me sacudir pelos ombros. — Feyre. — Meu pai disse meu nome às pressas, a garganta oscilando. — Vá para algum lugar novo e construa sua reputação lá.

Ao longe, a besta era apenas uma sombra, me chamando para um destino que eu, sem querer, tinha infligido a mim mesma e a minha família. Uma vida por outra... mas e se a vida oferecida como pagamento também significasse a perda de outras três? Só esse pensamento me deu coragem, me fez voltar à realidade.

Eu jamais contei a meu pai sobre a promessa que tinha feito a mamãe, e não havia por que explicar agora. Então me desvencilhei dele e saí.

Deixei que os sons da neve estalando sob meus pés levassem as palavras de meu pai enquanto seguia a fera para o bosque envolto pela noite.

Capítulo 5



Cada passo em direção ao limite das árvores era ágil demais, me carregava rápido demais para qualquer que fosse o tormento e a infelicidade que me aguardavam. Não ousei olhar para trás, para o chalé.

Entramos no limite da floresta. A escuridão acenava adiante.

Mas uma égua branca aguardava pacientemente — sem arreio — ao lado de uma árvore, a pelagem como neve recém-caída ao luar. A égua apenas abaixou a cabeça — em sinal de *respeito*, entre todos os sentimentos — quando a besta caminhou devagar até ela.

O feérico fez um gesto com a enorme pata para que eu montasse. Ainda assim, a égua permaneceu calma, mesmo quando o animal passou perto o bastante para estripá-la com um movimento. Fazia anos desde que eu montara, e só o fizera em um pônei, mas aproveitei o calor da égua contra meu corpo semicongelado quando subi na sela. Ela começou a andar. Sem luz para me guiar, deixei que a égua seguisse a besta. Os dois eram quase do mesmo tamanho. Não fiquei surpresa quando seguimos para o norte — em direção ao território dos feéricos —, embora meu estômago estivesse tão apertado que doía.

Viver com ele. Eu poderia viver o resto de minha vida mortal nas terras dele. Talvez aquilo fosse misericordioso, mas o feérico não havia especificado de que forma, exatamente, eu viveria. O Tratado proibia feéricos de nos escravizar, mas talvez isso excluísse humanos que assassinavam feéricos.

Nós provavelmente seguiríamos para qualquer que fosse a fenda na muralha que o feérico tinha usado para chegar ali, para me roubar. E depois que passássemos pela muralha invisível, depois que estivéssemos em Prythian, não haveria como minha família me encontrar. Eu seria pouco mais que um cordeiro em um reino de lobos. Lobos... lobo.

Assassinei um feérico. Era o que eu tinha feito.

Minha garganta secou. Eu havia matado um feérico. Mas ele parecia e dava a impressão de um lobo. Não conseguia me sentir mal por aquilo. Não com a família que deixara para trás, certamente para morrer de fome; não quando significava menos uma criatura cruel, terrível, no mundo. A besta tinha queimado minha flecha de freixo — então eu dependeria de sorte para conseguir sequer uma farpa da madeira de novo se algum dia tivesse a chance de matá-la. Ou detê-la.

O conhecimento dessa fraqueza, da suscetibilidade deles ao freixo, era o único motivo pelo qual tínhamos sobrevivido contra os Grão--Feéricos durante o antigo levante; um segredo traído por um dos próprios feéricos.

Meu sangue gelou ainda mais conforme, inutilmente, procurei por algum sinal do tronco estreito e da explosão de galhos que eu sabia ser a marca dos freixos. Jamais vira a floresta tão quieta. O que quer que estivesse lá fora deveria ser manso comparado à besta a meu lado, apesar da tranquilidade da égua perto dela. Eu esperava que a fera mantivesse outros feéricos distantes de nós depois que entrássemos no reino.

Prythian. A palavra era como um prenúncio de morte que ecoava dentro de mim sem parar.

Terras... ele dissera que tinha terras, mas que tipo de residência? Minha égua era linda, e a sela era feita de couro exuberante, o que significava que ele tinha algum tipo de contato com a vida civilizada. Eu jamais ouvira coisas específicas sobre como era a vida dos feéricos ou dos Grão-Feéricos; nunca ouvi muito a respeito de nada, a não ser suas habilidades e seus apetites mortais. Segurei as rédeas com força para evitar que as mãos tremessem.

Havia poucos relatos sobre a própria Prythian. Os mortais que atravessavam a muralha — por vontade própria, como tributos dos Filhos dos Abençoados, ou roubados — jamais voltavam. Eu aprendera sobre a maioria das lendas com os aldeões, embora meu pai, ocasionalmente, oferecesse um ou outro conto mais leve nas noites em que fazia uma tentativa de se lembrar que existíamos.

Até onde eu sabia, os Grão-Feéricos ainda governavam as partes ao norte de nosso mundo — de nossa enorme ilha sobre o mar estreito que nos separava do imenso continente, passando pelos fiordes de profundidade infinita, as terras congeladas e os desertos cobertos de areia, até chegar ao enorme oceano do outro lado. Alguns territórios feéricos eram impérios; outros, eram governados por reis e rainhas. E havia lugares como Prythian, divididos e governados por sete Grão-Feéricos; seres de poder tão inabalável que, segundo as lendas, podiam nivelar construções, destruir exércitos e massacrar uma pessoa antes que ela conseguisse piscar. Eu não duvidava.

Ninguém jamais me contou por que humanos tinham escolhido permanecer em nosso território quando tão pouco espaço fora concedido a nós, e ainda por cima tão próximo de Prythian. Tolos — quaisquer humanos que tivessem permanecido depois da Guerra, deviam ser tolos suicidas para viver tão perto de Prythian. Mesmo com o Tratado secular entre os reinos dos mortais e dos feéricos, havia fendas na muralha enfeitiçada que separava nossas terras, buracos grandes o bastante para que aquelas criaturas letais entrassem em nosso território a fim de se divertir ao nos atormentar.

Esse era o lado de Prythian que os Filhos dos Abençoados jamais ousavam reconhecer. Talvez um lado de Prythian que eu em breve testemunharia. Meu estômago se revirou. *Viver com ele*, eu me lembrei, diversas e diversas vezes. *Viver*, não morrer.

Embora eu imaginasse que também pudesse *viver* em um calabouço. Ele provavelmente me trancafiaria e se esqueceria de minha existência, se esqueceria de sequer me alimentar, se esqueceria de que humanos precisam de coisas como comida e água e calor.

Caminhando à frente, os chifres da besta espiralavam em direção ao céu noturno, e fiapos de respiração quente se formavam em seu focinho. Precisávamos montar acampamento em algum momento — a fronteira de Prythian ficava a dias dali. Depois que parássemos, eu ficaria acordada a noite inteira e jamais o perderia de vista. Embora o feérico tivesse queimado minha flecha de freixo, eu tinha escondido a faca restante no manto. Talvez aquela noite me garantisse uma oportunidade de usá-la.

Mas não era meu destino que eu contemplava conforme me deixava mergulhar na depressão, no ódio e no desespero. À medida que seguíamos, com apenas o ruído da neve sendo esmagada sob patas e cascos, eu alternava entre uma arrogância desprezível ao pensar em minha família morrendo de fome e perceber o quanto eu era importante, e um desespero ofuscante ao pensar em meu pai pedindo dinheiro nas ruas, a perna destruída cedendo à proporção que ele tropeçava de pessoa em pessoa. E sempre que eu olhava para a besta, podia ver meu pai mancando pela aldeia, implorando por uma moeda a fim de manter minhas irmãs vivas. Pior que isso... a que ponto Nestha poderia chegar para manter Elain viva. Ela não se importaria se meu pai morresse. Mas mentiria e roubaria e venderia qualquer coisa por Elain; e por si mesma também.

Observei o modo como o feérico se movia, tentando encontrar qualquer — *qualquer* — fraqueza. Não encontrei nenhuma.

— Que tipo de feérico é você? — perguntei, as palavras quase engolidas pela neve e pelas árvores e pelo céu carregado de estrelas.

A besta não se deu o trabalho de se virar. Não se se deu o trabalho de dizer nada. Justo. Eu havia matado seu amigo, no fim das contas.

Tentei de novo:

— Você tem nome? — Ou qualquer coisa que eu pudesse usar para xingá-lo.

A fera soltou uma lufada de ar que poderia ser uma risada amarga.

— Isso sequer importa para você, humana?

Não respondi. O feérico poderia muito bem mudar de ideia a respeito de poupar minha vida.

Mas talvez eu escapasse antes de ele decidir me estripar. Pegaria minha família, e nos esconderíamos em um navio, velejaríamos para longe, muito longe. Talvez eu tentasse matá-lo, independentemente da futilidade do ato, independentemente de isso ser outro ataque não provocado, apenas por ser aquele que reclamou minha vida — minha *vida*, quando aqueles feéricos davam tão pouco valor a nossas vidas. A mercenária tinha sobrevivido; talvez eu também pudesse. Talvez.

Abri a boca para perguntar mais uma vez o nome dele, mas um grunhido de irritação saiu de dentro do animal. Eu não tive chance de lutar, de revidar, quando um odor metálico e forte penetrou meu nariz. A exaustão recaiu sobre mim, e a escuridão me engoliu inteira.

Acordei com um sobressalto em cima da égua, que estava amarrada por cordas invisíveis. O sol já estava alto.

Magia... fora esse o odor, era o que me mantinha montada, mantinha meus braços e pernas bem presos, evitando que eu pegasse a faca. Reconheci o poder no fundo dos ossos, a partir de alguma memória coletiva e terror mortais. Quanto

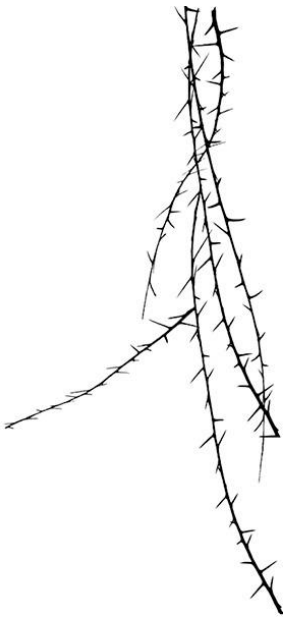
tempo a magia tinha me mantido inconsciente? Quanto tempo *ele* tinha me mantido inconsciente, em vez de falar comigo? Dois dias; levou dois dias do meu chalé até chegarmos a muralha e atravessarmos a fronteira mais ao sul de Prythian. Será que fiquei mesmo presa em um sono enfeitiçado por tanto tempo?

Trincando os dentes, poderia ter exigido respostas dele — ter gritado para onde o feérico ainda seguia lentamente adiante, ignorando minha presença. Mas, então, pássaros cantando passaram por mim, e uma brisa leve beijou meu rosto. Vi um portão de metal ladeado por uma cerca viva adiante.

Minha prisão ou salvação... não pude decidir.

O portão se abriu sem porteiro ou sentinela, e a besta seguiu para atravessá-lo. Querendo eu ou não, minha égua seguiu.

Capítulo 6



A propriedade se debruçava em uma ampla terra verde. Eu jamais vira nada como aquilo; mesmo nossa antiga mansão não se comparava. Estava coberta de rosas e hera, com pátios e varandas, e escadas se projetando das laterais de alabastro. A propriedade era cercada pelo bosque, mas se estendia tão longe que eu mal conseguia ver o limite distante da floresta. Tanta cor, tanta luz do sol e movimento e textura... Eu mal conseguia absorver aquilo tão rápido. Pintar seria inútil, jamais faria justiça. Minha percepção poderia ter subjugado o medo, caso o lugar não estivesse tão completamente vazio e silencioso. Mesmo o jardim pelo qual caminhávamos parecia calado e dormente. Acima da variedade de íris ametista, amarilidáceas brancas e narcisos amarelo-manteiga que oscilavam à brisa fragrante, o leve odor de metal chegou a minhas narinas.

É claro que se tratava de magia, porque era primavera ali. Que poder miserável eles possuíam que tornava suas terras tão diferentes das nossas, que permitia controlarem as estações e o clima como se fossem donos destes? Suor escorreu por minhas costas conforme as camadas de roupa se tornaram sufocantes. Virei os pulsos e me mexi na sela. Quaisquer que fossem as amarras que me seguravam, tinham sumido.

O feérico serpenteou adiante, saltando agilmente os degraus da grandiosa escada de mármore, que dava para as enormes portas de carvalho, em um potente movimento fluido. As portas, com dobradiças silenciosas, se abriram para ele, e o animal entrou. Planejara aquela chegada, sem dúvida; ele me mantivera inconsciente para que eu não soubesse onde estava, assim não descobriria o caminho de casa, ou que outros territórios feéricos mortais poderiam espreitar entre mim e a muralha. Tateei em busca da faca, mas encontrei apenas frangalhos.

Ao pensar naquelas garras tocando meu manto em busca da faca, minha boca secou. Afastei o ódio, o terror e o nojo quando a égua parou sozinha ao pé da escadaria. A mensagem era bem clara. A mansão imponente parecia observar, esperar.

Olhei por cima do ombro, na direção dos portões ainda abertos. Se fosse correr, tinha de ser naquele momento.

Sul... tudo o que eu precisava fazer era ir para o sul, e por fim chegaria à muralha. Se não encontrasse nada antes disso. Puxei as rédeas da égua, mas ela permaneceu parada; mesmo quando enfiei os calcanhares em seus flancos. Soltei um assobio baixo e agudo. Tudo bem. A pé.

Meus joelhos falharam quando cheguei ao chão, lampejos de raios ofuscaram minha visão. Segurei a sela e encolhi o corpo enquanto a dor e a fome arruinavam meus sentidos. Agora... eu precisava partir *agora*. Fiz menção de me mover, mas o mundo ainda girava, piscando.

Apenas um tolo fugiria sem comida, sem forças. Eu não cobriria meio quilômetro daquele jeito. Não seguiria meio quilômetro antes que ele me alcançasse e me deixasse em frangalhos, como tinha prometido.

Inspirei fundo e estremeci. Comida... conseguir comida e, *depois*, correr no próximo momento oportuno. Parecia um plano sólido o bastante.

Quando eu me senti firme o suficiente para andar, deixei a égua na base das escadas, subindo um degrau por vez. Com a respiração presa no peito, passei pelas

portas abertas e fui para as sombras da casa.

Do lado de dentro, era ainda mais opulenta. Mármore reluzia aos meus pés, em um xadrez preto e branco, estendendo-se por inúmeras portas e uma escada em curva. Um longo corredor se estendia adiante, até as imensas portas de vidro do outro lado da casa, e, através delas, vi um segundo jardim, maior que aquele da frente. Nenhum sinal de calabouço; nenhum grito ou súplica subia de ocultas câmaras inferiores. Não, apenas o grunhido baixo vindo de um quarto próximo, tão profundo que chacoalhou os vasos cheios de fartos buquês de hortênsias, que adornavam mesas espalhadas pelo corredor. Como se em resposta, um par de portas de madeira polida se abriu à minha esquerda. Um comando se seguiria.

Meus dedos estremeceram quando esfreguei os olhos. Eu sabia que os Grão-Feéricos tinham, um dia, construído palácios e templos ao redor do mundo — construções que meus ancestrais mortais tinham destruído depois da Guerra, por desprezo —, mas jamais considerei como poderiam viver atualmente, a elegância e a riqueza que poderiam possuir. Jamais contemplei que os feéricos, aqueles monstros bestiais, poderiam possuir propriedades maiores que qualquer residência mortal. Talvez os boatos sobre Prythian ser um lugar cruel e terrível estivessem errados.

Fiquei tensa ao entrar na sala.

Uma mesa longa — mais longa que qualquer uma que já tivemos em nossa mansão — ocupava a maior parte do espaço. Estava coberta de comida e vinho; tantas comidas, algumas fumegando com fiapos de vapor, que minha boca se encheu d'água. Pelo menos eram familiares, e não alguma bizarra iguaria feérica: frango, pão, ervilhas, peixe, aspargo, cordeiro... poderia ser um banquete em qualquer casa mortal. Outra surpresa, se não completamente inútil. A besta caminhou até a cadeira imensa na ponta da mesa.

Fiquei ao portal, encarando a comida, toda aquela comida quente e maravilhosa... que eu não podia comer. Essa era a primeira regra que nos

ensinavam quando crianças, em geral por músicas ou cânticos: se o azar o levasse à companhia de um feérico, jamais deveria beber de seu vinho, jamais deveria comer de sua comida. Nunca. A não ser que quisesse terminar escravizado, pela mente e pela alma; a não ser que quisesse acabar arrastado para Prythian. Bem, a segunda parte já acontecera, mas eu podia ter a chance de evitar a primeira.

A besta afundou na cadeira, a madeira rangeu, e, com um clarão de luz branca, a criatura se transformou em um homem de cabelos dourados.

Contive um grito e pressionei o corpo contra a parede de painel ao lado da porta, tateando em busca do batente, tentando medir a distância entre mim e a fuga. Aquela besta não era um homem, não era um feérico inferior. Ele era um dos Grão-Feéricos, um dos nobres governantes: lindo, letal e impiedoso.

Era jovem... ou o que eu podia ver do rosto dele parecia jovem. O nariz, as bochechas e a testa estavam escondidos por uma exótica máscara dourada, encrustada de esmeralda, com o formato de redemoinhos ou folhas. Alguma moda absurda dos Grão-Feéricos, sem dúvida. Ela só deixava à vista os olhos do feérico — exatamente como eram na forma animal —, o maxilar forte e a boca. A boca se contraiu em uma linha fina.

— Você deveria comer alguma coisa — disse ele. Diferentemente da elegância da máscara, a túnica verde-escura que o feérico usava era bastante simples, acentuada apenas por um boldrié de couro sobre o peito largo. Era mais para lutas que por estilo, mesmo que ele não carregasse armas que eu pudesse detectar. Não era apenas um dos Grão-Feéricos, mas... um guerreiro também.

Eu não queria ponderar sobre o que levava o feérico a usar trajes de guerreiro, e tentei não olhar muito para o couro do boldrié, que reluzia à luz do sol filtrada pelo conjunto de janelas atrás dele. Eu não via um céu sem nuvens como aquele havia meses. O feérico encheu um copo com o vinho de um decantador de cristal exótico e bebeu com gosto. Como se precisasse.

Eu me aproximei da porta, o coração batendo tão rápido que pensei que vomitaria. O metal frio das dobradiças da porta atingiu meus dedos. Se fosse rápida, poderia sair da casa e disparar para o portão em segundos. Ele sem dúvida era mais rápido, mas empurrar alguns daqueles lindos móveis do corredor em seu caminho poderia detê-lo. E os ouvidos feéricos — com os arcos delicados e pontiagudos — captariam qualquer farfalhar de movimento meu.

— Quem é você? — Consegui perguntar. Os cabelos dourado-claro do feérico eram muito parecidos com a cor do pelo de sua forma bestial. Aquelas garras gigantes sem dúvida ainda espreitavam, logo abaixo da superfície da pele.

— Sente-se — ordenou o feérico, bruscamente, gesticulando com a mão enorme para indicar a mesa. — Coma.

Repassei os cânticos na cabeça diversas vezes. Não valia a pena... aplacar minha fome voraz definitivamente não valia o risco de ter mente e alma escravizadas.

O feérico soltou um grunhido baixo.

— A não ser que prefira desmaiar?

— Não é seguro para humanos. — Fui capaz de dizer, pouco importava se o ofendesse.

O feérico deu uma risada abafada. Mais feroz que qualquer outra coisa.

— A comida é adequada para você comer, humana. — Aqueles estranhos olhos verdes se fixaram em mim, como se o feérico pudesse detectar cada músculo em meu corpo que estava ansioso para fugir. — Saia se quiser — acrescentou ele, exibindo os dentes. — Não sou seu carcereiro. Os portões estão abertos, pode morar em qualquer lugar de Prythian.

E sem dúvida ser devorada e atormentada por um feérico desprezível. Mas, embora cada centímetro daquele lugar fosse civilizado e limpo e lindo, eu precisava fugir, precisava voltar para minha família. Aquela promessa a minha mãe, por mais que ela fosse fria e vã, era tudo o que eu tinha. Não fiz nenhum movimento em direção à comida.

— Tudo bem — respondeu ele, a palavra entrelaçada em um grunhido, e começou a se servir.

Eu não precisei enfrentar as consequências de uma segunda recusa, pois alguém passou por mim, dirigindo-se para a cabeceira da mesa.

— Então? — falou o estranho, outro Grão-Feérico: cabelos ruivos, bem-vestido, com uma túnica prateada fosca. Ele também usava uma máscara. O estranho ensaiou um gesto de reverência para o macho sentado, então cruzou os braços. De alguma forma, ele não me viu onde eu estava, ainda pressionada contra a parede.

— Então *o quê*? — Meu captor inclinou a cabeça, o movimento era mais animal que humano.

— Andras está morto, então?

Um aceno de cabeça de meu captor... ou salvador, o que quer que ele fosse.

— Sinto muito — disse ele, em voz baixa, para o estranho.

— Como? — indagou o estranho, os nós dos dedos esbranquiçados quando ele os fechou sobre os braços musculosos.

— Uma flecha de freixo — respondeu o outro. O companheiro de cabelos ruivos sibilou. — O conjuro do Tratado me levou à mortal. Dei refúgio a ela.

— Uma garota... uma garota mortal matou Andras. — Não foi uma pergunta, mas uma cadeia de palavras envoltas em veneno. O estranho olhou para a ponta da mesa, na qual estava minha cadeira vazia. — E o conjuro indicou a garota como responsável.

O de máscara dourada deu uma risada baixa e amarga e apontou para mim.

— A magia do Tratado me levou direto à porta dela.

O estranho se virou com graciosidade fluida. Sua máscara era de bronze, inspirada nas feições de uma raposa, e ocultava tudo, exceto pela parte inferior do rosto — junto ao que parecia uma cicatriz cruel, que cortava desde a testa até o maxilar. Não escondia o olho que estava faltando... ou a órbita dourada, entalhada,

que substituía o olho e se *movia* como se o feérico pudesse usá-la. A órbita se fixou em mim.

Mesmo do outro lado da sala, eu podia ver o olho restante, avermelhado, se arregalar. Ele farejou uma vez, retraindo um pouco os lábios para revelar perfeitos dentes brancos, e então se virou para o outro feérico.

— Está brincando — disse o estranho, baixinho. — Aquela coisa magricela matou *Andras* com uma única flecha de freixo?

Desgraçado; completo desgraçado. Uma pena eu não ter a flecha agora... para que pudesse acertá-lo.

— Ela admitiu — explicou o de cabelos dourados rispidamente, passando o dedo na borda do cálice. Uma garra longa e letal se projetou, raspando o metal. Lutei para manter a respiração calma. Principalmente quando ele acrescentou: — Ela não tentou negar.

O feérico com a máscara de raposa afundou à beira da mesa, a luz refletindo nos cabelos vermelhos como fogo. Eu podia entender sua máscara, com aquela cicatriz cruel e o olho faltando, mas o outro Grão-Feérico parecia bem. Talvez ele a usasse por solidariedade. Talvez isso explicasse a moda absurda.

— Bem — começou o ruivo, com raiva —, agora estamos empacados com *aquilo*, graças a sua misericórdia inútil, e você destruiu...

Dei um passo adiante... apenas um passo. Não tinha certeza do que diria, mas ao falarem de mim daquela forma... Mantive a boca fechada, mas o passo adiante bastou.

— Gostou de matar meu amigo, humana? — perguntou o ruivo. — Hesitou, ou o ódio em seu coração a guiava com força demais para que considerasse poupá-lo? Deve ter sido muito gratificante para uma coisa mortal e pequena como você abatê-lo.

O louro não disse nada, mas seu maxilar se contraiu. Enquanto me avaliavam, tentei alcançar com as mãos uma faca que eu já não possuía.

— De toda forma — continuou o da máscara de raposa, encarando o colega de novo, com um olhar de desprezo. Provavelmente riria se algum dia eu sacasse uma arma contra ele. — Talvez haja uma forma de...

— Lucien — interrompeu meu captor, baixinho, o nome ecoou com um leve grunhido. — Comporte-se.

Lucien ficou rígido, mas saltou da beira da mesa e fez uma reverência intensa para mim.

— Minhas desculpas, *lady*. — Outra piada a minhas custas. — Sou Lucien. Cortesão e emissário. — Ele gesticulou para mim com um floreio. — Seus olhos são como estrelas, e seus cabelos, como ouro queimado.

Ele ergueu as sobrancelhas para mim, esperando que eu dissesse meu nome. Mas contar a ele qualquer coisa sobre mim, sobre minha família, sobre de onde eu vinha...

— O nome dela é Feyre — disse aquele que estava no comando, a besta. Devia ter descoberto meu nome no chalé. Aqueles olhos verdes penetrantes encontraram os meus de novo, e então se voltaram para a porta. — Alis vai levá-la até seu quarto. Você precisa de um banho e de roupas limpas.

Eu não consegui decidir se foi um insulto ou não. Senti a mão firme de alguém em meu cotovelo e encolhi o corpo. Uma mulher rechonchuda, de cabelos castanhos e máscara de pássaro puxou meu braço e inclinou a cabeça na direção da porta aberta. Seu avental branco estava impecável sobre o vestido marrom artesanal — uma criada. As máscaras deviam ser alguma tendência, então.

Se eles se importavam tanto com as roupas, até mesmo com o que os criados usavam, talvez fossem superficiais e fúteis o suficiente para que eu os enganasse, apesar das roupas de guerreiro do mestre. Mesmo assim, eram Grão-Feéricos. Eu precisaria ser esperta e silenciosa, e tomar meu tempo até poder escapar. Então deixei que Alis me levasse. *Quarto*... não *cela*. Um pequeno alívio, então.

Quando saí, Lucien grunhiu:

— Foi essa a sorte que o Caldeirão nos lançou? *Ela* matou Andras? Jamais deveríamos tê-lo enviado para lá, nenhum deles deveria estar lá fora. Foi uma missão tola. — O grunhido de Lucien foi mais amargo que ameaçador. Será que ele também podia mudar de forma? — Talvez devêssemos simplesmente enfrentar, talvez esteja na hora de dizer *basta*. Jogar a garota em algum lugar, matá-la, não me importo, ela não passa de um fardo aqui. Preferiria apontar uma faca para suas costas que conversar com você, com qualquer um de nós.

— Não — disparou o outro. — Enquanto não tivermos certeza de que não há outra forma, não agiremos. E quanto à garota, ela fica. Ilesa. Fim da discussão. A vida dela naquele casebre era ruim o bastante. — Minhas bochechas coraram, e evitei olhar para Alis, mesmo quando senti os olhos dela se voltarem para mim. Um casebre... Imagino que nosso chalé fosse isso em comparação com aquele lugar.

— Então você tem muito trabalho pela frente, velho amigo. Tenho certeza de que a vida dela será uma boa substituição para a de Andras, talvez ela possa até mesmo treinar com os demais na fronteira.

Um grunhido de irritação ressoou.

Os corredores brilhantes e impecáveis me envolveram antes que eu conseguisse ouvir mais.

Alis me guiou por corredores de ouro e prata até chegarmos a um quarto luxuoso no segundo andar. Admito que não resisti muito quando Alis e mais duas criadas — também mascaradas — me banharam, cortaram meu cabelo e depois me depilaram até que eu me sentisse como uma galinha sendo preparada para o jantar. Até onde eu sabia, poderia muito bem ser a próxima refeição deles.

Era apenas a promessa do Grão-Feérico — de que eu viveria meus dias em Prythian em vez de morrer — que me impedia de sentir enjoo ao pensar naquilo.

Embora aqueles feéricos também parecessem humanos, à exceção das orelhas, eu nunca soube como os Grão-Feéricos chamavam os criados. Mas não ousava perguntar, ou sequer falar com eles, não quando apenas suas mãos em mim, a *proximidade*, era o bastante para que me esforçasse apenas em não estremecer.

Mesmo assim, olhei para o vestido de veludo turquesa que Alis tinha colocado na cama, e fechei o roupão branco com força ao redor do corpo, afundando em uma cadeira e suplicando para que minhas roupas velhas fossem devolvidas. Alis se recusou, e, quando implorei de novo, fazendo o melhor para parecer patética e triste e digna de pena, ela saiu. Eu não usava um vestido havia anos. Não estava prestes a recomeçar, não quando a fuga era minha principal prioridade. Eu não conseguiria me mover livremente em um vestido.

Enrolada no roupão, permaneci sentada por alguns minutos, o canto de pequenos pássaros no jardim além das janelas era o único som. Nenhum grito, nenhum clangor de armas, nenhuma indicação de qualquer massacre ou tortura.

O quarto parecia maior que nosso chalé inteiro. As paredes eram verde-claras, delicadamente desenhadas com estampas douradas, e as molduras também eram douradas. Eu poderia ter achado antiquado, caso a mobília e os tapetes marfim não combinassem tão bem. A enorme cama tinha um esquema de cores semelhante, e as cortinas que pendiam do enorme dossel oscilavam à leve brisa das janelas abertas. Meu robe era da seda mais fina, com a borda de renda — simples e exótico o bastante para me fazer passar os dedos pelas lapelas.

As poucas histórias que eu tinha ouvido estavam erradas — ou quinhentos anos de separação as deixaram confusas. Sim, eu ainda era a presa, ainda nascera fraca e inútil em comparação a eles, mas aquele lugar era... tranquilo. Calmo. A não ser que isso também fosse uma ilusão, e a brecha no Tratado fosse uma mentira — um truque para me deixar confortável antes de eles me destruírem. Os Grão-Feéricos gostavam de brincar com a comida.

A porta rangeu, e Alis voltou; trazia uma trouxa de roupas. Ela ergueu uma camisa verde encharcada.

— Quer usar isto? — Olhei boquiaberta para os buracos nas laterais e nas mangas. — Ela se desfez assim que as lavadeiras a puseram na água. — Alis ergueu alguns retalhos marrons. — Eis o que restou de suas calças.

Contive o xingamento que se acumulava em meu peito. Ela podia ser uma criada, mas poderia facilmente me matar também.

— Vai usar o vestido agora? — indagou Alis. Eu sabia que deveria me levantar, que deveria concordar, mas afundei ainda mais no assento. Alis me encarou por um momento, antes de sair de novo.

Ela voltou com calças e um manto que cabiam bem em mim, ambos em ricas cores. Um pouco chiques, mas não reclamei quando vesti a camisa branca de seda, ou quando abotoei o manto azul-escuro e passei as mãos pela fita dourada e áspera costurada nas lapelas. Devia custar uma fortuna — e provocou aquela parte da minha mente que admirava coisas lindas, estranhas e coloridas.

Eu era nova demais para me lembrar de muito do que acontecera antes da ruína de papai. Ele me tolerava o suficiente para permitir que eu ficasse no escritório, e às vezes até descrevia várias mercadorias e seu valor, cujos detalhes eu havia esquecido fazia muito tempo. Meus momentos em seu gabinete — cheio de cheiros de temperos exóticos e da música de línguas estrangeiras — constituíam a maioria de minhas poucas memórias felizes. Eu não precisava saber o valor de tudo o que havia no quarto em que estava para entender que somente as cortinas cor de esmeralda — de seda com veludo dourado — poderiam ter alimentado minha família pela vida inteira.

Um frio percorreu minha espinha. Fazia dias desde que eu partira. O cervo já estaria acabando.

Alis me levou para uma cadeira de encosto baixo diante da lareira apagada, e não resisti quando ela passou um pente por meus cabelos e começou a trançá-lo.

— Você mal passa de pele e osso — disse Alis, os dedos magníficos contra meu crânio.

— O inverno faz isso com os pobres mortais — falei, lutando para manter o tom desafiador.

Ela deu uma risada abafada.

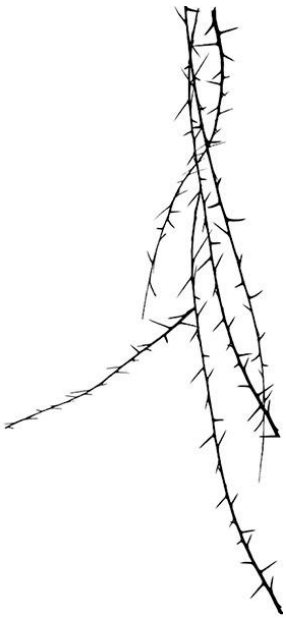
— Se você for esperta, ficará de boca fechada e com os ouvidos atentos. Isso lhe será mais útil aqui que uma língua afiada. E guarde essa esperteza para você, pois até mesmo seus sentidos tentarão traí-la aqui.

Tentei não encolher o corpo diante do aviso. Alis continuou.

— Algumas pessoas ficarão contrariadas por causa de Andras. Mas, se me perguntar, Andras era um bom sentinela, mas ele sabia o que enfrentaria quando atravessasse a muralha, sabia que provavelmente encontraria problemas. E os outros entendem os termos do Tratado também, ainda que possam se ressentir de sua presença aqui graças à piedade de nosso mestre. Então, fique de cabeça baixa, e nenhum deles vai incomodar você. Embora Lucien... não lhe faria mal se alguém o enfrentasse, se você tiver coragem.

Eu não tinha, e, quando fui perguntar mais sobre quem deveria evitar, ela já havia terminado com meu cabelo e aberto a porta para o corredor.

Capítulo 7



O Grão-Feérico de cabelos dourados e Lucien estavam à mesa quando Alis me devolveu à sala de jantar. Eles não tinham mais pratos diante de si, mas ainda bebiam de cálices de ouro. Ouro de verdade; não pintado ou folheado. Pensei em nossos talheres descombinados quando parei no meio da sala. Tanta riqueza, tanta riqueza assombrosa, quando não tínhamos nada.

Uma besta semisselvagem, era como Nestha me chamara. Mas, em comparação com ele, em comparação com aquele lugar, em comparação com o modo elegante e tranquilo com que eles seguravam os cálices, o modo como o de cabelos dourados me chamava de *humana*... nós éramos as bestas semisselvagens para os Grão-Feéricos. Mesmo que fossem eles os que vestiam peles e tinham garras.

Observei a comida ainda na mesa. Eu estava faminta — a cabeça tão zonza que achei que fosse desmaiar.

A máscara do Grão-Feérico de cabelos dourados refletiu os últimos raios do sol da tarde.

— Antes que pergunte: a comida ainda é segura para que coma. — Ele apontou para a cadeira na outra ponta da mesa. Nenhum sinal das garras. Quando não me movi, o feérico disse, rispidamente: — O que quer, então?

Não respondi. *Comer, fugir, salvar minha família...*

Lucien falou do assento na extensa lateral da mesa:

— Eu avisei, Tamlin. — Ele olhou para o amigo. — Suas habilidades com fêmeas definitivamente enferrujaram nas últimas décadas.

Tamlin. Ele fulminou Lucien com o olhar, movendo-se no assento. Tentei não enrijecer o corpo diante da outra informação que Lucien dera. *Décadas*.

Tamlin não parecia muito mais velho que eu, mas feéricos eram imortais. Ele podia ter centenas de anos... se não milhares. Minha boca secou enquanto eu avaliava seus estranhos rostos mascarados: sobrenaturais, primitivos e imponentes. Como deuses imóveis ou cortesãos ferais.

— Bem — disse Lucien, o olho avermelhado que lhe restava fixo em mim —, você não parece tão ruim agora. Um alívio, imagino, pois deve morar conosco. Embora a túnica não seja tão bonita quanto um vestido.

Lobos prontos para atacar — era isso que eram, exatamente como o amigo. Eu estava ciente demais de minha dicção, de cada fôlego que tomei, quando falei:

— Eu preferiria não usar aquele vestido.

— E por que não? — perguntou Lucien.

Foi Tamlin quem respondeu por mim.

— Porque nos matar é mais fácil de calças.

Eu queria gritar para que eles me deixassem em paz, mas, em vez disso, falei, calma:

— Agora que estou aqui, o que... o que planejam fazer comigo?

Lucien deu um riso de escárnio, mas Tamlin respondeu, com um grunhido irritado.

— Apenas sente-se.

Um assento vazio tinha sido puxado à cabeceira da mesa. Tanta comida, quente e fumegando com temperos sedutores. Os criados provavelmente tinham trazido

comida fresca enquanto eu me lavava. Quanto desperdício. Fechei as mãos em punhos.

— Não vamos morder. — Os dentes brancos de Lucien reluziram, o que sugeria o contrário. Evitei seu olhar, evitei aquele estranho olho de metal animado, que se fixou em mim conforme eu seguia para meu assento e me acomodava.

Tamlin ficou de pé e deu a volta na mesa, mais e mais perto, cada movimento suave e letal; um predador cujo sangue emanava poder. Foi um esforço me manter parada — principalmente quando ele pegou uma travessa, levou até mim e colocou carne e molho em meu prato.

Falei em voz baixa:

— Posso me servir sozinha. — Qualquer coisa, *qualquer coisa* para mantê-lo longe.

Tamlin parou tão perto que um movimento daquelas garras à espreita sob sua pele poderia rasgar minha garganta. Era por isso que o boldrié de couro não tinha armas: por que usá-las quando você mesmo é letal?

— É uma honra para um humano ser servido por um Grão-Feérico — disse ele, rispidamente.

Engoli em seco. Tamlin continuou empilhando vários alimentos em meu prato, parando apenas quando estava lotado de carne e molho e pão, e depois encheu meu copo com vinho branco frisante. Expirei quando ele voltou para o próprio assento, embora ele provavelmente tivesse ouvido.

Eu só queria enterrar o rosto no prato e comer até chegar à madeira, mas prendi as mãos sob as coxas e encarei os dois feéricos.

Eles me observaram também, com atenção demais para ser casual. Tamlin endireitou um pouco o corpo e falou:

— Você parece... melhor que antes.

Era um elogio? Eu poderia jurar que Lucien deu a Tamlin um aceno de cabeça encorajador.

— E seu cabelo está... limpo.

Talvez fosse a fome voraz que me fazia alucinar aquela tentativa sofrível de me lisonjear. Mesmo assim, me recostei e mantive o tom de voz calmo e baixo, como eu usaria com qualquer outro predador.

— Vocês são Grão-Feéricos... a nobreza feérica?

Lucien tossiu e olhou para Tamlin.

— Pode responder essa.

— Sim — respondeu Tamlin, franzindo a testa, como se buscasse algo para me dizer. Ele se contentou com apenas: — Somos.

Tudo bem. Um homem, um feérico de poucas palavras. Eu havia matado o amigo dele, era uma hóspede indesejada. Eu mesma não iria querer conversar comigo.

— O que planeja fazer, agora que estou aqui?

Os olhos de Tamlin não deixaram meu rosto.

— Nada. Faça o que quiser.

— Então não serei sua escrava? — Ousei perguntar.

Lucien engasgou com o vinho. Mas Tamlin não sorriu.

— Não tenho escravos.

Ignorei o alívio em meu peito ao ouvir aquilo.

— Mas o que devo fazer da minha *vida* aqui? — insisti. — Você... deseja que eu faça por merecer minha estadia? Que trabalhe? — Uma pergunta idiota de se fazer, se ele ainda não havia pensado nela, mas... mas eu precisava saber.

Tamlin enrijeceu o corpo.

— O que você faz com sua vida não é problema meu.

Lucien pigarreou de modo espalhafatoso... e Tamlin olhou para ele, irritado. Depois de uma troca de olhares que não consegui decifrar, Tamlin expirou e disse:

— Não tem algum... interesse?

— Não. — Não era completamente verdade, mas eu não estava disposta a explicar pintura a ele. Não quando, aparentemente, era muito problemático para ele simplesmente falar comigo de modo civilizado.

Lucien murmurou:

— Tão tipicamente humano.

A boca de Tamlin se repuxou para o lado, e ele não repreendeu o amigo. Em vez disso, falou:

— Faça o que quiser com seu tempo. Apenas fique longe de problemas.

— Então você realmente pretende que eu fique aqui para sempre. — O que eu quis dizer foi: *Então vou viver neste luxo enquanto minha família morre de fome?*

— Não fiz as regras — grunhiu Tamlin.

— Minha família está *morrendo de fome* — falei. Eu não me importava em implorar, não por aquilo. Dera minha palavra e me ativera àquela palavra durante tanto tempo que eu não era nada nem ninguém sem ela. — Por favor, me deixe ir. Deve haver... deve haver alguma outra brecha nas regras do Tratado, algum outro modo de eu me redimir.

— Redimir? — falou Lucien. — Você sequer já pediu desculpas?

Aparentemente, a tentativa de me elogiar tinha acabado. Então, encarei Lucien no olho vermelho que lhe restava e falei:

— Desculpe-me.

Lucien se recostou na cadeira.

— Como o matou? Foi uma luta sangrenta, ou assassinato a sangue frio?

Minha coluna se enrijeceu.

— Disparei uma flecha de freixo contra ele. E, depois, uma flecha comum no olho. Ele não revidou. Depois do primeiro disparo, apenas me encarou.

— Mas o matou mesmo assim, embora ele não tivesse feito qualquer movimento para atacar você. E então o *esfolou* — ciciou Lucien.

— *Basta*, Lucien — disse Tamlin ao cortesão, com um grunhido. — Não quero ouvir detalhes. — Ele se virou para mim, eterno e brutal e impassível.

Falei antes que Tamlin pudesse dizer qualquer coisa.

— Minha família não vai durar um mês sem mim. — Lucien deu uma risada, e eu trinquei os dentes. — Sabe o que é passar fome? — indaguei, o ódio subindo e devorando qualquer bom senso. — Sabe como é não saber quando será sua próxima refeição? O maxilar de Tamlin se contraiu.

— Sua família está viva e bem-cuidada. Pensa tão mal dos feéricos a ponto de acreditar que eu lhes tiraria a única fonte de verba e nutrição sem substituí-la?

Estiquei o corpo.

— Você jura? — Mesmo que feéricos não pudessem mentir, eu precisava ouvir.

Uma risada baixa e incrédula.

— Por tudo que sou e possuo.

— Por que não me contou isso quando saímos do chalé?

— Teria acreditado em mim? Sequer acredita em mim agora? — As garras de Tamlin se cravaram nos braços de sua cadeira.

— Por que deveria confiar em uma palavra do que diz? Vocês são mestres em flexionar a verdade em vantagem própria.

— Há quem diga que não é inteligente insultar um feérico na casa dele — disparou Tamlin. — Há quem diga que você deveria se sentir grata por eu tê-la encontrado antes que qualquer um de meu povo reclamasse a dívida, por ter poupado sua vida e, depois, lhe oferecer a chance de viver com conforto.

Disparei o olhar para meus pés, droga de sabedoria, e estava prestes a empurrar a cadeira para trás quando mãos invisíveis seguraram meus braços e me empurraram de volta para o assento.

— *Não* faça o que quer que esteja pretendendo — falou Tamlin.

Fiquei imóvel quando a magia penetrou minhas narinas. Tentei me virar na cadeira, testando as amarras invisíveis. Mas meus braços estavam presos e minhas

costas pareciam pressionadas contra a madeira com tanta força que doía. Olhei para a faca ao lado do prato. Deveria ter pegado o objeto primeiro — ainda que fosse um esforço inútil.

— Vou dar um aviso — disse Tamlin, baixinho demais. — Apenas um, e depois é com você, humana. Não me importo se for morar em outro lugar de Prythian. Mas, se atravessar a muralha, se fugir, sua família não será mais assistida.

As palavras eram como uma pedrada na cabeça. Se eu escapasse, se sequer tentasse fugir... poderia muito bem condenar minha família. Mesmo que ousasse arriscar... mesmo que conseguisse alcançá-los, para onde os levaria? Não poderia esconder minhas irmãs em um navio... depois que chegássemos a outro lugar, algum lugar seguro... não teríamos onde viver. Mas Tamlin usar o bem-estar de minha família contra mim, descartar a sobrevivência deles caso eu saísse da linha...

Abri a boca, mas o grunhido de Tamlin chacoalhou os copos.

— Esse não é um bom acordo? E, se fugir, talvez não tenha tanta sorte com quem quer que a busque em seguida. — As garras do feérico deslizaram de volta para debaixo dos nós dos dedos. — A comida não está enfeitiçada, não contém drogas, e será sua própria culpa se desmaiar. Então, vai se sentar a esta mesa e *comer*, Feyre. E *Lucien* fará o possível para ser educado. — Tamlin lançou um olhar contundente na direção de Lucien. O amigo deu de ombros.

As amarras invisíveis se afrouxaram, e encolhi o corpo quando bati com as mãos sob a mesa. As amarras em minhas pernas e no corpo permaneceram intactas. Um olhar para os olhos verdes incandescentes de Tamlin me disse o que eu queria saber: hóspede ou não, eu não levantaria daquela mesa até que comesse alguma coisa. Pensaria na mudança súbita nos planos de fuga mais tarde. Agora... por enquanto... olhei para o garfo de prata e o peguei devagar.

Eles ainda me observavam — observavam cada movimento, o dilatar de minhas narinas quando cheirei a comida no prato. Nenhum odor metálico de magia. E

feéricos não podiam mentir. Então, ele devia estar certo quanto à comida. Depois de garfar um pedaço de frango, mordi-o.

Foi difícil evitar gemer. Não comia algo tão bom havia anos. Mesmo as refeições que tínhamos antes da ruína eram pouco mais que cinzas em comparação àquilo. Comi o prato todo em silêncio, ciente demais dos Grão-Feéricos que observavam cada mordida, mas, quando estendi a mão para me servir de uma segunda porção de torta de chocolate, a comida desapareceu. Simplesmente... sumiu, como se jamais tivesse existido, nem uma migalha restara.

Engolindo em seco, apoiei o garfo para que eles não vissem minha mão começar a tremer.

— Mais uma garfada e você vai vomitar as tripas — disse Tamlin, bebendo com gosto do cálice, e Lucien riu, sentado na cadeira.

As amarras que me seguravam se soltaram. Permissão silenciosa para ir.

— Obrigada pela refeição — falei. Foi tudo em que consegui pensar.

— Não quer ficar para tomar vinho? — perguntou Lucien, com doce veneno.

Apoiei as mãos na cadeira para me levantar.

— Estou cansada. Gostaria de dormir.

— Faz algumas décadas desde que vi um de seu tipo — falou Lucien —, mas vocês humanos não mudam, então, não acho que esteja errado ao perguntar *por que* acha nossa companhia tão desagradável, quando certamente os homens de onde vem não são muito belos de se admirar.

Do outro lado da mesa, Tamlin lançou um longo olhar de aviso ao emissário. Lucien o ignorou.

— Vocês são Grão-Feéricos — falei, me contendo. — Eu perguntaria por que sequer se deram o trabalho de me convidar, ou de jantar comigo.

Tola... Eu realmente já deveria ter sido morta dez vezes.

Lucien falou:

— Verdade. Mas permita-me: é uma fêmea humana, mas prefere comer carvão quente a se sentar aqui mais que o necessário. Ignorando isto — ele gesticulou para o olho de metal e para a cicatriz brutal no rosto —, não somos tão horríveis de se ver. — Vaidade e arrogância típicas de feéricos. Sobre isso ao menos as lendas estavam certas. Guardei essa informação para o futuro. — A não ser que tenha alguém em sua cidade. A não ser que haja uma fila de pretendes à porta de seu casebre que nos faça parecer vermes em comparação.

Havia tanto desprezo ali que senti um pouco de satisfação ao dizer:

— Eu era próxima de um homem em minha cidade. — *Antes de aquele Tratado me arrancar para longe, antes de se tornar claro que* vocês *podem fazer o que quiserem conosco, e nós mal podemos revidar*.

Tamlin e Lucien trocaram olhares, mas foi Tamlin quem disse:

— Você está apaixonada por esse homem?

— Não — falei, o mais casualmente possível. Não era mentira, mas, mesmo que sentisse qualquer coisa do tipo por Isaac, minha resposta seria igual. Já era ruim o suficiente que os Grão-Feéricos agora soubessem que minha família existia. Eu não precisava acrescentar Isaac à lista.

De novo, aquela troca de olhares entre os dois machos.

— E você... ama mais alguém? — falou Tamlin, com os dentes trincados.

Uma risada saiu de dentro de mim, com uma ponta de histeria.

— Não. — Olhei de um para outro. Loucura. Aqueles seres letais, imortais, realmente não tinham nada melhor para fazer que aquilo? — É isso mesmo que querem saber a meu respeito? Se acho que são mais bonitos que machos humanos, e se tenho um homem em casa? Para que perguntar isso, se ficarei presa aqui pelo resto da vida? — Um fio incandescente de ódio percorreu meus sentidos.

— Queríamos saber mais sobre você, pois ficará aqui por um bom tempo — explicou Tamlin, os lábios contraídos em uma linha fina. — Mas é comum o orgulho de Lucien atravessar o caminho de suas boas maneiras. — Tamlin

suspirou, como se estivesse pronto para me dispensar, e falou: — Vá descansar. Ambos estamos ocupados na maioria dos dias, então, se precisar de alguma coisa, peça aos empregados. Eles a ajudarão.

— Por quê? — perguntei. — Por que ser tão generoso? — Lucien me olhou de um modo que sugeria que ele não fazia ideia também, considerando que eu havia assassinado o amigo deles, mas Tamlin me encarou por um longo momento.

— Eu já costumo matar com muita frequência — respondeu Tamlin, por fim, com um gesto dos ombros largos. — E você é insignificante o bastante para não causar confusão nesta propriedade. A não ser que decida começar a nos matar.

Um leve calor tomou minhas bochechas, meu pescoço. Insignificante — sim, eu era insignificante para as vidas deles, o poder deles. Tão insignificante quanto os desenhos desbotados e lascados que havia pintado pelo chalé.

— Bem... — falei, sem me sentir nada agradecida —, obrigada.

Tamlin deu um aceno distraído e indicou para que eu saísse. Estava dispensada. Como a humana inferior que eu era. Lucien apoiou o queixo no punho e me deu um meio sorriso preguiçoso.

Basta. Fiquei de pé e recuei até a porta. Dar-lhes as costas seria como dar as costas a um lobo, poupassem ou não minha vida. Os feéricos não disseram nada quando atravessei a porta.

Um momento depois, a risada alta de Lucien ecoou nos corredores, seguida por um grunhido ríspido e cruel que o calou.

Apesar de ter sido poupada, dormi muito mal naquela noite, e a tranca na porta do quarto pareceu mais uma piada que qualquer outra coisa.

Eu estava bem desperta antes do amanhecer, mas continuei encarando o teto decorado, observando a luz crescente escapar das cortinas, saboreando a suavidade

do colchão de penas. Costumava sair do chalé com a primeira luz da manhã, embora minhas irmãs reclamassem toda manhã porque eu as acordava tão cedo. Se estivesse em casa, já teria entrado no bosque, sem desperdiçar um momento da preciosa luz do sol, ouvindo o canto sonolento dos poucos pássaros invernais. Em vez disso, aquele quarto e a casa além dele estavam em silêncio; a enorme cama era estranha e vazia. Eu estava acostumada com o calor dos corpos de minhas irmãs entrelaçados com o meu.

Nestha devia estar esticando as pernas e sorrindo pelo espaço extra. Ela provavelmente estava feliz, me imaginando na barriga de um feérico — provavelmente usando a notícia como uma chance de virar o centro das atenções entre os aldeões. Talvez a notícia os levasse a doar algumas coisas de segunda mão a minha família. Ou talvez Tamlin tivesse dado a ela dinheiro o suficiente — ou comida, ou o que quer que ele acreditasse consistir em "cuidar" deles — para durar o inverno todo. Ou talvez os aldeões se voltassem contra minha família, por não quererem se associar a pessoas com laços com Prythian, e a expulsaria da cidade.

Enterrei o rosto no travesseiro, puxando os cobertores mais para o alto. Se Tamlin tinha, de fato, cuidado deles, se aqueles benefícios cessassem assim que eu cruzasse a muralha, minha família provavelmente se ressentiria, mais que comemoraria, meu retorno.

Seu cabelo está... limpo. Um elogio patético. Imaginei que, se ele havia me convidado para morar ali para poupar minha vida, não devia ser completamente... cruel. Talvez só estivesse tentando suavizar a aspereza de nosso primeiro encontro. Talvez... talvez houvesse algum jeito de persuadir Tamlin a encontrar alguma brecha, a conseguir que a magia regendo o Tratado me poupasse... E, se não houvesse um jeito, talvez houvesse *alguém*...

Eu estava passando de um pensamento para outro, tentando entender a confusão, quando a tranca da porta estalou e...

Houve um guincho e um estampido, me levantei às pressas para ver Alis caída no chão. O pedaço de corda que eu tinha feito das barras da cortina agora pendia solto de onde eu o havia prendido para acertar o rosto de alguém. Era o melhor que eu podia fazer com o que tinha.

— Desculpe, desculpe — balbuciei, saltando da cama, mas Alis já estava de pé, bufando para mim enquanto limpava o avental. Ela olhou para a corda que pendia da lâmpada.

— O que nas profundezas infinitas do Caldeirão é...

— Não achei que ninguém entraria aqui tão cedo, e pretendia tirar e...

Alis me olhou de cima a baixo.

— Acha que um pedaço de corda estapeando meu rosto vai evitar que eu quebre seus ossos? — Meu sangue gelou. — Acha que terá algum efeito contra qualquer um de nós?

Eu poderia continuar pedindo desculpas, não fosse pelo olhar de desprezo que ela me lançou. Cruzei os braços.

— Era um sinal de aviso, para me dar tempo de correr. Não uma armadilha.

Alis parecia pronta a cuspir em mim, mas, então, os atentos olhos castanhos se semicerraram.

— Também não pode correr mais que nós, menina.

— Eu sei — concordei, o coração se acalmando, por fim. — Mas pelo menos eu não enfrentaria a morte inconscientemente.

Alis soltou uma risada.

— Meu senhor deu a palavra de que você poderia viver aqui; viver, não morrer. Nós o obedeceremos. — Alis avaliou o pedaço de corda pendurado. — Mas precisava destruir aquelas cortinas lindas?

Eu não queria, tentei não o fazer, mas um leve sorriso repuxou meus lábios. Alis caminhou até o que restava das cortinas e as abriu, revelando um céu ainda violeta, pincelado com matizes de abóbora e magenta do sol que nascia.

— Desculpe — pedi de novo.

Alis emitiu um estalo com a língua.

— Pelo menos está disposta a brigar, menina. Preciso reconhecer isso.

Abri a boca para falar, mas outra criada do sexo feminino, com uma máscara de pássaro, entrou carregando uma bandeja de café da manhã. Ela fez uma curta reverência de bom-dia para mim, apoiou a bandeja em uma pequena mesa ao lado da janela e depois sumiu na sala de banho anexa. O som de água correndo preencheu o quarto.

Sentei à mesa e avaliei o mingau e os ovos com bacon — *bacon*. De novo, comida muito semelhante à que comíamos do outro lado da muralha. Não sei por que esperava outra coisa. Alis me serviu uma xícara do que parecia e cheirava a chá.

— O que é este lugar? — perguntei a ela, baixinho. — *Onde* é este lugar?

— É seguro, e isso é tudo o que precisa saber — respondeu Alis, apoiando o bule de chá. — Pelo menos a casa é. Se sair para xeretar a propriedade, fique atenta.

Tudo bem, se ela não responderia àquilo... Tentei de novo.

— Com que tipo de... feéricos eu deveria tomar cuidado?

— Todos eles — respondeu Alis. — A proteção do mestre só vai até certo ponto. Eles vão caçá-la e matá-la apenas por ser humana, independentemente do que tenha feito com Andras.

Outra resposta inútil. Ataquei o café da manhã, e Alis foi para a sala de banho. Quando eu havia terminado de comer e me banhar, recusei a oferta de Alis e me vesti sozinha, com outra túnica exótica; dessa vez de um roxo tão profundo que poderia ser preta. Desejei saber o nome da cor, mas a cataloguei mesmo assim. Calcei as botas marrons que tinha usado na noite anterior, e, quando me sentei diante de uma penteadeira de mármore, deixando que Alis trançasse meus cabelos molhados, encolhi o corpo diante do reflexo no espelho.

Não era agradável, mas não pela aparência em si. Embora meu nariz fosse relativamente reto, era a outra feição que eu havia herdado de minha mãe. Ainda

me lembrava de como o nariz dela costumava se franzir com interesse fingido quando um de seus amigos incrivelmente abastados fazia alguma piada sem graça.

Pelo menos eu tinha a boca suave de meu pai, embora ela tornasse ridículas minhas maçãs do rosto proeminentes demais e as bochechas profundas. Não conseguia olhar para meus olhos levemente puxados para cima. Sabia que veria Nestha ou minha mãe me encarando de volta. Às vezes eu imaginava se era por isso que minha irmã me insultava com relação a minha aparência. Estava longe de ser feia, mas... eu estampava tanto das pessoas que odiávamos e amávamos que isso era insuportável para Nestha. Para mim também.

Apesar disso, imaginei que para Tamlin — para Grão-Feéricos acostumados com impecável beleza etérea — talvez *tivesse* sido difícil encontrar um elogio.

Alis terminou minha trança, e saltei do banco antes que ela conseguisse colocar nos meus cabelos florezinhas do cesto que trouxera. Eu teria honrado meu nome não fosse pelos efeitos da pobreza, mas jamais me importei muito com isso. A beleza não queria dizer nada na floresta.

Quando perguntei a Alis o que deveria fazer então — *o que eu deveria fazer com o restante de minha vida mortal* —, ela deu de ombros e sugeriu um passeio nos jardins. Quase ri do quanto aquilo parecia frívolo, mas contive a língua. Seria tola de afastar potenciais aliados. Duvidei que Tamlin desse ouvidos a ela, e não poderia pressioná-la a respeito daquilo também, mas... Pelo menos um passeio fornecia a chance de ter alguma ideia dos arredores — e de se havia mais alguém que pudesse levar meu caso a Tamlin.

Os corredores estavam silenciosos e vazios; o que era estranho para uma mansão tão grande. Haviam mencionado *outros* na noite anterior, mas não vi ou ouvi sinais deles. Uma brisa fragrante de... jacinto, percebi — se pelo menos viesse do pequeno jardim de Elain —, flutuava pelos corredores, carregando consigo o canto de um pássaro que eu não ouviria em casa por meses, se é que já ouvira antes.

Eu estava quase na grande escadaria quando reparei nas pinturas.

Não tinha me permitido olhar de verdade no dia anterior, mas agora, no corredor vazio, sem ninguém para me ver... um lampejo de cor em meio a um fundo sombreado e sinistro que me fez parar, uma revolução de cores e texturas que me impeliram a encarar a moldura dourada.

Eu nunca — nunca — tinha visto nada do tipo.

É apenas uma natureza-*morta*, disse parte de mim. E era: um vaso de vidro verde, com uma variedade de flores pendendo sobre a borda estreita, botões e folhas de todas as formas, tamanhos e cores: rosas, tulipas, ipomeias, ervas-lancetas, flores de cenoura, peônias...

Quanta técnica deve ter sido necessária para fazer com que parecessem tão vivas, *mais* do que vivas... Apenas um vaso de flores contra um fundo escuro, mas era mais que isso; as flores pareciam vibrantes com a própria luz, como se desafiassem as sombras reunidas em volta delas. Somente a maestria necessária para fazer o jarro de vidro conter aquela luz, refletir a luz com a água dentro, como se o vaso, de fato, tivesse peso sobre o pedestal de pedra... Incrível.

Eu poderia encarar a pintura durante horas — e as incontáveis pinturas apenas naquele corredor poderiam ter ocupado todo meu dia, mas... jardim. Planos.

Mesmo assim, conforme prossegui, não pude negar que aquele lugar era muito mais... civilizado que eu pensava. Pacífico, até, se eu estivesse disposta a admitir.

Se os Grão-Feéricos fossem de fato mais gentis que as lendas e os boatos humanos me haviam levado a crer, então talvez convencer Alis de minha desgraça não seria tão difícil. Se eu conseguisse conquistar Alis, convencê-la de que o Tratado estivera *errado* ao exigir tal pagamento de mim, ela poderia, de fato, descobrir se havia alguma coisa que me livrasse daquela dívida e...

— Você — disse alguém, e dei um salto para trás. À luz das portas de vidro abertas que davam para o jardim, a silhueta de uma imensa figura masculina estava diante de mim.

Tamlin. Ele vestia aquelas roupas de guerreiro, o corte justo exibindo o corpo musculoso, e três facas simples se achavam embainhadas no boldrié; cada uma longa o bastante para me cortar tão facilmente quanto as garras ferais de Tamlin. Os cabelos louros estavam presos longe do rosto, revelando aquelas orelhas pontudas — e aquela máscara estranha, linda.

— Aonde vai? — perguntou Tamlin, tão rispidamente que quase pareceu uma exigência. *Você*... Imaginei se ele sequer se lembrava de meu nome.

Levou um momento para que eu reunisse força o bastante nas pernas a fim de me levantar da posição quase agachada.

— Bom dia — cumprimentei, simplesmente. Pelo menos era uma saudação melhor que "*Você*". — Disse que eu deveria passar meu tempo como eu quisesse. Não percebi que estava em prisão domiciliar.

O maxilar de Tamlin se contraiu.

— É claro que não está em prisão domiciliar. — Mesmo conforme ele cuspiu as palavras, não pude ignorar a pura beleza masculina daquele maxilar forte, a riqueza da pele de bronzeado dourado. Tamlin devia ser bonito se algum dia tirasse aquela máscara.

Quando percebeu que eu não iria responder, Tamlin exibiu os dentes no que pareceu uma tentativa de sorriso, e falou:

— Quer um tour?

— Não, obrigada. — Consegui dizer, ciente de cada movimento desconfortável do meu corpo conforme eu passava por ele.

Tamlin se colocou em meu caminho; tão perto que ele decidiu recuar um passo.

— Fiquei sentado do lado de dentro a manhã inteira. Preciso de ar fresco. — *E você é insignificante o suficiente para não ser um incômodo.*

— Estou bem — falei, tentando desviar de Tamlin casualmente. — Você... foi bastante generoso. — Tentei parecer sincera.

Ele esboçou um meio sorriso, não tão agradável, pois, sem dúvida, não estava acostumado a ouvir negativas.

— Tem algum tipo de problema comigo?

— Não — respondi em voz baixa, e atravessei as portas.

Ele soltou um grunhido baixo.

— Não vou matar você, Feyre. Não quebro minhas promessas.

Quase tropecei pelos degraus do jardim quando olhei por cima do ombro. Ele estava no alto das escadas, sólido e antigo como as pálidas pedras da mansão.

— Matar... mas não ferir? Essa é outra brecha? Uma que Lucien poderia usar contra mim, ou qualquer outro aqui?

— Eles receberam ordens de sequer tocar em você.

— Mas ainda estou presa em seu reino por haver quebrado uma regra que eu não sabia que existia. Por que seu amigo estava no bosque naquele dia? Achei que o Tratado bania seu povo de nossas terras. — Tamlin apenas me encarou. Talvez tivesse ido longe demais, questionado demais. Talvez ele percebesse por que eu havia perguntado de verdade.

— Aquele Tratado — respondeu Tamlin, em voz baixa — não *nos* impede de fazer nada, exceto escravizar vocês. A muralha é um inconveniente. Se quiséssemos, poderíamos destruí-la e marchar, matando todos vocês.

Meu sangue gelou. Podia ser forçada a viver em Prythian para sempre, mas minha família... Perguntei baixinho:

— E você quer destruir a muralha?

Ele me olhou de cima a baixo, como se decidisse se eu valia o esforço de explicar. Tamlin falou:

— Não tenho interesse nas terras mortais, embora não possa falar por meu povo.

Mas ele ainda não tinha respondido à pergunta.

— Então o que seu amigo estava fazendo lá?

Tamlin ficou imóvel. Havia uma graciosidade tão sobrenatural, primitiva, até mesmo em sua respiração.

— Há... uma doença nestas terras. Por toda Prythian. Há quase cinquenta anos agora. É por isso que esta casa e estas terras estão tão vazias: a maioria... partiu. — Tamlin falou devagar, com cuidado, como se admitir aquilo para um humano fosse um esforço. — A praga se espalha devagar, mas fez a magia agir... de modo estranho. Meus próprios poderes diminuíram devido a ela. Essas máscaras — Tamlin bateu na máscara — são o resultado de um surto que ocorreu durante um baile de máscaras há 49 anos. Mesmo agora, não conseguimos tirá-las.

Pisquei. Presos em máscaras... havia quase cinquenta anos. Eu teria ficado louca, teria arrancado a pele do rosto.

— Não usava máscara na forma animal, nem seu amigo.

— A praga é cruel assim.

Viver como animal, ou viver com a máscara.

— Que... que tipo de doença é?

— Não é uma doença, uma peste ou enfermidade. Está concentrada apenas na magia, naqueles que moram em Prythian. Andras estava do outro lado da muralha naquele dia porque eu o mandara procurar uma cura.

— Ela pode afetar humanos? — Meu estômago se revirou. — Vai se alastrar para além da muralha?

— Sim — falou Tamlin. — Há... uma chance de afetar mortais e seu território. Mais que isso, não sei. Ela se move devagar, e seu povo está seguro por enquanto. Há décadas que ela não progride, a magia parece ter se estabilizado, embora tenha enfraquecido. — O fato de ele fazer tantas revelações significava muito a respeito de como Tamlin imaginava meu futuro: eu jamais voltaria para casa, jamais encontraria outro humano para o qual poderia contar aquela fraqueza secreta.

— Uma mercenária me contou que acreditava que feéricos poderiam estar pensando em atacar. Isso tem alguma relação?

Um leve sorriso, talvez meio surpreso.

— Não sei. Costuma falar com mercenários?

Enrijeci o corpo.

— Falo com quem quer que se dê o trabalho de me dizer algo de útil.

Tamlin endireitou o corpo, e foi apenas a promessa de não me matar que evitou que eu encolhesse o meu. Então, Tamlin girou os ombros, como que afastando a irritação.

— A armadilha que montou em seu quarto era para mim?

Puxei ar entre os dentes trincados.

— Pode me culpar caso fosse?

— Eu posso assumir uma forma animal, mas sou civilizado, Feyre.

Então ele se lembrava, sim, de meu nome, pelo menos. Mas fiz questão de olhar para as mãos de Tamlin, para as pontas afiadas como lâminas daquelas garras curvas, despontando da pele bronzeada.

Ao reparar que eu encarava, Tamlin levou as mãos às costas. Ele falou rispidamente:

— Vejo você no jantar.

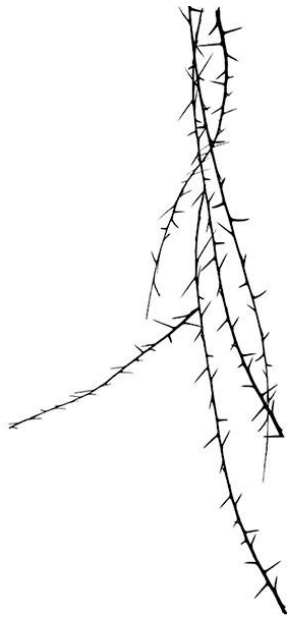
Não foi um pedido, mas mesmo assim assenti quando passei entre as cercas vivas, sem me importar aonde iria — apenas me importava o fato de que ele ficaria bem para trás.

Uma doença nas terras deles, afetando a magia, drenando-a dos feéricos... Uma praga mágica que poderia, um dia, se espalhar para o mundo humano. Depois de tantos séculos sem magia... estaríamos indefesos contra ela — contra o que ela pudesse fazer com humanos.

Imaginei se algum dos Grão-Feéricos se daria o trabalho de avisar meu povo.

Não levei muito tempo para descobrir.

Capítulo 8



Fingi passear pelos jardins exóticos e silenciosos enquanto marcava mentalmente os caminhos e os bons esconderijos, caso precisasse deles. Tamlin pegara minhas armas, e eu não era tão burra a ponto de torcer para encontrar ali um freixo do qual pudesse fazer uma arma. Mas o boldrié do feérico estava carregado de facas; devia haver um arsenal em algum lugar da propriedade. E, se não houvesse, eu encontraria outra arma, roubaria se precisasse. Só por via das dúvidas.

Durante uma inspeção na noite anterior, descobri que minha janela não tinha tranca. Sair e descer pelas trepadeiras não seria nada difícil — eu havia subido em árvores o suficiente para não me incomodar com altura. Não que eu planejasse escapar, mas... era bom saber, pelo menos, como poderia fazê-lo caso me sentisse desesperada o bastante para arriscar.

Eu não duvidava da afirmação de Tamlin de que o resto de Prythian era mortal para um humano; e, se havia mesmo uma praga naquelas terras... eu estava melhor ali por enquanto.

Mas não aceitaria... não podia simplesmente... aceitar que deveria ficar ali para sempre, mesmo com minha família sendo assistida. Não sem tentar encontrar alguém que pudesse levar meu caso a Tamlin.

Embora Lucien... não lhe faria mal se alguém o enfrentasse, se você tiver coragem, disse Alis para mim no dia anterior.

Roí as unhas curtas enquanto caminhava, considerando cada plano e armadilha possíveis. Nunca fora muito boa com palavras, jamais aprendi o jogo de guerra social no qual minha mãe e minhas irmãs eram tão habilidosas, mas... eu não era tão ruim quando vendia peles no mercado da aldeia.

Então, talvez eu buscasse o emissário de Tamlin, mesmo que ele me detestasse. Lucien obviamente tinha pouco interesse em minha estadia ali — ele sugeriu *me matar*. Talvez ficasse ansioso para me enviar de volta, para persuadir Tamlin a encontrar outra forma de cumprir o Tratado. Se é que havia uma.

Segui na direção de um banco em um recuo cheio de dedaleiras quando o som de passos sobre cascalho preencheu o ar. Dois pares de pés leves e ágeis. Estiquei o corpo, olhando pelo caminho de onde tinha vindo. Mas o caminho estava vazio.

Eu me detive no limite de um campo aberto de ranúnculos murchos. O vibrante campo verde e amarelo estava deserto. Atrás de mim se erguia uma macieira-brava toda retorcida e gloriosamente florida, as pétalas das flores cobriam o banco sombreado no qual eu estivera prestes a me sentar. Uma brisa fez os galhos farfalharem, uma cachoeira de pétalas brancas flutuou para baixo. Como neve.

Continuei verificando o jardim, o campo — com muita, muita atenção, observando e ouvindo em busca dos sons daqueles dois pares de pés. Não havia nada na árvore, ou atrás dela. Uma sensação de formigamento percorreu minha espinha. Eu tinha passado tempo o bastante no bosque para confiar em meus instintos.

Alguém estava atrás de mim; talvez duas pessoas. Um leve farejar e uma risada baixa soaram perto, e meu coração saltou para a garganta. Lancei um olhar cuidadoso por cima do ombro, mas só pude ver uma luz prateada e brilhante que lampejou no canto de meu campo visual.

Precisava me virar. Precisava enfrentar.

O cascalho estalou mais perto agora. O brilho no canto de meu olho ficou maior, separando-se em duas figuras pequenas, não maiores que minha cintura. Minhas mãos se fecharam em punhos.

— Feyre! — A voz de Alis atravessou o jardim, e dei um salto de espanto quando ela me chamou de novo. — Feyre, almoço! — gritou Alis. Eu me virei, um grito se formando em meus lábios para alertar Alis do que quer que estivesse atrás de mim. Mas as coisas brilhantes tinham sumido junto às farejadas e às risadas, e me vi diante de uma estátua erodida de dois cordeiros felizes e saltitantes. Esfreguei o pescoço.

Alis me chamou de novo, e inspirei e estremeci conforme voltei para a mansão. Mas, mesmo enquanto caminhava entre as cercas vivas, cuidadosamente refazendo meus passos até a casa, não consegui afastar a sensação arrepiante de que alguém ainda me observava, curioso e querendo brincar.

Roubei uma faca do jantar naquela noite. Apenas para ter algo — *qualquer coisa* — com que me defender.

No fim das contas, o jantar era a única refeição para a qual eu estava convidada, o que não era problema. Três refeições por dia com Tamlin e Lucien teriam sido uma tortura. Eu até poderia suportar uma hora sentada à mesa elegante dos feéricos se isso os fizesse pensar que eu era dócil e não tinha planos de mudar meu destino.

Enquanto Lucien tagarelava com Tamlin sobre algum defeito do olho mágico e entalhado que realmente permitia que ele enxergasse, enfiei a faca dentro da manga da túnica. Meu coração bateu tão rápido que achei que eles conseguiriam ouvir, mas Lucien continuou, e a concentração de Tamlin permaneceu no cortesão.

Imaginei que deveria sentir pena deles, pelas máscaras que eram obrigados a usar, pela praga que havia infectado sua magia e seu povo. Mas quanto menos

interagisse, melhor, principalmente enquanto Lucien parecia achar tudo o que eu dizia comicamente humano e deselegante. Reagir com irritação contra ele não ajudaria meus planos. Teria de percorrer um caminho íngreme até conquistar as graças de Lucien, somente pelo fato de que eu estava viva, enquanto o amigo dele, não. Eu precisaria lidar com Lucien sozinha, ou arriscar levantar as suspeitas de Tamlin cedo demais.

Depois que eu havia comido o máximo que poderia sem me sentir enjoada, observei os dois. Os cabelos ruivos de Lucien brilhavam à luz da lareira, e as joias no cabo de sua espada brilhavam — a lâmina ornamentada era tão diferente do boldrié de facas ainda preso ao peito de Tamlin. Mas não havia ninguém ali contra quem usar uma espada. E, embora ela fosse encrustada de joias e filigranada, era grande o bastante para ser mais que decoração. Talvez tivesse algo a ver com aquelas coisas invisíveis no jardim. Talvez ele tivesse perdido o olho e ganhado aquela cicatriz em batalha. Meu sangue gelou ao pensar naquilo.

Alis tinha dito que a casa era segura, mas me avisou para ficar esperta. O que poderia estar espreitando além da casa — ou o que poderia usar meus sentidos humanos contra mim? Até que ponto a ordem de Tamlin de não me ferir ou matar se estendia? Que tipo de autoridade possuía?

Lucien parou, e vi que sorria maliciosamente para mim, o que deixava sua cicatriz ainda mais brutal.

— Estava admirando minha espada ou apenas considerando me matar, Feyre?

— É claro que não — falei, baixinho, e olhei para Tamlin. As manchas douradas nos olhos dele brilhavam, mesmo do outro lado da mesa. Meu coração batia forte. Será que, de alguma forma, tinha me *ouvido* pegar a faca, o sussurro do metal sobre a madeira? Eu me obriguei a olhar de novo para Lucien.

O sorriso preguiçoso e provocante de Lucien ainda estava ali. Agir de modo civilizado, comportar-me, possivelmente conquistá-lo para minha causa... Eu poderia fazer isso.

Tamlin quebrou o silêncio.

— Feyre gosta de caçar.

— Não *gosto* de caçar. — Provavelmente deveria ter usado um tom mais educado, mas continuei. — Eu caçava por necessidade. E como soube disso?

O olhar de Tamlin era direto, reflexivo.

— Você tinha um arco e flechas em sua... casa. — Fiquei imaginando se ele quase não falara *casebre*. Quando vi as mãos de seu pai, soube que não era ele quem os usava. — Tamlin indicou minhas mãos cheias de cicatrizes e calos. — Você contou a ele sobre o racionamento da carne e o dinheiro das peles. Feéricos podem ser muitas coisas, mas não somos burros. A não ser que suas lendas ridículas também nos retratem assim.

Embora eu jamais tivesse deixado que as palavras cruéis das crianças da aldeia sobre a ruína da riqueza de meu pai me afetassem, Elain frequentemente voltava para casa aos prantos, e Nestha, furiosa e com as costas empertigadas. *Ridícula, insignificante*... era assim que Tamlin — que eles — me viam. Não devia ter me afetado; eu deveria ter mais orgulho. Mas aqueles feéricos, imortais e inconsequentes, com tanta comida que poderiam alimentar minha aldeia durante um ano em apenas dias, de alguma forma reduziam meu orgulho a farpas.

Encarei as migalhas de pão e as sobras de molho no prato dourado. Se estivesse em casa, teria lambido o prato até que ficasse limpo, desesperada por qualquer porção extra de nutrientes. E os pratos... eu poderia comprar um conjunto de cavalos, um arado e um campo com apenas um deles.

A opulência daquele lugar me enojava tanto quanto minha rápida adaptação ao mesmo.

Lucien pigarreou.

— Quantos anos tem mesmo?

— Dezenove. — Agradável, civilizada...

Lucien emitiu um *tsc*.

— Tão jovem e tão séria! E já uma assassina habilidosa!

Fechei as mãos em punhos, mas inspirei profunda e longamente. Dócil, tranquila, domada... Eu tinha feito uma promessa a minha mãe e a cumpriria. A assistência de Tamlin a minha família não era o mesmo que *minha* assistência a ela. Aquele sonho selvagem e pequeno ainda poderia acontecer: minhas irmãs bem-casadas e uma vida inteira com meu pai, com comida o bastante para os dois, e tempo o suficiente para pintar um pouco; ou talvez aprender o que *eu* quisesse. Ainda poderia acontecer — em uma terra distante, talvez — se algum dia eu me livrasse daquele acordo e me permitissem ir embora. Eu ainda poderia me agarrar àquele retalho de sonho, embora aqueles Grão-Feéricos provavelmente rissem de *como era tipicamente humano* pensar tão pequeno, querer tão pouco.

No entanto, qualquer fração de informação poderia ajudar, e, se eu mostrasse interesse neles, talvez passassem a gostar de mim. Será que aquilo era outra armadilha no bosque? Então falei:

— Então é isso o que vocês fazem da vida? Poupam humanos do Tratado e comem refeições requintadas? — Olhei diretamente para o boldrié de Tamlin, as roupas de guerreiro, a espada de Lucien.

Lucien deu um risinho.

— Também dançamos com os espíritos sob a lua cheia e roubamos bebês humanos do berço para substituí-los por bebês feéricos...

— Sua... — interrompeu Tamlin, a voz baixa, mas grave — sua mãe não contou nada sobre nós?

Tamborilei na mesa com o indicador, cravando as unhas curtas na madeira.

— Minha mãe não tinha tempo de me contar histórias. — Eu podia revelar pelo menos essa parte de meu passado.

Lucien, pelo menos uma vez, não riu. Depois de uma pausa significativa, Tamlin perguntou:

— Como ela morreu? — Quando ergui as sobrancelhas, ele acrescentou, um pouco mais baixo: — Não vi sinais de uma mulher mais velha em sua casa.

Predador ou não, eu não precisava de sua piedade. Mas respondi:

— Tifo. Quando eu tinha 8 anos. — Levantei da cadeira para ir embora.

— Feyre — disse Tamlin, e virei um pouco o corpo. Um músculo se contraiu na bochecha dele.

Lucien encarou cada um de nós, aquele olho de metal se movendo, mas ficou em silêncio. Então, Tamlin balançou a cabeça, com um movimento que foi mais animal que qualquer coisa, e murmurou:

— Sinto muito por sua perda.

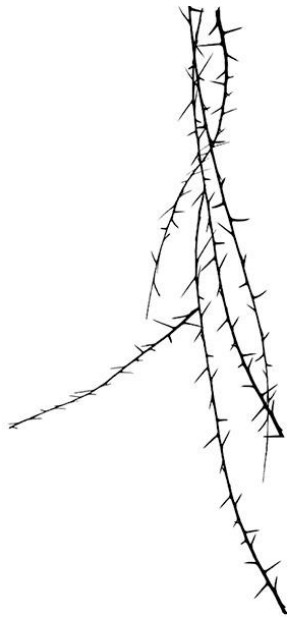
Tentei evitar uma careta quando virei e saí. Não queria ou precisava de suas condolências; não por minha mãe, não quando eu não sentia falta dela havia anos. Que Tamlin me achasse uma humana grosseira e inculta, que não merecia seus cuidados atenciosos.

Seria melhor que eu persuadisse Lucien a falar com Tamlin a meu favor — e logo, antes que qualquer dos *outros* que eles haviam mencionado surgissem, ou aquela tal praga se espalhasse. No dia seguinte... Eu falaria com ele então, testaria um pouco.

Em meu quarto, encontrei uma pequena sacola no armário e nela coloquei um conjunto sobressalente de roupas, junto da faca roubada. Era uma lâmina sofrível, mas uma faca era melhor que nada. Apenas para o caso de eu algum dia poder partir... e precisar sair sem aviso.

Apenas para o caso.

Capítulo 9



Na manhã seguinte, enquanto Alis e a outra criada preparavam meu banho, contemplei o plano. Tamlin mencionara que Lucien e ele tinham vários deveres, e, exceto pelo esbarrão do dia anterior, eu não vira nenhum dos dois por perto. Então, localizar Lucien — sozinho — seria a primeira ordem do dia.

Uma pergunta casual para Alis a fez revelar que Lucien devia estar na patrulha da fronteira naquele dia — e estaria nos estábulos, preparando-se para partir. Assim que me vesti — assim que as criadas se foram —, corri do quarto, rezando para não estar atrasada demais para encontrar Lucien sozinho.

Eu estava a meio caminho dos jardins, na direção das construções que vira no dia anterior, quando Tamlin disse, atrás de mim:

— Nenhuma armadilha hoje?

Congelei no meio do caminho e olhei por cima do ombro. Ele estava a poucos metros.

Como tinha se aproximado tão silenciosamente no cascalho? Destreza feérica, sem dúvida. Forcei tranquilidade para minhas veias, minha mente. Falei o mais educadamente possível:

— Você disse que eu estava segura aqui. Então, dei ouvidos a você.

Os olhos de Tamlin se semicerraram levemente, mas ele estampou o que imaginei ser a tentativa de um sorriso agradável.

— Meu trabalho da manhã foi postergado — respondeu Tamlin. De fato, ele não vestia a túnica de sempre, não usava o boldrié, e as mangas da camisa branca tinham sido puxadas até os cotovelos para revelar antebraços bronzeados, definidos por músculos. — Se quiser dar uma volta pela propriedade, se estiver interessada em sua nova... residência, posso levá-la.

De novo, aquele esforço para ser... acolhedor, mesmo quando cada palavra parecia feri-lo. Talvez ele pudesse, em algum momento, se deixar levar por Lucien. E até em então... Até que ponto eu poderia fazer o que quisesse se ele estava tendo tanto trabalho para fazer seu povo jurar não me ferir, para me proteger do Tratado? Dei um sorriso inexpressivo e falei:

— Eu preferiria passar o dia de hoje sozinha, acho. Mas obrigada pela oferta.

Tamlin ficou tenso.

— E quanto a...

— Não, obrigada — interrompi, um pouco impressionada com minha audácia. Mas precisava encontrar Lucien sozinho, precisava sondá-lo. Ele já poderia ter partido.

Tamlin fechou as mãos em punhos, como se lutasse contra as garras que queriam irromper. Mas ele não me repreendeu, não fez nada a não ser caminhar de volta para a casa sem dar mais uma palavra.

Eu poderia ter ficado intrigada, caso não planejasse, em algum momento, deixar aquele lugar. Em breve, com sorte, Tamlin não seria mais meu problema. Corri para os estábulos, guardando a informação. Talvez um dia, se eu fosse libertada, se houvesse um oceano e anos entre nós, eu lembraria e imaginaria por que ele havia se incomodado.

Tentei não parecer ansiosa demais, ofegante demais quando finalmente cheguei aos lindos estábulos pintados. Não me surpreendeu que os cavalariços usassem,

todos, máscaras de cavalo. Por eles... por eles, senti uma pontada de pena pelo que a praga provocara, pelas ridículas máscaras que agora precisavam usar até que alguém pudesse descobrir como desfazer a magia que as colava aos rostos. Mas nenhum dos empregados do estábulo olhou para mim; porque eu não valia a pena, ou porque eles também se ressentiam de meu papel na morte de Andras.

Qualquer tentativa de parecer casual foi pelos ares quando finalmente encontrei Lucien montado em um cavalo preto, sorrindo para mim com os dentes brancos demais.

— Bom dia, Feyre. — Tentei esconder a rigidez dos ombros, tentei sorrir um pouco. — Vai montar, ou está apenas reconsiderando a oferta de Tamlin de morar conosco? — Tentei me lembrar das palavras em que tinha pensado mais cedo, as palavras para conquistá-lo, mas Lucien riu, e não de forma agradável. — Vamos lá. Vou patrulhar o bosque ao sul hoje, e estou curioso com relação às... *habilidades* que usou para abater meu amigo, acidentalmente ou não. Faz um tempo desde que encontro um humano, ainda mais um assassino de feéricos. Me acompanhe em uma caçada.

Perfeito. Pelo menos parte daquilo tinha ido bem, mesmo que parecesse tão divertido quanto encarar um urso dentro da toca. Não consegui parecer tão ansiosa, no entanto. Então me desviei para que um dos cavalariços passasse. Ele se moveu com uma suavidade fluida, como todos ali. E não me olhou também, nenhuma pista do que ele pensava sobre ter uma *assassina de feéricos* no estábulo.

Mas meu tipo de caça não podia ser feito no dorso de um cavalo. O meu consistia em perseguição cuidadosa e armadilhas e ciladas bem armadas. Eu não sabia como perseguir do alto de um cavalo. Lucien tinha aceitado uma aljava de flechas do cavalariço que retornara com um aceno de agradecimento. Ele sorriu de uma forma que não combinava com o olho de metal — ou o vermelho.

— Nenhuma flecha de freixo hoje, infelizmente.

Contraí o maxilar para evitar que uma réplica saltasse de minha língua. Tamlin dera a palavra de que nenhum dos outros deveria me tocar, e, como feéricos não podiam mentir, imaginei que isso me deixava a salvo de Lucien... até certo ponto. Mas, se ele não podia me ferir, eu não podia imaginar por que me convidaria para acompanhá-lo, exceto para debochar de mim como pudesse. Talvez estivesse mesmo entediado. Melhor para mim.

Então, dei de ombros.

— Bem... imagino que eu já esteja vestida para uma caçada.

— Perfeito — disse Lucien, o olho metálico reluzindo à luz do sol que penetrava pelas portas abertas do estábulo. Rezei para que Tamlin não entrasse por elas, rezei para que ele não decidisse montar sozinho e nos pegasse ali.

— Vamos, então — falei, e Lucien gesticulou para que os cavalariços preparassem um cavalo. Eu me recostei a uma parede de madeira enquanto esperava, atenta à porta, esperando por sinais de Tamlin, e ofereci minhas respostas inexpressivas às observações de Lucien sobre o tempo.

Felizmente, eu estava logo montada em uma égua branca, cavalgando com Lucien pelo bosque tomado pela primavera. Mantive uma distância saudável do feérico com máscara de raposa no caminho amplo, esperando que aquele olho não pudesse ver através da parte de trás da cabeça.

A ideia não era muito tranquilizadora, e então a afastei — junto à parte de mim que se maravilhava pelo modo como o sol iluminava as folhas e os aglomerados de açafrão, que cresciam em clarões de púrpura vibrante contra o marrom e o verde da terra. Aquelas eram coisas que não eram necessárias a meus planos, detalhes inúteis que apenas bloqueavam todo o resto: o formato e a inclinação do caminho, que árvores seriam boas para subir, sons de fontes de água próximas. *Essas* coisas poderiam me ajudar a sobreviver se eu precisasse. Mas, como o restante da propriedade, a floresta estava totalmente vazia. Não havia nenhum sinal de feéricos, ou de qualquer Grão-Feérico perambulando. Melhor assim.

— Bem, você certamente conhece a parte *silenciosa* da caçada — comentou Lucien, se detendo para cavalgar ao meu lado. Era melhor mesmo que ele fosse até mim, em vez de eu parecer ansiosa demais, amigável demais.

Ajustei o peso da alça da aljava contra o peito, e depois passei o dedo pela curva lisa do arco de teixo no meu colo. O arco era maior que aquele que eu usava em casa, as flechas eram mais pesadas, e as pontas, mais grossas. Eu provavelmente erraria qualquer alvo encontrado, até me acostumar ao peso e o ao equilíbrio do arco.

Cinco anos antes, eu tinha usado as últimas moedas de meu pai, de nossa antiga fortuna, para comprar o arco e as flechas. Desde então, guardava uma pequena quantia todo mês para flechas e cordas sobressalentes.

— Então? — insistiu Lucien. — Nenhuma caça boa o bastante para você abater? Passamos por muitos esquilos e pássaros. — O dossel de vegetação projetava sombras na máscara de raposa; luz, escuridão e metal reluzente.

— Você parece já ter comida o suficiente à mesa para que eu some algo a ela, principalmente quando há sempre tantas sobras. — Duvidei que *esquilo* fosse bom o bastante para sua dieta.

Lucien deu um riso de escárnio, mas não disse mais nada quando passamos sob um lilás florescente, os cones roxos pendendo baixo o suficiente para roçar minha bochecha, como dedos frios e aveludados. A pungente fragrância adocicada permaneceu em meu nariz mesmo depois que passamos. *Isso n*ão é útil, disse a mim mesma. Embora... os arbustos espessos além da planta seriam um bom esconderijo se eu precisasse de um.

— Você disse que era um emissário de Tamlin — arrisquei. — Emissários costumam patrulhar a propriedade? — Uma pergunta casual e desinteressada.

Lucien emitiu um estalo com a língua.

— Sou emissário de Tamlin para ofícios formais, mas este era o turno de Andras. Então, alguém precisava preenchê-lo.

Engoli em seco. Andras tinha um lugar ali, e *amigos* ali — ele não fora apenas um feérico sem nome e sem rosto. Sem dúvida sentiam mais falta dele que de mim.

— Eu... desculpe-me — falei, e com sinceridade. — Eu não sabia o que... ele significava para todos vocês.

Lucien deu de ombros.

— Foi o que Tamlin disse, e, por isso, ele a trouxe aqui. Ou talvez você tenha parecido tão patética naqueles retalhos que ele sentiu pena.

— Eu não teria vindo se soubesse que usaria este passeio como desculpa para me insultar. — Alis mencionou que Lucien precisava de alguém que o enfrentasse. Bem fácil.

Lucien riu com desprezo.

— Desculpe-me, Feyre.

Eu poderia tê-lo chamado de mentiroso por aquele pedido de desculpas caso não soubesse que ele não podia mentir. O que tornava o pedido... sincero? Eu não conseguia dizer.

— Então — disse Lucien —, quando começará a tentativa de me persuadir a implorar que Tamlin encontre uma forma de libertá-la das regras do Tratado.

Tentei não me sobressaltar.

— O quê?

— Foi por isso que concordou em vir até aqui, não foi? Por que apareceu nos estábulos exatamente quando eu estava partindo? — Lucien me olhou de esguelha, com aquele olho vermelho. — Sinceramente, estou impressionado e lisonjeado por você achar que tenho tal influência sobre Tamlin.

Eu não revelaria minha cartada — ainda não.

— Do que está falando...

A cabeça inclinada de Lucien foi resposta suficiente. Ele riu e falou:

— Antes que desperdice seu precioso e parco fôlego humano, deixe-me explicar duas coisas. Uma: se fosse por mim, você teria partido, então não seria preciso que

você me convencesse de nada. Duas: não pode ser do meu jeito, porque não há alternativa para o que o Tratado exige. Não há outra brecha.

— Mas... mas deve haver alguma coisa...

— Admiro sua coragem, Feyre, de verdade. Ou talvez seja estupidez. Mas, como Tam não quer matá-la, o que foi *minha* primeira opção, está presa aqui. A não ser que queira ganhar a vida sozinha em Prythian, o que — Lucien me olhou de cima a baixo — não aconselho.

Não... não, eu não poderia simplesmente... *ficar ali*. Para sempre. Até morrer. Talvez... houvesse outra forma, ou outra pessoa que pudesse encontrar uma saída. Controlei a respiração irregular, afastando os pensamentos de pânico e depressão.

— Mas foi um bravo esforço — disse Lucien, com um risinho.

Não me dei o trabalho de esconder meu olhar de irritação.

Cavalgamos em silêncio, e, além de alguns pássaros e esquilos, não vi nada — não ouvi nada — fora do comum. Depois de alguns minutos, acalmei os pensamentos revoltados e disse:

— Onde está o resto da corte de Tamlin? Realmente fugiram todos dessa praga sobre a magia?

— Como você sabe sobre a corte? — perguntou Lucien, tão rapidamente que percebi que ele achava que eu queria dizer outra coisa.

Mantive o rosto inexpressivo.

— É comum que propriedades tenham emissários? E criados chilram. Não foi por isso que os fez usar máscaras de pássaros para aquela festa?

Lucien fez uma expressão de raiva, e sua cicatriz se esticou.

— Cada um de nós escolheu o que usar naquela noite para honrar os dons de transfiguração de Tamlin. Os criados também. Mas agora, se tivéssemos escolha, as arrancaríamos com as mãos — rebateu Lucien, puxando a própria máscara. Ela não se moveu.

— O que aconteceu para que a magia agisse assim?

Lucien soltou uma risada áspera.

— Algo foi enviado das cloacas do inferno — disse ele, e, depois, olhou em volta e xingou. — Eu não deveria ter dito isso. Se ela soubesse...

— Quem?

A cor sumira da pele bronzeada de Lucien. Ele passou a mão pelo cabelo.

— Não importa — respondeu o feérico, e inspirou fundo. — Quanto menos souber, melhor. Tam pode não achar problemático contar a você sobre a praga, mas eu não duvidaria que um humano fosse capaz de vender a informação a quem pagar o maior preço.

Fervilhei de ódio, mas o pouco de informação que Lucien tinha dito faiscava diante de mim como joias brilhantes. Uma *ela* que assustava Lucien o suficiente para fazer com que ele se preocupasse... para deixá-lo com medo que alguém estivesse ouvindo, espionando, monitorando seu comportamento. Mesmo ali fora. Avaliei as sombras entre as árvores, mas não vi nada.

Prythian era governada por sete Grão-Senhores — talvez essa *ela* fosse quem quer que governasse aquele território; se não um Grão-Senhor, uma Grã-Senhora. Se é que era possível.

— Quantos anos tem? — perguntei, esperando que ele continuasse divulgando mais informações úteis.

— Sou velho — respondeu Lucien. Ele avaliou a vegetação, mas tive a sensação de que os olhos agitados do feérico não estavam procurando caça. Seus ombros estavam tensos demais.

— Que tipo de poderes você tem? Pode mudar de forma como Tamlin?

Lucien suspirou, olhando para o céu antes de refletir, cauteloso, aquele olho de metal se semicerrando com concentração determinada.

— Está tentando descobrir minha fraqueza para poder... — Olhei para ele com raiva. — Tudo bem. Não, não posso mudar de forma. Só Tam pode.

— Mas seu amigo... ele apareceu como um lobo. A não ser que aquela fosse a...

— Não, não. Andras era Grão-Feérico também. Tam pode nos transfigurar em outras formas se preciso. Ele guarda isso apenas para as sentinelas, no entanto. Quando Andras cruzou a muralha, Tam o transformou em lobo, assim ele não seria descoberto como feérico. Embora o tamanho provavelmente fosse indicação suficiente.

Um estremecimento percorreu minha espinha, tão violento que não reconheci o olhar incandescente de raiva que Lucien lançou em minha direção. Não tive coragem de perguntar se Tamlin poderia me transfigurar.

— Enfim — continuou Lucien —, os Grão-Feéricos não têm *poderes* específicos, como os feéricos menores. Não tenho uma afinidade de nascença, se é o que está perguntando. Não limpo tudo à vista ou atraio mortais para uma morte por afogamento, ou dou respostas a quaisquer perguntas que você possa ter se me prender. Simplesmente existimos... para governar.

Virei para o outro lado para que ele não visse quando revirei os olhos.

— Imagino que, se eu fosse uma de vocês, faria parte dos feéricos, e não dos Grão-Feéricos? Um feérico inferior como Alis, servindo vocês de quatro? — Ele não respondeu, o que significava *sim*. Com aquela arrogância, não era surpresa que Lucien achasse repugnante minha presença como substituta de seu amigo. E como já deveria me odiar para sempre, pois frustrara meus planos antes que eles sequer começassem, perguntei: — Como conseguiu essa cicatriz?

Lucien exibiu uma expressão irritada.

— Não fiquei de boca fechada quando deveria, e fui punido por isso.

— Tamlin fez isso com você?

— Pelo Caldeirão, não. Ele não estava lá. Mas conseguiu o olho substituto para mim depois.

Mais respostas que não eram respostas.

— Então, há feéricos que realmente respondem a qualquer pergunta se você os prender? — Talvez soubessem como me libertar dos termos do Tratado.

— Sim — respondeu Lucien, contendo-se. — Os Suriel. Mas são velhos e cruéis, e não valem o perigo de sair para encontrá-los. E, se você for burra o bastante para continuar parecendo tão intrigada, vou ficar muito desconfiado e dizer a Tam que a mantenha em prisão domiciliar. Embora eu suponha que você faria por merecer se fosse, de fato, burra o suficiente para caçar um Suriel.

Eles deveriam estar próximos, então, se Lucien estava tão preocupado. Ele virou a cabeça para a direita, ouvindo, o olho rangendo baixinho. Os pelos de meu pescoço se arrepiaram, e saquei o arco em um segundo, apontando na direção para a qual Lucien olhava.

— Abaixe esse arco — sussurrou ele, a voz grave e áspera. — Abaixe a porcaria do arco, humana, e olhe para a frente.

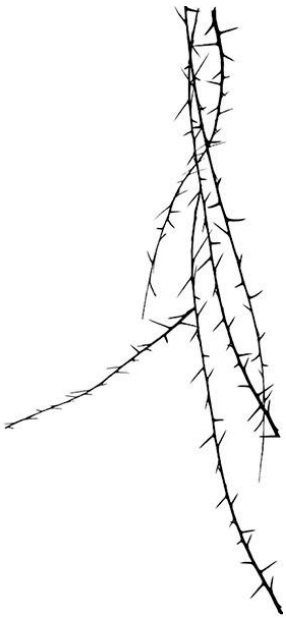
Fiz conforme pedido, os pelos em meus braços se arrepiando quando algo farfalhou a vegetação.

— Não reaja — disse Lucien, forçando o olhar adiante também, o olho de metal ficando imóvel e silencioso. — Não importa o que sinta ou veja, não reaja. *Não olhe*. Apenas encare adiante.

Comecei a tremer, segurando as rédeas nas mãos suadas. Poderia ter imaginado se aquilo se tratava de alguma piada ruim, mas o rosto de Lucien tinha ficado muito, muito pálido. As orelhas de nossos cavalos se abaixaram, mas eles continuaram caminhando, como se também tivessem entendido o comando de Lucien.

Então senti.

Capítulo 10



Meu sangue congelou quando um frio arrepiante e penetrante passou. Eu não conseguia ver nada, apenas um vago brilho no canto da visão, e minha égua ficou imóvel sob mim. Forcei o rosto até ficar inexpressivo. Até mesmo os bosques cheirosos da primavera pareceram se encolher, murchar e congelar.

A coisa fria sussurrou, circundando. Eu não conseguia ver nada, mas conseguia *sentir*. E, bem no fundo da mente, uma voz antiga e oca sussurrou: — *Vou triturar seus ossos entre minhas garras; vou beber sua medula; vou me banquetear com sua carne. Sou o que você teme; sou o que receia... Olhe para mim. Olhe para mim.*

Tentei engolir em seco, mas minha garganta tinha se fechado. Mantive os olhos nas árvores, na folhagem, em qualquer coisa que não fosse a massa fria que nos rodeava diversas e diversas vezes.

Olhe para mim.

Eu queria olhar... precisava ver o que era.

Olhe para mim.

Encarei o tronco áspero de um olmo distante, pensando em coisas agradáveis. Como pão quente e barrigas cheias...

Vou encher minha barriga com você. Vou devorar você. Olhe para mim.

Um céu noturno, estrelado e sem nuvens, tranquilo e brilhante e infinito. O alvorecer no verão. Um banho refrescante no lago da floresta. Encontros com Isaac, me perder por uma ou duas horas em seu corpo, nossas respirações sincronizadas.

Aquilo estava ao nosso redor, tão frio que meus dentes batiam. *Olhe para mim.*

Encarei aquele tronco de árvore que se aproximava cada vez mais, sem ousar piscar. Meus olhos estavam cansados, cheios de lágrimas, e deixei que elas escorressem, recusando-me a reconhecer a coisa que espreitava.

Olhe para mim.

E no momento em que achei que olharia, quando meus olhos doíam tanto de *não* olhar, o frio sumiu na vegetação, deixando um rastro de plantas mortas e murchas para trás.

— O que era aquilo? — perguntei, limpando as lágrimas do rosto.

O rosto de Lucien ainda estava pálido.

— Você não quer saber.

— Por favor. Era aquele... Suriel que você mencionou?

O olho vermelho de Lucien ficou sombrio quando ele respondeu, a voz rouca.

— Não. Era uma criatura que não deveria estar nestas terras. Nós chamamos de Bogge. Não pode caçá-la, e não pode matá-la. Mesmo com suas amadas flechas de freixo.

— Por que não posso olhar para ela?

— Porque, quando a olha, quando reconhece sua existência, é quando ela se torna real. É quando pode matar você.

Um calafrio percorreu minha espinha. Aquela era a Prythian que eu esperava — as criaturas que faziam os humanos sussurrarem sobre elas mesmo agora. Foi por esse motivo que eu não hesitei, nem por um segundo, quando considerei a possibilidade de aquele lobo ser um feérico.

— Ouvi a voz dela em minha mente. Ela me disse para olhar.

Lucien gesticulou com os ombros.

— Bem, graças ao Caldeirão que não olhou. Limpar a sujeira teria destruído o resto do meu dia. — Ele me deu um sorriso fraco. Não o devolvi.

Eu ainda ouvia a voz do Bogge sussurrando entre as folhas, me chamando.

Mas depois de uma hora perambulando pelas árvores, mal nos falando, parei de tremer o suficiente para me virar para Lucien.

— Então você é velho — falei, e Lucien encolheu o corpo. — E carrega uma espada, e patrulha a fronteira. Você lutou na Guerra? — Tudo bem, talvez eu não tivesse esquecido a curiosidade a respeito do olho do feérico.

Lucien encolheu o corpo.

— Merda, Feyre... não sou tão velho assim.

— Mas é um guerreiro? — Conseguiria me matar se chegássemos a esse ponto?

Lucien soltou uma risada abafada.

— Não tão bom quanto Tam, mas sei usar minhas armas. — Ele deu um tapinha no cabo da espada. — Gostaria que eu a ensinasse como empunhar uma lâmina, ou já sabe, oh, poderosa caçadora mortal? Se matou Andras, provavelmente não precisa aprender nada. Apenas para onde mirar, certo? — Lucien bateu no peito.

— Não sei como usar uma espada. Só sei caçar.

— É a mesma coisa, não é?

— Para mim, é diferente.

Lucien ficou em silêncio, ponderando.

— Imagino que vocês humanos sejam covardes tão desprezíveis que teria se urinado, se enroscado e esperado a morte se soubesse, sem sombra de dúvida, o que Andras era realmente. — Insuportável. Lucien suspirou quando me olhou de cima a baixo. — Você em algum momento deixa de ser *tão* séria e chata?

— Você deixa de ser um babaca? — disparei de volta.

Morta; mesmo, de verdade, eu deveria estar morta por ter dito aquilo.

Mas Lucien sorriu para mim.

— Muito melhor.

Alis, pelo visto, não estava errada.

Qualquer trégua instável que tínhamos construído naquela tarde sumira à mesa do jantar.

Tamlin estava sentado na cadeira de sempre, com uma longa garra em volta do cálice. O cálice parou no lábio dele assim que entrei, com Lucien em meu encalço. Os olhos verdes dele se fixaram em mim.

Certo. Eu o havia dispensado naquela manhã, alegando que queria ficar sozinha.

Tamlin olhou devagar para Lucien cujo rosto se tornara severo.

— Fomos caçar — disse Lucien.

— Eu soube — respondeu Tamlin, grosseiramente, olhando de mim para Lucien conforme ocupamos nossos assentos. — E vocês se divertiram? — Devagar, a garra dele afundou de volta na pele.

Lucien não respondeu, deixando para mim. *Covarde*. Pigarreei.

— Mais ou menos — falei.

— Pegaram alguma coisa? — Cada palavra era calculada.

— Não. — Lucien tossiu para mim de modo contundente, como se implorasse para que eu dissesse algo mais.

Mas eu não tinha o que dizer. Tamlin me encarou por um bom tempo e, então, começou a comer, nem um pouco interessado em falar comigo também.

Então, Lucien falou baixinho:

— Tam.

Tamlin ergueu o rosto, mais animal que humano com aqueles olhos verdes. Um comando para o fosse que Lucien quisesse dizer.

A garganta de Lucien estremeceu.

— O Bogge estava na floresta hoje.

O garfo na mão de Tamlin se dobrou ao meio quando ele indagou, com calma letal: — Você esbarrou nele?

Lucien assentiu.

— Passou por nós, mas chegou perto. Deve ter entrado pela fronteira.

Metal rangeu quando as garras de Tamlin se projetaram para fora, destruindo o garfo. Ele ficou de pé com um movimento poderoso e brutal. Tentei não tremer diante da fúria contida, de como seus caninos pareceram crescer quando Tamlin disse: — Onde na floresta?

Lucien contou a ele. Tamlin olhou em minha direção antes de sair andando pela sala e fechar a porta atrás de si com uma delicadeza irritante.

Lucien expirou, afastando o prato pela metade e esfregando as têmporas.

— Aonde ele vai? — perguntei, encarando a porta.

— Caçar o Bogge.

— Você disse que não poderia ser morto, que não se pode olhar para ele.

— Tam pode.

Perdi o fôlego. O Grão-Feérico grosseiro que me elogiava sem vontade era capaz de matar uma coisa como o Bogge. Mesmo assim, ele mesmo servira meu prato naquela primeira noite, me oferecera a vida ao invés da morte. Eu sabia que Tamlin era letal, um tipo de guerreiro, mas...

— Então ele foi caçar o Bogge onde estávamos mais cedo hoje?

Lucien deu de ombros.

— Se ele vai encontrar um rastro, é ali.

Eu não fazia ideia de como alguém poderia enfrentar aquele horror imortal que eu havia testemunhado mais cedo, mas... não era problema meu.

E, só porque Lucien não comeria mais, não queria dizer que eu não comeria. Lucien, perdido em pensamentos, nem mesmo reparou no banquete que devorei.

Voltei para o quarto e — acordada sem mais o que fazer — comecei a monitorar o jardim por algum sinal do retorno de Tamlin. Ele não voltou.

Afiei a faca que tinha escondido em um pedaço de pedra que tirei do jardim. Uma hora se passou... e Tamlin ainda não retornara.

A lua mostrou sua face, transformando o jardim abaixo em prata e sombra.

Ridículo. Totalmente ridículo prestar atenção no seu retorno, para ver se Tamlin poderia, de fato, sobreviver ao Bogge. Virei o rosto da janela, prestes a me arrastar para a cama.

Mas algo se moveu no jardim.

Segui para as cortinas ao lado da janela, sem querer ser flagrada esperando por Tamlin, e olhei para fora.

Não era Tamlin, mas alguém espreitava perto das cercas vivas, olhando para a casa. Olhando para *mim*.

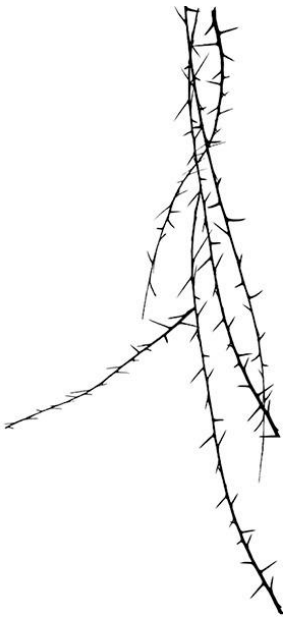
Macho, curvado e...

Perdi o fôlego quando o feérico mancou para mais perto, apenas dois passos, para a luz que vinha da casa.

Não era um feérico, mas um homem.

Meu pai.

Capítulo 11



Não me dei a chance de entrar em pânico, de duvidar, de fazer qualquer coisa a não ser desejar que eu tivesse roubado comida da mesa do café da manhã conforme vesti túnica após túnica e me enrolei em um manto, enfiando a faca que havia roubado na bota. As roupas a mais na sacola seriam apenas um fardo para carregar.

Meu pai. Meu pai tinha ido me buscar... me salvar. Quaisquer que fossem os benefícios que Tamlin dera a ele quando parti, não deveriam ser tão tentadores, então. Talvez ele tivesse um navio pronto para nos levar para muito, muito longe — talvez, de alguma forma, tivesse vendido o chalé e conseguido dinheiro o suficiente para que nos estabelecêssemos em um novo lugar, um novo continente.

Meu pai; meu pai aleijado e pobre tinha vindo.

Uma leve avaliação do chão sob minha janela revelou que não havia ninguém do lado de fora... e a casa silenciosa me informou que ninguém tinha visto meu pai ainda. Ele continuava esperando ao lado da cerca viva e me chamava agora. Pelo menos Tamlin não tinha voltado.

Com um último olhar para o quarto, atenta a qualquer um que se aproximasse do corredor, segurei a treliça de glicínias mais próxima e desci devagar o prédio.

Encolhi o corpo ao ouvir o estalar do cascalho sob as botas, mas meu pai já estava se movendo para os portões externos, mancando com a bengala. Como tinha *chegado* ali? Devia haver cavalos por perto, então. Ele mal trajava roupas o suficiente para o inverno que nos esperaria depois de cruzarmos a muralha. Mas eu vestira camadas o bastante, poderia emprestar alguns itens se precisasse.

Mantendo os movimentos leves e silenciosos, com o cuidado de evitar a luz da lua, corri atrás de meu pai. Ele se moveu, com rapidez surpreendente, na direção da cerva viva sombreada, para o portão além dela.

Apenas algumas velas do corredor queimavam dentro da casa. Eu não ousei respirar alto demais; não ousei gritar por meu pai à medida que ele mancava na direção do portão. Se saíssemos naquele momento, se ele de fato tivesse cavalos, poderíamos estar a meio caminho de casa quando perceberem que eu havia sumido. Então fugiríamos... fugiríamos de Tamlin, fugiríamos da praga que em breve poderia invadir nossas terras.

Meu pai chegou aos portões. Já estavam abertos, a floresta escura além deles chamando. Os cavalos deviam estar escondidos nas profundezas da mata. Ele se virou para mim, aquele rosto familiar sério e tenso, aqueles olhos castanhos finalmente nítidos, e chamou. *Rápido, rápido*, era o que cada movimento de sua mão parecia gritar.

Meu coração era uma batida desenfreada no peito, na garganta. Apenas alguns metros agora; até ele, até a liberdade, até uma nova vida...

A mão de alguém se fechou em meu braço e me *puxou*.

— Vai a algum lugar?

Merda, merda, *merda*.

As garras furaram minhas camadas de roupas quando ergui o rosto para ele com terror evidente.

Não ousei me mexer, não quando seus lábios se contraíram e os músculos do maxilar estremeceram. Não quando ele abriu a boca e pude ver lampejos de presas

— presas longas, de rasgar a garganta — brilhando ao luar.

Ele me mataria... me mataria bem ali e, então, mataria meu pai. Chega de brechas, chega de elogios, chega de piedade. Ele não se importava mais. Eu já estava morta.

— Por favor — sussurrei. — Meu pai...

— Seu *pai*? — Tamlin ergueu o olhar para os portões atrás de mim, e seu grunhido ressoou por meu corpo quando ele exibiu os dentes. — Por que não olha de novo? — disparou Tamlin, e me soltou.

Cambaleei um passo para trás, zonza, inspirando fundo para dizer a meu pai que *corresse*, mas...

Mas ele não estava ali. Restavam apenas um arco pálido e uma aljava de flechas pálidas, apoiados contra os portões. Madeira de freixo da montanha. Não estavam ali segundos antes, não...

Os objetos tremeluziram, como se não passassem de água, e, então, o arco e a aljava se tornaram uma sacola grande, cheia de suprimentos. Outro tremeluzir... e minhas irmãs abraçadas, chorando.

Meus joelhos cederam.

— O que é... — Não terminei a pergunta. Meu pai estava ali agora.

— Não foi avisada para se manter alerta? — disparou ele. — Que seus sentidos humanos a trairiam? — Tamlin deu um passo para além de mim e emitiu um grunhido tão cruel que o que quer que fosse a *coisa* perto dos portões emitiu um lampejo e disparou, tão rápido quanto raio, cortando a escuridão.

— Tola — disse Tamlin para mim, se virando. — Se algum dia fugir, pelo menos faça-o durante o dia. — Ele me encarou, as presas se retraindo devagar. As garras permaneceram. — Há coisas piores que o Bogge vagando por esses bosques à noite. Aquela coisa no portão não é uma delas, e mesmo assim teria se demorado muito enquanto devorava você.

Por algum motivo, minha boca voltou a funcionar. E entre tudo o que poderia dizer, falei:

— Pode me culpar? Meu pai aleijado aparece sob minha janela, e acha que não vou correr atrás dele? Realmente achou que eu ficaria aqui *para sempre* alegremente, mesmo que tivesse cuidado de minha família, tudo por causa de um Tratado que não teve nada a ver comigo e permite que *seu povo* massacre humanos quando quiser?

Tamlin flexionou os dedos, como se tentasse fazer as garras se recolherem outra vez, mas elas permaneceram projetadas, prontas para dilacerar carne e osso.

— O que você quer, Feyre?

— Quero ir para *casa*!

— Para casa, para que, exatamente? Preferiria aquela existência humana miserável a isto?

— Fiz uma promessa — falei, a respiração falhando. — Para minha mãe, quando ela morreu. Que eu cuidaria de minha família. Que eu cuidaria deles. Tudo o que fiz, cada dia, cada hora, foi por causa daquela promessa. E só porque eu estava caçando para salvar minha família, para colocar comida em suas barrigas, agora sou forçada a quebrar a promessa.

Tamlin saiu batendo os pés na direção da casa, e dei uma grande vantagem a ele antes de segui-lo. As garras de Tamlin se retraíram devagar, como se fosse um grande esforço acalmar o ódio predatório dentro dele. Tamlin não me olhou quando disse:

— Você não está quebrando a promessa, está a cumprindo, e mais um pouco, ao ficar aqui. Sua família está melhor agora que quando você estava lá.

Aquelas pinturas lascadas e desbotadas dentro do chalé surgiram em minha mente. Talvez eles se esqueceriam de quem as havia pintado. Insignificantes — era isso que se tornariam todos os anos que eu dera a eles, tão insignificantes quanto eu era para esses Grão-Feéricos. E aquele sonho que tive, de algum dia viver com meu

pai, com comida e dinheiro o suficiente, e pintar... Tinha sido meu sonho... de mais ninguém.

Esfreguei o peito.

— Não posso simplesmente, não posso desistir dele, deles. Não importa o que você diga.

Mesmo que eu tivesse sido uma tola, uma tola burra e humana, de acreditar que meu pai de fato viria atrás de mim.

Tamlin me olhou de esguelha.

— Não está desistindo deles.

— Vivendo no luxo, me entupindo de comida? Como isso não é...

— Eles estão sendo assistidos, estão alimentados e confortáveis — falou Tamlin.

Alimentados e confortáveis. Se ele não podia mentir, se era verdade, então... então era algo maior do que eu já tivesse ousado sonhar.

Então... a promessa para minha mãe estava cumprida.

Fiquei tão aturdida que não disse nada por um momento conforme caminhamos.

Minha vida agora pertencia ao Tratado, mas... talvez eu tivesse sido libertada de outra forma.

Nós nos aproximamos da escadaria curva que dava na mansão, e, por fim, perguntei:

— Lucien sai para a patrulha da fronteira, e você mencionou outros sentinelas, mas nunca vi nenhum por aqui. Onde estão todos?

— Na fronteira — falou Tamlin. Como se aquilo fosse resposta o suficiente. Então, ele acrescentou: — Não precisamos de sentinelas se eu estou aqui.

Porque ele era letal o suficiente. Tentei não pensar a respeito, mas perguntei mesmo assim:

— Então você foi treinado como guerreiro?

— Sim. — Quando não respondi, Tamlin acrescentou: — Passei a maior parte da vida na tropa de guerra de meu pai, nas fronteiras, treinando como guerreiro para um dia servi-lo, ou a outros. Governar estas terras... não deveria recair sobre mim. — A inexpressividade com que ele falou me disse muito sobre como Tamlin se sentia a respeito do atual título, sobre por que a presença do amigo de língua afiada era necessária.

Mas era pessoal demais, exigente demais, perguntar o que tinha acontecido para mudar tanto as circunstâncias. Então, pigarreei e perguntei:

— Que tipo de feéricos caminham pelos bosques além do portão se o Bogge não é o pior deles? O que *era* aquela coisa?

O que eu queria dizer era: *O que teria me atormentado e então me devorado? Quem é você para ser tão poderoso a ponto de aquilo não o ameaçar?*

Tamlin parou no degrau mais baixo, esperando que eu o alcançasse.

— Uma puca. Elas usam nossos desejos para nos atrair até algum lugar remoto. Depois, nos devoram. Devagar. Provavelmente sentiu seu cheiro humano no bosque e o seguiu até a casa. — Estremeci e não me dei o trabalho de esconder. Tamlin continuou. — Estas terras costumavam ser bem vigiadas. Os feéricos mais mortais ficavam retidos nas fronteiras de seus territórios nativos, monitorados pelos senhores feéricos locais, ou levados a se esconder. Criaturas como a puca jamais teriam ousado colocar os pés aqui. Mas, agora, a doença que infectou Prythian enfraqueceu os feitiços que os mantinham longe. — Ele deu uma longa pausa, como se as palavras o tivessem feito engasgar. — As coisas estão diferentes agora. Não é seguro viajar sozinho à noite, principalmente quando se é humano.

Porque humanos eram tão indefesos quanto bebês em comparação aos predadores natos, como Lucien — e Tamlin, que não precisavam de armas para caçar. Olhei para as mãos dele, mas não vi traços das garras. O temperamento de Tamlin estava controlado de novo.

— O que mais é diferente agora? — perguntei, seguindo Tamlin para cima dos degraus de mármore da entrada.

Ele não parou dessa vez, nem mesmo olhou por cima do ombro para me ver, quando disse:

— Tudo.

Então, eu deveria mesmo morar ali para sempre. Por mais que desejasse me certificar de que a palavra de Tamlin sobre cuidar de minha família fosse verdade, por mais que sua alegação de que eu estava cuidando mais de minha família ao ficar longe... Mesmo que eu estivesse realmente cumprindo aquela promessa à minha mãe ao ficar em Prythian... Sem o peso da promessa, eu me sentia oca e vazia.

Durante os três dias seguintes, eu me juntei a Lucien na antiga patrulha de Andras enquanto Tamlin caçava o Bogge pela propriedade, sem que o víssemos. Apesar de ser um babaca de vez em quando, Lucien não parecia se incomodar com minha companhia, e era ele quem mais falava, o que não era problema — me permitia pensar nas consequências de disparar uma única flecha.

Uma flecha. Não disparei uma única flecha durante aqueles três dias em que cavalgamos pela fronteira. Naquela exata manhã, vi uma corça vermelha em uma ravina e mirei por instinto, a flecha pronta para voar diretamente até seu olho, enquanto Lucien debochava do fato de *ela*, pelo menos, não ser uma feérica. Mas encarei a corça — gorda e saudável e feliz — e então afrouxei o arco, recoloquei a flecha na aljava e deixei que a corça partisse. Por que caçar quando havia comida o bastante?

Não vi Tamlin pela mansão; estava fora caçando o Bogge dia e noite, informou Lucien. Mesmo no jantar, ele falava pouco antes de sair cedo, para continuar a

caçada, noite após noite. Não me importava com sua ausência. Era um alívio, na verdade.

Na terceira noite após meu encontro com a puca, mal consegui sentar antes de Tamlin se levantar, usando a desculpa de não querer perder tempo de caça.

Lucien e eu o encaramos em silêncio por um momento.

O que eu conseguia ver do rosto de Lucien estava pálido e tenso.

— Você está preocupado com ele — constatei.

Lucien afundou na cadeira, em uma atitude completamente indigna de um senhor feérico.

— Tamlin tem seus... humores — disse ele, com cuidado, exausto.

— Ele não quer sua ajuda para caçar o Bogge?

— Prefere ir sozinho. E ter o Bogge em nossas terras... Não imagino que você entenda. Mas ele não deveria estar aqui, e o fato de estar deixa Tamlin furioso. A puca é inferior o bastante para não incomodar Tamlin, mas, mesmo depois que ele tiver dilacerado o Bogge, vai continuar irritado.

— E não há ninguém que possa ajudá-lo?

— Ele provavelmente dilaceraria a pessoa por desobedecer à ordem de ficar longe.

Uma sensação fria percorreu minha nuca.

— Ele seria tão cruel assim?

Lucien avaliou o vinho no cálice.

— Não se mantém poder ao ser amigo de todos. E entre os feéricos, inferiores e Grão-Feéricos, a mão firme é necessária. Somos poderosos demais, entediados demais com a imortalidade para sermos reprimidos por qualquer coisa.

Parecia uma posição fria e solitária para se ocupar, principalmente quando não se queria isso de verdade. Eu não tinha certeza de por que aquilo me incomodava tanto.

A neve caía pesadamente e sem piedade, já na altura dos meus joelhos conforme eu puxava a corda do arco para trás — mais e mais, até meu braço tremer. Atrás de mim, uma sombra espreitava; não... *observava*. Não ousei me virar a fim de olhá-la, para ver quem poderia estar dentro daquela sombra me observando, não quando o lobo me encarou do outro lado da clareira.

Apenas encarou. Como se esperasse, como se me desafiasse a atirar a flecha de freixo.

Não; não, eu não queria, não dessa vez, não de novo, não...

Mas não tinha controle de meus dedos, e ele ainda me encarava quando disparei.

Um disparo — apenas um, direto naquele olho dourado.

Uma pincelada de sangue espirrando na neve, o estampido de um corpo pesado, um suspiro do vento. *Não*.

Não foi um lobo que atingiu a neve; não, foi um homem, alto e bem constituído.

Não; não um homem, um Grão-Feérico, com aquelas orelhas pontudas.

Pisquei, então... então minhas mãos estavam quentes e grudentas de sangue, e o corpo dele estava vermelho e sem a pele, fumegando no frio, e era sua pele — *sua pele* — que eu segurava nas mãos e...

Acordei em um impulso, o suor escorria em minhas costas, e me obriguei a *respirar*, a abrir meus olhos e reparar em cada detalhe do quarto escuro como a noite. Real... aquilo era real.

Mas eu ainda conseguia ver aquele macho Grão-Feérico com o rosto na neve, minha flecha lhe atravessando o olho, vermelho e ensanguentado por toda parte

onde eu havia cortado e retirado sua pele.

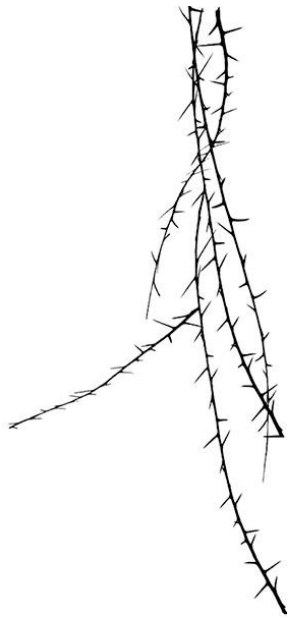
Bile fez minha garganta arder.

Não era real. Apenas um sonho. Mesmo que o que eu tivesse feito a Andras, mesmo como lobo, fosse... fosse...

Esfreguei o rosto. Talvez fosse o silêncio, o vazio dos últimos dias — talvez fosse apenas o fato de eu não mais precisar pensar hora após hora em como manter minha família viva, mas... era arrependimento e, talvez, vergonha que cobriam minha língua, meus ossos.

Estremeci, como se pudesse atirar o sentimento longe, e chutei os lençóis para me levantar da cama.

Capítulo 12



Não consegui afastar totalmente o horror, a sanguinolência do sonho, enquanto eu caminhava pelos corredores escuros e silenciosos da mansão, os criados e Lucien havia muito adormecidos. Mas precisava fazer alguma coisa — *qualquer coisa* — depois daquele pesadelo. Mesmo que fosse só para evitar dormir. Com um pedaço de papel em uma das mãos e uma caneta na outra, tracei cuidadosamente meus passos, reparando em janelas, portas e saídas, anotando ocasionalmente esboços vagos e alguns *X* no pergaminho.

Era o melhor que eu podia fazer, e, para qualquer humano alfabetizado, as marcas não teriam feito sentido. Mas... eu não podia escrever ou ler mais que as letras básicas, e o mapa improvisado era melhor que nada. Se fosse permanecer ali, era essencial conhecer os melhores esconderijos, a saída mais fácil caso as coisas dessem errado para mim. Eu não conseguia abandonar totalmente o instinto.

Estava escuro demais para admirar qualquer das pinturas que adornavam as paredes, e não ousei acender uma vela. Nos últimos três dias, havia criados nos corredores quando eu reunia coragem para contemplar a arte — e a parte de mim que falava com a voz de Nestha riu da ideia de um humano ignorante tentando admirar arte feérica. *Em outro momento, então*, eu dizia a mim mesma. Encontraria

outro dia, uma hora tranquila, quando ninguém estivesse por perto, para apreciá-las. Tinha muitas horas agora... uma vida inteira adiante. Talvez... talvez eu descobrisse o que queria fazer com ela.

Desci a escadaria principal em silêncio, o luar banhava os azulejos pretos e brancos do saguão da entrada principal. Cheguei à base, os pés descalços silenciosos nos azulejos frios, e ouvi. Nada. Ninguém.

Apoiei o pequeno mapa na mesa do saguão e desenhei alguns *X* e círculos para indicar as portas, as janelas, os degraus de mármore do corredor da entrada. Eu me familiarizaria tanto com a casa que poderia caminhar por ela mesmo que alguém me vendasse.

Uma brisa anunciou a chegada dele, e virei da mesa para o longo corredor, para as portas de vidro que se abriam para o jardim.

Tinha esquecido como ele era imenso naquela forma; esquecido dos chifres retorcidos e do rosto lupino, do corpo, como o de um urso, que se movia com graciosidade felina. Os olhos verdes brilharam na escuridão, fixos em mim, e, conforme as portas se fecharam atrás dele, o clique de garras no mármore preencheu o corredor. Fiquei imóvel; não ousei me mexer, contrair um músculo.

Ele mancava um pouco. E, ao luar, deixava um rastro de manchas escuras e brilhantes.

Ele continuou a seguir em minha direção, roubando o ar do corredor inteiro. Era tão grande que o espaço pareceu entulhado, como uma jaula. O raspar da garra, um bufar de respiração irregular, o sangue pingando.

Entre um passo e o seguinte, ele mudou de forma, e fechei os olhos com força devido ao flash ofuscante. Quando, por fim, meus olhos se ajustaram à escuridão que retornara, ele estava diante de mim.

De pé, mas... mas não exatamente ali. Não havia nenhum sinal do boldrié ou das facas. As roupas estavam em frangalhos — rasgos longos e assustadores que me

fizeram imaginar como não tinha sido dilacerado e morto. Mas a pele musculosa que despontava sob a camisa estava lisa, ilesa.

— Você matou o Bogge? — Minha voz mal passava de um sussurro.

— Sim. — Uma resposta inexpressiva e vazia. Como se ele não pudesse se dar o trabalho de lembrar que devia ser agradável. Como se eu estivesse bem no final de uma longa lista de prioridades.

— Está ferido — constatei, ainda mais baixo.

De fato, sua mão estava coberta de sangue, e mais sangue escorria de seu corpo para o chão. Tamlin olhou para o ferimento sem reagir, como se fosse um esforço monumental se lembrar de que ele sequer tinha mão, de que ela estava ferida. Que força de vontade e potência tinham sido necessárias para matar o Bogge, para enfrentar aquela ameaça desprezível? Quão profundamente devia ter buscado dentro de si, por qualquer que fosse o poder imortal e animal que ali vivia, para matar a criatura?

Tamlin olhou para o mapa à mesa, e sua voz estava desprovida de qualquer coisa, emoção, ódio ou diversão, quando falou:

— O que é isso?

Peguei o mapa.

— Achei que deveria... reconhecer meu ambiente.

Pinga, pinga, pinga.

Abri a boca para apontar para a mão dele de novo, mas Tamlin falou:

— Você não sabe escrever, não é?

Não respondi. Não sabia o que dizer. *Humana ignorante e insignificante.*

— Não é surpreendente que tenha se tornado tão habilidosa em outras coisas.

Imaginei que ele estava tão perdido nos pensamentos sobre o encontro com o Bogge que não percebeu o elogio que me fizera. Se é que era um elogio.

Outro pingo de sangue no mármore.

— Onde podemos limpar sua mão?

Tamlin ergueu a cabeça para me olhar de novo. Parado, silencioso e cansado. Então, ele disse:

— Há uma pequena enfermaria.

Eu queria dizer a mim mesma que provavelmente era a coisa mais útil que eu tinha aprendido a noite toda. Mas, enquanto seguia Tamlin até lá, evitando o sangue que ele deixava para trás, pensei no que Lucien tinha dito sobre o isolamento de Tamlin, aquele fardo, pensei no que Tamlin havia mencionado sobre como a propriedade jamais deveria ter sido sua e senti... pena dele.

A enfermaria estava bem abastecida, era mais uma despensa com uma mesa de trabalho que realmente um lugar para abrigar feéricos doentes. Imaginei que era tudo de que precisavam quando podiam se curar com os poderes imortais. Mas aquele ferimento... aquele ferimento não estava sarando.

Tamlin encostou na beira da mesa, segurando a mão ferida pelo pulso conforme me observava procurar suprimentos nos armários e nas gavetas. Quando reuni aquilo de que precisava, tentei não hesitar quando me detive diante da ideia de tocá-lo, mas... não me permiti ceder ao receio quando peguei a mão de Tamlin; o calor de sua pele era como um inferno contra meus dedos frios.

Limpei a mão ensanguentada e suja; delicadamente, com cuidado, pronta para o primeiro lampejo daquelas garras. Mas as garras permaneceram retraídas, e Tamlin continuou em silêncio enquanto eu atava e enrolava sua mão — surpreendentemente, não passavam de alguns cortes feios, nenhum requeria pontos.

Prendi as ataduras no lugar e me afastei, levando a tigela de água ensanguentada até a pia, nos fundos do quarto. Os olhos de Tamlin eram como um ferrete sobre mim enquanto eu terminava de limpar, e o cômodo ficou pequeno demais, quente demais. Tamlin matou o Bogge e saiu relativamente ileso. Se ele

fosse tão poderoso assim, então os Grão-Feéricos de Prythian deviam ser semideuses. Cada instinto mortal em meu corpo berrou, em pânico, ao pensar nisso.

Eu estava quase na porta aberta, contendo a vontade de correr de volta ao quarto, quando ele falou:

— Você não sabe escrever, mas aprendeu a caçar para sobreviver. Como?

Parei com a mão no portal.

— É o que acontece quando você é responsável por vidas que não são a sua, não é? Você faz o que precisa.

— Então, pelo menos temos uma coisa em comum. — Tamlin ainda estava sentado à mesa, ainda sobre aquele limite interno entre aqui e agora e aonde quer que tivesse ido dentro da mente para suportar a luta contra o Bogge. Olhei nos olhos dele, ainda ferais e brilhantes.

— Você não é o que eu esperava... para uma humana — disse Tamlin.

Não respondi. E ele não se despediu quando saí.

Na manhã seguinte, conforme descia a enorme escadaria, tentei não pensar muito nos azulejos de mármore limpos no andar de baixo — não havia nenhum sinal do sangue que Tamlin havia perdido. Tentei não pensar muito em nosso encontro, na verdade.

Quando vi que o corredor da entrada estava vazio, quase sorri para mim mesma; senti uma agitação naquele vazio oco que me rondava. Talvez agora, talvez naquele momento de calma, eu pudesse, por fim, ver a arte nas paredes, tomar meu tempo observando-a, aprender, admirar.

Com o coração acelerado diante do pensamento, eu estava prestes a seguir por um corredor, que reparei estar coberto de pintura após pintura, quando vozes masculinas baixas flutuaram da sala de jantar.

Parei. Estavam baixas e tão tensas que dei passos em silêncio conforme segui para as sombras atrás da porta aberta. Era uma coisa covarde e desprezível de se fazer — mas *o que* eles estavam dizendo me fez afastar qualquer culpa.

— Só quero saber o que acha que está fazendo. — Era Lucien, aquela crueldade e raiva familiares envolviam cada palavra.

— O que *você* está fazendo? — disparou Tamlin. Pelo espaço entre a dobradiça e a porta, eu conseguia ver os dois de pé, quase cara a cara. Na mão livre de ataduras de Tamlin, garras brilhavam à luz da manhã.

— Eu? — Lucien levou a mão ao peito. — Pelo Caldeirão, Tam, não há muito tempo, e você está simplesmente mal-humorado e ranzinza. Nem mesmo tenta fingir mais.

Minhas sobrancelhas se ergueram. Tamlin virou o rosto, mas se voltou um momento depois, os dentes expostos.

— Foi um erro desde o início. Não suporto, não depois do que meu pai fez com o povo deles, com as terras deles. Não vou seguir seus passos, não serei esse tipo de pessoa. *Então, me deixe em paz.*

— Deixar em paz? Deixar em paz enquanto você sela nossos destinos e destrói tudo? Fiquei com você por esperança, não para observá-lo hesitar. Para alguém com o coração de pedra, o seu certamente anda molenga ultimamente. O Bogge estava em nossas terras, o *Bogge*, Tamlin! As barreiras entre as cortes sumiram, e mesmo nossos bosques estão fervilhando de escória como a puca. Vai simplesmente começar a viver ali, massacrando cada verme que rasteja para dentro?

— Cuidado com o que diz — avisou Tamlin.

Lucien deu um passo na direção dele, expondo os dentes também. Um tipo de brisa pulsante me atingiu no estômago, e um odor metálico preencheu meu nariz. Mas eu não conseguia *ver* nenhuma magia, apenas senti-la.

— Não me provoque, Lucien. — O tom de voz de Tamlin se tornou perigosamente baixo, e os pelos da minha nuca se arrepiaram quando ele emitiu um

grunhido que era puramente animal. — Acha que eu não sei o que está acontecendo em minhas terras? O que tenho a perder, o que já se perdeu?

A praga. Talvez estivesse contida, mas parecia ainda disseminar o caos, ainda era uma ameaça, e talvez uma sobre a qual eles realmente não quisessem que eu soubesse, por falta de confiança ou porque... porque eu não era ninguém e nada para eles. Inclinei o corpo para a frente, mas, quando o fiz, meu dedo deslizou e bateu baixinho contra a porta. Um humano poderia não ter ouvido, mas os dois Grão-Feéricos se viraram.

Surpreendida, dei um passo na direção do portal, pigarreando. Meu coração acelerou enquanto pensei em dezenas de desculpas para me proteger, mas olhei para Lucien e me obriguei a sorrir. Seus olhos se arregalaram, e imaginei se era por causa de meu sorriso ou porque eu realmente parecia culpada.

— Vai cavalgar? — falei, me sentindo um pouco enjoada conforme gesticulava para trás com o polegar. Não tinha planejado cavalgar com ele naquele dia, mas... parecia uma desculpa decente.

O olho vermelho de Lucien estava brilhando, mas o sorriso que ele me deu não o alcançava. O rosto do emissário de Tamlin... ele estava mais treinado para a corte e era o mais calculista que eu jamais tinha visto.

— Estou indisponível hoje — disse Lucien, com suavidade. Ele indicou Tamlin com o queixo. — Ele vai com você.

Tamlin lançou ao amigo um olhar de desdém que não se esforçou muito em esconder. O habitual boldrié de Tamlin estava armado com mais facas do que eu já vira, e os cabos de metal ornamentados reluziram quando ele se virou para mim, com os ombros eretos.

— Quando quiser ir, é só dizer. — As garras da mão livre tinham deslizado de volta sob a pele.

Não. Quase falei quando voltei os olhos suplicantes para Lucien. Aquela oferta tinha algo a ver com a conversa que eu acabara de ouvir? Lucien apenas me deu um

tapinha no ombro ao passar.

— Talvez amanhã, humana.

Sozinha com Tamlin, engoli em seco.

Ele estava de pé ali, esperando.

— Não quero ir caçar — falei, por fim, baixinho. Era verdade. — Odeio caçar.

Tamlin inclinou a cabeça.

— Então, o que quer fazer?

Tamlin me guiou pelos corredores. Uma brisa suave com cheiro de rosas passava pelas janelas abertas e acariciava meu rosto.

— Você tem ido caçar — disse Tamlin por fim —, mas na verdade não tem interesse nenhum em caçar. — Ele me olhou de esguelha. — Não é surpreendente que vocês dois jamais peguem nada.

Não havia nenhum rastro do guerreiro vazio e frio da noite anterior, ou do feérico nobre e revoltado de minutos antes. Ele era apenas Tamlin naquele momento, parecia.

Mas eu seria tola se abaixasse a guarda perto de Tamlin, se pensasse que o fato de ele agir naturalmente significava qualquer coisa, principalmente quando algo estava tão obviamente errado na propriedade. Tamlin tinha matado o Bogge, e isso o tornava a criatura mais perigosa que eu jamais havia encontrado. Não sabia muito bem o que pensar dele, e falei, um pouco contida:

— Como está sua mão?

Tamlin flexionou a mão enfaixada, avaliando as ataduras brancas, lisas e limpas contra a pele bronzeada.

— Não agradeci a você.

— Não precisa.

Mas Tamlin meneou a cabeça, e os cabelos dourados absorveram e refletiram a luz da manhã, como se tivessem se originado do próprio sol.

— A mordida do Bogge foi aperfeiçoada para retardar o processo de cura dos Grão-Feéricos. Por tempo suficiente para nos matar. Você tem minha gratidão. — Quando fiz um gesto de indiferença, ele acrescentou: — Como aprendeu a atar ferimentos desse jeito? Ainda consigo usar a mão, mesmo com as ataduras.

— Tentativa e erro. Eu precisava conseguir puxar a corda do arco no dia seguinte.

Tamlin ficou calado quando viramos em outro corredor de mármore inundado pela luz do sol, e ousei olhar para ele. Percebi que Tamlin me avaliava com atenção, os lábios contraídos em uma linha fina.

— Alguém já cuidou de você? — perguntou ele, baixinho.

— Não — respondi, simplesmente. Havia muito tempo tinha deixado de sentir pena de mim mesma por causa daquilo.

— Aprendeu a caçar de modo semelhante, por tentativa e erro?

— Observava caçadores quando conseguia não ser vista, e então praticava até acertar alguma coisa. Quando errava, não comíamos. Então, aprender a mirar foi a primeira coisa que dominei.

— Estou curioso — falou Tamlin, casualmente. O âmbar nos olhos verdes brilhava. Talvez nem todos os traços daquele guerreiro feral tivessem sumido. — Algum dia vai usar aquela faca que roubou da mesa?

Enrijeci o corpo.

— Como sabia?

Sob a máscara, eu podia jurar que suas sobrancelhas estavam erguidas.

— Fui treinado para perceber essas coisas. Mas consegui sentir o cheiro do medo em você, mais que qualquer outra coisa.

Resmunguei.

— Achei que ninguém tivesse reparado.

Tamlin me deu um sorriso torto, mais sincero que todos os sorrisos falsos e os elogios que me dera antes.

— Independentemente do Tratado, se quiser ter a chance de escapar do meu povo, precisará pensar em coisas mais criativas que roubar facas de jantar. Mas, com sua afinidade para xeretar, talvez algum dia aprenda algo valioso.

Minhas orelhas pulsaram com calor.

— Eu... eu não estava... Desculpe — murmurei. Mas repassei o que tinha ouvido. Não havia por que fingir que eu não tinha xeretado. — Lucien disse que vocês não tinham muito tempo. O que ele quis dizer? Mais criaturas como o Bogge virão até aqui graças à praga?

O corpo de Tamlin enrijeceu, e ele avaliou o corredor ao nosso redor, observando cada visão, som e odor. Depois, deu de ombros, num gesto contido demais para ser sincero.

— Sou imortal. Não tenho nada *além* de tempo, Feyre.

Ele disse meu nome com tanta... intimidade. Como se não fosse uma criatura capaz de matar monstros feitos de pesadelos. Abri a boca para exigir uma resposta decente, mas Tamlin me interrompeu.

— A força que parasita nossas terras e nossos poderes, ela também vai passar um dia se formos abençoados pelo Caldeirão. Mas, sim, agora que o Bogge entrou nestas terras, eu diria que é justo presumir que outros poderão segui-lo, principalmente se a puca já foi bem corajosa.

Se os limites entre as cortes tinham desaparecido, no entanto, como eu tinha ouvido Lucien dizer... Se tudo em Prythian estava diferente, conforme Tamlin alegara, graças a essa praga... bem, eu não queria ser pega no meio de alguma guerra ou revolução violentas.

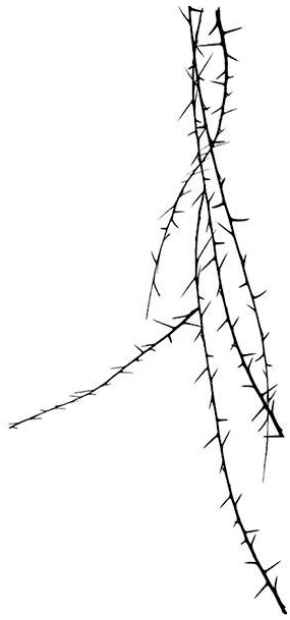
Tamlin caminhou adiante e abriu um conjunto de portas duplas no fim do corredor. Os músculos poderosos de suas costas se moveram sob as roupas. Tamlin parecia esculpido em músculos e pedra, moldado de uma força mais antiga que as

árvores que se erguiam altas e que as pedras que brotavam do chão cheio de musgo. Não, havia pouco a seu respeito que me fizesse esquecer do que Tamlin era... do que ele era capaz. Do que tinha sido treinado para fazer, pelo visto.

— Conforme pedido — disse Tamlin —, o escritório.

Vi o que havia além, e meu estômago se revirou.

Capítulo 13



Tamlin gesticulou com a mão, e centenas de velas se acenderam. O que quer que Lucien tivesse dito sobre magia drenada e desequilibrada devido à praga obviamente não tinha afetado Tamlin tão dramaticamente assim, ou talvez ele fosse muito mais poderoso no início se podia transformar os sentinelas em lobos sempre que desejava. O odor pungente de magia atingiu meus sentidos, mas mantive o queixo erguido. Quero dizer, até olhar para dentro.

As palmas de minhas mãos começaram a suar quando observei o enorme e opulento escritório. Fileiras de livros em estantes nas paredes, como soldados de um exército silencioso, e sofás, escrivaninhas e tapetes refinados se espalhavam pela sala. Mas... fazia mais de uma semana que eu deixara minha família. Embora meu pai tivesse me dito para nunca retornar, embora a promessa para minha mãe estivesse cumprida, eu podia ao menos avisar que estava segura — relativamente segura. E avisá-los sobre a doença que varria Prythian e que um dia poderia atravessar a muralha.

Havia apenas um método de passar a informação. Infelizmente, essa opção apresentava tantos obstáculos quanto uma fuga física. Mas eu precisava tentar.

— Precisa de mais alguma coisa? — perguntou Tamlin, e me assustei. Ele ainda estava atrás de mim.

— Não — falei, caminhando rapidamente para o escritório. Eu não conseguia pensar no poder casual que ele acabara de demonstrar, a indiferença graciosa com que dera vida a tantas chamas. Eu precisava me concentrar na tarefa diante de mim.

Não era totalmente minha culpa que eu mal conseguisse ler. Antes de nossa queda, mamãe negligenciara muito nossa educação, não contratara uma governanta. E, depois que a pobreza nos atingiu e minhas irmãs mais velhas, que sabiam ler e escrever, declararam que a escola da aldeia estava abaixo de nós, elas não se deram o trabalho de me ensinar. Eu conseguia ler o suficiente para me safar — o bastante para compor minhas letras, mas tão mal que mesmo assinar meu nome era vergonhoso.

Era ruim o bastante que Tamlin soubesse. Eu pensaria em *como* entregar a carta a elas quando estivesse terminada; talvez eu pudesse implorar por um favor a ele ou a Lucien. Mas pedir que eles escrevessem seria muito humilhante. Eu podia ouvir as palavras: *típica humana ignorante*. E, como Lucien parecia convencido de que eu viraria espiã assim que pudesse, ele sem dúvida queimaria a carta e qualquer outra que eu tentasse escrever depois. Então, precisaria aprender sozinha se quisesse avisar minha família.

— Vou deixá-la sozinha, então — disse Tamlin, quando nosso silêncio se estendeu demais, ficou excessivamente tenso.

Não me movi até que ele tivesse fechado as portas, me deixando do lado de dentro. Meu coração pulsava pelo corpo, mas inspirei para me acalmar quando me aproximei de uma estante.

Precisei parar a fim de jantar e dormir, mas voltei ao escritório antes que o dia amanhecesse por completo. Tinha encontrado uma pequena escrivaninha em um canto, e peguei papéis e tinta. Meu dedo traçou uma linha de texto, e sussurrei as palavras.

— "*Ela pe-pegou... pegou o sapato, lev... levan... levantando do lug... lu...*" — Recostei na cadeira e pressionei as palmas das mãos contra os olhos quando suspirei irregularmente. Quando já não sentia tanta vontade de arrancar os cabelos, peguei a pena e sublinhei a palavra: *lugar*.

Com a mão trêmula, fiz o melhor para copiar letra após letra na crescente lista que eu mantinha ao lado do livro. Havia ao menos quarenta palavras ali, as letras estavam mal escritas e quase ilegíveis. Eu pesquisaria a pronúncia depois.

Fiquei de pé, precisando esticar as pernas, a coluna... ou apenas sair de perto daquela enorme lista de palavras que não sabia como pronunciar e do calor permanente que agora aquecia meu rosto e o meu pescoço.

Imagino que o escritório fosse mais como uma biblioteca, pois eu não conseguia ver nenhuma das paredes, graças aos pequenos labirintos de estantes, que ladeavam a área principal, e ao mezanino acima, coberto, de parede a parede, com livros. Mas *escritório* soava menos intimidador. Caminhei por entre algumas das estantes, seguindo um raio de sol até um grupo de janelas no canto mais distante. Então, me vi diante de um jardim de rosas, cheio de dezenas de tonalidades de carmesim e rosa e branco e amarelo.

Poderia ter me permitido um momento para absorver as cores, reluzindo com orvalho sob o sol da manhã, caso não tivesse visto a pintura que se estendia pela parede ao lado das janelas.

Não é *uma pintura*, pensei, piscando quando recuei um passo para observar sua imensa extensão. Não, era... procurei pela palavra naquela parte da mente quase esquecida. *Mural*. Era isso.

A princípio, não consegui fazer outra coisa que não encarar o tamanho, a ambição, o fato de que aquela obra de arte estava enfiada ali nos fundos para que ninguém jamais a visse, como se não fosse nada — absolutamente nada — criar algo como aquilo.

Ela contava uma história, com o modo como as cores e as formas e a luz fluíam, o modo como o *tom* mudava pelo mural. A história de... Prythian.

Começava com um caldeirão.

Um poderoso caldeirão preto, erguido por esguias mãos femininas, brilhando, em uma noite estrelada e infinita. Aquelas mãos viraram o caldeirão, e, dele, um brilhante líquido dourado se derramou pela borda. Não, não brilhante, mas... efervescente, com pequenos símbolos, talvez alguma antiga língua feérica. O que quer que estivesse escrito ali, o que quer que fosse, o conteúdo do caldeirão foi derramado no vazio abaixo, acumulando-se na terra para formar nosso mundo...

O mapa continha todo o nosso mundo; não apenas a terra na qual estávamos, mas também os mares e os continentes maiores além deles. Cada território estava marcado e colorido, alguns com retratos intricados, ornamentados, dos seres que um dia tinham governado terras que agora pertenciam a humanos. Tudo isso, percebi estremecendo, todo o mundo tinha sido deles um dia; pelo menos até onde eles acreditavam, construído para eles pela portadora do caldeirão. Não havia menção a humanos. Nenhum sinal de nós ali. Supus que éramos tão baixos quanto porcos para eles.

Era difícil olhar para o outro painel. Era tão simples, mas tão detalhado que, por um momento, eu estava ali, naquele campo de batalha, sentindo a textura da lama ensanguentada sob mim, ombro a ombro com os milhares de outros soldados humanos enfileirados, encarando as hordas de feéricos que disparavam contra nós. Um momento de pausa antes do massacre.

As flechas e as espadas humanas pareciam tão inúteis contra os Grão-Feéricos em suas armaduras reluzentes, ou os feéricos preparados com as garras e as presas.

Eu sabia — sabia sem que outro painel explicitamente me mostrasse — que os humanos não tinham sobrevivido àquela batalha em especial. O borrão de preto no painel ao lado dele, manchado com brilhos vermelhos, dizia tudo.

Então, vi outro mapa, com um reino feérico muito reduzido. Os territórios ao norte tinham sido cortados e divididos para abrir espaço para os Grão-Feéricos, que tinham perdido as terras ao sul da muralha. Tudo ao norte da muralha ficou com eles; tudo ao sul foi deixado, como um borrão de nada. Um mundo dizimado, esquecido... como se o pintor não quisesse se dar o trabalho de retratá-lo.

Avaliei as diversas terras e os territórios agora entregues aos Grão-Feéricos. Ainda era muito território; um poder tão monstruoso espalhado por todas as partes ao norte de nosso mundo. Eu sabia que eram governados por reis ou rainhas ou conselhos ou imperatrizes, mas jamais vira uma representação disso, do quanto tinham sido forçados a entregar ao Sul, e do quanto as terras agora estavam amontoadas em comparação.

Nossa terra — uma enorme ilha — tinha dado benefícios a Prythian em comparação, com apenas a pontinha inferior entregue a nós, miseráveis humanos. A maior parte do sacrifício tinha sido do território mais ao sul entre os sete territórios: um local retratado com açafrões, ovelhas e rosas. Terras da primavera.

Eu me aproximei, até conseguir enxergar o borrão escuro e feio que representava a muralha; outro toque de desprezo do pintor. Nenhum limite no território humano, nada para indicar quaisquer das cidades ou dos centros maiores, mas... encontrei a área aproximada em que estaria nossa aldeia, e o bosque que a separava da muralha. Aqueles dois dias de jornada pareciam tão pequenos — pequenos demais — em comparação com o poder que espreitava acima de nós. Tracei uma linha, meu dedo flutuando sobre a pintura, para cima... para cima, além da muralha, até essas terras, as terras da Corte Primaveril. De novo, nenhum limite, mas estava cheia de toques de primavera: árvores florescendo, tempestades inconstantes, animais jovens...

Olhei para o norte e recuei de novo. As outras seis cortes de Prythian ocupavam um retalho de territórios. Outonal, Estival e Invernal eram fáceis de distinguir. Então, acima delas, duas cortes reluziam: a mais ao sul era de uma palheta mais suave e avermelhada, a Corte Crepuscular; acima, com dourado forte, amarelo e azul, estava a Corte Diurna. E acima dela, empoleirada em uma cadeia montanhosa congelada de escuridão e estrelas, o amplo e imenso território da Corte Noturna.

Havia coisas às sombras entre aquelas montanhas — pequenos olhos, dentes reluzindo. Era uma terra de beleza mortal. Os pelos em meu braço se arrepiaram.

Eu poderia ter examinado os outros reinos do outro lado dos mares que flanqueavam nossa terra, como o reino feérico isolado a oeste, que parecia ter saído *sem* perda territorial e que ainda tinha sua própria lei, caso não tivesse olhado para o coração daquele lindo mapa vivo.

No centro do território, como se fosse o núcleo ao redor do qual todo o resto se espalhava, ou talvez onde o líquido daquele caldeirão tinha tocado antes de tudo, havia uma pequena e nevada cadeia montanhosa. Dela, um imenso pico solitário se erguia. Livre de neve, livre de vida — como se as forças da natureza se recusassem a tocá-lo. Não havia mais pistas sobre o que poderia ser; nada para indicar sua importância, e imaginei que os espectadores do mural já devessem saber. Aquele não era um mural para olhos humanos.

Com isso em mente, voltei para minha mesinha. Pelo menos tinha aprendido a disposição das terras deles — e sabia que jamais, jamais deveria ir para o norte.

Eu me acomodei no assento e encontrei o ponto em que parara no livro, meu rosto se aqueceu quando olhei para as ilustrações que estavam espalhadas por ele. Um livro infantil, mas eu mal conseguia completar as vinte e poucas páginas. Por que Tamlin tinha livros *infantis* na biblioteca? Seriam da própria infância, ou em antecipação de crianças que viriam? Não importava. Eu sequer conseguia lê-los. Odiava o cheiro daqueles livros; o bolor podre das páginas, o sussurro debochado

do papel, a pele áspera da encadernação. Olhei para o pedaço de papel, com todas aquelas palavras que eu não conhecia.

Amassei a lista, formando uma bola com o papel, e a joguei no lixo.

— Eu poderia ajudá-la a escrever para eles se é por isso que está aqui.

Recuei o corpo na cadeira e quase a derrubei, e me virei para ver Tamlin atrás de mim com uma pilha de livros nos braços. Contive o calor que subiu em meu peito e minhas orelhas, o pânico diante da informação que ele poderia imaginar que eu estava tentando enviar.

— Ajuda? Quer dizer que um feérico está deixando passar a oportunidade de debochar de uma mortal ignorante?

Ele apoiou os livros na mesa, o maxilar contraído. Não consegui ler os títulos que reluziam das lombadas de couro.

— Por que eu deveria debochar de você por uma falha que não é sua culpa? Deixe-me ajudá-la. Devo a você pela mão.

Falha. Era uma falha.

Mas uma coisa era enfaixar sua mão, falar com ele como se não fosse um predador feito para matar e destruir; agora, revelar o quão pouco eu realmente sabia, deixar que ele visse aquela parte de mim que ainda era uma criança, inacabada, crua... O rosto de Tamlin parecia indecifrável. Apesar de sua voz não ter demonstrado pena, endireitei o corpo.

— Estou bem.

— Acha que não tenho nada melhor para fazer com meu tempo que pensar em formas elaboradas de humilhar você?

Pensei naquele borrão de nada que o pintor tinha usado para retratar as terras humanas, e não tive resposta, pelo menos não uma que fosse educada. Eu já entregara muito a eles — a ele.

Tamlin balançou a cabeça.

— Então você deixa que Lucien a leve em caçadas e...

— Lucien — interrompi, em voz baixa, mas não com suavidade — não finge ser algo que não é.

— O que isso quer dizer? — grunhiu Tamlin, mas as garras permaneceram retraídas, mesmo quando fechou as mãos em punho na lateral do corpo.

Eu estava definitivamente em um caminho perigoso, mas não me importava. Mesmo que ele tivesse me oferecido asilo, não precisava cair a seus pés.

— Quero dizer — falei, com aquele mesmo tom baixo e frio — que não conheço você. Não sei quem é, ou *o que* realmente é, ou o que quer.

— Significa que não confia em mim.

— Como posso confiar em um feérico? Não sente prazer em nos matar e nos enganar?

O grunhido de Tamlin fez com que as chamas das velas tremeluzissem.

— Você não é o que eu tinha em mente quando pensava numa *humana*, acredite em mim.

Eu quase conseguia sentir a ferida no fundo do peito conforme ela se abria e todas aquelas palavras terríveis e silenciosas disparavam para fora. *Analfabeta, ignorante, medíocre, orgulhosa, fria* — todas ditas pela boca de Nestha, todas ecoando em minha cabeça com a voz de desprezo de minha irmã.

Fechei os lábios com força.

Tamlin encolheu o corpo e ergueu levemente a mão, como se estivesse prestes a estendê-la para mim.

— Feyre — começou Tamlin, tão suavemente que eu apenas fiz que não com a cabeça e saí da sala. Ele não me impediu.

Mas, naquela tarde, quando fui buscar a lista amassada na lata de lixo, ela havia sumido. E minha pilha de livros tinha sido revirada — os títulos estavam fora de ordem. Provavelmente fora uma criada, assegurei a mim mesma, acalmando o aperto em meu peito. Deve ter sido apenas Alis, ou algum outro feérico com máscara de pássaro, fazendo a limpeza. Eu não tinha escrito nada incriminador; de

maneira alguma ele saberia que eu tentava avisar minha família. Duvidava que ele fosse me punir por aquilo, mas... Nossa conversa mais cedo já tinha sido ruim o bastante.

Mesmo assim, minhas mãos estavam trêmulas quando ocupei meu assento na pequena escrivaninha e encontrei o ponto em que havia parado no livro que tinha usado naquela manhã. Eu sabia que era vergonhoso marcar livros com nanquim, mas, se Tamlin podia pagar por pratos de ouro, poderia substituir um ou dois livros.

Encarei o livro sem ver o emaranhado de letras.

Talvez eu fosse uma tola por não aceitar a ajuda dele, por não engolir o orgulho e pedir que Tamlin escrevesse a carta em alguns minutos. Nem mesmo uma carta de aviso, mas apenas... apenas para deixar que soubessem que eu estava segura. Se ele tinha coisas melhores a fazer com o tempo do que pensar em modos de me envergonhar, então ele certamente tinha coisas melhores a fazer do que me ajudar a escrever cartas para minha família. Mesmo assim, ele se oferecera.

Um relógio próximo soou a hora.

Falha, mais uma de minhas *falhas*. Esfreguei as sobrancelhas com o polegar e o indicador. Eu fora igualmente tola por sentir uma pontada de pena dele, do feérico solitário e deprimido, alguém que eu tão *estupidamente* tinha achado que realmente se importaria se conhecesse alguém que talvez sentisse o mesmo, talvez entendesse — de meu modo humano, ignorante e insignificante — como era suportar o peso de cuidar dos outros. Eu deveria ter deixado que sua mão sangrasse naquela noite, deveria ter sido mais esperta e não ter pensado que talvez... talvez houvesse alguém, humano, feérico ou o que fosse, que podia entender o que minha vida, o que *eu* havia me tornado nos últimos anos.

Um minuto se passou, depois outro.

Feéricos podiam não conseguir mentir, mas eles certamente podiam omitir informações; Tamlin, Lucien e Alis tinham feito de tudo para não responder minhas perguntas específicas. Saber mais sobre a praga que os ameaçava — saber *qualquer*

coisa sobre ela, de onde viera, o que mais poderia fazer e, principalmente, o que poderia fazer com um *humano* — valia meu tempo de aprendizado.

Se havia a chance de eles também possuírem algum conhecimento sobre uma brecha esquecida naquela porcaria de Tratado, se conhecessem alguma forma de pagar a dívida que eu devia *e* me devolver a minha família para que eu pudesse avisá-la sobre a praga pessoalmente... eu precisava arriscar.

Vinte minutos depois, encontrei Lucien no quarto dele. Eu havia marcado no mapa onde ficava — em uma ala separada, no segundo andar, longe do meu —, e depois de procurar nos lugares em que ele costumava estar, era o último a procurar. Bati nas portas duplas pintadas de branco.

— Entre, humana. — Ele provavelmente conseguia me detectar somente pelo padrão de minha respiração. Ou talvez aquele olho conseguisse ver através da porta.

Abri a porta devagar. O quarto era parecido com o meu em formato, mas estava decorado em tons de laranja, vermelho e dourado, com leves traços de verde e marrom. Era como estar em uma floresta no outono. Mas, enquanto meu quarto era todo suave e gracioso, o dele era marcado por aspereza. No lugar da linda mesa de café da manhã ao lado da janela, uma mesa de trabalho surrada dominava o espaço, coberta com várias armas. Era ali que estava sentado, usando uma longa camisa branca e calça, os cabelos ruivos e soltos brilhando como fogo líquido. Era o emissário de Tamlin treinado para a corte, mas era um guerreiro por mérito próprio.

— Não o vi por aí — falei, fechando a porta e recostando o corpo contra ela.

— Precisei cuidar de uns cabeças-quentes na fronteira norte, negócio oficial de emissário — respondeu Lucien, apoiando a faca de caça que estava limpando, que tinha uma cruel lâmina longa. — Voltei a tempo de ouvir sua discussãozinha com Tam e decidi que ficaria mais seguro aqui em cima. Foi bom saber que seu coração

humano se abriu para mim, no entanto. Pelo menos não estou no topo de sua lista de assassinatos.

Olhei atentamente para ele.

— Bem — continuou Lucien, e deu de ombros —, parece que conseguiu irritar tanto Tam que ele veio atrás de mim e quase arrancou minha cabeça. Então, acho que posso agradecer a você por destruir o que deveria ter sido um almoço tranquilo. Ainda bem, para mim, que houve uma perturbação na floresta a oeste, e meu pobre amigo precisou ir lidar com ela daquela forma que somente ele consegue. Fico surpreso por não ter esbarrado com ele nas escadas.

Agradeça aos deuses esquecidos por algumas pequenas graças.

— Que tipo de perturbação?

Lucien deu de ombros, mas o movimento foi tenso demais para parecer despreocupado.

— O tipo de sempre: criaturas indesejadas e terríveis causando o inferno.

Que bom — que bom que Tamlin estava longe e não estaria ali para me surpreender com o que eu planejava fazer. Outra pontada de sorte.

— Fico impressionada por ter respondido isso — falei, tão casualmente quanto pude, pensando minhas palavras. — Mas é uma pena que você não seja como os Suriel, cuspindo qualquer informação que eu queira se eu for esperta o bastante para o aprisionar.

Por um momento, Lucien piscou para mim. Então, sua boca se repuxou para o lado, e aquele olho de metal rangeu e se virou para mim.

— Suponho que não vai me dizer o que quer saber?

— Você tem seus segredos, eu tenho os meus — argumentei, com cuidado. Não sabia dizer se ele tentaria me convencer do contrário caso eu contasse a verdade. — Mas se você *fosse* Suriel — acrescentei, com uma lentidão deliberada, caso Lucien não tivesse me entendido —, como, exatamente, eu poderia prendê-lo?

Lucien apoiou a faca e limpou as unhas. Por um momento, imaginei se ele sequer me contaria alguma coisa. Imaginei se correria para Tamlin e me delataria.

Mas, então, ele respondeu:

— Eu provavelmente teria uma fraqueza por jovens arvoredos de bétulas nos bosques do oeste, e galinhas recém-abatidas, e provavelmente seria tão ganancioso a ponto de não reparar na armadilha de corda dupla montada ao redor do arvoredo para prender minhas pernas.

— Hmmm. — Não ousei indagar por que Lucien havia decidido ser prestativo. Ainda havia uma boa chance de ele não se importar em me ver morta, mas eu arriscaria. — Por algum motivo, prefiro você como Grão-Feérico.

Lucien deu um risinho, mas a diversão durou pouco.

— Se eu fosse louco e burro o bastante para ir atrás de um Suriel, também levaria um arco e uma flecha, e talvez uma faca, exatamente como esta. — Lucien embainhou a faca que acabara de limpar e a apoiou na beira da mesa; era uma oferta. — E estaria pronto para correr como nunca quando o libertasse, até a água corrente mais próxima, que eles odeiam cruzar.

Mas você não é louco; então, você estará aqui, são e salvo?

— Estarei convenientemente caçando pela propriedade, e, com minha audição superior, talvez me sinta generoso a ponto de prestar atenção se alguém gritar do bosque a oeste. Mas foi bom que eu não tivesse qualquer participação em dizer a você que saísse hoje, pois Tam estriparia qualquer um que contasse a você como prender um Suriel; e foi bom eu ter planejado caçar, de toda forma, porque, se alguém me surpreendesse ajudando você, haveria problemas de um tipo totalmente diferente a nossa espera. Espero que seus segredos valham a pena. — Lucien disse isso com o sorriso de sempre, mas havia uma ansiedade ali, um aviso que não deixei de ver.

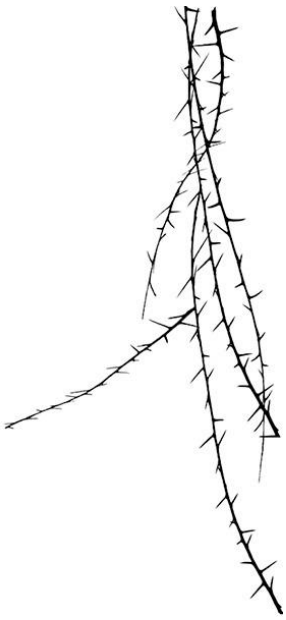
Outra charada... e outra fração de informação.

— Acho bom o fato de você ter audição superior, e o de eu ter habilidades superiores em ficar de boca fechada — confessei.

Lucien deu um riso de escárnio quando peguei a faca da mesa e me virei para pegar meu arco no quarto.

— Acho que estou começando a gostar de você... para uma humana assassina.

Capítulo 14



Bosque a oeste. Jovens arvoredos de bétulas. Galinhas abatidas. Armadilha de corda dupla. Água corrente.

Repeti as instruções de Lucien conforme saí da mansão, passei pelos jardins cultivados, cruzei as selvagens colinas gramadas e levemente inclinadas além deles, cruzei córregos cristalinos, e entrei no bosque primaveril adiante. Ninguém tentara me impedir, ninguém sequer estivera por perto para me ver partir, arco e aljava nas costas, a faca de Lucien na lateral do corpo. Carreguei também uma sacola com uma galinha recém-abatida, cortesia da equipe estarrecida da cozinha, e coloquei uma lâmina a mais na bota.

O terreno parecia tão vazio quanto a própria mansão, embora eu ocasionalmente visse algo brilhando no canto do olho. Sempre que me virava para olhar, o brilho se transformava na luz do sol dançando em um lago próximo, ou apenas no vento farfalhando as folhas de uma solitária figueira no alto de uma colina. Quando passei por um grande lago acomodado ao pé de uma colina alta, podia ter jurado que vi quatro cabeças femininas brilhantes despontando da água reluzente, me observando. Apertei o passo.

Apenas pássaros e o chilrear e o farfalhar de pequenos animais ressoavam conforme entrei na floresta oeste ainda verde. Eu jamais tinha cavalgado por aqueles bosques nas caçadas com Lucien. Não havia trilha ali, ou nada civilizado a respeito do lugar. Carvalhos, olmos e faias se entrecruzavam em um emaranhado espesso, quase estrangulando os feixes de luz do sol que se esgueiravam pela folhagem densa. A terra coberta de musgo abafava qualquer som que eu fizesse.

Velha; aquela floresta era antiga. E viva, de uma forma que eu não conseguia descrever, apenas sentir, bem no fundo dos ossos. Talvez eu fosse a primeira humana em quinhentos anos a caminhar sob aqueles galhos escuros e pesados, a cheirar o frescor das folhas de primavera, que escondia a podridão úmida e espessa.

Bétulas — água corrente. Abri caminho pelo bosque, o fôlego bem preso na garganta. A noite era a hora perigosa, lembrei a mim mesma. Só tinha algumas horas até o pôr do sol.

Apesar de o Bogge ter nos perseguido à luz do dia.

O Bogge estava morto, e qualquer que fosse o horror com que Tamlin agora lidasse, morava em outra parte daquelas terras. Nas terras da Corte Primaveril se aquele mural estava certo. Imaginei de que formas Tamlin precisava responder ao Grão-Senhor da Corte Primaveril... ou se fora esse Grão-Senhor que arrancara o olho de Lucien. Talvez fosse a consorte do Grão-Senhor — a *ela* que Lucien havia mencionado — que lhes causava tanto medo. Afastei o pensamento.

Mantive os passos leves, os olhos e os ouvidos atentos, e a respiração calma. Com falhas ou não, eu ainda podia caçar. E as respostas de que eu precisava valiam a pena.

Encontrei uma depressão com bétulas jovens e esguias, e, então, caminhei em círculos cada vez mais amplos até encontrar o córrego mais próximo. Não era profundo, mas tão largo que eu precisaria correr para atravessá-lo. Lucien dissera que eu encontrasse água corrente, e aquilo era perto o bastante para tornar a fuga possível. Se eu precisasse fugir. Esperava que não precisasse.

Fiz e refiz rotas diferentes até o córrego. E algumas rotas alternativas, caso meu acesso até ele, por algum motivo, fosse bloqueado. Quando estava certa de cada raiz, pedra e toca nos arredores, voltei para a pequena clareira envolta naquelas árvores brancas, e montei a armadilha.

Do ponto em que estava, no alto de uma árvore próxima — um carvalho firme e denso, cujas folhas vibrantes me escondiam totalmente de qualquer um abaixo — esperei. E esperei. O sol da tarde subiu, tão quente, até mesmo através da folhagem, que precisei tirar o manto e enrolar as mangas da túnica. Meu estômago roncou, e peguei um pedaço de queijo da sacola. Comer o queijo seria mais silencioso que morder a maçã que eu também havia tirado da cozinha ao sair. Quando terminei, bebi do cantil de água que levara, sedenta devido ao trabalho e ao calor.

Será que Tamlin ou Lucien ficavam cansados de um cotidiano de primavera eterna, ou sequer se aventuravam em outros territórios, pelo menos para experimentar uma estação diferente? Eu não teria me importado com uma primavera infinita e amena enquanto cuidava de minha família — o inverno nos deixava perigosamente próximos da morte todos os anos —, mas, se eu fosse imortal, talvez quisesse um pouco de variedade para passar o tempo. Eu provavelmente desejaria mais que vagar emburrada por uma mansão também. Embora ainda não tivesse reunido coragem para fazer o pedido que surgira em minha mente quando vi o mural.

Eu me movia tanto quanto ousava no galho, apenas para manter o sangue fluindo pelos braços e pernas. Soube que algo se aproximava quando uma onda de silêncio veio em minha direção. Foi como se os sabiás, os esquilos e as mariposas do bosque tivessem prendido o fôlego enquanto algo passava.

Meu arco já estava esticado. Em silêncio, armei uma flecha. Mais e mais perto, o silêncio rastejava.

As árvores pareceram se inclinar para a frente, os galhos entrelaçados se enganchando com mais força, quase uma gaiola viva, impedindo que até mesmo o menor dos pássaros voasse para fora da folhagem.

Talvez aquela tivesse sido uma ideia muito ruim. Talvez Lucien houvesse superestimado minhas habilidades. Ou talvez ele estivesse esperando pela chance de me levar à ruína.

Meus músculos sofriam de ficar imóveis no alto do galho, mas mantive o equilíbrio — e ouvi. Então, escutei: um sussurro, como se um tecido se arrastasse sobre raízes e pedras, uma respiração faminta e chiada vindo da clareira próxima. O som era horrível. Tão antigo quanto as árvores.

Montei as armadilhas com cuidado, fazendo parecer que a galinha fora longe demais e quebrara o próprio pescoço enquanto tentava se libertar de um galho caído. Tomei o cuidado de manter meu cheiro longe do pássaro o máximo possível. Mas aqueles feéricos tinham os sentidos tão aguçados, e, apesar de eu ter apagado meus rastros...

Houve, então, um estalo, um farfalhar e um grito oco e maligno que fizeram meus ossos e músculos e a respiração congelarem.

Outro grito enfurecido cortou a floresta, e minhas armadilhas rangeram ao segurarem, segurarem e seguraram.

Desci da árvore e fui encontrar o Suriel.

Lucien, decidi enquanto caminhava devagar até o feérico na ravina de bétulas, tinha definitivamente superestimado minhas habilidades. Ou queria muito mesmo que eu morresse.

Não sabia o que esperar conforme entrava no círculo de árvores brancas — altas e retas como mastros —, mas não seria a figura alta e magra, vestindo uma túnica surrada. As costas curvadas do Suriel estavam voltadas para mim; eu conseguia contar os nódulos de sua coluna despontando pelo tecido fino. Braços cinzentos, magricelas e cobertos de feridas puxavam a armadilha com unhas amareladas e quebradas.

Corra, sussurrou alguma parte primitiva e intrinsecamente humana de mim. Implorou. *Corra e corra e não olhe para trás.*

Mas mantive a flecha armada. Falei baixinho:

— Você é um Suriel?

O feérico enrijeceu o corpo. E farejou. Uma vez. Duas.

Então, devagar, ele se virou para mim, o véu escuro que pendia de sua cabeça careca oscilou em uma brisa fantasma.

Tinha um rosto que parecia ter sido feito de desgastado osso seco, a pele fora esquecida ou descartada, uma boca sem lábios e dentes longos demais, presos em gengivas escuras, fendas finas no lugar de narinas e olhos... olhos que não passavam de fossos rodopiantes de um branco leitoso — o branco da morte, o branco da doença, o branco de cadáveres já decompostos, ossos limpos.

Despontando da gola puída da túnica escura havia um conjunto de veias e ossos, secos e sólidos e tão horríveis quanto a textura do rosto dele. O feérico soltou a corda, e os dedos muito longos estalaram enquanto ele me avaliava.

— Humana — disse o feérico, a voz ao mesmo tempo única e múltipla, velha e jovem, linda e grotesca. Meu estômago se revirou. — Montou essa armadilha inteligente e maliciosa para mim?

— Você é um Suriel? — perguntei de novo, as palavras mal passavam de um fôlego irregular.

— Sou, de fato. — *Clique, clique, clique* soaram os dedos dele estalando, um para cada palavra.

— Então, a armadilha era para você. — Consegui dizer. *Corra, corra, corra.*

O feérico permaneceu sentado, os pés descalços e retorcidos presos em minhas cordas.

— Não vejo uma mulher humana há uma era. Chegue mais perto para eu poder olhar minha caçadora.

Não fiz tal coisa.

O feérico soltou uma gargalhada rouca e terrível.

— E qual de meus confrades entregou meus segredos a você?

— Nenhum deles. Minha mãe me contou histórias.

— Mentiras... Posso sentir o cheiro das mentiras em seu hálito. — O feérico fungou de novo, os dedos estalando. Ele inclinou a cabeça para o lado, num movimento aleatório e ágil, o véu escuro seguindo. — O que uma fêmea humana iria querer com um Suriel?

— Diga você — respondi baixinho.

A criatura soltou outra risada baixa.

— Um teste? Um teste tolo e inútil, pois, se ousou me capturar, então deve querer conhecimento desesperadamente. — Não respondi, e o feérico sorriu com aquela boca sem lábios, os dentes cinzentos terrivelmente grandes. — Faça suas perguntas, humana, e depois me liberte.

Engoli em seco.

— Existe... mesmo uma forma de eu voltar para casa?

— Não, a não ser que queira ser morta, e que sua família também o seja. Deve permanecer aqui.

Qualquer último fio de esperança ao qual me segurava, qualquer que fosse o otimismo tolo... se partiu e morreu. Aquilo não mudava nada. Antes de minha briga com Tamlin naquela manhã, eu nem mesmo pensara naquilo, de qualquer forma. Talvez só tivesse ido até o Suriel por ressentimento. Então... tudo bem... ali estava eu, encarando a morte certa, poderia muito bem aprender alguma coisa.

— O que sabe sobre Tamlin?

— Mais específica, humana. Seja mais específica. Pois sei muitas coisas sobre o Grão-Senhor da Corte Primaveril.

A terra girou sob meus pés.

— Tamlin é... Tamlin é um Grão-Senhor?

Clique, clique, clique.

— Você não sabia. Interessante.

Tamlin não era apenas o mesquinho mestre feérico da mansão, mas... um Grão-Senhor de um dos sete territórios. Um Grão-Senhor de Prythian.

— Também não sabia que esta é a Corte Primaveril, pequena humana?

— Sim... sim, isso eu sabia.

O Suriel se acomodou no chão.

— Primaveril, Estival, Outonal, Invernal, Crepuscular, Diurna e Noturna — ponderou a criatura, como se eu sequer tivesse respondido. — As sete Cortes de Prythian, cada uma governada por um Grão-Senhor, todas letais de seu próprio jeito. Não são apenas poderosas, *são* Poder.

Por isso Tamlin conseguiu enfrentar o Bogge e sobreviver. Grão-Senhor.

Afastei o medo.

— Todos na Corte Primaveril estão presos com uma máscara, mas você não — falei, com cautela. — Você não é membro da Corte?

— Não sou membro de Corte alguma. Sou mais velho que os Grão-Senhores, mais velho que Prythian, mais velho que os ossos deste mundo.

Lucien tinha *definitivamente* superestimado minhas habilidades.

— E o que pode ser feito... quanto a essa praga que se alastrou por Prythian, roubando e alterando a magia? De onde ela veio?

— Fique com o Grão-Senhor, humana — aconselhou o Suriel. — É tudo o que pode fazer. Ficará segura. Não interfira; não saia em busca de respostas depois de

hoje, ou será devorada pela sombra que paira sobre Prythian. Ele vai protegê-la; então, fique perto dele, e tudo se acertará.

Aquilo não era exatamente uma resposta. Repeti:

— De onde veio a praga?

Aqueles olhos leitosos se semicerraram.

— O Grão-Senhor não sabe que você veio aqui hoje, sabe? Ele não sabe que a sua fêmea humana veio prender um Suriel porque não pode dar a ela as respostas que ele busca. Mas é tarde demais, humana... para o Grão-Senhor, para você, talvez para seu reino também...

Apesar de tudo o que o feérico disse, apesar da ordem para que eu parasse de fazer perguntas e ficasse com Tamlin, foi *sua fêmea humana* que ecoou em minha mente. Aquilo me fez trincar os dentes.

Mas o Suriel continuou.

— Do outro lado do violento mar oeste, há outro reino feérico chamado Hybern, governado por um rei cruel e poderoso. Sim, um rei — afirmou o Suriel, quando ergui a sobrancelha. — Não um Grão-Senhor; lá, o território não está dividido em cortes. Lá, ele é a própria lei. Humanos não existem mais naquele reino, embora o trono seja feito de ossos humanos.

Aquela ilha grande que eu vira no mapa, aquela que não tinha perdido nenhuma terra para humanos depois do Tratado. E... e um trono de ossos. O queijo que eu tinha comido se tornou chumbo em meu estômago.

— Faz tempo que o rei de Hybern tem se sentido insatisfeito com o Tratado que os outros Grão-Feéricos governantes do mundo firmaram com vocês humanos, há séculos. Ele se ressente por ter sido forçado a assiná-lo, por libertar seus escravos mortais e permanecer confinado à ilha verde e úmida no fim do mundo. Então, há cem anos, ele enviou os comandantes de mais confiança e lealdade, os guerreiros mais mortais, sobreviventes dos antigos exércitos com os quais um dia navegara até o continente para travar guerra tão brutal contra vocês humanos, todos eles tão

famintos e cruéis quanto o rei. Como espiões, cortesãos e amantes, eles se infiltraram nas diversas cortes, reinos e impérios de Grão-Feéricos pelo mundo durante cinquenta anos, e, quando reuniram informações o suficiente, o rei forjou seu plano. Mas há quase cinco décadas, um dos comandantes o desobedeceu. A Ardilosa. E... — O Suriel enrijeceu o corpo. — Não estamos sozinhos.

Puxei mais a corda do arco, mas mantive a arma apontada para o chão enquanto observava inutilmente as árvores. Mas tudo já estava silencioso na presença do Suriel.

— Humana, deve me libertar e fugir — disse o feérico, com aqueles olhos cheios de morte se arregalando. — Corra para a mansão do Grão-Senhor. Não se esqueça do que contei hoje, *fique com o Grão-Senhor* e viva para ver tudo se acertar.

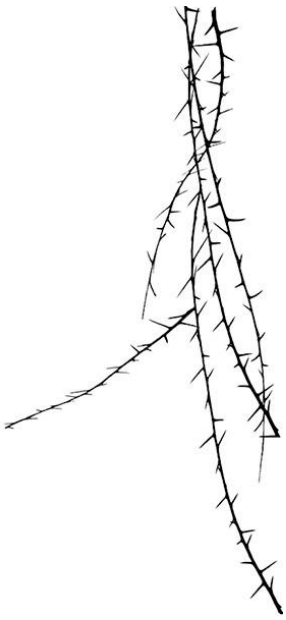
— O que é? — Se eu soubesse o que estava a caminho, poderia ter uma chance de...

— Os naga, feéricos feitos de sombra e ódio e podridão. Ouviram meu grito e sentiram seu cheiro. Liberte-me, humana. Eles vão me enjaular se me pegarem aqui. *Liberte-me* e volte para o lado do Grão-Feérico.

Merda. *Merda*. Corri para a armadilha, fazendo menção de soltar o arco e pegar a faca.

Mas quatro figuras sombreadas surgiram das bétulas, tão escuras que pareciam feitas de uma noite sem estrelas.

Capítulo 15



Os naga pareciam saídos de um pesadelo. Cobertos de escamas escuras e nada mais, eram uma combinação horrível de feições viperinas e corpos humanoides masculinos, cujos braços fortes terminavam em garras pretas reluzentes, capazes de retalhar carne.

Ali estavam as criaturas das lendas sangrentas, aquelas que escapavam pela muralha para atormentar e trucidar mortais. Aquelas que eu ficaria feliz em matar naquele dia, no bosque nevado. Os olhos imensos, com formato amendoado, observaram vorazmente o Suriel e eu.

Os quatro naga pararam do outro lado da clareira, com o Suriel entre nós, e apontei a flecha para o que estava no centro...

A criatura sorriu, e uma fileira de dentes afiados como lâminas me cumprimentou quando uma língua prateada bifurcada disparou para fora.

— A Mãe Sombria nos mandou um presente hoje, irmãos — disse ele, olhando para o Suriel, que estava raspando as garras na corda da armadilha. Os olhos âmbar do naga se voltaram para mim de novo. — E uma refeição.

— Não é muito para comer — disse outro, flexionando as garras.

Comecei a recuar... na direção do rio, na direção da mansão abaixo, mantendo a flecha apontada para eles. Um grito meu avisaria Lucien, mas o fôlego era escasso. E ele poderia sequer aparecer se tivesse me mandado até ali. Mantive todos os sentidos fixos nos passos de retirada.

— *Humana* — implorou o Suriel.

Eu tinha dez flechas — nove, depois que disparasse aquela armada no arco. Nenhuma era de freixo, mas talvez contivessem os naga o bastante para que eu fugisse.

Recuei outro passo. Os quatro naga se aproximaram devagar, como se saboreassem a lentidão da caçada, como se soubessem que já haviam vencido.

Eu tinha três batidas do coração para me decidir. Três batidas do coração para executar meu plano.

Puxei mais a corda do arco, com o braço trêmulo.

Então, gritei. Esganiçado e alto, com cada fração de ar nos pulmões pequenos demais.

Com os naga agora concentrados totalmente em mim, disparei contra a corda que mantinha o Suriel preso.

A armadilha se partiu. Como uma sombra no vento, o Suriel disparou, numa explosão escura que fez os quatro naga cambalearem para trás.

Aquele mais perto de mim disparou na direção do Suriel, a coluna forte do pescoço escamoso se esticando. Não havia mais chance de meus movimentos serem considerados um ataque não provocado; não agora que tinham visto minha mira. Ainda queriam me matar.

Então, soltei a flecha.

A ponta reluziu como uma estrela cadente pela escuridão da floresta, e tive apenas um piscar de olhos antes de ela atingir o alvo e o sangue jorrar no ar. O naga caiu para trás no momento em que os três restantes se viraram para mim. Eu não soube se fora um tiro fatal. Já estava fugindo.

Corri até o rio usando a trilha que calculara mais cedo, sem ousar olhar para trás. Lucien disse que estaria por perto, mas eu ainda estava nas profundezas do bosque, ainda longe da mansão e da ajuda.

Galhos e gravetos estalaram atrás de mim — perto demais —, e grunhidos, que não pareciam em nada algo que eu tivesse ouvido de Tamlin, de Lucien, do lobo ou de qualquer animal, preencheram a floresta.

Minha única esperança de escapar com vida era ser mais rápida que eles tempo o bastante para chegar a Lucien... se ele estivesse ali conforme prometido. Não me permiti pensar em todas as colinas que precisaria subir depois que saísse da floresta. Ou o que faria se Lucien tivesse mudado de ideia.

Os estalos pela vegetação ficaram mais altos, mais próximos, e virei para a direita, saltando por cima do córrego. Água corrente poderia ter impedido o Suriel, mas um chiado e um estampido logo atrás me informaram que não fazia nada para deter os naga.

Disparei por arbustos espinhentos, e os espinhos arranharam minhas bochechas. Mal senti os beijos dolorosos ou o sangue morno que escorria por meu rosto. Nem mesmo tive tempo de vacilar, não quando duas figuras escuras estavam a meu lado, se aproximando para me interceptar.

Meus joelhos reclamaram quando me esforcei mais, concentrada na luminosidade crescente do fim da floresta. Mas o naga à direita disparou até mim, tão rápido que só consegui saltar de banda a fim de evitar as garras afiadas.

Tropecei, mas continuei de pé no momento em que o naga à esquerda pulou. Parei e virei o arco em um semicírculo amplo. Quase o soltei quando atingiu aquele rosto viperino e osso estalou com um grito assustador. Saltei por cima do enorme corpo caído do naga, sem me deter para procurar pelos outros.

Avancei 10 metros antes de o terceiro naga se colocar diante de mim.

Brandi o arco contra a cabeça dele. O naga desviou. Os outros dois chiaram quando surgiram atrás de mim, e segurei o arco com mais força.

Cercada.

Virei lentamente em círculo, o arco pronto para atacar.

Um deles fungou para mim, aquelas narinas em fendas se dilatando.

— Coisa humana esquálida — disparou ele para os outros cujos sorrisos ficaram mais afiados. — Sabe o que nos custou?

Eu não cairia sem lutar, sem levar alguns deles comigo.

— Vão para o inferno — vociferei, mas saiu como um arquejo.

Eles riram, se aproximando. Golpeei com o arco o mais próximo. Ele desviou, rindo.

— Nós vamos nos divertir, embora você talvez não ache tão divertido.

Trinquei os dentes quando ataquei de novo. Eu não seria caçada como um cervo entre lobos. Encontraria um modo de sair daquilo; eu...

A mão escura e cheia de garras de alguém se fechou sobre a parte de madeira do arco, e um ruidoso *estalo* ecoou pelo bosque silencioso demais.

O ar deixou meu peito como uma lufada, e só tive tempo de dar meia-volta antes que um deles me segurasse pelo pescoço e me atirasse ao chão. Ele bateu com meu braço contra a terra com tanta força que meus ossos gemeram e meus dedos se abriram, soltando o que restava do arco.

— Quando terminarmos de arrancar sua pele, vai desejar não ter vindo até Prythian — sussurrou ele ao meu rosto, o fedor de carniça descendo pela minha garganta. Quase vomitei. — Vamos cortar você tão bem que não vai sobrar muito para os corvos bicarem.

Uma chama branca e quente percorreu meu corpo. Ódio ou terror ou instinto selvagem, não sei. Não pensei. Peguei a faca na bota e a enfiei no pescoço encouraçado.

Sangue escorreu por meu rosto, por minha boca, conforme eu vociferava minha fúria, meu terror. O naga caiu para trás. Fiquei de pé antes que os dois restantes pudessem me segurar, mas algo duro como pedra atingiu meu rosto. Senti gosto de

sangue e terra e grama quando caí no chão. Estrelas dançaram em minha visão, e fiquei de pé aos tropeços de novo, por instinto, procurando a faca de caça de Lucien.

Não desse jeito, não desse jeito, não desse jeito.

Um dos naga disparou contra mim, e desviei para o lado. Suas garras ficaram presas em meu manto e o puxaram, rasgando o tecido em fitas conforme seu companheiro me atirava ao chão, meus braços se rasgando sob aquelas garras.

— Você vai sangrar — disse um deles, sem fôlego, rindo baixo para a faca que eu ergui. — Vamos sangrá-la bem devagar. — Ele agitou as garras... perfeitas para um corte profundo e brutal. O naga abriu a boca de novo, e um rugido de quebrar os ossos ressoou pela clareira.

Mas não tinha saído da garganta da criatura.

O barulho não terminara de ecoar antes que o naga saísse voando de cima de mim, se chocando com tanta força contra uma árvore que a madeira se partiu. Discerni o dourado reluzente da máscara e dos cabelos, e as longas garras letais antes que Tamlin as cravasse na criatura.

O naga que estava me segurando gritou e me soltou, erguendo-se num salto quando as garras de Tamlin rasgaram o pescoço de seu companheiro. Carne e sangue arrancados.

Fiquei abaixada no chão, a faca pronta, esperando.

Tamlin soltou outro rugido que fez a medula de meus ossos gelar, revelando aqueles imensos caninos, e a criatura restante disparou para a floresta. Ela conseguiu se afastar apenas alguns passos antes que Tamlin a derrubasse, prendendo-a contra a terra. Tamlin estripou o naga com um golpe profundo e extenso.

Permaneci ali, o rosto semienterrado nas folhas e nos galhos e no musgo. Não tentei me levantar. Estava tremendo tanto que achei que desintegraria. Fiz o possível para continuar segurando a faca. Tamlin se ergueu, desvencilhando as

garras do abdômen da criatura. Sangue e vísceras pingavam delas, manchando o musgo verde-escuro.

*Grão-Senhor. Grão-Senhor. Gr*ão-Senhor.

Ódio feral ainda lhe queimava o olhar, e me encolhi quando Tamlin se ajoelhou ao meu lado. Ele estendeu a mão para mim de novo, mas recuei, para longe das garras ensanguentadas, ainda expostas. Levantei-me até ficar sentada, antes que a tremedeira voltasse. Eu sabia que não conseguiria ficar de pé.

— Feyre — disse ele. A ira sumiu dos olhos de Tamlin, e as garras se retraíram para debaixo da pele de novo, mas o rugido ainda soava em meus ouvidos. Não havia nada naquele som, exceto fúria primitiva.

— Como? — Foi tudo o que consegui dizer, mas Tamlin entendeu.

— Eu estava rastreando um bando deles, esses quatro escaparam e devem ter seguido seu cheiro por essa floresta. Ouvi você gritar.

Então, ele não sabia sobre o Suriel. E ele... ele tinha vindo me ajudar.

Tamlin estendeu a mão para mim, e estremeci quando passou os dedos frios e molhados por minhas bochechas doloridas e ardidas. Sangue — aquilo era sangue neles. E pelo modo como meu rosto estava grudento, eu sabia que já havia sangue o suficiente sobre mim para não fazer diferença.

A dor no rosto e no braço diminuiu, e por fim sumiu. Os olhos de Tamlin ficaram sombrios diante do hematoma que já se formava na maçã de meu rosto, mas o latejar diminuiu rapidamente. O cheiro metálico de magia me envolveu e, depois, flutuou para longe em uma brisa leve.

— Encontrei um morto menos de 1 quilômetro daqui — continuou Tamlin, as mãos deixando meu rosto conforme ele soltava o boldrié, e, então, ele tirou sua túnica e me deu. A frente de minha túnica tinha sido rasgada pelas garras dos naga. — Vi uma de minhas flechas na garganta da criatura e segui as pegadas até aqui.

Puxei a túnica de Tamlin sobre a minha, ignorando como era fácil ver a definição dos músculos dele sob a camiseta branca, o modo como o sangue que a

encharcava fazia com que os músculos se destacassem ainda mais. Um predador puro-sangue, criado para matar sem pensar duas vezes, sem remorso. Estremeci de novo e aproveitei o calor que o tecido me passava. *Grão-Senhor*. Eu deveria saber, deveria ter adivinhado. Talvez não quisesse... talvez estivesse com medo.

— Aqui — disse Tamlin, ao ficar de pé e estender para mim a mão manchada de sangue. Não ousei olhar para o naga morto conforme segurei a mão estendida e Tamlin me levantava. Meus joelhos falharam, mas fiquei de pé.

Encarei nossas mãos entrelaçadas, ambas cobertas de sangue que não era nosso.

Não, não fora Tamlin o único a derramar sangue agora. Talvez aquilo me tornasse uma besta, tanto quanto ele. Mas Tamlin tinha me salvado. Matado por mim.

— Será que eu quero saber o que você estava fazendo aqui? — perguntou ele.

Não. Definitivamente não. Não depois de ter me avisado tantas vezes.

— Achei que não estivesse confinada à casa e ao jardim. Não percebi que tinha vindo tão longe.

Tamlin soltou minha mão e deu um suspiro alto.

— Quando eu for chamado para lidar com... problemas, fique perto da casa.

Assenti um pouco distraída.

— Obrigada — murmurei, lutando contra a tremedeira que tomava meu corpo, minha mente. O sangue do naga sobre mim se tornou quase insuportável. — Não, não apenas por isso. Por salvar minha vida, quero dizer. — Eu queria confessar a ele o quanto significava para mim que o Grão-Senhor da Corte Primaveril achasse que eu era *digna* de ser salva, mas não conseguia encontrar as palavras.

As presas de Tamlin sumiram.

— Era... era o mínimo que eu podia fazer. Eles não deveriam ter se aproximado tanto das minhas terras. — Tamlin balançou a cabeça, mais para si mesmo. — Vamos para casa — disse ele, me poupando do esforço de explicar por que eu

estava lá para início de conversa. Não conseguia contar que a mansão não era minha casa, que eu talvez sequer tivesse uma.

Caminhamos de volta em silêncio, ambos pálidos, ensopados de sangue. Eu ainda conseguia sentir a carnificina que tínhamos deixado para trás; o chão e as árvores encharcados de sangue. Os *pedaços* do naga.

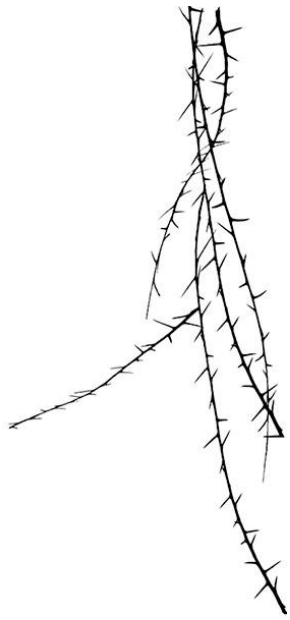
Bem, eu tinha aprendido algo com o Suriel pelo menos. Mesmo que não fosse exatamente o que eu quisesse ouvir... ou saber.

Fique com o Grão-Senhor. Tudo bem, fácil. Mas quanto a sua aula de história interrompida, sobre reis cruéis e os comandantes, e como aquilo se relacionava com o Grão-Senhor ao meu lado e à praga... eu ainda não tinha detalhes o suficiente para avisar minha família corretamente. Mas o Suriel tinha me dito para não procurar mais respostas.

Tive a sensação de que certamente seria uma tola se ignorasse o conselho. Minha família precisaria se virar com meu escasso conhecimento, então. Tomara que bastasse.

Não perguntei nada mais a Tamlin sobre os naga — sobre quantos ele havia matado antes de aqueles quatro fugirem —, não perguntei nada, porque não detectei um pingo de triunfo em Tamlin, mas sim um tipo profundo e interminável de humilhação e derrota.

Capítulo 16



Depois de ficar de molho na banheira por quase uma hora, me sentei em uma cadeira de encosto baixo diante da lareira crepitante do quarto, aproveitando a sensação de Alis escovando meus cabelos encharcados. Mesmo com o jantar prestes a ser servido, Alis trouxe uma caneca de chocolate derretido e se recusou a fazer qualquer coisa até que eu tomasse alguns goles.

Foi a melhor coisa que já provei. Bebi da caneca grossa enquanto Alis escovava meus cabelos, quase ronronando com a sensação de seus dedos finos em meu couro cabeludo.

Mas, quando tive certeza de que as outras criadas tinham descido para ajudar com a refeição da noite, abaixei a caneca até a altura do colo.

— Se mais feéricos continuarem atravessando os limites da corte e atacando, vai haver uma guerra? — *Talvez devêssemos simplesmente enfrentar, talvez esteja na hora de dizer* basta, dissera Lucien a Tamlin naquela primeira noite.

A escova parou.

— Não faça essas perguntas. Vai atrair o azar.

Eu me mexi no assento, olhando com raiva para o rosto mascarado de Alis.

— Por que os outros Grão-Senhores não mantêm seus súditos na linha? Por que essas criaturas horríveis podem perambular por onde quiserem? Alguém... alguém começou a me contar uma história sobre um rei em Hybern...

Alis segurou meu ombro e me virou.

— Não é da sua conta.

— Pois eu acho que é. — Virei de novo, segurando o encosto da cadeira de madeira. — Se isso se espalhar para o mundo humano... se houver uma guerra ou essa praga envenenar nossas terras... — Afastei o pânico esmagador. Precisava avisar minha família, *precisava* escrever para eles. Logo.

— Quanto menos souber, melhor. Deixe que Lorde Tamlin lide com isso, ele é o único que pode. — O Suriel tinha dito o mesmo. Os olhos castanhos de Alis eram rigorosos, impiedosos. — Acha que ninguém me diria o que você pediu à cozinha hoje, ou que ninguém perceberia o que foi caçar? Garota tola e burra. Se o Suriel não estivesse em um humor benevolente, teria merecido a morte que ele lhe daria. Não sei o que é pior: isso ou sua idiotice com a puca.

— Você teria feito diferente? Se tivesse uma família...

— Eu tenho uma família.

Olhei Alis de cima a baixo. Não havia anel em seu dedo.

Alis reparou meu olhar e disse:

— Minha irmã e o companheiro foram assassinados há quase cinquenta anos, deixando duas crianças para trás. Tudo o que faço, tudo pelo que trabalho é para aqueles meninos. Então, você não tem o direito de me olhar assim e perguntar se eu faria diferente, menina.

— Onde eles estão? Onde moram? — Talvez fosse por isso que havia livros infantis no escritório. Talvez aquelas duas figuras pequenas e brilhantes no jardim... Talvez fossem eles.

— Não, eles não moram aqui — respondeu Alis, em tom afiado demais. — Estão em outro lugar... bem longe.

Considerei o que ela falou e inclinei a cabeça.

— Crianças feéricas envelhecem de outro modo? — Se os pais tinham sido mortos havia quase cinquenta anos, eles mal poderiam ser meninos.

— Ah, algumas envelhecem como vocês e podem procriar com a frequência de coelhos, mas há tipos, como eu, como os Grão-Feéricos, que raramente conseguem produzir crias. Aquelas que nascem envelhecem bem devagar. Todos ficamos chocados quando minha irmã concebeu o segundo apenas cinco anos depois, e o mais velho nem vai chegar à fase adulta até fazer 75 anos. Mas são tão raros, todos os nossos jovens o são, e mais caros a nós que quaisquer joias ou ouro. — Alis contraiu o maxilar com tanta força que eu soube que aquilo era tudo o que eu tiraria dela.

— Não pretendia questionar sua dedicação a eles — falei baixinho. Quando Alis não respondeu, acrescentei: — Entendo o que quer dizer... sobre fazer tudo por eles.

Os lábios de Alis se contraíram, mas ela falou:

— Da próxima vez que aquele tolo Lucien lhe der conselhos sobre como aprisionar um Suriel, venha até mim. Galinhas mortas uma pinoia. Tudo o que precisava fazer era oferecer uma nova túnica e o Suriel teria se prostrado aos seus pés.

Quando cheguei à sala de jantar, tinha parado de tremer e algo semelhante ao calor tinha retornado a minhas veias. Grão-Senhor de Prythian ou não, eu não me acovardaria, não depois do que tinha passado naquele dia.

Lucien e Tamlin já me esperavam à mesa.

— Boa noite — cumprimentei, seguindo para minha cadeira de sempre. Lucien inclinou a cabeça em uma indagação silenciosa, e dei a ele um aceno sutil quando

me sentei. O segredo de Lucien ainda estava a salvo, embora ele merecesse ser surrado por me enviar tão despreparada para o Suriel.

Lucien se curvou um pouco na cadeira.

— Soube que teve uma tarde bem animada. Queria poder estar lá para ajudar.

Um pedido de desculpas oculto, talvez sem entusiasmo, mas dei outro aceno sutil.

Lucien continuou, com uma despreocupação forçada:

— Bem, você ainda parece encantadora, independentemente da tarde infernal.

Ri com deboche. Nunca pareci encantadora, sequer um dia na vida.

— Achei que feéricos não pudessem mentir.

Tamlin engasgou com o vinho, mas Lucien sorriu, aquela cicatriz forte e cruel.

— Quem lhe contou isso?

— Todos sabem — falei, amontoando comida no prato, mesmo conforme comecei a ponderar sobre tudo o que ouvira até então, cada frase que eu aceitara como a pura verdade.

Lucien se recostou na cadeira, sorrindo com um prazer felino.

— É claro que podemos mentir. Achamos que mentir é uma arte. E mentimos quando contamos àqueles mortais antigos que não podíamos dizer uma inverdade. De que outra forma conseguiríamos que confiassem em nós e fizessem nossa vontade?

Minha boca se tornou uma linha fina e contraída. Ele estava dizendo a verdade, porque se estivesse mentindo... A lógica daquilo fez minha cabeça girar.

— Ferro? — Consegui perguntar.

— Não nos faz mal algum. Apenas freixo, como você bem sabe.

Meu rosto ficou quente. Tinha aceitado tudo o que disseram como verdade. Talvez o Suriel estivesse mentindo mais cedo também, com aquela explicação prolixa sobre a política dos reinos feéricos. Sobre ficar com o Grão-Feérico, e tudo se acertar no final.

Olhei para Tamlin. *Grão-Senhor*. Isso não era mentira — eu podia sentir a verdade em meus ossos. Embora ele não agisse como os Grão-Senhores cruéis das lendas, que sacrificavam virgens e matavam humanos à vontade. Não, Tamlin era... exatamente como aqueles jovens fanáticos de olhos arregalados, os Filhos dos Abençoados, tinham descrito os tesouros e os confortos de Prythian.

— Embora Lucien tenha revelado alguns de nossos *segredos* mais bem guardados — disse Tamlin, atirando a última palavra ao companheiro com um grunhido —, jamais usamos sua falta de informação contra você. — O olhar de Tamlin encontrou o meu. — Jamais mentimos deliberadamente para você.

Consegui assentir e tomei um longo gole de água. Comi em silêncio, tão ocupada tentando decifrar cada palavra que tinha ouvido desde que chegara que não percebi quando Lucien pediu licença e saiu da mesa antes da sobremesa. Fui deixada sozinha com o ser mais perigoso que já havia encontrado.

As paredes da sala me sufocaram.

— Está se sentindo... melhor? — Embora Tamlin estivesse com o queixo apoiado no punho, preocupação, e talvez surpresa pela preocupação, brilhava nos olhos dele.

Engoli em seco.

— Se eu jamais vir um naga de novo, vou me considerar sortuda.

— O que estava fazendo no bosque a oeste?

Verdade ou mentira, mentira ou verdade... ambas.

— Ouvi uma lenda certa vez sobre uma criatura que responde a suas perguntas se você conseguir aprisioná-la.

Tamlin encolheu o corpo quando suas garras eclodiram e lhe cortaram o rosto. Mas os ferimentos se fecharam assim que se abriram, apenas um borrão de sangue percorreu a pele bronzeada, borrão que Tamlin limpou com a manga da camisa.

— Você foi pegar o Suriel.

— Eu peguei o Suriel — corrigi.

— E ele contou o que queria saber? — Eu não tinha certeza se Tamlin estava respirando.

— Fomos interrompidos pelos naga antes que o Suriel pudesse dizer qualquer coisa útil.

A boca de Tamlin se contraiu.

— Eu começaria a gritar, mas acho que hoje foi punição o suficiente. — Ele balançou a cabeça. — Você pegou mesmo o Suriel. Uma garota humana.

Apesar de não querer, apesar da tarde, meus lábios se curvaram em um sorriso.

— Por acaso é difícil?

Ele riu e, depois, tirou algo do bolso.

— Bem, se eu tiver sorte, não precisarei prender o Suriel para descobrir do que se trata isso. — Tamlin ergueu minha lista amassada de palavras.

Meu coração ficou pesado.

— É... — Não consegui encontrar uma mentira adequada, tudo parecia absurdo.

— *Singular? Amontoavam? Massacrando? Conflagração?* — Ele leu a lista. Eu queria me enroscar e morrer. Palavras que eu não conseguia reconhecer dos livros, palavras que pareciam tão simples, tão absurdamente fáceis agora que ele as pronunciava em voz alta. — É um poema sobre me assassinar e depois atear fogo a meu corpo?

Minha garganta se fechou, e precisei cerrar as mãos em punhos para evitar esconder o rosto atrás delas.

— Boa noite — falei, pouco mais que um sussurro, e fiquei de pé, os joelhos trêmulos.

Eu estava quase à porta quando Tamlin falou de novo.

— Você os ama muito, não é?

Virei um pouco o corpo na direção dele. Os olhos verdes de Tamlin encontraram os meus quando ele se levantou da cadeira para caminhar até mim.

Tamlin parou a uma distância respeitável.

A lista de palavras malformadas ainda amassada em sua mão.

— Imagino se sua família percebe — murmurou Tamlin. — Que tudo o que fez não foi por causa da promessa a sua mãe, ou pelo seu bem, mas pelo deles. — Não respondi, não confiava em minha voz para manter a vergonha escondida. — Eu sei... eu sei que quando falei mais cedo, não saiu bem, mas eu poderia ajudar você a escrever...

— Me deixe em paz – falei. Eu estava quase à porta quando esbarrei em alguém... nele. Recuei um passo. Tinha me esquecido de como era rápido.

— Não estou insultando você. — A voz baixa de Tamlin piorou tudo.

— Não preciso de sua ajuda.

— Obviamente — respondeu ele, com um meio sorriso. Mas o sorriso sumiu. — Uma humana que consegue abater um feérico em pele de lobo, que aprisionou o Suriel e matou dois dos naga sozinha... — Tamlin segurou uma risada e sacudiu a cabeça. A luz da lareira dançava em sua máscara. — São tolos. Tolos por não verem. — Ele estremeceu. Mas os olhos de Tamlin não exibiam malícia. — Aqui — disse ele, estendendo a lista de palavras.

Eu a enfiei no bolso. Virei, mas Tamlin segurou meu braço delicadamente.

— Você abriu mão de muita coisa por eles. — Tamlin ergueu a outra mão, como se para acariciar minha bochecha. Eu me preparei para o toque, mas ele abaixou a mão antes. — Você sequer sabe como rir?

Eu me desvencilhei de seu braço, incapaz de conter as palavras de raiva. Que o Grão-Senhor fosse para o inferno.

— Não quero sua pena.

Os olhos de jade de Tamlin estavam tão brilhantes que eram hipnotizantes.

— Que tal um amigo?

— Feéricos podem ser amigos de mortais?

— Há quinhentos anos, muitos feéricos eram amigos de mortais, a ponto de irem à guerra em seu nome.

— O quê? — Eu nunca ouvira aquilo. E não estava naquele mural no escritório.

Tamlin deu de ombros.

— Como acha que os exércitos humanos sobreviveram tanto tempo e causaram tantos danos que meu povo chegou a concordar com um Tratado? Apenas usando armas de freixo? Havia feéricos que lutaram e morreram ao lado dos humanos, pela liberdade deles, e que ficaram de luto quando a única solução foi separar nossos povos.

— Você era um deles?

— Eu era criança na época, jovem demais para entender o que estava acontecendo, ou mesmo para que me contassem — disse ele. *Uma criança*. O que significava que deveria ter mais de... — Mas, se eu fosse velho o suficiente, teria. Contra escravidão, contra tirania, eu marcharia feliz para minha morte, não importando de quem fosse a liberdade que eu defendia.

Eu não tinha certeza se faria o mesmo. Minha prioridade seria proteger minha família — e eu teria escolhido o lado que os mantivesse mais seguros. Não tinha pensado nisso como uma fraqueza até agora.

— Se faz diferença — disse Tamlin —, sua família sabe que você está segura. Eles não se lembram de uma besta irrompendo no chalé, e acham que uma tia muito distante e rica a chamou para ajudá-la no leito de morte. Sabem que você está viva e alimentada, e que é bem-cuidada. Mas também sabem que houve boatos de uma... ameaça em Prythian, e estão prontos para correr caso qualquer dos sinais de alerta sobre o enfraquecimento da muralha ocorra.

— Você... você alterou as memórias deles? — Dei um passo para trás. Arrogância feérica, tanta arrogância feérica mudar nossas mentes, implantar pensamentos como se não fosse uma violação...

— Encantei-lhes as memórias, como se pusesse um véu sobre elas. Eu tive medo que seu pai viesse atrás de você, ou persuadisse alguns aldeões a atravessarem a muralha com ele para violar ainda mais o Tratado.

E todos teriam morrido de qualquer forma, depois que encontrassem com coisas como a puca ou o Bogge ou os naga. Um silêncio cobriu minha mente, até que eu estivesse tão exausta que mal conseguisse pensar e não pudesse me impedir de dizer: — Você não o conhece. Meu pai não teria se dado o trabalho de fazer nenhum dos dois.

Tamlin me olhou por um longo momento.

— Sim, ele teria.

Mas não teria, não com aquele joelho deformado. Não com o joelho como uma desculpa. Percebi isso no momento em que a ilusão da puca fora revelada.

Alimentados, confortáveis e seguros — foram até avisados sobre a praga, tenham eles entendido o aviso ou não. Os olhos de Tamlin eram diretos, sinceros. Ele fora mais longe do que eu jamais teria imaginado, a fim de apaziguar qualquer preocupação minha.

— Você realmente os avisou sobre... a possível ameaça?

Ele deu um aceno sério.

— Não um aviso descarado, mas... está entrelaçado ao encantamento de suas memórias, junto a uma ordem para que fujam ao primeiro sinal de que algo esteja fora do normal.

Arrogância feérica, mas... mas Tamlin fizera mais do que eu podia. Minha família poderia ter ignorado minha carta completamente. Se eu soubesse que ele tinha tais habilidades, talvez até pedisse ao Grão-Senhor para encantar as memórias deles se ele mesmo já não tivesse feito isso.

Eu realmente não tinha com o que preocupar, exceto pelo fato de que eles provavelmente me esqueceriam mais rápido que eu esperava. Não poderia culpá-los

totalmente. Minha promessa cumprida, minha tarefa completa... o que restava para mim?

A luz do fogo dançava na máscara de Tamlin, aquecendo o ouro, fazendo com que as esmeraldas brilhassem. Tantas cores e variações... cores cujos nomes eu não sabia, cores que eu queria catalogar e unir. Cores que eu não tinha motivo para não explorar agora.

— Tinta — falei, pouco mais que um sussurro. Tamlin inclinou a cabeça, e engoli em seco, esticando os ombros. — Se... se não for pedir muito, eu gostaria de um pouco de tinta. E pincéis.

Tamlin piscou.

— Você gosta... de arte? Você gosta de pintar?

As palavras trôpegas não eram grosseiras. Foi o bastante para o que eu dissesse: — Bem, não sou... não sou nada boa, mas se não for muito incômodo... Eu pinto do lado de fora, para não fazer sujeira, mas...

— Fora, dentro, no telhado, pinte onde quiser. Não me importo — disse ele. — Mas, se precisa de tinta e pincéis, precisa também de papel e tela.

— Eu posso trabalhar... ajudar na cozinha ou nos jardins, para pagar por tudo isso.

— Você seria mais um incômodo. Pode levar alguns dias para eu conseguir tudo, mas a tinta, os pincéis, a tela e o espaço são seus. Trabalhe onde quiser. Esta casa está limpa demais mesmo.

— Obrigada... de verdade, mesmo. Obrigada.

Tamlin respondeu baixinho:

— É claro. — Eu me virei, mas ele falou de novo. — Já viu a galeria?

Espantada, perguntei:

— Tem uma galeria nesta casa?

Ele abriu um sorriso brilhante... um sorriso grande, o Grão-Senhor da Corte Primaveril.

— Eu mandei fechar quando herdei este lugar. — Quando ele herdou um título que parecia não gostar muito de ter. — Parecia um desperdício de tempo pedir que os criados a mantivessem limpa.

É claro que sim, para um guerreiro treinado.

Ele continuou.

— Amanhã estarei ocupado, e a galeria precisa ser limpa, então... Depois de amanhã, deixe-me mostrá-la a você depois de amanhã. — Tamlin esfregou o pescoço, um vermelho leve surgiu naquelas bochechas, mais vivo e acolhedor que eu jamais vira. — Por favor... será um prazer. — E acreditei que seria.

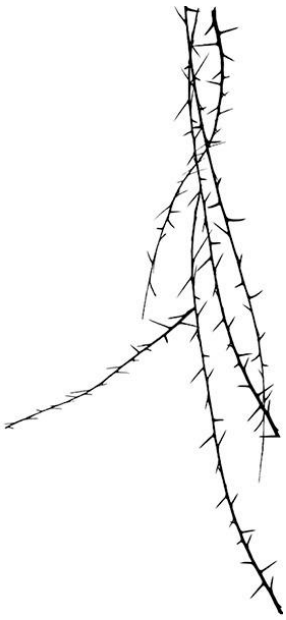
Assenti tolamente. Se as pinturas nos corredores eram exóticas, então aquelas selecionadas para a galeria estariam além de minha imaginação humana.

— Eu gostaria disso... muito.

Tamlin ainda sorria para mim, um sorriso largo, sem restrições ou hesitação. Isaac jamais sorrira para mim daquela forma. Isaac jamais me fizera perder o fôlego, nem um pouquinho.

A sensação era tão assustadora que saí, segurando o papel amassado no bolso, como se fazer aquilo pudesse evitar que aquele sorriso em resposta despontasse em meus lábios.

Capítulo 17



Acordei sobressaltada no meio da noite, ofegando. Meus sonhos foram repletos de cliques dos dedos esqueléticos do Suriel, de naga sorridentes e de uma mulher pálida, sem rosto, raspando as unhas vermelhas como sangue em meu pescoço, me rasgando pouco a pouco. Ela ficava perguntando meu nome, mas sempre que eu tentava falar, o sangue borbulhava dos ferimentos superficiais em meu pescoço, me fazendo engasgar.

Passei as mãos pelos cabelos encharcados de suor. Conforme recuperei o fôlego, um som diferente preencheu o ar, entrando pela fresta sob a porta, do salão da entrada. Gritos, e os berros de alguém.

Saí da cama em um segundo. Os gritos não eram agressivos, mas imperativos — organizadores. Mas os berros...

Cada pelo do meu corpo se arrepiou quando abri a porta. Poderia ter ficado e me acovardado, mas ouvira berros como aqueles antes, na floresta de casa, quando não conseguia uma morte limpa e eles sofriam. Eu não suportava. Precisava saber.

Cheguei ao alto da grande escadaria a tempo de ver as portas da frente da mansão se escancararem e Tamlin entrar correndo, o feérico aos berros jogado sobre os ombros. O feérico era quase tão grande quanto Tamlin, mas o Grão-

Senhor o carregava como se não passasse de um saco de grãos. Parecia ser de outra espécie de feéricos inferiores; a pele azul, braços e pernas esguios, orelhas pontudas e longos cabelos cor de ônix. Mas, mesmo do alto das escadas, eu conseguia ver o sangue jorrando das costas do feérico — sangue dos cotocos escuros que despontavam de suas omoplatas. Sangue que agora encharcava a túnica verde de Tamlin em poças de cor vibrante e reluzente. Uma das facas do boldrié havia sumido.

Lucien correu para o saguão abaixo no momento em que Tamlin gritou:

— A mesa... abra espaço! — Lucien empurrou o jarro de flores para fora da longa mesa no centro do salão. Ou Tamlin não estava pensando com clareza, ou tinha medo de desperdiçar alguns minutos a mais ao levar o homem até a enfermaria. O som do vidro se estilhaçando colocou meus pés em movimento, e eu cheguei à metade das escadas antes que Tamlin apoiasse o feérico aos berros, de bruços, sobre a mesa. O feérico não usava máscara; não havia nada para esconder a agonia que contorcia as alongadas feições sobrenaturais.

— Batedores o encontraram jogado sobre a fronteira — explicou Tamlin para Lucien, mas seus olhos dispararam até mim. Eles lampejaram um aviso, mas desci mais um degrau. Tamlin disse a Lucien: — Ele é da Corte Estival.

— Pelo Caldeirão — disse Lucien, avaliando os danos.

— Minhas asas — falou o feérico, engasgando, os olhos pretos e lustrosos arregalados, encarando nada. — Ela levou minhas asas.

De novo, aquela *ela* sem nome que lhes assombrava as vidas. Quem era ela? Se não governava a Corte Primaveril, então talvez governasse outra. Tamlin fez um gesto com a mão, e água fervente e ataduras simplesmente *surgiram* à mesa. Minha boca secou, mas cheguei à base das escadas e continuei andando na direção da mesa e da morte que certamente pairava naquele corredor.

— Ela levou minhas asas — repetiu o feérico, estremecendo violentamente. — Ela levou minhas asas — disse ele outra vez, segurando a borda da mesa com finos

dedos azuis.

Tamlin murmurou um som baixo e sem palavras — suave de um jeito que eu não tinha ouvido antes —, e pegou um retalho para mergulhar na água. Ocupei um lugar diante de Tamlin à mesa, e o fôlego foi puxado de meu peito quando olhei os danos.

Quem quer que *ela* fosse, não tinha apenas levado as asas dele. Tinha as arrancado.

Sangue escorria dos pretos cotocos aveludados nas costas do feérico. Os ferimentos eram pontiagudos — havia cartilagem e tecido partidos no que pareciam ser cortes irregulares. Como se ela tivesse serrado as asas dele, parte por parte.

— Ela levou minhas asas — disse o feérico de novo, a voz falhando. Enquanto ele tremia, o choque tomava conta, e a pele do feérico reluzia com veias de ouro puro, iridescentes como uma borboleta azul.

— Fique parado — ordenou Tamlin, torcendo o retalho. — Vai sangrar mais rápido.

— N-n-não — começou a dizer o feérico, e tentou se virar sobre as costas, para longe de Tamlin, daquela dor que certamente vinha quando o retalho tocava os cotocos em carne viva.

Foi instinto, ou piedade, ou desespero, talvez, que me levou a segurar os braços do feérico e empurrá-lo para baixo de novo, prendendo-o à mesa o mais cuidadosamente que consegui. Ele se debateu, forte o bastante para que precisasse me concentrar apenas em segurá-lo. A pele do feérico era lisa como veludo e escorregadia, uma textura que eu jamais conseguiria pintar, nem mesmo se tivesse uma eternidade para dominar a técnica. Mas fiz força contra ele, trincando os dentes e desejando que o feérico parasse. Olhei para Lucien, mas a cor tinha sido drenada de seu rosto, deixando um desagradável branco esverdeado doentio no lugar.

— Lucien — falou Tamlin, em um comando silencioso. Mas Lucien continuou olhando boquiaberto para as costas destruídas do feérico, para os cotocos, o olho de

metal se semicerrando e arregalando, se estreitando e se alargando. Ele recuou um passo. E outro. Então, vomitou em um vaso de planta antes de sair disparado da sala.

O feérico se virou de novo, e segurei firme, os braços tremendo com o esforço. Os ferimentos deviam tê-lo enfraquecido muito se eu conseguia contê-lo.

— Por favor — sussurrei. — Por favor, fique parado.

— Ela levou minhas asas — chorou o feérico. — Ela as levou.

— Eu sei — murmurei, com os dedos doloridos. — Eu sei.

Tamlin tocou com o retalho um dos cortes, e o feérico gritou tão alto que meus sentidos transbordaram, me lançando cambaleante para trás. Ele tentou se levantar, mas seus braços falharam, e o feérico caiu de cara na mesa de novo.

Sangue jorrou — tão rápido e tão forte que levei um segundo para perceber que um ferimento como aquele requeria um torniquete — e que o feérico tinha perdido sangue demais para isso sequer fazer diferença. O líquido jorrava pelas costas, até a mesa, onde percorria a borda e fazia um *pinga, pinga, pinga* no chão perto de meus pés.

Vi que os olhos de Tamlin estavam sobre mim.

— Os ferimentos não estão coagulando — disse ele, sussurrando, enquanto o feérico ofegava.

— Não pode usar sua magia? — perguntei, desejando poder arrancar aquela máscara do rosto de Tamlin para ver sua expressão na plenitude.

Tamlin engoliu em seco.

— Não. Não para danos tão grandes. Houve um tempo em que sim, mas não mais.

O feérico na mesa soluçou, a respiração ficou mais lenta.

— Ela levou minhas asas — sussurrou ele. Tamlin desviou os olhos verdes, e eu soube, naquele momento, que o feérico morreria. A morte não estava apenas

pairando naquele corredor; ela estava fazendo a contagem regressiva nas batidas restantes no coração do feérico.

Peguei uma das mãos do feérico. A pele ali era quase encouraçada, e, talvez mais por reflexo do que qualquer outra coisa, seus longos dedos se enroscaram nos meus, cobrindo-os completamente.

— Ela levou minhas asas — repetiu ele, a tremedeira diminuindo um pouco.

Afastei os cabelos encharcados e longos do rosto meio virado do feérico, revelando o nariz pontudo e uma boca cheia de dentes afiados. Os olhos escuros se voltaram para os meus, suplicando, implorando.

— Vai ficar tudo bem — falei, e esperava que o feérico não conseguisse farejar mentiras como o Suriel conseguia. Acariciei seus cabelos lisos, a textura era como noite líquida, outra que eu jamais conseguiria pintar, mas tentaria, talvez para sempre. — Vai ficar tudo bem. — O feérico fechou os olhos, e eu apertei a mão dele.

Algo quente tocou meus pés, e não precisei olhar para baixo para ver que seu sangue tinha empoçado ao meu redor.

— Minhas asas — sussurrou o feérico.

— Você vai recuperá-las.

O feérico abriu os olhos com dificuldade.

— Jura?

— Sim — sussurrei. Era a primeira promessa que eu fazia que era pura mentira, e me odiei por aquilo. O feérico conseguiu dar um leve sorriso e fechou os olhos de novo. Minha boca tremeu. Desejei ter algo mais a dizer, algo a oferecer a ele além de promessas vazias. Mas Tamlin começou a falar, e, quando olhei para cima, o vi segurar a outra mão do feérico.

— Que o Caldeirão lhe salve — disse ele, recitando palavras de uma oração que provavelmente era mais velha que o reino mortal. — Que a mãe lhe segure. Passe pelos portões e sinta o cheiro da terra imortal de leite e mel. Não tema o mal.

Não sinta dor. — A voz de Tamlin hesitou, mas ele terminou. — Vá e adentre a eternidade.

O feérico deu um último suspiro, e sua mão ficou inerte na minha. Não soltou, no entanto, e continuei acariciando seus cabelos, mesmo quando Tamlin o soltou e se afastou alguns passos da mesa.

Eu conseguia sentir os olhos de Tamlin sobre mim, mas não queria soltar a mão do feérico, pois não sabia quanto tempo levava para uma alma deixar o corpo. Fiquei na poça de sangue até que ela ficasse fria, segurando a mão esguia do feérico e lhe acariciando os cabelos, imaginando se percebeu que eu tinha mentido quando jurei que ele recuperaria as asas, imaginando se, para onde quer que tivesse ido, ele *tivesse* recuperado as asas.

Um despertador soou em algum lugar da casa, e senti a mão de Tamlin sobre meu ombro.

— Ele se foi. Solte-o.

Avaliei o rosto do feérico — tão sobrenatural, tão pouco humano. Quem poderia ser tão cruel a ponto de feri-lo daquela forma?

— Feyre — disse Tamlin, apertando meu ombro. Afastei os cabelos do feérico para trás da longa orelha pontuda, desejando que eu soubesse seu nome, e depois soltei sua mão.

Tamlin me levou escada acima, nenhum de nós se importou com as pegadas ensanguentadas que deixei para trás, ou com o sangue gelado que ensopava a frente de meu vestido. Parei no alto da escada, me desvencilhando das mãos de Tamlin, e olhei para a mesa no saguão abaixo.

— Não podemos deixá-lo ali — falei, fazendo menção de descer. Tamlin segurou meu cotovelo.

— Eu sei — disse ele, as palavras muito esgotadas e exaustas. — Ia acompanhá-la para cima primeiro.

Antes de enterrar o feérico.

— Quero ir com você.

— É perigoso demais à noite para você...

— Posso me cuidar...

— Não — falou Tamlin, os olhos verdes brilhando. Estiquei o corpo, mas ele suspirou, os ombros se curvando. — Eu preciso fazer isso. Sozinho.

A cabeça de Tamlin estava curvada, os ombros inclinados para dentro. Nenhuma garra, nenhuma presa — não havia nada que pudesse ser feito contra aquele inimigo, aquele destino. Ninguém com quem lutar. Então assenti, porque eu também preferiria ir sozinha, e virei para o quarto. Tamlin permaneceu no alto das escadas.

— Feyre — disse ele, tão baixinho que me virei para ele de novo. — Por quê? — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Você não gosta de nosso povo normalmente. E depois de Andras... — Mesmo no corredor escuro, os olhos em geral brilhantes de Tamlin estavam sombrios. — Então, por quê?

Eu me aproximei um passo, os pés cobertos de sangue grudando no tapete. Olhei para baixo das escadas, para onde ainda conseguia ver a silhueta de bruços do feérico e os cotocos das asas.

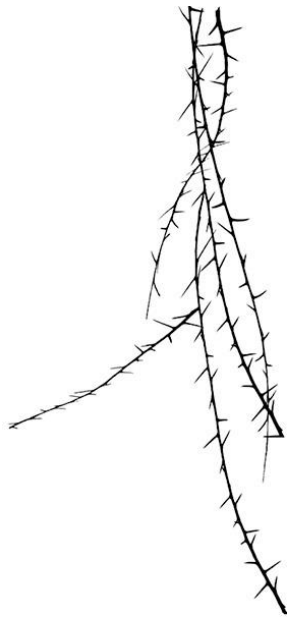
— Porque eu não iria querer morrer sozinha — falei, e minha voz falhou quando olhei para Tamlin de novo, me obrigando a encará-lo. — Porque eu iria querer que alguém segurasse minha mão até o fim, e um pouco depois disso. Isso é algo que todos merecem, humanos ou feéricos. — Engoli em seco, a garganta dolorosamente contraída. — Eu me arrependo do que fiz com Andras — falei, as palavras tão contidas que não passavam de um sussurro. — Eu me arrependo de haver... tanto ódio em meu coração. Eu queria poder desfazer isso, e... sinto muito. Muito mesmo.

Não conseguia me lembrar da última vez — se é que houvera uma — em que falara com alguém daquela forma. Mas Tamlin apenas assentiu para mim e se virou... e imaginei se deveria dizer mais, me ajoelhar e implorar pelo perdão dele.

Se Tamlin sentia tanto rancor, tanta culpa, por um estranho, então Andras... Quando abri a boca, Tamlin já estava descendo as escadas.

Eu observei; observei cada movimento que ele fez, os músculos do corpo visíveis através daquela túnica ensopada de sangue, observei aquele peso invisível sobre os ombros de Tamlin. Ele não me olhou quando pegou o corpo destruído e o carregou até as portas do jardim — além do meu campo visual. Fui até a janela no alto das escadas, observando enquanto Tamlin carregava o feérico pelo jardim iluminado pela lua e para os campos de colinas além dele. Tamlin não olhou para trás uma única vez.

Capítulo 18



No dia seguinte, ao terminar de comer, tomar banho e me vestir, o sangue do feérico já havia sido limpo. Tinha me demorado de manhã, e era quase meio-dia quando cheguei ao topo das escadas e olhei para o vestíbulo abaixo. Apenas para me certificar de que tinha sumido.

Eu estava determinada a encontrar Tamlin e explicar — de verdade — o quanto eu sentia por Andras. Se era para eu ficar ali, ficar com ele, então poderia ao menos tentar consertar o que tinha destruído. Olhei para a enorme janela atrás de mim, a vista tão ampla que eu conseguia ver até o reflexo do lago depois do jardim.

A água estava tão calma que o céu vibrante e as fofas nuvens gordas acima eram impecavelmente refletidos. Perguntar sobre eles parecia vulgar depois da noite anterior, mas talvez... talvez depois que as tintas e os pincéis *chegassem*, eu pudesse me aventurar até o lago para retratá-lo.

Eu poderia ter ficado encarando aquele borrão de cor e luz e textura caso Tamlin e Lucien não tivessem surgido de outra ala da mansão, discutindo alguma patrulha ou outra da fronteira. Eles ficaram em silêncio quando desci as escadas, e Lucien disparou porta afora sem nem dar bom dia — apenas um aceno casual. Não

um gesto cruel, mas ele obviamente não tinha intenção de participar da conversa que Tamlin e eu estávamos prestes a ter.

Olhei em volta, torcendo por algum sinal daquelas tintas, mas Tam apontou para as portas abertas pelas quais Lucien tinha saído. Do outro lado, vi nossos cavalos, já selados e esperando. Lucien estava montando em um terceiro cavalo. Virei para Tamlin.

Ficar com ele; ele me manteria segura, e as coisas melhorariam. Tudo bem. Eu podia fazer isso.

— Seus suprimentos só chegam amanhã, e a galeria foi limpa, e minha... reunião, adiada. — Ele estava... balbuciando? — Pensei em sairmos para um passeio, sem nenhum assassinato desta vez. Ou um naga com que se preocupar. — Mesmo quando terminou com um meio sorriso, a tristeza passou pelos olhos de Tamlin. De fato, eu vira bastante morte nos últimos dois dias. Bastante morte de feéricos. Morte de qualquer coisa. Nenhuma arma estava embainhada na lateral do corpo de Tamlin, ou em seu boldrié, mas o cabo de uma faca reluziu na bota.

Onde ele havia enterrado aquele feérico? Um Grão-Senhor cavando um túmulo para um estranho. Talvez eu não tivesse acreditado se me contassem, talvez não tivesse acreditado se ele não tivesse me oferecido asilo em vez da morte.

— Para onde? — perguntei. Tamlin apenas sorriu.

Não consegui pensar em palavra alguma quando chegamos — e soube que mesmo que conseguisse pintar, nada teria feito justiça. Não era simplesmente pelo fato de aquele ser o lugar mais lindo ao qual eu já visitara, ou por que ele me enchia de desejo e alegria, mas apenas parecia... certo. Como se as cores e as luzes e os padrões do mundo tivessem se unido para formar um lugar perfeito — um

verdadeiro pedaço de beleza. Depois da noite anterior, era exatamente onde eu precisava estar.

Sentamos em uma colina gramada que dava para um campo de carvalhos tão amplo e alto que poderiam ser os pilares e as espirais de um castelo antigo. Tufos trêmulos de sementes de dente-de-leão flutuavam, e a terra na clareira era coberta de açafrões, amarilidáceas e jacintos. Era uma ou duas horas depois do meio-dia quando chegamos, mas a luz estava forte e dourada.

Embora nós três estivéssemos sozinhos, eu podia jurar ter ouvido um canto. Abracei os joelhos e absorvi a ravina.

— Trouxemos um cobertor — disse Tamlin, e olhei por cima do ombro e o vi indicar com o queixo o cobertor roxo que tinham estendido a poucos metros. Lucien se deitou nele e esticou as pernas. Tamlin ficou de pé, esperando minha resposta.

Neguei com a cabeça e olhei para a frente, passando a mão pela grama macia como pena, catalogando a cor e a textura. Eu jamais tinha sentido grama como aquela e certamente não estragaria a experiência ao me sentar em um cobertor.

Sussurros breves foram trocados atrás de mim, e, antes que conseguisse me virar para investigar, Tamlin ocupou o lugar ao meu lado. Seu maxilar estava contraído tão forte que olhei para a frente rapidamente.

— Que lugar é este? — perguntei, ainda passando os dedos pela grama.

Pelo canto do olho, Tamlin não passava de uma figura dourada reluzente, e vi o branco de seu sorriso.

— Apenas uma ravina. — Atrás de nós, Lucien deu um riso de escárnio. — Gosta? — indagou Tamlin, rapidamente. O verde dos olhos dele combinava com a grama entre meus dedos, e os riscos âmbar eram como os raios de sol que penetravam pelas árvores. Mesmo a máscara, estranha e exótica parecia se adequar à ravina, como se aquele lugar tivesse sido feito somente para Tamlin. Eu conseguia imaginá-lo ali na forma animal, enroscado na grama, cochilando.

— O quê? — falei. Eu tinha esquecido a pergunta.

— Você gosta? — repetiu Tamlin.

Tomei um fôlego entrecortado e encarei a ravina de novo.

— Sim.

Tamlin riu.

— Só isso? *Sim*?

— Gostaria que eu me curvasse de gratidão por ter me trazido aqui, Grão-Senhor?

— Ah. O Suriel não contou nada de importante, não é?

Aquele sorriso incitou uma ousadia em meu peito.

— Ele também disse que você gosta de ser escovado, e, se eu for esperta, posso conseguir treiná-lo oferecendo-lhe mimos.

Tamlin inclinou a cabeça para o céu e rugiu uma gargalhada. Apesar de não querer, soltei uma gargalhada baixinha.

— Talvez eu morra de surpresa — disse Lucien atrás de mim. — Você fez uma piada, Feyre.

Virei para ele com um sorriso frio.

— Não vai querer saber o que o Suriel disse sobre *você*. — Ergui as sobrancelhas, e Lucien ergueu as mãos em sinal de derrota.

— Eu pagaria caro para ouvir o que o Suriel acha de Lucien — disse Tamlin.

Uma rolha estourou, seguida pelo som de Lucien entornando na boca o conteúdo da garrafa e engasgando com um silencioso "escovado".

Os olhos de Tamlin ainda brilhavam com o sorriso quando ele colocou a mão em meu cotovelo, me levantando.

— Vamos — ordenou ele, indicando com a cabeça a descida da colina, o pequeno córrego que percorria a base. — Quero lhe mostrar algo.

Fiquei de pé, mas Lucien permaneceu sentado no cobertor e ergueu a garrafa de vinho em saudação. Ele tomou um gole ao se deitar de costas e encarar a

folhagem verde.

Cada um dos movimentos de Tamlin era preciso e eficiente, as poderosas pernas musculosas percorrendo agilmente a terra conforme entrecortava as enormes árvores, saltava por minúsculos riachos e subia colinas íngremes. Paramos no alto de um monte, e soltei as mãos nas laterais do corpo. Ali, em uma clareira cercada por árvores imensas, havia um lago prateado reluzente. Mesmo de longe, eu conseguia ver que não era água, mas algo mais raro e infinitamente mais precioso.

Tamlin segurou meu pulso e me puxou colina abaixo, os dedos calejados carinhosamente arranharam minha pele. Tamlin me soltou para saltar com facilidade a raiz de uma árvore em um único movimento, e caminhou até a beira da água. Eu só consegui trincar os dentes conforme segui aos tropeços atrás dele, esforçando-me para passar por cima da raiz.

Tamlin se agachou perto do lago e fechou as mãos em cuia para enchê-las. Ele virou as mãos, deixando que a água caísse.

— Olhe.

A água prateada e brilhante que pingara da mão de Tamlin fez com que ondas dançassem pelo lago, cada uma reluzindo com várias cores e...

— Isso parece o brilho das estrelas — sussurrei.

Tamlin deu uma risada abafada, enchendo e esvaziando a mão de novo. Olhei boquiaberta para a água reluzente.

— É brilho de estrelas.

— Isso é impossível — falei, lutando contra a vontade de dar um passo na direção da água.

— Aqui é Prythian. De acordo com suas lendas, nada é impossível.

— Como? — perguntei, incapaz de tirar os olhos do lago, do prateado, mas também do azul e do vermelho e do rosa e do amarelo que brilhavam por baixo, a leveza dele...

— Não sei... nunca perguntei, e ninguém jamais explicou.

Quando continuei a olhar boquiaberta para o lago, Tamlin riu, chamando minha atenção, e o vi desabotoando a túnica.

— Entre — pediu ele, o convite dançando nos olhos.

Nadar um pouco... sem roupas, sozinha. Com um Grão-Senhor. Fiz que não com a cabeça, recuando um passo. Os dedos de Tamlin pararam no segundo botão do colarinho.

— Não quer saber como é?

Eu não sabia a que ele se referia: nadar em brilho de estrelas ou nadar com ele.

— Eu... não.

— Tudo bem. — Tamlin deixou a túnica desabotoada. Havia apenas pele musculosa e dourada por baixo.

— Por que este lugar? — perguntei, desviando os olhos de seu peito.

— Era meu lugar preferido quando menino.

— E quando foi isso? — Não consegui evitar que a pergunta viesse.

Tamlin virou o olhar para mim.

— Há muito tempo. — Ele falou tão baixo que me fez mexer os pés com desconforto. Há muito tempo mesmo se ele era menino durante a Guerra.

Bem, como eu já tinha entrado no assunto, então me arrisquei a perguntar:

— Lucien está bem? Depois de ontem à noite, quero dizer. — Lucien parecia ter retornado ao seu normal, habitualmente arrogante e irreverente, mas tinha vomitado ao ver aquele feérico morrendo. — Ele... não reagiu bem.

Tamlin deu de ombros, mas as palavras saíram baixas quando ele disse:

— Lucien... Lucien passou por coisas que fazem momentos como o de ontem à noite... difíceis. Não falo apenas da cicatriz no olho, embora aposto que a noite passada tenha trazido à tona memórias disso também.

Tamlin esfregou o pescoço e depois me encarou. Havia um peso muito antigo nos olhos dele, no maxilar contraído.

— Lucien é o filho mais novo do Grão-Senhor da Corte Outonal. — Estiquei o corpo. — O mais jovem de sete irmãos. A Corte Outonal é... cruel. Linda, mas os irmãos dele só fazem competir entre si, pois o mais forte herdará o título, não o mais velho. O mesmo acontece por toda Prythian, em todas as cortes. Lucien jamais se importou com isso, nunca esperou ser coroado Grão-Senhor, então, ele passou a juventude fazendo tudo o que o filho de um Grão-senhor provavelmente não deveria: perambulou pelas cortes, fez amizade com os filhos de outros Grão-Senhores — um leve sorriso surgiu nos olhos de Tamlin quando disse isso — e andou com fêmeas que estavam longe da nobreza da Corte Outonal. — Tamlin parou por um momento, e quase senti a tristeza antes que ele dissesse: — Lucien se apaixonou por uma feérica que o pai considerou grotescamente inapropriada para alguém de sua linhagem. Lucien disse que não se importava por ela não ser uma dos Grão-Feéricos, que tinha certeza de que a ligação da parceria aconteceria em breve, e que ele se casaria com ela e deixaria a corte do pai para os irmãos ardilosos. — Um suspiro contido. — O pai de Lucien mandou executar a fêmea. Foi executada diante de Lucien enquanto os dois irmãos mais velhos o seguravam e o obrigavam a assistir.

Meu estômago se revirou, e levei a mão ao peito. Não conseguia imaginar, não conseguia entender aquele tipo de perda.

— Lucien partiu. Ele amaldiçoou o pai, abandonou o título e a Corte Outonal, e foi embora. E sem o título para protegê-lo, os irmãos pensaram em eliminar mais um desafiante à coroa do Grão-senhor. Três deles saíram para matá-lo; um retornou.

— Lucien... os matou?

— Ele matou um — disse Tamlin. — Matei o outro, pois haviam entrado em meu território, e eu era Grão-senhor e podia fazer o que quisesse com invasores que ameaçavam a paz de minhas terras. — Uma afirmativa fria e cruel. — Reclamei

Lucien para mim, nomeei-o emissário, pois ele sempre foi bom em falar com as pessoas e eu... às vezes acho difícil. Ele está aqui desde então.

— Como emissário em outras cortes — comecei —, ele já precisou lidar com o pai? Ou os irmãos?

— Sim. O pai nunca pediu desculpas, e os irmãos têm medo demais de mim para arriscar ferir Lucien. — Não havia nenhuma arrogância naquelas palavras, apenas a verdade fria. — Mas Lucien jamais se esqueceu do que fizeram com ela, ou o que os irmãos tentaram fazer com ele. Mesmo que finja que se esqueceu.

E isso não desculpava tudo o que Lucien tinha dito e feito comigo, mas... eu entendia agora. Conseguia entender as muralhas e as barreiras que ele sem dúvida construíra ao redor de si. Meu peito estava apertado demais, pequeno demais para conter a dor que crescia dentro dele. Olhei para o lago de brilho de estrelas reluzente e suspirei profundamente. Precisava mudar de assunto.

— O que aconteceria se eu bebesse a água?

Tamlin esticou um pouco as costas... e depois relaxou, como se estivesse feliz por desabafar aquela velha tristeza.

— De acordo com a lenda, você seria feliz até seu último suspiro. — Ele acrescentou: — Talvez nós dois precisemos de um copo.

— Não acho que esse lago inteiro seria o bastante para mim — falei, e Tamlin riu.

— Duas piadas em um dia, um milagre enviado pelo Caldeirão — disse ele. Dei um sorriso. Tamlin se aproximou um passo, como se forçosamente deixasse para trás aquela mancha escura e triste do que acontecera com Lucien, e o brilho das estrelas dançou em seus olhos quando falou: — O que *seria* suficiente para fazê-la feliz?

Corei desde o pescoço até o topo da cabeça.

— Eu... eu não sei. — Era verdade, eu jamais pensara nesse tipo de coisa, além de conseguir que minhas irmãs fizessem casamentos seguros e que eu tivesse

comida o bastante para meu pai e eu, e tempo para aprender a pintar.

— Hmm — ponderou Tamlin, sem se afastar. — Que tal o badalar dos jacintos? Ou um laço de raio de sol? Ou uma grinalda de luz da lua? — Tamlin deu um sorriso malicioso.

Grão-Senhor de Prythian. Grão-Senhor das Tolices era mais adequado. E ele sabia, ele sabia que eu diria não, que eu me encolheria um pouco apenas por estar a sós com ele.

Não. Não deixaria que Tamlin tivesse a satisfação de me envergonhar. Já estava cheia disso ultimamente, cheia da... daquela garota encapsulada pelo gelo e pela amargura. Então, dei um sorriso doce, fazendo o melhor para fingir que meu estômago não estava se revirando.

— Nadar parece encantador.

Não me permiti pensar duas vezes. E não me orgulhei pouco do fato de que meus dedos não tremeram uma vez quando retirei as botas, desabotoei a túnica e as calças e as joguei na grama. Minha roupa íntima era modesta o suficiente para que eu não mostrasse muito, mas ainda assim encarei Tamlin diretamente quando fiquei de pé na margem gramada. O ar estava morno e ameno, e uma brisa suave beijou minha barriga exposta.

Devagar, bem devagar, seus olhos desceram e, depois, subiram. Como se Tamlin estivesse estudando cada centímetro, cada curva minha. Embora eu estivesse com a roupa íntima marfim, somente aquele olhar me deixou nua.

Os olhos de Tamlin encontraram os meus, e ele me lançou um olhar preguiçoso antes de tirar as roupas. Botão após botão. Eu podia jurar que o brilho em seus olhos se tornara faminto e feral — tanto que precisei olhar para qualquer lugar, exceto seu rosto.

Eu me permiti saborear o lampejo de um peito largo, os braços delineados por músculos, longas pernas fortes, antes de entrar naquele lago. Tamlin não tinha a constituição de Isaac cujo corpo ainda estava naquele estágio desengonçado entre

menino e homem. Não; o corpo glorioso de Tamlin fora cultivado por séculos de lutas e brutalidade.

O líquido estava deliciosamente morno, e caminhei para dentro até que estivesse fundo o bastante para dar algumas braçadas e casualmente ficar boiando. Não era água, mas algo mais suave, mais espesso. Não era óleo, mas algo mais puro, mais fino. Como ser envolta em seda morna. Eu estava tão ocupada me divertindo com meus dedos puxando a substância prateada que não reparei em Tamlin, até que ele estivesse boiando ao meu lado.

— Quem ensinou você a nadar? — perguntou ele, e afundou a cabeça. Quando ressurgiu, Tamlin sorria, filetes reluzentes de brilho de estrelas percorriam os contornos de sua máscara.

Não mergulhei, não sabia se ele estava brincando a respeito de a água me deixar feliz caso eu a bebesse.

— Quando eu tinha 12 anos, estudei as crianças da aldeia nadando em um lago, e aprendi sozinha.

Tinha sido uma das experiências mais assustadoras da vida, e eu engoli metade do lago no processo, mas peguei o jeito da coisa, consegui dominar o pânico cego e o terror, e confiar em mim mesma. Saber nadar parecera uma habilidade vital — uma que um dia significaria a diferença entre a vida e a morte. Jamais esperei que levasse *àquilo*, no entanto.

Tamlin mergulhou de novo e, quando voltou, passou a mão pelos cabelos dourados.

— Como seu pai perdeu a fortuna?

— Como sabe sobre isso?

Tamlin riu com escárnio.

— Não acho que camponeses natos têm seu tipo de dicção.

Alguma parte de mim queria fazer um comentário sobre arrogância, mas... bem, ele estava certo, e não podia culpá-lo por ser um observador habilidoso.

— Meu pai era chamado o Príncipe dos Mercadores — falei, simplesmente, percorrendo os dedos por aquela água sedosa e estranha. Mal precisava me esforçar, a água estava tão morna, tão leve, que parecíamos flutuar, cada dor em meu corpo se dissolvia em nada. — Mas esse título, que ele herdara do pai, e o pai dele antes disso, era uma mentira. Éramos apenas um bom nome que mascarava três gerações de dívidas ruins. Meu pai tentava encontrar uma forma de aliviar aquelas dívidas havia anos e, quando encontrou uma oportunidade de pagá-las, aproveitou, independentemente dos riscos. — Engoli em seco. — Há oito anos, ele reuniu nossa riqueza em três navios que zarpariam para Bharat, em busca de temperos e tecidos de valor incalculável.

Tamlin franziu a testa.

— Arriscado mesmo. Aquelas águas são uma armadilha mortal, a não ser que se tome o caminho mais longo.

— Bem, ele não tomou o caminho mais longo. Teria levado tempo demais, e nossos credores estavam em cima dele. Então, meu pai assumiu o risco de enviar os navios diretamente para Bharat. Mas eles jamais chegaram ao litoral de Bharat. — Joguei o cabelo para trás na água, visualizando a lembrança do rosto de meu pai no dia em que chegou a notícia do naufrágio. — Quando os navios afundaram, os credores o circundaram como lobos. Eles o limparam até que não sobrasse nada além do nome destruído e de algumas moedas de ouro para comprar nosso chalé. Eu tinha 11 anos. Meu pai... Ele simplesmente parou de tentar depois disso. — Eu não consegui mencionar aquele último e terrível momento, quando aquele outro credor apareceu com os capangas para destruir a perna de meu pai.

— Foi quando começou a caçar?

— Não, embora tivéssemos nos mudado para o chalé, levou quase três anos para o dinheiro acabar por completo — falei. — Comecei a caçar quando tinha 14 anos.

Os olhos de Tamlin brilharam; já não havia neles nenhum vestígio daquele guerreiro forçado a aceitar o fardo de um Grão-Senhor.

— E aqui está você. O que mais aprendeu sozinha?

Talvez fosse o lago encantado, ou talvez fosse o interesse sincero por trás da pergunta, mas sorri e contei a Tamlin sobre aqueles anos no bosque.

Cansada, mas surpreendentemente satisfeita com algumas horas nadando e comendo e descansando naquela ravina, olhei para Lucien conforme cavalgávamos de volta para a mansão naquela tarde. Atravessávamos um campo extenso com grama nova da primavera quando ele me flagrou olhando pela décima vez, e me preparei quando Lucien se deteve e saiu do lado de Tamlin.

O olho de metal se semicerrou sobre mim enquanto o outro permaneceu cauteloso, nada impressionado.

— Sim?

Foi o bastante para me persuadir a não dizer nada sobre seu passado. Eu também odiaria que sentissem pena de mim. E Lucien não me conhecia, não bem o suficiente para garantir como resposta qualquer coisa que não fosse ressentimento se eu mencionasse o assunto, mesmo que recaísse sobre *mim* o peso de saber, de ficar de luto por ele.

Esperei até que Tamlin estivesse na dianteira o suficiente para que nem mesmo sua audição de Grão-Feérico pudesse ouvir minhas palavras.

— Jamais consegui agradecer a você pelo conselho sobre o Suriel.

Lucien ficou tenso.

— Ah?

Olhei para a frente, para o modo tranquilo como Tamlin cavalgava, o cavalo totalmente à vontade com o cavaleiro poderoso.

— Se ainda me quer morta — falei, baixinho —, vai precisar se esforçar um pouco mais.

Lucien exalou.

— Não era o que eu pretendia. — Olhei para ele por um bom tempo. — Não derramaria nenhuma lágrima — corrigiu ele. Eu sabia que era verdade. — Mas o que aconteceu com você...

— Eu estava brincando — falei, e dei um leve sorriso para Lucien.

— Não pode me perdoar tão facilmente por ter mandado você para o perigo.

— Não. E parte de mim não quer outra coisa que não surrar você pela falta de aviso sobre o Suriel. Mas entendo: sou a humana que matou seu amigo, que agora mora em sua casa, e você precisa lidar comigo. Entendo — falei de novo.

Lucien ficou quieto por tanto tempo que achei que ele não responderia. Assim que eu estava prestes a seguir, ele disse.

— Tamlin me contou que seu primeiro disparo foi para salvar a vida do Suriel. Não a sua.

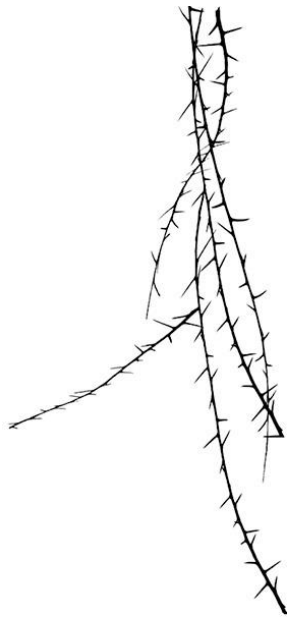
— Parecia a coisa certa a fazer.

O olhar que Lucien me deu foi mais contemplativo que qualquer outro que ele tivesse me lançado.

— Eu conheço muitos Grão-Feéricos e feéricos inferiores que não teriam visto a situação dessa forma, ou se dado o trabalho. — Ele levou a mão para algo em um dos seus flancos e jogou para mim. Precisei me segurar para ficar na sela quando tentei pegar. Era uma faca de caça encrustada de joias. Eu a segurei nas mãos.

— Ouvi você gritar — revelou ele, quando examinei a lâmina nas mãos. Jamais segurara uma tão delicadamente forjada, tão perfeitamente equilibrada. — E hesitei. Não por muito tempo, mas hesitei antes de ir correndo. Apesar de Tam ter chegado a tempo, quebrei minha palavra naqueles segundos em que esperei. — Ele indicou a faca com o queixo. — É sua. Não a enterre em minhas costas, por favor.

Capítulo 19



Na manhã seguinte, minhas tintas e materiais de pintura chegaram de onde quer que Tamlin ou os criados os tivessem desenterrado, mas, antes que o Grão-Feérico me deixasse vê-los, ele me levou, através de corredores, até chegarmos a uma ala da casa na qual eu jamais estivera, mesmo na exploração noturna. Eu sabia aonde íamos sem Tamlin precisar dizer. Os pisos de mármore brilhavam tanto que só podiam ter sido recém-esfregados, e aquela brisa com cheiro de rosas flutuava pelas janelas abertas. Tudo aquilo... ele fizera por mim. Como se eu me importasse com teias de aranha ou poeira.

Quando Tamlin parou diante de duas portas de madeira, seu leve sorriso foi o suficiente para que eu perguntasse:

— Por que fazer algo... algo tão gentil?

O sorriso hesitou.

— Faz muito tempo desde que alguém que apreciasse essas coisas esteve aqui. Gosto de vê-las serem usadas de novo.

Principalmente quando havia tanto sangue e morte em todas as outras partes de sua vida.

Tamlin abriu as portas da galeria, e perdi o fôlego.

O piso de madeira pálida reluzia à luz clara e forte que entrava pelas janelas. A sala estava vazia, exceto por algumas poltronas e uns bancos grandes para ver a... a...

Com uma das mãos no pescoço conforme olhava as pinturas, mal percebi que havia entrado na longa galeria.

Tantas, tão diferentes, mas organizadas para fluírem juntas sutilmente... Visões, retratos e ângulos do mundo tão diferentes. Paisagens, retratos, naturezas-mortas... cada uma, uma história e uma experiência, cada uma, uma voz gritando, sussurrando ou cantando sobre o que aquele momento, aquela sensação fora, cada uma era um grito para o vazio do tempo em que tinham estado ali, tinham existido. Algumas foram pintadas por olhos como os meus, por artistas que viam em cores e formas que eu entendia. Outras exibiam cores que eu não havia considerado; essas carregavam uma perspectiva do mundo que me dizia que olhos diferentes as haviam pintado. Um portal para a mente de uma criatura tão diferente de mim, e, ainda assim... e, ainda assim, olhei para a obra e entendi e senti e me importei.

— Eu nunca soube — disse Tamlin atrás de mim — que humanos eram capazes de... — Ele se interrompeu quando me virei, a mão que eu levava ao pescoço deslizava para a altura do peito, onde meu coração rugia com um tipo de alegria e de luto ferozes, e humildade sobrepujante, humildade diante daquela arte magnífica.

Tamlin ficou parado à porta, a cabeça inclinada daquele jeito animalesco, as palavras ainda perdidas na língua.

Limpei as bochechas molhadas.

— É... — *Perfeito, maravilhoso, além de tudo que eu pudesse imaginar* não parecia suficiente. Mantive as mãos sobre o coração. — Obrigada — falei. Foi tudo o que encontrei para dizer, para mostrar a ele o que aquelas pinturas, o que sequer entrar naquela sala significava.

— Venha quando quiser.

Sorri para ele, mal conseguindo conter a alegria no coração. O sorriso de resposta de Tamlin foi vacilante, mas radiante, e então ele me deixou para que eu admirasse a galeria como quisesse.

Fiquei ali durante horas — até ficar inebriada pela arte, até estar tonta de fome e sair perambulando em busca de comida.

Depois do almoço, Alis me mostrou um quarto vazio no primeiro andar, com uma mesa cheia de telas de vários tamanhos, pincéis cujas hastes de madeira pálida reluziam à luz perfeita e clara, e tintas — tantas, tantas tintas, além das quatro básicas que eu esperava, que perdi o fôlego de novo.

E quando Alis se foi e o quarto ficou em silêncio e à espera e era totalmente meu...

Então comecei a pintar.

Semanas se passaram. Pintei e pintei, a maioria das coisas horrível e inútil.

Eu jamais permitia que ninguém visse, não importava o quanto Tamlin se intrometesse e Lucien risse de minhas roupas manchadas de tinta; nunca senti a satisfação de que o trabalho combinava com as imagens impressas em minha mente. Em geral, eu pintava do alvorecer ao crepúsculo, às vezes naquele quarto, às vezes no jardim. Os dias se condensaram. De vez em quando, eu fazia uma pausa para explorar as terras Primaveris com Tamlin como guia, e voltava com ideias novas que me faziam saltar da cama na manhã seguinte, para rabiscar ou anotar as cenas ou as cores conforme as avistara.

Mas havia dias em que Tamlin era chamado para enfrentar a mais recente ameaça nas fronteiras, e mesmo pintar não me distraía até que ele voltasse, coberto de sangue que não era dele, às vezes na forma animal, às vezes como o Grão-

Senhor. Ele jamais voluntariava detalhes do que havia acontecido, e eu não fazia menção de perguntar; seu retorno a salvo me bastava.

Na própria mansão, não havia sinais de criaturas como os naga ou o Bogge, mas fiquei bem longe do bosque oeste, embora eu o pintasse muitas vezes de memória. E, embora meus sonhos continuassem assombrados pelas mortes que eu havia testemunhado, as mortes que havia causado, e por aquela mulher pálida horrível me despedaçando — tudo isso observado por uma sombra que eu jamais conseguia ver —, aos poucos parei de sentir tanto medo. *Fique com o Grão-Senhor. Você estará segura.* Então, fiquei.

A Corte Primaveril era uma terra de colinas verdes e florestas exuberantes, e lagos cristalinos e infinitos. A magia não era apenas abundante nas colinas e nos vales — ela *crescia* ali. Por mais que eu tentasse pintá-la, jamais conseguia capturá-la... capturar a sensação. Então, às vezes ousava pintar o Grão-Senhor, que cavalgava ao meu lado quando passeávamos por seu território em dias preguiçosos; o Grão-Senhor, com quem eu ficava feliz ao conversar ou ao passar horas em silêncio confortável.

Era provavelmente o acalanto da magia que anuviava meus pensamentos, e não pensei em minha família até passar pela muralha de cerca viva mais externa certa manhã, em busca de um novo ponto para pintar. A primavera agora nascia no mundo mortal.

Como tanto tempo havia passado? Minha família, encantada, assistida, segura, ainda não fazia ideia de onde eu estava. O mundo mortal... ele seguira em frente sem mim, como se eu jamais tivesse existido. O sussurro de uma vida miserável... desaparecida, não lembrada por ninguém que eu conhecera ou com quem me importara.

Não pintei nem cavalguei com Tamlin naquele dia. Em vez disso, fiquei sentada diante de uma tela branca, nenhuma cor na mente.

Ninguém se lembraria de mim em casa — eu estava praticamente morta para eles. E Tamlin *permitira* que eu os esquecesse. Talvez as pinturas tivessem até sido uma distração; um modo de me fazer parar de reclamar sobre eles, de parar de ser irritante quanto a querer vê-los. Ou talvez elas fossem uma distração do que quer que estivesse acontecendo com a praga e com Prythian. Eu tinha parado de perguntar, como o Suriel ordenara, como uma humana burra, inútil e obediente.

Precisei da força de minha vontade teimosa para suportar o jantar. Tamlin e Lucien repararam meu humor e mantiveram a conversa entre eles. Isso não ajudou muito minha raiva crescente, e, quando terminei de comer, saí batendo os pés para o jardim iluminado pela lua e me perdi no labirinto de cercas vivas e canteiros de flores.

Não me importava aonde iria. Depois de um tempo, parei no jardim de rosas. O luar manchava as pétalas vermelhas de um roxo profundo e projetava um filme prateado nas flores brancas.

— Meu pai mandou plantarem este jardim para minha mãe — disse Tamlin atrás de mim. Não me dei o trabalho de me virar. Cravei as unhas nas palmas das mãos quando ele parou ao meu lado. — Foi um presente de parceria.

Encarei as flores sem ver nada. As flores que eu pintara na mesa de casa deviam estar se desfazendo, ou já desfeitas àquela altura. Nestha poderia até tê-las raspado.

Minhas unhas arranharam a pele das palmas das mãos. Por mais que Tamlin os sustentasse ou não, encantasse suas memórias ou não, eu tinha sido... apagada de suas vidas. Esquecida. Deixei que Tamlin me apagasse. Ele me ofereceu tintas e o espaço e o tempo para praticar; tinha me mostrado lagos de brilho de estrelas e arco-íris de luar, e peixes que caminhavam em terra. Ele salvara minha vida, como algum tipo de cavaleiro corajoso das lendas, e eu engoli tudo aquilo como vinho de feéricos. Eu não era melhor que aqueles fanáticos Filhos dos Abençoados.

A máscara de Tamlin parecia bronze na escuridão, e as esmeraldas brilhavam.

— Você está... chateada.

Caminhei até a roseira mais próxima, arranquei uma rosa, e meus dedos se arranharam nos espinhos. Ignorei a dor, o calor do sangue que escorria. Jamais poderia pintá-la com precisão; jamais a retrataria da forma como aqueles artistas nas obras da galeria. Eu jamais poderia pintar o jardinzinho de Elain, do lado de fora do chalé, como me lembrava, mesmo que minha família não se lembrasse de mim.

Tamlin não me repreendeu por arrancar uma das rosas de seus pais — que estavam tão ausentes quanto os meus, mas que provavelmente se amaram, e o amaram ainda mais do que os meus se importaram comigo. Uma família que teria se oferecido para tomar o lugar dele caso alguém aparecesse a fim de roubá-lo.

Meus dedos ardiam e doíam, mas continuei segurando a rosa quando confessei baixinho:

— Não sei por que me sinto tão imensamente envergonhada por tê-los deixado. Por que parece tão egoísta e tão horrível pintar. Eu não deveria... me sentir dessa forma, deveria? Eu sei que não, mas não consigo evitar. — A rosa pendeu, frouxa, de meus dedos. — Todos aqueles anos, o que fiz por eles... E eles não tentaram impedir que você me levasse. — Ali estava a imensa dor que me partia ao meio quando eu pensava nela por muito tempo. — Não sei por que esperava que eles... por que acreditei que a ilusão da puca fosse verdade naquela noite. Não sei por que me dou o trabalho de pensar nisso ainda. Ou de me importar. — Tamlin ficou em silêncio por tanto tempo que acrescentei: — Em comparação a você, suas fronteiras e magia enfraquecida, imagino que minha autopiedade seja absurda.

— Se ela a deixa deprimida — falou Tamlin baixinho, as palavras acariciando meus ossos —, então não acho que seja absurda mesmo.

— Por quê? — Uma pergunta inexpressiva, e atirei a rosa aos arbustos.

Tamlin pegou minhas mãos. Seus dedos calejados, fortes e firmes, foram carinhosos quando ele levou minha mão ensanguentada à boca e beijou a palma. Como se aquilo fosse uma boa resposta.

Os lábios de Tamlin eram macios contra minha pele, o hálito era morno, e meus joelhos tremeram quando ele levou minha outra mão à boca e a beijou também. Beijou com cuidado, de um modo que fez um calor latejar bem no fundo do corpo, entre minhas pernas.

Quando Tamlin recuou, meu sangue brilhava em sua boca. Olhei para minhas mãos, que ele ainda segurava, e vi que os ferimentos tinham sumido. Olhei para o rosto dele de novo, para a máscara de moldura dourada, para a brancura da pele, o vermelho dos lábios cobertos de sangue, quando Tamlin murmurou:

— Não se sinta mal nem um segundo por fazer o que a faz feliz. — Ele se aproximou, soltando uma de minhas mãos para colocar a rosa que eu havia colhido atrás de minha orelha. Não sabia como ela chegara à mão dele, ou para onde tinham ido os espinhos.

Não pude evitar insistir.

— Por que... por que fazer isso?

Tamlin se aproximou, tanto que precisei inclinar a cabeça para trás para vê-lo.

— Por que sua alegria humana me fascina, o modo como vivencia as coisas em sua curta existência, tão selvagem e intensamente e tudo de uma vez, é... hipnotizante. Sou atraído por isso, mesmo quando sei que não deveria, mesmo quando tento não ser.

Porque eu era humana, e envelheceria e... não me permiti chegar tão longe quando ele se aproximou ainda mais. Devagar, como se me desse tempo de me afastar, Tamlin roçou os lábios contra minha bochecha. Suave, morno e carinhoso de partir o coração. Mal passou de uma carícia, antes que ele endireitasse o corpo. Não me movi desde o momento em que sua boca tocara minha pele.

— Um dia... um dia haverá respostas para tudo — garantiu Tamlin, baixinho, soltando minha mão e se afastando. — Mas não até que o momento chegue. Até que seja seguro. — No escuro, seu tom de voz bastou para que eu soubesse que os olhos de Tamlin estavam cheios de amargura.

Ele me deixou, e inspirei, engasgando, sem perceber que prendia a respiração.

Sem perceber que desejava seu calor, a proximidade de Tamlin, até que ele tivesse ido embora.

A vergonha permanente pelo que eu havia admitido, pelo que havia... *mudado* entre nós me fez sair da mansão deprimida depois do café da manhã, e fugir para o abrigo do bosque para tomar ar fresco... e para estudar a luz e as cores. Levei o arco e as flechas, assim como a faca de caça encrustada de joias que Lucien me dera. Melhor estar armada que ser pega de mãos vazias.

Caminhei devagar entre as árvores e os arbustos por menos de uma hora antes de sentir uma presença atrás de mim... chegando cada vez mais perto, fazendo os animais fugirem em busca de abrigo. Sorri comigo mesma e, vinte minutos depois, me acomodei na reentrância de um olmo alto e esperei.

A vegetação farfalhou; pouco mais que uma brisa passando, mas eu sabia o que esperar, conhecia os sinais.

Um estalo e um rugido de fúria ecoaram pelo território, fazendo os pássaros fugirem.

Quando desci da árvore e caminhei para a clareira, apenas cruzei os braços e ergui o olhar para o Grão-Senhor, pendurado, pelas pernas, na armadilha que eu havia montado.

Mesmo de ponta-cabeça, ele deu um sorriso preguiçoso para mim quando me aproximei.

— Humana cruel.

— É o que merece por perseguir alguém.

Ele riu, e me aproximei bem para ousar passar o dedo pelos sedosos cabelos louros, que pendiam logo acima de meu rosto, admirando as muitas cores — os

tons de amarelo e marrom e trigo. Meu coração palpitou, e soube que ele provavelmente conseguia ouvir. Mas Tamlin inclinou a cabeça na minha direção, num convite silencioso, e percorri os dedos pelos fios — com carinho, cuidado. Tamlin ronronou, o som estremeceu meus dedos, meus braços, minhas pernas e meu interior. Imaginei qual seria a sensação daquele som caso ele estivesse com o corpo pressionado contra o meu, pele contra pele. Recuei.

Tamlin dobrou o corpo para cima em um movimento suave e poderoso, e passou apenas uma garra na trepadeira que eu usara como corda. Inspirei para gritar, mas ele se virou ao cair, aterrissando suavemente de pé. Seria impossível para mim algum dia me esquecer do que ele era, e do que era capaz. Tamlin deu um passo em minha direção, a risada ainda dançando em seu rosto.

— Está se sentindo melhor hoje?

Murmurei alguma resposta despreocupada.

— Que bom — disse Tamlin, ignorando ou escondendo o interesse. — Mas, apenas por precaução, queria lhe dar isto — acrescentou ele, puxando um maço de papéis da túnica e os estendendo para mim.

Mordi a parte interna da bochecha enquanto encarei as três folhas de papel. Eram uma série de... *poemas* de cinco linhas. Havia oito deles no todo, e comecei a suar ao ler palavras que não reconhecia. Levaria um dia inteiro apenas para descobrir o que elas significavam.

— Antes que fuja ou comece a gritar... — falou Tamlin, dando a volta para olhar por cima de meu ombro. Se eu ousasse, poderia me recostar no peito dele. O hálito de Tamlin aquecia meu pescoço, minha orelha.

Ele pigarreou e leu o primeiro poema.

"— Havia uma dama linda de se admirar
Espirituosa, senão singular
Seus amigos escasseavam

Mas os homens se amontoavam
Embora todos ela se apressasse em rejeitar."

Minhas sobrancelhas se ergueram tão alto que achei que tocariam a linha de meus cabelos, e virei, piscando para ele, nossas respirações se misturando quando Tamlin terminou o poema com um sorriso.

Sem esperar minha resposta, ele pegou os papéis e se apressou em ler o segundo poema, o qual não era, nem de perto, tão educado quanto o primeiro. Quando Tamlin terminou de ler o terceiro poema, meu rosto estava quente. Ele parou antes de ler o quarto, e depois me devolveu os papéis.

— A última palavra no segundo e no quarto versos de cada poema — disse ele, indicando com o queixo os papéis em minhas mãos.

Singular. Amontoavam. Olhei para o segundo poema. *Massacrando. Conflagração.*

— Essas são... — comecei a dizer.

— Sua lista de palavras era boa demais para descartar. E nada boa para poemas românticos. — Quando ergui a sobrancelha em uma indagação silenciosa, Tamlin disse: — Fazíamos concursos para ver quem conseguia escrever as quintilhas mais sujas enquanto eu vivia na tropa de guerra de meu pai, na fronteira. Não gosto muito de perder; então, fiz questão de me exceder.

Eu não sabia como ele se lembrava da longa lista que eu havia compilado, nem queria saber. Sentindo que não estava prestes a sacar uma flecha e dispará-la contra ele, Tamlin pegou os papéis e leu o quarto poema, o mais sujo e mais cruel de todos.

Quando ele terminou, inclinei a cabeça para trás e gargalhei, e minha risada foi como a luz do sol partindo gelo endurecido pelo tempo.

Eu ainda sorria quando saímos do parque na direção das colinas íngremes, perambulando de volta à mansão.

— Você disse... naquela noite no jardim de rosas... — Inspirei o ar entre dentes durante um momento. — Você disse que seu pai mandou plantá-lo para sua mãe por ocasião da parceria deles... não do casamento?

— Os Grão-Feéricos em geral se casam — explicou Tamlin, a pele dourada corando um pouco. — Mas, se forem abençoados, encontrarão seu parceiro. Seu igual, aquele com quem combinam em todos os sentidos. Grão-Feéricos se casam sem a ligação da parceria, mas, se você encontrar seu parceiro, a ligação é tão profunda que o casamento é... insignificante em comparação.

Não tive coragem de perguntar se feéricos já haviam forjado parcerias com humanos, e, em vez disso, ousei indagar:

— Onde estão seus pais? O que aconteceu com eles?

Um músculo se contraiu no maxilar de Tamlin, e me arrependi da pergunta, no mínimo devido à dor que cintilou em seus olhos.

— Meu pai... — As garras de Tamlin despontaram nos nós dos dedos, mas não se projetaram mais que isso. Eu definitivamente tinha feito a pergunta errada, me intrometera demais, achei que tinha o direito. — Meu pai era tão ruim quanto o de Lucien. Pior. Meus dois irmãos mais velhos eram exatamente como ele. Tinham escravos... Todos eles, e meus irmãos... eu era jovem quando o Tratado foi firmado, mas ainda me lembro do que meus irmãos costumavam... — Ele parou de falar. — Aquilo deixou uma marca, uma marca forte o bastante para que, quando eu a visse, sua casa, não conseguisse... Não me permitiria ser como eles. Não faria mal a sua família ou a você, ou a sujeitaria a caprichos feéricos.

Escravos... houve escravos *aqui*. Eu não queria saber; jamais procurara por traços deles, mesmo quinhentos anos depois. Ainda era pouco melhor que uma escrava para a maioria do povo de Tamlin, de seu mundo. Era por isso, por isso que

ele oferecera a brecha no tratado, por isso me oferecera a liberdade de viver onde quisesse em Prythian.

— Obrigada — falei. Tamlin deu de ombros, como se isso dispensasse sua bondade, o peso da culpa que ainda recaía sobre o Grão-Senhor. — E quanto a sua mãe? — perguntei.

Tamlin expirou.

— Minha mãe... ela amava meu pai profundamente. Profundamente demais, mas eles eram parceiros e... mesmo que visse que era um tirano, não falaria nada de ruim sobre ele. Eu jamais esperei, nunca desejei o título de meu pai. Meus irmãos nunca teriam me permitido viver até a adolescência se suspeitassem disso. Então, assim que atingi a idade, me juntei à tropa de guerra de meu pai e treinei para que algum dia pudesse servi-lo, ou a qualquer de meus irmãos que herdasse o título. — Tamlin flexionou as mãos, como se imaginasse as garras sob elas. — Percebi desde cedo que lutar e matar eram as únicas coisas em que eu era bom.

— Duvido — falei, baixinho.

Tamlin deu um sorriso sarcástico.

— Ah, sei tocar um violino excelente, mas filhos de Grão-Senhores não se tornam menestréis ambulantes. Então, treinei e lutei por meu pai contra quem quer que ele mandasse, e teria ficado feliz em deixar as tramoias para meus irmãos. Mas meu poder continuou crescendo, e eu não conseguia escondê-lo... não entre nosso povo. — Tamlin sacudiu a cabeça. — Felizmente, ou infelizmente... todos foram mortos pelo Grão-Senhor de uma corte inimiga. Fui poupado não sei por que motivo, ou pela sorte que me lançou o Caldeirão. Por minha mãe, vesti luto. Pelos outros... — Um gesto de ombros ínfimo. — Meus irmãos jamais teriam tentado me salvar de um destino como o seu.

Ergui o olhar para ele. Um mundo tão cruel e difícil... com a família se matando por poder, por vingança, por desprezo e controle. Talvez a generosidade de Tamlin,

sua bondade fossem uma reação a isso, talvez ele simplesmente tivesse me visto e achado que olhava em algum tipo de espelho.

— Sinto muito por sua mãe — falei, e foi tudo o que pude oferecer, tudo o que ele um dia pudera oferecer a mim. Tamlin deu um leve sorriso. — Então, foi assim que se tornou Grão-Senhor.

— A maioria dos Grão-Senhores é treinada desde o nascimento em boas maneiras, nas leis e nos jogos de guerra da corte. Quando o título recaiu sobre mim, foi uma... transição difícil. Muitos dos cortesãos de meu pai preferiram fugir para outras cortes a suportar um guerreiro bestial grunhindo para eles.

Uma besta semisselvagem, dissera Nestha para mim certa vez. Fiz um esforço para não pegar a mão dele, não tocar em Tamlin e dizer que eu entendia. Apenas falei:

— Então, são idiotas. Você manteve estas terras protegidas da praga, quando parece que outros não se saíram tão bem. São idiotas — falei de novo.

Mas a escuridão percorreu os olhos de Tamlin, e seus ombros pareceram se curvar levemente. Antes que eu pudesse perguntar, cruzamos o pequeno bosque, uma extensão de colinas e montes ziguezagueava adiante. Ao longe, havia feéricos mascarados no topo de muitos deles, construindo o que pareciam ser fogueiras não acesas.

— O que é aquilo? — perguntei, parando.

— Estão montando fogueiras... para *Calanmai*. É em dois dias.

— Para quê?

— Noite das Fogueiras?

Balancei a cabeça.

— Não celebramos dias sagrados no reino humano. Não depois que vocês... que seu povo se foi. Em alguns lugares, é proibido. Nem mesmo lembramos dos nomes de nossos deuses. O que Cala... a Noite do Fogo celebra?

Tamlin esfregou o pescoço.

— É apenas uma cerimônia de primavera. Acendemos fogueiras, e... e a magia que criamos ajuda a regenerar a terra para o próximo ano.

— Como criam a magia?

— Há um ritual. Mas é... muito feérico. — Tamlin trincou o maxilar e continuou andando, para longe das fogueiras apagadas. — É possível que você veja mais feéricos por aqui que o normal, feéricos desta corte e de outros territórios, que são livres para cruzar as fronteiras nessa noite.

— Achei que a praga havia espantado a maioria deles.

— Espantou, mas haverá muitos deles. Apenas... Fique longe de todos. Você ficará mais segura na casa, mas, se esbarrar em algum antes de acendermos as fogueiras ao pôr do sol, em dois dias, ignore-o.

— E não estou convidada para a cerimônia?

— Não. Não está. — Tamlin fechou os dedos em punho e os abriu, diversas e diversas vezes, como se tentasse conter as garras.

Por mais que eu quisesse ignorar, meu peito se apertou um pouco.

Caminhamos de volta em um silêncio tenso, que não compartilhávamos havia semanas. E, então, Tamlin ficou rígido assim que entramos nos jardins. Não por mim ou pela nossa conversa desconfortável. Tudo estava silencioso, com aquela quietude terrível que costumava significar a proximidade de um feérico mais cruel. Tamlin exibiu os dentes em um grunhido baixo, depois me olhou.

— Esconda-se e, não importa o que ouvir, não saia.

Então, ele sumiu.

Sozinha, olhei para cada lado da trilha de cascalho, como alguma idiota simplória. Se havia mesmo algo ali, eu seria surpreendida a céu aberto. Talvez fosse vergonhoso não sair para ajudá-lo, mas... ele era um Grão-Senhor. Eu apenas ficaria no caminho.

Abaixei logo atrás de uma cerca viva quando ouvi Tamlin e... Lucien se aproximando. Xinguei baixinho e congelei. Talvez pudesse sair de fininho pelos

campos, até os estábulos. Se havia algo fora do normal, os estábulos não apenas forneceriam abrigo, mas também um cavalo para que eu fugisse. Estava prestes a disparar para a grama alta, a poucos passos do limite dos jardins, quando o grunhido de Tamlin irrompeu pelo ar do outro lado da cerca viva.

Eu me virei; apenas o bastante para espioná-los entre a folhagem densa. *Fique escondida*, dissera ele. Se eu me movesse agora, certamente repariam.

— Sei que dia é — disse Tamlin, mas não para Lucien. Na verdade, os dois olhavam para... nada. Alguém que não estava *ali*. Alguém invisível. Eu teria pensado que estavam pregando uma peça em mim caso não tivesse ouvido uma voz grave e sem corpo responder.

— Seu comportamento insistente está despertando muito interesse na corte — criticou a voz, grave e sibilante. Estremeci, apesar do calor do dia. — Ela começou a imaginar... por que não desistiu ainda. E por que quatro naga apareceram mortos há pouco tempo.

— Tamlin não é como os outros tolos — disparou Lucien, ombros para trás, elevando-se a toda sua altura, mais guerreiro do que eu jamais o vira. Não era à toa que tinha todas aquelas armas no quarto. — Se ela esperava cabeças curvadas, então é mais idiota que pensei.

A voz sibilou, e meu sangue gelou devido ao ruído.

— Fala tão mal daquela que tem seu destino nas mãos? Com uma palavra, ela poderia destruir esta propriedade patética. Ela não ficou feliz quando soube que enviou seus guerreiros. — A voz agora parecia se voltar para Tamlin. — Mas, como não deu em nada, ela escolheu ignorar.

Um grunhido gutural foi emitido pelo Grão-Senhor, mas suas palavras eram calmas quando falou:

— Diga a ela que estou cheio de limpar o lixo que joga em minhas fronteiras.

A voz riu, e o som era como areia se movendo.

— Ela os liberta como presentes, lembretes do que acontecerá se o flagrar tentando infringir os termos do...

— Ele não o está infringindo — grunhiu Lucien. — Agora, *saia*. Já estamos cheios da sua laia se amontoando nas fronteiras, não precisamos que polua nosso lar também. Falando nisso, fique bem longe da caverna. Não é uma estrada qualquer para escória como você cruzá-la quando quiser.

Tamlin soltou um grunhido em concordância.

A coisa invisível riu de novo, soltando um som muito horrível e cruel.

— Embora você tenha o coração de pedra, Tamlin — falou a coisa, e Tamlin ficou imóvel —, certamente guarda o medo dentro dele. — A voz começou a cantarolar. — Não se preocupe, *Grão-Senhor*. — A coisa pronunciou o título como uma piada. — Tudo se acertará em breve.

— Queime no inferno — respondeu Lucien por Tamlin, e a coisa riu de novo, antes que um bater de asas encouraçadas ecoasse, um vento fedorento acertasse meu rosto, e tudo ficasse em silêncio.

Eles respiraram profundamente depois de outro minuto. Fechei os olhos, precisando respirar para me acalmar também, porém mãos enormes se prenderam em meus ombros e gritei.

— Ele se foi — disse Tamlin, me soltando. Eu me segurei para não desabar na cerca viva.

— O que você ouviu? — indagou Lucien, vindo pela lateral e cruzando os braços. Virei o olhar para o rosto de Tamlin, mas vi que estava tão pálido de ódio, ódio daquela *coisa*, que precisei olhar para Lucien de novo.

— Nada, eu... bem, nada que entendi — confessei, e fui sincera. Nada daquilo fazia sentido. Eu não conseguia parar de tremer. Algo a respeito daquela voz tinha arrancado o calor de dentro de mim. — Quem... *o que* era aquilo?

Tamlin começou a caminhar de um lado para outro, o cascalho se revirando sob suas botas.

— Há alguns feéricos em Prythian que inspiraram as lendas das quais vocês, humanos, têm tanto medo. Alguns, como aquela criatura, são mitos em carne e osso.

Dentro daquela voz sibilante, eu tinha ouvido o grito de vítimas humanas, as súplicas de jovens donzelas cujos peitos tinham sido abertos em altares de sacrifício. Menções a "corte", aparentemente diferentes da de Tamlin... seria a tal *ela* quem matara os pais de Tamlin? Uma Grã-Senhora, talvez, em vez de um Senhor. Considerando o quanto os Grão-Feéricos eram implacáveis com as próprias famílias, deviam ser como pesadelos para os inimigos. E, se haveria guerra entre as cortes, se a praga tinha deixado Tamlin já enfraquecido...

— Se o Attor a viu... — disse Lucien, olhando em volta.

— Não viu — falou Tamlin.

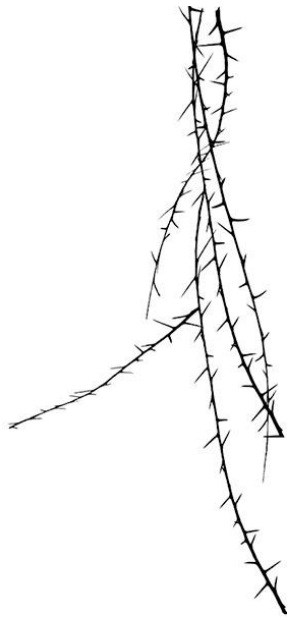
— Tem certeza de que...

— *Não viu* — rugiu Tamlin por cima do ombro, e depois me olhou, o rosto ainda pálido de fúria, os lábios contraídos e unidos. — Vejo você no jantar.

Entendendo a dispensa, e desejando a porta trancada de meu quarto, caminhei, arrastando os pés, de volta para a casa, meditando sobre quem seria a tal *ela*, que deixava Tamlin e Lucien tão nervosos e que comandava aquela *coisa* como mensageira.

A brisa de primavera sussurrou que eu não queria saber.

Capítulo 20



Depois de um jantar tenso, durante o qual Tamlin mal falou comigo ou com Lucien, acendi todas as velas do quarto para afastar as sombras.

Não saí no dia seguinte, e, quando me sentei para pintar, o que surgiu em minha tela foi uma criatura alta, esquelética e cinzenta, com orelhas de morcego e imensas asas membranosas. O focinho estava aberto, como se rugisse, revelando fileira após fileira de presas conforme saltava para o voo. Enquanto eu pintava, podia ter jurado que senti um hálito que fedia a carniça, que o ar sob as asas da criatura sussurrava promessas de morte.

O produto final foi tão aterrorizante que precisei colocar a pintura no fundo do quarto, e fui persuadir Alis a me deixar ajudar com a preparação da comida da Noite da Fogueira, na cozinha. Qualquer coisa para evitar o jardim, onde o Attor poderia aparecer.

O dia da Noite da Fogueira — *Calanmai*, como Tamlin o chamara — chegou, e não vi Tamlin ou Lucien o dia todo. Conforme a tarde se transformou em crepúsculo, me vi novamente nas vias principais da casa. Nenhum dos criados com rosto de pássaro parecia por perto. A cozinha estava vazia, tanto de pessoas quanto da comida que estavam preparando, havia dois dias. Tambores soaram.

Os rufares vinham de longe; além do jardim, depois do parque de caça, dentro da floresta além. Eram profundos, invasivos. Uma única batida, seguida por duas chamadas em resposta. Uma convocação.

Parei às portas do jardim, olhando a propriedade conforme o céu era coberto por tons de laranja e vermelho. A distância, no alto das colinas íngremes que levavam ao bosque, algumas fogueiras tremeluziam, fumaça escura pintava o céu de rubi — as fogueiras apagadas que eu vira dois dias antes. Não convidada, lembrei a mim mesma. Não convidada para qualquer que fosse a festa que fizera com que todos os feéricos da cozinha tagarelassem e rissem entre si.

Os tambores ficaram mais rápidos... mais altos. Embora eu tivesse me acostumado com o cheiro de magia, meu nariz ficou irritado com o crescente odor pungente do metal, mais forte do que eu já havia sentido. Dei um passo adiante e, então, parei, segurando o portal. Deveria voltar para dentro. Atrás de mim, o sol poente manchava os azulejos pretos e brancos do piso do corredor com um tom reluzente de tangerina, e minha longa sombra parecia pulsar com a batida dos tambores.

Mesmo o jardim, geralmente zumbindo com a orquestra dos próprios habitantes, tinha se calado para ouvir os tambores. Havia uma corda... amarrada a meu estômago, que me puxava na direção daquelas colinas, ordenando que eu seguisse, que ouvisse os tambores feéricos...

Eu poderia ter feito exatamente isso se Tamlin não tivesse surgido no final do corredor.

Ele estava sem camisa, apenas o boldrié sobre o peito musculoso. O punho da espada reluzia dourado à luz do sol que esmaecia, e os topos emplumados das flechas estavam manchados de vermelho conforme despontavam acima de seu ombro largo. Encarei Tamlin, e ele me observou de volta. O guerreiro encarnado.

— Aonde vai? — Consegui dizer.

— É *Calanmai* — declarou Tamlin, simplesmente. — Preciso ir. — Ele indicou com o queixo as fogueiras e os tambores.

— Fazer o quê? — perguntei, olhando para o arco na mão dele. Meu coração ecoou os tambores do lado de fora, escalonando para uma batida mais selvagem.

Os olhos verdes estavam sombrios sob a máscara com moldura dourada.

— Como Grão-Senhor, preciso participar do Grande Rito.

— O que é o Grande...

— Vá para seu aposento — grunhiu Tamlin, e olhou para as fogueiras. — Tranque as portas, monte uma armadilha, faça o que faz.

— Por quê? — indaguei. A voz do Attor sibilou em minha memória. Ele dissera algo sobre um ritual bastante feérico, que diabo era? Pelas armas, devia ser brutal e violento, principalmente se a forma animal de Tamlin não era arma o bastante.

— Simplesmente faça o que falei. — Seus caninos começaram a se alongar. Meu coração começou a palpitar. — Não saia até chegar a manhã.

Mais fortes, mais rápidos os tambores bateram, e os músculos no pescoço de Tamlin se contraíram, como se ficar parado fosse doloroso para ele.

— Vai para a batalha? — sussurrei, e Tamlin soltou uma risada baixa.

Ele ergueu a mão como se para tocar meu braço. Mas abaixou antes que seus dedos pudessem roçar o tecido de minha túnica.

— Fique em seus aposentos, Feyre.

— Mas eu...

— Por favor. — Antes que eu pudesse pedir que Tamlin reconsiderasse a decisão de não me levar, ele saiu correndo. Os músculos poderosos em suas costas se transformaram conforme Tamlin saltou pelo curto lance de escadas e disparou pelo jardim, ligeiro e ágil como um cervo. Em segundos, ele sumira.

Fiz conforme ordenado, embora logo tivesse percebido que me trancara no quarto sem haver jantado. E, com os tambores incessantes e as dezenas de fogueiras que se acendiam nas colinas distantes, não consegui parar de caminhar de um lado para outro do cômodo, olhando para fora, na direção das fogueiras que queimavam ao longe.

Fique em seus aposentos.

Mas uma voz selvagem, travessa, que entremeava os rufares, sussurrava o contrário. *Vá*, dizia a voz, me tentando. *Vá ver.*

Às 22 horas, eu não aguentava mais. Segui os tambores.

Os estábulos estavam vazios, mas Tamlin me ensinara a montar sem sela nas últimas semanas, e minha égua branca logo trotava pelo caminho. Não precisava guiá-la; ela também seguiu a atração dos tambores e subiu a primeira das colinas.

Fumaça e magia pairavam, fortes, no ar. Escondida no manto encapuzado, abri a boca quando me aproximei da primeira fogueira gigante no alto da colina. Havia centenas de Grão-Feéricos sorrindo, mas eu não conseguia discernir nenhuma das feições além das várias máscaras que usavam. De onde tinham vindo... onde viviam se pertenciam à Corte Primaveril, mas não moravam na mansão? Quando tentava me concentrar em algo específico em seus rostos, tudo virava um borrão de cores. Eram mais sólidos quando os focava pelo canto do olho, mas, se eu virasse para encará-los, encontrava sombras e cores rodopiantes.

Era magia; algum tipo de encantamento lançado em *mim*, a fim de evitar que eu os visse claramente, assim como minha família fora enfeitiçada. Eu teria ficado furiosa, teria considerado voltar à mansão, caso os tambores não tivessem ecoado por meus ossos e aquela voz selvagem não tivesse me chamado.

Apeei da égua, mas fiquei perto dela conforme segui pela multidão, as distintas feições humanas escondidas nas sombras do capuz. Rezei para que a fumaça e os incontáveis aromas de diferentes Grão-Feéricos e feéricos fossem o bastante para cobrir meu cheiro humano, mas verifiquei a fim de me certificar de que levava as

duas facas comigo mesmo assim, conforme me movia mais para dentro da comemoração.

Embora um conjunto de percussionistas tocasse de um lado da fogueira, os feéricos se agrupavam em um fosso entre duas colinas próximas. Deixei a égua amarrada a uma figueira solitária no topo de um monte e segui os feéricos, aproveitando a batida do tambor à medida que ela ressoava através da terra e para as solas de meus pés. Ninguém olhou duas vezes em minha direção.

Quase escorreguei na encosta íngreme enquanto entrava na vala. Em uma ponta, a boca de uma caverna se abria para uma encosta macia. O exterior havia sido adornado com flores e galhos e folhas, e eu conseguia distinguir o início de um chão coberto de pele logo após a abertura da caverna. O que aguardava além não era visível, pois a câmara fazia uma curva depois da entrada, mas a luz de fogueiras dançava nas paredes.

O que estivesse ocorrendo dentro da caverna — ou o que estivesse prestes a acontecer — era o foco dos feéricos à medida que eles, sombreados, alinhavam-se de cada lado da longa trilha até o evento. O caminho entremeava as depressões entre as colinas, e os Grão-Feéricos oscilavam onde estavam, movendo-se ao ritmo dos tambores cujas batidas ressoavam em meu estômago.

Observei-os balançando, e então me mexi, desconfortável. Eu tinha sido banida *daquilo*? Parecia inofensivo. Avaliei a área iluminada por fogueiras, tentando olhar além do véu da noite e da fumaça. Não vi nada interessante, e nenhum dos feéricos mascarados me deu qualquer atenção. Permaneciam na trilha, mais e mais chegavam a cada minuto. Algo definitivamente parecia prestes a acontecer — fosse o que fosse o Grande Rito.

Voltei pela encosta da colina e parei perto de uma fogueira, no limite das árvores, observando os feéricos. Estava prestes a reunir coragem para perguntar a um feérico inferior o que se passava — um criado com máscara de pássaro, como

Alis —, que tipo de ritual estava para acontecer, quando alguém segurou meu braço e me virou.

Pisquei para os três estranhos, espantada, enquanto olhava os rostos de feições demarcadas — livres de máscaras. Eles pareciam Grão-Feéricos, mas havia algo levemente diferente a seu respeito, algo mais alto e mais esguio que Tamlin ou Lucien... algo mais cruel nos olhos negros e infinitos. Feéricos, então.

Aquele que segurava meu braço sorriu, revelando dentes levemente pontudos.

— Fêmea humana — murmurou ele, percorrendo os olhos por mim. — Não vemos uma como você faz tempo.

Tentei puxar o braço de volta, mas ele segurou meu cotovelo com força.

— O que quer? — indaguei, mantendo a voz calma e fria.

Os dois feéricos ao lado dele sorriram para mim, e um segurou meu outro braço — no momento em que tentei pegar a faca.

— Só um pouco de diversão na Noite da Fogueira — disse um deles, estendendo a mão pálida, longa demais, para afastar uma mecha de meu cabelo. Virei a cabeça para longe e tentei me afastar do toque, mas o feérico segurou firme. Nenhum dos feéricos perto da fogueira reagiu, nenhum se deu o trabalho de olhar.

Se eu gritasse por ajuda, será que alguém responderia? Será que Tamlin responderia? Eu não daria tanta sorte assim de novo... provavelmente tinha usado a parte que me cabia com os naga.

Puxei os braços com força. O aperto deles se intensificou, até doer, e os feéricos mantiveram minhas mãos bem longe das facas. Os três se aproximaram, bloqueando-me dos demais. Olhei em volta, procurando qualquer aliado. Havia mais feéricos sem máscaras ali agora. Os três feéricos riram, um barulho baixo e chiado que percorreu meu corpo. Não percebi o quanto estava longe de todos... o quanto tinha me aproximado do limite da floresta.

— Me deixem em paz — falei, mais alto e com mais raiva que esperava, considerando a tremedeira deflagrada em meus joelhos.

— Uma frase ousada para uma humana durante o *Calanmai* — disse aquele que segurava meu braço esquerdo. As fogueiras não refletiam em seus olhos. Era como se engolissem a luz. Pensei nos naga cuja aparência exterior horrível combinava com os corações pútridos. De alguma forma, aqueles feéricos lindos e etéreos eram bem piores. — Depois que o Rito for feito, vamos nos divertir, não vamos? Um achado, que achado, encontrar uma fêmea humana aqui.

Exibi os dentes para ele.

— Tire as mãos de mim — falei, alto o suficiente para que todos ouvissem.

Um deles passou a mão pela lateral de meu corpo, os dedos ossudos pressionando minhas costelas, meus quadris. Recuei, apenas para me chocar contra o terceiro, que passou os longos dedos entre meus cabelos e se aproximou. Ninguém olhou; ninguém reparou.

— Pare — ordenei, mas as palavras saíram como um arquejo engasgado conforme eles começaram a me empurrar para o limite das árvores, na direção da escuridão. Eu empurrei e me debati contra eles; os feéricos apenas sibilaram. Um deles me empurrou, e cambaleei, me soltando. O chão brotou embaixo de mim, e levei a mão às facas, mas mãos fortes me seguraram sob os ombros antes que eu conseguisse sacá-las ou cair na grama.

Eram mãos fortes — quentes e largas. Nada como os dedos pontiagudos e ossudos dos três feéricos que ficaram completamente calados quando alguém me colocou de pé com cuidado.

— Aí está você. Estava a sua procura — falou uma voz masculina grave e sensual, que eu jamais ouvira. Mas mantive os olhos nos três feéricos, me preparando para fugir quando o homem atrás de mim se colocou a meu lado e passou um braço despreocupado em volta de meu ombro.

Os três feéricos inferiores empalideceram, os olhos escuros se arregalaram.

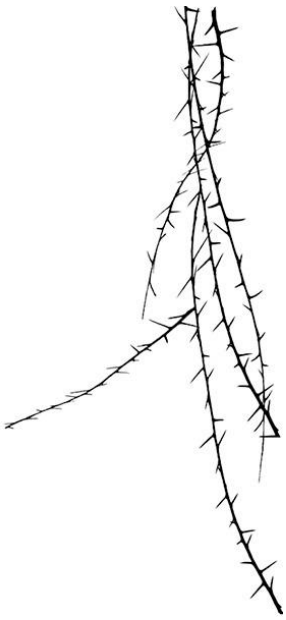
— Obrigado por encontrá-la para mim — agradeceu meu salvador, sutil e educado. — Aproveitem o Rito. — Havia um tom afiado o bastante sob as últimas

palavras para fazer com que os feéricos enrijecem o corpo. Sem mais comentários, eles correram de volta às fogueiras.

Saí da proteção do braço de meu salvador e me virei para agradecer.

Diante de mim estava o homem mais lindo que eu já vira.

Capítulo 21



Tudo a respeito do estranho irradiava graça sensual e naturalidade. Grão-Feérico, sem dúvida. Os curtos cabelos pretos reluziam como as penas de um corvo, destacando a pele clara e os olhos azuis, tão profundos que pareciam violeta mesmo à luz da fogueira. Eles brilharam com interesse enquanto o estranho me olhava.

Por um momento, não dissemos nada. *Obrigada* não parecia dar conta do que ele fizera por mim, mas algo a respeito do modo como o grão-Feérico ficava de pé, totalmente imóvel, a noite parecendo se aproximar mais dele, me fez hesitar ao falar... me fez querer correr na direção oposta.

Ele também não estava de máscara. Era de outra corte, então.

Um meio sorriso surgiu, brincalhão, em seus lábios sensuais.

— O que uma mulher mortal faz aqui, na Noite da Fogueira? — A voz do feérico foi como o ronronado de um amante, me fazendo estremecer, acariciando cada músculo e osso e nervo.

Dei um passo atrás.

— Minhas amigas me trouxeram.

O rufar dos tambores estava se intensificando, chegando a um clímax que eu não entendia. Fazia tanto tempo desde que vira um rosto exposto que parecesse

vagamente humano. As roupas dele — todas pretas, todas requintadas — eram justas o bastante para que eu visse o quanto parecia magnífico. Como se tivesse sido moldado da própria noite.

— E quem são suas amigas? — Ele sorria para mim, como um predador avaliando a presa.

— Duas moças — menti de novo.

— Os nomes delas? — Ele deu mais um passo, enfiando as mãos nos bolsos. Recuei um pouco mais e fiquei de boca fechada. Será que tinha trocado três monstros por algo muito pior?

Quando ficou evidente que eu não responderia, ele riu.

— De nada — disse o feérico. — Por ter salvado você.

Fiquei com raiva de sua arrogância, mas recuei outro passo. Estava perto o bastante da fogueira, daquela pequena caverna na qual os feéricos se reuniam, para chegar lá se corresse. Talvez alguém sentisse pena de mim, talvez Lucien ou Alis estivessem ali.

— É estranho que uma mortal seja amiga de duas feéricas — ponderou ele, e começou a me circundar. Eu podia ter jurado que gavinhas da noite estrelada formaram um rastro atrás dele. — Humanos não costumam morrer de medo de nós? E você não deveria, aliás, ficar do seu lado da muralha?

Eu estava morrendo de medo *dele*, mas não deixaria que soubesse.

— Eu as conheço minha vida inteira. Jamais tive nada a temer delas.

O feérico parou de circundar para me avaliar. Ele agora estava entre mim e a fogueira... e minha rota de fuga.

— No entanto, trouxeram você para o Grande Rito e a abandonaram.

— Elas foram buscar bebidas — falei, e seu sorriso se ampliou. O que quer que eu tivesse dito, me delatou. Eu vi os criados levando a comida, mas... talvez não estivesse ali.

Ele sorriu para mim por mais um segundo. Eu jamais vira alguém tão lindo — e nunca sentira tanto alarmes de aviso na cabeça por causa disso.

— Creio que ainda falta muito tempo para a hora das bebidas — disse ele, se aproximando mais. — Pode levar um tempo para que elas voltem. Posso acompanhá-la para algum lugar enquanto isso? — Ele tirou a mão do bolso para oferecer o braço.

Tinha conseguido afugentar aqueles feéricos sem erguer um dedo.

— Não — respondi, a língua enrolada e pesada.

O feérico indicou a depressão, os tambores, com a mão.

— Aproveite o Rito, então. Tente ficar longe de problemas. — Seus olhos brilharam com a sugestão de que ficar longe de problemas significava ficar muito, muito longe dele. Mas eu tinha tantas perguntas e, embora pudesse ter sido o maior risco que eu já assumira, perguntei:

— Então você não faz parte da Corte Primaveril?

Ele voltou-se para mim, cada movimento exótico e entrelaçado com um poder letal, mas fiquei parada conforme ele me dava um sorriso preguiçoso.

— Pareço ser parte da Corte Primaveril? — As palavras estavam salpicadas da arrogância que apenas um imortal poderia alcançar. Ele riu baixo. — Não, não sou parte da nobre Corte Primaveril. E sou feliz por isso. — Ele indicou o rosto, no qual uma máscara poderia estar.

Eu deveria ter ido embora, ter fechado a boca.

— Por que está aqui, então?

Os olhos incríveis do homem pareceram brilhar... com um toque tão mortal que recuei um passo.

— Porque todos os monstros foram libertados de suas jaulas esta noite, não importa a que país pertençam. Então, posso perambular por onde quiser até o alvorecer.

Mais charadas e perguntas a serem respondidas.

— Aproveite o Rito — repeti, o mais inexpressivamente possível.

Corri de volta ao vale, ciente demais do fato de que estava dando as costas a ele. Eu estava feliz por me perder na multidão que seguia pela trilha até a caverna, ainda esperando que chegasse o momento, qualquer que fosse ele.

Quando parei de tremer, olhei em volta, para os feéricos reunidos. A maioria deles ainda usava máscaras, mas havia alguns, como aquele estranho letal e aqueles três feéricos horríveis, que não usavam máscara alguma. Eram feéricos sem lealdade ou membros de outras cortes. Eu não conseguia distinguir. Enquanto avaliava a multidão, meus olhos encontraram aqueles de um feérico mascarado do outro lado da trilha. Um era vermelho e brilhava tão forte quanto seus cabelos ruivos. O outro era... de metal. Pisquei no mesmo momento que ele, e depois seus olhos se arregalaram. Ele sumiu, e, um segundo depois, alguém agarrou meu cotovelo e me puxou para fora da multidão.

— Perdeu a noção? — gritou Lucien, por cima dos tambores. Seu rosto estava pálido como um fantasma. — O que está fazendo aqui?

Nenhum dos feéricos reparou que nós — estavam todos encarando a trilha intensamente — estávamos longe da caverna.

— Eu queria... — comecei, mas Lucien xingou violentamente.

— Idiota! — gritou ele para mim, e depois olhou para trás, para onde os outros feéricos encaravam. — Tola humana inútil. — Sem mais uma palavra, ele me jogou por cima do ombro, como se eu fosse um saco de batatas.

Apesar de eu me debater, e de meus gritos de protesto, apesar das exigências de que ele pegasse minha égua, Lucien segurou firme, e, quando me dei o trabalho de erguer o olhar, reparei que ele estava correndo — rápido. Mais rápido que qualquer coisa deveria ser capaz de se mover. Aquilo me deixou tão enjoada que fechei os olhos, e não parei até o ar ficar mais frio e mais calmo, e os tambores soarem distantes.

Lucien quase me jogou no chão do corredor da mansão, e, quando me equilibrei, vi seu rosto, tão pálido quanto antes.

— Sua mortal burra — disparou Lucien. — Ele não disse a você que ficasse em seu quarto? — Lucien olhou por cima do ombro, na direção das colinas, onde os tambores ficaram tão altos e rápidos que era como uma tempestade.

— Aquilo dificilmente era algo...

— Aquilo sequer foi a cerimônia! — Somente então vi o suor no rosto de Lucien, e o brilho de pânico em seus olhos. — Pelo Caldeirão, se Tam a visse lá...

— E daí? — falei, gritando também. Odiava me sentir como uma criança desobediente.

— É o *Grande Rito*, pelo Caldeirão! Ninguém contou a você o que é? — Meu silêncio foi resposta o suficiente. Eu quase conseguia ver o rufar dos tambores pulsando contra a pele dele, chamando Lucien para que se juntasse novamente à multidão. — A Noite da Fogueira marca o início oficial da primavera, em Prythian e no mundo mortal — explicou Lucien. — Embora as palavras fossem calmas, elas vacilaram levemente. Eu me recostei contra a parede do corredor, me obrigando a demonstrar uma casualidade que não sentia. — Aqui, nossas plantações dependem da magia que regeneramos em *Calanmai*, esta noite.

Enfiei as mãos nos bolsos da calça. Tamlin dissera algo semelhante dois dias antes. Lucien estremeceu, como se afastando um toque invisível.

— Fazemos isso ao conduzir o Grande Rito. Cada um dos sete Grão-Senhores de Prythian realizam isso todo ano, pois sua magia vem da terra e retorna a ela no fim, é um "toma lá, dá cá".

— Mas o que é? — perguntei, e Lucien emitiu um estalo com a língua.

— Esta noite, Tam vai permitir... que uma magia grandiosa e terrível entre no corpo dele — disse Lucien, encarando as fogueiras distantes. — A magia vai tomar conta de sua mente, do corpo, da alma, e vai transformá-lo no Caçador. Vai preenchê-lo com um único propósito: encontrar a Donzela. Da cópula dos dois, a

magia será libertada e se espalhará pela terra, onde regenerará a vida para o ano que chega.

Meu rosto ficou quente, e lutei contra a vontade de demonstrar desconforto.

— Esta noite, Tam não será o feérico que você conhece — continuou Lucien. — Ele sequer saberá o próprio nome. A magia vai consumir tudo nele, exceto por aquele comando mais básico, e a necessidade.

— Quem... quem é a Donzela? — Consegui perguntar.

Lucien riu com deboche.

— Ninguém sabe até chegar a hora. Depois que Tam caçar o cervo branco e matá-lo para a oferenda sacrificial, vai abrir caminho até aquela caverna sagrada, onde encontrará a trilha cheia de fêmeas feéricas esperando para serem escolhidas como suas parceiras para esta noite.

— O quê?

Lucien gargalhou.

— Sim... todas aquelas fêmeas feéricas ao seu redor eram fêmeas para Tamlin escolher. É uma honra ser escolhida, mas são os instintos dele que a selecionam.

— Mas você estava lá... e outros feéricos machos. — Meu rosto queimou tanto que comecei a suar. Era por isso que aqueles três feéricos terríveis estavam lá, e acharam que, somente por minha presença, eu ficaria feliz em seguir os planos deles.

— Ah. — Lucien riu. — Bem, Tam não é o único que tem o direito de realizar o rito esta noite. Depois que fizer a escolha, estamos livres para nos misturar. Embora não seja o Grande Rito, nossos flertes esta noite também ajudarão a terra. — Lucien afastou aquela mão invisível uma segunda vez, e seus olhos recaíram sobre as colinas. — Tem sorte por eu tê-la encontrado quando o fiz, no entanto — disse Lucien baixinho. — Porque ele teria sentido seu cheiro, e reclamado você, mas não teria sido Tamlin quem a levaria para aquela caverna. — Os olhos dele

encontraram os meus, e um calafrio percorreu meu corpo. — E não acho que você teria gostado. Esta noite não é para fazer amor.

Engoli a náusea.

— Eu preciso ir — falou Lucien, olhando para as colinas. — Preciso voltar antes que ele chegue à caverna... pelo menos para *tentar* controlá-lo quando sentir seu cheiro e não conseguir encontrá-la na multidão.

Fiquei enojada — ao pensar em Tamlin me forçando. Mas ao ouvir que... alguma parte feral dele me *queria*... Minha respiração doeu.

— Fique no quarto esta noite, Feyre — aconselhou Lucien, caminhando para as portas do jardim. — Não importa quem venha bater, mantenha a porta trancada. Não saia até de manhã.

Em algum momento, cochilei enquanto estava sentada na penteadeira. Acordei assim que os tambores pararam. Um silêncio de estremecer percorreu a casa, e os pelos em meus braços se arrepiaram quando a magia passou por mim, ondulando.

Embora não quisesse, pensei na provável fonte da magia e corei, mesmo quando meu peito se apertou. Olhei para o relógio. Tinha passado das duas da manhã.

Bem, ele certamente se demorara com o ritual, o que significava que a garota devia ser linda e encantadora, e apelava aos *instintos* dele.

Imaginei se ela havia ficado feliz por ter sido escolhida. Provavelmente. Fora até a colina por vontade própria. E, afinal de contas, Tamlin era um Grão-Senhor, aquilo era uma grande honra. E imaginei que Tamlin fosse bonito. Terrivelmente bonito. Embora eu não pudesse ver a parte superior de seu rosto, os olhos eram finos, e a boca linda, curvada e carnuda. E havia o corpo dele, que era... era... sibilei e fiquei de pé.

Encarei minha porta, a armadilha que preparara. Como era absurdo; como se pedaços de corda e madeira pudessem me proteger dos demônios na terra dele.

Como precisava fazer algo com as mãos, cuidadosamente desmontei a armadilha. Então, destranquei a porta e caminhei para o corredor. Que dia sagrado ridículo. Absurdo. Que bom que humanos os haviam abandonado.

Cheguei à cozinha vazia, engoli metade do pão, uma maçã e uma tartelete de limão. Beliscava um biscoito de chocolate conforme caminhava para meu pequeno quarto de pintura. Precisava tirar algumas das imagens furiosas da mente, mesmo que precisasse pintar à luz de velas.

Estava prestes a virar o corredor quando uma figura alta e masculina surgiu diante de mim. O luar da janela aberta lhe tornava a máscara prateada, e os cabelos dourados — soltos e coroados com folhas de louro — reluziam.

— Vai a algum lugar? — perguntou ele. A voz não era totalmente desse mundo.

Contive um estremecimento.

— Lanchinho da madrugada — falei, e estava muito alerta para cada movimento, cada respiração minha à medida que me aproximava dele.

O peito exposto de Tamlin estava pintado com espirais azuis de tinta de ísatis, e, pelos borrões na tinta, eu sabia exatamente onde ele havia sido tocado. Tentei não reparar que os borrões desciam para além de seu tronco musculoso.

Eu estava prestes a continuar meu caminho quando Tamlin me agarrou, tão rápido que não vi nada até que ele estivesse me segurando contra a parede. O biscoito caiu da minha mão quando ele agarrou meus pulsos.

— Senti seu cheiro — sussurrou ele, o peito pintado subindo e descendo muito perto do meu. — Procurei por você, e você não estava lá.

Ele fedia a magia. Quando olhei nos seus olhos, resquícios de poder brilhavam ali. Nenhuma bondade, nada daquele humor sarcástico e das repreensões gentis. O Tamlin que eu conhecia tinha ido embora.

— Solte — falei, o mais calma que pude, mas as garras dele se projetaram, se enterrando na madeira acima de minhas mãos. Ainda inebriado pela magia, ele estava semisselvagem.

— Você me deixou louco — grunhiu Tamlin, e o som ressoou pelo meu pescoço, pelos meus seios, até que eles doessem. — Procurei por você, e você não estava lá. Quando não a encontrei — disse ele, aproximando o rosto do meu, até que nossas respirações se misturassem —, fui obrigado a escolher outra.

Não conseguia escapar. Não estava tão certa de que queria.

— E ela me pediu para não ser carinhoso — grunhiu Tamlin, os dentes brilhando ao luar. Ele levou os lábios a minha orelha. — Eu teria sido carinhoso com você, no entanto. — Estremeci ao fechar os olhos. Cada centímetro de meu corpo se tensionou quando as palavras ecoaram por mim. — Eu faria com que gemesse meu nome o tempo todo. E eu teria me demorado muito, muito mesmo, Feyre. — Tamlin disse meu nome como uma carícia, e o hálito morno fez cócegas em minha orelha. Minhas costas se arquearam levemente.

Tamlin puxou as garras da parede, e meus joelhos falharam quando ele me soltou. Segurei a parede para evitar afundar no chão, para evitar agarrar Tamlin... para bater ou acariciar, eu não sabia. Abri os olhos. Ele ainda sorria; sorria como um animal.

— Por que eu deveria querer as sobras de alguém? — falei, fazendo menção de empurrar Tamlin para longe. Ele segurou minhas mãos de novo e mordeu meu pescoço.

Gritei quando os dentes de Tamlin se cravaram no ponto macio onde meu pescoço encontrava o ombro. Não conseguia me mover, não conseguia pensar, e meu mundo se reduziu à sensação dos lábios e dos dentes dele contra minha carne. Tamlin não furou minha pele, mas mordeu para me manter presa. A pressão do seu corpo contra o meu, o duro e o macio, me fez enxergar vermelho, ver relâmpagos,

me fez roçar os quadris contra os dele. Eu deveria odiá-lo, odiá-lo por aquele ritual idiota, pela fêmea com quem estivera aquela noite...

A mordida de Tamlin ficou mais leve, e sua boca acariciou os pontos em que os dentes estiveram. Tamlin não se moveu — apenas ficou naquele ponto, beijando meu pescoço. Intencional, territorial e preguiçosamente. Calor latejava entre minhas pernas, e, conforme Tamlin prendia o corpo contra o meu, contra cada ponto desejoso, um gemido escapou de meus lábios.

Tamlin se afastou. O ar pareceu dolorosamente frio contra minha pele livre, e eu ofegava sob seu olhar.

— Jamais me desobedeça de novo — falou Tamlin, a voz como um ronronar grave que ricocheteou por meu corpo, despertando tudo e acalentando tudo a reboque.

Então, reconsiderei suas palavras e estiquei o corpo. Tamlin sorriu para mim daquele jeito selvagem, e minha mão acertou a cara dele.

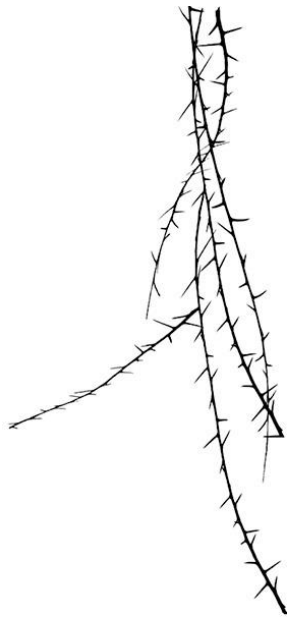
— Não me diga o que fazer — sussurrei, a palma da mão doendo. — E não me morda como uma besta enfurecida.

Tamlin deu uma risada amarga. O luar lhe deixava os olhos da cor das folhas à sombra. Mais... eu queria a rigidez do corpo de Tamlin esmagando o meu; eu queria a boca e seus dentes, e a língua em minha pele nua, em meus seios, entre minhas pernas. Em todo lugar; eu queria Tamlin em *todo lugar*. Eu estava me afogando naquele desejo.

Suas narinas se dilataram quando Tamlin sentiu meu cheiro — sentiu o cheiro de cada pensamento tórrido e voraz que latejava em meu corpo, meus sentidos. Ele exalou com uma lufada poderosa.

Tamlin grunhiu uma vez, baixo, frustrado e cruel, antes de sair andando.

Capítulo 22



Acordei quando o sol estava alto, depois de me revirar a noite toda, vazia e desejosa.

Os criados ainda dormiam depois da noite de comemoração, e, então, preparei meu banho e fiquei um bom, longo tempo imersa. Por mais que tentasse esquecer a sensação dos lábios de Tamlin em meu pescoço, havia um enorme hematoma onde ele me mordera. Depois do banho, me vesti e me sentei à penteadeira para trançar os cabelos.

Abri as gavetas da cômoda, em busca de uma echarpe ou qualquer coisa que cobrisse o hematoma acima do colarinho da túnica azul, mas parei e me olhei no espelho. Ele agira como um bruto e um selvagem, e, se tivesse recobrado os sentidos naquela manhã, ver o que tinha feito seria uma punição mínima.

Fungando, abri mais o colarinho da túnica e prendi mechas soltas dos cabelos castanho-dourados para trás das orelhas, para que não tivesse como esconder. Eu havia passado do ponto de me acovardar.

Murmurando comigo mesma e agitando as mãos, desci e segui meu nariz até a sala de jantar, onde eu sabia que o almoço costumava ser servido para Tamlin e

Lucien. Quando abri as portas, vi os dois jogados nas cadeiras, e podia ter jurado que Lucien estava dormindo com o corpo esticado, o garfo na mão.

— Boa tarde — falei, animada, com um sorriso especialmente açucarado para o Grão-Senhor. Tamlin piscou para mim, e os dois feéricos murmuraram cumprimentos quando ocupei uma cadeira diante de Lucien, e não meu lugar de sempre, à frente de Tamlin.

Bebi bastante do cálice de água antes de empilhar comida no prato. Desfrutei do silêncio tenso conforme consumia a refeição diante de mim.

— Você parece... descansada — observou Lucien, lançando um olhar para Tamlin. Dei de ombros. — Dormiu bem?

— Como um bebê. — Sorri para ele. Peguei mais uma garfada de comida e senti os olhos de Lucien percorrerem meu pescoço como os ponteiros de um relógio.

— Que hematoma é esse? — indagou Lucien.

Apontei o garfo para Tamlin.

— Pergunte a ele. Ele quem fez.

Lucien olhou de Tamlin para mim, depois de volta e deu um leve sorriso.

— Por que Feyre tem um hematoma no pescoço causado por você? — perguntou ele, com bastante interesse.

— Eu a mordi — respondeu Tamlin, sem parar enquanto cortava o bife. — Nós nos esbarramos no corredor depois do Rito.

Estiquei o corpo na cadeira.

— Parece que ela tem impulsos suicidas — continuou Tamlin, cortando a carne. As garras permaneceram retraídas, mas forçaram a pele acima dos nós dos dedos. Minha garganta se fechou. Ah, ele estava com raiva, furioso por minha tolice de deixar o quarto, mas, de alguma forma, conseguiu segurar a raiva com rédeas muito, muito curtas. — Portanto, se Feyre não se dá o trabalho de obedecer a ordens, não posso ser responsabilizado pelas consequências.

— Responsabilizado? — disparei, colocando as mãos abertas na mesa. — Você me encurralou no corredor, como um lobo a um coelho!

Lucien apoiou um braço na mesa e cobriu a boca com a mão, o olho vermelho brilhando.

— Embora eu não estivesse em sã consciência, Lucien *e* eu dissemos a você que ficasse no quarto — falou Tamlin, tão tranquilamente que eu quis arrancar meus cabelos.

Não pude evitar. Nem mesmo tentei lutar contra a onda vermelha de ódio que penetrava meus sentidos.

— Porco feérico! — gritei, e Lucien gargalhou, quase virando a cadeira para trás. Ao ver o sorriso crescente de Tamlin, saí.

Levei algumas horas até parar de pintar pequenos retratos de Tamlin e Lucien com feições de porco. Mas, quando terminei o último — *Dois porcos feéricos se banhando na própria imundície*, foi como o batizei —, sorri para a luz clara e forte de meu estúdio. O Tamlin que eu conhecia tinha voltado.

E aquilo me deixou... feliz.

Nós nos desculpamos no jantar. Ele até levou um buquê de rosas brancas do jardim dos pais dele, e, embora eu as tivesse ignorado como se não fossem nada, me certifiquei de que Alis cuidasse bem delas quando voltei para o quarto. Ela só me deu um aceno de cabeça sarcástico antes de prometer que as colocaria em minha sala de pintura. Caí no sono com um sorriso ainda nos lábios.

Pela primeira vez em muito, muito tempo, dormi em paz.

— Não sei se deveria estar feliz ou preocupada — disse Alis na noite seguinte, quando ela deslizou a combinação dourada por meus braços estendidos, e depois a puxou para baixo.

Sorri um pouco, maravilhada com a complexa renda metálica que se ajustou em meus braços e tronco como uma segunda pele antes de cair, solta, no tapete.

— É apenas um vestido — falei, erguendo os braços de novo quando Alis trouxe o vestido turquesa de tule. Era translúcido o bastante para que fosse possível ver a trama dourada por baixo, e leve e arejado e cheio de movimento, como se fluísse com uma corrente invisível.

Alis apenas riu consigo mesma e me levou até a penteadeira para fazer meu cabelo. Não tive coragem de olhar no espelho enquanto ela me arrumava.

— Isso quer dizer que vai usar vestidos de agora em diante? — perguntou Alis, separando seções de meu cabelo para qualquer que fosse a maravilha que estivesse fazendo.

— Não — respondi rapidamente. — Quero dizer, vou usar minhas roupas de sempre durante o dia, mas achei... que seria legal... tentar, pelo menos esta noite.

— Entendo. Que bom que não está perdendo completamente o bom senso, então.

Contraí a boca para o lado.

— Quem ensinou você a fazer cabelo assim?

Seus dedos ficaram imóveis e depois retomaram o trabalho.

— Minha mãe ensinou a mim e a minha irmã, e a mãe dela a ensinou antes disso.

— Sempre esteve na Corte Primaveril?

— Não — respondeu Alis, prendendo meu cabelo em vários pontos sutis. — Não, éramos originalmente da Corte Estival, e é lá que minha família ainda vive.

— Como acabou aqui?

Alis me encarou pelo espelho, os lábios formaram uma linha.

— Fiz a escolha de vir para cá, e minha família achou que eu era louca. Mas minha irmã e o parceiro tinham sido mortos, e pelos meninos dela... — Alis tossiu, como se engasgasse nas palavras. — Vim para fazer o que pudesse. — Ela me deu um tapinha no ombro. — Olhe.

Ousei olhar para meu reflexo.

Saí às pressas do quarto antes que perdesse a coragem.

Precisei manter as mãos fechadas em punho, ao longo do corpo, para evitar limpar as palmas suadas na saia do vestido conforme chegava à sala de jantar, e imediatamente contemplei a ideia de disparar escada acima e vestir túnica e calça. Mas sabia que eles já tinham me ouvido, ou sentido meu cheiro, ou usado qualquer que fosse o sentido aguçado para detectar minha presença; como fugir apenas pioraria as coisas, reuni forças para empurrar as portas duplas.

O que quer que Tamlin e Lucien estivessem discutindo cessou, e tentei não olhar para seus olhos arregalados quando caminhei até meu lugar de sempre no fim da mesa.

— Bem, estou atrasado para algo incrivelmente importante — anunciou Lucien, e, antes que eu pudesse chamar sua atenção para a mentira descarada ou implorar para que ficasse, o feérico com máscara de raposa sumiu.

Eu conseguia sentir todo o peso da atenção exclusiva de Tamlin sobre mim — em cada fôlego que eu tomava e movimento que fazia. Olhei os candelabros no alto da lareira ao lado da mesa. Não tinha nada a dizer que não parecesse absurdo, mas, por algum motivo, minha boca decidiu começar a se mover.

— Você está tão longe. — Gesticulei para a extensão de mesa entre nós. — É como se estivesse em outra sala.

O tampo encolheu, deixando Tamlin a menos de 60 centímetros, sentado a uma mesa infinitamente mais íntima. Dei um gritinho e quase virei na cadeira, e Tamlin sorriu quando olhei boquiaberta para o pequeno móvel que agora estava entre nós.

— Melhor? — perguntou ele.

Ignorei o odor metálico de magia quando falei:

— Como... como *fez* isso? Para onde ela foi?

Tamlin inclinou a cabeça.

— Entre mundos. Pense em... um armário de limpeza enfiado entre os bolsos do mundo. — Tamlin flexionou as mãos e alongou o pescoço, como se afastasse alguma dor.

— Isso sobrecarrega você? — Suor parecia brilhar na coluna forte que era seu pescoço.

Tamlin parou de flexionar as mãos e as apoiou na mesa.

— Houve um tempo em que era fácil como respirar. Mas agora... requer concentração.

Por causa da praga sobre Prythian e o fardo que ela impusera sobre ele.

— Você poderia simplesmente ter ocupado uma cadeira mais próxima — falei.

Tamlin me deu um sorriso preguiçoso.

— E perder a chance de me exibir para uma linda mulher? Nunca.

Sorri para meu prato.

— Você está linda — disse ele, baixinho. — É sério — acrescentou Tamlin, quando minha boca se contorceu para o lado. — Não se olhou no espelho?

Embora o hematoma ainda manchasse meu pescoço, eu *estava* linda. Feminina. Não chegaria ao ponto de me considerar uma beldade, mas... não me encolhi. Alguns meses ali tinham feito maravilhas pelas esquisitas feições marcadas e os ângulos de meu rosto. E ousaria dizer que algum tipo de luz tinha invadido meus olhos; meus olhos, não os de minha mãe, ou os de Nestha. Os *meus*.

— Obrigada — agradeci, e fiquei feliz por ser capaz de manter silêncio enquanto ele me servia, e depois se servia. Quando meu estômago estava prestes a estourar, ousei olhar para Tamlin, olhar *mesmo* para ele, de novo.

Tamlin recostara-se na cadeira, mas seus ombros estavam tensos, a boca era uma linha fina. Ele não era chamado para a fronteira fazia alguns dias; não voltava coberto de sangue e exausto desde a noite anterior à Noite da Figueira. Mesmo assim... Ele ficara de luto por aquele feérico sem nome da Corte Estival com as asas cortadas. Que lutos e fardos suportava por quem mais tivesse sido perdido naquele conflito, perdido devido à praga ou aos ataques nas fronteiras? Grão-Senhor, uma posição que ele não queria ou esperava, mas tinha sido forçado a suportar seu peso da melhor forma possível.

— Venha — falei, levantando da cadeira, puxando sua mão. Os calos arranharam minhas palmas, porém seus dedos se fecharam quando Tamlin ergueu o olhar para mim. — Tenho algo para você.

— Para mim — repetiu ele, com cautela, mas se levantou. Levei Tamlin para fora da sala de jantar. Quando fui soltar sua mão, ele não deixou. Isso foi o suficiente para me manter caminhando rapidamente, como se eu pudesse ser mais ligeira que meu coração galopante, ou que a mera presença imortal ao meu lado. Puxei Tamlin, corredor após corredor, até chegarmos a meu pequeno estúdio, e ele finalmente soltou minha mão quando fui pegar a chave. Ar frio beliscou minha pele, sem o calor da mão de Tamlin ao redor da minha.

— Eu sabia que você tinha pedido uma chave a Alis, mas não achei que trancasse o quarto de verdade — disse ele, atrás de mim.

Olhei por cima do ombro para Tamlin, olhos semicerrados, quando empurrei a porta.

— Todos xeretam nesta casa. Não queria que você ou Lucien viessem aqui até que eu estivesse pronta.

Entrei no quarto escuro e pigarreei, num pedido silencioso para que ele acendesse as velas. Levou mais tempo do que eu vira Tamlin precisar antes, e imaginei se encolher a mesa tinha, de alguma forma, exaurido o Grão-Senhor mais do que ele demonstrava. O Suriel tinha dito que os Grão-Senhores *eram* poder, mas... mas algo devia estar realmente, completamente errado se aquilo era tudo o que ele conseguia fazer. O quarto gradualmente se acendeu com luz, e afastei a preocupação quando entrei mais no cômodo. Inspirei fundo e gesticulei para o cavalete e a pintura que eu colocara ali. Esperava que ele não reparasse nas pinturas que eu havia apoiado na parede.

Tamlin se virou, olhando em volta do quarto.

— Sei que são estranhas — falei, as mãos suando de novo. Eu as levei às costas. — E sei que não são... não são tão boas quanto aquelas que tem aqui, mas... — Caminhei até a pintura no cavalete. Era uma impressão, não um retrato. — Queria que visse esta — falei, apontando para o borrão de verde e dourado e prateado e azul. — É para você. Um presente. Por tudo o que fez.

Calor deixou minhas bochechas incandescentes, meu pescoço, minhas orelhas, conforme ele se aproximou silenciosamente da pintura.

— É a ravina... com o lago de brilho de estrelas — expliquei, rapidamente.

— Sei o que é — murmurou Tamlin, avaliando a pintura. Recuei um passo, incapaz de suportar enquanto o observava olhar a pintura, e desejei não ter levado Tamlin ali, culpei o vinho que tinha tomado no jantar, o vestido idiota. Ele examinou a pintura durante uma eternidade sofrível e depois virou o rosto... até a pintura mais próxima apoiada na parede.

Meu estômago se apertou. Uma paisagem nebulosa com neve e árvores esqueléticas, e nada mais. Parecia... parecia nada, imaginei, para ninguém além de mim. Abri a boca para explicar, desejando ter virado as outras pinturas, afastando-as de vista, mas Tamlin falou.

— Aquela era sua floresta. Onde caçava. — Ele se aproximou da pintura, olhando para o frio desértico e vazio, o branco, o cinza, o marrom e o preto. — Isto era sua vida — esclareceu Tamlin.

Eu estava envergonhada demais, chocada demais, para responder. Ele caminhou até a pintura seguinte, que eu tinha deixado contra a parede. Escuridão e lampejos de um denso marrom, pinceladas de vermelho-rubi e laranja espremidas entre eles.

— Seu chalé à noite.

Tentei me mover, dizer a ele que parasse de olhar para aqueles e olhasse para os demais que eu deixara expostos, mas não consegui; não consegui sequer respirar direito quando Tamlin se moveu para a pintura seguinte. A mão bronzeada e forte de um homem fechada em punho no feno, os pedaços pálidos do feno entrelaçados com mechas de marrom cobertas de dourado. Meus cabelos. Meu estômago se revirou.

— O homem que você costumava ver, em sua aldeia. — Tamlin inclinou a cabeça de novo ao avaliar a pintura, e um grunhido baixo escapou. — Enquanto vocês faziam amor. — Ele recuou um passo, olhando a fileira de imagens. — Esta é a única com alguma iluminação.

Aquilo eram... ciúmes?

— Era a única fuga que eu tinha. — Verdade. Não pediria desculpas por Isaac. Não quando Tamlin acabara de voltar do Grande Rito. Eu não usaria aquilo contra ele, mas, se fosse sentir ciúmes de *Isaac*...

Tamlin devia ter percebido também, pois exalou controladamente, por um longo momento, antes de seguir para a próxima pintura. Sombras altas de homens, vermelho forte pingando de duas mãos em punho, dos tacos de madeira, pairando e preenchendo as beiras da pintura conforme se erguiam sobre a figura encolhida no chão, o sangue escorrendo dele, a perna em um ângulo errado.

Tamlin xingou.

— Você estava presente quando destruíram a perna de seu pai.

Minha garganta se apertou quando engoli em seco.

— Alguém precisava implorar que parassem.

Tamlin me lançou um olhar de quem sabia demais, e se virou para examinar o resto das pinturas. Ali estavam, todos os ferimentos que eu dessangrava aos poucos durante os últimos meses. Pisquei. Alguns meses. Será que minha família acreditava que ficaria para sempre com aquela suposta tia moribunda?

Por fim, Tamlin olhou para a pintura da ravina e do brilho de estrelas. Ele assentiu, apreciando. Mas apontou para a pintura do bosque coberto de neve.

— Aquela. Quero aquela.

— É frio e melancolia — falei, escondendo um encolher do corpo. — Não combina nada com este lugar.

Tamlin foi até a pintura, e o sorriso que ele deu era mais lindo que qualquer campo encantado ou lago de estrelas.

— Quero mesmo assim — disse ele baixinho.

Jamais desejei tanto algo como retirar sua máscara e ver o rosto por baixo, descobrir se combinava com a imagem mental que fizera dele.

— Diga que existe alguma forma de ajudá-lo — sussurrei. — Com as máscaras, com qualquer que seja a ameaça que tirou tanto de seu poder. Diga, apenas diga o que posso fazer para ajudar.

— Uma humana quer ajudar um feérico?

— Não deboche de mim — pedi. — Por favor, apenas... diga.

— Não há nada que eu queira que você faça, nada que *possa* fazer... ou qualquer pessoa. É meu fardo para carregar.

— Você não precisa...

— Preciso. O que preciso enfrentar, o que suporto, Feyre... você não sobreviveria.

— Então, devo viver aqui para sempre ignorando a verdadeira extensão do que está acontecendo? Se não quer que eu entenda o que está acontecendo... preferiria...

— Engoli em seco. — Preferiria que eu encontrasse outro lugar para viver? Onde eu não seja uma distração?

— *Calanmai* não lhe ensinou nada?

— Apenas que a magia torna você um bruto.

Tamlin gargalhou, mas não totalmente por diversão. Quando permaneci em silêncio, ele suspirou.

— Não, não quero que more em outro lugar. Quero você aqui, onde posso cuidar de você, onde posso voltar para casa e saber que está aqui, pintando e segura.

Não consegui afastar o olhar.

— Pensei em mandá-la para longe a princípio — murmurou Tamlin. — Parte de mim ainda acha que eu deveria ter encontrado outro lugar para você viver. Mas talvez eu tenha sido egoísta. Mesmo quando você deixou bem claro que estava mais interessada em ignorar o Tratado, ou encontrar uma forma de se livrar dele, não consegui deixar que partisse... à procura de algum lugar em Prythian onde se sentiria confortável o suficiente para não tentar fugir.

— Por quê?

Tamlin pegou a pequena pintura da floresta congelada e a examinou de novo.

— Tive muitas amantes — admitiu ele. — Fêmeas de berço nobre, guerreiras, princesas... — O ódio me tomou, baixo e bem no fundo do estômago ao pensar nelas, ódio dos títulos, da beleza indubitável, de sua proximidade com ele. — Mas elas nunca entenderam. Como era, como *é*, para mim, cuidar de meu povo e de minhas terras. Quais cicatrizes ainda estão aqui, como são os dias ruins. — Aquele ciúme raivoso se dissipou, como orvalho da manhã, conforme ele sorriu para minha pintura. — Ela me faz lembrar disso.

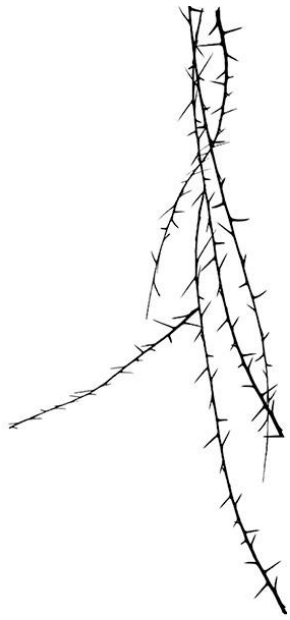
— De quê?

Tamlin abaixou a pintura, me encarando, olhando dentro de mim.

— De que não estou sozinho.

Não tranquei a porta de meu quarto naquela noite.

Capítulo 23



Na tarde seguinte, estava deitada de costas na grama, aproveitando o calor do sol filtrado pela folhagem das árvores, reparando como poderia incorporá-lo a minha próxima pintura. Lucien, alegando que tinha negócios desagradáveis de emissário a tratar, deixou a mim e Tamlin com nossos problemas, e o Grão-Senhor tinha me levado para outro lugar lindo em sua floresta encantada.

Mas não havia encantamentos ali; nenhum lago de brilho de estrelas, nenhuma cachoeira de arco-íris. Era apenas uma ravina gramada, guardada por um salgueiro-chorão e atravessada por um riacho cristalino. Ficamos deitados em um silêncio confortável, e olhei para Tamlin, que cochilava ao meu lado. Os cabelos dourados e a máscara brilhavam forte contra o tapete de cor esmeralda. O arco delicado das orelhas pontudas de Tamlin me fez hesitar. Era um lembrete permanente do quanto éramos diferentes. O que mais seria diferente? Eu queria estender a mão e retirar sua máscara; ver o rosto de Tamlin por um momento. Ele parecia acostumado com a máscara depois de tantos anos com ela presa ali. Mas eu não achava que teria durado tanto sem ter ficado louca... sem sentir o vento e a chuva no rosto.

Tamlin abriu um olho e deu um sorriso preguiçoso para mim.

— O canto daquele salgueiro sempre me faz dormir.

— O que do quê? — falei, me apoiando nos cotovelos para olhar a árvore acima de nós.

Tamlin apontou para o salgueiro. Os galhos suspiravam conforme se moviam ao vento.

— Ele canta.

— Imagino que cante quintilhas obscenas de campo de batalha também?

Ele sorriu e quase que se sentou, virando-se para me olhar.

— Você é humana — declarou Tamlin, e revirei os olhos. — Seus sentidos ainda estão isolados de tudo.

Fiz uma careta.

— Só mais uma de minhas muitas falhas. — Mas a palavra *falhas* deixara, por algum motivo, de causar mágoas.

Tamlin tirou uma folha de grama de meu cabelo. Calor irradiou de meu rosto quando seus dedos roçaram minha bochecha.

— Eu poderia fazer com que você visse — disse ele. — Os dedos de Tamlin se demoraram na ponta de minha trança, enroscando o cacho de cabelo. — Visse meu mundo, ouvisse, sentisse o cheiro. — Minha respiração ficou rápida quando ele se sentou. — Provasse. — Os olhos dele se voltaram para o hematoma que sumia em meu pescoço.

— Como? — perguntei, e o calor floresceu em meu corpo quando Tamlin se agachou na minha frente.

— Todo dom tem um preço. — Franzi a testa, e ele sorriu. — Um beijo.

— De jeito nenhum! — Mas minha pulsação acelerou, e precisei fechar as mãos na grama para evitar tocá-lo. — Não acha que fico em desvantagem por não poder ver tudo isso?

— Sou um Grão-Feérico, não damos nada sem ganhar algo com isso.

Para minha surpresa, falei:

— Tudo bem.

Ele piscou, provavelmente esperando que eu relutasse um pouco mais. Escondi o sorriso e me sentei para encará-lo, nossos joelhos se tocaram quando nos ajoelhamos na grama. Umedeci os lábios, meu coração batia tão rápido que parecia abrigar um beija-flor no peito.

— Feche os olhos — disse Tamlin, e obedeci, os dedos se fechando na grama. Os pássaros cantaram, e os galhos do salgueiro suspiraram. A grama estalou quando Tamlin esticou o corpo, ainda de joelhos. Eu me preparei quando ele beijou uma de minhas pálpebras, e depois, a outra. Tamlin se afastou, e fiquei sem fôlego, o toque de sua boca se detinha em minha pele.

O canto dos pássaros se tornou uma orquestra; uma sinfonia de fofoca e alegria. Eu jamais ouvira tantas camadas de música, jamais ouvira as variações e os temas que se entrelaçavam aos arpejos deles. E, além do canto dos pássaros, havia uma melodia etérea — uma mulher, melancólica e exausta... o salgueiro. Arquejando, abri os olhos.

O mundo tinha se tornado mais rico, mais claro. O riacho era um arco-íris quase invisível de água que fluía sobre pedras, tão convidativamente suave quanto seda. As árvores estavam envoltas em um brilho leve, que irradiava do centro delas e dançava pelas bordas das folhas. Não havia cheiro metálico pungente; não, o cheiro de magia tinha se tornado como o de jasmim, como lilás, como rosas. Eu jamais conseguiria pintar aquilo, a riqueza, a sensação... Talvez frações dela, mas não a coisa toda.

Magia... *tudo* era magia, e partia meu coração.

Olhei para Tamlin, e meu coração se partiu de vez.

Era Tamlin, mas não era. Na verdade, era o Tamlin com quem eu tinha sonhado. Sua pele reluzia com um brilho dourado, e, ao redor de sua cabeça, um círculo de luz de sol resplandecia. E os olhos de Tamlin...

Não eram apenas verdes e dourados, mas de todos os tons e variações imagináveis, como se cada folha na floresta tivesse escorrido e formado um único tom. *Aquele* era um Grão-Senhor de Prythian; devastadoramente lindo, cativante, poderoso além do que se poderia acreditar.

Meu fôlego ficou preso quando toquei os contornos de sua máscara. O metal frio machucou as pontas de meus dedos, e as esmeraldas escorregaram contra minha pele calejada. Ergui a outra mão e cuidadosamente segurei cada lado da máscara. Puxei devagar.

Ela não se moveu.

Tamlin começou a sorrir quando puxei de novo, e pisquei, abaixando as mãos. Instantaneamente, o Tamlin dourado e brilhante sumiu, e aquele que eu conhecia voltou. Ainda conseguia ouvir o canto do salgueiro e dos pássaros, mas...

— Por que não consigo mais ver você?

— Porque coloquei o encantamento de volta.

— Encantamento para quê?

— Para parecer normal. Ou tão normal quanto posso parecer com esta porcaria — acrescentou ele, indicando a máscara. — Ser um Grão-Senhor, mesmo um com... poderes limitados, traz marcas físicas também. Por isso não consegui esconder o que eu estava me tornando de meus irmãos, de ninguém. Assim é mais fácil me misturar.

— Mas a máscara não pode mesmo sair... quero dizer, tem certeza de que ninguém sabe como consertar o que a magia fez naquela noite, mesmo alguém de outra corte? — Não sei por que a máscara me incomodava tanto. Eu não precisava ver o rosto dele por completo para conhecer Tamlin.

— Desculpe desapontá-la.

— Eu só... só quero saber como você é — perguntei a mim mesma quando eu me tornara tão superficial.

— Como acha que sou?

Inclinei a cabeça para o lado.

— Um nariz marcante e reto — falei, me inspirando no que certa vez tinha tentado pintar. — Maçãs do rosto altas, que destacam seus olhos. Sobrancelhas levemente... levemente arqueadas — terminei, corando. Tamlin estava sorrindo tanto que quase vi todos os seus dentes, e aquelas presas não estavam à vista. Tentei pensar em uma desculpa por ser tão direta, mas um bocejo me escapou ao sentir um peso repentino nos olhos.

— E quanto a sua parte do acordo?

— O quê?

Tamlin se aproximou, e seu sorriso foi ficando malicioso.

— E quanto a meu beijo?

Segurei os dedos dele.

— Aqui — falei, e choquei minha boca contra o dorso de sua mão. — Aqui está seu beijo.

Tamlin rugiu uma gargalhada, mas o mundo virou um borrão, me acalentando. O salgueiro pedia que eu me deitasse, e obedeci. De longe, ouvi Tamlin xingar.

— Feyre?

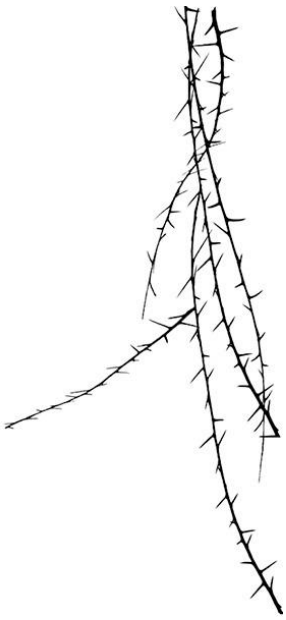
Dormir. Eu queria dormir. E não havia lugar melhor para dormir que aquele ali, ouvindo o salgueiro e os pássaros e o riacho. Eu me enrosquei de lado, usando o braço como travesseiro.

— Eu deveria levar você para casa — murmurou Tamlin, mas não se moveu para me colocar de pé. Em vez disso, senti um leve estampido na terra, e o cheiro de chuva de primavera e de grama fresca que exalava dele preencheu meu nariz conforme Tamlin se deitava ao meu lado. Meu corpo formigou de prazer quando ele acariciou meu cabelo.

Aquele era um sonho muito bom. Jamais dormira tão maravilhosamente bem antes. Tão quente, aninhada ao lado dele. Calma. Ecoando baixinho para meu mundo de sono, Tamlin falou de novo.

— Você é exatamente como sonhei que seria também — sussurrou ele, o hálito acariciando minha orelha, e, depois, a escuridão engoliu tudo.

Capítulo 24



Não foi o alvorecer que me acordou, mas um zumbido em meu quarto. Gemi ao me sentar na cama, e semicerrei os olhos para a mulher baixinha, com pele de casca de árvore, que remexia a louça de meu café da manhã.

— Onde está Alis? — perguntei, empurrando o sono para longe de meus olhos. Tamlin devia ter me carregado até ali, devia ter me carregado até a casa.

— O quê? — Ela se virou em minha direção. A máscara de pássaro da mulher era familiar. Será que tínhamos nos conhecido antes? Eu teria me lembrado de uma feérica com pele como aquela. Já a teria pintado.

— Alis não está bem? — falei, deslizando para fora da cama. Aquele *era* meu quarto, não era? Uma olhada rápida em volta me confirmou que sim.

— Ficou doida? — disse a feérica. Mordi o lábio. — Eu *sou* Alis — chilreou ela, e, sacudindo a cabeça, saiu para o banheiro para preparar meu banho.

Era impossível. A Alis que eu conhecia era linda e rechonchuda, e parecia uma Grão-Feérica.

Esfreguei os olhos com o polegar e o indicador. Um encanto... foi o que Tamlin disse que usava. Sua visão feérica tinha despido os encantamentos que eu via. Mas por que se dar o trabalho de encantar tudo?

Porque eu era uma humana covarde, por isso. Porque Tamlin sabia que eu teria me trancado naquele quarto sem jamais sair se os visse como realmente eram.

As coisas apenas pioraram quando desci para encontrar o Grão-Senhor. Os corredores estavam cheios de feéricos mascarados que eu nunca vira. Alguns eram altos e humanoides — Grão-Feéricos como Tamlin —, outros eram... não eram. Feéricos. Tentei evitar olhar para aqueles, pois pareciam ser os mais surpresos quando reparavam minha atenção.

Eu estava quase tremendo quando cheguei à sala de jantar. Lucien, ainda bem, parecia Lucien. Se era porque Tamlin o avisara que usasse um encantamento melhor, ou se era porque não se dava o trabalho de tentar ser algo que não era, isso estava além de meu conhecimento.

Tamlin estava jogado na cadeira de sempre, mas esticou o corpo quando me detive à porta.

— O que foi?

— Tem... muita gente... feéricos... por aqui. Quando eles chegaram?

Quase gritei quando olhei para fora da janela do quarto e vi todos os feéricos no jardim. Muitos deles — todos com máscaras de insetos — aparavam as cercas vivas e cuidavam das flores. Aqueles feéricos eram os mais estranhos de todos, pois das costas deles brotavam asas iridescentes que zumbiam. E, além disso, tinham a pele verde e marrom, e braços e pernas sobrenaturalmente longos e...

Tamlin mordeu os lábios para conter um sorriso.

— Estavam aqui o tempo todo.

— Mas... mas eu não *ouvi* nada.

— É claro que não — disse Lucien, com tom arrastado, e girou uma das adagas entre as mãos. — Nós nos certificamos de que você não pudesse ver ou ouvir ninguém, além daqueles necessários.

Ajustei as lapelas da túnica.

— Então quer dizer que... que quando eu corri atrás da puca naquela noite...

— Uma plateia lhe assistia — terminou Lucien para mim. Achei que tinha sido tão sorrateira. Enquanto isso, estava caminhando na ponta dos pés entre feéricos que provavelmente riram até cair da humana cega que seguia uma ilusão.

Lutando contra a humilhação crescente, virei para Tamlin. Seus lábios se contraíram, e Tamlin os fechou com força, a diversão ainda dançando em seus olhos conforme ele assentia.

— *Foi* um esforço corajoso.

— Mas eu *consegui* ver os naga, e a puca, e o Suriel. E... e... aquele feérico cujas asas foram... arrancadas — falei, encolhendo o corpo discretamente ao me lembrar. — Por que o encantamento não se aplicava a eles?

Os olhos de Tamlin ficaram mais sombrios.

— Não são membros da minha corte — disse Tamlin —, então, meu feitiço não funcionou sobre eles. A puca pertence ao vento e ao tempo e a tudo o que muda. E os naga... eles pertencem a outra pessoa.

— Entendo — menti, sem entender nada. Lucien deu um risinho, percebendo, e olhei para ele pelo canto do olho. — Você anda perceptivelmente ausente de novo.

Lucien usou a adaga para limpar as unhas.

— Eu estava ocupado. E você também, pelo que sei.

— O que isso quer dizer? — indaguei.

— Se eu oferecer a você a lua em um barbante, vai me dar um beijo também?

— Não seja babaca — disse Tamlin para ele, com um grunhido baixinho, mas Lucien continuou rindo, e ainda ria quando saiu da sala.

Sozinha com Tamlin, me mexi, desconfortável.

— Então, se eu encontrasse o Attor de novo — falei, mais para evitar o silêncio pesado —, eu o veria de verdade?

— Sim, e não seria agradável.

— Você disse que ele não me viu daquela vez, e certamente não parece ser um membro de sua corte — arrisquei. — Por quê?

— Porque joguei um feitiço sobre você quando entramos no jardim — disse ele, simplesmente. — O Attor não conseguia ver, ouvir ou sentir seu cheiro. — O olhar de Tamlin desviou para a janela além de mim, e ele passou a mão pelo cabelo. — Fiz o possível para manter você invisível para criaturas como o Attor... e piores. A praga está agindo de novo, e mais dessas criaturas são libertadas de suas amarras.

Meu estômago se revirou.

— Se você vir uma — continuou Tamlin —, mesmo que pareça agradável, mas faça com que você se sinta desconfortável, finja que não a vê. Não fale com ela. Se ferirem você, eu... os resultados não serão agradáveis para eles, nem para mim. Lembre-se do que aconteceu com os naga.

Aquilo era para minha segurança, não para a diversão dele. Tamlin não me queria ferida, ele não queria punir as criaturas por *me* ferirem. Mesmo que os naga não fossem parte desta corte, será que ele ficara magoado ao matá-los?

Percebendo que Tamlin aguardava minha resposta, assenti.

— A... praga está crescendo de novo?

Tamlin respondeu em voz baixa:

— Até agora, apenas em outros territórios. Você está segura aqui.

— Não é com minha segurança que estou preocupada — falei.

Os olhos de Tamlin se suavizaram, mas os lábios se tornaram uma linha fina quando ele disse:

— Vai ficar tudo bem.

— É possível que o surto seja temporário? — Era a esperança de um tolo.

Tamlin não respondeu, o que era uma boa resposta. Se a praga estava se tornando ativa de novo... eu não me daria o trabalho de oferecer ajuda. Já sabia que ele não permitiria que eu ajudasse com qualquer que fosse o conflito.

Mas pensei naquela pintura que dera a Tamlin, e no que ele dissera sobre ela... e desejei que Tamlin se abrisse para mim mesmo assim.

Na manhã seguinte, achei uma cabeça no jardim.

A cabeça ensanguentada de um Grão-Feérico macho — espetada no alto da estátua de uma enorme garça alçando voo, que ficava no meio de uma fonte. A pedra estava ensopada de sangue a ponto de sugerir que a cabeça estava fresca quando alguém a empalou no bico erguido da garça.

Eu estava reunindo minhas tintas e o cavalete no jardim para pintar um dos canteiros de íris quando esbarrei na cabeça. Minhas latas e os pincéis caíram no cascalho.

Não soube para onde fui enquanto encarava aquela cabeça gritando imóvel, os olhos castanhos esbugalhados, os dentes quebrados e ensanguentados. Nenhuma máscara; então, não se tratava de um membro da Corte Primaveril. Qualquer outra coisa sobre ele, eu não conseguia discernir.

O sangue brilhava forte na pedra cinza, e a boca estava aberta vulgarmente. Recuei um passo... e me choquei contra algo quente e duro.

Virei, as mãos se erguendo por instinto, mas a voz de Tamlin falou:

— Sou eu.

Parei de repente. Lucien estava atrás dele, pálido e sombrio.

— Não é da Corte Outonal — disse Lucien. — Não o reconheço.

As mãos de Tamlin se fecharam em meus ombros quando me voltei para a cabeça.

— Nem eu. — Um grunhido baixo e cruel lhe envolvia as palavras, mas nenhuma garra roçou minha pele conforme ele continuava me segurando. As mãos de Tamlin me apertaram, no entanto, enquanto Lucien entrava na pequena fonte em que ficava a estátua... mais e mais perto, até olhar para o rosto angustiado.

— Eles o marcaram atrás da orelha com uma insígnia — disse Lucien, xingando. — Uma montanha com três estrelas...

— Corte Noturna — disse Tamlin, a voz baixa demais.

A Corte Noturna... a parte mais ao norte de Prythian se eu me lembrava bem do mapa no mural. Uma terra de escuridão e brilho de estrelas.

— Por que... por que fariam isso? — sussurrei.

Tamlin me soltou, passando para meu lado enquanto Lucien subia na estátua para remover a cabeça. Olhei na direção de uma macieira-brava em flor e não para ele.

— A Corte Noturna faz o que quer — disse Tamlin. — Eles têm os próprios códigos, e a própria índole corrupta.

— Eles são assassinos sádicos — disse Lucien. Ousei olhar para ele; estava agora agachado na asa de pedra da garça. Virei o rosto outra vez. — Eles sentem prazer em todo tipo de tortura e achariam este tipo de brincadeira engraçada.

— Engraçada, mas não uma mensagem? — avaliei o jardim.

— Ah, é uma mensagem — disse Lucien, e me encolhi diante dos sons úmidos e pesados de carne e osso sobre pedra quando Lucien puxou a cabeça. Eu já havia esfolado muitos animais, mas aquilo... Tamlin colocou outra mão em meu ombro. — Entrar e sair de nossas defesas, possivelmente ter cometido o crime por perto, com o sangue tão fresco assim... — Ouviu-se uma pancada na água quando Lucien voltou para a fonte. — Isso é exatamente o que o Grão-Senhor da Corte Noturna acha divertido. O desgraçado.

Medi a distância entre a fonte e a casa. Uns 18, talvez 20 metros. Foi o quanto ele chegara perto de nós. Tamlin acariciou meu ombro com o polegar.

— Você ainda está segura aqui. Essa foi apenas a ideia deles de uma brincadeira.

— Isso não está ligado à praga? — perguntei.

— Isso significa que eles sabem que a praga está despertando de novo, e querem que saibamos que estão circundando a Corte Primaveril, como abutres,

caso nossas defesas caiam. — Eu devo ter parecido tão doente quanto me senti, porque Tamlin acrescentou: — Não vou deixar isso acontecer.

Não tive coragem de dizer que as máscaras deixavam bem claro que nada poderia ser feito contra a praga.

Lucien saiu da fonte espirrando água, mas não consegui olhar para ele, não com a cabeça que segurava.

— Eles vão ter o que merecem em breve. Tomara que a praga os destrua também. — Tamlin grunhiu para que Lucien cuidasse da cabeça, e o cascalho estalou conforme Lucien partia.

Eu me agachei para catar as tintas e os pincéis, as mãos trêmulas à medida que eu tentava pegar o pincel maior. Tamlin se ajoelhou ao meu lado, mas suas mãos se fecharam em volta das minhas, apertando.

— Você ainda está segura — disse ele de novo. O comando do Suriel ecoou pela minha mente. *Fique com o Grão-Senhor, humana. Ficará segura.*

Assenti.

— É conduta de corte — disse ele. — A Corte Noturna é mortal, mas esta foi apenas a noção do senhor deles de uma piada. Atacar qualquer um aqui, atacar você, causaria mais problemas do que vale para ele. Se a praga realmente afetar estas terras e a Corte Noturna entrar em nossas fronteiras, estaremos prontos.

Meus joelhos estremeceram quando me levantei. Política feérica, cortes feéricas...

— A noção deles de piada deve ter sido ainda mais terrível quando fomos escravizados por todos vocês. — Deviam nos torturar sempre que queriam, deviam ter feito coisas inomináveis, terríveis com seus humanos de estimação.

Uma sombra percorreu os olhos de Tamlin.

— Há dias em que fico muito feliz por ainda ser criança quando meu pai mandou seus escravos para o sul da muralha. O que testemunhei na época foi ruim o bastante.

Não quis imaginar. Mesmo agora ainda não tinha procurado saber se algum indício daqueles humanos de épocas passadas tinha ficado para trás. Não achei que cinco séculos bastariam para limpar a mancha dos horrores que meu povo suportara. Eu deveria ter esquecido isso; deveria, mas não pude.

— Você se lembra se ficaram felizes ao partir?

Tamlin deu de ombros.

— Sim. Mas eles jamais tinham experimentado liberdade, ou conheciam as estações como vocês conhecem. Não sabiam o que fazer no mundo mortal. Mas, sim, a maioria ficou muito, muito feliz ao partir. — Cada palavra mais meticulosa que a seguinte. — Fiquei feliz por vê-los partir, mesmo que meu pai não tivesse ficado. — Apesar da quietude com que ele se levantou, as garras de Tamlin despontaram dos nós dos dedos.

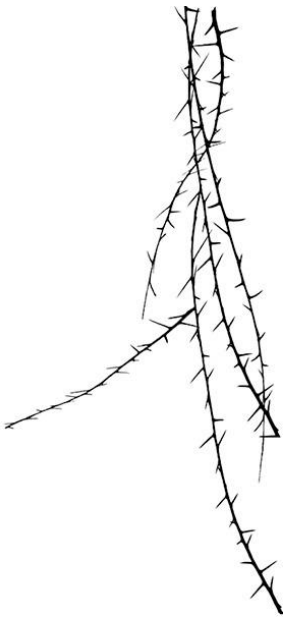
Não era à toa que ficara tão desconfortável comigo, que não tivera ideia do que fazer comigo assim que cheguei. Mas falei, baixinho:

— Você não é seu pai, Tamlin. Ou seus irmãos. — Ele olhou para mim, e então acrescentei: — Você jamais fez com que eu me sentisse prisioneira, nunca me fez sentir como pouco mais que uma mercadoria.

As sombras que dançaram em seus olhos quando Tamlin assentiu em agradecimento me disseram que havia mais... ainda mais que ele precisava me contar sobre a família, sobre a vida antes de terem sido mortos e de o título recair sobre ele. Eu não perguntaria, não com a praga pressionando; não até que ele estivesse pronto. Tamlin me dera tanto espaço e respeito... eu não podia oferecer menos.

Mesmo assim, não consegui pintar naquele dia.

Capítulo 25



Tamlin foi chamado para uma das fronteiras horas depois de eu ter encontrado aquela cabeça — onde e por que, não me disse. Mas entendi mesmo o que ele não contou: a praga estava vindo de outras cortes, e diretamente para a nossa.

Tamlin dormiu por lá — era a primeira noite que ele passara longe —, mas mandou Lucien para me informar que estava vivo. Lucien enfatizou esta última palavra tantas vezes que tive uma péssima noite de sono, mesmo que uma pequena parte de mim tivesse ficado surpresa por Tamlin ter se importado em me avisar sobre o próprio bem-estar. Eu sabia... eu sabia que seguia um caminho que provavelmente terminaria com meu coração mortal despedaçado, mesmo assim... Mesmo assim, não pude evitar. Não conseguia desde aquele dia com os naga. Mas ver aquela cabeça... os jogos que aquelas cortes faziam, com as vidas das pessoas tal qual fichas em um tabuleiro... Precisei de força de vontade para manter a comida no estômago sempre que pensava a respeito.

No entanto, apesar da malícia que se aproximava, acordei no dia seguinte ao som de um alegre violino e, quando olhei pela janela, vi o jardim decorado com laços e serpentinas. Nas colinas distantes, vi fogueiras sendo montadas, e mastros

sendo erguidos. Quando perguntei a Alis — cujo povo, eu aprendera, se chamava *urisk* —, ela simplesmente respondeu:

— Solstício de Verão. A principal celebração costumava ser na Corte Estival, mas... as coisas estão diferentes. Então, agora temos uma aqui também. Você irá.

Verão; nas semanas em que eu estava pintando e jantando com Tamlin, e perambulando pelo território da corte ao seu lado... o verão tinha chegado. Será que minha família ainda creditava de verdade que eu estava visitando uma tia havia muito perdida? O que faziam da vida? Se era solstício, então haveria uma pequena reunião no centro da aldeia; nada religioso, é claro, embora os Filhos dos Abençoados pudessem aparecer para tentar converter os jovens, mas apenas um pouco de comida compartilhada, cerveja doada da única taverna, e talvez algumas danças de quadrilha. A única coisa a celebrar era uma folga dos longos dias de verão, plantando e arando. Pelas decorações espalhadas pela propriedade, eu podia ver que aquilo seria muito maior... muito mais animado.

Tamlin permaneceu sumido pela maior parte do dia. A preocupação me corroía, mesmo enquanto eu pintava um rápido retrato livre das serpentinas e dos laços no jardim. Talvez fosse mesquinho e egoísta, considerando a praga que retornava, mas eu também esperava silenciosamente que o solstício não exigisse os mesmos rituais da Noite da Fogueira; não me permiti pensar demais no que faria, se Tamlin tivesse um rebanho de lindas feéricas enfileiradas para ele.

Somente no fim da tarde ouvi a voz grave de Tamlin e a gargalhada estrondosa de Lucien ecoarem pelos corredores, até meu quarto de pintura. Alívio fez meu peito se acalmar, mas, quando corri para encontrá-los, Alis me puxou escada acima. Ela tirou minhas roupas manchadas de tinta e insistiu que eu colocasse um vestido esvoaçante, de *chiffon*, azul como centáureas. Ela deixou meus cabelos soltos, mas entremeou uma grinalda de flores selvagens rosas, brancas e azuis no topo de minha cabeça.

Eu poderia ter me sentido infantil com ela, mas nos meses em que estivera ali, meus ossos marcados e as feições esqueléticas tinham sido preenchidos. Eu tinha agora o corpo de uma mulher. Passei as mãos pelas curvas fluidas e suaves de minha cintura e dos quadris. Nunca achei que sentiria nada além de músculos e ossos.

— Pelo Caldeirão. — Lucien assobiou quando desci as escadas. — Ela parece realmente feérica.

Eu estava ocupada demais avaliando Tamlin — procurando por um ferimento, qualquer sinal de sangue ou marcas que a praga poderia ter deixado — para agradecer a Lucien pelo elogio. Mas Tamlin estava limpo, quase radiante, totalmente desarmado... e sorrindo para mim. O que quer fosse que havia enfrentado deixara-o sem marcas.

— Você está linda — murmurou Tamlin, e algo no tom suave me fez querer ronronar.

Endireitei os ombros, sem querer deixar que Tamlin visse o quanto suas palavras ou sua voz, ou seu simples bem-estar, me afetavam. Ainda não.

— Fico surpresa por poder participar esta noite.

— Infelizmente para você e seu pescoço — replicou Lucien —, esta noite será apenas uma festa.

— Você fica acordado à noite, pensando em todas as respostas espirituosas para o dia seguinte?

Lucien piscou um olho para mim, e Tamlin riu e me ofereceu o braço.

— Ele está certo — disse o Grão-Senhor. Eu estava ciente de cada centímetro de onde ele tocava, dos músculos fortes sob a túnica verde. Tamlin me levou até o jardim, e Lucien seguiu. — O solstício celebra o equilíbrio entre dia e noite, é um momento de neutralidade, quando todos podem soltar os cabelos para simplesmente desfrutar do fato de serem feéricos; não Grão-Feéricos ou feéricos, apenas *nós* e nada mais.

— Então, tem cantoria, dança e bebida em excesso — acrescentou Lucien, caminhando ao meu lado. — E flertes — acrescentou ele, com um sorriso malicioso.

De fato, eu estava intensa e desejosamente ciente do corpo de Tamlin roçando contra o meu, mas o Grão-Senhor apenas segurou meu braço mais forte conforme caminhamos para o jardim e para os campos além dele.

O sol estava começando a descida final quando chegamos ao planalto no qual as festividades aconteceriam. Tentei não encarar os feéricos reunidos, mesmo que eu fosse encarada por eles. Nunca tinha visto tantos em um só lugar, pelo menos não sem o encantamento escondendo-os de mim. Agora que meus olhos estavam abertos para a visão, os vestidos exóticos e as silhuetas e os corpos esguios, delineados e coloridos e formados de um jeito tão estranho e tão diferente, eram uma maravilha de se contemplar. No entanto, a pequena novidade que minha presença ao lado do Grão-Senhor oferecia logo passou... com a ajuda de um grunhido baixo de Tamlin, que os fez se dissiparem para cuidar da própria vida.

Mesa após mesa de comida tinham sido alinhadas no limite do planalto, e me perdi de Tamlin enquanto esperava na fila para encher um prato, fazendo o melhor para não parecer que era seu brinquedinho humano. A música começou perto da gigante fogueira fumacenta; violinos e tambores e instrumentos alegres, que me fizeram bater os pés na grama. Iluminada e feliz e ao ar livre, aquela era a irmã alegre da sanguinária Noite da Fogueira.

Lucien, é claro, era mestre em desaparecer quando eu precisava dele, e então comi o quanto pude de bolo de morango, torta de maçã e torta de mirtilo — nada diferente das gostosuras de verão do mundo mortal —, sozinha sob uma figueira coberta com lanternas de seda e fitas brilhantes.

Não me importei com a solidão; não quando estava ocupada demais contemplando o modo como as lanternas e as fitas brilhavam, as sombras que projetavam. Talvez fossem o tema de minha próxima pintura. Ou talvez eu fosse

pintar os feéricos etéreos que começavam a dançar. Havia tantos ângulos e cores neles. Imaginei se algum teria sido o modelo ou o pintor cujo trabalho estava exposto na galeria.

Só me movi para pegar algo para beber. O planalto ficou mais cheio à medida que o sol afundava na direção do horizonte. Do outro lado das colinas, outras fogueiras e festas começavam, e a música destas chegava durante as ocasionais pausas em nossa comemoração. Eu estava me servindo de um cálice de espumante dourado quando Lucien finalmente surgiu atrás de mim, olhando por cima de meu ombro.

— Eu não beberia isso se fosse você.

— Ah? — falei, franzindo a testa para o líquido frisante.

— Vinho feérico no solstício — sugeriu Lucien.

— Hmm — falei, cheirando. Não fedia a álcool. Na verdade, tinha cheiro de verões passados deitada na grama, me banhando em lagos frios. Jamais tinha cheirado algo tão fantástico.

— Estou falando sério — disse Lucien, quando levei o copo aos lábios, minhas sobrancelhas erguidas. — Lembra da última vez que você ignorou meu aviso? — Ele me cutucou no pescoço.

— Também lembro de você me contando que amoras de bruxa eram inofensivas, e a seguir eu estava quase delirante e tropeçando — falei, lembrando daquela tarde, algumas semanas antes. Tive alucinações durante horas, e Lucien riu até cair, tanto que Tamlin o empurrou no espelho d'água. Afastei o pensamento. Hoje, apenas neste dia, eu tinha deixado os cabelos soltos. Hoje era dia de deixar a precaução de lado. De esquecer a praga que pairava nos limites da corte, ameaçando meu Grão-Senhor e suas terras. Onde *estava* Tamlin, afinal? Se houvera alguma ameaça, certamente Lucien teria ficado sabendo, certamente teriam cancelado a comemoração.

— Bem, é sério desta vez — avisou Lucien, e tirei meu cálice do seu alcance. — Tam me estriparia se a visse bebendo isso.

— Sempre cuidando dos próprios interesses — falei, e fiz questão de virar o conteúdo da taça.

Foi como se milhões de fogos de artifício explodissem dentro de mim, enchendo minhas veias com brilho de estrelas. Ri alto, e Lucien resmungou.

— Humana tola — sibilou ele. Agora, o encantamento de Lucien tinha cessado. Os cabelos ruivos queimavam como metal quente, e o olho vermelho estava incandescente como uma forja infinita. *Aquilo* era o que eu retrataria a seguir.

— Vou pintar você — decidi, e dei uma risadinha, uma *risadinha* mesmo, quando as palavras saíram.

— Que o Caldeirão me cozinhe e me frite — murmurou Lucien, e eu ri de novo. Antes que ele pudesse me impedir, virei outra taça de vinho feérico. Era a coisa mais gloriosa que eu já provara. Ele me libertou de amarras que eu sequer sabia que existiam.

A música se tornou um canto de sereia. A melodia era como um ímã, e eu era impotente contra sua atração. Tudo era lindo e cheio de promessas. Aproveitei a umidade da grama sob meus pés descalços. Nem mesmo percebi que tinha perdido os sapatos.

O céu era um turbilhão de ametista, safira e rubi derretidos, todos escoando para uma poça final de ônix. Eu queria nadar nele, queria me banhar nas cores e sentir as estrelas brilhando entre meus dedos.

Tropecei, piscando, e me vi parada no limite da roda de dança. Um grupo de músicos tocava os instrumentos feéricos, e oscilei onde estava enquanto observava os feéricos dançando, circundando a fogueira. Aquilo não era uma dança formal. Era como se estivessem tão soltos quanto eu. Livres. Eu os amava por aquilo.

— Droga, Feyre — disse Lucien, segurando meu cotovelo. — Quer que eu me mate tentando evitar que você empale sua pele mortal em outra pedra?

— O quê? — falei, me virando para Lucien. O mundo inteiro girou comigo, delicioso e hipnotizante.

— Idiota — xingou Lucien, quando olhou para meu rosto. — Idiota bêbada.

O ritmo acelerou. Eu queria estar na música, queria pegar carona naquela velocidade e me entremear nas notas. Eu conseguia *sentir* a música ao meu redor, como uma coisa viva que respirava, cheia de maravilhas, alegria e beleza.

— Feyre, pare — ordenou Lucien, e me segurou de novo. Eu estava dançando para longe, meu corpo ainda ondulava na direção do som.

— Pare *você*. Pare de ser tão sério — rebati, afastando-o. Eu queria ouvir a música, queria ouvi-la assim que saísse dos instrumentos. Lucien xingou quando comecei a me mover.

Saltei entre os dançarinos, girando a saia do vestido. Os músicos mascarados sentados não me olharam quando saltei diante eles, dançando sem sair daquele lugar. Não havia nenhuma amarra, nenhum limite — apenas eu e a música, dançando e dançando. Eu não era feérica, mas era parte daquela terra, e a terra era parte de mim, e eu ficaria feliz de dançar sobre ela pelo resto da vida.

Um dos músicos ergueu o rosto do violino, e meus olhos se arregalaram.

Suor reluziu na coluna forte formada pelo pescoço dele quando o músico apoiou o queixo na madeira escura do instrumento. Ele enrolou as mangas da camisa, revelando os músculos delineados nos antebraços. Ele mencionou certa vez que gostaria de ser um menestrel itinerante se não fosse um guerreiro ou um Grão-Senhor — agora que eu o ouvia tocar, soube que ele poderia ter feito uma fortuna com aquilo.

— Desculpe, Tam — disse Lucien ofegante, surgindo do nada. — Eu a deixei sozinha por um momento em uma das mesas de comida, e, logo depois que a alcancei, ela estava bebendo o vinho e...

Tamlin não parou de tocar. Os cabelos dourados estavam encharcados de suor, ele parecia maravilhosamente lindo... embora eu não pudesse ver a maior parte do

rosto. Tamlin me lançou um sorriso feral enquanto eu dançava sem sair diante dele.

— Eu cuido dela — murmurou Tamlin por cima da música, e eu fiquei extasiada, apressando os passos de dança. — Vá se divertir. — Lucien sumiu.

— Não preciso de um guardião! — Eu queria girar e girar e girar.

— Não, não precisa — concordou Tamlin, sem nem uma vez se perder enquanto tocava. O arco do violino dançava sobre as cordas. Os dedos de Tamlin eram firmes e fortes e longos, sem sinal daquelas garras que eu deixara de temer... — Dance, Feyre — sussurrou ele.

Então, dancei.

Eu me soltei, como um pião girando e girando, e não sabia com quem dançava ou qual era a aparência deles, apenas que eu tinha me tornado a música e o fogo e a noite, e não havia nada que pudesse me deter.

Durante todo o tempo, Tamlin e seus músicos tocavam uma música tão alegre que não achei que o mundo pudesse conter toda aquela felicidade. Ziguezagueei em direção a ele, meu senhor feérico, meu protetor e guerreiro, meu amigo, e dancei diante de Tamlin. Ele sorriu para mim, e não parei de dançar quando Tamlin se levantou da cadeira e se ajoelhou diante de mim na grama, oferecendo um solo de violino para mim.

Música apenas para mim... um presente. Ele continuou tocando, os dedos ágeis e firmes sobre as cordas do violino. Meu corpo ondulava como uma cobra, inclinei a cabeça para trás, para o céu, e deixei que a música de Tamlin preenchesse todo o meu corpo.

Senti uma pressão na cintura e fui puxada para os braços de alguém e, depois, jogada de volta para a roda de dança. Gargalhei tanto que achei que fosse explodir, e, quando abri os olhos, vi Tamlin me girando e girando.

Tudo se tornou um borrão de cor e som, e ele era o único objeto ali, me puxando de volta para a sanidade, para meu corpo, que brilhava e queimava em todos os lugares que Tamlin tocava.

Eu estava cheia de raios de sol. Era como se eu jamais tivesse experimentado o verão antes, como se jamais soubesse quem estava esperando para surgir daquela floresta de gelo e neve. Não queria que aquilo terminasse; eu jamais queria deixar o alto daquela colina.

A música encerrou, e, puxando fôlego, olhei para a lua: estava quase descendo. Suor escorreu por cada parte de meu corpo.

Tamlin, também ofegante, pegou minha mão.

— O tempo passa mais rápido quando se está bêbado com vinho feérico.

— Não estou bêbada — falei, dando um riso de deboche. Ele apenas riu e me levou para longe da dança. Apertei os calcanhares no chão quando nos aproximamos do círculo de luz da fogueira. — Estão começando de novo — falei, apontando para os dançarinos que se reuniam diante dos músicos, que já haviam descansado.

Ele se aproximou, e o hálito de Tamlin acariciou minha orelha quando ele sussurrou:

— Quero mostrar algo melhor a você.

Parei de protestar. Tamlin me levou para longe da colina, seguindo o luar. Qualquer que fosse o caminho que tivesse escolhido, Tamlin o fez por consideração a meus pés descalços, pois somente a grama macia amortecia meus passos. Logo, até mesmo a música se dissipou, e fui deixada apenas com o suspiro das árvores à brisa noturna.

— Aqui — falou Tamlin, parando na beira de um amplo campo. A mão dele se deteve em meu ombro enquanto admirávamos a paisagem.

A grama alta se movia como água conforme o restante do luar dançava sobre ela.

— O que é? — sussurrei, mas Tamlin levou o dedo aos lábios e me pediu que olhasse.

Durante alguns minutos, nada aconteceu. Então, do lado oposto do campo, dezenas de formas reluzentes flutuaram pela grama, pouco mais do que miragens de luar. Depois, a cantoria começou.

Era uma voz coletiva, mas existia nas formas feminina e masculina; dois lados da mesma moeda, cantando um para o outro em um chamado e uma resposta. Levei a mão ao pescoço à medida que a música aumentava de volume e eles dançavam. Fantasmagóricos e etéreos, valsavam pelo campo, não passavam de fiapos esguios de luar.

— O que são?

— Fogos-fátuos, espíritos de ar e luz — respondeu Tamlin, baixinho. — Vieram celebrar o solstício.

— São lindos.

Seus lábios roçaram meu pescoço quando Tamlin murmurou contra minha pele:

— Dance comigo, Feyre.

— Mesmo? — Eu me virei e vi que meu rosto estava a centímetros do dele.

Tamlin deu um sorriso preguiçoso.

— Mesmo. — Como se eu não passasse de ar, Tamlin me puxou para uma dança fluida. Eu mal me lembrava dos passos que tinha aprendido na infância, mas Tamlin compensou com sua graciosidade feral, sem hesitar, sempre sentindo qualquer tropeço antes que eu o desse, conforme dançávamos pelo campo cheio de espíritos.

Eu estava tão livre quanto um tufo de sementes de dente-de-leão, e Tamlin era o vento que me guiava pelo mundo.

Ele sorriu para mim, e me vi sorrir de volta. Não precisava fingir, não precisava ser nada além do que era bem ali, sendo girada pelo campo, os fogos-fátuos dançando ao nosso redor, como dezenas de luas.

Nossa dança desacelerou, e ficamos de pé ali, nos abraçando, enquanto oscilávamos à música dos espíritos. Tamlin apoiou o queixo em minha cabeça e acariciou meu cabelo, os dedos roçando a pele exposta de meu pescoço.

— Feyre — sussurrou ele em minha cabeça. Tamlin fez meu nome soar lindo. — Feyre — sussurrou ele de novo, não como uma pergunta, mas simplesmente como se gostasse de dizê-lo.

Tão rapidamente quanto surgiram, os espíritos sumiram, levando a música consigo. Pisquei. As estrelas estavam sumindo, e o céu ficara roxo-acinzentado.

O rosto de Tamlin estava a centímetros do meu.

— É quase alvorecer.

Assenti, mesmerizada pela visão dele, pelo cheiro e pela sensação de Tamlin me abraçando. Estendi a mão para tocar sua máscara. Estava tão fria, apesar de a pele estar corada sob ela. Minha mão tremeu, e minha respiração acelerou quando acariciei a pele do maxilar de Tamlin. Era macia... e quente.

Os lábios úmidos dele, a respiração tão irregular quanto a minha. Os dedos de Tamlin se contraíram contra a base de minha coluna, e deixei que ele me puxasse para perto — até que nossos corpos se tocassem, e o calor dele passasse para mim.

Precisei inclinar a cabeça para trás para ver seu rosto. A boca de Tamlin estava em algum lugar entre um sorriso e um esgar.

— O que foi? — perguntei, e apoiei a mão em seu peito, me preparando para afastar o corpo. Mas a outra mão de Tamlin passou para baixo de meu cabelo, detendo-se na base de minha nuca.

— Estou pensando que talvez beije você — disse ele, baixinho, determinado.

— Então beije. — Corei diante da própria ousadia.

Mas Tamlin apenas deu aquela risada rouca e se inclinou.

Os lábios dele tocaram os meus... testando, macios e quentes. Tamlin recuou um pouco, e abri os olhos. Ele ainda me encarava, e eu encarei de volta quando ele

me beijou de novo, mais forte, mas nada como havia feito com o meu pescoço. Tamlin recuou mais intensamente dessa vez e me olhou.

— É só isso? — indaguei, e ele riu e me beijou vorazmente.

Minhas mãos envolveram o pescoço de Tamlin, puxando-o para perto, esmagando meu corpo contra o dele. Suas mãos percorreram minhas costas, brincando com meu cabelo, segurando minha cintura, como se ele não conseguisse tocar o suficiente de meu corpo de uma só vez.

Tamlin soltou um gemido grave e se afastou.

— Venha — disse ele, beijando minha testa. — Vamos perder se não formos agora.

— Vai ser melhor que os fogos-fátuos? — perguntei, mas Tamlin beijou minhas bochechas, meu pescoço e, por fim, meus lábios. Eu o segui para as árvores, pelo mundo que se acendia infinitamente. A mão de Tamlin estava firme e imóvel em volta da minha quando passamos pela névoa baixa e ele me ajudou a subir uma colina exposta que estava escorregadia com orvalho.

Nos sentamos no alto da colina, e escondi o sorriso quando Tamlin passou o braço em volta de meus ombros, me puxando para perto. Apoiei a cabeça contra seu peito, e Tamlin brincou com as flores em minha grinalda.

Em silêncio, olhamos para a extensão ondulante e verde.

O céu mudou para lilás, e as nuvens foram preenchidas com luz rosa. Então, como um disco tremeluzente abundante e claro demais para ser descrito, o sol deslizou para cima do horizonte e cobriu tudo de dourado. Foi como ver o mundo nascer, e éramos as únicas testemunhas.

O braço de Tamlin se apertou ao meu redor, e ele beijou o alto da minha cabeça. Recuei e ergui o olhar para ele.

O ouro nos olhos de Tamlin, cintilando com o sol nascente, tremeluziu.

— O que houve?

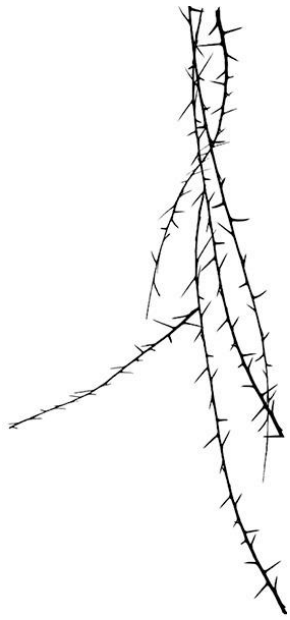
— Meu pai me disse uma vez que eu deveria deixar que minhas irmãs imaginassem uma vida melhor, um mundo melhor. E eu disse a ele que tal coisa não existia. — Percorri o polegar sobre a boca de Tamlin, maravilhada, e balancei a cabeça. — Eu jamais entendi, porque eu não podia... não podia acreditar que fosse sequer possível. — Engoli em seco, abaixando a mão. — Até agora.

A garganta de Tamlin oscilou. Seu beijo dessa vez foi intenso e completo, demorado e determinado.

Deixei que o alvorecer entrasse em mim, que crescesse a cada movimento dos lábios e cada carícia da língua forte de Tamlin contra a minha. Lágrimas surgiram sob minhas pálpebras.

Foi o momento mais feliz da minha vida.

Capítulo 26



No dia seguinte, Lucien se juntou a nós para o almoço — que foi o café da manhã para todos nós. Desde que eu reclamara do tamanho desnecessário da mesa, tínhamos passado a comer em uma versão bastante reduzida. Lucien ficava esfregando as têmporas enquanto comia, em um silêncio incomum, e contive um sorriso ao perguntar:

— E onde você estava ontem à noite?

O olho de metal de Lucien se semicerrou em minha direção.

— Fique sabendo que enquanto vocês dois dançavam com os espíritos, eu estava preso na patrulha da fronteira. — Tamlin fingiu uma tosse, e Lucien acrescentou: — Com companhia. — Ele me deu um sorriso malicioso. — De acordo com os boatos, vocês dois só voltaram depois do amanhecer.

Olhei para Tamlin, mordendo o lábio. Eu tinha praticamente flutuado até a cama naquela manhã, mas o olhar de Tamlin observava meu rosto, como se procurando por qualquer pontada de arrependimento, de medo. Ridículo.

— Você mordeu meu pescoço na Noite da Fogueira — falei, sussurrando. — Se posso encará-lo depois daquilo, alguns beijos não são nada.

Ele apoiou os antebraços na mesa quando se inclinou para mais perto de mim.

— Nada? — Os olhos de Tamlin recaíram sobre meus lábios. Lucien se mexeu desconfortavelmente na cadeira, murmurando que o Caldeirão o poupasse, mas o ignorei.

— Nada — repeti, um pouco distante, observando a boca de Tamlin mexer, tão ciente de cada movimento que ele fazia, me ressentindo da mesa entre nós. Eu quase conseguia sentir o calor do hálito dele.

— Tem certeza? — murmurou Tamlin, com tanta determinação e voracidade que fiquei feliz por estar sentada. Ele poderia ter meu corpo bem ali, sobre aquela mesa. Eu queria as mãos grandes de Tamlin percorrendo minha pele nua, queria seus dentes roçando meu pescoço, queria sua boca sobre mim.

— Estou tentando comer — disse Lucien, e pisquei, perdendo o fôlego. — Mas agora que tenho sua atenção, *Tamlin* — disparou ele, embora o Grão-Senhor estivesse olhando para mim de novo, me devorando com os olhos. Mal conseguia ficar parada na cadeira, mal suportava as roupas arranhando minha pele quente demais. Com algum esforço, Tamlin olhou de volta para o emissário.

Lucien se mexeu na cadeira.

— Não quero ser o portador de notícias muito ruins, mas meu contato na Corte Invernal conseguiu enviar uma carta para mim. — Lucien tomou fôlego para se acalmar, e imaginei se ser emissário também significava ser mestre-espião. E pensei por que ele se dava o trabalho de dizer aquilo em minha presença. O sorriso sumiu imediatamente do rosto de Tamlin. — A praga — falou Lucien, baixinho. — Ela abateu duas dúzias de suas crianças. *Duas dúzias*, todas se foram. — Ele engoliu em seco. — Simplesmente... extinguiu a magia delas e, depois, destruiu suas mentes. Ninguém na Corte Invernal pôde fazer nada, ninguém conseguiu impedir depois que a praga se concentrou nelas. O luto deles é... imensurável. Meu contato diz que outras cortes estão sendo atingidas seriamente, embora a Corte Noturna, é claro, consiga permanecer ilesa. Mas a praga parece estar enviando sua maldade para este lado, mais para o sul a cada ataque.

Todo o calor, toda a alegria incandescente foi drenada de mim, como sangue descendo pelo ralo.

— A praga pode... pode mesmo matar as pessoas? — Consegui dizer. Crianças. Tinha matado... crianças, como alguma tempestade de escuridão e morte. E, se crianças eram tão raras quanto Alis alegara, a perda de tantas seria mais devastadora do que eu poderia imaginar.

Os olhos de Tamlin estavam sombrios, e ele balançou a cabeça devagar... como se tentasse afastar de dentro de si o luto e o choque por aquelas mortes.

— A praga é capaz de nos ferir de modos que você... — Tamlin ficou de pé tão rapidamente que a cadeira virou. Ele projetou as garras e grunhiu para a porta aberta, os caninos longos e reluzentes.

A casa, em geral cheia do farfalhar de saias e da conversa de criados, tinha ficado silenciosa.

Não o silêncio carregado da Noite da Fogueira, mas um silêncio trêmulo, que me fez querer correr para debaixo da mesa. Ou apenas começar a correr. Lucien xingou e sacou a espada.

— Leve Feyre para a janela, perto das cortinas — grunhiu Tamlin para Lucien, sem tirar os olhos das portas abertas. A mão de Lucien segurou meu cotovelo, me arrastando para fora da cadeira.

— O que... — comecei, mas Tamlin grunhiu de novo, o som ecoando pela sala. Peguei uma das facas da mesa e deixei que Lucien me levasse até a janela, onde ele me empurrou contra as cortinas de veludo. Queria perguntar por que não se dera o trabalho de me esconder atrás delas, mas o feérico com a máscara de raposa apenas pressionou as costas contra mim, me prendendo entre ele e a parede.

O odor de magia subiu por minhas narinas, e, embora a espada de Lucien estivesse apontada para o chão, ele a segurou com mais força, o que fez os nós de seus dedos ficarem brancos. Magia... um encantamento. Para me esconder, para me tornar parte de Lucien; invisível, escondida pela magia e pelo cheiro do feérico.

Olhei por cima do ombro dele para Tamlin, que inspirou fundo, e retraiu as garras e as presas. Seu boldrié de facas apareceu do nada sobre o peito. Mas Tamlin não sacou nenhuma quando ajeitou a cadeira e se sentou nela, limpando as unhas. Como se nada estivesse acontecendo.

Mas alguém estava vindo, alguém terrível a ponto de assustá-los; alguém que iria querer me ferir se soubesse que eu estava ali.

Lembrei da voz sibilante do Attor. Havia criaturas piores que ele, dissera Tamlin. Piores que os naga, e que o Suriel, e que o Bogge também.

Passos ecoaram do corredor. Equilibrados, vagando casualmente.

Tamlin continuou limpando as unhas, e, diante de mim, Lucien assumiu uma posição que fazia parecer que ele olhava pela janela. O som dos passos ficou mais alto... ouvia-se o raspar de botas nos azulejos de mármore. E, então, ele surgiu.

Sem máscara. Ele, como o Attor, pertencia a outra coisa. A outra pessoa.

E pior... eu o havia encontrado antes. Ele me salvara daqueles três feéricos na Noite da Fogueira.

Com passos graciosos demais, felinos demais, ele se aproximou da mesa de jantar e parou a poucos metros do Grão-Senhor. Era exatamente como eu me lembrava, com as roupas elegantes e opulentas, envoltas em gavinhas da noite: uma túnica ébano bordada a ouro e prata, calça escura e botas pretas na altura dos joelhos. Eu não tinha ousado pintá-lo; e agora sabia que jamais teria coragem.

— Grão-Senhor — cantarolou o estranho, inclinando a cabeça levemente. Não se tratava de uma reverência.

Tamlin permaneceu sentado. De costas para mim, eu não lhe conseguia ver o rosto, mas a voz de Tamlin trazia uma promessa de violência quando ele falou:

— O que quer, Rhysand?

Rhysand sorriu — um sorriso muito bonito, de partir o coração — e levou a mão ao peito.

— Rhysand? Vamos lá, Tamlin. Não o vejo há 49 anos e você começa a me chamar de Rhysand? Apenas meus prisioneiros e meus inimigos me chamam assim. — O sorriso se alargou quando Rhysand terminou, e algo em sua expressão se tornou feral e mortal, mais do que eu jamais vira em Tamlin. Rhysand se virou, e prendi a respiração quando ele olhou para Lucien. — Máscara de raposa. Apropriado para você, Lucien.

— Vá para o inferno, Rhys — disparou Lucien, e o estranho gargalhou.

— É sempre um prazer lidar com a ralé — ironizou ele, e se virou para Tamlin de novo. Eu ainda não estava respirando. — Espero não ter interrompido.

— Estávamos no meio do almoço — disse Tamlin, a voz desprovida do calor com o qual eu havia me acostumado. A voz do Grão-Senhor. Ela revirava meu estômago.

— Estimulante — ronronou Rhysand.

— O que está fazendo aqui, Rhys? — indagou Tamlin, ainda sentado.

— Eu queria ver você. Saber como estava indo. Se recebeu meu presentinho.

— Seu *presente* era desnecessário.

— Mas foi um bom lembrete da época em que nos divertíamos, não foi? — Rhysand emitiu um estalo com a língua e avaliou a sala. — Quase meio século entocado em uma mansão no campo. Não sei como conseguiu. Mas — continuou ele, encarando Tamlin de novo — você é um desgraçado tão teimoso que isto deve ter parecido um paraíso comparado a Sob a Montanha. Imagino que seja. Fico surpreso, no entanto: 49 anos, e nenhuma tentativa de se salvar, ou salvar suas terras. Mesmo agora que as coisas estão ficando interessantes de novo.

— Não há nada a ser feito — admitiu Tamlin, a voz baixa.

Rhysand se aproximou de Tamlin, cada movimento era sutil como seda. Sua voz tornou-se um sussurro; uma carícia erótica de som que fez minhas bochechas esquentarem.

— É uma pena que você precise suportar tal fardo, Tamlin, e uma pena ainda maior que esteja tão resignado a esse destino. Pode ser teimoso, mas isso é patético. Como é diferente o Grão-Senhor do cruel líder da tropa de guerra de séculos atrás.

Lucien se irritou.

— O que você sabe sobre qualquer coisa? Você é apenas a vadia de Amarantha.

— Posso ser a vadia dela, mas não sem motivos. — Encolhi o corpo quando a voz dele assumiu um tom afiado. — Pelo menos não passei meu tempo entre as cercas vivas e as flores enquanto o mundo virava um inferno.

A espada de Lucien se ergueu levemente.

— Se acha que isso é tudo o que tenho feito, vai descobrir em breve que não.

— Pequeno Lucien. Você certamente deu o que falar quando mudou para a Primaveril. É muito triste ver sua linda mãe em luto perpétuo por ter perdido você.

Lucien apontou a espada para Rhysand.

— Cuidado com essa boca suja.

Rhysand gargalhou... a gargalhada de um amante, baixa e suave e íntima.

— Isso são modos de se falar com um Grão-Senhor de Prythian?

Meu coração parou. Era por isso que aqueles feéricos tinham fugido na Noite da Fogueira. Lutar com ele teria sido suicídio. E pelo modo como a escuridão parecia irradiar de Rhysand, como aqueles olhos violentos queimavam que nem estrelas...

— Vamos lá, Tamlin — falou Rhysand. — Não deveria repreender seu lacaio por falar comigo desse jeito?

— Não incentivo hierarquia em minha corte — respondeu Tamlin.

— Ainda? — Rhysand cruzou os braços. — Mas é tão divertido quando eles se curvam. Imagino que seu pai jamais tenha se dado o trabalho de lhe ensinar.

— Esta não é a Corte Noturna — ciciou Lucien. — E você não tem poder aqui, portanto, vá embora. A cama de Amarantha está ficando fria.

Tentei não respirar alto demais. Rhysand... fora *ele* quem enviara aquela cabeça. Como um *presente*. Encolhi o corpo. Seria na Corte Noturna que aquela mulher, aquela Amarantha, estava também?

Rhysand deu um riso de escárnio e depois avançou contra Lucien, rápido demais para que eu acompanhasse com meus olhos humanos, grunhindo na cara dele. Lucien me pressionou contra a parede com as costas, com tanta força que contive o grito quando fui esmagada contra a madeira.

— Eu matava no campo de batalha antes de você sequer ter nascido — grunhiu Rhysand. Então, tão rapidamente quanto viera, ele recuou, casual e distraidamente. Não, eu jamais ousaria pintar aquela graciosidade sombria e imortal, nem em cem anos. — Além do mais — disse Rhysand, colocando as mãos nos bolsos. — Quem você acha que ensinou seu amado Tamlin o requinte das espadas e das fêmeas? Não pode mesmo acreditar que ele aprendeu tudo nos campos de batalha do pai.

Tamlin esfregou as têmporas.

— Deixe isso para outra hora, Rhys. Vai me ver de novo em breve.

Rhysand passeou em direção à porta.

— Ela já está se preparando para você. Considerando seu estado atual, acho que posso relatar com certeza que você já foi vencido e vai reconsiderar a oferta. — A respiração de Lucien travou quando Rhysand parou à mesa. O Grão-Senhor da Corte Noturna passou o dedo pelo encosto de minha cadeira... um gesto casual. — Estou ansioso para ver seu rosto quando você...

Rhysand avaliou a mesa.

Lucien ficou imóvel como um galho, me pressionando com mais força contra a parede. A mesa ainda estava posta para três, meu prato pela metade estava bem diante dele.

— Onde está seu convidado? — perguntou Rhysand, baixinho, erguendo meu cálice e cheirando-o antes de apoiá-lo de novo sobre a mesa.

— Eu o mandei embora quando pressenti sua chegada — mentiu Tamlin, friamente.

Rhysand agora encarava o Grão-Senhor, e o rosto perfeito ficou desprovido de emoção antes de as sobrancelhas se levantarem. Um lampejo de animação — talvez até descrença — percorreu suas feições, mas Rhysand virou a cabeça para Lucien. Magia preencheu minhas narinas, e encarei Rhysand com puro terror conforme seu rosto se contorcia de ódio.

— Você *ousa me* enfeitiçar? — grunhiu Rhysand, os olhos violeta queimando enquanto encararam os meus. Embora a barreira mágica tivesse sumido, Lucien me pressionou com mais força contra a parede.

A cadeira de Tamlin rangeu quando foi empurrada para trás. Ele se levantou, as garras prontas, mais mortais que qualquer das facas presas a seu corpo.

O rosto de Rhysand se tornou uma máscara de fúria contida enquanto ele encarava e encarava meu rosto.

— Lembro de você — ronronou Rhysand. — Parece que ignorou meu aviso de ficar longe de problemas. — Ele se virou para Tamlin. — Quem, diga-me, é sua convidada?

— Minha prometida — respondeu Lucien.

— Ah? E eu aqui pensando que você ainda estava de luto por sua amante plebeia depois de tantos séculos — disse Rhysand, caminhando em minha direção. A luz do sol não refletiu nos fios metálicos de sua túnica, como se fugisse da escuridão que pulsava de Rhysand.

Lucien cuspiu aos pés de Rhysand e colocou a espada entre nós.

O sorriso envolto em veneno de Rhysand aumentou.

— Se tirar sangue de mim, Lucien, aprenderá com que rapidez a vadia de Amarantha pode fazer toda a Corte Outonal sangrar. Principalmente sua linda Senhora.

A cor sumiu do rosto de Lucien, mas ele se manteve firme. Foi Tamlin quem respondeu.

— Abaixe a espada, Lucien.

Rhysand passou os olhos sobre mim.

— Eu sabia que você gostava de baixar o nível com suas amantes, Lucien, mas nunca pensei que chegaria a brincar com lixo mortal. — Meu rosto queimou. Lucien estava trêmulo, se por ódio ou medo ou tristeza, eu não sabia dizer. — A Senhora da Corte Outonal ficará muito triste quando souber do filho mais novo. Se eu fosse você, manteria esse novo bichinho de estimação bem longe de seu pai.

— Saia, Rhys — ordenou Tamlin, de pé a alguns metros atrás do Grão-Senhor da Corte Noturna. Mesmo assim, ele não fez menção de atacar, apesar das garras e de Rhysand ainda se aproximar de mim. Talvez uma batalha entre dois Grão-Senhores pudesse demolir a mansão até as fundações, e deixar para trás apenas pó. Ou talvez, se Rhysand fosse mesmo o amante daquela mulher, a retaliação por tê-lo ferido fosse severa demais. Principalmente com o acréscimo do fardo de enfrentar a praga.

Rhysand afastou Lucien como se ele fosse uma cortina.

Não havia nada entre nós agora, e o ar estava cortante e frio. Mas Tamlin permaneceu onde estava, e Lucien nem mesmo piscou quando Rhysand, com um cuidado assustador, pegou a faca de minhas mãos e a jogou quicando pela sala.

— Aquilo não a ajudaria em nada mesmo — disse Rhysand para mim. — Se fosse esperta, sairia gritando e correndo deste lugar, desta gente. É espantoso que ainda esteja aqui, na verdade. — Minha confusão devia estar estampada no rosto, pois Rhysand deu uma risada alta. — Ah, ela não sabe, sabe?

Estremeci, incapaz de encontrar palavras ou coragem.

— Você tem segundos, Rhys — avisou Tamlin. — Segundos para sair.

— Se eu fosse você, não falaria comigo assim.

Contra minha vontade, meu corpo se esticou, cada músculo ficou rígido, meus ossos se repuxaram. Era magia, mas de um tipo mais forte. Poder que se agarrou a tudo dentro de mim e tomou o controle: mesmo meu sangue fluía para onde ele queria.

Eu não conseguia me mover. Certa mão invisível, com garras nas pontas, arranhou minha mente. E eu soube... um empurrão, um deslize daquelas garras mentais, e quem eu era deixaria de existir.

— Solte-a — falou Tamlin, fervilhando, mas não avançou. Um tipo de pânico tinha tomado seus olhos, e Tamlin olhou de mim para Rhysand. — *Basta.*

— Eu tinha me esquecido de que as mentes humanas são tão fáceis de estilhaçar quanto cascas de ovos — falou Rhysand, e percorreu um dedo pela base de minha garganta. Estremeci, meus olhos queimavam. — Olhe como ela é um deleite, olhe como está tentando não gritar de terror. Seria rápido, prometo.

Se eu ainda tivesse qualquer fio de controle sobre o corpo, teria vomitado.

— Ela tem os pensamentos mais deliciosos sobre você, Tamlin — disse Rhysand. — Imaginou como seria a sensação de seus dedos nas coxas dela, e entre elas também. — Rhysand riu. Mesmo enquanto ele proferia meus pensamentos mais íntimos, mesmo enquanto eu queimava com indignação e vergonha, ainda tremia diante de seu controle sobre minha mente. Rhysand se virou para o Grão-Senhor. — Estou curioso: por que ela imagina se seria tão bom se você mordesse o seio dela do modo como mordeu o pescoço?

— Solte-a. — O rosto de Tamlin estava contorcido com um ódio tão feral que incitou um tipo diferente, mais profundo, de terror em mim.

— Se serve de consolo — confidenciou Rhysand a ele —, ela teria sido a mulher certa para você, e você poderia ter se libertado. Um pouco tarde, no entanto. Ela é mais teimosa que você.

Aquelas garras invisíveis preguiçosamente acariciaram minha mente de novo... e depois sumiram. Desabei no chão, me enroscando sobre os joelhos, enquanto

recuperava tudo o que eu era, enquanto tentava evitar chorar, gritar, esvaziar meu estômago no chão.

— Amarantha vai gostar de acabar com ela — observou Rhysand para Tamlin. — Quase tanto quanto vai gostar de observar *você* enquanto a destrói, pedaço por pedaço.

Tamlin estava congelado, seus braços — as garras — pendendo inertes nas laterais do corpo. Eu jamais o vira daquela forma.

— Por favor! — Foi tudo o que Tamlin disse.

— Por favor *o quê*? — falou Rhysand, gentil e persuasivo, como um amante.

— Não conte a Amarantha sobre ela — pediu Tamlin, a voz falhando.

— E por que não? Como a *vadia* de Amarantha — respondeu ele, com um olhar na direção de Lucien —, eu deveria contar tudo.

— Por favor. — Tamlin conseguiu dizer, como se fosse difícil respirar.

Rhysand apontou para o chão, e seu sorriso se tornou cruel.

— Implore, e vou considerar não contar a Amarantha.

Tamlin se ajoelhou e fez uma reverência com a cabeça.

— Mais baixo.

Tamlin encostou a testa no chão, as mãos deslizando sobre piso na direção das botas de Rhysand. Eu poderia ter chorado de ódio ao ver Tamlin ser forçado a se curvar para alguém, diante da visão de meu Grão-Senhor tão humilhado. Rhysand apontou para Lucien.

— Você também, garoto raposa.

O rosto de Lucien estava sombrio, mas ele se ajoelhou e, depois, levou a testa ao chão. Desejei ter a faca que Rhysand jogara longe, ter alguma coisa com que matá-lo.

Parei de tremer por tempo o suficiente para ouvir Rhys falar de novo.

— Está fazendo isso por você, ou por ela? — ponderou ele, e depois deu de ombros, como se não estivesse obrigando um Grão-Senhor de Prythian a se curvar.

— Está desesperado demais, Tamlin. É desconcertante. Tornar-se Grão-Senhor deixou você tão entediante.

— Vai contar a Amarantha? — perguntou Tamlin, mantendo o rosto no chão.

Rhysand deu um risinho de deboche.

— Talvez conte, talvez não.

Com um lampejo de movimento rápido demais para que eu detectasse, Tamlin ficou de pé, com as presas perigosamente próximas do rosto de Rhysand.

— Deixe disso — falou Rhysand, emitindo um estalo com a língua e empurrando devagar Tamlin para o lado, com apenas uma das mãos. — Não com uma dama presente. — Seus olhos se voltaram para meu rosto. — Qual é seu nome, querida?

Dar a ele meu nome — e o nome de minha família — só causaria mais dor e sofrimento. Ele poderia muito bem encontrar minha família e arrastá-la para Prythian para torturá-la, apenas para se divertir. Mas poderia arrancar o nome de minha mente se eu hesitasse muito. Com a mente vazia e calma, disparei o primeiro nome que me veio à cabeça, o de uma amiga de minhas irmãs, da aldeia, com quem eu jamais tinha falado, e cujo rosto eu não lembrava.

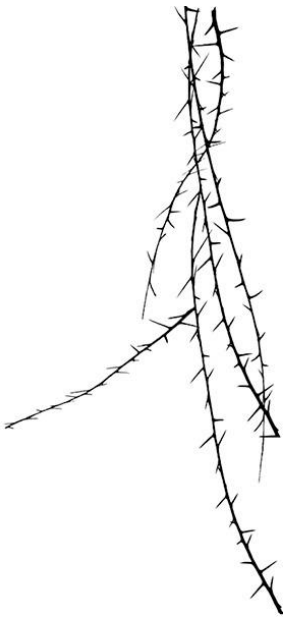
— Clare Beddor. — Minha voz não passou de um arquejo.

Rhysand se voltou para Tamlin, inabalado pela proximidade do Grão-Senhor.

— Bem, isso foi divertido. A maior diversão que tive em eras, na verdade. Estou ansioso para vê-los, os três, Sob a Montanha. Darei lembranças a Amarantha.

Então, Rhysand sumiu — como se tivesse entrado em uma falha no mundo —, deixando nós três sozinhos em um silêncio terrível, trêmulo.

Capítulo 27



Eu estava deitada na cama observando os raios de luar se moverem no chão. Me esforcei para não pensar no rosto de Tamlin quando ele ordenou que Lucien e eu saíssemos e fechássemos a porta da sala de jantar. Se eu não estivesse tão determinada a me recompor, poderia ter ficado. Poderia até mesmo ter perguntado a Lucien a respeito... a respeito de tudo. Mas, como a covarde que era, disparei para o quarto, onde Alis me esperava com uma xícara de chocolate quente. Fiz um esforço ainda maior para não me lembrar do rugido que chacoalhara o candelabro, ou do estalo da mobília se quebrando que ecoara pela casa.

Não fui jantar. Não queria saber se havia uma sala de jantar na qual comer. E não consegui pintar, não quando não havia nada em minha mente, em minha alma.

A casa estava silenciosa já havia um tempo, mas as ondas do ódio de Tamlin ecoavam por ela, reverberando na madeira, na pedra e no vidro.

Eu não queria pensar no que Rhysand dissera, não queria pensar na tempestade da praga que pairava, ou em Sob a Montanha — qualquer que fosse o nome — e por que eu poderia ser forçada a ir até lá. E Amarantha... por fim, um nome para a presença feminina que espreitava a vida deles. Estremeci todas as vezes que considerei o quanto ela deveria ser letal para comandar os Grão-Senhores de

Prythian. Para segurar a coleira de Rhysand e obrigar Tamlin a me manter escondida.

A porta rangeu, e endireitei o corpo. O luar refletiu no dourado, mas meu coração não se tranquilizou quando Tamlin fechou a porta em silêncio e se aproximou de minha cama. Seus passos eram lentos e pesados, e Tamlin não falou até se sentar na beira do colchão.

— Desculpe — disse ele. A voz estava rouca e vazia.

— Tudo bem — menti, segurando os lençóis com força. Se pensasse por muito tempo naquilo, ainda era capaz de sentir as garras afiadas do poder de Rhysand acariciando minha mente.

— Não está tudo bem — grunhiu Tamlin, e segurou uma de minhas mãos, soltando meus dedos dos lençóis. — É... — Tamlin abaixou a cabeça, suspirando profundamente quando sua mão apertou a minha. — Feyre... eu queria... — Ele balançou a cabeça e pigarreou. — Vou mandá-la para casa, Feyre.

Algo dentro de mim se partiu.

— O quê?

— Vou mandá-la para casa — repetiu ele, e, embora tivessem sido mais fortes, mais altas, suas palavras refletiam hesitação.

— E quanto aos termos do Tratado...

— Assumi a dívida de sua vida. Se alguém sair perguntando sobre leis infringidas, assumirei a responsabilidade pela morte de Andras.

— Mas você disse uma vez que não havia brecha. O Suriel disse que não havia...

Um rosnado.

— Se tiverem um problema com isso, podem falar comigo. — E acabar em pedaços.

Meu peito se apertou. Partir... *livre*.

— Eu fiz alguma coisa errada...

Tamlin ergueu minha mão e a pressionou contra a base de sua bochecha. Estava convidativamente quente.

— Você não fez nada de errado. — Tamlin virou o rosto para beijar a palma de minha mão. — Você foi perfeita — murmurou ele para minha pele, e, depois, abaixou minha mão.

— Então, por que preciso ir? — Puxei a mão de volta.

— Porque há... pessoas que machucariam você, Feyre. Machucariam você pelo que significa para mim. Eu achei que conseguiria lidar com elas, protegê-la disso, mas depois de hoje... não posso. Então, precisa ir para casa, para longe daqui. Estará segura lá.

— Eu posso me cuidar, e...

— *Não pode* — falou Tamlin, e sua voz falhou. — Porque *eu* não posso. — Tamlin segurou meu rosto com as mãos. — Nem mesmo consigo me proteger deles, do que está acontecendo em Prythian. — Senti cada palavra conforme passou da boca de Tamlin para meus lábios, com uma lufada de ar quente, desesperado. — Mesmo que tivéssemos chance contra a praga... eles a caçariam, ela encontraria uma forma de matá-la.

— Amarantha. — Tamlin fervilhou ao ouvir o nome, mas assentiu. — Quem é...

— Quando chegar em casa — interrompeu ele —, não conte a ninguém a verdade sobre onde estava, deixe que acreditem no feitiço. Não conte quem sou; não conte onde ficou. Os espiões dela estarão à sua procura.

— Não entendo. — Segurei o antebraço de Tamlin e o apertei com força. — *Conte*...

— Precisa ir para *casa*, Feyre.

Casa. Aquilo não era minha casa... era o inferno.

— Quero ficar com você — sussurrei, minha voz falhando. — Com ou sem Tratado, com ou sem praga.

Tamlin passou a mão no rosto. Os dedos se contraíram quando tocaram a máscara.

— Eu sei.

— Então, me deixe...

— Não tem discussão — grunhiu Tamlin, e olhei para ele com raiva. — Não entende? — Ele ficou de pé. — Rhys foi o início. Quer estar aqui quando o Attor voltar? Quer saber a que tipo de criatura o Attor responde? Coisas como o Bogge... e piores.

— Me deixe ajudá-lo...

— *Não*. — Tamlin caminhou de um lado para outro diante da cama. — Não leu as entrelinhas hoje?

Não tinha lido, mas ergui o queixo e cruzei os braços.

— Então vai me mandar embora porque sou inútil em uma luta?

— Vou mandá-la embora porque sinto *nojo* ao pensar em você nas mãos deles!

Silêncio, preenchido apenas pelo som da respiração pesada de Tamlin. Ele afundou na cama e pressionou as palmas das mãos contra os olhos.

As palavras de Tamlin ecoavam por meu corpo, derretendo meu ódio, deixando tudo dentro mim lacrimoso e frágil.

— Quanto... por quanto tempo tenho que ir embora?

Ele não respondeu.

— Uma semana? — Sem resposta. — Um mês? — Tamlin balançou a cabeça devagar. Meu lábio superior se contraiu, mas forcei uma expressão neutra. — Um ano? — Tanto tempo longe dele...

— Não sei.

— Mas não para sempre, certo? — Mesmo que a praga se alastrasse pela Corte Primaveril de novo, mesmo que ela pudesse me destruir... eu voltaria. Tamlin afastou o cabelo de meu rosto. Eu me desvencilhei dele. — Imagino que vai ser

mais fácil se eu for embora — falei, virando o rosto para longe. — Quem quer alguém por perto tão coberta de espinhos?

— Espinhos?

— Espinhos. Afiada. Azeda. Teimosa.

Tamlin inclinou o corpo para a frente e me beijou de leve.

— Não para sempre — disse ele contra minha boca.

E, embora eu soubesse que era mentira, envolvi seu pescoço com os braços e o beijei. Tamlin me puxou para seu colo, me segurando com força contra si quando abriu meus lábios com os dele. Senti cada poro do corpo quando a língua de Tamlin entrou em minha boca.

Embora o horror da magia de Rhys ainda me dilacerasse, empurrei Tamlin para a cama, subi nele, prendendo-o como se, de alguma forma, aquilo evitasse que eu partisse, como se fizesse o tempo parar por completo.

As mãos de Tamlin pararam em meu quadril, e o calor delas me incendiou através da seda fina da camisola. Meus cabelos caíram sobre nossos rostos como uma cortina. Eu queria beijá-lo mais rápido, com mais força, para expressar o desejo urgente em meu corpo. Tamlin gemeu baixinho... e nos virou habilmente, me abrindo sob seu corpo enquanto afastava os lábios de minha boca e traçava uma trilha de beijos em meu pescoço.

Meu mundo inteiro se restringiu ao toque de seus lábios em minha pele. Tudo além deles, além de Tamlin, era um vazio de escuridão e luar. Minhas costas se arquearam quando Tamlin chegou ao ponto em que havia me mordido um dia, e passei as mãos por seus cabelos, aproveitando a maciez de seda. Tamlin traçou a curva de meu quadril, detendo-se na borda de minha calcinha. A camisola já estava na altura da cintura, mas eu não me importava. Entrelacei as pernas nuas nas dele, percorrendo com os pés os músculos firmes das panturrilhas de Tamlin.

Também sussurrou meu nome contra meu peito enquanto uma das mãos explorava a parte plana de meu tronco, subindo até a curva do seio. Estremeci,

antecipando a sensação de sua mão ali, e sua boca encontrou a minha de novo quando seus dedos pararam logo abaixo dela.

Os beijos eram mais lentos agora, mais carinhosos. As pontas dos dedos de sua outra mão deslizaram para baixo da cintura de minha calcinha, e inspirei, prendendo o fôlego.

Tamlin hesitou ao me ouvir, recuando levemente. Mas mordi seu lábio em um comando silencioso que fez com que Tamlin grunhisse em minha boca. Com uma garra longa, ele rasgou seda e renda, e minha calcinha se despedaçou. A garra se retraiu, e o beijo de Tamlin ficou mais intenso quando seus dedos deslizaram entre minhas pernas, acarinhando e provocando. Eu me esfreguei contra sua mão, me rendi totalmente à ferocidade que se debatia, que rugia viva dentro de mim, e sussurrei o nome de Tamlin contra a pele dele.

Tamlin parou de novo — os dedos recuando — mas eu o segurei, puxando-o mais para cima de meu corpo. Eu o queria *ali*; queria que os obstáculos das roupas sumissem, queria lhe sentir o suor, queria me preencher com Tamlin.

— Não pare — arquejei.

— Eu... — falou Tamlin, rouco, apoiando a testa entre meus seios enquanto tremia. — Se continuarmos, não vou mesmo conseguir parar.

Eu me sentei, e Tamlin me olhou, mal conseguindo respirar. Mas mantive os olhos nos dele, e minha respiração se acalmou quando tirei a camisola e a joguei no chão. Totalmente nua diante de Tamlin, observei quando seu olhar percorreu meus seios nus, firmes contra a noite fria, meu abdômen e, depois, entre minhas coxas. Um tipo de fome voraz e implacável tomou o rosto dele, os olhos. Dobrei uma perna e a deslizei para o lado, num convite silencioso. Tamlin soltou um grunhido baixo... e devagar, com determinação predatória, ergueu o olhar para mim de novo.

A força total do poder daquele Grão-Senhor selvagem e irrefreável se concentrou apenas em mim — e senti a tempestade contida sob sua pele, tão capaz de arrastar para longe tudo o que eu era, mesmo no estado enfraquecido. Mas eu

podia confiar nele... e confiar em mim mesma para domar aquele poder magnífico. Eu podia atirar tudo o que eu era contra ele, e sabia que Tamlin não se deteria.

— Me dê tudo — sussurrei.

Tamlin avançou, uma besta libertada da coleira.

Éramos um emaranhado de braços, pernas e dentes, e arranquei as roupas de Tamlin até que estivessem no chão, e depois arranhei sua pele até deixar marcas nas costas, nos braços. As garras de Tamlin se projetaram, mas foram dolorosamente carinhosas em meu quadril conforme ele deslizou entre minhas coxas e se banqueteou em mim, parando apenas depois que estremeci e me desfiz. Eu estava gemendo o nome de Tamlin quando ele entrou em mim com um impulso poderoso e lento, que fez com que eu me despedaçasse ao seu redor.

Nós nos movemos juntos, infinitos, selvagens, incandescentes, e, quando alcancei o prazer pela segunda vez, ele rugiu e o alcançou comigo.

Caí no sono nos braços de Tamlin, e, quando acordei, algumas horas depois, fizemos amor de novo, preguiçosa e atentamente, num fogo que queimava devagar em comparação com o incêndio descontrolado de antes. Depois que estávamos, ambos, exauridos, ofegantes e cobertos de suor, ficamos deitados em silêncio durante um tempo, e inspirei o cheiro de Tamlin, fresco e terroso. Eu jamais conseguiria retratar aquilo — jamais conseguiria pintar a *sensação* e o gosto dele, não importava quantas vezes eu tentasse, não importava quantas cores usasse.

Tamlin traçou círculos preguiçosos sobre minha barriga e murmurou:

— Deveríamos dormir. Você tem uma longa jornada amanhã.

— Amanhã? — Eu me sentei, sem me importar com a nudez, não depois de ele ter visto tudo, provado tudo.

A boca de Tamlin era como uma linha firme.

— Ao amanhecer.

— Mas é... — Ele se sentou com um movimento suave.

— Por favor, Feyre.

Por favor. Tamlin tinha se *ajoelhado* diante de Rhysand. Por mim. Ele se mexeu na direção da beira da cama.

— Aonde vai?

Tamlin olhou por cima do ombro para mim.

— Se eu ficar, não vai conseguir dormir.

— Fique — falei. — Prometo guardar minhas mãos para mim. — Mentira... era uma mentira descarada.

Tamlin me deu um meio sorriso que me disse que ele também sabia, mas se aconchegou, me puxando para os braços. Envolvi sua cintura com um braço e apoiei a cabeça sobre o ombro de Tamlin.

Ele acariciou meus cabelos distraidamente. Eu não queria dormir — não queria perder um minuto com ele —, mas uma imensa exaustão me puxava para longe da consciência, até que tudo que eu sentisse fosse o toque dos dedos dele em meus cabelos e os sons da respiração de Tamlin.

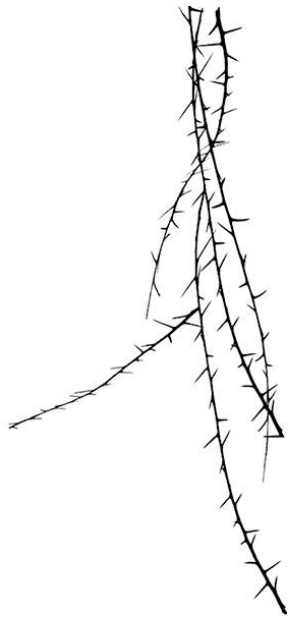
Eu estava partindo. Depois de aquele lugar se tornar mais que um asilo, depois de a ordem do Suriel ter sido uma bênção, e de Tamlin se revelar muito, muito mais que um salvador ou um amigo, eu estava partindo. Poderia levar anos até que visse aquela casa de novo, anos até sentir o cheiro do jardim de rosas, até que visse aqueles olhos salpicados de dourado. Casa... aquela era minha casa.

Quando, por fim, a consciência me deixou, achei ter ouvido Tamlin falar, com a boca próxima de meu ouvido.

— Amo você — sussurrou ele, e beijou minha testa. — Com espinhos e tudo.

Tamlin tinha ido embora quando acordei, e tive certeza de que havia sonhado.

Capítulo 28



Não houve muito alvoroço com minhas malas e as despedidas. Fiquei um pouco surpresa quando Alis me vestiu em uma roupa muito diferente de minhas vestimentas habituais — com babados, sufocante e apertada em todos os lugares errados. Alguma moda mortal entre os ricos, sem dúvida. O vestido era composto de camadas de seda rosa-claro, delineada com renda branca e azul-clara. Alis completou o figurino com um casaco curto e leve de linho branco, as lapelas arrematadas em rosa-chá. Sobre minha cabeça, ela apoiou um pequeno chapéu marfim absurdo, obviamente para decoração. Eu até esperava que uma sombrinha viesse com o modelito.

Falei isso para Alis, que estalou a língua.

— Você não deveria me dar um adeus choroso?

Ajeitei as luvas de renda; inúteis e finas.

— Não gosto de despedidas. Se pudesse, apenas sairia, sem dizer nada.

Alis me olhou por um bom tempo.

— Também não gosto.

Caminhei até a porta, mas apesar de não querer, falei:

— Espero que consiga se juntar a seus sobrinhos de novo em breve.

— Aproveite sua liberdade. — Foi tudo o que Alis disse.

No primeiro andar, Lucien deu um risinho ao me ver.

— Essas roupas são o suficiente para me convencer de que jamais gostaria de entrar no reino humano.

— Não sei se o reino humano saberia o que fazer com você — retruquei.

O sorriso de Lucien estava vacilante; os ombros, tensos, quando lançou um olhar afiado por cima do meu, para onde Tamlin esperava diante de uma carruagem dourada. Quando ele se voltou para mim, aquele olho de metal se semicerrou.

— Achei que fosse mais esperta que isso.

— Adeus para você também — disparei. Amigo mesmo. Não foi minha escolha, ou minha culpa, eles terem escondido a maior parte do conflito de mim. Mesmo que eu não pudesse fazer nada contra aquela praga, ou contra as criaturas, ou contra Amarantha, quem quer que fosse ela.

Lucien balançou a cabeça, a cicatriz marcante contra o sol forte, e saiu andando até Tamlin, apesar do grunhido de aviso do Grão-Senhor.

— Você nem mesmo vai dar a ela mais alguns dias? Apenas alguns, antes de enviá-la de volta para aquele esgoto humano? — indagou Lucien.

— Isso não está aberto a discussão — disparou Tamlin, apontando para a casa. — Vejo você no almoço.

Lucien o encarou por um momento, cuspiu no chão e então disparou escada acima. Tamlin não o repreendeu.

Eu poderia ter refletido mais a respeito das palavras de Lucien, poderia ter gritado em resposta, mas... Senti um vazio no peito quando encarei Tamlin diante da carruagem dourada, minhas mãos suadas dentro das luvas.

— Lembre do que eu disse a você — falou Tamlin. Assenti, ocupada demais memorizando as linhas de seu rosto para responder. Será que estava falando do que achei que ele tinha dito na noite anterior? Sobre me amar? Eu me mexi, desconfortável, já sofrendo nas pequenas sapatilhas brancas em que Alis enfiara

meus pobres pés. — O reino mortal permanece seguro para você, para sua família. — Assenti, imaginando se ele teria cogitado me persuadir a até mesmo deixar nosso território, a velejar para o sul, mas Tamlin entendia que eu teria me recusado a ficar tão longe da muralha, dele. Que voltar para minha família era o máximo de distância que eu me permitiria.

— Minhas pinturas... elas são suas — falei, incapaz de pensar em algo melhor para expressar como eu me sentia, como me afetava ser enviada para longe, e o quanto me apavorava a carruagem que se erguia atrás de mim.

Tamlin ergueu meu queixo com um dedo.

— Verei você de novo.

Ele me beijou, e me afastei rápido demais. Engoli em seco, lutando contra a queimação nos olhos. *Amo você, Feyre.*

Virei antes que minha visão ficasse embaçada, mas Tamlin estava imediatamente ali para me ajudar a entrar na carruagem. Pela porta aberta, ele me observou ocupar o assento, o rosto uma máscara de tranquilidade.

— Pronta?

Não, não, eu não estava pronta, não depois da noite anterior, não depois de todos aqueles meses. Mas assenti. Se Rhysand voltasse, se aquela Amarantha fosse mesmo uma ameaça a ponto de eu não passar de mais um corpo para Tamlin defender... Eu precisava ir.

Ele fechou a porta, me selando do lado de dentro com um clique que ecoou em meu corpo. Tamlin se inclinou para dentro pela janela aberta para acariciar minha bochecha — e eu podia jurar que senti o coração se partir. O cocheiro estalou o chicote.

Os dedos de Tamlin roçaram minha boca. A carruagem disparou quando os seis cavalos brancos começaram a trotar. Mordi o lábio para evitar que ele estremecesse.

Tamlin sorriu para mim uma última vez.

— Amo você — disse ele, e se afastou.

Eu deveria dizer — deveria dizer aquelas palavras, mas elas ficaram presas em minha garganta, porque... Por causa do que ele precisava enfrentar, porque talvez não me encontrasse de novo, apesar da promessa, porque... além de tudo aquilo, ele era um imortal, e eu envelheceria e morreria. E talvez Tamlin tivesse sido sincero no momento, e talvez a noite anterior houvesse sido tão marcante para ele quanto fora para mim, mas... eu não me tornaria um fardo para Tamlin. Eu não me tornaria outro peso sobre seus ombros.

Então, não falei nada conforme a carruagem se moveu. E não olhei para trás quando passamos pelos portões da mansão em direção à floresta.

Quase tão rápido quanto a carruagem entrou no bosque, a faísca de magia entrou em minhas narinas e caí em um sono profundo. Fique furiosa quando acordei, imaginando por que aquilo tinha sido necessário, mas o ar estava cheio dos estalos tempestuosos de cascos contra uma trilha de pedra. Esfregando os olhos, mirei pela janela e vi um caminho íngreme, ladeado por iridáceas e cercas vivas cônicas. Nunca tinha estado ali.

Absorvi o máximo de detalhes que consegui quando a carruagem parou diante de um palacete de mármore branco e telhados esmeralda — quase tão grande quanto a mansão de Tamlin.

Os rostos dos criados que se aproximaram não eram familiares, e mantive uma expressão neutra enquanto segurava a mão do cocheiro e saí da carruagem.

Humano. Ele era completamente humano, com as orelhas arredondadas, o rosto rechonchudo, as roupas.

Os outros criados também eram humanos; todos estavam inquietos, diferentemente da total tranquilidade com que os Grão-Feéricos se comportavam. Eram criaturas imperfeitas, sem graciosidade, feitas de terra e sangue.

Os criados me olhavam, mas se mantinham afastados — encolhendo-se. Será que eu parecia tão grandiosa? Estiquei o corpo ao ver o borrão de movimento e cor

que irrompeu das portas da frente.

Reconheci minhas irmãs antes que me vissem. Elas se aproximaram da carruagem, alisando os vestidos refinados. Pude ver as testas se enrugarem diante da carruagem dourada.

Aquela sensação partida, de vazio no peito, se intensificou. Tamlin dissera que cuidara de minha família, mas *aquilo*...

Nestha falou primeiro, fazendo uma reverência acentuada. Elain a copiou.

— Bem-vinda a nosso lar — cumprimentou Nestha, um pouco inexpressiva, os olhos voltados para o chão. — Senhora...

Soltei uma risada cortante.

— Nestha — falei, e ela ficou rígida. Gargalhei de novo. — Nestha, não reconhece a própria irmã?

Elain arquejou.

— Feyre? — Ela estendeu a mão para mim, mas parou. — O que aconteceu com tia Ripleigh, então? Ela está... morta?

Essa era a história, lembrei; que eu tinha partido para cuidar de uma tia distante e rica. Assenti devagar. Nestha observou minhas roupas e a carruagem, e as pérolas que se entrelaçavam em seus cabelos castanho-dourados reluziram à luz do sol.

— Ela deixou a fortuna para você — constatou Nestha, inexpressiva. Não foi uma pergunta.

— Feyre, devia ter nos contado! — criticou Elain, ainda arquejando. — Ah, que horror, e você precisou suportar a perda dela sozinha, pobrezinha. Papai ficará arrasado por não ter conseguido prestar homenagem.

Coisas tão... tão simples: parentes morrendo e fortunas herdadas, e prestar homenagem aos mortos. Mesmo assim... mesmo assim... um peso que eu não percebi que ainda carregava sumiu quando vi que aquilo era tudo com o que tinham de se preocupar; aquelas eram as coisas que importavam para elas agora.

— Por que está tão calada? — perguntou Nestha, mantendo-se longe. Eu tinha me esquecido de como seus olhos eram atentos, como eram frios. Nestha fora forjada de outro modo, de algo mais duro e mais forte que osso e sangue. Ela era tão diferente dos humanos ao nosso redor quanto eu me tornara.

— Eu... fico feliz ao ver como nossas fortunas melhoraram. — Consegui dizer. — O que aconteceu? — O cocheiro, encantado para parecer humano, sem máscara à vista, começou a descarregar as malas, entregando-as aos criados. Eu não sabia que Tamlin me enviara com pertences.

Elain sorriu.

— Não recebeu nossas cartas? — Ela não se lembrava... ou talvez jamais soubesse, então, que eu não as conseguiria ler. Quando balancei a cabeça, Elain reclamou da inutilidade do serviço de correio e depois falou: — Ah, não vai acreditar! Quase uma semana depois que você partiu para cuidar de tia Ripleigh, um estranho apareceu à porta e pediu que papai investisse dinheiro para ele! Papai hesitou porque a oferta era boa demais, mas o estranho insistiu, então papai aceitou. Ele nos deu um baú de ouro só por concordar! Em um mês, dobramos o investimento do homem, e, então, o dinheiro começou a chover. E sabe o que mais? Todos aqueles navios que tínhamos perdido foram encontrados em Bharat, com os lucros de papai!

Tamlin... Tamlin fizera aquilo por eles. Ignorei o vazio crescente em meu peito.

— Feyre, você parece tão chocada quanto ficamos — disse Elain, me dando o braço. — Entre. Vamos mostrar a casa! Não temos um quarto decorado para você, porque achamos que ficaria com a pobre e idosa tia Ripleigh durante meses, mas temos tantos quartos que pode dormir em um diferente a cada noite se quiser!

Olhei por cima do ombro para Nestha, que me observava com o rosto cauteloso e inexpressivo. Então, ela não se casara com Tomas Mandray no fim das contas.

— Papai vai provavelmente desmaiar quando a vir — tagarelava Elain, dando tapinhas em minha mão conforme me acompanhava até a porta principal. — Ah,

talvez ele dê uma festa em sua homenagem também!

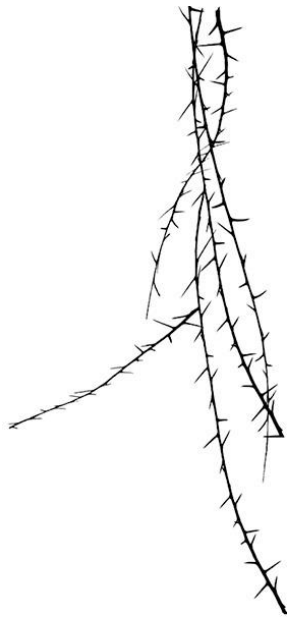
Nestha caminhava atrás de nós, uma presença silenciosa que nos perseguia. Não queria saber o que ela estava pensando. Não tinha certeza se deveria ficar furiosa ou aliviada por terem se virado tão bem sem mim; e se Nestha pensava o mesmo.

Ferraduras estalaram, e a carruagem começou a descer a entrada; para longe de mim, de volta a meu verdadeiro lar, de volta a Tamlin. Precisei de toda a força de vontade para evitar correr atrás dela.

Ele disse que me amava, e eu tinha *sentido* a verdade das palavras com nosso amor, e ele me mandara para longe a fim de me manter segura; ele me libertara daquele tratado para me manter segura. Porque qualquer que fosse a tempestade prestes a cair em Prythian, era cruel o suficiente para que até mesmo um Grão-Senhor não conseguisse enfrentá-la. Eu precisava ficar; ficar ali era uma atitude sábia. Mas não conseguia combater a sensação, como uma sombra escurecendo dentro de mim, de que tinha cometido um erro muito, muito grande ao partir, não importava quais fossem as ordens de Tamlin. *Fique com o Grão-Senhor*, dissera o Suriel. Esse fora seu único comando.

Afastei o pensamento da mente quando meu pai chorou ao me ver, e realmente ordenou que fosse feito um baile em minha homenagem. E embora eu soubesse que a promessa que um dia eu fizera a minha mãe tinha sido cumprida, embora soubesse que estava realmente livre dela e que minha família estaria para sempre assistida... aquela sombra crescente, extensa, envolveu meu coração.

Capítulo 29



Inventar histórias sobre meu tempo com tia Ripleigh requeria um esforço mínimo: lia para ela diariamente, ela me instruía sobre bons modos deitada na cama, e eu cuidei dela até que morresse durante o sono, duas semanas antes, deixando a fortuna para mim.

E que fortuna tremenda: os baús que me acompanharam não continham apenas roupas; muitos deles estavam repletos de ouro e joias. Não joias lapidadas, mas pedras enormes e brutas que pagariam por milhares de propriedades.

Meu pai estava atualmente fazendo o inventário daquelas joias; ele se trancou no escritório que dava para o jardim onde me encontrava sentada ao lado de Elain, na grama. Pela janela, observava meu pai curvado sobre a escrivaninha, com uma pequena balança diante de si, conforme pesava um rubi bruto do tamanho de um ovo de pata. Tinha os olhos atentos de novo e se movia com um propósito, vibrante, como eu não via desde a ruína. Até mesmo o mancar tinha melhorado; fora milagrosamente curado por algum tônico e uma oração que um estranho curandeiro itinerante dera a ele, de graça. Eu seria eternamente grata a Tamlin apenas por essa bondade.

Os ombros curvados e os olhos baixos e enevoados tinham sumido. Meu pai sorria abertamente, gargalhava prontamente e mostrava carinho por Elain, que, por sua vez, retribuía o carinho por ele. Nestha, no entanto, estava silenciosa e observadora, dando a Elain respostas não mais extensas que uma ou duas palavras apenas.

— Estes bulbos — falou Elain, apontando com a mão enluvada para um aglomerado de flores roxas e brancas — vieram dos campos de tulipas do continente. Papai diz que, na próxima primavera, ele vai me levar para vê-los. Diz que, quilômetro após quilômetro, não há nada além dessas flores. — Elain deu tapinhas no solo rico e escuro. O pequeno jardim sob a janela era dela: cada flor e arbusto tinham sido escolhidos e plantados por suas mãos; Elain não deixava que mais ninguém cuidasse dele. Até mesmo aparar as ervas daninhas e regar, ela fazia sozinha.

Embora os criados *ajudassem* a carregar as pesadas latas de água, admitiu Elain. Ela teria ficado maravilhada, provavelmente teria chorado, ao ver os jardins com os quais eu me acostumara, as flores que floresciam eternamente, na Corte Primaveril.

— Você deveria vir comigo — continuou Elain. — Nestha não irá, pois diz que não quer arriscar a travessia pelo mar, mas você e eu... Ah, nós nos divertiríamos, não é?

Olhei para ela de esguelha. Minha irmã estava sorrindo, contente — mais linda que eu jamais a vira, mesmo com o simples vestido de jardinagem, feito de musselina. As bochechas estavam coradas sob o chapéu de abas grandes.

— Acho... que gostaria de ver o continente — falei.

E era verdade, percebi. Havia tanto do mundo que eu não vira, que nem mesmo pensara em visitar. Nem mesmo *conseguira* sonhar em visitar.

— Fico surpresa por estar tão ansiosa por ir na próxima primavera — falei. — Não é bem no meio da estação? — A estação das damas da sociedade, que tinha terminado poucas semanas antes, aparentemente, cheia de festas e bailes e almoços

e fofoca, fofoca, fofoca. Elain me contara tudo a respeito no jantar da noite anterior, mal reparando que fizera um esforço para engolir minha comida. Quase tudo nela era igual: a carne, o pão, os vegetais, mas, mesmo assim... eram como cinzas em minha boca em comparação com o que eu havia consumido em Prythian. — E fico surpresa por não ter uma fila de pretendentes à porta, implorando sua mão.

Elain corou, mas mergulhou a pequena pá na terra para ceifar a erva daninha.

— Sim, bem... sempre haverá outras estações. Nestha não quer comentar, mas esta estação foi meio... estranha.

— Como assim?

Ela fez um gesto com os ombros magros.

— As pessoas agiram como se todos estivéssemos doentes por oito anos, ou como se tivéssemos viajado para um país distante, não como se estivéssemos a poucas aldeias de distância, naquele chalé. Podíamos pensar que tínhamos sonhado a coisa toda, o que aconteceu conosco durante aqueles anos. Ninguém disse uma palavra a respeito.

— Achou que diriam? — Se nós fôssemos tão ricos quanto aquela casa sugeria, haveria subitamente muitas famílias dispostas a ignorar a mancha de nossa pobreza.

— Não, mas me fez... desejar aqueles anos de volta, mesmo com a fome e o frio. Esta casa parece tão grande às vezes, e papai está sempre ocupado, e Nestha... — Elain olhou por cima do ombro, para onde minha irmã mais velha estava, ao lado de uma amoreira retorcida, olhando para a extensão plana de nossas terras. Ela mal falara comigo na noite anterior, também não dissera nada durante o café da manhã. Fiquei surpresa quando Nestha se juntou a nós do lado de fora, mesmo que tivesse ficado perto das árvores o tempo todo. — Nestha não terminou a estação. Ela não me contou por quê. Começou a recusar todos os convites. Mal fala com alguém, e fico arrasada quando meus amigos nos visitam, porque ela os deixa tão desconfortáveis quando os encara daquele jeito característico... — suspirou Elain. — Talvez você pudesse falar com ela.

Pensei em dizer a Elain que Nestha e eu não tínhamos uma conversa civilizada havia anos, mas então Elain acrescentou:

— Ela foi visitar você, sabia?

Pisquei, o sangue gelando.

— O quê?

— Bem, ela só ficou fora uma semana e disse que a carruagem quebrou antes da metade do caminho, e que foi mais fácil voltar. Mas você não saberia, pois jamais recebeu nenhuma de nossas cartas.

Olhei para Nestha, parada sob os galhos, a brisa de verão farfalhando a saia de seu vestido. Será que tinha ido me ver e voltara por causa de algum feitiço que Tamlin tivesse jogado sobre ela?

Voltei as costas para o jardim e surpreendi Elain me encarando.

— O quê?

Elain balançou a cabeça e voltou para as ervas daninhas.

— É que você parece tão... diferente. E também soa diferente.

De fato, eu não acreditei em meus olhos quando passei pelo espelho de um corredor na noite anterior. Meu rosto ainda estava igual, mas havia um... *brilho* nele, um tipo de luz reluzente que era quase indetectável. Eu sabia, sem dúvida, que era por causa do período em Prythian, que toda aquela magia tinha, de alguma forma, passado para mim. Eu temia o dia em que se dissipasse para sempre.

— Aconteceu alguma coisa na casa da tia Ripleigh? — perguntou Elain. — Você... conheceu alguém?

Dei de ombros e puxei uma erva daninha próxima.

— Apenas boa comida e descanso.

Os dias se passaram. A sombra dentro de mim não clareou, e até mesmo pensar em pintar era terrível. Em vez disso, passei a maior parte do tempo com Elain em seu pequeno jardim. Estava feliz ao ouvi-la falar de todos os botões e as flores,

sobre os planos de plantar outro jardim perto da estufa, talvez uma horta, se conseguisse aprender o suficiente sobre isso nos próximos meses. Elain tinha ganhado vida ali, e sua alegria era contagiante. Não havia um criado ou jardineiro que não sorrisse para ela, e até mesmo o grosseiro cozinheiro-chefe encontrava desculpas para levar pratos de biscoitos e tortas a Elain, em diversos momentos do dia. Eu fiquei maravilhada com aquilo, na verdade... que aqueles anos de pobreza não tivessem arrancado aquela luz de Elain. Talvez enterrado um pouco, mas ela era generosa, amável e gentil; uma mulher que eu tinha orgulho de conhecer, de chamar de irmã.

Meu pai terminou de contar minhas joias e o ouro; eu era uma mulher extraordinariamente rica. Investi uma pequena parte nos negócios dele e, quando olhei para a grandiosa soma restante, pedi que juntasse várias sacolas de dinheiro e parti.

A mansão ficava a apenas 5 quilômetros do chalé, e a estrada era familiar. Não me importei quando a bainha do vestido ficou coberta de lama do caminho encharcado. Era tranquilo; poucas carruagens passavam por ele. Eu gostava de ouvir o vento nas árvores e o suspiro da grama alta. Embora não fosse nem de perto tão lindo quanto Prythian, à medida que me perdia bem longe nas lembranças, conseguia me imaginar caminhando ao lado de Tamlin naquele bosque.

Não tinha motivo para acreditar que o veria tão cedo, mas ia dormir toda noite rezando para que eu acordasse e estivesse em sua mansão, ou que recebesse uma mensagem me convocando para o lado de Tamlin. Pior que minha decepção por tal coisa não ter acontecido era o medo rastejante e permanente de que Tamlin estava em perigo... de que Amarantha, quem quer que fosse, o ferisse por algum motivo.

— *Amo você.* — Eu quase conseguia ouvir as palavras, quase o ouvia dizê-las, quase via a luz do sol reluzindo nos cabelos dourados de Tamlin e no verde deslumbrante de seus olhos. Quase sentia o corpo de Tamlin pressionado contra o meu, os dedos brincando em minha pele.

Cheguei a uma curva na estrada pela qual eu conseguia caminhar no escuro, e ali estava.

Muito pequeno; o chalé era muito pequeno. O antigo jardim de flores de Elain era um emaranhado selvagem de ervas daninhas e flores, e as marcas de proteção ainda estavam gravadas no portal de pedra. A porta da frente — despedaçada e quebrada da última vez que a vi — tinha sido substituída, mas uma das janelas circulares tinha rachado. O interior estava escuro, a terra, intocada.

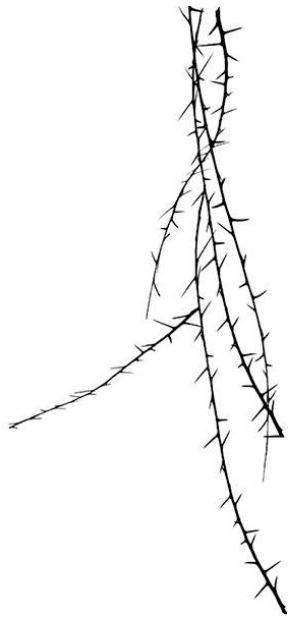
Tracei o caminho invisível que tinha tomado através da grama alta todas as manhãs, desde nossa porta até a estrada, e depois cruzando o campo de colinas, até o limite daquelas árvores. A floresta... minha floresta.

Parecera tão assustadora certa vez; tão letal e faminta e cruel. Agora, parecia apenas... simples. Normal.

Olhei para aquela casa triste e escura — o lugar que fora uma prisão. Elain disse que sentia falta, e imaginei o que ela via quando olhava para o chalé. Se não via uma prisão, mas um abrigo; o abrigo de um mundo que possuía tão pouco bem, mas Elain tentara encontrá-lo mesmo assim, ainda que parecesse tolice ou inútil para mim.

Ela vira aquele chalé com esperança; eu o vira com nada além de ódio. E sabia qual de nós tinha sido mais forte.

Capítulo 30



Eu tinha mais uma tarefa a cumprir antes de voltar à mansão de meu pai. Os aldeões, que certa vez tinham me olhado com desprezo ou me ignorado, olhavam boquiabertos agora, e alguns se colocavam em meu caminho para perguntar sobre minha tia, minha fortuna, diversas vezes. Eu determinada e educadamente me recusei a conversar com eles, a dar-lhes qualquer coisa sobre a qual pudessem fofocar. Mas, mesmo assim, levei tanto tempo para chegar à parte pobre de nossa aldeia que estava esgotada quando bati à primeira porta surrada.

Os desfavorecidos de nossa aldeia não fizeram perguntas quando entreguei a eles as pequenas sacolas de prata e ouro. Tentaram recusar, alguns sequer me reconheceram, mas deixei o dinheiro mesmo assim. Era o mínimo que podia fazer.

Conforme caminhei de volta à mansão de meu pai, passei por Tomas Mandray e seus amigos, parados perto da fonte da aldeia, conversando sobre alguma casa incendiada com a família dentro há uma semana, conjecturando se haveria algo para saquear. Ele me olhou por tempo demais, os olhos percorrendo livremente meu corpo com um meio sorriso que eu o vira dar para as garotas da aldeia centenas de vezes. Por que Nestha tinha mudado de ideia? Apenas encarei Tomas com desprezo e segui.

Eu estava quase fora da aldeia quando a risada de uma mulher ecoou pelas pedras, e, quando virei a esquina, fiquei cara a cara com Isaac Hale... e com uma jovem bonita e rechonchuda que só podia ser a nova esposa dele. Estavam de braços dados, ambos sorrindo; ambos profundamente felizes.

O sorriso de Isaac hesitou quando ele me viu.

Humano... ele parecia tão *humano*, com os braços e as pernas desengonçados, a beleza simples, mas aquele sorriso que Isaac mostrara momentos antes o transformava em algo mais.

A mulher dele olhou de mim para Isaac, talvez um pouco nervosa. Como se o que quer que sentisse por ele — o amor que eu já vira brilhando — fosse tão novo, tão inesperado, que ela ainda temia seu sumiço. Com cuidado, Isaac inclinou a cabeça para mim, em cumprimento. Ele era um garoto quando parti, mas aquela pessoa que se aproximava de mim... não importa o que tivesse desabrochado com a esposa, independentemente do que houvesse entre eles, transformara Isaac em um homem.

Nada; não havia nada em meu peito, minha alma, por ele, além de uma sensação leve de gratidão.

Alguns passos a mais nos levaram a ultrapassar um ao outro. Dei um largo sorriso para Isaac, para os dois, e, então, fiz uma reverência com a cabeça, desejando que ficassem bem, de todo o coração.

O baile que meu pai faria em minha homenagem aconteceria em dois dias, e a casa já parecia uma confusão de atividades. Tanto dinheiro desperdiçado em coisas que jamais sonháramos ter, mesmo por um segundo. Eu teria implorado para que ele não o fizesse, mas Elain tomara as rédeas do planejamento *e* encontrara para mim um vestido de última hora, e... seria apenas uma noite. Uma noite aturando as pessoas que nos haviam rechaçado e nos deixado passar fome durante anos.

O sol estava quase se pondo quando encerrei meu trabalho do dia: cavar um novo quadrado de terra para o próximo jardim de Elain. Os jardineiros tinham ficado levemente horrorizados por outra de nós ter passado a realizar a atividade — como se em breve fôssemos começar a fazer todo o trabalho deles por conta própria, e acabássemos dispensando-os. Eu assegurei a eles que eu não tinha um dedo verde, e só queria algo para ocupar o dia.

Mas ainda não tinha decidido o que faria com minhas semanas, ou o mês, ou qualquer coisa depois disso. Se havia mesmo um surto da praga acontecendo do outro lado da muralha, se aquela mulher, Amarantha, estava enviando criaturas para tirar vantagem disso... Era difícil não pensar naquela sombra em meu coração, a sombra que seguia cada passo. Eu não sentia vontade de pintar desde que tinha chegado; e aquele lugar dentro de mim, da onde vinham todas aquelas cores e os formatos e as luzes, tinha se tornado... quieto e silencioso e esmaecido. Em breve, falei comigo mesma. Em breve eu compraria tintas e começaria de novo.

Enfiei a pá na terra e empurrei com o pé, descansando por um momento. Talvez os jardineiros tivessem apenas se horrorizado com a túnica e a calça que eu vestia. Um deles até saíra correndo a fim de me trazer um daqueles chapéus de abas grandes que Elain usava. Eu o coloquei para agradar aos jardineiros; minha pele já se tornara cheia de sardas e bronzeada pelos meses que eu passara perambulando pelas terras da Corte Primaveril.

Olhei para as mãos, segurando o cabo da pá. Cheias de calos, cicatrizes e sujeira sob as unhas. Certamente ficariam horrorizados quando me vissem suja de tinta.

— Mesmo que as lavasse, não teria como esconder — disse Nestha, atrás de mim, se aproximando daquela árvore sob a qual gostava de se sentar. — Para se encaixar, você precisaria usar luvas, e jamais tirá-las.

Ela usava um vestido simples, lilás-claro, de musselina, com a metade dos cabelos para cima e oscilando às costas, como um lençol marrom-dourado. Linda, imperiosa, serena como um Grão-Feérico.

— Talvez eu não queira me encaixar em seus círculos sociais — falei, me voltando para a pá.

— Então por que se dá o trabalho de ficar aqui? — Uma pergunta ríspida e fria.

Enfiei a pá na terra com mais força, os braços e as costas se repuxando quando levantei uma pilha de solo escuro e grama.

— É meu lar, não é?

— Não, não é — refutou ela, simplesmente. Enfiei a pá na terra de novo. — Acho que seu lar é muito, muito longe.

Parei.

Devagar, soltei a pá no chão e a encarei.

— A casa da tia Ripleigh...

— Não existe tia Ripleigh. — Nestha levou a mão ao bolso e atirou algo à terra revirada.

Era um pedaço de madeira, que parecia ter sido arrancado de algum lugar. Pintado na superfície lisa estava um lindo emaranhado de gavinhas e... dedaleiras. Dedaleiras pintadas com o tom errado de azul.

Perdi meu fôlego. Todo aquele tempo, todos aqueles meses...

— O truquezinho de sua besta não funcionou comigo — disse ela, com uma calma de aço. — Aparentemente, uma vontade de ferro é todo o necessário para evitar que um encantamento te atinja. Então, precisei observar enquanto papai e Elain passavam de histéricos chorosos para... *nada*. Precisei ouvi-los conversar sobre que sorte tinha sido você ser levada para a casa de uma tia inventada, sobre como um vento de inverno tinha destruído nossa porta. E achei que tinha ficado louca, mas sempre que achava isso, olhava para aquela parte pintada da mesa, e depois para as marcas de garras mais adiante, sabia que não era invenção de minha cabeça.

Eu jamais tinha ouvido falar de um encantamento não funcionar. Mas Nestha tinha muito controle sobre a própria mente. Ela havia erguido paredes mentais tão

fortes — de aço e ferro e freixo — que nem mesmo a magia de um Grão-Senhor conseguia penetrá-las.

— Elain falou... que você foi me visitar, no entanto. Que tentou.

Nestha riu com deboche, o rosto sério e cheio daquela raiva que fervilhava havia muito, e que ela jamais conseguia conter.

— Ele levou você pela noite, alegando alguma baboseira sobre o Tratado — disse Nestha. — Então, tudo continuou como se jamais tivesse acontecido. Não era certo. Nada daquilo era certo.

Minhas mãos desceram para os flancos.

— Você foi atrás de mim — falei. — Foi atrás de mim... até Prythian.

— Cheguei à muralha. Não consegui encontrar a entrada.

Levei a mão trêmula até o pescoço.

— Você caminhou por dois dias até lá, e dois dias de volta, pelo bosque, no inverno?

Ela deu de ombros, olhando para a lasca de madeira que tinha salvado da mesa.

— Contratei aquela mercenária da cidade para me levar uma semana depois que você se foi. Com o dinheiro de sua pele. Ela foi a única que pareceu acreditar em mim.

— Você fez isso... por mim?

Os olhos de Nestha — meus olhos, os olhos de nossa mãe — encararam os meus.

— Não era certo — repetiu ela. Tamlin estava errado quando discutimos se meu pai teria ido atrás de mim, ele não tinha a coragem, o ódio. No máximo, ele teria contratado alguém para fazer aquilo por ele. Mas Nestha fora com a mercenária. Minha irmã fria e cheia de ódio estivera disposta a desbravar Prythian para me resgatar.

— O que aconteceu com Tomas Mandray? — perguntei, as palavras contidas.

— Percebi que ele não teria me acompanhado para resgatá-la de Prythian.

E aquilo, para ela, que tinha aquele coração revoltado e irredutível, teria sido a gota d'água.

Olhei para minha irmã, *olhei* de verdade para ela, para aquela mulher que não conseguia suportar os mentirosos que agora a cercavam, que jamais tinha passado um dia na floresta, mas entrara no território dos lobos... Que tinha encoberto a perda de nossa mãe, depois nossa ruína, com ódio frio e amargura, porque o ódio fora um bote salva-vidas, e a crueldade, uma válvula de escape. Mas ela se *importava* — no fundo, ela se importava, e talvez me amasse com mais intensidade do que eu poderia entender, mais profunda e lealmente.

— Tomas nunca mereceu você mesmo — falei baixinho.

Minha irmã não sorriu, mas uma luz brilhou nos olhos azul-acinzentados.

— Conte tudo que aconteceu — falou Nestha, proferindo uma ordem, não um pedido.

Então contei.

E, quando terminei minha história, Nestha apenas me encarou por um bom tempo, antes de me pedir que a ensinasse a pintar.

Ensinar Nestha a pintar foi tão agradável quanto eu tinha esperado, mas pelo menos forneceu uma desculpa para evitarmos as partes mais ocupadas da casa, que se tornaram mais e mais caóticas conforme meu baile se aproximava. Materiais de pintura eram fáceis de conseguir, mas explicar como eu pintava, convencer Nestha a expressar o que lhe ia na mente, no coração... Ao menos ela repetia minhas pinceladas com a mão precisa e firme.

Quando saímos do quarto silencioso que havíamos ocupado, ambas sujas de tinta e manchadas de carvão, o palacete finalmente terminava os preparativos. Lanternas de vidro colorido ladeavam a longa entrada, e, do lado de dentro, guirlandas e festões com todas as flores e cores decoravam cada corrimão, cada

superfície, cada arco. Lindo. Elain tinha selecionado as flores por conta própria, e dava instruções sobre onde seriam colocadas.

Nestha e eu subimos as escadas, mas, quando chegamos ao fim do lance, meu pai e Elain surgiram abaixo, de braços dados.

O rosto de Nestha se contraiu. Meu pai murmurou os parabéns a Elain, que sorriu para ele e apoiou a cabeça em seu ombro. E fiquei feliz pelos dois; pelo conforto e pela facilidade do estilo de vida dos dois, pela alegria no rosto tanto de meu pai quanto de minha irmã. Sim, tinham alguns ressentimentos, mas ambos pareciam tão... relaxados.

Nestha caminhou pelo corredor, e eu a segui.

— Há dias — falou Nestha, quando parou diante da porta do quarto dela, em frente ao meu — em que quero perguntar a ele se lembra dos anos em que quase nos deixou morrer de fome.

— Você também gastava cada moeda que eu conseguia — lembrei-a.

— Eu sabia que você conseguiria mais. E, se não conseguisse, então eu queria ver se ele sequer tentaria conseguir alguma sozinho. Em vez de entalhar aqueles pedaços de madeira. Se sairia de verdade e lutaria por nós. Eu não podia tomar conta de nós, não como você fazia. Eu a odiava por isso. Mas o odiava mais. Ainda odeio.

— Ele sabe?

— Ele sempre soube que o odiei, mesmo antes de nos tornarmos pobres. Ele deixou mamãe morrer, tinha uma frota de navios à disposição para velejar pelo mundo em busca da cura, ou poderia ter contratado homens para irem a Prythian implorar por ajuda. Mas ele permitiu que ela morresse.

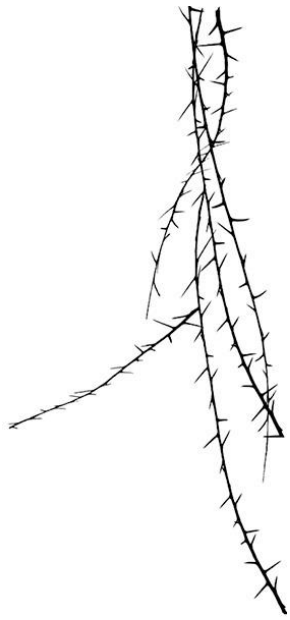
— Ele a amava, ficou de luto por ela. — Eu não sabia qual era a verdade, talvez as duas coisas.

— Ele deixou que ela morresse. Você teria ido ao fim do mundo para salvar seu Grão-Senhor.

Meu peito pareceu vazio de novo, mas simplesmente respondi:

— Sim, eu teria. — Então, entrei no quarto para me arrumar.

Capítulo 31



O baile foi como um borrão de valsa e ostentação, com aristocratas cheios de joias, com vinho e brindes em minha honra. Fiquei ao lado de Nestha, porque ela parecia fazer um bom trabalho espantando os pretendentes curiosos demais na busca de detalhes sobre minha fortuna. Mas tentei sorrir, pelo menos por Elain, que passeava pelo salão, cumprimentando os convidados, e dançava com cada importante filho destes.

Mas continuei pensando no que Nestha tinha dito; sobre salvar Tamlin.

Eu sabia que algo estava errado. Sabia que ele estava com problemas... não apenas com a praga em Prythian; também sabia que as forças que se reuniam para destruí-lo eram letais, no entanto... No entanto, eu parara de procurar respostas, parara de lutar contra aquilo, feliz — *feliz* de um jeito tão egoísta — por poder descansar aquela parte de mim que sobrevivia hora após hora. Permitira que Tamlin me mandasse para casa. Não tentara com mais afinco entender as informações que tinha conseguido sobre a praga ou sobre Amarantha; não tentara salvar Tamlin. Nem mesmo dissera a ele que o amava. E Lucien... Lucien também se dera conta disso e demonstrara, com as palavras amargas em meu último dia, seu desapontamento.

Duas da manhã, e a festa ainda não dava sinais de acabar. Meu pai fazia companhia a diversos outros mercadores e aristocratas aos quais eu tinha sido apresentada, mas cujos nomes tinha esquecido imediatamente. Elain ria em uma roda de lindos amigos, corada e brilhante. Nestha se retirara em silêncio à meia-noite, e não me dei o trabalho de me despedir quando finalmente subi.

Na tarde seguinte, com olhos vermelhos de sono e em silêncio, todos nos reunimos à mesa para almoçar. Agradeci minha irmã e meu pai pela festa, e fugi das perguntas de meu pai sobre se o filho de algum dos amigos tinha me chamado atenção.

O calor do verão havia chegado, e apoiei o queixo no punho enquanto me abanava. Dormira muito mal no calor da noite anterior. Nunca estava quente ou frio demais na mansão de Tamlin.

— Estou pensando em comprar a propriedade dos Beddor — dizia meu pai a Elain, que era a única de nós que prestava atenção nele. — Ouvi um boato de que vai ser colocada à venda em breve, pois ninguém da família sobreviveu, e seria um bom investimento. Talvez uma de vocês possa construir uma casa nela quando for o momento adequado.

Elain assentiu com interesse, mas pisquei.

— O que aconteceu com os Beddor?

— Ah, foi terrível — comentou Elain. — A casa deles queimou, e todos morreram. Bem, não conseguiram encontrar o corpo de Clare, mas... — Ela abaixou o rosto para o prato. — Aconteceu na calada da noite, a família, os criados, todos morreram. No dia antes de você voltar, na verdade.

— Clare Beddor — falei devagar.

— Nossa amiga, lembra? — perguntou Elain.

Assenti, sentindo os olhos de Nestha sobre mim.

Não, não podia ser. Tinha de ser coincidência, tinha de ser coincidência, senão...

Eu dera aquele nome a Rhysand.

E ele não se esquecera dele.

Meu estômago se revirou, e lutei contra a náusea que me assolava.

— Feyre? — perguntou meu pai.

Levei a mão trêmula aos olhos, inspirando. O que tinha acontecido? Não apenas na casa dos Beddor, mas em casa, em Prythian?

— Feyre — repetiu meu pai, e Nestha sibilou para ele.

— Quieto.

Lutei contra a culpa, o nojo e o terror. Precisava de respostas; de saber se tinha sido coincidência, ou se eu ainda conseguiria salvar Clare. E, se algo havia acontecido ali, no mundo mortal, então a Corte Primaveril... Então, aquelas criaturas das quais Tamlin tinha tanto medo... A praga que tinha infectado a magia, suas terras...

Feéricos. Eles haviam atravessado a muralha e não deixaram vestígios.

Abaixei a mão, olhei para meu pai e, depois, para Nestha.

— Ouça com atenção — disse a ela, engolindo em seco. — Tudo o que contei a você deve permanecer em segredo. Não me siga. Não diga meu nome a ninguém.

— Do que está falando, Feyre? — Meu pai me encarou boquiaberto do outro lado da mesa. Elain olhou de mim para ele hesitante, mexendo-se na cadeira.

Mas Nestha continuou me olhando. Sem piscar.

— Acho que algo muito ruim pode estar acontecendo em Prythian — falei baixinho. Nunca soube que sinais de aviso Tamlin tinha acrescentado aos encantamentos sobre minha família para incitá-la a fugir, mas não arriscaria depender apenas deles. Não quando Clare tinha sido levada, a família assassinada... por minha culpa.

— Prythian! — dispararam meu pai e Elain. Mas Nestha estendeu a mão para silenciá-los.

Continuei.

— Se não forem embora, então contratem guardas, contratem batedores para observar a muralha, a floresta. A aldeia também. — Levantei da cadeira. — Ao primeiro sinal de perigo, ao primeiro boato sobre a muralha ter sido ultrapassada ou sequer sobre algo *estranho*, embarquem num navio e partam. Velejem para longe, para o mais ao sul que conseguirem, para algum lugar em que os feéricos jamais desejariam pisar.

Conforme eu falava, levantei da cadeira. Meu pai e Elain começaram a piscar, como se alguma névoa se dissipasse de suas mentes... como se emergissem de um sono profundo. Nestha me seguiu para o corredor, escada acima.

— Os Beddor — disse ela, baixinho. — Era para sermos nós. Mas você deu um nome falso àqueles feéricos cruéis que ameaçaram seu Grão-Senhor. — Assenti. Conseguia ver os planos arquitetados em seus olhos. — Haverá uma invasão?

— Não sei. Não sei o que está acontecendo. Me contaram que existia um tipo de doença tornando seus poderes mais fracos ou descontrolados; uma praga na terra que danificara a segurança de suas fronteiras e que poderia matar pessoas se as atingisse com força o bastante. Eles... eles disseram que estava se alastrando de novo... se movendo. Até onde sei, não estava perto a ponto de prejudicar nossa terra. Mas, se a Corte Primaveril está prestes a cair, então a praga deve estar se aproximando, e Tamlin... Tamlin era um dos últimos bastiões que continha as outras cortes, as cortes letais. E acho que ele está em perigo.

Entrei no quarto e comecei a tirar o vestido. Minha irmã me ajudou e depois abriu o guarda-roupa para pegar uma túnica pesada e calça e botas. Vesti as roupas e trançava o cabelo de novo quando ela disse:

— Não precisamos de você aqui, Feyre. Não olhe para trás.

Calcei as botas e fui pegar as facas de caça que havia comprado discretamente enquanto estava ali.

— Papai certa vez disse a você que jamais voltasse — lembrou Nestha —, e estou dizendo o mesmo agora. Podemos nos cuidar.

Houve um tempo em que eu tomaria aquilo como um insulto, mas agora eu entendia... entendia o presente que ela me oferecia. Embainhei as facas na lateral do corpo e pendurei a aljava de flechas, nenhuma delas de freixo, às costas antes de pegar o arco.

— Eles *podem* mentir — falei, dando a Nestha informação que esperava que ela jamais precisasse usar. — Feéricos podem mentir, e ferro não os incomoda nem um pouco. Mas a madeira do freixo, essa parece funcionar. Pegue meu dinheiro e compre mudas para que Elain cuide.

Nestha sacudiu a cabeça, segurando o pulso, a pulseira de ferro ainda nele.

— O que acha que pode fazer para ajudar? Ele é um Grão-Senhor... você é apenas humana. — Isso também não foi um insulto. Foi uma pergunta de uma mente fria e calculista.

— Não me importo — admiti, agora à porta, que tinha escancarado. — Mas preciso tentar.

Nestha permaneceu em meu quarto. Ela não diria adeus; odiava despedidas tanto quanto eu.

Não sabia o que estava prestes a enfrentar, que perigos espreitavam adiante. Mas me virei para minha irmã e falei:

— Há um mundo melhor, Nestha. Há um mundo melhor lá fora esperando que você o encontre. E, se eu tiver a chance, se as coisas algum dia melhorarem, ficarem mais seguras... encontrarei você de novo.

Era tudo o que eu podia oferecer.

Mas Nestha empertigou os ombros.

— Não se incomode. Não acho que eu gostaria muito de feéricos. — Ergui uma sobrancelha. Ela continuou com um leve gesto de ombros. — Tente dar notícias quando for seguro. E, se algum dia o for... Papai e Elain podem ficar com este lugar. Acho que eu gostaria de conhecer o que mais há lá fora, o que uma mulher pode fazer com uma fortuna e um bom nome.

Sem limites, pensei. Não havia limites para o que Nestha poderia fazer, no que poderia se transformar depois que encontrasse um lugar para chamar de seu. Rezei para ter a sorte de algum dia ver isso acontecer.

Elain, para minha surpresa, preparara um cavalo, uma sacola de comida e suprimentos à proporção que descia as escadas correndo. Meu pai não estava à vista. Mas Elain me abraçou e, me segurando com força, disse:

— Eu me lembro, eu me lembro de tudo agora.

Eu a abracei de volta.

— Fique de olho. Todos vocês.

Elain assentiu com lágrimas nos olhos.

— Eu gostaria de ter visto o continente com você, Feyre.

Sorri para minha irmã, memorizando seu lindo rosto, e limpei suas lágrimas.

— Talvez um dia — respondi. Outra promessa que eu teria sorte se conseguisse cumprir.

Elain ainda chorava quando esporeei o cavalo e galopei pela entrada. Não tive tempo de dizer adeus para meu pai mais uma vez.

Cavalguei o dia todo e só parei quando estava escuro demais para enxergar. Para o norte... era para onde partiria e seguiria até chegar à muralha. Precisava voltar; precisava ver o que tinha acontecido, precisava contar a Tamlin tudo o que estava em meu coração antes que fosse tarde demais.

Cavalguei o segundo dia todo, dormi mal e parti antes da primeira luz do dia.

Sem parar, segui pela floresta de verão, exuberante e densa e sussurrante.

Até que um silêncio absoluto se fez. Reduzi a velocidade do cavalo para um trote cauteloso e procurei na vegetação e nas árvores adiante por algum sinal, por qualquer agitação. Não havia nada. Nada, então...

Meu cavalo empinou e sacudiu a cabeça, e quase não consegui ficar na sela quando ele se recusou a seguir adiante. Mesmo assim, não havia nada; nenhum

marco. No entanto, quando desmontei, mal respirando ao estender a mão, descobri que não conseguia passar.

Ali, cortando a floresta, havia uma muralha invisível.

Mas os feéricos entravam e saíam, por fendas, diziam os boatos. Então, puxei o cavalo pela extensão do muro, batendo na muralha de vez em quando para me certificar de que não tinha me desviado.

Levei dois dias — e a noite entre eles foi mais assustadora que qualquer outra que eu tivesse vivido na Corte Primaveril. Dois dias antes de ver as pedras cobertas de musgo, colocadas paralelamente uma a outra, com um leve redemoinho entalhado em ambas. Um portão.

Dessa vez, quando montei o cavalo e o guiei entre as pedras, ele obedeceu.

A magia fez minhas narinas arderem, me golpeando até que o cavalo empinasse de novo, mas atravessamos.

Eu conhecia aquelas árvores.

Cavalguei em silêncio, com uma flecha engatilhada e pronta, pois as ameaças que espreitavam na floresta eram piores que as do bosque do qual eu acabara de sair.

Tamlin poderia ficar furioso; poderia ordenar que eu desse meia-volta e fosse para casa. Mas diria a ele que eu ajudaria, que o amava e que lutaria por ele como pudesse, mesmo que precisasse amarrá-lo para que me desse ouvidos.

Fiquei tão concentrada pensando em como poderia convencer Tamlin a não começar a rugir que não reparei de imediato no silêncio — em como os pássaros não cantavam, mesmo enquanto me aproximava da mansão, em como as cercas vivas da propriedade pareciam precisar de poda.

Quando cheguei aos portões, minha boca havia secado. Os portões estavam abertos, mas o ferro tinha sido entortado, parecendo disforme, como se mãos poderosas o tivessem separado.

Cada passo dos cascos do cavalo era alto demais sobre o caminho de cascalho, e meu estômago se revirou quando vi as portas da frente escancaradas. Uma delas estava pendurada, inclinada, arrancada da dobradiça superior.

Desci do cavalo, com a flecha ainda pronta. Mas não havia necessidade. Vazio; estava completamente vazio ali. Como um túmulo.

— Tam? — chamei. Subi os degraus aos saltos e entrei na casa. Corri para dentro, xingando quando escorreguei em um caco de porcelana quebrada, os resquícios de um vaso. Devagar, me virei no saguão da entrada.

Parecia que um exército tinha marchado para dentro. Tapeçarias pendiam em frangalhos, o corrimão de mármore estava rachado, e os candelabros, quebrados no chão, reduzidos a pedaços de cristal estilhaçado.

— Tamlin? — gritei, apavorada agora. Nada.

As janelas haviam sido estouradas.

— Lucien?

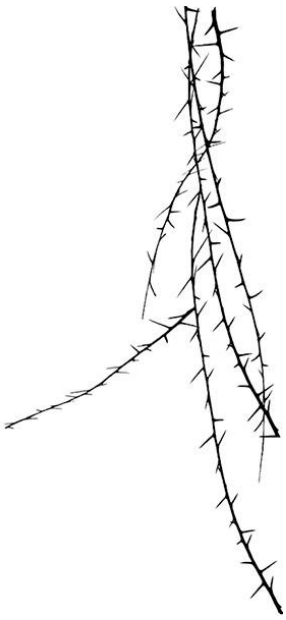
Ninguém respondeu.

— Tam? — sussurrei. Minha voz ecoou pela casa, debochando de mim.

Sozinha nos destroços da mansão, ajoelhei.

Ele tinha desaparecido.

Capítulo 32



Eu me dei um minuto — apenas um minuto — para me ajoelhar nos escombros do saguão de entrada.

Então, me levantei devagar, com o cuidado de não espalhar o vidro estilhaçado, a madeira ou... o sangue. Havia gotas por todo lado, junto a pequenas poças e borrões nas paredes esburacadas.

Mais uma floresta, eu disse a mim mesma. Mais um conjunto de rastros.

Devagar, me movi pelo chão, seguindo a informação restante. Fora uma luta violenta — e pelos vestígios de sangue, a maior parte dos danos à casa fora feita durante a luta, e não depois. O vidro quebrado e as pegadas iam e vinham da frente e dos fundos da casa, como se o lugar todo tivesse sido cercado. Os intrusos precisaram forçar a entrada pela porta da frente; tinham destruído completamente as que davam para o jardim.

Nenhum corpo, eu repetia para mim mesma. Não havia corpos, nem muito sangue. Eles tinham de estar vivos. Tamlin *tinha* de estar vivo.

Porque se estivesse morto...

Esfreguei o rosto, inspirando e estremecendo. Não me permitiria ir tão longe. Minhas mãos tremeram quando parei diante das portas da sala de jantar, ambas mal

presas pelas dobradiças.

Não sabia dizer se o dano se devia à explosão de Tamlin depois da chegada de Rhysand no dia anterior à minha partida ou se outra pessoa o havia causado. A mesa gigante estava em pedaços, as janelas, estilhaçadas, as cortinas, em frangalhos. Mas nenhum sangue; não havia sangue ali. E pelas impressões nos cacos de vidro...

Avaliei o rastro pelo chão. Tinha sido remexido, mas eu conseguia distinguir dois rastros diferentes — grandes e paralelos — que vinham de onde a mesa estivera. Como se Tamlin e Lucien estivessem sentados ali quando o ataque acontecera, e tivessem saído sem lutar.

Se eu estava certa... então, eles estavam vivos. Segui os passos até a porta, me agachando por um momento para entender os cacos revirados, a terra e o sangue. Eles tinham sido encontrados ali... por vários conjuntos de pegadas. E seguiram para o jardim...

Ouvi estalos de cacos no fim do corredor. Saquei a faca de caça e me abaixei mais na sala de jantar, procurando um lugar para me esconder. Mas tudo estava em pedaços. Sem outra opção, rastejei para trás da porta aberta. Levei uma das mãos à boca para evitar respirar alto demais, e olhei pela fenda entre a porta e a parede.

Alguém mancou para a sala e farejou. Eu só conseguia ver as costas, cobertas por um manto simples, a altura mediana... Para me encontrar, a pessoa só precisava fechar a porta. Eu estava presa. Talvez, se a pessoa entrasse mais na sala de jantar, eu conseguisse sair de fininho, mas, para isso, precisaria deixar meu esconderijo. Talvez ela apenas olhasse em volta e partisse.

A figura farejou de novo, e meu estômago se apertou. Ela conseguia sentir meu cheiro. Ousei olhar melhor, esperando encontrar uma fraqueza, um ponto para enfiar a faca se as coisas chegassem a esse ponto.

A figura se virou devagar em minha direção.

Berrei, e a figura soltou um gritinho esganiçado quando empurrei a porta.

— *Alis.*

Ela me olhou boquiaberta, a mão no coração, o vestido marrom de sempre rasgado e sujo, o avental desaparecera. Não estava ensanguentada; não tinha nada, exceto por um leve mancar para poupar o tornozelo direito conforme correu até mim, a pele de casca de árvore se tornara branca como bétula.

— Você não pode estar aqui. — Alis observou minha faca, o arco e a aljava. — Recebeu ordens para ficar longe.

— Ele está vivo?

— Sim, mas...

Meus joelhos falharam com a descarga de alívio.

— E Lucien?

— Vivo também. Mas você não estará se não sair daqui *agora*.

— Conte o que aconteceu, conte *tudo*. — Fiquei de olho na janela, ouvindo a mansão e a propriedade ao redor. Não havia nenhum som.

Alis segurou meu braço e me puxou da sala. Ela não falou enquanto corríamos pelos corredores vazios e silenciosos demais; todos destruídos e ensanguentados, mas... sem corpos. Ou tinham sido arrastados para fora, ou... não me permiti imaginá-lo quando entramos na cozinha.

Um incêndio tinha chamuscado o enorme cômodo, que quase não passava de cinzas e pedras escurecidas. Depois de farejar e ouvir, em busca de algum sinal de perigo, Alis soltou meu braço.

— O que está fazendo aqui?

— Precisava voltar. Achei que algo estivesse errado, não podia ficar longe. Precisava ajudar.

— Ele avisou a você que não voltasse — disparou Alis.

— Onde ele está?

Alis cobriu o rosto com as mãos longas e ossudas, as pontas dos dedos se agarrando à borda superior da máscara, como se estivesse tentando arrancá-la do

rosto. Mas a máscara permaneceu, e Alis suspirou quando abaixou as mãos de casca de árvore.

— Ela o levou — respondeu Alis, e meu sangue gelou. — Ela o levou para sua corte, Sob a Montanha.

— Quem? — Mas eu já sabia a resposta.

— Amarantha — sussurrou Alis, e olhou de novo pela cozinha, como se tivesse medo de invocar a mulher caso dissesse seu nome.

— Por quê? E quem é ela... *o que* é ela? Por favor, *por favor*, apenas me conte... apenas me diga a verdade.

Alis estremeceu.

— Quer a verdade, menina? Então, aqui está: ela o levou por causa da maldição, porque sete anos vezes sete tinham passado, e ele não destruíra sua maldição. Ela convocou todos os Grão-Senhores para sua corte desta vez, para que assistam enquanto ela o destrói...

— O que ela... *q-que maldição*? — gaguejei. Uma maldição, a maldição que ela havia colocado naquele lugar. Uma maldição que eu sequer vira.

— Amarantha é a Grã-Rainha desta terra. A Grã-Rainha de Prythian — sussurrou Alis, os olhos arregalados com alguma lembrança horrível.

— Mas os sete Grão-Senhores governam Prythian igualmente. Não há Grã-Rainha.

— Assim costumava ser, como sempre foi. Até cem anos atrás, quando ela surgiu nestas terras, uma emissária de Hybern. — Alis pegou uma grande sacola que devia ter deixado à porta. Já estava quase cheia do que pareciam ser roupas e mantimentos.

Enquanto ela começava a se mexer pela cozinha destruída, reunindo facas e qualquer comida que tivesse restado, pensei na informação dada pelo Suriel, sobre um rei feérico cruel, por séculos ressentido com o Tratado que fora forçado a assinar, e que enviara seus comandantes mais letais para se infiltrar nos reinos e nas

cortes feéricas, para ver se eles sentiam o mesmo; para ver se poderiam considerar reclamar as terras humanas para si. Eu me recostei contra as paredes manchadas de fuligem.

— Ela foi de corte em corte — continuou Alis, que girou uma maçã na mão conforme a inspecionava, decidiu que era boa o bastante e, então, enfiou-a na sacola — seduzindo Grão-Senhores com conversas sobre mais negócios entre Hybern e Prythian, mais comunicação, mais compartilhamento de bens. A Flor que Não Desbota, era como a chamavam. E, durante cinquenta anos, ela viveu aqui, como uma cortesã não ligada a nenhuma corte, fazendo retratações, alegava ela, pelas próprias ações e as ações de Hybern durante a Guerra.

— Então ela lutou na Guerra contra os mortais?

Alis parou de recolher coisas.

— Sua história é lenda entre nosso povo; lenda e pesadelo. Ela era a general mais letal do rei de Hybern, lutou nas linhas de frente, massacrando humanos e qualquer Grão-Feérico ou feérico que ousasse defendê-los. Mas tinha uma irmã mais nova, Clythia, que lutou ao seu lado e que era tão cruel e desprezível quanto Amarantha... até que se apaixonou por um guerreiro mortal. Jurian. — Alis expirou e estremeceu. — Jurian comandava exércitos humanos poderosos, mas Clythia mesmo assim o procurava secretamente, ainda o amava com uma intensidade irrefreável. Parecia cega demais para perceber que Jurian a usava a fim de conseguir informações sobre as forças de Amarantha. Esta suspeitava disso, mas não conseguiu persuadir Clythia a deixá-lo, e não conseguiu matá-lo, pois isso causaria muita dor à irmã. — Alis emitiu um estalo com a língua e começou a abrir os armários, verificando seu interior saqueado. — Amarantha se deliciava com tortura e morte, mas amava a irmã o suficiente para permanecer fiel a ela.

— O que aconteceu? — sussurrei.

— Ah, Jurian traiu Clythia. Depois de meses suportando ser seu amante, ele conseguiu a informação de que precisava e, então, torturou e matou Clythia,

crucificando-a com freixo para que não conseguisse se mover enquanto ele o fazia. Jurian deixou os pedaços de Clythia para que Amarantha os encontrasse. Dizem que a ira de Amarantha poderia ter derrubado os céus caso o rei não a proibisse de revidar. Mas Amarantha e Jurian tiveram seu confronto final mais tarde, e, desde então, Amarantha odeia humanos com uma raiva que não se pode imaginar. — Alis encontrou o que parecia ser um jarro de conservas e acrescentou-o à sacola.

— Depois que os dois lados firmaram o Tratado — disse Alis, agora verificando as gavetas —, ela massacrou os próprios escravos, em vez de libertá-los. — Fiquei pálida. — Mas, séculos depois, os Grão-Senhores acreditaram em Amarantha quando ela alegou que a morte da irmã a havia mudado. Principalmente porque ela abriu o comércio entre nossos dois territórios. Os Grão-Senhores jamais souberam que aqueles mesmos navios que transportavam mercadorias de Hybern também traziam o exército pessoal dela. O rei de Hybern não sabia também. Mas todos logo descobrimos que, durante aqueles cinquenta anos em que esteve aqui, ela decidira que queria Prythian para si, para começar a reunir poder e usar nossas terras como base para algum dia destruir seu mundo de uma vez por todas, com ou sem a bênção do rei de Hybern. Então, há 49 anos, ela atacou.

"Amarantha sabia, sabia que mesmo com o exército pessoal, jamais conseguiria conquistar os sete Grão-Senhores com o volume de suas tropas, ou com seu poder apenas. Mas também era esperta e cruel, e esperou até que confiassem nela por completo, até fazerem um baile em sua homenagem, e, naquela noite, ela colocou uma poção roubada do livro de feitiços do rei de Hybern no vinho de todos. Depois que beberam, os Grão-Senhores ficaram prostrados, sua magia, exposta, e ela roubou seus poderes de onde se originavam, de dentro do corpo, colheu os poderes como se estivesse pegando uma maçã do galho, deixando os Grão-Senhores com apenas os elementos mais básicos da própria magia. Seu Tamlin, o que você viu aqui, era uma sombra do que costumava ser, do poder que costumava dominar. E com o poder dos Grão-Senhores tão reduzido, Amarantha tomou controle de

Prythian em questão de dias. Durante 49 anos, temos sido seus escravos. Durante 49 anos, ela tem se demorado, esperando pelo momento certo para quebrar o Tratado e tomar suas terras, e todos os territórios humanos além delas."

Desejei que tivesse um banquinho, um banco, uma cadeira sobre a qual eu pudesse desabar. Alis bateu a última gaveta e saiu mancando para a despensa.

— Agora eles a chamam de a Ardilosa; ela, que aprisionou os sete Grão-Senhores e construiu seu palácio sob a montanha sagrada, no coração de nossa terra. — Alis parou diante da porta da despensa e cobriu o rosto de novo, respirando para se acalmar.

A montanha sagrada; aquele pico careca e monstruoso que eu vira no mural da biblioteca, tantos meses antes.

— Mas... a doença nas terras... Tamlin tinha dito que a praga levara seu poder...

— *Ela* é a doença nestas terras — disparou Alis, abaixando as mãos e entrando na despensa. — Não há praga além dela. As fronteiras estavam desabando porque ela as destruiu. Achou divertido enviar criaturas para atacar nossas terras, para testar que força ainda restava a Tamlin.

Se a praga era Amarantha, então a ameaça ao reino humano... *Ela* era a ameaça ao reino humano.

Alis saiu da despensa, os braços cheios de diversas raízes comestíveis.

— Poderia ter sido você a pessoa que a impediria. — Os olhos de Alis estavam sobre mim, e ela exibiu os dentes. Eram assustadoramente afiados. Alis enfiou os nabos e as beterrabas na sacola. — Você poderia tê-lo libertado, e seu poder, caso não ignorasse seu coração. Humanos — disparou Alis.

Perdi o fôlego.

— Eu... eu... — Ergui as mãos, expondo as palmas para ela. — Eu não sabia.

— Não podia saber — disse Alis amargamente, com uma risada ríspida, como a de um corvo, quando ela entrou na despensa de novo. — Era parte da maldição de Tamlin.

Minha cabeça ficou zonza e encostei com mais força contra a parede.

— O que era? — Lutei contra o tom de voz agudo. — Qual era a maldição? O que ela fez com ele?

Alis tirou jarros de especiarias que restavam na prateleira da despensa.

— Tamlin e Amarantha se conheciam de antes, a família dele tinha laços antigos com Hybern. Durante a Guerra, a Corte Primaveril se aliou a Hybern para manter os humanos escravizados. Então o pai dele, que era um senhor obstinado e cruel, era muito próximo do rei de Hybern, de Amarantha. Tamlin, quando criança, costumava acompanhá-lo em viagens para Hybern. E foi assim que conheceu Amarantha.

Tamlin certa vez me dissera que lutaria para *proteger* a liberdade de alguém... que nunca permitiria a escravidão. Será que era apenas por vergonha do próprio legado, ou porque ele... de alguma forma sentira na pele como era ser escravizado?

— Amarantha, por fim, cresceu e passou a desejar Tamlin, a cobiçá-lo com o coração cruel. Mas Tamlin tinha ouvido as histórias de outros sobre a Guerra e sabia o que Amarantha, o pai dele e o rei de Hybern tinham feito com feéricos e humanos. O que ela fizera com Jurian, como punição pela morte da irmã. Ele estava desconfiado quando Amarantha veio para cá, apesar das tentativas dela de levá-lo para cama, e manteve distância, até o momento em que Amarantha roubou seus poderes. Lucien... Lucien foi enviado até Amarantha, como emissário de Tamlin, para tentar negociar a paz entre eles.

Bile subiu até minha garganta.

— Ela se recusou, e... Lucien disse a Amarantha que voltasse para o esgoto de onde tinha rastejado. Ela arrancou o olho de Lucien como punição. Arrancou o olho com a própria unha, e deixou a cicatriz em seu rosto. Amarantha enviou Lucien de volta tão ensanguentado que Tamlin... O Grão-Senhor vomitou quando viu o amigo.

Eu não podia me permitir imaginar em que estado Lucien ficara, então, se tinha feito Tamlin vomitar.

Alis bateu na máscara, e o metal tilintou sob as unhas.

— Depois disso, ela deu um baile de máscaras Sob a Montanha para si mesma. Todas as cortes estavam presentes. Uma festa, dissera Amarantha, para se retratar pelo que fizera com Lucien; um baile de máscaras para que ele não precisasse revelar a cicatriz horrorosa no rosto. A Corte Primaveril inteira deveria ir, até mesmo os criados, e usar máscaras, para honrar os poderes de transformação de Tamlin, dissera Amarantha. Ele estava disposto a tentar acabar com o conflito sem mortes, e concordou em ir, em levar todos nós.

Pressionei as mãos contra a parede de pedra atrás de mim, aproveitando a frieza, a imobilidade.

Parando no meio da cozinha, Alis apoiou a sacola, agora cheia de comida e mantimentos.

— Depois que todos estavam reunidos, ela alegou que a paz poderia ser alcançada se Tamlin se unisse a ela como amante e consorte. Mas, quando Amarantha tentou tocá-lo, Tamlin se recusou a permitir que se aproximasse. Não depois do que ela fizera com Lucien. Ele disse, diante de todos naquela noite, que preferiria levar uma humana para a cama, preferiria se *casar* com uma humana, que tocar Amarantha. Ela poderia ter relevado caso Tamlin não tivesse dito depois que a própria irmã de Amarantha preferira a companhia de um humano à dela, que a própria irmã tinha escolhido Jurian em vez de Amarantha.

Encolhi o corpo, já sabendo o que Alis diria quando ela apoiou as mãos nos quadris e continuou.

— Você pode adivinhar como Amarantha tomou isso. Mas ela disse a Tamlin que estava com humor generoso, disse a ele que daria a chance de quebrar o feitiço que lançara a fim de roubar-lhe o poder.

"Tamlin cuspiu no rosto de Amarantha, e ela gargalhou. Disse que ele tinha sete vezes sete anos antes que Amarantha o reclamasse, antes que ele *tivesse* de se juntar a ela Sob a Montanha. Se quisesse quebrar a maldição, precisaria encontrar uma humana disposta a se casar com ele. Mas não qualquer garota, uma humana com gelo no coração, com ódio por nosso povo. Uma garota humana disposta a matar um feérico. — O chão tremeu sob mim, e fiquei grata pela parede na qual estava encostada. — Pior, o feérico que ela matasse precisava ser um dos homens *de Tamlin*, enviados para o outro lado do muro por ele, como cordeiros para o abatedouro. A garota só poderia ser trazida para cá a fim de ser cortejada caso matasse um de seus homens em um ataque não provocado, caso o matasse apenas por ódio, exatamente como Jurian fizera com Clythia... Assim, ele poderia entender a dor da irmã de Amarantha."

— O Tratado...

— Aquilo foi uma mentira. Não havia previsão daquilo no Tratado. Você pode matar tantos feéricos inocentes quanto quiser e jamais sofrer as consequências. Você simplesmente matou Andras, sentinela de Tamlin, enviado pelo Grão-Senhor como o sacrifício daquele dia. — *Andras estava procurando uma cura*, dissera Tamlin. Não para uma praga mágica, mas uma cura para salvar Prythian de Amarantha, uma cura para a maldição.

O lobo... Andras apenas... me encarara antes de eu o matar. *Deixou* que eu o matasse. Para que aquela cadeia de eventos tivesse início, para que Tamlin pudesse ter a chance de quebrar o feitiço. E, se Tamlin tinha enviado Andras para o outro lado do muro, sabendo que ele poderia muito bem morrer... *Ah, Tamlin.*

Alis parou a fim de pegar uma faca de manteiga, retorcida e dobrada, e, devagar, com cuidado, esticou a lâmina.

— Foi uma piada cruel, uma punição inteligente para Amarantha. Vocês humanos odeiam e temem tanto os feéricos que seria impossível, impossível que a mesma garota que matasse um feérico a sangue frio se apaixonasse por outro. Mas o

feitiço sobre Tamlin só poderia ser quebrado se ela fizesse exatamente isso, antes que os 49 anos tivessem terminado, se a garota dissesse a ele que o amava sinceramente, de coração. Amarantha sabe que humanos se preocupam com beleza, e, por isso, prendeu as máscaras aos nossos rostos, ao rosto dele, para que fosse mais difícil encontrar uma garota disposta a olhar além da máscara, além da natureza feérica, para a alma abaixo. Depois, ela nos aprisionou, para que não pudéssemos dizer uma palavra sobre a maldição. Nem uma. Mal podíamos contar para você coisas sobre nosso mundo, sobre nosso destino. Ele mesmo não podia contar a você, nenhum de nós podia. As mentiras sobre a praga eram o melhor que podia fazer, o melhor que todos podíamos fazer. Se eu consigo contar agora, significa que, para ela, tudo acabou.

Alis colocou a faca no bolso.

— Assim que ela o amaldiçoou, diariamente Tamlin mandava um dos homens para o outro lado da muralha. Para os bosques, fazendas, todos disfarçados de lobos para que fosse mais provável que um dos seus os quisesse matar. Quando eles voltavam, vinham com histórias de garotas humanas que corriam e gritavam e imploravam, que sequer erguiam a mão. Quando eles não voltavam, a ligação de Tamlin com eles, como senhor e mestre, dizia a ele que tinham sido mortos por outros. Caçadores humanos, mulheres mais velhas, talvez. Por dois anos ele os enviou, dia após dia, precisando escolher quem atravessava a muralha. Quando restava apenas uma dúzia deles, Tamlin ficou tão arrasado que parou. Cancelou tudo. E, desde então, ele ficou aqui, defendendo as fronteiras conforme o caos e a desordem reinavam nas outras cortes dominadas por Amarantha. Os outros Grão-Senhores revidaram também. Há quarenta anos, ela executou três deles e a maioria das suas famílias por terem se unido contra ela.

— Uma revolta? Que cortes? — Estiquei o corpo, me afastando um passo da parede. Talvez pudesse encontrar aliados entre eles para me ajudar a salvar Tamlin.

— A Corte Diurna, a Corte Estival, a Corte Invernal. E não, não foi tão longe ao ponto de ser considerada uma revolta. Amarantha usou os poderes dos Grão-Senhores para nos aprisionar à terra. Então, os senhores rebeldes tentaram pedir a ajuda dos outros territórios feéricos usando como mensageiros os humanos que fossem tolos o suficiente para entrar em nossas terras, a maioria deles jovens mulheres que nos adoravam como deuses.

Os Filhos dos Abençoados. Tinham mesmo cruzado a muralha, mas não para serem noivas. Eu estava chocada demais pelo que tinha ouvido para ficar triste por eles, sentir ódio por eles.

— Mas Amarantha pegou todos antes que deixassem este litoral — continuou Alis — e... pode imaginar como a coisa terminou para aquelas garotas. Depois, quando Amarantha já havia também massacrado os Grão-Senhores rebeldes, os sucessores destes ficaram apavorados demais para desafiar sua ira de novo.

— E onde eles estão agora? Podem viver nas próprias terras como Tamlin?

— Não. Ela os mantém, e a suas cortes inteiras, Sob a Montanha, onde pode atormentá-los como quiser. Outros... aos outros, caso jurem aliança, caso se curvem e sirvam a ela, Amarantha permite um pouco mais de liberdade para ir e vir de Sob a Montanha conforme quiserem. Nossa corte só teve permissão de ficar aqui até que acabasse a maldição de Tamlin, mas... — Alis estremeceu.

— É por isso que escondeu seus sobrinhos, para mantê-los longe disto — falei baixinho, olhando para a sacola cheia aos pés de Alis.

Ela assentiu, e, quando seguiu até a mesa virada, eu me mexi para ajudar, e nós duas grunhimos por causa do peso.

— Minha irmã e eu servíamos na Corte Estival, e ela e o parceiro estavam entre aqueles executados por despeito assim que Amarantha invadiu. Peguei os meninos e fugi antes que Amarantha arrastasse todos para Sob a Montanha. Vim para cá... porque era o único lugar que tinha para ir, e pedi que Tamlin escondesse meus meninos. Ele os escondeu e, quando implorei que ele me deixasse ajudar, de

qualquer forma, mesmo que pouco, Tamlin me deu um posto aqui, dias antes do baile de máscaras que pôs esta coisa desprezível em meu rosto. Então, estou aqui há quase cinquenta anos, observando enquanto as garras de Amarantha se apertavam no pescoço de Tamlin.

Colocamos a mesa de pé de novo, e nós duas ofegamos um pouco ao nos inclinarmos sobre ela.

— Ele tentou — falou Alis. — Mesmo com os espiões de Amarantha, ele tentou encontrar formas de quebrar a maldição, de fazer qualquer coisa contra ela, a fim de não precisar enviar os homens de novo, para que fossem mortos por humanos. Tamlin achou que, se a garota humana o amasse de verdade, então trazê-la para cá a fim de libertá-lo seria outra forma de escravidão. E Tamlin achou que, se de fato se apaixonasse por ela, Amarantha faria de tudo para destruir a garota, como a irmã dela fora destruída. Então, Tamlin passou décadas se recusando a fazer aquilo, a sequer arriscar. Mas, neste inverno, faltando meses, ele simplesmente... perdeu a cabeça. Enviou os últimos homens além da muralha, um a um. E eles estavam dispostos, tinham implorado para ir, durante muitos anos. Tamlin estava desesperado para salvar seu povo, desesperado o suficiente para arriscar as vidas dos próprios homens, arriscar a vida da garota humana a fim de nos salvar. Depois de três dias, Andras finalmente esbarrou em uma garota humana no meio de uma clareira, e você o matou com ódio no coração.

Mas eu havia falhado. E, ao fazer aquilo, condenara todos.

Eu condenara cada pessoa naquela propriedade, condenara a própria Prythian.

Estava feliz por me apoiar contra a borda da mesa... caso contrário, teria caído no chão.

— Você poderia ter quebrado o feitiço — grunhiu Alis, aqueles dentes afiados a meros centímetros de meu rosto. — Só precisava ter dito que o amava, dito que o amava com sinceridade, com todo o seu inútil coração humano, e o poder dele teria sido libertado. Sua garota burra, *burra*.

Não era surpresa que Lucien tivesse se ressentido de mim, mas ainda tolerara minha presença; não era surpresa que ele tivesse ficado tão amargamente desapontado quando parti, que tivesse discutido com Tamlin para que ele me deixasse ficar mais.

— Desculpe — falei, os olhos queimando.

Alis deu um riso de escárnio.

— Diga isso a Tamlin. Ele só tinha três dias depois que você partiu antes do fim dos 49 anos. *Três dias*, e libertou você. Ela veio até aqui, com os seguidores, no exato momento em que os sete anos vezes sete acabaram, e o pegou, com a maior parte da corte, e os levou para Sob a Montanha, para serem seus súditos. Criaturas como eu são *inferiores* demais para ela, embora ela não deixe de nos assassinar por diversão.

Tentei não visualizar a cena.

— Mas e quanto ao rei de Hybern, se ela conquistou Prythian para si e lhe roubou os feitiços, então ele a vê como insubordinada ou aliada?

— Se o relacionamento está abalado, o rei não fez menção de punir Amarantha. Durante 49 anos, ela manteve estas terras em suas garras. Pior, depois que os Grão-Senhores caíram, todos os seres cruéis de nossas terras, aqueles terríveis demais até para a Corte Noturna, se juntaram a ela como em rebanho. Ainda o fazem. Amarantha lhes ofereceu asilo. Mas sabemos, sabemos que ela está montando um exército, lentamente aguardando o momento de lançar um ataque contra o mundo mortal, armada com os feéricos mais letais e cruéis de Prythian e de Hybern.

— Como o Attor — falei, horror e pesar revirando meu estômago, e Alis assentiu. — No território humano — falei —, rumores dizem que mais e mais feéricos têm passado pela muralha para atacar humanos. E, se nenhum feérico pode atravessar a muralha sem a permissão dela, então isso só pode significar que Amarantha está permitindo esses ataques.

E, se eu estava certa a respeito do que tinha acontecido com Clare Beddor e sua família, então Amarantha ordenara aquilo também.

Alis limpou uma sujeira que eu não consegui ver na mesa sobre a qual estávamos apoiadas.

— Eu não ficaria surpresa se ela tivesse enviado seus lacaios para o reino humano a fim de investigar suas forças e fraquezas em antecipação à destruição que um dia espera causar.

Aquilo era pior, muito pior do que eu havia pensado quando avisei a Nestha e minha família para que ficassem alertas e partissem ao menor sinal de problemas. Senti enjoo ao pensar em que tipo de companhia Tamlin teria, enjoo ao pensar nele tão desesperado, tão tomado pela culpa e pelo luto por precisar sacrificar sentinelas e jamais poder me contar... E ele havia me libertado. Permitira que todos os sacrifícios, que o sacrifício de Andras fosse em vão.

Tamlin sabia que, se eu ficasse, correria o risco de sofrer a ira de Amarantha, mesmo que o libertasse.

— *Nem mesmo consigo me proteger deles, do que está acontecendo em Prythian... Mesmo que tivéssemos chance contra a praga... eles caçariam você, ela encontraria uma forma de matá-la.*

Lembrei daquele esforço patético de me elogiar quando cheguei — e, depois, ele desistiu daquilo, de qualquer tentativa de me conquistar quando eu pareci tão desesperada para partir, para jamais falar com ele. Mas Tamlin se apaixonou por mim apesar daquilo, soubera que eu o amara, e me libertara com poucos dias restantes. Ele me colocou à frente de toda a corte, à frente de toda Prythian.

— Se Tamlin fosse libertado, se ele tivesse os poderes restaurados — falei, encarando uma parte escurecida da parede —, ele conseguiria destruir Amarantha?

— Não sei. Ela enganou os Grão-Senhores usando a inteligência, não a força. Magia é algo específico, que segue regras, e Amarantha as manipulou bem demais. Ela mantém os poderes deles trancados dentro de si, como se não pudesse usá-los,

ou pudesse acessar muito pouco deles, pelo menos. Amarantha tem os próprios poderes fatais e, se tiver de lutar...

— Mas ele é mais forte? — perguntei, entrelaçando as mãos.

— Ele é um Grão-Senhor — respondeu Alis, como se aquilo fosse argumento suficiente. — Mas nada disso importa agora. Tamlin deverá ser escravo dela, e todos deveremos usar estas máscaras até que ele concorde em ser o amante de Amarantha, e, mesmo assim, jamais recuperará os poderes por completo. E Amarantha jamais permitirá que aqueles que estão Sob a Montanha partam.

Eu me afastei da mesa e estiquei os ombros.

— Como chego a Sob a Montanha?

Alis emitiu um estalo com a língua.

— Não pode ir até Sob a Montanha. Nenhum humano que vai jamais volta.

Fechei o punho com tanta força que minhas unhas arranharam minha pele.

— Como. Chego. Lá.

— Isso é suicídio; ela vai matar você, mesmo que chegue perto o bastante para vê-la.

Amarantha tinha enganado Tamlin; ela o ferira muito. Ferira muito todos eles.

— Você é humana — continuou Alis, ficando de pé também. — Sua pele é fina como papel.

Amarantha também devia ter levado Lucien; Amarantha tinha arrancado o olho de Lucien e o deixara com aquela cicatriz. Será que a mãe de Lucien sentia tristeza por ele?

— Você estava cega demais para ver a maldição de Tamlin — continuou Alis. — Como espera enfrentar Amarantha? Vai piorar as coisas.

Amarantha tinha levado tudo que eu queria, tudo que eu finalmente ousara desejar.

— Mostre o caminho — falei, a voz hesitante, mas não com lágrimas.

— Não — disse Alis, passando a sacola por cima do ombro. — Vá para casa. Levo você até a muralha. Não há o que ser feito agora. Tamlin vai permanecer escravo para sempre, e Prythian ficará sob o domínio de Amarantha. Foi isso que o Destino quis, assim decidiu o Curso do Caldeirão.

— Não acredito em Destino. Muito menos acredito em um *Caldeirão* ridículo.

Alis balançou a cabeça de novo, os cabelos castanhos selvagens eram como lama reluzente à luz fraca.

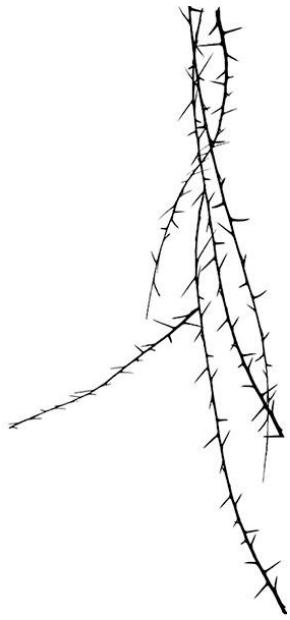
— Me leve até ela — insisti.

Se Amarantha rasgasse minha garganta... pelo menos eu morreria fazendo algo por ele, pelo menos morreria tentando consertar a destruição que não tinha evitado, tentando salvar o povo que eu havia condenado. Pelo menos Tamlin saberia que eu estava fazendo aquilo por ele, e que eu o amava.

Alis me observou por um momento antes de seu olhar se suavizar.

— Como quiser.

Capítulo 33



Talvez eu estivesse a caminho de minha morte, mas não chegaria desarmada.

Apertei a faixa da aljava contra o peito e depois passei os dedos pelas penas das flechas, que despontavam acima de meu ombro. É claro que não havia flechas de freixo. Mas eu me viraria com o que conseguira encontrar espalhado pela mansão. Poderia ter levado mais, porém o peso das armas apenas me deteria, e não sabia usar a maioria mesmo. Então, levei uma aljava cheia, duas adagas na cintura e um arco preso sobre um dos ombros. Aquilo era melhor que nada, mesmo que eu estivesse enfrentando feéricos nascidos já sabendo matar.

Alis me guiou pelos bosques silenciosos e pelas encostas, parando de vez em quando para ouvir, para mudar nosso curso. Eu não queria saber o que ela ouvia ou farejava ali fora, não quando tal quietude tinha encoberto a terra. *Fique com o Grão-Senhor*, dissera o Suriel. Fique com ele, apaixone-se por ele, e tudo seria acertado. Se eu tivesse ficado, se tivesse admitido o que sentia... nada daquilo teria acontecido.

O mundo foi uniformemente preenchido pela noite, e minhas pernas doíam devido às encostas íngremes das colinas, mas Alis continuou; sem sequer olhar para trás para ver se eu a seguia.

Eu estava começando a imaginar se deveria ter levado mais que um dia de provisões quando paramos no vale entre duas colinas. O ar estava frio; muito mais frio que o ar no topo da colina, e estremeci quando meus olhos recaíram sobre a abertura fina de uma caverna. De modo algum aquela era a entrada... não quando aquele mural retratava Sob a Montanha no centro de Prythian. Estava a semanas de viagem ainda.

— Todas as estradas escuras e deprimentes levam até Sob a Montanha — disse Alis, tão baixo que sua voz era como o farfalhar de folhas. Ela apontou para a caverna. — É um antigo atalho, certa vez considerado sagrado, porém não mais.

Aquela era a caverna que Lucien ordenara que o Attor não utilizasse naquele dia. Tentei dominar minha tremedeira. Amava Tamlin e iria ao fim do mundo para consertar as coisas, para salvá-lo, mas, se Amarantha era pior que o Attor... se o Attor não era seu mais desprezível cupincha... se até mesmo Tamlin a temia...

— Imagino que esteja arrependida de sua impulsividade agora.

Endireitei o corpo.

— Eu *vou* libertá-lo.

— Terá sorte se ela oferecer uma morte rápida a você. Terá sorte se sequer for levada até Amarantha. — Eu devia ter ficado pálida, porque Alis contraiu os lábios e me deu um tapinha no ombro. — Vou dizer algumas regras para que se lembre, menina — falou Alis, e nós duas olhamos para a entrada da caverna. A escuridão fedia à entrada, envenenando o ar fresco da noite. — Não beba o vinho, não é como o que tomamos no Solstício, e fará mais mal que bem. Não faça acordos com ninguém, a não ser que sua vida dependa disso, e, mesmo então, considere se vale a pena. E, acima de tudo: não confie em uma alma lá dentro, nem mesmo em seu Tamlin. Seus sentidos são seu maior inimigo; eles estarão esperando para traí-la.

Lutei contra a vontade de tocar uma de minhas adagas, então assenti em agradecimento em vez disso.

— Tem um plano?

— Não — admiti.

— Não espere que esse aço ajude em nada — falou Alis, olhando para minhas armas.

— Não espero. — Eu a encarei, mordendo a parte interior do lábio.

— Havia outra parte da maldição. Uma que não posso contar. Mesmo agora, meus ossos doem só de mencioná-la. Uma parte que você precisará descobrir... sozinha, uma parte que ela... ela... — Alis engoliu em seco ruidosamente. — Que ela ainda não quer que você saiba se eu não consigo contar — arquejou Alis. — Mas mantenha... mantenha os ouvidos atentos, menina. *Preste atenção* ao que ouve.

Toquei o braço de Alis.

— Eu vou. Obrigada por me trazer. — Por desperdiçar horas preciosas quando aquela sacola de mantimentos, para ela, para os meninos, dizia o suficiente sobre aonde iria.

Alis deu sua risada de corvo.

— É um dia raro quando uma pessoa agradece por você guiá-la até a morte. — Se eu pensasse por muito tempo no perigo, poderia perder a coragem, com ou sem Tamlin. Ela não estava ajudando. — Desejo sorte a você, mesmo assim — acrescentou Alis.

— Depois que os buscar, se você e seus sobrinhos precisarem de um lugar para onde fugir — falei —, então atravesse a muralha. Vá até a casa de meu pai. — Eu disse a ela o lugar. — Chame Nestha, minha irmã mais velha. Ela sabe quem você é, sabe de tudo. Vai abrigá-los como puder.

Nestha o faria mesmo, eu sabia, mesmo que Alis e os meninos a apavorassem. Ela os manteria em segurança. Alis deu um tapinha em minha mão.

— Fique viva — disse ela.

Olhei para Alis uma última vez e, depois, para o céu noturno que se estendia sobre nós, e para o verde profundo das colinas. Da cor dos olhos de Tamlin.

Entrei na caverna.

Os únicos ruídos eram minha respiração ofegante e o estalar de minhas botas nas pedras. Tropeçando pelo escuro gelado, prossegui. Eu me mantive próxima à parede, e minha mão logo ficou dormente à medida que a pedra fria e úmida feria minha pele. Dei passos pequenos, com medo de algum poço invisível que pudesse me lançar aos tropeços para a ruína.

Depois do que pareceu uma eternidade, um feixe de luz laranja cortou a escuridão. E então vieram as vozes.

Sibilando e vociferando, eloquentes e guturais; uma cacofonia irrompendo no silêncio, como um fogo de artifício. Pressionei o corpo contra a parede da caverna, mas os sons passaram e diminuíram.

Caminhei de fininho em direção à luz, piscando para afastar minha cegueira quando encontrei a fonte: uma leve fissura na rocha. Ela se abriu para uma passagem subterrânea grosseiramente escavada e iluminada por tochas. Fiquei às sombras, meu coração disparado no peito. A rachadura na caverna era grande o suficiente para que uma pessoa se espremesse a fim de passar; e parecia tão afiada e áspera que obviamente não era muito usada. Um olhar para a terra não revelou nenhuma trilha, nenhum sinal de que qualquer outra pessoa tenha usado aquela entrada. O corredor além dela estava livre, mas se curvava, obscurecendo minha visão.

Agradeci a Tamlin por me dar a visão feérica, que me permitia enxergar através da maioria dos encantamentos, mas lembrei do aviso de Alis e não confiei em meus ouvidos, não quando feéricos podiam ser tão silenciosos quanto gatos. Os corredores estavam mortalmente silenciosos.

Mesmo assim, precisava sair daquela caverna... Tamlin estava ali já havia semanas. Precisava descobrir onde Amarantha o aprisionara. E esperava não esbarrar com ninguém no processo. Matar animais e os naga tinha sido uma coisa, mas matar outros...

Respirei fundo várias vezes, me preparando. Era como caçar. Mas os animais eram feéricos. Feéricos que poderiam me torturar infinitamente... me torturar até que eu implorasse pela morte. Me torturar do modo como atormentaram aquele feérico da Corte Estival cujas asas haviam sido arrancadas.

Não me permiti pensar naqueles cotocos ensanguentados enquanto passava de fininho pela minúscula fenda, encolhendo a barriga para me espremer. Minhas armas rasparam contra a pedra, e encolhi o corpo ao ouvir o chiado de pedrinhas que caíam. *Continue em frente, continue em frente*. Disparando pelo corredor aberto, pressionei o corpo contra uma reentrância na parede oposta. Ela não oferecia muita cobertura.

Arrastei o corpo pela parede, parando à curva do corredor. Aquilo era um erro; apenas um idiota iria até lá. Eu podia estar em qualquer lugar na corte de Amarantha. Alis deveria ter me dado mais informações. Eu deveria ter sido esperta o bastante para perguntar. Ou suficientemente esperta para pensar em outra forma — *qualquer* forma, menos aquela.

Arrisquei um olhar pela curva e quase solucei, frustrada. Havia outro corredor, escavado na pedra pálida da montanha, ladeado por tochas. Não havia nenhum ponto sombreado para eu me esconder, e, do outro lado, minha visão se obscurecia mais uma vez por uma curva acentuada. Eu estava totalmente descoberta. Podia muito bem ser uma corça faminta, arrancando a casca de uma árvore em uma clareira.

Mas os corredores estavam silenciosos; até mesmo as vozes que eu tinha ouvido mais cedo haviam sumido. E, se ouvisse alguém, poderia correr de volta para a abertura daquela caverna. Poderia parar e fazer o reconhecimento do território durante um tempo, reunir informações, descobrir onde estava Tamlin...

Não. Uma segunda oportunidade talvez não chegasse tão cedo. Eu precisava agir *agora*. Se parasse por muito tempo, jamais reuniria coragem de novo. Fiz menção de virar a curva.

Dedos longos e ossudos envolveram meu braço, e fiquei rígida.

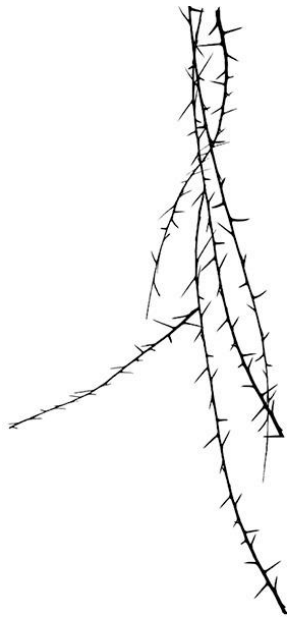
Um rosto encouraçado, pontudo e cinza apareceu em meu campo visual, e as presas prateadas reluziram quando ele sorriu para mim.

— Oi — sibilou a coisa. — O que algo como você está fazendo aqui?

Eu conhecia aquela voz. Ela ainda assombrava meus pesadelos.

Então, fiz de tudo para evitar gritar quando suas orelhas de morcego se esticaram, e percebi que estava diante do Attor.

Capítulo 34



O Attor manteve a mão gelada em meu braço conforme me arrastava até a sala do trono. Ele não se incomodou em retirar minhas armas. Ambos sabíamos que eram pouco úteis.

Tamlin. Alis e os meninos. Minhas irmãs. Lucien. Cantarolei silenciosamente seus nomes, diversas vezes, à proporção que o Attor se erguia acima de mim, um demônio de malícia. As asas encouraçadas farfalhavam de vez em quando — e, se eu conseguisse falar sem gritar, poderia ter perguntando por que não me matara imediatamente. O Attor apenas me puxou adiante, com aquele andar serpenteante, as garras dos pés arranhando prazerosamente o chão da caverna. Era perturbadoramente parecido com o modo como eu o havia pintado.

Rostos maliciosos — cruéis e ríspidos — me observavam passar, nenhum deles parecendo remotamente preocupado ou incomodado por eu estar nas garras do Attor. Feéricos — muitos deles —, mas poucos Grão-Feéricos à vista.

Passamos por duas enormes e antigas portas de pedra — mais altas que a mansão de Tamlin — e entramos em uma ampla câmara, entalhada em pedra pálida, escorada por inúmeras pilastras entalhadas. Aquela pequena parte de mim que mais uma vez se tornara trivial e inútil reparou que os entalhes não eram

apenas desenhos decorativos, mas, na verdade, exibiam feéricos e Grão-Feéricos e animais em diferentes cenários e em várias posições. Inúmeras histórias de Prythian estavam gravadas nelas. Candelabros de joias pendiam entre as pilastras, manchando de cor o piso de mármore vermelho. Ali... ali estavam os Grão-Feéricos.

Uma multidão reunida ocupava a maior parte do espaço, alguns deles dançavam ao som de uma música estranha, desafinada, e alguns se ocupavam conversando — era um tipo de festa. Achei ter visto máscaras reluzentes entre os presentes, mas tudo era um borrão de dentes afiados e roupas finas. O Attor me empurrou para a frente, e o mundo girou.

O frio piso de mármore pareceu implacável quando me choquei contra ele, e meus ossos gemeram e gritaram. Dei um impulso para me levantar; faíscas dançavam em minha visão quando ergui a cabeça. Mas fiquei no chão, me mantive abaixada quando olhei para a plataforma diante de mim. Alguns passos levavam até ela. Ergui mais a cabeça.

Ali, aconchegada em um trono preto, estava Amarantha.

Embora bonita, não era tão avassaladoramente linda como eu a havia imaginado; não era uma deusa de escuridão e rancor, o que a deixava ainda mais aterrorizante. Os cabelos ruivo-dourados entrelaçavam-se, perfeitamente trançados, na coroa dourada, a cor intensa destacava a pele branca como neve de Amarantha, a qual, por sua vez, destacava os lábios de rubi. Mas, embora os olhos de ébano brilhassem, havia... *algo* que consumia sua beleza, algum tipo de desprezo constante nas feições que fazia com que os atrativos de Amarantha parecessem contidos e frios. Pintá-la teria me levado à loucura.

A mais alta comandante do rei de Hybern. Amarantha massacrara exércitos humanos séculos antes, assassinara os próprios escravos em vez de libertá-los. E capturara Prythian inteira em questão de dias.

Então, olhei para o trono de pedra negra ao lado dela, e meus braços falharam sob o corpo.

Ele ainda usava a máscara dourada, vestia as roupas de guerreiro, aquele boldrié; embora ali não houvesse facas embainhadas... sequer uma arma, em qualquer parte dele. Os olhos não se arregalaram; a boca não se contraiu. Nenhuma garra, nenhuma presa. Ele apenas me encarou, inexpressivo — insensível. Imperturbado.

— O que é isto? — perguntou Amarantha, o tom de voz aumentando, apesar do sorriso de víbora que me lançou. Do pescoço esbelto e creme de Amarantha pendia uma longa corrente fina, e da corrente oscilava um único osso envelhecido, do tamanho de um dedo. Não queria pensar a quem pertenceria enquanto permaneci no chão. Se mexesse o braço, poderia sacar a adaga...

— Apenas uma coisa humana que encontrei lá embaixo — sibilou o Attor, e uma língua bifurcada disparou entre os dentes afiados como lâminas. O Attor bateu as asas uma vez, disparando ar fétido contra mim, e então, comportadamente, fechou as asas atrás do corpo esquelético.

— Obviamente — ronronou Amarantha. Evitei encará-la, e me concentrei nas botas marrons de Tamlin. Ele estava a 3 metros de mim, 3 metros, e não dizia uma palavra, nem mesmo parecia horrorizado ou com raiva. — Mas por que eu deveria me incomodar com ela?

O Attor deu uma risadinha, o som era como água chiando em uma grelha, e um pé cheio de garras me golpeou a lateral do corpo, rasgando minha túnica.

— Diga a Sua Majestade por que estava espreitando pelas catacumbas, por que saiu da velha caverna que leva até a Corte Primaveril.

Seria melhor matar o Attor ou tentar chegar a Amarantha? O Attor me chutou de novo e encolhi o corpo quando suas garras arranharam minhas costelas.

— Diga a Sua Majestade, lixo humano.

Eu precisava de tempo; precisava entender meus arredores. Se Tamlin estava sob algum tipo de feitiço, então precisaria me preocupar em pegá-lo. Fiquei de pé com cuidado, mantendo as mãos ao alcance casual das adagas. Encarei o vestido dourado reluzente de Amarantha em vez dos olhos.

— Vim reivindicar aquele que amo — falei baixinho. Talvez a maldição ainda pudesse ser quebrada. De novo, olhei para ele, e ver aqueles olhos de esmeralda foi como um consolo.

— Ah? — disse Amarantha, inclinando o corpo para a frente.

— Vim reivindicar Tamlin, Grão-Senhor da Corte Primaveril.

Um arquejo ecoou pela corte reunida. Mas Amarantha virou a cabeça para trás e gargalhou... com o riso de um corvo.

A Grã-Rainha se virou para Tamlin, os lábios retraídos em um sorriso malicioso.

— Você certamente se manteve ocupado durante todos aqueles anos. Desenvolveu um paladar por bestas humanas, foi?

Ele não respondeu, o rosto impassível. O que Amarantha tinha feito? Tamlin não se moveu, a maldição tinha funcionado, então. Eu chegara tarde demais. Tinha falhado com Tamlin, condenara-o.

— Mas — continuou Amarantha, devagar. Eu conseguia sentir o Attor e a corte inteira pairando atrás de mim. — Isso me faz pensar, se apenas *uma* garota humana podia ser levada depois que ela matasse sua sentinela... — Os olhos de Amarantha se iluminaram. — Ah, você é *delicioso*. Deixou que eu torturasse aquela garota inocente para manter esta *aqui* em segurança? Sua coisa adorável. Conseguiu mesmo que um verme humano o amasse. Maravilhoso. — Ela bateu palmas, e Tamlin simplesmente virou o rosto para longe dela, a única reação que vi nele.

Torturado. Ela havia torturado...

— Solte-o — falei, tentando manter a voz equilibrada.

Amarantha gargalhou de novo.

— Me dê um motivo para não destruir você agora, humana. — Os dentes de Amarantha eram tão retos e brancos, quase brilhavam.

Meu sangue latejou nas veias, mas mantive o queixo erguido quando falei:

— Você o enganou, ele foi injustamente aprisionado. — Tamlin ficara muito, muito imóvel.

Amarantha emitiu um estalo com a língua e olhou para uma das mãos esguias... para o anel no dedo indicador. Um anel, reparei, quando ela abaixou a mão de novo, decorado pelo que parecia... parecia um olho humano encapsulado em cristal. Eu podia jurar que o olho virou dentro da cápsula.

— Vocês bestas humanas são tão pouco criativas. Passamos anos ensinando poesia e discurso refinado a vocês, e *isso* é tudo em que consegue pensar? Eu deveria arrancar sua língua por desperdiçar tudo.

Trinquei os dentes.

— Mas estou curiosa. Que eloquência será vertida de sua boca quando contemplar o que deveria ter acontecido a você? — Minhas sobrancelhas se franziram quando Amarantha apontou para trás de mim, aquele olho horrível realmente olhava com ela, e me virei.

Ali, pregado à parede da enorme caverna, estava o cadáver devastado de uma jovem. A pele estava queimada em alguns lugares, os dedos, dobrados em ângulos estranhos, e linhas vermelhas vívidas entrecruzavam o corpo nu da jovem. Eu mal conseguia ouvir Amarantha por cima do rugido nos ouvidos.

— Talvez eu devesse ter ouvido quando ela disse que jamais tinha visto Tamlin — ponderou Amarantha. — Ou quando insistiu que jamais gostara de um feérico, jamais caçara um único dia na vida. Mas os gritos foram deliciosos. Não ouvia música tão boa fazia séculos. — As palavras seguintes de Amarantha foram direcionadas a mim. — Eu deveria agradecer a você por dar a Rhysand o nome dela em vez do seu.

Clare Beddor.

Fora até ali que a levaram, aquilo era o que haviam feito com ela depois de queimarem viva a família de Clare, dentro de casa. Aquilo era o que *eu* havia feito com ela, ao dar a Rhysand o nome de Clare para proteger minha família.

Meu estômago se revirou; me concentrei para não vomitar nas pedras.

As garras do Attor se enterraram em meus ombros quando a criatura me virou para encarar Amarantha, que ainda me dava aquele sorriso de cobra. Eu praticamente matara Clare. Tinha salvado minha vida e condenado a dela. Aquele corpo apodrecendo na parede deveria ser o meu. Meu.

Meu.

— Vamos lá, preciosa — falou Amarantha. — O que tem a dizer sobre isso?

Eu queria disparar que ela merecia queimar no inferno pela eternidade, mas só conseguia ver o corpo de Clare pregado ali, mesmo enquanto encarava Tamlin inexpressivamente. Ele *deixara* que matassem Clare daquela forma, para evitar que soubessem que eu estava viva. Meus olhos arderam quando bile subiu até minha garganta.

— Ainda deseja reivindicar alguém que faria isso com uma inocente? — indagou Amarantha baixinho, de modo consolador.

Virei o olhar para ela. Não deixaria que a morte de Clare fosse em vão. Não cairia sem lutar.

— Sim — respondi. — Sim, desejo.

O lábio de Amarantha se retraiu, revelando caninos afiados demais. E, quando encarei seus olhos negros, percebi que morreria.

Mas Amarantha se recostou no trono e cruzou as pernas.

— Bem, Tamlin — disse ela, apoiando a mão no braço dele como se o possuísse. — Não imagino que esperasse que *isto* acontecesse. — Amarantha gesticulou em minha direção. Um murmúrio de gargalhadas daqueles reunidos ao

meu redor ecoou, me golpeando como pedras. — O que *você* tem a dizer, Grão-Senhor?

Olhei para o rosto que eu amava tão intensamente, e as palavras seguintes de Tamlin quase me deixaram de joelhos.

— Nunca a vi. Alguém deve tê-la enfeitiçado como uma piada. Provavelmente Rhysand. — Ele ainda tentava me proteger, mesmo agora, mesmo ali.

— Ah, essa não é nem uma mentira parcialmente crível. — Amarantha inclinou a cabeça. — Será que... será que *você*, apesar de suas palavras tantos anos antes, corresponde os sentimentos da humana? Uma garota com ódio no coração por nosso povo conseguiu se apaixonar por um feérico. E um feérico cujo pai certa vez massacrou massas humanas ao meu lado de fato se apaixonou por ela também? — Amarantha soltou aquela risada de corvo outra vez. — Ah, isso é bom demais... é divertido demais. — Ela tocou o osso que pendia da corrente e olhou para o olho encapsulado na mão. — Imagino que, se alguém aprecia este momento — disse ela ao anel —, é você, Jurian. — Amarantha deu um sorriso agradável. — É uma pena que a prostituta humana que você escondia jamais se incomodou em salvá-lo, no entanto.

Jurian... aquele era o olho *dele*, o osso de seu dedo. Horror se revirou em meu estômago. Por meio de qualquer que fosse o mal, qualquer que fosse o poder, Amarantha ainda lhe guardava a alma, a consciência de Jurian, no anel, no osso.

Tamlin ainda olhava para mim sem me reconhecer, sem um lampejo de sentimento. Talvez Amarantha tivesse usado o mesmo poder para enfeitiçar Tamlin; talvez tivesse levado todas as suas memórias.

A rainha limpou as unhas.

— As coisas andam terrivelmente entediantes desde que Clare decidiu morrer. Matar você imediatamente, humana, seria chato. — Amarantha voltou o olhar para mim e, depois, para as unhas, para o anel no dedo. — Mas o Destino mexe o

Caldeirão de formas estranhas. Talvez minha querida Clare precisasse morrer para que eu me divertisse de verdade com você.

Estremeci quando minhas entranhas pareceram se liquefazer; não consegui evitar.

— Veio reivindicar Tamlin? — indagou Amarantha, e aquilo não era uma pergunta, mas um desafio. — Bem, na verdade, estou chorando de tédio com o silêncio deprimido dele. Fiquei preocupada quando ele não reagiu enquanto eu brincava com a querida Clare, quando sequer mostrou aquelas lindas garras...

"Mas vou fazer um negócio com você, humana — propôs Amarantha, e sinos de alerta ressoaram em minha mente. *A não ser que sua vida dependa disso*, dissera Alis. — Complete três tarefas escolhidas por mim, três tarefas para provar o quão profundo são o senso de lealdade e o amor dos humanos, e Tamlin é seu. Apenas três pequenos desafios para provar sua dedicação, para provar a mim, ao querido Jurian, que seu tipo pode mesmo amar, e poderá ter seu Grão-Senhor. — Amarantha se virou para Tamlin. — Considere isso um favor, Grão-Senhor, esses cães humanos podem deixar nosso povo tão cego de desejo que perdemos todo o bom senso. É melhor que veja a verdadeira natureza dela agora."

— Também quero a maldição quebrada — disparei. Amarantha ergueu a sobrancelha, o sorriso aumentando, revelando muitos daqueles dentes brancos. — Completo todas as três tarefas, e a maldição é quebrada, e nós, e toda a corte de Tamlin, podemos sair daqui. E ser livres para sempre — acrescentei. A magia era específica, dissera Alis, fora assim que Amarantha os enganara. Não deixaria que brechas se tornassem minha ruína.

— É claro — ronronou Amarantha. — Incluirei outro elemento se você não se importar, apenas para ver se é digna de nosso povo, se é inteligente a ponto de merecê-lo. — O olho de Jurian se mexeu desesperadamente, e Amarantha estalou a língua. O olho parou de se mover. — Darei uma saída a você, menina — continuou Amarantha. — Complete as três tarefas, *ou*, quando não aguentar mais,

só precisa responder uma pergunta. — Mal consegui ouvir acima da pulsação que latejava em meus ouvidos. — Um enigma. Resolva o enigma, e a maldição será quebrada. *Instantaneamente*. Nem mesmo precisarei erguer o dedo, e ele estará livre. Dê a resposta certa, e ele é seu. Pode responder a qualquer momento, mas, se responder incorretamente... — Amarantha apontou, e não precisei me virar para saber que ela indicava Clare.

— E se eu fracassar em suas tarefas? — argumentei, com mais coragem do que sentia. Eu repassava as palavras de Amarantha, procurando armadilhas e brechas no modo como ela as havia formulado. Mas tudo parecia certo.

Seu sorriso ficou quase grotesco, e Amarantha esfregou o polegar na cápsula daquele anel.

— Se você fracassar em uma tarefa, não restará nada para eu brincar.

Um calafrio rastejou por minha espinha. Alis tinha me alertado... alertado contra acordos. Mas Amarantha me mataria imediatamente se eu dissesse não.

— Qual a natureza de minhas tarefas?

— Ah, revelar isso tiraria toda a diversão. Mas direi que você terá uma tarefa todo mês, na lua cheia.

— E enquanto isso? — Ousei olhar para Tamlin. O dourado em seus olhos estava mais brilhante do que eu me lembrava.

— Enquanto isso — disse Amarantha, em tom afiado —, deverá permanecer em sua cela, ou fazer qualquer trabalho adicional que eu solicitar.

— Se você me esgotar, isso não vai me deixar em desvantagem? — Eu sabia que ela estava perdendo o interesse, que não esperava que eu questionasse tanto. Mas precisava tentar conseguir algum tipo de vantagem.

— Nada além de afazeres domésticos básicos. É justo que trabalhe para se sustentar. — Eu poderia ter estrangulado Amarantha por aquilo, mas assenti. Imaginei se tinha feito algo tolo quando ela falou: — Então, estamos de acordo.

Eu sabia que ela esperava que eu repetisse a resposta, mas precisava me certificar.

— Se eu completar suas três tarefas, ou resolver seu enigma, fará o que peço?

— É claro — disse Amarantha. — Estamos de acordo?

Com o rosto de um tom de branco terrível, Tamlin me encarou, os olhos quase imperceptivelmente se arregalando. *Não.*

Mas era aquilo ou a morte; morte como a de Clare, lenta e cruel. O Attor sibilou atrás de mim, num aviso para que eu respondesse. Não acreditava em Destino ou em Caldeirão... e não tinha outra escolha.

Porque quando olhei para os olhos de Tamlin, mesmo naquele momento, sentado ao lado de Amarantha como seu escravo ou pior, eu o amei com uma voracidade que tomou meu coração inteiro. Porque quando ele arregalou os olhos, soube que Tamlin ainda me amava.

Não me restava nada além daquilo, do fiapo tolo de esperança de que pudesse vencer, de que eu pudesse ser mais esperta e derrotar uma rainha feérica tão antiga quanto a pedra sob mim.

— Então? — indagou Amarantha. Atrás de mim, senti o Attor se preparando para golpear, para me espancar até obter uma resposta se fosse preciso. Ela havia enganado todos, mas eu não tinha sobrevivido à pobreza e aos anos no bosque por nada. Minha melhor chance seria não revelar nada a meu respeito, ou a respeito do que sabia. O que era aquela corte, senão outra floresta, outro terreno de caça?

Olhei para Tamlin uma última vez antes de dizer:

— Concordo.

Amarantha me deu um sorriso breve e horrível, e magia fervilhou no ar entre nós quando ela estalou os dedos. Amarantha se aconchegou de volta no trono.

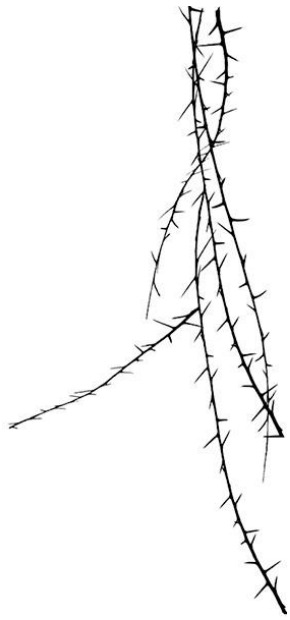
— Deem a ela uma saudação digna de meu salão — ordenou ela para alguém atrás de mim.

O chiado do Attor foi meu único aviso quando algo duro como pedra colidiu contra meu maxilar.

Fui atirada de lado, chocada com a dor, mas outro golpe brutal contra meu rosto aguardava. Ossos se quebraram... *meus* ossos. Minhas pernas giraram sob o corpo, e a pele encouraçada do Attor roçou contra minha bochecha quando ele me socou de novo. Fui jogada longe, mas encontrei o punho de outro... um perturbado feérico inferior, cujo rosto não consegui ver. Era como ser espancada com um tijolo. *Crunch, craque*. Acho que havia três deles, e me tornei o saco de pancadas; passei de golpe em golpe, meus ossos gritando de agonia. Talvez eu também estivesse gritando de agonia.

Sangue jorrou de minha boca, e o odor pungente e metálico a preencheu antes que eu apagasse.

Capítulo 35



Meus sentidos retornaram devagar, cada um mais doloroso que o outro. O som de água pingando a princípio; depois, o eco distante de passadas pesadas. Um gosto permanente de cobre envolvia minha boca: sangue. Acima do chiado do que julguei serem minhas narinas entupidas, o cheiro pungente de bolor e o fedor de mofo tornavam o ar úmido e frio. Palhas afiadas de feno espetavam minha bochecha. Minha língua tocou meu lábio cortado, e o movimento fez meu rosto arder. Encolhendo o corpo, abri os olhos, mas só consegui abrir um pouco — inchaço. O que vi pelos olhos, sem dúvida roxos, não ajudou muito meu humor.

Estava em uma cela de prisão. Minhas armas haviam sumido, e minha única fonte de luz vinha das tochas além da porta. Amarantha dissera que uma cela seria onde eu passaria meu tempo, mas mesmo enquanto me sentava — com a cabeça tão zonza que quase apaguei de novo —, meu coração acelerou. Estava em uma masmorra. Examinei os feixes de luz que entravam pelas fendas entre a porta e a parede, e, depois, toquei o rosto com cuidado.

Ele doía; doía mais que qualquer coisa que jamais tinha suportado. Contive um grito quando meus dedos roçaram o nariz e cascas de sangue caíram das narinas.

Estava quebrado. Quebrado. Eu teria trincado os dentes caso meu maxilar não fosse uma confusão latejante de dor também.

Não podia entrar em pânico. Não, precisava segurar as lágrimas, precisava manter a concentração. Precisava avaliar os danos o melhor possível, e, então, descobrir o que fazer. Talvez pudesse usar minha camisa como atadura — talvez me dessem água em algum momento, para lavar os ferimentos. Tomando um fôlego curto demais, explorei o restante do rosto. Meu maxilar não estava quebrado e, embora meus olhos estivessem inchados e o lábio estivesse cortado, o pior dano ainda estava no nariz.

Dobrei os joelhos até a altura do peito, segurando-os com força enquanto controlava a respiração. Tinha violado uma das regras de Alis. Não tive escolha, no entanto. Ao ver Tamlin sentado ao lado de Amarantha...

Meu maxilar protestou, mas trinquei os dentes mesmo assim. A lua cheia... Era meia-lua quando saí da casa de meu pai. Por quanto tempo tinha ficado inconsciente lá embaixo? Eu não era tola para acreditar que qualquer intervalo de tempo me prepararia para a primeira tarefa de Amarantha.

Não me permiti imaginar o que ela havia planejado para mim. Me bastava saber que Amarantha esperava que eu morresse — que não *restaria* o suficiente de mim para que ela torturasse.

Segurei as pernas com mais força para evitar que as mãos tremessem. Em algum lugar — não muito longe —, gritos começaram. Um berro agudo, suplicante, intensificado com tons crescentes de gritos esganiçados que fizeram com que bile subisse ardendo até minha garganta. Talvez eu soasse da mesma forma quando enfrentasse a primeira tarefa de Amarantha.

Um chicote estalou, e os gritos aumentaram, sem parar a fim de tomar fôlego. Clare provavelmente gritara da mesma forma. Era como se eu mesma a tivesse torturado. O que pensara daquilo tudo, de todos aqueles feéricos desejando seu sangue e desgraça? Eu merecia aquilo — merecia qualquer que fosse a dor e o

sofrimento —, ao menos pelo que ela havia suportado. Mas... mas eu consertaria as coisas. De alguma forma.

Devia ter cochilado em algum momento, porque acordei ao ouvir o ranger da porta da cela contra pedra. Esquecendo-me da dor insuportável no rosto, recuei para me abaixar nas sombras do canto mais próximo. Alguém entrou em minha cela e fechou a porta agilmente, deixando-a entreaberta.

— Feyre?

Tentei ficar de pé, mas minhas pernas tremeram tanto que eu não conseguia me mover.

— Lucien? — sussurrei, e o feno estalou quando ele se abaixou no chão diante de mim.

— Pelo Caldeirão, você está bem?

— Meu rosto...

Uma luz fraca acendeu ao lado de sua cabeça, e os olhos de Lucien ficaram visíveis, o de metal se semicerrou.

Lucien chiou.

— Perdeu a cabeça? O que está fazendo aqui?

Lutei contra as lágrimas; eram inúteis mesmo.

— Voltei para a mansão... Alis me contou... me contou sobre a maldição, e não podia deixar que Amarantha...

— Você não deveria ter vindo, Feyre — interrompeu ele, em tom afiado. — Não era para você estar aqui. Não entende o que ele sacrificou para libertá-la? Como pôde ser tão tola?

— Bem, estou aqui agora! — falei, mais alto do que deveria. — Estou aqui, e não há nada que possa ser feito a respeito disso; então, não se dê o trabalho de falar sobre minha pele humana fraca e minha estupidez! Sei de tudo isso, e eu... — Queria cobrir o rosto com as mãos, mas doía demais. — Eu só... eu precisava dizer a ele que o amava. Para ver se não era tarde demais.

Lucien se sentou sobre os tornozelos.

— Então, sabe de tudo. — Consegui assentir sem apagar com a dor. Meu sofrimento devia ter transparecido, porque ele encolheu o corpo. — Bem, pelo menos não precisamos mais mentir para você. Vamos limpá-la um pouco.

— Acho que meu nariz está quebrado. Mas nada mais. — Enquanto falava, olhei ao redor de Lucien em busca de sinais de água ou de ataduras, e não encontrei nenhum. Devia ser magia então.

Lucien olhou por cima do ombro, verificando a porta.

— Os guardas estavam bêbados, mas seus substitutos vão chegar em breve — disse ele, e, depois, avaliou meu nariz. Eu me preparei quando permiti que Lucien tocasse com cuidado. Mesmo o roçar das pontas de seus dedos disparou lampejos de dor incandescente em mim. — Vou precisar colocar no lugar antes de poder curá-lo.

Contive o pânico ofuscante.

— Faça-o. Agora mesmo. — Antes que eu conseguisse mergulhar na covardia e dizer a Lucien que deixasse para lá. Ele hesitou. — *Agora* — ordenei, ofegante.

Rápido demais para que eu acompanhasse, os dedos de Lucien puxaram meu nariz. Dor percorreu meu corpo, e um estalo soou em meus ouvidos, em minha cabeça, antes que eu desmaiasse.

Quando recobrei os sentidos, consegui abrir os olhos completamente, e meu nariz — meu nariz estava desobstruído, e não latejava ou lançava dor agonizante por meu rosto. Lucien estava agachado sobre mim, franzindo a testa.

— Não pude curar por completo, ou saberiam que alguém a havia ajudado. Os hematomas estão aí, assim como um olho roxo horrível, mas... todo o inchaço sumiu.

— E meu nariz? — falei, sentindo-o antes que Lucien respondesse.

— Consertado, empinado e bonitinho como antes. — Lucien deu um risinho para mim. O gesto familiar me causou um aperto e uma dor no peito.

— Achei que ela tivesse levado a maior parte de seu poder — consegui dizer. Mal vira Lucien usar magia na mansão.

Ele assentiu para a luz que tremeluzia acima do ombro.

— Ela me devolveu uma fração, para instigar Tamlin a aceitar a oferta dela. Mas ele ainda a recusa. — Lucien indicou meu rosto curado com o queixo. — Eu sabia que algum bem viria do fato de eu estar aqui embaixo.

— Então você também está preso Sob a Montanha?

Um aceno sombrio de cabeça.

— Agora, Amarantha convocou todos os Grão-Senhores, e mesmo aqueles que juraram obediência estão proibidos de sair até... até que você termine suas tarefas.

Até eu estar morta era provavelmente o que Lucien queria dizer de verdade.

— Aquele anel — falei. — Ele é... é mesmo o olho de Jurian?

Lucien se encolheu.

— Sim. Então, você sabe de tudo mesmo?

— Alis não disse o que aconteceu depois que Jurian e Amarantha se enfrentaram.

— Eles destruíram um campo de batalha inteiro, usando os soldados como escudos, até que os exércitos estivessem quase todos mortos. Jurian recebera alguma proteção contra Amarantha, mas, depois que eles se enfrentaram mano a mano... Amarantha levou apenas minutos para derrubar Jurian. Então, ela o arrastou de volta para o acampamento e levou semanas, *semanas*, torturando e matando Jurian. Ela rejeitou ordens de marchar para ajudar o rei de Hybern, e custou a ele os exércitos e a Guerra; Amarantha se recusou a fazer qualquer coisa até terminar a tortura de Jurian. Tudo o que guardou dele foram o osso do dedo e o olho. Clythia prometera a Jurian que ele jamais morreria, então, contanto que Amarantha mantenha aquele olho preservado pela magia, preserve a alma e a consciência dele presas ali, Jurian permanecerá preso, observando. Uma punição adequada pelo que fez, mas — Lucien bateu no próprio olho arrancado — fico feliz

por ela não ter feito o mesmo comigo. Parece ter uma obsessão com esse tipo de coisa.

Estremeci. Uma caçadora; ela era pouco mais que uma imortal e cruel caçadora, colecionando troféus das vítimas e conquistas para se gabar ao longo das eras. O ódio, o desespero e o horror que Jurian devia sofrer todos os dias, durante a eternidade... Podia até ser merecido, mas era pior que qualquer coisa que eu pudesse imaginar. Afastei o pensamento de mim.

— Tamlin...

— Ele... — Mas Lucien ficou de pé diante de um som que meus ouvidos humanos não conseguiam ouvir. — Os guardas estão prestes a mudar de turno, e estão se dirigindo para cá. Tente não morrer, está bem? Já tenho uma longa lista de feéricos para matar, não preciso acrescentar mais a ela, mesmo que em nome de Tamlin.

E sem dúvida fora por isso que Lucien se dera o trabalho de descer. Lucien sumiu — simplesmente *sumiu* à luz fraca. Um momento depois, um olho amarelado, manchado de vermelho, surgiu no buraco da fechadura, à porta, e me olhou com raiva e seguiu em frente.

Caí no sono pelo que poderiam ter sido horas ou dias. Eles me deram três refeições horríveis de pão passado e água, em intervalos irregulares que eu não conseguia identificar. Tudo o que soube quando a porta da cela se abriu era que minha fome implacável já não importava mais, e que seria inteligente não lutar conforme os dois feéricos atarracados, de pele vermelha, me arrastaram até o salão do trono. Identifiquei o caminho, observando detalhes no corredor — rachaduras interessantes nas paredes, decorações nas tapeçarias, uma curva estranha — qualquer coisa para me lembrar da rota para fora da masmorra.

Observei melhor o salão do trono de Amarantha dessa vez, reparando nas saídas. Nele, não havia nenhuma janela, pois estávamos no subterrâneo. E a

montanha que eu vira retratada naquele mapa na mansão ficava no coração da terra — longe da Corte Primaveril, e mais longe ainda da muralha. Se eu fosse escapar com Tamlin, minha melhor chance seria correr para aquela caverna no coração da montanha.

Uma multidão de feéricos estava parada ao longo de uma parede afastada. Sobre eles, eu conseguia distinguir o arco de um portal. Tentei não erguer o olhar para o corpo em decomposição de Clare quando passamos, e, em vez disso, me concentrei na corte reunida. Todos estavam vestindo roupas coloridas e requintadas; todos pareciam limpos e alimentados. Dispersados entre eles estavam feéricos com máscaras. A Corte Primaveril. Se eu teria alguma chance de encontrar aliados, seria entre eles.

Avaliei a multidão em busca de Lucien, mas não o encontrei antes de ser atirada ao pé da plataforma. Amarantha usava um vestido de rubis, chamando atenção para seus cabelos ruivo-dourados, para os lábios, os quais se abriram em um sorriso viperino quando a olhei.

A rainha feérica emitiu um estalo com a língua.

— Você parece completamente destruída — comentou Amarantha, e se virou para Tamlin, ao lado. A expressão dele permanecia distante. — Não diria que ela parece abatida?

Tamlin não respondeu; sequer me encarou.

— Sabe — ponderou Amarantha, recostando-se ao braço do trono —, não consegui dormir ontem à noite, e percebi por que esta manhã. — Amarantha me observou. — Não sei seu nome. Se nós duas seremos amigas durante os próximos três meses, eu deveria saber seu nome... não deveria?

Eu me segurei para não assentir. Havia algo de encantador e convidativo a respeito de Amarantha; parte de mim começou a entender por que os Grão-Senhores tinham caído em seus feitiços, tinham acreditado nas mentiras de Amarantha. Eu a odiava por aquilo.

Quando não respondi, Amarantha franziu a testa.

— Vamos lá, queridinha. Sabe meu nome, não é justo que eu saiba o seu? — Houve um movimento à direita, e fiquei tensa quando o Attor surgiu em meio à multidão, sorrindo para mim com fileira após fileira daqueles dentes. — Afinal de contas — Amarantha gesticulou com a mão elegante para o espaço atrás de mim, e o cristal que encapsulava o olho de Jurian refletiu a luz —, você já descobriu as consequências de dar nomes falsos. — Uma nuvem negra me envolveu quando senti a forma de Clare pregada à parede atrás de mim. Mesmo assim, fiquei de boca fechada.

— Rhysand — continuou Amarantha, sem precisar erguer a voz para convocá-lo. Meu coração se tornou chumbo quando aqueles passos casuais, vagueando, ecoaram atrás. Eles pararam ao meu lado, perto demais para meu gosto.

Pelo canto do olho, avaliei o Grão-Senhor da Corte Noturna quando se curvou em uma profunda mesura. A noite ainda parecia irradiar dele, como uma capa quase invisível.

Amarantha ergueu as sobrancelhas:

— É esta a garota que viu na propriedade de Tamlin?

Rhysand afastou um grão invisível de poeira da túnica preta antes de me avaliar. Os olhos violeta exibiam tédio e desdém.

— Suponho que sim.

— Mas você me disse ou *não* que *aquela garota* — falou Amarantha, o tom de voz ficando afiado conforme ela apontava para Clare — foi a que você viu?

Rhysand enfiou as mãos nos bolsos.

— Todos os humanos se parecem para mim.

Amarantha lançou um sorriso adocicado para Rhysand.

— E quanto a feéricos?

Rhysand fez mais uma reverência, tão suave que pareceu uma dança.

— Entre um mar de rostos mundanos, o seu é uma obra de arte.

Se eu não estivesse me equilibrando na corda entre a vida e a morte, teria dado um riso de deboche.

Todos os humanos se parecem... Não acreditei nele por um segundo. Rhysand sabia exatamente como eu era; ele me reconhecera naquele dia na mansão. Obriguei meu rosto a exibir neutralidade quando a atenção de Amarantha voltou-se para mim de novo.

— Qual é o nome dela? — indagou Amarantha a Rhysand.

— Como eu vou saber? Ela mentiu para mim. — Ou brincar com Amarantha era uma piada para Rhysand, tanto quanto empalar uma cabeça no jardim de Tamlin, ou... era mais uma intriga de corte.

Eu me preparei para o arranhar daquelas garras contra minha mente, me preparei para a ordem que tinha certeza de que viria a seguir.

Mesmo assim, mantive os lábios fechados. Rezei para que Nestha tivesse contratado aqueles batedores e vigias; rezei para que ela tivesse persuadido meu pai a tomar precauções.

— Se está disposta a jogar, menina, então imagino que possamos fazer isso do modo mais divertido — disse Amarantha. Ela estalou os dedos para o Attor, que levou a mão à multidão e pegou alguém. Cabelos ruivos reluziram, e dei um salto quando o Attor puxou Lucien para a frente pelo colarinho da túnica verde. Não. *Não.*

Lucien se debateu contra o Attor, mas não podia fazer nada contra aquelas unhas afiadas como agulhas quando a criatura o obrigou a ficar de joelhos. O Attor sorriu, soltando a túnica de Lucien, mas se manteve próximo.

Mas Amarantha gesticulou com o dedo na direção de Rhysand. O Grão-Senhor da Corte Noturna ergueu a sobrancelha feita.

— Segure a mente dele — ordenou Amarantha.

Meu coração afundou até o chão. Lucien ficou completamente imóvel, suor brilhava em seu pescoço quando Rhysand fez uma reverência com a cabeça para a

rainha e o encarou.

Atrás deles, empurrando até chegarem à frente da multidão, vieram quatro Grão-Feéricos altos e de cabelos ruivos. De corpo tonificado e musculoso, alguns deles parecendo guerreiros prestes a colocar os pés em um campo de batalha, alguns como lindos cortesãos, todos encararam Lucien... e sorriram. Os quatro filhos restantes do Grão-Senhor da Corte Outonal.

— O nome dela, emissário? — perguntou Amarantha a Lucien. Mas Lucien apenas olhou para Tamlin antes de fechar os olhos e esticar os ombros. Rhysand começou a sorrir de leve, e estremeci ao me lembrar da sensação daquelas garras invisíveis enquanto seguravam minha mente. Como teria sido fácil para ele esmagá-la.

Os irmãos de Lucien espreitavam no limite da multidão, cruéis e sedentos por sangue; sem remorso, sem medo nos belos rostos.

Amarantha suspirou.

— Achei que teria aprendido a lição, Lucien. Só que dessa vez o silêncio o condenará tanto quanto sua língua. — Lucien ficou de olhos fechados. Pronto, ele estava pronto para que Rhysand destruísse tudo o que era, para que transformasse sua mente, sua alma, em poeira.

— O nome dela? — perguntou Amarantha a Tamlin, que não respondeu. Os olhos dele permaneceram fixos nos irmãos de Lucien, como se anotando quem dava o sorriso mais largo.

Amarantha passou a mão pelo braço do trono.

— Imagino que seus belos irmãos não saibam, Lucien — ronronou a rainha.

— Se soubéssemos, senhora, seríamos os primeiros a contar — falou o mais alto. Ele era magro e bem-vestido, um desgraçado completo, treinado para a corte. Provavelmente era o mais velho, considerando a forma como até aqueles que pareciam guerreiros natos o encaravam com deferência e frieza... e medo.

Amarantha deu um sorriso de consideração ao feérico e ergueu a mão. Rhysand inclinou a cabeça, os olhos se semicerrando levemente sobre Lucien.

Lucien enrijeceu o corpo. Ele soltou um gemido e...

— Feyre! — gritei. — Meu nome é Feyre.

Fiz de tudo para evitar cair de joelhos quando Amarantha assentiu, e Rhysand recuou um passo. Ele sequer tirara as mãos dos bolsos.

Ela devia ter permitido que ele preservasse mais poder que os demais, se ainda podia infligir tanto mal enquanto aprisionado a ela. Ou o poder de Rhysand antes de Amarantha roubá-lo fora... extraordinário, para que *aquilo* fosse considerado seu mais básico resquício.

Lucien desabou no chão, tremendo. Seus irmãos franziram a testa; o mais velho chegou até a exibir os dentes para mim, em um grunhido silencioso. Eu o ignorei.

— Feyre — ecoou Amarantha, testando meu nome, o gosto das duas sílabas em sua língua. — Um nome antigo, de nossos dialetos mais velhos. Bem, Feyre — disse ela. Eu poderia ter chorado de alívio quando Amarantha não perguntou o sobrenome de minha família. — Prometi um enigma a você.

Tudo se tornou espesso e úmido. Por que Tamlin não fizera nada, não dissera nada? O que Lucien estava prestes a dizer antes de fugir de minha cela?

— Resolva isto, Feyre, e você e seu Grão-Senhor e toda a corte dele poderão partir imediatamente com minha bênção. Vejamos se é de fato inteligente o bastante para merecer um dos nossos. — Os olhos escuros de Amarantha brilharam, e limpei a mente o melhor possível enquanto ela falou:

"Há quem me procure a vida inteira, sem jamais me encontrar,
E aqueles que beijo, mas vêm com pés ingratos me esmagar.

Às vezes parece que favoreço a inteligência e a graça,
Mas abençoo todos os que arriscam com audácia.

Suave e doce minha égide costuma ser,
Mas se desprezado, me torno uma fera difícil de abater.

Pois embora cada um de meus golpes seja poderoso,
Quando mato, meu processo é vagaroso...”

Pisquei, e ela repetiu o enigma, sorrindo quando terminou, presunçosa, como um gato. Minha mente era um vácuo, uma confusão vazia de inutilidade. Será que era algum tipo de doença? Minha mãe morrera de febre tifoide, e a prima dela morrera de malária depois de ir para Bharat... Nenhum dos sintomas parecia se adequar ao enigma... Talvez fosse uma pessoa?

Um rompante de gargalhadas se espalhou entre aqueles reunidos atrás de nós, as mais altas emitidas pelos irmãos de Lucien. Rhys me observava, envolto em noite e com um leve sorriso.

A resposta estava tão perto — uma pequena resposta, e todos poderíamos ser libertados. Imediatamente, dissera ela, em vez de... espere, será que as condições das tarefas eram diferentes daquelas do enigma? Ela enfatizara *imediatamente* apenas quando falara em resolver o enigma. Não, eu não podia pensar naquilo no momento. Precisava resolver aquele enigma. Poderíamos todos ficar livres. *Livres*.

Mas eu não conseguia... não conseguia nem pensar em uma possibilidade. Seria melhor cortar a própria garganta e acabar com meu sofrimento bem ali, antes que ela pudesse me fazer em frangalhos. Eu era uma tola, uma idiota humana comum. Olhei para Tamlin. O dourado em seus olhos brilhou, mas o rosto não demonstrou nada.

— Pense nisso — falou Amarantha, de forma consoladora, e lançou um sorriso para o anel, para o olho que oscilava ali dentro. — Quando pensar na resposta, estarei esperando.

Olhei para Tamlin mesmo enquanto era puxada para a masmorra, a mente vazia acelerada.

Quando eles me trancaram mais uma vez na cela, eu soube que perderia.

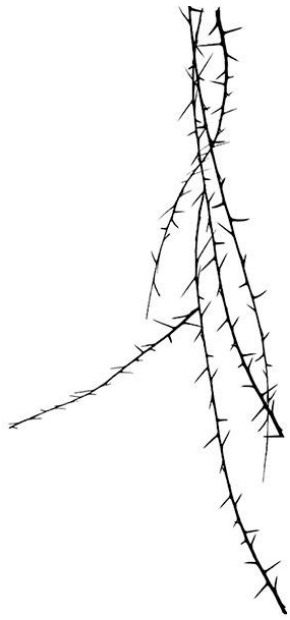
Passei dois dias naquela cela, ou pelo menos imaginei que fossem dois dias, com base no padrão das refeições que tinha começado a entender. Comi as partes decentes da comida semibolorenta, e, embora tivesse esperança, Lucien não fora me ver. Eu sabia que não deveria esperar por Tamlin.

Tinha pouco a fazer a não ser pensar no enigma de Amarantha. Quanto mais pensava nele, menos sentido fazia. Refleti sobre vários tipos de venenos e animais venenosos — e isso não deu em nada, a não ser uma sensação crescente de estupidez. Sem falar da sensação permanente de que Amarantha poderia ter me enganado com aquele acordo quando enfatizou imediatamente em relação ao enigma. Talvez ela quisesse dizer que não nos libertaria imediatamente após o fim das tarefas. Que ela poderia levar o tempo que quisesse. Não, não, eu só estava sendo paranoica. Estava pensando demais. Mas o enigma poderia libertar a todos nós, instantaneamente. Eu precisava resolvê-lo.

Embora tivesse jurado não pensar muito nas tarefas que me aguardavam, não duvidei da imaginação de Amarantha, e costumava acordar suando e ofegante, devido ao sono inquieto — com sonhos em que eu estava presa dentro daquele anel de cristal, para sempre silenciada e forçada a testemunhar seu mundo sedento por sangue e cruel, arrancada de tudo o que eu sempre amara. Amarantha alegara que não sobraria muito de mim para brincar caso eu falhasse em alguma tarefa; e rezei para que ela não tivesse mentido. Melhor ser destruída que sofrer o mesmo destino de Jurian.

Mesmo assim, medo como eu nunca sentira me engoliu por inteiro quando a porta da cela se abriu e um guarda de pele vermelha me disse que a lua cheia chegara.

Capítulo 36



Os sons de uma multidão gritando reverberavam pela passagem. Minha escolta armada não se incomodou com armas empunhadas conforme me empurrava para a frente. Eu nem mesmo estava acorrentada. Alguém ou algo poderia me pegar antes que eu me movesse 10 metros, e me estripar onde eu estava.

A cacofonia de risos, gritos e urros sobrenaturais piorou quando o salão se abriu para o que só podia ser uma imensa arena. Não houve tentativas de decorar a caverna iluminada por tochas; e eu não sabia dizer se ela fora escavada na rocha ou formada naturalmente. O piso estava escorregadio e enlameado, e tive dificuldades em me manter de pé conforme caminhávamos.

Mas foi a multidão imensa e revoltada que revirou meu estômago enquanto me encarava. Eu não conseguia decifrar o que estavam gritando, mas tinha uma ideia. Os rostos cruéis e etéreos e os sorrisos largos me diziam tudo o que eu precisava saber. Não havia apenas feéricos inferiores, mas Grão-Feéricos também, e a agitação deixava seus rostos quase tão ferozes quanto os irmãos mais sobrenaturais.

Fui empurrada até uma plataforma de madeira erguida acima da multidão. No alto estavam Amarantha e Tamlin, e diante dela...

Fiz o possível para manter o queixo erguido quando vi o labirinto exposto de túneis e trincheiras que percorria o chão. A multidão, enfileirada ao longo das margens, bloqueava minha visão do interior, quando fui atirada de joelhos diante da plataforma de Amarantha. A lama semicongelada molhou minha calça.

Fiquei de pé sobre as pernas trêmulas. Em volta da plataforma havia um grupo de seis machos feéricos, destacados da multidão principal. Pelos rostos frios e lindos, pelo eco de poder que ainda emanava dos seis, sabia que eram os outros Grão-Senhores de Prythian. Ignorei Rhysand assim que reparei no sorriso felino e na auréola de escuridão à sua volta.

Amarantha só precisou erguer a mão para a multidão vociferante se calar.

O ambiente ficou tão silencioso que eu quase conseguia ouvir meu coração batendo.

— Então, Feyre — disse a rainha feérica. Tentei não olhar para a mão que ela apoiava no joelho de Tamlin, aquele anel tão vulgar quanto o próprio gesto. — Sua primeira tarefa está aqui. Vejamos quão profunda é sua afeição humana.

Trinquei os dentes e quase os exibi para Amarantha. O rosto de Tamlin permaneceu inexpressivo.

— Tomei a liberdade de descobrir algumas coisas a seu respeito — cantarolou Amarantha. — É justo, você sabe.

Cada instinto, cada pedaço de mim que era intrinsecamente *humano* gritou para que eu corresse, mas mantive os pés plantados, travando os joelhos para evitar que cedessem.

— Acho que vai gostar desta tarefa — disse Amarantha. Ela gesticulou com a mão, e o Attor deu um passo adiante para separar a multidão, abrindo caminho até a borda de uma trincheira. — Vá em frente. Olhe.

Obedeci. As trincheiras, provavelmente com 6 metros de profundidade, estavam escorregadias com lama; na verdade, pareciam ter sido escavadas na lama. Lutei para manter o equilíbrio quando olhei mais para dentro. As trincheiras

formavam um labirinto por todo o chão da câmara, e o caminho fazia pouco sentido. Estava cheio de poços e buracos, os quais sem dúvida davam para túneis subterrâneos e...

Mãos se chocaram contra minhas costas, e gritei quando tive a sensação nauseante de cair antes de ser subitamente erguida por garras duras como ossos — para cima e para cima, até o ar. Risadas ecoaram pela câmara quando pendi do aperto do Attor, a batida das asas poderosas ecoando pela arena. O Attor voou até a trincheira e me soltou de pé.

A lama afundou, e agitei os braços quando me desequilibrei e escorreguei. Ouvi mais risadas, mesmo quando permaneci de pé.

A lama tinha um cheiro terrível, mas engoli a ânsia de vômito. Virei e vi a plataforma de Amarantha agora flutuando na borda da trincheira. Ela abaixou o olhar para mim, sorrindo aquele sorriso de serpente.

— Rhysand me disse que é caçadora — disse Amarantha, e meu coração fraquejou.

Ele devia ter ouvido meus pensamentos de novo, ou... talvez tivesse encontrado minha família e...

Amarantha estalou os dedos em minha direção.

— Cace isto.

Os feéricos comemoraram, e vi ouro refletir entre palmas de mãos magricelas e de vários tons. Apostavam em minha vida... em quanto tempo eu duraria depois que aquilo começasse.

Ergui o olhar para Tamlin. Os olhos de esmeralda congelaram, e memorizei as linhas de seu rosto, o formato da máscara de Tamlin, o tom de seu cabelo, uma última vez.

— Soltem o animal — gritou Amarantha. Tremi até a medula quando uma grade rangeu, e, então, um ruído de movimento rastejante e ágil preencheu a câmara.

Meus ombros se elevaram na direção das orelhas. A multidão foi se calando até emitir apenas um murmuro, silencioso o bastante para que eu pudesse ouvir um tipo de grunhido gutural; depois, consegui sentir as vibrações no chão conforme o que quer que fosse corria até mim.

Amarantha emitiu um estalo com a língua, e virei a cabeça para ela. As sobrancelhas de Amarantha se ergueram.

— Corra — sussurrou ela.

Então, a coisa surgiu.

Corri.

Era uma minhoca gigante, ou o que um dia poderia ter sido uma minhoca, caso a extremidade dianteira não tivesse se tornado uma boca imensa, cheia de anel após anel de dentes afiados como lâminas. O animal disparou em minha direção, o corpo marrom e rosado se impulsionando e se contorcendo com uma facilidade assustadora. Aquelas trincheiras eram seu lar.

E eu era o jantar.

Deslizando e escorregando na lama fétida, disparei pela extensão da trincheira, desejando ter memorizado mais de sua disposição nos poucos momentos que tivera, sabendo que meu caminho poderia muito bem levar a um beco sem saída, onde eu certamente...

A multidão rugiu, abafando os ruídos de sucção e ranger de dentes da minhoca, mas não ousei olhar por cima do ombro. O fedor, que se aproximava cada vez mais, me dizia o quanto ela estava perto. Não tive fôlego para um soluço de alívio quando encontrei uma bifurcação no caminho, e fiz uma curva acentuada para a esquerda.

Precisava colocar o máximo de distância possível entre nós; precisava encontrar um ponto no qual pudesse montar um plano, um lugar em que pudesse encontrar uma vantagem.

Outra bifurcação; virei para a esquerda de novo. Talvez, se tomasse tantas esquerdas quanto conseguisse, formaria um círculo e, de algum jeito, acabaria atrás

da criatura, e...

Não, aquilo era absurdo. Precisaria ser três vezes mais rápida que a minhoca e, no momento, mal conseguia me manter adiante dela. Deslizei por uma parede quando virei mais uma vez à esquerda, e me choquei contra a sujeira escorregadia. Fria, fétida, sufocante. Limpei-a dos olhos e encontrei os rostos maliciosos de feéricos acima de mim, rindo. E corri por minha vida.

Cheguei a uma extensão reta e plana da trincheira, e imprimi força nas pernas quando disparei por ela. Finalmente ousei olhar para trás, e meu medo se tornou insano, se debatendo, quando a minhoca apareceu no caminho, em meu encalço.

Quase perdi uma abertura estreita na lateral da trincheira graças a esse olhar, e abri mão de passos valiosos quando deslizei até parar, a fim de me espremer pela fenda. Era pequena demais para a minhoca, mas a criatura provavelmente poderia destruir a lama. Se não, os dentes fariam o trabalho. Mas valia o risco.

Conforme fiz menção de me impulsionar pela fenda, uma força me deteve. Não, não uma força, mas as paredes. A fenda era pequena demais, e me atirei nela tão desesperadamente que fiquei presa. De costas para a minhoca, e longe demais entre as paredes para conseguir me virar, não pude ver a criatura quando ela se aproximou. O cheiro, no entanto... o cheiro piorava.

Empurrei e puxei, mas a lama estava escorregadia demais e não cedeu.

As trincheiras reverberaram com os movimentos estrondosos da minhoca. Eu quase conseguia sentir seu hálito fétido sobre meu corpo semiexposto, conseguia ouvir aqueles dentes cortando o ar, mais e mais perto. Não desse jeito. Não poderia terminar desse jeito.

Cavei a lama, me virando, rasgando qualquer coisa para conseguir passar. A minhoca se aproximava a cada uma das batidas de meu coração, e o cheiro quase sobrepujava meus sentidos.

Arranquei lama, me debatendo, chutando e empurrando, chorando entre os dentes trincados. Não dess*e jeito*.

O chão estremeceu. Um fedor me envolveu, e ar quente se chocou contra meu corpo. Os dentes da criatura estalavam quando se uniam.

Segurando a parede, puxei e puxei. Ouvi a lama ceder, houve uma liberação repentina de pressão ao redor de meu tronco, e caí pela fenda, estatelada na lama.

A multidão suspirou. Não tive tempo para lágrimas de alívio quando me vi em outra passagem, e me lancei mais profundamente no labirinto. Pelos rugidos cada vez mais baixos, soube que a minhoca não tinha me achado.

Mas aquilo não fazia sentido; a passagem não oferecia lugar para eu me esconder. Ela teria me visto presa ali. A não ser que não conseguisse atravessar a lama e agora estivesse tomando algum caminho alternativo, para acabar saltando sobre mim.

Não diminuí a velocidade, embora soubesse que desperdiçava energia ao me chocar contra parede após parede, conforme fazia cada curva acentuada. A minhoca também precisava perder velocidade ao realizar tais manobras; uma criatura daquele tamanho não podia fazer as curvas sem reduzir a velocidade, não importava o quanto ela fosse hábil.

Arrisquei um olhar para a multidão. Os rostos estavam tensos, com desapontamento, voltados em uma direção totalmente contrária à minha, para a outra ponta da câmara. Era onde devia estar a minhoca — era onde terminara a passagem. A minhoca não vira para onde eu fora. Ela não me vira.

Era cega.

Fiquei tão surpresa que não reparei o enorme fosso que se abriu diante de mim, escondido por uma leve elevação, e fiz de tudo para não gritar quando caí ali dentro. Ar, ar vazio, e...

Eu me choquei contra lama na altura dos tornozelos, e a multidão gritou. A lama amorteceu a queda, mas meus dentes tilintaram com o impacto. Mas nada estava quebrado, nada ferido.

Alguns feéricos olharam para dentro, espiando do alto da abertura do fosso. Eu me virei, avaliando o ambiente, tentando descobrir a saída mais rápida. O próprio fosso se abria em um túnel pequeno e escuro, mas eu não tinha como escalar; a parede era inclinada demais.

Eu estava presa. Arquejando, em busca de ar, dei alguns passos arrastados na escuridão do túnel. Contive o grito quando algo sob meu pé emitiu um estalo alto. Cambaleei para trás, e meu cóccix gritou de dor. Continuei recuando, mas minha mão tocou algo liso e duro, e o ergui, vendo um reluzir branco.

Entre os dedos enlameados, reconheci muito bem aquela textura. Osso.

Virando sobre mãos e joelhos, tateei o chão, entrando mais na escuridão. Mais e mais ossos, de todos os formatos e tamanhos, e engoli o grito quando percebi o que era aquele lugar. Somente quando minha mão parou no topo liso de um crânio, saltei de pé.

Precisava sair. *Já.*

— Feyre — ouvi o grito distante de Amarantha. — Está estragando a diversão de todos! — Ela disse isso como se eu fosse uma parceira ruim de peteca. — Saia!

Eu certamente não sairia, mas Amarantha me disse o que eu precisava saber. A minhoca não sabia onde eu estava, não conseguia sentir meu cheiro. Eu tinha preciosos segundos para sair.

Quando minha visão se ajustou à escuridão do covil da minhoca, montanhas e montanhas de ossos reluziram diante de mim, pilhas se elevando no escuro. A característica arenosa da lama só podia ser resultado de camadas intermináveis de esqueletos se decompondo. Eu precisava sair *já*, precisava encontrar um lugar para me esconder que não fosse uma armadilha mortal. Saí dali aos tropeços, e ossos caíram.

De novo a céu aberto, dentro do poço, me segurei em uma das paredes íngremes. Diversos feéricos de rosto verde rugiram xingamentos contra mim, mas ignorei-os conforme tentava escalar a parede; subi 3 centímetros e, então, deslizei

para o chão. Não podia sair sem uma corda ou uma escada, e entrar mais na toca da criatura para ver se havia outra saída não era uma opção. É claro que havia uma porta dos fundos. O esconderijo de todo animal tinha duas saídas, mas eu não estava prestes a arriscar a escuridão — me deixando efetivamente cega — para eliminar por completo minha pequena vantagem.

Eu precisava de um modo de *subir*. Tentei escalar a parede de novo. Os feéricos ainda murmuravam seu descontentamento; contanto que permanecessem daquela forma, eu estava bem. De novo, subi a parede enlameada, enfiando a mão na terra macia. Só consegui lama congelando sob as unhas quando caí no chão de novo.

O fedor do lugar me invadiu por inteiro. Segurei a náusea quando continuei a tentar subir a parede diversas vezes. Os feéricos riam agora.

— Um rato em uma armadilha — disse um deles.

— Precisa de uma escada? — cantarolou outro.

Uma escada.

Virei na direção da pilha de ossos e, então, empurrei a mão, com força, contra a parede. Pareceu firme. O lugar inteiro era feito de lama compacta, e, se a criatura fosse como suas irmãs menores e inofensivas, eu podia presumir que o fedor — e, portanto, a própria lama — era o resquício do que quer que tivesse passado pelo trato digestivo do animal depois de ele ter limpado os ossos.

Desconsiderando esse fato desprezível, aproveitei a faísca de esperança e peguei os dois ossos maiores e mais fortes que consegui encontrar rapidamente. Ambos eram mais longos que minha perna, e pesados — muito pesados quando os enfiei na parede. Não sabia o que a própria criatura costumava comer, mas devia ser pelo menos do tamanho de uma vaca.

— O que está fazendo? O que está planejando? — sibilou um dos feéricos.

Segurei um terceiro osso e o enfiei profundamente na parede, o mais alto que consegui alcançar. Peguei um quarto osso, um pouco menor, e o prendi no cinto,

amarrando-o às costas. Depois de testar os três ossos com alguns puxões fortes, inspirei, ignorei os pios dos feéricos e comecei a subir os degraus. Minha escada.

O primeiro osso aguentou firme, e resmunguei quando segurei o segundo e me impulsionei para cima. Estava colocando o pé no degrau quando outra ideia surgiu, e parei.

Os feéricos — não muito longe — começaram a gritar de novo.

Mas talvez funcionasse. Poderia funcionar se eu fizesse direito. Poderia funcionar, porque *tinha* de funcionar. Desci para a lama de novo, e os feéricos que me assistiam murmuraram em confusão. Saquei o osso do cinto e, inspirando fundo, quebrei-o contra o joelho.

Meus ossos queimaram de dor, mas o osso quebrou, me deixando com duas estacas afiadas. Funcionaria.

Se Amarantha queria que eu caçasse, eu caçaria.

Caminhei até o meio da abertura do fosso, calculei a distância e mergulhei os dois ossos no chão. Voltei para o monte de ossos e trabalhei rapidamente com o que consegui encontrar que fosse resistente e afiado. Quando meu joelho ficou dolorido demais para ser usado como alavanca, quebrei os ossos com o pé. Um a um, enfiei os ossos no chão lamacento sob a abertura do fosso, até que a área inteira, exceto por um pequeno ponto, estivesse cheia de lanças brancas.

Não verifiquei o trabalho duas vezes; daria certo, ou eu falharia e acabaria entre aqueles ossos no chão. Apenas uma chance. Era tudo o que eu tinha. Melhor que chance alguma.

Disparei para a escada de ossos e ignorei a ardência das farpas nos dedos enquanto subia até o terceiro degrau, no qual me equilibrei antes de enfiar um quarto osso na parede.

E, simples assim, eu me impulsionei para fora da abertura do fosso e quase chorei quando fui exposta ao ar livre novamente.

Verifiquei os três ossos que tinha prendido no cinto, seu peso era uma presença reconfortante, e corri até a parede mais próxima. Peguei um punhado da lama fétida e esfreguei no rosto. Os feéricos chiaram quando peguei mais, dessa vez cobrindo o cabelo e, depois, o pescoço. Já acostumada com o fedor nauseante, meus olhos apenas se encheram de um pouco d'água quando fiz um trabalho ágil ao me pintar. Até mesmo parei para rolar no chão. Cada centímetro do meu corpo precisava estar coberto. Cada porcaria de centímetro.

Se a criatura fosse cega, então ela dependia do cheiro — e meu cheiro seria minha maior fraqueza.

Esfreguei lama no corpo até ter certeza de que não passava de um par de olhos azul-acinzentados. Mergulhei uma última vez, as mãos estavam tão escorregadias que mal conseguia segurar um dos ossos de ponta afiada quando o saquei do cinto.

— O que ela está fazendo? — choramingou o feérico de rosto verde de novo.

Uma voz grave e elegante respondeu dessa vez.

— Está montando uma armadilha. — *Rhysand*.

— Mas o Middengard...

— Depende do cheiro para enxergar — respondeu Rhysand, e lancei um olhar de raiva especial a ele quando virei para a borda da trincheira e o vi sorrindo para mim. — E Feyre acabou de se tornar invisível.

Os olhos violeta de Rhysand brilharam. Fiz um gesto obsceno antes de disparar, correndo direto para a minhoca.

Coloquei o restante dos ossos em curvas particularmente fechadas, sabendo muito bem que não conseguiria virar na velocidade que esperava correr. Não levei muito tempo para encontrar a minhoca, pois uma multidão de feéricos tinha se reunido para provocá-la, mas eu precisava chegar ao lugar certo... precisava escolher meu campo de batalha.

Reduzi a velocidade até um ritmo de perseguição e pressionei as costas contra uma parede quando ouvi o serpentear e os grunhidos da minhoca. O mastigar.

Os feéricos que observavam a minhoca — dez deles, com pele azul como gelo e olhos pretos em formato amendoado — riram. Presumi que tinham ficado entediados de mim e decidiram observar outra coisa morrer.

O que era maravilhoso, mas apenas se a minhoca ainda estivesse com fome, apenas se ela respondesse ao atrativo que eu oferecia. A multidão murmurou e grunhiu.

Passei devagar por uma curva, esticando o pescoço. Eu estava coberta demais com o cheiro dela para que a minhoca me farejasse, e, então, ela continuou se banqueteando, e esticou o corpo bulboso para cima quando um dos feéricos balançou o que parecia ser um braço cabeludo. A minhoca abriu os dentes, e os feéricos azuis gargalharam quando soltaram o braço na boca paciente da criatura.

Eu me encolhi do outro lado da curva e ergui a espada de osso que havia feito. Lembrei do caminho que tinha tomado, das curvas que havia contado.

Mesmo assim, meu coração se alojou na garganta quando passei a ponta afiada do osso na palma da mão, abrindo a pele. Sangue se acumulou, forte e brilhante como rubis. Deixei que se acumulasse antes de fechar a mão em punho. A minhoca sentiria o cheiro em breve.

Somente então percebi que a multidão tinha ficado em silêncio.

Quase soltando o osso, eu inclinei o corpo pela curva de novo para ver a minhoca.

Ela havia sumido.

Os feéricos azuis riram para mim.

Então, quebrando o silêncio como uma estrela cadente, uma voz — *a de Lucien* — gritou pela câmara:

— À ESQUERDA!

Disparei, percorrendo alguns metros antes de a parede atrás de mim explodir e lama jorrar quando a minhoca irrompeu, uma massa de dentes destruidores a apenas alguns centímetros.

Eu já estava correndo, tão rápido que as trincheiras eram como um borrão marrom-avermelhado. Precisava de um pouco de distância, ou a minhoca cairia bem em cima de mim. Mas também precisava que ela ficasse próxima, para que não conseguisse se conter, para que estivesse em um frenesi de fome.

Fiz a primeira curva acentuada e segurei o corrimão de osso que tinha embutido na parede da esquina. Usei o osso para virar, sem reduzir a velocidade, me impulsionando com mais rapidez, me dando mais alguns segundos à frente da minhoca.

Depois, virei à esquerda. Meu fôlego era como uma chama acesa na garganta. A segunda curva acentuada chegou, e, de novo, usei o pedaço de osso para me jogar pela esquina.

Meus joelhos e os tornozelos reclamaram conforme lutei para evitar escorregar na lama. Faltava apenas mais uma curva e, depois, uma corrida reta...

Virei na última curva, e o rugido dos feéricos ficou diferente de como estivera mais cedo. A minhoca era uma força furiosa e destruidora atrás de mim, mas meus passos estavam equilibrados quando voei pela última passagem.

A abertura do fosso se abriu, e, com uma última oração, saltei.

Vi apenas ar negro, que se estendia para me engolir.

Agitei os braços conforme desci, mirando para o ponto que havia planejado. A dor irradiou por meus ossos, minha cabeça, quando colidi com o chão enlameado e rolei. Eu me virei e gritei quando algo acertou meu braço, cortando a pele.

Mas não tive tempo de pensar, de sequer olhar, quando saí do caminho, entrando na escuridão do covil da minhoca o tanto quanto consegui. Peguei outro osso e me virei quando a minhoca mergulhou no fosso.

Ela acertou a terra e jogou o imenso corpo para o lado, antecipando o golpe para me matar, mas um ruído úmido de algo se esmagando preencheu o ar.

E a minhoca não se moveu.

Eu me agachei ali, engolindo ar incandescente, encarando o abismo da boca destruidora de carne do animal, ainda escancarada para me devorar. Levei alguns segundos para perceber que a minhoca não me engoliria inteira, e mais outros para entender que ela havia realmente sido empalada pelas estacas de ossos. Estava morta.

Não ouvi totalmente os arquejos e, depois, a comemoração; não pensei direito, nem senti muita coisa quando passei pela minhoca e subi o fosso devagar, ainda segurando a espada de osso na mão.

Silenciosamente, ainda sem palavras, voltei aos tropeços pelo labirinto; o braço esquerdo latejava, mas meu corpo estava tão dormente que não reparei.

Mas, assim que vi Amarantha na plataforma na beira da trincheira, fechei a mão livre. *Provar meu amor*. Dor irradiou por meu braço, mas eu a aceitei. Tinha vencido.

Ergui o rosto para ela sob as sobrancelhas abaixadas e não me contive quando expus os dentes. Os lábios de Amarantha estavam contraídos, e ela não segurava mais o joelho de Tamlin.

Tamlin. *Meu* Tamlin.

Segurei com mais força o longo osso na mão. Estava trêmula... totalmente trêmula. Mas não com medo. Ah, não. Não era medo mesmo. Tinha provado meu amor, e mais um pouco.

— Bem — disse Amarantha, com um risinho. — Imagino que qualquer um poderia ter feito isso.

Dei alguns passos corridos e atirei o osso contra ela com toda a força que me restava.

Ele se enterrou na lama aos pés de Amarantha, borrifando imundície no vestido branco, e permaneceu ali, oscilando.

Os feéricos arquejaram de novo, e Amarantha encarou o osso que se agitava antes de tocar a lama no tecido do vestido. Ela deu um sorriso lento.

— Malcriada — reprimiu Amarantha.

Se não houvesse uma trincheira impossível de ultrapassar entre nós, eu teria rasgado sua garganta. Algum dia — se sobrevivesse àquilo —, eu a esfolaria viva.

— Acho que vai ficar feliz ao saber que a maior parte de minha corte perdeu bastante dinheiro esta noite — falou Amarantha, pegando um pedaço de pergaminho. Olhei para Tamlin enquanto ela observava o papel. Os olhos verdes brilhavam, e, embora o rosto de Tamlin estivesse pálido como a morte, eu podia jurar que havia um ar de triunfo ali. — Vejamos — continuou Amarantha, lendo o papel enquanto brincava com o osso do dedo de Jurian na ponta do colar. — Sim, eu diria que minha corte quase toda apostou que você morreria no primeiro minuto; alguns disseram que duraria cinco, e — ela virou o papel — e apenas uma pessoa disse que você venceria.

Aquilo era um insulto, mas não era surpreendente. Não lutei quando o Attor me puxou para fora da trincheira, me jogando ao pé da plataforma antes de sair voando. Meu braço queimou ao impacto.

Amarantha franziu a testa para a lista e gesticulou com a mão.

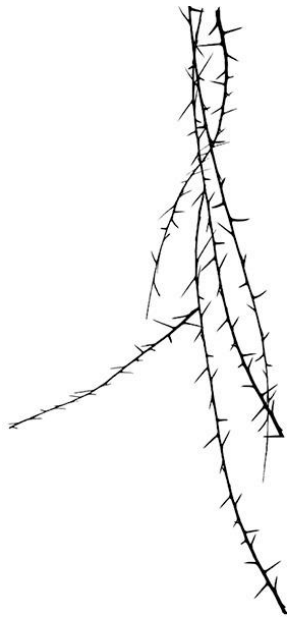
— Levem-na. Estou enjoada desse rosto mundano. — Amarantha segurou os braços do trono com tanta força que a parte branca dos nós dos dedos apareceu. — Rhysand, venha cá.

Não fiquei por tempo o bastante para ver o Grão-Senhor caminhar para a frente. Mãos vermelhas me agarraram, segurando firme para não deslizarem. Eu tinha me esquecido da lama presa em mim como uma segunda pele. Conforme me puxaram para longe, uma dor lancinante disparou por meu braço, e a agonia obscureceu meus sentidos.

Olhei para o antebraço esquerdo então, e meu estômago se revirou diante do sangue que pingava e dos tendões rasgados, das dobras da pele repuxadas para acomodar a lança de um caco de osso se projetando diretamente por ali.

Nem mesmo consegui virar o rosto para Tamlin, não consegui encontrar Lucien para agradecer antes de a dor me consumir por inteiro, e eu mal ser capaz de caminhar de volta à cela.

Capítulo 37



Ninguém, nem mesmo Lucien, foi consertar meu braço nos dias que se seguiram à vitória. A dor me sobrepujava ao ponto de eu gritar sempre que eu puxava o pedaço embutido de osso, e não tive outra opção a não ser ficar sentada ali, deixando que o ferimento corroesse minhas forças, tentando ao máximo não pensar no latejar constante que disparava lampejos de raios envenenados por meu corpo.

Mas pior que isso era o pânico crescente; pânico de que a ferida não tivesse estancado. Eu sabia o que queria dizer quando o sangue continuava fluindo. Ficava de olho na ferida, fosse por esperança de descobrir que o sangue estava coagulando, ou por terror por ver os primeiros sinais de infecção.

Não conseguia comer a comida podre que eles me davam. Vê-la me causava tanta náusea que um canto da cela agora fedia a vômito. Não ajudava o fato de eu ainda estar coberta de lama e de a masmorra estar eternamente numa temperatura congelante.

Eu estava sentada contra a parede mais afastada da cela, aproveitando o frio da pedra às costas. Acordei de um sono inquieto e percebi que ardia. Era um tipo de fogo que deixava tudo meio anuviado. O braço ferido pendia ao meu lado enquanto

eu olhava inexpressivamente para a porta da cela. Ela pareceu se mover, as linhas oscilando.

O calor em meu rosto era algum tipo de resfriado leve — não uma febre causada pela infecção. Levei a mão ao peito, e lama seca se partiu em meu colo. Cada respiração era como engolir vidro quebrado. Não é uma febre. Não é uma febre. Não é uma febre.

Minhas pálpebras estavam pesadas, ardiam. Eu não podia dormir. Precisava me certificar de que a ferida não estava infeccionada, precisava... precisava...

A porta se moveu de verdade nesse momento — não, não a porta, mas a escuridão ao redor dela, que pareceu *irradiar*. Medo de verdade se embrulhou em meu estômago quando uma figura masculina se formou daquela escuridão, como se ele tivesse se esgueirado pelas fendas entre a porta e a muralha, pouco mais que uma sombra.

Rhysand tinha a forma totalmente corpórea agora, e os olhos violeta brilhavam à luz fraca. Ele sorriu devagar de onde estava, à porta.

— Que estado deplorável para a campeã de Tamlin.

— Vá para o inferno — disparei, mas as palavras não passaram de um chiado. Minha cabeça estava leve e pesada ao mesmo tempo. Se eu tentasse me levantar, cairia.

Ele chegou mais perto, com aquela graciosidade felina, e se agachou com facilidade diante de mim. Rhysand farejou, fazendo uma careta para o canto sujo de vômito. Tentei levar os pés até uma posição mais inclinada, para me afastar ou para chutar a cara de Rhysand, mas pareciam cheios de chumbo.

Rhysand inclinou a cabeça. Sua pele pálida parecia irradiar luz de alabastro. Pisquei para afastar a névoa, mas nem mesmo consegui virar o rosto quando os dedos frios de Rhysand roçaram minha testa.

— O que diria Tamlin — murmurou ele — se soubesse que sua amada estava apodrecendo aqui embaixo, queimando de febre? Não que ele possa vir até aqui,

não quando todos os seus movimentos são observados.

Mantive o braço oculto nas sombras. A última coisa de que precisava era que descobrissem o quanto eu estava fraca.

— Saia — falei, e meus olhos arderam quando as palavras queimaram minha garganta. Tinha dificuldades para engolir.

Rhysand ergueu uma sobrancelha.

— Venho oferecer ajuda, e você tem a audácia de me mandar sair?

— Vá embora — repeti. Meus olhos doíam tanto que era difícil mantê-los abertos.

— Ganhei muito dinheiro por sua causa, sabe. Imaginei que deveria retribuir o favor.

Recostei a cabeça contra a parede. Tudo estava girando, girando como um pião, girando como... Contive a náusea.

— Deixe-me ver seu braço — disse ele, baixo demais.

Mantive o braço nas sombras, apenas porque era pesado demais para levantar.

— Deixe-me ver. — Um grunhido saiu de Rhysand. Sem esperar minha reação, ele segurou meu cotovelo e forçou meu braço para a luz fraca da cela.

Mordi o lábio para evitar um grito; mordi com tanta força que tirei sangue quando rios de fogo explodiram dentro de mim, quando minha cabeça girou e todos os meus sentidos se reduziram ao pedaço de osso que se projetava de meu braço. Eles não podiam saber... não podiam saber o quanto estava ruim, porque, então, usariam isso contra mim.

Rhysand examinou o ferimento, e, depois, um sorriso surgiu nos seus lábios sensuais.

— Ah, isso está maravilhosamente repulsivo. — Xinguei, e Rhysand riu. — Que palavras para uma dama.

— Saia — falei, chiando. Minha voz frágil era tão assustadora quanto o ferimento.

— Não quer que eu cure seu braço? — Seus dedos se fecharam em meu cotovelo.

— A que custo? — disparei de volta, mas mantive a cabeça encostada na parede, pois precisava de sua força úmida.

— Ah, *isso*. Viver entre feéricos ensinou a você alguns de nossos modos.

Eu me concentrei em sentir a mão boa sobre o joelho, me concentrei na lama seca sob minhas unhas.

— Faço um acordo com você — disse Rhysand casualmente, e apoiou meu braço com cuidado. Quando o braço tocou o chão, fechei os olhos para me preparar contra aquela corrente de raios envenenados. — Curo seu braço em troca de *você*. Durante duas semanas todo mês, duas semanas de minha escolha, viverá comigo na Corte Noturna. Começando depois dessa confusa barganha das três tarefas.

Meus olhos se arregalaram.

— Não. — Eu já fizera um acordo tolo.

— Não? — Rhysand apoiou as mãos nos joelhos e se inclinou para mais perto. — Mesmo?

Tudo começava a dançar.

— Saia — sussurrei.

— Você recusaria minha oferta, e pelo quê? — Não respondi, e, então, ele continuou. — Deve estar esperando um de seus amigos, Lucien, certo? Afinal de contas, ele a curou antes, não foi? Ah, não pareça tão inocente. O Attor e seus seguidores quebraram seu nariz. Então, a não ser que tenha algum tipo de magia sobre o qual não nos contou, não acho que ossos humanos se curem tão rapidamente assim. — Os olhos de Rhysand brilharam, e ele ficou de pé, caminhando de um lado para outro. — Do modo como vejo as coisas, Feyre, você tem duas opções. A primeira, e mais inteligente, seria aceitar minha oferta.

Cuspi aos pés dele, mas Rhysand continuou caminhando, me lançando apenas um olhar de reprovação.

— A segunda opção, aquela que apenas um tolo aceitaria, seria você recusar minha oferta e colocar sua vida e, portanto, a de Tamlin, nas mãos do acaso.

Rhysand parou de caminhar e me encarou. Embora o mundo girasse e dançasse em minha visão, algo primitivo dentro de mim ficou imóvel e frio sob aquele olhar.

— Digamos que eu saia daqui. Talvez Lucien venha ajudá-la em cinco minutos. Talvez ele venha em cinco dias. Talvez ele nem venha. Que isso fique só entre nós, mas ele anda escondido depois do vexame que deu em sua tarefa. Amarantha não está exatamente feliz com Lucien. Tamlin até mesmo interrompeu aquele maravilhoso estado emburrado para implorar que ele fosse poupado... Um guerreiro tão nobre, seu Grão-Senhor. Ela obedeceu, é claro, mas apenas depois de obrigar Tamlin a aplicar uma punição em Lucien. Vinte chibatadas.

Comecei a tremer, enjoada de novo, ao pensar em como devia ter sido para meu Grão-Senhor ser aquele a punir o amigo.

Rhysand deu de ombros, num gesto lindo, gracioso.

— Então, a questão é realmente o quanto está disposta a confiar em Lucien, e o quanto está disposta a arriscar por isso. Já está imaginando se essa sua febre é o primeiro sinal de infecção. Talvez não tenha nada a ver, ou tenha. Talvez esteja tudo bem. Ou a lama daquela minhoca não estivesse cheia de imundície pútrida. Talvez Amarantha envie um curandeiro, e, quando isso acontecer, você estará morta, encontrarão seu braço tão infeccionado que terá sorte de manter qualquer coisa do cotovelo para cima.

Meu estômago se apertou em uma bola dolorida.

— Não preciso invadir seus pensamentos para saber essas coisas. Já sei o que está percebendo aos poucos. — Rhysand se agachou de novo diante de mim. — Você está morrendo.

Meus olhos arderam, e contraí os lábios para dentro da boca.

— Quanto está disposta a arriscar na esperança de que outro tipo de ajuda virá?

Eu o encarei, enviando tanto ódio quanto podia com o olhar. Fora Rhysand quem causara tudo aquilo. Ele contara a Amarantha sobre Clare; ele fizera com que Tamlin implorasse.

— Então?

Exibi os dentes.

— Vá. Para. O. Inferno.

Ágil como um relâmpago, Rhysand se revoltou, agarrou o caco de osso em meu braço e o torceu. Um grito saiu de dentro de mim, violentando minha garganta dolorida. O mundo brilhou em preto e branco e vermelho. Eu me debati e me contorci, mas Rhysand continuou segurando, girando uma última vez antes de soltar meu braço.

Ofegante, quase chorando conforme a dor reverberava por meu corpo, eu o vi rindo para mim de novo. Cuspi na cara de Rhysand.

Ele apenas riu ao ficar de pé, limpando a bochecha com a manga escura da túnica.

— Esta é a única vez que estendo minha assistência — avisou ele, parando à porta da cela. — Depois que eu deixar esta cela, minha oferta estará morta. — Cuspi de novo, e ele balançou a cabeça. — Aposto que também cuspirá na cara da Morte quando ela vier levá-la.

Rhysand começou a se dissipar na escuridão, e seu contorno se tornou um borrão de noite eterna.

Ele poderia estar blefando, tentando me enganar para que eu aceitasse a oferta. Ou poderia estar certo — eu poderia estar morrendo. Minha vida dependia daquilo. *Mais* do que minha vida dependia de minha escolha. E se Lucien não pudesse mesmo vir... ou se viesse tarde demais...

Eu *estava* morrendo. Sabia havia algum tempo. E Lucien tinha subestimado minhas habilidades no passado; jamais entendera muito bem minhas limitações como humana. Ele me enviara para caçar o Suriel com algumas facas e um arco. Até

mesmo admitira que hesitara naquele dia quando gritei por ajuda. E talvez nem soubesse o quanto eu estava mal. Talvez não entendesse a gravidade de uma infecção como aquela. Ele poderia chegar um dia, uma hora, um minuto muito tarde.

A pele branca como a lua de Rhysand começou a escurecer e se tornar nada além de sombra.

— Espere.

A escuridão que o consumia parou. Por Tamlin... por Tamlin, eu venderia minha alma, desistiria de tudo o que tinha para que ele fosse livre.

— Espere — repeti.

A escuridão sumiu, deixando Rhysand na forma sólida enquanto sorria.

— Sim?

Ergui o queixo o mais alto que consegui.

— Apenas duas semanas?

— Apenas duas semanas — ronronou Rhysand, e se ajoelhou diante de mim. — Duas minúsculas, pequenas semanas comigo todo mês é tudo o que peço.

— Por quê? E quais serão os... serão os termos? — falei, lutando contra a tontura.

— Ah — disse ele, ajustando a lapela da túnica de obsidiana. — Se eu revelasse tais coisas, não haveria diversão, não é?

Olhei para meu braço destruído. Lucien talvez jamais viesse, talvez decidisse que eu não valia arriscar mais a vida dele, não agora que tinha sido punido por aquilo. E se os curandeiros de Amarantha cortassem meu braço...

Nestha faria o mesmo por mim, por Elain. E Tamlin tinha feito tanto por mim, por minha família; mesmo que ele tivesse mentido sobre o Tratado, sobre me livrar de seus termos, ainda assim salvara minha vida naquele dia contra os naga, e a salvara de novo ao me enviar para a mansão.

Eu não conseguia pensar direito na grandiosidade do que estava prestes a dar — ou poderia recusar de novo. Encontrei o olhar de Rhysand.

— Cinco dias.

— Vai barganhar? — Rhysand deu uma gargalhada rouca. — Dez dias.

Eu o encarei com toda a minha força.

— Uma semana.

Rhysand ficou em silêncio durante um longo momento, os olhos percorreram meu corpo e meu rosto antes de ele murmurar:

— Uma semana, então.

— Estamos de acordo — falei. Um gosto metálico preencheu minha boca quando a magia se agitou entre nós.

O sorriso de Rhysand ficou um pouco selvagem, e, antes que eu conseguisse me preparar, ele segurou meu braço. Senti uma dor ofuscante e rápida, e meu grito ressoou nos ouvidos quando osso e carne se destroçaram, quando sangue escorreu para fora de mim e, então...

Rhysand ainda estava sorrindo quando abri os olhos. Não fazia ideia de por quanto tempo tinha ficado inconsciente, mas a febre tinha sumido, e minha cabeça estava leve quando me sentei. Na verdade, a lama também tinha sumido... senti como se tivesse tomado banho.

Mas, depois, ergui o braço esquerdo.

— O que você fez comigo?

Rhysand ficou de pé, passando as mãos pelos cabelos escuros e curtos.

— É costume em minha corte que acordos sejam permanentemente marcados na pele.

Esfreguei o antebraço e a mão esquerdos, estavam todos cobertos com redemoinhos e arabescos de tinta preta. Nem mesmo meus dedos tinham sido poupados, e um grande olho tinha sido tatuado no centro da palma de minha mão. Era felino, e a pupila em fenda me encarava diretamente.

— Faça isso sumir — falei, e ele gargalhou.

— Vocês humanos são mesmo criaturas gratas, não são?

De longe, a tatuagem parecia uma luva de renda até a altura do cotovelo, mas, quando a aproximava do rosto, conseguia detectar a reprodução complexa de flores e curvas, que fluíam para formar um padrão maior. Permanente. Eterno.

— Você não me disse que isso aconteceria.

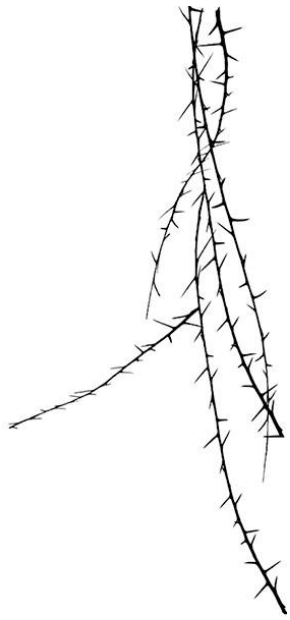
— Você não perguntou. Então, como é culpa minha? — Rhysand caminhou até a porta, mas se demorou, mesmo enquanto pura noite flutuava de seus ombros. — A não ser que essa falta de gratidão e de reconhecimento seja porque teme a reação de certo Grão-Senhor.

Tamlin. Eu já podia ver seu rosto ficando pálido, os lábios se tornando finos conforme as garras se projetavam. Eu quase conseguia ouvir o grunhido que Tamlin emitiria quando me perguntasse em que eu estava pensando quando fiz aquilo.

— Acho que vou esperar para contar a ele quando chegar a hora, no entanto — disse Rhysand. O sorriso em seus olhos me disse o bastante. Rhysand não tinha feito nada daquilo para me salvar, mas para ferir Tamlin. E eu caíra na armadilha... caíra de modo pior que a minhoca caíra na minha.

— Descanse, Feyre — aconselhou Rhysand. Ele se transformou em nada além de sombra viva e, depois, sumiu por uma fenda na porta.

Capítulo 38



Tentei não olhar para o braço esquerdo enquanto esfregava o chão do corredor. A tinta — que, na luz, era na verdade de um azul escuro, quase preto — parecia uma nuvem em meus pensamentos; e estes já eram desalentadores o suficiente antes de eu ter me vendido para Rhysand. Não conseguia encarar o olho na palma da mão; eu tinha uma sensação absurda e permanente de que ele me observava.

Mergulhei a escova grande no balde que os guardas de pele vermelha tinham atirado em meus braços. Eu mal conseguia entendê-los com aquela boca cheia de dentes amarelos, mas, quando me deram a escova e o balde e me empurraram para um longo corredor de mármore branco, entendi.

— Se não estiver limpo e brilhante na hora do jantar — dissera um deles, com os dentes estalando enquanto sorria —, vamos amarrá-la ao espeto e virar você algumas vezes sobre a fogueira.

Com isso, saíram. Eu não fazia ideia de quando seria o jantar, então, comecei a limpar freneticamente. Minhas costas já doíam como fogo, e não fazia meia hora que eu estava esfregando o corredor de mármore. Mas a água que me deram estava imunda, e, quanto mais eu esfregava o chão, mais ele ficava sujo. Quando fui até a

porta para pedir um balde de água limpa, vi que estava trancada. Ninguém me ajudaria.

Um trabalho impossível; um trabalho para me atormentar. O espeto... talvez fosse essa a fonte dos gritos constantes na masmorra. Será que algumas voltas sobre o fogo derreteriam toda a carne em mim, ou apenas me queimariam a ponto de me forçar a fazer outro acordo com Rhysand? Xinguei enquanto esfregava com mais força, os pelos duros da escova se amassando e sussurrando contra os azulejos. Um arco-íris marrom se formava em seu rastro, e grunhi quando mergulhei a escova de novo. Água imunda a acompanhou, pingando no chão.

Um rastro de sujeira marrom aumentava a cada escovada. Respirando rapidamente, atirei a escova ao chão e cobri o rosto com as mãos molhadas. Abaixei a mão esquerda quando percebi que o olho pressionava minha bochecha.

Tomei fôlego para me tranquilizar. Tinha de haver um modo racional de fazer aquilo; tinha de haver algum truque de dona de casa. O espeto... amarrada ao espeto, como um porco assado.

Peguei a escova de onde ela havia quicado para longe, e esfreguei o chão até minhas mãos latejarem. Parecia que alguém espalhara lama por todo o lugar. A sujeira estava, *na verdade*, se transformando em lama quanto mais eu esfregava. Eu provavelmente choraria e imploraria por piedade quando eles me girassem naquele espeto. Havia linhas cobrindo o corpo nu de Clare... de que instrumento de tortura teriam vindo? Minhas mãos tremeram, e apoiei a escova. Eu podia enfrentar uma minhoca gigante, mas lavar um chão... *aquela* era a tarefa impossível.

Uma porta se abriu com um clique em algum lugar no fim do corredor, e fiquei de pé. Uma cabeça ruiva se virou em minha direção. Suspirei aliviada. Lucien...

Não era Lucien. O rosto que se virou para mim era feminino — e estava sem máscara.

Ela parecia talvez um pouco mais velha que Amarantha, mas a pele de porcelana tinha uma cor exótica, agraciada com um leve rosado nas bochechas. Se o

cabelo ruivo não fosse indicativo o suficiente, quando os olhos vermelhos encontraram os meus, soube quem era.

Fiz uma reverência com a cabeça para a senhora da Corte Outonal, e ela devolveu uma leve inclinação com o queixo. Imaginei que fosse honra o suficiente.

— Por dar a ela seu nome no lugar da vida de meu filho — disse ela, a voz doce, como maçãs aquecidas pelo sol. Devia estar na multidão naquele dia. Ela apontou para o balde com a mão longa e esguia. — Minha dívida está paga. — A senhora desapareceu pela porta que tinha aberto, e eu podia jurar que tinha sentido o cheiro de castanhas assadas e fogueiras crepitantes logo atrás.

Somente depois que a porta se fechou, percebi que deveria ter agradecido a ela, e apenas depois que olhei para o balde percebi que eu escondia o braço esquerdo atrás do corpo.

Eu me ajoelhei ao lado do balde e mergulhei os dedos na água. Eles saíram limpos.

Estremeci, me permitindo um momento para abraçar os joelhos antes de jogar um pouco de água no chão, e a observei lavar a sujeira.

Para tristeza dos guardas, eu havia completado a tarefa impossível. Mas, no dia seguinte, sorriram para mim quando me jogaram em um quarto imenso e escuro, iluminado apenas por algumas velas, e apontaram para a lareira alta.

— A criada derramou lentilhas nas cinzas — grunhiu um dos guardas, jogando um balde de madeira para mim. — Limpe antes que o ocupante volte, ou ele vai arrancar sua pele tira por tira.

A porta bateu, ouvi o clique da tranca, e estava sozinha.

Separar lentilha de cinzas e brasas — ridículo, um desperdício e...

Eu me aproximei da lareira apagada e estremeci.

Impossível.

Olhei em volta do quarto. Nenhuma janela, nenhuma outra saída, exceto aquela pela qual eu fora atirada. A cama era enorme e estava perfeitamente arrumada, os lençóis pretos de... de seda. Não havia mais nada no quarto além de mobília básica; nem mesmo roupas jogadas ou livros ou armas. Era como se o ocupante jamais dormisse ali. Eu me ajoelhei diante da lareira e acalmei a respiração.

Eu tinha olhos atentos, lembrei. Conseguia ver coelhos escondidos na vegetação rasteira e encontrar a maioria das coisas que queria permanecer oculta. Ver as lentilhas não poderia ser *tão* difícil. Suspirando, entrei mais na lareira e comecei.

Eu estava errada.

Duas horas depois, meus olhos queimavam e doíam, e, embora tivesse varrido cada centímetro daquela lareira, havia sempre mais lentilhas, mais e *mais*, que, de algum jeito, eu não vira. Os guardas jamais disseram *quando* o dono do quarto voltaria, então, cada tique do relógio sobre a lareira se tornara um aviso de morte, cada passo do lado de fora da porta me fazia pegar o atiçador de ferro encostado contra a parede da lareira. Amarantha jamais dissera nada sobre revidar, jamais especificara que eu não tinha permissão de me defender. Pelo menos eu cairia lutando.

Catei as cinzas diversas vezes. Minhas mãos estavam agora pretas e manchadas, as roupas cobertas de fuligem. Certamente não haveria mais; certamente...

O relógio emitiu um tique, e peguei o atiçador quando fiquei de pé, de costas para a lareira, com o espeto de metal atrás de mim.

Escuridão entrou no quarto, fazendo as velas tremeluzirem com uma brisa beijada pela neve. Segurei o atiçador com mais força, pressionando contra a pedra da lareira, mesmo quando a escuridão profunda se apoiou na cama e assumiu uma forma familiar.

— Por mais que seja maravilhoso ver você, Feyre, querida — disse Rhysand, jogado na cama, a cabeça apoiada em uma das mãos —, quero saber por que está vasculhando minha lareira?

Dobrei os joelhos levemente, preparando-me para correr, para me abaixar, para fazer qualquer coisa que me levasse até a porta, tão, tão longe.

— Eles disseram que eu precisava limpar lentilhas das cinzas, ou você arrancaria minha pele.

— Eles disseram? — Um sorriso felino.

— Devo agradecer a você por essa ideia? — sibilei. Ele não tinha permissão de me matar, não por causa do acordo com Amarantha, mas... havia outras formas de me ferir.

— Ah, não — cantarolou Rhysand. — Ninguém descobriu a respeito de *nosso* pequeno acordo ainda, e você conseguiu ficar calada. A vergonha a está sufocando?

Trinquei o maxilar e apontei para a lareira com uma das mãos, o atiçador ainda atrás de mim.

— Está limpo o suficiente para você?

— Por que havia lentilhas na minha lareira para início de conversa?

Lancei um olhar inexpressivo para ele.

— Um dos *afazeres domésticos* de sua amante, imagino.

— Hum — disse ele, examinando as próprias unhas. — Aparentemente, ela ou seus comparsas acham que vou me divertir com você.

Minha boca secou.

— Ou é um teste para você. — Consegui falar. — Disse que apostou em mim em minha primeira tarefa. Ela não pareceu satisfeita com aquilo.

— E por que Amarantha iria me testar?

Não desviei daquele olhar violeta. *Vadia da Amarantha*, chamara Lucien uma vez.

— Você mentiu para ela. Sobre Clare. Sabia muito bem como eu era.

Rhysand se sentou em um movimento fluido e apoiou os antebraços nas coxas. Tanta graciosidade contida em uma forma tão poderosa. *Eu matava no campo de batalha antes de você sequer ter nascido*, dissera ele a Lucien. Eu não duvidava.

— Amarantha faz os jogos dela — disse ele, simplesmente —, e eu faço os meus. As coisas ficam bem entediantes aqui embaixo, dia após dia.

— Ela o deixou sair para a Noite da Fogueira. E, de alguma forma, escapou para deixar aquela cabeça no jardim.

— Ela me pediu para colocar a cabeça no jardim. E quanto à Noite da Fogueira... — Rhysand me olhou de cima a baixo. — Tive meus motivos para sair naquela noite. Não pense, Feyre, que isso não me custou nada. — Ele sorriu de novo, e o sorriso não chegou aos olhos. — Vai soltar esse atiçador, ou devo esperar que comece a empunhá-lo em breve?

Engoli um xingamento e mostrei o atiçador, mas não o soltei.

— Um esforço de coragem, mas inútil — disse ele. Verdade... verdade absoluta quando Rhysand sequer precisava tirar as mãos dos bolsos para segurar a mente de Lucien.

— Como você ainda tem tanto poder e os outros não? Achei que ela tivesse tomado os poderes de todos.

Rhysand ergueu uma sobrancelha escura e feita.

— Ah, ela levou meus poderes. Isto... — Senti uma carícia das garras contra minha mente. Recuei um passo, me chocando contra a lareira. A pressão em minha mente sumiu. — Isto é apenas um resquício. As sobras com as quais posso brincar. Seu Tamlin tem força bruta e o poder da transfiguração; meu arsenal tinha uma variedade muito mais mortal.

Eu sabia que ele não estava blefando; não depois de sentir aquelas garras na mente.

— Então, não pode se transformar? Isso não é uma especialidade dos Grão-Senhores?

— Ah, todos os Grãos-Senhores podem. Cada um de nós tem uma fera inquieta sob a pele, rugindo para sair. Enquanto seu Tamlin prefere pelos, acho asas e garras mais divertidas.

Um toque frio beijou minha coluna.

— Pode se transformar agora, ou ela também levou isso?

— Tantas perguntas de uma pequena humana.

Mas a escuridão que pairava ao seu redor começou a se contorcer e girar e se acender quando Rhysand ficou de pé. Pisquei, e tinha terminado.

Ergui o atiçador de ferro, apenas um pouco.

— Não é uma transformação completa, entende — falou Rhysand, estalando as garras afiadas como lâminas que substituíram seus dedos. Abaixo do joelho, escuridão manchava a pele de Rhysand, mas garras também reluziam no lugar dos dedos dos pés. — Não gosto muito de me render totalmente ao meu lado mais primitivo.

De fato, ainda era o rosto de Rhysand, seu corpo poderoso e masculino, mas iluminadas atrás dele surgiam imensas asas membranosas e pretas... como um morcego, como o Attor. Rhysand as fechou cuidadosamente atrás do corpo, mas a garra solitária no ápice de cada asa despontava acima dos ombros largos. Horrível, assombroso; o rosto de mil pesadelos e sonhos. Aquela, parte inútil de mim se agitou diante da visão, do modo como a luz da vela brilhava pelas asas, iluminando os veios, do modo como a luz refletia de suas garras.

Rhysand virou o pescoço, e tudo sumiu com um lampejo — as asas, as garras, os pés —, deixando apenas o homem para trás, bem-vestido e inabalado.

— Não vai fazer nenhuma tentativa de elogio?

Eu tinha cometido um erro muito, muito grande ao oferecer minha vida a ele.

Mas falei:

— Você já tem uma opinião muito forte sobre si mesmo. Duvido que os elogios de uma pequena humana importem para você.

Rhysand soltou uma gargalhada que percorreu meus ossos, aquecendo meu sangue.

— Não consigo decidir se deveria considerá-la admirável ou muito burra por ser tão ousada com um Grão-Senhor.

Apenas perto dele eu tinha dificuldades de manter a boca fechada, parecia. Então, ousei perguntar:

— Sabe a resposta para o enigma?

Rhysand cruzou os braços.

— Está trapaceando?

— Ela não falou que eu não podia pedir ajuda.

— Sim, mas depois de espancar você até que caísse, ela ordenou que nós não a ajudássemos. — Esperei. Mas Rhysand balançou a cabeça. — Mesmo que eu quisesse ajudar, não poderia. Ela dá a ordem, e todos nos curvamos. — Rhysand limpou um fiapo do casaco preto. — É bom que ela goste de mim, não é?

Abri a boca para insistir, para implorar a ele. Se aquilo significasse liberdade imediata...

— Não desperdice seu fôlego — aconselhou Rhysand. — Não posso lhe dizer, ninguém aqui pode. Se ela ordenasse que parássemos de respirar, teríamos de obedecer também. Ele franziu a testa para mim e estalou os dedos. A fuligem, a sujeira, as cinzas sumiram de minha pele, me deixando tão limpa quanto se tivesse tomado banho. — Pronto. Um presente, por ter coragem de sequer perguntar.

Lancei a ele um olhar inexpressivo, mas Rhysand indicou a lareira.

Estava impecável, e meu balde estava cheio de lentilhas. A porta se abriu por vontade própria, revelando os guardas que tinham me arrastado até ali. Rhysand gesticulou com a mão preguiçosa para eles. — Ela cumpriu o afazer. Levem-na de volta.

Os guardas me agarraram, mas Rhysand exibiu os dentes em um sorriso que era qualquer coisa menos amigável... e os guardas pararam.

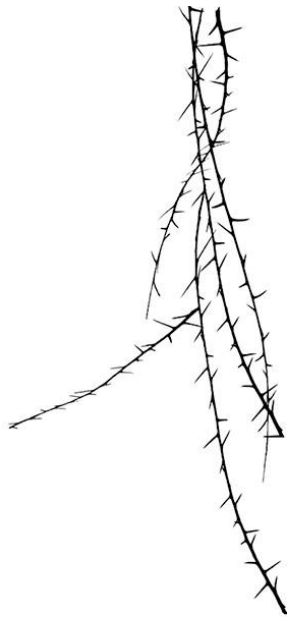
— Chega de afazeres domésticos, chega de trabalhos — ordenou ele, a voz parecendo um ronronar erótico. Os olhos amarelos dos guardas ficaram vítreos e inexpressivos, os dentes afiados reluziram quando as bocas se abriram. — Digam isso aos demais também. Fiquem longe da cela da humana e não a toquem. Se tocarem, deverão pegar as próprias adagas e se estripar. Entendido?

Depois de darem acenos de cabeça zonzos e entorpecidos, os guardas piscaram e esticaram o corpo. Escondi minha tremedeira. Feitiço, controle mental... o que quer que Rhysand tivesse feito, havia funcionado. Eles me chamaram, mas não ousaram me tocar.

Rhysand sorriu para mim.

— De nada — sussurrou ele, conforme eu saía.

Capítulo 39



Daquele momento em diante, toda manhã e toda noite, uma refeição quente e fresca aparecia em minha cela. Eu a engolia, mas também amaldiçoava o nome de Rhysand. Presa naquela cela, não tinha nada a fazer a não ser pensar no enigma de Amarantha — em geral apenas para acabar com uma dor de cabeça latejante. Eu o recitava diversas e diversas vezes, inutilmente.

Os dias se passaram, e não vi Lucien ou Tamlin, e Rhysand não apareceu para me provocar. Eu estava sozinha — completamente sozinha, trancada em silêncio —, embora os gritos na masmorra continuassem, dia e noite. Quando eles ficavam insuportáveis e eu não conseguia ignorá-los, olhava para o olho tatuado em minha palma. Imaginei se ele fizera aquilo para me lembrar silenciosamente de Jurian; um tapa cruel e mesquinho no rosto, indicando que eu talvez estivesse a caminho de pertencer a Rhysand, como o antigo guerreiro agora pertencia a Amarantha.

De vez em quando, eu dizia algumas palavras à tatuagem — depois, me amaldiçoava por ser tão tola. Ou amaldiçoava Rhysand. Mas podia jurar que, quando caí no sono uma noite, o olho piscou.

Se eu estivesse contando certo o horário das refeições, cerca de quatro dias depois de eu encontrar Rhysand naquele quarto, duas fêmeas Grã-Feéricas

chegaram a minha cela.

Elas surgiram pelas fendas, de fiapos de escuridão, exatamente como Rhysand o fizera. Mas, enquanto ele havia se solidificado em uma forma tangível, aquelas feéricas permaneceram em grande parte feitas de sombras, as feições quase indiscerníveis, exceto pelos vestidos largos e fluidos de teia de aranha. Elas permaneceram em silêncio quando me tocaram. Não protestei; não havia nada com que lutar contra elas, e nenhum lugar para correr. As mãos que as duas fecharam em meus antebraços eram frias, mas sólidas, como se as sombras fossem um manto, uma segunda pele.

Elas deviam ter sido enviadas por Rhysand; deviam ser serviçais dele, da Corte Noturna. Poderiam ser mudas, considerando tudo o que disseram para mim quando se aproximaram de meu corpo e saímos... fisicamente saímos *pela* porta fechada, como se ela nem estivesse ali. Como se eu tivesse me tornado uma sombra também. Meus joelhos cederam diante da sensação, que era como aranhas andando em minha coluna, nos braços, conforme caminhamos pelas opressoras masmorras escuras.

As feéricas subiram comigo por escadarias empoeiradas e corredores esquecidos, até chegarmos a um quarto simples, no qual me despiram, me deram um bom banho e depois, para meu horror, começaram a pintar meu corpo.

Seus pincéis eram insuportavelmente frios e faziam cócegas, e as mãos sombreadas das feéricas me seguravam firme quando eu me mexia. As coisas só pioraram quando elas pintaram minhas partes mais íntimas, e me esforcei para não chutar uma delas na cara. As feéricas não ofereceram explicação sobre o porquê — nenhuma dica de se aquilo era outro tormento enviado por Amarantha. Mesmo que eu fugisse, não havia para onde escapar; não sem condenar ainda mais Tamlin. Então, parei de exigir respostas, parei de revidar e deixei que terminassem.

Do pescoço para cima, eu estava majestosa: meu rosto fora adornado com cosméticos — ruge nos lábios, uma pincelada de pó dourado nas pálpebras, delineador nos olhos —, e meus cabelos foram presos em volta de um pequeno

diadema dourado, encrustado com lápis-lazúli. Mas, do pescoço para baixo, eu era o brinquedinho de um deus pagão. Elas continuaram os padrões da tatuagem em meu braço e, depois que a tinta preto-azulada secou, me colocaram um vestido branco esvoaçante.

Se é que aquilo podia ser chamado de vestido. Era pouco mais que duas faixas longas de tule, largas o suficiente apenas para cobrir meus seios, presas sobre cada ombro com broches de ouro. As partes desciam até um cinto encrustado de joias, preso em meus quadris, onde se uniam a um pedaço único de tecido que pendia entre minhas pernas, até o chão. Ele mal me cobria, e pelo ar frio na pele, eu sabia que a maior parte de minhas costas estava exposta.

A brisa fria acariciando minha pele nua foi o suficiente para despertar minha raiva. As duas Grã-Feéricas ignoraram minhas exigências de que me vestissem com outras roupas, e seus rostos impossivelmente sombreados se escondiam de mim, mas seguraram meus braços com força quando tentei arrancar o tecido.

— Eu não faria isso — disse uma voz grave e melódica à porta. Rhysand estava recostado à parede, os braços cruzados sobre o peito.

Eu deveria saber que aquilo era coisa dele, deveria saber pelos padrões que combinavam, e que haviam sido pintados em meu corpo inteiro.

— Nosso acordo ainda não começou — disparei. Os instintos que um dia me disseram para ficar calada perto de Tam e Lucien falhavam por completo quando Rhys estava por perto.

— Ah, mas preciso de uma acompanhante para a festa. — Os olhos violeta brilharam com estrelas. — E quando pensei em você agachada naquela cela a noite toda, sozinha... — Rhysand fez um gesto com a mão, e as criadas feéricas sumiram pela porta atrás dele. Encolhi o corpo quando elas atravessaram livremente a madeira, sem dúvida uma habilidade que todos na Corte Noturna possuíam, e Rhysand deu um risinho. — Você está exatamente como eu esperava.

Do fundo da memória, lembrei palavras semelhantes que Tamlin certa vez sussurrara ao meu ouvido.

— Isso é necessário? — falei, indicando a pintura e as roupas.

— É claro — disse ele, friamente. — De que outra forma vou saber se alguém a tocar?

Rhysand se aproximou, e me preparei quando ele percorreu um dedo por meu ombro, borrando a tinta. Assim que o dedo de Rhysand deixou minha pele, a tinta se restaurou, retornando ao desenho original.

— O vestido não borrará a tinta, assim como seus movimentos — disse ele, com o rosto próximo do meu. Os dentes de Rhysand estavam perto demais de meu pescoço. — E lembrarei exatamente de onde *minhas* mãos estiveram. Mas, se outra pessoa a tocar, digamos, um certo Grão-Senhor que gosta da primavera, eu saberei. — Ele tocou meu nariz. — E Feyre — acrescentou Rhysand, a voz um murmuro carinhoso —, não gosto que meus pertences sejam corrompidos.

Gelo envolveu meu estômago. Ele me possuía por uma semana todo mês. E, aparentemente, achava que isso se estendia para o resto da minha vida também.

— Venha — disse Rhysand, chamando com uma das mãos. — Já estamos atrasados.

Caminhamos pelos corredores. Os sons de diversão se elevavam adiante, e meu rosto queimava enquanto eu silenciosamente lamentava o tecido transparente demais do vestido. Sob ele, meus seios estavam visíveis a todos, a tinta mal deixava espaço para a imaginação, e o ar frio da caverna arrepiava minha pele. Com as pernas, as laterais do corpo e maior parte da barriga expostos, exceto pelas faixas finas de tecido, precisava trincar os dentes para evitar que tremessem. Meus pés descalços estavam quase congelados, e esperava que, onde quer que fôssemos, houvesse uma fogueira gigante.

Música esquisita, fora de tom, ecoava por duas portas de pedra que eu imediatamente reconheci. O salão do trono. *Não*. Qualquer lugar, exceto ali.

Feéricos e Grão-Feéricos encararam quando passamos pela entrada. Alguns fizeram reverência a Rhysand, enquanto outros ficaram apenas boquiabertos. Vi vários dos irmãos mais velhos de Lucien reunidos do lado de dentro. Os sorrisos que me deram eram puramente vulpinos.

Rhysand não me tocava, mas ele andava perto o bastante para que ficasse óbvio que eu estava com ele... que eu *pertencia* a ele. Não teria ficado surpresa caso prendesse uma coleira com uma guia a meu pescoço. Talvez fizesse isso em algum momento, agora que eu estava presa a ele, e o acordo marcado na pele.

Sussurros se ergueram sobre os gritos de comemoração, e até mesmo a música ficou baixa quando a multidão se abriu e formou um caminho para nós até o altar de Amarantha. Ergui o queixo, o peso da coroa pressionando meu crânio.

Tinha vencido a primeira tarefa. Tinha vencido os afazeres inferiores. Podia manter a cabeça erguida.

Tamlin estava sentado ao lado de Amarantha naquele mesmo trono, com as roupas de sempre, nenhuma arma embainhada em qualquer lugar, a máscara ainda no rosto — único sinal do desafio insistente. Rhysand dissera que queria contar a ele no momento certo, que queria ferir Tamlin ao revelar sobre o acordo que eu fizera. Porco. Porco ardiloso e desprezível.

— Feliz Alto Verão — falou Rhysand, fazendo uma reverência para Amarantha. Ela usava um vestido refinado, lavanda e roxo-orquídea, surpreendentemente modesto. Eu era uma selvagem diante de sua beleza culta.

— O que fez com minha prisioneira? — disse Amarantha, mas o sorriso não chegou aos olhos.

O rosto de Tamlin parecia pedra — parecia pedra, exceto pelo aperto das mãos, cujos nós dos dedos ficaram esbranquiçados, no braço do trono. Nenhuma garra.

Pelo menos ele conseguia manter aquela característica do temperamento controlada.

Eu tinha feito algo tolo ao me aprisionar a Rhysand. Rhysand, e as asas e as garras que espreitavam sob aquela superfície linda, impecável; Rhysand, que podia destruir mentes. *Fiz isso por você*, eu queria gritar.

— Fizemos um acordo — disse Rhysand. Encolhi o corpo quando ele afastou uma mecha solta de meus cabelos do rosto. Rhysand passou os dedos por minha bochecha, numa carícia gentil. O salão do trono ficou silencioso demais conforme Rhysand dirigia as palavras seguintes a Tamlin. — Uma semana comigo na Corte Noturna todo mês, em troca de meus serviços de cura depois de sua primeira tarefa. — Rhysand ergueu meu braço esquerdo para mostrar a tatuagem cuja tinta não brilhava tanto quanto aquela em meu corpo. — Pelo resto da vida — acrescentou Rhys casualmente, mas seus olhos estavam agora sobre Amarantha.

A rainha feérica esticou um pouco o corpo; até mesmo o olho de Jurian parecia fixo em mim, em Rhysand. Pelo resto da minha vida... ele dissera como se ela fosse durar muito, muito tempo.

Rhysand achava que eu venceria as tarefas de Amarantha.

Encarei seu perfil, o nariz elegante e os lábios sensuais. Jogos — Rhysand gostava de jogos, e parecia que eu agora seria uma peça-chave em qualquer que fosse aquele.

— Aproveite minha festa. — Foi a única resposta de Amarantha enquanto ela brincava com o osso na ponta do cordão. Dispensado, Rhysand colocou a mão em minhas costas para nos guiar para longe, me afastar de Tamlin, que ainda se agarrava ao trono.

A multidão ficou bem longe, e não consegui encarar ninguém, por medo de acabar vendo Tamlin de novo, ou Lucien; ter um lampejo de sua expressão quando me olhasse.

Mantive o queixo erguido. Não deixaria que os outros reparassem aquela fraqueza; não deixaria que soubessem o quanto me deixava arrasada estar tão exposta, ter os símbolos de Rhysand pintados por quase cada centímetro da pele, que Tamlin me visse tão humilhada.

Rhysand parou diante de uma mesa cheia de alimentos exóticos. Os Grão-Feéricos ao redor dela rapidamente se afastaram. Se havia outros membros da Corte Noturna presentes, não irradiaram escuridão do modo com Rhysand e suas criadas; não ousaram se aproximar de mim. A música ficou alta a ponto de sugerir que provavelmente havia dança em algum lugar do salão.

— Vinho? — ofereceu ele, me entregando uma taça.

A primeira regra de Alis. Fiz que não com a cabeça.

Rhysand sorriu e estendeu a taça de novo.

— Beba. Vai precisar.

Beba, ecoou minha mente, e meus dedos se mexeram em direção à taça. Não. Não, Alis dissera para não beber o vinho ali; o vinho que era diferente daquele vinho alegre e libertador do solstício.

— Não — falei, e alguns feéricos que nos observavam de uma distância segura riram.

— Beba — disse Rhysand, e meus dedos traidores pegaram a taça.

***

Acordei na cela, ainda vestindo aquele lenço que ele chamava de vestido. Tudo girava tanto que mal consegui chegar ao canto da cela antes de vomitar. De novo. E de novo. Quando esvaziei o estômago, rastejei até o lado oposto da cela e desabei.

O sono veio irrequieto conforme o resto do mundo continuava rodando violentamente ao meu redor. Estava presa a uma roca, girando, girando, girando...

Não preciso dizer que vomitei muitas vezes naquele dia.

Tinha acabado de beliscar o jantar quente, que surgira momentos antes, quando a porta rangeu e um rosto de raposa dourado surgiu — com um olho de metal semicerrado.

— Merda — falou Lucien. — Está congelando aqui.

Sim, mas eu estava enjoada demais para reparar. Manter a cabeça erguida era um esforço, e manter a comida *dentro* de mim, um esforço ainda maior. Lucien soltou o manto e colocou-o em volta de meus ombros. O calor pesado passou para mim.

— Olhe só para tudo isso — disse Lucien, encarando a tinta em mim. Ainda bem que estava toda intacta, exceto por alguns pontos na cintura. — Desgraçado.

— O que aconteceu? — Consegui dizer, embora não tivesse certeza se queria mesmo a resposta. Minha memória era um borrão escuro de música selvagem.

Lucien se afastou.

— Não acho que queira saber. — Observei os poucos borrões na minha cintura, marcas que pareciam indicar que mãos tinham me segurado.

— Quem fez isso comigo? — perguntei baixinho, meus olhos seguindo o arco da tinta manchada.

— Quem você acha?

Meu coração se apertou e olhei para o chão.

— Ele... Tamlin viu isso?

Lucien assentiu.

— Rhys só estava fazendo isso para provocá-lo.

— E funcionou? — Eu ainda não conseguia encarar Lucien. Sabia, pelo menos, que não tinha sido violada, além dos toques nas laterais. A tinta me dizia isso.

— Não — falou Lucien, e dei um sorriso triste.

— O que... o que eu fiz o tempo todo? — Inútil o aviso de Alis.

Lucien deu um suspiro forte e passou a mão pelos cabelos ruivos.

— Rhys obrigou você a dançar para ele durante a maior parte da noite. E, quando não estava dançando, estava sentada no colo dele.

— Que *tipo* de dança? — insisti.

— Não o tipo executada com Tamlin no Solstício — respondeu Lucien, e meu rosto esquentou. Pelo borrão das memórias da noite anterior, lembrei da proximidade de um par de olhos violeta, olhos que brilhavam com malícia enquanto me olhavam.

— Diante de todos?

— Sim — respondeu Lucien, mais gentilmente do que eu já o ouvira falar comigo antes. Enrijeci o corpo. Não queria sua piedade. Lucien suspirou e pegou meu braço esquerdo, examinando a tatuagem. — Em que estava pensando? Não sabia que eu viria assim que possível?

Puxei o braço.

— Eu estava *morrendo*! Com febre, mal conseguia ficar consciente! Como podia adivinhar que viria? Que sequer entendia quão rapidamente humanos podem morrer desse tipo de coisa? Você me disse que *hesitou* daquela vez com os naga.

— Fiz um juramento a Tamlin...

— Não tive escolha! Acha que vou confiar em você depois de tudo o que falou para mim na mansão?

— Eu me arrisquei por você durante a tarefa. Não bastou? — O olho de metal de Lucien rangeu baixinho. — Você ofereceu seu nome a mim; depois de tudo o que eu falei para você, tudo o que fiz, mesmo assim ofereceu seu nome. Não percebeu que eu a ajudaria depois daquilo? Com ou sem juramento?

Não percebi que aquilo significaria alguma coisa para ele.

— Não tive escolha — falei, de novo, respirando com dificuldade.

— Não entende o que Rhys é?

— Entendo! — disparei, e depois suspirei. — Entendo — repeti baixinho, e olhei com raiva para o olho em minha palma. — Está feito. Então, não precisa

cumprir qualquer que seja o juramento que tenha feito a Tamlin para me proteger, ou sentir que me deve alguma coisa por tê-lo salvado de Amarantha. Eu teria feito aquilo apenas para arrancar o sorrisinho dos rostos de seus irmãos.

Lucien emitiu um estalo com a língua, mas o olho vermelho que lhe restava brilhou.

— Fico feliz por ver que não vendeu seu espírito humano vivaz ou sua teimosia.

— Apenas uma semana de minha vida todo mês.

— Sim, bem... vamos ver quanto a *isso* quando o momento chegar — grunhiu Lucien, o olho de metal se voltando para a porta. — Preciso ir. O turno vai mudar.

Lucien deu um passo antes que eu dissesse:

— Desculpe... por ela ter punido você mesmo assim por ter me ajudado durante a tarefa. Soube... — Minha garganta se apertou. — Soube o que ela obrigou Tamlin a fazer com você. — Lucien deu de ombros, mas acrescentei: — Obrigada. Por me ajudar, quero dizer.

Ele caminhou até a porta, e, pela primeira vez, reparei em como Lucien se movia com rigidez.

— Foi por isso que não pude vir mais cedo — disse ele, a garganta oscilando. — Ela... usou os poderes dela, os *nossos*, para evitar que minhas costas melhorassem. Não consegui me mover até hoje.

Respirar se tornou difícil.

— Aqui — falei, tirando o manto de Lucien e ficando de pé para entrega-lo a ele. O frio repentino fez minha pele se arrepiar.

— Fique com ele. Tirei de um guarda que estava dormindo a caminho daqui. — À luz fraca, o símbolo bordado de um dragão adormecido reluziu. O brasão de Amarantha. Fiz uma careta, mas me cobri com ele.

— Além do mais — acrescentou Lucien, com um risinho —, já vi o suficiente de você através desse vestido para durar uma vida inteira. — Corei quando ele

abriu a porta.

— Espere — falei. — Tamlin... Tamlin está bem? Quero dizer, quero dizer, esse feitiço que Amarantha lançou sobre ele, para deixá-lo tão silencioso...

— Não há feitiço. Não ocorreu a você que Tamlin se mantém calado para evitar contar a Amarantha qual de seus tormentos o afeta mais?

Não, não tinha.

— Mas ele está jogando um jogo perigoso — disse Lucien, saindo pela porta. — Todos estamos.

Na noite seguinte, fui novamente banhada, pintada e levada para aquele miserável salão do trono. Não era um baile dessa vez... apenas um entretenimento noturno.

O qual, pelo visto, era eu. Depois que bebi o vinho, no entanto, fiquei piedosamente alheia ao que acontecia.

Noite após noite, fui vestida do mesmo jeito e acompanhada por Rhysand até o salão do trono. Então, me tornei o brinquedo de Rhysand, a meretriz da vadia de Amarantha. Acordava com vagos pedaços de lembranças — de dançar entre as pernas de Rhysand enquanto ele se sentava na cadeira e ria, das mãos dele, manchadas de azul dos lugares onde haviam tocado minha cintura, meus braços, no entanto, por algum motivo, nunca mais que isso. Rhys me fazia dançar até que eu ficasse enjoada e, depois que eu terminava de vomitar, me mandava começar de novo.

Eu acordava enjoada e exausta toda manhã, e, embora a ordem de Rhys para os guardas tivesse, de fato, funcionado, as atividades noturnas me deixavam completamente exaurida. Passava os dias dormindo para afastar o efeito do vinho feérico, cochilando para escapar da humilhação que passava. Quando podia, pensava no enigma de Amarantha, revirando cada palavra... inutilmente.

E, quando entrava novamente no salão do trono, só me permitiam um lampejo de Tamlin antes de a droga do vinho fazer efeito. Mas toda vez, toda noite, durante apenas aquele lampejo, eu não escondia o amor e a dor que se acumulavam em meus olhos quando eu encontrava os dele.

Eu tinha acabado de ser pintada e vestida — o vestido de tule era da cor de toranjas naquela noite — quando Rhysand entrou no quarto. As serviçais de sombras, como sempre, saíram pelas paredes e sumiram. Mas, em vez de me chamar até ele, Rhysand fechou a porta.

— Sua segunda tarefa é amanhã à noite — disse ele, inexpressivo. O bordado dourado e prateado na túnica preta brilhava à luz das velas. Rhysand jamais usava outra cor.

Aquilo foi como uma pedrada na cabeça. Eu tinha perdido a noção dos dias.

— E daí?

— Pode ser sua última — retrucou ele, e se recostou ao portal, cruzando os braços.

— Se está me provocando para que eu entre em outro de seus joguetes, está desperdiçando fôlego.

— Não vai me implorar por uma noite com seu amado?

— Terei essa noite, e todas as outras depois, quando vencer a última tarefa.

Rhys deu de ombros e, então, lançou um sorriso quando se desencostou da porta e se aproximou de mim.

— Imagino se era tão teimosa com Tamlin quando era sua prisioneira.

— Ele jamais me tratou como prisioneira... ou como escrava.

— Não... e como poderia? Não com a vergonha e a brutalidade dos irmãos sempre pesando sobre ele, a pobre e nobre besta. Mas, talvez, se tivesse se dado o trabalho de aprender uma ou duas coisas sobre crueldade, sobre o que significa ser um Grão-Senhor de verdade, teria evitado que a Corte Primaveril caísse.

— Sua corte também caiu.

Tristeza lampejou naqueles olhos violeta. Eu não teria reparado caso não tivesse... *sentido*... bem no fundo. Meu olhar se desviou para o olho gravado em minha palma. Que tipo de tatuagem, exatamente, ele me dera? Mas, em vez disso, perguntei:

— Quando você estava vagando livremente durante a Noite da Fogueira, no Rito, disse que aquilo lhe custou. Você foi um dos Grão-Senhores que vendeu sua lealdade a Amarantha em troca de não ser obrigado a viver aqui embaixo?

Qualquer tristeza nos olhos dele sumiu; apenas uma calma fria e reluzente restava. Eu podia jurar que uma sombra de asas poderosas manchara a parede atrás de Rhysand.

— O que eu faço ou fiz por minha corte não é de sua conta.

— E *o que* ela tem feito durante os últimos 49 anos? Fazendo a corte e torturando todos como quer? Com que objetivo? — *Conte-me sobre as ameaças que ela representa para o mundo humano*, eu queria implorar... *Conte-me o que tudo isso significa,* por que *tantas coisas horríveis precisaram acontecer*.

— A Senhora da Montanha não precisa de desculpas para suas ações.

— Mas...

— As festividades aguardam. — Rhysand indicou a porta atrás dele.

Eu sabia que entrava em um território perigoso, mas não me importava.

— O que quer comigo? Além de provocar Tamlin.

— Provocá-lo é meu maior prazer — respondeu Rhysand, com uma reverência debochada. — E quanto a sua pergunta, por que um macho precisa de motivo para apreciar a presença de uma fêmea?

— Você salvou minha vida.

— E pela *sua* vida, salvei a de Tamlin.

— Por quê?

Ele piscou um olho, alisando os cabeços pretos macios.

— Essa, Feyre, é a verdadeira pergunta, não é?

Com isso, Rhysand me guiou para fora do quarto.

Chegamos ao salão do trono, e eu me preparei para ser drogada e desgraçada de novo. Mas foi para Rhysand que a multidão olhou... era Rhysand quem os irmãos de Lucien vigiavam. A voz clara de Amarantha ecoou por cima da música, convocando-o.

Rhysand parou, olhando para os irmãos de Lucien, que caminhavam atrás de nós, a atenção deles fixa em mim. Ansiosos, famintos... maliciosos. Abri a boca, e não me orgulhei por haver pedido a Rhysand que não me deixasse sozinha com eles enquanto lidava com Amarantha, mas Rhys apoiou a mão em minhas costas e me empurrou com ele.

— Apenas fique por perto, e mantenha a boca fechada — murmurou ele ao meu ouvido conforme me levava pelo braço. A multidão se abriu, como se estivéssemos pegando fogo, revelando rapidamente o que estava diante de nós.

Não de nós, corrigindo, mas de Rhysand.

Um Grão-Feérico de pele marrom chorava no chão diante do altar. Amarantha sorria para ele como uma cobra; tão determinada que nem mesmo me olhou. Ao lado dela, Tamlin permanecia impassível. Uma besta sem garras.

Rhysand virou os olhos para mim, em um comando silencioso para que eu ficasse no limite da multidão. Obedeci, e, quando dirigi minha atenção para Tamlin, esperando que ele olhasse — que apenas *olhasse* para mim —, ele não olhou, estava concentrado apenas na rainha, no macho diante dela. Ok.

Amarantha acariciou o anel, observando cada movimento que Rhysand fazia conforme ele se aproximava.

— O pequeno senhor do verão — disse ela sobre o macho aos seus pés — tentou escapar para as terras da Corte Primaveril. Quero saber por quê.

Havia um Grão-Feérico alto e bonito de pé no limite da multidão, os cabelos quase brancos, olhos de um azul cristal avassalador, a pele do mais rico tom de

mogno. Mas a boca parecia contraída enquanto desviava sua atenção entre Amarantha e Rhysand. Eu o vira antes, durante aquela primeira tarefa — era o Grão-Senhor da Corte Estival. Antes, ele brilhava, quase vazando luz dourada; agora, estava mudo, lívido. Como se Amarantha tivesse drenado até a última gota de seu poder enquanto interrogava o súdito.

Rhysand enfiou as mãos nos bolsos e se aproximou do macho no chão.

O feérico da Corte Estival se encolheu, o rosto brilhante de lágrimas. Meu estômago se revirou de medo e vergonha quando ele se urinou ao ver Rhysand.

— P-p-por favor — gaguejou o homem.

A multidão estava sem fôlego, silenciosa demais.

De costas para mim, os ombros de Rhysand estavam relaxados, não havia um fio de tecido fora do lugar. Mas eu sabia que suas garras tinham tomado a mente do feérico assim que o macho parou de tremer no chão.

O Grão-Senhor Estival ficara imóvel também; e era dor, dor de verdade, e medo que brilharam naqueles olhos azuis impressionantes. A Estival era uma das cortes que havia se rebelado, lembrei. Então, aquele era um novo Grão-Senhor, não testado, que ainda precisaria fazer escolhas que custariam vidas.

Depois de um momento de silêncio, Rhysand olhou para Amarantha.

— Ele queria escapar. Chegar à Corte Primaveril, atravessar a muralha e fugir para o sul, para território humano. Não tinha cúmplices, e nenhum motivo além da própria covardia patética. — Rhysand indicou com o queixo a poça de urina sob o macho. Mas, pelo canto do olho, vi o Grão-Senhor da Corte Estival fraquejar um pouco, o bastante para me fazer pensar... pensar que tipo de escolha Rhys fizera no momento em que começou a vasculhar a mente do macho.

Mas Amarantha revirou os olhos e relaxou no trono.

— Destrua-o, Rhysand. — Ela fez um gesto com a mão para o Grão-Senhor da Corte Estival. — Você pode fazer o que quiser com o corpo depois.

O Grão-Senhor da Corte Estival fez uma reverência — como se tivesse recebido um presente — e olhou para o súdito, que ficara imóvel e calmo no chão, abraçando os joelhos. O feérico estava pronto, aliviado.

Rhys tirou a mão do bolso e a soltou sobre uma das laterais do corpo. Eu podia jurar que garras fantasmas reluziram ali quando os dedos dele se fecharam levemente.

— Estou ficando entediada, Rhysand — falou Amarantha com um suspiro, brincando de novo com aquele osso. Ela não olhara para mim uma vez, concentrada demais na presa do momento.

Os dedos de Rhysand se fecharam em um punho.

Os olhos do feérico se arregalaram... e depois brilharam quando ele desabou para o lado em uma poça dos próprios dejetos. Sangue vazou de seu nariz, das orelhas, empoçando-se no chão.

Tão rápido, tão fácil, tão irrevogavelmente... Ele estava morto.

— Eu disse para destruir a mente dele, não o cérebro — disparou Amarantha.

A multidão murmurou ao meu redor, agitada. Eu só queria sumir em meio a ela... me encolher na cela e queimar aquilo da mente. Tamlin não se mexera, nem um músculo. Que horrores teria testemunhado durante a longa vida para que aquilo não quebrasse aquela expressão distante, aquele controle?

Rhysand deu de ombros, e a mão deslizou de volta para o bolso.

— Peço desculpas, minha rainha. — Ele se virou, sem ser dispensado, e não me olhou conforme caminhou até os fundos do salão do trono. Caminhei ao lado dele, contendo a tremedeira, tentando não pensar no corpo estatelado atrás de nós, ou em Clare, ainda pregada à parede.

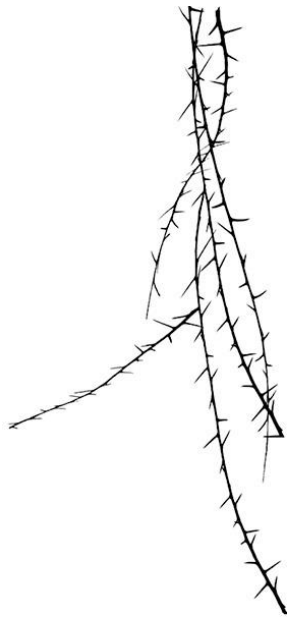
A multidão permaneceu bem afastada conforme a atravessamos. *Vadia*, sibilaram alguns baixinho para ele, fora do alcance dos ouvidos dela; *vadia de Amarantha*. Mas muitos ofereceram palavras e sorrisos hesitantes e de reconhecimento — *que bom que o matou; bom que matou o traidor.*

Rhysand não ousou reconhecer nenhum deles, os ombros ainda estavam relaxados, os passos não tinham pressa. Imaginei se mais alguém além dele e do Grão-Senhor da Corte Estival sabiam que a morte tinha sido por piedade. Eu estava disposta a apostar que havia outros envolvidos naquele plano de fuga, talvez até mesmo o próprio Grão-Senhor da Corte Estival.

Mas talvez guardar esses segredos tivesse apenas servido aos joguetes de que Rhysand gostava. Talvez, poupar o feérico ao matá-lo rapidamente, ao invés de destruir sua mente e deixá-lo babando como uma casca vazia, também tivesse sido outro movimento calculado.

Rhysand não parou uma vez durante aquela longa caminhada pelo salão do trono, mas, quando chegamos à comida nos fundos do salão, Rhysand me entregou uma taça e bebeu uma comigo. Ele não disse nada antes que o vinho me levasse ao esquecimento.

Capítulo 40



Minha segunda tarefa chegou.

Com os dentes reluzindo, o Attor sorriu para mim enquanto eu parava diante de Amarantha. Estávamos em outra caverna; menor que o salão do trono, mas grande o suficiente para talvez ser algum tipo de área de entretenimento antiga. Não tinha decorações, nenhuma mobília, exceto pelas paredes com moldura dourada, e a própria rainha se sentava apenas em uma cadeira de madeira entalhada, com Tamlin de pé atrás dela. Não encarei por muito tempo o Attor, que ficou do outro lado da cadeira da rainha, com a longa cauda fina chicoteando o chão. Ele só sorria para me deixar nervosa.

Estava funcionando. Nem mesmo olhar para Tamlin poderia me acalmar. Fechei as mãos em punho ao largo do corpo conforme Amarantha sorria.

— Bem, Feyre, sua segunda tarefa chegou. — Ela parecia tão arrogante, tão segura de que minha morte pairava ali. Fiquei apavorada com o que estava por vir. Fora uma tola ao recusar a morte nos dentes da minhoca. Amarantha cruzou os braços e apoiou o queixo em uma das mãos. Dentro do anel, o olho de Jurian se virou, *se virou* para me olhar, a pupila se dilatando à luz fraca. — Já decifrou meu enigma?

Não ousei responder.

— Uma pena — disse Amarantha, fazendo biquinho. — Mas estou me sentindo generosa esta noite. — O Attor deu um risinho, e vários feéricos lançaram risadas sibilantes para mim, risadas que subiram serpenteando por minha coluna. — Que tal um pouco de treino? — sugeriu Amarantha, e obriguei meu rosto a permanecer neutro. Se Tamlin bancava o indiferente para nos manter a salvo, eu faria o mesmo.

Mas ousei olhar para meu Grão-Senhor e encontrei seus olhos ríspidos sobre mim. Eu só queria segurar Tamlin, sentir-lhe a pele por apenas um momento, sentir seu cheiro, ouvir Tamlin dizer meu nome...

Era difícil conter as lágrimas, mas consegui. Não daria àquelas pessoas a satisfação de me ver desmoronar.

Um leve chiado ecoou pela sala, e vi Amarantha, de seu assento, franzir a testa para Tamlin. Não percebi que estávamos nos encarando.

— Comece — disparou Amarantha, e, antes que eu conseguisse me preparar, o chão estremeceu.

Meus joelhos tremeram, e agitei os braços para me manter reta conforme as pedras sob mim começaram a afundar, me levando para baixo até um fosso grande e retangular. Alguns feéricos gargalharam, mas encontrei o olhar de Tamlin de novo, e me fixei nele até ter descido tanto que seu rosto sumira além da borda.

Avaliei as quatro paredes ao meu redor, procurando uma porta, qualquer sinal do que estava por vir. Duas das paredes eram feitas de uma única camada de pedra lisa e brilhante — polida e lisa demais para escalar. A outra não era uma parede, mas um portão de ferro que dividia a câmara em duas, e, do outro lado dele...

Perdi o fôlego na garganta.

— Lucien.

Acorrentado ao centro do chão do outro lado da câmara, o olho vermelho que lhe restava estava tão arregalado que parecia envolto em branco. O de metal girou

selvagemente; a cicatriz cruel se destacava contra a pele pálida de Lucien. De novo, ele era um brinquedinho para Amarantha atormentar.

Não havia portas, não havia como eu chegar até o lado de Lucien, a não ser escalando o portão entre nós. Este apresentava buracos tão espessos e grandes que eu provavelmente conseguiria galgar a fim de saltar para o lado dele. Não ousei.

Os feéricos começaram a murmurar, e ouro tilintou. Será que Rhysand apostara em mim de novo? Na multidão, cabelos vermelhos reluziram — quatro cabeças vermelhas —, e enrijeci a coluna. Eu sabia que os irmãos estariam sorrindo diante do destino de Lucien, mas onde estava a mãe dele? O pai? Certamente o Grão-Senhor da Corte Outonal estaria presente. Verifiquei a multidão. Não havia nenhum sinal deles. Em vez disso, vi Amarantha de pé com Tamlin à beira do fosso, olhando para dentro. Ela fez uma reverência com a cabeça para mim e gesticulou com a mão elegante para a parede sob seus pés.

— Aqui, Feyre, encontrará sua tarefa. Apenas responda à pergunta, selecionando a alavanca certa, e vencerá. Selecione a errada, e será sua ruína. Como há apenas três opções, acho que lhe dei uma vantagem injusta. — Amarantha estalou os dedos e algo metálico rangeu. — Quero dizer — acrescentou ela — se conseguir resolver o problema a tempo.

Não muito acima, as duas grades gigantes e encrustadas com estacas que eu tinha acreditado serem lustres começaram a descer, devagar, na direção da câmara...

Eu me virei para Lucien. Era o motivo pelo qual o portão dividia a câmara ao meio: para que eu observasse Lucien ser esmagado enquanto eu mesma era macerada. As estacas, que serviam de apoio para velas e tochas, brilhavam em vermelho, e, mesmo de longe, eu conseguia ver o calor emanando delas.

Minha boca secou, e Lucien puxou as correntes. Aquela não seria uma morte limpa. Mas qualquer que fosse o horror que eu sentia, não era nada em comparação com o terror que me tomou quando virei para a parede indicada por Amarantha.

Um longo texto se encontrava entalhado na superfície lisa, e, sob o texto, havia alavancas de pedra com os números *I*, *II* e *III* gravados acima delas.

Comecei a tremer. Reconhecia apenas palavras básicas — inúteis, como *o* e *mas* e *foi*. Todo o resto era um borrão de letras que eu desconhecia, letras que eu precisaria pronunciar devagar ou pesquisar para entender.

Meu fôlego ficou irregular. A grade de estacas ainda descia; agora estava no nível da cabeça de Amarantha, e em breve acabaria com qualquer chance que eu tinha de sair daquele fosso. Eu mal conseguia sentir o calor do ferro incandescente, e suor escorreu por minhas costas. Quem avisara a ela que eu não sabia ler?

— Alguma coisa errada? — Amarantha ergueu uma sobrancelha. Desviei a atenção para o texto, mantendo a respiração o mais calma possível. Ela não mencionara a leitura como um problema, teria debochado ainda mais de mim se conhecesse meu analfabetismo. Destino, aquela era uma reviravolta cruel e maligna do destino.

Ouvi as correntes se repuxarem e, depois, o xingamento de Lucien, quando ele notou o que estava diante de mim. Eu me virei para ele, mas, ao ver seu rosto, soube que Lucien se encontrava muito longe das palavras para me soprar o texto, mesmo com o poderoso olho de metal. Se eu pudesse ouvir a pergunta, talvez tivesse uma chance de resolvê-la, mas enigmas não eram meu forte.

Eu seria espetada por estacas incandescentes e, então, esmagada no chão, como uma uva.

A grade agora passava sobre a abertura do poço, preenchendo-o por completo... Nenhum canto era seguro. Se eu não respondesse à pergunta antes de a grade passar pelas alavancas...

Minha garganta se fechou e li e li e li, mas nenhuma palavra surgiu. O ar ficou espesso e fedia a metal, não de magia, mas aço queimando, impiedoso, rastejando até mim, centímetro a centímetro.

— Responda! — gritou Lucien, a voz esganiçada. Meus olhos ardiam. O mundo era apenas um borrão de letras, debochando de mim com suas curvas e formatos.

O metal rangeu quando se raspou contra a pedra lisa da câmara, e os sussurros dos feéricos ficaram mais frenéticos. Achei ter visto o irmão mais velho de Lucien rir.

Doeria... aquelas estacas eram grandes e cegas. Não seria rápido. Seria preciso força para furar meu corpo. Eu estava toda suada, encarando as letras, o *I*, o *II* e o *III*, que, de alguma forma, tinham se tornado meu bote salva-vidas. Duas escolhas me condenariam — uma seguraria a grade.

Encontrei os números no texto; devia ser um enigma, um problema de lógica, um labirinto de palavras pior que o labirinto de qualquer minhoca.

— *Feyre*! — gritou Lucien, ofegante, enquanto encarava as estacas que desciam sem parar. Pelos buracos na grade, os rostos alegres dos Grão-Feéricos e dos feéricos menores me olhavam com escárnio.

Três... gafa... gafan... gafanhotos...

A grade não parava, e a distância entre mim e a primeira daquelas estacas não tinha a extensão de um corpo.

Estavam... sa... sal... salt... salta... saltan... saltando...

Eu queria fechar os olhos, queria gritar por piedade e chorar. Deveria me despedir de Tamlin. Naquele momento. Minha vida se resumira àquilo; aqueles eram meus últimos momentos, tudo se acabara, os últimos suspiros de meu corpo, as últimas batidas de meu coração.

— *Apenas escolha uma!* — gritou Lucien, e alguns daqueles na multidão riram; os irmãos dele, sem dúvida, mais alto.

Levei a mão até a alavanca e encarei os três números além de meus dedos trêmulos e tatuados.

I II III

Não significavam nada para mim além da vida e da morte. A sorte talvez me salvasse, mas...

Dois. Dois era um número de sorte, porque era como Tamlin e eu — apenas duas pessoas. Um devia ser ruim, porque um era como Amarantha, ou o Attor — seres solitários. Um era um número horrível, e três era demais — eram três irmãs enfurnadas em um chalé minúsculo, odiando uma a outra até sufocarem, até que aquilo as envenenasse.

Dois. Era dois. Eu poderia alegremente, de bom grado, fanaticamente acreditar em um Caldeirão e em Destino, se cuidassem de mim. Eu acreditava em dois. Dois.

Levei a mão à segunda alavanca, mas uma dor lancinante atingiu minha mão antes que eu conseguisse tocar na pedra. Chiei, recuando. Abri a palma da mão e vi o olho em fenda tatuado ali. Ele se semicerrou. Eu devia estar alucinando.

A grade estava prestes a cobrir o texto, a 2 metros acima da minha cabeça. Eu não conseguia respirar, não conseguia pensar. O calor era demais, e metal chiava muito perto de minhas orelhas.

De novo, levei a mão à alavanca do meio, mas a dor paralisou meus dedos.

O olho tinha voltado ao estado normal. Estendi a mão em direção à primeira alavanca. De novo, senti dor.

Levei a mão até a terceira alavanca. Não senti dor. Meus dedos tocaram a pedra, e ergui o rosto, observando a grade a menos de 1 metro acima de minha cabeça. Além dela, notei um olhar violeta salpicado de estrelas.

Levei a mão à primeira alavanca. Dor. Mas quando toquei a terceira alavanca...

O rosto de Rhysand permanecia uma máscara de tédio. Suor escorria por minha testa. Eu só podia confiar nele; só podia me entregar de novo, era obrigada a ceder devido a minha vulnerabilidade.

As estacas eram muito grandes de perto. Eu só precisava erguer o braço acima da cabeça para tocá-las.

— *Feyre, por favor!* — gemeu Lucien.

Eu tremia tanto que mal conseguia ficar de pé. O calor das estacas pesava sobre mim.

A alavanca de pedra era fria contra minha mão.

Fechei os olhos, incapaz de olhar para Tamlin, me preparando para o impacto e a agonia, e puxei a terceira alavanca.

Silêncio.

O calor pulsante não se aproximou. Então... um suspiro. *Lucien.*

Abri os olhos e vi os dedos tatuados, com os nós esbranquiçados sob a tinta, enquanto se agarravam à alavanca. As estacas pairavam a centímetros de minha cabeça.

Imóveis... paradas.

Eu tinha vencido... eu tinha...

A grade rangeu conforme se erguia em direção ao teto, aliviando o ar, e o frio fluiu pela câmara.

Lucien entoava algum tipo de oração e beijava o chão diversas vezes. O piso abaixo de mim se ergueu, e fui forçada a soltar a alavanca salvadora ao ser levada à superfície outra vez. Meus joelhos tremeram.

Não conseguia ler, e aquilo quase me matara. Nem mesmo vencera direito. Fiquei de joelhos, permitindo que a plataforma me carregasse, e cobri o rosto com as mãos trêmulas.

Lágrimas queimaram, antes de a dor irradiar por meu braço esquerdo. Eu jamais venceria a terceira tarefa. Jamais libertaria Tamlin, ou o povo dele. A dor disparou por meus ossos de novo, e, em meio à histeria crescente, ouvi palavras dentro de minha cabeça que me fizeram congelar.

Não deixe que ela a veja chorando.

Coloque as mãos nas laterais do corpo e fique de pé.

Eu não conseguia. Não conseguia me mover.

Fique de pé. Não dê a ela a satisfação de ver você desabar.

Meus joelhos e minha coluna, não totalmente por vontade própria, me obrigaram a ficar de pé, e, quando o chão finalmente parou de se mover, olhei para Amarantha com olhos secos.

Bom, disse Rhysand para mim. *Encare-a. Nada de lágrimas... espere até voltar para a cela.* O rosto de Amarantha estava tenso e pálido, e seus olhos negros pareciam ônix enquanto ela me olhava. Eu tinha vencido, mas deveria estar morta. Deveria estar esmagada, o sangue escorrendo por toda parte.

Conte até dez. Não olhe para Tamlin. Apenas encare Amarantha.

Obedeci. Foi a única coisa que me impediu de cair no choro que se acumulava dentro de meu peito, latejando para sair.

Eu me obriguei a encarar Amarantha. Seu olhar era frio, amplo e cheio de malícia antiga, mas eu a encarei. Contei até dez.

Boa garota. Agora saia. Dê meia-volta... Bom. Saia pela porta. Mantenha o queixo elevado. Deixe que a multidão se abra. Um passo após o outro.

Ouvi Rhysand, deixei que ele mantivesse minha sanidade conforme eu era escoltada de volta à cela pelos guardas — que ainda mantinham distância de mim. As palavras de Rhysand ecoavam por minha mente, me acalmando.

Mas, quando a porta da cela se fechou, ele ficou em silêncio, e, então, desabei no chão e chorei.

Chorei durante horas. Por mim, por Tamlin, pelo fato de que eu deveria estar morta e, por algum motivo, tinha sobrevivido. Chorei por tudo o que havia perdido, cada ferimento que recebera, cada ferida — física ou não. Chorei por aquela parte trivial de mim, certa vez tão cheia de cor e luz... e agora oca e escura e vazia.

Não conseguia parar. Não conseguia respirar. Não conseguiria vencê-la. Ela vencera hoje, e não sabia disso.

Ela vencera; somente trapaceando eu sobrevivi. Tamlin jamais seria livre, e eu pereceria da pior das maneiras. Não sabia ler; era uma ignorante, uma tola humana. Minhas falhas tinham me perseguido, e aquele lugar se tornaria meu túmulo. Eu jamais pintaria de novo; nunca veria o sol novamente.

As paredes pareceram se aproximar; o teto baixou. Eu queria ser esmagada, queria ser apagada. Tudo convergia, espremendo, sugando o ar. Eu não conseguia me manter em meu corpo — as paredes me forçavam a sair de dentro dele. Eu estava me agarrando a meu corpo, mas doía demais sempre que eu tentava manter a conexão. Tudo o que eu queria — tudo o que eu ousara querer era uma vida tranquila, fácil. Nada além disso. Nada extraordinário. Mas agora... agora...

Senti a onda na escuridão sem precisar olhar para cima, e não me encolhi diante dos passos suaves que se aproximavam de mim. Não me dei o trabalho de esperar que fosse Tamlin.

— Ainda chorando?

Rhysand.

Não tirei as mãos do rosto. O chão se ergueu na direção do teto que se abaixava... eu logo seria esmagada. Não havia cor ou luz ali.

— Você acabou de vencer a segunda tarefa. Lágrimas são desnecessárias.

Chorei mais intensamente, e ele riu. As pedras reverberaram à medida que Rhysand se ajoelhou diante de mim, e, embora eu tivesse tentado lutar contra ele, a mão de Rhys estava firme quando ele segurou meus pulsos e afastou as minhas do rosto.

As paredes não estavam se movendo, e o quarto estava aberto... escancarado. Não havia cor alguma, apenas tons de escuridão, de noite. Aqueles olhos violeta salpicados de estrelas brilhavam, cheios de cor, de luz. Rhysand me deu um sorriso preguiçoso antes de inclinar o corpo para a frente.

Eu me afastei, mas as mãos de Rhysand eram como grilhões. Não pude fazer nada quando sua boca tocou minha bochecha e Rhys lambeu uma lágrima. Sua língua era quente contra minha pele, e me assustei tanto que não consegui me mover quando ele lambeu outra trilha de água salgada, e depois outra. Meu corpo enrijeceu e relaxou ao mesmo tempo, e me senti incandescente, mesmo enquanto calafrios estremeciam meus braços e pernas. Somente quando a língua de Rhysand dançou pelas bordas úmidas de meus cílios, eu recuei.

Ele me soltou e deu uma risada quando me arrastei para o canto da cela. Limpei o rosto enquanto olhava para Rhysand com raiva.

Ele riu, sentando contra uma parede.

— Imaginei que isso fosse fazer com que parasse de chorar.

— Foi nojento. — Limpei o rosto de novo.

— Foi mesmo? — Rhys ergueu uma sobrancelha e apontou para a palma da mão, para onde minha tatuagem estaria. — Sob todo orgulho e teimosia, podia jurar que detectei algo que pareceu diferente. Interessante.

— Saia.

— Como sempre, sua gratidão é sobrepujante.

— Quer que eu beije seus pés pelo que fez na tarefa? Quer que eu ofereça outra semana de minha vida?

— Não, a não ser que se sinta compelida a fazê-lo — respondeu Rhys, os olhos como estrelas.

Fechei a boca. Era ruim o bastante que minha vida estivesse entregue àquele senhor feérico, mas ter um laço por meio do qual ele agora conseguisse ler meus pensamentos e sentimentos livremente, e se comunicar...

— Quem diria que a presunçosa garota humana não sabia ler?

— Fique de boca fechada quanto a isso.

— Eu? Não sonharia em contar a ninguém. Por que desperdiçar esse tipo de conhecimento em fofocas vãs?

Se eu tivesse a força, teria saltado sobre ele e destroçado Rhysand.

— Você é um desgraçado nojento.

— Preciso perguntar a Tamlin se esse tipo de elogio conquistou o coração dele. — Rhysand resmungou ao se levantar, um ruído baixo e gutural que percorreu meus ossos. Os olhos de Rhysand encontraram os meus, e ele deu um sorriso lento. Expus os dentes, quase chiando.

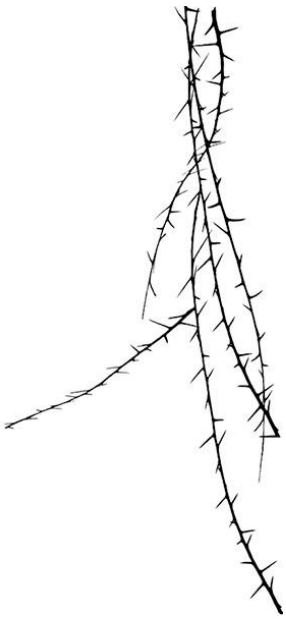
— Vou poupá-la dos deveres de acompanhante amanhã — decretou ele, gesticulando com os ombros conforme saía da cela. — Mas, na noite seguinte, espero que esteja com sua melhor aparência. — Rhysand me deu um sorriso que sugeriu não ser muita coisa minha melhor aparência. Ele parou à porta, mas não se dissolveu em escuridão. — Estive pensando em formas de atormentá-la quando for para minha corte. Estou imaginando: ordenar que aprenda a ler será tão doloroso quanto pareceu hoje?

Rhysand se dissolveu em sombras antes que eu pudesse avançar contra ele.

Caminhei de um lado para outro na cela, fazendo cara feia para o olho em minha mão. Cuspi todos os xingamentos que pude para ele, mas não houve resposta.

Levei um bom tempo para perceber que Rhys, soubesse ele ou não, tinha efetivamente evitado que eu desabasse por completo.

Capítulo 41



O que se seguiu à segunda tarefa foi uma série de dias que não gosto de lembrar. Uma escuridão permanente recaiu sobre mim, e comecei a ansiar pelo momento em que Rhysand me daria uma taça do vinho feérico e eu poderia me soltar por algumas horas. Parei de pensar no enigma de Amarantha... era impossível. Principalmente para uma humana analfabeta e ignorante.

Pensar em Tamlin só piorava tudo. Eu vencera duas das tarefas de Amarantha, mas sabia — bem no fundo dos ossos — que a terceira seria aquela que me mataria. Depois do que acontecera à irmã, do que Jurian tinha feito, Amarantha jamais me deixaria sair dali com vida. Eu não podia culpá-la totalmente; duvidava que jamais esqueceria ou perdoaria se algo como aquilo tivesse sido feito com Nestha ou com Elain, não importava quantos séculos tivessem se passado. Mas ainda não sairia dali com vida.

Aquele futuro com que eu sonhara era apenas isso: um sonho. Ficaria velha e enrugada, enquanto ele permaneceria jovem durante séculos, talvez milênios. Na melhor das hipóteses, eu teria algumas décadas com ele antes de morrer.

Décadas. Era por isso que eu estava lutando. Um lampejo no tempo para eles — uma gota na piscina de sua eternidade.

Então, bebi vorazmente aquele vinho e parei de me importar com quem eu era, e com o que um dia importara para mim. Parei de pensar em cores, em luzes, no verde dos olhos de Tamlin... em todas aquelas coisas que eu ainda queria pintar e que agora jamais conseguiria.

Não deixaria aquela montanha com vida.

Eu estava caminhando até o quarto de vestir com as duas serviçais de sombras de Rhys, encarando o nada e pensando em menos ainda, quando um chiado e o bater de asas soaram de uma curva próxima. O Attor. As feéricas ao meu lado ficaram tensas, mas ergueram levemente o queixo.

Eu não me acostumara com o Attor, mas tinha passado a aceitar sua presença maligna. Ver minha escolta enrijecer o corpo despertou um pesar dormente, e minha boca ficou seca quando nos aproximamos da curva. Embora estivéssemos envoltas e ocultas pelas sombras, cada passo me aproximava daquele demônio alado. Meus pés se tornaram chumbo.

Então, uma voz mais baixa, gutural, grunhiu em resposta ao chiado do Attor. Unhas estalaram sobre pedra, e minhas acompanhantes trocaram olhares antes de me puxarem para uma alcova, uma tapeçaria que não estava ali momentos antes de recair sobre nós, e as sombras se intensificaram, se solidificaram. Tive a sensação de que se alguém puxasse a tapeçaria, veria apenas escuridão e pedras.

Uma delas cobriu minha boca com a mão, me segurando firme contra si, e sombras serpentearam de seu braço para o meu. Ela cheirava a jasmim; eu não tinha reparado. Depois de tantas noites, nem mesmo sabia seus nomes.

O Attor e seu acompanhante fizeram a curva, ainda falando, as vozes baixas. Somente quando consegui entender as palavras percebi que não estávamos apenas nos escondendo.

— Sim — dizia o Attor —, que bom. Ela ficará muito satisfeita ao saber que eles estão finalmente prontos.

— Mas será que os Grão-Senhores vão contribuir com a própria força? — respondeu a voz gutural. Eu podia ter jurado que a criatura grunhiu como um porco.

Eles se aproximaram mais e mais, alheios à nossa presença. Minhas acompanhantes chegaram mais perto de mim, tão tensas que percebi que estavam prendendo a respiração. Damas de companhia... e espiãs.

— Os Grão-Senhores farão o que ela mandar — disparou o Attor, e sua cauda serpenteou quando açoitou o chão.

— Ouvi conversas de soldados em Hybern... O Grão-Rei não está satisfeito com a situação da garota. Amarantha fez um acordo tolo. Ela lhe custou a Guerra da última vez por causa da loucura com Jurian; se lhe der as costas de novo, o rei não estará tão disposto a perdoá-la. Roubar seus feitiços e tomar um território para si é uma coisa. Falhar em ajudar na causa dele uma segunda vez é outra.

Um chiado alto soou, e tremi quando o Attor estalou o maxilar na direção de seu acompanhante.

— Minha senhora não faz acordos que não são vantajosos para ela. Permite que eles se agarrem à esperança, mas depois que esta é destruída, eles se tornam seus lindos e arrasados lacaios.

Deviam estar passando bem diante da tapeçaria.

— É melhor torcer que sim — respondeu a voz gutural. Que tipo de criatura seria aquela coisa para não ficar abalada pelo Attor? A mão sombreada de minha acompanhante se fechou com mais força sobre minha boca, e o Attor passou.

Não confie em seus sentidos, ecoou a voz de Alis em minha mente. O Attor tinha me surpreendido uma vez, quando achei que estava segura...

— E é melhor segurar sua língua — avisou o Attor. — Ou minha senhora o fará por você, e as garras dela não são gentis.

A outra criatura riu com aquele ruído suíno.

— Estou aqui sob condição de imunidade concedida pelo rei. Se sua *senhora* acha que está acima do rei porque governa esta terra desprezível, em breve vai se lembrar de quem pode lhe arrancar os poderes, sem feitiços ou poções.

O Attor não retrucou — e parte de mim desejou que ele replicasse, que respondesse. Mas ele foi silenciado pela outra criatura, e medo atingiu meu estômago, como uma pedra jogada em um lago.

Quaisquer que fossem os planos em que o rei de Hybern trabalhava durante aqueles longos anos — sua campanha para retomar o mundo mortal —, parecia que não estava mais disposto a esperar. Talvez Amarantha em breve recebesse o que queria: a destruição de todo meu reino.

Meu sangue esfriou. Nestha... eu confiava em Nestha para levar minha família para longe, para protegê-la.

As vozes dos dois sumiram, e somente quando um longo minuto a mais se passou, as duas fêmeas relaxaram. A tapeçaria sumiu e voltamos ao corredor.

— O que *foi* aquilo? — indaguei, olhando de uma para a outra conforme as sombras ao nosso redor diminuíam, mas não muito. — Quem é esse? — esclareci.

— Problemas — responderam elas, em uníssono.

— Rhysand sabe?

— Ele saberá em breve — disse uma delas. Retomamos nossa caminhada silenciosa para o quarto.

Não havia nada que eu pudesse fazer quanto ao rei de Hybern, de toda forma; não enquanto estivesse presa Sob a Montanha, não quando sequer tinha conseguido libertar Tamlin, muito menos eu mesma. E com Nestha pronta a fugir com minha família, não havia ninguém a quem avisar. Então, dias após dias se passaram, aproximando ainda mais minha terceira tarefa.

Acho que afundei tanto dentro de mim mesma que foi preciso algo extraordinário para me trazer de volta. Eu estava observando a luz dançar pela

rocha úmida do teto da cela — como luar sobre água — quando um barulho viajou até mim, pelas pedras, irradiando pelo chão.

Estava tão acostumada com os estranhos violinos e tambores dos feéricos que, quando ouvi a melodia alegre, achei que fosse outra alucinação. Às vezes, se encarasse o teto por muito tempo, ele se tornava a ampla extensão do céu estrelado, e eu me tornava algo pequeno e pouco importante, soprado pelo vento.

Olhei para o pequeno buraco de ventilação em um canto do teto, pelo qual a música entrou em minha cela. A origem da música devia estar muito longe, pois era apenas um leve agitar de notas, mas, quando fechei os olhos, consegui ouvir mais claramente. Consegui... ver. Como se fosse uma grande pintura, um mural vivo.

Havia beleza naquela música... beleza e bondade. A música se dobrava sobre si mesma, como massa de bolo sendo despejada de uma tigela, uma nota sobre a outra, derretendo-se e mesclando-se para formar um todo, se elevando, me preenchendo. Não era música selvagem, mas continha uma violência de paixão, um tipo de alegria e tristeza ardentes, crescentes. Levei os joelhos até a altura do peito, precisando sentir a firmeza da pele, mesmo escorregadia pela tinta oleosa sobre ela.

A música formava uma trilha, uma subida sustentada por arcos de cores. Eu segui, saindo daquela cela, por camadas de terra, para cima, para cima... até campos de cardos azuis, além da folhagem das árvores, para a imensidão aberta do céu. O ritmo da música era como mãos me empurrando carinhosamente para a frente, me puxando mais para o alto, me guiando pelas nuvens. Jamais vira nuvens como aquelas; e em seus cantos fofos, eu conseguia discernir rostos bonitos e tristes. Eles sumiram antes que eu conseguisse enxergar com clareza, e olhei para longe, para onde a música me chamava.

Era um pôr do sol ou uma alvorada. O sol enchia as nuvens de magenta e roxo, e os raios laranja e dourados se misturavam ao meu caminho, formando uma faixa de metal reluzente.

Eu queria me dissolver ali, queria que a luz daquele sol me queimasse para longe, me enchesse de tanta alegria que eu me tornaria um raio de sol também. Aquilo não era música feita para dançar — era música para adorar, música para preencher o vazio em minha alma, para me levar a um lugar onde não havia dor.

Não percebi que estava chorando até que o calor úmido de uma lágrima caiu em meu braço. Mas, ainda assim, me agarrei à música, segurando-a como um beiral que me impedia de cair. Não tinha percebido o quanto eu não queria mergulhar naquela escuridão profunda — o quanto queria ficar ali, entre nuvens e cor e luz.

Deixei que os sons me invadissem, deixei que me deitassem e atropelassem meu corpo com os tambores. Para cima e para cima, se elevando até um palácio no céu, um corredor de alabastro e opala, onde tudo o que era lindo e gentil e fantástico morava em paz. Chorei... chorei por estar tão perto daquele palácio, chorei devido à necessidade de estar ali. Tudo o que eu queria estava ali; aquele que eu amava estava ali...

A música eram os dedos de Tamlin tocando meu corpo; era o dourado dos olhos dele, e seu sorriso torto. Era aquela risada baixa e rouca, e o modo como ele dissera aquelas três palavras. Era Tamlin. Era por *isso* que eu estava lutando, era *isso* que eu jurara salvar.

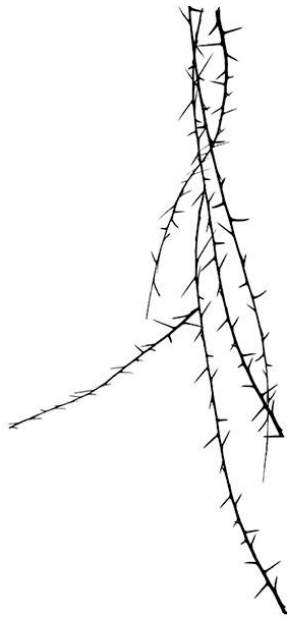
A música aumentou — mais alta, mais grandiosa, mais rápida, de onde quer que fosse tocada —, em uma onda que atingiu seu ápice, destruindo a tristeza de minha cela. Um soluço e um estremecimento saíram de mim quando o som se dissipou em silêncio. Fiquei sentada ali, tremendo e chorando, ferida e exposta, desnudada pela música e pelas cores que restavam em minha mente.

Quando as lágrimas pararam — a música ainda ecoava em cada fôlego meu — deitei na cama de feno, ouvindo minha respiração.

A música entremeou minhas lembranças, unindo-as, transformando-as em uma colcha de retalhos que me envolveu, que aqueceu meus ossos. Olhei para o olho no centro de minha palma, mas ele apenas encarou de volta — sem se mover.

Faltavam ainda dois dias até a última tarefa. Apenas dois dias mais, e, então, descobriria o que o Curso do Caldeirão tinha planejado para mim.

Capítulo 42



Foi uma festa como nenhuma outra — mesmo que provavelmente fosse minha última. Feéricos bebiam e conversavam e dançavam, rindo e cantando músicas obscenas e etéreas. Não havia nenhum lampejo de antecipação pelo que poderia acontecer no dia seguinte; o que eu poderia mudar para eles, para seu mundo. Talvez também soubessem que eu morreria.

Fiquei à espreita em uma parede, esquecida pela multidão, esperando que Rhysand me chamasse para beber o vinho e dançar, ou fazer o que desejasse de mim. Estava com a roupa de sempre, tatuada do pescoço para baixo com aquela tinta preto-azulada. Naquela noite, meu vestido transparente tinha um tom de rosa, como o do pôr do sol. A cor parecia forte e feminina demais contra os arabescos de tinta na pele. Alegre demais para o que me aguardava no dia seguinte.

Rhysand estava demorando mais que o normal para me chamar; embora talvez fosse por causa da feérica de corpo flexível empoleirada em seu colo, acariciando os cabelos de Rhysand com os longos dedos esverdeados. Ele se cansaria dela em breve.

Não me dei o trabalho de olhar para Amarantha. Era melhor fingir que ela não estava ali. Lucien jamais falava comigo em público, e Tamlin... Tinha se tornado

difícil olhar para ele ultimamente.

Eu só queria que tudo terminasse. Queria que aquele vinho me carregasse por aquela última noite e me levasse até meu destino. Eu estava tão determinada em antecipar a ordem de Rhysand para servi-lo que não reparei na pessoa ao meu lado, até que o calor de seu corpo passou para o meu.

Fiquei imóvel quando senti aquele cheiro de chuva e terra, e não ousei me virar para Tamlin. Estávamos lado a lado, encarando a multidão, tão parados e inconspícuos quanto estátuas.

Os dedos de Tamlin roçaram os meus, e uma linha de fogo percorreu meu corpo, me queimando tanto que meus olhos se encheram de lágrimas. Desejei... desejei que ele não tocasse minha mão manchada, que seus dedos não precisassem acariciar os contornos daquela tatuagem desprezível.

Mas aproveitei o momento; minha vida ficou linda de novo durante aqueles poucos segundos em que nossas mãos se encontraram.

Se eu era uma torrente por dentro, meu rosto era uma máscara de frieza. Tamlin abaixou a mão, e, tão rapidamente quanto veio, saiu andando, entremeando a multidão. Somente quando ele olhou por cima do ombro e inclinou muito levemente a cabeça é que eu entendi.

Meu coração batia mais rápido do que tinha batido durante as tarefas, e me obriguei a parecer o mais entediada possível antes de me afastar da parede e, casualmente, caminhar atrás de Tamlin. Peguei um caminho diferente, mas segui para aquela pequena porta meio escondida por uma tapeçaria, ao lado da qual ele estava parado. Eu só tinha minutos antes de Rhysand começar a procurar por mim, mas um momento sozinha com Tamlin seria o suficiente.

Eu mal conseguia respirar conforme a entrada se aproximava mais e mais, além da plataforma de Amarantha, além de um grupo de feéricos gargalhando... Tamlin sumiu do outro lado das portas, tão rápido quanto um raio, e reduzi os passos para uma caminhada distraída. Ultimamente, ninguém prestava muita atenção em mim

até que eu me tornasse o brinquedinho de Rhysand. Rápido demais, a porta estava diante de mim, e ela se abriu silenciosamente para me deixar entrar.

A escuridão me envolveu. Só vi um borrão de verde e dourado antes que o calor do corpo de Tamlin se chocasse contra o meu e nossos lábios se encontrassem.

Não tinha como beijá-lo mais profundamente, não tinha como segurá-lo mais perto, não tinha como tocar o suficiente de Tamlin. Palavras não eram necessárias.

Rasguei sua camisa, precisava sentir a pele mais uma vez, e precisava conter o gemido que se ergueu de mim enquanto Tamlin segurava meu seio. Não queria que ele fosse carinhoso — porque o que eu sentia por ele não era nada assim. O que eu sentia era selvagem e forte e ardente, e era assim que ele me tratava.

Tamlin afastou os lábios dos meus e mordeu meu pescoço; mordeu como tinha feito na Noite da Fogueira. Precisei trincar os dentes para evitar gemer e nos denunciar. Aquela podia ser a última vez que eu tocava Tamlin, a última vez em que poderíamos estar juntos. Eu não a desperdiçaria.

Meus dedos lutaram contra a fivela de seu cinto, e a boca de Tamlin encontrou a minha de novo. Nossas línguas dançaram; não uma valsa ou um minueto, mas uma dança de guerra, uma dança mortal com tambores de ossos e violinos estridentes.

Eu o queria... ali.

Passei a perna pelo tronco de Tamlin, desejando estar mais perto, e ele pressionou os quadris com mais força em mim, me esmagando contra a parede gelada. Soltei a fivela do cinto, libertando o couro como um chicote, e Tamlin grunhiu de desejo ao meu ouvido — um tipo baixo e provocante de ruído que me fez enxergar vermelho, branco e raios. Ambos sabíamos o que o dia seguinte traria.

Atirei o cinto longe e comecei a tentar abrir a calça de Tamlin. Alguém tossiu.

— Vergonhoso — ronronou Rhysand, e nos viramos para vê-lo, fracamente iluminado pela luz que entrava pela porta. Mas ele estava atrás de nós, mais para dentro da passagem, em vez de na direção da porta. Ele não tinha entrado pela sala do trono. Com aquela habilidade, Rhysand provavelmente caminhara pelas

paredes. — Simplesmente vergonhoso. — Ele caminhou em nossa direção. Tamlin continuava me segurando. — Olhe o que fez com meu bicho de estimação.

Ofegantes, nenhum de nós disse nada. Mas o ar se tornou um beijo frio em minha pele, em meus seios expostos.

— Amarantha ficaria muito chateada se soubesse que seu guerreirozinho está se agarrando com a criadagem humana — continuou Rhysand, cruzando os braços. — Imagino como puniria você. Ou talvez permaneça fiel ao hábito e puna Lucien. Ele ainda tem um olho a perder, afinal de contas. Talvez ela o coloque em um anel também.

Bem devagar, Tamlin tirou minhas mãos de seu corpo e se desvencilhou de meus braços.

— Fico feliz em ver que está sendo racional — disse Rhysand, e Tamlin fervilhou. — Agora, seja um Grão-Senhor inteligente, afivele o cinto e arrume suas roupas antes de sair.

Tamlin me olhou e, para meu horror, fez como Rhysand instruíra. Meu Grão-Senhor não tirou os olhos de meu rosto quando ajustou a túnica e os cabelos, e, depois, recuperou o cinto e o fechou de novo. A tinta em suas mãos e roupas — tinta vinda de *mim* — sumira.

— Aproveite a festa — cantarolou Rhysand, apontando para a porta.

Os olhos verdes de Tamlin brilharam conforme ele continuou me encarando. Tamlin disse, baixinho:

— Amo você. — Sem olhar de novo para Rhysand, ele saiu.

Fiquei temporariamente cega pela claridade que entrou quando ele abriu a porta e saiu. Tamlin não virou o rosto para mim antes de a porta se fechar e a escuridão retornar ao corredor.

Rhys gargalhou.

— Se está tão desesperada por alívio, deveria ter me pedido.

— Porco — disparei, tapando os seios com as dobras do vestido.

Com alguns passos leves, Rhysand cobriu a distância entre nós e prendeu meus braços à parede. Meus ossos gemeram. Podia ter jurado que garras de sombra se cravaram nas pedras ao lado de minha cabeça.

— Pretende mesmo se colocar à minha mercê, ou é burra de verdade? — Sua voz continha uma ira sensual de partir os ossos.

— Não sou sua escrava.

— É uma tola, Feyre. Tem ideia do que poderia ter acontecido se a rainha encontrasse os dois aqui? Tamlin pode se recusar a ser amante de Amarantha, mas ela o mantém ao seu lado por esperança de convencê-lo... de dominá-lo, como ela adora fazer com nosso povo. — Fiquei em silêncio. — Os dois são tolos — murmurou ele, respirando rapidamente, irregularmente. — Como podem ter achado que alguém não repararia que tinham sumido? Deveriam agradecer ao Caldeirão que os agradáveis irmãos de Lucien não os estavam observando.

— Por que você se importa? — disparei, e a mão de Rhysand segurou meus pulsos com tanta força que soube que meus ossos se quebrariam com um pouco mais de pressão.

— Por que me importo? — sibilou ele, ódio deformando as feições do rosto. Asas... aquelas asas membranosas e incríveis se abriram às suas costas, feitas das sombras atrás de Rhysand. — Por que *eu* me importo?

Mas antes que ele pudesse continuar, a cabeça de Rhysand se voltou para a porta e, então, de novo para meu rosto. As asas sumiram tão rapidamente quanto surgiram, e os lábios se chocaram contra os meus. A língua de Rhys abriu minha boca, ele se forçou para dentro de mim, para o espaço onde eu ainda sentia o gosto de Tamlin. Eu empurrei e me debati, mas Rhysand segurou firme, a língua roçando o teto de minha boca, meus dentes, reivindicando minha boca, me reivindicando...

A porta se escancarou, e a figura curva de Amarantha preencheu o espaço. Tamlin... Tamlin estava ao lado dela, os olhos levemente arregalados, os ombros tensos enquanto os lábios de Rhys ainda esmagavam os meus.

Amarantha gargalhou, e uma máscara de pedra desceu sobre o rosto de Tamlin, desprovido de sentimentos, desprovido de qualquer coisa vagamente parecida com o Tamlin ao qual eu estivera enroscada momentos antes.

Rhys me soltou casualmente, passando a língua por meu lábio inferior, quando uma multidão de Grão-Feéricos surgiu ao lado de Amarantha e ecoou sua risada. Rhysand deu um sorriso preguiçoso e arrogante para eles, e depois fez uma reverência. Mas *algo* brilhou nos olhos da rainha quando ela olhou para Rhysand. A vadia de Amarantha, era como o chamavam.

— Eu sabia que era uma questão de tempo — disse ela, colocando a mão no braço de Tamlin. O outro braço ela ergueu, ergueu para que o olho de Jurian pudesse ver enquanto ela dizia: — Vocês humanos são todos iguais.

Fiquei de boca fechada, por mais que estivesse morrendo de vergonha, por mais que eu estivesse morrendo de vontade de explicar tudo. Tamlin *precisava* perceber a verdade.

Mas não tive o luxo de descobrir se Tamlin entendera, pois Amarantha emitiu um estalo com a língua e se virou, levando consigo o grupo.

— Lixo humano típico, os corações inconstantes e entediantes — disse ela a si mesma, sentindo-se como um felino satisfeito.

Seguindo-os, Rhys agarrou meu braço para me puxar de volta para o salão do trono. Somente quando a luz me atingiu, vi os borrões e as manchas na tinta; borrões nos seios e na barriga, e a tinta que havia misteriosamente aparecido nas mãos de Rhysand.

— Cansei de você esta noite — disse ele, me dando um leve empurrão em direção à saída principal. — Volte para sua cela. — Atrás dele, Amarantha e sua corte sorriram com alegria, os sorrisos se alargando quando viram a tinta borrada. Procurei por Tamlin, mas ele caminhava para o trono de sempre, na plataforma, mantendo-se de costas para mim. Como se não suportasse me olhar.

Voltei para a cela aos tropeços e mal consegui dormir — incapaz de parar de me lembrar da expressão no rosto de Tamlin quando ele flagrou Rhysand me beijando.

Não sei que horas eram, mas, quatro horas depois, passos soaram *dentro* de minha cela. Sobressaltada, me sentei, e Rhys saiu de uma sombra.

Eu ainda sentia o calor de seus lábios contra os meus, o deslizar suave da língua de Rhys dentro de minha boca, embora eu a tivesse limpado três vezes usando o balde de água na cela.

Sua túnica estava desabotoada no alto, e Rhysand passou a mão pelos cabelos preto-azulados antes de encostar, sem dizer nada, contra a parede diante de mim e deslizar até o chão.

— O que você quer? — indaguei.

— Um momento de paz e silêncio — disparou ele, esfregando as têmporas.

Parei.

— De quê?

Rhysand massageou a pele pálida, o que fez com que os cantos de seus olhos subissem e descessem, aparecendo e sumindo. Rhys suspirou.

— Dessa confusão.

Sentei mais esticada sobre a cama de feno. Nunca o vira tão sincero.

— Aquela cadela desgraçada está acabando comigo — continuou Rhysand, e abaixou as mãos das têmporas para recostar a cabeça contra a parede. — Você me odeia. Imagine como se sentiria se eu a obrigasse a me servir no quarto. Sou o Grão-Senhor da Corte Noturna... não a meretriz de Amarantha.

Então, os boatos eram verdade. E eu podia imaginar com muita facilidade o quanto odiaria — o que faria comigo — ser escravizada por alguém daquela forma.

— Por que está me contando isso?

A arrogância e a grosseria tinham sumido.

— Porque estou cansado e solitário, e você é a única pessoa com quem posso falar sem me colocar em perigo. — Rhys deu uma gargalhada baixa. — Que absurdo: um Grão-Senhor de Prythian e uma...

— Pode sair se vai simplesmente me insultar.

— Mas sou tão bom nisso. — Ele lançou um dos seus sorrisos. Olhei para Rhys com raiva, mas ele suspirou. — Um movimento em falso amanhã, Feyre, e estamos todos condenados.

A ideia me atingiu com tanto horror que mal consegui respirar.

— E se você falhar — continuou ele, mais para si que para mim —, então Amarantha vai governar para sempre.

— Se ela capturou o poder de Tamlin uma vez, quem dirá que não é capaz de fazê-lo de novo? — Era a pergunta que eu não ousara fazer.

— Ele não será enganado de novo tão facilmente — argumentou Rhysand, encarando o teto. — A maior arma dela é que mantém nossos poderes contidos. Mas ela não pode acessá-los, não completamente. Embora possa nos controlar por meio deles. Por isso, jamais consegui destruir sua mente; por isso, ela ainda não está morta. Assim que você quebrar a maldição de Amarantha, a ira de Tamlin será tão grande que nenhuma força no mundo o impedirá de esfacelar a rainha contra a parede.

Um calafrio percorreu meu corpo.

— Por que acha que estou fazendo isto? — Ele me indicou com a mão.

— Porque é um monstro.

Rhysand gargalhou.

— Verdade, mas também sou pragmático. Provocar Tamlin até que ele alcance uma fúria irracional é a melhor arma que temos contra ela. Ver você firmar um acordo de tolos com Amarantha foi uma coisa, mas, quando Tamlin viu minha tatuagem em seu braço... Ah, você deveria ter nascido com minhas habilidades, nem que fosse só para sentir o ódio que emanou dele.

Não queria pensar muito nas habilidades de Rhys.

— E quem disse que ele também não vai destroçar você?

— Talvez tente, mas tenho a sensação de que matará Amarantha primeiro. É a isso que tudo se resume mesmo: até mesmo sua servidão a mim é culpa dela. Então, Tamlin a matará amanhã, e eu estarei livre antes que ele possa me envolver em uma briga que vai reduzir nossa montanha, que um dia foi sagrada, a escombros. — Rhysand limpou as unhas. — E tenho algumas outras cartas na manga.

Ergui as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa.

— Feyre, pelo Caldeirão. Eu drogo você, mas não imagina por que jamais a toco além da cintura ou dos braços?

Até aquela noite... até aquele beijo desgraçado. Trinquei os dentes, mas, mesmo quando meu ódio aumentou, entendi.

— É a única forma de eu alegar inocência — respondeu Rhys —, a única coisa que fará Tamlin pensar duas vezes antes de entrar em uma batalha comigo que causaria a perda catastrófica de vidas inocentes. É o único jeito de eu poder convencer Tamlin de que estava do seu lado. Acredite em mim, eu não gostaria de nada mais que desfrutar de você, mas há coisas maiores em risco que levar uma fêmea humana para a cama.

Eu sabia, mas perguntei:

— Como o quê?

— Como meu território — respondeu Rhysand, e seus olhos tomaram um olhar distante que eu ainda não vira. — Como o restante de meu povo, escravizado por uma rainha tirana, que pode acabar com suas vidas com uma única palavra. Certamente Tamlin expressou sentimentos parecidos a você. — Ele não tinha, não completamente. Não conseguira, graças à maldição.

— Por que Amarantha atacou você? — Ousei perguntar. — Por que tornar você a vadia?

— Além do óbvio? — Rhysand indicou o rosto perfeito. Quando não sorri, ele suspirou. — Meu pai matou o pai de Tamlin... e os irmãos dele.

Fiquei chocada. Tamlin jamais dissera... jamais me contara que a Corte Noturna tinha sido responsável por aquilo.

— É uma longa história, e não estou com vontade de entrar nisso, mas digamos que, quando ela roubou nossas terras, Amarantha decidiu que queria dar uma punição especial ao filho do assassino de seu amigo, decidiu que me odiava o suficiente pelas ações de meu pai e que eu deveria sofrer.

Eu poderia ter estendido a mão para ele, poderia ter oferecido desculpas, mas todos os pensamentos tinham secado em minha mente. O que Amarantha fizera com ele...

— Então — disse Rhysand, um pouco cansado —, aqui estamos, com o destino de nosso mundo imortal nas mãos de uma humana analfabeta. —Ele soltou uma gargalhada desagradável quando abaixou a cabeça, apoiando a testa em uma das mãos, e fechou os olhos. — Que confusão.

Parte de mim procurou palavras para feri-lo no momento de vulnerabilidade, mas a outra metade se lembrou de tudo o que Rhysand tinha dito, tudo o que ele tinha feito, como a cabeça de Rhys disparara para a porta antes de ele me beijar. Rhysand sabia que Amarantha estava vindo. Talvez ele tivesse feito aquilo para deixá-la com ciúmes, mas talvez...

Se ele não estivesse me beijando, se não tivesse aparecido e interrompido, eu teria saído para aquele salão do trono coberta de tinta borrada. E todos — principalmente Amarantha — saberiam o que eu estava fazendo. Não seria preciso muito para entenderem com quem eu estava. Não queria pensar em qual poderia ter sido a punição.

Independentemente dos motivos ou dos métodos, Rhysand me mantinha viva. Ele o fazia desde que eu chegara a Sob a Montanha.

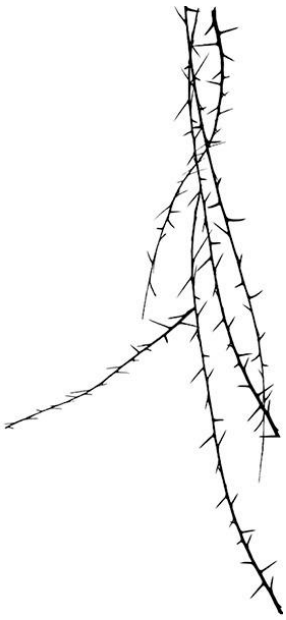
— Contei demais — disse Rhysand, ao se levantar. — Talvez eu devesse tê-la drogado primeiro. Se fosse esperta, encontraria uma forma de usar isso contra mim. E, se tivesse estômago para crueldade, iria até Amarantha e contaria a verdade sobre sua vadia. Talvez Amarantha desse Tamlin a você por isso. — Rhysand colocou as mãos nos bolsos da calça preta, mas, mesmo enquanto ele se dissolvia em sombras, algo a respeito da curvatura dos ombros de Rhys me fez falar.

— Quando você curou meu braço... Não precisava ter negociado comigo. Poderia ter exigido todas as semanas do ano. — Minhas sobrancelhas se franziram quando ele se virou, metade do corpo já consumida pela escuridão. — Todas as semanas, e eu teria dito sim. — Não chegava a ser uma pergunta, mas eu precisava da resposta.

Um meio sorriso surgiu nos lábios sensuais de Rhysand.

— Eu sei — respondeu ele, e sumiu.

Capítulo 43



Para minha última tarefa, recebi de volta a velha túnica e a calça — manchadas, rasgadas e fedidas —, mas, apesar do fedor, mantive o queixo erguido conforme fui escoltada para o salão do trono.

As portas se abriram, e o silêncio no salão me atingiu. Esperei as provocações e os gritos, esperei ver ouro reluzir conforme os espectadores faziam as apostas, mas, dessa vez, os feéricos apenas me encararam, os mascarados particularmente atentos.

Seu mundo estava sobre meus ombros, dissera Rhys. Mas não achei que fosse apenas preocupação estampada em seus rostos. Precisei engolir em seco quando alguns dos feéricos levaram os dedos aos lábios e depois estenderam as mãos para mim; era um gesto para os caídos, um adeus aos mortos honoráveis. Não havia malícia naquilo. A maioria daqueles feéricos pertencia às cortes dos Grão-Senhores... tinham pertencido àquelas cortes muito antes de Amarantha lhes tomar as terras, as vidas. E, se Tamlin e Rhysand estavam fazendo joguetes para nos manter vivos...

Segui pelo caminho que eles tinham liberado... direto até Amarantha. A rainha sorriu quando parei ao lado do trono. Tamlin ocupava o lugar de sempre, ao lado dela, mas eu não olharia para ele; ainda não.

— Duas tarefas você já deixou para trás — disse Amarantha, limpando um grão de poeira do vestido vermelho-sangue. Os cabelos pretos brilhavam, numa escuridão reluzente que ameaçava engolir sua coroa dourada. — E falta apenas uma. Imagino se será pior fracassar agora, quando você está tão perto. — Ela fez um biquinho, e ambas esperamos as gargalhadas dos feéricos.

Mas apenas poucas gargalhadas soaram dos guardas de pele vermelha. Todo o resto permaneceu em silêncio. Até mesmo os irmãos desprezíveis de Lucien. Até mesmo Rhysand, onde quer que estivesse em meio à multidão.

Pisquei para limpar os olhos ardentes. Talvez, como com Rhysand, os juramentos de lealdade dos feéricos, as apostas em minha vida e seu comportamento desprezível tivesse sido um espetáculo. E talvez agora — agora que o fim estava próximo — também enfrentariam minha potencial morte com qualquer que fosse a dignidade que lhes restava.

Amarantha olhou para o público com raiva, mas quando seu olhar recaiu sobre mim, ela deu um sorriso largo, amável.

— Alguma palavra antes de morrer?

Pensei em uma infinidade de xingamentos, mas, em vez disso, olhei para Tamlin. Ele não reagiu, as feições eram como pedra. Desejei poder ver seu rosto — apenas por um momento. Mas só precisava ver aqueles olhos verdes.

— Amo você — declarei. — Não importa o que ela diga a respeito disso, não importa se é apenas meu tolo coração humano. Mesmo quando queimarem meu corpo, vou amar você. — Meus lábios estremeceram, e minha visão se anuviou antes de várias lágrimas mornas descerem por meu rosto frio. Não enxuguei as lágrimas.

Ele não reagiu; nem mesmo apertou os braços no trono. Imaginei que fosse a forma de Tamlin suportar aquilo, mesmo que aquilo me desse um aperto no peito. Mesmo que seu silêncio me matasse.

Amarantha falou, com meiguice:

— Terá sorte, minha cara, se sequer sobrar o bastante de você para queimar.

Eu a encarei seriamente por um bom tempo, com ódio enchendo o peito. Mas as palavras de Amarantha não foram recebidas com provocações ou sorrisos ou aplausos da multidão. Apenas silêncio.

Aquilo foi um presente que me deu coragem, que me fez fechar os punhos, que me fez acolher aquela tatuagem no braço. Eu a derrotara até então, de forma justa ou não, e não me sentiria sozinha quando morresse. Não morreria sozinha. Era tudo o que eu podia pedir.

Amarantha apoiou o queixo em uma das mãos.

— Você não desvendou meu enigma, não foi? — Não respondi, e ela sorriu. — Que pena. A resposta é tão adorável.

— Acabe logo com isso — grunhi.

Amarantha olhou para Tamlin.

— Nenhuma última palavra para ela? — perguntou Amarantha, erguendo uma sobrancelha. Quando Tamlin não respondeu, ela sorriu para mim. — Muito bem, então. — Amarantha bateu palmas duas vezes.

A porta se abriu, e três figuras — dois homens e uma mulher —, com sacolas marrons amarradas na cabeça, foram arrastadas pelos guardas. Os rostos escondidos se viravam para todos os lados conforme tentavam discernir os sussurros que irromperam pelo salão do trono. Meus joelhos fraquejaram levemente quando se aproximaram.

Com golpes fortes e empurrões bruscos, os guardas de pele vermelha obrigaram os três feéricos a ficarem de joelhos, ao pé da plataforma, mas de frente para mim. Os corpos e as roupas não revelavam quem eram.

Amarantha bateu palmas de novo, e três criados vestidos de preto surgiram ao lado de cada um dos feéricos ajoelhados. Nas mãos pálidas e longas, eles levavam, cada um, uma almofada de veludo escuro. E, em cada almofada, havia uma única

adaga de madeira polida. Com a lâmina não de metal, mas de freixo. Freixo, porque...

— Sua última tarefa, Feyre — cantarolou Amarantha, indicando os feéricos ajoelhados. — Apunhale cada uma dessas infelizes almas no coração.

Eu a encarei, minha boca se abriu e se fechou.

— Eles são inocentes, não que isso devesse importar para você — continuou ela. — Pois não foi uma preocupação quando matou a pobre sentinela de Tamlin. E não foi uma preocupação para o querido Jurian quando ele assassinou minha irmã. Mas, se é um problema... bem, pode se recusar. É claro que vou tomar sua vida em troca, mas um acordo é um acordo, não é? Se me perguntar, no entanto, considerando seu histórico em assassinar nosso povo, acredito que estou oferecendo um presente.

Recuse-se e morra. Mate três inocentes e viva. Três inocentes, por meu futuro. Por minha felicidade. Por Tamlin e por sua corte, e pela liberdade de uma terra inteira.

A madeira das adagas afiadas tinha sido tão cuidadosamente polida que reluzia sob os lustres de vidro colorido.

— Então? — perguntou ela. Amarantha ergueu a mão, deixando que o olho de Jurian me olhasse bem, olhasse para as adagas de freixo, e, então, ela ronronou para o anel: — Eu não iria querer que você perdesse isso, velho amigo.

Eu não podia. Não podia fazer aquilo. Não era como caçar; não era por sobrevivência ou defesa. Era assassinato a sangue-frio; o assassinato deles, de minha alma. Mas por Prythian, por Tamlin, por todos ali, por Alis e os meninos... Eu queria saber o nome de nossos deuses esquecidos para implorar que intercedessem, desejei saber qualquer oração para implorar por orientação, por absolvição.

Mas eu não sabia aquelas orações, ou os nomes de nossos deuses esquecidos; apenas os nomes daqueles que permaneceriam escravizados caso eu não agisse.

Silenciosamente recitei aqueles nomes, mesmo conforme o horror do que estava diante de mim começou a me engolir por inteiro. Por Prythian, por Tamlin, pelo mundo deles e pelo meu... Aquelas mortes não seriam em vão, mesmo que me arruinassem para sempre.

Eu me aproximei da primeira figura ajoelhada... com o passo mais longo e mais cruel que eu já dera. Três vidas em troca da libertação de Prythian — três vidas que não seriam desperdiçadas em vão. Eu poderia fazer aquilo. Poderia fazer aquilo, mesmo com Tamlin assistindo. Eu poderia fazer aquele sacrifício; sacrificá-los... eu poderia fazer aquilo.

Meus dedos tremeram, mas a primeira adaga acabou em minha mão, o cabo frio e liso, a madeira da lâmina mais pesada do que eu esperava. Havia três adagas, porque ela queria que eu sentisse a agonia de levar a mão até a faca diversas vezes. Queria que *significasse* algo.

— Não tão rápido. — Amarantha riu, e os guardas que seguravam a primeira figura de joelhos arrancaram-lhe o capuz do rosto.

Era um bonito jovem Grão-Feérico. Eu não o conhecia, jamais o vira, mas os olhos azuis do rapaz suplicavam quando ele me olhou.

— Assim é melhor — disse Amarantha, gesticulando com a mão de novo. — Prossiga, Feyre, querida. Aproveite.

Os olhos do rapaz eram da cor de um céu que eu jamais veria de novo caso me recusasse a matá-lo, uma cor que eu jamais tiraria da cabeça, da qual jamais me esqueceria, não importava quantas vezes a pintasse. Ele balançou a cabeça, aqueles olhos se arregalando tanto que o branco se destacou ao redor. O jovem jamais veria aquele céu também. E aquelas pessoas tampouco o veriam, caso eu falhasse.

— Por favor — sussurrou o jovem, o olhar disparando da adaga de freixo para meu rosto. — Por favor.

A adaga tremeu em meus dedos, e eu a segurei com mais força. Três feéricos — era tudo o que restava entre mim e a liberdade, antes que Tamlin liberasse o ódio

contra Amarantha. Se ele pudesse destruí-la... *Não em vão*, eu disse a mim mesma. *Não em vão.*

— Não — implorou o jovem feérico quando ergui a adaga. — *Não!*

Tomei fôlego e arquejei, meus lábios tremiam enquanto eu hesitava. Dizer "Sinto muito" não bastava. Eu jamais pudera dizer isso a Andras, e agora... agora...

— *Por favor!* — implorou ele, e os olhos se encheram de prateado.

Alguém na multidão começou a chorar. Eu o estava tirando de alguém que possivelmente o amava tanto quanto eu amava Tamlin.

Não podia pensar sobre aquilo, não podia pensar em quem ele era, ou na cor de seus olhos, ou em nada daquilo. Amarantha sorria com uma alegria selvagem, triunfal. Mate um feérico, apaixone-se por um feérico, então, seja forçada a matar um feérico para manter aquele amor. Era genial e cruel, e ela sabia disso.

Escuridão irradiou perto do trono, e, então, Rhysand surgiu, de braços cruzados — como se tivesse se aproximado para enxergar melhor. O rosto era uma máscara de desinteresse, mas minha mão formigou. *Faça-o*, dizia o formigamento.

— *Não* — gemeu o jovem feérico. Comecei a sacudir a cabeça. Não podia ouvi-lo. Precisava fazer aquilo imediatamente, antes que ele me convencesse do contrário. — *Por favor!* — A voz do rapaz se elevou até virar um grito.

O som me perturbou tanto que avancei.

Com um soluço irregular, mergulhei a adaga em seu coração.

O jovem gritou, se debatendo nas mãos dos guardas conforme a lâmina atravessava carne e osso, suavemente, como se fosse metal de verdade, e não freixo, e sangue — quente e brilhante — banhou minha mão. Chorei, puxando a adaga, e as reverberações dos ossos do feérico contra a lâmina lancinaram minha mão.

Os olhos do rapaz, cheios de choque e ódio, permaneceram sobre mim conforme ele desabava, me amaldiçoando, e aquela pessoa na multidão soltou um choro agudo.

Minha adaga ensanguentada quicou no piso de mármore quando cambaleei vários passos para trás.

— Muito bom — disse Amarantha, enquanto eu encarava, incapaz de pensar, de sentir, de gritar.

Queria deixar meu corpo; precisava escapar da mancha do que tinha feito; precisava sair... não podia suportar o sangue em minhas mãos, o calor grudento entre meus dedos.

— Agora, o próximo. Ah, não pareça tão arrasada, Feyre. Não está se divertindo?

Encarei a segunda figura, ainda encapuzada. Era uma fêmea dessa vez. O feérico de preto estendeu a almofada com a adaga limpa, e os guardas que a seguravam puxaram o capuz.

O rosto da mulher era simples, os cabelos castanho-dourados, como os meus. Lágrimas já desciam pelas bochechas redondas, e os olhos cor de bronze da feérica acompanharam minha mão ensanguentada quando a levei até a segunda faca. A limpeza da lâmina de madeira zombava do sangue em meus dedos.

Eu queria cair de joelhos e implorar seu perdão, dizer à mulher que sua morte não seria em vão. Queria, mas havia uma depressão tão grande dentro de mim no momento, que mal conseguia sentir minhas mãos, o coração destruído. O que eu tinha feito...

— Que o Caldeirão me salve — sussurrou a mulher, a voz linda e calma, como música. — Que a Mãe me acolha — continuou ela, recitando uma oração parecida com aquela que tinha ouvido certa vez, quando Tamlin aliviou a morte daquele feérico inferior que morrera no saguão. Outra das vítimas de Amarantha. — Guie-me até você. — Não consegui erguer a adaga, incapaz de dar o passo que reduziria a distância entre nós. — Permita-me passar pelos portões; permita-me sentir o cheiro daquela terra imortal de leite e mel.

Lágrimas silenciosas escorriam por meu rosto e pescoço, encharcando o colarinho imundo de minha túnica. Enquanto ela falava, eu soube que aquela terra imortal estaria para sempre fechada para mim. Sabia que qualquer que fosse a Mãe a que ela se referia, jamais me acolheria. Para salvar Tamlin, eu deveria me condenar.

Não podia fazer aquilo... não consegui erguer a adaga de novo.

— Não me permita temer o mal — sussurrou a jovem, me encarando, olhando dentro de mim, para dentro da alma que se partia. — Não me permita sentir dor.

Um soluço saiu de meus lábios.

— Desculpe — gemi.

— Permita-me adentrar a eternidade — sussurrou a mulher, tranquilamente.

Chorei quando entendi. *Mate-me agora*, dizia ela. *Faça rápido. Que não seja doloroso. Mate-me agora.* Os olhos cor de bronze estavam firmes, se não tristes. Aquilo era infinitamente, infinitamente pior que a súplica do feérico morto ao lado dela.

Eu não conseguiria.

Mas a jovem me encarou — me encarou e assentiu.

Quando ergui a adaga de freixo, algo dentro de mim se partiu tão completamente que não haveria esperança de algum dia consertar. Não importava quantos anos se passassem, não importava quantas vezes eu pudesse tentar pintar o rosto dela.

Mais feéricos choraram agora... os parentes e amigos da jovem. A adaga era um peso em minha mão — brilhando e coberta com o sangue do primeiro feérico.

Seria mais honrado me recusar a fazê-lo; morrer, em vez de assassinar inocentes. Mas... mas...

— Permita-me adentrar a eternidade — repetiu a jovem, erguendo o queixo. — Não tema o mal — sussurrou ela, apenas para mim. — Não sinta dor.

Segurei seu ombro delicado e ossudo, e enfiei a adaga no coração.

A jovem arquejou, e sangue se derramou no chão, como uma pancada de chuva. Seus olhos estavam fechados quando olhei mais uma vez para seu rosto. Ela desabou no chão e não se moveu.

Fui para algum lugar muito, muito longe de mim mesma.

Os feéricos se agitavam agora — se mexiam, muitos sussurravam e choravam. Soltei a adaga, e o clangor sobre o mármore ecoou em meus ouvidos. Por que Amarantha ainda sorria com apenas uma pessoa restante entre mim e a liberdade? Olhei para Rhysand, mas a atenção dele estava fixa em Amarantha.

Um feérico... e, então, estaríamos livres. Apenas mais um golpe de meu braço.

E talvez outro depois dele — talvez mais um golpe para cima e para dentro, dentro de meu coração.

Seria um alívio; um alívio acabar com aquilo pelas minhas mãos, um alívio morrer, ao invés de enfrentar aquilo, o que eu tinha feito.

O criado feérico ofereceu a última adaga, e eu estava prestes a pegá-la quando o guarda retirou o capuz do macho ajoelhado diante de mim.

Minhas mãos desabaram, inúteis, nas laterais do corpo. Olhos verdes salpicados de âmbar me encararam.

Tudo desabou, camada após camada, se partindo e quebrando e ruindo conforme eu encarava Tamlin.

Virei a cabeça para o trono ao lado do de Amarantha, ainda ocupado por meu Grão-Senhor, e ela riu ao estalar os dedos. O Tamlin ao seu lado se transformou no Attor, que deu um sorriso malicioso para mim.

Eu fora enganada, traída por meus sentidos de novo. Devagar, com minha alma se distanciando mais de mim, me voltei para Tamlin. Havia apenas culpa e tristeza em seus olhos, e cambaleei para longe, quase caindo ao tropeçar em meus pés.

— Algo errado? — perguntou Amarantha, inclinando a cabeça.

— Não... Não é justo — falei.

O rosto de Rhysand tinha ficado pálido, muito pálido.

— Justo? — disse Amarantha, divertindo-se, brincando com o osso de Jurian no colar. — Eu não sabia que vocês humanos conheciam o conceito. Você mata Tamlin, e ele está livre. — Seu sorriso era a coisa mais terrível que eu já vira. — E, então, pode ficar com ele para você.

Minha boca parou de funcionar.

— A não ser — continuou Amarantha — que ache mais apropriado abrir mão de sua vida. Afinal de contas: qual é o objetivo? Sobreviver apenas para perdê-lo? — Suas palavras eram como veneno. — Imagine todos aqueles anos que passariam juntos... subitamente sozinha. Trágico, na verdade. No entanto, há alguns meses, você odiava nosso povo a ponto de nos massacrar; então, certamente vai superar isso com facilidade. — Ela deu tapinhas no anel. — A amante humana de Jurian o superou.

Ainda de joelhos, os olhos de Tamlin ficaram muito brilhantes... desafiadores.

— Então — disse Amarantha, mas não olhei para ela. — O que vai ser, Feyre?

Matá-lo e salvar a corte de Tamlin e minha vida, ou me matar e deixar que todos vivessem como escravos de Amarantha, deixar que ela e o rei de Hybern travassem a guerra final contra o reino humano. Não havia acordo para sair daquilo, nenhuma parte de mim para vender e evitar aquela escolha.

Encarei a adaga de freixo naquela almofada. Alis estivera certa, tantas semanas atrás: nenhum humano que já entrou ali saiu. Eu não era exceção. Não havia como escapar daquilo. Se eu fosse esperta, apunhalaria mesmo meu coração antes que pudessem me pegar. Pelo menos então morreria rapidamente... não aturaria a tortura que certamente me esperava, possivelmente um destino como o de Jurian. Alis estivera certa. Mas...

Alis... Alis dissera algo... algo para me *ajudar*. Uma parte final da maldição, uma parte que não podiam me contar, uma parte que me ajudaria... E ela só conseguira me dizer que *prestasse atenção*. Que *prestasse atenção* ao que ouvisse; como se eu já tivesse aprendido tudo de que precisava.

Devagar, encarei Tamlin de novo. Lembranças lampejavam, uma após a outra, borrões de cor e palavras. Tamlin era o Grão-Senhor da Corte Primaveril — em que isso me ajudaria? O Grande Rito era realizado... não.

Ele mentira para mim a respeito de tudo; a respeito de por que eu tinha sido levada à mansão, sobre o que estava acontecendo em suas terras. A maldição... ele não tivera permissão de me contar a verdade, mas não chegara a fingir que tudo estava bem. Não; ele mentira e explicara do melhor jeito possível, e tornara dolorosamente óbvio para mim sempre que possível que algo estava muito, muito errado.

O Attor no jardim... tão escondido de mim quanto eu estava dele. Mas Tamlin me escondera, ele me dissera para ficar parada e *levara* o Attor até mim, *permitira* que eu ouvisse a conversa.

Tamlin deixara as portas da sala de jantar abertas quando conversava com Lucien sobre... sobre a maldição, mesmo que eu não tivesse percebido na época. Ele falara em lugares públicos. *Queria* que eu ouvisse.

Porque queria que eu soubesse, que *prestasse atenção* — porque aquele conhecimento... Revolvi cada conversa, revirando palavras, como se fossem pedras. Uma parte da maldição que eu não tinha entendido, que eles não podiam me contar explicitamente, mas Tamlin precisara que eu soubesse...

Minha senhora não faz acordos que não sejam vantajosos para ela.

Amarantha jamais mataria o que mais desejava; não quando queria Tamlin tanto quanto eu. Mas, se eu o matasse, ou ela sabia que eu não poderia fazê-lo, ou estava fazendo um jogo muito, muito perigoso.

Conversa após conversa ecoou em minha mente, até que ouvi as palavras de Lucien, e tudo congelou. E foi quando eu soube.

Não consegui respirar, não conforme repassei a lembrança, não enquanto me lembrava da conversa que ouvira certo dia. Lucien e Tamlin na sala de jantar, a porta quase escancarada para que todos ouvissem... para que *eu* ouvisse.

Lucien deu uma risada.

— Para alguém com o coração de pedra, o seu certamente anda molenga ultimamente.

Olhei para Tamlin, meus olhos se voltaram para seu peito quando outra lembrança surgiu. O Attor no jardim, rindo.

— Embora você tenha o coração de pedra, Tamlin — dissera o Attor —, certamente mantém um punhado de medo dentro dele.

Amarantha jamais arriscaria matá-lo, porque sabia que eu *não podia* matá-lo.

Não se o coração dele não pudesse ser perfurado por uma lâmina. Não se o coração dele tivesse sido transformado em pedra.

Observei o rosto de Tamlin, procurando por algum lampejo de verdade. Havia apenas aquela revolta ousada em seu olhar.

Talvez eu estivesse errada — talvez fosse apenas uma expressão idiomática feérica. Mas todas aquelas vezes em que eu abraçara Tamlin... jamais sentira seu coração bater. Eu fora cega para todas as coisas até que elas me golpeassem o rosto, mas dessa vez seria diferente.

Era assim que ela controlava Tamlin e a magia dele. Como controlava todos os Grão-Senhores, dominando-os e colocando-os em uma coleira, como mantivera a alma de Jurian presa àquele olho e àquele osso.

Não confie em ninguém, dissera Alis para mim. Mas eu confiava em Tamlin — e, mais que isso, confiava em mim mesma. Confiava que tinha ouvido direito; confiava que Tamlin fora mais esperto que Amarantha, confiava que tudo o que eu sacrificara não fora em vão.

O salão inteiro estava em silêncio, mas minha atenção estava sobre Tamlin. A revelação devia estar estampada em meu rosto, pois sua respiração se tornou um pouco mais rápida, e Tamlin ergueu o queixo.

Dei um passo em sua direção e, depois, outro. Eu estava certa. Tinha de estar.

Inspirei quando peguei a adaga da almofada estendida. Eu podia estar errada — podia estar dolorosa e tragicamente errada.

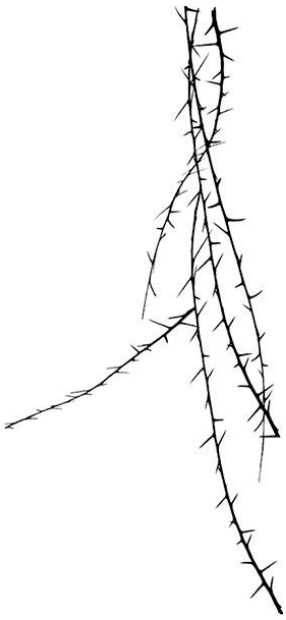
Mas havia um leve sorriso nos lábios de Tamlin enquanto eu estava diante dele, com a adaga de freixo na mão.

O Destino era real; porque o Destino se certificara de que eu estivera lá para entreouvir quando tinham conversado em particular, porque o Destino sussurrara para Tamlin que a garota fria e recalcitrante que ele arrastara para casa seria aquela que quebraria o feitiço, porque o Destino me mantivera viva apenas para chegar àquele ponto, apenas para ver se eu prestava atenção.

E ali estava ele... meu Grão-Senhor, meu amado, ajoelhado diante de mim.

— Amo você — falei, e apunhalei Tamlin.

Capítulo 44



Tamlin gritou quando minha lâmina perfurou sua carne, partindo o osso. Por um momento nauseante, quando o sangue de Tamlin escorreu em minha mão, achei que a adaga de freixo o atravessaria.

Mas, então, ouvi um leve estampido — e uma reverberação lancinante em minha mão quando a adaga atingiu algo duro e resistente. Tamlin inclinou o corpo para a frente, o rosto ficou pálido, e arranquei a adaga de seu peito. Conforme o sangue escorria da madeira polida, ergui a lâmina.

A ponta estava quebrada, dobrada sobre si mesma.

Tamlin segurou o peito enquanto ofegava, e o ferimento já cicatrizava. Rhysand, ao pé da plataforma, sorria de orelha a orelha. Amarantha ficou de pé.

Os feéricos murmuraram uns para os outros. Soltei a adaga, fazendo com que quicasse pelo piso de mármore vermelho.

Mate-a agora, eu queria disparar para Tamlin, mas ele não se moveu conforme pressionava a mão contra o ferimento, e o sangue escorria. Devagar demais... ele estava se curando devagar demais. A máscara não caíra. *Mate-a agora.*

— Ela venceu — disse alguém na multidão.

— Liberte-os — ecoou outro.

Mas o rosto de Amarantha ficou pálido, as feições se contorcendo até se tornarem verdadeiramente viperinas.

— Vou libertá-los quando achar que devo. Feyre não especificou *quando* eu precisaria libertá-los, apenas que eu precisaria. Em algum momento. Talvez quando você estiver morta — terminou Amarantha, com um sorriso de ódio. — Presumiu que quando falei de liberdade instantânea com relação ao enigma, ela se aplicava às tarefas também, não foi? Humana tola e burra.

Dei um passo para trás à medida que ela descia os degraus da plataforma. Os dedos de Amarantha se contraíram em garras — o olho de Jurian estava desesperado dentro do anel, as pupilas se dilatavam e se contraíam.

— Mas você — sibilou ela para mim. — *Você*. — Os dentes de Amarantha reluziram, ficaram afiados. — *Vou matar você*.

Alguém gritou, mas não consegui me mover, não consegui sequer tentar sair da frente quando algo muito mais doloroso que relâmpago me atingiu e caí no chão.

— *Vou fazer com que pague por sua insolência* — grunhiu Amarantha, e um grito irrompeu de minha garganta quando dor como eu jamais sentira percorreu meu corpo.

Meus ossos se despedaçavam conforme meu corpo se ergueu e se chocou contra o piso duro, e fui esmagada sob mais uma onda de agonia torturante.

— Admita que não o ama de verdade, e vou poupá-la — sussurrou Amarantha, e por minha visão comprometida, eu a vi caminhar até mim. — Admita que é um pedaço de lixo humano covarde, mentiroso e inconstante.

Eu não... eu não diria aquilo, mesmo que ela me esmagasse no chão.

Mas estava sendo destroçada de dentro para fora, e me debati, incapaz de gritar para aliviar a dor.

— *Feyre!* — rugiu alguém. Não, não alguém: Rhysand.

Mas Amarantha ainda se aproximava.

— Acha que é digna dele? Um *Grão-Senhor*? Acha que merece qualquer coisa, humana? — Minhas costas se arquearam, e minhas costelas se partiram, uma a uma.

Rhysand gritou meu nome de novo; gritou como se ele se importasse. Apaguei, mas Amarantha me despertou, assegurando-se de que eu sentisse tudo, assegurando-se de que eu gritaria toda vez que um osso se quebrasse.

— O que você é, senão lama e ossos e alimento para vermes? — vociferou Amarantha. — O que é você em comparação com nosso povo, para achar que é digna de nós?

Feéricos começaram a gritar que aquilo era injusto, exigiram que Tamlin fosse libertado da maldição, e chamaram Amarantha de ardilosa e trapaceira. Em meio à névoa, vi Rhysand agachado ao lado de Tamlin. Não para ajudá-lo, mas para pegar a...

— São todos porcos, todos *porcos* imundos e ardilosos.

Chorei entre gritos quando o pé de Amarantha atingiu minhas costelas quebradas. De novo. E de novo.

— Seu coração mortal não é *nada* para nós.

Então, Rhysand se levantou, com minha faca ensanguentada nas mãos. Ele disparou contra Amarantha, ágil como uma sombra, a adaga de freixo apontada para a garganta dela.

Amarantha ergueu a mão — sequer se incomodando em olhar —, e Rhysand foi atirado para trás por uma parede de luz branca.

Mas a dor parou por um segundo, tempo o suficiente para que eu o visse atingir o chão e se levantar de novo, e avançar contra Amarantha — com mãos que agora terminavam em garras. Rhysand se chocou contra a parede invisível que Amarantha tinha erguido em volta de si, e minha dor foi interrompida quando ela se voltou para ele.

— Sua imundície traidora — disse Amarantha, fervilhando, para Rhysand. — Você é tão ruim quanto essas bestas humanas. — Uma a uma, como se a mão de

alguém as empurrasse, as garras de Rhysand se retraíram para dentro da pele, deixando sangue em seu rastro. Ele xingou, baixinho e cruelmente. — *Você* estava planejando isso esse tempo todo.

A magia de Amarantha atirou Rhys pelos ares e, então, o golpeou de novo; com tanta força que a cabeça dele se chocou contra as pedras e a faca caiu de seus dedos abertos. Ninguém fez menção de ajudá-lo, e Amarantha acertou Rhysand mais uma vez com a magia. O mármore vermelho se rachou onde Rhys bateu, as rachaduras espraiando até mim. Onda após onda, Amarantha o golpeou. Rhys gemia.

— Pare — sussurrei, e sangue encheu minha boca quando estiquei a mão para tocar seus pés. — Por favor.

Os braços de Rhys cederam enquanto ele tentava se levantar com dificuldade, e sangue escorreu de seu nariz, pingando no mármore. Os olhos de Rhys encararam os meus.

A ligação entre nós se intensificou. Eu disparava do meu corpo para o de Rhys, me via pelos olhos dele, sangrando e partida e chorando.

Voltei para minha mente quando Amarantha se virou para mim de novo.

— Pare? *Pare?* Não finja que se importa, humana — cantarolou ela, e dobrou o dedo. Arqueei as costas, minha coluna se estirando quase ao ponto de quebrar, e Rhys gritou meu nome quando minha mente se distanciou do salão.

Então, as lembranças começaram — uma compilação dos piores momentos de minha vida, um livro de histórias de desespero e escuridão. A última página chegou, e chorei, sem sentir totalmente a agonia de meu corpo conforme via aquela jovem coelha sangrando na clareira daquela floresta, minha faca em seu pescoço. Minha primeira morte; a primeira vida que tirei.

Eu estava faminta, desesperada. Mas, depois, quando minha família a devorou, voltei para o bosque e chorei durante horas, sabendo que havia cruzado uma fronteira, que minha alma estava maculada.

— *Diga que não o ama!* — gritava Amarantha, e o sangue em minhas mãos se tornou o sangue daquela coelha, se tornou o sangue do que eu tinha perdido.

Mas eu não diria. Porque amar Tamlin era a única coisa que me restava, a única coisa que eu não podia sacrificar.

Um caminho se abriu em meu campo visual vermelho e preto. Vi os olhos de Tamlin — arregalados enquanto ele rastejava na direção de Amarantha, me observando morrer, e incapaz de me salvar enquanto o ferimento se curava devagar, enquanto ela ainda retinha seu poder.

Amarantha jamais pretendera me deixar viver, jamais pretendera libertar Tamlin.

— Amarantha, pare com isso — implorou Tamlin, aos seus pés, enquanto agarrava o ferimento aberto no peito. — *Pare*. Desculpe, desculpe pelo que disse a respeito de Clythia há tantos anos. Por favor.

Amarantha o ignorou, mas eu não conseguia virar o rosto. Os olhos de Tamlin estavam tão verdes — verdes como os campos de sua propriedade. Aquele tom de cor arrastou as lembranças que me sufocavam, empurrou para longe o mal que me partia, osso a osso. Gritei de novo, com os joelhos estirados, ameaçando se partirem ao meio, mas vi aquela floresta encantada, vi aquela tarde em que deitamos na grama, vi aquela manhã em que assistimos ao nascer do sol, quando, por um momento, apenas um momento, eu soube o que era felicidade verdadeira.

— *Diga que não o ama de verdade* — disparou Amarantha, e meu corpo se contorceu, quebrando aos poucos. — *Admita para seu coração inconstante*.

— Amarantha, *por favor* — gemeu Tamlin, o sangue se derramando no chão. — Farei qualquer coisa.

— Lidarei com você depois — grunhiu ela para Tamlin, e me atirou em um fosso incandescente de dor.

Eu jamais diria aquilo; nunca deixaria que ela ouvisse aquilo, mesmo que me matasse. E se aquela seria a minha ruína, que fosse. Se aquela seria a fraqueza que

me destruiria, eu a acolheria com todo o coração. Se aquela seria...

Pois embora cada um de meus golpes seja poderoso,
Quando mato, meu processo é vagaroso...

Era isso que aqueles três meses tinham sido — uma morte lenta e terrível. O que eu sentia por Tamlin era a causa daquilo. Não havia cura; nem a dor, nem a ausência ou a felicidade.

Mas se desprezado, me torno uma fera difícil de abater.

Ela podia me torturar o quanto quisesse, mas aquilo jamais destruiria o que eu sentia por Tamlin. Jamais faria com que Tamlin a quisesse; jamais aliviaria a dor de sua rejeição.

O mundo se tornou escuro nos cantos de minha visão, o que acalmou a dor.

Mas abençoo todos os que arriscam com audácia.

Por muito tempo, eu fugira dele. Mas, ao me abrir para Tamlin, para minhas irmãs... aquele fora um teste de audácia tão desafiador quanto minhas tarefas.

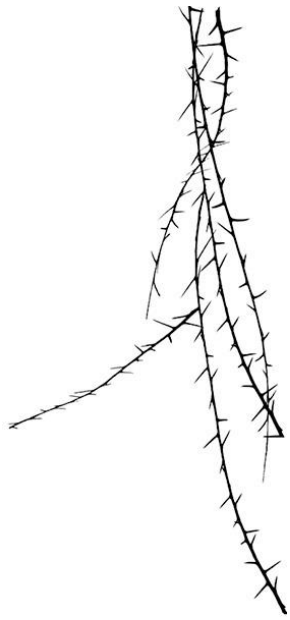
— *Diga, sua besta vil* — sibilou Amarantha. Ela poderia ter mentido para fugir de nosso acordo, mas jurara outra coisa com o enigma, liberdade imediata, independentemente de sua vontade.

Sangue encheu minha boca, quente conforme escorria entre meus lábios. Olhei para o rosto mascarado de Tamlin uma última vez.

— *Amor* — sussurrei, a palavra se desfazendo em uma escuridão sem fim. Uma pausa na magia de Amarantha. — A resposta ao enigma... — falei, engasgando no próprio sangue — é... amor.

Os olhos de Tamlin se arregalaram antes de algo se partir sem parar em minha coluna.

Capítulo 45



Eu estava longe, mas ainda via — pelos olhos que não eram meus, olhos presos a uma pessoa que, devagar, se levantava de onde estava em um chão quebrado e ensanguentado.

O rosto de Amarantha ficou inexpressivo. Ali estava meu corpo, prostrado no chão, com minha cabeça virada para o lado em um ângulo terrivelmente errado. Um lampejo de cabelo vermelho na multidão. Lucien.

Lágrimas brilhavam no olho que restava a Lucien quando ele ergueu as mãos e tirou a máscara de raposa.

O rosto cruelmente marcado pela cicatriz ainda era lindo — as feições eram fortes e elegantes. Mas meu hospedeiro olhava para Tamlin agora, que olhava devagar para meu corpo morto.

O rosto ainda mascarado de Tamlin se transformou em algo realmente lupino quando ele ergueu o olhar para a rainha e grunhiu. Presas se projetaram.

Amarantha recuou... para longe de meu cadáver. Ela apenas sussurrou:

— Por favor. — Antes que luz dourada explodisse.

A rainha foi jogada para trás em uma explosão, lançada contra a parede mais afastada, e Tamlin soltou um rugido que estremeceu a montanha quando ele se

lançou contra ela. Tamlin assumiu a forma bestial o mais rápido que eu já vira — pelo e garras e quilo após quilo de músculos letais.

Amarantha acabara de atingir a parede quando ele a agarrou pelo pescoço, e as pedras racharam quando Tamlin a empurrou contra elas com a pata cheia de garras.

A feérica se debateu, mas não podia fazer nada contra o ataque brutal da besta de Tamlin. Sangue escorreu pelo braço peludo onde Amarantha o tinha arranhado.

O Attor e os guardas correram até a rainha, mas diversos feéricos e Grão-Feéricos, com as máscaras caindo no chão, se colocaram em seu caminho, derrubando-os. Amarantha gritou, chutando Tamlin, disparando contra ele sua magia negra, mas uma parede de ouro envolvia o pelo de Tamlin, como uma segunda pele. Ela não conseguia tocá-lo.

— Tam! — gritou Lucien por cima do caos.

Uma espada disparou pelos ares, uma estrela cadente de aço.

Tamlin a pegou com a pata imensa. O grito de Amarantha foi interrompido quando Tamlin atravessou-lhe a cabeça com a espada até a pedra abaixo.

Depois ele fechou o poderoso maxilar em volta do pescoço de Amarantha e o dilacerou.

Fez-se silêncio.

Somente quando voltei a encarar meu corpo destruído percebi por quais olhos eu o via. Mas Rhysand não se aproximou de meu corpo, não quando patas apressadas — e um clarão de luz, e, então, passos — preencheram o ar. A besta já havia sumido.

O sangue de Amarantha sumira de seu rosto, da túnica, quando Tamlin caiu de joelhos.

Ele pegou meu corpo inerte e quebrado, me aninhando contra o peito. Tamlin não tinha removido a máscara, mas vi as lágrimas que caíram em minha túnica imunda, e ouvi os soluços estremecidos emitidos por ele conforme Tamlin me balançava, acariciava meu cabelo.

— Não — sussurrou alguém... Lucien, a espada pendente na mão. Na verdade, muitos Grão-Feéricos e feéricos observavam com os olhos cheios d'água enquanto Tamlin me segurava.

Eu queria chegar a Tamlin. Queria tocá-lo, implorar seu perdão pelo que eu tinha feito, pelos outros corpos no chão, mas eu estava muito longe.

Alguém surgiu ao lado de Lucien — um homem alto, bonito, de cabelos castanhos, com um rosto parecido com o dele. Lucien não olhou para o pai, mas enrijeceu o corpo quando Grão-Senhor da Corte Outonal se aproximou de Tamlin e estendeu a mão fechada em punho para ele.

Tamlin só ergueu o rosto quando o Grão-Senhor abriu e virou a mão. Uma faísca reluzente caiu sobre mim. Ela se inflamou e sumiu quando tocou meu peito.

Outras duas figuras se aproximaram — ambas bonitas e jovens. Pelos olhos de meu hospedeiro, reconheci-as imediatamente. A de pele marrom à esquerda usava uma túnica azul e verde, e sobre o cabelo louro platinado ele usava uma grinalda de rosas — o Grão-Senhor da Corte Estival. Seu companheiro de pele pálida, vestindo branco e cinza, tinha uma coroa de gelo reluzente. O Grão-Senhor da Corte Invernal.

De queixos erguidos, ombros esticados, eles também soltaram aquelas sementes brilhantes sobre mim, e Tamlin fez uma reverência com a cabeça em gratidão.

Outro Grão-Senhor se aproximou, também jogando sobre mim uma gota de luz. Ele era o que mais brilhava entre eles, e pelas vestimentas em dourado e rubi, soube que era o Grão-Senhor da Corte Crepuscular. Então, o Grão-Senhor da Corte Diurna, vestido de branco e dourado, com a pele marrom-avelã irradiando uma luz interior, ofereceu um presente semelhante e deu um sorriso triste para Tamlin antes de se afastar.

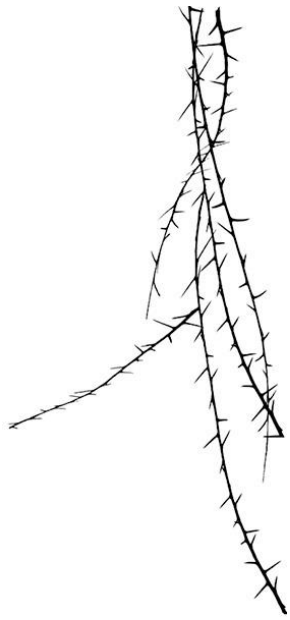
Rhysand deu um passo adiante, levando consigo o retalho de minha alma, e vi Tamlin me encarando... nos encarando.

— Pelo que ela deu — falou Rhysand, estendendo a mão —, concederemos o que nossos predecessores concederam a poucos no passado. — Ele parou. — Isso nos deixa quites — acrescentou Rhys, e senti o brilho de seu humor quando Rhys abriu a mão e deixou que a semente de luz caísse sobre mim.

Tamlin afastou carinhosamente meus cabelos embaraçados. Sua mão brilhava forte como o sol nascente, e, no centro da palma, aquele broto estranho e brilhante se formou.

— Amo você — sussurrou Tam, e me beijou ao pousar a mão sobre meu coração.

Capítulo 46



Tudo estava escuro, e quente — e espesso. Coberto de tinta, mas emoldurado com ouro. Eu estava nadando, chutando em busca da superfície, onde Tamlin esperava, onde a *vida* esperava. Mais e mais para cima, desesperada por ar. A luz dourada aumentou, e a escuridão se transformou em vinho espumante, mais fácil de nadar, as bolhas chiando ao meu redor e...

Arquejei, e o ar invadiu minha garganta.

Estava deitada no chão frio. Sem dor; sem sangue, sem ossos quebrados. Pisquei. Um lustre pendia acima de mim... eu jamais tinha reparado como os cristais eram detalhados, como o grito sufocado da multidão ecoava deles. Uma multidão... aquilo significava que eu ainda estava no salão do trono, significava que eu... Eu realmente não estava morta. Significava que eu tinha... Que eu tinha matado aqueles... Eu tinha... O salão girou.

Gemi ao apoiar as mãos no chão, me preparando para ficar de pé, mas... ao ver minha pele, congelei. Ela refletia uma luz estranha — e meus dedos pareciam mais *longos* onde eu os apoiara, abertos, no mármore. Impulsionei o corpo para me levantar. Eu me senti... me senti *forte*, e rápida e reluzente. E...

E eu tinha me tornado uma Grã-Feérica.

Fiquei imóvel quando senti Tamlin parado atrás de mim, senti o *cheiro* daquela chuva e do campo primaveril, o cheiro dele, mais forte do que jamais tinha sentido. Não conseguia me virar para olhar para ele — não podia... não podia me mover. Uma Grã-Feérica... Imortal. O que eles tinham feito?

Eu conseguia ouvir Tamlin prendendo a respiração; ouvi quando ele expirou. Ouvi o inspirar, os sussurros e os choros e a comemoração silenciosa de todos naquele salão, ainda nos observando, *me* observando, alguns entoando um cântico de louvor ao poder glorioso de seus Grão-Senhores.

— Era a única forma de salvarmos você — explicou Tamlin baixinho. Mas, então, olhei para a parede e levei a mão ao pescoço. Esqueci completamente da multidão chocada.

Ali, sob o corpo pútrido de Clare, estava Amarantha, com a boca escancarada e a espada se projetando da testa. A garganta estava destruída — e o sangue agora encharcava a frente do vestido.

Amarantha estava morta. E eu tinha matado aqueles dois Grão-Feéricos; eu tinha...

Balancei a cabeça devagar.

— Você está... — Minha voz parecia alta demais aos ouvidos quando afastei aquele muro de escuridão que ameaçava me engolir. Amarantha estava morta.

— Veja você mesma — respondeu ele. Mantive os olhos no chão ao me virar. Ali, no mármore vermelho, estava uma máscara dourada, me encarando com os buracos vazios dos olhos.

— Feyre — disse Tamlin, tocando meu queixo com os dedos em concha, e erguendo meu rosto com carinho para que eu olhasse para ele. Vi aquele queixo familiar primeiro, depois, a boca, e então...

Ele era exatamente como eu tinha sonhado.

Tamlin sorriu para mim, o rosto todo iluminado por aquela alegria silenciosa que eu passara a amar tanto, e, então, ele afastou meus cabelos. Saboreei a sensação

dos dedos de Tamlin em minha pele e ergui meus dedos para tocar seu rosto, para traçar os contornos daquelas maçãs do rosto altas e aquele lindo nariz reto — a testa lisa e ampla, as sobrancelhas levemente arqueadas, que emolduravam os olhos verdes.

O que eu tinha feito para chegar àquele momento, para estar de pé ali... Eu afastei esse pensamento de novo. Em um minuto, em uma hora, em um dia eu pensaria naquilo, me obrigaria a enfrentá-lo.

Levei a mão ao coração de Tamlin, e uma batida constante ecoou em meus ossos.

Eu estava sentada na beira de uma cama e, enquanto pensava que ser imortal significava ter uma resistência maior à dor e uma cicatrização mais rápida, contraí bastante o corpo quando Tamlin inspecionou meus poucos ferimentos restantes e, depois, os curou. Mal tivemos um momento juntos a sós nas horas que se seguiram à morte de Amarantha — que se seguiram ao que eu tinha feito àqueles dois feéricos.

Mas agora, naquele quarto silencioso... Eu não conseguia me esquivar da verdade que ressoava em minha mente a cada fôlego que eu tomava.

Eu os matara. Massacrara. Nem mesmo vira seus corpos sendo levados embora.

Pois tudo fora caótico no salão do trono momentos depois de eu acordar. O Attor e os feéricos mais desprezíveis tinham sumido do salão instantaneamente, junto aos irmãos de Lucien, o que foi um movimento inteligente, pois Lucien não era o único feérico que queria ajustar as contas. Não havia nenhum sinal de Rhysand também. Alguns feéricos tinham fugido, enquanto outros começaram a comemorar, e outros ainda ficaram apenas de pé ou caminharam de um lado para outro — os olhos distantes, os rostos pálidos. Como se eles também não sentissem que aquilo fosse real.

Um a um, formando uma multidão à sua volta, chorando e rindo com alegria, os Grão-Feéricos e os feéricos da Corte Primaveril se ajoelharam ou abraçaram ou beijaram Tamlin, agradecendo a ele... agradecendo a *mim*. Fiquei afastada o suficiente para apenas assentir, pois não tinha palavras para oferecer a eles em troca de sua gratidão, a gratidão pelos feéricos que eu havia assassinado para salvá-los.

Então, houve reuniões no caótico salão do trono — reuniões rápidas e tensas com os Grão-Senhores dos quais Tamlin era aliado para decidirem os próximos passos; depois, com Lucien e alguns Grão-Feéricos da Corte Primaveril, que se apresentaram como sentinelas de Tamlin. Mas cada palavra e cada fôlego eram altos demais, cada cheiro era forte demais, a luz era clara demais. Permanecer parada durante tudo aquilo era mais fácil que me mover, que me ajustar ao corpo estranho e forte que agora era meu. Eu nem mesmo conseguia tocar meus cabelos sem que a leve diferença em meus dedos me chocasse.

Me mantive imóvel até que cada sentido recém-aprimorado parecesse irritadiço e sensível, e Tamlin por fim reparasse em meus olhos apáticos, minha quietude, e tomasse meu braço. Ele me levou pelo labirinto de túneis e corredores até encontrarmos o quarto silencioso em uma ala afastada da corte.

— Feyre — dizia Tamlin agora, erguendo o rosto após inspecionar minha perna exposta. Eu estava tão acostumada com a máscara que o rosto dele me surpreendia sempre que eu olhava.

Aquilo... fora por aquilo que eu assassinara aqueles feéricos. Suas mortes não tinham sido em vão, e mesmo assim... O sangue sobre mim tinha sumido quando acordei — como se ser imortal, como se sobreviver, de alguma forma, me garantisse o direito de lavar o sangue deles de mim.

— O que foi? — indaguei. Minha voz estava... baixa. Vazia. Eu deveria tentar... tentar soar mais alegre, para ele, pelo que acabara de acontecer, mas...

Tamlin me deu aquele meio sorriso. Se ele fosse humano, poderia estar no fim dos vinte anos. Mas não era humano — e nem eu.

Eu não tinha certeza se aquele era um pensamento feliz ou não.

Aquela era uma de minhas menores preocupações. Eu deveria implorar pelo perdão de Tamlin, implorar às famílias e aos amigos daqueles feéricos por seu perdão. Deveria estar de joelhos, chorando de vergonha por tudo o que tinha feito...

— Feyre — disse Tamlin novamente, abaixando minha perna para ficar entre meus joelhos. Ele acariciou minha bochecha com o dorso de um dedo. — Como posso pagar a você pelo que fez?

— Não precisa — falei. Que fosse assim, que aquela cela escura e úmida desaparecesse, e o rosto de Amarantha sumisse para sempre de minha memória. Mesmo que aqueles dois feéricos mortos... mesmo que seus rostos jamais sumissem para mim. Se eu resolvesse pintar de novo, jamais conseguiria parar de ver aqueles rostos no lugar de cores e luz.

Tamlin segurou meu rosto nas mãos, se aproximando, mas depois me soltou e segurou meu braço esquerdo... meu braço tatuado. As sobrancelhas de Tamlin se franziram quando ele avaliou as marcas.

— Feyre...

— Não quero falar sobre isso — murmurei. O acordo que tinha feito com Rhysand, outra pequena preocupação em comparação com a mancha em minha alma, com o fosso dentro dela. Mas não duvidei de que veria Rhys de novo em breve.

Os dedos de Tamlin percorreram as marcas da tatuagem.

— Vamos encontrar uma forma de nos livrarmos disso — murmurou ele, e a mão de Tamlin subiu por meu braço, se apoiando em meu ombro. Ele abriu a boca, e eu sabia o que diria... O assunto no qual tentaria tocar.

Eu não conseguiria falar sobre aquilo, sobre eles... ainda não.

— Depois. — Então, prendi os pés ao redor das pernas de Tamlin, puxando-o para perto. Apoiei as mãos em seu peito, sentindo o coração batendo ali dentro. Aquilo... Eu precisava *daquilo* no momento. Aquilo não apagaria o que eu tinha

feito, mas... Eu precisava dele por perto, precisava sentir o cheiro e o gosto de Tamlin, lembrar a mim mesma que ele era real, que *aquilo* era real.

— Depois — repetiu Tamlin, e se aproximou para me beijar.

Foi um beijo carinhoso, hesitante; nada como os beijos selvagens e fortes que tínhamos trocado no salão do trono. Tamlin roçou os lábios contra os meus de novo. Eu não queria desculpas, não queria conforto ou indulgência. Agarrei a frente da túnica de Tamlin e o puxei para perto quando abri a boca para ele.

Tamlin emitiu um grunhido, e o som disparou um incêndio em mim, se acumulando e queimando no interior. Deixei que queimasse aquele buraco em meu peito, minha alma. Deixei que cortasse a onda de escuridão que ameaçava me sufocar, deixei que consumisse o sangue invisível que eu ainda sentia nas mãos. Eu me entreguei àquele incêndio, a Tamlin, enquanto suas mãos percorriam meu corpo, me soltando conforme ele prosseguia.

Afastei o corpo, me desvencilhando do beijo para olhar o rosto de Tamlin. Seus olhos estavam iluminados, famintos, mas as mãos tinham parado de explorar e se detinham firmemente em meus quadris. Com a quietude de um predador, Tamlin esperou e observou enquanto eu traçava os contornos de seu rosto, enquanto beijava cada lugar que tocava.

A respiração irregular de Tamlin era o único som; e as mãos dele logo começaram a percorrer minhas costas e meus flancos, acariciando e provocando e me despindo para ele. Quando meus dedos passearam até a boca de Tamlin, ele mordeu meu dedo, sugando-o para dentro da boca. Não doeu, mas a mordida foi forte o bastante para que eu o encarasse de novo. Para que eu percebesse que ele estava cansado de esperar... e eu também.

Tamlin me colocou na cama, murmurando meu nome contra meu pescoço, contra minha orelha, contra as pontas dos dedos. Eu o instigava — mais rápido, mais forte. A boca de Tamlin explorou a curva de meu seio, a parte interior de minha coxa.

Um beijo para cada dia que ficamos separados, um beijo para cada ferimento e terror, um beijo para a tinta gravada em minha pele, e por todos os dias que ficaríamos juntos depois daquilo. Dias, talvez, que eu não merecia mais. Mas me entreguei de novo àquele fogo, me atirei a ele, para dentro dele, e me permiti queimar.

Fui tirada do sono por algo repuxando meu tronco, uma linha bem no interior.

Deixei Tamlin dormindo na cama, o corpo pesado de exaustão. Em algumas horas, deixaríamos Sob a Montanha e voltaríamos para casa, e não queria acordá-lo mais cedo que necessário. Rezei para algum dia conseguir dormir com aquela tranquilidade de novo.

Eu sabia quem tinha me convocado muito antes de abrir a porta para o corredor e caminhar por ele, tropeçando e cambaleando de vez em quando, conforme me ajustava ao novo corpo, ao novo equilíbrio e aos ritmos. Cuidadosamente, devagar, peguei um lance estreito de escadas para cima, subindo e subindo, até, para minha surpresa, um raio de luz do sol se propagar pelas escadas, e me vi em uma pequena varanda que se projetava para fora, na lateral da montanha.

Sibilei contra a claridade, protegendo os olhos. Achara que era o meio da noite — tinha perdido completamente qualquer noção de tempo na escuridão da montanha.

Rhysand deu um risinho baixo de onde eu mal conseguia distingui-lo, parado, sozinho, no parapeito de pedra.

— Esqueci que faz um tempo para você.

Meus olhos doeram devido à luz, e permaneci em silêncio até poder observar a vista sem sentir uma dor lancinante na cabeça. Um campo de montanhas violeta, com picos nevados, me recebeu, mas a rocha da montanha era marrom e estéril; nem mesmo uma faixa de grama ou um cristal de gelo reluziam nela.

Olhei para Rhysand por fim. Suas asas membranosas estavam à mostra — fechadas atrás dele —, mas as mãos e os pés pareciam normais, nenhuma garra aparente.

— O que você quer? — A frase não saiu com o tom afiado que eu pretendia. Não quando me lembrei como ele lutara, diversas vezes, para atacar Amarantha, para me salvar.

— Apenas dizer adeus. — Uma brisa morna agitou seus cabelos, soprando mechas de escuridão dos ombros de Rhysand. — Antes que seu amado a leve para sempre.

— Não para sempre — falei, agitando os dedos tatuados para que Rhys os visse. — Não tem uma semana todo mês? — Aquelas palavras, ainda bem, saíram gélidas.

Rhysand deu um leve sorriso, e as asas farfalharam, se acalmando depois.

— Como pude esquecer?

Encarei o nariz que eu vira sangrando apenas horas antes, os olhos violeta que estavam tão cheios de dor.

— Por quê? — perguntei.

Ele sabia o que eu queria dizer, e deu de ombros.

— Porque quando as lendas fossem escritas, eu não queria ser lembrado por ficar de fora. Quero que meus futuros filhos saibam que *eu* estava lá, e que lutei contra ela no final, mesmo que não tivesse conseguido fazer nada de útil.

Pisquei, dessa vez não por causa da claridade do sol.

— Porque — continuou Rhysand, os olhos fixos em mim — eu não queria que você lutasse sozinha. Ou que morresse sozinha.

E, por um momento, lembrei daquele feérico que tinha morrido em nosso saguão, e em como eu dissera o mesmo a Tamlin.

— Obrigada — falei, minha garganta se apertando.

Rhys lançou um sorriso que não chegou aos olhos.

— Duvido que dirá isso quando eu a levar para a Corte Noturna.

Não me dei o trabalho de responder quando me virei para a paisagem. As montanhas se estendiam infinitamente, reluzentes e sombreadas e amplas sob o céu aberto e claro.

Mas nada em mim se agitou; nada catalogou a luz e as cores.

— Vai voar para casa? — perguntei, baixinho.

Ele soltou uma risada suave.

— Infelizmente, eu levaria mais tempo do que posso perder. Outro dia, provarei os céus de novo.

Olhei para as asas fechadas contra o corpo poderoso, e minha voz saiu rouca quando falei.

— Você nunca me disse que amava as asas, ou voar. — Não, ele fizera sua habilidade de se transformar parecer... primitiva, inútil, entediante.

Rhys deu de ombros.

— Tudo o que amo sempre teve a tendência de ser tomado de mim. Falo para poucos a respeito das asas. Ou de voar.

Alguma cor já tinha retornado àquele rosto branco como a lua, e imaginei se Amarantha o mantivera no subterrâneo por tempo demais, e se ele um dia fora bronzeado. Um Grão-Senhor que amava voar... preso sob uma montanha. Sombras que não se originavam de Rhysand ainda assombravam aqueles olhos violeta. Imaginei se algum dia sumiriam.

— Como é ser Grã-Feérica? — perguntou ele, uma pergunta baixa, curiosa.

Olhei para as montanhas de novo, pensando. E talvez fosse porque não havia mais ninguém para ouvir, talvez porque as sombras nos olhos dele também estariam para sempre nos meus, mas respondi:

— Sou uma imortal... que foi mortal. Este corpo... — Abaixei o rosto para minha mão, tão limpa e brilhante, um deboche pelo que eu tinha feito. — Este corpo é diferente, mas isto — levei a mão ao peito, ao coração —, isto ainda é

humano. Talvez sempre seja. Mas teria sido mais fácil viver com ele... — Minha garganta se apertou. — Mais fácil viver com o que fiz se meu coração também tivesse mudado. Talvez eu não me importasse tanto; talvez pudesse me convencer de que as mortes deles não haviam sido em vão. Talvez a imortalidade leve isso embora. Não sei se quero que isso aconteça.

Rhysand me encarou por tanto tempo que me virei para ele.

— Agradeça por seu coração humano, Feyre. Tenha piedade daqueles que não sentem nada.

Eu não conseguia explicar sobre o buraco que já estava formado em minha alma; não queria, então, apenas assenti.

— Bem, adeus por enquanto — disse Rhysand, alongando o pescoço como se não estivesse falando sobre nada importante. Ele fez uma reverência, inclinando metade do corpo; aquelas asas sumiram completamente, e Rhys tinha começado a se dissipar para dentro da sombra mais próxima, quando seu corpo ficou rígido.

Rhysand fixou os olhos em mim, arregalados e selvagens, e as narinas se dilataram. Choque — puro choque percorreu suas feições diante do que quer que ele tivesse visto em meu rosto, e então ele recuou um passo cambaleante. *Cambaleante* mesmo.

— O que foi... — comecei.

Rhys desapareceu — simplesmente desapareceu, sem deixar uma sombra à vista — no ar gelado.

Tamlin e eu partimos do modo como chegamos — por aquela caverna estreita no coração da montanha. Antes de partir, os Grão-Feéricos das sete cortes destruíram e selaram a corte de Amarantha, Sob a Montanha. Fomos os últimos a ir embora, e, com um gesto do braço de Tamlin, a entrada da corte desabou atrás de nós.

Eu ainda não tinha palavras para perguntar o que tinham feito com aqueles dois feéricos. Talvez um dia, em breve, perguntaria quem eram, quais eram seus nomes. O corpo de Amarantha, ouvi, tinha sido carregado para fora a fim de ser queimado; embora o osso e o olho de Jurian tivessem, por algum motivo, sumido. Por mais que eu quisesse odiá-la, por mais que desejasse poder ter cuspido em seu corpo incandescente... eu entendia o que a motivara — uma parte muito pequena dela, mas entendia.

Tamlin segurou minha mão conforme caminhávamos pela escuridão. Nenhum de nós disse nada quando a luz tênue do sol surgiu, manchando as paredes úmidas da caverna com um brilho prateado, mas nossos passos se apressaram conforme a luz aumentou e a caverna ficou mais quente, e, então, nós dois saímos para a grama verde-primavera que cobria as saliências e as depressões das terras dele. Nossas terras.

A brisa, o cheiro de flores selvagens me atingiu, e, apesar do vazio no peito, da mancha na alma, eu não consegui impedir o sorriso que aumentou quando subimos uma colina íngreme. Minhas pernas feéricas eram muito mais fortes que as humanas, e, quando chegamos ao topo da colina, eu não estava nem de perto tão ofegante quanto poderia ter ficado um dia. Mas perdi o fôlego quando olhei a mansão coberta de rosas.

Lar.

Em todas as elucubrações que eu fizera na masmorra de Amarantha, jamais me permiti pensar naquele momento; jamais me permiti sonhar tão ousadamente. Mas tinha conseguido: eu nos levara para casa.

Apertei a mão de Tamlin conforme olhamos a mansão, com os estábulos e os jardins, e duas risadas infantis — risadas sinceras e livres — vieram de algum lugar dentro da propriedade. Um momento depois, duas figuras pequenas e reluzentes dispararam para o campo além do jardim, gritando enquanto eram perseguidas por

uma figura mais alta e risonha. Eram Alis e seus meninos. A salvo e fora do esconderijo, por fim.

Ficamos parados no alto da colina em silêncio, até que o sol poente emoldurasse a casa, as colinas e o mundo, e Lucien nos chamasse para jantar.

Eu me desvencilhei dos braços de Tamlin e o beijei carinhosamente. Amanhã — haveria um amanhã, e uma eternidade para encarar o que eu tinha feito, para encarar o que eu tinha despedaçado dentro de mim enquanto estivera Sob a Montanha. Mas por enquanto... por hoje...

— Vamos para casa — falei, e peguei sua mão.

Agradecimentos

Para ser sincera, não certeza de por onde começar estes agradecimentos, porque este livro existe graças a muitas pessoas que trabalharam nele durante tantos anos. Minha gratidão e meu amor eternos para:

Susan Dennard, hábil copiloto e Threadsister, o Leonardo de meu Raphael, o Gus de meu Shawn, o Blake de meu Adam, o Scott de meu Stiles, o Aragorn de meu Legolas, a Noelle de minha Safi, o Schmidt de meu Jenko, a Senneth de minha Kira, a Elsa de minha Anna, a Sailor Jupiter (ou Luna!) de minha Sailor Moon, o Moss de meu Roy, o Martin de meu Sean, o Alan Grant de meu Ian Malcom, o Brennan de meu Dale, o Esqueleto de meu Nacho: eu literalmente não sei o que faria sem você. Ou sem nossas piadas internas. Nossa amizade é a definição de Épico — e tenho certeza de que estava escrita nas estrelas. (Tipo mil anos antes dos dinossauros. É a profecia.) Ver também: Imhotep, Tiny Cups for Tiny Hands, *Ohhhh you do?!?*, Cryssals, Henry Cavill, Claaaassic Peg e tudo que já existiu de Nacho Libre. Sarusan Para Sempre.

Para Alex Bracken, que foi um dos primeiros amigos que fiz nessa indústria, e ainda é um de meus melhores amigos até hoje. Há momentos em que ainda parece

que acabamos de sair da faculdade, com nossos primeiros contratos de livros, imaginando o que viria a seguir — fico tão feliz por termos conseguido compartilhar essa jornada insana um com o outro. Obrigada por todo o feedback incrível, pelas múltiplas leituras (deste livro e de tantos outros) e por sempre, sempre cuidar de mim. Não consigo dizer o quanto isso significa para mim. Obrigada por acreditar nesta história durante tantos anos.

Para Biljana Likic, que leu isto basicamente conforme o escrevi, capítulo por capítulo, me ajudou a escrever todos aqueles enigmas e quintilhas sujas, e me fez acreditar que esta história talvez não ficasse engavetada pelo resto de minha vida. Tão orgulhosa agora por ver você detonando, cara.

Para minha agente, Tamar Rydzinski, que se arriscou com uma escritora de 22 anos ainda não publicada e mudou minha vida para sempre com um telefonema. Você é extraordinariamente arrasadora. Obrigada por tudo.

Para Cat Onder — é maravilhoso trabalhar com você, e me sinto honrada por chamá-la de minha editora. Para Laura Bernier — muito, muito obrigada por me ajudar a transformar este livro em algo do qual sinto orgulho de verdade. Não teria conseguido sem seu feedback genial.

Para toda a equipe mundial da Bloomsbury: não consigo dizer como estou emocionada por esta série ter encontrado um lar com vocês. Vocês são os melhores de todos. Obrigada pelo trabalho árduo, pelo entusiasmo e por tornarem meus sonhos realidade. Não consigo me imaginar em melhores mãos. Obrigada, obrigada, obrigada.

Para Dan Krokos, Erin Bowman, Mandy Hubbard e Jennifer Armentrout — obrigada por estarem comigo durante tudo e qualquer coisa. Não sei o que faria sem vocês.

Para Brigid Kemmerer, Andra Maas e Kat Zhang, que leram vários rascunhos iniciais deste livro e forneceram feedback crucial e entusiasmo. Devo uma a vocês.

Para Elena da NovelSounds, Alexa da AlexaLovesBooks, Linnea da Linneart e para todos os Embaixadores de *Trono de Vidro*: muito obrigada pelo apoio e pela dedicação. Conhecer todos vocês foi um ponto alto desta jornada.

Para meus pais: levei um tempo para perceber, mas sou imensamente abençoada por ter vocês como meus fãs número 1 — e por tê-los como pais. Para minha família: obrigada pelo amor incondicional e pelo apoio.

Para Annie, o melhor cachorro da história das companhias caninas: amo você para todo o sempre.

E, por fim, para meu marido, Josh — este livro é para você. Sempre foi seu, do mesmo modo que meu coração foi seu no momento em que o vi no primeiro dia da orientação de calouros na faculdade. Considerando o modo como nossas vidas misteriosamente se entrelaçaram antes de sequer nos vermos, tenho dificuldade para acreditar que não tenha sido destino. Obrigada por provar para mim que o amor verdadeiro existe. Sou a mulher mais sortuda do mundo por poder passar minha vida com você.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Corte de espinhos e rosas

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/livro/530755ED539188

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/8285-sarah-j-maas

Site da autora
http://sarahjmaas.com/

Wikipédia da autora
https://en.wikipedia.org/wiki/Sarah_J._Maas

Good reads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/3433047.Sarah_J_Maas

Twitter da autora
https://twitter.com/sjmaas

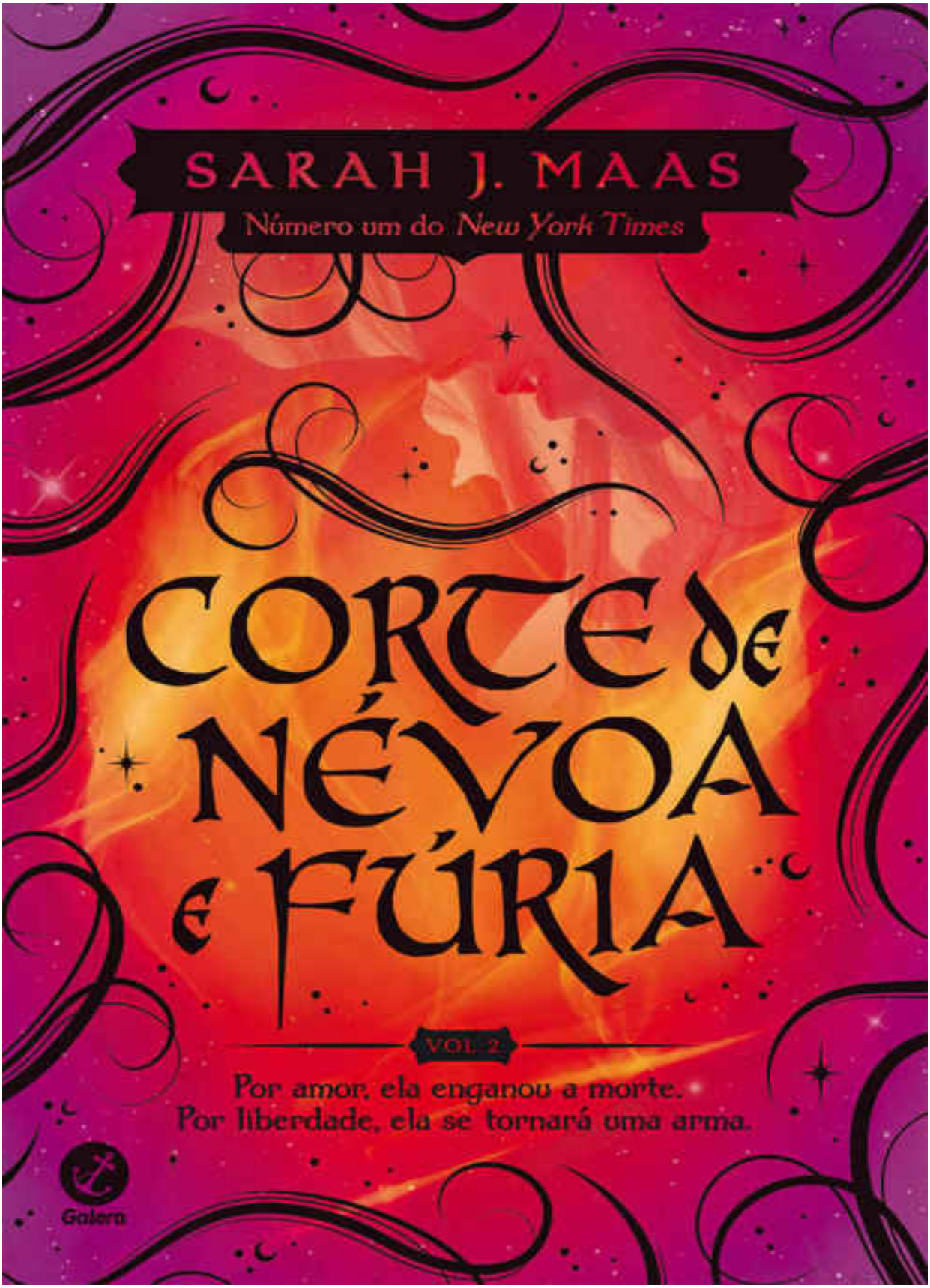
Sobre a autora
http://www.galerarecord.com.br/autor.php?id=225

Sumário

Capa
Obras da autora lançadas pela Galera Record
Rosto
Céditos
Dedicatória
Mapa
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14

Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42

Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Agradecimentos
Colofon
Saiba mais


SARAH J. MAAS
Número um do New York Times
CORTE DE NÉVOA E FÚRIA
VOL. 2
Por amor, ela enganou a morte.
Por liberdade, ela se tornará uma arma.
Galera

Obras da autora publicadas pela Galera Record:

***Série* Trono de vidro**

Trono de vidro

Coroa da meia-noite

Herdeira do fogo

Rainha das sombras

A lâmina da assassina

***Série* Corte de espinhos e rosas**

Corte de espinhos e rosas

Corte de névoa e fúria

SARAH J. MAAS

CORTE DE NÉVOA E FÚRIA

Tradução
Mariana Kohnert

1ª edição

Galera

2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M11c

Maas, Sarah J.

Corte de névoa e fúria [recurso eletrônico] / Sarah J. Maas ; tradução Mariana Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2016.

recurso digital (Corte de espinhos e rosas ; 2) Tradução de: A court of mist and fury Sequência de: Corte de espinhos e rosas Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11512-8 (recurso eletrônico) 1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Mariana. II. Título. III. Série.

16-35667

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Título original:
A Court of Mist and Fury

Copyright © 2016 Sarah J. Maas

Star Books Digital

Essa tradução foi publicada mediante acordo com Bloomsbury Publishing Inc.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

EDITORA AFILIADA

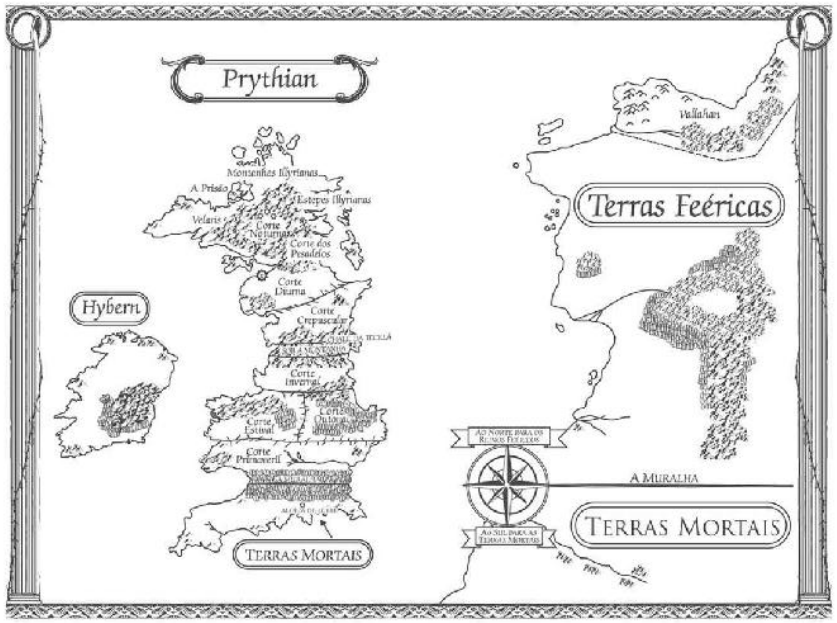
ISBN 978-85-01-10812-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Josh e Annie —
Minha Corte de Sonhos particular


Prythian
Hybern
Montanhas Ilyrianas
A Prisão
Estepes Ilyrianas
Velaris
Corte Noturna
Corte dos Pesadelos
Corte Diurna
Corte Crepuscular
Corte Invernal
Corte Estival
Corte Primaveril
TERRAS MORTAIS
Vallahan
Terras Feéricas
A Muralha
TERRAS MORTAIS

Talvez desde sempre eu fosse quebrada e sombria por dentro.

Talvez alguém que tivesse nascido completa e boa tivesse soltado a adaga de freixo e recebido a morte em vez do que estava diante de mim.

Havia sangue por toda parte.

Foi difícil continuar segurando a adaga enquanto minha mão ensopada de sangue tremia. Enquanto eu me despedaçava, pouco a pouco, o cadáver estatelado do jovem Grão-Feérico esfriava no piso de mármore.

Não conseguia soltar a arma, não conseguia sair do lugar diante dele.

— Que bom — ronronou Amarantha de seu trono. — De novo.

Havia outra adaga de freixo e outro feérico ajoelhado. Era do sexo feminino.

Eu conhecia as palavras que ela diria. A oração que recitaria.

Eu sabia que a massacraria, assim como havia massacrado o rapaz diante de mim.

Para libertar todos eles, para libertar Tamlin, eu o faria.

Eu era a assassina de inocentes e a salvadora de uma terra.

— Quando estiver pronta, querida Feyre — cantarolou Amarantha, com os cabelos ruivos intensos tão brilhantes quanto o sangue em minhas mãos. No mármore.

Assassina. Carniceira. Monstro. Ardilosa. Trapaceira.

Eu não sabia de quem estava falando. Os limites entre mim e a rainha havia muito tempo se confundiam.

Meus dedos se afrouxaram na adaga, e ela caiu no chão, agitando a poça de sangue que se espalhava. Gotas dispararam para minhas botas desgastadas — resquícios de uma vida mortal em um passado tão distante que poderia muito bem ter sido um de meus sonhos febris dos últimos meses.

Encarei a fêmea que aguardava a morte, aquele capuz caído sobre a cabeça, o corpo esguio e firme. Preparada para o fim que eu daria a ela, para o sacrifício que se tornaria.

Levei a mão à segunda adaga de freixo sobre uma almofada de veludo, o cabo estava gelado em minha mão morna e úmida. Os guardas puxaram o capuz da feérica.

Eu conhecia o rosto que me encarava.

Conhecia os olhos cinza-azulados, os cabelos castanho-alourados, a boca farta e as maçãs do rosto acentuadas. Conhecia as orelhas que agora haviam se tornado delicadamente arqueadas, braços e pernas que tinham sido lapidados, delineados com poder, qualquer imperfeição humana fora suavizada e transformada em um sutil brilho imortal.

Conhecia o vazio, o desespero, a corrupção que vazava daquele rosto.

Minhas mãos não tremeram quando inclinei a adaga.

Quando segurei o ombro de ossos finos e encarei aquele rosto odiado... *meu* rosto.

E cravei a adaga de freixo no coração que estava à espera.

SUMÁRIO

Parte Um: Casa das Bestas

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12

Capítulo 13

Parte Dois: A Casa do Vento

Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40

Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51

Parte Três: A Casa de Névoa

Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68

Capítulo 69

Agradecimentos

PARTE UM

A CASA DAS BESTAS

Capítulo 1

Vomitei na latrina, abraçada às laterais frias, tentando conter o som das golfadas.

O luar entrava no imenso banheiro de mármore, fornecendo a única iluminação, enquanto eu, silenciosamente, passava tão mal.

Tamlin não se movera quando acordei sobressaltada. E, quando não consegui discernir a escuridão do quarto da noite infinita das masmorras de Amarantha, quando o suor frio que me cobria pareceu o sangue daqueles feéricos, disparei para o banheiro.

Estava ali havia 15 minutos, esperando que o vômito parasse, que os tremores remanescentes se tornassem mais esparsos e se fossem, como ondas em uma poça.

Ofegante, eu me apoiei sobre o vaso, contando cada respiração.

Apenas um pesadelo. Um de muitos, dormindo e acordada, que me assombravam ultimamente.

Fazia três meses desde os eventos Sob a Montanha. Três meses me ajustando ao corpo imortal, a um mundo que lutava para se recompor depois que Amarantha o havia despedaçado.

Eu me concentrei na respiração — inspirar pelo nariz, expirar pela boca. De novo e de novo.

Quando parecia que tinha terminado de vomitar, eu me afastei com cuidado da latrina, mas não fui muito longe. Apenas até a parede adjacente, perto da janela entreaberta, onde conseguia ver o céu noturno, onde a brisa podia acariciar meu rosto suado. Apoiei a cabeça contra a parede, chapando as mãos contra o piso de mármore. Real.

Aquilo era real. Eu tinha sobrevivido; tinha escapado.

A não ser que fosse um sonho; apenas um sonho febril na masmorra de Amarantha, e eu acordaria de volta naquela cela e...

Puxei os joelhos até o peito. Real. *Real.*

Articulei a palavra, sem emitir som.

Continuei fazendo isso até que conseguisse relaxar os punhos sobre as pernas e levantar a cabeça. Dor percorreu minhas mãos...

De alguma forma eu as tinha fechado com tanta força que as unhas quase perfuraram a pele.

Força imortal; era mais uma maldição que um dom. Amassei e dobrei todos os talheres em que toquei durante três dias depois de voltar, tropecei tantas vezes nas pernas mais longas e mais rápidas que Alis retirou qualquer bem de valor de meu quarto (ela ficou especialmente ranzinza quando derrubei uma mesa com um vaso de oitocentos anos), e quebrei não uma, não duas, mas *cinco* portas de vidro apenas ao acidentalmente fechá-las com força demais.

Suspirei pelo nariz e estiquei os dedos.

A mão direita estava lisa, macia. Perfeitamente feérica.

Inclinei a mão esquerda, os redemoinhos de tinta cobriam meus dedos, meu pulso, do antebraço até o cotovelo, absorvendo a escuridão do cômodo. O olho

gravado no centro da palma de minha mão parecia me observar, calmo e atento como um gato, a pupila em fenda estava mais ampla que no início do dia. Como se tivesse se ajustado à luz, como qualquer olho comum faria.

Olhei para ele com raiva.

Para quem quer que pudesse observar através daquela tatuagem.

Não tivera notícias de Rhys nos três meses em que estava ali. Sequer um sussurro. Não ousara perguntar a Tamlin, ou Lucien, ou a ninguém — com medo de que, de algum jeito, convocasse o Grão-Senhor da Corte Noturna, que de algum modo o fizesse se lembrar do acordo de tolo que eu fizera Sob a Montanha: uma semana com ele todo mês em troca de que me salvasse da beira da morte.

Mas, mesmo que Rhys tivesse milagrosamente esquecido, eu jamais poderia. Nem Tamlin, Lucien ou qualquer um. Não com a tatuagem.

Mesmo que Rhys, no final... mesmo que ele não tivesse sido exatamente um inimigo.

Para Tamlin, sim. Para todas as outras cortes lá fora, sim. Pouquíssimos cruzavam as fronteiras da Corte Noturna e sobreviviam para contar a história. Ninguém de fato sabia o que *existia* na parte mais ao norte de Prythian.

Montanhas e escuridão e estrelas e morte.

Mas eu não me senti inimiga de Rhysand da última vez que falei com ele, nas horas após a derrota de Amarantha. Não contei a ninguém sobre aquele encontro, o que ele disse para mim, o que confessei a Rhys.

Agradeça por seu coração humano, Feyre. Tenha piedade daqueles que não sentem nada.

Apertei os dedos em punho, bloqueando aquele olho, a tatuagem. Estiquei o corpo e fiquei de pé, e, então, dei descarga antes de seguir até a pia para enxaguar a boca, depois lavar o rosto.

Queria não sentir nada.

Queria que meu coração humano tivesse mudado com o restante, se transformado em mármore imortal. Em vez do pedaço de escuridão em frangalhos

que agora era, vazando pus para dentro de mim.

Tamlin continuava dormindo quando voltei de fininho para o quarto escuro, o corpo nu jogado sobre o colchão. Por um momento, apenas admirei os músculos poderosos de suas costas, delineados de forma tão linda pelo luar, os cabelos dourados, embaraçados pelo sono e pelos dedos que passei por eles enquanto fazíamos amor mais cedo.

Por Tamlin, eu fiz aquilo; por ele, eu, com prazer, destruí a mim e a minha alma imortal.

E agora tinha a eternidade para conviver com isso.

Continuei até a cama, cada passo mais pesado, mais difícil. Os lençóis estavam agora frios e secos, e me deitei, curvando as costas na direção de Tamlin, envolvendo meu corpo com os braços. Sua respiração era profunda... tranquila. Mas com meus ouvidos feéricos... Às vezes eu me perguntava se ouvira a respiração dele falhar, apenas por um segundo. Jamais tive coragem de perguntar se ele estava acordado.

Tamlin jamais acordava quando os pesadelos me tiravam do sono; jamais acordava quando eu vomitava as entranhas, noite após noite. Se sabia ou se ouvia, não comentava nada.

Eu sabia que sonhos semelhantes afugentavam Tamlin do sono tão frequentemente quanto os meus. Na primeira vez que aconteceu, eu acordei... tentei falar com ele. Mas Tamlin se desvencilhou de meu toque, a pele suada, e se transformou naquela besta de pelos e garras e chifres e presas. Tamlin passou o resto da noite jogado ao pé da cama, monitorando a porta, a parede das janelas.

Desde então, ele passara muitas noites assim.

Enroscada na cama, puxei mais o cobertor, desejando o calor de Tamlin contra a noite fria. Tinha se tornado nosso acordo tácito — não permitir que Amarantha vencesse ao reconhecer que ela ainda nos atormentava nos sonhos e nos momentos acordados.

Era mais fácil não precisar explicar mesmo. Não precisar contar a ele que, embora eu o tivesse libertado, salvado seu povo e toda Prythian de Amarantha... tinha me destruído.

E achava que nem mesmo a eternidade seria tempo suficiente para me consertar.

Capítulo 2

— Eu quero ir.

— Não.

Cruzei os braços, enfiando a mão tatuada sob o bíceps direito, e separei um pouco mais os pés no piso de terra dos estábulos.

— Faz três meses. Nada aconteceu, e a aldeia não fica nem a oito quilômetros...

— Não. — O sol do meio da manhã que entrava pelas portas do estábulo refletia nos cabelos dourados de Tamlin conforme ele terminava de afivelar o boldrié de adagas sobre o peito. O rosto de Tamlin, lindo de um jeito másculo, exatamente como eu sonhei que seria durante aqueles longos meses em que usou a máscara, estava determinado, os lábios, dispostos em uma linha fina.

Atrás de Tamlin, já montado no cavalo cinza malhado, junto de outros três senhores-sentinelas feéricos, Lucien silenciosamente sacudia a cabeça em aviso, o olho de metal entreaberto. *Não o provoque*, era o que parecia dizer.

Mas, quando Tamlin seguiu para o lugar em que o cavalo preto já estava selado, trinquei os dentes e o segui.

— A aldeia precisa de toda a ajuda que puder.

— E nós ainda estamos caçando as bestas de Amarantha — disse ele ao montar o cavalo com um movimento fluido. Às vezes, eu me perguntava se os cavalos eram apenas para manter a aparência de civilidade, de normalidade. Para fingir que Tamlin não podia correr mais rápido que eles, que não vivia com um pé na floresta. Os olhos verdes de Tamlin pareciam lascas de gelo quando o cavalo começou a trotar. — Não tenho sentinelas sobrando para escoltá-la.

Disparei para as rédeas.

— Não preciso de escolta. — Segurei mais firme no couro quando puxei o cavalo a fim de que parasse, e o anel de ouro em meu dedo, com a esmeralda quadrada que brilhava sobre ele, refletiu a luz do sol.

Fazia dois meses que Tamlin propusera casamento, dois meses suportando apresentações sobre flores e roupas e arranjo de assentos e comida. Tive um leve descanso uma semana antes, graças ao Solstício de Inverno, embora eu tivesse trocado contemplar renda e seda por escolher grinaldas e festões. Mas pelo menos fora um descanso.

Três dias de banquete e bebidas e troca de pequenos presentes, culminando em uma cerimônia longa, muito irritante, no alto das colinas na noite mais longa, que nos acompanharia de um ano para o seguinte conforme o sol morria e nascia de novo. Ou algo assim. Celebrar uma festa de inverno em um lugar permanentemente envolto em primavera não fizera muito para melhorar minha total falta de entusiasmo festivo.

Não prestei muita atenção às explicações das origens do festival... e os próprios feéricos debateram se tinha surgido na Corte Invernal ou na Corte Diurna. Ambas agora alegavam que era sua festividade mais sagrada. Eu só sabia mesmo que precisava suportar duas cerimônias: uma ao pôr do sol para dar início àquela noite infinita de presentes e danças e bebidas em honra da morte do velho sol; e outra no

alvorecer do dia seguinte, com os olhos vermelhos e os pés doendo, para receber o renascimento do sol.

Era ruim o bastante que tivessem solicitado minha presença diante dos cortesãos reunidos e dos feéricos inferiores enquanto Tamlin fazia os muitos brindes e as saudações. Mencionar que meu aniversário também caíra naquela que era a mais longa das noites do ano era um fato que eu convenientemente havia esquecido de contar a todos. Recebi muitos presentes, de toda forma — e sem dúvida receberia muitos, muitos mais no dia do casamento. Não tinha muita utilidade para tantas *coisas*.

Agora, faltavam apenas duas semanas até a cerimônia. Se eu não saísse da mansão, se não tivesse um dia para fazer *alguma coisa* que não gastar o dinheiro de Tamlin e ter pessoas curvadas a meus pés...

— Por favor. Os trabalhos de recuperação estão muito lentos. Eu poderia caçar para os aldeões, conseguir comida para eles...

— Não é seguro — disse Tamlin, mais uma vez incitando o cavalo para que se movesse. A pelagem do animal brilhava como um espelho negro mesmo à sombra dos estábulos. — Principalmente para você.

Tamlin dizia isso todas as vezes que tínhamos aquela discussão; sempre que eu implorava sua permissão para ir até a aldeia de Grão-Feéricos mais próxima, a fim de ajudar a reconstruir o que Amarantha queimara anos antes.

Eu o segui em direção ao dia claro e de céu limpo além dos estábulos; o gramado cobria as colinas próximas, ondulando à leve brisa.

— As pessoas querem voltar, querem um lugar para *viver*...

— Essas mesmas pessoas a veem como uma benção, um sinal de estabilidade. Se algo acontecesse a você... — Tamlin se interrompeu quando parou o cavalo na beira de uma trilha de terra que o levaria para os bosques a leste; Lucien agora esperava a alguns metros de distância. — Não há por que reconstruir nada se as criaturas de Amarantha devastam as terras e destroem-nas de novo.

— Os feitiços estão ativados...

— Algumas criaturas escaparam antes que as proteções fossem reparadas. Lucien caçou cinco naga ontem.

Virei a cabeça para Lucien, que encolheu o corpo. Ele não tinha me contado isso no jantar da véspera. Lucien *mentira* quando perguntei por que estava mancando. Meu estômago se revirou; não apenas por causa da mentira, mas... naga. Às vezes eu sonhava com o sangue deles me encharcando enquanto eu os matava, dos rostos viperinos cheios de luxúria enquanto tentavam me cortar no bosque.

Tamlin falou, baixinho:

— Não posso fazer o que preciso se estiver preocupado com sua segurança.

— É claro que estarei segura. — Como Grã-Feérica, com minha força e minha velocidade, eu teria boas chances de fugir caso algo acontecesse.

— Por favor... por favor, faça isso por mim — pediu Tamlin, acariciando o grande pescoço do cavalo enquanto o animal relinchava impacientemente. Os outros já cavalgavam a trotes leves, os primeiros quase alcançando a sombra do bosque. Tamlin inclinou o queixo na direção da mansão de alabastro que se erguia atrás de mim. — Tenho certeza de que há coisas em que você pode ajudar na casa. Ou poderia pintar. Experimente aquele novo conjunto que lhe dei no Solstício de Inverno.

Não havia nada exceto planos de casamento me esperando na casa desde que Alis se recusara a me deixar erguer um dedo para fazer qualquer coisa. Não por causa de quem eu era para Tamlin, o que eu estava prestes a me tornar para Tamlin, mas... por causa do que eu tinha feito por ela, pelos meninos, por Prythian. Todos os criados faziam o mesmo, alguns ainda choravam de gratidão quando passavam por mim nos corredores. E quanto a pintar...

— Tudo bem — suspirei. Eu me obriguei a encarar Tamlin, me obriguei a sorrir. — Cuidado — aconselhei, e fui sincera. A ideia de Tamlin lá fora, caçando os monstros que um dia serviram Amarantha...

— Amo você — disse Tamlin, baixinho.

Assenti, murmurando de volta conforme ele cavalgava até onde Lucien ainda esperava; o emissário agora franzia levemente a testa. Não os observei partir.

Eu me demorei voltando pelas cercas vivas dos jardins, os pássaros da primavera cantavam alegremente, cascalho estalava sob meus sapatos finos.

Odiava os vestidos coloridos que tinham se tornado meu uniforme diário, mas não tinha coragem de confessar a Tamlin; não quando ele havia comprado tantos, não quando parecia tão feliz ao me ver usando-os. Não quando as palavras de Tamlin não estão longe de serem verdade. No dia em que eu vestisse a calça e a túnica, no dia em que prendesse armas ao corpo como se fossem joias finas, mandaria uma mensagem alta e clara pela terra. Então, eu usava os vestidos e deixava que Alis arrumasse meu cabelo... ao menos para garantir àquelas pessoas alguma paz e conforto.

Pelo menos Tamlin não se opunha à adaga que eu levava na lateral do corpo, pendurada em um cinto coberto de joias. Lucien me presenteara com ambos — a adaga, durante os meses que precederam Amarantha, o cinto, durante as semanas seguintes à queda da Grã-Rainha, quando eu carregava a adaga, junto a muitas outras, por todo canto. *Pode ao menos ficar bonita se vai se armar até os dentes*, dissera ele.

Mas, mesmo que a estabilidade reinasse durante cem anos, eu duvidava que jamais acordasse certa manhã e não levasse a faca.

Cem anos.

Eu tinha isso; tinha séculos diante de mim. Séculos com Tamlin, séculos naquele lugar lindo e tranquilo. Talvez eu me ajustasse em algum momento pelo caminho. Talvez não.

Parei diante das escadas que davam para a casa coberta de rosas e heras, e olhei para a direita... na direção do roseiral e das janelas logo além deste.

Só havia colocado os pés naquele cômodo — meu antigo estúdio de pintura — uma vez, assim que voltei.

E todas aquelas pinturas, todos os materiais, todas aquelas telas em branco esperando que eu despejasse histórias e sentimentos e sonhos... odiei aquilo.

Saí de lá momentos depois e não voltei desde então.

Tinha parado de catalogar cores e sensações e texturas, parado de reparar nisso. Mal conseguia olhar para as pinturas penduradas dentro da mansão.

Uma voz doce e feminina cantarolou meu nome de dentro das portas abertas da casa, e a tensão em meus ombros se aliviou um pouco.

Ianthe. A Grã-Sacerdotisa, assim como nobre Grã-Feérica e amiga de infância de Tamlin, que tomara para si a tarefa de ajudar a planejar as festividades do casamento.

E que tinha assumido a tarefa de adorar Tamlin e eu como se fôssemos deuses recém-criados, abençoados e escolhidos pelo próprio Caldeirão.

Mas não reclamei; não quando Ianthe conhecia todos na corte e fora desta. Ela ficava ao meu lado nos eventos e jantares, me passando detalhes sobre aqueles que participavam, e era o principal motivo pelo qual eu sobrevivera ao furacão de animação do Solstício de Inverno. Afinal de contas, fora Ianthe quem presidira as diversas cerimônias — e fiquei mais que feliz em deixar que ela escolhesse que tipos de festões e grinaldas deveriam adornar a mansão e a propriedade, que talheres complementavam cada refeição.

Além disso... embora fosse Tamlin quem pagava minhas roupas do dia a dia, era o olho de Ianthe que as escolhia. Ela era o coração do próprio povo, consagrada pela Mão da Deusa para liderá-los para fora do desespero e da escuridão.

Eu não estava em posição de duvidar. Ianthe ainda não tinha me levado para o mau caminho... e eu aprendi a detestar os dias em que ela estava ocupada no templo ou na propriedade, tomando conta de peregrinos e de seus acólitos. Aquele dia, no entanto... sim, ficar com Ianthe era melhor que a alternativa.

Reuni as saias esvoaçantes de vestido rosa como a alvorada com uma das mãos e subi os degraus de mármore até a casa.

Da próxima vez, prometi a mim mesma. Da próxima vez eu convenceria Tamlin a me deixar ir à aldeia.

— Ah, não podemos deixar que *ela* se sente ao lado dele. Eles se atracariam, e então teríamos sangue estragando as toalhas de mesa. — Sob o capuz pálido, azul-acinzentado, Ianthe franziu a testa, enrugando a tatuagem que ali estampava os diversos estágios de ciclo da lua. A sacerdotisa riscou o nome que escrevera em um dos esquemas de assentos momentos antes.

O dia tinha ficado quente, o cômodo estava um pouco abafado, apesar da brisa que entrava pelas janelas abertas. Mesmo assim, a túnica pesada com capuz permanecia.

Todas as Grã-Sacerdotisas usavam as vestes de camadas oscilantes, habilidosamente entrelaçadas, embora certamente estivessem longe de serem matronas. A cintura fina de Ianthe era destacada por um estreito cinto com pedras transparentes azul-celeste, cada uma perfeitamente oval e presa por prata reluzente. E sobre o capuz de Ianthe havia uma tiara combinando: um arco delicado de prata com uma grande pedra no centro. Um pedaço de tecido tinha sido dobrado sob a tiara, um retalho embutido para ser colocado sobre a testa quando Ianthe precisasse rezar, suplicar ao Caldeirão e à Mãe, ou apenas refletir.

Ianthe me mostrou certa vez como era o tecido abaixado: deixava à mostra apenas o nariz e a boca farta e sensual. A Voz do Caldeirão. Achei a imagem perturbadora — o fato de que simplesmente cobrir a parte superior do rosto, de alguma forma, transformasse a mulher alegre e esperta em uma efígie, em algo Dissonante. Ainda bem que Ianthe mantinha o tecido dobrado na maior parte do tempo. De vez em quando ela até tirava o capuz de vez para permitir que o sol brincasse com os longos cabelos dourados e levemente ondulados.

Os anéis prateados de Ianthe reluziam nos dedos de unhas feitas conforme a sacerdotisa escrevia outro nome.

— É como um jogo — disse ela, suspirando pelo nariz arrebitado. — Todas essas peças, lutando por poder e domínio, determinadas a derramar sangue caso necessário. Deve ser um ajuste estranho para você.

Tanta elegância e riqueza, mas a selvageria permanecia. Os Grão-Feéricos não eram como os nobres afetados do mundo mortal. Não, se brigassem, aquilo *terminaria* com alguém sendo estripado em pedaços sanguinolentos. Literalmente.

Certa vez, eu tremera de medo ao compartilhar o mesmo espaço que eles.

Flexionei os dedos, esticando e contorcendo as tatuagens gravadas na pele.

Agora eu podia lutar ao lado deles, contra eles. Não que tivesse tentado.

Era vigiada demais... monitorada e julgada demais. Por que a noiva do Grão-Senhor aprenderia a lutar se a paz tinha retornado? Essa fora a argumentação de Ianthe quando cometi o erro de mencionar o assunto em um jantar. Tamlin, para seu crédito, enxergara os dois lados: eu aprenderia a me defender... mas os boatos se espalhariam.

— Humanos não são muito melhores — revelei a Ianthe, por fim. E porque ela era basicamente a única de minhas novas companhias que não parecia particularmente chocada ou assustada comigo, tentei puxar conversa e falei: — Minha irmã Nestha provavelmente se encaixaria bem.

Ianthe inclinou a cabeça, e a luz do sol fez com que as pedras azuis no alto do capuz da sacerdotisa brilhassem.

— Sua família mortal *vai* se juntar a nós?

— Não. — Eu não pensei em convidá-los... não quis expô-los a Prythian. Ou ao que eu havia me tornado.

Ianthe tamborilou um dedo longo e esguio na mesa.

— Mas eles moram tão perto da muralha, não moram? Se for importante para você tê-los aqui, Tamlin e eu poderíamos garantir uma jornada segura para eles. — Nas horas que tínhamos passado juntas, eu contara a Ianthe sobre a aldeia e sobre a

casa na qual minhas irmãs agora viviam, sobre Isaac Hale e sobre Tomas Mandray. Não consegui mencionar Clare Beddor ou o que aconteceu com sua família.

— Por mais que se contivesse — falei, lutando contra a lembrança daquela garota humana e do que eu tinha feito a ela —, minha irmã Nestha detesta seu tipo.

— *Nosso* tipo — corrigiu Ianthe, baixinho. — Já conversamos sobre isso.

Eu apenas assenti.

Mas ela continuou.

— Somos antigos e espertos, e gostamos de usar palavras como lâminas e garras. Cada palavra de sua boca e cada frase formulada serão julgadas, e possivelmente usadas contra você. — Como se para suavizar o aviso, Ianthe acrescentou: — Mantenha a guarda, Senhora.

Senhora. Um nome insano. Ninguém sabia como me chamar. Eu não nasci Grã-Feérica.

Tinha sido Feita... ressuscitada e presenteada com esse novo corpo pelos sete Grão-Senhores de Prythian. Eu não era a parceira de Tamlin, até onde sabia. Não havia laço de parceria entre nós... ainda.

Sinceramente... Sinceramente, Ianthe, com os reluzentes cabelos dourados, aqueles olhos azuis, as feições elegantes e o corpo esguio parecia mais com a parceira de Tamlin. Sua semelhante. Uma união com Tamlin — um Grão-Senhor e uma Grã-Sacerdotisa — mandaria uma mensagem clara de força para qualquer possível ameaça a nossas terras. E garantiria o poder que Ianthe sem dúvida estava determinada a reunir para si.

Entre os Grão-Feéricos, as sacerdotisas supervisionavam as cerimônias e os rituais, registravam as histórias e as lendas, e aconselhavam os senhores e as senhoras em assuntos importantes e triviais. Eu não vira nenhuma magia de Ianthe, mas, quando perguntei a Lucien, ele franziu a testa e disse que a magia delas vinha das cerimônias e poderia ser definitivamente letal caso as sacerdotisas quisessem. Observei Ianthe durante o Solstício de Inverno em busca de sinais da magia, reparando na forma como se posicionou, de modo que o sol nascente preenchesse

seus braços erguidos, mas não ouve onda ou estrondo de poder. De Ianthe ou da terra sob nós.

Não sabia o que realmente esperava de Ianthe — uma das 12 Grã-Sacerdotisas que, juntas, governavam suas irmãs por todo o território de Prythian. Antiga, celibatária e silenciosa era até onde iam minhas expectativas, graças àquelas lendas mortais sussurradas, quando Tamlin anunciou que uma velha amiga em breve ocuparia e renovaria o complexo em ruínas do templo em nossas terras. Mas Ianthe entrara como uma brisa em nossa casa na manhã seguinte, e aquelas expectativas imediatamente foram sufocadas. Principalmente a parte sobre celibato.

Sacerdotisas podiam se casar, ter filhos e flertar o quanto quisessem. Seria uma desonra ao dom da fertilidade do Caldeirão trancafiar seus instintos, sua inerente magia feminina para gerar a vida, foi o que Ianthe me disse certa vez.

Então, enquanto os sete Grão-Senhores governavam Prythian em seus tronos, as 12 Grã-Sacerdotisas reinavam nos altares, e os filhos delas eram tão poderosos e respeitados quanto os filhos de qualquer senhor. E Ianthe, a mais nova Grã-Sacerdotisa em três séculos, permanecia solteira, sem filhos e ansiosa por *se deliciar com os melhores machos que a terra tem a oferecer*.

Eu costumava me perguntar como era ser tão livre e tão bem-resolvida.

Quando não respondi à suave reprimenda de Ianthe, ela falou:

— Já pensou na cor das rosas? Branco? Rosa? Amarelo? Vermelho...

— Vermelho não.

Eu odiava essa cor. Mais que qualquer coisa. O cabelo de Amarantha, todo aquele sangue, os cortes no corpo destruído de Clare Beddor, pregado à parede em Sob a Montanha...

— Um castanho-avermelhado poderia ficar bonito com todo esse verde... Mas talvez seja Corte Outonal demais. — De novo, o dedo tamborilando na mesa.

— A cor que você quiser. — Se eu fosse sincera comigo mesma, admitiria que Ianthe tinha se tornado uma muleta para mim. Mas ela parecia disposta a fazer isso... a se importar quando eu não conseguia.

Mas as sobrancelhas de Ianthe se ergueram levemente.

Apesar de ser uma Grã-Sacerdotisa, Ianthe e a família haviam burlado os horrores de Sob a Montanha ao fugir. O pai, um dos mais fortes aliados de Tamlin entre a Corte Primaveril e um capitão das forças do Grão-Senhor, tinha sentido os problemas se aproximando e despachou Ianthe, a mãe dela e duas irmãs mais novas para Vallahan, um dos incontáveis territórios feéricos do outro lado do oceano. Durante cinquenta anos, elas viveram na corte estrangeira, demorando-se enquanto o próprio povo era massacrado e escravizado.

Ianthe não mencionara isso nem uma vez. Eu sabia que não devia perguntar.

— Cada elemento deste casamento manda uma mensagem não apenas para Prythian, mas para o mundo além — disse ela. Contive um suspiro. Eu sabia... Ianthe tinha me dito isso antes. — Sei que não gosta muito do vestido.

Aquilo era dizer pouco. Eu odiava a monstruosidade de tule que Ianthe escolhera. Tamlin também; embora tenha gargalhado até ficar rouco quando mostrei a ele, na privacidade do quarto. Mas Tamlin me prometeu que, embora achasse que o vestido era absurdo, a sacerdotisa sabia o que estava fazendo. Eu queria revidar; odiava o fato de que, apesar de Tamlin ter concordado comigo, ficara do lado dela, mas... aquilo exigia mais energia do que valia a pena.

Ianthe continuou:

— Mas passa a mensagem certa. Estive com membros de cortes o suficiente para saber como eles operam. Confie em mim nisso.

— Eu confio em você — falei, e gesticulei com a mão na direção dos papéis diante de nós. — Sabe como fazer essas coisas, eu não.

Prata tilintou nos pulsos de Ianthe, tão parecida com as pulseiras que os Filhos dos Abençoados usavam do outro lado da muralha. Eu às vezes me perguntava se aqueles humanos tolos tinham roubado a ideia das Grãs-Sacerdotisas de Prythian... se foram sacerdotisas como Ianthe que espalharam tal loucura entre os humanos.

— É um momento importante para mim também — disse Ianthe, com cautela, ajustando a tiara sobre o capuz. Olhos azuis encararam os meus. — Você e eu

somos tão parecidas... jovens, inexperientes diante desses... lobos. Sou grata a você, e a Tamlin, por permitirem que eu realize a cerimônia, que seja convidada a trabalhar nesta corte, que seja parte desta corte. As outras Grãs-Sacerdotisas não gostam muito de mim, e eu não gosto delas, mas... — Ianthe sacudiu a cabeça, o capuz oscilou com ela. — Juntos — murmurou —, nós três formamos uma unidade formidável. Quatro, se contar com Lucien. — Ianthe riu com deboche. — Não que ele queira ter algo a ver comigo.

Uma sentença sugestiva.

Ianthe costumava encontrar desculpas para mencionar Lucien, para encurralá-lo em eventos, tocar-lhe o cotovelo ou o ombro. Lucien ignorava tudo isso. Na semana anterior, eu finalmente perguntei a Lucien se Ianthe nutria sentimentos por ele, e Lucien apenas me olhou, deu um grunhido baixinho e saiu batendo os pés. Interpretei isso como um sim.

Mas uma parceria com Lucien seria quase tão benéfica quanto uma com Tamlin: o braço direito do Grão-Senhor *e* o filho de outro Grão-Senhor... Qualquer cria da união seria poderosa, cobiçada.

— Sabe que é... difícil para ele, no que diz respeito às fêmeas — ponderei, em tom neutro.

— Ele já esteve com *muitas* fêmeas desde a morte da amante.

— Talvez seja diferente com você, talvez signifique algo para o qual Lucien não está pronto. — Gesticulei com os ombros, buscando as palavras certas. — Talvez ele se afaste por causa disso.

Ianthe ficou refletindo, e rezei para que ela tivesse engolido minha meia mentira. A sacerdotisa era ambiciosa, inteligente, linda e ousada... mas eu não achava que Lucien a perdoara, ou jamais perdoaria, por ter fugido durante o reinado de Amarantha. Às vezes eu sinceramente me perguntava se meu amigo poderia rasgar o pescoço de Ianthe por isso.

Ianthe assentiu por fim.

— Você está ao menos animada para o casamento?

Brinquei com o anel de esmeralda.

— Vai ser o dia mais feliz de minha vida.

No dia em que Tamlin me pediu em casamento, eu certamente me senti dessa forma. Chorei de alegria quando disse que sim, sim, mil vezes sim, e fiz amor com ele no campo de flores selvagens para o qual Tamlin me levara para a ocasião.

Ianthe assentiu.

— A união é abençoada pelo Caldeirão. Você ter sobrevivido aos horrores em Sob a Montanha apenas comprova isso.

Percebi o olhar de Ianthe então... na direção de minha mão esquerda, das tatuagens.

Foi difícil não enfiar a mão debaixo da mesa.

A tatuagem na testa de Ianthe era de uma tinta azul como a meia-noite, mas, de alguma forma, combinava, destacava os vestidos femininos, as joias de prata reluzente. Diferentemente da brutalidade da minha.

— Poderíamos comprar luvas para você — sugeriu Ianthe, casualmente.

E isso mandaria outra mensagem; talvez para a pessoa que eu tão desesperadamente esperava que tivesse esquecido de minha existência.

— Vou considerar — concedi, com um sorriso fraco.

Foi um esforço evitar disparar antes que a hora terminasse e Ianthe fosse suavemente para seu quarto particular de orações — um presente de Tamlin na ocasião do retorno da sacerdotisa — para oferecer o agradecimento do meio-dia ao Caldeirão pela libertação de nossa terra, por meu triunfo e pelo domínio assegurado de Tamlin sobre aquela propriedade.

Eu às vezes debatia se deveria pedir que Ianthe também rezasse por mim.

Que rezasse para que um dia eu aprendesse a amar os vestidos, e as festas, e meu papel como uma noivinha linda e corada.

Eu já estava na cama quando Tamlin entrou no quarto, silencioso como um cervo no bosque. Ergui a cabeça, me dirigindo à adaga que mantinha na mesa de cabeceira, mas relaxei quando vi os ombros largos e a luz de velas do corredor que delineava a pele bronzeada e escondia o rosto de Tamlin em sombra.

— Você está acordada? — murmurou Tamlin. Eu conseguia ouvir a expressão do rosto franzido em sua voz. Ele estivera no escritório desde o jantar, organizando a papelada que Lucien soltara na escrivaninha dele.

— Não consegui dormir — falei, observando os músculos de Tamlin se contraírem conforme ele se dirigia ao banheiro para se limpar. Eu tentava dormir havia uma hora, mas, sempre que fechava os olhos, meu corpo travava e as paredes do quarto pareciam se fechar. Cheguei a abrir as janelas, mas... Aquela seria uma longa noite.

Eu me recostei nos travesseiros, ouvindo os ruídos constantes e eficientes de Tamlin se arrumando para deitar. Ele tinha o próprio quarto, achava vital que eu tivesse meu espaço.

Mas dormia ali todas as noites. Eu ainda não visitara a cama de Tamlin, embora me perguntasse se nossa noite de núpcias mudaria isso. Rezava para que eu não me debatesse até acordar e vomitasse nos lençóis quando não reconhecesse o lugar em que estava, quando não soubesse se a escuridão era permanente.

Talvez fosse por isso que ainda não tivéssemos tocado no assunto.

Tamlin saiu do banheiro, tirou a túnica e a camisa, e eu me apoiei nos cotovelos para observar enquanto ele parava na beira da cama.

Minha atenção foi imediatamente para os dedos fortes e habilidosos que abriram a calça de Tamlin.

Ele soltou um grunhido baixo de aprovação, e mordi o lábio inferior quando Tamlin tirou a calça, junto da cueca, revelando toda a sua orgulhosa e grossa extensão. Minha boca secou, e percorri seu tronco musculoso com o olhar, passando pelo peitoral; então...

— Venha cá — grunhiu Tamlin, a voz tão áspera que as palavras eram quase indiscerníveis.

Afastei os cobertores, revelando meu corpo já nu, e ele sibilou.

A expressão de Tamlin se tornou voraz quando eu engatinhei pela cama e levantei o corpo, me apoiando sobre os joelhos. Segurei o rosto dele com as mãos, a pele dourada emoldurada por dedos marfim e espirais negras, e o beijei.

Tamlin me encarou durante o beijo, mesmo quando me aproximei, segurando um ruído baixo quando ele roçou o corpo em minha barriga.

As mãos calejadas de Tamlin roçaram meus quadris, minha cintura, e então me prenderam no lugar enquanto ele abaixava a cabeça, saboreando o beijo. O toque de sua língua contra a borda de meus lábios fez com que eu me abrisse toda para ele, e Tamlin entrou, me reivindicando, me marcando.

Gemi, então, e inclinei a cabeça para trás, facilitando seu acesso. As mãos de Tamlin se fecharam em minha cintura, depois se moveram — uma segurou minha bunda em concha, a outra deslizou entre nós.

Esse... esse momento, quando havia Tamlin e eu, e nada entre nossos corpos...

Sua língua raspou o céu de minha boca quando percorreu o dedo para baixo, até meu centro, e gemi, e minhas costas se arquearam.

— Feyre — disse ele contra meus lábios, e meu nome era como uma oração mais fervorosa que qualquer uma que Ianthe tivesse oferecido ao Caldeirão naquela manhã escura de solstício.

A língua de Tamlin percorreu minha boca de novo, no ritmo do dedo que ele deslizara para dentro de mim. Meu quadril ondulava, exigindo mais, desejando a totalidade de Tamlin, e o grunhido dele reverberou em meu peito quando acrescentou mais um dedo.

Movi o corpo contra ele. Relâmpago percorreu minhas veias, e minha concentração se voltou para os dedos de Tamlin, para sua boca, para o corpo contra o meu. A palma de sua mão pressionou o feixe de nervos no ápice de minhas coxas, e gemi o nome dele quando me estilhacei.

Com a cabeça para trás, engoli o ar gélido da noite e então fui deitada na cama, gentilmente, com delicadeza, com amor.

Tamlin ergueu o corpo sobre o meu, e, então, abaixou a cabeça até meu seio, e foi preciso apenas uma pressão dos dentes contra meu mamilo para que eu cravasse as unhas em suas costas, para que eu enganchasse as pernas a sua volta e ele se acomodasse entre elas. Isso; eu precisava *disso*.

Tamlin parou com os braços trêmulos enquanto segurava o corpo sobre o meu.

— Por favor — gemi.

Ele apenas roçou os lábios contra meu maxilar, meu pescoço, minha boca.

— Tamlin — implorei. Ele segurou meu seio com a palma da mão, roçando meu mamilo com o polegar. Soltei um grito, e, então, ele se enterrou em mim com um movimento poderoso.

Por um momento, eu não era nada, ninguém.

Então nos unimos, dois corações batendo como um, e prometi a mim mesma que seria sempre dessa forma quando Tamlin se afastou alguns centímetros, os músculos das costas se flexionando sob minhas mãos, e a seguir se impulsionou novamente contra mim. E de novo e de novo.

Eu me desfazia de novo e de novo contra o corpo de Tamlin conforme ele se movia, conforme murmurava meu nome e dizia que me amava. E quando aquele relâmpago tomou conta de minhas veias mais uma vez, de minha cabeça, quando gemi o nome de Tamlin, o prazer dele o encontrou. Agarrei-o durante cada onda de tremor, saboreando seu peso, a sensação de sua pele, sua força.

Por um tempo, apenas os sussurros de nossas respirações tomaram conta do quarto.

Franzi a testa quando Tamlin se afastou, por fim... mas ele não foi para longe. Esticou-se de lado, apoiou a cabeça no punho e traçou círculos distraídos em minha barriga, subindo para os seios.

— Desculpe por mais cedo — murmurou ele.

— Tudo bem — sussurrei. — Eu entendo.

Não era mentira, mas tampouco era exatamente verdade.

Os dedos de Tamlin desceram, fazendo um círculo em meu umbigo.

— Você é... você é tudo para mim — disse Tamlin, com a voz rouca. — Preciso... preciso que fique bem. Preciso saber que não podem afetar você... não podem mais feri-la.

— Eu sei. — Aqueles dedos desceram mais. Engoli em seco e falei, de novo: — Eu sei. — Afastei os cabelos de Tamlin do rosto. — Mas e você? Quem mantém você seguro?

A boca de Tamlin se contraiu. Com os poderes de volta, ele não precisava que ninguém o protegesse, que o defendesse. Eu quase conseguia ver pelos invisíveis se eriçando com irritação — não por mim, mas ao pensar no que ele havia sido fazia apenas meses: escravo dos caprichos de Amarantha, seu poder mal passando de uma gota em comparação com a cascata que agora o percorria. Ele respirou para se acalmar, e, então, inclinou o corpo e beijou meu coração, bem entre os seios. Era resposta suficiente.

— Em breve — murmurou Tamlin, e aqueles dedos voltaram para minha cintura. Eu quase gemi. — Em breve você será minha esposa, e ficará tudo bem. Deixaremos tudo isso para trás.

Arqueei as costas, desejando que a mão de Tamlin descesse, e ele deu uma risada rouca. Não me ouvi falar enquanto me concentrava nos dedos que obedeciam meu comando silencioso.

— Como todos me chamarão então?

Tamlin roçou meu umbigo quando se inclinou para baixo, sugando a ponta de meu seio para dentro da boca.

— Hm? — disse ele, e o tremor contra meu mamilo me fez contorcer o corpo.

— Todos vão me chamar de "esposa de Tamlin"? Eu ganho um... título?

Ele ergueu a cabeça por tempo suficiente para me olhar.

— Você quer um título?

Antes que eu pudesse responder, Tamlin mordiscou meu seio e depois lambeu o pequeno machucado; lambeu conforme os dedos finalmente mergulhavam entre minhas pernas. Traçou círculos preguiçosos e provocantes.

— Não — respondi, com um arquejo. — Mas não quero que as pessoas... — Que o Caldeirão me fervesse, aqueles malditos *dedos*... — Não sei se aguento que me chamem de Grã-Senhora.

Os dedos de Tamlin deslizaram para dentro de mim de novo, e ele grunhiu em aprovação diante da umidade entre minhas coxas, que vinha tanto de mim quanto dele.

— Não vão — disse Tamlin contra minha pele, posicionando-se sobre mim de novo e deslizando por meu corpo, deixando beijos conforme seguia. — Não existe algo como uma Grã-Senhora.

Tamlin agarrou minhas coxas para abrir minhas pernas e abaixou a boca; então...

— Como assim não existe algo como uma Grã-Senhora?

O calor, o toque... tudo parou.

Tamlin ergueu o olhar de entre minhas pernas, e quase alcancei o clímax ao vê-lo. Mas o que ele tinha dito, o que deixara implícito... Ele beijou o interior de minha coxa.

— Grão-Senhores apenas tomam esposas. Consortes. Jamais houve uma Grã-Senhora.

— Mas a mãe de Lucien...

— É Senhora da Corte Outonal. Não Grã-Senhora. Exatamente como você será Senhora da Corte Primaveril. Eles vão se dirigir a você como se dirigem a ela. Respeitarão você como a respeitam. — Tamlin voltou o olhar para o que estava a centímetros de sua boca.

— Então, a mãe de Lucien...

— Não quero ouvir o nome de outro macho em seus lábios agora — grunhiu, e abaixou a boca até mim.

Com o primeiro toque de sua língua, parei de discutir.

Capítulo 3

A culpa de Tamlin devia tê-lo atingido com força, porque, embora ele tivesse saído no dia seguinte, Lucien me esperava com uma oferta para inspecionar o progresso na aldeia próxima.

Eu não visitava a aldeia fazia bem mais de um mês — não conseguia me lembrar da última vez que deixara a propriedade. Alguns dos aldeões tinham sido convidados para nossa comemoração do Solstício de Inverno, mas eu mal consegui fazer mais que cumprimentá-los, graças ao tamanho da multidão.

Os cavalos já estavam selados do lado de fora dos estábulos, e contei as sentinelas perto dos portões mais afastados (quatro), de cada lado da casa (duas em cada esquina), e aquelas que agora estavam no jardim pelo qual eu acabara de sair (duas). Embora nenhuma tivesse falado, seus olhos se fixavam em mim.

Lucien fez menção de montar a malhada égua cinzenta, mas me coloquei no caminho dele.

— Você caiu da porcaria do cavalo? — sibilei, empurrando o ombro de Lucien.

Ele chegou a cambalear para trás, a égua relinchou, alarmada, e pisquei para minha mão estendida. Não me permiti contemplar o que os guardas tinham pensado daquilo. Antes que Lucien conseguisse dizer qualquer coisa, indaguei:

— Por que mentiu sobre os naga?

Lucien cruzou os braços, o olho de metal se semicerrou, e o feérico afastou os cabelos ruivos do rosto.

Precisei afastar o olhar por um momento.

Os cabelos de Amarantha eram mais escuros... e o rosto dela era de um branco creme, nada parecido com o dourado de sol da pele de Lucien.

Olhei para o estábulo atrás de Lucien em vez de para ele. Pelo menos era grande, aberto, os cavalariços estavam agora em outra ala. Eu costumava não me incomodar por estar do lado de dentro, o que acontecia na maioria das vezes quando estava entediada o bastante para visitar os cavalos abrigados ali. Havia muito espaço para eu me mover, para fugir. As paredes não pareciam... permanentes demais.

Não era como a cozinha, baixa demais, com paredes espessas demais, com janelas que não eram suficientemente grandes para escapar. Não era como o escritório, sem luz natural o bastante e sem saídas fáceis. Eu tinha uma longa lista na cabeça dos lugares que eu conseguia e que não conseguia suportar na mansão, organizados precisamente de acordo com o quanto faziam meu corpo travar e suar.

— Eu não *menti* — disse Lucien, contendo-se. — Eu tecnicamente *caí* da égua. — Ele deu um tapinha no flanco da montaria. — Depois que um dos naga me derrubou dela.

Uma forma tão feérica de pensar, de mentir.

— Por quê?

Lucien fechou a boca.

— *Por quê?*

Ele simplesmente se virou de volta para a égua paciente. Mas vi a expressão no rosto de Lucien, a... *piedade* em seu olhar.

Disparei:

— Podemos ir andando em vez disso?

Lucien se virou devagar.

— São 4,5 quilômetros.

— E você poderia correr isso em poucos minutos. Quero ver se consigo acompanhar.

O olho de metal de Lucien se virou, e eu soube o que ele diria antes que abrisse a boca.

— Esqueça — falei, seguindo para minha égua branca, um animal de temperamento dócil, mas um pouco preguiçoso e mimado. Lucien não tentou me convencer do contrário, e ficou em silêncio conforme cavalgamos da propriedade para a estrada da floresta. A primavera, como sempre, estava no auge, a brisa, carregada com o cheiro de lilases; a vegetação rasteira que ladeava a trilha farfalhava com vida. Não havia sinal do Bogge, dos naga ou de qualquer das criaturas que certa vez lançaram tanta quietude sobre o bosque.

Eu disse a Lucien, por fim:

— Não quero sua porcaria de pena.

— Não é pena. Tamlin disse que eu não deveria contar a você... — Lucien encolheu levemente o corpo.

— Não sou feita de vidro. Se os naga atacaram você, *mereço* saber...

— Tamlin é meu Grão-Senhor. Ele dá uma ordem, e eu obedeço.

— Você não tinha essa mentalidade quando se esquivou dos comandos dele e me mandou para o Suriel. — E eu quase morri.

— Eu estava desesperado na época. Todos estávamos. Mas agora... Agora precisamos de ordem, Feyre. Precisamos de regras e hierarquia e *ordem* se queremos ter uma chance de reconstruir tudo. Portanto, suas palavras são ordens. Sou o *primeiro* para o qual os demais olham, eu dou o exemplo. Não me peça para

arriscar a estabilidade desta corte ao ir longe demais. Não agora. Tamlin lhe dá o máximo de liberdade que consegue.

Respirei fundo para me acalmar, para preencher meus pulmões contraídos demais.

— Apesar de se recusar tanto a interagir com Ianthe, você certamente soa muito como ela.

Lucien sibilou.

— Não tem *ideia* de como é difícil para ele sequer lhe deixar sair da propriedade da mansão. Está sob mais pressão do que você percebe.

— Sei exatamente quanta pressão Tamlin sofre. E não percebi que tinha me tornado prisioneira.

— Você não é... — Lucien trincou o maxilar. — Não é assim, e você sabe disso.

— Ele não tinha problemas em me deixar caçar e sair sozinha quando era apenas humana. Quando as fronteiras eram muito menos seguras.

— Ele não gostava tanto de você quanto gosta agora. E depois do que aconteceu Sob a Montanha... — As palavras ressoaram em minha mente, junto de meus músculos tensos demais. — Ele está apavorado. *Apavorado* pela possibilidade de vê-la nas mãos dos inimigos. E eles também sabem disso, sabem que para controlar Tamlin só precisam levar você.

— Acha que não sei disso? Mas ele espera mesmo que eu passe o resto da vida naquela mansão, supervisionando criados e usando roupas bonitas?

Lucien observou a floresta sempre jovem.

— Não é isso que todas as mulheres humanas desejam? Um lindo senhor feérico para se casar, que as encha de riquezas pelo resto das vidas?

Segurei as rédeas com tanta força que a égua deu uma guinada com a cabeça.

— Bom saber que você ainda é um canalha, Lucien.

Seu olho de metal se semicerrou.

— Tamlin é um Grão-Senhor. Você será sua esposa. Há tradições e expectativas que você deve atender. *Nós* devemos atender, para apresentar uma fachada sólida, que se recuperou de Amarantha e está disposta a destruir qualquer inimigo que tente tomar o que é nosso de novo. — Ianthe me dera quase o mesmo discurso no dia anterior. — O Tributo acontecerá em breve — continuou Lucien, sacudindo a cabeça. — O primeiro que Tamlin convoca desde... a maldição dela. — Lucien estremeceu quase imperceptivelmente. — Ele deu a nosso povo três meses para colocar os negócios em ordem, e queria esperar até o início do novo ano, mas, no mês que vem, Tamlin exigirá o Tributo. Ianthe disse a ele que está na hora, que o povo está pronto.

Lucien esperou, e eu quis cuspir nele, porque ele sabia... ele *sabia* que eu não sabia o que era aquilo, mas queria que eu admitisse.

— Me explique — falei, inexpressiva.

— Duas vezes por ano, em geral perto dos Solstícios de Verão e de Inverno, cada membro da Corte Primaveril, seja ele Grão-Feérico ou um feérico inferior, deve pagar um Tributo, dependendo de sua renda e status. É como mantemos a propriedade, como pagamos por coisas como sentinelas e comida e criados. Em troca, Tamlin os protege, governa, ajuda quando pode. É um toma lá dá cá. Este ano, Tamlin adiou o Tributo em um mês, apenas para garantir ao povo mais tempo para reunir fundos, para comemorar. Mas, em breve, emissários de todos os grupos, todas as aldeias, ou dos clãs, chegarão para pagar seus Tributos. Como esposa de Tamlin, será esperado que você se sente com ele. E se não puderem pagar... Será esperado que você permaneça sentada enquanto Tamlin distribui os julgamentos. A coisa pode ficar feia. Vou monitorar quem aparece e quem não aparece, quem não paga. E depois, se falharem em pagar o Tributo dentro do período de três dias que Tamlin oferecerá oficialmente, será esperado que ele cace os súditos. As próprias Grã-Sacerdotisas, Ianthe, concedem a Tamlin direitos sagrados de caça para isso.

Horrível... brutal. Era o que eu queria dizer, mas o olhar que Lucien me lançava... Eu estava cheia de as pessoas me julgarem.

— Então, dê tempo a ele, Feyre — disse Lucien. — Vamos passar pelo casamento, e, depois, pelo Tributo no próximo mês, e, então... então veremos o que fazer com o resto.

— Eu dei tempo a ele — falei. — Não posso ficar entocada em casa para sempre.

— Tamlin sabe disso... ele não diz, mas sabe. Confie em mim. Você deve perdoá-lo se o massacre da família de Tamlin o impede de ser tão... liberal com sua segurança. Ele perdeu aqueles com quem se importava vezes demais. Todos perdemos.

Cada palavra era como combustível acrescentado ao caldeirão fervilhando em meu estômago.

— Não quero me casar com um Grão-Senhor. Só quero me casar com *ele*.

— Um não existe sem o outro. Ele é o que é. Sempre, *sempre* tentará protegê-la, goste disso ou não. Fale com Tamlin a respeito, converse de verdade, Feyre. Você vai entender. — Nossos olhares se encontraram. Um músculo se contraiu no maxilar de Lucien. — Não me peça para escolher.

— Mas você está deliberadamente *não* me contando coisas.

— Ele é meu Grão-Senhor. A palavra dele é a *lei*. Temos essa única chance, Feyre, de nos reconstruir e deixar o mundo como deveria ser. Não vou começar esse novo mundo traindo a confiança de Tamlin. Mesmo se você...

— Mesmo se eu o quê?

O rosto de Lucien empalideceu, e ele acariciou a crina da cor de teia de aranha da égua.

— Fui forçado a assistir enquanto meu pai assassinava a fêmea que eu amava. Meus irmãos *me obrigaram* a assistir.

Meu coração se apertou por Lucien... pela dor que o assombrava.

— Não houve feitiço mágico, nenhum milagre para trazê-la de volta. Não havia Grão-Senhores reunidos para ressuscitá-la. Observei, e ela morreu, e *jamais* esquecerei aquele momento em que *ouvi* o coração dela parar de bater.

Meus olhos ardiam.

— Tamlin conseguiu aquilo que eu não consegui — disse Lucien baixinho, com a respiração irregular. — Todos ouvimos seu pescoço se quebrar. Mas você pôde voltar. E duvido que Tamlin algum dia se esqueça daquele som também. E fará tudo dentro de seu alcance para protegê-la daquele perigo de novo, mesmo isso que signifique guardar segredos, mesmo que signifique seguir regras das quais você não goste. Nisso, Tamlin não será flexível. Então, não peça que ele o seja, ainda não.

Eu não tinha palavras na mente, no coração. Dar tempo a Tamlin, deixar que ele se ajustasse... Era o mínimo que eu podia fazer.

Os ruídos da construção se sobrepuseram ao canto dos pássaros da floresta muito antes de colocarmos os pés na aldeia: martelos em pregos, pessoas disparando ordens, gado mugindo.

Saímos do bosque e encontramos uma aldeia sendo reconstruída: lindas e pequenas construções de pedra e madeira, estruturas improvisadas cobrindo os suprimentos e o gado... As únicas coisas que pareciam totalmente terminadas eram o grande poço no centro da cidade e o que parecia ser uma taverna.

Às vezes, a normalidade de Prythian, as semelhanças extremas entre ela e as terras mortais, ainda me surpreendia. Eu podia muito bem estar na minha aldeia, em casa. Uma aldeia muito melhor e mais nova, mas a disposição, os pontos principais... Todos os mesmos.

E me senti tão deslocada quanto nas terras mortais quando Lucien e eu cavalgamos para o coração do caos e todos pararam de trabalhar ou vender ou perambular para nos olhar.

Olhar para mim.

Como uma onda de silêncio, os sons das atividades morreram até mesmo nos cantos mais afastados da aldeia.

— Feyre Quebradora da Maldição — sussurrou alguém.

Ora, esse era um novo nome.

Eu estava grata pelas longas mangas da minha roupa de cavalgar e pelas luvas combinando, que eu colocara antes de entrarmos nos limites da aldeia.

Lucien aproximou a égua de um macho Grão-Feérico que parecia encarregado de construir uma casa no entorno do poço.

— Viemos ver se precisam de alguma ajuda — disse ele, alto o suficiente para que todos ouvissem. — Nossos serviços são seus pelo dia.

O feérico empalideceu.

— Estou grato, meu senhor, mas nenhuma ajuda é necessária. — Os olhos dele me percorreram, arregalando-se. — A dívida está paga.

O suor nas palmas de minhas mãos pareceu mais espesso, mais quente. Minha égua bateu com o casco na rua de terra vermelha.

— Por favor — disse Lucien, fazendo uma reverência graciosa com a cabeça. — O esforço para reconstruir é nosso fardo também. Seria uma honra.

O macho sacudiu a cabeça.

— A dívida está paga.

E assim foi em todos os lugares em que paramos na aldeia: Lucien desmontava e pedia para ajudar, e recebia rejeições educadas e reverentes.

Em vinte minutos, já estávamos cavalgando de volta para as sombras e para o farfalhar do bosque.

— Ele permitiu que você me trouxesse hoje — comecei, com a voz rouca — para que eu deixasse de pedir para ajudar a reconstruir?

— Não. Decidi trazê-la eu mesmo. Exatamente por esse motivo. Não querem ou precisam de sua ajuda. Sua presença é uma distração e um lembrete do que eles passaram.

Encolhi o corpo.

— Mas não estavam Sob a Montanha. Não reconheci nenhum deles.

Lucien estremeceu.

— Não. Amarantha tinha... campos para eles. Os nobres e os feéricos abastados podiam morar Sob a Montanha. Mas, se o povo de uma corte não estivesse

trabalhando para trazer mercadoria e comida, era trancafiado em campos em uma rede de túneis abaixo da Montanha. Milhares deles, entulhados em câmaras e túneis sem luz, sem ar. Por cinquenta anos.

— Ninguém jamais disse...

— Era proibido falar nisso. Alguns deles ficaram loucos, começaram a predar os demais quando Amarantha se esquecia de ordenar que os guardas os alimentassem. Alguns formaram bandos que percorriam os campos e faziam... — Lucien esfregou a testa com o polegar e o indicador. — Eles fizeram coisas terríveis. Agora, estão tentando se lembrar de como é ser normal... de como *viver*.

Bile queimou minha garganta. Mas esse casamento... sim, talvez fosse o começo dessa cura.

Mesmo assim, um cobertor parecia sufocar meus sentidos, abafando som, gosto, sensação.

— Eu sei que você queria ajudar — disse Lucien. — Sinto muito.

Eu também sentia.

A imensidão de minha agora infinita existência se escancarava diante de mim.

Deixei que me engolisse por completo.

Capítulo 4

Alguns dias antes da cerimônia de casamento, convidados começaram a chegar, e fiquei grata porque jamais seria Grã-Senhora, jamais seria igual a Tamlin no que dizia respeito a responsabilidade e poder.

Uma pequena e esquecida parte de mim rugia e gritava para tudo isso, mas...

Jantar após jantar, almoços e piqueniques e caçadas.

Fui apresentada e passada adiante, e meu rosto doía devido ao sorriso que eu estampava ali dia e noite. Comecei a ansiar pelo casamento apenas por saber que, depois que terminasse, não precisaria ser agradável ou falar com ninguém ou *fazer* nada por uma semana. Um mês. Um ano.

Tamlin suportava tudo isso — daquele jeito silencioso, quase feral — e me dizia diversas vezes que as festas eram uma forma de me apresentar à corte, a dar ao povo algo que celebrar. Ele me assegurou que odiava as reuniões tanto quanto eu, e que Lucien era o único que se divertia de verdade, mas... peguei Tamlin sorrindo

algumas vezes. E, sinceramente, ele merecia, tinha conquistado aquilo. E aquelas pessoas mereciam também.

Então, suportei, agarrando-me a Ianthe quando Tamlin não estava ao meu lado ou, se eles estivessem juntos, permitindo que os dois levassem as conversas enquanto eu fazia a contagem regressiva das horas até que todos fossem embora.

— Você deveria ir para cama — disse Ianthe, enquanto nós duas observávamos os festejadores reunidos que lotavam o salão. Tinha visto Ianthe perto das portas abertas havia trinta minutos, e fiquei grata pela desculpa para deixar o grupinho de amigos de Tamlin com os quais eu estava presa conversando. Ou *não* conversando. Ou eles me encaravam descaradamente, ou tentavam desesperadamente pensar em assuntos em comum. Caça, na maior parte do tempo. A conversa costumava emperrar depois de três minutos.

— Tenho mais uma hora antes de precisar dormir — comentei. Ianthe usava o vestido pálido de sempre, com o capuz levantado e aquela tiara de prata, a pedra azul no alto.

Machos Grão-Feéricos a olhavam conforme passavam casualmente por nós, ao lado da parede com painel de madeira próxima às portas principais, com espanto ou luxúria, ou talvez ambos, e vez ou outra os olhares recaíam sobre mim. Eu sabia que os olhos arregalados não tinham nada a ver com meu vestido verde-escuro ou com o rosto bonito (relativamente insípido em comparação com o de Ianthe). Tentava ignorá-los.

— Está pronta para amanhã? Tem algo que eu possa fazer por você? — Ianthe bebericou da taça de vinho branco espumante. O vestido que eu usava naquela noite tinha sido um presente dela, na verdade, verde como a Corte Primaveril, foi como ela chamou. Alis apenas ficou parada enquanto eu me vestia, perturbadoramente silenciosa, deixando que Ianthe reivindicasse suas tarefas costumeiras.

— Estou bem. — Eu já contemplara o quanto seria patético se pedisse a ela que ficasse permanentemente depois do casamento. Se eu revelasse que temia o

momento em que Ianthe me deixasse com aquela corte, com aquelas pessoas, até o Nynsar, uma celebração menor da primavera que comemorava o fim da semeadura dos campos e em que distribuíam as primeiras mudas de flores da estação. Meses e meses no futuro. Até mesmo deixar que Ianthe morasse no próprio templo parecia longe demais.

Dois machos que já haviam passado por nós duas vezes finalmente reuniram coragem para se aproximar... dela.

Eu me encostei à parede, a madeira pressionada contra as costas, enquanto eles cercavam Ianthe. Bonitos, da forma como a maioria deles é bonita, com armas que os marcavam como dois dos Grão-Feéricos que guardavam as terras de Tamlin. Talvez até mesmo trabalhassem para o pai de Ianthe.

— Sacerdotisa — saudou um, fazendo uma reverência intensa.

Àquela altura, eu tinha me acostumado às pessoas beijando os anéis de prata de Ianthe e implorando por orações para si mesmas, para as famílias ou os amantes. Ianthe recebia tudo isso sem que aquele lindo rosto se alterasse infimamente.

— Bron — disse ela para o feérico à esquerda, alto e de cabelos castanhos. — E Hart — falou Ianthe para aquele à direita, de cabelos pretos e com uma compleição um pouco mais forte que a do amigo. Ianthe inclinou os lábios de um jeito tímido e bonito que eu já aprendera a significar que ela estava caçando companhia para a noite. — Não vejo vocês dois encrenqueiros há um tempo.

Eles se esquivaram do comentário com flertes e, então, os dois machos começaram a olhar na minha direção.

— Ah — disse Ianthe, com o capuz se movendo conforme ela se virou. — Permitam-me apresentar Lady Feyre. — Ianthe abaixou o olhar, inclinando a cabeça em um aceno profundo. — Salvadora de Prythian.

— Nós sabemos — disse Hart, baixinho, fazendo uma reverência, com o amigo, na altura da cintura. — Estávamos Sob a Montanha com você.

Consegui inclinar a cabeça um pouco quando eles esticaram o corpo.

— Parabéns por amanhã — disse Bron, sorrindo. — Um final adequado, não?

Um final adequado seria eu em uma cova, ardendo no inferno.

— O Caldeirão — disse Ianthe — abençoou a todos nós com tal união. — Os machos murmuraram em concordância, fazendo reverências com a cabeça de novo. Eu ignorei.

— Preciso dizer — continuou Bron. — Aquela prova, com o Verme de Middengard? Brilhante. Uma das coisas mais brilhantes que já vi.

Fiz um esforço para não empurrar o corpo todo contra a parede, para não pensar no fedor daquela lama, no ruído aquoso daqueles dentes dilaceradores de carne avançando contra mim.

— Obrigada.

— Ah, pareceu terrível — falou Ianthe, aproximando-se ao reparar que eu não estava mais com aquele sorriso inexpressivo. Ela apoiou a mão no meu braço. — Tal bravura é inspiradora.

Fiquei grata, tão pateticamente grata pelo toque tranquilizador. Pelo aperto. Eu sabia que Ianthe inspiraria hordas de jovens fêmeas feéricas a se juntarem a sua ordem; não para adorar à Mãe e ao Caldeirão, mas para aprender como Ianthe *vivia*, como ela podia brilhar tão forte e se amar, seguir de um macho para outro, como se eles fossem pratos em um banquete.

— Faltamos à caça no outro dia — comentou Hart, casualmente. — Então, não tivemos a chance de ver seus talentos de perto, mas acho que o Grão-Senhor nos alocará perto da propriedade no mês que vem; seria uma honra cavalgar com você.

Tamlin não permitiria que eu saísse com eles nem em mil anos. E eu não tinha vontade de contar aos dois que não tinha interesse em jamais voltar a usar um arco e uma flecha, ou a caçar qualquer coisa. A caçada para a qual eu tinha sido arrastada dois dias antes fora quase demais. Mesmo com todos me observando, não saquei uma flecha.

Ainda estavam esperando uma resposta; então, eu disse:

— A honra será minha.

— Meu pai colocou vocês dois de serviço amanhã, ou participarão da cerimônia? — falou Ianthe, pousando a mão distraidamente sobre o braço de Bron. Era exatamente por isso que eu a procurava nos eventos.

Bron respondeu, mas os olhos de Hart permaneceram em mim... em meus braços cruzados. Em meus dedos tatuados. Ele falou:

— Teve alguma notícia do Grão-Senhor?

Ianthe enrijeceu o corpo, e Bron imediatamente disparou o olhar para minha pele tatuada.

— Não — respondi, encarando Hart.

— Ele provavelmente está assustado demais agora que Tamlin recuperou os poderes.

— Então você não conhece Rhysand nem um pouco.

Hart piscou, e até mesmo Ianthe se manteve em silêncio. Era provavelmente a coisa mais agressiva que eu tinha dito a alguém durante essas festas.

— Bem, nós cuidaremos dele se for preciso — disse Hart, mudando o peso do corpo entre os pés conforme eu continuei a encará-lo, não me incomodando em suavizar a expressão.

Ianthe disse a ele, a mim:

— As Grã-Sacerdotisas estão cuidando disso. Não permitiremos que nossa salvadora seja tratada tão mal.

Obriguei a expressão do rosto a ficar neutra. Era *por isso* que Tamlin inicialmente buscara Ianthe? Para fazer uma aliança? Meu peito se apertou um pouco. Eu me voltei para ela.

— Vou subir. Diga a Tamlin que o verei amanhã.

Amanhã, porque aquela noite, Ianthe dissera, passaríamos separados. Conforme rezavam suas antigas tradições.

Ianthe beijou minha bochecha, e seu capuz me protegeu do salão por um segundo.

— Estou a sua disposição, Senhora. Mande chamar se precisar de algo.

Eu não mandaria, mas assenti.

Conforme saí do salão, olhei para a frente, onde Tamlin e Lucien estavam cercados por um círculo de machos e fêmeas Grão-Feéricos. Talvez não fossem tão refinados quanto alguns dos outros, mas... Tinham a aparência de pessoas que estavam juntas havia muito tempo, que tinham lutado ao lado umas das outras. Os amigos de Tamlin. Ele me apresentara ao grupo, e imediatamente esqueci os nomes deles. Não tentei aprender de novo.

Tamlin inclinou a cabeça para trás e gargalhou, e os demais gargalhavam com ele.

Saí antes que Tamlin pudesse me ver, passando sutilmente pelos corredores lotados até estar no andar superior escuro e vazio da ala residencial.

Sozinha no quarto, percebi que não conseguia me lembrar da última vez em que tinha rido de verdade.

O teto se abaixava, os espinhos grandes e cegos estavam tão quentes que eu conseguia ver as ondas de calor emanando deles, mesmo de onde estava acorrentada ao chão. Acorrentada, porque era analfabeta e não podia ler a charada escrita na parede, e Amarantha estava feliz por me deixar ser empalada.

Mais e mais perto. Ninguém viria me salvar dessa morte terrível.

Doeria. Doeria e seria lenta, e eu choraria — talvez até chorasse por minha mãe, que jamais se importara mesmo comigo. Talvez eu implorasse para que ela me salvasse...

Braços e pernas se debatiam quando acordei com um susto na cama, puxando correntes invisíveis.

Eu teria corrido para o banheiro caso meus braços e pernas não tremessem tanto, caso conseguisse respirar, respirar, *respirar*...

Verifiquei o quarto, estremecendo. Real... aquilo era real. Os horrores, aqueles eram pesadelos. Eu tinha escapado; estava viva; estava a salvo.

Uma brisa noturna flutuou pelas janelas abertas, embaraçando meus cabelos, secando o suor frio em mim. O céu escuro chamava, as estrelas estavam tão fracas e pequenas como flocos de gelo.

Bron fizera parecer que assistir ao meu encontro com o Verme de Middengard tinha sido uma partida esportiva. Como se eu não estivesse a um erro de ser devorada por inteiro e ter meus ossos cuspidos.

Salvadora e boba da corte, pelo visto.

Saí cambaleando até a janela aberta e a abri mais, deixando minha vista livre para a escuridão salpicada de estrelas.

Apoiei a cabeça contra a parede, aproveitando as pedras geladas.

Em algumas horas, estaria casada. Teria meu final feliz, merecesse eu ou não. Mas aquela terra, aquele povo... *eles* também teriam seu final feliz. Os primeiros poucos passos na direção da cura. Na direção da paz. Então as coisas ficariam bem.

Então eu ficaria bem.

Eu odiava mesmo, de verdade, meu vestido de casamento.

Era uma monstruosidade de tule e *chiffon* e organza, tão diferente dos vestidos soltos que eu costumava usar: o corpete era justo, o decote se curvava para destacar meus seios, e as saias... as saias eram como uma tenda reluzente, praticamente flutuando ao ar perfumado da primavera.

Não era à toa que Tamlin tinha rido. Até mesmo Alis, enquanto me vestia, murmurara consigo mesma, mas não dissera nada. Mais provavelmente porque

Ianthe pessoalmente escolhera o vestido para complementar qualquer que fosse o conto que ela teceria naquele dia — a lenda que Ianthe proclamaria ao mundo.

Eu poderia ter lidado com tudo isso, não fosse pelas mangas bufantes, tão grandes que quase conseguia enxergá-las brilhando com minha visão periférica. Meus cabelos tinham sido enrolados, metade para cima, metade para baixo, entrelaçados com pérolas e joias e o Caldeirão sabia o que mais, e fora preciso todo meu autocontrole para evitar encolher o corpo diante do espelho antes de descer as escadas espiraladas até o salão principal. Meu vestido sibilava e farfalhava a cada passo.

Além das portas fechadas do pátio, onde parei, o jardim tinha sido decorado com fitas e lanternas em tons de creme, rosado e azul-celeste. Trezentas cadeiras estavam reunidas no pátio maior, cada assento era ocupado pela corte de Tamlin. Desci o corredor principal, suportando os olhares, antes de chegar ao altar na outra ponta... onde Tamlin estaria esperando.

Então, Ianthe sancionaria e abençoaria nossa união logo antes do pôr do sol, representando *todas* as 12 Grã-Sacerdotisas. Ianthe indicara que elas haviam insistindo para estar presentes — mas, por qualquer que fosse o ato de esperteza, Ianthe conseguira manter as outras 11 longe. Talvez para reivindicar a atenção para si, talvez para me poupar de ser importunada pelas outras. Eu não saberia dizer. Talvez os dois.

Minha boca ficou seca como papel quando Alis afofou a cauda brilhante do vestido à sombra das portas do jardim. Seda e organza farfalharam e suspiraram, e segurei o buquê pálido nas mãos enluvadas, quase partindo os caules.

Luvas de seda na altura dos cotovelos... para esconder as marcas. Ianthe as entregara pessoalmente naquela manhã, em uma caixa forrada de veludo.

— Não fique nervosa — disse Alis, com a pele de casca de árvore exuberante e rosada sob a luz do crepúsculo, de um dourado mel.

— Não estou — disparei.

— Está se mexendo como meu sobrinho mais novo durante um corte de cabelo. — Ela terminou de arrumar meu vestido e enxotou alguns criados que tinham ido me espiar antes da cerimônia. Fingi que não os vi, bem como a multidão reluzente emoldurada pelo pôr do sol, que estava sentada no pátio adiante, e brinquei com algum grão invisível de poeira nas saias.

— Você está linda — disse Alis, baixinho. Eu tinha quase certeza de que ela pensava o mesmo do vestido que eu, mas acreditei.

— Obrigada.

— E você parece a caminho do próprio funeral.

Estampei um sorriso no rosto. Alis revirou os olhos. Mas me cutucou na direção das portas quando estas se abriram com algum vento imortal e se ouviu uma música alegre.

— Terá terminado mais rápido do que você consegue piscar — prometeu ela, e cuidadosamente me empurrou para a última luz do sol.

Trezentas pessoas ficaram de pé e se viraram em minha direção.

Desde minha última tarefa não havia tanta gente reunida para me assistir, me julgar. Todas com adornos tão semelhantes aos que tinham usado Sob a Montanha. Os rostos eram borrões, se fundiam.

Alis tossiu das sombras da casa e lembrei de começar a andar, a olhar na direção do altar...

Para Tamlin.

Perdi o fôlego, e foi difícil continuar descendo as escadas, evitar que meus joelhos cedessem. Ele estava maravilhoso em uma túnica verde e dourada, uma coroa de folhas secas de louro reluzia em sua cabeça. Tamlin suavizara o encantamento sobre si, permitira que aquela luz e a beleza imortais brilhassem... por mim.

Minha visão se estreitou sobre ele, meu Grão-Senhor, os olhos arregalados de Tamlin reluziam conforme eu passava na grama fofa, com pétalas de rosa brancas espalhadas sobre ela...

E pétalas vermelhas.

Como gotas de sangue entre as brancas, as pétalas vermelhas tinham sido lançadas no caminho adiante.

Eu me obriguei a olhar para cima, para Tamlin, que estava com os ombros esticados, a cabeça erguida.

Tão ignorante à verdadeira gravidade do quanto eu estava partida e sombria por dentro. Do quanto era inapropriado que eu vestisse branco quando minhas mãos eram tão imundas.

Todos estavam pensando isso. Só podiam estar.

Cada passo era rápido demais, me impulsionava na direção do altar e de Tamlin. E na direção de Ianthe, usando um vestido azul-escuro naquela noite, reluzindo sob aquele capuz e a coroa prateada.

Como se eu fosse boa... como se eu não tivesse assassinado dois dos deles.

Eu era uma assassina e uma mentirosa.

Um punhado de pétalas vermelhas pairava adiante; exatamente como o sangue daquele rapaz feérico que se empoçara aos meus pés.

A dez passos do altar, na beira daquele borrão vermelho, reduzi a velocidade.

Então parei.

Todos estavam observando, exatamente como estiveram quando quase morri, espectadores de meu tormento.

Tamlin estendeu a imensa mão e franziu levemente a testa. Meu coração batia muito rápido, rápido demais.

Eu ia vomitar.

Bem sobre aquelas pétalas; bem sobre a grama e as fitas que se estendiam pelo corredor nas cadeiras que o ladeavam.

E entre minha pele e meus ossos, algo ressoava e latejava, erguendo-se e empurrando, disparando em meu sangue...

Tantos olhos, olhos demais sobre mim, testemunhas de cada crime que eu havia cometido, cada humilhação...

Não sei por que sequer tinha me incomodado em usar luvas, por que deixara que Ianthe me convencesse.

O sol poente estava quente demais, o jardim, fechado demais pelas cercas vivas. Tão inescapável quanto o voto que eu estava prestes a fazer, me unindo a ele para sempre, acorrentando Tamlin a minha alma quebrada e cansada. A coisa dentro de mim se agitava agora, meu corpo tremia com a força que se acumulava conforme buscava uma saída...

Para sempre — eu jamais melhoraria, jamais me libertaria de mim mesma, daquele calabouço no qual tinha passado três meses...

— Feyre — disse Tamlin, a mão firme conforme ainda a estendia para mim. O sol desceu além da fronteira do muro do jardim oeste; sombras cresceram, esfriando o ar.

Se eu me virasse, eles começariam a falar, mas não conseguia dar os últimos passos, não conseguia, não conseguia, não conseguia...

Estava prestes a me desfazer, bem ali, naquele momento... e eles veriam exatamente como eu estava destruída.

Ajude-me, ajude-me, ajude-me, implorei a alguém, qualquer um. Implorei a Lucien, parado na fileira da frente, o olho de metal fixo em mim. Implorei a Ianthe, com o rosto sereno e paciente e adorável dentro daquele capuz. *Salve-me, por favor, salve-me. Me tire daqui. Acabe com isso.*

Tamlin deu um passo na minha direção; preocupação cobria aqueles olhos.

Recuei um passo. *Não.*

A boca de Tamlin se contraiu. A multidão murmurou. Fios de seda carregados de esferas de luz feérica dourada brilharam ao tomar vida acima e ao nosso redor.

Ianthe falou, suavemente:

— Venha, Noiva, e una-se a seu verdadeiro amor. Venha, Noiva, e deixe que o bem triunfe por fim.

O bem. Eu não era boa. Eu não era *nada*, e minha alma, minha alma eterna, estava condenada...

Tentei fazer com que meus pulmões traidores inspirassem, para que eu conseguisse dizer a palavra. *Não...* não.

Mas não precisei dizer.

Trovão ressoou atrás de mim, como se duas pedras tivessem sido chocadas uma contra a outra.

Pessoas gritaram, caindo para trás, e algumas desapareceram imediatamente quando a escuridão irrompeu.

Eu me virei e, em meio à noite que flutuava como fumaça ao vento, encontrei Rhysand ajeitando as lapelas de seu casaco preto.

— Oi, Feyre, querida — ronronou Rhysand.

Capítulo 5

Eu não deveria ter ficado surpresa. Não quando Rhysand gostava de tornar tudo um espetáculo. E achava que irritar Tamlin era um tipo de arte.

Mas ali estava ele.

Rhysand, Grão-Senhor da Corte Noturna, agora estava ao meu lado, e escuridão escorria dele como nanquim na água.

Rhys inclinou a cabeça, os cabelos preto-azulados oscilaram ao movimento. Aqueles olhos violeta brilharam à luz feérica dourada conforme se fixaram em Tamlin, conforme Rhysand estendia a mão para onde Tamlin e Lucien e as sentinelas deles estavam sacando as espadas, avaliando como me tirar do caminho, como derrotar Rhys...

Mas, quando aquela mão se ergueu, todos congelaram.

Ianthe, no entanto, estava recuando devagar, o rosto lívido.

— Que casamento bonitinho — disse Rhysand, enfiando as mãos nos bolsos enquanto aquelas muitas espadas permaneceram embainhadas. A multidão que restara recuava, alguns subiam em cadeiras para fugir.

Rhys me olhou de cima a baixo devagar e emitiu um estalo com a língua quando viu as luvas de seda. O que quer que estivesse se acumulando sob minha pele ficou imóvel e frio.

— Dê o fora daqui — grunhiu Tamlin, caminhando em nossa direção. Garras dispararam dos nós de seus dedos.

Rhys emitiu outro estalo com a língua.

— Ah, acho que não. Não quando preciso cobrar meu acordo com a querida Feyre.

Meu estômago pareceu vazio. Não... não, agora não.

— Se tentar quebrar o acordo, saberá o que vai acontecer — continuou Rhys, rindo um pouco da multidão que ainda tropeçava sobre si mesma para fugir. O Grão-Senhor me indicou com o queixo. — Dei três meses de liberdade a você. Poderia ao menos parecer feliz em me ver.

Eu tremia demais para dizer qualquer coisa. Os olhos de Rhys brilharam com desprezo.

A expressão sumiu quando ele olhou para Tamlin de novo.

— Vou levá-la agora.

— Não ouse — rosnou Tamlin. Atrás dele, o altar estava vazio; Ianthe tinha sumido de vez. Junto à maioria dos participantes.

— Interrompi? Achei que tivesse acabado. — Rhys me deu um sorriso que escorria veneno. Ele sabia, por meio daquele laço, de qualquer que fosse a magia entre nós, Rhys sabia que eu estava prestes a dizer não. — Pelo menos Feyre parecia pensar que sim.

Tamlin grunhiu.

— Deixe terminarmos a cerimônia...

— Sua Grã-Sacerdotisa — falou Rhys — parece achar que já acabou também.

Tamlin enrijeceu o corpo quando olhou por cima do ombro e viu o altar vazio. Quando ele nos encarou de novo, suas garras já estavam um pouco retraídas.

— Rhysand...

— Não estou a fim de negociar — declarou Rhys. — Embora eu conseguisse tirar vantagem disso, tenho certeza. — Eu me sobressaltei quando senti a carícia da mão dele no cotovelo. — Vamos.

Não me movi.

— Tamlin — sussurrei.

Tamlin deu um único passo em minha direção, o rosto dourado ficou amarelado, mas continuou concentrado em Rhys.

— Diga seu preço.

— Não se incomode — cantarolou Rhys, entrelaçando o braço no meu. Cada ponto de contato era terrível, insuportável.

Ele me levaria para a Corte Noturna, o lugar que supostamente servira de inspiração para Amarantha construir Sob a Montanha, cheio de devassidão e tortura e morte...

— Tamlin, por favor.

— Quanto drama — disse Rhysand, me puxando para perto.

Mas Tamlin não se moveu... e aquelas garras foram completamente substituídas por pele macia. Ele fixou o olhar em Rhys, e seus lábios se retraíram em um grunhido.

— Se você a ferir...

— Eu sei, eu sei — disse Rhysand, impaciente. — Vou devolvê-la em uma semana.

Não, não, Tamlin não podia fazer aquele tipo de ameaça, não quando ela significava que ele me deixaria ir. Até mesmo Lucien olhava boquiaberto para Tamlin, o rosto pálido com fúria e choque.

Rhys soltou meu cotovelo apenas para passar a mão pela minha cintura, me puxando contra a lateral do corpo conforme sussurrava ao meu ouvido:

— Segure firme.

Então, a escuridão rugiu, um vento me empurrou para um lado e para o outro, o chão pareceu cair sob mim, e o mundo tinha sumido ao meu redor. Restava apenas Rhys, e eu o odiei enquanto me segurava nele, odiei com todo meu coração...

Então, a escuridão sumiu.

Senti cheiro de jasmim primeiro; depois, vi estrelas. Um mar de estrelas brilhando além de pilares reluzentes de pedra da lua que emolduravam a ampla vista das infinitas montanhas cobertas de neve.

— Bem-vinda à Corte Noturna. — Foi tudo o que Rhys disse.

Era o lugar mais lindo que eu já vira.

Qualquer que fosse o prédio em que estávamos, ele ficava no alto das montanhas de pedras cinzentas. O corredor a nossa volta ficava exposto à natureza, nenhuma janela à vista, apenas pilastras imensas e cortinas finas oscilando àquela brisa com cheiro de jasmim.

Devia ser alguma magia, para manter o ar quente no meio do inverno. Sem falar da altitude, ou da neve que cobria as montanhas, ou dos ventos poderosos que sopravam véus de neve dos picos, como uma neblina errante.

Pequenas áreas de estar, jantar e escritórios pontuavam o corredor, separado por aquelas cortinas ou plantas exuberantes ou tapeçarias espessas espalhadas pelo piso de pedra da lua. Algumas esferas de luz tremeluziam à brisa, junto a lanternas de vidro colorido que pendiam dos arcos do teto.

Não havia um grito, um urro, nenhuma súplica no ar.

Atrás de mim, uma parede de mármore branco se erguia, interrompida ocasionalmente por portais abertos que davam para escadarias escuras. O restante da Corte Noturna devia estar além delas. Não era à toa que eu não conseguia ouvir ninguém gritar se estavam todos do lado de dentro.

— Esta é minha residência particular — disse Rhys, casualmente. A pele estava mais escura do que eu me lembrava, dourada agora, em vez de pálida.

Pálida, por ficar trancado Sob a Montanha durante cinquenta anos. Observei Rhysand, em busca de qualquer sinal das asas imensas e palmadas — aquelas com as quais ele admitira amar voar. Mas não havia. Apenas o feérico, dando um risinho para mim.

E aquela expressão familiar demais...

— Como você *ousa*...

Rhys riu com escárnio.

— Eu senti falta *desse* olhar no seu rosto. — Ele se aproximou, os movimentos felinos, aqueles olhos violeta parecendo controlados, letais. — De nada, aliás.

— Pelo *quê*?

Rhys parou a menos de 30 centímetros e colocou as mãos nos bolsos. A noite não parecia vazar dele ali; e Rhys parecia, apesar da perfeição, quase normal.

— Por salvar você quando foi pedido.

Enrijeci o corpo.

— Não pedi nada.

O olhar de Rhys desceu para minha mão esquerda.

Ele não deu aviso quando segurou meu braço, grunhindo baixinho, e rasgou a luva. O toque de Rhys era como um ferrete, e me encolhi, recuando um passo, mas Rhysand segurou firme até tirar as duas luvas.

— Ouvi você implorando a alguém, *qualquer um*, para que a resgatasse, para que a tirasse dali. Ouvi você dizer *não*.

— Eu não disse nada.

Rhysand virou minha mão exposta, segurando mais firme conforme examinava o olho que tinha tatuado. Ele bateu na pupila. Uma vez. Duas.

— Eu ouvi, alto e claro.

Puxei a mão de volta.

— Me leve de volta. *Agora*. Não queria ser levada.

Rhys deu de ombros.

— Que momento melhor para trazer você aqui? Talvez Tamlin não tenha notado que você estava prestes a rejeitá-lo diante da corte inteira... talvez agora você possa simplesmente me culpar.

— Você é um desgraçado. Deixou bem claro que eu tinha... reservas.

— Quanta gratidão, como sempre.

Tive dificuldades para tomar um único fôlego profundo.

— O que quer de mim?

— *Querer*? Quero que diga "obrigada", antes de tudo. Depois, quero que tire esse vestido horrível. Você parece... — A boca de Rhys se contraiu em uma linha cruel. — Você parece exatamente a donzela com olhos de corça que ele e aquela sacerdotisa afetada querem que seja.

— Você não sabe nada sobre mim. Ou sobre nós.

Rhys me lançou um sorriso conhecedor.

— E Tamlin sabe? Ele por acaso pergunta a você por que vomita as tripas todas as noites, ou por que não pode entrar em alguns cômodos nem ver algumas cores?

Congelei. Ele podia muito bem ter me deixado nua.

— Saia da porcaria da minha cabeça.

Tamlin tinha os próprios horrores para suportar, para enfrentar.

— Igualmente. — Rhys se afastou alguns passos. — Acha que gosto de ser acordado toda noite por visões de você vomitando? Você manda tudo por aquele laço, e não gosto de ter um assento privilegiado quando estou tentando dormir.

— Canalha.

Outra risada. Mas eu não perguntaria do que ele estava falando — do laço entre nós. Não daria a Rhysand a satisfação de parecer curiosa.

— E quanto ao que mais quero de você... — Rhys indicou a casa atrás de nós. — Contarei amanhã no café da manhã. Por enquanto, limpe-se. Descanse. — Aquele ódio lampejou nos olhos de Rhysand mais uma vez quando viu o vestido, o

cabelo. — Pegue as escadas à direita, um andar abaixo. Seu quarto é a primeira porta.

— Nada de cela no calabouço? — Talvez tivesse sido burrice revelar esse medo, sugerir isso a ele.

Mas Rhys deu meia-volta e ergueu as sobrancelhas.

— Você não é uma prisioneira, Feyre. Fez um acordo e o estou cobrando. Será minha convidada aqui, com os privilégios de um membro de minha casa. Nenhum de meus súditos vai tocar em você, machucá-la ou sequer pensar em lhe fazer mal aqui.

Minha língua estava seca e pesada quando falei:

— E onde podem estar esses súditos?

— Alguns moram aqui, na montanha sob nós. — Rhysand inclinou a cabeça. — Estão proibidos de colocar os pés nesta residência. Sabem que assinarão a própria sentença de morte. — Os olhos dele encontraram os meus, ríspidos e claros, como se Rhys pudesse ver o pânico, as sombras se aproximando. — Amarantha não foi muito criativa — disse ele, com ódio silencioso. — Minha corte sob esta montanha é temida há muito tempo, e ela escolheu replicá-la, violando o espaço da montanha sagrada de Prythian. Então, sim: há uma corte sob esta montanha, a corte à qual seu Tamlin agora espera que eu a esteja submetendo. Eu a governo vez ou outra, mas ela praticamente se governa.

— Quando... quando vai me levar até lá? — Se eu precisasse ir ao subterrâneo, precisasse ver aqueles tipos de horrores de novo... Eu imploraria, *imploraria* para que não me levasse. Não me importava quanto isso me tornaria patética. Eu tinha perdido qualquer tipo de pudor quanto a que linhas cruzar para sobreviver.

— Não levarei. — Rhys fez um gesto com os ombros. — Este é meu lar, e a corte abaixo é minha... ocupação, como vocês, mortais, chamam. Não gosto que os dois se sobreponham com frequência.

Minhas sobrancelhas se ergueram levemente.

— Vocês, mortais?

Luz das estrelas dançou pelo rosto de Rhysand.

— Deveria considerá-la algo diferente?

Um desafio. Afastei a irritação diante do interesse que novamente repuxava os cantos dos lábios de Rhys, então falei:

— E os outros habitantes de sua corte? — O território da Corte Noturna era enorme, maior que qualquer outro em Prythian. E ao nosso redor havia aquelas montanhas vazias, cobertas de neve. Nenhum sinal de cidades, aldeias, nada disso.

— Espalhados por aí, vivendo como querem. Exatamente como *você* está agora livre para perambular por onde quiser.

— Quero perambular para casa.

Rhys gargalhou, finalmente caminhando até a outra ponta do corredor, o qual terminava em uma varanda que se abria para as estrelas.

— Estou disposto a aceitar seu agradecimento a qualquer hora, sabe — gritou Rhys para mim, sem olhar para trás.

A cor vermelha explodiu em minha visão, e não consegui respirar rápido o bastante, não consegui *pensar* acima do rugido em minha mente. Em um segundo eu estava encarando Rhys... no seguinte, estava com o sapato em uma das mãos.

Atirei o sapato contra Rhys com toda a minha força.

Toda a minha força considerável e imortal.

Mal vi o sapato de seda quando ele voou pelos ares, rápido como uma estrela cadente, tão rápido que nem mesmo um Grão-senhor conseguiu detectar quando ele se aproximou...

E se chocou contra a cabeça de Rhysand.

Ele se virou, ergueu uma das mãos até a nuca e arregalou os olhos.

Eu já estava com o outro pé do sapato na mão.

Os lábios de Rhys se retesaram, exibindo os dentes.

— *Eu a desafio*. — Temperamento, ele devia estar de mau humor para deixar que o temperamento transparecesse tanto.

Que bom. Éramos dois.

Atirei o outro sapato direto contra a cabeça dele, com as mesmas rapidez e força do primeiro.

A mão de Rhys se ergueu, ele pegou o sapato a apenas centímetros do rosto.

Rhys sibilou e abaixou o sapato, e seus olhos encontraram os meus quando a seda se dissolveu em poeira preta reluzente no punho de Rhys. Os dedos dele se abriram, o restante das cinzas brilhantes foi soprado para o esquecimento, e Rhys observou minha mão, meu corpo, meu rosto.

— Interessante — murmurou ele, e retomou seu caminho.

Pensei em derrubar Rhys no chão e socar aquele rosto, mas não era burra. Estava em sua casa, no alto de uma montanha no meio de absolutamente nada, ao que parecia. Ninguém viria me resgatar; ninguém sequer estava ali para testemunhar meus gritos.

Então, me virei para a porta que Rhysand indicara, prosseguindo para a escada escura além dela.

Tinha quase alcançado a escada, não ousando respirar alto demais, quando uma voz feminina, alegre e interessada disse, atrás de mim, bem longe de onde Rhys tinha ido do lado oposto do corredor:

— É, *isso* correu bem.

O grunhido de resposta de Rhys me fez apressar o passo.

Meu quarto era... um sonho.

Depois de vasculhá-lo em busca de qualquer sinal de perigo, depois de encontrar cada saída e cada esconderijo, parei no centro para contemplar onde, exatamente, eu ficaria durante a próxima semana.

Como a área de estar acima, as janelas estavam abertas para o mundo brutal além delas — nada de vidro, nada de venezianas —, e cortinas de um tom de ametista puro oscilavam àquela brisa suave e sobrenatural. A grande cama era de

uma mistura cremosa de branco e marfim, com travesseiros e cobertas e mantas para vários dias, tornada ainda mais convidativa pelo par de luminárias douradas ao lado. O armário e a penteadeira ocupavam uma parede, emoldurada por aquelas janelas sem vidro. Do outro lado do quarto, um cômodo com uma pia de porcelana e um vaso sanitário estava atrás de uma porta de madeira, mas a banheira...

A banheira.

Ocupando a outra metade do quarto, minha banheira era, na verdade, uma piscina que pendia da própria montanha. Uma piscina para eu me banhar ou me divertir. A beirada parecia desaparecer no nada, a água fluía silenciosamente pela lateral, para a noite além. Um parapeito estreito na parede adjacente estava coberto com velas gordas e tremeluzentes, cujo brilho dourava a superfície escura e vítrea e as espirais de vapor.

Aberto, arejado, aconchegante e... calmo.

Aquele quarto era digno de uma imperatriz. Com o piso de mármore, as sedas, os veludos e os detalhes elegantes, apenas uma imperatriz conseguiria pagar por ele. Eu tentava não pensar em como seria o aposento de Rhys se ele tratava os convidados daquela forma.

Convidada; não prisioneira.

Bem... o quarto provava isso.

Não me incomodei em fazer uma barricada na porta. Rhys provavelmente conseguiria voar para dentro do quarto se tivesse vontade. E eu o vira destruir a mente de um feérico sem sequer piscar. Duvidava que um pedaço de madeira mantivesse fora aquele poder horrível.

Mais uma vez, verifiquei o quarto, e meu vestido de casamento sibilou no piso de mármore morno.

Olhei para mim.

Você está ridícula.

Calor subiu por minhas bochechas e pescoço.

Isso não desculpava o que ele tinha feito. Mesmo que tivesse... me salvado — engasguei na palavra — de precisar recusar Tamlin. Precisar explicar.

Devagar, puxei os grampos e os enfeites dos cabelos cacheados, empilhando-os na penteadeira. A visão foi o suficiente para que eu trincasse os dentes, então os enfiei em uma gaveta vazia e a bati com tanta força que o espelho acima da mesa chacoalhou. Esfreguei a cabeça, que doía devido ao peso dos cachos e dos grampos que despontavam. Naquela tarde, tinha imaginado Tamlin tirando cada grampo de meus cabelos, um beijo por grampo, mas agora...

Engoli em seco para afastar a queimação na garganta.

Rhys era a menor de minhas preocupações. Tamlin vira a hesitação, mas será que entendera que eu estava prestes a dizer não? Será que Ianthe percebera? Eu precisava contar a ele. Precisava explicar que não poderia haver um casamento, não por enquanto. Talvez eu esperasse até que o laço da parceria ocorresse, até que eu tivesse certeza de que não poderia ser um erro, que... que eu era digna dele.

Talvez esperasse até que Tamlin também enfrentasse os pesadelos que o perseguiam. Relaxasse um pouco com relação às coisas. A mim. Mesmo que eu entendesse sua necessidade de proteger, aquele medo de me perder... Talvez eu devesse explicar tudo quando voltasse.

Mas... tanta gente tinha visto, tinha *me* visto hesitar...

Meu lábio inferior tremeu, e comecei a desabotoar o vestido; então, puxei-o pelos ombros.

Deixei que o vestido deslizasse até o chão com um suspiro da seda e do tule e das miçangas, um suflê murchando no piso de mármore, e depois dei um grande passo para fora da pilha. Até mesmo minha roupa de baixo era ridícula: retalhos brilhantes de renda com a única intenção de que Tamlin os admirasse... e então os rasgasse em fitas.

Puxei a anágua para cima, disparei para o armário e a enfiei ali dentro. Depois, tirei as roupas íntimas e as enfiei no armário também.

Minha tatuagem se destacava contra o monte de seda e renda brancas. Minha respiração ficou mais e mais rápida. Não percebi que estava chorando até que segurei o primeiro pedaço de tecido que encontrei dentro do armário — um conjunto de pijama turquesa — e enfiei os pés pela calça na altura do tornozelo; depois, puxei a camisa de manga curta combinando por cima da cabeça, e a bainha batia no alto de meu umbigo. Não me importava com o fato de que aquilo só podia ser algum tipo de moda da Corte Noturna, não me importava que o pijama era macio e quente.

Subi naquela cama grande e macia, os lençóis eram suaves e convidativos, e mal consegui puxar o ar em um fôlego uniforme o suficiente para apagar as lâmpadas de cada lado.

Mas, assim que a escuridão envolveu o quarto, meus soluços vieram com força total — arquejos fortes e entrecortados, que me faziam estremecer, fluíam pelas janelas abertas e saíam para a noite estrelada e salpicada de neve.

Rhys não estava mentindo quando disse que eu deveria me juntar a ele para o café da manhã.

Minhas antigas damas de companhia de Sob a Montanha surgiram à porta logo depois do alvorecer, e eu talvez não tivesse reconhecido as belas gêmeas de cabelos pretos caso elas não tivessem agido como se me conhecessem. Eu jamais as vira como qualquer coisa diferente de sombras, os rostos sempre escondidos em noite impenetrável. Mas ali — ou talvez sem Amarantha — elas eram totalmente corpóreas.

Nuala e Cerridwen eram seus nomes, e me perguntei se algum dia tinham me dito. Se eu estava perdida demais Sob a Montanha para sequer me importar.

A batida suave das duas me acordou com um sobressalto... Não que eu tivesse dormido muito à noite. Por um segundo, me perguntei por que a cama parecia

muito mais macia, por que montanhas se estendiam ao longe, e não gramado e colinas primaveris... então, tudo retornou. Com uma dor de cabeça latejante e incessante.

Depois da segunda batida paciente, seguida por uma explicação abafada do outro lado da porta sobre quem elas eram, saí da cama confusa para deixar as duas entrarem. E depois de um cumprimento terrivelmente desconfortável, elas me informaram que o café da manhã seria servido em trinta minutos e que eu deveria tomar banho e me vestir.

Não me incomodei em perguntar se Rhys estava por trás da última ordem, ou se era a recomendação delas com base no quanto eu sem dúvida parecia deplorável, mas as duas dispuseram algumas roupas na cama antes de me deixarem para que eu me limpasse com privacidade.

Fiquei tentada a ficar no suntuoso calor da banheira durante o resto do dia, mas um *puxão* suave e eternamente interessado penetrou minha dor de cabeça. Eu conhecia esse puxão — fora chamada por ele antes, naquelas horas antes da queda de Amarantha.

Afundei até o pescoço na água, verificando o céu limpo de inverno, o vento fustigante que açoitava a neve daqueles picos próximos... Nenhum sinal dele, nenhum bater de asas. Mas o puxão se manifestou de novo em minha mente, meu estômago; uma convocação. Como o sino de um criado.

Xingando-o em silêncio, limpei o corpo e coloquei as roupas que as gêmeas haviam deixado.

E agora, caminhando pelo andar superior ensolarado conforme seguia cegamente a fonte daquele puxão insuportável, os sapatos de seda magenta quase silenciosos no piso de pedra da lua, tive vontade de arrancar as roupas, somente devido ao fato de que pertenciam àquele lugar, a *ele.*

A calça cor de pêssego de cintura alta era larga e oscilante, apertada nos tornozelos e com bainha de veludo de um dourado forte. As mangas longas da camisa combinando eram feitas de organza, também apertadas na altura dos pulsos,

e a própria blusa chegava apenas à altura do umbigo, revelando uma faixa de pele conforme eu andava.

Confortável, fácil de me mover — de correr. Feminino. Exótico. Tão fino que, a não ser que Rhys planejasse me atormentar me atirando ao deserto de inverno a nossa volta, eu poderia presumir que não deixaria os limites de qualquer que fosse a magia que mantinha o lugar tão morno.

Pelo menos a tatuagem, visível pela manga transparente, não ficaria deslocada ali. Mas... as roupas ainda eram parte da corte de Rhys.

E sem dúvida eram parte de algum jogo que ele pretendia fazer comigo.

No final do nível superior, uma pequena mesa de vidro reluzia como mercúrio no coração de uma varanda de pedra, montada com três cadeiras e posta com frutas, sucos, pães e carnes de café da manhã. E em uma daquelas cadeiras... Embora Rhys encarasse a vista deslumbrante, as montanhas nevadas quase ofuscantes ao sol, eu sabia que ele sentira minha chegada assim que terminei de subir a escada do outro lado do corredor. Talvez desde que eu tinha acordado, se aquele puxão era algum indicativo.

Parei entre as duas últimas pilastras, avaliando o Grão-Senhor que estava à mesa do café e a vista que ele observava.

— Não sou um cão para ser convocada — falei, como cumprimento.

Devagar, Rhys olhou por cima do ombro. Aqueles olhos violeta estavam vibrantes à luz, e fechei os dedos em punhos conforme seu olhar me percorreu de cima a baixo, e depois de volta para cima. Ele franziu a testa para o que quer que tivesse achado que faltava.

— Não queria que se perdesse — respondeu Rhys, inexpressivo.

Minha cabeça latejava, e olhei para a chaleira prateada que fumegava no centro da mesa. Uma xícara de chá...

— Achei que seria sempre escuro aqui — comentei, pelo menos para não parecer tão desesperada por aquele chá salvador de manhã tão cedo.

— Somos uma das três Cortes Solares — respondeu Rhys, indicando para que eu me sentasse com um gesto gracioso do pulso. — Nossas noites são muito mais belas e nossos pores do sol e alvoreceres são exóticos, mas aderimos às leis da natureza.

Sentei na cadeira estofada diante de Rhys. A túnica do feérico estava desabotoada no pescoço, revelando um pouco do peito bronzeado por baixo.

— E as outras escolhem não aderir?

— A natureza das Cortes Sazonais — falou Rhys — está ligada a seus Grão-Senhores cuja magia e vontade os mantém em primavera eterna ou inverno, ou outono ou verão. Sempre foi assim, algum tipo de estagnação estranha. Mas as Cortes Solares, Diurna, Crepuscular e Noturna, são de uma natureza mais... simbólica. Podemos ser poderosos, mas nem mesmo nós podemos alterar o caminho ou a força do sol. Chá?

A luz do sol dançava ao longo da curva da chaleira prateada. Controlei o aceno de cabeça ansioso e fiz um gesto contido com o queixo.

— Mas vai descobrir — continuou Rhysand, servindo uma xícara para mim — que nossas noites são mais espetaculares, tão espetaculares que alguns em meu território até mesmo acordam com o pôr do sol e vão deitar ao alvorecer, apenas para viver sob as estrelas.

Coloquei um pouco de leite no chá, observando o claro e o escuro se misturarem.

— Por que está tão quente aqui quando o inverno está a toda lá fora?

— Magia.

— Óbvio. — Apoiei a colher de chá e bebi, quase suspirando diante da fluidez de calor e sabor intenso e fumegante. — Mas *por quê?*

Rhys observou o vento que fustigava os picos.

— Você aquece uma casa no inverno, por que não deveríamos aquecer este lugar também? Admito que não sei *por que* meus predecessores construíram um

palácio digno da Corte Estival no meio de uma cadeia montanhosa que, na melhor das hipóteses, é levemente quente, mas quem sou eu para questionar?

Tomei mais alguns goles, aquela dor de cabeça já estava diminuindo, e ousei colocar no prato algumas frutas de uma tigela de vidro próxima.

Rhys observou cada movimento. Então, ele disse, baixinho:

— Você perdeu peso.

— Você vasculha minha mente sempre que quer — argumentei, espetando um pedaço de melão com o garfo. — Não vejo por que está surpreso com isso.

O olhar de Rhys não se suavizou, embora aquele sorriso, de novo, brincava na boca sensual, sem dúvida a máscara preferida do Grão-Senhor.

— Faço isso apenas ocasionalmente. Não posso evitar se *você* envia coisas pelo laço.

Pensei em me recusar a perguntar, como tinha feito na noite anterior, mas...

— Como funciona... esse *laço* que lhe permite espiar dentro de minha mente?

Rhys tomou um gole do próprio chá.

— Pense no laço do acordo como uma ponte entre nós, e de cada lado está uma porta para nossas respectivas mentes. Um escudo. Meus talentos natos permitem que eu passe pelos escudos mentais de qualquer um que eu queira, com ou sem essa ponte, a não ser que a pessoa seja muito, muito forte, ou tenha treinado exaustivamente para manter esses escudos firmes. Como humana, os portões para sua mente estavam escancarados para que eu entrasse passeando. Como feérica... — Um pequeno estremecimento. — Às vezes você, sem querer, ergue um escudo, às vezes, quando a emoção parece correr solta, esse escudo some. E às vezes, quando esses escudos estão baixos, você poderia muito bem estar parada aos portões da própria mente, gritando seus pensamentos para mim através da ponte. Às vezes eu os ouço; às vezes, não.

Fiz uma careta, segurando o garfo com mais força.

— E com que frequência você simplesmente vasculha minha mente quando meus escudos estão baixos?

Todo o interesse sumiu do rosto de Rhys.

— Quando não sei dizer se seus pesadelos são ameaças verdadeiras ou imaginárias. Quando você está prestes a se casar e, silenciosamente, implora a qualquer um para que a ajude. Somente quando você abaixa os escudos mentais e, sem saber, berra essas coisas pela ponte. E para responder à pergunta antes que você a faça, sim. Mesmo com os escudos erguidos, eu poderia passar por eles se quisesse. Você poderia treinar, no entanto, aprender a se proteger de alguém como eu, mesmo com o laço que une nossas mentes e minhas habilidades.

Ignorei a oferta. Concordar em fazer qualquer coisa com Rhysand parecia permanente demais, conivente demais com o acordo entre nós.

— O que quer comigo? Você disse que me contaria aqui. Então, conte.

Rhys se recostou na cadeira, cruzando os braços poderosos que nem mesmo as roupas finas conseguiam esconder.

— Esta semana? Quero que aprenda a ler.

Capítulo 6

Rhysand debochara de mim com relação àquilo uma vez; perguntara, enquanto estávamos Sob a Montanha, se me obrigar a aprender a ler seria minha noção pessoal de tortura.

— Não, obrigada — falei, segurando o garfo para evitar jogá-lo na cabeça de Rhys.

— Você vai ser a esposa de um Grão-Senhor — disse Rhys. — Esperarão que escreva as próprias correspondências, talvez até que faça um ou dois discursos. E o Caldeirão sabe o que mais ele e Ianthe julgarão apropriado para você. Fazer cardápios para jantares, escrever cartas de agradecimento a todos aqueles presentes de casamento, bordar frases meigas em travesseiros... É uma habilidade necessária. E, quer saber? Por que não aproveita e acrescenta o escudo mental? Ler e erguer o escudo mental, felizmente, podem ser praticados ao mesmo tempo.

— *Ambas* são habilidades necessárias — falei, entre os dentes trincados. — Mas *você* não vai me ensinar.

— O que mais vai fazer de seu tempo? Pintar? Como anda isso ultimamente, Feyre?

— Como diabos isso é de sua conta?

— Atende a vários propósitos meus, é claro.

— Que. Propósitos.

— Precisará concordar com trabalhar comigo para descobrir, creio.

Algo pontiagudo cutucou minha mão.

Eu tinha amassado o garfo em um emaranhado de metal.

Quando o coloquei na mesa, Rhys deu uma risada de escárnio.

— Interessante.

— Você disse isso ontem à noite.

— Não posso dizer duas vezes?

— Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe.

O olhar de Rhys me percorreu de novo, como se ele pudesse ver sob o tecido pêssego, sob a pele, até a alma em pedaços por baixo. Então, ele voltou os olhos para o garfo destruído.

— Alguém já disse a você que é bem forte para uma Grã-feérica?

— Eu sou?

— Vou tomar isso como um não. — Rhys colocou um pedaço de melão na boca. — Já se testou contra alguém?

— Por que eu faria isso? — Já estava bem arrasada.

— Porque você foi ressuscitada e renascida pelos poderes combinados de sete Grão-Senhores. Se eu fosse você, ficaria curioso para ver se algo mais foi transferido para mim no processo.

Meu sangue gelou.

— Nada mais *foi transferido* para mim.

— É só porque seria muito... interessante — Rhys deu um risinho ao dizer a palavra — se tivesse.

— Não foi transferido, e não vou aprender a ler ou a fazer um escudo mental com você.

— Por quê? Por implicância? Achei que você e eu tínhamos superado isso Sob a Montanha.

— Não comece a falar sobre o que você fez Sob a Montanha.

Rhys ficou imóvel.

O mais imóvel que eu já vira, tão imóvel quanto a morte que agora chamava naqueles olhos. Então, o peito dele começou a se mover, mais e mais rápido.

Do outro lado das pilastras que se erguiam atrás dele, eu podia jurar que a sombra de enormes asas se abriu.

Ele abriu a boca, inclinando-se para a frente, e depois parou. Imediatamente, as sombras, a respiração irregular e a intensidade sumiram, e o sorriso preguiçoso retornou.

— Temos companhia. Conversaremos sobre isso depois.

— Não mesmo. — Mas passos rápidos e leves soaram no fim do corredor, e então ela apareceu.

Se Rhysand era o macho mais lindo que eu já vira, ela era o equivalente feminino.

Os brilhantes cabelos dourados estavam presos para trás em uma trança casual, e as roupas turquesa — no estilo das minhas — contrastavam com a pele dourada de sol da feérica, fazendo com que ela praticamente brilhasse à luz da manhã.

— Olá, olá — cantarolou a mulher, os lábios carnudos se abrindo em sorriso deslumbrante enquanto os olhos castanhos intensos se fixavam em mim.

— Feyre — disse Rhys, suavemente —, conheça minha prima, Morrigan. Mor, conheça a encantadora, charmosa e mente aberta Feyre.

Pensei em jogar o chá na cara de Rhys, mas Mor caminhou até mim. Cada passo era determinado e firme, gracioso e... resoluto. Alegre, mas alerta. Alguém que não

precisava de armas, ou pelo menos não se incomodava em embainhá-las na lateral do corpo.

— Ouvi falar tanto de você — confessou ela, e então fiquei de pé, estendendo a mão com desconforto.

Morrigan ignorou o gesto e me envolveu em um abraço de esmagar os ossos. Ela cheirava a frutas cítricas e canela. Tentei relaxar os músculos tensos quando Mor se afastou e deu um sorriso bastante malicioso.

— Parece que você estava irritando Rhys de verdade — disse ela, caminhando até a cadeira entre nós. — Que bom que cheguei. Achei que gostaria de ver as bolas de Rhys pregadas à parede.

Rhys lançou um olhar de incredulidade para ela, erguendo as sobrancelhas.

Escondi o sorriso que repuxou meus lábios.

— É... um prazer conhecer você.

— Mentirosa — replicou Mor, servindo-se de chá e enchendo o prato. — Não quer ter nada a ver conosco, não é? E o malvado do Rhys a obriga a sentar aqui.

— Você está... atrevida hoje, Mor — falou Rhys.

Os olhos lindos de Mor ser ergueram até o rosto do primo.

— Perdoe-me por estar animada por ter companhia *para variar*.

— Você poderia cuidar dos próprios deveres — disse ele, provocativo. Fechei os lábios com mais força. Jamais tinha visto Rhys... exasperado.

— Precisava de um descanso, e você me disse para vir sempre que quisesse; então, que hora melhor que agora, quando você trouxe minha nova amiga para finalmente me conhecer?

Pisquei, percebendo duas coisas ao mesmo tempo: um, ela foi realmente sincera; dois, era dela a voz feminina que eu ouvira na noite anterior, debochando de Rhys por nosso desentendimento. É, isso *correu bem*, provocara Morrigan. Como se houvesse qualquer alternativa, qualquer chance de acontecer algo agradável entre mim e Rhys.

Um novo garfo surgira ao lado de meu prato, e eu o peguei, apenas para espetar um pedaço de melão.

— Você dois não se parecem em nada — declarei, por fim.

— Mor é minha prima na definição mais *livre* da palavra — respondeu Rhys. Morrigan riu para ele, devorando fatias de tomate e queijo branco. — Mas fomos criados juntos. Ela é a única família que me resta.

Não tive coragem de perguntar o que acontecera a todos. Ou me lembrar de quem era o pai responsável pela falta de família na minha corte.

— E como minha única parente restante — continuou Rhys —, Mor acredita que tem direito de entrar e sair de minha vida como quiser.

— Tão mal-humorado esta manhã — disse Mor, colocando dois muffins no prato.

— Não vi você Sob a Montanha. — Eu me percebi falando, odiando aquelas três últimas palavras mais que tudo.

— Ah, eu não estava lá — disse ela. — Eu estava...

— Basta, Mor — disse Rhys, a voz envolta em um ruído baixo de trovão.

Tive de resistir para não me empertigar diante da interrupção, não observar os dois com mais atenção.

Rhysand apoiou o guardanapo na mesa e ficou de pé.

— Mor ficará aqui durante o resto da semana, mas, por favor, não sinta como se precisasse agraciá-la com sua presença. — Mor mostrou a língua para ele. Rhys revirou os olhos, o gesto mais humano que eu já o vira fazer. Então observou meu prato. — Comeu o suficiente? — Assenti. — Que bom. Então, vamos. — Rhys inclinou a cabeça na direção das pilastras e das cortinas oscilantes atrás de si. — Nossa primeira lição nos aguarda.

Mor cortou um dos muffins ao meio com um gesto firme da faca. O ângulo de seus dedos, dos pulsos, de fato confirmava minhas suspeitas de que armas não eram estranhas a ela.

— Se ele a irritar, Feyre, fique à vontade para empurrá-lo do parapeito da varanda mais próxima.

Rhys lançou um gesto sutil e sujo para a prima conforme saiu pelo corredor.

Fiquei de pé devagar quando ele estava bem longe.

— Aproveite o café da manhã.

— Sempre que quiser companhia — disse Morrigan, conforme eu dava a volta pela mesa —, grite. — Ela provavelmente estava falando literalmente.

Apenas assenti e segui o Grão-Senhor.

Concordei em me sentar à longa mesa de madeira em uma alcova fechada por cortinas apenas porque Rhysand tinha razão. Não saber ler quase me custara a vida Sob a Montanha. Eu me amaldiçoaria se permitisse que se tornasse uma fraqueza de novo, fosse parte ou não da agenda pessoal de Rhys. E quando ao escudo mental... Eu seria muito tola se não aceitasse a oferta de aprender com ele. A ideia de que qualquer um, principalmente Rhys, vasculhasse a confusão em minha mente, tomasse informações sobre a Corte Primaveril, sobre as pessoas que eu amava... Jamais permitiria. Não voluntariamente.

Mas isso não tornava mais fácil suportar a presença de Rhys à mesa de madeira. Ou a pilha de livros sobre ela.

— Conheço o alfabeto — falei bruscamente, quando Rhysand colocou um pedaço de papel na minha frente. — Não sou tão burra assim. — Contorci os dedos no colo e, depois, prendi as mãos inquietas sob as coxas.

— Não falei que você era burra — argumentou Rhysand. — Estou apenas tentando determinar por onde deveríamos começar. — Eu me recostei na cadeira acolchoada. — Pois você se recusou a me dizer qualquer coisa sobre o quanto sabe.

Meu rosto ficou quente.

— Não pode contratar um professor?

Rhysand ergueu uma sobrancelha.

— É difícil para você sequer tentar na minha frente?

— Você é um Grão-Senhor... Não tem coisas melhores a fazer?

— É claro. Mas nenhuma é tão divertida quanto vê-la se contorcer.

— Você é um verdadeiro canalha, sabia disso?

Rhys conteve uma gargalhada.

— Já fui chamado de coisa pior. Na verdade, acho que você já me chamou de coisa pior. — Ele bateu no papel que estava à frente. — Leia isso.

Um borrão de letras. Minha garganta se apertou.

— Não consigo.

— Tente.

A frase tinha sido escrita em caligrafia elegante e concisa. A letra dele, sem dúvida. Tentei abrir a boca, mas minha coragem evaporou.

— O que *exatamente* você tem a ganhar com tudo isso? Disse que me contaria se eu trabalhasse com você.

— Não especifiquei *quando* contaria. — Eu me afastei de Rhys quando contraí o lábio. Ele fez um gesto de ombros. — Talvez eu me ressinta da ideia de você permitir que aqueles tolos mentirosos e beligerantes da Corte Primaveril a façam se sentir deslocada. Talvez eu goste mesmo de vê-la se contorcer. Ou talvez...

— Entendi.

Rhys riu com escárnio.

— Tente ler, Feyre.

Imbecil. Puxei o papel para mim, quase o rasgando ao meio ao fazer isso. Olhei para a primeira palavra, pronunciando-a na mente.

— V-você... — A seguinte desvendei com uma combinação de minha pronúncia silenciosa e da lógica. — Está...

— Bom — murmurou Rhys.

— Não pedi sua aprovação.

Rhys deu um risinho.

— Ab... Absolutamente. — Levei mais tempo do que quis admitir para entender essa. A palavra seguinte foi ainda pior. — De... Del...

Ousei olhar para Rhysand com as sobrancelhas erguidas.

— Deliciosa — ronronou ele.

Minha testa franziu. Li as duas palavras seguintes e, depois, virei o rosto para ele.

— *Você está absolutamente deliciosa hoje, Feyre*?! Foi isso o que você escreveu?

Rhysand se recostou no assento. Nossos olhos se encontraram, garras afiadas acariciaram minha mente, e a voz dele sussurrou dentro de minha cabeça: É verdade, não é?

Dei um solavanco para trás, e minha cadeira rangeu.

— *Pare com isso!*

Mas aquelas garras agora se enterravam — e meu corpo todo, meu coração, meus pulmões, meu *sangue* cediam ao aperto de Rhysand, totalmente sob seu comando enquanto ele dizia: *A moda da Corte Noturna combina com você.*

Eu não conseguia me mexer na cadeira, não conseguia sequer piscar.

Isso é o que acontece quando você não ergue seus escudos mentais. Alguém com meu tipo de poderes pode entrar, ver o que quiser e tomar sua mente. Ou pode destruí-la. Estou, no momento, no portal de sua mente. Mas, se fosse mais fundo, seria preciso apenas meio pensamento meu... e quem você é, sua personalidade, seria apagada.

Em um lugar distante, suor escorreu por minha têmpora.

Você deveria ter medo. Deveria ter medo disto, e deveria agradecer ao maldito Caldeirão que nos últimos três meses ninguém com meu tipo de dons esbarrou em você. Agora, me empurre para fora.

Não consegui. Aquelas garras estavam por toda parte; se enterrando em cada pensamento, cada pedaço meu. Rhysand forçou um pouco mais.

Me. Empurre. Para. Fora.

Eu não sabia por onde começar. Às cegas, empurrei e me choquei contra ele, contra aquelas garras que estavam por toda parte, como se eu fosse uma cabeça perdida em um círculo de espelhos.

A risada de Rhysand, grave e baixa, tomou conta de minha mente, de minhas orelhas. *Por ali, Feyre.*

Em resposta, um pequeno caminho aberto brilhou em minha mente. O caminho para fora.

Eu levaria uma eternidade para soltar cada garra e empurrar a imensidão de sua presença por aquela abertura estreita. Se conseguisse varrê-lo para longe...

Uma onda. Uma onda de personalidade, de *mim*, para varrer ele por inteiro...

Não deixei que Rhysand visse o plano tomar forma quando me concentrei em uma onda alta e golpeei.

As garras se afrouxaram... com relutância. Como se permitissem que eu ganhasse aquela rodada. Ele apenas disse: — Bom.

Meus ossos, meu fôlego e meu sangue eram meus de novo. Desabei na cadeira.

— Ainda não — avisou Rhysand. — Escudo. Me bloqueie para que eu não consiga voltar.

Já queria ir para algum lugar silencioso e dormir por um tempo...

Garras naquela camada externa de minha mente, acariciando...

Imaginei uma parede adamantina desabando, negra como a noite e com a espessura de 30 centímetros. As garras se retraíram um segundo antes de a parede as partir ao meio.

Rhys estava sorrindo.

— Muito bom. Tosco, mas bom.

Não consegui me segurar. Peguei o pedaço de papel e o rasguei em dois, e, depois, em quatro.

— Você é um porco.

— Ah, com certeza. Mas olhe para você, leu aquela frase inteira, me chutou de sua mente *e* se protegeu. Excelente trabalho.

— Não seja condescendente comigo.

— Não estou sendo. Você está lendo em um nível bem melhor do que imaginei.

A queimação voltou para minhas bochechas.

— Mas praticamente analfabeta.

— A esta altura, a questão é prática, soletrar e mais prática. Pode ler romances quando chegar o Nynsar. E, se continuar aumentando esses escudos, pode muito bem me manter totalmente fora a essa altura também.

Nynsar. Seria o primeiro que Tamlin e sua corte celebrariam em quase cinquenta anos. Amarantha banira o festival por capricho, assim como outras pequenas, porém adoradas, festividades feéricas que ela considerara *desnecessárias*. Mas o Nynsar estava a meses de ocorrer.

— É ao menos possível... manter você fora de verdade?

— Pouco provável, mas quem sabe até onde vai esse poder? Continue praticando, e veremos o que acontece.

— E eu ainda estarei presa a esse acordo quando chegar o Nynsar também?

Silêncio.

Insisti.

— Depois... depois do que aconteceu... — Não podia mencionar especificamente o que ocorrera Sob a Montanha, o que Rhys tinha feito por mim durante aquela luta com Amarantha, o que ele fizera depois... — Acho que podemos concordar que não devo nada a você, e você não *me* deve nada.

O olhar de Rhysand não vacilou.

Continuei:

— Não basta estarmos todos livres? — Espalmei a mão tatuada sobre a mesa. — No fim, achei que você fosse diferente, achei que fosse tudo uma máscara, mas me levar embora, me *manter* aqui... — Sacudi a cabeça, incapaz de encontrar as palavras cruéis o suficiente, inteligentes o suficiente para convencer Rhysand a acabar com aquele acordo.

O olhar dele ficou sombrio.

— Não sou seu inimigo, Feyre.

— Tamlin diz que sim. — Fechei os dedos da mão tatuada em punho. — Todos dizem que é.

— E o que *você* acha? — Rhysand se recostou na cadeira de novo, mas estava com a expressão séria.

— Está fazendo um trabalho muito bom em me convencer a concordar com eles.

— Mentirosa — disse Rhys, ronronando. — Pelo menos contou a seus amigos sobre o que *fiz com você* Sob a Montanha?

Então aquele comentário no café da manhã *tinha* irritado Rhysand.

— Não quero falar sobre nada relacionado àquilo. Com você ou com eles.

— Não, porque é muito mais fácil fingir que nunca aconteceu e deixar que a mimem.

— Não *deixo* que eles me mimem...

— Eles a embrulharam como um presente ontem. Como se você fosse a recompensa *dele*.

— E daí?

— E daí? — Um lampejo de ódio que logo sumiu.

— Estou pronta para ser levada para casa — falei, simplesmente.

— Onde ficará enclausurada pelo resto da vida, principalmente depois que começar a cuspir herdeiros. Mal posso esperar para ver o que Ianthe fará quando puser as mãos *neles*.

— Você não parece gostar muito dela.

Algo frio e predatório surgiu nos olhos de Rhysand.

— Não, não posso dizer que gosto. — Ele apontou para um pedaço de papel em branco. — Comece a copiar o alfabeto. Até que suas letras estejam perfeitas. E sempre que chegar ao fim, abaixe e erga seu escudo. Até que *isso* se torne uma ação instintiva. Voltarei em uma hora.

— O quê?

— Copie. O. Alfabeto. Até...

— Ouvi o que você disse. — Canalha. Canalha, canalha, *canalha*.

— Então, ao trabalho. — Rhys ficou de pé. — E pelo menos tenha a decência de só me chamar de canalha quando seus escudos estiverem erguidos de novo.

Ele sumiu em uma onda de escuridão antes que eu percebesse que havia deixado a parede adamantina se dissipar de novo.

Quando Rhys voltou, minha mente parecia uma poça de lama.

Passei a hora inteira fazendo conforme fora comandado, embora encolhesse o corpo ao ouvir cada som vindo da escada próxima: passos baixos de criados, o farfalhar de lençóis sendo trocados, alguém murmurando uma melodia linda e envolvente. E, além disso, o canto dos pássaros que moravam no calor sobrenatural da montanha ou nas muitas árvores de frutas cítricas plantadas em vasos. Nenhum sinal de meu tormento iminente. Nenhuma sentinela sequer para me monitorar. Eu podia muito bem ter o lugar todo para mim.

O que era bom, pois minhas tentativas de abaixar e erguer o escudo mental costumavam resultar em meu rosto contorcido ou contraído ou franzido.

— Nada mal — elogiou Rhys, olhando por cima de meu ombro.

Ele aparecera momentos antes, a uma distância saudável, e, se eu não soubesse direito, poderia ter pensado que era porque Rhys não queria me assustar. Como se soubesse da vez em que Tamlin tinha se aproximado de fininho por trás de mim e o pânico me tomara com tanta força que o derrubei com um soco no estômago. Eu tinha bloqueado isso — o choque no rosto de Tam, o quanto fora *fácil* derrubá-lo, a humilhação de ter meu terror idiota tão exposto...

Rhys avaliou as páginas nas quais eu tinha escrito, folheando-as, verificando meu progresso.

Então, um raspar de garras dentro de minha mente — o qual apenas arranhou o adamantino negro e reluzente.

Voltei minha força de vontade contra aquela parede conforme as garras empurraram, testando pontos frágeis...

— Ora, ora — ronronou Rhysand, e aquelas garras mentais se retraíram. — Tomara que eu consiga uma boa noite de descanso por fim, se puder manter a parede erguida durante o sono.

Abaixei o escudo, disparei uma palavra por aquela ponte mental entre nós, e ergui as paredes de novo. Atrás delas, minha mente oscilou como gelatina. Eu precisava de uma soneca. Desesperadamente.

— Posso ser canalha, mas olhe para você. Talvez possamos nos divertir um pouco com nossas lições, afinal de contas.

Eu ainda olhava com raiva para as costas musculosas de Rhys conforme mantinha seguros dez passos de distância enquanto ele me guiava pelos corredores do prédio principal, e as montanhas extensas e o céu azul intenso eram as únicas testemunhas de nossa caminhada silenciosa.

Eu estava exausta demais para indagar aonde íamos, e Rhys não se incomodou em explicar enquanto me levava mais e mais para cima... até que entramos em uma câmara redonda no alto de uma torre.

Uma mesa circular de pedra negra ocupava o centro, ao passo que a extensão mais ampla da parede de pedra cinza ininterrupta estava coberta com um imenso mapa de nosso mundo. Fora marcado, tinha bandeiras e alfinetes, os motivos eu não sabia dizer, mas meu olhar passou para as janelas ao redor da sala: tantas que parecia totalmente exposta, arejada. O lar perfeito, imaginei, para um Grão-Senhor abençoado com asas.

Rhys caminhou até a mesa, onde havia outro mapa aberto, e miniaturas pontuavam sua superfície. Um mapa de Prythian; e de Hybern.

Cada corte em nossa terra tinha sido marcada, assim como aldeias e cidades e rios e vales. Cada corte... exceto a Corte Noturna.

O amplo território setentrional estava totalmente limpo. Nem mesmo uma cadeia montanhosa tinha sido entalhada. Estranho, era provavelmente parte de alguma estratégia que eu não entendia.

Vi Rhysand me observando; ele ergueu as sobrancelhas o suficiente para me fazer calar a boca diante da pergunta que se formava.

— Nada a perguntar?

— Não.

Um risinho felino percorreu os lábios de Rhysand, mas ele indicou com o queixo o mapa na parede.

— O que você vê?

— Isso é alguma forma de me convencer a aceitar as lições de leitura? — De fato, eu não conseguia decifrar nada da caligrafia, apenas as formas das coisas. Como a muralha, a linha imensa seccionava nosso mundo em dois.

— Diga o que vê.

— Um mundo dividido em dois.

— E acha que deveria permanecer assim?

Virei a cabeça na direção de Rhys.

— Minha família... — Eu me interrompi na palavra. Deveria ter cuidado e não admitir que tinha uma família, que me importava com ela...

— Sua família humana — terminou Rhys — seria profundamente afetada se a muralha fosse derrubada, não seria? Tão perto da fronteira... Se tiverem sorte, fugirão pelo oceano antes que aconteça.

— *Vai* acontecer?

Rhysand não tirou os olhos dos meus.

— Talvez.

— Por quê?

— Porque a guerra se aproxima, Feyre.

Capítulo 7

Guerra.

A palavra percorreu meu corpo, congelou minhas veias.

— Não invada — sussurrei. Eu ficaria de joelho por aquilo. Rastejaria se precisasse. — Não invada, por favor.

Rhys inclinou a cabeça, contraindo os lábios.

— Acha mesmo que sou um monstro, mesmo depois de tudo.

— Por favor — pedi, arquejando. — Eles são indefesos, não terão chance...

— Não vou invadir terras mortais — disse Rhysand, a voz muito baixa.

Esperei que ele continuasse, grata pela sala espaçosa, pelo ar limpo conforme o chão começava a deslizar sob mim.

— Erga a porcaria do escudo — grunhiu Rhysand.

Olhei para meu interior e descobri que aquela parede invisível tinha desabado de novo. Mas estava tão cansada, e se a guerra se aproximava, se minha família...

— Escudo. *Agora.*

A ordem ríspida na voz de Rhysand — a voz do Grão-Senhor da Corte Noturna — me fez agir por instinto, e minha mente exausta construiu a parede tijolo por tijolo. Somente quando protegi a mente de novo ele falou, os olhos se suavizando quase imperceptivelmente: — Achou que acabaria com Amarantha?

— Tamlin não falou... — E por que ele me falaria? Mas havia tantas patrulhas, tantas reuniões das quais eu não tinha permissão de participar, tanta... tensão. Ele devia saber. Eu precisava perguntar... exigir saber por que não tinha me contado...

— O rei de Hybern está planejando a campanha para reivindicar o mundo ao sul da muralha há mais de cem anos — disse Rhys. — Amarantha foi uma experiência, um teste de 49 anos, para ver com que facilidade e por quanto tempo um território poderia cair e ser controlado por um de seus comandantes.

Para um imortal, 49 anos era nada. Eu não teria ficado surpresa ao ouvir que o rei estava planejando isso há muito mais que um século.

— Ele atacará Prythian primeiro?

— Prythian — falou Rhys, apontando para o mapa de nossa imensa ilha na mesa — é tudo o que está entre o rei de Hybern e o continente. Ele quer reivindicar as terras humanas de lá, talvez tomar algumas terras feéricas também. Se alguém deve interceptar a frota de conquista antes que chegue ao continente, seremos nós.

Deslizei para uma das cadeiras, e meus joelhos tremiam tanto que eu mal conseguia ficar de pé.

— Ele vai tentar remover Prythian do caminho rápida e completamente — continuou Rhys. — E destruir a muralha em algum momento no processo. Já há buracos, embora, ainda bem, sejam pequenos o suficiente para tornar difícil a passagem de seus exércitos com agilidade. Ele vai querer derrubar a coisa toda, e provavelmente usar o pânico subsequente em vantagem própria.

Cada fôlego era como engolir vidro.

— Quando... quando ele vai atacar? — A muralha aguentara firme durante cinco séculos, e, mesmo então, aqueles malditos buracos tinham permitido que as

mais cruéis e famintas bestas feéricas passassem de fininho e caçassem humanos. Sem aquela muralha, se Hybern fosse de fato lançar um ataque contra o mundo humano... Desejei não ter comido um café da manhã tão farto.

— Essa é a grande pergunta — disse Rhysand. — E o motivo pelo qual eu a trouxe aqui.

Ergui o rosto e o encarei de volta. O rosto de Rhys estava retraído, mas calmo.

— Não sei quando ou onde ele planeja atacar Prythian — continuou Rhys. — Não sei quem podem ser seus aliados.

— Ele teria aliados aqui?

Um lento aceno de cabeça.

— Covardes que se curvariam e se juntariam a ele, em vez de lutar contra seus exércitos de novo.

Eu podia jurar que um sussurro de escuridão se espalhou pelo chão atrás de Rhysand.

— Você... você lutou na Guerra?

Por um momento, achei que Rhys não responderia. Mas depois ele assentiu.

— Eu era jovem, para nossos padrões, pelo menos. Mas meu pai tinha enviado ajuda para a aliança entre mortais e feéricos no continente, e eu o convenci a me deixar levar uma legião de nossos soldados. — Rhysand se sentou na cadeira ao lado da minha, o olhar vazio para o mapa. — Eu estava posicionado no sul, exatamente onde a luta era mais intensa. O massacre foi... — Rhys mordeu o interior da bochecha. — Não tenho interesse em jamais ver um massacre total como aquele outra vez.

Rhys piscou, como se afastasse os horrores da mente.

— Mas não acho que o rei de Hybern vai atacar daquela forma, não a princípio. É inteligente demais para desperdiçar as forças dele aqui, para dar tempo ao continente de se reunir enquanto o enfrentamos. Se agir para destruir Prythian e a muralha, será por meio de dissimulação e ardil. Para nos enfraquecer. Amarantha foi a primeira parte de um plano. Agora temos diversos Grão-Senhores

inexperientes, cortes destruídas com Grã-Sacerdotisas buscando controle, como lobos em volta de uma carcaça, e um povo que percebeu o quanto pode ser realmente impotente.

— Por que está me contando isso? — perguntei, a voz fina, rouca. Não fazia sentido algum que Rhysand revelasse suas suspeitas, seus medos.

E Ianthe... ela podia ser ambiciosa, mas era amiga de Tamlin. *Minha* amiga, mais ou menos. Talvez a única aliada que teríamos contra as demais Grã-Sacerdotisas, apesar da antipatia pessoal de Rhys contra ela...

— Estou contando por dois motivos — respondeu ele, a expressão tão fria, tão calma que me deixou tão inquieta quanto as notícias que dava. — Um, você é... próxima de Tamlin. Ele tem os homens dele, mas também tem laços antigos com Hybern...

— Ele *jamais* ajudaria o rei...

Rhys ergueu a mão.

— Quero saber se Tamlin está disposto a lutar conosco. Se pode usar essas conexões em nossa vantagem. Como ele e eu temos um relacionamento difícil, você tem o prazer de ser a intermediária.

— Tamlin não me informa dessas coisas.

— Talvez seja hora de informar. Talvez seja hora de você insistir. — Rhysand examinou o mapa, e segui seu olhar para ver onde pararia. Na muralha dentro de Prythian, no pequeno e vulnerável território mortal. Minha boca secou.

— Qual é seu outro motivo?

Rhys me olhou de cima a baixo, avaliando, sopesando.

— Você tem um conjunto de habilidades de que preciso. Dizem os boatos que você pegou um Suriel.

— Não foi tão difícil.

— Já tentei e fracassei. Duas vezes. Mas essa é uma discussão para outro dia. Eu a vi encurralar o Verme de Middengard como um coelho. — Os olhos de Rhys

brilharam. — Preciso que me ajude. Que use essas suas habilidades para encontrar o que preciso.

— *De que* precisa? É algo relacionado a minha leitura e a meu escudo mental, imagino?

— Vai descobrir sobre isso depois.

Eu não sabia por que tinha me dado o trabalho de perguntar.

— Deve haver pelo menos uma dezena de outros caçadores mais experientes e habilidosos...

— Talvez haja. Mas você é a única em quem confio.

Pisquei.

— Eu poderia trair você quando quisesse.

— Poderia. Mas não o fará. — Trinquei os dentes e estava prestes a dizer algo maldoso quando Rhysand acrescentou: — E tem a questão de seus poderes.

— Não tenho poderes. — A frase saiu tão rápido que não teve chance de soar como qualquer coisa que não fosse negação.

Rhys cruzou as pernas.

— Não tem? A força, a velocidade... Se não soubesse, diria que você e Tamlin estão fazendo um trabalho muito bom ao fingir que você é normal. Que os poderes que está exibindo não são normalmente a primeira indicação entre nosso povo de que o filho de um Grão-Senhor se tornará seu herdeiro.

— Não sou um Grão-Senhor.

— Não, mas recebeu vida de todos nós sete. Sua mera essência está ligada a nós, nasceu de nós. E se demos mais que esperávamos? — De novo, aquele olhar recaiu sobre mim. — E se você pudesse nos enfrentar... ter a própria força, ser uma Grã-Senhora?

— Não há Grã-Senhoras.

As sobrancelhas de Rhysand se franziram, mas ele sacudiu a cabeça.

— Conversaremos sobre *isso* mais tarde também. Mas sim, Feyre, *pode* haver Grã-Senhoras. E talvez você não seja uma delas, mas... e se fosse algo semelhante?

E se pudesse empunhar o poder de sete Grão-Senhores de uma vez? E se pudesse se dissipar na escuridão, mudar de forma ou congelar uma sala inteira, um exército inteiro?

O vento do inverno nos picos próximos parecia rugir em resposta. Aquela coisa que senti sob a pele...

— Entende o que isso pode significar em uma guerra iminente? Entende o quanto isso pode destruí-la se não aprender a controlá-lo?

— Um, pare de fazer tantas perguntas retóricas. Dois, não sabemos se eu *tenho* esses poderes...

— Você tem. Mas precisa começar a dominá-los. A descobrir o que herdou de nós.

— E imagino que seja você quem vai me ensinar também? Ler e erguer um escudo não bastam?

— Enquanto caça comigo o que preciso, sim.

Comecei a sacudir a cabeça.

— Tamlin não vai permitir.

— Tamlin não é seu dono, e você sabe disso.

— Sou súdita dele, e ele é meu Grão-Senhor...

— Você não é *súdita de ninguém*.

Fiquei imóvel quando ele exibiu os dentes, as asas como fumaça que se abriram.

— Vou dizer isso uma vez, e apenas uma vez — ronronou Rhysand, caminhando até o mapa na parede. — Pode ser um peão, ser a recompensa de alguém e passar o resto da vida imortal se curvando e buscando aprovação e fingindo ser menos que ele, que Ianthe, que qualquer um de nós. Se quiser escolher esse caminho, então, tudo bem. É uma pena, mas a escolha é sua. — A sombra de asas ondulou de novo. — Mas conheço você, mais do que você percebe, acho, e não acredito por um minuto que esteja remotamente satisfeita em ser um troféu bonitinho para alguém que ficou sentado durante quase cinquenta anos, e então ficou sentado enquanto você era despedaçada...

— Pare...

— Ou — insistiu Rhysand — tem outra escolha. Pode dominar quaisquer que sejam os poderes que lhe demos e fazê-los valer a pena. Pode ter um papel nessa guerra. Porque a guerra está chegando, de uma forma ou de outra, e não tente se iludir achando que qualquer dos feéricos dará a mínima para sua família do outro lado da muralha quando nosso território inteiro estiver na iminência de se tornar um ossuário.

Encarei o mapa, encarei Prythian, e aquele fiapo de terra na base sul.

— Quer salvar o reino mortal? — perguntou Rhysand. — Então, torne-se alguém em quem Prythian presta atenção. Alguém vital. Torne-se uma arma. Porque pode vir um dia, Feyre, em que apenas você estará entre o rei de Hybern e sua família humana. E você não quer estar despreparada.

Ergui o olhar para ele, sem fôlego, dolorida.

Como se Rhysand não tivesse acabado de puxar o mundo de baixo de meus pés, ele acrescentou: — Pense bem. Tome a semana para isso. Pergunte a Tamlin, se isso a ajudar a dormir. Veja o que a encantadora Ianthe diz a respeito. Mas a escolha é sua, de mais ninguém.

Não vi Rhysand durante o resto da semana. Ou Mor.

As únicas pessoas que encontrei foram Nuala e Cerridwen, que traziam minhas refeições, arrumavam minha cama e, ocasionalmente, perguntavam como eu estava.

A única evidência que eu tinha de que Rhysand ainda estava na propriedade estava nas cópias do alfabeto, com diversas frases que eu deveria escrever todos os dias, trocando palavras, cada uma mais irritante que a anterior: *Rhysand é o Grão-Senhor mais lindo.*

Rhysand é o Grão-Senhor mais agradável.

Rhysand é o Grão-Senhor mais inteligente.

Todo dia, uma frase miserável... com a alteração de uma palavra de arrogância e vaidade diversas. E todo dia, outro simples conjunto de instruções: escudo para cima, escudo para baixo; escudo para cima, escudo para baixo. Diversas e diversas vezes.

Como ele sabia se eu obedecia ou não, não me importava, mas mergulhei nas lições, ergui e baixei e reforcei aqueles escudos mentais. Pelo menos porque era tudo que eu tinha para fazer.

Meus pesadelos me deixavam zonza, suada; no entanto o quarto era tão aberto, a luz das estrelas era tão forte que, quando acordava sobressaltada, não corria para o banheiro. Nenhuma parede me sufocava, nenhuma escuridão como nanquim. Eu sabia onde estava. Mesmo que me ressentisse por estar ali.

No dia antes de nossa semana finalmente terminar, eu estava arrastando os pés até minha mesinha de sempre, já fazendo uma careta ao pensar nas belas frases que encontraria à espera e em toda a acrobacia mental que viria, quando as vozes de Rhys e Mor flutuaram em minha direção.

Era um espaço público, então não me incomodei em disfarçar os passos conforme me aproximei de onde eles conversavam, em uma das áreas de estar, Rhys caminhando de um lado para outro diante do penhasco aberto da montanha, e Mor deitada em uma poltrona de cor de creme.

— Azriel iria gostar de saber disso — dizia Mor.

— Azriel pode ir para o inferno — disparou Rhys de volta. — Ele provavelmente já sabe mesmo.

— Fizemos joguinhos da última vez — comentou Mor, com uma seriedade que me fez parar a uma distância segura. — E perdemos. Feio. Não faremos aquilo de novo.

— Você deveria estar trabalhando. — Foi a única resposta de Rhysand. — Dei o controle a você por um motivo, sabe disso.

O maxilar de Mor se contraiu, e ela, por fim, me encarou. Mor me lançou um sorriso que pareceu mais um tremular.

Rhys se virou, franzindo a testa ao me ver.

— Diga o que veio até aqui dizer, Mor — falou Rhys, tenso, voltando a caminhar.

Mor revirou os olhos para mim, mas o rosto ficou severo quando falou:

— Houve outro ataque, um templo em Cesere. Quase todas as sacerdotisas mortas, o tesouro saqueado.

Rhys parou. E eu não soube o que registrar: a notícia de Mor ou o puro ódio transmitido por uma palavra quando Rhys falou: — Quem.

— Não sabemos — disse Mor. — Mesmos rastros da última vez: grupo pequeno, corpos que mostravam sinais de ferimentos de grandes lâminas, e nenhum sinal do lugar de onde vieram ou como desapareceram. Nenhum sobrevivente. Os corpos só foram encontrados um dia depois quando um grupo de peregrinos apareceu.

Pelo Caldeirão. Eu devia ter feito um barulho baixinho, porque Mor me olhou de forma tensa, mas com empatia.

Já Rhys... Primeiro as sombras começaram... plumas vindas de suas costas.

Então, como se o ódio tivesse libertado aquela besta a qual Rhysand certa vez me disse que odiava ceder, as asas se concretizaram.

Asas enormes, lindas, cruéis, palmadas e com garras como as de um morcego, escuras como a noite e fortes como nada mais. Até a forma como ele ficava de pé pareceu alterada: mais firme, equilibrada. Como se uma última peça de Rhys tivesse estalado no lugar. Mas a voz ainda parecia suave como a meia-noite quando ele disse: — O que Azriel disse a respeito disso?

De novo, aquele olhar de Mor, como se não soubesse se eu deveria estar presente para o que quer que fosse aquela conversa.

— Ele está transtornado. Cassian ainda mais, está convencido de que deve ser uma das tropas de guerra illyrianas desertoras, determinadas a conquistar novo território.

— É algo a considerar — ponderou Rhys. — Alguns dos clãs illyrianos se curvaram satisfeitos para Amarantha durante aqueles anos. Tentar expandir as fronteiras pode ser seu modo de ver até onde podem me perturbar e sair ilesos. — Eu odiei o som do nome dela, me concentrei nele mais que na informação que Rhys permitia que eu contemplasse.

— Cassian e Az estão esperando... — Mor se interrompeu e me lançou um gesto de desculpas. — Estão esperando no lugar de sempre por suas ordens.

Tudo bem... não tinha problema. Eu vira aquele mapa em branco na parede. Eu era a noiva de um inimigo. Sequer mencionar onde suas forças estavam posicionadas, o que planejavam, podia ser perigoso. Eu não fazia ideia de onde sequer *ficava* Cesere; ou do que era, na verdade.

Rhys observou o ar aberto de novo, o vento uivante que empurrava nuvens escuras e espiraladas sobre picos distantes. Bom tempo, percebi, para voar.

— Atravessar seria mais fácil — argumentou Mor, seguindo o olhar do Grão-Senhor.

— Diga aos desgraçados que chegarei em algumas horas — respondeu Rhys, simplesmente.

Mor me deu um sorriso cauteloso e sumiu.

Avaliei o espaço vazio onde ela estivera, não restara um traço de Mor.

— Como esse... desaparecimento funciona? — perguntei, baixinho. Eu só vira poucos Grão-Feéricos o fazerem, e nenhum jamais explicara como.

Rhys não me olhou, mas respondeu:

— A travessia? Pense nisso como... dois pontos diferentes em um tecido. Um ponto é seu local atual no mundo. O outro, do outro lado do tecido, é para onde você quer ir. Atravessar... é como dobrar esse tecido para que os dois pontos se alinhem. A magia faz a dobra, e tudo que fazemos é dar um passo para ir de um lugar ao outro. Às vezes é um passo longo, e dá para sentir o tecido sombrio do mundo conforme atravessamos. Um passo mais curto, digamos, de uma ponta a outra da sala, mal seria registrado. É um dom raro... e útil. Mas apenas os feéricos

mais fortes conseguem fazê-lo. Quanto mais poderoso, mais longe se consegue saltar entre lugares de uma vez.

Eu sabia que a explicação era tanto para mim quanto para distrair Rhysand. Mas me peguei dizendo: — Sinto muito pelo templo... e pelas sacerdotisas.

A ira ainda lhe reluzia nos olhos quando Rhysand, por fim, se virou para mim.

— Muito mais pessoas morrerão em breve mesmo.

Talvez fosse por isso que ele tivesse permitido que eu me aproximasse, para ouvir aquela conversa. Para me lembrar do que poderia muito bem acontecer com Hybern.

— O que são... — hesitei. — O que são tropas de guerra illyrianas?

— Desgraçados arrogantes, é isso que são — murmurou Rhys.

Cruzei os braços, esperando.

Ele estendeu as asas, e a luz do sol fez com que a textura encouraçada refletisse cores sutis.

— São uma raça guerreira de minhas terras. E costumam ser um pé no saco.

— Alguns deles apoiaram Amarantha?

A escuridão dançou no corredor quando uma tempestade distante se aproximou o suficiente para sufocar o sol.

— Alguns. Mas eu e os meus temos nos divertido caçando-os nos últimos meses. E exterminando-os.

Devagar foi a palavra que Rhysand não precisou acrescentar.

— Foi por isso que ficou afastado... estava ocupado com isso?

— Eu estava ocupado com muitas coisas.

Não era uma resposta. Mas parecia que Rhysand tinha terminado a conversa, e quem quer que fossem Cassian e Azriel... encontrar-se com eles era muito mais importante.

Então Rhys nem mesmo se despediu antes de simplesmente caminhar até a beira da varanda — e se lançar aos ares.

Meu coração subitamente deu um salto, mas, antes que eu conseguisse gritar, Rhys subiu, ágil como o vento travesso entre os picos. Algumas batidas estrondosas das asas o fizeram desaparecer para dentro das nuvens de tempestade.

— Tchau para você também — resmunguei, fazendo um gesto vulgar, e comecei meu trabalho do dia, com apenas a tempestade rugindo além da proteção da casa como companhia.

Mesmo conforme a neve fustigava a magia que protegia o corredor, mesmo enquanto eu trabalhava nas frases — *Rhysand é interessante; Rhysand é lindo; Rhysand é perfeito* — e erguia e abaixava meu escudo mental até a mente mancar, pensava no que tinha ouvido, no que tinham dito.

Imaginei o que Ianthe saberia sobre os assassinatos, se conhecia alguma das vítimas. Sabia o que era Cesere. Se os templos eram alvos, Ianthe devia saber. Tamlin devia saber.

Naquela última noite, mal consegui dormir; em parte por alívio, em parte por terror de que talvez Rhysand tivesse realmente alguma cruel surpresa final guardada. Mas a noite e a tempestade passaram, e, quando o alvorecer chegou, eu estava vestida antes de o sol terminar de nascer.

Tinha passado a comer em meus aposentos, mas subi as escadas correndo, dirigindo-me até aquela imensa área aberta, até a mesa na varanda mais afastada.

Jogado na cadeira de sempre, Rhys vestia as mesmas roupas do dia anterior, o colarinho do casaco preto estava desabotoado, e a camisa, tão amassada quanto o cabelo. Nenhuma asa, ainda bem. Imaginei se teria acabado de voltar de onde quer que tivesse encontrado Mor e os demais. O que teria descoberto.

— Faz uma semana — falei, como cumprimento. — Me leve para casa.

Rhys tomou um longo gole do que quer que estivesse em sua xícara. Não parecia chá.

— Bom dia, Feyre.

— Me leve para casa.

Ele observou minhas roupas em tons de azul e dourado, uma variação dos modelitos do dia a dia. Se precisasse admitir, gostava deles.

— Essa cor combina com você.

— Quer que eu peça por favor? É isso?

— Quero que fale comigo como uma pessoa. Comece com "bom dia", e veremos aonde isso nos leva.

— Bom dia.

Um leve sorriso. Canalha.

— Está pronta para enfrentar as consequências de sua partida?

Enrijeci o corpo. Não tinha pensado no casamento. Durante toda a semana, sim, mas naquele dia... naquele dia eu só pensava em Tamlin, em querer ver Tamlin, abraçá-lo, perguntar sobre tudo que Rhys afirmara. Durante os últimos dias, não tinha mostrado qualquer sinal do poder que Rhys acreditava que eu tinha, não *sentira* nada se agitando sob minha pele — e graças ao Caldeirão.

— Não é de sua conta.

— Certo. Provavelmente vai ignorá-las mesmo. Varrer para debaixo do tapete, como todo o resto.

— Ninguém pediu sua opinião, Rhysand.

— Rhysand? — Ele riu, grave e suavemente. — Dou a você uma semana de luxo, e você me chama de Rhysand?

— Não pedi para estar aqui, ou para ganhar essa semana.

— E olhe só para você. Seu rosto ganhou uma cor... e aquelas marcas sob os olhos quase sumiram. Seu escudo mental está espetacular, aliás.

— Por favor, me leve para casa.

Rhys deu de ombros e ficou de pé.

— Direi a Mor que você se despediu.

— Eu mal a vi a semana toda. — Apenas naquele primeiro encontro e, depois, durante a conversa ontem. Quando não trocamos duas palavras.

— Ela estava esperando um convite... não a queria incomodar. Queria que ela estendesse a mim tal cortesia.

— Ninguém me falou. — Eu não me importava muito. Sem dúvida Mor tinha coisas melhores a fazer mesmo.

— Você não perguntou. E por que se incomodar? Melhor ficar deprimida e sozinha. — Rhys se aproximou, e cada passo era suave, gracioso. O cabelo estava definitivamente embaraçado, como se tivesse passado as mãos por ele. Ou apenas voado durante horas para qualquer que fosse o local secreto. — Pensou em minha oferta?

— Avisarei no mês que vem.

Rhys parou a um palmo de distância, o rosto dourado estava tenso.

— Eu disse uma vez e direi de novo — falou ele. — Não sou seu inimigo.

— E eu já falei uma vez e direi de novo: você é inimigo de *Tamlin*. Então, acho que isso o torna meu inimigo.

— Torna?

— Me liberte do acordo, e vamos descobrir.

— Não posso fazer isso.

— Não pode ou não quer?

Rhysand apenas estendeu a mão.

— Vamos?

Quase pulei para lhe tomar a mão. Os dedos de Rhys estavam frios, firmes; calejados devido a armas que eu jamais vira com ele.

A escuridão nos engoliu, e foi instintivo segurar Rhys quando o mundo sumiu sob meus pés. Aquilo era uma travessia mesmo. O vento soprou contra mim, e o braço de Rhys era um peso quente e denso em minhas costas conforme tropeçávamos pelos mundos, Rhys rindo de meu terror.

E então, terra firme — piso em lajotas — estava sob mim, e sol ofuscante acima, e verde, e pequenos pássaros cantando...

Empurrei Rhys para me afastar, piscando diante da claridade, do imenso carvalho curvado sobre nós. Um carvalho na beira dos jardins formais... de minha *casa*.

Fiz menção de disparar para a mansão, mas Rhys segurou meu pulso. Os olhos se moveram de mim para a mansão.

— Boa sorte — cantarolou Rhys.

— Tire a mão de mim.

Ele riu, me soltando.

— Vejo você no mês que vem — falou Rhysand, e, antes que eu conseguisse cuspir nele, Rhys sumiu.

Encontrei Tamlin no escritório; Lucien e duas outras sentinelas estavam de pé em volta da escrivaninha coberta por um mapa.

Lucien foi o primeiro a se virar para onde eu estava parada à porta, calando-se no meio da frase. Mas então a cabeça de Tamlin se ergueu, e ele disparou pela sala, tão rápido que mal tive tempo de inspirar antes que me esmagasse contra si.

Murmurei o nome de Tamlin, e minha garganta queimou, então...

Então ele me segurou com os braços esticados, me observando da cabeça aos pés.

— Você está bem? Está ferida?

— Estou bem — assegurei, percebendo imediatamente quando Tamlin reparou nas roupas da Corte Noturna que eu vestia, no trecho de pele exposta no meu tronco. — Ninguém me tocou.

Mas Tamlin continuou avaliando meu rosto, meu pescoço. Depois, ele me virou, examinando minhas costas, como se pudesse discernir pelas roupas. Eu me desvencilhei.

— Eu disse que ninguém me tocou.

Tamlin respirava com dificuldade, o olhar selvagem.

— Você está bem — disse ele. E repetiu. E repetiu.

Meu coração se partiu, e estendi a mão para segurar sua bochecha.

— Tamlin — murmurei. Lucien e as demais sentinelas, sabiamente, saíram. Meu amigo me encarou ao sair, me dando um sorriso de alívio.

— Ele pode ferir você de outras formas — ponderou Tamlin, a voz rouca, fechando os olhos ao sentir meu toque.

— Eu sei... mas estou bem. Estou mesmo — respondi o mais carinhosamente que pude. Então, reparei nas paredes do escritório, nas marcas de garras que formavam sulcos até embaixo. Por todas elas. E a mesa que estavam usando... era nova. — Você destruiu o escritório.

— Destruí metade da casa — disse Tamlin, inclinando-se para a frente, a fim de tocar minha testa com a dele. — Ele a levou embora, roubou você...

— E me deixou em paz.

Tamlin se afastou, grunhindo.

— Provavelmente para fazer com que baixasse sua guarda. Não tem ideia dos jogos que ele faz, do que é capaz...

— Eu sei — respondi, mesmo que a resposta tivesse gosto de cinzas em minha língua. — E da próxima vez, terei cuidado...

— Não haverá uma próxima vez.

Pisquei.

— Encontrou uma saída? — Ou talvez Ianthe tivesse encontrado.

— Não vou deixar que vá.

— Ele disse que haveria consequências caso o acordo mágico seja rompido.

— Ao inferno com as consequências. — Mas ouvi a ameaça vazia que representava... e quanto aquilo o destruía. Era também quem Tamlin era, o que ele era: protetor, defensor. Eu não podia pedir que parasse de ser assim, que parasse de se preocupar comigo.

Fiquei nas pontas dos pés e o beijei. Havia tanto que eu queria perguntar a Tamlin, mas... depois.

— Vamos subir — falei, na direção dos lábios dele, e Tamlin passou os braços em volta de mim.

— Senti sua falta — disse ele, entre beijos. — Perdi a cabeça.

Era tudo o que eu precisava ouvir. Até...

— Preciso fazer umas perguntas.

Soltei um leve ruído de afirmação, mas inclinei mais a cabeça.

— Depois.

O corpo de Tamlin era tão quente, tão firme contra o meu, o cheiro dele era tão familiar...

Tamlin segurou minha cintura, pressionando a testa contra a minha.

— Não... agora — insistiu Tamlin, mas gemeu baixinho quando passei a língua por seus dentes. — Enquanto ainda está tudo fresco em sua mente.

Congelei com uma das mãos entrelaçadas em seus cabelos; a outra segurava a parte de trás de sua túnica.

— O quê?

Tamlin recuou, sacudindo a cabeça como que para afastar o desejo que confundia seus sentidos. Não tínhamos ficado tanto tempo longe desde Amarantha, e ele queria me interrogar para obter informações sobre a Corte Noturna?

— Tamlin.

Mas ele ergueu uma das mãos, e seus olhos encararam os meus quando ele chamou Lucien.

Nos momentos que o emissário demorou para surgir, alisei minhas roupas — a blusa tinha subido pelo tronco — e penteei os cabelos com os dedos. Tamlin apenas caminhou até a mesa e se sentou, indicando para que eu me sentasse diante dele.

— Desculpe — pediu Tamlin baixinho, enquanto os passos distraídos de Lucien se aproximaram de novo. — É para nosso próprio bem. Nossa segurança.

Observei as paredes destruídas, a mobília arranhada e lascada. Que pesadelo ele sofrera, acordado e dormindo, enquanto eu estava fora? Como teria sido me imaginar nas mãos do inimigo, depois de ver o que Amarantha fizera comigo?

— Eu sei — murmurei, por fim. — Eu sei, Tamlin. — Ou estava tentando saber.

Tinha acabado de me sentar na cadeira de encosto baixo quando Lucien entrou e fechou a porta atrás de si.

— Que bom vê-la inteira, Feyre — disse Lucien, tomando o assento ao meu lado. — Mas poderia viver sem o modelito da Corte Noturna.

Tamlin deu um grunhido baixo em concordância. Não falei nada. Mas entendia — de verdade — por que aquilo era uma afronta a eles.

Tamlin e Lucien trocaram olhares, falando sem emitir uma palavra, daquela forma que apenas pessoas que são amigas havia séculos podiam fazer. Lucien deu um leve aceno de cabeça e se recostou na cadeira; para ouvir e observar.

— Precisamos que nos conte tudo — explicou Tamlin. — A disposição da Corte Noturna, quem você viu, que armas e poderes eles têm, o que Rhys fez, com quem ele falou, todo e qualquer detalhe de que possa se lembrar.

— Não percebi que eu era uma espiã.

Lucien se moveu na cadeira, mas Tamlin falou:

— Por mais que eu odeie seu acordo, recebeu acesso à Corte Noturna. Forasteiros raramente conseguem entrar e, se entram, raramente saem inteiros. E se conseguem se mover, as memórias costumam estar... confusas. O que quer que Rhysand esteja escondendo, não quer que saibamos.

Um calafrio percorreu minha espinha.

— Por que quer saber? O que vai fazer?

— Conhecer os planos de meu inimigo, seu estilo de vida, é vital. Quanto ao que faremos... Isso não interessa. — Os olhos verdes de Tamlin se fixaram em mim. — Comece com a disposição da corte. É verdade que fica sob uma montanha?

— Isso parece muito com um interrogatório.

Lucien inspirou, mas permaneceu em silêncio.

Tamlin abriu as mãos sobre a mesa.

— Precisamos saber essas coisas, Feyre. Ou... ou não consegue se lembrar? — Garras brilharam nos nós dos dedos.

— Consigo lembrar de tudo — assegurei. — Ele não danificou minha mente. — E, antes que Tamlin pudesse me interrogar mais, comecei a falar sobre tudo que tinha visto.

Porque confio em você, dissera Rhysand. E talvez... talvez ele tivesse confundido minha mente, mesmo com as lições de escudos mentais, porque descrever a disposição de sua casa, da corte de Rhysand, as montanhas ao redor, era como me banhar em óleo e lama. Ele *era* meu inimigo, me fazia cumprir um acordo que eu firmara por puro desespero...

Continuei falando, descrevendo aquela sala na torre. Tamlin me interrogou sobre as figuras nos mapas, me fazendo relatar cada palavra que Rhysand tinha proferido, até que mencionei o que me preocupara mais na última semana: os poderes que Rhys acreditava que eu agora possuía... e os planos de Hybern. Contei a Tamlin sobre a conversa com Mor — sobre aquele templo que foi saqueado (Cesere, explicou Tamlin, era um posto norte da Corte Noturna, e uma das poucas cidades conhecidas), e sobre Rhysand mencionar duas pessoas chamadas Cassian e Azriel. Os rostos dos dois ficaram tensos diante disso, mas não mencionaram se os conheciam, ou se tinham ouvido falar deles. Então, contei a Tamlin sobre o que quer que eram os illyrianos... e como Rhys caçara e matara os traidores entre eles. Quando terminei, Tamlin ficou em silêncio, e Lucien praticamente fervilhava com quaisquer que fossem as palavras reprimidas que estava doido para dizer.

— Você acha que posso ter essas habilidades? — perguntei, obrigando-me a encarar Tamlin.

— É possível — respondeu Tamlin, igualmente baixo. — E se for verdade...

Lucien disse, por fim:

— É um poder pelo qual outros Grão-Senhores podem matar. — Foi difícil não me mover enquanto seu olho de metal se agitava, como se detectasse qualquer que fosse o poder que percorria meu sangue. — Meu pai, por exemplo, não ficaria feliz em saber que uma gota do poder dele está faltando, ou que a noiva de Tamlin agora o tem. Faria qualquer coisa para se certificar de que você *não* o possuísse... inclusive matá-la. Há outros Grão-Senhores que concordariam.

Aquela *coisa* sob minha pele começou a se acumular.

— Eu jamais o usaria contra ninguém...

— A questão não é usar contra eles; é ter uma vantagem quando não deveria — argumentou Tamlin. — E, assim que se espalhar a notícia, você terá um alvo nas costas.

— Sabia disso? — indaguei. Lucien não me encarava. — Suspeitava?

— Eu esperava que não fosse verdade — disse Tamlin, com cautela. — E agora que Rhys suspeita, não há como saber o que ele fará com a informação...

— Ele quer que eu treine. — Não era burra o suficiente para mencionar o treinamento com o escudo mental... não no momento.

— Treinar atrairia atenção demais — ponderou Tamlin. — Não *precisa* treinar. Posso protegê-la do que quer que a ameace.

Pois houve uma época em que ele não pôde. Quando estava vulnerável, e quando me observara ser torturada até a morte. E não pôde fazer nada para impedir Amarantha de...

Eu não permitiria outra Amarantha. Não permitiria que o rei de Hybern trouxesse as bestas e os seguidores até ali para ferir mais pessoas. Para ferir a mim e aos meus. E que derrubasse aquela muralha para ferir inúmeros outros do outro lado.

— Eu poderia usar meus poderes contra Hybern.

— Isso está fora de cogitação — decretou Tamlin. — Principalmente porque não haverá guerra contra Hybern.

— Rhys diz que a guerra é inevitável e que seremos atingidos com força.

Lucien disse rispidamente:

— E Rhys sabe tudo?

— Não, mas... estava preocupado. Acha que pode fazer a diferença em um conflito iminente.

Tamlin flexionou os dedos, mantendo aquelas garras retraídas.

— Você não tem treinamento de batalha ou armas. E, mesmo que eu começasse a treiná-la hoje, levaria anos até que conseguisse se defender em um campo de batalha imortal. — Tamlin tomou fôlego, contido. — Então, apesar do que ele acha que possa ser capaz de fazer, Feyre, não vou deixar que chegue nem *perto* de um campo de batalha. Principalmente se isso significa revelar a nossos inimigos quaisquer que sejam os poderes que você possui. Estaria enfrentando Hybern pela frente e teria inimigos com rostos familiares às costas.

— Não me importo...

— *Eu* me importo — grunhiu Tamlin. Lucien exalou. — *Eu* me importo se você morrer, se você se ferir, se estiver em perigo a todo momento pelo resto de nossas vidas. Portanto, não haverá treinamento, e vamos manter isso entre nós.

— Mas Hybern...

Lucien interveio, calmamente:

— Já tenho minhas fontes investigando.

Lancei a ele um olhar de súplica.

Lucien suspirou de leve e falou para Tamlin:

— Se talvez a treinássemos secretamente...

— Há riscos demais, variáveis demais — replicou Tamlin. — E não haverá conflito com Hybern, nada de guerra.

Disparei:

— Isso é um desejo seu.

Lucien murmurou algo que soou como uma súplica ao Caldeirão.

Tamlin enrijeceu o corpo.

— Descreva essa sala de mapas para mim de novo. — Foi a única resposta dele.

Fim da discussão. Sem espaço para debate.

Nós nos encaramos por um momento, e meu estômago se revirou mais.

Tamlin era o Grão-Senhor; *meu* Grão-Senhor. Era o escudo e o defensor de seu povo. De mim. E se me manter segura significava que seu povo podia continuar a ter esperanças, a construir uma nova vida, que Tamlin poderia fazer o mesmo... Eu podia me curvar a ele naquela questão.

Eu podia fazer isso.

Você não é súdita de ninguém.

Talvez Rhysand *tivesse* alterado minha mente, com ou sem escudos.

Somente essa ideia bastou para que eu começasse a dar detalhes a Tamlin novamente.

Capítulo 8

Uma semana depois, o Tributo chegou.

Eu pude passar apenas um dia com Tamlin — um dia perambulando pela propriedade, fazendo amor no gramado alto de um campo ensolarado, seguido de um jantar calmo e particular — antes que ele fosse chamado para a fronteira. Tamlin não me contou por que ou para onde. Apenas que eu deveria permanecer na propriedade, e que teria sentinelas me vigiando o tempo todo.

Então, passei a semana sozinha, acordando no meio da noite para vomitar as tripas, para chorar em meio aos pesadelos. Ianthe, se soubera do massacre das irmãs no norte, não dissera nada a respeito nas poucas vezes em que a vi. E, considerando o quão pouco *eu* gostava de ser forçada a conversar sobre todas as coisas que me incomodavam, escolhi não mencionar nada durante as horas que ela passava visitando, ajudando a escolher minhas roupas, meu cabelo, minhas joias para o Tributo.

Quando pedi que Ianthe explicasse o que eu poderia esperar do Tributo, ela apenas disse que Tamlin cuidaria de tudo. Eu deveria observar ao lado dele, prestar atenção.

Bem fácil... e talvez um alívio que não esperassem que eu falasse ou agisse.

Mas eu tinha feito muito esforço para não olhar para o olho tatuado em minha palma... e lembrar o que Rhys me dissera, grunhindo.

Tamlin havia voltado na noite anterior apenas para supervisionar o Tributo do dia. Tentei não levar aquilo para o lado pessoal, não quando ele tinha tanto sobre os ombros. Mesmo que Tamlin não me contasse muito sobre o Tributo além do que Ianthe tinha mencionado.

Sentada ao lado de Tamlin sobre um altar no salão principal de mármore e ouro da mansão, suportei as fileiras intermináveis de olhares, lágrimas, gratidão e bênçãos pelo que eu fizera.

Com a habitual túnica azul-claro com capuz, Ianthe estava posicionada perto das portas, oferecendo bênçãos àqueles que partiam, palavras de conforto aos que perdiam completamente a compostura em minha presença, promessas de que o mundo estava melhor agora, de que o bem prevalecera sobre o mal.

Depois de vinte minutos, eu parecia quase me agitar de inquietude. Depois de quatro horas, parei de ouvir completamente.

Eles continuavam a vir, os emissários, representando cada cidade e povo na Corte Primaveril, trazendo pagamentos na forma de ouro ou joias ou galinhas ou colheitas ou roupas. Não importava o que fosse, contanto que equivalesse ao que deviam. Lucien ficou ao pé do altar, contabilizando cada quantia, armado até os dentes como as dez outras sentinelas posicionadas pelo salão. Aquela era a sala de recepção, como a chamara Lucien, embora se parecesse muito com um salão de trono para mim. Imaginei se ele chamava assim porque as outras palavras...

Eu tinha passado muito tempo em outro salão do trono. Assim como Tamlin.

E não o passara sentada em um altar, como Tamlin, mas ajoelhada diante dele. Aproximava-me daquele altar como a feérica esguia, de pele cinzenta, que avançava

acanhada da frente da fila interminável cheia de Grão-Feéricos inferiores.

Ela não usava roupas. Os longos cabelos escuros pendiam esmaecidos sobre os seios empinados e firmes — e os imensos olhos eram completamente negros. Como um lago parado. E, conforme se movia, a luz da tarde reluzia na sua pele iridescente.

O rosto de Lucien se contraiu em reprovação, mas ele não fez comentários quando a feérica inferior abaixou o rosto delicado e de feições pontiagudas e cobriu, com os magros dedos palmados, os seios.

— Em nome dos espectros da água, eu o cumprimento, Grão-Senhor — disse a feérica, com a voz estranha, sibilante, os lábios carnudos e sensuais revelando dentes afiados e irregulares como os de um lúcio. Os ângulos agudos das feições do rosto destacavam aqueles olhos pretos como carvão.

Eu vira o tipo dela antes. No lago, logo além do limite da mansão. Havia cinco delas morando entre os juncos e as ninfeias. Eu mal conseguira ver mais que as cabeças reluzentes despontando pela superfície vítrea; jamais soubera o quanto eram assustadoras de perto. Graças ao Caldeirão que jamais nadei naquele lago. Tinha a sensação de que a feérica me seguraria com aqueles dedos palmados — aquelas unhas pontudas se enterrariam fundo — e me puxaria para baixo da superfície antes que eu conseguisse gritar.

— Bem-vinda — cumprimentou Tamlin. Depois de cinco horas, ele parecia tão disposto quanto naquela manhã.

Imaginei que, com o retorno dos poderes, poucas coisas cansassem Tamlin agora.

O espectro da água se aproximou, o pé palmado e cheio de garras era salpicado de cinza. Lucien deu um passo casual entre nós.

Por isso ele estava posicionado do meu lado do altar.

Trinquei os dentes. Quem eles acreditavam que nos atacaria em nosso lar, ou em nossa terra, se não estavam convencidos de que Hybern poderia organizar uma ofensiva? Até mesmo Ianthe parara com os murmúrios baixos no fundo do salão para monitorar o encontro.

Aparentemente, aquela conversa não era como as demais.

— Por favor, Grão-Senhor — implorou a feérica, com uma reverência tão baixa que os cabelos pretos como nanquim roçaram o mármore. — Não há mais peixes no lago.

O rosto de Tamlin era como granito.

— Independentemente, espera-se que você pague. — A coroa sobre a cabeça de Tamlin reluziu à luz da tarde. Feita com esmeraldas, safiras e ametista, o ouro fora moldado em uma grinalda das primeiras flores da primavera. Era uma de cinco coroas pertencentes à linhagem de Tamlin.

A feérica expôs as palmas das mãos, mas Tamlin a interrompeu.

— Não há exceções. Tem três dias para apresentar o que é devido, ou oferecer o dobro no Tributo seguinte.

Foi difícil evitar olhar com espanto para o rosto imóvel e para as palavras sem misericórdia. No fundo, Ianthe deu um aceno de confirmação para ninguém em particular.

O espectro da água não tinha nada para comer... como Tamlin podia esperar que ela desse comida a *ele*?

— Por favor — sussurrou a feérica entre os dentes afiados, a pele prateada e sarapintada reluzindo quando ela começou a tremer. — Não restou nada no lago.

O rosto de Tamlin não se alterou.

— Você tem três dias...

— Mas não temos ouro!

— *Não* me interrompa — disse Tamlin. Virei o rosto, incapaz de suportar aquela expressão impiedosa.

A feérica abaixou ainda mais a cabeça.

— Perdão, meu senhor.

— Tem três dias para pagar, ou traga o dobro no mês seguinte — repetiu Tamlin. — Se falhar em fazer isso, conhece as consequências. — Tamlin gesticulou com a mão para dispensá-la. Fim da conversa.

Depois de um último olhar desesperançado para Tamlin, o espectro da água saiu do salão. Enquanto o feérico seguinte — um gamo com pernas de bode que carregava o que parecia ser um cesto de cogumelos — pacientemente esperava para ser convidado a se aproximar do altar, eu me virei para Tamlin.

— Não precisamos de um cesto de peixes — murmurei. — Por que fazê-la sofrer assim?

Tamlin voltou os olhos na direção de Ianthe, que tinha se afastado para permitir que a criatura passasse; Ianthe manteve uma das mãos nas joias do cinto. Como se a feérica pudesse arrancá-las para usar como pagamento. Tamlin franziu a testa.

— Não posso fazer exceções. Se fizer, todos exigirão o mesmo tratamento.

Segurei com força os braços da cadeira, um pequeno assento de carvalho ao lado do imenso trono de rosas entalhadas de Tamlin.

— Mas não *precisamos* dessas coisas. Por que precisamos de um velocino de ouro, ou de um pote de geleia? Se ela não tem mais peixes, três dias não farão diferença. Por que fazer com que passe fome? Por que não a ajudar a encher novamente o lago? — Eu tinha passado muitos anos com o estômago vazio para ignorar aquilo, para não querer gritar diante daquela injustiça.

Os olhos esmeralda de Tamlin se suavizaram quando ele leu cada pensamento em meu rosto, mas disse:

— Porque é assim que as coisas são. Era assim que meu pai fazia, e o pai dele, e o modo como meu filho o fará. — Tamlin ofereceu um sorriso e estendeu a mão para a minha. — Algum dia.

Algum dia. Se conseguíssemos nos casar. Se eu me tornasse um fardo menor e nós dois escapássemos das sombras que nos perseguiam. Não tínhamos sequer tocado no assunto. Ianthe, ainda bem, também não dissera nada.

— Ainda podemos ajudá-la, encontrar alguma forma de manter aquele lago abastecido.

— Já temos muito com que lidar. Distribuir esmolas não vai ajudar no longo prazo.

Abri a boca, mas depois a fechei. Não era hora de debater.

Então, me desvencilhei da mão de Tamlin quando ele gesticulou para que o gamo com pernas de bode se aproximasse por fim.

— Preciso de ar — falei, e levantei da cadeira. Não dei a Tamlin a chance de protestar antes de sair do altar batendo os pés. Tentei não reparar nas três sentinelas que Tamlin mandou atrás de mim, ou na fileira de emissários que olhou boquiaberta e sussurrou conforme atravessei o salão.

Ianthe tentou me alcançar quando parti em disparada, mas eu a ignorei.

Passei pelas portas e caminhei o mais rápido que ousei para depois da fila reunida que serpenteava pelos degraus até a passagem principal de carvalho. Além do emaranhado de vários corpos, de Grão-Feéricos e de feéricos inferiores, vi a silhueta do espectro retrocedendo, dando a volta por nossa casa... na direção do lago além da propriedade. Ela caminhava arrastando os pés, limpando os olhos.

— Com licença — chamei, alcançando-a, as sentinelas ao meu encalço mantiveram uma distância respeitosa.

O espectro da água parou no limite da casa, virando-se com uma leveza sobrenatural. Evitei a ânsia de recuar um passo quando aquelas feições extraterrenas me devoraram. Mantendo-se a apenas poucos passos de distância, os guardas monitoravam com as mãos nas armas.

O nariz da feérica quase não passava de duas fendas, e guelras delicadas se abriam sob suas orelhas.

O espectro da água inclinou levemente a cabeça. Não foi uma reverência completa, porque eu não era ninguém, mas o reconhecimento de que eu era o brinquedinho do Grão-Senhor.

— Sim? — sibilou ela, os dentes afiados reluziram.

— Quanto é seu Tributo?

Meu coração bateu mais rápido quando vi os dedos palmados e os dentes afiados como lâminas. Tamlin certa vez me dissera que os espectros da água comiam qualquer coisa. E se não restavam mais peixes...

— Quanto ouro ele quer... qual é o valor de seus peixes em ouro?

— Muito mais do que você tem nos bolsos.

— Então, tome — falei, abrindo o fecho de uma pulseira de ouro encrustada de rubis, uma que Ianthe me dissera que combinava melhor com minhas cores que a prateada que quase usei. Ofereci a ela. — Tome isto. — Antes que a feérica conseguisse pegá-la, arranquei o colar de ouro de meu pescoço e os diamantes em formato de gota de minhas orelhas. — E estas. — Estendi as mãos, que reluziam com ouro e joias. — Dê a ele o que deve; depois, compre comida — mandei, engolindo em seco quando os olhos dela se arregalaram. A aldeia próxima tinha um pequeno mercado toda semana, uma reunião incipiente de barracas por enquanto, que eu esperava ajudar a prosperar. De alguma forma.

— E que pagamento você requer?

— Nada. É... não é um acordo. Apenas tome. — Estendi mais as mãos. — Por favor.

O espectro da água franziu a testa ao ver as joias que pendiam de minhas mãos.

— Não deseja nada em troca?

— Nada. — Os feéricos na fila agora encaravam sem disfarçar. — Por favor, apenas leve.

Com um último olhar atento, os dedos frios e úmidos roçaram os meus, pegando as joias. Elas brilhavam como água nas mãos palmadas da feérica.

— Obrigada — disse ela, e fez uma reverência profunda dessa vez. — Não vou esquecer tal gentileza. — A voz do espectro da água sibilava sobre as palavras, e estremeci de novo quando os olhos negros ameaçaram me engolir inteira. — Assim como nenhuma de minhas irmãs.

Ela caminhou de volta para a mansão, e os rostos de minhas três sentinelas pareciam contraídos em reprovação.

Eu estava sentada à mesa de jantar com Lucien e Tamlin. Nenhum deles falou, mas o olhar de Lucien ficava passando de mim para Tamlin, e, depois, para o próprio prato.

Depois de dez minutos de silêncio, soltei o garfo e falei para Tamlin:

— O que foi?

Tamlin não hesitou.

— Você sabe o que foi.

Não respondi.

— Você deu àquele espectro da água suas joias. Joias que *eu* dei a você.

— Temos toda uma porcaria de casa cheia de ouro e joias.

Lucien respirou fundo, como se dissesse: "Lá vamos nós."

— Por que não deveria dar a ela? — indaguei. — Essas coisas não significam nada para mim. Jamais usei a mesma joia duas vezes! Quem se importa com isso?

Os lábios de Tamlin se contraíram.

— Porque você *menospreza* as leis desta corte quando se comporta dessa forma. Porque é assim que as coisas são *feitas* aqui, e quando entrega àquela feérica glutona o dinheiro de que precisa, faz com que eu, faz com que a corte inteira pareça *fraca*.

— Não fale comigo assim — avisei, exibindo os dentes. Tamlin bateu com a mão na mesa, as garras despontaram pela pele, mas eu me inclinei para a frente, apoiando as mãos na madeira. — Você ainda não faz ideia de como era para mim estar à beira da inanição durante meses. E pode chamá-la de glutona o quanto quiser, mas também tenho irmãs e lembro como era voltar para casa sem comida. — Acalmei meu peito ofegante, e aquela força sob minha pele se agitou, ondulando pelos ossos. — Talvez ela gaste todo o dinheiro em coisas idiotas, talvez ela e as irmãs não tenham autocontrole. Mas não vou arriscar e deixar que passem fome por causa de uma regra *ridícula* que seus ancestrais inventaram.

Lucien pigarreou.

— Ela não fez por mal, Tam.

— Eu sei que não fez por mal — disparou Tamlin.

Lucien continuou encarando o amigo.

— Coisas piores já aconteceram, coisas piores *podem* acontecer. Apenas relaxe.

Os olhos esmeralda de Tamlin estavam selvagens quando ele grunhiu para Lucien.

— Pedi sua opinião?

Aquelas palavras, o *olhar* que Tamlin lançou a Lucien e a forma como Lucien abaixou a cabeça — meu temperamento era um rio incandescente nas veias. *Olhe para cima*, implorei silenciosamente a Lucien. *Resista. Ele está errado, e nós estamos certos.* O maxilar de Lucien se contraiu. Aquela força ressoou em mim de novo, vazando, disparando para Lucien. Não *recue...*

Então, eu desapareci.

Ainda ali, ainda vendo com meus olhos, mas também meio que olhando por outro ângulo na sala, a partir do lugar de alguém com vista privilegiada...

Pensamentos se chocaram contra mim, imagens e memórias, um padrão de pensamento e sentimento que era antigo e inteligente e triste, tão infinitamente triste e tomado pela culpa, sem esperanças...

Então, eu estava de volta, piscando, sem que mais de um segundo tivesse se passado enquanto eu olhava para Lucien boquiaberta.

Sua cabeça. Eu estivera *dentro* de sua cabeça, deslizara pelas paredes mentais de Lucien...

Fiquei de pé, e joguei o guardanapo na mesa com mãos que estavam perturbadoramente firmes.

Eu sabia de quem *aquele* dom viera. Meu jantar subiu pela garganta, mas forcei ele para baixo.

— Não acabamos essa refeição — grunhiu Tamlin.

— Ah, deixe de ser tão egocêntrico! — disparei, e depois saí.

Podia jurar que tinha visto duas impressões queimadas de mãos na madeira despontando de baixo de meu guardanapo. Rezei para que nenhum dos dois tivesse

reparado.

E para que Lucien permanecesse ignorante à violação que eu acabara de cometer.

Capítulo 9

Caminhei de um lado para outro no quarto por um bom tempo. Talvez eu tivesse me confundido ao ver aquelas queimaduras; talvez já estivessem lá. Talvez eu não tivesse, de alguma forma, conjurado calor e marcado a madeira. Talvez não tivesse deslizado para a mente de Lucien, como se estivesse passando de um cômodo para outro.

Como sempre fazia, Alis foi me ajudar a trocar de roupa para dormir. Enquanto eu estava sentada diante da penteadeira, deixando que ela penteasse meu cabelo, encolhi o corpo ao ver meu reflexo. O roxo sob os olhos parecia permanente agora... a palidez de meu rosto. Até meus lábios estavam um pouco lívidos, e suspirei quando fechei os olhos.

— Você deu suas joias a um espectro da água — ponderou Alis, e encontrei o reflexo dela no espelho. A pele marrom de Alis parecia couro amassado, os olhos

escuros reluziram por um momento antes que se concentrasse em meu cabelo. — São um tipo ardiloso.

— Ela disse que estavam famintas, que não tinham comida — murmurei.

Alis cuidadosamente desfez um nó.

— Não havia um feérico naquela fila hoje que teria dado dinheiro a ela. Nenhum teria ousado. Muitos já foram para o túmulo de água por causa da fome delas. Apetite insaciável... é a maldição dos espectros. Suas joias não durarão uma semana.

Bati um pé no chão.

— Mas — continuou Alis, apoiando a escova para fazer uma trança única em meu cabelo. Os dedos longos e finos roçaram minha cabeça. — Ela jamais esquecerá. Enquanto viver, não importa o que você tenha dito, ela está em dívida com você. — Alis terminou a trança e me deu um tapinha no ombro. — Feéricos demais experimentaram a fome nesses últimos cinquenta anos. Não pense que essa história não vai se espalhar.

Eu tinha medo disso talvez mais que qualquer coisa.

Passava da meia-noite quando desisti de esperar; caminhei até o fim dos corredores escuros e silenciosos e o encontrei no escritório, sozinho, pelo menos uma vez.

Uma caixa de madeira envolta em um laço rosa espesso repousava na pequena mesa entre o conjunto de poltronas.

— Eu já estava subindo — disse Tamlin, e ergueu a cabeça para uma rápida observação de meu corpo, para se certificar de que estava tudo certo, tudo estava bem. — Você deveria estar dormindo.

Fechei a porta atrás de mim. Eu sabia que não conseguiria dormir; não com as palavras que Tamlin gritara ainda ecoando em meus ouvidos.

— Você também — falei, a voz tão tênue quanto o espaço entre nós. — Você trabalha demais. — Cruzei o cômodo para me apoiar na poltrona, olhando para o presente enquanto Tamlin me observava.

— Por que acha que eu tinha tão pouco interesse em ser Grão-Senhor? — disse ele, e ficou de pé para dar a volta na mesa. Tamlin beijou minha testa, a ponta de meu nariz, a boca. — Tanta papelada — resmungou ele contra meus lábios. Eu ri, mas Tamlin tocou com a boca a pele exposta entre meu pescoço e o ombro. — Desculpe — murmurou Tamlin, e senti arrepios na coluna. Ele beijou meu pescoço de novo. — Desculpe.

Passei a mão pelo braço dele.

— Tamlin — comecei a falar.

— Eu não deveria ter dito aquelas coisas — sussurrou Tamlin contra minha pele. — Para você ou para Lucien. Não quis dizer nenhuma delas.

— Eu sei — admiti, e o corpo de Tamlin relaxou contra o meu. — Desculpe por ter perdido a cabeça.

— Você tinha todo o direito — argumentou Tamlin, embora eu tecnicamente não tivesse. — Eu estava errado.

O que ele havia dito era verdade: se abrisse exceções, outros feéricos exigiriam o mesmo tratamento. E o que eu tinha feito *poderia* ser visto como menosprezo.

— Talvez eu estivesse...

— Não. Você estava certa. Não entendo como é passar fome... ou nada disso.

Eu recuei um pouco para inclinar a cabeça na direção do presente que esperava ali, mais que disposta a deixar que aquilo fosse o fim da discussão. Dei um sorriso leve, brincalhão.

— Para você?

Tamlin mordiscou minha orelha em resposta.

— Para você. De mim. — Um pedido de desculpas.

Sentindo-me mais leve do que me sentia havia dias, desfiz o laço e observei a caixa de madeira clara abaixo dele. Devia ter 60 centímetros de altura e 90 de

largura, com uma alça de ferro sólida presa ao topo; nenhum brasão ou letras indicavam o que podia estar dentro. Certamente não era um vestido, mas...

Por favor, que não seja uma coroa.

Embora, certamente, uma coroa ou um diadema estariam guardados em algo menos... rudimentar.

Abri o pequeno fecho de latão e ergui a tampa larga.

Era pior que uma coroa na verdade.

Embutidos na caixa havia compartimentos, bolsos e presilhas, todos cheios de pincéis e tintas e carvão e folhas de papel. Um kit de pintura de viagem.

Vermelho... a tinta vermelha dentro do frasco de vidro era tão forte, o azul era tão deslumbrante quanto os olhos daquela mulher feérica que matei...

— Achei que gostaria de carregar pela propriedade. Em vez de arrastar todas aquelas sacolas, como sempre faz.

Os pincéis estavam novos, reluzentes; os pelos, macios e limpos.

Olhar para aquela caixa, para o que estava dentro, foi como examinar um cadáver limpo por um corvo.

Tentei sorrir. Tentei desejar que alguma alegria percorresse meus olhos.

Tamlin falou:

— Você não gostou.

— Não — consegui responder. — Não, é maravilhoso. — E era. Era mesmo.

— Achei que se começasse a pintar de novo... — Esperei que Tamlin terminasse.

Ele não terminou.

Meu rosto corou.

— E você? — perguntei, baixinho. — A papelada vai ajudar com alguma coisa?

Ousei encarar Tamlin. Seu temperamento se acendeu ali. Mas Tamlin disse: — Não estamos falando de mim. Estamos falando... de você.

Observei a caixa e o conteúdo novamente.

— Sequer permitirão que eu perambule por onde quiser para pintar? Ou haverá uma escolta também?

Silêncio.

Um não; e um sim, então.

Comecei a tremer, mas por mim, por *nós*, eu me obriguei a dizer: — Tamlin... Tamlin, não posso viver com guardas em volta de mim dia e noite. Não posso viver com esse sufocamento. Apenas me deixe ajudá-lo... me deixe trabalhar com você.

— Você já ofereceu o suficiente, Feyre.

— Eu sei. Mas... — Eu o encarei. Encarei Tamlin de volta, todo o poder do Grão-Senhor da Corte Primaveril. — É mais difícil me matar agora. Sou mais rápida, mais forte...

— Minha família era mais rápida e mais forte que você. E foram assassinados com muita facilidade.

— *Então, case com alguém que possa suportar isso.*

Ele piscou. Devagar. Depois, falou com a voz terrivelmente baixa: — Não quer se casar comigo, então?

Tentei não olhar para o anel em meu dedo, para aquela esmeralda.

— É claro que quero. É claro que quero. — Minha voz falhou. — Mas você... Tamlin... — As paredes pareceram se aproximar. O silêncio, os guardas, os olhares. O que eu vira no Tributo naquele dia. — Estou me afogando — consegui dizer. — Estou me *afogando*. E quanto mais faz isso, quanto mais guardas... Poderia muito bem estar enfiando minha cabeça na água.

Nada naqueles olhos, naquele rosto.

Mas então...

Gritei, o instinto tomou conta quando o poder de Tamlin irrompeu pelo cômodo.

As janelas se quebraram.

A mobília se partiu.

E aquela caixa de tintas e pincéis e papel...

Ela explodiu em poeira, vidro e madeira.

Capítulo 10

Em um segundo o escritório estava intacto.

No seguinte, consistia em cacos de nada, um casco do que era antes.

Nada daquilo me tocara no lugar onde me abaixei no chão, com as mãos sobre a cabeça.

Tamlin estava ofegante, a respiração irregular quase como soluços.

Eu estava tremendo; tremendo tanto que achei que meus ossos se partiriam como a mobília... mas me obriguei a abaixar os braços e olhar para Tamlin.

Havia devastação naquele rosto. E dor. E medo. E luto.

Ao meu redor, nenhum escombro tinha caído — como se Tamlin tivesse me protegido.

Ele deu um passo em minha direção, até aquela demarcação invisível.

Então, Tamlin recuou, como se tivesse atingido algo sólido.

— Feyre — disse ele, a voz rouca.

Tamlin avançou de novo, e o limite se manteve intacto.

— Feyre, por favor — sussurrou ele.

E percebi que o limite, aquela bolha de proteção...

Era minha.

Um escudo. Não apenas mental, mas físico também.

Eu não sabia de que Grão-Senhor tinha vindo, quem controlava o ar ou o vento ou qualquer dessas coisas. Talvez uma das Cortes Solares. Eu não me importava.

— Feyre — gemeu Tamlin, uma terceira vez, fazendo força contra o que realmente parecia uma parede invisível e curva de ar endurecido. — *Por favor. Por favor.*

Aquelas palavras partiram algo em mim. Me partiram.

Talvez tivessem partido o escudo de vento sólido também, pois a mão de Tamlin o atravessou.

Então, ele ultrapassou aquela linha entre o caos e a ordem, o perigo e a segurança.

Tamlin ficou de joelhos e segurou meu rosto nas mãos.

— Desculpe, desculpe.

Eu não conseguia parar de tremer.

— Vou tentar — sussurrou ele. — Vou tentar ser melhor. Eu não... Não consigo controlar às vezes. O ódio. Hoje foi apenas... hoje foi ruim. Com o Tributo, com tudo isso. Hoje... vamos esquecer, vamos superar isso. Por favor.

Não resisti quando Tamlin me abraçou, me aconchegando tão apertado que seu calor passou para mim. Tamlin enterrou o rosto em meu pescoço e falou, para minha nuca, como se meu corpo fosse absorver as palavras, como se só pudesse dizê-las daquela forma como sempre soubemos nos comunicar melhor: pele contra pele.

— Não consegui salvá-la antes. Não pude protegê-la deles. E quando disse aquilo sobre... sobre eu afogar você... Sou melhor do que eles foram?

Eu deveria ter dito que não era verdade, mas... Tinha falado com o coração. Ou com o que restara dele.

— Tentarei ser melhor — falou Tamlin de novo. — Por favor, me dê mais tempo. Deixe que eu... deixe que eu supere isso. Por favor.

Supere o quê?, era o que eu queria perguntar. Mas as palavras tinham me abandonado. Percebi que ainda não tinha falado.

Percebi que Tamlin esperava por uma resposta... e que eu não tinha uma.

Então, o abracei, porque corpo a corpo era a única forma com que eu conseguia falar também.

Aquilo bastou como resposta.

— Desculpe — disse Tamlin de novo. Ele não parou de murmurar isso durante vários minutos.

Você já ofereceu o suficiente, Feyre.

Talvez Tamlin estivesse certo. E talvez eu não tivesse mais nada a oferecer mesmo.

Olhei por cima do ombro de Tamlin enquanto o segurava.

A tinta vermelha tinha se espatifado na parede atrás de nós. Enquanto eu a observei escorrer pelo painel de madeira rachado, pensei que parecia sangue.

Tamlin não parou de pedir desculpas durante dias. Ele fez amor comigo de manhã à noite. Adorou meu corpo com as mãos, a língua, os dentes. Mas essa nunca fora a parte difícil. Nós apenas nos enrolamos com o resto.

Mas Tamlin cumpriu com a palavra.

Havia menos guardas conforme eu caminhava pela propriedade. Alguns restavam, mas nenhum seguia meus passos. Até fui cavalgar pelo bosque sem escolta.

Apesar de saber que os ajudantes do estábulo tinham relatado a Tamlin assim que saí — e voltei.

Tamlin jamais mencionou aquele escudo de vento sólido que usei contra ele. E as coisas estavam tão boas que não ousei mencioná-lo também.

Os dias se passaram como um borrão. Tamlin passava mais tempo fora que em casa e, sempre que voltava, não me contava nada. Eu tinha parado de incomodá-lo por respostas havia muito tempo. Um protetor... era o que Tamlin era e sempre seria. O que *eu* quisera quando era fria e severa e infeliz; o que *eu* precisara para derreter o gelo de amargos anos à beira da fome.

Não tinha coragem de me perguntar o que eu queria ou do que precisava agora. Quem eu me tornara.

Então, com o ócio como única opção, passava os dias na biblioteca. Praticando leitura e escrita. Aumentando aquele escudo mental, tijolo após tijolo, camada após camada. Às vezes tentava conjurar aquela parede física de ar sólido também. Aproveitava o silêncio, mesmo conforme ele penetrava minhas veias, minha mente.

Alguns dias, não falava com ninguém. Nem mesmo Alis.

Acordava todas as noites trêmula e ofegante. E ficava feliz quando Tamlin não estava lá para testemunhar isso. Quando eu também não testemunhava ele ser arrancado dos sonhos, suor frio cobrindo-lhe o corpo. Ou se transformando na besta e ficando acordado até o alvorecer, monitorando a propriedade em busca de ameaças. O que eu poderia dizer para acalmar aqueles medos, quando eu era a fonte de tantos?

Mas Tamlin voltou para uma estadia prolongada cerca de duas semanas depois do Tributo — e decidi tentar conversar, interagir. Eu devia a Tamlin tentar. Devia a mim mesma.

Ele pareceu ter a mesma ideia. E pela primeira vez em um tempo... as coisas pareceram normais. Ou o mais normal que podiam ser.

Acordei certa manhã ao som de vozes graves no corredor do lado de fora de meu quarto. Fechando os olhos, me aninhei no travesseiro e puxei mais as cobertas. Apesar de nossas aventuras matinais nos lençóis, eu levantava mais tarde a cada dia; às vezes nem me dava o trabalho de sair da cama até a hora do almoço.

Um grunhido soou através das paredes, e abri os olhos de novo.

— Saia — avisou Tamlin.

Houve uma resposta baixa... baixa demais para que eu discernisse algo além de balbucios simples.

— Vou dizer uma última vez...

Ele foi interrompido por aquela voz, e os pelos de meus braços se arrepiaram. Observei a tatuagem no antebraço como se fizesse uma conta. Não... não, aquele dia não podia ter chegado tão rápido.

Depois de empurrar as cobertas, corri até a porta, percebendo a meio caminho que estava nua. Graças a Tamlin, minhas roupas tinham sido rasgadas e atiradas do outro lado do quarto, e não havia roupão à vista. Peguei um cobertor na cadeira mais próxima e envolvi o corpo antes de entreabrir a porta.

Certamente, Tamlin e Rhys estavam no corredor. Ao ouvir a porta se abrir, Rhys se virou na minha direção. O sorriso que estampava no rosto hesitou.

— Feyre. — Os olhos de Rhys se detiveram, absorvendo cada detalhe. — Está ficando sem comida aqui?

— O quê? — indagou Tamlin.

Aqueles olhos violeta tinham ficado frios. Rhys estendeu a mão para mim.

— Vamos.

Tamlin avançou no rosto de Rhysand em um instante, e encolhi o corpo.

— *Saia*. — Ele apontou para a escada. — Ela irá até você quando estiver pronta.

Rhysand apenas limpou um grão invisível de poeira da manga de Tamlin. Parte de mim admirou a pura coragem que aquele gesto devia ter requerido. Se os dentes de Tamlin estivessem a centímetros de minha garganta, eu teria gritado de pânico.

Rhys me olhou.

— Não teria não. Se sua memória não me falha, da última vez que os dentes de Tamlin estavam perto de sua garganta, você deu um tapa da cara dele.

Ergui os escudos esquecidos, fazendo uma careta.

— *Cale a boca* — disse Tamlin, dando mais um passo entre nós. — *E saia.*

O Grão-Senhor cedeu e deu um passo na direção das escadas; depois, colocou as mãos nos bolsos.

— Deveria mesmo inspecionar suas proteções. Só o Caldeirão sabe que outro tipo de traste pode entrar aqui tão fácil quanto eu. — De novo, Rhys me observou com o olhar severo. — Vista uma roupa.

Exibi os dentes para ele quando entrei no quarto outra vez. Tamlin me seguiu e bateu a porta com tanta força que os lustres estremeceram, disparando fiapos de luz trêmulos pelas paredes.

Larguei o cobertor, fui até o armário do outro lado do quarto, e o colchão rangeu atrás de mim quando Tamlin afundou na cama.

— Como ele entrou aqui? — perguntei, escancarando as portas e vasculhando as roupas até encontrar o modelito turquesa da Corte Noturna que tinha pedido que Alis guardasse. Eu sabia que ela queria queimá-lo, mas eu disse que acabaria voltando para casa com outro conjunto daqueles de qualquer jeito.

— Não sei — respondeu Tamlin. Vesti a calça, me virei e o vi passar a mão pelo cabelo. Senti a mentira sob as palavras. — Ele só... é só parte de qualquer que seja o joguinho que está fazendo.

Vesti a blusa curta por cima da cabeça.

— Se a guerra está vindo, talvez fosse melhor reparar as coisas. — Não tínhamos tocado naquele assunto desde meu primeiro dia de volta. Fucei o fundo

do armário em busca dos sapatos de seda combinando e, depois, virei para Tamlin e os calcei.

— Vou começar a consertar as coisas no dia em que ele liberar você do acordo.

— Talvez ele esteja mantendo o acordo para que você tente ouvi-lo. — Caminhei até onde Tamlin estava sentado na cama; a calça estava um pouco mais larga na cintura que no mês anterior.

— Feyre — disse Tamlin, estendendo a mão para mim, mas saí do alcance. — Por que precisa saber essas coisas? Não basta se recuperar em paz? Conquistou esse direito. *Conquistou*. Diminuí o número de sentinelas aqui; tenho tentado... tentado ser melhor com relação a isso. Então, deixe o restante... — Tamlin respirou para se acalmar. — Não é o momento para esta conversa.

Nunca era o momento para *esta* conversa, ou para *aquela* conversa. Mas não falei isso. Não tinha energia para dizer, e todas as palavras secaram e se foram. Então, memorizei as linhas do rosto de Tamlin e não resisti quando me puxou contra o peito e me abraçou com força.

Alguém tossiu no corredor, e o corpo de Tamlin enrijeceu ao meu redor.

Mas bastava de brigas e grunhidos para mim, e voltar para aquele lugar aberto e sereno no alto da montanha... Parecia melhor que me esconder na biblioteca.

Eu me afastei, e Tamlin se deteve conforme eu caminhava de volta para o corredor.

Rhys franziu a testa para mim. Debati se dizia algo sujo para ele, mas teria requerido mais irritação que eu sentia; e teria requerido que eu me importasse mais com o que Rhys pensava.

O rosto de Rhys se tornou indecifrável quando ele estendeu a mão.

Então, Tamlin apareceu atrás de mim e empurrou aquela mão para baixo.

— Encerre o acordo dela bem aqui e agora e darei o que você quiser. Qualquer coisa.

Meu coração subitamente deu um salto.

— Está maluco?

Tamlin nem mesmo piscou em minha direção.

Rhysand apenas ergueu a sobrancelha.

— Já tenho tudo que quero. — Ele desviou de Tamlin como se ele fosse parte da mobília e pegou minha mão. Antes que eu conseguisse dizer adeus, um vento negro nos envolveu e desaparecemos.

Capítulo 11

— Que diabo aconteceu com você? — disse Rhysand, antes que a Corte Noturna surgisse completamente ao nosso redor.

— Por que simplesmente não olha dentro de minha mente? — Mesmo quando falei, as palavras não tiveram emoção. Não me dei o trabalho de empurrar Rhysand quando me desvencilhei de seu toque.

Rhys piscou um olho para mim.

— Onde está a diversão nisso?

Não sorri.

— Não vai jogar sapato desta vez? — Eu quase conseguia ver as outras palavras nos olhos dele. *Vamos lá. Brinque comigo.*

Segui para as escadas que me levariam até meu quarto.

— Tome café comigo — sugeriu Rhysand.

Havia um tom naquelas palavras que me fez parar. Um tom do que eu podia jurar ser desespero. Preocupação.

Eu me virei, as roupas largas deslizaram por meus ombros, pela cintura. Eu não tinha percebido o quanto tinha perdido peso. Apesar de as coisas voltarem aos poucos ao normal.

Falei:

— Não tem outras coisas para resolver?

— É claro que tenho — respondeu ele, dando de ombros. — Tenho tantas coisas para resolver que às vezes fico tentado a liberar meu poder pelo mundo e limpar todos os problemas. Apenas para me dar um pouco de paz. — Rhys sorriu e fez uma reverência. Mesmo aquela menção casual de poder não me assustou, não me espantou. — Mas sempre terei tempo para você.

Eu estava com fome... ainda não tinha comido. E era de fato preocupação que faiscava por trás do sorriso arrogante e insuportável.

Então, indiquei para que Rhys fosse na frente até aquela mesa de vidro familiar no fim do corredor.

Caminhamos a uma distância casual um do outro. Cansada. Eu estava tão... cansada.

Quando estávamos quase na mesa, Rhys falou:

— Senti uma pontada de medo este mês através de nossa bela ligação. Alguma coisa interessante aconteceu na maravilhosa Corte Primaveril?

— Não foi nada — garanti. Porque não foi. E não era da conta dele.

Olhei de esguelha para Rhys, e ódio, não preocupação, brilhou naqueles olhos.

Eu podia jurar que a montanha sob nós tremeu em resposta.

— Se você sabe — falei, friamente. — Por que pergunta? — Sentei na cadeira quando Rhys sentou na dele.

Ele respondeu, em voz baixa:

— Porque ultimamente a única coisa que ouço por meio da ligação é nada. Silêncio. Mesmo com os escudos erguidos muito impressionantemente a maior parte

do tempo, eu deveria conseguir *sentir* você. Mas não sinto. Às vezes dou um puxão na ligação só para me certificar de que ainda está viva. — A escuridão deslizou. — Então, um dia, estou no meio de uma reunião importante quando terror dispara pela ligação. Só recebo lampejos de você e dele, e depois, nada. De volta ao silêncio. Gostaria de saber o que causou tal perturbação.

Eu me servi das bandejas de comida, pouco me importando com o que tinha sido servido.

— Foi uma discussão, e o resto não é de sua conta.

— É por isso que você parece ser devorada viva por luto, culpa e ódio, pouco a pouco?

Não queria conversar sobre aquilo.

— Saia de minha cabeça.

— Me obrigue. Me *empurre* para fora. Você baixou o escudo esta manhã... qualquer um poderia ter entrado.

Eu o encarei. Outro desafio. E eu simplesmente... não me importava. Não me importava com o que quer que fluísse incandescente por meu corpo, ou com a forma como eu deslizei para a cabeça de Lucien com a facilidade com que Rhys podia deslizar para a minha, com ou sem escudo.

— Onde está Mor? — perguntei.

Ele ficou tenso, e me preparei para que Rhys insistisse, provocasse, mas ele disse: — Longe. Tem deveres a cumprir. — Sombras espiralaram ao redor de Rhysand de novo, e ataquei a comida. — O casamento está adiado, então?

Parei de comer apenas por tempo suficiente para murmurar:

— Sim.

— Eu esperava uma resposta mais próxima de "*Não faça perguntas idiotas para as quais já sabe a resposta*", ou minha preferida: "*Vá para o inferno.*"

Eu apenas estendi a mão para uma bandeja de tortinhas. As mãos de Rhys estavam espalmadas na mesa... e um fiapo de fumaça negra se enroscou nos dedos. Como garras.

Rhysand falou:

— Pensou em minha oferta?

Não respondi até que meu prato estivesse vazio e eu empilhasse mais comida nele.

— Não vou trabalhar com você.

Quase senti a tranquilidade sombria que recaiu sobre ele.

— E por que, Feyre, está recusando?

Empurrei as frutas no prato.

— Não vou fazer parte dessa guerra que acha que está vindo. Você disse que eu deveria ser uma arma, não um peão, mas os dois parecem a mesma coisa para mim. A única diferença é quem os empunha.

— Quero sua ajuda, não a manipular — disparou Rhys.

O estouro de seu temperamento me fez, por fim, erguer a cabeça.

— Quer minha ajuda porque vai irritar Tamlin.

Sombras dançaram ao redor dos ombros de Rhys; como se as asas estivessem tentando tomar forma.

— Tudo bem — sussurrou ele. — Eu cavei o túmulo sozinho, com tudo que fiz Sob a Montanha. Mas preciso de sua ajuda.

Mais uma vez, senti as outras palavras não ditas: *Pergunte por que; insista.*

E, mais uma vez, eu não queria. Não tinha energia.

Rhys falou, baixinho:

— Fui prisioneiro na corte de Amarantha por quase cinquenta anos. Fui torturado e espancado e fodido até que somente dizer a mim mesmo quem eu era, o que tinha a proteger, me impediu de tentar encontrar uma forma de acabar com aquilo. Por favor... me ajude a evitar que isso aconteça de novo. Com Prythian.

Uma parte distante de meu coração doeu e sangrou ao ouvir as palavras, o que ele expusera.

Mas Tamlin abrira exceções — aliviara a presença dos guardas, permitira que eu caminhasse com um pouco mais de liberdade. Ele estava tentando. Nós

estávamos tentando. Eu não arriscaria isso.

Então, voltei a comer.

Rhys não disse mais uma palavra.

Não me juntei a Rhysand para jantar.

Não levantei a tempo do café da manhã também.

Mas, quando saí, ao meio-dia, Rhysand estava esperando no andar de cima, com aquele leve e interessado sorriso no rosto. Rhys me cutucou na direção da mesa que arrumara com livros e papel e tinta.

— Copie estas frases — disse Rhys do outro lado da mesa, me entregando um pedaço de papel.

Olhei para as frases e li com perfeição:

— *Rhysand é uma pessoa espetacular. Rhysand é o centro de meu mundo. Rhysand é o melhor amante com que uma fêmea poderia sonhar.* — Apoiei o papel, escrevi as três frases e entreguei a ele.

As garras se chocaram contra minha mente um momento depois.

E ricochetearam de um escudo adamantino preto e reluzente, sem provocar danos.

Ele piscou.

— Você treinou.

Eu me levantei da mesa e saí.

— Não tinha nada melhor a fazer.

Naquela noite, Rhysand deixou uma pilha de livros a minha porta com um bilhete.

Tenho assuntos para tratar em outro lugar. A casa é sua. Mande chamar se precisar de mim.

Dias se passaram; e eu não precisei.

Rhys voltou no fim da semana. Tomei o hábito de ficar em uma das pequenas salas que davam para as montanhas, e quase lera um livro inteiro na poltrona de estofado macio, prosseguindo devagar enquanto aprendia novas palavras. Mas aquilo preenchera meu tempo — me dera a companhia silenciosa e constante daqueles personagens, os quais não existiam e jamais existiram, mas, de alguma forma, me faziam sentir menos... sozinha.

A mulher que empunhara uma lança de osso contra Amarantha... Eu não sabia mais onde ela estava. Talvez tivesse sumido naquele dia em que seu pescoço se partiu e a imortalidade feérica tomou conta de suas veias.

Eu estava terminando um capítulo especialmente bom — o antepenúltimo do livro —, e um vespertino raio de sol amanteigado aquecia meu rosto quando Rhysand passou por duas das grandes poltronas com dois pratos de comida nas mãos e os apoiou na mesa baixa diante de mim.

— Como parece determinada a um estilo de vida sedentário — disse ele —, pensei que poderia me adiantar e lhe trazer comida.

Meu estômago já se revirava de fome, e apoiei o livro no colo.

— Obrigada.

Uma risada curta.

— *Obrigada?* Nada de "*Grão-Senhor e criada*"? Ou: "*Não importa o que queira, pode enfiar na bunda, Rhysand*"? — Ele emitiu um estalo com a língua. — Que decepcionante.

Apoiei o livro e estendi a mão para o prato. Rhysand podia se ouvir falar o dia inteiro se quisesse, mas eu queria comer. Agora.

Meus dedos tinham quase tocado a borda do prato quando ele simplesmente o *deslizou* para longe.

Estendi o braço de novo. Mais uma vez, uma espiral do poder de Rhysand puxou o prato mais para trás.

— Diga o que posso fazer — falou Rhys. — Diga o que posso fazer para ajudá-la.

Rhys manteve o prato além do alcance. Ele falou de novo, e, como se as palavras que saíram afrouxassem o controle dele sobre o poder, garras de fumaça se espiralaram sobre os dedos de Rhysand e enormes asas de sombras se espraiaram de suas costas.

— Meses e meses, e você ainda é um fantasma. Ninguém por lá pergunta que diabo está acontecendo? Seu Grão-Senhor simplesmente não se importa?

Ele se importava. Tamlin se *importava*. Talvez demais.

— Ele está me dando espaço para resolver — falei, com tanta irritação que mal reconheci minha voz.

— Me deixe ajudá-la — falou Rhysand. — Passamos por coisas demais Sob a Montanha.

Encolhi o corpo.

— Ela vence — sussurrou Rhys. — Aquela cadela vence se você permitir se desfazer.

Imaginei se ele estava se dizendo isso havia meses, me perguntei se Rhysand também tinha momentos quando as próprias memórias às vezes o sufocavam profundamente à noite.

Mas ergui o livro, disparando três palavras pela ligação entre nós antes de erguer os escudos de novo.

Fim da conversa.

— Ao inferno que acabou — grunhiu Rhysand. Um estrondo de poder acariciou meus dedos, e, então, o livro se fechou em minhas mãos. Minhas unhas se enterraram no couro e no papel, inutilmente.

Desgraçado. *Desgraçado* arrogante e convencido.

Devagar, ergui o olhar para Rhys. E senti... não um temperamento colérico, mas ódio frio e reluzente.

Quase conseguia *sentir* aquele gelo nas pontas dos dedos, beijando as palmas das mãos. E jurei que gelo cobriu o livro antes que eu o atirasse contra a cabeça de Rhysand.

Ele se protegeu tão rápido que o livro quicou para longe e deslizou pelo piso de mármore atrás de nós.

— Que bom — disse ele, com a respiração um pouco irregular. — O que mais você tem, Feyre?

O gelo se derreteu em chamas, e meus dedos se fecharam em punhos.

E o Grão-Senhor da Corte Noturna pareceu sinceramente aliviado ao ver aquilo; ao ver a ira que me fazia querer explodir e queimar.

Um sentimento, pelo menos. Não como aquele silêncio vazio e frio.

E ao pensar em voltar àquela mansão com as sentinelas e as patrulhas e os segredos... Afundei de novo na poltrona. Congelada, mais uma vez.

— Sempre que quiser alguém com quem brincar — disse Rhysand, empurrando o prato na minha direção com um vento salpicado de estrelas —, seja durante nossa maravilhosa semana juntos ou em outra ocasião, avise.

Não consegui pensar em uma resposta, exausta do pouco de temperamento que demonstrei.

E percebi que parecia em uma queda livre infinita. Estava nela havia um tempo. Desde que esfaqueei aquele jovem feérico no coração.

Não encarei Rhys de novo enquanto devorava a comida.

Na manhã seguinte, Tamlin esperava à sombra do imenso e retorcido carvalho no jardim.

Uma expressão assassina lhe contorcia as feições do rosto, direcionada apenas para Rhys. Mas não havia nada de diversão no sorriso de Rhys quando ele se afastou de mim... apenas um predador frio e esperto olhando para longe.

Tamlin grunhiu para mim:

— Entre.

Olhei de um Grão-Senhor para outro. Ao ver aquela fúria no rosto de Tamlin... Eu soube que não haveria mais cavalgadas ou caminhadas solitárias pela propriedade.

Rhys simplesmente me disse:

— Enfrente isso.

Depois, ele se foi.

— Estou bem — falei para Tamlin, quando os ombros dele se curvaram, a cabeça se abaixou.

— Vou encontrar uma forma de acabar com isso — jurou ele.

Eu queria acreditar em Tamlin. Sabia que ele faria qualquer coisa para conseguir.

De novo, Tamlin me fez descrever cada detalhe do que vira na casa de Rhys. Cada conversa, embora breve. Eu contei tudo, cada palavra mais baixa que a anterior.

Proteger, proteger, proteger — eu conseguia ver a palavra nos olhos dele, senti em cada investida de Tamlin para dentro de meu corpo naquela noite. Eu tinha sido levada de Tamlin uma vez, da mais definitiva das formas, mas nunca mais.

As sentinelas retornaram com força total na manhã seguinte.

Capítulo 12

Durante a primeira semana de volta, não pude sair da vista da casa.

Alguma ameaça sem nome tinha invadido as terras, e Tamlin e Lucien haviam sido chamados para lidar com ela. Pedi que meu amigo me dissesse o que era, mas... Lucien tinha aquele olhar que sempre exibia quando queria, mas a lealdade a Tamlin ficava no caminho. Então, não perguntei de novo.

Enquanto estavam fora, Ianthe retornou... para me fazer companhia, me proteger, não sei.

Ela era a única cuja entrada foi permitida. O bando semipermanente de senhores e damas da Corte Primaveril na mansão fora dispensado, assim como seus criados pessoais. Fiquei grata por isso, por não mais esbarrar com eles enquanto caminhava pelos corredores da mansão, ou pelos jardins, e não precisar desenterrar da memória os nomes, as histórias de cada um, não precisar mais aturá-los tentando não encarar a tatuagem, mas... Eu sabia que Tamlin gostava de tê-los por perto.

Sabia que alguns eram, na verdade, velhos amigos; sabia que Tamlin gostava que a mansão estivesse cheia de som e risos e conversa. Mas achava que todos conversavam como se fossem parceiros de luta. Palavras bonitas mascaravam insultos afiados.

Estava feliz com o silêncio — mesmo quando se tornou um peso, mesmo quando preencheu minha mente até que não restasse nada dentro dela além de... vazio.

Eternidade. Seria essa minha eternidade?

Eu lia avidamente todos os dias: histórias sobre povos e lugares dos quais jamais ouvira falar. Talvez fossem a única coisa que impedisse que eu caísse no desespero total.

Tamlin voltou oito dias depois, deu um leve beijo em minha testa, me olhou de cima a baixo, e então seguiu para o escritório. Onde Ianthe tinha notícias para ele.

Que eu também não deveria ouvir.

Sozinha no corredor, observando enquanto a sacerdotisa encapuzada levava Tamlin pelas portas duplas na outra ponta, um lampejo vermelho...

Meu corpo ficou tenso, o instinto me percorreu o corpo quando virei...

Não era Amarantha.

Lucien.

O cabelo vermelho era dele, não dela. Eu estava em casa, não naquele calabouço...

Os olhos de meu amigo — tanto o de metal quanto o de carne — estavam fixos em minhas mãos.

Nas quais minhas unhas cresciam, se curvavam. Não como garras de sombras, mas garras que tinham destroçado minha roupa íntima diversas e diversas vezes...

Pare pare pare pare pare...

Parou.

Como uma vela soprada, as garras sumiram com um fiapo de sombra.

O olhar de Lucien passou para Tamlin e Ianthe, que estavam alheios ao que acontecera, e depois ele silenciosamente inclinou a cabeça, indicando para que eu o seguisse.

Pegamos as escadas espiraladas para o segundo andar, os corredores estavam desertos. Não olhei para as pinturas de cada lado. Não olhei além das janelas altas, para os jardins iluminados.

Passamos pela porta do meu quarto, passamos pela dele... até entrarmos em um pequeno escritório no segundo andar, quase não utilizado.

Lucien fechou a porta depois que entrei no cômodo e me recostei no painel de madeira.

— Há quanto tempo as garras aparecem? — disse ele, baixinho.

— Foi a primeira vez. — Minha voz soou vazia e inexpressiva aos ouvidos.

Lucien me observou; o vestido fúcsia vibrante que Ianthe selecionara naquela manhã, o rosto, ao qual não me dei o trabalho de moldar em uma expressão agradável...

— Não posso fazer muito — explicou Lucien, a voz rouca. — Mas vou perguntar a ele esta noite. Sobre o treinamento. Os poderes se manifestarão, treinando você ou não, não importa quem esteja por perto. Vou perguntar a ele esta noite — repetiu Lucien.

Mas eu já sabia qual seria a resposta.

Lucien não me impediu quando abri a porta contra a qual ele estava encostado e saí sem dizer mais uma palavra. Dormi até o jantar, despertei o suficiente para comer; quando desci, as vozes elevadas de Tamlin, Lucien e Ianthe me lançaram de volta para o alto dos degraus.

Eles a caçarão e matarão, sibilara Ianthe para Lucien.

Lucien grunhiu em resposta: *Farão isso de qualquer forma, então que diferença faz?*

A diferença, respondera Ianthe, fervilhando, *está em termos a vantagem desse conhecimento — não será apenas Feyre o alvo devido aos dons roubados daqueles*

Grão-Senhores. Os filhos de vocês, disse ela para Tamlin, *também terão tal poder. Outros Grão-Senhores saberão disso. E, se não matarem Feyre imediatamente, poderão perceber o que* eles *têm a ganhar se forem agraciados com filhos dela também.*

Meu estômago se revirou diante da inferência. De que eu poderia ser roubada — e presa — para... procriação. Certamente... certamente nenhum Grão-Senhor iria tão longe.

Se fizessem isso, replicou Lucien, *nenhum dos outros Grão-Senhores ficaria ao lado deles. Encarariam a ira de seis cortes unidas contra eles. Nenhum deles é tão burro a esse ponto.*

Rhysand é burro a esse ponto, disparou Ianthe. *E com aquele poder, teria o potencial de resistir. Imagine*, disse ela, a voz abaixando quando, sem dúvida, se voltou para Tamlin, *pode chegar o dia em que ele não a devolverá. Você ouve as mentiras venenosas que Rhysand sussurra ao ouvido dela. Há outras formas de contornar isso*, acrescentara Ianthe, o veneno silencioso em suas palavras. *Talvez não consigamos lidar com ele, mas há amigos que fiz do outro lado do oceano...*

Não somos assassinos, interrompeu Lucien. *Rhys é o que é, mas quem tomaria o lugar dele...*

Meu sangue gelou, e podia ter jurado que gelo tomou as pontas de meus dedos.

Lucien continuou em tom de súplica: *Tamlin. Tam. Apenas deixe-a treinar, deixe que ela domine isso... se os outros Grão-Senhores vierem de fato atrás dela, deixe que tenha uma chance...*

O silêncio caiu enquanto deixaram que Tamlin considerasse.

Meus pés começaram a se mover assim que ouvi a primeira palavra que saiu da boca de Tamlin, pouco mais que um grunhido. *Não.*

A cada passo escada acima, eu ouvia o restante.

Não demos motivos para eles suspeitarem que ela possa ter qualquer habilidade, algo que o treinamento com certeza fará. Não me olhe assim, Lucien.

Silêncio de novo.

Então, um grunhido cruel e um tremor de magia que agitou a casa.

A voz de Tamlin saiu baixa, mortal. *Não me pressione neste assunto.*

Não quis saber o que estava acontecendo naquela sala, o que ele tinha feito com Lucien, e que cara fizera Lucien para causar aquele pulso de poder.

Tranquei a porta do quarto e não me dei o trabalho de jantar.

Tamlin não me procurou naquela noite. Imaginei se ele, Ianthe e Lucien ainda debatiam meu futuro e as ameaças contra mim.

Havia sentinelas do lado de fora do quarto na tarde seguinte — quando finalmente me arrastei para fora da cama.

De acordo com as sentinelas, Tamlin e Lucien já estavam entocados no escritório. Sem os cortesãos de Tamlin xeretando, a mansão estava, novamente, silenciosa conforme eu, sem mais o que fazer, segui para uma caminhada pelas trilhas do jardim, já percorridas tantas vezes que me surpreendi pela terra pálida não estar permanentemente marcada com minhas pegadas.

Apenas meus passos soavam nos corredores reluzentes conforme eu ultrapassava guarda após guarda, armados até os dentes e tentando ao máximo não me olhar boquiabertos. Ninguém falou comigo. Até mesmo os criados tinham passado a se restringir à ala deles, a não ser que fosse absolutamente necessário.

Talvez eu tivesse me tornado preguiçosa demais; talvez minha preguiça tivesse me tornado predisposta a rompantes de raiva. *Qualquer um* poderia ter me visto no dia anterior.

E embora eu jamais tivesse falado a respeito... Ianthe sabia. Sobre os poderes. Há quanto tempo sabia? A ideia de Tamlin contar a ela...

Meus chinelos de seda se arrastavam na escadaria de mármore, a cauda de *chiffon* do vestido verde serpenteava atrás de mim.

Tanto silêncio. Silêncio demais.

Precisava sair daquela casa. Precisava *fazer* alguma coisa. Se os aldeões não queriam minha ajuda, tudo bem. Eu poderia fazer outras coisas. O que quer que fossem.

Eu estava prestes a virar no fim do corredor que dava para o escritório, determinada a perguntar a Tamlin se havia *qualquer* tarefa que eu pudesse realizar, pronta para implorar a ele, quando as portas do escritório se abriram e Tamlin e Lucien surgiram, ambos pesadamente armados. Nenhum sinal de Ianthe.

— Vai embora tão cedo? — perguntei, esperando que eles chegassem ao saguão.

O rosto de Tamlin era uma máscara sombria quando os dois se aproximaram.

— Tem atividade na fronteira com o mar oeste. Preciso ir. — Aquela mais próxima de Hybern.

— Posso ir junto? — Jamais tinha perguntado diretamente, mas...

Tamlin parou. Lucien continuou andando, atravessou as portas abertas da entrada da casa, quase incapaz de segurar um encolher do corpo.

— Desculpe — pediu Tamlin, estendendo o braço para mim. Desviei de seu alcance. — É perigoso demais.

— Sei como permanecer escondida. Apenas... me leve com você.

— Não vou arriscar que nossos inimigos coloquem as mãos em você.

Que inimigos? Conte... conte alguma *coisa.*

Olhei por cima do ombro de Tamlin, na direção em que Lucien esperava, no cascalho além da entrada da casa. Nenhum cavalo. Imaginei que não eram necessários dessa vez, pois os dois eram mais rápidos sem eles. Mas talvez eu conseguisse acompanhar. Talvez esperasse até que partissem e...

— Nem pense nisso — avisou Tamlin.

Minha atenção se voltou para seu rosto.

Tamlin grunhiu:

— Nem tente vir atrás de nós.

— Eu posso lutar. — Tentei de novo. Aquela era uma meia verdade. Certa manha para sobreviver não era o mesmo que uma habilidade treinada. — Por favor.

Jamais odiara tanto uma palavra.

Tamlin fez que não com a cabeça e cruzou o saguão até as portas da entrada.

Eu o segui e disparei:

— *Sempre* haverá uma ameaça. Sempre haverá um conflito ou inimigo ou *alguma coisa* que me manterá aqui.

Tamlin parou subitamente do lado de dentro das imensas portas de carvalho, tão perfeitamente restauradas depois que os seguidores de Amarantha as destruíram.

— Você mal consegue dormir uma noite inteira — disse Tamlin, com cautela.

Repliquei:

— Você também.

Mas ele apenas prosseguiu:

— Mal aguenta estar perto de outras pessoas...

— Você *prometeu*. — Minha voz falhou. E não me importava por estar implorando. — Preciso sair desta casa.

— Peça que Bron leve você e Ianthe para uma cavalgada...

— Não quero cavalgar! — Abri os braços. — Não quero cavalgar, ou fazer piquenique, ou colher flores selvagens. Quero *fazer* algo. Então, me leve junto.

Aquela garota que precisava ser protegida, que desejara estabilidade e conforto... ela morrera Sob a Montanha. *Eu* morrera, e não houve ninguém para me proteger daqueles horrores antes que meu pescoço se partisse. Então, eu mesma o fiz. Eu não iria, *não poderia* abrir mão daquela parte de mim que despertara e se transformara Sob a Montanha. Tamlin recuperara seus poderes, se tornara completo de novo... se tornara aquele protetor e provedor que desejava ser.

Eu não era a garota humana que precisava ser paparicada e mimada, que queria luxo e facilidade. Não sabia como voltar a desejar essas coisas. A ser dócil.

As garras de Tamlin dispararam para fora.

— Mesmo que eu arriscasse, suas habilidades destreinadas tornam sua presença um risco mais que qualquer outra coisa.

Era como ser atingida por pedras... com tanta força que eu conseguia me sentir quebrando. Mas ergui o queixo e falei:

— Vou junto, queira você ou não.

— Não, não vai. — Tamlin passou pela porta, as garras golpeando o ar na lateral do corpo, e chegou à metade das escadas antes que eu alcançasse o batente da porta.

Onde me choquei contra uma parede invisível.

Cambaleei para trás, tentando reorganizar minha mente diante daquela impossibilidade. Era idêntica àquela que eu construíra naquele dia no escritório, e vasculhei os cacos de minha alma, meu coração, buscando por um fio que me levasse àquele escudo, imaginando se eu tinha *me* bloqueado, mas... nenhum poder emanava de mim.

Estendi a mão para o ar na porta. E encontrei resistência sólida.

— Tamlin — falei, rouca.

Mas ele já estava na entrada e caminhava na direção dos imensos portões de ferro. Lucien permaneceu ao pé das escadas, o rosto muito, muito pálido.

— *Tamlin* — falei de novo, e empurrei a parede.

Tamlin não se virou.

Choquei a mão contra a barreira invisível. Nenhum movimento... Nada além de ar endurecido. E eu ainda não aprendera o suficiente sobre meus poderes para tentar forçar, para destruir aquilo... Eu *deixei* que Tamlin me convencesse a não aprender sobre essas coisas pelo bem *dele*...

— Nem se dê o trabalho de tentar — avidou Lucien, baixinho, quando Tamlin passou pelos portões e sumiu; fez a travessia. — Ele ergueu um escudo sobre a casa inteira em volta de você. Outros podem entrar e sair, mas você não. Não até que ele erga o escudo.

Tamlin tinha me trancado ali dentro.

Atingi o escudo de novo. De novo.

Nada.

— Apenas... seja paciente, Feyre — pediu Lucien, encolhendo o corpo ao seguir Tamlin. — Por favor, verei o que posso fazer. Vou tentar de novo.

Mal ouvi Lucien por cima do rugido em meus ouvidos. Não esperei para vê-lo passar pelos portões e atravessar também.

Tamlin tinha me trancafiado. Ele me selou dentro da casa.

Disparei para a janela mais próxima no saguão e a abri. Uma brisa fria de primavera entrou — e passei a mão por ela — apenas para que meus dedos ricocheteassem de uma parede invisível. Ar liso e duro empurrou minha pele.

Respirar se tornou difícil.

Eu estava presa.

Estava presa dentro da casa. Podia muito bem estar Sob a Montanha; podia muito bem estar dentro daquela cela de novo...

Recuei, meus passos estavam leves demais, rápidos demais, e me choquei contra a mesa de carvalho no centro do saguão. Nenhuma das sentinelas próximas foi investigar.

Ele tinha me prendido ali dentro; ele tinha *me trancafiado*.

Parei de ver o piso de mármore, ou as pinturas nas paredes, ou a escadaria espiralada que se erguia atrás de mim. Parei de ouvir o canto dos pássaros da primavera, ou o sopro da brisa pelas cortinas.

Então, uma escuridão sufocante me atingiu por cima e se ergueu sob mim, devorando e rugindo e rasgando.

Fiz o possível para evitar gritar, para evitar me quebrar em dez mil pedaços quando afundei no piso de mármore, me curvando sobre os joelhos, e envolvi o corpo com os braços.

Ele me prendera; ele me prendera; ele me prendera...

Precisava *sair*, porque mal conseguira escapar de outra prisão antes, e dessa vez, dessa vez...

Atravessar. Eu podia sumir para o nada e surgir em outro lugar, algum lugar aberto e livre. Busquei meu poder, qualquer coisa, *alguma coisa* que pudesse me mostrar a forma de fazer aquilo, a saída. Nada. Não havia nada, e eu tinha me tornado *nada* e não podia sequer sair...

Alguém gritava meu nome de muito, muito longe.

Alis... Alis.

Mas eu estava envolta em um casulo de escuridão e fogo e gelo e vento, um casulo que derreteu o anel de meu dedo até que a liga de ouro escorresse para o vazio, e a esmeralda saiu quicando atrás dela. Envolvi meu corpo com aquela força violenta, como se pudesse evitar que as paredes me esmagassem por inteiro, e talvez, talvez conseguir um mínimo fôlego...

Eu não podia sair; não podia sair; não podia sair...

Mãos magras e fortes me seguraram por baixo dos ombros.

Não tive forças para lutar contra elas.

Uma daquelas mãos passou para meus joelhos, a outra, para minhas costas, e, então, fui erguida, segurada contra o que era, inconfundivelmente, um corpo feminino.

Não conseguia vê-la, não queria vê-la.

Amarantha.

Fora me buscar de novo; fora me matar, por fim.

Palavras eram ditas ao meu redor. Duas mulheres.

Nenhuma delas... nenhuma delas era Amarantha.

— Por favor... por favor, cuidem dela. — Alis.

Bem ao lado de minha orelha, a outra respondeu:

— Considerem-se muito, muito sortudas por seu Grão-Senhor não estar aqui quando chegamos. Seus guardas terão uma dor de cabeça e tanta quando acordarem, mas estão vivos. Agradeçam por isso. — Mor.

Mor me segurou... me carregou.

A escuridão se dissipou por tempo suficiente para que eu tomasse fôlego, para que pudesse ver a porta do jardim pela qual ela caminhou. Abri a boca, mas Mor olhou para mim e disse:

— Achou que o escudo dele nos manteria longe de você? Rhys o destruiu com meio pensamento.

Mas não pude ver Rhys em lugar nenhum; não conforme a escuridão espiralou de volta. Eu me agarrei a ela, tentando respirar, pensar.

— Você está livre — disse Mor, tensa. — Está livre.

Não a salvo. Não protegida.

Livre.

Mor me carregou para além do jardim, para campos, colina acima, abaixo e para dentro... de uma caverna...

Eu devo ter começado a me contorcer e debater nos braços de Mor, porque ela dizia, diversas e diversas vezes, conforme a verdadeira escuridão nos engolia:

— Você saiu; está *livre*.

Meio segundo depois, Mor emergiu para a luz do sol — luz do sol forte e com cheiro de grama e morangos. Achei que poderia ser a Corte Estival, então...

Então, um grunhido baixo e cruel partiu o ar diante de nós, cortando até minha escuridão.

— Fiz tudo de acordo com as regras — disse Mor ao dono daquele grunhido.

Fui passada de seus braços para os de outra pessoa e lutava para respirar, lutava por qualquer resquício de ar para meus pulmões. Até que Rhysand falou:

— Então, terminamos aqui.

O vento soprou contra mim, com escuridão antiga.

Mas um tom mais doce, mais suave de noite me acariciou, tocou meus nervos, meus pulmões, até que eu conseguisse, por fim, colocar ar para dentro, até que me seduzisse ao sono.

Capítulo 13

Acordei com a luz do sol e espaço aberto; nada além de céu limpo e montanhas cobertas de neve ao meu redor.

E Rhysand sentado em uma poltrona diante do sofá no qual eu estava deitada, olhando as montanhas, o rosto incomumente sério.

Engoli em seco, e a cabeça de Rhysand se virou em minha direção.

Não havia bondade em seus olhos. Nada além de um ódio infinito e gélido.

Mas Rhys piscou e aquele ódio sumiu. Substituído talvez por alívio. Exaustão.

E a luz pálida do sol que aquecia o piso de pedra da lua... alvorecer. Era alvorecer. Eu não queria pensar em quanto tempo ficara inconsciente.

— O que aconteceu? — perguntei. Estava com a voz rouca. Como se tivesse gritado.

— Você *estava g*ritando — explicou Rhys. Não me importei se meu escudo mental estava erguido ou abaixado ou totalmente destruído. — Também conseguiu

dar um susto e tanto em todos os criados e as sentinelas da mansão de Tamlin quando se envolveu em escuridão e eles não conseguiram vê-la.

Meu estômago pareceu vazio.

— Eu machuquei algum...

— Não. O que quer que tenha feito, ficou contido a você.

— Você não foi...

— Segundo lei e protocolo — disse Rhysand, esticando as longas pernas —, as coisas teriam se tornado muito complicadas e muito confusas se fosse eu quem entrasse naquela casa e a levasse. Quebrar o escudo foi uma coisa, mas Mor precisou entrar a pé, deixar as sentinelas inconscientes com os próprios poderes e carregar você até a fronteira para outra corte antes que eu pudesse trazê-la aqui. Ou Tamlin teria liberdade total para marchar suas forças até minhas terras e reivindicá-las. E como não tenho interesse algum em uma guerra interna, precisamos fazer tudo de acordo com as regras.

Era o que Mor tinha dito... que fizera tudo de acordo com as regras.

Mas...

— Quando eu voltar...

— Como sua presença aqui não é parte de nosso dever mensal, não tem qualquer obrigação de voltar. — Rhys esfregou a têmpora. — A não ser que queira.

A questão caiu sobre mim como uma pedra afundando para o fundo de um lago. Havia tanto silêncio em mim, tanto... nada.

— Ele me trancou naquela casa. — Eu consegui dizer.

A sombra de asas poderosas se abriu atrás da cadeira de Rhys. Mas o rosto estava calmo quando disse:

— Eu sei. Eu senti. Mesmo com os escudos erguidos... para variar.

Eu me obriguei a encarar Rhys de volta.

— Não tenho para onde ir.

Era uma pergunta e uma súplica.

Rhys gesticulou com a mão, as asas sumiram.

— Fique aqui por quanto tempo quiser. Fique para sempre se tiver vontade.

— Eu... eu precisarei voltar em algum momento.

— É só dizer, e será feito. — Ele também foi sincero. Mesmo que eu conseguisse ver pela ira nos olhos de Rhys que ele não gostava da ideia. Rhys me levaria de volta à Corte Primaveril assim que eu pedisse.

De volta ao silêncio e àquelas sentinelas, e a uma vida de fazer nada além de me vestir e jantar e planejar festas.

Rhysand cruzou as pernas com o tornozelo sobre o joelho.

— Fiz uma oferta quando veio aqui da primeira vez: me ajude, e comida, abrigo, roupas... Tudo isso é seu.

Eu tinha vivido de esmolas no passado. A ideia de fazer isso agora...

— Trabalhe para mim — disse Rhysand. — De todos os modos, tenho uma dívida com você. E resolveremos o resto com o passar dos dias se for preciso.

Olhei na direção das montanhas, como se pudesse ver até a Corte Primaveril ao sul. Tamlin ficaria furioso. Ele destruiria a mansão.

Mas ele... ele me prendeu. Ou era muito profundamente incapaz de me entender, ou ficara destruído demais pelo que acontecera Sob a Montanha, mas... ele me prendeu.

— Não vou voltar. — As palavras ecoaram em mim, como um badalo da morte. — Não... não até resolver as coisas. — Afastei a parede de ódio e tristeza e puro desespero quando meu polegar roçou o trecho vazio de pele onde aquele anel um dia estivera.

Um dia de cada vez. Talvez... talvez Tamlin se desse conta. Talvez se curasse daquele ferimento pontiagudo de medo pútrido. Talvez eu me resolvesse. Não sabia.

Mas sabia que, se ficasse naquela mansão, se fosse trancafiada mais uma vez... Poderia levar a cabo a destruição que Amarantha tinha começado.

Rhysand conjurou uma caneca de chá quente do nada e a entregou a mim.

— Beba.

Aceitei a caneca, deixando que o calor passasse para meus dedos rígidos. Rhysand me observou até que eu tomasse um gole, e, então, voltou a monitorar as montanhas. Tomei mais um gole: menta e... alcaçuz e outra erva ou tempero.

Eu não voltaria. Talvez jamais sequer tivesse chegado a voltar. Não de Sob a Montanha.

Quando a caneca estava pela metade, procurei algo, qualquer coisa para dizer que afastasse o silêncio sufocante.

— A escuridão... é... parte do poder que *você* me deu?

— É de se presumir que sim.

Terminei de tomar o resto da caneca.

— Nada de asas?

— Se herdou alguma coisa da transfiguração de Tamlin, talvez possa fazer asas próprias.

Um calafrio percorreu minha coluna ao pensar naquilo, nas garras que tinham crescido naquele dia com Lucien.

— E dos outros Grão-Senhores? Gelo... isso é da Invernal. O escudo que um dia fiz, com vento endurecido... de quem isso veio? O que os outros podem ter me dado? A-atravessar está ligado a algum de vocês em particular?

Rhysand refletiu.

— Vento? A Corte Diurna, provavelmente. E atravessar... não é exclusividade de corte alguma. É totalmente dependente de sua reserva de poder e de seu treinamento. — Não tive vontade de mencionar meu fracasso espetacular em me mover sequer um centímetro. — E quanto aos dons que recebeu de todos os outros... Acho que cabe a você descobrir.

— Eu deveria saber que sua boa vontade se dissiparia depois de um minuto.

Rhys soltou uma gargalhada baixa e ficou de pé, esticando os braços musculosos acima da cabeça e alongando o pescoço. Como se estivesse sentado ali há muito, muito tempo. Durante a noite toda.

— Descanse um dia ou dois, Feyre — disse ele. — Então, comece a tarefa de descobrir todo o resto. Tenho assuntos para tratar em outra parte de minhas terras; voltarei no fim da semana.

Apesar de ter dormido bastante, eu ainda estava muito cansada... cansada até os ossos, até o coração destruído. Quando não respondi, Rhys saiu andando por entre as pilastras de pedra da lua.

E vi como passaria os próximos dias: na solidão, com nada para fazer, somente eu mesma, com pensamentos terríveis por companhia. Comecei a falar antes que pudesse mudar de ideia.

— Me leve junto.

Rhys parou quando afastou duas cortinas de organza lilás. E, devagar, ele se virou.

— Você deveria descansar.

— Já descansei o suficiente — argumentei, apoiando a caneca vazia e me levantando. Senti uma leve tontura. Quando tinha comido pela última vez? — Aonde quer que vá, o que quer que faça, me leve junto. Ficarei longe de problemas. Apenas... Por favor. — Odiei a última palavra; engasguei. Ela não surtira o efeito de dissuadir Tamlin.

Por um longo momento, Rhys não disse nada. Então, ele caminhou em minha direção, as longas passadas percorriam a distância rapidamente, e seu rosto estava determinado como pedra.

— Se vier comigo, não terá volta. Não poderá falar sobre o que vir com ninguém fora de minha corte. Porque, se falar, pessoas morrerão... *meu* povo morrerá. Então, se vier, precisará mentir a respeito disso para sempre; se voltar para a Corte Primaveril, *não pode* contar a ninguém o que vir, e quem conheceu, e o que testemunhará. Se você preferir não ter isso entre você e... seus amigos, então, fique aqui.

Ficar ali, ficar trancada na Corte Primaveril... Meu peito era um ferimento exposto, aberto. Imaginei se sangraria até a morte devido a ele, se um espírito podia

sangrar até morrer. Talvez isso já tivesse acontecido.

— Me leve com você — sussurrei. — Não contarei a ninguém o que vir. Nem... para eles. — Não suportava dizer o nome dele.

Rhys me observou por alguns segundos. E, por fim, me deu um meio sorriso.

— Sairemos em dez minutos. Se quiser se limpar, vá em frente.

Um lembrete incomumente educado de que eu provavelmente parecia um cadáver. Eu me sentia como um. Mas falei:

— Aonde vamos?

O sorriso de Rhys se alargou.

— Para Velaris, a Cidade de Luz Estelar.

Assim que entrei no quarto, o silêncio vazio retornou, levando consigo qualquer pergunta que eu pudesse ter sobre... sobre uma cidade.

Tudo fora destruído por Amarantha. Se havia uma cidade em Prythian, sem dúvida eu visitaria uma ruína.

Disparei para a banheira, me limpando o mais rápido possível; depois, corri para pegar as roupas da Corte Noturna que tinham sido deixadas para mim. Meus movimentos eram distraídos, cada um, uma tentativa frágil de evitar pensar no que acontecera, no... no que Tamlin tentara fazer e tinha feito, no que *eu* tinha feito...

Quando voltei para o átrio principal, Rhys estava recostado contra uma pilastra de pedra da lua, limpando as unhas. Ele apenas disse:

— Você demorou 15 minutos. — Antes de estender a mão.

Não tive qualquer vontade de sequer tentar fingir que me importava com a provocação antes de sermos engolidos pelo rugido da escuridão.

Vento e noite e estrelas passaram em disparada conforme Rhys nos atravessou pelo mundo, e os calos de sua mão roçaram contra os meus, que se suavizavam, antes...

Antes que a luz do sol, não das estrelas, me recebesse. Ao semicerrar os olhos para a claridade, me vi de pé no que sem dúvida era o vestíbulo da casa de alguém.

O tapete vermelho ornamentado acolchoou o único passo que dei, cambaleante, para longe de Rhys a fim de observar as paredes quentes com painel de madeira, as obras de arte, a escada reta e ampla de carvalho adiante.

De cada lado havia dois cômodos: à esquerda, uma sala de estar com uma lareira de mármore preto, muita mobília confortável e elegante, mas gasta, e prateleiras de livros embutidas em todas as paredes. À direita: uma sala de jantar com uma mesa longa de cerejeira, grande o bastante para dez pessoas — pequena em comparação com a sala de jantar da mansão. No fim do corredor estreito adiante havia mais algumas portas, e ele terminava com uma que presumi dar para uma cozinha. Uma moradia urbana.

Certa vez, visitara uma, quando era criança e meu pai me levou em viagem para a maior cidade em nosso território: pertencia a um cliente fantasticamente abastado e tinha cheiro de café e naftalina. Um lugar bonito, mas pomposo; formal.

Essa casa... essa casa era um *lar* que fora habitado e aproveitado e querido.

E ficava em uma cidade.

PARTE DOIS

A CASA DO VENTO

Capítulo 14

— Bem-vinda ao meu lar — disse Rhysand.

Uma cidade... havia um mundo lá fora.

O sol da manhã entrava pelas janelas que ladeavam a frente da casa. A porta de madeira com entalhe ornamental diante de mim era embutida com um vidro embaçado, pelo qual se via uma pequena antecâmara e a porta de entrada de fato além dela, fechada e sólida contra qualquer que fosse a cidade que espreitava lá fora.

E a ideia de colocar os pés do lado exterior, para as multidões reunidas, de ver a destruição que Amarantha provavelmente provocara sobre elas... Um peso recaiu sobre meu peito.

Não tinha me concentrado o suficiente para perguntar até agora, não me dera um pingo de espaço para considerar que aquilo poderia ser um erro, mas...

— O que é este lugar?

Rhys apoiou o ombro largo contra o batente de carvalho entalhado que dava para a sala de estar, e cruzou os braços.

— Esta é minha casa. Bem, tenho duas casas na cidade. Uma é para assuntos mais... oficiais, mas esta é apenas para mim e minha família.

Tentei ouvir o barulho de criados, mas não consegui. Bom... talvez fosse bom, em vez de ter gente choramingando e boquiaberta.

— Nuala e Cerridwen estão aqui — disse ele, interpretando meu olhar pelo corredor atrás de nós. — Mas, fora isso, seremos apenas nós dois.

Fiquei tensa. Não que as coisas fossem diferentes na própria Corte Noturna, mas... aquela casa era muito, muito menor. Não teria como fugir dele. Exceto pela cidade do lado de fora.

Não restavam cidades em nosso território mortal. Embora algumas tivessem florescido no continente principal, cheias de arte e educação e comércio. Elain certa vez quis ir comigo. Acho que agora não teria mais essa oportunidade.

Rhysand abriu a boca, mas então as silhuetas de dois corpos altos e fortes surgiram do outro lado do vidro embaçado da porta da frente. Um deles bateu com o punho.

— Rápido, seu preguiçoso — vociferou uma voz masculina grave na antecâmara além da porta. Exaustão tinha me entorpecido tanto que não me importava muito que havia asas despontando das duas formas sombreadas.

Rhys nem mesmo piscou na direção da porta.

— Duas coisas, Feyre, querida.

As batidas continuaram, seguidas pelo segundo macho murmurando para o companheiro:

— Se vai começar uma briga com ele, faça depois do café. — Aquela voz... como sombras que tomaram forma, sombria e suave e... fria.

— Não fui *eu* quem me expulsou da cama agora há pouco para voar até aqui — disse o primeiro. Então, acrescentou: — Enxerido.

Eu podia jurar que um sorriso repuxou os cantos da boca de Rhys conforme ele prosseguiu:

— Primeira: ninguém, *ninguém* além de Mor e eu podemos atravessar diretamente para dentro desta casa. Está enfeitiçada, guarnecida e enfeitiçada ainda mais. Apenas aqueles que eu desejar, e que *você* desejar, podem entrar. Está segura aqui; e segura em qualquer lugar desta cidade, aliás. As muralhas de Velaris são bem protegidas, e não são penetradas há cinco mil anos. Ninguém com má intenção entra nesta cidade a não ser que eu permita. Então, vá aonde desejar, faça o que desejar e veja o que desejar. Aqueles dois na antecâmara — acrescentou Rhys, com os olhos brilhando — podem não estar na lista de pessoas que você deveria se dar o trabalho de conhecer se continuarem esmurrando a porta como se fossem crianças.

Outra batida, enfatizada pela primeira voz masculina dizendo:

— Sabe que podemos ouvir você, seu porco.

— *Segunda* — continuou Rhys. — No que diz respeito aos dois desgraçados à porta, cabe a você querer conhecê-los agora ou seguir para o andar de cima como uma pessoa inteligente, tirar uma soneca, pois ainda parece um pouco pálida, e depois colocar roupas apropriadas para a cidade enquanto espanco um deles por falar dessa forma com um Grão-Senhor.

Havia tanta luz nos olhos de Rhys. Fazia com que ele parecesse... mais jovem, de alguma forma. Mais mortal. Tão diferente do ódio gélido que eu vira mais cedo, ao acordar...

Acordar naquele sofá e depois decidir que não voltaria para casa.

Decidir que, talvez, a Corte Primaveril não fosse meu lar.

Eu estava me afogando naquele antigo peso, lutando para subir até uma superfície que talvez não existisse. Tinha dormido por somente a Mãe sabe quanto tempo, mesmo assim...

— Venha me buscar quando eles forem embora.

Aquela alegria diminuiu, e Rhys pareceu prestes a dizer outra coisa, mas uma voz feminina, entrecortada e aguda, soou naquele momento atrás dos dois machos

na antecâmara.

— Vocês, illyrianos, são piores que gatos miando para que alguém abra a porta dos fundos. — A maçaneta se agitou. A mulher suspirou profundamente. — Sério, Rhysand? Você nos trancou do lado de fora?

Lutando para afastar aquele imenso peso por um pouco mais de tempo, segui para as escadas — no alto delas agora estavam Nuala e Cerridwen, encolhendo o corpo para a porta da entrada. Eu podia ter jurado que Cerridwen gesticulou subitamente para que eu subisse correndo. E poderia ter beijado as gêmeas por aquele pingo de normalidade.

Talvez também tivesse beijado Rhys por esperar para abrir a porta até que eu estivesse na metade do corredor azul-cerúleo no segundo andar.

Só ouvi aquela primeira voz masculina declarar:

— Bem-vindo ao lar, bastardo.

Isso se seguiu à voz masculina envolta em sombras dizendo:

— Senti que estava de volta. Mor me inteirou, mas eu...

Aquela voz feminina estranha o interrompeu.

— Mande seus cães brincarem no quintal, Rhysand. Você e eu temos assuntos a tratar.

Aquela voz que parecia a meia-noite falou com uma frieza baixa que percorreu minha espinha:

— Assim como eu.

Então, o arrogante falou com a mulher:

— Chegamos primeiro. Espere sua vez, Pequena Anciã.

Flanqueando minha figura, Nuala e Cerridwen encolheram o corpo, talvez segurando as gargalhadas ou por medo, ou talvez ambos. Definitivamente ambos, pois um grunhido feminino percorreu a casa... apesar de pouco entusiasmado.

O corredor do andar de cima era decorado com lustres de vidro espiralado colorido, iluminando as poucas portas polidas de cada um dos lados. Imaginei qual

pertenceria a Rhysand — então imaginei qual pertenceria a Mor quando a ouvi bocejar em meio à balbúrdia abaixo:

— Por que estão todos aqui tão *cedo*? Achei que nos encontraríamos esta noite na Casa.

Abaixo, Rhysand resmungou, *resmungou*:

— Confie em mim, não tem festa alguma. Apenas um massacre se Cassian não calar a boca.

— Estamos com fome — aquele primeiro macho, Cassian, reclamou. — Nos alimente. *Alguém* me contou que haveria café da manhã.

— Patéticos — debochou aquela voz feminina esquisita. — Vocês idiotas são patéticos.

Mor falou:

— Sabemos que isso é verdade. Mas *tem* comida?

Ouvi as palavras; ouvi e compreendi. Então elas flutuaram para a escuridão de minha mente.

Nuala e Cerridwen abriram a porta de um quarto aquecido por lareira e iluminado pelo sol. Este se abria para um jardim murado, com vestígios do inverno nos fundos da casa, e as grandes janelas davam para a fonte de pedra dormente no centro, vazia por causa da estação. Tudo no quarto era de madeira fina e de um tom suave de branco, com toques de um verde sutil. Parecia, estranhamente, quase humano.

E a cama — imensa, fofa, adornada com colchas e edredons de cores creme e marfim para afastar o frio do inverno — parecia ser a mais aconchegante das coisas.

Mas eu não estava tão sonolenta que não conseguisse fazer algumas perguntas básicas... para ao menos me dar a ilusão de me importar um pouco com meu bem-estar.

— Quem eram aqueles? — Consegui dizer quando fecharam a porta atrás de nós.

Nuala seguiu para o pequeno banheiro anexo; de mármore branco, com banheira de pés em forma de garras, mais janelas ensolaradas que davam para o muro do jardim e para a fileira espessa de ciprestes que pareciam montar guarda atrás dele. Cerridwen, que já caminhava para o armário, se encolheu um pouco e falou por cima do ombro:

— São do Círculo Íntimo de Rhysand.

Aqueles que eu ouvira serem mencionados naquele dia na Corte Noturna, que Rhys ficava visitando.

— Eu não estava ciente de que Grão-Senhores mantinham as coisas tão casuais — admiti.

— Não mantêm — falou Nuala, ao voltar do banheiro com uma escova. — Mas Rhysand sim.

Aparentemente, meu cabelo estava uma bagunça, porque Nuala o penteou enquanto Cerridwen escolheu um pijama marfim: camisa com calça quentes e macias e com barra de renda.

Observei as roupas e, depois, o quarto, então, o jardim de inverno e a fonte desativada além dele, e as palavras que Rhysand dissera mais cedo fizeram sentido.

As muralhas desta cidade não são invadidas há cinco mil anos.

O que significava que Amarantha...

— Como esta cidade está aqui? — Encarei Nuala pelo espelho. — Como... como ela sobreviveu?

O rosto de Nuala ficou tenso, e os olhos escuros se voltaram para a irmã gêmea, a qual se levantou devagar da frente da gaveta de uma cômoda, com chinelos forrados de lã nas mãos. A garganta de Cerridwen oscilou quando ela engoliu em seco.

— O Grão-Senhor é muito poderoso — falou Cerridwen, com cautela. — E era devotado ao povo muito antes de o fardo do pai passar para ele.

— *Como* ela sobreviveu? — insisti. Uma cidade, linda, se os sons que vinham de minha janela, do jardim além dela, eram algum indicativo, estava ao meu redor.

Intocada, inteira. Segura. Enquanto o restante do mundo tinha sido deixado em ruínas.

As gêmeas trocaram olhares de novo, alguma linguagem silenciosa que aprenderam no útero passou de uma para outra. Nuala apoiou a escova na penteadeira.

— Não cabe a nós dizer.

— Ele *pediu* que vocês não...

— Não — interrompeu Cerridwen, dobrando as cobertas. — O Grão-Senhor não fez tal exigência. Mas o que ele fez para proteger esta cidade é uma história dele para ser contada, não nossa. Ficaríamos mais confortáveis se ele a revelasse a você, para não confundirmos nada.

Olhei para as duas com irritação. Tudo bem. Justo.

Cerridwen foi fechar as cortinas, selando o quarto em escuridão.

Meu coração deu um sobressalto, levando consigo a raiva, e disparei:

— Deixe abertas.

Não podia ser selada e fechada na escuridão... ainda não.

Cerridwen assentiu e deixou as cortinas abertas; as gêmeas me disseram para mandar chamar se eu precisasse de algo, e, depois, saíram.

Sozinha, deitei na cama, mal sentindo a maciez, a suavidade dos lençóis.

Ouvi o fogo crepitante, o cantar dos pássaros nas sempre-verdes plantadas no jardim; tão diferente das melodias primaveris doces com as quais eu estava acostumada. Que talvez jamais conseguisse suportar de novo.

Talvez Amarantha tivesse vencido, no fim das contas.

E alguma parte nova e esquisita em mim se perguntou se jamais retornar poderia ser uma punição adequada para ele. Pelo que *ele* tinha feito comigo.

O sono me reivindicou, ágil, brutal e profundo.

Capítulo 15

Acordei quatro horas depois.

Precisei de alguns minutos para me lembrar de onde estava, do que acontecera. E cada tique do pequeno relógio na escrivaninha de jacarandá era como um empurrão mais e mais para trás naquela escuridão profunda. Mas pelo menos eu não estava cansada. Letárgica, mas não estava mais à beira de me sentir como se pudesse dormir para sempre.

Pensaria no que acontecera na Corte Primaveril depois. Amanhã. Nunca.

Ainda bem que o Círculo Íntimo de Rhysand partiu antes que eu terminasse de me vestir.

Rhys esperava à porta da frente, a qual estava aberta para a pequena antecâmara de madeira e mármore, que, por sua vez, dava para a rua além dela. Rhys me observou, desde os sapatos azul-marinho de camurça — práticos e confortáveis — até o sobretudo azul-celeste na altura dos joelhos e a trança que começava de um

lado de minha cabeça e dava a volta por trás dela. Sob o casaco, a roupa fina habitual tinha sido substituída por calça marrom mais espessa e mais quente e um suéter creme bonitinho, que era tão macio que eu podia ter dormido nele. Luvas de tricô que combinavam com os sapatos já estavam enfiadas nos bolsos fundos do casaco.

— Aquelas duas gostam mesmo de chamar atenção — observou Rhysand, embora algo parecesse tenso conforme seguimos para a porta.

Cada passo na direção daquele batente iluminado era tanto uma eternidade quanto um convite.

Por um momento, o peso dentro de mim sumiu quando absorvi os detalhes da cidade que emergia:

Luz do sol amanteigada, que suavizava o dia de inverno já ameno, um pequeno e bem-cuidado jardim na frente, a grama seca quase branca, envolto por uma cerca de ferro retorcido na altura da cintura, e canteiros de flores vazios, tudo isso seguindo até uma rua limpa de paralelepípedos pálidos. Grão-Feéricos em diversos tipos de vestimenta perambulavam: alguns com casacos como o meu para se proteger do ar gelado, alguns usando moda mortal, com camadas e saias bufantes e renda, outros com couro para cavalgar; todos sem pressa conforme inspiravam a brisa de sal, limão e verbena que nem mesmo o inverno conseguia afugentar. Nenhum deles olhou na direção da casa. Como se não soubessem ou não se preocupassem que o próprio Grão-Senhor morava em uma das muitas casas de mármore que ladeavam a rua, cada uma encimada por telhados de cobre verde e chaminés pálidas que sopravam espirais de fumaça no céu frio.

Ao longe, crianças davam gargalhadas esganiçadas.

Saí cambaleando para o portão principal, abrindo-o com os dedos ansiosos que mal registraram o metal frio como gelo; depois, dei três passos para a rua antes de parar ao ver o outro lado.

A rua se inclinava para baixo, revelando mais casas bonitas e chaminés soprando fumaça, mais pessoas bem-alimentadas e despreocupadas. E bem na base

da colina um rio amplo e sinuoso se curvava, brilhando com um tom de safira profundo, serpenteando na direção de uma grande extensão de água adiante.

O mar.

A cidade fora construída como uma casca sobre as colinas íngremes que se estendiam flanqueando o rio, as construções eram feitas de mármore branco ou arenito de tom quente. Navios com velas de formas variadas estavam atracados no rio, e as asas brancas de pássaros brilhavam acima deles ao sol do meio-dia.

Nenhum monstro. Nenhuma escuridão. Nem um pingo de medo, de desespero.

Intocada.

A cidade não é invadida há cinco mil anos.

Mesmo durante o auge do domínio de Amarantha sobre Prythian, o que quer que Rhys tivesse feito, o que quer que tivesse vendido ou barganhado... Ela realmente não tocara naquele lugar.

O restante de Prythian havia sido destruído e, então, deixado sangrando ao longo de cinquenta anos, mas Velaris... Meus dedos se fecharam em punho.

Senti algo pairando acima, e olhei para o outro lado da rua.

Ali, como guardiãs eternas da cidade, erguiam-se, em uma muralha, montanhas de topo plano de pedra vermelha — a mesma pedra que fora usada para construir algumas das estruturas. Elas se curvavam na beira norte de Velaris, onde o rio desviava em sua direção e fluía para dentro de sua sombra. Para o norte, montanhas diferentes cercavam a cidade do outro lado do rio — uma cadeia de picos afiados como dentes de peixe, que separava as alegres colinas da cidade do mar além delas. Mas essas montanhas atrás de mim... Eram gigantes adormecidos. De alguma forma pareciam vivas, despertas.

Como se respondessem, aquele poder ondulante, serpenteante, deslizou por meus ossos, como um gato roçando minhas pernas em busca de atenção. Ignorei.

— O pico do meio — falou Rhys, atrás de mim, e me virei, lembrando que ele estava ali. Rhysand apenas apontou na direção do mais alto dos planaltos. Buracos e... *janelas* pareciam ter sido construídos na parte mais alta. E voando naquela

direção, com asas grandes e escuras, seguiam duas figuras. — Aquela é minha outra casa nesta cidade. A Casa do Vento.

Certamente, as figuras voadoras desviaram no que parecia ser uma corrente forte e rápida.

— Vamos jantar lá esta noite — acrescentou Rhysand, e não pude dizer se ele parecia irritado ou resignado com o fato.

E não me importava muito. Virei para a cidade de novo e falei:

— Como?

Ele entendeu o que eu quis dizer.

— Sorte.

— Sorte? Sim, que sorte a sua — argumentei, baixinho, mas não muito — que o restante de Prythian tenha sido devastado enquanto seu povo e sua cidade permaneceram a salvo.

O vento soprou os cabelos escuros de Rhysand; seu rosto era indecifrável.

— Chegou a pensar por um momento — continuei, a voz como cascalho — em estender essa *sorte* a algum outro lugar? A alguém mais?

— Outras cidades — falou ele, calmamente — são conhecidas pelo mundo. Velaris permaneceu em segredo além das fronteiras destas terras durante milênios. Amarantha não a tocou porque não sabia da existência da cidade. Nenhuma de suas bestas sabia. Ninguém nas outras cortes sabe da existência de Velaris também.

— *Como*?

— Feitiços e proteções e meus ancestrais muito cruéis, que estavam dispostos a fazer qualquer coisa para preservar um pedaço de bondade em nosso mundo destruído.

— E quando Amarantha surgiu — falei, quase cuspindo o nome dela —, não *pensou* em abrir este lugar como refúgio?

— Quando Amarantha surgiu — respondeu Rhys, o temperamento se descontrolando um pouco quando seus olhos brilharam —, precisei fazer escolhas muito difíceis, muito rapidamente.

Revirei os olhos, virando-me para verificar as colinas extensas e íngremes, o mar ao longe.

— Presumo que *não vai* me contar a respeito disso. — Mas precisava saber... como ele conseguira salvar aquele pedaço de paz e beleza.

— Agora não é hora para essa conversa.

Tudo bem. Eu já ouvira aquele tipo de coisa milhares de vezes antes na Corte Primaveril mesmo. Não valia a pena me esforçar para insistir a esse respeito.

Mas eu não ficaria sentada no quarto, não *podia* me permitir ficar de luto e deprimida e chorar e dormir. Então, me aventuraria na rua, mesmo que fosse uma agonia, mesmo que o tamanho daquele lugar... Pelo Caldeirão, era enorme. Indiquei com o queixo a cidade que se estendia para baixo, na direção do rio.

— Então, o que há ali que vale a pena salvar às custas de todo mundo?

Quando encarei Rhys, os olhos azuis estavam tão cruéis quanto o mar agitado de inverno ao longe.

— Tudo — respondeu ele.

Rhysand não estava exagerando.

Havia tudo para ver em Velaris: casas de chá com mesas e cadeiras delicadas dispostas do lado de fora das fachadas alegres, com certeza aquecidas por um feitiço, cheias de Grão-Feéricos conversando e rindo... e alguns feéricos estranhos e lindos. Havia quatro praças principais de comércio; eram chamadas de Palácios: duas daquele lado — o lado sul — do rio Sidra, e duas do lado norte.

Durante as horas em que caminhamos, só visitei duas delas: grandes praças de pedras brancas, flanqueadas pelas pilastras que sustentavam as construções entalhadas e pintadas, davam para as praças e forneciam um passeio coberto abaixo para as lojas construídas ao nível da rua.

O primeiro mercado em que entramos, o Palácio de Linhas e Joias, vendia roupas, sapatos, suprimentos para fazer ambos e joias — incontáveis joalherias reluzentes. Mas nada dentro de mim se agitou diante do reflexo da luz do sol sobre os tecidos, sem dúvida raros, que oscilavam à brisa fria do rio, diante das roupas dispostas nas amplas janelas de vidro, ou do brilho de ouro, rubi e esmeraldas e pérolas aninhados em almofadas de veludo. Não ousei olhar para o dedo, agora vazio, em minha mão esquerda.

Rhys entrou em algumas das joalherias, procurando um presente para uma amiga, disse ele. Escolhi esperar do lado de fora todas as vezes, me escondendo nas sombras sob as construções do Palácio. Passear naquele dia era o suficiente. Apresentar-me, suportar as bocas escancaradas, as lágrimas e os julgamentos... se precisasse lidar com isso, poderia muito bem deitar na cama e jamais sair.

Mas ninguém nas ruas me olhou duas vezes, mesmo ao lado de Rhysand. Talvez não tivessem ideia de quem eu era; talvez os moradores da cidade não se importassem com quem estava entre eles.

O segundo mercado, o Palácio de Osso e Sal, era uma das Praças Gêmeas: uma do nosso lado do rio, a outra — o Palácio de Casco e Folha — do outro lado, ambas as praças estavam lotadas de comerciantes vendendo carne, vegetais, comida pronta, gado, medicamentos, temperos... Tantos temperos, cheiros familiares e esquecidos daqueles anos preciosos em que conheci o conforto de um pai invencível e uma riqueza sem fim.

Rhysand se manteve a alguns passos de distância, as mãos nos bolsos conforme oferecia alguma informação de vez em quando. Sim, ele me contou, muitas lojas e lares usavam magia para se aquecer, principalmente espaços abertos populares. Eu não perguntei mais a respeito.

Ninguém o evitou; ninguém sussurrou a respeito de Rhysand ou cuspiu nele ou o acariciou como tinham feito Sob a Montanha.

Na verdade, as pessoas que o viam ofereciam largos sorrisos calorosos. Algumas se aproximavam, segurando a mão de Rhys para lhe dar boas-vindas.

Rhys conhecia cada uma pelo nome — e as pessoas se dirigiam a ele pelo nome.

Mas Rhys ficou cada vez mais calado conforme a tarde chegou. Paramos no limite de uma parte da cidade pintada em cores alegres, construída no alto das colinas que se estendiam direto para a beira do rio. Dei uma olhada para a fachada da primeira loja, e meus ossos pareceram quebradiços.

A porta alegre estava entreaberta e revelava arte e pinturas e pincéis e pequenas esculturas.

Rhysand falou:

— É por isso que Velaris é conhecida: o quarteirão dos artistas. Você pode encontrar centenas de galerias, lojas de suprimentos, oficinas de cerâmica, jardins de esculturas e qualquer coisa desse tipo. Chamam de o Arco-Íris de Velaris. Os artistas performáticos — músicos, dançarinos, atores — moram naquela colina do outro lado do Sidra. Está vendo o trecho dourado brilhando perto do topo? É um dos principais teatros. Há cinco teatros importantes na cidade, mas aquele é o mais famoso. E há os teatros menores, e o anfiteatro nos penhascos do oceano... — Rhys se interrompeu quando reparou em meu olhar voltando-se para a diversidade de prédios alegres adiante.

Grão-Feéricos e diversos feéricos inferiores que eu jamais vira e cujos nomes não conhecia perambulavam pelas ruas. Os segundos chamavam mais minha atenção que os primeiros: alguns tinham braços e pernas longos, sem cabelos, e brilhavam como se uma lua interior morasse sob a pele escura como a noite, alguns eram cobertos de escamas opalinas, que mudavam de cor a cada passo gracioso dos pés palmados e cheios de garras, alguns pareciam quebra-cabeças elegantes e selvagens de chifres e cascos e pele listrada. Alguns estavam envoltos em sobretudos pesados, echarpes e luvas; outros perambulavam usando nada além das próprias escamas, peles e garras, e não pareciam pensar duas vezes a respeito. Assim como ninguém mais. Todos eles, no entanto, estavam preocupados em observar a paisagem, alguns faziam compras, outros manipulavam argila, areia e... tinta.

Artistas. Eu jamais me chamei de artista, jamais havia conjecturado aquilo ou pensado tão grandiosamente, mas...

Onde toda aquela cor, luz e textura um dia morara, havia apenas uma cela de prisão imunda.

— Estou cansada. — Eu consegui dizer.

Conseguia sentir o olhar de Rhys, não me importava se o escudo mental estava erguido ou não para me proteger contra seu acesso a meus pensamentos. Mas ele apenas disse:

— Podemos voltar outro dia. Está quase na hora do jantar mesmo.

De fato, o sol descia na direção em que o rio encontrava o mar além das colinas, manchando a cidade de rosa e dourado.

Não senti vontade de pintar aquilo também. Mesmo enquanto as pessoas paravam para admirar o pôr do sol que se aproximava — como se os residentes daquele lugar, daquela corte, tivessem a liberdade, a segurança de aproveitar a vista sempre que desejassem. E jamais tivessem conhecido outra vida.

Eu queria gritar com eles, queria pegar um pedaço solto de paralelepípedo e quebrar a janela mais próxima, queria libertar aquele poder que mais uma vez fervilhava sob minha pele e dizer às pessoas, *mostrar* a elas, o que fora feito comigo, com o resto do mundo, enquanto elas admiravam o pôr do sol e pintavam e bebiam à beira do rio.

— Calma — murmurou Rhys.

Virei a cabeça para ele, minha respiração estava um pouco irregular.

O rosto de Rhysand, de novo, se tornou indecifrável.

— Meu povo não tem culpa.

Com facilidade, meu ódio sumiu, como se tivesse escorregado em um degrau da escada que galgava constantemente dentro de mim e tivesse se estatelado na rua de pedras pálidas.

Sim; sim, é claro que não tinham culpa. Mas eu não tinha mais vontade de pensar naquilo. Em nada. De novo, falei:

— Estou cansada.

A garganta de Rhys oscilou, mas ele assentiu, virando as costas para o Arco-Íris.

— Amanhã à noite, sairemos para caminhar. Velaris é linda durante o dia, mas foi construída para ser vista depois do anoitecer.

Eu não esperava menos da Cidade de Luz Estelar, mas as palavras tinham ficado, mais uma vez, difíceis de pronunciar.

Mas... jantar. Com ele. Naquela Casa do Vento. Reuni concentração o suficiente para dizer:

— Quem, exatamente, estará nesse jantar?

Rhys nos guiou por uma rua íngreme, e minhas coxas pareciam queimar com o movimento. Será que eu estava tão fora de forma, tão fraca?

— Meu Círculo Íntimo — disse ele. — Quero que os conheça antes de decidir se este é um lugar no qual gostaria de ficar. Se gostaria de trabalhar comigo e, portanto, com eles. Mor você já conheceu, mas os outros três...

— Aqueles que vieram essa tarde.

Um aceno de cabeça.

— Cassian, Azriel e Amren.

— Quem são? — Rhysand dissera algo sobre illyrianos, mas Amren, a voz feminina que eu ouvira, não tinha asas. Pelo menos não asas que eu pudesse ver pelo vidro embaçado.

— Há hierarquias — falou Rhysand, com voz neutra — dentro de nosso círculo. Amren é minha imediata.

Uma fêmea? A surpresa devia estar estampada em meu rosto, pois Rhys falou:

— Sim. E Mor é a terceira na hierarquia. Apenas um tolo pensaria que meus guerreiros illyrianos são os predadores no topo de nosso círculo. — A irreverente e alegre Mor era terceira na sucessão do Grão-Senhor da Corte Noturna. Rhys continuou: — Verá o que quero dizer quando conhecer Amren. Ela parece Grã-Feérica, mas algo diferente habita sua pele. — Rhys assentiu para um casal que

passava, o qual fez uma reverência com a cabeça em um cumprimento alegre. — Ela pode ser mais velha que esta cidade, mas é vaidosa e gosta de acumular penduricalhos e pertences tal qual um dragão cuspidor de fogo em uma caverna. Então... fique atenta. Vocês duas têm temperamentos fortes quando provocadas, e não quero que tenha nenhuma surpresa à noite.

Parte de mim não queria exatamente saber que tipo de criatura ela era.

— Então, se entrarmos numa briga e eu lhe arrancar o cordão, Amren vai me assar e me devorar?

Rhys riu.

— Não... Amren faria coisas muito, muito piores que isso. Da última vez em que Amren e Mor se desentenderam, deixaram meu retiro preferido nas montanhas em cinzas. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Para você ter uma ideia, sou o Grão-Senhor mais poderoso da história de Prythian, e simplesmente interromper Amren é algo que *eu* só fiz uma vez no último século.

O mais poderoso Grão-Senhor da história.

Ao longo dos incontáveis milênios em que existiram aqui em Prythian, Rhys — *Rhys*, com os risinhos debochados e o sarcasmo e o olhar sensual...

E Amren era pior. E mais velha que *cinco mil anos*.

Esperei que o medo me atingisse; esperei que meu corpo se desesperasse para encontrar uma forma de me livrar do jantar, mas... nada. Talvez fosse uma benção ser morta...

A mão larga de Rhys segurou meu rosto... com suavidade bastante para não doer, mas com força suficiente para me fazer encará-lo.

— *Nem* pense nisso — sibilou Rhysand, o olhar lívido. — *Nem por um maldito segundo*.

Aquela ligação entre nós ficou tensa, meus escudos mentais restantes desabaram. E, por um segundo, exatamente como aconteceu Sob a Montanha, passei de meu corpo para o dele... dos meus olhos para os de Rhys.

Não tinha percebido... minha aparência...

Meu rosto estava macilento, as maçãs do rosto, protuberantes, os olhos azul-acinzentados, esmaecidos e manchados de roxo embaixo. Os lábios carnudos — a boca de meu pai — estavam finos, e as clavículas despontavam acima do decote espesso de lã do suéter. Eu parecia... Parecia que o ódio, o luto e o desespero tinham me devorado viva, como se eu estivesse, de novo, faminta. Não por comida, mas... mas por alegria e vida...

Então, voltei para meu corpo, olhando para Rhys com raiva.

— Isso foi um truque?

A voz de Rhys estava áspera quando ele tirou a mão de meu rosto.

— Não. — Rhys inclinou a cabeça para o lado. — Como passou por ele? Por meu escudo.

Eu não sabia do que ele estava falando. Não tinha *feito* nada. Apenas... deslizado. E não queria falar sobre aquilo, não ali, não com ele. Saí batendo os pés, e minhas pernas — tão finas, tão *inúteis* — queimavam a cada passo acima da íngreme colina.

Rhysand segurou meu cotovelo, de novo com aquela suavidade cautelosa, mas forte o bastante para me fazer parar.

— Para dentro de quantas outras mentes deslizou acidentalmente?

Lucien...

— *Lucien?* — Uma risada curta. — Que lugar miserável para estar.

Um grunhido baixo saiu de dentro de mim.

— *Não* entre em minha mente.

— Seu escudo está abaixado. — Eu o ergui às pressas. — Poderia muito bem ter gritado o nome para mim. — De novo, aquela inclinação contemplativa da cabeça. — Talvez ter meu poder... — Rhys mordeu o lábio inferior e, depois, riu com escárnio. — Faria sentido, é claro, se o poder veio de *mim*, se meu escudo às vezes confundisse *você* comigo e a deixasse passar. Fascinante.

Pensei em cuspir em suas botas.

— Pegue seu poder de volta. Não quero.

Um sorriso malicioso.

— Não funciona assim. O poder está preso a sua vida. A única forma de tomá-lo de volta seria matá-la. E, como eu gosto de sua companhia, vou dispensar a oferta. — Demos alguns passos antes de Rhys dizer: — Você precisa ficar vigilante com relação aos escudos mentais. Principalmente agora que viu Velaris. Se algum dia for a outro lugar, além destas terras, e alguém deslizar para dentro de sua mente e vir este lugar... — O músculo em seu maxilar se contraiu. — Somos chamados de daemati, aqueles de nós que podem entrar na mente de outra pessoa como se passássemos de um quarto para outro. Somos raros, e o traço aparece conforme a Mãe deseja, mas há o suficiente de nós pelo mundo para que muitos, principalmente aqueles em posições de influência, treinem exaustivamente contra nossas habilidades. Se você algum dia encontrasse um daemati sem os escudos erguidos, Feyre, ele tomaria o que quisesse. Um mais poderoso poderia torná-la escrava sem que você soubesse, obrigá-la a fazer o que quisesse, e você jamais se daria conta. Minhas terras permanecem tão misteriosas para forasteiros que alguns achariam você, entre outras coisas, uma fonte altamente valiosa de informações.

Daemati; será que agora eu era uma se também podia fazer tais coisas? Mais um maldito título para que as pessoas sussurrassem conforme eu passava.

— Imagino que em uma potencial guerra contra Hybern, os exércitos do rei nem mesmo saberiam que este é um lugar para atacar? — Indiquei com a mão a cidade ao nosso redor. — Então, o que, seu povo mimado... aqueles que não podem proteger a mente recebem sua proteção *e* não precisam lutar enquanto o restante de nós sangra?

Não deixei que ele respondesse, e apenas apressei o passo. Um golpe baixo e infantil, mas... Por dentro, por dentro eu tinha me tornado como aquele mar distante, incessantemente revolta, atirada de um lado para outro por rajadas de vento que destruíam qualquer noção de onde pudesse estar a superfície.

Rhys se manteve um passo atrás durante o restante da caminhada até a casa.

Alguma pequena parte de mim sussurrou que eu podia sobreviver a Amarantha; podia sobreviver a deixar Tamlin; podia sobreviver à transição para aquele novo e estranho corpo... Mas àquele buraco vazio e frio em meu peito... Não tinha certeza se podia sobreviver a ele.

Mesmo durante os anos em que estivera a uma semana ruim de morrer de fome, aquela parte de mim estivera cheia de cor, de luz. Talvez me tornar feérica a tivesse destruído. Talvez Amarantha a tivesse destruído.

Ou talvez eu a tivesse destruído quando afundei aquela adaga nos corações de dois feéricos inocentes e o sangue aqueceu minhas mãos.

— De jeito algum — falei, no pequeno jardim do telhado da casa, as mãos enfiadas nos bolsos do sobretudo para que se aquecessem contra o ar gelado da noite. Havia espaço suficiente para alguns arbustos quadrados e uma mesa de ferro redonda com duas cadeiras, e eu e Rhysand.

Ao nosso redor, a cidade brilhava, as próprias estrelas pareciam mais baixas, pulsando com rubi, ametista e pérolas. Acima, a lua cheia fazia com que o mármore de prédios e pontes reluzisse, como se as construções fossem todas iluminadas de dentro para fora. Música tocava, cordas e tambores suaves, e, de cada lado do rio Sidra, luzes douradas oscilavam sobre passeios à margem, pontuados por cafés e lojas, todos abertos à noite, já lotados.

Vida... tão cheio de vida. Eu quase sentia aquele gosto estalando na língua.

Usando preto ressaltado por linha prateada, Rhysand cruzou os braços. E farfalhou as imensas asas quando falei:

— Não.

— A Casa do Vento é protegida para que pessoas não atravessem para dentro dela... Exatamente como esta casa. Mesmo contra Grão-Senhores. Não me pergunte por que ou quem fez isso. Mas a opção é subir os dez mil degraus andando, o que eu

realmente não quero fazer, Feyre, ou voar até lá. — O luar se refletiu na garra na ponta de cada asa. Rhys me lançou um lento sorriso que eu não vira a tarde toda. — Prometo que não a deixo cair.

Franzi a testa para o vestido azul como a meia-noite que tinha escolhido; mesmo com as mangas compridas e o tecido pesado e exuberante, o decote acentuado não ajudava em nada contra o frio. Tinha pensado em usar o suéter com calça mais grossa, mas preferi o luxo ao conforto. Já estava arrependida, mesmo com o casaco. Mas... se o Círculo Íntimo de Rhys fosse como a corte de Tamlin... era melhor usar o traje mais formal. Pisquei para o trecho de noite entre o telhado e a residência na montanha.

— O vento vai levar meu vestido embora.

O sorriso de Rhys se tornou felino.

— Vou de escada — declarei, fervilhando, e o ódio era bem-vindo depois das últimas horas de entorpecimento conforme segui para a porta na ponta do telhado.

Rhys estendeu uma das asas e bloqueou meu caminho.

Membrana lisa; salpicada com leve iridescência. Eu me afastei.

— Nuala passou uma hora fazendo meu cabelo.

Um exagero, mas ela trabalhara enquanto eu me sentava, em silêncio vazio, deixando que torcesse as pontas para formar leves cachos e prendesse uma parte no alto da cabeça com lindas presilhas de ouro. Mas talvez ficar em casa naquela noite, sozinha e em silêncio... talvez fosse melhor que enfrentar aquelas pessoas. Do que interagir.

A asa de Rhys se curvou ao meu redor, me levando mais para perto, onde eu quase conseguia sentir o calor do corpo poderoso.

— Prometo que não vou deixar que o vento destrua seu cabelo. — Rhysand ergueu a mão, como se pudesse puxar um daqueles cachos soltos, e depois a abaixou.

— Se preciso decidir se quero trabalhar contra Hybern com você... com seu Círculo Íntimo, não podemos simplesmente... nos encontrar aqui?

— Já estão todos lá. E, além disso, a Casa do Vento tem espaço bastante para que eu não tenha vontade de atirar todos da montanha.

Engoli em seco. De fato, curvando-se no topo da montanha central atrás de nós, andares iluminados brilhavam, como se a montanha tivesse sido coroada em ouro. E entre mim e aquela coroa de luz havia uma *longa* extensão de céu aberto.

— Quer dizer — falei, porque podia ser a única arma em meu arsenal — que esta casa é pequena demais e as personalidades deles, grandes demais, e você está preocupado que eu perca a cabeça de novo.

As asas de Rhys me empurraram para mais perto, como um sussurro de calor em meu ombro.

— E se estiver?

— Não sou uma boneca quebrada. — Mesmo que naquela tarde a conversa que tivemos, o que eu vi pelos olhos de Rhysand, dissesse o contrário. Mas cedi mais um passo.

— Eu sei que não é. Mas isso não significa que vou atirá-la aos lobos. Se falou sério sobre querer trabalhar comigo para manter Hybern longe destas terras, manter a muralha intacta, quero que conheça meus amigos primeiro. Decida por conta própria se é algo de que pode dar conta. E quero que esse encontro aconteça de acordo com *meus* termos, não quando eles decidirem fazer uma emboscada nesta casa de novo.

— Eu não sabia que você sequer tinha amigos. — Sim, ódio, língua afiada... A sensação era boa. Melhor que nenhuma sensação.

Um sorriso frio.

— Você não perguntou.

Rhysand estava tão perto agora que passou a mão por minha cintura e me envolveu com as duas asas. Minha coluna travou. Uma gaiola...

As asas recuaram.

Mas ele segurou mais forte. Me preparando para a decolagem. Que a Mãe me salvasse.

— É só dizer uma palavra esta noite, e voltamos para cá, sem perguntas. E, se não aguentar trabalhar comigo, com eles, então não farei perguntas quanto a isso também. Podemos encontrar alguma outra forma de você morar aqui, de se sentir realizada, independentemente do que eu precise. A escolha é sua, Feyre.

Pensei em provocar mais Rhys... em insistir para que eu ficasse. Mas ficar por quê? Para dormir? Para evitar um encontro que eu muito provavelmente deveria ter antes de decidir *o que* queria fazer comigo mesma? E para voar...

Verifiquei as asas, o braço em volta de minha cintura.

— Por favor, não me deixe cair. E por favor, não...

Disparamos para o céu, rápidos como uma estrela cadente.

Antes que meu grito terminasse de ecoar, a cidade tinha se aberto sob nós. Uma das mãos de Rhys deslizou sob meus joelhos enquanto a outra envolveu minhas costas e as costelas, e voamos mais e mais para cima, até a noite estrelada, para a escuridão líquida e para o vento melódico.

As luzes da cidade se afastaram até que Velaris se tornasse um cobertor de veludo ondulante coberto de joias, até que a música não mais alcançasse nossas orelhas pontiagudas. O ar estava frio, mas nenhum vento além de uma leve brisa roçou meu rosto — mesmo conforme disparamos com precisão magnífica em direção à Casa do Vento.

O corpo de Rhys parecia firme e quente contra o meu; era uma força sólida da natureza, criada e aprimorada para aquilo. Mesmo o cheiro me lembrava do vento: chuva e sal e algo cítrico que eu não conseguia nomear.

Desviamos para uma corrente ascendente, subindo tão rápido que foi instintivo me agarrar à túnica preta de Rhysand quando meu estômago se apertou. Fiz uma careta para a risada baixa que fez cócegas em minha orelha.

— Esperava mais gritos de você. Não devo estar tentando com muito afinco.

— *Não* — sussurrei, me concentrando na faixa de luzes que se aproximava, na parede eterna da montanha.

Com o céu girando acima e as luzes disparando abaixo, o lado de cima e o de baixo se tornaram espelhos; até que velejamos por um mar de estrelas. Algo apertado em meu peito se aliviou infimamente.

— Quando eu era menino — disse Rhys ao meu ouvido. — Saía escondido da Casa do Vento, saltando da minha janela, e voava e voava a noite toda, apenas dando cambalhotas pela cidade, pelo rio, pelo mar. Às vezes ainda faço isso.

— Seus pais deviam ficar felicíssimos.

— Meu pai jamais soube, e minha mãe... — Uma pausa. — Ela era illyriana. Em algumas noites, quando me pegava no momento em que eu saltava da janela, brigava comigo... depois, saltava também para voarmos juntos até o alvorecer.

— Ela parece encantadora — admiti.

— Ela era — confessou Rhysand. E essas duas palavras me disseram o bastante sobre seu passado para que eu não me intrometesse.

Uma manobra nos fez subir mais, até que estivéssemos diretamente alinhados com uma varanda ampla, emoldurada pela luz de lanternas douradas. Na ponta, embutidas na própria montanha vermelha, duas portas de vidro já estavam abertas, revelando uma sala de jantar grande, mas casual, entalhada na pedra e acentuada pela madeira luxuosa. Cada cadeira tinha sido feita, reparei, para acomodar asas.

A aterrissagem de Rhys foi tão suave quanto a decolagem, embora tivesse mantido um braço sob meus ombros enquanto meus joelhos falhavam ao se acomodarem. Eu me desvencilhei do toque de Rhys e olhei para a cidade atrás de nós.

Tinha passado tanto tempo agachada em galhos de árvores que já não sentia pela altura um terror primitivo havia muito tempo. Mas a extensão da cidade... pior, a vasta extensão de escuridão além — o mar... Talvez eu ainda fosse uma tola humana por me sentir daquele jeito, mas não tinha percebido o tamanho do mundo. O tamanho de Prythian, se uma cidade grande como aquela podia permanecer escondida de Amarantha, das outras cortes.

Rhysand estava em silêncio ao meu lado. Mas, depois de um momento, ele disse:

— Fale.

Ergui uma sobrancelha.

— Você revela o que está na sua cabeça, uma coisa só. E digo uma também.

Sacudi a cabeça e me voltei para a cidade.

Mas Rhys continuou:

— Estou pensando que passei cinquenta anos trancafiado Sob a Montanha, e, às vezes, eu me deixava sonhar com este lugar, mas jamais esperava vê-lo de novo. Estou pensando que desejava ter sido eu a matá-la. Estou pensando que, se a guerra vier, pode demorar muito até que tenha uma noite como esta.

Rhys desviou o olhar para mim, ansioso.

Não me dei o trabalho de perguntar de novo como ele mantivera aquele lugar escondido, não quando provavelmente Rhys se recusaria a responder. Então, perguntei:

— Acha que a guerra virá tão cedo assim?

— Esse foi um convite sem perguntas. Eu contei... três coisas. Me conte uma.

Encarei o mundo aberto, a cidade e o mar revolto e a noite seca de inverno.

Talvez fosse algum pingo de coragem, ou inconsequência, ou eu estivesse tão acima de tudo que ninguém, exceto Rhys ou o vento, podia ouvir, mas confessei:

— Estou pensando que devia ser uma tola apaixonada para permitir que me fosse mostrado tão pouco da Corte Primaveril. Estou pensando que há muito daquele território que jamais me foi permitido ver ou saber que existia, e talvez eu tivesse vivido em ignorância para sempre, como algum bicho de estimação. Estou pensando... — Engasguei com as palavras. Sacudi a cabeça, como se pudesse afastar aquelas que restavam. Mas mesmo assim as falei: — Estou pensando que era uma pessoa solitária e sem esperanças, e talvez tivesse me apaixonado pela primeira coisa que me mostrou um pingo de bondade e segurança. E estou pensando que talvez ele soubesse disso... talvez não conscientemente, mas talvez *ele* quisesse ser aquela

pessoa para alguém. E talvez isso desse certo para quem eu era antes. Talvez não dê certo para quem... o que sou agora.

Pronto.

As palavras, cheias de ódio, egoístas e ingratas. Apesar de tudo que Tamlin tinha feito...

O pensamento desse nome ressoou dentro de mim. Na tarde do dia anterior, eu estava lá. Não... não, não pensaria nisso. Ainda não.

Rhysand comentou:

— Foram cinco. Parece que devo dois pensamentos a você. — Ele olhou para trás de nós. — Depois.

Porque os dois machos alados de mais cedo estavam de pé à porta.

Sorrindo.

Capítulo 16

Rhys caminhou por entre os dois feéricos parados à porta da sala de jantar, me dando a opção de ficar ou me juntar a ele.

Uma palavra, prometera Rhys, e podíamos ir embora.

Os dois eram altos, as asas estavam recolhidas contra os corpos poderosos e musculosos, cobertos com um traje de couro costurado em placas que me lembravam de escamas gastas de alguma besta viperina. Espadas longas idênticas estavam, cada uma, presas ao longo da extensão da coluna de ambos — as lâminas eram lindas em sua simplicidade. Talvez não precisasse ter me dado o trabalho de usar as roupas finas, no fim das contas.

O feérico ligeiramente maior dos dois, o rosto oculto por sombras, deu uma risada e falou:

— Vamos, Feyre. Não mordemos. A não ser que peça.

Surpresa tomou conta de mim, o que colocou meus pés em movimento.

Rhys colocou as mãos nos bolsos.

— Até onde sei, Cassian, ninguém jamais aceitou essa oferta.

O segundo riu com escárnio, os rostos dos dois feéricos foram por fim iluminados quando eles se viraram na direção da luz dourada da sala de jantar, e sinceramente me perguntei por que ninguém tinha aceitado a oferta: se a mãe de Rhysand também era illyriana, então aquele povo era abençoado com beleza sobrenatural.

Como o Grão-Senhor, os machos — guerreiros — tinham cabelo preto, pele bronzeada. Mas, diferentemente de Rhys, os olhos tinham cor de amêndoa e estavam fixos em mim quando eu, por fim, me aproximei... em direção à Casa do Vento, que esperava atrás deles.

E era ali que as semelhanças entre os três acabavam.

Cassian observou Rhys da cabeça aos pés, os cabelos pretos, na altura dos ombros, oscilaram com o movimento.

— Tão chique esta noite, irmão. E fez a pobre da Feyre se arrumar também. — Cassian piscou um olho para mim. Havia algo de rústico em suas feições; como se fosse feito de vento e terra e chamas e toda aquela aparência civilizada não passasse de um inconveniente.

Mas o segundo feérico, aquele que tinha uma beleza mais clássica entre os dois... Mesmo a luz fugia das feições elegantes de seu rosto. E por um bom motivo. Era lindo, mas quase indecifrável. Ele seria aquele com quem tomar cuidado... a faca na escuridão. De fato, uma faca de caça com cabo de obsidiana estava embainhada na coxa do feérico, e a bainha escura estampava uma fileira de runas prateadas que eu jamais vira.

Rhys falou:

— Este é Azriel, meu mestre-espião. — Não era surpreendente. Algum instinto profundo em mim me fez verificar se os escudos mentais estavam intactos. Só por garantia.

— Bem-vinda. — Foi tudo que Azriel disse, a voz baixa, quase inexpressiva, quando estendeu a mão coberta de cicatrizes brutais para mim. O formato era normal, mas a pele... parecia que tinha sido torcida, esfregada e rasgada. Queimaduras. Devem ter sido horríveis se nem mesmo o sangue imortal conseguira curá-las.

As placas de couro do traje leve, presas por um laço ao redor do dedo médio, cobriam a maioria das cicatrizes. Não para escondê-las, foi o que percebi quando a mão de Azriel se estendeu no ar frio da noite entre nós. Não, era para segurar no lugar a grande pedra de cobalto intenso que adornava o dorso da manopla do traje. Uma pedra igual estava no dorso da mão esquerda; e pedras gêmeas vermelhas adornavam as manoplas de Cassian, e a cor era como o centro dormente de uma fogueira.

Aceitei a mão de Azriel, e os dedos ásperos apertaram a minha. A pele era tão fria quanto o rosto parecia.

Mas a palavra que Cassian usara um momento antes chamou minha atenção quando lhe soltei a mão e tentei não parecer ansiosa demais para voltar para o lado de Rhys.

— Vocês são irmãos? — O illyrianos eram semelhantes, mas apenas da forma como pessoas que vêm do mesmo lugar são.

Rhysand explicou:

— Irmãos no sentido de que todos os bastardos são irmãos de alguma forma.

Jamais pensara nisso dessa forma.

— E... você? — perguntei a Cassian.

Cassian deu de ombros, recolhendo mais as asas.

— Eu comando os exércitos de Rhys.

Como se tal posição fosse algo que se dispensasse com um gesto de ombros. E... exércitos. Rhys tinha exércitos. Eu me mexi, desconfortável. Os olhos cor de amêndoa de Cassian acompanharam o movimento, a boca se contraiu para o lado, e eu sinceramente achei que Cassian estava prestes a me dar sua opinião profissional a

respeito de como me mexer daquela forma poderia me desequilibrar contra um inimigo, quando Azriel esclareceu:

— Cassian também é excelente em irritar todo mundo. Principalmente entre nossos amigos. Então, como amiga de Rhysand... boa sorte.

Uma amiga de Rhysand; não salvadora de sua terra, não assassina, não *coisa*-humano-feérica. Talvez eles não soubessem...

Mas Cassian cutucou o irmão bastardo, ou o que fosse, para fora do caminho, e as asas poderosas de Azriel se abriram levemente quando ele se equilibrou.

— Como diabo fez aquela escada de ossos na toca do Verme de Middengard quando parece que seus ossos estão prestes a se partir a qualquer momento?

Bem, isso esclarecia as coisas. E a questão de se ele havia estado Sob a Montanha. Mas onde estava, então... Outro mistério. Talvez ali, com aquelas pessoas. São e salvo.

Encarei Cassian, ao menos porque, se Rhysand me defendesse, isso poderia muito bem me destruir um pouquinho mais. E talvez aquilo me fizesse tão má quanto uma víbora, e talvez eu gostasse de ser uma, mas falei:

— Como diabos *você* conseguiu sobreviver tanto tempo sem que ninguém o matasse?

Cassian inclinou a cabeça para trás e gargalhou, um som intenso e exuberante que ecoou pelas pedras ásperas da Casa. As sobrancelhas de Azriel se ergueram em aprovação, ao passo que as sombras pareceram envolvê-lo com mais força. Como se Azriel fosse a colmeia de escuridão da qual as sombras voavam e para a qual retornavam.

Tentei não estremecer, e olhei para Rhys, esperando uma explicação sobre os dons sombrios de seu mestre-espião.

O rosto de Rhys estava inexpressivo, mas os olhos pareciam cautelosos. Atentos. Quase indaguei para que diabos Rhys estava olhando, e, então, Mor chegou à varanda como uma brisa e disse:

— Se Cassian está uivando, espero que signifique que Feyre disse a ele para calar a boca gorda.

Os dois illyrianos se viraram na direção da fêmea, Cassian afastando levemente os pés no chão, em uma posição de luta que eu conhecia muito bem.

Era quase o suficiente para me distrair de Azriel conforme aquelas sombras clareavam e o olhar dele percorria o corpo de Mor: um vestido vermelho esvoaçante de *chiffon*, realçado por braceletes de ouro, e pentes moldados como folhas banhadas em ouro, que seguravam para trás as ondas dos cabelos soltos.

Um fio de sombra se enroscou ao redor da orelha de Azriel, e os olhos se voltaram para os meus. Obriguei meu rosto a estampar pura inocência.

— Não sei por que esqueço que vocês são parentes — disse Cassian a Mor, apontando com o queixo para Rhys, que revirou os olhos. — Vocês dois e suas roupas.

Mor fez uma leve reverência para Cassian. De fato, tentei não respirar aliviada quando vi roupas requintadas. Pelo menos agora não parecia vestida de forma exagerada.

— Queria impressionar Feyre. Você podia pelo menos ter se dado o trabalho de pentear o cabelo.

— Diferente de algumas pessoas — disse Cassian, provando corretas as minhas suspeitas a respeito da pose de luta. — Tenho coisas melhores a fazer com meu tempo que me sentar diante do espelho durante horas.

— Sim — disse Mor, jogando os longos cabelos para trás do ombro. — Porque se exibir por Velaris...

— Temos companhia. — Foi o aviso em voz baixa de Azriel, as asas se abrindo novamente quando ele empurrou os outros dois pelas portas abertas da varanda até a sala de jantar. Eu podia jurar que gavinhas de escuridão rodopiaram atrás delas.

Mor deu um tapinha no ombro de Azriel quando desviou da asa estendida.

— Relaxe, Az... nada de briga hoje à noite. Prometemos a Rhys.

As sombras à espreita sumiram completamente quando a cabeça de Azriel se abaixou um pouco; os cabelos escuros como a noite deslizavam sobre o lindo rosto, como se o protegessem daquele sorriso impiedosamente belo.

Mor não deu qualquer indicação de que reparou; depois, curvou os dedos em minha direção.

— Venha sentar comigo enquanto eles bebem. — Eu ainda tinha dignidade suficiente para não olhar para Rhys em busca de confirmação de que era seguro. Então, obedeci e caminhei ao lado de Mor conforme os dois illyrianos se viravam para percorrer os poucos passos com seu Grão-Senhor. — A não ser que prefira beber — sugeriu Mor, quando entramos no calor da sala de jantar composta por pedras vermelhas. — Mas quero você para mim antes que Amren a monopolize...

As portas interiores da sala de jantar se abriram com um vento sussurrante, revelando os corredores sombreados e carmesim da montanha além.

E talvez parte de mim permanecesse mortal, porque, embora a mulher de baixa estatura e delicada *parecesse* Grã-Feérica... conforme Rhys me avisou, todos os meus instintos berravam para que eu fugisse. Para que me escondesse.

Ela era muitos centímetros mais baixa que eu; o cabelo, na altura do queixo, era brilhante e liso, a pele, bronzeada e macia, e seu rosto — bonito, mas quase sem graça — exibia uma expressão de tédio, ou talvez de leve irritação. Mas seus olhos...

Os olhos prateados da mulher eram diferentes de tudo que eu já vira; eram um lampejo para o interior da criatura que eu sabia, bem no fundo, não ser Grã-Feérica. Ou não tinha nascido daquela forma.

O prateado nos olhos de Amren parecia rodopiar, como fumaça sob vidro.

Ela trajava calça e blusa, como aquelas que usei no outro palácio da montanha, ambas em tons de estanho e nuvem de tempestade, e pérolas — brancas, cinza e pretas — adornavam as orelhas, os dedos e os pulsos de Amren. Mesmo o Grão-Senhor ao meu lado parecia um fiapo de sombras em comparação ao poder que emanava dela.

Mor resmungou, desabando em uma cadeira perto da cabeceira da mesa, e se serviu de uma taça de vinho. Cassian se sentou diante dela, agitando os dedos para pegar a garrafa de vinho. Mas Rhysand e Azriel simplesmente ficaram ali, observando — talvez monitorando — enquanto a mulher se aproximou de mim e então parou a um metro e meio.

— Seu gosto ainda é excelente, Grão-Senhor. Obrigada. — A voz da mulher era baixa, porém mais afiada que qualquer lâmina que eu já tivesse encontrado. Os dedos pequenos e finos roçaram um broche delicado de prata e pérola, preso acima do seio direito de Amren.

Então, foi para ela que Rhys comprou a joia. A joia que jamais, sob circunstância alguma, eu deveria tentar roubar.

Observei Rhys e Amren, como se pudesse decifrar que outro laço havia entre os dois, mas Rhysand gesticulou com a mão e fez uma reverência com a cabeça.

— Combina com você, Amren.

— Tudo combina comigo — disse ela, e aqueles olhos terríveis e encantadores encontraram os meus nesse momento. Como relâmpago domado.

Amren se aproximou um passo, farejando delicadamente, e, embora eu fosse mais alta 15 centímetros, jamais me senti mais franzina. Mas mantive o queixo erguido. Não sabia por que, mas mantive.

Amren falou:

— Então, há duas de nós agora.

Minhas sobrancelhas se franziram.

Os lábios de Amren eram como uma pincelada de vermelho.

— Nós que nascemos outra coisa e nos vimos presas em corpos novos e estranhos.

Decidi que não queria *mesmo* saber o que ela era antes.

Amren indicou com o queixo para que eu me sentasse na cadeira vazia ao lado de Mor, os cabelos dela oscilaram como noite derretida. Amren ocupou o assento

diante de mim, Azriel se sentou do outro lado, e Rhys se sentou diante de Azriel, a minha direita.

Ninguém na cabeceira da mesa.

— Embora *haja* uma terceira — continuou Amren, agora olhando para Rhysand. — Não creio que tenha tido notícias de Miryam há... séculos. Interessante.

Cassian revirou os olhos.

— Por favor, apenas chegue ao ponto, Amren. Estou com fome.

Mor engasgou com o vinho. Amren desviou a atenção para o guerreiro à direita. Azriel, do outro lado dela, monitorava os dois com muito, muito cuidado.

— Ninguém está aquecendo sua cama agora, Cassian? Deve ser *tão* difícil ser um illyriano e não ter qualquer pensamento na mente, exceto por aqueles a respeito de sua parte preferida.

— Sabe que sempre fico feliz em me enroscar nos lençóis com você, Amren — disse Cassian, totalmente imperturbado pelos olhos prateados, pelo poder que emanava de cada poro de Amren. — Sei o quanto gosta de um illyriano...

— Miryam — começou Rhysand, enquanto o sorriso de Amren se tornou viperino — e Drakon estão bem, até onde sei. E o que, exatamente, é interessante?

A cabeça de Amren se inclinou para o lado enquanto ela me estudava. Tentei não encolher o corpo diante disso.

— Somente uma vez antes um humano foi Feito imortal. Interessante que tenha acontecido novamente justo quando todas as antigas peças-chave retornaram. Mas Myriam recebeu o dom da vida longa, não de um novo corpo. E você, menina... — Amren cheirou de novo, e nunca me senti tão exposta. Surpresa iluminou os olhos de Amren. Rhys apenas assentiu. O que quer que aquilo quisesse dizer. Eu já estava cansada. Cansada de ser observada e avaliada. — Seu sangue, suas veias, seus ossos foram Feitos. Uma alma mortal em um corpo imortal.

— Estou com fome — declarou Mor, me cutucando com a coxa. Ela estalou um dedo, e pratos cheios até o alto com frango assado, vegetais e pão surgiram.

Simples, mas... elegante. Nada formal. Talvez o conjunto de suéter com calça não fosse tão deslocado para tal refeição. — Amren e Rhys podem conversar a noite toda e nos entediar até chorarmos, então, não se incomode em esperar que eles comam. — Mor pegou o garfo e emitiu um estalo com a língua. — Perguntei a Rhys se *eu* poderia levá-la para jantar, só nós duas, e ele disse que você não iria querer. Mas, sinceramente, prefere passar o tempo com esses dois chatos anciões ou comigo?

— Para alguém com a mesma idade que eu — disse Rhysand —, você parece esquecer...

— Todos só querem ficar de blá-blá-blá — interrompeu Mor, lançando um olhar de aviso a Cassian, que, de fato, abrira a boca. — Não podemos comer-comer-comer e *depois* conversar?

Um equilíbrio interessante entre a aterrorizante imediata de Rhys e a surpreendentemente alegre terceira na hierarquia. Se a patente de Mor era mais alta que aquela dos dois guerreiros na mesa, então devia haver outro motivo por trás daquilo além daquele charme irreverente. Algum poder que permitisse que ela entrasse na briga com Amren que Rhys mencionara... e saísse viva.

Azriel riu baixinho de Mor, mas pegou o garfo. Eu o acompanhei, esperando até que ele tivesse mordido antes fazer o mesmo. Só por garantia...

Bom. Tão bom. E o vinho...

Nem mesmo tinha percebido que Mor me servira de uma taça até que terminei o primeiro gole e ela brindou com a própria taça contra a minha.

— Não deixe que esses enxeridos velhos mandem em você.

Cassian disse:

— Sujo, conheça o mal lavado. — Então, ele franziu a testa para Amren, que mal tocara no prato. — Sempre esqueço como isso é bizarro. — Ele pegou o prato da mulher sem cerimônias, despejando metade do conteúdo no dele antes de passar o restante para Azriel.

Azriel disse a Amren quando passou a comida para o prato:

— Eu sempre digo a ele para perguntar antes de fazer isso.

Amren estalou os dedos, e o prato vazio sumiu das mãos cobertas de cicatrizes de Azriel.

— Se não conseguiu treiná-lo depois de tantos séculos, menino, não acho que vai fazer qualquer progresso agora. — Amren arrumou os talheres no lugar vazio diante dela.

— Você não... come? — perguntei para Amren. As primeiras palavras que eu dizia desde que me sentei.

Os dentes de Amren eram estranhamente brancos.

— Não esse tipo de comida.

— Que o Caldeirão me ferva! — exclamou Mor, tomando goladas do vinho. — Podemos *não* fazer isso?

Decidi que não queria saber o que Amren comia também.

Rhys deu uma risadinha do meu outro lado.

— Me lembre de fazer mais jantares em família.

Jantares em família; não reuniões oficiais da corte. E essa noite... ou não sabiam que eu estava ali para decidir se realmente queria trabalhar com Rhys, ou não tinham vontade de fingir ser qualquer outra coisa além do que eram. Sem dúvida tinham vestido o que quiseram — eu tinha a sensação crescente de que poderia ter aparecido de camisola e eles não teriam se importado. Um grupo singular, de fato. E contra Hybern... quem seriam, o que poderiam fazer, como aliados ou oponentes?

Diante de mim, um casulo de silêncio parecia pulsar ao redor de Azriel, mesmo enquanto os demais mergulhavam na comida. De novo, olhei para aquela pedra azul oval em sua manopla enquanto o feérico tomava um gole do vinho. Azriel reparou o olhar, por mais rápido que tenha sido, pois tive a sensação de que ele estava reparando e catalogando meus movimentos, minhas palavras e meus fôlegos. Azriel ergueu as mãos com os dorsos voltados para mim, de forma que as duas joias estivessem totalmente à vista.

— São chamadas de Sifões. Reúnem e concentram nosso poder em batalha.

Apenas Azriel e Cassian os usavam.

Rhys apoiou o garfo e esclareceu para mim.

— O poder de illyrianos mais fortes tende a ser do tipo "incinerar primeiro, fazer perguntas depois". Possuem poucos dons mágicos além disso... o poder de matar.

— O dom de um povo violento e beligerante — acrescentou Amren. Azriel assentiu, sombras se espiralavam no pescoço, nos pulsos. Cassian lançou para Azriel um olhar afiado, o rosto tenso, mas Azriel o ignorou.

Rhys continuou, embora eu soubesse que estava atento a cada olhar entre o mestre-espião e o comandante do exército:

— Os illyrianos cultivaram o poder a fim de que lhes desse vantagem em batalha, sim. Os Sifões filtram esse poder cru e permitem que Cassian e Azriel o transformem em algo mais sutil e variado, em escudos e armas, flechas e lanças. Imagine a diferença entre atirar um balde de tinta na parede e usar um pincel. Os Sifões permitem que a magia seja ágil, precisa no campo de batalha, ao passo que o estado natural dela se converte em algo muito mais confuso e indefinido, e potencialmente perigoso quando se luta em espaços confinados.

Imaginei quanto disso qualquer um deles já precisara fazer. Se aquelas cicatrizes nas mãos de Azriel tinham vindo daquele tipo de luta.

Cassian flexionou os dedos, admirando as pedras vermelhas transparentes que adornavam o dorso de suas mãos.

— Não faz mal que elas também sejam tão lindas.

— Illyrianos — murmurou Amren.

Cassian exibiu os dentes, com um interesse selvagem, e tomou um gole de vinho.

Conhecê-los, tentar visualizar como eu poderia trabalhar com eles, confiar neles, se esse conflito com Hybern irrompesse... Procurei algo para perguntar e falei para Azriel quando aquelas sombras sumiram de novo:

— Como você... quero dizer, como você e o Senhor Cassian...

Cassian cuspiu vinho do outro lado da mesa, o que fez Mor dar um salto e xingá-lo enquanto usava um guardanapo para limpar o vestido.

Mas Cassian gargalhava e Azriel exibia um leve e cauteloso sorriso no rosto enquanto Mor agitava a mão para o vestido e as gotas de vinho que surgiram no traje de luta, ou talvez de voo, percebi, de Cassian. Minhas bochechas ficaram quentes. Algum protocolo de corte que eu, ignorantemente, quebrei e...

— Cassian não é um senhor — explicou Rhys. — Embora tenho certeza de que agradeça por você achar que é. — Rhysand olhou para seu Círculo Íntimo. — Enquanto tratamos do assunto, Azriel também não. Ou Amren. Mor, acredite ou não, é a pessoa de sangue puro e com um título nesta sala. — Rhys não? Ele deve ter visto a pergunta em meu rosto, porque falou: — Sou metade illyriano. Tão bom quanto um bastardo para os Grão-Feéricos de sangue puro.

— Então você... vocês três não são Grão-Feéricos? — perguntei a Rhys e aos dois homens.

Cassian terminou de rir.

— Illyrianos certamente não são Grão-Feéricos. E gratos por isso. — Ele prendeu os cabelos pretos atrás de uma das orelhas: redonda, como as minhas haviam sido um dia. — E não somos feéricos inferiores, embora alguns tentem nos chamar assim. Somos apenas... illyrianos. Considerados cavalaria aérea dispensável para a Corte Noturna na melhor das hipóteses, soldados brutamontes descerebrados na pior.

— O que é a maior parte das vezes — esclareceu Azriel. Não ousei perguntar se aquelas sombras faziam parte de ser illyriano também.

— Não vi você Sob a Montanha — comentei. Precisava saber, sem sombra de dúvida, se tinham estado lá, se tinham me visto, se isso impactara em como eu interagiria enquanto trabalhasse com...

Silêncio. Nenhum deles, nem mesmo Amren, olhou para Rhysand.

Foi Mor quem respondeu:

— Porque nenhum de nós estava lá.

O rosto de Rhys era uma máscara gélida.

— Amarantha não sabia que eles existiam. E, quando alguém tentava contar a ela, costumava acabar sem cabeça para conseguir fazê-lo.

Um tremor percorreu minha coluna. Não por ele ser um assassino frio, mas, mas...

— Você realmente manteve esta cidade, todas essas pessoas, escondidas dela durante cinquenta anos?

Cassian olhava atentamente para o prato, como se fosse explodir para fora da própria pele.

— Continuaremos mantendo esta cidade e estas pessoas escondidas de nossos inimigos por muitos mais — revelou Amren.

Não era uma resposta.

Rhys não esperava vê-los de novo quando foi arrastado para Sob a Montanha. Mas os manteve seguros, de alguma forma.

E aquilo as deixava arrasadas, as pessoas à mesa. Ficavam arrasadas porque ele fizera aquilo, como quer que tivesse feito. Até mesmo Amren.

Talvez não apenas devido ao fato de que Rhys suportara Amarantha enquanto eles estavam ali. Talvez também fosse por causa daqueles deixados de fora da cidade. Talvez escolher uma cidade, um lugar para proteger fosse melhor que nada. Talvez... talvez fosse reconfortante ter um lugar em Prythian que permanecia intocado. Imaculado.

A voz de Mor estava um pouco rouca enquanto ela explicava para mim, com os pentes dourados brilhando à luz:

— Não há uma só pessoa nesta cidade que não saiba do que aconteceu fora destes limites. Ou do custo.

Não queria perguntar que preço fora cobrado por aquilo. A dor que envolvia o pesado silêncio me disse o bastante.

Mas, se todos conseguiam viver apesar da dor, ainda podiam rir... Pigarreei, estiquei o corpo e falei para Azriel, o qual, com ou sem sombras, parecia o mais

seguro e, portanto, provavelmente era o menos seguro:

— Como se conheceram? — Uma pergunta inofensiva para avaliá-los, descobrir quem eram. Não era?

Azriel apenas se virou para Cassian, que encarava Rhys com uma expressão de culpa e amor, tão intensa e sofrida que algum instinto meu, ainda não destruído, quase estendeu a mão sobre a mesa para segurar a sua.

Mas Cassian pareceu processar o que eu perguntei e o pedido silencioso do amigo de que ele contasse a história em vez de Rhys, e então o espectro de um sorriso surgiu em seu rosto.

— Nós todos nos odiávamos no início.

Ao meu lado, a luz apagou dos olhos de Rhys. O que eu tinha perguntado sobre Amarantha, que horrores dos quais eu o fizera se lembrar...

Uma confissão por outra; achei que tivesse feito aquilo pelo meu bem. Talvez tivesse coisas que precisava exprimir, *que não podia* exprimir para aquelas pessoas, não sem causar mais dor e culpa a elas.

Cassian continuou, atraindo minha atenção do silencioso Grão-Senhor à direita:

— Nós *somos* desprezíveis, sabe. Az e eu. Os illyrianos... Amamos nosso povo e nossas tradições, mas eles vivem em clãs e acampamentos nas profundezas das montanhas do Norte e não gostam de forasteiros. Principalmente Grão-Feéricos que tentam lhes dizer o que fazer. Mas são igualmente obcecados com linhagem e têm os próprios príncipes e lordes entre eles. Az — disse Cassian, apontando com o dedão na direção de Azriel, o Sifão vermelho refletindo a luz — era o bastardo de um dos senhores locais. E se acha que o filho bastardo de um senhor é odiado, então não pode imaginar o quanto é odiado o bastardo de uma lavadeira de campo de batalha com um guerreiro do qual ela não conseguia, ou não queria, se lembrar. — O gesto casual de ombros de Cassian não combinava com o brilho malicioso nos olhos cor de avelã. — O pai de Az o mandou a nosso campo para treinar depois que ele e sua adorável esposa perceberam que Azriel era um encantador de sombras.

Encantador de sombras. Sim; o título, o que quer que quisesse dizer, parecia combinar.

— Como os daemati — disse Rhys a mim —, encantadores de sombras são raros... cobiçados por cortes e territórios pelo mundo devido ao quanto são furtivos e à predisposição a ouvir e sentir coisas que outros não conseguem.

Talvez aquelas sombras estivessem realmente sussurrando para ele, então. O rosto frio de Azriel não mostrava nada.

Cassian continuou:

— O senhor do acampamento praticamente se cagou todo de animação no dia em que Az foi jogado ali. Mas eu... depois que minha mãe me desmamou e aprendi a andar, me mandaram para um acampamento distante, e me enfiaram na lama para ver se eu sobreviveria.

— Teriam sido mais espertos se jogassem você de um penhasco — argumentou Mor, rindo com deboche.

— Ah, com certeza — rebateu Cassian, e aquele sorriso ficou afiado como uma lâmina. — Principalmente porque, quando eu tive idade e força o suficiente para voltar para o acampamento no qual nasci, descobri que aqueles porcos se aproveitaram de minha mãe até ela morrer.

De novo, silêncio; diferente dessa vez. A tensão e o ódio fervilhante de um grupo que suportara tanto, sobrevivera a tanto... e sentiam as dores uns dos outros profundamente.

— Os illyrianos — interrompeu Rhys educadamente, e aquela luz finalmente voltou para seu olhar — são guerreiros incomparáveis e têm histórias e tradições ricas. Mas também são cruéis e deturpados, principalmente no que diz respeito ao modo como tratam as fêmeas.

Os olhos de Azriel tinham ficado quase vazios enquanto ele encarava a parede de janelas atrás de mim.

— São bárbaros — disse Amren, e nenhum dos machos illyrianos protestou. Mor assentiu com empatia, mesmo ao reparar na postura de Azriel e morder o lábio.

— Eles aleijam as fêmeas para evitar que elas gerem mais guerreiros perfeitos.

Rhys estremeceu.

— Minha mãe nasceu em uma classe baixa — contou ele. — E trabalhava como costureira em um dos muitos acampamentos de guerra nas montanhas. Quando as fêmeas atingem a maturidade nos acampamentos, quando sangram pela primeira vez, as asas são... cortadas. Apenas uma incisão no lugar certo, abandonada para que se cure de modo errado, pode aleijar alguém para sempre. E minha mãe, ela era bondosa e selvagem e amava voar. Então, fez tudo que pôde para evitar amadurecer. Passou fome, colheu ervas ilegais, fez qualquer coisa para impedir o curso natural do corpo. Ela fez 18 anos e ainda não tinha sangrado, para o horror dos pais. Mas o sangue finalmente chegou, e bastava apenas que estivesse no lugar errado, na hora errada para que um macho sentisse o cheiro e avisasse ao senhor do acampamento. Ela tentou fugir, disparou para o céu. Mas era jovem, e os guerreiros, mais rápidos e a arrastaram de volta. Estavam prestes a amarrá-la aos mastros no centro do acampamento quando meu pai fez a travessia até lá para uma reunião com o senhor do acampamento a respeito de se prepararem para a guerra. Ele viu minha mãe se debatendo e lutando como um felino selvagem e... — Rhys engoliu em seco. — O laço da parceria entre os dois se atou. Lançou um olhar para minha mãe e soube o que ela era. Meu pai enevoou os guardas que a seguravam.

Semicerrei os olhos.

— Enevoou?

Cassian soltou um riso malicioso quando Rhys fez flutuar acima da mesa uma fatia de limão que decorava seu frango. Com um gesto do dedo, Rhys transformou a fatia em névoa com um cheiro cítrico.

— Em meio à chuva de sangue — continuou Rhys, enquanto eu afastava a imagem do que aquilo faria com um corpo, do que *ele* podia fazer —, minha mãe olhou para meu pai. E a parceria aconteceu para ela. Meu pai a levou de volta à Corte Noturna naquela noite e a desposou. Minha mãe amava seu povo e sentia falta deles, mas jamais se esqueceu do que tentaram fazer com ela, do que fizeram

com as fêmeas entre eles. Ela tentou durante décadas fazer com que meu pai banisse aquilo, mas a Guerra estava se aproximando e ele não queria arriscar isolar os illyrianos quando precisava que eles liderassem seus exércitos. E que morressem por ele.

— Uma preciosidade, seu pai — resmungou Mor.

— Pelo menos ele gostava de você — replicou Rhys, e depois esclareceu para mim. — Meu pai e minha mãe, apesar de parceiros, não eram certos um para o outro. Meu pai era frio e calculista e podia ser cruel, como fora treinado desde que nasceu. Minha mãe era carinhosa e selvagem e amada por todos os que conhecia. Ela passou a odiá-lo depois de um tempo, mas jamais deixou de se sentir grata por meu pai ter salvado suas asas, por ter permitido que ela voasse sempre e para onde quisesse. E, quando nasci, quando pude conjurar as asas illyrianas quando quisesse... Ela queria que eu conhecesse a cultura de seu povo.

— Queria manter você longe das garras de seu pai — ponderou Mor, girando a taça de vinho, curvando os ombros quando Azriel finalmente piscou e pareceu esquecer qualquer lembrança que o tivesse congelado.

— Isso também — acrescentou Rhys, sarcástico. — Quando fiz 8 anos, minha mãe me levou a um dos acampamentos de guerra illyrianos. Para ser treinado, como todos os machos illyrianos o eram. E como todas as mães illyrianas, ela me empurrou para o ringue de treino no primeiro dia e foi embora sem olhar para trás.

— Ela o abandonou? — Eu me peguei dizendo.

— Não, nunca — disse Rhys, com uma ferocidade que eu só tinha ouvido algumas vezes, uma delas naquela tarde. — Ficaria no acampamento também. Mas é considerado vergonhoso uma mãe paparicar o filho quando este vai treinar.

Minhas sobrancelhas se ergueram, e Cassian riu.

— Relutante, como ele disse — contou o guerreiro.

— Eu estava apavorado — admitiu Rhys, sem uma sombra de vergonha. — Estava aprendendo a usar meus poderes, mas magia illyriana era apenas uma fração deles. E é rara entre eles, em geral possuída apenas pelos guerreiros mais

poderosos, de sangue puro. — De novo, olhei para os Sifões dormentes nas mãos dos guerreiros. — Tentei usar um Sifão durante aqueles anos — falou Rhys. — E destruí uma dezena antes de perceber que não era compatível, as pedras não podiam segurá-lo. Meu poder flui e é cultivado de outras formas.

— Tão difícil ser um Grão-Senhor tão poderoso — implicou Mor.

Rhys revirou os olhos.

— O senhor do acampamento me proibiu de usar minha magia. Pelo bem de todos vocês. Mas eu não tinha ideia de como lutar quando coloquei os pés no ringue de treinamento naquele dia. Os outros garotos de minha faixa etária sabiam disso também. Principalmente um deles, que me olhou e me espancou até me deixar ensanguentado.

— Você estava tão *limpo* — comentou Cassian, sacudindo a cabeça. — O filho mestiço bonitinho do Grão-Senhor, como estava chique nas novas roupas de treinamento.

— Cassian — disse Azriel para mim com aquela voz que parecia como se a escuridão ganhasse som — passou a conseguir roupas novas ao longo dos anos como prêmio ao desafiar outros garotos em lutas. — Não havia orgulho nas palavras, não pela brutalidade de seu povo. Eu não culpava o encantador de sombras, no entanto. Tratar *qualquer um* daquela forma...

Cassian, no entanto, riu. Mas eu agora observava seus ombros largos e fortes, a luz nos olhos.

Jamais conheci mais ninguém em Prythian que tivesse passado fome, sentido desespero, não como eu.

Cassian piscou, e o modo como ele me olhou mudou — mais observador, mais... sincero. Eu podia jurar que vi as palavras nos olhos dele: *Sabe como é. Sabe que marca isso deixa.*

— Eu já tinha espancado todos os garotos de nossa idade duas vezes — continuou Cassian. — Mas, quando Rhys chegou, com as roupas limpas, ele

cheirava... diferente. Como um verdadeiro oponente. Então, ataquei. Nós dois recebemos três chibatadas cada pela briga.

Encolhi o corpo. Bater em crianças...

— Eles fazem pior, menina — interrompeu Amren. — Naqueles acampamentos. Três chibatadas é praticamente um encorajamento para que lutem de novo. Quando fazem algo realmente ruim, ossos são quebrados. Repetidas vezes. Durante semanas.

Falei para Rhys:

— Sua mãe voluntariamente o enviou para isso? — Carinhosa e selvagem de fato.

— Minha mãe não queria que eu dependesse de meu poder — explicou Rhysand. — Ela soube, desde o momento em que me concebeu, que eu seria caçado a vida toda. Onde uma força falhava, ela queria que outras me salvassem.

"Minha educação era outra arma, e por isso ela foi comigo: para me ensinar depois que as lições do dia terminassem. E, quando me levou para casa naquela primeira noite, para nossa nova casa no limite do acampamento, me fez ler à janela. Foi lá que vi Cassian arrastando os pés pela lama, na direção das poucas tendas em frangalhos fora do acampamento. Perguntei a ela para onde Cassian estava indo, e minha mãe me contou que bastardos não recebem nada: encontram o próprio abrigo, a própria comida. Se sobrevivem e são escolhidos para fazer parte de uma tropa de guerra, serão de baixa patente para sempre, mas receberão as próprias tendas e os suprimentos. Mas, até então, ele ficaria no frio."

— Aquelas montanhas — acrescentou Azriel, com o rosto duro como gelo — oferecem algumas das piores condições que se pode imaginar.

Eu tinha passado bastante tempo em bosques congelados para entender.

— Depois de minhas lições — continuou Rhys —, minha mãe limpou os machucados deixados pelas chibatadas, e, enquanto fazia isso, percebi pela primeira vez o que era estar aquecido e a salvo e ser cuidado. E não me senti bem com aquilo.

— Aparentemente não — disse Cassian. — Porque, na calada da noite, esse imbecil me acordou na tenda aos pedaços e me disse para ficar de boca fechada e o acompanhar. E talvez o frio tivesse me deixado burro, mas eu fui. A mãe dele ficou *lívida*. Mas nunca vou me esquecer do olhar em seu lindo rosto quando me viu e disse "Tem uma banheira com água quente corrente. Entre ou pode voltar para o frio". Como eu era um cara esperto, obedeci. Quando saí, ela me deu roupas limpas e me mandou para a cama. Passei a vida dormindo no chão, e, quando hesitei, ela disse que entendia porque sentira o mesmo um dia, e que eu me sentiria como se estivesse sendo engolido, mas a cama era minha por quanto tempo eu quisesse.

— E vocês ficaram amigos depois disso?

— Não... Pelo Caldeirão, não — disse Rhysand. — Nós nos odiávamos, e só nos comportávamos porque se um de nós se metesse em confusão ou provocasse o outro, nenhum de nós comeria naquela noite. Minha mãe começou a ensinar Cassian, mas somente quando Azriel chegou, um ano depois, decidimos ser aliados.

O sorriso de Cassian aumentou quando ele estendeu o braço além de Amren para dar um tapinha no ombro do amigo. Azriel suspirou... o longo som do sofrimento. A expressão mais calorosa que eu o vi fazer.

— Um novo bastardo no acampamento e um encantador de sombras destreinado para recrutar. Sem falar que ele nem podia *voar* graças a...

Mor interrompeu, preguiçosamente:

— Volte para o objetivo, Cassian.

De fato, qualquer sensibilidade tinha sumido do rosto de Azriel. Mas calei minha curiosidade quando Cassian, de novo, deu de ombros, sem sequer se dar o trabalho de reparar no silêncio que parecia vazar do encantador de sombras. Já Mor reparou, mesmo que Azriel não tivesse se dado o trabalho de reconhecer o olhar preocupado, a mão para a qual Mor ficava olhando, como se fosse tocar, mas desistisse.

Cassian continuou:

— Rhys e eu tornamos a vida dele um inferno, encantador de sombras ou não. Mas a mãe de Rhys conhecia a mãe de Az e o acolheu. Conforme envelhecemos, e os outros machos ao nosso redor também, percebemos que todos nos odiavam tanto que tínhamos mais chances de sobreviver se ficássemos juntos.

— Tem algum dom? — perguntei a Cassian. — Como... eles? — Indiquei com o queixo Azriel e Rhys.

— Um temperamento volátil não conta — respondeu Mor, quando Cassian abriu a boca.

Ele lhe lançou aquele sorriso que percebi provavelmente significar confusão a caminho, mas disse para mim:

— Não, não tenho... não além de uma pilha enorme do poder fatal. Sou um ninguém bastardo, da cabeça aos pés. — Rhys chegou para a frente como se fosse protestar, mas Cassian prosseguiu: — Mesmo assim, os outros machos sabiam que éramos diferentes. E não porque éramos dois bastardos e um mestiço. Éramos mais fortes, mais rápidos... como se o Caldeirão soubesse que nos destacávamos e quisesse que nos encontrássemos. A mãe de Rhys percebeu também. Principalmente quando chegamos à maturidade e só queríamos foder e lutar.

— Machos são criaturas horríveis, não são? — perguntou Amren.

— Repulsivos — respondeu Mor, e emitiu um estalo com a língua.

Alguma pequena parte sobrevivente de meu coração queria... rir daquilo.

Cassian deu de ombros.

— O poder de Rhys crescia a cada dia, e todos, até mesmo os senhores do acampamento, sabiam que ele poderia enevoar *todo mundo* se tivesse vontade. E nós dois... não estávamos muito atrás. — Cassian bateu no Sifão carmesim com um dedo. — Um bastardo illyriano jamais tinha recebido um destes. Nunca. Quando Az e eu os recebemos, apesar da relutância, todos os guerreiros em todos os acampamentos naquelas montanhas ficaram de olho em nós. Apenas imbecis de sangue puro recebem Sifões, aqueles nascidos e criados *para* o poder fatal. O fato

de termos Sifões ainda os deixa acordados à noite, maquinando como diabo os conseguimos.

— Então, veio a Guerra. — Azriel assumiu a narrativa. O simples modo como disse as palavras me fez sentar ereta. Prestar atenção. — E o pai de Rhys visitou nosso acampamento para ver como o filho tinha se saído depois de vinte anos.

— Meu pai — disse Rhys, girando uma... duas vezes a taça de vinho — viu que o filho não apenas começara a rivalizar com ele em poder, mas se aliara a, talvez, os dois illyrianos mais mortais da história. Ele colocou na cabeça que, se recebêssemos uma legião na Guerra, talvez acabássemos nos voltando contra ele quando retornássemos.

Cassian riu com deboche.

— Então, o traste nos separou. Deu a Rhys o comando de uma legião de illyrianos que o odiava por ser mestiço, e me jogou em uma legião diferente para ser um soldado de infantaria comum, mesmo quando meu poder era maior que o de qualquer um dos líderes de guerra. Com Az ele ficou, como encantador de sombras pessoal, mais para espionar e fazer o trabalho sujo. Só nos víamos nos campos de batalha durante os sete anos que durou a Guerra. Eles mandavam listas de mortes entre os illyrianos, e eu lia todas, imaginando se veria os nomes deles ali. Mas então Rhys foi capturado...

— *Essa* é uma história para outra hora — interrompeu Rhys, em tom afiado o bastante para que Cassian erguesse as sobrancelhas, mas ele assentiu. Os olhos violeta de Rhys encontraram os meus, e me perguntei se era luz estelar de verdade que brilhava tão intensamente ali enquanto ele falava: — Depois que me tornei Grão-Senhor, nomeei esses quatro para meu Círculo Íntimo, e disse ao restante da corte de meu pai que, se tivessem um problema com meus amigos, poderiam partir. Todos se foram. No fim das contas, o fato de ter um Grão-Senhor mestiço foi piorado quando ele nomeou duas fêmeas e dois bastardos illyrianos.

Tão ruins quanto humanos, de algumas formas.

— O que... o que aconteceu com eles, então?

Rhys deu de ombros, e aquelas grandes asas se moveram junto.

— A nobreza da Corte Noturna se divide em três categorias: aqueles que me odiavam tanto que, quando Amarantha assumiu, se juntaram à corte dela e depois acabaram mortos; aqueles que me odiavam o suficiente para tentar me derrubar e enfrentaram as consequências disso; e aqueles que me odiavam, mas não o suficiente para ser burros, e desde então toleram o reinado de um mestiço, principalmente quando ele raramente interfere em suas vidas miseráveis.

— São eles... são eles os que vivem abaixo das montanhas?

Um aceno positivo.

— Na Cidade Escavada, sim. Eu a dei a eles, por não serem tolos. Estão felizes lá, quase não saem, se governam e são tão cruéis quanto querem, por toda a eternidade.

Essa era a corte que Rhys devia ter mostrado a Amarantha quando ela chegou — e a crueldade devia tê-la agradado tanto que Amarantha moldou a própria corte àquela imagem.

— A Corte dos Pesadelos — disse Mor, inspirando entre dentes.

— E o que é essa corte? — perguntei, gesticulando para o grupo. A pergunta mais importante.

Foi Cassian, os olhos límpidos e tão brilhantes quanto seu Sifão, que respondeu.

— A Corte dos Sonhos.

A Corte dos Sonhos; os sonhos de um Grão-Senhor mestiço, dois guerreiros bastardos e... as duas fêmeas.

— E vocês? — perguntei a Mor e Amren.

Amren apenas disse:

— Rhys me ofereceu o cargo de imediata. Ninguém jamais tinha me pedido isso, então aceitei, para ver como poderia ser. Vi que gostei.

Mor recostou na cadeira, Azriel agora observava cada movimento dela com uma concentração sutil e constante.

— Eu era uma sonhadora nascida na Corte dos Pesadelos — disse Mor. Ela enroscou um cacho no dedo, e me perguntei se a história de Mor seria a pior de todas quando ela disse, simplesmente: — Então, saí.

— Qual é sua história, então? — perguntou Cassian para mim, com um gesto do queixo.

Presumi que Rhysand tivesse contado tudo a eles. Rhys apenas deu de ombros.

Então, me estiquei.

— Nasci em uma família de mercadores abastados, com duas irmãs mais velhas e pais que só se importavam com o dinheiro e com a posição social. Minha mãe morreu quando eu tinha 8 anos; meu pai perdeu a fortuna três anos depois. Ele vendeu tudo para pagar as dívidas, nos mudamos para um chalé e ele não se incomodou em encontrar trabalho enquanto nos deixou morrer de fome lentamente durante anos. Eu tinha 14 anos quando o restante do dinheiro acabou, assim como a comida. Meu pai não trabalhava, não podia, porque os credores tinham vindo e destruído sua perna diante de nós. Então, fui até a floresta e me ensinei a caçar. E nos mantive vivos, mesmo que perto da morte por inanição às vezes, durante cinco anos. Até que... tudo aconteceu.

Eles ficaram calados de novo, o olhar de Azriel agora parecia reflexivo. Não tinha contado a própria história. Será que tinha sido mencionada? Ou será que jamais discutiam aquelas queimaduras em suas mãos? E o que as sombras sussurravam para Azriel, se é que sequer falavam uma língua?

Mas Cassian falou:

— Você se ensinou a caçar. E a lutar? — Sacudi a cabeça. Cassian apoiou os braços na mesa. — Que sorte, acabou de encontrar um professor.

Abri a boca para protestar, mas... a mãe de Rhysand dera a ele um arsenal para usar as armas no caso de outras fracassarem. O que eu tinha em minha vantagem além de ser boa com o arco e toscamente teimosa? E se eu tivesse esse novo poder — esses *outros* poderes...

Não seria fraca de novo. Não dependeria de ninguém. Jamais precisaria suportar o toque do Attor quando ele me arrastasse porque eu era indefesa demais para saber onde e como golpear. Nunca mais.

Mas o que Ianthe e Tamlin tinham dito...

— Não acha que manda uma mensagem ruim se as pessoas me virem aprender a lutar... a manejar armas?

Assim que as palavras saíram, percebi como eram estúpidas. A estupidez do... do que tinham enfiado em minha cabeça durante aqueles últimos meses.

Silêncio. Então, Mor disse, com um suave veneno que me fez entender que a terceira na hierarquia do Grão-Senhor recebera um treinamento próprio naquela Corte de Pesadelos:

— Vou dizer duas coisas. Como alguém que talvez já tenha estado em seu lugar. — De novo, aquele laço compartilhado de ódio, de dor, latejou entre todos, exceto por Amren, cujo olhar em minha direção pingava desprezo. — Primeira — disse Mor —, você deixou a Corte Primaveril. — Tentei não deixar que o peso total daquelas palavras fosse absorvido. — Se isso não manda uma mensagem, seja boa ou ruim, então seu treinamento também não vai. Segunda — continuou ela, colocando a palma da mão aberta sobre a mesa —, certa vez vivi em um lugar onde a opinião de outros importava. Isso me sufocava, quase me destruiu. Então, vai entender, Feyre, quando digo que sei como se sente, e sei o que tentaram fazer com você, e que, com coragem o suficiente, pode mandar a reputação para o inferno. — A voz de Mor se suavizou, e a tensão entre todos eles se dissipou com isso. — Faça o que gosta, aquilo de que *você* precisa.

Mor não me dizia o que vestir ou não vestir. Não permitiria que eu saísse enquanto falava por mim. Ela não... não faria nenhuma das coisas que eu tão voluntária e desesperadamente permitia que Ianthe fizesse.

Jamais tivera uma amiga mulher. Ianthe... não era uma amiga. Não da forma que importava, percebi. E Nestha e Elain, naquelas poucas semanas em que eu estava em casa antes de Amarantha, tinham começado a preencher esse papel, mas...

mas olhando para Mor, eu não podia explicar, não podia entender, mas... eu sentia. Como se pudesse realmente jantar com ela. Conversar com ela.

Não que eu tivesse muito a oferecer em troca.

Mas o que Mor tinha dito... o que todos tinham dito... Sim, fora sábio de Rhys me levar até ali. Deixar que eu decidisse se podia lidar com eles, com a implicância e a intensidade e o poder. Se eu *queria* ser parte de um grupo que provavelmente me motivaria, me sobrecarregaria e, talvez, me apavoraria, mas... Se estavam dispostos a enfrentar Hybern, depois de já terem lutado com o reino quinhentos anos antes...

Encarei Cassian. E embora seus olhos estivessem inquietos, não havia nada de diversão ali.

— Vou pensar a respeito.

Pelo laço em minha mão, podia jurar que senti um brilho de surpresa satisfeita. Verifiquei os escudos mentais... mas estavam intactos. E o rosto calmo de Rhysand não dava qualquer sinal da origem da sensação.

Então, falei, com clareza e em tom firme para Rhys:

— Aceito sua oferta... de trabalhar com você. Trabalhar pela estadia. E ajudar com Hybern como puder.

— Que bom. — Foi a simples resposta de Rhys. Mesmo quando os outros ergueram as sobrancelhas. Sim, eles obviamente *não* sabiam que aquilo era um tipo de entrevista. — Porque começamos amanhã.

— Onde? E o quê? — disparei.

Rhys entrelaçou os dedos e os apoiou na mesa, e percebi que havia outro objetivo para aquele jantar, além de minha decisão, quando ele anunciou para todos nós:

— Porque o rei de Hybern está realmente prestes a iniciar uma guerra, e quer ressuscitar Jurian para fazer isso.

Jurian — o antigo guerreiro cuja alma Amarantha aprisionara dentro daquele anel horrível como punição por ele ter assassinado a irmã da feérica. O anel que continha o olho de Jurian...

— Mentira — rebateu Cassian. — Não há como fazer isso.

Amren havia ficado imóvel, e era ela quem Azriel observava, acompanhava.

Amarantha foi apenas o início, dissera Rhys a mim certa vez. Será que sabia mesmo então? Será que aqueles meses Sob a Montanha tinham sido apenas um prelúdio para qualquer que fosse o inferno prestes a ser liberado? Ressuscitar os mortos. Que tipo de poder profano...

— Por que o rei iria querer ressuscitar *Jurian*? Ele era tão desprezível. Só gostava de falar de si mesmo — resmungou Mor.

A idade daquelas pessoas me atingiu como um tijolo, apesar de tudo que tinham me contado minutos antes. A Guerra... todos tinham... todos tinham lutado *na* Guerra quinhentos anos antes.

— É o que quero descobrir — disse Rhysand. — E como o rei planeja fazer isso.

Amren por fim opinou:

— Ele deve ter ouvido falar de como Feyre foi Feita. Sabe que é possível que os mortos sejam refeitos.

Eu me movi na cadeira. Esperava exércitos cruéis, derramamento de sangue. Mas isso...

— Todos os sete Grão-Senhores precisariam concordar com isso — replicou Mor. — Não há a menor chance de acontecer. Ele vai tomar outro caminho. — Os olhos se semicerraram até virarem fendas quando ela encarou Rhys. — Todas as mortes, os massacres em templos. Acha que está ligado a isso?

— Sei que está ligado a isso. Não queria contar até ter certeza. Mas Azriel confirmou que eles saquearam o memorial em Sangravah há três dias. Estão procurando por algo, ou encontraram algo. — Azriel assentiu em confirmação, mesmo quando Mor lançou um olhar surpreso em sua direção. Azriel deu de ombros em resposta, como se pedisse desculpas.

Respirei.

— É... é por isso que o anel e o osso do dedo sumiram depois que Amarantha morreu. Para isso. Mas quem... — Minha boca secou. — Eles jamais pegaram o Attor, pegaram?

Rhys falou, baixo demais:

— Não. Não, não pegaram. — A comida em meu estômago pareceu virar chumbo. Ele disse a Amren: — Como se pega um olho e o osso de um dedo e se transforma em um homem de novo? E como impedimos isso?

Amren franziu a testa para o vinho intocado.

— Já sabe como encontrar a resposta. Vá até a Prisão. Fale com o Entalhador de Ossos.

— Merda! — exclamaram Mor e Cassian.

— Talvez você fosse mais eficiente, Amren — disse Rhys, calmo.

Fiquei grata pela mesa que nos separava quando Amren sibilou:

— Não vou colocar os pés na Prisão, Rhysand, e você sabe disso. Então, vá sozinho, ou mande um desses cães em seu lugar.

Cassian sorriu, mostrou os dentes brancos e retos — perfeitos para morder. Amren mordeu o ar com os dela em resposta.

Azriel apenas sacudiu a cabeça.

— Eu vou. As sentinelas da Prisão me conhecem, sabem o que sou.

Imaginei se o encantador de sombras costumava ser o primeiro a se colocar em perigo. Os dedos de Mor ficaram imóveis na borda da taça de vinho, os olhos se semicerraram para Amren. As joias, o vestido vermelho — tudo talvez fosse uma forma de amenizar qualquer que fosse o poder em suas veias...

— Se alguém vai à Prisão — decidiu Rhys, antes que Mor abrisse a boca — sou eu. E Feyre.

— O quê? — indagou Mor, as mãos agora espalmadas na mesa.

— Ele não falará com Rhys — disse Amren aos demais — ou com Azriel. Ou com qualquer um de nós. Não temos nada a oferecer. Mas uma imortal com uma alma mortal... — Amren encarou meu peito como se pudesse ver o coração batendo

abaixo... E me perguntei mais uma vez o que ela comeria. — O Entalhador de Ossos pode estar disposto, de fato, a falar com ela.

Eles me encararam. Como se esperassem que eu implorasse para não ir, que eu me encolhesse e me acovardasse. Aquela era a entrevista rápida e brutal para ver se queriam trabalhar *comigo*, supus.

Mas o Entalhador de Ossos, os naga, o Attor, o Suriel, o Bogge, o Verme de Middengard... Talvez tivessem destruído qualquer que fosse a parte de mim que realmente sentia medo. Ou talvez o medo fosse apenas algo que eu agora sentia nos sonhos.

— A escolha é sua, Feyre — disse Rhys, casualmente.

Fugir e me deprimir ou encarar algum horror desconhecido; a escolha era fácil.

— O quão ruim pode ser? — Foi minha resposta.

— Ruim — disse Cassian. Nenhum deles se incomodou em contradizê-lo.

Capítulo 17

Jurian.

O nome ecoava dentro de mim, mesmo depois de terminarmos o jantar, mesmo depois de Mor e Cassian e Azriel e Amren pararem de debater e grunhir a respeito de quem faria o que e estaria onde enquanto Rhys e eu fôssemos à Prisão — o que quer que isso fosse — no dia seguinte.

Rhys me levou voando de volta por cima da cidade, mergulhando nas luzes e na escuridão. Rapidamente descobri que gostava muito mais de subir, e não consegui observar por muito tempo sem sentir o jantar na garganta. Não por medo; apenas alguma reação de meu corpo.

Voamos em silêncio, o farfalhar do vento do inverno era o único som, apesar do casulo de calor de Rhys impedir que me congelasse por completo. Apenas quando a música das ruas nos recebeu olhei para o rosto de Rhys, para as feições indecifráveis conforme se concentrava em voar.

— Hoje à noite... senti você de novo. Pela ligação. Passei por seus escudos?

— Não — respondeu ele, verificando as ruas de paralelepípedos abaixo. — Essa ligação é... uma coisa viva. Um canal aberto entre nós, moldado por meus poderes, moldado... pelo que você precisava quando fizemos o acordo.

— Eu precisava não estar morta quando concordei.

— Você precisava não estar sozinha.

Nossos olhos se encontraram. Estava escuro demais para ler o que quer que estivesse no olhar de Rhys. Fui eu quem desviou o rosto primeiro.

— Ainda estou aprendendo como e por que às vezes conseguimos sentir coisas que o outro não quer saber — admitiu ele. — Então não tenho uma explicação para o que sentiu esta noite.

Você precisava não estar sozinha...

Mas... e quanto a ele? Durante cinquenta anos ficou separado dos amigos, da família...

— Deixou que Amarantha e o mundo inteiro achassem que você governava e se divertia em uma Corte de Pesadelos. Tudo fachada... para manter o mais importante a salvo — argumentei.

As luzes da cidade emolduravam o rosto de Rhys.

— Amo meu povo e minha família. Não pense que eu não me tornaria um monstro para protegê-los.

— Já fez isso Sob a Montanha. — As palavras saíram antes que eu conseguisse impedir.

O vento soprou os cabelos de Rhys.

— E suspeito que precise fazer de novo em breve.

— Qual foi o custo? — Ousei perguntar. — De manter este lugar secreto e livre?

Rhysand disparou para baixo em linha reta, batendo as asas para suavizar nosso movimento conforme aterrissávamos no telhado da casa. Fiz menção de me afastar, mas ele segurou meu queixo.

— Você já conhece o custo.

A vadia de Amarantha.

Rhys assentiu, e acho que talvez eu tenha dito as palavras cruéis em voz alta.

— Quando ela me enganou e tirou meus poderes, deixando apenas migalhas, ainda me restou mais do que os outros tinham. E decidi usar o poder para entrar na mente de todos os cidadãos da Corte Noturna que Amarantha capturara, e de qualquer um que pudesse saber a verdade. Fiz uma rede entre todos eles, controlei ativamente as mentes a todo segundo de todos os dias, todas as décadas, para que se esquecessem de Velaris, esquecessem de Mor e de Amren e de Cassian e de Azriel. Amarantha queria saber quem era próximo a mim, quem matar e torturar. Mas minha verdadeira corte estava aqui, governando esta cidade e as outras. E usei o restante de meus poderes para proteger todos de serem vistos ou ouvidos. Só tinha o bastante para uma cidade, um lugar. Escolhi aquele que já estava escondido da história. *Eu* escolhi e agora preciso viver com as consequências de saber que restavam mais lá fora que sofreram. Mas para os daqui... qualquer um que voasse ou viajasse perto de Velaris não veria nada além de rochas estéreis, e, se tentasse andar pelo território, subitamente decidiriam pelo contrário. Viagens pelo mar e comércio estavam proibidos, marinheiros se tornaram fazendeiros, trabalhavam a terra em torno de Velaris. E porque meus poderes se concentravam em proteger a todos, Feyre, eu tinha muito pouco para usar contra Amarantha. Então, decidi que para evitar que fizesse perguntas sobre as pessoas que importavam, eu seria a vadia dela.

Rhysand fizera tudo aquilo, fizera coisas tão terríveis... fizera *tudo* pelo próprio povo, pelos amigos. E a única parte de si que escondera e conseguira evitar que Amarantha maculasse, que destruísse, mesmo que significassem cinquenta anos preso em uma gaiola de pedra...

Aquelas asas agora se estendiam. Quantos sabiam das asas fora de Velaris ou dos acampamentos de guerra illyrianos? Ou será que Rhys apagara qualquer lembrança delas em Prythian muito antes de Amarantha?

Rhys soltou meu queixo. Mas, quando abaixou a mão, segurei seu pulso, sentindo a força sólida.

— É uma pena — falei, as palavras quase engolidas pelo som da música da cidade. — Que outros em Prythian não saibam. Uma pena que você tenha deixado que pensassem o pior.

Rhysand deu um passo para trás, e as asas bateram no ar como poderosos tambores.

— Contanto que as pessoas que interessam saibam a verdade, não me importo com o resto. Durma um pouco.

Então, ele disparou para o céu e foi engolido pela escuridão entre as estrelas.

Caí em um sono tão pesado que meus sonhos eram como uma correnteza que me arrastava mais e mais para baixo, até que eu não conseguisse escapar.

Estava deitada nua e de barriga para cima em um piso de mármore vermelho familiar enquanto Amarantha deslizava uma faca por minhas costelas expostas, e o aço arranhava levemente minha pele.

— Humana mentirosa e traidora — ronronava Amarantha. — Com seu coração imundo e mentiroso.

A faca roçava como uma carícia fria. Eu lutava para me levantar, mas o corpo não funcionava.

Amarantha deu um beijo na depressão de meu pescoço.

— É um monstro tanto quanto eu. — Ela inclinou a faca sobre meu seio, mirando na direção de meu mamilo firme, como se pudesse ver o coração batendo abaixo. Comecei a chorar. — Não desperdice suas lágrimas.

Alguém muito longe rugia meu nome; implorava por mim.

— Vou transformar a eternidade em um inferno para você — prometeu Amarantha, a ponta da adaga perfurando a pele sensível sob meu seio, os lábios

pairando um milímetro acima dos meus quando ela cravou...

Mãos... havia mãos em meus ombros, me sacudindo, me espremendo. Eu me debati contra aquelas mãos, gritando, gritando...

— *FEYRE.*

A voz era ao mesmo tempo a noite e o alvorecer, e as estrelas e a terra, e cada centímetro de meu corpo se acalmou com sua autoridade primitiva.

— Abra os olhos — ordenou a voz.

Abri.

Minha garganta estava seca, minha boca, cheia de cinzas, meu rosto, ensopado e grudento, e Rhysand... Rhysand estava acima de mim, os olhos arregalados.

— Foi um sonho — disse Rhys, a respiração tão pesada quanto a minha.

O luar que atravessava as janelas iluminava as linhas escuras de tatuagens espiraladas em seu braço, nos ombros, sobre o peito delineado. Como aquelas que eu tinha no próprio braço. Rhysand observou meu rosto.

— Um sonho — repetiu ele.

Velaris. Eu estava em Velaris, na casa dele. E tinha... meu sonho...

Os lençóis e a coberta estavam rasgados. Em frangalhos. Mas não haviam sido cortados à faca. E aquele gosto de cinzas, como fumaça, que cobria minha boca...

Minha mão estava perturbadoramente firme quando a ergui e vi que meus dedos terminavam em brasas incandescentes. Garras vivas de chamas que haviam cortado minha roupa de cama como se estivessem cauterizando feridas...

Empurrei Rhysand com o ombro firme, caí da cama e me choquei contra um pequeno baú antes de disparar para o banheiro, cair de joelhos diante da privada e vomitar as tripas. De novo. De novo. As pontas de meus dedos chiaram contra a porcelana fria.

Mãos grandes e quentes puxaram meus cabelos para trás um momento depois.

— Respire — instruiu Rhysand. — Imagine que estão se apagando como velas, uma a uma.

Vomitei na privada de novo, estremecendo quando a luz e o calor se acumularam e dispararam para fora de mim, e me deliciei com a escuridão vazia e fria que se empoçou ao encalço.

— Bem, essa é uma forma de fazer isso — disse Rhys.

Quando ousei olhar para minhas mãos, apoiadas na latrina, as brasas tinham se extinguido. Até mesmo aquele poder em minhas veias, pelos ossos, adormeceu de novo.

— Tenho esse sonho — revelou Rhys, quando vomitei de novo, segurando meus cabelos. — Em que não sou eu preso sob ela, mas Cassian ou Azriel. E ela lhes prendeu as asas à cama com estacas, e não posso fazer nada para impedir. Ela me obriga a assistir, e não tenho escolha a não ser ver de que forma fracassei com eles.

Eu me agarrei à privada, cuspi uma vez e depois estiquei a mão para a descarga. Observei a água descer completamente em redemoinho antes de virar a cabeça para olhar para ele.

Os dedos de Rhysand eram suaves, mas firmes no lugar em que ele os fechara em punho em meus cabelos.

— Você jamais fracassou com eles — garanti, a voz rouca.

— Fiz... coisas terríveis para me certificar disso. — Aqueles olhos violeta quase brilhavam à meia-luz.

— Eu também. — Meu suor se agarrava como sangue... o sangue daqueles dois feéricos...

Virei o corpo bem a tempo. A outra mão de Rhys fez carinho em linhas longas e tranquilizadoras ao longo da curva de minha coluna conforme diversas vezes eu devolvia o jantar. Quando a última onda de vômito cessou, eu disse, sussurrando:

— As chamas?

— Corte Outonal.

Não consegui dar uma resposta. Em algum momento, eu me inclinei contra o frio da banheira próxima e fechei os olhos.

Quando acordei, o sol entrava pelas janelas, e eu estava na cama — bem aconchegada aos lençóis trocados e limpos.

Encarei a inclinação íngreme e gramada da pequena montanha, estremecendo diante dos véus de névoa que fluíam por nós. Atrás, a terra era varrida por penhascos abruptos e um mar cinzento violento. Adiante, nada além de uma montanha extensa, de topo plano, com pedras cinzentas e musgo.

Rhys estava ao meu lado, uma espada de dois gumes embainhada às costas, facas presas às pernas, cobertas com o que eu só podia presumir serem as roupas de couro de batalha illyrianas, com base no que Cassian e Azriel tinham vestido na noite anterior. A calça preta era justa, as placas, semelhantes a escamas de couro, estavam gastas e arranhadas, e se agarravam a pernas que eu não tinha percebido serem tão musculosas. A jaqueta ajustada ao corpo tinha sido feita ao redor das asas que agora estavam totalmente expostas, partes do traje escuro e arranhado se somavam aos ombros e aos antebraços.

Se a roupa de Rhys não me dissesse o bastante a respeito do que poderíamos enfrentar naquele dia — se *minha* roupa semelhante não tivesse me dito o suficiente —, eu só precisava olhar uma vez para a rocha diante de nós para saber que não seria agradável. Estava tão distraída no escritório, uma hora antes, pelo que Rhys estava escrevendo quando ele redigiu um pedido cuidadoso para visitar a Corte Estival, que não pensei em perguntar o que esperar *ali*. Não que Rhys tivesse se dado o trabalho de explicar por que queria visitar a Corte Estival além de "melhorar as relações diplomáticas".

— Onde estamos? — perguntei, nossas primeiras palavras desde que tínhamos atravessado, um momento antes. Velaris estava vibrante, ensolarada. Aquele lugar,

onde quer que fosse, estava gelado, deserto, estéril. Apenas rocha e vidro e névoa e mar.

— Em uma ilha no coração das ilhas Oeste — respondeu Rhysand, encarando a montanha gigantesca. — E aquilo — disse ele, apontando — é a Prisão.

Não havia nada; ninguém por perto.

— Não vejo nada.

— A rocha é a Prisão. E dentro dela estão as criaturas e os criminosos mais desprezíveis e perigosos que pode imaginar.

Entrar — entrar na rocha, sob outra montanha...

— Esse lugar — falou Rhys — foi feito antes de os Grão-Senhores existirem. Antes de Prythian ser Prythian. Alguns dos presos lembram desse tempo. Lembram de uma época em que era a família de Mor, não a minha, a governar o Norte.

— Por que Amren não entra lá?

— Porque ela foi prisioneira um dia.

— Não nesse corpo, presumo.

Um sorriso cruel.

— Não. Não mesmo.

Estremeci.

— A caminhada vai aquecer seu sangue — explicou Rhys. — Pois não podemos atravessar para dentro ou voar até a entrada, os feitiços exigem que os visitantes entrem a pé. Pelo caminho mais longo.

Não me movi.

— Eu... — A palavra ficou presa em minha garganta. Ir para baixo de outra montanha...

— Ajuda a dissipar o pânico — disse Rhys, baixinho — me lembrar de que eu escapei. Que todos escapamos.

— Por pouco. — Tentei respirar. Não conseguia. Não conseguia...

— Nós saímos. E pode acontecer de novo se não entrarmos.

A névoa fria feriu meu rosto. E eu tentei — tentei mesmo — dar um passo na direção dela.

Meu corpo se recusava a obedecer.

Tentei dar um passo de novo; tentei por Elain e Nestha e o mundo humano que poderia ser destruído, mas... não consegui.

— Por favor — sussurrei. Não me importava se significasse que eu fracassara no primeiro dia de trabalho.

Rhysand, como prometido, não fez nenhuma pergunta quando segurou minha mão e nos levou de volta para o sol de inverno e para as cores exuberantes de Velaris.

Não saí da cama pelo resto do dia.

Capítulo 18

Amren estava de pé diante de minha cama.

Recuei com um sobressalto, me chocando contra a cabeceira, com a visão ofuscada pela luz da manhã que entrava a toda, e em busca de uma arma, qualquer coisa para usar...

— Não é surpresa que esteja tão magra se vomita as tripas toda noite. — Ela farejou e contraiu o lábio. — Está fedendo a vômito.

A porta do quarto estava fechada. Rhys dissera que ninguém entrava sem a permissão dele, mas...

Amren jogou algo na cama. Um pequeno amuleto de ouro com pérola e uma pedra azul leitosa.

— Isso me tirou da Prisão. Use, e jamais poderão prendê-la.

Não toquei no amuleto.

— Vou deixar uma coisa bem clara — disse Amren, apoiando as duas mãos na madeira entalhada ao pé da cama. — Não dou esse amuleto à toa. Mas pode pegar emprestado, enquanto faz o que precisa ser feito, e devolva para mim quando terminar. Se ficar com ele, vou atrás de você, e os resultados não serão agradáveis. Mas é seu para usar na Prisão.

Quando meus dedos roçaram o metal e a pedra frios, Amren havia saído.

Rhys não estava errado quando a comparou a um dragão cuspidor de fogo.

Rhys ficava franzindo a testa para o amuleto conforme subíamos a encosta da Prisão, tão íngreme que às vezes precisávamos subir de quatro. Subíamos mais e mais alto, e bebi dos incontáveis córregos que desciam pelos calombos e pelas depressões na encosta de musgo e grama. Ao nosso redor, a névoa pairava, açoitada pelo vento cujo gemido oco abafava os estalos de nossos passos.

Quando vi Rhys olhando para o colar pela décima vez, falei:

— O quê?

— Ela deu isso a você.

Não era uma pergunta.

— Deve ser sério, então — falei. — O risco com...

— Não diga nada que não quer que outros ouçam. — Ele apontou para a pedra sob nós. — Os detentos não têm nada melhor a fazer que ouvir pela terra e pelas rochas em busca de fofoca. Venderão qualquer tipo de informação por comida, sexo, talvez uma lufada de ar.

Eu podia fazer aquilo; podia dominar aquele medo.

Amren tinha saído daquela prisão. E ficou fora. E o amuleto... ele também me manteria livre.

— Desculpe — pedi. — Por ontem. — Eu tinha passado horas na cama, incapaz de me mover ou pensar.

Rhys estendeu a mão para me ajudar a subir uma rocha especialmente íngreme, me puxando facilmente para cima, onde ele estava agachado no topo. Fazia tanto tempo — tempo demais — desde que eu estivera ao ar livre, usara meu corpo, dependera dele. Minha respiração estava entrecortada, mesmo com a nova imortalidade.

— Não tem por que pedir desculpas — falou Rhys. — Está aqui agora. — Mas era tão covarde que jamais teria ido sem aquele amuleto. Rhys acrescentou, com um piscar de olho: — Não vou descontar de seu pagamento.

Eu estava ofegante demais para fazer cara feia. Subimos até que a face superior da montanha se tornou uma muralha diante de nós, nada além de encostas gramadas se estendiam atrás, muito abaixo, até onde elas fluíam para o mar cinzento inquieto. Rhys sacou a espada das costas com um movimento ágil.

— Não pareça tão surpresa — avisou ele.

— Eu... nunca vi você com uma arma. — Além da adaga que ele pegou para cortar a garganta de Amarantha no final, para me poupar da dor.

— Cassian gargalharia até ficar rouco se ouvisse isso. E então me obrigaria a entrar com ele no ringue de luta.

— Ele consegue derrotar você?

— No combate corpo a corpo? Sim. Seria uma vitória suada, para variar, mas ele venceria. — Sem arrogância, sem orgulho. — Cassian é o melhor guerreiro que já encontrei em qualquer corte, qualquer terra. Ele lidera meus exércitos por isso.

Não duvidei da alegação. E o outro illyriano...

— Azriel... as mãos dele. As cicatrizes, quero dizer — expliquei. — De onde vieram?

Rhys ficou calado um momento. Então falou, bem baixo:

— O pai dele tinha dois filhos legítimos, ambos mais velhos que Azriel. Ambos cruéis e mimados. Aprenderam com a mãe, a esposa do senhor. Durante os 11 anos em que Azriel viveu na fortaleza do pai, ela se certificou de que ele fosse mantido em uma cela sem janelas, sem luz. Deixavam que Azriel saísse durante uma hora

todo dia, deixavam que visse a mãe durante uma hora por semana. Não tinha permissão para treinar, para voar ou qualquer das coisas que os instintos illyrianos berrassem para que fizesse. Quando estava com 8 anos, os irmãos decidiram que seria divertido ver o que acontecia quando se misturava os dons de cura rápida de um illyriano com óleo... e fogo. Os guerreiros ouviram Azriel gritar. Mas não rápido o bastante para salvar suas mãos.

Fui tomada por náusea. Mas pela história, Azriel ainda moraria com eles por mais três anos. Que outros horrores teria suportado antes de ser enviado para aquele acampamento na montanha?

— Os... os irmãos foram punidos?

O rosto de Rhys estava impassível como a rocha e o vento e o mar ao nosso redor quando ele disse, com uma quietude letal: — Por fim, sim.

Havia tanto primitivismo nas palavras que mudei de assunto:

— E Mor, o que ela faz por você?

— Mor é quem chamarei quando os exércitos fracassarem e Cassian e Azriel estiverem mortos.

Meu sangue gelou.

— Portanto ela deve esperar até então?

— Não. Como minha terceira, Mor é minha... supervisora da corte. Ela supervisiona a dinâmica entre a Corte dos Pesadelos e a Corte dos Sonhos, e governa tanto Velaris quanto a Cidade Escavada. Creio que no reino mortal ela poderia ser considerada uma rainha.

— E Amren?

— Os deveres como minha imediata a tornam minha conselheira política, biblioteca ambulante e executora do trabalho sujo. Eu a nomeei depois que conquistei o trono. Mas era minha aliada, e talvez minha amiga, bem antes disso.

— Quero dizer... nessa guerra em que seus exércitos fracassem e Cassian e Azriel morram, e até mesmo Mor se vá. — Cada palavra era como gelo na língua.

Rhys parou enquanto esticava a mão para a face exposta da rocha diante de nós.

— Se esse dia chegar, vou encontrar uma forma de quebrar o feitiço sobre Amren e libertá-la no mundo. E pedir que me mate primeiro.

Pela Mãe.

— O que ela *é*? — Depois da conversa naquela manhã, talvez fosse burrice perguntar.

— Outra coisa. Algo pior que nós. E, se algum dia encontrar uma forma de se livrar da prisão de carne e osso... que o Caldeirão nos salve.

Estremeci de novo e encarei a parede de pedra nua.

— Não posso escalar rocha exposta assim.

— Não precisa — disse Rhys, espalmando uma das mãos na pedra. Como uma miragem, ela sumiu com um irradiar de luz.

Portões pálidos, escavados, estavam no lugar, tão altos que o topo parecia perdido em meio à névoa.

Portões de ossos.

Os portões de ossos se abriram silenciosamente, revelando uma caverna de um preto tão semelhante ao nanquim como eu nunca tinha visto, nem mesmo Sob a Montanha.

Segurei o amuleto no pescoço, o metal estava quente contra a palma da mão. Amren tinha saído. Eu também sairia.

Rhys colocou a mão morna em minhas costas e me guiou para dentro, três bolas de luar oscilavam diante de nós.

Não... não, não, não, não...

— Respire — disse ele, ao meu ouvido. — Tome fôlego.

— Onde estão os guardas? — Consegui falar apesar do aperto nos pulmões.

— Eles moram dentro da rocha da montanha — murmurou Rhys, quando sua mão encontrou a minha e a envolveu ao me puxar para dentro da escuridão imortal.

— Eles só emergem na hora de comer, ou para lidar com prisioneiros inquietos. Não passam de sombras de pensamento e um antigo feitiço.

Com as pequenas luzes flutuando adiante, tentei não olhar por muito tempo para as paredes cinza. Principalmente quando eram tão toscamente escavadas que as partes pontiagudas poderiam ser um nariz, ou uma testa enrugada, ou um par de lábios arrogantes.

O chão seco não exibia nada além de pequenas pedras. E havia silêncio. Silêncio absoluto conforme passamos por uma curva e a última luz do mundo enevoado se dissipou em escuridão.

Eu me concentrei na respiração. Não podia ficar presa ali; não podia ficar trancada naquele lugar horrível, morto.

O caminho mergulhava mais profundamente no interior da montanha, e segurei forte os dedos de Rhys para evitar perder o equilíbrio. Ele ainda carregava a espada na outra mão.

— Todos os Grão-Senhores têm acesso? — Minhas palavras saíram tão baixas que foram devoradas pela escuridão. Mesmo aquele poder retumbante nas veias tinha sumido, enterrado em algum lugar em meus ossos.

— Não. A Prisão é a própria lei; a ilha pode até ser uma oitava corte. Mas está sob minha jurisdição, e meu sangue é a chave dos portões.

— Você poderia libertar os presos?

— Não. Depois que a sentença é proferida e um prisioneiro passa por aqueles portões... Ele pertence à Prisão. Ela jamais o deixará sair. Sentenciar pessoas para cá é algo que levo muito, muito a sério.

— Você já...

— Sim. E agora não é hora de falar disso. — Rhysand segurou minha mão para dar ênfase.

Seguimos para baixo, em meio à escuridão.

Não havia portas. Nenhuma luz.

Nenhum som. Nem mesmo água escorrendo.

Mas eu conseguia senti-los.

Conseguia senti-los dormindo, caminhando de um lado para outro, passando mãos e garras pelo outro lado das paredes.

Eram antigos e cruéis, de uma forma que eu jamais tinha conhecido, nem mesmo com Amarantha. Eram infinitos, e pacientes, e aprenderam a linguagem da escuridão, da pedra.

— Quanto tempo — sussurrei. — Quanto tempo ela ficou aqui? — Não ousei dizer o nome dela.

— Azriel procurou uma vez. Nos arquivos de nossos templos e bibliotecas mais antigos. Só encontrou uma vaga menção de que ela entrou antes de Prythian ser dividida nas cortes, e emergiu depois que estas foram estabelecidas. Sua prisão é de antes de nossa escrita. Não sei por quanto tempo ficou aqui, alguns milênios parecem um palpite justo.

Horror se acumulou em minha garganta.

— Nunca perguntou?

— Por que me daria o trabalho? Ela vai contar quando for necessário.

— De onde ela veio? — O broche que Rhysand dera a Amren, um presente tão pequeno, para um monstro que um dia morara ali.

— Não sei. Embora haja lendas que alegam que, quando o mundo nasceu, havia... fendas no tecido dos mundos. Que no caos da Formação, criaturas de outros mundos podiam passar por uma delas e entrar em outro. Mas as fendas se fechavam quando queriam, e as criaturas podiam ficar presas, sem poder voltar para casa.

Era mais assustador do que eu podia compreender: tanto monstros caminharem entre mundos quanto o terror de ficar presa em outro mundo.

— Acha que ela era um desses?

— Acho que ela é a única de seu tipo, e não há registro de outros terem existido. Mesmo os Suriel existem em números, ainda que pequenos. Mas ela... e

alguns daqueles na Prisão... Acho que vieram de outro lugar. E estão procurando um caminho de volta há muito, muito tempo.

Eu tremia sob o couro revestido de pele, a respiração se condensava diante de mim.

Mais e mais para baixo nós fomos, e perdi a noção do tempo. Poderiam ter se passado horas ou dias, e paramos apenas quando meu corpo inútil e cansado exigia água. Mesmo enquanto bebia, ele não soltava minha mão. Como se a rocha fosse me engolir para sempre. Eu garanti que esses intervalos fossem breves e raros.

E, mesmo assim, prosseguimos mais para o fundo. Apenas as luzes e a mão de Rhys me impediam de sentir como se estivesse prestes a cair direto para a escuridão. Por um segundo, o fedor de minha cela no calabouço entupiu meu nariz, e os estalos de feno mofado roçaram minha bochecha...

A mão de Rhys se apertou em volta da minha.

— Só mais um pouco.

— Devemos estar perto da base agora.

— Passamos dela. O Entalhador de Ossos está enjaulado sob as raízes da montanha.

— Quem é ele? O que é ele? — Só tinha sido informada do que deveria dizer, não do que deveria esperar. Sem dúvida para evitar que eu entrasse em pânico de vez.

— Ninguém sabe. Ele aparece como quer aparecer.

— Metamorfo?

— Sim e não. Ele vai aparecer para você como uma coisa, e eu posso estar bem ao lado e ver outra.

Tentei não começar a balir como uma ovelha.

— E esse entalhar de ossos?

— Você verá. — Rhys parou diante de um pedaço liso de pedra. O corredor continuava para baixo, abaixo até a escuridão imemorial. O ar ali era sufocante,

compacto. Mesmo a condensação de minha respiração no ar frio parecia ter vida curta.

Rhysand, por fim, soltou minha mão, apenas para apoiar a dele, de novo, na pedra lisa. A pedra ondulou sob sua palma, formando... uma porta.

Como os portões acima, era feita de marfim — osso. E na superfície estavam entalhadas inúmeras imagens: flora e fauna, mares e nuvens, estrelas e luas, crianças e esqueletos, criaturas belas e feias...

A porta se afastou. A cela era como breu, mal discernível do corredor...

— Entalhei as portas de todos os prisioneiros neste lugar — disse uma voz baixa do lado de dentro. — Mas a minha ainda me é a preferida.

— Preciso concordar — disse Rhysand. Ele entrou, a luz oscilou acima e iluminou um menino de cabelos pretos sentados contra a parede mais afastada, os olhos de um azul assombroso observaram Rhysand e, então, deslizaram para onde eu estava à espreita, na entrada.

Rhys levou a mão a uma bolsa que eu não tinha percebido que carregava; não, uma que ele conjurou de qualquer que fosse o bolso entre reinos que usava como armário. Rhys atirou um objeto para o menino, que não parecia ter mais de 8 anos. Branco reluziu quando o objeto emitiu um clangor no piso de pedra áspera. Outro osso, longo e firme... e pontiagudo de um lado.

— A fíbula responsável pelo golpe mortal quando Feyre matou o Verme de Middengard — disse Rhys.

Meu sangue congelou. Eu tinha disposto tantos ossos na armadilha; não reparei em qual acabara com o Verme. E não achei que alguém tivesse reparado.

— Entre. — Foi tudo o que o Entalhador de Ossos disse, e não havia inocência, nenhuma bondade na voz daquela criança.

Dei um passo para dentro e mais nenhum.

— Faz uma era — disse o menino, me observando com atenção — desde que algo novo surgiu neste mundo.

— Oi — sussurrei.

O sorriso do menino era um deboche de inocência.

— Está com medo?

— Sim — respondi. *Nunca minta*, essa fora a primeira ordem de Rhysand.

O menino ficou de pé, mas se manteve do outro lado da cela.

— Feyre — murmurou ele, inclinando a cabeça. A esfera de luz feérica cobria os cabelos cor de nanquim com prata. — Fey-re — repetiu ele, separando as sílabas, como se conseguisse sentir o gosto. Por fim, o menino esticou a cabeça. — Aonde foi quando morreu?

— Uma pergunta por outra — respondi, como tinha sido instruída no café da manhã.

O Entalhador de Ossos inclinou a cabeça para Rhysand.

— Você sempre foi mais esperto que seus ancestrais. — Mas aqueles olhos se fixaram em mim. — Conte aonde foi, o que viu... e responderei sua pergunta.

Rhys me deu um aceno de cabeça sutil, mas os olhos mostravam cautela. Porque o que o menino tinha pedido...

Precisei me acalmar para pensar, para lembrar.

Mas havia sangue e morte e dor e gritos... e ela estava me partindo, me matando tão devagar, e Rhys estava lá, urrando de fúria enquanto eu morria, Tamlin implorando por minha vida, de joelhos, diante do trono dela... mas havia tanta dor, e eu queria que terminasse, queria que tudo acabasse...

Rhys ficou imóvel enquanto monitorava o Entalhador de Ossos, como se essas lembranças fluíssem livremente pelo escudo mental que eu me certifiquei de que estivesse intacto naquela manhã. E me perguntei se ele achava que eu desistira, bem ali.

Fechei as mãos em punhos.

Eu havia sobrevivido; tinha saído. E sairia hoje.

— Ouvi o estalo — falei. A cabeça de Rhys virou para mim. — Ouvi o estalo quando ela quebrou meu pescoço. Estava em meus ouvidos, mas também dentro de

meu crânio. Eu morri antes de sentir qualquer coisa além da primeira descarga de dor.

Os olhos violentos do Entalhador de Ossos pareceram brilhar mais.

— Então, tudo ficou escuro. Um tipo diferente de escuridão que a deste lugar. Mas havia um... fio — continuei. — Uma corda. E eu a puxei... e de repente consegui ver. Não por meus olhos, mas... mas pelos dele — falei, inclinando a cabeça na direção de Rhys. Abri os dedos da mão tatuada. — E soube que estava morta, e que esse pedaço ínfimo de espírito era tudo que restava de mim, apegando-se ao fio de nosso acordo.

— Mas tinha alguém lá, viu alguma coisa além?

— Havia apenas aquela ligação na escuridão.

O rosto de Rhysand tinha ficado pálido, a boca era uma linha fina.

— E quando fui Feita de novo — falei —, segui aquela ligação de volta... até mim. Eu sabia que meu lar ficava na outra ponta. Havia luz então. Como nadar em vinho espumante...

— Sentiu medo?

— Eu só queria voltar para... para as pessoas ao meu redor. Queria tanto que não tive espaço para medo. O pior tinha acontecido, e a escuridão estava calma e silenciosa. Não parecia um lugar ruim para se esvair. Mas eu queria ir para casa. Então, segui a ligação até voltar para casa.

— Não havia outro mundo — insistiu o Entalhador de Ossos.

— Se havia, ou se há, não vi.

— Nenhuma luz, nenhum portal?

Aonde você quer chegar? A pergunta quase escapuliu de minha boca.

— Era apenas paz e escuridão.

— Você tinha um corpo?

— Não.

— Você...

— Já basta de você — disse Rhysand, ronronando, e o som pareceu veludo sobre o aço mais afiado. — Disse uma pergunta por outra. Agora já fez... — Ele contou nos dedos. — Seis.

O Entalhador de Ossos se reclinou contra a parede e deslizou até se sentar.

— É raro o dia em que conheço alguém que voltou da verdadeira morte. Perdoe-me por querer espiar por trás da cortina. — Ele gesticulou com a mão delicada em minha direção. — Pergunte, menina.

— Não há corpo, nada além de, talvez, um pedaço de osso — falei, com o máximo de firmeza que podia. — Haveria uma forma de ressuscitar essa pessoa? Cultivar um novo corpo e colocar a alma ali dentro.

Aqueles olhos brilharam.

— A alma estava preservada de alguma forma? Contida?

Tentei não pensar no anel que Amarantha usava, na alma que ela prendera para testemunhar cada horror e depravação.

— Sim.

— Não tem como.

Quase suspirei aliviada.

— A não ser... — O menino tamborilou cada dedo no polegar, a mão parecia um inseto pálido se estremecendo. — Há muito tempo, antes dos Grão-Feéricos, antes dos homens, havia um Caldeirão... Dizem que a magia estava contida dentro dele, que o mundo nascera nele. Mas caiu nas mãos erradas. E coisas grandiosas e terríveis foram feitas com ele. Coisas foram *forjadas* com ele. Coisas tão malignas que o Caldeirão foi, por fim, roubado de volta, a um grande custo. Não podia ser destruído, pois tinha Feito todas as coisas, e, se fosse quebrado, a vida deixaria de existir. Então, foi escondido. E esquecido. Apenas com aquele Caldeirão algo que está morto poderia ser refeito dessa forma.

O rosto de Rhysand era de novo uma máscara de calma.

— Onde o esconderam?

— Conte um segredo que ninguém sabe, Senhor da Noite, e contarei o meu.

Eu me preparei para qualquer que fosse a verdade horrível que estava prestes a vir. Mas Rhysand disse: — Meu joelho direito sente uma pontada de dor quando chove. Eu o machuquei durante a Guerra, e dói desde então.

O Entalhador de Ossos conteve uma risada rouca, mesmo quando olhei para Rhys boquiaberta.

— Você sempre foi meu preferido — disse ele, dando um sorriso que eu jamais, nem um por um momento, pensaria que era infantil. — Muito bem. O Caldeirão foi escondido no fundo de um lago congelado em Lapplund... — Rhys começou a se virar para mim, como se fosse para lá imediatamente, mas o Entalhador de Ossos acrescentou: — E sumiu há muito, muito tempo. — Rhys parou. — Não sei para onde foi, ou onde está agora. Milênios antes de você nascer, os três pés sobre os quais ele se apoia foram separados da base em uma tentativa de fraturar *parte* do poder. Funcionou, por pouco. Retirar os pés foi como cortar a primeira articulação de um dedo. É nojento, mas ainda dá para usar o resto com alguma dificuldade. Os pés foram escondidos em três templos diferentes: Cesere, Sangravah e Itica. Se *eles* sumiram, é provável que o Caldeirão esteja mais uma vez ativo, e que aquele que o use queria o artefato com poder total, e não com um fiapo faltando.

Por isso os templos tinham sido saqueados. Para conseguirem os pés nos quais o Caldeirão se apoiava e restaurar seu poder total. Rhys apenas disse: — Suponho que você não saiba *quem* tem o Caldeirão agora.

O Entalhador de Ossos apontou um pequeno dedo para mim.

— Prometa que me dará os ossos dela quando ela morrer, e vou pensar a respeito. — Enrijeci o corpo. — Não... acho que nem você prometeria isso, Rhysand.

Eu poderia ter chamado o olhar no rosto de Rhys de um aviso.

— Obrigado pela ajuda — agradeceu ele, e colocou a mão em minhas costas para me guiar para fora.

Mas se ele soubesse... Virei de novo para a criatura menino.

— Havia uma escolha... na Morte — falei.

Rhys tinha se contraído as minhas costas, mas permaneceu no lugar. Quente, firme. E me perguntei se o toque serviria mais para reconfortar Rhys de que eu estava ali, ainda respirando.

— Eu sabia — continuei — que poderia flutuar para a escuridão. E escolhi lutar, aguentar um pouco mais. Mas sabia que, se quisesse, eu poderia ter me dissipado. E talvez fosse um novo mundo, um reino de descanso e paz. Mas eu não estava pronta para ele, não para ir até lá sozinha. Eu sabia que havia outra coisa esperando além daquela escuridão. Algo bom.

Por um momento, aqueles olhos azuis brilharam mais. Então, o menino disse: — Você sabe quem tem o Caldeirão, Rhysand. Quem anda pilhando os templos. Só veio até aqui confirmar aquilo de que há muito desconfia.

— O rei de Hybern.

Pesar percorreu minhas veias e se acumulou em meu estômago. Eu não deveria ter me sentido surpresa, deveria saber, mas...

O entalhador não disse nada mais. Ficou esperando outra verdade.

Então, ofereci mais um estilhaço meu.

— Quando Amarantha me fez matar aqueles dois feéricos, se o terceiro não fosse Tamlin, eu teria enfiado a adaga em meu coração no fim.

Rhys ficou imóvel.

— Eu sabia que o que eu tinha feito não teria volta — acrescentei, me perguntando se a chama azul nos olhos do entalhador poderia queimar minha alma destruída até virar chamas. — E depois que lhes quebrei a maldição, depois que soube que tinha salvado a todos, só queria tempo o suficiente para virar aquela adaga para mim. Só decidi que queria viver quando ela me matou, e sabia que não tinha terminado o que quer... o que quer que eu tivesse nascido para fazer.

Ousei olhar para Rhys, e havia algo parecido com desolação no lindo rosto. Sumiu em um piscar de olhos.

Até mesmo Entalhador de Ossos falou, com suavidade:

— Com o Caldeirão, seria possível fazer outras coisas além de ressuscitar os mortos. Seria possível destruir a muralha.

A única coisa que mantinha as terras humanas — minha família — a salvo não apenas de Hybern, mas de outros feéricos.

— É possível que Hybern esteja quieto por tantos anos porque o rei estava procurando o Caldeirão, aprendendo seus segredos. Ressurreição de um indivíduo específico pode muito bem ter sido o primeiro teste depois que os pés foram reunidos, e agora ele descobre que o Caldeirão é pura energia, puro poder. E, como qualquer magia, pode ser esgotado. Então, ele vai deixar o Caldeirão descansar, deixar que reúna forças, aprender seus segredos para alimentar o artefato com mais energia, mais poder.

— Tem uma forma de impedi-lo? — sussurrei.

Silêncio. Silêncio cheio de expectativa, aguardando.

A voz de Rhys estava rouca quando ele falou:

— Não ofereça a ele mais um...

— Quando o Caldeirão foi feito — interrompeu o entalhador —, o artesão sombrio usou o restante do minério derretido para forjar um livro. O Livro dos Sopros. Nele, escritos entre as palavras entalhadas, estão os feitiços para negar o poder do Caldeirão, ou controlá-lo por completo. Mas, depois da Guerra, ele foi dividido em dois. Um pedaço foi para os feéricos, e o outro, para as seis rainhas humanas. Era parte do Tratado, puramente simbólico, pois o Caldeirão estava perdido havia milênios, e era considerado um mito. O Livro, acreditava-se, era inofensivo, porque semelhante atrai semelhante, e apenas aquele que foi Feito pode proferir os feitiços e conjurar seu poder. Nenhuma criatura nascida na terra pode usá-lo, então, os Grão-Senhores e os humanos o desconsideraram, como pouco mais que uma herança histórica, mas, se o Livro estivesse nas mãos de algo que foi refeito... Seria preciso testar tal teoria, é claro, mas... pode ser possível.

Os olhos do entalhador se semicerraram, tornando-se fendas, devido ao interesse conforme eu percebia... percebia...

— Então, agora o Grão-Senhor Estival possui nosso pedaço — continuou ele. — E as rainhas mortais reinando têm o outro enclausurado no palácio reluzente delas à beira do mar. A metade de Prythian está vigiada, protegida com feitiços de sangue ligados à própria Corte Estival. Aquele pertencente às rainhas mortais... Elas foram astutas ao receberem o presente. Usaram nosso povo para colocar um feitiço no Livro, para prendê-lo, de modo que, se algum dia fosse roubado, se, digamos, um Grão-Senhor atravessasse para o castelo delas e o roubasse... o Livro derreteria em minério e seria perdido. Deve ser dado voluntariamente por uma rainha mortal, sem truques, sem mágica envolvida. — Uma risadinha. — Criaturas tão inteligentes e adoráveis os humanos.

O entalhador parecia perdido em memórias antigas; então, ele sacudiu a cabeça e terminou: — Reúna as duas metades do Livro dos Sopros e conseguirá anular os poderes do Caldeirão. Com sorte, antes que retorne à força total e destrua aquela muralha.

Não me dei o trabalho de agradecer. Não com a informação que ele nos dera. Não quando eu tinha sido forçada a dizer aquelas coisas... e ainda conseguia sentir a atenção de Rhys. Era como se ele suspeitasse, mas jamais acreditasse no quão gravemente eu tinha sido destruída naquele momento com Amarantha.

Nós viramos, a mão de Rhys deslizou de minhas costas e segurou minha mão.

O toque era leve — carinhoso. E subitamente não tive forças para sequer segurar de volta.

O entalhador pegou o osso que Rhysand tinha levado para ele e sopesou o objeto naquelas mãos infantis.

— Vou entalhar sua morte aqui, Feyre.

Mais e mais para cima na escuridão nós seguimos, pela pedra dormente e os monstros que viviam dentro dela. Por fim, falei para Rhys: — O que você viu?

— Você primeiro.

— Um menino, por volta de 8 anos; cabelos pretos, olhos azuis.

Rhys estremeceu; o gesto mais humano que eu o vira fazer.

— O que você viu? — insisti.

— Jurian — falou Rhys. — Ele tinha exatamente a mesma aparência de Jurian da última vez que o vi: enfrentando Amarantha quando lutaram até a morte.

Não queria saber como o Entalhador de Ossos sabia sobre quem tínhamos ido perguntar.

Capítulo 19

— Amren está certa — disse Rhys, apoiando-se contra o portal da sala de estar da casa. — Vocês *são* como cães, esperando que eu venha para casa. Talvez devesse comprar guloseimas.

Cassian fez um gesto vulgar para Rhys de onde deitara no sofá, diante da lareira, com um braço jogado no encosto, atrás de Mor. Embora tudo a respeito do corpo poderoso e musculoso de Cassian sugerisse que ele se sentia à vontade, havia uma tensão em seu maxilar, uma energia acumulada que me dizia que esperavam ali havia um tempo.

Azriel permanecia à janela, confortavelmente oculto entre as sombras, e uma neve suave caía e salpicava o jardim e a rua atrás dele. E Amren...

Não estava à vista. Eu não saberia dizer se me sentia aliviada ou não. Precisaria achá-la para lhe devolver o cordão em breve — se os avisos de Rhys e as palavras da própria Amren eram verdade.

Molhada e com frio por causa da névoa e do vento que nos perseguiram desde a Prisão, caminhei até a poltrona diante do sofá, a qual tinha sido construída, como tantos outros móveis ali, para acomodar asas illyrianas. Estiquei meus braços e minhas pernas rígidos na direção da lareira e depois contive um gemido ao sentir o delicioso calor.

— Como foi? — perguntou Mor, endireitando-se ao lado de Cassian. Nenhum vestido hoje, apenas calça preta prática e um grosso suéter azul.

— O Entalhador de Ossos — falou Rhys — é um fofoqueiro enxerido que gosta de se meter demais nos negócios dos outros.

— Mas? — indagou Cassian, apoiando os braços nos joelhos, as asas recolhidas.

— Mas — continuou Rhys — também pode ser útil, quando escolhe ser. E parece que precisamos começar a fazer o que fazemos melhor.

Flexionei os dedos dormentes, feliz por deixá-los discutir, precisando de um momento para me recompor, para afastar o que tinha revelado ao Entalhador de Ossos.

E o que o Entalhador de Ossos sugeriu que poderia, de fato, ser pedido que eu fizesse com aquele livro. As habilidades que eu poderia ter.

Então, Rhys contou a eles sobre o Caldeirão e o motivo por trás dos saques aos templos, recebendo em reposta não poucos xingamentos e perguntas — e sem revelar nada do que eu tinha admitido em troca da informação. Azriel saiu das sombras espiraladas para perguntar mais coisas; o rosto e a voz permaneciam indecifráveis. Cassian, surpreendentemente, se manteve calado, como se o general entendesse que o encantador de sombras saberia que informação era necessária, e estivesse ocupado avaliando-a para as próprias forças.

Quando Rhys terminou, o mestre-espião falou:

— Vou contatar minhas fontes na Corte Estival a respeito de onde a metade do Livro dos Sopros está escondida. Posso voar até o mundo humano sozinho para descobrir onde estão guardando a parte deles do Livro antes de pedirmos.

— Não precisa — disse Rhys. — E não confie essa informação, nem a suas fontes, nem a qualquer um fora desta sala. Exceto por Amren.

— Elas podem ser confiadas — argumentou Azriel, com determinação silenciosa, as mãos cobertas de cicatrizes fechando-se nos flancos cobertos de couro.

— Não vamos correr riscos no que diz respeito a isso — respondeu Rhys, simplesmente. Ele encarou Azriel, e quase consegui ouvir as palavras silenciosas que Rhys acrescentou: *Não é um julgamento ou uma reflexão a seu respeito, Az. De maneira alguma.*

Mas Azriel não exibiu um pingo de emoção quando assentiu, abrindo as mãos.

— Então, *qual* é o plano? — interrompeu Mor, talvez pelo bem de Az.

Rhys limpou um pedaço invisível de terra do traje de couro. Quando ergueu a cabeça, os olhos violeta pareciam glaciais.

— O rei de Hybern saqueou um de nossos templos para conseguir um pedaço do Caldeirão. Até onde sei, trata-se de um ato de guerra, uma indicação de que Sua Majestade não tem interesse em me cortejar.

— Ele provavelmente se lembra de sua lealdade aos humanos na Guerra, de qualquer modo — ponderou Cassian. — Não arriscaria revelar os planos enquanto tenta fazê-lo mudar de lado, e aposto que alguns dos seguidores de Amarantha contaram a ele sobre Sob a Montanha. Sobre como tudo acabou, quero dizer. — Cassian engoliu em seco.

Quando Rhys tentou matá-la. Abaixei as mãos na direção do fogo.

— De fato. Mas isso significa que as forças de Hybern já se infiltraram com sucesso em nossas terras, sem ser detectadas. Planejo devolver o favor — disse Rhys.

Pela Mãe. Cassian e Mor apenas sorriram com um prazer selvagem.

— Como? — perguntou Mor.

Rhys cruzou os braços.

— Vai requerer planejamento cuidadoso. Mas, se o Caldeirão estiver em Hybern, então, para Hybern devemos ir. Ou para tomá-lo de volta... ou para usar o

Livro e neutralizá-lo.

Uma parte covarde e patética de mim já tremia.

— Hybern provavelmente tem tantos feitiços de proteção e escudos em volta de si quanto nós temos aqui — replicou Azriel. — Precisaríamos encontrar uma forma de passar por eles sem sermos detectados primeiro.

Um leve aceno de cabeça.

— Por isso começamos agora. Enquanto caçamos o Livro. Então, quando conseguirmos as duas metades, podemos agir rapidamente, antes que se espalhe a notícia de que sequer o possuímos.

Cassian assentiu, mas perguntou:

— Como vai recuperar o Livro, então?

Eu me preparei quando Rhys falou:

— Como esses objetos são enfeitiçados pelos Grão-Senhores individualmente, e só podem ser encontrados por eles, por meio de seus poderes... Então, além da utilidade dela com o manuseio do próprio Livro dos Sopros, parece que possivelmente temos nosso próprio detector.

Agora todos me olharam.

Encolhi o corpo.

— *Talvez*. Foi o que o Entalhador de Ossos disse em relação a eu ser capaz de encontrar coisas. Você não sabe... — Minhas palavras se dissiparam quando Rhys deu um risinho.

— Você tem uma semente de todo o nosso poder, que é como ter sete impressões digitais. Se escondemos algo, se fizemos ou protegemos isso com nosso poder, não importa onde esteja escondido, conseguirá encontrá-lo por meio dessa mesma magia.

— Não tem como saber disso com certeza. — Eu tentei dizer de novo.

— Não... mas há uma forma de testar. — Rhys ainda sorria.

— Lá vamos nós — resmungou Cassian. Mor lançou a Azriel um olhar de aviso para que *não* se oferecesse dessa vez. Em resposta, o mestre-espião apenas

encarou Mor com incredulidade.

Eu poderia ter ficado na poltrona para observar a batalha de personalidades caso Rhys não tivesse dito:

— Com suas habilidades, Feyre, você pode conseguir encontrar a metade do Livro na Corte Estival e quebrar os feitiços que a cercam. Mas não vou confiar na palavra do Entalhador, ou levar você até lá sem testá-la primeiro. Para que nos certifiquemos de que, quando for sério, quando precisarmos daquele livro, você, *nós* não falharemos. Então, vamos fazer outra pequena viagem. Para ver se é capaz de encontrar um objeto valioso, que perdi há um tempo considerável.

— Merda! — xingou Mor, enfiando as mãos nas dobras espessas do suéter.

— Onde? — Consegui dizer.

Foi Azriel quem respondeu.

— Para a Tecelã.

Rhys estendeu a mão quando Cassian abriu a boca.

— O teste — disse ele — será para ver se Feyre consegue identificar meu objeto no tesouro da Tecelã. Quando chegarmos à Corte Estival, Tarquin pode ter enfeitiçado a parte dele do Livro para parecer diferente, passar uma sensação diferente.

— Pelo Caldeirão, Rhys — disparou Mor, colocando os dois pés no tapete. — Ficou maluco...?

— Quem é a Tecelã? — insisti.

— Uma criatura antiga e cruel — explicou Azriel, e verifiquei as leves cicatrizes em suas asas, no pescoço, e me perguntei quantas criaturas como aquela Azriel teria encontrado na vida imortal. Se eram piores que as pessoas que compartilhavam laços de sangue com ele. — Que deve permanecer imperturbada — acrescentou o mestre-espião na direção de Rhys. — Encontre outra forma de testar as habilidades de Feyre.

Rhys apenas deu de ombros e me olhou. Para me deixar escolher. Sempre... com ele ultimamente a escolha era sempre minha. Mas ele não tinha me deixado

voltar à Corte Primaveril durante aquelas duas visitas... porque sabia o quanto eu precisava fugir de lá?

Mordi o lábio inferior, considerando os riscos, esperando sentir qualquer pontada de medo, de emoção. Mas aquela tarde tinha drenado qualquer reserva de ambos.

— O Entalhador de Ossos, a Tecelã... Não podem chamar ninguém pelo nome?

Cassian riu, e Mor se acomodou nas almofadas do sofá.

Apenas Rhys, me parecia, entendera que aquilo não fora totalmente uma piada. O rosto parecia tenso. Como se soubesse exatamente o quanto eu estava cansada, o quanto eu sabia que deveria tremer ao pensar nessa Tecelã, mas, depois do Entalhador de Ossos, e do que eu revelara a ele... não conseguia sentir nada mesmo.

Rhys falou para mim:

— Que tal acrescentar mais um nome a essa lista?

Não gostei muito de como aquilo soou. Mor disse o mesmo.

— Emissária — falou Rhysand, ignorando a prima. — Emissária da Corte Noturna... para o reino humano.

— Não há um desses há quinhentos anos, Rhys — disse Azriel.

— Também não houve um humano que se tornou imortal desde então. — Rhys me encarou. — O mundo humano deve estar tão preparado quanto nós, principalmente se o rei de Hybern planeja destruir a muralha e soltar as forças sobre ele. Precisamos da outra metade do Livro daquelas rainhas mortais, e, se não pudermos usar magia para influenciá-las, então, precisarão trazer o livro até nós.

Mais silêncio. Na rua além do conjunto de janelas, redemoinhos de neve esvoaçavam, cobrindo os paralelepípedos.

Rhys inclinou o queixo em minha direção.

— Você é uma feérica imortal, com um coração humano. Mesmo como tal, pode muito bem colocar os pés no continente e ser... caçada por isso. Então, montaremos uma base em território neutro. Em um lugar no qual os humanos

confiam em nós, confiam em *você*, Feyre. E onde outros humanos possam se arriscar a se encontrar com você. Para ouvir a voz de Prythian depois de cinco séculos.

— A propriedade de minha família — constatei.

— Pelas tetas da Mãe, Rhys — interrompeu Cassian, abrindo as asas o suficiente para quase derrubar o vaso de cerâmica na mesa ao lado. — Acha que podemos simplesmente tomar a casa da família dela, exigir isso deles?

Nestha não queria nada com os feéricos, e Elain era tão carinhosa, tão doce... como eu poderia arrastá-las para aquilo?

— A terra — disse Mor, estendendo a mão para colocar o vaso de volta no lugar — vai ficar vermelha de sangue, Cassian, independentemente do que faremos com a família dela. Agora é uma questão de onde esse sangue vai fluir, e quanto será derramado. E quanto sangue humano podemos salvar.

E talvez aquilo me tornasse uma tola covarde, mas falei:

— A Corte Primaveril faz fronteira com a muralha...

— A muralha se estende pelo mar. Voaremos até lá pelo oceano — explicou Rhys, sem sequer piscar. — Não vou arriscar que nenhuma corte descubra, embora as notícias possam se espalhar bem rápido depois que chegarmos. Sei que não vai ser fácil, Feyre, mas, se houver uma forma de você conseguir convencer aquelas rainhas...

— Farei isso — decidi. O corpo destruído e pregado de Clare Beddor surgiu em minha visão. Amarantha fora uma de suas comandantes. Apenas uma... entre muitos. O rei de Hybern devia ser inimaginavelmente terrível para ser seu mestre. Se aquelas pessoas pusessem as mãos em minhas irmãs... — Elas podem até não ficar felizes com isso, mas obrigarei Elain e Nestha a ajudar.

Não tive coragem de perguntar a Rhys se ele podia simplesmente forçar minha família a concordar em ajudar caso se recusassem. Eu me perguntei se os poderes do feérico funcionariam em Nestha quando até mesmo o encantamento de Tamlin tinha fracassado contra sua mente de ferro.

— Então está decidido — declarou Rhys. Nenhum deles parecia particularmente feliz. — Depois que a querida Feyre voltar da Tecelã, derrubaremos Hybern.

Rhys e os demais saíram naquela noite — para onde, ninguém me disse. Mas depois dos eventos do dia, mal terminei de devorar a comida que Nuala e Cerridwen levaram para meu quarto antes de cair no sono.

Sonhei com um osso longo e branco, entalhado com uma precisão apavorante: meu rosto, retorcido com dor e desespero; a faca de freixo em minha mão; uma poça de sangue escorrendo de dois cadáveres...

Mas acordei com a luz aguada do alvorecer do inverno; meu estômago estava cheio da noite anterior.

Um mero minuto depois de eu recobrar a consciência, Rhys bateu a minha porta. Mal dei a ele permissão para entrar antes que batesse os pés para dentro do quarto como um vento da meia-noite e atirasse um cinto com duas facas ao pé da cama.

— Rápido — mandou, abrindo as portas do armário e puxando dali meus trajes de couro. Ele os atirou na cama também. — Quero partir antes que o sol tenha nascido completamente.

— Por quê? — perguntei, empurrando as cobertas. Nenhuma asa hoje.

— Porque o tempo é ouro. — Rhys pegou minhas meias e minhas botas. — Depois que o rei de Hybern perceber que alguém está procurando pelo Livro dos Sopros para anular os poderes do Caldeirão, então seus agentes começarão a procurar pelo Livro também.

— Mas você suspeitava disso há um tempo. — Não tivera a chance de discutir aquilo com Rhys na noite anterior. — O Caldeirão, o rei, o Livro... Você queria que fosse confirmado, mas estava me esperando.

— Se tivesse concordado em trabalhar comigo há dois meses, eu a teria levado diretamente ao Entalhador de Ossos para ver se ele confirmaria minhas suspeitas sobre seus talentos. Mas as coisas não seguiram conforme o planejado.

Não, certamente não.

— A leitura — falei, deslizando os pés para chinelos forrados de lã e de solas grossas. — Por isso insistiu nas aulas. Para que, se suas suspeitas fossem verdade e eu pudesse usar o Livro... pudesse de fato lê-lo, ou a qualquer tradução do que quer que esteja dentro. — Um livro tão velho poderia muito bem ter sido escrito em uma língua completamente diferente. Um alfabeto diferente.

— De novo — falou Rhysand, agora caminhando até a cômoda —, se tivesse começado a trabalhar comigo, eu teria dito por quê. Não podia arriscar ser descoberto. — Ele parou com a mão na maçaneta. — Você deveria ter aprendido a ler de qualquer forma. Mas sim, quando eu disse que servia a meus propósitos, era por causa disso. Você me culpa?

— Não — respondi, e fui sincera. — Mas prefiro ser notificada de qualquer trama futura.

— Anotado. — Rhys abriu as gavetas e tirou minha roupa íntima de dentro. Ele agitou as peças de renda preta e riu. — Fico surpreso por não ter exigido que Nuala e Cerridwen comprassem outra coisa.

Caminhei até Rhys, batendo os pés, e arranquei a renda de suas mãos.

— Está babando no carpete. — Bati a porta do banheiro antes que Rhys pudesse responder.

Ele estava esperando quando saí, já aquecida pelo o couro forrado de pele. Rhys ergueu o cinto de facas, e observei os laços e as fivelas.

— Nenhuma espada, nenhum arco ou flecha — disse Rhys. Ele usava o próprio couro de guerra illyriano, com aquela espada simples e brutal presa ao longo da coluna.

— Mas facas não têm problema?

Rhys se ajoelhou e abriu a teia de couro de aço que era o cinto, indicando que eu enfiasse a perna por um dos laços.

Fiz conforme o instruído, e ignorei o roçar das mãos firmes em minhas coxas quando passei a perna pelo outro laço, e Rhys começou a amarrar e afivelar as coisas.

— Ela não vai reparar na faca, pois tem facas no chalé para comer e trabalhar. Mas coisas que estão deslocadas, objetos que não estavam lá... Uma espada, um arco e uma flecha... Ela pode sentir essas coisas.

— E quanto a mim?

Rhys apertou uma fivela. Ele agora tinha mãos fortes e capazes; tão diferentes dos requintes que ele costumava usar a fim de maravilhar o resto do mundo e o convencer de que era algo totalmente diferente do que realmente era.

— Não faça um ruído, não toque em *nada* além do objeto que ela tomou de mim.

Rhys ergueu o rosto, as mãos em minhas coxas.

Curve-se, ordenara Rhys certa vez a Tamlin. E agora, ali estava ele, de joelhos diante de mim. Os olhos de Rhys brilharam, como se ele também tivesse se lembrado. Será que aquilo fazia parte do jogo — aquela fachada? Ou será que foi vingança pela disputa de sangue horrível entre ambos?

— Se estivermos certos a respeito de seus poderes — conjecturou Rhys. — Se o Entalhador de Ossos não estava mentindo para nós, então você e o objeto terão a mesma... impressão, graças aos feitiços de preservação que coloquei nele há muito tempo. Vocês serão um. Ela não reparará sua presença contanto que toque *apenas* o objeto. Você será invisível para ela.

— É cega?

Um aceno.

— Mas os outros sentidos da Tecelã são mortais. Então, seja rápida e silenciosa. Encontre o objeto e saia correndo, Feyre. — As mãos de Rhys se detiveram em minhas pernas, envolvendo-as por trás.

— E se reparar em mim?

As mãos dele ficaram levemente tensas.

— Então, descobriremos exatamente o quanto você é habilidosa.

Desgraçado cruel e ardiloso. Olhei para Rhys com raiva.

Ele deu de ombros.

— Prefere que eu a tranque na Casa do Vento e a entupa de comida e a obrigue a usar roupas requintadas e a planejar minhas festas?

— Vá para o inferno. Por que não pega esse objeto você mesmo se é tão importante?

— Porque a Tecelã me conhece, e, se eu for pego, haverá um preço alto. Grão-Senhores não devem mexer com ela, não importa o quanto a situação seja grave. Há muitos tesouros na pilha da Tecelã, e alguns ela guarda há milênios. A maioria jamais será recuperada, porque os Grão-Senhores não ousam ser pegos, graças às leis que a protegem, graças à ira dela. Qualquer ladrão agindo em nome de um Grão-Senhor... Ou não retorna, ou jamais é enviado, por medo de que seja rastreado de volta ao Grão-Senhor correspondente. Mas você... Ela não a conhece. Você pertence a todas as cortes.

— Então, sou sua caçadora e ladra?

As mãos de Rhys deslizaram para baixo a fim de apalpar a parte de trás de meus joelhos quando ele falou com um sorriso malicioso:

— Você é minha salvação, Feyre.

Capítulo 20

Rhysand nos atravessou para uma floresta mais velha, mais alerta que em qualquer lugar em que eu tivesse estado.

As faias retorcidas se entrelaçavam bem próximas umas das outras, manchadas e cobertas tão completamente de musgo e líquen que era quase impossível ver a casca abaixo.

— Onde estamos? — Respirei fundo, mal ousando sussurrar.

Rhys manteve as mãos casualmente ao alcance das armas.

— No coração de Prythian, há um território grande e vazio que divide o norte e o sul. No centro dele está nossa montanha sagrada.

Meu coração estava acelerado, e me concentrei nas passadas entre samambaias, musgos e raízes.

— Esta floresta — prosseguiu Rhys — fica na ponta leste desse território neutro. Aqui não há Grão-Senhor. Aqui, a lei é feita por quem é mais forte, mais

cruel, mais ardiloso. E a Tecelã da Floresta está no topo da cadeia alimentar.

As árvores rangeram, embora não houvesse brisa para movê-las. Não, o ar ali era sufocante e velho.

— Amarantha não acabou com eles?

— Amarantha não era tola — argumentou Rhys, a expressão sombria. — Ela não tocou nessas criaturas ou perturbou a floresta. Durante anos, tentei encontrar formas de manipulá-la para que cometesse esse erro tolo, mas ela jamais mordeu a isca.

— E agora nós a estamos perturbando, por um simples teste.

Rhys riu, e o som ecoou pelas pedras cinzentas espalhadas pela floresta como se fossem bolas de gude.

— Cassian tentou me convencer ontem à noite a não trazer você. Achei que fosse até me socar.

— Por quê? — Eu mal o conhecia.

— Quem sabe? Ele provavelmente está mais interessado em trepar com você que em protegê-la.

— Você é um porco.

— Você poderia, sabe... — disse Rhys, segurando o galho de uma faia fina para que eu passasse por baixo. — Se precisasse avançar no relacionamento em um sentido físico, tenho certeza de que Cassian ficaria mais que feliz em ajudar.

Pareceu um teste. E me deixou tão irritada que cantarolei:

— Então diga a ele para vir a meu quarto esta noite.

— Se você sobreviver ao teste.

Parei no alto de uma pequena pedra coberta de líquen.

— Você parece feliz com a ideia de que não sobreviverei.

— Pelo contrário, Feyre. — Rhys caminhou até onde eu parei, na pedra. Eu estava quase na altura de seus olhos. A floresta ficou ainda mais silenciosa... as árvores pareciam se aproximar, como se para ouvir cada palavra. — Informarei a Cassian que você está... aberta aos avanços dele.

— Bom — respondi. Um fragmento de ar, como se fosse vácuo, me empurrou, algo como um lampejo de noite. Aquele poder em meus ossos e sangue se agitou em resposta.

Fiz menção de saltar da pedra, mas Rhys segurou meu queixo; o movimento foi rápido demais para que eu o detectasse. As palavras pareciam carícias letais quando Rhys falou:

— Gostou de me ver ajoelhado diante de você?

Eu sabia que Rhys conseguia ouvir meu coração quando este acelerou em um ritmo estrondoso. Dei a ele um sorrisinho de raiva, libertando o queixo e saltando da pedra. Poderia ter mirado os pés de Rhys. E ele poderia ter saído do caminho apenas o bastante para evitar que eu pisasse em seus pés.

— Não é só para isso que vocês machos servem mesmo? — Mas as palavras saíram contidas, quase sem fôlego.

O sorriso de Rhys em resposta evocou lençóis de seda e brisas com cheiro de jasmim à meia-noite.

Aquele era um limite perigoso: um no qual Rhysand me obrigava a caminhar para evitar que eu pensasse no que estava prestes a enfrentar, em quanto eu estava devastada por dentro.

Raiva, aquele... flerte, irritação... Rhys sabia que eram minhas muletas.

O que eu estava prestes a encontrar, então, devia ser realmente perturbador se ele queria que eu entrasse irritada — pensando em sexo, em qualquer coisa menos na Tecelã da Floresta.

— Boa tentativa — admiti, a voz rouca. Rhysand apenas deu de ombros e saiu andando com arrogância para as árvores adiante.

Canalha. Sim, fora para me distrair, mas...

Disparei atrás de Rhys o mais silenciosamente possível, determinada a derrubá-lo e dar um soco em sua coluna, mas Rhys ergueu a mão quando parou diante de uma clareira.

Um pequeno chalé branco com telhado de sapê e uma chaminé quase aos pedaços estava no centro. Comum... quase mortal. Havia até mesmo um poço, o balde estava apoiado na borda de pedra, e lenha fora empilhada debaixo de uma das janelas do chalé. Nenhum ruído ou luz do lado de dentro; nem mesmo fumaça subia da chaminé.

Os poucos pássaros na floresta ficaram em silêncio. Não totalmente, mas para manter o canto ao mínimo. E... ali.

Baixo, vindo do lado de dentro do chalé, havia um murmúrio belo e constante.

Talvez fosse o tipo de lugar no qual eu pararia caso estivesse com sede ou com fome, ou precisando de abrigo para a noite.

Talvez fosse essa a armadilha.

As árvores ao redor da clareira, tão próximas que os galhos quase arranhavam o telhado de sapê, podiam muito bem ser as barras de uma jaula.

Rhys inclinou a cabeça na direção do chalé, fazendo uma reverência com uma graciosidade dramática.

Entrar, sair; não fazer barulho. Encontrar qualquer que seja o objeto e roubá-lo de baixo do nariz de uma pessoa cega.

E então correr como nunca.

Terra coberta de musgo marcava o caminho até a porta da frente, já entreaberta. Um pedaço de queijo. E eu era o rato tolo prestes a cair na armadilha.

Com os olhos brilhando, Rhys articulou, sem emitir som: *Boa sorte*.

Fiz um gesto vulgar para ele e, devagar, em silêncio, segui para a entrada.

A floresta parecia monitorar cada um de meus passos. Quando olhei para trás, Rhys havia sumido.

Ele não disse se interferiria caso eu estivesse em perigo mortal. Provavelmente deveria ter perguntado.

Evitei folhas e pedras, entrando em um ritmo de movimento do qual alguma parte de meu corpo — alguma parte que não tinha nascido dos Grão-Senhores — se lembrava.

Era como acordar. Era essa a sensação.

Passei pelo poço. Não havia um grão de terra, nenhuma pedra fora do lugar. Uma armadilha perfeita, linda, avisou aquela parte mortal. Uma armadilha projetada de uma época em que humanos eram presos, e que, agora, estava disposta para um tipo de jogo mais esperto, imortal.

Eu não era mais presa, decidi, ao me aproximar com cuidado daquela porta.

E não era um rato.

Eu era um lobo.

Ouvi sob o portal cuja rocha estava gasta, como se muitas, muitas botas tivessem passado por ali — e talvez jamais tivessem passado de volta. As palavras da canção se tornaram claras agora, a voz era doce e bela como a luz do sol em um córrego:

"Era uma vez duas irmãs que saíram para brincar,
Foram ver os navios do pai partirem para velejar...
E quando chegaram à beira do mar
A mais velha correu à mais nova empurrar."

Uma voz melíflua para uma música antiga e terrível. Eu já a ouvira antes... um pouco diferente, mas cantada por humanos ignorantes de que vinha de bocas feéricas.

Ouvi mais um momento, tentando escutar mais alguém. Mas havia apenas o clangor e o estampido de algum tipo de aparelho, e a música da Tecelã.

"Às vezes a afundar, às vezes a nadar,
Até que enfim, na represa do moleiro, o cadáver veio parar."

Meu fôlego estava preso no peito, mas continuei respirando regularmente — direcionando o ar para a boca com respirações silenciosas. Abri a porta devagar,

apenas alguns centímetros.

Nenhum rangido; nenhuma reclamação das dobradiças enferrujadas. Tratava-se de outro pedaço da linda armadilha: ela praticamente convidava os ladrões. Olhei para dentro quando a porta se abriu o suficiente.

Uma grande sala principal, com uma pequena porta fechada ao fundo. Prateleiras do chão ao teto cobriam as paredes, cheias de bricabraques: livros, conchas, bonecas, ervas, cerâmica, sapatos, cristais, mais livros, joias... Do teto e das vigas de madeira pendiam todo tipo de correntes, pássaros mortos, vestidos, laços, pedaços de madeira retorcidos, cordões de pérolas...

Uma loja de quinquilharias — de alguma acumuladora imortal.

E aquela acumuladora...

Na sombra do chalé havia uma grande roca, rachada e desgastada pelo tempo.

E diante daquela roca antiga, de costas para mim, estava a Tecelã.

Os cabelos espessos eram do mais exuberante tom de ônix, descendo em cascata até a cintura fina conforme ela trabalhava na roca, e mãos brancas como neve alimentavam o aparelho e puxavam o fio ao redor de um fuso afiado como um espinho.

Ela parecia jovem; o vestido cinza era simples, mas elegante, brilhando levemente à luz fraca da floresta que entrava pelas janelas conforme a mulher cantava com uma voz que parecia ouro reluzente:

"E ao esterno dela, que fim ele deu?
Fez uma viola, um instrumento seu.
O que ele fez com os dedos tão pequenos?
Fez tarraxas para a viola, nada menos."

A fibra com que a Tecelã alimentava as rodas era branca — macia. Como lã, mas... Eu sabia, com aquela parte humana que me restava, que não era lã. Eu sabia que não queria saber de que criatura tinha vindo, *quem* ela tecia.

Porque, na prateleira diretamente em frente à Tecelã, havia cones e mais cones de fios: de todas as cores e texturas. E, na prateleira adjacente a ela, havia carreiras e metros daquele fio tecido — tecido, percebi, no imenso tear quase escondido na escuridão próxima à lareira. O tear da Tecelã.

Eu tinha vindo em dia de fiar; será que ela estaria cantando se eu tivesse vindo em dia de tecer? Pelo cheiro estranho, encharcado de medo que vinha daqueles rolos de tecido, eu já sabia a resposta.

Um lobo. Eu era um lobo.

Entrei no chalé, atenta aos objetos espalhados no chão de terra. Ela continuou trabalhando, a roda girando tão alegremente, tão destoante de sua horrível música:

"E o osso do nariz dela, que fim levou?
Para a viola, um cavalete ele entalhou.
E com as veias tão azuis, o que ele fez?
Cordas para a viola, dessa vez."

Observei a sala, tentando não ouvir a letra.

Nada. Senti... nada que pudesse me puxar na direção de um objeto em especial. Talvez fosse uma benção se, de fato, *não* fosse eu aquela a procurar o Livro... se aquele dia não fosse o início do que certamente se tornaria uma série de desventuras.

A Tecelã ficou curvada ali, trabalhando.

Verifiquei as prateleiras, o teto. Tempo emprestado. Eu estava usando tempo emprestado, e ele estava quase acabando.

Será que Rhys me mandara em uma missão impossível? Talvez não houvesse nada ali. Talvez esse *objeto* tivesse sido levado. Seria típico de Rhys fazer isso. Me provocar até que eu fosse para a floresta, para ver que tipo de coisas poderiam fazer meu corpo reagir.

E talvez eu me ressentisse de Tamlin o suficiente naquele momento para aproveitar aquele flerte mortal. Talvez eu fosse tão monstruosa quanto a fêmea que tecia diante de mim.

Mas, se eu era um monstro, então supus que Rhys também o fosse.

Rhysand e eu éramos iguais — sem contar o poder que ele me dera. Seria adequado que Tamlin me odiasse também depois que percebesse que eu tinha partido de verdade.

Eu senti algo então... como um tapinha no ombro.

Virei, mantendo um olho na Tecelã e o outro na sala conforme percorria com os olhos o labirinto de mesas e porcarias. Como um farol, um trecho de luz envolto no meio sorriso, o objeto me atraiu.

Oi, ele pareceu dizer. *Veio por fim me reivindicar?*

Sim... sim, eu queria dizer. Mesmo quando parte de mim desejou que fosse o contrário.

A Tecelã cantava atrás de mim:

"Que fim deu ele aos olhos dela, tão cintilantes?
A viola adornam, brilhantes.
E aquela língua tão áspera, aonde foi parar?
Virou o novo arado e desatou a falar."

Segui aquela pulsação... na direção da prateleira que ocupava a parede ao lado da lareira. Nada. E nada na segunda. Mas na terceira, logo acima da direção de meus olhos... Ali.

Eu quase conseguia sentir o cheiro salgado e cítrico de Rhysand. O Entalhador de Ossos estava certo.

Fiquei na ponta dos pés para examinar a prateleira. Um velho abridor de cartas, livros de couro que eu não queria tocar ou cheirar; um punhado de avelãs, uma coroa embaçada de rubi e jaspe e...

Um anel.

Um anel de fios entrelaçados de ouro e prata, adornado com pérolas e encrustado com uma pedra do mais profundo e sólido azul. Safira... mas diferente. Eu jamais vira uma safira como aquela, nem mesmo nos escritórios de meu pai. Aquele... Eu podia jurar que à luz pálida, as linhas de uma estrela de seis pontas irradiavam pela superfície redonda e opaca.

Rhys... aquilo tinha a marca de Rhysand.

Ele me mandara até ali em busca de um *anel*?

A Tecelã cantava:

"Então falou a corda aguda,
Oh, distante está meu pai, o rei."

Observei a Tecelã por mais um segundo, medindo a distância entre a prateleira e a porta aberta. Se pegasse o anel, eu poderia sair em um segundo. Rápida, silenciosa, calma.

"Então falou das cordas a segunda,
Oh, distante está minha mãe, a rainha."

Abaixei a mão na direção de uma das facas presa a minhas coxas. Quando voltasse para Rhys, talvez o esfaqueasse no estômago.

Com a mesma rapidez, a lembrança de sangue imaginário cobriu minhas mãos. Eu sabia como seria cravar a adaga na pele e nos ossos e na carne de Rhys. Sabia como o sangue escorreria, como ele gemeria de dor...

Afastei o pensamento, mesmo enquanto sentia o sangue daqueles feéricos ensopando aquela minha parte humana que não morrera e não pertencia a ninguém, exceto a meu eu miserável.

“Então das três cordas o conjunto falou,
Distante está a irmã que me afogou.”

Minha mão se acalmou como um último e agonizante fôlego quando tirei o anel da prateleira.

A Tecelã parou de cantar.

Capítulo 21

Congelei, o anel estava agora no bolso de meu casaco. Ela terminara a última música; talvez começasse outra.

Talvez.

A roca ficou mais lenta.

Recuei um passo na direção da porta. Depois, outro.

Mais e mais devagar, cada rotação da antiga roca era mais longa que a anterior.

Apenas dez passos até a porta.

Cinco.

A roda girou uma última vez, tão devagar que consegui ver cada um dos raios do aro.

Dois.

Virei para a porta quando ela esticou subitamente a mão branca, segurando a roda e parando-a de vez.

A porta diante de mim se fechou com um clique.

Disparei para a maçaneta, mas não havia maçaneta.

Janela. Vá até a janela...

— Quem está em minha casa? — disse a Tecelã, baixinho.

Medo — medo bruto e total — se chocou contra mim, e lembrei. Lembrei como era ser humana e indefesa e fraca. Lembrei de como era querer *lutar* para sobreviver, estar disposta a fazer qualquer coisa para continuar respirando...

Cheguei à janela ao lado da porta. Selada. Nenhum trinco, nenhuma abertura. Apenas vidro que não era vidro. Sólido e impenetrável.

A Tecelã virou o rosto em minha direção.

Lobo ou rato, não fazia diferença, porque eu não passava de um animal, avaliando minha chance de sobreviver.

Sobre o corpo jovem e esguio, sob os cabelos pretos lindos, a pele da Tecelã era cinzenta — enrugada e flácida e seca. E onde olhos deveriam brilhar havia pútridos buracos pretos. Os lábios tinham murchado e virado nada além de linhas profundas e escuras ao redor de um buraco cheio de cotocos pontiagudos de dentes... como se a Tecelã tivesse mastigado ossos demais.

E soube que ela mastigaria meus ossos se eu não saísse.

O nariz da Tecelã — talvez um dia tivesse sido bonito, agora estava afundando no rosto — se dilatou quando ela farejou em minha direção.

— O que você é? — perguntou a Tecelã, com uma voz muito jovem e meiga.

Sair... sair, eu precisava *sair*...

Havia outro caminho.

Um caminho suicida e inconsequente.

Não queria morrer.

Não queria ser devorada.

Não queria entrar naquela doce escuridão.

A Tecelã se levantou do banquinho.

E eu soube que meu tempo emprestado tinha acabado.

— O que é como todos — ponderou a Tecelã, dando um passo gracioso em minha direção —, mas é diferente de todos?

Eu *era* um lobo.

E mordia quando encurralada.

Disparei para a única vela que queimava sobre a mesa no centro da sala. E a atirei contra a parede de fios tecidos — contra todos aqueles rolos deprimentes e sombrios de tecido. Corpos tecidos, peles, vidas. Que se libertassem.

Fogo irrompeu, e o grito da Tecelã foi tão cortante que achei que minha cabeça poderia se despedaçar; achei que meu sangue poderia ferver nas veias.

A Tecelã disparou para as chamas, como se pudesse apagá-las com aquelas impecáveis mãos brancas, e a boca de dentes pútridos estava aberta e gritava como se não houvesse nada além de inferno negro dentro de si.

Disparei para a lareira apagada. Para a lareira e a chaminé acima.

Espaço apertado, mas largo o bastante para mim.

Não hesitei quando segurei a borda da lareira e me impulsionei para cima, com os braços trêmulos. Força imortal: ela só me levava até certo ponto, e eu tinha ficado tão fraca, tão desnutrida.

Tinha *deixado* que eles me tornassem fraca. Cedera àquilo como um cavalo selvagem perfeitamente domado.

Os tijolos manchados de fuligem estavam soltos, eram irregulares. Perfeitos para subir.

Mais rápido; eu precisava ser mais rápida.

Mas meus ombros se arranhavam nos tijolos, e *fedia* ali dentro, como carniça e cabelo queimado, e havia uma camada de óleo na pedra, tal gordura cozida...

Os gritos da Tecelã foram interrompidos quando eu estava na metade da chaminé, a luz do sol e as árvores eram quase visíveis, cada fôlego era quase um soluço.

Levei a mão ao tijolo seguinte, e as unhas se quebraram quando me impulsionei tão violentamente que meus braços urraram em protesto contra a pedra que se

espremia ao meu redor e...

Eu estava entalada.

Entalada enquanto a Tecelã sibilava de dentro da casa:

— Que ratinho está subindo minha chaminé?

Eu tinha espaço o suficiente para abaixar o olhar conforme o rosto pútrido da Tecelã surgiu na base da chaminé.

Ela colocou aquela mão branco-leitosa na borda, e percebi como o espaço entre nós era pequeno.

Minha cabeça se esvaziou.

Fiz força contra a chaminé, mas ela não cedeu.

Eu morreria ali. Seria arrastada para baixo por aquelas lindas mãos e destroçada e devorada. Talvez enquanto ainda estivesse viva, ela colocaria aquela boca horrível em minha carne e mastigaria e rasgaria e morderia e...

Pânico sombrio me sufocou, e eu estava, de novo, presa sob uma montanha próxima, em uma trincheira enlameada, o Verme de Middengard disparava contra mim. Eu mal escapei, mal...

Não conseguia respirar, não conseguia respirar, não conseguia respirar...

As unhas da Tecelã roçaram contra o tijolo conforme ela deu um passo para cima.

Não, não, não, não, não...

Chutei e esperneei contra os tijolos.

— Achou que poderia roubar e fugir, ladrão?

Eu teria preferido o Middengard. Teria preferido aqueles dentes imensos e afiados aos cotocos irregulares da Tecelã...

Pare.

A palavra veio da escuridão de minha mente.

E a voz era minha.

Pare, disse ela — *eu* disse.

Respire.

Pense.

A Tecelã se aproximou, tijolos se desfizeram em suas mãos. Ela subiria como uma aranha, como se eu fosse uma mosca na teia...

Pare.

E aquela palavra calou tudo.

Eu a disse sem pronunciar.

Pare, pare, pare.

Pense.

Eu tinha sobrevivido ao Verme — sobrevivido a Amarantha. E tinha recebido dons. Dons consideráveis.

Como força.

Eu *era* forte.

Golpeei com a mão a parede da chaminé, o mais baixo que alcancei. A Tecelã sibilou quando os destroços desceram como chuva. Golpeei com o punho de novo, concentrando aquela força.

Eu não era um bicho de estimação, não era uma boneca, não era um animal.

Era uma sobrevivente e era forte.

Não seria frágil ou indefesa de novo. Não seria, *não poderia* ser destruída. Domada.

Bati com o punho nos tijolos diversas vezes, e a Tecelã parou.

Parou por tempo bastante para que o tijolo que eu tinha soltado deslizasse livremente para a palma de minha mão expectante.

E para que eu atirasse o tijolo contra o rosto horrível e assustador com o máximo de força que consegui.

Osso foi esmagado, e a Tecelã rugiu, sangue negro jorrou. Mas choquei os ombros contra as laterais da chaminé e a pele rasgou sob minha roupa de couro. Continuei em frente, adiante e adiante, até que eu fosse pedra quebrando pedra, até que nada e ninguém me segurasse e eu estivesse escalando a chaminé.

Não ousei parar, não quando cheguei à abertura e me impulsionei para fora, caindo às cambalhotas no telhado de sapê. Que não era de sapê, de modo algum.

Era de cabelo.

E com toda aquela gordura que cobria a chaminé... toda aquela gordura agora reluzindo em minha pele... os cabelos grudaram em mim. Em punhados e mechas e tufos. Bile subiu em minha garganta, mas a porta da frente se escancarou e um grito se seguiu.

Não — por ali não. Não para o chão.

Para cima, para cima e para cima.

Um galho de árvore pendia baixo e próximo, e corri com dificuldade por aquele telhado horroroso, tentando não pensar em quem e no que eu estava pisando, o que se agarrava a minha pele, a minhas roupas. Um segundo depois, saltei para o galho que me esperava, me agarrando às folhas e ao musgo conforme a Tecelã gritava: — *ONDE VOCÊ ESTÁ?*

Mas eu estava correndo pela árvore; correndo até outra árvore próxima. Saltei de galho em galho, mãos expostas se arranhando na madeira. Onde estava Rhysand?

Para mais e mais longe eu disparei, e os gritos da Tecelã me perseguiam, embora ficassem cada vez mais distantes.

Onde você está, onde você está, onde você está...

Então, acomodado em um galho na árvore diante de mim, com um braço jogado sobre a beirada, Rhysand disse, com voz arrastada: — Que diabos você *fez*?

Parei subitamente, sem fôlego. Achei que meus pulmões pudessem mesmo estar sangrando.

— *Você* — sibilei.

Mas Rhys ergueu um dedo aos lábios e atravessou até mim; ele pegou minha cintura com uma das mãos e apoiou minha nuca na outra quando nos levou embora...

Para Velaris. Para logo acima da Casa do Vento.

Descemos em queda livre, e não tive fôlego para gritar conforme suas asas apareceram, estendendo-se, e Rhysand fez uma curva, deslizando com firmeza... passando direto pelas janelas abertas do que só podia ser uma sala de guerra. Cassian estava ali, no meio de uma discussão com Amren sobre alguma coisa.

Os dois congelaram quando pousamos no piso vermelho.

Havia um espelho na parede atrás dos dois, e me olhei de relance, o bastante para saber por que os dois estavam boquiabertos.

Meu rosto estava arranhado e ensanguentado, e eu, coberta de poeira e gordura — *gordura cozida* — e pó de argamassa, com os cabelos grudados pelo corpo, e eu cheirava...

— Você tem cheiro de churrasco — constatou Amren, encolhendo-se um pouco.

Cassian afrouxou a mão com que envolvera a faca de luta na coxa.

Eu ainda estava ofegante, ainda tentava tomar fôlego. Os cabelos que se grudavam em mim arranhavam e faziam cócegas e...

— Você a matou? — perguntou Cassian.

— Não — respondeu Rhys por mim, recolhendo as asas tranquilamente. — Mas considerando o quanto a Tecelã estava gritando, estou doido para saber o que a querida Feyre fez.

Gordura; eu estava com gordura e cabelo de *gente* em mim...

Vomitei por todo o chão.

Cassian xingou, mas Amren gesticulou com a mão e o vômito sumiu imediatamente... junto da sujeira em mim. Mas eu conseguia sentir o fantasma da Tecelã ali, os resquícios de pessoas, a argamassa daqueles tijolos...

— Ela... me detectou de alguma forma. — Eu consegui dizer, apoiando-me contra a grande mesa e limpando a boca no ombro das vestes de couro. — E trancou as portas e as janelas. Então, precisei escalar pela chaminé. Fiquei entalada — acrescentei, quando Cassian ergueu as sobrancelhas. — E, quando ela tentou subir, eu lhe joguei um tijolo na cara.

Silêncio.

Amren olhou para Rhysand.

— E onde estava você?

— Esperando, longe o bastante para que ela não me detectasse.

Grunhi para ele.

— Eu precisava de uma ajuda.

— Você sobreviveu — disse Rhys. — E encontrou uma forma de se salvar. — Pelo brilho severo nos olhos, eu soube que Rhysand tinha ciência do pânico que quase me matou, fosse pelos escudos mentais que esqueci de erguer, ou por qualquer que fosse a anomalia em nosso laço. Ele tomou ciência... e deixou que eu o sentisse.

Porque aquilo quase *tinha* me matado, e eu não seria útil a Rhysand se isso acontecesse quando importasse de verdade... com o Livro. Exatamente como ele dissera.

— Era esse o objetivo — disparei. — Não apenas esse *anel idiota*. — Levei a mão ao bolso e bati com o anel na mesa. — Ou minhas *habilidades*, mas se eu conseguiria controlar o pânico.

Cassian xingou de novo, os olhos fixos naquele anel.

Amren sacudiu a cabeça, e camadas de cabelos pretos se agitaram.

— Cruel, mas eficiente.

Rhys apenas disse:

— Agora você sabe. Que pode usar suas habilidades para caçar nossos objetos e, assim, encontrar o Livro na Corte Estival *e* se cuidar.

— Você é desprezível, Rhysand — disse Cassian, baixinho.

Rhys apenas recolheu as asas com um ruído gracioso.

— Você faria o mesmo.

Cassian deu de ombros, como se dissesse que sim, faria.

Olhei para minhas mãos, minhas unhas estavam ensanguentadas e quebradas. E falei para Cassian: — Quero que me ensine... a lutar. Para ficar forte. Se a oferta

para treinar ainda estiver de pé.

Cassian ergueu as sobrancelhas e não se deu o trabalho de olhar para Rhys em busca de aprovação.

— Vai *me* chamar de desprezível bem rápido se treinarmos. E não sei nada sobre treinar humanos, não sei o quão frágeis seus corpos são. Eram, quero dizer — acrescentou Cassian, encolhendo o corpo. — Vamos descobrir.

— Não quero que minha única opção seja fugir — falei.

— Correr — interrompeu Amren — a manteve viva hoje.

Eu a ignorei.

— Quero saber como lutar para escapar. Não quero precisar esperar que ninguém me resgate. — Encarei Rhys e cruzei os braços. — Bem? Provei minha capacidade?

Mas Rhysand apenas pegou o anel e acenou com a cabeça em agradecimento.

— Era o anel de minha mãe. — Como se aquilo fosse toda a explicação e todas as respostas que ele me devia.

— Como o perdeu? — indaguei.

— Não perdi. Minha mãe me deu para guardar; depois, tomou-o de volta quando cheguei à maturidade, e deu à Tecelã para que o guardasse.

— Por quê?

— Para que eu não o desperdiçasse.

Incoerências e idiotices e... eu queria um banho. Queria *silêncio* e um banho. A necessidade dessas coisas me atingiu com tanta força que meus joelhos cederam.

Mal olhei para Rhys antes que ele segurasse minha mão, estendesse as asas e disparasse voando comigo pelas janelas. Descemos em queda livre durante cinco estrondosas e selvagens batidas de meu coração antes de Rhysand atravessar comigo até meu quarto, na casa da cidade. Um banho quente já estava preparado. Cambaleei até ele, e exaustão me atingiu como um golpe físico quando Rhys falou: — E quanto a treinar seus outros... dons?

Através do vapor que subia da banheira, falei:

— Acho que você e eu nos destruiríamos.

— Ah, nós com certeza nos destruiremos. — Rhysand se encostou à porta do banheiro. — Mas não seria divertido de outra forma. Considere *nosso* treinamento agora oficialmente parte de suas obrigações de trabalho comigo. — Um gesto com o queixo. — Vá em frente... tente passar por meus escudos.

Eu sabia de quais ele falava.

— Estou cansada. O banho vai esfriar.

— Prometo que estará tão quente quanto agora em alguns momentos. Ou, se você dominou seus dons, pode conseguir cuidar disso sozinha.

Franzi a testa, mas dei um passo na direção de Rhysand, e depois, outro — obrigando-a ceder um passo, dois, para dentro do banheiro. A gordura e o cabelo agora imaginários se agarravam a mim, me lembravam do que Rhys havia feito...

Eu o encarei, aqueles olhos violeta brilhavam.

— Você sente, não é? — falou Rhysand, por cima do canto e do gorjeio dos pássaros do jardim. — Seu poder, espreitando sob a pele, ronronando em seu ouvido.

— E daí se eu sentir?

Um gesto de ombros.

— Estou surpreso por Ianthe não cortar você em um altar para ver como é esse poder por dentro.

— Qual, precisamente, é seu problema com ela?

— Acho que as Grã-Sacerdotisas são uma perversão do que um dia foram... um dia prometeram ser. Ianthe está entre as piores.

Um nó se revirou em meu estômago.

— Por que diz isso?

— Passe por meus escudos e *mostrarei* a você.

Então, aquilo explicava a mudança de assunto. Uma provocação. Isca.

Encarar Rhys... Eu me permiti cair naquilo. Permiti imaginar aquela linha entre nós: um pouco de luz entrelaçada... E ali estava seu escudo mental, na outra ponta

do laço. Negro e sólido e impenetrável. Não tinha como entrar. Como eu tinha deslizado por ele antes... Não fazia ideia.

— Já cansei de testes por hoje.

Rhys percorreu os 60 centímetros entre nós.

— As Grã-Sacerdotisas se entocaram em algumas cortes: Crepuscular, Diurna e Invernal, principalmente. Elas se entrincheiraram tanto que seus espiões estão por toda parte, os seguidores são quase fanáticos com devoção. Mesmo assim, durante aqueles cinquenta anos, elas fugiram. Permaneceram escondidas. Eu não ficaria surpreso se Ianthe tentasse se assentar na Corte Primaveril.

— Está querendo me dizer que são todas vilãs de coração sombrio?

— Não. Algumas, sim. Algumas têm compaixão, são altruístas e sábias. Mas há aquelas que são apenas hipócritas... Embora sejam essas aquelas que sempre parecem as mais perigosas para mim.

— E Ianthe?

Uma faísca sábia nos olhos de Rhys.

Ele realmente não me contaria. Seguraria aquilo diante de mim como um pedaço de carne...

Disparei. Às cegas, selvagemente, mas lancei o poder a toda por aquela linha entre nós.

E gritei quando ele se chocou contra os escudos interiores de Rhysand, reverberando dentro de mim, como se eu tivesse me chocado fisicamente contra algo.

Rhys riu, e eu vi faíscas.

— Admirável... descuidada, mas um esforço admirável.

Um pouco ofegante, eu fervilhava.

Mas ele disse:

— Apenas como teste... — E pegou minha mão. O laço ficou tenso, aquela coisa sob minha pele pulsava e...

Havia escuridão e a sensação colossal de *Rhysand* do outro lado de sua barricada mental de preto adamantino. Aquele escudo se estendia eternamente, o produto de meio milênio sendo caçado, atacado, odiado. Rocei a mão, mentalmente, contra aquela muralha.

Como um felino das montanhas arqueando-se ao toque, a muralha pareceu ronronar... e, então, relaxou a guarda.

A mente de Rhys se abriu para mim. Uma antecâmara, ao menos. Um único espaço que ele abrira, para me deixar ver...

Um quarto entalhado de obsidiana; uma cama imensa com lençóis de ébano, grande o bastante para acomodar asas.

E sobre ela, deitada com nada além da própria pele, estava Ianthe.

Recuei, percebendo que era uma memória e que Ianthe estava na cama *dele*, na corte *dele* sob aquela montanha, os seios fartos firmes contra o frio...

— Tem mais — disse a voz de Rhys, de longe, conforme eu me debatia para me afastar. Mas minha mente se chocou contra o escudo, o outro lado deste. Rhysand tinha me prendido lá dentro...

— Você me deixou esperando — reclamou Ianthe.

A sensação de madeira dura entalhada, pressionada contra minhas costas — contra as costas de Rhysand — conforme ele se inclinou contra a porta do quarto.

— Saia.

Ianthe fez um biquinho, dobrou o joelho e abriu mais as pernas, oferecendo-se a ele.

— Eu vejo como me olha, Grão-Senhor.

— Você vê o que quer ver — disse ele, ou nós. A porta se abriu ao lado de Rhys. — Saia.

Os lábios da sacerdotisa se contraíram timidamente.

— Soube que gosta de brincadeiras. — A mão esguia de Ianthe desceu, tracejando a pele além do umbigo. — Acho que vai perceber que sou uma companheira de brincadeiras interessante.

Ira gélida tomou conta de mim — dele — quando Rhys debateu os méritos de estatelar Ianthe contra as paredes, e o quanto isso seria inconveniente. Ela o encurralava incessantemente — perseguia os outros machos também. Azriel se fora na noite anterior por causa disso. E Mor estava a um comentário de partir o pescoço de Ianthe.

— Achei que sua lealdade estivesse com outras cortes. — A voz de Rhysand era tão fria. A voz do Grão-Senhor.

— Minha lealdade está com o futuro de Prythian, com o verdadeiro poder nesta terra. — Os dedos deslizaram entre as pernas e pararam. O arquejo de Ianthe pareceu partir o quarto quando Rhysand lançou uma gavinha de poder em disparada contra ela, prendendo aquele braço na cama, longe do corpo dela. — Sabe o que uma união entre nós poderia fazer por Prythian, pelo mundo? — perguntou Ianthe, ainda devorando Rhys com os olhos.

— Quer dizer para você mesma.

— Nossos filhos poderiam dominar Prythian.

Uma diversão cruel percorreu Rhysand.

— Então quer minha coroa... e que eu banque o reprodutor?

Ela tentou contorcer o corpo, mas o poder de Rhys a conteve.

— Não vejo mais ninguém digno da posição.

Ianthe seria um problema — agora e mais tarde. Rhys sabia disso. Mate-a agora, acabe com a ameaça antes que comece, encare a ira de outras Grã-Sacerdotisas, ou... veja o que acontece.

— Saia de minha cama. Saia de meu quarto. E saia de minha corte.

Ele afrouxou o poder para permitir que Ianthe o fizesse.

Os olhos da feérica ficaram mais sombrios, e Ianthe ficou de pé com um movimento viperino, sem se incomodar com as roupas, jogadas sobre a poltrona preferida de Rhysand. Cada passo na direção dele fazia com que os generosos seios de Ianthe oscilassem. Ela parou a quase 30 centímetros.

— Você não faz ideia do que posso fazer com que sinta, Grão-Senhor.

Ianthe estendeu a mão para Rhys, bem entre as pernas dele.

O poder de Rhysand se prendeu ao redor dos dedos de Ianthe antes que ela conseguisse agarrá-lo.

Ele esmagou o feixe de poder, girando-o.

Ianthe gritou. Ela tentou recuar, mas o poder de Rhys congelou a sacerdotisa onde estava; tanto poder, tão facilmente controlado, acumulando-se ao redor de Ianthe, contemplando se acabaria com sua existência, como uma víbora observando um rato.

Rhys se aproximou para sussurrar ao ouvido de Ianthe: — Nunca mais me toque. Nunca mais toque em outro macho de minha corte. — O poder de Rhys partiu ossos e tendões, e Ianthe gritou de novo. — Sua mão vai se curar — disse Rhysand, recuando um passo. — Da próxima vez que tocar em mim ou qualquer um em minhas terras, vai descobrir que o restante de você não terá a mesma sorte.

Lágrimas de dor escorreram pelo rosto da fêmea*, e o efeito foi anulado pelo ódio que iluminava seus olhos.*

— Vai se arrepender disso — sibilou Ianthe.

Rhysand riu baixinho, a risada de um amante, e um lampejo de poder atirou Ianthe, de bunda no chão, no corredor. As roupas seguiram um segundo depois. Então, a porta bateu.

Como tesouras cortando um laço esticado, a memória foi partida, o escudo atrás de mim caiu, e cambaleei para trás, piscando.

— Regra um — disse Rhys, os olhos brilhavam com o ódio àquela lembrança. — Não entre na mente de alguém a não ser que mantenha o caminho aberto. Um daemati pode deixar a mente se abrir para você, e então a fechar dentro dela, transformá-la em escrava.

Um calafrio percorreu minha espinha quando pensei nisso. Mas o que Rhys me mostrara...

— Regra dois — disse ele, com o rosto severo como pedra. — Quando...

— Quando foi isso? — disparei. Eu conhecia Rhys bem o bastante para não duvidar da veracidade. — Quando isso aconteceu entre vocês?

O gelo permanecia em seus olhos.

— Há cem anos. Na Corte dos Pesadelos. Permiti que ela visitasse depois de implorar durante anos, insistindo que queria formar laços entre a Corte Noturna e as sacerdotisas. Eu ouvira boatos sobre a natureza de Ianthe, mas ela era jovem e inexperiente, e esperava que talvez uma nova Grã-Sacerdotisa pudesse, de fato, ser a mudança de que a ordem precisava. Pelo visto, Ianthe já tinha sido muito bem treinada por algumas das irmãs menos benevolentes.

Engoli em seco, meu coração batia forte.

— Ela... ela não agiu assim na...

Lucien.

Lucien a odiara. Fizera alusões vagas e cruéis sobre não gostar dela, sobre ter sido abordado por ela...

Eu ia vomitar. Será que ela... será que o perseguira daquela forma? Será que ele... será que fora forçado a dizer que sim por causa da posição de Ianthe?

E se eu voltasse para a Corte Primaveril um dia... Como conseguiria convencer Tamlin a dispensá-la? E se, agora que eu tinha partido, ela estivesse...

— Regra dois — continuou Rhys, por fim. — Esteja pronta para ver coisas de que pode não gostar.

Apenas cinquenta anos depois, Amarantha viera. E fizera com Rhys exatamente aquilo por que ele quisera matar Ianthe. E ele permitiu que acontecesse. Para mantê-los seguros. Para proteger Azriel e Cassian dos pesadelos que o perseguiriam para sempre, de aturarem mais dor do que haviam sofrido quando crianças...

Ergui a cabeça para perguntar mais. Porém, Rhys sumira.

Sozinha, tirei as roupas, lutando contra as fivelas e os laços que ele prendera em mim — quando fora? Uma hora ou duas antes?

Senti como se uma vida tivesse se passado. E agora eu era uma rastreadora de Livro diplomada, ao que parecia.

Melhor que uma esposa anfitriã de festas e geradora de pequenos Grão-Senhores. O que Ianthe queria me tornar... para servir quaisquer que fossem suas motivações secretas.

O banho estava mesmo quente, conforme Rhys prometera. E remoí o que ele tinha me mostrado, vi aquela mão diversas vezes se estender na direção das pernas de Rhys, a ousadia e a arrogância do gesto...

Afastei a lembrança, e a água da banheira ficou subitamente fria.

Capítulo 22

Na manhã seguinte, ainda não haviam chegado notícias da Corte Estival; então, Rhysand cumpriu com a decisão de nos levar ao reino mortal.

— O que se usa, exatamente, nas terras humanas? — perguntou Mor, de onde estava jogada ao pé de minha cama. Para alguém que alegava ter saído para beber e dançar até sabia a Mãe quando, ela parecia injustamente animada. Cassian e Azriel, resmungando e se encolhendo durante o café da manhã, pareciam ter sido atropelados por carruagens. Repetidas vezes. Alguma pequena parte de mim se perguntou como seria sair com eles; ver o que Velaris poderia oferecer à noite.

Vasculhei as roupas em meu armário.

— Camadas — respondi. — Eles... cobrem tudo. O decote pode ser um pouco ousado dependendo do evento, mas... todo o resto é escondido sob saias e anáguas e bobagens.

— Parece que as mulheres estão acostumadas a não precisar correr, ou lutar. Não me lembro de ser dessa forma há quinhentos anos.

Parei em um conjunto turquesa com detalhes dourados: elegante, alegre, majestoso.

— Mesmo com a muralha, a ameaça da invasão de feéricos permaneceu, então... certamente roupas práticas teriam sido necessárias para fugir, para lutar contra qualquer um que atravessasse. Imagino o que mudou. — Peguei a blusa com a calça para aprovação dela.

Mor apenas assentiu — sem comentar, como Ianthe poderia ter feito, sem *intervenção* beatífica.

Afastei esse pensamento e a lembrança do que ela tentara fazer com Rhys, e continuei:

— Hoje em dia, a maioria das mulheres se casa, tem filhos e, então, planeja o casamento dos filhos. Algumas das pobres podem trabalhar nos campos, e algumas poucas são mercenárias ou soldados de aluguel, mas... quanto mais ricas, mais restritos se tornam a liberdade e o papel delas. Era de se pensar que dinheiro compraria a habilidade de fazer o que se quisesse.

— Alguns dos Grão-Feéricos — argumentou Mor, puxando um fio do bordado de minha cama — são assim.

Passei para trás do biombo para tirar o roupão que vestira momentos antes de ela entrar para me fazer companhia enquanto me preparava para nossa jornada do dia.

— Na Corte dos Pesadelos — continuou Mor, aquela voz ficou baixa e um pouco fria mais uma vez — fêmeas são... um prêmio. Nossa virgindade é preservada e, depois, vendida ao lance mais alto, qualquer que seja o macho que dê mais vantagem a nossas famílias.

Continuei me vestindo, apenas para me dar algo a fazer enquanto o horror do que eu começava a suspeitar percorria meus ossos e meu sangue.

— Eu nasci mais forte que qualquer um em minha família. Mesmo os machos. E não podia esconder, porque eles sentiam o cheiro, da mesma forma que você consegue sentir o cheiro do herdeiro de um Grão-Senhor antes de ele chegar ao poder. O poder deixa uma marca, um... eco. Quando eu tinha 12 anos, antes de sangrar, rezava para que isso quisesse dizer que nenhum macho me aceitaria como esposa, que eu escaparia daquilo que minhas primas mais velhas tinham suportado: casamentos sem amor, às vezes, violentos.

Vesti a blusa por cima da cabeça e abotoei os punhos de veludo antes de ajustar as esvoaçantes mangas turquesa no lugar.

— Mas então comecei a sangrar alguns dias depois de fazer 17 anos. E assim que meu primeiro sangue desceu, meu poder despertou com força total, e até mesmo aquela montanha maldita tremeu ao nosso redor. Mas, em vez de ficarem horrorizadas, todas as famílias poderosas da Cidade Entalhada me viram como uma égua premiada. Viram aquele poder e quiseram que fosse procriado nas respectivas linhagens, diversas vezes.

— E seus pais? — Consegui dizer, colocando os pés nos sapatos azul meia-noite. Deveria ser o fim do inverno nas terras mortais, a maioria dos sapatos seria inútil. Na verdade, o conjunto que eu usava seria inútil, exceto enquanto eu ficasse do lado de fora, encasacada.

— Minha família ficou exultante de alegria. Poderiam escolher uma aliança com qualquer das outras famílias governantes. Minhas súplicas por uma opinião no assunto não foram ouvidas.

Mor escapara, lembrei a mim mesma. Mor escapara e agora vivia com pessoas que se importavam com ela, que a amavam.

— O resto da história — disse Mor, quando saí de trás do biombo — é longo e terrível, e contarei outra hora. Vim aqui dizer que não vou com você... para o mundo mortal.

— Pelo modo como tratam mulheres?

Os intensos olhos castanhos estavam brilhantes, mas calmos.

— Quando as rainhas vierem, estarei lá. Quero ver se reconheço algum de meus amigos mortos há tanto tempo em seus rostos. Mas... não acho que eu conseguiria... me comportar com nenhuma das outras.

— Rhys disse a você que não fosse? — perguntei, tensa.

— Não — respondeu Mor, rindo com escárnio. — Ele tentou me convencer a ir, na verdade. Disse que eu estava sendo ridícula. Mas Cassian.... ele entende. Nós dois convencemos Rhys ontem à noite.

Minhas sobrancelhas se ergueram levemente. Por isso tinham saído e se embebedado, sem dúvida. Para manipular o Grão-Senhor por meio do álcool.

Mor deu de ombros para a pergunta não formulada em meus olhos.

— Cassian ajudou Rhys a me salvar. Antes que qualquer um deles tivesse posição hierárquica para fazê-lo. Para Rhys, ser pego daria em uma pequena punição, talvez um pouco de isolamento social. Mas Cassian... ele arriscou tudo para se certificar de que eu ficasse longe daquela corte. E ele ri disso, mas acredita que é um bastardo nascido em posição inferior, que não é digno da patente ou da vida que tem aqui. Não faz ideia de que vale mais que qualquer outro macho que eu tenha conhecido naquela corte, e fora dela. Ele e Azriel, quero dizer.

Sim. Azriel, que se mantinha afastado, cujas sombras o seguiam e pareciam sumir na presença de Mor. Abri a boca para perguntar a respeito de sua história com ele, mas o relógio soou 10 horas. Hora de partir.

Meus cabelos foram arrumados antes do café da manhã em uma coroa trançada no alto da cabeça, com um pequeno diadema de ouro — decorado com lápis-lazúli. Brincos combinando pendiam tão baixo que tocavam as laterais de meu pescoço, e peguei as pulseiras de ouro retorcido que haviam sido deixadas na cômoda, colocando uma em cada pulso.

Mor não fez comentários... e eu sabia que, se não vestisse nada além de roupa íntima, ela teria me dito que a usasse com autoridade. Virei para Mor.

— Gostaria que minhas irmãs a conhecessem. Talvez não hoje. Mas, se algum dia tiver vontade...

Ela inclinou a cabeça.

Esfreguei a nuca.

— Quero que ouçam sua história. E saibam que há uma força especial... — Conforme falei, percebi que precisava ouvir, conhecê-la também. — Uma força especial é necessária para suportar tais provações sombrias e dificuldades... E permanecer benevolente e gentil. Ainda disposta a confiar... e a se aproximar dos outros.

A boca de Mor se contraiu, e ela piscou algumas vezes.

Fui até a porta, mas parei com a mão na maçaneta.

— Desculpe se não fui tão acolhedora com você quanto você foi comigo quando cheguei à Corte Noturna. Eu estava... estou tentando aprender como me ajustar.

Uma forma patética e pouco articulada de explicar como eu estava destruída.

Mas Mor saiu da cama, abriu a porta para mim e falou:

— Há dias bons e ruins para mim... mesmo agora. Não deixe que os dias ruins vençam.

Aquele, ao que tudo indicava, seria, de fato, mais um dia ruim.

Com Rhys, Cassian e Azriel prontos para partir — Amren e Mor permaneceriam em Velaris para governar a cidade e planejar nossa inevitável viagem até Hybern —, só me restou uma escolha: com quem voar.

Rhys nos atravessaria para fora da costa, bem na linha invisível em que a muralha dividia nosso muro. Havia uma fenda na magia, a cerca de 700 metros da praia... pela qual voaríamos.

Mas parada naquele corredor, todos em roupas de couro de guerra e eu enroscada em um casaco pesado com forro de pele, olhei uma vez para Rhys e senti aquelas mãos nas coxas de novo. Senti como tinha sido olhar dentro de sua mente,

sentir o ódio frio de Rhys, sentir Rhys... se defender, defender seu povo, os amigos, usando o poder e as máscaras em seu arsenal. Rhysand vira e suportara coisas tão... tão inomináveis, e, no entanto... as mãos dele em minhas coxas eram suaves, o toque era como...

Não me deixei terminar o pensamento quando falei:

— Vou voar com Azriel.

As expressões de Rhys e Cassian insinuavam que eu tinha declarado o desejo de passear por Velaris totalmente nua, mas o encantador de sombras apenas fez uma reverência com a cabeça e disse:

— É claro.

E isso, ainda bem, foi o fim do assunto.

Rhys atravessou Cassian primeiro, e voltou um segundo depois para buscar Azriel e eu.

O mestre-espião esperava em silêncio. Tentei não parecer desconfortável demais quando ele me pegou nos braços, e aquelas sombras que sussurravam para Azriel acariciaram meu pescoço, minha bochecha. Rhys franzia um pouco a testa, e eu apenas lhe lancei um olhar afiado e disse:

— Não deixe o vento estragar meu cabelo.

Rhys riu, segurou o braço de Azriel, e todos sumimos em um vento escuro.

Estrelas e escuridão, as mãos cobertas de cicatrizes de Azriel se fechando com força ao redor de mim, meus braços entrelaçados em seu pescoço, preparando-se, esperando, contando...

Então, luz do sol ofuscante, vento rugindo, um mergulho cada vez mais baixo...

Depois, uma guinada, subimos direto. O corpo de Azriel era quente e firme, embora aquelas mãos agredidas fossem cuidadosas quando ele me pegou. Nenhuma sombra nos seguiu, como se Azriel as tivesse deixado em Velaris.

Abaixo, adiante, atrás, o amplo mar azul se estendia. Acima, fortalezas de nuvens se arrastavam, e à esquerda... um borrão escuro no horizonte. Terra.

Terra da Corte Primaveril.

Imaginei se Tamlin estava na fronteira com o mar oeste. Ele uma vez indicara que havia problemas ali. Será que podia me sentir, nos sentir agora?

Não me permiti pensar nisso. Não quando *senti* a muralha.

Como humana, não passava de um escudo invisível.

Como feérica... não conseguia vê-la, mas conseguia ouvir os estalos de poder... o cheiro pungente que envolvia minha língua.

— É repulsivo, não é? — indagou Azriel, a voz baixa quase engolida pelo vento.

— Posso ver por que você... *nós* fomos detidos por ela por tantos séculos — admiti. Cada batida de meu coração nos levava mais perto daquela sensação descomunal e nauseante de poder.

— Vai se acostumar... com o vocabulário — disse Azriel. Eu me segurava a ele com tanta força que não conseguia ver seu rosto. Observei a pequena mudança dentro do Sifão de safira em vez disso, como se fosse o grande olho de alguma besta semiadormecida de um deserto congelado.

— Não sei bem onde me encaixo — admiti, talvez apenas porque o vento estivesse gritando ao nosso redor e Rhys já tivesse atravessado à frente, para onde a forma escura de Cassian voava, além da muralha.

— Estou vivo há quase cinco séculos e meio, e não tenho muita certeza disso também — retrucou Azriel.

Tentei afastar o rosto para interpretar aquela expressão linda e fria, mas Azriel me segurou com mais força, um aviso silencioso para que eu me preparasse.

Como Azriel sabia onde estava a fenda, eu não tinha ideia. Tudo parecia igual para mim: céu aberto invisível.

Mas senti a muralha quando passamos por ela. Senti quando avançou contra mim, como se transtornada por termos passado, senti o poder irradiar e tentar fechar aquela fenda, mas falhar...

Então, saímos.

O vento estava gelado, e a temperatura, tão baixa que me tirou o fôlego. Aquele vento fustigante parecia, de alguma forma, menos vivo que o ar da primavera que tínhamos deixado para trás.

Azriel se inclinou, virando na direção da costa, onde Rhys e Cassian agora faziam uma varredura da terra. Estremeci na capa forrada de pele, agarrando-me ao calor de Azriel.

Ultrapassamos uma praia de areia na base de penhascos brancos, e terra plana e nevada com florestas devastadas pelo inverno se estendiam além deles.

As terras humanas.

Meu lar.

Capítulo 23

Fazia um ano desde que eu entrara naquele labirinto de neve e gelo, e matara um feérico com ódio no coração.

A propriedade de telhado cor de esmeralda de minha família era tão linda no fim do inverno quanto fora no verão. Um tipo diferente de beleza, no entanto — o mármore pálido parecia quente contra a neve ríspida amontoada pela propriedade, e pedaços de sempre-verdes e azevinhos adornavam as janelas, os portais e os postes. A única parte de decoração, de celebração que os humanos se davam o trabalho de fazer. Não depois de terem banido ou condenado todas as festividades pós-Guerra, já que todas eram um lembrete de seus capatazes imortais.

Três meses com Amarantha haviam me destruído. Não conseguia começar a imaginar o que milênios com Grão-Feéricos como ela podiam fazer — as cicatrizes que deixariam em uma cultura, em um povo.

Meu povo... ou o que um dia fora.

Com o capuz na cabeça, dedos dentro dos bolsos revestidos de pele do manto, fiquei de pé diante das portas duplas da casa, ouvindo o som nítido da campainha que puxara um segundo antes.

Atrás de mim, escondidos pelos encantamentos de Rhys, meus três companheiros esperavam, invisíveis.

Eu disse a eles que seria melhor se eu falasse com minha família primeiro. Sozinha.

Estremeci, desejando o inverno moderado de Velaris, imaginando como podia ser tão temperado no extremo norte, mas... tudo em Prythian era estranho. Talvez quando a muralha não existia, quando a magia fluía livremente entre os reinos, as diferenças entre as estações não fossem tão grandes.

A porta se abriu, e uma governanta de rosto alegre e rechonchudo — Sra. Laurent, lembrei — semicerrou os olhos para mim.

— Posso ajudar... — As palavras se dissiparam quando ela reparou em meu rosto.

Com o capuz, minhas orelhas e a coroa estavam escondidas, mas aquele brilho, aquela quietude sobrenatural... A Sra. Laurent não abriu a porta mais um pouco.

— Estou aqui para ver minha família — disparei.

— Seu... seu pai está fora a negócios, mas suas irmãs... — Ela não se moveu.

Ela sabia. Podia ver que havia algo diferente, algo *distorcido...*

Os olhos da Sra. Laurent olharam ao meu redor. Nada de carruagem, nenhum cavalo.

Nenhuma pegada na neve.

O rosto da governanta ficou lívido, e me xinguei por não ter pensado nisso...

— Sra. Laurent?

Algo em meu peito se partiu ao ouvir a voz de Elain no corredor atrás da mulher.

Ao ouvir a meiguice e a juventude e a bondade, intocada por Prythian, alheia ao que eu tinha feito, o que me tornara...

Recuei um passo. Não podia fazer aquilo. Não podia jogar aquilo sobre elas.

Então, o rosto de Elain surgiu por cima do ombro redondo da Sra. Laurent.

Linda... ela sempre fora a mais linda de nós. Suave e encantadora, como um crepúsculo de verão.

Elain estava exatamente como eu me lembrava, do modo como eu me obrigava a lembrar naqueles calabouços, quando disse a mim mesma que, se fracassasse, se Amarantha atravessasse a muralha, ela seria a próxima. Assim como seria a próxima se o rei de Hybern destruísse a muralha, se eu não conseguisse o Livro dos Sopros.

Os cabelos louro-dourados de Elain estavam presos pela metade, a pele pálida parecia lisa e levemente corada, e os olhos, como chocolate derretido, se arregalaram quando me viram.

Eles se encheram de lágrimas que silenciosamente transbordaram, escorrendo por aquelas lindas bochechas.

A Sra. Laurent não se moveu um centímetro. Ela fecharia a porta na minha cara assim que eu sequer respirasse errado.

Elain levou a mão fina à boca quando o corpo estremeceu com um soluço.

— Elain — falei, a voz rouca.

Passos nas escadas espiraladas atrás delas, então...

— Sra. Laurent, prepare um chá e leve-o ao escritório.

A governanta olhou para as escadas, depois, para Elain, e, então, para mim.

Um fantasma na neve.

A mulher simplesmente me lançou um olhar que prometia a morte caso eu ferisse minhas irmãs, e depois se virou para a casa e me deixou diante de Elain, que ainda chorava baixinho.

Mas dei um passo para a entrada e olhei para a escada.

De onde Nestha me encarava, mão apoiada no corrimão, como se eu fosse um fantasma.

A casa estava linda, mas havia algo de intocado a seu respeito. Algo novo, em comparação com a idade e com o amor antigo das casas de Rhys em Velaris.

E, sentada diante da lareira de mármore entalhado da sala de estar, com o capuz sobre a cabeça, as mãos estendidas para o fogo crepitante, eu senti... senti como se as duas houvessem permitido a entrada de um lobo.

Um espectro.

Eu ficara grande demais para aqueles cômodos, para aquela frágil vida mortal, maculada e selvagem demais e... poderosa. E estava prestes a levar isso permanentemente para suas vidas também.

Onde estavam Rhys, Cassian e Azriel, eu não sabia. Talvez estivessem de pé, como sombras no cantinho, observando. Talvez tivessem permanecido do lado de fora, na neve. Eu não duvidaria da possibilidade de Cassian e Azriel estarem agora sobrevoando a propriedade, inspecionando a disposição, formando círculos mais amplos até que chegassem à aldeia, ao meu velho chalé aos pedaços, ou talvez até mesmo à própria floresta.

Nestha parecia igual. Só que mais velha. Não no rosto, que estava tão severo e impressionante como antes, mas... nos olhos, na forma como se portava.

Sentadas diante de mim em um pequeno sofá, minhas irmãs encaravam... e esperavam.

Perguntei:

— Onde está papai? — Pareceu a única coisa segura a dizer.

— Em Neva — explicou Nestha, citando uma das maiores cidades do continente. — Negociando com mercadores da outra metade do mundo. E participando de uma reunião sobre a ameaça acima da muralha. Uma ameaça sobre a qual, imagino, você tenha voltado para nos avisar.

Nenhuma palavra de alívio, de amor — jamais de Nestha.

Elain ergueu a xícara de chá.

— Qualquer que seja o motivo, Feyre, ficamos felizes por vê-la. Viva. Achamos que estava...

Puxei o capuz antes que ela pudesse continuar.

A xícara de chá de Elain chacoalhou no pires quando ela reparou em minhas orelhas. Minhas mãos mais longas, mais finas... o rosto inegavelmente feérico.

— Eu *estava* morta — falei, apressadamente. — Estava morta e então renasci, fui refeita.

Elain apoiou a xícara de chá trêmula na mesa baixa entre nós. Líquido âmbar se derramou pelas laterais, empoçando no pires.

E conforme ela se moveu, Nestha se inclinou... muito levemente. Entre mim e Elain.

Foi no olhar de Nestha em que me fixei quando disse:

— Preciso que ouçam.

As duas arregalaram os olhos.

Mas ouviram.

Contei minha história. Com o máximo de detalhes que pude aguentar, contei a elas de Sob a Montanha. De minhas provas. E de Amarantha. Contei sobre a morte. E a ressureição.

Explicar os últimos meses, no entanto, foi mais difícil.

Então, fui breve.

Mas expliquei o que precisava acontecer ali: a ameaça que Hybern representava. Expliquei o que a casa precisaria ser, o que nós precisaríamos ser, e o que eu precisava delas.

E, quando terminei, as duas permaneceram de olhos arregalados. Em silêncio.

Foi Elain quem disse, por fim:

— Você... quer que outros Grão-Feéricos venham... *aqui*. E... e as rainhas do reino.

Assenti devagar.

— Encontre outro lugar — avisou Nestha.

Eu me virei para ela, já suplicando, me preparando para a briga.

— Encontre outro lugar — repetiu Nestha, com as costas esticadas. — Não os quero em minha casa. Ou perto de Elain.

— Nestha, por favor — sussurrei. — Não há outro lugar, lugar algum em que eu possa ir sem que alguém me cace, me crucifique...

— E quanto a nós? Quando as pessoas aqui descobrirem que somos simpatizantes de feéricos? Somos iguais aos Filhos dos Abençoados, então? Qualquer posição, qualquer influência que temos... desaparecerá. E o casamento de Elain...

— Casamento? — disparei.

Não tinha reparado no anel de pérola e diamante em seu dedo, o aro de metal escuro brilhando à luz da lareira.

O rosto de Elain estava pálido, no entanto, enquanto olhava para o anel.

— Em cinco meses — revelou Nestha. — Vai se casar com o filho de um Senhor. E o pai dedicou a vida a caçar *seu tipo* quando eles atravessam a muralha.

Seu tipo.

— Então, não haverá reunião aqui — decretou Nestha, os ombros rígidos. — Não haverá feéricos nesta casa.

— Você me inclui nessa declaração? — perguntei, baixinho.

O silêncio de Nestha foi resposta suficiente.

Mas Elain falou:

— Nestha.

Devagar, minha irmã mais velha olhou para ela.

— Nestha — tentou Elain, de novo, contorcendo as mãos. — Se... se não ajudarmos Feyre, não *haverá* um casamento. Nem mesmo as tropas de Lorde Nolan e todos os seus homens poderiam me salvar de... deles. — Nestha nem mesmo estremeceu. Elain insistiu: — Manteremos segredo, mandaremos os criados para longe. Com a proximidade da primavera, ficarão felizes por irem para casa. E se Feyre precisar se deslocar para reuniões, avisará com antecedência, e nós os mandaremos embora. Inventaremos desculpas para as férias. Papai só voltará no

verão mesmo. Ninguém vai descobrir. — Elain colocou a mão no joelho de Nestha, e o lilás do vestido de minha irmã quase engoliu a mão de cor marfim. — Feyre deu e deu... durante anos. Vamos ajudá-la agora. Ajudar... outros.

Minha garganta se apertou, e meus olhos se encheram d'água.

Nestha avaliou o anel escuro no dedo de Elain, o modo como ela ainda parecia aninhar o objeto. Uma senhora... era o que Elain se tornaria. O que estava arriscando por aquilo.

Encarei Nestha.

— Não há outro jeito.

O queixo dela se ergueu levemente.

— Mandaremos os criados embora amanhã.

— Hoje — insisti. — Não temos tempo a perder. Ordene que saiam agora.

— Eu faço isso — disse Elain, e respirando fundo, esticou os ombros. Ela não esperou por nenhuma de nós antes de sair andando, graciosa como uma corça.

Sozinha com Nestha, falei:

— Ele é bom... o filho do senhor com quem ela vai casar?

— Ela acha que sim. Ela o ama como se fosse.

— E o que você acha?

Os olhos de Nestha — meus olhos, os olhos de nossa mãe — encararam os meus.

— O pai dele construiu uma muralha de pedra ao redor da propriedade, tão alta que nem as árvores alcançam o topo. Acho que parece uma prisão.

— Disse alguma coisa a ela?

— Não. O filho, Graysen, é bom. Tão apaixonado por Elain quanto ela por ele. É do pai que não gosto. Ele vê o dinheiro que Elain tem a oferecer a sua propriedade, e à cruzada contra os feéricos. Mas o homem é velho. Vai morrer logo.

— Espero que sim.

Nestha deu de ombros. Depois, perguntou:

— Seu Grão-Senhor... Você passou por tudo isso — ela gesticulou com a mão para mim, minhas orelhas, meu corpo — e mesmo assim não acabou bem?

Senti um peso nas veias de novo.

— Aquele Senhor construiu uma muralha para manter os feéricos do lado de fora. Meu Grão-Senhor queria me manter enjaulada do lado de dentro.

— Por quê? Ele deixou que voltasse para cá tantos meses atrás.

— Para me salvar... me proteger. E acho... acho que o que aconteceu com ele, conosco, Sob a Montanha, o partiu. — Talvez mais do que tenha me partido. — A ânsia de proteger a qualquer custo, mesmo à custa de meu bem-estar... Acho que ele queria conter isso, mas não conseguia. Não conseguia abrir mão. — Havia... havia tanto que eu ainda precisava fazer, percebi. Para consertar as coisas. Para me consertar.

— E agora está em uma nova corte.

Não foi bem uma pergunta, mas falei:

— Gostaria de conhecê-los?

Capítulo 24

Levou horas para que Elain usasse o charme nos empregados a fim de que agilmente fizessem as malas e partissem, cada um com uma bolsa de dinheiro para acelerar o processo. A Sra. Laurent, embora tenha sido a última a partir, prometeu manter em segredo tudo que vira.

Eu não sabia onde Rhys, Cassian e Azriel esperavam, mas depois que a Sra. Laurent subiu na carruagem entulhada com o resto dos empregados, em direção à cidade e ao transporte até onde quer que tivessem família, uma batida soou à porta.

Já escurecia, e o mundo do lado de fora estava espesso com tons de azul e branco e cinza e manchado de dourado quando abri a porta e os vi aguardando.

Nestha e Elain ocupavam a ampla sala de jantar — o espaço mais aberto da casa.

Ao olhar para Rhys, Cassian e Azriel, soube que acertara ao escolher a sala de jantar como local da reunião.

Eram enormes; selvagens, primitivos e antigos.

As sobrancelhas de Rhys se ergueram.

— A impressão que se tem é a de que disseram aos empregados que uma praga recaiu sobre a casa.

Abri a porta o bastante para deixá-los entrar, e depois rapidamente a fechei contra o frio fustigante.

— Minha irmã Elain consegue convencer qualquer um a fazer qualquer coisa com alguns sorrisos.

Cassian soltou um assobio baixo quando se virou, observando o grande corredor da entrada, a mobília ornamentada, as pinturas. Tudo pago por Tamlin — inicialmente. Ele cuidara tão bem de minha família, mas a dele... Não quis pensar na família de Tamlin, assassinada por uma corte rival qualquer que fosse o motivo que ninguém jamais me explicou. Não agora que eu estava vivendo em meio a essa corte...

Ele fora bom; havia uma parte de Tamlin que era boa...

Sim. Ele me dera tudo de que eu precisava para me tornar eu mesma, para me sentir segura. E, quando conseguiu o que quis... parou. Tentou, mas não de verdade. Tamlin se deixou permanecer cego em relação ao que eu precisava depois de Amarantha.

— Seu pai deve ser um bom mercador — disse Cassian. — Já vi castelos com menos riquezas.

Vi que Rhys me observava, e havia uma pergunta silenciosa estampada em seu rosto.

— Meu pai está fora, a negócios... e participando de uma reunião em Neva sobre a ameaça de Prythian — respondi.

— Prythian? — indagou Cassian, se virando em nossa direção. — Não Hybern?

— É possível que minhas irmãs estejam enganadas, suas terras são estranhas a elas. Simplesmente disseram "acima da muralha". Presumi que achassem que fosse

Prythian.

Azriel se aproximou com pés tão silenciosos quanto os de gatos.

— Se humanos estão cientes da ameaça, se reunindo para enfrentá-la, então isso pode nos dar uma vantagem quando entrarmos em contato com as rainhas.

Rhys ainda me observava, como se pudesse ver o peso que recaíra sobre mim desde que havíamos chegado. Na última vez que tinha estado naquela casa, eu era uma mulher apaixonada — um amor tão frenético e desesperado que voltei para Prythian, desci Sob a Montanha, como uma mera humana. Tão frágil quanto minhas irmãs agora me pareciam.

— Venha — disse Rhys, me oferecendo um aceno de cabeça sutil e compreensivo antes de gesticular para que eu liderasse o caminho. — Vamos fazer essas apresentações.

Minhas irmãs estavam paradas à janela, a luz dos lustres convidava o dourado nos cabelos a brilhar. Tão lindas e jovens e vivas — mas quando isso mudaria? Como seria falar com elas quando eu permanecesse dessa forma e a pele delas tivesse ficado fina como papel e enrugada, as costas, curvadas com o peso dos anos, as mãos brancas, cheias de sardas?

Eu mal estaria no início da existência imortal quando a delas seria apagada como uma vela diante de um sopro frio.

Mas eu poderia dar a Nestha e Elain alguns bons anos — anos seguros — até então.

Atravessei a sala, os três machos ficaram um passo atrás, e o piso de madeira estava tão brilhante e polido quanto um espelho sob nós. Eu tinha tirado a capa agora que os criados partiram, e foi para mim — não para os illyrianos — que minhas irmãs olharam primeiro. Para as roupas feéricas, a coroa, as joias.

Uma estranha; essa parte de mim era agora estranha para elas.

Então, elas observaram os machos alados... ou dois deles. As asas de Rhys tinham sumido, e as roupas de couro haviam sido substituídas pelo casaco preto elegante e calça.

Minhas irmãs enrijeceram o corpo ao ver Cassian e Azriel, ao verem aquelas poderosas asas recolhidas rentes aos corpos fortes, as armas, e, depois, os rostos arrasadoramente lindos de todos os três machos.

Elain, para seu crédito, não desmaiou.

E Nestha, por sua vez, não sibilou para os feéricos. Ela apenas deu um passo nada sutil para a frente de Elain e escondeu a mão fechada em punho atrás do vestido simples e elegante de cor ametista. O movimento não passou despercebido por meus companheiros.

Parei a um bom metro de distância, dando a minhas irmãs espaço a fim de respirarem em uma sala que subitamente foi privada de ar. Eu disse aos machos: — Minhas irmãs, Nestha e Elain Archeron.

Não pensava no sobrenome de minha família, não o usava havia anos e anos. Porque, mesmo quando eu tinha me sacrificado e caçado por eles, não queria o nome de meu pai — não quando se sentava diante de uma lareira e nos deixava passar fome. Deixava que eu caminhasse sozinha no bosque. Parara de usar o sobrenome no dia em que matei aquele coelho e senti o sangue manchar minhas mãos, da mesma forma que o sangue daqueles feéricos as maculara anos mais tarde, como uma tatuagem invisível.

Minhas irmãs não fizeram reverência. Seus corações batiam freneticamente, até mesmo o de Nestha, e o cheiro de terror envolvia minha língua...

— Cassian — falei, inclinando a cabeça para a esquerda. Então, me virei para a direita, grata porque aquelas sombras não podiam ser vistas em lugar algum quando falei: — Azriel. — Fiz uma meia-volta. — E Rhysand, Grão-Senhor da Corte Noturna.

Rhys também se contivera, percebi. A noite que ondulava dele, a graciosidade sobrenatural e o poder estrondoso. Mas ao encarar aqueles olhos violeta salpicados

de estrelas, ninguém jamais poderia confundi-lo com qualquer coisa que não fosse extraordinária.

Ele fez uma reverência para minhas irmãs.

— Obrigado pela hospitalidade... e pela generosidade — disse Rhysand, com um sorriso caloroso. Mas havia algo tenso ali.

Elain tentou devolver o sorriso, mas fracassou.

E Nestha apenas olhou para os três e, depois, para mim e disse: — O cozinheiro deixou jantar na mesa. Deveríamos comer antes que esfrie. — Ela não esperou que eu concordasse antes de sair andando, bem para a cabeceira da mesa de cerejeira polida.

— É um prazer conhecê-los — disse Elain, a voz rouca, antes de correr atrás de Nestha, e as saias de seda do vestido cobalto farfalharam sobre os tacos do piso.

Cassian fez uma careta conforme as seguimos, as sobrancelhas de Rhys estavam erguidas, e Azriel parecia mais inclinado a se misturar à sombra mais próxima e evitar completamente aquela conversa.

Nestha esperava à cabeceira da mesa, uma rainha pronta para fazer a corte. Elain tremia na cadeira de madeira entalhada e estofada à esquerda dela.

Fiz um favor a todos e ocupei a cadeira à direita de Nestha. Cassian reivindicou o assento ao lado de Elain, a qual segurou o garfo com força, como se pudesse empunhá-lo contra o feérico; Rhys passou para o assento ao meu lado, e Azriel se sentou do outro lado de Rhysand. Um leve sorriso se abriu na boca de Azriel quando ele reparou os dedos de Elain com as articulações esbranquiçadas naquele garfo, mas se manteve calado, concentrando-se, em vez disso, como Cassian sutilmente tentava fazer, em ajustar as asas ao redor de uma cadeira humana. Maldito Caldeirão. Devia ter lembrado. Embora duvidasse de que qualquer um deles gostasse se eu agora trouxesse dois banquinhos.

Suspirei pelo nariz e tirei as tampas de várias travessas e panelas. Salmão cozido com aneto e limão da estufa, purê de batatas, frango assado com beterraba e nabo

da cave, e um guisado de ovos, carne de caça e alho-poró. Comida da estação; o que tinha sobrado no fim do inverno.

Coloquei comida no prato, e os sons de minhas irmãs e meus companheiros fazendo o mesmo preencheram o silêncio. Dei uma mordida e contive minha reação.

Certa vez, aquela comida seria exuberante e saborosa.

Agora, era como cinzas em minha boca.

Rhys comia o frango sem hesitar. Cassian e Azriel o faziam como se não tivessem desfrutado de uma refeição havia meses. Talvez por serem guerreiros, por lutar em guerras, tivessem a habilidade de enxergar a comida como força... e de deixar de lado o sabor.

Vi que Nestha me observava.

— Tem algo errado com nossa comida? — perguntou ela, simplesmente.

Eu me obriguei a dar outra mordida, cada movimento de meu maxilar era um esforço.

— Não. — Engoli e entornei um belo gole d'água.

— Então não pode mais comer comida normal, ou é boa demais para ela? — Uma pergunta e um desafio.

O garfo de Rhys tilintou no prato. Elain emitiu um ruído baixo de nervosismo.

E, embora Nestha tivesse me deixado usar a casa, embora tivesse tentado atravessar a muralha por mim e tivéssemos concordado em uma trégua frágil, o *tom*, o nojo e a reprovação...

Coloquei a mão espalmada na mesa.

— Posso comer, beber, trepar e lutar tão bem quanto antes. Até melhor.

Cassian engasgou com a água. Azriel se moveu na cadeira, posicionando-se para se colocar entre nós se fosse preciso.

Nestha soltou uma risada baixa.

Mas pude sentir o gosto de fogo na boca, pude ouvi-lo rugindo nas veias e...

Senti um *puxão* súbito, sólido na ligação, e escuridão tranquilizadora entrando em mim, meu temperamento, meus sentidos, acalmando aquele fogo...

Comecei a erguer os escudos mentais. Mas eles estavam intactos.

Rhys nem mesmo piscou para mim antes de dizer a Nestha:

— Se algum dia vier a Prythian, vai descobrir por que nossa comida tem um gosto tão diferente.

Nestha olhou para ele com superioridade.

— Tenho pouco interesse em algum dia pôr os pés em suas terras, então, vou acreditar em sua palavra.

— Nestha, por favor — murmurou Elain.

Cassian observava Nestha, e havia um brilho em seus olhos que eu só podia interpretar como um guerreiro se vendo diante de um novo e interessante oponente.

Então, pela Mãe, Nestha voltou a atenção para Cassian, reparando naquele brilho... e no que este significava.

— O que está olhando? — perguntou ela, grunhindo.

As sobrancelhas de Cassian se ergueram... agora com pouco interesse.

— Alguém que deixou a irmã mais nova arriscar a vida todos os dias no bosque enquanto não fazia nada. Alguém que deixou que uma criança de 14 anos entrasse naquela floresta tão perto da muralha. — Meu rosto começou a ficar morno e abri a boca. Não sei o que diria. — Sua irmã morreu... *morreu* para salvar meu povo. Ela está disposta a fazer isso de novo para proteger você da guerra. Então, não espere que eu fique sentado aqui de boca fechada enquanto você a despreza por uma escolha que sua irmã não pôde fazer... e ainda insulta *meu* povo no processo.

Nestha não moveu um cílio enquanto observava as belas feições, o tronco musculoso. Então, se virou para mim. Ignorando completamente Cassian.

O rosto dele se tornou quase selvagem. Era um lobo caçando uma corça... apenas para encontrar um felino selvagem vestindo a pele da corça.

A voz de Elain falou quando ela observou a mesma coisa e rapidamente disse a Cassian: — É... é muito difícil, entende, aceitar. — Percebi que o metal escuro do

anel dela... era ferro. Embora eu tivesse dito a elas que ferro era inútil, ali estava. O presente da família odiadora de feéricos do futuro marido. Elain lançou um olhar de súplica para Rhys, e depois para Azriel, com um medo tão mortal envolvendo as feições, seu cheiro. — Somos criados assim. Ouvimos histórias de seu povo cruzando a muralha para nos ferir. Nossa própria vizinha, Clare Beddor, foi levada, a família foi assassinada...

Um corpo nu empalado à parede. Partido. Morto. Pregado ali durante meses.

Rhys encarava o prato. Sem se mover. Sem piscar.

Ele revelara a Amarantha o nome de Clare — apesar de saber que eu tinha mentido a respeito daquilo.

— É tudo muito confuso — continuou Elain.

— Posso imaginar — disse Azriel. Cassian lançou um olhar de raiva para ele. Mas a atenção de Azriel estava em minha irmã, um sorriso educado e calmo estampava seu rosto. Os ombros de Elain relaxaram um pouco. Imaginei se o mestre-espião de Rhys costumava obter a informação por meio do comportamento frio como pedra, tanto quanto por ser furtivo e das sombras.

Elain se sentou um pouco mais ereta quando disse a Cassian:

— E quanto à caça de Feyre durante aqueles anos, não é só a negligência de Nestha a culpada. Estávamos com medo e não tínhamos recebido nenhum treinamento, e tudo tinha sido levado, e falhamos com ela. Nós duas.

Nestha não disse nada, manteve as costas rígidas.

Rhys me deu um olhar de aviso. Segurei o braço de Nestha, atraindo a atenção dela para mim.

— Podemos simplesmente... começar de novo?

Quase consegui sentir o gosto de seu orgulho se acumulando nas veias, gritando para que Nestha não cedesse.

Cassian, maldito fosse, deu um sorriso provocador para minha irmã.

Mas Nestha apenas sibilou:

— Tudo bem. — E voltou a comer.

Cassian observou cada mordida que Nestha deu, cada movimento da garganta dela conforme ela engolia.

Eu me obriguei a limpar o prato, ciente da atenção de Nestha para *minha* comida.

Elain falou para Azriel, talvez os dois únicos civilizados ali:

— Pode mesmo voar?

Azriel soltou o garfo, piscando. Talvez pudesse até dizer que tinha ficado envergonhado.

— Sim. Cassian e eu somos de uma raça de feéricos chamados illyrianos. Nascemos ouvindo a canção do vento — respondeu ele.

— Isso é muito lindo — disse Elain. — Mas não é... assustador? Voar tão alto?

— Às vezes é — respondeu Azriel. Cassian desviou a atenção irredutível de Nestha por tempo o bastante para assentir. — Se for pego em uma tempestade, se a corrente descer. Mas somos tão bem-treinados que o medo some antes de largarmos as fraldas. — No entanto, Azriel não fora treinado até muito depois disso. *Você se acostuma com o vocabulário*, dissera ele mais cedo. Com que frequência precisava se lembrar de usar tais palavras? Será que "nós" e "nosso" tinham um gosto tão estranho na língua dele quanto tinham na minha?

— Vocês parecem Grão-Feéricos — interrompeu Nestha, a voz como uma lâmina afiada. — Mas não são?

— Apenas os Grão-Feéricos que se parecem com *eles* — falou Cassian, gesticulando com a mão para mim e para Rhys — são Grão-Feéricos. Todo o resto, qualquer outra diferença, e marcam você como o que eles gostam de chamar de feéricos "inferiores".

Rhysand falou, por fim:

— Virou um termo usado pela praticidade, mas mascara uma história longa e sangrenta de injustiças. Muitos feéricos inferiores se ressentem do termo... e desejam que todos sejamos chamados da mesma coisa.

— E com razão — ponderou Cassian, bebendo água.

Nestha me observou.

— Mas você não era Grã-Feérica, não no início. Então, como a chamam? — Eu não consegui sentir se foi uma alfinetada.

— Feyre é quem ela escolher ser — respondeu Rhys.

Nestha agora observava todos nós, erguendo os olhos para aquela coroa. Mas falou: — Escrevam suas cartas para as rainhas agora. Amanhã, Elain e eu iremos à cidade enviá-las. Se as rainhas vierem até aqui — acrescentou Nestha, lançando um olhar gélido para Cassian —, sugiro se prepararem para preconceitos muito mais profundos que os nossos. E contemplem como planejam tirar *todos* nós dessa confusão, caso as coisas deem errado.

— Vamos levar isso em consideração — respondeu Rhys, tranquilamente.

— Presumo que vão querer passar a noite — continuou Nestha, nada impressionada com nenhum de nós.

Rhys me olhou, uma pergunta silenciosa. Poderíamos facilmente partir, os machos encontrariam o caminho para casa no escuro, mas... Muito em breve, talvez, o mundo virasse um inferno. Falei: — Se não incomodar muito, então sim. Partiremos amanhã depois do café.

Nestha não sorriu, mas Elain se iluminou.

— Que bom. Acho que alguns quartos já estão arrumados...

— Precisaremos de dois — interrompeu Rhys, silenciosamente. — Adjacentes, com duas camas cada.

Franzi a testa para ele.

Rhys explicou para mim:

— A magia é diferente do outro lado da muralha. Então, nossos escudos, nossos sentidos, podem não funcionar bem. Não vou arriscar. Principalmente em uma casa com uma mulher prometida a um homem que deu a ela um anel de noivado de ferro.

Elain corou um pouco.

— Os... os quartos que têm duas camas não são adjacentes — murmurou ela.

Suspirei.

— Nós moveremos as coisas. Não tem problema. Este aqui — acrescentei, com um olhar de raiva na direção de Rhys — só está ranzinza porque é velho e passou da hora de dormir.

Rhys riu, a ira de Cassian se dissipou o bastante para que ele sorrisse, e Elain, ao reparar que Azriel relaxara como prova de que as coisas não estavam, de fato, prestes a dar errado, ofereceu um sorriso próprio também.

Nestha apenas ficou de pé, uma pilastra esguia de aço, e falou, para ninguém em especial: — Se terminamos de comer, esta refeição acabou.

E foi isso.

Rhys escreveu a carta por mim, Cassian e Azriel interromperam com correções, e levamos até meia-noite para fazer um rascunho que todos concordamos ser impressionante, caloroso e ameaçador o bastante.

Minhas irmãs lavavam a louça enquanto trabalhávamos, e tinham se despedido para se recolher horas antes, mencionando onde poderíamos encontrar nossos quartos.

Cassian e Azriel dividiriam um; Rhys e eu, o outro.

Franzi a testa ao ver a grande cama de hóspedes quando Rhys fechou a porta atrás de nós. A cama era grande o bastante para dois, mas eu não a dividiria. Virei para Rhys.

— Não vou...

Madeira bateu no carpete, e uma pequena cama surgiu ao lado da porta. Rhys se deitou nela, tirando as botas.

— Nestha é encantadora, aliás.

— Ela é... é uma criatura singular — admiti. Talvez fosse a coisa mais bondosa que eu poderia dizer a seu respeito.

— Faz alguns séculos desde que alguém tira Cassian do sério com tanta facilidade. Uma pena que provavelmente matariam um ao outro.

Parte de mim estremeceu diante do caos que os dois causariam se decidissem parar de brigar.

— E Elain — falou Rhys, suspirando ao remover a outra bota — não deveria se casar com o filho daquele senhor, não por uma dezena de motivos, o menor deles é o fato de que você não será convidada para o casamento. Embora talvez isso seja bom.

— Isso não é engraçado — ciciei.

— Pelo menos não precisa mandar um presente também. Duvido que o sogro ouse aceitar.

— Você tem muita coragem ao insultar minhas irmãs quando seus amigos têm a mesma quantidade de melodrama. — As sobrancelhas de Rhys se ergueram em uma pergunta silenciosa. Ri com deboche. — Ah, então não reparou na forma como Azriel olha para Mor? Ou como ela às vezes *o* observa, o defende? E como os dois fazem um trabalho *tão* bom permitindo que Cassian sirva de amortecedor entre eles na maior parte do tempo?

Rhys me encarou.

— Sugiro manter essas observações para si.

— Acha que sou uma fofoqueira enxerida? Minha vida já é bem miserável como está, porque iria espalhar essa miséria para aqueles ao redor também?

— É miserável? Sua vida, quero dizer. — Uma pergunta cautelosa.

— Não sei. Tudo está acontecendo tão rápido que não sei o que sentir. — Fui mais sincera do que eu tinha sido em um bom tempo.

— Hmm. Talvez depois que voltarmos para casa, eu devesse dar um dia de folga a você.

— Quanta consideração, *meu senhor.*

Rhys riu com deboche, desabotoando o casaco. Percebi que estava com todas as minhas roupas finas — e sem nada usável para dormir.

Com um estalo dos dedos de Rhys, meu pijama e roupas íntimas exíguas sugiram na cama — Não pude decidir qual pedaço de renda eu queria que você vestisse; então, trouxe algumas opções.

— Porco — disparei, pegando as roupas e seguindo para o banheiro adjacente.

O quarto estava morno quando voltei; Rhys ocupava a cama que tinha conjurado de onde quer que fosse, e toda a luz tinha sumido, exceto pelas brasas estalando na lareira. Até mesmo os lençóis pareciam mornos quando me deitei neles.

— Obrigada por aquecer a cama — falei, na escuridão.

Rhys estava de costas para mim, mas eu o ouvi claramente quando ele falou:

— Amarantha jamais me agradeceu por isso.

Todo o calor se dissipou.

— Ela não sofreu o suficiente.

Nem perto, pelo que tinha feito. Comigo, com ele, com Clare, com tantos outros.

Rhys não respondeu. Em vez disso, comentou:

— Não achei que aguentaria aquele jantar.

— O que quer dizer? — Rhys estivera bastante... calmo. Contido.

— Suas irmãs têm boa intenção, ou uma delas tem. Mas ao vê-las, sentadas àquela mesa... Não percebi que me atingiria com tanta força. O quanto você era jovem. O quanto elas não a protegeram.

— Eu me saí muito bem.

— Nós devemos a elas nossa gratidão por nos deixarem usar esta casa — disse Rhysand, baixinho. — Mas vai levar um bom tempo até que eu consiga olhar para suas irmãs sem querer berrar com elas.

— Parte de mim sente o mesmo — admiti, me aninhando nos cobertores. — Mas, se não tivesse entrado naquele bosque, se elas não tivessem me deixado ir sozinha... você ainda estaria escravizado. E talvez Amarantha agora estivesse preparando as forças para destruir estas terras.

Silêncio. Então...

— Vou pagar um salário a você, sabe. Por tudo isso.

— Não precisa. — Mesmo que... mesmo que eu não tivesse nenhum dinheiro.

—Todo membro de minha corte recebe um. Já existe uma conta bancária em Velaris para você, onde seus ganhos serão depositados. E tem linhas de crédito na maioria das lojas. Assim, se não tiver o suficiente consigo quando estiver fazendo compras, pode mandar a conta para a Casa.

— Eu... você não precisava fazer isso. — Engoli em seco. — E quanto exatamente vou receber todo mês?

— O mesmo que os outros. — Sem dúvida um salário generoso, talvez generoso *demais*. Mas Rhys subitamente perguntou: — Quando é seu aniversário?

— Preciso continuar contando meus aniversários? — Ele apenas esperou. Suspirei. — É no Solstício de Inverno.

Rhys parou.

— Isso foi há meses.

— Mmmhmm.

— Você não... Não me lembro de vê-la comemorar.

Pelo laço, pela minha mente confusa e desprotegida.

— Não contei a ninguém. Não queria uma festa quando já tinha toda aquela comemoração acontecendo. Aniversários parecem insignificantes agora mesmo.

Rhys ficou em silêncio por um longo minuto.

— Você realmente nasceu no Solstício de Inverno?

— É tão difícil de acreditar? Minha mãe alegava que eu era tão retraída e estranha porque tinha nascido na noite mais longa do ano. Uma vez ela tentou fazer meu aniversário em outro dia, mas esqueceu de fazer isso no ano seguinte... provavelmente havia uma festa mais útil que precisava planejar.

— Agora sei a quem Nestha puxou. Sinceramente, é uma pena não podermos ficar mais, ao menos para ver quem sobrevive: ela ou Cassian.

— Eu aposto em Nestha.

Uma risada baixa percorreu meus ossos; um lembrete de que Rhysand certa vez apostou em mim. Fora o único Sob a Montanha que apostou dinheiro que eu derrotaria o Verme de Middengard.

— Eu também — disse ele.

Capítulo 25

Parada sob o trançado formado pelas árvores cobertas de neve, observei a floresta dormente e me perguntei se os pássaros tinham ficado quietos por causa de minha presença. Ou da do Grão-Senhor ao meu lado.

— Congelar a bunda de manhã cedo não é como eu pretendia passar nosso dia de folga — comentou Rhysand, franzindo a testa para o bosque. — Deveria levá-la até as estepes illyrianas quando voltarmos, a floresta lá é muito mais interessante. E mais quente.

— Não faço ideia de onde ficam. — Neve estalou sob as botas que Rhys conjurara quando declarei que queria treinar com ele. E não fisicamente, mas... com os poderes que eu tinha. O que quer que fossem. — Você me mostrou um mapa em branco daquela vez, lembra?

— Por precaução.

— Algum dia verei um mapa decente, ou me restará adivinhar onde tudo fica?

— Você está com um humor ótimo hoje — observou Rhys, e ergueu a mão no ar entre nós. Um mapa dobrado surgiu, o qual ele se demorou bastante a abrir. — Para não achar que não confio em você, Feyre, querida... — Rhysand apontou para o sul das ilhas Norte. — Estas são as estepes. Quatro dias nessa direção a pé — ele traçou o dedo para cima, na direção das montanhas ao longo das ilhas — a levarão ao território illyriano.

Observei o mapa, reparei na península que se projetava para cima até a metade da costa oeste da Corte Noturna, e no nome marcado ali. *Velaris.* Rhys certa vez me mostrara um mapa vazio — quando eu pertencia a Tamlin e não passava de uma espiã e prisioneira. Porque ele sabia que eu contaria a Tamlin sobre as cidades, as localizações.

E que Ianthe também poderia descobrir a respeito delas.

Afastei aquele peso no peito, no estômago.

— Aqui — falou Rhys, ao guardar o mapa no bolso e gesticular para a floresta ao nosso redor. — Vamos treinar aqui. Estamos bem longe agora.

Bem longe da casa, de qualquer um, para evitar sermos detectados. Ou evitar casualidades.

Rhys estendeu a mão, e uma vela espessa e curta apareceu em sua palma. Ele a colocou no chão nevado.

— Acenda, encharque com água e seque o pavio.

Eu sabia que ele queria dizer sem usar as mãos.

— Não consigo fazer nenhuma dessas coisas — admiti. — E quanto ao escudo físico? — Pelo menos eu tinha conseguido fazer isso *em parte.*

— Isso é para outra hora. Hoje, sugiro que comece tentando *outra* faceta de seu poder. Que tal metamorfose?

Encarei Rhys com raiva.

— Então, pratiquemos fogo, água e ar. — Canalha... canalha insuportável.

Rhys não insistiu no assunto, ainda bem; não perguntou *por que* mudar de forma talvez fosse o único poder que eu jamais me daria o trabalho de destrinchar e

dominar. Talvez pelo mesmo motivo pelo qual eu não queria exatamente perguntar sobre uma peça-chave de sua história, não queria saber se Azriel e Cassian haviam ajudado quando a família governante da Corte Primaveril fora morta.

Olhei para Rhys da cabeça aos pés: a vestimenta de guerreiro illyriano, a espada sobre o ombro, as asas e aquela sensação geral de poder sobrepujante que sempre irradiava.

— Talvez você devesse... ir.

— Por quê? Você pareceu tão insistente para que *eu* a treinasse.

— Não posso me concentrar com você por perto — confessei. — E vá... para longe. Posso sentir você a um cômodo de distância.

Uma curva sugestiva moldou os lábios de Rhysand.

Revirei os olhos.

— Por que não se esconde em um daqueles reinos-bolsões por um tempo?

— Não funciona assim. Não tem ar lá. — Lancei um olhar a Rhys para indicar que então ele definitivamente deveria se esconder lá, e Rhys gargalhou. — Tudo bem. Pode praticar o quanto quiser em privacidade. — Ele indicou minha tatuagem com o queixo. — Grite pelo laço se conseguir realizar alguma coisa antes do café da manhã.

Franzi a testa para o olho em minha palma.

— O que... literalmente gritar para a tatuagem?

— Poderia tentar esfregá-la em certas partes do corpo e talvez eu chegue mais rápido.

Rhys desapareceu antes que eu conseguisse lhe atirar a vela.

Sozinha na floresta emoldurada por gelo, repassei as palavras de Rhysand, e uma risada baixa saiu de dentro de mim.

Imaginei se deveria ter testado o arco e as flechas que tinha recebido antes de pedir que ele saísse. Ainda não experimentara o arco illyriano — não atirava em nada havia meses, na verdade.

Encarei a vela. Nada aconteceu.

Uma hora se passou.

Pensei em tudo que me enraivecia, me enojava; pensei em Ianthe e sua arrogância, as exigências. Nem mesmo um fiapo de fumaça surgiu.

Quando meus olhos estavam quase sangrando, fiz uma pausa para vasculhar a sacola que levara. Encontrei pão fresco, uma lata de ensopado magicamente aquecida e um bilhete de Rhysand que dizia:

Estou entediado. Alguma faísca?

Não foi surpreendente que uma caneta tivesse se agitado no fundo da sacola.

Peguei a caneta e rabisquei minha resposta no topo da lata antes de observar a carta sumir de minha mão: *Não, enxerido. Não tem coisas importantes a fazer?*

A carta voltou um momento depois.

Estou vendo Cassian e Nestha se atracarem de novo por causa do chá. Você me submeteu quando me expulsou do treinamento. Achei que fosse nosso dia de folga.

Ri com deboche e escrevi em resposta: *Tadinho do Grão-Senhor. A vida é tão difícil.*

O papel sumiu e, então, reapareceu; a letra dele agora estava perto do alto do papel, a única parte de espaço vazio que restara. *A vida é melhor quando você está por perto. E olhe como sua letra é linda.*

Quase pude sentir Rhysand esperando do outro lado, na sala ensolarada do café da manhã, prestando atenção em parte à briga entre minha irmã e o guerreiro illyriano. Um leve sorriso curvou meus lábios. *Você é um galanteador sem-vergonha*, escrevi de volta.

A página sumiu. Observei a palma de minha mão aberta, esperando que retornasse.

E estava tão concentrada naquilo que não reparei que havia alguém atrás de mim até que a mão cobriu minha boca e me levantou.

Eu me debati, mordendo e arranhando, gritando conforme quem quer que fosse me levantava.

Tentei me desvencilhar, a neve se agitava ao nosso redor, como poeira em uma estrada, mas os braços que me pegaram não se moviam, eram como faixas de ferro e...

Uma voz rouca soou em meu ouvido:

— Pare, ou vou partir seu pescoço.

Eu conhecia aquela voz. Ela espreitava meus pesadelos.

O Attor.

Capítulo 26

O Attor tinha sumido momentos depois de Amarantha morrer; suspeitava-se de que tivesse fugido para o rei de Hybern. E, se estava ali, nas terras mortais...

Fiquei imóvel em seus braços, ganhando um pouco de tempo para procurar algo, qualquer coisa que pudesse usar contra ele.

— Bom — sibilou o Attor em meu ouvido. — Agora me conte...

Noite explodiu ao nosso redor.

O Attor gritou — *gritou* — quando aquela escuridão nos engoliu; fui largada pelos braços finos e duros, e suas unhas perfuraram minha pele. Caí de cara na neve firme e gelada.

Rolei, virando de barriga para cima, me agitando para levantar...

A luz retornou quando me agachei com a faca inclinada.

E lá estava Rhysand, prendendo o Attor contra um carvalho coberto de neve, com nada além de amarras de noite em espirais. Como aquelas que tinham

esmagado a mão de Ianthe. As mãos do próprio Rhysand estavam nos bolsos, e o rosto, frio e lindo como a morte.

— Estava me perguntando para onde você teria rastejado.

O Attor estava ofegante conforme lutava contra as amarras.

Rhysand apenas atirou duas lanças de noite contra as asas do demônio. O Attor gritou quando aquelas lanças encontraram carne e se enterraram firmemente contra a casca de árvore atrás desta.

— Responda minhas perguntas e pode rastejar de volta para seu mestre — exigiu Rhys, como se estivesse perguntando a respeito do tempo.

— Vadia — disparou o Attor. Sangue prateado lhe escorreu das asas, chiando ao atingir a neve.

Rhys sorriu.

— Você se esquece de que eu me divirto muito com essas coisas. — Ele ergueu um dedo.

— Não! — O dedo de Rhys parou. — Fui enviado — disse a criatura, ofegante. — Para buscá-la — gritou o Attor.

Meu sangue gelou tanto quanto o bosque ao nosso redor.

— Por quê? — perguntou Rhys, com aquela calma casual e assustadora.

— Essa foi minha ordem. Não devo questionar. O rei a quer.

— Por quê? — insistiu Rhys. O Attor começou a gritar, dessa vez sob a força de um poder que eu não conseguia ver. Encolhi o corpo.

— *Não sei, não sei, não sei.* — Acreditei nele.

— Onde está o rei no momento?

— Hybern.

— Exército?

— Virá em breve.

— De que tamanho?

— Infinito. Temos aliados em todos os territórios, todos esperando.

Rhys inclinou a cabeça, como se considerasse o que perguntar a seguir. Mas ele se esticou e Azriel aterrissou na neve, lançando-a pelos ares como se fosse água em uma poça. Ele voara tão silenciosamente que nem ouvi o bater das asas. Cassian devia ter ficado na casa para defender minhas irmãs.

Não havia bondade no rosto de Azriel quando a neve baixou — a máscara imóvel do encantador de sombras do Grão-Senhor.

O Attor começou a tremer, e quase me senti mal pela criatura quando Azriel foi andando até ele. Quase... mas não senti. Não quando aqueles bosques estavam tão perto do palacete. De minhas irmãs.

Rhys foi para meu lado quando Azriel chegou ao Attor.

— Da próxima vez que tentar levá-la — falou Rhys para o Attor —, matarei primeiro; perguntarei depois.

Azriel o encarou. Rhys assentiu. Os Sifões no topo das mãos cobertas de cicatrizes se iluminaram como fogo azul ondulante quando ele as estendeu para o Attor. Antes que a criatura pudesse gritar, ela e o mestre-espião sumiram.

Não queria pensar para onde teriam ido, no que Azriel faria. Nem mesmo sabia que Azriel tinha a habilidade de atravessar, ou qualquer que fosse o poder que ele canalizara pelos Sifões. Azriel permitira que Rhys atravessasse conosco no outro dia — a não ser que o poder o exaurisse demais para ser usado tão banalmente.

— Azriel vai matá-lo? — perguntei, a respiração irregular.

— Não. — Estremeci diante do poder cru que cobria o corpo rígido de Rhysand. — Nós o usaremos para mandar uma mensagem para Hybern de que, se quiserem caçar os membros de minha corte, terão de fazer melhor que isso.

Eu me espantei; com a alegação que fizera sobre mim e com as palavras.

— Você sabia... sabia que ele estava me caçando?

— Estava curioso para saber quem a levaria assim que você estivesse sozinha.

Eu não sabia por onde começar. Então, Tamlin estava certo — em relação à minha segurança. Até certo ponto. Aquilo não desculpava nada.

— Então, jamais planejou ficar comigo enquanto eu treinava. Você me usou como *isca*...

— Sim, e faria de novo. Você estava segura o tempo todo.

— *Deveria ter me contado!*

— Talvez da próxima vez.

— *Não haverá próxima vez!* — Bati com a mão no peito de Rhysand, e ele cambaleou para trás um passo devido à força do golpe. Pisquei. Tinha me esquecido... esquecido daquela força durante o pânico. Assim como com a Tecelã. Tinha me esquecido do quanto eu era forte.

— Sim, esqueceu — grunhiu Rhysand, lendo a surpresa em meu rosto, aquela calma fria se dissipando. — Esqueceu dessa força e de que pode queimar e se tornar escuridão e criar garras. Você *esqueceu. Você parou de lutar.*

Ele não estava falando apenas do Attor. Ou da Tecelã.

E o ódio subiu dentro de mim em uma onda tão poderosa que não pensei em qualquer coisa a não ser ira: comigo mesma, com o que tinha sido forçada a fazer, o que tinha sido feito comigo, com ele.

— E daí se parei? — sibilei, e empurrei Rhys de novo. — E *daí* se parei?

Fiz menção de empurrá-lo de novo, mas Rhys atravessou alguns metros.

Disparei na direção dele, neve estalando sob meus pés.

— Não é fácil. — O ódio me esmagava, me cegava. Ergui os braços para golpear seu peito com as palmas das mãos...

E Rhys sumiu de novo.

Ele surgiu atrás de mim, tão perto que a respiração fez cócegas em minha orelha quando ele falou: — Não tem ideia do quanto *não* é fácil.

Virei, segurando-o. Rhys sumiu antes que eu conseguisse acertá-lo, socá-lo.

Ele surgiu do outro lado da clareira, rindo.

— Tente com mais afinco.

Não podia me dobrar em escuridão e para dentro de bolsões. E se pudesse... se pudesse me transformar em fumaça, em ar e noite e estrelas, usaria isso para surgir

bem diante dele e arrancar aquele sorriso de seu rosto.

Eu me movi, mesmo que fosse inútil, mesmo conforme Rhys ondulou e virou escuridão, e eu o odiei por aquilo: pelas asas e pela habilidade de se mover como névoa ao vento. Rhys surgiu a um passo de distância, e golpeei, com as mãos estendidas... com as *garras* estendidas...

E me choquei contra uma árvore.

Rhysand gargalhou quando ricocheteei para trás, os dentes zunindo, as garras doendo quando rasgaram a madeira. Mas eu já estava disparando quando Rhysand sumiu, disparando como se pudesse desaparecer para as dobras do mundo também, rastreá-lo pela eternidade...

Então, consegui.

O tempo ficou mais lento, e pude ver a escuridão de Rhysand se tornar fumaça e virar, como se estivesse fugindo para outro lugar na clareira. Disparei para aquele ponto, mesmo quando senti minha leveza, dobrando meu próprio ser em vento e sombra e pó, a liberdade daquilo irradiando para fora de mim, tudo isso enquanto eu mirava para onde Rhysand se dirigia...

Ele apareceu, uma figura sólida em meu mundo de fumaça e estrelas.

E seus olhos estavam arregalados, e a boca, entreaberta com um sorriso de prazer malicioso, quando atravessei para diante dele e o derrubei na neve.

Capítulo 27

Eu estava ofegante, caída sobre Rhysand na neve enquanto ele dava uma gargalhada rouca.

— *Nunca* — grunhi para o rosto dele — *mais* — empurrei os ombros duros como rochas de Rhys, e as garras se curvaram nas pontas de meus dedos — *me use como isca.*

Rhys parou de rir.

Eu empurrei com mais força, aquelas unhas se enterraram na pele dele.

— Você disse que eu poderia ser uma arma... me ensine a virar uma. *Não* me use como um peão. E caso ser um peão seja parte de meu *trabalho* para você, então, chega. *Chega*.

Apesar da neve, o corpo de Rhys estava quente sob mim, e não tinha certeza de que eu entendia o quanto ele era maior até que nossos corpos estivessem nivelados — perto demais. Muito, muito perto.

Rhys inclinou a cabeça, soltando um bolo de neve preso no cabelo.

— É justo.

Empurrei Rhys para sair de cima dele, e a neve estalou quando recuei. Minhas garras tinham sumido.

Rhys se apoiou nos cotovelos.

— Faça isso de novo. Me mostre como conseguiu.

— Não. — A vela que Rhys tinha levado estava em pedaços, meio enterrada sob a neve. — Quero voltar ao palacete. — Estava com frio, cansada, e ele...

O rosto de Rhys ficou sério.

— Desculpe.

Imaginei com que frequência ele dizia aquela palavra. Não me importei.

Esperei Rhys se levantar, limpar a neve do corpo e estender a mão.

Não era apenas uma oferta.

Você se esqueceu, dissera Rhysand. E eu tinha.

— Por que o rei de Hybern me quer? Porque sabe que posso anular o poder do Caldeirão com o Livro?

Escuridão lampejou, o único sinal do temperamento que Rhysand tinha, de novo, domado.

— É o que vou descobrir.

Você parou de lutar.

— Desculpe — repetiu ele, ainda com a mão estendida. — Vamos tomar café da manhã e depois ir para casa.

— Velaris não é minha casa.

Eu podia jurar que mágoa percorreu os olhos de Rhys antes que ele nos atravessasse de volta para a casa de minha família.

Capítulo 28

Minhas irmãs tomaram café da manhã com Rhys e comigo; Azriel estava onde quer que tivesse levado o Attor. Cassian voara para se encontrar com ele assim que voltamos. Ele fizera a Nestha uma reverência debochada, e ela devolvera um gesto vulgar que eu não sabia que minha irmã conhecia.

Cassian apenas riu, e os olhos percorreram o vestido azul-gelo de Nestha com uma intenção predatória que, considerando o sibilo de ódio emitido por ela, ele sabia: a deixara irritada. Então, o feérico se foi, abandonando minha irmã sob o amplo portal, os cabelos castanho-dourados embaraçados pelo vento frio agitado pelas asas poderosas.

Levamos minhas irmãs à cidade para mandar nossa carta, e Rhys nos encantou para que ficássemos invisíveis enquanto elas entravam na lojinha para postá-la. Depois que voltamos para casa, as despedidas foram rápidas. Eu sabia que Rhys queria voltar a Velaris — pelo menos para descobrir o que o Attor planejava.

Eu disse isso a ele enquanto voava conosco pela muralha, para o calor de Prythian, e depois nos atravessava até Velaris.

A névoa da manhã ainda cobria a cidade e as montanhas em volta. O frio também permanecia — mas não era nem de perto tão impiedoso quanto o frio do mundo mortal. Rhys me deixou no saguão, soprando ar quente nas palmas das mãos congeladas, sem sequer dizer adeus.

Com fome de novo, encontrei Nuala e Cerridwen e devorei bolinhos de cebolinha com queijo enquanto pensava no que havia visto, no que tinha feito.

Menos de uma hora depois, Rhys me encontrou na sala de estar, os pés para o alto no sofá diante da lareira, um livro no colo e uma xícara de chá de rosa fumegante na mesa de centro diante de mim. Levantei quando ele entrou, observando-o em busca de um sinal de ferimento. Algum nó em meu peito se afrouxou quando não vi nada de errado.

— Está feito — disse ele, e passou a mão pelo cabelo preto-azulado. — Descobrimos o que precisávamos. — Eu me preparei para ser isolada, para ouvir que aquilo seria resolvido, mas Rhys acrescentou: — Cabe a você, Feyre, decidir o quanto de nossos métodos quer conhecer. Com o que pode lidar. O que fizemos com o Attor não foi bonito.

— Quero saber tudo — decidi. — Me leve até lá.

— O Attor não está em Velaris. Ele estava na Cidade Escavada, na Corte de Pesadelos, onde Azriel levou menos de uma hora para fazê-lo falar. — Esperei por mais, e, como se decidisse que eu não parecia prestes a desabar, Rhys se aproximou até que menos de 30 centímetros do tapete ornamentado restasse entre nós. As botas, em geral impecavelmente polidas... havia sangue prateado borrifado nelas. Apenas quando o encarei, Rhys falou: — Vou mostrar a você.

Eu sabia o que ele queria dizer, e me preparei, bloqueando o fogo crepitante e as botas, e o frio que restava ao redor de meu coração.

Imediatamente, estava na antecâmara da mente de Rhysand... um bolsão de lembrança que Rhys escavara para mim.

Escuridão fluiu ao meu redor, suave, sedutora, ecoando de um abismo de poder tão grande que não tinha fim nem início.

— Conte como a encontrou — disse Azriel, a voz baixa que destruíra inúmeros exércitos.

Eu — Rhys — estava encostada na parede mais afastada da cela, de braços cruzados. Azriel se agachou em frente ao lugar onde o Attor estava acorrentado a uma cadeira no centro da sala. Alguns andares abaixo, a Corte de Pesadelos seguia em frente, alheia ao fato de que seu Grão-Senhor viera.

Precisaria visitá-los em breve. Lembrar quem segurava a coleira.

Em breve. Mas não hoje. Não quando Feyre tinha atravessado.

E ainda estava transtornada comigo.

E com razão, se eu fosse honesto. Mas Azriel descobrira que uma pequena força inimiga tinha se infiltrado no Norte havia dois dias, e minhas suspeitas foram confirmadas. Para afetar a mim ou a Tamlin, eles queriam Feyre. Talvez para fazer experimentos próprios.

O Attor soltou uma risada baixa.

— Recebi notícia do rei de que era onde você estava. Não sei como ele sabia. Recebi a ordem e voei até a muralha o mais rápido possível.

A faca de Azriel estava desembainhada, apoiada em um joelho. Reveladora da Verdade — o nome aparecia estampado na bainha, em prateadas runas illyrianas. Ele já descobrira que o Attor e alguns outros estavam posicionados nos limites do território illyriano. Fiquei tentado a jogar o Attor em um dos acampamentos de guerra e ver o que os illyrianos fariam com ele.

Os olhos do Attor se voltaram para mim, brilhando com um ódio ao qual eu tinha me acostumado.

— Boa sorte ao tentar ficar com ela, Grão-Senhor.

Azriel falou:

— Por quê?

As pessoas costumavam cometer o erro de achar que Cassian fosse o mais selvagem; aquele que não podia ser domado. Mas Cassian era só esquentado — e seu temperamento podia ser usado para forjar e soldar. Havia um ódio gelado em Azriel que eu jamais conseguira aquecer. Nos séculos em que eu o conhecia, dissera pouco a respeito da vida, daqueles anos na fortaleza do pai, trancado na escuridão. Talvez o dom de encantar sombras tivesse vindo até ele então, talvez tivesse se ensinado a língua da sombra e do vento e da pedra. Os meios-irmãos tampouco eram comunicativos. Eu sabia porque os conheci, perguntei sobre o assunto e lhes destruí as pernas quando, em vez de responderem, cuspiram em Azriel.

Eles voltaram a andar... depois de algum tempo.

O Attor falou:

— Acha que não é de conhecimento de todos que você a levou de Tamlin?

Eu já sabia disso. Essa fora a tarefa de Azriel ultimamente: monitorar a situação com a Corte Primaveril e se preparar para nosso ataque contra Hybern.

Mas Tamlin fechara as fronteiras; selara-as tão fortemente que nem mesmo voar por cima delas à noite seria possível. E quaisquer ouvidos e olhos que Azriel tivesse um dia na corte tinham ficado surdos e cegos.

— O rei poderia ajudá-lo a ficar com ela, considerar poupá-lo, se trabalhasse com ele...

Conforme o Attor falava, vasculhei sua mente, cada pensamento era mais cruel e terrível que o seguinte. Ele nem mesmo sabia que eu tinha deslizado para dentro dela, mas... ali: imagens do exército que fora montado, idêntico àquele contra o qual eu lutara cinco séculos antes; dos litorais de Hybern cheios de navios, preparando-se para um ataque; do rei, sentado no trono no castelo em ruínas. Nenhum sinal de Jurian se arrastando por ali, ou do Caldeirão. Nenhum sussurro a respeito de o Livro ocupar suas mentes. Tudo que o Attor tinha confessado era verdade. E a criatura não tinha mais valor.

Az olhou por cima do ombro. O Attor entregara tudo a ele. Agora estava apenas tagarelando para ganhar tempo.

Eu me afastei da parede.

— Quebre suas pernas, destrua as asas e atire-o na costa de Hybern. Veja se sobrevive. — O Attor começou a se debater, a implorar. Parei à porta e falei para ele: — Lembro de todos os momentos. Agradeça por eu permitir que você viva. Por enquanto.

Não tinha me permitido ver as lembranças de Sob a Montanha: de mim, dos outros... do que o Attor tinha feito com aquela garota humana que entreguei a Amarantha no lugar de Feyre. Não me permiti ver como tinha sido espancar Feyre, atormentar e torturá-la.

Eu podia ter batido com o Attor contra as paredes. E precisava que ele mandasse uma mensagem mais do que precisava de minha vingança.

O Attor já gritava sob a lâmina afiada da Reveladora da Verdade quando deixei a cela.

Então, tudo acabou. Cambaleei para trás, retornando para meu corpo.

Tamlin fechara as fronteiras.

— Que *situação* na Corte Primaveril?

— Nenhuma. A partir de agora. Mas sabe até que ponto Tamlin pode ir para... proteger o que ele acha que é dele.

A imagem de tinta escorrendo pela parede destruída do escritório surgiu em minha mente.

— Deveria ter mandado Mor naquele dia — disse Rhys, como uma ameaça silenciosa.

Ergui os escudos mentais. Não queria falar sobre aquilo.

— Obrigada por me contar — agradeci, e peguei o livro e o chá para levar até o quarto.

— Feyre — disse Rhys. Não o impedi. — Desculpe... por enganar você mais cedo.

E aquilo, me deixar entrar na mente dele... foi uma oferta de paz.

— Preciso escrever uma carta.

A carta foi breve, simples. Mas cada palavra foi uma luta.

Não por causa de meu antigo analfabetismo. Não, agora eu podia ler e escrever muito bem.

Era por causa da mensagem que Rhys, de pé no saguão, agora lia:

Saí por vontade própria.

Sou bem-cuidada e estou segura. Sou grata por tudo que fez por mim, tudo que deu.

Por favor, não venha atrás de mim. Não vou voltar.

Rhysand rapidamente dobrou a carta ao meio, e ela sumiu.

— Tem certeza?

Talvez a carta pudesse ajudar com qualquer que fosse a *situação* que estivesse acontecendo na Corte Primaveril. Olhei pelas janelas além. A névoa que cobria a cidade tinha se dissipado, revelando um céu limpo e sem nuvens. E, de alguma forma, minha cabeça parecia mais leve que dias antes; meses.

Havia uma cidade lá fora, que eu mal tinha observado, ou com a qual mal me importava.

Eu queria aquilo: vida, pessoas. Queria vê-la, sentir a agitação em meu sangue. Sem obstáculos, sem limites para o que eu poderia encontrar ou fazer.

— Não sou o bicho de estimação de ninguém — argumentei. A expressão de Rhys estava contemplativa, e me perguntei se ele se lembrava de que tinha me dito a mesma coisa uma vez, quando eu estava quase perdida em minha culpa e meu desespero para entender. — E agora?

— Se faz alguma diferença, eu queria mesmo dar a você um dia para descansar...

— Não me paparique.

— Não estou. E mal chamo nosso encontro dessa manhã de *descansar*. Mas me perdoe por precisar fazer avaliações com base em sua condição física atual.

— Eu decidirei isso. E quanto ao Livro dos Sopros?

— Depois que Azriel voltar de tratar do Attor, vai colocar sua outra habilidade em uso e se infiltrar nas cortes das rainhas mortais para descobrir onde o estão guardando, e quais podem ser os planos delas. E, quanto à metade que fica em Prythian... Iremos à Corte Estival em alguns dias se meu pedido de visita tiver sido aprovado. Grão-Senhores visitando outras cortes deixam todos alertas. Lidaremos com o Livro então.

Rhys se calou, sem dúvida esperando que eu subisse arrastando os pés, que ficasse deprimida e fosse dormir.

Bastava; já estava cheia de dormir.

— Você me disse era melhor visitar esta cidade à noite. Era só conversa ou algum dia vai se dar o trabalho de me mostrar? — perguntei.

Soltei uma risada baixa enquanto Rhys me observava. Não me encolhi diante do olhar.

Quando os olhos de Rhysand encontraram os meus de novo, a boca se contorceu em um sorriso que muito poucos viam. Verdadeira diversão — talvez um pouco de felicidade com uma pontada de alívio. O macho por trás da máscara de Grão-Senhor.

— Jantar — disse ele. — Esta noite. Vamos descobrir se *você*, Feyre querida, está só de conversa, ou se permitirá que um Senhor da Noite a leve para se divertir.

Amren foi até meu quarto antes do jantar. Pelo visto, *todos* sairíamos naquela noite.

No andar de baixo, Cassian e Mor implicavam um com o outro sobre o que seria mais rápido: Cassian voando uma certa distância, ou Mor a atravessando. Presumi que Azriel estivesse perto, buscando abrigo nas sombras. Esperava que ele tivesse descansado depois de lidar com o Attor... e que descansasse um pouco mais antes de entrar no reino mortal para espionar aquelas rainhas.

Amren pelo menos bateu dessa vez, antes de entrar. Nuala e Cerridwen, que tinham terminado de colocar pentes de madrepérola em meus cabelos, olharam uma vez para a delicada fêmea e sumiram em lufadas de fumaça.

— Coisinhas assustadas — comentou Amren, os lábios vermelhos formando uma linha cruel. — Espectros sempre são.

— Espectros? — Eu me virei na cadeira diante da penteadeira. — Achei que fossem Grã-Feéricas.

— Metade — explicou Amren, avaliando minhas roupas turquesa, cobalto e brancas. — Espectros não passam de sombras e névoa, e são capazes de atravessar paredes, pedras, seja lá o que for. Nem mesmo quero saber como aquelas duas foram concebidas. Grão-Feéricos enfiam os paus em qualquer lugar.

Engasguei no que poderia ter sido uma risada ou uma tosse.

— Elas dão boas espiãs.

— Por que acha que agora estão sussurrando ao ouvido de Azriel que estou aqui?

— Achei que respondessem a Rhys.

— Elas respondem aos dois, mas foram treinadas por Azriel primeiro.

— Estão me espionando?

— Não. — Amren franziu a testa para um fio solto na camisa cor de nuvem de chuva. Os cabelos pretos na altura do queixo oscilaram quando ela ergueu a cabeça. — Rhys já disse diversas vezes para não o fazerem, mas não acho que Azriel algum dia vá confiar totalmente em mim. Então, estão relatando meus movimentos. E com um bom motivo.

— Por quê?

— Por que não? Eu ficaria desapontada se o mestre-espião de Rhysand não ficasse de olho em mim. Se nem mesmo desobedecesse a ordens para isso.

— Rhys não o pune por desobedecer?

Aqueles olhos prateados brilharam.

— A Corte do Sonhos é fundamentada em três coisas: defender, honrar e preservar. Esperava força bruta e obediência? Muitos dos altos oficiais de Rhysand têm pouco ou nenhum poder. Ele valoriza lealdade, esperteza, compaixão. Azriel, apesar da desobediência, está agindo para defender a corte de Rhys, o povo dele. Então, não. Rhysand não pune isso. Há regras, mas são flexíveis.

— E quanto ao Tributo?

— Que Tributo?

Levantei da banqueta.

— O Tributo... impostos, o que seja. Duas vezes por ano.

— Há impostos sobre os habitantes da cidade, mas não há Tributo. — Amren emitiu um estalo com a língua. — Mas o Grão-Senhor da Corte Primaveril cobra um.

Eu não queria pensar mesmo naquilo, ainda não; não com aquela carta agora a caminho de Tamlin, se é que já não tinha sido entregue. Então, peguei a pequena caixa na penteadeira e tirei de dentro o amuleto de Amren.

— Aqui. — Entreguei a coisa de ouro encrustada de joias. — Obrigada.

A sobrancelha de Amren se ergueu quando soltei o amuleto na palma de sua mão.

— Você me devolveu.

— Não sabia que era um teste.

Ela colocou o amuleto de volta na caixa.

— Fique com ele. Não tem magia.

Pisquei.

— Você mentiu...

Amren deu de ombros, dirigindo-se à porta.

— Encontrei no fundo de minha caixa de joias. Precisava de algo que a fizesse acreditar que poderia sair da Prisão de novo.

— Mas Rhys ficava olhando para ele...

— Porque *Rhys* me deu o cordão há duzentos anos. Ele estava provavelmente surpreso por vê-lo de novo, e se perguntou por que eu o tinha dado a você. Provavelmente *preocupado* com o fato de eu ter dado a joia a você.

Trinquei os dentes, mas Amren já estava deslizando para a porta com um alegre:

— De nada.

Capítulo 29

Apesar da noite fria, todas as lojas estavam abertas conforme caminhamos pela cidade. Músicos tocavam nas pequenas praças, e o Palácio de Linhas e Joias estava lotado de fregueses e artistas, Grão-Feéricos e feéricos inferiores. Mas continuamos além deles, até o próprio rio, a água tão tranquila que as estrelas e as luzes se misturavam na superfície escura, como um laço de fita vivo de eternidade.

Os cinco não tinham pressa conforme passeávamos por uma das amplas pontes de mármore que se estendia pelo rio Sidra, frequentemente seguindo adiante, ou se detendo para conversar uns com os outros. Pelas lanternas decoradas que ladeavam a ponte, luzes feéricas projetavam sombras douradas nas asas dos três machos, emoldurando as garras no topo de cada uma.

Os assuntos das conversas variavam entre as pessoas que conheciam, partidas e times esportivos dos quais eu jamais ouvira falar (aparentemente, Amren era a cruel e obsessiva torcedora de um deles), novas lojas, música que tinham ouvido, clubes

de que gostavam... Nenhuma menção a Hybern ou às ameaças que enfrentávamos — sem dúvida por discrição, mas eu tinha a sensação de que também era porque, naquela noite, naquele tempo que passávamos juntos... eles não queriam a intromissão daquela presença terrível e horrorosa. Era como se todos fossem apenas cidadãos comuns... até mesmo Rhys. Como se não fossem as pessoas mais poderosas da corte, talvez de toda Prythian. E ninguém, simplesmente ninguém na rua parava, empalidecia ou corria.

As pessoas ficavam espantadas, talvez, um pouco intimidadas, mas... não tinham medo. Aquilo era tão incomum que fiquei em silêncio, apenas observando-os: o mundo deles. A normalidade que cada um lutava tanto para preservar. Contra a qual eu um dia me revoltara, da qual me ressentira.

Mas não havia lugar como aquele no mundo. Não tão sereno. Tão amado pelo povo e pelos governantes.

O outro lado da cidade estava ainda mais lotado, com mecenas em roupas elegantes indo aos muitos teatros pelos quais passamos. Eu jamais tinha visto um teatro antes... nem vira uma peça, ou um concerto ou uma sinfonia. Em nossa cidade em ruínas, tínhamos, no máximo, músicos e menestréis; hordas de pedintes lamuriando-se em instrumentos improvisados, no pior dos casos.

Caminhamos ao longo da margem do rio, passando por lojas e cafés, e música fluía de dentro dos lugares. E pensei — mesmo ficando para trás em relação aos outros, com as mãos enluvadas enfiadas nos bolsos do sobretudo azul pesado — que os sons daquilo tudo talvez fossem a coisa mais linda que eu já ouvira: as pessoas, o rio, a música; o tilintar dos talheres nos pratos, o arrastar das cadeiras puxadas e empurradas; os gritos de vendedores ambulantes oferecendo suas mercadorias conforme passavam.

Quanto eu tinha perdido naqueles meses de desespero e torpor?

Mas não mais. O sangue vital de Velaris ressoava em mim, e, em raros momentos de silêncio, podia jurar que ouvia o mar quebrando, arranhando os penhascos distantes.

Por fim, entramos em um pequeno restaurante à margem do rio, construído no nível mais baixo de um prédio de dois andares; o espaço era decorado de verde e dourado, e mal era grande o suficiente para todos nós. E três pares de asas illyrianas.

Mas a dona os conhecia e beijou cada um na bochecha, até mesmo Rhysand. Bem, exceto por Amren, para quem a dona fez uma reverência antes de correr de volta à cozinha e nos mandar sentar na grande mesa que ficava metade dentro e metade fora da fachada aberta. A noite estrelada estava fria, e o vento farfalhava as palmeiras em vasos, posicionadas com muito cuidado ao longo do parapeito do passeio à margem do rio. Sem dúvida haviam sido enfeitiçadas para que não morressem no inverno — assim como o calor do restaurante evitava que o frio perturbasse a nós ou a qualquer daqueles que comiam ao ar livre, na beira do rio.

Então, as bandejas de comida começaram a brotar, assim como o vinho e a conversa, e comemos sob as estrelas ao lado do rio. Eu jamais tinha experimentado comida assim: quente, exótica, temperada, picante. Era como se a comida não preenchesse apenas meu estômago, mas aquele buraco constante em meu peito também.

A dona — uma fêmea magra de pele negra e lindos olhos castanhos — estava ao lado de minha cadeira, conversando com Rhys sobre o último carregamento de especiarias que chegara aos Palácios.

— Os mercadores estavam dizendo que os preços podem subir, Grão-Senhor, principalmente se os boatos sobre o despertar de Hybern forem verdadeiros.

No fim da mesa, senti a atenção dos demais se desviar para nós, mesmo conforme continuavam falando.

Rhys se recostou na cadeira, girando a taça de vinho.

— Encontraremos uma forma de evitar que os preços subam muito.

— Não se preocupe, é claro — disse a dona, retorcendo um pouco os dedos. — É só... é tão bom ter tantas especiarias disponíveis de novo... agora que... as coisas estão melhores.

Rhys deu um sorriso gentil para a feérica, aquele que fazia com que ele parecesse mais jovem.

— Eu não me preocuparia tanto... não quando eu gosto tanto de sua comida.

A dona sorriu, corando, e olhou para onde eu tinha virado o corpo na cadeira para observá-la.

— Está do seu gosto?

A felicidade em seu rosto, a satisfação que apenas um dia de trabalho árduo, fazendo algo que se ama, pode dar, aquilo me atingiu como uma pedra.

Eu... eu me lembrei de que já me sentira daquela forma. Depois de pintar da manhã até a noite. Certa vez, era tudo que eu queria para mim. Olhei para os pratos e, depois, de volta para a mulher e falei: — Vivi no reino mortal e vivi em outras cortes, mas jamais provei comida assim. Comida que me faz sentir... desperta.

Aquilo pareceu tão idiota quanto me senti quando o disse, mas não conseguia pensar em outra forma de dizê-lo. Mas a dona assentiu como se entendesse e apertou meu ombro.

— Então, vou trazer uma sobremesa especial — disse ela, e foi até a cozinha.

Eu me virei para o prato, mas vi que Rhysand me olhava. Seu rosto parecia mais suave, mais contemplativo do que eu jamais o vira; a boca, levemente aberta.

Ergui as sobrancelhas. *O quê?*

Rhysand me deu um sorriso arrogante e se aproximou para ouvir a história que Mor contava sobre...

Esqueci do que ela falava quando a dona voltou com uma grande taça de metal cheia de líquido negro e a colocou diante de Amren.

A imediata de Rhys não tocara no prato, mas remexera um pouco a comida como se estivesse realmente tentando ser educada. Quando viu a taça que foi colocada diante de si, Amren ergueu as sobrancelhas.

— Não precisava fazer isso.

A dona fez um gesto com os ombros esbeltos.

— Está fresco e quente, e precisávamos da besta para o assado de amanhã mesmo.

Tive uma sensação terrível de que sabia o que havia ali dentro.

Amren girou a taça, o líquido escuro transbordou pelas laterais como vinho, e então ela o bebeu.

— Você temperou muito bem. — Sangue brilhou nos dentes de Amren.

A dona fez uma reverência.

— Ninguém deixa meu estabelecimento com fome — disse ela, antes de ir embora.

De fato, quase pedi que Mor me rolasse para fora do restaurante quando terminamos e Rhys pagou a conta, apesar dos protestos da dona. Meus músculos doíam graças ao *treinamento* mais cedo na floresta mortal, e, em algum momento durante a refeição, cada parte de mim usada para derrubar Rhys na neve começou a doer.

Mor esfregou o estômago em círculos preguiçosos conforme paramos ao lado do rio.

— Quero sair para dançar. Não conseguirei dormir tão cheia. O Rita's fica logo no fim da rua.

Dançar. Meu corpo gemeu em protesto e olhei em volta em busca de um aliado para matar aquela ideia ridícula.

Mas Azriel... *Azriel* falou, com os olhos totalmente voltados para Mor: — Estou dentro.

— É claro que está — resmungou Cassian, franzindo a testa para ele. — Não precisa partir ao alvorecer?

A testa franzida de Mor agora copiava a de Cassian... como se tivesse percebido onde e o que ele faria no dia seguinte. Então, Mor falou para Azriel: — Não precisamos...

— Eu quero — cortou Azriel, encarando Mor por bastante tempo.

Ela desviou o olhar, virou para Cassian e disse:

— Vai ousar se juntar a nós, ou tem planos de admirar seus músculos no espelho?

Cassian riu com escárnio, entrelaçou o braço com o de Mor e a levou pela rua.

— Vou pelas bebidas, babaca. Nada de dança.

— Graças à Mãe. Você quase destruiu meu pé da última vez que tentou.

Foi difícil não encarar Azriel enquanto ele observava os dois subirem a rua, de braços dados, discutindo a cada passo. As sombras se reuniram em volta de seus ombros, como se estivessem de fato sussurrando para Azriel, protegendo-o, talvez. Seu peito largo se expandiu com uma respiração profunda que fez as sombras dispararem, e, depois, ele começou uma caminhada casual e graciosa atrás dos dois. Se Azriel iria com eles, então, qualquer desculpa que eu pudesse dar para *não* ir...

Voltei meus olhos suplicantes para Amren, mas ela desaparecera.

— Ela foi buscar mais sangue nos fundos para levar para casa — disse Rhys ao meu ouvido, e me arrepiei toda. A risada de Rhys pareceu quente contra meu pescoço. — Depois, vai direto até o apartamento para se entupir.

Tentei não estremecer quando me virei para Rhys.

— Por que sangue?

— Não parece educado perguntar.

Franzi a testa para ele.

— *Você* vai dançar?

Rhys olhou por cima de meu ombro para os amigos, que estavam quase no topo da rua íngreme; algumas pessoas paravam a fim de cumprimentá-los.

— Prefiro andar até em casa — disse Rhys, por fim. — Foi um dia longo.

Mor se virou no alto da rua, as roupas roxas flutuando ao redor do corpo ao vento do inverno, e ergueu uma sobrancelha louro-escura. Rhys sacudiu a cabeça, e ela gesticulou com a mão, ao que se seguiram gestos breves de Azriel e de Cassian, o qual recuou para falar com o irmão de guerra.

Rhys indicou a frente.

— Vamos? Ou está com frio demais?

Consumir sangue com Amren nos fundos do restaurante parecia mais atraente, mas sacudi a cabeça e comecei a andar ao lado de Rhys conforme seguimos o rio, na direção da ponte.

Absorvi a cidade com a mesma fome com que Amren tinha entornado o sangue temperado, e quase tropecei ao ver o reflexo de cor na água.

O Arco-Íris de Velaris brilhava como um punhado de joias, como se a tinta que tivessem usado nas casas tomasse vida ao luar.

— Esta é minha vista preferida da cidade — confessou Rhys, parando ao parapeito de metal que percorria o passeio do rio e olhando para o quarteirão dos artistas. — Também era o preferido de minha irmã. Meu pai costumava precisar arrastá-la aos chutes e gritos para fora de Velaris, de tanto que ela amava a cidade.

Procurei a resposta certa para a tristeza silenciosa naquelas palavras. Mas, como uma tola inútil, apenas perguntei: — Então, por que suas casas ficam do outro lado do rio? — Encostei no parapeito, observando os reflexos do Arco-Íris ondulando na superfície do rio, como se fossem peixes coloridos lutando contra a corrente.

— Porque eu queria uma rua calma, para poder visitar esta balbúrdia sempre que quisesse e ainda assim ter um lar ao qual me recolher.

— Poderia ter simplesmente reorganizado a cidade.

— Por que diabo eu mudaria alguma coisa a respeito deste lugar?

— Não é isso o que Grão-Senhores fazem? — Meu hálito se condensava diante de mim na noite fria. — O que querem?

Rhysand observou meu rosto.

— Tem muitas coisas que quero fazer e não posso.

Não tinha percebido o quanto estávamos próximos.

— Então, quando compra joias para Amren, é para se manter nas graças dela, ou porque vocês estão... juntos?

Rhys deu uma gargalhada.

— Quando eu era jovem e burro, certa vez a convidei para minha cama. Amren riu até ficar rouca. As joias são apenas porque gosto de comprá-las para uma amiga

que trabalha muito para mim, e me protege sempre que preciso. Permanecer em suas graças é um bônus.

Nada daquilo me surpreendia.

— E você não se casou com ninguém.

— Tantas perguntas hoje. — Encarei Rhys até que ele suspirou. — Tive amantes, mas jamais me senti tentado a convidar uma delas a compartilhar a vida comigo. E, sinceramente, acho que se tivesse perguntado, todas teriam dito que não.

— Achei que elas estariam lutando umas com as outras para conquistar sua mão. — Como Ianthe.

— Casar comigo significa uma vida com um alvo nas costas, e, se houvesse filhos, então, uma vida sabendo que seriam caçados desde que fossem concebidos. Todos sabem o que aconteceu com minha família... e meu povo sabe que, além de nossas fronteiras, somos odiados.

Ainda não conhecia a história toda, mas perguntei:

— Por quê? Por que são odiados? Por que manter em segredo a verdade sobre este lugar? É uma pena que ninguém saiba a respeito dele, do bem que fazem aqui.

— Houve um tempo em que a Corte Noturna *era* uma Corte de Pesadelos e era governada da Cidade Escavada. Há muito tempo. Mas um antigo Grão-Senhor teve uma visão diferente e, em vez de permitir que o mundo visse o território vulnerável em um momento de mudança, selou as fronteiras e deu um golpe, eliminando os piores dos cortesãos e dos predadores, construindo Velaris para os sonhadores, estabelecendo comércio e paz.

Os olhos de Rhys se iluminaram, como se ele pudesse espiar o passado e ver aquilo. Com aqueles dons incríveis, não me surpreenderia.

— Para preservá-la — continuou Rhys —, ele a manteve em segredo, assim como seus filhos, e os filhos deles. Há muitos feitiços na própria cidade, conjurados por ele e pelos herdeiros, que fazem com que aqueles que negociam aqui não consigam contar nossos segredos, e os tornam habilidosos em mentir para poder manter a origem das mercadorias, os navios, ocultos do resto do mundo. Dizem os

boatos que aquele antigo Grão-Senhor colocou o próprio sangue vital sobre as pedras e o rio para manter esse feitiço eterno.

"Mas, pelo caminho, apesar das melhores intenções, a escuridão cresceu de novo... não tão ruim quanto fora um dia... Mas ruim o bastante para que houvesse uma divisão permanente em minha corte. Permitimos que o mundo veja a outra metade, que a tema, para que jamais adivinhem que este lugar floresceu aqui. E permitimos que a Corte dos Pesadelos continue, alheia à existência de Velaris, porque sabemos que, sem eles, algumas cortes e alguns reinos podem nos atacar. E invadir nossas fronteiras para descobrir muitos, muitos segredos que guardamos dos outros Grão-Senhores e de outras cortes ao longo dos milênios."

— Então, realmente, nenhum dos outros sabe? Nas outras cortes?

— Nenhuma alma. Não vai encontrá-la em um único mapa, ou mencionada em livro algum além daqueles escritos aqui. Talvez estejamos perdendo por sermos tão contidos e isolados, mas... — Rhys gesticulou para a cidade ao nosso redor. — Meu povo não parece sofrer muito por isso.

De fato, eles não sofriam. Graças a Rhys e a seu Círculo Íntimo.

— Está preocupado com a ida de Az às terras mortais amanhã?

Rhysand tamborilou com o dedo contra o parapeito.

— É claro que estou. Mas Azriel se infiltrou em lugares muito mais perturbadores que algumas cortes mortais. Ele acharia minha preocupação um insulto.

— Ele gosta do que faz? Não a espionagem. O que ele fez com o Attor hoje.

Rhys suspirou.

— É difícil saber, e ele jamais me contará. Já vi Cassian destruir oponentes e depois vomitar as tripas no fim da carnificina, e, às vezes, até ficar de luto por eles. Mas Azriel... Cassian tenta, eu tento, mas acho que a única pessoa que consegue fazer com que ele admita qualquer sentimento é Mor. E somente quando ela o importuna ao ponto em que até mesmo a paciência infinita de Azriel se esgota.

Sorri um pouco.

— Mas ele e Mor, eles nunca...?

— Isso é entre eles... e Cassian. Não sou burro ou arrogante o suficiente para me colocar no meio.

O que eu certamente seria se metesse o nariz na vida deles.

Caminhamos em silêncio pela ponte lotada até o outro lado do rio. Meus músculos estremeceram diante das colinas íngremes entre nós e a casa.

Estava prestes a implorar a Rhys que me levasse voando para casa quando ouvi trechos de música que vinha de um grupo de artistas do lado de fora de um restaurante.

Minhas mãos ficaram inertes ao lado do corpo. Uma versão reduzida da sinfonia que tinha ouvido naquele calabouço frio, quando estava tão perdida para o terror e o desespero que alucinei... alucinei enquanto aquela música entrava em minha cela... e impedia que eu me destruísse.

E mais uma vez, a beleza da melodia me atingiu, as camadas, o ritmo, a alegria e a paz.

Nunca haviam tocado aquela música Sob a Montanha — nunca aquele tipo de música. E eu jamais ouvi música na cela, exceto por aquela vez.

— Você — sussurrei, sem tirar os olhos dos músicos tocando tão habilidosamente que até mesmo os fregueses soltaram os garfos nos cafés próximos. — Você mandou aquela música para minha cela. Por quê?

A voz de Rhysand estava rouca.

— Porque estava se partindo. E não pude encontrar outra forma de salvá-la.

A música se desenvolveu e aumentou. Eu vira um palácio no céu quando alucinei, um palácio entre o pôr do sol e o alvorecer... uma casa de pilastras de pedra da lua.

— Eu vi a Corte Noturna.

Rhys me olhou de esguelha.

— Não enviei aquelas imagens para você.

Não me importava.

— Obrigada. Por tudo... pelo que fez. Naquela época... e agora.

— Mesmo depois da Tecelã? Depois dessa manhã com minha armadilha para o Attor?

Minhas narinas se dilataram.

— Você estraga tudo.

Rhys sorriu, e não reparei se as pessoas observavam quando ele deslizou um braço sob minhas pernas e nos lançou para o céu.

Eu poderia aprender a amar aquilo, percebi. O voo.

Eu estava lendo na cama, ouvindo o ruído alegre da fogueira morna de bétula que queimava na lareira diante da luminária do quarto, quando virei a página do livro e um pedaço de papel caiu.

Dei uma olhada no papel creme e na letra e me sentei, reta.

No papel, Rhysand tinha escrito:

Posso ser um galanteador sem-vergonha, mas pelo menos não tenho um temperamento terrível. Você deveria vir cuidar de meus ferimentos de nossa briga na neve. Estou todo cheio de hematomas graças a você.

Algo estalou contra a cabeceira, e uma caneta rolou pelo mogno polido. Sibilando, eu a peguei e rabisquei: *Vá lamber seus ferimentos e me deixe em paz.*

O papel sumiu.

Ele ficou um tempo sumido — bem mais do que deveria ter levado para escrever as poucas palavras que surgiram no papel quando retornou.

Eu preferiria que você lambesse meus ferimentos para mim.

Meu coração bateu, mais e mais rápido, e um estranho tipo de agitação percorreu minhas veias quando li a frase diversas vezes. Aquilo era um desafio.

Fechei os lábios para evitar sorrir quando escrevi:

Lamber você onde, exatamente?

O papel sumiu antes que eu conseguisse completar a pontuação.

A resposta de Rhys demorou. Então:

Onde quiser me lamber, Feyre.

Eu gostaria de começar com "Em todos os lugares", mas posso escolher, se for necessário.

Escrevi de volta:

Espero que minha língua seja melhor que a sua. Lembro como você era horrível nisso Sob a Montanha.

Mentira. Rhys lambera minhas lágrimas quando eu estava a segundos de me destruir.

Ele fizera isso para me manter distraída — me manter com raiva. Porque o ódio era melhor que sentir nada; porque ira e ódio eram o combustível duradouro na escuridão infinita de meu desespero. Da mesma forma que aquela música evitou que eu quebrasse.

Lucien fora tratar de minhas feridas algumas vezes, mas ninguém arriscara tanto para me manter não apenas viva, mas tão mentalmente intacta quanto eu pudesse ficar, considerando as circunstâncias. Exatamente como Rhys estava fazendo nas últimas semanas: me provocando, implicando comigo para manter o vazio longe. Exatamente como ele fazia agora.

Eu estava sob pressão, dizia o bilhete seguinte de Rhysand. *Se quiser, ficaria mais que feliz em provar que está errada. Já me disseram que sou muito, muito bom com a língua.*

Apertei os joelhos e escrevi de volta: *Boa noite.*

Um segundo depois, o bilhete dele dizia:

Tente não gemer alto demais quando sonhar comigo. Preciso de meu sono de beleza.

Eu me levantei, joguei o bilhete no fogo e fiz um gesto vulgar para ele.

Podia ter jurado que uma gargalhada ecoou pelo corredor.

Não sonhei com Rhys.

Sonhei com o Attor, as garras em mim, me agarrando enquanto eu era socada. Sonhei com a risada sibilante e com seu fedor terrível.

Mas dormi a noite inteira. E não acordei uma só vez.

Capítulo 30

Cassian podia exibir sorrisos arrogantes e vulgaridade na maior parte do tempo, mas, no ringue de luta em um pátio escavado da rocha no alto da Casa do Vento, na tarde seguinte, ele era um assassino a sangue frio.

E quando aqueles instintos letais estavam voltados para mim...

Sob a roupa de couro de luta, mesmo com a temperatura fria, minha pele estava coberta de suor. Cada respiração machucava minha garganta, e meus braços tremiam tanto que ao sequer tentar usar os dedos, o mindinho começava a tremer incontrolavelmente.

Eu estava observando meu dedo oscilar por vontade própria quando Cassian cobriu a distância entre nós, pegou minha mão e disse:

— Isso é porque está forçando as articulações erradas. As duas primeiras, do indicador e do dedo médio, é onde os socos devem atingir o alvo. Acertar aqui — instruiu ele, batendo um dedo calejado no trecho de pele já roxo do arco entre meu

mindinho e o anelar — causará mais danos a você que a seu oponente. Tem sorte de o Attor não querer entrar em uma briga mano a mano.

Estávamos naquilo havia uma hora, repassando os passos básicos do combate corpo a corpo. E pelo visto, eu podia ser boa de caça, com o arco e flecha, mas... usando meu lado esquerdo? Patética. Era tão descoordenada quanto um cervo recém-nascido aprendendo a andar. Socar *e* avançar com o lado esquerdo do corpo ao mesmo tempo era quase impossível, e tropecei em Cassian mais vezes do que o acertei. Os socos com a direita, esses eram fáceis.

— Beba alguma coisa — disse Cassian. — Depois, vamos trabalhar sua musculatura central. Não faz sentido aprender a socar se não pode sequer se equilibrar.

Franzi a testa na direção do som de espadas se chocando no ringue de luta aberto diante de nós.

Azriel, surpreendentemente, tinha voltado do mundo mortal antes do almoço. Mor o interceptou primeiro, mas consegui um relatório em segunda mão com a explicação de Rhys de que ele tinha encontrado algum tipo de barreira em volta do palácio das rainhas e precisara retornar para avaliar o que poderia ser feito a respeito.

Avaliar... e ficar deprimido, ao que parecia, pois Azriel mal conseguira me dar um oi educado antes de começar a lutar com Rhysand, o rosto sombrio e tenso. Estavam naquilo havia uma hora, as lâminas finas eram como lampejos de mercúrio conforme os dois se moviam em círculos. Imaginei se era para praticar ou para que Rhys ajudasse o mestre-espião a se livrar da frustração.

Em algum momento desde que eu olhara pela última vez, apesar do dia ensolarado de inverno, os dois tinham tirado os casacos de couro e as camisas.

Os braços bronzeados e musculosos estavam cobertos do mesmo tipo de tatuagens que adornavam minha mão e meu antebraço, o nanquim fluía pelos ombros e por cima dos músculos peitorais esculturais. Entre as asas, uma linha de

tatuagens descia pela coluna vertebral, bem abaixo de onde os feéricos tipicamente prendiam as lâminas.

— Recebemos as tatuagens quando somos iniciados como guerreiros illyrianos, para dar sorte e glória no campo de batalha — explicou Cassian, seguindo meu olhar. Duvidava de que Cassian estivesse se deleitando com o restante da imagem, no entanto: os músculos do estômago de ambos reluzindo com suor à luz do sol, a contração dos músculos das poderosas coxas, a força delineada nas costas, cercando aquelas asas poderosas, lindas.

Morte em asas ágeis.

O título surgiu do nada, e, por um momento, vi a pintura que eu criaria: a escuridão daquelas asas, fracamente iluminadas por linhas de vermelho e dourado sob o radiante sol do inverno, o brilho das lâminas, a severidade das tatuagens contra a beleza dos rostos...

Pisquei, e a imagem sumiu como uma nuvem de hálito quente em uma noite fria.

Cassian indicou os irmãos com o queixo.

— Rhys está fora de forma e não admite, mas Azriel é educado demais para espancá-lo até cair na terra.

Rhys parecia qualquer coisa, menos fora de forma. Que o Caldeirão me cozinhasse, que diabo eles *comiam* para ter aquela aparência?

Meus joelhos tremeram um pouco quando caminhei até o banquinho ao qual Cassian tinha levado uma jarra de água e dois copos. Eu me servi de um, e meu mindinho tremia descontroladamente de novo.

Minha tatuagem, percebi, tinha sido feita com marcas illyrianas. Talvez fosse a forma do próprio Rhys de me desejar sorte e glória enquanto enfrentava Amarantha.

Sorte e glória. Não me importaria de um pouco de cada ultimamente.

Cassian encheu um copo para si e brindou comigo, bem diferente do brutal mestre de lutas que, momentos antes, me fizera caminhar em meio a socos, golpear

suas almofadas de treino e tentar não desabar no chão implorando pela morte. Bem diferente do macho que enfrentara minha irmã, incapaz de resistir a se testar contra o espírito de aço e chamas de Nestha.

— Então — falou Cassian, tomando a água. Atrás de nós, Rhys e Azriel se chocaram, se separaram e se chocaram de novo. — Quando vai falar sobre como escreveu uma carta a Tamlin dizendo a ele que partiu de vez?

A pergunta me acertou tão cruelmente que disparei:

— Que tal quando você falar sobe como provoca e implica com Mor para esconder o que quer que sente por ela? — Porque eu não tinha dúvidas de que Cassian estava bastante ciente do papel que tinha no pequeno triângulo amoroso deles.

O som de passos estalando e lâminas se chocando atrás de nós parou... então retornou.

Cassian soltou uma risada sobressaltada e áspera.

— Notícia velha.

— Tenho a sensação de que é isso o que ela provavelmente diz sobre você.

— Volte para o ringue — mandou Cassian, apoiando o copo vazio. — Nada de exercícios para a musculatura central. Apenas punhos. Quer ser engraçadinha, então aprenda se defender.

Mas a pergunta que Cassian tinha feito tomou conta de minha mente. *Você partiu de vez; você partiu de vez; você partiu de vez.*

Eu tinha... sido sincera. Mas sem saber o que ele achava, se ele se importaria tanto... Não, eu sabia que ele se importaria. Provavelmente tinha destruído a mansão num ataque de ódio.

Se a simples menção a Tamlin de que ele estava me sufocando o fizera destruir o escritório, então, aquilo... Eu tinha ficado com medo daqueles ataques de puro ódio, intimidada por eles. E aquilo fora amor... eu o amara tão profundamente, tão imensamente, mas...

— Rhys contou a você? — perguntei.

Cassian teve a sabedoria de parecer um pouco nervoso diante da expressão em meu rosto.

— Ele informou a Azriel, que está... monitorando as coisas e precisa saber. Az me contou.

— Presumo que tenha sido enquanto estavam fora bebendo e dançando. — Entornei o resto da água e voltei para o ringue.

— Ei! — chamou Cassian, segurando meu braço. Os olhos de avelã estavam mais esverdeados que marrons naquele dia. — Desculpe. Não quis atingir um nervo. Az só me contou porque contei a ele que *eu* precisava saber para minhas forças; saber o que esperar. Nenhum de nós... não achamos que é uma piada. Você tomou uma decisão difícil. Uma decisão muito difícil. Foi só uma tentativa imbecil minha de tentar ver se você precisava fala sobre isso. Desculpe — repetiu Cassian, deixando o assunto de lado.

As palavras trôpegas, a sinceridade nos olhos dele... Assenti quando retomei meu lugar.

— Tudo bem.

Embora Rhysand continuasse lutando com Azriel, eu podia jurar que seus olhos estavam em mim — desde o momento em que Cassian fizera aquela pergunta.

Cassian enfiou as mãos nas almofadas de treino e as ergueu.

— Trinta séries de dois socos cada; depois, quarenta; depois, cinquenta. — Fiz um gesto de sofrimento para ele por cima das almofadas enquanto enfaixava as mãos. — Não respondeu minha pergunta — falou Cassian, com um sorriso hesitante, um que eu duvidava que seus soldados ou os irmãos illyrianos jamais viam.

Aquilo tinha sido amor, e eu tinha sido sincera; a felicidade, o desejo, a paz... Senti todas essas coisas. Um dia.

Posicionei as pernas e ergui as mãos até a altura do rosto.

Mas talvez essas coisas tivessem me cegado também.

Talvez tivessem sido como um cobertor sobre meus olhos no que dizia respeito ao temperamento. A necessidade de controle, a necessidade de proteger que era tão profunda a ponto de Tamlin me trancafiar. Como uma prisioneira.

— Estou bem — assegurei, avançando e socando com o lado esquerdo. Fluida, suave como seda, como se meu corpo imortal tivesse, por fim, se alinhado.

Meu punho se chocava contra a almofada de treino de Cassian, retornando tão rápido quanto a mordida de uma cobra quando golpeei com o lado direito, o ombro e o pé girando.

— Um — contou Cassian. De novo, golpeei, um-dois. — Dois. E bem é bom... bem é ótimo.

De novo e de novo.

Nós dois sabíamos que "bem" era uma mentira.

Eu tinha feito tudo... *tudo* por aquele amor. Tinha me despedaçado, tinha matado inocentes e me degradado, e ele tinha se *sentado* ao lado de Amarantha naquele trono. E não conseguira fazer nada, não arriscara; não arriscara ser pego até que restasse uma noite, e tudo que ele quis fazer não foi me libertar, mas trepar comigo e...

De novo e de novo e de novo. Um-dois; um-dois; um-dois...

E quando Amarantha me destruiu, quando ela partiu meus ossos e fez meu sangue ferver nas veias, ele apenas se ajoelhou e implorou a ela. Não tentou matá-la, não rastejou por mim. Sim, lutou por mim... mas eu lutei mais por ele.

De novo, de novo, de novo, cada soco de meus punhos nas almofadas de treino eram uma pergunta e uma resposta.

E ele teve a ousadia, depois que seus poderes retornaram, de me jogar em uma jaula. A *ousadia* de dizer que eu não era mais útil; eu deveria ficar enclausurada para a paz de espírito *dele*. Tamlin me dera tudo de que eu precisava para me tornar quem era, me sentir segura, e, quando conseguiu o que quis, quando conseguiu o poder de volta, as terras de volta... parou de tentar. Ainda era bom, ainda era Tamlin, mas estava simplesmente... errado.

Então, comecei a chorar entre os dentes trincados, as lágrimas lavando aquela ferida infeccionada, e não me importei que Cassian estivesse ali, ou Rhys, ou Azriel.

O choque das lâminas cessou.

Depois, meus punhos se chocaram contra pele exposta, e percebi que tinha socado até rasgar as almofadas de treino — não, *queimara* as almofadas e...

E parei também.

As faixas em minhas mãos eram agora meros borrões de fuligem. As palmas erguidas de Cassian ainda estavam diante de mim — prontas para receber o golpe se eu precisasse dá-lo.

— Estou bem — disse ele, em voz baixa. Com suavidade.

E talvez eu estivesse exausta e partida, mas sussurrei:

— Eu os matei.

Não tinha dito as palavras em voz alta desde que acontecera.

Os lábios de Cassian se contraíram.

— Eu sei. — Nem reprimenda, nem parabéns. Mas compreensão sombria.

Minhas mãos relaxaram quando outro soluço percorreu meu corpo.

— Deveria ter sido eu.

E lá estava.

Bem ali, sob o céu limpo, o sol de inverno em minha cabeça, nada ao meu redor, exceto rocha, nenhuma sombra na qual me esconder, nada a que me agarrar... Lá estava.

Então, a escuridão deslizou para mim, escuridão tranquilizadora, suave — não, sombras — e um corpo masculino coberto de suor parou diante de mim. Dedos carinhosos ergueram meu queixo até que eu olhasse para cima... para o rosto de Rhysand.

As asas de Rhys nos envolveram, nos encasularam, a luz do sol projetou a membrana em dourado e vermelho. Além de nós, do lado de fora, em outro mundo, talvez, os sons de aço contra aço — Cassian e Azriel lutando — começaram.

— Você vai sentir isso todos os dias pelo resto da vida — disse Rhysand. De tão perto, eu conseguia sentir o cheiro de suor nele, o cheiro de mar e algo cítrico por baixo. Os olhos de Rhys eram suaves. Tentei virar o rosto, mas ele segurou meu queixo. — E sei disso porque eu me sinto assim todos os dias desde que minha mãe e minha irmã foram assassinadas e precisei enterrá-las eu mesmo, e nem mesmo a vingança consertou as coisas. — Rhysand limpou as lágrimas em uma bochecha, depois, outra. — Pode deixar que isso a destrua, deixar que a leve à morte, como quase fez com a Tecelã, ou pode aprender a viver com isso.

Por um longo momento, apenas encarei o rosto sincero e calmo — talvez o verdadeiro rosto de Rhys, aquele por baixo de todas as máscaras que ele usava para manter o povo a salvo.

— Sinto muito... por sua família — murmurei, a voz rouca.

— Sinto muito por não ter encontrado uma forma de poupá-la do que aconteceu Sob a Montanha — disse Rhys, igualmente baixo. — De morrer. De *querer* morrer. — Comecei a sacudir a cabeça, mas Rhys falou: — Tenho dois tipos de pesadelos: aqueles em que sou mais uma vez a vadia de Amarantha ou meus amigos são... E aqueles em que ouço seu pescoço estalar e vejo a luz deixar seus olhos.

Não tive resposta para aquilo... para o tom da voz intensa e grave. Então, examinei as tatuagens no peito e nos braços de Rhysand, o brilho da pele bronzeada, tão dourada agora que não estava mais enjaulado dentro daquela montanha.

Parei o escrutínio quando cheguei aos músculos em forma de "V" que surgiam da parte de baixo da cintura de sua calça de couro. Em vez disso, flexionei a mão diante do corpo, e minha pele estava quente com o calor que havia queimado aquelas almofadas.

— Ah — disse Rhysand, e as asas retornaram conforme ele as recolheu graciosamente atrás do corpo. — Isso.

Semicerrei os olhos com a inundação da luz do sol.

— Corte Outonal, certo?

Rhys pegou minha mão, examinando-a, a pele já estava ferida devido à luta.

— Certo. Um presente de seu Grão-Senhor, Beron.

O pai de Lucien. Lucien... Imaginei o que ele achava daquilo tudo. Se sentia minha falta. Se Ianthe continuava... caçando Lucien.

Ainda lutando, Cassian e Azriel estavam fazendo o melhor para não parecer que bisbilhotavam.

— Não sou bem versado nas complexidades dos dons elementares de outros Grão-Senhores — explicou Rhys. — Mas podemos descobrir, um dia após o outro, se for preciso.

— Se você é o Grão-Senhor mais poderoso da história... será que isso quer dizer que a gota que recebi de você tem mais força que as dos demais? — Por que eu tinha conseguido entrar na mente dele daquela vez?

— Tente. — Rhys inclinou o queixo em minha direção. — Veja se consegue conjurar a escuridão. Não vou pedir que tente atravessar — acrescentou, com um sorriso.

— Não sei como fiz isso, para início de conversa.

— Deseje que tome vida.

Eu o encarei inexpressivamente.

Rhys deu de ombros.

— Tente pensar em mim, em como sou bonito. Quanto sou talentoso...

— Quanto é arrogante.

— Isso também. — Rhys cruzou os braços sobre o peito nu, e o movimento fez os músculos de seu estômago se contraírem.

— Aproveite e coloque uma camisa — provoquei.

Um sorriso felino.

— Isso a deixa desconfortável?

— Fico surpresa por não haver mais espelhos nesta casa, pois você parece amar tanto se olhar.

Azriel teve um ataque de tosse. Cassian apenas se virou com a mão tapando a boca.

Os lábios de Rhys se contraíram.

— Aí está a Feyre que adoro.

Fiz uma careta, mas fechei os olhos e tentei olhar para dentro — na direção de qualquer canto escuro que eu pudesse encontrar. Havia muitos.

Até demais.

E no momento... no momento cada um deles continha a carta que eu tinha escrito no dia anterior.

Uma despedida.

Por minha sanidade, por *minha* segurança...

— Há tipos diferentes de escuridão — falou Rhys. Mantive os olhos fechados. — Há a escuridão que assusta, a escuridão que acalma, a escuridão do descanso. — Visualizei cada uma. — Há a escuridão dos amantes, e a escuridão dos assassinos. Ela se torna o que o portador deseja que seja, precisa que seja. Não é completamente ruim ou boa.

Só vi a escuridão da cela daquele calabouço; a escuridão do covil do Entalhador de Ossos.

Cassian xingou, mas Azriel murmurou um desafio baixinho que fez suas lâminas se chocarem novamente.

— Abra os olhos. — Abri.

E encontrei escuridão ao meu redor. Não de mim... mas de Rhys. Como se o ringue de luta tivesse sido varrido, como se o mundo ainda estivesse para começar.

Silenciosa.

Suave.

Pacífica.

Luzes começaram a piscar: pequenas estrelas, íris fluorescentes de azul e roxo e branco. Estendi a mão na direção de uma, e luz estelar dançou nas pontas de meus

dedos. Bem longe, em outro mundo talvez, Azriel e Cassian lutavam na escuridão, sem dúvida usando-a como exercício de treinamento.

Movi a estrela entre meus dedos, como uma moeda na mão de um mágico. Ali, na escuridão tranquilizadora e reluzente, um fôlego apaziguador preencheu meus pulmões.

Não conseguia me lembrar da última vez que tinha feito tal coisa. Respirara com facilidade.

Então, a escuridão se partiu e sumiu, mais ágil que fumaça ao vento. Eu me vi piscando de novo no sol ofuscante, com o braço ainda estendido, Rhysand ainda diante de mim.

Ainda sem camisa.

Ele falou:

— Podemos trabalhar nisso depois. Por enquanto. — Rhys cheirou. — Vá tomar um banho.

Mostrei a ele um gesto particularmente vulgar... e pedi que Cassian voasse comigo para casa em vez de Rhys.

Capítulo 31

— Não dance muito na ponta dos pés — disse Cassian para mim quatro dias depois, enquanto passávamos a habitual tarde morna no ringue de treino. — Pés plantados, adagas em punho. Olhos nos meus. Se estivesse em um campo de batalha, estaria morta com aquele movimento.

Amren riu com escárnio enquanto limpava as unhas sentada em uma espreguiçadeira.

— Ela ouviu das primeiras dez vezes que você falou, Cassian.

— Continue falando, Amren, e vou arrastá-la para o ringue e ver o quanto realmente tem praticado.

Amren apenas continuou limpando as unhas; com um osso minúsculo, percebi.

— Me toque, Cassian, e vou arrancar sua parte preferida. Por menor que seja.

Ele soltou uma risada grave. De pé entre os dois no ringue de treino no alto da Casa do Vento, uma adaga em cada mão, suor escorrendo por meu corpo, me

perguntei se deveria encontrar uma forma de fugir. Talvez atravessar... embora não tivesse conseguido fazer isso de novo desde aquela manhã no reino mortal, apesar de meus esforços silenciosos na privacidade do quarto.

Quatro dias daquilo: treinando com Cassian, então trabalhando com Rhys em tentar conjurar chamas ou escuridão. Não era surpresa que eu tivesse progredido mais com o primeiro.

Ainda não tinham chegado notícias da Corte Estival. Ou da Corte Primaveril, com relação a minha carta. Eu não sabia se aquilo era bom. Azriel continuou com sua tentativa de se infiltrar nas cortes das rainhas humanas, a rede de espiões agora buscava uma posição para entrar. O fato de ele ainda não ter conseguido o deixara mais silencioso que o normal... mais frio.

Os olhos prateados de Amren se ergueram das unhas.

— Que bom. Pode brincar com ela.

— Brincar com quem? — indagou Mor, saindo das sombras do vão das escadas.

As narinas de Cassian se dilataram.

— Aonde foi na outra noite? — perguntou ele a Mor, sem sequer um aceno de cumprimento. — Não a vi sair do Rita's. — O salão que frequentavam para beber e festejar.

Eles tinham me arrastado para fora duas noites antes, e passei a maior parte do tempo sentada na mesa, me demorando com o vinho, falando por cima da música com Azriel, que chegara com vontade de ficar remoendo suas preocupações, mas relutantemente me acompanhou em ver Rhys fazer a corte no bar. Fêmeas e machos seguiam Rhysand pelo salão... e o encantador de sombras e eu fizemos um jogo, apostando em quem, exatamente, teria coragem de convidar o Grão-Senhor até a casa.

Não foi surpresa que Az tivesse vencido todas as partidas. Mas ao menos estava sorrindo no fim da noite... para a felicidade de Mor quando ela voltou cambaleando

para nossa mesa, a fim de entornar outra bebida antes de deslizar de volta à pista de dança.

Rhys não aceitou nenhuma das ofertas feitas, não importava o quanto fossem belos, o quanto sorrissem e gargalhassem. E as recusas eram educadas; firmes, mas educadas.

Será que tinha estado com alguém desde Amarantha? Será que *queria* outra pessoa em sua cama depois de Amarantha? Mesmo o vinho não me dera coragem para perguntar a Azriel a respeito.

Mor, ao que parecia, ia ao Rita's mais que qualquer um — praticamente morava ali, na verdade. Ela deu de ombros diante da pergunta de Cassian, e outra espreguiçadeira como a de Amren surgiu.

— Eu só... saí — respondeu ela, sentando-se.

— Com quem? — insistiu Cassian.

— Da última vez que verifiquei — disse Mor, recostando-se na cadeira — não recebia ordens de você, Cassian. Ou me reportava a você. Então, onde eu estava e com quem estava não é da porcaria de sua conta.

— Também não contou a Azriel.

Parei, sopesando aquelas palavras, os ombros rígidos de Cassian. Sim, havia alguma tensão entre ele e Mor que resultara naquela implicância, mas... talvez... talvez Cassian aceitasse o papel de amortecedor não para mantê-los separados, mas para evitar que o encantador de sombras se ferisse. Que se tornasse *notícia velha*, como eu o tinha chamado.

Cassian finalmente se lembrou de que eu estava parada diante dele, reparou no olhar de compreensão em meu rosto e me deu um de aviso em troca. Justo.

Dei de ombros e tomei um momento para apoiar as adagas e recuperar o fôlego. Por um segundo, desejei que Nestha estivesse ali, apenas para ver os *dois* se bicarem. Não tínhamos ouvido nada de minhas irmãs ou das rainhas mortais. Imaginei quando mandaríamos outra carta, ou tentaríamos outro caminho.

— Por que, exatamente — disse Cassian a Amren e Mor, sem sequer se dar o trabalho de tentar soar agradável —, vocês, *damas*, estão aqui?

Mor fechou os olhos quando inclinou a cabeça para trás, deixando o sol bater no rosto dourado com a mesma irreverência da qual Cassian talvez tentasse proteger Azriel; e a própria Mor talvez tentasse proteger Azriel de si mesma também.

— Rhys virá em alguns momentos para nos dar notícias, aparentemente. Amren não lhe disse?

— Esqueci — comentou Amren, ainda limpando as unhas. — Estava me divertindo demais vendo Feyre fugir das técnicas infalíveis de Cassian para conseguir com que as pessoas façam o que ele quer.

As sobrancelhas de Cassian se ergueram.

— Você está aqui há uma *hora*.

— Ops! — exclamou Amren.

Cassian ergueu as mãos.

— Levante da cadeira e pague vinte flexões...

Um grunhido cruel e sobrenatural o interrompeu.

Mas Rhys desceu as escadas e não pude decidir se deveria me sentir aliviada ou desapontada porque a luta Cassian *versus* Amren foi tão subitamente interrompida.

Ele estava com as roupas finas, não o couro de luta, as asas fora de vista. Rhys olhou para todos, para mim, para as adagas que eu tinha deixado na terra, e depois disse:

— Desculpe interromper quando as coisas ficavam interessantes.

— Felizmente, para as bolas de Cassian — disse Amren, aninhando-se de volta na espreguiçadeira —, você chegou na hora certa.

Cassian deu um grunhido fraco para ela.

Rhys gargalhou e disse para nenhum de nós em especial:

— Prontos para tirar umas férias de verão?

— A Corte Estival convidou você? — Quis saber Mor.

— É claro que sim. Feyre, Amren e eu vamos amanhã.

Apenas nós três? Cassian pareceu pensar o mesmo, as asas farfalharam quando cruzou os braços e encarou Rhys.

— A Corte Estival é cheia de tolos esquentados e canalhas arrogantes — avisou ele. — Eu deveria ir junto.

— Você se encaixaria direitinho — cantarolou Amren. — É uma pena que não vai mesmo assim.

Cassian apontou o dedo para ela.

— Cuidado, Amren.

Ela exibiu os dentes em um sorriso malicioso.

— Acredite em mim, prefiro não ir também.

Fechei a boca para conter um sorriso ou uma careta, não sabia qual.

Rhys esfregou as têmporas.

— Cassian, considerando o fato de que da última vez que visitou, não acabou bem...

— Eu destruí *um* prédio...

— *E* — interrompeu Rhys. — Considerando que morrem de medo da doce Amren, *ela* é a escolha mais sábia.

Eu não sabia se havia alguém vivo que *não* morria de medo de Amren.

— Poderia facilmente ser uma armadilha — insistiu Cassian. — Quem pode dizer que o atraso na resposta não foi porque estão contatando nossos inimigos para fazer uma emboscada?

— É por isso *também* que Amren vai — explicou Rhys, simplesmente.

Amren franzia a testa; entediada e irritada.

Rhys continuou, casualmente demais:

— Há também muito tesouro que pode ser encontrado na Corte Estival. Se o Livro estiver escondido, Amren, você pode encontrar outros objetos de que gostará.

— Merda! — xingou Cassian, erguendo as mãos de novo. — Sério, Rhys? Já é ruim o bastante que vamos furtar deles, mas roubar descaradamente...

— Rhysand *tem* razão — ponderou Amren. — O Grão-Senhor deles é jovem e inexperiente. Duvido que tenha tido muito tempo para catalogar o tesouro herdado desde que foi nomeado Sob a Montanha. Duvido que saiba que tem algo faltando. Muito bem, Rhysand... Estou dentro.

Não era mesmo melhor que um dragão cuspidor de fogo guardando o tesouro. Mor me lançou um olhar secreto, sutil, que comunicava o mesmo, e engoli uma risada.

Cassian começou a protestar de novo, mas Rhys disse, baixinho:

— Vou precisar de você, não de Amren, no reino humano. A Corte Estival o baniu pela eternidade, e, embora sua presença servisse como uma boa distração enquanto Feyre faz o que precisa, poderia levar a mais problemas do que vale a pena.

Enrijeci o corpo. O que eu precisava fazer... ou seja, rastrear aquele Livro dos Sopros e roubá-lo. Feyre, Quebradora da Maldição... e ladra.

— Apenas fique calmo, Cassian — disse Amren, com os olhos um pouco distantes, pois sem dúvida imaginava o tesouro que poderia roubar da Corte Estival. — Ficaremos bem sem sua arrogância e sem que saia grunhindo para todos. O Grão-Senhor deles deve um favor a Rhys por lhe ter salvado a vida Sob a Montanha, e por ter guardado seus segredos.

As asas de Cassian estremeceram, mas Mor se intrometeu:

— E o Grão-Senhor provavelmente também quer saber qual é nossa posição no conflito iminente.

As asas de Cassian se acalmaram de novo. Ele inclinou o queixo para mim.

— Feyre, no entanto... Uma coisa é tê-la aqui, mesmo quando todos sabem. Outra coisa é levá-la para uma corte diferente e apresentá-la como um membro da sua.

A mensagem que aquilo mandaria para Tamlin. Como se minha carta não bastasse.

Mas Rhys tinha terminado. Ele inclinou a cabeça para Amren e caminhou até o portal em arco. Cassian avançou um passo, mas Mor ergueu a mão.

— Esqueça — murmurou ela. Cassian a olhou com raiva, mas obedeceu.

Tomei isso como uma chance de seguir Rhys, a escuridão quente dentro da Casa do Vento me cegava. Meus olhos feéricos se ajustaram rapidamente, mas, durante os primeiros passos pelo estreito corredor, segui Rhys apenas pela memória.

— Mais alguma armadilha da qual eu deva saber antes de partirmos amanhã? — perguntei às costas dele.

Rhys olhou por cima do ombro, parando no alto da plataforma das escadas.

— E aqui estava eu, pensando que seus bilhetes na outra noite indicavam que me perdoara.

Prestei atenção àquele meio sorriso, ao peito que eu talvez tivesse sugerido que lamberia, e para o qual evitara olhar durante os últimos quatro dias, e parei a uma distância segura.

— Era de se pensar que um Grão-Senhor teria coisas mais importantes a fazer que passar bilhetinhos de um lado para outro à noite.

— Tenho coisas mais importantes a fazer — ronronou Rhys. — Mas acho que sou incapaz de resistir à tentação. Da mesma forma que você não pode resistir a me observar sempre que saímos. Tão ciumenta.

Minha boca ficou um pouco seca. Mas... flertar com ele, lutar com ele... Era fácil. Divertido.

Talvez eu merecesse aquelas duas coisas.

Então, encurtei a distância entre nós, passei suavemente por Rhys e falei:

— *Você* não consegue ficar longe de mim desde o Calanmai, ao que parece.

Algo ondulou nos olhos de Rhysand, algo que não identifiquei, mas ele deu um peteleco em meu nariz... com tanta força que eu sibilei e bati em sua mão.

— Mal posso esperar para ver o que essa sua língua afiada pode fazer na Corte Estival — disse Rhys, com o olhar fixo em minha boca, e se dissipou na sombra.

Capítulo 32

No fim das contas, apenas Amren e eu nos juntamos a Rhys; Cassian fracassara em convencer o Grão-Senhor, Azriel ainda estava fora, supervisionando sua rede de espiões e investigando o reino humano, e Mor fora incumbida de cuidar de Velaris. Rhys atravessaria conosco direto para Adriata, a cidade-castelo da Corte Estival — e ali nós ficaríamos, por quanto tempo fosse necessário para que eu detectasse e então roubasse a primeira metade do Livro.

Como o mais novo bicho de estimação de Rhys, eu teria direito a passeios pela cidade e a me hospedar na residência pessoal do Grão-Senhor. Se tivéssemos sorte, nenhum deles perceberia que o cachorrinho de Rhys na verdade era um cão de caça.

E era um disfarce muito, muito bom.

Rhys e Amren estavam no saguão da casa no dia seguinte, o sol abundante da manhã entrava pelas janelas e cobria o tapete ornamentado. Amren usava os habituais tons de cinza — a calça larga com cós logo abaixo do umbigo, a blusa

esvoaçante curta o suficiente para mostrar um trecho ínfimo de pele no tronco. Tão atraente quanto um mar calmo sob um céu de tempestade.

Rhys estava de preto da cabeça aos pés, acentuado pelo bordado prateado... nenhuma asa. O macho contido e sofisticado que eu conhecera. Sua máscara preferida.

Para mim, escolhi um vestido lilás esvoaçante, as saias oscilando a um vento inexistente, sob o cinto encrustado de prata e pérolas. Flores noturnas prateadas combinando foram bordadas a partir da bainha, roçando minhas coxas, e algumas mais se entrelaçavam pelas dobras de meus ombros. O vestido perfeito para combater o calor da Corte Estival.

O vestido farfalhou e suspirou conforme desci os dois últimos lances de escada até o saguão. Rhys me observou com um olhar longo e indecifrável, desde os pés em sandálias de prata até o cabelo preso pela metade. Nuala cacheara as mechas que tinham sido deixadas para baixo — cachos macios e leves que ressaltavam o dourado em meus cabelos.

Rhys apenas disse:

— Bom. Vamos.

Minha boca se abriu, mas Amren explicou com um sorriso amplo e felino:

— Ele está irritadinho esta manhã.

— Por quê? — perguntei, observando Amren pegar a mão de Rhys, e os dedos delicados pareciam encolher nos dele. Rhys estendeu a outra mão para mim.

— Porque — respondeu Rhys por Amren — fiquei fora até tarde com Cassian e Azriel e eles me limparam nas cartas.

— Mau perdedor? — Segurei a mão dele. Os calos de Rhys arranharam os meus, o único lembrete do guerreiro treinado sob as roupas e a máscara.

— Eu sou quando meus irmãos se juntam contra mim — murmurou Rhys. Ele não ofereceu aviso antes de sumir em um vento da meia-noite; então...

Eu estava semicerrando os olhos diante do sol incandescente em um mar turquesa, ao mesmo tempo que tentava reorganizar meu corpo sob o calor seco e

sufocante, mesmo com a brisa refrescante da água.

Pisquei algumas vezes... e foi o máximo de reação que me permiti mostrar quando me desvencilhei da mão de Rhys.

Parecíamos estar de pé em uma plataforma de pouso na base de um palácio de pedra, o próprio prédio ficava empoleirado no alto de uma ilha-montanha, no coração de uma baía em meia-lua. A cidade se estendia ao redor e abaixo de nós, na direção daquele mar reluzente; os prédios eram todos feitos daquela pedra, ou brilhavam com um material branco que podia ser coral ou pérola. Gaivotas sobrevoavam os muitos torreões e pináculos, nenhuma nuvem acima delas, nada com elas na brisa, além de ar salgado e dos ruídos da cidade abaixo.

Várias pontes conectavam a ilha tumultuada à massa de terra maior que a circundava em três lados, e uma delas se erguia no momento para que um navio de muitos mastros pudesse atravessar. De fato, havia mais navios do que eu podia contar; alguns navios comerciais, alguns de pesca e alguns, ao que parecia, transportavam pessoas da cidade na ilha para o continente cujo litoral inclinado estava abarrotado de mais prédios, mais pessoas.

Mais pessoas como a meia dúzia diante de nós, emolduradas por um par de portas de vidro marinho que se abria para o próprio palácio. Em nossa pequena varanda, não havia rota de fuga, nenhum caminho além de atravessar... ou passar pelas portas. Ou, imaginei, o mergulho que nos esperava em direção aos telhados vermelhos das lindas casas 30 metros abaixo.

— Bem-vindos a Adriata — disse o macho alto no centro do grupo.

E eu o conhecia... me lembrava dele.

Não pela memória. Eu já me lembrara de que o belo Grão-Senhor da Corte Estival tinha pele marrom exuberante, cabelos brancos e olhos de um azul-turquesa impressionantes. Já me lembrara de que ele tinha sido obrigado a assistir enquanto a mente de um de seus cortesãos era invadida e, então, a vida deste era extinguida por Rhysand. E Rhysand mentira para Amarantha a respeito do que tinha descoberto, e poupara o homem de um destino talvez pior que a morte.

Não; no momento eu me lembrava do Grão-Senhor da Corte Estival de uma forma que não podia explicar, como se algum fragmento meu soubesse que tinha vindo dele, daquele lugar. Como se algum pedaço meu dissesse: *eu lembro, eu lembro, eu lembro. Somos iguais, você e eu.*

Rhys apenas cantarolou:

— Bom ver você de novo, Tarquin.

As outras cinco pessoas atrás do Grão-Senhor da Corte Estival trocaram expressões de severidade diversa. Como o senhor delas, tinham a pele escura, os cabelos em tons de branco ou prata, como se tivessem vivido sob o sol forte a vida inteira. Os olhos, no entanto, eram de todas as cores. E agora se moviam de mim para Amren.

Rhys colocou uma das mãos no bolso e gesticulou com a outra para Amren.

— Acho que conhece Amren. Embora não a tenha visto desde sua... promoção. — Uma graciosidade fria e calculista, com uma pontada de severidade.

Tarquin deu o mais breve aceno de cabeça para Amren.

— Bem-vinda de volta à cidade, senhora.

Amren não assentiu, não fez reverência, sequer uma cortesia. Ela olhou Tarquin de cima a baixo, alto e musculoso, com as roupas verde-mar, azul e dourado, e falou:

— Pelo menos você é muito mais bonito que seu primo. Olhar para ele feria os olhos. — Uma fêmea atrás de Tarquin não disfarçou a expressão de ódio. Os lábios vermelhos de Amren sorriram. — Minhas condolências, é claro — acrescentou ela, com tanta sinceridade quanto uma cobra.

Maliciosos, cruéis; era o que Amren e Rhys eram... O que *eu* deveria ser para aquelas pessoas.

Rhys gesticulou para mim.

— Não acredito que vocês dois tenham sido formalmente apresentados Sob a Montanha. Tarquin, Feyre. Feyre, Tarquin. — Rhys não mencionou nenhum título ali, ou para irritá-los, ou porque os achava um desperdício de fôlego.

Os olhos de Tarquin — de um azul-cristal tão espantoso — se fixaram em mim.

Eu me lembro de você, eu me lembro de você, eu me lembro de você.

O Grão-Senhor não sorriu.

Mantive o rosto neutro, vagamente entediado.

O olhar de Tarquin desceu até meu peito, a pele nua revelada pelo decote acentuado do vestido, como se ele pudesse ver para onde aquela faísca de vida, o poder dele, tinha ido.

Rhys acompanhou aquele olhar.

— Os seios dela *são* espetaculares, não são? Deliciosos como maçãs maduras.

Lutei contra a vontade de fazer uma careta, e, em vez disso, voltei minha atenção para ele, com a mesma indolência com que Rhys olhara para mim, para os demais.

— E aqui estava eu pensando que você tinha uma fascinação por minha boca.

Surpresa satisfeita iluminou os olhos de Rhys, surgiu e se foi em um segundo.

Nós dois viramos de volta para os anfitriões, ainda com expressões petrificadas e costas rígidas.

Tarquin pareceu calcular o ar entre meus companheiros e eu, e então falou, com cautela:

— Você tem uma história a contar, parece.

— Temos muitas histórias a contar — avisou Rhys, indicando com o queixo as portas de vidro atrás deles. — Então, por que não ficarmos confortáveis?

A fêmea que estava meio passo atrás de Tarquin se aproximou.

— Temos bebidas prontas.

Tarquin pareceu se lembrar dela e colocou a mão no ombro magro da mulher.

— Cresseida, princesa de Adriata.

A governante da capital ou esposa de Tarquin? Não havia anel nos dedos de nenhum deles, e não reconheci Cresseida de Sob a Montanha. O cabelo longo e prateado soprava sobre o lindo rosto à brisa salgada, e não confundi a luz nos olhos castanhos da mulher com qualquer outra coisa que não esperteza afiada.

— É um prazer — murmurou Cresseida, com a voz rouca, para mim. — E uma honra.

Meu café da manhã virou chumbo no estômago, mas não deixei que ela visse o efeito que aquelas palavras de reverência tinham sobre mim; não deixei que visse que eram munição. Em vez disso, fiz minha melhor imitação de Rhysand dando de ombros.

— A honra é minha, princesa.

Os outros foram apressadamente apresentados: três conselheiros que supervisionavam a cidade, a corte e o comércio. E, então, um lindo homem de ombros largos chamado Varian, o irmão mais novo de Cresseida, capitão da guarda de Tarquin, príncipe de Adriata. A atenção dele estava fixa somente em Amren, como se soubesse onde estava a maior ameaça. E ficaria feliz em matá-la se tivesse a chance.

Durante o breve período de tempo em que eu conhecia Amren, ela jamais parecera mais encantada.

Fomos levados para um palácio feito de passagens e paredes de conchas, e incontáveis janelas se abriam para a baía e para o continente ou o mar aberto além. Lustres de vidro marinho oscilavam à brisa morna sobre córregos e fontes que jorravam água fresca. Grão-Feéricos — criados e cortesãos — se apressavam além e ao redor deles, a maioria de pele marrom e vestidos em roupas largas e leves, todos preocupados demais com os próprios problemas para notar ou se interessarem por nossa presença. Nenhum feérico inferior cruzou nosso caminho... sequer um.

Eu me mantive um passo atrás de Rhysand conforme ele caminhava ao lado de Tarquin, aquele poder magnífico estava domado e reduzido, e os outros seguiam atrás de nós. Amren permaneceu ao alcance, e me perguntei se ela também deveria ser minha guarda-costas. Tarquin e Rhys conversavam casualmente, ambos já entediados, sobre o iminente Nynsar; sobre as flores nativas que as duas cortes exibiriam para a pequena e breve festividade.

O Calanmai aconteceria logo depois.

Meu estômago se revirou. Se Tamlin estava determinado a seguir a tradição, se eu não estava mais com ele... não me permiti ir tão longe. Não seria justo. Comigo... com ele.

— Temos quatro cidades principais em meu território — disse Tarquin para mim, olhando por cima do ombro musculoso. — Passamos o último mês de inverno e os primeiros meses de primavera em Adriata, que é quando a cidade está em sua melhor forma.

De fato, supus que, com o verão interminável, não havia limite para como se poderia aproveitar o tempo. No campo, ao mar, em uma cidade sob as estrelas... Assenti.

— É muito linda.

Tarquin me encarou por tanto tempo que Rhys falou:

— Os reparos estão indo bem, suponho.

Aquilo chamou a atenção de Tarquin de volta.

— Em grande parte. Ainda resta muito a fazer. A metade posterior do castelo está em ruínas. Mas, como pode ver, terminamos a maior parte do interior. Nós nos concentramos primeiro na cidade, e esses consertos estão em curso.

Amarantha tinha destruído a cidade?

— Espero que nada de valor tenha sido perdido durante a ocupação — disse Rhys.

— Não as coisas mais importantes, graças à Mãe — respondeu Tarquin.

Atrás de mim, Cresseida ficou tensa. Os três conselheiros se afastaram para cuidar de outros afazeres, murmurando uma despedida... com olhares cautelosos na direção de Tarquin. Como se aquela pudesse muito bem ser a primeira vez que ele precisasse bancar o anfitrião e *os conselheiros* estivessem de olho em todos os movimentos do Grão-Senhor.

Tarquin deu a eles um sorriso que não chegou aos olhos, e não respondeu nada mais quando nos levou para uma sala abobadada de carvalho branco e vidro verde — com vista para a abertura da baía e para o mar que se estendia infinitamente.

Eu jamais tinha visto água tão vibrante. Verde e cobalto e cor de meia-noite. E, por um segundo, uma paleta de cores lampejou em minha mente, com o azul e o amarelo e o branco e o preto de que eu poderia precisar para pintar aquilo...

— Esta é minha vista preferida — disse Tarquin, ao meu lado, e percebi que tinha ido até as amplas janelas enquanto os demais haviam se sentado ao redor da mesa de madrepérola. Um punhado de criados empilhava frutas, saladas de folhas e mariscos no vapor em seus pratos.

— Você deve se sentir muito orgulho — falei. — Por ter terras tão deslumbrantes.

Os olhos de Tarquin, tão parecidos com o mar além de nós, se voltaram para mim.

— Como são em comparação às que já viu? — Uma pergunta cuidadosamente elaborada.

Respondi, inexpressivamente:

— Tudo em Prythian é lindo em comparação ao mundo mortal.

— E ser imortal é melhor que ser humana?

Eu conseguia sentir a atenção de todos em nós, mesmo quando Rhys envolveu Cresseida e Varian em uma discussão inútil e acalorada sobre o estado dos mercados de peixes deles. Então, olhei para o Grão-Senhor da Corte Estival de cima a baixo, assim como ele me examinara, indisfarçadamente e sem um pingo de educação, e falei:

— Diga você.

Os olhos de Tarquin se enrugaram.

— Você é uma pérola. Embora eu soubesse disso desde o dia em que atirou aquele osso em Amarantha e sujou de lama seu vestido preferido.

Afastei as lembranças, o terror ofuscante daquela primeira tarefa.

O que ele achava daquele puxão que havia entre nós; será que percebia que era mesmo seu poder, ou achava que era um laço próprio, algum tipo de atração estranha?

E se eu precisasse roubar dele... talvez isso significasse que eu precisava me aproximar.

— Não me lembro de você ser tão bonito Sob a Montanha. A luz do sol e o mar lhe caem bem.

Um macho de posição inferior poderia ter se empertigado. Mas Tarquin era esperto demais para isso, sabia que eu estivera com Tamlin e estava agora com Rhys, e que tinha sido levada até ali. Talvez achasse que eu não era melhor que Ianthe.

— Como, exatamente, você se encaixa na corte de Rhysand?

Uma pergunta direta, depois de tantas voltas, para sem dúvida me desconcentrar.

Quase funcionou; eu quase admiti: "*Não sei*", mas Rhys falou, da mesa, como se tivesse ouvido cada palavra:

— Feyre é um membro de meu Círculo Íntimo. E é minha Emissária nas Terras Mortais.

Cresseida, sentada ao lado de Rhysand, falou:

— Tem muito contato com o mundo mortal?

Tomei aquilo como um convite para me sentar... e fugir do olhar carregado demais de Tarquin. Um assento tinha sido deixado vago para mim ao lado de Amren, diante de Rhys.

O Grão-Senhor da Corte Noturna cheirou o vinho — branco, espumante —, e me perguntei se estava tentando irritá-los ao insinuar que o vinho tinha sido envenenado quando falou:

— Prefiro estar pronto para cada situação potencial. E, considerando que Hybern parece determinada a se tornar um aborrecimento, abrir o diálogo com os humanos pode ser de nosso interesse.

Varian desviou a atenção de Amren por tempo suficiente para dizer, grosseiramente:

— Então, foi confirmado mesmo? Hybern está se preparando para a guerra.

— Já terminaram de se preparar — revelou Rhys, por fim tomando o vinho. Amren não tocou no prato, embora tivesse remexido a comida, como sempre fazia. Imaginei o que, ou quem, ela comeria enquanto estivesse ali. Varian parecia um bom palpite. — A guerra é iminente.

— Sim, você mencionou na carta — falou Tarquin, reivindicando um assento à cabeceira da mesa entre Rhys e Amren. Um movimento ousado, se colocar entre dois seres tão poderosos. Arrogância ou uma tentativa de amizade? O olhar de Tarquin, de novo, se voltou para mim antes de se concentrar em Rhys. — E você sabe que contra Hybern nós lutaremos. Perdemos muita gente boa Sob a Montanha. Não tenho interesse em que viremos escravos de novo. Mas, se está aqui para me pedir que lute em outra guerra, Rhysand...

— Isso não é uma possibilidade — interrompeu Rhys, suavemente. — E nem mesmo passou por minha mente.

Meu vislumbre de confusão deve ter transparecido, pois Cresseida me disse, cantarolando:

— Grão-Senhores já guerrearam por muito menos, sabe. Fazê-lo por uma fêmea tão *incomum* não seria inesperado.

E provavelmente por isso aceitaram o convite, a favor ou não. Para nos avaliar.

Se... se Tamlin entrasse em guerra para me recuperar. Não. Não, isso não seria uma opção.

Eu tinha escrito para ele, dissera que ficasse longe. E Tamlin não era tolo o bastante para começar uma guerra que não poderia vencer. Não quando não lutaria com outros Grão-Feéricos, mas com guerreiros illyrianos, liderados por Cassian e Azriel. Seria um massacre.

Eu falei, entediada e inexpressiva e insipidamente:

— Tente não parecer animada demais, princesa. O Grão-Senhor da Corte Primaveril não tem planos de guerrear com a Corte Noturna.

— E você está em contato com Tamlin, então? — Um sorriso doce.

Minhas palavras seguintes foram baixas, lentas, e decidi que não me importaria de roubar deles, nem um pouco.

— Há coisas que são de conhecimento público, e coisas que não são. Meu relacionamento com ele é conhecido. A situação atual, no entanto, não é de sua conta. Ou da de qualquer outro. Mas conheço Tamlin e sei que não haverá guerra interna entre cortes, pelo menos não por minha causa, ou por *minhas* decisões.

— Que alívio, então — disse Cresseida, bebericando do vinho branco antes de quebrar uma enorme garra de caranguejo, rosada, branca e laranja. — Saber que não estamos abrigando uma noiva roubada, e que não precisamos nos dar o trabalho de devolvê-la ao mestre, como exige a lei. E como qualquer pessoa sábia deveria fazer, para manter os problemas longe de casa.

Amren tinha ficado completamente imóvel.

— Parti por vontade própria — falei. — E ninguém é meu mestre.

Cresseida deu de ombros.

— Pode pensar o que quiser, senhora, mas a lei é a lei. Você é... era a noiva dele. Jurar lealdade a outro Grão-Senhor não muda isso. Então, é muito bom que ele respeite suas decisões. Caso contrário, seria preciso apenas uma carta de Tamlin para Tarquin pedindo seu retorno, e precisaríamos obedecer. Ou arriscar a guerra também.

Rhysand suspirou.

— Você é sempre uma diversão, Cresseida.

— Cuidado, Grão-Senhor. Minha irmã diz a verdade — avisou Varian.

Tarquin colocou a mão na mesa pálida.

— Rhysand é nosso convidado, assim como seus cortesãos. E nós os trataremos como tal. Nós os trataremos, Cresseida, como tratamos pessoas que salvaram nossas cabeças quando tudo que seria preciso era uma palavra deles para que todos estivéssemos muito, muito mortos.

Tarquin avaliou a mim e a Rhys... cujo rosto parecia gloriosamente desinteressado. O Grão-Senhor da Corte Estival sacudiu a cabeça e falou para ele:

— Temos mais a discutir depois, você e eu. Esta noite, vou dar uma recepção para todos em minha barca de festas na baía. Depois disso, estão livres para perambular por onde quiserem na cidade. Perdoem a princesa se for superprotetora com seu povo. A reconstrução durante esses meses tem sido longa e árdua. Não desejamos fazer isso de novo tão cedo.

Os olhos de Cresseida ficaram sombrios, como se assombrados.

— Cresseida fez muitos sacrifícios em nome do povo — explicou Tarquin, cuidadosamente, para mim. — Não leve sua cautela para o lado pessoal.

— Todos fizemos sacrifícios — argumentou Rhysand, o tédio gélido agora se tornando algo afiado. — E você se senta a esta mesa com sua família por causa daqueles que Feyre fez. Então, precisa *me* perdoar, Tarquin, se digo a sua princesa que, se ela avisar a Tamlin, ou se qualquer um de seu povo tentar levá-la para ele, vidas serão tomadas.

Até mesmo a brisa do mar morreu.

— Não me ameace em minha casa, Rhysand — avisou Tarquin. — Minha gratidão vai apenas até certo ponto.

— Não é uma ameaça — replicou Rhys, as patas de caranguejo em seu prato se abrindo sob mãos invisíveis. — É uma promessa.

Todos me olharam, esperando alguma resposta.

Então, ergui a taça de vinho, encarei cada um, detendo-me nos olhos de Tarquin por mais tempo, e falei:

— Não é à toa que a imortalidade jamais vira um tédio.

Tarquin riu... e me perguntei se o ar que ele expirava seria de alívio profundo.

E por meio daquele laço entre nós, senti o lampejo de aprovação de Rhysand.

Capítulo 33

Recebemos uma suíte de quartos conectados, todos centralizados ao redor de uma grande e exuberante sala de estar, que se abria para o mar e para a cidade abaixo. Meu quarto era decorado na cor da espuma do mar e no mais suave tom de azul, com detalhes em dourado — como a concha dourada sobre minha cômoda de madeira clara. Eu tinha acabado de colocá-la de volta no lugar quando a porta branca atrás de mim se abriu com um clique e Rhys entrou.

Ele se recostou à porta depois de fechá-la, com a parte de cima da túnica preta desabotoada revelando as espirais superiores da tatuagem que lhe cobria o peito.

— O problema, percebi, será que gosto de Tarquin — disse Rhys, como um cumprimento. — Até mesmo gosto de Cresseida. Varian, eu poderia viver sem ele, mas aposto que algumas semanas com Cassian e Azriel, e eles seriam como unha e carne, e eu precisaria aprender a gostar dele. Ou estaria envolto nos dedos de Amren, e eu precisaria deixá-lo em paz de vez, ou arriscaria sua ira.

— E? — Ocupei um lugar contra a cômoda, na qual roupas que eu não tinha levado, mas que, obviamente, vinham da Corte Noturna, já esperavam por mim.

O espaço do quarto — a grande cama, as janelas, a luz do sol — preenchiam o silêncio entre nós.

— E — emendou Rhysand — quero que encontre uma forma de fazer o que precisa fazer sem torná-los inimigos.

— Então, está me dizendo para não ser pega.

Um aceno. Então:

— Gosta que Tarquin não consiga parar de a olhar? Não sei se é porque a quer ou porque sabe que tem o poder dele e quer ver quanto.

— Não pode ser pelos dois motivos?

— É claro. Mas ter um Grão-Senhor a desejando é um jogo perigoso.

— Primeiro, você me provoca com Cassian; agora, com Tarquin? Não pode encontrar outras formas de me irritar?

Rhys se aproximou, e me preparei para seu cheiro, para o calor, o impacto de poder. Ele estendeu as mãos de cada lado meu, apoiando-as na cômoda. Eu me recusei a encolher o corpo.

— Você tem uma tarefa aqui, Feyre. Uma tarefa sobre a qual ninguém pode saber. Então, faça o que for preciso para realizá-la. Mas consiga aquele livro. E não seja pega.

Eu não era uma tola alegrinha. Conhecia os riscos. E aquele *tom*, aquele *olhar* que ele sempre me lançava...

— *O que for preciso?* — As sobrancelhas de Rhys se ergueram. Sussurrei: — Se eu trepasse com Tarquin pelo livro, o que você faria?

As pupilas de Rhys se dilataram, e o olhar recaiu sobre minha boca. A cômoda de madeira rangeu sob suas mãos.

— Você diz coisas tão atrozes. — Esperei, as batidas do coração irregulares. Rhysand por fim me encarou de novo. — É sempre livre para fazer o que quiser, com quem quiser. Então, se quer montar Tarquin, vá em frente.

— Talvez eu monte. — Embora parte de mim quisesse responder: *Mentiroso.*

— Tudo bem. — A respiração de Rhys acariciou minha boca.

— Tudo bem — respondi, ciente de cada centímetro entre nós, da distância cada vez menor, do desafio que aumentava a cada segundo que nenhum de nós se movia.

— Não — disse Rhys, baixinho, os olhos parecendo estrelas — coloque esta missão em risco.

— Eu conheço o custo. — O puro poder de Rhys me envolveu, me despertando.

O sal, o mar e a brisa me puxaram, cantaram para mim.

Como se Rhys também os ouvisse, ele inclinou a cabeça na direção da vela apagada na cômoda.

— Acenda.

Pensei em discutir, mas olhei para a vela, conjurei fogo, conjurei aquele ódio incandescente que ele conseguia agitar...

A vela foi derrubada da cômoda por um jato violento de água, como se alguém tivesse virado um balde cheio.

Olhei boquiaberta para a água que ensopava a cômoda, as gotas no piso de mármore eram o único som.

Rhys, com as mãos ainda apoiadas de cada lado meu, riu baixinho.

— Não consegue seguir ordens?

Mas o que quer que eu fosse — estar ali, perto de Tarquin e de seu poder... eu conseguia sentir aquela água respondendo a mim. Senti conforme ela cobriu o chão, senti o mar se agitar e oscilar na baía, o gosto do sal na brisa. Encarei Rhys.

Ninguém era meu mestre, mas eu podia ser mestre de tudo se quisesse. Se ousasse.

Como uma chuva estranha, a água se levantou do chão quando desejei que ela se tornasse como aquelas estrelas que Rhys conjurara em seu cobertor de escuridão.

Desejei que as gotinhas se separassem até que pendessem ao nosso redor, refletindo a luz e brilhando como cristais em um lustre.

Rhys desviou os olhos dos meus para observar as gotas.

— Sugiro — murmurou ele — que não mostre a Tarquin esse pequeno truque no quarto.

Lancei cada uma das gotas em disparada contra o rosto do Grão-Senhor.

Rápido demais, ágil demais para que ele se protegesse. Algumas gotas caíram em mim quando ricochetearam dele.

Nós dois estávamos agora ensopados. Rhys entreabriu a boca... e depois sorriu.

— Bom trabalho — disse ele, por fim se afastando da cômoda. Não se deu o trabalho de limpar a água que reluzia em sua pele. — Continue treinando.

Mas eu disse:

— Ele vai à guerra? Por minha causa?

Rhys sabia do que eu estava falando. O temperamento esquentado no seu rosto momentos antes se tornou uma calma letal.

— Não sei.

— Eu... eu voltaria. Se chegasse a esse ponto, Rhysand. Eu voltaria, em vez de obrigar você a lutar.

Rhys colocou a mão ainda molhada no bolso.

— Você *gostaria* de voltar? Ir à guerra por você faria com que o amasse de novo? Seria um gesto grandioso para conquistá-la?

Engoli em seco.

— Estou cansada de morte. Não gostaria de ver mais ninguém morrer, muito menos por mim.

— Isso não responde a minha pergunta.

— Não. Eu não gostaria de voltar. Mas voltaria. Dor e morte não me conquistariam.

Rhys me encarou por mais um tempo, a expressão estava indecifrável, antes de caminhar até a porta. Ele parou com os dedos na maçaneta em formato de ouriço.

— Ele trancafiou você porque sabia, o desgraçado sabia que você era um tesouro. Que vale mais que terras ou ouro ou joias. Ele sabia e queria guardá-la inteira para si.

As palavras me golpearam, mesmo que tivessem alisado alguma ponta irregular em minha alma.

— Ele amava... ele me ama, Rhysand.

— A questão não é se amava você, é o quanto. Demais. Amor pode ser um veneno.

E ele se foi.

A baía estava bastante calma — talvez amansada por seu senhor e mestre — para que a barca de festas mal oscilasse ao longo das horas em que jantávamos e bebíamos a bordo.

Feita da madeira mais fina e de ouro, o enorme barco era confortável para os cem ou mais Grão-Feéricos que faziam o possível para não observar cada movimento que Rhys, Amren e eu fazíamos.

O deque principal estava cheio de mesas baixas e sofás para comer e relaxar, e, no nível superior, sob um dossel de azulejos composto com madrepérola, nossa longa mesa tinha sido montada. Tarquin era o verão encarnado, usando turquesa e ouro, e pedaços de esmeralda brilhavam nos botões e em seus dedos. Uma coroa feita de safira e ouro branco em forma de ondas quebrando repousava no alto do cabelo cor de espuma do mar; tão exótica que eu me surpreendia olhando para ela frequentemente.

Como estava naquele momento, quando Tarquin se virou para onde eu sentara, a sua direita, e reparou em meu olhar.

— Era de se pensar que nossos habilidosos joalheiros pudessem fazer uma coroa um pouco mais confortável. Esta é terrível.

Uma tentativa bastante agradável de conversa quando eu tinha ficado calada durante a primeira hora, em vez de observar a cidade-ilha, a água, o continente — lançando uma rede de cautela, de poder cego, na direção deles, para ver se algo respondia. Se o Livro estava dormente em algum daqueles lugares.

Nada respondera a meu chamado silencioso. Então, achei que aquele era um momento tão bom quanto qualquer outro quando falei:

— Como você a manteve longe das mãos dela?

Dizer o nome de Amarantha ali, entre pessoas tão felizes, comemorando, se assemelhava a convidar uma nuvem de tempestade.

Sentado à esquerda de Tarquin, conversando com Cresseida, Rhys sequer me olhou. De fato, ele mal falara comigo mais cedo, nem mesmo reparara em minhas roupas.

Incomum, considerando que até *eu* estava satisfeita com minha aparência e tinha, de novo, escolhido a roupa sozinha: cabelos soltos e afastados do rosto por um arco de ouro rosa trançado, o vestido de alça de *chiffon* rosa-crepúsculo — justo no peito e na cintura — quase idêntico ao roxo que eu tinha usado de manhã. Feminino, suave, lindo. Não me sentia daquela forma havia muito tempo. Não tinha vontade.

Mas ali ser tais coisas não me garantiria um ingresso para uma vida como planejadora de festas. Ali eu podia ser tranquila e encantadora ao pôr do sol, e acordar de manhã para colocar meu couro de luta illyriano.

Tarquin falou:

— Conseguimos contrabandear a maior parte de nosso tesouro quando o território caiu. Nostrus, meu predecessor, era meu primo. Eu servia de príncipe em outra cidade. Então, recebi a ordem de esconder o tesouro na calada da noite, o mais rápido possível.

Amarantha matara Nostrus quando ele se rebelou... e executara a família inteira por pura maldade. Tarquin devia ser um dos poucos membros sobreviventes se o poder tinha passado para ele.

— Não sabia que a Corte Estival valorizava tanto os tesouros — comentei.

Tarquin conteve uma gargalhada.

— Os primeiros Grão-Senhores sim. Agora fazemos isso por tradição, em grande parte.

Falei, com cautela, casualmente:

— Então, são ouro e joias que vocês valorizam?

— Entre outras coisas.

Bebi do vinho para ganhar tempo e pensar em uma forma de perguntar sem levantar suspeitas. Mas talvez ser direta a respeito fosse melhor.

— Forasteiros podem ver a coleção? Meu pai era mercador, passei a maior parte da infância em seu escritório, ajudando com as mercadorias. Seria interessante comparar riquezas mortais com aquelas feitas por mãos feéricas.

Rhys continuava conversando com Cresseida, nem mesmo um pingo de aprovação ou diversão passou por nosso laço.

Tarquin inclinou a cabeça, as joias na coroa reluzindo.

— É claro. Amanhã, depois do almoço, talvez?

Ele não era burro e, talvez, estivesse ciente do jogo, mas... a oferta era sincera. Sorri um pouco, assentindo. Fiquei olhando na direção da multidão que perambulava pelo deque abaixo, na direção da água acesa por uma lanterna além, até mesmo quando senti o olhar de Tarquin se demorar.

— Como era? O mundo mortal? — perguntou ele.

Mexi na salada de morango no prato.

— Só vi uma parte muito pequena dele. Meu pai era chamado de o Príncipe dos Mercadores, mas eu era jovem demais para ser levada em suas viagens para outras partes do mundo mortal. Quando eu tinha 11 anos, ele perdeu nossa fortuna em um carregamento para Bharat. Passamos os oito anos seguintes na pobreza, na cidade esquecida perto da muralha. Então, não posso falar por todo o mundo mortal quando digo que o que vi ali era... difícil. Cruel. Aqui, as divisões de classe são muito mais confusas, parece. Lá, são definidas por dinheiro. Ou você tem, e não

divide, ou é deixado para passar fome e lutar para sobreviver. Meu pai... Ele recuperou a riqueza quando vim para Prythian. — Meu coração se apertou, e depois meu estômago pesou. — E as mesmas pessoas que tinham ficado felizes ao nos deixar passar fome mais uma vez se tornaram nossas amigas. Eu preferiria enfrentar todas as criaturas de Prythian aos monstros do outro lado da muralha. Sem magia, sem poder, o dinheiro se tornou a única coisa que importa.

Os lábios de Tarquin estavam contraídos, mas os olhos pareciam contemplativos.

— Você os pouparia se a guerra acontecesse?

Uma pergunta muito perigosa e intensa. Não diria a ele o que estávamos fazendo do outro lado da muralha, não até que Rhys indicasse que deveríamos.

— Minhas irmãs vivem com meu pai na propriedade dele. Por elas, eu lutaria. Mas pelos hipócritas e ostentadores... Eu não me importaria de ver a ordem destes ser abalada. — Como a família cheia de ódio do prometido de Elain.

Tarquin falou, bem baixo:

— Há alguns em Prythian que pensariam o mesmo das cortes.

— O que... se livrar dos Grão-Senhores?

— Talvez. Mas em grande parte eliminar os privilégios inerentes que os Grão-Feéricos têm sobre os feéricos inferiores. Os próprios termos que usamos para nos descrever sugerem um nível de injustiça. Talvez aqui seja mais como o mundo humano do que você percebe, e não tão confuso quanto pode parecer. Em algumas cortes, os mais baixos dos criados dos Grão-Feéricos têm mais direitos que os mais ricos dos feéricos inferiores.

Percebi que não éramos os únicos na barca, naquela mesa. E que estávamos cercados por Grão-Feéricos com audição aguçada.

— Concorda com eles? Que deveria mudar?

— Sou um jovem Grão-Senhor — explicou Tarquin. — Mal fiz 80 anos. — Então, ele tinha 30 quando Amarantha assumiu o controle. — Talvez outros possam me chamar de inexperiente ou tolo, mas vi essas crueldades em primeira

mão e conheci muitos feéricos inferiores que sofreram por apenas terem nascido do lado errado do poder. Mesmo em minhas residências, o confinamento da tradição me pressiona a aplicar as leis de meus predecessores: os feéricos inferiores não devem ser vistos ou ouvidos enquanto trabalham. Gostaria de um dia ver uma Prythian na qual eles têm voz, tanto em meu lar quanto no mundo além.

Observei Tarquin em busca de ardil, de manipulação. Não encontrei nada.

Roubar dele... eu *roubaria* dele. Mas e se apenas pedisse? Será que me daria, ou será que as tradições dos ancestrais estavam arraigadas demais?

— Diga o que esse olhar significa — pediu Tarquin, apoiando os braços musculosos na toalha de mesa dourada.

Falei, diretamente:

— Estou pensando que seria muito fácil amar você. E ainda mais fácil chamá-lo de meu amigo.

Tarquin sorriu para mim; um sorriso largo, sem se conter.

— Eu também não resistiria a isso.

Fácil... era muito fácil se apaixonar por um macho bondoso, zeloso.

Mas olhei para Cresseida, que agora estava quase no colo de Rhysand. E Rhysand sorria como um gato, um dedo traçando círculos no dorso da mão de Cresseida enquanto ela mordia o lábio e sorria. Encarei Tarquin, com as sobrancelhas erguidas em uma pergunta silenciosa.

Ele fez uma careta e sacudiu a cabeça.

Eu esperava que fossem para o quarto dela.

Porque, se eu tivesse de ouvir Rhys fazendo sexo com Cresseida... Não me deixei terminar o pensamento.

Tarquin ponderou:

— Faz muitos anos desde que a vejo dessa forma.

Minhas bochechas coraram: vergonha. Vergonha do quê? De querer avançar em Cresseida sem motivo? Rhysand implicava e me provocava, ele jamais... me

seduziu, com aqueles olhares longos e determinados, os meios sorrisos que eram pura arrogância illyriana.

Supus que eu tivesse recebido esse dom certa vez... e o desgastei e lutei por ele e o destruí. E supus que Rhysand, por tudo que tinha sacrificado e feito... ele o merecia tanto quanto Cresseida.

Mesmo... mesmo que por um momento eu quisesse.

Eu quisesse me sentir daquela forma de novo.

E... eu estava solitária.

Andava solitária, percebi, por muito, muito tempo.

Rhys se aproximou para ouvir algo que Cresseida dizia, os lábios da feérica lhe roçando a orelha, a mão agora entrelaçada na dele.

E não foi pesar, desespero ou terror que me atingiu, mas... tristeza. Uma tristeza tão pura e intensa que fiquei de pé.

Os olhos de Rhys se viraram em minha direção, por fim se lembrando de que eu existia, e não havia nada no rosto dele, nenhum indício de que sentia um pingo do que eu sentia por nossa ligação. Não me importava se estivesse sem escudo, se meus pensamentos estavam abertos e Rhys os lesse como um livro. Ele não pareceu se importar também. Rhysand voltou a rir do que quer que Cresseida estivesse contando a ele, aproximando-se.

Tarquin ficou de pé, olhando para mim e para Rhys.

Eu estava infeliz... não apenas quebrada. Mas infeliz.

Uma emoção, percebi. Era uma emoção, em vez do vazio infinito ou do terror guiado pela necessidade de sobreviver.

— Preciso de ar puro — comentei, embora estivéssemos a céu aberto. Mas com as luzes douradas, as pessoas de um lado a outro da mesa... Precisava encontrar um local na barca onde pudesse estar sozinha, apenas por um momento, com ou sem missão.

— Gostaria que eu me juntasse a você?

Olhei para o Grão-Senhor da Corte Estival. Não tinha mentido. Seria fácil me apaixonar por um macho como ele. Mas não tinha certeza absoluta de que mesmo com as dificuldades que tinha encontrado Sob a Montanha, Tarquin podia entender a escuridão que talvez sempre vivesse dentro de mim. Não apenas devido a Amarantha, mas pelos anos passados com fome, desesperada.

Que eu sempre poderia ser um pouco cruel ou inquieta. Que eu poderia almejar a paz, mas jamais uma jaula de conforto.

— Estou bem, obrigada — respondi, e segui para a escada espiralada que dava para a popa da embarcação, bem iluminada, porém mais silenciosa que as áreas principais na proa. Rhys sequer olhou em minha direção conforme eu saí. Eu já ia tarde.

Eu estava a meio caminho dos degraus de madeira quando vi Amren e Varian —ambos recostados em pilastras adjacentes, ambos bebendo vinho, ambos se ignorando. Mesmo que não falassem com mais ninguém.

Talvez fosse outro o motivo pelo qual ela nos acompanhara até ali: para distrair o cão de guarda de Tarquin.

Cheguei ao deque principal, encontrei um ponto ao lado do parapeito de madeira que era um pouco mais sombreado que o resto, e me encostei ali. Magia movimentava a barca; nenhum remo, nenhuma vela. Portanto, nos movíamos pela baía em silêncio e com suavidade, mal deixando ondulações para trás.

Não percebi que o esperava até que a barca aportou na base da cidade-ilha, e, de alguma forma, eu tinha passado toda a última hora sozinha.

Quando segui para terra firme com o restante da multidão, Amren, Varian e Tarquin estavam me aguardando nas docas, todos com as costas um pouco rígidas.

Rhysand e Cresseida não estavam em lugar algum.

Capítulo 34

Ainda bem que nenhum ruído veio do quarto fechado. E nenhum som foi emitido naquela noite, quando acordei sobressaltada de um pesadelo em que era girada em um espeto e não conseguia me lembrar de onde estava.

O luar dançava no mar além de minhas janelas abertas, e havia silêncio, muito silencio.

Uma arma. Eu era uma arma para encontrar aquele livro, para impedir que o rei quebrasse a muralha, a fim de impedir o que quer que ele tivesse planejado para Jurian e para a guerra que poderia destruir meu mundo. Que poderia destruir aquele lugar... e um Grão-Senhor que poderia muito bem subverter a ordem das coisas.

Por um segundo, senti falta de Velaris, senti falta das luzes e da música e do Arco-Íris. Senti falta do calor aconchegante do solar para me acolher do inverno frio, senti falta... de como tinha sido fazer parte da pequena unidade deles.

Talvez envolver as asas ao meu redor e me escrever bilhetes tivessem sido as formas de Rhys de garantir que sua arma não se quebraria para sempre.

Tudo bem... era justo. Nós não devíamos nada um ao outro além das promessas de trabalhar e de lutar juntos.

Ele ainda podia ser meu amigo. Companheiro; o que quer que aquela coisa entre nós fosse. O fato de ele levar alguém para a cama não mudava essas coisas.

Fora apenas um alívio pensar que, por um momento, Rhysand poderia ser tão solitário quanto eu.

Não tive coragem de sair do quarto para tomar café, de ver se Rhys voltara.

De ver quem ele levaria para o café da manhã.

Não tinha mais nada a fazer, disse a mim mesma que ficaria na cama até minha visita na hora do almoço com Tarquin. Então, fiquei ali até que os criados viessem, pedissem desculpas por me perturbar e começassem a ir embora. Eu os impedi, disse que tomaria banho enquanto limpavam o quarto. Eles foram educados — talvez nervosos — e apenas assentiram conforme fiz o que havia dito.

Eu me demorei no banho. E, por trás da porta trancada, deixei que aquela semente do poder de Tarquin saísse, primeiro fazendo a água subir da banheira, e depois moldando pequenos animais e criaturas com ela.

Era o mais próximo de transformação que eu me permitira chegar. Contemplar como eu poderia me dar formas animalescas apenas me deixava trêmula, enjoada. Podia ignorar aquilo, ignorar aquele ocasional arranhar de garras em meu sangue durante um tempo.

Eu fazia borboletas de água voarem pelo cômodo quando me dei conta de que estava na banheira havia tanto tempo que o banho tinha esfriado.

Como na noite anterior, Nuala atravessou as paredes vinda de onde quer que *ela* estivesse hospedada no palácio, e me vestiu, de alguma forma alerta a quando eu

deveria estar pronta. Cerridwen, contou Nuala, tirara o palito mais curto e estava cuidando de Amren. Não tive coragem de perguntar sobre Rhys também.

Nuala escolheu verde-mar ressaltado por ouro rosa, cacheou e então trançou meus cabelos em uma trança grossa e larga que brilhava com toques de pérola. Se Nuala sabia por que eu estava lá, o que faria, não disse. Mas tomou cuidado especial com meu rosto, colorindo meus lábios com rosa-cereja e salpicando minhas bochechas com o mais leve *blush*. Eu podia parecer inocente, encantadora... não fosse pelos olhos azul-cinzentos. Mais vazios que na noite anterior, quando me admirei no espelho.

Eu vira o suficiente do palácio para encontrar o lugar em que Tarquin dissera para encontrá-lo antes de darmos boa-noite. O salão principal ficava em um andar intermediário; o local de encontro perfeito para aqueles que moravam nos pináculos acima e aqueles que trabalhavam sem ser vistos ou ouvidos abaixo.

Aquele andar abrigava todas as diversas salas de conselho, salões de baile, salões de jantar e quaisquer outros salões que pudessem ser necessários para visitantes, eventos, reuniões. O acesso aos andares residenciais dos quais eu tinha vindo era vigiado por quatro soldados em cada escada: todos me observaram com cautela conforme eu esperava contra uma pilastra de concha por seu Grão-Senhor. Imaginei se Tarquin podia sentir que eu estava brincando com seu poder na banheira, que o pedaço de si que ele entregara estava agora ali e obedecia a mim.

Tarquin surgiu de uma das salas adjacentes quando o relógio soou 14 horas... seguido por meus companheiros.

O olhar de Rhys me percorreu, reparando nas roupas que obviamente eram em honra de meu anfitrião e de seu povo. Reparando que não o encarei nem a Cresseida quando olhei apenas para Tarquin e Amren ao lado de Rhys — Varian agora caminhava até os soldados próximos às escadas — e dei aos dois um sorriso inexpressivo, de lábios fechados.

— Você está bonita hoje — elogiou Tarquin, inclinando a cabeça.

Nuala, ao que parecia, era uma espiã espetacular. A túnica cor de chumbo de Tarquin era ressaltada pelo mesmo tom de verde-mar que minhas roupas. Poderíamos muito bem estar vestindo roupas do mesmo conjunto. Supus que, com os cabelos castanho-alourados e a pele pálida, eu era seu oposto perfeito.

Consegui sentir Rhys me avaliando.

Eu o afastei. Talvez mandasse um cachorro de água atrás de Rhys depois — e deixasse que lhe mordesse a bunda.

— Espero que não esteja interrompendo — disse eu a Amren.

Amren fez um gesto com os ombros magros, aquele dia vestidos em cinza como as lajotas do calçamento.

— Estávamos terminando um debate bastante acalorado sobre armadas e quem poderia estar no comando de uma frente unificada. Sabia — disse Amren — que antes de se tornarem tão grandiosos e poderosos, Tarquin e Varian lideravam a frota de Nostrus?

Varian, a alguns metros, enrijeceu o corpo, mas não se virou.

Encarei Tarquin.

— Não mencionou que era um marinheiro. — Foi um esforço parecer intrigada, como se nada me incomodasse.

Tarquin esfregou o pescoço.

— Planejava contar durante nosso passeio. — Ele estendeu o braço. — Vamos?

Nenhuma palavra; eu não dissera uma palavra a Rhysand. E não estava prestes a começar conforme dei o braço a Tarquin e falei, para nenhum deles em especial: — Vejo vocês depois.

Algo roçou contra meu escudo mental, o estremecer de algo sombrio, poderoso.

Talvez um aviso para que tomasse cuidado. Embora parecesse muito com a emoção sombria e tremeluzente que me assombrara; tanto que dei um passo para mais perto de Tarquin. E, então, lancei um sorriso bonito e banal para o Grão-Senhor da Corte Estival, um que não dirigia a *ninguém* havia muito tempo.

Aquele toque de emoção ficou silencioso do outro lado de meus escudos.

Que bom.

Tarquin me levou a um salão de joias e tesouros tão amplo que fiquei boquiaberta por um bom minuto. Um minuto que usei para verificar as prateleiras em busca de qualquer lampejo de sensação — alguma coisa que desse a mesma *sensação* do macho ao meu lado, como o poder que eu tinha conjurado na banheira.

— E esta é... é apenas *uma* das salas do tesouro? — O salão fora escavado bem no interior do castelo, atrás de uma pesada porta de chumbo que só se abria quando Tarquin colocava a mão nela. Não ousei me aproximar o suficiente da tranca para ver se podia funcionar com meu toque, com a assinatura forjada *dele*.

Uma raposa no galinheiro. Era isso o que eu era.

Tarquin soltou uma gargalhada.

— Meus ancestrais eram uns canalhas gananciosos.

Sacudi a cabeça, caminhando até as prateleiras embutidas na parede. Pedra sólida, nenhuma forma de invadir, a não ser que eu escavasse um túnel pela própria montanha. Ou se alguém me atravessasse. Embora ali provavelmente houvesse feitiços semelhantes àqueles do solar e da Casa do Vento.

Caixas transbordando joias e pérolas e gemas brutas, ouro empilhado em baús tão altos que se derramava no piso de paralelepípedo. Trajes de armadura ornamentados montavam guarda contra uma parede; vestidos tecidos de teias de aranha e luz estelar estavam apoiados uns contra os outros. Havia espadas e adagas de todos os tipos. Mas nenhum livro. Nenhum.

— Conhece a história por trás de cada artigo?

— De alguns — respondeu Tarquin. — Não tive muito tempo para aprender sobre tudo.

Que bom; talvez ele não soubesse sobre o Livro, não sentisse sua falta.

Eu me virei.

— Qual é a coisa mais valiosa aqui?

— Pensando em roubar?

Contive uma risada.

— Fazer essa pergunta não me tornaria uma péssima ladra?

Miserável, mentirosa duas-caras: era isso que fazer *essa* pergunta me tornava.

Tarquin me observou.

— Eu diria que estou olhando para a coisa mais valiosa aqui.

Não fingi o rubor nas bochechas.

— Você é... muito encantador.

O sorriso de Tarquin era suave. Como se sua posição ainda não tivesse destruído a compaixão que tinha. Eu esperava que jamais destruísse.

— Sinceramente, não sei qual é a coisa mais valiosa daqui. Essas são todas heranças inestimáveis de minha casa.

Caminhei até uma prateleira, observando. Um colar de rubis estava disposto em uma almofada de veludo — cada um dos rubis tinha o tamanho de um ovo de tordo. Seria preciso uma mulher e tanto para usar aquele colar, para dominar as gemas e não o contrário.

Em outra prateleira, um colar de pérolas. Depois, safiras.

E em outra... um colar de diamantes negros.

Cada uma das pedras negras era um mistério... e uma resposta. Cada uma delas estava dormente.

Tarquin se aproximou por trás de mim, olhando por cima de meu ombro para o que tinha atiçado meu interesse. O olhar passou para meu rosto.

— Leve.

— O quê? — Eu me virei para ele.

Tarquin passou a mão na nuca.

— Como um agradecimento. Por Sob a Montanha.

Peça agora... peça o Livro em vez disso.

Mas isso exigiria confiança, e... por mais bondoso que fosse, ele era um Grão-Senhor.

Tarquin tirou a caixa do local em que repousava e fechou a tampa antes de entregá-la para mim.

— Você foi a primeira pessoa que não riu de minha ideia de acabar com as barreiras de classe. Mesmo Cresseida debochou quando contei a ela. Se não aceitar o colar por nos salvar, então aceite por isso.

— É uma boa ideia, Tarquin. Mas você não precisa me recompensar pelo fato de eu valorizar sua ideia.

Ele sacudiu a cabeça.

— Apenas leve.

Seria um insulto a ele se eu me recusasse... então, fechei as mãos em volta da caixa.

— Vai combinar com você na Corte Noturna — comentou Tarquin.

— Talvez eu fique aqui e ajude você a revolucionar o mundo.

A boca de Tarquin se contraiu para o lado.

— Uma aliada no norte seria útil.

Seria por isso que ele me levara até ali? Por que me dera o presente? Não tinha percebido o quanto estávamos sozinhos ali embaixo, que eu estava no subterrâneo, em um lugar que poderia ser facilmente selado...

— Não tem nada a temer de mim — assegurou Tarquin, e me perguntei se meu cheiro seria tão evidente. — Mas estou falando sério, você consegue... ter influência sobre Rhysand. E ele é notoriamente difícil de lidar. Consegue o que quer, tem planos sobre os quais não conta a ninguém até depois de ter completado, e não pede desculpas por nada. Seja emissária dele no mundo humano, mas seja também a nossa. Viu minha cidade. Tenho mais três assim. Amarantha destruiu todas quase imediatamente depois de assumir. Tudo que meu povo quer agora é paz e segurança, e jamais precisar olhar por cima do ombro de novo. Outros Grão-Senhores me contaram a respeito de Rhys e me avisaram com relação a ele. Mas

Rhys me poupou Sob a Montanha. Brutius era meu primo, e tínhamos forças reunidas em todas as cidades para atacar Sob a Montanha. Eles o pegaram saindo de fininho pelos túneis para se encontrar com essas forças. Rhys viu isso na mente de Brutius, sei que viu. Mas mentiu para Amarantha e a desafiou quando esta deu a ordem para transformar meu primo em um fantasma vivo. Talvez fosse pelos planos próprios dele, mas sei que foi um gesto de misericórdia. Ele sabe que sou jovem, e inexperiente, e me poupou. — Tarquin sacudiu a cabeça, mais para si mesmo. — Às vezes acho que Rhysand... acho que ele pode ter sido a vadia de Amarantha para poupar todos nós de sua total atenção.

Eu não trairia nada do que sabia. Mas suspeitei que Tarquin pudesse ver em meus olhos... a tristeza ao pensar naquilo.

— Sei que devo olhar para você — falou Tarquin — e ver que ele a transformou em um bicho de estimação, em um monstro. Mas vejo bondade em você. E acho que isso reflete mais a ele do que a qualquer outra coisa. Acho que mostra que você e ele podem ter muitos segredos...

— Pare — disparei. — Apenas... pare. Sabe que não posso contar nada. E não posso prometer nada. Rhysand é Grão-Senhor. Só sirvo a sua corte.

Tarquin olhou para o chão.

— Perdoe-me se fui direto. Ainda estou aprendendo a jogar os jogos dessas cortes... para a tristeza de meus conselheiros.

— Espero que jamais aprenda a jogar os jogos dessas cortes.

Tarquin me encarou, o rosto cauteloso, um pouco triste.

— Então, me permita fazer uma pergunta direta. É verdade que deixou Tamlin porque ele a trancafiou em casa?

Tentei bloquear a lembrança, o terror e a dor de meu coração se partindo. Mas assenti.

— E é verdade que você foi salva do confinamento pela Corte Noturna?

Assenti de novo.

Tarquin falou:

— A Corte Primaveril é minha vizinha ao sul. Tenho laços tênues com eles. Mas a não ser que me seja perguntado, não mencionarei que esteve aqui.

Ladra, mentirosa, manipuladora. Não merecia me aliar a ele.

Mas fiz uma reverência em agradecimento.

— Mais alguma sala de tesouro para me mostrar?

— Ouro e joias não são impressionantes o suficiente? E quanto a seu olho de mercadora?

Dei um tapinha na caixa.

— Ah, consegui o que queria. Agora, estou curiosa para ver quanto vale sua aliança.

Tarquin riu, o som ecoou na pedra e nas riquezas ao redor.

— Não estava mesmo com vontade de ir a minhas reuniões dessa tarde.

— Que jovem Grão-Senhor inconsequente e selvagem.

Tarquin me ofereceu o braço de novo, dando um tapinha no meu conforme me levava da câmara.

— Sabe, acho que também pode ser muito fácil amar você, Feyre. E mais fácil ser seu amigo.

Eu me obriguei a virar o rosto, timidamente, quando Tarquin selou a porta atrás de nós, colocando a palma da mão aberta no espaço acima da maçaneta. Ouvi o clique das trancas deslizando para o lugar.

Tarquin me levou para outros salões sob o palácio, alguns cheios de joias, outros com armas, outros com roupas de eras há muito passadas. Ele me mostrou um cheio de livros, e meu coração deu um salto — mas não havia nada ali. Nada além de couro e poeira e silêncio. Nenhuma gota de poder que desse a sensação do macho ao meu lado; nenhuma indicação do livro de que eu precisava.

Tarquin me levou para um último salão, cheio de caixas empilhadas cobertas com lençóis. E, enquanto eu olhava para as obras de arte que esperavam além da porta aberta, falei: — Acho que já vi o bastante por hoje.

Tarquin não fez perguntas ao selar de novo a câmara e me acompanhar de volta aos andares superiores tumultuados e ensolarados.

Devia haver outros lugares em que o Livro poderia estar guardado. A não ser que fosse em outra cidade.

Eu precisava encontrá-lo. Logo. Rhys e Amren só poderiam estender os debates políticos por um tempo limitado antes de precisarmos partir. Eu só rezava para que o encontrasse rápido o suficiente... e não me odiasse mais do que já odiava.

Rhysand estava deitado em minha cama como se fosse o dono desta.

Olhei uma vez para as mãos cruzadas atrás da cabeça, as longas pernas jogadas sobre a beira do colchão e trinquei os dentes.

— O que você quer? — Bati a porta alto o suficiente para enfatizar o tom afiado nas palavras.

— Flertar e dar risadinhas com Tarquin não adiantou nada, suponho?

Atirei a caixa na cama ao lado de Rhys.

— Diga você.

O sorriso hesitou quando ele se sentou e abriu a tampa.

— Isso não é o Livro.

— Não, mas é um lindo presente.

— Quer que eu compre joias para você, Feyre, então peça. Mas, considerando seu guarda-roupa, achei que estivesse ciente de que *tudo* é comprado para você.

Não tinha percebido, mas falei:

— Tarquin é um bom macho, um bom Grão-Senhor. Deveria simplesmente *pedir* a ele a porcaria do Livro.

Rhys fechou a tampa.

— Então ele a enche de joias e despeja mel em seus ouvidos e agora você se sente mal?

— Ele quer sua aliança, desesperadamente. Quer confiar em você, contar com você.

— Bem, Cresseida tem a impressão de que o primo é bastante ambicioso; então, eu tomaria o cuidado de ler as entrelinhas do que ele diz.

— Ah, é? Ela disse isso a você antes, durante ou depois que a levou para a cama?

Rhys ficou de pé com um movimento gracioso e lento.

— É por isso que você não quis me olhar? Porque acha que trepei com ela por informações?

— Informações ou por seu prazer, não me importa.

Rhys deu a volta na cama, e não me movi, mesmo quando ele parou a pouco menos de um palmo entre nós.

— Ciúmes, Feyre?

— Se estou com ciúmes, então você tem ciúmes de Tarquin e o mel que ele derrama.

Rhysand mostrou os dentes.

— Acha que gosto de precisar flertar com uma fêmea solitária para conseguir informações sobre sua corte, sobre seu Grão-Senhor? Acha que me sinto bem comigo mesmo ao fazer isso? Acha que gosto de fazer isso para que você tenha espaço para manipular Tarquin com seus sorrisos e olhos lindos, para conseguirmos o Livro e irmos para casa?

— Você pareceu se divertir muito ontem à noite.

O grunhido de Rhysand saiu baixo, cruel.

— Não a levei para a cama. Cresseida queria, mas nem mesmo a beijei. Eu a levei para beber na cidade, deixei que falasse sobre a vida, as pressões, e a levei de volta ao quarto e não passei da porta. Esperei por você no café da manhã, mas você dormiu até tarde. Ou me evitou, aparentemente. E tentei olhar em seus olhos essa tarde, mas foi *tão eficiente* em me afastar totalmente.

— Foi isso que o deixou irritado? Que eu o afastei, ou que foi tão fácil para Tarquin se aproximar?

— O que me irritou — disse Rhys, com a respiração um pouco irregular — foi que você *sorriu* para ele.

O resto do mundo se dissipou em névoa quando as palavras foram absorvidas.

— Está com ciúmes.

Rhysand sacudiu a cabeça, caminhou até a pequena mesa contra a parede mais afastada e bebeu um copo de um líquido âmbar. Ele apoiou as mãos na mesa, os músculos poderosos das costas estremeceram sob a camisa quando a sombra daquelas asas lutou para tomar forma.

— Ouvi o que você disse a ele — revelou Rhys. — Que achava que seria fácil se apaixonar por ele. E foi sincera.

— E daí? — Foi a única coisa que pensei em dizer.

— Fiquei com ciúmes... disso. Porque não sou... esse tipo de pessoa. Para ninguém. A Corte Estival sempre foi neutra; só mostrou coragem durante aqueles anos Sob a Montanha. Poupei a vida de Tarquin porque tinha ouvido falar que ele queria a igualdade entre Grão-Feéricos e feéricos inferiores. Estou tentando fazer isso há anos. Sem sucesso, mas... eu só o poupei por isso. E Tarquin, com sua corte neutra... jamais precisará se preocupar com o fato de alguém ter de fugir porque a ameaça contra a vida da pessoa, contra a vida dos filhos dela, sempre existirá. Então, sim, senti ciúmes dele, porque será sempre fácil para ele. E Tarquin jamais saberá o que é olhar para o céu à noite e desejar.

A Corte de Sonhos.

As pessoas que sabiam que havia um preço, e um que valia a pena pagar, por aquele sonho. Os guerreiros bastardos, os mestiços illyrianos, o monstro preso em um lindo corpo, a sonhadora nascida em uma corte de pesadelos... E a caçadora com alma de artista.

E talvez porque fosse a coisa mais vulnerável que ele tinha dito para mim, talvez fosse a ardência em meus olhos, mas caminhei até onde Rhys estava, no pequeno

bar. Não olhei para ele quando peguei o decantador com líquido âmbar e me servi de um dedo, enchendo o copo dele em seguida.

Mas encarei Rhys quando brindei com ele, o cristal dos copos tilintou nítida e alegremente por cima do barulho do mar que quebrava abaixo, e falei: — Às pessoas que olham para as estrelas e desejam, Rhys.

Ele pegou o copo com um olhar tão intenso que me perguntei por que tinha me dado o trabalho de corar para Tarquin.

Rhys brindou com o copo contra o meu.

— Às estrelas que ouvem e aos sonhos que são atendidos.

Capítulo 35

Dois dias se passaram. Cada momento era um número de malabarismo entre a verdade e as mentiras. Rhys se certificou de que eu não fosse convidada para as reuniões que ele e Amren convocaram para distrair meu gentil anfitrião, o que me deu tempo para vasculhar a cidade em busca de qualquer sinal do Livro.

Mas não muito ansiosamente; não muito avidamente. Eu não podia parecer intrigada demais conforme percorresse as ruas e as docas, não podia fazer muitas perguntas tendenciosas às pessoas que encontrasse, a respeito dos tesouros e das lendas de Adriata. Mesmo quando acordei, ao alvorecer, me obriguei a esperar até uma hora razoável antes de sair pela cidade, me obriguei a tomar um banho demorado para secretamente praticar aquela magia de água. E embora moldar animais de água hora após hora tivesse se tornado entediante... era fácil para mim. Talvez por causa da proximidade com Tarquin, talvez por causa de qualquer que

fosse a afinidade com a água que já estivesse em meu sangue, minha alma — embora eu certamente não estivesse em posição para perguntar.

Depois que o café da manhã foi finalmente servido e consumido, me certifiquei de parecer um pouco entediada e sem rumo quando saí pelos corredores iluminados do palácio a caminho da cidade que despertava.

Quase ninguém me reconheceu conforme eu casualmente examinava as lojas e as casas e as pontes, em busca de qualquer lampejo de um feitiço que tivesse a *sensação* de Tarquin, embora duvidasse que tivessem motivo para isso. Haviam sido os Grão-Feéricos — a nobreza — que foram mantidos Sob a Montanha. Aquelas pessoas foram deixadas ali... para serem atormentadas.

Cicatrizes cobriam os prédios, as ruas, pelo que tinha sido feito em retaliação à rebelião deles: queimaduras, pedras sulcadas, prédios inteiros transformados em escombros. Os fundos do castelo, conforme Tarquin alegara, pareciam realmente no meio de uma obra. Três torres de vigia estavam pela metade, a pedra marrom, chamuscada e quebradiça. Nenhum sinal do Livro. Trabalhadores se ocupavam ali — e por toda a cidade —, consertando aquelas áreas quebradas.

Exatamente como as pessoas que eu via — Grão-Feéricos e feéricos com escamas e guelras e longos e finos dedos palmados; todos pareciam estar se curando lentamente. Havia cicatrizes e membros faltando em mais de um que contei. Mas nos olhos... nos olhos, a luz brilhava.

Eu também os salvara.

Libertara-os de quaisquer que fossem os horrores que ocorreram durante aquelas cinco décadas.

Tinha feito algo terrível para salvá-los... mas os salvara.

E jamais seria o suficiente para me redimir, mas... Eu não me sentia tão pesada, apesar de não encontrar um lampejo da presença do Livro, quando voltei ao palácio no alto da colina na terceira noite para esperar o relatório de Rhysand sobre as reuniões do dia; e saber se ele tinha descoberto alguma coisa também.

Conforme subi os degraus do palácio, me xingando por permanecer tão fora de forma mesmo com as lições de Cassian, vi Amren empoleirada na beira da varanda de uma torre de vigia, limpando as unhas.

Varian estava encostado à soleira da varanda de outra torre, ao alcance de um salto — e me perguntei se ele estava imaginando se conseguiria cobrir aquela distância rápido o bastante para empurrar Amren.

Um gato brincando com um cão... era o que aquilo era. Amren estava praticamente tomando banho, silenciosamente desafiando-o a se aproximar o bastante para farejá-la. Duvidei de que Varian fosse gostar das garras dela.

A não ser que fosse por isso que ele a seguisse dia e noite.

Sacudi a cabeça, continuei a subir os degraus — observando conforme a maré baixava.

O céu manchado pelo pôr do sol se refletia na água e na lama exposta pela maré baixa. Um pouco de brisa noturna passou sussurrando por mim, e me inclinei em sua direção, deixando que esfriasse meu suor. Certa vez houve um tempo em que eu odiava o fim do verão, rezava para que se estendesse pelo máximo de tempo possível. Agora, pensar no calor interminável e no sol me deixava... entediada. Inquieta.

Estava prestes a voltar para as escadas quando vi o trecho de terra que tinha sido revelado próximo ao quebra-mar. O pequeno prédio.

Não era à toa que eu não o tinha visto, pois jamais subira tanto durante o dia quando a maré baixava... E durante o resto do dia, pela lama e pelas algas que agora reluziam ali, aquela área estaria totalmente submersa.

Mesmo agora, estava submersa pela metade. Mas eu não conseguia desviar os olhos.

Como se aquele fosse um pedacinho de meu lar, por mais que parecesse molhado e deprimente, e eu só precisava correr pelo quebra-mar enlameado entre a parte mais tranquila da cidade e o continente — muito, muito rápido, e, então, poderia alcançá-lo antes que sumisse sob as ondas de novo.

Mas o local era visível demais, e, de longe, eu não conseguia dizer com certeza se *era* o Livro que ele continha.

Precisaríamos ter certeza absoluta antes de entrarmos... para afastar os riscos da busca. Certeza absoluta.

Desejei não o ter, mas percebi que já tinha um plano para aquilo também.

Jantamos com Tarquin, Cresseida e Varian em sua sala de jantar de família — uma indicação certeira de que o Grão-Senhor queria mesmo aquela aliança, com ou sem ambição.

Varian observava Amren como se estivesse tentando resolver uma charada que ela propusera a ele, e Amren não lhe deu qualquer atenção conforme debatia com Cresseida as diversas traduções de algum texto antigo. Eu me aproximava de minha pergunta, contando a Tarquin as coisas que tinha visto na cidade naquele dia — os peixes frescos que comprara nas docas.

— Você comeu lá — comentou Tarquin, erguendo as sobrancelhas.

Rhys apoiou a cabeça no punho enquanto eu falava:

— Eles fritaram com o almoço dos outros pescadores. Não me cobraram a mais por isso.

Tarquin soltou uma risada impressionada.

— Não posso dizer que já fiz isso, marinheiro ou não.

— Deveria — aconselhei, sincera em cada palavra. — Estava delicioso.

Eu estava usando o colar que Tarquin me dera, e Nuala planejara minha roupa a partir da joia. Decidimos por cinza — um tom suave, colombino — para exibir o preto reluzente. Não usei mais nada: nenhum brinco, nenhuma pulseira, nenhum anel. Tarquin parecera satisfeito com aquilo, embora Varian tivesse engasgado ao me ver usando uma herança de sua casa. Cresseida, surpreendentemente, me disse

que combinava comigo e que não se adequava àquele lugar mesmo. Um elogio às avessas, mas era o bastante.

— Bem, talvez eu vá amanhã. Se você se juntar a mim.

Sorri para Tarquin, ciente de todos os sorrisos que oferecia a ele agora que Rhys tinha comentado. Além de me dar breves atualizações noturnas sobre a falta de progresso com a descoberta de qualquer coisa a respeito do Livro, não havíamos conversado de verdade desde aquela noite em que eu lhe enchera o copo; embora fosse por causa de nossos dias cheios, não de estranheza.

— Eu gostaria disso — falei. — Talvez pudéssemos caminhar de manhã no quebra-mar, quando a maré estiver baixa. Tem aquele pequeno prédio no caminho, parece fascinante.

Cresseida parou de falar, mas prossegui, tomando vinho.

— Acho que, como já vi a maior parte da cidade agora, poderia ver essa construção quando formos visitar parte do continente também.

O olhar de Tarquin para Cresseida foi toda a confirmação de que eu precisava.

Aquele prédio de pedra de fato guardava o que procurávamos.

— É a ruína de um templo — explicou Tarquin, simplesmente, a mentira suave como seda. — Apenas lama e alga por enquanto. Estamos querendo restaurá-lo há anos.

— Talvez seja melhor pegarmos a ponte então. Já chega de lama por um tempo.

Lembre-se de que o salvei, que lutei contra o Verme de Middengard, esqueça a ameaça...

Os olhos de Tarquin encararam os meus — por um momento longo demais.

Na duração de um piscar de olhos, disparei meu poder silencioso e oculto em sua direção, uma lança apontada para a mente de Tarquin, para aqueles olhos desconfiados.

Havia um escudo erguido; um escudo de vidro marinho e coral e o mar ondulante.

Eu me tornei aquele mar, me tornei o sussurro de ondas contra pedra, o brilho da luz do sol nas asas brancas de uma gaivota. Eu me tornei *ele* — me tornei aquele escudo mental.

Então, passei por ele, uma corda nítida, escura, me mostrava o caminho de volta caso eu precisasse. Deixei que o instinto, sem dúvida vindo de Rhys, me guiasse para a frente. Para o que eu precisava ver.

Os pensamentos de Tarquin me atingiram como pedrinhas. *Por que ela pergunta sobre o templo? De todas as coisas que ela podia mencionar...* Ao meu redor, eles continuaram comendo. *Eu* continuei comendo. Obriguei meu rosto, em um corpo diferente, em um mundo diferente, a sorrir encantadoramente.

Por que quiseram tanto vir? Por que perguntar sobre meu tesouro?

Como ondas batendo, lancei meus pensamentos sobre os dele.

Ela é inofensiva. É boa, e triste, e partida. Você a viu com seu povo — viu como ela os tratou. Como trata você. Amarantha não destruiu essa bondade.

Despejei meus pensamentos para Tarquin, tingindo-os com maresia e o canto das andorinhas-do-mar — envolvendo-os na essência que era Tarquin, a essência que ele me dera.

Leve-a para o continente amanhã. Isso a impedirá de perguntar sobre o templo. Ela salvou Prythian. É sua amiga.

Meus pensamentos se assentaram em Tarquin como uma pedra solta em um lago. E quando a desconfiança se dissipou de seus olhos, eu soube que meu trabalho estava feito.

Recuei mais e mais, deslizando por aquela muralha de oceano e pérola, me recolhendo para dentro até que meu corpo fosse uma jaula ao meu redor.

Tarquin sorriu.

— Vamos nos encontrar depois do café da manhã. A não ser que Rhysand me queira levar para mais reuniões. — Nem Cresseida nem Varian sequer olharam para Tarquin. Será que Rhys cuidara de suas suspeitas?

Um raio percorreu meu sangue, mesmo conforme ele gelou quando percebi o que havia feito...

Rhys gesticulou com a mão preguiçosa.

— Por favor, Tarquin, passe o dia com minha senhora.

Minha senhora. Ignorei as duas palavras. Mas afastei meu próprio assombro diante do que eu realizara, do horror que se acumulava devagar diante da violação invisível da qual Tarquin jamais saberia.

Eu me inclinei para a frente, apoiando os antebraços expostos na mesa fria de madeira.

— Conte o que há para ver no continente — disse a Tarquin, e desviei o assunto do templo no quebra-mar.

Rhys e Amren esperaram até que as luzes da casa diminuíssem antes de irem até meu quarto.

Eu estava sentada na cama, contando os minutos, armando meu plano. Nenhum dos quartos de hóspedes dava para o quebra-mar, como se não quisessem que ninguém o notasse.

Rhys chegou primeiro e se inclinou contra a porta fechada.

— Como você aprende rápido. A maioria do daemati leva anos para dominar esse tipo de infiltração.

Minhas unhas se enterraram nas palmas das mãos.

— Você sabia... que eu fiz aquilo? — Dizer as palavras em voz alta pareceu demais, pareceu... real demais.

Um aceno breve de cabeça.

— E que trabalho de especialista você fez, usando a essência *dele* para enganar os escudos de Tarquin, para passar por eles... Senhora esperta.

— Ele jamais me perdoará — sussurrei.

— Ele jamais saberá. — Rhys inclinou a cabeça, e os cabelos pretos sedosos caíram sobre sua testa. — Você se acostuma. Com a sensação de que está ultrapassando um limite, de que o está violando. Se ajuda, não gostei muito de convencer Varian e Cresseida a encontrar outros assuntos mais interessantes.

Abaixei o olhar para o piso de mármore pálido.

— Se não tivesse cuidado de Tarquin — continuou ele —, provavelmente estaríamos enterrados até o joelho em bosta agora.

— A culpa foi minha mesmo, fui eu quem perguntou sobre o templo. Só estava limpando minha sujeira. — Sacudi a cabeça. — Não parece certo.

— Nunca parece. Ou não deveria parecer. Muitos daemati perdem essa noção. Mas aqui, esta noite... os benefícios foram maiores que os custos.

— Também é isso que disse a si mesmo quando entrou em minha mente? Qual foi o benefício então?

Rhys se afastou da porta, caminhando até onde eu estava sentada na cama.

— Há partes de sua mente que deixei intactas, coisas que pertencem apenas a você, e sempre pertencerão. E quanto ao resto... — O maxilar de Rhys se contraiu. — Você me apavorou durante um bom tempo, Feyre. Mandando sensações daquela forma... Eu não podia sair andando para dentro da Corte Primaveril e perguntar como você estava, podia? — Passos leves soaram no corredor: Amren. Rhys me encarou, no entanto, ao dizer: — Explico o resto outra hora.

A porta se abriu.

— Parece um lugar idiota para esconder um livro — disse Amren, como um cumprimento, ao entrar, sentando-se na cama.

— E o último lugar em que alguém procuraria — argumentou Rhys, se afastando de mim para sentar no banquinho da penteadeira diante da janela. — Poderiam protegê-lo facilmente com feitiços contra água e erosão. Um lugar apenas visível por breves momentos ao longo do dia, quando a terra ao redor está exposta para que todos vejam? Não poderia haver lugar melhor. Temos os olhos de milhares nos observando.

— Então, como entramos? — perguntei.

— Provavelmente está guardado contra travessia — disse Rhys, apoiando os antebraços nas coxas. — Não vou arriscar soar algum alarme ao tentar. Então, vamos à noite, à moda antiga. Posso carregar vocês duas e, depois, montar guarda — acrescentou Rhys, quando ergui as sobrancelhas.

— Tão galanteador — ironizou Amren — fazer a parte fácil, e então deixar que nós, fêmeas indefesas, chafurdemos na lama e nas algas marinhas.

— Alguém precisa circular alto o bastante para ver qualquer um se aproximando, ou soando um alarme. E ocultar vocês de vista.

Franzi a testa.

— As trancas respondem ao toque dele; tomara que respondam ao meu.

— Quando agimos? — indagou Amren.

— Amanhã à noite — respondi. — Observaremos os turnos dos guardas esta noite durante a maré baixa, descobriremos onde estão os vigias. Quem podemos precisar eliminar antes de agirmos.

— Você pensa como um illyriano — murmurou Rhys.

— Acredito que isso deveria ser um elogio — confidenciou Amren.

Rhys riu com escárnio, e sombras se reuniram ao redor dele quando o Grão-Senhor afrouxou o controle sobre o poder.

— Nuala e Cerridwen já estão agindo dentro do castelo. Vou tomar os céus. Vocês duas deveriam sair para uma caminhada à meia-noite, considerando o quanto está quente. — Então, ele se foi com um farfalhar de asas invisíveis e uma brisa morna e escura.

Os lábios de Amren estavam vermelhos como sangue ao luar. Eu sabia quem teria a incumbência de eliminar qualquer olho espião, e acabaria com uma refeição. Minha boca secou um pouco.

— Que tal um passeio?

Capítulo 36

O dia seguinte foi uma tortura. Uma tortura lenta, interminável, quente como o inferno.

Fingir interesse no continente conforme caminhava com Tarquin, conhecia seu povo, sorria para eles, ficou mais difícil conforme o sol percorreu o céu e então finalmente começou a descer em direção ao mar. Mentirosa, ladra, enganadora — era assim que me chamariam em breve.

Esperava que soubessem — que Tarquin soubesse — que o que tínhamos feito era pelo bem deles.

Arrogância suprema, talvez, pensar assim, mas... era verdade. Considerando a rapidez com que Tarquin e Cresseida tinham se olhado, me guiado para longe daquele templo... Aposto que não teriam entregado o livro. Por quaisquer que fossem os motivos, queriam o artefato.

Talvez esse novo mundo de Tarquin só pudesse ser construído com base na confiança... Mas ele não teria a chance de construí-lo se tudo fosse destruído pelos exércitos do rei de Hybern.

Foi o que disse para mim mesma, repetidas vezes, conforme caminhávamos pela cidade de Tarquin; conforme eu aturava os cumprimentos de seu povo. Talvez não tão alegres quanto aqueles em Velaris, mas... era uma acolhida esforçada e merecida. Aquelas pessoas tinham suportado o pior e agora tentavam superá-lo.

Como eu deveria superar minha escuridão.

Quando o sol por fim deslizou no horizonte, confessei a Tarquin que estava cansada e com fome — e, por ser gentil e hospitaleiro, ele me levou de volta, e me comprou uma torta de peixe assado a caminho de casa. Ele até mesmo comera um peixe frito nas docas naquela tarde.

O jantar foi o pior.

Partiríamos antes do café da manhã, mas eles não sabiam disso. Rhys mencionou voltar à Corte Noturna na tarde do dia seguinte, então, talvez uma partida mais cedo não parecesse tão suspeita. Ele deixaria um bilhete sobre assuntos urgentes, agradeceria a Tarquin pela hospitalidade e então sumiria para casa... para Velaris. Se tudo corresse de acordo com o planejado.

Havíamos descoberto onde os guardas estavam posicionados, como os turnos funcionavam e onde os postos ficavam no continente também.

E, quando Tarquin beijou minha bochecha ao me dar boa-noite, dizendo que desejava que aquela não fosse minha última noite e que talvez visse se poderia visitar a Corte Noturna em breve... Quase caí de joelhos para implorar seu perdão.

A mão de Rhysand em minhas costas era um aviso sólido para que eu mantivesse a calma... mesmo que o rosto só estampasse aquela diversão fria.

Fui para o quarto. E encontrei trajes de couro de guerra illyrianos me esperando. Junto daquele cinto de facas illyrianas.

Então, me vesti para batalha mais uma vez.

Rhys voou conosco para perto da maré baixa e nos deixou antes tomar os céus, onde ele circularia, monitoraria os guardas na ilha e no continente enquanto caçávamos.

A lama fedia, emitia ruídos aquosos e nos espremia a cada passo desde a estreita estrada do quebra-mar até a pequena ruína do templo. Cracas, algas marinhas e lapas se agarravam a pedras cinza — e cada passo para dentro da única câmara interna fazia com que aquela *coisa* em meu peito dissesse *onde você está, onde você está, onde você está?*

Rhys e Amren tinham verificado feitiços ao redor do local, mas não encontraram nada. Era estranho, mas era uma sorte. Graças à porta aberta, não ousamos arriscar acender uma luz, e, com as rachaduras na pedra acima, o luar fornecia iluminação suficiente.

Com os joelhos enterrados em lama, a água recuando e escorrendo pelas rochas, Amren e eu verificamos a câmara, com pouco mais de 12 metros de largura.

— Consigo sentir — sussurrei. — Como a mão de alguém, cheia de garras, percorrendo minha coluna. — De fato, minha pele formigava, os pelos se arrepiavam sob o traje quente de couro. — Está dormente.

— Não é à toa que o tenham escondido sob pedra e lama e mar — murmurou Amren, com a lama fazendo barulhos aquosos quando ela se virou onde estava.

Estremeci, as facas illyrianas em mim agora pareciam tão úteis quanto palitos de dente, e mais uma vez me virei onde estava.

— Não sinto nada nas paredes. Mas está aqui.

De fato, nós duas olhamos para baixo na mesma hora e nos encolhemos.

— Devíamos ter trazido uma pá — ponderou Amren.

— Não há tempo de pegar uma. — A maré estava totalmente baixa agora. Cada minuto contava. Não apenas para a água, que retornaria, mas para o alvorecer, que não estava muito longe.

Cada passo era um esforço em meio ao aperto firme da lama, e me concentrei naquela sensação, naquele chamado. Parei no centro da câmara; bem no centro. *Aqui, aqui, aqui*, sussurrou a coisa.

Eu me inclinei para baixo, estremecendo para a lama gelada, para os pedaços de concha e de destroços que arranharam minhas mãos expostas conforme comecei a empurrá-los.

— Rápido.

Amren sibilou, mas se abaixou para puxar a lama pesada e densa. Caranguejos e coisas ligeiras fizeram cócegas em meus dedos. Eu me recusei a pensar neles.

Então, cavamos e cavamos, até estarmos cobertas de lama salgada que queimava nossos inúmeros pequenos cortes conforme ofegávamos para um piso de pedra. E uma porta de chumbo.

Amren xingou.

— Chumbo para manter a força total dele do lado de dentro, para preservá-lo. Costumavam cobrir os sarcófagos dos grandes governantes com isso, porque achavam que um dia acordariam.

— Se o rei de Hybern sair por aí com aquele Caldeirão, podem muito bem acordar.

Amren estremeceu e apontou.

— A porta está selada.

Limpei a mão na única parte de mim que estava limpa — o pescoço — e usei a outra para raspar o restante da lama da porta redonda. Cada esbarro contra o chumbo lançava pontadas de frio por mim. Mas ali estava: um redemoinho entalhado no centro da porta.

— Isso está aqui há muito tempo — murmurei.

Amren assentiu.

— Não ficaria surpresa se, apesar da marca do poder do Grão-Senhor, Tarquin e seus predecessores jamais tivessem colocado os pés aqui, o feitiço de sangue neste

lugar tivesse sido imediatamente transferido para eles depois que assumiram o poder.

— Por que desejar o Livro, então?

— Não iria querer esconder um objeto de terrível poder? Para que ninguém pudesse usá-lo para o mal, ou para ganho pessoal? Ou talvez o tenham trancafiado para ter poder de barganha se algum dia fosse necessário. Eu não tinha ideia de por que eles, de todas as cortes, receberam a metade do Livro para início de conversa.

Sacudi a cabeça e espalmei a mão no redemoinho no chumbo.

Um sobressalto me percorreu o corpo como relâmpago, e resmunguei, descendo meu peso sobre a porta.

Meus dedos congelaram ali, como se o poder estivesse sugando minha essência, bebendo como Amren bebia, e eu o senti hesitar, questionar...

Sou Tarquin. Sou verão; sou calor; sou mar e céu e campos cultivados.

Eu me tornei cada sorriso que Tarquin me lançara, me tornei o azul cristalino de seus olhos, o marrom de sua pele. Senti minha pele mudar, senti meus ossos se esticarem e mudarem. Até que eu *fosse* ele, e até que então eu tivesse um par de mãos masculinas, que agora faziam força contra a porta. Até que minha essência se tornasse o que eu tinha provado naquele escudo mental interior de Tarquin: mar e sol e maresia. Não me dei um momento para pensar em que poder teria acabado de usar. Não permiti que nenhuma parte de mim que *não fosse* o Grão-Senhor da Corte Estival transparecesse.

Sou seu mestre, e você me deixará passar.

A tranca resistiu com mais e mais força, e mal consegui respirar...

Então, ouviu-se um clique e um rangido.

Voltei para minha pele e recuei para a lama amontoada no momento em que a porta afundou e se afastou, entrando sob as pedras e revelando uma escada espiralada que descia para uma escuridão primitiva. E, com uma brisa úmida e salgada, de baixo subiram gavinhas de poder.

Do outro lado da escada, o rosto de Amren ficara mais pálido que o comum, os olhos prateados brilhavam fortemente.

— Nunca vi o Caldeirão — disse Amren. — Mas deve ser mesmo terrível se apenas um grão de seu poder tem... essa sensação.

De fato, aquele poder estava preenchendo a câmara, minha cabeça, meus pulmões; sufocando, afogando e seduzindo...

— Rápido — avisei, e uma pequena bola de luz feérica disparou para baixo da curva das escadas, iluminando degraus cinza desgastados escorregadios com lodo.

Saquei a faca de caça e desci, com uma das mãos apoiada na parede de pedra gelada, para evitar escorregar.

Desci uma curva, com Amren logo atrás, antes de luz feérica dançar sobre uma água pútrida na altura da cintura. Verifiquei a passagem ao pé das escadas.

— Tem um corredor e uma câmara além dele. Tudo livre.

— Então, suba correndo — disse Amren.

Eu me preparei e avancei para a água escura, contendo o grito diante da temperatura quase congelante, da oleosidade dali. Amren quase vomitou, pois a água praticamente lhe atingia o peito.

— Este lugar sem dúvida enche rápido depois que a maré sobe de novo — observou Amren, conforme arrastávamos as pernas pela água, franzindo a testa para os muitos vãos de drenagem nas paredes.

Seguimos devagar o bastante para que ela detectasse qualquer tipo de feitiço ou armadilha, mas... não havia nada. Nada mesmo. No entanto, quem desceria até lá, até tal lugar?

Tolos... tolos desesperados, isso sim.

O longo corredor de pedra terminava em uma segunda porta de chumbo. Atrás dela, aquele poder estava contido, cobrindo a marca de Tarquin.

— Está ali.

— Obviamente.

Fiz uma cara feia para Amren, nós duas estremecemos. O frio estava intenso o bastante para que eu me perguntasse se talvez já estaria morta caso ainda tivesse um corpo de humana. Ou perto de morrer.

Espalmei a mão na porta. Os puxões, os questionamentos e a exaustão foram piores dessa vez. Muito piores, e precisei apoiar a mão tatuada na porta para evitar cair de joelhos e gritar conforme o poder me pilhava.

Sou verão, sou verão, sou verão.

Não me transformei em Tarquin dessa vez — não precisei. Um clique e um rangido, e a porta de chumbo deslizou para a parede, águas se encontraram e agitaram quando cambaleei para trás, para os braços pacientes de Amren.

— Fechadura tão travessa — sibilou ela, estremecendo não apenas devido à água.

Minha cabeça estava girando. Mais uma fechadura e eu poderia muito bem desmaiar.

Mas a luz feérica tremeluziu para dentro da câmara diante de nós e paramos.

A água não tinha se encontrado com mais uma câmara, mas parado contra um umbral invisível. A câmara seca além estava vazia, exceto por um altar redondo e um pedestal.

Uma pequena caixa de chumbo estava sobre ele.

Amren gesticulou com a mão hesitante no ar acima de onde a água simplesmente... parava. Então, satisfeita por não haver feitiços ou truques, ela entrou, pingando nas pedras cinza ao ficar de pé na câmara, encolhendo um pouco o corpo, e me chamar.

Arrastando as pernas o mais rápido possível na água, eu a segui, quase caindo no chão quando meu corpo se ajustou ao ar repentino. Eu me virei... e, de fato, a água era uma parede negra, como se houvesse um painel de vidro mantendo-a no lugar.

— Sejamos rápidas — ordenou Amren, e não discordei.

Nós duas cuidadosamente verificamos a câmara: pisos, paredes, tetos. Nenhum sinal de mecanismos ou gatilhos ocultos.

Embora não fosse maior que um livro comum, a caixa de chumbo parecia engolir a luz feérica; e dentro dela, sussurrando... o selo do poder de Tarquin e o Livro.

E agora ouvi, com tanta clareza quanto se a própria Amren tivesse sussurrado:

Quem é você... o que é você? Chegue mais perto, me deixe sentir seu cheiro, me deixe vê-la...

Paramos de lados opostos do pedestal, a luz feérica pairava sobre a tampa.

— Nenhum feitiço — disse Amren, a voz pouco mais alta que o raspar de suas botas na pedra. — Nenhum feitiço. Precisa retirá-lo... carregá-lo para fora. — A ideia de tocar naquela caixa, de me aproximar daquela coisa dentro dela... — A maré está voltando — acrescentou Amren, verificando o teto.

— Cedo assim?

— Talvez o mar saiba. Talvez o mar seja o servo do Grão-Senhor.

E se ficássemos presas ali embaixo quando a água subisse...

Não achei que meus pequenos animais de água ajudariam. Pânico se contorceu em meu estômago, mas eu o afastei e reuni coragem, erguendo o queixo.

A caixa devia ser pesada e fria.

Quem é você, quem é você, quem é você...

Flexionei os dedos e estalei o pescoço. *Sou verão; sou mar e sol e coisas verdes.*

— Vamos lá, vamos lá — murmurou Amren. Acima, a água escorria pelas pedras.

Quem é você, quem é você, quem é você...

Sou Tarquin; sou Grão-Senhor; sou seu mestre.

A caixa se calou. Como se fosse resposta o bastante.

Peguei a caixa do pedestal, a frieza do metal feriu minhas mãos, e o poder percorreu meu sangue, como uma mancha de óleo.

Uma voz antiga e cruel sibilou:

Mentirosa.

E a porta bateu.

Capítulo 37

— *Não!* — gritou Amren para a porta em um segundo, o punho como uma forja radiante quando golpeou contra o chumbo, uma, duas vezes.

E acima, a corrente e o ruído da água escorrendo escada abaixo, enchendo a câmara...

Não, não, não...

Cheguei à porta, guardei a caixa no grande bolso interno do casaco de couro enquanto a palma da mão incandescente de Amren pressionava a porta, queimando, aquecendo o metal, espirais e redemoinhos irradiavam pela porta como se fossem uma língua só dela, então...

A porta se abriu com uma explosão.

Apenas para que uma enchente entrasse com tudo.

Segurei o umbral, mas errei quando a água me empurrou de volta, me varrendo para debaixo da superfície escura e gelada. O frio roubou o ar de meus pulmões.

Encontrar o chão, encontrar o chão...

Meus pés tocaram o chão e dei um impulso para cima, puxando ar, avaliando a câmara escura em busca de Amren. Ela estava agarrada ao umbral, de olho em mim, a mão estendida, brilhando forte.

A água já subira até a altura de meus seios, e corri até Amren, lutando contra o ataque que inundava a câmara, desejando que aquela nova força tomasse meu corpo, meus braços...

A água ficou mais tranquila, como se aquela semente de poder acalmasse a corrente, sua ira, mas Amren agora subia o umbral.

— Está com ele? — gritou ela, por cima do rugido da água.

Assenti e percebi que a mão estendida de Amren não era para mim, mas para a porta que ela forçara de volta para dentro da parede. Amren a manteve afastada até que eu pudesse sair.

Forcei meu caminho pela abertura em arco, e Amren deslizou pelo umbral — no momento em que a porta se fechou de novo, com tanta violência que me maravilhei diante do poder que Amren tinha usado para afastá-la.

A única desvantagem era que a água no corredor agora tinha muito menos espaço a preencher.

— Vá! — mandou Amren, mas não esperei por aprovação antes de pegá-la, prendendo seus pés de em volta da minha barriga quando a coloquei nas costas.

— Apenas... faça o que precisa fazer — disse eu, o pescoço curvado acima da água que subia. Não faltava muito até as escadas, as escadas que agora eram uma cachoeira. Onde diabo estava Rhysand?

Mas Amren estendeu a palma da mão diante de nós, e a água recuou e estremeceu. Não era um caminho livre, mas uma brecha na corrente. Direcionei aquela semente do poder de Tarquin — de *meu* poder agora — para ela. A água se acalmou mais ainda, lutando para obedecer meu comando.

Corri, segurando as coxas de Amren, provavelmente com força suficiente para deixar hematomas. Passo a passo, a água agora descendo violentamente, em meu

maxilar, em minha boca...

Mas cheguei às escadas, quase escorreguei no degrau coberto de lodo, e o arquejo de Amren quase me parou subitamente.

Não foi um arquejo de choque, mas em busca de ar quando uma muralha de água jorrou pelas escadas. Como se uma onda poderosa tivesse varrido o local. Até mesmo meu domínio sobre o elemento não podia fazer nada contra ela.

Tive tempo o bastante para tomar fôlego, segurar as pernas de Amren e me preparar...

E observar quando aquela porta no alto das escadas se fechou, nos selando em uma tumba de água.

Eu estava morta. Sabia que estava morta, e não tinha como escapar.

Tinha consumido meu último fôlego e estaria consciente durante cada segundo até que meus pulmões cedessem e meu corpo me traísse, e eu tragasse aquele gole fatal de água.

Amren bateu em minhas mãos até que eu soltasse, até que nadasse atrás dela, tentando acalmar meu coração em pânico, meus pulmões, tentando convencê-los a fazer cada segundo contar conforme Amren alcançava a porta e batia nela com a palma da mão. Símbolos se incendiaram; de novo e de novo. Mas a porta se manteve firme.

Alcancei Amren, e empurrei meu corpo contra a porta, de novo e de novo, e o chumbo cedeu sob meus ombros. Então eu tinha presas, presas, não garras, e eu cortava e socava o metal...

Meus pulmões pareciam em fogo. Meus pulmões estavam entrando em colapso...

Amren esmurrava a porta, aquela faísca de luz feérica se extinguia, como se estivesse fazendo a contagem regressiva das batidas do próprio coração...

Precisava tomar fôlego, precisava abrir a boca e tomar fôlego, precisava acalmar a queimação...

Então, a porta foi destruída.

E a luz feérica permaneceu forte o suficiente para que eu visse os três rostos lindos e etéreos sibilando com dentes como os de peixes conforme os dedos finos e palmados nos puxavam das escadas para seus braços com pele de rã.

Espectros da água.

Mas não consegui aguentar, quando aquelas mãos finas seguraram meu braço, abri a boca, a água entrou, cortando pensamentos e sons e fôlego. Meu corpo se convulsionou, e aquelas presas sumiram...

Escombros e algas marinhas e água passaram em disparada por mim, e tive a vaga sensação de ser lançada pela água, tão rápido que esta ardeu sob minhas pálpebras.

Então, ar quente; ar, ar, ar, mas meus pulmões estavam cheios de água quando...

Um punho golpeou meu estômago e vomitei água nas ondas. Inspirei ar, piscando diante do roxo hematoma e do rosa corado do céu matinal.

Uma tosse e um arquejo, não muito longe de mim, e me arrastei pela água quando me virei na baía para ver Amren vomitando também... mas viva.

E, nas ondas entre nós, com cabelo ônix colado às cabeças estranhas como se fossem capacetes, os espectros da água flutuavam, encarando-nos com olhos grandes e pretos.

O sol estava nascendo atrás deles — a cidade que nos cercava se agitava.

O espectro que estava no centro falou:

— A dívida de nossa irmã está paga.

Então, se foram.

Amren já estava nadando para o litoral distante do continente.

Rezando para que eles não voltassem e nos transformassem em refeição, segui com pressa atrás de Amren, tentando manter meus movimentos curtos para evitar ser detectada.

Nós duas chegamos a um recesso tranquilo de areia e desabamos.

Uma sombra bloqueou o sol, e uma bota chutou minha panturrilha.

— O que — falou Rhysand, ainda vestido de preto para a batalha — vocês duas estão fazendo?

Abri os olhos e encontrei Amren apoiada sobre os cotovelos.

— Onde *diabos* você estava? — indagou ela.

— Vocês duas dispararam todas as porcarias de gatilhos do palácio. Eu estava caçando cada guarda que soaria o alarme. — Minha garganta ardia, e areia fazia cócegas em minhas bochechas, em minhas mãos expostas. — Achei que você estava cuidando de tudo — disse Rhysand a Amren.

Ela sibilou.

— Aquele *lugar*, ou aquele maldito livro, quase anularam meus poderes. Quase nos afogamos.

O olhar dele disparou para mim.

— Não senti pelo laço...

— Provavelmente anulou isso também, seu canalha burro — disparou Amren.

Os olhos de Rhys se iluminaram.

— Conseguiu pegar o Livro? — Ele não estava nem um pouco preocupado se quase nos havíamos afogado e morrido.

Toquei meu casaco; o pedaço do metal pesado estava dentro do bolso.

— Que bom — falou Rhys, e olhei para trás dele devido à urgência súbita em seu tom de voz.

E de fato, no castelo do outro lado da baía, as pessoas corriam.

— Deixei alguns guardas escaparem — disse ele, e depois pegou nossos braços e desaparecemos.

O vento escuro estava frio e rugia, e eu mal tinha forças para me segurar em Rhysand.

Perdi totalmente as forças, assim como Amren, quando aterrissamos no saguão do solar... e nós duas desabamos no piso de madeira, derramando areia e água no carpete.

Cassian gritou da sala de jantar atrás de nós:

— Que diabos?

Olhei com raiva para Rhysand, que apenas se aproximou da mesa de café da manhã.

— Também estou esperando uma explicação — disse ele, simplesmente, para Cassian, Azriel e Mor, todos de olhos arregalados.

Mas eu me virei para Amren, que ainda sibilava no chão. Seus olhos vermelhos se semicerraram.

— Como?

— Durante o Tributo, a emissária dos espectros da água disse que não tinham ouro ou comida com que pagar. Estavam passando fome. — Cada palavra doía, e achei que poderia vomitar de novo. Ele mereceria se eu vomitasse no tapete inteiro. Embora Rhys provavelmente descontasse o prejuízo de meu salário. — Então, dei a ela algumas de minhas joias para pagar os impostos. O espectro jurou que ela e as irmãs jamais se esqueceriam da bondade.

— Alguém pode explicar, por favor? — gritou Mor, da sala além de nós.

Permanecemos no chão, e Amren começou a gargalhar baixinho, o pequeno corpo tremia.

— O quê? — indaguei.

— Apenas uma imortal com coração mortal daria dinheiro a uma daquelas bestas terríveis. É tão... — Amren riu de novo, os cabelos pretos estavam colados com areia e algas marinhas. Por um momento, até pareceu humana. — Qualquer que seja a sorte que a mantém viva, garota... agradeça ao Caldeirão por ela.

Os outros observavam, mas senti um riso sair, sussurrado, de mim.

Seguido por uma gargalhada, rouca e crua como meus pulmões. Mas uma gargalhada real, talvez impulsionada pela histeria... e por alívio profundo.

Nós nos olhamos e rimos de novo.

— Senhoras — ronronou Rhys, uma ordem silenciosa.

Gemi quando fiquei de pé, areia caiu por toda parte, e ofereci a mão para que Amren se levantasse. Seu aperto era firme, mas os olhos de mercúrio estavam surpreendentemente suaves quando ela segurou minha mão antes de estalar os dedos.

Nós duas fomos instantaneamente limpas e aquecidas, as roupas estavam secas. Exceto por um trecho molhado perto de meu seio, onde aquela caixa esperava.

Meus companheiros exibiam uma expressão solene conforme me aproximei e levei a mão ao bolso. O metal feriu meus dedos, tão frio que pareceu queimar.

Soltei o objeto na mesa.

Ele emitiu um estampido, e todos se encolheram, xingando.

Rhys apontou um dedo flexionado para mim.

— Uma última tarefa, Feyre. Destranque-o, por favor.

Meus joelhos estavam falhando, minha cabeça girava, e minha boca parecia seca e cheia de sal e areia, mas... eu queria me livrar daquilo.

Então, me sentei em uma cadeira, puxando aquela maldita caixa para mim, e coloquei a mão no topo.

Oi, mentirosa, ronronou o objeto.

— Oi — falei, baixinho.

Vai me ler?

— Não.

Os outros não disseram uma palavra, embora eu sentisse sua confusão, fervilhando pela sala. Apenas Rhys e Amren me observavam com atenção.

Abra, falei, em silêncio.

Diga por favor.

— Por favor — pedi.

A caixa — o Livro — ficou em silêncio. Então, disse: *Semelhante atrai semelhante.*

— Abra! — ordenei, entre dentes.

Desfeita e Feita; Feita e Desfeita — esse é o ciclo. Semelhante atrai semelhante.

Empurrei a mão com mais força, tão cansada que não me importava com os pensamentos que saíam aos tropeços, com os punhados e os pedaços que eram e não eram partes de mim: calor e água e gelo e luz e sombra.

Quebradora da Maldição, disse para mim o Livro, e a caixa se abriu.

Relaxei na cadeira, grata pelo fogo crepitante na lareira próxima.

Os olhos de avelã de Cassian estavam sombrios.

— Jamais quero ouvir aquela voz de novo.

— Bem, vai ouvir — falou Rhysand, casualmente, levantando a tampa. — Porque virá conosco ver aquelas rainhas mortais assim que se dignem a receber visitas.

Eu estava cansada demais para pensar naquilo: no que ainda tínhamos de fazer. Olhei dentro da caixa.

Não era um livro; não com papel e couro.

Tinha sido feito de placas de metal escuras amarradas em três anéis de ouro, prata e bronze, cada palavra entalhada com precisão impecável, em um alfabeto que eu não reconhecia. Sim, de fato, minhas aulas de leitura haviam sido desnecessárias.

Rhys o deixou dentro da caixa enquanto olhávamos para ela — e depois nos encolhíamos.

Apenas Amren continuou observando o livro. O sangue totalmente drenado do rosto.

— Que língua é essa? — perguntou Mor.

Achei que as mãos de Amren estivessem tremendo, mas ela as enfiou nos bolsos.

— Não é uma língua deste mundo.

Apenas Rhys permaneceu inabalado pelo choque no rosto de Amren. Como se suspeitasse que língua seria aquela. Por que a escolhera para fazer parte daquela caçada.

— O que é, então? — perguntou Azriel.

Amren encarou o Livro sem parar — como se fosse um fantasma, como se fosse um milagre — e falou: — É o Leshon Hakodesh. A Língua Sagrada. —

Aqueles olhos de mercúrio se voltaram para Rhysand, e percebi que Amren também entendia por que tinha ido.

Rhysand falou:

— Ouvi uma lenda que diz que ele foi escrito em uma língua de seres poderosos que temiam o poder do Caldeirão e fizeram o Livro para combatê-lo. Seres poderosos que estavam aqui... e depois sumiram. Você é a única que pode decodificá-lo.

Foi Mor quem avisou:

— Não entre nesses tipos de jogos, Rhysand.

Mas ele sacudiu a cabeça.

— Não é um jogo. Foi um palpite de que Amren conseguiria lê-lo, e um de sorte.

As narinas de Amren se dilataram delicadamente, e, por um momento, me perguntei se ela poderia atacar Rhys por não lhe ter contado sobre suas suspeitas, de que o Livro poderia, de fato, ser mais que a chave para nossa salvação.

Rhys sorriu para Amren de uma forma que dizia que ele estaria disposto a permitir que ela tentasse.

Até mesmo Cassian deslizou a mão para a faca de guerra.

Mas, então, Rhysand falou:

— Eu também achei que o Livro pudesse conter o feitiço para libertar você... e mandá-la de volta para casa. Se foram eles que escreveram.

A garganta de Amren oscilou levemente.

— Merda — disse Cassian.

Rhys continuou:

— Não contei sobre minhas suspeitas porque não queria dar esperanças a você. Mas, se as lendas sobre a língua forem mesmo verdadeiras... talvez encontre o que anda procurando, Amren.

— Preciso da outra parte antes que possa começar a decodificá-lo. — A voz de Amren soava áspera.

— Espero que nosso pedido às rainhas mortais seja atendido em breve — disse Rhys, franzindo a testa para a areia e a água que manchavam o saguão. — E espero que o próximo encontro seja melhor que esse.

A boca de Amren se contraiu, os olhos brilhavam intensamente.

— Obrigada.

Dez mil anos em exílio; sozinha.

Mor suspirou — um ruído alto e dramático, sem dúvida destinado a interromper o silêncio carregado — e reclamou sobre querer ouvir a história toda sobre o que acontecera.

Mas Azriel disse:

— Mesmo que o livro possa anular o Caldeirão... Teremos ainda que enfrentar Jurian.

Todos olhamos para ele.

— Essa é a peça que não se encaixa — esclareceu Azriel, batendo com um dedo coberto de cicatrizes na mesa. — Por que ressuscitá-lo? E como o rei o mantém preso? O que o rei tem que garante a lealdade de Jurian?

— Pensei nisso — confessou Rhys, sentando-se diante de mim à mesa, entre os dois irmãos. É claro que tinha pensado. Rhys deu de ombros. — Jurian era... obsessivo em sua busca por coisas. Ele morreu com muitas daquelas metas por cumprir.

O rosto de Mor empalideceu um pouco.

— Se suspeitar que Miryam está viva...

— É mais provável que Jurian acredite que Miryam se foi — disse Rhys. — E quem melhor para ressuscitar sua antiga amante que um rei com um Caldeirão capaz de levantar os mortos?

— Será que Jurian se aliaria a Hybern apenas porque acha que Miryam está morta e a quer de volta? — argumentou Cassian, apoiando os braços na mesa.

— Ele faria isso para se vingar de Drakon por ter conquistado Miryam — respondeu Rhys. Ele sacudiu a cabeça. — Discutiremos depois. — E fiz uma nota

mental para perguntar a Rhys quem eram aquelas pessoas, qual era a história delas, perguntar a Rhys por que ele jamais indicara Sob a Montanha que *conhecia* o homem por trás do olho no anel de Amarantha. Depois que eu tivesse tomado banho. E bebido água. E tirado uma soneca.

Mas todos olharam para mim e para Amren de novo — ainda esperando pela história. Depois de limpar alguns grãos de areia, deixei que Amren começasse o conto, cada palavra era mais inacreditável que a última.

Do outro lado da mesa, ergui o olhar de minhas roupas e vi os olhos de Rhys já sobre mim.

Inclinei levemente a cabeça e abaixei o escudo por tempo suficiente para dizer pela ligação: *Aos sonhos que são atendidos.*

Um segundo depois, uma carícia sensual percorreu meus escudos mentais — um pedido educado. Deixei que caíssem, deixei que ele entrasse, e a voz de Rhys tomou conta de minha cabeça. *Às caçadoras que se lembram de ajudar os menos favorecidos — e aos espectros da água que nadam muito, muito rápido.*

Capítulo 38

Amren levou o Livro para onde quer que fosse sua casa em Velaris, deixando nós cinco para comer. Enquanto Rhys contava sobre nossa visita à Corte Estival, consegui tomar meu café da manhã antes que a exaustão de ter ficado acordada a noite inteira, de ter destrancado aquelas portas e de ter chegado muito perto de morrer me atingisse. Quando acordei, a casa parecia vazia, o sol da tarde estava morno e dourado, e o dia, tão incomumente quente e lindo que levei um livro para o pequeno jardim nos fundos.

O sol, por fim, mudou, sombreando o jardim até esfriar de novo. Ainda não estava muito disposta a desistir de seus raios; então, subi os três andares até o pátio do telhado para vê-lo se pôr.

É claro — é claro — que Rhysand já estava sentado em uma das cadeiras de ferro pintadas de branco, com um dos braços jogado para trás enquanto a outra mão

segurava casualmente um copo com algum tipo de bebida, e um decantador de cristal cheio da mesma estava na mesa diante de Rhys.

As asas estavam abertas às costas, até o piso de azulejo, e me perguntei se Rhys estaria aproveitando o dia incomumente ameno para banhá-las ao sol; depois, pigarreei.

— Eu sei que você está aí — disse Rhys, sem dar as costas à vista do rio Sidra e do mar vermelho-dourado além.

Fiz uma expressão de raiva.

— Se quer ficar sozinho, posso ir.

Rhys apontou com o queixo na direção da cadeira vazia à mesa de ferro. Não era um convite entusiasmado, mas... eu me sentei.

Havia uma caixa de madeira ao lado do decantador; e talvez eu tivesse pensado que era algum ingrediente para o que quer que Rhys estivesse bebendo, caso não tivesse notado a adaga de madrepérola na tampa.

Se não tivesse jurado que sentia o cheiro do mar e do calor e do solo que eram de Tarquin.

— O que é isso?

Rhys esvaziou o copo, ergueu a mão — o decantador flutuou até ele em um vento fantasma — e se serviu de mais um dedo antes de falar.

— Debati por um bom tempo, sabe — revelou Rhys, encarando sua cidade. — Se deveria simplesmente pedir o Livro a Tarquin. Mas achei que ele poderia muito bem dizer que não, e em seguida vender a informação para quem fizesse o lance mais alto. Achei que pudesse dizer que sim, e ainda acabaria com pessoas demais a par de nossos planos e com o potencial para que essa informação se espalhasse. E, no fim das contas, precisava que o *motivo* de nossa missão permanecesse em segredo pelo máximo de tempo possível. — Rhys bebeu de novo e passou uma das mãos pelos cabelos preto-azulados. — Não gostei de roubar dele. Não gostei de ferir os guardas de Tarquin. Não gostei de sumir sem dizer uma palavra, quando, com ou sem ambição, ele realmente queria uma aliança. Talvez até mesmo amizade.

Nenhum outro Grão-Senhor sequer se deu o trabalho, ou ousou. Mas acho que Tarquin queria ser meu amigo.

Olhei de Rhysand para a caixa e repeti:

— O que é isso?

— Abra.

Cuidadosamente, abri a tampa.

Dentro, aninhados em uma cama de veludo branco, três rubis brilharam, cada um do tamanho de um ovo de galinha. Cada um tão puro e de cor tão intensa que pareciam feitos de...

— Rubis de sangue — explicou Rhys.

Afastei os dedos que estavam se aproximando das pedras.

— Na Corte Estival, quando um insulto grave é cometido, eles mandam um rubi de sangue ao ofensor. Uma declaração oficial de que há um preço sobre sua cabeça, de que agora são caçados e, em breve, estarão mortos. A caixa chegou à Corte dos Pesadelos há uma hora.

Pela Mãe.

— Presumo que um desses rubis tenha meu nome. E o seu. E o de Amren.

A tampa se fechou com um vento sombrio.

— Cometi um erro — disse ele. Abri a boca, mas Rhysand continuou: — Eu deveria ter apagado as mentes dos guardas e deixado que continuassem. Em vez disso, eu os apaguei. Faz um tempo desde que precisei... me defender fisicamente daquele jeito, e estava tão concentrado no treinamento illyriano que esqueci o outro arsenal a minha disposição. Eles provavelmente acordaram e foram direto para Tarquin.

— Mesmo assim, ele logo teria notado que o livro sumira.

— Poderíamos ter negado o roubo e dito que havia sido uma coincidência. — Rhysand esvaziou o copo. — Cometi um erro.

— Não é o fim do mundo se fizer isso de vez em quando.

— Você acaba de saber que é agora inimiga pública número um da Corte Estival e não vê problema nisso?

— Vejo. Mas não o culpo.

Rhys expirou, encarou a cidade conforme o calor do dia sucumbia ao frio do inverno mais uma vez. Aquilo não importava para ele.

— Talvez possa devolver o Livro depois que neutralizar o Caldeirão... pedir desculpas.

Rhys riu com escárnio.

— Não. Amren vai ficar com aquele livro por quanto tempo precisar.

— Então, compense Tarquin de alguma forma. Obviamente, *você* queria ser amigo dele tanto quanto Tarquin queria ser seu. Não estaria tão chateado se não fosse verdade.

— Não estou chateado. Estou com raiva.

— Semântica.

Rhys me deu um meio sorriso.

— Disputas como a que acabamos de iniciar podem durar séculos, milênios. Se esse é o custo de impedir essa guerra, de ajudar Amren... eu o pago.

Ele pagaria com tudo que tinha, percebi. Com qualquer esperança que algum dia teve para si, com a própria felicidade.

— Os outros sabem... sobre os rubis de sangue?

— Azriel foi quem os trouxe para mim. Estou debatendo como contar a Amren.

— Por quê?

Escuridão preencheu aqueles lindos olhos.

— Porque a resposta dela seria ir até Adriata e apagar a cidade do mapa.

Estremeci.

— Exatamente — declarou Rhys.

Contemplei Velaris com ele, ouvindo os sons do dia se encerrando... e da noite iniciando. Adriata parecia rudimentar em comparação.

— Entendo — falei, esfregando as mãos frias para aquecê-las — por que fez o que precisou fazer para proteger esta cidade. — Imaginar a destruição que tinha sido infligida a Adriata ali, em Velaris, fez meu sangue gelar. Os olhos de Rhys desviaram para mim, cautelosos e inexpressivos. Engoli em seco. — E entendo por que faria de tudo para mantê-la a salvo durante os tempos que virão.

— E seu argumento é?

Um dia ruim; aquele era um dia ruim para Rhys, percebi. Não mostrei raiva diante de seu tom ríspido.

— Enfrente essa guerra, Rhysand, e depois se preocupe com Tarquin e os rubis de sangue. Anule o Caldeirão, impeça o rei de destruir a muralha e escravizar o reino humano de novo; pensaremos no resto depois.

— Parece que você planeja ficar aqui um tempo. — Uma pergunta casual, mas carregada.

— Posso encontrar minha própria residência se é a isso que está se referindo. Talvez use aquele salário generoso para conseguir algo exuberante para mim.

Vamos lá. Pisque para mim. Brinque comigo. Apenas... tire essa expressão do rosto.

Rhys apenas disse:

— Poupe seu salário. Seu nome já foi acrescentado à lista daqueles aprovados para usar meu crédito residencial. Compre o que quiser. Compre uma casa inteira se quiser.

Trinquei os dentes, e talvez fosse pânico ou desespero, mas falei, em tom doce:

— Vi uma loja bonitinha na outra margem do Sidra outro dia. Vendia o que pareciam ser muitas coisinhas de renda. Posso comprar isso com seu crédito também, ou sai de meus fundos pessoais?

Aqueles olhos violeta se voltaram para mim de novo.

— Não estou a fim.

Não havia humor, nenhuma malícia. Eu poderia me aquecer em uma lareira dentro da casa, mas...

Rhysand tinha ficado. E lutado por mim.

Semana após semana, ele lutou por mim, mesmo quando eu não tinha reação, mesmo quando mal conseguia falar, me importar se vivia ou morria ou comia ou passava fome. Não podia deixar Rhys com seus pensamentos sombrios, com a própria culpa. Rhys os suportara sozinhos por muito tempo.

Então, eu o encarei de volta.

— Nunca soube que illyrianos eram bêbados tão deprimidos.

— Não estou bêbado, estou bebendo — argumentou ele, exibindo um pouco os dentes.

— De novo, semântica. — Eu me recostei na cadeira, desejando ter levado um casaco. — Talvez devesse ter dormido com Cresseida no fim das contas, para que vocês dois pudessem ficar tristes e solitários juntos.

— Então, você pode ter tantos dias ruins quanto quiser, mas eu não tenho direito a algumas horas?

— Ah, pode levar o tempo que quiser para se deprimir. Eu o convidaria para ir comigo comprar aquelas rendinhas íntimas, mas... fique sentado aí para sempre se precisar.

Rhys não respondeu.

Continuei:

— Talvez eu mande algumas a Tarquin, com uma oferta de usá-las para ele se nos perdoar. Talvez pegue esses rubis de sangue de volta.

A boca de Rhys levemente, muito levemente se repuxou nos cantos.

— Tarquin veria isso como uma provocação.

— Eu dei a ele alguns sorrisos, e ele me entregou uma herança de família. Aposto que me daria as chaves do território se eu aparecesse naquelas roupas íntimas.

— Alguém aqui se acha muito.

— Por que não deveria? Você parece ter dificuldades para *não* me olhar dia e noite.

Ali estava: um grão de verdade e uma pergunta.

— Devo negar — começou Rhys, mas algo se iluminou naqueles olhos — que a acho atraente?

— Você jamais disse isso.

— Já disse muitas vezes, e com muita frequência, o quanto a acho atraente.

Dei de ombros, mesmo ao pensar em todas aquelas vezes, quando as ignorara como elogios provocadores, nada mais.

— Bem, talvez devesse fazer um trabalho melhor.

O brilho nos olhos de Rhysand se tornou algo predatório. Adrenalina percorreu meu corpo quando ele apoiou os braços fortes na mesa e ronronou:

— Isso é um desafio, Feyre?

Encarei aquele olhar predatório... o olhar do macho mais poderoso de Prythian.

— *Será?*

As pupilas de Rhys se dilataram. A tristeza silenciosa sumira, com a culpa que o isolava. Apenas aquela concentração letal... em mim. Em minha boca. No movimento da minha garganta enquanto eu tentava manter a respiração equilibrada. Ele falou, devagar, em voz baixa:

— Por que não vamos até aquela loja agora mesmo, Feyre, para que você possa experimentar aquelas coisinhas de renda, para que eu possa ajudá-la a escolher uma para mandar a Tarquin.

Meus dedos dos pés se contraíram dentro dos chinelos forrados de lã. Estávamos prestes a cruzar juntos uma fronteira perigosa. O vento noturno beijado pelo frio farfalhou nossos cabelos.

Mas o olhar de Rhys se voltou para o céu — e, um segundo depois, Azriel disparou das nuvens como uma lança de escuridão.

Eu não tinha certeza se deveria me sentir aliviada, mas saí antes que Azriel pudesse pousar, dando ao Grão-Senhor e ao mestre-espião alguma privacidade.

Assim que entrei na escuridão da escada, o calor se esvaiu de dentro de mim, deixando uma sensação fria e nauseante em meu estômago.

Uma coisa era flertar, e outra era... aquilo.

Eu amara Tamlin. Amara tanto que não me importei de me destruir por isso — por ele. Então, tudo aconteceu, e agora eu estava ali, e... poderia muito bem ter ido àquela lojinha bonita com Rhysand.

Quase conseguia ver o que aconteceria:

As moças da loja teriam sido educadas — um pouco nervosas — e nos dariam privacidade enquanto Rhys se sentava no sofá nos fundos da loja e eu iria para trás da cabine fechada pela cortina a fim de experimentar o conjunto de renda vermelha que já vira três vezes. E, quando eu saísse da cabine, reunindo mais coragem que sentia, Rhys teria me olhado de cima a baixo. Duas vezes.

E teria continuado me olhando enquanto informava as moças da loja que o estabelecimento estava fechado e que elas deveriam voltar no dia seguinte, e nós deixaríamos a conta no balcão.

Eu teria ficado ali, nua, exceto pelos retalhos de renda vermelha, enquanto ouvíamos os ruídos discretos e rápidos das vendedoras fechando a loja e partindo.

E Rhysand teria me olhado o tempo inteiro: para meus seios, visíveis pela renda; para minha barriga reta, agora finalmente parecendo menos faminta e dura. Para a curva de meus quadris e coxas — para o ponto entre elas. Então, Rhysand me encararia de novo e flexionaria um dedo com um único murmúrio:

— Venha cá.

E eu teria caminhado até ele, ciente de cada passo, conforme, por fim, parasse diante de onde ele estava. Entre as pernas de Rhys.

As mãos dele deslizariam por minha cintura, os calos arranhariam minha pele. Então, Rhys me puxaria mais para perto antes de se inclinar para roçar os lábios em meu umbigo, a língua...

Xinguei quando me choquei contra a pilastra na plataforma da escada.

E pisquei; pisquei quando o mundo retornou e percebi...

Olhei com raiva para o olho tatuado em minha mão e sibilei, com a língua e com aquela voz silenciosa dentro de nossa ligação:

— *Canalha.*

No fundo da mente, uma voz masculina sensual riu uma risada como a meia-noite.

Meu rosto queimava, eu xingava Rhys pela visão que ele passara por meus escudos mentais, e os reforcei quando entrei no quarto. E tomei um banho muito, muito frio.

Comi com Mor naquela noite, ao lado do fogo crepitante na sala de jantar do solar, Rhys e os demais estavam em algum outro lugar, e, quando Mor finalmente perguntou por que eu fazia cara feia toda vez que o nome de Rhysand era mencionado, contei a ela sobre a visão que Rhys me mandara. Mor riu até soltar vinho pelo nariz e, quando fiz cara feia para *ela*, me disse que eu deveria me sentir orgulhosa: quando Rhys estava pronto para ficar deprimido, apenas um milagre o tirava daquilo.

Tentei ignorar a leve sensação de triunfo — mesmo quando me deitei.

Estava apenas começando a cair no sono, bem depois das 2 horas da manhã, pois conversara com Mor no sofá da sala durante horas e horas sobre todos os lugares ótimos e terríveis que ela vira, quando a casa soltou um gemido.

Como se a própria madeira estivesse sento dobrada, a casa começou a gemer e a estremecer; as lâmpadas de vidro colorido em meu quarto tilintaram.

Eu me sentei, sobressaltada, virando-me para a janela aberta. Céus limpos, nada...

Nada além de escuridão entrando em meu quarto pela porta do corredor.

Eu conhecia aquela escuridão. Uma semente vivia em mim.

Ela escorria para dentro pelas rachaduras na porta, como uma enchente. A casa estremeceu de novo.

Disparei da cama, escancarei a porta, e a escuridão passou por mim em um vento fantasma, cheia de estrelas e bater de asas e... dor.

Tanta dor, e desespero, e culpa, e medo.

Disparei para o corredor, completamente cega na escuridão impenetrável. Mas havia um fio entre nós, e eu o segui — até onde sabia que o quarto dele ficava. Procurei a maçaneta, então...

Mais noite e estrelas e vento saíram, meus cabelos voando ao meu redor, e ergui um braço para proteger o rosto quando entrei no quarto.

— Rhysand.

Nenhuma resposta. Mas eu conseguia senti-lo ali, sentir aquela linha da vida entre nós.

Segui a linha até minhas canelas baterem no que só podia ser a cama dele.

— *Rhysand* — chamei, por cima do vento e da escuridão. A casa estremeceu, as tábuas do piso estalaram sob meus pés. Bati na cama, sentindo lençóis e cobertores e abaixo, então...

Então, um corpo masculino duro, tenso. Mas a cama era enorme, e não conseguia encontrá-lo.

— *Rhysand!*

Por toda a volta, a escuridão girava, o início e o fim do mundo.

Subi na cama, atrapalhada, disparando até Rhys, sentindo o que era seu braço, depois, a barriga, então, os ombros. A pele de Rhys estava congelando quando lhe segurei os ombros e gritei seu nome.

Nenhuma resposta, e deslizei a mão para cima, para o pescoço de Rhys, até a boca — para me certificar de que ele estava respirando, de que aquele não era o poder de Rhysand fluindo para longe dele...

Hálito gélido atingiu a palma de minha mão. E, me preparando, fiquei de joelhos, mirando às cegas, e o estapeei.

Minha palma doeu... mas Rhys não se moveu. Eu o acertei de novo, *puxando* aquele laço entre nós, gritando o nome dele pela ligação, como se fosse um túnel,

esmurrando aquela parede de ébano e adamantino dentro da mente de Rhys, rugindo para ela.

Uma fenda na escuridão.

Então, as mãos de Rhys estavam em mim, me virando, me prendendo ao colchão com habilidade, a mão com garras em meu pescoço.

Fiquei imóvel.

— Rhysand. — Respirei. *Rhys*, chamei pela ligação, colocando a mão contra aquele escudo interno.

A escuridão estremeceu.

Projetei meu poder; trevas contra trevas, acalmando sua escuridão, as beiradas ásperas, desejando que se acalmasse, que se suavizasse. Minha escuridão cantava uma canção de ninar para a dele, uma canção que minha babá cantara quando minha mãe me atirava em seus braços a fim de voltar para as festas.

— Foi um sonho — esclareci. A mão de Rhys estava tão fria. — Foi um sonho.

De novo, a escuridão parou. Lancei meus véus de noite para que a acariciassem, percorrendo mãos salpicadas de estrelas contra ela.

E por um segundo, a escuridão como nanquim se dissipou o bastante para que eu visse o rosto de Rhys acima de mim: lívido, lábios pálidos, olhos violeta arregalados, avaliando.

— Feyre — avisei. — Sou Feyre. — A respiração de Rhys estava entrecortada, irregular. Segurei o pulso que pegava minha garganta, pegava, mas sem machucar. — Você estava sonhando.

Desejei que aquela escuridão dentro de mim ecoasse isso, que cantasse até colocar aqueles medos selvagens para dormir, que acariciassem aquela parede de ébano dentro da mente de Rhysand, com cuidado, suavidade...

Então, como neve sacudida de uma árvore, a escuridão de Rhys se dissipou, levando a minha consigo.

E o luar invadiu o quarto — junto dos sons da cidade.

O quarto dele era parecido com o meu, a cama, tão grande que devia ter sido construída para acomodar asas, mas tudo era decorado com bom gosto e conforto. E Rhysand estava nu acima de mim... completamente nu. Não ousei olhar mais para baixo do que as tatuagens em seu peito.

— Feyre — disse Rhys, a voz rouca. Como se estivesse gritando.

— Sim — falei. Ele observou meu rosto, a mão com garras em minha garganta. E me soltou imediatamente.

Fiquei deitada ali, encarando o ponto em que Rhys agora estava ajoelhado na cama, esfregando o rosto com as mãos. Meus olhos traidores de fato ousaram olhar mais para baixo que o peito dele, mas minha atenção parou nas tatuagens gêmeas nos joelhos de Rhys: uma montanha alta encimada por três estrelas, uma em cada joelho. Linda... mas de alguma forma brutal.

— Você estava tendo um pesadelo — comentei, me sentando. Como se alguma represa tivesse estourado dentro de mim, olhei para a mão, e desejei que ela se dissipasse em sobras. E se dissipou.

Meio pensamento espalhou a escuridão de novo.

As mãos de Rhys, no entanto, ainda terminavam em garras longas e negras — e os pés... também terminavam em garras. As asas estavam expostas, apontando para baixo atrás dele. E me perguntei o quanto ele teria chegado perto de se transformar completamente naquela besta que certa vez me disse que odiava.

Rhysand abaixou as mãos, e as garras se dissiparam em dedos.

— Desculpe.

— Por isso fica aqui, e não na Casa. Não quer que os outros vejam isso.

— Eu costumo manter isso contido em meu quarto. Desculpe se a acordou.

Fechei as mãos em punho no colo, para evitar tocá-lo.

— Com que frequência isso acontece?

Os olhos violeta de Rhys encontraram os meus, e eu soube a resposta antes de ele dizer:

— A mesma com que acontece com você.

Engoli em seco.

— Com que sonhou esta noite?

Rhys sacudiu a cabeça, olhando pela janela... para onde neve cobrira os telhados próximos.

— Há lembranças de Sob a Montanha, Feyre, que é melhor não compartilhar. Mesmo com você.

Rhysand compartilhara coisas terríveis o suficiente comigo para que fossem... piores que pesadelos, então. Mas coloquei a mão em seu cotovelo, mesmo com o corpo nu.

— Quando quiser falar, me avise. Não contarei aos demais.

Fiz menção de deslizar para fora da cama, mas Rhys pegou minha mão, segurando-a contra o braço.

— Obrigado.

Observei a mão, o rosto sofrido. Tanta dor permanecia ali... e exaustão. O rosto que Rhys jamais deixaria que alguém visse.

Fiquei de joelhos e beijei sua bochecha; a pele de Rhys estava morna e macia sob minha boca. Aquilo tinha acabado antes de começar, mas... mas quantas noites eu quis que alguém fizesse o mesmo por mim?

Os olhos de Rhysand pareciam um pouco arregalados quando me afastei, e ele não me impediu quando saí da cama devagar. Eu estava quase cruzando a porta quando me voltei de novo para ele.

Ele ainda estava ajoelhado, as asas abaixadas sobre os lençóis brancos, a cabeça curvada, as tatuagens contrastantes com a pele dourada. Um príncipe sombrio e caído.

A pintura surgiu em minha mente.

Surgiu... e ficou ali, reluzindo, antes de se dissipar.

Mas ela permaneceu, brilhando de leve, naquele buraco dentro de meu peito.

O buraco que, devagar, começava a se curar.

Capítulo 39

— Acha que consegue decodificar depois que conseguirmos a outra metade? — perguntei para Amren, de pé à porta de seu apartamento na tarde seguinte.

Amren era dona do último andar de um prédio de três andares em que o teto inclinado terminava, dos dois lados, em uma imensa janela. Uma dava para o rio Sidra; a outra, para uma praça arborizada. O apartamento inteiro consistia em um cômodo gigante: os pisos de carvalho desbotado estavam cobertos em carpetes igualmente desgastados, e a mobília, espalhada pela casa como se Amren constantemente a movesse por qualquer que fosse o motivo.

Apenas a cama, uma monstruosidade de quatro mastros com dossel de organza, parecia posicionada em um local permanente contra a parede. Não havia cozinha — apenas uma longa mesa e uma lareira que queimava o suficiente para deixar o cômodo quase como uma estufa. A neve que caíra na noite anterior sumira no sol

seco de inverno antes do meio da manhã, e a temperatura estava gelada, mas suficientemente amena para que a caminhada até ali tivesse sido revigorante.

Sentada no chão diante de uma mesa baixa coberta de papéis, Amren ergueu o rosto do metal reluzente do livro. O rosto parecia mais pálido que o normal, os lábios, lívidos.

— Faz muito tempo desde que usei essa língua, quero dominá-la de novo antes de pegar o Livro. Espero que então aquelas rainhas arrogantes já tenham nos dado a parte delas.

— E quanto tempo levará para aprender a língua de novo?

— Sua Escuridão não a inteirou? — Amren retornou ao Livro.

Caminhei até a mesa de madeira e pousei o pacote que levara sobre a superfície arranhada. Alguns potes de sangue quente, direto do açougueiro. Quase tinha corrido até ali para evitar que esfriasse.

— Não — respondi, tirando os potes de dentro. — Não inteirou. — Rhys já tinha partido na hora do café da manhã, embora um de seus bilhetes estivesse na mesa de cabeceira.

Obrigado... por ontem à noite, era tudo que dizia. Nenhuma caneta para escrever uma resposta.

Mas encontrei uma mesmo assim e escrevi de volta: *O que as estrelas tatuadas e a montanha em seus joelhos significam?*

O papel sumiu um segundo depois. Quando não voltou, eu me vesti e fui tomar café. Tinha comido metade dos ovos e da torrada quando o papel surgiu ao lado de meu prato, perfeitamente dobrado.

Que não me curvarei diante de ninguém e nada além de minha coroa.

Dessa vez, uma caneta surgiu. Apenas escrevi em resposta: *Tão dramático.* E por meio de nossa ligação, do outro lado de meus escudos mentais, podia ter jurado que ouvi sua risada.

Sorrindo ao me lembrar, abri a tampa do primeiro pote, e o odor de sangue preencheu minhas narinas. Amren fungou e, depois, virou a cabeça para os potes de

vidro.

— Você... ah, eu gosto de você.

— É cordeiro, se faz alguma diferença. Quer que eu esquente?

Amren se afastou do Livro, e apenas observei enquanto ela segurava o pote nas duas mãos e bebia como se fosse água.

Bem, pelo menos eu não precisaria me preocupar em encontrar uma panela naquele lugar.

Amren bebeu metade de uma só vez. Uma gota de sangue lhe escorreu pelo queixo, e ela deixou que pingasse na camisa cinza — amarrotada de uma forma que eu jamais vira. Depois de esfregar um lábio no outro, Amren colocou o pote na mesa com um suspiro intenso. Sangue reluzia em seus dentes.

— Obrigada.

— Tem um preferido?

Amren ergueu o queixo ensanguentado e, então, limpou-o com um guardanapo quando percebeu que tinha feito sujeira.

— Cordeiro sempre foi meu preferido. Por mais que seja horrível.

— Não... humano?

Amren fez uma careta.

— Aguado e geralmente tem gosto da última coisa que eles comeram. E como a maioria dos humanos têm um paladar sofrível, é questão de sorte. Mas cordeiro... Também gosto de bode. O sangue é mais puro. Mais intenso. Me lembra de... outra época. E lugar.

— Interessante — comentei, e fui sincera. Imaginei de que mundo, exatamente, ela falava.

Amren bebeu o restante, a cor já ruborizava seu rosto, e colocou o pote em uma pequena pia ao longo da parede.

— Achei que moraria em algum lugar mais... enfeitado — admiti.

De fato, todas as roupas finas de Amren estavam penduradas em araras próximas da cama, e as joias, espalhadas em alguns armários e mesas. Havia joias o

suficiente para pagar o resgate de um imperador.

Amren gesticulou com os ombros, sentando-se mais uma vez ao lado do Livro.

— Tentei isso uma vez. Fiquei entediada. E não gostava de ter criados. Era muito barulhento. Já morei em palácios e chalés e nas montanhas e na praia, mas, por algum motivo, gosto mais deste apartamento ao lado do rio. — Ela franziu a testa para as claraboias que ocupavam o teto. — Também significa que jamais preciso dar festas ou receber convidados. Duas coisas que abomino.

Eu ri.

— Então vou manter minha visita breve.

Amren soltou uma risada de diversão e cruzou as pernas sob o corpo.

— Por que você *está* aqui?

— Cassian disse que você estava entocada aqui dia e noite desde que voltamos, e achei que talvez estivesse com fome. E... eu não tinha mais nada para fazer.

— Cassian é um enxerido.

— Ele se importa com você. Com todos vocês. São a única família que tem. — Eram *todos* a única família que cada um tinha.

— Eca! — exclamou Amren, avaliando um pedaço de papel. Mas pareceu agradá-la mesmo assim. Um lampejo de cor chamou minha atenção no chão perto dela.

Amren usava o rubi de sangue como peso de papel.

— Rhys convenceu você a não destruir Adriata por causa do rubi de sangue?

Os olhos de Amren se voltaram para cima, cheios de tempestades e mares violentos.

— Ele não fez nada disso. *Aquilo* me convenceu a não destruir Adriata. — Ela apontou para a cômoda.

Disposto sobre o topo, como uma cobra, estava um colar familiar de diamantes e rubis. Eu o vira antes... no tesouro de Tarquin.

— Como... o quê?

Amren sorriu consigo mesma.

— Varian o mandou para mim. Para suavizar a declaração de Tarquin de nossa rixa de sangue.

Eu achara que os rubis só podiam ser usados por uma fêmea poderosa — e não conseguia pensar em uma fêmea mais poderosa que aquela diante de mim.

— Você e Varian...?

— Tentador, mas não. O canalha não consegue decidir se me odeia ou se me quer.

— Por que não podem ser os dois?

Uma risada baixa.

— De fato.

Então, começaram semanas de espera. Espera para que Amren reaprendesse uma língua falada por mais ninguém em nosso mundo. Espera até que as rainhas respondessem nosso pedido por um encontro.

Azriel continuou com a tentativa de se infiltrar nas cortes delas — ainda sem sucesso. Ouvi a respeito, principalmente de Mor, que sempre sabia quando ele voltaria para a Casa do Vento, e sempre fazia questão de estar lá assim que Azriel tocasse o chão.

Ela me contava pouco dos detalhes; ainda menos sobre como a frustração de *não* poder conseguir colocar os espiões dele *ou* a si mesmo naquelas cortes o atormentava. Os padrões que Azriel se impunha, confidenciou Mor a mim, beiravam o sadismo.

Conseguir que Azriel tirasse *qualquer* tempo para si que não envolvesse trabalho ou treinamento era quase impossível. E, quando observei que ele *ia* ao Rita's com Mor sempre que esta pedia, Mor simplesmente me informou que levara *quatro séculos* para que ela conseguisse que ele fosse. Eu às vezes me perguntava o que acontecia na Casa do Vento enquanto Rhys e eu estávamos na casa da cidade.

Eu só visitava mesmo pelas manhãs, quando ocupava a primeira metade de meu dia treinando com Cassian — o qual, com Mor, decidira indicar que comidas eu deveria comer para recuperar o peso que perdera, para me tornar forte e ágil de novo. E conforme os dias se passavam, passei de defesa pessoal a aprender a empunhar uma arma illyriana, que era tão afiada que quase arranquei o braço de Cassian.

Mas estava aprendendo a usá-la... devagar. Dolorosamente. Tivera uma folga do treinamento cruel de Cassian: apenas uma manhã, quando ele voou até o reino humano para ver se minhas irmãs haviam recebido notícia das rainhas e entregar *outra* carta de Rhys para ser enviada a elas.

Presumi que ver Nestha correra tão mal quanto se podia imaginar, porque minha lição na manhã seguinte foi mais longa e mais difícil que nos dias anteriores. Perguntei o que, exatamente, Nestha dissera a ele para irritá-lo tão facilmente. Mas Cassian apenas grunhiu e me disse para cuidar de minha vida, e que minha família era cheia de fêmeas mandonas e sabe-tudo.

Parte de mim se perguntou se Cassian e Varian talvez precisassem trocar umas ideias.

A maioria das tardes... se Rhys estava por perto, eu treinava com ele. Mente a mente, poder a poder. Trabalhamos devagar os dons que eu tinha recebido — chama e água, gelo e escuridão. Havia outros, sabíamos, que não haviam sido descobertos, não foram desenterrados. Atravessar ainda era impossível. Não conseguira fazê-lo desde aquela manhã de neve com o Attor.

Levaria tempo, me dizia Rhys todos os dias, quando eu inevitavelmente me irritava com ele... tempo para aprender e dominar cada dom.

Ele enriquecia cada lição com informações sobre os Grão-Senhores cujos poderes eu roubara: sobre Beron, o cruel e vaidoso Grão-Senhor da Corte Outonal; sobre Kallias, o silencioso e esperto Grão-Senhor da Invernal; sobre Helion Quebrador de Feitiços, o Grão-Senhor da Diurna, cujas mil bibliotecas tinham sido

pessoalmente saqueadas por Amarantha, e cujo povo inteligente possuía excelente domínio dos feitiços e arquivara o conhecimento de Prythian.

Saber *de quem* viera meu poder, dissera Rhys, era tão importante quanto aprender a natureza do próprio poder. Jamais falamos de metamorfose — das garras que eu às vezes conjurava. Os fios que acompanhavam a análise desse dom estavam emaranhados demais, a história não dita era violenta e sangrenta demais.

Então, aprendi a política e as histórias das outras cortes, e aprendi os poderes de seus mestres, até que minhas horas acordada e dormindo fossem passadas com chama queimando minha boca e gelo estalando entre meus dedos. E todas as noites, exausta depois de um dia treinando corpo e poderes, eu caía em um sono pesado, entrelaçado com escuridão perfumada a jasmim.

Até mesmo meus pesadelos pareciam cansados demais para me assombrar.

Nos dias em que Rhys era chamado para outro lugar, para lidar com os assuntos internos da própria corte, para lembrá-los de quem os governava ou para exercer julgamento, para se preparar para nossa inevitável visita a Hybern, eu lia, ou me sentava com Amren enquanto ela trabalhava no Livro, ou passeava por Velaris com Mor. Essa última atividade talvez fosse a minha preferida, e a fêmea era mesmo excelente em encontrar formas de gastar dinheiro. Olhei apenas uma vez para a conta que Rhys abrira para mim — apenas uma vez, e percebi que ele me pagava absurdamente, *absurdamente* muito.

Tentei não ficar desapontada nas tardes em que Rhys partia, tentei não admitir que começava a ansiar por aquilo: dominar meus poderes e... implicar com Rhys. Mas, mesmo quando ele estava fora, falava comigo, nos bilhetes que tinham se tornado nosso estranho segredo.

Um dia, Rhys escreveu para mim de Cesere, uma cidadezinha a nordeste onde se encontraria com algumas sacerdotisas sobreviventes para discutir reconstruir seu templo, que fora destruído pelas forças de Hybern. Nenhuma das sacerdotisas era como Ianthe, prometera Rhysand.

Me conte sobre a pintura.

Escrevi de volta da cadeira no jardim, a fonte finalmente voltara a jorrar água com o retorno de clima mais ameno: *Não tenho muito a dizer.*

Conte mesmo assim.

Eu precisei de um tempo para elaborar a resposta, para pensar naquele pequeno buraco em mim e o que um dia significara e qual era a sensação. Mas, então, falei: *Houve uma época em que tudo que eu queria era dinheiro para alimentar minha família e para poder passar os dias pintando. Era tudo que eu queria. Sempre.*

Uma pausa. Então, ele escreveu: *E agora?*

Agora, respondi, *não sei o que quero. Não consigo mais pintar.*

Por quê?

Porque essa parte de mim está vazia. Embora talvez naquela noite em que o vi ajoelhado na cama... talvez isso tivesse mudado um pouco. Eu tinha contemplado a frase seguinte e depois escrevi: *Você sempre quis ser Grão-Senhor?*

Uma pausa longa de novo. *Sim. E não. Via como meu pai governava, e sabia desde cedo que não queria ser como ele. Portanto, decidi ser um tipo diferente de Grão-Senhor; queria proteger meu povo, mudar as percepções dos illyrianos e eliminar a corrupção que assolava a terra.*

Por um momento, não consegui deixar de comparar: Tamlin não queria ser Grão-Senhor. Ele se ressentia por isso; e talvez... talvez essa fosse em parte a razão para a corte dele ter se tornado o que era. Mas Rhysand, com uma visão, com a vontade e o desejo e a paixão para fazer aquilo... Ele construíra algo.

E depois fora à luta para defender isso.

Era o que Rhys tinha visto em Tarquin, e por que aqueles rubis de sangue o atingiram com tanta força. Outro Grão-Senhor com visão... uma visão radical pelo futuro de Prythian.

Então, escrevi de volta: *Pelo menos você compensa os galanteios sem-vergonha sendo um Grão-Senhor e tanto.*

Rhysand voltara naquela noite, sorrindo como um gato, e apenas dissera, como cumprimento:

— Um Grão-Senhor e tanto?

Eu joguei o equivalente a um balde d'água em sua cara.

Rhys não se incomodou em se proteger. E em vez disso, sacudiu os cabelos molhados como um cachorro, me molhando até que eu gritasse e fugisse. A risada de Rhys me perseguiu escada acima.

O inverno aos poucos se esvaía quando acordei certa manhã e encontrei outra carta de Rhys ao lado da cama. Sem caneta.

Nenhum treinamento com seu segundo illyriano preferido hoje. As rainhas finalmente ousaram responder. Irão à propriedade de sua família amanhã.

Não tive tempo de ficar nervosa. Partimos depois do jantar, voando para as terras humanas, que descongelavam, sob o manto da escuridão; o vento frio gritava conforme Rhys me segurava com força.

Minhas irmãs estavam prontas na manhã seguinte, ambas vestindo as roupas mais finas para receber qualquer rainha, feérica ou mortal.

Supus que eu também estava.

Usava um vestido branco de *chiffon* e seda, com o corte típico da moda da Corte Noturna para revelar a pele; os destaques dourados no vestido refletiam a luz do meio da manhã, que entrava pelas janelas da sala de estar. Meu pai, ainda bem, permaneceria no continente por mais dois meses — devido a qualquer que fosse o comércio vital que buscava entre reinos.

Perto da lareira, eu me coloquei ao lado de Rhys, vestido com o preto de sempre, as asas ocultas, o rosto, uma máscara calma. Apenas a coroa escura no alto da cabeça — o metal moldado como penas de corvos — era diferente. Aquela era a coroa que era irmã de meu diadema dourado.

Cassian e Azriel monitoravam tudo do muro mais afastado, sem armas à vista.

Mas os Sifões brilhavam, e me perguntei que tipo de arma exatamente podiam forjar com eles se necessário. Pois fora uma das exigências das rainhas para aquela reunião: nenhuma arma. Não importava que os próprios guerreiros illyrianos fossem armas o suficiente.

Mor, com um vestido vermelho semelhante ao meu, franziu a testa para o relógio sobre a lareira branca, batendo com o pé no tapete ornamentado. Apesar de meus desejos para que ela conhecesse minhas irmãs, Nestha e Elain estavam tão tensas e pálidas quando chegamos que eu imediatamente decidi que não era a hora de tal encontro.

Um dia — um dia eu reuniria todas. Se não morrêssemos naquela guerra primeiro. Se aquelas rainhas escolhessem nos ajudar.

O relógio bateu 11 horas.

Havia duas outras demandas.

A reunião deveria começar às 11 horas. Não antes. Não depois.

E queriam a localização geográfica exata da casa. A disposição e o tamanho de cada quarto. Onde estava a mobília. Onde estavam as janelas e as portas. Em que cômodo, provavelmente, nós as receberíamos.

Azriel fornecera tudo, com a ajuda de minhas irmãs.

As batidas do relógio sobre a lareira eram o único ruído.

E percebi, quando ele terminou a última badalada, que a terceira exigência não fora apenas por segurança.

Não, quando um vento soprou pela sala e cinco figuras surgiram, acompanhadas por dois guardas cada, percebi que era porque as rainhas podiam atravessar.

Capítulo 40

As rainhas mortais eram uma mistura de idade, cor, altura e temperamento. A mais velha, usando um vestido de lã bordado do mais profundo tom de azul, tinha pele marrom, os olhos inteligentes e frios, e não andava curvada, apesar das pesadas rugas que lhe sulcavam o rosto.

As duas que pareciam de meia-idade eram opostos: uma negra, a outra clara; uma de rosto doce, outra esculpida em granito; uma sorrindo, e a outra franzindo a testa. Até mesmo usavam vestidos em preto e branco — e pareciam se mover como em pergunta e resposta uma à outra. Imaginei como seriam seus reinos, que relações teriam. Se os anéis de prata combinando que cada uma usava as uniam de outras formas.

E as duas rainhas mais jovens... Uma talvez fosse alguns anos mais velha que eu, de cabelos e olhos pretos, uma esperteza cautelosa escorrendo de cada poro conforme ela nos avaliava.

E a última rainha, aquela que falou primeiro, era a mais bela — a única bela entre as rainhas. Aquelas eram mulheres que, apesar da elegância, não se importavam se eram jovens ou velhas, gordas ou magras, baixas ou altas. Essas coisas eram secundárias; essas coisas eram como cartas na manga.

Mas a última, essa linda rainha, talvez não tivesse mais que 30 anos...

Os cabelos selvagemente crespos eram tão dourados quanto os de Mor, e os olhos eram do mais puro âmbar. Até mesmo a pele marrom e coberta de sardas parecia salpicada de ouro. O corpo era firme nos locais em que ela provavelmente descobrira que os homens consideravam uma distração, suave onde mostrava graciosidade. Um leão em pele humana.

— Saudações — falou Rhys, permanecendo imóvel conforme os guardas de rosto impassível das rainhas nos observavam, observavam o cômodo. Enquanto as rainhas nos avaliavam.

A sala de estar era enorme o bastante para que um aceno de cabeça da rainha dourada levasse os guardas a se afastar para se posicionarem às paredes, às portas. Minhas irmãs, silenciosas diante da janela da sacada, se moveram para o lado para abrir espaço.

Rhys deu um passo adiante. Todas as rainhas inspiraram, como se estivessem se preparando. Os guardas, casualmente, talvez tolamente, levaram uma das mãos ao cabo das espadas longas — tão grandes e ruidosas em comparação às armas illyrianas. Como se tivessem chance... contra qualquer um de nós. Inclusive eu, percebi, um pouco surpresa.

Mas eram Cassian e Azriel que fariam o papel de meros guardas aquele dia; distrações.

Mas Rhys fez uma reverência com a cabeça, levemente, e disse às rainhas reunidas: — Somos gratos por terem aceitado nosso convite. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Onde está a sexta?

A rainha idosa, com o vestido azul pesado e exuberante, apenas respondeu: — Ela não está bem e não pôde fazer a viagem. — A rainha me observou. — Você é a

emissária.

Minhas costas enrijeceram. Sob seu escrutínio, minha coroa parecia uma piada, uma quinquilharia, mas...

— Sim — respondi. — Sou Feyre.

Um olhar súbito para Rhysand.

— E você é o Grão-Senhor que nos escreveu uma carta tão interessante depois que as primeiras foram ignoradas.

Não ousei olhar para ele. Rhys tinha mandado muitas cartas por minhas irmãs àquela altura.

Você não perguntou o que havia dentro delas, disse ele, com a mente ligada a minha, gargalhadas dançando pelo laço. Eu tinha deixado os escudos mentais abaixados... só para o caso de precisarmos nos comunicar silenciosamente.

— Eu sou — disse Rhysand, com um ínfimo aceno. — E esta é minha prima, Morrigan.

Mor caminhou até nós, o vestido carmesim fluía com um vento fantasma. A rainha dourada a olhou de cima a baixo, a cada passo de Mor, cada fôlego. Uma ameaça: por beleza e poder e domínio. Mor fez uma reverência ao meu lado.

— Faz muito tempo desde que conheço uma rainha mortal.

A rainha vestida em preto levou a mão branca como a lua à altura do ventre.

— Morrigan... *a* Morrigan da Guerra.

Todos pararam, como se sentissem surpresa. E um pouco de espanto e medo.

Mor fez outra reverência.

— Por favor... sentem-se. — Ela indicou as cadeiras que tínhamos disposto a uma distância confortável umas das outras, todas bem separadas para que os guardas pudessem se colocar ao lado das rainhas, caso achassem necessário.

Quase ao mesmo tempo, as rainhas se sentaram. Os guardas, no entanto, permaneceram nos postos em volta da sala.

A rainha de cabelos dourados abaixou a volumosa saia e disse:

— Presumo que estas sejam nossas anfitriãs. — Um olhar abrupto para minhas irmãs.

Nestha tinha enrijecido as costas, mas Elain fez uma reverência desajeitada, corando rosa-choque.

— Minhas irmãs — esclareci.

Olhos âmbar deslizaram até mim. Até minha coroa. Depois, para a de Rhys.

— Uma emissária usa uma coroa de ouro. Isso é tradição em Prythian?

— Não — respondeu Rhys, em tom suave. — Mas ela fica tão bem em uma que não consigo resistir.

A rainha dourada não sorriu quando ponderou:

— Uma humana transformada em Grã-Feérica... e que agora está ao lado de um Grão-Feérico em lugar de honra. Interessante.

Mantive os ombros para trás, o queixo erguido. Cassian estava me ensinando ao longo das últimas semanas como avaliar um oponente... e o que eram as palavras dela se não os movimentos iniciais em outro tipo de batalha?

A mais velha declarou para Rhys:

— Tem uma hora de nosso tempo. Faça valer a pena.

— Como conseguem atravessar? — perguntou Mor, sentada ao meu lado.

A rainha dourada deu um sorriso — um sorriso breve, de deboche — e respondeu: — É nosso segredo, e um dom que recebemos de seu povo.

Tudo bem. Rhys me olhou e engoli em seco quando me inclinei para a frente na cadeira.

— A guerra se aproxima. Chamamos vocês aqui para avisar... e para suplicar por um favor.

Não haveria truques, nada de roubo nem sedução. Rhys não podia sequer arriscar olhar dentro das mentes delas por medo de disparar os feitiços inerentes ao Livro e destruí-lo.

— Sabemos que a guerra se aproxima — revelou a mais velha, cuja voz soava como folhas quebrando. — Estamos nos preparando para ela há muitos anos.

Parecia que as três outras estavam posicionadas como observadoras enquanto a mais velha e a de cabelos dourados lideravam.

Eu falei, o mais calma e nitidamente possível:

— Os humanos neste território parecem alheios à ameaça maior. Não vimos sinais de preparação. — De fato, Azriel havia deduzido aquilo durante as últimas semanas, para meu desapontamento.

— Este território — explicou a dourada, friamente — é um fiapo de terra em comparação com a vastidão do continente. Não é de nosso interesse defendê-lo. Seria um desperdício de recursos.

Não. *Não*, isso...

Rhys falou:

— Certamente a perda de sequer uma vida inocente seria terrível.

A rainha mais velha cruzou as mãos enrugadas no colo.

— Sim. Perder uma vida é sempre um horror. Mas guerra é guerra. Se precisarmos sacrificar este minúsculo território para salvar a maioria, então faremos isso.

Não ousei olhar para minhas irmãs. Para aquela casa, que poderia muito bem virar escombros. Eu disse, a voz rouca: — Há pessoas boas aqui.

A rainha dourada replicou em tom doce:

— Então, que os Grão-Feéricos de Prythian as defendam.

Silêncio.

E foi Nestha que ciciou atrás de nós.

— Temos criados aqui. Com famílias. Há *crianças* nestas terras. E quer nos deixar todos nas mãos dos feéricos?

O rosto da mais velha se suavizou.

— Não é uma escolha fácil, menina...

— É a escolha de *covardes* — disparou Nestha.

Interrompi antes que Nestha nos cavasse uma cova mais profunda.

— Apesar do tanto que seu tipo odeia o nosso... deixariam que os feéricos defendessem seu povo?

— Não deveriam? — perguntou a dourada, jogando a cascata de cachos sobre um ombro quando inclinou a cabeça para o lado. — Não deveriam defender contra uma ameaça que eles mesmo criaram? — Um riso de escárnio. — Sangue feérico não deveria ser derramado pelos crimes deles ao longo dos anos?

— Nenhum dos lados é inocente — replicou Rhys, calmamente. — Mas podemos proteger aqueles que são. Juntos.

— Ah?! — exclamou a mais velha, e as rugas pareceram se enrijecer, se aprofundar. — O Grão-Senhor da Corte Noturna nos pede que nos juntemos a ele, para salvarmos vidas com ele. Para lutarmos por paz. E quanto às vidas que você tirou durante sua longa e terrível existência? E quanto ao Grão-Senhor que caminha com a escuridão ao encalço e destrói mentes conforme acha necessário? — Ela riu como um corvo. — Ouvimos falar de você, mesmo no continente, Rhysand. Ouvimos falar do que a Corte Noturna faz, do que fazem com seus inimigos. *Paz?* Para um macho que derrete mentes e tortura por diversão, não achei que conhecia a palavra.

Ira começou a fervilhar em meu sangue; brasas estalaram em meus ouvidos. Mas esfriei esse fogo, que aos poucos eu cultivava ao longo das últimas semanas, e tentei: — Se não enviar forças para defender seu povo, então, o artefato que requeremos...

— Nossa metade do Livro, criança — interrompeu a idosa —, não deixa nosso local sagrado. Não deixou aquelas paredes brancas desde o dia em que nos foi dada como parte do Tratado. Jamais deixará aquelas paredes, não enquanto enfrentarmos os terrores do norte.

— Por favor. — Foi tudo que eu disse.

Silêncio de novo.

— Por favor — repeti. Emissária... eu era emissária deles, e Rhys tinha me escolhido para aquilo. Para ser a voz de dois mundos. — Fui transformada *nisto*,

em feérica, porque uma comandante de Hybern me *matou*.

Por meio de nosso laço, podia jurar que senti Rhys encolher o corpo.

— Durante cinquenta anos — insisti — ela aterrorizou Prythian e, quando eu a derrotei, quando libertei o povo de Prythian, me *matou*. E, antes de fazer isso, testemunhei os horrores que ela liberou sobre humanos e feéricos. Um deles, apenas *um* deles foi capaz de causar tal destruição e sofrimento. Imagine o que um exército como ela seria capaz de fazer. E agora o rei deles planeja usar uma arma para destruir a muralha, para destruir *todos* vocês. A guerra será breve, e brutal. E vocês não vencerão. *Nós* não venceremos. Sobreviventes serão escravizados, e os filhos dos filhos deles serão escravos. Por favor... por favor, nos deem a outra metade do Livro.

A rainha mais velha trocou um olhar com a dourada antes de dizer, gentilmente, em tom apaziguador: — Você é jovem, criança. Tem muito a aprender sobre o funcionamento do mundo...

— Não — cortou Rhys, com um tom baixo mortal — seja condescendente com ela. — A rainha mais velha, que não passava de uma criança para *ele*, para os séculos de existência de Rhysand, teve o bom senso de parecer nervosa ao ouvir aquele tom. Os olhos de Rhys estavam vítreos, o rosto, tão impiedoso quanto a voz, conforme ele continuou: — Não insulte Feyre por falar com o coração, com compaixão por aqueles que não podem se defender, quando você fala apenas por egoísmo e covardia.

A mais velha enrijeceu o corpo.

— Pelo bem maior...

— Muitas atrocidades — disse Rhys, rosnando — foram feitas em nome do bem maior.

Boa parte de mim ficou impressionada quando a rainha o encarou de volta. Ela disse, simplesmente: — O Livro permanecerá conosco. Nós superaremos essa tempestade...

— Basta — interrompeu Mor.

Ela se levantou.

E Mor olhou cada uma daquelas rainhas nos olhos quando falou:

— Sou a Morrigan. Vocês me conhecem. Sabem o que sou. Sabem que meu dom é a verdade. Então, ouvirão minhas palavras agora e saberão que são verdadeiras... como suas ancestrais um dia souberam.

Nenhuma palavra.

Mor gesticulou para trás de si... para mim.

— Acha que é uma simples coincidência que uma humana tenha sido transformada em imortal de novo, no exato momento em que nosso velho inimigo ressurge? Eu lutei ao lado de Miryam na Guerra, lutei ao seu lado conforme a ambição e a sede por sangue de Jurian o levaram à loucura, e os separaram. Levaram Jurian a torturar Clythia até a morte e, depois, a lutar com Amarantha até a própria morte. — Mor respirou fundo, e pude jurar que Azriel se aproximou ao ouvir aquilo. Mas Mor continuou: — Marchei de volta à Terra Negra com Miryam para libertar os escravos que foram deixados naquelas areias em chamas, a escravidão da qual ela mesma escapara. Os escravos que Miryam prometera devolver à liberdade. Marchei com ela, minha amiga. Junto à legião do príncipe Drakon. Miryam era minha *amiga*, como Feyre é agora. E suas ancestrais, aquelas rainhas que assinaram o Tratado... Eram minhas amigas também. E quando olho para vocês... — Mor exibiu os dentes. — Não vejo *nada* daquelas mulheres em vocês. Quando olho para vocês, sei que suas ancestrais teriam *vergonha*.

"Vocês riem da ideia de paz? De que podemos tê-la entre nossos povos? — A voz de Mor falhou, e, de novo, Azriel subitamente se aproximou mais dela, embora seu rosto não revelasse nada. — Há uma ilha em uma parte tempestuosa e esquecida do mar. Uma ilha grande e exuberante, protegida do tempo e de olhos espiões. E, nessa ilha, Miryam e Drakon ainda vivem. Com seus filhos. Com os povos de *ambos*. Feéricos e humanos e mestiços. Lado a lado. Há quinhentos anos, têm prosperado naquela ilha, deixando que o mundo acredite que estão mortos..."

— Mor — disse Rhys, fazendo uma reprimenda silenciosa.

Aquele era um segredo, percebi, que talvez tivesse permanecido oculto havia cinco séculos.

Um segredo que alimentara os sonhos de Rhysand e de sua corte.

Uma terra na qual dois sonhadores tinham encontrado paz entre seus povos.

Onde não havia muralha. Nenhum feitiço de ferro. Nenhuma flecha de freixo.

A rainha dourada e a rainha idosa se entreolharam de novo.

Os olhos da idosa brilharam quando declarou:

— Prove. Se não é o Grão-Senhor que os boatos alegam ser, nos dê um pingo de prova de que é o que diz: um macho de paz.

Havia apenas uma forma. Apenas uma forma de mostrar a elas, de provar a elas.

Velaris.

Meus ossos reclamaram diante da ideia de revelar aquela joia àquelas... aranhas.

Rhys se levantou com um movimento fluido. As rainhas fizeram o mesmo. A voz era como uma noite sem lua quando Rhys falou: — Desejam prova? — Prendi a respiração, rezando... rezando para que ele não contasse. Rhysand deu de ombros, o bordado prateado no casaco refletiu a luz do sol. — Vou obter provas para vocês. Aguardem notícias minhas, e voltem quando as convocarmos.

— Não somos convocadas por ninguém, humanos ou feéricos — rebateu, rindo, a rainha dourada.

Talvez fosse por isso que elas tivessem levado tanto tempo para responder. Para fazer algum jogo de poder.

— Então, venham por vontade própria — disse Rhys, com um tom afiado o bastante para que os guardas das rainhas dessem um passo adiante. Cassian apenas sorriu para eles, e o mais sábio dos guardas imediatamente empalideceu.

Rhys somente inclinou a cabeça ao acrescentar:

— Talvez então você entenda o quanto o Livro é vital para os esforços de *ambos*.

— Vamos considerar depois que tivermos sua *prova*. — A mais velha quase cuspiu a palavra. Alguma parte de mim me lembrou de que ela era velha, e real, e lhe arrancar aquela arrogância do rosto a tapas *não* nos ajudaria em nada. — Aquele livro é nosso para proteger há quinhentos anos. Não o entregaremos sem a devida consideração.

Os guardas se posicionaram ao lado das rainhas, como se as palavras tivessem sido algum sinal predeterminado. A rainha dourada deu um risinho para mim e disse: — Boa sorte.

Então, elas se foram. A sala de estar ficou subitamente grande demais, silenciosa demais.

E foi Elain — *Elain* — quem suspirou e murmurou: — Tomara que todas elas queimem no inferno.

Capítulo 41

Ficamos praticamente em silêncio durante o voo e a travessia até Velaris. Amren já aguardava na casa, as roupas amarrotadas e o rosto perturbadoramente pálido. Fiz uma nota mental para comprar mais sangue para ela imediatamente.

Mas em vez de nos reunirmos na sala de jantar ou na de estar, Rhys seguiu pelo corredor, as mãos nos bolsos, passou pela cozinha, e saiu para o jardim do pátio nos fundos.

O resto de nós permaneceu no vestíbulo, olhando para ele — silêncio irradiava de Rhys. Como a calma antes da tempestade.

— Foi bem, suponho — disse Amren. Cassian a olhou e seguiu o amigo.

O sol e o dia árido haviam aquecido o jardim, trechos verdes agora despontavam lá fora e nos incontáveis canteiros e vasos. Rhys se sentou na beira da fonte, com os antebraços apoiados nos joelhos, encarando o piso de lajotas manchado de musgo entre os pés.

Todos ocupamos nossos assentos nas cadeiras de ferro pintadas de branco. Se apenas os humanos pudessem ver: feéricos sentados em ferro. Jogariam fora aquelas bijuterias e joias ridículas. Talvez até mesmo Elain recebesse um anel de noivado que não tivesse sido forjado com ódio e medo.

— Se veio aqui fora para se deprimir, Rhys — disse Amren, empoleirada em um banquinho —, então, diga, que volto para meu trabalho.

Olhos violeta se ergueram para os dela. Frios, sem humor.

— As humanas querem prova de nossas boas intenções. De que podem confiar em nós.

A atenção de Amren passou para mim.

— Feyre não bastou?

Tentei não deixar que as palavras me ferissem. Não, eu não fora suficiente; talvez até mesmo tivesse fracassado como emissária...

— Ela mais que basta — decretou Rhys, com aquela calma mortal, e me perguntei se eu enviara meus patéticos pensamentos pela ligação. Ergui o escudo de novo. — São tolas. Pior... tolas com medo. — Rhys observou o chão de novo, como se o musgo seco e a pedra formassem algum padrão que somente ele conseguisse enxergar.

— Poderíamos... derrubá-las. Colocar rainhas mais novas, mais inteligentes em seus tronos. Que estejam dispostas a negociar — disse Cassian.

Rhys fez que não com a cabeça.

— Um, demoraria muito. Não temos esse tempo todo. — Pensei nas últimas semanas, em como Azriel tentara entrar naquelas cortes. Se nem mesmo suas sombras e espiões tinham conseguido penetrar a organização interna das rainhas, então eu duvidava que um assassino conseguisse. O gesto negativo que Azriel fez com a cabeça para Cassian dizia isso. — Dois — continuou Rhys —, quem sabe se isso de alguma forma impactaria a magia de sua metade do Livro? Ela deve ser dada voluntariamente. É possível que a magia seja forte o bastante para ver nossos planos. — Rhys inspirou, entre dentes. — Estamos empacados com elas.

— Poderíamos tentar de novo — disse Mor. — Deixe que eu fale com elas, que vá ao palácio...

— Não — respondeu Azriel. Mor ergueu as sobrancelhas, e um leve rubor manchou o rosto de Azriel. Mas sua expressão era determinada, os olhos de avelã pareciam sólidos. — Não vai colocar os pés naquele reino humano.

— Eu lutei na guerra se não se lembra...

— Não — disse Azriel, de novo, recusando-se a tirar os olhos dos de Mor. As asas agitadas roçaram contra o encosto da cadeira. — Elas a amarrariam e a fariam de exemplo.

— Precisariam me pegar primeiro.

— Aquele lugar é uma armadilha mortal para nossa espécie — replicou Azriel, a voz baixa e áspera. — Construído por mãos feéricas para proteger os humanos de nós. Se colocar os pés lá dentro, Mor, não sairá de novo. Por que acha que estamos com tantos problemas para infiltrar alguém?

— Se entrar no território deles não é uma opção — interrompi, antes que Mor pudesse dizer o que quer que o temperamento que lhe deformava a expressão do rosto tivesse sussurrado para que ela replicasse, o que certamente feria o encantador de sombras mais do que Mor pretendia —, e enganar ou fazer manipulação mental podem levar a magia a destruir o Livro... Que prova pode ser oferecida? — Rhys ergueu a cabeça. — Quem é... quem é essa Miryam? Quem ela foi para Jurian, e quem era esse príncipe de quem você falou... Drakon? Talvez nós... talvez eles pudessem ser usados como prova. Pelo menos para falar a seu favor.

O calor se dissipou dos olhos de Mor quando ela arrastou o pé contra o musgo e o piso de lajotas.

Mas Rhys entrelaçou os dedos entre os joelhos antes de dizer:

— Há quinhentos anos, nos anos que precederam a Guerra, havia um reino feérico na parte sul do continente. Era um reino de areia que cercava o exuberante delta de um rio. A Terra Negra. Não havia lugar mais cruel para se nascer humano, pois nenhum humano ali nascia livre. Eram todos escravos, forçados a construir

grandes templos e palácios para os Grão-Feéricos que governavam. Não havia escapatória; nenhuma chance de comprar a liberdade. E a rainha da Terra Negra... — A memória se estampou na expressão de Rhys.

— Ela fazia Amarantha parecer tão doce quanto Elain — explicou Mor, com delicado veneno.

— Miryam — continuou Rhys — era uma fêmea meio-feérica nascida de mãe humana. E como a mãe era escrava, a concepção foi... contra a vontade da mulher, e Miryam também nasceu em grilhões e, considerada humana, teve negados quaisquer direitos à herança feérica.

— Conte a história toda outra hora — interrompeu Amren. — O resumo, garota — disse Amren para mim — é que Miryam foi dada como presente de casamento da rainha para seu prometido, um príncipe feérico estrangeiro chamado Drakon. Ele ficou horrorizado, e deixou Miryam escapar. Temendo a ira da rainha, ela fugiu pelo deserto, atravessou o mar, mais deserto... e foi encontrada por Jurian. Miryam se juntou aos exércitos rebeldes de Jurian, se tornou sua amante e era uma curandeira entre os guerreiros. Até que uma batalha devastadora levou Miryam a cuidar dos novos aliados feéricos de Jurian: inclusive do príncipe Drakon. No fim das contas, Miryam abrira os olhos de Drakon para o monstro com quem ele planejava se casar. Drakon desfez o noivado, aliou seus exércitos aos humanos e estava à procura da linda garota escrava havia três anos. Jurian não tinha ideia de que o novo aliado cobiçava sua amante. Ele estava concentrado demais em vencer a Guerra, em destruir Amarantha no norte. Conforme a obsessão de Jurian tomava conta, o guerreiro não enxergou Miryam e Drakon se apaixonando às suas costas.

— Não foi pelas costas! — disparou Mor. — Miryam terminou com Jurian antes de sequer colocar um dedo em Drakon.

Amren gesticulou com os ombros.

— Resumindo, garota, quando Jurian foi massacrado por Amarantha, e durante os longos séculos depois disso, ela contou ao guerreiro o que tinha acontecido com sua amante. Que Miryam o traíra por um macho feérico. Todos acreditavam que

Miryam e Drakon haviam morrido libertando o povo dela da Terra Negra, no fim da Guerra, até mesmo Amarantha.

— E não tinham — concluí. Rhys e Mor assentiram. — Foi tudo uma forma de fugir, não foi? De começar de novo em outro lugar, com os povos de ambos? — Mais acenos. — Então, por que não mostrar isso às rainhas? Você começou a contar a elas...

— Porque — interrompeu Rhys —, além de não provar nada sobre *meu* caráter, que parecia ser o maior problema, seria uma grave traição a nossos amigos. Seu único desejo era permanecer escondidos, viver em paz com os respectivos povos. Lutaram e sangraram e sofreram muito por isso. Não vou arrastá-los para este conflito.

— O exército aéreo de Drakon — ponderou Cassian — era tão bom quanto o nosso. Talvez precisemos chamá-lo no fim.

Rhys apenas sacudiu a cabeça. Fim de papo. E talvez ele estivesse certo: revelar a existência pacífica de Drakon e Miryam não explicava nada a respeito das intenções do próprio Rhys. Sobre seus méritos e seu caráter.

— Então, o que oferecemos em troca? — perguntei. — O que mostramos a elas?

O rosto de Rhys pareceu arrasado.

— Mostramos Velaris a elas.

— O quê? — disparou Mor. Mas Amren a silenciou.

— Não é sério que quer trazê-las aqui — protestei.

— É claro que não. Os riscos são grandes demais, recebê-las por sequer uma noite provavelmente resultaria em derramamento de sangue. — Rhys continuou: — Então, planejo apenas mostrar a elas.

— Elas vão ignorar, como um truque mental — replicou Azriel.

— Não — respondeu Rhys, e se levantou. — Quero *mostrar* a elas, de acordo com as regras delas mesmas.

Amren tamborilou as unhas umas contra as outras.

— Como assim, Grão-Senhor?

Mas Rhys apenas disse a Mor:

— Avise seu pai. Vamos fazer uma visita a ele e a minha outra corte.

Meu sangue gelou. A Corte dos Pesadelos.

Existia uma esfera, pelo visto, que pertencera à família de Mor havia milênios: a Veritas. Transbordava a magia da verdade que Mor alegava possuir; que muitos em sua linhagem também tinham. E a Veritas era um de seus talismãs mais valiosos e vigiados.

Rhys não perdeu tempo com planejamento. Iríamos para a Corte dos Pesadelos dentro da Cidade Escavada na tarde seguinte, atravessaríamos para perto da enorme montanha dentro da qual era construída, e então voaríamos o restante do caminho.

Mor, Cassian e eu éramos meras distrações para tornar a visita súbita de Rhys menos suspeita... enquanto Azriel roubava a esfera dos aposentos do pai de Mor.

A esfera era conhecida entre os humanos, fora empunhada por eles na Guerra, contou-me Rhys em um jantar tranquilo naquela noite. As rainhas saberiam. E saberiam que era a mais absoluta verdade, não uma ilusão ou um truque, quando a usássemos para mostrar a elas — como espiar uma pintura viva — que aquela cidade e o bom povo existiam.

Os demais tinham sugerido outros lugares dentro do território de Rhys para provar que ele não era um sádico beligerante, mas nenhum tinha o mesmo impacto de Velaris, alegava Rhys. Pelo povo dele, pelo *mundo*, Rhysand ofereceria às rainhas aquele pedaço de verdade.

Depois do jantar, fui passear pelas ruas e me vi, por fim, na beira do Arco-Íris, a noite a toda, mecenas e artistas e cidadãos comuns entrando e saindo de loja em loja, olhando as galerias, comprando suprimentos.

Em comparação com as luzes fortes e as cores alegres da pequena colina que descia até o rio adiante, as ruas atrás de mim pareciam sombreadas, dormentes.

Eu estava ali havia quase dois meses e não tinha reunido coragem para caminhar pelo quarteirão dos artistas.

Mas aquele lugar... Rhys arriscaria aquela linda cidade, aquele povo amável, tudo por uma chance de ter paz. Talvez a culpa por ter deixado Velaris protegida enquanto o resto de Prythian sofria o guiasse; talvez oferecer Velaris em uma bandeja fosse a própria tentativa de Rhysand de aliviar esse peso. Esfreguei o peito, pois um peso se acumulava ali.

Dei um passo na direção do quarteirão... e parei.

Talvez devesse ter pedido a Mor que viesse comigo. Mas ela partira depois do jantar, de rosto pálido e sobressaltada, ignorando a tentativa de Cassian de conversar. Azriel saíra voando para contatar os espiões. Ele silenciosamente prometera a um Cassian impaciente que encontraria Mor quando tivesse terminado.

E Rhys... Ele tinha muito nas costas. E não fizera objeções quando eu disse que sairia para caminhar. Nem mesmo me avisara para que tomasse cuidado. Se era confiança ou total fé na segurança daquela cidade, ou apenas o fato de Rhys saber o quanto eu reagiria mal se ele tentasse me dizer para não ir ou me desse um aviso, eu não sabia.

Sacudi a cabeça, limpando a mente, quando mais uma vez olhei para a rua principal do Arco-Íris.

Eu sentira faíscas nas últimas semanas, naquele buraco dentro do peito — faíscas de imagens, mas nada sólido. Nada que rugisse com vida e exigências. Não da forma como acontecera naquela noite, quando vi Rhysand ajoelhado naquela cama, nu e tatuado e com as asas à mostra.

Seria burrice me aventurar no quarteirão, de toda forma, quando poderia muito bem ser destruído em um conflito iminente. Seria burrice me apaixonar por ele, quando poderia ser arrancado de mim.

Então, como uma covarde, eu me virei e fui para casa.

Rhys aguardava no vestíbulo, encostado no mastro do corrimão da escada. O rosto estava sombrio.

Parei no meio do tapete da entrada.

— O que foi?

— Estou pensando em pedir que você fique aqui amanhã. — As asas de Rhys não estavam visíveis, nem mesmo sua sombra.

Cruzei os braços.

— Achei que eu iria. — *Não me tranque nesta casa, não me afaste...*

Ele passou a mão pelo cabelo.

— O que preciso ser amanhã, quem preciso me tornar, não é... não é algo que quero que veja. Como tratarei você, tratarei os demais...

— A máscara do Grão-Senhor — falei, baixinho.

— Sim. — Rhys se sentou na base das escadas.

Permaneci no centro do saguão quando perguntei, com cautela:

— Por que não quer que eu veja isso?

— Porque você acabou de começar a me ver como se eu não fosse um monstro, e não suporto a ideia de nada do que verá amanhã estar sob aquela montanha, colocar você de volta naquele lugar onde a encontrei.

Sob aquela montanha — no subterrâneo. Sim, tinha me esquecido disso. Esquecido que eu veria a corte na qual Amarantha inspirara a própria, que eu estaria presa sob a terra...

Mas com Cassian, Azriel e Mor. Com... ele.

Esperei pelo pânico, pelo suor frio. Nenhum veio.

— Me deixe ajudar. Como eu puder.

Tristeza ofuscou a luz estelar naqueles olhos.

— O papel que precisará interpretar não é agradável.

— Confio em você. — Eu me sentei ao lado de Rhys nas escadas, perto o bastante para que o calor do corpo dele aquecesse o ar frio da noite que se agarrava ao meu sobretudo. — Por que Mor parecia tão perturbada quando foi embora?

Rhys engoliu em seco. Eu podia ver que era ódio, e dor, que evitavam que ele me contasse diretamente; não falta de confiança. Depois de um momento, Rhys falou:

— Eu estava lá, na Cidade Escavada, no dia em que o pai declarou que Mor seria vendida em casamento a Eris, o filho mais velho do Grão-Senhor da Corte Outonal. — Irmão de Lucien. — Eris tinha a reputação de ser cruel, e Mor... me implorou para que eu não deixasse aquilo acontecer. Apesar de todo o poder, de ser tão selvagem, ela não tinha voz, não tinha direitos para aquela gente. E meu pai não se importava muito se os primos usassem as crias como animais de reprodução.

— O que aconteceu? — sussurrei.

— Levei Mor ao acampamento illyriano por alguns dias. E ela viu Cassian e decidiu que faria a única coisa que destruiria seu valor para aquelas pessoas. Não soube até depois, e... foi uma confusão. Com Cassian, com ela, com nossas famílias. E é outra longa história, mas a versão resumida é que Eris se recusou a se casar com ela. Disse que Mor tinha sido maculada por um bastardo feérico inferior, e preferia trepar com uma porca. A família dela... eles... — Nunca vi Rhys tão sem palavras. Ele pigarreou. — Quando terminaram, jogaram Mor na fronteira da Corte Outonal, com um bilhete pregado ao corpo; dizia que Mor era problema de Eris.

Pregado... *pregado* a ela.

Rhys falou, com ira, baixinho:

— Eris deixou Mor à beira da morte no meio do bosque deles. Azriel a encontrou um dia depois. Fiz o possível para evitar que Azriel fosse a qualquer uma das cortes e massacrasse a todos.

Pensei naquele rosto alegre, na gargalhada irreverente, na fêmea que não se importava com quem a aprovasse. Talvez porque tivesse visto o pior que sua espécie tinha a oferecer. E sobrevivera.

E entendi; por que Rhys não podia suportar Nestha por mais de alguns minutos, por que não conseguia se desvencilhar daquele ódio no que dizia respeito a suas falhas, mesmo que eu o tivesse feito.

O fogo de Beron começou a crepitar em minhas veias. *Meu* fogo, não o dele. E nem o do filho dele.

Peguei a mão de Rhys, e seu polegar roçou contra o dorso da palma da minha. Tentei não pensar na familiaridade daquela carícia quando falei, com uma voz firme e calma que mal reconheci:

— Diga o que preciso fazer amanhã.

Capítulo 42

Eu não estava com medo.

Não do papel que Rhys tinha pedido que eu interpretasse naquele dia. Não do vento estrondoso conforme atravessávamos até uma cadeia montanhosa familiar, coberta de neve, que se recusava a se dobrar ao beijo do despertar da primavera. Não da descida violenta conforme Rhys nos levou voando entre os picos e vales, ágil e suavemente. Cassian e Azriel nos flanqueavam; Mor nos encontraria nos portões, na base da montanha.

O rosto de Rhys estava contraído, e os ombros, tensos enquanto eu os segurava. Sabia o que esperar, mas... mesmo depois de Rhys ter me contado o que precisava que eu fizesse, mesmo depois de eu concordar, ele estava... distante. Perturbado.

Preocupado comigo, percebi.

E só por causa daquela preocupação, só para tirar aquela tensão de seu rosto, mesmo que durante os poucos minutos antes de enfrentarmos aquele reino maldito sob a montanha, eu falei, acima do ruído do vento:

— Amren e Mor me disseram que a extensão das asas de um macho illyriano diz muito sobre o tamanho de... outras partes.

Os olhos de Rhys se voltaram para mim, e depois, para as encostas cobertas de pinheiros abaixo.

— Disseram, é?

Dei de ombros, tentando não pensar no corpo nu daquela noite, há tantas semanas, embora eu não tivesse visto muito.

— Também disseram que as asas de Azriel são as maiores.

Malícia dançou naqueles olhos violeta, levando embora a distância fria, a tensão. O mestre-espião era um borrão preto contra o céu azul pálido.

— Quando voltarmos para casa, vamos pegar a fita métrica, que tal?

Belisquei o músculo firme como pedra do antebraço de Rhys. Ele me lançou um sorriso malicioso antes de descer...

Montanhas e neve e árvores e sol e queda livre total em meio a fiapos de nuvem...

Um grito sem fôlego saiu de mim quando mergulhamos. Por instinto, envolvi o pescoço de Rhys com os braços. Sua risada grave fez cócegas em minha nuca.

— Está disposta a desbravar minha escuridão e erguer a sua, disposta a entrar em um túmulo inundado e enfrentar a Tecelã, mas uma quedinha livre a faz gritar?

— Vou deixá-lo apodrecer da próxima vez que tiver um pesadelo — sibilei, ainda de olhos fechados e com o corpo travado quando Rhys abriu as asas para suavizar nossa queda constante.

— Não vai não — cantarolou ele. — Gostou demais de me ver nu.

— Canalha.

A risada de Rhys ressoou contra mim. De olhos fechados, o vento rugindo como um animal selvagem, ajustei minha posição, segurando-o com mais força. Os

nós de meus dedos roçaram em uma das asas de Rhys — lisa e fria como seda, mas firme tal pedra quando totalmente esticada.

Fascinante. Tateei às cegas de novo... e ousei passar a ponta do dedo por uma das bordas internas.

Rhysand estremeceu, um gemido baixo escapuliu ao lado de minha orelha.

— Aí — falou ele, contendo a voz — é muito sensível.

Puxei o dedo de volta, me afastei o bastante para ver o rosto de Rhys. Com o vento, precisei semicerrar os olhos, e meus cabelos trançados voavam de um lado a outro, mas... Rhys estava completamente concentrado nas montanhas ao nosso redor.

— Faz cócegas?

Ele voltou o olhar para mim, e depois, para a neve e os pinheiros que se estendiam infinitamente.

— A sensação é esta — disse Rhys, e se aproximou tanto que os lábios roçaram a parte externa de minha orelha quando ele lhe lançou um leve sopro. Minhas costas se arquearam por instinto, e ergui o queixo diante da carícia daquele sopro.

— Ah! — Eu consegui dizer. Senti Rhys sorrir contra minha orelha e se afastar.

— Se quiser a atenção de um macho illyriano, seria melhor puxá-lo pelas bolas. Somos treinados a proteger nossas asas a todo custo. Alguns machos atacam primeiro e fazem perguntas depois se as asas forem tocadas sem convite.

— E durante o sexo? — A pergunta saiu sem querer.

O rosto de Rhys era puro interesse felino enquanto monitorava as montanhas.

— Durante o sexo, um macho illyriano pode atingir um orgasmo somente se alguém tocar as asas no lugar certo.

Meu sangue latejava. Território perigoso; mais que a queda letal abaixo.

— *Você* já testou se isso é verdade?

Os olhos de Rhys me despiram.

— Nunca permiti que ninguém visse ou tocasse em minhas asas durante o sexo. Isso torna você vulnerável de uma forma com a qual... não estou confortável.

— Uma pena — lamentei, olhando casualmente demais na direção da grandiosa montanha que agora surgia no horizonte, erguendo-se por cima das demais. E encimada, reparei, por aquele palácio reluzente de pedra da lua.

— Por quê? — perguntou Rhys, cauteloso.

Dei de ombros, lutando contra o sorriso em meus lábios.

— Porque aposto que poderia fazer umas posições interessantes com essas asas.

Rhys soltou uma gargalhada ruidosa, e seu nariz roçou minha orelha. Eu o senti abrir a boca para sussurrar algo, mas...

Uma coisa escura e rápida e lustrosa disparou contra nós, e Rhys mergulhou para baixo e para longe, xingando.

Então, outra, e outra, elas continuaram vindo.

Não eram apenas flechas comuns, percebi quando Rhys desviou e pegou uma no ar. Mais flechas ricochetearam inofensivamente de um escudo que Rhys ergueu.

Ele verificou a madeira na palma da mão e a soltou com um chiado. Flechas de freixo. Para matar feéricos.

E agora que eu era uma...

Mais rápido que o vento, mais rápido que a morte, Rhys disparou para o chão. Voou, não atravessou, porque queria saber onde estavam nossos inimigos, não queria perdê-los. O vento feriu meu rosto, emitiu um guincho em meus ouvidos, se entrelaçou em meus cabelos com garras cruéis.

Azriel e Cassian já se dirigiam até nós. Escudos de azul e vermelho translúcidos os envolviam — lançando aquelas flechas pelos ares. Eram os Sifões em ação.

As flechas eram disparadas da floresta de pinheiro que cobria as montanhas, e, depois, sumiam.

Rhys atingiu o chão, neve subindo ao seu encalço, e uma fúria como eu não via desde aquele dia na corte de Amarantha deformou a expressão de seu rosto. Eu conseguia sentir aquele ódio latejando em mim, reunindo-se pela clareira na qual agora estávamos.

Azriel e Cassian chegaram em um instante, e seus escudos coloridos se encolheram de volta para os Sifões. Os três eram como forças da natureza na floresta de pinheiros, e Rhysand nem mesmo me olhou quando ordenou a Cassian:

— Leve-a para o palácio e fique lá até eu voltar. Az, você vem comigo.

Cassian estendeu a mão para mim, mas eu me afastei.

— Não.

— O quê? — grunhiu Rhys, a palavra saiu quase gutural.

— Me leve junto — pedi. Não queria ir para aquele palácio de pedra da lua e ficar andando de um lado a outro, e esperar e torcer os dedos.

Cassian e Azriel, sabiamente, ficaram calados. E Rhys, que a Mãe o abençoasse, apenas recolheu as asas e cruzou os braços... esperando ouvir meus motivos.

— Já vi flechas de freixo — falei, um pouco sem fôlego. — Posso reconhecer onde foram feitas. E se vieram da mão de outro Grão-Senhor... posso detectar isso também. — Se tinham vindo de Tarquin... — E posso rastrear tão bem no chão quanto qualquer um de vocês. — Exceto por Azriel, talvez. — Então, você e Cassian vão pelo céu — sugeri, ainda esperando a rejeição, a ordem de me trancafiar. — E vou caçar no chão com Azriel.

A ira que irradiava pela clareira nevada se conteve em um ódio gélido, calmo demais. Porém, Rhys falou:

— Cassian, quero patrulhas aéreas nas fronteiras marítimas, posicionadas em círculos de 3,5 quilômetros, até Hybern. Quero soldados de infantaria nos vales das montanhas ao longo da fronteira sul; certifique-se de que aquelas fogueiras de aviso estejam prontas em cada cume. Não vamos nos fiar em magia. — Ele se voltou para Azriel. — Quando terminarem, avise seus espiões de que podem estar comprometidos, e prepare-se para extraí-los. E coloque novos espiões no lugar. Vamos conter isso. Não contaremos a ninguém dentro daquela corte o que aconteceu. Se alguém mencionar, digam que foi um treinamento.

Porque não podíamos correr o risco de deixar que essa fraqueza transparecesse, mesmo entre seus súditos.

Os olhos de Rhysand finalmente encontraram os meus.

— Temos uma hora até precisarmos estar na corte. Façam valer a pena.

Nós buscamos, mas as flechas caídas foram levadas por nossos agressores — e nem mesmo as sombras e o vento disseram algo a Azriel, como se nosso inimigo também tivesse se escondido deles.

Mas aquela era a segunda vez que sabiam onde Rhys e eu estaríamos.

Mor nos encontrou depois de vinte minutos, querendo saber que diabos havia acontecido. Nós explicamos, e ela atravessou para dar qualquer que fosse a desculpa que evitaria levantar suspeitas sobre algo errado em sua terrível família.

Mas, ao fim de uma hora, não tínhamos encontrado uma única pista. E não podíamos mais atrasar nossa reunião.

A Corte dos Pesadelos ficava atrás de um conjunto imenso de portas entalhadas na própria montanha. E da base, a montanha se erguia tão alta que eu não conseguia ver o palácio no qual um dia eu ficara, acima desta. Apenas neve e rocha, e pássaros circulando ao alto. Não havia ninguém do lado de fora — nenhuma cidade, nenhum sinal de vida. Nada que indicasse que uma cidade inteira de pessoas morava ali dentro.

Mas não deixei que minha curiosidade, ou qualquer temor remanescente, transparecesse quando Mor e eu entramos. Rhys, Cassian e Azriel chegariam minutos depois.

Havia sentinelas aos portões de pedra, vestidos não de preto, como eu poderia ter suspeitado, mas de cinza e branco — traje feito para se camuflar com a face da montanha. Mor sequer olhou para eles ao me levar silenciosamente para dentro da cidade na montanha.

Meu corpo enrijeceu assim que a escuridão, o cheiro de rocha e de fogo e de carne assando me atingiram. Eu tinha estado ali antes, sofrido ali...

Não Sob a Montanha. Aquilo não era Sob a Montanha.

De fato, a corte de Amarantha fora o trabalho de uma criança.

A Corte dos Pesadelos era o trabalho de um deus.

Enquanto Sob a Montanha consistia em uma série de corredores e quartos e andares, aquela... aquela era uma verdadeira cidade.

A passagem pela qual Mor nos levou era uma avenida, e, ao nosso redor, erguendo-se na escuridão, havia prédios e pináculos, lares e pontes. Uma metrópole entalhada da pedra escura da própria montanha, nenhum centímetro deixado de fora ou sem algum adorável e terrível trabalho artístico gravado. Figuras dançavam e fornicavam; imploravam e festejavam. Pilastras tinham sido entalhadas para parecerem vinhas curvas de flores noturnas. Água percorria pequenos córregos, e rios brotavam do coração da própria montanha.

A Cidade Escavada. Um lugar de beleza tão terrível que era difícil manter o espanto e o pesar longe de minha expressão. Música já tocava em algum lugar, e nossos anfitriões ainda não haviam vindo nos cumprimentar. As pessoas pelas quais passávamos — somente Grão-Feéricos — estavam vestidas elegantemente, os rostos mortalmente pálidos e frios. Ninguém nos parou, ninguém sorriu ou fez reverência.

Mor ignorou todos. Nenhuma de nós dissera uma palavra. Rhys me avisara que não falasse — que as paredes ali tinham ouvidos.

Mor me levou pela avenida na direção de outro conjunto de portões de pedra, escancarados na base do que parecia ser um castelo *dentro* da montanha. O assento oficial do Grão-Senhor da Corte Noturna.

Imensas bestas negras cobertas de escamas estavam entalhadas naqueles portões, todas reunidas em um ninho de garras e presas, dormindo e lutando, algumas presas em um ciclo eterno, devorando outras. Entre as bestas, heras de jasmim e de boas-noites. Eu podia jurar que as bestas pareciam se contorcer ao brilho prateado das luzes feéricas tremeluzentes ao longo da cidade na montanha.

Os Portões da Eternidade; era assim que eu chamaria a pintura que lampejara em minha mente.

Mor prosseguiu através dos portões, um lampejo de cor e de vida naquele lugar estranho e frio.

Ela estampava um vermelho intenso, os tecidos de organza e gaze do vestido sem mangas se ajustavam aos seios e aos quadris de Mor, enquanto fendas cuidadosamente localizadas deixavam muito da barriga e das costas expostas. Os cabelos de Mor estavam soltos em uma cascata de ondas, e pulseiras de ouro sólido reluziam em seus pulsos. Uma rainha — uma rainha que não se curvava a ninguém, uma rainha que enfrentara todos e triunfara. Uma rainha que era dona do próprio corpo, da vida, do destino, e jamais se desculpava por isso.

Mor tomara um tempo no bosque de pinheiro para me vestir, e minhas roupas eram de um modelo semelhante, quase idênticas àquelas que eu havia sido forçada a usar Sob a Montanha. Duas faixas de tecido que mal cobriam meus seios fluíam até abaixo do umbigo, onde um cinto nos quadris prendia as faixas de tecido em uma só, longa, que descia por minhas pernas e mal cobria a parte de trás.

Mas diferente do *chiffon* e das cores alegres que eu usara então, esse era feito de um tecido preto e brilhante, que refletia luz a cada oscilação de quadril.

Mor arrumara meu cabelo como uma coroa no alto da cabeça — logo atrás do diadema preto que tinha colocado diante do penteado, ressaltado por grãos de diamante que faziam com que brilhasse como o céu noturno. Mor escurecera e alongara meus cílios, passando uma linha elegante e maliciosa de delineador no canto exterior de cada um. Meus lábios, Mor pintara de vermelho-sangue.

E entramos no castelo abaixo da montanha. Havia mais pessoas ali, perambulando pelos intermináveis corredores, observando cada fôlego que tomávamos. Alguns se pareciam com Mor, com os cabelos dourados e os lindos rostos. Até mesmo sibilavam para ela.

Mor dava risinhos para eles. Parte de mim desejava que Mor lhes rasgasse a garganta em vez disso.

Por fim, chegamos a um salão do trono de ébano polido. Mais das serpentes dos portões da entrada estavam entalhadas ali... dessa vez, enroscadas nas inúmeras colunas que apoiavam o teto de ônix. Era tão alto que a escuridão escondia os detalhes mais finos, mas eu sabia que mais delas haviam sido entalhadas ali também. Eram grandes bestas para monitorar as manipulações e as tramas dentro daquela sala. O próprio trono tinha sido feito de algumas delas, uma cabeça serpenteava ao redor de cada lado do encosto... como se observassem por cima dos ombros do Grão-Senhor.

Uma multidão estava reunida; e, por um momento, eu estava de novo no salão do trono de Amarantha, de tão parecida que era a atmosfera, a malícia. De tão parecido que era o altar do outro lado.

Um homem lindo, de cabelos louros, se colocou em nosso caminho na direção daquele trono de ébano, e Mor parou suavemente. Eu soube que era o pai dela sem que o homem dissesse uma palavra.

Ele vestia preto, um diadema de prata no alto da cabeça. Os olhos castanhos do feérico eram como terra antiga quando ele disse a Mor:

— Onde ele está?

Nenhum cumprimento, nenhuma formalidade. Ele me ignorou por completo.

Mor deu de ombros.

— Ele chega quando quiser. — Ela seguiu em frente.

O pai de Mor me olhou então. E obriguei meu rosto a estampar uma máscara como a dela. Desinteresse. Distância.

O pai de Mor observou meu rosto, meu corpo — e onde achei que veria escárnio e provocação... não havia nada. Nenhuma emoção. Apenas um frio desalmado.

Segui Mor antes que o desprezo destruísse minha máscara gélida.

Mesas de banquete contra as paredes negras estavam cobertas de frutas fartas e suculentas e tranças de pão dourado, interrompidas por carnes assadas, barris de

cidra e cerveja e tortas e tortinhas e pequenos bolos, de todos os tamanhos e variedades.

Talvez tivesse feito minha boca se encher d'água... Não fosse pelos Grão-Feéricos em toda a elegância. Não fosse pelo fato de que ninguém tocava na comida; o poder e a riqueza estavam em deixar que fosse desperdiçada.

Mor foi direto para o altar de obsidiana, e parei ao pé dos degraus quando ela ocupou um lugar ao lado do trono e disse para a multidão, com uma voz que era nítida, cruel e astuta:

— Seu Grão-Senhor se aproxima. Está de péssimo humor, então, sugiro que se comportem, a não ser que desejem ser o entretenimento da noite.

E, antes que a multidão pudesse começar a murmurar, eu senti. Senti... ele.

A própria rocha sob meus pés pareceu tremer, uma batida pulsante e constante.

Seus passos. Como se a montanha estremecesse a cada toque.

Todos naquele salão ficaram mortalmente imóveis. Como se petrificados porque a própria respiração poderia atrair a atenção do predador que agora caminhava em nossa direção.

Os ombros de Mor estavam esticados, e o queixo, erguido — orgulho bestial e lascivo diante da chegada do mestre.

Ao me lembrar de meu papel, abaixei meu queixo, observando por baixo das sobrancelhas.

Primeiro Cassian e Azriel surgiram à porta. O general e o encantador de sombras do Grão-Senhor... e os illyrianos mais poderosos da história.

Não eram os machos que eu conhecera.

Usando preto de batalha, que delineava as formas musculosas, suas armaduras eram complexas, com escamas — os ombros impossivelmente mais largos, os rostos eram um retrato da brutalidade insensível. Os dois me lembraram, por algum motivo, das bestas de ébano entalhadas nas pilastras pelas quais eles passavam.

Mais Sifões, percebi, brilhavam, além daqueles no dorso de cada mão. Um Sifão no centro do peito. Um em cada ombro. Um em cada joelho.

Por um momento, meus joelhos fraquejaram, e entendi o que os senhores do acampamento tinham temido nos dois. Se um Sifão era do que a maioria dos illyrianos precisava para controlar o poder mortal... Cassian e Azriel tinham sete cada. *Sete*.

Os cortesãos tiveram o bom senso de recuar um passo conforme Cassian e Azriel seguiam em meio à multidão, na direção do altar. As asas reluziam, as garras no topo estavam afiadas o bastante para cortar o ar — como se as tivessem afiado.

A concentração de Cassian foi direto para Mor; Azriel se permitiu um olhar antes de observar as pessoas ao redor. A maioria se esquivava do olhar do mestre-espião... embora tremessem ao ver a Reveladora da Verdade ao seu lado, a lâmina illyriana despontando sobre o ombro esquerdo.

Azriel, o rosto como uma linda máscara de morte, silenciosamente prometia a todos tormento infinito e irrefreável, e até mesmo as sombras estremeciam quando ele passava. Eu sabia por quê; sabia por quem ele ficaria feliz em fazer aquilo.

Tinham tentado vender uma jovem de 17 anos em casamento para um sádico — e então a brutalizam de formas que eu não podia, não me permitiria considerar. E aquelas pessoas agora viviam em profundo pavor dos três companheiros que estavam ao altar.

Que bom. Deveriam sentir medo deles.

Medo de mim.

E, então, Rhysand surgiu.

Ele libertara o controle sobre o poder, sobre quem era. O poder de Rhys tomou conta do salão do trono, do castelo, das montanhas. Do mundo. Não tinha fim ou começo.

Nenhuma asa. Nenhuma arma. Nenhum sinal do guerreiro. Nada além do elegante e cruel Grão-Senhor que o mundo acreditava que ele era. As mãos de Rhysand estavam nos bolsos, a túnica preta parecia engolir a luz. E na cabeça de Rhys estava uma coroa de estrelas.

Nenhum sinal do macho que bebia no telhado; nenhum sinal do príncipe caído, ajoelhado na cama. O impacto total de Rhysand ameaçou me sobrepujar.

Ali — ali ele era o Grão-Senhor mais poderoso que já nascera.

O rosto de sonhos e pesadelos.

Os olhos de Rhys encararam os meus brevemente do outro lado do salão conforme ele caminhou entre as pilastras. Até o trono que era seu por direito de sangue, sacrifício e poder. Meu próprio sangue cantava diante do poder que latejava dentro de Rhysand, diante de sua pura beleza.

Mor desceu do altar e se colocou sobre um joelho com uma reverência suave. Cassian e Azriel acompanharam em seguida.

Assim como todos no salão.

Inclusive eu.

O piso de ébano estava tão polido que pude ver meus lábios pintados de vermelho; ver meu rosto inexpressivo. O salão estava tão silencioso que pude ouvir cada um dos passos de Rhys em nossa direção.

— Ora, ora — disse ele, para ninguém em especial. — Parece que chegaram todos na hora, para variar.

Erguendo a cabeça enquanto ainda de joelhos, Cassian deu um meio sorriso para Rhys — o comandante do Grão-Senhor encarnado, ansioso para derramar sangue por ele.

As botas de Rhys pararam em meu campo visual.

Os dedos pareceram gelo em meu queixo quando Rhys ergueu meu rosto.

O salão inteiro, ainda no chão, observava. Mas aquele era o papel que eu precisava interpretar. Ser uma distração e uma novidade. Os lábios de Rhys se curvaram para cima.

— Bem-vinda a meu lar, Feyre, Quebradora da Maldição.

Abaixei o olhar, os cílios espessos com rímel fizeram cócegas na bochecha. Rhys emitiu um estalo com a língua, e a mão se apertou em meu queixo. Todos

repararam na pressão dos dedos dele, no ângulo predatório da cabeça de Rhys quando ele disse:

— Venha comigo.

Um puxão em meu queixo e fiquei de pé. Rhys passou os olhos por meu corpo, e me perguntei se seria mesmo apenas atuação quando eles brilharam um pouco.

Rhysand me guiou pelos poucos degraus até o altar... até o trono. Ele se sentou, sorrindo levemente para a monstruosa corte. Rhys dominava cada centímetro do trono. Daquelas pessoas.

E com um puxão em minha cintura, ele me colocou no colo.

A vadia do Grão-Senhor. Quem eu tinha me tornado Sob a Montanha... quem o mundo esperava que eu fosse. O perigoso novo bicho de estimação que o pai de Mor agora tentaria avaliar.

A mão de Rhys deslizou por minha cintura exposta, e a outra percorreu minha coxa nua. Frias — as mãos estavam tão frias que quase gritei.

Ele devia ter sentido quando me encolhi silenciosamente. Um segundo depois, as mãos estavam mornas. O polegar de Rhys, curvando-se para o interior de minha coxa, fez uma carícia lenta e longa, como se dissesse: *Desculpe.*

Rhys chegou a se inclinar para aproximar a boca de minha orelha, bastante ciente de que os súditos não tinham se levantado. Como se, certa vez, há muito tempo, o tivessem feito sem ser ordenados e tivessem aprendido as consequências. Rhysand sussurrou para mim, com a outra mão agora acariciando a pele exposta de minhas costelas em círculos preguiçosos, indolentes:

— Tente não deixar lhe subir à cabeça.

Eu sabia que todos podiam ouvir. Ele também.

Encarei as cabeças curvadas dos súditos, meu coração batia forte, mas falei, com a suavidade da meia-noite:

— O quê?

O hálito de Rhys acariciou minha orelha, idêntico àquele que ele me soprara uma hora antes no céu.

— Que cada macho aqui está considerando de que estaria disposto a abrir mão para ter essa sua boquinha linda e vermelha para si.

Esperei que o rubor e a timidez tomassem conta.

Mas eu *era* linda. Era forte.

Tinha sobrevivido... triunfado. Como Mor tinha sobrevivido àquela casa terrível, venenosa...

Então, sorri de leve, o primeiro sorriso de minha nova máscara. Que eles vissem aquela linda boca vermelha e meus dentes brancos e retos.

A mão de Rhys deslizou mais para cima em minha coxa, o toque territorial de um macho que sabia que era dono de alguém, de corpo e alma. Rhys tinha se desculpado com antecedência por aquilo, por aquele jogo, aqueles papéis que precisaríamos interpretar.

Mas eu me inclinei na direção daquele toque, me inclinei para trás no corpo firme e quente. Estava tão perto de Rhys que consegui sentir o tremor grave de sua voz quando ele disse para a corte:

— De pé.

Como um, eles se levantaram. Ri de alguns deles, gloriosamente entediada e infinitamente divertida.

Rhys roçou o nó de um dedo contra a parte interna de meu joelho, e cada nervo de meu corpo ficou tenso àquele toque.

— Vão brincar — disse Rhys a todos.

Eles obedeceram, a multidão se dispersou, música surgiu de um canto distante.

— Keir — falou Rhys, com a voz perfurando o salão como relâmpago em uma noite de tempestade.

Era tudo o que ele precisava fazer para convocar o pai de Mor ao pé do altar. Keir fez nova reverência, o rosto estampando ressentimento gélido ao observar Rhys, e, depois, a mim... olhando uma vez para Mor e os illyrianos. Cassian deu a Keir um aceno lento que disse a ele que o illyriano se lembrava — e jamais se

esqueceria — do que o administrador da Cidade Escavada tinha feito com a própria filha.

Mas era de Azriel que Keir se esquivava. Da visão da Reveladora da Verdade.

Um dia, percebi, Azriel usaria aquela lâmina no pai de Mor. E levaria muito, muito tempo para abrir o homem.

— Relatório — disse Rhys, acariciando minhas costelas com o nó do dedo. Ele deu um aceno de cabeça para dispensar Cassian, Mor e Azriel, e o trio sumiu na multidão. Em um segundo, Azriel tinha se dissipado em sombras e partido. Keir nem mesmo se virou.

Diante de Rhys, Keir não passava de uma criança emburrada. Mas eu sabia que o pai de Mor era mais velho. Muito mais velho. O administrador se agarrava ao poder, ao que parecia.

Rhys *era* poder.

— Saudações, senhor — cumprimentou Keir, a voz grave polida até se suavizar. — E saudações a sua... convidada.

A mão de Rhys espalmou minha coxa quando ele inclinou a cabeça para me olhar.

— Encantadora, não é?

— De fato — respondeu Keir, abaixando os olhos. — Há pouco a relatar, senhor. Tudo está calmo desde a última visita.

— Ninguém para eu punir? — Um gato brincando com a comida.

— A não ser que queira que eu selecione alguém aqui, não, senhor.

Rhys emitiu um estalo com a língua.

— Que pena. — Ele me observou de novo e, depois, se aproximou para puxar minha orelha com os dentes.

E maldição, eu me inclinei ainda mais para trás quando os dentes de Rhys puxaram para baixo no mesmo momento em que o polegar subiu pela lateral de minha coxa, percorrendo a pele sensível com um toque longo e lascivo. Meu corpo ficou relaxado e tenso ao mesmo tempo, e minha respiração... Maldito Caldeirão de

novo, o cheiro, algo cítrico e o mar, o poder escorrendo de Rhys... minha respiração falhou um pouco.

Eu sabia que Rhys tinha percebido; sabia que sentira aquela mudança em mim.

Os dedos ficaram imóveis em minha perna.

Keir começou a mencionar pessoas que eu não conhecia da corte, relatórios casuais sobre casamentos e alianças, disputas de família, e Rhys o deixou falar.

O polegar me acariciou de novo — dessa vez junto com o indicador.

Um rugido constante preenchia meus ouvidos, abafava tudo exceto aquele toque na parte interna de minha perna. A música latejava, antiga, selvagem, e as pessoas se esfregavam ao som dela.

Com os olhos no administrador, Rhys acenava vagamente de vez em quando. Enquanto os dedos continuavam as carícias lentas e constantes em minhas coxas, subindo a cada toque.

As pessoas observavam. Mesmo enquanto bebiam e comiam, mesmo enquanto algumas dançavam em pequenos círculos, as pessoas observavam. Eu estava sentada no colo de Rhys, seu brinquedinho pessoal, cada toque era visível às pessoas... no entanto, podíamos muito bem estar a sós.

Keir listou as despesas e os custos de administrar a corte, e Rhys deu mais um breve aceno de cabeça. Dessa vez, o nariz roçou o lugar entre meu pescoço e meu ombro, seguido por uma carícia passageira com a boca.

Meus seios enrijeceram, tornando-se fartos e pesados, doendo — doendo como aquilo que agora se acumulava dentro de mim. Calor encheu meu rosto, meu sangue.

Mas Keir disse, por fim, como se o autocontrole tivesse escapado da coleira:

— Ouvi os boatos e não acreditei muito. — Seu olhar recaiu sobre mim, sobre meus seios, firmes sob as dobras do vestido, sobre minhas pernas, mais abertas do que estavam minutos antes, e sobre a mão de Rhys em território perigoso. — Mas parece verdade: o bicho de estimação de Tamlin agora tem outro mestre.

— Deveria ver como eu a faço implorar — murmurou Rhys, cutucando meu pescoço com o nariz.

Keir entrelaçou as mãos às costas.

— Presumo que a tenha trazido como uma declaração.

— Você sabe que tudo que faço é uma declaração.

— É claro. Essa, ao que parece, você gosta de vestir com teias de aranha e coroas.

A mão de Rhys parou, e me sentei mais ereta ao ouvir o tom de voz, o nojo. E disse para Keir, com uma voz que pertencia a outra mulher:

— Talvez eu coloque uma coleira em *você*.

A aprovação de Rhys deu batidinhas em meu escudo mental, a mão em minhas costelas agora formava círculos preguiçosos.

— Ela gosta de brincar — ponderou ele, sobre meu ombro. — Rhys indicou o administrador com o queixo. — Pegue vinho para ela.

Puro comando. Nenhuma educação.

Keir enrijeceu o corpo, mas saiu andando.

Rhys não ousou sair do personagem, mas o leve beijo que deu sob minha orelha me disse o bastante. Desculpa e gratidão — e mais desculpas. Não gostava daquilo mais que eu. Mas, para conseguir o que precisava, para ganhar tempo para Azriel... ele o faria. E eu também.

Imaginei, então, com as mãos dele sob meus seios e entre minhas pernas, o que Rhys *não* daria de si. Imaginei se... se talvez a arrogância e o orgulho... se ocultariam um macho que talvez achasse que não valia muito.

Uma nova música começou, como mel gotejando, e depois se desenvolveu para um vento ágil, pontuado por tambores melódicos, incansáveis.

Eu me virei, observando o rosto de Rhys. Não havia nada de caloroso naqueles olhos, nada do amigo que eu fizera. Abri o escudo o suficiente para deixar que ele entrasse. *O quê?* A voz de Rhys entrou em minha mente.

Percorri a ligação entre nós, acariciando aquela muralha de ébano adamantino. Uma pequena fenda se abriu... apenas para mim. E falei para dentro dela: *Você é bom, Rhys. Você é gentil. Essa máscara não me assusta. Vejo você por baixo dela.*

As mãos de Rhys se apertaram sobre mim, e ele me encarou quando se aproximou para roçar a boca contra minha bochecha. Foi resposta suficiente — e... uma libertação.

Eu me inclinei um pouco mais contra ele e abri levemente as pernas. *Por que parou?*, falei para sua mente, para dentro de Rhys.

Um grunhido quase silencioso reverberou contra mim. Rhysand acariciou minhas costelas de novo, ao ritmo da batida da música, o polegar se erguendo quase o suficiente para roçar meus seios.

Deixei a cabeça se reclinar para trás, em seu ombro.

Eu me libertei da parte de mim que ouvia as palavras deles — *vadia, vadia, vadia...*

Libertei-me da parte que acompanhava aquelas palavras — *traidora, mentirosa, vadia...*

E simplesmente *me tornei*.

Eu me tornei a música, os tambores e a coisa selvagem e sombria nos braços do Grão-Senhor.

Os olhos de Rhys estavam completamente vidrados... e não por poder ou ódio. Algo vermelho incandescente e emoldurado por escuridão reluzente explodiu em minha mente.

Passei a mão pela coxa de Rhys, sentindo a força do guerreiro oculto ali. Puxei a mão para cima de novo, em uma carícia longa, distraída, precisando tocá-lo, senti-lo.

Eu estava prestes a pegar fogo e queimar. Começaria a queimar bem ali...

Calma, disse Rhys, com um interesse malicioso, pela fenda aberta em meu escudo. *Se você se tornar uma vela viva, o pobre Keir vai dar um ataque. E então vai estragar a festa de todos.*

Porque o fogo mostraria a todos que eu não era normal — e sem dúvida Keir informaria aos quase aliados na Corte Outonal. Ou algum daqueles monstros da corte informaria.

Rhys moveu os quadris, esfregando-se contra mim com tanta pressão que, por um segundo, não me importei com Keir, ou com a Corte Outonal, ou com o que Azriel poderia estar fazendo naquele momento para roubar a esfera.

Eu estava tão fria, tão solitária, por tanto tempo, e meu corpo gritava ao contato, à alegria de ser tocada e abraçada e estar *viva*.

A mão que estava em minha cintura deslizou para o abdômen, agarrando-se ao cinto baixo. Apoiei a cabeça entre o ombro e o pescoço de Rhys, encarando a multidão conforme eles me encaravam, saboreando cada lugar em que Rhys e eu nos tocávamos, e querendo *mais, mais, mais*.

Por fim, quando meu sangue começou a ferver, quando Rhys deslizou o nó do dedo sob meu seio, olhei para onde eu sabia que Keir estava parado, nos observando, meu vinho esquecido na mão.

Nós dois olhamos.

O administrador encarava, sem disfarçar, conforme se encostava à parede. Sem saber se deveria interromper. Meio apavorado de fazer isso. *Nós* éramos sua distração. *Nós* éramos a carta na manga enquanto Az roubava a esfera.

Eu sabia que Rhys ainda encarava Keir quando a ponta da língua deslizou por meu pescoço.

Arqueei as costas, as pálpebras pesadas, respiração entrecortada. Eu queimaria e queimaria e queimaria...

Acho que ele está tão enojado que poderia me dar a esfera apenas para sair daqui, disse Rhys, em minha mente, com a outra mão escorregando perigosamente para o sul. Mas havia um desejo tão crescente ali, e eu não usava nada abaixo para disfarçar as consequências se Rhys deslizasse a mão um pouco mais para cima.

Você e eu damos um show e tanto, falei, de volta. A pessoa que disse isso, com a voz rouca e abafada — eu jamais ouvira aquela voz sair de mim antes. Mesmo em

minha mente.

A mão de Rhys deslizou para a parte de cima de minha coxa, e os dedos se curvaram para dentro.

Eu me esfreguei contra Rhys, tentando afastar suas mãos do que ele estava prestes a descobrir...

E me dei conta de que ele estava duro contra minhas costas.

Cada pensamento se esvaiu de minha cabeça. Apenas a adrenalina do poder permaneceu enquanto eu me esfregava ao longo daquela extensão impressionante. Rhys soltou uma risada grave e rouca.

Keir apenas observava e observava e observava. Rígido. Horrorizado. Preso ali, até que Rhys o dispensou — e ele não pensou duas vezes no motivo. Ou em para onde teria ido o mestre-espião.

Então, me virei de novo, encarei os olhos agora incandescentes de Rhysand e lhe lambi a extensão do pescoço. Vento e mar e algo cítrico e suor. Aquilo quase me destruiu.

Olhei para a frente, e Rhys passou a boca por minha nuca, logo acima da coluna, no momento em que me movi contra a ereção que estava pressionada contra mim, insistente, dominante. Exatamente quando a mão dele deslizou um pouco mais alto na parte interna de minha coxa.

Senti a concentração predatória se voltar direto para a umidade que Rhysand sentiu ali. Prova de meu corpo traidor. Os braços de Rhys ficaram tensos em volta de meu corpo, e meu rosto corou — talvez um pouco por vergonha, mas...

Rhys sentiu minha concentração se extinguindo e meu fogo se insinuando. *Não tem problema*, disse ele, mas aquela voz mental parecia sem fôlego. *Não quer dizer nada. É apenas seu corpo reagindo...*

Porque você é tão irresistível? Minha tentativa de desviar do assunto pareceu forçada, até mesmo na mente.

Mas Rhys gargalhou, provavelmente por mim.

Nós dançávamos, provocávamos e implicávamos um com o outro durante meses. E talvez fosse a reação de meu corpo, talvez fosse a reação do corpo *dele*, mas o gosto de Rhys ameaçava me destruir, me consumir e...

Outro macho. Eu tive as mãos de outro macho em meu corpo inteiro quando Tamlin e eu tínhamos acabado...

Lutando contra a náusea, estampei um sorriso sonolento e envolto em luxúria no rosto. No momento em que Azriel voltou para dar um aceno sutil de cabeça para Rhys. Ele tinha conseguido a esfera.

Mor deslizou direto para o mestre-espião, percorrendo com mãos senhoriais os ombros de Azriel, o peito, conforme ela dava a volta para encará-lo. A mão coberta de cicatrizes de Az envolveu a cintura exposta de Mor, apertando-a uma vez. A confirmação de que Mor precisava também.

Ela ofereceu um breve sorriso a Azriel que sem dúvida iniciaria boatos, e saiu andando para a multidão de novo. Estonteante, uma distração, deixando que pensassem que Az estivera ali o tempo todo, deixando que se perguntassem se Mor tinha estendido a Az um convite para sua cama.

Azriel apenas encarou Mor, distante e entediado. Eu me perguntei se ele seria tão perturbado por dentro quanto eu era.

Rhys flexionou o dedo para Keir, o qual, fazendo uma careta na direção da filha, se aproximou aos tropeços com meu vinho. Ele mal tinha alcançado o altar quando o poder de Rhys tomou o vinho do administrador, fazendo a taça flutuar até nós.

Rhys apoiou a taça no chão, ao lado do trono; aquela havia sido uma tarefa idiota que dera a Keir para lembrar o administrador do quanto ele era impotente, de que aquele trono não era dele.

— Devo provar para ver se tem veneno? — perguntou Rhys, enquanto dizia para minha mente: *Cassian está esperando. Vá.*

Rhys tinha a mesma expressão desnorteada de desejo no rosto perfeito, mas os olhos... Eu não conseguia ler as sombras nos olhos de Rhys.

Talvez... talvez, apesar de toda a provocação, depois de Amarantha, ele não *quisesse* ser tocado por uma mulher daquela forma. Nem mesmo gostava de ser desejado daquela forma.

Eu tinha sido torturada e atormentada, mas os horrores de Rhys haviam passado para outro nível.

— Não, meu senhor — grunhiu Keir. — Eu jamais ousaria feri-lo. — Mais uma distração, aquela conversa. Tomei isso como minha deixa para caminhar até Cassian, que estava grunhindo ao lado de uma pilastra para qualquer um que se aproximasse.

Senti os olhos da corte deslizarem para mim, senti quando farejaram delicadamente o que estava tão obviamente estampado em meu corpo. Mas, quando passei por Keir, mesmo com o Grão-Senhor em minhas costas, ele sibilou, quase baixo demais para ser ouvido:

— Vai receber o que merece, vadia.

Noite explodiu no salão.

Pessoas gritaram. E, quando a escuridão se dissipou, Keir estava de joelhos.

Rhys ainda estava sentado no trono. O rosto era uma máscara de ódio congelado.

A música parou. Mor surgiu à frente da multidão — a expressão estampava uma satisfação arrogante. Mesmo enquanto Azriel se aproximava do lado de Mor, perto demais para parecer casual.

— Peça desculpas — disse Rhys. Meu coração bateu forte ao puro comando, à ira primitiva.

Os músculos do pescoço de Keir se contraíram e suor escorreu por seu lábio.

— Eu disse — entoou Rhys, com uma calma tão terrível — peça desculpas.

O administrador gemeu. E quando outro segundo se passou...

Osso estalou. Keir gritou.

E eu observei... observei seu braço ser fraturado não em dois, não em três, mas em *quatro* partes diferentes, a pele ficando esticada e frouxa em todos os lugares

errados...

Outro estalo. O cotovelo de Keir se desintegrou. Meu estômago se revirou.

Keir começou a chorar, as lágrimas eram em parte ódio, a julgar pela ira nos olhos enquanto me encarou, e depois virou para Rhys. Mas os lábios do administrador formaram a palavra *Desculpe*.

Os ossos do outro braço se partiram, e foi difícil não encolher o corpo.

Rhys sorriu quando Keir gritou de novo; depois, disse ao salão:

— Devo matá-lo por isso?

Ninguém respondeu.

Rhys riu. Ele disse ao administrador:

— Quando acordar, não deve ver um curandeiro. Se eu souber que viu... — Outro estalo, o mindinho de Keir ficou mole. O macho gritou. O calor que fervera meu sangue se tornou gelo. — Se eu souber que viu, vou cortar você em pedaços e enterrá-los onde ninguém conseguirá emendá-lo de novo.

Os olhos de Keir se arregalaram com terror verdadeiro agora. Então, como se a mão invisível de alguém o tivesse apagado, o administrador desabou no chão.

Rhys disse, para ninguém em especial:

— Jogue-o no quarto.

Dois machos que pareciam primos ou irmãos de Mor se adiantaram, recolhendo o administrador. Mor os observou, com um leve riso de escárnio, embora estivesse pálida.

Ele acordaria. Foi o que Rhys falou.

Eu me obriguei a continuar andando quando Rhys convocou outro membro da corte para dar relatórios sobre quaisquer que fossem os assuntos triviais.

Mas minha atenção permaneceu no trono atrás de mim, mesmo quando fui para o lado de Cassian, desafiando a corte a se aproximar, a brincar comigo. Ninguém o fez.

E durante a longa hora depois disso, minha concentração permaneceu em parte no Grão-Senhor cujas mãos e a boca e o corpo tinham subitamente me feito sentir

desperta — queimando. Não me fez esquecer, não me fez apagar feridas ou tristezas, apenas me tornou... viva. Eu me senti como se estivesse dormindo havia um ano, dentro de um caixão de vidro, e Rhys tivesse acabado de quebrar esse caixão e me sacudido até que eu recobrasse a consciência.

O Grão-Senhor cujo poder não tinha me assustado. Cuja ira não tinha me destruído.

E agora... agora eu não sabia onde tudo isso me deixava.

Submersa até os joelhos em problemas parecia um bom lugar para começar.

Capítulo 43

O vento rugia em volta de mim e Rhys conforme ele atravessava do céu acima da corte. Mas Velaris não nos recebeu.

Em vez disso, estávamos de pé à margem de um lago montanhoso iluminado pelo luar e cercado por pinheiros, bem acima do mundo. Deixamos a corte como chegamos — com arrogância e de forma ameaçadora. Aonde Cassian, Azriel e Mor tinham ido com a esfera, eu não fazia ideia.

Sozinho na beira do lago, Rhys falou, a voz rouca:

— Desculpe.

Pisquei.

— Que motivo você teria para se desculpar?

As mãos de Rhys tremiam... como consequência da fúria devido ao xingamento que Keir direcionou a mim, ao que ele ameaçara. Talvez nos tivesse levado até lá

antes de voltarmos para casa atrás de alguma privacidade antes de os amigos interromperem.

— Eu não deveria tê-la deixado ir. Deixado que visse aquela parte de nós. De mim. — Eu jamais vira Rhys tão aberto, tão... hesitante.

— Estou bem. — Eu não sabia o que pensar a respeito do que fora feito. Tanto entre nós quanto com Keir. Mas tinha sido minha escolha. Interpretar aquele papel, vestir aquelas roupas. Deixar que Rhys me tocasse. Mas... falei devagar: — Sabíamos o que esta noite exigiria de nós. Por favor, por favor, não comece... a me proteger. Não dessa forma. — Ele sabia o que eu queria dizer. Tinha me protegido Sob a Montanha, mas aquele ódio primitivo de macho que mostrara a Keir... Um escritório destruído sujo de tinta surgiu em minha memória.

— Eu nunca, *nunca* a vou trancafiar, obrigá-la a ficar para trás. Mas, quando ele a ameaçou esta noite, quando a chamou de... — Vadia. Era como chamavam a *ele*. Durante cinquenta anos, sibilavam aquilo. Eu ouvira Lucien disparar as palavras na cara de Rhys. Ele soltou um fôlego entrecortado. — É difícil segurar meus instintos — explicou Rhys, a voz rouca.

Instintos. Exatamente como... como *outra* pessoa tinha instintos de proteger, de me esconder.

— Então, deveria ter se preparado melhor — disparei. — Parecia estar *muito bem* até que Keir falou...

— *Matarei* qualquer um que faça mal a você — grunhiu Rhys. — *Matarei* e demorarei muito fazendo isso. — Ele ficou sem fôlego. — Vá em frente. Pode me odiar... me desprezar.

— Você é meu *amigo* — declarei, e minha voz falhou na palavra. Odiei as lágrimas que me escorreram pelo rosto. Nem mesmo sabia por que estava chorando. Talvez devido ao fato de que tinha parecido real naquele trono com ele, mesmo que por um momento, e... e provavelmente não fora. Não para ele. — Você é meu amigo, e entendo que é Grão-Senhor. Entendo que defenderá sua verdadeira corte,

e punirá ameaças contra ela. Mas não posso... Não quero que pare de me contar as coisas, de me convidar para fazer coisas, por causa das ameaças contra mim.

Escuridão ondulou, e asas se abriram nas costas de Rhys.

— Não sou ele — sussurrou Rhys. — *Jamais* serei ele, agirei como ele. Ele trancafiou você e a deixou definhar e morrer.

— Ele tentou...

— Pare de comparar. *Pare* de me comparar a ele.

As palavras me interromperam. Pisquei.

— Acha que não sei como as histórias são escritas, como *esta* história será escrita? — Rhys levou as mãos ao peito, o rosto mais aberto, mais angustiado do que eu já vira. — Sou o senhor sombrio que roubou a noiva da primavera. Sou um demônio e um pesadelo, e terei um final triste. Ele é o príncipe de ouro, o herói que poderá ficar com você como recompensa por não morrer de burrice ou arrogância.

As coisas que amo têm uma tendência a ser tiradas de mim. Rhys admitira isso Sob a Montanha.

Mas suas palavras eram como combustível para meu temperamento, para qualquer poço de medo que estivesse se abrindo dentro de mim.

— E quanto a minha história? — sibilei. — E quanto a *minha* recompensa? E quanto ao que *eu* quero?

— O que você quer, Feyre?

Não tive resposta. Não sabia. Não mais.

— O que você *quer*, Feyre?

Fiquei em silêncio.

A risada de Rhys saiu amargamente suave.

— Foi o que pensei. Talvez devesse tirar um tempo para descobrir isso um dia desses.

— Talvez eu não saiba o que quero, mas pelo menos não escondo o que sou atrás de uma máscara — argumentei, fervilhando. — Pelo menos deixo que vejam quem sou, pedaços quebrados e tudo. Sim, é para salvar seu povo. Mas e quanto às

outras máscaras, Rhys? E quanto a deixar que seus amigos vejam seu verdadeiro rosto? Mas talvez seja mais fácil não o fazer. Porque o que acontece se deixar alguém entrar? E se a pessoa vir *tudo*, mas ainda assim der as costas? Quem poderia culpá-la, quem iria querer lidar com esse tipo de confusão?

Ele se encolheu.

O Grão-Senhor mais poderoso da história se encolheu. E eu sabia que o tinha atingido com força... e profundamente.

Muita força. Muito profundamente.

— Rhys — falei.

— Vamos para casa.

A palavra pairou entre nós, e me perguntei se ele a retiraria — mesmo quando esperei que minha boca disparasse que não era minha casa. Mas pensar nos céus azuis limpos e frescos de Velaris ao pôr do sol, a faísca das luzes da cidade...

Antes que eu pudesse dizer que sim, Rhys pegou minha mão, sem me encarar, e nos atravessou.

O vento parecia vazio conforme rugia ao nosso redor, a escuridão era fria e estranha.

Cassian, Azriel e Mor estavam, de fato, esperando na casa da cidade. Dei boa-noite a eles enquanto cercavam Rhysand em busca de respostas a respeito do que Keir tinha dito para provocá-lo.

Eu ainda estava com o vestido — que parecia vulgar em Velaris —, mas me peguei seguindo para o jardim, como se o luar e o frio pudessem purificar minha mente.

No entanto, se quisesse ser sincera... Eu esperava por ele. O que tinha dito...

Eu fora horrível. Rhys me contou aqueles segredos, aquelas vulnerabilidades em confidência. E eu as atirei na cara dele.

Porque eu sabia que o machucaria. E sabia que não estava falando sobre Rhys, não de verdade.

Minutos se passaram, a noite ainda parecia fria o bastante para me lembrar de que a primavera não tinha chegado de vez, e estremeci, esfregando os braços conforme a lua cruzava o céu. Ouvia a fonte e a música da cidade... Ele não veio. Eu não tinha certeza do que sequer diria a Rhys.

Sabia que ele e Tamlin eram diferentes. Sabia que a raiva protetora de Rhysand naquela noite fora justificada, que eu teria uma reação semelhante. Estava sedenta por sangue ao ouvir os mínimos detalhes do sofrimento de Mor, queria *puni-los* por aquilo.

Eu conhecia os riscos. Sabia que ficaria sentada em seu colo, tocando-o, usando-o. Eu o estava usando havia um tempo agora. E talvez devesse contar a Rhys que não... não queria ou esperava nada dele.

Talvez Rhysand precisasse flertar comigo, me provocar, como distração e para ter um senso de normalidade, tanto quanto eu.

E talvez eu tivesse dito o que disse a ele porque... porque percebi que poderia muito bem ser a pessoa que não deixava ninguém me conhecer. E naquela noite, quando Rhys se encolheu depois que viu como ele me afetava... aquilo esmagara algo em meu peito.

Eu tinha sentido ciúmes... de Cresseida. Estava tão profundamente infeliz naquela barca porque queria ser aquela para quem ele sorria daquela forma.

E sabia que era errado, mas... Não achava que Rhys me chamaria de vadia se eu quisesse... se eu *o* quisesse. Não importava quão pouco tempo tinha se passado depois de Tamlin.

E seus amigos também não. Não quando haviam sido chamados da mesma coisa, ou pior.

E aprenderam a viver — e a amar — depois disso. Apesar disso.

Então, talvez fosse a hora de confessar isso a Rhysand. De explicar que eu não queria fingir. Não queria ignorar como se fosse uma piada, um plano ou uma

distração.

E seria difícil, e eu estava com medo, e talvez fosse difícil lidar com aquilo, mas... eu estava disposta a tentar — com ele. Tentar... ser alguma coisa. Juntos. Se aquilo era puramente sexual, ou se era mais, ou um meio-termo, ou além disso, eu não sabia. Nós descobriríamos.

Eu estava curada — ou me curando — o suficiente para querer tentar.

Se ele estivesse disposto a tentar também.

Se não desse as costas quando eu dissesse o que queria: ele.

Não o Grão-Senhor, não o macho mais poderoso da história de Prythian.

Apenas... ele. A pessoa que mandara música para aquela cela; que pegara aquela faca no trono de Amarantha para lutar por mim quando ninguém mais ousou, e que continuou lutando por mim todo dia desde então, recusando-se a me deixar desabar e definhar.

Então, esperei por Rhys no jardim frio sob o luar.

Mas ele não veio.

Rhys não apareceu no café da manhã. Ou no almoço. Não estava nem na casa.

Eu até escrevi um bilhete no último papel que usamos.

Quero falar com você.

Esperei trinta minutos até o papel sumir.

Mas ele permaneceu na palma de minha mão — até que o atirei ao fogo.

Eu fiquei tão irritada que saí andando pelas ruas batendo os pés, e mal reparei que o dia estava morno, ensolarado, que o próprio ar agora parecia envolto em limão e flores selvagens e grama nova. Agora que tínhamos a esfera, ele sem dúvida entraria em contato com as rainhas. As quais sem dúvida desperdiçariam nosso tempo, apenas para nos lembrar de que eram importantes; que elas também tinham poder.

Parte de mim desejava que Rhys pudesse lhes esmagar os ossos, como tinha feito com Keir na noite anterior.

Fui para o apartamento de Amren do outro lado do rio, precisando da caminhada para espairecer.

O inverno tinha, de fato, cedido lugar à primavera. Quando cheguei à metade do caminho, meu sobretudo estava jogado sobre o braço, e meu corpo, brilhoso com suor sob o suéter pesado cor de creme.

Encontrei Amren da mesma forma que a vira da última vez: curvada sobre o Livro, papéis espalhados ao redor. Apoiei o corpo no balcão.

Amren falou, sem erguer o rosto:

— Ah. O motivo pelo qual Rhys quis arrancar minha cabeça essa manhã.

Encostei no balcão, franzindo a testa.

— Para onde ele foi?

— Caçar quem atacou vocês ontem.

Se tinham flechas de freixo no arsenal... Tentei acalmar a preocupação profunda.

— Acha que foi a Corte Estival? — O rubi de sangue ainda estava no chão, ainda usado como peso de papel contra a brisa do rio que soprava das janelas abertas. O colar de Varian estava agora ao lado da cama de Amren. Como se ela tivesse caído no sono olhando para ele.

— Talvez — ponderou, passando o dedo por uma linha de texto. Ela devia estar realmente absorta, para sequer se incomodar com o sangue. Pensei em deixá-la sozinha. Mas Amren continuou: — Independentemente disso, parece que nossos inimigos colocaram um rastreador na magia de Rhys. O que significa que podem encontrá-lo quando ele atravessa para qualquer lugar, ou se usa seus poderes. — Amren por fim ergueu o rosto. — Vocês vão deixar Velaris em dois dias. Rhys quer que se posicionem em um dos acampamentos de guerra illyrianos, de onde voarão até as terras humanas quando as rainhas mandarem notícias.

— Por que não hoje?

— Porque a Queda das Estrelas é amanhã à noite, a primeira que passamos juntos em cinquenta anos. Espera-se que Rhys participe, em meio ao povo.

— O que é Queda das Estrelas?

Os olhos de Amren brilharam.

— Fora destas fronteiras, o resto do mundo celebra a data de amanhã como Nynsar, o Dia das Sementes e Flores. — Quase me encolhi ao ouvir aquilo. Não tinha percebido quanto tempo havia se passado desde que eu chegara ali. — Mas a Queda das Estrelas — falou Amren —, apenas na Corte Noturna é possível testemunhá-la, apenas neste território a Queda das Estrelas é comemorada no lugar das festividades de Nynsar. O restante, o porquê disso, você vai descobrir. É melhor se for surpresa.

Bem, isso explicava por que as pessoas pareciam já estar se preparando para algum tipo de comemoração: Grão-Feéricos e feéricos correndo para casa com os braços cheios de buquês de flores selvagens de cores vibrantes, e laços de fita e comida. As ruas eram varridas e limpas, as fachadas das lojas, arrumadas com mãos ágeis e habilidosas.

— Vamos voltar para cá depois de partirmos? — perguntei.

Amren voltou para o Livro.

— Não por um tempo.

Algo em meu peito começou a afundar. Para um imortal, um tempo devia ser... muito tempo.

Tomei aquilo como um convite para partir, e segui até a porta nos fundos do apartamento. Mas Amren disse: — Quando Rhys voltou, depois de Amarantha, ele era um fantasma. Fingia que não era, mas era. Você o fez recuperar a vida.

As palavras ficaram emperradas, e eu não quis pensar naquilo, não quando qualquer que fosse o bem que eu tivesse feito, qualquer que fosse o bem que tínhamos feito *um para o outro*, pudesse ter sido varrido pelo que eu dissera a Rhys.

Então, falei:

— Ele tem sorte por ter todos vocês.

— Não — rebateu Amren, baixinho, com mais suavidade do que eu jamais ouvira. — *Nós* temos sorte de tê-lo, Feyre. — Eu me virei da porta. — Conheci muitos Grão-Senhores — continuou Amren, estudando o papel. — Cruéis, espertos, fracos, poderosos. Mas nunca um que sonhava. Não como ele.

— Sonha com o quê? — Sussurrei.

— Com paz. Com liberdade. Com um mundo unido, um mundo que floresça. Com algo melhor... para todos nós.

— Ele acha que será lembrado como o vilão da história.

Amren riu com deboche.

— Mas eu me esqueci de contar a ele — falei, baixinho, abrindo a porta — que o vilão costuma ser a pessoa que trancafia a donzela e joga a chave fora.

— Ah?

Dei de ombros.

— Foi ele quem me libertou.

Se você se mudou para outro lugar, escrevi, depois de sair do apartamento de Amren e voltar para casa, *poderia ao menos ter me dado as chaves desta casa. Sempre deixo a porta destrancada quando saio. Está ficando tentador demais para ladrões.*

Nenhuma resposta. A carta nem mesmo sumiu.

Tentei depois do café da manhã, no dia seguinte — a manhã da Queda das Estrelas. *Cassian diz que você está emburrado na Casa do Vento. Que comportamento mais indigno de um Grão-Senhor. E meu treinamento?*

De novo, nenhuma resposta.

Minha culpa e... e o que mais fosse aquilo... começou a mudar. Mal consegui me controlar para não rasgar o papel quando escrevi o terceiro bilhete depois do almoço.

Isso é punição? Ou as pessoas em seu Círculo Íntimo não recebem segundas chances quando o irritam? Você é um covarde desprezível.

Eu estava saindo da banheira, e a cidade fervilhava com os preparativos das festividades ao pôr do sol, quando olhei para a mesa na qual tinha deixado a carta.

E a vi sumir.

Nuala e Cerridwen chegaram para me ajudar a me vestir, e tentei não encarar a mesa conforme esperava, esperava e esperava pela resposta.

Ela não veio.

Capítulo 44

Mas, apesar da carta, apesar da confusão entre nós, quando olhei no espelho uma hora depois, não consegui acreditar no que via refletido.

Fiquei tão aliviada nas últimas semanas por conseguir dormir que me esquecera de agradecer por manter a comida no estômago.

Meu rosto e meu corpo estavam cheios de novo. O que deveria ter levado mais semanas na forma humana fora apressado pelo milagre de meu sangue imortal. E o vestido...

Jamais tinha vestido nada como aquilo, e duvidava que algum dia vestiria algo assim de novo.

Feito de minúsculas gemas azuis, tão pálidas que quase pareciam brancas, ele se agarrava a todas as curvas e todas as depressões antes de descer ao chão e formar uma cauda que parecia luz estelar líquida. As mangas longas eram justas, terminando nos pulsos com punhos de puro diamante. O decote roçava minha

clavícula, e a modéstia era compensada pela forma como o vestido envolvia áreas que supus que interessariam a uma fêmea exibir. Meus cabelos haviam sido afastados do rosto com dois pentes de prata e diamante, e soltos como uma cascata por minhas costas. E pensei, enquanto estava sozinha no banheiro, que talvez eu parecesse uma estrela cadente.

Rhysand não estava em lugar algum quando tomei coragem para ir ao jardim do telhado. As pedras no vestido tilintavam e farfalhavam contra o piso conforme eu caminhava pela casa quase escura, todas as luzes haviam sido atenuadas ou apagadas.

Na verdade, a cidade inteira apagara as luzes.

Uma figura alada e musculosa estava no alto do telhado, e meu coração deu um salto.

Mas então ele se virou, no momento em que o cheiro do feérico me atingiu. E algo em meu peito pesou um pouco quando Cassian soltou um assobio baixo.

— Devia ter deixado Nuala e Cerridwen me vestirem.

Eu não sabia se sorria ou se encolhia o corpo.

— Você está muito bonito apesar disso. — Ele estava. Tinha tirado o traje de combate e a armadura, vestia uma túnica preta cujo corte ressaltava aquele corpo de guerreiro. O cabelo preto de Cassian fora penteado e domado, até mesmo as asas pareciam mais limpas.

Cassian estendeu os braços. Os Sifões ainda estavam lá — uma manopla de metal com buracos no lugar dos dedos que se estendia por baixo das mangas feitas sob medida de seu casaco.

— Pronta?

Ele tinha me feito companhia nos últimos dois dias, me treinava todas as manhãs. Enquanto me mostrava mais detalhes sobre como usar uma lâmina illyriana, em grande parte como estripar alguém com ela, conversávamos sobre tudo: nossas vidas igualmente miseráveis quando crianças, caça, comida... Tudo, exceto Rhysand.

Cassian mencionara apenas uma vez que Rhysand estava na Casa, e supus que minha expressão dissera o suficiente a ele sobre não querer saber mais nada. Ele sorria para mim agora.

— Com todas essas pedras e contas, pode estar pesada demais para ser carregada. Espero que esteja praticando atravessar, caso eu a deixe cair.

— Engraçadinho. — Deixei que Cassian me pegasse nos braços antes de dispararmos para cima. Eu podia ainda não conseguir atravessar, mas desejei ter asas, percebi. Asas grandes e poderosas para que eu pudesse voar o quanto quisesse; para que pudesse ver o mundo e tudo que este tinha a oferecer.

Abaixo de nós, cada luz restante se apagou. Não havia lua; nenhuma música fluía nas ruas. Só havia o silêncio — como se estivesse esperando algo.

Cassian disparou pela escuridão silenciosa até onde a Casa do Vento se erguia. Eu conseguia distinguir multidões reunidas nas muitas varandas e nos pátios apenas pelo leve brilho de luz estelar em seus cabelos, e, depois, pelo tilintar dos copos e conversas baixas conforme nos aproximávamos.

Cassian me colocou no pátio lotado do lado de fora da sala de jantar, e apenas alguns convivas se deram o trabalho de olhar para nós. Esferas com luz feérica tênue dentro da Casa iluminavam travessas de comida e intermináveis fileiras de garrafas verdes de vinho espumante sobre as mesas. Cassian sumiu e voltou antes que eu desse por sua falta, colocando uma taça do vinho em minha mão. Nenhum sinal de Rhysand.

Talvez ele me evitasse a festa inteira.

Alguém chamou o nome de Cassian do outro lado do pátio, e ele me deu um tapinha no ombro antes de sair. Um macho alto, com o rosto oculto em sombras, entrelaçou o antebraço com o de Cassian em um cumprimento, seus dentes brancos reluziram na escuridão. Azriel já estava com o estranho, e as asas recolhidas para evitar que os convivas esbarrassem nelas. Ele, Cassian e Mor ficaram entre si durante o dia — o que era compreensível. Busquei sinais de meus outros...

Amigos.

A palavra ressoou em minha cabeça. Seria isso o que eram?

Amren não estava à vista, mas notei uma cabeça dourada no mesmo momento em que ela me viu, e Mor veio até meu lado. Ela usava um vestido totalmente branco, pouco mais que uma faixa de seda que mostrava as generosas curvas. De fato, um olhar por cima do ombro de Mor revelava Azriel olhando ostensivamente para as costas da feérica, e Cassian e o estranho já estavam distraídos em conversa para notar o que chamara a atenção do mestre-espião. Por um momento, a cobiça no rosto de Azriel fez meu estômago se apertar.

Eu me lembrava de me sentir daquela forma. Lembrava como era ceder àquilo. Como eu tinha chegado perto de fazê-lo na outra noite.

— Não vai demorar muito — avisou Mor.

— *O quê*? — Ninguém tinha me contado o que esperar, como se não quisesse estragar a *surpresa* da Queda das Estrelas.

— Até a diversão.

Olhei para a festa ao nosso redor...

— Esta não é a diversão?

Mor ergueu uma sobrancelha.

— Nenhum de nós se importa muito com essa parte. Depois que começar, você verá. — Mor tomou um gole do vinho espumante. — Esse é um vestido e tanto. Tem sorte que Amren está escondida no sótão, ou provavelmente o roubaria de você. Aquela dragoa vaidosa.

— Ela não vai fazer uma pausa na decodificação?

— Sim, e não. Algo a respeito da Queda das Estrelas a perturba, é o que diz. Quem sabe? Provavelmente faz isso para ser rebelde.

Mesmo enquanto falava, as palavras de Mor estavam distantes, o rosto, um pouco tenso. Eu disse, baixinho:

— Está... pronta para amanhã? — Amanhã, quando deixaríamos Velaris para evitar que qualquer um reparasse em nossos movimentos naquela área. Mor, Azriel

me contara, nervoso, no café da manhã, voltaria para a Corte dos Pesadelos. Para verificar a... recuperação do pai.

Provavelmente não era o melhor lugar para discutir nossos planos, mas Mor deu de ombros.

— Não tenho escolha a não ser estar preparada. Vou com vocês para o acampamento, e, então, sigo meu caminho depois disso.

— Cassian ficará feliz com isso — comentei. Mesmo que fosse Azriel quem estivesse tentando ao máximo *não* encarar Mor.

Mor riu com deboche.

— Talvez.

Ergui uma sobrancelha.

— Então vocês dois...?

Outro gesto de ombros.

— Uma vez. Bem, nem isso. Eu tinha 17 anos, ele não era sequer um ano mais velho.

Quando tudo aconteceu.

Mas não havia escuridão no rosto de Mor quando ela suspirou.

— Pelo Caldeirão, aquilo foi há muito tempo. Visitei Rhys durante duas semanas no acampamento de guerra quando ele estava treinando, e Cassian, Azriel e eu viramos amigos. Uma noite, Rhys e a mãe precisaram voltar para a Corte Noturna, e Azriel foi com eles; então, Cassian e eu ficamos sozinhos. E, naquela noite, uma coisa levou à outra e... Eu queria que fosse Cassian quem fizesse aquilo. Eu queria escolher.

Um terceiro gesto de ombros. Eu me perguntei se Azriel tinha desejado ser o escolhido em vez do amigo. Se tinha admitido a Mor, ou a Rhys. Se ele se ressentia por ter estado fora naquela noite, por Mor não o ter considerado.

— Rhys voltou na manhã seguinte e, quando descobriu o que tinha acontecido... — Mor riu baixinho. — Tentamos não falar sobre o Incidente. Ele e Cassian... Nunca os vi brigar daquele jeito. Tomara que nunca mais veja. Sei que

Rhys não estava com raiva por causa de minha virgindade, mas pelo perigo que perdê-la me fazia correr. *Azriel* ficou ainda mais irritado, embora tenha deixado Rhys brigar. Eles sabiam o que minha família faria por eu ter *me rebaixado* com um bastardo feérico inferior. — Mor passou a mão pelo abdômen, como se conseguisse sentir aquele prego que haviam cravado nela. — Estavam certos.

— Então, você e Cassian — falei, querendo desviar o assunto, aquela escuridão — nunca mais ficaram juntos depois daquilo?

— Não — disse Mor, rindo baixinho. — Eu estava desesperada, fui inconsequente naquela noite. Escolhi Cassian não apenas pela bondade, mas porque queria que minha primeira vez fosse com um dos lendários guerreiros illyrianos. Eu queria me deitar com o melhor dos guerreiros illyrianos, na verdade. E olhei uma vez para Cassian e soube. Depois que consegui o que queria, depois... de tudo, não gostei que aquilo tivesse causado um abismo entre ele e Rhys, ou mesmo entre ele e Az, então... nunca mais.

— E nunca ficou com mais ninguém depois disso? — Nem o frio e belo encanador de sombras que tentava com tanto afinco não a olhar com desejo no rosto?

— Eu tive amantes — esclareceu Mor. — Mas... fico entediada. E Cassian também as teve, então, não fique com esse olhar meloso de amor não correspondido. Ele só quer o que não pode ter, e se irrita há séculos porque fui embora e nunca mais olhei para trás.

— Ah, isso o deixa louco — disse Rhys, atrás de mim, e dei um salto. Mas o Grão-Senhor me circundava. Cruzei os braços quando ele parou e deu um risinho. — Você parece uma mulher de novo.

— Sabe mesmo elogiar as mulheres, primo — ironizou Mor, e deu um tapinha no ombro de Rhys ao ver um conhecido e ir cumprimentá-lo.

Tentei não olhar para Rhys, que estava de casaco preto, casualmente desabotoado no alto para que a camisa branca abaixo — também desabotoada no pescoço — mostrasse as tatuagens no peito exposto. Tentei não olhar, e fracassei.

— Planeja me ignorar um pouco mais? — perguntei, com frieza.

— Estou aqui agora, não estou? Não quero que me chame de covarde desprezível de novo.

Abri a boca, mas senti todas as palavras erradas começarem a sair. Então, eu a fechei e procurei por Azriel ou Cassian ou qualquer um que pudesse falar comigo. Ir até um estranho começava a parecer agradável quando Rhys falou, a voz um pouco rouca:

— Eu não estava punindo você. Só... precisava de tempo.

Não queria ter aquela conversa ali — com tanta gente ouvindo. Então, gesticulei para a festa e falei:

— Pode, por favor, me dizer sobre o que se trata essa... reunião?

Rhysand passou para trás de mim, rindo ao dizer ao meu ouvido:

— Olhe para cima.

De fato, quando olhei, a multidão se calou.

— Nenhum discurso para os convidados? — murmurei. Tranquilas... só queria que as coisas ficassem tranquilas entre nós de novo.

— Esta noite não se trata de mim, embora minha presença seja reconhecida e observada — disse ele. — Esta noite se trata disso.

Quando ele apontou...

Uma estrela disparou pelo céu, mais brilhante e mais próxima que qualquer uma que eu tivesse visto. A multidão e a cidade abaixo comemoraram, erguendo os copos conforme a estrela passou bem acima, e apenas quando ela desapareceu na curva do horizonte é que eles beberam intensamente.

Recuei um passo, na direção de Rhys — e rapidamente me afastei, para longe do calor, do poder e do cheiro dele. Tínhamos causado danos suficientes em uma posição semelhante na Corte dos Pesadelos.

Outra estrela cruzou o céu, rodopiando e girando no próprio eixo, como se estivesse celebrando a própria beleza iluminada. Ela foi seguida por outra, e outra,

até uma brigada de estrelas ser lançada do horizonte, como se milhares de arqueiros as tivessem soltado dos poderosos arcos.

As estrelas passaram em cascata por cima de nós, enchendo o mundo de luz branca e azul. Eram como fogos de artifício vivos, e meu fôlego ficou preso na garganta conforme as estrelas continuavam caindo e caindo.

Eu jamais vira algo tão lindo.

E quando o céu estava cheio delas, quando as estrelas disparavam e dançavam e fluíam pelo mundo, a música começou.

Onde quer que estivessem, as pessoas começaram a dançar, se balançando e girando, algumas davam as mãos e rodopiavam, rodopiavam e rodopiavam ao som dos tambores, das cordas, das harpas tilintantes. Não era como o rilhar e as estocadas da Corte dos Pesadelos, mas uma dança alegre e pacífica. Pelo amor ao som, ao movimento e à vida.

Fiquei com Rhysand no limiar, entre observar as pessoas dançando no pátio, com as mãos erguidas, e as estrelas descendo, mais e mais perto, até que eu jurava que podia tê-las tocado se me inclinasse.

E lá estavam Mor e Azriel... e Cassian. Os três dançando juntos, a cabeça de Mor voltada para o céu, os braços erguidos, a luz das estrelas brilhando no branco do vestido. Dançando como se pudesse ser a última vez, fluindo entre Azriel e Cassian, como se os três fossem uma unidade, um único ser.

Olhei para trás e vi Rhys observando os três, com uma expressão suave. Triste.

Separados durante cinquenta anos e reunidos — apenas para serem separados tão rapidamente para lutar de novo pela liberdade.

Rhys me encarou e disse:

— Venha. Tem uma vista melhor. Mais silenciosa. — Ele estendeu a mão para mim.

Aquela tristeza, aquele peso, permaneceu nos olhos de Rhys. E não aguentei vê-la; assim como não aguentava ver meus três amigos dançando juntos como se fosse a última vez que o fariam.

Rhys me levou para uma varanda pequena e reservada que se projetava do nível superior da Casa do Vento. Nos pátios abaixo, a música ainda tocava, as pessoas ainda dançavam, as estrelas disparavam, próximas e ágeis.

Rhys me soltou quando me sentei no parapeito da varanda. Imediatamente desisti disso quando vi a altura, e recuei um passo por segurança.

Rhysand riu.

— Se você caísse, sabe que eu me daria o trabalho de salvá-la antes que atingisse o chão.

— Mas não até eu estar perto da morte?

— Talvez.

Apoiei a mão contra o parapeito, olhando para as estrelas que passavam.

— Como punição pelo que falei a você?

— Eu também disse coisas horríveis — murmurou Rhys.

— Eu não fui sincera — disparei. — Estava falando mais de mim que de você. E peço desculpas.

Rhys observou as estrelas por um momento antes de responder:

— Mas estava certa. Eu me afastei porque você estava certa. Embora fique feliz em saber que minha ausência pareceu uma punição.

Ri com escárnio, mas me senti grata pelo humor, pela forma como ele sempre conseguira me divertir.

— Alguma novidade com a esfera ou com as rainhas?

— Ainda nada. Estamos esperando que decidam responder.

Ficamos em silêncio de novo, e observei as estrelas.

— Não são... não são estrelas, na verdade.

— Não. — Rhys foi até meu lado no parapeito. — Nossos ancestrais achavam que sim, mas... São apenas espíritos, em uma migração anual para algum lugar. Por que escolhem este dia para aparecer, ninguém sabe.

Senti os olhos de Rhys sobre mim, e desviei o olhar das estrelas cadentes. Luz e sombra passaram pelo rosto dele. As comemorações e a música da cidade muito, muito abaixo mal eram audíveis por cima do barulho da multidão reunida na Casa.

— Deve haver centenas deles! — Eu consegui dizer, voltando meu olhar para as estrelas que passavam zunindo.

— Milhares — replicou Rhys. — Vão continuar passando até o alvorecer. Ou espero que sim. Há menos deles do que da última vez que vi a Queda das Estrelas.

Antes de Amarantha o trancafiar.

— O que está acontecendo com eles? — Olhei a tempo de ver Rhys dar de ombros. Algo doeu em meu peito.

— Eu queria saber. Mas eles continuam voltando, apesar disso.

— Por quê?

— Por que as coisas se atêm a outras? Talvez amem tanto o lugar para onde vão que vale a pena. Talvez continuem voltando até que reste apenas uma estrela. Talvez essa única estrela faça a viagem para sempre, com a esperança de que um dia, se continuar voltando com frequência, outra estrela a encontre de novo.

Franzi a testa para o vinho em minha mão.

— Esse é... um pensamento muito triste.

— Realmente. — Rhys apoiou os antebraços na beira da varanda, perto o bastante para que meus dedos os tocassem se eu ousasse.

Um silêncio calmo, intenso, nos envolveu. Palavras demais; eu ainda tinha palavras demais em mim.

Não sei quanto tempo se passou, mas devia ter sido um bom tempo, porque, quando Rhys falou de novo, eu me sobressaltei.

— A cada ano que passei Sob a Montanha e a Queda das Estrelas chegava, Amarantha se certificava de que eu... a satisfizesse. A noite toda. A Queda das Estrelas não é um segredo, mesmo para forasteiros, até mesmo a Corte dos Pesadelos sai de dentro da Cidade Escavada para olhar o céu. Então, ela sabia... Ela sabia o que significava para mim.

Parei de ouvir as comemorações ao nosso redor.

— Sinto muito. — Era tudo o que eu podia oferecer.

— Enfrentava aquilo me lembrando de que meus amigos estavam em segurança; que Velaris estava em segurança. Nada mais importava, contanto que eu tivesse isso. Ela podia usar meu corpo como quisesse. Eu não me importava.

— Então, por que não está lá embaixo com eles? — perguntei, mesmo ao guardar o horror do que tinha sido feito a ele no coração.

— Eles não sabem... o que ela fazia comigo durante a Queda das Estrelas. Não quero que isso estrague sua noite.

— Não acho que estragaria. Eles ficariam felizes por você deixar que eles dividissem o fardo.

— Assim como você conta com os outros para ajudar com os problemas?

Nós nos encaramos, perto o bastante para dividirmos uma respiração.

E talvez todas aquelas palavras acumuladas em mim... Talvez eu não precisasse delas no momento.

Meus dedos tocaram os dele. Quentes e firmes; pacientes como se quisessem ver o que mais eu poderia fazer. Talvez fosse o vinho, mas lhe acariciei o dedo com o meu.

E, quando me virei mais completamente para Rhys, algo ofuscante e brilhante se chocou contra meu rosto.

Recuei, dando um grito ao dobrar o corpo para a frente, protegendo o rosto da luz que eu ainda conseguia enxergar mesmo de olhos fechados.

Rhys soltou uma gargalhada sobressaltada.

Uma *gargalhada*.

E, quando percebi que meus olhos não tinham sido queimados nas órbitas, eu me virei para Rhys.

— Eu podia ter ficado cega! — sibilei, empurrando Rhys. Ele olhou meu rosto e caiu na gargalhada de novo. Gargalhada verdadeira, sincera, prazerosa e encantadora.

Limpei o rosto e, quando abaixei as mãos, fiquei boquiaberta. Luz verde pálida — como gotas de tinta — brilhava como sardas em minha mão.

Um espírito estelar esmagado. Não sabia se ficava horrorizada ou maravilhada. Ou enojada.

Quando fui limpar, Rhys segurou minhas mãos.

— Não — disse ele, ainda rindo. — Parece que suas sardas estão brilhando.

Minhas narinas se dilataram, e fui empurrar Rhysand de novo, não me importava se minha nova força o derrubasse da varanda. Ele podia conjurar asas; podia lidar com isso.

Rhys desviou de mim, virando para o parapeito da varanda, mas não rápido o bastante para evitar a estrela em disparada que colidiu com a lateral de seu rosto.

Rhys deu um salto para trás, xingando. Eu ri, o som saiu rouco de mim. Não uma risada alegre ou um risinho, mas uma gargalhada ruidosa.

E gargalhei de novo, e de novo, quando Rhys tirou as mãos dos olhos.

O lado esquerdo inteiro de seu rosto havia sido atingido.

Uma tinta de guerra celestial, era o que parecia. Eu conseguia ver por que Rhys não queria que eu me limpasse.

Rhys estava examinando as mãos, cobertas da poeira, e dei um passo na sua direção, olhando para a forma como aquilo brilhava e reluzia.

Rhys ficou completamente imóvel quando peguei uma de suas mãos na minha e tracei a forma de uma estrela no alto da palma, brincando com o brilho e as sombras, até que parecesse que uma das estrelas tinha nos atingido.

Os dedos de Rhys se fecharam com firmeza sobre os meus, e ergui o rosto. Ele sorria. E parecia tão dissonante de um Grão-Senhor, com a poeira brilhante na lateral do rosto, que sorri de volta.

Não tinha sequer percebido o que fizera até que o sorriso de Rhys se dissipou e a boca se abriu levemente.

— Sorria de novo — sussurrou ele.

Não tinha sorrido para ele. Nunca. Ou gargalhado. Sob a Montanha, jamais sorria, jamais dava risada. E depois...

E aquele macho diante de mim... meu amigo...

Apesar de tudo que Rhys havia feito, eu jamais sorrira para ele também. Mesmo quando tinha acabado... eu tinha acabado de pintar algo. Nele. Para ele.

Eu tinha pintado de novo.

Então, sorri para Rhys, um sorriso largo, sem me conter.

— Você é linda — sussurrou Rhysand.

O ar estava tenso demais, perto demais entre nossos corpos, entre nossas mãos unidas. Mas eu falei:

— Você me deve dois pensamentos, desde quando eu tinha acabado de chegar aqui. Diga em que está pensando.

Rhys esfregou o pescoço.

— Quer saber por que eu não falei ou vi você? Porque estava muito convencido de que você me jogaria para fora. Eu só... — Rhys passou a mão pelo cabelo e conteve uma gargalhada. — Achei que me esconder seria uma alternativa melhor.

— Quem diria que o Grão-Senhor da Corte Noturna teria medo de uma humana analfabeta? — ronronei. Ele sorriu, me cutucando com o cotovelo. — Esse é um — insisti. — Conte outro pensamento.

Os olhos de Rhys se detiveram em minha boca.

— Queria poder pegar de volta aquele beijo Sob a Montanha.

Eu às vezes esquecia aquele beijo, quando Rhys fizera aquilo para evitar que Amarantha soubesse que Tamlin e eu estávamos no corredor esquecido, agarrados. O beijo de Rhysand fora brutal, exigente, mas...

— Por quê?

O olhar dele recaiu sobre a mão que eu pintara então, como se fosse mais fácil encará-la.

— Porque não o tornei prazeroso para você, e estava com ciúme e irritado, e sabia que você me odiava.

Território perigoso, avisei a mim mesma.

Não. Sinceridade, era isso. Sinceridade e confiança. Eu jamais tivera aquilo com alguém.

Rhys ergueu o rosto, me encarando. E o que quer que estivesse em meu rosto, acho que devia estar espelhado no dele: a fome e o desejo e a surpresa.

Engoli em seco e tracei outra linha de poeira estelar pelo interior do pulso forte de Rhys. Achei que ele não estivesse respirando.

— Você... você quer dançar comigo? — sussurrei.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que ergui a cabeça para observar seu rosto. Mas seus olhos estavam iluminados, emoldurados em prata.

— Quer dançar? — perguntou Rhys, a voz rouca, entrelaçando os dedos nos meus.

Apontei com o queixo na direção da comemoração abaixo.

— Lá embaixo... com eles. — Onde a música chamava, onde a *vida* chamava. Onde ele deveria passar a noite com os amigos, e onde eu queria passar a noite com eles também. Até mesmo com os estranhos que participavam da festa.

Não me importava de sair das sombras, não me importava de sequer *estar* nas sombras, na verdade, contanto que ele estivesse comigo. Meu amigo por tantos perigos — que lutara por mim quando ninguém mais lutaria, nem mesmo eu.

— É claro que danço com você — disse Rhys, a voz ainda rouca. — A noite toda, se quiser.

— Mesmo que eu pise nos seus pés?

— Mesmo assim.

Rhysand se inclinou para mim e roçou a boca contra minha bochecha corada. Fechei os olhos diante do sussurro de um beijo, do desejo que me devastou depois dele, que talvez devastasse Prythian. E ao nosso redor, como se o próprio mundo estivesse, de fato, se desfazendo, chovia estrelas.

Grãos de poeira estelar brilhavam nos lábios de Rhys quando ele se afastou, enquanto eu o encarava, sem fôlego, enquanto Rhys sorria. O sorriso que o mundo provavelmente jamais veria, o sorriso do qual ele abrira mão pelo bem do povo, das terras. Ele disse, baixinho:

— Eu... sou muito feliz por tê-la conhecido, Feyre.

Pisquei para afastar a queimação em meus olhos.

— Vamos — falei, puxando a mão de Rhys. — Vamos nos juntar à dança.

Capítulo 45

O acampamento de guerra illyriano no interior das montanhas ao norte estava congelante. Aparentemente, a primavera ainda era pouco mais que um sussurro na região.

Mor nos atravessou para lá, Rhysand e Cassian nos acompanharam ao lado.

Tínhamos dançado. Todos nós, juntos. E eu nunca vira Rhys tão feliz, rindo com Azriel, bebendo com Mor, discutindo com Cassian. Eu dançara com cada um deles e, quando a noite virou alvorecer e a música se tornou suave e melíflua, deixei que Rhys me pegasse nos braços e dançasse comigo, devagar, até que os outros convidados tivessem partido, até que Mor estivesse dormindo em um sofá na sala de jantar, até que o disco dourado do sol emoldurasse Velaris.

Rhys voou comigo de volta para a casa na cidade em meio aos tons de rosa, roxo e cinza do alvorecer, nós dois em silêncio, e me beijou na testa uma vez, antes de seguir pelo corredor para o próprio quarto.

Não menti para mim mesma sobre por que tinha esperado durante trinta minutos para ver se minha porta abriria. Ou para ao menos ouvir uma batida. Mas nada.

Estávamos de olhos vermelhos, mas fomos educados à mesa do almoço, horas depois; Mor e Cassian pareciam incomumente silenciosos, conversando mais com Amren e Azriel, que foram se despedir. Amren continuaria trabalhando no Livro até recebermos a segunda metade — se a recebêssemos; o encantador de sombras estava partindo para reunir informações e gerenciar os espiões posicionados em outras cortes, tentando penetrar a corte humana. Consegui falar com eles, mas grande parte de minha energia foi para *não* olhar para Rhysand, ou pensar na sensação de seu corpo pressionado contra o meu enquanto dançávamos durante horas, aquele roçar de boca contra minha pele.

Mal tinha conseguido cair no sono por causa daquilo.

Traidora. Mesmo que eu tivesse deixado Tamlin, era uma traidora. Estava fora havia dois meses — apenas dois. Em termos feéricos, era provavelmente considerado menos de um dia.

Tamlin me dera tanto, fizera tantas coisas boas por mim e por minha família. E ali estava eu, querendo outro macho, por mais que odiasse Tamlin pelo que ele tinha feito, por como tinha fracassado comigo. *Traidora.*

A palavra continuava ecoando em minha cabeça enquanto eu estava ao lado de Mor, Rhys e Cassian alguns passos adiante, e olhava para o acampamento com fortes ventos. Mor mal dera mais que um breve abraço em Azriel antes de dizer adeus. E, apesar de tudo, o mestre-espião pareceu não se importar — até me dar um olhar ágil, de aviso. Eu ainda estava dividida entre diversão e revolta diante da presunção de que eu meteria o nariz nos negócios *dele*. De fato.

Construído perto do topo de uma montanha florestada, o acampamento de guerra illyriano não passava de rocha nua e lama, interrompidas apenas por tendas grosseiras, fáceis de guardar, centralizadas ao redor de grandes fogueiras. Perto do limite das árvores, uma dezena de prédios permanentes fora erguida a partir da

pedra cinzenta da montanha. Fumaça subia das chaminés contra a fria manhã nublada, ocasionalmente espiralada por asas que passavam acima.

Tantos machos alados disparando a caminho de outros acampamentos, ou em treinamento.

De fato, do lado oposto do acampamento, em uma área rochosa que terminava em um mergulho íngreme da montanha, estavam os ringues de luta e treinamento. Estantes de armas eram deixadas a céu aberto; no ringue delimitado por giz, machos de todas as idades agora treinavam com bastões e espadas e escudos e lanças. Rápidos, letais, brutais. Nenhuma reclamação, nenhum grito de dor.

Não havia calor ali, nenhuma alegria. Mesmo as casas do outro lado do acampamento não tinham toques pessoais, como se fossem usadas apenas como abrigo e armazém.

E era ali que Rhys, Azriel e Cassian haviam crescido; onde Cassian fora isolado para sobreviver sozinho. Era tão frio que mesmo enroscada em couro forrado de pele eu tremia. Não conseguia imaginar uma criança passando uma noite sem roupas adequadas — ou sem abrigo — muito menos oito anos.

O rosto de Mor estava pálido, tenso.

— Odeio este lugar — disse ela, sussurrando, o calor do hálito dela se condensou no ar diante de nós. — Deveria ser queimado até virar cinzas.

Cassian e Rhys ficaram em silêncio quando um macho mais velho, alto, de ombros largos, se aproximou, acompanhado por cinco outros guerreiros illyrianos, todos com as asas recolhidas, as mãos casualmente ao alcance das armas.

Não importava que Rhys pudesse destruir suas mentes sem erguer um dedo.

Cada illyriano usava Sifões de cores diferentes no dorso das mãos, e aquelas pedras eram menores que as de Azriel e Cassian. E tinham apenas uma. Não sete cada um, como meus dois amigos usavam para conter seu imenso poder.

O macho à frente disse:

— Outra inspeção no acampamento? Seu cão — ele apontou com o queixo para Cassian — esteve aqui na outra semana. As garotas estão treinando.

Cassian cruzou os braços.

— Não as vejo no ringue.

— Elas fazem as tarefas de casa primeiro — explicou o macho, com os ombros para trás e as asas se abrindo levemente. — Então, quando terminam, podem treinar.

Um grunhido baixo saiu da boca de Mor, e o macho virou em nossa direção. Ele enrijeceu o corpo. Mor lançou um sorriso malicioso para o homem.

— Oi, Lorde Devlon.

O líder do acampamento, então.

Ele examinou Mor de cima a baixo com desprezo e voltou o olhar para Rhys. O grunhido de aviso de Cassian ecoou em meu estômago.

Rhys falou, por fim:

— Um prazer o ver, como sempre, Devlon, mas há duas questões a serem tratadas: primeiro, as garotas, como você foi claramente instruído por Cassian, devem treinar *antes* das tarefas, não depois. Coloque-as no campo. Agora. — Estremeci ao puro comando naquele tom de voz. Rhys continuou: — Segundo, ficaremos aqui por enquanto. Esvazie a antiga casa de minha mãe. Não há necessidade de faxineira. Cuidaremos de nós mesmos.

— A casa está ocupada por meus melhores guerreiros.

— Então, desocupe-a — mandou Rhysand, simplesmente. — E faça com que a limpem antes de saírem.

A voz do Grão-Senhor da Corte Noturna, que se regozijava com dor e fazia os inimigos tremerem.

Devlon farejou em minha direção. Concentrei cada gota de exaustão emburrada em sustentar-lhe o olhar semicerrado.

— Outra dessas... criaturas que você traz aqui? Achei que era a única do tipo dela.

— Amren — falou Rhys — mandou lembranças. E quanto a *esta*... —Tentei não desviar o olhar dele. — Ela é minha — declarou Rhys, baixinho, mas com

malícia suficiente para que Devlon e os guerreiros próximos ouvissem. — E, se algum de vocês colocar a mão nela, perderá essa mão. E, depois, a cabeça. — Tentei não estremecer, pois Cassian e Mor não mostraram qualquer reação. — E depois que Feyre terminar de matá-los — Rhys deu um risinho —, vou triturar seus ossos até virarem poeira.

Eu quase ri. Mas os guerreiros agora avaliavam a ameaça que Rhys estabelecera que eu era... e não conseguiam pensar em respostas. Dei um breve sorriso a todos eles mesmo assim, um sorriso que eu vira Amren esboçar centenas de vezes. Deixei que imaginassem o que eu poderia fazer se provocada.

— Vamos sair — disse Rhys a Cassian e Mor, sem se dar o trabalho de dispensar Devlon antes de caminhar até o limite das árvores. — Voltaremos ao anoitecer. — Ele olhou para a prima. — Tente ficar longe de problemas, por favor. Devlon nos odeia menos que os demais senhores da guerra, e não quero encontrar outro acampamento.

Pela Mãe, os outros deviam ser... desagradáveis se Devlon era o mais moderado.

Mor piscou um olho para nós dois.

— Vou tentar.

Rhys apenas sacudiu a cabeça e falou para Cassian:

— Verifique as forças; depois, certifique-se de que as garotas estejam praticando como deveriam estar. Se Devlon ou os demais protestarem, faça o que for preciso.

Cassian sorriu de uma forma que mostrava que ficaria mais que feliz ao fazer exatamente isso. Era o general do Grão-Senhor... no entanto, Devlon o chamava de cão. Não queria imaginar como tinha sido para Cassian crescer sem título.

Então, por fim, Rhys olhou para mim de novo, e seus olhos se fecharam.

— Vamos.

— Teve notícias de minhas irmãs?

Um aceno negativo com a cabeça.

— Não. Azriel está verificando hoje se receberam uma resposta. Você e eu... — O vento farfalhou seu cabelo quando Rhys sorriu. — Vamos treinar.

— Onde?

Rhys indicou o amplo território além: as estepes florestais que ele mencionara certa vez.

— Longe de potenciais causalidades. — Rhys ofereceu a mão quando as asas se estenderam, o corpo se preparando para o voo.

Mas só ouvi aquelas três palavras que ele dissera, ecoando contra o latejar constante de *traidora, traidora*.

Ela é minha.

Estar nos braços de Rhys de novo, contra seu corpo, era um teste de teimosia. Para nós dois. Para ver quem falaria a respeito daquilo primeiro.

Estávamos voando acima das montanhas mais lindas que eu já vira — nevadas e salpicadas de pinheiros —, seguindo na direção de colinas de estepes além, quando eu disse:

— Estão treinando guerreiras illyrianas?

— Tentando. — Rhys olhou para a paisagem cruel. — Bani o corte de asas há muito, muito tempo, mas... nos acampamentos mais inflamados, bem no interior das montanhas, ainda o praticam. E, quando Amarantha assumiu, mesmo os acampamentos mais liberais começaram de novo. Para manter as mulheres seguras, era o que alegavam. Durante os últimos cem anos, Cassian vem tentando montar uma unidade de combate aéreo entre as mulheres, tentando provar que elas têm um lugar no campo de batalha. Até agora, conseguiu treinar algumas guerreiras dedicadas, mas os machos tornam a vida tão miserável que muitas partiram. E quanto às garotas em treinamento... — Ele exalou ruidosamente. — É um longo

caminho. Mas Devlon é um dos poucos que sequer deixa as garotas treinarem sem dar um ataque.

— Dificilmente eu chamaria desobedecer ordens de "sem dar um ataque".

— Alguns acampamentos publicaram decretos dizendo que, se uma fêmea for pega treinando, deve ser considerada imprópria para o casamento. Não posso combater esse tipo de coisa, não sem assassinar os líderes de cada acampamento e pessoalmente criar cada um de seus filhos.

— E, mesmo assim, sua mãe os amava, e vocês três usam suas tatuagens.

— Fiz as tatuagens em parte por minha mãe, em parte para honrar meus irmãos, que lutaram todos os dias da vida pelo direito de tê-las.

— Por que deixa Devlon falar com Cassian daquele jeito?

— Porque sei quais brigas comprar com Devlon, e sei que Cassian ficaria transtornado se eu me intrometesse e destruísse a mente de Devlon, como uma uva, quando o próprio Cassian pode cuidar disso.

Um sussurro frio percorreu meu corpo.

— Já pensou em fazer isso?

— Acabei de pensar. Mas a maioria dos senhores de acampamentos jamais teria dado uma chance a nós três no Rito de Sangue. Devlon deixou que um mestiço e dois bastardos passassem pelo Rito, e não nos negou nossa vitória.

Pinheiros cobertos de neve fresca passavam sob nós como um borrão.

— O que é o Rito de Sangue?

— Tantas perguntas hoje. — Apertei o ombro de Rhys com força o bastante para machucar, e ele riu. — Você entra desarmado nas montanhas, sem magia, nenhum Sifão, asas atadas, sem suprimentos ou roupas além das que está usando. Você e qualquer outro macho illyriano que queira passar de um novato para verdadeiro guerreiro. Algumas centenas seguem para as montanhas no início da semana, e nem todos voltam no fim.

A paisagem beijada pelo gelo se estendia infinitamente, tão irredutível quanto os guerreiros que a governavam.

— Vocês... se matam?

— A maioria tenta. Por comida e roupas, por vingança, por glória entre clãs inimigos. Devlon nos permitiu participar do Rito, mas também se certificou de que Cassian, Azriel e eu fôssemos jogados em locais diferentes.

— O que aconteceu?

— Nós nos encontramos. Matamos para abrir caminho pelas montanhas até chegarmos um ao outro. No fim das contas, muitos guerreiros illyrianos queriam provar que eram mais fortes e mais espertos que nós. E, pelo visto, estavam errados.

Ousei olhar para o rosto de Rhys. Por um segundo, pude ver: sujo de sangue, selvagem, lutando e matando para chegar aos amigos, para proteger e salvá-los.

Rhys nos desceu em uma clareira, os pinheiros eram tão altos que pareciam acariciar a base das nuvens cinza e pesadas que passavam ao vento suave.

— Então, você não vai usar magia, mas eu vou? — perguntei, dando alguns passos para longe de Rhys.

— Nosso inimigo está ligado a meus poderes. Você, no entanto, permanece invisível. — Rhys gesticulou com a mão. — Vejamos em que seu treino resultou.

Eu não estava a fim. Apenas falei:

— Quando... quando você conheceu Tamlin?

Sabia o que o pai de Rhysand fizera. Não me permitia pensar muito a respeito.

A respeito de como ele tinha matado o pai e os irmãos de Tamlin. E a mãe.

Mas agora, depois da noite anterior, depois da Corte de Pesadelos... Eu precisava saber.

O rosto de Rhys era uma máscara de paciência.

— Mostre algo impressionante e contarei a você. Magia... em troca de respostas.

— Sei que tipo de jogo está fazendo... — Eu me interrompi ao indício de um risinho. — Muito bem.

Estendi a mão diante do corpo, a palma em concha, e desejei que o silêncio tomasse minhas veias, minha mente.

Silêncio e calma e peso, como estar debaixo d'água.

Na minha mão, uma borboleta de água bateu as asas e dançou.

Rhys sorriu um pouco, mas a diversão se dissipou quando ele falou:

— Tamlin era mais novo que eu, nasceu quando a Guerra começou. Mas, depois da Guerra, quando amadureceu, passamos a nos conhecer em diversos eventos das cortes. Ele... — Rhys trincou os dentes. — Ele parecia decente para o filho de um Grão-Senhor. Melhor que os filhos de Beron, na Corte Outonal. Os irmãos de Tamlin eram igualmente ruins, no entanto. Piores. E sabiam que Tamlin assumiria o título um dia. E para um illyriano mestiço que teve de provar o valor, defender seu poder, eu enxergava o que Tamlin passava... E fiquei seu amigo. Procurava por Tamlin sempre que conseguia escapar dos acampamentos de guerra ou da corte. Talvez fosse por pena, mas... ensinei a ele algumas técnicas illyrianas.

— Alguém sabia?

Rhys ergueu as sobrancelhas... e lançou um olhar carregado para minha mão.

Fiz uma careta para ele e conjurei aves cantoras feitas de água, deixando que batessem as asas pela clareira, como tinham voado por meu banheiro na Corte Estival.

— Cassian e Azriel sabiam — continuou Rhys. — Minha família sabia. E reprovava. — Os olhos de Rhys eram como lascas de gelo. — Mas o pai de Tamlin se sentia ameaçado por aquilo. Por mim. E porque ele era mais fraco que eu e Tamlin, queria provar ao mundo que não o era. Minha mãe e minha irmã deveriam viajar até o acampamento de guerra illyriano para me visitar. Eu deveria me encontrar com elas no meio do caminho, mas estava ocupado, treinando uma nova unidade, e decidi ficar.

Meu estômago se revirou, e de novo, e de novo, e de novo, e desejei ter algo contra o qual me encostar conforme Rhys falou:

— O pai de Tamlin, os irmãos e o próprio Tamlin partiram para a floresta illyriana, tendo sabido por Tamlin, por *mim*, onde minha mãe e irmã estariam, que

eu tinha planos de vê-las. Eu deveria estar lá; mas não estava. E eles assassinaram minha mãe e minha irmã mesmo assim.

Comecei a sacudir a cabeça, os olhos queimando. Não sabia o que estava tentando negar ou apagar ou condenar.

— Deveria ter sido eu — disse Rhys, e entendi... entendi o que ele havia dito naquele dia em que chorei diante de Cassian no ringue de treinamento.

"Eles colocaram suas cabeças em caixas e mandaram pelo rio, até o acampamento mais próximo. O pai de Tamlin ficou com as asas como troféus. Fico surpreso por você não as ter visto pregadas no escritório.

Estava prestas a vomitar; a cair de joelhos e chorar."

Mas Rhys olhou para a variedade de animais de água que eu fizera, e disse:

— O que mais?

Talvez fosse o frio, talvez fosse a história, mas o gelo estalou em minhas veias e a canção selvagem de um vento de inverno uivou em meu coração. Eu senti então... como seria fácil saltar entre eles, *uni-los*, meus poderes.

Cada um dos animais parou no ar... e congelou em pedaços perfeitamente entalhados de gelo.

Um a um, eles caíram na terra. E se quebraram.

Os poderes eram um só. Tinham vindo da mesma origem sombria, do mesmo poço eterno de poder. Certa vez, há muito tempo, antes de a linguagem ser inventada, quando o mundo era novo.

Rhys apenas continuou:

— Quando eu soube, quando meu pai soube... Não fui totalmente sincero com você quando contei Sob a Montanha que meu pai matou o pai e os irmãos de Tamlin. Eu fui com ele. Ajudei. Nós atravessamos para o limite da Corte Primaveril naquela noite e, depois, seguimos o restante do caminho a pé, até a mansão. Matei os irmãos de Tamlin quando os vi. Controlei suas mentes e os deixei indefesos enquanto os cortava em pedaços, e, em seguida, derreti seus cérebros dentro dos

crânios. E, quando cheguei ao quarto do Grão-Senhor, ele estava morto. E meu pai... meu pai tinha matado a mãe de Tamlin também.

Eu não conseguia parar de sacudir a cabeça.

— Meu pai prometera não tocar nela. Disse que não éramos o tipo de macho que faria aquilo. Mas ele mentiu para mim, e o fez mesmo assim. E depois foi até o quarto de Tamlin.

Eu não conseguia respirar... não conseguia respirar quando Rhys falou:

— Tentei impedir. Ele não ouviu. Ia matar Tamlin também. E eu não podia... Depois de todas aquelas mortes, para mim, bastava. Não me importava que Tamlin tivesse estado lá, tivesse deixado que eles matassem minha mãe e minha irmã, que tivesse ido me matar porque não queria arriscar enfrentá-los. Para mim, bastava de morte. Então, impedi meu pai diante da porta. Ele tentou passar por mim. Tamlin abriu a porta, nos viu, sentiu o cheiro de sangue que já escorria para o corredor. E nem mesmo consegui dizer uma palavra antes de Tamlin matar meu pai com um golpe.

"Senti o poder passar para mim, mesmo ao ver quando o poder passou para ele também. E simplesmente nos olhamos, conforme ambos fomos subitamente coroados Grão-Senhores... então, eu corri."

Ele assassinou a família de Rhysand. O Grão-Senhor que eu amara — assassinou a família do amigo e, quando perguntei a ele a respeito de como a família *dele* havia morrido, Tamlin apenas me disse que uma corte rival o fizera. *Rhysand* o tinha feito e...

— Ele não lhe contou nada disso.

— Eu... sinto muito — sussurrei, a voz rouca.

— Por que você deveria sentir muito?

— Eu não sabia. Não sabia que ele tinha feito isso...

E Rhys achou que eu o estava comparando... comparando *ele* e Tamlin, como se eu achasse que este era algum tipo de modelo...

— Por que parou? — perguntou Rhys, indicando os cacos de gelo no tapete de folhas de pinheiro.

As pessoas que ele mais amava; mortas. Assassinadas a sangue frio. Assassinadas por *Tamlin*.

A clareira explodiu em chamas.

As folhas de pinheiro sumiram, as árvores gemeram, e até mesmo Rhys xingou conforme o fogo varreu a clareira, meu coração, e devorou tudo no caminho.

Não era à toa que fizera Tamlin implorar naquele dia em que fui formalmente apresentada a Rhys. Não era à toa que ele tivesse aproveitado todas as chances de provocar Tamlin. Talvez minha presença ali fosse apenas para...

Não. Eu sabia que não era verdade. Sabia que estar ali não tinha nada a ver com o que havia entre Rhys e Tamlin, embora ele, sem dúvida, tivesse gostado de interromper nosso casamento. De me salvar daquele casamento, na verdade.

— Feyre — disse Rhys, conforme o fogo se extinguia.

Mas ali estava... crepitando em minhas veias. Crepitando ao lado de veias de gelo e água.

E escuridão.

Brasas subiam ao nosso redor, flutuando no ar, e lancei um sopro de escuridão tranquilizadora, um sopro de gelo e água, como se fosse um vento; um vento no crepúsculo, limpando o mundo.

O poder não pertencia aos Grão-Senhores. Não mais.

Ele pertencia a mim; assim como eu *só* pertencia a mim, como meu futuro era *meu* para decidir, para forjar.

Depois que descobrisse e dominasse o que os demais tinham me dado, poderia entrelaçá-los: em algo novo, algo de todas as cortes e de nenhuma delas.

Chamas chiaram quando se extinguiram tão completamente que nenhuma fumaça restou.

Mas encontrei o olhar de Rhys, os olhos pareciam um pouco arregalados enquanto me observava trabalhar. Falei, com a voz rouca:

— Por que não me contou antes?

Ao ver Rhys com o traje de combate illyriano, as asas abertas por toda a extensão da clareira, a espada despontando por cima do ombro...

Ali, naquele buraco em meu peito; eu vi a imagem ali. À primeira interpretação, Rhys pareceria assustador, a vingança e a ira encarnadas. Mas de perto... a pintura mostraria a beleza no rosto, as asas abertas não para ferir, mas para me levar para longe do perigo, para me proteger.

— Não queria que pensasse que estava tentando jogá-la contra ele — respondeu Rhysand.

A pintura... eu conseguia vê-la; senti-la. Eu queria pintá-la.

Eu queria pintar.

Não esperei que Rhys estendesse a mão para me aproximar dele. E, encarando-o, falei:

— Quero pintar você.

Rhys me ergueu nos braços com cuidado.

— Nu seria melhor — disse ele, ao meu ouvido.

Capítulo 46

Eu estava com tanto frio que talvez jamais me aquecesse de novo. Mesmo no inverno no mundo mortal, conseguira encontrar alguma fonte de calor, mas depois de quase esvaziar meu estoque de magia naquela tarde, nem mesmo o fogo crepitante da lareira conseguiria descongelar o frio que envolvia meus ossos. Será que a primavera *algum dia* chegava àquele lugar maldito?

— Eles escolhem esses lugares — disse Cassian, diante de mim, conforme comíamos ensopado de cordeiro à mesa disposta no canto da parte anterior da casa de pedra. — Apenas para se certificar de que os mais fortes entre nós sobrevivam.

— Pessoas horríveis — resmungou Mor para a tigela de barro. — Não culpo Az por jamais querer vir aqui.

— Suponho que treinar as garotas tenha ido bem — observou Rhys, ao meu lado, com a coxa tão próxima que o calor roçou contra a minha.

Cassian esvaziou a caneca de cerveja.

— Consegui que uma delas confessasse que não tinham uma lição havia dez dias. Todas estavam ocupadas demais com "tarefas", aparentemente.

— Nenhuma guerreira nata nesse bando?

— Três, na verdade — disse Mor. — Três em dez não é nada mal. As outras, eu ficaria feliz se apenas aprendessem a se defender. Mas aquelas três... Elas têm o instinto, as garras. São as famílias idiotas que querem que tenham as asas cortadas e virem reprodutoras.

Eu me levantei da mesa e levei a tigela para a pia embutida na parede. A casa era simples, mas ainda era maior e estava em melhores condições que nosso velho chalé. A sala da frente servia como cozinha, sala de estar e de jantar, com três portas nos fundos: uma para o banheiro, outra para a despensa, e a terceira era a saída dos fundos, pois nenhum verdadeiro illyriano, de acordo com Rhys, jamais construía um lar com apenas uma saída.

— Quando parte para a Cidade Escavada amanhã? — perguntou Cassian a Mor, tão baixo que eu soube que provavelmente estava na hora de subir.

Mor arranhou o fundo da tigela. Aparentemente, Cassian fizera o ensopado... e não estava nada mal.

— Depois do café. Antes. Não sei. Talvez à tarde, quando estiverem todos acordando.

Rhys estava um passo atrás de mim, com a tigela na mão, e indicou para eu deixasse a louça suja na pia. Ele inclinou a cabeça na direção da escada íngreme e estreita nos fundos da casa. Era ampla o bastante para que coubesse apenas um guerreiro illyriano — mais uma medida de segurança —, e olhei para a mesa uma última vez antes de desaparecer para o andar de cima.

Mor e Cassian encaravam as tigelas vazias de comida, conversando tranquilamente, para variar.

A cada passo, eu conseguia sentir Rhys às costas, o calor, a teia e a fluidez de seu poder. E naquele pequeno espaço, o cheiro de Rhys tomou conta de mim, me chamou.

O andar de cima era escuro, iluminado pela pequena janela no fim do corredor, e o luar entrava por uma fenda estreita entre os pinheiros ao nosso redor. Havia apenas duas portas ali, e Rhys apontou para uma delas.

— Você e Mor podem dividir este quarto esta noite, apenas diga a ela para se calar se tagarelar demais. — Eu não diria, no entanto. Se precisasse conversar, se distrair e estar pronta para o que viria no dia seguinte, eu a ouviria até o amanhecer.

Rhys colocou a mão na própria maçaneta, mas eu me inclinei contra a madeira de minha porta.

Seria tão fácil dar os três passos para cruzar o corredor.

Passar as mãos por aquele peito, tracejar aqueles lindos lábios com os meus.

Engoli em seco quando Rhys se virou para mim.

Não queria pensar no que queria dizer, no que estava fazendo. O que era aquilo — o que quer que fosse — entre nós.

Porque as coisas entre nós jamais tinham sido normais, desde o primeiro momento em que nos conhecemos no Calanmai. Eu não conseguira me afastar dele com facilidade então, quando achei que era mortal, perigoso. Mas agora...

Traidora, traidora, traidora...

Rhys abriu a boca, mas eu já estava dentro do quarto e fechara minha porta.

Chuva congelante pingava entre os galhos dos pinheiros conforme eu caminhava em meio à névoa com meu traje de combate de couro illyriano, armada com um arco, uma aljava e facas, tremendo como um cão molhado.

Rhys estava alguns metros atrás, carregando nossa bagagem. Tínhamos voado bem para o interior das estepes da floresta, tão longe que precisaríamos passar a noite ali. Tão longe que ninguém e nada poderia ver outra "gloriosa explosão de chamas e temperamento", como Rhys chamara. Azriel não recebera notícias de minhas irmãs a respeito da decisão das rainhas, então, tínhamos tempos de sobra.

Embora Rhys certamente não parecesse ter tempo quando me informou naquela manhã. Mas pelo menos não precisaríamos acampar lá fora. Rhys me prometeu que havia algum tipo de estalagem para viajantes por perto.

Eu me virei para onde Rhys caminhava, atrás de mim, e vi as imensas asas primeiro. Mor tinha partido antes de eu sequer acordar, e Cassian estava irritadinho e ansioso no café da manhã... Tanto que fiquei feliz em partir assim que terminei o mingau. E me senti um pouco mal pelos illyrianos que precisariam lidar com ele naquele dia.

Rhys parou quando me alcançou, e, mesmo com as árvores e a chuva entre nós, pude ver suas sobrancelhas se erguerem em uma pergunta silenciosa sobre por que eu tinha parado. Não tínhamos falado sobre a Queda das Estrelas ou sobre a Corte dos Pesadelos — e, na noite anterior, enquanto eu me revirava na minúscula cama, decidi: diversão e distração. Não precisava ser complicado. Manter as coisas puramente físicas... bem, não parecia muito com traição.

Ergui a mão, sinalizando para que Rhys ficasse onde estava. Depois do dia anterior, não queria que ele se aproximasse muito, para que eu não o queimasse. Ou pior. Rhys fez uma reverência dramática, e revirei os olhos conforme caminhei até o córrego adiante, contemplando onde poderia, de fato, tentar brincar com o fogo de Beron. *Meu* fogo.

A cada passo, eu conseguia sentir o olhar de Rhys me devorando. Ou talvez fosse a ligação, tocando nos meus escudos mentais; lampejos de fome tão insaciável que era difícil me concentrar na tarefa diante de mim, e não na sensação das suas mãos acariciando minhas coxas, me empurrando contra ele.

Eu podia jurar que senti um pingo de diversão do outro lado do escudo mental também. Sibilei e fiz um gesto vulgar por cima do ombro, quando deixei o escudo cair, apenas um pouquinho.

Aquela diversão se transformou em puro prazer — e, depois, em uma carícia de desejo que percorreu minha espinha até embaixo. Mais embaixo.

Meu rosto ficou quente, e um galho se partiu sob minha bota, o som tão alto quanto relâmpago. Trinquei os dentes. O chão se inclinava na direção de um córrego cinzento e forte, tão rápido que só podia ser alimentado pelas altas montanhas cobertas de neve ao longe.

Bom; aquele ponto era bom. Havia ali um suprimento a mais de água para afogar quaisquer chamas que pudessem escapar, e muito espaço aberto. O vento soprava para longe de mim, levando meu cheiro para o sul, mais para o interior da floresta, quando abri a boca para dizer a Rhys que ficasse para trás.

Com aquele vento e o córrego ruidoso, não foi surpresa que eu não os tivesse ouvido até que me cercassem.

— Feyre.

Eu me virei, com a flecha armada e apontada para a fonte da voz...

Quatro sentinelas da Corte Primaveril saíram andando das árvores atrás de mim como espectros, armados até os dentes e de olhos arregalados. Dois deles eu conhecia: Bron e Hart.

E entre eles estava Lucien.

Capítulo 47

Se eu quisesse escapar, poderia encarar o rio, ou encarar os feéricos. Mas Lucien...

Os cabelos vermelhos estavam presos para trás, e não havia um pingo de elegância: apenas armadura de couro, espadas, facas... O olho de metal de Lucien me percorreu, a pele dourada parecia pálida.

— Estamos caçando você há mais de dois meses — sussurrou Lucien, agora observando o bosque, o córrego, o céu.

Rhys. Que o Caldeirão me salvasse. Rhys estava muito para trás e...

— Como me encontrou? — Não reconheci minha voz calma e fria. Mas me *caçando*. Como se eu realmente fosse uma presa.

Se Tamlin estava ali... Meu sangue gelou mais que a chuva congelante escorrendo por meu rosto, minhas roupas.

— Alguém nos deu a informação de que estaria aqui, mas foi sorte termos sentido seu cheiro no vento e... — Lucien deu um passo em minha direção.

Eu recuei. Apenas um metro entre mim e o rio.

O olho de Lucien se arregalou levemente.

— Precisamos sair daqui. Tamlin está... não tem sido ele mesmo. Vou levá-la direto para...

— Não — sussurrei.

A palavra ecoou rouca pela chuva, pelo córrego, pela floresta de pinheiros.

As quatro sentinelas se entreolharam, então olharam para a flecha que eu mantinha puxada.

Lucien me observou de novo.

E pude ver o que ele agora enxergava: o couro de combate illyriano. A cor e a vivacidade que tinham voltado a meu rosto, a meu corpo.

E o aço silencioso em meu olhar.

— Feyre — disse Lucien, estendendo a mão. — Vamos para casa.

Não me movi.

— Aquele deixou de ser meu lar no dia em que você o deixou me trancafiar lá dentro.

A boca de Lucien se contraiu.

— Foi um erro. *Todos* cometemos erros. Ele está arrependido, mais arrependido do que você pode imaginar. E eu também. — Lucien deu um passo em minha direção, e recuei mais alguns centímetros.

Não restava muito entre mim e as águas agitadas abaixo.

O treinamento de Cassian me atingiu, como se todas as lições que ele me impunha todas as manhãs fossem uma rede que me segurou enquanto eu me atirava ao pânico crescente. Depois que Lucien me tocasse, ele nos atravessaria. Não para longe — ele não era tão poderoso assim, mas era rápido. Saltaria por quilômetros, e depois mais e mais longe, até que Rhys não pudesse me alcançar. Ele *sabia* que Rhys estava ali.

— Feyre — implorou Lucien, e ousou dar outro passo com a mão estendida.

Minha flecha se inclinou em sua direção, o arco rangeu.

Não tinha percebido que, embora Lucien fosse treinado como um guerreiro, Cassian, Azriel, Mor e Rhys eram Guerreiros. Cassian podia apagar Lucien da face da terra com um único golpe.

— Abaixe a flecha — murmurou Lucien, como se estivesse acalmando um animal selvagem.

Atrás dele as quatro sentinelas se aproximaram. Estavam me cercando.

O bicho de estimação e a posse do Grão-Senhor.

— Não — sussurrei. — Me. Toque.

— Você não entende a situação em que estamos, Feyre. Nós... *eu* preciso de você em casa. Agora.

Eu não queria ouvir. Olhando para o rio abaixo, calculei minhas chances.

Olhar me custou. Lucien avançou com a mão estendida. Um toque, era tudo que seria preciso...

Eu não era mais o bicho de estimação do Grão-Senhor.

E talvez o mundo devesse aprender que eu tinha mesmo presas.

O dedo de Lucien roçou a manga de meu casaco de couro.

E eu me tornei fumaça e cinzas e noite.

O mundo ficou silencioso e se dobrou, e ali estava Lucien, avançando tão lentamente no que agora era espaço vazio quando desviei dele, quando disparei para as árvores atrás das sentinelas.

Parei, e o tempo retomou o ritmo natural. Lucien cambaleou, segurando-se para não cair do penhasco — e se virou, de olhos arregalados, para me ver agora de pé atrás das sentinelas. Bron e Hart se encolheram e recuaram. De mim.

E de Rhysand, ao meu lado.

Lucien congelou. Transformei meu rosto em um espelho de gelo: o gêmeo insensível da diversão cruel na expressão do rosto de Rhysand quando ele limpou um fiapo de tecido da túnica escura.

Roupas escuras e elegantes — sem asas, sem couro de combate.

As roupas elegantes e sem vincos... Outra arma. Para esconder o quanto ele era habilidoso e poderoso; para esconder de onde vinha e o que amava. Uma arma que valia o custo da magia que Rhys usava para escondê-la; mesmo que nos pusesse em risco de sermos rastreados.

— Pequeno Lucien — ronronou Rhys. — A Senhora da Corte Outonal não ensinou a você que quando uma mulher diz não, é não?

— Canalha — grunhiu Lucien, passando em disparada para além das sentinelas, mas sem ousar tocar as armas. — Seu canalha imundo e devasso.

Soltei um grunhido.

Os olhos de Lucien se semicerraram para mim, e ele falou, com horror quase silencioso: — O que você fez, Feyre?

— Não venha atrás de mim de novo — avisei, com a mesma voz baixa.

— Ele nunca vai parar de procurá-la; nunca vai parar de esperar que volte para casa.

As palavras me atingiram no estômago... como era o objetivo. Deve ter ficado estampado em meu rosto, porque Lucien insistiu: — O que ele fez com você? Ele pegou sua mente e...

— Basta — disse Rhys, inclinando a cabeça com aquela graciosidade casual. — Feyre e eu estamos ocupados. Volte para suas terras antes que eu mande sua cabeça como um lembrete ao meu velho amigo do que acontece quando subalternos da Corte Primaveril colocam os pés em meu território.

A chuva congelante escorreu pela gola de meu traje, descendo por minhas costas. O rosto de Lucien estava mortalmente pálido.

— Você já provou o que queria, Feyre... Agora, volte para casa.

— Não sou uma criança fazendo joguinhos — falei, entre dentes. Era assim que eles me viam: precisando ser paparicada, ouvir desculpas, ser defendida...

— Cuidado, Lucien — aconselhou Rhysand. — Ou a querida Feyre vai mandar você de volta em pedaços também.

— Não somos seus inimigos, Feyre — suplicou Lucien. — As coisas ficaram ruins, Ianthe saiu do controle, mas não quer dizer que você desiste...

— Você desistiu — sussurrei.

Senti até mesmo Rhys ficar imóvel.

— *Você* desistiu de mim — repeti, um pouco mais alto. — Você era meu amigo. E *o* escolheu, escolheu obedecê-lo, mesmo quando viu o que as ordens e as regras dele faziam comigo. Mesmo quando me viu definhando *dia após dia*.

— Não tem *ideia* de como aqueles primeiros meses foram voláteis — disparou Lucien. — *Precisávamos* apresentar uma frente unida e obediente, e eu devia ser o exemplo para todos os outros na corte.

— Você *viu* o que estava acontecendo comigo. Mas temia Tamlin demais para realmente fazer algo a respeito.

Era medo. Lucien tinha insistido com Tamlin, mas só até certo ponto. Ele sempre cedia no final.

— Eu implorei a você — falei, as palavras afiadas e ofegantes. — Implorei a você tantas vezes para que me ajudasse, que me tirasse da casa, mesmo por uma hora. E você me deixou sozinha, ou me enfiou em um quarto com Ianthe, ou me disse para aguentar.

Lucien falou, baixo demais:

— E suponho que a Corte Noturna seja muito melhor?

Lembrei... me lembrei do que eu deveria saber, ter vivido. O que Lucien e os demais jamais poderiam saber, nem mesmo que isso significasse abrir mão de minha vida.

E eu faria isso. Para manter Velaris segura, para manter Mor e Amren e Cassian e Azriel e... *Rhys* a salvo.

Eu disse a Lucien, em voz grave e baixa e tão cruel quanto as garras que se formavam na ponta de meus dedos, tão cruel quando o peso assombroso entre minhas escápulas: — Quando se passa tanto tempo presa na escuridão, Lucien, se percebe que a escuridão passa a olhar de volta.

Um pulso de surpresa, de prazer malicioso contra meus escudos mentais, para as asas escuras e palmadas que eu sabia que agora despontavam por cima de meus ombros. Cada beijo gelado da chuva lançava descargas frias por mim. Sensíveis... tão sensíveis aquelas asas illyrianas.

Lucien recuou um passo.

— O que fez com você mesma?

Dei um breve sorriso para ele.

— A garota humana que você conhecia morreu Sob a Montanha. Não tenho interesse algum em passar a imortalidade como bicho de estimação de um Grão-Senhor.

Lucien começou a sacudir a cabeça.

— Feyre...

— Diga a Tamlin — falei, engasgando ao pronunciar o nome, ao pensar no que ele fizera a Rhys, à família dele — que se mandar mais alguém para estas terras, vou caçar cada um de vocês. E vou demonstrar exatamente o que a escuridão me ensinou.

Havia algo como dor genuína no rosto de Lucien.

Eu não me importava. Apenas o observei, irredutível, fria e sombria. A criatura que um dia eu poderia ter me tornado caso tivesse ficado na Corte Primaveril, caso tivesse permanecido quebrada durante décadas, séculos... até aprender a silenciosamente direcionar aqueles cacos de dor para fora, aprendesse a saborear a dor dos outros.

Lucien assentiu para as sentinelas. Bron e Hart, de olhos arregalados e trêmulos, sumiram com os outros dois.

Lucien se demorou um momento, nada além de ar e chuva entre nós. Ele disse baixinho, para Rhys: — Você está morto. Você e toda a sua corte maldita.

Então, Lucien se foi. Encarei aquele espaço vazio onde ele estivera, esperando, esperando, sem deixar que aquela expressão deixasse meu rosto até que um dedo quente e forte traçasse uma linha pela beira de minha asa direita.

Pareceu... pareceu um sopro em minha orelha.

Estremeci, arqueando o corpo ao mesmo tempo em que expirei.

E, então, Rhys estava na minha frente, observando meu rosto, as asas atrás de mim.

— Como?

— Metamorfose — consegui dizer, e observei a chuva descer pelo rosto bronzeado de Rhys. E me distraí tanto que as garras, as asas, a escuridão ondulante sumiram, e fiquei leve e com frio em minha pele.

Metamorfose... ao pensar em parte da história, no macho de quem eu não me permitia lembrar. Metamorfose; um dom de Tamlin que eu não queria, do qual não precisara... até agora.

Os olhos de Rhys se suavizaram.

— Foi uma atuação muito convincente.

— Dei a ele o que Lucien queria ver — murmurei. — Deveríamos encontrar outro lugar.

Ele assentiu, e a túnica e a calça de Rhys sumiram, foram substituídas por aquele traje de couro familiar, as asas, a espada. Meu guerreiro...

Nada *meu*.

— Você está bem? — perguntou Rhys, quando me pegou nos braços para voar conosco para outro lugar.

Eu me aninhei em seu calor, aproveitando.

— O fato de que foi tão fácil, de que eu me senti tão pequena, me deixa mais chateada que o próprio encontro.

Talvez esse fosse meu problema desde o início. Por que eu não tinha ousado dar aquele passo final na Queda das Estrelas. Eu me sentia culpada por *não* me sentir terrível, não de verdade. Não por querer Rhysand.

Algumas batidas poderosas das asas nos lançaram para o alto das árvores e disparando baixo por cima da floresta; a chuva feria meu rosto.

— Eu sabia que as coisas estavam ruins — disse Rhysand, com um ódio silencioso, quase inaudível por cima da lâmina de gelo do vento e da chuva. — Mas achei que Lucien, ao menos, teria se intrometido.

— Eu também — falei, a voz mais baixa do que pretendia.

Rhys me apertou com carinho, e pisquei para ele em meio à chuva. Pela primeira vez, ele estava com os olhos em mim, e não na paisagem abaixo.

— Você fica bem de asas — disse Rhys, e beijou minha testa.

Até mesmo a chuva parou de parecer tão fria.

Capítulo 48

Aparentemente, a "estalagem" próxima não passava de pouco mais que uma taverna barulhenta, com alguns quartos para alugar — em geral por hora. E, pelo visto, não havia vagas. Exceto por um quarto minúsculo, *minúsculo*, no que um dia fora parte do sótão.

Rhys não queria que ninguém soubesse quem, exatamente, estava entre os Grão-Feéricos, os feéricos e os illyrianos, e quem mais estava hospedado na estalagem abaixo. Embora eu mal o reconhecesse quando Rhys — sem magia, sem qualquer coisa exceto ajustar a postura — calou aquela sensação de poder sobrenatural até não passar de um guerreiro illyriano comum e muito belo, nervosinho por precisar pegar o último quarto disponível, tão no alto que havia apenas uma escada estreita até ele: nenhum corredor, nenhum outro cômodo. Se eu precisasse usar o banheiro, teria de me aventurar no nível abaixo, o qual... considerando os cheiros e os sons da meia dúzia de quartos naquele nível, fiz

questão de usar rapidamente quando subimos e então jurar não visitá-lo de novo até a manhã.

Um dia brincando com água e fogo e gelo e escuridão na chuva congelante tinha me exaurido tanto que ninguém me olhava, nem mesmo o mais bêbado e solitário dos clientes da taverna da cidade. A pequena cidade mal passava daquilo: um conjunto formado pela estalagem, uma alfaiataria, uma mercearia e um bordel. Tudo voltado para os caçadores, os guerreiros e os viajantes que passavam por aquela parte da floresta a caminho das terras illyrianas, ou para fora delas. Ou apenas para os feéricos que moravam ali, solitários e felizes com isso. Pequena e remota demais para que Amarantha e seu séquito sequer se importassem.

Sinceramente, não me interessava onde estávamos, contanto que fosse seco e quente. Rhys abriu a porta para nosso sótão e se afastou para me deixar passar.

Bem, pelo menos o quarto era seco.

O teto era tão rebaixado que, para chegar ao outro lado da cama, eu precisaria engatinhar pelo colchão; o quarto era tão minúsculo que era quase impossível dar a volta pela cama até o armário mínimo enfiado contra a outra parede. Eu podia facilmente sentar na cama e abrir o armário.

A cama.

— Eu pedi duas — falou Rhys, já com as mãos erguidas.

A respiração dele se condensou diante do rosto. Não havia nem mesmo uma lareira. E não havia espaço bastante para que eu sequer exigisse que Rhys dormisse no chão. Não confiei no meu domínio das chamas para tentar aquecer o quarto. Provavelmente queimaria aquela espelunca toda até o chão.

— Se não pode arriscar usar magia, então precisaremos aquecer um ao outro — falei, e imediatamente me arrependi. — Calor do corpo — esclareci. E, só para tirar aquele olhar do rosto dele, acrescentei: — Minhas irmãs e eu precisávamos dividir uma cama, estou acostumada.

— Vou tentar segurar as mãos.

Minha boca ficou um pouco seca.

— Estou com fome.

Rhys parou de sorrir ao ouvir isso.

— Vou descer e pegar comida para nós enquanto você se troca. — Ergui uma sobrancelha. Rhys falou: — Por mais que minhas habilidades de me misturar sejam notáveis, meu rosto é reconhecível. Prefiro não ficar lá embaixo por tempo suficiente para ser notado. — De fato, ele tirou um manto da sacola e o vestiu, as faixas verticais cobriram as asas, as quais Rhys não arriscaria fazer sumirem de novo. Ele usara poder mais cedo naquele dia, muito pouco, dissera, para talvez não ser notado, mas não voltaríamos para aquela parte da floresta tão cedo.

Rhys vestiu o capuz, e me deliciei com as sombras, a ameaça e as asas.

Morte em asas ligeiras. Era como eu chamaria a pintura.

Rhys falou, baixinho:

— Adoro quando você me olha assim.

O ronronar na voz aqueceu meu sangue.

— Como?

— Como se meu poder não fosse algo do qual fugir. Como se você me visse realmente.

E para um macho que tinha crescido sabendo que era o Grão-Senhor mais poderoso da história de Prythian, que podia destruir mentes se não tomasse cuidado, que estava sozinho, sozinho com aquele poder, aquele fardo, que o medo era sua arma mais poderosa contra as ameaças a seu povo... Eu acertei em cheio quando brigamos, depois da Corte dos Pesadelos.

— Tive medo de você a princípio.

Os dentes brancos de Rhys brilharam nas sombras do capuz.

— Não teve não. Nervosa, talvez, mas jamais sentiu medo. Já senti o terror genuíno em pessoas suficientes para saber a diferença. Talvez por isso eu não conseguisse ficar longe.

Quando? Antes que eu pudesse perguntar, Rhys desceu as escadas, fechando a porta atrás de si.

Foi um suplício tirar minhas roupas semicongeladas, pois se agarravam à pele molhada de chuva, e me choquei contra o teto rebaixado, contra as paredes próximas, e bati com o joelho no mastro de latão da cama enquanto me trocava. O quarto estava tão frio que precisei me despir aos poucos: troquei uma camisa congelada por uma seca, a calça, por *legging* com forro de lã, e as meias ensopadas, por meiões de crochê espessos, feitos à mão, que subiam até as canelas. Quando vesti um suéter grande demais que tinha um leve cheiro de Rhys, sentei de pernas cruzadas na cama e esperei.

A cama não era pequena, mas certamente não era grande o bastante para que eu fingisse que não estaria dormindo ao lado dele. Principalmente com as asas.

A chuva pingava no telhado a pouco centímetros de onde eu estava: uma batida constante para os pensamentos que agora latejavam em minha mente.

Só o Caldeirão sabia o que Lucien estava relatando a Tamlin, provavelmente naquele exato momento, se não horas antes.

Eu tinha mandado aquele bilhete a Tamlin... e ele decidiu ignorá-lo. Assim como ignorara ou rejeitara quase todos os meus pedidos, agira de acordo com aquele senso iludido do que *ele* acreditava ser certo para meu bem-estar e minha segurança. E Lucien estava preparado para me levar contra a vontade.

Machos feéricos eram territoriais, dominantes, arrogantes — mas aqueles na Corte Primaveril... tinha algo de podre em seu treinamento. Porque eu sabia — bem no fundo — que Cassian podia insistir e testar meus limites, mas, assim que eu dissesse não, ele recuaria. E eu sabia que se... se eu estivesse definhando e Rhys não fizesse nada para impedir, Cassian ou Azriel teriam me salvado. Eles teriam me levado para algum lugar — onde quer que eu precisasse estar — e lidado com Rhys depois.

Mas Rhys... Rhys jamais teria *não* visto o que acontecia comigo; jamais estaria tão errado, seria tão arrogante ou autocentrado. Ele sabia o que Ianthe era desde o momento em que a conheceu. E entendia como era ser uma prisioneira, e estar indefesa, e lutar — todos os dias — contra os horrores de ambos.

Eu amara o Grão-Senhor que tinha me mostrado os confortos e as maravilhas de Prythian; amara o Grão-Senhor que me deixou ter tempo e comida e segurança para pintar. Talvez uma pequena parte de mim sempre se importasse com ele, mas... Amarantha nos quebrara, aos dois. Ou me quebrara tanto que quem ele era não parecia mais adequado.

E eu podia me libertar disso. Podia aceitar isso. Talvez fosse difícil por um tempo, mas... talvez melhorasse.

Os pés de Rhys eram quase silenciosos, delatados apenas pelo leve rangido das escadas. Fiquei de pé para abrir a porta antes que ele pudesse bater, e o vi ali, parado, com uma bandeja em mãos. Nela havia duas pilhas de pratos cobertos, além de duas taças, uma garrafa de vinho e...

— Diga que esse cheiro é de ensopado. — Inspirei, saí da frente e fechei a porta enquanto Rhys colocava a bandeja na cama. Certo... não havia nem mesmo espaço para uma mesa ali.

— Ensopado de coelho, se é que podemos acreditar no cozinheiro.

— Eu podia viver sem ouvir isso — falei, e Rhys sorriu. Aquele sorriso deu um puxão em algo no fundo de meu estômago, e virei o rosto, sentando ao lado da comida, com o cuidado de não agitar a bandeja. Tirei a tampa dos pratos de cima: duas tigelas de ensopado. — O que é o outro prato aqui embaixo?

— Torta de carne. Não ousei perguntar que tipo de carne. — Olhei para Rhys com raiva, mas ele já estava dando a volta na cama, até o armário, com sua bagagem na mão. — Pode comer — falou Rhys. — Vou trocar de roupa primeiro.

De fato, ele estava ensopado; e só podia estar congelado e dolorido.

— Você deveria ter trocado de roupa antes de descer. — Peguei a colher e revirei o ensopado, suspirando ao ver as espirais quentes de vapor que se ergueram para beijar meu rosto frio.

O farfalhar e os ruídos de roupas molhadas sendo tiradas preencheu o quarto. Tentei não pensar naquele peito nu, bronzeado, nas tatuagens. Nos músculos firmes.

— Foi você quem passou o dia treinando. Trazer uma refeição quente era o mínimo que eu podia fazer.

Tomei um pouco do ensopado. Insípido, porém comestível e, mais importante, *quente*. Comi em silêncio, ouvindo o farfalhar das roupas de Rhys sendo trocadas, tentando pensar em banhos frios, ou feridas infeccionadas, ou micoses — qualquer coisa, menos o corpo nu, tão perto... e a cama na qual eu estava sentada. Servi uma taça de vinho para mim, e depois enchi a dele.

Por fim, Rhys se espremeu entre a cama e o canto da parede que se projetava para fora, as asas bem recolhidas. Rhys usava calça larga e fina, e uma camisa justa do que parecia ser o algodão mais macio.

— Como a passa por cima das asas? — perguntei, enquanto Rhys devorava o próprio ensopado.

— As costas são feitas com fendas que se fecham com botões escondidos... mas em circunstâncias normais, eu apenas uso magia.

— Parece que você tem muita magia em uso constante de uma vez.

Um gesto de ombros.

— Me ajuda a trabalhar o controle sobre o poder. A magia precisa de alívio, drenagem, ou se acumula e me deixa louco. Por isso chamamos as pedras illyrianas de Sifões: elas ajudam a canalizar o poder, a esvaziá-lo quando necessário.

— Louco de verdade? — Afastei a tigela vazia de ensopado e retirei a tampa da torta de carne.

— Louco de verdade. Ou é o que me avisaram. Mas posso sentir o puxão se ficar muito tempo sem liberar o poder.

— Isso é horrível.

Outro gesto de ombros.

— Tudo tem seu custo, Feyre. Se o preço de ser forte o bastante para proteger meu povo é precisar lutar com esse mesmo poder, então, não me importo. Amren me ensinou o suficiente sobre como controlá-lo. O suficiente para que eu deva muito a ela. Inclusive o escudo atual sobre minha cidade enquanto estamos aqui.

Todos ao redor de Rhys tinham alguma utilidade, alguma habilidade poderosa. Mas ali estava eu... nada mais que uma estranha híbrida. Mais problema do que valia a pena.

— Não é — contestou Rhys.

— Não leia meus pensamentos.

— Não posso evitar o que você às vezes grita pela ligação. E, além disso, tudo costuma estar estampado em seu rosto, se souber onde procurar. O que tornou sua atuação hoje muito mais impressionante.

Rhys deixou o ensopado de lado quando terminei de devorar minha torta de carne e deslizei para trás na cama, até os travesseiros, segurando a taça de vinho entre as mãos frias. Observei-o comer enquanto eu bebia.

— Achou que eu iria com ele?

Rhys parou no meio de uma garfada e, então, abaixou o garfo.

— Ouvi cada palavra entre vocês. Eu sabia que podia cuidar de si, mas... — Rhys retornou à torta, engolindo uma mordida antes de continuar: — Mas me vi decidindo que, se você tomasse a mão dele, eu encontraria uma forma de viver com isso. Seria sua escolha.

Bebi o vinho.

— E se ele tivesse me agarrado?

Não havia nada além de força de vontade irredutível nos olhos de Rhys.

— Então, eu teria destruído o mundo para resgatá-la.

Um calafrio percorreu minha espinha, e não pude tirar os olhos dele.

— Eu teria disparado a flecha — sussurrei. — Se ele tivesse tentado ferir você.

Eu não admitira aquilo nem para mim mesma.

Os olhos de Rhys brilharam.

— Eu sei.

Ele terminou de comer, colocou a bandeja vazia no canto e me encarou na cama, enchendo meu copo antes de cuidar do dele. Rhys era tão alto que precisava se abaixar para não bater com a cabeça no teto rebaixado.

— Um pensamento em troca de outro — sugeri. — Sem treinamento envolvido, por favor.

Uma risada rouca saiu de Rhys, e ele esvaziou a taça, apoiando-a na bandeja.

Rhys me observou tomar um longo gole.

— Estou pensando — disse ele, seguindo o movimento de minha língua no lábio inferior — que olho para você e me sinto como se eu estivesse morrendo. Como se não conseguisse respirar. Estou pensando que a quero tanto que não consigo me concentrar na metade do tempo que estou com você, e este quarto é pequeno demais para que eu me deite com você direito. Principalmente com as asas.

Meu coração deu um salto. Não sabia o que fazer com os braços, as pernas, o rosto. Bebi o restante do vinho e larguei a taça ao lado da cama, tomando coragem ao dizer:

— Estou pensando que não consigo parar de pensar em você. E me sinto assim há muito tempo. Mesmo antes de eu deixar a Corte Primaveril. E talvez isso me torne um lixo traidor e mentiroso, mas...

— Não torna — garantiu Rhys, o rosto sério.

Mas tornava. Eu queria ver Rhysand durante aquelas semanas entre as visitas. E não me importei quando Tamlin parou de visitar meu quarto. Tamlin tinha desistido de mim, mas eu também desistira dele. E era um lixo mentiroso por causa disso.

— Deveríamos ir dormir — murmurei.

O barulho da chuva foi o único som durante um bom tempo antes de Rhysand dizer:

— Tudo bem.

Eu engatinhei por cima da cama, até o lado quase enfiado contra o teto rebaixado, e me enfiei debaixo da colcha. Lençóis frios e ásperos me envolveram como a mão fria de alguém. Mas meu tremor vinha de outra coisa, totalmente diferente, conforme o colchão se movia, o cobertor se agitava e, então, as duas velas ao lado da cama se apagavam.

Escuridão me atingiu no mesmo momento em que o calor do corpo de Rhys veio. Foi difícil não me arrastar até ele. Nenhum de nós se moveu, no entanto.

Encarei a escuridão, ouvindo aquela chuva gélida, tentando roubar o calor de Rhys.

— Está tremendo tanto que a cama está sacudindo — disse ele.

— Meu cabelo está molhado — expliquei. Não era mentira.

Rhys ficou calado, e então o colchão rangeu, afundando diretamente atrás de mim quando seu calor me envolveu.

— Nenhuma expectativa — falou Rhys. — Apenas calor corporal. — Fiz uma careta para a risada em sua voz.

Mas as mãos largas de Rhys deslizaram por baixo e por cima de mim: uma espalmada contra minha barriga e me puxando contra seu calor firme, a outra deslizando sob as costelas e os braços para envolver meu peito, pressionando a frente de Rhys contra mim. Ele entrelaçou as pernas nas minhas, e depois uma escuridão mais pesada e mais quente se assentou sobre nós, com cheiro de algo cítrico e de mar.

Ergui a mão na direção daquela escuridão e toquei um material macio, sedoso — a asa de Rhys, me encasulando e aquecendo. Passei o dedo por ela, e Rhys estremeceu, e os braços me apertaram.

— Seu dedo... está muito frio — disse Rhys, com os dentes trincados, as palavras quentes em meu pescoço.

Tentei não sorrir, mesmo quando inclinei um pouco mais o pescoço, esperando que o calor da respiração de Rhys pudesse acariciá-lo de novo. Arrastei o dedo por sua asa, e a unha raspou suavemente contra a superfície lisa. Rhys ficou tenso, e a mão se abriu em meu estômago.

— Coisinha cruel e travessa — ronronou Rhys, o nariz roçando a parte exposta de pescoço que eu tinha arqueado sob ele. — Ninguém lhe ensinou modos?

— Não sabia que os illyrianos eram bebês tão sensíveis — comentei, deslizando outro dedo pelo interior da asa de Rhys.

Algo duro pressionou minha bunda. Calor tomou conta de meu corpo, e fiquei tensa e relaxada ao mesmo tempo. Acariciei a asa de Rhys de novo, agora com dois dedos, e ele estremeceu contra minhas costas ao ritmo da carícia.

Os dedos que Rhys tinha aberto sobre minha barriga começaram a fazer carícias suaves e preguiçosas. Rhys girou um em volta de meu umbigo, e eu me aproximei imperceptivelmente, roçando o corpo contra o dele, me arqueando um pouco mais, para dar àquela outra mão acesso aos meus seios.

— Gananciosa — murmurou Rhys, os lábios hesitantes sobre meu pescoço. — Primeiro, você me aterroriza com as mãos frias, agora você quer... o que você quer, Feyre?

Mais, mais, mais, quase implorei a Rhys conforme seus dedos percorriam a curva de meus seios, enquanto a outra mão continuava as carícias preguiçosas na altura da barriga, do abdômen, devagar — tão devagar — seguindo na direção do cós baixo de minha calça e do desejo que se acumulava abaixo deste.

Os dentes de Rhysand roçaram contra meu pescoço em uma carícia demorada.

— O que você quer, Feyre? — Rhys mordiscou minha orelha.

Dei um gritinho, arqueando totalmente o corpo contra ele, como se pudesse fazer com que aquela mão deslizasse exatamente para onde eu queria. Sabia o que Rhys queria que eu dissesse. Não daria a ele essa satisfação. Ainda não.

Então, eu disse:

— Quero uma distração. — Saiu sem fôlego. — Eu quero... diversão.

O corpo de Rhys ficou tenso de novo atrás de mim.

E me perguntei se ele, de alguma forma, não via aquilo pela mentira que era; se achava... se achava que era realmente tudo que eu queria.

Mas as mãos de Rhys retomaram as carícias.

— Então, me permita o prazer de distraí-la.

Rhys passou a mão por baixo da parte de cima de meu suéter, mergulhando direto sob a blusa. Pele com pele, os calos das mãos me fizeram gemer conforme roçaram no alto de meu seio e circularam meu mamilo firme.

— Amo esses — sussurrou Rhys, em meu pescoço, com a mão deslizando para meu outro seio. — Não tem ideia do quanto os amo.

Gemi quando Rhys acariciou meu mamilo com o nó do dedo, e me entreguei ao toque, silenciosamente implorando. Rhys estava duro como granito atrás de mim, e eu esfreguei o corpo no dele, o que fez com que Rhys soltasse um chiado baixo e malicioso.

— Pare com isso — grunhiu ele contra minha pele. — Vai estragar *minha* diversão.

Eu não faria tal coisa. Comecei a me virar, buscando Rhys, precisando apenas *senti-lo*, mas ele emitiu um estalo com a língua e empurrou o corpo com mais força contra o meu, até que não restasse espaço para minha mão sequer deslizar.

— Quero tocá-la primeiro — falou Rhys, com a voz tão gutural que mal a reconheci. — Apenas... me deixe tocar você. — Rhys espalmou meu seio para enfatizar.

Foi uma súplica tão partida que parei, cedendo quando a outra mão de Rhys, de novo, traçou linhas em minha barriga.

Não consigo respirar quando olho para você.

*Me deixe toc*á-la*.*

Porque eu estava com ciúmes e irritado...

Ela é minha.

Afastei os pensamentos, os fragmentos que Rhys me lançava.

Ele deslizou o dedo pelo cós de minha calça de novo, um gato brincando com o jantar.

De novo.

De novo.

— Por favor! — Eu consegui dizer.

Rhys sorriu contra meu pescoço.

— Aí estão seus modos. — Sua mão, por fim, desceu sob minha calça. O primeiro toque de Rhys contra mim me arrancou um gemido do fundo da garganta.

Ele grunhiu com satisfação pela umidade que encontrou esperando, e o polegar circulou por aquele ponto no ápice de minhas coxas, provocando, roçando para cima, contra ele, mas sem chegar a...

A outra mão de Rhys suavemente pressionou meu seio ao mesmo tempo em que o polegar desceu até onde eu queria. Empinei o quadril, minha cabeça estava totalmente para trás contra o ombro de Rhys agora, sem fôlego enquanto o polegar dele esfregava...

Soltei um gritinho, e Rhys gargalhou, uma gargalhada grave e baixa.

— Assim?

Um gemido foi minha única resposta. *Mais mais mais*.

Os dedos de Rhys deslizaram para baixo, lentos e diretos, até meu centro, e cada ponto de meu corpo, minha mente, minha alma se contraiu diante da sensação dos dedos dele ali, como se tivessem todo o tempo do mundo.

Desgraçado.

— *Por favor* — pedi, de novo, e empinei a bunda em sua direção para enfatizar.

Rhys chiou ao sentir o toque e deslizou um dedo para dentro de mim. Ele xingou.

— Feyre...

Mas eu já tinha começado a me mover contra ele, e Rhys xingou de novo, com uma exalação longa. Os lábios pressionaram meu pescoço, beijando mais e mais para cima, na direção de minha orelha.

Soltei um gemido tão alto que abafou a chuva conforme Rhys deslizou um segundo dedo para dentro, me preenchendo de tal forma que não consegui pensar em mais nada, não consegui respirar.

— Isso — murmurou ele, e percorreu minha orelha com os lábios.

Eu estava cansada de meu pescoço e minha orelha ganharem tanta atenção. Eu me virei o máximo que consegui, e vi Rhys me encarando, encarando a mão na frente de minha calça, observando eu me aproximar.

Rhys ainda me encarava quando peguei a boca dele na minha, mordendo seu lábio inferior.

Rhys gemeu, mergulhando os dedos mais profundamente. Com mais força.

Não me importava; não me importava nem um pouco com o que e quem eu era e onde tinha estado quando me entreguei totalmente a ele, abrindo a boca. A língua de Rhys entrou, movendo-se de uma forma que me dizia exatamente o que ele faria se estivesse entre minhas pernas.

Os dedos de Rhys mergulhavam e saíam, devagar e com força, e minha própria existência pareceu se resumir àquela sensação, à tensão em mim que subia a cada carícia profunda, a cada impulso equivalente da língua em minha boca.

— Você não tem ideia do quanto eu... — Rhys se interrompeu, e gemeu de novo. — *Feyre*.

O som de meu nome em seus lábios me desfez. O alívio desceu por minha espinha, e gritei, apenas para que os lábios de Rhys cobrissem os meus, como se ele pudesse devorar o som. A língua de Rhys roçou o céu de minha boca enquanto eu estremecia em volta dele, retesando o corpo. Rhys xingou de novo, respirando com dificuldade, enquanto os dedos me acariciavam durante os últimos tremores, até que eu estivesse inerte e trêmula em seus braços.

Eu não conseguia tomar fôlego suficiente, rápido o suficiente, e Rhys tirou os dedos, recuando para eu pudesse encará-lo. Ele disse:

— Eu queria fazer isso quando senti o quanto você estava encharcada na Corte dos Pesadelos. Queria tomar você bem ali, no meio de todos. Mas, principalmente, só queria fazer isso. — Os olhos de Rhys encararam os meus quando ele levou aqueles dedos à boca e chupou.

Meu gosto.

Eu o comeria vivo. Deslizei a mão pelo peito de Rhys para prendê-lo na cama, e ele segurou meu pulso.

— Quando você me lamber — disse ele, com a voz rouca —, quero estar sozinho, muito longe de todos. Porque quando você me lamber, Feyre — falou

Rhys, dando beijos breves em meu maxilar, meu pescoço —, vou me deixar rugir alto o bastante para derrubar uma montanha.

Imediatamente, me liquefiz de novo, e Rhys gargalhou baixo.

— E quando lamber *você* — disse ele, deslizando os braços ao meu redor e me puxando para junto do corpo —, quero que esteja deitada em uma mesa como meu banquete pessoal.

Solucei.

— Tive muito, muito tempo para pensar em como e onde quero isso — continuou Rhys, contra a pele de meu pescoço, os dedos deslizaram sob o cós de minha calça, mas pararam logo abaixo. O lar deles naquela noite. — Não tenho intenção alguma de fazer tudo em uma noite. Ou em um quarto onde nem consiga trepar com você contra a parede.

Estremeci. Rhys permanecia longo e duro contra mim. Eu precisava sentir, precisava colocar todo aquele tamanho dentro de mim...

— Durma — disse Rhys. Ele poderia muito bem ter me mandado respirar debaixo d'água.

Mas ele começou a acariciar meu corpo de novo; não para excitar, mas para acalmar, carícias longas e lascivas por minha barriga, pelas laterais do corpo.

O sono me encontrou mais rápido do que pensei.

E talvez fosse o vinho, ou a consequência do prazer que Rhys arrancara de mim, mas não tive sequer um pesadelo.

Capítulo 49

Acordei aquecida, descansada e calma.

Segura.

Luz do sol entrava pela janela imunda, iluminando os vermelhos e os dourados da muralha de asa diante de mim; onde ficara a noite inteira, me protegendo do frio.

Os braços de Rhysand me envolviam, sua respiração era profunda e constante. E eu sabia que era igualmente raro que ele dormisse tão profundamente, tão pacificamente.

O que tínhamos feito na noite anterior...

Com cuidado, eu me virei para olhar para Rhys, seus braços me apertaram de leve, como se para evitar que eu sumisse com a névoa da manhã.

Os olhos de Rhys estavam abertos quando aninhei a cabeça contra seu braço. Dentro do abrigo da asa de Rhys, nós nos observamos.

E percebi que podia muito bem me contentar em fazer exatamente aquilo para sempre.

Eu disse, baixinho:

— Por que fez aquele acordo comigo? Por que exigir uma semana de mim todo mês?

Os olhos violeta de Rhys estremeceram.

E não ousei admitir o que esperava em resposta, mas não era:

— Porque queria me impor perante Amarantha; porque queria irritar Tamlin, e precisava mantê-la viva de uma forma que não fosse vista como piedosa.

— Ah.

Sua boca se contraiu.

— Sabe... sabe que não há nada que eu não faria por meu povo, por minha família.

E eu era um peão naquele jogo.

A asa de Rhys se fechou, e pisquei diante da luz aguada.

— Banho ou não? — disse ele.

Eu me encolhi diante da lembrança do banheiro sujo e fétido no andar abaixo. Usá-lo para atender minhas necessidades já seria bem ruim.

— Prefiro me banhar em um córrego — falei, afastando a sensação de pesar em meu estômago.

Rhys soltou uma risada baixa e rolou para fora da cama.

— Então, vamos sair daqui.

Por um segundo, me perguntei se teria sonhado tudo que tinha acontecido na noite anterior. Pela leve e agradável dormência entre minhas pernas, eu sabia que não tinha, mas...

Talvez fosse mais fácil fingir que nada tinha acontecido.

A alternativa poderia ser mais do que eu podia suportar.

Voamos durante a maior parte do dia, para bem longe, próximo de onde as estepes da floresta se erguiam para encontrar as montanhas Illyrianas. Não falamos da noite anterior — mal falamos.

Outra clareira. Outro dia brincando com meu poder. Conjurar asas, atravessar, fogo e gelo e água e... agora, vento. O vento e as brisas que ondulavam pelos amplos vales e campos de trigo da Corte Diurna, e que depois sopravam a neve que cobria os picos mais altos destes.

Eu conseguia sentir as palavras subindo por ele conforme as horas se passaram. Eu o pegava me olhando sempre que eu fazia uma pausa; flagrava Rhys abrindo a boca... e depois fechando-a.

Choveu em um momento, e então ficou mais e mais frio com o tempo nublado. Ainda não tínhamos ficado na floresta depois do anoitecer, e me perguntei que tipo de criaturas poderia espreitar por ali.

O sol de fato descia quando Rhys me colocou nos braços e decolou.

Havia apenas o vento, e o calor dele, e o estrondo das poderosas asas.

— O que foi? — arrisquei.

A atenção de Rhys permanecia nos pinheiros escuros que passavam.

— Tem mais uma história que preciso contar.

Esperei. Ele não continuou.

Coloquei a mão na bochecha de Rhys, o primeiro toque íntimo que tínhamos o dia inteiro. A pele estava fria, e os olhos, tristes quando ele me olhou.

— Não dou as costas... não a você — jurei, baixinho.

O olhar de Rhys se suavizou.

— Feyre...

Rhys rugiu de dor, arqueando o corpo contra mim.

Senti o impacto; senti uma dor ofuscante por meio do laço que destruiu meus escudos mentais, senti o estremecer das dezenas de lugares em que as flechas o tinham atingido quando dispararam de arcos ocultos abaixo da folhagem da floresta.

E, então, estávamos caindo.

Rhys me agarrou, e sua magia se enroscou ao nosso redor em um vento escuro, preparando-se para no atravessar para fora dali... e fracassou.

Fracassou porque aquelas eram flechas de freixo perfurando-o. Perfurando suas asas. Haviam nos rastreado — no dia anterior, por causa da pouca magia que Rhys usara contra Lucien, eles tinham, de alguma forma, *rastreado* e nos encontrado, mesmo tão longe...

Mais flechas...

Rhys liberou seu poder. Tarde demais.

Flechas lhe rasgaram as asas. Atingiram as pernas.

E acho que eu estava gritando. Não por medo, conforme mergulhamos, mas por ele... pelo sangue e pelo brilho esverdeado naquelas flechas. Não era apenas freixo, mas veneno também.

Um vento escuro — o poder de Rhys — se chocou contra mim, e, então, fui atirada para longe quando Rhys me lançou às cambalhotas para além do alcance das flechas, às cambalhotas pelo ar...

O rugido de ira de Rhys estremeceu a floresta, as montanhas além. Pássaros se ergueram em ondas, fugindo daquele urro.

Eu me choquei contra a folhagem densa, meu corpo reclamou de dor quando fui atirada contra madeira e pinhas e folhas. E mais e mais para baixo...

Concentração concentração concentração.

Disparei uma onda daquele ar sólido que uma vez me protegera do temperamento de Tamlin. Atirei-a abaixo de mim como uma rede.

Colidi com uma parede invisível, tão sólida que achei que meu braço direito pudesse se quebrar.

Mas... parei de cair entre os galhos.

Dez metros abaixo, o chão era quase impossível de ver na escuridão crescente.

Não confiei naquele escudo para segurar meu peso por muito tempo.

Eu me arrastei até ultrapassar o escudo, tentando não olhar para baixo, e saltei pelos últimos metros até um amplo galho de pinheiro. Disparando acima da floresta,

cheguei ao tronco da árvore e me agarrei a ele, ofegante, reorganizando a mente em torno da dor, da estabilidade de estar no chão.

Ouvi — procurando Rhys, as asas, o próximo rugido. Nada.

Nenhum sinal dos arqueiros ao encontro dos quais Rhysand caía. Dos quais ele me atirara tão longe. Tremendo, cravei as unhas na casca da árvore e prestei atenção em busca de Rhys.

Flechas de freixo. Flechas de freixo envenenadas.

A floresta ficou ainda mais escura, as árvores pareciam definhar em cascos esqueléticos. Até mesmo os pássaros se calaram.

Encarei a palma de minha mão — o olho pintado ali — e lancei um pensamento às cegas por ele, por aquele laço. *Onde você está? Diga, e irei até você. Encontrarei você.*

Não havia muralha adamantina de ônix no fim do laço. Apenas sombras intermináveis.

Coisas — coisas grandes, enormes — farfalhavam na floresta.

Rhysand. Nenhuma resposta.

A última luz do dia se foi.

Rhysand, por favor.

Nenhum som. E o laço entre nós... silencioso. Sempre o sentia me protegendo, me seduzindo, rindo para mim do outro lado dos escudos. E agora... sumira.

Um uivo gutural ondulou ao longe, como rochas arrastando-se umas nas outras.

Cada pelo de meu corpo se arrepiou. Jamais tínhamos ficado fora depois do anoitecer.

Respirei para me tranquilizar, armando uma das poucas flechas restantes no arco.

No chão, algo escorregadio e escuro passou serpenteando, as folhas estalaram sob o que pareciam ser enormes patas que terminavam em garras semelhantes a agulhas.

Algo começou a gritar. Guinchos agudos de pânico. Como se estivesse sendo dilacerado. Não era Rhys; era outra coisa.

Comecei a tremer de novo, a ponta de minha flecha reluzia conforme estremecia comigo.

Onde está onde está onde está.

Me deixe encontrá-lo me deixe encontrá-lo me deixe encontrá-lo.

Desarmei o arco. Qualquer pingo de luz poderia me denunciar.

Escuridão era minha aliada; escuridão poderia me proteger.

Fora ódio da primeira vez que atravessei — e ódio da segunda vez que consegui.

Rhys estava ferido. Tinham *ferido* Rhys. Ele era o alvo. E agora... agora...

Não era ódio incandescente que escorria por mim.

Mas algo antigo, e congelado, e tão cruel que afiava minha concentração como uma lâmina.

E, se eu quisesse rastreá-lo, se quisesse chegar ao ponto no qual o vira pela última vez... eu também me tornaria um ser da escuridão.

Estava percorrendo o galho no momento em que algo se chocou contra a vegetação próxima, grunhindo e sibilando. Mas me dobrei em fumaça e luz estelar, e atravessei da beira de meu galho para a árvore do outro lado. A criatura abaixo soltou um grito, mas não prestei atenção.

Era noite; eu era vento.

De árvore em árvore, atravessei, tão rápida que as bestas que perambulavam pelo chão da floresta mal notaram minha presença. E se eu podia criar garras e asas... podia mudar meus olhos também.

Eu já havia caçado o suficiente ao pôr do sol para ver como os olhos animais funcionavam, como brilhavam.

Um comando frio fez meus olhos se arregalarem, transformando-se: uma cegueira temporária conforme eu atravessava entre as árvores de novo, correndo por um galho amplo e atravessando pelo ar até o seguinte...

Aterrissei, e a floresta noturna se tornou clara. E as coisas caminhando abaixo... não olhei para elas.

Não, mantive a atenção em atravessar pelas árvores até chegar ao limite do ponto no qual eu fora atacada, o tempo todo dando puxões naquele laço, procurando aquela parede familiar do outro lado. Então...

Uma flecha estava presa nos galhos acima de mim. Atravessei para o galho largo.

E, quando arranquei aquela vara de madeira de freixo, quando senti meu corpo imortal se esquivar em sua presença, um grunhido baixo escapuliu de mim.

Não tinha conseguido contar quantas flechas atingiram Rhys. De quantas ele havia me protegido, usando o próprio corpo.

Enfiei a flecha na aljava e continuei em frente, circundando a área até ver outra — no tapete de folhas de pinheiro.

Achei que gelo pudesse ter refletido atrás de mim conforme atravessei na direção de onde a flecha teria sido atirada, encontrando outra, e mais outra. Guardei todas.

Até descobrir o lugar em que os galhos de pinheiro estavam quebrados e destruídos. Por fim, senti o cheiro de Rhys, e as árvores ao redor reluziam com gelo quando vi o sangue manchando os galhos, o chão.

E flechas de freixo por todo o local.

Era como se uma emboscada estivesse esperando e tivesse disparado uma saraivada de centenas de flechas, rápidas demais para que Rhys as detectasse ou evitasse. Principalmente se ele estava distraído comigo. Distraído o dia todo.

Atravessei em rompantes pelo local, com o cuidado de não ficar no chão por muito tempo, para que as criaturas perambulando por perto não me farejassem.

Ele caíra com força, diziam os rastros. E precisaram arrastá-lo para longe. Rapidamente.

Haviam tentado esconder o rastro de sangue, mas mesmo sem a mente de Rhys falando comigo, eu podia encontrar aquele cheiro em qualquer lugar. Eu

encontraria aquele cheiro em qualquer lugar.

Talvez fossem bons em esconder o próprio rastro, mas eu era melhor.

Continuei minha caçada, com uma flecha de freixo agora engatilhada no arco conforme eu lia os sinais.

Duas dúzias, pelo menos, levaram Rhys para longe, embora mais estivessem lá para o ataque inicial. Os demais tinham atravessado para longe, deixando um grupo menor para arrastar Rhys na direção das montanhas... na direção de quem pudesse estar esperando.

Estavam se movendo rapidamente. Mais e mais para dentro da floresta, na direção das gigantes dormentes que eram as montanhas illyrianas. O sangue de Rhys escorrera por todo o caminho.

Vivo, aquilo me dizia. Ele estava vivo, mas... se os ferimentos não coagulavam... as flechas de freixo estavam fazendo seu trabalho.

Eu matara uma das sentinelas de Tamlin com apenas uma flecha de freixo bem direcionada. Tentei não pensar no que uma saraivada poderia fazer. O rugido de dor de Rhys ecoava em meus ouvidos.

E em meio àquele ódio impiedoso e irredutível, decidi que, se Rhys não estivesse vivo, se ele estivesse ferido ao ponto de não poder ser salvo... não me importava quem fossem e por que tinham feito aquilo.

Estariam todos mortos.

Pegadas desviaram do grupo principal: batedores provavelmente enviados para encontrar um local para passar a noite. Reduzi a velocidade das travessias, cuidadosamente rastreando as pegadas agora. Dois grupos haviam se dividido, como se tentassem esconder aonde tinham ido. O cheiro de Rhys estava em ambos.

Tinham levado as roupas dele, então. Porque sabiam que eu os rastrearia, tinham me visto com Rhys. Sabiam que eu iria atrás dele. Uma armadilha; provavelmente era uma armadilha.

Parei nos galhos mais altos de uma árvore que dava para onde os dois grupos tinham se separado, avaliando o território. Um seguia mais para o fundo das

montanhas. O outro seguia pelo limite destas.

Montanhas eram território illyriano; nas montanhas eles corriam o risco de serem descobertos por uma patrulha. Presumiriam que era para lá que *eu* duvidaria de que seriam estúpidos demais para ir. Presumiriam que eu acharia que se ateriam à floresta não vigiada e não patrulhada.

Considerei minhas opções, farejado os dois caminhos.

Não tinham contado com o leve segundo cheiro que se agarrava ali, entrelaçado ao dele.

E não me deixei pensar nisso conforme atravessava na direção dos rastros para a montanha, correndo mais que o vento. Não me permiti pensar no fato de que *meu* cheiro estava em Rhys, agarrando-se a ele depois da noite passada. Rhys trocara de roupa naquela manhã, mas o cheiro em seu corpo... Sem tomar banho, eu estava sobre ele inteiro.

Então, atravessei na direção de Rhys, em *minha* direção. E, quando a estreita caverna surgiu ao pé de uma montanha, o mais leve brilho de luz escapando da entrada... parei.

Um chicote estalou.

E cada palavra, cada pensamento e sensação se esvaiu de mim. Outra chicotada... e outra.

Joguei o arco por cima do ombro e puxei outra flecha de freixo. Rapidamente amarrei as duas flechas, para que uma ponta reluzisse de cada lado — e fiz o mesmo com outras duas. E quando terminei, quando olhei para as adagas gêmeas improvisadas em cada mão, quando aquele chicote soou de novo... atravessei para dentro da caverna.

Tinham escolhido uma com entrada estreita, que se abria para um túnel amplo e sinuoso, montando acampamento depois da curva da caverna, para evitar serem detectados.

Os batedores na frente — dois machos Grão-Feéricos sem armaduras características e que eu não reconheci — não repararam quando passei.

Dois outros batedores patrulhavam do lado de dentro da boca da caverna, vigiando aqueles na frente. Eu cheguei e parti dali antes que eles conseguissem me ver. Passei pela curva, o tempo escorregava e se dobrava, e meus olhos escuros como a noite queimaram diante da luz. Eu os mudei, atravessei entre um piscar e outro, além dos outros dois guardas.

E, quando olhei para os quatro outros naquela caverna, olhei para a pequena fogueira que tinham acendido e para o que já tinham feito com ele... Fiz força contra o laço entre nós — quase chorando quando senti aquela muralha adamantina... Mas não havia nada além dela. Apenas silêncio.

Tinham encontrado correntes estranhas de pedra azulada para manter os braços dele abertos, suspendendo-o de cada uma das paredes na caverna. O corpo pendia inerte das correntes, as costas pareciam um pedaço destruído de carne. E as asas...

Tinham deixado as flechas de freixo nas asas. Sete delas.

Ele estava de costas para mim, e apenas a visão do sangue escorrendo pela pele me disse que Rhys estava vivo.

E aquilo bastou — aquilo bastou para que eu explodisse.

Atravessei até os dois guardas que seguravam chicotes idênticos.

Os demais ao redor gritaram quando enfiei minhas flechas de freixo em suas gargantas, fundo e com brutalidade, exatamente como eu tinha feito inúmeras vezes enquanto caçava. Um, dois — então, estavam no chão, chicotes inertes. Antes que os guardas pudessem atacar, atravessei de novo, até os mais próximos.

Sangue jorrou.

Travessia, golpe; travessia, golpe.

Aquelas asas — aquelas lindas, poderosas asas...

Os guardas na entrada da caverna tinham entrado às pressas.

Foram os últimos a morrer.

E o sangue em minhas mãos parecia diferente daquele Sob a Montanha. Desse sangue... eu gostei. Sangue por sangue. Sangue por cada gota que tinham derramado do dele.

Silêncio recaiu na caverna quando os últimos gritos terminaram de ecoar, e atravessei para a frente de Rhys, enfiando as adagas ensanguentadas no cinto. Segurei-lhe o rosto. Pálido... pálido demais.

Mas os olhos de Rhys se abriram como fendas e ele gemeu.

Não disse nada quando disparei para as correntes que o seguravam, tentando não reparar nas impressões de mãos ensanguentadas que eu deixava em Rhys. As correntes pareciam gelo — eram piores que gelo. Tinham uma sensação *errada*. Afastei a dor e a estranheza, e a fraqueza que descia por minha coluna, e o soltei.

Os joelhos de Rhys caíram na rocha com tanta força que me encolhi, mas corri até o outro braço, ainda erguido. Sangue fluía pelas costas de Rhys, pela frente, e se empoçava nos sulcos formados por seus músculos.

— Rhys — sussurrei. Quase caí de joelhos também quando senti um lampejo *dele* por trás dos escudos mentais, como se a dor e a exaustão o tivessem reduzido à espessura de uma janela. As asas de Rhys, salpicadas daquelas flechas, continuavam abertas, tão dolorosamente esticadas que encolhi o corpo. — Rhys... precisamos atravessar para casa.

Os olhos dele se abriram de novo, e Rhys arquejou.

— Não posso.

Qualquer que fosse o veneno naquelas flechas, então, a magia dele, a força...

Mas não podíamos ficar ali, não quando o outro grupo estava próximo. Então, eu disse:

— Segure firme. — E segurei a mão de Rhys antes de nos atirar à noite e à fumaça.

Atravessar era tão pesado, com se todo o peso de Rhysand, todo aquele poder, me arrastasse para trás. Era como andar na lama, mas me concentrei na floresta, em uma caverna coberta por musgo que tinha visto no início daquele dia enquanto saciava minha sede, oculta na lateral da margem do rio. Eu tinha olhado dentro da caverna, e não havia nada além de folhas ali. Pelo menos era segura, se não um pouco úmida. Melhor que ficarmos a céu aberto — e era nossa única opção.

Cada quilômetro foi um esforço. Mas continuei lhe segurando a mão, apavorada porque, se soltasse, o deixaria em algum lugar em que talvez jamais o encontrasse, e...

E, então, tínhamos chegado àquela caverna, e Rhys gemeu de dor quando nos chocamos contra o chão molhado e frio de pedra.

— Rhys — supliquei, aos tropeços na escuridão, uma escuridão tão impenetrável, e com aquelas criaturas ao nosso redor, não arrisquei uma fogueira...

Mas ele estava tão frio, e ainda sangrava.

Fiz meus olhos mudarem de novo, e minha garganta deu um nó quando vi os danos. As lacerações pelas costas continuavam pingando sangue, mas as asas...

— Preciso tirar essas flechas.

Rhys gemeu de novo, as mãos apoiadas no chão. E, ao vê-lo daquele jeito, incapaz de sequer fazer um comentário malicioso ou dar um meio sorriso...

Fui até a asa de Rhys.

— Isso vai doer. — Trinquei o maxilar conforme estudava a forma como as flechas tinham perfurado a linda membrana. Precisaria partir as flechas em dois pedaços e deslizar cada ponta para fora.

Não... não partir. Precisaria cortar — devagar, com cuidado, suavemente, para evitar que qualquer pedaço ou parte áspera causasse mais danos. Quem sabia o que uma farpa de freixo poderia fazer se ficasse presa ali?

— Vá em frente — disse Rhys, ofegante, a voz rouca.

Havia sete flechas no total: três em uma asa, quatro na outra. Tinham retirado aquelas das pernas, não sei por que motivo... os ferimentos já estavam quase coagulados.

Sangue pingou no chão.

Tirei a faca de onde estava presa a minha coxa, avaliei o ferimento de entrada e, cuidadosamente, segurei a haste da flecha. Rhys chiou. Parei.

— Vá em frente — repetiu Rhys, os nós dos dedos brancos quando socou o chão.

Apontei a pequena parte da lâmina serrada contra a flecha e comecei a serrar o mais cuidadosamente possível. Os músculos cobertos de sangue das costas de Rhys se moveram e retesaram, e sua respiração ficou intensa, irregular. Lenta demais — eu estava sendo lenta demais.

Mas, se fosse mais rápido, poderia machucar mais, poderia danificar a asa sensível.

— Você sabia — falei, por cima do som da serragem — que em um verão, quando eu tinha 17 anos, Elain comprou tintas para mim? Tínhamos apenas o suficiente para gastar em coisas supérfluas, e ela comprou presentes para mim e para Nestha. Não tinha o suficiente para um conjunto completo, mas me comprou vermelho, azul e amarelo. Eu usei as tintas até a última gota, aproveitando o máximo possível, e pintei pequenas decorações em nosso chalé.

A respiração de Rhys saiu pesada, e, por fim, serrei a flecha. Não deixei que ele soubesse o que eu fazia antes de arrancar a ponta da flecha com um puxão suave.

Rhys xingou, travando o corpo, e sangue jorrou — e, depois, parou.

Quase soltei um suspiro de alívio. Comecei a trabalhar na próxima flecha.

— Pintei a mesa, os armários, a porta... E tínhamos uma cômoda velha, preta, em nosso quarto, com uma gaveta para cada uma. Não tínhamos muitas roupas para colocar ali, de qualquer modo. — Serrei a segunda flecha mais rápido, e Rhys se preparou quando a puxei para fora. Sangue escorreu e, depois, coagulou. Comecei na terceira. — Pintei flores para Elain em sua gaveta — falei, serrando e serrando. — Pequenas rosas e begônias e íris. E para Nestha... — A flecha caiu no chão, e eu puxei a outra ponta.

Observei o sangue fluir e parar; observei Rhys abaixar devagar a asa até o chão, o corpo tremendo.

— Nestha — continuei, começando com a outra asa —, para ela eu pintei chamas. Ela estava sempre nervosa, sempre queimando. Acho que Nestha e Amren se tornariam amigas rapidamente. Acho que gostaria de Velaris, apesar de não

admitir. E acho que Elain... Elain também gostaria. Embora provavelmente grudasse em Azriel, apenas por um pouco de paz e silêncio.

Sorri ao pensar naquilo... em como eles ficariam bonitos juntos. Se o guerreiro algum dia deixasse de amar Mor em segredo. Duvidava disso. Azriel provavelmente amaria Mor até o dia em que se tornasse um sussurro de escuridão entre as estrelas.

Terminei a quarta flecha e comecei a quinta.

A voz de Rhys estava áspera quando ele disse, na direção do chão:

— O que pintou para você?

Puxei a quinta e segui para a sexta antes de responder:

— Pintei o céu noturno.

Rhys ficou imóvel. Acrescentei:

— Pintei estrelas e a luz e nuvens e apenas céu escuro e infinito. — Terminei a sexta flecha e estava a caminho de serrar a sétima antes de dizer: — Nunca soube por quê. Eu raramente saía à noite; geralmente, estava tão cansada de caçar que só queria dormir. Mas me pergunto... — Puxei a sétima e última flecha. — Me pergunto se alguma parte minha sabia o que me esperava. Que eu jamais seria uma cultivadora mansa, ou alguém que queimava como fogo, mas que seria silenciosa e determinada e cheia de facetas, como a noite. Que eu teria beleza, para aqueles que soubessem onde procurar, e, se as pessoas não se dessem o trabalho de me olhar, mas apenas de me temer... Então, eu não gostaria muito delas mesmo. Me pergunto se, mesmo em meu desespero e minha falta de esperança, jamais estive realmente só. Me pergunto se estava procurando este lugar, procurando por todos vocês.

O sangue parou de escorrer, e a outra asa de Rhys se abaixou até o chão. Devagar, as lacerações nas costas começaram a cicatrizar. Dei a volta até onde Rhys estava caído no chão, com as mãos apoiadas na rocha, e me ajoelhei.

Ele ergueu a cabeça. Olhos cheios de dor, lábios drenados de sangue.

— Você me salvou — constatou Rhys, rouco.

— Pode me explicar quem eram depois.

— Emboscada — disse Rhys mesmo assim, os olhos observando meu rosto, em busca de sinais de dor. — Soldados de Hybern com correntes antigas do próprio rei, para anular meu poder. Devem ter rastreado a magia que usei ontem... Desculpe. — As palavras saíram aos tropeços de Rhys. Afastei seus cabelos pretos para trás. Por isso ele não conseguira usar o laço para falar entre nossas mentes.

— Descanse — pedi, e me movi para alcançar o cobertor de minha sacola. Teria de servir. Rhys segurou meu pulso antes que eu pudesse me levantar. Suas pálpebras se abaixaram. A consciência se esvaía, muito rápido. Rápido demais e muito intensamente.

— Eu também estava procurando por você — murmurou Rhys.

E desmaiou.

Capítulo 50

Dormi ao seu lado, oferecendo o calor que podia, monitorando a entrada da caverna a noite inteira. As bestas da floresta passavam caminhando em um desfile infinito, e, apenas à luz cinzenta antes do alvorecer, os grunhidos e os chiados se foram.

Rhys estava inconsciente quando a luz aquosa do sol pintou as paredes de pedra, a pele, suada. Verifiquei os ferimentos e vi que mal se curavam; um líquido oleoso brilhante escorria deles.

E, quando coloquei a mão na testa de Rhys, xinguei ao sentir o calor.

Veneno cobria aquelas flechas. E esse veneno ainda estava em seu corpo.

O acampamento de guerra illyriano ficava tão distante que meus poderes, frágeis por causa da noite anterior, não nos levariam longe.

Mas, se tinham aquelas correntes terríveis para anular o poder de Rhys, tinham flechas de freixo para derrubá-lo, então, aquele veneno...

Uma hora se passou. Rhys não melhorou. Não, a pele dourada estava pálida... empalidecendo; a respiração, curta.

— Rhys — chamei, baixinho.

Ele não se moveu; tentei sacudi-lo. Se Rhys podia me dizer o que o veneno era, talvez eu pudesse tentar encontrar algo para ajudar... Ele não acordou.

Por volta do meio-dia, pânico me tomou como um punho gigante.

Não sabia nada sobre venenos ou remédios. E lá fora, tão longe de todos... Será que Cassian nos encontraria a tempo? Será que Mor atravessaria até lá? Tentei despertar Rhys diversas vezes.

O veneno o arrasara profundamente. Eu não arriscaria esperar que ajuda chegasse.

Não arriscaria a vida de Rhys.

Então, eu o envolvi em tantas camadas de roupas quanto pude, mas peguei meu manto, beijei a testa de Rhys e saí.

Estávamos a apenas algumas centenas de metros de onde eu estava caçando na noite anterior, e, quando saí da caverna, tentei não olhar para os rastros das bestas que tinham passado logo acima de nós. Rastros enormes, terríveis.

O que eu estava prestes a caçar seria pior.

Já estávamos próximos de água corrente — então, montei uma armadilha perto, construindo-a com mãos que se recusavam a tremer.

Coloquei o manto — praticamente novo, elegante, lindo — no centro da armadilha. E esperei.

Uma hora. Duas.

Eu estava prestes a começar a barganhar com o Caldeirão, com a Mãe, quando um silêncio arrepiante, familiar, recaiu sobre o bosque.

Ondulando em minha direção, os pássaros pararam de cantar, o vento parou de suspirar contra os pinheiros.

E, quando um estalo soou na floresta, seguido por um guincho que doeu em meus ouvidos, encaixei uma flecha no arco e disparei para ver o Suriel.

Era tão terrível quanto eu me lembrava:

Roupas em frangalhos mal escondiam um corpo feito não de pele, mas do que parecia ser osso sólido e gasto. A boca sem lábios tinha dentes largos demais, e os dedos — longos, finos — emitiam cliques uns contra os outros enquanto a criatura segurava o elegante manto que eu colocara no centro da armadilha, como se o tecido tivesse sido soprado pelo vento.

— Feyre Quebradora da Maldição — disse ele, se virando para mim, com uma voz que era tanto uma quanto muitas.

Abaixei o arco.

— Preciso de você.

Tempo; eu estava ficando sem tempo. Podia sentir pelo laço aquela urgência implorando que eu me apressasse.

— Que mudanças fascinantes um ano infligiu a você, ao mundo — comentou o Suriel.

Um ano. Sim, fazia mais de um ano agora desde que tinha cruzado a muralha pela primeira vez.

— Tenho perguntas — declarei.

O Suriel sorriu, e cada um daqueles dentes marrons, manchados e grandes demais ficou exposto.

— Você tem duas perguntas.

Uma resposta e uma ordem.

Não desperdicei tempo; não com Rhys, não quando aquele bosque poderia estar cheio de inimigos nos caçando.

— Que veneno foi usado naquelas flechas?

— Veneno de sangue — respondeu ele.

Não conhecia aquele veneno... jamais ouvira falar.

— Onde encontro a cura?

O Suriel tamborilou os dedos ossudos uns contra os outros, como se a resposta estivesse dentro do som.

— Na floresta.

Sibilei e fiz uma expressão apática.

— Por favor, por favor, não seja enigmático. *Qual* é a cura?

O Suriel inclinou a cabeça, o osso reluziu à luz.

— Seu sangue. Dê seu sangue a ele, Quebradora da Maldição. Está cheio do dom de cura do Grão-Senhor da Crepuscular. Vai poupá-lo da ira do veneno de sangue.

— Só isso? — insisti. — *Quanto* sangue?

— Alguns punhados servirão. — Um vento vazio, seco, nada parecido com os véus nevoentos e frios que costumavam passar, acariciou meu rosto. — Ajudei você antes. Ajudei agora. E vai me libertar antes que eu perca a paciência, Quebradora da Maldição.

Alguma parte humana primitiva e permanente tremeu em mim quando olhei para a mesma armadilha em volta das pernas do Suriel, que o prendia ao chão. Talvez dessa vez o Suriel tivesse se deixado ser pego. E soubesse como se libertar. Talvez tenha aprendido assim que eu o poupei dos naga.

Um teste... de honra. E um favor. Pela flecha que eu disparei para salvá-lo no ano anterior.

Mas prendi uma flecha de freixo no arco, encolhendo o corpo diante da camada de veneno que a cobria.

— Obrigada pela ajuda — agradeci, me preparando para fugir, caso o Suriel avançasse contra mim.

Os dentes manchados do Suriel estalaram uns contra os outros.

— Se deseja acelerar a cura de seu parceiro, além de seu sangue, uma erva de flores rosa cresce perto do rio. Faça com que ele a mastigue.

Disparei a flecha na armadilha antes de terminar de ouvir as palavras.

A armadilha se soltou. E a palavra foi absorvida por mim.

Parceiro.

— O que você disse?

O Suriel ficou totalmente de pé, mais alto que eu mesmo do outro lado da clareira. Não tinha percebido que, apesar dos ossos, era musculoso... poderoso.

— Se deseja... — O Suriel parou e sorriu, mostrando quase todos aqueles dentes marrons e espessos. — Não sabia, então.

— Diga — disparei.

— O Grão-Senhor da Corte Noturna é seu parceiro.

Eu não tinha certeza absoluta de que respirava.

— Interessante — falou o Suriel.

Parceiro.

Parceiro.

Parceiro.

Rhysand era meu parceiro.

Não amante, não marido, mas mais que isso. Um laço tão profundo, tão permanente, que era honrado acima de todos os outros. Raro, celebrado.

Não a parceira de Tamlin.

De Rhysand.

Eu estava com ciúmes, e irritado...

Você é minha.

As palavras escapuliram de mim, baixas e distorcidas: — Ele sabe?

O Suriel agarrou o tecido do novo manto nos dedos ossudos.

— Sim.

— Há muito tempo?

— Sim. Desde...

— Não. Ele pode me contar... Quero ouvir dos lábios dele.

O Suriel inclinou a cabeça.

— Você está... está sentindo demais, muito rápido. Não consigo ler.

— Como posso ser sua parceira? — Parceiros eram iguais, combinavam, pelo menos de algumas formas.

— Ele é o Grão-Senhor mais poderoso que já andou nesta terra. Você é... nova. É feita de todos os sete Grão-Senhores. Diferente de tudo. Não são semelhantes nisso? Não combinam?

Parceiro. E ele sabia... ele *sabia*.

Olhei para o rio, como se pudesse ver até a caverna, onde Rhysand dormia.

Quando olhei de volta para o Suriel, ele tinha sumido.

Encontrei a erva rosa e arranquei-a do chão no caminho de volta para a caverna.

Ainda bem que Rhys estava semiacordado, as camadas de roupa que eu havia jogado sobre ele agora estavam espalhadas pelo cobertor, e Rhys me deu um sorriso contido quando entrei.

Atirei a erva contra ele, enchendo o peito nu de Rhys de terra.

— Mastigue isso.

Ele piscou, confuso, para mim.

Parceiro.

Mas Rhys obedeceu, franzindo a testa para a planta antes de arrancar algumas folhas e começar a mastigar. Rhys fez uma careta ao engolir. Tirei o casaco, puxei a manga para cima e caminhei até ele. Rhys sabia e escondera de mim.

Será que os outros sabiam? Será que tinham adivinhado?

Ele... ele prometera não mentir, não esconder coisas de mim.

E aquilo; aquela *coisa mais importante da minha existência imortal*...

Passei uma adaga por meu antebraço, fiz um corte longo e profundo, e me ajoelhei diante de Rhysand. Não senti dor.

— Beba isto. *Agora.*

Rhys piscou de novo, erguendo as sobrancelhas, mas não dei a ele a chance de protestar antes de segurá-lo pela nuca, erguer o braço até sua boca e o empurrar contra minha pele.

Rhysand parou quando meu sangue tocou seus lábios. Então, abriu mais a boca, e a língua roçou meu braço conforme ele bebia meu sangue. Um punhado. Dois. Três.

Puxei o braço de volta, o ferimento já estava se curando, e abaixei a manga.

— Você não tem o direito de fazer perguntas — avisei, e ele ergueu o olhar para mim, exaustão e dor estampados no rosto, meu sangue brilhando naqueles lábios. Parte de mim odiava as palavras, por agir daquela forma quando Rhys estava ferido, mas não me importava. — Só pode respondê-las. E nada mais.

Cautela tomou conta dos olhos de Rhysand, mas ele assentiu, mordendo outro punhado da erva e mastigando.

Eu o encarei, o guerreiro meio illyriano que era meu parceiro de alma.

— Há quanto tempo sabe que sou sua parceira?

Rhys ficou imóvel. O mundo inteiro ficou imóvel.

Ele engoliu em seco.

— Feyre.

— Há quanto tempo sabe que sou sua parceira?

— Você... Você pegou o Suriel? — Como Rhys tinha descoberto, não me importava.

— Eu disse que você não tem o direito de fazer perguntas.

Achei que algo como pânico pudesse ter surgido em suas feições. Rhys mastigou de novo a planta — como se ajudasse instantaneamente, como se ele soubesse que queria estar com todas as forças para enfrentar aquilo, me enfrentar. A cor já florescia em suas bochechas, talvez por qualquer que fosse a cura em meu sangue.

— Suspeitava havia um tempo — disse Rhys, engolindo em seco de novo. — Tive certeza quando Amarantha estava matando você. E, quando estávamos na

varanda Sob a Montanha, logo depois de sermos libertados, eu *senti* aquilo se encaixar entre nós. Acho que quando você foi Feita, isso... isso aguçou o cheiro do laço. Olhei para você então, e a força me atingiu como um golpe.

Ele tinha ficado de olhos arregalados, cambaleara para trás como se estivesse chocado... apavorado. E sumira.

Isso acontecera havia mais de meio ano.

Meu sangue latejava nas orelhas.

— Quando ia me contar?

— Feyre.

— *Quando ia me contar?*

— Não sei. Queria contar ontem. Ou quando você tivesse percebido que não havia apenas um acordo entre nós. Esperava que pudesse perceber quando eu a levasse para a cama e...

— Os outros sabem?

— Amren e Mor. Azriel e Cassian suspeitam.

Meu rosto corou. Eles sabiam... eles...

— Por que não me contou?

— Você estava apaixonada por ele; ia se casar com ele. Então, você... estava passando por tudo aquilo, e não pareceu certo contar.

— Eu merecia saber.

— Na outra noite, você me disse que queria uma distração, queria *diversão.* Não um laço de parceria. E não alguém como eu... uma confusão. — Então, as palavras que eu tinha disparado depois da Corte de Pesadelos assombraram Rhys.

—Você prometeu... prometeu nada de segredos, nada de jogos. *Prometeu.*

Algo em meu peito estava desabando. Alguma parte de mim que eu achei que tivesse perdido havia muito tempo.

— Eu sei que sim — concedeu Rhys, o brilho lhe retornando ao rosto. — Você acha que eu não queria contar? Acha que gostei de ouvir que você só me queria para diversão e alívio? Acha que não me deixou completamente louco o fato de que

aqueles desgraçados me derrubaram do céu porque eu estava ocupado demais me perguntando se deveria contar ou esperar, ou talvez aceitar as migalhas que você me oferecia e ficar feliz com isso? Ou que talvez deveria deixá-la ir, para não ter uma vida inteira de assassinos e Grão-Senhores a caçando por estar comigo?

— Não quero ouvir isso. Não quero ouvir você explicar como presumiu que sabia o que era melhor, que eu não podia lidar com isso...

— Não foi o que fiz...

— Não quero ouvir você me contar que decidiu que eu deveria permanecer ignorante enquanto seus amigos sabiam, enquanto *todos vocês* decidiam o que era certo para mim...

— Feyre...

— Me leve de volta ao acampamento illyriano. Agora.

Rhys estava ofegante, puxando ar em grande quantidade e estremecendo.

— Por favor.

Mas disparei até ele e segurei a mão de Rhys.

— *Me leve de volta agora.*

Então, vi a dor e a mágoa em seus olhos. Vi e não me importei, não quando aquela coisa em meu peito se contorcia e se quebrava. Não quando meu coração... meu *coração*... doía tanto que percebi que de alguma forma tinha sido consertado nos últimos meses. Consertado por ele.

E agora doía.

Rhys viu tudo isso e mais em meu rosto, e eu não vi nada além de dor no dele quando ele reuniu a sua força e, grunhindo de dor, atravessou conosco para o acampamento illyriano.

Capítulo 51

Nós nos chocamos contra lama congelante do lado de fora da pequena casa de pedra.

Acho que Rhys pretendia nos atravessar para dentro dela, mas seus poderes tinham se esvaído. Do outro lado do pátio, vi Cassian — e Mor — na janela da casa, tomando café da manhã. Seus olhos se arregalaram, e depois eles dispararam para a porta.

— Feyre — gemeu Rhys, os braços nus cedendo conforme ele tentava ficar de pé.

Deixei Rhys deitado na lama e disparei para a casa.

A porta se escancarou, e Cassian e Mor corriam até nós, verificando cada centímetro de nossos corpos. Cassian percebeu que eu estava inteira e disparou para Rhys, que lutava para se levantar, a pele exposta coberta de lama, mas Mor... Mor viu meu rosto.

Fui até ela, com frio, vazia.

— Quero que me leve para algum lugar bem longe — falei. — Agora mesmo. — Eu precisava fugir, precisava pensar, ter espaço, silêncio e paz.

Mor examinou nós dois, mordendo o lábio.

— Por favor — pedi, e minha voz falhou à palavra.

Atrás de mim, Rhys gemeu meu nome de novo.

Mor observou meu rosto outra vez e segurou minha mão.

Nós sumimos em vento e noite.

A claridade me agrediu, e absorvi os arredores: montanhas e neve a nossa volta, fresca e reluzente à luz do meio-dia, tão limpa contra a terra em mim.

Estávamos no alto dos picos, e, a cerca de 100 metros, um chalé repousava, enfiado entre dois picos mais altos das montanhas, protegendo-o do vento. A casa parecia escura, não havia nada ao redor até onde eu enxergava.

— A casa está protegida, para que ninguém possa atravessar para dentro. Ninguém pode passar além deste ponto, na verdade, sem a permissão de nossa família. — Mor deu um passo adiante, a neve estalando sob as botas. Sem o vento, o dia estava ameno o bastante para me lembrar de que a primavera tinha chegado ao mundo, embora apostasse que estaria congelando depois que o sol se fosse. Segui Mor, e algo formigava em minha pele. — Você tem... permissão de entrar — disse Mor.

— Porque sou a parceira dele?

Ela continuou caminhando pela neve na altura dos joelhos.

— Adivinhou, ou ele contou?

— O Suriel me contou. Depois que fui caçá-lo buscando informação sobre como curar Rhys.

Ela xingou.

— Ele... ele está bem?

— Vai viver — respondi. Mor não fez mais perguntas. E não estava me sentindo generosa para fornecer mais informações. Chegamos à porta do chalé, a

qual Mor destrancou com um gesto de mão.

Um cômodo principal, com painéis de madeira, consistindo de uma cozinha à direita, e uma sala de estar com um sofá de couro coberto de peles à esquerda; e um pequeno corredor nos fundos que dava para dois quartos e um banheiro compartilhado, nada mais.

— Éramos mandados para cá para "refletir" quando éramos jovens — disse Mor. — Rhys costumava contrabandear para cá livros e bebida alcoólica para mim.

Eu me encolhi ao ouvir seu nome.

— É perfeito — assegurei, tensa. Mor gesticulou com a mão, e uma fogueira tomou vida na lareira; o calor inundou a sala. Comida apareceu nos balcões da cozinha, e algo nos canos rangeu. — Não precisa de lenha — disse ela. — Vai queimar até que você vá embora. — Mor ergueu uma sobrancelha como se para perguntar quando seria.

Virei o rosto.

— Por favor, não conte a ele onde estou.

— Ele vai tentar encontrá-la.

— Diga que não quero ser encontrada. Não por um tempo.

Mor mordeu o lábio.

— Não é de minha conta...

— Então, não diga nada.

Ela disse mesmo assim.

— Ele queria contar. E estava acabando com ele não o fazer. Mas... Eu nunca o vi tão feliz quanto como fica quando estão juntos. E não acho que essa felicidade tenha algo a ver com você ser parceira dele.

— Não me importo. — Mor ficou em silêncio, e consegui sentir as palavras que ela queria dizer se acumulando. Então, eu disse: — Obrigada por me trazer aqui. — Uma dispensa educada.

Mor fez uma reverência com a cabeça.

— Voltarei em três dias. Há roupas nos quartos, e toda a água quente que quiser. A casa é encantada para cuidar de você, apenas deseje ou fale de coisas, e tudo será feito.

Eu só queria solidão e silêncio, mas... um banho quente parecia uma boa forma de começar.

Mor deixou o chalé antes que eu conseguisse dizer mais alguma coisa.

Sozinha, sem ninguém por perto em quilômetros, fiquei na cabine silenciosa e encarei o nada.

PARTE TRÊS

A CASA DE NÉVOA

Capítulo 52

Havia uma banheira funda embutida no chão do chalé na montanha — grande o bastante para acomodar asas illyrianas. Eu a enchi com água quase escaldante, sem me importar com como a magia daquela casa operava, apenas que funcionava. Sibilando e me encolhendo, entrei.

Três dias sem um banho, e eu podia ter chorado ao sentir o calor e a limpeza.

Não importava que certa vez eu tivesse passado semanas sem banho — não quando conseguir água quente para isso no chalé de minha família era mais problemático do que valia a pena. Não quando sequer tínhamos uma banheira e eram precisos baldes e baldes de água para nos limparmos.

Eu me lavei com um sabonete escuro que tinha cheiro de fumaça e pinho, e, quando terminei, fiquei sentada ali, observando o vapor espiralar entre as poucas velas.

Parceira.

A palavra me afugentou do banho mais cedo do que eu queria, e me cercou enquanto eu colocava as roupas que encontrara em uma gaveta do quarto: *legging* preta, um suéter grande, cor de creme, que ia até o meio da coxa, e meias grossas. Meu estômago roncou e percebi que não comia desde o dia anterior, porque...

Porque ele estava ferido e eu tinha perdido a cabeça — ficado completamente louca — quando Rhys foi tirado de mim, abatido do céu como um pássaro.

Agi por instinto, por um impulso de proteger Rhys que vinha de um lugar tão profundo em mim...

Tão profundo em mim...

Encontrei um pote de sopa no balcão de madeira que Mor devia ter levado, e descobri uma panela de ferro para aquecê-la. Pão fresco e crocante estava perto do fogão, e comi metade enquanto esperava a sopa esquentar.

Ele suspeitara daquilo antes de que eu nos tivesse libertado de Amarantha.

Meu casamento... Rhys o interrompera para me poupar de um erro terrível, ou por interesse próprio? Porque eu era sua parceira, e permitir que eu me atasse a outra pessoa era inaceitável?

Jantei em silêncio, apenas com o crepitar do fogo como companhia.

E sob a barreira de meus pensamentos, um latejar de alívio.

Meu relacionamento com Tamlin estava condenado desde o início. Eu tinha partido — apenas para encontrar meu parceiro. Para ir até meu parceiro.

Se eu tentava poupar nós dois da vergonha, de boatos, somente... somente haver encontrado meu parceiro funcionaria.

Eu não era um lixo mentiroso e traidor. Nem de perto. Mesmo que Rhys... Rhys soubesse que eu era sua parceira.

Enquanto eu dividia a cama com Tamlin. Por meses e meses. Ele sabia que eu estava compartilhando a cama com Tamlin, e não deixara transparecer. Ou talvez não se importasse.

Talvez não quisesse o laço. Esperava que se desfizesse.

Eu não devia nada a Rhysand então... não tinha nada por que me desculpar.

Mas ele sabia que eu reagiria mal. Que me machucaria mais do que me ajudaria.

E se eu soubesse?

E se eu *soubesse* que Rhys era meu parceiro enquanto amava Tamlin?

Aquilo não desculpava o fato de ele não ter me contado. Não desculpava as últimas semanas, durante as quais me odiei tanto por desejar Rhys tão intensamente — quando ele deveria ter me contado. Mas... eu entendia.

Lavei a louça, limpei as migalhas da pequena mesa de jantar entre a cozinha e a sala de estar, e deitei em uma das camas.

Apenas na noite anterior, estava aninhada ao seu lado, contando as respirações de Rhys para me certificar de que ele não tinha parado de respirar. E na noite anterior a essa, estava nos braços dele, com seus dedos entre minhas pernas, a língua em minha boca. E agora... Embora o chalé estivesse quente, os lençóis estavam frios. A cama era grande; vazia.

Pela pequena janela de vidro, a propriedade coberta de neve ao meu redor brilhava azul ao luar. O vento parecia um gemido oco, soprando grandes e reluzentes tufos de neve para além do chalé.

Eu me perguntei se Mor teria contado a Rhys onde eu estava.

Se ele, de fato, iria atrás de mim.

Parceiro.

Meu parceiro.

A luz do sol refletida na neve me acordou, e semicerrei os olhos diante da claridade, me xingando por não ter fechado as cortinas. Precisei de um momento para me lembrar de onde estava; de por que estava naquele chalé isolado, no interior das montanhas de — não sabia que montanhas eram aquelas.

Rhys certa vez mencionara um retiro preferido que Mor e Amren tinham queimado até virar cinzas durante uma briga. Eu me perguntei se seria aquele; se

fora reconstruído. Tudo era confortável; gasto, mas relativamente em boas condições.

Mor e Amren sabiam.

Não conseguia decidir se eu as odiava por aquilo.

Sem dúvida, Rhys ordenara que ficassem quietas, e elas respeitaram seu desejo, mas...

Fiz a cama, preparei o café da manhã, lavei a louça e, depois, fiquei no centro da sala de estar.

Eu tinha fugido.

Exatamente como Rhys esperava que eu fugisse — como eu tinha dito a ele que qualquer um em sã consciência *teria* fugido dele. Como uma covarde, como uma tola, deixei Rhys ferido na lama gelada.

Tinha fugido dele — um dia depois de dizer que ele era a única coisa à qual eu jamais daria as costas.

Tinha exigido sinceridade e, no primeiro teste verdadeiro, nem mesmo deixara que Rhys a demonstrasse. Não dera a Rhys a consideração de ouvir seu lado.

Você me vê.

Bem, eu tinha me recusado a vê-lo. Talvez tivesse me recusado a ver o que estava bem diante de mim.

Tinha lhe dado as costas.

E talvez... talvez não devesse.

O tédio me atingiu no meio do dia.

Tédio supremo e inflexível, porque estava presa do lado de dentro enquanto ouvia a neve que derretia pingar morosamente do telhado no dia ameno de primavera.

Isso me deixou curiosa — e depois que terminei de revirar as gavetas e os armários dos dois quartos (roupas, fitas velhas, facas e armas entre elas, como se alguém as tivesse enfiado ali dentro e simplesmente esquecido), os armários da cozinha (comida, conservas, panelas e frigideiras, um livro de receitas manchado), e a sala de estar (cobertores, alguns livros, mais armas escondidas por *toda parte*), eu me aventurei na despensa.

Para o retiro de um Grão-Senhor, o chalé era... incomum, porque tudo tinha sido feito e decorado com esmero, mas... casualmente. Como se aquele fosse o único lugar ao qual todos pudessem ir, se jogar em camas e no sofá, e não ser ninguém além deles mesmos, se revezando na cozinha à noite e na caça e na limpeza e...

Família.

Parecia uma família; aquela que eu jamais tivera, nunca ousara desejar de verdade. Tinha parado de esperar por isso quando me acostumei com o espaço e a formalidade de morar em uma mansão. De ser um símbolo de um povo quebrado, o ídolo de ouro e a marionete de uma Grã-Sacerdotisa.

Abri a porta da despensa, e uma lufada de ar frio me cumprimentou, mas velas se acenderam, graças à magia que mantinha o lugar aconchegante. Prateleiras sem poeira (outro truque mágico, sem dúvida) brilhavam com mais comida armazenada. Livros, equipamento esportivo, mochilas e cordas e, surpresa, mais armas. Vasculhei tudo, aqueles resquícios de aventuras do passado e do futuro, e quase não vi quando passei por elas.

Meia dúzia de latas de tinta.

Papel e algumas telas. Pincéis velhos e salpicados de tinta de mãos preguiçosas.

Havia outros materiais de desenho e pintura — tintas pastel e aquarela, o que parecia ser carvão para desenho, mas... encarei a tinta, os pincéis.

Qual deles havia tentado pintar enquanto estava preso aqui, ou aproveitando umas férias com todos eles?

Eu disse a mim mesma que minhas mãos estavam trêmulas devido ao frio quando as estendi para a tinta e abri a tampa.

Ainda fresca. Provavelmente devido à magia que preservava o lugar.

Olhei para o interior escuro e reluzente da lata que tinha aberto: azul.

Então, comecei a pegar os materiais.

Pintei o dia todo.

E quando o sol sumiu, pintei a noite toda.

A lua tinha descido quando lavei as mãos e o rosto e o pescoço, e caí na cama, sem me incomodar em tirar a roupa antes de a inconsciência me levar embora.

Eu estava acordada, com o pincel na mão, antes que o sol da primavera pudesse voltar ao trabalho de descongelar as montanhas ao meu redor.

Parei apenas por tempo o bastante para comer. O sol se punha de novo, exausto devido à depressão que tinha causado à camada de neve do lado de fora, quando uma batida soou à porta da frente.

Coberta de tinta — com o suéter creme totalmente arruinado — congelei.

Outra batida, leve, mas insistente. Depois, um:

— Por favor, não esteja morta.

Não sabia se foi alívio ou desapontamento que fez meu peito afundar quando abri a porta e encontrei Mor soprando ar quente nas mãos em concha.

Ela olhou para a tinta em minha pele, em meus cabelos. Para o pincel em minha mão.

E, então, para o que eu tinha feito.

Mor entrou, vinda da noite fria de primavera, e soltou um assobio baixo quando fechou a porta.

— Bem, você certamente anda ocupada.

De fato.

Pintei quase todas as superfícies da sala principal.

E não apenas com grandes pinceladas de cor, mas com decorações — pequenas imagens. Algumas eram básicas: grupos de estacas de gelo caindo pelas laterais do portal. Elas se derretiam aos primeiros sinais de neve e, depois, se tornavam flores exuberantes de verão, antes de ficarem mais claras e mais intensas como folhas de outono. Eu tinha pintado um anel de flores ao redor da mesa de carteado, perto da janela; e folhas e chamas crepitantes em volta da mesa de jantar.

Mas entre as decorações intricadas, eu os tinha pintado. Pedaços de Mor e Cassian e Azriel e Amren... e Rhys.

Mor foi até a grande lareira, onde eu pintara a moldura superior de preto, ressaltado com veios de ouro e vermelho. De perto, era um trecho sólido e belo de tinta. Mas do sofá...

— Asas illyrianas — falou Mor. — Ah, eles nunca vão parar de se gabar disso.

Mas ela foi até a janela, a qual eu tinha emoldurado com mechas espiraladas de dourado, cobre e bronze. Mor levou o dedo ao cabelo, inclinando a cabeça.

— Bonito — elogiou ela, observando a sala de novo.

Os olhos de Mor recaíram sobre o portal que dava para o corredor dos quartos, e ela fez uma careta.

— Por que — disse ela — os olhos de Amren estão ali?

De fato, acima da porta, no centro do aro, eu tinha pintado um par de olhos prateados brilhantes.

— Porque ela está sempre vigiando.

Mor riu com escárnio.

— Isso não vai funcionar. Pinte meus olhos ao lado dos dela. Assim, os machos desta família saberão que nós *duas* estamos vigiando da próxima vez que vierem para cá se embebedar por uma semana seguida.

— Eles fazem isso?

— Costumavam fazer. — *Antes de Amarantha.* — Todo outono, os três se trancavam nesta casa durante cinco dias, e bebiam e bebiam e caçavam e caçavam,

então voltavam para Velaris parecendo quase mortos, mas sorrindo como tolos. Meu coração se aquece ao saber que, de agora em diante, precisarão fazer isso com Amren e eu encarando.

Um sorriso repuxou meus lábios.

— De quem é essa tinta?

— Amren — respondeu Mor, revirando os olhos. — Estávamos todos aqui um verão, e ela queria se ensinar a pintar. Fez isso durante uns dois dias, antes de se cansar e decidir começar a caçar pobres criaturas.

Uma risada silenciosa escapou de mim. Caminhei até a mesa, a qual eu tinha usado como superfície principal para misturar e organizar as tintas. E talvez eu fosse uma covarde, mas fiquei de costas para Mor ao dizer: — Alguma notícia de minhas irmãs?

Mor começou a vasculhar os armários, para procurar comida ou para avaliar o que eu precisava. Ela disse, por cima de um ombro: — Não. Ainda não.

— Ele está... ferido? — Eu o tinha deixado na lama gelada, ferido e limpando o veneno do organismo. Tentei não pensar nisso enquanto pintava.

— Ainda se recuperando, mas bem. Com raiva de mim, é claro, mas pode enfiar essa raiva naquele lugar.

Combinei o amarelo-dourado de Mor com o vermelho que tinha usado nas asas illyrianas, e misturei até que um laranja vibrante surgisse.

— Obrigada... por não contar a ele que eu estou aqui.

Um gesto de ombros. Comida começou a aparecer no balcão: pão fresco, frutas, potes com algo que eu conseguia cheirar do outro lado da cozinha e quase me fez gemer de fome.

— Mas você deveria conversar com ele. Fazer com que remoa isso, é claro, mas... ouça o lado dele. — Mor não me olhou ao falar. — Rhys sempre tem os motivos dele, e pode ser infernalmente arrogante, mas em geral está certo com relação aos próprios instintos. Comete erros, mas... Você deveria ouvi-lo.

Eu tinha decidido que ouviria, mas falei:

— Como foi sua visita à Corte dos Pesadelos?

Mor parou, o rosto ficou incomumente pálido.

— Boa. É sempre um prazer ver meus pais. Como você deve imaginar.

— Seu pai está melhorando? — Acrescentei o cobalto dos Sifões de Azriel ao laranja e misturei até que um marrom intenso surgisse.

Um pequeno sorriso sombrio.

— Devagar. Talvez eu tenha partido mais alguns ossos quando o visitei. Minha mãe me baniu dos aposentos particulares de ambos desde então. Uma pena.

Alguma parte selvagem de mim sorriu com prazer primitivo ao ouvir aquilo.

— Uma pena mesmo — ironizei. Acrescentei um pouco de branco-neve para clarear o marrom, verifiquei contra o olhar que Mor lançou para mim, e depois peguei um banquinho a fim de alcançar, e comecei a pintar o portal. — Rhys a obriga mesmo a fazer isso com frequência? Aturar as visitas a eles?

Mor se encostou no balcão.

— Rhys me deu permissão, no dia em que se tornou Grão-Senhor, para matar todos eles quando eu tivesse vontade. Vou a essas reuniões, vou à Corte dos Pesadelos para... lembrar-lhes disso às vezes. E para manter a comunicação entre nossas duas cortes, por mais difícil que seja. Se entrasse lá amanhã e matasse meus pais, ele não piscaria. Talvez fosse um inconveniente, mas... ficaria feliz.

Eu me concentrei na mancha de marrom-caramelo que pintava ao lado dos olhos de Amren.

— Sinto muito... por tudo que você suportou.

— Obrigada — agradeceu Mor, aproximando-se para me observar. — Visitá-los sempre me deixa nervosa.

— Cassian pareceu preocupado. — Outra pergunta intrometida.

Mor deu de ombros.

— Cassian, acho, também aproveitaria a oportunidade para destruir aquela corte inteira. Começando por meus pais. Talvez eu deixe que faça isso um ano, como presente. Para ele e para Azriel. Seria um presente perfeito de solstício.

Perguntei, talvez um pouco casualmente demais:

— Você me contou sobre a vez com Cassian, mas... e com Azriel, já...?

Uma risada afiada.

— Não. Azriel? Depois daquela vez com Cassian, jurei me afastar de todos os amigos de Rhys. Azriel não tem poucas amantes, no entanto, não se preocupe. Ele as mantém em segredo melhor que nós, mas... ele as tem.

— Então, se estivesse interessado, você...?

— A questão, na verdade, não seria eu. Seria ele. Eu poderia tirar a roupa bem na frente de Azriel, e ele não moveria um músculo. Talvez tenha enfrentado e provado que aqueles canalhas illyrianos estavam errados todas as vezes, mas não importa se Rhys o fizer príncipe de Velaris, Azriel vai se enxergar como um bastardo qualquer, e não se achará bom o bastante para ninguém. Principalmente eu.

— Mas... você *está* interessada?

— Por que está perguntando essas coisas? — A voz de Mor ficou tensa, afiada. Mais cautelosa do que eu jamais tinha ouvido.

— Ainda estou tentando entender como vocês trabalham juntos.

Um riso de escárnio, e aquela cautela se dissipou. Tentei não parecer aliviada.

— Temos cinco séculos de história complicada para você entender. Boa sorte.

De fato. Terminei os olhos dela: um pouco de castanho-mel nos olhos cor de mercúrio de Amren. Mas, quase em resposta, Mor declarou; — Pinte os de Azriel. Ao lado dos meus. E os de Cassian ao lado dos de Amren.

Ergui as sobrancelhas.

Mor me deu um sorriso inocente.

— Para todos podermos vigiar você.

Apenas sacudi a cabeça e desci do banquinho para começar a entender como pintar olhos cor de avelã.

— É tão ruim assim... ser a parceira dele? Ser parte de nossa corte, nossa família, com história complicada e tudo? — perguntou Mor, baixinho.

Misturei a pintura no pequeno prato, as cores se mesclando a tantas vidas misturadas.

— Não — sussurrei. — Não, não é.

E tive minha resposta.

Capítulo 53

Mor passou a noite ali e até chegou ao ponto de pintar uns bonecos palito rudimentares na parede ao lado da porta da despensa. Três fêmeas com cabelos absurdamente longos e oscilantes que se pareciam com os dela; e três machos alados, que, de alguma forma, Mor conseguiu fazer com que parecessem empertigados com senso de importância. Eu ria sempre que os olhava.

Mor partiu depois do café da manhã, precisando caminhar até onde o escudo que impedia a travessia terminava, e acenei para a silhueta distante e trêmula antes de ela sumir.

Olhei para a extensão branca reluzente, descongelada o bastante para que trechos vazios a pontuassem — revelando parte de grama branca como o inverno que se estendia até o céu azul e as montanhas. Eu sabia que o verão tinha de, em algum momento, chegar até mesmo àquela terra dos sonhos derretida, pois tinha visto varas de pesca e equipamento esportivo que sugeriam uso em tempo mais

quente, no entanto era difícil imaginar neve e gelo se tornando grama macia e flores selvagens.

Com a rapidez de uma crista de onda, eu me vi ali: correndo pelo campo que dormia sob a fina camada de neve, pisoteando a água dos pequenos córregos que já cobriam o chão, me banqueteando com frutas vermelhas de verão conforme o sol se punha atrás das montanhas...

Depois, eu iria para casa, para Velaris, onde finalmente passearia pelo quarteirão dos artistas e entraria naquelas lojas e galerias, e descobriria o que eles sabiam, e talvez — talvez um dia — abriria minha loja. Não para vender meu trabalho, mas para ensinar aos outros.

Talvez ensinar a outros que eram como eu: quebrados em alguns lugares e tentando lutar contra isso, tentando aprender quem eram além da escuridão e da dor. E eu iria para casa no fim de cada dia exausta, mas contente... realizada.

Feliz.

Eu iria para casa todo dia, para a casa na cidade, para meus amigos, cheios de histórias dos respectivos dias, e nos sentaríamos em volta daquela mesa e comeríamos juntos.

E Rhysand...

Rhysand...

Ele estaria lá. Ele me daria o dinheiro para abrir minha loja; e porque eu não cobraria de ninguém, venderia minhas pinturas para pagá-lo de volta. Porque eu pagaria de volta, parceiro ou não.

E ele estaria aqui no verão, voaria sobre o campo, me perseguiria pelos pequenos córregos, até a encosta da montanha íngreme e gramada. Rhys se sentaria comigo sob as estrelas, me daria frutas vermelhas de verão na boca. E estaria à mesa do solar, gargalhando alto — nunca mais seria frio e cruel e severo. Nunca mais seria o escravo ou a vadia de ninguém.

E à noite... À noite subiríamos as escadas juntos, e Rhys sussurraria histórias de suas aventuras, e eu sussurraria sobre meu dia e...

E aí estava.

Um futuro.

O futuro que eu via para mim, alegre como o nascer do sol sobre o Sidra.

Uma direção, uma meta e um convite para ver o que mais a imortalidade poderia me oferecer. Não parecia mais tão insípido, tão vazio.

E eu lutaria até o meu último suspiro para obtê-lo... para defendê-lo.

Então, eu soube o que precisava fazer.

Cinco dias se passaram, e pintei cada quarto do chalé. Mor atravessara com mais tinta antes de partir, com mais comida do que eu conseguiria comer.

Mas, depois de cinco dias, estava cheia de meus pensamentos como companhia... cheia de esperar, cheia da neve descongelando e pingando.

Ainda bem que Mor voltou naquela noite, batendo à porta, estrondosa e impaciente.

Eu tinha tomado um banho uma hora antes, limpara tinta de lugares que nem mesmo sabia ser possível sujar, e meus cabelos ainda secavam quando abri a porta para a lufada de ar frio.

Mas não era Mor que estava parada sob o portal.

Capítulo 54

Encarei Rhys.

Ele me encarou.

As bochechas de Rhys estavam coradas devido ao frio, os cabelos pretos caíam embaraçados, e ele realmente parecia estar *congelando* parado ali, com as asas recolhidas.

E eu sabia que, com uma palavra minha, Rhys sairia voando noite fria adentro. Que, se eu fechasse a porta, ele sairia e não insistiria.

As narinas de Rhys se dilataram, sentindo o cheiro da tinta atrás de mim, mas ele não deixou de me encarar. Esperando.

Parceiro.

Meu... parceiro.

Aquele macho lindo, forte, altruísta... Que se sacrificara e se destruíra pela família, pelo povo, e não achava que era digno, que *ele* não era digno de ninguém...

Azriel acreditava que não merecia alguém como Mor. E eu me perguntava se Rhys... se ele de alguma forma sentia o mesmo em relação a mim. Saí da frente, segurando a porta aberta para ele.

Podia jurar que senti um pulso de alívio que lhe fraquejou os joelhos por meio do laço.

Mas Rhys observou as pinturas que eu fizera, absorvendo as cores alegres que agora davam vida ao chalé, e falou: — Você nos pintou.

— Espero que não se importe.

Rhys avaliou o portal para o corredor do quarto.

— Azriel, Mor, Amren e Cassian — listou Rhys, observando os olhos que eu havia pintado. — Sabe que um deles vai pintar um bigode sob os olhos de quem o irritar primeiro.

Segurei os lábios para conter o sorriso.

— Ah, Mor já prometeu fazer isso.

— E quanto aos meus olhos?

Engoli em seco. Tudo bem. Sem enrolação.

Meu coração batia tão incontrolavelmente que eu sabia que Rhys conseguia ouvi-lo.

— Tive medo de pintá-los.

— Por quê?

Rhys me encarou de frente.

— Por quê?

Nada de jogos, nada de provocações.

— A princípio, porque eu estava muito irritada com você por não ter me contado. Depois, porque temia gostar demais deles e descobrir que você... não sentia o mesmo. E, depois, porque eu tinha medo de pintar e começar a desejar tanto que você estivesse aqui que simplesmente os encararia o dia todo. E parecia uma forma patética de passar meu tempo.

Ele contraiu os lábios.

— De fato.

Olhei para a porta fechada.

— Você voou até aqui.

Rhys assentiu.

— Mor não quis me dizer onde você estava, e existe um número limitado de lugares tão seguros quanto este. Como eu não queria que nossos amigos de Hybern me rastreassem até você, precisei fazer isso à moda antiga. Levou... um tempo.

— Você está... melhor?

— Completamente curado. Rapidamente, considerando o veneno de sangue. Graças a você.

Evitei seu olhar, me virando para a cozinha.

— Deve estar com fome. Vou esquentar alguma coisa.

Rhys esticou o corpo.

— Você... faria comida para mim?

— Esquentaria — esclareci. — Não sei cozinhar.

Não parecia fazer diferença. Mas o que quer que fosse, o ato de oferecer comida a ele... coloquei sopa fria em uma panela e acendi o fogão.

— Não conheço as regras — comecei, de costas para ele. — Então, precisa explicar para mim.

Ele ficou no centro do chalé, observando todos os meus movimentos. Rhys falou, rouco: — É um... momento importante quando uma fêmea oferece comida ao parceiro. Desde o tempo de quaisquer que fossem as bestas que nós fomos, há muito tempo. Mas ainda importa. A primeira vez importa. Alguns pares de parceiros tornam isso uma ocasião especial, dão uma festa só para que a fêmea possa formalmente oferecer comida ao parceiro... Isso em geral é feito entre os ricos. Mas significa que a fêmea... aceita a parceria.

Encarei a sopa.

— Me conte a história... conte tudo.

Rhys entendeu minha oferta: contar enquanto eu cozinhava, e eu decidiria no fim se ofereceria ou não aquela comida.

Uma cadeira arranhou o chão de madeira quando Rhys se sentou à mesa. Por um momento, houve apenas silêncio, interrompido pelo raspar de minha colher contra a panela.

Então, Rhys falou:

— Fui capturado durante a Guerra. Pelo exército de Amarantha.

Parei de mexer, meu estômago se revirou.

— Cassian e Azriel estavam em legiões diferentes, então, não faziam ideia de que minhas forças tinham sido feitas prisioneiras. E que os capitães de Amarantha nos detiveram durante semanas, torturando e matando meus guerreiros. Eles colocaram parafusos de freixo em minhas asas e tinham aquelas mesmas correntes da outra noite para me segurar. Aquelas correntes são um dos maiores trunfos de Hybern: pedra extraída das profundezas de suas terras, capaz de anular os poderes de um Grão-Feérico. Até mesmo os meus. Então, me acorrentaram entre duas árvores, me espancaram quando tinham vontade, tentaram me fazer dizer a eles onde estavam as forças da Corte Noturna, usando meus guerreiros, a morte e a dor deles, para me fazer ceder.

"Mas não cedi — continuou Rhys, a voz áspera. — E eles eram burros demais para saber que eu era illyriano, e tudo que precisavam fazer para me obrigar a me curvar era tentar cortar minhas asas. E talvez tenha sido sorte, mas jamais as cortaram. E Amarantha... Ela não se importava que eu estivesse lá. Era mais um filho de Grão-Senhor, e Jurian tinha acabado de assassinar a irmã dela. Amarantha só se importava com chegar até ele, com *matar* Jurian. Não fazia ideia de que, a cada segundo, a cada fôlego, eu planejava sua morte. Estava disposto a tornar aquilo minha resistência final: matar Amarantha a qualquer custo, mesmo que significasse destruir minhas asas para me libertar. Observei os guardas e aprendi os turnos de Amarantha; então, sabia onde ela estaria. Marquei um dia e um horário. E estava pronto, estava tão pronto para acabar com aquilo e esperar por Cassian e Azriel e

Mor do outro lado. Não havia nada além de meu ódio, e o alívio por meus amigos não estarem ali. Mas no dia anterior àquele que eu mataria Amarantha, em que faria minha resistência final e chegaria a meu fim, ela e Jurian se enfrentaram no campo de batalha."

Rhys parou, engolindo em seco.

— Eu estava acorrentado à lama, fui forçado a assistir enquanto eles batalhavam. Assistir Jurian dar meu golpe mortal. Mas... Amarantha o matou. Observei quando ela arrancou o olho de Jurian, e, depois, o dedo, e, quando Jurian estava caído de costas, eu a observei carregá-lo de volta ao acampamento. E ouvi Amarantha, devagar, ao longo de vários dias, esquartejar Jurian. Os gritos eram intermináveis. Ela estava tão concentrada em torturá-lo que não detectou a chegada de meu pai. Em meio ao pânico, matou Jurian, para não o ver em liberdade, e fugiu. Então, meu pai me resgatou e disse a seus homens, disse a Azriel, para deixar o freixo em minhas asas como punição por ter sido pego. Eu estava tão ferido que os curandeiros me informaram: se eu tentasse lutar antes de as asas se curarem, jamais voaria de novo. Então, fui obrigado a voltar para casa e me recuperar, enquanto as batalhas finais eram travadas.

"Eles fizeram o Tratado, e a muralha foi construída. Tínhamos libertado nossos escravos na Corte Noturna havia muito tempo. Não confiávamos nos humanos para guardar nossos segredos, não quando eles se reproduziam tão rápida e frequentemente que meus ancestrais não conseguiam conter todas as mentes ao mesmo tempo. Mas nosso mundo estava mudado, mesmo assim. Todos mudamos com a Guerra. Cassian e Azriel voltaram diferentes; eu voltei diferente. Nós viemos até aqui... para este chalé. Ainda estava tão ferido que me carregaram. Estávamos aqui quando chegaram as mensagens com os termos finais do Tratado.

"Eles ficaram comigo quando urrei para as estrelas que Amarantha, apesar do que tinha feito, de cada crime cometido, sairia impune. Que o rei de Hybern sairia impune. Muitas mortes tinham ocorrido dos dois lados para que todos fossem levados à justiça, disseram eles. Até mesmo meu pai me deu a ordem de esquecer,

de construir com vistas em um futuro de coexistência. Mas jamais perdoei o que Amarantha havia feito com meus guerreiros. E jamais esqueci também. O pai de Tamlin... era amigo dela. E, quando meu pai o matou, eu fiquei convencido de que talvez Amarantha tivesse sentido uma pontada do que eu vivenciara quando ela assassinou meus soldados."

Minhas mãos estavam trêmulas enquanto eu mexia a sopa. Jamais soubera... Jamais achei...

— Quando Amarantha voltou para esses lados, séculos depois, eu ainda queria matá-la. A pior parte era que ela nem mesmo sabia quem eu era. Nem mesmo lembrava que eu era o filho do Grão-Senhor, aquele que mantivera cativo. Para Amarantha, eu era apenas o filho do homem que matara seu amigo... era apenas o Grão-Senhor da Corte Noturna. Os outros Grão-Senhores estavam convencidos de que Amarantha queria paz e comércio. Apenas Tamlin desconfiou dela. Eu o odiava, mas ele conhecia Amarantha pessoalmente, e, se não confiava nela... Eu sabia que Amarantha não tinha mudado.

"Então, planejei matá-la. Não contei a ninguém. Nem mesmo a Amren. Deixei Amarantha pensar que eu estava interessado em comércio, em aliança. Decidi que iria à festa Sob a Montanha para que todas as cortes celebrassem nosso acordo de comércio com Hybern... E, quando Amarantha estivesse bêbada, eu entraria em sua mente, faria com que revelasse cada mentira e crime que cometera, e depois lhe transformaria o cérebro em líquido antes que alguém pudesse reagir. Eu estava pronto para ir à guerra por aquilo."

Eu me virei, encostada no balcão. Rhys olhava para as mãos, como se a história fosse um livro que ele pudesse ler entre elas.

— Mas ela pensou mais rápido, agiu mais rápido. Fora treinada contra minha habilidade em particular e tinha diversos escudos mentais. Eu estava tão ocupado trabalhando para abrir um túnel através deles que não pensei na bebida em minha mão. Não queria que Cassian, Azriel ou mais ninguém naquela noite testemunhasse

o que eu estava prestes a fazer, então ninguém se deu o trabalho de cheirar o líquido.

"Quando senti meus poderes sendo arrancados por aquele feitiço que Amarantha colocou na minha bebida durante o brinde, disparei-os uma última vez, apagando Velaris, os feitiços, tudo que era bom da mente dos feéricos da Corte dos Pesadelos, os únicos que tiveram permissão de me acompanhar. Projetei o escudo sobre Velaris, atando-o a meus amigos para que precisassem permanecer, ou arriscariam que aquela proteção desabasse, e usei as últimas gotas para contar a eles, pelas mentes, o que estava acontecendo, e para avisar que ficassem longe. Em alguns segundos, meu poder pertencia completamente a Amarantha."

Os olhos de Rhys se ergueram para os meus. Assombrados, tristes.

— Ela matou metade da Corte dos Pesadelos bem ali. Para me provar que podia. Uma vingança pelo pai de Tamlin. E eu soube... soube, naquele momento, que não havia nada que eu não faria para evitar o escrutínio de Amarantha sobre minha corte de novo. Evitar que olhasse por tempo demais para quem eu era e o que eu amava. Então, disse a mim mesmo que aquela era uma nova guerra, um tipo diferente de batalha. E, naquela noite, quando Amarantha voltou a atenção para mim, eu sabia o que ela queria. Eu sabia que o objetivo não era trepar comigo, mas se vingar do fantasma de meu pai. Mas, se era isso o que ela queria, então, era o que conseguiria. Eu a fiz implorar e gritar, e usei meus poderes restantes para tornar aquilo tão bom para Amarantha que ela quis mais. Desejou mais.

Segurei o balcão para evitar deslizar até o chão.

— Então, ela amaldiçoou Tamlin. E meu outro grande inimigo se tornou a brecha que poderia libertar todos nós. Todas as noites que eu passava com Amarantha, sabia que ela estava se perguntando se eu tentaria matá-la. Não podia usar meus poderes para feri-la, e ela tinha erguido proteções contra ataques físicos. Mas, durante cinquenta anos, sempre que eu estava dentro dela, pensava em matá-la. Amarantha não fazia ideia. Nenhuma. Porque eu era tão bom em meu trabalho que ela achava que eu também gostava. E começou a confiar em mim, mais do que

nos outros. Principalmente quando provei o que podia fazer com seus inimigos. Mas eu ficava feliz em fazê-lo. Eu me odiava, mas ficava feliz em fazê-lo. Depois de uma década, parei de esperar ver meus amigos ou meu povo de novo. Esqueci como eram seus rostos. E parei de ter esperanças.

Os olhos de Rhys brilharam prateado, e ele piscou para afastar a umidade.

— Há três anos — disse Rhys, baixinho —, comecei a ter esses... sonhos. A princípio, eram lampejos, como se estivesse vendo pelos olhos de outra pessoa. Uma lareira crepitando em um lar escuro. Um rolo de feno em um celeiro. Uma toca de coelhos. As imagens eram turvas, como olhar por vidro embaçado. Eram rápidas, um lampejo aqui e ali, a cada poucos meses. Não pensei muito nelas, até que uma das imagens foi a da mão de alguém... Uma linda mão humana. Segurando um pincel. Pintando... flores em uma mesa.

Meu coração deu um salto.

— E, nesse momento, mandei de volta um pensamento como mensagem. Do céu noturno, da imagem que me levava alegria quando eu mais precisava. O limpo céu noturno, estrelas e a lua. Não sabia se a mensagem tinha sido recebida, mas tentei mesmo assim.

Eu não tinha certeza se estava respirando.

— Aqueles sonhos, os lampejos daquela pessoa, daquela mulher... Eu os cultivava. Eram um lembrete de que havia alguma paz lá fora no mundo, alguma luz. Que havia um lugar, e uma pessoa, que tinha segurança o bastante para pintar flores em uma mesa. Eles se prolongaram durante anos, até... um ano atrás. Eu estava dormindo ao lado de Amarantha e acordei sobressaltado de um sonho... esse era mais nítido e mais claro, como se aquela névoa tivesse sido limpa. Ela... você estava sonhando. Eu estava em seu sonho, observando enquanto você tinha um pesadelo sobre uma mulher cortando sua garganta, enquanto era perseguida pelo Bogge... Não a conseguia alcançar, falar com você. Mas você estava vendo nosso povo. E percebi que a névoa provavelmente era a muralha, e que você... você estava agora em Prythian.

"Vi você por meio de seus sonhos e guardei as imagens, selecionando-as diversas vezes, tentando localizá-la, identificá-la. Mas tinha pesadelos tão horríveis, e as criaturas pertenciam a todas as cortes. Eu acordava com seu cheiro no nariz, e aquilo me assombrava o dia todo, cada passo. Mas, então, uma noite, você sonhou que estava de pé em meio àquele verde, vendo fogueiras apagadas para o Calanmai."

Havia um silêncio profundo em minha mente.

— Eu sabia que havia apenas uma comemoração tão grande; conhecia aquelas colinas... e sabia que você provavelmente estava lá. Então, contei a Amarantha... — Rhys engoliu em seco. — Contei a ela que queria ver a Corte Primaveril para a comemoração, para espionar Tamlin e ver se alguém tinha aparecido, desejando conspirar com ele. Estávamos tão perto do prazo da maldição que Amarantha se sentia paranoica, inquieta. Ela me disse para voltar com traidores. Eu prometi que o faria.

Os olhos de Rhys se ergueram para mim de novo.

— Cheguei lá e consegui sentir seu cheiro. Então, segui aquele cheiro, e... E lá estava você. Humana, completamente humana, e sendo arrastada por aqueles porcos de merda que queriam... — Rhys sacudiu a cabeça. — Pensei em matá-los bem ali, mas então eles a empurraram, e eu apenas... agi. Comecei a falar sem saber o que estava dizendo, apenas que você estava ali, e que eu a estava tocando e... — Ele expirou, estremecendo.

Aí está você. Estava a sua procura.

As primeiras palavras de Rhys para mim — não era mentira alguma, nem uma ameaça para manter aqueles feéricos longe.

Obrigado por encontrá-la para mim.

Tive a vaga sensação de que o mundo escorregava por baixo de meus pés como areia se afastando da praia.

— Você me olhou — disse Rhys —, e eu soube que você não tinha ideia de quem eu era. Que eu podia ter visto seus sonhos, mas você não tinha visto os meus.

E era apenas... humana. Era tão jovem e frágil e não tinha qualquer interesse em mim, e eu soube que, se eu ficasse por tempo demais ali, alguém me veria e relataria de volta, e ela encontraria você. Então, comecei a recuar, pensando que você ficaria feliz por se livrar de mim. Mas depois você me chamou, como se não conseguisse me deixar partir ainda, caso soubesse ou não. E eu sabia... Sabia que estávamos em território perigoso, de alguma forma. Sabia que jamais poderia falar com você, ou vê-la, ou pensar em você de novo.

"Não quis saber por que você estava em Prythian; não quis sequer saber seu nome. Porque vê-la em meus sonhos era uma coisa, mas pessoalmente... Naquele momento, bem no fundo, acho que eu sabia o que você era. E não me permiti admitir, porque, se havia sequer a mínima chance de você ser minha parceira... Eles teriam lhe feito coisas tão inomináveis, Feyre.

"Então, deixei que desse as costas. Disse a mim mesmo depois que você se foi que talvez... talvez o Caldeirão tivesse sido bondoso, e não cruel, por me permitir vê-la. Apena uma vez. Um presente pelo qual eu estava passando. E, quando você se foi, encontrei aqueles três porcos. Invadi suas mentes, remodelei suas vidas, as histórias, e os arrastei perante Amarantha. Fiz com que confessassem ter conspirado para encontrar outros rebeldes naquela noite. Fiz com que mentissem e alegassem que a odiavam. Observei Amarantha dilacerá-los enquanto ainda estavam vivos, alegando inocência. E gostei daquilo, porque sabia o que queriam fazer com você. E sabia que aquilo teria sido banal em comparação com o que Amarantha teria feito se a encontrasse."

Levei a mão ao pescoço. *Tive meus motivos para estar fora naquela noite*, dissera Rhys certa vez, Sob a Montanha. *Não pense, Feyre, que não me custou.*

Rhys continuou olhando para a mesa ao dizer:

— Eu não sabia. Que você estava com Tamlin. Que estava na Corte Primaveril. Amarantha me enviou naquele dia depois do Solstício de Verão porque eu fora tão bem-sucedido no Calanmai. Estava pronto para debochar de Tamlin, talvez começar uma briga. Mas, então, entrei naquela sala e o cheiro era familiar,

mas parecia oculto... E depois vi o prato, senti o encantamento e... Ali estava você. Morando na casa de meu segundo pior inimigo. Jantando com ele. Fedendo a ele. Olhando para ele como... Como se o amasse.

Os nós dos dedos de Rhys ficaram brancos.

— E decidi que precisava assustar Tamlin. Precisava assustar você e Lucien, mas, principalmente, Tamlin. Porque vi como ele a olhava também. Então, o que fiz naquele dia... — Os lábios de Rhys estavam pálidos, contraídos. — Invadi sua mente e a tomei por tempo o bastante para que você sentisse, para que a aterrorizasse, a ferisse. Obriguei Tamlin a implorar, como Amarantha me fizera implorar, para mostrar a ele o quanto era impotente para salvá-la. E rezei para que minha atuação bastasse para fazer com que Tamlin a mandasse para longe. De volta ao reino humano, para longe de Amarantha. Porque ela encontraria você. Se você quebrasse aquela maldição, ela a encontraria e a mataria.

"Mas fui tão egoísta, tão estupidamente egoísta, que não pude sair sem saber seu nome. E você estava me olhando como se eu fosse um monstro, e, depois, disse a mim mesmo que não importava mesmo. Mas você mentiu quando perguntei. Eu sabia que havia mentido. Tinha sua mente nas mãos, e você teve a ousadia e a precaução de mentir descaradamente. Então, dei as costas a você de novo. Vomitei as tripas assim que saí."

Meus lábios estremeceram, e eu os fechei com força.

— Verifiquei de novo uma vez. Para me certificar de que você tinha ido embora. Fui com eles no dia em que saquearam a mansão... para completar minha atuação. Disse a Amarantha o nome daquela garota, achando que você o teria inventado. Não fazia ideia... Não fazia ideia de que ela mandaria os subalternos atrás de Clare. Mas, se eu admitisse minha mentira... — Rhys engoliu em seco. — Invadi a mente de Clare quando a levaram Sob a Montanha. Tirei sua dor e disse para gritar quando fosse esperado. Então eles... eles fizeram aquelas coisas com ela, e tentei consertar, mas... Depois de uma semana, não conseguia deixar que continuassem. Que a ferissem mais. Então, enquanto a torturavam, entrei na mente

de Clare de novo e acabei com aquilo. Ela não sentiu nenhuma dor. Não sentiu nada do que fizeram com ela, mesmo no fim. Mas... Mas eu ainda a vejo. E meus homens. E os outros que matei por Amarantha.

Duas lágrimas escorreram pelas bochechas de Rhys, ligeiras e frias.

Ele não as limpou conforme disse:

— Achei que tivesse terminado depois daquilo. Com a morte de Clare, Amarantha acreditava que você estivesse morta. Então, você estava segura, e muito, muito longe, e meu povo estava seguro, e Tamlin tinha perdido, então... havia acabado. Nós estávamos acabados. Mas, depois... Eu estava nos fundos da sala do trono naquele dia em que o Attor a levou. E jamais conheci tal horror, Feyre, quanto ao assistir você fazer aquele acordo. Terror irracional e estúpido, eu nem a conhecia. Nem mesmo sabia seu nome. Mas pensei naquelas mãos de pintora, nas flores que a vi criar. E em como ela sentiria prazer ao quebrar seus dedos. Precisei assistir enquanto o Attor e seus seguidores a espancaram. Precisei observar o desprezo e o ódio em meu rosto enquanto me olhava, me observava ameaçar destruir a mente de Lucien. Então... então, descobri seu nome. Ouvir você pronunciá-lo... foi como a resposta para uma pergunta que eu fazia havia quinhentos anos.

"Decidi naquele momento que lutaria. E lutaria sujo, e mataria e torturaria e manipularia, mas lutaria. Se havia uma chance de nos libertar de Amarantha, era você. Pensei... Pensei que o Caldeirão estava me mandando aqueles sonhos para me dizer que seria você nossa salvadora. Salvadora de meu povo.

"Então, assisti a sua primeira tarefa. Fingindo... sempre fingindo ser aquela pessoa que você odiava. Quando se feriu tão gravemente contra o Verme... Encontrei o caminho até você. Uma forma de desafiar Amarantha, de semear esperança para aqueles que soubessem ler a mensagem, e uma forma de mantê-la viva sem parecer suspeito. E uma forma de me vingar de Tamlin... De usá-lo contra Amarantha, sim, mas... De me vingar dele por minha mãe e minha irmã, e por... ter

você. Quando fizemos aquele acordo, você estava tão cheia de ódio que eu sabia que tinha feito meu trabalho direito.

"Então, conseguimos suportar aquilo. Eu a obriguei a se vestir daquela forma para que Amarantha não suspeitasse, e fiz com que bebesse o vinho para que não se lembrasse dos horrores noturnos naquela montanha. E na última noite, quando encontrei vocês dois no corredor... Fiquei com ciúmes. Fiquei com ciúmes dele, e com raiva por ter usado aquela única chance de não ser notado não para libertá-la, mas para estar com você, e... Amarantha viu esse ciúme. Ela me viu beijá-la para esconder a prova, mas viu o motivo. Pela primeira vez, viu o motivo. Então, naquela noite, depois que deixei você, precisei... satisfazê-la. Amarantha me manteve lá por mais tempo que o habitual, tentando arrancar respostas de mim. Mas dei o que ela queria ouvir: que você não era nada, que era lixo humano, que eu a usaria e descartaria. Depois... quis ver você. Uma última vez. Sozinha. Pensei em contar tudo, mas quem eu tinha me tornado, quem você achava que eu era... Não ousei destruir aquele ardil.

"Sua última tarefa chegou, e... Quando ela começou a torturá-la, alguma coisa se partiu de uma forma que não pude explicar, apenas que ver você sangrando e gritando me devastou. Por fim, me destruiu. E eu soube, quando peguei aquela faca para matá-la... eu soube naquele momento o que você era. Soube que era minha parceira e estava apaixonada por outro macho, e tinha se destruído para salvá-lo, e isso... isso não importava. Se você morresse, eu morreria junto. Não podia parar de pensar nisso, de novo e de novo, conforme você gritava, enquanto eu tentava matar Amarantha: você era minha parceira, minha parceira, minha parceira.

"Mas, depois, ela partiu seu pescoço."

Lágrimas escorreram pelo rosto de Rhys.

— E eu a senti morrer — sussurrou ele.

Lágrimas escorriam por minhas bochechas.

— E aquela coisa linda e maravilhosa que tinha entrado em minha vida, aquela dádiva do Caldeirão... tinha partido. Em meu desespero, eu me agarrei àquele laço.

Não o do acordo, o acordo não era nada, o acordo era como uma teia de aranha. Mas me agarrei àquele laço entre nós, e *puxei*, e desejei que você se segurasse, que ficasse comigo, porque se pudéssemos ser livres... Se pudéssemos ser livres, então, nós sete estávamos lá. Poderíamos trazê-la de volta. E não me importava se eu precisasse dilacerar as mentes de todos para fazer isso. Eu os *obrigaria* a salvar você. — As mãos de Rhys tremiam. — Você nos tinha libertado com seu último suspiro, e meu poder... envolvi meu poder naquele laço. O laço da parceria. Conseguia senti-la tremeluzindo ali, segurando.

Meu lar. Meu lar ficava na outra ponta da ligação, fora o que eu disse ao Entalhador de Ossos. Não Tamlin, não a Corte Primaveril, mas... Rhysand.

— Então, Amarantha morreu, e falei com os Grão-Senhores, em suas mentes, convencendo-os a se apresentarem, a oferecerem aquela faísca de poder. Nenhum discordou. Acho que estavam chocados demais para dizer não. E... eu mais uma vez precisei ver Tamlin abraçar você. Beijar você. Queria ir para casa, para Velaris, mas precisava ficar, me certificar de que as coisas estivessem acontecendo como deviam, de que você estivesse bem. Então, esperei o máximo possível e lancei um puxão pelo laço. E você veio me encontrar.

"Quase contei naquele momento, mas... Você estava tão triste. E cansada. E, pela primeira vez, olhou para mim como... Como se eu tivesse algum valor. Então, prometi a mim mesmo que, da próxima vez que a visse, eu a libertaria do acordo. Porque era egoísta, sabia que se a libertasse naquele momento, ele a trancafiaria e eu jamais a veria de novo. Quando estava para deixá-la... Acho que transformar você em feérica fez o laço se encaixar permanentemente. Eu sabia que ele existia, mas me *atingiu* naquele momento, me atingiu com tanta força que entrei em pânico. Sabia que, se ficasse mais, ignoraria as consequências e a levaria comigo. E você me odiaria para sempre.

"Aterrissei na Corte Noturna quando Mor me esperava, e estava tão agitado, tão... descontrolado, que contei tudo a ela. Não a via em cinquenta anos, e minhas primeiras palavras para Mor foram: *Ela é minha parceira*. E durante três meses...

durante três meses, tentei me convencer de que você estava melhor sem mim. Tentei me convencer de que tudo o que eu tinha feito levara você a me odiar. Mas a sentia pela ligação, por seu escudo mental aberto. Sentia sua dor, sua tristeza e solidão. Sentia que lutava para escapar da escuridão de Amarantha da mesma forma que eu. Ouvi que se casaria com ele, e disse a mim mesmo que estava feliz. Eu deveria deixá-la ser feliz, mesmo que aquilo acabasse comigo. Mesmo que fosse minha parceira, havia merecido aquela felicidade.

"No dia do casamento, eu planejara cair de bêbado com Cassian, que não fazia ideia do motivo, mas... Mas, então, a senti de novo. Senti seu pânico e desespero, e ouvi implorar a alguém, qualquer um, para que a salvasse. Perdi a cabeça. Atravessei até o casamento e mal me lembrava de quem deveria ser, que papel deveria interpretar. Só podia ver você, naquele vestido de casamento idiota... tão magra. Tão, mas tão magra e pálida. E tive vontade de matar Tamlin por isso, mas precisava tirá-la dali. Precisava cobrar aquele acordo, apenas uma vez, para tirá-la de lá, ver se estava bem."

Rhys ergueu os olhos para mim, desolado.

— Fiquei arrasado, Feyre, ao mandar você de volta. Ao vê-la definhar, mês a mês. Fiquei arrasado por saber que ele compartilhava sua cama. Não apenas porque você era minha parceira, mas porque eu... — Rhys abaixou o olhar e, depois, ergueu-o para mim de novo. — Eu sabia... sabia que estava apaixonado por você no momento em que peguei a faca para matar Amarantha.

"Quando você finalmente veio para cá... decidi que não contaria. Nada. Não a libertaria do acordo, porque seu ódio era melhor que enfrentar as duas alternativas: que não sentia nada por mim, ou que... que talvez sentisse algo semelhante e, se eu me permitisse amá-la, você seria tirada de mim. Assim como minha família o foi, assim como meus amigos o foram. Então, não contei a você. Observei-a definhar. Até aquele dia... Aquele dia em que ele a trancafiou.

"Eu o teria matado se estivesse lá. Mas quebrei regras muito fundamentais quando a levei. Amren disse que, se eu fizesse com que você admitisse que somos

parceiros, manteria qualquer problema longe de nossa porta, mas... Não podia impor o laço a você. Não podia tentar seduzi-la para que aceitasse o laço também. Mesmo que isso desse permissão a Tamlin para que declarasse guerra contra mim. Você já tinha passado por tanta coisa. Não queria que pensasse que tudo que fiz foi para conquistá-la, apenas para manter meu território a salvo. Mas eu não conseguia... Não conseguia parar de estar com você, e de amar você, e de querer você. Ainda não consigo ficar longe."

Rhys se recostou, soltando um longo suspiro.

Devagar, eu me virei, para onde a sopa agora fervia, e servi uma concha em uma tigela.

Rhys observou cada passo que dei até a mesa, com a tigela fumegante nas mãos.

Parei diante dele, olhando para baixo.

E falei:

— Você me ama?

Rhys assentiu.

E me perguntei se amor seria uma palavra muito fraca para o que ele sentia, o que tinha feito por mim. Pelo que eu sentia por ele.

Coloquei a tigela diante de Rhys.

— Então, coma.

Capítulo 55

Observei Rhys consumir cada colherada, e seus olhos desviavam de mim para a sopa.

Quando ele terminou, soltou a colher.

— Não vai dizer nada? — indagou Rhys, por fim.

— Eu ia contar o que tinha decidido assim que o vi à porta.

Rhys se virou em minha direção na cadeira.

— E agora?

Ciente de cada respiração, de cada movimento, sentei em seu colo. As mãos de Rhys carinhosamente se apoiaram em meu quadril enquanto eu observava seu rosto.

— E agora quero que saiba, Rhysand, que amo você. Quero que saiba... — Os lábios dele tremiam, e limpei a lágrima que lhe escorreu pela bochecha. — Quero

que saiba que — sussurrei — que estou quebrada, e me curando, mas cada pedaço de meu coração pertence a você. E me sinto honrada, *honrada*, por ser sua parceira.

Os braços de Rhys me envolveram, e ele apoiou a testa em meu ombro com o corpo trêmulo. Acariciei os cabelos sedosos.

— Amo você — repeti. Não ousara dizer as palavras em minha mente. — E enfrentaria cada segundo daquilo de novo, para poder encontrá-lo. E, se a guerra vier, vamos enfrentá-la. Juntos. Não deixarei que me tirem de você. E não deixarei que o tirem de mim também.

Rhys ergueu o olhar, e seu rosto brilhava com lágrimas. Ele ficou imóvel quando me aproximei, beijando uma lágrima. Depois, outra. Como Rhys certa vez beijara minhas lágrimas.

Quando meus lábios estavam salgados por causa delas, eu me afastei o bastante para ver os olhos de Rhysand.

— Você é meu — sussurrei.

O corpo de Rhys estremeceu com o que podia ser um soluço, mas os lábios encontraram os meus.

Foi carinhoso... suave. O beijo que talvez Rhys me desse se tivéssemos tempo e espaço para nos conhecer em nossos mundos separados. Para cortejar um ao outro. Deslizei os braços em volta de seus ombros, abri a boca para Rhys, e sua língua deslizou para dentro, acariciando a minha. Parceiro... meu parceiro.

Rhys ficou rígido contra mim, e gemi em sua boca.

O som libertou qualquer que fosse o controle que Rhys tinha sobre si, e ele me pegou com um movimento fluido e me deitou de costas na mesa — em meio e sobre todas as tintas.

Rhysand intensificou o beijo, e entrelacei as pernas às costas dele, puxando-o para perto. Rhys tirou os lábios de minha boca, foi até meu pescoço e ali roçou os dentes e a língua pela pele, conforme deslizou as mãos por baixo de meu suéter e subiu mais e mais, até agarrar meus seios. Arqueei ao toque e ergui os braços quando Rhysand arrancou meu suéter com um movimento simples.

Ele recuou para me olhar; meu corpo estava nu da cintura para cima. Tinta encharcava meus cabelos, meus braços. Mas eu só conseguia pensar na boca de Rhys quando ela desceu até meu seio e o sugou, a língua acariciando meu mamilo.

Entrelacei os dedos pelos cabelos de Rhys, e ele apoiou a mão ao lado de minha cabeça — acertando uma paleta de tinta. Rhys soltou uma risada grave, e observei, sem fôlego, quando ele pegou aquela mão e traçou um círculo em volta de meu seio, e depois desceu, até pintar uma seta apontando para baixo, sob meu umbigo.

— Caso você esqueça onde isso termina — disse Rhys.

Grunhi para ele, uma ordem silenciosa, e Rhys gargalhou de novo, e a boca encontrou meu outro seio. Ele pressionou o quadril contra o meu, provocando — provocando tão terrivelmente que precisava tocá-lo, precisava apenas sentir *mais* de Rhys. Tinta cobria minhas mãos, meus braços, mas não me importei quando agarrei as roupas dele. Rhys se moveu o suficiente para permitir que eu as removesse, armas e armadura caíram no chão com um ruído, revelando aquele lindo corpo tatuado, os músculos poderosos e as asas agora despontando acima.

Parceiro... meu parceiro.

A boca de Rhys se chocou contra a minha, a pele exposta parecia tão quente contra a minha, e lhe segurei o rosto, sujando-o de tinta também. Sujei os cabelos de Rhys até que grandes mechas de azul e vermelho e verde descessem por ele. As mãos de Rhys encontraram minha cintura, e afastei o quadril da mesa para ajudá-lo a retirar minhas meias, minha calça.

Rhys recuou de novo, e soltei um ruído de protesto — que se abafou em um arquejo quando ele segurou minhas coxas e me puxou para a beira da mesa, em meio a tintas, pincéis e copos d'água, e depois prendeu minhas pernas por cima dos ombros, para que se apoiassem uma de cada lado daquelas lindas asas, e, em seguida, se ajoelhou diante de mim.

Ajoelhou sobre aquelas estrelas e montanhas pintadas nos joelhos. Rhys não se curvaria a ninguém e a nada...

Exceto a sua parceira. Por sua igual.

O primeiro toque da língua de Rhys me incendiou.

Quero que esteja deitada na mesa como meu banquete pessoal.

Rhys grunhiu em aprovação diante de meu gemido, meu gosto, e se libertou completamente sobre mim.

Com uma das mãos prendendo meu quadril à mesa, Rhys se dedicava a mim com carícias longas, curvas. E quando sua língua deslizou para dentro de mim, estiquei a mão para agarrar a borda da mesa, para me agarrar ao limite do mundo do qual eu estava muito perto de cair.

Rhys lambeu e beijou até chegar ao ápice de minhas coxas, exatamente quando os dedos substituíram a boca, impulsionando-se para dentro de mim enquanto ele sugava, com os dentes roçando muito de leve...

Arqueei o corpo, afastando-o da mesa, quando meu clímax o devastou, estilhaçando minha consciência em milhões de pedaços. Rhys continuou me lambendo, e seus dedos ainda se moviam.

— Rhys! — exclamei, rouca.

Agora. Eu o queria agora.

Mas Rhys permaneceu de joelhos, banqueteando-se em mim, com aquela mão me prendendo à mesa.

Alcancei o prazer de novo. E somente quando eu estava trêmula, quase soluçando, inerte de prazer, Rhys se levantou do chão.

Ele me olhou de cima a baixo, nua, coberta de tinta, o rosto e o corpo do próprio Rhys manchados com ela, e me deu um sorriso lento e satisfeito.

— Você é *minha* — grunhiu ele, e me pegou nos braços.

Eu queria a parede; queria que Rhys apenas me tomasse contra a parede, mas ele me carregou até o quarto que eu ocupava e me apoiou na cama com um carinho de partir o coração.

Completamente nua, observei Rhys desabotoar a calça, e seu tamanho considerável se libertou. Minha boca secou ao ver aquilo. Eu o queria, queria cada

glorioso centímetro de Rhys dentro de mim, queria agarrá-lo até que nossas almas se unissem.

Rhys não disse nada quando se aproximou de mim, as asas bem recolhidas. Ele jamais levara uma fêmea para a cama com as asas expostas. Mas eu era sua parceira. Rhys se curvaria apenas a mim.

E eu queria tocá-lo.

Aproximei o corpo, estendendo a mão por cima do ombro de Rhys para acariciar a poderosa curva de sua asa.

Rhys estremeceu, e vi seu pau contrair.

— Brinque depois — disparou Rhys.

Certo.

A boca de Rhys encontrou a minha, o beijo foi infinito e intenso, um choque de línguas e dentes. Rhys me deitou nos travesseiros, e entrelacei as pernas às costas dele, tomando cuidado com as asas.

Mas parei de me importar quando ele roçou à minha entrada. Parou.

— *Brinque depois* — grunhi contra a boca de Rhys.

Ele riu de uma forma que estremeceu meus ossos, e, depois, deslizou para dentro. E de novo. E de novo.

Mal consegui respirar, mal consegui pensar além de onde nossos corpos estavam unidos. Rhys ficou imóvel dentro de mim, permitindo que eu me ajustasse, e, então, abri os olhos e o vi me encarando.

— Diga de novo — murmurou Rhys.

Eu sabia o que ele queria dizer.

— Você é meu — sussurrei.

Rhys recuou levemente e, depois, impeliu o corpo de volta, devagar. Tão angustiantemente devagar.

— Você é meu — declarei, arquejando.

De novo, Rhys recuou e, depois, se impulsionou para frente.

— Você é meu.

De novo; mais rápido, mais profundo agora.

E eu senti, então, o laço entre nós, como uma corrente indestrutível, como um raio de luz inextinguível.

A cada impulso latejante, o laço ficava mais nítido e mais claro e mais forte.

— Você é meu — sussurrei, passando as mãos por seus cabelos, pelas costas, pelas asas de Rhys.

Meu amigo em meio a tantos perigos.

Meu amante, que tinha curado minha alma quebrada e exausta.

Meu parceiro, que esperara por mim contra todas as expectativas, apesar da sorte.

Movi os quadris ao ritmo de Rhys. Ele me beijou de novo e de novo, nossos rostos ficaram úmidos. Cada centímetro meu queimava e se retesava, e meu controle se perdeu completamente quando ele sussurrou:

— Amo você.

Alívio irrompeu por meu corpo, e Rhys se impulsionou contra mim, firme e rápido, atraindo meu prazer até que eu sentisse e visse e cheirasse aquele laço entre nós, até que nossos cheiros se *mesclassem*, e eu era dele e ele era meu, e éramos o início, o meio e o fim. Éramos uma canção cantada desde a primeira brasa de luz no mundo.

Rhys rugiu quando alcançou o prazer, me penetrando até a base. Do lado de fora, as montanhas tremeram, a neve restante farfalhava para fora delas em uma cascata de branco reluzente, apenas para ser engolida pela noite que esperava abaixo.

Silêncio caiu, interrompido apenas por nossas respirações ofegantes.

Segurei o rosto manchado de tinta de Rhys entre as mãos coloridas e o obriguei a me olhar.

Seus olhos estavam radiantes como as estrelas que eu pintara certa vez, havia muito tempo.

E sorri para Rhys quando deixei que aquele laço da parceria brilhasse nítido e luminoso entre nós.

Não sabia por quanto tempo tínhamos ficado deitados ali, nos tocando preguiçosamente, como se pudéssemos de fato ter todo o tempo do mundo.

— Acho que me apaixonei por você — murmurou Rhys, acariciando meu braço com o dedo — assim que percebi que estava afiando aqueles ossos para fazer uma armadilha para o Verme de Middengard. Ou talvez no momento em que me respondeu de volta por ter debochado de você. Me lembrou tanto de Cassian. Pela primeira vez em décadas, tive vontade de *gargalhar*.

— Você se apaixonou por mim — falei, inexpressiva — porque o lembrei de seu amigo?

Ele deu um peteleco em meu nariz.

— Eu me apaixonei por você, espertinha, porque era uma de nós, porque não tinha medo de mim e decidiu encerrar sua vitória espetacular ao atirar aquele pedaço de osso contra Amarantha como se fosse uma lança. Senti o espírito de Cassian ao meu lado naquele momento, e podia jurar que o ouvi dizer: *Se não se casar com ela, seu canalha idiota, eu me caso*.

Dei uma risada abafada, deslizando a mão coberta de tinta pelo peito tatuado. Tinta... certo.

Estávamos, os dois, cobertos de tinta. E a cama também.

Rhys acompanhou meus olhos e me deu um sorriso que era completamente malicioso.

— Que conveniente que a banheira seja grande o suficiente para dois.

Meu sangue ferveu, e me levantei da cama, apenas para que Rhys fosse mais rápido e me pegasse nos braços. Ele estava sujo de tinta, o cabelo formava uma crosta com ela, e as pobres e lindas asas... Eram as impressões de minhas mãos

nelas. Nu, Rhys me carregou até o banheiro, onde a água já estava caindo; a magia daquele chalé agia em nosso favor.

Ele desceu os degraus até a água, o chiado de prazer foi como um sopro de ar contra minha orelha. E talvez eu também tivesse gemido um pouco quando a água quente me atingiu e Rhys nos sentou na banheira.

Um cesto de sabonetes e óleos surgiu na borda de pedra, e me empurrei para longe de Rhys a fim de poder afundar mais na superfície. O vapor fluía entre nós; Rhys pegou uma barra daquele sabonete com cheiro de pinho, a entregou a mim e me deu um toalhete.

— Alguém, parece, sujou minhas asas.

Meu rosto corou, mas senti um aperto no estômago. Machos illyrianos e suas asas... tão sensíveis.

Girei o dedo para indicar que Rhys se virasse. Ele obedeceu, abrindo aquelas asas magníficas o suficiente para que eu encontrasse as manchas de tinta. Com cuidado, com muito cuidado, passei sabão na toalha e comecei a limpar o vermelho, o azul e o roxo.

A luz de velas dançava sobre as inúmeras e desbotadas cicatrizes de Rhys — quase invisíveis, exceto pelas partes mais espessas de membrana. Rhys estremeceu a cada movimento meu, as mãos estavam apoiadas na borda da banheira. Olhei por cima do ombro para ver a prova daquela sensibilidade, e falei:

— Pelo menos os boatos sobre a envergadura das asas corresponder ao tamanho de outras partes estavam certos.

Os músculos das costas de Rhys ficaram tensos quando ele soltou uma gargalhada.

— Que boca suja e travessa.

Pensei em todos os lugares em que queria colocar aquela boca e corei um pouco.

— Acho que eu estava me apaixonando por você havia um tempo — confessei, as palavras quase inaudíveis por cima dos pingos da água enquanto eu lavava as

lindas asas. — Mas soube na Queda das Estrelas. Ou cheguei perto de saber, e fiquei com tanto medo que não quis prestar mais atenção. Fui uma covarde.

— Tinha motivos perfeitamente aceitáveis para evitar isso.

— Não, não tinha. Talvez... graças a Tamlin, sim. Mas não tinha nada a ver com você, Rhys. *Nada* a ver com você. Jamais senti medo das consequências de estar com você. Mesmo que cada assassino do mundo nos cace... Vale a pena. *Você* vale a pena.

A cabeça de Rhys se curvou um pouco. Ele disse, rouco:

— Obrigado.

Meu coração se partiu para Rhys nesse momento, pelos anos que ele havia passado pensando o oposto. Beijei o pescoço nu, e ele levou a mão para trás até passar o dedo por minha bochecha.

Terminei as asas e segurei o ombro de Rhys a fim de virá-lo para mim.

— E agora? — Sem dizer nada, Rhys pegou o sabonete de minhas mãos e me virou, esfregando minhas costas, esfregando levemente com o tecido.

— Cabe a você — disse Rhys. — Podemos voltar para Velaris e pedir que uma sacerdotisa verifique o laço, ninguém como Ianthe, prometo, e seremos oficialmente declarados Parceiros. Podemos fazer uma pequena festa para comemorar, jantar com nosso... grupo. A não ser que prefira uma festa grandiosa, embora acredite que você e eu concordemos em nossa aversão a elas. — As mãos fortes de Rhys pressionaram músculos tensos e doloridos em minhas costas, e gemi. — Também podíamos ficar diante de uma sacerdotisa e sermos declarados marido e mulher, além de parceiros, se quer um nome mais humano para me chamar.

— Como *você* vai me chamar?

— Parceira — disse Rhys. — Embora chamá-la de mulher também soe muito atraente. — Os dedos de Rhys massagearam minha coluna. — Ou, se quiser esperar, podemos não fazer nada disso. Somos parceiros, não importa se isso é divulgado pelo mundo ou não. Então, não há pressa em decidir.

Eu me virei.

— Estava perguntando a respeito de Jurian, o rei, as rainhas e o Caldeirão, mas fico feliz por saber que tenho tantas opções no que diz respeito a nosso relacionamento. E que você fará o que eu quiser. Devo tê-lo nas mãos.

Os olhos de Rhys dançaram com diversão felina.

— Coisa cruel e linda.

Ri com escárnio. A ideia de que ele me achava bonita...

— Você é — insistiu Rhys. — É a coisa mais linda que já vi. Pensei isso assim que a vi no Calanmai.

E era algo muito, muito estúpido que beleza significasse qualquer coisa, mas... Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Isso é bom — acrescentou Rhys —, porque você achou que *eu* fosse o macho mais lindo que você já viu. Então, isso nos torna quites.

Fiz uma careta, e Rhys gargalhou, deslizando as mãos para agarrar minha cintura e me puxar para si. Ele se sentou no banco embutido na banheira, e montei nele, acariciando distraidamente os braços musculosos.

— Amanhã — falou Rhys, e as feições se tornaram sérias. — Partiremos amanhã para a propriedade de sua família. As rainhas mandaram notícias. Elas retornam em três dias.

Fiquei espantada.

— Está me contando isso só *agora*?

— Me distraí — respondeu Rhys, os olhos brilhando.

E a luz naqueles olhos, a alegria silenciosa... Elas me deixaram sem fôlego. Um futuro... teríamos um futuro juntos. *Eu* teria um futuro. Uma *vida*.

O sorriso de Rhys se dissolveu em algo espantado, algo... reverente, e estendi a mão para segurar seu rosto...

Então, vi que minha pele brilhava.

Levemente, como se alguma luz interior brilhasse sob minha pele, escorrendo para o mundo. Luz quente e branca, como a do sol; como uma estrela. Aqueles olhos cheios de assombro me encararam, e Rhys percorreu meu braço com o dedo.

— Bem, pelo menos agora posso me gabar de literalmente fazer minha parceira brilhar de felicidade.

Gargalhei, e o brilho ficou um pouco mais forte. Rhys se aproximou, me beijando suavemente, e me derreti por ele, envolvendo seu pescoço com os braços. Rhys ficou firme como uma rocha contra mim, empurrando enquanto eu me sentava, montada, bem acima dele. Seria preciso apenas um movimento suave para que entrasse em mim...

Mas Rhys ficou de pé na água, nós dois pingávamos, e entrelacei as pernas a sua volta quando ele nos levou outra vez ao quarto. Os lençóis haviam sido trocados pela magia doméstica da casa e pareciam quentes e macios contra meu corpo nu quando Rhys me deitou e me encarou. Brilhando... eu estava brilhando, forte e pura como uma estrela.

— Corte Diurna?

— Não me importa — declarou Rhys, a voz rouca, e tirou o encantamento que recaía sobre ele.

Era uma pequena magia, dissera Rhys certa vez, para conter quem ele era, qual era a aparência do seu poder.

Quando o mistério total de Rhys foi liberado, ele preencheu o quarto, o mundo, minha alma, com reluzente poder ébano. Estrelas e vento e sombras; paz e sonhos e o limiar afiado de pesadelos. Escuridão ondulou de Rhys como gavinhas de vapor quando ele estendeu a mão e a apoiou, aberta, contra a pele reluzente de minha barriga.

A mão da noite espalmada, a luz vazando pelas sombras vaporosas, e me apoiei no cotovelo para beijá-lo.

Fumaça e névoa e orvalho.

Gemi ao sentir aquele gosto, e Rhys abriu a boca para mim, me deixando roçar a língua contra a dele, passá-la por seus dentes. Tudo que Rhys era tinha sido exposto diante de mim — uma última pergunta.

Eu queria tudo.

Segurei seus ombros, guiando Rhys até a cama. E, quando ele se deitou de costas, vi o lampejo de protesto diante das asas esmagadas. Mas cantarolei:

— Bebê illyriano. — E passei as mãos pelo abdômen musculoso de Rhys... e além dele. Rhys parou de protestar.

Ele era enorme em minha mão: tão firme, mas tão sedoso que simplesmente passei o dedo, maravilhada. Rhys sibilou, o pênis tremeu quando passei o polegar pela cabeça. Dei um risinho quando o fiz de novo.

Rhys estendeu a mão para mim, mas eu o impedi com um olhar.

— Minha vez — avisei.

Rhys me deu um sorriso preguiçoso de macho antes de se recostar, levantando a mão para trás da cabeça. Esperando.

Desgraçado arrogante.

Então, me abaixei e o guiei para minha boca.

Rhys estremeceu diante do contato e soltou um *Merda*; então, ri sobre ele, mesmo ao tomá-lo mais fundo na boca.

As mãos de Rhys estavam agora em punhos nos lençóis, os nós dos dedos brancos conforme eu deslizava a língua por ele, roçando levemente com os dentes. O gemido de Rhys era como fogo em meu sangue.

Sinceramente, fiquei surpresa por ele ter esperado um minuto inteiro antes de me interromper.

Avançar era uma palavra melhor para o que Rhys fez.

Em um segundo, ele estava em minha boca, minha língua percorria aquela cabeça grossa; no seguinte, as mãos de Rhys estavam em minha cintura, e eu era virada de bruços. Ele abriu minhas pernas com os joelhos, separando-as enquanto segurava meu quadril, erguendo mais e mais antes de me penetrar profundamente com um único ímpeto.

Gemi no travesseiro a cada glorioso centímetro, erguendo o corpo sobre os antebraços conforme meus dedos agarravam os lençóis.

Rhys recuou e mergulhou de novo, a eternidade explodiu ao meu redor naquele instante, e achei que poderia me partir por não conseguir o suficiente dele.

— Olhe só para você — murmurou Rhys ao entrar em mim, e beijou a extensão de minha coluna.

Consegui me erguer o suficiente para ver onde estávamos unidos — ver a luz do sol brilhar de dentro de mim contra a noite ondulante, nos mesclando e unindo, crescendo. E ver aquilo me arrasou tão completamente que alcancei o prazer com o nome dele nos lábios.

Rhys me puxou contra si, uma das mãos agarrava meu seio enquanto a outra deslizava e acariciava aquele emaranhado de nervos entre minhas pernas, e não consegui distinguir o fim de um prazer do início do seguinte quando Rhys penetrou de novo e de novo, os lábios em meu pescoço, em minha orelha.

Eu podia morrer daquilo, decidi. De querer Rhys, do prazer de estar com ele.

Rhys nos virou, recuando apenas o suficiente para se deitar de costas e me puxar sobre o corpo.

Um lampejo na escuridão — um *flash* de dor remanescente, uma cicatriz. E entendi porque ele me queria daquele jeito, queria terminar daquele jeito, comigo montada nele.

Aquilo partiu meu coração. Eu me inclinei para a frente a fim de beijar Rhys, suave e carinhosamente.

Quando nossas bocas se encontraram, deslizei sobre Rhys, o encaixe ainda mais profundo, e ele murmurou meu nome contra minha boca. Beijei-o de novo e de novo, e o montei suavemente. Mais tarde — haveria outros momentos para ser firme e rápida. Mas agora... Não pensaria em por que aquela posição era uma na qual Rhys queria terminar, para que eu expulsasse a mancha na escuridão com a luz.

Mas eu brilharia... por ele, eu brilharia. Por meu futuro, eu brilharia.

Então, me sentei, com as mãos apoiadas no peito largo de Rhys, e liberei aquela luz em mim, deixando que ela afastasse a escuridão do que quer que tivesse sido feito a ele, meu parceiro, meu amigo.

Rhys grunhiu meu nome, impulsionando o quadril para cima. Estrelas dispararam quando ele me penetrou profundamente.

Acho que a luz que emanava de mim podia ser luz estelar, ou talvez minha visão tivesse se partido quando o prazer irrompeu em mim de novo e Rhys alcançou o próprio prazer, arquejando meu nome diversas vezes ao transbordar dentro de mim.

Quando terminamos, permaneci sobre Rhys, as pontas dos dedos enterradas em seu peito, e me maravilhei com ele. Conosco.

Ele puxou meu cabelo molhado.

— Precisaremos encontrar uma forma de abafar essa luz.

— Posso esconder as sombras com facilidade.

— Ah, mas só perde controle delas quando está irritada. E como tenho total intenção de fazê-la o mais feliz que alguém pode ser... Tenho a sensação de que precisaremos controlar esse brilho espantoso.

— Sempre pensando; sempre calculando.

Rhys beijou o canto de minha boca.

— Não tem ideia de quantas coisas já pensei no que diz respeito a você.

— Me lembro da menção a uma parede.

A risada de Rhys foi uma promessa sensual.

— Da próxima vez, Feyre, vou trepar com você contra a parede.

— Com tanta força que vai fazer os quadros caírem.

Rhys gargalhou.

— Mostre de novo o que pode fazer com essa boca safada.

Obedeci.

Era errado comparar, porque eu sabia que provavelmente todos os Grão-Senhores podiam evitar que uma mulher dormisse a noite inteira, mas Rhysand era...

faminto. Consegui talvez uma hora completa de sono à noite, embora, talvez, devesse compartilhar a culpa igualmente.

Não conseguia parar, não conseguia me saciar com seu gosto na boca, com a sensação de Rhys dentro de mim. Mais, mais, mais... até eu achar que podia explodir de tanto prazer.

— É normal — garantiu Rhys, depois de uma mordida no pão enquanto estávamos sentados à mesa para tomar café da manhã. Mal tínhamos chegado à cozinha. Rhys dera um passo para fora da cama, me fornecendo uma vista total das gloriosas asas, das costas musculosas e daquela linda bunda, e avancei nele. Rolamos no chão, e Rhys destruiu o belo tapete com as garras enquanto eu o cavalgava.

— O que é normal? — perguntei. Mal conseguia olhar para Rhys sem querer entrar em combustão.

— O... frenesi — respondeu ele, com cautela, como se com medo de que a palavra errada nos fizesse disparar um contra o outro antes de nutrirmos o corpo. — Quando um casal aceita o laço da parceria é... sobrepujante. De novo, desde a época das bestas que um dia fomos. Provavelmente tem algo a ver com se certificar de que a fêmea seja emprenhada. — Meu coração deu um salto ao ouvir aquilo. — Alguns casais não deixam a casa por uma semana. Machos ficam tão voláteis que pode ser perigoso para eles até mesmo aparecer em público. Já vi machos racionais e educados destruírem um cômodo porque outro macho olhou por tempo demais na direção de suas parceiras, logo depois de terem virado parceiros.

Expirei, sibilando. Outro cômodo destruído me veio à mente.

Rhys falou, baixinho, sabendo o que me assombrava:

— Gosto de acreditar que tenho mais controle que o macho comum, mas... Seja paciente comigo, Feyre, se eu parecer um pouco ansioso.

O fato de ele admitir aquilo...

— Não quer deixar esta casa.

— Quero ficar naquele quarto e trepar com você até ficarmos roucos.

E, rápido assim, eu estava pronta para ele, ardendo de desejo, mas... mas precisávamos partir. Rainhas. Caldeirão. Jurian. Guerra.

— Quanto à... gravidez — comentei.

Podia muito bem ter jogado um balde água fria sobre nós.

— Nós não... não estou tomando um tônico. Não tenho tomado, quero dizer.

Rhys soltou o pão.

— Quer começar a tomar de novo?

Se eu quisesse, se começasse naquele dia, anularia o que tínhamos feito na noite anterior, mas...

— Se sou parceira de um Grão-Senhor, espera-se que eu carregue seus filhos, não? Então, talvez eu não devesse.

— Não se espera que você carregue *nada* para mim — grunhiu Rhys. — Filhos são raros, sim. Muito raros e muito preciosos. Mas não quero que os tenha, a não ser que você queira, a não ser que *nós dois* queiramos. E agora, com essa guerra vindo, com Hybern... Admito que estou apavorado ao pensar em minha parceira grávida com tantos inimigos ao nosso redor. Apavorado pelo que *eu* possa fazer se você estiver grávida e em perigo. Ou ferida.

Algo apertado em meu peito se aliviou, mesmo quando um calafrio percorreu minhas costas ao considerar aquele poder, aquele ódio que eu vira na Corte Noturna, libertado sobre a terra.

— Então, começarei a tomar hoje, quando voltarmos.

Eu me levantei da mesa, com joelhos trêmulos, e fui para o quarto. Precisava tomar banho — estava coberta dele, minha boca tinha o gosto dele, apesar do café da manhã. Rhys falou baixinho, atrás de mim:

— Eu ficaria infinitamente feliz se você um dia me honrasse com filhos. Por compartilhar isso com você.

Eu me voltei para Rhys.

— Quero viver primeiro — falei. — Com você. Quero ver coisas e viver aventuras. Quero aprender o que é ser imortal, ser sua parceira, ser parte de sua

família. Quero estar... pronta para eles. E, por mais que seja egoísta, quero ter você todo para mim por um tempo.

O sorriso de Rhys foi carinhoso, doce.

— Leve o tempo que precisar. E, se eu tiver você inteira para mim pelo resto da eternidade, então, não vou reclamar.

Cheguei à borda da banheira antes de Rhys me pegar, me carregar para a água e fazer amor comigo, devagar e intensamente, em meio ao vapor que subia.

Capítulo 56

Rhys atravessou conosco até o acampamento illyriano. Não ficaríamos tempo o suficiente para corrermos riscos — e com dez mil guerreiros illyrianos nos cercando nos diversos picos, Rhys duvidava que alguém seria burro o suficiente para atacar.

Tínhamos acabado de aparecer na lama do lado de fora da pequena casa quando Cassian disse, atrás de nós: — Bem, já estava na hora.

O grunhido selvagem e descontrolado que Rhys emitiu era diferente de tudo que eu tinha ouvido, e segurei seus braços quando ele se virou para Cassian.

Cassian olhou para Rhys e riu.

Mas os guerreiros illyrianos no acampamento começaram a levantar voo, levando mulheres e crianças com eles.

— Viagem difícil? — Cassian prendeu o cabelo preto com uma faixa de couro desgastada.

Silêncio sobrenatural agora escorria de Rhys, de onde o grunhido tinha disparado apenas momentos antes. E para não ver Rhys transformar o acampamento em ruínas, eu disse: — Quando ele esmagar seus dentes para dentro da boca, Cassian, não venha chorando até mim.

Cassian cruzou os braços.

— O laço da parceria está deixando você irritadinho, Rhys?

Rhys não respondeu.

Cassian riu.

— Feyre não parece muito cansada. Talvez ela possa me montar...

Rhys explodiu.

Asas e músculos e dentes estalando, e os dois saíram rolando pela lama, punhos pelos ares, e...

E Cassian sabia exatamente o que estava dizendo e fazendo, percebi, quando chutou Rhys de cima dele, pois Rhys não tocou naquele poder que poderia ter derrubado as montanhas.

Ele vira a ansiedade nos olhos de Rhys e soube que precisava liberá-la antes de prosseguirmos.

Rhys também sabia. Por isso ele atravessou para lá primeiro... e não para Velaris.

Eram uma visão e tanto, dois illyrianos lutando na lama e nas pedras, ofegantes, cuspindo sangue. Nenhum dos outros illyrianos ousou pousar.

E não pousariam, percebi, até que Rhys tivesse acalmado o temperamento... ou deixado o acampamento de vez. Se o macho comum precisava de uma semana para se ajustar... O que seria preciso de Rhysand? Um mês? Dois? Um ano?

Cassian gargalhou quando Rhys lhe acertou um soco no rosto, e sangue jorrou. Cassian devolveu o soco, e encolhi o corpo quando a cabeça de Rhys disparou para o lado. Tinha visto Rhys lutar antes, controlado e elegante, e o vira com raiva, mas nunca tão... selvagem.

— Eles vão ficar nessa por um tempo — disse Mor, encostada ao portal da casa. Ela mantinha a porta aberta. — Bem-vinda à família, Feyre.

E achei que aquelas poderiam ser as palavras mais lindas que eu já ouvira.

Rhys e Cassian passaram uma hora se socando até a exaustão, e, quando voltaram arrastando os pés para a casa, ensanguentados, imundos, bastou apenas um olhar para meu parceiro para que eu desejasse seu cheiro e sensação.

Cassian e Mor imediatamente encontraram outro lugar para ir, e Rhys não se incomodou em tirar completamente minhas roupas antes de me curvar sobre a mesa da cozinha e me fazer gemer seu nome alto o bastante para que os illyrianos que ainda circundavam os céus nos ouvissem.

Mas, quando terminamos, a tensão nos ombros de Rhys e aquela contida nos olhos tinham sumido... E uma batida à porta de Cassian fez com que Rhys me entregasse um pano úmido para que eu me limpasse. Um momento depois, nós quatro tínhamos atravessado para a música e a luz de Velaris.

Para casa.

O sol mal tinha se posto quando Rhys e eu caminhamos de mãos dadas para a sala de jantar da Casa do Vento e encontramos Mor, Azriel, Amren e Cassian já sentados. Esperando por nós.

Ao mesmo tempo, eles se levantaram.

Ao mesmo tempo, olharam para mim.

Ao mesmo tempo, fizeram uma reverência.

Foi Amren quem disse:

— Vamos servir e proteger.

Cada um levou a mão ao coração.

Esperando... por minha resposta.

Rhys não havia me avisado, e me perguntei se as palavras deveriam vir de meu coração, ditas sem segundas intenções ou ardis. Então, eu as disse.

— Obrigada — agradeci, desejando que minha voz fosse firme. — Mas preferiria se fossem meus amigos antes da servidão e da proteção.

Mor falou, piscando um olho:

— Nós somos. Mas vamos servir e proteger.

Meu rosto corou, e sorri para eles. Minha... família.

— Agora que isso está definido — disse Rhys, atrás de mim —, podemos, por favor, comer? Estou morto de fome. — Amren abriu a boca com um sorriso sarcástico, mas ele acrescentou: — *Não* diga o que estava prestes a dizer, Amren. — Rhys lançou um olhar afiado a Cassian. Os dois ainda estavam cheios de hematomas, mas se curavam rápido. — A não ser que queira resolver isso no telhado.

Amren emitiu um estalo com a língua e me apontou com o queixo.

— Ouvi dizer que você criou presas na floresta e matou umas bestas hybernianas. Bom para você, garota.

— Na verdade, ela salvou a pele dele — revelou Mor, enchendo a taça de vinho. — O pobrezinho do Rhys acabou amarrado.

Ergui minha taça para que Mor a enchesse.

— Ele precisa mesmo ser excepcionalmente paparicado.

Azriel engasgou com o vinho e me encarou: com o olhar acolhedor, para variar. Até mesmo suave. Senti Rhys ficar tenso ao meu lado, e rapidamente desviei o rosto do mestre-espião.

Um olhar para a culpa nos olhos de Rhys me disse que ele estava arrependido. E lutava contra aquilo. Tão estranho, os Grão-Feéricos com as parcerias e os instintos primitivos. Tão destoante das tradições antigas e de seus ensinamentos.

Partimos para as terras mortais logo depois do jantar. Mor levou a esfera; Cassian carregou Mor, Azriel voou perto, e Rhys... Rhys me carregou firme, os braços fortes e determinados em volta de mim. Ficamos em silêncio conforme disparamos sobre a água escura.

Conforme seguíamos a fim de mostrar às rainhas o segredo que todos haviam sofrido tanto, por tanto tempo, para guardar.

Capítulo 57

A primavera por fim chegara ao mundo humano; açafrões e narcisos despontavam da terra descongelada.

Apenas a rainha mais velha e a de cabelos dourados vieram dessa vez.

Mas foram escoltadas pelo mesmo número de guardas.

Mais uma vez, usei meu vestido marfim esvoaçante e a coroa de penas de ouro, mais uma vez estava ao lado de Rhysand quando as rainhas e as sentinelas atravessaram para a sala de estar.

Mas agora Rhys e eu dávamos as mãos — sem hesitar, uma canção sem fim ou começo.

A rainha mais velha nos observou com os olhos inteligentes, viu nossas mãos, nossas coroas, e simplesmente se sentou sem que a convidássemos a fazê-lo, arrumando a saia do vestido esmeralda em volta do corpo. A rainha dourada permaneceu de pé por mais um momento, e a cabeça reluzente e cacheada se

inclinou levemente. Os lábios vermelhos se curvaram para cima quando ocupou o assento ao lado da companheira.

Rhys sequer abaixou a cabeça para elas ao dizer:

— Agradecemos por tomarem o tempo para nos ver de novo.

A rainha mais jovem apenas deu um curto aceno de cabeça, e o olhar âmbar passou para nossos amigos atrás de nós: Cassian e Azriel de cada lado das janelas recuadas, onde Elain e Nestha estavam de pé com as roupas mais finas, o jardim de Elain todo florido atrás de ambas. Os ombros de Nestha já eretos. Elain mordeu o lábio.

Mor estava do outro lado de Rhys, dessa vez usando azul-esverdeado que me lembrou das águas calmas do Sidra; a caixa ônix que continha a Veritas estava nas mãos bronzeadas.

A rainha idosa, avaliando todos nós com olhos semicerrados, soltou um suspiro.

— Depois de ter sido tão gravemente insultada da última vez... — Ela lançou um olhar incandescente na direção de Nestha. Minha irmã devolveu um olhar que era pura chama irredutível para a rainha. A idosa emitiu um estalo com a língua. — Debatemos durante muitos dias se deveríamos voltar. Como podem ver, três de nós acharam o insulto imperdoável.

Mentirosa. Culpar Nestha, tentar semear a discórdia entre nós pelo que ela tentara defender... Eu disse, com calma surpreendente:

— Se aquele foi o pior insulto que já ouviram em suas vidas, diria então que vão ficar muito chocadas quando a guerra vier.

Os lábios da mais jovem se contraíram de novo, olhos âmbar incandescentes... uma leoa encarnada. Ela me disse, ronronando:

— Então, ele conquistou seu coração no fim das contas, Quebradora da Maldição.

Encarei a rainha de volta enquanto Rhys e eu nos sentávamos em nossas poltronas; Mor passou para aquela ao meu lado.

— Não acho — comecei — mera coincidência que o Caldeirão tenha permitido que nos encontrássemos às vésperas do retorno de uma guerra entre nossos dois povos.

— O Caldeirão? E dois povos? — A rainha dourada brincou com um anel de rubi no dedo. — *Nosso* povo não evoca um Caldeirão; *nosso* povo não tem magia. Da forma como vejo, há *seu* povo, e o nosso. *Você* é pouco melhor que aqueles Filhos dos Abençoados. — Ela ergueu uma sobrancelha bem-cuidada. — *O que* acontece com eles quando atravessam a muralha? — A rainha inclinou a cabeça para Rhys, Cassian e Azriel. — Viram presas? Ou são usados e descartados, e deixados para envelhecer e morrer enquanto vocês permanecem jovens para sempre? Uma pena... é tão injusto que você, Quebradora da Maldição, tenha recebido o que todos aqueles tolos sem dúvida imploraram para obter. Imortalidade, juventude eterna... O que Lorde Rhysand teria feito se você envelhecesse, e ele não?

— Há um objetivo por trás de suas perguntas, além de ouvir a si mesma falar? — perguntou Rhys, impassível.

Uma risada baixa, e a rainha se voltou para a idosa, o vestido amarelo farfalhando com o movimento. A mulher mais velha apenas estendeu a mão enrugada para a caixa nos dedos finos de Mor.

— Essa é a prova que pedimos?

Não faça isso, meu coração começou a suplicar. *Não mostre a elas.*

Antes que Mor conseguisse sequer assentir, eu disse:

— Meu amor pelo Grão-Senhor não é prova suficiente de nossas boas intenções? A presença de minhas irmãs aqui não lhes diz nada? Há um anel de noivado de ferro no dedo de minha irmã, e, mesmo assim, ela está do nosso lado.

Elain parecia lutar contra a vontade de esconder a mão atrás da saia do vestido rosa-claro e azul, mas permaneceu altiva enquanto as rainhas a avaliavam.

— Eu diria que é prova da estupidez dela — disse a rainha dourada, com escárnio — estar noiva de um homem que odeia feéricos... e arriscar a união

associando-se a vocês.

— Não julgue algo sobre o qual não sabe *nada* — sibilou Nestha, com um veneno silencioso.

A rainha dourada cruzou as mãos sobre o colo.

— A víbora fala de novo. — Ela ergueu as sobrancelhas para mim. — Certamente seria sábio evitar que ela participasse desta reunião.

— Ela oferece a casa e arrisca a posição social para que tenhamos as reuniões — argumentei. — Tem o direito de ouvir o que é dito. De participar como representante do povo destas terras. As duas têm.

A idosa interrompeu a mais nova antes que ela pudesse responder, e, de novo, gesticulou com aquela mão enrugada para Mor.

— Mostre, então. Prove que estamos erradas.

Rhys deu um aceno sutil de cabeça para Mor. Não... não, não era certo. Mostrar a elas, revelar o tesouro que era Velaris, que era meu lar...

Guerra é sacrifício, disse Rhys em minha mente, pela pequena fenda que eu no momento mantinha aberta para ele. *Se não apostarmos Velaris, arriscamos perder Prythian... e mais.*

Mor abriu a tampa da caixa preta.

A esfera de prata do lado de dentro reluziu como estrela sob um vidro.

— Esta é Veritas — falou Mor, com uma voz que era jovem e velha. — O dom de meu primeiro ancestral para nossa linhagem. Apenas algumas vezes na história de Prythian nós a usamos, nós liberamos sua verdade sobre o mundo.

Mor ergueu a esfera do ninho de veludo. Não era maior que uma maçã madura e cabia dentro das palmas das mãos em concha de Mor, como se o corpo inteiro, todo o ser de Mor tivesse sido moldado para a esfera.

— Verdade é mortal. Verdade é liberdade. Verdade pode quebrar e consertar e unir. A Veritas contém a verdade do mundo. Eu sou Morrigan — disse Mor, com os olhos não totalmente terrenos. Os pelos em meu braço se arrepiaram. — Vocês sabem que falo a verdade.

Mor colocou a Veritas no tapete entre nós. As duas rainhas se aproximaram.

Mas foi Rhys quem disse:

— Desejam prova de nossa bondade, de nossas intenções, para que possam confiar o Livro em nossas mãos? — A Veritas começou a pulsar, uma teia de luz irradiando a cada pulso. — Há um lugar em minhas terras. Uma cidade de paz. E arte. E prosperidade. Como duvido que seus guardas ousem cruzar a muralha, mostrarei a vocês, mostrarei a verdade dessas palavras, mostrarei esse lugar dentro da própria esfera.

Mor estendeu a mão, e uma nuvem pálida rodopiou da esfera, unindo-se à luz do objeto quando passou flutuando por nossos tornozelos.

As rainhas se encolheram, e os guardas se aproximaram com as mãos nas armas. Mas as nuvens continuaram fluindo conforme a verdade daquilo, de Velaris, escorria da esfera, de onde quer que se originasse, de Mor, de Rhys. Da verdade do mundo.

E, na luz cinzenta, uma imagem surgiu.

Era Velaris, vista de cima — vista por Rhys, voando para a cidade. Um grão na costa, mas, conforme ele descia, a cidade e o rio se tornaram mais nítidos, vibrantes.

Então, a imagem deu uma guinada e fez uma curva, como se Rhys tivesse voado por Velaris naquela manhã mesmo. Ela disparou entre barcos e docas, além de lares e ruas e teatros. Além do Arco-Íris de Velaris, tão colorido e lindo sob o novo sol da primavera. Pessoas, felizes e reflexivas, boas e acolhedoras, acenavam para ele. Momento após momento, imagens dos Palácios, dos restaurantes, da Casa do Vento. Tudo — toda aquela cidade secreta e impressionante. Meu lar.

E eu podia jurar que havia amor naquela imagem. Não conseguia explicar como a Veritas comunicava aquilo, mas as cores... Entendi as cores, e a luz, o que elas passavam, o que a esfera, de alguma forma, captava de qualquer que fosse a ligação com as memórias de Rhys.

A ilusão se dissipou, e cor e luz e nuvens foram puxadas de volta para dentro da esfera.

— Essa é Velaris — disse Rhys. — Durante cinco mil anos, nós a mantemos em segredo de forasteiros. E agora vocês sabem. É isso que protejo com os boatos, com os sussurros, com o medo. Por que lutei por seu povo na Guerra, apenas para dar início ao meu suposto reino de terror depois que subi ao trono e me certifiquei de que todos ouvissem as lendas a respeito disso. Mas, se o custo de proteger minha cidade e meu povo é o desprezo do mundo, então, que seja.

As duas rainhas olhavam boquiabertas para o tapete, como se pudessem ver a cidade ali. Mor pigarreou. A rainha dourada, como se Mor tivesse latido, se assustou e soltou um lenço decorado no chão. Ela se abaixou para pegá-lo, as bochechas um pouco rosadas.

Mas a idosa ergueu o olhar para nós.

— Sua confiança é... valorizada.

Esperamos.

Seus rostos ficaram severos, insensíveis. E agradeci por estar sentada quando a mais velha acrescentou, por fim:

— Vamos considerar.

— Não há tempo para considerar — replicou Mor. — Cada dia perdido é mais um que Hybern se aproxima de destruir a muralha.

— Discutiremos entre nossas companheiras e os informaremos quando nos aprouver.

— Não entendem os riscos que estão tomando ao fazer isso? — perguntou Rhys, sem um pingo de condescendência. Apenas... apenas, talvez, choque. — Precisa dessa aliança tanto quanto nós.

A rainha idosa fez um gesto com os ombros frágeis.

— Achou que ficaríamos comovidas com sua carta, sua súplica? — A mulher indicou o guarda mais próximo com o queixo, e ele levou a mão à armadura para tirar de dentro dela uma carta dobrada. A idosa leu: — *Escrevo não como Grão-Senhor, mas como um macho apaixonado por uma mulher que um dia foi humana. Escrevo para implorar que aja rapidamente. Que salve seu povo, que ajude a salvar*

o meu. Escrevo para que um dia possamos encontrar a verdadeira paz. Para que eu possa, um dia, conseguir viver em um mundo no qual a mulher que amo possa visitar a família sem medo de ódio e reprimendas. Um mundo melhor. — A rainha soltou a carta.

Rhys escrevera a carta semanas antes... antes de nossa parceria. Não era uma exigência para que as rainhas nos encontrassem, mas uma carta de amor. Estendi a mão pelo espaço entre nós e peguei a mão dele, apertando-a suavemente. Os dedos de Rhys se apertaram sobre os meus.

Mas, então, a idosa disse:

— Quem sabe isso não é tudo alguma grande manipulação?

— O quê? — disparou Mor.

A rainha dourada assentiu em concordância e ousou dizer a Mor:

— Muitas coisas mudaram desde a Guerra. Desde suas supostas amizades com nossas ancestrais. Talvez não sejam quem dizem ser. Talvez o Grão-Senhor tenha entrado em suas mentes para nos fazer crer que você é a Morrigan.

Rhys ficou em silêncio; todos ficamos. Até que Nestha disse, baixinho:

— Essa é a conversa de mulheres loucas. De *tolas* arrogantes e estúpidas.

Elain tentou pegar a mão de Nestha para silenciá-la. Mas Nestha deu um passo adiante, com o rosto branco de ódio.

— Dê o Livro a eles.

As rainhas piscaram, enrijecendo o corpo.

Minha irmã disparou:

— *Dê o Livro a eles.*

E a rainha mais velha sibilou:

— *Não.*

A palavra ecoou dentro de mim.

Mas Nestha continuou e estendeu o braço, para nos indicar, indicar a sala, o mundo.

— Há pessoas inocentes aqui. Nestas terras. Se não querem arriscar as vidas contra as forças que nos ameaçam, então conceda a essas pessoas uma chance de lutar. Dê o Livro a minha irmã.

A velha emitiu um suspiro agudo pelo nariz.

— Uma evacuação pode ser possível...

— Você precisaria de dez mil navios — disse Nestha, a voz falhando. — Precisaria de uma armada. Fiz os cálculos. E, se estiver se preparando para a guerra, não enviará seus navios para nós. Estamos abandonados aqui.

A idosa segurou os braços polidos da poltrona quando se inclinou um pouco à frente.

— Então, sugiro pedir que um de seus machos alados a carregue pelo mar, garota.

Nestha engoliu em seco.

— Por favor. — Não achei que jamais ouviria aquela palavra da boca de Nestha. — Por favor, não nos abandone para enfrentar isso sozinhos.

A rainha mais velha permaneceu imóvel. Eu não tinha palavras na mente.

Tínhamos mostrado a elas... tínhamos... tínhamos feito tudo. Até mesmo Rhys estava em silêncio, o rosto, indecifrável.

Mas, então, Cassian caminhou até Nestha, e os guardas enrijeceram o corpo quando o illyriano passou por eles como se fossem talos de trigo em um campo.

Cassian observou Nestha por um longo momento. Ela ainda encarava as rainhas com raiva, os olhos cheios de lágrimas — *lágrimas* de ódio e desespero, daquele fogo que queimava tão violentamente por dentro. Quando Nestha finalmente reparou em Cassian, ergueu o olhar para ele.

A voz de Cassian estava rouca quando ele falou:

— Há quinhentos anos, lutei em campos de batalha não muito longe desta casa. Lutei ao lado de humanos e feéricos, sangrei ao lado deles. Ficarei de pé naquele campo de batalha de novo, Nestha Archeron, para proteger esta casa, seu povo. E

não consigo pensar em forma melhor de encerrar minha existência que defender aqueles que mais precisam.

Observei uma lágrima escorrer pela bochecha de Nestha. E observei Cassian estender a mão para limpá-la.

Nestha não se encolheu ao toque.

Não sabia por que, mas olhei para Mor.

Ela estava com os olhos arregalados. Não de ciúmes, ou de irritação, mas... algo talvez parecido com assombro.

Nestha engoliu em seco e, por fim, deu as costas a Cassian. Ele encarou minha irmã por mais um momento antes de encarar as rainhas.

Sem aviso, as duas mulheres se levantaram.

Mor indagou, também de pé:

— É uma quantia que querem? Digam seu preço, então.

A rainha dourada deu um riso de escárnio quando seus guardas as cercaram.

— Temos todas as riquezas de que precisamos. Agora voltaremos a nosso palácio para deliberar com nossas irmãs.

— Vocês já vão dizer que não — insistiu Mor.

A rainha dourada deu um risinho.

— Talvez. — Ela segurou a mão enrugada da idosa.

A rainha idosa ergueu o queixo.

— Agradecemos o gesto de sua confiança.

Então, elas se foram.

Mor xingou. E olhei para Rhys, meu coração se partiu, estava prestes a indagar por que não insistira, por que não dissera mais...

Mas os olhos de Rhys estavam na poltrona na qual a rainha dourada estivera sentada.

Abaixo dela, de alguma forma escondida pela volumosa saia enquanto a mulher estava sentada, havia uma caixa.

Uma caixa... que ela devia ter removido de onde quer que a estivesse escondendo quando se abaixou para pegar o lenço.

Rhys se dera conta. Tinha parado de falar para tirar as mulheres dali o mais rápido possível.

Como e onde ela contrabandeara aquela caixa de chumbo era a menor de minhas preocupações.

Não quando a voz da segunda e última parte do Livro tomou conta da sala e cantou para mim.

Vida e morte e ressurreição

Sol e lua e escuridão

Putrefação e florescência e ossos

Oi, coisinha doce. Oi, Senhora da noite, princesa da decomposição. Oi, besta de presas e corça trêmula. Me ame, me toque, me cante.

Loucura. Enquanto a primeira metade era inteligência calculista, aquela caixa... aquilo era o caos, e a desordem, e desgovernança, alegria e desespero.

Rhys suavemente pegou a caixa e a colocou na poltrona da rainha dourada. Ele não precisou de meu poder para abri-la... porque o feitiço de nenhum Grão-Senhor estava preso a ela.

Rhys abriu a tampa. Um bilhete estava sobre o metal dourado do livro.

Li sua carta. Sobre a mulher que ama. Acredito em você. E acredito em paz.

Acredito em um mundo melhor.

Se alguém perguntar, você roubou isto durante a reunião.

Não confie nas outras. A sexta rainha não estava doente.

Só isso.

Rhys pegou o Livro dos Sopros.

Luz e escuridão e cinza e luz e escuridão e cinza...

Ele disse para minhas duas irmãs, Cassian permanecendo próximo a Nestha:

— A escolha é de vocês, senhoras, se desejam ficar aqui, ou vir conosco. Ouviram falar da situação em curso. Fizeram os cálculos a respeito de uma

evacuação. — Um aceno de aprovação quando Rhys encontrou o olhar azul de Nestha. — Se escolherem ficar, uma unidade de meus soldados estará aqui em uma hora para guardar este lugar. Se desejarem vir morar conosco naquela cidade que acabamos de mostrar a elas, sugiro que façam as malas agora.

Nestha olhou para Elain, ainda em silêncio e de olhos arregalados. O chá que ela havia preparado... o chá mais fino e exótico que o dinheiro podia comprar, estava intocado na mesa.

Elain tocou o anel de ferro no dedo.

— A escolha é sua — disse Nestha, com suavidade incomum. Por ela, Nestha iria para Prythian.

Elain engoliu em seco, uma corça presa em uma armadilha.

— Eu... eu não posso. Eu...

Mas meu parceiro assentiu, carinhosamente. Com compreensão.

— As sentinelas estarão aqui, e permanecerão invisíveis e não serão sentidas. Elas se viram, não precisa se preocupar com elas. Se mudarem de ideia, uma delas estará à espera nesta sala todo dia ao meio-dia e à meia-noite para que falem. Meu lar é seu lar. As portas estão sempre abertas a vocês.

Nestha olhou de Rhys para Cassian e, depois, para mim. Desespero ainda empalidecia seu rosto, mas... ela fez uma reverência com a cabeça. E disse para mim:

— Foi por isso que pintou estrelas em sua gaveta.

Capítulo 58

Imediatamente voltamos para Velaris, sem confiar que as rainhas demorariam muito a perceber a ausência do Livro, principalmente se a vaga menção da sexta rainha poderia significar a existência de mais ardis entre elas.

Amren recebeu a segunda metade em minutos e nem mesmo se deu o trabalho de perguntar sobre a reunião antes de sumir para a sala de jantar da casa da cidade e fechar as portas atrás de si. Então, esperamos.

E esperamos.

Dois dias se passaram.

Amren ainda não desvendara o código.

Rhys e Mor partiram no início da tarde para visitar a Corte de Pesadelos — para devolver a Veritas a Keir sem que ele soubesse, e para se certificar de que o administrador estivesse de fato preparando suas forças. Cassian recebera relatórios de que as legiões illyrianas estavam agora acampadas pelas montanhas, esperando a ordem de voar para onde quer que nossa primeira batalha pudesse ser.

Haveria uma, percebi. Mesmo que anulássemos o Caldeirão usando o Livro, mesmo que *eu* conseguisse impedir aquele Caldeirão e o rei de usá-lo para destruir a muralha e o mundo, ele tinha exércitos reunidos. Talvez levássemos a briga até o rei depois que o Caldeirão fosse inutilizado.

Não recebemos notícias de minhas irmãs, nenhum relatório dos soldados de Azriel de que tinham mudado de ideia. Meu pai, lembrei, ainda fazia negócios no continente; com que tipo de mercadorias, só a Mãe sabia. Outra variável naquilo tudo.

E não houve notícias das rainhas. Era nelas que eu pensava com mais frequência. Na rainha duas-caras, de olhos dourados, com não apenas as cores de um leão, mas o coração de um leão também.

Esperava vê-la de novo.

Com Rhys e Mor fora, Cassian e Azriel foram se hospedar na casa conforme continuavam a planejar nossa inevitável visita a Hybern. Depois daquele primeiro jantar, quando Cassian abrira uma das garrafas de vinho *muito* antigas de Rhys para que pudéssemos comemorar minha parceria em grande estilo, percebi que eles vieram me fazer companhia, jantar comigo e... os illyrianos tinham passado a cuidar de mim.

Rhys disse isso naquela noite em que escrevi uma carta a ele e a vi desaparecer. Aparentemente, ele não se incomodava em deixar que os inimigos soubessem que estava na Corte dos Pesadelos. Se as forças de Hybern o rastreassem até lá... boa sorte para elas.

Eu havia escrito a Rhys: *Como digo a Cassian e Azriel que não preciso que eles me protejam? Companhia tudo bem, mas não preciso de sentinelas.*

Rhys escreveu de volta: *Não diga a eles. Imponha limites se eles os cruzarem, mas é amiga deles... e minha parceira. Eles a protegerão por instinto. Se expulsá-los da casa, vão simplesmente se sentar no telhado.*

Escrevi: *Vocês, machos illyrianos, são insuportáveis.*

Rhys apenas respondeu: *Que bom que compensamos isso com as envergaduras impressionantes das asas.*

Mesmo com Rhys do outro lado do território, meu sangue tinha esquentado, e meus dedos dos pés se contraíram. Mal consegui segurar a caneta por tempo o suficiente para escrever: *Sinto falta dessa envergadura impressionante em minha cama. Dentro de mim.*

Rhys respondeu: *Claro que sente.*

Sibilei, rabiscando: *Porco.*

Quase senti a risada de Rhys pelo laço — nosso laço de parceria. Rhys escreveu: *Quando eu voltar, visitaremos aquela loja do outro lado do Sidra, e você vai experimentar todas aquelas coisinhas de renda para mim.*

Caí no sono pensando naquilo, desejando que minha mão fosse a dele, torcendo para que Rhys terminasse na Corte dos Pesadelos e voltasse logo para mim. A primavera irrompia por todas as colinas e os picos em Velaris. Queria voar sobre as flores amarelas e roxas com ele.

Na tarde seguinte, Rhys ainda estava fora, Amren, ainda enterrada no livro, Azriel patrulhava a cidade e o litoral próximo, e Cassian e eu — entre tantas coisas — terminávamos de assistir a uma apresentação vespertina de alguma antiga sinfonia feérica reverenciada. O anfiteatro ficava do outro lado do Sidra, e, embora Cassian tivesse oferecido me levar voando, eu quis andar. Até mesmo meus músculos estavam gritando em protesto depois da lição cruel daquela manhã.

A música era linda — estranha, mas linda, escrita em uma época, dissera Cassian, em que humanos nem mesmo caminhavam sobre a terra. Ele achou a música intrigante, desafinada, mas... eu ficara hipnotizada.

Voltando a pé por uma das pontes principais sobre o rio, fazíamos companhia um ao outro em silêncio. Deixamos mais sangue com Amren — que agradeceu e nos mandou dar o fora de lá — e agora seguíamos para o Palácio de Linhas e Joias, onde eu queria comprar presentes para minhas irmãs, por terem nos ajudado. Cassian prometera mandá-los com o próximo batedor, enviado a fim de recuperar o relatório mais recente. Imaginei se ele aproveitaria para mandar algo a Nestha.

Parei no centro da ponte de mármore, e Cassian parou ao meu lado quando olhei para a água azul-esverdeada que corria suavemente. Eu conseguia sentir a direção da corrente abaixo, sal e água doce se entrelaçando, as algas oscilantes cobrindo o leito cheio de mexilhões, os ruídos de pequenas criaturas ligeiras sobre rocha e lama. Será que Tarquin conseguia sentir aquelas coisas? Será que dormia no palácio de sua ilha no mar e nadava pelos sonhos de peixes?

Cassian apoiou os antebraços no amplo parapeito de pedras; os Sifões vermelhos eram como poças vivas de chamas.

Eu disse, talvez porque fosse uma enxerida que gostava de me meter na vida dos outros:

— Significou muito para mim... o que você prometeu a minha irmã no outro dia.

Cassian deu de ombros, farfalhando as asas.

— Eu o faria por qualquer um.

— Também significou muito para ela. — Olhos de avelã se semicerraram levemente. Mas observei o rio casualmente. — Nestha é diferente da maioria das pessoas — expliquei. — Ela parece ser severa e cruel, mas acho que é uma parede. Um escudo... como aqueles que Rhys tem na mente.

— Contra o quê?

— Sentimentos. Eu acho que Nestha sente tudo... vê demais; vê e sente tudo. E ela queima por causa disso. Manter essa parede erguida ajuda a evitar que ela se sinta sobrepujada, que se importe demais.

— Ela mal parece se importar com mais alguém além de Elain.

Encarei Cassian, observando aquele rosto bonito e bronzeado.

— Ela nunca será como Mor — falei. — Nunca amará livremente e entregará esse amor a todos os que cruzem seu caminho. Mas os poucos com que se importar... acho que Nestha destruiria o mundo por eles. Ela se destruiria por eles. Ela e eu temos nossos... problemas. Mas Elain... — Minha boca se inclinou para o lado. — Ela jamais vai esquecer, Cassian, que você se ofereceu para defender Elain. Defender o povo dela. Enquanto viver, vai se lembrar dessa bondade.

Ele esticou o corpo, batendo os nós dos dedos contra o mármore liso.

— Por que está me dizendo isso?

— Eu só... achei que você deveria saber. Para quando a vir de novo e Nestha o irritar. O que tenho certeza de que acontecerá. Mas saiba que, bem no fundo, ela se sente grata, e talvez não tenha a habilidade de dizer isso. Mas o sentimento... o coração... está lá.

Parei, pensando se deveria insistir com Cassian, mas o rio fluindo sob nós mudou.

Não foi uma mudança física. Mas... um tremor na corrente, no leito rochoso, nas coisas ligeiras que rastejavam abaixo. Como se nanquim tivesse caído na água.

Cassian imediatamente ficou alerta enquanto eu verificava o rio, as margens de cada lado.

— Que diabo é isso? — murmurou ele. Cassian bateu no Sifão de cada mão com um dedo.

Fiquei boquiaberta quando uma armadura preta de escamas começou a se abrir e deslizar por seus pulsos, pelos braços, substituindo a túnica que estava ali. Camada após camada, cobrindo Cassian como se fosse uma segunda pele, fluindo até seus ombros. Os Sifões adicionais surgiram, e mais armadura se espalhou por seu pescoço, pelos ombros, o peito e a cintura. Pisquei, e a armadura tinha coberto as pernas de Cassian e, depois, os pés.

O céu estava limpo, as ruas, cheias de conversa e vida.

Cassian continuou observando, com uma lenta rotação ao redor de Velaris.

O rio abaixo de mim permaneceu constante, mas conseguia senti-lo se reunindo, como se tentasse se libertar de...

— Do mar — sussurrei. O olhar de Cassian disparou para a frente, para o rio diante de nós, para os penhascos altos ao longe, que marcavam as ondas revoltas onde o Sidra encontrava o oceano.

E ali, no horizonte, um borrão negro. Ágil, espalhando-se conforme se aproximava.

— Diga que são pássaros — pedi. Meu poder fluía nas veias, e fechei os dedos em punhos, desejando que o poder se acalmasse, se controlasse...

— Não há patrulha illyriana que deveria saber sobre este lugar... — disse Cassian, como se em resposta. O olhar se voltou para mim. — Vamos retornar agora mesmo.

O borrão negro se separou, fraturando-se em incontáveis figuras. Grandes demais para serem pássaros. Muito grandes. Eu disse:

— Você precisa soar o alarme...

Mas as pessoas já o faziam. Algumas apontavam, outras gritavam.

Cassian me segurou, mas saltei para trás. Gelo dançava nas pontas de meus dedos, vento urrava em meu sangue. Eu os derrubaria um a um...

— Chame Azriel e Amren...

Tinham chegado aos penhascos do mar. Inúmeras criaturas aladas de longos braços e pernas, algumas com soldados nos braços... Uma horda invasora.

— Cassian.

Mas uma lâmina illyriana surgiu na mão de Cassian, idêntica àquela a suas costas. Uma faca de luta agora reluzia na outra. Cassian as estendeu para mim.

— Volte para casa... agora mesmo.

Eu certamente não iria. Se estavam voando, eu poderia usar meu poder como vantagem: congelar suas asas, queimá-los, destruí-los. Mesmo que houvesse tantos, mesmo que...

Muito rápido, como se fosse carregada por um vento descontrolado, a força alcançou os limites externos da cidade. E disparou flechas sobre o povo, que gritava e corria para se abrigar nas ruas. Peguei as armas estendidas de Cassian, e os cabos de metal frio sibilaram sob as palmas de minhas mãos, quentes como uma forja.

Cassian ergueu a mão no ar. Luz vermelha explodiu do Sifão, disparando para cima e para longe — formando uma parede sólida no céu acima da cidade, diretamente no caminho daquela força invasora.

Ele trincou os dentes, grunhindo quando a legião alada se chocou contra o escudo. Como se Cassian tivesse sentido cada impacto.

O escudo vermelho translúcido se estendeu para mais longe, empurrando as forças...

Nós dois observamos com horror silencioso quando as criaturas avançaram contra o escudo, de braços estendidos...

Não eram apenas qualquer tipo de feérico. Qualquer magia que se acumulava em mim estremeceu e se extinguiu quando os vi.

Eram todos como o Attor.

Todos de braços e pernas longos, pele cinza, com focinhos viperinos e dentes afiados como lâminas. E, quando a legião daquelas criaturas se chocou contra o escudo de Cassian, como se fosse teia de aranha, vi nos braços cinzentos e esguios, manoplas daquela pedra azulada que eu vira em Rhys, reluzindo ao sol.

Pedra que quebrava e repelia magia. Direto do covil maldito do rei de Hybern.

Um após o outro, eles penetraram o escudo de Cassian.

Cassian lançou outra parede contra as criaturas. Algumas se afastaram da horda e se atiraram contra os arredores da cidade, vulneráveis fora do escudo. O calor que estava se acumulando em minhas palmas se dissipou em um suor grudento.

As pessoas gritavam, fugiam. E eu soube que os escudos de Cassian não dariam conta...

— *VÁ*! — rugiu Cassian. Disparei em movimento, sabendo que ele provavelmente permanecera ali porque eu tinha ficado; sabendo que ele precisava

de Azriel e Amren e...

Acima de nós, três das criaturas se chocaram contra o domo do escudo vermelho. Rasgando-o, destroçando camada após camada com aquelas manoplas de pedra.

Era isso que detinha o rei nos últimos meses: ele precisava reunir seu arsenal. Armas para combater magia, para combater Grão-Feéricos que se fiariam nelas...

Um buraco se abriu, e Cassian me atirou ao chão, me empurrando contra o parapeito de mármore, e suas asas se abriram sobre mim; suas pernas eram sólidas como faixas de rocha escavada às minhas costas...

Gritos na ponte, gargalhadas chiadas, então...

Um ruído aquoso e de algo sendo esmagado.

— Merda! — exclamou Cassian. — *Merda*...

Ele deu um passo adiante, e disparei de baixo de Cassian para ver o que era, quem era...

Sangue brilhou na ponte de mármore branco, reluzindo como rubis ao sol.

Ali, em um daqueles imponentes e elegantes postes de luz que ladeava a ponte...

O corpo estava quebrado, as costas arqueadas devido ao impacto, como se estivesse sentindo os espasmos da paixão.

Os cabelos dourados tinham sido tosados. Os olhos dourados tinham sido arrancados.

Ela estava estremecendo no local em que fora empalada no poste, o mastro de metal perfurava o torso esguio diretamente, sangue se agarrava ao metal acima.

Alguém na ponte vomitou e, depois, continuou correndo.

Mas eu não conseguia deixar de olhar para a rainha dourada. Ou para o Attor, que voou pelo buraco que tinha feito e se empoleirou no topo do poste ensopado de sangue.

— Cumprimentos — sibilou a criatura — das rainhas mortais. E de Jurian. — Então, o Attor levantou voo, rápido e ágil, seguindo diretamente para o distrito de teatros do qual tínhamos saído.

Cassian tinha me prendido de novo contra o chão da ponte... e disparou contra o Attor. Depois, parou, lembrando de mim, mas eu disse, rouca:

— Vá.

— Corra para casa. *Agora.*

Essa foi a ordem final; e o adeus de Cassian quando ele disparou pelo céu atrás do Attor, que já desaparecera para as ruas histéricas.

Ao meu redor, buraco após buraco era aberto naquele escudo vermelho, e as criaturas aladas entravam aos montes, soltando os soldados hybernianos que tinham carregado pelo mar.

Soldados de todas as formas e tamanho: feéricos inferiores.

A boca escancarada da rainha dourada se abria e se fechava como um peixe em terra firme. Salve-a, ajude-a...

Meu sangue. Eu poderia...

Dei um passo. O corpo da mulher ficou inerte.

E de onde quer que fosse que aquele poder em mim se originava, senti a morte da rainha passar em um sussurro.

Os gritos, as asas batendo, o farfalhar e o estampido de flechas irromperam no silêncio súbito.

Corri. Corri para meu lado do Sidra, para casa. Não confiava em mim para atravessar — mal conseguia pensar em meio ao pânico que latejava em minha mente. Eu tinha minutos, talvez, antes de que chegassem a minha rua. Minutos para chegar lá e levar o máximo de pessoas para dentro comigo. A casa estava encantada. Ninguém entraria, nem mesmo aquelas coisas.

Feéricos passavam às presas, corriam em busca de abrigo, de amigos e família. Cheguei ao fim da ponte, as colinas íngremes se erguiam...

Soldados hybernianos já ocupavam o topo daquela colina, os dois Palácios, rindo dos gritos, das súplicas, conforme invadiam prédios e arrastavam pessoas para fora. Sangue escorria pelos paralelepípedos, formando córregos.

Elas haviam feito aquilo. Aquelas rainhas tinham... entregado aquela cidade de arte e música e comida para aqueles... monstros. O rei devia ter usado o Caldeirão para quebrar os encantamentos.

Uma explosão estrondosa estremeceu o outro lado da cidade, e caí com o impacto; lâminas dispararam, mãos foram cortadas nos paralelepípedos. Eu me virei na direção do rio, me levantando com dificuldade, avançando para minhas armas.

Cassian e Azriel estavam, ambos, no céu agora. E onde eles voavam, aquelas criaturas aladas morriam. Flechas vermelhas e azuis disparavam deles, e aqueles escudos...

Escudos gêmeos de vermelho e azul se uniram, chiando, e se chocaram contra o restante das forças aéreas. Carne e asas foram destruídas, ossos derreteram...

Até que mãos encasuladas em pedra caíram do céu. Apenas mãos. Emitindo estampidos contra os telhados, levantando a água do rio. Era tudo o que restara deles: o que dois guerreiros illyrianos tinham conseguido fazer.

Mas havia inúmeros mais que já haviam pousado. Muitos. Telhados foram destruídos, portas, estilhaçadas, gritos subiam e depois se calavam...

Aquele não era um ataque para saquear a cidade. Era um extermínio.

E erguendo-se acima de mim, apenas alguns quarteirões abaixo, o Arco-Íris de Velaris estava banhado em sangue.

O Attor e as criaturas como ele convergiram para lá.

Como se as rainhas tivessem dito onde atacar; onde Velaris estaria mais vulnerável. O coração pulsante da cidade.

Fogo ondulava, fumaça negra manchava o céu...

Onde estava Rhys, onde estava meu parceiro...

Do outro lado do rio, trovão ecoou de novo.

E não eram Cassian ou Azriel que lutavam do outro lado do rio. Mas Amren.

As mãos finas só precisavam apontar e os soldados caíam — caíam como se as próprias asas falhassem. Eles se chocavam contra as ruas, se debatendo, engasgando, agitando as garras, gritando, assim como o povo de Velaris gritara.

Virei a cabeça para o Arco-Íris a alguns quarteirões de distância — desprotegido. Indefeso.

A rua diante de mim estava livre, a solitária passagem, segura pelo inferno.

Uma fêmea gritou dentro do quarteirão dos artistas. E eu descobri por onde tinha de ir.

Virei a lâmina illyriana na mão e atravessei para o Arco-Íris em chamas e ensanguentado.

Aquele era meu lar. Aquele era meu povo.

Se eu morresse defendendo-os, defendendo aquele pequeno lugar no mundo onde a arte florescia...

Então, que assim fosse.

E me tornei escuridão, e sombra, e vento.

Atravessei para o limite do Arco-Íris quando os primeiros soldados de Hybern viravam na esquina mais afastada, disparando para a avenida do rio, destruindo os cafés nos quais eu tinha me sentado e gargalhado. Não me viram até que eu estivesse sobre eles.

Até que minha espada illyriana partisse suas cabeças, uma após a outra.

Seis caíram atrás de mim, e, quando parei ao pé do Arco-Íris, encarando o fogo e o sangue e a morte... Muitos. Soldados demais.

Jamais conseguiria, jamais mataria todos...

Mas havia uma jovem fêmea, de pele verde e esguia, com um pedaço de cano velho e enferrujado erguido acima do ombro. Ela defendia o território diante da fachada da loja — uma galeria. As pessoas agachadas dentro da loja choravam.

Diante delas, rindo dos feéricos, do pedaço de metal erguido da fêmea, cinco soldados alados a circundavam. Brincando com ela, provocando.

Mesmo assim, a feérica defendia o local. Mesmo assim, sua expressão não se alterava. Pinturas e cerâmica estavam destruídas ao redor da mulher. E mais soldados pousavam, espalhando-se, massacrando...

Do outro lado do rio, trovão ecoou — Amren ou Cassian ou Azriel, eu não sabia.

O rio.

Três soldados me viram do alto da colina. Correram até mim.

Mas corri mais rápido, de volta ao rio ao pé da colina, até o melódico Sidra.

Atingi o limite do quarteirão, a água já estava manchada de sangue, e bati o pé, uma pisada forte.

Como se em resposta, o Sidra se ergueu.

Eu me curvei àquele poder estrondoso dentro de meus ossos, meu sangue e meu fôlego. Eu me tornei o Sidra, antigo e profundo. E dobrei o rio à minha vontade.

Ergui as lâminas. Desejando que o rio subisse mais, moldando-o, forjando-o.

Aqueles soldados hybernianos pararam imediatamente quando me virei na direção deles.

E lobos de água dispararam de trás de mim.

Os soldados se viraram, fugindo.

Mas meus lobos eram mais rápidos. *Eu* era mais rápida conforme corria com eles, no coração da matilha.

Lobo após lobo saiu rugindo do Sidra, tão colossais quanto aquele que um dia eu matara, disparando pelas ruas, correndo para cima.

Dei cinco passos até a matilha chegar aos soldados que provocavam a dona da loja.

Dei sete passos até a matilha os matar, água desceu pelas gargantas, afogando-os...

Alcancei os soldados, e minha espada cantou quando cortei as cabeças arquejantes dos corpos.

A dona da loja soluçou quando me reconheceu, a barra enferrujada ainda estava erguida. Mas a feérica assentiu — apenas uma vez.

Corri de novo, me perdendo entre os lobos d'água. Alguns dos soldados disparavam para o céu, batendo as asas para cima, recuando.

Então, cresceram asas e garras em meus lobos, e se tornaram falcões e gaviões e águias.

Eles se chocaram contra os soldados, as armaduras, encharcando-os. Os soldados no ar, ao perceber que não tinham se afogado, pararam de voar e gargalharam... debochando.

Ergui a mão para o céu e fechei os dedos em punho.

A água os encharcou, as asas, a armadura, os rostos... E virou gelo.

Gelo tão frio que existia antes da luz, antes de o sol aquecer a terra. Gelo de uma terra envolta em inverno, gelo de partes de mim que não sentiam piedade, nenhuma simpatia pelo que aquelas criaturas tinham feito e estavam fazendo com meu povo.

Congelados, dezenas de soldados alados caíram na terra de uma só vez. E se quebraram sobre os paralelepípedos.

Meus lobos avançavam ao meu redor, dilacerando e afogando e caçando. E aqueles que fugiam deles, aqueles que subiam aos céus — eles congelavam e se estilhaçavam; congelavam e se estilhaçavam. Até que as ruas estivessem cheias de gelo e sangue e pedaços quebrados de asa e pedra.

Até que os gritos de meu povo pararam, e os gritos dos soldados se tornaram uma canção em meu sangue. Um dos soldados se ergueu acima dos prédios de cores alegres... Eu o conhecia.

O Attor batia as asas, frenético, com sangue de inocentes cobrindo-lhe a pele cinza, as manoplas de pedra. Lancei uma águia de água contra ele, mas o Attor foi mais rápido, ligeiro.

Ele fugiu de minha águia, e de meu gavião, e de meu falcão, subindo mais, escalando o ar com as garras. Para longe de mim, de meu poder — de Cassian e de Azriel, que protegiam o rio e a maioria da cidade, longe de Amren, que usava qualquer que fosse o poder sombrio que possuía para lançar tantos deles ao chão sem ferimentos visíveis.

Nenhum de meus amigos viu o Attor subindo, voando para a liberdade.

Ele voltaria para Hybern — para o rei. Tinha escolhido ir até lá. Liderá-los. Por ódio. E eu não tinha dúvidas de que a rainha dourada, a leoa, tinha sofrido em suas mãos. Como Clare sofrera.

Onde está você?

A voz de Rhys soou distante em minha mente, pela fenda em meu escudo.

ONDE ESTÁ VOCÊ?

O Attor estava fugindo. A cada batida de meu coração, ele voava mais alto e mais longe...

ONDE...

Embainhei a espada illyriana e a espada de luta no cinto, e me atrapalhei ao pegar as flechas que tinham caído na rua. Disparadas contra meu povo. Flechas de freixo, cobertas em um veneno esverdeado familiar. Veneno de sangue.

Estou exatamente onde preciso estar, disse eu a Rhys.

E, então, atravessei para o céu.

Capítulo 59

Atravessei para um telhado próximo, com uma flecha de freixo em cada mão, verificando onde estava o Attor, batendo as asas, no alto...

FEYRE.

Disparei um escudo mental adamantino contra aquela voz; contra ele.

Agora não. Não nesse momento.

Conseguia sentir Rhys batendo vagamente contra aquele escudo. Rugindo contra ele. Mas nem mesmo ele conseguia entrar.

O Attor era *meu*.

Ao longe, correndo em minha direção, na direção de Velaris, uma escuridão poderosa devorou o mundo. Soldados em seu caminho não emergiam de novo.

Meu parceiro. Morte encarnada. A noite triunfante.

Vi o Attor de novo, desviando para o mar, na direção de Hybern, ainda sobre a cidade.

Atravessei, projetando minha consciência na direção dele como uma rede, perfurando de uma mente para a outra, usando o fio como uma corda, me guiando pelo tempo e pela distância e pelo vento...

Mirei o borrão oleoso da malícia da criatura, localizando meu próprio ser, minha concentração, no centro dele. Ele era um farol de corrupção e imundície.

Quando emergi do vento e das sombras, estava logo acima do Attor.

Ele gritou, e suas asas se curvaram quando me choquei contra ele. Quando mergulhei aquelas flechas envenenadas em cada asa, bem no músculo principal.

O Attor arqueou de dor, e a língua bifurcada partiu o ar entre nós. A cidade era um borrão abaixo, o Sidra, um mero córrego àquela altura.

Em um segundo, eu me enrosquei no Attor. Virei uma chama viva que queimava tudo que tocava, me tornei tão indestrutível quanto a parede adamantina em minha mente.

Gritando, o Attor se debateu contra mim, mas as asas, com aquelas flechas, presas em minhas mãos...

Queda livre.

Direto para o mundo. Para sangue e dor. O vento nos agredia.

O Attor não conseguia se desvencilhar de meu toque incandescente. Ou de minhas flechas envenenadas que espetavam suas asas. Aleijando-o. A pele em chamas do Attor fazia meu nariz arder.

Conforme caíamos, minha mão encontrou a adaga.

A escuridão que consumia o horizonte se aproximou em disparada — como se me visse.

Ainda não.

Ainda não.

Inclinei a adaga sobre a caixa torácica ossuda e alongada do Attor.

— Isso é por Rhys — sibilei contra a orelha pontuda da criatura.

A reverberação do aço sobre osso ressoou em minha mão.

Sangue prateado aqueceu meus dedos. O Attor gritou.

Arranquei a adaga, e sangue jorrou para cima, sujando meu rosto.

— Isso é por Clare.

Mergulhei a lâmina de novo, girando-a.

Já se podiam ver os vultos dos prédios. O Sidra corria vermelho, mas o céu estava vazio... livre de soldados. Assim como as ruas.

O Attor gritava e sibilava, xingava e suplicava, quando arranquei a lâmina.

Eu conseguia distinguir as pessoas, distinguir suas formas. O chão crescia ao nosso encontro. O Attor estava se contorcendo tão violentamente que fiz o possível para mantê-lo em minhas mãos quentes como forjas. Pele incandescente se soltou, voando acima de nós.

— E isso — sibilei, me aproximando para dizer as palavras ao ouvido do Attor, para sua alma pútrida. Deslizei a adaga uma terceira vez, me deliciando com ossos e carne se rasgando. — Isso é por *mim*.

Eu conseguia contar os paralelepípedos. Via a Morte chamando de braços abertos.

Mantive a boca ao lado da orelha do Attor, perto, como uma amante, conforme nosso reflexo em uma poça de sangue se tornava nítido.

— Vejo você no inferno — sussurrei, e deixei a lâmina na lateral do corpo dele.

O vento ondulou no sangue sobre os paralelepípedos a poucos centímetros de distância.

E atravessei para longe, deixando o Attor para trás.

Ouvi o estalo e o choque, mesmo conforme deslizava pelo mundo, impulsionada por meu poder e pela velocidade do mergulho. Emergi a poucos metros — meu corpo levou mais tempo que a mente para se adaptar.

Meus pés e minhas pernas cederam, e cambaleei de costas até a parede de um prédio pintado de rosa atrás de mim. Com tanta força que o gesso cedeu e rachou

contra minha coluna, meus ombros.

Ofeguei, trêmula. E na rua adiante — o que estava quebrado e escorrendo nos paralelepípedos... As asas do Attor eram uma destruição retorcida. Além disso, pedaços de armadura, ossos partidos e carne queimada eram tudo que restava.

A onda de escuridão, o poder de Rhysand, por fim chegou ao meu lado do rio.

Ninguém gritou diante da cascata de noite salpicada de estrelas que cortou toda a luz.

Achei que tivesse ouvido leves grunhidos e um arranhar — como se a escuridão tivesse buscado soldados ocultos, escondidos no Arco-Íris, mas, então...

A onda sumiu. Luz do sol.

Um esmagar de botas diante de mim, a batida e o sussurro de asas poderosas.

A mão em meu rosto, erguendo meu queixo conforme eu encarava e encarava a ruína destruída que era o Attor. Olhos violeta encontraram os meus.

Rhys. Rhys estava ali.

E... E eu tinha...

Ele se inclinou para a frente, com a testa coberta de suor, a respiração entrecortada. Rhys deu um beijo carinhoso em minha boca.

Para lembrar nós dois. Quem éramos, o que éramos. Meu coração gelado se descongelou, o fogo em meu estômago foi apaziguado por uma gavinha de escuridão, e a água escorreu de minhas veias de volta ao Sidra.

Rhys recuou, acariciando minha bochecha com o polegar. As pessoas choravam. Lamentavam-se.

Mas não se ouviu nenhum grito de terror. Nenhum derramamento de sangue ou destruição.

Meu parceiro murmurou:

— Feyre Quebradora da Maldição, defensora do Arco-Íris.

Abracei a cintura de Rhys e chorei.

E, mesmo enquanto a cidade dele chorava, o Grão-Senhor da Corte Noturna me abraçou até que eu por fim conseguisse encarar aquele mundo novo, encharcado

de sangue.

Capítulo 60

— Velaris está segura — disse Rhys, nas altas horas da noite. — Os encantamentos que o Caldeirão tirou foram refeitos.

Não tínhamos parado a fim de descansar até então. Durante horas, trabalhamos, assim como o resto da cidade, para curar, para emendar, para caçar respostas de qualquer forma possível. E, agora, estávamos todos reunidos de novo; o relógio soava 3 horas da manhã.

Eu não sabia como Rhys se aguentava em pé enquanto ele se encostava na lareira da sala de estar. Já eu quase caía no sofá ao lado de Mor, nós duas cobertas de terra e sangue. Como o restante deles.

Jogado em uma poltrona feita para asas illyrianas, Cassian exibia uma expressão arrasada e se curava devagar o bastante para que eu soubesse que tinha drenado o poder durante aqueles longos minutos em que defendera a cidade sozinho. Mas os olhos cor de avelã ainda brilhavam com as chamas do ódio.

Amren não parecia muito melhor. As roupas cinzentas da minúscula fêmea estavam praticamente em frangalhos, e a pele por baixo era pálida como neve. Quase dormindo no sofá diante de mim, ela se encostava em Azriel, que ficava lançando olhares alarmados para ela, mesmo que os próprios ferimentos sagrassem um pouco. No dorso das mãos cobertas de cicatrizes, seus Sifões azuis estavam apagados, mudos. Completamente vazios.

Enquanto eu ajudava os sobreviventes no Arco-Íris a cuidar dos feridos, a contar os mortos e a começar os consertos, Rhys vinha checar de vez em quando, enquanto reconstruía os encantamentos com qualquer poder que tivesse restado em seu arsenal. Durante uma de nossas breves pausas, Rhys me contou o que Amren tinha feito do lado dela do rio.

Com o poder sombrio, ela disparou ilusões para as mentes dos soldados. Eles acreditavam que tinham caído no Sidra e estavam se afogando; acreditavam que voavam milhares de quilômetros acima e tinham mergulhado, rápidos e ligeiros, para a cidade — apenas para encontrar a rua a poucos metros, e terem os crânios esmagados. Sobre os mais cruéis, os mais vis, Amren liberou os próprios pesadelos — até que morressem de terror, os corações cedendo.

Alguns haviam caído no rio, bebendo o próprio sangue, que se esvaía enquanto se afogavam. Alguns tinham desaparecido de vez.

— Velaris pode estar segura — respondeu Cassian, sem se dar o trabalho de levantar a cabeça de onde ela repousava contra o encosto da poltrona. — Mas por quanto tempo? Hybern sabe sobre este lugar, graças àquelas rainhas. Para quem mais vão vender a informação? Quanto tempo teremos até que outras cortes venham xeretar? Ou até que Hybern use aquele Caldeirão de novo para derrubar nossas defesas?

Rhys fechou os olhos, os ombros estavam tensos. Eu já conseguia ver o peso que recaía sobre aquela cabeça de cabelos pretos.

Odiava acrescentar ao fardo, mas falei:

— Se todos formos a Hybern para destruir o Caldeirão... quem defenderá a cidade?

Silêncio. Rhys engoliu em seco.

Amren disse:

— Eu fico. — Cassian abriu a boca para protestar, mas Rhys olhou lentamente para a imediata. Amren o encarou de volta ao acrescentar: — Se Rhys precisar ir a Hybern, então sou a única de vocês que pode guardar a cidade até que ajuda chegue. Hoje foi uma surpresa. Uma ruim. Quando partirem, estaremos melhor preparados. Os novos encantamentos que fizemos não cairão tão facilmente.

Mor soltou um suspiro.

— Então, o que fazemos agora?

— Dormimos. Comemos — respondeu Amren, simplesmente.

E foi Azriel quem acrescentou, com a voz rouca em consequência da cólera da batalha: — E depois retaliamos.

Rhys não foi deitar.

E, quando saí do banho, a água cheia de sujeira e sangue, ele não estava em lugar algum.

Mas procurei pelo laço entre nós e subi, arrastando os pés, as pernas rígidas reclamando de dor. Ele estava sentado no telhado, no escuro. As asas imensas se abriam atrás de Rhys, caindo sobre os azulejos.

Deslizei para seu colo, abraçando seu pescoço.

Ele olhava para a cidade à volta.

— Tão poucas luzes. Tão poucas luzes restantes esta noite.

Não olhei. Apenas tracei as linhas do rosto de Rhys e, depois, passei o polegar por sua boca.

— Não é culpa sua — garanti, em voz baixa.

Os olhos de Rhys se voltaram para os meus, mal visíveis na escuridão.

— Não é? Entreguei a cidade a elas. Disse que estava disposta a arriscá-la, mas... não sei quem odeio mais: o rei, aquelas rainhas ou a mim.

Eu lhe afastei os cabelos do rosto. Rhys pegou minha mão, impedindo os movimentos de meus dedos.

— Você me deixou de fora — sussurrou Rhys. — Você... fez um escudo contra mim. Completamente. Não consegui encontrar uma entrada.

— Desculpe.

Rhys soltou uma risada amarga.

— Desculpe? Sinta-se impressionada. Aquele escudo... O que você fez com o Attor... — Rhys sacudiu a cabeça. — Poderia ter sido morta.

— Vai me dar um sermão por isso?

Rhys franziu a testa. Depois, enterrou o rosto em meu ombro.

— Como poderia dar um sermão por defender meu povo? Quero brigar, sim, por não ter voltado para casa, mas... escolheu lutar por eles. Por Velaris. — Rhysand beijou meu pescoço. — Não mereço você.

Meu coração se apertou. Rhys foi sincero: se sentia realmente daquela forma. Acariciei seus cabelos de novo. E disse a Rhys, as palavras eram o único som na cidade silenciosa e escura: — Merecemos um ao outro. E merecemos ser felizes.

Rhys estremeceu contra mim. E quando seus lábios encontraram os meus, deixei que me deitasse nos azulejos do telhado e fizesse amor comigo sob as estrelas.

Amren desvendou o código na tarde seguinte. A notícia não era boa.

— Para anular o poder do Caldeirão — disse ela, como cumprimento, conforme nos reuníamos em volta da mesa de jantar na casa da cidade, depois de voltarmos às pressas dos reparos que estávamos todos fazendo, tendo dormido muito pouco —, é preciso tocar o Caldeirão e dizer estas palavras. — Ela as escrevera para mim em um pedaço de papel.

— Tem certeza disso? — perguntou Rhys. Ele ainda estava arrasado devido ao ataque, por ter curado e ajudado o povo o dia inteiro.

Amren sibilou.

— Estou tentando não me sentir ofendida, Rhysand.

Mor cutucou-os para abrir caminho, encarando os dois pedaços do Livro dos Sopros reunidos.

— O que acontece se juntarmos as duas metades?

— Não as junte — disse Amren, simplesmente.

Com cada pedaço disposto, as vozes se misturavam e cantavam e sibilavam — mal e bem e loucura; escuridão e luz e caos.

— Se unir as partes — esclareceu Amren, quando Rhys lhe lançou um olhar inquisidor —, a explosão de poder poderá ser sentida em todos os cantos e buracos da terra. Não vai apenas atrair o rei de Hybern. Vai atrair inimigos muito mais antigos e mais desprezíveis. Coisas que estão dormentes há muito tempo... e devem permanecer assim.

Eu me encolhi um pouco. Rhys colocou a mão em minhas costas.

— Então, atacamos agora — disse Cassian. O rosto havia se curado, mas Cassian mancava devido a um ferimento que eu não conseguia ver por baixo do traje de combate. Ele indicou Rhys com o queixo. — Como você não pode atravessar sem ser rastreado, Mor e Az atravessam com todos nós, Feyre quebra o Caldeirão, e nós partiremos. Entraremos e sairemos antes que qualquer um perceba, e o rei de Hybern terá uma nova panela.

Engoli em seco.

— Pode estar em qualquer lugar do castelo.

— Sabemos onde está — replicou Cassian.

Pisquei. Azriel disse, para mim:

— Conseguimos descobrir que ele está nos andares inferiores. — Por meio da espionagem, do planejamento para aquela *viagem* durante tantos meses. — Cada centímetro do castelo e da terra ao redor é pesadamente vigiado, mas não é

impossível passar. Calculamos o tempo para um pequeno grupo de nós entrar, rápida e silenciosamente, e sair antes que saibam o que está acontecendo.

— *Mas* o rei de Hybern poderia notar a presença de Rhys assim que ele chegar. E se Feyre precisar de tempo para anular o caldeirão, e não soubermos *quanto* tempo, essa é uma variável arriscada — argumentou Mor.

Cassian rebateu:

— Consideramos isso. Então, você e Rhys atravessarão conosco até a costa; voaremos, e ele fica. — Precisariam me atravessar, percebi, porque eu ainda não tinha a habilidade para fazer isso por longas distâncias. Pelo menos não com muitas paradas no meio. — E quanto ao encantamento — continuou Cassian —, é um risco que precisaremos correr.

Fez-se silêncio enquanto eles esperavam pela resposta de Rhys. Meu parceiro observou meu rosto, de olhos arregalados.

— É um plano sólido — insistiu Azriel. — O rei não conhece nossos cheiros. Destruímos o Caldeirão e sumimos antes que ele note... Será um insulto mais grave que a rota direta e sangrenta que estávamos considerando, Rhys. Nós os derrotamos ontem, então entrarmos naquele castelo... — A vingança realmente dançava naquele rosto normalmente plácido. — Deixaremos alguns lembretes de que ganhamos a última e maldita guerra por um motivo.

Cassian assentiu sombriamente. Até mesmo Mor sorriu um pouco.

— Está me pedindo — disse Rhys, por fim, calmo demais — para *ficar de fora* enquanto minha parceira entra na fortaleza do rei?

— Sim — respondeu Azriel, com igual calma, e Cassian se colocou levemente entre os dois. — Se Feyre não conseguir anular o Caldeirão fácil ou rapidamente, nós o roubaremos, enviaremos os pedaços de volta ao desgraçado quando terminarmos de destruí-lo. De toda forma, Feyre o chama pelo laço quando tivermos terminado, e você e Mor nos atravessam para fora. Não poderão rastreá-lo rápido o bastante se for apenas nos buscar.

Rhysand se sentou no sofá ao meu lado, por fim, suspirando. Ele desviou o olhar para mim.

— Se quiser ir, então vá, Feyre.

Se eu já não estivesse apaixonada por ele, poderia tê-lo amado por aquilo, por não insistir que eu ficasse, mesmo que aquilo enlouquecesse os instintos de Rhys, por não me trancafiar depois do que acontecera no dia anterior.

E percebi... percebi o quanto tinha sido maltratada antes se meus padrões tinham se tornado tão baixos. Se a liberdade que eu tinha recebido parecia um privilégio e não um direito inerente.

Os olhos de Rhys ficaram sombrios, e eu soube que ele lia o que eu pensava e sentia.

— Você pode ser minha parceira — começou Rhysand. — Mas ainda é uma pessoa independente. Decide seu destino, faz suas escolhas. Não eu. Você escolheu ontem. Escolhe todos os dias. Para sempre.

E talvez ele só entendesse porque Rhysand também estivera impotente, sem escolhas, fora forçado a fazer coisas muito terríveis, e trancafiado. Trancei meus dedos nos dele e apertei. Juntos... juntos encontraríamos nossa paz, nosso futuro. Juntos lutaríamos por eles.

— Vamos para Hybern — decidi.

Eu estava no meio das escadas, uma hora depois, quando percebi que ainda não fazia ideia de para que quarto ir. Tinha usado meu quarto desde que tínhamos voltado do chalé, mas... e o dele?

Com Tamlin, ele ficara com o próprio quarto e dormia no meu. E supus... supus que seria igual.

Eu estava quase na porta do quarto quando Rhysand falou, atrás de mim: — Podemos usar seu quarto se quiser, mas... — Ele se inclinava contra a porta aberta

do próprio quarto. — Ou o seu ou o meu, mas vamos dividir um de agora em diante. Apenas me diga se eu deveria passar minhas roupas para o seu. Se não tem problema para você.

— Não quer... não quer seu próprio espaço?

— Não — respondeu Rhys, diretamente. — A não ser que você queira. Preciso que me proteja de nossos inimigos com seus lobos d'água.

Ri com deboche. Ele tinha me obrigado a contar essa parte da história várias vezes. Indiquei o quarto de Rhys com o queixo.

— Sua cama é maior.

E foi isso.

Entrei e encontrei minhas roupas já ali, um segundo armário agora ao lado do dele. Encarei a imensa cama e, depois, o espaço aberto ao nosso redor.

Rhys fechou a porta e foi até uma pequena caixa na mesa... e silenciosamente a entregou para mim.

Meu coração acelerou quando abri a tampa. A safira em formato de estrela reluziu à luz da vela, como se fosse um dos espíritos da Queda das Estrelas preso na pedra.

— O anel de sua mãe?

— Minha mãe me deu esse anel para me lembrar de que estaria sempre comigo, mesmo durante a pior parte de meu treinamento. E quando alcancei a maioridade, ela o tirou. Era uma herança de sua família, fora entregue de uma fêmea a outra durante muitos, muitos anos. Minha irmã ainda não tinha nascido, então, não o teria entregue a ela, mas... Minha mãe o deu à Tecelã. E então me disse que, se eu devesse me casar ou ter uma parceira, essa fêmea deveria ser esperta ou forte o bastante para recuperá-lo. E, se a fêmea não fosse qualquer dessas coisas, não sobreviveria ao casamento. Prometi a minha mãe que qualquer coisa em potencial ou parceira seria testada... Então, o anel ficou lá durante séculos.

Meu rosto corou.

— Você disse que era algo de valor...

— É. Para mim e para minha família.

— Então, minha viagem à Tecelã...

— Vital para que descobríssemos se você podia detectar esses objetos. Mas... escolhi o objeto por puro egoísmo.

— Então, ganhei meu anel de casamento sem nem ser perguntada se queria me casar com você?

— Talvez.

Inclinei a cabeça.

— Você... você quer que eu o use?

— Apenas se você quiser.

— Quando formos para Hybern... digamos que as coisas não deem certo. Alguém vai poder notar que somos parceiros? Poderiam usar isso contra você?

Ódio lampejou nos olhos de Rhys.

— Se nos virem juntos e puderem sentir nosso cheiro ao mesmo tempo, saberão.

— E se eu aparecer sozinha, usando um anel de casamento da Corte Noturna...

Rhys grunhiu baixinho.

Eu fechei a caixa, deixando o anel dentro.

— Depois que anularmos o Caldeirão, quero fazer tudo. Declarar a parceria, casar, dar uma festa idiota e convidar todos em Velaris, tudo isso.

Rhys pegou a caixa de minhas mãos e a colocou na cômoda, antes de me levar para a cama.

— E se eu quiser dar um passo além disso?

— Estou ouvindo — ronronei, quando Rhys me deitou nos lençóis.

Capítulo 61

Eu jamais usara tanto aço. Lâminas foram presas por todo o meu corpo, escondidas nas botas, nos meus bolsos internos. E ainda tinha a espada illyriana em minhas costas.

Apenas algumas horas antes, eu sentira uma felicidade tão sobrepujante depois de tanto horror e tristeza. Apenas algumas horas antes, eu estivera nos braços de Rhys enquanto ele fazia amor comigo.

E agora, Rhysand, meu parceiro e Grão-Senhor e igual, estava ao meu lado no vestíbulo, com Mor, Azriel e Cassian armados e prontos nas armaduras semelhantes a escamas, todos nós calados.

— O rei de Hybern é velho, Rhys, muito velho. Não se demore — dizia Amren.

Uma voz perto de meu peito sussurrou: *Oi, linda e travessa mentirosa.*

As duas metades do Livro dos Sopros, cada uma enfiada em um bolso diferente. Em uma delas, o feitiço que eu deveria dizer havia sido nitidamente escrito. Não ousei pronunciá-lo, embora o tivesse lido dezenas de vezes.

— Entraremos e sairemos antes que dê por nossa falta — disse Rhys. — Guarde bem Velaris.

Amren observou minhas mãos enluvadas e minhas armas.

— Aquele Caldeirão — disse ela — faz o Livro parecer inofensivo. Se o feitiço falhar, ou se não conseguirem movê-lo, então, *fujam*. — Assenti. Ela nos observou de novo. — Voem bem. — Supus que esse fosse o máximo de preocupação que Amren mostraria.

Nós nos viramos para Mor, cujos braços estavam estendidos, esperando por mim. Cassian e Rhys atravessariam com Azriel, meu parceiro seria deixado alguns metros fora da costa, antes que os illyrianos encontrassem Mor e eu segundos depois.

Eu me movi na direção dela, mas Rhys se colocou na minha frente, o rosto tenso. Fiquei nas pontas dos pés e o beijei.

— Ficarei bem, todos ficaremos bem. — Os olhos de Rhys encararam os meus durante o beijo, e, quando me afastei, o olhar dele recaiu sobre Cassian.

Cassian fez uma reverência.

— Com minha vida, Grão-Senhor. Vou protegê-la com minha vida.

Rhys olhou para Azriel. Ele assentiu com uma reverência e falou:

— Com as vidas de nós dois.

Aquilo foi satisfatório para meu parceiro, que, por fim, olhou para Mor.

Ela assentiu uma vez, mas disse:

— Conheço minhas ordens.

Eu me perguntei quais seriam, porque eu não fora informada, mas Mor segurou minha mão.

Antes que eu conseguisse me despedir de Amren, partimos.

Partimos — e mergulhamos no ar livre, na direção de um mar escuro como a noite...

Um corpo quente se chocou contra o meu, me pegando antes que eu entrasse em pânico e talvez me atravessasse para outro lugar.

— Calma — disse Cassian, desviando para a direita. Olhei para baixo e vi Mor ainda mergulhando; depois, ela atravessou de novo, para o nada.

Nenhum sinal ou lampejo da presença de Rhys perto ou atrás de nós. Alguns metros adiante, Azriel era uma sombra ligeira por cima da água negra. Na direção da massa de terra da qual agora nos aproximávamos.

Hybern.

Nenhuma luz acesa ali. Mas parecia... antiga. Como se fosse uma aranha esperando em sua teia havia muito, muito tempo.

— Já estive aqui duas vezes — murmurou Cassian. — Em ambas, estava contando os minutos para ir embora.

Eu podia ver por quê. Uma parede de penhascos brancos como ossos se erguia, os topos, chatos e gramados, e abria caminho para um terreno de colinas íngremes e estéreis. E uma sensação sobrepujante de nada.

Amarantha tinha assassinado todos os seus escravos, em vez de libertá-los. Ela fora comandante ali, uma de muitos. Se aquela força que atacou Velaris fosse de vanguarda... Engoli em seco, flexionando as mãos sob as luvas.

— Ali está o castelo, adiante — indicou Cassian, com os dentes trincados, desviando.

Em uma curva na costa, construído no penhasco e empoleirado acima do mar, um castelo estreito e em ruínas de pedra branca.

Nenhum mármore imperial, nenhuma pedra de calcário elegante, mas... creme. Cor de osso. Talvez uma dúzia de pináculos espetasse o céu noturno. Algumas luzes

tremeluziam nas janelas e nas varandas. Não havia ninguém do lado de fora, nenhuma patrulha.

— Onde estão todos?

— Troca da guarda. — Eles tinham planejado muito bem aquilo. — Há uma pequena porta pelo mar, na base. Mor estará a nossa espera ali... é a entrada mais próxima dos níveis mais inferiores.

— Presumo que ela não possa nos atravessar para dentro.

— Há muitos encantamentos a fim de arriscar o tempo que custaria para que Mor os quebrasse. Rhys pode conseguir. Mas nós o encontraremos à porta, na saída.

Minha boca ficou um pouco seca. Sobre meu coração, o Livro dizia: *Casa... me leve para casa.*

E, de fato, eu conseguia sentir. A cada centímetro que voávamos, mais e mais rápido, mergulhando de forma que a água do oceano me esfriasse até os ossos, eu conseguia sentir.

Antigo — cruel. Sem lealdade a ninguém, apenas ele mesmo.

O Caldeirão. Não precisavam se dar o trabalho de descobrir onde ele estava dentro do castelo. Eu sem dúvida seria atraída direto até ele. Estremeci.

— Calma — pediu Cassian de novo. Descemos na direção da base dos penhascos para ver a porta a partir do mar diante de uma plataforma. Mor estava à espera, com a espada em punho, e a porta aberta.

Cassian soltou um suspiro, mas Azriel a alcançou primeiro, aterrissando ágil e silenciosamente, e, no mesmo momento, entrou no castelo para verificar o corredor adiante.

Mor nos esperava — estava com os olhos em Cassian quando pousamos. Eles não se falaram, mas o olhar foi longo demais para que fosse qualquer coisa, menos casual. Imaginei o que o treinamento, os sentidos aguçados, teriam detectado.

A passagem adiante era escura, silenciosa. Azriel surgiu um segundo depois.

— Neutralizei os guardas. — Havia sangue em sua faca, uma faca de freixo. Os olhos frios de Az encararam os meus. — Rápido.

Não precisei de concentração para rastrear o Caldeirão até o esconderijo. Ele me puxava a cada respiração, me chamando para o abraço sombrio.

Sempre que chegávamos a uma bifurcação, Cassian e Azriel se dividiam, em geral voltando com lâminas ensanguentadas, rostos sombrios, silenciosamente me avisando para me apressar.

Estavam trabalhando naquelas semanas, com quaisquer que fossem as fontes de Azriel, para cronometrar aquele encontro em um itinerário exato. Se eu precisasse de mais tempo que o reservado, se o Caldeirão não pudesse ser movido... tudo poderia ter sido em vão. Mas não aquelas mortes. Não, com aquelas eu não me importava mesmo.

Aquelas pessoas — aquelas pessoas tinham ferido Rhys. Tinham levado *ferramentas* consigo para incapacitá-lo. Haviam mandado aquela legião para destruir e assassinar minha cidade.

Desci para um calabouço antigo, as pedras escuras e manchadas. Mor se manteve ao meu lado, sempre monitorando, a última linha de defesa.

Se Cassian e Azriel estivessem feridos, percebi, ela deveria se certificar de que eu saísse por quaisquer meios necessários. Depois, voltaria.

Mas não havia ninguém no calabouço; não que eu tivesse visto, depois que os illyrianos acabaram com eles. Haviam executado aquilo com maestria. Encontramos outra escada, que dava cada vez mais para baixo...

Apontei, a náusea se acumulando.

— Ali. Fica ali embaixo.

Cassian pegou as escadas, com a espada illyriana manchada de sangue escuro. Nem Mor nem Azriel pareceram respirar até que o assobio baixo de Cassian soou pelas pedras das escadas abaixo.

Mor colocou a mão em minhas costas, e descemos até a escuridão.

Casa, suspirou o Livro dos Sopros. *Casa.*

Cassian estava parado em uma câmara redonda sob o castelo — uma esfera de luz feérica flutuava acima de seu ombro.

E, no centro da sala, no alto de um pequeno altar, estava o Caldeirão.

Capítulo 62

O Caldeirão era ausência e presença. Escuridão e... de onde quer que viesse a escuridão.

Mas não vida. Não alegria ou luz ou esperança.

Talvez fosse do tamanho de uma banheira, forjado em ferro escuro, com as três pernas — aquelas três pernas que o rei tinha saqueado os templos para encontrar — entalhadas como se fossem galhos de ervas-daninhas, cobertos de espinhos.

Eu jamais vira algo tão horrível; e atraente.

O rosto de Mor ficou sem cor.

— Rápido — disse ela para mim. — Temos alguns minutos.

Azriel verificou a sala, as escadas pelas quais descemos, o Caldeirão, as pernas deste. Fiz menção de me aproximar do altar, mas Azriel estendeu um braço em meu caminho.

— Ouça.

Então, ouvimos.

Não eram palavras. Mas uma pulsação.

Como sangue pulsando pela sala. Como se o Caldeirão tivesse um coração.

Semelhante atrai semelhante. Eu me movi em sua direção. Mor estava às minhas costas, mas não me impediu quando subi ao altar.

Dentro do Caldeirão não havia nada além de tinta preta rodopiante.

Talvez o universo inteiro tivesse vindo dele.

Azriel e Cassian ficaram tensos quando apoiei a mão na borda. Dor... dor e êxtase e poder e fraqueza fluíram por mim. Tudo que era e não era, fogo e gelo, luz e escuridão, dilúvio e seca.

O mapa da criação.

Contendo-me, eu me preparei para ler aquele feitiço.

O papel tremeu quando o tirei do bolso. Quando meus dedos roçaram a metade do Livro dentro dele.

Mentirosa de língua doce, senhora de muitos rostos...

Com uma das mãos na metade do Livro dos Sopros, e a outra, no Caldeirão, saí de dentro de mim, e um sobressalto percorreu meu sangue, como se eu não passasse se um para-raios.

Sim, você vê agora, princesa da putrefação — vê o que precisa fazer...

— Feyre — murmurou Mor, em aviso.

Mas minha boca era estrangeira, meus lábios podiam muito bem estar em Velaris enquanto o Caldeirão e o Livro fluíam por mim, em comunhão.

A outra, sibilou o Livro. *Traga a outra... permita que nos unamos, permita que nos libertemos.*

Tirei o Livro do bolso, enfiando-o sob o braço quando peguei a segunda metade. *Boa menina, linda menina — tão doce, tão generosa.*

Juntas juntas juntas.

— Feyre. — A voz de Mor cortou a canção das duas metades.

Amren estava errada. Com as partes separadas o poder estava partido; não era o bastante para destruir o abismo do poder do Caldeirão. Mas juntas... Sim, juntas fariam o feitiço funcionar quando eu o pronunciasse.

Com ele inteiro, eu não me tornaria um condutor entre as partes, mas mestre delas. Não era possível mover o Caldeirão; precisava ser agora.

Percebendo o que eu estava prestes a fazer, Mor disparou até mim, xingando.

Lenta demais.

Coloquei a segunda metade do Livro sobre a outra.

Uma ondulação silenciosa de poder me ensurdeceu, fraquejou meus ossos.

Depois, nada.

De longe, Mor falou:

— Não podemos arriscar...

— Dê um minuto a ela — interrompeu Cassian.

Eu era o Livro e o Caldeirão e som e silêncio.

Eu era um rio vivo pelo qual um fluía para o outro, subindo e descendo, diversas vezes, uma maré sem fim ou começo.

O feitiço, as palavras.

Olhei para o papel na mão, mas meus olhos não viram, meus lábios não se moveram.

Eu não era uma ferramenta, não era um peão. Não seria um condutor, não seria lacaia daquelas *coisas*...

Memorizara o feitiço. Eu o diria, sussurraria, pensaria.

Do poço de minha memória, a primeira palavra se formou. Avancei na direção dela, estendendo a mão para aquela única palavra, a única palavra que seria um fio de volta a mim mesma, para dentro de quem eu era...

Mãos fortes me puxaram de volta, me afastando.

Luz escura e pedra musgosa fluíram para dentro de mim, a sala girou quando arquejei e encontrei Azriel me sacudindo, os olhos tão arregalados que eu conseguia ver a parte branca em volta deles. O que acontecera, o que...

Passos soavam acima. Azriel imediatamente me empurrou para trás, e a lâmina ensanguentada se ergueu.

O movimento desanuviou minha mente por tempo o bastante para que eu sentisse algo úmido e quente escorrendo por meu lábio e pelo queixo. Sangue — meu nariz estava sangrando.

Mas aqueles passos ficaram mais altos, e meus amigos tinham as armas em punho quando um homem bonito, de cabelos castanhos, entrou, arrogante, descendo os degraus. Humanos... as orelhas eram redondas. Mas os olhos...

Eu conhecia a cor daqueles olhos. Encarei um deles, envolto em cristal, durante três meses.

— Tola idiota — falou o homem para mim.

— Jurian — sussurrei.

Capítulo 63

Medi a distância entre meus amigos e Jurian, comparei minha espada às espadas gêmeas cruzadas às costas dele. Cassian deu um passo na direção do guerreiro que descia e grunhiu:

— *Você.*

Jurian riu com escárnio.

— Trabalhou até conseguir subir de patente, foi? Parabéns.

Senti quando ele deslizou até nós. Como uma ondulação de noite e ira, Rhys surgiu ao meu lado. O Livro sumiu imediatamente, o movimento foi tão sutil, quando Rhys o tirou de mim e o enfiou no próprio casaco, que mal registrei que acontecera.

Mas assim que o metal deixou minhas mãos... Pela Mãe, o que acontecera? Eu tinha fracassado, tão completamente, ficara tão pateticamente sobrepujada por ele...

— Você parece bem, Jurian — comentou Rhys, caminhando até o lado de Cassian, casualmente se colocando entre mim e o antigo guerreiro. — Para um cadáver.

— Da última vez que o vi — disse Jurian, com desprezo —, estava aquecendo os lençóis de Amarantha.

— Então, você se lembra — ponderou Rhysand, mesmo enquanto meu ódio disparava. — Interessante.

Os olhos de Jurian se voltaram para Mor.

— Onde está Miryam?

— Está morta — respondeu Mor, simplesmente. A mentira que era contada há quinhentos anos. — Ela e Drakon se afogaram no mar Erythrian. — O rosto impassível da princesa dos pesadelos.

— Mentirosa — cantarolou Jurian. — Sempre foi uma mentirosa, Morrigan.

Azriel grunhiu, o som era diferente de tudo que eu já ouvira dele antes.

Jurian o ignorou, o peito começava a se inquietar.

— *Para onde levou Miryam?*

— Para longe de você — sussurrou Mor. — Eu a levei para o príncipe Drakon. Eles se tornaram parceiros e se casaram na noite em que você assassinou Clythia. E ela nunca mais pensou em você.

Ira contraiu o rosto bronzeado dele. Jurian — herói das legiões humanas... que pelo caminho tinha se transformado em um monstro tão terrível quanto aquele contra os quais lutara.

Rhys estendeu o braço para trás, para pegar minha mão. Tínhamos visto o bastante. Segurei a borda do caldeirão de novo, desejando que ele obedecesse, que viesse conosco. E me preparei para o vento e para a escuridão.

Mas não surgiram.

Mor segurou as mãos de Cassian e de Azriel... e permaneceu imóvel.

Jurian sorriu.

Rhysand falou, apertando minha mão na dele:

— Novo truque?

Jurian deu de ombros.

— Fui enviado para distrair você, enquanto ele fazia o feitiço. — O sorriso de Jurian se tornou lupino. — Não deixará este castelo a não ser que ele permita. Ou em pedaços.

Meu sangue gelou. Cassian e Azriel se agacharam em posição de luta, mas Rhys inclinou a cabeça. Senti seu poder sombrio se elevar mais e mais, como se fosse destruir Jurian bem ali.

Mas nada aconteceu. Nem mesmo um roçar de vento salpicado de noite.

— E tem isso — avisou Jurian. — Não se lembrou? Talvez tenha se esquecido. Foi bom eu estar lá, desperto a cada momento, Rhysand. Ela roubou o livro de feitiços *dele* para tomar seus poderes.

Dentro de mim, como uma chave clicando em uma fechadura, aquele núcleo derretido de poder apenas... parou. Qualquer que fosse o fio até ele, entre minha mente e minha alma, tinha sido partido; não, esmagado com tanta força por aquela mão invisível que nada conseguia fluir.

Procurei a mente de Rhys, o laço...

E me choquei contra uma parede dura. Não adamantina, mas de uma pedra estranha, insensível.

— Ele se certificou — continuou Jurian, quando me choquei contra aquela parede interna, tentando conjurar meus dons, inutilmente — de que aquele livro em especial fosse devolvido. Ela não sabia como usar metade dos feitiços mais cruéis. Sabe como é não poder dormir, beber ou comer ou respirar ou *sentir* durante quinhentos anos? Entende como é estar constantemente acordado, ser forçado a observar tudo que ela fazia?

Aquilo o deixara louco — torturara a alma de Jurian até que ficasse louco. Era isso o brilho aguçado em seus olhos.

— Não deve ter sido tão ruim — argumentou Rhys, embora eu soubesse que ele estava liberando cada gota de vontade naquele feitiço que nos continha, que nos

amarrava — se você está agora trabalhando para o mestre dela.

Um lampejo de dentes brancos demais.

— Seu sofrimento será longo e completo.

— Parece delicioso — assegurou Rhys, agora nos virando para sair da sala. Um grito silencioso para *correr*.

Mas alguém surgiu no alto das escadas.

Eu o conhecia... em meus ossos. Os cabelos pretos na altura dos ombros, a pele áspera, as roupas que pendiam mais para o lado prático que o elegante. Ele era de uma altura surpreendentemente mediana, mas musculoso como um jovem.

Mas o rosto — o qual parecia, talvez, o de um homem humano na faixa dos 40 anos... imperturbavelmente bonito. Para esconder os infinitos olhos pretos e cheios de ódio que queimavam ali.

— A armadilha foi tão fácil que estou sinceramente um pouco desapontado por vocês não a terem percebido — disse o rei de Hybern.

Mais rápido que qualquer um de nós poderia ver, Jurian disparou um dardo de freixo escondido no peito de Azriel.

Mor gritou.

Não tivemos escolha a não ser seguir o rei.

O dardo de freixo estava coberto de veneno de sangue que o rei de Hybern alegava fluir onde ele quisesse. Se resistíssemos, se não fôssemos com ele até o andar de cima, o veneno dispararia para o coração de Azriel. E com nossa magia travada, sem a habilidade de atravessar...

Se eu de alguma forma conseguisse chegar a Azriel, dar a ele um punhado de meu sangue... Mas levaria tempo demais, requereria movimentos demais.

Cassian e Rhysand carregavam Azriel entre eles, o sangue do mestre-espião escorria pelo chão atrás de nós conforme subíamos as escadas espiraladas do castelo

do rei.

Tentei não ficar no caminho conforme Mor e eu os seguíamos, com Jurian atrás de nós. Mor tremia — tentava muito não tremer, mas tremia conforme encarava a ponta daquela seta, visível no espaço entre as asas de Azriel.

Nenhum de nós ousou acertar o rei de Hybern conforme ele caminhava adiante, liderando o caminho. O rei levara consigo o Caldeirão, fazendo-o desaparecer com um estalar de dedos e um olhar sarcástico para mim.

Sabíamos que o rei não estava blefando. Seria preciso um movimento da parte deles para que Azriel morresse.

Os guardas estavam à vista agora. E os cortesãos. Grão-Feéricos e criaturas — não sabia em que categoria se encaixavam — que sorriam como se fôssemos a próxima refeição.

Os olhos das criaturas estavam mortos. Vazios.

Não havia nenhuma mobília, nenhuma obra de arte. Como se o castelo fosse o esqueleto de alguma criatura poderosa.

O salão do trono estava com as portas abertas, e parei. Um salão do trono... *o* salão do trono que aperfeiçoara a inclinação de Amarantha para demonstrações públicas de crueldade. Luzes feéricas serpenteavam pelas paredes brancas como ossos, e as janelas davam para o mar que quebrava bem abaixo.

O rei subiu em um altar escavado de um único bloco de esmeralda escura — o trono fora montado de ossos de... Senti o sangue se esvair de meu rosto. Ossos humanos. Amarronzados e lisos pela idade.

Paramos diante do trono, com Jurian observando nossas costas. As portas do salão do trono se fecharam.

O rei disse, para ninguém em particular:

— Agora que cumpri com a minha parte do acordo, espero que cumpram com a de vocês. — Das sombras perto de uma porta lateral, duas figuras emergiram.

Comecei a sacudir a cabeça como se pudesse não ver o que estava vendo conforme Lucien e Tamlin caminharam até a luz.

Capítulo 64

Rhysand ficou imóvel como a morte. Cassian grunhiu. Entre eles, Azriel tentou, mas fracassou, erguer a cabeça.

Mas eu encarava Tamlin — aquele rosto que eu amara e odiara tão profundamente — quando parou a bons 20 metros de nós.

Tamlin usava o boldrié... com facas de caça illyrianas, percebi.

Os cabelos dourados estavam mais curtos, e o rosto, mais magro desde a última vez que eu o vira. E os olhos verdes... Arregalados conforme me olhavam da cabeça aos pés. Arregalados quando ele viu meu traje de combate, a espada illyriana e as facas, o modo como eu estava de pé entre meu grupo de amigos — minha família.

Ele estava trabalhando com o rei de Hybern.

— Não — sussurrei.

Mas Tamlin ousou dar mais um passo para perto, me encarando como se eu fosse um fantasma. Lucien, com o olho de metal agitado, o impediu com a mão no

ombro.

— Não — repeti, dessa vez mais alto.

— Qual foi o custo — disse Rhysand, baixinho, ao meu lado. Eu arranhava e rasgava a parede que separava nossas mentes; ofegava e empurrava aquele punho que continha minha magia.

Tamlin ignorou Rhys, olhando, por fim, para o rei.

— Tem minha palavra.

O rei sorriu.

Dei um passo na direção de Tamlin.

— *O que você fez?*

O rei de Hybern disse, do trono:

— Fizemos um acordo. Eu entrego você, e ele concorda em deixar que minhas forças entrem em Prythian pelo próprio território. Então, eu o uso como base enquanto removemos aquela muralha ridícula.

Sacudi a cabeça. Lucien se recusou a encarar o olhar de súplica que mandei em sua direção.

— Você é louco — sibilou Cassian.

Tamlin estendeu a mão.

— Feyre. — Uma ordem, com se eu não passasse de um cão convocado.

Não fiz qualquer movimento. Precisava me libertar; precisava libertar aquela porcaria de poder...

— Você — disse o rei, apontando um dedo grosso para mim — é uma fêmea muito difícil de capturar. É claro, também concordamos que vai trabalhar para mim depois que for devolvida para casa, para seu marido, mas... É futuro marido ou marido? Não me lembro.

Lucien olhava para todos nós, empalidecendo.

— Tamlin — murmurou ele.

Mas Tamlin não abaixou a mão esticada em minha direção.

— Vou levá-la para casa.

Recuei um passo... na direção de onde Rhysand ainda segurava Azriel com Cassian.

— E tem aquela outra parte também. A outra coisa que eu queria — continuou o rei. — Bem, Jurian queria. Dois coelhos com uma cajadada, na verdade. O Grão-Senhor da Corte Noturna morto, e descobrir quem eram seus amigos. Levou Jurian à loucura, sinceramente, você não ter revelado isso durante aqueles cinquenta anos. Então, agora você sabe, Jurian. E agora pode fazer o que quiser com eles.

Ao meu redor, meus amigos estavam tensos, rígidos. Até mesmo Azriel sutilmente levava a mão ensanguentada e coberta de cicatrizes às armas. Seu sangue se empoçava na beirada de minhas botas.

Eu disse, com firmeza, nitidamente, a Tamlin:

— Não vou a lugar nenhum com você.

— Vai dizer outra coisa, minha querida — replicou o rei — quando eu completar a parte final de meu acordo.

Horror se acumulou em meu estômago.

O rei apontou meu braço esquerdo com o queixo.

— Quebrar esse laço entre vocês dois.

— Por favor — sussurrei.

— De que outra forma Tamlin poderá ter sua noiva? Não pode ter uma esposa que foge para outro macho uma vez por mês.

Rhys permaneceu em silêncio, embora tenha agarrado Azriel com mais força. Observando, considerando, entendendo aquela trava sobre seu poder. A ideia de aquele silêncio entre nossas almas ser permanente...

Minha voz falhou quando eu disse a Tamlin, ainda do lado oposto do semicírculo irregular que formávamos diante do altar.

— Não. Não deixe que ele faça isso. Eu disse a você... eu *disse a você* que estava bem. Que eu parti...

— Você não estava bem— grunhiu Tamlin. — Ele *usou* aquele laço para manipulá-la. Por que acha que eu passava tanto tempo fora? Estava procurando

uma forma de *libertar* você. E você *partiu*.

— Eu parti porque estava *morrendo* naquela casa!

O rei de Hybern emitiu um estalo com a língua.

— Não é o que esperava, é?

Tamlin grunhiu para ele, mas, de novo, estendeu a mão em minha direção.

— Venha para casa comigo. Agora.

— Não.

— Feyre. — Um comando irredutível.

Rhys mal respirava; mal se movia.

E percebi... percebi que era para evitar que seu cheiro se tornasse aparente. Nosso cheiro. Nosso laço da parceria.

A espada de Jurian já estava em punho... e ele olhava para Mor como se fosse matá-la primeiro. O rosto drenado de sangue de Azriel se contorceu com ódio quando ele reparou naquele olhar. Cassian, ainda segurando o amigo em pé, observava todos, avaliando, se preparando para lutar, para defender.

Parei de esmurrar o punho sobre meu poder. Eu o acariciei suavemente — com amor.

Sou feérica e não feérica, tudo e nada, eu disse ao feitiço que me segurava. *Você não me detém. Sou como você: real e não, pouco mais que fiapos de poder reunidos. Você não me detém.*

— Vou com você — declarei, baixinho, para Tamlin, para Lucien, que se mexia, desconfortável. — Se deixá-los em paz. Liberte-os.

Você não me detém.

O rosto de Tamlin se contraiu com ira.

— Eles são monstros. Eles são... — Tamlin não terminou conforme caminhou pelo salão para me agarrar. Para me levar para fora dali, e então, sem dúvida, atravessar para longe.

Você não me detém.

O punho que segurava meu poder relaxou. Sumiu.

Tamlin disparou até mim pelos poucos metros restantes. Tão rápido... tão rápido...

Eu me tornei névoa e sombra.

Atravessei para longe de seu alcance. O rei soltou uma gargalhada grave quando Tamlin tropeçou.

E saiu cambaleando para trás quando o punho de Rhys lhe acertou o rosto.

Ofegante, recuei até os braços de Rhysand quando um deles envolveu minha cintura, quando o sangue de Azriel sobre Rhys ensopou minhas costas. Atrás de nós, Mor saltou para preencher o espaço que Rhys tinha desocupado, passando o braço de Azriel por cima dos ombros.

Mas aquela parede de pedra terrível permanecia em minha mente e ainda bloqueava o poder do próprio Rhys.

Tamlin ficou de pé, limpando o sangue que agora escorria do nariz, conforme recuava para onde Lucien mantinha a posição com a mão na espada.

Mas no momento em que Tamlin se aproximou do seu Emissário, ele cambaleou um passo. O rosto de Tamlin ficou branco de ódio.

E eu soube que Tamlin tinha entendido um momento antes de o rei gargalhar.

— Não acredito. Sua noiva o deixou apenas para encontrar o parceiro. A Mãe tem um senso de humor deturpado, ao que parece. E que talento... diga, menina: como se livrou desse feitiço?

Eu o ignorei. Mas o ódio nos olhos de Tamlin fizeram meus joelhos falharem.

— Desculpe — pedi, e fui sincera.

Os olhos de Tamlin estavam sobre Rhysand, o rosto era quase selvagem.

— *Você* — grunhiu Tamlin, o som era mais animalesco que feérico. — *O que fez com ela?*

Atrás de nós, as portas se abriram e soldados entraram. Alguns se pareciam com o Attor. Alguns eram piores. Mais e mais, ocupando o salão, as saídas, armaduras e armas tilintando.

Mor e Cassian, com Azriel inerte, um peso morto entre eles, observaram cada soldado e arma, considerando nossas melhores chances de escapar. Eu os deixei fazer isso enquanto Rhys e eu encarávamos Tamlin.

— Não vou com você — disparei para Tamlin. — E mesmo que fosse... Seu tolo *burro* e covarde por nos vender a *ele*! Sabe o que ele quer fazer com aquele Caldeirão?

— Ah, vou fazer muitas, muitas coisas com ele — disse o rei.

E o Caldeirão surgiu de novo entre nós.

— Começando agora.

Mate-o mate-o mate-o.

Não sabia dizer se a voz era minha ou do Caldeirão. Não me importava. Eu me libertei.

Garras e asas e sombras estavam imediatamente ao meu redor, cercadas por água e fogo...

Então, sumiram, contidas quando aquela mão invisível agarrou meu poder de novo, com tanta força que arquejei.

— Ah — disse o rei para mim, emitindo um estalo com a língua —, isso. Olhe para você. Uma criança de todas as sete cortes, igual e diferente de todas. Como o Caldeirão ronrona em sua presença. Planejava usá-lo? Destruí-lo? Com aquele livro, podia fazer o que quisesse.

Eu não disse nada. O rei deu de ombros.

— Vai me contar em breve.

— Não fiz acordo algum com você.

— Não, mas seu mestre fez, então, vai obedecer.

Ódio liquefeito escorreu por mim. Sibilei para Tamlin:

— Se me levar daqui, se me afastar de meu parceiro, vou *destruir* você. Vou destruir sua corte e tudo que estima.

Os lábios de Tamlin se contraíram. Mas ele disse, simplesmente: — Não sabe do que está falando.

Lucien encolheu o corpo.

O rei gesticulou com o queixo para os guardas na porta ao lado, pela qual Tamlin e Lucien tinham entrado.

— Não, ela não sabe. — As portas se abriram de novo. — Não haverá destruição — continuou o rei, conforme pessoas, conforme *mulheres* passaram por aquelas portas.

Quatro mulheres. Quatro humanas. As quatro rainhas restantes.

— Porque — disse o rei, quando os guardas das rainhas se enfileiraram atrás delas, arrastando algo no centro da formação — vai descobrir, Feyre Archeron, que é de seu interesse se comportar.

As quatro rainhas nos olharam com desprezo e ódio nos olhos. Ódio.

E se afastaram para deixar que seus guardas pessoais passassem.

Medo como eu jamais havia sentido entrou em meu coração quando os homens arrastaram minhas irmãs, amordaçadas e amarradas, diante do rei de Hybern.

Capítulo 65

Aquele era algum novo tipo de inferno. Algum novo nível de pesadelo. Até cheguei a tentar me acordar.

Mas ali estavam elas: de camisola, a seda e a renda sujas, rasgadas.

Elain chorava baixinho, com uma mordaça ensopada em lágrimas. Nestha tinha os cabelos embaraçados como se tivesse lutado como um felino selvagem, e ofegava conforme nos observava. Observava o Caldeirão.

— Você cometeu um grande erro — disse o rei a Rhysand, enquanto os braços de meu parceiro estavam entrelaçados com os meus — no dia em que foi atrás do Livro. Eu não precisava dele. Estava contente por deixar que permanecesse escondido. Mas assim que suas forças começaram a xeretar... Decidi: quem melhor para ser minha conexão com o reino humano que meu amigo recém-ressuscitado, Jurian? Ele tinha acabado de passar por todos aqueles meses se recuperando do

processo, e queria ver o que acontecera com o antigo lar; então, ficou mais que feliz em visitar o continente por uma longa temporada.

De fato, as rainhas sorriram para ele; fizeram uma reverência. Os braços de Rhys se retesaram em um aviso silencioso.

— O valente e esperto Jurian, que sofreu tanto no fim da Guerra, agora é meu aliado. Está aqui para me ajudar a convencer essas rainhas a ajudarem com minha causa. Por um preço, é claro, que é irrelevante aqui. E é mais inteligente trabalhar comigo, com meus homens, que permitir que vocês, monstros da Corte Noturna governem e ataquem. Jurian estava certo em avisar a Suas Majestades que você tentaria pegar o Livro, que alimentaria as rainhas com mentiras sobre amor e bondade, quando *ele* vira do que o Grão-Senhor da Corte Noturna era capaz. O herói das forças humanas, renascido, como um gesto ao mundo humano de minha boa-fé. Não pretendo invadir o continente, mas trabalhar com eles. Meus poderes protegeram a corte delas de olhos *curiosos*, apenas para mostrar os benefícios a elas. — Um risinho para Azriel, que mal conseguia erguer a cabeça para grunhir de volta. — Tentativas tão impressionantes de se infiltrar no lugar sagrado delas, encantador de sombras, e uma prova irrefutável para Suas Majestades, é claro, de que sua corte não é tão benevolente quanto parece.

— Mentiroso — sibilei, e me virei para as rainhas, ousando dar apenas um passo para longe de Rhys. — Eles são *mentirosos*, e, se não libertarem minhas irmãs, vou *massacrar*...

— Estão ouvindo as ameaças, a linguagem que usam na Corte Noturna? — disse o rei para as rainhas mortais, os guardas agora nos cercando em um semicírculo. — Massacrar, ultimatos... Eles querem acabar com a vida. Eu eu desejo dar vida.

A rainha mais velha disse ao rei, recusando-se a reconhecer minha presença, minhas palavras: — Então, mostre, prove esse dom que mencionou.

Rhysand me puxou de volta contra si. Ele disse, em voz baixa, para a rainha: — Você é uma tola.

O rei interrompeu.

— É mesmo? Por que se submeter à velhice e a doenças quando o que ofereço é muito melhor? Ele gesticulou com a mão em minha direção. — Juventude eterna. Você nega os benefícios? Uma rainha mortal se torna uma rainha que pode reinar para sempre. É claro que há riscos, a transição pode ser... difícil. Mas um indivíduo com força de vontade poderia sobreviver.

A rainha mais jovem, a de cabelos pretos, deu um leve sorriso. Juventude arrogante... e velhice amarga. Apenas as duas outras, aquelas que vestiam branco e preto, pareceram hesitar, aproximando-se uma da outra, e de seus guardas altos.

A rainha idosa ergueu o queixo:

— Mostre. Demonstre que pode ser feito, que é seguro. — Ela falou de juventude eterna naquele dia, me desprezou por causa disso. *Vadia* duas-caras.

O rei assentiu.

— Por que achou que pedi que minha boa amiga Ianthe descobrisse quem Feyre Archeron gostaria de ter consigo durante a eternidade? — Mesmo quando horror tomou conta de meus ouvidos com um silêncio avassalador, olhei para as rainhas; a pergunta, sem dúvida, estampada em meu rosto. O rei explicou: — Ah, perguntei a elas primeiro. Elas acharam muito... deselegante trair duas mulheres jovens e equivocadas. Ianthe não teve tais problemas. Considere isso meu presente de casamento para vocês — acrescentou o rei a Tamlin.

Mas o rosto de Tamlin ficou tenso.

— O quê?

O rei inclinou a cabeça, saboreando cada palavra.

— Acho que a Grã-Sacerdotisa estava esperando por seu retorno para contar, mas não perguntou *por que* ela acreditava que eu fosse capaz de quebrar o acordo? Por que ponderava tanto sobre o assunto? Há muitos milênios as Grã-Sacerdotisas são obrigadas a se ajoelhar perante os Grão-Senhores. E durante esses anos em que Ianthe morou naquela corte estrangeira... que mente aberta ela tem. Depois que nos conhecemos, depois que pintei a Ianthe uma imagem de Prythian sem Grão-

Senhores, em que as Grã-Sacerdotisas pudessem governar com graciosidade e sabedoria... Não foi preciso muito para convencê-la.

Eu ia vomitar. Tamlin, há que se reconhecer, parecia prestes a fazer o mesmo.

O rosto de Lucien tinha ficado inexpressivo.

— Ela entregou... entregou a família de Feyre. A você.

Eu tinha contado a Ianthe tudo sobre minhas irmãs. Ela perguntara. Perguntara quem eram, onde moravam. E eu fora tão burra, estava tão quebrada... Entreguei cada detalhe.

— Entregou? — O rei riu com escárnio. — Ou salvou dos grilhões da morte mortal? Ianthe sugeriu que ambas eram mulheres com força de vontade, como a irmã. Sem dúvida sobreviverão. E provarão para nossas rainhas que *pode* ser feito. Se a pessoa tiver força.

Meu coração deu um salto.

— *Não...*

O rei me interrompeu:

— Sugiro que se preparem.

E, então, o inferno explodiu no salão.

Poder, branco, infinito, horrível, se chocou contra nós.

Tudo que vi foi o corpo de Rhysand cobrindo o meu quando fomos todos atirados ao chão, e ouvi o rompante de dor conforme ele absorveu a maior parte do poder do rei.

Cassian se contorceu, e suas asas brilharam conforme ele protegia Azriel.

As asas dele... as asas dele...

O grito de Cassian à medida que suas asas eram destruídas sob garras de pura magia foi o som mais terrível que já ouvi. Mor disparou até ele, mas era tarde demais.

Rhys se moveu em um instante, como se partisse em disparada até o rei, mas poder nos atingiu de novo, e de novo. Rhys caiu de joelhos.

Minhas irmãs gritavam, apesar das mordaças. Mas o grito de Elain... um aviso. Um aviso para...

À minha direita, agora exposta, Tamlin corria até mim. Para me agarrar, por fim.

Golpeei com uma faca contra ele... com o máximo de força possível.

Tamlin precisou se abaixar para desviar dela. E recuou da segunda faca que eu tinha em punho, me olhando boquiaberto, olhando para Rhys, como se pudesse, realmente, ver o laço da parceria entre nós.

Mas eu me virei quando os soldados avançaram, nos interrompendo. Virei e vi Cassian e Azriel no chão, e Jurian rindo baixinho para o sangue que jorrava das asas destruídas de Cassian...

Estavam em frangalhos.

Fui até ele, desajeitadamente. Meu sangue. Talvez fosse o bastante, fosse...

Mor, de joelhos ao lado de Cassian, disparou contra o rei com um grito de puro ódio.

Ele lançou um golpe de poder contra Mor. Ela desviou, com a faca inclinada na mão, e...

Azriel gritou de dor.

Mor congelou. Parou a 30 centímetros do trono. A faca caiu no chão com um clangor.

O rei ficou de pé.

— Que rainha poderosa você é — sussurrou ele.

E Mor recuou. Passo a passo.

— Que prêmio — disse o rei, com o olhar sombrio devorando Mor.

A cabeça de Azriel se ergueu de onde ele estava jogado sobre o próprio sangue, com os olhos cheios de ódio e dor quando grunhiu para o rei: — *Não toque nela.*

Mor olhou para Azriel; e havia medo real ali. Medo... e outra coisa. Mor não parou de se mover até, de novo, se ajoelhar ao lado dele e pressionar o ferimento de

Azriel com a mão. Ele chiou, mas cobriu os dedos ensanguentados de Mor com os próprios.

Rhys se colocou entre mim e o rei quando me ajoelhei diante de Cassian. Arranquei o couro que cobria meu antebraço...

— Coloque a mais bonita primeiro — disse o rei, Mor já esquecida.

Eu me virei, apenas para que os guardas do rei me agarrassem pelas costas. Rhys apareceu ali instantaneamente, mas Azriel gritou, arqueando as costas, conforme o veneno do rei avançava.

— Por favor, evite — disse o rei — ter ideias burras, Rhysand. — Ele sorriu para mim. — Se algum de vocês interferir, o encantador de sombras morre. Uma pena quanto às asas do outro troglodita. — O rei fez uma reverência debochada para minhas irmãs. — Senhoras, a eternidade espera. Provem para Suas Majestades que o Caldeirão é seguro para... indivíduos com força de vontade.

Sacudi a cabeça, incapaz de respirar, de pensar em uma forma de sair daquilo...

Elain tremia, chorava, conforme era empurrada para a frente. Na direção do Caldeirão.

Nestha começou a se debater contra os homens que a seguravam.

— Pare — disse Tamlin.

O rei não o fez.

Lucien, ao lado de Tamlin, levou de novo a mão à espada.

— Pare com isso.

Nestha urrava para os guardas, para o rei, conforme Elain cedia, passo a passo, na direção daquele Caldeirão. Quando o rei gesticulou com a mão, líquido encheu o Caldeirão até a borda. *Não, não...*

As rainhas apenas observavam, com expressões petrificadas. E Rhys e Mor, separados de mim por aqueles guardas, não ousaram sequer mover um músculo.

— Isso não é parte do acordo. *Pare com isso agora* — disparou Tamlin.

— Não me importo — disse o rei, simplesmente.

Tamlin se atirou contra o trono, como se fosse despedaçar o rei.

Aquela magia branca incandescente se chocou contra ele, empurrando Tamlin para o chão. Laçando-o.

Tamlin lutou contra a coleira de luz no pescoço, em volta dos pulsos. O poder dourado de Tamlin irradiou; inutilmente. Eu me debati contra o punho que segurava meu poder, rasgando-o, de novo e de novo...

Lucien deu um passo cambaleante para a frente quando Elain foi agarrada por dois guardas e erguida. Ela começou a espernear então, chorando enquanto os pés se chocavam contra as laterais do Caldeirão, como se fosse dar impulso nele, como se fosse derrubar o artefato...

— *Basta.* — Lucien disparou até Elain, até o Caldeirão.

E o poder do rei o laçou também. No chão, ao lado de Tamlin, com o único olho arregalado, Lucien teve o bom senso de parecer horrorizado ao olhar de Elain para o Grão-Senhor.

— Por favor — implorei ao rei, que gesticulou para que Elain fosse atirada na água. — Por favor, faço qualquer coisa. Darei qualquer coisa a você. — Eu fiquei de pé, me afastando de onde Cassian estava prostrado, e olhei para as rainhas. — Por favor, vocês não precisam de prova, eu sou prova de que funciona. Jurian é prova de que é seguro.

A rainha idosa falou:

— Você é uma ladra e uma mentirosa. Conspirou com nossa irmã. Sua punição deveria ser a mesma. Considere isso um presente.

O pé de Elain atingiu a água, e ela gritou — gritou com um terror que me atingiu tão profundamente que comecei a chorar.

— Por favor — implorei, a ninguém em particular.

Nestha ainda estava lutando, ainda rugia por baixo da mordaça.

Elain, por quem Nestha teria matado, se prostituído, roubado. Elain, que fora gentil e doce. Elain, que deveria se casar com o filho de um senhor que odiava feéricos...

Os guardas enfiaram minha irmã no Caldeirão com um único movimento.

Meu grito não tinha terminado de ressoar quando a cabeça de Elain afundou.

Ela não emergiu.

Os gritos de Nestha eram o único ruído. Cassian avançou às cegas até eles — até ela, gemendo de dor.

O rei de Hybern se curvou levemente para as rainhas.

— Vejam.

Rhys, ainda separado de mim por uma parede de guardas, fechou os dedos em punhos. Mas não se moveu, e Mor tampouco ousou se mover, não com a vida de Azriel por um fio nas mãos do rei.

E, como se tivesse sido virado por mãos invisíveis, o Caldeirão entornou.

Mais água do que parecia possível foi despejada em cascata. Água negra, coberta de fumaça.

E Elain, como se tivesse sido atirada por uma onda, foi jogada com o rosto para baixo no piso de pedra.

As pernas estavam tão pálidas, tão delicadas. Eu não conseguia me lembrar da última vez que a vira nua.

As rainhas se aproximaram. Viva, ela tinha de estar *viva*, precisava ter querido sobreviver...

Elain inspirou, ergueu as costas de ossos esguios, a camisola molhada estava praticamente transparente.

E quando ela se levantou do chão, apoiada nos cotovelos, com a mordaça no lugar, quando se virou para me olhar...

Nestha começou a rugir de novo.

Pele pálida começou a brilhar. O rosto de Elain tinha, de alguma forma, se tornado mais lindo — infinitamente lindo, e as orelhas... As orelhas de Elain agora eram pontiagudas sob os cabelos encharcados.

As rainhas arquejaram. E, por um momento, tudo em que pude pensar foi meu pai. O que faria, o que diria, quando a filha preferida olhasse para ele com um rosto feérico.

— Então, podemos sobreviver — sussurrou a mais jovem, de cabelos pretos, com os olhos brilhando.

Caí de joelhos, e os guardas não se deram o trabalho me pegar enquanto eu chorava. O que ele tinha feito, o que tinha feito...

— Agora, a felina selvagem, por favor — disse o rei de Hybern.

Virei a cabeça para Nestha quando ela ficou em silêncio. O Caldeirão se levantou.

Cassian se moveu, curvando-se no chão, mas a mão dele estremeceu. Na direção de Nestha.

Elain ainda estava tremendo nas pedras molhadas, a camisola puxada até a altura das coxas, os pequenos seios completamente visíveis sob o tecido ensopado. Os guardas riam.

Lucien grunhiu para o rei apesar da magia que feria seu pescoço:

— *Não a deixe no maldito chão...*

Um clarão de luz surgiu, e um arranhão soou, e, então, Lucien estava andando na direção de Elain, livre das amarras. Tamlin permaneceu atado ao chão, uma mordaça de magia branca iridescente na boca agora. Mas os olhos estavam sobre Lucien quando...

Quando Lucien tirou o casaco e se ajoelhou diante de Elain. Ela se encolheu para longe do casaco, dele...

Os guardas puxaram Nestha para o Caldeirão.

Havia tipos diferentes de tortura, percebi.

Havia a tortura que eu sofrera, que Rhysand sofrera.

E havia aquilo.

A tortura que Rhys trabalhara tanto durante aqueles cinquenta anos para evitar; os pesadelos que o assombravam. Ser incapaz de se mover, de lutar... enquanto nossos entes queridos são destruídos. Meus olhos encontraram os de meu parceiro. Dor ondulou naqueles olhos violeta — ódio e culpa e pura dor. O espelho de meus olhos.

Nestha lutou a cada passo.

Não facilitou para eles. Ela arranhou e chutou e se debateu.

E não foi o suficiente.

E nós não fomos o suficiente para salvá-la.

Observei quando Nestha foi erguida. Elain permaneceu estremecendo no chão, com o casaco de Lucien sobre o corpo. Ela não olhou para o Caldeirão atrás de si, não enquanto os pés agitados de Nestha se chocaram contra a água.

Cassian se agitou de novo, as asas destruídas estremecendo e jorrando sangue conforme os músculos se encolhiam. Diante dos gritos de Nestha, do ódio dela, os olhos de Cassian se arregalaram, vítreos e cegos, uma resposta a algum chamado em seu sangue, uma promessa que fizera a minha irmã. Mas dor o derrubou de novo.

Nestha foi enfiada na água até a altura dos ombros. Ela se debateu até mesmo quando a água subiu. Nestha arranhava e gritava de ódio, desafiadora.

— *Afunde-a* — sibilou o rei.

Os guardas, com dificuldade, empurraram os ombros magros de Nestha. Os cabelos castanho-dourados.

E, quando empurraram a cabeça de minha irmã, ela se debateu uma última vez, libertando o longo e pálido braço.

Com os dentes expostos, Nestha apontou um dedo para o rei de Hybern.

Um dedo, uma maldição e condenação.

Uma promessa.

E, quando a cabeça de Nestha foi forçada para debaixo d'água, quando aquela mão foi violentamente empurrada para baixo, o rei de Hybern teve o bom senso de parecer abalado.

Água negra subiu por um momento. A superfície ficou imóvel.

Vomitei no chão.

Os guardas, por fim, deixaram que Rhysand se ajoelhasse ao meu lado na poça crescente do sangue de Cassian — deixaram que ele me abraçasse enquanto o Caldeirão, de novo, se inclinava.

Água se derramou, Lucien ergueu Elain nos braços e para fora do caminho. As amarras de Tamlin sumiram, assim como a mordaça. Ele ficou imediatamente de pé, grunhindo para o rei. Até mesmo o punho em minha mente se afrouxou, virando uma mera carícia. Como se ele soubesse que tinha vencido.

Eu não me importava. Não quando Nestha estava jogada nas pedras.

Eu sabia que ela estava diferente.

De como quer que Elain tivesse sido Feita... Nestha estava diferente.

Mesmo antes de dar o primeiro suspiro, eu senti.

Como se o Caldeirão, ao fazê-la... tivesse sido forçado a dar mais do que queria. Como se Nestha tivesse lutado até mesmo depois de afundar, e tivesse decidido que, se era para ser arrastada para o inferno, levaria o Caldeirão consigo.

Como se aquele dedo que tinha apontado fosse agora uma promessa de morte para o rei de Hybern.

Nestha respirou. E quando olhei para minha irmã, com a beleza de alguma forma intensificada, as orelhas... Quando Nestha olhou para mim...

Ódio. Poder. Inteligência.

Então, esses sentimentos sumiram, e horror e choque lhe contorceram o rosto, mas Nestha não parou, não se deteve. Ela estava livre... estava solta.

Nestha ficou de pé, tropeçou nas pernas um pouco mais longas, mais finas, arrancou a mordaça...

Nestha se chocou contra Lucien, arrancando Elain de seus braços, e gritou para Lucien quando ele caiu para trás: — *Solte-a!*

Os pés de Elain escorregaram no chão, mas Nestha a levantou, passou as mãos pelo rosto de Elain, pelos ombros, pelos cabelos...

— *Elain, Elain, Elain* — soluçava Nestha.

Cassian se moveu de novo... tentando se levantar, responder à voz de Nestha enquanto ela segurava minha irmã e gritava seu nome, de novo e de novo.

Mas Elain olhava por cima do ombro de Nestha.

Para Lucien cujo rosto ela finalmente vira.

Olhos castanho-escuros encararam um olho vermelho e outro metálico.
Nestha ainda chorava, ainda irradiava ódio, ainda inspecionava Elain...
As mãos de Lucien se abaixaram, inertes, ao lado do corpo.
A voz dele falhou quando Lucien sussurrou para Elain:
— Você é minha parceira.

Capítulo 66

Não permiti que a declaração de Lucien fosse absorvida.

Nestha, no entanto, se virou para ele.

— Ela *não é tal coisa* — disse minha irmã, e o empurrou de novo.

Lucien não se moveu um centímetro. O rosto estava pálido como a morte enquanto encarava Elain. Minha irmã não disse nada, o anel de ferro reluzia, fosco, em seu dedo.

O rei de Hybern murmurou:

— Interessante. Muito interessante. — Ele se virou para as rainhas. — Estão vendo? Mostrei não uma, mas duas vezes que é seguro. Quem gostaria de ser Feita primeiro? Talvez consiga um senhor feérico bonitão como parceiro também.

A rainha mais nova deu um passo adiante, os olhos chegaram a percorrer os homens feéricos reunidos. Como se pudesse escolher entre eles.

O rei gargalhou.

— Muito bem, então.

Ódio percorreu meu corpo, tão violento que não o controlei, e não havia nenhuma canção em meu coração além do grito de guerra do ódio. Eu os mataria. Eu mataria *todos* eles...

— Se está disposto a oferecer barganhas — disse Rhys subitamente, ficando de pé e me puxando consigo —, talvez eu faça uma.

— Ahn?

Rhys deu de ombros.

Não. Bastava de acordos; bastava de sacrifícios. Bastava de ele se entregar, pouco a pouco.

Bastava.

E se o rei se recusasse, se não houvesse nada a fazer a não ser observar meus amigos morrerem...

Eu não podia aceitar aquilo. Não podia suportar... não aquilo.

E por Rhys, pela família que eu tinha encontrado... Eles nunca haviam precisado de mim; não de verdade. Apenas para anular o Caldeirão.

Eu tinha fracassado com eles. Assim como fracassara com minhas irmãs cujas vidas eu agora destruíra...

Pensei naquele anel me esperando em casa. Pensei no anel no dedo de Elain, de um homem que agora provavelmente a caçaria e mataria. Se Lucien sequer a deixasse partir.

Pensei em todas as coisas que queria pintar... e que jamais pintaria.

Mas por eles... por minha família, tanto a de sangue quanto a que escolhi, por meu parceiro... A ideia que me atingiu não pareceu tão assustadora.

Então, não tive medo.

Caí de joelho com um espasmo, segurando a cabeça enquanto trincava os dentes e soluçava, soluçava e ofegava, puxando os cabelos...

O punho daquele feitiço não teve tempo de me pegar de novo quando explodi além dele.

Rhys estendeu o braço para mim, mas liberei meu poder, um clarão daquele branco, luz pura, tudo que conseguiu escapar da represa do feitiço do rei. Um clarão de luz que era apenas para Rhys, apenas por causa de Rhys. Eu esperava que ele entendesse.

O poder irrompeu pelo salão, e a força reunida sibilou e recuou.

Até mesmo Rhys congelou — o rei e as rainhas ficaram boquiabertos. Minhas irmãs e Lucien tinham se virado também.

Mas ali, bem no fundo da luz da Corte Diurna... eu vi. Um poder nítido e purificador. Quebradora da Maldição — quebradora de feitiço. A luz açoitou cada amarra física, me mostrou os emaranhados de feitiços e encantamentos, me mostrou o caminho... Eu me acendi mais forte, procurando, procurando...

Enterrados dentro das paredes do castelo, os feitiços de proteção estavam fortemente entrelaçados.

Lancei aquela luz ofuscante em disparada mais uma vez — uma distração e uma carta na manga conforme eu partia os encantamentos por suas antigas artérias principais.

Agora, só precisava fazer meu papel.

A luz se dissipou, e eu estava aninhada no chão, a cabeça nas mãos.

Silêncio. Silêncio enquanto todos me olhavam, boquiabertos.

Até mesmo Jurian tinha perdido a arrogância no local em que estava apoiado contra a parede.

Mas meus olhos estavam apenas em Tamlin quando abaixei as mãos, inspirando, e pisquei. Olhei para o anfitrião, para o sangue e para a Corte Noturna, e, então, por fim, de volta para Tamlin quando sussurrei: — Tamlin?

Ele não se moveu um centímetro. Além de Tamlin, o rei me olhava, boquiaberto. Se sabia que eu havia destruído suas proteções, se sabia que tinha sido intencional, não era minha preocupação; ainda não.

Pisquei de novo, como se minha mente se desanuviasse.

— Tamlin? — Olhei para as mãos, para o sangue, e, quando olhei para Rhys, quando vi meus amigos com expressões sombrias e minhas irmãs imortais ensopadas...

Não havia nada além de choque e confusão no rosto de Rhys quando recuei de perto dele.

Para longe deles. Na direção de Tamlin.

— Tamlin. — Eu consegui dizer de novo. O olho de Lucien se arregalou quando ele se colocou entre mim e Elain. Então, virei para o rei de Hybern. — Onde... — Virei para Rhysand de novo. — O que você fez comigo — sussurrei, um som grave, gutural. Recuando para Tamlin. — *O que você fez?*

Tire-as daqui. Tire minhas irmãs daqui.

Entre... por favor, entre na encenação. Por favor...

Não havia som, nenhum escudo, nenhum lampejo de sentimento em nosso laço. O poder do rei o tinha bloqueado completamente. Não havia nada que eu pudesse fazer contra aquilo, Quebradora da Maldição ou não.

Mas Rhys colocou as mãos nos bolsos quando ronronou:

— Como se libertou?

— O quê? — Jurian parecia fervilhar, afastando-se da parede e disparando até nós.

Mas eu me virei para Tamlin e ignorei as feições e o cheiro e as roupas, que eram todos errados. Ele me observou, desconfiado: — Não deixe que ele me leve de novo, não deixe que ele... não... — Não pude conter o choro, que me fazia estremecer, não quando a força total do que eu estava fazendo me atingiu.

— Feyre — falou Tamlin, baixinho. E eu soube que tinha vencido.

Chorei mais intensamente.

Tire minhas irmãs daqui, implorei a Rhys, pelo laço silencioso. *Destruí as defesas para você... para todos vocês. Tire-as daqui.*

— Não deixe que ele me leve — chorei, de novo. — Não quero voltar.

E quando olhei para Mor, para as lágrimas que escorriam por seu rosto enquanto ajudava Cassian a se levantar, eu soube que ela percebeu o que eu queria dizer. Mas as lágrimas sumiram e se tornaram tristeza por Cassian, quando ela virou o rosto cheio de ódio, horrorizado, para Rhysand e disparou: — O que você fez com essa garota?

Rhys inclinou a cabeça.

— Como conseguiu, Feyre? — Havia tanto sangue nele. Um último jogo... aquele era um último jogo que todos jogaríamos juntos.

Sacudi a cabeça. As rainhas tinham recuado metade do caminho, os guardas formavam uma parede entre nós.

Tamlin me observava com cautela. Lucien também.

Então, me virei para o rei. Ele sorria. Como se soubesse.

Mas falei:

— Quebre o laço.

Rhysand ficou imóvel como a morte.

Disparei para o rei, meus joelhos doeram quando me joguei ao chão diante do trono.

— Quebre o laço. O acordo, o... laço da parceria. Ele... ele me obrigou, ele me fez jurar...

— Não — falou Rhysand.

Eu o ignorei, mesmo quando meu coração se partiu, mesmo quando eu soube que ele não teve a intenção de falar...

— Faça-o — implorei ao rei, mesmo enquanto rezava silenciosamente para que ele não reparasse nas proteções destruídas, na porta que eu tinha deixado escancarada. — Sei que pode. Apenas... me liberte. Me liberte disso.

— *Não* — falou Rhysand.

Mas Tamlin olhava de mim para Rhys. E olhei para ele, o Grão-Senhor que um dia amei, e sussurrei: — Basta. Basta de mortes, basta de assassinatos. — Eu chorava entre dentes. Obriguei-me a olhar para minhas irmãs. — *Basta*. Me leve

para *casa* e liberte-as. Diga a ele que é parte do acordo e liberte-as. Mas basta, por favor.

Cassian, devagar, sentindo dor a cada momento, se virou o bastante para olhar para mim por cima de uma das asas destroçadas. E nos olhos cheios de dor dele, eu vi: a compreensão.

A Corte dos Sonhos. Eu tinha pertencido a uma corte de sonhos. E de sonhadores.

E pelos sonhos deles... pelo que tinham trabalhado, sacrificado... Eu podia fazer aquilo.

Tire minhas irmãs daqui, eu disse a Rhys, uma última vez, lançando a súplica por aquela parede de pedra entre nós.

Olhei para Tamlin.

— Basta. — Aqueles olhos verdes encontraram os meus, e a tristeza e o carinho neles foram a coisa mais terrível que eu já vira. — Me leve para casa.

Tamlin disse, inexpressivo, para o rei:

— Solte-as, quebre o laço de Feyre e vamos acabar com isso. As irmãs vêm conosco. Você já ultrapassou limites demais.

Jurian começou a protestar, mas o rei disse:

— Muito bem.

— Não! — Foi tudo o que Rhys disse, de novo.

Tamlin grunhiu para ele:

— Não dou a *mínima* se ela é sua parceira. Não dou a mínima se acha que tem direito a ela. Ela é *minha*, e, um dia, vou revidar cada pingo de dor que ela sentiu, cada gota de sofrimento e desespero. Um dia, talvez, quando ela decidir que quer acabar com você, ficarei feliz em obedecer.

Vá embora... apenas vá. Leve minhas irmãs junto.

Rhys me olhava.

— Não.

Mas eu recuei... até chegar ao peito de Tamlin, até que as mãos dele, quentes e pesadas, repousaram sobre meus ombros.

— Faça-o — disse Tamlin ao rei.

— Não — repetiu Rhys, a voz falhando.

Mas o rei apontou para mim. E gritei.

Tamlin segurou meus braços quando gritei e gritei devido à dor que rasgou meu peito, meu braço esquerdo.

Rhysand estava no chão, rugindo, e achei que ele tivesse dito meu nome, tivesse urrado enquanto eu me debatia e chorava. Eu estava sendo despedaçada, estava morrendo, eu estava morrendo...

Não. Não, eu não queria aquilo, não queria...

Um estalo soou em meus ouvidos.

E o mundo se partiu ao meio quando o laço se rompeu.

Capítulo 67

Desmaiei.

Quando abri os olhos, apenas segundos tinham se passado. Mor estava agora puxando Rhys para longe, e ele ofegava no chão, os olhos selvagens, os dedos se fechando e abrindo...

Tamlin arrancou a luva de minha mão esquerda.

Pele límpida, nua, o recebeu. Nenhuma tatuagem.

Eu estava chorando e chorando, os braços de Tamlin me envolveram. Cada centímetro deles pareceu errado. Quase vomitei ao lhe sentir o cheiro.

Mor soltou o colarinho do casaco de Rhysand, e ele rastejou — *rastejou* de volta para Azriel e Cassian, o sangue dos amigos sujou a mão de Rhys, o pescoço, conforme ele se arrastava. As respirações pesadas de Rhys me partiram, partiram minha alma...

O rei apenas gesticulou para ele.

— Você está livre, Rhysand. O veneno de seu amigo se foi. As asas do outro, creio que estejam um pouco destruídas.

Não resista, não diga nada, implorei, quando Rhys alcançou os irmãos. *Leve minhas irmãs. As proteções caíram.*

Silêncio.

Então, olhei — apenas uma vez para Rhysand — e Cassian e Mor e Azriel.

Eles já me encaravam. Rostos ensanguentados e frios e transtornados. Mas por baixo... eu sabia que era amor o que havia por baixo. Eles entendiam as lágrimas que rolavam por meu rosto conforme eu silenciosamente me despedia.

Então, Mor, ágil como uma víbora, atravessou até Lucien. Até minhas irmãs. Para mostrar a Rhys, percebi, o que eu tinha feito, o buraco que eu abrira para que escapassem...

Mor empurrou Lucien para longe com a palma da mão no peito, e o rugido dele sacudiu os corredores quando ela segurou minhas irmãs pelo braço e sumiu.

O rugido de Lucien ainda soava quando Rhys disparou, segurou Azriel e Cassian e nem mesmo se virou para mim quando eles atravessaram para fora.

O rei ficou de pé, disparando a ira para os guardas, para Jurian, por não terem segurado minhas irmãs. Exigindo saber o que acontecera com as proteções do castelo...

Eu mal ouvi. Havia apenas silêncio em minha cabeça. Tanto silêncio onde antes havia risada sombria e diversão maliciosa. Um deserto açoitado pelo vento.

Lucien sacudia a cabeça, sem fôlego, e se virou para nós.

— *Traga ela de volta* — grunhiu ele para Tamlin por cima das palavras do rei. Um parceiro... um parceiro já enlouquecendo para defender o que era dele.

Tamlin o ignorou. Então, eu também ignorei. Mal conseguia suportar, mas encarei o rei quando ele se sentou no trono, segurando os braços do assento com tanta força que os nós dos dedos embranqueceram.

— Obrigada — sussurrei, com a mão no peito, a pele tão pálida, tão branca. — Obrigada.

O rei apenas disse, para as rainhas reunidas, agora a uma boa distância: — Comecem.

As rainhas se entreolharam e, então, viraram para os guardas de olhos arregalados, caminharam em fila até o Caldeirão, os sorrisos crescendo. Lobos circundando a presa. Uma delas brigou com outra por ter sido empurrada, e o rei murmurou algo para todas que não me dei o trabalho de ouvir.

Jurian caminhou até Lucien em meio à briga que se iniciava, rindo baixo.

— Sabe o que bastardos illyrianos fazem com fêmeas bonitinhas? Não vai sobrar uma parceira, pelo menos não uma que seja útil a você.

O grunhido de resposta de Lucien foi selvagem.

Cuspi aos pés de Jurian.

— Vá para o inferno, seu porco imundo.

As mãos de Tamlin seguraram meus ombros com mais força. Lucien se virou em minha direção, e aquele olho de metal girou e semicerrou. Séculos de racionalidade cultivada se encaixaram no lugar.

Eu não entrara em pânico porque minhas irmãs tinham sido levadas.

Falei, baixinho:

— Vamos trazê-la de volta.

Mas Lucien me observava, cauteloso. Até demais.

Virei para Tamlin:

— Me leve para casa.

— Onde está — interrompeu o rei por cima da briga das rainhas.

Eu preferia a voz entretida e arrogante ao tom inexpressivo e cruel que cortou o salão.

— Você... *você* deveria usar o Livro dos Sopros — disse o rei. — Eu conseguia senti-lo aqui, com...

O castelo inteiro estremeceu quando ele percebeu que eu não estava com o Livro no casaco.

Apenas respondi:

— Está errado.

As narinas do rei se dilataram. Até o mar abaixo pareceu recuar de terror diante da ira que empalideceu o rosto áspero. Mas o rei piscou e a ira sumiu. Ele disse, contido, para Tamlin: — Quando o Livro for recuperado, espero sua presença aqui.

Poder, com cheiro de lilás e cedro e as primeiras folhas verdes, espiralou ao meu redor. Ele nos preparava para atravessar... através das proteções que eles não faziam ideia de que eu tinha destruído.

Então, falei para o rei, e para Jurian, e para as rainhas reunidas, já na borda do Caldeirão, brigando para decidir quem iria primeiro: — Vou acender pessoalmente suas piras funerárias pelo que fizeram com minhas irmãs.

E fomos embora.

Capítulo 68

Rhysand

Eu me choquei contra o chão do solar, e Amren estava imediatamente ali, as mãos nas asas de Cassian, xingando devido às feridas. Depois, xingou por causa do buraco no peito de Azriel.

Nem mesmo seu poder de cura poderia consertar os dois. Não, precisaríamos de um curandeiro de verdade para cada um, e rápido, pois, se Cassian perdesse aquelas asas... Eu sabia que ele preferiria a morte. Qualquer illyriano preferiria.

— Onde ela está? — indagou Amren.

Onde ela está onde ela está onde ela está

— Tire o Livro daqui — exigi, jogando as partes no chão. Odiava tocá-las, a loucura e o desespero e a alegria. Amren ignorou a ordem.

Mor não tinha surgido... estava largando ou escondendo Nestha e Elain onde achasse mais seguro.

— Onde ela está? — repetiu Amren, pressionando a mão às costas arrasadas de Cassian. Eu sabia que ela não falava de Mor.

Como se meus pensamentos a tivessem convocado, minha prima surgiu: ofegante, selvagem. Ela abaixou ao lado de Azriel no chão, as mãos ensopadas de sangue tremiam conforme lhe arrancava a flecha do peito, com sangue cobrindo o tapete. Mor apertou o ferimento com os dedos, luz irradiando conforme seu poder costurava osso e carne e veias.

— *Onde ela está?* — disparou Amren, mais uma vez.

Eu não conseguia dizer as palavras.

Então, Mor as disse por mim ao se ajoelhar sobre Azriel; meus dois irmãos estavam misericordiosamente inconscientes.

— Tamlin ofereceu passagem pelas terras dele e nossas cabeças em bandejas para o rei em troca de aprisionar Feyre, partir o laço dela e fazer com que fosse devolvida à Corte Primaveril. Mas Ianthe traiu Tamlin, disse ao rei onde encontrar as irmãs de Feyre. Então, o rei fez com que as irmãs de Feyre fossem levadas com as rainhas, para provar que poderia torná-las imortais. Ele as colocou no Caldeirão. Não pudemos fazer nada enquanto elas foram transformadas. Ele nos neutralizou.

Aqueles olhos de mercúrio dispararam para mim.

— Rhysand.

Consegui falar:

— Não tínhamos opções, e Feyre sabia. Então, fingiu se libertar do controle que Tamlin achava que eu tinha sobre sua mente. Fingiu que... nos odiava. E disse a ele que iria para casa, mas apenas se a matança acabasse. Se nós fôssemos libertados.

— E o laço — sussurrou Amren, com o sangue de Cassian brilhando nas mãos conforme reduzia o sangramento.

— Ela pediu ao rei que quebrasse o laço. Ele obedeceu — disse Mor.

Achei que eu estava morrendo... achei que meu peito poderia, de fato, estar partido ao meio.

— Isso é impossível — retrucou Amren. — Esse tipo de laço não pode ser quebrado.

— O rei disse que podia quebrá-lo.

— O rei é um tolo — disparou Amren. — Esse tipo de laço *não pode* ser quebrado.

— Não, não pode — concordei.

As duas me olharam.

Limpei a mente, o coração estilhaçado — partido devido ao que minha parceira tinha feito, sacrificado por mim e minha família. Pelas irmãs. Porque não achava... ela não achava que era essencial. Mesmo depois de tudo que fizera.

— O rei desfez o acordo entre nós. Foi difícil, mas ele não se deu conta de que não era o laço da parceria.

Mor se espantou.

— Ela... Feyre sabe...

— Sim — sussurrei. — E agora minha parceira está nas mãos de nosso inimigo.

— Vá atrás dela — sibilou Amren. — *Agora mesmo.*

— Não — falei, e odiei a palavra.

Elas me olharam, boquiabertas, e tive vontade de rugir ao ver o sangue que as cobria, ao ver meus irmãos inconscientes e sofrendo no tapete diante de Mor e Amren.

Mas consegui dizer para minha prima:

— Não ouviu o que Feyre disse a ele? Ela prometeu destruí-lo, de dentro para fora.

O rosto de Mor empalideceu, a magia incandescente no peito de Azriel.

— Vai entrar naquela casa para destruí-lo. Para destruir todos.

Assenti.

— Agora, é uma espiã, com ligação direta até mim. O que o rei de Hybern fizer, aonde ele for, quais forem os planos, ela saberá. E nos relatará tudo.

Porque entre nós, fraco e suave, escondido, para que ninguém pudesse encontrar... entre nós havia um sussurro de cor, e de alegria, de luz e de sombra, um sussurro *dela*. Nosso laço.

— Ela é sua parceira — disparou Amren para mim. — Não sua espiã. *Vá atrás dela.*

— Ela é minha parceira. E minha espiã — argumentei, baixo demais. — E é a Grã-Senhora da Corte Noturna.

— O quê? — sussurrou Mor.

Com um dedo mental, acariciei aquele laço, agora oculto, bem no fundo de nós, e falei:

— Se tivessem retirado sua outra luva, teriam visto uma segunda tatuagem no braço direito. Idêntica à outra. Pintada na noite passada, quando saímos de fininho, encontramos uma sacerdotisa e fizemos o juramento de que ela seria minha Grã-Senhora.

— Não... não consorte — disparou Amren, piscando. Eu não a via surpresa havia... séculos.

— Não consorte, não esposa. Feyre é Grã-Senhora da Corte Noturna. — Minha igual de todas as formas; ela usaria minha coroa, se sentaria em um trono ao lado do meu. Jamais nos bastidores, jamais incumbida de procriação e festas e cuidados com as crianças. Minha rainha.

Como que em resposta, um lampejo de amor estremeceu o laço. Eu me segurei diante do alívio que ameaçou acabar com qualquer calma que eu fingia sentir.

— Está me dizendo — sussurrou Mor — que minha Grã-Senhora está agora cercada de inimigos? — Um tipo letal de calma tomou seu rosto manchado de lágrimas.

— Estou dizendo — esclareci, observando o sangue coagular nas asas de Cassian pelos cuidados de Amren. Sob as mãos de Mor, a hemorragia de Azriel tinha diminuído... o suficiente para mantê-los vivos até que o curandeiro chegasse. — Estou dizendo — repeti, meu poder se acumulando e roçando contra a pele,

contra meus ossos, desesperado para ser liberado sobre o mundo — que sua Grã-Senhora fez um sacrifício por sua corte, e agiremos quando chegar a hora.

Talvez o fato de Lucien ser parceiro de Elain ajudasse... de alguma forma. Eu encontraria uma forma.

Então, ajudaria minha parceira a despedaçar a Corte Primaveril, Ianthe, aquelas rainhas mortais e o rei de Hybern. Devagar.

— E até lá? — indagou Amren. — E quanto ao Caldeirão... e o Livro?

— Até então — respondi, encarando a porta como se pudesse vê-la entrar, rindo, alegre, linda —, guerreamos.

Capítulo 69

Feyre

Tamlin aterrissou conosco no cascalho na entrada da propriedade.

Tinha me esquecido de como era silencioso ali.

Como era pequeno. Vazio.

A primavera florescia; o ar era suave, com cheiro de rosas.

Ainda era lindo. Mas ali estavam as portas atrás das quais ele me selara. A janela que esmurrei, tentando sair. Uma linda prisão coberta de rosas.

Mas sorri, com a cabeça latejando, e disse, entre as lágrimas:

— Achei que jamais a veria de novo.

Tamlin apenas me encarava, como se não acreditasse muito.

— Também achei que você não veria.

E você nos entregou... entregou cada vida inocente nesta terra por isso. Só para que pudesse me ter de volta.

Amor; amor era um bálsamo, tanto quanto um veneno.

Mas era amor que queimava em meu peito. Ao lado do laço que o rei de Hybern sequer tocara, porque não sabia quão profundamente precisaria cavar para parti-lo. Para separar Rhysand e eu.

Doera, doera intensamente quando o acordo entre nós acabou, e Rhys tinha feito seu trabalho perfeitamente, o horror era impecável. Sempre fomos tão bons em brincar juntos.

Não duvidei dele, não disse nada além de *Sim* quando Rhys me levou para o templo na noite anterior e fiz meus votos. A ele, a Velaris, à Corte Noturna.

E agora... uma carícia suave, carinhosa por aquele laço, oculto sob aquele deserto em que estivera o acordo. Lancei um lampejo de sentimento de volta pela linha, desejando poder tocá-lo, segurá-lo, rir com Rhys.

Mas mantive esses pensamentos longe da expressão do rosto. Tudo exceto alívio silencioso, conforme me inclinei na direção de Tamlin, suspirando.

— Parece... parece que parte foi um sonho, ou um pesadelo. Mas... Mas eu lembrava de você. E quando o vi lá hoje, comecei a arranhar, a lutar contra aquilo, porque sabia que podia ser minha única chance e...

— Como se libertou do controle dele? — perguntou Lucien, inexpressivo, atrás de nós.

Tamlin deu um grunhido de aviso a Lucien.

Eu tinha me esquecido de que ele estava ali. O parceiro de minha irmã. A Mãe, decidi, tinha mesmo senso de humor.

— Eu queria, não sei como. Só queria me libertar; então, consegui.

Nós nos encaramos, mas Tamlin acariciou meu ombro com o polegar.

— Você... você está ferida?

Tentei não fervilhar de ódio. Sabia o que ele queria dizer. E a ideia de que Rhysand faria algo assim com alguém...

— Eu... eu não sei — gaguejei. — Eu não... não lembro dessas coisas.

O olho de metal de Lucien se semicerrou, como se ele pudesse sentir a mentira.

Mas ergui o rosto para Tamlin e rocei sua boca com a mão. Minha pele exposta, limpa.

— Você é real — declarei. — Você me libertou.

Foi difícil não transformar as mãos em garras e lhe arrancar os olhos. Traidor... mentiroso. Assassino.

— Você *se* libertou — sussurrou Tamlin. Ele indicou a casa. — Descanse, depois conversaremos. Eu... preciso encontrar Ianthe. E deixar algumas coisas muito, muito claras.

— Eu... eu quero participar dessa vez — falei, parando quando Tamlin tentou me guiar de voltar para aquela linda prisão. — Chega... chega de me afastar. Chega de guardas. Por favor. Tenho tanto a contar sobre eles... fragmentos, mas... Posso ajudar. Posso recuperar minhas irmãs. Me deixe ajudar.

Ajudar a colocar você na direção errada. Ajudar a colocar você e sua corte de joelhos, e acabar com Jurian e aquelas rainhas ardilosas e traidoras. E, então, dilacerar Ianthe em pedacinhos minúsculos e enterrá-los em um poço para que ninguém os encontre.

Tamlin observou meu rosto e, por fim, assentiu.

— Vamos recomeçar. Fazer as coisas de outro jeito. Enquanto você estava fora, percebi... Que estava errado. Tão errado, Feyre. E peço desculpas.

Tarde demais. Tarde demais. Mas apoiei a cabeça no braço de Tamlin conforme ele envolveu meu corpo e me levou para a casa.

— Não importa. Estou em casa agora.

— Para sempre — prometeu Tamlin.

— Para sempre — repeti, olhando para trás, para onde Lucien estava parado na entrada de cascalho.

Seu olhar recaía sobre mim. A expressão, rigorosa. Como se tivesse enxergado através de cada mentira.

Como se soubesse sobre a segunda tatuagem sob minha luva, e sobre o encantamento que eu agora mantinha sobre ela.

Como se soubesse que tinham deixado uma raposa entrar no galinheiro, e não pudesse fazer nada a respeito disso.

A não ser que nunca mais quisesse ver sua parceira — Elain — de novo.

Dei a Lucien um sorriso dócil e preguiçoso. Então, nosso jogo tinha começado.

Chegamos aos degraus de mármore que davam para as portas de entrada da mansão.

E Tamlin, sem saber, levava a Grã-Senhora da Corte Noturna para o coração do próprio território.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às seguintes pessoas, que tornam minha vida uma benção imensurável:

A meu marido, Josh: você me ajudou a superar este ano. (E muitos anos antes deste, mas este em especial.) Não tenho palavras para descrever quanto amo você, e quanto sou grata por tudo que faz. Pelas inúmeras refeições que cozinhou, para que eu não precisasse parar de escrever; pelas centenas de louças que lavou depois, para que eu pudesse voltar correndo para o escritório e continuar trabalhando; pelas horas passeando com o cachorro, principalmente de manhã cedo, só para que eu pudesse dormir... Este livro agora é um livro *de verdade* por sua causa. Obrigada por me carregar quando eu estava cansada demais, por limpar minhas lágrimas quando meu coração estava pesado e por sair comigo em tantas aventuras pelo mundo.

Para Annie, que não pode ler isto, mas que merece crédito mesmo assim: cada segundo com você é uma dádiva. Obrigada por tornar um trabalho relativamente

solitário nem um pouco solitário — e pelas risadas, pela alegria e pelo amor que trouxe para minha vida. Amo você, cachorrinho.

Para Susan Dennard, minha Threadsister e *anam cara:* tenho quase certeza de que pareço uma vitrola quebrada a esta altura, mas *obrigada* por ser uma amiga por quem vale a pena esperar, e pela diversão, pelos momentos realmente épicos que tivemos juntas. Para Alex Bracken, Erin Bowman, Lauren Billings, Christina Hobbs, Victoria Aveyard, Jennifer L. Armentrout, Gena Showalter e Claire Legrand: tenho muita sorte por chamar vocês de amigos. Adoro todos vocês.

Para minha agente, Tamar Rydzinski: o que eu faria sem você? Tem sido minha rocha, minha estrela-guia, e minha fada madrinha desde o início. Sete livros depois, ainda não tenho palavras para expressar minha gratidão. Para minha editora, Cat Onder: trabalhar com você nestes livros tem sido o ponto alto de minha carreira. Obrigada por sua sabedoria, seu carinho e sua genialidade editorial.

Para minhas equipes fenomenais da Bloomsbury pelo mundo inteiro e da CAA: Cindy Loh, Cristina Gilbert, Jon Cassir, Kathleen Farrar, Nigel Newton, Rebecca McNally, Natalie Hamilton, Sonia Palmisano, Emma Hopkin, Ian Lamb, Emma Bradshaw, Lizzy Mason, Courtney Griffin, Erica Barmash, Emily Ritter, Grace Whooley, Eshani Agrawal, Nick Thomas, Alice Grigg, Elise Burns, Jenny Collins, Linette Kim, Beth Eller, Diane Aronson, Emily Klopfer, Melissa Kavonick, Donna Mark, John Candell, Nicholas Church, Adiba Oemar, Hermione Lawton, Kelly de Groot, e toda a equipe de direitos estrangeiros: é uma honra conhecer e trabalhar com vocês. Obrigada por tornarem meus sonhos realidade. Para Cassie Homer: obrigada por *tudo*. Você é absolutamente divertida.

Para minha família (principalmente meus pais): amo vocês até a Lua e de volta.

Para Louisse Ang, Nicola Wilksinson, Elena Yip, Sasha Aslberg, Vilma Gonzalez, Damaris Cardinali, Alexa Santiago, Rachel Domingo, Jamie Miller, Alice Fanchiang e os Maas Thirtheen: sua generosidade, sua amizade e seu apoio significam o mundo para mim.

E, por fim, para meus leitores: vocês são os melhores. Os melhores de verdade. Nada disso seria possível sem *vocês*. Obrigada, do fundo do coração, por tudo que fazem por mim e por meus livros.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

CORTE DE NÉVOA E FÚRIA

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/livro/575922ED576913

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/8285-sarah-j-maas

Site da autora
http://sarahjmaas.com/

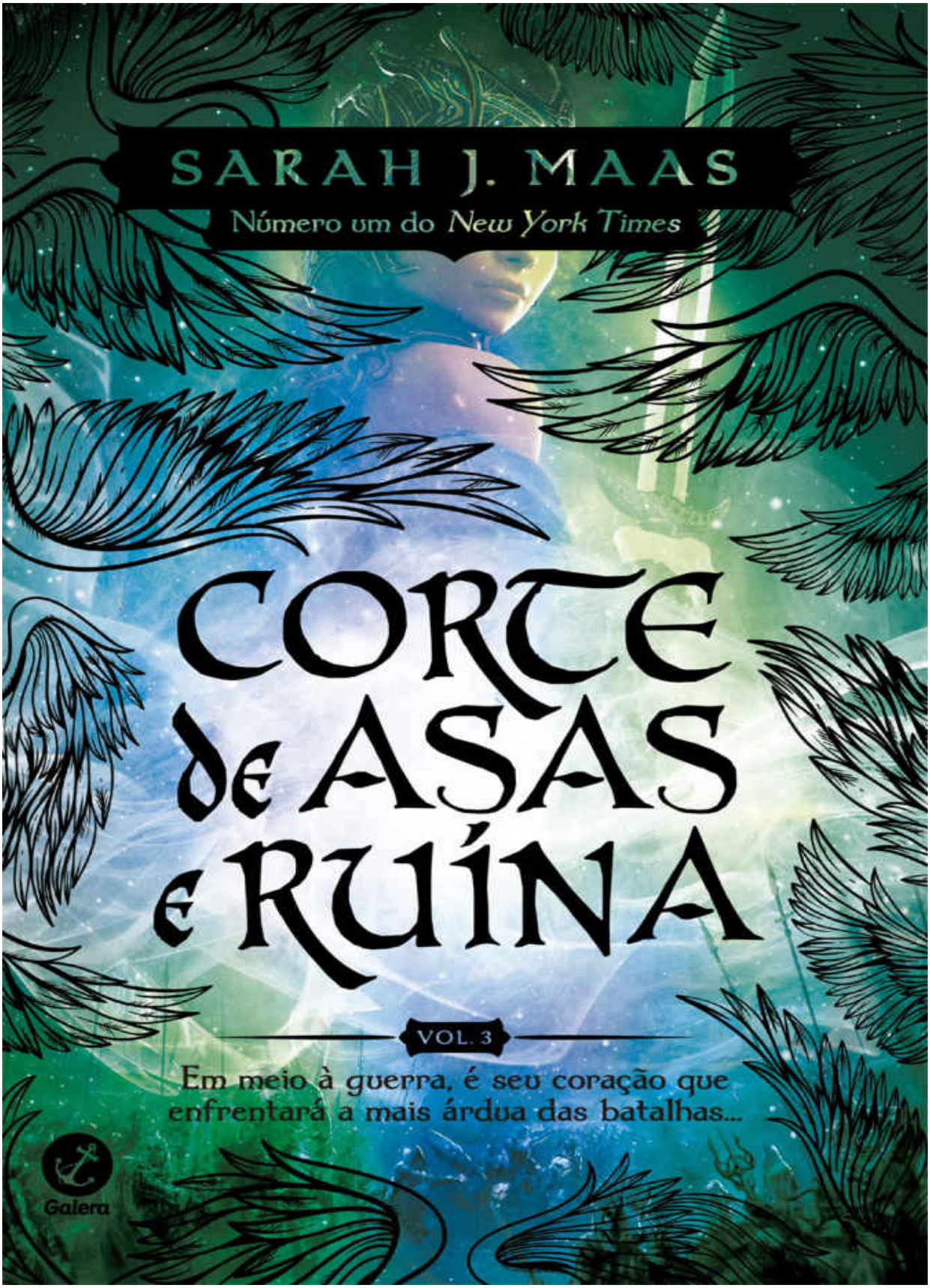
Wikipédia da autora
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sarah_J._Maas

Goodreads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/3433047.Sarah_J_Maas

Twitter da autora
https://twitter.com/sjmaas?lang=pt

Instagram da autora
https://www.instagram.com/therealsjmaas/

Facebook da autora
https://www.facebook.com/Sarah-J-Maas-116910261657643/


SARAH J. MAAS
Número um do New York Times
CORTE DE ASAS E RUÍNA
VOL. 3
Em meio à guerra, é seu coração que enfrentará a mais árdua das batalhas...
Galera

Obras da autora publicadas pela Editora Record

***Série* Trono de vidro** *Trono de vidro*
Coroa da meia-noite

Herdeira do fogo

Rainha das sombras
Império de tempestades – Tomo 1
Império de tempestades – Tomo 2

A lâmina da assassina

***Série* Corte de espinhos e rosas** *Corte de espinhos e rosas Corte de névoa e fúria*
Corte de asas e ruína

SARAH J. MAAS

CORTE DE ASAS E RUÍNA

Tradução
Mariana Kohnert

1ª edição

Galera
RIO DE JANEIRO
2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M11c

Maas, Sarah J., 1986—
Corte de asas e ruína [recurso eletrônico] / Sarah J. Maas ; tradução Mariana Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2017.
recurso digital (Corte de espinhos e rosas ; 3) Tradução de: A cort of wings and ruin Sequência de: Corte de névoa e fúria Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11246-0 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Mariana. II. Título. III. Série.

17-44772

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original:
A Court of Wings and Ruin Copyright © 2017 Sarah J. Maas

Essa tradução foi publicada mediante acordo com Bloomsbury Publishing Inc.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica: Abreu's System Design de capa: Elmo Rosa

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

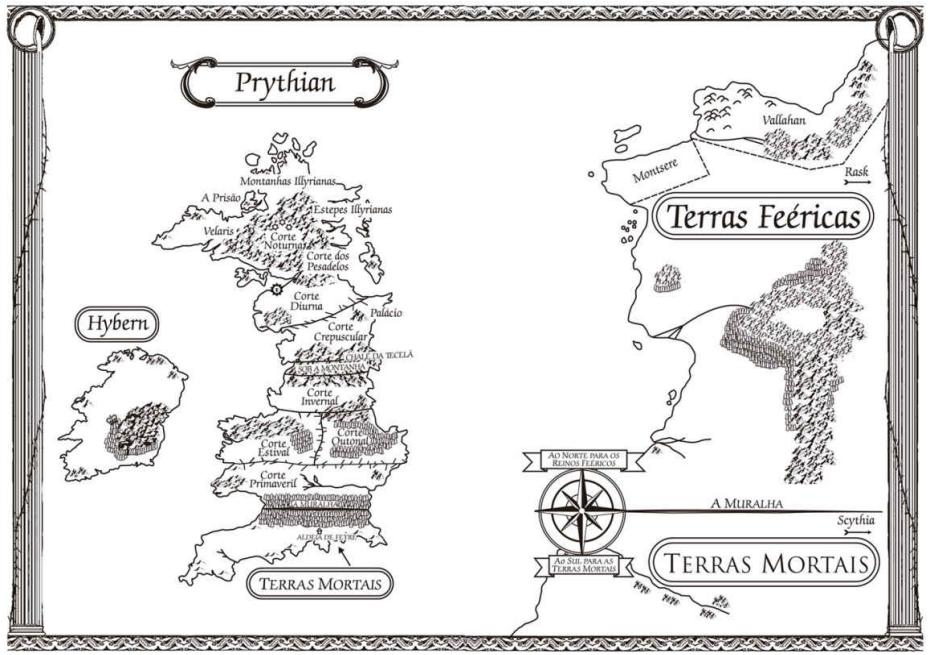
ISBN: 978-85-01-11246-0

EDITORA AFILIADA

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Josh e Annie —
Um presente. Todo ele.


Prythian
Montanhas Ilyrianas
A Prisão
Estepes Ilyrianas
Velaris
Corte Noturna
Corte dos Pesadelos
Corte Diurna
Palácio
Corte Crepuscular
Corte Invernal
Corte Estival
Corte Outonal
Corte Primaveril
A Muralha
Terras Mortais
Hybern
Vallahan
Monsere
Rask
Terras Feéricas
Ao Norte para os Reinos Feéricos
A Muralha
Scythia
Ao Sul, para as Terras Mortais
Terras Mortais

Rhysand

Dois anos antes da muralha

O zumbido das moscas e os gritos dos sobreviventes tinham, havia muito, substituído o rufar dos tambores de guerra.

O campo de batalha era agora uma vastidão de corpos emaranhados, humanos e feéricos, interrompidos apenas pelo despontar de asas quebradas para o céu cinzento ou pelo volume esporádico de um cavalo morto.

Com o calor, apesar da espessa cobertura das nuvens, o cheiro em breve ficaria insuportável. Moscas dardejavam sobre olhares imóveis focados no vazio. Não diferenciavam carne mortal da imortal.

Abri caminho pela planície um dia gramada, observando as bandeiras semienterradas em lama e sangue. Precisei da maior parte da força que me restava para impedir as asas de se arrastassem sobre cadáveres e armaduras. Meu próprio poder se esgotara muito antes do fim da carnificina.

Tinha passado as últimas horas lutando como os mortais a meu lado: com espadas e punhos e força bruta, concentração irrefreável. Seguramos as linhas de frente contra as legiões de Ravennia — hora após hora, mantivemos o front, como meu pai ordenou que eu fizesse, como eu sabia que deveria fazer. Hesitar ali teria sido o golpe mortal contra nossa resistência, já em frangalhos.

A fortaleza que se erguia a minhas costas era valiosa demais para ser entregue aos Legalistas. Não apenas devido à localização, no coração do continente, mas pelas provisões que abrigava. Pelas forjas que queimavam dia e noite na ala oeste, esforçando-se para abastecer nossas forças.

A fumaça daquelas forjas agora se misturavam às piras que se inflamavam atrás de mim conforme eu seguia, observando o rosto dos mortos. Fiz uma nota mental para enviar quaisquer soldados de

estômago forte a fim de tomar as armas, independentemente do exército. A necessidade era desesperadora demais para nos incomodarmos com honra. Principalmente porque o outro lado não se importava com nada.

Tão quieto; o campo de batalha estava tão quieto, comparado com o massacre e o caos que tinham finalmente cessado horas antes. O exército Legalista batera em retirada em vez de se render, deixando seus mortos aos corvos.

Dei a volta por um cavalo capão morto, os lindos olhos do animal ainda arregalados de terror, moscas em crosta sobre o flanco ensanguentado. O cavaleiro estava retorcido sob o cavalo, a cabeça parcialmente decepada. Não por um golpe de espada. Não, aquelas lacerações brutais eram de garras.

Não cederiam facilmente. Os reinos e os territórios ávidos por escravos humanos não perderiam aquela guerra a não ser que não tivessem escolha. E mesmo então... Havíamos aprendido do modo mais difícil, bem no início, que não tinham apreço pelos antigos rituais e regras de batalha. E, quanto aos territórios feéricos que lutavam ao lado dos guerreiros mortais... seríamos esmagados, como vermes.

Espantei uma mosca que me zumbia ao ouvido, minha mão estava coberta de sangue seco, meu e de outrem.

Sempre considerei a morte como um tipo de boas-vindas pacífico; uma cantiga doce e triste que me atrairia para o que quer que esperasse depois.

Eu me agachei com a bota da armadura sobre o mastro da bandeira de um estandarte Legalista, borrando com lama vermelha o javali bordado contra o fundo esmeralda.

Então me perguntava se a cantiga da morte não seria uma bela canção, mas sim o zumbido das moscas. Se moscas e vermes seriam as damas de companhia da Morte.

O campo de batalha se estendia pelo horizonte em todas as direções, exceto para a fortaleza a minhas costas.

Por três dias os contivemos; por três dias lutamos e morremos ali.

Mas mantivemos a posição. De novo e de novo, reuni humanos e feéricos, me recusei a deixar os Legalistas passarem, mesmo

quando atingiram nosso vulnerável flanco direito com novas tropas no segundo dia.

Usei meu poder até não passar de fumaça nas veias, e então usei meu treinamento illyriano até que empunhar escudo e espada fosse tudo o que eu soubesse fazer, tudo o que conseguisse fazer contra as hordas.

Uma asa illyriana meio destroçada despontava de um aglomerado de cadáveres de Grão-Feéricos, como se tivessem sido necessários todos os seis para derrubar o guerreiro. Como se ele tivesse levado todos consigo.

Minha pulsação atravessou meu corpo exaurido conforme eu jogava longe os cadáveres empilhados.

Reforços haviam chegado ao alvorecer do terceiro e último dia, enviados por meu pai depois de minha súplica. Estava perdido demais na fúria da batalha para notar quem eram, além de uma unidade illyriana, principalmente quando tantos empunhavam Sifões.

Mas desde as primeiras horas, quando nos salvaram e viraram a maré da batalha, não vi nenhum de meus irmãos entre os vivos. Não sabia se Cassian ou Azriel sequer haviam lutado na planície.

O último era improvável, pois meu pai o mantinha por perto para espionar, mas Cassian... Cassian poderia ter sido reposicionado. Não duvidaria se meu pai o tivesse enviado para uma unidade com maior probabilidade de ser massacrada. Como aquela tinha sido, praticamente deixando o campo de batalha mais cedo, mancando.

Meus dedos doloridos e ensanguentados se enterraram em armadura amassada e carne suada e rígida quando afastei o último dos cadáveres dos Grão-Feéricos empilhados sobre o soldado illyriano caído.

Os cabelos pretos, a pele marrom-dourada... Iguais aos de Cassian.

Mas não era o rosto de Cassian, cinzento como a morte, que encarava o céu.

Perdi o fôlego, meus pulmões ainda ardiam devido aos urros, meus lábios estavam secos e rachados.

Precisava de água... urgentemente. Mas, ali perto, outro par de asas illyrianas despontava dos mortos empilhados.

Tropecei, cambaleando à frente, a mente em algum lugar sombrio e silencioso enquanto ajustava o pescoço torcido para ver o rosto debaixo do elmo simples.

Não era ele.

Abri caminho entre os cadáveres até outro illyriano.

E depois outro. E outro.

Alguns eu conhecia. Outros não. Mesmo assim, o campo de batalha se estendia sob o céu.

Quilômetro após quilômetro. Um reino de mortos em putrefação.

E mesmo assim eu procurava.

Sumário

PARTE UM
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10

PARTE DOIS
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24

Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50

PARTE TRÊS
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59

Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82

PARTE UM

Princesa da Putrefação

Capítulo 1

Feyre

A pintura era uma mentira.

Uma bela e alegre mentira, transbordando flores cor-de-rosa claras e espessos raios de sol.

Havia começado, no dia anterior, um estudo despreocupado do jardim de rosas que espreitava além das janelas abertas do estúdio. Em meio ao emaranhado de espinhos e folhas acetinadas, o verde mais intenso das colinas se estendia ao longe.

Primavera incessante, determinada.

Se houvesse pintado esse lampejo da corte como minha intuição ansiava, teriam sido espinhos dilaceradores de carne, flores sufocando a luz do sol para quaisquer plantas menores, e colinas íngremes manchadas de vermelho.

Mas cada pincelada na ampla tela fora calculada; cada toque e redemoinho de cores pretendia retratar não apenas a primavera idílica, mas também um estado de espírito alegre. Não feliz demais, porém satisfeita e finalmente em cura dos horrores que cuidadosamente relatei.

Supus que, nas últimas semanas, eu tivesse traçado meu comportamento tão intricadamente quanto uma dessas pinturas. Supus que, se também tivesse escolhido me mostrar como realmente desejava, estaria adornada por garras dilaceradoras de carne e mãos que sufocavam a vida daqueles agora em minha companhia. Teria deixado os corredores emoldurados em ouro manchados de vermelho.

Mas ainda não.

Ainda não, dizia a mim mesma a cada pincelada, a cada movimento que tinha feito naquelas semanas. Vingança apressada não ajudava ninguém — ou nada — além de meu ódio fervilhante.

Mesmo que eu ouvisse os soluços de Elain conforme era forçada para dentro do caldeirão a cada vez que falava com eles. Mesmo que visse Nestha apontar aquele dedo ao rei de Hybern em uma

promessa de morte sempre que eu olhava para eles. Mesmo que minhas narinas se enchessem de novo do odor acre do sangue de Cassian ao se empoçar nas pedras escuras daquele castelo de ossos sempre que lhes sentia o cheiro.

O pincel quebrou entre meus dedos.

Eu o parti ao meio, o cabo pálido estava estilhaçado, sem conserto.

Xingando baixinho, olhei para as janelas, as portas. Aquele lugar reunia olhos atentos demais para arriscar jogá-lo no lixo.

Projetei a mente ao redor, como uma rede, buscando mais alguém perto o suficiente para testemunhar, para me espionar. Não encontrei ninguém.

Estendi as mãos diante do corpo, com uma metade do pincel em cada palma.

Por um momento, me permiti ver além do encantamento que ocultava a tatuagem na mão e no antebraço direitos. As marcas de meu verdadeiro coração. Meu verdadeiro título.

Grã-Senhora da Corte Noturna.

Com um pensamento incompleto, o pincel quebrado se incendiou.

O fogo não me queimou, mesmo conforme devorava madeira e pincel e tinta.

Quando não passava de fumaça e cinzas, convidei um vento que as soprou de minhas palmas até as janelas abertas.

Por precaução, conjurei uma brisa do jardim para rodopiar pelo quarto, limpando qualquer gavinha remanescente de fumaça, preenchendo o cômodo com o cheiro almiscarado e sufocante de rosas.

Talvez quando minha tarefa aqui estiver terminada, eu bote fogo nessa mansão também. Começando pelas rosas.

Duas presenças se aproximando alertaram o fundo de minha mente, e peguei outro pincel, mergulhando-o na mistura mais próxima de tintas, e depois abaixei as armadilhas invisíveis e sombrias que erguera em torno do quarto para me alertar a respeito de qualquer visitante.

Eu trabalhava na forma como a luz do sol iluminava os delicados veios de uma pétala de rosa, tentando não pensar em como certa

vez a vira fazer o mesmo com asas illyrianas, quando as portas se abriram.

Fiz uma bela atuação ao parecer perdida no trabalho, curvando os ombros levemente, inclinando a cabeça. E atuei melhor ainda ao olhar vagarosamente por cima do ombro, como se me afastar da pintura fosse um verdadeiro esforço.

Mas a batalha foi o sorriso que forcei à boca; aos olhos... os verdadeiros delatores da natureza real de um sorriso. Eu tinha praticado no espelho. Diversas e diversas vezes.

Então, meus olhos facilmente se enrugaram quando lancei um sorriso submisso, porém feliz, a Tamlin.

A Lucien.

— Desculpe interromper — disse Tamlin, observando meu rosto em busca de sinais das sombras em cujas garras me lembrava de ocasionalmente cair, aquelas que eu empunhava para mantê-lo afastado quando o sol descia além das encostas. — Mas achei que gostaria de se arrumar para a reunião.

Então me obriguei a engolir em seco. Abaixei o pincel. Não passava da garota nervosa e insegura que fora havia muito tempo.

— Você... conversou com Ianthe? Ela virá mesmo?

Não a vira ainda. A Grã-Sacerdotisa que vendera minhas irmãs para Hybern, que *nos* vendera para Hybern.

E, mesmo que os relatórios confusos e breves de Rhysand pelo laço da parceria tivessem apaziguado parte de meu pesar e meu terror... Ela era responsável por aquilo. Pelo que acontecera semanas antes.

Foi Lucien quem respondeu, observando minha pintura, como se tivesse a prova que eu sabia que ele procurava.

— Sim. Ela... teve seus motivos. Está disposta a explicá-los a você.

Talvez explicasse também os motivos pelos quais colocava as mãos nos machos que bem quisesse, caso eles desejassem ou não. Os motivos por ter feito isso com Rhys, com Lucien.

Eu me perguntava o que Lucien realmente achava daquilo. E do fato de que a consequência da amizade de Ianthe com Hybern tivesse acabado sendo *sua* parceira. Elain.

Não havíamos falado de Elain, exceto uma vez, no dia após meu retorno.

Apesar do que Jurian deixou implícito com relação ao modo como minhas irmãs serão tratadas por Rhysand, disse eu a ele, *apesar de como é a Corte Noturna, não machucarão Elain ou Nestha dessa forma — ainda não. Rhysand tem maneiras mais criativas de feri-las*.

Lucien ainda parecia duvidar.

Por outro lado, eu também dei a entender, em meus "lapsos" de memória, que talvez não tivesse recebido a mesma criatividade ou cortesia.

O fato de terem acreditado tão facilmente, de acharem que Rhysand sequer forçaria alguém a... Acrescentei o insulto à longa lista de coisas a retribuir.

Apoiei o pincel e tirei o avental manchado de tinta, cuidadosamente dispondo-o no banquinho onde passei as duas últimas horas, curvada.

— Vou me trocar — murmurei, passando a trança frouxa sobre um dos ombros.

Tamlin assentiu, monitorando cada movimento meu conforme me aproximava de ambos.

— A pintura está linda.

— Não está nem perto de acabada — comentei, conjurando aquela garota que dispensara honrarias e elogios, que quisera passar despercebida. — Ainda está confusa.

Sinceramente, era um de meus melhores trabalhos, mesmo que a falta de personalidade fosse aparente apenas a mim.

— Acho que todos estamos — apaziguou Tamlin, com um sorriso hesitante.

Segurei a vontade de revirar os olhos e, então, devolvi o sorriso, roçando a mão sobre seu ombro quando passei.

Lucien estava esperando do lado de fora de meu novo quarto quando saí, dez minutos depois.

Levei dois dias para deixar de ir para o antigo — de virar à direita no alto das escadas, e não à esquerda. Mas não havia nada naquele velho quarto.

Olhei ali dentro uma vez, no dia após meu retorno.

Mobília destruída; roupa de cama rasgada; roupas espalhadas, como se ele tivesse me procurado dentro do armário. Ninguém, parecia, tivera permissão de limpar.

Mas eram as gavinhas — os espinhos — que o tornavam inabitável. Meu antigo quarto fora tomado por elas. As gavinhas se curvavam e serpenteavam sobre as paredes, enroscando-se entre os escombros. Como se tivessem rastejado para fora das treliças sob minhas janelas, como se cem anos tivessem se passado, e não meses.

Aquele quarto era agora uma tumba.

Segurei a macia saia rosa do vestido esvoaçante com uma das mãos e fechei a porta do quarto ao sair. Lucien permaneceu encostado à porta diante da minha.

Seu quarto.

Não duvidei de que Lucien tivesse se assegurado de que eu agora ficaria diante dele. Não duvidei de que o olho de metal que Lucien possuía sempre estivesse voltado para meus aposentos, mesmo enquanto ele dormia.

— Fico surpreso por estar tão calma, considerando suas promessas em Hybern — disse Lucien, à guisa de cumprimento.

A promessa de matar as rainhas humanas, o rei de Hybern, Jurian e Ianthe pelo que fizeram a minhas irmãs. A meus amigos.

— Você mesmo disse que Ianthe teve seus motivos. Por mais que eu esteja furiosa, posso ouvi-la.

Não contei a Lucien o que sabia a respeito da verdadeira natureza da sacerdotisa. Significaria explicar que Rhys a expulsara de sua casa, que Rhys o fizera para defender a si e aos membros da própria corte, e levantaria perguntas demais, arruinaria muitas mentiras cuidadosamente fabricadas e que mantinham Rhys e sua corte — *minha* corte — em segurança.

Embora eu tivesse me perguntado se, depois de Velaris, era sequer necessário. Nossos inimigos sabiam sobre a cidade, sabiam que era um lugar de bondade e paz. E haviam tentado destruí-la à primeira oportunidade.

A culpa pelo ataque a Velaris depois que Rhys a revelou àquelas rainhas humanas me assombraria pelo resto de nossa vida imortal.

— Ela vai inventar a história que você quiser ouvir — avisou Lucien.

Dei de ombros, caminhando pelo corredor acarpetado vazio.

— Posso decidir sozinha. Embora pareça que você já escolheu não acreditar nela.

Lucien passou a caminhar a meu lado.

— Ela envolveu duas mulheres inocentes nessa história.

— Estava trabalhando para se assegurar de que a aliança com Hybern se mantivesse firme.

Lucien me parou com a mão em meu cotovelo.

Permiti porque *não* permitir, atravessar da forma como fiz no bosque meses antes ou usar uma manobra defensiva illyriana para derrubar Lucien de bunda no chão, destruiria meu disfarce.

— Você é mais inteligente que isso.

Observei a mão grande e bronzeada que envolvia meu cotovelo. Então, encarei um olho avermelhado e outro dourado agitando-se.

— Onde ele a está mantendo? — sussurrou Lucien.

Eu sabia de quem ele falava.

Sacudi a cabeça.

— Não sei. Rhysand tem centenas de lugares onde poderiam estar, mas duvido de que use algum para esconder Elain, sabendo que os conheço.

— Conte mesmo assim. Liste todos eles.

— Vai morrer assim que puser os pés no território dele.

— Sobrevivi muito bem quando a encontrei.

— Não conseguiu ver que ele me mantinha em transe. Você o deixou me levar de volta. — Mentira, mentira, mentira.

Mas a mágoa e a culpa que eu esperava não estavam ali. Lucien vagarosamente soltou a mão.

— Preciso encontrá-la.

— Você nem mesmo conhece Elain. O laço da parceria é apenas uma reação física sobrepujando seu bom senso.

— Foi isso que fez com você e Rhys?

Uma pergunta em voz baixa, perigosa. Mas obriguei o medo a tomar meus olhos, me permiti trazer à tona lembranças da Tecelã, do Entalhador, do Verme de Middengard, para que o antigo terror encharcasse meu cheiro.

— Não quero falar sobre isso — avisei, e minha voz parecia áspera e hesitante.

Um relógio soou no andar principal. Fiz uma oração silenciosa em agradecimento à Mãe e segui com passadas rápidas.

— Nós nos atrasaremos.

Lucien assentiu. Mas senti o olhar em minhas costas, fixo em minha coluna, conforme desci as escadas. Para ver Ianthe.

E por fim decidir como eu a dilaceraria.

A Grã-Sacerdotisa tinha exatamente a aparência de que eu me lembrava, tanto naquelas memórias que Rhys me mostrou quanto nos devaneios em que eu usava as garras escondidas sob minhas unhas para lhe arrancar os olhos, então a língua e, depois, abrir sua garganta.

Meu ódio se tornara algo vivo no peito, uma batida ecoante do coração, que me embalava ao sono e me despertava. Eu o acalmei ao encarar Ianthe do outro lado da formal mesa de jantar, Tamlin e Lucien a meu lado.

Ela ainda usava o capuz pálido e a tiara prateada, incrustada com a límpida pedra azul.

Como um Sifão; a joia no centro me lembrava os Sifões de Azriel e Cassian. E me perguntei se, como com os guerreiros illyrianos, a joia ajudava de alguma forma a moldar um dom indomável de magia em algo mais lapidado, mais mortal. Ianthe nunca a removia — mas eu jamais vira a sacerdotisa conjurar um poder maior que acender uma bola de luz feérica no salão.

A Grã-Sacerdotisa abaixou os olhos azuis-esverdeados para a mesa de madeira escura, e o capuz projetou sombras no rosto perfeito.

— Quero começar dizendo o quanto estou arrependida. Agi movida por um desejo de... lhe conceder o que eu acreditava ser seu anseio inconfessável, enquanto, ao mesmo tempo, mantinha nossos aliados em Hybern satisfeitos com a aliança.

Mentiras belas e envenenadas. Mas descobrir seu real motivo... Eu esperei por essa reunião por semanas. Passara as últimas

fingindo convalescer, fingindo me *curar* dos horrores a que sobrevivi nas mãos de Rhysand.

— Por que eu sequer desejaria que minhas irmãs sofressem aquilo? — Minha voz saiu trêmula, fria.

Ianthe ergueu a cabeça, observando meu rosto hesitante, se não um pouco distraído.

— Para que pudesse estar com elas para sempre. E, se Lucien tivesse descoberto que Elain era sua parceira de antemão, teria sido... devastador perceber que só teria algumas décadas.

O som do nome de Elain nos lábios de Ianthe me fez soltar um grunhido. Mas eu o contive, recorrendo àquela máscara de silêncio doloroso, a mais recente em meu arsenal.

— Se espera gratidão, esperará por um bom tempo, Ianthe — respondeu Lucien.

Tamlin lançou-lhe um olhar de aviso — tanto pelas palavras quanto pelo tom. Talvez Lucien matasse Ianthe antes que eu tivesse a chance, apenas pelo horror que ela fez sua parceira sofrer naquele dia.

— Não — sussurrou Ianthe, de olhos arregalados, a imagem perfeita do remorso e da culpa. — Não, não espero gratidão alguma. Ou perdão. Mas compreensão... Este também é meu lar. — Ela ergueu a mão fina adornada por anéis e braceletes prateados a fim de gesticular para a sala, para a mansão. — Todos precisamos de alianças que jamais nos acreditaríamos capazes de forjar... talvez desagradáveis, sim, mas... a força de Hybern é grande demais para ser contida. Agora só se pode esperar que passe, como qualquer tempestade. — Ianthe olhou na direção de Tamlin. — Trabalhamos tão arduamente a fim de nos preparar para a chegada inevitável de Hybern, todos esses meses. Cometi um erro grave e sempre me arrependerei de qualquer dor que tenha causado, mas vamos continuar esse bom trabalho juntos. Encontraremos uma forma de garantir que nossas terras e nossa gente sobrevivam.

— Ao custo de quantas outras vidas? — indagou Lucien.

De novo, aquele olhar de aviso de Tamlin. Mas Lucien o ignorou.

— O que vi em Hybern — falou Lucien, segurando os braços da cadeira com tanta força que a madeira entalhada rangeu. — Qualquer promessa que ele tenha feito de paz e imunidade... —

Lucien hesitou, como se lembrasse de que Ianthe poderia muito bem dar aquela informação ao rei. Ele afrouxou a mão sobre a cadeira, os longos dedos se flexionaram antes de se apoiarem nos braços novamente. — Precisamos tomar cuidado.

— Tomaremos — prometeu Tamlin. — Mas já concordamos com certas condições. Sacrifícios. Se nos separarmos agora... mesmo com Hybern como aliada, precisamos apresentar uma frente sólida. Juntos.

Tamlin ainda confiava em Ianthe. Ainda achava que ela simplesmente fizera uma escolha ruim. Não fazia ideia do que espreitava sob a beleza, as roupas e os encantamentos devotos.

Mas, por outro lado, a mesma cegueira o impedia de perceber o que espreitava sob minha pele também. Ianthe fez outra reverência com a cabeça.

— Tentarei ser digna de meus amigos.

Lucien pareceu tentar com muito, muito afinco não revirar os olhos.

— Todos tentaremos — disse Tamlin, no entanto.

Essa era a nova palavra preferida de Tamlin: *tentar*.

Apenas engoli em seco, certificando-me de que Tamlin ouvisse, e assenti lentamente, mantendo os olhos em Ianthe.

— Jamais faça algo assim de novo.

A ordem de uma tola; uma que ela esperava que eu desse, pela rapidez com que assentiu. Lucien se recostou no assento, recusando-se a dizer mais.

— Mas Lucien está certo — disparei, a imagem da preocupação. — O que será do povo desta corte durante o conflito? — Franzi a testa para Tamlin. — Eles foram brutalizados por Amarantha, não tenho certeza de o quanto suportarão viver ao lado de Hybern. Já sofreram o suficiente.

Tamlin contraiu o maxilar.

— Hybern prometeu que nosso povo permanecerá intocado e imperturbado. — *Nosso* povo. Quase fiz uma careta, mesmo quando assenti de novo, em compreensão. — Foi parte de nosso acordo. — Quando Tamlin vendeu Prythian inteira, vendeu tudo decente e bom em si mesmo para me *recuperar*. — Nosso povo estará seguro quando Hybern chegar. Embora eu tenha enviado a mensagem de

que famílias deveriam... se realocar para a parte leste do território. Por enquanto.

Que bom. Pelo menos ele considerara as vítimas potenciais — pelo menos se importava com seu povo, entendia que tipo de jogos doentios Hybern gostava de fazer e que poderia jurar uma coisa, mas querer dizer outra. Se já estava movendo aqueles em maior risco durante o conflito para longe do caminho... Tornava meu trabalho ali mais fácil. E o leste... um trecho de informação que guardei. Se o leste era seguro, então o oeste... Hybern de fato viria por aquela direção. Chegaria por ali.

Tamlin suspirou.

— Isso me leva ao outro motivo desta reunião.

Eu me preparei, forçando uma expressão de curiosidade distraída, enquanto Tamlin declarava:

— A primeira delegação de Hybern chega amanhã. — A pele dourada de Lucien empalideceu. Tamlin acrescentou: — Jurian estará aqui ao meio-dia.

Capítulo 2

Mal ouvira um sussurro sobre Jurian nas últimas semanas; não via o comandante humano ressuscitado desde aquela noite em Hybern.

Jurian renascera por meio do Caldeirão, usando os restos mortais pavorosos que Amarantha guardou como troféus durante quinhentos anos, a alma estava presa e consciente dentro do próprio olho, conservado por magia. Estava louco; havia ficado louco muito antes de o rei de Hybern tê-lo ressuscitado para que liderasse as rainhas humanas em um caminho de submissão ignorante.

Tamlin e Lucien deviam saber. Deviam ter visto aquele brilho nos olhos de Jurian.

Mas... eles também não pareciam se importar que o rei de Hybern possuísse o Caldeirão... que o artefato fosse capaz de dividir aquele mundo em pedaços. Começando com a muralha. A única coisa entre os exércitos feéricos letais que se reuniam e as vulneráveis terras humanas abaixo.

Não, essa ameaça certamente não parecia manter Lucien ou Tamlin acordados à noite. Ou impedi-los de convidar tais monstros

para dentro de casa.

Tamlin prometera, quando retornei, que eu seria incluída no planejamento, em todas as reuniões. E foi fiel à palavra quando explicou que Jurian chegaria com outros dois comandantes de Hybern, e que eu estaria presente quando isso acontecesse. De fato, desejavam avaliar a muralha, testá-la em busca do ponto perfeito no qual atacar quando o Caldeirão recuperasse a força.

Transformar minhas irmãs em feéricas, aparentemente, exaurira o artefato.

Meu orgulho desse fato teve vida curta.

Minha primeira tarefa: descobrir onde planejavam atacar, e de quanto tempo o Caldeirão precisaria para recuperar a força total. Depois, passar essa informação para Rhysand e os demais.

Dei mais atenção a minhas roupas no dia seguinte, depois de dormir bem graças a um jantar com uma Ianthe cheia de culpa, que se excedeu ao bajular Lucien e eu. A sacerdotisa aparentemente desejava esperar até que os comandantes de Hybern estivessem acomodados antes de aparecer. Ela cantarolou algo a respeito de querer se assegurar de que teriam a chance de nos conhecer antes de se intrometer, mas um olhar para Lucien me disse que ele e eu, pela primeira vez, concordávamos: Ianthe provavelmente planejara algum tipo de entrada majestosa.

Fazia pouca diferença para mim — para meus planos.

Planos que mandei pelo laço da parceria na manhã seguinte, palavras e imagens seguindo aos tropeços por um corredor envolto em noite.

Não ousava arriscar usar o laço com muita frequência. Tinha me comunicado com Rhysand apenas uma vez desde que havia chegado. Apenas uma vez, nas horas depois de entrar em meu antigo quarto e ver os espinhos que o haviam tomado.

Fora como gritar de uma enorme distância, como falar debaixo d'água. *Estou a salvo e bem*, disparei pelo laço. *Contarei o que sei em breve*. Esperei, deixando que as palavras viajassem pela escuridão. Então, perguntei: *Estão vivos? Feridos?*

Não me lembrava de ser tão difícil de ouvir pelo laço entre nós, mesmo enquanto morava nesta mansão e Rhysand o utilizava para

ver se eu ainda respirava, para se certificar de que meu desespero não tinha me engolido por inteira.

Mas a resposta de Rhysand viera um minuto depois. *Amo você. Eles estão vivos. Estão se curando*.

Apenas isso. Como se fosse tudo o que ele conseguisse dizer.

Caminhei de volta a meus novos aposentos, tranquei a porta e envolvi o lugar inteiro em uma parede de ar espesso, a fim de evitar que qualquer cheiro de minhas lágrimas silenciosas escapasse enquanto me aninhei em um canto do banheiro.

Certa vez me acomodei naquela posição, observando as estrelas durante as longas e desoladoras horas da noite. Agora observava o céu azul sem nuvens além da janela aberta, ouvia os pássaros cantando uns para os outros e tinha vontade de rugir.

Não ousara pedir mais detalhes sobre Cassian e Azriel... ou sobre minhas irmãs. Apavorada por saber o quanto tinha sido ruim... e o que eu faria se a cura não vingasse. O que eu lançaria sobre aquelas pessoas.

Curando-se. Vivos e curando-se. Eu me lembrava disso todos os dias.

Mesmo quando ainda ouvia seus gritos, cheirava seu sangue.

Mas não pedi por mais. Não arrisquei tocar o laço além daquela primeira vez.

Não sabia se alguém podia monitorar tais coisas — as mensagens silenciosas entre parceiros. Não quando se podia sentir o cheiro do laço da parceria e eu jogava um jogo muito perigoso com ele.

Todos acreditaram que fora cortado, que o cheiro permanente de Rhys se devera ao fato de ele ter me forçado, ter plantado aquele cheiro em mim.

Acreditavam que, com o tempo, com a distância, o cheiro se dissiparia. Semanas ou meses, provavelmente.

E, quando não se dissipasse, quando permanecesse... Então eu precisaria atacar, com ou sem a informação de que precisava.

Mas com a possibilidade de que a comunicação pelo laço mantivesse o cheiro mais forte... Eu precisava minimizar o quanto o usava. Mesmo que não falar com Rhys, não ouvir aquele tom

divertido e perspicaz... Eu ouviria essas coisas de novo, prometi a mim mesma diversas vezes. Veria aquele sorriso sarcástico.

E estava novamente pensando no quanto aquele rosto parecera magoado da última vez que o vi, pensando em Rhys coberto pelo sangue de Azriel e de Cassian, quando Jurian e os dois comandantes de Hybern atravessaram para o cascalho da entrada no dia seguinte.

Jurian usava a mesma armadura leve de couro, os cabelos castanhos voavam sobre o rosto à brisa forte da primavera. Ele nos viu de pé nos degraus de mármore branco dentro da casa, e sua boca se contraiu com aquele sorriso torto e arrogante.

Impulsionei gelo para minhas veias, o frio de uma corte na qual jamais pusera os pés. Mas empunhava o dom de seu mestre sobre mim, transformando o ódio incandescente em calmaria gélida conforme Jurian caminhava com altivez até nós, com uma das mãos no cabo da espada.

Mas foram os dois comandantes — um macho, outro, fêmea — que fizeram uma pontada de medo verdadeiro deslizar para meu coração.

Tinham aparência de Grão-Feéricos, a pele exibia o mesmo tom rosado, e os cabelos traziam o mesmo tom de nanquim de seu rei. Mas eram as expressões vazias, sem sentimentos, que capturavam a atenção. Uma falta de emoção aperfeiçoada por milênios de crueldade.

Tamlin e Lucien ficaram rígidos quando Jurian parou ao pé das escadas curvas da entrada. O comandante humano deu um risinho.

— Você está parecendo melhor que da última vez que a vi.

Voltei meus olhos para os dele. E não disse nada.

Jurian riu com escárnio e gesticulou para que os dois comandantes avançassem.

— Deixem-me apresentar Suas Altezas príncipe Dagdan e princesa Brannagh, sobrinho e sobrinha do rei de Hybern.

Gêmeos; talvez ligados pelo poder e por laços mentais também.

Tamlin pareceu se lembrar de que aqueles eram agora seus aliados, e marchou escada abaixo. Lucien o seguiu.

Ele nos entregou. Entregou Prythian... por mim. Para me recuperar.

Fumaça espiralou dentro de minha boca. Desejei que o gelo a preenchesse de novo.

Tamlin inclinou a cabeça para o príncipe e a princesa.

— Bem-vindos a meu lar. Preparamos quartos para todos vocês.

— Meu irmão e eu ocuparemos um quarto juntos — disse a princesa. A voz era enganosamente leve, quase de uma garota. A total falta de sentimentos e a completa autoridade eram tudo menos isso.

Eu praticamente conseguia sentir a observação irônica que fervilhava dentro de Lucien. Mas desci um degrau e falei, no papel da senhora da casa que aquelas pessoas, que Tamlin, certa vez esperavam me ver alegremente preencher:

— Podemos facilmente fazer os ajustes necessários.

O olho de metal de Lucien se virou e se semicerrou para mim, mas mantive o rosto impassível quando fiz uma reverência para eles. Para meus inimigos. Qual de meus amigos os enfrentaria no campo de batalha?

Será que Cassian e Azriel já estariam bem o bastante para lutar, ou sequer empunhar uma espada? Não me permiti pensar nisso... em como Cassian tinha gritado quando suas asas foram destroçadas.

A princesa Brannagh me observou: o vestido cor-de-rosa, os cabelos que Alis tinha cacheado e trançado no alto da cabeça, formando uma tiara, as pérolas de um rosa-pálido nas orelhas.

Um pacote inofensivo e adorável, perfeito para que um Grão-Senhor montasse sempre que quisesse.

O lábio de Brannagh se retraiu quando ela olhou para o irmão. O príncipe pensou o mesmo, a julgar pelo riso de escárnio em resposta.

Tamlin grunhiu baixinho em aviso.

— Se já terminaram de olhar para ela, talvez possamos tratar dos negócios entre nós.

Jurian soltou uma risadinha baixa e subiu as escadas sem ter recebido licença para fazê-lo.

— Estão curiosos. — Lucien se enrijeceu diante da falta de decoro do gesto, das palavras. — Não é todo século que a

contestação da posse de uma fêmea inicia uma guerra. Principalmente uma fêmea com tais... talentos.

Apenas girei sobre um dos calcanhares e o segui degraus acima.

— Talvez, se você tivesse se incomodado em ir à guerra por Miryam, ela não o teria deixado pelo príncipe Drakon.

Um tremor pareceu percorrer Jurian. Tamlin e Lucien ficaram tensos a minhas costas, divididos entre monitorar nossa conversa e escoltar os dois membros da realeza de Hybern para dentro da casa. Devido a minha explicação de que Azriel e sua rede de espiões eram bem treinados, tínhamos dispensado quaisquer criados desnecessários, cautelosos a respeito de ouvidos e olhos à espreita. Apenas os de maior confiança permaneciam.

É claro que me esqueci de mencionar que Azriel chamara os próprios espiões de volta semanas antes, pois a informação não valia o custo de suas vidas. Ou que servia a *meus* propósitos ter menos pessoas me observando.

Jurian parou no alto das escadas, o rosto parecendo uma máscara de morte cruel conforme eu tomei os últimos degraus até ele.

— Cuidado com o que diz, menina.

Sorri, passando alegremente por Jurian.

— Ou o quê? Vai me jogar no Caldeirão?

Caminhei por entre as portas de entrada, desviando da mesa no hall, seu alto vaso de flores se curvando para encontrar o lustre de cristal.

Bem ali, a apenas alguns metros, eu tinha desabado em uma bola de terror e desespero tantos meses antes. Bem ali, no centro do saguão da entrada, Mor me pegou e me carregou para fora daquela casa, para a liberdade.

— Eis a primeira regra desta visita — avisei a Jurian, por cima do ombro, conforme segui para a sala de jantar, onde o almoço esperava. — Não me ameace em minha casa.

A imposição, eu soube um momento depois, deu certo.

Não com Jurian, que me olhou com ódio conforme tomou seu lugar à mesa.

Mas com Tamlin, que acariciou minha bochecha com o dorso de um dedo quando passou, alheio ao meu cuidado na escolha das

palavras, a como armei para que Jurian me servisse a oportunidade em uma bandeja.

Esse era meu primeiro passo: fazer Tamlin acreditar, acreditar de verdade, que eu o amava, e também aquele lugar, todos ali.

Para que não suspeitasse quando eu os voltasse uns contra os outros.

O príncipe Dagdan cedia a todos os desejos e ordens da irmã gêmea. Como se fosse a lâmina que ela empunhava para cortar o mundo.

Dagdan lhe servia as bebidas, cheirando-as primeiro. Selecionava os melhores cortes de carne das bandejas, e os arrumava ordenadamente no prato dela. Sempre deixava a irmã responder, e nunca, sequer olhava para Brannagh com dúvida nos olhos.

Uma alma em dois corpos. E pela forma como se olhavam em conversas silenciosas, me perguntei se talvez não seriam... talvez como eu. *Daemati*.

Meus escudos mentais eram uma parede adamantina negra desde que tinha chegado. Mas, enquanto comíamos, com trechos de silêncio se estendendo mais que conversas, me peguei verificando-os diversas vezes.

— Partiremos para a muralha amanhã — dizia Brannagh para Tamlin. Mais uma ordem que um pedido. — Jurian nos acompanhará. Requisitamos o uso de sentinelas que saibam onde estão os buracos.

Ao pensar neles tão próximos de terras humanas... Mas minhas irmãs não estavam em casa. Não, minhas irmãs estavam em algum lugar no amplo território de minha corte, protegidas por meus amigos. Mesmo que meu pai retornasse da viagem de negócios ao continente em um ou dois meses. Ainda não tinha decidido como contaria a ele.

— Lucien e eu podemos escoltá-los — sugeri.

Tamlin virou a cabeça para mim. Esperei pela recusa, pela proibição.

Mas pareceu que o Grão-Senhor tinha, de fato, aprendido a lição, estava, de fato, disposto a *tentar*, quando simplesmente apontou para Lucien.

— Meu emissário conhece a muralha tão bem quanto qualquer sentinela.

Você o está permitindo; está racionalmente permitindo que derrubem a muralha e cacem humanos do outro lado. As palavras se enroscaram e chiaram dentro de minha boca.

Mas me obriguei a enviar a Tamlin um aceno lento, talvez levemente insatisfeito. Ele sabia que eu jamais ficaria feliz com aquilo — a garota que Tamlin acreditava lhe ter sido devolvida sempre procuraria proteger a mortal terra natal. No entanto, julgou que eu suportaria aquilo por ele, por nós. Que Hybern não se banquetearia com humanos depois que a muralha caísse. Que simplesmente os absorveríamos em nosso território.

— Partiremos depois do café da manhã — avisei à princesa. E acrescentei a Tamlin: — Com algumas sentinelas também.

Seus ombros relaxaram ao ouvir isso. Eu me perguntei se Tamlin soubera como eu havia defendido Velaris. Como eu protegi o Arco-Íris contra uma legião de bestas feito o Attor. Como eu matara o Attor, brutal e cruelmente, pelo que ele fizera a mim e aos meus.

Jurian observou Lucien com a franqueza de um guerreiro.

— Sempre me perguntei quem fez esse olho depois que ela o arrancou.

Não falamos de Amarantha aqui. Jamais permitimos sua presença nesta casa. E isso me sufocou durante aqueles meses em que morei na mansão depois de Sob a Montanha; me matou dia após dia ter de abafar bem no fundo aqueles medos e a dor.

Por um segundo, sopesei quem eu tinha sido contra quem eu deveria ser agora. Curando-me lentamente — voltando a ser a garota que Tamlin alimentou e abrigou e amou antes de Amarantha partir meu pescoço depois de três meses de tortura.

Então, me movi na cadeira. Observei a mesa.

Lucien apenas lançou um olhar ríspido para Jurian enquanto os dois membros da realeza de Hybern observavam com indiferença.

— Tenho uma velha amiga na Corte Crepuscular. É habilidosa com funilaria, com misturar magia e máquinas. Tamlin conseguiu

que o fizesse para mim sob grande risco.

Jurian deu um sorriso odioso.

— Sua parceirinha tem uma rival?

— Minha parceira não é de sua conta.

Jurian deu de ombros.

— Também não deveria ser da sua, considerando que a esta altura provavelmente metade do exército illyriano trepou com ela.

Eu tinha quase certeza de que apenas séculos de treinamento evitaram que Lucien saltasse por cima da mesa e cortasse o pescoço de Jurian.

Mas foi o grunhido de Tamlin que chacoalhou as taças.

— Você vai se comportar como um convidado decente, Jurian, ou dormirá nos estábulos, como as outras bestas.

Jurian apenas bebericou do vinho.

— Por que eu deveria ser punido por afirmar a verdade? Nenhum de vocês esteve na Guerra, quando minhas forças se aliaram aos trogloditas illyrianos. — Ele lançou um olhar de esguelha para os dois hybernianos. — Suponho que vocês dois tenham tido o prazer de lutar contra eles.

— Guardamos as asas dos generais e lordes como troféus — disse Dagdan, com um leve sorriso.

Precisei de cada gota de concentração para não olhar para Tamlin. Para não exigir saber onde estavam os dois pares de asas que o pai guardara como troféu depois de assassinar a mãe e a irmã de Rhysand.

Pregadas no escritório, dissera Rhys.

Mas eu não encontrara nenhum traço quando as busquei ao retornar, fingindo uma necessidade de explorar nascida do puro tédio de um dia chuvoso. As adegas também não revelaram nada. Nenhum baú ou caixa ou quartos trancados contendo aquelas asas.

As duas mordidas de cordeiro assado que forcei para dentro se revoltavam contra mim. Mas pelo menos qualquer traço de nojo seria uma reação justa ao que o príncipe de Hybern acabara de alegar.

Jurian de fato sorriu para mim quando cortou o cordeiro em pequenos pedaços.

— Sabe que lutamos juntos, não sabe? Eu e seu Grão-Senhor. Mantivemos a vantagem contra os Legalistas, lutamos lado a lado até que o sangue batesse em nossas canelas.

— Ele não é o Grão-Senhor de Feyre — decretou Tamlin, em tom tranquilo.

— Ele deve ter contado onde escondeu Miryam e Drakon — apenas ronronou Jurian para mim.

— Estão mortos — falei, simplesmente.

— O Caldeirão diz o contrário.

Medo gélido se acomodou em meu estômago. Jurian já havia tentado isso: ressuscitar Miryam por conta própria. E descobrira que ela não estava entre os mortos.

— Fui informada de que estão mortos — repeti, tentando parecer entediada, impaciente. Dei uma mordida no cordeiro, tão insosso em comparação à riqueza de temperos em Velaris. — Achei que tivesse coisas melhores a fazer, Jurian, que obcecar com a amante que o chutou.

Seus olhos brilharam forte, com cinco séculos de loucura, quando Lucien espetou um pedaço de carne no garfo.

— Dizem que você trepava com Rhysand antes de sequer ter chutado seu amante.

— *Basta* — grunhiu Tamlin.

Mas então eu senti. A batida contra minha mente. Vi o plano, claro e simples: nos irritar, nos distrair enquanto os dois silenciosos membros da realeza entravam em nossas mentes.

A minha estava protegida. Mas a de Lucien... A de Tamlin.

Estendi o poder beijado pela noite, projetando-o como uma rede. E encontrei dois tendões oleosos lancinando as mentes de Lucien e de Tamlin, como se fossem, de fato, lanças arremessadas pelo outro lado da mesa.

Golpeei. Dagdan e Brannagh se sobressaltaram nos assentos, como se eu tivesse lhes golpeado fisicamente, enquanto os poderes se chocaram contra uma barreira de adamantino preto em torno das mentes de Lucien e de Tamlin.

Eles lançaram os olhos escuros em minha direção. Encarei cada um dos dois.

— O que foi? — perguntou Tamlin, e percebi como havia ficado silencioso.

Fiz questão de franzir a testa, confusa.

— Nada. — Ofereci um sorriso doce para os dois hybernianos. — Vossas Altezas devem estar cansadas depois de uma jornada tão longa.

E, por precaução, disparei contra suas mentes, encontrando uma muralha de osso branco.

Os dois estremeceram quando raspei garras negras por seus escudos mentais, fazendo sulcos profundos.

O golpe de aviso me custou uma dor de cabeça fraca, latejante, originada em minhas têmporas. Mas apenas retornei à comida, ignorando o piscar de um olho me lançado por Jurian.

Ninguém falou pelo restante da refeição.

Capítulo 3

O bosque primaveril caiu em silêncio quando cavalgamos por entre as árvores em botão; os pássaros e as pequenas criaturas peludas buscaram abrigo muito antes de passarmos..

Não de mim ou de Lucien ou das três sentinelas a uma distância respeitável na retaguarda. Mas de Jurian e dos dois comandantes de Hybern, que cavalgavam no centro do grupo. Como se fossem tão terríveis quanto o Bogge, os naga.

Chegamos à muralha sem incidentes e sem que Jurian tentasse nos atrair para uma distração. Fiquei a maior parte da noite acordada, projetando minha cautela pela mansão, caçando algum sinal de que Dagdan e Brannagh estivessem usando a influência de daemati em mais alguém. Ainda bem que minha habilidade em quebrar maldições, herdada de Helion Quebrador de Feitiços, Grão-Senhor da Corte Diurna, não detectou amarras ou feitiços, exceto pelas proteções em volta da própria casa, destinadas a impedir alguém de atravessar para dentro ou para fora.

Tamlin estivera tenso durante o café da manhã, mas não me pedira para ficar. Cheguei inclusive a testá-lo, perguntando qual era

o problema — ao que Tamlin apenas respondeu, alegando uma dor de cabeça. Lucien simplesmente lhe deu tapinhas no ombro e prometeu tomar conta de mim. Quase gargalhei das palavras.

Mas o sorriso estava agora longe de meus lábios enquanto a muralha pulsava e latejava, uma presença pesada, terrível, que pairava a quase um quilômetro de distância. Mas de perto... Mesmo nossos cavalos pareciam arredios, virando a cabeça e batendo os cascos na terra coberta de musgo conforme os apeávamos aos galhos baixos de cornáceas em flor.

— A fenda na muralha fica bem ali — dizia Lucien, parecendo tão animado quanto eu por estar em tal companhia. Pisando nas flores cor-de-rosa caídas, Dagdan e Brannagh passaram para o lado do feérico, Jurian saiu serpenteando para avaliar o terreno, as sentinelas permaneceram com as montarias.

Segui Lucien e os hybernianos, mantendo uma distância casual. Sabia que minhas roupas elegantes e requintadas não desviavam a atenção do príncipe e da princesa de que outra daemati agora caminhava a suas costas. Mas, ainda assim, escolhi cuidadosamente o casaco safira bordado e a calça marrom; adornados apenas pela faca e pelo cinto incrustados de joias, dados a mim por Lucien certa vez. Havia uma vida.

— Quem partiu a muralha aqui? — perguntou Brannagh.

Ele analisava o buraco que não conseguíamos ver — a própria muralha era completamente invisível —, mas sentíamos, como se o ar tivesse sido sugado em um ponto.

— Não sabemos — respondeu Lucien, a luz salpicada do sol iluminou o adorno em linha dourada da jaqueta marrom-corça conforme ele cruzava os braços. — Alguns dos buracos simplesmente apareceram ao longo dos séculos. Este mal é largo o bastante para uma pessoa.

Uma troca de olhares entre os gêmeos. Eu me aproximei por trás, observando a falha, a parede em torno da mesma, que fazia cada instinto recuar diante do quanto parecia... *errada.*

— Foi por aqui que entrei... daquela primeira vez.

Lucien assentiu, e os outros dois ergueram as sobrancelhas. Mas me aproximei um passo de Lucien, o braço quase tocando o seu, e o usei como uma barreira. Os gêmeos haviam sido mais

cautelosos no café da manhã a respeito de forçar meus escudos mentais. Mas agora, deixando que me julgassem fisicamente intimidada por eles... Brannagh estudou o quanto eu ficava perto de Lucien; como ele se movia levemente para me proteger também.

Um sorriso sutil e frio lhe deformou os lábios.

— Quantos buracos há na muralha?

— Contamos três ao longo de toda a fronteira — respondeu Lucien rispidamente. — Mais um ao longo da costa, a cerca de 1,5 quilômetro.

Não deixei que a máscara de frieza hesitasse quando ele forneceu essa informação.

Mas Brannagh sacudiu a cabeça, os cabelos escuros devoraram a luz do sol.

— As entradas marítimas são inúteis. Precisamos quebrá-la em terra.

— O continente certamente também tem trechos.

— Suas rainhas têm um poder ainda mais fraco sobre o povo que vocês — revelou Dagdan. Tomei aquele fragmento de informação, estudando-o.

— Deixaremos que explorem, então — falei, gesticulando para o buraco. — Quando tiverem terminado, cavalgaremos para o seguinte.

— Fica a dois dias daqui — replicou Lucien.

— Então, planejaremos essa excursão — expliquei, simplesmente. Antes que Lucien pudesse discordar, perguntei: — E o terceiro buraco?

Lucien bateu com o pé contra o chão cheio de musgo, mas falou:

— Fica dois dias além daquele.

Eu me virei para os hybernianos, arqueando uma sobrancelha.

— Vocês dois conseguem atravessar?

Brannagh corou, enrijecendo o corpo. Mas foi Dagdan quem admitiu:

— Eu consigo. — Ele devia ter carregado tanto Brannagh quanto Jurian quando chegaram. Então, Dagdan acrescentou: — Apenas alguns quilômetros se carregar outros.

Simplesmente assenti e fui na direção de um emaranhado de cornáceas baixas; Lucien me seguiu de perto. Quando não restava

nada além do farfalhar de flores rosa e a luz do sol projetando-se em falhas pelo emaranhado de galhos, quando os hybernianos se ocuparam da muralha, fora da vista e dos ouvidos, eu me sentei em uma rocha lisa e nua.

Lucien se sentou contra uma árvore próxima, cruzando um tornozelo calçado na bota sobre o outro.

— O que quer que esteja planejando, nos mergulhará fundo em merda.

— Não estou planejando nada. — Peguei uma flor caída e a girei entre o polegar e o indicador.

Aquele olho dourado se semicerrou, emitindo um clique baixo.

— O que sequer vê com essa coisa?

Ele não respondeu.

Joguei a flor no musgo macio entre nós.

— Não confia em mim? Depois de tudo por que passamos?

Lucien franziu a testa para a flor jogada, mas, mesmo assim, não disse nada.

Eu me ocupei de organizar minha bolsa até encontrar o cantil de água.

— Se estivesse vivo na Guerra — perguntei a Lucien, tomando um gole —, teria lutado ao lado deles? Ou lutado pelos humanos?

— Eu teria sido parte da aliança humano-feérica.

— Mesmo que seu pai não o fosse?

— Principalmente se meu pai não o fosse.

Mas Beron tinha sido parte daquela aliança, se eu me lembrava bem das lições com Rhys tantos meses antes.

— E, mesmo assim, aqui está, pronto para marchar com Hybern.

— Fiz isso por você também, sabe? — Palavras frias, ríspidas. — Fui com ele buscá-la.

— Jamais percebi como a culpa é uma motivação poderosa.

— Naquele dia que você... se foi — disse ele, lutando para evitar aquela outra palavra: *partiu*. — Cheguei antes de Tamlin na mansão, recebi a mensagem quando estávamos na fronteira, e corri até aqui. Mas o único traço seu era aquele anel, derretido entre as pedras da sala. Eu me livrei da joia um momento antes de Tamlin chegar em casa e vê-la.

Uma frase de sonda, cautelosa. Sobre os fatos que apontavam não para uma abdução.

— Eles o derreteram de meu dedo — menti.

Lucien engoliu em seco e apenas sacudiu a cabeça, a luz do sol filtrada pelo dossel da floresta fez o vermelho-âmbar dos cabelos faiscar.

Ficamos sentados em silêncio durante minutos. Pelo farfalhar e os murmúrios, os hybernianos estavam terminando, e me preparei, calculando as palavras que precisaria usar sem parecer suspeita.

— Obrigada. Por ir até Hybern me buscar — falei, baixinho.

Lucien mexeu no musgo a seu lado, o maxilar trincado.

— Era uma armadilha. O que achei que faríamos lá... não acabaria daquele jeito.

Foi um esforço não exibir meus dentes. Mas caminhei até Lucien, ocupando um lugar a seu lado contra o amplo tronco da árvore.

— Esta situação é terrível — declarei, e era verdade.

Uma risada baixa de escárnio.

Bati com o joelho contra o dele.

— Não se deixe levar por Jurian. Ele está fazendo isso para sentir as fraquezas entre nós.

— Eu sei.

Virei o rosto para Lucien, apoiando o joelho contra ele em uma exigência silenciosa.

— Por quê? — perguntei. — *Por que* Hybern quer fazer isso, além de algum desejo terrível de conquista? O que o motiva... motiva seu povo? Ódio? Arrogância?

Lucien finalmente me olhou, as peças e os entalhes do olho de metal eram muito mais hipnotizantes de perto.

— Você...

Brannagh e Dagdan irromperam pelos arbustos, franzindo a testa ao nos encontrar ali.

Mas foi Jurian — bem ao encalço de ambos, como se estivesse relatando os detalhes das observações — quem sorriu ao nos ver, joelho contra joelho e quase nariz contra nariz.

— Cuidado, Lucien — aconselhou o guerreiro, com escárnio. — Já viu o que acontece com machos que tocam os pertences do

Grão-Senhor.

Lucien grunhiu, mas lancei-lhe um olhar de aviso.

O que prova minha tese, falei, silenciosamente.

E apesar de Jurian, apesar dos membros risonhos da família real, um canto da boca de Lucien se repuxou para cima.

Ianthe esperava nos estábulos quando retornamos.

Ela fizera a grande chegada no fim do café da manhã, horas antes, entrando na sala de jantar como uma brisa quando o sol brilhava em raios de puro ouro pelas janelas.

Eu não tinha dúvidas de que a sacerdotisa planejara o momento, assim como planejara a pausa no meio de um dos raios de sol, a inclinação para que os cabelos brilhassem e a joia no alto da cabeça queimasse com o fogo azul. Eu teria chamado a tela de *Devoção Modelo*.

Depois que Ianthe foi rapidamente apresentada por Tamlin, ela se engraçou mais para o lado de Jurian — o rei apenas fez careta, como se a Grã-Sacerdotisa fosse algum inseto lhe zumbindo ao ouvido.

Dagdan e Brannagh ouviram a bajulação de Ianthe com tamanho tédio que eu começava a me perguntar se talvez os dois não preferissem apenas a companhia um do outro. De qualquer que fosse a maneira pecaminosa. Nenhum piscar interessado de olhos na direção da beldade acostumada a fazer machos e fêmeas pararem boquiabertos para admirá-la. Talvez qualquer tipo de paixão física tivesse há muito sido drenado, assim como suas almas.

Então, a realeza de Hybern e Jurian toleraram Ianthe por cerca de um minuto antes de acharem a comida mais interessante. Um lapso que sem dúvida explicava por que ela decidira nos encontrar ali, esperando por nosso retorno conforme cavalgávamos até a casa.

Era minha primeira cavalgada em meses, e eu estava tão rígida que mal conseguia me mover conforme o grupo desmontava. Lancei

a Lucien um olhar súbito de súplica, e ele mal escondeu o sorriso irônico quando caminhou até mim.

Nosso grupo se dispersava e observava — ninguém com mais atenção que Ianthe — Lucien segurar minha cintura com as mãos largas e me descer do cavalo com facilidade.

Apenas dei tapinhas no ombro de Lucien em agradecimento. Sempre cortês, ele fez uma reverência em resposta.

Era difícil, às vezes, me lembrar de odiá-lo. Lembrar do jogo que eu já estava jogando.

— Uma jornada bem-sucedida, espero? — perguntou Ianthe, animada.

Indiquei a realeza com o queixo.

— Eles pareceram satisfeitos.

De fato, o que quer que estivessem procurando, tinham encontrado. Não ousei fazer perguntas indiscretas demais. Ainda não.

Ianthe fez uma reverência com a cabeça.

— Graças ao Caldeirão por isso.

— O que você quer? — perguntou Lucien, em tom inexpressivo demais.

Ela franziu a testa, mas ergueu o queixo, unindo as mãos diante do corpo ao dizer:

— Daremos uma festa em honra de nossos convidados, coincidindo com o Solstício de Verão, em alguns dias. Queria falar com Feyre a respeito. — Um sorriso dissimulado. — A não ser que tenha alguma objeção.

— Ele não tem — respondi, antes que Lucien pudesse dizer algo de que se arrependeria. — Me dê uma hora para comer e me trocar; então, eu a encontrarei no escritório.

Talvez um pouco mais determinada do que um dia eu fora, mas Ianthe assentiu mesmo assim. Dei o braço a Lucien e o guiei para longe.

— Vejo você em breve — dispensei Ianthe, e senti seu olhar sobre nós conforme caminhávamos para longe dos estábulos mal iluminados em direção à forte luz do meio do dia.

O corpo de Lucien estava rígido, quase trêmulo.

— O que aconteceu entre vocês dois? — sibilei, quando estávamos perdidos entre a sebe e as trilhas de cascalho do jardim.

— Não vale a pena repetir.

— Quando eu... fui levada — arrisquei, quase tropeçando na palavra, quase dizendo *parti*. — Ela e Tamlin...

Não precisei fingir o revirar de minhas entranhas.

— Não — respondeu Lucien, a voz rouca. — Não. Quando chegou o Calanmai, ele se recusou. Simplesmente se recusou a participar. Eu o substituí no Ritual, mas...

Eu tinha me esquecido. Me esquecido do Calanmai e do ritual. Fiz uma contagem mental dos dias.

Não era à toa que tinha me esquecido. Estava naquele chalé nas montanhas. Com Rhys enterrado em mim. Talvez tivéssemos gerado nossa própria magia naquela noite.

Mas Lucien...

— Você levou Ianthe para aquela caverna no Calanmai?

Lucien não me encarou.

— Ela insistiu. Ele estava... As coisas estavam ruins, Feyre. Fui no lugar de Tamlin e fiz meu dever para com a corte. Fui por vontade própria. E completamos o ritual.

Não era à toa que Ianthe tinha se afastado de Lucien. Conseguira o que queria.

— Por favor, não conte a Elain — pediu ele. — Quando nós... quando nós a reencontrarmos — acrescentou ele.

Lucien podia ter completado o Grande Ritual com Ianthe por vontade própria, mas certamente não gostara disso. Algum limite fora ultrapassado... e muito.

E meu coração pesou um pouco no peito quando disse a Lucien, sem qualquer fingimento:

— Não contarei a ninguém a não ser que me diga para fazê-lo. — O peso daquela faca e do cinto incrustados de joias pareceu aumentar. — Queria ter estado lá para impedir. Eu deveria ter estado lá para impedir. — Fui sincera em cada palavra.

Lucien apertou nossos braços dados quando contornávamos uma sebe, a casa se erguia à frente.

— Você é uma amiga melhor para mim, Feyre — disse ele, baixinho — que jamais fui para você.

Alis franziu a testa para os dois vestidos que pendiam da porta do armário, os longos dedos marrons alisavam *chiffon* e seda.

— Não sei se a cintura pode ser alargada — avaliou Alis, sem olhar de volta para onde eu estava sentada, na beira da cama. — Tiramos tanto que não restou muito tecido com que mexer... Talvez você precise encomendar vestidos novos.

Ela me encarou então, percorrendo com os olhos meu corpo coberto pelo roupão.

Eu sabia o que Alis via... o que mentiras e sorrisos envenenados não podiam esconder: eu tinha me tornado magra como uma aparição quando morei ali depois de Amarantha. No entanto, apesar de tudo o que Rhys fizera para me ferir, eu tinha recuperado o peso perdido, ganhado músculos e perdido o tom doentio em favor de uma pele bronzeada de sol.

Para uma mulher que fora torturada e atormentada durante meses, eu parecia incrivelmente bem.

De cada lado do quarto, nossos olhares se encontraram, o silêncio perturbado apenas pelo zumbido dos poucos criados restantes no corredor, ocupados com as preparações para o solstício na manhã seguinte.

Eu tinha passado os dois últimos dias bancando o belo bicho de estimação, e me fora permitido participar de reuniões com a realeza de Hybern; em grande parte porque permanecia quieta. Eles eram tão cautelosos quanto nós, esquivando-se das perguntas de Tamlin e de Lucien sobre os movimentos de seus exércitos, sobre os aliados estrangeiros e sobre outros aliados dentro de Prythian. As reuniões não davam em nada, pois tudo o que *eles* queriam saber eram informações sobre nossas forças.

E sobre a Corte Noturna.

Dei informações verdadeiras e falsas a Dagdan e Brannagh, misturando-as imperceptivelmente. Expus a tropa illyriana entre as montanhas e as estepes, mas destaquei o clã mais forte como o mais fraco; mencionei a eficiência daquelas pedras azuis de Hybern contra o poder de Cassian e de Azriel, mas deixei de mencionar com que facilidade eles as contornaram. Qualquer pergunta que eu

não conseguisse evadir, eu fingia perda de memória ou trauma grande demais para suportar a lembrança.

Mas, apesar de todas as mentiras e os ardis, a realeza hyberniana parecia atenta demais para revelar muito das próprias informações. E, apesar de todas as minhas expressões cuidadosas, Alis parecia ser a única a reparar nas minúsculas evidências que mesmo eu não podia controlar.

— Acha que há algum vestido apropriado para o solstício? — indaguei, casualmente, quando o silêncio continuou. — Os rosa e os verdes me cabem, mas já os usei três vezes.

— Você nunca se importou com tais coisas — retrucou Alis, emitindo um estalo com a língua.

— Não posso mudar de ideia?

Aqueles olhos escuros se semicerraram levemente. Mas Alis abriu as portas do armário, os vestidos oscilaram com o movimento, e então vasculhou o interior escuro.

— Poderia vestir este. — Ela ergueu uma roupa.

Um conjunto de roupas turquesa da Corte Noturna, o corte semelhante à moda preferida de Amren, pendeu dos dedos finos de Alis. Meu coração pesou.

— Isso... por quê... — As palavras saíram de mim aos tropeços, pesadas e escorregadias, e me calei com um puxão forte do controle interior. Estiquei o corpo. — Não sabia que você podia ser tão cruel, Alis.

Uma risada de escárnio. Ela jogou as roupas de volta no armário.

— Tamlin rasgou os outros dois conjuntos, esqueceu este porque estava na gaveta errada.

Teci um fio mental até o corredor para me certificar de que ninguém ouvia.

— Ele estava transtornado. Eu queria que tivesse destruído esse par também.

— Eu estava lá naquele dia, sabe — revelou Alis, cruzando os braços esguios sobre o peito. — Vi Morrigan chegar. Vi quando ela estendeu a mão para o casulo de poder e a pegou como se você fosse uma criança. Implorei para que a levasse.

Engoli em seco, sem fingimento.

— Jamais contei isso a ele. Jamais contei a nenhum deles. Deixei que achassem que havia sido abduzida. Mas você se agarrou a ela, e Morrigan estava disposta a matar todos nós pelo que acontecera.

— Não sei por que presumiria isso. — Puxei a bainha do roupão de seda com mais força em volta do corpo.

— Criados conversam. Em Sob a Montanha, jamais vi Rhysand colocar as mãos em um criado. Guardas, os seguidores de Amarantha, as pessoas que ele tinha ordens de matar, sim. Mas nunca os frágeis. Nunca aqueles incapazes de se defender.

— Ele é um monstro.

— Dizem que você voltou diferente. Voltou errada. — Alis riu como um corvo. — Não me incomodo em dizer: acho que voltou certa. Voltou certa, por fim.

Um precipício se escancarou diante de mim. Limites... havia limites ali, e minha sobrevivência e a de Prythian dependiam de que os seguíssemos. Eu me levantei da cama, as mãos levemente trêmulas.

Mas, então, Alis continuou:

— Minha prima trabalha no palácio em Adriata.

Corte Estival. Alis era originalmente da Corte Estival e fugira de lá com os dois sobrinhos depois que a irmã fora brutalmente assassinada durante o reinado de Amarantha.

— Os criados naquele palácio não devem ser vistos ou ouvidos, mas eles veem e ouvem bastante quando ninguém os acredita presentes.

Ela era minha amiga. Tinha me ajudado a um grande risco em Sob a Montanha. Ficara a meu lado nos meses seguintes. Mas se arriscasse tudo...

— Ela disse que você fez uma visita. E que estava saudável e rindo e feliz.

— Era uma mentira. Ele me forçou a agir daquela forma. — O tom choroso em minha voz não precisou de muito esforço para surgir.

Alis deu um sorriso de compreensão, torto.

— Se é o que você diz.

— Eu *digo* sim.

Alis pegou um vestido de tom creme.

— Jamais pôde usar este. Pedi para depois de seu casamento.

Não era exatamente de noiva, mas era bastante puro. Limpo. O tipo de vestido do qual eu teria me ressentido quando voltei de Sob a Montanha, desesperada para evitar qualquer comparação com minha alma destruída. Mas agora... Encarei Alis de volta e me perguntei qual de meus planos ela teria descoberto.

— Só direi isto uma vez — sussurrou Alis. — O que quer que planeje fazer, imploro que deixe meus meninos de fora. Tome a retribuição que desejar, mas, por favor, poupe-os.

Eu jamais... quase comecei a dizer. Mas apenas sacudi a cabeça, franzindo a testa, totalmente confusa e perturbada.

— Só quero me encaixar de novo na vida aqui. Curar.

Curar a terra da corrupção e da escuridão que se alastravam por ela.

Alis pareceu entender também. Ela colocou o vestido na porta do armário, abanando a saia esvoaçante e brilhosa.

— Use este no solstício — aconselhou Alis, baixinho.

Então, usei.

Capítulo 4

O Solstício de Verão era exatamente como eu me lembrava: serpentinas, fitas e guirlandas de flores por todo lado, caixas de cerveja e vinho carregadas para a encosta das colinas que cercavam a propriedade, Grão-Feéricos e feéricos inferiores chegando em bandos para as comemorações.

Mas o que não havia ali um ano antes era Ianthe.

A celebração seria sacrilégio, entoou ela, se não agradecêssemos antes.

Então, todos acordamos duas horas antes do amanhecer, de olhos vermelhos, e nenhum de nós muito animado para suportar a cerimônia à medida que o sol despontava no horizonte no dia mais longo do ano. Eu me perguntei se Tarquin precisava tolerar tais rituais tediosos em seu palácio reluzente no litoral. Indaguei que tipo de comemorações ocorreriam em Adriata naquele dia, com o Grão-Senhor da Corte Estival que chegara tão perto de ser um amigo.

Até onde eu sabia, apesar dos rumores entre os criados, Tarquin ainda não enviara notícias a Tamlin a respeito da visita que Rhys, Amren e eu fizéramos. O que o senhor da Corte Estival acharia

agora de minhas circunstâncias trocadas? Eu não tinha dúvidas de que Tarquin soubera. E rezava para que ele ficasse de fora até que meu trabalho ali estivesse terminado.

Alis tinha me arranjado uma capa luxuosa de veludo branco para a cavalgada gélida até as colinas, e Tamlin me colocara em uma égua pálida como a lua e flores selvagens presas à crina prateada. Se quisesse fazer um quadro de pureza serena, teria sido a imagem que eu projetava naquela manhã, os cabelos trançados para o alto da cabeça, uma coroa de flores de espinheiro branco sobre os fios. Tinha dado batidinhas com *rouge* nas bochechas e nos lábios — um leve toque de cor. Como o primeiro vermelho de primavera sobre uma paisagem de inverno.

Conforme nossa procissão chegava à colina, com uma multidão reunida já no topo, centenas de olhos se voltaram para mim. Mas mantive o olhar adiante, para onde Ianthe estava parada, voltada para um altar de pedra rudimentar adornado por flores e os primeiros grãos e frutas do verão. O capuz, para variar, estava abaixado na túnica azul-pálido, e a tiara de prata agora repousava diretamente sobre a cabeça dourada.

Sorri para ela, minha égua obedientemente parou diante do arco norte do semicírculo formado pela multidão em torno da beira da colina e do altar da sacerdotisa, e me perguntei se Ianthe conseguia espiar as presas de loba logo abaixo.

Tamlin me ajudou a descer do cavalo, a luz cinzenta que precede o alvorecer refletia nos fios dourados de sua jaqueta verde. Eu me obriguei a encarar Tamlin quando ele me colocou sobre a grama macia, ciente de cada olhar sobre nós.

A lembrança levou um brilho ao olhar de Tamlin... pela forma como seus olhos desceram até minha boca.

Um ano antes, Tamlin me beijara nesse dia. Um ano antes, eu tinha dançado entre aquelas pessoas, distraída e alegre pela primeira vez na vida, e acreditei que fosse a maior felicidade que eu havia sentido e que jamais tornaria a sentir.

Dei a Tamlin um leve e tímido sorriso, e aceitei o braço que ele estendeu. Juntos, seguimos pela grama na direção do altar de pedra de Ianthe, os membros da família real de Hybern, Jurian e Lucien seguiram atrás.

Eu me perguntei se Tamlin também se lembrava de outro dia, tantos meses antes, quando eu usei um vestido branco diferente, quando também havia flores espalhadas.

Quando meu parceiro me resgatou depois de minha decisão de não seguir em frente com o casamento... alguma parte íntima pressentindo que não era certo. Não me acreditava merecedora, não queria colocar sobre Tamlin o fardo de uma eternidade com alguém tão arrasada quanto eu me sentia na época. E Rhys... Rhys teria me deixado casar com ele, acreditando que eu estava feliz, querendo que eu fosse feliz, mesmo que isso acabasse com ele. Mas assim que eu disse não... Rhys me salvou. Ele me ajudou a me salvar.

Olhei de esguelha para Tamlin.

Mas ele observava minha mão, apoiada sobre seu braço. O dedo vazio no qual certa vez repousara o anel.

O que ele pensava daquilo... aonde achava que o anel fora parar se Lucien tinha escondido a prova? Por um segundo, tive pena de Tamlin.

Não porque Lucien mentira para Tamlin, mas porque Alis também o fizera. Quantos outros teriam visto a verdade de meu sofrimento e tentaram poupar *Tamlin*?

Viram meu sofrimento e não fizeram nada para *me* ajudar.

Tamlin e eu paramos diante do altar, Ianthe nos ofereceu um aceno sereno e majestoso.

Os membros da família real de Hybern alternaram o peso do corpo entre os pés, sem se incomodar em esconder a impaciência. Brannagh fizera queixas pouco sutis a respeito do solstício no jantar da noite passada, declarando que em Hybern não se incomodavam com coisas tão odiosas e seguiam para as comemorações. E deixando implícito, do próprio jeito, que em breve também não nos importaríamos.

Ignorei a realeza quando Ianthe ergueu as mãos e gritou para a multidão atrás de nós:

— Um solstício abençoado para todos nós.

Então, teve início uma cadeia interminável de orações e rituais, os acólitos mais lindos e mais jovens de Ianthe ajudavam a servir o

vinho sagrado, ajudavam com a benção dos frutos da colheita no altar, com a súplica para que o sol nascesse.

Uma atuação linda e ensaiada. Lucien quase dormia atrás de mim.

Mas eu tinha repassado a cerimônia com Ianthe e sabia o que viria quando ela ergueu o vinho sagrado e entoou:

— E como a luz é mais forte hoje, que ela espante a escuridão indesejada. Que exile a mancha negra do mal.

Um golpe após o outro contra meu parceiro, meu lar. Mas assenti com Ianthe.

— Será que a princesa Brannagh e o príncipe Dagdan nos dariam a honra de tomar este vinho abençoado?

A multidão se agitou. Os membros da família real de Hybern piscaram, franzindo a testa um para o outro.

Mas eu me afastei, sorrindo alegremente para os dois e gesticulando na direção do altar.

Eles abriram a boca, sem dúvida para recusar, mas Ianthe não receberia um não.

— Bebam e permitam que nossos novos aliados se tornem novos amigos — declarou ela. — Bebam e lavem a noite interminável do ano.

Os dois daemati estavam provavelmente testando aquela taça em busca de veneno por meio de qualquer que fosse o treinamento mágico adquirido, mas mantive o sorriso imperturbável no rosto conforme os dois finalmente se aproximaram do altar e Brannagh aceitou o cálice prateado estendido.

Cada um deles mal tomou um gole antes que fizessem menção de recuar. Mas Ianthe cantarolou para os dois, insistindo que passassem para trás do altar a fim de testemunhar nossa cerimônia a seu lado.

Eu me certifiquei de que Ianthe soubesse com precisão o quanto eles se sentiam enojados com seus rituais. O quanto tentariam minar a utilidade da sacerdotisa como líder de seu povo quando chegassem. Ianthe agora parecia inclinada a convertê-los.

Mais orações e rituais até que Tamlin foi convocado ao outro lado do altar para acender uma vela pelas almas extintas no último

ano — a fim de que agora fossem levadas ao abraço da luz quando o sol nascesse.

Rosa começou a tingir as nuvens.

Jurian também foi chamado à frente para recitar uma última oração que requisitei a Ianthe, em honra dos guerreiros que lutavam por nossa segurança a cada dia.

E, então, Lucien e eu estávamos de pé, sozinhos, no círculo de grama, com o altar e o horizonte diante de nós, a multidão às nossas costas e ao lado.

Pela rigidez de sua postura, pela forma como o olhar desviava ao redor, eu sabia que Lucien agora repassava as orações e como eu tinha trabalhado com Ianthe na cerimônia. Como ele e eu tínhamos permanecido desse lado da linha no momento que o sol estava prestes a irromper sobre o mundo, e os demais haviam sido removidos.

Ianthe deu um passo na direção do sopé da colina, e os cabelos dourados caíram livremente pelas costas conforme a sacerdotisa ergueu os braços para o céu. A localização era intencional, assim como a posição dos braços.

Ela fez o mesmo gesto no Solstício de Inverno, de pé no local exato que o sol nasceria entre os braços erguidos, preenchendo-os de luz. Os acólitos de Ianthe discretamente marcaram o lugar na grama com uma pedra entalhada.

Devagar, o disco dourado do sol rompeu os verdes e azuis enevoados do horizonte.

Luz preencheu o mundo, clara e forte, arremessada diretamente contra nós.

As costas de Ianthe se arquearam, o corpo era um mero receptáculo a ser preenchido pela luz do solstício, e o que eu conseguia ver do rosto de Ianthe já estampava êxtase devoto.

O sol nasceu, e uma nota contida, emoldurada em ouro, ecoou pela terra.

A multidão começou a murmurar.

Depois, a gritar.

Não para Ianthe.

Mas para mim.

Para mim, resplandecente e pura em branco, começando a brilhar com a luz do dia conforme o caminho do sol fluía diretamente sobre mim em vez de sobre a sacerdotisa.

Ninguém se incomodou em confirmar ou sequer notar que a pedra de marcação de Ianthe tinha se movido 1,5 metro para a direita, tão ocupados com minha chegada ostentosa para notar um vento fantasma deslizar a pedra sobre a grama.

Ianthe levou mais tempo que qualquer outro para olhar.

Para se virar e ver que o poder do sol não a preenchia, não a abençoava.

Libertei a amarra sobre o poder que eu havia liberado em Hybern, meu corpo se tornou incandescente quando a luz brilhou. Pura como o dia, pura como a luz das estrelas.

— Quebradora da Maldição — murmurou alguém. — Abençoada — sussurraram outros.

Fiz questão de parecer surpresa... surpresa, mas conformada com a escolha do Caldeirão. O rosto de Tamlin estava rígido pelo choque, a realeza de Hybern, espantada.

Mas me virei para Lucien, a luz irradiando tão forte que refletiu no olho de metal. Um amigo pedindo ajuda a outro. Estendi a mão para ele.

Além de nós, eu conseguia sentir Ianthe lutando para recuperar o controle, para encontrar uma forma de virar o jogo.

Talvez Lucien também conseguisse sentir. Pois ele tomou minha mão e, então, se colocou sobre um dos joelhos na grama, pressionando meus dedos sobre a testa.

Como talos de trigo ao vento, os demais se ajoelharam também.

Pois em todas as vaidosas cerimônias e nos rituais, Ianthe jamais mostrara qualquer indício de poder ou benção. Mas Feyre Quebradora da Maldição, que livrara Prythian da tirania e da escuridão...

Abençoada. Sagrada. Irredutível diante do mal.

Deixei que meu brilho se expandisse até que também ondulasse a partir da forma curvada de Lucien.

Um cavaleiro diante de sua rainha.

Quando olhei para Ianthe e sorri de novo, deixei transparecer um pouco da loba.

As festividades, pelo menos, ainda eram iguais.

Depois que o estardalhaço e o espanto haviam diminuído, depois que meu brilho sumira quando o sol se posicionava sobre minha cabeça, seguimos para as colinas e os campos próximos, onde aqueles que não tinham participado da cerimônia já sabiam de meu pequeno milagre.

Fiquei perto de Lucien, que estava disposto a me agradar, pois todos pareciam divididos entre alegria e assombro, dúvidas e preocupações.

Ianthe passou as seis horas seguintes tentando explicar o que acontecera. O Caldeirão abençoara a amiga escolhida por ela, era o que dizia a sacerdotisa a quem quer que ouvisse. O sol tinha alterado o próprio caminho para mostrar o quanto ficara satisfeito com meu retorno.

Apenas os acólitos de Ianthe realmente prestavam atenção, e metade parecia apenas levemente interessada.

Tamlin, no entanto, parecia ser o mais cauteloso — como se a benção de alguma forma tivesse me perturbado, como se ele se lembrasse daquela mesma luz em Hybern e não conseguisse entender por que o incomodava tanto.

Mas o dever o levou a receber os agradecimentos e os bons desejos dos súditos, guerreiros e senhores inferiores, me deixando livre para perambular. Era parada de vez em quando por feéricos fervorosos e devotos que queriam tocar minha mão, lamuriar-se um pouco.

Antes, eu teria estremecido e me encolhido. Agora, eu recebia os agradecimentos e suas preces com devoção, sorrindo penhorada

Em parte, eu era sincera. Não tinha problema com o povo daquelas terras, que sofrera com os demais. Nenhum. Mas os membros da corte e as sentinelas que me procuravam... Fiz uma atuação melhor para eles. Abençoada pelo Caldeirão, era como me chamavam. *Uma honra*, eu simplesmente respondia.

Diversas vezes repetia essas palavras, durante o café da manhã e o almoço, até que voltei para a casa a fim de me limpar e descansar um momento.

Na privacidade do quarto, apoiei a coroa de flores na cômoda e sorri levemente para o olho tatuado na palma da mão direita.

O dia mais longo do ano, falei para o laço, mandando também lampejos de tudo o que acontecera no alto daquela colina. *Queria poder passá-lo com você.*

Ele teria gostado de minha atuação... teria gargalhado até ficar rouco da expressão no rosto de Ianthe.

Terminei de me lavar e estava prestes a voltar para as colinas quando a voz de Rhysand tomou minha mente.

Seria uma honra, disse ele, com gargalhadas a cada palavra, *passar sequer um momento na companhia de Feyre Abençoada pelo Caldeirão*.

Eu ri. As palavras eram distantes, difíceis. Ser rápida — eu precisava ser rápida, ou arriscaria a exposição. E, mais que tudo, eu precisava perguntar, saber...

Estão todos bem?

Esperei, contando os minutos. *Sim. Tão bem quanto podem estar. Quando volta para casa, para mim?*

Cada palavra era mais baixa que a anterior.

Logo, prometi. *Hybern está aqui. Terminarei em breve*.

Ele não respondeu... e esperei mais alguns minutos antes de mais uma vez colocar a coroa de flores e descer as escadas.

Quando cheguei ao jardim da varanda, no entanto, a voz fraca de Rhysand tomou minha mente mais uma vez. *Também queria poder passar o dia de hoje com você*.

As palavras foram como um punho se fechando em meu coração, e as afastei da mente quando voltei à festa nas colinas, meus passos pareciam mais pesados que quando segui flutuante até a casa.

Mas a mesa do almoço fora limpa e a dança começara.

Eu o vi esperando no limite de um dos círculos, observando cada movimento meu.

Olhei entre a grama e a multidão e o aglomerado de músicos tocando uma canção tão animada, com tambores e violinos e flautas, conforme me aproximei, apenas uma corça tímida e hesitante.

Certa vez, aqueles mesmos sons tinham me despertado, me fizeram dançar e dançar. Supus que agora mal passassem de armas em meu arsenal conforme parei diante de Tamlin, abaixei o olhar e perguntei, baixinho:

— Quer dançar comigo?

Alívio, felicidade e uma leve preocupação.

— Sim — sussurrou ele. — Sim, é claro.

Então, deixei que Tamlin me levasse para a dança agitada, girando e me inclinando, com pessoas se reunindo para comemorar e bater palmas. Dança após dança após dança, até que o suor escorresse por minhas costas conforme eu me esforçava para acompanhar, manter aquele sorriso no rosto, lembrar de sorrir quando minhas mãos estavam tão próximas de sua garganta a ponto de estrangulá-lo.

A música por fim passou para algo mais lento, e Tamlin nos guiou pela melodia. Quando os demais acharam os próprios parceiros mais interessantes de olhar, ele murmurou:

— Esta manhã... Você está bem?

Ergui a cabeça.

— Sim. Eu... não sei o que foi, mas sim. Ianthe está... irritada?

— Não sei. Ela não esperava por aquilo... não acho que ela lide bem com surpresas.

— Eu deveria pedir desculpas.

Um brilho lhe percorreu os olhos.

— Por quê? Talvez tenha sido uma benção. Magia ainda *me* surpreende. Se está irritada, o problema é dela.

Fingi que refletia; depois, assenti. Aproximei o corpo do seu, odiando cada ponto em que nossos corpos se tocavam. Não sabia como Rhys tinha suportado... suportado Amarantha. Durante cinco décadas.

— Você está linda hoje — elogiou Tamlin.

— Obrigada. — Eu me obriguei a olhar para seu rosto. — Lucien... Lucien me disse que você não completou o ritual no Calanmai. Que se recusou.

E deixou que Ianthe o levasse para aquela caverna em seu lugar.

Tamlin engoliu em seco.

— Não conseguia suportar.

Mas pôde suportar fazer um acordo com Hybern, como se eu fosse uma mercadoria roubada a ser devolvida.

— Talvez esta manhã não tenha sido uma benção apenas para mim — sugeri.

Uma carícia com a mão em minhas costas foi sua única resposta.

Foi tudo o que dissemos durante as três danças seguintes, até que a fome me arrastou para as mesas onde o jantar tinha sido servido. Deixei que Tamlin fizesse um prato para mim, deixei que ele mesmo me servisse quando encontramos um lugar sob um velho carvalho retorcido e observamos a dança e a música.

Quase perguntei se valia a pena — se abrir mão daquele tipo de paz valia a pena, apenas para me ter de volta. Pois Hybern viria até ali, usaria essas terras. E não haveria mais cantoria e dança. Não depois que chegassem.

Mas fiquei quieta enquanto a luz do sol se dissipou e a noite por fim caiu.

As estrelas brilharam ao ganhar vida, fracas e pequenas acima das fogueiras incandescentes.

Eu as observei durante as longas horas de comemorações e podia jurar que me fizeram companhia, minhas amigas silenciosas e constantes.

Capítulo 5

Voltei rastejando para a mansão duas horas depois da meia-noite, exausta demais para ficar até o alvorecer.

Principalmente quando reparei na forma como Tamlin me olhava, lembrando o alvorecer no ano anterior, quando ele me levou para longe e me beijou durante o nascer do sol.

Pedi que Lucien me acompanhasse, e ele ficou mais que feliz em fazê-lo, considerando que o próprio estado de macho com uma parceira fazia com que perdesse o interesse em qualquer tipo de companhia feminina ultimamente. E considerando que Ianthe tentara encurralá-lo o dia todo para perguntar o que acontecera na cerimônia.

Vesti a camisola, uma coisinha pequena de renda que usei certa vez para a diversão de Tamlin e agora estava contente em vestir graças ao suor do dia, que ainda se agarrava a minha pele, e então caí na cama.

Por quase meia hora, chutei os lençóis, me virando e revirando, me debatendo.

O Attor. A Tecelã. Minhas irmãs sendo atiradas no Caldeirão. Todos se misturavam e oscilavam a meu redor. Eu permiti.

A maioria dos demais ainda estava comemorando quando gritei; um grito agudo e breve que me fez saltar da cama.

Meu coração retumbava nas veias, nos ossos, quando entreabri a porta, suada e exausta, e caminhei pelo corredor.

Lucien atendeu na segunda batida.

— Ouvi você... o que foi? — Ele me observou, o olho avermelhado arregalado ao notar meus cabelos embaraçados, a camisola suada.

Engoli em seco, uma pergunta silenciosa no rosto, e Lucien assentiu, recuando para o quarto a fim de me deixar entrar. Nu da cintura para cima, ele conseguiu vestir a calça antes de abrir a porta, e rapidamente a abotoou conforme passei.

O quarto de Lucien fora decorado com as cores da Corte Outonal — o único tributo ao lar que deixava transparecer —, e observei o espaço escuro como a noite, os lençóis amassados. Lucien se sentou no braço cilíndrico de uma grande poltrona diante da lareira apagada, me observando contorcer as mãos no centro do carpete carmesim.

— Eu sonho com aquilo — comecei, a voz rouca. — Sob a Montanha. E, quando acordo, não me lembro de onde estou. — Ergui o braço esquerdo agora, incólume diante do corpo. — Não consigo me lembrar de *quando* estou.

Verdade... e meia mentira. Ainda sonhava com aqueles dias terríveis, mas eles não mais me consumiam. Eu não corria para o banheiro no meio da noite para vomitar as tripas.

— Com o que sonhou esta noite? — perguntou Lucien, baixinho.

Voltei os olhos para os seus, assombrada e lívida.

— Ela me pregou à parede. Como Clare Beddor. E o Attor estava...

Estremeci, passando as mãos no rosto.

Lucien se levantou, caminhou até mim. A onda de medo e dor diante de minhas palavras mascarou meu cheiro o suficiente, mascarou meu poder quando meus tendões escuros captaram uma leve vibração na casa.

Lucien parou a 15 centímetros de mim. Ele sequer protestou quando lhe envolvi o pescoço com os braços, enterrei o rosto contra o peito morno e exposto. Era água do mar do dom de Tarquin que escorria de meus olhos, por meu rosto e contra a pele dourada de Lucien.

Ele soltou um suspiro pesado e passou um braço por minha cintura, o outro entremeou meus cabelos para aninhar minha cabeça.

— Sinto muito — murmurou ele. — Sinto muito.

Lucien me abraçou, fazendo carícias tranquilizadoras em minhas costas, e acalmei meu choro, aquelas lágrimas de água do mar secaram, como areia úmida ao sol.

Por fim, afastei a cabeça do peito escultural, e meus dedos se enterraram nos músculos tensos dos ombros de Lucien quando olhei para seu rosto preocupado. Tomei fôlego profundamente, ofegante, e minhas sobrancelhas se franziram, e entreabri a boca quando...

— O que está acontecendo?

Lucien virou a cabeça na direção da porta.

Tamlin estava parado ali, o rosto era uma máscara de calma fria. A ponta das garras reluzia nos nós dos dedos.

Lucien e eu nos afastamos, rápido demais para ser casual.

— Tive um pesadelo — expliquei, esticando a camisola. — Eu... eu não queria acordar a casa.

Tamlin apenas encarava Lucien cuja boca se contraíra em uma linha fina enquanto ele observava aquelas garras, ainda pela metade.

— Tive um pesadelo — repeti, um pouco mais forte, segurando o braço de Tamlin e levando-o para longe do quarto antes que Lucien sequer pudesse abrir a boca.

Fechei a porta, mas ainda sentia a atração de Tamlin fixa no macho atrás dela. Tamlin não retraiu as garras. Não terminou de conjurá-las também.

Caminhei os poucos metros até meu quarto, observando Tamlin avaliar o corredor. A distância entre minha porta e a de Lucien.

— Boa noite — falei, e fechei a porta na cara de Tamlin.

Esperei os cinco minutos que foram precisos para que ele decidisse não matar Lucien, e então sorri.

Eu me perguntei se Lucien teria juntado as peças. Que eu sabia que Tamlin viria até meu quarto esta noite, depois que eu o tocara e lhe lançara tantos olhares tímidos. Que eu vestira a camisola mais indecente não devido ao calor, mas para que, quando as armadilhas invisíveis pela casa me informassem do exato momento em que Tamlin reuniria coragem para me procurar, eu estivesse vestida adequadamente.

Um pesadelo fingido, a evidência plantada nos lençóis retorcidos. Eu tinha deixado a porta de Lucien aberta, e ele estava distraído demais para suspeitar do motivo de minha presença a ponto de se incomodar em fechá-la, ou de reparar no escudo de ar espesso que eu havia colocado em torno do quarto a fim de mascarar o cheiro de Tamlin quando ele chegasse.

Até que Tamlin nos visse ali, enroscados um no outro, minha camisola repuxada, encarando um ao outro tão atentamente, tão cheios de *emoção* que estaríamos ou apenas começando ou encerrando. Que sequer notamos até que Tamlin estivesse bem ali... e aquele escudo invisível havia sumido antes que ele conseguisse senti-lo.

Um pesadelo, eu dissera a Tamlin.

Eu era o pesadelo.

Usando aquilo que Tamlin temera desde meus primeiros dias ali.

Eu não me esquecera daquela briga antiga que ele havia começado com Lucien. O aviso que dera ao amigo para que parasse de flertar comigo. Para que ficasse longe. O medo de que eu preferisse o lorde de cabelos vermelhos a ele, e que isso ameaçasse todos os planos de Tamlin. *Fique longe*, dissera Tamlin a Lucien.

Eu não tinha dúvidas de que Tamlin agora repassava cada olhar e cada conversa desde então. Sempre que Lucien interviera em meu favor, tanto Sob a Montanha quanto depois. Sopesando o quanto aquele novo laço de parceria com Elain teria controle sobre o amigo.

Considerando como naquela mesma manhã Lucien se ajoelhara diante de mim, jurando lealdade a um deus recém-nascido, como se

nós dois tivéssemos sido abençoados pelo Caldeirão.

Eu me permiti sorrir por mais um momento; então, me vesti.

Havia mais trabalho a ser feito.

Capítulo 6

Um molho de chaves dos portões da propriedade tinha sumido.

Mas, depois do incidente da noite anterior, Tamlin não parecia se importar.

O café da manhã foi silencioso, os membros da família real de Hybern estavam emburrados por precisar esperar tanto tempo a fim de ver a segunda fenda na muralha, e Jurian, pela primeira vez, estava cansado demais para fazer qualquer coisa que não enfiar carne e ovos naquela boca odiosa.

Tamlin e Lucien, ao que parecia, tinham se falado antes da refeição, mas o último fez questão de manter uma distância segura de mim. De não olhar ou falar comigo, como se ainda precisasse convencer Tamlin de nossa inocência.

Debati perguntar diretamente a Jurian se ele roubara as chaves de qualquer que fosse o guarda que as teria perdido, mas o silêncio era um descanso bem-vindo.

Até que Ianthe entrou feito brisa, cuidadosamente evitando reconhecer minha presença, como se eu realmente fosse o sol ofuscante que lhe fora roubado.

— Desculpe-me interromper sua refeição, mas há uma questão a discutir, Grão-Senhor — disse Ianthe, com a túnica pálida rodopiando aos pés quando parou ao meio da mesa.

Todos nós nos esticamos ao ouvir aquilo.

— O que é? — indagou Tamlin, emburrado e irritadiço.

Ianthe fez de conta que percebeu a presença da realeza de Hybern. Ouvindo. Tentei não rir com deboche do olhar tão nervoso que ela lançou em sua direção e, depois, na de Tamlin. As palavras seguintes não foram surpresa alguma.

— Talvez devêssemos esperar até depois da refeição. Quando estiver sozinho.

Sem dúvida uma jogada de poder, para lembrar a eles que ela, de fato, tinha poder ali, com Tamlin. Que Hybern também poderia querer permanecer em suas graças, considerando a *informação* que levava. Mas fui cruel o suficiente para dizer, com meiguice: — Se podemos confiar em nossos aliados de Hybern para irem à guerra conosco, então podemos confiar em sua discrição. Vá em frente, Ianthe.

Ela nem mesmo olhou em minha direção. Mas agora estava presa entre um insulto desvelado e a educação... Tamlin sopesou nossa companhia contra a postura de Ianthe e falou: — Vamos ouvir.

A garganta branca da sacerdotisa oscilou.

— Há... Meus acólitos descobriram que a terra em volta de meu templo está... morrendo.

Jurian revirou os olhos e voltou a comer o bacon.

— Então, conte aos jardineiros — ironizou Brannagh, retornando à própria comida. Dagdan deu risadinhas contra a xícara de chá.

— Não é uma questão de jardinagem. — Ianthe enrijeceu o corpo. — É uma praga na terra. Grama, raízes, botões... tudo, enrugado e doente. Fede aos naga.

Foi um esforço não olhar para Lucien... para ver se ele também reparou no brilho ansioso demais no olho de Ianthe. Até mesmo Tamlin suspirou, como se visse o que era de fato: uma tentativa de recuperar algum controle, talvez uma maquinação para envenenar a terra e, então, milagrosamente curá-la.

— Há outros locais no bosque onde coisas morreram e não estão voltando — continuou Ianthe, levando a mão adornada em prata ao peito. — Temo que seja um aviso de que os naga estão se reunindo... e planejam atacar.

Ah, eu a irritara. Estava me perguntando o que Ianthe faria depois do solstício do dia anterior, depois que lhe roubei o momento e o poder. Mas aquilo... Inteligente.

Escondi meu risinho bem profundamente e falei, com suavidade: — Ianthe, talvez *seja* um caso para os jardineiros.

Ela enrijeceu o corpo, por fim me encarando. *Você acha que está jogando*, eu estava doida para lhe dizer, *mas não faz ideia de que cada escolha que fez ontem à noite e esta manhã eram apenas passos para os quais eu a empurrei*.

Indiquei a realeza com o queixo e, depois, Lucien.

— Sairemos à tarde para avaliar a muralha, mas, se o problema persistir quando retornarmos em alguns dias, eu a ajudarei a investigar.

Aqueles dedos com anéis de prata se fecharam em punhos frouxos nas laterais do corpo. Mas como a verdadeira víbora que era, Ianthe perguntou a Tamlin: — Vai se juntar a eles, Grão-Senhor?

Ela olhou para mim e para Lucien; a observação demorada demais para ser casual.

Uma leve dor de cabeça se formava, piorada a cada palavra que Ianthe proferia. Eu ficara acordada até muito tarde e dormira muito pouco... e precisaria de minhas forças para os dias que viriam.

— Ele não irá — falei, interrompendo Tamlin antes que ele pudesse responder.

Tamlin apoiou os talheres.

— Acho que vou.

— Não preciso de uma escolta. — Que ele desvendasse as camadas defensivas dessa frase.

Jurian riu com deboche.

— Começando a duvidar de nossas boas intenções, Grão-Senhor?

Tamlin grunhiu para ele.

— Cuidado.

Apoiei a mão na mesa.

— Ficarei bem com Lucien e as sentinelas.

Lucien parecia disposto a afundar na cadeira e sumir para sempre.

Observei Dagdan e Brannagh e sorri de leve.

— Posso me defender se chegar a esse ponto — garanti a Tamlin.

Os daemati sorriram de volta para mim. Eu não tinha sentido outro toque em minhas barreiras mentais, ou naquelas que eu trabalhava para manter em volta do máximo de pessoas que conseguisse. O uso constante de meu poder me cansava, no entanto... ficar longe daquele lugar durante quatro ou cinco dias seria um alívio bem-vindo.

Principalmente quando Ianthe murmurou para Tamlin:

— Talvez você *devesse* ir, meu amigo. — Esperei... esperei por qualquer que fosse a loucura que estava prestes a sair daquela boca emburrada. — Nunca se sabe quando a Corte Noturna tentará levá-la embora.

Precisei piscar para decidir minha reação. Para optar por me recostar na cadeira, curvando os ombros para a frente, reunindo aquelas imagens de Clare, de Rhys com aquelas flechas de freixo nas asas... qualquer modo de embeber meu cheiro em medo.

— Teve notícias? — sussurrei.

Brannagh e Dagdan pareceram *muito* interessados diante disso.

A sacerdotisa abriu a boca, mas Jurian a interrompeu, falando: — Não há notícia alguma. As fronteiras estão seguras. Rhysand seria um tolo se abusasse da sorte vindo até aqui.

Encarei meu prato, era o retrato do terror derrotado.

— Um tolo, sim — replicou Ianthe. — Mas um com uma vingança. — Ela encarou Tamlin, o sol da manhã refletia na joia no alto de sua cabeça. — Talvez se devolvesse a ele as asas da família, ele poderia... se acalmar.

Por um segundo, silêncio tomou conta de mim.

Seguido por uma onda de rugidos que abafaram quase todos os pensamentos, cada instinto de autopreservação. Eu mal conseguia ouvir por cima daqueles urros em meu sangue, meus ossos.

Mas as palavras, a oferta... Uma tentativa fraca de me surpreender. Fingi não ouvir, não me importar. Mesmo enquanto esperei e esperei pela resposta de Tamlin.

Quando Tamlin respondeu, foi com a voz baixa.

— Eu as queimei há muito tempo.

Podia ter jurado que havia algo como remorso — remorso e vergonha — em suas palavras.

— *Tsc tsc* — respondeu Ianthe, apenas. — Uma pena. Ele poderia pagar uma boa quantia por elas.

Meus braços e pernas doíam com o esforço de não saltar por cima da mesa e esmagar a cabeça da sacerdotisa no piso de mármore.

Mas eu disse a Tamlin, tranquilizadora e com carinho:

— Ficarei bem lá fora. — Toquei sua mão, acariciando o dorso com meu polegar. Encarei Tamlin. — Não vamos seguir por esse caminho de novo.

Quando me afastei, Tamlin apenas fixou o olhar em Lucien, e qualquer traço daquela culpa havia sumido. As garras se libertaram, cravando-se na madeira marcada do braço da cadeira.

— Cuidado.

Nenhum de nós fingiu que isso era qualquer coisa que não uma ameaça.

Era uma cavalgada de dois dias, mas levamos apenas um para chegar, atravessando-andando-atravessando. Conseguíamos fazer alguns quilômetros por vez, mas Dagdan era mais lento do que eu antecipei, considerando que precisava carregar a irmã e Jurian.

Não o culpei por isso. Com cada um de nós carregando outro, a exaustão era considerável. Lucien e eu carregávamos, cada, uma sentinela, filhos de senhores inferiores que foram treinados para ser educados e vigilantes. Os mantimentos, como resultado, eram limitados. Incluindo tendas.

Quando chegamos à falha na muralha, a escuridão caía.

Os poucos suprimentos que carregamos também atrasavam nossa travessia pelo mundo, e deixei que as sentinelas montassem

as tendas para nós, sempre a dama ansiosa para ser servida. Nosso jantar em volta da pequena fogueira foi quase silencioso, nenhum de nós se incomodou em falar, exceto por Jurian, que questionou as sentinelas interminavelmente sobre seu treinamento. Os gêmeos se retiraram para a própria tenda depois de escolherem os sanduíches de carne levados por nós, franzindo a testa para eles, como se estivessem recheados de larvas, e Jurian saiu perambulando pelo bosque logo depois, alegando um desejo de caminhar antes de se deitar.

Eu me arrastei para a tenda de lona quando a fogueira se extinguia, o espaço mal o bastante para que Lucien e eu dormíssemos ombros a ombro.

Os cabelos vermelhos refletiram a fraca luz da fogueira um momento depois, quando Lucien afastou as abas da tenda e xingou.

— Talvez eu devesse dormir lá fora.

Revirei os olhos.

— Por favor.

Ele me lançou um olhar cauteloso e pensativo ao se ajoelhar e tirar as botas.

— Sabe que Tamlin pode ser... sensível com relação às coisas.

— Ele também pode ser uma dor de cabeça — disparei, e deslizei para baixo das cobertas. — Se ceder a ele a cada paranoia e sempre que ele quiser marcar território, só irá piorar.

Lucien desabotoou o casaco, mas ficou quase totalmente vestido ao passar para o saco de dormir.

— Acho que se torna pior porque vocês não... Quero dizer, não fizeram, não é?

Enrijeci o corpo, puxando o cobertor mais para o alto nos ombros.

— Não. Não quero ser tocada dessa forma... não por um tempo.

O silêncio foi pesado, triste. Odiei a mentira, odiei pelo quanto parecia sujo usá-la.

— Sinto muito — disse ele. E me perguntei pelo que mais Lucien pedia desculpas quando o encarei na escuridão de nossa tenda.

— Não há uma forma de nos livrarmos desse acordo com Hybern? — Minhas palavras eram pouco mais altas que o murmúrio

das brasas do lado de fora. — Estou de volta, estou segura. Poderíamos encontrar uma forma de contornar...

— Não. O rei de Hybern forjou esse acordo com Tamlin com muita esperteza, muita clareza. Uniu-os por magia... magia o atingirá se Tamlin não permitir que Hybern entre nestas terras.

— De que forma? Ela o matará?

O suspiro de Lucien soprou meus cabelos.

— Reivindicará seus poderes, talvez o mate. A magia diz respeito a equilíbrio. Por isso não pudemos interferir em seu acordo com Rhysand. Mesmo a pessoa que tenta quebrar o acordo sofre consequências. Se ele a tivesse mantido aqui, a magia que unia você a Rhys poderia ter reivindicado a vida de *Tamlin* como pagamento pela sua. Ou a vida de outra pessoa com quem ele se importasse. É magia antiga... antiga e estranha. Por isso evitamos acordos, a não ser que seja necessário: nem mesmo os estudiosos da Corte Diurna sabem como funciona. Acredite, eu perguntei.

— Por mim... perguntou a eles por mim.

— Sim. No inverno passado, pesquisei a respeito de quebrar seu acordo com Rhys.

— Por que não me contou?

— Eu... não queríamos lhe dar falsas esperanças. E não ousamos deixar que Rhys soubesse o que fazíamos, caso descobrisse uma forma de interferir. De impedir.

— Então, Ianthe empurrou Tamlin para Hybern em vez disso.

— Ele estava desesperado. Os estudiosos da Corte Diurna trabalhavam muito lentamente. Implorei a ele por mais tempo, mas você já estava longe havia meses. Tamlin queria agir, não esperar, apesar da carta que você mandou. *Por causa* da carta que mandou. Finalmente disse a ele que fosse em frente depois... depois daquele dia na floresta.

Eu me virei sobre as costas, encarando o teto inclinado da tenda.

— O quão ruim estava? — perguntei, em voz baixa.

— Você viu seu quarto. Ele o destruiu, o escritório, o próprio quarto. Ele... ele matou as sentinelas que montavam guarda. Depois que lhes tirou a última gota de informação. Executou-as diante de todos na mansão.

Meu sangue gelou.

— Você não o impediu.

— Eu tentei. Implorei a ele por piedade. Tamlin não ouviu. *Não conseguia* ouvir.

— As sentinelas também não tentaram impedi-lo?

— Não ousaram, Feyre, ele é um Grão-Senhor. É de uma *estirpe* diferente.

Imaginei se Lucien diria o mesmo se soubesse o que eu era.

— Estávamos encurralados, sem opções. Nenhuma. Era entrar em guerra com a corte Noturna *e* Hybern ou nos aliar a Hybern, deixar que eles tentassem causar problemas, e, então, usar essa aliança em nossa vantagem mais adiante.

— O que quer dizer? — sussurrei.

Mas Lucien percebeu o que dissera e retificou:

— Temos inimigos em todas as cortes. Ter a aliança de Hybern os fará pensar duas vezes.

Mentiroso. Mentiroso treinado e inteligente.

Soltei um suspiro pesado e sonolento.

— Mesmo que agora sejam nossos aliados — murmurei —, eu ainda os odeio.

Uma risada de escárnio.

— Eu também.

— Acordem.

A luz ofuscante do sol entrou na tenda, e eu sibilei.

A ordem foi abafada pelo grunhido de Lucien quando ele se sentou.

— *Fora* — ordenou Lucien a Jurian, que nos olhou uma vez, riu com deboche e saiu andando.

Eu havia rolado para o saco de dormir de Lucien em algum momento, qualquer ardil de fato em segundo plano devido a minha necessidade mais urgente: calor. Mas não tinha dúvidas de que Jurian guardaria a informação para atirar a Tamlin quando voltássemos: tínhamos dividido uma tenda e estávamos muito aconchegados quando acordamos.

Eu me lavei no córrego próximo, o corpo rígido e dolorido depois de uma noite no chão, com ou sem a ajuda de um saco de dormir.

Brannagh caminhava até o córrego quando terminei. A princesa me deu um sorriso frio e curto.

— Eu também escolheria o filho de Beron.

Encarei a princesa sob sobrancelhas franzidas.

Ela gesticulou com os ombros, aumentando o sorriso.

— Machos da Corte Outonal têm fogo no sangue... e trepam como se o tivessem mesmo.

— Suponho que saiba por experiência própria?

Uma risadinha.

— Por que acha que me diverti tanto na Guerra?

Não me incomodei em esconder o asco.

Lucien me viu encolhendo o corpo diante de si quando as palavras de Brannagh se repetiram pela décima vez em minha mente uma hora depois, enquanto caminhávamos na direção da fenda na muralha.

— O que foi? — indagou ele.

Sacudi a cabeça, tentando não imaginar Elain sujeita àquele... fogo.

— Nada — respondi, no momento que Jurian xingou adiante.

Ambos nos movemos ao ouvir o xingamento disparado por ele — então corremos ao ouvir uma espada sendo desembainhada. Folhas e galhos me açoitavam; então chegamos à muralha, aquele marcador invisível, terrível, zumbindo e latejando em minha cabeça.

E, nos encarando diretamente pelo buraco, ali estavam três dos Filhos dos Abençoados.

Capítulo 7

Brannagh e Dagdan pareciam ter acabado de encontrar um segundo café da manhã.

Jurian empunhava a espada, e as duas jovens mulheres e um rapaz olhavam boquiabertos dele para os demais. E, depois, para nós dois, arregalando os olhos ainda mais ao repararem na beleza cruel de Lucien.

O grupo se ajoelhou.

— Senhores e senhoras — suplicaram os jovens a nós, as joias prateadas reluzindo à luz do sol filtrada pelas folhas. — Vocês nos encontraram em nossa jornada.

Os dois membros da realeza abriram sorrisos tão amplos que eu conseguia ver os dentes brancos demais.

Jurian, pela primeira vez, pareceu dividido antes de indagar: — O que vocês estão fazendo aqui?

A garota de cabelos pretos na frente era linda, e a pele dourada como mel corou quando ela ergueu a cabeça.

— Viemos viver nas terras imortais; viemos como tributo.

Jurian olhou fria e rispidamente para Lucien.

— Isso é verdade?

Lucien o encarou com raiva.

— Não aceitamos tributos das terras humanas. Muito menos crianças.

Ele ignorou o fato de que os três pareciam apenas alguns anos mais jovens que eu.

— Por que não entram — cantarolou Brannagh — e poderemos... nos divertir. — Ela estava de fato avaliando o rapaz de cabelos castanhos e a garota de cabelos castanho-avermelhados, rosto severo, mas interessante. Pela forma como Dagdan olhava lascivamente para a bela garota na frente, eu soube que ele já a reivindicara.

Eu me coloquei à frente e disse aos três mortais:

— Saiam. Voltem para sua aldeia, para sua família. Se atravessarem esta muralha, morrerão.

Eles se sobressaltaram, ficaram de pé com expressões tensas de medo... e assombro.

— Viemos viver em paz.

— Não existe tal coisa aqui. Há apenas morte para sua espécie.

Seus olhos se voltaram para os imortais atrás de mim. A garota de cabelos pretos corou diante do olhar determinado de Dagdan, enxergando a beleza de Grão-Feérico, e nada do predador.

Então, ataquei.

A muralha era como uma proteção histérica, terrível, esmagando minha magia, martelando minha mente.

Mas arremessei o poder por entre aquele buraco e me choquei contra suas mentes.

Forte demais. O rapaz se encolheu um pouco.

Tão fracos; indefesos. As mentes cederam como manteiga em minha língua.

Vi trechos da vida dos três, como cacos em um espelho quebrado, lampejando por todos os lados: a garota de cabelos escuros era rica, educada, teimosa — quisera escapar de um casamento arranjado e acreditava que Prythian era uma opção melhor. A jovem de cabelos avermelhados só conhecera pobreza e os punhos do pai, os quais ficaram mais violentos depois que

tomaram a vida da mãe. O rapaz se vendera nas ruas de uma cidade até que os Filhos vieram um dia e ofereceram algo melhor.

Trabalhei rapidamente. Com precisão.

Terminei antes de três segundos se passarem, antes que Brannagh sequer tomasse fôlego para dizer: — Não há morte aqui. Apenas prazer se estiverem dispostos.

Se não estivessem dispostos também, eu queria acrescentar.

Mas os três agora piscavam... recuando.

Eles nos viam pelo que éramos: mortais, impiedosos. A verdade por trás das histórias deturpadas.

— Nós... talvez tenhamos... cometido um erro — disse a líder deles, recuando um passo.

— Ou talvez tenha sido o destino — replicou Brannagh, com o sorriso de uma víbora.

Eles continuaram recuando. Continuaram vendo as histórias que lhes plantei na mente... que estávamos ali para ferir e matá-los, que tínhamos feito o mesmo com seus amigos, que os usaríamos e descartaríamos. Mostrei aos três os naga, o Bogge, o Verme de Middengard; mostrei Clare e a rainha de cabelos dourados, retorcida naquele poste. As lembranças que dei ao grupo se tornaram histórias que haviam ignorado, mas que agora entendiam, porque estávamos diante deles.

— Venham aqui — ordenou Dagdan.

As palavras traduziram o medo dos humanos. Os três se viraram, as túnicas pesadas e pálidas girando também, e dispararam em direção das árvores.

Brannagh ficou tensa, como se prestes a avançar pela muralha atrás dos jovens, mas eu lhe segurei o braço e sibilei: — Se os perseguir, então você e eu teremos um problema.

Para dar ênfase, raspei garras mentais por seu escudo.

A princesa grunhiu para mim.

Mas os humanos já haviam partido.

Rezei para que ouvissem o outro comando que teci dentro de suas mentes: que entrassem em um barco, reunissem o máximo de amigos que conseguissem, e fugissem para o continente. Que só voltassem quando a guerra tivesse acabado, e que avisassem o

máximo de humanos possível a fim de que partissem antes que fosse tarde demais.

Os membros da família real de Hybern grunhiram para mostrar a insatisfação, mas ignorei quando me acomodei contra uma árvore e esperei, não confiando que ficariam daquele lado da fronteira.

A realeza retomou a tarefa, caminhando para cima e para baixo pela muralha.

Um momento depois, um corpo masculino se aproximou de mim.

Não era o de Lucien, percebi sobressaltada, mas nem mesmo estremeci.

Os olhos de Jurian se fixavam onde os humanos haviam estado.

— Obrigado — disse ele, a voz áspera.

— Não sei do que está falando — respondi, bastante ciente de que Lucien com cuidado observava da sombra de um carvalho próximo.

Jurian me deu um sorrisinho sábio e seguiu Dagdan.

Eles levaram o dia todo.

O que quer que estivessem inspecionando, o que quer que estivessem caçando, os hybernianos não nos informaram.

E, depois do confronto daquela manhã, sabia que insistir por uma confissão não ajudaria. Tinha usado minha cota de tolerância do dia.

Então, passamos mais uma noite no bosque, e foi precisamente assim que acabei sentada diante de Jurian à fogueira, depois que os gêmeos se arrastaram para as próprias tendas e as sentinelas assumiram as posições de vigia. Lucien foi até o córrego buscar mais água, e eu observei as chamas dançando entre os troncos, sentindo-as ecoar dentro de mim.

Arremessar o poder pela muralha tinha me deixado com uma dor de cabeça, um latejar constante o dia todo, e me sentia mais que um pouco zonza. Sem dúvida, o sono me reivindicaria rápida e pesadamente, mas a fogueira estava quente demais, e a noite de primavera era fria demais para que eu voluntariamente atravessasse aquele longo trecho de escuridão entre as chamas e minha tenda.

— O que acontece com aqueles que conseguem atravessar a muralha? — perguntou Jurian, as feições severas do rosto estampando alívio tremeluzente diante do fogo.

Pressionei a sola da bota na grama.

— Não sei. Nunca voltam depois de atravessarem. Mas, enquanto Amarantha governava, criaturas perambulavam por estes bosques, então... não acho que acabava bem. Jamais encontrei menção em qualquer corte.

— Quinhentos anos antes, teriam sido açoitados por essa loucura — disse Jurian. — Fomos os escravos e as prostitutas e a mão de obra durante milênios; homens e mulheres lutaram e morreram para que jamais precisássemos servi-los de novo. E aqui estão eles, naquelas fantasias, alheios ao perigo, à história.

— Cuidado, ou pode não soar como o cachorrinho leal de Hybern.

Uma risada baixa e odiosa.

— É isso que acha que sou, não é? O cachorrinho dele.

— Qual é o objetivo, então?

— Tenho negócios inacabados.

— Miryam está morta.

Aquela loucura dançou novamente, substituindo a rara lucidez.

— Tudo o que fiz durante a Guerra foi por Miryam e eu. Para que nosso povo sobrevivesse e um dia fosse livre. E ela *me deixou* por aquele príncipe de rostinho bonito assim que coloquei meu povo antes dela.

— Ouvi que ela o deixou porque ficou tão concentrado em arrancar informações de Clythia que perdeu de vista o verdadeiro conflito.

— Miryam me disse para ir em frente e dormir com ela por informações. Me pediu que seduzisse Clythia até que ela entregasse toda Hybern e os Legalistas. Não teve problemas com aquilo. Nenhum.

— Então tudo isso é para recuperar Miryam?

Ele espreguiçou as longas pernas diante do corpo, cruzando um tornozelo diante do outro.

— É para atraí-la, e aquele desgraçado alado, para fora do ninho e fazer com que se arrependa.

— Você ganha uma segunda chance na vida e é isso que deseja fazer? Se vingar?

Jurian sorriu lentamente.

— Não é o que você está fazendo?

Meses trabalhando com Rhys me fizeram lembrar de franzir a testa em confusão.

— Contra Rhys, um dia eu gostaria.

— É o que todos dizem quando fingem que ele é um assassino sádico. Você se esquece de que eu o conheci na Guerra. Esquece que ele arriscou a própria legião para salvar Miryam do forte de nosso inimigo. Foi assim que Amarantha o capturou, sabe? Rhys sabia que era uma armadilha... para o príncipe Drakon. Então, Rhys agiu contra as ordens e marchou com a legião inteira a fim de recuperar Miryam. Pelo amigo, por *minha* amante e pelo bem daquele bastardo Drakon. Rhys sacrificou a própria legião no processo, levou todos a serem capturados e torturados em seguida. No entanto, todos insistem que Rhys é desalmado, maligno. Mas o macho que conheci era o mais decente de todos. Melhor que aquele príncipe-canalha. Não se perde essa qualidade, não importam os séculos, e Rhys era esperto demais para fazer qualquer coisa além de deixar que a difamação de seu caráter se tornasse um movimento calculado. E, no entanto, aqui está você... sua parceira. O Grão-Senhor mais poderoso do mundo perdeu a parceira, e ainda não veio reivindicá-la, mesmo quando ela está indefesa no bosque. — Jurian gargalhou. — Talvez seja porque Rhysand não a perdeu de fato. Mas, na verdade, soltou você contra nós.

Eu jamais ouvira aquela história, mas pareceu tão típica de meu parceiro que eu soube que as chamas entre nós agora estavam incandescentes em meus olhos quando falei: — Você adora se ouvir falar, não é.?

— Hybern matará todos vocês. — Foi a única resposta de Jurian.

✣

Jurian não estava errado.

Lucien me acordou na manhã seguinte cobrindo minha boca com a mão; o aviso brilhava no olho avermelhado. Senti o cheiro um

momento depois: o odor ferruginoso de sangue.

Vestimos as roupas e as botas, e fiz um breve inventário das armas que tínhamos conseguido enfiar na tenda conosco. Eu tinha três adagas; Lucien, duas, assim como uma elegante espada curta. Melhor que nada, mas não era muito.

Um olhar comunicou nosso plano muito bem: agir casualmente até termos avaliado a situação.

Tive um segundo para perceber que talvez essa fosse a primeira vez que Lucien e eu trabalhávamos em parceria. Caçar nunca fora um esforço conjunto, e Sob a Montanha estávamos cuidando um do outro — jamais formamos uma equipe. Uma unidade.

Lucien deslizou para fora da tenda, braços e pernas relaxados, pronto para assumir uma posição defensiva. Ele fora treinado, foi o que me contou certa vez — na Corte Outonal e nesta. Como Rhys, costumava escolher palavras para vencer as batalhas, mas eu vira Lucien e Tamlin no ringue de treino. Ele sabia como usar uma arma. Como matar, se fosse preciso.

Passei por Lucien empurrando-o, devorando os detalhes de meu entorno, como um homem faminto em um banquete.

A floresta parecia igual. Jurian estava agachado diante da fogueira, mexendo as brasas para que se acendessem de novo, o rosto era uma máscara severa e emburrada. Mas as sentinelas... ficavam pálidas conforme Lucien caminhava até elas. Eu lhes segui a atenção, que se voltava para as árvores atrás de Jurian.

Nenhum sinal dos membros da família real.

O sangue...

Odor ferruginoso, sim. Mas envolto em terra e medula e... podridão. Mortalidade.

Disparei para as árvores e para a vegetação densa.

— É tarde demais — avisou Jurian, quando passei por ele, ainda cutucando as brasas. — Eles terminaram há duas horas.

Lucien estava em meu encalço conforme eu empurrava os galhos e os espinhos rasgavam minhas mãos.

A realeza de Hybern não se incomodara em limpar a sujeira.

Pelo que sobrou dos três corpos, as túnicas pálidas em frangalhos pareciam cinzas caídas pela pequena clareira, Dagdan e Brannagh deviam ter abafado os gritos com algum tipo de escudo.

Lucien xingou.

— Eles cruzaram a muralha ontem à noite. Para caçá-los.

Mesmo com horas os separando, os gêmeos eram feéricos: ágeis, imortais. Os três Filhos dos Abençoados teriam se cansado depois de correr, teriam acampado em algum lugar.

Sangue já secava na grama, nos troncos das árvores ao redor.

A marca da tortura de Hybern não era muito criativa: Clare, a rainha dourada e esses três... um tormento semelhante de mutilação.

Abri minha túnica e cuidadosamente a deitei sobre os maiores restos mortais que encontrei: o torso do rapaz, dilacerado e exangue. O rosto ainda estampava dor.

Chama aqueceu a ponta de meus dedos, implorando que os queimasse, que lhes desse ao menos aquele tipo de enterro. Mas...

— Acha que foi por diversão ou para nos mandar uma mensagem?

Lucien deitou o próprio manto sobre os restos mortais das duas moças. O rosto estava mais sério do que eu jamais vira.

— Acho que não estão acostumados a ouvir não. Eu chamaria isso de um chilique temperamental dos imortais.

Fechei os olhos, tentando acalmar o estômago que se revirava.

— A culpa não é sua — acrescentou Lucien. — Poderiam tê-los matado nas terras mortais, mas trouxeram-nos até aqui. Para fazer uma declaração sobre o poder que têm.

Ele estava certo. Os Filhos dos Abençoados estariam mortos mesmo que eu não tivesse interferido.

— Estão se sentindo ameaçados — ponderei. — E são orgulhosos até o último fio de cabelo. — Passei o dedo do pé pela grama ensanguentada. — Devemos enterrá-los?

Lucien considerou.

— Mandaria uma mensagem... que estamos dispostos a limpar sua sujeira.

Observei a clareira de novo. Considerei tudo o que estava em jogo.

— Então, mandaremos outro tipo de mensagem.

Capítulo 8

Tamlin caminhava de um lado ao outro diante da lareira do escritório, cada virada era tão brusca quanto uma facada.

— São nossos *aliados* — grunhiu ele para mim, para Lucien, ambos sentados em poltronas ao lado da moldura da lareira.

— São monstros — repliquei. — Massacraram três inocentes.

— E vocês deveriam ter deixado de lado, para que eu lidasse com isso. — Tamlin puxou um fôlego entrecortado. — Não *retaliado*, como crianças. — Ele lançou um olhar de raiva na direção de Lucien. — Esperava mais de você.

— Mas não de mim? — perguntei, baixinho.

Os olhos verdes de Tamlin pareciam jade congelado.

— Você tem uma conexão pessoal com essa gente. *Ele* não tem.

— Esse é o tipo de pensamento — disparei, agarrando os braços da poltrona — que conjurou uma *muralha* como a única solução entre nossos dois povos; que permitiu aos feéricos testemunhar esse tipo de *assassinato* sem se importarem. — Eu sabia que os guardas do lado de fora podiam ouvir. Sabia que qualquer passante podia ouvir. — A perda de *qualquer* vida de cada lado é uma

conexão pessoal. Ou apenas as vidas dos Grão-Feéricos importam para você?

Tamlin parou subitamente. E grunhiu para Lucien:

— Saia. Lidarei com você depois.

— Não fale assim com ele — sibilei, ficando de pé.

— Você colocou essa aliança em risco com a peça que os dois pregaram...

— Que bom. Podem queimar no *inferno* até onde me importa! — gritei. Lucien encolheu o corpo.

— *Você mandou o Bogge atrás deles!* — rugiu Tamlin.

Nem mesmo pisquei. E sabia que as sentinelas realmente ouviram pelo arquejo de uma delas do lado de fora; um som de choque abafado.

E me certifiquei de que aquelas sentinelas ainda estivessem ouvindo quando falei:

— Eles aterrorizaram aqueles humanos, fizeram com que sofressem. Imaginei que o Bogge fosse uma das poucas criaturas capazes de retornar o favor.

Lucien rastreara a criatura... e nós a atraímos, cuidadosamente, durante horas, de volta ao acampamento. Até onde Dagdan e Brannagh se vangloriavam da matança. Eles conseguiram fugir, mas apenas depois do que pareceu um bom tempo de gritos e luta. Os rostos dos gêmeos permaneceram lívidos mesmo horas depois, os olhos ainda fervilhavam de ódio sempre que ousavam nos encarar.

Lucien pigarreou. E também ficou de pé.

— Tam... Aqueles humanos mal passavam de crianças. Feyre deu aos hybernianos uma ordem para recuarem. Eles a ignoraram. Se deixarmos que Hybern nos pise, arriscamos perder mais que a aliança. O Bogge os lembrou de que também temos nossas garras.

— *Saia* — disse Tamlin a Lucien, sem tirar os olhos de mim.

Havia violência o suficiente nas palavras para que, dessa vez, nem eu nem Lucien protestássemos conforme Lucien saiu da sala e fechou as portas duplas atrás de si. Arremessei o poder para o corredor, sentindo-o sentado ao pé das escadas. Ouvindo. Assim como as seis sentinelas no corredor ouviam.

Eu disse a Tamlin, com as costas retas como uma vara:

— Não pode falar comigo desse modo. Você *prometeu* que não agiria assim.

— Não faz ideia do risco...

— Não seja condescendente comigo. Não depois do que *eu* passei para voltar para cá, para você. Para nosso *povo*. Acha que algum de nós está feliz por estar trabalhando com Hybern? Acha que não vejo em seus rostos? A pergunta sobre se *eu* sou digna dessa desonra?

A respiração de Tamlin ficou irregular de novo. Que bom, eu queria provocá-lo. *Que bom*.

— Você nos vendeu para me recuperar — acusei, a voz baixa e fria. — Você nos prostituiu para Hybern. Perdoe-me se *eu* estou agora tentando recuperar parte do que perdemos.

Garras se libertaram. Um grunhido feral irrompeu de Tamlin.

— Eles caçaram e massacraram aqueles humanos por diversão — continuei. — Você pode estar disposto a se ajoelhar diante de Hybern, mas eu certamente não estou.

Tamlin explodiu.

Mobília se partiu e saiu voando, janelas racharam e se estilhaçaram.

E, dessa vez, não me protegi.

A mesa se chocou contra mim, me atirou contra a estante de livros, e cada ponto em que carne e osso encontraram madeira urrou e doeu.

Meus joelhos desceram no piso de carpete, e Tamlin estava imediatamente diante de mim, as mãos trêmulas...

As portas se escancararam.

— O que você fez? — sussurrou Lucien, e o rosto de Tamlin era a imagem da devastação quando Lucien o empurrou de lado. Ele *deixou* que Lucien o empurrasse para o lado e me ajudasse a levantar.

Algo úmido e quente escorreu por minha bochecha — sangue, pelo cheiro.

— Vamos limpá-la — disse Lucien, passando o braço por meus ombros ao me levar com cuidado para fora da sala. Mal o ouvi devido ao apito em meus ouvidos; o mundo girava levemente.

As sentinelas — Bron e Hart, dois dos senhores-guerreiros preferidos de Tamlin — olhavam boquiabertas, a atenção dividida entre o escritório destruído e meu rosto.

Por um bom motivo. Conforme Lucien passou comigo por um espelho emoldurado no corredor, vi o que incitara tanto horror. Meus olhos estavam vítreos, meu rosto, pálido — exceto pelo arranhão logo abaixo da bochecha, talvez com 5 centímetros e vertendo sangue.

Pequenos arranhões salpicavam meu pescoço, minhas mãos. Mas desejei que aquele poder de limpeza, de cura — aquele do Grão-Senhor da Corte Crepuscular — evitasse procurá-los. Que não tentasse suavizá-los.

— Feyre — sussurrou Tamlin atrás de nós.

Parei, ciente de cada olho observador.

— Estou bem — sussurrei. — Desculpe. — Limpei o sangue que escorria pela bochecha. — Estou bem — repeti.

Ninguém, nem mesmo Tamlin, pareceu convencido.

E, se eu pudesse pintar aquele momento, teria o chamado de *Retrato de armadilhas e iscas*.

✣

Rhysand mandou notícias pelo laço assim que mergulhei na banheira.

Está ferida?

A pergunta era baixinha, o laço mais silencioso e tenso do que estivera dias antes.

Dolorida, mas bem. Nada com que eu não consiga lidar. Embora os ferimentos permanecessem. E não mostravam sinais de uma cura rápida. Talvez tivesse sido boa demais ao manter aqueles poderes de cura afastados.

A resposta demorou a vir. Então, veio toda de uma vez, como se Rhys quisesse encaixar cada palavra antes de a dificuldade da distância nos silenciar.

Sei que não devo dizer que tome cuidado, ou que volte para casa. Mas quero você em casa. Logo. E quero ele morto por colocar as mãos em você.

Mesmo com a imensidão da terra entre nós, o ódio de Rhys ondulou pelo laço.

Respondi, com o tom de voz tranquilizador, sarcástico: *Tecnicamente, a* magia *dele me tocou, não as mãos.*

A água do banho estava fria quando a resposta chegou. *Fico feliz por você encarar isso com humor. Eu certamente não o faço*.

Mandei de volta uma imagem minha lhe mostrando a língua.

Eu estava vestida de novo quando a resposta chegou.

Como a minha, foi sem palavras, apenas uma imagem. Como a minha, a língua de Rhysand estava para fora.

Mas ocupada fazendo outra coisa.

Fiz questão de sair para cavalgar no dia seguinte. E me certifiquei de que fosse quando Bron e Hart estivessem montando guarda, e pedi que me escoltassem.

Eles não disseram muito, mas senti os olhares observadores cada vez que eu encolhia o corpo conforme cavalgávamos pelas trilhas desgastadas do bosque de primavera. Senti os dois estudarem o corte em meu rosto, os hematomas sob minhas roupas, que me faziam chiar de vez em quando. Ainda não estava completamente curada, para minha surpresa; embora supunha que isso funcionasse a meu favor.

Tamlin implorou por meu perdão no jantar do dia anterior... e eu o concedi. Mas Lucien não falara com ele a noite toda.

Jurian e a realeza de Hybern se irritaram com o atraso depois que eu, em voz baixa, admiti a eles como meus ferimentos tornavam difícil demais uma viagem até a muralha. Tamlin não tivera coragem de sugerir que fossem sem mim, de me roubar esse dever. Não depois de ver as marcas arroxeadas e saber que, se fossem em uma humana, eu poderia estar morta.

E a realeza, depois que Lucien e eu mandamos a malícia invisível do Bogge atrás deles, recuou. Por enquanto. Mantive meus escudos de pé; em torno de mim e dos outros, o esforço agora era uma dor de cabeça constante que transformava qualquer outro tipo de magia em algo frágil e quebradiço. O avanço na fronteira não

ajudara muito... não, tornara o esforço pior depois que eu mandei o poder pela muralha.

Convidei Ianthe para casa, subitamente requisitando sua presença reconfortante. A sacerdotisa chegou, sabendo de todos os detalhes do que acontecera naquele escritório — deixando convenientemente escapar que Tamlin lhe confessara, suplicando absolvição da Mãe e do Caldeirão e de quem mais houvesse. Tagarelei sobre meu próprio perdão com ela naquela noite, e fiz questão de aceitar os bons conselhos de Ianthe, dizendo aos membros da corte e aos demais na mesa lotada naquela noite como éramos sortudos de ter Tamlin *e* Ianthe vigiando nossas terras.

Sinceramente, não sei como não ligaram os pontos.

Como ninguém viu minhas palavras não como uma estranha coincidência, mas um desafio. Uma ameaça.

Aquele último cutucão.

Principalmente quando sete dos naga invadiram a propriedade logo depois da meia-noite.

Foram expulsos antes de chegar à casa — um ataque impedido por uma visão de aviso enviada pelo Caldeirão para ninguém menos que a própria Ianthe.

O caos e os gritos despertaram a propriedade. Permaneci em meu quarto, com guardas sob a janela e do lado de fora da porta. O próprio Tamlin, encharcado de sangue e ofegante, foi me informar que a propriedade estava segura novamente. Que os naga haviam sido encontrados com as chaves do portão, e que lidaria com a sentinela responsável pela perda na manhã seguinte. Um acidente incomum, uma última exibição de poder de uma tribo que não se fora tranquilamente depois do reinado de Amarantha.

Todos nós salvos do perigo por Ianthe.

Todos nos reunimos do lado de fora do quartel na manhã seguinte, o rosto de Lucien estava pálido e macilento, com manchas roxas sob os olhos vítreos. Ele não voltara ao quarto na noite anterior.

A meu lado, os membros da família real de Hybern e Jurian permaneciam em silêncio e sombrios enquanto Tamlin caminhava de um lado para o outro diante da sentinela amarrada entre dois mastros.

— Você foi incumbido de vigiar esta propriedade e seu povo — disse Tamlin ao macho trêmulo, que vestia apenas as calças. — Foi encontrado não somente dormindo no portão ontem à noite, mas foi *seu* molho de chaves que sumiu originalmente. — Tamlin grunhiu baixinho. — Nega isso?

— Eu... eu nunca durmo. Nunca aconteceu até agora. Devo ter apenas cochilado por um ou dois minutos — gaguejou o guarda, e as cordas que o amarravam rangeram quando ele as repuxou.

— Você colocou em risco as vidas de todos nesta mansão.

E não poderia seguir sem punição. Não com a realeza de Hybern ali, procurando qualquer sinal de fraqueza.

Tamlin ergueu a mão. Bron, com o rosto petrificado, se aproximou para lhe dar um chicote.

Todas as sentinelas, os guerreiros de maior confiança de Tamlin, se moveram desconfortáveis. Alguns olhavam com raiva para Tamlin, alguns tentavam não ver o que estava prestes a acontecer.

Segurei a mão de Lucien. Não foi apenas atuação.

Ianthe deu um passo à frente, as mãos unidas diante do estômago.

— Vinte chibatadas. E mais uma pelo perdão do Caldeirão.

Os guardas voltaram olhares malignos em sua direção.

Tamlin desenrolou o chicote na terra.

Eu agi. Deslizei meu poder para a mente da sentinela amarrada e libertei a memória enroscada bem no fundo em sua mente; libertei a língua do macho também.

— Foi ela — disse ele, ofegante, apontando Ianthe com o queixo. — *Ela* pegou as chaves.

Tamlin piscou... e todos naquele pátio olharam diretamente para Ianthe.

Seu rosto sequer estremeceu diante da acusação... da verdade que a sentinela atirou contra ela.

Eu estava esperando para ver como Ianthe responderia a minha demonstração de poder no solstício, rastreando seus movimentos por dias e noites inteiros. Momentos depois de minha partida da festa, ela foi até o quartel, usou algum fiapo de poder para embalar o homem no sono e pegou as chaves. Então, plantou os avisos a

respeito dos ataques iminentes dos naga... depois de dar às criaturas as chaves do portão.

Para que pudesse soar o alarme na noite anterior. Para que *ela* pudesse nos salvar de uma verdadeira ameaça.

Ideia inteligente... se não tivesse caído direitinho em meu plano.

— Por que eu pegaria as chaves? — perguntou Ianthe, suavemente. — Eu os avisei sobre o ataque.

— Estava no quartel... eu a *vi* naquela noite — insistiu a sentinela, e depois voltou os olhos suplicantes a Tamlin. Não foi medo ou dor que compeliram o macho, percebi. Não, as chibatadas teriam sido merecidas e bem recebidas. Era o temor da honra perdida.

— Achei que uma de suas sentinelas, Tamlin, teria mais dignidade em vez de espalhar mentiras para se poupar de uma dor passageira. — O rosto de Ianthe permaneceu sereno como sempre.

Tamlin, de maneira louvável, observou a sentinela por um longo momento.

Dei um passo adiante.

— Ouvirei sua história.

Alguns dos guardas suspiraram. Alguns me olharam com pena e afeição.

Ianthe ergueu o queixo.

— Com todo o respeito, milady, não cabe a você fazer o julgamento.

E ali estava. A tentativa de me passar a perna.

Apenas porque a deixaria transtornada, ignorei Ianthe completamente e falei para a sentinela:

— Ouvirei sua história.

Mantive o foco sobre o macho, mesmo enquanto contava meus fôlegos, mesmo enquanto rezava para que Ianthe mordesse a isca...

— Vai aceitar a palavra de uma sentinela em vez daquela de uma Grã-Sacerdotisa?

Meu nojo das palavras disparadas por ela não foi completamente fingido... embora esconder o leve sorriso tenha sido difícil. Os guardas se moveram diante do insulto, do tom de voz. Mesmo que já não confiassem no colega, apenas pelas palavras de Ianthe, perceberam sua culpa.

Olhei para Tamlin então; vi seu olhar se aguçar também. Com compreensão. Protestos demais de Ianthe.

Ah, ele estava bastante ciente de que Ianthe talvez tivesse planejado aquele ataque dos naga para reivindicar de volta alguma gota de poder e influência — como salvadora daquele povo.

A boca de Tamlin se contraiu em reprovação.

Era como se eu tivesse dado aos dois um pedaço de corda. Supus que agora seria o momento de ver se ambos se enforcariam com ela.

Ousei dar mais um passo à frente, voltando as palmas das mãos para Tamlin.

— Talvez tenha sido um erro. Não desconte em sua pele, ou em sua honra. Vamos ouvi-lo.

O olhar de Tamlin se suavizou um pouco. Ele permaneceu em silêncio, considerando.

Mas, atrás de mim, Brannagh riu com deboche.

— Patético — murmurou ela, embora todos pudessem ouvir.

Fraco. Vulnerável. Pronto para ser conquistado. Vi as palavras percorrerem o rosto de Tamlin, como se estivessem fechando portas ao passar.

Não havia outra interpretação; não para Tamlin.

Mas Ianthe me observou, de pé diante da multidão, a influência que eu tinha deixado bem claro ser capaz de roubar. Se ela admitisse culpa... o que quer que lhe restasse ruiria.

Tamlin abriu a boca, mas Ianthe o interrompeu.

— Há leis a obedecer — disse ela a mim, tão gentilmente que tive vontade de raspar as unhas pelo rosto da sacerdotisa. — Tradições. Ele quebrou nossa confiança, deixou que nosso sangue fosse derramado devido ao descuido. Agora quer acusar a Grã-Sacerdotisa das *próprias* falhas. Não pode sair impune. — Ela assentiu para Tamlin. — Vinte e uma chibatadas, Grão-Senhor.

Olhei de um para o outro, e minha boca secou.

— Por favor. Apenas ouça-o.

O guarda pendurado entre os mastros tinha muita esperança e gratidão nos olhos.

Com isso... com isso, minha vingança se voltou na direção de algo oleoso, algo estrangeiro e desconfortável. Ele se curaria da dor,

mas o golpe contra a honra... Levaria um pedaço da minha também.

Tamlin me encarou, e depois, Ianthe. Então, olhou para a realeza de Hybern, que ria com ironia... para Jurian, que estava de braços cruzados, o rosto indecifrável.

E, como eu apostei, a necessidade de controle de Tamlin, de força, venceu.

Ianthe era uma aliada importante demais para arriscar isolá-la. A palavra de uma sentinela inferior... não, não importava tanto quanto a da sacerdotisa.

Tamlin se voltou para a sentinela amarrada aos mastros.

— Coloque a lasca — ordenou ele, baixinho, para Bron.

Houve um segundo de hesitação por parte de Bron — como se o choque da ordem de Tamlin tivesse lhe percorrido o corpo. O de todos os guardas. Ele ficou do lado de Ianthe... contra eles. Suas sentinelas.

Que tinham atravessado a muralha diversas vezes a fim de tentar quebrar aquela maldição para Tamlin. Que o fizeram de bom grado, que de bom grado *morreram*, caçados como aqueles lobos, por ele. E o lobo que eu matei, Andras... Ele também fora voluntariamente. Tamlin os enviara para todos os lados, e nem todos haviam retornado. Foram voluntariamente, mas aquilo... isso era vontade de Tamlin. Sua gratidão. A confiança.

Mas Bron fez como ordenado, deslizando o pequeno pedaço de madeira para a boca da sentinela agora trêmula.

A julgar pelo desdém mal escondido nos rostos dos guardas, pelo menos estavam cientes do que ocorrera — ou do que acreditavam que tinha ocorrido: a Grã-Sacerdotisa orquestrara todo aquele ataque para se erguer como a salvadora, oferecendo a reputação de uma das sentinelas como preço. Não faziam ideia — nenhuma — de que eu a levara àquilo, de que forçara e forçara Ianthe a revelar a cobra que era. O quão pouco qualquer um sem um título significava para ela.

Como Tamlin a ouvia sem questionar... sem hesitar.

Não foi atuação quando levei a mão ao pescoço, recuei um passo, depois outro, até o calor de Lucien estar contra mim, e me encostei totalmente sobre ele.

As sentinelas observavam Ianthe, a realeza de Hybern. Tamlin sempre fora um deles; lutara por seus guardas.

Até agora. Até Hybern. Até ele ter dado preferência àqueles monstros estrangeiros em detrimento deles.

Até ele ter dado preferência a uma Grã-Sacerdotisa traiçoeira.

Os olhos de Tamlin estavam agora sobre nós, na mão que Lucien apoiou em meu braço para me segurar quando o Grão-Senhor levantou o chicote.

O estalo estrondoso quando o ar se partiu ecoou pelo quartel, pela propriedade.

Pelas próprias fundações da corte.

Capítulo 9

Ianthe não havia terminado.

Eu sabia... me preparei para aquilo. Ela não fugiu de volta ao templo a alguns quilômetros de distância.

Na verdade, permaneceu na casa, aproveitando a chance de se aproximar mais de Tamlin. Acreditava que recuperara a vantagem, que a declaração de justiça entregue pela ponta ensanguentada do chicote não passara de um último tapa na cara dos guardas que observavam.

E quando aquela sentinela desabou nas amarras, quando os demais se aproximaram para desatá-lo cuidadosamente, Ianthe apenas conduziu o grupo de Hybern e Tamlin à mansão para almoçar. Mas eu permaneci no quartel, cuidando da sentinela que gemia, retirando tigelas de água ensanguentada enquanto o curandeiro rapidamente o remendava.

Bron e Hart me escoltaram pessoalmente de volta à propriedade horas depois. Agradeci a cada um pelo nome. Então, pedi desculpas por não conseguir impedir... as maquinações de Ianthe ou a punição

injusta do amigo. Fui sincera em cada palavra, o estalo do chicote ainda ecoava em meus ouvidos.

Depois, eles disseram as palavras que eu esperava ouvir. Que sentiam muito por não terem impedido *nada* também.

Não apenas naquele dia. Mas os hematomas estavam sumindo... por fim. Os outros incidentes.

Se eu tivesse pedido, eles teriam me dado as próprias facas para que lhes cortasse as gargantas.

Na noite seguinte, eu corria de volta ao quarto a fim de me trocar para o jantar quando Ianthe fez sua próxima jogada.

Ela deveria ir conosco à muralha na manhã seguinte.

Ela e também Tamlin.

Se deveríamos ser todos uma frente unida, declarou Ianthe no jantar, então, desejava ver a muralha por conta própria.

A realeza de Hybern não se importou. Mas Jurian piscou um olho para mim, como se ele também visse o jogo em ação.

Fiz minhas malas eu mesma naquela noite.

Alis entrou logo antes de eu ir dormir, com uma terceira mala nas mãos.

— Como é uma viagem mais longa, trouxe mantimentos.

Mesmo com Tamlin se juntando a nós, eram pessoas demais para que ele nos atravessasse diretamente.

Então, iríamos como tínhamos feito antes, por trechos. Alguns quilômetros por vez.

Alis colocou a mala que preparara ao lado da minha. Depois, pegou a escova na penteadeira e me chamou para sentar no banco acolchoado diante dela.

Obedeci. Por alguns minutos, ela escovou meus cabelos em silêncio.

— Quando você partir amanhã — falou, por fim — partirei também.

Encontrei seu olhar no espelho.

— Meus sobrinhos estão com as malas feitas, os pôneis prontos para nos levar de volta ao território da Corte Estival, finalmente. Faz muito tempo desde que vi meu lar — disse Alis, embora seus olhos brilhassem.

— Conheço a sensação. — Foi tudo o que eu disse.

— Desejo tudo de bom a você, senhora — disse Alis, apoiando a escova e começando a trançar meus cabelos para trás. — Pelo resto de seus dias, por quanto durarem, desejo tudo de bom.

Deixei que ela terminasse a trança, então me virei no banco para segurar os dedos finos de Alis nos meus.

— Jamais conte a Tarquin que me conhece bem.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Há um rubi de sangue com meu nome — esclareci.

Mesmo a pele de casca de árvore de Alis pareceu empalidecer. Ela entendeu muito bem: eu era uma inimiga procurada da Corte Estival. Apenas minha morte seria aceita como pagamento pelos crimes.

Alis apertou minha mão.

— Com ou sem rubis de sangue, sempre terá uma amiga na Corte Estival.

Engoli em seco.

— E você sempre terá uma amiga em minha corte.

Alis sabia a que corte eu me referia. E não pareceu temer.

As sentinelas não olharam para Tamlin, sequer falaram com ele, a não ser que fosse absolutamente necessário. Bron, Hart e três outros deveriam se juntar a nós. Tinham me visto visitando o amigo antes do alvorecer; uma cortesia que eu sabia não ter sido feita por nenhum dos demais.

Atravessar foi como chafurdar na lama. Na verdade, meus poderes tinham se tornado mais um fardo que uma ajuda. Minha cabeça latejava ao meio-dia, e passei as últimas pernas da viagem tonta e desorientada conforme atravessamos de novo e de novo.

Chegamos e montamos acampamento quase em silêncio. Em voz baixa e timidamente, pedi para dividir a tenda com Ianthe, não com Tamlin, parecendo ansiosa em reparar a animosidade entre nós, provocada pelo açoitamento. Mas fiz isso mais para poupar Lucien da atenção da sacerdotisa do que para afastar Tamlin. O jantar foi preparado e comido, os sacos de dormir, estendidos, e

Tamlin ordenou que Bron e Hart assumissem o primeiro turno da vigia.

Deitar ao lado de Ianthe sem lhe cortar a garganta foi um exercício de paciência e controle.

Mas, sempre que a faca sob meu travesseiro parecia sussurrar seu nome, eu me lembrava de meus amigos. Da família que estava viva... se curando no norte.

Repetia seus nomes silenciosamente, diversas vezes, para a escuridão. Rhysand. Mor. Cassian. Amren. Azriel. Elain. Nestha.

Pensei em como os vira pela última vez, tão ensanguentados e feridos. Pensei no grito de Cassian quando as asas foram dilaceradas; em como Azriel ameaçou o rei quando ele avançou sobre Mor. Nestha lutando contra o Caldeirão a cada passo.

Meu objetivo era maior que a vingança. Meu propósito era maior que retribuição pessoal.

O alvorecer chegou, e vi a palma de minha mão envolta no cabo da faca mesmo assim. Eu a saquei quando me sentei, encarando a sacerdotisa adormecida.

A saliência macia de seu pescoço pareceu brilhar ao sol daquele início de manhã, filtrado pelas abas da tenda.

Sopesei a faca na mão.

Não tinha certeza se nascera com a habilidade de perdoar. Não por terrores infligidos àqueles que eu amava. De minha parte, não importava — não tanto. Mas havia um pilar fundamental de aço dentro de mim que não podia se dobrar ou quebrar. Não podia suportar a ideia de deixar aquelas pessoas saírem impunes pelo que tinham feito.

Os olhos de Ianthe se abriram, o azul-esverdeado tão límpido quanto a tiara caída. O olhar da sacerdotisa foi direto para a faca em minha mão. Então, para meu rosto.

— Não se pode ser cuidadosa demais quando se divide um acampamento com inimigos — declarei.

Podia ter jurado que algo como medo brilhou nos olhos de Ianthe.

— Hybern não é nossa inimiga — disse ela, um pouco sem fôlego.

Pela palidez de Ianthe quando deixei a tenda, sabia que meu sorriso de resposta tinha cumprido seu papel muito bem.

Lucien e Tamlin mostraram aos gêmeos onde estava a fenda na muralha.

E como tinham feito com as duas primeiras, passaram horas avaliando-a, avaliando a terra ao redor.

Fiquei por perto dessa vez, observando-os, minha presença era agora considerada relativamente pouco ameaçadora, se não um aborrecimento. Tínhamos feito nossos jogos de poder, estabelecido que eu podia morder se quisesse, mas nos toleraríamos.

— Aqui — disse Brannagh a Dagdan, indicando com o queixo a divisa invisível. As únicas marcas eram as árvores diferentes: de nosso lado, tinham o verde forte e fresco da primavera. Do outro, eram escuras, largas e levemente retorcidas pelo calor: alto verão.

— A primeira era melhor — replicou Dagdan.

Eu me sentei sobre uma pequena pedra, descascando uma maçã com uma faca pequena.

— Mais perto da costa oeste também — acrescentou ele para a irmã.

— Esta é mais perto do continente... do estreito.

Tirei uma fatia profunda da maçã, puxando um pedaço da carne branca.

— Sim, mas teríamos mais acesso aos suprimentos do Grão-Senhor.

Tal Grão-Senhor no momento estava fora, com Jurian, caçando comida mais nutritiva que os sanduíches empacotados em nossas provisões. Ianthe fora a uma nascente próxima para rezar, e eu não fazia ideia alguma de onde Lucien ou as sentinelas se enfiaram.

Bom. Mais fácil para mim quando enfiei a fatia da maçã na boca e falei, mastigando:

— Eu digo para escolherem essa.

Eles se viraram em minha direção, Brannagh deu um riso de escárnio, e Dagdan ergueu as sobrancelhas.

— O que você sabe sobre isso? — indagou Brannagh.

Gesticulei com os ombros e cortei outro pedaço de maçã.

— Vocês dois falam mais alto do que percebem.

Os dois trocaram olhares acusatórios. Orgulhosos, arrogantes, cruéis. Eu os avaliei durante as duas últimas semanas.

— A não ser que queiram arriscar que as outras cortes tenham tempo de se reunir e interceptá-los antes que possam chegar ao estreito, eu escolheria essa.

Brannagh revirou os olhos.

— Mas o que eu sei? — prossegui tagarelando, entediada. — Vocês dois se aboletaram em uma ilhota durante quinhentos anos. Obviamente sabem mais a respeito de Prythian e de mover exércitos que eu.

— Isso não diz respeito a exércitos — sibilou Brannagh. — Então, peço que mantenha essa boca *fechada* até que tenhamos utilidade para você.

Ri com deboche.

— Quer dizer que essa besteira toda não foi para encontrar um lugar onde atravessar a muralha e usar o Caldeirão a fim *também* de transportar a imensidão de seus exércitos até aqui?

Ela riu, jogando a cortina negra de cabelos por cima dos ombros.

— O Caldeirão não é para transportar infantarias. É para refazer mundos. É para derrubar essa muralha horrorosa e reivindicar o que éramos.

Apenas cruzei as pernas.

— Achei que com um exército de dez mil não precisariam de objetos mágicos para fazer o trabalho sujo.

— Nosso exército tem dez vezes isso, menina — disse Brannagh, com desprezo. — E duas vezes *esse* número se contar com nossos aliados em Vallahan, Montesere e Rask.

Duzentos mil. Que a Mãe nos proteja.

— Vocês se mantiveram ocupados mesmo durante todos esses anos. — Eu os observei, completamente inabalada. — Por que não atacar quando Amarantha tinha a ilha?

— O rei não havia encontrado o Caldeirão ainda, apesar de ter passado anos procurando. Servia a seus propósitos deixar que Amarantha fosse um experimento de como poderia destruir esse

povo. E serviu como boa motivação para que nossos aliados no continente se juntassem a nós, sabendo o que os esperaria.

Terminei a maçã e joguei o caroço no bosque. Os gêmeos a observaram disparar, como dois cães olhando um faisão.

— Então, vão todos convergir para cá? Preciso bancar a anfitriã de tantos soldados?

— Nossas próprias forças cuidarão de Prythian antes de se unirem às demais. Nossos comandantes estão se preparando para isso enquanto falamos.

— Devem acreditar na possibilidade de uma derrota, se usarão o Caldeirão para ajudá-los a vencer.

— O Caldeirão *é* vitória. Ele limpará este mundo de novo.

Ergui as sobrancelhas com um cinismo irreverente.

— E precisa deste exato local para libertá-lo?

— Este exato local — disse Dagdan, com a mão no cabo da espada — existe porque uma pessoa ou objeto de enorme poder passou por ele. O Caldeirão estudará o trabalho que já foi feito, e o ampliará até que a muralha desabe por completo. É um processo cuidadoso, complexo, algo que duvido que sua mente mortal consiga entender.

— Provavelmente. Embora esta mente mortal tenha conseguido resolver a charada de Amarantha... e destruí-la.

Brannagh apenas se virou de volta para a muralha.

— Por que acha que Hybern a deixou viver por tanto tempo nestas terras? Melhor que outra pessoa fizesse o trabalho sujo.

Eu tinha o que precisava.

Tamlin e Jurian continuavam na caçada, os hybernianos estavam ocupados, e eu mandei as sentinelas em busca de mais água, alegando que parte de meus ferimentos ainda doía, e gostaria de um cataplasma.

As sentinelas fizeram uma expressão verdadeiramente letal ao ouvirem aquilo. Não para mim, mas para quem me dera aqueles ferimentos. Quem escolhera Ianthe a eles... e Hybern à honra e a seu povo.

Tinha levado três malas, mas só precisava de uma. Aquela que cuidadosamente refiz com os novos mantimentos de Alis, agora seguros ao lado de tudo o que antecipei precisar para me afastar e partir. Aquela que levava comigo em todas as viagens até a muralha, apenas por precaução. E agora...

Eu tinha números, tinha um propósito, tinha uma localização específica e os nomes de territórios estrangeiros.

Porém, mais que isso, tinha um povo que perdera a fé na Grã-Sacerdotisa. Tinha sentinelas que começavam a se rebelar contra o Grão-Senhor. E, como resultado dessas coisas, tinha a realeza de Hybern duvidando da força dos aliados. Havia preparado aquela corte para a queda. Não devido a forças externas... mas a guerras internas.

E era melhor que estivesse longe quando acontecesse. Antes que a última peça de meu plano se encaixasse.

O grupo voltaria sem mim. E, para manter aquela ilusão de força, Tamlin e Ianthe mentiriam a respeito... de para onde eu fora.

Talvez um ou dois dias depois disso, uma daquelas sentinelas revelasse a notícia, uma armadilha cuidadosamente montada, plantada por mim em sua mente, como uma de minhas arapucas.

Fugira para me salvar — depois de quase ser morta pelo príncipe e pela princesa de Hybern. Tinha plantado imagens de meu corpo brutalizado na mente da sentinela, as marcas consistentes com o que Dagdan e Brannagh já haviam revelado ser seu estilo. Ele as descreveria com detalhes; descreveria como me ajudou a fugir antes que fosse tarde demais. Como fugi para me salvar quando Tamlin e Ianthe se recusaram a intervir, a arriscar a aliança com Hybern.

E quando a sentinela revelasse a verdade, incapaz de manter silêncio quando viu como meu infeliz destino fora ocultado por Tamlin e Ianthe, do modo como Tamlin havia ficado ao lado de Ianthe no dia que açoitou a sentinela...

Quando o guarda descrevesse o que Hybern fizera comigo, a Quebradora da Maldição, a recém-ungida abençoada pelo Caldeirão, antes que eu fugisse para me salvar...

Não haveria mais aliança. Pois não haveria sentinela ou cidadão daquela corte que permaneceria ao lado de Tamlin ou de Ianthe

depois disso. Depois de *mim*.

Entrei na tenda para pegar a mala, meus passos eram leves e ágeis. Ouvindo, mas respirando, observei o acampamento, o bosque.

Alguns segundos a mais me permitiram roubar o boldrié de facas que Tamlin havia deixado dentro da tenda. Atrapalhariam o uso de arco e flecha, explicara ele naquela manhã.

O peso era considerável quando passei o cinturão pelo peito. Facas de luta illyrianas.

Casa. Eu iria para *casa*.

Não me incomodei em olhar para trás, para o acampamento, quando entrei no limite norte das árvores. Se atravessasse sem parar entre os saltos, chegaria ao pé das colinas em uma hora... e desaparecia nas cavernas pouco depois disso.

Percorri cerca de cem metros na cobertura das árvores antes de parar.

Ouvi Lucien primeiro.

— Saia.

Uma risada baixa de fêmea.

Tudo dentro de mim ficou imóvel e frio ao ouvir aquele som. Eu o ouvira certa vez... na memória de Rhysand.

Continue em frente. Eles estavam distraídos, por mais que fosse terrível.

Continue em frente, continue em frente, continue em frente.

— Achei que me procuraria depois do Ritual — ronronou Ianthe. Não deviam estar a mais de dez metros entre as árvores. Longe o bastante para não ouvirem minha presença se eu ficasse bem quieta.

— Fui obrigado a realizar o Ritual — disparou Lucien. — Aquela noite não foi fruto do desejo, acredite em mim.

— Nós nos divertimos, eu e você.

— Tenho uma parceira agora.

Cada segundo era como a badalada de meu sino fúnebre. Tinha preparado tudo para ruir; deixara de sentir qualquer culpa ou dúvida a respeito do plano. Não com Alis agora longe e a salvo.

No entanto... no entanto...

— Você não age assim com Feyre. — Uma ameaça em tom de voz sedoso.

— Está enganada.

— Estou? — Galhos e folhas estalaram, como se ela o circundasse. — Coloca as mãos por todo o seu corpo.

Tinha feito meu trabalho bem demais, incitara demais os ciúmes de Ianthe a cada momento que provocara o toque de Lucien em sua presença, na de Tamlin.

— *Não* me toque — grunhiu Lucien.

Então, avancei.

Ocultei o som de meus passos, silenciosa como uma pantera, conforme seguia para a pequena clareira onde eles estavam.

Onde Lucien estava, recuado contra uma árvore, com braceletes idênticos de pedra azul lhe algemando os pulsos.

Eu os vira antes. Em Rhys, para imobilizar seu poder. Pedra minerada da terra pútrida de Hybern, capaz de anular a magia. E nesse caso... segurar Lucien contra uma árvore enquanto Ianthe o avaliava, como uma cobra antes da refeição.

Ianthe passou a mão pelo peito largo de Lucien, pela barriga.

E os olhos de Lucien se voltaram para mim quando avancei entre as árvores, medo e humilhação enrubesciam a pele dourada.

— Basta — falei.

Ianthe virou a cabeça para mim. O sorriso era inocente, tímido. Mas vi que a sacerdotisa reparou na mala, no boldrié de Tamlin. E os ignorou.

— Estávamos no meio de um jogo. Não estávamos, Lucien?

Ele não respondeu.

E, ao ver aquelas correntes, ver como Ianthe o prendera, a visão de sua *mão* ainda na barriga de Lucien...

— Voltaremos para o acampamento quando terminarmos — disse Ianthe, virando-se novamente para Lucien. A mão desceu mais, não pelo prazer de Lucien, simplesmente para atirar em minha cara que ela *podia...*

Golpeei.

Não com as facas ou magia, mas com a mente.

Arranquei o escudo que mantinha em torno de Ianthe para evitar o controle dos gêmeos... e me choquei contra sua consciência.

Uma máscara sobre o rosto da putrefação. Essa era a sensação de entrar naquela linda cabeça e encontrar pensamentos tão terríveis. Um rastro de machos nos quais usava seu poder ou que simplesmente forçava para a cama, convencida de seu direito a eles. Recuei contra a atração daquelas lembranças, controlando-me.

— Tire as mãos dele.

Ianthe retirou.

— Solte-o.

A pele de Lucien perdeu a cor quando Ianthe me obedeceu, o rosto da sacerdotisa parecia estranhamente distante, obediente. As correntes de pedra azul caíram com um ruído no chão coberto de musgo.

A camisa de Lucien estava repuxada, o primeiro botão da calça, já aberto.

O rugido que tomou conta de minha mente foi tão alto que mal consegui me ouvir ao dizer:

— Pegue aquela pedra.

Lucien permaneceu pressionado contra a árvore. E ele observou em silêncio enquanto Ianthe se abaixava para pegar uma pedra cinza e áspera mais ou menos do tamanho de uma maçã.

— Coloque a mão direita naquele pedregulho.

Ela obedeceu, embora um tremor tivesse percorrido sua espinha.

A mente de Ianthe se debatia e lutava contra mim, como um peixe fisgado em um anzol. Enterrei minhas garras mentais mais fundo, e alguma voz interior de Ianthe começou a gritar.

— Esmague sua mão com a rocha com o máximo de força que conseguir até que eu a mande parar.

A mão que ela colocou nele, em tantos outros.

Ianthe ergueu a pedra. O primeiro impacto foi como um estampido abafado e úmido.

O segundo emitiu um estalo de verdade.

O terceiro tirou sangue.

O braço de Ianthe se erguia e descia, o corpo estremecia de dor.

E eu disse a Ianthe, muito claramente:

— Jamais tocará outra pessoa contra a vontade. Jamais se convencerá de que a pessoa realmente quer seus avanços; de que

está fazendo um jogo. Jamais conhecerá o toque de outra pessoa a não ser que iniciado por ela, a não ser que desejado por *ambos*.

Tac; crac; tum.

— Não se lembrará do que aconteceu aqui. Dirá aos outros que caiu.

O dedo anelar de Ianthe tinha se retorcido em uma direção errada.

— Tem permissão de ver um curandeiro para botar os ossos de volta no lugar. Mas não deve apagar as cicatrizes. E sempre que olhar para essa mão, vai se lembrar de que tocar pessoas contra sua vontade tem consequências, e de que, se o fizer de novo, tudo o que você é deixará de existir. Viverá com esse terror todos os dias, jamais saberá qual é a origem. Apenas o medo de algo a perseguindo, caçando, esperando por você assim que baixar a guarda.

Lágrimas silenciosas de dor escorreram pelo rosto da sacerdotisa.

— Pode parar agora.

A pedra ensanguentada caiu na grama. A mão de Ianthe era pouco mais que ossos quebrados envoltos em pele rasgada.

— Fique ajoelhada aqui até que alguém a encontre.

Ianthe caiu de joelhos, a mão destruída entornava sangue na túnica pálida.

— Pensei em cortar sua garganta esta manhã — confessei. — Pensei nisso durante a noite inteira, enquanto você dormia a meu lado. Pensei nisso todos os dias desde que descobri que entregou minhas irmãs para Hybern. — Sorri um pouco. — Mas acho que essa é uma punição melhor. E espero que tenha uma vida muito longa, Ianthe, e jamais conheça um momento de paz.

Eu a encarei por mais um momento, tecendo a tapeçaria de palavras e comandos que tinha entrelaçado na mente de Ianthe, então me voltei para Lucien. Ele tinha arrumado a calça, a camisa.

Os olhos arregalados de Lucien se voltaram de Ianthe para mim e, depois, para a pedra ensanguentada.

— A palavra que está procurando, Lucien — cantarolou uma voz feminina ardilosamente tranquila — é *daemati*.

Ele se virou na direção de Brannagh e Dagdan quando os dois entraram na clareira, rindo como lobos.

Capítulo 10

Brannagh passou os dedos pelos cabelos dourados de Ianthe, emitindo um estalo com a língua diante da massa ensanguentada aninhada no colo da sacerdotisa.

— Vai a algum lugar, Feyre?

Deixei minha máscara cair.

— Tenho lugares para ir — respondi aos membros da família real de Hybern, reparando nas posições de flanco que estabeleciam casualmente a meu redor.

— O que poderia ser mais importante que nos ajudar? Você, afinal de contas, jurou auxiliar seu rei.

Tempo; ganhavam tempo até que Tamlin voltasse da caçada com Jurian. Lucien se afastou da árvore, mas não passou para meu lado. Algo parecido com dor lampejou por seu rosto quando finalmente reparou no boldrié de facas roubado, na sacola em meus ombros.

— Não devo lealdade a você — revelei a Brannagh, mesmo enquanto Dagdan começou a ultrapassar meu campo visual. — Sou uma pessoa livre, com permissão de ir aonde e quando quiser.

— É mesmo? — ponderou Brannagh, deslizando a mão para a espada no quadril. Eu me virei levemente para evitar Dagdan em meu ponto cego. — Ardis tão cuidadosamente tecidos nas últimas semanas, manipulações tão habilidosas. Não pareceu se preocupar se fazíamos o mesmo.

Não deixariam que Lucien saísse daquela clareira com vida. Ou pelo menos com a mente intacta.

Ele pareceu se dar conta disso no mesmo momento que eu, compreendendo que, de maneira alguma, revelariam aquilo se não soubessem que sairiam impunes.

— Fiquem com a Corte Primaveril — concedi, e fui sincera. — Vai cair de uma forma ou de outra.

Lucien grunhiu. Eu o ignorei.

— Ah, nós pretendemos — disse Brannagh, tirando a espada da bainha escura. — Mas há a questão que diz respeito a você.

Soltei duas das facas de caça illyrianas.

— Não se perguntou sobre as dores de cabeça? Como as coisas parecem um pouco abafadas em alguns laços mentais?

Meus poderes tinham se exaurido tão rapidamente, tinham se tornado cada vez mais fracos nas últimas semanas...

Dagdan riu com escárnio e finalmente disse à irmã:

— Eu daria dez minutos a ela antes de a maçã fazer efeito.

Brannagh riu, chutando as correntes de pedra azul.

— Demos à sacerdotisa o pó a princípio. A pedra de veneno feérico esmagada, moída tão fina que não se podia ver ou sentir o cheiro na comida. Ela acrescentava um pouco por vez, nada suspeito, não muito, para não suprimir todos os seus poderes de uma vez.

A inquietude começou a revirar meu estômago.

— Somos daemati há mil anos, menina — revelou Dagdan, com escárnio. — Mas nem mesmo precisamos entrar na mente de Ianthe para que fizesse nossa vontade. Mas você... que esforço corajoso, tentando proteger todos de nós.

A mente de Dagdan disparou para Lucien, uma flecha escura disparou entre eles. Ergui um escudo no caminho. E minha cabeça, meus ossos *doeram*...

— Que *maçã*? — perguntei, entre dentes.

— Aquela que engoliu há uma hora — respondeu Brannagh. — Plantada e cultivada no jardim pessoal do rei, alimentada por uma dieta constante de água acrescida de veneno feérico. O suficiente para derrubar seus poderes durante alguns dias, sem necessidade de correntes. E aqui está você, achando que ninguém havia reparado seu plano de desaparecer hoje. — Ela emitiu outro estalo com a língua. — Nosso tio ficaria muito insatisfeito se deixássemos isso acontecer.

Eu estava ficando sem tempo. Poderia atravessar, mas então abandonaria Lucien com os gêmeos se ele não conseguisse se livrar dos dois por causa do veneno feérico que ingerira na comida do acampamento...

Deixá-lo. Eu deveria e *poderia* deixá-lo.

Mas para um destino talvez pior que a morte...

O olho avermelhado de Lucien brilhou.

— Vá.

Fiz minha escolha.

Explodi em noite e fumaça e sombras.

E nem mesmo mil anos foram suficientes para que Dagdan adequadamente se preparasse quando atravessei diante dele e o golpeei.

Cortei a frente da armadura de couro, não profundo o bastante para matar, e, quando o aço ficou agarrado na armadura, Dagdan se virou com habilidade, me obrigando a expor o lado direito ou largar a faca...

Atravessei de novo. Dessa vez, Dagdan foi comigo.

Eu não combatia seguidores ignorantes de Hybern no bosque. Não estava lutando contra o Attor e os de sua estirpe nas ruas de Velaris. Dagdan era um príncipe de Hybern... um comandante.

Ele lutava como um.

Atravessar. Golpear. Atravessar. Golpear.

Éramos um redemoinho preto de aço e sombras pela clareira, e meses do treinamento brutal de Cassian se encaixaram conforme eu me mantinha de pé.

Tive a vaga sensação de que Lucien olhava boquiaberto, até mesmo Brannagh parecia chocada com a exibição de minhas habilidades contra o irmão.

Mas os golpes de Dagdan não eram fortes; não, eram precisos e ágeis, mas ele não se entregava por completo.

Ganhando tempo. Estava me cansando até que meu corpo absorvesse por completo aquela maçã e seu poder me deixasse quase mortal.

Então, atingi Dagdan no ponto fraco.

Brannagh gritou quando uma muralha de chamas se chocou contra ela.

Dagdan perdeu o foco por um segundo. Seu rugido, quando lhe fiz um corte profundo no abdômen, arrancou os pássaros das árvores.

— Sua vadiazinha — disparou Dagdan, dançando para trás para fugir de meu próximo golpe quando o fogo se extinguiu e Brannagh foi revelada de joelhos. Seu escudo físico fora descuidado: esperava que eu atacasse na mente.

Brannagh estremecia e arquejava em agonia. O fedor de carne queimada agora chegava até nós, diretamente do braço direito, das costelas, da coxa.

Dagdan avançou contra mim de novo, e ergui minhas duas facas para bloquear a lâmina.

Ele não conteve o golpe dessa vez.

Eu o senti reverberar em cada centímetro do corpo.

Senti o silêncio crescente e imobilizador também. Tinha sentido antes — naquele dia em Hybern.

Brannagh se levantou subitamente com um grito agudo.

Mas Lucien estava ali.

A concentração da feérica estava totalmente em mim, em tirar de mim a beleza que eu lhe havia queimado, e Brannagh não notou Lucien atravessar até ser tarde demais.

Até que a espada de Lucien refletiu a luz do sol que entrava pela folhagem. E então encontrou carne e osso.

Um tremor agitou a clareira — como se algum fio entre os gêmeos tivesse sido cortado quando a cabeça castanha de Brannagh caiu na grama.

Dagdan gritou, avançando contra Lucien, atravessando os quase 5 metros entre nós.

Lucien mal arrancara a lâmina do pescoço cortado de Brannagh e Dagdan estava diante do guerreiro, impulsionando a espada para a frente a fim de enfiá-la em sua garganta.

Lucien só teve tempo de recuar aos tropeços do golpe mortal de Dagdan.

Eu tive tempo o suficiente para impedi-lo.

Bloqueei a lâmina de Dagdan para o lado com uma faca, os olhos do macho se arregalaram quando atravessei entre os dois, e enfiei a outra faca no olho de Dagdan. Diretamente para dentro do crânio.

Osso e sangue e tecido mole deslizaram e escorreram pela lâmina, a boca de Dagdan ainda estava aberta com surpresa quando puxei a faca para fora.

Deixei que ele caísse sobre a irmã, o estampido de carne contra carne foi o único ruído.

Apenas olhei para Ianthe, meu poder se extinguia, uma dor terrível aumentava em minha barriga, e dei minha última ordem, corrigindo as anteriores.

— Conte que eu os matei. Em autodefesa. Depois que me feriram tanto enquanto você e Tamlin não faziam *nada*. Mesmo quando a torturarem pela verdade, diga que fugi depois de matá-los, para salvar esta corte de seus horrores.

Olhos inexpressivos e vazios foram minha única resposta.

— Feyre.

A voz de Lucien parecia um sussurrou rouco.

Apenas limpei as duas facas nas costas de Dagdan antes de recuperar minha mala caída.

— Vai voltar. Para a Corte Noturna.

Coloquei a pesada sacola no ombro e olhei para Lucien.

— Sim.

O rosto bronzeado empalideceu. Mas ele observou Ianthe, os dois membros da realeza mortos.

— Vou com você.

— Não! — Foi tudo o que eu disse, seguindo para as árvores.

Uma cãibra se formou no fundo de minha barriga. Precisava fugir... precisava usar o restante de meu poder para atravessar até as colinas.

— Não vai conseguir sem magia — avisou ele.

Apenas trinquei os dentes ao sentir a forte dor no abdômen enquanto reuni minha força para atravessar até aquelas encostas distantes. Mas Lucien segurou meu braço, me impedindo.

— Vou com você — disse ele, de novo, com o rosto manchado de sangue tão vermelho quanto os cabelos. — Vou recuperar minha parceira.

Não havia tempo para aquela discussão. Para a verdade e o debate e as respostas que percebi que ele queria tão desesperadamente.

Tamlin e os demais teriam ouvido os gritos àquela altura.

— Não me faça me arrepender disso — avisei a ele.

✣

Sangue envolveu o interior de minha boca quando chegamos à encosta horas depois.

Eu estava ofegante, a cabeça latejava, o estômago, um nó apertado de dor.

Lucien estava pouco melhor; sua travessia fora tão hesitante quanto a minha antes de pararmos entre o gramado irregular e Lucien se curvar, as mãos apoiadas nos joelhos.

— Ela se foi — disse ele, arquejando para tomar fôlego. — Minha magia... nem uma faísca. Devem ter drogado todos nós hoje.

E me deram uma maçã envenenada só para se certificar de que me manteria abatida.

Meu poder se afastava de mim, como uma onda recuando da praia. Mas não retornava. Apenas ia cada vez para mais longe no mar de nada.

Olhei para o sol, agora um palmo acima da linha do horizonte, as sombras já estavam espessas e pesadas entre as colinas. Eu me recompus, organizando o conhecimento que tinha adquirido nas últimas semanas.

Avancei para o norte, oscilando. Lucien segurou meu braço.

— Vai tomar uma porta?

Desviei para ele meus olhos doloridos.

— Sim.

As cavernas — portas, como as chamavam — naquelas tocas davam para outros bolsões de Prythian. Eu tinha tomado uma diretamente para Sob a Montanha. Agora tomaria uma para me deixar em casa. Ou o mais perto que conseguisse. Não existia porta para a Corte Noturna, ali ou em qualquer lugar.

E eu não arriscaria meus amigos ao chamá-los para me resgatar. Não importava que o laço entre Rhys e eu... Eu sequer conseguia senti-lo.

Uma dormência se espalhou por mim. Precisava sair... agora.

— O portal para a Corte Outonal é por ali. — Aviso e reprovação. — Não posso ir para a Corte Estival. Eles me matarão ao me verem.

Silêncio. Lucien soltou meu braço. Engoli em seco, minha garganta estava tão ressecada que eu consegui fazê-lo.

— A única outra porta aqui dá para Sob a Montanha — continuou ele. — Selamos todas as outras entradas. Se formos para lá, podemos acabar presos, ou precisaríamos retornar.

— Então, vamos para a Outonal. E dali... — Parei de falar antes de terminar. *Para casa*. Mas Lucien entendeu mesmo assim. E pareceu perceber então... que a Corte Noturna era isso. *Minha casa.*

Quase pude ver a palavra no olho avermelhado quando Lucien sacudiu a cabeça. *Depois*.

Dei um aceno silencioso para ele. Sim... depois explicaríamos tudo.

— A Corte Outonal será tão perigosa quanto a Estival — avisou Lucien.

— Só preciso de um lugar para me esconder, para não chamar a atenção até... até conseguirmos atravessar de novo.

Um leve zumbido e um apito preencheram meus ouvidos. E senti a magia sumir por completo.

— Conheço um lugar — disse Lucien, caminhando na direção da caverna que nos levaria para sua casa.

Para as terras da família que o traíra tanto quanto essa corte traíra a minha.

Corremos pelas colinas, ágeis e silenciosos como sombras.

A caverna para a Corte Outonal fora deixada sem vigilância. Lucien me olhou por cima do ombro para perguntar se eu também

tinha sido responsável pela falta dos guardas sempre posicionados ali.

Acenei outra vez para ele. Tinha entrado em suas mentes antes de partirmos, me certificando de que aquela porta seria deixada aberta. Cassian me ensinara a sempre ter uma segunda rota de fuga. Sempre.

Lucien parou diante da meia-luz que espiralava na abertura da caverna, a escuridão era como um verme pronto para nos devorar. Um músculo estremeceu em seu maxilar.

— Fique, se quiser — falei. — O que está feito, está feito.

Pois Hybern estava vindo... já estava ali. Eu me perguntara durante semanas: seria melhor reivindicar a Corte Primaveril para nós, ou deixar que caísse nas mãos de nossos inimigos?

Mas não podia permanecer neutra; uma barreira entre nossas forças no norte e os humanos no sul. Teria sido fácil chamar Rhys e Cassian, pedir que o segundo trouxesse uma legião illyriana para reivindicar o território quando estivesse mais fraco depois de minhas manipulações. Dependendo de quanta mobilidade Cassian ainda tinha... se ainda estivesse se curando.

No entanto, nesse caso teríamos um território — com outras cinco cortes entre nós. A simpatia dos demais poderia se inclinar para a Corte Primaveril; outros poderiam se juntar a Hybern contra nós, considerando a conquista ali como prova de nossa crueldade. Mas, se a Corte Primaveril caísse nas mãos de Hybern... Poderíamos reunir as demais cortes para nosso lado. Atacar do norte, como um só, acossando Hybern.

— Estava certa — declarou Lucien, por fim. — Aquela garota que eu conhecia morreu mesmo Sob a Montanha.

Não tinha certeza se era um insulto. Mas assenti mesmo assim.

— Pelo menos podemos concordar nisso. — Avancei para o frio e a escuridão que esperavam.

Lucien caminhou a meu lado conforme passamos sob o arco da pedra entalhada e exposta, com as armas em punho quando deixamos para trás o calor e o verde da primavera eterna.

E ao longe, tão fraco que talvez eu tivesse imaginado, o rugido de uma besta partiu a terra.

PARTE DOIS

Quebradora da Maldição

Capítulo 11

O frio me atingiu primeiro.

Frio gélido e cortante, envolto em argila e coisas pútridas.

Sob o crepúsculo, o mundo além da estreita abertura da caverna era um entremeado de vermelho e dourado e marrom e verde, as árvores pareciam espessas e velhas, o chão coberto de musgo estava cheio de rochas e pedregulhos que projetavam longas sombras.

Nós emergimos, lâminas em punho, mal respirando além de um fiapo de ar.

Mas não havia sentinelas da Corte Outonal guardando a entrada do reino de Beron — nenhuma que pudéssemos ver ou farejar.

Sem magia, estava cega de novo, incapaz de projetar uma rede de vigilância pelas árvores antigas e vibrantes a fim de captar qualquer traço de mentes feéricas próximas.

Completamente indefesa. Assim eu era antes. Como tinha sobrevivido tanto tempo sem ela... Não queria pensar.

Prosseguimos com pés felinos pelo musgo, pelas pedras e pela madeira, nosso hálito se condensava adiante.

Continue em frente, continue caminhando para o norte. Rhys devia ter percebido àquela altura o apagar de nosso laço — provavelmente tentava adivinhar se eu havia planejado aquilo. Se valeria a pena o risco de revelar nossas tramoias para me encontrar.

Mas, até que o fizesse... até que conseguisse me ouvir, me encontrar... eu precisava continuar em frente.

Então, deixei que Lucien liderasse, desejando pelo menos poder transformar meus olhos em algo capaz de penetrar o bosque que escurecia. Mas minha magia estava imóvel e congelada. Ela era uma muleta na qual eu passara a me apoiar demais.

Abrimos caminho pela floresta, o frio se intensificava a cada raio de luz minguante do sol.

Não tínhamos nos falado desde a entrada naquela caverna entre as cortes. Pela rigidez dos ombros, pelo ângulo severo formado pelo maxilar conforme Lucien se movia com pés determinados e silenciosos, eu soube que apenas a necessidade de sermos sorrateiros mantinha afastadas as perguntas fervilhantes que ele queria fazer.

A noite caíra por completo acima de nós, mas a lua ainda não subira quando Lucien nos levou para dentro de outra caverna.

Parei à entrada.

— Não leva a lugar algum — disse Lucien, apenas, a voz inexpressiva e fria como o ar. — Faz uma curva nos fundos, ela nos manterá fora de vista.

Deixei que Lucien entrasse primeiro mesmo assim.

Cada membro e movimento meus se tornaram lentos, dolorosos. Mas eu o segui para dento da caverna e pela curva que Lucien indicara.

Uma faísca se acendeu, e me vi diante de um tipo de acampamento improvisado.

A vela que Lucien acendera ocupava uma saliência de pedra natural, e no chão perto dela havia três sacos de dormir e cobertores velhos, cheios de folhas e teias de aranha. Um pequeno círculo para fogueiras ficava no centro rebaixado do espaço, e o teto acima estava chamuscado.

Ninguém visitara o local em meses. Anos.

— Eu costumava ficar aqui quando caçava. Antes... de partir — revelou Lucien, examinando um livro empoeirado com capa de couro deixado na elevação de pedra ao lado da vela. Ele apoiou o volume com um ruído. — É apenas por esta noite. Encontraremos o que comer pela manhã.

Simplesmente levantei o saco de dormir mais próximo e o bati algumas vezes; folhas e nuvens de poeira saíram voando antes que eu o apoiasse no chão.

— Você realmente planejou isso — disse Lucien, por fim.

Eu me sentei no saco de dormir e comecei a vasculhar a mala, tirando de dentro as roupas mais quentes, comida e mantimentos que a própria Alis colocara ali.

— Sim.

— É tudo o que tem a dizer?

Cheirei a comida, me perguntando o que estaria embebido em veneno feérico. Poderia ser tudo.

— É arriscado demais comer — admiti, fugindo da pergunta.

Lucien não se conformou.

— Eu sabia. Sabia que estava mentindo assim que liberou aquela luz em Hybern. Minha amiga na Corte Crepuscular tem o mesmo poder, a luz é idêntica. E não faz a estupidez que você inventou que fazia.

Afastei minha sacola do saco de dormir.

— Então, por que não contou a ele? Era seu leal cachorrinho em todos os outros sentidos.

Seu olho pareceu fervilhar. Como se estar no próprio território fizesse aquele minério derretido dentro de Lucien subir à superfície, mesmo com o poder suprimido.

— Bom ver que a máscara caiu, pelo menos.

De fato, deixei que Lucien visse tudo; não alterei ou moldei meu rosto para estampar qualquer coisa que não frieza.

Lucien riu com escárnio.

— Não contei a ele por dois motivos. Um, porque achei que seria como chutar um macho já caído. Não podia lhe tirar aquela esperança. — Revirei os olhos. — Dois — disparou Lucien. — Sabia que, se estivesse certo e a expusesse, você encontraria uma forma de se certificar de que eu jamais a veria.

Minhas unhas se enterraram nas palmas das mãos com tanta força que doeu, mas permaneci sentada no saco de dormir ao exibir os dentes para Lucien.

— E por isso está aqui. Não porque é certo e ele sempre esteve errado, mas apenas para que possa conseguir o que *você* acha que é seu por direito.

— Ela é minha *parceira* e está nas mãos de meu inimigo...

— Desde o início não escondi que Elain está segura e é bem tratada.

— E eu devia acreditar nisso.

— Sim — sibilei. — Devia. Porque, se eu acreditasse por um segundo que minhas irmãs estão em perigo, nenhum Grão-Senhor ou rei teria me impedido de salvá-las.

Lucien apenas sacudiu a cabeça, a luz da vela dançando sobre o cabelo.

— Você tem a audácia de questionar minhas prioridades em relação a Elain, mas qual era *seu* motivo, até onde eu sei? Planejou me poupar de sua trilha de destruição por causa de alguma amizade genuína, ou simplesmente por medo do que isso poderia fazer com ela?

Não respondi.

— Bem? Qual era seu grande plano para mim antes que Ianthe interferisse?

Puxei um fio solto no saco de dormir.

— Você teria ficado bem. — Foi tudo o que eu disse.

— E quanto a Tamlin? Planejou estripá-lo antes de partir e simplesmente não teve a chance?

Puxei o fio solto do saco de dormir.

— Pensei nisso.

— Mas?

— Mas achei que deixar sua corte desabar a seu redor seria uma punição melhor. Certamente é mais demorada que uma morte fácil. — Tirei o boldrié de facas de Tamlin, o couro raspou contra o piso áspero de pedra. — Você é seu emissário, certamente entende que cortar a garganta de Tamlin, por mais satisfatório, não nos traria muitos aliados nesta guerra. — Não, daria a Hybern oportunidades demais para nos enfraquecer.

Lucien cruzou os braços. Preparando-se para uma boa e longa briga. Antes que ele conseguisse fazer exatamente isso, interrompi:

— Estou cansada. E nossas vozes ecoam. Vamos discutir quando não houver probabilidade de sermos capturados e mortos.

O olhar do feérico era como um ferrete.

Mas ignorei ao me aninhar no saco de dormir, o material fedia a poeira e podridão. Puxei o manto sobre mim, mas não fechei os olhos.

Não ousei dormir; não quando Lucien poderia muito bem mudar de ideia. No entanto, apenas ao me deitar, sem me mover, sem pensar... Parte da tensão em meu corpo se aliviou.

Lucien apagou a vela, e eu ouvi seus ruídos se acomodando também.

— Meu pai a caçará por lhe tomar o poder quando descobrir — disse Lucien para a escuridão gélida. — E a matará por ter aprendido a empunhá-lo.

— Ele pode entrar na fila. — Foi tudo o que eu disse.

Minha exaustão era como um cobertor sobre os sentidos quando luz cinza manchou as paredes da caverna.

Tinha passado a maior parte da noite tremendo, sobressaltando-me a cada estalo e ruído na floresta do lado de fora, atenta aos movimentos de Lucien em seu saco de dormir.

Pelo rosto terrível de Lucien quando ele se sentou, soube que também não dormira, talvez se perguntando se eu o abandonaria. Ou se sua família nos encontraria primeiro. Ou a minha.

Sopesamos um ao outro.

— E agora? — perguntou Lucien, rouco, esfregando a mão larga sobre o rosto.

Rhys não tinha vindo; eu não ouvira um sussurro pelo laço.

Procurei minha magia, mas apenas cinzas me cumprimentaram.

— Seguimos para o norte — respondi. — Até o veneno feérico ter saído de nossos corpos e podermos atravessar. — Ou até que eu pudesse contatar Rhys e os demais.

— A corte de meu pai fica ao norte. Precisaremos seguir para leste ou oeste para evitá-la.

— Não. Leste nos coloca perto demais da fronteira com a Corte Estival. E não vou perder tempo seguindo muito longe para o oeste. Seguimos direto para o norte.

— As sentinelas de meu pai nos verão com facilidade.

— Então, precisaremos permanecer invisíveis — argumentei, me levantando.

Tirei o restante da comida contaminada da sacola. Que os carniceiros a levassem.

Caminhar pelos bosques da Corte Outonal era como andar dentro de uma caixa de joias.

Mesmo com todos os predadores em potencial, as cores eram tão vívidas que era difícil não ficar boquiaberta.

No meio da manhã, a geada derretera sob o sol amanteigado, e revelou o que servia para comer. Meu estômago roncava a cada passo, e os cabelos vermelhos de Lucien reluziam, como as folhas acima de nós, conforme ele observava o bosque em busca de qualquer coisa para encher nossas barrigas.

Seu bosque, por sangue e por lei. Era um filho daquela floresta, e ali... Parecia ter sido criado a partir dela. Para ela. Até mesmo aquele olho dourado.

Lucien por fim parou diante de um córrego cor de jade, que corria por uma vala flanqueada em granito; um local, segundo ele, um dia infestado de trutas.

Eu construía uma vara de pesca rudimentar quando Lucien entrou na água, sem botas e com a calça enrolada até os joelhos, e pegou uma truta com as mãos. Ele tinha prendido o cabelo, e algumas mechas caíram sobre o rosto quando se abaixou de novo e jogou uma segunda truta na margem arenosa onde eu tentava encontrar um substituto para linha de pesca.

Permanecemos em silêncio até que os peixes por fim pararam de se debater, as laterais refletindo e reluzindo todas as muito intensas cores acima de nós.

Lucien os pegou pelas caudas, como se tivesse feito aquilo milhares de vezes. Podia muito bem ter feito, bem ali, naquele riacho.

— Vou limpá-los enquanto você começa a fazer a fogueira. — À luz do dia, o brilho das chamas não seria notado. Mas a fumaça... Era um risco necessário.

Trabalhamos e comemos em silêncio, o fogo crepitante oferecendo a única conversa.

Caminhamos para o norte durante cinco dias, mal trocando uma palavra.

A propriedade de Beron era tão ampla que levamos três dias para entrar, atravessar e deixá-la para trás. Lucien nos guiou pelo limite, ficando tenso a cada canto e farfalhar.

A Casa na Floresta era um complexo vasto, Lucien me informou durante as poucas vezes que arriscamos ou nos demos o trabalho de conversar. Fora construída dentro e em torno das árvores e das rochas, e apenas os níveis mais superiores eram visíveis acima do solo. Abaixo, os túneis desciam alguns níveis para dentro da rocha. Mas a extensão determinava o tamanho. Era possível andar de uma ponta a outra da Casa, e isso levaria metade da manhã. Havia camadas e círculos de sentinelas contornando-a: nas árvores, no chão, sobre os telhados cobertos de musgo e nas pedras da própria Casa.

Nenhum inimigo se aproximava da casa de Beron sem seu conhecimento. Nenhum saía sem a permissão do Grão-Senhor.

Eu sabia que tínhamos passado além do mapa das rotas e estações de patrulha conhecidas por Lucien quando ele curvou os ombros.

Os meus já estavam curvados.

Eu mal dormira, só me permitia fazê-lo quando a respiração de Lucien caía em um ritmo diferente, mais profundo. Sabia que não conseguiria manter aquilo por muito tempo, mas sem a habilidade de me proteger, de sentir qualquer perigo...

Eu me perguntava se Rhys estaria procurando por mim. Se teria sentido o silêncio.

Eu devia ter mandando uma mensagem. Dito a ele que estava partindo, como me encontrar.

Veneno feérico; era por isso que o laço soava tão abafado. Talvez eu devesse ter matado Ianthe de uma vez.

Mas o que estava feito, estava feito.

Eu esfregava os olhos doloridos, descansando por um momento sob nosso novo espólio: uma macieira, carregada de frutas gordas e suculentas.

Tinha enchido a bolsa com o que consegui colocar ali dentro. Dois caroços de maçãs já estavam caídos a meu lado, e o cheiro doce do apodrecimento me embalava tanto quanto o zumbido das abelhas que se banqueteavam com as frutas caídas. Uma terceira maçã já estava colhida e pronta para ser comida sobre minhas pernas esticadas.

Depois do que os membros da família real de Hybern haviam feito, eu devia abdicar das maçãs para sempre, mas a fome sempre borrava tais limites para mim.

Lucien, sentado a poucos metros, jogou a sua quarta maçã nos arbustos quando mordi a minha.

— As fazendas e os campos estão próximos — anunciou ele. — Precisaremos ficar fora de vista. Meu pai não paga muito bem pelas plantações, e os fazendeiros farão de tudo para ganhar qualquer moeda a mais.

— Até mesmo entregar a localização de um dos filhos do Grão-Senhor?

— *Principalmente* desse jeito.

— Não gostavam de você?

O maxilar de Lucien se contraiu.

— Como o mais jovem de sete filhos, eu não era especialmente necessário ou querido. Talvez fosse algo bom. Eu pude estudar por mais tempo do que meu pai permitia a meus irmãos antes de empurrá-los porta afora para governarem algum território em nossas terras, e eu podia treinar por tanto tempo quanto quisesse, pois ninguém acreditava que eu seria burro o bastante para sair matando até subir na longa lista de herdeiros. E quando ficava entediado de

estudar e lutar... aprendia o que podia sobre a terra com o povo. Aprendi sobre o povo também.

Ele se levantou com um gemido, os cabelos soltos reluzindo quando o sol do meio-dia iluminou os tons de sangue e vinho.

— Eu diria que isso parece mais adequado a um Grão-Senhor que à vida de um filho ocioso e não quisto.

Um olhar longo e sério de Lucien.

— Acha que foi apenas ódio que incitou meus irmãos a fazerem o possível para me arrasar e me matar?

Contra minha vontade, um tremor me percorreu a espinha. Terminei a maçã e levantei, colhendo mais uma de um galho baixo.

— Você a queria... a coroa de seu pai?

— Ninguém jamais me perguntou isso — ponderou Lucien, conforme prosseguimos, desviando de maçãs caídas e apodrecidas. O ar estava doce e pegajoso. — O banho de sangue que seria preciso para conquistar aquela coroa não valeria a pena. Nem sua corte pútrida. Eu ganharia uma coroa... apenas para governar um povo ardiloso e duas caras.

— Senhor das Raposas — falei, rindo com escárnio ao me lembrar daquela máscara, usada por Lucien certo dia. — Mas jamais respondeu minha pergunta, sobre por que o povo daqui o entregaria.

O ar adiante ficou mais leve, e um campo dourado de cevada oscilava na direção de uma fileira distante de árvores.

— Depois de Jesminda, entregariam.

Jesminda. Lucien jamais dissera seu nome.

Ele deslizou entre os talos que se balançavam e se agitavam.

— Ela era um deles. — As palavras eram quase inaudíveis sobre o chiado da cevada. — E, quando não a protegi... Foi uma traição da confiança deles também. Corri para as casas de alguns quando fugia de meus irmãos. Eles me expulsaram pelo que deixei acontecer a ela.

Ondas de ouro e marfim avançavam à volta, o céu brilhava com um azul intenso, imaculado.

— Não posso culpá-los por isso — disse Lucien.

Atravessamos o vale fértil ao fim da tarde. Quando Lucien ofereceu que parássemos por aquela noite, insisti que continuássemos... até as íngremes encostas que saltavam para montanhas cinzentas e cobertas de neve, limite do início da cordilheira compartilhada com a Corte Invernal. Se conseguíssemos cruzar a fronteira em um ou dois dias, talvez meus poderes tivessem retornado o suficiente para contatar Rhys — ou atravessar o resto do caminho para casa.

A caminhada não foi fácil.

Grandes pedregulhos irregulares compunham a trilha, salpicados de musgo e um longo e branco gramado sibilante como víboras. O vento açoitava nossos cabelos, a temperatura caía quanto mais subíamos.

Essa noite... Talvez precisássemos arriscar uma fogueira essa noite. Apenas para continuarmos vivos.

Lucien estava ofegante conforme escalamos um pedregulho protuberante, o vale se estendia para longe, e o bosque era um rio emaranhado de cores além dele. Deveria haver uma passagem para *dentro* da cadeia montanhosa em algum momento — para fora de vista.

— Como você não está sem fôlego? — indagou Lucien, ofegante, impulsionando o corpo para o topo plano da rocha.

Afastei a mecha que se soltara da trança e açoitava meu rosto.

— Treinei.

— Percebi isso depois que enfrentou Dagdan e saiu com vida.

— Eu tive o elemento surpresa a meu favor.

— Não — respondeu Lucien, em voz baixa, quando estendi a mão para um apoio na pedra seguinte. — Foi tudo você. — Minhas unhas reclamaram quando enterrei os dedos na rocha e me impulsionei para cima. Lucien acrescentou: — Você me salvou deles, de Ianthe. Obrigado.

As palavras atingiram algo baixo em meu estômago, e fiquei feliz pelo vento que rugia ao redor, ao menos porque escondia a ardência nos olhos.

✣

Dormi — finalmente.

Com a fogueira crepitante em nossa mais recente caverna, o calor e a relativa distância foram o suficiente para enfim me render ao sono.

E, nos sonhos, acho que nadei pela mente de Lucien, como se uma pequena brasa de meu poder estivesse, por fim, retornando.

Sonhei com nossa fogueira aconchegante e com as paredes íngremes, o espaço todo mal era grande o bastante para abrigar a nós dois e a fogueira. Sonhei com a noite uivante e escura além, com todos os sons cuidadosamente identificados por Lucien enquanto mantinha guarda.

Sua atenção se desviou para mim em certo momento e permaneceu ali.

Jamais soube o quanto eu parecia jovem e humana enquanto dormia. Minha trança lembrava uma corda sobre o ombro, a boca estava levemente aberta, e o rosto, arrasado pelos dias de poucos descanso e comida.

Sonhei que Lucien havia retirado seu manto e o estendido sobre meu cobertor.

Então, eu me dissolvi, flutuando para fora da mente do feérico conforme meus sonhos mudaram e velejaram para outro lugar. Deixei que um mar de estrelas me embalasse o sono.

A mão de alguém agarrou meu rosto com tanta força que o gemido de meus ossos me fez acordar sobressaltada.

— Olhem quem achamos — cantarolou uma fria voz masculina.

Eu conhecia aquele rosto: o cabelo vermelho, a pele pálida, o sorriso irônico. Conhecia os rostos dos dois outros machos na caverna, um Lucien, grunhindo, preso entre eles.

Os irmãos de Lucien.

Capítulo 12

— Papai está muito desapontado que não tenha aparecido para dizer oi — disse aquele com a faca contra meu pescoço.

— Estamos no meio de uma tarefa inadiável — respondeu Lucien, suavemente, controlando-se.

Aquela faca foi pressionada um pouco mais forte contra minha pele quando o feérico soltou uma gargalhada sem humor.

— Certo. De acordo com os boatos, vocês fugiram juntos, corneando Tamlin. — O sorriso se alargou. — Não sabia que tinha tanta coragem dentro de você, irmãozinho.

— Ele tinha algo dentro *dela*, ao que parece — brincou um dos outros.

Deslizei o olhar para o macho acima de mim.

— Liberte-nos.

— Nosso estimado pai deseja vê-la — disse, com um sorriso viperino. A faca não se afrouxou. — Então, virão conosco até a casa dele.

— Eris — avisou Lucien.

O nome ressoou dentro de mim. Acima de mim, a apenas centímetros... O antigo prometido de Mor. O macho que a abandonara quando encontrou o corpo de Mor brutalizado na fronteira. O herdeiro do Grão-Senhor.

Podia jurar que garras fantasmas perfuraram as palmas de minhas mãos.

Um ou dois dias a mais, e talvez fosse capaz de lhe rasgar o pescoço com elas.

Mas não tinha esse tempo. Só tinha o agora. Precisava fazer valer.

Eris apenas disse para mim, em tom frio e entediado:

— Levante-se.

Então, senti... despertando, como se algum graveto a tivesse cutucado. Como se estar ali, naquele território, entre a realeza de seu sangue, tivesse de alguma forma feito com que tomasse vida, fervendo além daquele veneno. Transformando o veneno em vapor.

Com a faca ainda inclinada sobre meu pescoço, deixei que Eris me colocasse de pé, e os outros dois arrastaram Lucien antes que pudesse se levantar sozinho.

Fazer valer. Usar meus arredores.

Voltei o olhar para Lucien.

E ele viu o suor formando gotas em minhas têmporas, no lábio superior, conforme meu sangue aquecia.

Um leve movimento do queixo foi o único sinal de compreensão.

Eris nos levaria até Beron, e o Grão-Senhor nos mataria por diversão, nos venderia pelo maior lance ou nos prenderia por tempo indeterminado. E depois do que tinham feito com a amante de Lucien, do que tinham feito com Mor...

— Depois de você — disse Eris suavemente, abaixando a faca por fim. Ele me empurrou um passo.

Eu estava esperando. Equilíbrio, ensinara Cassian, era crucial para ganhar uma luta.

E como o empurrão de Eris o fez pisar em falso, voltei a passada contra ele.

Ao me virar tão rápido, ele não me viu furar sua guarda, então golpeei o nariz de Eris com o cotovelo.

Ele cambaleou para trás.

Chamas se chocaram contra os outros dois, e Lucien disparou para fora do caminho quando os machos gritaram e caíram para o interior da caverna.

Disparei até a última gota de chamas dentro de mim, e uma parede se formou entre nós e os três. Selando os irmãos de Lucien dentro da caverna.

— *Corra* — disparei, arquejando, mas Lucien já estava a meu lado, com a mão apoiando meu braço por baixo conforme eu queimava aquela chama cada vez mais quente. Não os conteria por muito tempo, e eu de fato sentia o poder de alguém se erguendo para desafiar o meu.

Mas havia outra força para ser empunhada.

Lucien entendeu no mesmo momento que eu.

Suor se acumulou na testa de Lucien quando um pulso de poder envolto em chamas se chocou contra as pedras logo acima de nós. Poeira e escombros desceram.

Arremessei uma gota qualquer de magia para o golpe seguinte de Lucien.

E o seguinte.

Quando o rosto lívido de Eris emergiu de minha rede de chamas, brilhando como um recém-forjado deus da ira, Lucien e eu fizemos desabar o teto da caverna.

Fogo irrompeu pelas pequenas rachaduras, como as línguas de milhares de serpentes em chamas, mas o desabamento sequer estremeceu.

— Rápido — disse Lucien, ofegante, e não desperdicei meu fôlego para concordar conforme cambaleamos noite adentro.

Nossas malas, as armas e a comida... tudo dentro daquela caverna.

Eu tinha duas adagas, Lucien, uma. Eu vestia meu manto, mas... Lucien de fato me dera o seu. O macho tremia de frio conforme nos arrastávamos e nos agarrávamos para subir a encosta da montanha, e não ousamos parar.

✠

Se eu ainda fosse humana, estaria morta.

O frio chegava aos ossos, o vento uivava e nos açoitava, como chicotes queimando. Meus dentes batiam, meus dedos estavam tão duros que eu mal conseguia me segurar ao granito gélido a cada quilômetro cambaleado pelas montanhas. Talvez nós dois tivéssemos sido poupados de uma morte gelada pelo núcleo de chamas agonizante dentro de nossas veias.

Não paramos uma vez, por um medo tácito de que, se o fizéssemos, o frio extinguiria qualquer calor que restava e jamais conseguiríamos nos mover de novo. Ou de que os irmãos de Lucien avançariam.

Tentei, diversas vezes, gritar com Rhys através do laço. Atravessar. Criar asas e tentar voar com Lucien para fora da passagem pela montanha por onde nos arrastávamos; a neve alcançava a cintura e era tão densa em alguns pontos que precisávamos rastejar sobre ela, e nossa pele estava em carne viva devido ao gelo.

Mas o punho sobrepujante do veneno feérico ainda continha a maior parte de meus poderes.

Devíamos estar perto da fronteira com a Corte Invernal, eu disse a mim mesma, quando semicerramos os olhos contra uma lufada de vento gélido do outro lado da estreita passagem da montanha. Perto... e depois que a atravessássemos, Eris e os demais não ousariam colocar os pés no território de outra corte.

Meus músculos gritavam a cada passo, minhas botas estavam ensopadas de neve, meus pés, perigosamente dormentes. Tinha passado invernos humanos o suficiente na floresta para conhecer os perigos da exposição — a ameaça do frio e da umidade.

Lucien, um passo atrás de mim, ofegava ruidosamente conforme as paredes de rochas e neve se abriam para revelar uma noite amarga, salpicada de estrelas... e mais montanhas adiante. Quase chorei.

— Precisamos seguir em frente — disse ele, com neve incrustada nas mechas do cabelo, e me perguntei se o som teria me abandonado.

Gelo fazia cócegas em minhas narinas congeladas.

— Não duraremos muito... precisamos nos aquecer e descansar.

— Meus irmãos...

— Morreremos se continuarmos. — Ou perderíamos dedos das mãos e dos pés, na melhor das hipóteses. Apontei para a encosta da montanha adiante, uma queda perigosa abaixo. — Não podemos arriscar aquilo à noite. Precisamos encontrar uma caverna e tentar fazer uma fogueira.

— Com o *quê*? — disparou Lucien. — Está vendo madeira?

Eu apenas segui em frente. Discutir só desperdiçava energia... e tempo.

E não tinha mesmo uma resposta.

Eu me perguntava se sobreviveríamos à noite.

✣

Encontramos uma caverna. Profunda e abrigada do vento e dos olhos. Lucien e eu cuidadosamente encobrimos nossas pegadas, nos certificando de que o vento soprava a nosso favor, ocultando nosso cheiro.

Então a sorte acabou. Nenhuma madeira à vista; nenhum fogo nas veias de qualquer um de nós.

Usamos nossa única opção: calor corporal. Aninhados nas profundezas da caverna, nos sentamos, coxa contra coxa, braço contra braço, sob meu manto, tremendo de frio e encharcados.

Eu mal conseguia ouvir o grito oco do vento por cima do bater dos dentes. Meus e de Lucien.

Encontre-me, encontre-me, encontre-me, tentei gritar por aquele laço. Mas a voz sarcástica de meu parceiro não respondeu.

Havia apenas o vazio rugindo.

— Fale sobre ela... sobre Elain — pediu Lucien baixinho. Como se a morte tivesse se agachado no escuro ao nosso lado e atraído os pensamentos do feérico até os da própria parceira também.

Pensei em não dizer nada, estava tremendo demais para conseguir falar, mas...

— Ela ama o jardim. Sempre amou cultivar coisas. Mesmo quando éramos pobres, conseguia cultivar um pequeno jardim nos meses mais quentes. E quando... quando nossa fortuna voltou, passou a cuidar e plantar os jardins mais lindos que já se viu. Mesmo em Prythian. Os criados ficavam loucos, porque eram eles

que deveriam fazer o trabalho e donzelas só deveriam cortar uma rosa aqui ou ali, mas Elain colocava o chapéu e as luvas e se ajoelhava na terra, tirando as ervas-daninhas. Ela agia como uma dama puro-sangue em todos os sentidos, menos nesse.

Lucien ficou quieto por um longo momento.

— Agia — murmurou ele. — Você fala como se ela estivesse morta.

— Não sei que mudanças o Caldeirão trouxe. Não acho que voltar para casa seja uma opção. Não importa o quanto Elain anseie por isso.

— Certamente Prythian é uma alternativa melhor, com ou sem guerra.

Eu me preparei antes de falar:

— Ela está noiva, Lucien.

Senti cada centímetro do feérico a meu lado enrijecer.

— De quem?

Palavras inexpressivas, frias. Com a ameaça de violência fervilhando abaixo.

— Do filho de um senhor humano. O senhor odeia feéricos, dedicou a vida e a riqueza a caçá-los. Caçar a nós. Eu soube que, embora seja uma união por amor, o pai do prometido estava ansioso para ter acesso ao considerável dote de Elain a fim de continuar a cruzada contra os feéricos.

— Elain ama o filho desse senhor. — Não foi bem uma pergunta.

— Ela diz que sim. Nestha... Nestha achou que o pai e sua obsessão em matar feéricos eram ruins o suficiente para que ela ficasse alerta. Jamais disse isso a Elain. Eu também não.

— Minha parceira está noiva de um macho humano. — Lucien falou mais consigo mesmo que comigo.

— Desculpe se...

— Quero vê-la. Apenas uma vez. Apenas... para saber.

— Saber o quê?

Lucien ajeitou meu manto encharcado sobre nós.

— Se vale a pena lutar por ela.

Não consegui dizer que valia, dar a ele esse tipo de esperança quando Elain poderia muito bem fazer tudo em seu poder para

manter o noivado. Mesmo que a imortalidade já o tivesse tornado inviável.

Lucien inclinou a cabeça para trás contra a parede de pedra atrás de nós.

— E, então, perguntarei a seu parceiro como ele sobreviveu a isso... a saber que estava noiva de outro. Dividindo a cama com outro macho.

Coloquei as mãos congeladas sob os braços, olhando na direção da escuridão adiante.

— Conte-me quando foi que você soube — indagou Lucien, pressionando o joelho contra o meu. — Que Rhysand era seu parceiro. Conte-me quando parou de amar Tamlin e começou a amar *Rhys*.

Escolhi não responder.

— Desde antes de sequer partir?

Virei a cabeça para Lucien, mesmo que mal conseguisse distinguir suas feições no escuro.

— Jamais toquei Rhysand dessa forma até meses depois.

— Vocês se beijaram Sob a Montanha.

— Eu tive tão pouca escolha nisso quanto durante a dança.

— Mas esse é o macho que você agora ama.

Ele não sabia; não fazia ideia da história pessoal, dos segredos que abriram meu coração para o Grão-Senhor da Corte Noturna. As histórias não eram minhas para contar.

— Alguém poderia pensar, Lucien, que você estaria feliz por eu ter me apaixonado pelo parceiro, considerando que se encontra na mesma situação de Rhys há seis meses.

— Você nos *deixou*.

A nós. Não a Tamlin. *A nós*. As palavras ecoaram no escuro, na direção do vento uivante e da neve fustigante além da curva.

— Eu disse naquele dia no bosque: você me abandonou muito antes de eu ter partido fisicamente. — Estremeci de novo, odiando cada ponto de contato porque eu precisava do calor do macho desesperadamente. — Você se encaixava na Corte Primaveril tão pouco quanto eu, Lucien. Gostava dos prazeres e das diversões. Mas não finja que não foi feito para algo *maior* que aquilo.

O olho de metal se virou.

— E onde, exatamente, acha que vou me encaixar? Na Corte Noturna?

Não respondi. Não tinha uma resposta, sinceramente. Como Grã-Senhora, poderia muito bem oferecer uma posição a ele, se sobrevivesse tempo o suficiente para chegar em casa. Seria uma forma de evitar a ida de Elain para a Corte Primaveril, mas eu tinha poucas dúvidas de que Lucien conseguiria vicejar entre meus amigos. E alguma parte pequena e terrível de mim gostava da ideia de tirar mais uma coisa de Tamlin, algo vital, algo essencial.

— Deveríamos partir ao alvorecer. — Foi minha única resposta.

Sobrevivemos à noite.

Cada parte de mim doía, rígida, quando começamos a cuidadosa escalada. Não havia um sussurro ou vestígio dos irmãos de Lucien... ou de qualquer tipo de vida.

Não me importava, não quando tínhamos por fim passado pela fronteira para as terras da Corte Invernal.

Além das montanhas, uma grande planície de gelo reluzia ao longe. Levaria dias para cruzá-la, mas não importava: eu tinha acordado com poder o suficiente nas veias para nos aquecer com uma pequena fogueira. Devagar; muito devagar, os efeitos do veneno feérico recuavam.

Eu estava disposta a apostar que estaríamos na metade do gelo quando conseguíssemos atravessar para fora dali. Se nossa sorte se mantivesse e ninguém mais nos encontrasse.

Repassei cada lição que Rhys me dera sobre a Corte Invernal e seu Grão-Senhor, Kallias.

Palácios imponentes e exóticos, cheios de lareiras crepitantes e cobertos de sempre-verdes. Trenós entalhados eram o meio de transporte preferido da corte, puxados por renas com chifres aveludados, cujos cascos largos eram ideais para o gelo e a neve. As forças eram bem treinadas, mas costumavam se fiar nos grandes ursos brancos que caminhavam pelo reino em busca de visitantes indesejados.

Rezei para que nenhum deles esperasse no gelo, pois seus pelos se mesclavam perfeitamente à paisagem.

O relacionamento da Corte Noturna com a Invernal era bom o suficiente, ainda tênue, como todos os nossos laços, depois de Amarantha. Depois que ela massacrou tantos... inclusive, me lembrei com um grande rompante de náusea, dezenas de crianças da Corte Invernal.

Não podia imaginar... a perda, o ódio e o luto. Jamais tive coragem de perguntar a Rhys durante aqueles meses de treinamento a quem as crianças pertenciam. Quais tinham sido as consequências. Se foi considerado o pior dos crimes de Amarantha, ou apenas um de inúmeros outros.

Mas, apesar dos laços frágeis, a Corte Invernal era uma das Cortes Sazonais. Podia se aliar a Tamlin, a Tarquin. Nossos melhores aliados ainda eram as Cortes Solares: Crepuscular e Diurna. Mas ficavam muito ao norte — acima da linha divisória entre as Cortes Solares e Sazonais. Aquele trecho de terra sagrada e não reivindicada que continha Sob a Montanha. E o chalé da Tecelã.

Teríamos partido antes de precisarmos colocar os pés naquela floresta antiga e letal.

Mais um dia e uma noite se passaram antes de deixarmos as montanhas de vez e colocarmos os pés no gelo espesso. Nada crescia, e só pude ver que estávamos em terra firme devido à densa neve acumulada por baixo. Caso contrário, muito frequentemente, o gelo era transparente como vidro — revelando lagos escuros e infinitos abaixo.

Pelo menos não encontramos nenhum dos ursos brancos. Mas a verdadeira ameaça, percebemos rapidamente, era a total falta de abrigo: no gelo, não havia refúgio contra o vento e o frio. E, se acendêssemos uma fogueira com nossa débil magia, qualquer um por perto veria. Sem falar do aspecto prático de se acender uma fogueira sobre um lago congelado.

O sol começava a deslizar sobre o horizonte, manchando a planície de dourado, e as sombras ainda eram de um tom azul-arroxeado quando Lucien disse:

— Esta noite, derreteremos parte da camada de gelo o suficiente para amaciá-la... e construiremos um abrigo.

Sopesei. Mal estávamos a 30 metros do que parecia ser um lago infinito. Era impossível saber onde acabava.

— Acha que estaremos no gelo por tanto tempo?

Lucien franziu a testa na direção do horizonte manchado pelo entardecer.

— Provável, mas quem sabe qual é a extensão? — De fato, os bancos de neve escondiam muito do gelo abaixo.

— Talvez haja outro caminho, dando a volta... — ponderei, olhando para trás, na direção de nosso acampamento abandonado.

Olhamos ao mesmo tempo. E ambos vimos as três figuras paradas na beira do lago. Sorrindo.

Eris ergueu a mão envolta em chamas.

Chamas — para derreter o gelo sobre o qual pisávamos.

CAPÍTULO 13

— Corra — sussurrou Lucien.

Não ousei tirar os olhos de seus irmãos. Não quando Eris baixou aquela mão até a beira congelada do lago.

— Correr para onde, exatamente?

A pele encontrou o gelo, e vapor ondulou. O gelo ficou opaco, derretendo em uma linha que disparava até nós...

Corremos. O gelo escorregadio tornou a corrida perigosa, e meus tornozelos rugiam pelo esforço para me manter de pé.

Adiante, o lago se estendia infinitamente. E com o sol que mal nascera, os perigos seriam ainda mais difíceis de ver...

— Mais rápido — ordenou Lucien. — Não olhe! — gritou ele, quando comecei a virar a cabeça para ver se estavam nos seguindo. Lucien esticou a mão para segurar meu cotovelo, me equilibrando antes que eu pudesse notar meu tropeço.

Aonde vamos aonde vamos aonde vamos

Água encharcou minhas botas... gelo derretido. Ou Eris estava gastando o poder para atravessar milênios de gelo, ou simplesmente o fazia devagar para nos torturar...

— Desvie — disse Lucien, ofegante. — Precisamos...

Ele me empurrou para o lado, e cambaleei com os braços agitados.

No mesmo momento que uma flecha quicou no gelo em que antes eu estava.

— *Mais rápido* — insistiu Lucien, e não hesitei.

Eu me apressei em uma corrida de fato, e Lucien e eu cruzávamos o caminho um do outro conforme aquelas flechas eram disparadas. Gelo rachava onde elas caíam, e, não importava o quanto fôssemos rápidos, o chão abaixo de nós derretia e derretia...

Gelo. Eu tinha gelo nas veias, e agora que estávamos além da fronteira da Corte Invernal...

Não me importava se vissem... meu poder. O poder de Kallias. Não quando as alternativas eram bem piores.

Estendi a mão diante de nós quando um borrão derretido começou a se expandir, e o gelo rangia.

Um disparo de gelo saiu da palma de minha mão, congelando o lago de novo.

A cada golpe dos braços conforme corria, eu disparava aquele gelo das palmas das mãos, solidificando o que Eris tentava derreter à frente. Talvez, apenas talvez, pudéssemos atravessar o lago, e, se eles fossem burros o bastante para estar sobre a água quando o fizéssemos... Se eu conseguia fazer gelo, com certeza conseguia desfazê-lo.

Troquei de lado com Lucien de novo, encarando os olhos arregalados quando o fizemos, e abri a boca para contar meu plano quando Eris surgiu.

Não atrás. Adiante.

Mas foi o outro irmão a seu lado, com uma flecha apontada e já disparando para mim, que arrancou um grito de minha garganta.

Avancei para o lado, rolando.

Não rápido o bastante.

A ponta da flecha cortou minha orelha e minha bochecha, deixando um ardor. Lucien gritou, mas outra flecha já disparava.

Ela entrou direto em meu antebraço dessa vez.

Gelo cortava meu rosto, minhas mãos, conforme eu caía, os joelhos reclamando, o braço gritando de dor com o impacto...

Atrás, passos ressoaram no gelo quando o terceiro irmão se aproximou.

Mordi o lábio com tanta força que tirei sangue quando rasguei o tecido do casaco e da camisa sobre o antebraço, parti a flecha ao meio e arranquei os pedaços de dentro de mim. Meu rugido lancinante ecoou pelo gelo.

Eris dera um passo em minha direção, sorrindo como um lobo, quando me levantei de novo, as duas últimas facas illyrianas nas palmas das mãos, o braço direito berrando com o movimento...

Ao redor, o gelo começou a derreter.

— Isso pode acabar com você afundando, me implorando para tirá-la depois que aquele gelo congelar imediatamente — cantarolou Eris. Atrás do macho, bloqueado pelos irmãos, Lucien tinha sacado a própria faca e agora avaliava os outros dois. — Ou pode acabar com você concordando em segurar minha mão. Mas, de qualquer forma, virá comigo.

A pele em meu braço já estava se fechando. Cura... um dos poderes da Crepuscular despertando em minhas veias...

E se isso estava funcionando...

Não dei a Eris tempo para interpretar meu movimento.

Inspirei um fôlego profundo.

Ofuscante luz branca irrompeu de mim. Eris xingou, e eu corri.

Não em sua direção, não quando ainda estava ferida demais para empunhar as facas, mas para longe — na direção daquela margem distante. Semicega, segui trôpega e cambaleante até me afastar das poças traiçoeiras derretidas, e, então, corri.

Percorri 6 metros até que Eris atravessasse diante de mim e golpeasse.

Um golpe no rosto, com o dorso da mão, tão forte que meus dentes cortaram o lábio.

Ele golpeou de novo antes que eu conseguisse cair, um soco no estômago que tirou o ar de meus pulmões. Além de mim, Lucien tinha avançado contra os dois irmãos. Metal e fogo explodiam e colidiam, gelo subia.

Assim que caí no gelo, Eris me agarrou pelos cabelos, bem na raiz, e o gesto foi tão violento que lágrimas arderam em meus olhos.

Mas ele me arrastou de volta para aquela margem, de volta pelo gelo...

Lutei contra o golpe em meu estômago, lutei para conseguir puxar um fiapo de ar pela garganta, para os pulmões. Minhas botas arranhavam o gelo conforme eu chutava inutilmente, mas Eris segurava firme...

Acho que Lucien gritou meu nome.

Abri a boca, mas uma amarra de fogo avançou para meus lábios. Não queimou, mas estava quente o bastante para me informar que queimaria se Eris desejasse. Amarras idênticas de chamas envolveram meus pulsos, meus tornozelos. Minha garganta.

Não conseguia me lembrar... não conseguia me lembrar do que fazer, de como me mover, de como *impedir*...

Mais e mais perto da margem, para o grupo de sentinelas que aguardava, que atravessara repentinamente. *Não, não, não...*

Uma sombra se chocou contra a terra diante de nós, rachando o gelo em todas as direções.

Não uma sombra.

Um guerreiro illyriano.

Sete Sifões vermelhos reluziram sobre a armadura de escamas pretas quando Cassian fechou as asas e grunhiu para Eris com cinco séculos de ódio.

Não estava morto. Nem ferido. Estava inteiro.

As asas, curadas e fortes.

Soltei um soluço, estremecendo por trás da amarra de fogo. Os Sifões de Cassian brilharam em resposta, como se, ao me ver nas mãos de Eris...

Outro impacto atingiu o gelo atrás de nós. Sombras tremeluziram a seguir.

Azriel.

Comecei a chorar com sinceridade, parte do controle que eu mantivera sobre mim havia se libertado quando meus amigos aterrissaram. Quando vi Azriel também vivo, curado. Quando Cassian sacou lâminas illyrianas gêmeas — e vê-las foi como estar em casa — e disse a Eris, com uma calma letal: — Sugiro que solte minha senhora.

A mão de Eris sobre meus cabelos apenas se firmou mais, o que arrancou de mim um soluço.

A ira que contorceu as feições de Cassian podia acabar com um mundo.

Mas os olhos avelã desviaram para os meus. Um comando silencioso.

Cassian passara meses me treinando. Não apenas para atacar, mas para defender. Ele me ensinou, diversas vezes, como me libertar das mãos de um captor. Como agir não apenas com o corpo, mas com a mente.

Como se soubesse que era uma possibilidade bastante real que aquele cenário um dia acontecesse.

Eris tinha amarrado meus braços e minhas pernas, mas... eu ainda conseguia movê-los. Ainda conseguia usar partes da magia.

E desequilibrá-lo o suficiente para que me soltasse, para deixar que Cassian saltasse entre nós e enfrentasse o filho do Grão-Senhor...

Imponente sobre mim, Eris sequer olhou para baixo quando me virei, girando sobre o gelo, e acertei minhas pernas amarradas bem no meio de suas pernas.

Eris se abaixou, curvando-se com um grunhido.

Direto para as mãos atadas e fechadas em punho que lancei contra seu nariz. Osso estalou, e a mão de Eris soltou meus cabelos.

Eu rolei, me afastando às pressas. Cassian já estava lá.

Eris mal teve tempo de sacar a espada quando Cassian desceu com a própria sobre ele.

O ruído de aço contra aço ecoou pelo gelo. Sentinelas na margem lançaram flechas de madeira e magia... as quais apenas quicaram contra um escudo de azul.

Azriel. Do outro lado do gelo, ele e Lucien lutavam contra os outros dois irmãos. O fato de que qualquer dos irmãos de Lucien se mantinha de pé contra os illyrianos era uma prova de seu treinamento, mas...

Concentrei o gelo em minhas veias na mordaça da boca, nas amarras em torno dos pulsos e dos tornozelos. Gelo para abafar fogo, para fazer chiar até que se apagasse...

Cassian e Eris se enfrentavam, recuavam, como numa dança, e se enfrentavam de novo.

Cordas de fogo se arrebentaram, dissolvendo-se com um chiado de vapor.

Eu estava de pé de novo, levando a mão a uma arma que não tinha. Minhas adagas tinham sido perdidas a mais de 10 metros dali.

Cassian atravessou a defesa de Eris com uma eficiência brutal. E Eris gritou quando a lâmina illyriana se enterrou em sua barriga.

Sangue, vermelho como rubi, manchou o gelo e a neve.

Por um segundo, vi como aquilo acabaria: três dos filhos de Beron mortos por nossas mãos. Uma satisfação temporária para mim, cinco séculos de satisfação para Cassian, Azriel e Mor, mas, se Beron ainda se perguntava de que lado ficar nessa guerra...

Eu tinha outras armas para usar.

— Parem — falei.

A palavra foi um comando baixo e frio.

E Azriel e Cassian obedeceram.

Os outros dois irmãos de Lucien estavam costas contra costas, ensanguentados e boquiabertos. O próprio Lucien estava ofegante, a espada ainda erguida, enquanto Azriel limpava o sangue da própria lâmina e caminhava até mim.

Encarei os olhos avelã do encantador de sombras. O rosto frio que escondia tanta dor... e bondade. Ele viera. Cassian viera.

Os illyrianos se posicionaram a meu lado. Eris, com a mão pressionada contra a barriga, respirava de forma úmida, nos olhando com ódio.

Olhar de ódio... e, depois, de reflexão. Observando nós três quando eu disse a Eris, aos dois outros irmãos, às sentinelas na margem: — Todos vocês merecem morrer por isso. E por muito, muito mais. Mas vou poupar suas vidas miseráveis.

Mesmo com um ferimento na barriga, o lábio de Eris se retraiu.

Cassian grunhiu em aviso.

Eu apenas removi o encantamento que havia mantido sobre mim nas últimas semanas. Com a manga do casaco e da camisa arrancadas, não restava nada além de pele lisa onde aquele ferimento estivera. Pele lisa que agora se revelava adornada com

redemoinhos e arabescos de tinta. As marcas de meu novo título... e de meu laço de parceria.

O rosto de Lucien ficou lívido quando ele caminhou até nós, parando a uma distância segura ao lado de Azriel.

— Sou Grã-Senhora da Corte Noturna — revelei, em voz baixa, para todos.

Até mesmo Eris perdeu a expressão de deboche. Os olhos âmbar se arregalaram, algo como medo agora tomava conta das suas íris.

— Grã-Senhora? Não existe tal coisa — disparou um dos irmãos de Lucien.

Um leve sorriso se abriu em minha boca.

— Agora existe.

E estava na hora de o mundo saber.

Encontrei o olhar de Cassian, e vi orgulho reluzindo ali... e alívio.

— Me leve para casa — ordenei a ele, com o queixo erguido e determinado. Então, virei para Azriel: — Leve nós dois para casa. — E acrescentei para os herdeiros da Corte Outonal: — Veremos vocês no campo de batalha.

Que eles decidissem se era melhor lutar a nosso lado ou contra nós.

Eu me virei para Cassian, que abriu os braços e me aninhou antes de nos lançar para o céu em um rompante de asas e poder. A nosso lado, Azriel e Lucien fizeram o mesmo.

Quando Eris e os demais não passavam de manchas pretas sobre o branco abaixo, quando estávamos cruzando o céu, alto e rápido, Cassian observou: — Não sei quem parece mais desconfortável: Az ou Lucien Vanserra.

Dei um risinho, olhando por cima do ombro para onde o encantador de sombras carregava meu amigo, ambos fazendo questão de não falar, se olhar ou de conversar.

— Vanserra?

— Nunca soube o nome de família de Lucien?

Encontrei aqueles olhos avelã risonhos e destemidos.

O sorriso de Cassian se suavizou.

— Oi, Feyre.

Minha garganta se apertou até quase doer, e envolvi seu pescoço em um abraço forte.

— Senti sua falta também — murmurou Cassian, me apertando.

Voamos até chegarmos à fronteira do sagrado oitavo território. E, quando Cassian nos desceu em um campo nevado diante do bosque antigo, dei uma olhada para a fêmea loira, vestida em couro illyriano e caminhando de um lado para o outro entre as árvores retorcidas, e me lancei em uma corrida.

Mor me abraçou com tanta força quanto eu a segurei.

— Onde ele está? — perguntei, recusando-me a soltá-la, a tirar a cabeça do ombro de Mor.

— Ele... é uma longa história. Muito longe, mas correndo para casa. Agora mesmo. — Mor recuou o suficiente para observar meu rosto. A boca se contraiu ao ver os ferimentos que permaneciam, e então, ela raspou com cuidado gotas de sangue seco acumulado em minha orelha. — Ele sentiu você, o laço, há alguns minutos. Nós três estávamos mais perto. Atravessei Cassian, mas com Eris e os demais... — Culpa lhe deixou o olhar sombrio. — As relações com a Corte Invernal estão complicadas, achamos que, se eu estivesse lá na fronteira, poderia evitar que as forças de Kallias se voltassem para o sul. Pelo menos por tempo o suficiente para pegá-la. — E para evitar uma interação com Eris para a qual Mor talvez não estivesse pronta.

Sacudi a cabeça diante da vergonha que ainda fechava a expressão normalmente alegre da feérica.

— Eu entendo. — Abracei Mor de novo. — Eu entendo.

O aperto de resposta de Mor foi de esmagar as costelas.

Azriel e Lucien aterrissaram, e lufadas de neve subiram atrás de Azriel. Mor e eu nos soltamos por fim, e o rosto de minha amiga ficou sério quando ela observou Lucien. Neve e sangue e sujeira o cobriam... cobriam nós dois.

— Ele lutou contra Eris e os outros dois — explicou Cassian a Mor.

A garganta de Mor oscilou, ela reparou no sangue que manchava as mãos de Cassian, percebeu que não era o do illyriano. Sentindo o cheiro, sem dúvida, Mor disparou: — Eris. Você...

— Ele ainda está vivo — respondeu Azriel, e sombras se enroscaram em torno das garras nas pontas de suas asas, tão contrastantes com a neve sob nossas botas. — Assim como os outros.

Lucien os encarava alternadamente, cauteloso e quieto. O que sabia sobre a história de Mor com o irmão mais velho... Jamais perguntei. Jamais quis saber.

Mor jogou as volumosas ondas douradas por cima de um ombro.

— Então, vamos para casa.

— Qual? — perguntei, com cautela.

Mor voltou a atenção para Lucien mais uma vez. Quase tive pena de Lucien pelo peso naquele olhar, o julgamento. O olhar da Morrigan... cujo dom era a verdade pura.

O que quer que tivesse visto em Lucien foi o bastante para que dissesse: — A casa na cidade. Tem alguém a esperando lá.

Capítulo 14

Não tinha me permitido imaginar: o momento que novamente estaria de pé no saguão revestido de painéis de madeira da casa na cidade. Quando ouviria o canto das gaivotas voando alto acima de Velaris, sentiria a maresia do rio Sidra, que entrecortava o coração da cidade, sentiria o calor da luz do sol entrando pelas janelas às costas.

Mor tinha atravessado com todos nós e estava agora parada atrás de mim, ofegando baixinho, enquanto observávamos Lucien avaliar nosso entorno.

O olho metálico rangia, enquanto o outro avaliava com cautela os cômodos que flanqueavam o saguão: a sala de jantar e a sala de estar que se abriam para o pequeno jardim da frente e a rua; então, as escadas para o segundo andar; depois, o corredor ao lado, que dava para a cozinha e o jardim do pátio.

Então, por fim, para a porta da frente fechada. Para a cidade à espera além dela.

Cassian ocupou um local contra o corrimão, cruzando os braços com uma arrogância que eu sabia significar problemas. Azriel

permaneceu a meu lado, sombras lhe envolviam os nós dos dedos. Como se lutar contra filhos de Grão-Senhores fosse o modo como passavam os dias.

Eu me perguntei se Lucien sabia que suas primeiras palavras ali o condenariam ou salvariam. E me perguntei qual seria meu papel.

Não... a decisão era minha.

Grã-Senhora. Eu... estava acima deles na hierarquia. Era minha decisão se Lucien teria permissão de manter a liberdade.

Mas o silêncio vigilante de meus amigos era indicação o suficiente: que Lucien decidisse o próprio destino.

Por fim, Lucien olhou para mim. Para nós.

— Há crianças rindo nas ruas — comentou ele.

Eu pisquei. Ele disse com tanta... surpresa silenciosa. Como se não ouvisse o som há muito, muito tempo.

Abri a boca para responder, mas outra pessoa falou por mim.

— E o fato de o fazerem depois do ataque de Hybern é prova de quanto o povo de Velaris trabalhou duro para reconstruí-la.

Eu me virei e vi Amren emergindo de onde quer que estivesse sentada no outro cômodo, a mobília estofada lhe escondia o pequeno corpo.

Amren estava exatamente como da última vez que a vira: de pé naquele mesmo saguão, nos avisando para tomar cuidado em Hybern. Os cabelos de um preto intenso na altura do queixo reluziam sob o sol, os olhos prateados, sobrenaturais, pareciam incomumente brilhantes quando encararam os meus.

A delicada fêmea fez uma reverência com a cabeça. O maior gesto de obediência que uma criatura de 15 mil anos faria a uma Grã-Senhora recém-empossada. E amiga.

— Vejo que trouxe um bichinho de estimação novo para casa — disse ela, enrugando o nariz com desgosto.

Algo como medo entrou no olho de Lucien, como se ele também visse o monstro à espreita sob aquele lindo rosto.

De fato, parecia ter ouvido falar dela. Antes que eu pudesse apresentá-lo, Lucien fez uma reverência na altura da cintura. Profunda. Cassian soltou um grunhido de deboche, e eu lhe lancei um olhar de aviso.

Amren deu um leve sorriso.

— Vejo que já está treinado.

Lucien enrijeceu o corpo devagar, como se estivesse diante da boca escancarada de um selvagem felino das planícies, que não queria espantar com movimentos súbitos.

— Amren, este é Lucien... Vanserra.

Lucien se sobressaltou.

— Não uso meu sobrenome. — Ele esclareceu para Amren, com mais um aceno de cabeça: — Lucien está bom.

Suspeitei que tivesse parado de usar o nome assim que o coração da amada parou de bater.

Amren observava aquele olho de metal.

— Trabalho engenhoso — disse ela, e depois me avaliou. — Parece que colocaram as garras em você, menina.

O ferimento em meu braço, pelo menos, tinha se curado, embora restasse uma feia marca vermelha. Presumi que meu rosto não estivesse muito melhor. Antes que eu pudesse responder, Lucien perguntou:

— Que lugar é esse?

Todos olhamos para ele.

— Casa — respondi. — Esta é... minha casa.

Percebi que ele agora absorvia os detalhes. A falta de escuridão. A ausência de gritos. O cheiro do mar e de limão, não de sangue e podridão. A risada de crianças que de fato prosseguia.

O maior segredo da história de Prythian.

— Esta é Velaris — expliquei. — A Cidade de Luz Estelar.

Lucien engoliu em seco.

— E você é Grã-Senhora da Corte Noturna.

— De fato, ela é.

Meu sangue parou de correr ao ouvir a voz que cantarolou atrás de mim.

Quando senti o cheiro que me alcançou, me despertou. Meus amigos começaram a sorrir.

Eu me virei.

Rhysand estava recostado contra o arco que dava para a sala de estar, de braços cruzados, asas fora de vista, vestindo a jaqueta preta e a calça impecáveis de costume.

Quando aqueles olhos violeta encontraram os meus, quando aquele meio sorriso familiar se desfez...

Minha expressão desabou. Um ruído baixo, cortado, irrompeu de mim.

Rhys imediatamente avançou, mas minhas pernas já tinham cedido. O tapete do saguão amorteceu o impacto quando caí de joelhos.

Cobri o rosto com as mãos quando o último mês pesou sobre mim.

Rhys se ajoelhou a minha frente, estávamos joelho contra joelho.

Cuidadosamente, ele tirou minhas mãos do rosto. Cuidadosamente, segurou minhas bochechas e limpou minhas lágrimas.

Não me importava que tivéssemos uma plateia quando ergui o rosto e vi a alegria e a preocupação e o amor brilhando naqueles olhos incríveis.

Rhys também não se importou quando murmurou:

— Meu amor. — Então, me beijou.

Assim que deslizei as mãos pelos cabelos de Rhys, ele me pegou nos braços e ficou de pé com um movimento sutil. Afastei a boca da sua, olhando para um Lucien pálido, mas Rhysand disse para nossa companhia, sem sequer olhar para eles:

— Vão encontrar outro lugar para ficar por um tempo.

Ele não esperou para ver se obedeceram.

Rhys atravessou conosco escada acima e se lançou em uma caminhada determinada e rígida pelo corredor. Olhei para o saguão a tempo de ver Mor segurando o braço de Lucien e acenando para os demais antes de todos sumirem.

— Quer repassar o que aconteceu na Corte Primaveril? — perguntei, com a voz rouca, enquanto observava o rosto de meu parceiro.

Nenhuma diversão, nada além daquela intensidade predatória, concentrada em cada fôlego meu.

— Há outras coisas que eu preferiria fazer primeiro.

Rhys me carregou para nosso quarto — antes, o quarto *dele*; agora, cheio de nossos pertences. Estava exatamente como eu o vira da última vez: a enorme cama para a qual Rhys agora seguia,

os dois armários, a mesa diante da janela que dava para o jardim do pátio agora tomado por roxo, rosa e azul em meio aos verdes exuberantes.

Eu me preparei para ser jogada na cama, mas Rhys parou no meio do quarto, e a porta se fechou com um vento beijado pelas estrelas.

Devagar, ele me apoiou no tapete felpudo, me deslizando ostensivamente ao longo do próprio corpo ao fazê-lo. Como se não tivesse forças para resistir a me tocar, tão relutante em me soltar quanto eu em soltá-lo.

E cada lugar em que nossos corpos se encontraram, todo ele tão quente e sólido e *real*... Saboreei a sensação, e minha garganta se tornou um nó quando coloquei a mão no peito esculpido de Rhys e as batidas estrondosas do coração sob a jaqueta preta ecoaram na palma. O único sinal de qualquer que fosse o impulso que percorria o corpo de Rhys quando ele passou as mãos por meus braços em uma carícia demorada e me segurou os ombros.

Os polegares de Rhys acariciaram com um ritmo suave minhas roupas imundas enquanto ele observava meu rosto.

Lindo. Ainda mais lindo do que eu me lembrava, com que sonhara durante aquelas semanas na Corte Primaveril.

Por um longo momento, apenas inspiramos o ar um do outro. Por um longo momento, tudo o que consegui fazer foi tomar seu cheiro até o fundo dos pulmões, deixando que se aninhasse dentro de mim. Meus dedos se apertaram na jaqueta de Rhys.

Parceiro. Meu parceiro.

Como se o tivesse ouvido pelo laço, Rhys finalmente murmurou:

— Quando o laço se calou, achei... — Medo, terror genuíno lhe obscureceu os olhos, mesmo conforme os polegares de Rhys continuaram acariciando meus ombros, suaves e determinados. — Quando cheguei à Corte Primaveril, você havia sumido. Tamlin estava transtornado por aquela floresta, a caçando. Mas escondeu seu cheiro. E nem mesmo eu pude... pude encontrá-la...

A pausa nas palavras foi como uma faca em meu estômago.

— Fomos para a Corte Outonal por uma das portas — expliquei, apoiando a outra mão no braço de Rhys. Os músculos tensos abaixo estremeceram ao toque. — Não podia me encontrar porque

dois comandantes de Hybern drogaram minha comida e minha bebida com veneno feérico, o suficiente para extinguir meus poderes. Eu... eu ainda não tenho controle total.

Ódio frio agora lampejou por aquele lindo rosto quando os polegares de Rhys pararam sobre meus ombros.

— Você os matou.

Não foi bem uma pergunta, mas assenti.

— Que bom.

Engoli em seco.

— Hybern já depôs a Corte Primaveril?

— Ainda não. O que quer que tenha feito... funcionou. As sentinelas de Tamlin o abandonaram. Mais da metade do povo se recusou a aparecer para o Tributo há dois dias. Alguns estão partindo para outras cortes. Outros murmuram sobre rebelião. Parece que você se fez bastante amada. Até mesmo sagrada. — Diversão, por fim, lhe aqueceu a expressão. — Ficaram transtornados quando acreditaram que Tamlin tivesse permitido que Hybern a aterrorizasse até que fugiu.

Tracejei o desbotado arabesco prata bordado no peito da jaqueta de Rhys e podia ter jurado que ele estremeceu ao toque.

— Suponho que logo descobrirão que estou bem cuidada. — As mãos de Rhys apertaram meus ombros em concordância, como se ele estivesse prestes a me mostrar o quanto eu estava bem cuidada, mas inclinei a cabeça de lado. — E quanto a Ianthe... e Jurian?

O peitoral forte de Rhysand abaixou sob minha mão quando ele expirou.

— As notícias são confusas com relação aos dois. Jurian, ao que parece, voltou para a mão que o alimenta. Ianthe... — Rhys ergueu as sobrancelhas. — Presumo que a mão *dela* seja cortesia sua, e não dos comandantes.

— Ela caiu — expliquei, com meiguice.

— Deve ter sido uma queda e tanto — ponderou Rhys, com um sorriso sombrio dançando naqueles lábios conforme deslizou para ainda mais perto, e o calor de seu corpo me invadiu quando suas mãos saíram de meus ombros para fazer carícias preguiçosas em minhas costas. Mordi o lábio, me concentrando nas palavras de

Rhys, e não na vontade de arquear o corpo ao toque, de enterrar o rosto em seu peito e explorar um pouco também. — Ela está convalescente depois do entrevero, ao que parece. Não sai do templo.

Foi minha vez de murmurar.

— Que bom. — Talvez um daqueles belos acólitos se cansasse das baboseiras santimoniais e sufocasse Ianthe enquanto a sacerdotisa dormia.

Apoiei as mãos nos quadris de Rhys, completamente pronta para deslizar por baixo da jaqueta, *precisando* tocar a pele exposta, mas Rhys enrijeceu o corpo, recuando. Ainda estava perto o suficiente para que uma das mãos permanecesse em minha cintura, mas a outra...

Rhys tocou meu braço, examinando cuidadosamente a saliência violenta onde minha pele fora rasgada por uma flecha. Escuridão fervilhou no canto do quarto.

— Cassian me deixou entrar em sua mente ainda agora... para me mostrar o que aconteceu no gelo. — Rhys acariciou o ferimento com o polegar, o toque leve como uma pena. — Eris sempre foi um macho com os dias contados. Agora Lucien pode se encontrar mais próximo de herdar o trono do pai do que jamais esperou estar.

Minha coluna travou.

— Eris é exatamente tão terrível quanto você o descreveu.

O polegar de Rhys deslizou de novo sobre meu antebraço, deixando a pele arrepiada nos pontos onde a tocou. Uma promessa; não da vingança que ele contemplava, mas do que nos aguardava naquele quarto. A cama estava a poucos metros. Até que ele murmurou:

— Você se declarou Grã-Senhora.

— Não deveria?

Rhys soltou meu braço para roçar minha bochecha com os nós dos dedos.

— Eu queria urrar isso do alto dos telhados de Velaris desde o momento que aquela sacerdotisa a ungiu. Típico de você passar à frente de meus planos grandiosos.

Um sorriso repuxou meus lábios.

— Aconteceu há menos de uma hora. Tenho certeza de que poderia ir cantar da chaminé agora mesmo e todos lhe dariam crédito pelo ineditismo da notícia.

Os dedos de Rhysand se entremearam em meus cabelos, inclinando meu rosto para cima. Aquele sorriso malicioso se alargou, e meus dedos dos pés se dobraram nas botas.

— Eis minha querida Feyre.

Rhys abaixou a cabeça, o olhar fixo em minha boca, a voracidade iluminava aqueles olhos violeta...

— Onde estão minhas irmãs? — O pensamento ecoou por meu corpo, como o repique desafinado de um sino.

Rhys parou, tirando a mão de meu cabelo ao desfazer o sorriso.

— Na Casa do Vento. — Seu corpo se esticou, Rhys engoliu em seco, como se de alguma forma aquilo o trouxesse à realidade. — Posso... posso levá-la até elas. — Cada palavra parecia ser um esforço.

Mas ele levaria, percebi. Abafaria a própria necessidade por mim e me levaria até minhas irmãs, se fosse o que eu quisesse. Minha escolha. Sempre fora minha escolha com Rhysand.

Sacudi a cabeça. Não as veria; ainda não. Não até que *eu* estivesse equilibrada o suficiente para encará-las.

— Mas estão bem?

A hesitação de Rhys me disse o bastante.

— Estão em segurança.

Não foi bem uma resposta, mas eu não me enganaria em pensar que minhas irmãs estariam radiantes. Apoiei a testa contra o peito de Rhys.

— Cassian e Azriel estão curados — murmurei contra a jaqueta, inspirando o cheiro de Rhys diversas vezes quando um tremor percorreu meu corpo. — Você me disse isso... mas eu não... Não absorvi a informação. Até agora.

Rhys passou uma das mãos por minhas costas, e a outra deslizou para segurar meu quadril.

— Azriel se curou dentro de poucos dias. As asas de Cassian... foi complexo. Mas ele está treinando todos os dias para recuperar a força. O curandeiro precisou reconstituir a maior parte delas, mas Cassian ficará bem.

Engoli o aperto na garganta e envolvi a cintura de Rhys em um abraço, pressionando o rosto todo contra seu peito. A mão de Rhys pressionou meu quadril em resposta, e a outra repousou em minha nuca, me segurando contra o corpo enquanto eu sussurrei:

— Mor disse que você estava longe, que por isso não estava lá.

— Desculpe por eu não estar.

— Não — respondi, erguendo a cabeça para observar os olhos de Rhys, a culpa que os cobria. — Não quis dizer dessa forma. Eu só... — Eu me deliciei com a sensação de Rhys sob as palmas de minhas mãos. — Onde estava?

Rhys ficou imóvel, e me preparei quando ele falou, casualmente:

— Não podia deixar que você fizesse *todo* o trabalho de enfraquecer nossos inimigos, podia?

Não sorri.

— Onde. Você. Estava.

— Como Az só se recuperou recentemente, assumi a tarefa de executar parte de seu trabalho.

Trinquei o maxilar.

— Que trabalho?

Rhys se inclinou para baixo, roçando o nariz em meu pescoço.

— Não quer confortar seu parceiro, que sentiu sua falta tão dolorosamente nas últimas semanas?

Espalmei a mão em seu rosto e o empurrei para trás, com expressão fechada.

— Quero que meu parceiro me diga onde estava, maldição. *Então* ele pode receber o *conforto.*

Rhys mordiscou meus dedos, fechando os dentes de modo brincalhão.

— Fêmea cruel e linda.

Eu o observei com as sobrancelhas franzidas.

Rhys revirou os olhos, suspirando.

— Estava no continente. No palácio das rainhas humanas.

Engasguei.

— Estava *onde*?

— Tecnicamente, estava voando acima do palácio, mas...

— Você foi *sozinho?*

Rhys me olhou boquiaberto.

— Apesar do que nossos erros em Hybern possam ter sugerido, eu *sou* capaz de...

— Você foi para o mundo humano, para o complexo de nossos inimigos, *sozinho*?

— Antes eu que qualquer um dos outros.

Esse era o problema de Rhys desde o início. Sempre ele, sempre se sacrificando...

— Por quê? — indaguei. — Por que arriscar? Há alguma coisa acontecendo?

Rhys olhou na direção da janela, como se pudesse enxergar até as terras mortais. Sua boca se contraiu.

— É o silêncio daquele lado do mar que me incomoda. Nenhum sussurro de exércitos se reunindo, nenhum outro aliado humano convocado. Desde Hybern, não ouvimos nada. Então, achei que deveria ver por conta própria o motivo. — Ele deu um peteleco em meu nariz, me puxando para mais perto de novo. — Tinha acabado de me aproximar do limite quando senti o laço despertar de novo. Sabia que os outros estavam mais perto, então os enviei.

— Não precisa explicar.

Rhys apoiou o queixo sobre minha cabeça.

— Eu queria estar lá... para buscar você. Encontrá-la. Trazê-la para casa.

— Você certamente gosta de uma entrada dramática.

Ele riu, e o hálito de Rhys aqueceu meu cabelo enquanto ouvi o som reverberar por seu corpo.

É claro que estaria trabalhando contra Hybern enquanto eu estivesse fora. Será que eu esperava que todos estivessem sentados há mais de um mês? E Rhys, sempre tramando, sempre um passo adiante... Ele teria usado aquele tempo em benefício próprio. Considerei se perguntaria a respeito, mas, naquele momento, inspirando Rhys, sentindo seu calor... Podia esperar.

Rhys deu um beijo em meu cabelo.

— Está em casa.

Um ruído trêmulo e baixo saiu de mim quando assenti, apertando-o com mais força. Casa. Não apenas Velaris, mas onde quer que Rhys estivesse, que nossa família estivesse.

Garras de ébano acariciaram a barreira em minha mente... com afeição e súplica.

Abaixei meus escudos para Rhys, no momento que o dele desceu. A mente de Rhys se enroscou na minha, assim como seu corpo agora envolvia o meu.

— Senti sua falta em cada momento — confessou Rhys, abaixando-se para beijar o canto de minha boca. — Seu sorriso. — Os lábios roçaram o exterior de minha orelha, e minhas costas se arquearam levemente. — Sua gargalhada. — Rhys deu um beijo em meu pescoço, bem abaixo da orelha, e inclinei a cabeça para lhe permitir acesso, contendo a vontade de implorar que Rhys tomasse mais, que tomasse mais rápido, quando ele murmurou: — Seu cheiro.

Meus olhos estremeceram e se fecharam, e as mãos de Rhys deram a volta por meu quadril para segurar a bunda, apertando quando ele se abaixou para beijar o centro de meu pescoço.

— Os sons que faz quando estou dentro de você.

A língua de Rhys brincou no lugar que ele havia beijado, e um daqueles sons de fato escapuliu de mim. Rhys beijou a depressão em minha clavícula, e meu interior se derreteu por completo.

— Minha corajosa, ousada e genial parceira.

Rhys ergueu a cabeça, e fiz um esforço para abrir os olhos. Para encará-lo de volta conforme as mãos de Rhys passeavam, formando linhas preguiçosas por minhas costas, pela bunda e, então, subiam de novo.

— Amo você — disse ele. E, se eu ainda não acreditasse, senti nos ossos a luz no rosto de Rhys quando ele falou as palavras...

Lágrimas arderam em meus olhos de novo, escorrendo antes que eu pudesse me controlar.

Rhys se abaixou para lambê-las. Uma após a outra. Como fizera certa vez Sob a Montanha.

— Tem uma escolha — murmurou ele contra a maçã de meu rosto. — Ou eu lambo cada centímetro seu até que esteja limpa... — A mão de Rhys roçou pela ponta de meu seio, formando um círculo lento. Como se tivéssemos dias e dias para fazer isso. — Ou pode entrar no banho, que deve estar pronto a esta altura.

Eu me afastei, erguendo uma sobrancelha.

— Está sugerindo que estou fedendo?

Rhys riu, e eu podia ter jurado que meu interior pulsou em resposta.

— Jamais. Porém... — Os olhos ficaram sombrios, o desejo e a diversão se dissipando conforme ele observou minhas roupas. — Há sangue em você. Seu e de outros. Achei que seria um bom parceiro se oferecesse um banho antes de invadi-la inteira.

Contive uma gargalhada e afastei seus cabelos, sentindo as sedosas mechas negras entre os dedos.

— Quanta consideração. Embora não consiga acreditar que você expulsou todos de casa para que pudesse me levar para a cama.

— Um dos muitos benefícios de ser Grão-Senhor.

— Que abuso terrível de poder.

Aquele meio sorriso dançou na boca de Rhys.

— Então?

— Por mais que fosse gostar de vê-la tentar lamber uma semana de poeira, suor e sangue... — Os olhos de Rhys brilharam com desafio, e gargalhei de novo. — Banho normal, por favor.

Ele teve a audácia de parecer vagamente desapontado. Cutuquei o peito de Rhys quando me afastei, seguindo para o grande banheiro anexo ao quarto. A imensa banheira de porcelana já estava cheia de água fumegante e...

— Bolhas?

— Tem alguma objeção moral a elas?

Sorri, desabotoando o casaco. Meus dedos estavam quase pretos de poeira e sangue seco. Encolhi o corpo.

— Talvez precise de mais de um banho para me limpar.

Rhys estalou os dedos, e minha pele ficou imediatamente impecável de novo. Pisquei.

— Se consegue fazer isso, qual é o objetivo do banho? — Ele fizera aquela limpeza mágica para mim algumas vezes Sob a Montanha. Por algum motivo, jamais pedi.

Rhys se recostou à porta, me observando tirar o casaco rasgado e manchado. Como se fosse a tarefa mais importante da qual fora incumbido.

— A essência da sujeira permanece. — A voz de Rhys ficou mais grave quando ele acompanhou cada movimento de meus

dedos conforme eu abria os cadarços das botas. — Como uma camada de óleo.

De fato, minha pele, embora parecesse limpa, tinha a sensação de... não lavada. Tirei as botas com dois chutes, deixando que caíssem no casaco imundo.

— Então, é mais para fins estéticos.

— Está demorando demais — disse ele, indicando com o queixo a banheira.

Meus seios enrijeceram com o leve grunhido que envolveu as palavras. Rhys também viu isso.

E eu sorri comigo mesma, arqueando as costas um pouco mais que o necessário quando tirei a camisa e a joguei no piso de mármore. Luz do sol passava pelo vapor que subia da banheira, colorindo o espaço entre nós de dourado e branco. Rhys emitiu um ruído baixo, vagamente como um soluço, quando ele viu meu tronco nu. Quando observou meus seios, agora pesados e desejosos, com tanta intensidade que precisei abafar a súplica para esquecer aquele banho de vez.

Mas fingi não reparar quando desabotoei a calça e deixei que caísse no chão. Assim como a calcinha.

Os olhos de Rhys fervilharam.

Dei um risinho, ousando olhar para sua calça. Para a prova do que, exatamente, aquilo fazia com meu parceiro, retesando o tecido preto com uma exigência impressionante.

— Pena que não tenha lugar para dois nesta banheira — cantarolei, simplesmente.

— Uma falha de projeto, uma que consertarei amanhã. — A voz de Rhys saiu áspera, baixa... e deslizou mãos invisíveis por meus seios, entre minhas pernas.

Que a Mãe me salvasse. De alguma forma consegui caminhar, entrar na banheira. De alguma forma consegui me lembrar de como me banhar.

Rhys permaneceu recostado à porta o tempo todo, silenciosamente observando com aquela concentração irredutível.

Talvez eu tenha me demorado mais lavando certas áreas. E talvez tenha me certificado de que ele visse.

Rhys apenas se agarrou ao portal com tanta força que a madeira rangeu sob sua mão.

Mas não fez qualquer gesto de avanço, nem mesmo quando me sequei e escovei os cabelos embaraçados. Como se o controle também fosse parte do jogo.

Meus dedos expostos se dobraram sobre o piso de mármore quando apoiei a escova na pia, cada centímetro do corpo ciente de onde Rhys estava à porta, ciente dos olhos sobre mim no reflexo do espelho.

— Toda limpa — declarei, a voz rouca quando encarei os olhos de Rhys pelo espelho. Podia ter jurado que apenas escuridão e estrelas rodopiavam além de seus ombros. Com um piscar de olhos, elas sumiram. Mas a fome predatória no rosto de Rhys...

Eu me virei, os dedos levemente trêmulos quando seguraram minha toalha em volta do corpo.

Rhys apenas estendeu a mão, os dedos incertos. Até mesmo a toalha parecia abrasiva contra minha pele sensível demais quando deitei a mão na dele e os calos de Rhys me arranharam ao se fecharem sobre meus dedos. Queria que me arranhassem toda.

Mas Rhys apenas me levou para o quarto, passo após passo, os músculos das costas largas se contraindo sob a jaqueta. E, mais abaixo, o contorno suave e poderoso das coxas, da bunda de Rhys...

Eu o devoraria. Da cabeça aos pés. Eu o *devoraria*...

Mas Rhys parou diante da cama, soltando minha mão e me encarando da segurança de um passo de distância. E foi a expressão em seu rosto quando acompanhou um ponto ainda dolorido em minha bochecha que segurou o calor que ameaçava dilacerar meus sentidos.

Engoli em seco, os cabelos pingando no tapete.

— O hematoma está ruim?

— Quase sumiu. — Escuridão lampejou no quarto mais uma vez.

Observei aquele rosto perfeito. Cada linha e ângulo. O medo e o ódio e o amor; a sabedoria e a esperteza e a força.

Deixei que a toalha caísse no carpete.

Deixei que Rhys me olhasse de cima a baixo quando coloquei a mão em seu peito, seu coração tempestuoso sob minha palma.

— Pronta para ser invadida. — Minhas palavras não saíram com a arrogância que eu pretendia.

Não quando o sorriso de resposta de Rhys foi algo sombrio e cruel.

— Mal sei por onde começar. Tantas possibilidades.

Ele ergueu um dedo, e meu fôlego saiu difícil e rápido conforme Rhys despreocupadamente traçou círculos em um de meus seios e, depois, no outro. Círculos cada vez menores.

— Eu poderia começar por aqui — murmurou ele.

Apertei as pernas unidas. Rhys reparou no movimento, e aquele sorriso sombrio aumentou. E logo antes de seu dedo chegar à ponta de meu seio, logo antes de Rhys me dar aquilo por que eu estava prestes a implorar, o dedo deslizou para cima, até meu peito, meu pescoço, meu queixo. Até a boca.

Ele acompanhou o formato de meus lábios com o dedo, o toque como um sussurro.

— Ou poderia começar por aqui — sussurrou ele, deslizando a ponta do dedo para dentro de minha boca.

Não consegui evitar fechar os lábios em volta de Rhys, evitar passar a língua em seu dedo.

Mas Rhys tirou o dedo com um gemido baixo, seguindo para baixo. Pelo pescoço. Peito. Por cima de um mamilo. Ele parou ali, acariciando uma vez, e então alisou o pequeno ferimento com o polegar.

Eu estava trêmula agora, quase incapaz de continuar de pé conforme o dedo de Rhys continuou além de meu seio.

Ele fez desenhos em minha barriga, observando meu rosto ao ronronar:

— Ou...

Não conseguia pensar além daquele único dedo, aquele único ponto de contato conforme descia mais e mais, até onde eu o queria.

— Ou? — Consegui sussurrar.

Rhys abaixou a cabeça, os cabelos deslizaram sobre o rosto conforme ele observou — nós dois observamos — o dedo largo se aventurar para baixo.

— Ou eu poderia começar por aqui — disse ele, as palavras guturais e ásperas.

Eu não me importava; não enquanto Rhys arrastava aquele dedo até meu centro. Não enquanto circulava aquele ponto, suave e provocativamente.

— Aqui seria bom — observou ele, com a respiração irregular. — Ou talvez até aqui — concluiu Rhys, e mergulhou aquele dedo dentro de mim.

Gemi, segurando seu braço, e minhas unhas se enterraram nos músculos abaixo... músculos que se tensionavam conforme ele forçava aquele dedo uma, duas vezes. Então, Rhys o deslizou para fora e cantarolou, as sobrancelhas erguidas:

— Então? Por onde começo, Feyre querida?

Eu mal conseguia formar palavras, pensamentos. Mas... estava farta de brincar.

Então, peguei aquela mão infernal, levando-a até meu coração, e a coloquei ali, em parte sobre a curva do seio. Encontrei os olhos encobertos de Rhys quando falei as palavras que sabia que seriam sua perdição naquele joguete, as palavras que subiam por dentro de mim a cada fôlego.

— Você é meu.

Isso arrebentou o controle de Rhys.

As roupas sumiram — todas —, e a boca de Rhys se inclinou sobre a minha.

Não foi um beijo carinhoso. Não foi suave e exploratório.

Foi de reivindicação, selvagem e descontrolado; foi uma libertação. E seu gosto... o calor de Rhys, a carícia exigente da língua contra a minha... Casa. Eu estava *em casa*.

Minhas mãos dispararam para os cabelos de Rhys, puxando-o para mais perto quando respondi cada um dos beijos incandescentes com os meus, incapaz de me saciar, incapaz de tocar e sentir o suficiente de Rhys.

Pele contra pele, Rhys me empurrou até a cama, as mãos apertando minha bunda conforme eu passava minhas mãos pela suavidade aveludada de Rhys, por cada ponto liso rígido e por cada ondulação. As lindas e poderosas asas de Rhys se abriram às costas, expandindo-se antes de se fecharem por completo.

Minhas coxas atingiram a cama atrás de nós, e Rhys parou, trêmulo. Ele me deu tempo para reconsiderar, mesmo agora. Meu coração pesou, mas afastei a boca da sua. Encarei Rhys de volta quando me deitei nos lençóis brancos e recuei aos poucos.

Mais e mais para a cama, até que estivesse nua diante dele. Até que eu observasse a extensão considerável e orgulhosa de meu parceiro e que meu interior se revirasse em resposta.

— Rhys — sussurrei, o nome como uma súplica em minha língua.

As asas de Rhys se abriram, o peito inflou quando estrelas brilharam em seus olhos. E foi o anseio ali — sob o desejo, sob a necessidade —, foi o anseio naqueles lindos olhos que me fez olhar para as montanhas tatuadas em seus joelhos.

A insígnia da corte de Rhys... de nossa corte. A promessa de que ele não se ajoelharia para ninguém e nada além da própria coroa.

E de mim.

Meu... ele era *meu*. Mandei esse pensamento pelo laço.

Nada de jogos, sem demora — eu o queria sobre mim, dentro de mim. *Precisava* senti-lo, segurá-lo, compartilhar meu fôlego com Rhys. Ele ouviu o limiar do desespero, sentiu pelo laço da parceria que fluía entre nós.

Os olhos de Rhys não deixaram os meus quando meu parceiro subiu em mim, cada movimento gracioso como um felino das planícies à espreita. Entrelaçando nossos dedos, com a respiração irregular, Rhys usou um joelho para indicar que minhas pernas se abrissem, e então se acomodou entre elas.

Com cuidado, amor, Rhys deitou nossas mãos unidas ao lado de minha cabeça quando entrou em mim e me suspirou ao ouvido:

— Você também é minha.

Com o primeiro toque de Rhys, avancei para reivindicar sua boca.

Passei a língua pelos dentes de meu parceiro, engolindo seu gemido de prazer quando os quadris de Rhys ondularam com avanços suaves conforme ele se impulsionava para dentro, para dentro, para dentro.

Casa. Isso era *casa*.

E depois que Rhys introduziu até a base, quando parou para deixar que eu me acomodasse a sua totalidade, achei que poderia explodir em luar e chamas, achei que poderia morrer com a mera força do que percorreu meu corpo.

Meus fôlegos estavam envoltos em soluços quando enterrei os dedos às costas de Rhys, e ele se afastou levemente para observar meu rosto. Para ler o que estava ali.

— Nunca mais — prometeu Rhys ao sair e então se impulsionar de volta para dentro com uma lentidão torturante. Ele beijou minha testa, minha têmpora. — Minha querida Feyre.

Além das palavras, movi os quadris, incitando-o para que entrasse mais profundamente, com mais força. Rhys obedeceu.

A cada movimento, a cada fôlego partilhado, cada carinho e gemido sussurrados, aquele laço de parceria escondido tão longe dentro de mim ficava mais brilhante. Mais evidente.

E quando mais uma vez se iluminou com um brilho adamantino, a libertação percorreu meu corpo em uma cascata, deixando minha pele brilhando como uma estrela recém-nascida ao passar.

Ao ver isso, bem no momento que passei o dedo pelo ponto sensível dentro de suas asas, Rhys gritou meu nome e encontrou seu prazer.

Eu o segurei durante cada fôlego pesado, eu o segurei quando Rhys por fim ficou imóvel, demorando-se dentro de mim, e saboreei a sensação de sua pele sobre a minha.

Durante longos minutos, permanecemos ali, entrelaçados, ouvindo nossas respirações se igualarem, e o som era mais afinado que qualquer música.

Depois de um tempo, Rhys ergueu o peito o suficiente para tomar minha mão. Para examinar as tatuagens ali. Ele beijou um dos arabescos de tinta azul quase negra.

Rhys engoliu em seco.

— Senti sua falta. Cada segundo, cada fôlego. Não apenas disso — explicou ele, movendo os quadris para dar ênfase e arrancando um gemido do fundo de minha garganta. — Mas... de conversar com você. De rir com você. Senti falta de tê-la em minha cama, mas senti ainda mais falta de tê-la como amiga.

Meus olhos arderam.

— Eu sei — consegui falar, lhe acariciando as asas, as costas. — Eu sei. — Beijei o ombro exposto de Rhys, bem por cima de um arabesco de tatuagem illyriana. — Nunca mais — prometi a Rhys, e sussurrei diversas vezes conforme a luz do sol se moveu pelo chão.

Capítulo 15

Minhas irmãs viviam na Casa do Vento desde que chegaram a Velaris.

Não deixaram o palácio construído na parte superior de um dos platôs debruçados sobre a cidade. Não pediram por nada, ou por ninguém.

Portanto, eu iria até elas.

Lucien aguardava na sala de estar quando Rhys e eu descemos por fim, pois meu parceiro dera a ordem silenciosa para que retornassem.

Não era surpresa que Cassian e Azriel estivessem *casualmente* sentados na sala de jantar diante do corredor, almoçando e observando cada fôlego de Lucien. Cassian lançou um sorriso irônico para mim, erguendo as sobrancelhas.

Disparei um olhar de aviso a ele, desafiando-o a fazer um comentário. Azriel, ainda bem, apenas chutou Cassian por debaixo da mesa.

Cassian olhou para Azriel boquiaberto, como se para declarar: *Eu não ia dizer nada*, quando me aproximei do arco aberto que dava

para a sala de estar. Lucien se levantou.

Lutei contra o tremor que me percorreu quando parei sob o portal. Lucien ainda vestia as roupas imundas e gastas da viagem. O rosto e as mãos, pelo menos, estavam limpos, mas... Eu deveria lhe ter entregue outra roupa. Lembrado de oferecer...

O pensamento se dissolveu quando Rhys surgiu a meu lado.

Lucien não se incomodou em esconder a leve retração dos lábios.

Como se pudesse ver o laço da parceria brilhando entre Rhys e eu.

Os olhos de Lucien — tanto o avermelhado quanto o dourado — percorreram meu corpo. Minhas mãos.

Foram até o anel agora em meu dedo, até a safira em forma de estrela brilhando como o céu contra a prata. Um anel simples de prata estava no dedo equivalente de Rhys.

Nós os colocamos nas mãos um do outro antes de descer — mais íntimo e marcante que qualquer voto feito em público.

Eu disse a Rhys antes de o fazermos que estava quase disposta a colocar seu anel no chalé da Tecelã e obrigá-lo a ir buscar.

Rhys riu e disse que, se eu realmente julgasse necessário o ajuste de contas, talvez pudesse encontrar alguma outra criatura para que ele enfrentasse — uma que não sentisse prazer em remover *minha* parte preferida do corpo do Grão-Senhor. Eu apenas beijei Rhys, murmurando algo sobre ele ser convencido demais, e coloquei o anel escolhido por ele, comprado ali em Velaris enquanto eu estava fora, em seu dedo.

Qualquer felicidade e risadas remanescentes daquele momento, daqueles votos silenciosos... Elas se encolheram como folhas em um incêndio quando Lucien olhou com desprezo para nossos anéis. Para o quanto estávamos próximos. Engoli em seco.

Rhys também reparou. Era impossível não ver.

Meu parceiro se inclinou contra o arco entalhado e falou para Lucien: — Presumo que Cassian ou Azriel tenham explicado que, se ameaçar alguém nesta casa, neste território, lhe mostraremos formas de morrer jamais imaginadas.

De fato, os illyrianos deram risinhos de onde estavam, à entrada da sala de jantar. Azriel era de longe o mais assustador dos dois.

Algo se revirou em meu estômago diante da ameaça... da agressão sutil e mansa.

Lucien era — fora — meu amigo. Não era meu inimigo, não totalmente...

— Mas — continuou Rhys, colocando as mãos nos bolsos — entendo como esse último mês deve ter sido difícil para você. Sei que Feyre explicou que não somos exatamente como os boatos sugerem... — Tinha deixado Rhys entrar em minha mente antes de descermos, mostrado a ele tudo o que acontecera na Corte Primaveril. — Mas ouvir e ver são coisas diferentes. — Rhys gesticulou com um dos ombros. — Elain está sendo bem cuidada. A participação de minha cunhada na vida aqui foi uma escolha completamente pessoal. Ninguém além de nós e alguns criados de confiança entraram na Casa do Vento.

Lucien permaneceu em silêncio.

— Eu estava apaixonado por Feyre — confessou Rhys, em voz baixa — muito antes de ela corresponder ao sentimento.

Lucien cruzou os braços.

— Que sorte ter conseguido o que queria no final.

Fechei os olhos por um segundo.

Cassian e Azriel ficaram imóveis, esperando a ordem.

— Direi isto apenas uma vez — avisou o Grão-Senhor da Corte Noturna. Até mesmo Lucien estremeceu. — Suspeitava que Feyre fosse minha parceira antes de sequer saber de seu envolvimento com Tamlin. E quando descobri... Se aquilo a fizesse feliz, eu estava disposto a recuar.

— Você foi até nossa casa e a roubou no dia do casamento.

— Eu ia cancelar o casamento — interrompi, dando um passo na direção de Lucien. — Você sabia disso.

Rhysand continuou antes que Lucien pudesse disparar uma resposta:

— Eu estava disposto a perder minha parceira para outro macho. Estava disposto a deixar que se casassem, se isso lhe trouxesse felicidade. Mas não estava disposto a permitir seu sofrimento. A deixar que se dissolvesse em uma sombra. E assim que aquele merda destruiu o escritório, assim que ele *a trancafiou naquela casa*... — As asas de Rhys se abriram, e Lucien se sobressaltou.

Rhys exibiu os dentes. Meus braços e minhas pernas ficaram leves, estremecendo diante do poder escuro que se enroscava nos cantos da sala. Não de medo — jamais de medo. Mas diante do controle perdido quando Rhys grunhiu para Lucien: — Minha parceira pode um dia conseguir perdoar Tamlin. Perdoar você. Mas eu jamais me esquecerei da sensação do *terror* de Feyre naqueles momentos. — Minhas bochechas coraram, principalmente quando Cassian e Azriel se aproximaram, aqueles olhos avelã agora cheios de uma mistura de simpatia e ódio.

Eu jamais falara sobre aquilo com eles; sobre o que acontecera naquele dia em que Tamlin tinha destruído o escritório, ou no dia em que me selou dentro da mansão. Jamais perguntei a Rhys se ele os tinha informado. Pela fúria que ondulava de Cassian, o ódio frio que escorria de Azriel... Eu achava que não.

Lucien, para seu crédito, não recuou um passo. De Rhys ou de mim e dos illyrianos.

A esperta raposa enfrenta a morte alada. A pintura lampejou em minha mente.

— Então, de novo, direi isto apenas uma vez — prosseguiu Rhys, cuja expressão se suavizou em uma calma letal, me arrastando das cores e da luz e das sombras agrupadas em minha mente. — Feyre não desonrou ou traiu Tamlin. Eu revelei o laço da parceria meses depois, e ela me esfolou por isso, não se preocupe. Mas agora que encontrou sua parceira em uma situação semelhante, tente, talvez, entender a sensação. E, se não quiser se dar esse trabalho, então espero que seja esperto o suficiente para manter a boca fechada, porque, da próxima vez que olhar para minha parceira com tal desdém e nojo, não me importarei de explicar de novo, só rasgarei seu pescoço.

Rhys disse isso tão tranquilamente que levei um segundo para registrar a ameaça. Para que ela se assentasse em mim, como uma pedra atirada em um lago.

Lucien apenas trocou o peso do corpo entre os pés. Cauteloso. Refletindo. Contei os segundos, debatendo o quanto eu interferiria se ele dissesse algo realmente estúpido, quando Lucien por fim murmurou: — Há uma história mais longa a ser contada, ao que parece.

Resposta inteligente. O ódio recuou do rosto de Rhys, e os ombros de Cassian e de Azriel relaxaram levemente.

Apenas uma vez, dissera Lucien a mim, durante aqueles dias em fuga. Era tudo o que ele queria; ver Elain apenas uma vez.

E então... Eu precisaria pensar no que fazer com ele. A não ser que meu parceiro já tivesse algum plano em ação.

Um olhar para Rhys, que ergueu as sobrancelhas como se para dizer *Ele é todo seu*, me disse que a decisão era minha. Mas até então... pigarreei.

— Vou ver minhas irmãs na Casa — avisei a Lucien, e os olhos do feérico se voltaram para os meus, o de metal semicerrou e rangeu. Obriguei um sorriso sombrio a estampar meu rosto. — Gostaria de vir?

Lucien sopesou a oferta — e os três machos monitoraram cada piscar de olhos e cada respiração.

Lucien apenas assentiu. Outra decisão inteligente.

Partimos em minutos, e a breve caminhada até o telhado do solar serviu como o tour de Lucien por minha casa. Não me dei o trabalho de apontar os quartos. Lucien obviamente não pediu que eu o fizesse.

Azriel nos deixou quando decolamos para os céus, murmurando que tinha um negócio urgente a tratar. Pelo olhar de raiva que Cassian lhe deu, me perguntei se o encantador de sombras teria inventado aquilo para evitar carregar Lucien até a Casa do Vento, mas o aceno de cabeça sutil de Rhys para Azriel me disse o suficiente.

Havia, de fato, questões urgentes. Planos em ação, como sempre. E, depois que terminasse a visita a minhas irmãs... Obteria minhas respostas.

Então, Cassian carregou um Lucien de expressão petrificada para os céus, e Rhys me pegou nos braços, disparando graciosamente conosco para o azul sem nuvens.

A cada batida de asa, a cada inspiração profunda da brisa de limão com maresia... algum nó em meu corpo se afrouxou.

Como se cada batida de asas nos levasse para mais perto da Casa que pairava acima de Velaris. Para minhas irmãs.

✣

A Casa do Vento fora entalhada na pedra vermelha e aquecida pelo sol dos platôs que pairavam sobre uma ponta da cidade, com inúmeras varandas e pátios se projetando sobre a queda de 300 metros até o leito do vale. As ruas sinuosas de Velaris fluíam direto para a encosta íngreme da própria montanha, e, serpenteando por ela, entremeava-se o Sidra, uma faixa reluzente e clara ao sol do meio-dia.

Quando aterrissamos na varanda que se projetava além de nossa sala de jantar habitual, com Cassian e Lucien logo atrás de nós, deixei que aquilo fosse absorvido: a cidade e o rio e o mar distantes, as montanhas irregulares do outro lado de Velaris e o azul incandescente do céu acima. E a Casa do Vento, meu outro lar. Irmã grandiosa e formal do solar na cidade — nossa casa *pública*, eu supunha. Onde fazíamos reuniões e recebíamos convidados que não eram da família.

Uma alternativa muito mais agradável a minha outra residência. A Corte dos Pesadelos. Pelo menos lá eu podia ficar no palácio de pedra da lua, no alto da montanha, sob o qual a Cidade Escavada fora construída. Embora as pessoas que eu governaria... Eu as afastei do pensamento quando arrumei a trança, prendendo mechas que haviam sido libertadas pelo vento suave que Rhys permitira entrar por seu escudo enquanto voávamos.

Lucien apenas caminhou até o parapeito da varanda e encarou boquiaberto. Eu não o culpava.

Olhei por cima do ombro para onde Rhys e Cassian estavam agora. Rhys ergueu uma sobrancelha.

Espere do lado de dentro.

O sorriso de Rhys foi afiado. *Para que não tenha testemunhas quando o empurrar do parapeito?*

Dei a ele um olhar de incredulidade e caminhei até Lucien, o murmuro de Rhys para Cassian sobre tomar uma bebida na sala de jantar foi a única indicação de sua partida. Isso e a abertura e o fechamento quase silenciosos das portas de vidro que davam para a sala de jantar. A mesma sala onde conhecera pela primeira vez a maioria deles — minha nova família.

Eu me aproximei de Lucien, o vento soltava mechas dos cabelos ruivos de seu laço, na altura da nuca.

— Não era isso o que eu esperava — disse Lucien, observando a imensidão de Velaris.

— A cidade ainda está se reconstruindo depois do ataque de Hybern.

Os olhos de Lucien desceram para o parapeito entalhado da varanda.

— Embora não tenhamos participado daquilo... Sinto muito. Mas... não foi o que eu quis dizer. — Ele olhou para trás de nós, para onde Rhys e Cassian esperavam dentro da sala de jantar, com bebidas agora na mão, recostados muito casualmente contra a imensa mesa de carvalho no centro.

Ficaram intensamente interessados em algum ponto ou mancha na superfície entre eles.

Olhei para os dois com raiva, mas engoli em seco. E apesar de minhas irmãs estarem esperando do lado de dentro, apesar de o anseio por vê-las ser tão intangível que eu não me surpreenderia se uma corda me puxasse para a Casa, eu disse a Lucien: — Rhys salvou minha vida no Calanmai.

Então, contei a ele. Tudo; a história que talvez o ajudasse a entender. E perceber o quanto Elain estava realmente segura... o quanto *ele* agora estava. Por fim, chamei Rhys para explicar a própria história — e ele deu os detalhes mais básicos a Lucien. Nada das partes vulneráveis e tristes que tinham me deixado em lágrimas naquele chalé na montanha. Mas formava uma imagem bastante clara.

Lucien não disse nada enquanto Rhys falava. Ou quando continuei meu conto, com Cassian se intrometendo frequentemente com a própria versão de como fora viver com duas pessoas que eram parceiras, mas ainda não parceiras de fato, como fora fingir que Rhys não estava me cortejando, como fora me receber em seu pequeno círculo.

Não sabia quanto tempo tinha se passado quando terminamos, embora Rhys e Cassian tivessem usado o tempo para desavergonhadamente bronzear as asas recostados ao parapeito

da varanda aberta. Parei nossa história em Hybern — no dia que voltei para a Corte Primaveril.

O silêncio recaiu, e Rhys e Cassian se foram de novo, entendendo as emoções que enchiam os olhos de Lucien; o significado do longo fôlego que ele tomou.

Quando estávamos sozinhos, Lucien esfregou os olhos.

— Já vi Rhysand fazer coisas tão... terríveis, já o vi bancar o príncipe da escuridão diversas vezes. E, no entanto, você me diz que foi tudo mentira. Uma máscara. Tudo para proteger este lugar, este povo. E eu teria rido de você por acreditar nisso, mas... esta cidade existe. Intocada, ou pelo menos até recentemente, suponho. Nem mesmo as cidades da Corte Crepuscular são tão lindas quanto esta.

— Lucien...

— E você o ama. E ele... ele realmente a ama. — Lucien passou a mão pelo cabelo vermelho. — E todas essas pessoas que passei meus séculos odiando, temendo até... Elas são sua família.

— Acho que Amren provavelmente negaria que sente alguma afeição por nós...

— Amren é uma história para dormir que nos contavam quando éramos crianças a fim de que nos comportássemos. Que Amren beberia meu sangue e me carregaria para o inferno se eu fizesse malcriação. E, no entanto, aqui está ela, agindo mais como uma tia velha e rabugenta que qualquer coisa.

— Nós não... nós não usamos protocolo e patentes aqui.

— Obviamente. Rhys mora em um *solar*, pelo Caldeirão. — Lucien gesticulou com o braço para indicar toda a cidade.

Não sabia o que responder, então, fiquei quieta.

— Não tinha percebido que eu era um vilão em sua narrativa — sussurrou Lucien.

— Você não era. — Não completamente.

O sol dançava no mar distante, transformando o horizonte em uma extensão reluzente de luz.

— Ela não sabe nada a seu respeito. Apenas o básico contado por Rhys: você é filho de um Grão-Senhor, serve à Corte Primaveril. E que me ajudou Sob a Montanha. Nada mais.

Não acrescentei que Rhys me contou que minha irmã não tinha perguntado nada a respeito de Lucien.

Enrijeci o corpo.

— Eu gostaria de vê-las primeiro. Sei que está ansioso...

— Apenas vá em frente — disse Lucien, apoiando os antebraços no parapeito de pedra da varanda. — Venha me buscar quando estiver pronta.

Quase dei um tapinha em seu ombro — quase disse algo reconfortante.

Mas as palavras me falharam quando segui para o interior escuro da Casa.

Rhys dera a Nestha e Elain uma suíte com quartos conectados, tudo com vista para a cidade e o rio e as montanhas além.

Mas foi na biblioteca da família que Rhys rastreou Nestha.

Havia uma tensão contida e afiada como lâmina em Cassian quando nós três descemos as escadas da Casa, os corredores de pedra vermelha mal iluminados e ecoando o farfalhar das asas de Cassian e o leve uivo do vento que chacoalhava cada janela. Uma tensão que ficou mais forte a cada passo na direção das portas duplas da biblioteca. Eu não tinha perguntado se tinham se visto, ou se falado, desde aquele dia em Hybern.

Cassian não ofereceu informação alguma.

E eu podia ter perguntado a Rhys pelo laço, caso ele não tivesse aberto uma das portas.

Caso eu não tivesse imediatamente visto Nestha aninhada em uma poltrona, com um livro nos joelhos, parecendo — pela primeira vez — *não* muito como ela mesma. Casual. Talvez relaxada.

Perfeitamente satisfeita por estar sozinha.

Assim que meus sapatos se arrastaram no piso de pedra, ela ficou imediatamente de pé, enrijecendo as costas, fechando o livro com um estampido abafado. Mas os olhos azul-acinzentados sequer se arregalaram quando me viram.

Quando eu a observei.

Nestha era linda quando era uma mulher humana.

Como Grã-Feérica, era devastadora.

Pelo total silêncio com que Cassian estava parado a meu lado, me perguntei se ele achava o mesmo.

Nestha usava um vestido cor de estanho, de modelo simples, mas de material sofisticado. Os cabelos estavam trançados no alto da cabeça, destacando o pescoço longo e pálido — um pescoço para o qual os olhos de Cassian se voltaram e depois, rapidamente, se afastaram quando Nestha nos olhou de cima a baixo e disse para mim: — Você voltou.

Com aquele penteado, os cabelos lhe escondiam as orelhas pontiagudas. Mas não havia nada que escondesse a graça etérea quando Nestha deu um passo. Quando a concentração mais uma vez se voltou para Cassian, minha irmã acrescentou: — O que você quer?

Senti o golpe, como um soco no estômago.

— Pelo menos a imortalidade não mudou algumas coisas a seu respeito.

O olhar de Nestha foi completamente gélido.

— Esta visita tem um motivo, ou posso voltar a meu livro?

A mão de Rhys roçou a minha em um consolo silencioso. Mas o rosto... severo como pedra. E achando ainda menos graça.

Mas Cassian caminhou até Nestha, com um meio sorriso no rosto. Ela ficou imóvel quando ele pegou o livro, leu o título e riu.

— Não a imaginei uma leitora de romances.

Nestha lançou um olhar deprimente para Cassian.

Ele folheou as páginas e falou para mim:

— Você não perdeu muita coisa enquanto esteve fora destruindo nossos inimigos, Feyre. Em grande parte, foi assim.

Nestha se voltou para mim.

— Você... conseguiu?

Trinquei o maxilar.

— Veremos como as coisas vão se desenrolar. Eu me certifiquei de que Ianthe sofresse. — Ao indício de ódio e medo que tomou os olhos de Nestha, corrigi: — Mas não o suficiente.

Olhei para sua mão — aquela que Nestha tinha apontado para o rei de Hybern. Rhys mencionara que não havia sinal de que minhas irmãs tivessem poderes especiais. Mas, naquele dia em Hybern,

quando Nestha abriu os olhos... Eu vi. Vi algo grandioso e terrível dentro deles.

— E, de novo, por que está aqui? — Nestha arrancou o livro de Cassian, que permitiu que ela o fizesse, mas continuou sentado ao lado de minha irmã. Observando cada fôlego, cada piscar de olhos.

— Queria vê-la — admiti baixinho. — Ver como estava.

— Ver se aceitei meu tipo e fiquei grata por ter me tornado um *deles*?

Enrijeci a coluna.

— Você é minha irmã. Vi quando a feriram. Queria saber se estava bem.

Uma risada baixa e amarga. Mas Nestha se virou para Cassian, olhou para ele de cima a baixo, como uma rainha em um trono, e então declarou para todos nós: — Por que me importaria? Poderei ser jovem e linda para sempre, e nunca mais preciso voltar para aqueles tolos bajuladores do outro lado da muralha. Posso fazer o que quiser, pois aparentemente ninguém aqui tem qualquer apreço por regras ou modos ou nossas tradições. Talvez eu *devesse* lhe agradecer por ter me arrastado para isto.

Rhys colocou a mão em minha lombar antes que as palavras sequer atingissem o alvo.

Nestha riu com escárnio.

— Mas não sou eu quem você deveria ver. Tinha tão pouco a perder do outro lado da muralha quanto tenho aqui. — Ódio ondulou por suas feições, tanto ódio que me senti enjoada. Nestha sibilou: — Ela não sai do quarto. Não para de chorar. Não come, dorme ou bebe.

O maxilar de Rhys trincou.

— Perguntei diversas vezes se você precisava...

— Por que deveria permitir que qualquer um de *vocês* — a última palavra foi disparada contra Cassian com tanto veneno quanto o de uma víbora — chegasse perto dela? Não é da conta de ninguém, apenas nossa.

— O parceiro de Elain está aqui — falei.

E foi a coisa errada a dizer na presença de Nestha.

Ela ficou branca de ódio.

— Ele não é tal coisa para ela — grunhiu minha irmã, avançando contra mim o suficiente para que Rhys erguesse um escudo entre nós.

Como se ele também tivesse visto o poder magnífico nos olhos de Nestha naquele dia em Hybern. E não soubesse como se manifestaria.

— Se trouxer aquele *macho* para perto de Elain, eu vou...

— Vai o quê? — cantarolou Cassian, seguindo Nestha com passadas casuais quando ela parou a talvez 1,5 metro de mim. Cassian ergueu uma sobrancelha para minha irmã quando ela se virou para ele. — Não me acompanha para treinar, então, certamente não vai se defender em uma luta. Não fala sobre seus poderes, então, certamente não conseguirá usá-los. E você...

— Cale a boca — disparou Nestha, parecendo uma imperatriz conquistadora em toda a sua altura. — Eu disse para ficar bem longe de mim, e se você...

— Se você se puser entre um macho e sua parceira, Nestha Archeron, vai aprender quais são as consequências do jeito mais difícil.

As narinas de Nestha se dilataram. Cassian apenas deu um sorriso torto para ela.

— Se Elain não estiver disposta — interrompi. — Não o verá. Não vou obrigá-la a esse encontro. Mas ele quer vê-la, Nestha. Pedirei por ele, mas a decisão será dela.

— O macho que nos vendeu para Hybern.

— É mais complicado que isso.

— Bem, certamente será mais complicado quando papai voltar e ver que sumimos. O que planeja contar a *ele* sobre tudo isso?

— Considerando que não manda notícias do continente há meses, vou me preocupar com isso depois — repliquei. E agradeci ao Caldeirão por aquilo... por ele estar fora, negociando em algum território lucrativo.

Nestha apenas sacudiu a cabeça, voltando-se para a poltrona e o livro.

— Não me importo. Faça o que quiser.

Uma dispensa ofensiva, ou até a afirmação de que ainda confiava em mim o suficiente para considerar as necessidades de

Elain primeiro. Rhys gesticulou com o queixo para Cassian em uma ordem silenciosa para sair, e, quando os segui, eu disse, em voz baixa: — Sinto muito, Nestha.

Ela não respondeu ao se sentar severamente na poltrona, pegar o livro e prontamente nos ignorar. Um tapa na cara teria sido melhor.

Quando olhei adiante, vi Cassian também encarando Nestha.

Eu me perguntei por que ninguém havia ainda mencionado o que agora brilhava nos olhos de Cassian enquanto ele olhava minha irmã.

A tristeza. E o desejo.

A suíte estava cheia de luz do sol.

Cada cortina fora aberta ao máximo para deixar entrar toda a luz solar possível.

Como se qualquer pingo de escuridão fosse abominável. Como se para afugentar a escuridão.

E sentada em uma pequena cadeira diante da mais ensolarada das janelas, de costas para nós, estava Elain.

Enquanto Nestha parecia em um silêncio satisfeito antes de a encontrarmos, o silêncio de Elain era... oco.

Vazio.

O cabelo estava solto — nem mesmo trançado. Eu não conseguia me lembrar da última vez que o vira solto. Elain usava um penhoar de seda branco como a lua.

Não olhou, falou, ou mesmo se moveu quando entramos.

Os braços magros demais repousavam sobre a cadeira. Aquele anel de noivado de ferro ainda lhe envolvia o dedo.

A pele de Elain estava tão pálida que parecia neve fresca à luz intensa.

Percebi então que a cor da morte, da tristeza, era o branco.

A falta de cor. Ou de animação.

Deixei Cassian e Rhys à porta.

O ódio de Nestha era melhor que aquela casca.

Aquele vazio.

Prendi o fôlego quando dei a volta pela cadeira. Olhei para a vista da cidade, para a qual Elain olhava tão inexpressivamente.

Então, vi as bochechas macilentas, os lábios pálidos, os olhos castanhos antes cheios e quentes, e agora completamente apagados. Como terra de sepultura.

Elain nem mesmo me olhou quando eu disse, baixinho:

— Elain?

Não ousei esticar a mão para a dela.

Não ousei me aproximar demais.

Eu tinha feito aquilo. Eu causara aquilo a elas...

— Voltei — acrescentei, um pouco inerte. Inutilmente.

— Quero ir para casa. — Foi tudo o que Elain falou.

Fechei os olhos, meu peito estava insuportavelmente apertado.

— Eu sei.

— Ele deve estar procurando por mim — sussurrou ela.

— Eu sei — repeti. Não Lucien, ela não falava mesmo do macho.

— Deveríamos nos casar na semana que vem.

Levei uma das mãos ao peito, como se isso fosse frear a rachadura ali.

— Sinto muito.

Nada. Nem mesmo um lampejo de emoção.

— Todos ficam repetindo isso. — O polegar de Elain tocou o anel em seu dedo. — Mas não adianta nada, não é?

Eu não conseguia inspirar ar suficiente. Não conseguia... não conseguia *respirar*, olhando para aquela coisa quebrada e vazia em que minha irmã se transformara. O que eu lhe roubara, o que tomara de Elain...

Rhys se aproximou, seu braço deslizou por minha cintura.

— Há algo que possamos trazer para você, Elain? — Ele falou com tanto carinho que quase não suportei.

— Quero ir para casa — repetiu ela.

Eu não podia perguntar... sobre Lucien. Não agora. Ainda não.

Eu me virei, totalmente pronta para fugir e desabar por completo em outro quarto, em outra parte da Casa. Mas Lucien estava de pé à porta.

E pela devastação em seu rosto, eu soube que Lucien ouvira cada palavra. Vira e ouvira e sentira o vazio e o desespero que

irradiavam dela.

Elain sempre fora doce e meiga — e eu havia considerado isso um tipo de força diferente. Uma força melhor. De olhar para a aspereza do mundo e escolher, diversas vezes, amar, ser gentil. Ela sempre fora muito cheia de luz.

Talvez por isso agora mantivesse todas as cortinas abertas. Para preencher o vazio que existia onde toda aquela luz antes estivera.

E agora nada restava.

Capítulo 16

Rhysand silenciosamente guiou Lucien para a suíte que ele ocuparia, do outro lado da Casa do Vento. Cassian e eu seguimos, e nenhum de nós falou até que meu parceiro abrisse duas portas de ônix e revelasse uma sala de estar ensolarada, entalhada de mais pedra vermelha. Além da parede de janelas, a cidade fluía abaixo, e a vista se estendia até as montanhas distantes e irregulares e o mar reluzente.

Rhys parou no centro de um tapete azul como a meia-noite, tecido a mão, e indicou as portas seladas à esquerda.

— Quarto. — Ele gesticulou com a mão preguiçosa na direção da única porta na parede oposta. — Banheiro.

Lucien observou tudo com indiferença fria. O que sentia a respeito de Elain, o que planejava fazer... não queria perguntar.

— Presumo que precisará de roupas — continuou Rhys, assentindo para o casaco e a calça imundos de Lucien, os quais ele vestira durante a última semana enquanto sobrevivíamos pelos territórios. De fato, aquilo era... sangue manchando diversos pontos. — Alguma preferência por modelo?

Isso chamou a atenção de Lucien, e o macho se moveu o suficiente para observar Rhys... para notar Cassian e eu espreitando à porta.

— Há um custo?

— Se está tentando dizer que não tem dinheiro, não se preocupe, as roupas são de graça. — Rhys deu um meio sorriso a Lucien. — Se está tentando perguntar se é algum tipo de suborno... — Um gesto de ombros. — Você é filho de Grão-Senhor. Seria grosseiro não o abrigar e vestir em um momento de necessidade.

Lucien fervilhou de ódio.

Pare de provocá-lo, disparei pelo laço.

Mas é tão divertido, foi a resposta ronronada.

Algo o abalara. Abalara tanto Rhys que provocar Lucien era um modo fácil de se acalmar. Eu me aproximei, e Cassian permaneceu atrás de mim quando falei para Lucien: — Voltaremos para o jantar em algumas horas. Descanse um pouco... tome banho. Se precisar de algo, puxe aquela corda perto da porta.

Lucien enrijeceu; não por causa do que falei, percebi, mas pelo tom. Uma anfitriã. Mas ele perguntou: — E quanto a... Elain?

A decisão é sua, respondeu Rhys.

— Preciso pensar a respeito — respondi, simplesmente. — Até decidir o que fazer com ela, com Nestha, fique longe das duas. — Acrescentei, talvez ríspida demais: — Esta casa é protegida contra travessias, tanto de fora quanto aqui de dentro. Há uma saída, as escadas para a cidade. Ela também é protegida e vigiada. Por favor, não faça nenhuma burrice.

— Então, sou um prisioneiro?

Eu conseguia sentir a resposta fervilhando em Rhys, mas sacudi a cabeça.

— Não. Mas entenda que, embora seja seu parceiro, Elain é *minha* irmã. Farei o que for preciso para protegê-la de mais males.

— Eu jamais a feriria.

Um tipo de sinceridade direta nas palavras.

Eu apenas assenti, suspirando, e encarei Rhysand de volta, com um pedido silencioso.

Meu parceiro não deu indicação de minha súplica não proferida quando falou: — Está livre para andar por onde quiser, para a

própria cidade se quiser enfrentar as escadas, mas há duas condições: não deve levar nenhuma das irmãs, e não deve entrar no andar de ambas. Se quiser um livro da biblioteca, pedirá aos criados. Se quiser falar com Elain ou Nestha, também pedirá aos criados, que nos pedirão. Se quebrar essas regras, vou trancar você num quarto com Amren.

Então, Rhys se virou, levando as mãos aos bolsos e oferecendo o braço flexionado para mim, mas falei para Lucien: — Nós o veremos em algumas horas.

Estávamos quase na porta, Cassian já no corredor, quando Lucien disse para mim: — Obrigado.

Não ousei perguntar pelo quê.

✣

Voamos direto para o apartamento de Amren, e mais que algumas pessoas acenaram quando sobrevoamos os telhados de Velaris. Meu sorriso não foi fingido quando acenei de volta — meu povo. Rhys apenas me segurou com um pouco mais de força enquanto eu fazia isso, e seu sorriso brilhava tão alegre quanto o sol no Sidra.

Mor e Azriel já estavam esperando dentro do apartamento de Amren, sentados, como crianças emburradas, no divã em frangalhos contra a parede enquanto a fêmea de cabelos pretos folheava livros espalhados pelo chão a seu redor.

Mor me lançou um olhar agradecido e aliviado quando entramos, e o rosto do próprio Azriel não revelava nada enquanto ele estava de pé, mantendo uma distância cautelosa e casual demais ao lado da feérica. Mas foi Amren quem falou, do chão: — Você deveria matar Beron e os filhos, e colocar o bonitão como Grão-Senhor da Outonal, com ou sem esse exílio autoimposto. Facilitaria a vida.

— Vou considerar isso — disse Rhys, caminhando na direção de Amren enquanto eu permanecia com os demais. Se estavam afastados de propósito... Amren devia estar num daqueles humores.

Suspirei.

— Quem mais acha uma ideia terrível deixar os três sozinhos na Casa do Vento?

Cassian levantou o braço quando Rhys e Mor riram. O general do Grão-Senhor falou: — Dou uma hora a ele antes de tentar vê-la.

— Trinta minutos — replicou Mor, sentando-se de volta no divã e cruzando as pernas.

Encolhi o corpo.

— Garanto que Nestha está agora montando guarda sobre Elain. Acho que pode sinceramente matá-lo se Lucien tentar tocá-la.

— Não sem treinamento, ela não pode — grunhiu Cassian, fechando as asas ao ocupar o assento ao lado de Mor, que Azriel deixara vago. O encantador de sombras sequer olhou para o lugar. Não, Azriel apenas caminhou até a parede ao lado de Cassian e se recostou no painel de madeira.

Mas Rhys e os demais ficaram calados o suficiente para que eu soubesse que deveria prosseguir com cautela ao perguntar a Cassian: — Nestha falou como se você tivesse subido até a casa... com frequência. Ofereceu treiná-la?

Os olhos de avelã de Cassian estremeceram quando ele cruzou os tornozelos calçados em botas, alongando os músculos diante do corpo.

— Subo dia sim, dia não. É um bom exercício para minhas asas. — Aquelas asas se moveram para dar ênfase. Nem um arranhão as maculava.

— E?

— E o que viu na biblioteca é uma versão mais agradável da conversa que sempre temos.

Os lábios de Mor se contraíram em uma linha fina, como se ela estivesse fazendo o possível para *não* dizer nada. *Azriel* estava fazendo o possível para lançar um olhar de aviso a Mor e lembrá-la de manter a boca fechada. Como se já tivessem discutido aquilo. Muitas vezes.

— Eu não a culpo — disse Cassian, gesticulando com os ombros apesar das palavras. — Ela foi... violada. O corpo parou de pertencer totalmente a ela. — O maxilar de Cassian trincou. Nem mesmo Amren ousou dizer algo. — E vou esfolar a pele do rei de Hybern até os ossos da próxima vez que o vir.

Os Sifões reluziram em resposta.

— Tenho certeza de que o rei gostará muito da experiência — falou Rhys, casualmente.

Cassian fez cara de raiva.

— É sério.

— Ah, não tenho dúvida de que seja — Os olhos violeta de Rhys ficavam estonteantes à meia-luz do apartamento. — Mas, antes de se perder nos planos de vingança, lembre-se de que temos uma guerra a planejar primeiro.

— Canalha.

Um dos cantos da boca de meu parceiro se levantou. E... Rhys o estava alfinetando, trabalhando Cassian até que perdesse a calma, para evitar que aquela frágil ponta de culpa o consumisse. Os demais deixaram que Rhys assumisse a tarefa, e provavelmente tinham feito o mesmo diversas vezes nas últimas semanas.

— Com certeza sou — respondeu Rhys. — Mas a verdade ainda é que a vingança é secundária à vitória nessa guerra.

Cassian abriu a boca, como se fosse continuar discutindo, mas Rhys olhou para os livros espalhados no exuberante tapete.

— Nada? — perguntou ele a Amren.

— Não sei por que mandou esses dois paspalhos — um olhar semicerrado na direção de Mor e Azriel — para me monitorar. — Então, era para cá que Azriel tinha vindo, direto ao apartamento. A fim de, sem dúvida, poupar Mor de suportar a Obrigação Amren sozinha. Mas o tom de voz de Amren... ranzinza, sim, mas talvez com um pouco de afronta também. Para espantar aquele brilho frágil demais dos olhos de Cassian.

— Não estamos a monitorando — garantiu Mor, batendo com o pé no tapete. — Estamos monitorando o Livro.

E quando ela falou... Eu senti. Ouvi.

Amren tinha colocado o Livro dos Sopros na mesa de cabeceira.

Uma taça de sangue velho sobre ele.

Não sabia se gargalhava ou estremecia. O tremor venceu quando o Livro murmurou: *Olá, mentirosa do rosto doce, princesa com...*

— Ah, cale a boca — sibilou Amren na direção do livro, que... calou a boca. — Coisa odiosa — murmurou ela, e retornou ao exemplar diante de si.

Rhys me deu um sorriso sarcástico.

— Desde que as duas metades do livro foram reunidas, ele tem... falado vez ou outra.

— O que ele diz?

— Só baboseiras — disparou Amren, olhando com raiva para o livro. — Só gosta de se ouvir falar. Como a maioria das pessoas tumultuando meu apartamento.

Cassian sorriu com deboche.

— Alguém se esqueceu de alimentar Amren de novo?

Ela apontou um dedo de aviso para ele, sem sequer erguer o rosto.

— Há um motivo, Rhysand, para ter arrastado seu bando tagarela para minha casa?

A casa era pouco mais que um sótão gigante revertido, mas nenhum de nós ousou discutir quando Mor, Cassian e Azriel finalmente se aproximaram, formando um pequeno círculo em torno da bagunça de Amren no centro da sala.

— A informação que obteve com Dagdan e Brannagh — disse Rhys para mim — confirma o que estávamos coletando nós mesmos enquanto esteve fora. Principalmente os potenciais aliados de Hybern em outros territórios, no continente.

— Abutres — murmurou Mor, e Cassian pareceu disposto a concordar.

Mas Rhys... Rhys estivera de fato espionando, enquanto Azriel estivera...

Rhys sorriu.

— Eu *sei* permanecer escondido, parceira.

Olhei para ele com raiva, mas Azriel interrompeu.

— Ter os movimentos de Hybern confirmados por você, Feyre, era do que precisávamos.

— Por quê?

Cassian cruzou os braços.

— Mal temos chance de sobreviver aos exércitos de Hybern sozinhos. Se os exércitos de Vallahan, Montesere e Rask se aliarem a eles... — Cassian gesticulou, formando uma linha diante do pescoço bronzeado.

Mor cutucou o general nas costelas. Cassian a cutucou de volta quando Azriel sacudiu a cabeça para os dois, com sombras se enroscando nas pontas das asas.

— Esses três territórios são... tão poderosos assim? — Talvez fosse uma pergunta tola, que mostrava o quão pouco eu sabia sobre as terras feéricas no continente...

— Sim — respondeu Azriel, sem qualquer julgamento nos olhos avelã. Vallahan tem números, Montesere tem dinheiro, e Rask... é grande o suficiente para ter ambos.

— E não temos potenciais aliados entre outros territórios além-mar?

Rhys puxou um fio solto no punho do casaco preto.

— Não que estejam dispostos a velejar até aqui e ajudar.

Meu estômago se revirou.

— E quanto a Miryam e Drakon? — Rhys certa vez se recusara a considerar, mas... — Lutou por Miryam e Drakon há séculos — argumentei com Rhys. Ele fizera muito mais que isso, se Jurian dizia a verdade. — Talvez esteja na hora de cobrar essa dívida.

Mas Rhys sacudiu a cabeça.

— Tentamos. Azriel foi até Cretea. — A ilha onde Miryam, Drakon e os povos humanos e feéricos unificados viveram secretamente durante os últimos cinco séculos.

— Estava abandonada — revelou Azriel. — Em ruínas. Sem qualquer sinal do que aconteceu ou de para onde foram.

— Acha que Hybern...

— Não havia sinal de Hybern, de qualquer mal — interrompeu Mor, com a expressão tensa. Também tinham sido amigas... durante a guerra. Miryam e Drakon e as rainhas humanas que fizeram o tratado ser assinado. E era preocupação, preocupação verdadeira e profunda, que faiscava nos olhos castanhos de Mor. Nos olhos de todos.

— Então, acha que souberam sobre Hybern e fugiram? — perguntei. Drakon tinha uma legião alada, Rhys me dissera certa vez. Se havia qualquer chance de encontrá-los...

— O Drakon e a Miryam que conheci não teriam fugido... não disso — respondeu Rhys.

Mor se aproximou, os cabelos dourados caindo sobre os ombros.

— Mas com Jurian agora uma peça nesse conflito... Miryam e Drakon, gostem ou não disso, sempre estiveram ligados a ele. Não os culpo por fugirem, se Jurian de fato está à caça dos dois.

O rosto de Rhys ficou imóvel por um segundo.

— Essa é a vantagem que o rei de Hybern tem sobre Jurian — murmurou ele. — Por isso Jurian trabalha para ele.

Minha sobrancelha se franziu.

— Miryam morreu; uma lança lhe atravessou o coração durante aquela última batalha no mar — explicou Rhys. — Ela sangrou até a morte enquanto era carregada para a segurança. Mas Drakon sabia de uma ilha sagrada, oculta, na qual um objeto de grande e terrível poder fora escondido. Um objeto feito pelo próprio Caldeirão, dizia a lenda. Ele levou Miryam até lá, para Cretea, usou o objeto para ressuscitá-la, torná-la imortal. Como você foi Feita, Feyre.

Amren tinha dito... meses antes. Que Miryam fora *Feita*, como eu fui.

Ela pareceu lembrar também, pois disse:

— O rei de Hybern deve ter prometido a Jurian usar o Caldeirão para rastrear o objeto. Até onde Miryam e Drakon agora vivem. Talvez eles tenham chegado a essa conclusão e fugiram o mais rápido possível.

E por vingança, por aquele ódio insano que tomava Jurian... ele faria o que o rei de Hybern pedisse. Para que pudesse matar Miryam com as próprias mãos.

— Mas para onde foram? — Olhei para Azriel, o encantador de sombras ainda de pé, com uma quietude sobrenatural, contra a parede. — Não encontrou qualquer vestígio de para onde podem ter desaparecido?

— Nenhum — respondeu Rhys por ele. — Enviamos mensageiros de volta desde então... sem sucesso.

Esfreguei o rosto, afastando aquele pingo de esperança.

— Então, se não são um aliado possível... Como evitamos que aqueles outros territórios no continente se juntem a Hybern, que enviem os exércitos até aqui? — Estremeci. — Esse é nosso plano, não é?

Rhys deu um sorriso obscuro.

— É. Um no qual vínhamos trabalhando enquanto você estava fora. — Esperei, tentando não caminhar de um lado para o outro enquanto os olhos prateados de Amren pareceram brilhar com interesse. — Observei Hybern primeiro. O povo de lá. O melhor que pude.

Ele *fora* até Hybern...

Rhys sorriu com escárnio diante da preocupação que se incendiou em meu rosto.

— Esperava que Hybern tivesse algum conflito interno para explorar, para fazer com que desabasse de dentro para fora. Esperava que o povo talvez não quisesse essa guerra, talvez a visse como onerosa e perigosa e desnecessária. Mas quinhentos anos naquela ilha, com pouco comércio, pouca oportunidade... O povo de Hybern está faminto por mudanças. Ou melhor... pelo retorno dos velhos tempos, quando tinham escravos humanos para fazer o trabalho, quando não havia barreiras que os mantivessem longe do que agora veem como seu direito.

Amren fechou o livro que estava folheando.

— Tolos. — Ela sacudiu a cabeça, cabelos pretos oscilando, ao me olhar com expressão de raiva. — A riqueza de Hybern escasseia há séculos. A maioria de suas rotas de comércio antes da Guerra incluía o Sul, a Terra Negra. Mas, depois que o controle passou para os humanos... Não sabemos se o rei de Hybern deliberadamente deixou de estabelecer novas rotas de comércio e oportunidades para o povo para que um dia pudesse fomentar essa guerra, ou se era apenas cego e deixou que tudo se arruinasse. Há séculos, o povo de Hybern está apodrecendo. Hybern *permitiu* que o ressentimento pela crescente estagnação e pela pobreza apodrecesse.

— Há muitos Grão-Feéricos — disse Mor, com cautela — que acreditavam antes da Guerra, e ainda acreditam agora, que humanos... que eles são propriedade. Havia muitos Grão-Feéricos que só conheciam privilégios graças àqueles escravos. Quando aquele privilégio lhes foi arrancado, quando foram forçados a deixar as terras natais, ou forçados a abrir espaço para outros Grão-feéricos, a reestruturar territórios, a criar novos acima daquela muralha... Não se esqueceram daquele ódio, mesmo séculos

depois. Principalmente não em lugares como Hybern, onde o território e a população permaneceram praticamente intocados pela mudança. Era um dos poucos que não precisaram ceder terras à muralha, e não entregaram nenhuma terra aos territórios feéricos que naquele momento buscavam um novo lar. Isolados, mais pobres, sem escravos para fazer o trabalho... Hybern há muito tempo vê os dias antes da Guerra como uma era de ouro. E os séculos desde então, como uma idade das trevas.

Esfreguei o peito.

— São todos loucos de pensarem assim.

Rhys assentiu.

— Sim, certamente são. Mas não se esqueça de que o rei encorajou essas visões limitadas de mundo. Não expandiu suas rotas de comércio, não permitiu que outros territórios tomassem qualquer parte de sua terra e levasse a própria cultura. Considerou onde as coisas deram errado para os Legalistas na Guerra. Como, por fim, se renderam não por terem sido sobrepujados, mas porque começaram a discutir entre si. Hybern teve muito, muito tempo para pensar nesses erros. E em como evitá-los a todo custo. Então, o rei se certificou de que o povo fosse completamente a favor desta guerra, completamente a favor da ideia da queda da muralha, porque acham que isso de alguma forma vai restabelecer essa... visão próspera do passado. O povo de Hybern vê o rei e os exércitos não como conquistadores, mas como libertadores dos Grão-Feéricos e daqueles a seu lado.

Náusea revirou meu estômago.

— Como alguém pode *acreditar* nisso?

Azriel passou a mão coberta de cicatrizes pelos cabelos.

— É o que temos descoberto. Ouvindo em Hybern. E em territórios como Rask e Montesere e Vallahan.

— Nós serviremos de exemplo, menina — explicou Amren. — Prythian. Estávamos entre os mais destemidos defensores e negociadores do Tratado. Hybern quer reivindicar Prythian não apenas para abrir caminho até o continente, mas para mandar uma mensagem do que acontece com territórios de Grão-Feéricos que defendem o Tratado.

— Mas é claro que outros territórios protegeriam Prythian — retruquei, observando seus rostos.

— Não tantos quanto esperávamos — admitiu Rhys, estremecendo. — Há muitos, até demais, que também se sentiram esmagados e sufocados durante esses séculos. Querem as antigas terras de volta, abaixo da muralha, e o poder e a prosperidade que vinham com elas. Sua visão do passado foi deturpada por quinhentos anos de lutas para se ajustar e prosperar.

— Talvez tenhamos feito um desserviço a eles — ponderou Mor — ao não partilhar o suficiente de nossa riqueza, de nosso território. Talvez sejamos culpados por permitir que parte disso decaísse e apodrecesse.

— Isso está aberto a discussão — disse Amren, gesticulando com a mão delicada. — A questão é que não estamos diante de um exército determinado a destruir. Estão determinados a executar o que acreditam ser *libertação*. De Grão-Feéricos sufocados pela muralha, e do que acreditam que ainda lhes pertence.

Engoli em seco.

— Então, como os outros territórios entram na história... os três que Hybern afirma que se aliarão a ela? — Olhei de Rhys para Azriel. — Você disse que esteve... lá?

Rhys gesticulou com os ombros.

— Lá, em Hybern, nos outros territórios... — Ele de novo piscou um olho para minha boca escancarada. — Precisava me manter ocupado para não sentir sua falta.

Mor revirou os olhos. Mas foi Cassian quem disse:

— Não podemos deixar que aqueles três territórios se aliem a Hybern. Se enviarem exércitos a Prythian, será nosso fim.

— Então, o que faremos?

Rhys encostou no dossel entalhado da cama de Amren.

— Nós os temos mantido ocupados. — Ele indicou Azriel com o queixo. — Plantamos informações, verdades e mentiras, e uma mistura das duas, para que descubram. E também espalhamos algumas entre nossos velhos aliados, que agora hesitam em nos apoiar. — O sorriso de Azriel parecia uma pincelada branca. Mentiras e verdades que o encantador de sombras e seus espiões tinham plantado nas cortes estrangeiras.

Franzi a testa.

— Andou colocando os territórios do continente uns contra os outros?

— Estávamos nos certificando de que eles se mantinham ocupados uns com os outros — argumentou Cassian, com uma pontada de humor cruel brilhando nos olhos avelã. — Nos certificando de que inimigos antigos e nações rivais de Rask, Vallahan e Montesere tenham subitamente recebido informações que as deixaram preocupadas com relação a um ataque. E que as fizeram aumentar as próprias defesas. O que, por sua vez, fez com que Rask, Vallahan e Montesere começassem a olhar para as próprias fronteiras em vez de para as nossas.

— Se nossos aliados da Guerra estiverem assustados demais para vir até aqui lutar — disse Mor, cruzando os braços sobre o peito. — Então, contanto que estejam mantendo os outros ocupados, evitando que velejem até *aqui*, não nos importamos.

Pisquei para eles. Para Rhys.

Genial. Totalmente genial mantê-los tão concentrados e amedrontados uns com os outros a ponto de ficarem longe.

— Então... não virão?

— Só podemos esperar — respondeu Amren. — E esperar que lidemos com isso rápido o bastante para que não descubram nosso ardil.

— E quanto às rainhas humanas? — Mordi a ponta do polegar. — Devem saber que nenhum acordo com Hybern acabaria em vantagem para elas.

Mor apoiou os antebraços nas coxas.

— Quem sabe o que Hybern prometeu a elas, sobre o que mentiu? Ele já garantiu imortalidade pelo Caldeirão em troca da cooperação das rainhas. Se foram tolas o suficiente para concordar com isso, então sem dúvida já lhe abriram os portões.

— Mas não temos certeza disso — replicou Amren. — E nada disso explica por que andam tão quietas... trancafiadas naquele palácio.

Rhys e Azriel sacudiram a cabeça em uma confirmação silenciosa.

Eu os observei, vi a diversão se dissipar.

— Você fica furioso, não fica? Por ninguém ter conseguido entrar naquele palácio.

Um grunhido baixo dos dois antes que Azriel murmurasse:

— Não faz ideia.

Amren apenas emitiu um estalo com a língua, focando os olhos puxados em mim.

— Aqueles comandantes de Hybern foram tolos ao revelar os planos com relação a quebrar a muralha. Ou talvez soubessem como a informação chegaria até nós, e seu mestre quer nos deixar confusos.

Inclinei a cabeça.

— Está falando de destruir a muralha pelos buracos já existentes?

Um aceno do queixo marcado quando Amren indicou os livros ao redor.

— É um feitiço complexo, uma brecha na magia que sela a muralha.

— E deixa implícito — explicou Mor, franzindo a testa intensamente — que algo pode estar faltando no Caldeirão.

Ergui as sobrancelhas, refletindo.

— Porque o Caldeirão deveria conseguir derrubar aquela muralha sozinho, certo?

— Certo — respondeu Rhysand, caminhando até o Livro na mesa de cabeceira. Não ousou tocá-lo. — Por que se dar o trabalho de buscar aqueles buracos para ajudar o Caldeirão quando poderia libertar o poder do artefato e acabar com tudo?

— Talvez tenha exaurido seu poder ao transformar minhas irmãs e aquelas rainhas.

— É provável — disse Rhys, caminhando de volta a meu lado. — Mas, se ele vai explorar aquelas fendas na muralha, precisamos encontrar uma forma de *consertá-las* antes que possa agir.

— Estes são feitiços para remendar? — perguntei a Amren.

— Estou buscando — respondeu ela, entre dentes. — Ajudaria se *alguém* arrastasse a bunda até a biblioteca para fazer mais pesquisa.

— Estamos à disposição — replicou Cassian, com uma reverência debochada.

— Eu não sabia que podia ler — disse Amren, com doçura.

— Pode ser uma tarefa inútil — interrompeu Azriel, antes que Cassian pudesse dar a reposta que dançava em seus olhos. — Fazer com que nos concentremos na muralha como uma armadilha... enquanto ele ataca por outra direção.

Fiz uma careta para o Livro.

— Por que simplesmente não tentar anular o Caldeirão de novo?

— Porque quase a matou da última vez — disse Rhys, com uma voz calma e contida que me disse o bastante: de maneira alguma arriscaria outra tentativa.

Eu me estiquei.

— Não estava preparada em Hybern. Nenhum de nós estava. Se tentasse de novo...

Mor interrompeu.

— Se tentasse de novo, poderia muito bem matá-la. Sem falar que precisaríamos de fato *chegar* ao Caldeirão, o que não é uma opção.

— O rei — esclareceu Azriel, diante de minha sobrancelha franzida — não permite que o Caldeirão saia de sua vista. E o protegeu com mais feitiços e armadilhas que da última vez. — Abri a boca para protestar, mas o encantador de sombras acrescentou: — Já estudamos essa opção. Não é um caminho viável.

Acreditei; a sinceridade pura naqueles olhos avelã foi confirmação o bastante de que tinham sopesado exaustivamente.

— Bem, se é arriscado demais anular o Caldeirão — ponderei —, então, será que *eu* posso de alguma forma consertar a muralha? Se a muralha foi feita *por* feéricos reunidos, e minha magia é uma mistura de tantos...

Amren considerou o silêncio que recaiu.

— Talvez. A relação seria tênue, mas... sim, talvez você pudesse remendá-la. Embora suas irmãs, forjadas diretamente pelo próprio Caldeirão, possam carregar o tipo de magia que nós...

— Minhas irmãs não se envolverão nisso.

Outro segundo de silêncio, interrompido apenas pelo farfalhar das asas de Azriel.

— Pedi que ajudassem uma vez, e vejam o que aconteceu. Não vou colocar as duas em risco de novo.

Amren riu com escárnio.

— Soa exatamente como Tamlin.

Senti as palavras como um golpe.

Rhys deslizou a mão contra minhas costas, tendo surgido tão rápido que não o vi se mover. Mas, antes que pudesse responder, Mor falou em voz baixa: — Nunca mais repita esse tipo de porcaria, Amren.

Não havia nada na expressão de Mor além de calma fria... fúria.

Nunca a vira tão... aterrorizante. Ficara furiosa com as rainhas mortais, mas aquilo... Aquele era o rosto da terceira na hierarquia do Grão-Senhor.

— Se está ranzinza porque está com fome, então nos diga — continuou Mor, com aquela quietude gélida. — Mas, se repetir algo assim de novo, vou jogá-la no maldito Sidra.

— Gostaria de vê-la tentar.

Um pequeno sorriso foi a única resposta de Mor.

Amren voltou a atenção para mim.

— Precisamos de suas irmãs, se não para isso, então para convencer outros a se juntarem a nós, convencê-los sobre o risco. Pois qualquer potencial aliado poderia ter... dificuldades em acreditar em nós depois de tantos anos de mentiras.

— Peça desculpas — disse Mor.

— Mor — murmurei.

— *Peça desculpas* — sibilou Mor para Amren.

Amren não disse nada.

Mor deu um passo na direção de Amren, e eu falei:

— Ela está certa.

As duas me olharam com as sobrancelhas erguidas.

Engoli em seco.

— Amren está certa. — Eu me afastei do toque de Rhys, percebendo que ele tinha ficado em silêncio para permitir que eu decidisse. Permitir que eu descobrisse como lidar com as duas, como família, mas, acima de tudo, como sua Grã-Senhora.

O rosto de Mor se contraiu, mas sacudi a cabeça.

— Eu posso... perguntar a minhas irmãs. Ver se têm algum tipo de poder. Ver se estariam dispostas a... a falar com outros sobre o que suportaram. Mas não as obrigarei a ajudar, se não quiserem

participar. A escolha será delas. — Olhei para meu parceiro, o macho que sempre me deu escolha, não como um presente, mas como meu próprio maldito *direito*. Os olhos violeta de Rhys brilharam com compreensão. — Mas deixarei claro nosso... desespero.

Amren bufou, mal passava de uma ave de rapina eriçando as penas.

— Concessão, Amren — ronronou Rhys. — Isso se chama fazer uma concessão.

Ela o ignorou.

— Se quer começar a convencer suas irmãs, tire-as da Casa. Ficar entocada nunca ajudou ninguém.

— Não tenho certeza se Velaris está pronta para Nestha Archeron — comentou Rhys, com suavidade.

— Minha irmã não é um animal selvagem — disparei.

Rhys se encolheu um pouco, e os outros subitamente acharam o tapete, o divã, os livros incrivelmente fascinantes.

— Não quis dizer dessa forma.

Não respondi.

Mor franziu a testa em reprovação para Rhys, que eu sentia me observar com cautela, mas me perguntou: — E quanto a Elain?

Eu me movi levemente, afastando as palavras que ainda pairavam entre Rhys e eu.

— Posso perguntar, mas... ela pode não estar pronta para estar perto de tanta gente. — Esclareci. — Devia se casar na semana que vem.

— É o que ela continua dizendo, diversas e diversas vezes — resmungou Amren.

Voltei um olhar de raiva a ela.

— Cuidado. — Amren piscou para mim, surpresa. Mas continuei: — Então, precisamos encontrar uma forma de remendar a muralha antes que Hybern use o Caldeirão para quebrá-la. E travar essa guerra antes que qualquer outro território se junte ao ataque de Hybern. E, por fim, pegar o próprio Caldeirão. Mais alguma coisa?

Rhys falou atrás de mim, a própria voz cuidadosamente casual:

— Isso resume tudo. Assim que uma força puder ser reunida, enfrentaremos Hybern.

— As legiões illyrianas estão quase prontas — respondeu Cassian.

— Não — disse Rhys. — Quis dizer uma força maior. Uma força não somente da Corte Noturna, mas de toda Prythian. Nossa única chance decente de encontrar aliados nesta guerra.

Nenhum de nós falou, nenhum de nós se moveu quando Rhys disse, simplesmente: — Amanhã, convites serão enviados a todos os Grão-Senhores de Prythian. Para uma reunião em duas semanas. Está na hora de vermos quem está do nosso lado. E de nos certificar de que entendem as consequências se não ficarem.

Capítulo 17

Deixei Cassian me carregar para a Casa duas horas depois, apenas porque ele admitiu que ainda estava trabalhando para fortalecer as asas e que o esforço era necessário..

O calor ondulava das telhas e da pedra vermelha conforme planamos alto acima delas, a brisa do mar parecia um beijo fresco contra meu rosto.

Mal havíamos terminado de discutir trinta minutos antes; paramos apenas quando o estômago de Mor roncou tão alto quanto um trovão. Passamos o tempo avaliando as vantagens de onde nos reunirmos e de quem levar para o encontro com os Grão-Senhores.

Os convites seriam enviados no dia seguinte; mas não especificariam o endereço da reunião. Era inútil escolher um lugar, dissera Rhys, pois os Grão-Senhores sem dúvida recusariam a escolha inicial e responderiam com a própria escolha de local. Só tínhamos escolhido o dia e a hora — as duas semanas eram uma garantia contra a discussão que sem dúvida se seguiria. O restante... Precisaríamos nos preparar para qualquer possibilidade.

Rapidamente voltamos para a casa na cidade a fim de trocar de roupa antes de voltarmos à Casa, e encontrei Nuala e Cerridwen esperando em meu quarto, com sorrisos nos rostos sombreados.

Abracei as duas, ainda que o cumprimento de Rhys tivesse sido menos... entusiasmado. Não porque desgostava das meio-espectros, mas...

Eu tinha me irritado com Rhys. No apartamento de Amren. Ele não parecera contrariado, no entanto... Eu o senti me observando cautelosamente nas últimas horas. Isso fizera com que fosse... estranho olhar para Rhys. Tão estranho que perdi um pouco do apetite que aumentava constantemente. Tinha desafiado Rhys antes, mas... Não como Grã-Senhora. Não com o... tom de voz.

Então, não consegui perguntar a respeito enquanto Nuala e Cerridwen me ajudavam a me vestir e Rhys seguiu para o banheiro a fim de se lavar.

Não que eu precisasse me incomodar muito com requintes. Tinha escolhido a calça de couro illyriano, uma larga camisa branca... e um par de sandálias bordadas do qual Cassian debochara conforme voávamos.

Quando ele debochou pela terceira vez em dois minutos, belisquei o braço do guerreiro e falei: — Está quente. Essas botas parecem abafadas.

Cassian ergueu as sobrancelhas, o retrato da inocência.

— Eu não disse nada.

— Você resmungou. *De novo.*

— Estou vivendo com Mor há quinhentos anos. Aprendi do jeito mais difícil a não questionar escolhas de calçados. — Ele deu um risinho. — Por mais que pareçam idiotas.

— É um jantar. A não ser que haja alguma batalha planejada para depois?

— Sua irmã estará lá... eu diria que é batalha o suficiente.

Estudei casualmente o rosto de Cassian, reparando no quanto ele se esforçava para manter as feições neutras, para manter o olhar fixo em qualquer lugar que não fosse meus olhos. Rhys voava por perto, longe o suficiente para ficar fora do alcance de nossas vozes quando eu disse: — Você a usaria para saber se pode, de algum jeito, consertar a muralha?

Olhos avelã dispararam para mim, determinados e límpidos.

— Sim. Não apenas para nós, mas... ela precisa sair da Casa. Precisa... — As asas de Cassian continuaram batendo estrondosamente, as partes novas só podiam ser reconhecidas pela ausência de cicatrizes. — Ela vai se destruir se permanecer entocada lá em cima.

Meu peito se apertou.

— Você... — Pensei em minhas palavras. — No dia que ela foi transformada, Nestha... Eu senti algo diferente nela. — Lutei contra a tensão nos músculos quando me lembrei daqueles momentos. Dos gritos e do sangue e da náusea enquanto observava minhas irmãs serem levadas contra a vontade, enquanto eu não podia fazer nada, enquanto nós...

Engoli o medo e a culpa.

— Foi como se... tudo o que ela era, aquele aço e aquele fogo... Como se fosse ampliado. De forma cataclísmica. Como... olhar para um gato doméstico e subitamente ver uma pantera sentada em seu lugar. — Sacudi a cabeça, como se afastasse a memória da predadora, do ódio que fervilhava naqueles olhos azul-acinzentados.

— Jamais me esquecerei daqueles momentos — confessou Cassian, em voz baixa, farejando ou sentindo as lembranças libertando o caos dentro de mim. — Enquanto viver.

— Viu algum lampejo daquilo desde então?

— Nada. — A Casa surgiu imponente, as luzes douradas sobre as paredes das janelas e das portas nos chamando para perto. — Mas consigo sentir... às vezes. — Ele acrescentou, com um pouco de rispidez: — Em geral, quando está com raiva de mim. O que é... na maioria das vezes.

— Por quê? — Os dois sempre se atracaram, mas aquilo... sim, a dinâmica entre Cassian e Nestha fora diferente mais cedo. Mais mordaz.

Cassian afastou os cabelos pretos dos olhos; as mechas estavam um pouco mais longas que da última vez que o vira.

— Acho que Nestha jamais me perdoará pelo que aconteceu em Hybern. A ela... mas, acima de tudo, a Elain.

— Suas asas estavam destroçadas. Mal estava vivo. — Pois cada uma das palavras de Cassian estava embebida em culpa,

avassaladora e venenosa. Aquilo contra o que os demais lutavam no apartamento. — Não tinha como salvar ninguém.

— Fiz uma promessa a ela. — O vento embaraçava os cabelos de Cassian enquanto ele semicerrava os olhos para o céu. — E, quando mais importou, eu não a cumpri.

Ainda sonhava com Cassian tentando rastejar até Nestha, estendendo o braço para ela mesmo no estado semiconsciente em que a dor e a perda de sangue o haviam deixado. Como Rhysand certa vez fizera por mim durante aqueles últimos momentos com Amarantha.

Talvez apenas algumas batidas de asas nos separassem da ampla varanda de aterrissagem, mas perguntei: — Por que se incomoda, Cassian?

Os olhos avelã estremeceram quando aterrissamos suavemente. E achei que Cassian não responderia, principalmente quando ouviu os demais já na sala de jantar além da varanda, principalmente quando Rhys aterrissou graciosamente ao lado e caminhou à frente depois de piscar um olho.

Mas Cassian respondeu, em voz baixa, conforme nos dirigimos para a sala de jantar: — Porque não consigo ficar longe.

Elain, nenhuma surpresa, não deixou o quarto.

Nestha, surpreendentemente, deixou o dela.

Não foi um jantar formal, de maneira alguma — embora Lucien, parado diante das janelas, observando o sol se pôr sobre Velaris, vestisse um refinado casaco verde, bordado com dourado, e calça cor de creme, que delineava coxas musculosas, além de botas pretas na altura dos joelhos, tão polidas que os lustres de luz feérica se refletiam no couro.

Lucien sempre tivera uma graciosidade casual nata, mas ali, naquela noite, com os cabelos presos para trás e o casaco abotoado até o pescoço, interpretava de fato o filho do Grão-Senhor. Bonito, poderoso, um pouco libertino — mas educado e elegante.

Eu me dirigi até Lucien enquanto os demais se serviam do vinho arejando em decantadores na velha mesa de madeira, bastante

ciente de que, enquanto meus amigos conversavam, mantinham um dos olhos em mim. Lucien me analisou com o *dele* — minha roupa casual; então, olhou para os illyrianos e seus couros, para Amren, com o cinza habitual, para Mor, com o vestido vermelho esvoaçante, e então disse: — Qual *é* o traje requerido?

Gesticulei com os ombros, entregando a ele a taça de vinho que havia trazido.

— É... o que tivermos vontade de usar.

Aquele olho dourado estalou e se semicerrou, e, depois, se voltou para a cidade adiante.

— O que você fez esta tarde?

— Dormi — respondeu Lucien. — Me lavei. Fiquei sentado.

— Amanhã de manhã posso levar você em um tour pela cidade — sugeri. — Se quiser.

Não importava que tínhamos uma reunião para planejar. Uma muralha para curar. Uma guerra para travar. Eu podia separar metade de um dia. Mostrar a Lucien *por que* aquele lugar tinha se tornado meu lar, por que eu tinha me apaixonado por seu governante.

— Não precisa desperdiçar tempo me convencendo — falou Lucien, como se sentisse meus pensamentos. — Eu entendo. Entendo... Entendo que não éramos o que você queria. Ou do que precisava. Como nosso lar deve ter parecido pequeno e isolado depois que viu isto. — Ele indicou a cidade com o queixo, onde as luzes agora se acendiam contra o crepúsculo. — Quem poderia ser comparável a isso?

Quase respondi: *Não quer dizer* o que *seria comparável?*, mas segurei a língua.

A concentração de Lucien se desviou para trás de mim antes que respondesse — então, ele calou a boca. O olho de metal rangeu baixinho.

Acompanhei o olhar e tentei não ficar tensa quando Nestha entrou na sala.

Sim, *devastadora* era uma boa palavra para o quão linda minha irmã tinha se tornado como Grã-Feérica. E, com um vestido azul-escuro de manga comprida que lhe acentuava as curvas até beijar o chão, graciosamente, em uma cachoeira de tecido...

Cassian parecia ter sido socado no estômago.

Mas Nestha olhou diretamente para mim, a luz feérica refletia os pentes prateados nos cabelos presos para o alto. Os demais, Nestha propositalmente ignorou, erguendo o queixo conforme caminhava até nós. Rezei para que Mor e Amren, cujas sobrancelhas estavam erguidas, não dissessem nada...

— De *onde* veio esse vestido? — perguntou Mor, o vestido vermelho oscilando atrás do corpo conforme ela flutuou até Nestha. Minha irmã parou subitamente, com os ombros tensos, preparando-se para...

Mas Mor já estava lá, passando os dedos pelo encorpado tecido azul, avaliando cada ponto.

— Quero um. — Ela fez biquinho. A tentativa, sem dúvida, de conseguir um convite para fazer compras comigo e aumentar o guarda-roupa. Como Grã-Senhora, eu precisaria de roupas... mais sofisticadas. Principalmente para aquela reunião. Minhas irmãs também.

Os olhos castanhos de Mor se voltaram para mim, e precisei lutar contra a esmagadora gratidão que queimava em meu olhar conforme eu me aproximei das duas.

— Suponho que meu parceiro desenterrou de algum lugar — respondi, olhando por cima do ombro para Rhys, que estava apoiado na beira da mesa de jantar, flanqueado por Az e Cassian, todos os três illyrianos fingindo não ouvir cada palavra conforme se serviam de vinho.

Enxeridos. Lancei a palavra pelo laço, e a risada sombria de Rhys ecoou em resposta.

— Ele leva todo o crédito pelas roupas — reclamou Mor, examinando o tecido da saia de Nestha enquanto minha irmã a monitorava, como um gavião — E nunca me conta onde as encontra. Ainda não me disse onde achou o vestido que Feyre usou na Queda das Estrelas. — Ela olhou com raiva por cima do ombro. — Canalha.

Rhys deu um risinho. Cassian, no entanto, não sorriu, cada poro fixo em Nestha e em Mor.

No que minha irmã faria.

Mor apenas examinou os pentes de prata nos cabelos de Nestha.

— Que bom que não usamos o mesmo tamanho, ou eu ficaria tentada a roubar esse vestido.

— Provavelmente do corpo dela — murmurou Cassian.

O risinho de resposta de Mor não foi reconfortante.

Mas a expressão de Nestha permanecia vazia. Fria. Ela olhou Mor de cima a baixo — reparando no vestido que expunha grande parte do tronco, das costas e do peito, e então, para a saia esvoaçante com faixas transparentes que revelavam lampejos das pernas de Mor. Escandaloso, para os padrões humanos.

— Felizmente para você — disse Nestha, simplesmente —, o sentimento não é mútuo.

Azriel pigarreou dentro da taça de vinho.

Mas Nestha apenas caminhou até a mesa e ocupou uma cadeira.

Mor piscou, mas confidenciou a mim, com um estremecer do corpo:

— Acho que vamos precisar de muito mais vinho.

A coluna de Nestha enrijeceu. Mas ela não falou nada.

— Vou saquear os estoques — sugeriu Cassian, e desapareceu pelas portas do corredor interno rápido demais para ter sido casual.

Nestha enrijeceu o corpo um pouco mais.

Provocando minha irmã, cutucando-a para que se divertisse... Ocupei um assento ao lado de Nestha e murmurei: — Eles têm boa intenção.

Nestha apenas passou o dedo pela louça de marfim e obsidiana, examinando os talheres com gavinhas de jasmim-da-noite entalhadas nos cabos.

— Não me importo.

Amren ocupou o assento diante de mim, no momento que Cassian retornou com uma garrafa em cada mão, e se encolheu. Amren disse a minha irmã: — Você é uma peça.

Os olhos de Nestha se ergueram. Amren girou distraidamente uma taça de sangue, observando minha irmã, como um gato com um interessante brinquedo novo.

— Por que seus olhos brilham? — disse Nestha, apenas.

Pouca curiosidade; apenas a necessidade sincera de uma explicação.

E sem medo. Nenhum.

Amren inclinou a cabeça.

— Sabe, nenhum desses enxeridos jamais me perguntou isso.

Os enxeridos tentavam não parecer muito preocupados. Como eu estava.

Nestha apenas esperou.

Amren suspirou, e os curtos cabelos pretos oscilaram.

— Eles brilham porque foi a única parte de mim que o feitiço de contenção não conseguiu acertar. O único lampejo do que espreita por baixo.

— E o que há por baixo?

Nenhum dos demais falou. Ou sequer se moveu. Lucien, ainda perto da janela, estava da cor de papel novo.

Amren passou um dedo pela borda da taça, a unha pintada de vermelho reluzia tão forte quanto o sangue dentro do recipiente.

— Também nunca ousaram me perguntar isso.

— Por quê?

— Porque não é educado perguntar, e têm medo.

Amren encarou Nestha, e minha irmã não hesitou. Não estremeceu.

— Somos iguais, você e eu — respondeu Amren.

Eu não tinha certeza se estava respirando. Pelo laço, não tinha certeza de que Rhys respirava também.

— Não na carne, não no que rasteja sob pele e ossos... — Os olhos incríveis de Amren se semicerraram. — Mas... vejo o núcleo, menina. — Amren assentiu, mais para si mesma que para qualquer outro. — Você não se encaixava... na moldura na qual a enfiaram. O caminhou no qual nasceu e o qual foi forçada a trilhar. Tentou, mas não se encaixou, não *podia* se encaixar. E então, o caminho mudou. — Um pequeno aceno. — Eu sei... como é ser assim. Ainda lembro, mesmo que faça muito tempo.

Nestha dominara a sobrenatural quietude feérica muito mais rápido que eu. E ficou sentada ali, por alguns segundos, apenas encarando a estranha e delicada fêmea à frente, medindo as

palavras, o poder que irradiava de Amren... E então, Nestha apenas disse: — Não sei do que está falando.

Os lábios vermelhos de Amren se entreabriram em um sorriso largo, viperino.

— Quando entrar em erupção, menina, certifique-se de que isso seja sentido através dos mundos.

Um tremor desceu por minha pele.

— Amren, ao que parece — intercedeu Rhys —, andou tomando aulas de interpretação dramática no teatro no fim da rua de sua casa.

Ela lançou um olhar de irritação para Rhys.

— Estou falando sério, Rhysand...

— Tenho certeza de que está — respondeu ele, reivindicando o assento a minha direita. — Mas prefiro comer *algo* antes que nos faça perder o apetite.

A mão larga de Rhysand aqueceu meu joelho quando ele o segurou sob a mesa, apertando de forma reconfortante.

Cassian ocupou o assento do lado esquerdo de Amren, Azriel se sentou ao lado deste, e Mor se sentou diante de Azriel, o que deixava Lucien...

Lucien franziu a testa para o lugar restante, com a louça posta, na cabeceira na mesa, e, depois, para o lugar vazio diante de Nestha.

— Eu... você não deveria se sentar na cabeceira da mesa?

Rhys ergueu uma sobrancelha.

— Não me importo com onde se senta. Só me importo com comer algo agora — ele estalou os dedos — mesmo.

A comida, preparada no interior da Casa por cozinheiros que fiz questão de conhecer, surgiu pela mesa em bandejas, potes e tigelas. Carne assada, diversos molhos, arroz e pão, legumes no vapor recém-recolhidos das fazendas ao redor... quase suspirei diante dos perfumes que me envolviam.

Lucien se sentou, parecendo que se empoleirava sobre um alfinete.

Eu me inclinei para além de Nestha e expliquei a ele:

— Você se acostuma com isso... com a informalidade.

— Diz isso, Feyre querida, como se fosse algo ruim — comentou Rhys, se servindo de uma bandeja de truta à milanesa antes de passá-la para mim.

Revirei os olhos, passando alguns pedaços crocantes para meu prato.

— Fui pega de surpresa no primeiro jantar que todos fizemos, só para que saiba.

— Ah, eu sei. — Rhys sorriu.

Cassian gargalhou.

— Sinceramente — disse eu a Lucien, que, calado, encheu o prato de vagem amanteigada, mas não tocou na comida, talvez maravilhado com a simplicidade tão discrepante dos pratos rebuscados na Corte Primaveril. — Azriel é o único educado.

Alguns gritos de ultraje saíram de Mor e de Cassian, mas o fantasma de um sorriso dançou nos lábios do encantador de sombras quando ele abaixou a cabeça e puxou uma bandeja de beterrabas assadas salpicadas com queijo de cabra para si.

— Nem tente fingir que não é verdade — continuei.

— É claro que é verdade — concordou Mor, com um suspiro alto. — Mas não precisa nos fazer parecer *trogloditas*.

— Achei que esse termo pareceria um elogio a você, Mor — disse Rhys, em tom brincalhão.

Nestha observava a troca de palavras como se fosse uma partida esportiva, disparando os olhos entre nós. Não estendeu a mão para comida alguma, então, tomei a liberdade de lhe servir colheradas de diversos pratos.

Ela também observou isso.

E, quando parei, prosseguindo depois para encher meu prato, Nestha falou: — Entendo... o que quis dizer sobre a comida.

Levei um momento para me lembrar — para me lembrar daquela conversa específica na propriedade de nosso pai, quando Nestha e eu estávamos discutindo sobre as diferenças entre comida humana e feérica. Era igual no que dizia respeito a *o que* era servido, mas apenas tinha... um *gosto* melhor acima da muralha.

— Isso foi um elogio?

Nestha não devolveu o sorriso quando espetou alguns aspargos com o garfo e engoliu.

E achei que era uma hora tão boa quanto qualquer outra quando falei para Cassian: — A que horas voltamos para o ringue de treino amanhã?

Numa atitude louvável, Cassian nem mesmo olhou para Nestha ao responder, com um sorriso preguiçoso: — Eu diria ao alvorecer, mas, como estou bastante grato por estar de volta inteira, deixarei que durma até tarde. Vamos nos encontrar às 7 horas.

— Dificilmente chamo isso de dormir até tarde — respondi.

— Para um illyriano, é sim — murmurou Mor.

As asas de Cassian farfalharam.

— A luz do dia é um recurso precioso.

— Moramos na *Corte Noturna* — replicou Mor.

Cassian apenas fez uma careta para Rhys e Azriel.

— Eu disse que assim que aceitássemos fêmeas no grupo, só causariam problemas.

— Até onde me lembro, Cassian — replicou Rhys, com sarcasmo —, você chegou a dizer que precisava de um descanso de nossos rostos feios, e que algumas *damas* acrescentariam uma beleza bastante necessária para a qual olhar o dia todo.

— Porco — respondeu Amren.

Cassian fez um gesto vulgar para ela, o que levou Lucien a engasgar com as vagens.

— Eu era um jovem illyriano e não sabia de nada — respondeu Cassian, e então apontou para Azriel com o garfo. — Não tente se dissipar nas sombras. Você disse a mesma coisa.

— Não disse — protestou Mor, e as sombras que Azriel, de fato, estivera sutilmente tecendo em torno de si, sumiram. — Azriel jamais disse algo tão horrível. Apenas você, Cassian. Apenas você.

O general dos exércitos do Grão-Senhor mostrou a língua. Mor devolveu o gesto.

Amren fez uma careta para Rhys.

— Seria sábio de sua parte deixar *os dois* em casa no dia da reunião com os demais, Rhysand. Só causarão problemas.

Ousei olhar para Lucien — apenas para lhe medir a reação.

O rosto de Lucien estava, de fato, controlado, no entanto... um indício de surpresa despontou ali. Cautela também, mas... surpresa.

Arrisquei outro olhar para Nestha, mas ela observava o prato, ignorando prontamente os demais.

— Ainda está em aberto se eles se juntarão a nós — declarou Rhys. Lucien olhou para ele nesse momento, a curiosidade naquele único olho era inconfundível. Rhys reparou e gesticulou com os ombros. — Vai descobrir em breve, suponho. Convites serão enviados amanhã, chamando os Grão-Senhores para uma reunião sobre essa guerra.

A mão de Lucien apertou o garfo.

— Todos?

Eu não tinha certeza se falava de Tamlin ou do pai, mas Rhys assentiu mesmo assim.

Lucien refletiu.

— Posso oferecer um conselho não solicitado?

Rhys deu um risinho.

— Acho que é a primeira vez que qualquer um nesta mesa pergunta tal coisa.

Mor e Cassian mostraram a língua para ele.

Mas Rhys gesticulou a mão preguiçosamente para Lucien.

— Por favor, aconselhe.

Lucien observou meu parceiro, e, depois, a mim.

— Presumo que Feyre vá.

— Eu vou.

Amren bebericou da taça de sangue; o único som na sala enquanto Lucien refletia novamente.

— Está planejando esconder seus poderes?

Silêncio.

— Isso é algo que eu planejava discutir com minha parceira — respondeu Rhys, por fim. — É de opinião contrária ou favorável, Lucien?

Ainda havia algo afiado no tom de voz de Rhys, algo que era apenas um pouco cruel.

Lucien me observou de novo, e foi difícil não me encolher.

— Meu pai alegremente se juntaria a Hybern se achasse que lhe daria uma chance de tomar de volta seu poder dessa forma, matando você.

Rhys emitiu um grunhido.

— Mas seus irmãos me viram — argumentei, apoiando o garfo. — Talvez pudessem ter achado que as chamas eram suas, mas o gelo...

Lucien indicou Azriel com o queixo.

— É essa a informação que precisa obter. O que meu pai sabe... se meus irmãos perceberam o que ela fazia. Precisa começar dali, e montar seu plano para a reunião de acordo com isso.

— Eris pode guardar essa informação e convencer os demais a fazerem o mesmo — disse Mor. — Se acha que será mais útil dessa forma. — Eu me perguntei se Mor olhava para aquele cabelo ruivo, para a pele marrom-dourada que era alguns tons mais escura que a dos irmãos e, ainda assim, via Eris.

— Talvez — respondeu Lucien, de forma inexpressiva. — Mas precisamos descobrir isso. Se Beron ou Eris têm essa informação, eles a usarão em benefício próprio na reunião... para controlar a discussão. Ou controlá-la. Ou podem nem mesmo aparecer, e ir direto a Hybern.

Cassian xingou baixinho, e eu estava disposta a ecoar o sentimento.

Rhys girou o vinho na taça uma vez, apoiou-a sobre a mesa e, então, disse a Lucien: — Você e Azriel deveriam conversar. Amanhã.

Lucien olhou para o encantador de sombras... que apenas assentiu.

— Estou à disposição.

Nenhum de nós era burro o bastante para perguntar se Lucien estaria disposto a revelar detalhes sobre a Corte Primaveril. Se achava que Tamlin compareceria. Essa talvez fosse uma conversa para outra hora. Somente entre Lucien e eu.

Rhys se recostou na cadeira. Contemplando... algo. O maxilar se contraiu, e então Rhys soltou um suspiro quase silencioso. Tomando coragem.

Para o que quer que estivesse prestes a revelar, quaisquer que fossem os planos que decidira não divulgar até então. E, mesmo quando meu estômago se revirou, algum tipo de excitação me percorreu... diante daquela mente genial em ação.

Até que Rhys falou:

— Outra reunião precisa ser feita, e logo.

Capítulo 18

— Por favor, não diga que teremos de ir à Corte dos Pesadelos — resmungou Cassian, com uma garfada de comida na boca.

Rhys ergueu a sobrancelha.

— Não está com disposição para aterrorizar nossos amigos por lá?

O rosto dourado de Mor empalideceu.

— Quer pedir a meu pai que lute na guerra — disse ela a Rhys.

Contive uma inspiração profunda.

— O que é a Corte dos Pesadelos? — indagou Nestha.

Lucien respondeu por nós:

— O lugar onde, para o resto do mundo, fica a maior parte da Corte Noturna. — Ele indicou o queixo para Rhys. — A sede do poder dele. Ou era.

— Ah, ainda é — disse Rhys. — Para todos fora de Velaris. — Ele olhou fixamente para Mor. — E sim. A legião de Keir, Precursora da Escuridão, é tão considerável que uma reunião se faz necessária.

A última reunião terminou com o braço de Keir quebrado em tantos lugares que ficara inerte. Eu duvidava de que o macho estivesse inclinado a nos ajudar no futuro próximo, talvez por isso Rhys quisesse a reunião.

As sobrancelhas de Nestha se franziram.

— Por que simplesmente não ordenar a eles? Não o obedecem?

Cassian soltou o garfo, esquecendo a comida.

— Infelizmente, há protocolos em vigor entre nossas duas subcortes com relação a esse tipo de coisa. Eles basicamente se governam, com o pai de Mor como administrador.

Mor engoliu em seco. Azriel a observou cautelosamente, formando uma linha tensa com a boca.

— O administrador da Cidade Escavada tem o direito legal de se recusar a ajudar meus exércitos — explicou Rhys a Nestha, a mim. — Foi parte do acordo que meu ancestral fez com a Corte dos Pesadelos há tantos mil anos. Eles permaneceriam dentro daquela montanha, não nos desafiariam ou perturbariam além de suas fronteiras... e teriam garantido o direito de *não* ajudar em caso de guerra.

— E eles já... se recusaram? — perguntei.

Mor assentiu com seriedade.

— Duas vezes. Não meu pai. — Ela quase engasgou com a palavra. — Mas... houve duas guerras. Há muito, muito tempo. Escolheram não lutar. Nós vencemos, mas... por pouco. A um grande custo.

E com a guerra iminente... precisaríamos de todos os aliados que pudéssemos reunir. Todos os exércitos.

— Partiremos em dois dias — avisou Rhys.

— Ele dirá que não — replicou Mor. — Não desperdice seu tempo.

— Então, precisarei encontrar uma forma de convencê-lo do contrário.

Os olhos de Mor brilharam.

— O quê?

Azriel e Cassian se moveram desconfortáveis nas cadeiras, e Amren emitiu um estalo com a língua para Rhys. De reprovação.

— Ele lutou na Guerra — disse Rhys, tranquilamente. — Talvez também tenhamos sorte desta vez.

— Preciso lembrá-lo de que a legião Precursora da Escuridão foi quase tão ruim quanto o inimigo no que diz respeito ao comportamento — alertou Mor, afastando o prato.

— Haverá novas regras.

— Você não estará em posição de ditar as regras, sabe disso — rebateu Mor.

Rhys apenas girou o vinho na taça de novo.

— Veremos.

Olhei para Cassian. O general sacudiu a cabeça sutilmente. *Fique longe disso. Por enquanto*.

Engoli em seco, acenando com igual fraqueza.

Mor virou a cabeça para Azriel.

— O que *você* acha?

O encantador de sombras a encarou de volta, a expressão indecifrável. Refletindo. Tentei não prender a respiração. Defender a fêmea que amava ou ficar ao lado do Grão-Senhor...

— A decisão final não é minha.

— Essa é uma resposta de merda — desafiou Mor.

Eu podia ter jurado que mágoa percorreu os olhos de Azriel, mas ele apenas gesticulou com os ombros, o rosto mais uma vez uma máscara de indiferença fria. Os lábios de Mor se contraíram.

— Não precisa ir, Mor — disse Rhys, com aquela voz calma, tranquila.

— É claro que vou. Será pior se eu não estiver presente. — Ela entornou o vinho com uma inclinação rápida da cabeça. — Suponho que tenho dois dias para encontrar um vestido adequado e horrorizar meu pai.

Amren, pelo menos, riu disso, e Cassian soltou uma gargalhada abafada também.

Mas Rhys observou Mor por um longo minuto, algumas das estrelas em seus olhos se apagaram. Pensei em perguntar se haveria outra forma, algum caminho que evitasse essa coisa *terrível* entre nós, no entanto... Mais cedo eu me irritara com Rhys. E com Lucien e minha irmã ali... Fiquei de boca fechada.

Bem, com relação àquele assunto. No silêncio que caiu, busquei algum vestígio de normalidade e me virei de novo para Cassian.

— Vamos treinar às *oito* amanhã. Encontro você no ringue.

— Às 7h30 — replicou ele, com um sorriso desencorajador, um do qual a maioria dos inimigos de Cassian fugiria. Lucien voltou a mexer na comida. Mor encheu de novo a taça de vinho, e Azriel monitorava cada movimento da feérica, agarrando o garfo com a mão coberta de cicatrizes.

— Oito. — Foi minha tréplica, com um olhar inexpressivo. Então, me virei para Nestha, que estava silenciosa e observadora durante a coisa toda. — Gostaria de se juntar a nós?

— Não.

O segundo de silêncio foi carregado demais para ser ignorado. Mas dei de ombros casualmente, estendendo o braço para a jarra de vinho. Então falei, para ninguém em especial: — Quero aprender a voar.

Mor cuspiu o vinho sobre a mesa, borrifando-o sobre o peito e o pescoço de Azriel. O encantador de sombras estava ocupado demais me olhando boquiaberto para sequer notar.

Cassian parecia dividido entre gargalhar de Azriel e escancarar a boca.

Minha magia ainda estava fraca demais para criar aquelas asas illyrianas, mas gesticulei para os illyrianos e falei: — Quero que me ensinem.

— Sério? — disparou Mor.

Enquanto Lucien, *Lucien*, disse:

— Bem, isso explica as asas.

Nestha se inclinou para a frente a fim de me observar.

— Que asas?

— Eu consigo me... metamorfosear — admiti. — E com o conflito à porta, saber voar pode ser... útil. — Indiquei Cassian com o queixo; ele agora me observava com uma intensidade irritante, me avaliando. — Presumo que as batalhas contra Hybern incluirão illyrianos. — Um aceno curto do general. — Então, planejo lutar com vocês. No céu.

Esperei por objeções, que Rhys recusasse.

Ouvi apenas o vento uivando do lado de fora das janelas da sala de jantar.

Cassian soltou um suspiro.

— Não sei se tecnicamente é possível, em termos de tempo. Precisaria aprender não apenas a voar, mas a suportar o peso de seu escudo e de suas armas, e a trabalhar dentro de uma unidade illyriana. Levamos décadas para dominar só essa última parte. Temos meses na melhor das hipóteses, semanas, na pior.

Meu peito afundou um pouco.

— Então, ensinaremos a ela o que sabemos até então — decidiu Rhys. Mas as estrelas nos olhos de meu parceiro ficaram gélidas quando ele acrescentou: — Darei qualquer chance de vantagem a ela, de fugir se as coisas derem errado. Até mesmo um dia de treinamento pode fazer diferença.

Azriel guardou as asas, e as belas feições pareciam incomumente suaves. Contemplativas.

— Ensinarei a você.

— Você tem... certeza? — perguntei.

A máscara indecifrável retornou ao rosto de Azriel.

— Rhys e Cass aprenderam a voar tão jovens que mal se lembram.

Mas Azriel, trancafiado como um criminoso no calabouço do pai desprezível até fazer 11 anos, a quem a habilidade de voar fora negada, a de lutar, a de fazer qualquer coisa que os instintos illyrianos gritavam para que fizesse...

A escuridão estremeceu pelo laço da parceria. Não com raiva de mim, mas... quando Rhys também se lembrou do que tinha sido feito ao amigo. Ele jamais esquecera. Nenhum deles esquecera. Foi difícil não olhar para as cicatrizes cruéis que cobriam as mãos de Azriel. Rezei para que Nestha não perguntasse a respeito.

— Ensinamos o básico a muitas crianças — replicou Cassian.

Azriel sacudiu a cabeça, e sombras entrelaçaram seus pulsos.

— Não é o mesmo. Quando se é mais velho, o medo, os bloqueios mentais... é diferente.

Nenhum deles, nem mesmo Amren, disse qualquer coisa.

— Ensinarei a você — disse Ariel, apenas. — Treine com Cassian por algumas horas, e eu a encontrarei quando tiver

terminado. — Então, Azriel acrescentou para Lucien, que não recuou diante daquelas sombras que se contorciam: — Depois do almoço, nós nos encontraremos.

Engoli em seco, mas assenti.

— Obrigada. — E talvez a bondade de Azriel tenha partido algum tipo de contenção dentro de mim, mas me virei para Nestha. — O rei de Hybern está tentando derrubar a muralha usando o Caldeirão para expandir os buracos já existentes. — Os olhos azul-acinzentados de minha irmã não revelaram nada, apenas ódio fervilhante ao ouvir a menção ao rei. — Talvez eu consiga consertar as fendas, mas você... tendo sido feita do próprio Caldeirão... se o Caldeirão consegue aumentar aqueles furos, talvez você consiga fechá-los também. Com treino, dentro do tempo que tivermos.

— Posso mostrar a você — esclareceu Amren a minha irmã. — Ou, em tese, posso. Se começarmos logo, amanhã de manhã. — Ela refletiu e, depois, declarou para Rhys: — Quando partir para a Corte dos Pesadelos, nós o acompanharemos.

Virei o rosto para Amren.

— O quê? — Ao pensar em Nestha naquele lugar...

— A Cidade Escavada é um tesouro de objetos de poder. Pode haver oportunidades para praticar. Deixem que a menina aprenda como é a sensação de algo como a muralha e o Caldeirão — explicou Amren. E acrescentou, quando Azriel pareceu pronto a protestar: — *Secretamente*.

Nestha não disse nada.

Esperei pela recusa imediata de minha irmã, a destruição fria de toda a esperança.

Mas ela apenas perguntou:

— Por que simplesmente não matam o rei de Hybern antes que ele possa agir?

Silêncio total.

— Se quer dar o golpe fatal, menina, fique à vontade — sibilou Amren.

O olhar de Nestha se voltou para as portas abertas da sala de jantar. Como se pudesse ver até onde estava Elain.

— O que aconteceu com as rainhas humanas?

Pisquei.

— O que quer dizer?

— Elas se tornaram imortais? — Essa pergunta foi direcionada a Azriel.

Os Sifões de Azriel se tornaram incandescentes.

— Os relatórios foram obscuros e inconsistentes. Alguns dizem que sim, outros, que não.

Nestha examinou a taça de vinho.

Cassian apoiou os antebraços na mesa.

— Por quê?

Os olhos de Nestha dispararam direto para o rosto do guerreiro. Ela falou baixinho comigo, com todos nós, mesmo ao encarar Cassian, como se ele fosse o único na sala.

— Ao fim desta guerra, eu as quero mortas. O rei, as rainhas, todos eles. Prometam que matarão todos, e ajudarei a consertar a muralha. Eu treinarei com ela — um aceno com o queixo para Amren —, irei até a Cidade Escavada, ou o que quer que seja... Eu o farei. Mas somente se me prometerem isso.

— Tudo bem — concordei. — E talvez precisemos de sua assistência durante a reunião com os Grão-Senhores... para dar testemunho às outras cortes e aos aliados do que Hybern é capaz. O que foi feito a você.

— Não.

— Não se importa de consertar a muralha ou ir até a Corte dos Pesadelos, mas falar com pessoas é onde traça um limite?

A boca de Nestha se contraiu.

— Não.

Grã-Senhora ou irmã; irmã ou Grã-Senhora...

— A vida das pessoas pode depender de sua versão dos fatos. O sucesso dessa reunião com os Grão-Senhores pode depender dela.

Nestha segurou os braços da cadeira, como se estivesse se contendo.

— Não seja condescendente comigo. Minha resposta é não.

Inclinei a cabeça.

— Entendo que o que aconteceu com você foi terrível...

— Você *não faz ideia* de como foi ou de como não foi. Nenhuma. E não vou me prostrar, como um daqueles Filhos dos Abençoados,

implorando a Grão-Feéricos, que teriam alegremente me matado quando era mortal, para que nos ajudem. Não vou contar a eles *aquela* história, *minha* história.

— Os Grão-Senhores podem não acreditar em nossa versão, o que torna você uma testemunha valiosa...

Nestha empurrou a cadeira para trás, atirou o guardanapo sobre o prato, e o molho encharcou o linho refinado.

— Então, o problema não é meu se vocês não são confiáveis. Ajudarei com a muralha, mas não vou prostituir minha história para ajudá-los. — Nestha ficou de pé, o rubor tomou o rosto normalmente pálido, e ela então sibilou: — E, se você sequer *ousar* sugerir tal coisa a Elain, vou dilacerar seu *pescoço*.

Os olhos de minha irmã se ergueram dos meus para encontrarem os de todos... estendendo a ameaça.

Nenhum de nós falou conforme Nestha deixou a sala de jantar e bateu a porta atrás de si.

Eu desabei na cadeira, apoiando a cabeça no encosto.

Algo emitiu um estampido diante de mim. Uma garrafa de vinho.

— Não tem problema se beber diretamente dela. — Foi tudo o que Mor disse.

— Eu diria que Nestha se compara a Amren pela pura sede de sangue — ponderou Rhys, horas depois, conforme ele e eu caminhávamos sozinhos pelas ruas de Velaris. — A única diferença é que Amren de fato o bebe.

Eu ri com escárnio, sacudindo a cabeça quando viramos na ampla rua ao lado do Sidra e acompanhamos o rio, um espelho de estrelas.

Muitas cicatrizes ainda marcavam os prédios de Velaris, as ruas estavam sulcadas devido aos escombros caídos e às garras. A maior parte tinha sido reparada, mas algumas fachadas de lojas foram deixadas cobertas por tábuas, e algumas casas ao longo do rio não passavam de montes de destroços. Tínhamos voado da Casa até ali após terminarmos o jantar — bem, o vinho, suponho.

Mor levara mais uma garrafa consigo ao sumir dentro da Casa, com Azriel lhe franzindo a testa.

Rhys e eu não tínhamos convidado mais ninguém. Ele apenas me perguntara pelo laço: *Caminha comigo?* E eu apenas dei um aceno de cabeça sutil.

E ali estávamos. Tínhamos caminhado por mais de uma hora, na maior parte do tempo em silêncio, na maior parte... pensando. Nas palavras e na informação e nas ameaças compartilhadas durante o dia. Nenhum de nós reduziu o passo até chegarmos àquele pequeno restaurante no qual tínhamos jantado sob as estrelas certa noite.

Algo apertado em meu peito se afrouxou quando vi o prédio intocado, os limoeiros em vasos suspirando à brisa do rio. E naquela brisa... aqueles deliciosos temperos saborosos, carne ao alho, tomates refogando... Apoiei as costas contra a grade que percorria o calçadão do rio, observando os funcionários do restaurante servirem as mesas lotadas.

— Quem sabe — murmurei, respondendo a Rhys por fim. — Talvez Nestha também adquira o hábito de beber sangue. Eu certamente acredito na ameaça de dilacerar meu pescoço. Talvez aprecie o gosto.

Rhys riu, e o som murmurou em meus ossos quando ele ocupou um lugar a meu lado, os cotovelos apoiados na grade, as asas bem fechadas. Inspirei profundamente, absorvendo seu cheiro de limão e mar em meus pulmões, meu sangue. A boca de Rhys roçou meu pescoço.

— Vai me odiar se eu disser que Nestha é... difícil?

Ri baixinho.

— Eu diria que aquilo foi bem, considerando tudo. Ela concordou com uma coisa, pelo menos. — Mordi o lábio inferior. — Não deveria ter perguntado em público. Cometi um erro.

Ele permaneceu em silêncio, ouvindo.

— Com os demais — perguntei —, como encontra o equilíbrio... entre ser Grão-Senhor e família?

Rhys refletiu.

— Não é fácil. Já tomei muitas decisões erradas ao longo dos séculos. Então, detesto dizer a você que esta noite pode ser apenas

o começo.

Soltei um longo suspiro.

— Deveria ter considerado que contar a estranhos o ocorrido em Hybern poderia... poderia não ser algo com que Nestha se sentiria confortável. Minha irmã foi uma pessoa reservada a vida toda, mesmo entre nós.

Rhys se inclinou para beijar meu pescoço de novo.

— Mais cedo hoje... no apartamento — disse ele, recuando para me encarar. Sem hesitar. Abertamente. — Não tive a intenção de insultar Nestha.

— Desculpe por eu ter me irritado com você.

Ele ergueu uma sobrancelha castanha.

— Por que diabo pediria desculpas? Insultei sua irmã; você a defendeu. Tinha todo o direito de me espancar por isso.

— Não tive a intenção de... minar sua autoridade.

Sombras lhe percorreram os olhos.

— Ah. — Rhys se virou para o Sidra, e o acompanhei. A água serpenteava, a superfície escura ondulando com luzes feéricas douradas dos postes da rua e das gemas reluzentes do Arco-Íris. — Por isso o clima... esquisito esta tarde. — Ele se encolheu e me encarou diretamente. — Pela Mãe, Feyre.

Minhas bochechas coraram, e interrompi antes que Rhys pudesse continuar.

— Mas entendi o motivo. Uma frente sólida, unificada, é importante. — Raspei a madeira lisa da grade com um dedo. — Principalmente para nós.

— Não entre nossa família.

Calor se espalhou por meu corpo diante das palavras... *nossa* família.

Rhys pegou minha mão, entrelaçando nossos dedos.

— Podemos fazer as regras que quisermos. Tem todo o direito de me questionar, me pressionar, tanto em particular quanto em público. — Uma risada de escárnio. — É claro que, se decidir realmente me espancar, posso pedir que seja atrás de portas fechadas para que eu não precise sofrer séculos de provocações, mas...

— Não questionarei sua autoridade em público. E você não questionará a minha.

Rhys permaneceu em silêncio, me deixando pensar, falar.

— Podemos questionar um ao outro pelo laço se estivermos entre pessoas que não sejam nossos amigos — falei. — Mas, por enquanto, durante esses anos iniciais, eu gostaria de mostrar ao mundo uma frente unificada... Quero dizer, se sobrevivermos.

— Sobreviveremos. — Havia uma determinação irredutível naquelas palavras, naquele rosto. — Mas quero que se sinta confortável me pressionando, chamando minha atenção...

— Quando eu *não* fiz isso?

Rhys sorriu. Mas acrescentei:

— Quero que faça o mesmo... por mim.

— Combinado. Mas entre nossa família... pode chamar a atenção para minhas besteiras sempre que quiser. Insisto, na verdade.

— Por quê?

— Porque é divertido.

Cutuquei Rhys com o cotovelo.

— Porque você é minha igual — explicou ele. — E por mais que isso queira dizer que apoiamos um ao outro em público, também quer dizer que concedemos um ao outro o dom da honestidade. Da verdade.

Observei a cidade fervilhante ao redor.

— Posso lhe dar um pouco de verdade, então?

Ele enrijeceu o corpo, mas disse:

— Sempre.

Expirei.

— Acho que deveria tomar cuidado... ao trabalhar com Keir. Não pelo quanto ele é desprezível, mas porque... acho que poderia realmente ferir Mor se não agir direito.

Rhys passou a mão pelo cabelo.

— Eu sei. Eu sei.

— Vale a pena... qualquer que seja a tropa que ele tenha a oferecer? Mesmo se ferir Mor?

— Estamos trabalhando com Keir há séculos. Ela deveria estar acostumada a esta altura. E sim, as tropas valem a pena. Os

Precursores da Escuridão são bem treinados, poderosos, e estão ociosos há muito tempo.

Refleti.

— Da última vez que visitamos a Corte dos Pesadelos, banquei sua vadia.

Ele se encolheu ao ouvir a palavra.

— Mas agora sou sua Grã-Senhora — continuei, acariciando o dorso de sua mão com um dedo. Rhys acompanhou o movimento. Abaixei a voz. — Para conseguir que Keir nos ajude... Alguma dica sobre qual máscara devo usar na Cidade Escavada?

— Você deve decidir — respondeu Rhys, ainda observando meu dedo traçar círculos preguiçosos em sua pele. — Já viu como sou lá, como nós somos. Você deve decidir como quer entrar nessa dança.

— Suponho que seja melhor decidir logo... não apenas quanto a isso, mas quanto a reunião com os outros Grão-Senhores, em duas semanas.

Rhys lançou um olhar de esguelha para mim.

— Todas as cortes foram convidadas.

— Duvido que ele apareça, considerando que é aliado de Hybern, e que sabe que o mataríamos.

A brisa do rio agitou os cabelos preto-azulados de Rhys.

— A reunião acontecerá sob um feitiço irrevogável que nos obrigará a um cessar-fogo. Se alguém quebrar esse feitiço durante a reunião, a magia exigirá um preço alto. Provavelmente a vida da pessoa. Tamlin não seria burro o bastante para atacar, e nem nós a ele.

— Por que sequer convidá-lo?

— Excluí-lo apenas daria a Tamlin mais munição contra nós. Acredite em mim, tenho pouca vontade de vê-lo. Ou Beron. Que talvez esteja ainda mais alto em minha lista de assassinatos que Tamlin no momento.

— Tarquin estará lá. E *nós* estamos bem no alto de sua lista.

— Mesmo com os rubis de sangue, Tarquin não seria burro o bastante para atacar durante a reunião. — Rhys suspirou pelo nariz.

— Com quantos aliados podemos contar? Além de Keir e da Cidade Escavada, quero dizer. — Olhei para o calçadão do rio

abaixo. Os restaurantes e os clientes estavam ocupados demais se divertindo para sequer notarem nossa presença, mesmo com as asas reconhecíveis de Rhys. Mesmo assim... talvez não fosse o melhor lugar para aquela conversa.

— Não tenho certeza — admitiu Rhys. — Helion e a Corte Diurna, provavelmente. Kallias... talvez. As coisas andam tensas com a Corte Invernal desde Sob a Montanha.

— Presumo que Azriel descobrirá mais.

— Ele já está buscando.

Assenti.

— Amren alegou que ela e Nestha precisavam de ajuda para pesquisar formas de reparar a muralha. — Indiquei a cidade. — Aponte a direção da melhor biblioteca para encontrar esse tipo de coisa.

As sobrancelhas de Rhys se ergueram.

— Agora mesmo? Sua ética de trabalho faz a minha parecer medíocre.

— *Amanhã*, engraçadinho — sibilei.

Rhys gargalhou, e as asas se abriram e se fecharam com força. Asas... asas que Rhys permitira que Lucien visse.

— Você confia em Lucien.

Rhys inclinou a cabeça diante daquela não pergunta.

— Confio no fato de que, no momento, temos a única coisa que ele quer acima de tudo. E, contanto que isso continue assim, Lucien tentará permanecer em nossas graças. Mas, se isso mudar... Seu talento era desperdiçado na Corte Primaveril. Havia um motivo para usar uma máscara de raposa, sabe? — A boca de Rhys se repuxou para um lado. — Se Lucien levasse Elain de volta à Primaveril ou onde fosse... acredita, bem no fundo, que ele não entregaria o que sabe? Em benefício próprio ou para garantir que ela permanecesse a salvo?

— Mas você deixou que ele ouvisse tudo esta noite.

— Nenhuma daquelas informações faria com que Hybern nos devastasse. O rei provavelmente já sabe que procuraremos a aliança de Keir, que tentaremos encontrar uma forma de impedi-lo de derrubar a muralha. Não foi sutil com a busca de Dagdan e Brannagh. E esperará que tentemos unir os Grão-Senhores. Por

isso a localização da reunião não será decidida até mais tarde. Contarei a Lucien então? Eu o levarei?

Considerei a pergunta: será que *eu* confiava em Lucien?

— Também não sei — admiti, e suspirei. — Não gosto que Elain seja um peão.

— Eu sei. Nunca é fácil.

Rhys lidava com tais coisas havia séculos.

— Quero esperar, ver o que Lucien faz durante as próximas duas semanas. Como ele age, conosco e com Elain. O que Azriel pensa dele. — Franzi a testa. — Não é uma pessoa ruim, não é mau.

— Certamente não é.

— Eu só... — Encontrei o olhar calmo e tranquilo de Rhys. — É arriscado confiar em Lucien sem questionar.

— Ele discutiu o que sente em relação a Tamlin?

— Não. Não quis insistir nisso. Ele sentia... remorso pelo que havia acontecido comigo, e por Hybern e Elain. Será que se sentiria dessa forma sem Elain no meio? Não sei... talvez. Mas não acho que Lucien teria partido.

Rhys afastou o cabelo de meu rosto.

— É tudo parte do jogo, Feyre querida. Em quem confiar, quando confiar, que informação negociar.

— Você gosta?

— Às vezes. No momento, não. Não quando os riscos são tão altos. — Os dedos de Rhys roçaram minha testa. — Quando tenho tanto a perder.

Apoiei a palma da mão em seu peito, bem sobre aquelas tatuagens illyrianas sob as roupas de Rhys, bem sobre o coração. Senti a batida forte ecoar em minha pele e em meus ossos.

Esqueci a cidade à volta quando Rhys me encarou, os lábios pairando sobre minha pele, e murmurou: — Continuaremos fazendo planos para o futuro, com ou sem guerra. *Eu* continuarei planejando nosso futuro.

Minha garganta queimou, e assenti.

— Merecemos ser felizes — falou Rhys, com os olhos brilhantes para me informar de que ele se lembrava das palavras que eu dissera no telhado da casa na cidade depois do ataque. — E lutarei com tudo o que tenho para garantir isso.

— *Nós* lutaremos — devolvi, com a voz rouca. — Não apenas você, não mais.

Muito. Rhysand já dera muito, e ainda parecia achar que não era o bastante.

Mas Rhys apenas olhou por cima do ombro largo, para o restaurante alegre atrás de nós.

— Naquela primeira noite em que todos viemos aqui — começou Rhys, e acompanhei seu olhar, observando os funcionários montarem as mesas com uma precisão apaixonada. — Quando você confessou a Sevenda se sentir desperta enquanto comia sua comida... — Rhys sacudiu a cabeça. — Foi a primeira vez que pareceu... em paz. Como se estivesse realmente desperta, *viva* novamente. Fiquei tão aliviado que achei que vomitaria bem em cima da mesa.

Eu me lembrava do olhar demorado e estranho que Rhys me dera quando finalmente falei. Depois, da longa caminhada que tínhamos feito até a casa, quando ouvimos aquela música que ele mandou para minha cela Sob a Montanha.

Eu me afastei da grade e empurrei Rhys na direção da ponte que percorria o Sidra — a ponte que nos levaria para casa. Que o debate a respeito de quem daria mais naquela guerra se aquietasse por enquanto.

— Caminhe comigo, pelo Arco-Íris. — A joia reluzente e colorida da cidade, o coração pulsante que abrigava o quarteirão dos artistas. Vibrante e latejante àquela hora da noite.

Dei o braço a Rhys antes de falar:

— Você e esta cidade ajudaram a me despertar, a me trazer de volta à vida. — Os olhos de Rhys brilharam quando sorri para ele. — Lutarei com tudo o que tenho também, Rhys. Tudo.

Ele apenas beijou o topo de minha cabeça, me puxando mais para perto quando atravessamos o Sidra sob o céu estrelado.

Capítulo 19

Foi bom eu ter insistido para me encontrar com Cassian às 8 horas, porque, embora eu tivesse acordado ao alvorecer, um olhar para o rosto de Rhysand adormecido me fez decidir passar a manhã despertando-o devagar e gentilmente.

Ainda estava corada quando Rhys me deixou no ringue de treino no alto da Casa do Vento, o espaço cercado por um muro de pedra vermelha, o teto aberto para a natureza. Rhys prometeu me encontrar depois do almoço e mostrar a biblioteca para minha pesquisa, depois piscou um olho de modo malicioso e me beijou na bochecha antes de disparar de volta ao céu com uma batida poderosa das asas.

Recostado contra a parede ao lado da estante de armas, Cassian apenas disse: — Espero que já não tenha se exaurido demais, porque isto vai doer *de verdade*.

Revirei os olhos, mesmo ao tentar afastar a imagem de Rhysand me deitando de bruços e beijando minha coluna até embaixo. E mais abaixo. Tentei me desvencilhar da sensação das mãos fortes segurando meu quadril para levantá-lo, até que Rhys estivesse sob

mim, banqueteando-se, até que eu estivesse silenciosamente implorando a ele, até que ele se colocasse por trás de mim, me fazendo morder o travesseiro para evitar acordar a casa toda com meus gemidos.

Rhysand de manhã era... Eu não tinha palavras para como ele era quando não tinha pressa e era preguiçoso e malicioso, quando ainda estava com os cabelos amassados de sono e os olhos exibiam aquele brilho reluzente, puramente macho. Ainda estavam com aquela luz preguiçosa e satisfeita um momento antes, e o beijo debochadamente comportado em minha bochecha lançara uma corrente vermelha incandescente por meu corpo.

Mais tarde. Eu o torturaria mais tarde.

Por enquanto... caminhei até onde Cassian estava, girando meus ombros.

— Dois machos illyrianos me fazendo suar na mesma manhã. O que uma fêmea pode fazer?

Cassian soltou uma gargalhada.

— Pelo menos chegou de bom humor.

Sorri, apoiando as mãos no quadril enquanto avaliava a estante de armas.

— Qual delas?

— Nenhuma. — Cassian indicou com o queixo o ringue delimitado por giz branco atrás de nós. — Faz um tempo desde que treinamos. Passaremos o dia repassando o básico.

As palavras estavam envoltas em tanta tensão que falei: — Não faz tanto tempo assim.

— Faz um mês e meio.

Eu o avaliei, olhei as asas bem fechadas, os cabelos pretos na altura dos ombros.

— Qual é o problema?

— Nada. — Cassian passou por mim em direção ao ringue.

— É Nestha?

— Nem tudo em minha vida diz respeito a sua irmã, sabe?

Fiquei de boca fechada quanto àquele assunto.

— É algo a respeito da visita à Corte dos Pesadelos amanhã?

Cassian soltou a camisa da calça, revelando músculos rasgados cobertos por lindas tatuagens intrincadas. Marcas illyrianas de sorte

e glória.

— Não é nada. Assuma a posição.

Obedeci, mesmo enquanto o olhava com cautela.

— Você está... irritado.

Cassian se recusou a falar até que comecei minha série de aquecimento: diversos agachamentos com avanço, chutes e alongamentos com a intenção de soltar os músculos. Somente quando começamos a lutar, e as mãos de Cassian estavam ocupadas com minha série de socos, ele disse: — Você e Rhys esconderam a verdade de nós. E fomos até Hybern às cegas com relação àquilo.

— Àquilo o quê?

— O fato de você ser Grã-Senhora.

Soquei as mãos erguidas de Cassian em uma combinação de um-dois, respirando ofegante.

— Que diferença teria feito?

— Teria mudado *tudo*. Nada teria acontecido daquela forma.

— Talvez por isso Rhys tenha decidido manter segredo.

— Hybern foi um *desastre*.

Parei de socar.

— Você sabia que eu era parceira de Rhys quando fomos. Não vejo como ser Grã-Senhora muda alguma coisa.

— Muda.

Coloquei as mãos no quadril, ignorando o gesto de Cassian para que continuasse.

— Por quê?

Cassian passou a mão pelo cabelo.

— Porque... porque, como parceira, ainda era... de Rhys para que protegesse. Ah, não me olhe assim. Ele também é seu para que o proteja. Eu teria dado a vida por você como parceira de Rhys, e como seu amigo. Mas você ainda era... dele.

— E como Grã-Senhora?

Cassian soltou um suspiro rouco.

— Como Grã-Senhora, é *minha*. E de Azriel, e de Mor, e de Amren. Pertence a todos nós, e nós pertencemos a *você*. Não teríamos... a colocado em tanto perigo.

— Talvez por isso Rhys quisesse manter segredo. Teria mudado seu foco.

— Isso é entre mim e você. E acredite em mim, Rhys e eu já... *discutimos* a respeito.

Ergui uma sobrancelha.

— Está com raiva de mim?

Ele sacudiu a cabeça, fechando os olhos.

— Cassian.

Ele apenas ergueu a mão em uma ordem silenciosa para que eu continuasse.

Suspirei e recomecei. Somente depois que terminei 15 repetições e estava ofegando pesadamente Cassian falou: — Você não achou que fosse essencial. Salvou nossas vidas, sim, mas... não julgou que fosse essencial aqui.

Um-dois, um-dois, um-dois.

— Não sou. — Ele abriu a boca, mas avancei antes, falando entre os arquejos para tomar fôlego. — Todos vocês têm um... dever, são todos vitais. Sim, tenho minhas habilidades, mas... Você e Azriel estavam feridos, minhas irmãs estavam... você sabe o que aconteceu a elas. Fiz o que pude para nos livrar daquilo. Preferiria que tivesse sido eu a qualquer um de vocês. Não conseguiria viver com a alternativa.

As mãos erguidas de Cassian não recuaram conforme eu as golpeava.

— Qualquer coisa poderia ter acontecido a você na Corte Primaveril.

Parei de novo.

— Se Rhys não está me enchendo com essa porcaria superprotetora, não entendo por que *você*...

— Não pense por um segundo que Rhys não ficou transtornado de preocupação. Ah, ele parece bem tranquilo, Feyre, mas o conheço. E durante cada momento que você esteve fora, ele ficou em *pânico*. Sim, ele sabia, nós sabíamos, você podia cuidar de si. Mas isso não nos impede de nos preocuparmos.

Sacudi as mãos doloridas e, depois, esfreguei os braços, que já ardiam.

— Você também estava com raiva de Rhys.

— Se não estivesse me curando, teria espancado Rhys de uma ponta a outra de Velaris.

Não respondi.

— Ficamos todos apavorados por você.

— Eu me virei bem.

— É claro que sim. Sabíamos que se viraria. Mas... — Cassian cruzou os braços. — Rhys fez a mesma merda há cinquenta anos. Quando foi para aquela maldita festa dada por Amarantha.

Ah. *Ah*.

— Nunca vou me esquecer, sabe? — confessou Cassian, suspirando. — O momento que ele falou com todos nós, mente por mente. Quando percebi o que estava acontecendo, e que... ele havia nos salvado. Nos prendera aqui e atara nossas mãos, mas... — Cassian coçou a têmpora. — Ficou silencioso... em minha mente. De uma forma que não estivera antes. Não desde... — Cassian semicerrou os olhos para o céu limpo. — Mesmo com o inferno absoluto que se revelava aqui, por nosso território, simplesmente ficou... silencioso. — Cassian bateu com um dedo na lateral da cabeça e franziu a testa. — Depois de Hybern, a curandeira me manteve dormindo enquanto trabalhava em minhas asas. Então, quando acordei, duas semanas depois, foi quando eu soube. E, quando Mor me contou o que acontecera a você... Ficou silencioso de novo.

Engoli em seco o nó em minha garganta.

— Você me encontrou quando eu mais precisava, Cassian.

— Um prazer poder ser útil. — Ele me deu um sorriso sombrio. — Pode contar conosco, sabe? Os dois podem. Ele tem uma inclinação a fazer tudo sozinho... a *dar* tudo de si. Não suporta deixar que qualquer outro sacrifique qualquer coisa. — Aquele sorriso se dissipou. — Você também não.

— E você consegue?

— Não é fácil, mas sim. Sou o general dos exércitos de Rhys. Parte disso inclui saber delegar. Estou com Rhys há mais de quinhentos anos, e ele ainda tenta fazer tudo sozinho. Ainda acha que não é o bastante.

Eu sabia disso; bem demais. E ao pensar em Rhys, naquela guerra, tentando enfrentar tudo o que nos desafiava... Meu

estômago se revirou em náusea.

— Ele dá ordens o tempo todo.

— Sim. E ele é bom em saber no que somos excepcionais. Mas, quando importa... — Cassian ajustou as ataduras nas mãos. — Se os Grão-Senhores e Keir não se apresentarem, Rhys enfrentará Hybern mesmo assim. E aparará o pior do golpe para que nós não precisemos.

Um tipo de aperto impossível de afastar, desconfortável, tomou conta de mim. Rhys sobreviveria — não ousaria sacrificar tudo para se certificar de que nós...

Rhys ousaria. Tinha feito isso com Amarantha, e faria de novo sem hesitar.

Afastei o pensamento. Enterrei-o. Passei a me concentrar na respiração.

Algo chamou a atenção de Cassian atrás de mim. E, mesmo que sua postura tenha permanecido casual, um brilho predatório lhe percorreu o olhar.

Não precisava me virar para saber quem estava parada ali.

— Gostaria de se juntar a nós? — ronronou Cassian.

— Não parece que estão exercitando qualquer coisa que não as línguas — respondeu Nestha.

Olhei por cima do ombro. Minha irmã usava um vestido azul-pálido que destacava sua pele dourada, os cabelos estavam presos para o alto, e as costas pareciam uma coluna rígida. Eu me apressei em dizer algo, pedir desculpas, mas... não na frente de Cassian. Ela não gostaria de ter aquela conversa na presença do guerreiro illyriano.

Cassian estendeu a mão enfaixada, e os dedos se fecharam fazendo um gesto para que Nestha se aproximasse.

— Está com medo?

Sabiamente, fiquei de boca fechada quando Nestha atravessou a porta em direção à luz ofuscante do pátio.

— Por que eu teria medo de um morcego gigante dado a chiliques?

Engasguei, e Cassian me lançou um olhar de aviso, me desafiando a rir. Mas procurei aquele laço na mente, abaixando os escudos mentais o suficiente para dizer a Rhysand, onde quer que

ele estivesse na cidade: *Por favor, venha me salvar das provocações entre Cassian e Nestha.*

Um segundo depois, Rhys cantarolou: *Está se arrependendo de ter virado Grã-Senhora?*

Saboreei aquela voz... aquele humor. Mas enterrei o pânico fervilhante de novo quando repliquei: *Isto é parte de meus deveres?*

Uma risada sombria e sensual soou. *Por que acha que eu estava tão desesperado por uma parceira? Tive quase cinco séculos para lidar com isso sozinho. É apenas justo que agora seja sua vez*.

— Parece que está um pouco irritadiça, Nestha — respondeu Cassian. — E saiu tão abruptamente ontem à noite... Posso ajudá-la a aliviar essa tensão de alguma forma?

Por favor, implorei a Rhys.

O que me dará em troca?

Não tinha certeza se conseguia *sibilar* pelo laço entre nós, mas, pela risada que ecoou em minha mente um segundo depois, soube que o sentimento fora comunicado. *Estou em uma reunião com os governadores dos Palácios. Talvez fiquem um pouco irritados se eu desaparecer*. Tentei não suspirar.

Nestha limpou as unhas.

— Amren vem me instruir em alguns...

Sombras ondularam do outro lado do pátio, interrompendo-a. E não foi Rhysand quem pousou entre nós, mas...

Mandei outro rostinho bonito para você admirar, falou Rhys. *Não tão lindo quanto o meu, é claro, mas está bem em segundo lugar*.

Quando as sombras que o encobriam se dissiparam, Azriel avaliou Nestha e Cassian, e então lançou um olhar sutilmente compreensivo em minha direção.

— Preciso começar sua lição mais cedo.

Uma mentira terrível, mas respondi:

— Certo. Sem problemas.

Cassian olhou para mim com raiva, e, depois, para Azriel. Nós dois o ignoramos quando caminhei até o encantador de sombras, desenfaixando as mãos conforme seguia.

Obrigada, mandei pelo laço.

Pode me agradecer esta noite.

Tentei não corar diante da imagem que Rhys enviou para minha mente, detalhando exatamente como eu lhe agradeceria, e então fechei meus escudos mentais. Do outro lado, podia jurar que dedos com garras nas pontas desceram pelo adamantino preto em uma promessa sensual e silenciosa. Engoli em seco.

As asas de Azriel se desdobraram, tons de vermelho-escuro e dourado brilharam entre elas sob o sol forte, e ele abriu os braços para mim.

— A floresta de pinheiros será boa... aquela diante do lago.

— Por quê?

— Porque é melhor cair na água que em rocha dura — respondeu Cassian, cruzando os braços.

Meu estômago deu um nó. Mas deixei que Azriel me pegasse nos braços, seu cheiro, de fria névoa noturna e cedro, me envolveu quando Azriel bateu as asas uma vez, agitando a poeira do pátio.

Vi o olhar semicerrado de Cassian e dei um largo sorriso.

— Boa sorte — desejei, e Azriel, que o Caldeirão o abençoasse, disparou para o céu limpo.

Nenhum de nós deixou de ouvir o xingamento sujo disparado por Cassian, embora não tivéssemos ousado comentar.

Cassian era um general; *o* general da Corte Noturna.

Certamente Nestha não era nada com que não pudesse lidar.

— Deixei Amren na Casa no caminho — disse Azriel, ao aterrissarmos na margem de um lago montanhoso turquesa, flanqueado por pinheiros e granito. — Disse a ela que fosse imediatamente para o ringue de treino. — Um meio sorriso. — Quero dizer, depois de alguns minutos.

Ri com deboche e alonguei os braços.

— Pobre Cassian.

Azriel deu uma bufada de diversão.

— Realmente.

Arrastei os pés, e pequenas rochas cinzentas ao longo da margem rolaram sob minhas botas.

— Então...

Os cabelos pretos de Azriel pareciam absorver a luz do sol ofuscante.

— Para voar — disse ele, em tom sarcástico —, precisará de asas.

Certo.

Meu rosto corou. Girei e estalei os pulsos.

— Faz um tempo desde que as conjurei.

O olhar penetrante de Azriel não se desviou de meu rosto, de minha postura. Tão imóvel e determinado quanto o granito no qual aquele lago fora escavado. Poderia muito bem ser uma borboleta flutuando em comparação a ele.

— Precisa que eu me vire? — Azriel ergueu uma sobrancelha castanha para dar ênfase.

Encolhi o corpo.

— Não. Mas... posso precisar de algumas tentativas.

— Começamos sua lição cedo, temos bastante tempo.

— Agradeço por se esforçar em fingir que não foi porque eu estava desesperada para evitar a implicância matinal de Cassian e Nestha.

— Jamais permitiria que minha Grã-Senhora sofresse aquilo. — Azriel disse isso com a expressão completamente petrificada.

Eu ri, esfregando um ponto dolorido do ombro.

— Você está... pronto para se encontrar com Lucien esta tarde?

Azriel inclinou a cabeça.

— Eu *deveria* me preparar para isso?

— Não. Apenas... — Gesticulei com os ombros. — Quando partirá para buscar informações sobre os Grão-Senhores?

— Depois de falar com ele. — Os olhos de Azriel brilhavam, estavam acesos com interesse. Como se soubesse que eu ganhava tempo.

Expirei.

— Certo. Lá vamos.

Ao tocar aquela parte de mim, a parte que Tamlin me dera... Algum pedaço vital de meu coração se encolheu. Mesmo quando algo aguçado e cruel em meu estômago se orgulhou do que eu havia tomado. De tudo o que havia tomado.

Afastei os pensamentos, concentrando-me nas asas illyrianas. Eu as conjurara naquele dia nas estepes por pura memória e medo. Criá-las agora... Deixei que a mente deslizasse para as lembranças das asas de Rhys, para a sensação, como se moviam e pesavam...

— A estrutura precisa ser um pouco mais espessa — sugeriu Azriel, quando um peso começou a repuxar minhas costas. — Fortaleça os músculos dos quais se projetam.

Obedeci, minha magia ouvindo. Azriel me deu mais sugestões, onde acrescentar e de onde tirar, onde suavizar e onde deixar mais áspero.

Eu estava ofegante, e o suor escorria por minha espinha quando Azriel disse: — Bom. — Ele pigarreou. — Sei que não é illyriana, mas... entre eles é considerado... inadequado tocar as asas de alguém sem permissão. Principalmente das fêmeas.

Entre *eles*. Não se incluiu.

Levei um momento para perceber o que Azriel pedia.

— Ah... ah. Vá em frente.

— Preciso avaliar se a *sensação* está certa.

— Certo. — Virei de costas para ele, e meus músculos reclamaram quando trabalharam para abrir as asas. Tudo, desde meu pescoço a meus ombros e as costelas, a coluna e a bunda... parecia que agora controlavam as asas, e reclamavam, protestando, com o peso do movimento.

Eu só as tive por alguns segundos com Lucien na estepe — não tinha percebido o quanto eram pesadas, o quanto os músculos eram complexos.

As mãos de Azriel, apesar de todas as cicatrizes, eram leves como penas quando ele segurou e tocou, dando tapinhas, em algumas áreas, e tamborilou em outras. Trinquei os dentes, e a sensação era como... se fizessem cócegas e cutucassem o arco da planta de meu pé. Mas Azriel foi rápido e girei os ombros de novo quando ele deu a volta até minha frente e murmurou: — É... incrível. São iguais as minhas.

— Acho que a magia fez a maior parte do trabalho.

Ele fez que não com a cabeça.

— Você é uma artista, foi sua atenção aos detalhes.

Corei um pouco diante do elogio e apoiei as mãos no quadril.

— Então? Saltamos para o céu?

— Primeira lição: não deixe que elas se arrastem no chão.

Pisquei. Minhas asas estavam realmente apoiadas nas pedras.

— Por quê?

— Illyrianos acham que é preguiça, um sinal de fraqueza. E de um ponto de vista prático, o chão está cheio de coisas que poderiam ferir suas asas. Farpas, lascas de pedra... Podem não somente ficar presas e causar uma infecção, mas também impactar a forma como a asa recebe o vento. Então, mantenha-as fora do chão.

Uma dor lancinante como uma facada ondulou por minhas costas quando tentei erguer as asas. Consegui subir a esquerda. A direita só ficou caída como uma vela de navio frouxa.

— Precisa fortalecer os músculos das costas, e das coxas. E dos braços. E do abdômen.

— Então, preciso fortalecer tudo.

De novo, aquele sorriso silencioso e sarcástico.

— Por que acha que os illyrianos são tão musculosos?

— Por que ninguém me avisou sobre esse seu lado arrogante?

A boca de Azriel se repuxou para cima.

— As duas asas para o alto.

Uma exigência em voz baixa, mas irredutível.

Me encolhi, contorcendo o corpo de um lado e de outro conforme lutava para fazer a asa direita se elevar. Sem sorte.

— Tente abri-las e depois fechá-las, se não conseguir subi-las dessa forma.

Obedeci e sibilei diante da dor aguda que percorreu cada músculo de minhas costas quando abri as asas. Mesmo a mais leve brisa do lago fez cócegas e repuxou, e apoiei os pés separados na margem rochosa, procurando algo que se assemelhasse a equilíbrio...

— Agora, dobre-as para dentro.

Eu o fiz, fechando as asas de súbito; o movimento foi tão rápido que tombei para a frente.

Azriel me segurou antes que eu comesse pedras, me agarrando com força por baixo do ombro e me puxando para cima.

— Fortalecer a musculatura do abdômen também ajudará com o equilíbrio.

— Então, de volta a Cassian.

Um aceno de cabeça.

— Amanhã. Hoje, concentre-se em erguer e dobrar, abrir e erguer. — As asas de Azriel reluziram com vermelho e dourado quando o sol lhe iluminou as bordas. — Assim. — Ele demonstrou, abrindo bem as asas, fechando-as, abrindo, inclinando, fechando. Diversas vezes.

Suspirando, acompanhei os movimentos de Azriel, com as costas latejando e doendo. Talvez aulas de voo fossem uma perda de tempo.

Capítulo 20

— Jamais estive em uma biblioteca — admiti para Rhys, depois do almoço, conforme descíamos andar após andar da Casa do Vento, e minhas palavras ecoaram pela pedra vermelha entalhada. Encolhi o corpo a cada passo e esfregava as costas.

Azriel me dera um tônico que ajudaria com a dor, mas eu sabia que, antes da noite cair, eu choraria. Se horas de busca por algum jeito de consertar aqueles buracos na muralha não me fizessem chorar antes.

— Quero dizer — esclareci —, sem contar com as bibliotecas particulares daqui e da Corte Primaveril, e minha família também tinha uma, mas não... Não uma de verdade.

Rhys me olhou de esguelha.

— Ouvi falar que os humanos têm bibliotecas gratuitas no continente, abertas a todos.

Eu não tinha certeza se era uma pergunta, mas assenti.

— Em um dos territórios, permitem a entrada de qualquer um, independentemente de posição ou linhagem. — Considerei as palavras de Rhys. — Vocês... havia bibliotecas antes da Guerra?

É claro que sim, mas o que eu queria dizer...

— Sim. Ótimas bibliotecas, cheias de acadêmicos rabugentos capazes de encontrar tomos datados de milhares de anos. Mas os humanos não podiam entrar, a não ser se fossem escravos de alguém em algum afazer, e, mesmo assim, vigiados de perto.

— Por quê?

— Porque os livros eram cheios de magia e de coisas que eles queriam esconder dos humanos. — Rhys deslizou as mãos para os bolsos, me guiando por um corredor iluminado apenas por esferas de luz feérica erguidas pelas mãos de belas estátuas femininas representando Grã-Feéricas e feéricas. — Os acadêmicos e os bibliotecários se recusavam a ter escravos próprios, alguns por motivos pessoais, mas principalmente porque não queriam seu acesso a livros e arquivos.

Rhys indicou outra escadaria curva. Devíamos estar muito abaixo da montanha, o ar estava seco e frio... e pesado. Como se tivesse ficado preso ali dentro durante eras.

— O que aconteceu com as bibliotecas depois da construção da muralha?

Rhys fechou as asas quando as escadas se tornaram mais estreitas, e o teto, mais baixo.

— A maioria dos acadêmicos teve tempo o suficiente para fugir, e puderam atravessar com os livros. Mas, se não tivessem tempo ou força bruta... — Um músculo se contraiu no maxilar de Rhys. — Eles queimavam as bibliotecas. Em vez de deixar que os humanos tivessem acesso às preciosas informações.

Um calafrio percorreu minha coluna.

— Preferiam perder a informação para sempre?

Rhys assentiu, a luz fraca lhe emoldurava os cabelos preto-azulados.

— Além dos preconceitos, o medo era de que os humanos encontrassem feitiços perigosos, e de que os usassem contra nós.

— Mas nós... Quero dizer, *eles* não têm magia. Humanos não têm magia.

— Alguns têm. Em geral aqueles que têm ancestrais feéricos distantes. Mas alguns desses feitiços não requerem magia de quem os realiza, apenas as palavras certas, ou o uso de ingredientes.

As palavras de Rhys despertaram algo em minha mente.

— Podiam... quero dizer, óbvio que o fizeram, mas... Humanos e feéricos um dia cruzaram. O que aconteceu com os herdeiros? Se você era meio feérico e meio humano, para onde foi depois que ergueram a muralha?

Rhys passou para um corredor ao pé das escadas, revelando uma ampla passagem de pedra vermelha escavada e um conjunto selado de portas de obsidiana, veios de prata corriam pelo lugar. Lindo... apavorante. Como se alguma grande besta fosse mantida ali dentro.

— Não acabou bem para os mestiços — revelou Rhys, depois de um momento. — Muitos eram filhos de uniões indesejadas. Em geral, a maioria escolhia ficar com as mães humanas, as famílias humanas. Mas, depois da muralha, entre os humanos, eram um... lembrete do que fora feito, dos inimigos à espreita além da barreira. Na melhor das hipóteses, eram isolados, párias, e seus filhos também, caso herdassem os traços físicos. Na pior das hipóteses... Os humanos estavam com raiva naqueles anos iniciais, e também a primeira geração depois. Queriam que alguém pagasse pela escravidão, pelos crimes contra eles. Mesmo que o mestiço não tivesse feito nada errado... Não acabou bem.

Rhys se aproximou das portas, que se abriram com um vento fantasma, como se a própria montanha vivesse para servi-lo.

— E aqueles acima da muralha?

— Foram considerados ainda menores que os feéricos inferiores. Ou eram malquistos em todos os lugares ou... muitos encontraram trabalho nas ruas. Vendendo os corpos.

— Aqui em Velaris? — Minhas palavras mal passaram de um sopro.

— Meu pai ainda era Grão-Senhor então — respondeu Rhys, enrijecendo as costas. — Não tínhamos permitido qualquer humano, escravo ou livre, em nosso território durante séculos. Ele não os deixou entrar, para se prostituir ou encontrar refúgio.

— E depois que você virou Grão-Senhor?

Rhys parou diante da luz fraca que se espalhava adiante.

— Àquela altura era tarde demais para a maioria. É difícil... oferecer refúgio a alguém sem poder explicar *onde* ficava esse lugar

seguro. Revelar a verdade sem perder a ilusão de crueldade implacável. — A luz de estrelas tremeluziu nos olhos de Rhysand. — Ao longo dos anos, encontramos uns poucos. Alguns conseguiram chegar até aqui. Outros já... não podiam ser ajudados.

Algo se moveu na escuridão, além das portas, mas mantive a concentração no rosto de Rhysand, nos ombros tensos.

— Se a muralha cair, você...? — Não consegui terminar a frase.

Rhys passou os dedos entre os meus, entrelaçando nossas mãos.

— Sim. Se houver aqueles, humanos ou feéricos, que precisem de um lugar seguro... esta cidade estará aberta a eles. Velaris esteve fechada por tanto tempo... tempo demais, talvez. Acrescentar pessoas novas, de lugares diferentes, com histórias e culturas diferentes... Não vejo como isso poderia ser algo ruim. A transição pode ser mais complexa do que esperamos, mas... sim. Os portões desta cidade estarão abertos para aqueles que precisarem de sua proteção. Para qualquer um que consiga chegar até aqui.

Apertei a mão de Rhys, sentindo os calos conquistados por elas. Não, eu não deixaria que ele carregasse o fardo daquela guerra, seu custo, sozinho.

Rhys olhou para as portas abertas — para a figura encapuzada e coberta por uma túnica aguardando pacientemente nas sombras além. Cada tendão e osso dolorido se enrijeceu quando vi as vestes pálidas, o capuz coroado com uma pedra azul límpida, a tela que poderia ser abaixada sobre os olhos...

Sacerdotisa.

— Esta é Clotho — apresentou Rhys tranquilamente, soltando minha mão para me guiar até a fêmea à espera. O peso da mão em minha lombar me disse o suficiente sobre o quanto Rhys sabia que a visão de Clotho me abalaria. — É uma das dezenas de sacerdotisas que trabalham aqui.

Clotho abaixou a cabeça, fazendo uma reverência, mas não disse nada.

— Eu... eu não sabia que as sacerdotisas deixavam os templos.

— Uma biblioteca é como um templo — argumentou Rhys, com um sorriso sarcástico. — Mas as sacerdotisas daqui... — Quando entramos na biblioteca, luzes adequadas, douradas, se acenderam.

Como se Clotho estivesse em total escuridão até que entrássemos.
— São especiais. Únicas.

Ela inclinou a cabeça no que poderia ter sido interesse. O rosto da sacerdotisa permaneceu na sombra, e o corpo esguio estava escondido por aquelas vestes pálidas e pesadas. Silêncio... no entanto, vida dançava em torno da feérica.

Rhys deu um sorriso caloroso para a sacerdotisa.

— Encontrou os textos?

E somente quando Clotho agitou a cabeça em um movimento que indicava “mais ou menos” percebi que não podia ou não queria falar. A sacerdotisa indicou a esquerda — a biblioteca propriamente.

E desviei os olhos da sacerdotisa muda por tempo o bastante para observar a biblioteca.

Não era uma sala cavernosa em uma mansão. Nem de perto.

Aquilo era...

Era como se a base da montanha tivesse sido escavada por alguma besta imensa, deixando um poço que descia para o coração escuro do mundo. Em torno daquele buraco aberto, talhados da própria montanha, espiralavam nível após nível de estantes e livros e áreas de leitura, que davam para a escuridão de nanquim. Pelo que pude ver dos diversos níveis conforme perambulei na direção do parapeito de pedra entalhada que se erguia sobre a queda, as estantes disparavam para longe, dentro da própria montanha, como os raios de uma gigantesca roda.

E em meio àquilo tudo, flutuando como asas de mariposas, havia o farfalhar de papel e pergaminho.

Silenciosa, mas viva. Desperta e murmurando e inquieta, uma besta de muitos braços, trabalhando constantemente. Olhei para cima, descobrindo mais níveis na direção da Casa no alto. E espreitando bem abaixo... Escuridão.

— O que há no fundo do poço? — perguntei, quando Rhys chegou a meu lado, roçando o ombro no meu.

— Uma vez desafiei Cassian a voar até embaixo e ver. — Rhys apoiou as mãos no parapeito, olhando para baixo, para a escuridão.

— E?

— E ele subiu de volta mais rápido que jamais o vi voar, branco como a morte. Jamais me contou o que viu. Durante as primeiras

semanas, achei que fosse uma brincadeira, apenas para aguçar minha curiosidade. Mas, quando finalmente decidi ver por conta própria um mês depois, ele ameaçou me amarrar a uma cadeira. Disse que era melhor que algumas coisas não fossem vistas ou perturbadas. Faz duzentos anos, e Cassian ainda não quer me dizer o que viu. Se por acaso menciono, ele fica pálido e trêmulo e passa algumas horas sem falar.

Meu sangue gelou.

— É... algum tipo de monstro?

— Não faço ideia. — Rhys indicou Clotho com o queixo, a sacerdotisa pacientemente esperava alguns passos atrás, com o rosto nas sombras. — Elas não falam ou escrevem a respeito, então, se sabem... Certamente não me contarão. E, se ele não nos incomoda, não vou incomodá-lo. Se é que é um *ele*. Cassian jamais disse se viu algo vivo lá embaixo. Talvez seja algo totalmente diferente.

Considerando as coisas que eu já testemunhara... Não queria pensar no que jazia no fundo da biblioteca. Ou no que poderia deixar Cassian, que vira partes mais terríveis e mortais do mundo do que eu jamais poderia imaginar, tão apavorado.

Com as vestes farfalhando, Clotho seguiu para a passarela inclinada até o interior da biblioteca, e nós a acompanhamos. O piso era de pedra vermelha, como o restante do palácio, mas liso e polido. Eu me perguntei se alguma das sacerdotisas descera de trenó pelo caminho espiralado.

Não que eu saiba, respondeu Rhys em minha mente. *Mas Mor e eu certa vez tentamos quando crianças. Minha mãe nos pegou depois do terceiro nível, e fomos mandados para a cama sem jantar.*

Contive o sorriso. *Foi um crime tão grave?*

Foi, passamos óleo no chão, e os acadêmicos viviam caindo.

Tossi para acobertar a gargalhada, abaixando a cabeça, mesmo com Clotho alguns passos adiante.

Passamos por fileiras de livros e pergaminhos, as prateleiras embutidas na própria pedra ou feitas de madeira escura e sólida. Corredores ladeados pelos dois tipos de prateleira sumiam para dentro da própria montanha, e, de vez em quando, uma pequena área de leitura surgia, cheia de mesas arrumadas, lâmpadas de

vidro queimando luz tênue, e poltronas e sofás de estofamento macio. Tapetes antigos de lã decoravam o piso abaixo deles, em geral dispostos diante das lareiras também escavadas da rocha bem longe de qualquer prateleira, as grades da lareira tinham as telas finas o suficiente para reter qualquer brasa que flutuasse.

Aconchegante, apesar do tamanho do espaço; quente, apesar do terror desconhecido que espreitava abaixo.

Quando os outros me irritam muito, gosto de descer aqui para ter um pouco de paz e silêncio.

Lancei um leve sorriso a Rhys, que continuou olhando para a frente conforme conversávamos mente a mente.

Não sabem a esta altura que podem encontrar você aqui embaixo?

É claro. Mas nunca vou para o mesmo local duas vezes seguidas, então, em geral, levam tanto tempo para me encontrar que não se incomodam. Além do mais, sabem que, se estou aqui, é porque quero ficar sozinho.

Pobrezinho do Grão-Senhor, cantarolei. *Precisando fugir para encontrar solidão perfeita e ficar emburrado*.

Rhys beliscou minha bunda, e mordi um lábio para conter um grito.

Podia ter jurado que os ombros de Clotho estremeceram com gargalhadas.

Mas, antes que eu pudesse brigar com Rhys pela dor ondulante que os músculos doloridos de minhas costas sentiram depois do movimento repentino, Clotho nos levou para uma área de leitura cerca de três níveis abaixo; a imensa escrivaninha estava cheia de livros antigos e grossos, encapados com diversos tipos de couro escuro.

Uma pilha organizada de papéis estava disposta de um lado, junto a uma variedade de canetas, e as lâmpadas para leitura brilhavam com força total, alegres e reluzentes contra a escuridão. Uma bandeja prateada com utensílios de chá reluzia sobre uma mesa baixa entre dois sofás de couro diante da lareira crepitante, e vapor subia em espirais do bico arqueado da chaleira. Biscoitos e pequenos sanduíches enchiam a bandeja ao lado daquela, com

uma gorda pilha de guardanapos que subitamente indicavam que deveríamos usá-los antes de tocar os livros.

— Obrigado — agradeceu Rhys à sacerdotisa, que apenas tirou um livro da pilha feita, sem dúvida, por ela mesma e abriu em uma página marcada. A antiga fita de veludo tinha cor de sangue velho, mas foi a mão da sacerdotisa que me chocou quando encontrou a luz dourada das lâmpadas.

Os dedos da mulher eram tortos. Dobrados e retorcidos em tais ângulos que eu acreditaria que a sacerdotisa tinha nascido daquela forma, não fosse pelas cicatrizes.

Por um segundo, eu estava em um bosque de primavera. Por um segundo, ouvi o esmagar de pedra sobre carne e osso conforme obrigava outra sacerdotisa a esmagar a própria mão. Diversas vezes.

Rhys colocou a mão em minha lombar. O esforço que Clotho devia ter feito para colocar tudo no lugar com aquelas mãos retorcidas...

Mas ela olhou para outro livro — ou pelo menos a cabeça da sacerdotisa se virou naquela direção —, e o exemplar deslizou até ela.

Magia. Certo.

Clotho gesticulou com um dedo torto para duas direções diferentes, a página que escolhera e, depois, o livro.

— Vou olhar — respondeu Rhys, e então inclinou a cabeça. — Chamaremos se precisarmos de alguma coisa.

Clotho fez uma reverência de novo e começou a caminhar para longe, com cuidado e em silêncio.

— Obrigada — agradeci.

A sacerdotisa parou, olhou para trás e fez uma reverência com a cabeça; o capuz oscilou.

Em segundos, Clotho tinha partido.

Olhei para onde ela foi, mesmo quando Rhys se sentou em uma das duas cadeiras diante das pilhas de livros.

— Há muito tempo, Clotho foi ferida muito gravemente por um grupo de machos — explicou Rhys, baixinho.

Não precisei de detalhes para saber o que aquilo significava. A tensão na voz de Rhys dizia muito.

— Cortaram sua língua para que não pudesse contar a ninguém quem a ferira. E lhes esmagaram as mãos para que não pudesse escrever. — Cada palavra parecia mais ríspida que a anterior, e a escuridão murmurou pelo pequeno espaço.

Meu estômago se revirou.

— Por que não a mataram?

— Porque dessa forma era mais divertido. Quero dizer, até que Mor a encontrou. E a trouxe até mim.

Quando Rhys sem dúvida olhou dentro da mente de Clotho e viu os rostos dos agressores.

— Deixei que Mor os caçasse. — As asas de Rhys se fecharam com força. — E, quando ela terminou, ficou aqui embaixo durante um mês. Ajudando Clotho a se curar do melhor jeito possível, mas também... limpando a mancha deles. — O trauma de Mor fora diferente, mas... entendi por que ela fez aquilo, porque quisera estar ali. E me perguntei se aquilo lhe dera algum tipo de conclusão.

— Cassian e Azriel se curaram por completo depois de Hybern. Nada pôde ser feito por Clotho?

— Os machos... a curavam conforme a feriam. Tornando os ferimentos permanentes. Quando Mor a encontrou, os danos já tinham sido feitos. Não tinham terminado as mãos de Clotho, então, pudemos salvá-las, dar algum uso, mas... Para curar a sacerdotisa, os ferimentos precisariam ser reabertos. Ofereci tirar a dor enquanto isso era feito, mas... Ela não podia suportar o que seria libertado em sua mente ao ter os ferimentos reabertos. No coração. Clotho mora aqui embaixo desde então, com outras como ela. A magia ajuda com a mobilidade.

Eu sabia que deveríamos começar a trabalhar, mas perguntei:

— Todas... as sacerdotisas nesta biblioteca são como ela?

— Sim.

A palavra continha séculos de ódio e dor.

— Transformei esta biblioteca em um refúgio para elas. Algumas vêm se curar, trabalham como acólitos, e então partem; outras fazem os juramentos ao Caldeirão e à Mãe para se tornarem sacerdotisas e permanecer aqui para sempre. Mas elas é que decidem se vão ficar uma semana ou a vida toda. Forasteiros têm permissão de usar a biblioteca para pesquisa, mas apenas se as

sacerdotisas aprovarem. E apenas se fizerem juramentos irrevogáveis de não causarem mal enquanto visitam. Esta biblioteca pertence a elas.

— Quem estava aqui antes das sacerdotisas?

— Alguns acadêmicos velhos e rabugentos, que me amaldiçoaram profundamente quando os realoquei para outras bibliotecas da cidade. Eles ainda têm acesso, mas quando e onde é sempre aprovado antes pelas sacerdotisas.

Escolha. Sempre fora uma questão de minha escolha com ele. E para os demais também. Muito antes de Rhys aprender sobre isso do jeito mais difícil. A questão devia estar em meus olhos, porque Rhys acrescentou:

— Vim muito aqui naquelas semanas depois de Sob a Montanha.

Minha garganta se fechou em um nó quando me inclinei para dar um leve beijo em sua bochecha.

— Obrigada por compartilhar este lugar comigo.

— Pertence a você também agora. — E soube que Rhys queria dizer não apenas em termos de sermos parceiros, mas... das formas como pertencia às demais fêmeas ali. Que tinham sofrido e sobrevivido.

Dei um meio sorriso a ele.

— Suponho que seja um milagre que eu sequer suporte ficar no subterrâneo.

Mas as feições de Rhys permaneceram sérias, contemplativas.

— É. — Ele acrescentou baixinho: — Tenho muito orgulho de você.

Meus olhos arderam, e pisquei quando me virei para os livros.

— E suponho — falei, me esforçando para soar brincalhona — que é um milagre que eu consiga realmente *ler* essas coisas.

O sorriso de Rhys em resposta foi lindo... e só um pouco malicioso.

— Acredito que minhas lições*ezinhas* tenham ajudado.

— Sim, "*Rhysand é o melhor amante com que uma fêmea poderia sonhar"* foi sem dúvida como aprendi a ler.

— Só estava tentando lhe dizer o que agora sabe.

Meu sangue esquentou um pouco.

— Hummm... — Foi tudo o que eu disse, puxando um livro em minha direção.

— Tomarei esse *hummm* como um desafio. — A mão de Rhys deslizou por minha coxa e, então, segurou meu joelho em concha, o polegar acariciou a lateral. Mesmo sob a roupa de couro, o calor de Rhys escorria até meus ossos. — Talvez jogue você contra essas estantes para ver o quanto consegue ficar quieta.

— Hummm... — Folheei as páginas, sem ver o texto.

A mão de Rhys começou uma exploração letal e provocadora por minha coxa, os dedos roçaram pelo interior sensível. Mais e mais alto. Rhys se inclinou para puxar um livro para si, mas me sussurrou ao ouvido:

— Ou talvez eu a jogue nesta mesa e a lamba até gritar tão alto que vai acordar o que quer que esteja no fundo da biblioteca.

Virei a cabeça para Rhys. Seus olhos estavam vítreos, quase sonolentos.

— Eu estava totalmente comprometida com esse plano — falei, mesmo quando a mão de Rhys parou muito, *muito* perto da junção entre minhas coxas — até que você mencionou aquela *coisa* lá embaixo.

Um sorriso felino. Rhysand me encarou enquanto passava a língua pelo próprio lábio inferior.

Meus seios ficaram rígidos sob a camisa, e o olhar de Rhys desceu... observando.

— Achei — ponderou meu parceiro — que nossa brincadeira esta manhã seria suficiente para contê-la até a noite. — A mão de Rhys deslizou entre minhas pernas, apalpando-me atrevidamente, o polegar pressionou um ponto latejante. Um gemido baixo escapuliu de mim, e minhas bochechas coraram em seguida. — Aparentemente, não fiz um trabalho muito bom em satisfazê-la, se fica tão facilmente excitada depois de poucas horas.

— Canalha — sussurrei, mas a palavra saiu entrecortada. O polegar de Rhys pressionou com mais força, formando um círculo áspero.

Rhys se aproximou de novo, beijando meu pescoço — aquele lugar bem abaixo da orelha — e disse, contra minha pele:

— Vejamos de que nomes me chama quando minha cabeça estiver entre suas pernas, Feyre querida.

E, então, ele sumiu.

Atravessou para longe, levando metade dos livros consigo. Fiquei assustada, meu corpo pareceu estranho, frio, desorientado.

Onde diabo está você? Procurei em volta e não encontrei nada além de sombras e chamas alegres e livros.

Dois níveis abaixo.

E por que *está dois níveis abaixo?* Tomei impulso para sair da cadeira, e minhas costas doeram em protesto quando disparei para a passarela e a grade adiante, e, então, olhei para baixo, para a escuridão.

De fato, em uma área de leitura dois níveis abaixo, consegui ver o cabelo e as asas pretos; conseguia espiar Rhys recostado em uma cadeira diante de uma escrivaninha idêntica, com um tornozelo cruzado sobre um joelho. Rindo para mim.

Porque não consigo trabalhar com você me distraindo.

Olhei para ele com raiva. Eu *estou distraindo* você?

Se estiver sentada a meu lado, a última coisa em minha mente é ler livros velhos e empoeirados. Principalmente quando está usando todo esse couro justo.

Porco.

A risada de Rhys ecoou biblioteca acima, em meio aos papéis flutuantes e ao riscar das canetas das sacerdotisas que trabalhavam.

Como pode atravessar dentro da Casa? Achei que havia proteções contra isso.

Aparentemente, a biblioteca fez as próprias regras.

Ri com deboche.

Duas horas de trabalho, prometeu Rhys, voltando-se para a mesa e abrindo as asas — uma verdadeira tela para bloquear minha visão. E a visão que tinha de mim. *Depois, podemos brincar*.

Fiz um gesto vulgar para ele.

Eu vi isso.

Fiz de novo, e a gargalhada de Rhys subiu até mim quando virei para os livros empilhados à frente e comecei a ler.

Encontramos uma diversidade de informações sobre a muralha e sua formação. Quando comparamos as anotações duas horas depois, muitos dos textos eram divergentes, todos alegavam autoridade absoluta sobre o assunto. Mas havia alguns detalhes semelhantes e desconhecidos a Rhys.

Ele estava se curando no chalé nas montanhas quando formaram a muralha, quando assinaram aquele Tratado. As informações que surgiram eram obscuras, na melhor das hipóteses, mas os vários textos sobre o surgimento da muralha e suas regras desenterrados por Clotho concordavam em um ponto: ela jamais fora feita para durar.

Não, inicialmente, a muralha fora uma solução temporária... a fim de dividir humanos e feéricos até que a paz se estabelecesse por tempo o bastante para depois reuni-los. E decidir como viveriam juntos — como um único povo.

Mas a muralha permanecera. Humanos tinham envelhecido e morrido, e seus filhos se esqueceram das promessas dos pais, dos avós, dos ancestrais. E os Grão-Feéricos que sobreviveram... era um mundo novo, sem escravos. Feéricos menores substituíram aqueles que faziam o trabalho gratuito; fronteiras territoriais foram redesenhadas a fim de acomodar os desalojados. Uma mudança tão grande no mundo naqueles primeiros séculos, tantos trabalhando para superar a guerra, para se curar que a muralha... a muralha se tornou permanente. A muralha se tornou lenda.

— Mesmo que todas as sete cortes se aliem — comecei, enquanto comíamos uvas de uma vasilha de prata em uma sala silenciosa na Casa do Vento, depois de deixarmos a biblioteca escura atrás da muito necessária luz do sol —, mesmo que Keir e a Corte dos Pesadelos se juntem a nós... Teremos chances nessa guerra?

Rhys se recostou na cadeira bordada diante da janela de teto ao chão. Velaris era uma extensão brilhante abaixo e adiante: serena e linda, mesmo com as cicatrizes da batalha agora a manchando.

— Exército contra exército, a possibilidade de vitória é pequena. — Palavras diretas, sinceras.

Eu me virei na cadeira idêntica do outro lado da mesa baixa entre nós.

— Você poderia... Se você e o rei de Hybern se enfrentassem cara a cara...

— Se eu venceria? — Rhys ergueu uma sobrancelha e observou a cidade. — Não sei. Ele foi esperto ao manter oculta a extensão do próprio poder. Mas precisou usar truques e ameaças para nos vencer naquele dia em Hybern. Tem milhares de anos de conhecimento e treino. Se ele e eu lutássemos... Duvido que o rei deixaria chegar a esse ponto. Ele tem mais chance de vitória certa ao nos massacrar em quantidade, ao nos sobrepujar. Se lutássemos corpo a corpo, se ele sequer aceitasse um desafio meu... os danos seriam catastróficos. E isso sem que use o Caldeirão.

Meu coração retumbou. Rhys prosseguiu.

— Estou disposto a aceitar o fardo... se significar que os demais pelo menos se *unirão* a nós contra ele.

Agarrei os braços estofados da cadeira.

— Não deveria precisar.

— Pode ser a única escolha.

— Não aceito isso como opção.

Ele piscou para mim.

— Prythian pode precisar de mim como uma opção. — Porque, com aquele poder... Rhys enfrentaria o rei e o exército inteiro. Acabaria se esgotando até...

— *Eu* preciso de você. Como uma opção. Em *meu* futuro.

Silêncio. E, mesmo com o sol aquecendo meus pés, um frio terrível se espalhou por meu corpo.

A garganta de Rhys oscilou.

— Se isso significar dar um futuro a você, então estou disposto a fazer...

— Não fará tal *coisa*. — Ofeguei entre dentes, me inclinando para a frente na cadeira.

Rhys apenas observou, os olhos sombrios.

— Como pode pedir que eu não dê tudo o que tenho para garantir que você, que minha família e meu povo sobrevivam?

— Você já deu o *bastante*.

— Não o suficiente. Ainda não.

Era difícil respirar, ver além da ardência nos olhos.

— Por quê? De onde isso *vem*, Rhys?

Pela primeira vez, ele não respondeu.

E havia algo tão frágil na expressão de Rhys, alguma ferida antiga e aberta reluzindo ali, que suspirei, esfreguei o rosto e, então, falei:

— Apenas... trabalhe comigo. Com todos nós. *Juntos*. Esse não é um fardo só seu.

Ele pegou outra uva do cabo, mastigou. Os lábios de Rhys se repuxaram em um leve sorriso.

— Então, o que você propõe?

Ainda conseguia ver aquela vulnerabilidade nos olhos de Rhysand, ainda a sentia por aquele laço entre nós, mas inclinei a cabeça. Repassei tudo o que sabia, tudo o que acontecera. Considerei os livros que li na biblioteca abaixo. Uma biblioteca que abrigava...

— Amren nos avisou para jamais unir as duas metades do Livro — ponderei. — Mas nós... *eu* as uni. Ela falou que coisas mais antigas poderiam ser... despertadas por ele. Poderiam vir farejando.

Rhys cruzou o tornozelo sobre um joelho.

— Hybern pode ter os números — continuei. — Mas e se tivéssemos os monstros? Você disse que Hybern antecipará a chegada de uma aliança com todas as cortes, mas talvez não uma com coisas completamente desconectadas. — Inclinei o corpo. — E não estou falando dos monstros perambulando o mundo. Estou falando de um em particular, que não tem nada a perder e tudo a ganhar.

Um que eu faria tudo em meu poder para usar, em vez de deixar que Rhys enfrentasse aquele fardo sozinho.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Hã?

— O Entalhador de Ossos — esclareci. — Ele e Amren vêm buscando um caminho de volta aos respectivos mundos. — O Entalhador tinha sido insistente, irredutível, ao me perguntar naquele dia na Prisão sobre onde eu fora durante a morte. Eu podia jurar que a pele dourada de Rhys empalideceu, mas acrescentei: —

Imagino se não estaria na hora de perguntar a ele o que daria pelo retorno ao lar.

Capítulo 21

Os músculos doloridos em minhas costas, no abdômen e nas coxas se revoltaram de vez quando Rhys e eu nos despedimos e meu parceiro foi buscar Cassian — que me acompanharia até a Prisão na manhã seguinte. Se fôssemos os dois, talvez parecesse muito... desesperado, muito vital. Mas, se a Grã-Senhora e seu general fossem visitar o Entalhador para fazer algumas perguntas hipotéticas...

Isso revelaria nossa jogada, mas talvez não tanto do quanto precisávamos de um pouco mais de ajuda. E Cassian, o que não foi surpresa, sabia mais sobre o Entalhador que qualquer outra pessoa, devido a alguma fascinação mórbida por todos os detentos da Prisão. Principalmente porque fora o responsável por aprisionar alguns deles.

Mas, enquanto Rhys buscava Cassian, eu tinha uma tarefa própria.

Estava estremecendo e chiando conforme caminhava pelos corredores vermelhos escuros da Casa para encontrar minha irmã e

Amren. Para ver qual das duas ainda estava de pé depois da primeira lição. Entre outras coisas.

Eu as encontrei em um escritório silencioso e esquecido, encarando-se friamente.

Livros estavam espalhados sobre a mesa entre as duas. O tique-taque de um relógio ao lado dos armários empoeirados era o único barulho.

— Desculpem interromper o concurso de quem pisca por último — ironizei, permanecendo à porta. Esfreguei um ponto em minha lombar. — Queria ver como ia a primeira lição.

— Bem. — Amren não tirou os olhos de minha irmã, um leve sorriso brincando na boca vermelha.

Estudei Nestha, que olhava para Amren com uma expressão completamente petrificada.

— O que estão fazendo?

— Esperando — respondeu Amren.

— Pelo quê?

— Até que os enxeridos nos deixem em paz.

Enrijeci o corpo, pigarreei.

— Isso é parte do treinamento?

Amren virou a cabeça para mim com uma lentidão exagerada, e os cabelos escorridos na altura do queixo se moveram com o gesto.

— Rhys tem um método próprio para treiná-la. Eu tenho o meu. — Os dentes brancos de Amren brilharam com cada palavra. — Visitaremos a Corte dos Pesadelos amanhã à noite... ela precisa de *algum* treinamento básico antes de irmos.

— Como o quê?

Amren suspirou para o teto.

— Proteger-se. De mentes e poderes curiosos.

Pisquei. Deveria ter pensado nisso. Que, se Nestha se juntaria a nós, se estaria na Cidade Escavada... precisaria de defesas além do que podíamos oferecer.

Nestha, por fim, me olhou, com a expressão mais fria que nunca.

— Está bem? — perguntei a minha irmã.

Amren emitiu um estalo com a língua.

— Sim. Teimosa como um asno, mas, como vocês são parentes, não me surpreende.

Fiz cara de irritação.

— Como eu deveria saber quais são seus métodos? Até onde sei, você adquiriu algumas técnicas horríveis naquela Prisão.

Cuidado. Muito, muito cuidado.

— Aquele lugar me ensinou muitas coisas, mas certamente não isto — sibilou Amren.

Inclinei a cabeça, a máscara da curiosidade.

— Chegou a interagir com os demais?

Quanto menos pessoas soubessem de minha visita ao Entalhador no dia seguinte, mais seguro seria; menos chances de que a informação chegasse a Hybern. Não por medo de traição, mas... sempre havia um risco.

Azriel, agora em busca de informações sobre a Corte Outonal, seria informado quando retornasse naquela noite. Mor... Eu falaria em algum momento. Mas Amren... Rhys e eu tínhamos decidido não contar a Amren por enquanto. Da última vez que fomos até a Prisão, ela ficara... difícil. Revelar nosso plano de libertar um dos colegas detentos? Talvez não fosse a melhor coisa a mencionar conforme esperávamos que Amren encontrasse uma forma de consertar aquela muralha... e de treinar minha irmã.

Impaciência brilhou no rosto de Amren, e aqueles olhos prateados se incendiaram.

— Só conversávamos por sussurros e ecos através da pedra, menina. E fiquei feliz por isso.

— O que é a Prisão? — perguntou Nestha, por fim.

— Um inferno sepultado em uma rocha — respondeu Amren. — Cheia de criaturas que, agradeça à Mãe, não mais caminham livremente pela terra.

Nestha franziu profundamente a testa, mas se calou.

— Como quem? — perguntei. Qualquer informação extra que Amren pudesse dar...

Ela exibiu os dentes.

— Estou dando uma aula de magia, não de história. — Amren gesticulou para me dispensar. — Se quer fofocar, vá encontrar um dos cães. Tenho certeza de que Cassian ainda está farejando no andar de cima.

Os lábios de Nestha se curvaram para cima.

Amren apontou para ela um dedo fino, encimado por uma unha afiada, pintada.

— *Concentre-se*. Órgãos vitais *devem* ser protegidos o tempo todo.

Bati com a mão no umbral da porta aberta.

— Vou continuar procurando por mais informações para você na biblioteca, Amren. — Sem resposta. — Boa sorte — acrescentei.

— Ela não precisa de sorte — respondeu Amren. Nestha conteve uma gargalhada.

Tomei isso como o único adeus que receberia. Talvez deixar que Amren e Nestha treinassem juntas tivesse sido... uma má escolha. Mesmo que a ideia de libertar as duas contra a Corte dos Pesadelos... Sorri um pouco ao pensar naquilo.

Quando Mor, Rhys, Cassian e eu nos reunimos para jantar na casa da cidade — Azriel ainda estava fora, espionando —, meus músculos doíam tanto que mal consegui subir as escadas da entrada. Tanto que qualquer plano de visitar Lucien na Casa depois da refeição desapareceu. Mor estava irritadiça e calada o tempo todo, sem dúvida por antecipação à visita na noite seguinte.

Ela precisara trabalhar muitas vezes com Keir ao longo dos séculos, mas, no dia seguinte... Avisou Rhys apenas uma vez, enquanto comíamos, de que ele deveria considerar minuciosamente qualquer oferta de Keir em troca do exército. Rhys gesticulara com os ombros, dissera que pensaria a respeito quando chegasse o momento. Uma não resposta — e uma que fez Mor trincar os dentes.

Não a culpei. Muito antes da Guerra, a família de Mor a violentara de formas que eu não me permitia imaginar. Menos de um dia até que eu os encontrasse de novo... que *lhes* pedisse ajuda. Trabalhasse com eles.

Rhys, que a Mãe o abençoasse, deixou um banho de banheira a minha espera depois da refeição.

Eu precisaria de toda a minha força para o dia seguinte. Para os monstros que enfrentaria sob duas montanhas muito diferentes.

Não visitara aquele lugar havia meses. Mas as paredes de pedra escavada eram exatamente como as vira da última vez, e a escuridão ainda era interrompida por tochas presas a suportes.

Não era a Prisão. Era Sob a Montanha.

Mas, em vez do corpo mutilado de Clare empalado à parede alta acima de mim...

Os olhos azul-esverdeados ainda estavam arregalados de terror. Foram-se a frieza arrogante, a elevação majestosa do queixo.

Nestha. Tinham feito com ela exatamente, ferimento a ferimento, o que fizeram com Clare.

E atrás de mim, gritando e suplicando...

Eu me virei e vi Elain, nua e chorando, amarrada àquele poço imenso. O que certa vez me ameaçaram de sofrer. Feéricos de corpos retorcidos, mascarados, rodavam as manivelas de ferro, girando Elain...

Tentei me mover. Tentei avançar.

Mas estava congelada. Completamente atada por correntes invisíveis no chão.

Uma gargalhada feminina subiu do outro lado daquele salão do trono. Do altar. Agora vazio.

Vazio porque aquela era Amarantha, caminhando pela escuridão, por algum corredor que não estivera lá antes, mas que agora se estendia até o nada.

Rhysand seguia um passo atrás da feérica. Ia com Amarantha. Para aquele quarto.

Ele olhou por cima do ombro para mim, apenas uma vez.

Por cima das asas. As asas, que estavam abertas, que Amarantha veria e destruiria logo depois de...

Eu gritava para que Rhysand parasse. Debatendo-me por aquele laço. A súplica de Elain se elevou, mais e mais alta. Rhys continuou andando com Amarantha. Deixou que ela pegasse sua mão e o puxasse.

Eu não conseguia me mover, não conseguia impedir, nada daquilo...

Fui puxada para fora do sonho como um peixe que se debate em uma rede lançada no fundo do mar.

E quando emergi... Só estava ali pela metade. Metade dentro de meu corpo, metade Sob a Montanha, observando enquanto...

— Respire.

A palavra era uma ordem. Envolta naquele comando primitivo que ele tão raramente empunhava.

Mas meus olhos se concentraram. Meu peito se elevou. Voltei um pouco mais para o meu corpo.

— De novo.

E eu o fiz. Seu rosto surgiu, luzes feéricas murmurando ao ganhar vida dentro das lâmpadas e das tigelas de nosso quarto. Suas asas estavam fechadas com firmeza, emoldurando os cabelos embaraçados, o rosto pálido.

Rhys.

— De novo — disse ele, apenas. Obedeci.

Meus ossos tinham se tornado frágeis, meu estômago era uma confusão revirada. Fechei os olhos, combatendo a náusea. Terror ondulante manteve as garras bem enterradas. Eu ainda conseguia ver: a forma como ela o levou por aquele corredor. Até...

Tive ânsia, virei para a beira do colchão, e me segurei com força enquanto meu corpo tentava esvaziar seu conteúdo no tapete. A mão de Rhys foi imediatamente para minhas costas, fazendo círculos tranquilizadores. Completamente disposto a me permitir vomitar bem do lado da cama. Mas eu me concentrei na respiração.

Em abafar aquelas lembranças, uma a uma. Memórias pintadas de novo.

Fiquei com metade do corpo para fora da cama por vários minutos. Rhys esfregava minhas costas o tempo todo.

Quando finalmente consegui me mover, quando a náusea passou... Eu me virei de novo. E ver aquele rosto... Passei os braços por sua cintura, agarrando o mais forte que pude enquanto Rhys dava um beijo silencioso em meu cabelo, lembrando-me diversas vezes de que tínhamos saído. Tínhamos sobrevivido. Nunca mais... nunca mais eu deixaria que alguém o ferisse daquela forma. Que ferissem minhas irmãs daquela forma.

Nunca mais.

Capítulo 22

Senti a atenção de Rhys sobre mim enquanto me vestia na manhã seguinte, e durante nosso farto café da manhã. Mas Rhys não insistiu, não exigiu saber o que me arrastara para aquele inferno histérico.

Fazia muito tempo desde que aqueles pesadelos tinham tirado qualquer um de nós do sono. Confundindo os limites.

Somente quando estávamos no saguão, esperando por Cassian para atravessarmos até a Prisão, Rhys me perguntou, de onde estava recostado contra o corrimão da escada:

— Precisa conversar a respeito?

Meu couro illyriano rangeu quando me virei para ele.

— Comigo... ou com qualquer um — esclareceu Rhys.

Respondi com sinceridade, puxando a ponta da trança.

— Com tudo o que nos pressiona agora, tudo o que está em risco... — Deixei a trança cair. — Não sei. Acho que abriu alguma parte de mim que cicatrizava devagar. — Cicatrizava graças a nós dois.

Rhys assentiu, sem medo ou reprovação nos olhos.

Então, contei a ele. Tudo. Passando rápido pelas partes que ainda me deixavam enjoada. E, quando terminei, o tremor continuava, mas... Falar sobre aquilo, expor em voz alta para ele...

As garras selvagens daqueles horrores se afrouxaram. Se dissiparam como orvalho sob o sol. Soltei um longo suspiro, como se soprasse aqueles medos de dentro de mim, deixando o corpo relaxar em seguida.

Rhys se afastou silenciosamente do corrimão e me beijou. Uma vez. Duas.

Cassian passou pela porta da frente um segundo depois, e resmungou que era cedo demais para suportar a visão de nós dois nos beijando. Meu parceiro apenas grunhiu para seu general antes de nos pegar pela mão e atravessar conosco até a Prisão.

Rhys segurou meus dedos com mais força que o normal quando o vento ondulou ao redor, e Cassian agora se mantinha sabiamente silencioso. Quando emergimos daquele vento preto e espiralado, Rhys se inclinou para me beijar uma terceira vez, um beijo carinhoso e suave, antes que a luz cinzenta e o vento estrondoso nos recebessem.

Aparentemente, a Prisão era fria e nebulosa não importava a época do ano.

De pé à base da montanha rochosa e musguenta sob a qual a Prisão fora construída, Cassian e eu franzimos a testa para a encosta.

Apesar da roupa de couro illyriano, o frio alcançou meus ossos. Esfreguei os braços, erguendo as sobrancelhas para Rhys, que continuava com o traje de sempre, tão deslocado naquela mancha verde úmida e ventosa em meio a um mar cinzento.

O vento embaraçou os cabelos pretos de Rhys quando ele nos observou, e Cassian já avaliava a montanha, como se fosse algum oponente. Espadas illyrianas gêmeas cruzavam-se às costas musculosas do general.

— Quando estiver lá — disse Rhys, e as palavras foram quase inaudíveis por cima do vento e dos córregos prateados que desciam a encosta da montanha —, não conseguirá se comunicar comigo.

— Por quê? — Esfreguei as mãos já congeladas uma na outra antes de soprar meu hálito quente na concha formada por elas.

— Proteções e feitiços muito mais antigos que Prythian. — Foi a única resposta de Rhys. Ele indicou Cassian com o queixo. — Não se percam de vista.

Foi a seriedade intensa no tom de Rhys que me impediu de responder.

De fato, os olhos de meu parceiro brilhavam severos... sem hesitação. Enquanto estivéssemos ali, Rhys e Azriel discutiriam o que ele havia descoberto sobre as inclinações da Outonal naquela guerra. Então, ajustariam a estratégia para a reunião com os Grão-Senhores. Mas eu conseguia sentir aquele anseio em pedir que se juntasse a nós. Para que zelasse por nós.

— Dê um grito pelo laço quando saírem de novo — falou Rhys, com uma tranquilidade que não lhe alcançava os olhos.

Cassian olhou para trás por cima de um ombro.

— Volte para Velaris, sua mãe coruja. Ficaremos bem.

Rhys lançou outro olhar incomumente severo a Cassian.

— Lembre-se de quem colocou aqui dentro, Cassian.

Cassian apenas fechou as asas, como se cada músculo se preparasse para a batalha. Firme e sólido como a montanha que estávamos prestes a subir.

Com o piscar de um olho para mim, Rhys sumiu.

Cassian verificou as fivelas das espadas e indicou que eu começasse a longa caminhada montanha acima. Meu estômago deu um nó diante da subida à frente. Do vazio assustador daquele lugar.

— Quem você colocou aqui? — A terra musguenta amortecia meus passos.

Cassian levou um dedo coberto de cicatrizes aos lábios.

— Melhor deixar para outro momento.

Certo. Passei para seu lado, minhas coxas ardiam devido à caminhada íngreme. Névoa resfriava meu rosto. Conservando sua força, Cassian não desperdiçaria um pingo de energia nos protegendo da natureza.

— Acha mesmo que libertar o Entalhador ajudará contra Hybern?

— Você é o general — devolvi, ofegando. — Responda.

Cassian refletiu, e o vento soprava os cabelos escuros sobre o rosto bronzeado.

— Mesmo que prometa encontrar uma forma de mandá-lo de volta ao próprio mundo com o Livro, ou que lhe dê qualquer que seja a coisa profana que deseje — ponderou Cassian —, acho melhor achar uma forma de controlá-lo *neste* mundo, ou enfrentaremos inimigos em todas as frentes. E sei qual nos esfolaria.

— O Entalhador é tão ruim assim?

— Pergunta isso logo antes de nos encontrarmos com ele?

— Presumi que Rhys teria negado terminantemente se fosse *tão* arriscado — sibilei.

— Rhys é conhecido por arquitetar planos que fazem meu coração parar — resmungou Cassian. — Então, não contaria com ele para ser a voz da razão.

Olhei para Cassian com raiva, o que me garantiu um sorriso lupino em resposta.

Mas Cassian observou o céu cinzento e pesado, como se caçasse olhos espiões. Então, olhou o musgo e a grama e as rochas sob nossas botas, como se buscasse ouvidos atentos abaixo.

— Havia vida aqui — disse ele, respondendo minha pergunta, por fim. — Antes de os Grão-Senhores tomarem Prythian. Velhos deuses é como os chamamos. Governavam as florestas e os rios e as montanhas, e alguns *eram* essas coisas. Então, a magia passou para os Grão-Feéricos, que trouxeram o Caldeirão e a Mãe consigo, e, embora os velhos deuses ainda fossem adorados por uma seleta minoria, a maioria das pessoas os esqueceu.

Eu me agarrei a uma grande rocha cinzenta quando a escalei.

— O Entalhador de Ossos era um antigo deus?

Cassian passou a mão pelo cabelo, o Sifão reluzindo à luz aquosa.

— É o que dizem as lendas. Assim como os rumores sobre a capacidade de varrer cem soldados com um sopro.

Um calafrio percorreu minha pele, nada relacionado ao vento gelado.

— Útil em um campo de batalha.

A pele bronzeada de Cassian empalideceu enquanto os olhos se agitaram diante daquela ideia.

— Não sem as precauções certas. Não sem que ele estivesse obrigado a nos obedecer sob o risco de perder a vida.

Algo em que eu também precisaria pensar, imaginei.

— Como ele acabou aqui, na Prisão?

— Não sei. Ninguém sabe. — Cassian me ajudou a subir um pedregulho, e a mão dele segurou a minha com força. — Mas *como* planeja libertá-lo da Prisão?

Encolhi o corpo.

— Suponho que nossa amiga saiba, pois ela saiu.

Cuidado... precisávamos tomar cuidado ao mencionar o nome de Amren ali.

O rosto de Cassian ficou sério.

— Ela não fala sobre como conseguiu, Feyre. Eu teria cuidado com a maneira como você a pressiona. — Pois ainda não tínhamos contado a Amren onde estávamos hoje. O que estávamos fazendo.

Pensei em dizer mais, porém adiante, bem no alto da encosta, o imenso portão de ossos se abriu.

✣

Eu tinha me esquecido — do peso do ar dentro da Prisão. Como caminhar pelo ar imóvel de um túmulo. Como roubar um fôlego da boca aberta de um crânio.

Cada um de nós levava uma lâmina illyriana em uma das mãos, a luz feérica tremeluzia adiante para mostrar o caminho, ocasionalmente dançando e deslizando pelo metal reluzente. Nossas outras mãos... Cassian agarrava meus dedos com tanta força quanto eu agarrava os dele conforme descíamos para a escuridão eterna da Prisão, e nossos passos esmagavam o chão seco. Não havia portas, nenhuma que pudéssemos ver.

Mas, por trás daquela rocha sólida e preta, ainda conseguia senti-las. Podia jurar que um leve ruído de arranhões preencheu a passagem. Do outro lado daquela rocha.

Como se alguém passasse as unhas por ela. Alguma coisa imensa... e velha. E tão silenciosa quanto o vento por um campo de

trigo.

Cassian se manteve em silêncio absoluto, rastreando algo, contando algo.

— Isso pode ser... uma ideia muito ruim — admiti, segurando sua mão com mais força.

— Ah, certamente é — respondeu Cassian, com um leve sorriso ao continuarmos mais e mais para baixo, dentro do silêncio escuro pesado e latejante. — Mas isso é guerra. Não temos o luxo de ter boas ideias, apenas de escolher entre ideias ruins.

A porta da cela do Entalhador de Ossos se abriu no momento que a toquei com a palma da mão.

— Vale o sofrimento de ser a parceira de Rhys — brincou Cassian, quando os ossos brancos se abriram para a escuridão.

Uma risada baixa soou do lado de dentro.

A diversão se dissipou do rosto de Cassian diante do som... conforme entramos na cela, ainda de mãos dadas.

A órbita de luz feérica oscilou adiante, iluminando a cela escavada na rocha.

Cassian grunhiu diante do que ela revelou. De quem revelou.

Completamente diferente, sem dúvida, do mesmo menino que agora sorria para mim.

Cabelos pretos, olhos de um azul-violeta encantador.

Encarei o rosto do menino — o que não reparara da primeira vez. O que não entendera.

Era o rosto de Rhysand. A cor, os olhos... era o rosto de meu parceiro.

Mas a boca carnuda e longa do Entalhador, curvada naquele sorriso assustador... Aquela boca era minha. De meu pai.

Os pelos de meu braço se arrepiaram. O Entalhador inclinou a cabeça com uma reverência; reverência e confirmação, como se soubesse exatamente o que eu percebera. Quem eu vira e ainda via.

O filho do Grão-Senhor. Meu filho. *Nosso* filho. Caso sobrevivêssemos por tempo o suficiente para concebê-lo.

Caso eu não fracassasse na tarefa de recrutar o Entalhador. Caso não fracassássemos em unificar os Grão-Senhores e a Corte dos Pesadelos. E em manter aquela muralha intacta.

Foi um esforço evitar que os joelhos fraquejassem. O rosto de Cassian estava tão pálido que eu soube que o que quer que ele estivesse vendo... não era um lindo menino.

— Estava me perguntando quando retornaria — disse o Entalhador, com aquela voz de menino doce, porém assustadora, por conta da criatura antiga à espreita. — Grã-Senhora — acrescentou ele para mim. — Por favor, aceite meus parabéns pela união. — Um olhar para Cassian. — Consigo sentir o cheiro do vento em você. — Outro pequeno sorriso. — Trouxe um presente para mim?

Levei a mão ao bolso do casaco e joguei uma pequena lasca de osso, não maior que minha mão, aos pés do Entalhador.

— Isso foi tudo o que restou do Attor depois que eu o atirei nas ruas de Velaris.

Aqueles olhos azuis se iluminaram com prazer profano. Nem mesmo sabia que tínhamos guardado aquele fragmento. Fora armazenado até agora... exatamente para aquele tipo de coisa.

— Tão sedenta por sangue, minha nova Grã-Senhora — ronronou o Entalhador, pegando o osso rachado e virando-o naquelas mãos pequenas e delicadas. Então, o Entalhador disse: — Sinto o cheiro de minha irmã em você, Quebradora da Maldição.

Minha boca secou. A irmã...

— Roubou dela? Ela teceu um fio de sua vida no tear?

A Tecelã do Bosque. Meu coração acelerou. Fôlego nenhum conseguia acalmá-lo. A mão de Cassian se apertou em torno da minha.

— Se eu lhe contar um segredo, coração de guerreiro, o que me dará? — sibilou o Entalhador para Cassian.

Nenhum de nós falou. Cautelosamente... precisaríamos enunciar as palavras e fazer aquilo cautelosamente.

O Entalhador acariciou a lasca de osso na palma da mão, a atenção fixa em um Cassian de rosto petrificado.

— E se eu lhe contar o que a rocha e a escuridão e o mar além sussurraram para mim, Senhor do Derramamento de Sangue?

Como estremeceram de medo, naquela ilha do outro lado do mar. Como tremeram quando *ela* emergiu. Ela levou algo... algo precioso. Arrancou com os dentes.

O rosto dourado de Cassian perdeu a cor, as asas se fecharam com força.

— O que você despertou naquele dia em Hybern, Príncipe dos Bastardos?

Meu sangue congelou.

— O que saiu não foi o que entrou. — Uma risada rouca quando o Entalhador apoiou a lasca de osso no chão a seu lado. — Como é linda, nova como uma corça, mas antiga como o mar. Como ela o atrai. Uma rainha, como minha irmã um dia foi. Terrível e orgulhosa; linda como um alvorecer de inverno.

Rhys avisara sobre a capacidade dos detentos de mentir, de vender qualquer coisa, para serem libertados.

— Nestha — murmurou o Entalhador de Ossos. — *Nes-tha.*

Apertei a mão de Cassian. Bastava. *Bastava* daquela provocação. Mas ele não me olhou.

— Como o vento geme seu nome. Também consegue ouvir? Nestha. *Nestha*. *Nestha*.

Não tinha certeza se Cassian estava respirando.

— O que ela fez enquanto se afogava na escuridão eterna? O que ela *tomou*?

Foi o tom da última palavra que me fez perder o controle.

— Se deseja descobrir, talvez devesse se calar por tempo o suficiente a fim de ouvir nossa explicação.

Minha voz pareceu sacudir Cassian de qualquer que fosse o transe em que ele estava. Sua respiração se intensificou, tensa e rápida, e o general observou meu rosto... com um pedido de desculpas nos olhos.

O Entalhador riu.

— É tão raro eu ter companhia. Perdoe-me por querer jogar conversa fora. — Ele cruzou os tornozelos. — E por que buscaram meus serviços?

— Obtivemos o Livro dos Sopros — respondi, causalmente. — Há... feitiços interessantes. Códigos dentro de códigos dentro de códigos. Alguém que conhecemos desvendou a maioria. Ela ainda

busca outros. Feitiços que poderiam... mandar alguém como ela para casa. Outros como ela também.

Os olhos violeta do Entalhador se incendiaram como chama.

— Estou ouvindo.

Capítulo 23

— A guerra é iminente — confessei ao Entalhador. — Os boatos sugerem que você tem... dons potencialmente úteis no campo de batalha.

Um sorriso para Cassian, como se compreendesse porque o general se juntara a mim.

— Em troca de um preço — ponderou o Entalhador.

— Razoável — replicou Cassian.

O Entalhador observou a cela.

— E acha que eu quero... voltar.

— Não quer?

O Entalhador cruzou as pernas sob o pequeno corpo.

— O lugar de onde viemos... Não acredito que seja nada além de poeira flutuando por uma planície agora. Não há casa para a qual voltar. Não uma que eu deseje.

Pois se ele estava ali antes ainda de Amren ter chegado... Dezenas de milhares de anos... talvez mais tempo. Afastei a sensação de pesar no estômago.

— Então, talvez a melhora de suas... condições de habitação seja atrativa se é neste mundo que deseja ficar.

— Esta cela, Quebradora da Maldição, é onde desejo estar. — O Entalhador alisou a terra ao lado. — Acha que deixei que me aprisionassem sem um bom motivo?

O corpo inteiro de Cassian pareceu se mover... pareceu ficar ciente e concentrado. Pronto para nos levar para longe dali.

O entalhador traçou três círculos entrecruzados na terra.

— Já conheceu minha irmã, minha gêmea. A Tecelã, como agora a chama. Eu a conheci como Stryga. Ela e nosso irmão mais velho, Koschei. Como eles se deliciaram com este mundo quando caímos aqui. Como aqueles antigos feéricos os temiam e adoravam. Se eu fosse mais corajoso, poderia ter ganhado tempo, esperado seu poder se dissipar, até que aquela antiga guerreira feérica enganasse Stryga para que diminuísse o seu poder e acabasse confinada ao Meio. Koschei também, limitado e preso a seu pequeno lago no continente. Tudo antes de Prythian, antes que a terra fosse escavada e qualquer Grão-Feérico fosse coroado.

Cassian e eu esperamos, não ousamos interromper.

— Inteligente, aquela guerreira feérica. Sua linhagem se foi há muito tempo, embora vestígios ainda corram por algumas linhagens humanas. — O Entalhador sorriu, talvez um pouco deprimido. — Ninguém lembra seu nome. Mas eu lembro. Teria sido minha salvação, caso eu não tivesse feito minha escolha muito antes de ela andar sobre esta terra.

Esperei e esperei e esperei, destrinchando a história que ele expunha como migalhas de pão.

— Ela não conseguiu matá-los no final, eram fortes demais. Só puderam ser contidos. — O Entalhador passou a mão sobre os círculos que desenhara, apagando-os completamente. — Eu sabia disso muito antes de ela os prender, e me incumbi de encontrar um lugar aqui.

— Para poupar o mundo de você? — perguntou Cassian, franzindo a testa.

Os olhos do Entalhador queimavam, como a mais quente das chamas.

— Para *me esconder* de meus irmãos.

Pisquei.

— Por quê?

— São deuses da morte, garota — sibilou o Entalhador. — Você é imortal... ou vive por tempo o bastante para parecer que o é. Mas meus irmãos e eu... Somos diferentes. E eles dois... mais fortes. Muito mais fortes do que eu jamais fui. Minha irmã... ela encontrou uma forma de devorar a própria vida. De se manter jovem e bela para sempre graças às vidas que rouba.

O tear; os fios dentro daquela casa, o telhado feito de cabelo... Fiz uma nota mental para atirar Rhys ao Sidra por ter me mandado até aquele chalé.

Mas o próprio Entalhador...

— Se são deuses da morte — comecei. — Então o que é você?

A morte. Ele me perguntara diversas vezes sobre a morte. Sobre o que esperava além dela, qual era a sensação. Para onde eu tinha ido. Achei que fosse mera curiosidade, mas...

O rosto daquele menino se enrugou com diversão. O rosto de meu filho. A visão do futuro um dia revelada a mim, tantos meses antes, como algum tipo de provocação ou personificação do que eu ainda não ousara admitir a mim mesma. Do que tinha menos certeza. E agora... agora, aquele menino... Um tipo diferente de provocação, sobre o futuro que eu podia perder.

— Sou esquecido, é isso o que sou. E é como prefiro ser. — O Entalhador apoiou a cabeça contra a parede de rocha atrás de si. — Então, vai descobrir que não desejo partir. Que não tenho desejo de lembrar minha irmã e meu irmão de que estou vivo e no mundo. Pois, por mais que estejam contidos e reduzidos, a influência dos dois ainda é... considerável.

— Se Hybern vencer esta guerra — disse Cassian, com aspereza —, pode encontrar os portões deste lugar escancarados. E sua irmã e seu irmão serão libertados dos respectivos territórios, e estarão interessados em fazer uma visita.

— Nem mesmo Hybern é tão tola assim. — Ele soltou uma lufada satisfeita. — Tenho certeza de que há outros detentos aqui que acharão sua oferta... tentadora.

Meu sangue ferveu.

— Nem mesmo considerará nos auxiliar. — Gesticulei para a cela. — É isto o que prefere... pela eternidade?

— Se conhecesse meu irmão e minha irmã, Quebradora da Maldição, acharia que esta é uma alternativa muito mais sábia e mais confortável.

Abri a boca, mas Cassian apertou minha mão em aviso. Bastava. Tínhamos dito o suficiente, revelado o bastante. Parecer tão desesperados... Não ajudaria em nada.

— É melhor irmos — aconselhou Cassian, a imagem da calma inabalada. — Os prazeres da Cidade Escavada nos esperam.

De fato, nos atrasaríamos se não partíssemos imediatamente. Lancei um olhar para o Entalhador, como despedida, deixando que Cassian me levasse pela porta aberta da cela.

— Vão para a Cidade Escavada — disse o Entalhador, não exatamente uma pergunta.

— Não vejo como isso seja de sua conta — falei, por cima do ombro.

O segundo de silêncio do Entalhador ecoou ao redor. Nos fez parar sob o umbral.

— Uma última tentativa — ponderou o Entalhador, passando os olhos sobre nós — de reunir toda a Corte Noturna, suponho.

— De novo, não é de sua conta — rebati, friamente.

O Entalhador sorriu.

— Vão negociar com ele. — Um olhar para a tatuagem em minha mão direita. — Me pergunto qual será o preço pedido por Keir. — Uma risada baixa. — Interessante.

Cassian soltou um suspiro sofrido.

— Desembuche logo.

O Entalhador de Ossos ficou em silêncio, brincando com a lasca do osso do Attor na terra a seu lado.

— O curso do Caldeirão espirala de formas estranhas — murmurou o Entalhador, mais para si que para nós.

— Vamos embora — decidi, fazendo menção de me virar de novo, puxando Cassian comigo.

— Minha irmã tinha uma coleção de espelhos em seu castelo negro — revelou o Entalhador.

Paramos de novo.

— Ela se admirava dia e noite naqueles espelhos, se gabando da juventude e da beleza. Havia um espelho, o Uróboro, como ela o chamava. Era velho mesmo quando éramos jovens. Uma janela para o mundo. Tudo podia ser visto, tudo podia ser contado pela superfície escura do espelho. Keir o possui, uma herança de sua casa. Tragam-no para mim. Esse é meu preço. O Uróboro, e sou seu para que usem. Se conseguirem encontrar uma forma de me libertar. — Ele abriu um sorriso desprezível.

Troquei um olhar com Cassian, e ambos gesticulamos com os ombros para o Entalhador.

— Veremos. — Foi tudo o que eu disse antes de sairmos.

✣

Cassian e eu nos sentamos em uma rocha que dava para um córrego prateado, inspirando a névoa fria. A Prisão se erguia a nossas costas, um peso terrível que bloqueava o horizonte.

— Você disse que sabia que o Entalhador era um antigo deus — ponderei baixinho. — Sabia que ele era um deus da morte?

O rosto de Cassian estava tenso.

— Suponho que sim. — Quando ergui uma sobrancelha, ele esclareceu: — Ele entalha mortes em ossos. Ele as vê. E se delicia com elas. Não foi difícil deduzir.

Sopesei.

— Foi você ou Rhys quem sugeriu que viesse comigo?

— Eu queria vir. Mas Rhys... ele também deduziu.

Por causa do que tínhamos visto nos olhos de Nestha naquele dia...

— Semelhante chama semelhante — murmurei.

Cassian assentiu, tenso.

— Acho que nem mesmo o Entalhador sabe o que Nestha é. Mas eu queria ver... só por precaução.

— Por quê?

— Quero ajudar.

Aquilo bastou como resposta.

Ficamos em silêncio, o córrego gorgolejava com o movimento rápido da água.

— Você teria medo dela se Nestha *fosse*... a Morte? Ou se seu poder viesse daí?

Cassian ficou em silêncio por muito tempo.

— Sou um guerreiro — disse ele, por fim. — Caminhei ao lado da Morte a vida inteira. Teria mais medo *por* ela, pelo fato de ela ter esse poder. Mas não teria medo *dela*. — Ele refletiu, e então acrescentou depois de um segundo: — Nada a respeito de Nestha poderia me assustar.

Engoli em seco e apertei a mão de Cassian.

— Obrigada.

Não tinha certeza de por que dissera aquilo, mas ele assentiu mesmo assim.

Senti-o antes que ele aparecesse, uma faísca de alegria beijada pelas estrelas se incendiando dentro de mim no momento que Rhys saiu do próprio ar.

— Então?

Cassian saltou da rocha, estendo a mão para me ajudar a descer.

— Não vai gostar do preço.

Rhys estendeu as duas mãos para nos atravessar de volta a Velaris.

— Se ele quiser os pratos chiques para as refeições, pode ficar com eles.

Nem Cassian nem eu conseguimos gargalhar quando esticamos os braços para as mãos estendidas de Rhys.

— É melhor usar suas habilidades de negociador esta noite. — Foi tudo o que Cassian murmurou para meu parceiro antes de desaparecer em sombras.

Capítulo 24

Quando voltamos para o solar, sob o ápice do calor da tarde de verão, Cassian e Azriel tiraram nos palitinhos quem ficaria em Velaris naquela noite.

Ambos queriam se juntar a nós na Cidade Escavada, mas alguém precisava vigiar a cidade — parte do antigo protocolo. E alguém precisava vigiar Elain, embora eu certamente não diria isso a Lucien. Cassian, xingando e irritadiço, tirou o palito menor, e Azriel apenas lhe deu um tapinha no ombro antes de seguir até a Casa para se preparar.

Eu o segui minutos depois, deixando Cassian contar a Rhys o resto do que o Entalhador dissera. O que ele queria.

Havia duas pessoas que eu precisava ver na Casa antes de partirmos. Deveria ter visitado Elain antes, deveria ter lhe lembrado de que seu casamento malfadado seria em poucos dias, mas... Eu me amaldiçoei por ter esquecido. E quanto a Lucien... Não faria mal, eu disse a mim mesma, checar onde ele estava. Saber como tinha sido a conversa com Azriel no dia anterior. E me certificar de que ele se lembrava das regras que havíamos estabelecido.

Mas, 15 minutos depois, eu tentava não estremecer conforme caminhava pelos corredores da Casa do Vento, feliz por Azriel ter ido na frente. Eu tinha atravessado até o céu acima da varanda mais alta... e, como imaginei que era um momento tão bom quanto qualquer outro para praticar o voo, conjurei asas.

E despenquei 6 metros sobre pedra dura.

Um vento concentrado evitou que a queda quebrasse ossos, mas meus joelhos e meu orgulho estavam significativamente feridos pela queda nada graciosa pelos ares.

Pelo menos ninguém testemunhara aquilo.

Meus passos rígidos, mancos, ao menos se transformaram em um caminhar mais suave quando encontrei Elain na biblioteca da família.

Ainda encarando a janela, mas estava fora do quarto.

Nestha lia na poltrona de sempre, com um olho em Elain e outro no livro aberto no colo. Apenas Nestha olhou em minha direção quando passei pelas portas de madeira entalhada.

— Oi — murmurei. Depois, fechei as portas atrás de mim.

Elain não se virou. Ela usava um vestido rosa pálido que não combinava muito com a pele mortiça, os cabelos castanho-dourados estavam soltos, os cachos pesados desciam pelas costas esguias.

— Está um belo dia — comentei.

Nestha arqueou uma sobrancelha elegante.

— Onde está seu bando de amigos?

Voltei um olhar ríspido para ela.

— Aqueles amigos ofereceram abrigo e conforto a você. — E treino, ou o que quer que Amren estivesse fazendo. — Está pronta para esta noite?

— Sim. — Nestha apenas voltou a ler o livro no colo. Puro desprezo.

Soltei um risinho de escárnio que, eu sabia, a deixaria colérica, e caminhei até Elain. Nestha monitorou cada passo, como uma pantera se preparando para o ataque ao menor sinal de perigo.

— O que está olhando? — perguntei a Elain, mantendo a voz baixa. Casual.

Seu rosto estava macilento, os lábios, pálidos. Mas eles se moveram, quase nada, quando minha irmã disse:

— Consigo ver bem longe agora. Até o mar.

De fato, o mar além do Sidra era um brilho distante.

— É preciso tempo para se acostumar.

— Consigo ouvir as batidas de seu coração se ouvir com atenção. Consigo ouvir o coração dela bater também.

— Pode aprender a abafar os sons que a incomodam. — Eu tinha aprendido... sozinha. E me perguntei se Nestha também teria, ou se as duas sofriam, ouvindo os corações uma da outra dia e noite. Não olhei para minha outra irmã para confirmar.

Os olhos de Elain por fim se voltaram para os meus. A primeira vez que o fazia.

Mesmo devastada pelo luto e o desespero, a beleza de Elain era notável. Seu rosto colocaria reis de joelhos. No entanto, não havia alegria ali. Nenhuma luz. Nenhuma vida.

— Eu consigo ouvir o mar — disse Elain. — Mesmo à noite. Mesmo em meus sonhos. O mar quebrando... e os gritos de um pássaro feito de fogo.

Foi difícil não olhar para Nestha. Até mesmo a casa da cidade era longe demais para ouvir qualquer coisa da costa próxima. E quanto a um pássaro de fogo...

— Há um jardim... em minha outra casa — comentei. — Gostaria que viesse cuidar dele se estiver disposta.

Elain apenas se virou de novo para as janelas ensolaradas, a luz dançava em seus cabelos.

— Ouvirei as minhocas se contorcendo no solo? Ou o estender das raízes? O pássaro de fogo virá se sentar nas árvores para me observar?

Não tinha certeza se deveria responder. Foi difícil evitar um tremor.

Mas vi o olhar de Nestha, reparei no brilho de dor no rosto de minha irmã mais velha antes que ela o escondesse sob aquela máscara fria.

— Preciso que me ajude a encontrar um livro, Nestha — pedi, lançando um olhar para as estantes à esquerda.

Longe o bastante para termos privacidade, mas perto o suficiente para permanecermos próximas caso Elain precisasse de algo. Ou fizesse algo.

Algo em meu peito se partiu quando os olhos de Nestha também foram para as janelas diante de Elain.

Para verificar, como eu fiz, se poderiam ser facilmente abertas.

Ainda bem que estavam permanentemente seladas, provavelmente como proteção contra algum tolo descuidado que, se esquecendo de fechá-las, destruísse os livros. Provavelmente Cassian.

Nestha, calada, apoiou o livro, me seguiu até o pequeno labirinto de estantes, e nós duas ficamos de olho na área principal.

Quando estávamos longe o bastante, eu nos envolvi em um escudo de vento forte. Mantendo qualquer som do lado de dentro.

— Como conseguiu que ela deixasse o quarto?

— Não fui eu — respondeu Nestha, recostando-se contra uma estante e cruzando os braços delicados. — Eu a encontrei aqui. Não estava na cama quando acordei.

Nestha devia ter entrado em pânico ao encontrar o quarto de Elain vazio...

— Ela comeu alguma coisa?

— Não. Consegui que tomasse ensopado ontem à noite. Recusou qualquer outra coisa. Ela tem falado por meio desses meio enigmas o dia todo.

Passei a mão pelo cabelo, soltando mechas da trança.

— Aconteceu alguma coisa para desencadear...

— Não sei. Sempre checo como ela está. — Nestha trincou o maxilar. — Mas fiquei fora por mais tempo ontem.

Enquanto treinava com Amren. Rhys me informara que, no fim, os escudos rudimentares de Nestha estavam sólidos o suficiente a fim de que Amren considerasse minha irmã pronta para aquela noite.

Mas ali, por baixo daquele comportamento frio... culpa. Pânico.

— Duvido que algo tenha acontecido — comentei, rapidamente. — Talvez seja apenas... parte do processo de recuperação. A adequação ao fato de ser feérica.

Nestha não pareceu convencida.

— Ela tem poderes? Como os meus.

E quais, exatamente, são esses poderes, Nestha?

— Não... não sei. Acho que não. A não ser que esse seja o primeiro sinal de algo se manifestando. — Foi um esforço não acrescentar: *Se você falasse sobre o que aconteceu dentro do Caldeirão, talvez entendêssemos melhor.* — Vamos dar um ou dois dias a ela... para ver o que acontece. Se ela melhora.

— Por que não ver agora?

— Porque vamos para a Cidade Escavada em algumas horas. E você não parece disposta a nos deixar nos meter em seus problemas — respondi, o mais inexpressivamente possível. — Duvido que Elain também esteja.

Nestha me encarou, sem um lampejo de emoção no rosto, e deu um aceno curto.

— Bem, pelo menos ela saiu do quarto.

— E da cadeira.

Trocamos um olhar raro, tranquilo.

Mas, então, falei:

— Por que não treina com Cassian?

As costas de Nestha se enrijeceram.

— Por que só posso treinar com Cassian? Por que não o outro?

— Azriel?

— Ele, ou a loira que não cala a boca.

— Se está se referindo a Mor...

— E por que sequer preciso treinar? Não sou guerreira e não desejo ser.

— Poderia deixá-la mais forte...

— Há muitos tipos de força além da habilidade de empunhar uma lâmina e tirar vidas. Amren me disse isso ontem.

— Você disse que queria nossos inimigos mortos. Por que não os mata você mesma?

Ela observou as unhas.

— Por que me daria o trabalho quando outra pessoa pode fazê-lo por mim?

Evitei a vontade de esfregar as têmporas.

— Nós...

Mas as portas da biblioteca se abriram e desci a barreira de vento completamente ao ouvir o estampido de passos firmes e, depois, seu interromper súbito.

Segurei o braço de Nestha para mantê-la imóvel no momento que a voz de Lucien disparou:

— Você... você deixou o quarto.

Nestha fervilhou de ódio, exibindo os dentes. Eu a segurei com mais força e ergui uma nova parede de ar, mantendo-a no lugar.

Semanas enclausurando Elain não tinham feito nada para melhorar seu estado. Talvez os meio enigmas fossem prova disso. E, mesmo que Lucien estivesse no momento quebrando as regras que tínhamos estabelecido...

Mais passos; sem dúvida para mais perto de onde Elain estava, na janela.

— Tem... tem alguma coisa que eu possa trazer para você?

Nunca ouvira a voz de meu amigo tão suave. Tão hesitante e preocupada.

Talvez aquilo me tornasse o mais desprezível dos seres, mas projetei a mente na direção dos dois. Na direção de Lucien.

E então, entrei no corpo do feérico, na mente.

Magra demais.

Não deve estar comendo nada.

Como consegue ficar de pé?

Os pensamentos fluíam pela mente de Lucien, um após o outro. O coração batia de forma violenta, retumbante, e ele não ousou sair do lugar, a apenas 1,5 metro. Elain ainda não se virara para ele, mas o estrago provocado pelo jejum era muito evidente.

Tocá-la, sentir seu cheiro, o gosto...

Os instintos eram como um rio correndo. Lucien fechou as mãos em punho ao lado do corpo.

Ele não esperava que Elain estivesse ali. A outra irmã — a víbora — era uma possibilidade, mas uma que Lucien estava disposto a arriscar. Exceto pela conversa com o encantador de sombras no dia anterior — que tinha sido tão irritante quanto ele esperava, embora Azriel parecesse um macho muito decente —, Lucien ficara entocado naquela Casa assolada pelo vento durante dois dias. Pensar em mais um dia fora o suficiente para fazer com que arriscasse a ira de Rhysand.

Só queria caminhar... e pegar alguns livros. Fazia uma era desde que tivera tempo livre para ler, ainda mais por prazer.

Mas ali estava ela.

Parceira.

Não era nada como Jesminda.

Jesminda fora cheia de risos e malícia, selvagem e livre demais para ser contida pela vida campestre na qual nascera. Ela o provocara, atraíra — seduzira Lucien tão completamente que ele não quisera nada além da jovem. Não o via como o sétimo filho de um Grão-Senhor, mas como um macho. Amara Lucien sem questionar, sem hesitar. Ela o escolhera.

Elain fora... atirada a ele.

Lucien olhou para a bandeja de chá disposta em uma mesa baixa próxima.

— Presumo que uma dessas xícaras pertença a sua irmã.

De fato, havia um livro largado na poltrona de costume da víbora. Que o Caldeirão ajudasse o macho que acabasse acorrentado a ela.

— Você se importa se eu me servir da outra?

Lucien tentou parecer casual, confortável. Mesmo quando o coração acelerou mais e mais, tão rápido que o macho achou que fosse vomitar no tapete muito caro e muito velho. De Sangravah, se a estampa e as cores exuberantes fossem algum indicativo.

Rhysand podia ser muitas coisas, mas certamente tinha bom gosto.

Aquele lugar inteiro fora decorado com consideração e elegância, com uma inclinação para o conforto em vez da pompa.

Lucien não queria admitir que gostava. Não queria admitir que achava a cidade linda.

Que o círculo de pessoas que agora alegava ser a nova família de Feyre... Era como, havia muito tempo, ele achou que a vida na corte de Tamlin seria.

Uma dor como um golpe no peito percorreu Lucien, mas ele atravessou o tapete. Obrigou as mãos a ficarem firmes enquanto se servia de uma xícara de chá e se sentava na poltrona diante daquela deixada por Nestha.

— Tem um prato de biscoitos. Quer um?

Ele não esperava que Elain respondesse, e se deu mais um minuto antes de se levantar da poltrona e partir, com sorte evitando o retorno de Nestha.

Mas a luz do sol sobre ouro se refletiu subitamente do olho de Lucien — e Elain se virou devagar da vigília à janela.

Lucien não lhe vira o rosto inteiro desde aquele dia em Hybern.

Naquele momento, estivera pálido e apavorado, e, depois, completamente inexpressivo e entorpecido, os cabelos grudados à cabeça, os lábios azuis de frio e choque.

Ao olhar para Elain agora...

Ela estava pálida, sim. O vazio ainda lhe tocava as feições.

Mas Lucien não conseguiu respirar *quando Elain olhou diretamente para ele.*

Era a fêmea mais linda que já vira.

Traição, inquietante e oleosa, escorreu pelas veias de Lucien. Ele dissera o mesmo para Jesminda certa vez.

Mas, mesmo enquanto a vergonha lhe percorria o corpo, as palavras e a sensação cantavam: Minha. Você é minha, e eu sou seu. Parceira.

Os olhos de Elain eram castanhos como os pelos de uma corça. E ele podia ter jurado que algo brilhou ali quando Elain o encarou.

— Quem é você?

Lucien sabia, sem pedir esclarecimento, que Elain sabia o que *ele era para ela.*

— Sou Lucien. Sétimo filho do Grão-Senhor da Corte Outonal.

E um monte de nada. Ele contara ao encantador de sombras tudo o que sabia — sobre os irmãos ainda vivos, sobre o pai. Sobre a mãe... guardara alguns detalhes, irrelevantes e totalmente pessoais, para si. Todo o resto — os aliados mais próximos do pai dele, os membros da corte e senhores mais ardilosos... Lucien entregou. De fato, estava alguns séculos desatualizado, mas durante o tempo como emissário, pela informação que reunira, não mudara muito. Todos agiram da mesma forma Sob a Montanha. E depois do que acontecera com os irmãos poucos dias antes... Não havia um pingo de culpa quando Lucien contou a Azriel o que sabia. Nada do que sentiu quando olhou para o sul... para as duas cortes que chamava de lar.

Por um longo momento, o rosto de Elain não se moveu, mas aqueles olhos pareceram se concentrar um pouco mais.

— Lucien — disse Elain, por fim, e ele apertou a xícara de chá para evitar estremecer ao ouvir o próprio nome na boca da parceira. — Das histórias de minha irmã. Amigo.

— Sim.

Mas Elain piscou devagar.

— Estava em Hybern.

— Sim. — Foi tudo o que ele conseguiu dizer.

— Você nos traiu.

Lucien desejou que Elain o tivesse empurrado da janela a suas costas.

— Foi... foi um erro.

Os olhos de Elain se tornaram sinceros e frios.

— Eu deveria me casar em alguns dias.

Lucien lutou contra o ódio fervilhante, contra a vontade irracional de encontrar o macho que a reivindicara e destruí-lo. As palavras soaram roucas quando ele disse:

— Eu sei. Sinto muito.

Ela não o amava, não o queria, não precisava de Lucien. A noiva de outro macho.

A esposa de um homem mortal. Ou deveria ter sido.

Elain olhou naquela direção... na direção das janelas.

— Consigo ouvir seu coração — disse ela baixinho.

Ele não tinha certeza de como responder, então, não disse nada e terminou o chá, mesmo que lhe queimasse a boca.

— Quando durmo — murmurou Elain —, consigo ouvir seu coração batendo pela pedra. — Ela inclinou a cabeça, como se a vista da cidade tivesse alguma resposta. — Você consegue ouvir o meu?

Lucien não tinha certeza se Elain queria realmente se dirigir a ele, mas respondeu:

— Não, senhora. Não consigo.

Os ombros magros demais de Elain pareceram se curvar para dentro.

— Ninguém jamais ouve. Ninguém jamais olhou... não de verdade. — Uma confusão de palavras. A voz parecia tensa e sussurrada. — Ele olhou. Ele me viu. Não verá mais.

O polegar de Elain roçou o anel de ferro no dedo.

O anel de outro macho, outra marca de que ela fora reivindicada...

Bastava. Eu tinha ouvido o bastante, descoberto o bastante. Saí da mente de Lucien.

Nestha me olhava boquiaberta, mesmo conforme o rosto perdia a cor a cada palavra proferida entre os dois.

— Você já entrou em *minha*...

— Não — respondi, com a voz rouca.

Não quis perguntar como ela sabia o que eu fizera. Não quando desci o escudo e segui para a área de estar.

Lucien, sem dúvida tendo ouvido nossos passos, ficou corado ao olhar de mim para Nestha. Não havia nenhum indicativo de que eu tinha entrado em sua mente. De que a tinha vasculhado, como um bandido na noite. Afastei a leve náusea.

— Saia — disse apenas minha irmã mais velha.

Olhei com raiva para Nestha, mas Lucien se levantou.

— Vim pegar um livro.

— Bem, encontre um e saia.

Elain apenas olhou pela janela, ignorante... ou sem se importar.

Lucien não seguiu para as estantes. Apenas foi até as portas abertas. Ele parou entre as duas e disse para mim, para Nestha:

— Ela precisa de ar fresco.

— Nós decidiremos do que ela precisa.

Eu podia ter jurado que os cabelos rubi de Lucien brilharam como metal derretido quando ele se irritou. Mas aquilo se dissipou e o olho castanho-avermelhado se fixou em mim.

— Leve-a para o mar. Leve-a para algum jardim. Mas tire-a desta casa por uma ou duas horas.

Então, ele saiu.

Olhei para minhas duas irmãs. Enclausuradas ali em cima, no alto do mundo.

— Vocês vão se mudar para a casa na cidade agora mesmo — avisei a elas. E a Lucien, que parou no corredor escuro do lado de fora.

Nestha, para meu choque, não protestou.

Nem Rhys, quando mandei a ordem pelo laço, pedindo a ele, a Cassian e a Azriel que me ajudassem a fazer a mudança. Não, meu parceiro apenas prometeu designar dois quartos para minhas irmãs no fim do corredor, diante das escadas. E um terceiro para Lucien — de nosso lado do corredor. Bem longe do de Elain.

Trinta minutos depois, Azriel carregou Elain para baixo, e minha irmã estava silenciosa e inerte em seus braços.

Nestha parecera pronta para se jogar da varanda em vez de permitir que Cassian, já vestido e armado para vigiar o solar aquela noite, a segurasse, então a cutuquei na direção de Rhys, empurrei Lucien para Cassian, e voei de volta eu mesma.

Ou tentei — de novo. Planei por cerca de meio minuto, aproveitando o grito purificante do vento, antes que minhas asas estremecessem, minhas costas se repuxassem, e a queda se tornasse insuportavelmente mortal. Atravessei o resto do caminho até a casa na cidade, e arrumei vasos e miniaturas na sala de estar enquanto esperava por eles.

Azriel chegou primeiro, nenhuma sombra à vista, minha irmã era um emaranhado pálido e dourado em seus braços. Ele também vestia a armadura illyriana, os cabelos castanho-dourados de Elain se agarravam em algumas das escamas pretas sobre o peito e os ombros do encantador de sombras.

Ele apoiou Elain delicadamente no tapete da entrada, depois de carregá-la porta adentro.

Elain olhou para o rosto paciente e sério de Azriel.

Ele deu um leve sorriso.

— Gostaria que eu lhe mostrasse o jardim?

Ela parecia tão pequena diante de Azriel, tão frágil em comparação com as escamas do couro de combate, com a extensão dos ombros do guerreiro. Com as asas que se erguiam acima dos ombros.

Mas Elain não se encolheu diante de Azriel, não teve medo quando assentiu — apenas uma vez.

Azriel, com a graciosidade de qualquer cortesão, ofereceu o braço a minha irmã. Não soube dizer se ela olhava para o Sifão azul ou para a pele coberta de cicatrizes por baixo quando Elain sussurrou:

— Lindo.

Cor corou as bochechas marrom-douradas de Azriel, mas ele inclinou a cabeça em agradecimento e levou minha irmã na direção das portas pretas que davam para o jardim, e a luz do sol os banhou.

Um momento depois, Nestha entrou batendo os pés pela porta da frente, o rosto de um tom de verde notável.

— Preciso de... um banheiro.

Encontrei o olhar de Rhys conforme ele caminhou para dentro atrás de minha irmã, com as mãos nos bolsos. *O que você fez?*

Rhys ergueu as sobrancelhas. Mas direcionei Nestha em silêncio para o lavabo sob as escadas, e ela desapareceu, batendo a porta atrás de si.

Eu? Rhys se recostou contra a trave mais baixa do corrimão. *Ela reclamou que eu estava voando deliberadamente devagar. Então, acelerei.*

Cassian e Lucien surgiram, nenhum dos dois se olhou. Mas a atenção de Lucien foi direto para o corredor que dava para os fundos, e as narinas se dilataram quando sentiram a posição de Elain. E com quem ela saíra.

Ele emitiu um grunhido baixo...

— Relaxe — pediu Rhys. — Azriel não é do tipo violador.

Lucien lançou um olhar de fúria para ele.

Ainda bem, ou talvez não, o som de Nestha vomitando preencheu o silêncio. Cassian olhou boquiaberto para Rhys.

— O que você *fez*?

— Perguntei o mesmo — comentei, cruzando os braços. — Ele disse que "*acelerou*".

Nestha vomitou de novo — e depois, silêncio.

Cassian suspirou para o teto.

— Ela nunca mais vai voar.

A maçaneta girou, e tentamos — ou pelo menos Cassian e eu tentamos — não parecer que estávamos ouvindo. O rosto de Nestha ainda parecia verde pálido, mas... Os olhos queimavam.

Não havia como descrever aquele fogo; até mesmo pintá-lo poderia ser muito difícil.

Os olhos de Nestha permaneciam da mesma cor azul-acinzentada que os meus. Mas... Minério derretido era tudo em que eu conseguia pensar. Mercúrio em chamas.

Nestha avançou um passo em nossa direção. Toda a atenção fixa em Rhys.

Cassian casualmente se colocou no caminho, com as asas bem fechadas. Os pés, afastados no tapete. Uma posição de luta — casual, mas... os Sifões brilharam.

— Sabe — disse Cassian tranquilamente para minha irmã — que da última vez que entrei em uma briga nesta casa fui expulso por um mês?

O olhar incandescente de Nestha deslizou até ele, ainda indignada, mas com um toque de incredulidade.

— Foi culpa de Amren, é claro — continuou Cassian. — Mas ninguém acreditou em mim. E ninguém ousou banir *Amren*.

Nestha piscou devagar.

Mas o olhar de minério incandescente e derretido se tornou mortal. Ou tão mortal quanto qualquer um de nós poderia ser.

Até que Lucien sussurrou:

— O que você é?

Cassian parecia não querer ousar tirar os olhos de Nestha. Mas minha irmã olhou devagar para Lucien.

— Eu o obriguei a dar algo em troca — respondeu Nestha, com uma tranquilidade apavorante. O Caldeirão. Os pelos de meu braço se arrepiaram. O olhar de Nestha se voltou para o tapete e, depois, para um ponto na parede. — Quero ir para meu quarto.

Levei um momento para perceber que minha irmã tinha falado comigo. Pigarreei.

— No alto das escadas, à direita. Segunda porta. Ou terceira, a que você quiser. O outro quarto é de Elain. Precisamos partir em... — Semicerrei os olhos para o relógio na sala. — Duas horas.

Um aceno breve foi o único reconhecimento e o agradecimento de Nestha.

Nós observamos conforme ela subiu as escadas, o vestido lilás seguindo, uma das mãos esguias apoiada no corrimão.

— Desculpe — gritou Rhys atrás de Nestha.

A mão de minha irmã segurou o corrimão com força, o branco dos nós dos dedos despontou pela pele pálida, mas ela não disse nada ao prosseguir.

— Esse tipo de coisa é possível? — murmurou Cassian, quando a porta do quarto de Nestha se fechou. — Que alguém *tome* da essência do Caldeirão?

— Parece que sim — ponderou Rhys, e então disse a Lucien: — As chamas nos olhos não eram do mesmo tipo das suas, imagino.

Lucien fez que não com a cabeça.

— Não. Não se relacionaram a nada em meu arsenal. Aquilo era... Gelo tão frio que queimava. Gelo, no entanto... fluido como chamas. Ou chamas feitas de gelo.

— Acho que é a morte — falei baixinho.

Fixei os olhos nos de Rhys, como se fossem novamente o fio que me mantinha nesse mundo.

— Acho que o poder é a morte, a morte personificada. Ou qualquer que seja o poder que o Caldeirão tenha sobre essas coisas. Por isso, o Entalhador ouviu... ouviu a respeito.

— Pela Mãe! — exclamou Lucien, passando a mão pelos cabelos.

Cassian deu um aceno sério para ele.

Mas Rhys esfregou o maxilar, sopesando, pensando. Então, disse simplesmente:

— Mas Nestha não apenas conquistaria a morte. Ela a saquearia.

Não era por nada que não queria falar a respeito; não queria nos dar seu testemunho. Para nós, meros segundos se passaram enquanto ela estava fora.

Jamais perguntei a nenhuma de minhas irmãs quanto tempo havia passado para *elas* dentro daquele Caldeirão.

— Azriel sabe que você está observando — avisou Rhys de onde estava, diante do espelho de nosso quarto, arrumando a lapela do casaco preto.

A casa na cidade parecia um turbilhão silencioso de atividades conforme nos preparávamos para partir. Mor e Amren tinham chegado meia hora antes, a primeira seguiu para a sala de estar, e a segunda trouxe um vestido para minha irmã. Não ousei pedir a Amren para ver o que havia escolhido para Nestha.

Treino, dissera Amren, dias antes. Havia objetos mágicos na Corte dos Pesadelos que minha irmã podia estudar naquela noite, enquanto nos ocupávamos com Keir. Eu me perguntei se o Uróboro era um deles — e fiz uma nota mental para perguntar a Amren o que ela sabia sobre o espelho tão desejado pelo Entalhador. Do qual eu de alguma forma precisaria convencer Keir a abrir mão naquela noite.

Lucien se oferecera para se fazer útil enquanto estivéssemos fora, lendo alguns dos textos agora empilhados nas mesas pela sala de estar. Amren apenas grunhiu diante da oferta, o que expliquei a Lucien se tratar de um sim.

Cassian já estava no telhado, casualmente afiando as lâminas. Eu havia perguntado a ele se *nove* espadas eram realmente necessárias, e Cassian apenas respondeu que estar preparado não fazia mal, e que, se eu tinha tempo o suficiente para questioná-lo, então deveria ter tempo o suficiente para mais um treino. Saí rapidamente, lançando um gesto vulgar na direção do general.

Com os cabelos ainda úmidos do banho que acabara de tomar, coloquei os pesados brincos nas orelhas e olhei pela janela do quarto, monitorando o jardim além.

Elain estava sentada silenciosamente a uma das mesas de ferro retorcido, com uma xícara de chá diante de si. Azriel estava esticado na espreguiçadeira sobre o piso de pedra cinzenta, bronzeando as asas e lendo o que parecia ser uma pilha de relatórios — provavelmente informações sobre a Corte Outonal que ele planejava apresentar a Rhys depois de revisar tudo. Ele já estava vestido para a Cidade Escavada — com a armadura bela e brutal, tão destoante do lindo jardim. E de minha irmã, sentada ali.

— Por que não fazer *deles* parceiros? — ponderei. — Por que Lucien?

— Eu não faria essa pergunta a Lucien.

— Estou falando sério. — Virei para Rhys e cruzei os braços. — O que decide isso? *Quem* decide?

Rhys esticou as lapelas antes de retirar um fiapo invisível do tecido.

— Destino, a Mãe, o curso espiral do Caldeirão...

— *Rhys*.

Ele me observou pelo reflexo no espelho conforme caminhei até o armário, abrindo as portas para tirar de dentro o vestido escolhido. Retalhos de preto brilhante — uma versão um pouco mais modesta do que havia usado na Corte dos Pesadelos meses antes.

— Você disse que sua mãe e seu pai não eram certos um para o outro; *Tamlin* disse que os pais não eram certos um para o outro. — Tirei o roupão. — Então, não pode ser um sistema perfeito de pareamento. E se — inclinei o queixo para a janela, para minha irmã e o encantador de sombras no jardim — for *daquilo* que ela precisa? Não existe livre-arbítrio? E se Lucien desejar a união, mas ela não a desejar?

— Um laço de parceria pode ser rejeitado — respondeu Rhys, calmo, voltando os olhos para o espelho conforme sorvia cada centímetro de pele nua que eu exibia. — Há escolha. E, às vezes, sim... o laço escolhe mal. Às vezes o laço não passa de algum... trabalho de adivinhação prévio sobre quem fornecerá a prole mais forte. No nível mais básico, talvez seja apenas isso. Alguma função natural, não uma indicação de verdadeiras almas pareadas. — Um sorriso para mim, para a raridade, talvez, do que tínhamos. — Mesmo assim — continuou Rhys —, sempre haverá um... puxão. Para as fêmeas, costuma ser mais fácil ignorá-lo, mas os machos... Podem enlouquecer. É seu fardo para que o combatam, mas alguns acreditam ter direito à fêmea. Mesmo depois que o laço é rejeitado, eles a veem como um pertence. Às vezes voltam para desafiar o macho escolhido pelas fêmeas. Às vezes termina em morte. É selvagem e feio e, ainda bem, não acontece com frequência, mas... Muitos parceiros tentam fazer funcionar, acreditando nos motivos do Caldeirão. Apenas anos depois percebem que, talvez, a parceria não tenha sido ideal em espírito.

Catei o cinto preto incrustado de joias de uma gaveta do armário e o prendi baixo sobre o quadril.

— Então, está dizendo que ela poderia dar as costas, e Lucien teria liberdade para matar quem quer que Elain quisesse para si.

Rhys virou o rosto do espelho, por fim, com as roupas pretas impecáveis... perfeitamente justas ao corpo. Nenhuma asa naquela noite.

— Não liberdade, não em minhas terras. É ilegal em nosso território há muito, muito tempo, que machos o façam. Mesmo antes de eu nascer. Em outras cortes, não. No continente, há territórios que acreditam que as fêmeas literalmente *pertencem* aos parceiros. Mas não aqui. Elain teria proteção total se rejeitasse o laço. Mas ainda será um laço, ainda que enfraquecido, que a acompanhará pelo resto da existência.

— Acha que ela e Lucien formam um bom par? — Peguei sandálias cujas tiras subiam até minhas coxas expostas, e as calcei antes de começar o trabalho de amarrá-las.

— Você os conhece melhor que eu. Mas direi que Lucien é leal, irredutivelmente.

— Azriel também.

— Azriel — falou Rhys — está preocupado com a mesma fêmea pelos últimos quinhentos anos.

— O laço da parceria não teria se encaixado para eles se existisse?

Os olhos de Rhys se fecharam.

— Acho que essa é a pergunta que Azriel tem feito a si mesmo todos os dias desde que conheceu Mor. — Rhys suspirou quando terminei um pé e comecei o outro. — Tenho permissão de pedir que *não* banque a casamenteira? Deixe que encontrem seu caminho.

Eu me levantei, apoiando as mãos no quadril.

— Eu jamais me intrometeria no relacionamento dos outros!

Rhys apenas ergueu uma sobrancelha em um desafio silencioso. E soube exatamente a que ele se referia.

Meu estômago se revirou quando me sentei diante da penteadeira e comecei a trançar os cabelos até formar uma coroa no alto da cabeça. Talvez eu fosse uma covarde, por não poder perguntar em voz alta, mas falei, pelo laço: *Foi uma violação... entrar na mente de Lucien daquela forma?*

Não posso responder isso por você. Rhys se aproximou e me deu um grampo de cabelo.

Eu o prendi em uma parte da trança. *Precisava ter certeza... de que ele não estava prestes a tentar levá-la, a nos entregar*.

Rhys me entregou outro. *E obteve uma resposta para isso?*

Trabalhamos ao mesmo tempo, prendendo meu cabelo no lugar. *Acho que sim. Não era só o que ele pensava — era a... sensação. Eu não senti má intenção, nenhum ardil. Apenas preocupação com ela. E... arrependimento. Desejo.* Sacudi a cabeça. *Conto a Lucien? O que fiz?*

Rhys prendeu uma parte de meu cabelo difícil de alcançar. *Precisa julgar se o custo vale admitir a culpa.*

O custo era a confiança hesitante de Lucien em mim, nesse lugar. *Ultrapassei um limite*.

Mas fez isso para garantir a segurança das pessoas que ama.

Não percebi... Parei, sacudindo a cabeça de novo.

Rhys apertou meu ombro. *Não percebeu o quê?*

Gesticulei com os ombros, desabando no banquinho acolchoado. *Que seria tão complicado.* Meu rosto ficou quente. *Sei que parece terrivelmente ingênuo...*

Sempre é complicado, e nunca fica mais fácil, não importa há quantos séculos eu esteja fazendo isso.

Empurrei os outros grampos na penteadeira. *É a segunda vez que entro na mente de Lucien.*

Então, diga que foi a última, e acabe com isso.

Pisquei, erguendo a cabeça. Tinha pintado a boca com um tom de vermelho tão escuro que parecia quase preto, e agora meus lábios formavam uma fina linha.

Rhys esclareceu: *O que está feito, está feito. Torturar-se por causa disso não vai mudar nada. Percebeu que era um limite que não gostaria de ultrapassar, então, não cometerá esse erro de novo.*

Eu me movi no banquinho. *Você teria feito?*

Rhys considerou. *Sim. E depois teria me sentido tão culpado quanto.*

Ouvir aquilo apaziguou algo bem no fundo. Assenti uma vez... duas.

Se quer se sentir um pouco melhor, acrescentou ele, *Lucien tecnicamente quebrou as regras que estabelecemos. Então, tinha o direito de olhar dentro de sua mente, apenas para garantir a segurança de sua irmã. Ele ultrapassou o limite primeiro.*

Aquela coisa bem no fundo de mim se acalmou um pouco mais. *Está certo*.

E estava feito.

Observei Rhys no espelho quando uma coroa preta lhe surgiu nas mãos. Aquela de penas de corvo que o vira usar — ou sua gêmea feminina. Uma tiara... a qual Rhys cuidadosa e respeitosamente colocou sobre a trança que tínhamos prendido no alto de minha cabeça. A coroa original... surgiu no alto da cabeça de Rhys um momento depois.

Juntos, encaramos nossos reflexos. Senhor e Senhora da Noite.

— Pronta para ser maligna? — ronronou Rhys a meu ouvido.

Meus dedos dos pés se curvaram diante da carícia daquela voz... da lembrança da última vez que fomos à Corte dos Pesadelos. Como eu me sentei no colo de Rhys... por onde seus dedos passearam.

Eu me levantei do banco, encarando Rhys diretamente. Suas mãos percorriam a pele exposta em minhas costelas. Entre meus seios. Pelo exterior de minhas coxas. Ah, ele também se lembrava.

— Dessa vez — sussurrei, beijando a gavinha de tatuagem que despontou logo acima do colarinho do casaco preto de Rhys —, eu faço Keir implorar.

Capítulo 25

Amren não vestira Nestha com teias de aranha e poeira estelar, como Mor e eu estávamos vestidas. E não vestira Nestha com o próprio estilo, calça larga e blusa expondo a barriga.

Mantivera o traje simples. Brutal.

O vestido de um preto impenetrável escorria até o piso de mármore negro do salão do trono da Cidade Escavada, justo no corpo e nas mangas, com o decote delineando a base do pescoço pálido de minha irmã. Os cabelos de Nestha tinham sido presos em um penteado simples para revelar as maçãs do rosto, a clareza selvagem dos olhos conforme minha irmã observava a multidão reunida, as pilastras entalhadas imponentes e as bestas escamosas que se entrelaçavam ali, e, depois, o poderoso altar e o trono em cima do mesmo... e isso sem recuar.

De fato, o queixo de Nestha apenas se erguia a cada passo que ela dava na direção daquele altar.

Somente um trono, percebi; aquele poderoso trono com as escamosas bestas entalhadas e entrelaçadas.

Rhys também se deu conta. Planejara aquilo.

Minha irmã e os demais se afastaram do pé do altar, ocupando posições de flanco na base. Sem medo, sem alegria, sem luz nos rostos. Azriel, ao lado de Mor, parecia mortalmente calmo enquanto observava aqueles ali reunidos. Enquanto avaliava Keir, esperando ao lado de uma mulher de cabelos dourados que só podia ser a mãe de Mor, olhando para nós com escárnio. *Não prometa nada a eles*, avisara Mor a mim.

Rhys estendeu a mão para que eu subisse nos degraus do altar. Mantive a cabeça erguida, e as costas, esticadas, quando peguei seus dedos e subi os poucos degraus. Na direção daquele trono solitário.

Rhys apenas piscou um olho conforme graciosamente me escoltou até o trono, o movimento simples e suave como uma dança.

A multidão murmurou quando me sentei, e a pedra preta estava gelada contra minhas coxas expostas.

Todos imediatamente arquejaram quando Rhys apenas se recostou no braço do trono, lançou um sorriso debochado a mim e disse à Corte dos Pesadelos:

— Curvem-se.

Porque eles não tinham se curvado. E comigo sentada naquele trono...

Os rostos dos cortesãos eram ainda uma mistura de choque e desdém quando todos se ajoelharam.

Evitei olhar para Nestha quando ela não teve escolha a não ser imitar.

Mas me obriguei a olhar para Keir, para a fêmea a seu lado, para qualquer um que ousasse me encarar. E me obriguei a me lembrar do que tinham feito a Mor, que agora se curvava com um sorriso no rosto, quando mal passava de uma criança. Alguns membros da corte desviaram o olhar.

— Interpretarei a ausência de dois tronos como consequência do fato de que esta visita aconteceu às pressas — disse Rhys, com uma calma letal. — E deixarei que todos escapem sem serem esfolados como *meu* presente de parceria a *vocês*. Nossos súditos leais — acrescentou Rhys, com um leve sorriso.

Passei um dedo pela espiral escamosa de uma das bestas que compunha os braços do trono. Nossa corte. Parte dela.

E precisávamos que lutassem conosco. Que concordassem com isso... aquela noite.

A boca que eu pintara de um vermelho tão, tão escuro se abriu em um sorriso preguiçoso. Gavinhas de poder serpentearam na direção do altar, mas não ousaram ultrapassar o primeiro degrau. Estavam me testando... para saber que poder eu teria. Mas sem chegar perto o suficiente para ofender Rhysand.

Deixei que rastejassem para mais perto, farejando, quando falei para Rhys, para o salão do trono:

— Certamente, meu amor, eles gostariam de se levantar agora.

Rhys sorriu para mim, e depois, para a multidão.

— Levantem-se.

E eles se levantaram. E algumas daquelas gavinhas de poder ousaram subir o primeiro degrau.

Golpeei.

Três arquejos soaram pelo salão murmurante, sufocados, quando choquei magia afiada como uma garra contra aqueles poderes curiosos demais. Enterrei profunda e violentamente. Um gato com um pássaro sob a pata. Diversos pássaros.

— Desejam isto de volta? — perguntei, em voz baixa, para ninguém em especial.

Perto do pé do altar, Keir olhava com raiva por cima do ombro, a coroa prateada reluzia sobre os cabelos loiros. Alguém soluçou no fundo do salão.

— Não sabem — ronronou Rhys para a multidão — que não é educado tocar uma dama sem permissão?

Em resposta, enterrei ainda mais aquelas garras escuras, e a magia de quem quer que tenha ousado me testar se debatia e pinoteava.

— Comportem-se — cantarolei para a multidão.

E soltei.

Três borrões separados de movimento disputaram minha atenção. Alguém tinha atravessado imediatamente, fugindo. Outra pessoa desmaiara. E uma terceira se agarrava a quem quer que estivesse ao lado, tremendo. Marquei todos os rostos.

Amren e Nestha se aproximaram do pé do altar. Minha irmã encarava como se jamais tivesse me visto. Não ousei tirar a máscara de frieza divertida. Não ousei perguntar se os escudos de Nestha estavam de pé — se alguém acabara de tentar testá-la também. A expressão imponente da própria Nestha não exibia nada.

Amren fez uma reverência com a cabeça para Rhys, para mim.

— Peço dispensa, Grão-Senhor.

Rhys gesticulou com a mão desinteressada.

— Vão. Divirtam-se. — Ele indicou a multidão atenta com o queixo. — Comida e música. Agora.

Rhys foi obedecido. Imediatamente.

Minha irmã e Amren sumiram antes que a multidão pudesse começar a se dispersar, caminhando direto para aquelas portas imponentes, para dentro da escuridão. A fim de brincar com parte do tesouro mágico guardado ali; a fim de dar a Nestha algum treino para quando Amren descobrisse como consertar a muralha.

Algumas cabeças se voltaram na direção das duas — depois, rapidamente, se desviaram quando Amren reparou nelas.

Quando exibiu parte do monstro dentro de si.

Ainda não tínhamos contado a Amren sobre o Entalhador de Ossos — sobre a visita à Prisão. Algo parecido com culpa se enroscou em meu estômago. Mas eu supus que precisaria me acostumar com aquilo quando Rhys flexionou o dedo na direção de Keir e falou:

— Sala do conselho. Em dez minutos.

Os olhos de Keir se semicerraram diante da ordem, e a fêmea a seu lado manteve a cabeça baixa; o retrato da subserviência. O que Mor deveria ter sido.

Minha amiga, de fato, observava os pais com indiferença fria no rosto. Azriel manteve-se um passo atrás, monitorando tudo.

Não me deixei parecer interessada demais — preocupada demais — quando Rhys me ofereceu a mão e nos levantamos do trono. E fomos conversar sobre guerra.

A câmara do conselho da Cidade Escavada era quase tão grande quanto o salão do trono. Era escavada da mesma rocha preta, e as pilastras imitavam aquelas bestas enroscadas.

Muito abaixo do teto alto em domo, uma mesa imensa de vidro negro dividia o salão em dois, como um relâmpago, os cantos foram deixados prolongados e irregulares. Afiados como uma lâmina.

Rhys ocupou um assento na cabeceira da mesa. Ocupei aquele na ponta oposta. Azriel e Mor encontraram assentos de um dos lados, e Keir se acomodou no assento do outro lado.

Uma cadeira a seu lado permaneceu vazia.

Rhys se recostou na cadeira, girando o vinho que fora servido por um criado de rosto petrificado um momento antes. Fora difícil para mim não agradecer ao macho que enchera minha taça.

Mas, ali, eu não agradecia a ninguém.

Ali, tomava o que era meu, e não oferecia gratidão ou desculpas.

— Sei por que está aqui — falou Keir, sem rodeios.

— Ah? — A sobrancelha de Rhys se ergueu lindamente.

Keir nos observou, desprazer estampado naquele belo rosto.

— Hybern está se agitando. Suas legiões — um olhar de desprezo para Azriel, para os illyrianos que ele representava — estão se reunindo. — Keir entrelaçou os longos dedos e os apoiou no vidro. — Quer pedir que meus Precursores da Escuridão se juntem a seu exército.

Rhys bebericou do vinho.

— Bem, ao menos me poupou o esforço de tocar no assunto com cerimônias.

Keir manteve o olhar fixo, sem piscar.

— Confesso ter... empatia pela causa de Hybern.

Mor se moveu sutilmente na cadeira. Azriel apenas fixou aquele olhar gélido, onisciente, em Keir.

— Não seria o único — replicou Rhys, friamente.

Keir franziu a testa para o candelabro de obsidiana, moldado como uma guirlanda de flores noturnas; o centro brilhava com luz feérica prateada.

— Há muitas semelhanças entre o povo de Hybern e o meu. Ambos estamos presos, estagnados.

— Da última vez que verifiquei — interrompeu Mor —, você tem liberdade para fazer o que quiser há séculos. Mais até.

Keir sequer olhou para a filha, o que garantiu um olhar de ódio de Azriel diante do desprezo.

— Ah, mas *somos* livres aqui? Nem mesmo a totalidade desta montanha nos pertence, não com seu palácio no alto.

— *Tudo* isto pertence a mim, devo lembrá-lo — respondeu Rhys, com sarcasmo.

— É essa mentalidade que me faz ver o povo engessado de Hybern como... semelhante.

— Quer o palácio lá no alto, Keir, então é seu. — Rhys cruzou as pernas. — Não sabia que o cobiçava há tanto tempo.

O sorriso de resposta de Keir foi quase viperino.

— Deve precisar desesperadamente de minha ajuda, Rhysand. — De novo, aquele olhar odioso para Azriel. — Os morcegos gigantes não dão mais conta do recado?

— Venha treinar com eles — disse Azriel, baixinho. — E descobrirá por conta própria.

Durante seus séculos de existência miserável, Keir certamente dominara a arte de rir com desprezo.

E a forma como o fazia para Azriel... Os dentes de Mor brilharam à luz tênue. Foi difícil evitar fazer o mesmo.

— Não tenho dúvidas — respondeu Rhys, o retrato do glorioso tédio — de que já decidiu qual será seu preço.

Keir olhou para a ponta da mesa... para mim. Deliciando-se com o olhar enquanto eu o encarava de volta.

— Decidi.

Meu estômago se revirou diante daquele olhar, das palavras.

Poder sombrio ressoou pela câmara, fazendo o lustre de ônix tilintar.

— Cuidado, Keir.

Keir apenas sorriu para mim e, depois, para Rhys. Mor ficara completamente quieta.

— O que me daria por uma tentativa de ganhar esta guerra, Rhys? Você se prostituiu para Amarantha, mas... e quanto a sua parceira?

Ele não se esquecera de como o havíamos tratado. De como o havíamos humilhado meses antes.

E Rhys... havia apenas morte eterna e impiedosa em seu rosto, na escuridão que se reunia atrás da cadeira.

— O acordo que nossos ancestrais fizeram garante a você o direito de escolher como e quando seu exército auxiliará o meu. Mas não lhe garante o direito de se manter com vida, Keir, quando eu me cansar de sua existência.

Como se em resposta, garras invisíveis sulcaram marcas profundas na mesa, e o vidro rangeu. Eu me encolhi. Keir empalideceu diante das linhas agora a centímetros dele.

— Mas achei que pudesse... hesitar em me ajudar — prosseguiu Rhys. Eu jamais o vira tão calmo. Não calmo, mas cheio de um ódio gélido.

Do tipo que, às vezes, lampejava nos olhos de Azriel.

Rhys estalou os dedos e disse a ninguém em particular:

— Tragam-no.

As portas se abriram com um vento fantasma.

Não sabia para onde olhar quando um criado acompanhou a alta figura masculina.

Para Mor, cujo rosto ficou branco de medo. Para Azriel, que levou a mão à adaga — Reveladora da Verdade — com cada fôlego alerta, concentrado, mas nada surpreso. Sem um pingo de choque.

Ou para Eris, o herdeiro da Corte Outonal, quando ele caminhou para dentro da sala.

Capítulo 26

Era para ele o último assento vago.

E Rhys...

Ele permaneceu jogado na cadeira, bebericando do vinho.

— Bem-vindo de volta, Eris — disse Rhys, tranquilamente. — Faz o quê... cinco séculos desde que colocou os pés aqui?

Mor desviou o olhar para Rhys. Traição e... mágoa. Era mágoa que lampejava ali.

Por não ter nos avisado. Por aquela... surpresa.

Eu me perguntei se tinha dominado minhas feições com mais sucesso que minha amiga quando Eris reivindicou o assento vago à mesa, sem se dar o trabalho de sequer acenar para um Keir de olhar cauteloso.

— De fato, faz tempo.

Ele se curara desde aquele dia no gelo; não havia um sinal do ferimento na barriga provocado por Cassian. Os cabelos ruivos estavam soltos, uma cortina sedosa sobre a casaca cor de cobalto.

O que ele está fazendo aqui, disparei pelo laço, sem me incomodar em esconder o que corria por minhas veias.

Assegurando que Keir concordará em ajudar, foi tudo o que Rhys respondeu, as palavras tensas e curtas. Contidas.

Como se ainda dominasse todo o poder do ódio.

Sombras se enroscaram em torno dos ombros de Azriel, lhe sussurrando ao ouvido enquanto o encantador encarava Eris.

— Você um dia quis formar laços com a Outonal, Keir — disse Rhys, apoiando a taça de vinho. — Bem, eis sua chance. Eris está disposto a oferecer uma aliança formal, em troca de seus serviços na guerra.

Como diabo conseguiu que ele concordasse com isso?

Rhys não respondeu.

Rhysand.

Keir se recostou no assento.

— Não é o suficiente.

Eris riu com escárnio, servindo-se de uma taça de vinho do decantador no centro da mesa.

— Eu tinha esquecido por que fiquei tão aliviado quando nosso acordo se desfez da última vez.

Rhys lhe lançou um olhar de aviso. Eris apenas bebeu intensamente.

— O que quer então, Keir? — ronronou Rhys.

Eu tinha a sensação de que, se Keir sugerisse de novo que me queria, acabaria estatelado na parede.

Mas Keir também devia saber. E apenas respondeu a Rhysand: — Quero sair. Quero espaço. Quero que meu povo seja livre desta montanha.

— Tem todos os confortos — rebati, por fim. — E mesmo assim não basta?

Keir também me ignorou. Como tenho certeza de que ignorava a maioria das mulheres em sua vida.

— Você andou guardando segredos, Grão-Senhor — argumentou Keir, com um sorriso odioso, entrelaçando as mãos e apoiando-as na mesa danificada. Bem em cima do sulco mais próximo. — Sempre me perguntei... para onde todos vocês *iam* quando não estavam aqui. Hybern respondeu essa pergunta por fim... graças a um ataque a... qual é o nome? Velaris. Sim. A Velaris. A Cidade de Luz Estelar.

Mor ficou completamente imóvel.

— Quero acesso à cidade — decretou Keir. — Para mim e minha corte.

— Não — respondeu Mor. A palavra ecoou pelas pilastras, pelo vidro, pela rocha.

Eu estava disposta a concordar. Mas só de pensar naquelas pessoas, em Keir, soltas em Velaris... Maculando-a com sua presença, com o ódio e as mentes fechadas, com o desdém e a crueldade...

Rhys não negou. Não descartou a sugestão.

Você não pode estar falando sério.

Rhys apenas observou Keir enquanto respondia pelo laço: *Previ isso... e tomei precauções.*

Refleti.

A reunião com os governadores do Palácio... Estava ligada a isto?

Sim.

— Haveria condições — avisou Rhys.

Mor abriu a boca, mas Azriel apoiou a mão coberta de cicatrizes sobre a dela.

Mor puxou a mão de volta, como se tivesse sido queimada; queimada como ele fora.

A máscara fria de Azriel sequer hesitou diante da rejeição. Apesar de Eris ter rido baixinho. O suficiente para fazer os olhos de Azriel brilharem com ódio quando os fixou no filho do Grão-Senhor. Eris apenas inclinou a cabeça para o encantador de sombras.

— Quero acesso irrestrito — disse Keir a Rhys.

— Não o terá — respondeu Rhys. — Haverá estadias limitadas, quantidades limitadas de pessoas. Isso será decidido depois.

Mor voltou os olhos suplicantes para Rhys. Sua cidade... o lugar que tanto amava...

Eu quase conseguia ouvir. A cisão prestes a estourar em nosso círculo.

Keir olhou para Mor por fim... e percebeu o desespero e o ódio. E sorriu.

Não tinha real intenção de sair dali.

Apenas o desejo de tomar algo que, sem dúvida, soubera que a filha adorava.

Eu poderia ter alegremente dilacerado o pescoço de Keir quando ele respondeu: — Feito.

Rhys nem mesmo sorriu. Mor apenas encarava e encarava meu parceiro, com aquela expressão de súplica lhe franzindo o rosto.

— Mais uma coisa — acrescentei, esticando os ombros. — Mais um pedido.

Keir ousou reconhecer minha presença.

— Hã?

— Preciso do espelho Uróboro — avisei, desejando que minhas veias permanecessem frias. — Imediatamente.

Interesse e surpresa se incendiaram nos olhos castanhos de Keir. Os olhos de Mor.

— Quem lhe disse que eu o tenho? — perguntou Keir, baixinho.

— Isso importa? Eu o quero.

— Sequer sabe o que é o Uróboro?

— Cuidado com o tom, Keir — avisou Rhys.

Keir se inclinou para a frente, apoiando os antebraços na mesa.

— O espelho... — Ele riu em voz baixa. — Considere meu presente de parceria. — E acrescentou, com um veneno adocicado: — Se conseguir pegá-lo.

Não uma ameaça para enfrentar Keir, mas...

— O que quer dizer?

Keir ficou de pé, sorrindo, como um gato com um canário na boca.

— Para pegar o Uróboro, para reivindicá-lo, precisa primeiro olhar para ele. — Keir seguiu para as portas, sem esperar ser dispensado. — E todos os que tentaram fazê-lo ficaram loucos ou foram irreparavelmente destruídos. Até mesmo um ou dois Grão-Senhores, se a lenda é verdadeira. — Um gesto de ombros. — Então, é seu, se ousar enfrentá-lo. — Keir parou sob o portal quando as portas se abriram com um vento fantasma. Ele disse a Rhys, talvez o mais perto que chegaria de pedir permissão para sair: — Lorde Thanatos está com... dificuldades com a filha de novo. Requer minha assistência. — Rhys apenas gesticulou com a mão, como se não tivesse acabado de entregar nossa cidade ao macho.

Keir indicou Eris com o queixo. — Desejarei falar com você... em breve.

Depois que terminasse de se gabar da vitória naquela noite. Do que tínhamos lhe entregado.

E perdido.

Se o Uróboro não podia ser recuperado, pelo menos não sem um risco terrível... Afastei o pensamento, selando-o para mais tarde, quando Keir saiu. Deixando nosso grupo sozinho com Eris.

O herdeiro da Outonal apenas bebericou o vinho.

E eu tive a sensação terrível de que Mor tinha ido para um lugar muito, muito distante quando Eris apoiou a taça e disse: — Você parece bem, Mor.

— Não fale com ela — respondeu Azriel, baixinho.

Eris deu um sorriso amargo.

— Vejo que ainda guarda rancor.

— Esse acordo, Eris — replicou Rhys —, depende somente de que você fique de boca fechada.

Eris conteve uma gargalhada.

— E não fiz um excelente trabalho? Nem mesmo meu pai suspeitou quando parti esta noite.

Olhei de meu parceiro para Eris.

— Como isso aconteceu?

Eris me olhou da cabeça aos pés. Para a coroa e o vestido.

— Não achou que eu sabia que seu encantador de sombras viria xeretar para descobrir se eu havia contado a meu pai sobre seus... poderes? Principalmente depois que meus irmãos tão misteriosamente *se esqueceram* também. Eu sabia que seria uma questão de tempo antes que um de vocês aparecesse para cuidar de minha memória. — Eris bateu na lateral da cabeça com um longo dedo. — Uma pena para você que eu aprendi uma ou duas coisas sobre daemati. Uma pena para meus irmãos que jamais me incomodei em ensinar-lhes.

Meu peito se apertou. *Rhys*.

Para me manter a salvo da ira de Beron, para evitar que a potencial aliança com os Grão-Senhores ruísse antes de começar... *Rhys*.

Foi um esforço conter as lágrimas nos olhos.

Uma carícia suave pelo laço foi a única resposta.

— É claro que não contei a meu pai — continuou Eris, bebendo do vinho de novo. — Por que desperdiçar esse tipo de informação no desgraçado? A resposta seria caçá-la e matá-la, sem perceber a merda em que estamos enterrados com Hybern, e que você pode ser a chave para impedir isso.

— Então, ele planeja se juntar a nós — respondeu Rhys.

— Não se descobrir sobre nosso segredinho. — Eris riu.

Mor piscou, como se percebesse que o contato de Rhys com Eris, o convite para que ele viesse até nós... O olhar que ela me deu, claro e determinado, me disse o bastante. Mágoa e ódio ainda espiralavam ali, mas a compreensão também.

— Então, qual é o preço, Eris? — indagou Mor, apoiando os braços expostos no vidro escuro. — Outra noivinha para você torturar?

Algo lampejou nos olhos de Eris.

— Não sei quem contou essas mentiras a você para início de conversa, Morrigan — disse ele, com uma calma maligna. — Provavelmente os desgraçados de que se cerca. — Um olhar de desprezo para Azriel.

Mor grunhiu, fazendo o vidro chacoalhar.

— Jamais deu qualquer prova em contrário. Certamente não quando me deixou naquele bosque.

— Havia forças em ação que você nunca considerou — respondeu Eris, friamente. — E não vou desperdiçar meu fôlego explicando-as a você. Acredite no que quiser a meu respeito.

— Você me caçou como se fosse um animal — interrompi. — Acho que escolheremos acreditar no pior.

O rosto pálido de Eris corou.

— Recebi uma ordem. E fui enviado para executá-la com dois de meus... irmãos.

— E quanto ao irmão que caçou a meu lado? Aquele cuja amante você ajudou a executar diante de seus olhos?

Eris bateu com a palma da mão na mesa.

— Não sabe de *nada* sobre o que aconteceu naquele dia. *Nada*.

Silêncio.

— Esclareça. — Foi tudo o que eu disse.

Eris me encarou. Encarei de volta.

— Como acha que ele chegou à fronteira da Primaveril? — falou Eris, em voz baixa. — Eu não estava lá... quando fizeram aquilo. Pergunte a ele. Eu me recusei. Foi a primeira e única vez que neguei algo a meu pai. Ele me puniu. E quando me libertei... Também o matariam. Eu me certifiquei de que não o fizessem. De que Tamlin recebesse o recado, anonimamente, para correr para a própria fronteira.

Onde dois dos irmãos de Eris tinham sido mortos. Por Lucien e Tamlin.

Eris puxou um fio solto no casaco.

— Nem todos tivemos a sorte com amigos e família que você teve, Rhysand.

O rosto de Rhys era uma máscara de tédio.

— Parece que não.

E nada disso apagava por completo o que Eris tinha feito, mas...

— Qual foi o preço pedido? — repeti.

— A mesma coisa que eu disse a Azriel quando o encontrei xeretando no bosque de meu pai ontem.

Mágoa se incendiou nos olhos de Mor quando ela virou a cabeça para o encantador de sombras. Mas Azriel sequer a reconheceu quando anunciou: — Quando a hora chegar... devemos apoiar a reivindicação de Eris ao trono.

Mesmo enquanto Azriel falava, aquele ódio congelado lhe tomava o rosto. E Eris era esperto o suficiente para, por fim, empalidecer ao perceber. Talvez por isso Eris tivesse guardado para si o conhecimento de meus poderes. Não apenas para esse tipo de acordo, mas para evitar a ira do encantador de sombras. A lâmina na lateral do corpo.

— O pedido ainda está de pé, Rhysand — disse Eris, controlando-se. — Para matar meu pai e acabar logo com isso. Posso reunir tropas agora mesmo.

Pela Mãe. Ele nem mesmo tentava esconder... mostrar qualquer remorso. Foi difícil evitar que minha boca se escancarasse à mesa diante da determinação, da casualidade com que falara.

— Tentador, mas problemático demais — respondeu Rhys. — Beron ficou do nosso lado na Guerra. Espero que se incline para o

mesmo lado de novo. — Um olhar significativo para Eris.

— Ele se inclinará — prometeu Eris, passando o dedo por uma das marcas sulcadas na mesa. — E eu permanecerei felizmente ignorante aos... dons de Feyre.

Um trono... em troca do silêncio. E do apoio.

— Não prometa a Keir nenhuma coisa com a qual você se importa — disse Rhys, gesticulando com a mão em dispensa.

Eris apenas se levantou.

— Veremos. — Ele franziu a testa para Mor quando virou o vinho e apoiou a taça. — Fico surpreso por ainda não conseguir se controlar diante dele. Tinha todas as emoções estampadas nesse seu rostinho lindo.

— Cuidado — avisou Azriel.

Eris olhou de um para outro, com um leve sorriso. Secretamente. Como se soubesse algo que Azriel não sabia.

— Eu não teria tocado em você — disse ele a Mor, que empalideceu de novo. — Mas, quando você trepou com aquele outro desgraçado... — Um grunhido saiu da garganta de Rhys diante daquilo. E da minha. — Eu soube por que fez aquilo. — De novo, aquele sorriso secreto que fez Mor encolher. *Encolher*. — Então, dei a você a liberdade, acabando com o noivado sem deixar incertezas.

— *E o que aconteceu a seguir* — grunhiu Azriel.

Uma sombra percorreu o rosto de Eris.

— Há poucas coisas de que me arrependo. Aquela é uma delas. Mas... talvez um dia, agora que somos aliados, eu conte por quê. O que me custou.

— Não dou a mínima — respondeu Mor, em voz baixa. Ela apontou para a porta. — Saia.

Eris fez uma reverência debochada para Mor. Para todos nós.

— Vejo vocês na reunião em 12 dias.

Capítulo 27

Encontramos Nestha e Amren esperando do lado de fora do salão do trono, ambas parecendo irritadiças e cansadas.

Bem, erámos seis, então.

Não duvidei da alegação de Keir sobre o espelho... e me atrever a olhar para ele... Nenhum de nós podia correr aquele risco. De ser destruído. De ficar louco. Nenhum de nós; não no momento. Talvez o Entalhador de Ossos soubesse disso. Tivesse me mandado em uma tarefa inútil apenas para se divertir.

Não nos demos o trabalho de nos despedir da corte murmurante quando atravessamos para a casa na cidade. Para Velaris... a paz e a beleza agora infinitamente mais frágeis.

Cassian tinha descido do telhado em algum momento para se juntar a Lucien na sala de estar, e os livros da parede estavam espalhados na mesa baixa diante dos dois. Ambos se levantaram diante das expressões em nossos rostos.

Cassian estava a meio caminho de Mor quando ela se virou para Rhys e falou: — *Por quê?*

E a voz falhou.

E algo em meu peito também se partiu diante das lágrimas que começaram a escorrer pelo rosto de Mor.

Rhys apenas ficou parado ali, encarando a prima. A expressão indecifrável.

Observando enquanto Mor lhe batia com as mãos no peito e gritava:

— *Por quê?*

Rhys recuou um passo.

— Eris encontrou Azriel... nossas mãos estavam atadas. Fiz o melhor da situação. — Ele engoliu em seco. — Desculpe.

Cassian os observava, congelado no meio da sala. E presumi que Rhys estava contando a ele pela mente, presumi que estava contando a Amren, e talvez até para Lucien e Nestha, pelo modo como piscavam os olhos, surpresos.

Mor se virou para Azriel.

— *Por que não disse nada?*

Azriel a encarou, sem hesitar. Nem mesmo farfalhou as asas.

— Porque você teria tentado impedir. E não podemos nos dar o luxo de perder a aliança de Keir ou enfrentar a ameaça de Eris.

— Está trabalhando com aquele porco — interrompeu Cassian, depois de ter sido inteirado, aparentemente. Ele passou para o lado de Mor, a mão nas costas da feérica. Então, sacudiu a cabeça para Azriel e Rhys, o nojo lhe contraindo o lábio. — Devia ter empalado a cabeça maldita de Eris nos portões da frente.

Azriel apenas os observou com aquela indiferença gélida. Mas Lucien cruzou os braços, recostando-se contra o encosto do sofá.

— Preciso concordar com Cassian. Eris é uma cobra.

Talvez Rhys não o tivesse inteirado de tudo, então. A respeito do que Eris alegara sobre salvar o irmão mais novo de qualquer forma possível. Da própria desobediência.

— Sua família inteira é desprezível — disse Amren a Lucien, de onde ela e Nestha permaneciam à porta. — Mas Eris pode se provar uma alternativa melhor. Se puder encontrar uma forma de matar Beron e se certificar de que o poder passe para ele.

— Tenho certeza de que encontrará — respondeu Lucien.

Mas Mor ainda encarava Rhys, com aquelas lágrimas silenciosas escorrendo pelas bochechas vermelhas.

— Não é Eris — retrucou Mor, a voz falhando. — É *aqui*. — Ela indicou com a mão a casa, a cidade. — Este é meu *lar*, e vai deixar Keir *destruí-lo*.

— Tomei precauções — assegurou Rhys, com um tom tenso na voz que eu não ouvia há um tempo. — Muitas delas. Começando com a reunião com os governadores dos Palácios, e conseguindo que concordassem em jamais servir, abrigar ou entreter qualquer um da Corte dos Pesadelos.

Mor piscou. A mão de Cassian passou para o ombro da prima e apertou.

— Estão passando as notícias para todos os donos de estabelecimentos da cidade — continuou Rhys. — Todos os restaurantes e lojas e locais de recepção. Então, Keir e sua laia podem vir até aqui... Mas não acharão que é um lugar acolhedor. Ou um em que podem sequer encontrar alojamento.

— Ele ainda assim vai destruí-la — sussurrou Mor, sacudindo a cabeça.

Cassian deslizou o braço em volta dos ombros dela, com a expressão mais severa do que eu jamais vira, enquanto observava Rhys. E depois, Azriel.

— Devia ter nos avisado.

— Eu devia — respondeu Rhys, embora não parecesse arrependido. Azriel apenas permaneceu a 30 centímetros de distância, as asas bem fechadas e os Sifões reluzindo.

Eu me intrometi por fim.

— Imporemos limites sobre quando e com que frequência virão.

Mor sacudiu a cabeça, ainda sem olhar para qualquer direção que não a de Rhys.

— Se Amarantha estivesse viva... — A palavra serpenteou pela sala, escurecendo os cantos. — Se estivesse viva e eu me oferecesse para *trabalhar* com ela... mesmo que fosse para salvar a todos nós... como você se sentiria?

Nunca... nunca tinham chegado tão perto de discutir o que acontecera com Rhys.

Eu me aproximei de Rhys, roçando os dedos contra os dele. E os dedos de Rhys entrelaçaram os meus.

— Se Amarantha nos oferecesse uma chance ínfima de sobrevivência — disse Rhys, com o olhar fixo. — Então, eu não daria a *mínima* para o fato de ter me obrigado a trepar com ela durante todos aqueles anos.

Cassian se encolheu. A *sala* inteira se encolheu.

— Se Amarantha aparecesse naquela porta agora mesmo — grunhiu Rhys, apontando na direção da entrada do saguão — e dissesse que poderia nos dar uma chance de derrotar Hybern, de manter todos *vocês* vivos, *eu agradeceria ao maldito Caldeirão*.

Mor sacudiu a cabeça, lágrimas escorrendo livremente de novo.

— Não está falando sério.

— Estou.

Rhys.

Mas o laço, a ponte entre nós... era um vazio uivante. Uma tempestade revolta, sombria.

Longe demais; aquilo os levava longe demais. Tentei atrair o olhar de Cassian, mas ele os monitorava de perto, com a pele dourada sobrenaturalmente pálida. As sombras de Azriel se reuniram, meio que o ocultando de vista. E Amren...

Amren se colocou entre Rhys e Mor. Os dois eram mais altos que ela.

— Evitei que esta unidade se desfizesse durante 49 anos — disse Amren, com os olhos brilhando forte como relâmpago. — Não vou deixar que a dilacerem agora. — Ela encarou Mor. — Trabalhar com Keir e Eris não é o mesmo que perdoá-los. E, quando esta guerra terminar, eu os caçarei e os estriparei com você se for o que desejar. — Mor não disse nada, embora, por fim, tivesse desviado o olhar de Rhys.

— Meu pai vai envenenar esta cidade.

— Não permitirei que o faça — replicou Amren.

Acreditei nela.

E acho que Mor também, pois as lágrimas que continuaram escorrendo... pareceram se alterar, de alguma forma.

Amren se virou para Rhys cuja expressão agora se aproximava de... devastação.

Deslizei a mão pela dele. *Vejo você*, falei, dando a Rhys as palavras que certa vez sussurrara, tantos meses antes. *E não me*

assusta.

— Você é um desgraçado ardiloso — disse Amren a ele. — Sempre foi e provavelmente sempre será. Mas isso não o exime, menino, de não nos ter avisado. Avisado a ela, não quando aqueles dois monstros estavam envolvidos. Sim, tomou a decisão certa... agiu bem. Mas também agiu mal.

Algo como vergonha escureceu o olhar de Rhys.

— Desculpe.

As palavras... para Mor, para Amren.

Os cabelos pretos de Amren oscilaram quando ela os observou. Mor apenas sacudiu a cabeça, por fim; mais em aceitação que em recusa.

Engoli em seco, com a voz áspera, quando falei:

— Isso é guerra. Nossos aliados são poucos e já não confiam em nós. — Encarei cada um deles, minha irmã, Lucien, Mor e Azriel, e Cassian. Então, Amren. E, depois, meu parceiro. Apertei sua mão diante da culpa que agora o agarrava profundamente. — Todos vocês já foram à guerra e voltaram, enquanto eu sequer coloquei os pés em um campo de batalha. Mas... preciso imaginar que não duraremos muito se... houver uma ruptura entre nós. De dentro para fora.

Palavras trôpegas, quase incoerentes, mas Azriel disse, por fim:

— Ela está certa.

Mor sequer olhou na direção dele. Eu podia ter jurado que culpa anuviara os olhos de Azriel, surgira e sumira em um piscar de olhos.

Amren recuou para o lado de Nestha quando Cassian me perguntou:

— O que aconteceu com o espelho?

Sacudi a cabeça.

— Keir disse que é meu se eu ousar pegá-lo. Aparentemente, o que se vê dentro dele destrói a pessoa... ou a deixa louca. Ninguém jamais saiu ileso.

Cassian xingou.

— Exatamente — falei. Era um risco que talvez nenhum de nós estivesse totalmente pronto para enfrentar. Não quando éramos todos necessários, cada um de nós.

Mor acrescentou, com a voz um pouco rouca, ajustando as pregas e faixas de tecido ébano do vestido esvoaçante: — Meu pai disse a verdade em relação a isso. Fui criada com lendas do espelho. Nenhuma era agradável. Ou bem-sucedida.

Cassian franziu a testa para mim, para Rhys.

— Então, o que...

— Estão falando do Uróboro — interrompeu Amren.

Pisquei. Merda. *Merda...*

— O que querem com aquele espelho? — A voz assumira um timbre grave.

Rhys passou a mão livre para o bolso.

— Se a honestidade é o tema da noite... O Entalhador de Ossos pediu por ele.

As narinas de Amren se dilataram.

— Vocês foram à Prisão.

— Seus velhos amigos disseram oi — revelou Cassian, recostando um ombro contra o portal arqueado da sala de estar.

A expressão de Amren se contraiu, e Nestha olhou de um para outro... com cautela. Estudando-nos. Principalmente quando os olhos de mercúrio de Amren giraram.

— Por que foram?

Abri a boca, mas o ouro do olho de Lucien me chamou a atenção. Fisgou-a.

Minha hesitação devia ter sido indicativa de minha cautela.

Com o maxilar trincado devido à frustração, Lucien pediu licença e foi para o quarto. Frustração... e talvez desapontamento. Eu bloqueei a sensação, o que aquilo fazia a meu estômago.

— Tínhamos algumas perguntas para o Entalhador. — Cassian deu a Amren um breve sorriso depois que Lucien se foi. — E temos algumas para você.

Os olhos cheios de fumaça de Amren se incendiaram.

— Vão libertar o Entalhador.

— Sim. — disse eu, simplesmente. Um exército de um monstro só.

— Isso é impossível.

— Devo lembrar-lhe de que *você*, doce Amren, escapou? — replicou Rhys, suavemente. — E permaneceu livre. Então, isso pode

ser feito. Talvez você possa nos contar como o fez.

Cassian tinha se posicionado à porta, percebi, para ficar mais perto de Nestha. Para pegá-la se Amren decidisse que não gostava do rumo daquela conversa. Ou que não tinha apreço pela mobília da sala.

Exatamente por isso Rhys agora se colocara do outro lado de Amren — para atrair sua atenção para longe de mim, e de Mor atrás de nós, cada músculo do corpo esguio alerta.

Cassian encarava Nestha; tão concentrado que minha irmã por fim se virou para ele. Encarou-o de volta. Cassian inclinou a cabeça... sutilmente. Uma ordem silenciosa.

Nestha, para meu choque, obedeceu. Passou para o lado de Cassian quando Amren respondeu para Rhys: — Não.

— Não foi um pedido.

Certa vez, Rhysand admitira que só questionar Amren fora algo que ela lhe permitira apenas recentemente. Mas dar uma ordem a ela, pressioná-la daquela forma...

— Feyre e Cassian falaram com o Entalhador de Ossos. Ele quer o Uróboro em troca de nos servir, de combater Hybern para nós. Mas precisamos que explique como soltá-lo. — O acordo que Rhys ou eu faríamos com o Entalhador seria o bastante para que ele fizesse nossa vontade.

— Mais alguma coisa? — A voz de Amren estava calma demais, doce demais.

— Quando terminarmos com tudo isso — falou Rhys —, então, minha promessa de meses atrás ainda está de pé: use o Livro para se mandar para casa se quiser.

Amren encarou Rhys. O silêncio era tão profundo que o relógio na sala de estar podia ser ouvido. E além dele, a fonte no jardim...

— Chame seu cachorro de volta — ordenou Amren, com aquele tom letal.

Porque a sombra no canto atrás de Amren... aquilo era Azriel. O cabo de obsidiana da Reveladora da Verdade estava na mão coberta de cicatrizes. Azriel se movera sem que eu percebesse, embora eu não tivesse dúvidas de que os demais provavelmente estivessem cientes.

Amren exibiu os dentes para Azriel. O lindo rosto do guerreiro sequer tremeu.

Rhys permaneceu onde estava e perguntou a Amren:

— Por que não nos conta?

Cassian casualmente passou Nestha para trás de si, os dedos agarrando a saia do vestido preto. Como se para se assegurar de que Nestha não estivesse no caminho direto de Amren. Minha irmã apenas ficou na ponta dos pés para olhar por cima de seu ombro.

— Porque a pedra sob esta casa tem ouvidos, o vento tem ouvidos... tudo está escutando — respondeu Amren. — E, se relatarem de volta... Eles se lembrarão, Rhys, de que não me pegaram. E não os deixarei me colocarem naquele poço escuro de novo.

Meus ouvidos pareceram surdos quando um escudo foi erguido.

— Ninguém vai ouvir além desta sala.

Amren observou os livros esquecidos na mesa baixa da sala de estar.

As sobrancelhas se franziram.

— Precisei abrir mão de algo. Precisei abrir mão de *mim*. Para sair, precisei me tornar outra coisa totalmente diferente, algo que a Prisão não reconheceria. Então, eu... eu me aprisionei neste corpo.

Jamais tinha ouvido Amren gaguejar uma palavra antes.

— Disse que outra pessoa a prendeu — indagou Rhys, com cautela.

— Menti... para acobertar o que fizera. Para que ninguém soubesse. Para escapar da Prisão, eu me fiz mortal. Imortal como vocês, mas... mortal em comparação com... com o que eu era. E o que eu era... Não sentia da forma como vocês sentem. Da forma como sinto agora. Algumas coisas... lealdade e ira e curiosidade, mas não tanta variedade. — De novo, aquele olhar longínquo. — Eu era perfeita, de acordo com alguns. Não me arrependia, não ficava de luto... e dor... Eu não a sentia. Mas... mas acabei *aqui*, porque não era exatamente como os demais. Mesmo como... como o que eu era, eu era diferente. Curiosa demais. Questionadora demais. No dia em que a falha apareceu no céu... foi a curiosidade que me impulsionou. Meus irmãos e irmãs fugiram. Sob as ordens de nosso governante, tínhamos acabado de devastar duas cidades,

massacrando-as completamente até virarem escombros na planície, mas eles *fugiram* a partir daquela falha no mundo. No entanto, eu queria ver. Eu *queria*. Não fui feita ou gerada para sentir coisas tão egoístas quanto *querer*. Tinha visto o que acontecera com aqueles de meu tipo que se desgarravam, que aprendiam a colocar as próprias necessidades em primeiro plano. Que desenvolviam... sentimentos. Mas passei pela falha no céu. E aqui estou.

— E abriu mão de tudo isso para sair da Prisão? — perguntou Mor, baixinho.

— Entreguei minha graciosidade, minha imortalidade perfeita. Eu sabia que depois que o fizesse... Sentiria dor. E arrependimento. Eu quereria e queimaria por querer. Eu... cairia. Mas estava... O tempo que fiquei trancafiada ali... Não me importava. Não sentira o vento no rosto, não cheirara a chuva... Nem mesmo me lembrava de qual era a sensação. Não me lembrava da luz do sol.

Foi para Azriel que a atenção de Mor se voltou; a escuridão do encantador de sombras recuou e revelou olhos compreensivos. *Trancafiada*.

— Então, me aprisionei neste corpo. Enterrei minha graciosidade incandescente bem no fundo. Abri mão de tudo o que eu era. A porta da cela simplesmente... se abriu. Então, saí.

Uma graciosidade incandescente... Que ainda queimava bem no fundo de Amren, visível apenas na fumaça dos olhos cinzentos.

— Esse será o custo de libertar o Entalhador — explicou Amren. — Precisarão prendê-lo a um corpo. Torná-lo... feérico. E duvido que ele concorde. Principalmente sem o Uróboro.

Ficamos em silêncio.

— Deviam ter me perguntado antes de ir — admoestou ela, com aquela rispidez de volta à voz. — Eu os teria poupado da visita.

Rhysand engoliu em seco.

— Você pode ser... libertada?

— Não por mim.

— O que aconteceria se o fosse?

Amren o encarou por um longo tempo. Depois, encarou a mim. Cassian. Azriel. Mor. Nestha. Finalmente, encarou de volta meu parceiro.

— Eu não me lembraria de você. Não me importaria com nenhum de vocês. Eu os destruiria ou abandonaria. O que sinto agora... seria estranho para mim, não teria força. Tudo o que sou, este corpo... deixaria de existir.

— O que você *era?* — sussurrou Nestha, dando a volta por Cassian para se colocar ao lado do general.

Amren brincou com um dos brincos de pérola negra.

— Uma mensageira... e soldado-assassina. De um deus vingativo que governava um mundo jovem.

Eu conseguia sentir as perguntas fervilhando nos outros. Os olhos de Rhys quase brilhavam com elas.

— Seu nome era Amren? — perguntou Nestha.

— Não. — A fumaça espiralou nos olhos de Amren. — Não me lembro do nome que recebi. Usei Amren porque... É uma longa história.

Quase implorei para que ela contasse, mas passos suaves ecoaram, então...

— Oh.

Elain se sobressaltou, tanto que percebi que não conseguia nos ouvir. Não fazia ideia que estávamos ali, graças ao escudo que aprisionava o som.

Ele imediatamente desceu. Mas minha irmã permaneceu perto das escadas. Ela cobriu a camisola com um xale de seda do azul mais pálido, os dedos se agarravam ao tecido, como Elain agarrava o próprio corpo.

Fui imediatamente até ela.

— Precisa de alguma coisa?

— Não. Eu... eu estava dormindo, mas ouvi... — Ela sacudiu a cabeça. Piscou para nossas roupas formais, para a coroa preta sobre minha cabeça, e a de Rhysand. — Não ouvi vocês.

Azriel avançou um passo.

— Mas ouviu outra coisa.

Elain parecia prestes a assentir, mas apenas recuou.

— Acho que estava sonhando — murmurou ela. — Acho que estou sempre sonhando ultimamente.

— Vou buscar leite quente para você — falei, colocando a mão no cotovelo de Elain para levá-la até a sala de estar.

Mas Elain se desvencilhou, voltando para as escadas. Ela disse, ao subir os primeiros degraus: — Eu consigo ouvi-la... chorando.

Segurei forte a trave inferior do corrimão.

— Quem?

— Todos acham que ela está morta. — Elain continuou andando. — Mas não está. Apenas... diferente. Transformada. Como eu fui.

— Quem? — insisti.

Mas Elain continuou subindo as escadas, aquele xale caindo pelas costas. Nestha saiu do lado de Cassian para se aproximar do meu. Nós duas inspiramos, para dizer o que, não sei, mas...

— O que você viu? — exigiu Azriel, e tentei não me encolher quando o notei do meu outro lado sem tê-lo visto se mover. De novo.

Elain parou no meio das escadas. Devagar, ela se virou para encarar Azriel.

— Eu vi mãos jovens se enrugarem com a idade. Vi uma caixa de pedra preta. Vi uma pena de fogo cair na neve e derretê-la.

Meu estômago deu um nó. Um olhar para Nestha confirmou que ela também sentia. Via.

Louca. Elain podia muito bem estar louca...

— Estava com raiva — disse Elain baixinho. — Estava com muita, muita raiva por algo ter sido levado. Então, levou algo como punição.

Não dissemos nada. Não sabia *o que* dizer; o que sequer perguntar ou indagar. Se o Caldeirão fizera algo a *ela* também...

Encarei Azriel, expondo as palmas das mãos para ele.

— O que isso *quer dizer*?

Os olhos avelã de Azriel se agitavam enquanto ele estudava minha irmã, o corpo magro demais. E, sem dizer uma palavra, o encantador de sombras atravessou. Mor olhou o espaço onde ele estivera durante muito tempo depois de Azriel partir.

Esperei até que os demais partissem — Cassian e Rhys foram considerar as possibilidades ou a ausência de nossos potenciais aliados; Amren saiu batendo os pés para se livrar definitivamente de

nós; e Mor foi passear para aproveitar o que ela considerava os últimos dias de paz naquela cidade, ainda com raiva na voz — para encurralar Nestha na sala.

— O que aconteceu na Cidade Escavada... com você e Amren? Você não mencionou.

— Foi tudo bem.

Trinquei o maxilar.

— O que aconteceu?

— Ela me levou para uma sala cheia de tesouros. Objetos estranhos. E a sala... — Nestha puxou a manga do vestido. — Alguns objetos queriam nos *ferir*. Como se estivessem vivos, conscientes. Como... como em todas aquelas histórias e mentiras que nos contavam do outro lado da muralha.

— Você está bem? — Não conseguia encontrar sinais de ferimentos em nenhuma das duas, e nenhuma dissera algo para sugerir...

— Foi um exercício de treino. Com uma forma de magia feita para repelir intrusos. — As palavras foram recitadas. — Como a muralha provavelmente o será. Ela queria que eu ultrapassasse as defesas... encontrasse fraquezas.

— E as consertasse?

— Apenas encontrar as fraquezas. Consertar é outra coisa — respondeu Nestha, com os olhos ficando distantes quando franziu a testa para os livros ainda abertos na mesa baixa diante da lareira.

Suspirei.

— Então... aquilo foi bem, pelo menos.

Os olhos de Nestha ficaram afiados como lâminas de novo.

— Fracassei. Todas as vezes. Então, não. Não foi bem.

Eu não sabia o que dizer. Empatia provavelmente me garantiria um sermão. Então, escolhi outro caminho.

— Precisamos fazer algo a respeito de Elain.

Nestha enrijeceu o corpo.

— E que solução propõe, exatamente? Deixar seu parceiro entrar na mente de nossa irmã para confundir as coisas?

— Eu jamais faria isso. Não acho que Rhys sequer pode... consertar as coisas assim.

Nestha caminhou de um lado para outro diante da lareira apagada.

— Tudo tem um custo. Talvez o custo da juventude e da imortalidade tenha sido perder parte da sanidade.

Meus joelhos fraquejaram tanto que me sentei no sofá de estofamento fofo.

— Qual foi seu custo?

Nestha parou de se mover.

— Talvez tenha sido ver Elain sofrer, enquanto eu saí ilesa.

Fiquei de pé.

— Nestha...

— Não se incomode. — Mas eu a segui conforme minha irmã caminhou para as escadas. Até onde Lucien agora descia os degraus... e se encolheu ao ver Nestha se aproximar.

Ele abriu bastante espaço quando Nestha passou disparada. Um olhar para o rosto tenso de Lucien fez com que eu me preparasse... e voltasse para a sala de estar.

Afundei na poltrona mais próxima, surpresa ao me ver ainda com o vestido preto quando o tecido roçou contra minha pele exposta. Há quanto tempo tinha voltado da Cidade Escavada? Trinta minutos? Menos? E a Prisão fora naquela mesma manhã?

Parecia dias antes. Apoiei a cabeça contra o encosto bordado da poltrona e observei Lucien ocupar um assento no rolo que compunha o braço do sofá mais próximo.

— Dia longo?

Resmunguei em resposta.

O olho de metal se repuxou.

— Achei que a Prisão fosse outro mito.

— Bem, não é.

Ele analisou meu tom de voz e cruzou os braços.

— Me deixe fazer alguma coisa. Com relação a Elain. Ouvi... do quarto. Tudo o que acabou de acontecer. Não faria mal que um curandeiro a examinasse. Externa e internamente.

Eu estava tão cansada que mal consegui reunir fôlego para perguntar:

— Acha que o Caldeirão a deixou louca?

— Acho que ela passou por algo terrível — replicou Lucien, com cautela. — E não faria mal que seu melhor curandeiro fizesse um exame completo.

Esfreguei a mão no rosto.

— Tudo bem. — Meu fôlego atrapalhou as palavras. — Amanhã de manhã. — Consegui dar um aceno breve, reunindo forças para me levantar da cadeira. Peso... Havia um peso antigo em meu corpo. Como se por mais que dormisse cem anos, ainda não bastasse.

— Por favor, me diga — pediu Lucien, quando atravessei o portal até o saguão. — O que o curandeiro explicar. E se... se precisar que eu faça algo.

Dei um último aceno a Lucien, as palavras subitamente me abandonando.

Eu sabia que Nestha não estava dormindo quando passei por seu quarto. Sabia que tinha ouvido cada palavra de nossa conversa graças àquela audição feérica. E sabia que tinha ouvido conforme parei a fim de escutar à porta de Elain, bati uma vez, e depois coloquei a cabeça para dentro e vi minha irmã dormindo, respirando.

Mandei um pedido a Madja, a curandeira preferida de Rhys, para que viesse no dia seguinte, às 11 horas. Não expliquei por que ou quem ou o quê. Então, fui para o quarto, deitei no colchão e chorei.

Não soube bem por quê.

✣

Mão fortes e largas massagearam minha coluna; abri os olhos e encontrei o quarto completamente escuro, Rhysand encostado no colchão a meu lado.

— Quer alguma coisa para comer? — A voz era suave, hesitante.

Não tirei a cabeça do travesseiro.

— Eu me sinto... pesada de novo — sussurrei, a voz falhando.

Rhys não disse nada quando me pegou nos braços. Ainda usava o casaco, como se tivesse acabado de chegar de onde estivera conversando com Cassian.

No escuro, inspirei seu cheiro, saboreei o calor.

— Você está bem?

Rhys ficou em silêncio por um longo minuto.

— Não.

Passei os braços por ele, segurando-o com força.

— Deveria ter encontrado outra forma — admitiu Rhys.

Acariciei os cabelos sedosos de meu parceiro com os dedos.

— Se ela... — murmurou Rhysand. Ele engoliu em seco audivelmente. — Se ela aparecesse nesta casa... — Eu sabia de quem estava falando. — Eu a mataria. Sem nem deixar que falasse. Eu a mataria.

— Eu sei. — Eu faria o mesmo.

— Você me perguntou na biblioteca — sussurrou Rhys. — Por que eu... Por que eu preferiria suportar tudo aquilo sozinho. Esta noite foi o motivo. Ver Mor *chorar* é o motivo. Tomei uma decisão ruim. Tentei encontrar alguma outra forma de contornar essa merda em que estamos. — E perdera algo, *Mor* perdera algo, no processo.

Nós nos abraçamos em silêncio durante minutos. Horas. Duas almas, entrelaçadas no escuro. Abaixei meus escudos, deixei que Rhys entrasse por completo. A mente se enroscou na minha.

— Você se arriscaria a olhar dentro dele... do Uróboro? — perguntei.

— Ainda não. — Foi tudo o que Rhys falou, me segurando mais forte. — Ainda não.

Capítulo 28

Eu me arrastei para fora da cama por pura força de vontade na manhã seguinte.

Amren disse que o Entalhador não se aprisionaria a um corpo feérico — *afirmara* isso.

Mas não faria mal tentar. Se nos desse a mínima chance de resistir, de evitar que Rhys desse tudo...

Ele já estava fora quando acordei. Trinquei os dentes quando vesti a roupa de couro e atravessei até a Casa do Vento.

Estava com as asas prontas quando alcancei os escudos da Casa, e consegui planar de forma bem decente até o ringue de treino a céu aberto no topo plano.

Cassian já aguardava, as mãos nos quadris. Observando conforme eu descia aos poucos, mais e mais para baixo...

Rápido demais. Meus pés quicaram no piso de terra, me impulsionando cada vez mais para cima...

— *Bata as asas para trás*...

O aviso veio tarde demais.

Eu me choquei contra uma parede carmesim antes de dar com a cara na rocha avermelhada, mas... xinguei; meu orgulho estava tão esfolado quanto as palmas das mãos conforme cambaleei para trás, as asas atrapalhadas atrás do corpo. Os ombros de Cassian tremeram quando ele controlou a gargalhada, e respondi com um gesto vulgar.

— Se vai aterrissar dessa forma, certifique-se de que tem espaço.

Exibi uma expressão irritada.

— Lição aprendida.

— Ou espaço para dar uma guinada e circular até diminuir a...

— Entendi.

Cassian estendeu as mãos, mas a diversão se dissipou quando ele me observou dispensar as asas e me aproximar.

— Quer treinar forte hoje, ou de leve?

Achei que os demais não davam crédito o suficiente a Cassian — por ele sentir a mudança na corrente emocional de uma pessoa. Para comandar legiões, supus, ele precisava ler esse tipo de coisa, julgar quando os soldados ou inimigos estavam fortes ou a ponto de se partir ou arrasados.

Eu me voltei para dentro, para aquele lugar onde agora me sentia como se estivesse em areia movediça, e respondi: — Forte. Quero sair mancando daqui. — Tirei a jaqueta de couro e enrolei as mangas da camisa branca.

— Também me ajuda... a atividade física, o treino — murmurou Cassian, me lançando um olhar observador. Ele girou os ombros quando comecei a me alongar. — Sempre me ajudou a me concentrar e me manter centrado. E depois de ontem à noite... — Cassian prendeu os cabelos. — Definitivamente preciso disso.

Puxei a perna flexionada atrás do corpo, meus músculos protestaram contra o alongamento.

— Suponho que existam métodos piores para lidar com isso.

Um sorriso torto.

— De fato há.

A lição de Azriel a seguir consistiu em ficar de pé sob uma brisa e memorizar as instruções que me dera sobre correntes e ventos descendentes, sobre como calor e frio podiam modificar o vento e a velocidade. Durante tudo isso, ele ficou calado... distante. Mesmo para os padrões de Azriel.

Cometi o erro de perguntar se tinha falado com Mor desde que partira na noite anterior.

Não, não tinha. E isso era tudo.

Mesmo que, ao responder, flexionasse a mão cheia de cicatrizes na lateral do corpo — como se estivesse se lembrando da sensação da mão de Mor. Como ela a afastara de seu toque durante aquela reunião. Diversas vezes. Não ousei dizer a Azriel que ele tomara a decisão certa, que, talvez, devesse falar com Mor em vez de deixar que a culpa o corroesse. Os dois tinham muitas questões entre si sem que eu me intrometesse.

Eu estava, de fato, mancando quando voltei à casa na cidade horas depois e encontrei Mor à mesa de jantar, fazendo um lanchinho com um doce gigante que comprara em uma confeitaria no caminho até ali.

— Você parece que foi pisoteada por uma tropa de cavalos — comentou Mor, enquanto mastigava.

— Que bom — respondi, tomando o doce de sua mão e acabando com ele. Mor gritou, indignada, mas estalou os dedos e um prato de melão cortado da cozinha no fim do corredor apareceu sobre a mesa polida diante de si.

Bem sobre uma pilha do que pareciam ser cartas em diversos tipos de papel timbrado.

— O que é isso? — perguntei, ao limpar as migalhas da boca.

— As primeiras respostas dos Grão-Senhores — respondeu Mor, a voz meiga, pegando uma fatia da fruta verde e mordendo um pedaço. Nenhum indício do ódio e do medo da noite anterior.

— São agradáveis assim, é?

— A de Helion chegou primeiro, esta manhã. Entre todos os rodeios, acho que ele disse que estaria disposto a... se juntar a nós.

Ergui as sobrancelhas.

— Isso é bom... não é?

Um gesto de ombros.

— Com Helion, não estávamos preocupados. Os outros dois... — Mor terminou o melão, fazendo ruídos aquosos de mastigação. — Thesan diz que irá, mas somente se for em um local realmente neutro e seguro. Kallias... ele não confia em nenhum de nós depois... de Sob a Montanha. Quer trazer guardas armados.

Diurna, Crepuscular e Invernal. Nossos aliados mais próximos.

— Nenhuma palavra de mais ninguém? — Meu estômago se apertou.

— Não. Primaveril, Outonal e Estival não mandaram resposta.

— Não temos muito tempo até a reunião. E se eles se recusarem a responder? — Não tive coragem de me perguntar em voz alta se Eris cumpriria a palavra e obrigaria o pai a participar, e a se juntar a nossa causa. Não com a alegria de volta ao rosto de Mor.

Mor pegou outra fatia de melão.

— Então, precisaremos decidir se Rhys e eu os traremos pelo pescoço até a reunião, ou se a faremos sem eles — declarou ela.

— Eu sugeriria a segunda opção. — Mor franziu a testa. — A primeira — esclareci — não parece que nos levará a uma aliança de fato.

Embora eu tivesse ficado surpresa por Tarquin não ter respondido. Mesmo com a vendeta contra nós... O macho que eu conheci, que ainda admirava tanto... Certamente gostaria de se aliar contra Hybern. A não ser que agora quisesse se aliar *a* eles para garantir que Rhys e eu desaparecêssemos do mapa para sempre.

— Veremos. — Foi tudo o que Mor disse.

Suspirei pelo nariz.

— Quanto a ontem à noite...

— Tudo bem. Não tem problema. — A rapidez da réplica sugeriu o contrário.

— Tem problema. Você tem *permissão* de se sentir daquela forma.

Mor afofou o cabelo.

— Bem, não vai nos ajudar a vencer esta guerra.

— Não. Mas... não tenho certeza do que dizer.

Mor encarou a janela por um longo momento.

— Entendo por que Rhys o fez. A posição em que estávamos. Eris é... Sabe como ele é. E, se estava realmente ameaçando

entregar informação sobre seus dons para o pai... Pela Mãe, *eu* teria feito o mesmo acordo com Eris para evitar que Beron a caçasse. — Algo em meu peito se afrouxou quando ouvi aquilo. — É que... Meu pai sabia... assim que ouviu falar deste lugar, provavelmente soube o que significava para mim. Não haveria outro preço para a ajuda de meu pai nesta guerra. Nenhum. Rhys também sabia disso. Tentou trazer Eris para a mesa a fim de tornar o acordo mais atraente para meu pai e, possivelmente, evitar de vez esse desfecho com Velaris.

Ergui as sobrancelhas com uma pergunta silenciosa.

— Nós conversamos... Rhys e eu. Esta manhã. Enquanto Cassian a espancava.

Ri com deboche.

— E quanto a Azriel? — E lá foi a decisão de não me meter.

Mor voltou a mexer no melão.

— Az... Ele tinha uma escolha difícil a fazer quando Eris o encontrou. Ele... — Ela mordeu o lábio. — Não sei por que eu esperava que ele ficasse do meu lado, por que me pegou tão desprevenida. — Eu me segurei para não sugerir que Mor dissesse isso a ele. Ela deu de ombros. — É que... tudo isso me pegou de surpresa. E jamais ficarei feliz com nenhum desses termos, mas... Meu pai vence, Eris vence, todos os machos como eles *vencem* se eu deixar que isso me afete. Se eu deixar que afete minha alegria, minha vida. Meus relacionamentos com todos vocês. — Mor suspirou para o teto. — Odeio a guerra.

— Igualmente.

— Não apenas por causa das mortes e dos horrores — continuou ela. — Mas por causa do que faz conosco. Essas decisões.

Assenti, mesmo que estivesse apenas começando a entender. As escolhas e os custos.

Abri a boca, mas uma batida soou à porta da frente. Olhei para o relógio na sala de estar diante do saguão. Certo. A curandeira.

Havia mencionado a Elain naquela manhã que Madja viria vê-la às 11 horas, e recebera de volta uma resposta pouco interessada. Melhor que uma recusa veemente, supus.

— Vai atender à porta, ou devo eu?

Fiz um gesto vulgar para a pergunta desaforada de Mor, mas minha amiga segurou minha mão quando me levantei.

— Se precisar de alguma coisa... Estarei bem aqui.

Dei um sorriso breve e grato a Mor.

— Assim como eu.

Ela ainda estava sorrindo quando respirei fundo antes de seguir para a porta.

A curandeira não encontrou nada.

Acreditei em Madja — somente porque era uma das poucas Grã-Feéricas que eu vira cuja pele escura estava repuxada por rugas, os cabelos, ralos devido à idade. Os olhos castanhos ainda eram atentos e cheios de um calor interior, e as mãos calejadas permaneceram firmes conforme as passou pelo corpo de Elain enquanto minha irmã ficou pacientemente deitada, em silêncio, na cama.

Magia, doce e refrescante, latejava da fêmea, preenchendo o quarto de Elain. E quando ela cuidadosamente pôs as mãos de cada lado da cabeça de Elain, eu me assustei, e Madja apenas sorriu sarcasticamente por cima do ombro magro, me dizendo para relaxar.

Nestha, de olhos atentos no canto, ficou calada.

Depois de um longo minuto, Madja nos pediu que a ajudássemos a pegar uma xícara de chá para Elain — com um olhar significativo para a porta. Nós duas aceitamos o convite e deixamos nossa irmã no quarto ensolarado.

— Como assim não tem *nada* errado com ela? — sibilou Nestha, sussurrando, quando a fêmea anciã apoiou a mão no corrimão da escada para descer. Eu fiquei ao lado da curandeira, a mão a uma pequena distância de seu cotovelo, caso fosse necessária.

Madja, lembrei a mim mesma, curara Cassian e Azriel — e incontáveis ferimentos além daqueles. Curara as asas de Rhys durante a guerra. Parecia idosa, mas eu não duvidava da disposição da curandeira... ou da simples vontade de ajudar os pacientes.

Madja não ousou responder Nestha até estarmos na base das escadas. Lucien já esperava na sala de estar, Mor ainda se demorava na sala de jantar. Os dois se levantaram, mas permaneceram nas respectivas salas, de cada lado do saguão.

— O que quero dizer — continuou Madja, por fim, observando Nestha, e depois a mim — é que não consigo encontrar nada de errado com ela. O corpo está bem, magro demais e precisando de mais comida e ar fresco, mas não há nada de errado. E quanto à mente... Não consigo entrar nela.

Pisquei.

— Ela tem um escudo?

— É Feita pelo Caldeirão — explicou a curandeira, olhando de novo para Nestha. — Vocês não são como o resto de nós. Não posso penetrar os lugares onde o Caldeirão deixou as marcas mais profundas. — A mente. A alma. Ela me lançou um olhar de aviso. — E eu não tentaria se fosse você, senhora.

— Mas acha que tem algo errado, mesmo que não haja sinais? — insistiu Nestha.

— Já vi as vítimas de trauma. Os sintomas de sua irmã se encaixam bem com muitos daqueles ferimentos invisíveis. Mas... ela também foi Feita por algo que não entendo. Há algo de errado com ela? — Madja refletiu sobre as palavras. — Não gosto dessa palavra... *errado*. Diferente, talvez. Transformado.

— Ela precisa de mais ajuda? — disse Nestha, entre dentes.

A curandeira idosa indicou Lucien com o queixo.

— Veja o que ele pode fazer. Se alguém consegue sentir se há algo faltando, é um parceiro.

— Como? — A palavra mal passou de um comando latido.

Eu me preparei para avisar a Nestha que fosse educada, mas Madja disse para minha irmã, como se ela fosse uma criança pequena: — O laço da parceria. É uma ponte entre almas.

O tom de voz da curandeira fez minha irmã enrijecer o corpo, mas Madja já se arrastava para a porta. Ela apontou para Lucien conforme saía.

— Tente se sentar com ela. Apenas conversar... sentir. Veja o que capta. Mas não insista. — E então, ela se foi.

Eu me virei para Nestha.

— Um pouco de *respeito*, Nestha...

— Chame outra curandeira.

— Não se você for espantá-la desta casa.

— Chame outra curandeira.

Mor caminhou até nós com uma calma fingida, e Nestha lhe lançou um olhar desencorajador.

Encarei Lucien.

— Você tentaria?

— Nem mesmo *tente*... — grunhiu Nestha.

— Cale a boca — disparei.

Nestha piscou.

Exibi os dentes para ela.

— Ele vai *tentar*. E, se não encontrar nada errado, consideraremos trazer outra curandeira.

— Vai simplesmente arrastá-la até aqui?

— Vou convidá-la.

Nestha encarou Mor, que ainda observava do umbral.

— E o que *você* vai fazer?

Mor lançou um meio sorriso a minha irmã.

— Eu me sentarei com Feyre. Ficarei de olho nas coisas.

Lucien murmurou algo sobre não precisar ser monitorado, e todos olhamos para ele com as sobrancelhas erguidas.

O macho apenas levantou as mãos, alegou que precisava se lavar, e seguiu para o fim do corredor.

Capítulo 29

Foram os trinta minutos mais desconfortáveis de que me lembro.

Mor e eu tomamos chá de menta gelado diante da janela projetada para fora, com as respostas dos três Grão-Senhores empilhadas na pequena mesa entre nossas cadeiras gêmeas, fingindo observar a rua envolta em verão, as crianças, Grã-Feéricas e feéricas, correndo com pipas e serpentinas e todo o tipo de brinquedos.

Fingindo, enquanto Lucien e Elain se sentavam em um silêncio solene diante da lareira apagada, com uma bandeja de chá intocada entre eles. Não ousei perguntar se Lucien tentava entrar na mente de minha irmã, ou se sentia um laço semelhante àquela negra ponte adamantina entre a mente de Rhys e a minha. Se um laço de parceria normal seria completamente diferente.

Uma xícara de chá chacoalhou e raspou em um pires, e Mor e eu olhamos.

Elain tinha pego a xícara de chá, e agora bebia sem sequer olhar para Lucien.

Na sala de jantar do outro lado do corredor, eu sabia que Nestha esticava o pescoço para olhar.

Eu sabia porque Amren brigou com minha irmã para que prestasse atenção.

Estavam construindo muralhas — na mente, dissera Amren quando ordenou que Nestha se sentasse à mesa de jantar, diante dela.

Muralhas que Amren ensinava Nestha a sentir — a encontrar os buracos inseridos por ela em sua extensão. E a consertá-los. Se os objetos malignos da Corte dos Pesadelos não tinham permitido a minha irmã sentir o que devia ser feito, então essa era a próxima tentativa; um caminho diferente, invisível. Nem toda magia era raio e brilho, declarara Amren, e depois me expulsou dali.

Mas qualquer sinal daquele poder dentro de minha irmã... Eu não ouvi ou vi ou senti. E nenhuma das duas ofereceu uma explicação para o que era, exatamente, que tentavam chamar de dentro de Nestha.

Do lado de fora da casa, um movimento mais uma vez chamou nossa atenção, e vimos Rhys e Cassian entrando pelo portão da frente, voltando da primeira reunião com os comandantes do exército Precursor da Escuridão de Keir — já se reunindo e se preparando. Pelo menos isso dera certo no dia anterior.

Os dois nos viram à janela em um segundo. E pararam subitamente.

Não entrem, avisei a Rhys pelo laço. *Lucien está tentando sentir o que há de errado com Elain. Pelo laço.*

Rhys murmurou meu alerta a Cassian, que agora inclinava a cabeça, bem parecido com o que, eu não tinha dúvida, Nestha fizera, para olhar além de nós.

Rhys falou com sarcasmo: *Elain sabe disso?*

Ela foi convidada a descer para o chá. Então, estamos tomando chá.

Rhys murmurou de novo para Cassian, que engasgou com uma risada e se virou imediatamente, seguindo para a rua. Rhys se demorou, levando as mãos aos bolsos. *Ele vai beber. Estou inclinado a me juntar a ele. Quando posso retornar sem temer por minha vida?*

Fiz um gesto vulgar para Rhys pela janela. *Que guerreiro illyriano grande e forte.*

Guerreiros illyrianos sabem que batalhas escolher. E com Nestha observando tudo como um gavião e vocês duas circundando como abutres... Sei quem vai sair vivo dessa briga.

Fiz o gesto de novo, e Mor entendeu o suficiente do que estava sendo dito para imitar o movimento. Rhys deu uma gargalhada baixa e fez uma reverência.

Os Grão-Senhores mandaram respostas, revelei quando ele saiu andando. *Diurna, Crepuscular e Invernal virão*.

Eu sei, respondeu ele. *E acabo de saber por Cresseida que Tarquin está considerando*.

Melhor que nada. Foi tudo o que eu disse.

Rhys sorriu para mim por cima do ombro. *Aproveite o chá, sua dama de companhia insuportável.*

Eu precisava de uma dessas perto de você, sabe?

Tinha quatro *nesta casa.*

Sorri quando Rhys finalmente chegou ao portão baixo da entrada, onde Cassian esperava, aparentemente usando o atraso momentâneo para alongar as asas, para a alegria de meia dúzia de crianças que agora as olhavam boquiabertas.

— *Concentração* — sibilou Amren da outra sala.

A mesa de jantar chacoalhou. O som pareceu assustar Elain, que rapidamente apoiou a xícara de chá. Ela ficou de pé, e Lucien também.

— Desculpe — disparou ele.

— O que... o que foi aquilo?

Mor levou a mão a meu joelho para evitar que eu também me levantasse.

— Foi... foi um puxão. No laço.

— *Não ouse*... menina travessa — disparou Amren.

Então, Nestha estava de pé ao portal.

— O que você fez? — As palavras soaram afiadas como uma faca.

Lucien olhou para ela, e depois, para mim. Um músculo estremeceu em seu maxilar.

— Nada — respondeu Lucien, e mais uma vez se virou para a parceira. — Desculpe... se aquilo a incomodou.

Elain passou para o lado de Nestha, que parecia a ponto de fervilhar.

— Pareceu... estranho — sussurrou Elain. — Como se puxasse um fio preso a uma costela.

Lucien expôs as palmas das mãos para ela.

— Desculpe.

Elain apenas o encarou por um longo momento. E qualquer lucidez se dissipou assim que ela sacudiu a cabeça, piscou duas vezes e disse a Nestha:

— Corvos gêmeos estão chegando, um branco e um preto.

Nestha escondeu bem o desapontamento. A frustração.

— O que posso trazer para você, Elain?

Somente com Elain ela usava aquela voz.

Mas Elain sacudiu a cabeça de novo.

— Luz do sol.

Nestha me lançou um olhar furioso antes de levar nossa irmã pelo corredor... até o jardim ensolarado nos fundos.

Lucien esperou até que a porta de vidro tivesse sido aberta e fechada antes de soltar um longo suspiro.

— Há um laço... é um verdadeiro fio — disse ele, mais para si que para nós.

— E? — perguntou Mor.

Lucien passou as duas mãos pelos longos cabelos vermelhos. A pele era mais escura — de um dourado intenso, em comparação à palidez das cores de Eris.

— E eu cheguei até a ponta de Elain do fio quando ela fugiu.

— Sentiu alguma coisa?

— Não... não tive tempo. Eu a *senti*, mas... — Um rubor manchou as bochechas de Lucien. O que quer que tivesse sentido, não era o que estávamos procurando. Mesmo que não tivéssemos ideia, exatamente, do que era.

— Podemos tentar de novo... outro dia — sugeri.

Lucien assentiu, mas pareceu pouco convencido.

— Alguém vá buscar sua irmã — gritou Amren, da sala de jantar. — A lição não acabou.

— Sim, Amren — suspirei.

A atenção de Lucien passou para trás de mim, para as diversas cartas de diferentes estilos e tipos de papel. Aquele olho dourado se semicerrou. Como emissário de Tamlin, ele sem dúvida as reconhecia.

— Deixem-me adivinhar: disseram que sim, mas escolher o local vai ser a dor de cabeça agora.

Mor franziu a testa.

— Alguma sugestão?

Lucien prendeu o cabelo com uma faixa de couro marrom.

— Tem um mapa?

Supus que com isso só restava eu para buscar Nestha.

— Aquele pinheiro não estava ali há um momento.

Azriel soltou uma risada baixa de onde estava sentado, sobre uma pedra, dois dias depois, me observando tirar folhas de pinheiro dos cabelos e do casaco.

— A julgar pelo tamanho, eu diria que está aí há... duzentos anos pelo menos.

Fiz cara de raiva, limpando as lascas de tronco e meu orgulho ferido.

Aquela frieza, aquela distância que estiveram ali logo após o ódio e a rejeição de Mor... Tinham arrefecido. Talvez porque Mor escolhera se sentar ao lado de Azriel no jantar na noite anterior — uma oferta silenciosa de perdão — ou simplesmente porque precisava de tempo para se recuperar. Mesmo que eu jurasse que alguma semente de culpa lampejava sempre que Azriel olhava para Mor. O que Cassian tinha pensado a respeito, seu ódio, mesmo com relação a Azriel... O general era todo sorrisos e comentários lascivos. Que bom que tudo voltara ao normal; pelo menos por enquanto.

Minhas bochechas queimaram quando subi na pedra em que Azriel se apoiava; a queda era de pelo menos 4,5 metros até a floresta abaixo, e o lago era uma extensão brilhante que despontava entre os pinheiros. Incluindo a árvore na qual eu colidira na mais

recente tentativa de saltar da pedra e simplesmente *planar* até o lago.

Apoiei as mãos no quadril, examinando a queda, as árvores, o lago além.

— O que fiz de errado?

Azriel, que estava afiando a Reveladora da Verdade no colo, voltou os olhos avelã para mim.

— À exceção da árvore?

O encantador de sombras tinha senso de humor. Era sarcástico e tranquilo, mas... quando estávamos sozinhos esse lado surgia muito mais frequentemente do que em meio ao grupo.

Eu tinha passado os dois últimos dias debruçada sobre livros antigos em busca de algum indício sobre como consertar a muralha a fim de mostrar a Amren ou Nestha, que continuavam silenciosa e invisivelmente construindo e reparando muralhas na mente, ou debatendo com Rhys e os demais sobre como responder à saraivada de cartas que agora era trocada com os demais Grão-Senhores com relação ao local da reunião. Lucien tinha, de fato, nos dado uma localização inicial, e muitas mais conforme elas eram rejeitadas. Mas isso era esperado, dissera Lucien, como se tivesse organizado essas coisas incontáveis vezes. Rhys apenas assentia em concordância... e aprovação.

E, quando não estava fazendo isso... eu folheava *mais* livros, todo e qualquer livro que Clotho pudesse encontrar sobre o Uróboro. Sobre como dominá-lo.

O espelho era notório. Todos os filósofos conhecidos haviam refletido a respeito. Alguns tinham ousado encará-lo... e ficaram loucos. Outros tinham se aproximado e fugido de terror.

Eu não consegui encontrar um relato de alguém que o tivesse conquistado. Enfrentado o que espreitava dentro do espelho e saído de posse do objeto.

Exceto pela Tecelã do Bosque — que certamente parecia bastante louca, talvez graças ao espelho tão amado. Ou, talvez, qualquer que fosse o mal à espreita dentro da criatura tivesse maculado o espelho também. Alguns dos filósofos sugeriam isso, embora não soubessem seu nome; apenas que uma rainha sombria

certa vez o possuíra, o adorara. Espiara o mundo com o espelho... e o usara para caçar lindas donzelas e se manter eternamente jovem.

Supus que o fato de a família de Keir estar de posse do Uróboro havia milênios sugeria que a probabilidade de conseguir o espelho era baixa. Não era encorajador. Não quando todos os textos concordavam em uma coisa: não havia forma de contornar. Nenhuma brecha. Enfrentar o terror dentro do artefato... era o único caminho para reivindicar o espelho.

O que significava que eu talvez precisasse considerar alternativas — outras formas de atrair o Entalhador de Ossos para nosso lado. Quando chegasse o momento.

Azriel embainhou a lendária faca de caça e examinou as asas que eu abrira.

— Está tentando manobrar com os braços. Os músculos estão nas próprias asas e em suas costas. Seus braços são desnecessários, são mais para equilíbrio que qualquer outra coisa. E mesmo isso é mais um conforto mental.

Eram mais palavras do que eu jamais ouvira de Azriel.

Ele ergueu uma sobrancelha para minha boca aberta, e eu a fechei. Franzi a testa diante da queda à frente.

— De novo? — resmunguei.

Uma risada baixa.

— Podemos encontrar uma beirada mais baixa da qual saltar, se você quiser.

Encolhi o corpo.

— Você disse que *esta* era baixa.

Azriel se recostou nas mãos e esperou. Paciente, frio.

Mas senti a casca do tronco rasgar minhas mãos, o choque dos joelhos na lateral áspera...

— Você é imortal — disse Azriel, baixinho. — É muito difícil de quebrar. — Uma pausa. — Foi o que eu disse a mim mesmo.

— Difícil de quebrar — repeti, desapontada. — Mas ainda assim *dói*.

— Diga isso à árvore.

Contive uma gargalhada.

— Sei que a queda não é longa, e sei que não vai me matar. Não pode simplesmente... me *empurrar*?

Pois era aquele salto inicial de pura confiança, aquele tropeção inicial para o movimento que fazia pernas e braços travarem.

— Não. — Uma resposta simples.

Eu ainda assim hesitei.

Inútil... aquele medo. Eu tinha enfrentado o Attor, caído pelo céu por 300 metros.

E o ódio dessa lembrança, do que o Attor fizera com a própria vida miserável, do que outros como ele poderiam fazer de novo, me fez trincar os dentes e saltar da pedra.

Estendi bem as asas, minhas costas protestaram quando o vento bateu em sentido contrário, mas minha metade inferior começou a descer, as pernas eram um peso morto quando a musculatura abdominal cedeu...

A árvore infernal se ergueu diante de mim e desviei rapidamente para a direita.

Direto contra outra árvore.

Batendo com as asas primeiro.

O som de osso e cartilagem sobre madeira, e depois sobre terra, me atingiu antes que a dor viesse. Assim como o xingamento baixinho de Azriel.

Um pequeno ruído saiu de dentro de mim. O ardor nas palmas das mãos foi registrado primeiro... depois, nos joelhos.

Então, nas costas...

— Merda! — Foi tudo o que consegui dizer quando Azriel se ajoelhou diante de mim.

— Você está bem. Apenas atordoada.

O mundo ainda estava se reorganizando.

— Desviou bem — elogiou Azriel.

— Direto para outra árvore.

— Estar ciente dos arredores é metade do trabalho de voar.

— Você já disse isso — retruquei. Azriel dissera. Uma dezena de vezes só naquela manhã.

Azriel apenas se sentou sobre os calcanhares e me ofereceu a mão. Minha carne queimava quando lhe segurei os dedos, um número assustador de agulhas de pinheiro e farpas caiu de cima de mim. Minhas costas latejavam tanto que abaixei as asas, sem me

importar se estas arrastavam na terra quando Azriel me levou na direção da beira do lago.

Sob o sol ofuscante refletido na água turquesa, as sombras de Azriel tinham sumido, e o rosto parecia evidente e claro. Mais... humano que eu jamais o vira.

— De maneira alguma conseguirei voar com as legiões, não é? — perguntei, ajoelhando ao lado de Azriel enquanto ele cuidava de minhas palmas esfoladas com habilidade e carinho. O sol era brutal contra as cicatrizes do encantador de sombras; não ocultava uma mancha espiralada e ondulada.

— Provavelmente não — respondeu Azriel. Meu peito murchou. — Mas não faz mal treinar até o último minuto. Nunca se sabe quando qualquer nível de treino será útil.

Encolhi o corpo quando ele tirou uma enorme farpa de minha palma e, depois, a lavou.

— Aprender a voar foi muito difícil para mim — disse Azriel. Não ousei retrucar. — A maioria dos illyrianos aprende na infância. Mas... presumo que Rhysand tenha lhe contado os detalhes da minha.

Assenti. Azriel terminou uma das mãos e começou a outra.

— Porque eu era tão velho, tinha medo de voar, e não confiava em meus instintos. Era... uma vergonha aprender tão tarde. Não apenas para mim, mas para todos no acampamento de guerra depois que eu cheguei. Mas consegui, em geral saindo sozinho. Cassian, é claro, me encontrou primeiro. Debochou de mim, me espancou muito e, então, se ofereceu para me treinar. Rhys estava lá no dia seguinte. Eles me ensinaram a voar.

Azriel terminou minha outra mão e se sentou na margem, e as pedras murmuraram quando se moveram sob o guerreiro. Fiquei sentada a seu lado, apoiando as palmas doloridas para cima, sobre os joelhos, deixando minhas asas relaxadas atrás do corpo.

— Porque foi um esforço tão grande... Alguns anos após a Guerra, Rhys me trouxe uma história. Foi um presente... a história. Para mim. Ele... ele foi ver Miryam e Drakon no novo lar de ambos, a visita foi tão secreta que nem mesmo Rhys soube do encontro até voltar. Sabíamos que o povo dos dois não se afogara no mar, como todos acreditavam, como quiseram que os outros acreditassem. Veja bem, Miryam libertou seu povo da rainha da Terra Negra,

liderou todos, quase cinquenta mil deles, pelo deserto, até o litoral do mar Erythrian, a legião aérea de Drakon deu cobertura. Mas chegaram ao mar e descobriram que os navios preparados para os transportar pelo estreito canal até o reino seguinte haviam sido destruídos. Destruídos pela própria rainha, que mandara os exércitos restantes a fim de recuperar os antigos escravos.

“O povo de Drakon, os serafins, são alados. Como nós, mas as asas têm penas. E diferentemente de nós, o exército e sua sociedade permitem que mulheres liderem, lutem, governem. Todos têm o dom da magia poderosa do vento e do ar. E, quando viram aquele exército na ofensiva, souberam que suas forças eram pequenas demais para enfrentá-lo. Então, partiram o próprio mar, fizeram um caminho pela água, até o canal, e ordenaram que os humanos corressem.

“Eles o fizeram, mas Miryam insistiu em ficar para trás até que o último de seu povo tivesse atravessado. Ela não deixaria um humano para trás. Nem um. Estavam no meio da passagem quando o exército os alcançou. Os serafins estavam exaustos, sua magia mal conseguia segurar a passagem pelo mar. E Drakon sabia que, se a mantivessem por mais tempo... aquele exército atravessaria e massacraria os humanos do outro lado. Os serafins combateram a vanguarda no leito do mar, e foi sangrento e brutal e caótico... E, durante a confusão, não viram Miryam ser perfurada pela própria rainha. Drakon não viu. Ele achou que Miryam tivesse atravessado, carregada por um dos soldados. Ordenou que o mar dividido descesse para afogar as forças inimigas.

“Mas uma jovem cartógrafa serafim chamada Nephelle viu Miryam cair. A amante de Nephelle era uma entre os generais de Drakon, e foi ela que percebeu que Miryam e Nephelle estavam sumidas. Drakon ficou alucinado, mas a magia se desgastara, e nenhuma força no mundo podia conter o mar conforme ele descia, e ninguém podia chegar à parceira de Drakon a tempo. Mas Nephelle chegou.

“Nephelle, veja bem, era cartógrafa porque fora rejeitada pelas tropas de luta da legião. Tinha as asas pequenas demais, a direita com um tipo de deformidade. E era pequena, baixa o suficiente para se tornar uma falha perigosa em uma parede de escudos. Drakon

permitira que Nephelle fizesse o teste para a legião como cortesia à amante da cartógrafa, mas Nephelle foi reprovada. Ela mal conseguia carregar o escudo seráfico, e as asas menores não eram fortes o suficiente para acompanhar os demais. Então, Nephelle se tornou valiosa como cartógrafa durante a Guerra, ajudando Drakon e a própria amante a encontrar vantagens geográficas nas batalhas. E se tornou a mais cara amiga de Miryam durante aqueles longos meses também.

"E naquele dia no leito do mar, Nephelle lembrou que a amiga estava na retaguarda da linha de combate. Ela voltou por Miryam, mesmo quando todos os demais fugiram para a costa distante. Ela encontrou Miryam atravessada pela lança da rainha, sangrando. A parede do mar começou a cair na margem oposta. Matando primeiro o exército que se aproximava, disparando até elas.

"Miryam disse a Nephelle que se salvasse. Mas Nephelle não abandonaria a amiga. Ela pegou Miryam nos braços e voou."

A voz de Azriel estava baixa com assombro.

— Quando Rhys falou com Drakon sobre isso, anos depois, o rei ainda não tinha palavras para descrever o que acontecera. Desafiava a lógica, todo o treinamento. Nephelle, que jamais fora forte o bastante para segurar um escudo seráfico, carregou Miryam, que tinha o triplo do peso. E mais que isso... Ela *voou*. O mar estava desabando sobre as duas, mas Nephelle voou como a melhor das guerreiras serafins. O leito do mar era um labirinto de rochas irregulares, estreito demais para que os serafins voassem por ele. Tentaram durante a fuga e se chocaram contra as pedras. Mas Nephelle, com as asas menores... Se fossem *2 centímetros* mais longas, ela não teria cabido. Melhor... Nephelle disparou entre as pedras, Miryam morrendo em seus braços, tão rápida e habilidosa quanto o mais forte dos serafins. Nephelle, que fora dispensada, que fora esquecida... Ela foi mais rápida que a própria morte. Não havia 30 centímetros entre a cartógrafa e a água de cada lado quando Nephelle disparou do leito do mar; nem metade disso se erguendo sob seus pés. E, mesmo assim, a envergadura pequena demais das asas de Nephelle, aquela asa deformada... não lhe falharam. Nem uma vez. Nem por um bater de asas.

Meus olhos queimaram.

— Ela conseguiu. Basta dizer que a amante desposou Nephelle naquela noite, e Miryam... Bem, está viva hoje por causa de Nephelle. — Azriel pegou uma pedra branca chata e a virou nas mãos. — Rhys me contou essa história quando voltou. E, desde então, temos adaptado secretamente a Filosofia Nephelle em nossos exércitos.

Ergui uma sobrancelha, e Azriel gesticulou com os ombros.

— Nós, Rhys, Cass e eu, de vez em quando nos lembramos de que o que achamos ser nossa maior fraqueza pode ser, às vezes, nossa maior força. E que a pessoa mais improvável pode mudar o curso da história.

— A Filosofia Nephelle.

Azriel assentiu.

— Aparentemente, todo ano naquele reino, organizam a Corrida Nephelle para honrar o voo. Em terra firme, mas... Ela e a esposa coroam um novo vencedor em comemoração ao que aconteceu naquele dia. — Azriel jogou a pedra de volta entre as demais na margem, e o som ecoou pela água. — Então, treinaremos, Feyre, até o último dia possível. Porque jamais saberemos se apenas uma hora a mais fará diferença.

Eu sopesei as palavras, a história de Nephelle. Fiquei de pé e abri as asas.

— Então, vamos tentar de novo.

✣

Gemi conforme manquei para nosso quarto naquela noite, e encontrei Rhys sentado à escrivaninha, debruçado sobre mais livros.

— Avisei que Azriel é um desgraçado rigoroso — disse ele, sem me olhar. Rhys ergueu uma das mãos, e água gorgolejou no banheiro adjacente.

Resmunguei um agradecimento e arrastei os pés até lá, trincando os dentes contra a dor nas costas, nas coxas, nos ossos. Cada parte minha *doía*, e, como os músculos precisavam ser refeitos em torno das asas, eu precisava carregá-las também. O ruído das asas se arrastando pela madeira e tapete, e, depois, pela

madeira de novo foi o único som além de meus pés cansados. Olhei para a banheira fumegante, o equilíbrio necessário para que eu entrasse, e choraminguei.

Mesmo me despir exigiria usar músculos quase mortos.

Uma cadeira raspou o chão do quarto, seguida por pés suaves como os de um gato, então...

— Tenho certeza de que já sabe disso, mas precisa de fato entrar na banheira para se limpar, não apenas olhar para ela.

Não tive forças para lhe lançar sequer um olhar atravessado, e consegui dar um passo trôpego e rígido na direção da água até que ele me segurasse.

Minhas roupas sumiram, possivelmente para a lavanderia abaixo, e Rhys me pegou nos braços, abaixando meu corpo nu na água. Com as asas, ficava apertado e...

Gemi do fundo da garganta ao sentir o delicioso calor, e não me dei o trabalho de fazer outra coisa que não recostar a cabeça nas costas da banheira.

— Volto logo — disse Rhys, e saiu do banheiro, e depois, do próprio quarto.

Quando ele voltou, eu só soube que tinha caído no sono graças à mão que Rhys colocou em meu ombro.

— Fora — exigiu ele, mas me levantou, me secou e me levou para a cama.

Rhys me deitou de barriga para baixo, e reparei nos óleos e nos bálsamos que ele apoiara ali, o leve odor de alecrim e de... algo que eu estava cansada demais para identificar, mas tinha um cheiro delicioso, fluíram até mim. As mãos de Rhys brilharam quando aplicou uma quantidade generosa nas palmas, e então essas mãos estavam em mim.

Meu gemido foi tão vulgar quanto possível conforme Rhys pressionou os músculos doloridos de minhas costas. As áreas mais sensíveis me arrancaram soluços bastante patéticos, mas Rhys as esfregou com cuidado, até que a tensão fosse uma dor fraca, em vez de forte e lancinante.

E, então, ele começou a trabalhar em minhas asas.

Alívio e êxtase, conforme músculos se aliviavam e aquelas áreas sensíveis eram maravilhosa e provocadoramente alisadas.

Meus dedos dos pés se curvaram, e, no momento que Rhys chegou àquele ponto delicado que fazia meu estômago dar um nó, ele deslizou as mãos até minhas panturrilhas. Rhys começou uma progressão lenta, mais e mais alta, para cima das coxas, entre elas, com carícias provocantes que me deixaram sem fôlego. Ele subiu até minhas costas, onde a massagem foi ao mesmo tempo profissional e pecaminosa. E, depois, mais para cima, pela lombar, até as asas.

O toque ficou diferente. Exploratório. Carícias longas e leves como uma pena, arcos e redemoinhos e linhas retas, incandescentes.

Meu núcleo se aqueceu, se derreteu, e mordi o lábio quando Rhys raspou devagar uma unha tão, tão perto daquele ponto interior sensível.

— Uma pena estar tão dolorida por causa do treino — refletiu Rhys, formando círculos preguiçosos, indolentes.

Eu só consegui imaginar uma sequência confusa de palavras que eram tanto uma súplica quanto um insulto.

Rhys se aproximou, o hálito aqueceu a pele entre minhas asas.

— Já disse que você tem a boca mais suja que já ouvi?

Murmurei palavras que apenas ofereceram mais provas dessa alegação.

Rhys riu e roçou a beirada daquele ponto sensível, no momento que a outra mão deslizou entre minhas pernas.

Ousadamente, ergui o quadril em uma exigência silenciosa. Mas Rhys apenas circundou com o dedo, tão preguiçoso quanto as carícias em minha asa. Ele beijou minha coluna.

— Como farei amor com você esta noite, Feyre querida?

Eu me contorci, roçando contra as dobras dos cobertores sob meu corpo, desesperada por qualquer fricção conforme Rhys me deixava pendurada naquele limiar.

— Tão impaciente — ronronou ele, e deslizou aquele dedo para dentro de mim. Gemi, a sensação foi excessiva, desgastante demais, Rhys tinha uma das mãos entre minhas pernas, e a outra, acariciando mais e mais perto daquele ponto na asa, um predador cercando a presa.

— Será que algum dia vai passar? — refletiu ele, mais para si que para mim quando outro dedo se juntou àquele que deslizava para dentro e para fora de mim com carícias provocadoras, indolentes. — Desejar você, a cada hora, com cada fôlego. Não acho que suporto mil anos disso. — Meu quadril se movia com Rhys, guiando-o mais para dentro. — Pense no quanto minha produtividade vai cair.

Grunhi algo para ele que provavelmente *não* era muito romântico, e Rhys gargalhou, deslizando os dois dedos para fora. Solucei, em protesto.

Até que a boca de Rhys substituiu os dedos, e as mãos agarraram meu quadril para me levantar, para facilitar o acesso conforme Rhys se banqueteava em mim. Gemi, o som foi abafado pelo travesseiro, e ele apenas mergulhou mais profundamente, provocador e excitante a cada carícia.

Um gemido baixo se libertou de mim, meu quadril ondulou. Rhys o segurou com mais força, me mantendo parada para que continuasse sua tarefa.

— Jamais consegui pegá-la na biblioteca — disse ele, arrastando a língua bem para meu centro. — Precisamos consertar isso.

— Rhys. — O nome foi como uma súplica em meus lábios.

— Hummm. — Foi tudo o que Rhys disse, um tremor de som contra mim... Ofeguei, os dedos se fechando em punhos nos lençóis.

As mãos de Rhys saíram de meu quadril por fim, e mais uma vez sussurrei seu nome, em agradecimento, alívio e antecipação de que Rhys finalmente me desse o que eu queria...

Mas sua boca se fechou em torno do aglomerado de nervos no ápice de minha coxa enquanto a mão... Rhys foi direto para aquele maldito ponto na beirada interior de minha asa esquerda, e acariciou com leveza.

Meu clímax irrompeu de dentro de mim com um grito rouco, me lançou em disparada para fora do corpo. E, quando a ondulação dos tremores e a luz de estrelas se dissiparam...

Uma exaustão até os ossos se assentou sobre mim, permanente e infinita, como o laço de parceria entre nós. Rhys se enroscou na

cama atrás de mim, fechando minhas asas para que pudesse me aninhar contra o corpo.

— Foi um experimento divertido — murmurou Rhys em meu ouvido.

Eu conseguia sentir Rhys contra minhas costas, rígido, pronto, mas, quando fiz menção de estender o braço para ele, os braços de Rhys apenas me envolveram.

— Durma, Feyre — disse ele para mim.

Então, apoiei a mão em seu antebraço, me deliciando com a força delineada abaixo, e aninhei a cabeça contra o peito de meu parceiro.

— Eu queria ter dias para passar com você... assim. — Consegui dizer antes que minhas pálpebras se fechassem. — Só eu e você.

— Nós teremos. — Rhys beijou meu cabelo. — Nós teremos.

Capítulo 30

No dia seguinte, ainda estava tão dolorida que precisei avisar a Cassian que não treinaria com ele. Ou com Azriel.

Um erro, talvez, considerando que os dois apareceram na porta da casa na cidade minutos depois, exigindo saber qual diabo era o problema comigo, o último trazendo uma lata de bálsamo para ajudar com as dores nas costas.

Agradeci a Azriel pelo bálsamo e disse a Cassian que cuidasse da própria vida.

Então, pedi que ele voasse com Nestha até a Casa do Vento por mim, pois eu certamente não poderia carregá-la até lá — nem mesmo por poucos metros depois de atravessar.

Minha irmã, ao que parecia, não encontrara nada nos livros sobre consertar a muralha — e como ninguém mostrara a ela a biblioteca ainda... eu me ofereci. Principalmente porque Lucien partira antes do café da manhã para uma biblioteca do outro lado da cidade, a fim de procurar qualquer coisa sobre o conserto da muralha, uma tarefa que eu estava mais que disposta a delegar. Talvez me sentisse culpada por jamais ter dado a ele um tour

decente por Velaris, mas... Lucien parecia ansioso. Mais que ansioso — ele parecia impaciente para ir sozinho até a cidade.

Os dois illyrianos pararam de me inspecionar tempo o suficiente a fim de notar minhas irmãs terminando o café da manhã; Nestha com um vestido cinza-pálido que ressaltava a prata nos olhos, Elain usando rosa esmaecido.

Os dois machos ficaram um pouco imóveis. Mas Azriel esboçou uma reverência — enquanto Cassian saiu batendo os pés até a mesa, estendeu o braço por cima do ombro de Nestha e pegou um bolinho da pequena cesta.

— Bom dia, Nestha — disse ele, com a boca cheia de limão com mirtilo. — Elain.

As narinas de Nestha se dilataram, mas Elain ergueu o olhar para Cassian, piscando duas vezes.

— Ele partiu suas asas, quebrou seus ossos.

Tentei afastar o som do grito de Cassian — a lembrança do sangue jorrando.

Nestha encarou o prato. Elain, pelo menos, saíra do quarto, mas...

— Será preciso mais que isso para me matar — disse Cassian, com um risinho que não alcançou os olhos.

— Não, não será — respondeu Elain, apenas.

As sobrancelhas escuras de Cassian se franziram. Passei a mão no rosto antes de seguir até Elain e lhe tocar o ombro ossudo demais.

— Posso arrumar um lugar para você no jardim? As ervas que plantou estão crescendo bem.

— Posso ajudá-la — anunciou Azriel, aproximando-se da mesa quando Elain se levantou silenciosamente. Nenhuma sombra nas orelhas, nenhuma escuridão envolvendo os dedos do encantador quando ele estendeu a mão.

Nestha o monitorou, como um gavião, mas manteve-se calada enquanto Elain aceitava a mão de Azriel e os dois saíam.

Cassian terminou o bolinho, lambendo os dedos. Eu podia ter jurado que Nestha observou a coisa toda com um olhar de esguelha. Ele sorriu para ela, como se também soubesse.

— Pronta para voar, Nes?

— Não me chame assim.

A coisa errada a dizer, pela forma como os olhos de Cassian se iluminaram.

Escolhi aquele momento para atravessar até o céu acima da Casa, rindo quando o vento me carregou pelo mundo. Uma retribuição fraterna, supus. Pela atitude geral de Nestha.

Ainda bem que ninguém testemunhou minha ligeiramente melhor aterrissagem-queda na varanda, e, quando a figura escura de Cassian surgiu no céu, os cabelos de Nestha brilhantes como bronze ao sol da manhã, eu já havia limpado a poeira das vestes de couro.

O rosto de minha irmã estava corado pelo vento quando Cassian a apoiou com cuidado. Então, ela saiu andando para as portas de vidro sem um único olhar para trás.

— De nada — gritou Cassian atrás de Nestha, com mais que um tom afiado na voz. As mãos se fecharam e relaxaram ao lado do corpo, como se tentasse remover a sensação de Nestha das palmas.

— Obrigada — agradeci a ele, mas Cassian não se deu o trabalho de se despedir quando se lançou para o céu e desapareceu nas nuvens.

A biblioteca sob a casa estava escura, silenciosa. As portas se abriram para nós, da mesma forma que se abriram quando Rhys e eu a visitamos pela primeira vez.

Nestha não disse nada, apenas observou cada estante e nicho e lustre pendurado conforme eu a levei até o andar em que Clotho encontrara aqueles livros. Mostrei a minha irmã a pequena área de leitura que eu ocupava, e indiquei a escrivaninha.

— Sei que Cassian a irrita, *mas* também estou curiosa. Como *sabe* o que procurar com relação à muralha?

Nestha passou um dedo pela mesa de madeira antiga.

— Porque simplesmente sei.

— Como?

— Não sei como. Amren me disse apenas para... ver se a informação se encaixa. — E, talvez, isso a assustasse. Intrigasse, mas assustasse. E Nestha não contara a Cassian por desprezo,

mas porque não queria revelar essa vulnerabilidade. Essa falta de controle.

Não insisti. Mesmo ao encará-la por um momento. Não sabia como... como abordar aquele assunto, como perguntar se ela estava bem, se eu podia ajudar. Eu nunca fora carinhosa com Nestha, jamais a abraçara. Beijara sua bochecha. Não sabia por onde começar. Então, apenas falei:

— Rhys me deu o desenho da disposição das estantes. Acho que pode haver mais de uma sobre o Caldeirão e a muralha alguns andares abaixo. Pode esperar aqui ou...

— Ajudo você a procurar.

Seguimos pelo caminho íngreme em silêncio; o farfalhar de papel e o ocasional sussurro das vestes de uma sacerdotisa no piso de pedra eram os únicos ruídos. Em voz baixa, expliquei a ela quem eram as sacerdotisas... por que estavam ali. Expliquei que Rhys tinha planejado oferecer santuário a qualquer humano capaz de chegar a Velaris.

Ela não disse nada, estava cada vez mais silenciosa conforme descíamos, e aquele poço negro à direita parecia ficar mais denso à medida que descíamos.

Mas chegamos a um trecho de estantes que se curvava para dentro da montanha, formando um longo corredor, e luzes feéricas se acenderam dentro de esferas de vidro na parede conforme passamos. Nestha observou as prateleiras enquanto caminhávamos, e li os títulos — um pouco mais devagar, ainda levando mais tempo em processar o que para minha irmã era instintivo.

— Eu não sabia que você não sabia ler de verdade — confessou Nestha, ao parar diante de uma seção comum, reparando na forma como eu silenciosamente dizia as palavras de um título. — Não sabia em que ponto estava com suas aulas... quando tudo aconteceu. Presumi que podia ler tão facilmente quanto nós.

— Bem, eu não podia.

— Por que não nos pediu que a ensinássemos?

Passei um dedo pela fileira organizada de lombadas.

— Porque duvidava de que vocês concordariam em ajudar.

Nestha enrijeceu, como se eu tivesse lhe batido, a frieza floresceu naqueles olhos. Então, minha irmã puxou um livro da prateleira.

— Amren disse que Rhysand a ensinou a ler.

Minhas bochechas coraram.

— Ensinou. — E ali, bem no fundo do mundo, com apenas a escuridão como companhia, eu perguntei: — Por que você afasta todo mundo menos Elain? — *Por que sempre* me *afastou?*

Alguma emoção tremeluziu nos olhos de Nestha. Ela engoliu em seco. Nestha fechou os olhos por um momento, inspirando profundamente.

— Porque...

As palavras cessaram.

Eu senti no mesmo momento que ela.

A ondulação e o tremor. Como... como se algum pedaço do mundo tivesse se alterado, como se alguma corda desafinada estivesse sendo arrancada.

Nós nos viramos na direção do caminho iluminado que tínhamos acabado de tomar, pelas estantes e, depois, para a escuridão muito, muito além.

As luzes feéricas pelo teto começaram a tremeluzir e se apagar. Uma a uma.

Mais e mais perto de nós.

Eu só tinha uma faca illyriana na lateral do corpo.

— O que é isso? — sussurrou Nestha.

— Corra! — Foi tudo o que eu disse.

Não dei a ela a chance de protestar quando a segurei pelo cotovelo e disparei para as estantes adiante. Luzes feéricas se acenderam quando passamos — apenas para serem devoradas pela escuridão que avançava até nós.

Lenta; minha irmã era tão lenta com o vestido, com a total falta de exercícios...

Rhys.

Nada.

Se os feitiços em torno da Prisão eram espessos o bastante para manter a comunicação de fora... Talvez o mesmo se aplicasse ali dentro.

Uma muralha se aproximou... com um corredor à frente. Um segundo declive: para a esquerda, uma subida, para a direita, um mergulho para baixo...

A escuridão serpenteava do alto até o fundo. Mas as trevas como nanquim que levavam para as profundezas... pareciam arejadas e abertas.

Tomei a direita.

— Mais rápido — chamei a atenção de Nestha. Se conseguíssemos levar quem quer que fosse mais para baixo, talvez pudéssemos dar a volta pelo poço. Eu atravessaria...

Atravessar. Eu podia atravessar *agora*...

Segurei o braço de Nestha.

No momento que a escuridão atrás de nós parou, e dois Grão-Feéricos saíram de dentro do breu. Ambos machos.

Um de cabelos escuros, outro de cabelos claros. Ambos usando casacos cinza bordados com fio branco como osso.

Eu conhecia aquele brasão sobre o ombro direito. Conhecia seus olhos mortos.

Hybern. Hybern estava *ali*...

Não fui rápida o bastante quando um deles soprou contra nós.

Quando aquela poeira azul de veneno feérico foi borrifada em meus olhos, na boca, e minha magia morreu.

O arquejo de Nestha me informou que ela sentiu algo semelhante.

Mas foi em minha irmã que os dois se concentraram quando cambaleei para trás, minhas lágrimas faziam escorrer a poeira dos olhos, cuspindo o veneno feérico. Agarrei o braço de Nestha, tentando atravessar. Nada.

Atrás dos dois, uma sacerdotisa encapuzada estava caída no chão.

— Tão fácil entrar nas mentes delas depois que nosso mestre nos permitiu passar pelas proteções — disse um dos machos, o de cabelos pretos. — Fazer com que pensassem que éramos acadêmicos. Tínhamos planejado vir atrás de você... Mas parece que nos encontrou primeiro.

Tudo isso dito a minha irmã. O rosto de Nestha estava quase branco, embora os olhos não mostrassem medo.

— Quem são vocês?

O de cabelos brancos deu um largo sorriso quando eles se aproximaram.

— Somos os Corvos do rei. Os olhos voadores, suas garras. E viemos pegá-la de volta.

O rei... seu mestre. Ele tinha... Pela Mãe.

Será que o rei estava ali, em Velaris?

Rhys. Bati com minha mão mental contra o laço. Diversas vezes. *Rhys*.

Nada.

A respiração de Nestha começou a acelerar. Espadas pendiam do quadril dos machos — duas de cada lado. Os ombros dos Grão-Feéricos eram largos, e os braços, grandes o suficiente para indicar que músculos preenchiam aquelas roupas delicadas.

— Não vão levá-la a lugar algum — falei, pegando a faca. Como o rei tinha conseguido... Chegado ali sem ser notado, partido nossas proteções? E se ele estava em Velaris... Afastei o terror ao pensar naquilo. No que ele poderia estar fazendo além dessa biblioteca, invisível e escondido...

— Você também é um tesouro inesperado — disse o de cabelos pretos para mim. — Mas sua irmã... — Um sorriso que exibiu os dentes brancos demais. — Você levou algo daquele Caldeirão, menina. O rei quer de volta.

Por isso o Caldeirão não podia destruir a muralha. Não porque seu poder se esgotara.

Mas porque Nestha roubara poder demais.

Capítulo 31

Analisei as alternativas diante de mim.

Duvidava de que os Corvos do rei fossem burros o bastante para continuar falando até que meus poderes voltassem. E, se o rei estava de fato ali... Precisava avisar a todos. *Imediatamente*.

Aquilo me deixava com três opções.

Enfrentá-los em combate corpo a corpo com apenas uma faca, enquanto cada um dos machos estava armado com lâminas gêmeas e era musculoso o suficiente para saber como usá-las.

Começar a correr, e tentar sair da biblioteca — e arriscar mais traumas ou a vida das sacerdotisas nos andares acima.

Ou...

— Se quiser o que tomei — dizia Nestha. — Que venha buscar ele mesmo.

— Está ocupado demais para isso — ronronou o macho de cabelos brancos, avançando mais um passo.

— Aparentemente, vocês não estão.

Segurei os dedos de Nestha com a mão livre. Ela me olhou.

Preciso que confie em mim, tentei comunicar a minha irmã.

Nestha leu as emoções em meus olhos... e deu um ínfimo aceno com o queixo.

— Cometeram um grande erro vindo até aqui — avisei a eles. — Até *minha* casa.

Os dois riram com deboche.

Sorri, debochada, ao dizer:

— E espero que ele dilacere os dois até virarem retalhos ensanguentados.

Então corri, puxando Nestha comigo. Não na direção dos andares superiores.

Mas para baixo.

Até a escuridão eterna do poço no coração da biblioteca.

E para os braços do que quer que espreitasse ali.

Uma volta e para baixo, uma volta e para baixo...

Prateleiras e papel e mobília e escuridão, o cheiro ficava almiscarado e úmido, o ar, mais espesso, a escuridão parecia orvalho em minha pele...

O fôlego de Nestha saía irregular, a saia farfalhava a cada passo acelerado.

Tempo... era apenas uma questão de tempo antes que uma daquelas sacerdotisas entrasse em contato com Rhys.

Mas até mesmo um minuto poderia ser tarde demais.

Não havia escolha. Nenhuma.

Luzes feéricas pararam de surgir adiante.

Uma risada baixa, terrível, soou atrás de nós.

— Não é tão fácil, é... Encontrar o caminho na escuridão.

— Não pare — falei, ofegante, para Nestha, impulsionando nós duas mais para dentro da escuridão.

Um arranhar agudo soou. Como garras em pedra.

— Sabem o que aconteceu com elas... as rainhas? — cantarolou um dos Corvos.

— Continue — sussurrei, apoiando a mão na parede para me equilibrar.

Em breve; chegaríamos ao fundo em breve, e então... E então enfrentaríamos um horror tão terrível que Cassian não ousava nomear.

Dos males, o menor — ou o maior.

— A mais jovem, aquela vadia de expressão afetada, entrou no Caldeirão primeiro. Praticamente pisoteou as outras para entrar depois que viu o que ele fez com você e sua irmã.

— Não pare — repeti, quando Nestha tropeçou. — Se eu cair, *corra*.

Era uma escolha que eu não precisava debater. Não me assustava. Nem por um segundo.

Pedra rangeu sob conjuntos idênticos de garras.

— Mas o Caldeirão... Ah, ele *sabia* que algo lhe fora tirado. Não tinha consciência, mas... sabia. E, quando aquela jovem rainha entrou...

Os Corvos riram. Riram enquanto a ladeira se nivelava e nos vimos no fundo da biblioteca.

— Ah, ele lhe concedeu a imortalidade. Transformou-a em feérica. Mas, como algo tinha sido levado... o Caldeirão tomou da rainha o que lhe era mais caro: a juventude. — Os dois riram de novo. — Uma jovem entrou... mas uma velha enrugada saiu.

Das profundezas de minha memória, a voz de Elain soou: *Vi mãos jovens se enrugarem com a idade.*

— As outras rainhas não querem entrar no Caldeirão por terror de que o mesmo lhes aconteça. E a mais jovem... Ah, deveria ouvir como ela fala, Nestha Archeron. As coisas que *ela* quer fazer com você quando Hybern tiver terminado...

Corvos gêmeos estão vindo.

Elain soubera. *Sentira*. Tentara nos avisar.

Havia prateleiras antigas ali embaixo. Ou, pelo menos, eu as senti quando nos chocamos contra inúmeras quinas durante a corrida às cegas. Onde estava, onde *estava...*

Nós nos embrenhamos na escuridão.

— Estamos ficando entediados com essa perseguição — disse um deles. — Nosso mestre está esperando que a levemos de volta.

Ri alto o bastante para que ouvissem.

— Estou chocada que ele tenha sequer conseguido quebrar as proteções... ele parece precisar de uma arca de objetos mágicos para fazer o trabalho por ele.

O outro sibilou, garras arranhando mais alto:

— De quem acha que era o livro de feitiços que Amarantha roubou tantas décadas atrás? Quem sugeriu a brincadeira de colocar máscaras nos rostos da Primaveril como punição? Outro pequeno feitiço, o que ele gastou hoje, para atravessar suas proteções aqui. Só poderia ser usado uma vez... que pena.

Estudei o leve fiapo de luz que conseguia discernir — muito, muito longe, e bem no alto.

— Corra na direção da luz — sussurrei para Nestha. — Vou segurá-los.

— Não.

— Não tentem ser nobres, se é sobre isso que estão sussurrando — grasnou um dos Corvos, atrás de nós. — Pegaremos as duas de qualquer jeito.

Não tínhamos tempo... para que o que quer que estivesse ali embaixo nos encontrasse. Não tínhamos tempo...

— *Corra* — sussurrei. — Por favor.

Nestha hesitou.

— *Por favor* — implorei a ela, a voz falhando.

Nestha apertou minha mão uma vez.

E, entre um fôlego e outro, ela disparou para o lado... na direção do centro do poço. A luz estava alta acima.

— O que... — Um dos Corvos disparou, mas eu golpeei.

Cada osso em meu corpo gritou de dor conforme me choquei contra uma das estantes. Depois, de novo. E de novo.

Até que a estante se inclinou e tombou, desabando sobre outra estante ao lado. E na seguinte. E na seguinte.

Bloqueando o caminho que Nestha tomara.

E qualquer chance que eu tivesse de escapar também. Madeira rangeu e se quebrou, livros caíram na pedra.

Porém, adiante...

Raspei e tateei o chão conforme mergulhei mais para o centro do chão do poço. Minha magia era como uma casca oca nas veias.

— Mesmo assim a pegaremos, não se preocupe — cantarolou um dos Corvos. — Não queremos separar irmãs queridas.

Onde você está onde você está onde você está Não vi a parede à frente.

Meus dentes tiniram quando me choquei de cara. Tateei às cegas, procurando uma falha, um canto...

A parede prosseguia. Sem saída. Se era um corredor sem saída...

— Nenhum lugar aonde ir, Senhora — disse um dos Corvos.

Continuei em frente, os dentes trincados, medindo o poder ainda congelado dentro de mim. Nem mesmo uma brasa para conjurar e iluminar o caminho, para mostrar onde eu estava...

Para mostrar qualquer buraco adiante...

O terror fez meus ossos travarem. Não. Não, continue em movimento, continue em frente...

Estendi as mãos, desesperada em busca de uma prateleira em que me agarrar. Certamente não colocariam uma prateleira perto de um buraco aberto na terra...

Escuridão vazia encontrou meus dedos, passou entre eles. De novo e de novo.

Tropecei um passo.

Couro encontrou meus dedos; couro sólido. Agitei as mãos, lombadas duras de livros encontraram minhas palmas, e contive o soluço de alívio. Um bote salva-vidas em um mar violento; apalpei o caminho até a estante, agora correndo. Ela acabou rápido demais. Dei mais um passo às cegas para a frente, e tateei até virar na quina de outra estante. No momento que os Corvos sibilaram com insatisfação.

O som disse o bastante.

Eles tinham me perdido... por um momento.

Prossegui centímetro a centímetro, mantendo as costas contra uma prateleira, acalmando os pulmões ofegantes até que meu fôlego ficasse quase silencioso.

— Por favor — soprei para a escuridão, e mal passou de um sussurro. — Por favor, me ajude.

Ao longe, um *bum* estremeceu o piso antigo.

— Grã-Senhora da Corte Noturna — cantarolou um dos Corvos. — Que tipo de jaula nosso rei construirá para você?

O medo me faria ser morta, o medo...

Uma voz baixa sussurrou em meu ouvido: *Você é a Grã-Senhora?*

A voz era ao mesmo tempo jovem e velha, horrível e linda.

— S-sim — sussurrei.

Eu não conseguia detectar calor corporal, nenhuma presença física, mas... Eu o senti atrás de mim. Mesmo com as costas para a escuridão, senti sua massa espreitando atrás de mim. Ao meu redor. Como um manto.

— Sentimos seu cheiro — disse o outro Corvo. — Como seu parceiro se revoltará quando descobrir que a levamos.

— Por favor — sussurrei para a coisa agachada atrás de mim, acima de mim.

O que me dará?

Uma pergunta tão perigosa. Jamais faça um acordo, avisara Alis certa vez para mim, antes de Sob a Montanha. Mesmo que os acordos que eu tivesse feito... eles nos salvaram. E me levaram até Rhys.

— O que você quer?

— Com quem ela está falando? — perguntou um dos Corvos.

A pedra e o vento ouvem tudo, falam tudo. Eles sussurraram para mim sobre seu desejo de controlar o Entalhador. De negociar.

Meu fôlego saía forte e rápido.

— E daí?

Eu o conheci certa vez... há muito tempo. Antes que tantas coisas rastejassem sobre a terra.

Os Corvos estavam próximos... próximos demais quando um deles sibilou: — O que ela está balbuciando?

— Será que ela conhece um feitiço, como o mestre conhecia?

— Qual é seu preço? — sussurrei para a escuridão atrás de mim.

Os passos dos Corvos soaram tão próximos que não podiam estar a mais de 6 metros.

— Com quem está falando? — indagou um deles.

Companhia. Mande companhia para mim.

Abri a boca, mas então eu disse:

— Para... comer?

Uma gargalhada que fez minha pele se arrepiar.

Para me falar sobre a vida.

O ar adiante mudou... quando os Corvos de Hybern se aproximaram.

— Aí está você — disse um deles, fervilhando.

— Está acordado — sussurrei. A pele em meu antebraço esquerdo formigou. A coisa atrás de mim... Podia ter jurado que a senti sorrir.

Devo matá-los?

— P-por favor.

Um brilho se acendeu diante de mim, e pisquei diante da esfera ofuscante de luz feérica.

Vi os Corvos gêmeos primeiro, com aquela luz feérica na altura dos ombros... para me iluminar quando me levassem.

A atenção dos dois se voltou para mim. Depois, passou para cima de meu ombro. Minha cabeça.

Terror absoluto, irrefreável, tomou seus rostos. Diante do que estava atrás de mim.

Feche os olhos, ronronou a coisa em meu ouvido.

Obedeci, trêmula.

Então, só ouvi gritos.

Gritos agudos e súplicas. Ossos se partindo, sangue jorrando como chuva, tecido se rasgando e gritos, gritos, *gritos*...

Fechei os olhos com tanta força que doeu. Fechei com tanta força que tremi.

Então, havia mãos quentes e ásperas sobre mim, me arrastando para longe, e a voz de Cassian a meu ouvido dizia: — Não olhe. *Não olhe*.

Não olhei. Deixei que ele me levasse embora. No momento que senti Rhys chegar. Senti quando ele aterrissou no chão do poço com tanta força que a montanha inteira estremeceu.

Abri os olhos então. E o vi disparando em nossa direção, com a noite ondulando do corpo, tanta fúria no rosto...

— Tire-as daqui.

A ordem foi dada a Cassian.

Os gritos ainda ecoavam atrás de nós.

Avancei na direção de Rhys, mas ele já se fora, com uma nuvem de escuridão emanando do corpo.

Para bloquear a visão daquilo contra o que avançou.

Sabendo que eu olharia.

Os gritos pararam.

No silêncio terrível, Cassian me puxou para fora — na direção do centro mal iluminado do poço. Nestha estava parada ali, os braços em volta do corpo, os olhos arregalados.

Cassian apenas esticou um braço para ela. Como se em transe, Nestha foi direto para o lado do guerreiro. Os braços de Cassian se apertaram em volta de nós duas, os Sifões se acenderam, emoldurando a escuridão com luz vermelho-sangue.

Então, disparamos para o céu.

No momento que os gritos recomeçaram.

Capítulo 32

Cassian deu a nós duas um copo de *brandy*. Um copo alto.

Sentada em uma poltrona na biblioteca da família, no alto, Nestha bebeu o seu em um gole.

Ocupei a cadeira diante de minha irmã, tomei um gole, estremeci ao sentir o gosto, e fiz menção de apoiar o copo na mesa baixa entre nós.

— Continue bebendo — ordenou Cassian. A ira não estava direcionada a mim.

Não; estava direcionada ao que quer que estivesse abaixo. O que acontecera.

— Está ferida? — perguntou Cassian a mim. Cada palavra soou breve, brutal.

Fiz que não com a cabeça.

O fato de ele não ter perguntado a Nestha... devia tê-la encontrado primeiro. Verificara por conta própria.

— O rei... a cidade... — falei.

— Nenhum sinal dele. — Um músculo se contorceu no maxilar de Cassian.

Ficamos sentados em silêncio. Até Rhys aparecer entre as portas abertas, com sombras ao encalço.

Sangue cobria as mãos de meu parceiro... e nada mais.

Tanto sangue, brilhante como rubi sob o sol do meio da manhã.

Como se Rhys tivesse dilacerado os dois com as próprias mãos.

Seus olhos estavam completamente congelados de ódio.

Mas se voltaram para meu braço esquerdo, a manga estava imunda, mas ainda enrolada...

Como uma fina pulseira de ferro preto em torno de meu antebraço, uma tatuagem se estampava ali.

É *costume em minha corte que acordos sejam permanentemente marcados na pele*, explicara Rhys Sob a Montanha.

— O que deu a ele? — Eu não ouvia aquela voz desde a visita à Corte de Pesadelos.

— Ele... disse que queria companhia. Alguém que lhe falasse sobre a vida. Eu disse sim.

— Você *se* ofereceu?

— Não. — Entornei o restante do *brandy* diante do tom de voz, da expressão petrificada de Rhys. — Só disse *alguém*. E não especificou *quando*. — Fiz uma careta para a sólida pulseira negra, que não era mais espessa que meu dedo, interrompida apenas por duas falhas finas perto da lateral de meu antebraço. Tentei ficar de pé, ir até ele, pegar aquelas mãos ensanguentadas. Mas meus joelhos ainda estavam tão fracos que eu não consegui me mover. — Os Corvos do rei estão mortos?

— Quando cheguei, estavam quase. Aquilo poupou o bastante de suas mentes para que eu olhasse. E matasse os dois depois de acabar.

Cassian estava com a expressão petrificada, olhando das mãos ensanguentadas de Rhys para os olhos frios como gelo do Grão-Senhor.

Mas foi para minha irmã que meu parceiro se virou.

— Hybern a caça por causa daquilo que tomou do Caldeirão. As rainhas a querem morta por vingança... por lhes ter tomado a imortalidade.

— Eu sei. — A voz de Nestha soou rouca.

— O que você tomou?

— Não sei. — As palavras mal passaram de um sussurro. — Nem mesmo Amren conseguiu descobrir.

Rhys a encarou com irritação. Mas Nestha se virou para mim... e eu podia ter jurado que medo lampejou ali, e culpa e... algum outro sentimento.

— Você me mandou correr.

— Você é minha irmã. — Foi tudo o que eu disse. Certa vez Nestha tentara atravessar a muralha para me salvar.

Mas ela prosseguiu.

— Elain...

— Elain está bem — interrompeu Rhys. — Azriel está na casa da cidade; Lucien, a caminho; e Mor, quase lá. Sabem da ameaça.

Nestha recostou a cabeça contra a almofada da poltrona, ficando um pouco inerte.

— Hybern se infiltrou em nossa cidade. De novo — revelei a Rhys.

— O desgraçado se agarrou àquele feitiço passageiro até precisar de verdade.

— Feitiço passageiro?

— Um feitiço de poder grandioso, capaz de ser usado apenas uma vez, com grandes consequências. Um capaz de quebrar proteções... Devia estar ganhando tempo.

— As defesas aqui...

— Amren está no momento adaptando-as contra essas coisas. Depois começará a varrer a cidade para descobrir se o rei infiltrou algum outro seguidor antes de sumir.

Por baixo do ódio frio, havia uma rispidez... tão aguçada que falei: *Qual é o problema?*

— Qual é o problema? — respondeu Rhys, verbalmente, como se não conseguisse mais distinguir. — O problema é que aqueles dois *merdas* entraram em minha casa e atacaram minha *parceira*. O problema é que minhas próprias malditas proteções funcionaram contra mim, e você precisou negociar com aquela *coisa* para evitar ser levada. O problema...

— Calma — pedi, baixinho, mas não sem firmeza.

Os olhos de Rhys brilharam como raio que cai no oceano. Mas ele inspirou profundamente, expirando pelo nariz, e relaxou os

ombros... levemente.

— Você viu o que era... aquela coisa lá embaixo?

— Supus o suficiente a seu respeito para fechar os olhos — respondeu Rhys. — Só os abri quando a coisa se afastou dos corpos.

A pele de Cassian estava pálida. Ele a vira. Vira de novo. Mas não disse nada.

— Sim, o rei passou por nossas defesas — argumentei. — Sim, as coisas não foram bem. Mas não nos ferimos. E os Corvos revelaram alguns fragmentos cruciais de informação.

Descuidado, percebi. Rhys fora descuidado ao matá-los. Normalmente, ele os teria mantido vivos para que Azriel os interrogasse. Mas tomara aquilo de que precisava, rápida e brutalmente, e acabara com tudo. Mostrara mais controle com o Attor...

— Sabemos por que o Caldeirão não funciona com força total agora — continuei. — Sabemos que Nestha é prioridade para o rei. Mais que eu.

Rhys refletiu.

— Hybern mostrou parte das cartas ao mandá-los até aqui. Ele deve ter um pingo de dúvida sobre a vitória se arriscou isso.

Nestha parecia prestes a vomitar. Cassian, mudo, lhe encheu o copo de novo.

— Como... como soube que estávamos em perigo? — perguntei.

— Clotho — respondeu Rhys. — Há um sino enfeitiçado dentro da biblioteca. Ela o tocou, e ele soou para todos nós. Cassian chegou primeiro.

Eu me perguntei o que acontecera naqueles momentos iniciais, quando ele encontrou minha irmã.

Como se tivesse lido meus pensamentos, Rhys mandou a imagem para mim; sem dúvida, uma cortesia de Cassian.

Pânico... e ódio. Era tudo o que ele sentia quando disparou para o coração do poço, lançando-se contra aquela escuridão antiga que certa vez o abalara até a medula.

Nestha estava lá... e Feyre.

Foi Nestha quem ele viu primeiro, tropeçando para fora da escuridão, os olhos arregalados, seu medo emanando um cheiro

que envolvia o ódio de Cassian em algo tão aguçado que ele mal conseguia pensar, mal conseguia respirar...

Ela soltou um ruído baixo, animalesco — como um cervo ferido — quando o viu. Quando Cassian aterrissou com tanta força que os joelhos estalaram.

O general não disse nada quando Nestha se atirou em sua direção, o vestido imundo e em frangalhos, os braços o buscando. Cassian abriu os próprios braços para ela, incapaz de impedir a aproximação, o abraço...

Mas Nestha segurou as vestes do general.

— Feyre — disse ela, a voz rouca, apontando para trás com a mão livre, sacudindo Cassian fortemente com a outra. Força, uma força tão incontrolável naquele corpo esguio e lindo. — Hybern.

Foi tudo o que Cassian precisou ouvir. Ele sacou a espada, e, depois, Rhys disparava até eles, o poder como uma maldita erupção vulcânica. Cassian avançou para a escuridão, seguindo o grito...

Eu me afastei, sem querer ver mais. Ver o que Cassian tinha testemunhado lá embaixo.

Rhys caminhou até mim, ergueu uma das mãos para acariciar meus cabelos, mas parou quando viu o sangue que formava crostas em seus dedos. Rhys estudou a tatuagem que agora marcava meu braço esquerdo.

— Contanto que não tenhamos de convidá-lo para o jantar do solstício, posso conviver com ele.

— *Você* pode conviver com ele? — Ergui as sobrancelhas.

Rhys estampou um leve sorriso, mesmo com tudo o que acontecera, que agora estava diante de nós.

— Pelo menos agora, se um de vocês fizer malcriação, conheço a punição perfeita. Descer até lá para *falar* com aquela coisa por uma hora.

Nestha fez careta de desprezo, mas Cassian soltou uma risada sombria.

— Prefiro esfregar privadas, obrigado.

— Seu segundo encontro pareceu menos aterrorizante que o primeiro.

— Ele não estava tentando me *comer* dessa vez. — Mas sombras ainda encobriam os olhos do general.

Rhys também as viu. Viu e disse baixinho, mais uma vez com aquela voz de Grão-Senhor: — Avise a quem precisar saber que fique dentro de casa esta noite. Crianças, fora das ruas ao pôr do sol, e nenhum dos Palácios permanecerá aberto além do nascer da lua. Qualquer um nas ruas enfrentará as consequências.

— De quê? — perguntei, com a bebida agora queimando meu estômago.

O maxilar de Rhys se contraiu, e ele observou a cidade brilhante além das janelas.

— De Amren à caça.

Elain estava aninhada ao lado de uma Mor casual demais no sofá da sala de estar quando chegamos à casa na cidade. Nestha passou por mim, foi direto a Elain e sentou do outro lado da irmã, antes de voltar a atenção para onde permanecíamos, no saguão. Esperando... de alguma forma sentindo a reunião prestes a ocorrer.

Lucien, posicionado à janela da frente, tirou o olhar da rua. Ele a monitorava. Com uma espada e uma adaga penduradas no cinto. Nenhum humor, nenhum calor lhe tocava o rosto — apenas determinação destemida e sombria.

— Azriel está descendo do telhado — avisou Rhys, para ninguém em especial, recostando-se contra o arco que dava para a sala de estar e cruzando os braços.

E como se o tivesse conjurado, Azriel saiu de um bolsão de sombras próximo às escadas e nos observou da cabeça aos pés. Os olhos se detiveram no sangue que coagulava nas mãos de Rhys.

Ocupei um lugar à porta oposta enquanto Cassian e Azriel permaneceram entre nós.

Rhys ficou calado por um momento, antes de dizer:

— As sacerdotisas manterão silêncio sobre o que aconteceu hoje. E o povo desta cidade não saberá *por que* Amren está agora se preparando para caçar. Não podemos correr o risco de que os outros Grão-Senhores saibam. Isso os deixaria nervosos e desestabilizaria a imagem que trabalhamos tanto para criar.

— O ataque a Velaris — replicou Mor, de onde estava, no sofá — já mostrou onde somos vulneráveis.

— Aquilo foi um ataque-surpresa, com o qual lidamos rapidamente — argumentou Cassian, com os Sifões brilhando. — Az se certificou de que a informação divulgada *nos* retratasse como os vencedores, capazes de derrotar qualquer desafio lançado por Hybern.

— Fizemos isso hoje — falei.

— É diferente — explicou Rhys. — Da primeira vez, tivemos o elemento surpresa para nos desculpar. Dessa segunda vez... faz com que pareça que estamos despreparados. Vulneráveis. Não podemos arriscar que isso se torne público antes da reunião em dez dias. Então, para manter as aparências, permaneceremos inabalados conforme nos preparamos para a guerra.

Mor se curvou contra as almofadas do sofá.

— Uma guerra em que não temos aliados além de Keir, seja em Prythian ou além.

Rhys lançou um olhar afiado para ela. Mas Elain falou, baixinho:

— A rainha talvez venha.

Silêncio.

Elain estava encarando a lareira apagada, os olhos perdidos naquela névoa vazia.

— Que rainha? — exigiu Nestha, mais rispidamente do que costumava falar com nossa irmã.

— Aquela que foi amaldiçoada.

— Amaldiçoada pelo Caldeirão — esclareci para Nestha, me afastando do arco. — Quando o Caldeirão deu o chilique depois que vocês... partiram.

— Não. — Elain me observou, e, depois, Nestha. — Não aquela. A outra.

Nestha respirou para se acalmar, e abriu a boca para mandar Elain para cima ou para mudar de assunto.

Mas Azriel perguntou, baixinho, dando um único passo na direção do portal, para a sala de estar: — Que outra?

As sobrancelhas de Elain se franziram na direção uma da outra.

— A rainha... com as penas de chamas.

O encantador de sombras inclinou a cabeça.

Lucien murmurou para mim, os olhos ainda fixos em Elain:

— Nós deveríamos... ela precisa...?

— Ela não precisa de nada — respondeu Azriel, sem sequer olhar para Lucien.

Elain encarava o mestre espião agora, sem piscar.

— Somos nós que precisamos... — Azriel se interrompeu. — Clarividente — disse ele, mais para si que para nós. — O Caldeirão fez você clarividente.

Capítulo 33

Clarividente.

A palavra ecoou por meu corpo.

Ela sabia. Tinha *avisado* a Nestha sobre os Corvos. E, em meio ao caos do ataque, aquela percepção me escapou. Escapou... O modo como a realidade e o sonho escapavam e se entrelaçavam para Elain. *Clarividente*.

Elain se virou para Mor, que agora encarava boquiaberta minha irmã de seu lugar no sofá.

— É isso então?

E as palavras, o tom... soaram tão *normais* que meu peito se apertou.

O olhar de Mor percorreu o rosto de minha irmã, como se sopesasse as palavras, a pergunta, a verdade ou a mentira ali contidas.

Mor, por fim, piscou, entreabrindo a boca. Como se aquela sua magia tivesse por fim solucionado algum quebra-cabeça. Devagar, com clareza, Mor assentiu. Lucien silenciosamente se sentou em

uma das cadeiras diante da janela, e aquele olho de metal rangeu quando se voltou para minha irmã.

Fazia sentido, supus, que apenas Azriel a ouvisse. O macho que ouvia coisas que outros não conseguiam... Talvez ele também tivesse sofrido como Elain antes de compreender o próprio dom.

— Há outra rainha? — perguntou Azriel a minha irmã.

Elain semicerrou os olhos, como se a pergunta exigisse algum esclarecimento interno, alguma... rota certa a tomar para o que quer que a confundisse e perturbasse.

— Sim.

— A sexta rainha — sussurrou Mor. — A que a dourada disse não estar doente...

— Ela disse para não confiar nas outras rainhas por causa disso — acrescentei.

E assim que as palavras deixaram minha boca... Foi como se eu recuasse diante de uma pintura e visse o todo. De perto, as palavras eram obscuras e confusas. Mas de longe...

— Você roubou do Caldeirão — expliquei a Nestha, que parecia pronta a se colocar entre todos nós e Elain. — Mas... e se o Caldeirão *deu* algo a Elain?

O rosto de Nestha empalideceu.

— O quê?

Igualmente pálido, Lucien parecia inclinado a repetir a pergunta rouca de Nestha.

Mas Azriel assentiu.

— Você sabia — disse ele a Elain. — Sobre a jovem rainha ter se tornado uma velha.

Elain piscou e piscou, e os olhos se tornaram claros de novo. Como se a compreensão, *nossa* compreensão... a tivesse libertado de qualquer que fosse o reino nebuloso em que estivera.

— A sexta rainha está viva? — perguntou Azriel, calmo e equilibrado, com a voz de mestre espião do Grão-Senhor, que dobrara inimigos e encantara aliados.

Elain inclinou a cabeça, como se ouvisse uma voz interior.

— Sim.

Lucien apenas encarava minha irmã como se a visse pela primeira vez.

Virei o rosto para Rhys. *Uma potencial aliada?*

Não sei, respondeu ele. *Se as demais a amaldiçoaram...*

— Que tipo de maldição? — perguntou meu parceiro, antes de sequer terminar de falar comigo.

Elain virou o rosto para ele. E piscou de novo.

— Elas a venderam... para... para alguma escuridão, para algum... mestre feiticeiro... — Elain sacudiu a cabeça. — Jamais consigo vê-lo. O que ele é. Ele possui uma caixa de ônix, mais vital que qualquer coisa... exceto por elas. As garotas. Ele tem outras garotas... outras tão parecidas com ela, mas ela... Durante o dia, tem uma forma, e à noite, é humana de novo.

— Um pássaro de penas incandescentes — falei.

— Pássaro de fogo durante o dia — ponderou Rhys. — Mulher à noite... Então, ela é mantida em cativeiro por esse mestre feiticeiro?

Elain sacudiu a cabeça.

— Não sei. Eu a ouço... os gritos. Com ódio. Puro ódio... — Elain estremeceu.

Mor se aproximou.

— Sabe por que as outras rainhas a amaldiçoaram... a venderam para ele?

Elain estudou a mesa.

— Não. Não... isso é tudo névoa e sombras.

Rhys exalou.

— Consegue sentir onde ela está?

— Há um... um lago. Bem no centro do... do continente, acho. Escondido entre montanhas e florestas antigas. —Elain engoliu em seco. — Ele mantém todas no lago.

— Outras mulheres como ela?

— Sim... e não. Suas penas são brancas como neve. Deslizam pela água... enquanto ela dispara pelos céus acima.

— Que informação temos sobre essa sexta rainha? — perguntou Mor a Rhysand.

— Pouca — respondeu Azriel por ele. — Sabemos pouco. Jovem... com 20 e poucos anos. Scythia fica ao longo da muralha, a leste. É o menor entre os reinos das rainhas humanas, mas é rico em comércio e armas. Ela atende pelo nome Vassa, mas jamais consegui um relatório com o nome completo.

Rhys refletiu.

— Deve ter representado uma ameaça considerável se as rainhas se voltaram contra Vassa. E considerando seus planos...

— Se conseguirmos encontrar Vassa — interrompi —, ela poderia ser vital em convencer as forças humanas a lutar. E nos dar um aliado no continente.

— *Se* a conseguirmos encontrar — replicou Cassian, passando para o lado de Azriel, as asas se debatendo de leve. — Isso pode levar meses. Sem contar que enfrentar seu carcereiro pode ser mais difícil que o esperado. Não podemos correr todos esses riscos. Ou arriscar o tempo que isso levaria. Deveríamos nos concentrar na reunião com os outros Grão-Senhores primeiro.

— Mas teríamos muito a ganhar — disse Mor. — Talvez ela tenha um exército...

— Talvez tenha — interrompeu Cassian. — Mas, se é amaldiçoada, quem o liderará? E se seu reino fica tão longe... eles vão ter de viajar do modo mortal. Lembre-se de como eram lentos, da rapidez com que morriam...

— Vale tentar — argumentou Mor.

— Você é necessária aqui — disse Cassian. Azriel parecia inclinado a concordar, mesmo ao se manter calado. — Preciso de você em um campo de batalha, não passeando pelo continente. Por sua metade *humana*. Se aquelas rainhas reuniram exércitos para oferecer a Hybern, sem dúvida esses exércitos estão entre você e a rainha Vassa.

— Você não me dá ordens...

— Não, mas eu dou — retrucou Rhys. — Não me olhe assim. Ele está certo, precisamos de você aqui, Mor.

— Scythia — ponderou Mor, sacudindo a cabeça. — Eu me lembro deles. São um povo dos cavalos. Uma cavalaria montada poderia viajar muito mais rápido...

— Não. — Pura determinação brilhou nos olhos de Rhys. A ordem era final.

Mas Mor tentou de novo.

— Há um motivo pelo qual Elain está vendo essas coisas. Estava certa com relação à outra rainha envelhecer, sobre o ataque dos Corvos, *por que* está recebendo essa imagem? *Por que* está

ouvindo essa rainha? Deve ser vital. Se a ignorarmos, talvez mereçamos fracassar.

Silêncio. Eu os observei, todos. Vital. Cada um era vital *ali*. Mas eu...

Inspirei.

— Eu vou.

Lucien estava encarando Elain quando falou.

Todos olhamos para ele.

Lucien voltou a atenção para Rhys, para mim.

— Eu vou — repetiu ele, se levantando. — Encontrar essa sexta rainha.

Mor abriu e fechou a boca.

— O que o faz pensar que poderia encontrá-la? — perguntou Rhys. Não com grosseria, mas... sob a perspectiva de um comandante. Considerando as habilidades que Lucien oferecia contra os riscos, os potenciais benefícios.

— Este olho... — Lucien indicou o dispositivo metálico. — Pode ver coisas que outros... não podem. Feitiços, encantamentos... Talvez possa me ajudar a encontrá-la. E quebrar a maldição. — Ele olhou para Elain, que de novo olhava para o colo. — Não sou necessário aqui. Lutarei se precisar que eu o faça, mas... — Lucien me deu um sorriso sombrio. — Não pertenço à Corte Outonal. E estou disposto a apostar que não sou mais bem-vindo em c... na Corte Primaveril. — *Casa*, ele quase dissera. — Mas não posso me sentar aqui e fazer *nada*. Aquelas rainhas com seus exércitos... Há uma ameaça com relação a isso também. Então, usem-me. Mandem-me. Eu encontrarei Vassa, verei se ela pode... trazer ajuda.

— Você irá para o território humano — avisou Rhys. — Não posso abrir mão de uma força para protegê-lo...

— Não preciso de uma. Viajo mais rápido sozinho. — O queixo de Lucien se ergueu. — Eu a encontrarei. E, se houver um exército para trazer de volta, ou pelo menos alguma forma de a história de Vassa fazer as forças humanas mudarem de lado... Encontrarei uma forma de fazê-lo também.

Meus amigos se entreolharam.

— Será... muito perigoso — avisou Mor.

Um meio sorriso curvou a boca de Lucien.

— Que bom. Seria entediante caso contrário.

Apenas Cassian devolveu o sorriso.

— Eu lhe darei algumas armas de aço illyriano.

Elain agora observava Lucien com cautela. Piscando vez ou outra. Ela não revelou qualquer indício do que poderia estar vendo, sentindo. Nada.

Rhys se afastou do arco.

— Atravessarei com você o mais perto que pudermos chegar... para onde quer que precise estar para começar sua caçada. — Lucien andara, de fato, estudando todos aqueles mapas ultimamente. Talvez sob o pedido silencioso de qualquer que fosse a força que nos guiava a todos. Meu parceiro acrescentou: — Obrigado.

Lucien deu de ombros. E esse gesto me fez dizer, por fim:

— Tem certeza?

Lucien apenas olhou para Elain cujo rosto parecia novamente um vazio tranquilo enquanto ela traçava um dedo pelo bordado das almofadas do sofá.

— Sim. Deixe-me ajudar como puder.

Até mesmo Nestha pareceu relativamente preocupada. Não com ele, sem dúvida, mas com o fato de que, se Lucien fosse ferido ou morto... O que isso faria com Elain? A quebra do laço de parceria... Afastei o pensamento do que faria comigo.

— Quando quer partir? — perguntei a Lucien.

— Amanhã. — Não o ouvira soar tão determinado havia... muito tempo. — Vou me preparar durante o resto do dia de hoje, e partirei depois do café amanhã. — Ele acrescentou para Rhys: — Se não houver problemas para você.

Meu parceiro gesticulou com a mão livre.

— Pelo que está prestes a fazer, Lucien, não vejo problemas.

Silêncio recaiu de novo. Se ele conseguisse encontrar aquela rainha perdida, e talvez trazer de volta algum tipo de exército humano, ou pelo menos tirar as forças mortais dos encantos de Hybern... Se eu conseguisse encontrar uma forma de fazer com que o Entalhador lutasse do nosso lado, uma que não envolvesse usar aquele terrível espelho... Seria o bastante?

A reunião com os Grão-Senhores, ao que parecia, decidiria isso.

Rhys indicou Azriel com o queixo, e o encantador tomou isso como uma ordem para sumir... para, sem dúvida, verificar Amren.

— Descubram se Keir e os Precursores da Escuridão foram atacados — ordenou meu parceiro a Mor e Cassian, que assentiram e partiram também. Sozinhos com minhas irmãs e Lucien, Rhys e eu encaramos Nestha.

E, pela primeira vez, minha irmã se levantou e foi até nós, e nós três subimos, não muito sutilmente. Deixando Lucien e Elain sozinhos.

Foi difícil não permanecer no alto da escada para ouvir o que era dito.

Se é que algo foi dito.

Mas eu me obriguei a tomar a mão de Rhys, encolhendo o corpo diante do sangue ainda seco em sua pele, e o levei para nosso banheiro. A porta do quarto de Nestha se fechou no fim do corredor.

Rhys silenciosamente me observou quando abri a torneira da banheira e peguei uma toalha do armário contra a parede. Eu me sentei na beira da banheira, provei a temperatura da água no pulso e dei tapinhas na borda de porcelana a meu lado.

— Sente.

Ele obedeceu, abaixando a cabeça ao se sentar.

Peguei uma das mãos de Rhys, levei-a até a corrente de água gorgolejante e segurei-a ali embaixo.

Vermelho fluiu da pele de Rhys, escorrendo na água. Peguei a toalha e esfreguei devagar, mais sangue se desprendeu, e água borrifou nas mangas ainda imaculadas de seu casaco.

— Por que não protegeu suas mãos?

— Eu queria sentir... as vidas dos Corvos acabando sob meus dedos.

Palavras frias, inexpressivas.

Esfreguei as unhas de Rhys, o sangue estava preso nas fissuras em que encontravam a pele. Nos arcos abaixo.

— Por que foi diferente dessa vez? — Diferente da emboscada do Attor, do ataque de Hybern no bosque, do ataque a Velaris... Tudo isso. Eu o vira colérico antes, mas nunca... nunca tão distante. Como se moralidade e bondade fossem coisas que espreitassem

em uma superfície muito, muito além das profundezas congeladas para as quais Rhys mergulhara.

Eu voltei a palma de sua mão para o jato d'água, alcançando o espaço entre os dedos.

— Qual é o objetivo — falou Rhys — de todo esse poder... Se não consigo proteger aqueles mais vulneráveis em minha cidade? Se não consigo detectar um ataque iminente?

— Nem mesmo Azriel soube...

— O rei usou um feitiço arcaico e entrou pela *porta da frente*. Se não posso... — Rhys sacudiu a cabeça, e abaixei a mão agora limpa, pegando a outra. Mais sangue manchou a água. — Se não posso protegê-los aqui... Como poderei... — A garganta de Rhys oscilou. Ergui seu queixo com uma das mãos. Ódio gélido tinha se transformado em algo um pouco destruído, doloroso. — Aquelas sacerdotisas já sofreram o bastante. Fracassei com elas hoje. Aquela biblioteca... não parecerá mais segura para elas. O único lugar que tinham para si, onde se sabiam protegidas... Hoje Hybern tomou isso.

E tomou de meu parceiro. Rhys já havia ido até aquela biblioteca pela própria necessidade de se curar... pela segurança.

— Talvez seja punição por tirar Velaris de Mor... — sugeriu Rhys — ao garantir o acesso de Keir à cidade.

— Não pode pensar assim, não acabará bem. — Terminei de limpar a outra mão de Rhys, enxaguei o tecido e, então, comecei a esfregá-lo no pescoço, nas têmporas... Fazendo pressão reconfortante, carinhosa, não para limpar, mas para relaxar.

— Não estou com raiva por causa do acordo — disse ele, fechando os olhos quando passei o tecido pela testa de Rhys. — Caso esteja... preocupada.

— Eu não estou.

Rhys abriu os olhos, como se pudesse ouvir o sorriso em minha voz, e me observou quando joguei a toalha na banheira com um ruído de água e fechei a torneira.

Meu parceiro ainda me estudava quando lhe segurei o rosto com as mãos úmidas.

— O que aconteceu hoje não foi culpa sua — falei, e as palavras preencheram o banheiro ensolarado. — Nada disso. Tudo recai

sobre Hybern, e, quando enfrentarmos o rei de novo, nos lembraremos desses ataques, desses ferimentos a nosso povo. Esquecemos o livro de feitiços de Amarantha, uma perda nossa. Mas temos um Livro próprio, e espero que ele contenha o feitiço de que precisamos. E por enquanto... por enquanto nos prepararemos, enfrentaremos as consequências. Por enquanto, seguiremos em frente.

Rhys virou a cabeça para beijar a palma de minha mão.

— Me lembre de aumentar seu salário.

Engasguei com uma tosse.

— Por quê?

— Pelo conselho sábio, e os outros serviços vitais que me oferece. — Ele piscou um olho.

Eu ri com sinceridade e apertei o rosto de Rhys quando dei um beijo rápido na boca de meu parceiro.

— Flerte desavergonhado.

O calor voltou aos olhos de Rhys, por fim.

Então, peguei uma toalha marfim e embrulhei suas mãos, agora limpas e quentes, nas dobras do tecido macio.

Capítulo 34

Amren não encontrou outros assassinos ou espiões de Hybern em Velaris durante a longa noite de caça. Como os procurou, como discerniu amigo de inimigo... Algumas pessoas, Mor me contou na manhã seguinte — depois que *todos* passamos a noite em claro — pintaram as ombreiras das portas com sangue de carneiro. Um tipo de oferenda a Amren. E pagamento para que ficasse longe. Outras deixaram cálices do sangue à porta.

Como se todos na cidade soubessem que a imediata do Grão-Senhor, aquela fêmea de ossos pequenos... era o monstro que os defendia dos outros horrores do mundo.

Rhys passara grande parte do dia anterior garantindo às sacerdotisas que estavam seguras, explicando a elas as novas proteções. A sacerdotisa que os deixou entrar... por algum motivo Hybern a deixou viva. Ela permitiu que Rhys entrasse em sua mente e visse o que acontecera: depois que o rei quebrou as proteções com aquele feitiço passageiro, os Corvos surgiram como dois velhos acadêmicos a fim de fazer a sacerdotisa abrir a porta, e, então, forçaram caminho para dentro de sua mente, de forma que a

sacerdotisa os recebesse sem veto. Somente essa violação... Rhys passara horas com aquelas sacerdotisas no dia anterior. Mor também.

Falando, ouvindo aquelas que *podiam* falar, segurando as mãos daquelas que não podiam.

E, quando por fim partiram... havia uma paz entre meu parceiro e a prima. Alguma tensão afiada remanescente que fora de alguma forma apaziguada.

Não tínhamos muito tempo. Eu sabia disso. Senti com cada fôlego. Hybern não estava vindo. Hybern já havia *chegado*.

Faltava mais de uma semana para nossa reunião com os Grão-Senhores — e Nestha ainda se recusava a se juntar a nós.

Mas tudo bem. Daríamos um jeito. Eu daria um jeito.

Não tínhamos escolha.

Por isso me vi parada no saguão na manhã seguinte, observando Lucien colocar a pesada sacola no ombro. Ele usava couro illyriano sob um casaco mais pesado, com camadas de roupas por baixo para ajudá-lo a sobreviver em climas variados. Tinha trançado os cabelos ruivos para trás, a extensão da trança serpenteava pelas costas — bem diante da espada illyriana presa à coluna.

Cassian dera liberdade a Lucien na tarde anterior para saquear seu armeiro pessoal, embora meu amigo tivesse sido econômico com relação àquelas que escolhera. A espada, mais uma espada curta e uma variedade de adagas. Uma aljava de flechas e um arco sem a corda estavam presos à sacola.

— Sabe exatamente aonde quer que Rhys o leve? — perguntei, por fim.

Lucien assentiu, olhando para onde meu parceiro agora esperava, à porta da entrada. Ele levaria Lucien para o limite do continente humano; para onde quer que Lucien tivesse decidido que seria o melhor ponto de aterrissagem. Não além, Azriel insistira. Os relatórios do encantador indicavam que era vigiado demais, perigoso demais. Mesmo para um de nós. Mesmo para o Grão-Senhor mais poderoso da história.

Dei um passo adiante e não dei tempo a Lucien para recuar quando o abracei com força.

— Obrigada — agradeci, tentando não pensar nas armas que carregava, se precisaria usá-las.

— Estava na hora — disse Lucien, em voz baixa, me apertando. — De eu fazer algo.

Eu me afastei, observando o rosto cheio de cicatrizes.

— Obrigada — repeti. Era tudo que conseguia pensar em dizer.

Rhys estendeu a mão para Lucien.

Lucien a observou... e depois olhou para o rosto de meu parceiro. Eu quase via todas as palavras de ódio que os dois trocaram. Pendendo entre eles, entre aquela mão estendida e a mão de Lucien.

Mas Lucien apertou a mão de Rhys. Aquela oferta silenciosa não apenas do transporte.

Antes que o vento sombrio soprasse, Lucien olhou para trás.

Não para mim, percebi... para alguém atrás de mim.

Pálida e magra, Elain estava no alto das escadas.

Seus olhares se fixaram um no outro e permaneceram ali.

Mas Elain não disse nada. Nem mesmo deu um passo para baixo.

Lucien inclinou a cabeça em uma reverência, e o movimento escondeu o brilho em seu olho; o desejo e a tristeza.

E, quando Lucien se virou para sinalizar para que Rhys partisse, ele não olhou de volta para Elain.

Não viu o meio passo que ela deu na direção das escadas... como se fosse falar com Lucien. Impedi-lo.

Então, Rhys se fora, e levara Lucien consigo.

Quando me virei para oferecer café da manhã a Elain, minha irmã tinha dado as costas.

Esperei no saguão até que Rhys retornasse.

Na sala de jantar à esquerda, Nestha silenciosamente treinava construir aquelas muralhas invisíveis na mente; e não havia nenhum sinal de Amren desde a caçada na noite anterior. Quando perguntei se estava fazendo progresso, minha irmã apenas respondeu: —

Amren acha que estou me aproximando o suficiente para começar a tentar algo tangível.

E foi isso. Deixei Nestha em paz, sem me dar o trabalho de perguntar se Amren tinha *também* chegado perto de encontrar algum tipo de feitiço no Livro para consertar aquela muralha.

Em silêncio, contei os minutos, um a um.

Então, um vento escuro familiar espiralou pelo saguão, e respirei aliviada quando Rhys surgiu no meio do tapete do corredor. Não havia nenhum indício de perigo, nenhum sinal de ferimentos, mas lhe envolvi a cintura com os braços, precisando sentir Rhys, cheirá-lo.

— Tudo correu bem?

Rhys deu um leve beijo no alto de minha cabeça.

— Tão bem quanto esperado. Ele está agora no continente, seguindo para leste.

Rhys observou Nestha estudando na mesa de jantar.

— Como está nossa nova clarividente?

Eu me afastei para explicar que tinha deixado Elain com os próprios pensamentos, mas Nestha disse: — Não a chame assim.

Rhys me deu um olhar de incredulidade, mas Nestha apenas voltou a folhear um livro, a expressão ficou vazia — enquanto praticava com quaisquer que fossem os exercícios de construção de muralha que Amren tinha mandado. Cutuquei Rhys nas costelas. *Não a provoque*.

Um dos cantos de sua boca se repuxou — a expressão estava cheia de prazer malicioso. *Posso provocar você, então?*

Fechei a boca para conter um sorriso...

A porta da frente se escancarou, e Amren entrou como uma tempestade.

Rhys a encarou de imediato.

— O quê?

A diversão maliciosa se fora, assim como a postura relaxada.

O rosto pálido de Amren permaneceu calmo, mas os olhos... Neles espiralava ódio.

— Hybern atacou a Corte Estival. Adriata está sitiada neste momento.

Capítulo 35

Hybern fez o grande movimento, enfim. E não o previramos.

Eu sabia que Azriel se culparia. Um olhar para o encantador de sombras conforme ele passou pela porta da frente do solar minutos depois, com Cassian ao encalço, me disse que já se culpava.

Ficamos no saguão, com Nestha permanecendo à mesa de jantar atrás de mim.

— Tarquin pediu ajuda? — perguntou Cassian a Amren.

Nenhum de nós ousou perguntar como ela sabia.

O maxilar de Amren se contraiu.

— Não sei. Recebi a mensagem e... nada mais.

Cassian assentiu uma vez e se virou para Rhys.

— A Corte Estival tinha uma força de combate móvel quando você estava lá?

— Não — respondeu Rhys. — A armada estava espalhada pela costa. — Um olhar para Azriel.

— Metade está em Adriata... o resto está dispersado — explicou o encantador de sombras. — O exército terrestre foi deslocado para

a Corte Primaveril... depois de Feyre. A legião mais próxima deve estar a três dias de marcha. Poucos conseguem atravessar.

— Quantos navios? — perguntou Rhys.

— Vinte em Adriata, totalmente armados.

Um olhar calculado para Amren.

— Os números de Hybern?

— Não sei. Muitos. Eu... acho que estão sobrepujados.

— Qual foi a mensagem exata? — Um comando puro, irredutível em cada palavra.

Os olhos de Amren brilharam como prata nova.

— Foi um aviso. De Varian. Para prepararmos nossas defesas.

Silêncio absoluto.

— O príncipe Varian lhe mandou um aviso? — perguntou Cassian, em voz baixa.

Amren olhou com raiva para ele.

— É uma coisa que amigos fazem.

Mais silêncio.

Encarei Rhys, senti o peso, o pesar e o ódio fervilhando sob as feições frias.

— Não podemos deixar que Tarquin os enfrente sozinho — falei. Talvez Hybern tivesse mandado os Corvos no dia anterior como uma distração, para que não olhássemos além de nossas fronteiras. Para nos concentrarmos em Hybern, não em nossos litorais.

A atenção de Rhys se voltou para Cassian.

— Keir e o exército Precursor da Escuridão não estão nem prontos para marchar. Quando as legiões illyrianas podem voar?

✣

Rhys imediatamente atravessou Cassian para os acampamentos de guerra a fim de dar as ordens ele mesmo. Azriel desapareceu com os dois, adiantando-se para fazer o reconhecimento em Adriata, levando consigo os espiões de maior confiança.

Náusea revirou meu estômago quando Cassian e Azriel bateram nos Sifões sobre as mãos e aquela armadura escamosa se abriu pelo corpo. Quando sete Sifões surgiram em cada um dos guerreiros. Quando as mãos cheias de cicatrizes do encantador de

sombras verificaram as fivelas do boldrié e a aljava enquanto Rhys conjurava mais lâminas illyrianas para Cassian — duas às costas, uma de cada lado.

Então, eles se foram, os rostos petrificados e firmes. Prontos para o derramamento de sangue.

Mor chegou momentos depois, pesadamente armada, os cabelos trançados para trás e cada centímetro do corpo latejando com impaciência.

Mas Mor e eu esperamos... pela ordem de partir. Para nos juntarmos a eles. Cassian posicionara as legiões illyrianas mais perto da fronteira sul durante as semanas em que estive fora, mas, mesmo assim, não conseguiriam voar sem algumas horas de preparação. E seria preciso que Rhys os atravessasse até lá. *Todos* eles. Até Adriata.

— Vai lutar?

Nestha estava agora de pé a poucos passos da escada da casa na cidade, observando enquanto Mor e eu nos preparávamos. Em breve... Azriel e Rhys nos contatariam em breve com o aval para atravessarmos até Adriata.

— Lutaremos se for preciso — respondi, verificando mais uma vez o cinto de facas no quadril.

Mor usava couro illyriano também, mas as lâminas na armadura eram diferentes. Mais finas, leves, algumas eram levemente curvadas. Como um raio que ganhou corpo. Lâminas seráficas, ela me disse. Presenteadas a Mor pelo próprio príncipe Drakon durante a Guerra.

— O que você sabe sobre batalha?

Não sabia dizer se o tom de voz de minha irmã era de insulto ou apenas curioso.

— Sabemos muito — respondeu Mor, tensa, arrumando a longa trança entre as lâminas cruzadas às costas. Elain e Nestha permaneceriam ali, com Amren vigiando-as. E vigiando Velaris, com uma pequena legião de illyrianos que Cassian havia ordenado que acampassem nas montanhas acima da cidade. Mor passara por Amren ao entrar, a pequena fêmea aparentemente se dirigia ao açougueiro a fim de se abastecer de provisões antes de voltar e

ficar ali, por quanto tempo estivéssemos em Adriata. Se é que retornaríamos.

Encarei Nestha de novo. Apenas uma distância cautelosa me recebeu.

— Mandaremos notícias quando pudermos.

Um estrondo de meia-noite roçou minhas paredes mentais. Um sinal silencioso, lançado por terra e montanhas. Como se a concentração de Rhys estivesse agora completamente voltada a outro lugar; e ele não ousaria quebrá-la.

Meu coração deu um galope. Segurei o braço de Mor, e as escamas de couro cortaram a palma de minha mão.

— Eles chegaram. Vamos.

Mor se virou para minha irmã, e nunca a vi tão... guerreira. Eu sabia que aquilo espreitava sob a superfície, mas ali estava a Morrigan. A fêmea que *lutara* na Guerra. Que sabia como tomar vidas com lâmina e magia.

— Não é nada de que não possamos dar conta — disse Mor a Nestha com um sorriso arrogante, e depois partimos.

Vento negro rugiu e me dilacerou, e me agarrei a Mor quando ela nos atravessou pelas cortes, com a respiração parecendo uma batida entrecortada em meu ouvido...

Então, luz ofuscante e calor sufocante e gritos e estrondos ressoantes e metal contra metal...

Oscilei, afastando os pés quando pisquei. Quando observei meus arredores.

Rhys e os illyrianos tinham se juntado à confusão.

Mor nos atravessou até o topo desértico de uma das colinas que flanqueavam a baía em meia-lua de Adriata, oferecendo uma vista perfeita da cidade-ilha no centro e da cidade no continente abaixo.

As águas da baía estavam vermelhas.

Fumaça em retorcidas colunas negras se elevava de construções e navios naufragando.

Pessoas gritavam, soltados berravam...

Muitos.

Não tinha previsto a quantidade de soldados existentes. De cada lado.

Achei que seriam fileiras organizadas. Não caos por toda parte. Não illyrianos nos céus acima da cidade e do porto, disparando poder e flechas contra o exército hyberniano que descia o inferno sobre a cidade. Navio após navio se posicionava no horizonte, delineando cada entrada para a baía. E na baía...

— Aqueles são os navios de Tarquin — avisou Mor, o rosto tenso ao apontar para as velas brancas que colidiam com força terrível contra as velas cinzentas da frota de Hybern. Completamente sobrepujados, e, no entanto, plumas de magia, água, vento e açoites de gavinhas continuavam atacando qualquer barco que se aproximava. E aqueles que atravessavam a magia enfrentavam soldados armados com lanças e arcos e espadas.

E adiante deles, forçando contra a frota... as fileiras illyrianas.

Muitas. Rhys os atravessara até ali — todos eles. O esgotamento de seu poder...

Mor engoliu em seco.

— Ninguém mais veio — murmurou ela. — Nenhuma outra corte.

Nenhum sinal de Tamlin e da Corte Primaveril do lado de Hybern também.

Um estrondo retumbante de poder negro se chocou contra a frota de Hybern, dispersando navios, mas não muitos. Como se...

— Ou o poder de Rhys já está quase esgotado ou... têm algo trabalhando contra ele — falei. — Mais daquele veneno feérico?

— Seria burrice não o usar. — Os dedos de Mor se fecharam e se abriram na lateral do corpo. Suor formava gotas em suas têmporas.

— Mor?

— Eu sabia que estava se aproximando — murmurou ela. — Outra guerra, em algum momento. Sabia que haveria batalhas para *esta* guerra. Mas... Tinha me esquecido do quanto é terrível. Os sons. Os cheiros.

De fato, mesmo da elevação rochosa tão acima, era... sobrepujante. O cheiro do sangue, as súplicas e os gritos... Entrar no meio daquilo...

Alis. Alis deixara a Corte Primaveril, temendo que o inferno recaísse ali; apenas para vir para cá. Para *isso*. Rezei para que ela

não estivesse nos limites da cidade, rezei para que ela e os sobrinhos continuassem em segurança.

— Vamos para o palácio — disse Mor, esticando os ombros. Não ousei desviar a concentração de Rhysand ao abrir um canal pelo laço, mas parecia que ele ainda era capaz de dar ordens. — Soldados chegaram ao lado norte, e as defesas estão cercadas.

Assenti uma vez, e Mor sacou a lâmina esguia e curva. A arma reluziu tão forte quanto os olhos de Amren, aquele aço seráfico.

Desembainhei a lâmina illyriana das costas, o metal era escuro e antigo em comparação à chama de prata viva na mão de Mor.

— Ficaremos próximas, você não sai de minha vista — disse Mor, com suavidade e precisão. — Não tomaremos um corredor ou uma escada sem avaliar primeiro.

Assenti de novo, sem palavras. Meu coração galopava, as palmas das mãos suavam. Água... desejei ter água comigo. Minha boca havia ficado seca como um deserto.

— Se não conseguir finalizar a morte — acrescentou Mor, sem um pingo de julgamento. — Então, proteja minha retaguarda.

— Eu consigo... a... morte — assegurei, rouca. Fizera bastante disso naquele dia em Velaris.

Mor observou a mão com que eu empunhava a espada, a posição de meus ombros.

— Não pare e não se detenha. Avançamos até que eu diga para recuarmos. Deixe os feridos para os curandeiros.

Nenhum deles gostava daquilo, percebi. Meus amigos... tinham ido e voltado de guerras, e não achavam que eram dignas de glorificação, não deixaram que as lembranças se manchassem de rosa ao longo dos séculos seguintes. Mas estavam dispostos a mergulhar naquele inferno de novo por Prythian.

— Vamos — falei. Cada momento que desperdiçávamos ali poderia selar o destino de alguém naquele palácio reluzente à baía.

Mor engoliu em seco uma vez e atravessou conosco até o palácio.

Ela devia ter visitado o palácio algumas vezes ao longo dos séculos, pois sabia por onde chegar.

Os andares medianos do palácio de Tarquin serviam de espaço comum entre os andares inferiores, para os quais os criados e os feéricos menores eram empurrados, e as alas residenciais reluzentes acima, lar dos Grão-Feéricos. Quando por fim vi o amplo salão de recepção, a luz estava clara e branca, refletindo-se das paredes incrustadas de conchas, dançando ao longo dos rios que corriam embutidos no piso. O mar além das altas janelas fora um dia turquesa e manchado com safira vibrante.

Agora, aquele mar parecia sufocado por navios grandiosos e sangue, e os céus, limpos, cheios de guerreiros illyrianos descendo sobre eles em fileiras determinadas e destemidas. Escudos de metal espesso reluziam conforme os illyrianos mergulhavam e subiam, emergindo cobertos de sangue a cada vez. Isso quando voltavam para o céu.

Mas minha tarefa era ali dentro. Naquela construção.

Observamos o andar, ouvindo.

Murmúrios frenéticos ecoavam das escadas que subiam, com estampidos pesados.

— Estão formando uma barricada nos níveis superiores — observou Mor, quando minha testa se franziu.

Deixando os feéricos inferiores presos abaixo. Sem ajuda.

— Malditos — sussurrei.

Os feéricos inferiores não tinham tanta magia, não da forma como os Grão-Feéricos a tinham.

— Por aqui — chamou Mor, indicando com o queixo as escadas descendentes. — Estão três níveis abaixo e subindo. Cinquenta deles.

Um navio inteiro.

Capítulo 36

A primeira e a segunda mortes foram as mais difíceis. Não desperdicei força física no aglomerado de cinco soldados hybernianos — Grão-Feéricos, não subalternos semelhantes ao Attor — forçando caminho para dentro de um quarto barricado, cheio de criados aterrorizados.

Não, mesmo quando meu corpo hesitou diante das mortes, minha magia não o fez.

Os dois soldados mais perto de mim tinham escudos fracos. Eu os destruí com uma parede sibilante de fogo. Um fogo que depois encontrou seu rumo, descendo pelas gargantas dos guerreiros e queimando cada centímetro do caminho.

E, então, o fogo chiou pela pele, pelos tendões e ossos, e arrancou as cabeças dos corpos.

Mor simplesmente matou o soldado mais próximo com a boa e velha decapitação.

Depois, se virou, enquanto a cabeça do soldado ainda caía, e arrancou a cabeça daquele mais perto de nós.

O quinto e último soldado parou de atacar a porta surrada.

Olhou entre nós duas com olhos inexpressivos, iluminados pelo ódio.

— Vão em frente — convidou ele, com um sotaque muito parecido com aquele dos Corvos.

A espada grossa que ele levava se ergueu, e sangue escorreu para a parte mais larga do sulco da arma.

Alguém choramingou de terror do outro lado daquela porta.

O soldado avançou contra nós, e a espada de Mor reluziu.

Mas golpeei primeiro, lançando uma víbora de água pura contra seu rosto — atordoando-o. Então, eu a atirei pela boca aberta do soldado, pela garganta, pelo nariz. Selando qualquer entrada de ar.

O homem desabou no chão, agarrando o pescoço, como se fosse abrir uma passagem para a água que agora o afogava.

Deixamos o soldado sem olhar para trás, o grunhido de sufocamento logo se tornou silêncio.

Mor me lançou um olhar de esguelha.

— Me lembre de não a contrariar.

Gostei da tentativa de fazer uma piada, mas... rir era algo estranho. Havia apenas ar em meus pulmões ofegantes e corrente de magia nas veias, além da determinação clara e irredutível em minha visão, observando tudo.

Encontramos mais oito em meio à matança e aos ataques, um dormitório que se tornara o doentio salão dos prazeres de Hybern. Não quis pensar no que faziam, e apenas avaliei para saber com que rapidez e facilidade matar.

Aqueles que apenas matavam morreram rápido.

Com os demais... Mor e eu nos demoramos. Não muito, mas aquelas mortes foram mais lentas.

Deixamos dois deles vivos — feridos e desarmados, mas vivos — para que os feéricos sobreviventes os matassem.

Dei duas facas illyrianas a eles para que o fizessem.

Os soldados hybernianos começaram a gritar antes de deixarmos o andar.

O corredor no andar abaixo estava encharcado de sangue. O estrondo era ensurdecedor. Uma dúzia de soldados com a armadura prata e azul da corte de Tarquin enfrentava a maior parte da força de Hybern, guardando o corredor.

Estavam quase sendo empurrados para as escadas das quais acabávamos de emergir, constantemente sobrepujados pelo volume de combatentes que os enfrentava, e os soldados de Hybern pisavam sobre os — pisavam *nos* — corpos dos guerreiros caídos da Corte Estival.

Os soldados de Tarquin estavam se cansando, mesmo conforme continuavam golpeando, continuavam lutando. O mais próximo nos olhou — abriu a boca para mandar que corrêssemos. Mas, então, reparou na armadura e no sangue em nós e em nossas lâminas.

— Não tenha medo — pediu Mor, quando estendi a mão e a escuridão caiu.

Soldados dos dois lados gritaram, recuando, as armaduras tilintando.

Mas transformei meus olhos, fiz com que enxergassem na noite. Como fizera naquela floresta illyriana quando derramei sangue hyberniano pela primeira vez.

Mor, acho, nasceu capaz de enxergar na escuridão.

Nós atravessamos pelo corredor envolto em ébano com avanços curtos.

Eu conseguia ver o terror dos soldados conforme os matávamos. Mas eles não conseguiam me ver.

Sempre que surgíamos diante de soldados hybernianos, frenéticos na escuridão impenetrável, cabeças caíam. Uma depois da outra. Atravessar; cortar. Atravessar; golpear.

Até que não restou nenhum, apenas a pilha de corpos, as poças de sangue.

Bani a escuridão do corredor, descobrindo que os soldados da Corte Estival estavam ofegantes e boquiabertos. Para nós. Para o que tínhamos feito em questão de um minuto.

Não olhei por muito tempo para a carnificina. Mor também não.

— Onde mais? — Foi tudo o que perguntei.

Limpamos o palácio até os andares mais baixos. Então, fomos para as ruas da cidade, onde a colina íngreme se abria para a luta aquática com os soldados hybernianos.

O sol da manhã subiu mais, batendo sobre nós, tornando nossa pele pegajosa e inchada de suor por baixo das vestes de couro. Parei de discernir entre o suor nas palmas e o sangue que as cobria.

Parei de ser capaz de sentir muitas coisas conforme matávamos e matávamos, às vezes entrando em combate direto, às vezes com magia, às vezes conseguindo hematomas e pequenos ferimentos próprios.

Mas o sol seguiu seu arco pelo céu, e a batalha prosseguiu na baía, com as fileiras illyrianas enfrentando a frota hyberniana do alto enquanto a armada de Tarquin forçava por trás.

Devagar, limpamos as ruas de soldados hybernianos. Eu só sentia o sol assando o sangue que cobria minha pele, o odor acobreado se agarrava a minhas narinas.

Tínhamos acabado de limpar uma rua estreita, e Mor caminhava entre os soldados hybernianos caídos para se certificar de que qualquer sobrevivente... deixasse de sobreviver. Eu me apoiei em uma muralha de pedra banhada em sangue do lado de fora da vitrine quebrada de um alfaiate, observando a lâmina de mercúrio de Mor subir e descer com lampejos fortes como raio.

Além de nós, ao redor, os gritos dos mortos eram como as badaladas intermináveis dos sinos de aviso da cidade.

Água; eu precisava de água. Ao menos para lavar o sangue da boca.

Não meu sangue, mas aquele dos soldados que havíamos cortado. Sangue que fora borrifado em minha boca, em meu nariz, nos olhos, quando os matamos.

Mor chegou ao último dos mortos, e Grão-Feéricos e feéricos aterrorizados por fim colocaram as cabeças para fora das portas e janelas que acompanhavam a rua de paralelepípedo. Nenhum sinal de Alis, dos sobrinhos ou da prima — ou de qualquer um que se assemelhasse a eles, entre os vivos ou caídos. Uma pequena benção.

Precisávamos seguir em frente. Havia mais... muitos mais.

Conforme Mor começou a caminhar de volta para mim, as botas agitando poças de sangue, estendi a mão mental pelo laço. Na

direção de Rhys... na direção de qualquer coisa que fosse sólida e familiar.

Vento e escuridão me responderam.

Eu estava ciente apenas em parte da rua estreita e do sangue e do sol quando olhei pela ponte entre nós. *Rhys*.

Nada.

Eu me atirei pelo laço, tropeçando às cegas por aquela tempestade revolta de noite e sombras. Se o laço às vezes parecia uma faixa viva de luz, agora se tornara uma ponte de obsidiana beijada por gelo.

E erguendo-se na outra ponta... a mente de Rhysand. As paredes... seus escudos... tinham se tornado uma fortaleza.

Apoiei a mão mental no preto adamantino, e meu coração retumbava. O que estaria enfrentando — o que estaria *vendo* para ter tornado os escudos tão impenetráveis?

Não consegui sentir Rhys do outro lado.

Havia apenas a pedra e o escuro e o vento.

Rhys.

Mor tinha quase me alcançado quando a resposta de Rhys chegou.

Uma rachadura no escudo — tão breve que não tive tempo de fazer nada além de avançar contra ela antes que se fechasse atrás de mim. E me selasse dentro com Rhys.

As ruas, o sol e a cidade desapareceram.

Havia apenas o aqui — apenas Rhys. E a batalha.

Olhando pelos olhos de Rhysand, como fizera naquele dia Sob a Montanha... senti o calor do sol, o suor e o sangue lhe escorrendo pelo rosto, descendo pelo colarinho da armadura illyriana preta; senti o cheiro da maresia e o odor de sangue ao redor. Senti a exaustão que o dilacerava, nos músculos e na magia.

Senti o navio de guerra illyriano estremecer sob Rhysand quando ele aterrissou no convés principal, com uma espada illyriana em cada mão.

Seis soldados morreram imediatamente, as armaduras e os corpos se tornaram névoa vermelha e prata.

Os demais pararam, percebendo quem aterrissara entre eles, no coração da armada.

Devagar, Rhys observou as cabeças protegidas por elmos diante de si, e contou as armas. Não que isso importasse. Todos em breve seriam névoa carmesim ou comida para as bestas que circundavam as águas em torno da armada de guerra. E, então, aquele navio viraria farpas nas ondas.

Depois que ele terminasse. Não eram os soldados de infantaria comuns que Rhys procurava.

Porque, no lugar do poder de Rhys devastá-los... era um murmúrio abafado. Preso.

Rhys a rastreara até ali; aquela contenção estranha de seu poder, do poder do Sifão. Como se algum tipo de feitiço tivesse tornado o poder de Rhys oleoso ao próprio toque. Mais difícil de empunhar.

Por isso a batalha se estendia tanto. O golpe limpo e preciso que Rhys pretendera dar ao chegar — o único disparo que teria salvado tantas vidas — tinha escapulido de suas mãos.

Então, Rhys saiu à caça... daquela contenção. Lutou para avançar por Adriata e chegar até aquele navio. E agora, com a exaustão começando a arrasá-lo, os soldados armados em volta de Rhysand se afastaram... e ele apareceu.

Presa dentro da mente de um Rhysand com poderes contidos e corpo exausto, não havia nada que eu pudesse fazer além de observar enquanto o rei de Hybern saía de um aposento sob o convés e sorria para meu parceiro.

Capítulo 37

Sangue escorreu das pontas das espadas gêmeas de Rhys para o convés. Uma gota... duas. Três.

Pela Mãe. O rei...

O rei de Hybern usava as cores da própria corte: cinza-grafite bordado com fios da cor de ossos. Não levava uma arma. Nem uma mancha de sangue.

Dentro da mente de Rhys, não havia fôlego para que eu tomasse, nenhuma batida de coração para retumbar em meu peito. Não havia nada que eu pudesse fazer a não ser observar; observar e ficar calada, para não o distrair, não arriscar tirar a concentração de meu parceiro nem por um segundo...

Rhys encarou os olhos pretos do rei, brilhantes sob sobrancelhas espessas, e sorriu.

— Bom ver que ainda não trava as próprias batalhas.

O sorriso de resposta do rei pareceu um golpe violento de cor branca.

— Estava esperando que uma presa mais interessante me encontrasse. — A voz do rei era mais fria que o mais alto dos picos

das montanhas illyrianas.

Rhys não ousou desviar o olhar. Não quando a magia se libertou, estudando cada forma de matar o rei. Uma armadilha; fora uma armadilha para descobrir que Grão-Senhor caçaria a fonte daquela contenção primeiro.

Rhys sabia que um deles — o rei, os seguidores — estaria à espera ali.

Ele soubera e fora. Soubera e não pedira que nós o *ajudássemos*...

Se eu fosse esperto, disse Rhys para mim, com a voz calma e equilibrada*, encontraria uma forma de levá-lo com vida, fazer com que Azriel o obrigasse a falar... fazer com que ele entregasse o caldeirão. E o tornaria um exemplo para os outros desgraçados que estão pensando em derrubar aquela muralha.*

Não, implorei a Rhys. *Apenas mate-o; mate-o e acabe com isso, Rhys. Acabe com esta guerra antes que possa realmente começar.*

Uma pausa para considerar. *Mas uma morte aqui, rápida e brutal... Seus seguidores usariam isso contra mim, sem dúvida.*

Se ele conseguisse. O rei não estava lutando. Não esgotara as reservas de poder. Mas Rhys...

Senti Rhys sopesar as chances a meu lado. *Deixe que um de nós chegue a você. Não o enfrente sozinho...*

Porque tentar capturar o rei com vida sem acesso total ao próprio poder...

Informação ondulou por mim, transbordando com tudo o que Rhys tinha visto e descoberto. Levar o rei com vida dependia da possibilidade de contar com Azriel. Ele e Cassian tinham sido feridos também, mas... nada com que não pudessem lidar. Nada que assustaria os illyrianos ainda lutando sob seu comando. Ainda.

— Parece que a maré está mudando — observou Rhys, quando a Armada em volta de ambos de fato empurrou as forças hybernianas para o mar. Rhys não vira Tarquin. Ou Varian e Cresseida. Mas a Corte Estival ainda lutava. Ainda empurrava Hybern mais e mais para trás do porto.

Tempo. Rhys precisava de *tempo*...

Ele avançou contra a mente do rei... e encontrou *nada*. Nenhum vestígio ou sussurro. Era como se não passasse de pensamentos

malignos e malícia antiga...

O rei emitiu um estalo com a língua.

— Ouvi falar que era um encantador, Rhysand. Mas aqui está, me apalpando e arranhando, como um novato.

Um dos cantos da boca de Rhys se ergueu.

— É sempre um prazer desapontar Hybern.

— Ah, pelo contrário — disse o rei, cruzando os braços, os músculos se acomodando. — Sempre foi uma fonte muito boa de entretenimento. Principalmente para minha querida Amarantha.

Eu senti... o pensamento que escapou de Rhys.

Ele queria apagar aquele nome da memória dos que viviam. Talvez um dia conseguisse. Um dia apagaria aquele nome de todas as mentes do mundo, uma a uma, até que Amarantha não fosse mais ninguém, nada.

Mas o rei sabia disso. Pelo sorriso, ele sabia.

E tudo o que tinha feito... Tudo aquilo...

Mate-o, Rhys. Mate-o e acabe com isso.

Não é tão fácil, foi a resposta calma de meu parceiro. *Não sem vasculhar este navio, sem revistar o rei em busca da fonte do feitiço sobre nosso poder, e destruí-la.*

Mas... se ele se demorasse mais... Eu não duvidava de que o rei tinha alguma surpresa desagradável à espera. Preparada para entrar em ação a qualquer momento. Eu tinha certeza de que Rhys também sabia disso.

Sabia porque ele reuniu a própria magia, avaliando e sopesando, como uma víbora que prepara o bote.

— No último relatório que recebi de Amarantha — continuou o rei, levando as mãos aos bolsos —, ela ainda se divertia com você. — Os soldados riram.

Meu parceiro se acostumara àquilo... à risada. Mesmo que ela me incitasse a rugir para eles, despedaçá-los. Mas Rhys nem mesmo trincou os dentes, embora o rei tivesse sorrido, traindo o conhecimento do tipo de cicatrizes que permaneciam ali. Como meu parceiro distraíra Amarantha. Por que o fizera.

Rhys sorriu com escárnio.

— Uma pena que não acabou tão bem para ela. — A magia de Rhys ondulou pelo navio, caçando aquela coleira de poder que

segurava nossas forças...

Mate-o... mate-o agora. As palavras eram um canto em meu sangue, minha mente.

Na de Rhys também. Eu as conseguia ouvir, tão claras quanto meus pensamentos.

— Uma garota notável, sua parceira — observou o rei. Sem emoção, sem sequer um pouco de ódio além daquela diversão fria. — Primeiro Amarantha; depois, meu bicho de estimação, o Attor... E, então, ela quebrou todas as proteções em meu palácio para ajudar você a escapar. Sem falar... — Uma risada baixa. — Em minha sobrinha e meu sobrinho. — Ódio... era ódio que começava a lhe escurecer os olhos. — Ela dilacerou Dagdan e Brannagh, e por que motivo?

— Talvez devesse perguntar a Tamlin. — Rhys ergueu uma sobrancelha. — Onde ele está, aliás?

— Tamlin. — Hybern saboreou o nome, o som. — Ele tem planos para você, depois do que você e sua parceira fizeram com ele. Com sua corte. Que confusão para Tamlin limpar... embora ela certamente tenha facilitado que eu posicionasse mais tropas em suas terras.

Pela Mãe... Pela Mãe, eu *tinha* feito aquilo...

— Ela ficará feliz ao saber.

Tempo demais. Rhys se demorara tempo demais, e enfrentá-lo agora... Lutar ou correr. Correr ou lutar.

— De onde vieram seus dons, me pergunto? Ou de quem?

O rei sabia. O que eu era. O que eu possuía.

— Sou um macho de sorte por tê-la como parceira.

O rei sorriu de novo.

— Durante o pouco tempo que lhe resta.

Eu podia ter jurado que Rhys bloqueou essas palavras.

— Será preciso tudo, sabe? — prosseguiu o rei, casualmente. — Para tentar me impedir. Tudo o que você tem. E, ainda assim, não será o bastante. E, depois que houver dado tudo e encontrar a morte, Rhysand, quando sua parceira estiver chorando sobre seu cadáver, vou tomá-la.

Rhys não deixou um lampejo de emoção passar, colocando aquela máscara fria de diversão sobre o ódio vociferante que me

cercava diante daquele pensamento, daquela ameaça. Que se assentou diante de mim, como uma besta pronta para avançar, para defender.

— Ela derrotou Amarantha e o Attor — replicou Rhys. — Duvido que você dê muito trabalho.

— Veremos. Talvez eu a entregue a Tamlin depois que terminar.

Fúria aqueceu o sangue de Rhys. E o meu.

Golpeie ou fuja, Rhys, implorei de novo. *Mas faça-o... agora*.

Rhys reuniu o poder, e eu o senti subir dentro de meu parceiro, senti Rhys se esforçando para manter o controle sobre ele.

— O feitiço vai passar — disse o rei, gesticulando. — Mais um truque que aprendi enquanto apodrecia em Hybern.

— Não sei do que está falando — falou Rhys, calmamente.

Eles apenas sorriram um para o outro.

— Por quê? — perguntou Rhys, então.

O rei sabia do que se tratava.

— Havia espaço na mesa para todos, foi o que você e os seus alegaram. — O rei riu com deboche. — Para humanos, feéricos inferiores, para mestiços. Nesse seu novo mundo, havia lugar na mesa para todos, contanto que pensassem como vocês. Mas os Legalistas... Como sentiram prazer em acabar conosco. Em nos olhar com desprezo. — O rei indicou os soldados que os monitoravam, a batalha na baía. — Quer saber por quê? Porque sofremos quando vocês nos sufocaram, quando nos afastaram. — Alguns dos soldados grunhiram em concordância. — Não tenho interesse em passar mais cinco séculos vendo meu povo se curvar diante de porcos humanos, vendo-os se matar para sobreviver, enquanto você protege e acaricia aqueles mortais, dando a eles nossos recursos e nossa riqueza em troca de *nada*. — O rei inclinou a cabeça. — Então, reivindicaremos o que é nosso. O que sempre foi nosso e sempre será nosso.

Rhys ofereceu um sorriso malicioso para o rei.

— Certamente pode tentar.

Meu parceiro não se incomodou em dizer mais nada quando disparou uma fina lança de poder contra o rei; e o disparo foi preciso como uma flecha.

Quando chegou ao rei...

Passou direto através dele.

O rei ondulou... e depois se firmou.

Uma ilusão. Uma sombra.

O rei murmurou uma gargalhada.

— Achou que eu apareceria nesta batalha por conta própria? — Ele gesticulou na direção dos soldados que ainda observavam. — Uma degustação... esta batalha é apenas uma degustação. Para atiçar seu apetite.

Então, ele sumiu.

A magia escorreu pelo navio, e sua cobertura oleosa sobre o poder de Rhys... também sumiu.

Rhys permitiu aos soldados de Hybern a bordo no navio, a bordo dos navios em torno daquele, a honra de ao menos erguer as espadas.

Então, ele transformou todos em nada além de neblina vermelha e farpas boiando nas ondas.

Capítulo 38

Mor me sacudia. Só notei porque Rhys me expulsou de sua mente assim que avançou contra aqueles soldados.

Você ficou muito tempo aqui, foi tudo o que ele disse, acariciando meu rosto com uma garra preta. Então, eu saí aos tropeços pelo laço, e o escudo de Rhys se fechou atrás de mim.

— Feyre — dizia Mor, com os dedos se enterrando em meus ombros, nas vestes de couro. — *Feyre*.

Pisquei, e o sol e o sangue e a rua estreita entraram em foco.

Pisquei e depois vomitei nos paralelepípedos entre nós.

As pessoas, abaladas e petrificadas, apenas encararam.

— Por aqui — disse Mor, e passou o braço por minha cintura quando me levou por um beco empoeirado e vazio. Para longe dos olhos observadores. Mal vi a cidade e a baía e o mar adiante, mal reparei que um poderoso tornado de escuridão e água e vento agora empurrava a frota de Hybern de volta ao horizonte. Como se os poderes de Tarquin e de Rhys tivessem sido libertados pelo desaparecimento do rei.

Cheguei a uma pilha de pedras caídas da construção em ruínas ao lado e, então, vomitei de novo. E de novo.

Mor apoiou a mão em minhas costas, formando círculos tranquilizadores enquanto eu vomitava.

— Fiz o mesmo depois de minha primeira batalha. Todos fizemos.

Nem mesmo era uma batalha — não da forma como imaginei: exército contra exército em algum campo de batalha incrível, caótico e enlameado. Mesmo a batalha verdadeira hoje tinha ocorrido no mar... de onde os illyrianos agora planavam para a terra firme.

Eu não suportava começar a contagem de quantos fizeram a viagem de volta.

Não sabia o quanto Mor ou Rhys ou Cassian ou Azriel conseguiam suportar.

E o que eu acabara de ver...

— O rei estava aqui — sussurrei.

A mão de Mor parou em minhas costas.

— O quê?

Apoiei a testa contra o tijolo da construção diante mim, amornado pelo sol, e contei a ela o que vira na mente de Rhys.

O rei... estava aqui e não estava. Outro truque... outro feitiço. Não por acaso Rhys não conseguiu atacar sua mente: o rei não estava presente para que aquilo fosse feito.

Fechei os olhos ao terminar, pressionando a testa com mais força contra o tijolo.

Sangue e suor ainda me cobriam. Tentei me lembrar de como minha alma se encaixava normalmente no corpo, da prioridade das coisas, de minha forma de ver o mundo. O que fazer com braços e pernas na quietude. Como eu costumava posicionar as mãos sem uma espada entre elas? Como eu *parava* de me mover?

Mor apertou meu ombro, como se entendesse os pensamentos acelerados, a estranheza de meu corpo. A Guerra se deflagrara por sete anos. *Anos*. Quanto tempo essa duraria?

— Deveríamos encontrar os outros — sugeriu Mor, e me ajudou a me erguer antes de atravessar nós duas de volta ao palácio que avultava acima.

Eu não conseguia mandar outro pensamento pelo laço. Descobrir onde Rhys estava. Não queria que ele me visse — me *sentisse* — em tal estado. Mesmo sabendo que ele não me julgaria.

Rhysand também derramara sangue no campo de batalha naquele dia. E em muitos outros antes desse. Todos os meus amigos o fizeram.

E consegui entender — apenas por um segundo, conforme o vento soprava a nossa volta — por que alguns governantes, humanos e feéricos, tinham se curvado diante de Hybern. Curvaram-se para não enfrentar aquilo.

Não era apenas o custo da vida que partia, devastava e dividia. Era a mudança de alma que a acompanhava — a percepção de que eu poderia talvez voltar a Velaris, talvez ver a paz ser conquistada, e as cidades, reconstruídas... mas essa batalha, a guerra... *Eu* seria a coisa para sempre transformada.

A guerra permaneceria comigo por muito tempo depois de acabar, alguma cicatriz invisível que talvez esmaecesse, mas nunca desapareceria por completo.

Mas, por meu lar, por Prythian e pelo território humano e tantos outros...

Eu limparia minhas lâminas e lavaria o sangue da pele.

E faria isso de novo, e de novo, e de novo.

O andar intermediário do prédio era uma confusão de emoções: soldados da Corte Estival, ensopados de sangue, mancavam em volta de curandeiros e criados que corriam para ajudar os feridos dispostos no chão.

O rio no centro do salão corria vermelho.

Mais e mais atravessavam, levados por Grão-Feéricos de olhos arregalados.

Alguns illyrianos — tão ensanguentados quanto, mas com os olhos límpidos — levavam os próprios feridos para dentro, pelas janelas abertas e as portas das varandas.

Mor e eu observamos o espaço, a multidão, o fedor da morte e os gritos dos feridos.

Tentei engolir, mas minha boca estava seca demais.

— Onde estão...

Reconheci o guerreiro no mesmo momento que ele me viu.

Varian, ajoelhado diante de um soldado ferido, a coxa dilacerada, ficou completamente imóvel quando nos encaramos. A pele marrom estava manchada de sangue tão forte quanto os rubis que enviara para nós, e os cabelos brancos estavam colados na cabeça, como se tivesse acabado de tirar o elmo.

Varian assobiou com os dentes trincados, e um soldado surgiu a seu lado, tomando seu lugar e amarrando um torniquete na coxa do macho ferido. O príncipe de Adriata se levantou.

Não tinha magia restante em mim para um escudo. Depois de ver Rhys com o rei, havia apenas um poço vazio onde antes meu medo era como um mar revolto dentro do corpo. Mas senti o poder de Mor se colocar entre nós.

Havia uma promessa de morte sobre minha cabeça. Da parte deles.

Varian se aproximou... devagar. Contido. Como se o corpo inteiro doesse. Apesar de o belo rosto não revelar nada. Apenas a exaustão dos ossos.

A boca de Varian se abriu... e depois se fechou. Eu também não tinha palavras.

Então, Varian disse, com a voz tão rouca que eu soube que ele estivera gritando por um longo tempo: — Ele está na sala de jantar de carvalho.

Aquela onde eu jantei com eles pela primeira vez.

Apenas assenti para o príncipe e comecei a caminhar pela multidão, Mor se mantendo bem a meu lado.

Achei que Varian falava de Rhysand.

Mas era Tarquin quem vestia armadura prateada coberta de sangue à mesa de jantar, com mapas e esquemas diante de si e feéricos da Corte Estival ensopados de sangue ou imaculados lotando o cômodo ensolarado.

O Grão-Senhor da Corte Estival ergueu o rosto da mesa quando paramos sob a ombreira da porta. Ele me observou, e depois, Mor.

A bondade e a consideração que eu vira pela última vez no rosto do Grão-Senhor haviam sumido. Foram substituídas por uma coisa

sombria e fria capaz de revirar meu estômago.

Sangue coagulara em um corte espesso em seu pescoço, e os fragmentos secos caíram quando Tarquin olhou para as pessoas na sala e ordenou: — Deixem-nos.

Ninguém sequer ousou olhar duas vezes para ele quando saíram em fileira.

Eu fizera algo terrível da última vez que tínhamos estado ali. Tinha mentido e roubado. Invadira a mente de Tarquin e o enganara para que me acreditasse inocente. Inofensiva. Não o culpava pelo rubi de sangue enviado. Mas, se queria cobrar a vingança agora...

— Soube que vocês duas limparam o palácio. E ajudaram a limpar a ilha.

As palavras saíram baixas... sem vida.

Mor inclinou a cabeça.

— Seus soldados lutaram bravamente ao nosso lado.

Tarquin a ignorou, os olhos turquesa devastadores sobre mim. Observando o sangue, os ferimentos, as vestes de couro. Depois, o anel da parceria em meu dedo, a safira estelar opaca, com sangue incrustado entre os delicados sulcos e os arcos do metal.

— Achei que tivesse vindo terminar o serviço — disse Tarquin para mim.

Não ousei me mover.

— Soube que Tamlin a levou. Então, soube que a Corte Primaveril caiu. Desabou de dentro para fora. O povo se revoltou. E você desapareceu. E, quando vi a legião illyriana entrando... Achei que tivesse vindo atrás de mim também. Para ajudar Hybern a acabar conosco.

Varian não contara a ele... sobre a mensagem que mandara a Amren. Não um pedido de ajuda, mas um aviso desesperado para que Amren se salvasse. Tarquin não sabia que viríamos.

— Jamais nos aliaríamos a Hybern! — exclamou Mor.

— Estou falando com Feyre Archeron.

Eu jamais ouvira Tarquin usar aquele tom. Mor fervilhou de ódio, mas não disse nada.

— Por quê? — indagou Tarquin, com luz do sol se refletindo na armadura cujas escamas delicadas e sobrepostas imitavam as de um peixe.

Não sabia do que ele estava falando. Por que o tínhamos enganado e roubado? Por que tínhamos vindo ajudar? Por que fazer os dois?

— Nossos sonhos são os mesmos. — Foi tudo em que consegui pensar.

Um reino unido, no qual feéricos inferiores não seriam mais isolados. Um mundo melhor.

O oposto daquilo por que Hybern lutava. Pelo que seus aliados lutavam.

— É assim que justifica ter roubado de mim?

Meu coração deu um salto.

Rhysand falou, atrás de mim, sem dúvida depois de atravessar até ali: — Minha parceira e eu tínhamos nossos motivos, Tarquin.

Meus joelhos quase cederam diante da tranquilidade da voz, do rosto salpicado de sangue que, ainda assim, não exibia sinais de um grande ferimento, da armadura escura — idêntica às de Azriel e Cassian — que se mantinha intacta apesar de alguns poucos arranhões profundos, para os quais eu mal suportava olhar. *Cassian e Azriel?*

Bem. Supervisionando os illyrianos feridos e montando acampamento nas colinas.

Tarquin olhou de Rhys para mim.

— Parceira.

— Não era óbvio? — perguntou Rhysand, com um piscar do olho. Mas havia tensão nos olhos, aguçada e assombrada.

Meu peito se apertou. *O rei deixou algum tipo de armadilha para...*

Rhys passou a mão por minhas costas. *Não. Não... estou bem. Transtornado por não ter visto que era uma ilusão, mas... bem.*

O rosto de Tarquin nem mesmo se alterou daquela ira fria.

— Quando foi para a Corte Primaveril e enganou também Tamlin sobre sua verdadeira natureza, quando lhe destruiu o território... deixou a porta aberta para Hybern. Eles aportaram em seu cais. — Sem dúvida para esperar que a muralha caísse e, então, velejar para o sul. Tarquin grunhiu: — Foi uma viagem fácil até minhas portas. Você fez isso.

Eu podia jurar que senti Rhys se encolher pelo laço. Mas meu parceiro disse, calmamente: — Não fizemos nada. Hybern escolhe suas ações, não nós. — Ele indicou Tarquin com o queixo. — Minha força permanecerá acampada nas colinas até que você tenha determinado se a cidade está segura. Então, partiremos.

— E planeja roubar algo antes de ir?

Rhys ficou completamente calado. Pensando, percebi, se pediria desculpas. Explicaria.

Eu o poupei da escolha.

— Cuide de seus feridos, Tarquin.

— Não me dê ordens.

O rosto do antigo almirante da Corte Estival... do príncipe que comandara a frota no porto até que o título lhe fora imposto. Observei a exaustão que lhe embaçava os olhos, o ódio e o luto.

Pessoas tinham morrido. Muitas pessoas. A cidade que Tarquin lutara tanto para reconstruir, o povo que tentava lutar para superar as cicatrizes de Amarantha...

— Estamos à disposição — falei para Tarquin, e saí.

Mor continuou por perto, e passamos para o corredor a fim de encontrar um grupo de conselheiros e soldados nos observando com atenção. Atrás de nós, Rhys falou para Tarquin: — Eu não tive escolha. Fiz aquilo para tentar *evitar* isto, Tarquin. Para impedir Hybern antes que chegasse a esse ponto. — Sua voz estava tensa.

— Saia — retrucou Tarquin, apenas. — E leve seu exército junto. Podemos vigiar a baía agora que eles não têm o elemento surpresa.

Silêncio. Mor e eu nos demoramos do lado de fora das portas abertas, sem virar para trás, mas nós duas ouvimos. Ouvimos quando Rhysand falou: — Eu vi o bastante de Hybern na Guerra para dizer a você que este ataque foi apenas uma fração do que o rei planeja libertar. — Uma pausa. — Venha para a reunião, Tarquin. Precisamos de você... Prythian precisa de você.

Outro segundo de silêncio. Então, Tarquin falou:

— Saia.

— A oferta de Feyre se mantém: estamos à disposição.

— Leve sua parceira e saia. E sugiro avisá-la que não dê ordens a Grão-Senhores.

Enrijeci o corpo, prestes a me virar, quando Rhys falou:

— Ela é Grã-Senhora da Corte Noturna. Pode fazer o que quiser.

A parede de feéricos diante de nós recuou levemente. Agora me observavam, alguns boquiabertos. Um burburinho ondulou entre eles. Tarquin soltou uma risada baixa e amarga.

— Você gosta mesmo de cuspir nas tradições.

Rhys não disse mais nada, seus passos determinados soaram sobre o piso de azulejo até que a mão de meu parceiro aquecesse meu ombro. Ergui o rosto para ele, ciente de todos os que nos olhavam, chocados. Olhavam para mim.

Rhys deu um beijo em minha têmpora suada e com uma crosta de sangue, e sumimos.

Capítulo 39

O acampamento illyriano permaneceu nas colinas acima de Adriata.

Principalmente porque havia tantos feridos que não os podíamos transferir até que tivessem se curado o suficiente para sobreviver à mudança.

Asas destroçadas, tripas para fora, rostos dilacerados...

Não sei como meus amigos ainda estavam de pé enquanto cuidavam dos feridos como podiam. Eu mal vi Azriel, que montara uma tenda para organizar as informações reunidas pelos batedores: a frota de Hybern tinha recuado. Não para a Corte Primaveril, mas para o outro lado do mar. Nenhum sinal de qualquer outra força esperando para atacar. Nenhum sussurro sobre Tamlin ou Jurian.

Cassian, no entanto... Ele mancava entre os feridos dispostos no piso rochoso e seco, oferecendo palavras de motivação ou conforto para os soldados ainda à espera de atendimento. Com os Sifões, podia fazer reparos rápidos no campo de batalha, mas... nada extenso. Nada complexo.

O rosto de Cassian, sempre que nos cruzávamos quando eu buscava suprimentos para os incansáveis curandeiros, estava sério. Exausto. Ainda usava a armadura, e, embora tivesse limpado o sangue da pele, algum ainda se agarrava perto do colarinho do peitoral. O vazio em seus olhos cor de avelã era o mesmo que cobria os meus. E os de Mor.

Mas Rhys... Os olhos estavam atentos. Alertas. A expressão sombria, mas... Era nele que os soldados se inspiravam. E Rhys era tudo o que deveria ser: um Grão-Senhor confiante na vitória, cujas forças tinham destruído a frota de Hybern e salvado uma cidade de inocentes. O fardo daquilo sobre os soldados de Rhys era pesado, mas um custo que valia a vitória. Ele caminhava pelo acampamento — cuidando de feridos, da informação que Azriel fornecia, verificando os comandantes —, ainda usando a armadura illyriana. Mas as asas não estavam ali. Tinham sumido antes de Rhys aparecer na câmara de Tarquin.

O sol se pôs, deixando um manto de escuridão sobre a cidade abaixo. Muito mais escura que quando eu a vira pela última vez, viva e brilhante com luz. Mas aquela nova escuridão... Nós a tínhamos visto em Velaris depois do ataque... E agora a conhecíamos bem demais.

Luzes feéricas tremeluziam sobre nosso acampamento, emoldurando as garras de todas aquelas asas illyrianas conforme se moviam ou descansavam, feridas. Eu sabia que muitos olhavam para mim — a Grã-Senhora.

Mas não consegui estampar a tranquilidade de Rhys. O triunfo silencioso.

Então, continuei buscando tigelas de água fresca e continuei movendo os ensanguentados. Ajudei a segurar soldados que gritavam até que meus dentes trincassem devido à força de suas convulsões.

Eu me sentei apenas quando minhas pernas não mais conseguiam me manter de pé, sobre um balde virado do lado de fora da tenda dos curandeiros. Apenas por alguns minutos — eu me sentaria por apenas alguns minutos.

Acordei dentro de outra tenda, deitada em uma pilha de peles, a luz feérica estava tênue e suave.

Rhys estava sentado a meu lado, pernas cruzadas, os cabelos incomumente embaraçados. Manchados de sangue — como se estivesse em suas mãos quando as passou pelos cabelos.

— Por quanto tempo fiquei apagada? — Minhas palavras saíram ásperas.

Ele ergueu a cabeça de onde estudava uma variedade de papéis espalhados nas peles adiante.

— Três horas. O alvorecer ainda está longe... você devia dormir.

Mas me apoiei nos cotovelos.

— Você está acordado.

Rhys deu de ombros, bebendo da taça de água ao lado.

— Não fui eu quem caiu de um balde de cara na lama. — O sorriso sarcástico sumiu. — Como está se sentindo?

Eu quase disse *bem*, mas...

— Ainda estou entendendo como me sentir.

Um aceno cauteloso.

— A guerra deflagrada é assim... Leva um tempo para decidir como lidar com tudo o que ela traz. Os custos.

Eu me sentei de vez, observando os papéis que Rhys dispusera. Listas de fatalidades. Aproximadamente uns cem nomes, mas...

— Você os conhecia... os que morreram.

Os olhos violeta de Rhys se fecharam.

— Alguns. Tarquin perdeu muitos mais que nós.

— Quem conta às famílias?

— Cassian. Ele enviará listas depois do alvorecer, quando virmos quem sobreviverá à noite. E visitará as famílias daqueles que ele conhecia.

Eu me lembrei de que, certa vez, Rhys me contou ter buscado entre as listas de fatalidades na Guerra os nomes de amigos... O pesar que todos sentiam, o medo de encontrar um nome familiar.

Tantas sombras embaçavam aqueles olhos violeta. Coloquei a mão na de Rhys. Ele estudou meus dedos sobre os dele, os arcos de sujeira sob minhas unhas.

— O rei só veio hoje — disse Rhys, por fim — para me provocar. O ataque à biblioteca, esta batalha... Era uma forma de brincar comigo. Conosco.

Toquei-lhe o maxilar. Frio; a pele de Rhys estava fria, apesar da noite quente de verão que nos envolvia.

— Não vai morrer nesta guerra, Rhysand.

Sua atenção se voltou para mim.

Segurei o rosto de Rhys com as duas mãos agora.

— Não dê atenção a uma palavra que ele disser. Ele sabe...

— Ele sabe sobre nós. Nossas histórias.

E aquilo apavorava Rhys.

— E conhecia a biblioteca... Ele a escolheu pelo que ela representa para *mim*, não apenas para levar Nestha.

— Então, aprenderemos onde atingi-lo, e golpearemos com força. Melhor ainda, nós o mataremos antes que possa fazer mais mal.

Rhys sacudiu a cabeça levemente, retirando o rosto de minhas mãos.

— Se fosse apenas o rei a quem enfrentar... Mas com o Caldeirão em seu arsenal...

E era a forma como os ombros de Rhys começaram a se curvar, a forma como o queixo abaixou tão devagar... Segurei as mãos de Rhys de novo.

— Precisamos de aliados — falei, com os olhos ardendo. — Não podemos enfrentar sozinhos o fardo desta guerra.

— Eu sei. — As palavras eram pesadas, cautelosas.

— Adiante a reunião com os Grão-Senhores. Três dias a partir de hoje.

— Farei isso. — Jamais tinha ouvido aquele tom, aquela quietude.

E foi exatamente por causa disso que falei:

— Amo você.

Rhys levantou a cabeça, e os olhos se encheram de lágrimas.

— Houve uma época em que sonhei ouvir isso — murmurou meu parceiro. — Quando jamais achei que ouviria de você. — Rhys indicou a tenda, Adriata além dela. — Nossa viagem até aqui foi a primeira vez que me permiti... ter esperanças.

Às estrelas que ouvem... e aos sonhos que são atendidos.

No entanto, hoje, com Tarquin...

— O mundo deveria saber — comecei. — O mundo deveria saber o quanto você é bom, Rhysand... O quanto todos vocês são maravilhosos.

— Não sei dizer se deveria ficar preocupado por dizer essas coisas tão boas sobre mim. Talvez as provocações do rei a *tenham* afetado.

Belisquei seu braço, e Rhys soltou uma gargalhada baixa antes de levantar o rosto e observar meus olhos. Ele inclinou a cabeça.

— Eu *deveria* me preocupar?

Coloquei a mão na bochecha de Rhys mais uma vez, a pele sedosa agora parecia quente.

— Você é altruísta, e corajoso, e bondoso. É mais do que jamais sonhei para mim, mais que eu... — Engasguei com as palavras e engoli em seco, inspirando profundamente. Não tinha certeza se Rhys precisava ouvir aquilo depois do que dissera o rei, mas *eu* precisava falar. Luz estelar agora dançava em seus olhos. Mas continuei: — Nessa reunião com os Grão-Senhores, que papel interpretará?

— O de sempre.

Assenti, tendo antecipado a resposta.

— E os demais interpretarão os papéis de sempre também.

— E?

Tirei a mão do rosto de Rhys e a coloquei sobre seu coração.

— Acho que chegou a hora de retirarmos as máscaras. De pararmos de interpretar.

Ele esperou, prestando atenção.

— Velaris não é mais segredo. O rei sabe muito sobre nós, sobre quem somos. O que somos. E... se nos aliaremos aos demais Grão-Senhores... Acho que precisam da verdade. Precisarão da verdade para confiar em nós. A verdade sobre quem você realmente é, quem Mor e Cassian e Azriel realmente são. Olhe como as coisas foram mal com Tarquin hoje. Não podemos... não podemos permitir que continue assim. Então, chega de máscaras, chega de papéis interpretados. Iremos como nós mesmos. Como uma família.

Se a provocação do rei me ensinou uma coisa, foi isso. Os jogos tinham acabado. Não haveria mais disfarces, nenhuma mentira. Talvez ele achasse que aquilo nos levaria a continuar com tais

coisas. Mas... para ter uma chance... Talvez a vitória estivesse na direção oposta. Na honestidade. Com nosso grupo unido, exatamente como éramos.

Esperei que Rhys me dissesse que eu era jovem e inexperiente, que eu não sabia nada sobre política e guerra.

Mas Rhys apenas roçou minha bochecha com o polegar.

— Eles podem se ressentir das mentiras com que os alimentamos ao longo dos séculos.

— Então, deixaremos claro que entendemos, e deixaremos claro que não tínhamos um modo alternativo de proteger nosso povo.

— Mostraremos a eles a Corte dos Sonhos — disse Rhys, baixinho.

Assenti. Nós a mostraríamos também a Keir e Eris e Beron. Mostraríamos quem éramos para nossos aliados... e para nossos inimigos.

Estrelas reluziram e queimaram naqueles lindos olhos.

— E quanto a seus poderes? — O rei também soubera sobre eles, ou adivinhara.

Eu soube pelo tom cauteloso de Rhys que ele já tinha uma opinião formada. Mas a escolha era minha, Rhys a aceitaria a meu lado, não importava o que eu decidisse.

Enquanto pensei a respeito...

— Acho que a revelação de nosso lado bom pode ser considerada uma forma de manipulação. Ainda mais se revelarmos que sua parceira roubou poder de todos. Se o rei planeja usar essa informação contra nós... Lidaremos com isso depois.

— Tecnicamente, esse poder lhe foi *dado*, mas... você está certa. Navegamos águas traiçoeiras... Nossa imagem, como contaremos a história de modo a não julgarem se tratar de um embuste ou ardil. Mas, quando se trata de você... — Escuridão apagou as estrelas nos olhos de Rhys. A escuridão de assassinos e ladrões, a escuridão da morte implacável. — Você poderia inclinar a balança em favor de Hybern se algum dos Grão-Feéricos estiver considerando uma aliança. Beron pode tentar matá-la, com ou sem guerra. Duvido que até mesmo Eris consiga impedi-lo.

Eu podia ter jurado que o acampamento de guerra estremeceu diante do poder que despertou com um murmúrio... da ira. Vozes do

lado de fora da tenda se tornaram sussurros. Ou silêncio total.

Mas eu me aproximei e beijei Rhys suavemente.

— Lidaremos com isso — falei contra sua boca.

Rhys afastou os lábios dos meus, o rosto sério.

— Esconderemos todos os seus poderes, exceto o que dei a você. Como minha Grã-Senhora, é esperado que tenha recebido algum poder.

Engoli em seco, assentindo, e tomei um longo gole da taça de água de Rhys. Chega de mentiras, chega de ilusão... exceto por minha magia. Que Tarquin fosse a primeira e última vítima de nosso artifício.

Mordi o lábio.

— E quanto a Miryam e Drakon? Descobriu algo sobre onde podem estar? — *Assim como aquela legião de guerreiros feéricos aéreos?*

A pergunta pareceu tirar Rhys de qualquer que fosse o lugar para onde tinha ido enquanto contemplava o que estava diante de nós.

Rhys suspirou, observando aquelas listas de fatalidades de novo. A tinta escura parecia absorver a luz feérica.

— Não. Os espiões de Az não encontraram sinais deles em nenhum dos territórios ao redor. — Rhys esfregou a têmpora. — Como se some com um povo inteiro?

— Suponho que a tática de Jurian para atraí-los tenha funcionado contra ele. — Jurian... não houvera um sussurro seu na batalha de hoje.

— Parece que sim. — Rhys sacudiu a cabeça, e a luz dançou nas mechas negras como corvos de seus cabelos. — Eu deveria ter estabelecido protocolos com eles... séculos atrás. Formas de contatá-los, de sermos contatados se precisássemos de ajuda.

— Por que não o fez?

— Eles queriam ser esquecidos pelo mundo. E, quando vi o quanto Cretea se tornou pacífica... Não queria que o mundo se intrometesse com eles também. — Um músculo se contraiu no maxilar de Rhys.

— Se de alguma forma os encontrássemos... Isso bastaria? Se primeiro pudermos impedir que a muralha desabe, quero dizer.

Nossas forças e as de Drakon, talvez até mesmo as da rainha Vassa se Lucien conseguir encontrá-la, contra toda Hybern?

Contra quaisquer truques ou feitiços que o rei ainda planejasse libertar.

Rhys ficou calado por um momento.

— Talvez precise bastar.

Foi a forma como a voz ficou rouca, o modo como os olhos estremeceram, que me fez dar um beijo na boca de Rhys e apoiar a mão em seu peito e o empurrar para o chão, onde estavam as peles.

Rhys levantou as sobrancelhas, mas um meio sorriso lhe surgiu nos lábios.

— Há pouca privacidade em um acampamento de guerra — avisou Rhys, e parte da luz voltou a seus olhos.

Eu apenas montei Rhys, abri o botão do alto do casaco preto. Depois, o seguinte.

— Então, acho que precisará fazer silêncio — argumentei, desabotoando a frente do casaco até que se abrisse e revelasse a camisa por baixo. Passei o dedo pelo arabesco de tatuagem que despontava perto do pescoço de Rhys. — Quando o vi enfrentar o rei hoje...

Rhys acariciou minhas coxas com os dedos.

— Eu sei. Senti você.

Puxei a bainha da camisa, e Rhys se apoiou nos cotovelos, me ajudando a tirar seu casaco e, depois, a camisa por baixo. Um hematoma manchava as costelas, um borrão violento...

— Está tudo bem — disse Rhys, antes que eu conseguisse falar. — Um disparo de sorte.

— Com *o quê*?

De novo, aquele meio sorriso.

— Uma lança?

Meu coração parou.

— Uma... — Acariciei delicadamente o hematoma, engolindo em seco.

— Com veneno feérico na ponta. Meu escudo bloqueou a maior parte... mas não o bastante para evitar o impacto.

Pesar revirou meu estômago. Mas eu me abaixei e beijei o ferimento.

Rhys soltou um longo suspiro, e seu corpo pareceu se acomodar. Calmo.

Então, beijei o ferimento de novo. Desci mais. Rhys desenhou círculos preguiçosos em meu ombro, minhas costas.

Senti o escudo se posicionar em volta da tenda quando desabotoei a calça de Rhys. Conforme desci beijando a superfície musculosa de sua barriga.

Mais baixo. As mãos de Rhys deslizaram para meus cabelos quando o resto das roupas sumiu.

Acariciei com a mão uma vez, duas — me deliciando com a sensação de Rhys, por saber que ele estava ali, que *nós dois* estávamos. Seguros.

Então, imitei o movimento com a boca.

Os grunhidos de prazer de Rhys preencheram a tenda, abafando os gritos distantes dos feridos e dos moribundos. Vida e morte; pairando tão perto, sussurrando em nossos ouvidos.

Mas provei Rhys e o adorei com as mãos e a boca e, então, o corpo — e esperei que esse resquício de vida que oferecíamos, essa luz inextinguível entre nós, afastasse um pouco mais a morte. Pelo menos por mais um dia.

Poucos illyrianos a mais morreram durante a noite. Mas, no alto das colinas, os gritos e as lamúrias do povo de Tarquin se elevavam até nós nas nuvens de fumaça dos incêndios ainda acesos e iniciados por Hybern. Eles continuavam queimando quando partimos, nas horas iniciais após o alvorecer, atravessando de volta a Velaris.

Cassian e Azriel ficaram para liderar as legiões illyrianas até o novo acampamento em nossas fronteiras ao sul — e o primeiro voou de lá em direção às estepes. Para oferecer condolências a algumas daquelas famílias.

Nestha estava à espera no saguão da casa da cidade, com uma impaciente Amren sentada em uma cadeira diante da lareira apagada da sala de estar.

Nenhum sinal de Elain, mas antes que eu pudesse perguntar, Nestha indagou: — O que aconteceu?

Rhys olhou para mim e, então, para Amren, que tinha se levantado e agora nos observava com a mesma expressão de Nestha.

— Houve uma batalha. Vencemos — respondeu meu parceiro.

— Sabemos disso — falou Amren, com os pequenos pés quase silenciosos sobre os tapetes conforme caminhou até nós. — O que aconteceu com Tarquin?

Mor inspirou para dizer algo sobre Varian que provavelmente não acabaria bem para nenhum de nós, e então, interrompi: — Bem, ele não tentou nos matar assim que nos viu, então... as coisas foram relativamente bem?

Rhys me lançou um olhar divertido.

— A família real permanece viva e bem. A armada de Tarquin sofreu perdas, mas Cresseida e Varian saíram ilesos.

Algo tenso na expressão de Amren pareceu relaxar diante das palavras — palavras cuidadosas, diplomáticas.

Mas Nestha olhava entre nós todos, com as costas ainda rígidas, a boca formando uma linha fina.

— Onde ele está?

— Quem? — cantarolou Rhys.

— Cassian?

Achei que jamais ouviria tal nome sair dos lábios de Nestha. Cassian sempre fora *ele* ou *aquele lá*. E Nestha estava... andando de um lado para o outro no saguão.

Como se estivesse preocupada.

Abri a boca, mas Mor foi mais rápida.

— Está ocupado.

Jamais tinha ouvido sua voz tão... afiada. Gélida.

Nestha encarou Mor. Minha irmã contraiu o maxilar, depois relaxou e, então, tensionou outra vez — como se travasse alguma batalha para manter as perguntas dentro de si. Mor não desviou o olhar.

Mor jamais parecera incomodada com a menção das amantes passadas de Cassian. Talvez porque jamais tinham significado tanto; não da forma que importava. Mas, se o guerreiro illyriano não

mais servisse de tampão físico e emocional entre ela e Azriel... E pior, se a pessoa que causasse essa ausência fosse Nestha...

— Quando ele voltar, guarde essa língua bifurcada atrás dos dentes — disse Mor, inexpressiva.

Meu coração bateu furioso, e meus braços ficaram inertes ao lado do corpo diante do insulto, da ameaça.

— Mor — admoestou Rhys, no entanto.

Ela, devagar, muito devagar, olhou para ele.

Não havia nada além de determinação irredutível na expressão de Rhys.

— Agora partiremos para a reunião em três dias. Mande mensageiros para os demais Grão-Senhores para informá-los. E chega de discutir onde nos encontraremos. Escolha um lugar e acabe com isso.

Mor encarou Rhys por um segundo e, depois, voltou os olhos para minha irmã.

O rosto de Nestha não tinha se alterado, a frieza que o delineava não cedera. Estava tão imóvel que parecia mal respirar. Mas não se moveu. Não desviou o olhar de Morrigan.

Mor desapareceu mais rápido que um piscar de olhos.

Nestha apenas se virou e foi para a sala de estar, onde reparei que livros estavam dispostos na mesa baixa diante da lareira.

Amren seguiu minha irmã com leveza, lançando um olhar para Rhys por cima do ombro. O movimento agitou a blusa cinza de Amren o suficiente para que eu visse o brilho vermelho despontando sob o tecido.

O colar de rubis que usava, escondido sob a camisa. Presente de Varian.

Mas Rhys assentiu para Amren, e a fêmea perguntou a minha irmã:

— Onde estávamos?

Nestha se sentou na poltrona, segurando os braços com tanta força que os nós dos dedos marcaram a pele.

— Estava explicando como os limites territoriais foram formados entre as cortes.

As palavras soaram distantes, entrecortadas. E... *Elas também começaram aulas de história?*

Estou tão chocado quanto você que esta casa ainda esteja de pé.

Engoli minha gargalhada, dando o braço a Rhys e puxando-o pelo corredor. Fazia tempo desde que eu o vira tão... sujo. Nós dois precisávamos de um banho, mas havia algo que eu devia fazer primeiro. Precisava fazer.

— Cassian foi à guerra muitas vezes, menina — murmurou Amren para Nestha, atrás de nós. — Não é general das forças de Rhys à toa. Esta batalha foi uma brincadeira em comparação ao que está por vir. Provavelmente está visitando as famílias dos mortos enquanto conversamos. Voltará antes da reunião.

— Não me importo — replicou Nestha.

Pelo menos estava falando de novo.

Segurei Rhys no meio do corredor.

Com tantos ouvidos atentos na casa, eu disse pelo laço: *Me leve à Prisão. Agora mesmo.*

Rhys não fez perguntas.

Capítulo 40

Não tinha osso para levar. E, embora cada passo para cima daquela colina, e depois para baixo na escuridão, me dilacerasse e pesasse sobre mim, continuei me movendo. Continuei colocando um pé diante do outro.

Tinha a sensação de que Rhys fazia o mesmo.

De pé diante do Entalhador de Ossos duas horas depois, o antigo deus da morte ainda usando a pele de meu provável futuro filho, eu disse: — Encontre outro objeto que deseja.

Os olhos violeta se incendiaram.

— Por que o Grão-Senhor ficou no corredor?

— Ele tem pouco interesse em vê-lo.

Parcialmente verdade. Rhys se perguntou se o golpe contra o orgulho do Entalhador funcionaria a nosso favor.

— Você fede a sangue... e a morte. — O Entalhador inspirou uma grande lufada de ar. De meu cheiro.

— Escolha outro objeto que não o Uróboro! — Foi tudo o que eu disse.

Hybern sabia sobre nossas histórias, nossos possíveis aliados. Restava um pingo de esperança de que não anteciparam o Entalhador.

— Não desejo nada além de minha janela para o mundo.

Evitei o anseio de fechar as mãos em punho.

— Poderia oferecer tantas outras coisas a você. — Minha voz ficou baixa, contida.

— Tem medo de reivindicar o espelho. — O Entalhador de Ossos inclinou a cabeça. — Por quê?

— Você não tem medo dele?

— Não. — Um pequeno sorriso. Ele se inclinou para o lado. — Também tem medo do espelho, Rhysand?

Meu parceiro não se deu o trabalho de responder do corredor, embora tenha se aproximado e se recostado contra o batente da porta, de braços cruzados. O Entalhador suspirou ao ver Rhysand... ao ver a poeira e o sangue e as roupas amassadas. Então, falou: — Ah, prefiro você ensanguentado.

— Escolha outra coisa — respondi. *E não uma tarefa inútil desta vez*.

— O que me daria? Riquezas não têm serventia para mim aqui. Poder não tem influência contra pedra. — Ele riu. — E quanto a seu primeiro filho? — Um sorriso obscuro quando ele gesticulou com aquela mão de menino para si mesmo.

A atenção de Rhys passou para mim. Surpresa — surpresa e algo mais profundo, mais carinhoso — lhe percorria o rosto. *Não apenas qualquer menino, então.*

Minhas bochechas coraram. *Não. Não apenas qualquer menino*.

— É grosseiro, Majestades, falar quando ninguém consegue ouvir.

Lancei um olhar de irritação para o Entalhador.

— Não há nada mais, então. — *Nada mais que não me destruirá se eu sequer olhar para o objeto?*

— Traga-me o Uróboro e sou seu. Tem minha palavra.

Sopesei a expressão beatífica no rosto do Entalhador antes de sair andando.

— Onde está meu osso? — A exigência interrompeu a escuridão.

Continuei andando. Mas Rhys atirou algo ao Entalhador.

— Do almoço.

O chiado de indignação do Entalhador quando um osso de galinha quicou no chão nos acompanhou até a saída.

Em silêncio, começamos a caminhada pela Prisão. O espelho... Precisava encontrar alguma forma de obtê-lo. Depois do encontro... Só por precaução, caso ele me destruísse.

Como ele é?

A pergunta foi baixa... hesitante. Eu sabia de quem ele estava falando.

Entrelacei os dedos com os de Rhysand e apertei forte. *Deixe-me mostrar*.

E conforme caminhávamos pela escuridão, na direção daquela luz distante, ainda oculta, eu mostrei.

Estávamos famintos quando voltamos para a casa na cidade. Mas como nenhum de nós sentiu vontade de esperar a comida ser preparada, Rhys e eu seguimos direto para a cozinha, passando por Amren e Nestha, e dando a elas nada mais que um aceno.

Minha boca já estava aguando quando Rhys abriu com o ombro a porta vaivém para a cozinha.

Olhamos o que havia dentro, e paramos subitamente.

Elain estava entre Nuala e Cerridwen na longa mesa de trabalho. Todas as três, cobertas de farinha. Havia algum tipo de bagunça com massa na superfície diante delas.

As duas aias espiãs se curvaram imediatamente para Rhys, e Elain...

Havia um brilho fraco nos olhos castanhos.

Como se estivesse se divertindo com as duas.

Nuala engoliu em seco.

— A senhora disse que estava com fome; então, fomos fazer algo para ela. Mas... ela disse que queria aprender, então... — Mãos enroscadas em sombras se ergueram em um gesto de impotência, e farinha flutuou delas como véus de neve. — Estamos fazendo pão.

Elain nos encarava, e, quando seus olhos começaram a se fechar, dei um grande sorriso e falei: — Espero que fique pronto logo, estou faminta.

Elain ofereceu um sorriso fraco como resposta e assentiu.

Ela estava com fome. Estava... fazendo algo. *Aprendendo* algo.

— Vamos tomar banho — anunciei, mesmo quando meu estômago roncou. — Deixaremos vocês com a cozinha.

Puxei Rhys para o corredor antes de elas terminarem de se despedir, e a porta da cozinha se fechou atrás de nós.

Levei a mão ao peito, recostando-me contra os painéis de madeira da parede da escada. A mão de Rhys cobriu a minha um segundo depois.

— Foi o que senti — disse ele. — Quando vi você sorrir naquela noite em que jantamos diante do Sidra.

Eu me aproximei, apoiando a testa contra seu peito, bem sobre o coração.

— Ela ainda tem um longo caminho pela frente.

— Todos temos.

Rhys acariciou minhas costas com a mão. Inclinei o corpo na direção do toque, saboreando o calor e a força.

Durante longos minutos, ficamos ali. Até que eu disse:

— Vamos encontrar outro lugar para comer... fora.

— Hummm. — Rhys não dava indícios de que me soltaria.

Olhei para cima por fim. Encontrei seus olhos brilhando com aquela luz familiar, maliciosa.

— Acho que estou com fome de outra coisa — ronronou Rhys.

Meus dedos dos pés se fecharam dentro das botas, mas ergui as sobrancelhas e falei, tranquilamente: — Hã?

Rhys mordiscou o lobo de minha orelha e, depois, sussurrou em meu ouvido conforme nos atravessou para o quarto, onde duas bandejas de comida agora esperavam sobre a escrivaninha.

— Devo a você por ontem à noite, parceira.

Rhys me deu a cortesia, pelo menos, de escolher o que ele consumiria primeiro: eu ou a comida.

Escolhi sabiamente.

Nestha estava esperando à mesa do café na manhã seguinte.

Não por mim, percebi quando o olhar de minha irmã passou direto por mim, como se eu fosse mais uma criada. Mas por outra pessoa.

Fiquei de boca fechada, não me dei o trabalho de dizer que Cassian ainda estava nos acampamentos de guerra. Se ela não perguntaria... não me meteria naquilo.

Não quando Amren alegava que minha irmã estava perto — tão perto — de dominar qualquer que fosse a potencial habilidade de consertar a muralha. Se ela apenas se *libertasse*, dissera Amren. Não ousei sugerir que talvez o mundo ainda não estivesse pronto para aquilo.

Tomei o café da manhã em silêncio, raspando o garfo no prato. Amren disse que estava perto de encontrar o que precisávamos no livro também... qualquer que fosse o feitiço que minha irmã lançaria. Como Amren sabia, eu não fazia ideia. Não pareceu sábio perguntar.

Nestha só falou quando me levantei.

— Vai para aquela reunião em dois dias.

— Sim.

Eu me preparei para o que ela pretendia dizer.

Nestha olhou para as janelas da frente, como se ainda esperasse, ainda vigiasse.

— Você foi para a batalha. Sem pensar duas vezes. Por quê?

— Porque precisei. Porque as pessoas precisavam de ajuda.

Os olhos azul-acinzentados pareciam quase prateados sob a tênue luz da manhã. Mas Nestha não disse mais nada, e, depois de esperar por mais um momento, parti, atravessando até a Casa para minha lição de voo com Azriel.

Capítulo 41

Os dois dias seguintes foram tão ocupados que a lição com Azriel foi o único momento de treino. O mestre espião voltara, após enviar as mensagens que Mor tinha escrito sobre a mudança na reunião. Tinham concordado com a data, pelo menos. Mas a declaração de Mor do local, apesar da linguagem irredutível, fora universalmente rejeitada. E assim continuou o vaivém interminável entre as cortes.

Sob a Montanha fora antes o local neutro de reuniões.

Mesmo que não estivesse selado, ninguém parecia disposto a se encontrar lá agora.

Então, o debate prosseguiu com relação a quem, entre todos os Grão-Senhores, seria o anfitrião da reunião.

Bem, entre seis deles. Beron, por fim, ousara se juntar. Mas nenhuma notícia viera da Corte Primaveril, embora soubéssemos que as mensagens foram recebidas.

Todos nós iríamos; exceto por Amren e Nestha que, conforme insistia a primeira, precisava treinar mais. Principalmente depois que Amren havia encontrado, na noite anterior, uma passagem no livro

que *poderia* ser aquilo de que precisávamos para consertar a muralha.

Com apenas algumas horas para o fim da noite, ficou finalmente acordado que a reunião aconteceria na Corte Crepuscular. Era perto o bastante do meio do continente, e como Kallias, Grão-Senhor da Invernal, não permitiria ninguém em seu território depois dos horrores que Amarantha infligira ao povo, era a única outra área fronteiriça àquela terra central neutra.

Rhys e Thesan, Grão-Senhor da Corte Crepuscular, se davam bem o bastante. A Crepuscular era geralmente neutra em qualquer conflito, mas, como uma das três Cortes Solares, sua lealdade sempre se inclinava na direção das outras duas. Não era um aliado tão forte quanto Helion Quebrador de Feitiços da Corte Diurna, mas forte o bastante.

Isso não impediu Rhys, Mor e Azriel de se reunir em volta da mesa de jantar na casa da cidade na noite anterior, a fim de revisar todo fragmento de informação conhecida sobre o palácio de Thesan; sobre possíveis obstáculos e armadilhas. E rotas de fuga.

Foi difícil não caminhar de um lado para o outro, não perguntar se, talvez, os riscos eram maiores que os benefícios. Tanto dera errado em Hybern. Tanto estava dando errado no mundo. Sempre que Azriel falava, eu ouvia o rugido de dor quando aquela lança lhe perfurava o peito. Sempre que Mor rebatia um argumento, eu a via de rosto pálido, se afastando do rei. Sempre que Rhys pedia minha opinião, eu o via ajoelhado no sangue dos amigos, implorando ao rei que não partisse nosso laço.

Nestha e Amren paravam de praticar na sala de estar de vez em quando, para que a última pudesse se intrometer com algum conselho ou aviso sobre a reunião. Ou para que Amren pudesse brigar com Nestha a fim de que se concentrasse, se esforçasse mais. Enquanto ela mesma folheava o Livro.

Mais alguns dias, declarou Amren, quando Nestha, por fim, subiu, reclamando de dor de cabeça. Mais alguns dias e minha irmã, por qualquer que fosse o misterioso poder, talvez conseguisse *fazer* alguma coisa. Isso se, acrescentou Amren, *ela* conseguisse desvendar aquela seção promissora do Livro a tempo. E com isso, a

fêmea de cabelos negros nos deu boa noite — para ler até que os olhos sangrassem, foi o que alegou.

Considerando quanto o Livro era terrível, não tive tanta certeza de que estivesse brincando.

Os outros também não.

Mal toquei no jantar. E mal dormi naquela noite, me revirando nos lençóis até que Rhys acordou e pacientemente me ouviu murmurar meus temores até que não passassem de sombras.

O alvorecer chegou, e, conforme me vesti, a manhã evoluiu para um dia ensolarado e seco.

Embora fôssemos para a reunião como realmente éramos, nossas vestes habituais permaneceram as mesmas: Rhys com a calça e casaco pretos de preferência, Azriel e Cassian com as armaduras illyrianas, todos os sete Sifões polidos e reluzentes. Mor abandonara o vestido vermelho habitual em favor de um azul como a meia-noite. O corte tinha as mesmas faixas reveladoras e as saias transparentes esvoaçantes, mas havia algo... contido nele. Majestoso. Uma princesa do reino.

As vestes de sempre... exceto as minhas.

Não tinha encontrado um vestido novo. Pois não havia outro vestido que poderia se sobressair àquele que eu agora usava no saguão enquanto o relógio sobre a lareira da sala de estar soava 11 horas.

Rhys ainda não descera, e não havia sinal de Amren ou Nestha para as despedidas. Tínhamos nos reunido alguns minutos mais cedo, mas... Abaixei o rosto para me olhar de novo. Mesmo sob a morna luz feérica do saguão, o vestido reluzia e brilhava como uma joia recém-lapidada.

Tínhamos redesenhado meu vestido da Queda das Estrelas, acrescentando cortes de seda translúcida aos ombros e às costas, e o material brilhoso era como luz estelar bordada conforme fluía atrás de mim no lugar de um véu ou uma capa. Se Rhysand era a Noite Triunfante, eu era a estrela que só brilhava graças a sua escuridão, a luz apenas visível por sua causa.

Olhei com irritação para as escadas. Isso se ele se desse o trabalho de aparecer a tempo.

Meus cabelos, Nuala prendera com um arco elegante, ornamentado, sobre a cabeça, e diante dele...

Vi Cassian me olhar pela terceira vez em menos de um minuto, e indaguei:

— O quê?

Seus lábios se repuxaram nos cantos.

— Você parece tão...

— Lá vamos nós — murmurou Mor, de onde limpava as unhas pintadas de vermelho contra o corrimão da escada. Anéis brilhavam em cada articulação, em cada dedo; fileiras de pulseiras tilintavam umas contra as outras nos dois pulsos.

— Oficial — explicou Cassian, com um olhar incrédulo em sua direção. Ele gesticulou com a mão encimada com um Sifão. — *Chique.*

— Mais de quinhentos anos — disse Mor, sacudindo a cabeça com tristeza —, um guerreiro e general habilidoso, famoso por todos os territórios, e elogiar damas ainda lhe é algo quase impossível. Lembre-me do porquê o levamos a reuniões diplomáticas.

Azriel, envolto em sombras diante da porta da frente, riu baixinho. Cassian lançou um olhar irritado a ele.

— Não vejo *você* disparando poesias, irmão.

Azriel cruzou os braços, ainda com um leve sorriso.

— Não preciso recorrer a elas.

Mor soltou uma risada semelhante a um grasnido, e eu ri com deboche, o que me garantiu um cutucão nas costelas de Cassian. Afastei sua mão, mas contive o empurrão que queria dar no general apenas porque era a primeira vez que o via desde de Adriata, e porque sombras ainda lhe obscureciam os olhos — e por causa da coisa de sensação duvidosa em minha cabeça.

A coroa.

Rhys me coroara em todas as reuniões e todos os eventos que tivemos, muito antes de eu ser sua parceira, muito antes de eu ser Grã-Senhora. Mesmo Sob a Montanha.

Eu jamais questionara as tiaras e os diademas e as coroas que Nuala ou Cerridwen entrelaçavam em meus cabelos. Jamais protestei contra elas — mesmo antes de as coisas entre nós estarem daquela forma. Mas essa coroa... Olhei para o alto das

escadas quando os passos tranquilos, lentos, de Rhys soaram no carpete.

Essa coroa era mais pesada. Não era indesejada, mas... estranha. E, quando Rhys surgiu no alto das escadas, esplendoroso naquele casaco preto, com as asas estendidas e brilhando como se as tivesse polido, eu estava de novo naquele quarto para o qual ele me levara tarde da noite na véspera, depois que eu o acordei, me debatendo e me revirando na cama.

O quarto ficava um andar acima da biblioteca na Casa do Vento e era protegido por tantos feitiços que Rhys levou alguns momentos para passar por eles. Apenas ele e eu — e quaisquer futuros filhos, acrescentou Rhys, com um sorriso sutil — podíamos entrar. A não ser que levássemos convidados.

A câmara era uma escuridão fria — como se tivéssemos entrado na mente de alguma besta dormente. E dentro do espaço redondo reluziam ilhas brilhantes de luz. De joias.

Dez mil anos em tesouros.

Era perfeitamente organizada, com plataformas e gavetas abertas, e bustos, e estantes.

— As joias da família — anunciara Rhys, com um sorriso malicioso. — Algumas das peças de que não gostamos são guardadas na Corte de Pesadelos para que eles não fiquem irritadinhos, e porque, às vezes, nós as emprestamos à família de Mor, mas estas... estas são para a família.

Ele me levou além de vitrines que brilhavam como pequenas constelações, o valor de cada uma... Mesmo como filha de um mercador, não podia calcular o valor de nenhuma delas.

E, nos fundos da câmara, envolta em uma escuridão mais pesada...

Tinha ouvido falar de catacumbas no continente, onde crânios de entes queridos ou de pessoas famosas eram guardados em pequenas alcovas; dezenas ou centenas em uma parede.

O conceito aqui era o mesmo: entalhada na rocha havia uma parede inteira de coroas. Cada uma tinha o próprio descanso, coberto com veludo preto, cada uma iluminada por...

— Lagartas luminosas — disse Rhys, conforme as minúsculas esferas azuladas incrustadas nos arcos de cada nicho pareceram

brilhar como o céu noturno. Na verdade... O que julguei serem pequenas luzes feéricas no teto alto... Eram todas lagartas luminosas. Azul-pálido e turquesa, a luz era sedosa como o luar, iluminando as joias com o antigo e silencioso fogo.

— Escolha uma — sussurrou Rhys em meu ouvido.

— Uma lagarta luminosa?

Ele mordiscou o lobo de minha orelha.

— Engraçadinha. — Rhys me virou de volta na direção da parede de coroas, cada uma completamente diferente, tão individuais quanto caveiras. — Escolha qualquer coroa de que gostar.

— Não posso simplesmente... pegar uma.

— Claro que pode. Elas pertencem a você.

Ergui uma sobrancelha.

— Não pertencem... não de verdade.

— Pela lei e pela tradição, isto é tudo seu. Venda, derreta, use-as, faça o que quiser.

— Não se importa com elas? — Indiquei o tesouro que valia mais que a maioria dos reinos.

— Ah, tenho peças preferidas que posso convencê-la a poupar, mas... Isto é seu. Até o último pedaço.

Nossos olhos se encontraram, e eu soube que Rhys também se lembrava das palavras sussurradas meses antes. Que cada pedaço de meu coração ainda cicatrizante lhe pertencia. Sorri e acariciei o braço de Rhys com a mão antes de me aproximar da parede de coroas.

Eu me senti apavorada certa vez, na corte de Tamlin, por receber uma coroa. Detestara a ideia. E supus que, de fato, nunca me preocupara com isso quando se tratava de Rhys. Como se alguma pequena parte de mim sempre soubesse que ali era onde eu devia estar: a seu lado, como sua igual. Sua rainha.

Rhys inclinou a cabeça, como para dizer sim; ele viu e entendeu e sempre soube.

Agora, descendo as escadas da casa na cidade, a atenção de Rhys foi direto para aquela coroa no alto de minha cabeça. E a emoção que iluminou seu semblante foi suficiente para fazer com que até mesmo Mor e Cassian virassem o rosto.

Eu tinha permitido que a coroa me chamasse. Não escolhera por estilo ou conforto, mas pela atração que senti por ela, como se fosse aquele anel no chalé da Tecelã.

Minha coroa era feita de prata e diamantes, toda desenhada com arabescos de estrelas e várias fases da lua. O ápice em arco sustentava uma lua crescente de diamante sólido, acompanhada por duas estrelas explodindo. E com o vestido reluzente da Noite das Estrelas...

Rhys desceu das escadas e tomou minha mão.

Noite Triunfante... e a Eternidade de Estrelas.

Se ele era a escuridão doce e aterrorizante, eu era a luz reluzente revelada apenas pelas sombras de Rhys.

— Achei que estavam partindo — interrompeu a voz de Nestha do alto das escadas.

Eu me preparei, desviando a atenção de Rhys.

Nestha estava com um vestido do mais escuro azul, nenhuma joia à vista, os cabelos presos e sem adornos também. Suponho que, com a beleza arrebatadora, não precisasse de ornamentos. Teria sido como colocar joias em um leão. Mas, para estar vestida daquela forma...

Nestha desceu as escadas, e, quando os demais ficaram em silêncio, percebi...

Tentei não parecer tão descarada quando olhei para Cassian.

Os dois não tinham se visto desde Adriata.

Mas o guerreiro apenas a olhou dos pés à cabeça e se virou para Azriel a fim de dizer algo. Mor observava os dois com atenção — o aviso que dera a minha irmã ainda ecoava silenciosamente entre as duas. E Nestha, pela maldição da Mãe, pareceu se lembrar. Pareceu controlar quaisquer palavras que estivesse prestes a cuspir, e apenas se aproximou de mim.

E quase fez meu coração parar com choque quando falou:

— Você está linda.

Pisquei para ela.

— Isso, Cassian, é o que você estava tentando dizer — falou Mor.

Ele resmungou algo que escolhemos não ouvir.

— Obrigada. Você também — respondi a Nestha.

Nestha apenas deu de ombros.

— Por que *está* tão bem-vestida? — insisti. — Não devia estar treinando com Amren?

Senti a atenção de Cassian se voltar para nós, senti todos olharem quando Nestha respondeu:

— Vou com vocês.

Capítulo 42

Ninguém disse nada.

Nestha apenas ergueu o queixo.

— Eu... — Jamais vira minha irmã sem palavras. — Não quero ser lembrada como uma covarde.

— Ninguém diria isso — sugeri, em voz baixa.

— Eu diria. — Nestha observou todos nós, pulando Cassian com o olhar. Não para desprezá-lo, mas... para evitar seu olhar de resposta. Aprovação... mais que isso. — Era uma coisa distante — explicou minha irmã. — A guerra. A batalha. E... não é mais. Ajudarei se puder. Se isso significar... contar a eles o que aconteceu.

— Você já sacrificou o bastante — argumentei, o vestido farfalhando quando dei um passo solitário na direção de Nestha. — Amren disse que você está perto de dominar a habilidade de que precisa. Devia ficar... se concentrar nisso.

— Não. — A palavra saiu firme, clara. — Um dia ou dois de atraso no treinamento não farão qualquer diferença. Talvez, quando voltarmos, Amren tenha decodificado aquele feitiço do Livro. —

Nestha gesticulou com um ombro. — Vocês foram para a batalha por uma corte que mal conhecem, que mal os vê como amigos. Amren me mostrou o rubi de sangue. E, quando perguntei por quê... você disse que era a coisa certa. As pessoas precisavam de ajuda. — Nestha engoliu em seco. — Ninguém vai lutar para salvar os humanos abaixo da muralha. Ninguém se importa. Mas eu me importo. — Ela brincou com um vinco do vestido. — Eu me importo.

Rhys passou para meu lado.

— Como Grã-Senhora, Feyre não é mais minha emissária no mundo humano. — Ele deu um sorriso hesitante para Nestha. — Quer o emprego?

O rosto de Nestha não demonstrou nada, mas eu podia ter jurado que uma faísca se acendeu.

— Considere esta reunião um teste. E farei você esvaziar os cofres para pagar por meus serviços.

Rhys esboçou uma reverência.

— Eu não esperaria menos de uma irmã Archeron. — Eu o cutuquei nas costelas, e Rhys conteve uma risada. — Bem-vinda à corte — disse Rhys a Nestha. — Está prestes a ter um primeiro dia e tanto.

E, para meu choque eterno, um sorriso repuxou os cantos da boca de Nestha.

— Não tem volta agora — disse Cassian a Rhys, indicando as asas de meu parceiro.

Rhys colocou as mãos nos bolsos.

— Imagino que seja hora de o mundo saber quem realmente tem a maior envergadura de asa.

Cassian gargalhou, e até mesmo Azriel sorriu. Mor me lançou um olhar que me fez morder o lábio para conter uma gargalhada.

— Aposto vinte moedas de ouro que haverá uma briga na primeira hora — disse Cassian, ainda sem olhar direito para Nestha.

— Trinta moedas, e aposto em 45 minutos — replicou Mor, cruzando os braços.

— Lembrem-se de que há votos e proteções de neutralidade — disse Rhys, casualmente.

— Vocês não precisam de punhos ou magia para brigar — disparou Mor.

— Cinquenta, e aposto em 30 minutos — falou Azriel, à porta. — Iniciada pela Outonal.

Rhys revirou os olhos.

— Tentem *não* demonstrar que estão todos apostando neles. E nada de trapacear provocando brigas. — Os sorrisos de resposta do grupo não foram nada reconfortantes. Rhys suspirou. — Aposto cem moedas que haverá uma briga nos primeiros 15 minutos.

Nestha soltou uma risada baixa. Mas todos me olharam, esperando.

Dei de ombros.

— Rhys e eu somos uma equipe. Ele pode apostar todo nosso dinheiro nessa palhaçada.

Todos pareceram profundamente ofendidos.

Rhys entrelaçou o braço no meu.

— Uma rainha na aparência...

— Nem termine essa frase — respondi.

Ele riu.

— Vamos?

Rhys atravessaria comigo, Mor levaria Cassian *e* Nestha, e Azriel iria sozinho. Rhys olhou para o relógio da sala de estar e acenou para o encantador de sombras.

Azriel imediatamente sumiu. Ele seria o primeiro a chegar — o primeiro a ver se alguma armadilha nos esperava.

Em silêncio, aguardamos. Um minuto. Dois.

Então, Rhys expirou e disse:

— Caminho livre. — Ele entrelaçou os dedos nos meus, segurando com força.

Mor se curvou um pouco, as joias brilharam com o movimento, e foi dar o braço a Cassian.

Mas ele por fim se aproximara de Nestha. E, quando o mundo começou a se transformar em sombras, vi Cassian de pé diante de minha irmã, vi o queixo de Nestha se erguer de modo desafiador, e ouvi Cassian resmungar:

— Oi, Nestha.

Rhys pareceu parar a travessia quando minha irmã falou:

— Então, você está vivo.

Cassian exibiu os dentes em um sorriso selvagem, abrindo levemente as asas.

— Estava esperando o contrário?

Mor observava... observava com tanta atenção, com cada músculo tenso. Ela mais uma vez estendeu o braço para o do general, mas Cassian se esquivou, sem tirar os olhos do olhar incandescente de Nestha.

— Você não veio... — disparou ela, então se conteve.

O mundo pareceu ficar completamente imóvel com aquela frase interrompida, nada e ninguém mais quieto que Cassian. Ele observou o rosto de minha irmã como se lesse intensamente um relatório de batalha.

Mor apenas observou enquanto Cassian pegava a mão fina de Nestha, entrelaçando os dedos de ambos; enquanto o general fechava as asas e, às cegas, estendia a outra mão para trás, na direção da amiga, com uma ordem silenciosa para que os transportasse.

Os olhos de Cassian não deixaram os de Nestha; e os dela não deixaram os dele. Não havia calor, nenhum carinho, no rosto dos dois. Apenas aquela intensidade voraz, aquela mistura de desprezo e compreensão e fogo.

Rhys começou a nos atravessar de novo, e, no momento que o vento escuro soprou, ouvi Cassian dizer a Nestha, com voz baixa e áspera:

— Da próxima vez, Emissária, virei cumprimentá-la.

✣

Tinha aprendido o suficiente com Rhys sobre o que esperar da Corte Crepuscular, mas mesmo as paisagens que ele pintara não faziam jus à vista.

Foram as nuvens o que vi primeiro.

Imensas nuvens fluindo pelo céu cor de cobalto, macias e magnânimas, ainda tingidas pelo vestígio rosado do alvorecer, as bordas arredondadas emolduradas pela luz dourada. O frescor orvalhado da manhã permanecia no ar morno quando olhamos para o palácio montanhoso que espiralava até o céu acima.

Se o palácio acima da Corte de Pesadelos fora feito de pedra da lua, esse era feito de... pedra do sol. Eu não tinha palavras para a pedra dourada quase opalescente que parecia conter o brilho de mil alvoreceres.

Degraus e sacadas e arcos e varandas e pontes uniam as torres e os domos folheados a ouro do palácio, ipomeias violeta subiam pelas pilastras e pelos blocos perfeitamente cortados de pedra para absorver a neblina dourada que soprava.

Soprava porque a montanha sobre a qual ficava o palácio... Havia um motivo para eu ter visto as nuvens primeiro.

A varanda na qual surgimos estava vazia, exceto por Azriel e um criado de quadril estreito usando o uniforme dourado e rubi da Crepuscular. Vestes leves e largas — em camadas, mas que torneavam o corpo.

O macho fez uma reverência, a pele marrom era lisa com juventude e beleza.

— Por aqui, Grão-Senhor.

Até mesmo a voz do homem era tão linda quanto o primeiro brilho dourado no horizonte. Rhys respondeu à reverência com um aceno breve e me ofereceu o braço.

Mor murmurou atrás de nós, caminhando ao lado de Nestha:

— Se algum dia tiver vontade de construir uma nova casa, Rhys, vamos usar esta como inspiração.

Rhys lançou um olhar de incredulidade por cima do ombro para a prima. Cassian e Azriel riram baixinho.

Olhei para Nestha quando o criado nos levou não para o arco além da varanda, mas para as escadas espiraladas que subiam... ao longo da face exposta de uma torre.

Nestha pareceu tão deslocada quanto todos nós; exceto por Mor, mas...

Havia assombro no rosto de minha irmã.

Assombro completo diante do castelo nas nuvens, do campo verdejante que ondulava longe abaixo, salpicado de cidadezinhas com telhado vermelho e rios amplos e reluzentes. Um campo exuberante, eterno, completo pelo peso do verão sobre si.

E eu me perguntei se minha expressão se assemelhara àquela — no dia em que vi Velaris pela primeira vez. A mistura de

assombro e raiva, e a percepção de que o mundo era grande, e lindo, e às vezes tão sobrepujante em suas maravilhas que era impossível sorvê-lo de uma vez.

Havia outros palácios dentro do território da Crepuscular — posicionados em pequenas cidades que se especializavam em funilaria e relojoaria e coisas inteligentes. Ali... além daquelas cidades aninhadas nas colinas e campo não havia indústria. Nada além do palácio e do céu e das nuvens.

Subimos as escadas espiraladas; a queda do precipício próximo descia até a rocha de cores quentes, salpicada de aglomerados de rosas pálidas e fofas peônias de cor magenta. Uma linda e colorida morte.

A cada passo me preparava conforme subíamos mais e mais a torre, e a mão de Rhys sobre a minha não se movia.

As asas permaneciam abertas. Ele não hesitou um único passo.

Os olhos de Rhys se voltaram para mim, divertidos e inquisidores. Ele falou, pelo laço: *E* você *acha que eu preciso redecorar nossa casa?*

Passamos por câmaras a céu aberto cheias de gordas almofadas de seda e tapetes felpudos, passamos por janelas cujos painéis estavam organizados em misturas coloridas, por urnas transbordando com lavanda e fontes gorgolejando a água mais cristalina sob os raios tênues de sol.

Não é uma competição, ralhei com ele.

A mão de Rhys apertou a minha. *Bem, mesmo que Thesan tenha um palácio mais bonito, sou o único abençoado com uma Grã-Senhora a meu lado.*

Não consegui conter o rubor nas bochechas.

Principalmente quando Rhys acrescentou: *Esta noite, quero que use essa coroa na cama. Somente a coroa.*

Devasso.

Sempre.

Sorri, e Rhys se aproximou suavemente para dar um leve beijo em minha bochecha.

Mor murmurou uma súplica para livrá-la de parceiros.

Vozes abafadas chegaram até nós da câmara a céu aberto no alto da torre de pedra solar — algumas graves, outras agudas, umas

animadas —, antes de terminarmos a última volta a seu redor, as janelas arqueadas e sem vidro não forneciam uma barreira para a conversa do lado de dentro.

Três outros já chegaram, avisou Rhys, e tive a sensação de que era o que Azriel agora murmurava para Mor e Cassian. *Helion, Kallias e Thesan*.

Os Grão-Senhores da Diurna e Invernal, e nosso anfitrião da Crepuscular.

O que significava que a Outonal e a Estival — Beron e Tarquin — ainda não haviam chegado. Ou a Primaveril.

Ainda duvidava de que Tamlin sequer aparecesse, mas Beron e Tarquin... Talvez a batalha tivesse feito Tarquin mudar de ideia. E Beron era ruim o suficiente para talvez já ter se aliado a Hybern, independentemente da manipulação de Eris.

Vi a garganta de Rhys oscilar quando subimos os últimos degraus até o portal aberto. Uma longa ponte conectava a outra metade da torre ao interior do palácio, o parapeito estava carregado com glicínias pálidas como o crepúsculo. Eu me perguntei se os demais foram conduzidos por aquelas escadas, ou se por algum motivo isso deveria ser um insulto.

Levantou os escudos?, perguntou Rhys, mas eu sabia que ele estava ciente de que os meus estavam erguidos desde Velaris.

Assim como eu estava ciente de que ele tinha erguido um escudo, mental e físico, em volta de todos nós, com ou sem os termos de paz.

E, embora a expressão de Rhys estivesse tranquila, e os ombros, relaxados, eu disse: *Vejo você inteiro, Rhys. E não há uma só parte que eu não ame com tudo o que sou.*

A mão de Rhys apertou a minha em resposta, antes de ele colocar meus dedos em seu braço, erguendo-o tanto que talvez tenhamos passado uma imagem bastante cortês quando entramos na câmara.

Você não se curva para ninguém, foi tudo o que Rhys respondeu.

Capítulo 43

A câmara era e não era o que eu esperava. Cadeiras de carvalho com acolchoamento macio foram dispostas em um imenso círculo no coração da sala — suficientes para todos os Grão-Senhores e suas delegações. Algumas, percebi, tinham sido moldadas para acomodar asas.

Parecia que não era incomum: aglomerados em torno de um macho esguio de quem eu imediatamente me lembrei de Sob a Montanha, estavam feéricos alados. Se os illyrianos tinham asas como as de morcego, essas... eram como as de pássaros.

Os peregrinos são parentes distantes do povo serafim de Drakon e fornecem a Thesan uma pequena legião aérea, me disse Rhys, em relação aos machos e às fêmeas musculosos com armadura dourada. *O macho à esquerda é o capitão e amante de Thesan*. De fato, o belo macho estava um pouco mais perto de seu Grão-Senhor, com uma das mãos na espada refinada ao lado do corpo. *Ainda sem laço de parceria*, continuou Rhys, *mas acho que Thesan não ousou reconhecer enquanto Amarantha reinava. Ela sentia*

prazer ao lhes arrancar as penas... uma a uma. Fez um vestido com elas certa vez.

Tentei não estremecer quando passamos para o piso de mármore polido, a pedra aquecida pelo sol que entrava pelos arcos abertos. Os demais tinham olhado em nossa direção, alguns murmurando ao ver as asas de Rhys, mas minha atenção se voltou para a verdadeira joia da câmara: o espelho d'água.

Em vez de uma mesa ocupando o espaço no meio daquele círculo de cadeiras, um espelho d'água raso e circular fora entalhado no próprio chão. A água escura estava cheia de ninfeias rosa e douradas com folhas largas e chatas como a mão de um macho, e, sob as flores, peixes coral e marfim nadavam preguiçosamente.

Disso, admiti a Rhys, *eu posso precisar.*

Um pulso de humor sarcástico percorreu o laço. *Farei uma nota mental para seu aniversário*.

Mais glicínias envolviam as pilastras que ladeavam o espaço, e, ao longo das mesas postas contra as poucas paredes, buquês de peônias da cor de vinho desabrochavam suas camadas sedosas. Entre os vasos, bandejas e cestos de comida haviam sido dispostos; pequenos pães, carnes curadas e arranjos de frutas nos atraíam diante de úmidos jarros de estanho contendo algum refresco.

E havia os três Grão-Senhores.

Não éramos os únicos bem-vestidos.

Rhys e eu paramos no meio do aposento.

Eu conhecia todos — me lembrava deles daqueles meses Sob a Montanha. Rhys me contara suas histórias enquanto treinávamos. Eu me perguntei se sentiam o poder dentro de mim quando voltaram a atenção para nós.

Thesan deslizou para a frente, os exóticos sapatos bordados silenciosos no chão. A túnica era justa sobre o peito esguio, mas as calças esvoaçantes — bem parecida com as preferidas de Amren — sussurravam com o movimento enquanto Thesan se aproximava. A pele e os cabelos marrons tinham um toque dourado, como se o alvorecer os tivesse permanentemente folheado, mas os olhos repuxados para cima, com o castanho exuberante de campos recém-arados, eram a mais bela característica. Thesan parou a

poucos metros, observando Rhys e a mim, nosso grupo. As asas que Rhys manteve fechadas às costas.

— Bem-vindos — anunciou Thesan, a voz grossa e exuberante como aqueles olhos. O amante do Grão-Senhor monitorava cada fôlego, poucos metros atrás, sem dúvida ao perceber que nossos companheiros faziam o mesmo atrás de nós. — Ou — Thesan refletiu —, como você convocou esta reunião, talvez devesse receber os convidados?

Um leve sorriso se estampou no rosto perfeito de Rhys, as sombras se entrelaçando às mechas dos cabelos. Rhys tinha afrouxado o controle sobre o poder; apenas um pouco. Todos tinham.

— Eu posso ter convocado a reunião, Thesan, mas você teve a graciosidade de oferecer sua linda residência.

Thesan deu um aceno de agradecimento, talvez julgando ser deselegante perguntar a respeito das asas recém-reveladas de Rhysand, e depois se virou para mim.

Nós nos encaramos enquanto meus companheiros fizeram uma reverência atrás de mim. Como a esposa de um Grão-Senhor deveria tê-los imitado.

Mas eu simplesmente permaneci de pé. E encarei.

Rhys não interferiu — não nesse primeiro teste.

Crepuscular... o dom da cura. Foi o dom de Thesan que me permitiu salvar a vida de Rhysand. Que me mandou para o Suriel, naquele dia quando descobri a verdade que mudaria minha eternidade.

Ofereci um sorriso contido a Thesan.

— Seu lar é lindo.

Mas a atenção de Thesan tinha passado para a tatuagem. Eu sabia que ele havia percebido quando reparou a tinta na mão errada. Então, viu a coroa sobre minha cabeça. As sobrancelhas de Thesan se ergueram.

Rhys apenas gesticulou com os ombros.

Os outros dois Grão-Senhores tinham se aproximado agora.

— Kallias — disse Rhys àquele de cabelos brancos, cuja pele era tão pálida que parecia congelada. Até mesmo os avassaladores olhos azuis pareciam lascas lapidadas de uma geleira enquanto

estudava as asas de Rhys, parecendo imediatamente ignorá-las. Ele usava um casaco azul-marinho bordado com linha prateada, o colarinho e as mangas eram forrados com pele de coelho branca. Teria pensado que era quente demais para o dia ameno, principalmente as botas marrons forradas de pele na altura dos joelhos, mas, considerando o gelo completo da expressão do Grão-Senhor, talvez seu sangue circulasse congelado. Um trio de Grão-Feéricos de cores semelhantes permaneceu nos assentos, um deles era uma jovem fêmea que olhou diretamente para Mor... e sorriu.

Mor devolveu o sorriso, saltitando quando Kallias abriu a boca...

E, então, minha amiga deu um gritinho.

Um gritinho.

As duas fêmeas dispararam uma para a outra, e o gritinho de Mor se tornou um choro baixo quando ela passou os braços em volta da estranha elegante e a abraçou forte. Os braços da fêmea tremiam quando esta segurou Mor.

Então, as duas riram e choraram e dançaram em volta uma da outra, parando a fim de observar os rostos uma da outra, para limpar lágrimas, e, então, se abraçavam de novo.

— Você está igual — dizia a estranha, sorrindo de orelha a orelha. — Acho que esse é o mesmo vestido que a vi usar em...

— *Você* está igual! Usando pele no meio do verão... tão obviamente típico...

— Trouxe os comparsas de sempre, parece...

— Ainda bem que a companhia foi melhorada com algumas chegadas recentes... — Mor gesticulou para que eu me aproximasse. Fazia eras desde que eu a vi tão alegre. — Viviane, te apresento Feyre. Feyre, te apresento Viviane... esposa de Kallias.

Olhei para Thesan e Kallias; o último observava a esposa e Mor com as sobrancelhas erguidas.

— Tentei sugerir que ela ficasse em casa — disse Kallias, sarcasticamente. — Mas ela ameaçou congelar minhas bolas.

Rhys soltou uma gargalhada sombria.

— Parece familiar.

Voltei um olhar irritado para ele por cima de um dos ombros brilhantes — bem a tempo de ver o risinho do rosto de Kallias desaparecer quando ele observou Rhys de verdade. Não apenas as

asas dessa vez. A diversão de meu parceiro diminuiu, algum fio tenso foi puxado entre ele e Kallias...

Mas eu chegara até onde estavam Mor e Viviane, e tirei a curiosidade do rosto quando apertei a mão da fêmea, surpresa ao senti-la morna.

Os cabelos prateados de Viviane brilhavam ao sol, como neve fresca.

— Esposa — disse Viviane, emitindo um estalo com a língua. — Sabe, ainda parece estranho para mim. Sempre que alguém diz, olho por cima do ombro como se para outra pessoa.

— Ainda não decidi se acho um insulto. Pois ela diz isso todo dia — retrucou Kallias, para ninguém em especial, de onde estava, diante de Rhys, as costas rígidas.

Viviane mostrou a língua para ele.

Mas Mor segurou o ombro de Viviane e o apertou.

— Já estava na hora.

Um rubor manchou o rosto pálido de Viviane.

— Sim, bem... tudo estava diferente depois de Sob a Montanha. — Os olhos safira se voltaram para os meus quando Viviane fez uma reverência com a cabeça. — Obrigada... por me devolver meu parceiro.

— Parceiros? — sibilou Mor, olhando de um para outro. — Casados *e* parceiros?

— Vocês duas entendem que esta é uma reunião séria? — indagou Rhys.

— E que os peixes no lago são muito sensíveis a sons agudos? — acrescentou Kallias.

Viviane fez um gesto vulgar para os dois, o que me fez gostar dela imediatamente.

Rhys olhou para Kallias com o que presumi ser algum tipo de expressão de sofrimento solidário de machos. Mas o Grão-Senhor não correspondeu.

Ele apenas encarou Rhys, de novo, a diversão se fora... aquela frieza se estampou no rosto.

Havia... tensão com a Corte Invernal, explicara Mor quando resgataram a mim e a Lucien do gelo. Uma raiva remanescente por causa de algo acontecido Sob a Montanha...

Mas o terceiro Grão-Senhor por fim se aproximou do outro lado do espelho d'água.

Meu pai certa vez comprou e vendeu um pingente dourado com lápis-lazúli que vinha das ruínas de um reino árido no sudeste, onde os feéricos governaram como deuses em meio a tamareiras oscilantes e palácios varridos pela areia. Eu ficara hipnotizada pelas cores, pelo artesanato, mas ficara mais interessada no carregamento de mirra e figos que acompanharam o pingente — alguns dos últimos meu pai sorrateiramente me deu enquanto eu estava em seu escritório. Mesmo agora, ainda conseguia sentir o gosto doce na língua, ainda cheirava aquele odor de terra e não conseguia explicar muito bem por que, mas... me lembrei daquele antigo colar e das iguarias exóticas conforme ele caminhava até nós.

As roupas tinham sido feitas de um único pedaço de tecido branco — não era uma túnica, não era um vestido, mas algo intermediário, plissado e drapeado sobre o corpo musculoso. Um bracelete de ouro em forma de serpente em riste circundava o poderoso bíceps, ressaltando a pele escura quase brilhante, e uma coroa radiante de espinhos dourados — os raios do sol, percebi — reluzia sobre o cabelo ônix.

O sol personificado. Poderoso, lento na graciosidade, capaz de bondade e ira. Quase tão belo quanto Rhysand. E, de alguma forma... de alguma forma mais frio que Kallias.

Seu grupo de Grão-Feéricos era quase tão grande quanto o nosso, com vestes semelhantes de variadas cores exuberantes — cobalto e carmesim e ametista —, alguns com olhos habilidosamente delineados, todos em forma e transbordando saúde.

Mas talvez o poder físico deles — *dele* — fosse a destreza manual, pois o outro título de Helion era Quebrador de Feitiços, e suas mil bibliotecas, diziam os boatos, continham o conhecimento do mundo. Talvez todo aquele conhecimento o tivesse feito consciente demais, frio demais por trás daqueles olhos brilhantes.

Ou talvez isso tivesse vindo depois que Amarantha saqueou algumas daquelas bibliotecas para si. Eu me perguntei se Helion

teria recuperado o que ela roubou; ou se ficara de luto pelo que Amarantha queimara.

Até mesmo Mor e Viviane interromperam o reencontro quando Helion parou a uma distância sábia.

Foi seu poder que tirou meus amigos de Hybern. Era esse poder que me fazia brilhar sempre que Rhys e eu estávamos entrelaçados e cada batida do coração doía de felicidade.

Helion indicou o queixo quadrado para Rhys; o único, ao que parecia, nada surpreso pelas asas de meu parceiro. Mas os olhos de Helion — de um âmbar espantoso — recaíram sobre mim.

— Tamlin sabe o que ela é?

A voz era, de fato, mais fria que a de Kallias. E a pergunta... tão cuidadosamente formulada.

— Se quer dizer linda e inteligente, então, sim... acho que sabe — respondeu Rhys.

Helion olhou inexpressivamente para Rhys.

— Sabe que ela é sua parceira... e Grã-Senhora?

— *Grã-Senhora?!* — exclamou Viviane com um gritinho, mas Mor a calou, puxando a amiga de lado para sussurrar.

Thesan e Kallias me observaram. Devagar.

Cassian e Azriel casualmente se aproximaram, sem passar de uma brisa noturna.

— Se ele chegar — falou Rhys, tranquilamente —, suponho que descobriremos.

Helion soltou uma risada sombria. Perigoso; ele era completamente letal, aquele Grão-Senhor beijado pelo sol.

— Sempre gostei de você, Rhysand.

Thesan se aproximou, sempre o bom anfitrião. Pois aquela gargalhada de fato prometia violência. O amante e os demais peregrinos pareceram assumir posições defensivas — para proteger o Grão-Senhor, ou simplesmente para nos lembrar de que éramos convidados na casa.

Mas a atenção de Helion se voltou para Nestha.

E se deteve ali.

Ela apenas o encarou de volta. Inabalada, pouco impressionada.

— Quem é sua convidada? — perguntou o Grão-Senhor da Diurna, em um tom um pouco baixo demais para meu gosto.

Cassian não revelou nada; nem mesmo um lampejo de que *conhecia* Nestha. Mas não se moveu um centímetro da posição defensiva casual. Nem Azriel.

— É minha irmã e nossa emissária nas terras humanas — respondi, por fim, passando para o lado de Nestha. — E contará sua história quando os demais chegarem.

— Ela é feérica.

— Como assim?! — murmurou Viviane, sussurrando, e o risinho de Mor foi interrompido quando Kallias ergueu as sobrancelhas para as duas. Helion as ignorou.

— Quem a Fez? — perguntou Thesan, educadamente, inclinando a cabeça.

Nestha observou Thesan. Depois, Helion. E então, Kallias.

— Hybern — revelou Nestha, simplesmente. Não havia uma faísca de medo nos olhos, no queixo erguido.

Silêncio chocado.

Mas eu estava farta de que devorassem minha irmã com os olhos. Dei o braço a ela, seguindo para as cadeiras de encosto baixo, que presumi serem para nós.

— Eles a atiraram no Caldeirão — expliquei. — Com minha outra irmã, Elain. — Eu me sentei, posicionando Nestha a meu lado, e olhei para os três Grão-Senhores reunidos, sem um pingo de modos ou educação ou lisonjas. — Depois que a Grã-Sacerdotisa Ianthe e Tamlin venderam Prythian e minha família a eles.

Nestha assentiu em uma confirmação silenciosa.

Os olhos de Helion se acenderam como uma forja.

— Essa é uma acusação severa, principalmente em se tratando de seu antigo amante.

— Não é acusação — retruquei, unindo as mãos no colo. — Estávamos todos lá. E agora vamos fazer algo a respeito.

Orgulho estremeceu pelo laço. Então...

— Por que *eu* não posso ser Grã-Senhora também? — murmurou Viviane para Kallias, cutucando-o nas costelas.

✣

Os demais chegaram atrasados.

Ocupamos nossos assentos em torno do espelho d'água, e os criados impecavelmente educados de Thesan nos trouxeram pratos de comida e taças de sucos exóticos das mesas contra a parede. A conversa parava e fluía, e Mor e Viviane sentaram-se uma ao lado da outra para colocar em dia o que pareciam ser cinquenta anos de fofocas.

Viviane não estivera Sob a Montanha. Como amigo de infância, Kallias fora superprotetor em relação a Viviane ao longo dos anos; colocara a fêmea de mente aguçada para trabalhar na fronteira durante décadas a fim de evitar os ardis da corte. Ele não a deixou chegar perto de Amarantha também. Não deixou ninguém farejar seus sentimentos pela amiga de cabelos brancos, que ignorava — completamente — que Kallias a amara a vida inteira. E naqueles últimos momentos, quando o poder do macho foi arrancado por aquele feitiço... Kallias disparou os resquícios para avisar Viviane. Para dizer que a amava. E, depois, para implorar que ela protegesse seu povo.

E Viviane o fez.

Como Mor e meus amigos haviam protegido Velaris, Viviane escondera e vigiara a pequena cidade sob sua guarda, oferecendo porto seguro àqueles que ali chegassem.

Sem jamais se esquecer do Grão-Senhor e amigo preso Sob a Montanha, sem jamais interromper a busca por uma forma de libertar Kallias. Principalmente enquanto Amarantha lançava seus horrores sobre a corte de Kallias para arrasá-los, para puni-los. Mas Viviane os manteve unidos. E, durante aquele reinado de terror — durante todos aqueles anos —, ela percebeu o que Kallias era para ela, o que também sentia por ele.

No dia em que Kallias voltou para casa, atravessou direto para Viviane.

Ela o beijou antes que o Grão-Senhor pudesse dizer uma palavra. Kallias então se ajoelhou e pediu que Viviane se tornasse sua esposa.

Uma hora depois, visitaram um templo e fizeram os votos. E naquela noite — *durante você sabe o quê*, dissera Viviane, sorrindo, para Mor — o laço da parceria por fim se encaixou.

A história ocupou nosso tempo enquanto esperávamos, pois Mor queria detalhes. Muitos. Detalhes que ultrapassavam os limites do decoro e faziam Thesan engasgar com o vinho de sambuco. Mas Kallias sorriu para a esposa e parceira com tanto calor e felicidade que, apesar das cores gélidas, *ele* deveria ser o Grão-Senhor da Diurna.

Não o implacável Helion de língua afiada, que observava minha irmã e a mim feito uma águia. Uma imensa águia dourada — com garras muito afiadas.

Eu me perguntei qual seria sua forma bestial; se desenvolvia asas, como Rhysand. E garras.

Se Thesan também — asas brancas como os vigilantes peregrinos que se mantinham calados, como seu próprio amante de olhos destemidos, que não proferia uma palavra. Talvez todos os Grão-Senhores das Cortes Solares possuíam asas sob a pele, um presente dos céus dos quais as cortes reivindicaram posse.

Levou uma hora até que Thesan anunciasse:

— Tarquin está aqui.

Minha boca secou. Um silêncio desconfortável recaiu.

— Soube dos rubis de sangue. — Helion lançou um sorriso debochado a Rhys, brincando com o bracelete dourado no bíceps. — *Essa* é uma história que quero que conte.

Rhys gesticulou com a mão livre.

— Tudo a seu tempo. — *Canalha*, disse Rhys para mim, piscando um olho.

Mas, então, Tarquin subiu o último degrau até a câmara, Varian e Cresseida o flanqueavam.

Varian olhou para nós, em busca de alguém ausente — e esboçou raiva ao ver Cassian, sentado à esquerda de Nestha. O general apenas deu a ele um sorriso arrogante.

Eu destruí um prédio, dissera Cassian certa vez a respeito da última visita à Corte Estival. Da qual ele agora estava *banido*. Aparentemente, nem mesmo o fato de ele tê-los ajudado na batalha revogou a punição.

Tarquin ignorou Rhysand e a mim — ignorou todos nós, inclusive as asas de Rhys — quando deu desculpas vagas pelo atraso, culpando o ataque. Talvez fosse verdade. Ou ele estava se

decidindo até o último minuto se iria, apesar de ter aceitado o convite.

Ele e Helion pareciam igualmente tensos, e apenas Thesan mostrava boa vontade com Tarquin. Neutro de fato. Kallias se tornara ainda mais frio... distante.

Mas as apresentações tinham sido feitas, e então...

Um criado sussurrou para Thesan que Beron e *todos* os seus filhos tinham chegado. O sorriso imediatamente sumiu da boca de Mor, de seus olhos.

E dos meus também.

A violência emanando de meus amigos era suficiente para ferver o espelho d'água diante de nossos pés quando o Grão-Senhor da Outonal entrou pelo arco, seguido pelos filhos em fila, e a esposa, mãe de Lucien, ao lado. Os olhos avermelhados da feérica observaram o cômodo, como se procurando aquele filho perdido. Eles se detiveram, então, em Helion, que esboçou uma reverência com a cabeça escura. Ela imediatamente desviou o olhar.

A Senhora da Outonal salvou minha vida uma vez — Sob a Montanha. Em troca de que eu poupasse a de Lucien.

Será que se perguntava onde estava o filho perdido? Será que ouvira os boatos que eu havia inventado, as mentiras que disseminara? Não podia contar a ela que Lucien agora caçava no continente, evadindo exércitos, atrás de uma rainha encantada. Para encontrar um pingo de salvação.

Beron — de rosto fino e cabelos castanhos — não se deu o trabalho de olhar para qualquer outro lugar que não para os Grão-Senhores reunidos. Mas os filhos restantes nos olharam com desprezo. Tanto desprezo que os peregrinos agitaram as penas. Até mesmo Varian exibiu os dentes em aviso diante do olhar lascivo que Cresseida recebeu de um deles. O pai não se incomodou em repreendê-los.

Mas Eris o fez.

Um passo atrás do pai, Eris murmurou:

— Basta! — E os irmãos mais jovens se comportaram. Todos os três.

Se Beron notou ou se importou, não deixou transparecer. Não, apenas parou a meio caminho do cômodo, as mãos cruzadas diante

do corpo, e fez cara feia, como se fôssemos um bando de vira-latas.

Beron, o mais velho entre nós. O mais terrível.

Rhys o cumprimentou suavemente, embora o poder fosse como uma montanha escura estremecendo sob nós:

— Não é surpresa que esteja atrasado, considerando que seus filhos foram lentos demais para pegar minha parceira. Suponho que seja de família.

Os lábios de Beron se retraíram levemente quando ele olhou para mim, para minha coroa.

— Parceira... e Grã-Senhora.

Voltei um olhar inexpressivo, entediado, para Beron. E, depois, para seus desprezíveis filhos. Para Eris.

Eris apenas sorriu para mim, divertido e casual. Será que usaria aquela máscara quando acabasse com a vida do pai e roubasse o trono?

Cassian observava o aspirante a Grão-Senhor, como um gavião estudando a próxima refeição. Eris ousou olhar para o general illyriano e inclinou a cabeça em um convite, dando um tapinha sutil na barriga. Pronto para o segundo round.

Então, a atenção de Eris se voltou para Mor, percorrendo-a com um desdém que me fez enxergar vermelho. Mor apenas o encarou inexpressiva. Entediada.

Até mesmo Viviane mordia o lábio. Então, ela sabia o que fora feito com Mor — o que a presença de Eris desencadearia.

Ignorando a reunião que já acontecera, a aliança profana que havia sido feita. Azriel ficou tão imóvel que não tive certeza se respirava. Se Mor reparou, se soube que, embora tivesse tentado superar o acordo que fizéramos, a culpa por causa do mesmo ainda assombrava Azriel, não deixou transparecer.

Eles se sentaram, ocupando as últimas cadeiras.

Não restou uma cadeira vazia.

Aquilo dizia o bastante sobre os planos de Tamlin.

Tentei não me curvar na cadeira enquanto os criados atendiam à Corte Outonal, enquanto todos nos acomodávamos.

Thesan, como anfitrião, começou.

— Rhysand, você convocou esta reunião. Insistiu para que nos reuníssemos mais cedo que o pretendido. Agora é o momento de

explicar o que é tão urgente.

Rhys piscou... devagar.

— Certamente os exércitos invasores aterrissando em nossas praias explicam tudo.

— Então, nos chamou para fazer o quê, exatamente? — desafiou Helion, apoiando os antebraços nas coxas musculosas e reluzentes. — Levantar um exército unificado?

— Entre outras coisas — disse Rhys, calmamente. — Nós...

Foi quase igual... a entrada.

Quase igual àquela noite no antigo chalé de minha família, quando a porta havia sido destruída e uma besta avançou junto ao frio congelante, rugindo para nós.

Ele não se incomodou em aterrissar na varanda, ou com os acompanhantes. Não tinha um grupo.

Como um estalo de relâmpago, cruel como uma tempestade de primavera, ele atravessou para dentro da própria câmara.

E meu sangue ficou mais frio que o gelo de Kallias quando Tamlin surgiu e sorriu como um lobo.

Capítulo 44

Silêncio absoluto. Quietude absoluta.

Senti o tremor da magia percorrer a sala conforme escudo após escudo se formou em torno de cada Grão-Senhor e de sua delegação. Aquele que Rhysand já subira em volta de nós, agora reforçado... ódio envolvia a essência do escudo. Ira e ódio. Mesmo que o rosto de meu parceiro parecesse entediado... preguiçoso.

Tentei controlar minhas feições e estampar a precaução fria com que Nestha o via, ou o leve desprezo de Mor. Eu tentei — e fracassei terrivelmente.

Eu conhecia seus humores, o temperamento.

Ali estava o Grão-Senhor que despedaçara aqueles naga em pedaços ensanguentados, ali estava o Grão-Senhor que havia empalado Amarantha com a espada de Lucien e lhe dilacerado a garganta com os dentes.

Tudo isso reluzia naqueles olhos verdes conforme se fixavam em mim, em Rhys. Os dentes de Tamlin estavam brancos como ossos limpos por corvos quando ele abriu um grande sorriso.

Thesan se levantou, e seu capitão permaneceu sentado ao lado do Grão-Senhor... apesar de manter a mão na espada.

— Não estávamos esperando você, Tamlin. — Thesan indicou os criados retraídos com a mão fina. — Peguem uma cadeira para o Grão-Senhor.

Tamlin não desviou o olhar de mim. De nós.

Seu sorriso ficou completamente controlado, porém, de alguma forma, mais irritante. Mais cruel.

Tamlin usava a túnica verde habitual — sem coroa, sem adornos. Nenhum sinal de outro boldrié para substituir aquele que eu roubara.

— Admito, Tamlin — falou Beron —, que estou surpreso por vê-lo aqui. — Tamlin não tirou a concentração de mim. De cada fôlego que eu tomava. — De acordo com os boatos, sua lealdade agora está em outro lugar.

O olhar de Tamlin se desviou... para baixo. Para o anel em meu dedo. Para a tatuagem que adornava minha mão direita, fluindo sob a manga azul reluzente e pálida de meu vestido. Depois, se ergueu... direto para a coroa que eu tinha escolhido para mim.

Não sabia o que dizer. O que fazer com meu corpo, com minha respiração.

Bastava de máscaras, bastava de mentiras e decepções. A verdade, agora exposta, nua e crua, diante de Tamlin. O que eu fizera com meu ressentimento, as mentiras com que o alimentara. O povo e a terra que deixei vulneráveis a Hybern. E, então, havia voltado para minha família, meu parceiro...

Minha ira derretida resfriou, tornando-se algo afiado e quebradiço.

Os criados puxaram uma cadeira; dispondo-a entre um dos filhos de Beron e o grupo de Helion. Nenhum deles pareceu contente com isso, embora não fossem burros o bastante para retrair os corpos quando Tamlin se sentou.

Ele não disse nada. Nem uma palavra.

Helion gesticulou com a mão coberta de cicatrizes.

— Vamos prosseguir, então.

Thesan pigarreou. Ninguém olhou em sua direção.

Não quando Tamlin observava a mão que Rhys apoiara em meu joelho reluzente.

O ódio nos olhos de Tamlin praticamente fervilhou.

Ninguém, nem mesmo Amarantha, me olhara com tanto ódio.

Não, Amarantha não me conhecera de verdade — seu ódio era superficial, movido por uma história pessoal que tudo envenenava. Tamlin... Tamlin me conhecia. E agora odiava cada centímetro do que eu era.

Ele abriu a boca, e eu me preparei.

— Parece que devo minhas felicitações.

As palavras soaram inexpressivas; inexpressivas, mas afiadas como garras, as quais estavam escondidas sob a pele dourada.

Não respondi.

Rhys apenas encarava Tamlin. Mantinha-se ali com o rosto gélido, mas ódio absoluto se acumulava por baixo. Ódio cataclísmico, avançando e se contorcendo pelo laço entre nós.

Mas meu parceiro se dirigiu a Thesan, que ocupara o assento de novo, mas parecia longe de se sentir confortável: — Podemos discutir o assunto em pauta depois.

— Não parem por minha causa — falou Tamlin, tranquilamente.

A luz nos olhos de Rhys se extinguiu, como se aquela mão de escuridão tivesse apagado as estrelas. Mas ele se recostou no assento, retirando a mão de meu joelho para traçar círculos preguiçosos no braço de madeira da cadeira.

— Não tenho hábito de discutir nossos planos com inimigos.

Helion, do outro lado do espelho d'água, sorriu feito um leão.

— Não — respondeu Tamlin, com igual simplicidade. — Apenas o hábito de trepar com eles.

Todos os pensamentos e os sons escorreram para fora de minha mente.

Cassian, Azriel e Mor estavam parados como a morte — a fúria emanava deles em ondas silenciosas. Mas, se Tamlin reparou ou se importou com o fato de que três das pessoas mais letais do cômodo no momento contemplavam sua morte, não deixou claro.

Rhys deu de ombros, sorrindo de leve.

— Parece uma alternativa muito menos destrutiva à guerra.

— E, no entanto, aqui está você, tendo-a iniciado.

O piscar de olhos foi o único sinal da confusão de Rhysand.

Uma garra deslizou para fora do dedo de Tamlin.

Kallias ficou tenso, a mão passou para o braço da cadeira de Viviane — como se fosse se atirar diante da parceira. Mas Tamlin apenas raspou aquela garra levemente pelo braço entalhado da própria cadeira, tal qual um dia fizera por minha pele. Ele sorriu, ciente da lembrança exata que aquilo suscitava, mas respondeu a meu parceiro: — Se você não tivesse roubado minha noiva na calada da noite, Rhysand, eu não teria sido forçado a tomar medidas tão drásticas para recuperá-la.

— O sol estava brilhando quando deixei você — corrigi, baixinho.

Aqueles olhos verdes se voltaram para mim, brilhantes e estranhos. Ele soltou uma risada baixa e, então, desviou o olhar de novo.

Uma dispensa.

— Por que está aqui, Tamlin? — perguntou Kallias.

A garra de Tamlin prendeu na madeira, se enterrando profundamente apesar de a voz permanecer tranquila. Não tinha dúvidas de que aquele gesto fora direcionado a mim também.

— Negociei acesso a minhas terras para recuperar a mulher que amo de um sádico capaz de brincar com mentes como se fossem brinquedos. Tinha a intenção de enfrentar Hybern, de encontrar uma forma de contornar o acordo selado com o rei depois que ela voltasse. Mas Rhysand e os comparsas a haviam transformado em um deles. E ela se deliciou em partir meu território para que Hybern invadisse. Tudo por um ressentimento tolo, dela ou de seu... mestre.

— Você não tem o direito de reescrever a história — sussurrei. — Não tem o direito de virar isso a seu favor.

Tamlin apenas inclinou a cabeça para Rhys.

— Quando trepa com ela, já reparou naquele barulhinho que faz logo antes de atingir o clímax?

Calor corou minhas bochechas. Aquilo não era uma batalha deflagrada, mas a destruição crescente e cuidadosa de minha dignidade, minha credibilidade. Beron sorriu, deliciando-se, enquanto Eris monitorava com cautela.

Rhys virou a cabeça, me olhou da cabeça aos pés. Depois, de volta para Tamlin. Uma tempestade prestes a ser libertada.

Mas foi Azriel quem disse, a voz fria como a morte:

— Cuidado com como fala de minha Grã-Senhora.

Surpresa acendeu os olhos de Tamlin... e, depois, sumiu. Sumiu, engolida por pura fúria quando ele percebeu o que era aquela tatuagem que cobria minha mão.

— Não bastava se sentar a meu lado, não é? — Um sorriso odioso lhe curvou os lábios. — Uma vez me perguntou se seria minha Grã-Senhora e, quando eu respondi que não... — Uma risada baixa. — Talvez eu a tenha subestimado. Por que servir em minha corte, quando poderia governar a dele?

Tamlin, por fim, encarou os demais Grã-Senhores reunidos e as delegações.

— Eles nos oferecem histórias sobre defender nossa terra e a paz. Mas *ela* veio até minhas terras e as expôs a Hybern. *Ela* tomou minha Grã-Sacerdotisa e lhe deturpou a mente, depois de quebrar seus ossos por inveja. E, se estão se perguntando o que aconteceu com aquela garota humana que foi Sob a Montanha nos salvar... Olhem para o macho sentado a seu lado. Perguntem o que ele tem a ganhar, o que *eles* têm a ganhar com esta guerra, ou a ausência dela. Enfrentaríamos Hybern apenas para ter uma rainha e um rei de Prythian? Ela provou sua ambição, e viram como ele ficou mais que feliz em servir Amarantha a fim de permanecer ileso.

Foi difícil não grunhir, não me agarrar aos braços da cadeira e rugir para Tamlin.

Rhys soltou uma risada sombria.

— Bela jogada, Tamlin. Está aprendendo.

Ira contraiu as feições de Tamlin diante da condescendência. Mas ele se virou para Kallias.

— Perguntou por que estou aqui? Poderia perguntar o mesmo a você. — Ele indicou com o queixo o Grão-Senhor da Invernal e Viviane, e os demais membros da delegação que permaneciam em silêncio. — Quer dizer que depois de Sob a Montanha ainda suportam trabalhar com ele? — Um dedo apontou na direção de Rhysand.

Eu queria arrancar aquele dedo da mão de Tamlin. E dar de comer ao Verme de Middengard.

O brilho prateado em torno de Kallias se apagou.

Até mesmo Viviane pareceu deprimida.

— Viemos decidir isso por conta própria.

Mor encarava a amiga com uma pergunta silenciosa. Viviane, pela primeira vez desde que tínhamos chegado, não olhou para ela. Apenas para o parceiro.

— Não tive envolvimento naquilo. Nenhum — disse Rhys baixinho eles, a todos.

Os olhos de Kallias se incendiaram como chamas azuis.

— Você ficou ao lado do trono de Amarantha enquanto a ordem foi dada.

Observei, meu estômago revirando, quando a pele dourada de Rhys empalideceu.

— Tentei impedir.

— Diga isso aos pais das duas dúzias de crianças que ela massacrou — respondeu Kallias. — Que você *tentou*.

Eu tinha esquecido. Esquecido aquele trecho da história desprezível de Amarantha. Aconteceu enquanto eu estava na Corte Primaveril — um relatório que um dos contatos de Lucien na Corte Invernal conseguiu contrabandear. Sobre duas dúzias de crianças mortas pela “praga”. Por Amarantha.

A boca de Rhys se contraiu.

— Não se passa um dia em que eu não me lembre — disse ele a Kallias, a Viviane. Aos companheiros. — Nem um dia.

Eu não sabia.

Rhys me contara certa vez, tantos meses antes, que havia memórias que ele não conseguiria compartilhar... nem comigo. Presumi que eram apenas com relação ao que Amarantha fizera com ele. Não... o que poderia ter sido forçado a testemunhar também. Forçado a suportar, amarrado, preso.

E ficar parado, encoleirado a Amarantha, enquanto ela ordenava o assassinato daquelas crianças...

— Lembrar — falou Kallias — não as traz de volta, traz?

— Não — respondeu Rhys, simplesmente. — Não, não traz. E agora estou lutando para me certificar de que isso jamais aconteça de novo.

Viviane olhou do marido para Rhys.

— Eu não estava presente Sob a Montanha. Mas gostaria de ouvir, Grão-Senhor, como tentou... impedi-la. — Dor lhe contraiu a

expressão. Viviane também tinha sido incapaz de impedir enquanto protegia a pequena porção de território.

Rhys não falou nada.

Beron riu com escárnio.

— Finalmente sem palavras, Rhysand?

Coloquei a mão no braço de Rhys. Não tinha dúvida de que Tamlin tinha observado. E não me importava. Eu disse a meu parceiro, sem me incomodar em manter a voz baixa: — Acredito em você.

— Diz a mulher — replicou Beron — que deu o nome de uma menina inocente no lugar do dela... para que Amarantha também a massacrasse.

Bloqueei as palavras, a lembrança de Clare.

Rhys engoliu em seco. Apertei seu braço com mais força.

A voz de meu parceiro saiu rouca quando ele disse para Kallias:

— Quando seu povo se rebelou... — Eles tinham, eu me lembrava. A Invernal tinha se rebelado contra Amarantha. E as crianças... aquilo fora a resposta de Amarantha. A punição pela desobediência. — Ela ficou furiosa. Queria vê-lo morto, Kallias.

O rosto de Viviane ficou lívido.

— Eu... a convenci de que não ajudaria muito — continuou Rhys.

— Quem diria — observou Beron — que um pau poderia ser tão persuasivo?

— Pai. — A voz de Eris saiu baixa com o aviso.

Pois Cassian, Azriel, Mor e eu fixamos o olhar sobre Beron. E nenhum de nós ria.

Talvez Eris se tornasse Grão-Senhor antes do planejado.

Mas Rhys prosseguiu, para Kallias:

— Ela desistiu da ideia de matá-lo. Seus rebeldes estavam mortos, e eu a convenci de que aquilo bastava. Achei que fosse o fim. — A respiração de Rhys acelerou levemente. — Só descobri quando você descobriu. Acho que ela interpretou minha defesa como um sinal de aviso, e não me contou nada. E me manteve... confinado. Tentei entrar nas mentes dos soldados que Amarantha enviou, mas seu controle sobre meu poder era forte demais para detê-los... e já estava feito. Ela... ela mandou um daemati com eles. Para... — hesitou Rhys. As mentes das crianças... tinham sido

esmagadas. Rhys engoliu em seco. — Acho que Amarantha queria que você suspeitasse de mim. Para evitar que nos aliássemos contra ela.

O que ele devia ter testemunhado dentro das mentes daqueles soldados...

— Onde ela o confinou? — A pergunta veio de Viviane cujos braços abraçavam o próprio corpo.

Não estava completamente pronta para a resposta quando Rhys falou:

— Em seu quarto.

Meus amigos não esconderam o ódio, o luto diante dos detalhes que Rhys ocultara até mesmo deles.

— Histórias e palavras — disse Tamlin, esticado na cadeira. — Tem alguma prova?

— *Prova*... — grunhiu Cassian, levantando metade do corpo da cadeira, as asas começando a se abrir.

— Não — interrompeu Rhys, quando Mor bloqueou Cassian com um braço, obrigando-o a se sentar. Rhys acrescentou, para Kallias: — Mas juro... pela vida de minha parceira. — A mão, por fim, repousou sobre a minha.

Pela primeira vez desde que o conheci, a pele de Rhys estava suada.

Estendi minha mente pelo laço, até mesmo enquanto Rhys encarava Kallias. Não tinha palavras. Tinha somente eu mesma, somente minha alma, quando me enrosquei contra seus escudos imponentes de adamantino negro.

Rhys sabia o que vir até ali, o que nos apresentar como éramos, lhe custaria. O que poderia precisar revelar além das asas que tanto amava.

Tamlin revirou os olhos. Foi preciso cada gota de controle para evitar que eu avançasse contra ele... que arrancasse aqueles olhos.

Mas o que quer que Kallias tivesse lido na expressão de Rhys, em suas palavras... Ele fixou Tamlin com um olhar severo e perguntou, de novo: — Por que está *aqui*, Tamlin?

Um músculo estremeceu no maxilar de Tamlin.

— Estou aqui para ajudá-los a lutar contra Hybern.

— Mentira — murmurou Cassian.

Tamlin o encarou com raiva. Cassian, fechando bem as asas ao se recostar na cadeira de novo, apenas ofereceu um sorriso torto em resposta.

— Vai nos perdoar — interrompeu Thesan, graciosamente — por estarmos desconfiados. E hesitantes em compartilhar planos.

— Mesmo quando tenho informação sobre os movimentos de Hybern?

Silêncio. Tarquin, do outro lado do espelho d'água, observava e ouvia; ou porque era o mais jovem deles, ou talvez porque sabia que havia alguma vantagem em nos deixar disputar tudo sozinhos.

Tamlin sorriu para mim.

— Por que acha que os convidei para casa? Para minhas terras? — Ele soltou um grunhido baixo, e senti Rhys ficar tenso quando Tamlin disse para mim: — Eu disse uma vez a você que lutaria contra a tirania, contra aquele tipo de mal. Achou que *você* era suficiente para me desviar daquilo? — Os dentes brilharam brancos como osso. — Foi tão *fácil* para você me chamar de monstro, apesar de tudo o que fiz por você, por sua família. — Um riso de escárnio na direção de Nestha, que franzia a testa com desprezo. — Mas você testemunhou tudo o que *ele* fez Sob a Montanha e ainda assim abriu as pernas. Adequado, suponho. Ele se prostituiu para Amarantha durante décadas. Por que você não seria sua prostituta em troca?

— Cuidado com o que diz — disparou Mor. Eu estava com dificuldades para engolir, respirar.

Tamlin a ignorou por completo e gesticulou na direção das asas de Rhysand.

— Às vezes me esqueço... do que você é. As máscaras caíram agora, ou isto é apenas mais um ardil?

— Está começando a ficar entediante, Tamlin — avisou Helion, apoiando a cabeça na mão. — Leve esse rancor de amante para outro lugar, e deixe o restante de nós discutir a guerra.

— Você ficaria muito feliz com a guerra, considerando o quanto se saiu bem da última.

— Ninguém disse que a guerra não pode ser lucrativa — replicou Helion. O lábio de Tamlin se contraiu em um grunhido silencioso que

me fez especular se ele teria procurado Helion para quebrar meu acordo com Rhys, se Helion teria se recusado.

— Basta! — exclamou Kallias. — Temos nossas opiniões sobre como o conflito com Hybern deveria ser abordado. — Aqueles olhos glaciais se tornaram severos quando se voltaram de novo para Tamlin. — Está aqui como aliado de Hybern ou de Prythian?

O sorriso debochado e cheio de ódio se dissipou em uma determinação de granito.

— Estou contra Hybern.

— Prove — desafiou Helion.

Tamlin ergueu a mão, e uma pilha de papéis surgiu na pequena mesa ao lado de sua cadeira.

— Cartas de exércitos, munição, estoques de veneno feérico... Tudo cuidadosamente reunido nos últimos meses.

Tudo isso direcionado a mim, e eu me recusei a sequer abaixar o queixo. Minhas costas doíam por me manter tão reta; sentia uma pontada de dor de cada lado da coluna.

— Por mais nobre que pareça — prosseguiu Helion. — Quem garante que essa informação está correta, ou que você não é o agente de Hybern tentando nos enganar?

— Quem garante que Rhysand e seus seguidores não são agentes de Hybern, e que tudo isso não é um ardil para fazer com que se rendam sem perceber?

— Não pode estar falando sério — murmurou Nestha. Mor olhou para minha irmã de uma forma que dizia que ele estava sim.

— Se precisamos nos aliar contra Hybern — falou Thesan. — Está fazendo um bom trabalho para nos convencer a não nos unirmos, Tamlin.

— Estou apenas avisando que eles podem estampar o disfarce da honestidade e da amizade, mas a verdade é que *ele* aqueceu a cama de Amarantha por cinquenta anos, e só trabalhou contra ela quando a maré pareceu mudar. Estou avisando que, embora ele alegue que a própria cidade foi atacada por Hybern, eles se saíram notavelmente bem, como se antecipassem o ataque. Não achem que ele não sacrificaria algumas construções e feéricos inferiores para atraí-los para uma aliança, para que pensem que têm um inimigo comum. Por que apenas a Corte Noturna soube sobre o

ataque a Adriata, e foram os únicos que chegaram a tempo de bancar os salvadores?

— Eles souberam — interrompeu Varian, friamente — porque *eu* os avisei.

Tarquin virou a cabeça para o primo, as sobrancelhas erguidas em surpresa.

— Talvez você também esteja trabalhando com eles — disse Tamlin ao príncipe de Adriata. — É o próximo na sucessão, afinal de contas.

— Você é louco — sussurrei para Tamlin, quando Varian exibiu os dentes. — Está ouvindo o que *diz*? — Apontei para Nestha. — Hybern transformou minhas irmãs em feéricas... depois que a *vadia* de sua sacerdotisa as vendeu!

— Talvez a mente de Ianthe já estivesse sob o domínio de Rhysand. E que tragédia permanecer jovem e linda. Você é uma boa atriz, tenho certeza de que essa característica é de família.

Nestha soltou uma gargalhada baixa.

— Se quer alguém para culpar por tudo isso — disse ela a Tamlin. — Talvez devesse olhar primeiro no espelho.

Tamlin rosnou para Nestha.

— *Cuidado* — rosnou Cassian de volta.

Tamlin olhou de minha irmã para Cassian, o olhar se deteve nas asas de Cassian, fechadas atrás do corpo. E riu com deboche.

— Parece que outras preferências também correm no sangue Archeron.

Meu poder começou a murmurar... um gigante se levantando, bocejando ao despertar.

— O que você quer? — sibilei. — Um pedido de desculpas? Que eu rasteje de volta para sua cama e banque a esposa boazinha?

— Por que eu ia querer que mercadorias estragadas me fossem devolvidas?

Minhas bochechas coraram.

— Assim que deixou que ele trepasse com você como uma... — grunhiu Tamlin.

Em um segundo, as palavras envenenadas estavam escorrendo pela boca de Tamlin... onde presas cresciam.

Depois, cessaram.

A boca de Tamlin simplesmente parou de emitir *sons*. Ele fechou a boca, abriu e tentou de novo.

Nenhum som, nem mesmo um grunhido, saiu.

Não havia sorriso no rosto de Rhysand, nenhum pingo daquela diversão irreverente quando ele apoiou a cabeça contra o encosto da cadeira.

— O visual de peixe fora d'água boquiaberto fica bem em você, Tamlin.

Os demais, que assistiam com desprezo e interesse e tédio, agora se viraram para meu parceiro. Agora possuíam uma sombra de medo nos olhos quando perceberam quem e o quê, exatamente, estava sentado entre eles.

Confrades, porém não. Tamlin era um Grão-Senhor, tão poderoso quanto qualquer um desses líderes.

Exceto por aquele a meu lado. Rhys era tão diferente deles quanto humanos são de feéricos.

Eles se esqueciam, às vezes, da profundidade daquele poço de poder. Que tipo de poder Rhys empunhava.

Mas, quando Rhysand tirou de Tamlin a habilidade de falar, eles se lembraram.

Capítulo 45

Somente meus amigos não pareceram surpresos.

Os olhos de Tamlin eram como chama verde, luz dourada tremeluzia a sua volta conforme a magia tentava se desvencilhar do controle de Rhysand. Conforme ele tentava mais e mais falar.

— Se querem provas de que não estamos tramando com Hybern — disse Rhysand, diretamente, para todos. — Considerem o fato de que seria muito menos trabalhoso invadir suas mentes e obrigá-los a fazer minha vontade.

Apenas Beron foi burro o bastante para dar uma risada de deboche. Eris apenas virou o corpo na cadeira, bloqueando o caminho até a mãe.

— E, no entanto, aqui estou — continuou Rhysand, sem ousar se virar para Beron em reconhecimento. — Aqui estamos todos nós.

Silêncio absoluto.

Então, Tarquin, calado e vigilante, pigarreou.

Esperei... pelo golpe que certamente nos condenaria. Éramos ladrões e o enganamos, fomos até sua casa, em paz, e roubamos, invadimos suas mentes para garantir nosso sucesso.

Mas Tarquin disse para mim, para Rhysand:

— Apesar do aviso não autorizado de Varian... — Um olhar de irritação para o primo, que sequer parecia arrependido. — Vocês foram os únicos que vieram ajudar. Os únicos. E não pediram nada em troca. Por quê?

A voz de Rhys saiu um pouco rouca quando ele perguntou:

— Não é isso que fazem os amigos?

Uma sugestão sutil, silenciosa.

Tarquin o olhou de cima a baixo. Depois, para mim. E para os demais.

— Revogo os rubis de sangue. Que não restem dívidas entre nós.

— Não espere que Amren devolva o dela — murmurou Cassian. — Ficou bastante apegada.

Eu podia jurar que um sorriso repuxou os lábios de Varian.

Mas Rhys encarou Tamlin cuja boca permanecia fechada. Os olhos ainda estavam lívidos. E meu parceiro disse:

— Acredito em você. Que lutará por Prythian.

Kallias não pareceu tão convencido. Nem Helion.

Rhys soltou as amarras sobre a voz de Tamlin. Eu só percebi porque ele soltou um grunhido baixo. Mas Tamlin não fez menção de atacar, de sequer falar.

— A guerra chegou — declarou Rhysand. — Não tenho interesse em desperdiçar energia discutindo entre nós.

O homem — macho — mais sensato. O controle, a escolha de palavras... Tudo era um retrato cuidadoso da razão e do poder. Mas Rhysand... Eu sabia que fora sincero no que dissera. Mesmo que Tamlin tivesse participação no assassinato de sua família, mesmo com o papel que teve em Hybern... Por nosso lar, por Prythian, ele passaria por cima daquilo. Um sacrifício que não feriria ninguém, apenas a alma de Rhys.

Mas Beron falou:

— Você pode estar disposto a acreditar nele, Rhysand, mas como alguém que compartilha a fronteira com a corte de Tamlin, não me convenço tão facilmente. — Um olhar sarcástico. — Talvez meu filho errante possa esclarecer. Ora, onde ele está?

Até mesmo Tamlin olhou em nossa direção... em minha direção.

— Ajudando a vigiar nossa cidade. — Foi tudo o que eu disse. Não era uma mentira, não por completo.

Eris riu, debochado, e observou Nestha, que o encarou de volta com uma expressão de aço.

— Uma pena que não trouxe a irmã. Soube que a parceira de nosso caçula é uma beldade.

Se eles sabiam que Elain era parceira de Lucien... Agora estavam seguindo outro caminho, percebi, bastante aterrorizada. Aquela era outra forma de atingir o irmão mais novo que eles odiavam com tanta determinação, tão irracionalmente. O acordo de Eris conosco não incluía proteção a Lucien. Minha boca secou.

Mas Mor respondeu, tranquilamente:

— Você realmente gosta de se ouvir falar, Eris. Bom saber que algumas coisas não mudam ao longo dos séculos.

A boca de Eris se contraiu em um sorriso diante das palavras, um jogo cuidadoso de fingir que não se viam havia anos.

— Bom saber que depois de quinhentos anos você ainda se veste como uma vadia.

Em um momento, Azriel estava sentado.

No seguinte, ele avançou pelo escudo de Eris com um clarão de luz azul e o derrubou de costas, madeira se partiu sob os dois.

— Merda — disparou Cassian, e foi imediatamente até lá...

E se chocou contra uma parede azul.

Azriel selara os dois ali dentro, e, no momento que as mãos cheias de cicatrizes se fechavam em torno do pescoço de Eris, Rhys falou:

— Basta.

Azriel apertou, Eris se debatia sob o guerreiro. Nenhum combate físico; havia uma regra contra isso, mas Azriel, com qualquer que fosse o poder concedido por aquelas sombras...

— *Basta*, Azriel — ordenou Rhys. Talvez aquelas sombras que agora deslizavam e se retraíam em volta do encantador o *escondessem* da ira da magia irrevogável. Os demais não fizeram menção de interferir, como se cogitando o mesmo.

Azriel enterrou o joelho — e todo o peso do corpo — contra o estômago de Eris. Ele estava em silêncio, silêncio absoluto, enquanto arrancava o ar do corpo de Eris. As chamas de Beron

atingiram o escudo azul diversas vezes, mas o fogo ricocheteou e se extinguiu na água. Quaisquer chamas que passassem eram destruídas pelas sombras.

— Chame seu morcego gigante de volta — ordenou Beron a Rhys.

Rhys estava se divertindo, com ou sem o acordo com Eris — poderia ter acabado com aquilo segundos antes. Ele me olhou como se para dizer isso. E como um convite.

Eu me levantei com os joelhos surpreendentemente firmes.

Senti todos ficarem tensos, o olhar de Tamlin era como um ferrete conforme eu caminhei até o encantador de sombras, com o vestido brilhante sibilando pelo chão atrás de mim. Quando coloquei a mão tatuada na curva dura, quase invisível, do escudo e falei:

— Venha, Azriel.

Azriel parou.

Eris puxou fôlego quando aquelas mãos cheias de cicatrizes se afrouxaram. Quando Azriel virou o rosto em minha direção...

O ódio congelado ali me deixou fixa no chão.

Mas, por baixo, eu quase conseguia ver as imagens que o assombravam: a mão que Mor tinha puxado, o rosto choroso e transtornado enquanto gritava com Rhys.

E agora, atrás de nós, Mor tremia na cadeira. Estava pálida e tremia.

Apenas estendi a mão a Azriel.

— Venha se sentar a meu lado.

Nestha já arrastara a cadeira, e outra surgiu ao lado da minha.

Não deixei minha mão tremer enquanto a mantive estendida. E esperei.

Os olhos de Azriel se voltaram para Eris, para o filho do Grão-Senhor que ofegava sob ele. E o encantador de sombras se abaixou para sussurrar algo ao ouvido de Eris que o fez empalidecer ainda mais.

Mas o escudo desceu. As sombras se dispersaram, deixando o sol passar.

Beron golpeou — apenas para que o fogo ricocheteasse em uma barreira minha. Ergui o olhar para o Grão-Senhor da Outonal.

— E agora por duas vezes os derrubamos. Achei que enjoaria da humilhação.

Helion riu. Mas minha atenção se voltou para Azriel, que pegou minha mão ainda estendida e se levantou. As cicatrizes pareceram ásperas contra meus dedos, mas a pele era como gelo. Puro gelo.

Mor abriu a boca para dizer algo a Azriel, mas Cassian colocou a mão no joelho exposto da amiga e sacudiu a cabeça. Levei o encantador de sombras para a cadeira vazia a meu lado — depois, fui até a mesa para servir uma taça de vinho para ele.

Ninguém falou até que eu oferecesse o vinho a Azriel e me sentasse.

— Eles são minha família — expliquei, para as sobrancelhas erguidas que recebi ao servir o encantador de sombras. Tamlin apenas sacudiu a cabeça, enojado, e, por fim, deslizou aquela garra de volta para dentro. Mas encontrei o olhar incandescente de Eris, e minha voz soou tão fria quanto a expressão de Azriel quando falei: — Não me importo se somos aliados nesta guerra. Se insultar minha amiga de novo, não o impedirei da próxima vez.

Apenas Eris sabia até que ponto aquela aliança se estendia; informações que poderiam condenar a reunião se qualquer dos lados as revelassem. Informações que poderiam fazer com que o pai de Eris sumisse com o filho da face da terra.

Mor encarava Azriel sem parar, ele se recusava a olhar para ela, se recusava a fazer qualquer coisa que não encarar Eris com ódio mortal.

Eris, sabiamente, desviou os olhos.

— Peço desculpas, Morrigan — disse ele.

O pai chegou a escancarar a boca diante das palavras. Mas algo como aprovação brilhou no rosto da Senhora da Outonal quando o filho mais velho se sentou de novo.

Thesan esfregou as têmporas.

— Isso é um mau sinal.

Mas Helion deu um risinho para a própria delegação, cruzando um tornozelo sobre o joelho e exibindo aquelas coxas poderosas e lustrosas.

— Acho que me deve dez moedas.

Parecia que não tínhamos sido os únicos a fazer apostas. Mesmo que ninguém do grupo de Helion tivesse respondido a seu sorriso debochado.

Helion gesticulou com a mão, e as pilhas de papéis que Tamlin compilara flutuaram até ele em um vento fantasma. Com um estalar dos dedos — salpicados de cicatrizes devido ao treino com espada —, outras pilhas surgiram diante de cada cadeira na sala. Inclusive a minha.

— Cópias — disse ele, sem erguer o rosto ao folhear os documentos.

Um truque útil... para um macho cujo tesouro não era ouro, senão conhecimento.

Ninguém fez menção de tocar os papéis diante de nós.

Helion emitiu um estalo com a língua.

— Se tudo isso é verdade — anunciou ele, e Tamlin grunhiu para o tom de provocação. — Então sugiro duas coisas: primeiro, destruir os estoques de veneno feérico de Hybern. Não duraremos muito se os transformaram em armas tão versáteis. Vale o risco de destruí-los.

Kallias arqueou uma sobrancelha.

— Como sugere que o façamos?

— Nós cuidaremos disso — ofereceu Tarquin. Varian assentiu. — Devemos isso a eles, por Adriata.

— Não há necessidade — explicou Thesan.

Todos piscamos. Até mesmo Tamlin. O Grão-Senhor da Diurna apenas cruzou as mãos no colo.

— Uma de minhas mestres funileiras esteve esperando durante as últimas horas. Gostaria que ela se juntasse a nós agora.

Antes que alguém pudesse responder, uma fêmea Grã-Feérica surgiu no limite do círculo. Ela fez uma reverência tão breve que mal vi nada além de pele marrom-clara e longos e sedosos cabelos pretos. A fêmea usava roupas semelhantes às de Thesan; no entanto... as mangas tinham sido puxadas até os antebraços, e a túnica, abotoada até o peito. A mão...

Adivinhei quem era antes que se levantasse. A mão direita era de ouro sólido... mecânica. Como o olho de Lucien. A mão clicou e rangeu baixinho, atraindo os olhos de todos os imortais na sala

quando a funileira se voltou para seu Grão-Senhor. Thesan sorriu, de forma acolhedora.

Mas o rosto da funileira... Eu me perguntei se Amren teria moldado as próprias feições com base em uma linhagem semelhante quando se prendeu ao corpo feérico: o queixo marcado, as bochechas redondas, os arrasadores olhos repuxados. Mas se os de Amren eram de um cinza profano, os dessa fêmea eram escuros como ônix. E atentos — absolutamente atentos a nós, boquiabertos para sua mão, para sua chegada — quando ela disse a Thesan:

— Meu senhor.

Thesan gesticulou para a fêmea de pé diante do grupo reunido.

— Nuan é uma de minhas artesãs mais habilidosas.

Rhys se recostou no assento, erguendo as sobrancelhas em reconhecimento ao ouvir o nome, e indicou Beron e Eris com o queixo.

— Talvez a conheçam como a pessoa responsável por dar a seu... filho errante, como o chamou, a habilidade de usar o olho esquerdo depois que Amarantha o removeu.

Nuan assentiu uma vez em confirmação, contraindo os lábios em uma linha fina ao observar a família de Lucien. A fêmea sequer se virou na direção de Tamlin — e ele certamente não se deu o trabalho de reconhecer a presença de Nuan, independentemente do passado que os unia, do amigo comum.

— E o que isso tem a ver com o veneno feérico? — indagou Helion. O amante de Thesan fervilhou diante do tom de voz do Grão-Senhor da Diurna, mas um olhar de Thesan fez o macho relaxar.

Nuan se virou, os cabelos pretos deslizaram sobre um ombro conforme ela estudava Helion. E não pareceu impressionada.

— Encontrei uma solução para ele.

Thesan gesticulou.

— Ouvimos rumores sobre veneno feérico ter sido usado nesta guerra, usado no ataque a sua cidade, Rhysand. Achamos melhor investigar o assunto antes que se tornasse uma fraqueza mortal para todos nós. — Ele assentiu para Nuan. — Além de ser uma funileira sem igual, Nuan é uma habilidosa alquimista.

Nuan cruzou os braços, e o sol se refletiu na mão metálica.

— Graças a amostras obtidas depois do ataque a Velaris, pude criar um... antídoto, de certa forma.

— Como conseguiu essas amostras? — indagou Cassian.

Um rubor tomou as bochechas de Nuan.

— Eu... ouvi os boatos e presumi que Lucien Vanserra estivesse morando em Velaris depois... do que aconteceu. — Ela ainda não olhava para Tamlin, que permaneceu calado e emburrado. — Consegui contatá-lo há alguns dias, pedi que mandasse amostras. Ele mandou... e não contou a você — acrescentou Nuan, rapidamente, para Rhysand. — Não queria lhe dar esperanças. Não até que eu encontrasse uma solução.

Não era à toa que ele estava tão ansioso para seguir sozinho até Velaris naquele dia em que fora nos ajudar a pesquisar. Disparei um olhar para Rhys. *Parece que Lucien ainda consegue bancar a raposa*.

Rhys não me olhou, mas os lábios se repuxaram quando respondeu: *De fato*.

— A Mãe nos forneceu tudo de que precisamos nesta terra — prosseguiu Nuan. — Então, foi uma questão de descobrir o que, exatamente, ela nos deu em Prythian para combater um material de Hybern capaz de acabar com nossos poderes.

Helion se moveu, impaciente, aquele tecido branco reluzente deslizando sobre o peito musculoso.

Thesan também notou essa impaciência e falou:

— Nuan conseguiu rapidamente criar um pó para ingerirmos com bebida, comida, como quisermos. Garante imunidade ao veneno feérico. Já tenho trabalhadores em três das cidades fabricando o máximo possível para distribuir a nossos exércitos unificados.

Até mesmo Rhys pareceu impressionado com o segredo, com a revelação. *Fico surpresa por você não ter também uma grande revelação para fazer hoje*, brinquei pelo laço.

Grã-Senhora cruel e linda, ronronou ele, os olhos brilhando.

— Mas e quanto a objetos físicos feitos de veneno feérico? — perguntou Tarquin. — Eles tinham luvas no campo de batalha para destruir escudos. — Tarquin indicou Rhys com o queixo. — E quando atacaram sua cidade.

— Contra isso — respondeu Nuan — só têm sua inteligência como escudo. — Ela não deixou de encarar Tarquin, e ele se esticou, como se tivesse ficado surpreso com a declaração da fêmea. — O composto que fiz protegerá apenas vocês e seus poderes de serem anulados pelo veneno feérico. Talvez, se forem perfurados com uma arma embebida em veneno feérico, ter o composto no sistema anule o impacto.

Silêncio recaiu.

— E devemos confiar em você — disse Beron, um olhar para Thesan, e depois, para Nuan — com essa... substância que ingeriremos às cegas.

— Preferiria enfrentar Hybern sem qualquer poder? — indagou Thesan. — Meus mestres alquimistas e funileiros não são tolos.

— Não — retrucou Beron, franzindo a testa. — Mas de onde ela veio? *Quem* é você? — A última parte foi direcionada a Nuan.

— Sou a filha de dois Grão-Feéricos de Xian, que se mudaram para cá a fim de dar aos filhos uma vida melhor, se é o que exige saber — respondeu Nuan, tensa.

— O que isso tem a ver com qualquer coisa? — indagou Helion a Beron.

Beron deu de ombros.

— Se a família dela é de Xian, que, devo lembrar, lutou pelos Legalistas, então, a que interesse ela serve?

Os olhos âmbar de Helion brilharam.

— Devo lembrar a *você*, Beron — interrompeu Thesan, rispidamente — que minha mãe veio de Xian. E a maioria de minha corte também. Cuidado com o que diz.

Antes que Beron conseguisse sibilar uma réplica, Nuan disse ao Grão-Senhor da Outonal, com o queixo erguido:

— Sou uma filha de Prythian. Nasci aqui, nesta terra, assim como seus filhos.

A expressão de Beron ficou sombria.

— Cuidado com o tom de voz, menina.

— Ela não precisa tomar cuidado com nada — interrompi. — Não quando você joga esse tipo de porcaria contra ela. — Olhei para a alquimista. — Tomarei seu antídoto.

Beron revirou os olhos.

— Pai! — exclamou Eris.

Beron ergueu uma sobrancelha.

— Tem algo a acrescentar?

Eris não recuou, mas pareceu escolher as palavras com muito, muito cuidado.

— Já vi os efeitos do veneno feérico. — Ele assentiu em minha direção. — Realmente nos incapacita de acessar nosso poder. Se for usado contra nós na guerra ou depois dela...

— Se for, enfrentaremos. Não arriscarei meu povo ou minha família testando uma *teoria*.

— Não é teoria — argumentou Nuan, com aquela mão mecânica clicando e rangendo quando se fechou em punho. — Não estaria parada aqui a não ser que tivesse sido comprovado sem sombra de dúvida.

Uma fêmea de orgulho e que trabalhava duro.

— Eu tomarei — decidiu Eris.

Foi a coisa mais... decente que ouvi Eris dizer. Até mesmo Mor piscou diante daquilo.

Beron observou o filho com um escrutínio que fez uma parte muito pequena de mim se perguntar se Eris poderia ter crescido e se tornado um bom macho caso tivesse tido um pai diferente. Se um ainda espreitava ali, sob séculos de envenenamento.

Porque Eris... Como fora para ele, Sob a Montanha? Que jogos teria jogado — o que suportara? Preso por 49 anos. Duvidava que arriscaria tal coisa de novo. Mesmo que o colocasse em oposição ao pai, ou talvez por causa disso.

— Não, você não vai — disse Beron, apenas. — Embora eu tenha certeza de que seus irmãos ficarão tristes ao ouvir isso.

De fato, os demais pareciam bastante desapontados porque seu primeiro obstáculo ao trono não estava prestes a arriscar a vida testando a solução de Nuan.

— Então, não tome — declarou Rhys, simplesmente. — Eu tomarei. Minha corte inteira tomará, assim como meus exércitos. — Ele assentiu em agradecimento a Nuan.

Thesan fez o mesmo — em agradecimento e como dispensa —, e a mestre funileira fez outra reverência e partiu.

— Pelo menos tem soldados a quem dar — observou Tamlin, calmamente, quebrando o silêncio prolongado. E sorriu para mim. — Talvez fosse parte do plano. Incapacitar minhas forças enquanto as suas assumiam. Ou apenas queria ver meu povo sofrer?

Uma dor de cabeça começava a latejar em minha têmpora direita.

Aquelas garras despontaram pelos dedos de Tamlin de novo.

— Certamente sabia que, quando voltasse suas forças contra mim, deixaria meu povo indefeso contra Hybern.

Eu não disse nada. Mesmo quando bloqueei as imagens da mente.

— Você preparou a queda de minha corte — acusou Tamlin, com uma quietude venenosa. — E ela caiu. Aquelas cidades que queria tanto ajudar a reconstruir? Não passam de cinzas agora.

Também bloqueei isso. Ele disse que permaneceriam intocadas, que Hybern tinha *prometido*...

— Enquanto andam fazendo antídotos e se lançando como salvadores, eu venho reunindo minhas forças, recuperando sua confiança, meus números. Tentando reunir meu povo no leste, para onde Hybern ainda não marchou.

— Então, você não vai tomar o antídoto — ironizou Nestha.

Tamlin a ignorou, mesmo quando as garras se enterraram no braço da cadeira. Mas acreditei nele quando disse que tinha movido o máximo de pessoas possível para o limite leste do território. Ele dissera isso muito antes de eu voltar para casa.

Thesan pigarreou e disse a Helion:

— Você falou que tinha duas sugestões com base na informação que analisou.

Helion gesticulou com os ombros, e o sol se refletiu nos fios dourados do bordado da túnica.

— De fato, embora pareça que Tamlin já se adiantou. A Corte Primaveril precisa ser evacuada. — Os olhos âmbar se voltaram de Tarquin para Beron. — Decerto seus vizinhos do norte os acolherão.

O lábio de Beron se contraiu.

— Não temos recursos para tal coisa.

— Certo — disse Viviane. — Porque estão todos tão ocupados polindo cada joia daquele seu tesouro.

Beron lançou um olhar para ela que fez Kallias ficar tenso.

— Esposas foram convidadas como cortesia, não como consultoras.

Os olhos safira de Viviane brilharam, como se atingidos por um raio.

— Se esta guerra acabar mal, estaremos sangrando bem ao lado de vocês; então, acho que podemos muito bem dar nossa maldita opinião sobre as coisas.

— Hybern fará coisas muito piores que matá-la — replicou Beron, friamente. — Uma coisinha jovem e bela como você, principalmente.

O grunhido de Kallias ondulou pela água do espelho, seguido pelo grunhido da própria Mor.

Beron sorriu de leve.

— Apenas três de nós estávamos presentes na última guerra. — Um aceno para Rhys e Helion cuja expressão se fechou. — Não se esquece com facilidade o que Hybern e os Legalistas fizeram com as fêmeas capturadas em seus acampamentos de guerra. O que reservaram para as fêmeas Grã-Feéricas que lutaram pelos humanos, ou tinham famílias que lutaram. — Ele colocou a mão pesada no braço fino demais da esposa. — Suas duas irmãs demoraram a fugir quando as forças de Hybern fizeram uma emboscada em suas terras. As duas jovens jamais saíram daquele acampamento de guerra.

Helion observava Beron atentamente, o olhar fervilhava com reprovação.

A Senhora da Corte Outonal manteve a concentração no espelho d'água. Qualquer vestígio de cor foi drenado de seu rosto. Dagdan e Brannagh passaram por minha mente — assim como os cadáveres daqueles humanos. O que tinham feito com eles antes e depois de morrerem.

— Abrigaremos seu povo — interrompeu Tarquin, em voz baixa, para Tamlin. — Independentemente de seu envolvimento com Hybern... seu povo é inocente. Há bastante espaço em meu território. Abrigaremos todos eles se for preciso.

Um aceno breve foi o único reconhecimento e gratidão de Tamlin.

— Então, as Cortes Sazonais se tornarão ossuários e pensões — disse Beron. — Enquanto as Cortes Solares permanecem intocadas aqui no norte?

— Hybern concentrou seus esforços na parte sul — explicou Rhys. — Para estar perto da muralha... e das terras humanas.

Com isso, Nestha e eu trocamos olhares.

— Por que se dar o trabalho de atravessar os climas setentrionais, os territórios feéricos no continente — prosseguiu Rhys —, quando se pode tomar o Sul e usá-lo para ir diretamente às terras humanas do continente?

— E acredita que os exércitos humanos ali se curvarão a Hybern? — perguntou Thesan.

— As rainhas nos entregaram — disse Nestha. Ela ergueu o queixo, comedida como qualquer emissário. — Pelo dom da imortalidade, as rainhas humanas permitirão que Hybern destrua qualquer resistência. Podem muito bem entregar o controle dos exércitos a ele. — Nestha olhou para mim, para Rhys. — Para onde vão os humanos em nossa ilha? Não podemos evacuá-los para o continente, e com a muralha intacta... Muitos podem preferir arriscar a espera a atravessar a muralha, de toda forma.

— O destino dos humanos abaixo da muralha — interrompeu Beron — não é de nossa conta. Principalmente em um pingo de terra sem rainha, sem exército.

— É de minha conta — rebati, e a voz que saiu de mim não foi de Feyre, a caçadora, ou de Feyre, a Quebradora da Maldição, mas de Feyre, a Grã-Senhora. — Humanos são quase completamente indefesos contra nosso povo.

— Então, vá desperdiçar seus soldados defendendo-os — atalhou Beron. — Não mandarei minhas forças para proteger gado.

Meu sangue ferveu, e inspirei para esfriá-lo, para esfriar a magia que estalava ao ouvir o insulto. Não adiantava nada. Se era tão impossível assim conseguir que todos se aliassem contra Hybern...

— Você é um covarde — sussurrei para o Grão-Senhor da Outonal. Até mesmo Rhys ficou tenso.

— O mesmo pode ser dito sobre você — respondeu Beron, apenas.

Meu estômago se revirou.

— Não preciso me explicar a você.

— Não, mas talvez para a família daquela jovem... Mas eles também estão mortos, não estão? Massacrados e queimados vivos nas próprias camas. Engraçado que agora queira defender humanos quando ficou muito feliz em oferecê-los para se safar.

As palmas de minhas mãos se aqueceram, como se sóis gêmeos crescessem e rodopiassem sob elas. *Calma*, ronronou Rhys. *Ele é um desgraçado velho e rabugento.*

Mas mal consegui ouvir as palavras por trás da confusão de imagens: o corpo mutilado de Clare pregado à parede; as cinzas da casa dos Beddor manchando a neve como fiapos de sombras; o sorriso do Attor quando ele me carregou por aqueles corredores de pedra Sob a Montanha...

— Como disse minha senhora — disse Rhys, lentamente —, ela não precisa se explicar a você.

Beron se recostou na cadeira.

— Então, suponho que não precise explicar minhas motivações também.

Rhys ergueu uma sobrancelha.

— Excluindo sua generosidade espantosa, *vai* se juntar a nossas forças?

— Ainda não decidi.

Eris chegou a olhar quase com reprovação para o pai. Por estar genuinamente alarmado, ou pelo que aquela recusa poderia significar para *nossa* aliança secreta, eu não sabia dizer.

— Leva tempo para reunir exércitos — disse Cassian. — Você não tem o luxo de ficar sentado sem fazer nada. Precisa reunir seus soldados agora.

Beron apenas riu com desprezo.

— Não recebo ordens dos bastardos de vadias feéricas inferiores.

Meu coração batia tão descontroladamente que eu conseguia ouvi-lo em cada canto do corpo: sentia latejar em meus braços, meu estômago. Mas não era nada comparado à ira no rosto de Cassian, ou ao ódio gélido nos de Azriel e de Rhys. E ao nojo na expressão de Mor.

— Esse desgraçado — disse Nestha, com absoluta frieza, embora os olhos tivessem começado a queimar — pode acabar sendo a única barreira entre as forças de Hybern e seu povo.

Ela nem mesmo olhou para Cassian quando disse isso. Mas ele a encarou — como se jamais a tivesse visto antes.

Aquela discussão era inútil. E não me importava quem eram ou quem eu era quando me dirigi a Beron:

— Saia se não será prestativo.

Ao lado do pai, Eris teve a esperteza de parecer realmente preocupado. Mas Beron continuou a ignorar o olhar lancinante do filho e sibilou para mim:

— Sabia que, enquanto seu *parceiro* aquecia a cama de Amarantha, a maior parte de nosso povo estava trancada sob aquela montanha?

Não ousei responder.

— Sabia que, enquanto ele estava com a cabeça entre as pernas dela, a maioria de nós lutava para evitar que nossas famílias se tornassem o entretenimento da noite?

Tentei afastar as imagens. A fúria ofuscante diante do que fora feito, do que ele fizera para manter Amarantha distraída; os segredos que ainda guardava por vergonha ou falta de interesse em compartilhar, eu não sabia. Cassian agora tremia, duas cadeiras adiante, tentando se controlar. E Rhys não disse nada.

— Chega, Beron — murmurou Tarquin.

Tarquin, que adivinhara o sacrifício de Rhysand, seus motivos.

Beron o ignorou.

— E agora Rhysand quer bancar o herói. A vadia de Amarantha se torna o Destruidor de Hybern. Mas, se der errado... — Um sorriso frio, cruel. — Ele vai se ajoelhar para Hybern? Ou apenas abrir as...

Parei de ouvir as palavras. Parei de ouvir qualquer coisa que não fosse meu coração, minha respiração.

Fogo explodiu para fora de mim.

Chamas revoltadas, quentes e brancas que se chocaram contra Beron, como uma lança.

Capítulo 46

Beron mal se protegeu rápido o bastante para me bloquear, mas o ricochete cingiu o braço de Eris... atravessou o tecido. E o pálido e lindo braço da mãe de Lucien.

Os demais gritaram, ficando de pé, mas eu não conseguia pensar, não conseguia ouvir *nada* além das palavras de Eris, ver aqueles momentos Sob a Montanha, ver aquele pesadelo em que Amarantha levava Rhys pelo corredor, o que Rhys suportara...

Feyre.

Ignorei Rhys quando levantei. E lancei uma onda de água do espelho para envolver Beron e sua cadeira. Uma bolha sem ar.

Chamas se chocaram contra ela, transformando água em vapor, mas eu pressionei mais.

Eu o mataria. Mataria e acabaria com aquilo alegremente.

Feyre.

Não sabia dizer se Rhysand estava gritando, se estava murmurando pelo laço. Talvez ambos.

A barreira de chamas de Beron se chocou contra minha água, com tanta força que ondas começaram a se formar, vapor subindo

entre elas.

Então, exibi os dentes e lancei um punho de luz branca contra aquele escudo incandescente: a luz branca da Diurna. Quebradora da Maldição. Destruidora de Proteções.

Os olhos de Beron se arregalaram quando seus escudos começaram a se desintegrar. Quando aquela água entrou.

Então, mãos estavam em meu rosto. E olhos violeta estavam diante dos meus, calmos, porém insistentes.

— Já provou o que queria dizer, meu amor — contemporizou Rhys. — Mate-o e o terrível Eris tomará seu lugar.

Então, matarei todos eles.

— Por mais que possa ser um experimento interessante — cantarolou meu parceiro —, apenas complicaria a questão diante de nós.

Para minha mente, ele sussurrou: *Amo você. As palavras daquele desgraçado rancoroso não significam nada. Ele não tem nenhuma felicidade na vida. Nada bom. Nós temos.*

Comecei a ouvir coisas — a água gotejando no espelho, o estalar de chamas, a respiração acelerada daqueles ao redor, os xingamentos de Beron, preso naquele casulo cada vez menor de luz e água.

Amo você, disse Rhys, de novo.

E soltei minha magia.

As chamas de Beron explodiram, como uma flor desabrochando, e quicaram, inofensivas, no escudo que Rhys projetara em volta de nós.

Não para nos proteger de Beron.

Mas dos outros Grão-Senhores que agora estavam de pé.

— Foi assim que passou por minhas proteções — murmurou Tarquin.

Beron ofegava tão forte que parecia prestes a cuspir fogo.

Mas Helion esfregou o maxilar ao se sentar de novo.

— Eu me perguntei para onde teria ido... aquele pedacinho. Tão pequeno, como um peixe que perdeu uma única escama. Mas ainda sentia sempre que alguma coisa roçava por aquele ponto vazio. — Um risinho para Rhys. — Não é à toa que a fez Grã-Senhora.

— Eu a fiz Grã-Senhora — disse Rhys, simplesmente, abaixando as mãos de meu rosto, mas sem deixar meu lado — porque a amo. Seu poder foi a última coisa que considerei.

Eu estava sem palavras, desprovida dos sentimentos mais básicos.

— Você sabia dos poderes dela? — perguntou Helion a Tamlin.

Tamlin apenas observava Rhys e a mim, a declaração de meu parceiro pendia entre nós.

— Não era da conta de vocês. — Foi tudo o que Tamlin disse a Helion. A todos eles.

— O poder pertence a *nós*. Acho que é — argumentou Beron, fervilhando.

Mor lançou um olhar para Beron que faria machos inferiores saírem correndo.

A Senhora da Outonal agarrava o braço, um vermelho furioso lhe manchava a pele branca como a lua. Não havia nenhum lampejo de dor naquele rosto, no entanto. Eu disse a ela, ao tomar meu assento:

— Desculpe.

Seus olhos se ergueram para os meus, redondos como pires.

— Não fale com ela, imundície humana — disparou Beron.

Rhys destruiu o escudo de Beron, o fogo, as defesas.

Destruiu como uma pedra atirada a uma janela, e chocou o próprio poder escuro contra Beron com tanta força que o Grão-Senhor caiu de volta na cadeira. Então, a cadeira se desintegrou, transformando-se em poeira preta e reluzente sob Beron.

Fazendo com que ele caísse de bunda.

Poeira brilhante de ébano flutuou para longe com um vento fantasma, manchando o casaco carmesim de Beron, agarrando-se aos cabelos castanhos, como montes de cinzas.

— Nunca mais — disse Rhys, levando as mãos aos bolsos — fale com minha parceira dessa forma.

Beron se levantou de súbito, sem se dar o trabalho de limpar a poeira, e declarou para ninguém em especial:

— Esta reunião acabou. Espero que Hybern massacre todos vocês.

Mas Nestha se levantou de sua cadeira.

— Esta reunião *não* acabou.

Até mesmo Beron parou diante de seu tom de voz. Eris mediu a distância entre minha irmã e o pai.

Nestha se ergueu imponente, um pilar de aço.

— Vocês são tudo o que há — disse ela a Beron, a todos nós. — Vocês são tudo o que há entre Hybern e o fim de tudo que é bom e decente. — Nestha fixou o olhar em Beron, determinada e destemida. — Você lutou contra Hybern na última guerra. Por que se recusa a fazê-lo agora?

Beron não ousou responder. Mas não partiu. Eris sutilmente gesticulou para que os irmãos se sentassem.

Nestha observou o gesto... e hesitou. Como se percebesse que, de fato, tinha atenção total. Que cada palavra importava.

— Podem nos odiar. Não me importo se odeiam. Mas eu me importo se permitirem que inocentes sofram e morram. Pelo menos os defendam. Seu povo. Pois Hybern fará de vocês um exemplo... o fará de todos nós.

— E como sabe disso? — perguntou Beron, com desprezo.

— Entrei no Caldeirão — respondeu Nestha, simplesmente. — Ele me mostrou o coração do rei. Ele vai derrubar a muralha e massacrar aqueles dos dois lados dela.

Verdade ou mentira, eu não sabia. O rosto de Nestha não revelava nada. E ninguém ousou contradizê-la.

Ela olhou para Kallias e Viviane.

— Sinto muito pela perda daquelas crianças. A perda de uma é terrível. — Nestha sacudiu a cabeça. — Mas abaixo da muralha testemunhei crianças, famílias inteiras, morrerem de fome. — Ela indicou o queixo para mim. — Se não fosse por minha irmã... eu estaria entre eles.

Meus olhos arderam, mas pisquei e afastei as lágrimas.

— Muito tempo — disse Nestha. — Por muito tempo, humanos sob a muralha sofreram e morreram enquanto vocês em Prythian prosperaram. Não durante o reinado daquela... rainha. — Ela se encolheu, como se odiasse sequer dizer o nome de Amarantha. — Mas muito antes. Se lutam por alguma coisa... lutem agora, para proteger aqueles de quem se esqueceram. Deixem que saibam que não estão esquecidos. Apenas desta vez.

Thesan pigarreou.

— Embora seja um sentimento nobre, os detalhes do Tratado não exigiam que sustentássemos nossos vizinhos humanos. Eles deveriam ser deixados em paz. Então, obedecemos.

Nestha permaneceu de pé.

— O passado é o passado. Eu me importo com a estrada adiante. Eu me importo em me certificar de que nenhuma criança, feérica ou humana, seja ferida. Vocês foram incumbidos de proteger esta terra. — Ela observou os rostos ao redor. — Como podem não lutar por ela?

Ela olhou para Beron e a família deste quando terminou. Apenas a Senhora e Eris pareciam refletir... até mesmo impressionados com a mulher estranha que fervilhava diante deles.

Não tinha palavras... para explicar o que estava em meu coração. Cassian parecia sentir o mesmo.

— Vou considerar — disse Beron, apenas. Com um olhar para a família, eles sumiram.

Eris foi o último a atravessar, algo conflituoso lhe dançava pelo rosto, como se aquele não fosse o resultado que planejara. Que esperara.

Mas, depois, ele também se foi, e o espaço em que estavam ficou vazio, exceto por aquela poeira preta e reluzente.

Devagar, Nestha se sentou, o rosto novamente frio — como se fosse uma máscara para esconder o que quer que tivesse se revoltado dentro de si diante do desaparecimento de Beron.

— Dominou o gelo? — perguntou Kallias, em voz baixa.

Assenti brevemente.

— Todos eles.

Kallias esfregou o rosto quando Viviane colocou a mão no braço do marido.

— Faz diferença, Kal?

— Não sei — admitiu ele.

Com aquela rapidez, a aliança se desfez. Com aquela rapidez — por causa de minha falta de controle, minha...

Teria sido isso ou outra coisa, assegurou Rhys, de onde estava, ao lado de minha cadeira, com uma das mãos brincando com as

faixas brilhantes às costas de meu vestido. *Melhor agora que mais tarde. Kallias não vai recuar... Só precisa entender tudo sozinho.*

— Você nos salvou Sob a Montanha — disse Tarquin. — Perder uma semente de poder parece um pagamento digno.

— Parece que ela levou muito mais que isso — argumentou Helion. — Se conseguiu chegar a segundos de afogar Beron apesar das proteções.

Talvez eu as tivesse ultrapassado apenas por ter sido Feita, por estar fora de qualquer coisa que as proteções sabiam reconhecer.

O poder de Helion, morno e claro, roçou contra o escudo, tateando pelo ar entre nós. Como se testasse, procurando um fio. Como se eu fosse algum parasita, roubando seu poder. E o Grão-Senhor ficaria satisfeito em partir esse fio.

— O que está feito, está feito — declarou Thesan. — Exceto por matá-la — o poder de Rhys rodopiou pela sala diante das palavras —, não há nada que possamos fazer.

Não era totalmente apaziguador o tom de Thesan. Palavras de paz, mas o tom era breve. Como se, caso não fosse por Rhys e seu poder, ele considerasse me amarrar em um altar e me abrir para ver onde estava o próprio poder, e como tomá-lo de volta.

Fiquei de pé, encarando Thesan. Depois, Helion. Tarquin. Kallias. Exatamente como Nestha fizera.

— Não tomei seus poderes. Vocês os deram a mim, assim como o dom de minha vida imortal. Sou grata por ambos. Mas eles são meus agora. E farei o que quiser com eles.

Meus amigos tinham se levantado, estavam em fileira atrás de mim, Nestha à esquerda. Rhys passou para minha direita, mas não me tocou. Deixou que eu ficasse só, que encarasse todos eles.

Eu falei, em voz baixa, mas não fraca:

— Usarei esses poderes, *meus* poderes, para esmagar Hybern. Eu os queimarei e afogarei e congelarei. Usarei esses poderes para curar os feridos. Para destruir as proteções de Hybern. Já o fiz... e farei de novo. E se acham que eu estar de posse de uma semente de seus poderes é seu maior problema, então suas prioridades estão *seriamente* fora de ordem.

Orgulho percorreu o laço. Os Grão-Senhores e as delegações não disseram nada.

Mas Viviane assentiu, com o queixo erguido, e ficou de pé.

— Lutarei com você.

Cresseida se levantou um segundo depois.

— Eu também.

As duas olharam para os machos de suas cortes. Tarquin e Kallias se levantaram.

Depois Helion, dando risinhos para Rhys e para mim.

E, por fim, Thesan — Thesan e Tamlin, que nem mesmo respirou em minha direção, que mal se movera ou falara nos últimos minutos. Era a última de minhas preocupações, contanto que estivessem todos de pé.

Seis de sete. Rhys riu pelo laço. *Nada mal, Quebradora da Maldição. Nada mal mesmo*.

Capítulo 47

Nossa aliança não começou bem.

Embora tivéssemos conversado durante boas duas horas depois... as implicâncias e as indiretas continuaram. Com Tamlin ali, ninguém declararia os próprios números, as armas, as fraquezas.

Conforme a tarde virou noite, Thesan afastou a cadeira.

— Todos são bem-vindos a passar a noite e retomar esta discussão pela manhã, a não ser que queiram voltar para a casa.

Ficaremos, disse Rhysand. *Preciso falar com alguns dos outros sozinho*.

De fato, os demais pareceram pensar igual, pois todos decidiram ficar.

Até mesmo Tamlin.

Fomos levados para as suítes que nos foram designadas — a pedra solar se tornou de um dourado intenso no sol do fim da tarde. Tamlin foi acompanhado para fora primeiro, pelo próprio Thesan e por um criado trêmulo. Ele escolheu sabiamente não atacar Rhys ou a mim durante o debate, embora a recusa em sequer nos reconhecer não passou despercebida. E, quando Tamlin se foi, com

as costas rígidas e os passos tensos, ele não disse uma palavra. Que bom.

Então, Tarquin foi levado para fora e, depois, Helion. Até que apenas o grupo de Kallias e o nosso restaram.

Rhys se levantou da cadeira e passou a mão pelo cabelo.

— Correu tudo bem. Parece que *nenhum* de nós ganhou a aposta sobre quem brigaria primeiro.

Azriel encarou o chão, o rosto petrificado.

— Desculpe. — A palavra saiu sem emoção, distante.

Ele não falara, mal se movera, desde o violento ataque. Mor precisou de trinta minutos depois do ataque a fim de parar de tremer.

— Ele mereceu — concedeu Viviane. — Eris é um merda.

Kallias se virou para a parceira com as sobrancelhas erguidas.

— O quê? — Ela levou a mão ao peito. — Ele é.

— Seja como for — disse Kallias, com um humor frio —, ainda resta a questão sobre se Beron lutará conosco.

— Se todos os demais se aliarem — disse Mor, rouca, as primeiras palavras em horas. — Beron se unirá. É esperto demais para arriscar se aliar a Hybern e perder. E tenho certeza de que, se as coisas forem mal, ele facilmente mudará de lado.

Rhys assentiu, mas encarou Kallias.

— Quantas tropas tem?

— Não o suficiente. Amarantha fez bem seu trabalho. — De novo, aquela onda de culpa que pulsou pelo laço. — Temos o exército que Viv comandou e escondeu, mas não muito mais. Você?

Rhys não revelou um pingo da tensão que me apertou, como se fosse minha.

— Temos forças consideráveis. A maioria legiões illyrianas. E alguns milhares de Precursores da Escuridão. Mas precisaremos de todos os soldados que puderem marchar.

Viviane foi até Mor, que estava sentada, ainda pálida, e apoiou as mãos no ombro de minha amiga.

— Sempre soube que lutaríamos lado a lado um dia.

Mor ergueu os olhos castanhos. Mas observou Kallias, que parecia fazer o melhor para não demonstrar preocupação. Mor

lançou um olhar para o Grão-Senhor, como se dissesse: *Vou cuidar dela*, antes de sorrir para Viviane.

— Quase faz com que eu sinta pena de Hybern.

— Quase. — Viviane deu um sorriso malicioso. — Mas não exatamente.

Fomos levados até uma suíte construída ao redor de uma área de estar exuberante e de uma sala de jantar particular. Tudo isso entalhado daquela pedra do sol, decorado com tecidos nas cores de joias, almofadas largas amontoadas pelos tapetes espessos, e vigiado por gaiolas douradas ornamentadas cheias de pássaros de todos os formatos e tamanhos. Eu tinha visto pavões passeando pelos inúmeros pátios e jardins conforme caminhamos pela casa de Thesan, alguns de penas abertas à sombra de figueiras plantadas em vasos.

— Como Thesan evitou que Amarantha destruísse este lugar? — perguntei a Rhys, enquanto observávamos a sala de estar que se abria para a extensão preguiçosa do campo, muito, muito abaixo.

— É sua residência particular. — Rhys dispensou as asas e afundou em uma pilha de almofadas esmeralda perto da lareira escura. — Provavelmente a protegeu da mesma forma que Kallias e eu.

Uma decisão que pesaria sobre eles durante muitos séculos, eu não tinha dúvidas.

Mas olhei para Azriel, no momento encostado à parede ao lado da janela do chão ao teto, com sombras tremeluzindo em volta do corpo. Até mesmo os pássaros nas gaiolas tinham permanecido em silêncio.

Eu perguntei pelo laço: *Ele está bem?*

Rhys apoiou a cabeça nas mãos, mas contraiu a boca. *Provavelmente não, mas se tentarmos conversar sobre o assunto, só piorará as coisas.*

Mor estava, de fato, esparramada em um sofá — com um olho cauteloso sobre Azriel. Cassian sentara a seu lado, segurando os pés de Mor no colo. Ele ocupara o lugar mais próximo de Azriel,

bem entre os dois. Como se fosse saltar no caminho de ambos se necessário.

Você lidou muito bem com as coisas, acrescentou Rhys. *Com tudo*.

Apesar da explosão?

Por causa da explosão.

Eu o encarei, sentindo as emoções rodopiando abaixo quando ocupei um assento em uma poltrona fofa perto da pilha de almofadas de meu parceiro. *Eu sabia que você era poderoso. Mas não sabia que tinha tanta vantagem sobre os outros.*

Os olhos de Rhys se fecharam, mesmo quando ele me deu um meio sorriso. *Não tenho certeza se até mesmo Beron sabia até hoje. Suspeitava, talvez, mas... Ele agora deve estar desejando ter encontrado uma forma de me matar no berço.*

Um calafrio percorreu minha espinha. *Ele sabe sobre Elain ser parceira de Lucien. Se fizer um movimento para ferir ou levá-la, morrerá.*

Uma determinação irredutível percorreu as estrelas nos olhos de Rhys. *Eu o matarei com as próprias mãos se ele o fizer. Ou o segurarei por tempo o bastante para que você faça o trabalho. Acho que eu gostaria de assistir.*

Vou guardar isso para seu próximo aniversário. Tamborilei os dedos no braço polido da cadeira, a madeira era tão lisa quanto vidro. *Acredita mesmo na afirmação de Tamlin de que está trabalhando para nosso lado?*

Sim. Um momento de silêncio pelo laço. *E talvez tenhamos feito um desserviço a ele ao nem mesmo considerar tal possibilidade. Talvez até eu tenha começado a vê-lo como um guerreiro troglodita.*

Eu me sentia cansada; até os ossos, o fôlego. *Mas isso muda alguma coisa?*

De algumas formas, sim. De outras... Rhys me observou. *Não. Não, não muda*.

Pisquei, percebendo que estava perdida no laço, mas vi que Azriel ainda estava à janela, e Cassian agora esfregava os pés de Mor. Nestha fora para o próprio quarto sem dizer uma palavra; e permaneceu ali. Eu me perguntei se a partida de Beron apesar das palavras de minha irmã... Talvez aquilo a tivesse contrariado.

Eu me levantei, alisando as faixas do vestido reluzente. *Preciso ver Nestha. Conversar com ela.*

Rhys se aninhou mais profundamente nas almofadas, colocando as mãos atrás da cabeça. *Ela se saiu bem hoje.*

Orgulho tremeluziu diante do elogio quando atravessei a sala. Mal cheguei ao portal do saguão quando uma batida ressoou à porta que dava para o corredor ensolarado. Parei, os painéis transparentes do vestido oscilaram, brilhando como fogo azul-pálido sob luz dourada.

— Não abra — avisou Mor, do lugar no sofá. — Mesmo com o escudo, não abra.

Rhys se levantou.

— Inteligente — disse ele, passando por mim até a porta da frente. — Mas desnecessário. — Ele abriu a porta, revelando Helion... sozinho.

Helion apoiou a mão na ombreira da porta e sorriu.

— Como convenceu Thesan a lhe dar a melhor vista?

— Ele acha meus machos mais bonitos que os seus, acredito.

— Acho que é um fetiche com asas.

Rhys gargalhou e abriu mais a porta, convidando Helion para entrar.

— Você dominou com maestria o papel de canalha arrogante, aliás. Muito bem feito.

A túnica de Helion oscilou com os passos graciosos, roçando contra as coxas fortes. Ele me notou, parada diante da mesa redonda no centro do saguão, e fez uma reverência. Profunda.

— Peço desculpas pelo papel de canalha — disse ele para mim. — É aquela coisa dos velhos hábitos.

Ali estava; diversão e alegria nos olhos âmbar. A leveza que me fazia brilhar quando eu me perdia na felicidade absoluta. Helion franziu a testa para Rhys.

— *Você* se comportou incomumente bem hoje. Apostei que Beron estaria morto no final, não pode imaginar meu choque por ele ter saído com vida.

— Minha parceira sugeriu que nos beneficiaria se viéssemos como realmente somos.

— Ora, agora eu pareço tão mau quanto Beron. — Helion passou por mim com um piscar do olho, seguindo para a sala de estar. Ele sorriu para Azriel. — Você humilhando Eris será minha nova fantasia à noite, aliás.

Azriel sequer se deu o trabalho de olhar por cima do ombro para o Grão-Senhor. Mas Cassian riu com escárnio.

— Eu estava me perguntando quando começariam as cantadas.

Helion desabou no sofá diante de Cassian e Mor. Tinha largado aquela coroa radiante em algum lugar, mas mantivera o bracelete dourado com a serpente em riste.

— Faz o quê... quatro séculos agora, e vocês três ainda não aceitaram minha oferta.

Mor virou a cabeça para o lado.

— Não gosto de dividir, infelizmente.

— Nunca se sabe até tentar — ronronou Helion.

Os três na cama... com ele? Eu devia estar piscando como uma tola, pois Rhys disse para mim: *Helion sente atração tanto por machos quanto por fêmeas. Em geral juntos em sua cama. E está cercando esse trio há séculos.*

Refleti — a beleza de Helion e os demais... *Por que diabo eles não aceitaram?*

Rhys deu uma gargalhada que fez todos olharem para meu parceiro com as sobrancelhas erguidas.

Ele apenas passou para trás de mim e deslizou o braço em volta de minha cintura, dando um beijo em meu pescoço. *Gostaria que alguém se juntasse a nós na cama, Feyre querida?*

Minha pele pareceu se retesar sobre os ossos diante do tom, da sugestão. *Você é incorrigível.*

Acho que você gostaria de ter machos a adorando.

Meus dedos dos pés se contraíram.

Mor pigarreou.

— O que quer estejam dizendo mente a mente, ou compartilhem ou vão para outro cômodo para não precisarmos ficar sentados aqui mergulhados em seus cheiros.

Mostrei a língua. Rhys riu de novo, beijou meu pescoço novamente e disse:

— Peço desculpas por ofender suas sensibilidades delicadas, prima.

Eu me desvencilhei do abraço, para longe do toque que ainda me deixava tão tonta que os pensamentos mais básicos se tornavam difíceis, e ocupei um assento ao lado do sofá de Mor e de Cassian.

— Suas forças estão prontas? — perguntou Cassian a Helion.

A diversão de Helion se dissipou, reconfigurando-se naquele exterior severo e calculista.

— Sim. Elas se encontrarão com suas nas Myrmidons.

A cadeia montanhosa que compartilhávamos em nossa fronteira. Ele se recusara a divulgar tal informação mais cedo.

— Que bom — disse Cassian, massageando o arco do pé de Mor. — Seguiremos para o sul dali.

— E onde será o último acampamento? — perguntou Mor, puxando o pé das mãos de Cassian para baixo do próprio corpo. Helion acompanhou a curva da perna exposta de Mor, os olhos âmbar pareciam um pouco vítreos quando ele a encarou.

Mor não desviou do olhar quente. E um tipo aguçado de alerta pareceu tomar conta da feérica — como se cada nervo do corpo tivesse despertado. Não ousei olhar para Azriel.

Devia haver múltiplos escudos em volta do quarto, em volta de cada fenda e abertura em que olhos e ouvidos espiões poderiam estar à espreita, pois Cassian respondeu: — Nós nos uniremos às forças de Thesan; então, por fim montaremos acampamento na fronteira sudoeste de Kallias, perto da Corte Estival.

Helion tirou o olhar de Mor por tempo o suficiente para perguntar a Rhys:

— Você e o bonitinho do Tarquin tiveram um momento intenso hoje. Acha mesmo que ele se juntará a nós?

— Se quer dizer na cama, definitivamente não — respondeu Rhys, com um sorriso sarcástico quando, novamente, se deitou no tapete de almofadas. — Mas, se quer dizer nesta guerra... Sim. Acredito que tenha a intenção de lutar. Beron, por outro lado...

— Hybern está concentrada no sul — falou Helion. — E independentemente do que *você* ache que Tamlin esteja tramando, a Corte Primaveril está agora praticamente toda ocupada. Beron

deve saber que a própria corte será um campo de batalha se não se juntar a nós para avançar até o sul, principalmente se a Estival se juntou a nós.

O que significava que a Corte Primaveril e as terras humanas veriam o pior das batalhas.

— Mas será que Beron escolherá ouvir a razão? — ponderou Mor.

Helion bateu com um dedo no braço entalhado do sofá.

— Ele fez joguetes na Guerra, e aquilo lhe custou... muito. O povo ainda se lembra daquelas escolhas, daquelas perdas. A própria mulher se lembra.

Helion tinha olhado repetidas vezes para a Senhora da Outonal durante a reunião.

— O que quer dizer? — perguntei, com cautela e casualmente.

Mor sacudiu a cabeça; não para o que eu disse, mas pelo que tinha acontecido.

Helion fixou a atenção total em mim. Foi difícil não me encolher sob o peso daquela concentração, da intensidade fervilhante. O corpo musculoso era apenas uma máscara... para esconder a mente aguçada por baixo. Eu me perguntei se Rhys lhe teria copiado aquilo.

Helion cruzou o tornozelo sobre um joelho.

— As duas irmãs mais velhas da Senhora da Corte Outonal foram de fato... — Ele buscou uma palavra. — Massacradas. Atormentadas e, depois, massacradas durante a Guerra.

Afastei os gritos de Nestha, afastei os choros de Elain conforme ela era arrastada até aquele Caldeirão.

As tias de Lucien. Mortas antes de ele sequer existir. Será que a mãe lhe contara a história?

— Forças de Hybern invadiram nossas terras àquela altura — esclareceu Rhys.

Helion contraiu o maxilar.

— A Senhora da Corte Outonal foi mandada para ficar com as irmãs, e os filhos mais novos foram enviados a outros parentes. Para dividir a linhagem. — Ele passou a mão pelos cabelos negros. — Hybern atacou a propriedade. As irmãs da senhora ganharam tempo para que ela fugisse. Não porque era casada com Beron,

mas porque se amavam. Intensamente. Ela tentou ficar, mas as irmãs a convenceram a partir. Então, ela foi... correu e correu, mas as bestas de Hybern ainda eram mais rápidas. Mais fortes. Elas a encurralaram em uma ravina, onde a senhora ficou presa no alto de uma saliência, com as bestas tentando morder-lhe os pés.

Helion não falou por um longo momento.

Detalhes demais. Ele sabia detalhes demais.

— Você a salvou — disse eu, baixinho. — Você a encontrou, não foi?

Uma coroa de luz pareceu brilhar sobre aquele preto espesso.

— Salvei.

Havia tanto peso, ódio e outra coisa naquela palavra que estudei o Grão-Senhor da Diurna.

— O que aconteceu?

Helion não desviou os olhos de mim.

— Eu dilacerei as bestas com as mãos.

Um calafrio percorreu minha espinha.

— Por quê?

Ele podia ter acabado com aquilo de mil modos diferentes. Modos mais fáceis. Mais limpos.

As mãos ensanguentadas de Rhys depois do ataque dos Corvos passaram por minha mente.

Helion nem mesmo se moveu na cadeira.

— Ela ainda era jovem... embora fosse casada com aquele macho encantador havia quase duas décadas. Casada jovem demais, o casamento fora arranjado quando ela tinha 20 anos.

As palavras saíam entrecortadas. E 20... tão jovem. Quase tão jovem quanto Mor quando a família tentou casá-la com Eris.

— E? — Uma pergunta perigosa, provocadora.

E como os olhos de Helion queimaram diante daquilo, incandescentes como sóis.

Mas foi Mor quem disse, friamente:

— Ouvi um boato certa vez, Helion, de que ela esperou antes de concordar com aquele casamento. Por um certo alguém que conheceu por acaso em um baile de equinócio no ano anterior.

Tentei não piscar, não deixar que nada de meu interesse crescente emergisse.

O fogo se extinguiu até virar brasa, e Helion deu um meio sorriso na direção de Mor.

— Interessante. Eu ouvi que a família queria laços internos com o poder, e que não deram escolha a ela antes de vendê-la a Beron.

Vendê-la. As narinas de Mor se dilataram. Cassian passou a mão pela nuca. Azriel nem mesmo se virou da vigília à janela, embora eu pudesse ter jurado que as asas se fecharam um pouco mais retesadas.

— Uma pena que eram apenas rumores — interrompeu Rhys, suavemente. — E não podem ser confirmados por ninguém.

Helion apenas brincou com o bracelete dourado no braço esculpido, girando a serpente no centro do bíceps. Mas franzi a testa.

— Beron sabe que você salvou sua mulher na Guerra? — Ele não mencionara nada durante a reunião.

Helion soltou uma risada sombria.

— Pelo Caldeirão, não. — Havia tanto humor sarcástico e carregado que enrijeci o corpo.

— Você teve... um caso depois de a resgatar?

A diversão apenas aumentou, e Helion levou um dedo aos lábios em um aviso debochado.

— Cuidado, Grã-Senhora. Até mesmo os pássaros se reportam a Thesan aqui.

Franzi a testa para os pássaros nas gaiolas pelo quarto, ainda silenciosos na presença sombria de Azriel.

Ergui escudos em torno deles, disse Rhys, pelo laço.

— Quanto tempo durou o caso? — perguntei. Aquela fêmea retraída... Eu não conseguia imaginar.

Helion riu com escárnio.

— Essa é uma pergunta educada para uma Grã-Senhora fazer?

Mas a forma como ele falou, aquele sorriso...

Eu só esperei, usando o silêncio para instigar Helion.

Ele deu de ombros.

— Íamos e voltávamos ao longo de décadas. Até que Beron descobriu. Dizem que a senhora era só luz e sorrisos antes disso. E, depois que Beron terminou de castigá-la... Você viu como ela é.

— O que ele fez com ela?

— As mesmas coisas que faz agora. — Helion gesticulou com a mão. — Ele a diminui, deixa hematomas onde ninguém além dele pode ver.

Trinquei os dentes.

— Se você era seu amante, por que não impediu?

A coisa errada a dizer. Completamente errada, pela fúria escura que ondulou pelo rosto de Helion.

— Beron é um Grão-Senhor, e ela é sua esposa e mãe de seus herdeiros. Ela escolheu ficar. *Escolheu*. E, com os protocolos e as regras, *Senhora*, descobrirá que a maioria das situações na qual esteve *não* acabam bem para os que interferem.

Não recuei, não pedi desculpas.

— Você quase não olhou para ela hoje.

— Temos assuntos mais importantes a tratar.

— Beron jamais o reprimiu por isso?

— Fazer isso publicamente seria admitir que sua *propriedade* o fez de tolo. Então, continuamos nossa pequena dança, tantos séculos depois. — De alguma forma eu duvidava de que, por baixo daquele charme e irreverência maliciosos, Helion achava que aquilo era uma dança.

Mas, se tinha terminado séculos antes e ela jamais o vira de novo, deixara que Beron a tratasse de forma tão abominável...

O que quer que tenha acabado de entender, falou Rhys, *é melhor parar de parecer tão chocada com isso.*

Forcei um sorriso no rosto.

— Vocês Grão-Senhores gostam mesmo de melodrama, não é?

O sorriso do próprio Helion não chegou aos olhos. Mas Rhys perguntou:

— Em suas bibliotecas, já encontrou menção de como a muralha pode ser consertada?

Helion começou a perguntar por que queríamos saber, o que Hybern estava fazendo com o Caldeirão... E Rhys respondeu, com facilidade e tranquilidade.

Enquanto ele falava, eu disse pelo laço: *Helion é pai de Lucien*.

Rhys ficou calado. Então...

Bendito inferno em chamas.

O choque de Rhys foi como uma estrela cadente entre nós.

Deixei meu olhar se desviar pela sala, prestando atenção em parte às ponderações de Helion sobre a muralha e como consertá-la, então ousei estudar o Grão-Senhor por um segundo. *Olhe para ele. O nariz é igual, o sorriso. A voz. Até mesmo a pele de Lucien é mais escura que a dos irmãos.* De um marrom-dourado, em comparação com as cores pálidas dos outros.

Isso explicaria por que o pai e os irmãos o odeiam tanto — por que o atormentaram a vida inteira.

Meu coração se apertou diante daquilo. *E por que Eris não queria Lucien morto. Ele não era uma ameaça ao poder de Eris, ao trono.* Engoli em seco. *Helion não faz ideia, faz?*

Parece que não.

O filho preferido da Senhora da Outonal... não apenas por causa da bondade de Lucien. Mas porque era o filho que ela sonhou ter... com o macho que sem dúvida amava.

Beron deve ter descoberto o caso quando ela estava grávida de Lucien.

Ele provavelmente suspeitava, mas não tinha como provar; não se ela compartilhava sua cama também. A repulsa de Rhys era como um gosto forte em minha boca. *Não tenho dúvidas de que Beron pensou em matar a esposa pela traição, e até mesmo depois. Quando Lucien poderia se passar por filho — apenas o suficiente para fazer com que Beron duvidasse de quem teria gerado seu último herdeiro.*

Tentei entender aquilo. Lucien não era filho de Beron, mas de Helion. *Mas o poder dele é chama. Eles consideraram que o título de Beron poderia ir para ele.*

A família da mãe é forte — por isso Beron queria uma noiva d*essa linhagem. O dom pode ser da fêmea.*

Jamais suspeitou?

Nenhuma vez. Estou envergonhado por jamais ter considerado.

Mas o que isso significa?

Nada; absolutamente nada. A não ser pelo fato de que Lucien pode ser o único herdeiro de Helion.

E isso... não mudava nada nessa guerra. Principalmente não com Lucien no continente, caçando aquela rainha encantada. Um

pássaro de chamas... e um senhor de fogo. Eu me perguntei se já teriam se encontrado.

Uma porta se abriu e fechou no saguão adiante, e me preparei quando Nestha apareceu. Helion parou de debater sobre a muralha para observá-la atentamente, como fizera mais cedo.

Quebrador de Feitiços. Era o título de Helion.

Nestha *o* observou com o desdém de sempre.

Mas Helion ofereceu a mesma reverência que me oferecera, embora o sorriso estivesse envolto em tanta sensualidade que até meu coração acelerou um pouco. Não era à toa que a Senhora da Outonal não tivesse conseguido resistir.

— Não acho que fomos apresentados adequadamente mais cedo — cantarolou ele para Nestha. — Sou...

— Não me importo — respondeu Nestha, girando o pulso, passando direto por Helion e parando a meu lado. — Gostaria de uma palavra — disse ela. — Agora.

Cassian mordia os dedos para evitar rir... da total surpresa e do choque no rosto de Helion. Não era todo dia, supus, que alguém de qualquer sexo o dispensava tão completamente. Lancei um olhar de desculpas ao Grão-Senhor e levei minha irmã para fora do quarto.

— O que foi? — perguntei, quando Nestha e eu entramos no quarto dela, o espaço decorado com seda cor-de-rosa e ouro, com toques de marfim espalhados pelo cômodo. O luxo do quarto realmente envergonhava nossas diversas casas.

— Precisamos ir embora — disse Nestha. — Agora mesmo.

Cada sentido meu ficou alerta.

— Por quê?

— Parece errado. Alguma coisa parece errada.

Observei Nestha, o céu limpo além das janelas imponentes emolduradas por cortinas.

— Rhys e os demais teriam sentido. Você provavelmente só está captando o poder reunido aqui.

— Alguma coisa está *errada* — insistiu Nestha.

— Não duvido de que se sinta dessa forma, mas... Se nenhum dos outros está captando...

— Não sou *como* os outros. — Sua garganta oscilou. — Precisamos partir.

— Posso mandar você de volta a Velaris, mas temos coisas a discutir aqui...

— Não me importo comigo, eu...

A porta se abriu, e Cassian saiu entrando, o rosto severo. A visão das asas, da armadura illyriana naquele quarto opulento coberto de rosa ficou plantada em minha mente, e a pintura já tomava forma quando ele exigiu: — O que está errado?

Ele estudou cada centímetro de Nestha. Como se não houvesse nada nem mais ninguém ali, em qualquer lugar.

— Ela sente algo errado — respondi. — Diz que precisamos partir agora mesmo.

Esperei pela dispensa, mas Cassian inclinou a cabeça.

— O que, exatamente, parece errado?

Nestha enrijeceu o corpo, contraindo os lábios ao sopesar o tom de voz do general.

— Parece que tem esse... nó. Essa sensação de que... de que esqueci alguma coisa, mas não lembro o que é.

Cassian a encarou por mais um momento.

— Direi a Rhys.

E ele disse.

Em momentos, Rhys, Cassian e Azriel tinham sumido, deixando Mor e Helion em um silêncio alerta. Esperei com Nestha. Cinco minutos. Dez. Quinze.

Trinta minutos depois, eles voltaram, sacudindo as cabeças. Nada.

Não no palácio, não nas terras em volta, não nos céus acima ou na terra abaixo. Não por vários e vários quilômetros. Nada. Rhys até mesmo falou com Amren, e não descobriu nada estranho em Velaris — Elain, estava bem, ainda sã e salva.

Nenhum deles, no entanto, era burro o bastante para sugerir que Nestha inventara aquilo. Não com aquele poder sobrenatural nas veias de minha irmã. Ou que talvez o tal nó fosse um efeito duradouro de seu tempo em Hybern. Como o pânico esmagador que eu lutara para enfrentar, que ainda me assombrava certas noites.

Então, ficamos. Comemos em nossa sala de jantar privada, e Helion se juntou a nós, mas não houve nenhum sinal de Tarquin ou

de Thesan; e, sem dúvida, não de Tamlin.

Kallias e Viviane apareceram no meio da refeição, e Mor chutou Cassian para fora da cadeira para abrir espaço para a amiga. Elas tagarelaram e fofocaram, embora Mor ficasse olhando para Helion.

E o Grão-Senhor da Diurna ficasse olhando para ela.

Azriel pouco falava, aquelas sombras ainda se empoleiravam em seus ombros. Mor mal olhava para o illyriano.

Mas jantamos e bebemos durante horas, até que a noite chegou. Embora Rhys e Kallias estivessem tensos, cautelosos perto um do outro... Ao fim da refeição estavam ao menos se falando.

Nestha foi a primeira a deixar a mesa, ainda reservada e ansiosa. Os demais verificaram uma última vez a propriedade antes de nos jogarmos nos lençóis de seda das camas macias como nuvens.

Rhys e eu deixamos Mor e Helion conversando, joelho a joelho, nas almofadas da sala de estar, Viviane e Kallias tinham voltado havia muito tempo para sua suíte. Eu não fazia ideia de para onde Azriel tinha ido — ou Cassian, na verdade.

E, quando voltei de me lavar no banheiro marfim e dourado e o murmúrio grave de Helion e a risada abafada de Mor entraram vindos do corredor... quando passaram por nossa porta e, então, a porta *dela* se entreabriu e se fechou...

As asas de Rhys estavam bem fechadas enquanto ele observava as estrelas além das janelas do quarto. Ali era mais silencioso e menor, por algum motivo.

— Por quê?

Ele sabia do que eu estava falando.

— Mor fica assustada. E o que Az fez hoje quase a matou de susto.

— A violência?

— A violência como resultado do que ele sente, resquícios de culpa pelo acordo com Eris, e o que nenhum dos dois quer encarar.

— Não acha que já faz tempo demais? E que levar Helion para a cama é provavelmente a *pior* coisa a se fazer?

Mas eu não tinha dúvidas de que Helion precisava de uma distração tanto quanto Mor. De pensar demais nas pessoas que amavam... que não podiam ter.

— Mor e Azriel tiveram amantes ao longo dos séculos — disse Rhys, movendo levemente as asas. — A única diferença aqui é a proximidade.

— Você parece aceitar o fato surpreendentemente bem.

Rhys olhou por cima de um ombro para onde eu estava, ao pé da imensa cama de marfim cuja cabeceira fora entalhada com lótus sobrepostos.

— É a vida deles, o relacionamento deles. Ambos tiveram muitas oportunidades de confessar o que sentem. Mas não confessaram. Mor principalmente. Por motivos pessoais, tenho certeza. Minha intromissão não vai ajudar em nada.

— Mas... mas ele a *ama*. Como pode ficar sentado sem fazer nada?

— Ele acha que Mor está mais feliz sem ele. — Os olhos de Rhys brilharam com a lembrança... da própria de não fazer nada. — Acha que não é digno dela.

— Parece uma característica illyriana.

Rhys riu com escárnio, voltando para as estrelas. Fui até seu lado e passei o braço por sua cintura. Ele abriu o braço para mim, segurando meu ombro em concha quando apoiei a cabeça contra aquele ponto macio onde o ombro encontrava o peito. Um segundo depois, a asa de Rhys também se curvou a meu redor, me envolvendo em calor sombrio.

— Virá um dia em que Azriel precisará decidir se vai lutar por Mor, ou deixá-la livre. E não será porque outro macho a insulta ou a leva para a cama.

— E quanto a Cassian? Ele está envolvido... e permitindo essa loucura.

Um sorriso sarcástico.

— Cassian precisará decidir algumas coisas também. Em um futuro próximo, acho.

— Ele e Nestha são...?

— Não sei. Até que o laço se encaixe, é difícil detectar. — Rhys engoliu em seco uma vez, com o olhar fixo nas estrelas. Eu apenas esperei. — Tamlin ainda ama você, sabe?

— Eu sei.

— Aquele foi um encontro feio.

— Tudo foi feio — respondi. O que Beron e Tamlin tinham mencionado com Amarantha, o que Rhys fora forçado a revelar... — Você está bem? — Eu ainda sentia o suor de sua mão na minha enquanto Rhys falava sobre o que Amarantha havia feito.

Ele acariciou meu ombro com o polegar.

— Não foi... fácil. — Rhys acrescentou: — Achei que vomitaria no chão.

Abracei meu parceiro com mais força.

— Sinto muito por ter precisado compartilhar aquelas coisas, sinto muito que você... sinto muito por tudo, Rhys. — Inspirei seu cheiro, puxando-o para o fundo de meus pulmões. Escapado... tínhamos escapado. — E sei que provavelmente não quer dizer nada, mas... tenho orgulho de você. Por ter sido corajoso o bastante para contar a eles.

— Quer dizer muita coisa — respondeu Rhys, baixinho. — Que você se sinta assim em relação a mim... em relação a hoje. — Ele beijou minha têmpora, e calor percorreu o laço. — Significa... — A asa de Rhys se curvou mais próxima a mim. — Não tenho palavras para expressar o que quer dizer. — Mas, quando aquele amor, aquela alegria e luz percorreram o laço... eu entendi.

Rhys olhou para mim.

— E você... está bem?

Aninhei a cabeça mais para o meio de seu peito.

— Só me sinto... cansada. Triste. Triste por ter acabado tão mal, mas... mas *furiosa* com tudo o que aconteceu comigo, com minhas irmãs. Eu... — Expirei longamente. — Quando estava na Corte Primaveril... — Engoli em seco. — Procurei... pelas asas delas.

Rhys ficou completamente imóvel, e lhe peguei a mão, apertando com força quando meu parceiro apenas disse: — Você as encontrou? — As palavras mal passavam de um sopro de ar.

Sacudi a cabeça, mas disse, antes que o luto no rosto de Rhys aumentasse:

— Descobri que ele as queimou... há muito tempo.

Rhys não disse nada por um momento, e sua atenção retornou às estrelas.

— Obrigado por chegar a pensar... por se arriscar a procurar por elas. — O único vestígio, os restos assustadores, da mãe e da irmã.

— Eu não... Fico feliz porque ele as queimou — admitiu Rhys. — Eu podia alegremente matá-lo por tantas coisas, mas... — Rhys esfregou o peito. — Fico feliz por ter oferecido a elas essa paz, pelo menos.

Assenti.

— Eu sei. — Passei o polegar pelo dorso da mão de Rhys. E talvez por causa do silêncio puro, aguçado, confessei: — É estranho compartilhar um quarto, uma cama, com você sob o mesmo teto que ele.

— Posso imaginar.

Pois em algum lugar daquele palácio, Tamlin *estava* deitado na cama — muito ciente de que eu estava prestes a dormir naquela com Rhysand. O passado se revirou e grunhiu, e eu sussurrei: — Não acho... não acho que consigo fazer amor aqui. Com ele tão perto. — Rhys permaneceu calado. — Desculpe se...

— Não precisa pedir desculpas. Jamais.

Ergui o rosto, encontrando o olhar de Rhys sobre mim; não com raiva ou frustrado, mas... triste. Compreendendo.

— Mas quero compartilhar esta cama com você — sussurrei. — Quero que me abrace.

Estrelas se acenderam, ganhando vida, nos olhos de Rhys.

— Sempre — prometeu ele, beijando minha testa, as asas agora me envolvendo por completo. — Sempre.

Capítulo 48

Helion saiu de fininho do quarto de Mor antes de acordarmos — embora eu certamente os tenha ouvido durante a noite. Tanto que Rhys colocou um escudo em volta do nosso quarto. Azriel e Cassian não voltaram.

Mor não parecia uma fêmea que andara se agarrando com um lindo Grão-Senhor, no entanto, enquanto beliscava o café da manhã. Havia algo vazio nos olhos castanhos, uma palidez na pele normalmente dourada.

Cassian depois chegou empertigado e cumprimentou Mor com uma piadinha:

— Você parece terrível. Helion a manteve acordada a noite toda?

Ela lhe jogou a colher. Depois, o mingau.

Cassian pegou a primeira e se protegeu com um escudo do segundo; o Sifão brilhou como uma brasa atiçada. Mingau escorreu para o chão.

— Helion queria que você se juntasse a nós — respondeu ela, calmamente, se servindo de mais chá. — Muito.

— Talvez da próxima vez — prometeu Cassian, sentando-se a meu lado. — Como está sua irmã?

— Parecia bem... ainda preocupada. — Não perguntei onde ele e Azriel tinham passado a noite toda. Apenas porque não tinha certeza se Mor queria ouvir a resposta.

Cassian se serviu das bandejas de frutas e pães, franzindo a testa para a ausência de carne.

— Prontos para mais um dia de discussões e tramoias?

Mor e eu resmungamos. Rhys entrou, os cabelos ainda úmidos do banho, e sorriu.

— Esse é o espírito.

Apesar do dia ruim adiante, sorri para meu parceiro.

Ele tinha me abraçado a noite inteira, aninhada contra o peito, sua asa fechada sobre meu corpo. Um tipo de intimidade diferente do sexo — mais profunda. Nossas almas entrelaçadas, abraçando-se forte.

Eu tinha acordado com a asa de Rhys ainda sobre mim, e seu hálito fazia cócegas em minha orelha. Minha garganta deu um nó quando estudei o rosto de Rhys dormindo, e meu peito se apertou a ponto de sentir dor. Estava bastante ciente de quão intensamente o amava, mas ao olhar para Rhys ali... Senti em cada poro do corpo, senti como se pudesse me esmagar, me consumir. E da próxima vez que alguém o insultasse...

O pensamento ainda espreitava em minha mente quando terminamos o café da manhã, nos vestimos e voltamos para aquela câmara no alto do palácio. Para começar a formar a espinha dorsal daquela aliança.

Mantive a coroa do dia anterior, mas troquei o vestido da Noite das Estrelas por um preto brilhante; o vestido era todo de seda ébano, com uma camada de tecido transparente e reluzente de obsidiana. As saias fluíam atrás de mim, as mangas justas se afinavam em pontas que tocavam o centro de minha mão e se prendiam com uma volta no dedo médio por um anel de ônix embutido. Se eu era uma estrela caída ontem, hoje o misterioso alfaiate de Rhys tinha me transformado em Rainha da Noite.

O resto de meus companheiros se vestiu de acordo.

No dia anterior, tínhamos sido nós mesmos — abertos e amigáveis e preocupados. Hoje, mostraríamos às outras cortes o que lançaríamos contra nossos inimigos. Do que éramos capazes se provocados.

Helion estava de volta à indiferença cortante e aguerrida, relaxado na cadeira quando entramos naquela linda câmara no alto de uma das muitas torres douradas do palácio. Ele deu um olhar extra a Mor, curvando os lábios com uma diversão sensual. Estava resplandecente com a túnica de cor cobalto, com bordas em dourado que destacavam a pele marrom reluzente, e sandálias douradas nos pés. Azriel, com as sombras emanando dos ombros e descendo até os pés, ignorou Helion quando passou. O encantador de sombras não mostrara um lampejo de emoção, no entanto, para Mor quando nos encontrou no saguão.

Ela não perguntara onde ele estivera durante toda a noite e a manhã, e Azriel não revelara nada. Mas não parecia disposto a ignorar Mor, pelo menos. Não, ele apenas se acomodou de novo no silêncio vigilante habitual, e Mor estava satisfeita em deixar que Azriel o fizesse, curvando-se um pouco em alívio assim que ele se virou para nos levar para a reunião, provavelmente depois de ter feito um reconhecimento do caminho minutos antes.

Thesan foi a única pessoa que se incomodou em nos cumprimentar quando passamos por aquele arco coberto por glicínias, mas examinou nossas roupas, nossos rostos, e murmurou uma oração ao Caldeirão. O amante, mais uma vez usando a armadura de capitão, nos olhou de cima a baixo, abrindo levemente as asas, mas se manteve sentado com os demais peregrinos.

Tamlin chegou por último, percorrendo a todos com o olhar quando se sentou. Não me dei o trabalho de reconhecer sua presença.

E Helion não esperou Thesan dar o sinal para que a reunião começasse. Ele simplesmente cruzou o tornozelo sobre um joelho e disse:

— Revisei completamente os mapas e os números que compilou, Tamlin.

— E? — disparou Tamlin. Aquele dia seria *incrivelmente* bom, então.

— E — respondeu Helion, simplesmente, sem sinal do macho risonho e tranquilo da noite anterior. — Se for capaz de reunir suas forças rapidamente, você e Tarquin podem segurar a linha de frente por tempo o bastante para que nós, acima do Meio, levemos as tropas maiores.

— Não é tão fácil — argumentou Tamlin, entre dentes. — Resta um terço comigo. — Um olhar de ódio em minha direção. — Depois que Feyre destruiu a confiança que depositavam em mim.

Eu tinha feito isso; em meio ao ódio, à necessidade por vingança... Não pensara no longo prazo. Não considerara que talvez *precisássemos* daquele exército. Mas...

Nestha soltou um ruído sussurrado e afiado, e se levantou da cadeira.

Avancei até ela, quase tropeçando na saia do vestido quando Nestha cambaleou para trás, uma das mãos no peito.

Outro passo a teria feito cair no espelho d'água, mas Mor saltou para a frente, segurando minha irmã.

— O que foi? — indagou Mor, segurando minha irmã de pé enquanto seu rosto se contraía com o que parecia ser... dor. Confusão e dor.

Suor gotejou na testa de Nestha, embora o rosto parecesse mortalmente pálido.

— Alguma coisa... — A palavra foi interrompida por um gemido baixo. Nestha se curvou, e Mor a pegou por inteiro, observando o rosto de Nestha. Cassian estava imediatamente ali, com a mão às costas de minha irmã, os dentes expostos para a ameaça invisível.

— Nestha — chamei, estendendo a mão para ela.

Nestha me segurou e depois passou direto por Cassian para esvaziar o estômago no espelho d'água.

— Veneno? — perguntou Kallias, empurrando Viviane para trás de si. Ela simplesmente deu a volta pelo braço do marido. Tamlin permaneceu sentado, o maxilar contraído, monitorando todos nós.

Mas Helion e Thesan se aproximaram, sombrios e concentrados. O poder de Helion tremeluziu em torno de si, como vaga-lumes de luz ofuscante, disparando para minha irmã, repousando cuidadosamente sobre ela.

Thesan, brilhando dourado e rosado, apoiou a mão no braço de Nestha. Cura.

— Nada — disseram eles juntos.

Nestha apoiou a cabeça no ombro de Mor, a respiração estava ofegante.

— Algo está errado. — Foi o que conseguiu dizer. — Não comigo. Não eu.

Mas com o Caldeirão.

Rhys tinha algum tipo de conversa silenciosa com Azriel e Cassian, o último monitorava cada fôlego que minha irmã tomava. Mas os dois illyrianos assentiram para Rhys e começaram a caminhar para as janelas abertas... para voar além.

Nestha gemeu, e seu corpo ficou tenso como se ela fosse vomitar de novo. Mas, então, sentimos.

Um tremor pela terra. Pelo ar, pela pedra e as plantas, coisas que cresciam.

Como se algum grandioso deus tivesse soprado pela terra.

Então, veio o impacto.

Rhys se atirou sobre mim tão rápido que não cheguei a registrar direito o *tremor* da própria montanha, a *oscilação* do prédio. Caímos nas pedras, e escombros desceram, e senti Rhys se preparando para atravessar...

Então, parou.

Gritos se ergueram do vale abaixo. Mas silêncio reinava no palácio. Entre nós.

Nestha vomitou de novo, e Mor deixou que ela desabasse no chão dessa vez.

— O que *diabo...* — começou Helion.

Mas Rhys afastou o corpo do meu, o rosto bronzeado parecia sem cor. Os lábios estavam pálidos quando ele encarou o sul. Muito, muito longe ao sul.

Senti a magia de Rhys ser lançada dele, uma estrela cadente pela terra.

E, quando Rhys olhou de volta para nós, os olhos foram diretamente até mim. Foi o medo ali — tristeza e medo — que fez minha boca secar por completo. Que fez meu sangue gelar.

Rhys engoliu em seco. Uma vez. Duas. Então, ele declarou, com voz rouca:

— O rei de Hybern acaba de usar o Caldeirão para atacar a muralha.

Murmúrios; alguns arquejos.

Rhys engoliu em seco uma terceira vez, e o chão deslizou sob meus pés quando ele esclareceu:

— A muralha se foi. Destruída. Ao longo de Prythian e no continente. — Ele falou de novo, como se tentasse se convencer: — Nos atrasamos muito, fomos muito lentos. Hybern acaba de destruir a muralha.

Capítulo 49

A conexão de Nestha com o Caldeirão, refletia Rhys enquanto nos reuníamos em torno da mesa de jantar da casa na cidade, havia lhe permitido sentir que o rei de Hybern reunia o poder do artefato.

Da mesma forma que eu era capaz de usar a conexão com os Grão-Senhores para rastrear os vestígios de seus poderes, e para encontrar o Livro e o Caldeirão, o poder da própria Nestha — sua imortalidade — estava tão ligada ao Caldeirão que a presença terrível do objeto, quando despertado, também percorria o corpo de minha irmã.

Por isso, ele a caçava. Não apenas pelo poder que Nestha levara... mas pelo fato de que ela era um sinal de aviso.

Todos tínhamos deixado a Corte Diurna em minutos, e Thesan prometeu grandes carregamentos do antídoto contra o veneno feérico a cada Grão-Senhor e seus exércitos em dois dias, e que seus peregrinos começariam a se preparar sob o comando do capitão... para se juntarem aos illyrianos nos céus.

Kallias e Helion juraram que seus exércitos terrestres marchariam o mais rápido possível. Apenas Tamlin, cuja fronteira sul

ladeava toda a muralha, não deu satisfações — estava com os exércitos em farrapos.

— Tire seu povo de lá — disse Helion a Tamlin, antes deste partir. — Traga a tropa que conseguir reunir.

O que quer que tivesse restado depois de mim.

Tarquin repetiu o pedido, assim como a promessa de oferecer porto seguro à Corte Primaveril. Tamlin não respondeu a nenhum dos dois. Não confirmou que levaria forças antes de atravessar... sem me olhar. Um pequeno alívio, pois eu não tinha decidido se exigiria um juramento pela ajuda ou se cuspiria em Tamlin.

As despedidas foram breves. Viviane deu um abraço apertado em Mor — depois, em mim, para minha surpresa. Kallias apenas apertou a mão de Rhys, um gesto tenso, hesitante, e sumiu com a parceira. Depois, Helion, com um piscar do olho para todos nós. Tarquin foi o último a partir, com Varian e Cresseida atrás. A armada de Tarquin, ficara decidido, vigiaria suas cidades, enquanto a maior parte dos soldados marcharia em terra.

Os olhos arrasadoramente azuis de Tarquin se iluminaram quando ele reuniu o poder para atravessar os três. Mas Varian disse... para mim, para Rhys: — Digam a ela “obrigado”. — Ele levou a mão ao peito, o requintado fio dourado e prateado do casaco azul reluzia ao sol matinal. — Digam a ela... — O príncipe de Adriata sacudiu a cabeça. — Eu mesmo direi da próxima vez que a vir. — Aquilo pareceu mais uma promessa de que Varian *veria* Amren novamente, com ou sem guerra. Então, eles se foram.

Nenhuma notícia veio de Beron antes de proferirmos nossas despedida e gratidão a Thesan. Nenhum sussurro sobre Beron ter mudado de ideia. Ou de que Eris tenha persuadido o pai.

Mas essa não era minha preocupação. Ou a de Nestha.

Se a muralha tinha desabado... Tarde demais. Tínhamos chegado tarde demais. Toda a pesquisa... eu deveria ter insistido que, se Amren julgava Nestha quase pronta, então deveríamos ter ido direto para a muralha. Visto o que ela podia fazer, com ou sem o feitiço do Livro.

Talvez fosse minha culpa, por querer proteger Nestha, deixar que se fortalecesse, por permitir que permanecesse retraída. Mas, se eu tivesse insistido e insistido...

Mesmo agora, sentada à mesa de jantar do solar de Velaris, não tinha decidido se o potencial de destruir permanentemente minha irmã valia o custo de salvar vidas. Não sabia como Rhys e os demais tinham tomado tais decisões; durante anos. Principalmente durante o reinado de Amarantha.

— Deveríamos ter evacuado meses atrás — disse Nestha, seu prato de frango assado e legumes intocado. Foram as primeiras palavras que qualquer um de nós proferiu em minutos, enquanto todos brincávamos com a comida.

Elain tinha sido inteirada... por Amren. Estava agora sentada à mesa, mais empertigada e com os olhos mais atentos que eu jamais a vira exibir. Será que pressentira aquilo em quaisquer das jornadas que aquela nova visão interior lhe dava? Será que o Caldeirão lhe sussurrara sobre isso enquanto estávamos fora? Eu não tinha coragem de perguntar.

— Podemos ir para sua propriedade esta noite — dizia Rhys a Nestha. — Evacuar sua casa e trazê-los de volta para cá.

— Eles não virão.

— Então, provavelmente morrerão.

Nestha arrumou o garfo e a faca na lateral do prato.

— Não pode transportá-los para algum lugar do sul... longe daqui?

— Toda aquela gente? Não sem antes encontrar um lugar seguro, o que levaria um tempo que não temos — ponderou Rhys. — Se conseguirmos um navio, podemos velejar...

— Eles exigirão que os amigos e familiares os acompanhem.

Um segundo de silêncio. Não era uma opção. Então, Elain disse, em voz baixa: — Poderíamos deslocá-los para a propriedade de Graysen.

Todos a encaramos devido ao tom de voz equilibrado.

Elain engoliu em seco, a garganta magra estava muito pálida, e então explicou: — O pai tem muros altos, feitos de pedra espessa. Com espaço para muita gente e suprimentos. — Todos fizemos questão de *não* olhar para o anel que ela ainda usava. Elain prosseguiu: — O pai de Graysen vem se planejando para algo assim... há muito tempo. Eles têm defesas, mantimentos... — Um

fôlego breve. — E uma plantação de freixo, com um estoque de armas feitas das árvores.

Cassian deu um grunhido. Apesar do poder, da grandiosidade... Como quer que aquelas árvores tenham sido feitas, algo na madeira do freixo perfurava diretamente as defesas feéricas. Eu vira em primeira mão — eu matara uma das sentinelas de Tamlin com uma flechada no pescoço.

— Se os feéricos que atacarem possuírem magia — rebateu Cassian, e Elain se encolheu diante do tom de voz ríspido. — Então, muros grossos não ajudarão muito.

— Há túneis de fuga — sussurrou Elain. — Talvez seja melhor que nada.

Uma troca de olhares entre os illyrianos.

— Podemos montar uma guarda... — começou Cassian.

— Não — interrompeu Elain, a voz mais alta do que eu tinha ouvido em meses. — Eles... Graysen e o pai...

Cassian trincou o maxilar.

— Então, esconderemos...

— Eles têm cães. Criados e treinados para caçar vocês. Detectá-los.

Uma tensão silenciosa quando meus amigos contemplaram como, exatamente, aqueles cães teriam sido treinados.

— Não pode querer deixar o castelo indefeso — sugeriu Cassian, com um tom mais suave. — Mesmo com o freixo, não será o suficiente. Precisaríamos montar proteções, no mínimo.

— Posso falar com ele — considerou Elain.

— Não — retruquei... ao mesmo tempo que Nestha.

Mas Elain nos interrompeu.

— Se... se vocês e... eles — ela olhou para Rhys, meus amigos — vierem comigo, seus cheiros feéricos podem distrair os cães.

— Você também é feérica — lembrou Nestha.

— Me encante — pediu Elain a Rhys. — Faça com que eu pareça humana. Apenas por tempo o suficiente para convencer Graysen a abrir os portões àqueles que buscam refúgio. E talvez até mesmo para deixá-lo montar aquelas proteções em volta da propriedade.

E com os nossos cheiros para confundir os cães...

— Isso poderia acabar muito mal, Elain.

Ela passou o polegar sobre o anel de noivado de ferro e diamante.

— Já terminou mal. Agora é só uma questão de decidir como enfrentaremos as consequências.

— Dito com sabedoria — observou Mor, sorrindo levemente para Elain. Ela olhou para Cassian. — Precisa deslocar as legiões illyrianas hoje.

Cassian assentiu, mas disse a Rhys:

— Com a muralha caída, precisamos que deixe algumas coisas claras para os illyrianos. Preciso de você no acampamento comigo, para um de seus belos discursos antes de partirmos.

A boca de Rhys se contorceu para formar um sorriso

— Podemos todos ir, e, depois, seguir para as terras humanas. — Ele nos observou, e, em seguida, a casa na cidade. — Temos uma hora para nos preparar. Me encontrem aqui, então partiremos.

Mor e Azriel imediatamente atravessaram, Cassian saiu atrás de Rhys para perguntar sobre os soldados da Corte de Pesadelos e sua preparação.

Nestha e eu nos dirigimos a Elain, ambas falando ao mesmo tempo.

— Tem certeza? — indaguei, ao mesmo tempo que Nestha disse: — Eu posso ir... deixe que eu fale com ele.

Elain ficou de pé.

— Ele não conhece você — disse ela para mim. Então, se voltou para Nestha com uma expressão sincera e divertida. — E ele a odeia.

Alguma parte maldosa dentro de mim se perguntou se o noivado desfeito não seria para o melhor, então. Ou se Elain teria, por algum motivo, sugerido essa visita logo depois de Lucien ter deixado Prythian a fim de ter alguma chance... Não me permiti terminar o pensamento.

Eu disse, observando o espaço do qual meus amigos tinham desaparecido da casa na cidade: — Preciso que entenda, Elain, que, se isso der errado... se ele tentar feri-la, ou a qualquer um de nós...

— Eu sei. Você defenderá os seus.

— Defenderei *você.*

O vazio anuviou os olhos de minha irmã. Mas Elain ergueu o queixo.

— Não importa o que acontecer, não o mate. Por favor.

— Tentaremos...

— *Jure*. — Jamais tinha ouvido aquele tom de voz em Elain. Nunca.

— Não posso fazer essa promessa. — Eu não cederia, não nisso. — Mas farei tudo em meu poder para evitar.

Elain pareceu perceber também. Ela abaixou o rosto para se olhar, para ver o simples vestido azul que usava.

— Preciso me vestir.

— Eu ajudo — ofereceu Nestha.

Mas Elain fez que não com a cabeça.

— Nuala e Cerridwen me ajudarão.

Então, ela se foi — os ombros um pouco mais retos.

Nestha engoliu em seco.

— Não foi sua culpa a muralha ter caído antes de podermos impedir — murmurei.

Um olhar de aço se voltou para mim.

— Se eu tivesse ficado para treinar...

— Então simplesmente estaria aqui enquanto esperava que voltássemos da reunião.

Nestha alisou o vestido escuro.

— O que eu faço agora?

Um propósito, percebi. Incumbi-la da tarefa de encontrar um modo de consertar os buracos na muralha... dera a minha irmã algo que talvez nossas vidas humanas jamais lhe concederam: um significado.

— Você virá conosco, para a propriedade de Graysen, e depois viajará com o exército. Se está ligada ao Caldeirão, então precisaremos que fique por perto. Precisaremos que nos diga se está sendo usado de novo.

Não era bem uma missão, mas Nestha assentiu mesmo assim.

No momento que Cassian tocou o ombro de Rhys e caminhou em nossa direção. Ele parou a 30 centímetros, então franziu a testa.

— Vestidos não são bons para voar, moças.

Nestha não respondeu.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Nenhum latido ou mordida hoje?

Mas Nestha não se esticou para encará-lo, ainda estava com o rosto pálido e macilento.

— Nunca usei calça. — Foi tudo o que minha irmã disse.

Eu podia ter jurado que preocupação percorreu o rosto de Cassian. Mas ele afastou o sentimento e falou: — Não tenho dúvida de que começaria uma revolta se o fizesse.

Nenhuma reação. Será que o Caldeirão...

Cassian se colocou no caminho de Nestha quando ela tentou passar direto por ele. Colocou a mão bronzeada e calejada na testa de minha irmã. Ela se desvencilhou do toque, mas Cassian segurou o pulso de Nestha, obrigando-a a encará-lo.

— Se algum daqueles porcos humanos fizer menção de feri-la — sussurrou ele. — Mate-os.

Cassian não iria; não, ele reuniria todo o poder das legiões illyrianas. Mas Azriel se juntaria a nós.

Cassian colocou uma das facas na mão de Nestha.

— Freixo pode matá-la agora — lembrou ele, com uma calma letal enquanto minha irmã olhava para a lâmina. — Um arranhão pode deixar você zonza o suficiente para ficar vulnerável. Lembre-se de onde estão as saídas em todas as salas, em todas as cercas e nos pátios, observe-as quando entrar, e observe quantos homens estão a sua volta. Observe onde estão Rhys e os demais. Não se esqueça de que é mais forte e mais rápida. Mire as partes mais macias — acrescentou ele, fechando os dedos de Nestha em torno do cabo. — E se alguém a agarrar... — Minha irmã não respondeu quando Cassian mostrou a ela as áreas sensíveis de um homem. Não apenas a virilha, mas a sola do pé, um beliscão na coxa, usar o cotovelo como arma. Quando ele terminou, Cassian recuou um passo, e os olhos avelã se agitavam com alguma emoção que eu não conseguia identificar.

Nestha observou a fina adaga na mão. Então, ergueu a cabeça para olhar Cassian.

— Eu disse para vir treinar — lembrou Cassian, com um sorriso arrogante, e saiu caminhando.

Eu estudei Nestha, a adaga, o rosto quieto, imóvel.

— Nem mesmo comece — avisou minha irmã, e seguiu para as escadas.

✣

Encontrei Amren em seu apartamento, xingando o Livro.

— Sairemos em uma hora — anunciei. — Tem tudo de que precisa aqui?

— Sim. — Amren ergueu a cabeça, aqueles repuxados olhos prateados se agitavam com ira. Não direcionada a mim, percebi, com bastante alívio. Mas ao fato de que Hybern nos vencera até a muralha. Vencera *Amren*.

Aquilo não era problema meu.

Não conforme as palavras daquela reunião com os Grão-Senhores se dissipavam. Não quando me lembrei de Beron dando as costas, sem prometer feéricos ou ajuda. Não quando ouvi Rhys e Cassian discutindo como eram poucos os soldados dos outros em comparação com as forças de Hybern.

A provocação do rei estava se revirando em minha mente havia dias.

Hybern esperava que Rhys desse tudo — *tudo* — para impedi-los. Alegara apenas que nos daria uma chance de lutar. E eu conhecia meu parceiro. Talvez melhor que conhecia a mim mesma. Eu sabia que Rhys se desgastaria, se destruiria, se isso significasse uma chance de vencer. De sobreviver.

Os demais Grão-Senhores... Não podia arriscar contar com eles. Helion, por mais que fosse forte, nem mesmo se intrometeu para salvar a própria amante. Tarquin, talvez. Mas os demais... Eu não os conhecia. Não tinha tempo de conhecer. E não apostaria na aliança hesitante. Não apostaria Rhys.

— O que quer? — disparou Amren, quando continuei a encará-la.

— Há uma criatura sob a biblioteca. Você a conhece?

Amren fechou o Livro.

— O nome dela é Bryaxis.

— O que é?

— Não quer saber, menina.

Puxei a manga de meu vestido ébano; seu requinte destoava muito do apartamento, da bagunça.

— Fiz um acordo com a criatura. — Mostrei a Amren o bracelete tatuado no antebraço. — Então, acho que quero saber sim.

Amren ficou de pé, limpando a poeira da calça cinza.

— Soube disso. Menina tola.

— Não tive escolha. E agora estamos presos um ao outro.

— E daí?

— Quero pedir outro acordo. Preciso que você examine as proteções que prendem a criatura ali... e que explique as coisas. — Não me dei o trabalho de parecer agradável. Ou desesperada. Ou grata. Não me dei o trabalho de tirar do rosto a máscara fria e severa quando acrescentei: — Você vem comigo. Agora mesmo.

Capítulo 50

Não havia sacerdotisa esperando para nos levar até o poço escuro no coração da biblioteca. E Amren, pelo menos uma vez, ficou calada.

Chegamos àquele nível inferior, àquela escuridão impenetrável, nossos passos eram o único som.

— Quero falar com você — soltei para a escuridão, que chamava além do fim da luz filtrada bem do alto.

Não sou convocado.

— Eu o convoco. Estou aqui para oferecer companhia. Como parte de nossa barganha.

Silêncio.

Então, senti aquela coisa serpenteando e se contorcendo ao nosso redor, devorando a luz. Amren xingou baixinho.

Você trouxe... o que é isso que trouxe?

— Alguém como você. Ou você é como ela.

Você fala em charadas.

A mão fria e abstrata de algo roçou contra minha nuca, e tentei não recuar na direção da luz.

— Bryaxis. Seu nome é Bryaxis. E alguém o prendeu aqui há muito tempo.

A escuridão hesitou.

— Estou aqui para oferecer outro acordo.

Amren permaneceu imóvel e quieta, como eu tinha dito, me oferecendo um único aceno em confirmação. Ela podia, de fato, quebrar as proteções que mantinham Bryaxis ali embaixo... quando chegasse o momento.

— Há uma guerra — comecei, lutando para manter a voz firme. — Uma guerra terrível, prestes a ser deflagrada pelos territórios. Se eu puder libertá-lo, lutará por mim? Por mim e por meu Grão-Senhor?

A coisa — Bryaxis — não respondeu.

Cutuquei Amren com o cotovelo.

Ela falou, com a voz jovem e antiga como a da criatura: — Ofereceremos sua liberdade deste lugar em troca.

Um acordo. Magia simples, poderosa. Tão grandiosa quanto qualquer outra que o Livro pudesse reunir.

Este é meu lar.

Refleti.

— Então, o que quer em troca?

Silêncio.

Luz do sol. E luar. As estrelas.

Abri a boca para dizer que não tinha tanta certeza se mesmo como Grã-Senhora da Corte Noturna poderia prometer tais coisas, mas Amren se intrometeu e murmurou: — Uma janela. Bem alta.

Não um espelho, como o Entalhador queria. Mas uma janela na montanha. Precisaríamos escavar bem, bem alto, mas...

— Só isso?

Dessa vez Amren me deu um pisão no pé.

Bryaxis sussurrou em meu ouvido: *Conseguirei caçar sem restrições nos campos de batalha? Beber o medo e o pesar até estar saciado?*

Eu me senti um pouco mal por Hybern ao responder:

— Sim... apenas Hybern. E apenas até a guerra acabar. — De um jeito ou de outro.

Um segundo de silêncio. *O que quer que eu faça, então?*

Gesticulei para Amren.

— Ela explicará. Desfará as proteções... quando precisarmos de você.

Então, aguardarei.

— Então, é um acordo. Obedecerá nossas ordens nessa guerra, lutará por nós até não precisarmos mais de você, e em troca... traremos o sol e a lua e as estrelas até você. Em seu lar. — Outro prisioneiro que tinha passado a amar a cela. Talvez Bryaxis e o Entalhador devessem se conhecer. Um antigo deus da morte e o rosto dos pesadelos. A pintura, terrível, porém hipnotizante, começou a se enraizar no fundo de minha mente.

Mantive os ombros relaxados, a postura o mais casual possível, conforme a escuridão deslizou ao redor, rodopiou entre mim e Amren, e sussurrou em meu ouvido: *É um acordo.*

Fiz a hora valer. Depois que estávamos todos reunidos no saguão da casa na cidade para atravessar até o acampamento illyriano, coloquei as vestes de luta de couro, com a nova tatuagem escondida sob elas.

Ninguém me perguntou aonde eu fora. Embora Mor tivesse me olhado de cima a baixo e perguntado: — Onde está Amren?

— Ainda debruçada sobre o Livro — respondi, no momento que Rhys atravessou para a casa na cidade. Não era uma mentira. Amren permaneceria ali, até que precisássemos dela nos campos de batalha.

Rhys inclinou a cabeça.

— Procurando pelo quê? A muralha se foi.

— Por qualquer coisa — respondi. — Outra forma de anular o Caldeirão que não envolva o conteúdo de minha cabeça escorrer pelo nariz.

Rhys se encolheu e abriu a boca para protestar, mas eu interrompi.

— Deve haver outra forma, Amren acha que *deve* haver outra forma. Não faz mal procurar. E fazer com que ela busque qualquer outro feitiço que possa impedir o rei.

E quando Amren não estivesse fazendo isso... ela derrubaria aquelas proteções complexas que continham Bryaxis sob a biblioteca — para serem partidas apenas quando eu chamasse a criatura. Apenas quando o poder do exército de Hybern estivesse completamente contra nós. Se eu não podia obter o Uróboro para o Entalhador... então Bryaxis era melhor que nada.

Eu não tinha certeza absoluta de por que eu não mencionara isso aos demais.

Os olhos de Rhys brilharam, sem dúvida porque ele sopesava o papel que qualquer outra solução poderia requerer de mim com relação ao Caldeirão, mas meu parceiro assentiu.

Entrelacei os dedos nos de Rhys, e ele apertou uma vez.

Atrás de mim, Mor pegou Nestha e Cassian pela mão, preparando-se para atravessar com eles para o acampamento, enquanto sombras se reuniram em torno de Azriel, com Elain ao lado, os olhos arregalados com o espetáculo do mestre espião.

Mas hesitamos... todos nós. E me permiti absorver aquilo uma última vez, a mobília, a madeira e a luz do sol. Ouvir os sons de Velaris, a risada de crianças nas ruas, o canto das gaivotas.

No silêncio, eu sabia que meus amigos faziam o mesmo.

Rhys pigarreou e assentiu para Mor. Então, ela se foi, levando Cassian e Nestha consigo. Depois, Azriel, pegando cuidadosamente a mão de Elain, como se temesse que as cicatrizes a ferissem.

Sozinha com Rhys, eu me deliciei com o sol de cor amanteigada filtrado pelas janelas da porta. Inspirei o cheiro de pão que Nuala e Cerridwen tinham assado naquela manhã com Elain.

— A criatura na biblioteca — murmurei. — O nome dela é Bryaxis.

Rhys ergueu uma sobrancelha.

— Hã?

— Ofereci um acordo a ela. Para que lutasse conosco.

Estrelas dançaram naqueles olhos violeta.

— E o que disse Bryaxis?

— Apenas que quer uma janela, para ver as estrelas, a lua e o sol.

— Você explicou que precisamos que ele destrua nossos inimigos, não explicou?

Empurrei Rhys com o quadril.

— A biblioteca é seu lar. Só queria que fizéssemos alguns ajustes.

Um sorriso torto repuxou a boca de Rhys.

— Bem, suponho que, se agora preciso redecorar minha moradia para que ela se iguale ao esplendor da de Thesan, posso muito bem acrescentar uma janela para o coitado.

Dei uma cotovelada nas costelas de Rhys dessa vez. Ele ainda usava as roupas requintadas da reunião. Meu parceiro riu.

— Então, acrescentamos um ao nosso exército. Pobre Cassian, jamais vai se recuperar quando vir o mais novo recruta.

— Com alguma sorte, Hybern também não.

— E o Entalhador?

— Ele pode apodrecer na Prisão. Não tenho tempo para seus jogos. Bryaxis terá de ser o suficiente.

Rhys olhou para meu braço, como se pudesse ver o novo bracelete ao lado do primeiro. Meu parceiro ergueu nossas mãos unidas e deu um beijo no dorso da minha.

De novo, olhamos silenciosamente ao redor da casa na cidade, observando cada detalhe, o silêncio que agora caía sobre ela, como uma camada de poeira.

— Eu me pergunto se a veremos de novo — murmurou Rhys.

Eu sabia que não estava falando apenas da casa. Mas fiquei na ponta dos dedos dos pés e beijei a bochecha de Rhys.

— Veremos — prometi, quando um vento escuro soprou para nos levar ao acampamento de guerra illyriano. Eu segurei Rhys com força quando acrescentei: — Veremos tudo de novo.

E, quando aquele vento beijado pela noite nos atravessou para longe, bem longe, para o coração da guerra, tão longe, para o perigo desconhecido... Rezei para que minha promessa fosse verdadeira.

PARTE TRÊS

Grã-Senhora

CAPÍTULO 51

Mesmo no alto verão, o acampamento illyriano nas montanhas estava úmido. Frio. Havia dias realmente lindos, assegurou-me Rhys quando fiz uma careta ao chegarmos, mas o tempo gelado era melhor ao se tratar de um exército. O calor atiçava os humores. Principalmente quando estava quente demais para dormir confortavelmente. E, considerando que os illyrianos eram um bando irritadiço... Era uma benção que o céu estivesse nublado e o vento soprasse uma névoa.

Mas nem mesmo o tempo ajudou a comitiva de boas-vindas a parecer agradável.

Só reconheci um dos musculosos illyrianos de armadura completa que nos aguardava. Lorde Devlon. A expressão de escárnio ainda estampada no rosto — embora mais amena em comparação ao desprezo evidente que deformava as feições de alguns. Como Azriel e Cassian, tinham cabelos e olhos pretos de diferentes tons de avelã e castanho. E como meus amigos, a pele tinha tons diversos de marrom-dourado, alguns salpicados de

cicatrizes brancas como ossos, de ferimentos de gravidades variadas.

Mas, diferentemente de meus amigos, apenas um ou dois Sifões lhes adornavam as mãos. Os sete que Azriel e Cassian usavam pareciam quase grosseiros em comparação.

Mas os machos reunidos olharam apenas para Rhys, como se os dois illyrianos que o acompanhavam passassem de pouco mais que árvores. Mor e eu flanqueávamos Nestha, que optara por um vestido mais prático, azul-escuro, e agora observava o acampamento, os guerreiros alados, o mero *tamanho* da horda reunida no acampamento ao redor...

Mantivemos Elain meio escondida atrás da parede formada por nossos corpos. Considerando a visão deturpada que os illyrianos tinham das fêmeas, sugeri que ficássemos à margem daquela reunião — literalmente. Havia apenas algumas guerreiras fêmeas na legião... Não era o momento de testar a tolerância dos illyrianos. Mais tarde; mais tarde, se vencêssemos essa guerra. Se sobrevivêssemos.

— É verdade então — falava Devlon. — A muralha caiu.

— Uma falha temporária — cantarolou Rhys. Ele ainda usava o casaco e a calça requintados da reunião com os Grão-Senhores. Por qualquer que fosse o motivo, escolhera não usar o couro illyriano. Ou as asas.

Porque já sabem que treinei com eles, sou um deles. Precisam se lembrar de que também sou o Grão-Senhor. E não tenho intenção de afrouxar a coleira.

As palavras me soaram como um raspar de unhas cobertas em seda.

Rhys começou a dar instruções determinadas e frias a respeito do avanço iminente para o sul. A voz do Grão-Senhor; a voz de um guerreiro que lutara na Guerra e não tinha intenção de perder essa. Cassian frequentemente acrescentava ordens e esclarecimentos próprios.

Azriel... Azriel apenas os encarava com irritação. Não quis ir ao acampamento meses antes. Não gostava de estar de volta ali. Odiava aquele povo, sua ascendência.

Os outros lordes ficavam olhando para o encantador de sombras com pesar e ódio e desprezo. Ele apenas correspondia com aquele olhar letal.

E eles prosseguiram, até que Devlon olhou por cima do ombro de Rhys... para onde estávamos.

Um olhar de raiva para Mor. Um franzir de testa para mim; eu estava sabiamente retraída. Então, ele reparou em Nestha.

— O que é *aquilo?* — perguntou Devlon.

Nestha apenas o encarou, com uma das mãos segurando a barra da túnica cinza contra o peito. Um dos outros lordes do acampamento se benzeu.

— *Aquilo* — respondeu Cassian com uma voz baixa demais — não é de sua conta.

— Ela é uma bruxa?

Abri a boca, mas Nestha respondeu, inexpressivamente:

— Sim.

E observei quando nove lordes guerreiros illyrianos adultos e experientes se encolheram.

— Ela pode agir como uma às vezes — esclareceu Cassian. — Mas não, é Grã-Feérica.

— Ela é tão Grã-Feérica quanto nós — replicou Devlon.

Uma pausa que se prolongou por tempo demais. Até mesmo Rhys pareceu não ter palavras. Devlon tinha reclamado, quando nos conhecemos, que Amren e eu éramos *Outras*. Como se ele tivesse algum sentido especial para essas coisas.

— Mantenha-a longe das fêmeas e das crianças — murmurou Devlon.

Apertei a mão livre de Nestha, em um aviso silencioso para que permanecesse calada.

Mor soltou um riso que fez os illyrianos enrijecerem. Mas ela se moveu, revelando Elain atrás de si. Elain apenas piscava, de olhos arregalados, para o acampamento. Para o exército.

Devlon soltou um grunhido ao vê-la. Mas Elain puxou a própria túnica azul sobre o corpo, desviando os olhos de todos aqueles guerreiros altos e musculosos em direção ao acampamento que fervilhava até o horizonte... Era uma rosa em um campo lamacento. Cheio de cavalos galopando.

— Não tenha medo deles — disse Nestha, as sobrancelhas franzidas.

Se Elain era uma flor naquele acampamento de guerra, então Nestha... ela era uma espada recém-forjada, esperando para tirar sangue.

Leve as duas para nossa tenda de guerra, disse Rhys silenciosamente para mim. *Devlon pode realmente ter um ataque se precisar encarar Nestha por mais um minuto.*

Eu pagaria caro para ver isso.

Eu também.

Escondi o sorriso.

— Vamos encontrar algo quente para beber — convidei minhas irmãs, chamando Mor para se juntar a nós. Seguimos para a maior das tendas do acampamento; uma bandeira preta, bordada com uma montanha e três estrelas prateadas, ondulava no alto. Guerreiros e fêmeas trabalhando em volta das fogueiras nos monitoraram silenciosamente. Nestha encarou todos. Elain manteve a concentração no chão seco e rochoso.

O interior da tenda era simples, porém luxuoso: tapetes espessos cobriam a plataforma de madeira baixa na qual a tenda fora erguida para manter afastada a umidade; vasilhas com luz feérica tremeluziam ao redor, e cadeiras e algumas espreguiçadeiras estavam espalhadas pela área, cobertas com grossas peles. Uma enorme mesa com várias cadeiras ocupava uma metade do espaço principal. E atrás de uma cortina nos fundos... presumi que nossa cama nos esperava.

Mor se jogou na espreguiçadeira mais próxima.

— Bem-vindas a um acampamento de guerra illyriano, senhoras. Tentem esconder o espanto.

Nestha foi até a mesa, que tinha mapas no tampo.

— Qual é a diferença — perguntou ela, para nenhuma de nós em especial — entre um feérico e uma bruxa?

— Bruxas reúnem poder além de sua reserva natural — respondeu Mor, com uma seriedade súbita. — Usam feitiços e ferramentas arcaicas para reunir mais poder do que o Caldeirão designou, e usam esse poder para o que quiserem, o bem ou o mal.

Elain silenciosamente observou a tenda, voltando a cabeça para trás. O volumoso cabelo castanho-dourado oscilou com o movimento, a luz feérica dançou entre as mechas sedosas. Tinha prendido apenas parte dos cabelos; o penteado fora pensado para esconder as orelhas caso os encantamentos falhassem na propriedade de Graysen. Os de Tamlin não tinham funcionado em Nestha, e talvez Graysen e o pai tivessem uma imunidade semelhante a tais coisas.

Elain, por fim, se sentou na cadeira ao lado da de Mor, e o vestido rosa como o crepúsculo — mais refinado que os que usava de costume — se amassou sob o corpo.

— Muitos... muitos desses soldados morrerão?

Eu me encolhi, mas Nestha respondeu:

— Sim. — Quase vi as palavras não ditas, contidas por Nestha. *Mas seu parceiro pode morrer antes deles.*

— Quando estiver pronta, Elain, encantarei você — avisou Mor.

— Vai doer? — perguntou Elain.

— Não doeu quando Tamlin encantou suas memórias — lembrou Nestha, recostada à mesa.

— Não. Pode... formigar — respondeu Mor, mesmo assim. — Apenas aja como se fosse humana.

— É como eu ajo agora. — Elain começou a repuxar os dedos finos.

— Sim — emendei. — Mas... tente manter a conversa de clarividente... para você mesma. Enquanto estivermos lá. — Acrescentei rapidamente: — A não ser que seja algo que não consiga...

— Eu consigo — respondeu Elain, endireitando os ombros magros. — Manterei.

Mor deu um leve sorriso.

— Respire fundo.

Elain obedeceu. Pisquei, e estava feito.

Sumira o leve brilho da saúde imortal; o rosto que se tornara mais demarcado. Sumiram as orelhas pontudas, a graciosidade. Abafada. Insípida; ou na medida que alguém tão linda quanto Elain podia ser insípida. Até mesmo os cabelos pareciam ter perdido o

brilho, o dourado lembrava agora estanho, o castanho estava esmaecido.

Elain observou as mãos, virando-as.

— Eu não tinha percebido... o quanto parecia medíocre.

— Ainda está linda — elogiou Mor, com um pouco de carinho.

Elain deu um meio sorriso.

— Suponho que a guerra torne insignificante querer coisas desse tipo.

Mor ficou calada por um segundo.

— Talvez. Mas não deveria, jamais, deixar que a guerra roube isso de você, independentemente de tudo.

A palma da mão de Elain estava suada na minha quando Rhys nos atravessou para as terras humanas; Mor levou Azriel e Nestha. E achei que o rosto de minha irmã estava calmo quando nos vimos piscando para o calor e o sol de um alto verão mortal; o aperto que Elain dava em minha mão era tão forte quanto o anel de ferro em seu dedo.

O calor estava pesado sobre a propriedade que agora encarávamos; a guarita de pedra era a única abertura que eu via em qualquer das direções.

A única abertura no imponente muro de pedra que se erguia diante de nós, sólido como uma besta gigante, tão alto que precisei inclinar o pescoço para trás a fim de ver as lanças projetando-se do alto.

Os guardas nos grossos portões de ferro...

Rhys colocou as mãos nos bolsos, um escudo já estava em torno de nós. Mor e Azriel nos flanqueavam em posições defensivas.

Doze guardas naquele portão. Todos armados, os rostos ocultos sob capacetes espessos, apesar do calor. Os corpos, até as botas, estavam igualmente cobertos por armaduras compostas de placas.

Qualquer um de nós poderia acabar com suas vidas sem erguer a mão. E o muro que vigiavam, os portões que guarneciam... Também não achei que durariam muito.

Mas... se conseguíssemos colocar proteções ali, talvez montar um bastião de guerreiros feéricos... Além daqueles portões abertos, vi terras extensas, campos e pastos e mangues e um lago... E além dele... uma fortaleza sólida e robusta de pedra marrom-escura.

Nestha estava certa. Aquele lugar era como uma prisão. O lorde tinha se preparado para sobreviver à tempestade do lado de dentro, reinar sobre aqueles recursos. Mas havia espaço. Muito espaço para pessoas.

E a ex-futura senhora daquela prisão... De cabeça erguida, Elain disse aos guardas, à dúzia de flechas que estava agora apontada para seu pescoço fino:

— Digam a Graysen que sua prometida veio até ele. Digam... digam que Elain Archeron implora por refúgio.

Capítulo 52

Esperamos do lado de fora dos portões enquanto um guarda montava um cavalo e galopava pela longa estrada empoeirada até a própria fortaleza. Um segundo muro externo cercava a construção robusta. Com nossa visão feérica, podíamos ver *aqueles* portões se abrirem e, depois, outros dois.

— Como sequer o *conheceu* — murmurei para Elain, quando permanecemos sob a sombra dos carvalhos imponentes do lado de fora do portão. — Se ele fica trancado lá em cima?

Elain apenas encarava a fortaleza distante.

— Em um baile... o baile do pai.

— Já fui a funerais que eram mais alegres — murmurou Nestha.

Elain olhou para ela.

— Esta casa precisa de um toque feminino há anos.

Nenhuma de nós disse que parecia improvável que esse toque seria de Elain.

Azriel se manteve afastado alguns passos, pouco mais que a sombra de um dos carvalhos atrás de nós. Mas Mor e Rhys... Eles

monitoravam tudo. Os guardas cujo medo... o odor salgado e suado desse medo lhes cobria cada nervo.

Mas se mantiveram firmes. Apontaram aquelas flechas de freixo contra nós.

Longos minutos se passaram. Então, por fim, uma bandeira amarela foi erguida nos distantes portões da fortaleza. Nós nos preparamos.

Mas um dos guardas diante de nós grunhiu:

— Ele sairá para vê-la.

Não teríamos permissão de entrar na fortaleza. De ver suas defesas, os recursos.

A guarita era nosso limite.

Eles nos levaram para dentro, e, embora tivéssemos tentado manter a estranheza a um mínimo... Os cães presos às paredes do lado de dentro grunhiram. Com tanta crueldade que os guardas os levaram para fora.

A sala principal da guarita era abafada e entulhada, mais ainda com todos nós ali dentro, e, embora eu tivesse oferecido a Elain um assento ao lado da janela selada, ela permaneceu de pé — à frente de nosso grupo. Encarando a porta de ferro fechada.

Eu sabia que Rhys ouvia cada palavra que os guardas proferiam do lado de fora, as gavinhas de poder esperando para sentir qualquer mudança nas intenções dos homens. Duvidei de que a pedra e o ferro da construção conseguissem conter qualquer um de nós, certamente não juntos, mas... Deixar que nos fechassem ali para esperar... atiçou algum nervo. Deixou meu corpo inquieto, um suor frio gotejava. Pequeno demais, sem ar suficiente...

Está tudo bem, acalmou-me Rhys. *Este lugar não pode contê-la*.

Assenti, embora Rhys não tivesse falado, e tentei engolir a sensação das paredes e do teto se fechando sobre mim.

Nestha me observava com atenção.

— Às vezes... tenho problemas com espaços pequenos — admiti para ela.

Nestha me observou por um longo momento. Então disse, igualmente baixo, embora todos pudéssemos ouvir: — Não consigo mais entrar em uma banheira. Tenho de usar baldes.

Eu não sabia; nem mesmo pensei que se banhar, que mergulhar na água...

Eu sabia que não deveria tocar a mão de Nestha. Mas falei:

— Quando chegarmos em casa, instalaremos outra coisa para você.

Eu podia ter jurado ver gratidão em seus olhos, que Nestha diria mais uma coisa, mas cavalos se aproximaram.

— Duas dúzias de guardas — murmurou Azriel para Rhys. E olhou para Elain. — E Lorde Graysen e o pai, Lorde Nolan.

Elain ficou imóvel como uma corça com o estalar de passos do lado de fora. Olhei para Nestha, vi a compreensão ali e assenti.

Qualquer tentativa de ferir Elain... Não me importava o que tinha prometido a minha irmã. Eu deixaria que Nestha o despedaçasse. De fato, os dedos de minha irmã mais velha tinham se fechado... como se garras invisíveis surgissem nas pontas.

Mas a porta se abriu com um estrondo e...

O jovem ofegante era tão... humano.

Belo, cabelos castanhos, olhos azuis, mas... humano. De compleição sólida sob a armadura leve, alto — talvez a fantasia mortal de um cavaleiro que colocaria a linda donzela no cavalo e cavalgaria em direção ao pôr do sol.

Tão destoante da força selvagem dos illyrianos, da letalidade cultivada de Mor e de Amren. De como eu rasgava e dilacerava — assim como Nestha.

Mas um ruído baixo saiu de Elain quando ela viu Graysen. Quando o homem puxou fôlego, observando Elain da cabeça aos pés. Ele cambaleou um passo na direção de minha irmã...

A mão larga e coberta de cicatrizes segurou as costas da armadura de Graysen, fazendo-o parar.

O homem que segurou o jovem lorde entrou de vez na sala entulhada.

Alto e magro, com nariz aquilino e olhos cinzentos...

— O que significa isto?

Todos o encaramos com testas franzidas.

Elain estava trêmula.

— Senhor... Lorde Nolan... — As palavras lhe falharam quando minha irmã, mais uma vez, olhou para o prometido, que não tirara os olhos azuis sinceros de Elain nem por um segundo.

— A muralha caiu — disse Nestha, passando para o lado de Elain.

Graysen olhou para Nestha ao ouvir isso. Choque se incendiou diante do que ele viu: as orelhas, a beleza, o... poder sobrenatural que latejava em torno dela.

— Como? — indagou o humano, com a voz baixa e áspera.

— Fui sequestrada — respondeu Nestha, friamente, sem um lampejo de medo nos olhos. — Fui levada pelo exército que invadirá estas terras, e fui transformada contra minha vontade.

— Como? — repetiu Nolan.

— Há um Caldeirão... uma arma. Dá ao dono poder para... fazer tais coisas. Eu fui um teste. — Nestha então iniciou uma breve e ríspida explicação sobre as rainhas, Hybern, o motivo de a muralha ter caído.

Quando ela terminou, Lorde Nolan apenas indagou:

— E quem são seus companheiros?

Era uma aposta; sabíamos que era. Dizer quem éramos, quando sabíamos muito bem o terror que *qualquer* feérico, ainda mais Grão-Senhores...

Mas dei um passo à frente.

— Meu nome é Feyre Archeron. Sou Grã-Senhora da Corte Noturna. Este é Rhysand, meu... marido. — Duvidava que *parceiro* seria um termo bem aceito.

Rhys passou para meu lado. Alguns dos guardas se moveram e murmuraram com terror. Outros se encolheram diante da mão que Rhys ergueu para gesticular para trás.

— Nossa terceira na hierarquia, Morrigan. E nosso mestre espião, Azriel.

Lorde Nolan, numa atitude louvável, não empalideceu. Graysen sim, mas permaneceu firme.

— Elain — sussurrou Graysen. — Elain... por que está *com* eles?

— Porque ela é nossa irmã — respondeu Nestha, com os dedos ainda fechados naquelas garras invisíveis. — E não há lugar mais seguro para ela durante esta guerra que conosco.

— Graysen, viemos implorar... — sussurrou Elain. Um olhar de súplica para o pai do lorde. — A vocês dois... Abram os portões para quaisquer humanos que consigam chegar aqui. Para famílias. Com a muralha caída... Nós... eles acreditam... Não resta tempo para uma evacuação. As rainhas não mandarão ajuda do continente. Mas aqui... podem ter uma chance.

Nenhum dos homens respondeu, embora Graysen agora olhasse para o anel de noivado de Elain. Os olhos azuis ondularam com dor.

— Eu estaria disposto a acreditar em você — disse o jovem lorde, em voz baixa. — Se não estivesse mentindo para mim com cada fôlego.

Elain piscou.

— Eu... eu não estou, eu...

— Achou — disse Lorde Nolan, e Nestha e eu nos aproximamos de Elain quando ele deu um passo em nossa direção — que poderia vir até *minha* casa e me enganar com sua magia feérica?

— Não nos importamos com o que acredita — falou Rhys. — Viemos apenas pedir que você ajude aqueles que não podem se defender.

— O que ganham? O que arriscam?

— Você tem um arsenal de armas de freixo — argumentei. — Acho que o risco para nós é evidente.

— E para sua irmã também — disparou Nolan na direção de Elain. — Não se esqueça de incluí-la.

— Qualquer arma pode ferir um mortal — disse Mor inexpressivamente.

— Mas ela não é mortal, é? — rebateu Nolan, com desprezo. — Não, soube de fonte confiável que foi Elain Archeron a primeira a ser transformada em feérica. E que agora tem o filho de um Grão-Senhor como *parceiro*.

— E quem, exatamente, lhe contou isso? — exigiu Rhys, ao erguer a sobrancelha, sem mostrar um pingo de ira, de surpresa.

Passos soaram.

Mas todos pegamos nossas armas quando Jurian entrou na guarita e falou: — Eu contei.

Capítulo 53

Jurian ergueu as mãos bronzeadas, e novos calos lhe pontuavam as palmas e os dedos. Novos... para o corpo refeito que Jurian precisara treinar a fim de manejar armas durante aqueles meses.

— Vim sozinho — avisou Jurian. — Podem parar de grunhir.

Elain começou a tremer; diante da verdade revelada, ou das lembranças que a invadiram, que invadiram Nestha, quando viu Jurian. Ele inclinou a cabeça para minhas irmãs.

— Damas.

— Elas não são damas — disparou, com escárnio, Lorde Nolan.

— Pai — advertiu Graysen.

Nolan o ignorou.

— Ao chegar, Jurian me explicou o que tinha sido feito com você, com vocês *duas*. O que as rainhas no continente desejam.

— E o que é? — perguntou Rhys, com um tom fingido na voz.

— Poder. Juventude — respondeu Jurian, com um gesto de ombros. — As coisas de sempre.

— Por que está *aqui?* — indaguei. Matá-lo... deveríamos matá-lo *agora* antes que pudesse nos ferir mais, matá-lo por aquela flecha

que enterrou no peito de Azriel e pela ameaça que fizera a Miryam e Drakon, responsável, talvez, pelo sumiço dos dois e pela consequência: lutarmos aquela guerra sozinhos...

— As rainhas são cobras — disse Jurian, reclinando-se contra a borda de uma mesa encostada na parede. — Merecem ser massacradas pela traição. Não foi preciso esforço de minha parte quando Hybern me mandou atraí-las para nossa causa. Apenas uma delas foi nobre o suficiente para entrar no jogo, para saber que tínhamos recebido uma vantagem de merda e para usá-la da melhor forma possível. Mas, quando ajudou vocês, as outras descobriram. E a deram ao Attor. — Os olhos de Jurian brilharam forte, não com loucura, percebi.

Com clareza.

E tive a sensação de que o mundo deslizava sob meus pés quando Jurian falou: — Ele me ressuscitou para atraí-las para a própria causa, acreditando que eu tinha ficado louco durante os quinhentos anos pelos quais Amarantha me prendeu. Então, renasci e me vi cercado de meus antigos inimigos, rostos que um dia marcara para matar. Eu me vi do lado errado de uma muralha, com o reino humano pronto a ser destruído abaixo desta.

Jurian olhou diretamente para Mor cuja boca era uma linha tensa.

— Você era minha amiga — disse ele, a voz falhando. — Lutamos lado a lado durante algumas batalhas. Mas acreditou no primeiro olhar; acreditou que eu me deixaria *convencer* por eles.

— Você ficou louco com... com Clythia. Foi *loucura*. Aquilo o destruiu.

— E fiquei feliz por fazê-lo — grunhiu Jurian. — Fiquei *feliz* por fazer aquilo em troca de uma vantagem naquela guerra. Não me *importava* com o que faria comigo, com o que destruiria dentro de mim. Se significava que poderíamos ser *livres*. E tive quinhentos anos para pensar a respeito. Enquanto era mantido prisioneiro por meu inimigo. Quinhentos anos, Mor. — A forma como Jurian pronunciou seu nome, tão familiar e casual...

— Você bancou o vilão de forma muito convincente, Jurian — ronronou Rhys.

Jurian voltou o rosto para Rhys.

— Deveria ter olhado. Eu esperava que você *olhasse* dentro de minha mente, para ver a verdade. Por que não olhou?

Rhys ficou calado por um longo momento. Então ele disse, baixinho: — Por que não queria vê-la.

Ver qualquer traço de Amarantha.

— Está querendo dizer — insistiu Mor — que andou trabalhando para *nos* ajudar durante esse tempo todo?

— Onde melhor planejar a queda do inimigo, aprender suas fraquezas, que ao lado desse inimigo?

Ficamos em silêncio enquanto Lorde Graysen e o pai observavam — ou pelo menos o último observava. Graysen e Elain apenas se encaravam.

— Por que essa obsessão em encontrar Miryam e Drakon? — perguntou Mor.

— É o que o mundo espera de mim. O que Hybern espera. E, se ele conceder o preço que pedi para encontrá-los... Drakon tem uma legião capaz de mudar a maré da batalha. Por isso me aliei a ele durante a Guerra. Não duvido de que Drakon ainda a tenha treinada e pronta. A notícia deve ter chegado a ele agora. Principalmente que os estou procurando.

Um aviso. A única forma de Jurian mandar um aviso... tornando-se o caçador.

— Não quer matar Miryam e Drakon? — perguntei a Jurian.

Havia uma intensa honestidade nos olhos de Jurian quando ele sacudiu a cabeça uma vez.

— Não — respondeu ele, com voz áspera. — Quero implorar por perdão.

Olhei para Mor. Mas lágrimas lhe enchiam os olhos, e ela piscou furiosamente para limpá-las.

— Miryam e Drakon sumiram — disse Rhys. — Levaram o povo consigo.

— Então, encontre-os! — exclamou Jurian. Ele indicou Azriel com o queixo. — Mande o encantador de sombras, mande quem quer que seja de sua confiança, mas *encontre-os*.

Silêncio.

— Olhe em minha mente — pediu Jurian a Rhys. — Olhe e veja por conta própria.

— Por que agora? — indagou Rhys. — Por que aqui?

Jurian o encarou de volta.

— Porque a muralha caiu, e agora posso me mover livremente a fim de avisar os humanos aqui. Porque... — Jurian expirou longamente. — Porque Tamlin correu de volta para Hybern depois que sua reunião terminou esta manhã. Direto para o acampamento deles na Corte Primaveril, onde Hybern agora planeja lançar um ataque por terra à Estival amanhã.

Capítulo 54

Jurian não era meu inimigo.

Não conseguia aceitar isso. Mesmo depois que Rhys *e* eu olhamos.

Não permaneci muito tempo.

A dor e a culpa e o ódio, o que ele vira e sofrera...

Mas Jurian disse a verdade. Ele expôs tudo para nós.

Sabia em que ponto eles planejavam atacar. Onde e quando e quantos.

Azriel sumiu sem olhar para qualquer um de nós — para avisar Cassian e mover a legião.

— Não mataram a sexta rainha — dizia Jurian a Mor. — Vassa. Ela percebeu minhas intenções, ou achei que tivesse, desde o princípio. Aconselhou as outras contra isso. Disse que, se eu tinha renascido, aquilo era um mau sinal, e que reunissem os exércitos para enfrentar a ameaça antes que ficasse grande demais. Mas Vassa é impetuosa demais, jovem demais. Ela não entrou no jogo como a dourada, Demetria, entrou. Não viu a luxúria nos olhos das outras quando eu contei a elas sobre os poderes do Caldeirão. Não

soube que assim que comecei a contar as mentiras de Hybern... as demais se tornaram inimigas. Não podiam matar Vassa, pois a próxima na linha de sucessão é ainda mais determinada. Então, encontraram um velho senhor da morte acima da muralha, com uma quedinha por aprisionar jovens mulheres. Ele a amaldiçoou e a levou embora... O mundo inteiro acredita que Vassa andou doente nos últimos meses.

— Sabemos — disse Mor, e nenhum de nós ousou olhar Elain. — Descobrimos.

E, mesmo com a verdade exposta... nenhum de nós contou a Jurian que Lucien tinha ido atrás da rainha.

Elain pareceu se lembrar, no entanto. Quem caçava aquela rainha desaparecida. E disse a Graysen, com o rosto petrificado, arrasada em meio àquilo tudo: — Não tive a intenção de enganá-lo.

— Acho difícil acreditar nisso — respondeu o pai dele.

Graysen engoliu em seco.

— Achou que podia voltar aqui... viver comigo como essa... mentira?

— Não. Sim. Eu... não sei o que queria...

— E está presa a algum... macho feérico. O filho de um Grão-Senhor.

Herdeiro de um Grão-Senhor diferente, provavelmente, eu queria dizer.

— O nome é Lucien. — Não tinha certeza se já ouvira o nome de Lucien nos lábios de Elain.

— Não me importo com seu nome. — As primeiras palavras afiadas de Graysen. — Você é sua *parceira*. Por acaso sabe o que isso significa?

— Não significa *nada* — respondeu Elain, a voz falhando. — Não significa *nada*. Não me *importo* com quem decidiu isso, ou por que decidiu...

— Você pertence a *ele*.

— Não pertenço a *ninguém.* Mas meu coração pertence a *você*.

A expressão de Graysen ficou mais severa.

— Não o quero.

Teria sido melhor que ele tivesse batido em Elain, de tão profunda a mágoa em seus olhos. E ao ver o rosto de minha irmã se

fechar...

Eu me aproximei, empurrando Elain para trás de mim.

— Eis o que vai acontecer. Vai aceitar qualquer pessoa que consiga chegar até aqui. Nós forneceremos proteções a esses muros.

— Não precisamos delas — dispensou Nolan, com escárnio.

— Devo demonstrar a você o quanto está errado? — perguntei. — Ou aceitará minha palavra quando digo que poderia reduzir este muro a escombros com meio pensamento? E isso sem falar de meus amigos. Vai descobrir, Lorde Nolan, que *quer* nossas proteções... e nossa ajuda. Tudo isso em troca de acolher quaisquer humanos que precisem de segurança.

— Não quero a ralé perambulando por aqui.

— Então apenas os ricos e escolhidos passarão pelos portões? — perguntou Rhys, arqueando a sobrancelha. — Não consigo imaginar a aristocracia feliz em trabalhar em sua terra e pescar em seu lago ou abater sua carne.

— Temos muitos trabalhadores aqui para fazer isso.

Estava acontecendo de novo. Outra discussão com gente de cabeça fechada e cheia de ódio...

— Lutei ao lado de seu ancestral — disse Jurian, no entanto, aos lordes. — E ele teria vergonha se você trancafiasse do lado de fora aqueles que passam necessidades. Fazer isso seria como cuspir em seu túmulo. Tenho uma posição de confiança em Hybern. Uma palavra minha e me certificarei de que sua legião faça uma visita. A você.

— Ameaça trazer o mesmo inimigo do qual quer nos proteger?

Jurian deu de ombros.

— Também posso convencer Hybern a ficar longe. Ele confia em mim nesse nível. Deixe as pessoas entrarem... Farei o possível para manter os exércitos longe.

Jurian olhou para Rhys, desafiando-o a duvidar.

Ainda estávamos chocados demais para sequer tentar parecer neutros.

— Não finjo ter um grande exército — disse Nolan. — Apenas uma unidade considerável de soldados. Se o que diz é verdade... —

Um olhar na direção de Graysen. — Nós os acolheremos. Quem conseguir chegar até aqui.

Eu me perguntei se o lorde mais velho não seria aquele com quem se podia, de fato, conversar. Principalmente quando Graysen disse a Elain: — Tire esse anel.

Os dedos de Elain se curvaram em um punho.

— Não.

Feio. Aquilo estava prestes a ficar feio da pior forma possível...

— Tire. O. Anel.

Foi a vez de Nolan murmurar um aviso ao filho. Graysen ignorou o pai. Elain não se moveu.

— *Tire-o!* — As palavras rugidas ecoaram pelas pedras.

— Basta — exigiu Rhys, com a voz mortalmente calma. — A dama fica com o anel se o quiser. Embora nenhum de nós se sentiria especialmente triste ao vê-lo ir embora. Fêmeas tendem a preferir ouro ou prata a ferro.

Graysen encarou Rhysand com um olhar de ódio.

— É assim que começa? Vocês *machos* feéricos virão tomar nossas mulheres? As de vocês não são trepáveis o bastante?

— Cuidado com a língua, menino — disse o pai do jovem lorde. Elain empalideceu ao ouvir o linguajar chulo.

— Não vou me casar com você — disse Graysen, apenas. — Nosso noivado acabou. Acolherei qualquer pessoa que ocupe suas terras. Mas você não. Jamais *você*.

Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Elain, e seu cheiro preencheu a sala com sal.

Nestha deu um passo adiante. Depois, outro. E mais um.

Até que estava diante de Graysen, mais rápido que qualquer um conseguiu ver.

Então, Nestha o acertou com tanta força que a cabeça do lorde virou para o lado.

— Você nunca a mereceu — grunhiu Nestha em meio ao silêncio de espanto, enquanto Graysen segurava o rosto e xingava, curvando-se. Nestha apenas olhou de volta para mim. Ódio, descontrolado e incandescente, espiralou em seus olhos. Mas a voz saiu fria como uma pedra quando ela disse para mim: — Presumo que tenhamos terminado aqui.

Acenei para ela sem dizer nada. E, orgulhosa como qualquer rainha, Nestha pegou o braço de Elain e levou-a para fora da guarita. Mor seguiu, vigiando as costas das duas quando passaram para o autêntico campo de armas e cães rosnando à espera do lado de fora.

Os dois lordes se foram sem nem dizer adeus.

— Diga ao encantador de sombras que sinto muito pela flecha no peito — falou Jurian, sozinho.

Rhys sacudiu a cabeça.

— Qual é o próximo passo então? Presumo que esteja fazendo mais que avisar humanos para fugir ou se esconder.

Jurian se afastou da mesa.

— O próximo passo, Rhysand, é minha volta àquele acampamento de guerra hyberniano para dar um ataque porque minha busca pelo paradeiro de Miryam e Drakon foi inútil. Meu passo depois desse será fazer outra viagem ao continente e semear a discórdia entre as cortes das rainhas. Deixar que algumas coisas *vitais* escapem a respeito de seus objetivos. Quem realmente apoiam. O que realmente querem. Eu as manterei ocupadas... preocupadas demais com os conflitos internos para pensarem em velejar para cá. E depois que isso estiver feito... quem sabe? Talvez me junte a você no campo de batalha.

Rhys esfregou as têmporas com o polegar e o indicador, as mechas dos cabelos deslizaram para a frente quando ele abaixou a cabeça.

— Eu não acreditaria em uma palavra, mas olhei dentro dessa sua mente.

Jurian bateu na ombreira da porta.

— Diga a Cassian que ataque o flanco esquerdo com tudo amanhã. Hybern vai colocar os nobres sem treino desse lado para adquirirem experiência; são mimados e inexperientes. Feche o cerco ali e vai assustar os brutamontes. Ataque com tudo o que tem, e rápido, não dê tempo a eles de se recomporem ou encontrar coragem. — Jurian me deu um sorriso sombrio. — Jamais parabenizei você por massacrar Dagdan e Brannagh. Eles foram tarde.

— Fiz isso por aqueles Filhos dos Abençoados — confessei. — Não pela glória.

— Eu sei — respondeu Jurian, erguendo as sobrancelhas. — Por que acha que decidi confiar em você?

Capítulo 55

— Estou velha demais para esse tipo de surpresa — reclamou Mor sob os rangidos da tenda de guerra contra o vento uivante da montanha, na fronteira norte da Corte Invernal, onde o exército illyriano se acomodava para passar a noite. Para esperar pelo ataque do dia seguinte. Tinham voado o dia todo, e nossa localização era remota o bastante para manter até mesmo um exército do tamanho do nosso oculto. Até o dia seguinte, pelo menos.

Tínhamos avisado Tarquin e mandado mensagens a Helion e Kallias para que se juntassem a nós... se conseguissem chegar a tempo. Mas, quando a hora que precede o alvorecer soasse, a legião illyriana tomaria os céus e voaria direto para aquele campo de batalha ao sul. Eles aterrissariam, esperávamos, antes que começasse. No momento que Keir e seus comandantes atravessassem com a legião Precursora da Escuridão da Corte Noturna.

E, então, o massacre teria início. Dos dois lados.

Se o que Jurian dizia era verdade. Cassian engasgara quando contamos a ele sobre o conselho de batalha de Jurian. Uma reação mais leve, dissera Azriel, que a resposta inicial do general.

— Jamais suspeitou que Jurian pudesse ser... bom? — perguntei a Mor de onde estava sentada, ao pé da espreguiçadeira coberta com pele que compartilhávamos.

Ela tomou um gole do vinho e se recostou contra as almofadas empilhadas diante do apoio de cabeça. Minhas irmãs estavam em outra tenda, não tão grande, mas igualmente luxuosa; suas acomodações eram ladeadas pelas tendas de Cassian e de Azriel, e a de Mor ficava à frente. Ninguém chegaria a minhas irmãs sem que meus amigos soubessem. Mesmo que Mor estivesse comigo no momento.

— Não sei — respondeu ela, puxando um pesado cobertor de lã sobre as pernas. — Nunca fui tão próxima de Jurian quanto alguns dos outros, mas... Nós lutamos juntos. Salvamos um ao outro. Apenas presumi que Amarantha o tivesse arrasado.

— Partes dele estão arrasadas — falei, e estremeci ao me lembrar das memórias que vira, dos sentimentos. Puxei parte do cobertor de Mor para meu colo.

— Estamos todos arrasados — ponderou Mor. — De nosso próprio jeito, e em lugares que talvez ninguém veja.

Inclinei a cabeça como pergunta, mas Mor indagou:

— Elain está... bem?

— Não. — Foi tudo o que eu disse. Elain não estava bem.

Tinha chorado baixinho conforme atravessávamos. E nas horas seguintes, enquanto o exército chegava e o acampamento era reconstruído. Não tirou o anel. Apenas se deitou na cama da tenda, aninhada entre peles e cobertores, e olhou para o nada.

Qualquer indício de melhora, qualquer avanço... se fora. Pensei em voltar para quebrar cada osso do corpo de Graysen, mas resisti; porque isso daria a Nestha aval para avançar contra ele. E a morte pelas mãos de Nestha... Eu me perguntei se precisariam inventar uma nova palavra para *matar* quando ela tivesse terminado com Graysen.

Então, Elain chorou baixinho, as lágrimas tão infinitas que me perguntava se era algum sinal de que seu coração sangrava. Algum

fiapo de esperança que se desfizera naquele dia. De que Graysen ainda a amasse, de que ainda se casasse com ela... e de que aquele amor pudesse até mesmo desenvolver um laço de parceria.

Um último fio tinha sido partido... com a vida de Elain nas terras humanas.

Apenas nosso pai, onde quer que estivesse, permanecia como um tipo de conexão.

Mor interpretou o que estava em meu rosto e apoiou o vinho na pequena mesa de madeira ao lado da espreguiçadeira.

— Deveríamos dormir. Nem mesmo sei por que estou bebendo.

— Hoje foi... inesperado.

— É tão mais difícil — disse ela, gemendo, quando jogou o resto do cobertor em meu colo e se levantou. — Quando inimigos se tornam amigos. E o oposto, suponho. O que não vi? O que ignorei ou dispensei? Isso sempre faz com que eu *me* analise mais que a eles.

— Outra das alegrias da guerra?

Ela riu, seguindo para a entrada da tenda.

— Não... da vida.

Mal dormi naquela noite.

Rhys não voltou para a tenda — nem uma vez.

Saí de nossa cama quando a escuridão começava a ceder lugar ao cinza, acompanhando o puxão do laço de parceria como tinha feito naquele dia Sob a Montanha.

Ele estava no alto de uma elevação rochosa incrustada com trechos de gelo, observando as estrelas se apagarem uma a uma sobre o acampamento ainda dormente.

Calada, passei o braço pela cintura de Rhys, e ele moveu as asas para me aninhar ao lado do corpo.

— Muitos soldados morrerão hoje — anunciou Rhys em voz baixa.

— Eu sei.

— Isso nunca fica mais fácil — sussurrou ele.

As feições marcadas do rosto de Rhys estavam tensas, e os olhos, cheios de lágrimas enquanto meu parceiro estudava as estrelas. Apenas ali, apenas agora, Rhys mostraria aquele luto: aquela preocupação e a dor. Nunca diante dos exércitos; jamais diante dos inimigos.

Ele soltou um longo suspiro.

— Está pronta? — Eu ficaria perto da retaguarda com Mor para ter uma noção da batalha. Do fluxo, do terror e da estrutura. Minhas irmãs permaneceriam no acampamento até que fosse seguro atravessar com elas depois. Se as coisas não se tornassem um inferno antes.

— Não — admiti. — Mas não tenho escolha a não ser estar pronta.

Rhys beijou o alto de minha cabeça, e encaramos as estrelas moribundas em silêncio.

— Sou grato — disse Rhys depois de um tempo, conforme o acampamento sob nós se agitava com a luz que aumentava. — Por ter você a meu lado. Não sei se algum dia lhe disse isso, o quanto sou grato por tê-la comigo.

Pisquei para afastar a queimação nos olhos, e tomei a mão de meu parceiro. Levei-a até o coração, deixando que Rhys sentisse as batidas enquanto eu o beijava uma última vez, conforme o restante das estrelas sumia e o exército abaixo de nós acordava para travar a batalha.

Capítulo 56

Jurian estava certo.

Tínhamos visto dentro de sua mente, mas ainda duvidávamos. Ainda nos perguntávamos se chegaríamos e descobriríamos que Hybern havia mudado de posição, ou atacado em outro lugar.

Mas a horda de Hybern estava exatamente onde Jurian alegou que estaria.

E, quando o exército illyriano avançou contra ela enquanto Hybern marchava pela fronteira da Primaveril até a Estival... as forças hybernianas pareceram realmente chocadas.

Rhys ocultara nossas forças; todas elas. Suor lhe escorria da têmpora devido ao esforço de manter nosso contingente oculto da vista e dos ouvidos e do nariz conforme voávamos quilômetro após quilômetro. Minhas asas não eram fortes o bastante — então, Mor atravessou comigo pelo céu, acompanhando-os.

Mas chegamos juntos. E, quando Rhys desceu o escudo da visão, revelando illyrianos sedentos pela batalha disparando dos céus em fileiras organizadas, precisas... Quando ele revelou a legião dos Precursores da Escuridão de Keir atacando a pé, envolta

em fiapos de noite e armada com aço brilhante como as estrelas... Foi difícil não me sentir arrogante diante do pânico que ondulou pela massa hyberniana que marchava.

Mas o exército de Hybern... Ele se estendia ao longe — profundo e extenso. Com a intenção de varrer tudo no caminho.

— *ESCUDOS!* — berrou Cassian na linha de frente.

Um a um, escudos vermelhos e azuis e verdes lampejaram ao ganhar vida em volta dos illyrianos e de suas armas, sobrepondo-se como as escamas de um peixe. Sobrepondo-se como os escudos sólidos de metal que cada um levava no braço esquerdo, se encaixando dos tornozelos aos ombros.

Abaixo, as tropas de Keir ondulavam com escudos sombreados, faiscando em posição diante delas.

Mor nos atravessou até a colina protegida pelas árvores, que dava para o campo onde Cassian julgou ser o melhor lugar para atingi-los com base no reconhecimento de Azriel. Havia um declive na grama... para nossa vantagem. Tínhamos o terreno elevado; um rio estreito e raso não ficava muito longe do exército de Hybern. O sucesso na batalha, explicara Cassian a mim naquela manhã, durante um breve café da manhã, costumava ser decidido não pelos números, mas pela escolha de onde lutar.

O exército de Hybern pareceu perceber a desvantagem em momentos.

Mas os illyrianos tinham aterrissado ao lado dos soldados de Keir. Cassian, Azriel e Rhys se dispersaram entre a linha de frente, todos vestidos com negras armaduras illyrianas, todos armados como os demais soldados alados: escudo preso na mão esquerda, espada illyriana na direita, uma variedade de adagas pelo corpo e elmos.

Os elmos eram os únicos indicativos de quem eram. Diferentemente dos domos lisos dos demais, Rhys, Azriel e Cassian usavam elmos pretos cujas proteções do rosto haviam sido moldadas e voltadas para cima, como asas de corvos. Eram asas de corvos afiadas como lâminas, que se projetavam para o alto de cada lado do elmo, até logo acima da orelha, mas... O efeito, admiti, era assustador. Principalmente com as duas outras espadas cruzadas às costas, as manoplas que cobriam cada centímetro das

mãos, e os Sifões brilhando em meio às armaduras de ébano de Cassian e Azriel.

O poder do próprio Rhys rodopiava a sua volta, preparando-se para golpear o flanco direito, enquanto Cassian mirava o esquerdo. Rhys deveria conservar seu poder... para o caso de o rei chegar. Ou pior: o Caldeirão.

Aquele exército, por mais enorme que... Não parecia que o rei sequer estava ali para liderá-lo. Ou Tamlin. Ou Jurian. Era apenas uma invasão, indicativa da força iminente, mas considerável o suficiente para que os danos... Podíamos facilmente ver os danos atrás do exército, as nuvens de fumaça que manchavam o céu limpo de verão.

Mor e eu falamos pouco nas horas que se seguiram.

Não tinha forças para as palavras, para qualquer tipo de discurso coerente conforme assistíamos. Talvez pelo elemento surpresa ou por pura sorte, não havia sinal daquele veneno feérico. Eu estava quase agradecendo à Mãe por isso.

Ainda que cada soldado em nosso acampamento naquela manhã tivesse misturado o antídoto de Nuan no mingau, ele não faria nada para *impedir* armas com veneno feérico na ponta de destruírem escudos. Impedia apenas a supressão da magia, caso entrasse em contato: por meio daquele maldito pó... ou pela perfuração por uma arma cuja ponta era feita dele. Por sorte, por sorte não fora usado hoje.

Porque, ao ver a carnificina, a linha tênue de controle... não havia lugar para mim naquelas linhas de frente, onde os illyrianos lutavam com a força da espada, o poder e a confiança no macho a seu lado. Até mesmo os soldados de Keir lutavam como se fossem uma unidade; obedientes e determinados, atacando com sombras e aço. Eu teria sido uma falha naquela armadura impenetrável — e no que Cassian e os illyrianos liberavam sobre Hybern...

Cassian se chocou contra aquele flanco esquerdo. Sifões liberaram rompantes de poder que às vezes ricocheteavam de escudos, às vezes encontravam seu alvo e destruíam carne e osso.

Mas onde os escudos mágicos de Hybern se sustentavam... Rhys, Azriel e Cassian lançavam disparos do próprio poder para destruí-los. Tornando-os, então, vulneráveis àqueles Sifões... ou ao

puro aço illyriano. E se aquilo não os derrubasse... Keir e os Precursores da Escuridão limpavam o restante. Com precisão. Frieza.

O campo de batalha se tornou um lamaçal encharcado de sangue. Corpos reluziam ao sol da manhã, a luz se refletia das armaduras. Os soldados hybernianos entraram em pânico diante das impenetráveis fileiras illyrianas que os empurravam cada vez mais para trás. Que os derrotavam.

E, quando aquele flanco esquerdo se dispersou, quando os nobres caíram ou se viraram ou fugiram... os demais soldados hybernianos começaram a entrar em pânico também.

Havia um comandante montado que não caiu tão facilmente. Que não virou o cavalo na direção do rio para fugir.

Cassian escolheu esse como seu oponente.

Mor segurou minha mão com força o suficiente para machucar quando Cassian deixou a impenetrável linha de frente de escudos e espadas — os soldados em volta imediatamente fecharam o buraco. Lama e sangue sujavam o elmo escuro de Cassian, sua armadura.

O general largou o escudo alto em favor de um redondo, preso às costas e feito do mesmo material de cor de ébano.

Então, disparou em uma corrida.

Eu podia ter jurado que até mesmo Rhys parou do outro lado do campo de batalha para observar conforme Cassian abria caminho entre os soldados inimigos, mirando o comandante hyberniano montado. O qual, percebendo o que e quem vinha em sua direção, começou a procurar uma arma melhor.

Cassian nascera para aquilo: aqueles campos, aquele caos, a brutalidade e o cálculo.

Ele não parou de se mover, parecia saber onde cada oponente lutava, tanto na vanguarda quanto na retaguarda, parecia inspirar o fluxo da batalha ao redor. Até mesmo deixou que descessem o escudo dos Sifões... para se aproximar, para *sentir* o impacto das flechas que defendia com aquele escudo de ébano. Quando Cassian chocava o escudo contra um soldado, o outro braço já golpeava com a espada o oponente seguinte.

Eu jamais vira algo assim — a habilidade e a precisão. Era como uma dança.

Eu devo ter dito isso em voz alta, pois Mor respondeu:

— Para ele, a batalha é isso. Uma sinfonia.

Os olhos de Mor não se desviaram da dança da morte de Cassian.

Três soldados foram corajosos ou burros o bastante para tentar atacá-lo. Cassian os derrubou e matou com quatro golpes.

— Pela Mãe! — sussurrei.

Era aquele meu treinador. Por isso feéricos tremiam ao lhe ouvir o nome.

Por isso os guerreiros illyrianos bem-nascidos tinham tanta inveja que o queriam morto.

Mas ali estava Cassian, ninguém entre ele e o comandante.

O comandante encontrara uma lança largada. Ele a atirou.

Com agilidade e precisão, meu coração quase parou quando a lança disparou contra Cassian.

Seus joelhos se dobraram, as asas se fecharam bem, o escudo girou...

Cassian se defendeu da lança com o escudo em um impacto que eu podia jurar ter ouvido; depois quebrou a arma e continuou correndo.

Em um segundo, Cassian havia embainhado o escudo e a espada às costas.

E eu teria perguntado por que, mas o general já pegara outra lança caída.

E já a jogava, o corpo inteiro se projetando com o arremesso, e o movimento foi tão perfeito que eu soube: um dia o pintaria.

Os dois exércitos pareceram parar com o arremesso.

Mesmo de longe, a lança de Cassian acertou.

Atravessou direto o peito do comandante, com tanta força que derrubou o macho do cavalo.

Quando ele terminou de cair, Cassian estava lá.

A espada de Cassian refletiu a luz do sol quando ele a ergueu e mergulhou.

Cassian escolhera bem seu alvo. Hybern fugia agora. Descaradamente se virou e fugiu para o rio.

Mas Hybern encontrou o exército de Tarquin esperando na margem oposta, exatamente onde Cassian ordenara que surgisse.

Presos com os illyrianos e a Precursora da Escuridão de Keir às costas, e os dois mil soldados de Tarquin do outro lado do rio estreito...

Foi mais difícil assistir... àquele massacre.

— Acabou — avisou Mor.

O sol estava alto no céu, o calor subia a cada minuto.

— Não precisa ver isso — acrescentou ela.

Porque alguns dos soldados de Hybern se rendiam. De joelhos.

Como era o território de Tarquin, Rhys abriu mão da decisão sobre o destino dos prisioneiros.

De longe, discerni Tarquin pela armadura — mais ornamentada que a de Rhysand, mas ainda assim brutal. Barbatanas de peixe e escamas pareciam ser o tema, e o manto azul flutuava pela lama atrás do Grão-Senhor conforme ele ultrapassava corpos caídos para chegar às poucas centenas de inimigos vivos.

Tarquin olhou fixamente para onde o inimigo se ajoelhava, o elmo lhe escondia as feições.

Perto dali, Rhys, Cassian e Azriel monitoravam, falando com Keir e os capitães illyrianos. Não vi muitas asas entre os caídos no campo. Uma misericórdia.

A única misericórdia, parecia, quando Tarquin fez um gesto com a mão.

Alguns dos soldados hybernianos começaram a gritar por clemência, as ofertas de vender informações ecoavam, até mesmo para nós.

Tarquin apontou para alguns, e estes foram levados por seus soldados. Para serem interrogados. E eu duvidava de que isso seria agradável.

Mas os demais...

Tarquin esticou a mão em sua direção.

Levei um segundo para perceber que os soldados hybernianos estavam se debatendo e se agredindo, alguns tentavam rastejar para longe. Mas, então, um deles desabou, e a luz do sol iluminou o rosto do macho. E, mesmo de longe, percebi... percebi que era água que borbulhava para fora de seus lábios.

Fora dos lábios de todos os soldados hybernianos conforme Tarquin os afogava em terra firme.

Não vi Rhys ou os demais durante horas — não quando ele deu a ordem para mover o acampamento de guerra illyriano da fronteira da Corte Invernal para o limite do campo de batalha. Então, Mor e eu atravessamos entre os acampamentos conforme a migração começou. Trouxemos minhas irmãs por último, esperando até que muitos dos corpos tivessem sido transformados em poeira preta por Rhysand. O sangue e a lama permaneceram, mas o acampamento estava em uma posição boa demais para que abríssemos mão... ou para que desperdiçássemos tempo procurando outro lugar.

Elain não pareceu se importar. Não pareceu sequer notar que a tínhamos atravessado. Simplesmente foi da tenda dela para os braços de Mor, e depois, para a mesma tenda reconstruída no novo acampamento.

Nestha, no entanto... Contei a ela quando chegou que estavam todos bem. Mas quando atravessamos para o campo de batalha... Ela encarou aquela planície sangrenta e enlameada. As armas que soldados das duas cortes tiravam dos inimigos caídos.

Nestha ouviu os soldados illyrianos inferiores sussurrando a respeito da habilidade de Cassian com aquela lança, como ele ceifara soldados feito talos de trigo; tal qual Enalius — seu deus-guerreiro mais antigo e o primeiro dos illyrianos.

Fazia um tempo, parecia, desde que tinham visto Cassian em um confronto aberto. Desde que tinham percebido que o general era jovem durante a Guerra, e que agora... os olhares lançados a Cassian conforme ele passava... eram os mesmos que aqueles Grão-Senhores deram a Rhys quando testemunharam seu poder. Como eles, mas Outro.

Nestha observava e ouvia tudo aquilo enquanto o acampamento era reconstruído a nossa volta.

Ela não perguntou para onde tinham ido os corpos antes de sua chegada. Ignorou completamente o acampamento que Keir e os Precursores da Escuridão construíram ao lado do nosso — os soldados de armadura de ébano que olharam com desprezo para Nestha, para mim, para os illyrianos. Não, Nestha apenas se

certificou de que Elain estivesse dormindo na tenda, e então se ofereceu para ajudar a cortar tecido para as ataduras.

Estávamos fazendo exatamente isso em volta da fogueira no início da noite quando Rhys e Cassian se aproximaram, ainda de armadura; nenhum sinal de Azriel.

Rhys ocupou um assento no tronco em que eu estava sentada, a armadura tilintou, e ele silenciosamente beijou minha têmpora. Rhys fedia a metal e sangue e suor.

Seu elmo bateu no chão ao lado de nossos pés. Eu silenciosamente entreguei a meu parceiro uma jarra d'água e fiz menção de pegar um copo, mas Rhys apenas ergueu o recipiente de latão e bebeu direto dali. O líquido transbordou pelos lados, água escorreu contra o metal preto que lhe cobria as coxas, e, quando por fim apoiou a jarra, ele parecia... cansado. Pelos olhos, Rhys parecia exausto.

Mas Nestha se levantara com um salto, encarando Cassian, o elmo que este enfiara debaixo do braço, as armas que ainda despontavam acima dos ombros e que precisavam ser limpas. Os cabelos escuros pendiam sem movimento devido ao suor, o rosto estava sujo de lama onde nem mesmo o elmo conseguira proteger.

Mas minha irmã observou os sete Sifões, as pedras vermelhas de brilho tênue.

— Você está ferido — disse por fim.

Rhys ficou alerta ao ouvir aquilo.

O rosto de Cassian estava sombrio, os olhos, vítreos.

— Está tudo bem. — Até mesmo as palavras pareciam envoltas em exaustão.

Mas minha irmã pegou seu braço, o braço do escudo.

Cassian pareceu hesitar, mas ofereceu o braço a Nestha, batendo no Sifão localizado sobre a palma da mão. A armadura deslizou levemente pelo antebraço, revelando...

— Sabe que não deve sair por aí com um ferimento — censurou Rhys, um pouco tenso.

— Eu estava ocupado — disse Cassian, sem tirar os olhos de Nestha enquanto ela observava o punho inchado. Como minha irmã detectara aquilo sob a armadura... Talvez tivesse visto nos olhos, nos movimentos de Cassian.

Não tinha percebido que Nestha observava o general illyriano o suficiente para reparar em seus trejeitos.

— E estará melhor de manhã — acrescentou Cassian, desafiando Rhys a dizer o contrário.

Mas os dedos pálidos de Nestha suavemente pressionaram a pele marrom-dourada de Cassian e ele sibilou.

— Como eu conserto? — perguntou ela. Os cabelos de Nestha tinham sido presos em um coque frouxo no alto da cabeça no início do dia, e, durante as horas que trabalhamos preparando e distribuindo suprimentos para os curandeiros em meio ao calor e a umidade, alguns fios se soltaram, cacheando em volta da têmpora de minha irmã, da nuca. Um leve rubor lhe manchava as bochechas por conta do sol, e os antebraços, expostos sob as mangas arregaçadas, estavam sujos de lama.

Cassian se sentou devagar no tronco em que Nestha estava sentada um momento antes, gemendo baixinho; como se até mesmo aquele movimento fosse difícil.

— Gelo costuma ajudar, mas enfaixar vai colocar no lugar por tempo o suficiente para que a torção se cure sozinha...

Nestha estendeu a mão para o cesto de bandagens que estava preparando e, depois, para a jarra a seus pés.

Eu estava cansada demais para fazer qualquer coisa além de assistir enquanto Nestha limpava o pulso de Cassian, a mão; os dedos de minha irmã trabalhavam com cuidado. Estava cansada demais para perguntar se Nestha possuía a magia para curar o pulso ela mesma. Cassian também parecia exausto demais para falar conforme minha irmã lhe enfaixava o pulso com bandagens, apenas resmungando para confirmar se estava apertado ou frouxo demais, se tinha ajudado. Mas ele a observou... Não tirou os olhos do rosto de Nestha, a testa franzida e os lábios contraídos em concentração.

Quando ela terminou de amarrar firme e o pulso de Cassian estava enfaixado de branco, Nestha fez menção de recuar, mas Cassian segurou os dedos de minha irmã com a mão boa. Ela o encarou.

— Obrigado — agradeceu Cassian, a voz rouca.

Nestha não puxou a mão.

Não abriu a boca para dar uma resposta malcriada.

Apenas o encarou, observou a extensão dos ombros do general, ainda mais poderosos com aquela linda armadura preta, observou a coluna forte que o pescoço bronzeado formava acima, as asas de Cassian. E, então, observou os olhos avelã, ainda voltados para seu rosto.

Cassian acariciou o dorso da mão de Nestha com o polegar.

Nestha abriu a boca por fim, e me preparei...

— Está ferido?

Ao som da voz de Mor, Cassian puxou a mão de volta e se virou para a amiga com um sorriso preguiçoso.

— Nada que a faça chorar, não se preocupe.

Nestha tirou os olhos do rosto do general; abaixou-os para a própria mão, agora vazia, os dedos ainda fechados como se a palma da mão de Cassian ainda repousasse ali. Ele não olhou para Nestha quando ela se levantou, pegou a jarra e murmurou algo sobre buscar mais água dentro da tenda.

Cassian e Mor começaram as implicâncias, rindo e provocando um ao outro sobre aquela batalha e as que seriam travadas no futuro.

Nestha não saiu de novo por um bom tempo.

Ajudei com os feridos noite adentro, e Mor e Nestha trabalharam comigo.

Um longo dia para todos nós, sim, mas os demais... tinham lutado durante horas. Pelo ângulo tenso do maxilar de Mor enquanto ela cuidava igualmente de Precursores da Escuridão e de illyrianos feridos, eu soube que as diversas histórias da batalha pesavam sobre ela — não por causa de contos de glória e sangue, mas pelo simples fato de que Mor não estivera ali para lutar a seu lado.

Mas entre as forças dos Precursores da Escuridão e os illyrianos... Eu me perguntei onde ela lutaria. Quem comandaria ou a quem serviria. Definitivamente não Keir, mas... Eu ainda remoía essa questão quando, por fim, deitei entre os lençóis quentes da cama e enrosquei o corpo contra o de Rhys.

Seu braço imediatamente deslizou sobre minha cintura, me puxando para perto.

— Você tem cheiro de sangue — murmurou Rhys na escuridão.

— Desculpe — respondi. Tinha lavado as mãos e os antebraços antes de deitar, mas um banho completo... Mal conseguira andar pelo acampamento momentos antes.

Rhys acariciou minha cintura até o quadril.

— Deve estar exausta.

— E *você* deveria estar dormindo — brinquei, me aproximando mais, deixando que o calor e o cheiro de Rhys me envolvessem.

— Não consigo — admitiu ele, roçando minha têmpora com os lábios.

— Por quê?

A mão de Rhys passeou até minhas costas, e arqueei o corpo com as carícias demoradas e sequenciais por minha espinha.

— Leva um tempo... para eu relaxar depois da batalha. — Fazia horas e horas que a luta terminara. Os lábios de Rhys começaram uma jornada da minha têmpora até o maxilar.

E, mesmo com o peso da exaustão sobre mim, quando a boca de Rhys roçou meu queixo, quando ele mordiscou meu lábio inferior... Eu sabia o que estava pedindo.

Rhys inspirou quando tracejei os contornos da barriga musculosa, quando me maravilhei com a maciez daquela pele, com a força do corpo logo abaixo.

Meu parceiro deu um beijo leve como uma pena em meus lábios.

— Se estiver cansada demais — começou Rhys, mesmo quando ficou completamente imóvel conforme meus dedos continuavam a jornada, além dos músculos esculpidos do abdômen.

Respondi com um beijo. E outro. Até que a língua de Rhys deslizou pela borda de meus lábios e eu os abri para ele.

Nossa união foi rápida e forte, e eu lhe arranhava as costas antes de o fim avassalador percorrer nossos corpos, passando as mãos pelas asas de Rhys.

Durante longos minutos depois, ficamos ali, minhas pernas jogadas por cima de seus ombros, o subir e o descer do peito de Rhys empurrando meu peito em um eco reminiscente dos movimentos de nossos corpos.

Então, ele recuou, abaixando cuidadosamente minhas pernas. Rhys beijou o interior de cada um de meus joelhos ao fazer isso, apoiando-os de cada lado do corpo ao se levantar para se ajoelhar diante de mim.

As tatuagens nos joelhos de Rhys estavam quase ocultas pelos lençóis amassados, o desenho deformado pela posição. Mas passei os dedos pelo alto daquelas montanhas, as três estrelas pintadas sobre elas, enquanto Rhys permaneceu ajoelhado entre minhas pernas, olhando para mim de cima.

— Pensei em você durante cada momento que estive no campo de batalha — confessou Rhys, baixinho. — Isso me concentrou, me deixou centrado... me ajudou a superar.

Acariciei aquelas tatuagens nos joelhos de novo.

— Fico feliz. Acho... Acho que parte de mim estava lá naquele campo de batalha com você também. — Olhei para a armadura de meu parceiro, limpa e exposta em um manequim perto do pequeno trocador. O elmo alado de Rhys brilhava, como uma estrela negra na escuridão. — Ver a batalha de hoje... Pareceu diferente daquela em Adriata. — Rhys apenas ouviu, aqueles olhos salpicados de estrelas cintilavam pacientes. — Em Adriata eu não... — Lutei em busca das palavras. — O caos da batalha em Adriata foi fácil, de alguma forma. Não *fácil*, quero dizer...

— Sei o que quer dizer.

Suspirei, sentando-me de forma que ficamos joelho a joelho e cara a cara.

— O que estou tentando explicar, e fracassando terrivelmente, é que ataques como os que ocorreram em Adriata, em Velaris... Posso lutar naqueles. Há pessoas a defender, e a desordem... eu posso... Eu luto satisfeita em batalhas como aquelas. Mas o que vi hoje, o tipo de guerra... — Engoli em seco. — Terá vergonha de mim se eu admitir que não tenho certeza se estou pronta para esse tipo de luta? — Fileira contra fileira, golpeando e esfaqueando até que eu não conseguisse diferenciar alto e baixo, até que lama e sangue embaçassem o limite entre inimigo e adversário, dependendo tanto dos guerreiros a meu lado quanto de minhas próprias habilidades. E a proximidade de tudo, os sons e a mera escala do banho de sangue...

Rhys segurou meu rosto, me beijando uma vez.

— Nunca. Jamais sentirei vergonha de você. Com certeza não por isso. — Ele manteve a boca perto da minha, compartilhávamos o fôlego. — A batalha de hoje *foi* diferente de Adriata e de Velaris. Se tivéssemos mais tempo para treiná-la com uma unidade, poderia facilmente lutar entre as fileiras e se proteger. Mas apenas se quisesse. E agora, essas batalhas iniciais... Estar naquele matadouro não é algo que desejo para você. — Rhys me beijou de novo. — Somos um par — disse ele, contra meus lábios. — Se algum dia quiser lutar do meu lado, será minha honra.

Recuei a cabeça, franzindo a testa para ele.

— Sinto-me como uma covarde agora.

Rhys acariciou minha bochecha com o polegar.

— Ninguém jamais acharia isso de você, não com tudo o que fez, Feyre. — Uma pausa. — A guerra é feia, e suja, e impiedosa. Os soldados na linha de frente são apenas uma fração dela. Não subestime o impacto de poderem ver você aqui, vê-la cuidando dos feridos e participando dessas reuniões e desses conselhos.

Refleti, deixando os dedos percorrerem as tatuagens illyrianas sobre o peito e os ombros de Rhys.

E talvez fosse a felicidade de nossa união, talvez fosse a batalha do dia, mas... acreditei nele.

O exército de Tarquin não se misturou ao nosso como o de Keir, mas preferiu acampar ao lado deste. Azriel liderou equipe após equipe de batedores a fim de encontrar o restante da horda de Hybern, para descobrir seu movimento seguinte... Mas não conseguiu nenhuma informação.

Eu me perguntei se Tamlin estaria com eles, se teria sussurrado a Hybern tudo o que fora discutido naquela reunião. As fraquezas entre as cortes. Não ousei perguntar mais.

Mas ousei questionar Nestha sobre sua conexão com o Caldeirão... Se ela sentia o poder se agitando. Ainda bem que ela relatou não notar nada fora do lugar. Mesmo assim... Eu sabia que

Rhys estava frequentemente verificando com Amren em Velaris — perguntando se tinha feito alguma descoberta com o Livro.

E, mesmo que encontrasse alguma forma alternativa de impedir o Caldeirão, precisávamos saber onde o rei escondia o restante do exército primeiro. E não para que pudéssemos enfrentá-lo — não sozinhos. Não, para que pudéssemos trazer outros e terminar o serviço.

Mas apenas depois que soubéssemos onde estava o restante do exército de Hybern, onde eu deveria soltar Bryaxis. Não ajudaria que Hybern descobrisse a existência de Bryaxis e ajustasse os planos. Não, somente quando aquele exército inteiro estivesse sobre nós... Somente nesse momento eu lançaria aquela coisa contra eles.

Nos primeiros três dias depois da batalha, os exércitos curaram os feridos e descansaram. No quarto, Cassian ordenou delegou tarefas simples para dissipar qualquer inquietude e a chance de atritos perigosos. A primeira ordem: cavar uma trincheira em volta do acampamento.

Ao quinto dia, com a trincheira pela metade... Azriel surgiu, ofegante, no meio de nossa tenda de guerra.

Hybern tinha, de alguma forma, se esquivado completamente de nós e marchara com uma força pela fronteira entre as cortes Outonal e Estival. Estava seguindo para a Invernal.

Não conseguimos desvendar o motivo. Azriel não descobrira também. Estavam a meio dia de voo de nós. Ele já mandara avisos para Kallias e Viviane.

Rhys, Tarquin e os demais debateram durante horas, sopesando as possibilidades. Se abandonássemos aquele ponto perto da fronteira, poderíamos entrar no jogo de Hybern. Mas, se deixássemos aquele exército a caminho do norte sem supervisão, ele poderia continuar rumando para o norte o quanto quisesse. Não podíamos arriscar dividir nosso exército em dois — não havia soldados o suficiente para disponibilizar.

Até que Varian teve uma ideia.

Ele dispensou todos os capitães e generais — Keir e Devlon não pareceram nada satisfeitos com a ordem ao saírem —, dispensou todos menos a irmã, Tarquin e minha família.

— Marcharemos para o norte *e* permaneceremos aqui.

Rhys ergueu uma sobrancelha. Cassian franziu a testa.

Mas Varian apontou com um dedo para o mapa aberto sobre a mesa em torno da qual nos reunimos.

— Temos de jogar um encantamento, um bom. De forma que, se alguém passar por aqui, verá e sentirá o cheiro de um exército. Coloque quaisquer feitiços para de fato repelir a vinda da pessoa. Mas deixe que os olhos de Hybern relatem nossa estada aqui. Que escolhemos permanecer aqui.

— Enquanto marchamos para o norte sob um escudo de visão — murmurou Cassian, esfregando o maxilar. — Poderia funcionar. — Ele acrescentou, com um sorriso para Varian: — Se algum dia se cansar daquele sol todo, pode brincar conosco em Velaris.

Embora Varian tivesse franzido a testa, algo brilhou em seu olhar.

— Poderia fazer tal ilusão? — disse Tarquin a Rhys.

Rhys assentiu e piscou um olho para mim.

— Com ajuda de minha parceira.

Rezei para que tivesse descansado o suficiente quando todos me olharam.

Eu estava quase exausta quando Rhys e eu terminamos naquela noite. Segui suas instruções, memorizando rostos e detalhes, desejando que aquela magia de metamorfose os conjurasse do nada, que desse a eles vida própria.

Foi como... aplicar um fino filme sobre todos aqueles no acampamento, que então se separaria quando partíssemos — se separaria e cresceria até se tornar uma entidade própria, caminhando e falando e fazendo ali todo o tipo de coisa. Enquanto marchávamos para interceptar o exército de Hybern, escondidos da vista por Rhys.

Mas funcionou. Cresseida, também habilidosa em encantamentos, trabalhou pessoalmente nos soldados da Corte Estival. Ambas estávamos ofegantes e suadas horas depois, e assenti em agradecimento quando ela me entregou um cantil com

água. Cresseida não era uma guerreira treinada, como o irmão, mas era uma presença sólida e necessária entre o exército; os soldados a olhavam em busca de orientação e estabilidade.

Partimos de novo, e éramos uma besta muito maior que aquela que voara até ali. Os soldados da Corte Estival e a legião de Keir não podiam voar, mas Tarquin puxou do fundo do reservatório de magia e os atravessou conosco. Estaria completamente esgotado quando chegássemos ao inimigo, mas ele insistiu ser melhor ao lutar com aço.

Encontramos o exército hyberniano no limite norte da poderosa floresta que se estendia pela fronteira leste da Corte Estival.

Azriel fizera o reconhecimento do terreno adiante para Cassian, descrevendo-o em detalhes precisos. A tarde estava tão avançada que Hybern se preparava a fim de repousar para a noite.

Antecipando isso, Cassian deixara que nosso exército descansasse o dia todo. Sabendo que, ao fim de um longo dia de marcha, as forças de Hybern estariam exaustas, zonzas. Outra regra da guerra, ele me disse. Saber *quando* escolher as batalhas era tão importante quanto escolher onde travá-las.

Com nuvens carregadas de chuva vindo do leste e o sol mergulhando na direção das árvores atrás de nós — figueiras e carvalhos que se erguiam altos —, aterrissamos. Rhys desceu o encantamento que nos cercava.

Ele queria que a notícia se espalhasse; queria que fosse disseminado entre as forças de Hybern *quem* os encontrava a cada curva. Massacrando-os.

Mas já sabiam.

De novo, observei do acampamento, sobre uma elevação que se debruçava sobre o pequeno vale gramado onde Hybern planejara descansar. Elain se entocou na tenda assim que os guerreiros illyrianos a armaram. Apenas Nestha caminhou até o limite das barracas para assistir à batalha no leito do vale abaixo. Mor se juntou a ela, e depois, eu.

Nestha não se encolheu diante do clangor e do estampido da batalha. Olhava apenas para uma figura em armadura preta, que liderava as fileiras, a ocasional ordem de *avance* ou *segure esse flanco* ecoando pela batalha.

Porque para aquela batalha... Hybern estivera pronta. E a aparência de um exército cansado, pronto para descansar por aquela noite... fora um ardil, como o nosso.

Os soldados de Keir começaram a cair rapidamente, como sombras que se extinguiam. A linha de frente cedia.

Mor observava com o rosto petrificado. Eu não tinha dúvida de que esperava a queda do pai, uma adição à crescente pilha de mortos. Mesmo quando Keir conseguiu reunir os Precursores, recompor aquela linha de frente — somente depois que Cassian rugiu que a refizesse. E do outro lado do campo...

Rhys e Tarquin estavam tão exaustos que de fato combatiam os soldados espada a espada. E, de novo, nenhum sinal do rei ou de Jurian ou de Tamlin.

Mor saltava de um pé para outro, me olhando de vez em quando. O derramamento de sangue, a brutalidade — aquilo a atraía. Estar ali comigo... não era onde queria estar.

Mas aquilo... aquela correria atrás de exércitos, a luta pela vantagem...

Aquilo não seria a solução. Não por muito tempo.

Os céus se abriram, e a batalha se tornou um deflagrado massacre lamacento. Sifões brilhavam, soldados morriam. Hybern empunhava a própria magia sobre nossas forças, flechas com veneno feérico finalmente faziam sua aparição, assim como nuvens da substância que, ainda bem, não perduravam na chuva. E não nos afetavam — nem um pouco — com o antídoto de Nuan em nosso corpo; apenas aquelas flechas, habilidosamente evitadas com escudos ou com a simples destruição das pontas, a pedra venenosa caindo inofensivamente do céu.

Ainda assim, Cassian, Azriel e Rhys continuaram lutando, continuaram matando. Tarquin e Varian mantiveram suas posições — dispersando os soldados para ajudar a fileira de Keir, que mais uma vez sucumbia.

Tarde demais.

De longe, em meio à chuva, podíamos ver perfeitamente conforme a linha escura dos soldados de Keir sucumbia ao massacre da cavalaria de Hybern.

— Merda — sussurrou Mor, segurando meu braço com força o suficiente para ferir. Chuva morna de verão ensopou nossas roupas, nossos cabelos. — *Merda*.

Como uma represa rompida, os soldados de Hybern invadiram, partindo a força de Keir ao meio. Os gritos de Cassian eram audíveis mesmo do alto da colina. Depois, o general estava voando, desviando de flechas e lanças, os Sifões tão apagados que mal o protegiam. Eu podia jurar que Rhys gritou alguma ordem para ele — que Cassian ignorou quando aterrissou no meio, no *meio* daquelas forças inimigas em nossas linhas, e atacou.

Nestha inspirou profundamente, com um arquejo alto.

Mais e mais — Hybern nos dispersava para longe. O poder de Rhys se chocou contra o flanco da horda, tentando empurrá-la para trás. Mas ele estava drenado, exausto da noite passada. Dezenas caíram sob o açoite daquelas sombras, em vez de centenas.

— Reformem as linhas — murmurava Mor, me soltando para caminhar de um lado para o outro, a chuva lhe escorrendo pelo rosto. — Reformem as malditas linhas!

Cassian estava tentando. Azriel avançara para a confusão, nada mais que sombras delimitadas por luz azul, lutando até onde Cassian combatia, completamente cercado.

— Pela Mãe! — exclamou Nestha, baixinho. Ela não estava espantada. Não... não, era pesar em sua voz.

E na minha, quando falei:

— Eles podem consertar isso.

Ou eu rezava para que pudessem.

Mesmo que aquela batalha... aquilo não era tudo o que Hybern tinha para oferecer contra nós.

Não era tudo o que tinham a oferecer; no entanto, éramos rechaçados mais e mais...

Vermelho se acendeu no coração da batalha, como uma brasa que explodia. Um círculo de soldados morreu.

E mais dos soldados hybernianos cercavam Cassian. Nem mesmo Azriel conseguiu chegar até o amigo. Meu estômago se revirou, de novo e de novo.

Hybern havia escondido a maior parte das forças em algum lugar. Nossos batedores não conseguiram encontrá-las. *Azriel* não

conseguiu encontrá-las. E Elain... Ela não conseguia ver aquele poderoso exército, dissera minha irmã. Em seus sonhos, nos que sonhava acordada ou dormindo.

Eu sabia pouco sobre a guerra, sobre a batalha. Mas aquilo... parecia que tapávamos buracos em um barco naufragando.

Conforme a chuva nos ensopava, conforme Mor caminhava de um lado a outro e xingava o massacre, os corpos começavam a se acumular de nosso lado, as linhas se confundiam... Percebi o que precisava fazer, se não podia estar lá embaixo, lutando.

Quem eu precisava caçar... e perguntar sobre a localização do verdadeiro exército de Hybern.

O Suriel.

Capítulo 57

— De jeito algum! — protestou Mor, quando eu a afastei de Nestha alguns metros e o barulho da batalha e da chuva abafava nossas vozes. — *De jeito algum*.

Indiquei com a cabeça o vale abaixo.

— Vá se juntar a eles. Seu talento está sendo desperdiçado aqui. Precisam de você. — Era verdade. — Cassian e Az *precisam* de você para manter as linhas de frente. — Pois os Sifões de Cassian começavam a se apagar.

— Rhys vai me *matar* se eu a deixar aqui.

— Rhys não fará tal coisa, e você sabe. Ele tem proteções em torno deste acampamento, e não sou completamente indefesa, sabe?

Eu não estava *mentindo* exatamente, mas... O Suriel poderia muito bem não aparecer se Mor estivesse ali. E se eu contasse a ela onde iria... Não tinha dúvidas de que Mor *insistiria* em me acompanhar.

Não tínhamos o luxo de esperar que Jurian nos desse informações. Sobre muitas coisas. Eu precisava partir... já.

— Vá lutar. Faça aqueles porcos hybernianos gritarem um pouco.

Nestha tirou os olhos do massacre por tempo o suficiente para acrescentar: — Ajude-os.

Pois lá estava Cassian, avançando mais uma vez contra um comandante hyberniano. Esperando assustar os soldados de novo.

Mor franziu a testa intensamente e ficou nas pontas dos pés uma vez.

— Apenas... tomem cuidado. Vocês duas.

Lancei a ela um olhar sarcástico; logo antes de Mor correr para a própria tenda. Esperei até ela reaparecer, afivelando armas, e me cumprimentar antes de atravessar. Para o campo de batalha. Para o lado de Azriel — no momento que um soldado quase lhe acertava as costas.

Mor enterrou a espada no pescoço do soldado antes que ele conseguisse finalizar o golpe.

Então, Mor começou a abrir caminho até Cassian, na direção da linha de frente desfeita além do general, os cabelos loiros encharcados pareciam um raio de sol em meio à lama e às armaduras negras.

Soldados começaram a gritar. Gritaram um pouco mais quando Azriel, com os Sifões azuis incandescentes, se colocou ao lado de Mor. Juntos, eles abriram caminho até Cassian... ou tentaram.

Avançaram talvez 3 metros antes de serem novamente cercados. Antes que a prensa de corpos fizesse os cabelos de Mor sumirem sob chuva e lama.

Nestha apoiou a mão no pescoço exposto e molhado de chuva. Cassian começou outro ataque contra um capitão hyberniano; dessa vez mais lento que antes.

Agora. Eu precisava sair agora; rapidamente. Dei um passo para longe do aclive.

Minha irmã franziu a testa para mim.

— Vai embora?

— Volto logo. — Foi tudo o que eu disse. Não ousei me perguntar quanto de nosso exército restaria quando eu voltasse.

Quando consegui me afastar, Nestha já assistia novamente à batalha e chuva lhe grudava os cabelos à cabeça. Retomando a

vigília interminável sobre o general que batalhava no leito do vale abaixo.

✣

Eu precisava encontrar o Suriel.

E, embora Elain não pudesse ver o exército de Hybern... valia a pena tentar.

A tenda estava escura, silenciosa; os sons do massacre, longínquos, oníricos.

Ela estava acordada, encarando inexpressivamente o teto de lona.

— Preciso que encontre algo para mim — avisei, molhando tudo quando apoiei um mapa nas coxas de minha irmã. Talvez eu não tenha sido tão cuidadosa quanto deveria, mas pelo menos ela se sentou com meu tom de voz. Piscou para o mapa de Prythian. — Ele é chamado de o Suriel, é um de muitos que carregam esse nome. Mas... mas tem essa aparência — esclareci, e estendi a mão até a dela para mostrar a Elain. Hesitei. — *Posso* mostrar a você?

Os olhos castanhos de minha irmã estavam vítreos.

— Plantar a imagem em sua mente — esclareci. — Para que saiba onde procurar.

— Não sei como procurar — murmurou Elain.

— Pode tentar. — Devia ter pedido que Amren a treinasse também.

Mas Elain me observou, depois observou mapa e assentiu.

Ela não possuía escudos mentais, nenhuma barreira. Os portões para a mente de minha irmã... Ferro sólido, coberto por trepadeiras floridas; ou deveriam ser. As flores estavam todas seladas, botões dormentes acomodados em emaranhados de folhas e espinhos.

Dei um passo para além deles, logo dentro da antecâmara da mente de Elain, e plantei a imagem do Suriel ali, tentando envolvê-la com segurança... com a verdade: embora parecesse aterrorizante, ele não me ferira.

Mesmo assim, Elain estremeceu quando me afastei.

— Por quê?

— Ele tem respostas de que preciso. Imediatamente. — Ou talvez não nos *sobre* um exército para lutar contra aquela horda inteira de Hybern depois de a localizarmos.

Elain olhou para o mapa de novo. Para mim. Então, fechou os olhos.

Seus olhos estremeceram sob as pálpebras, a pele tão delicada e pálida que as veias azuis abaixo eram como pequenos rios.

— Ele se move... — sussurrou Elain. — Ele se move pelo mundo como... como o sopro do vento oeste.

— Para onde vai?

Seu dedo se ergueu, pairando sobre o mapa, as cortes.

Devagar, Elain o encostou.

— Lá — sussurrou ela. — Vai para lá. Agora.

Olhei para onde Elain tinha pousado o dedo, e senti o sangue esvair de meu rosto.

O Meio.

O Suriel estava se dirigindo para aquela antiga floresta no Meio. Logo ao sul... talvez a apenas alguns quilômetros...

Da Tecelã do Bosque.

✣

Atravessei com cinco saltos. Estava sem fôlego, meu poder, quase drenado graças aos encantamentos do dia anterior, às chamas conjuradas que usei para me secar, e à travessia que me levara da batalha até o coração daquele antigo bosque.

O ar pesado e pútrido era tão terrível quanto eu me lembrava; a floresta, densa com um musgo que sufocava as faias retorcidas e as pedras cinzentas espalhadas por ela. Então, veio o silêncio.

Eu me perguntei se deveria ter, de fato, levado Mor comigo enquanto ouvia... enquanto sentia com a magia que me restava, em busca de sinais do Suriel.

O musgo amortecia meus passos conforme eu passava para um leve caminhar. Observando, ouvindo. O quão longe estava, o quão pequena parecia aquela batalha ao sul.

Engoli em seco, o som alto nos ouvidos.

Coisas além da Tecelã espreitavam naquele bosque. E a própria Tecelã... Stryga, como a chamara o Entalhador de Ossos. Irmã. Os dois eram irmãos de uma terrível criatura masculina à espreita em outra parte do mundo.

Saquei a espada illyriana, o metal tiniu no ar espesso.

— Veio me matar ou suplicar por minha ajuda novamente, Feyre Archeron? — perguntou, então, uma voz antiga e rouca atrás de mim.

Capítulo 58

Eu me virei, mas não embainhei a espada às costas.

O Suriel estava parado a poucos metros, vestindo não a túnica que eu lhe dera meses antes, mas uma diferente — mais pesada e mais escura, o tecido já rasgado e esfarrapado. Como se o vento no qual a criatura viajasse houvesse destruído a túnica com garras invisíveis.

Apenas alguns meses se passaram desde que o vi pela última vez... quando o Suriel me contou que Rhys era meu parceiro. Poderia muito bem ter sido há uma vida.

Os dentes grandes demais estalaram de leve.

— Por três vezes agora, nos encontramos. Por três vezes agora, você me caçou. Dessa vez, mandou a corça trêmula me encontrar. Não esperava ver aqueles olhos de gamo me olhando do outro lado do mundo.

— Desculpe se foi uma violação — pedi, o mais firmemente possível. — Mas é um assunto urgente.

— Quer saber onde Hybern esconde seu exército.

— Sim. E outras coisas. Mas vamos começar com isso.

Um sorriso terrível, horroroso.

— Nem mesmo eu consigo vê-lo.

Meu estômago se revirou.

— Consegue ver tudo, exceto isso?

O Suriel inclinou a cabeça e me lembrei de que ele era, de fato, um predador. E de que, dessa vez, não havia arapuca para segurá-lo.

— Ele usa magia para ocultá-lo... magia muito mais antiga que eu.

— O Caldeirão.

Outro sorriso horrível.

— Sim. Aquela coisa cruel e poderosa. Aquela tigela de vida e morte. — O Suriel estremeceu com o que eu juraria ser prazer. — Você já tem uma que pode encontrar Hybern.

— Elain diz que não pode ver... ver além da magia do rei.

— Então, use a outra para rastreá-lo.

— Nestha. Usar *Nestha* para encontrar o Caldeirão?

— Semelhante chama semelhante. O rei de Hybern não viaja sem o Caldeirão. Então, onde estiver, ele e o exército estarão. Diga à linda ladra que o encontre.

Os pelos de meu braço se arrepiaram.

— Como?

O Suriel inclinou a cabeça, como se ouvisse.

— Se for inábil... ossos falarão por ela.

— Adivinhação... está falando de adivinhação pela leitura de ossos?

— Sim. — Aquelas vestes surradas oscilaram com um vento fantasma. — Ossos e pedras.

Engoli em seco de novo.

— Por que o Caldeirão não reagiu quando uni o Livro e proferi o feitiço para anular seu poder?

— Porque você não aguentou muito tempo.

— Estava me matando.

— Achou que poderia libertar o poder sem um custo?

Meu coração estremeceu.

— Eu preciso... morrer para que ele seja impedido?

— Tão dramática, coração humano. Mas sim, sim, aquele feitiço teria drenado sua vida.

— Existe... existe outro feitiço que possa usar no lugar daquele? Para anular os poderes do Caldeirão.

— Se houvesse tal coisa, você ainda precisaria se aproximar o suficiente do Caldeirão para fazê-lo. Hybern não cometerá esse erro duas vezes.

Engoli em seco.

— Mesmo que anulemos o Caldeirão... Isso bastará para impedir Hybern?

— Depende de seus aliados. Se eles sobreviverem por tempo o suficiente para lutar depois.

— O Entalhador de Ossos faria diferença? — *E Bryaxis.*

O Suriel não tinha pálpebras. Mas os olhos leitosos brilharam com surpresa.

— Não consigo ver... não ele. Ele não é... nascido nesta terra. O fio não foi tecido. — A boca retorcida do Suriel se contraiu. — Deseja tanto salvar Prythian que arriscaria libertá-lo.

— Sim. — Assim que localizasse aquele exército, libertaria Bryaxis sobre ele. Mas quanto ao Entalhador... — Ele queria um... presente. Em troca. O Uróboro.

O Suriel soltou um ruído que podia ter sido um arquejo; de prazer ou terror, eu não soube dizer.

— O Espelho de Começos e Fins.

— Sim, mas... não posso recuperá-lo.

— Tem medo de olhar. De ver o que está dentro.

— Ele vai me deixar... louca? Me destruir?

Foi difícil não me encolher diante daquele rosto monstruoso, dos olhos leitosos e da boca sem lábios. Tudo isso concentrado em mim.

— Apenas você pode decidir o que a destrói, Quebradora da Maldição. Apenas você. — Não uma resposta... não de verdade. Certamente não o bastante para que eu arriscasse recuperar o espelho. O Suriel ouviu mais uma vez aquele vento fantasma. — Diga à mensageira de olhos prateados que a resposta está na segunda e na penúltima página do Livro. Juntas, elas têm a chave.

— A chave para *o quê*?

O Suriel estalou os dedos ossudos, como os muitos membros articulados de um crustáceo se movendo uns contra os outros.

— A resposta para o que precisa para impedir Hy...

Levei um segundo para registrar o que aconteceu.

Para identificar a coisa de madeira enfiada no pescoço do Suriel como uma flecha de freixo. Para perceber que o que jorrara em meu rosto, caíra em minha língua e tinha gosto de terra era sangue negro.

Para perceber que os estampidos antes de o Suriel sequer conseguir gritar... eram mais flechas.

O Suriel caiu de joelhos, um ruído de engasgo saindo daquela boca.

Ele estava com medo dos naga naquele dia no bosque. Sabia que podia ser morto.

Avancei em sua direção, segurando uma faca na mão esquerda, a espada em riste.

Outra flecha disparada, e me abaixei atrás de uma árvore retorcida.

O Suriel soltou um grito ao sentir o impacto. Pássaros se dispersaram, voando, e meus ouvidos apitavam...

Então, a respiração difícil e úmida do Suriel tomou conta do bosque. Até que uma melódica voz feminina cantarolou: — Por que ele fala com você, Feyre, quando sequer se digna a falar comigo?

Eu conhecia aquela voz. Aquela risada por baixo das palavras.

Ianthe.

Ianthe estava ali. Com dois soldados hybernianos atrás de si.

Capítulo 59

Escondida atrás de uma árvore, observei o entorno. Estava exausta, mas... Eu poderia atravessar. Poderia atravessar e ir embora. Mas as flechas de freixo que lançaram contra o Suriel...

Eu o encarei enquanto ele estava deitado ali, sangrando no musgo.

As mesmas flechas de freixo que haviam derrubado Rhys. Mas as de meu parceiro foram cuidadosamente posicionadas para neutralizá-lo.

As do Suriel tinham o objetivo de matar.

Aquela boca com dentes grandes demais formou uma palavra silenciosa. *Fuja.*

— O rei de Hybern levou *dias* para desfazer o que você me fez — ronronou Ianthe, e a voz se aproximava. — Ainda não consigo usar a maior parte de minha mão.

Não respondi. Atravessar... eu devia atravessar.

Sangue preto escorreu do pescoço do Suriel, aquela ponta de flecha parecia grosseira ao despontar da pele fina. Eu não podia

curar o Suriel — não com aquelas flechas de freixo ainda em seu corpo. Não até que tivessem sido retiradas.

— Eu soube por Tamlin como você capturou este aqui — prosseguiu Ianthe, mais e mais próxima. — Então, adaptei seus métodos. E ele não me dizia *nada*. Mas como fez contato tantas vezes, a túnica que *eu* dei a ele... — Consegui ouvir o sorriso na voz de Ianthe. — Um simples feitiço de rastreamento, um presente do rei. Para ser ativado em sua presença. Se viesse visitá-lo de novo.

Fuja, falou o Suriel, sem som, mais uma vez, com sangue escorrendo pelos lábios murchos.

Aquilo em seus olhos era dor. Dor verdadeira, tão mortal quanto qualquer criatura. E, se Ianthe o levasse com vida para Hybern... O Suriel sabia que era uma possibilidade. Ele me implorara por liberdade uma vez... mas estava disposto a ser levado. Para que eu fugisse.

Os olhos leitosos do Suriel se semicerraram — com dor e compreensão. *Sim*, era o que ele parecia dizer. *Vá.*

— O rei colocou escudos em minha mente — continuou Ianthe — para evitar que você me ferisse de novo quando eu a encontrasse.

Olhei pelo outro lado da árvore e a vi de pé na borda da clareira, franzindo a testa para o Suriel. Ela usava a túnica pálida, aquela pedra azul lhe coroava o capuz. Apenas dois guardas a acompanhavam. Mesmo depois de todo aquele tempo... Ainda me subestimava.

Eu me abaixei antes que Ianthe pudesse me ver. Encarei o Suriel mais uma vez.

E deixei que ele lesse cada uma das emoções solidificadas em mim com clareza absoluta.

O Suriel começou a sacudir a cabeça. Ou tentou.

Mas dei a ele um sorriso de adeus. E fui até a clareira.

— Devia ter cortado sua garganta naquela noite na tenda — falei para a sacerdotisa.

Um dos guardas disparou uma flecha contra mim.

Eu a bloqueei com uma parede de ar duro que imediatamente estremeceu. Foi drenada... quase totalmente drenada. E, se fosse atingida de novo por uma flecha de freixo...

A expressão de Ianthe se contraiu.

— Melhor repensar o modo como fala comigo. Serei sua melhor defensora em Hybern.

— Suponho que precisará me pegar primeiro — ironizei, friamente, e corri.

✣

Eu podia ter jurado que aquela floresta antiga se moveu para me acomodar.

Podia ter jurado que ela também leu meus pensamentos finais para o Suriel, e me abriu caminho.

Mas não para eles.

Reuni cada gota de força nas pernas, para me manter de pé, conforme corria pelas árvores, saltando pedras e córregos, desviando de pedregulhos cobertos de musgo.

Mas aqueles guardas, mas *Ianthe*, conseguiram me seguir de perto, mesmo ao xingarem os galhos que se partiam e pareciam interromper seu caminho, as pedras que se soltavam sob os pés do trio. Eu só precisava ser mais rápida por um tempo.

Apenas alguns quilômetros. Afastá-los do Suriel, ganhar tempo para que a criatura fugisse.

E me certificar de que eles *pagassem* por suas ações. Por tudo.

Abri meus sentidos, deixando que indicassem o caminho. A floresta fez o resto.

Talvez ela estivesse me esperando. Talvez tivesse ordenado que o bosque abrisse caminho.

Os guardas de Hybern se aproximavam de mim. Meus pés pareciam voar sob o corpo, ligeiros como os de um cervo.

Comecei a reconhecer as árvores, as rochas. Ali eu parara com Rhys... ali flertamos. Ali Rhys se deitara sobre um galho a minha espera.

O ar atrás de mim se partiu: uma flecha.

Desviei para a esquerda, quase me chocando contra uma árvore. A flecha passou direto.

A luz mudou adiante... mais brilhante. A clareira.

Soltei um chorinho de alívio que me certifiquei de que ouvissem.

E deixei o limite das árvores com um salto, os joelhos estalaram quando voei por cima das pedras que levavam àquele chalé tecido com cabelos.

— *Me ajude* — sussurrei, certificando-me de que ouviriam também.

A porta de madeira já estava semiaberta. O mundo ficou lento e mais claro a cada passo, cada batida do coração, conforme eu disparava para além da soleira da porta.

E para dentro do chalé da Tecelã.

Capítulo 60

Segurei a maçaneta quando passei pela soleira, enterrando os calcanhares no chão e jogando cada gota de força nos braços para evitar que aquela porta se fechasse. Que me trancasse do lado de dentro.

Mãos invisíveis a empurraram, mas trinquei os dentes e apoiei um pé na parede, o ferro feria minhas mãos.

A sala atrás de mim estava escura.

— Ladra — entoou uma linda voz na escuridão.

— Você sabe — cantarolou Ianthe do lado de fora do chalé, reduzindo os passos a uma caminhada — que teremos de matar quem estiver aí dentro com você. Quanto egoísmo, Feyre.

Ofeguei, segurando a porta aberta, certificando-me de que não podiam me ver do outro lado.

— Você viu meu gêmeo — sibilou a Tecelã baixinho, com um toque de espanto. — Sinto seu cheiro em você.

Do lado de fora, Ianthe e o guarda se aproximavam. Mais e mais.

Em algum lugar no fundo da sala, eu *senti* quando ela se moveu. Senti quando ficou de pé. E deu um passo em minha direção.

— O que é você? — sussurrou a Tecelã.

— Feyre, você pode ser muito entediante — comentou a sacerdotisa. Bem do lado de fora. Eu mal conseguia discernir a túnica pálida pela fenda entre a porta e o batente. — Acha que pode nos emboscar aí dentro? Vi seu escudo. Você está esgotada. E não pense que seu truque de *brilhar* vai ajudar.

O vestido da Tecelã farfalhou quando ela se aproximou mais na escuridão.

— Quem você trouxe, lobinha? Quem trouxe para mim?

Ianthe e os dois guardas passaram pela soleira da porta. Então, deram outro passo. Cruzaram de vez a porta. Não me viram nas sombras atrás da madeira.

— Jantar — respondi à Tecelã, dando a volta pela porta, para a face externa. E soltei a maçaneta.

Assim que a porta bateu com tanta força a ponto de chacoalhar o chalé, vi a esfera de luz feérica que Ianthe ergueu para iluminar a sala.

Vi o rosto horrível da Tecelã, aquela boca com os tocos de dentes se abrindo toda com prazer e uma fome profana. Uma antiga deusa da morte... faminta por vida. Com uma bela sacerdotisa diante de si.

Eu já disparava para as árvores quando os guardas e Ianthe começaram a gritar.

✣

Os gritos intermináveis me seguiram por quase meio quilômetro. Quando cheguei ao local onde vira o Suriel cair, tinham se dissipado.

Estatelado, o peito ossudo do Suriel subia e descia irregularmente, os fôlegos escasseavam.

Ele estava morrendo.

Eu me ajoelhei diante da criatura, afundando no musgo ensanguentado.

— Deixe-me ajudá-lo. Posso curá-lo.

Eu faria da forma como ajudara Rhysand. Retiraria aquelas flechas... e lhe oferecia meu sangue.

Estendi a mão para a primeira flecha, mas a mão seca e ossuda se apoiou em meu pulso.

— Sua magia — disse o Suriel, rouco — se exauriu. Não... a desperdice.

— Posso salvá-lo.

O Suriel apenas segurou meu pulso.

— Eu já fui.

— O que... o que posso fazer? — As palavras soaram finas... quebradiças.

— Fique... — sussurrou o Suriel. — Fique... até o fim.

Eu segurei sua mão.

— Sinto muito. — Foi tudo que consegui concatenar. Eu tinha feito aquilo... eu o atraíra até ali.

— Eu sabia — disse o Suriel, arquejando, sentindo a mudança em meus pensamentos. — O rastreamento... eu sabia.

— Então, por que veio?

— Você... foi bondosa. Você... lutou contra seu medo. Você foi bondosa — repetiu o Suriel.

Comecei a chorar.

— E você foi bom comigo — falei, sem limpar as lágrimas que caíram na túnica ensanguentada e esfarrapada. — Obrigada... por me ajudar. Quando ninguém mais ajudou.

Um pequeno sorriso naquela boca sem lábios.

— Feyre Archeron. — Ele tomou fôlego, com dificuldade. — Eu disse... para ficar com o Grão-Senhor. E você ficou.

O aviso do Suriel para mim da primeira vez que nos vimos.

— Você... estava se referindo a Rhys. Todo esse tempo. Todo esse tempo...

— Fique com ele... e viva para ver tudo se acertar.

— Sim. Eu fiquei... e tudo se acertou.

— Não... ainda não. *Fique com ele*.

— Ficarei. — Eu sempre ficaria.

O peito do Suriel se elevou e, depois, caiu.

— Nem mesmo sei seu nome — sussurrei. O Suriel... era um título, um nome para sua espécie.

Aquele pequeno sorriso de novo.

— Isso importa, Quebradora da Maldição?

— Sim.

Os olhos do Suriel perderam o brilho, mas ele não me contou. Apenas disse: — Deveria ir agora. Coisas piores... coisas piores estão vindo. O sangue... as atrai.

Apertei a mão ossuda, a pele coriácea ficava mais fria.

— Posso ficar um pouco mais.

Eu tinha matado animais o suficiente para saber quando um corpo estava próximo da morte. Em breve... seria uma questão de alguns fôlegos.

— Feyre Archeron — disse o Suriel, de novo, olhando para a folhagem densa, o céu despontando por ali. Ele inspirou com dificuldade. — Um pedido.

Eu me aproximei.

— Qualquer coisa.

Outro fôlego entrecortado.

— Deixe este mundo... um lugar melhor do que o encontrou.

E, quando o peito se elevou e parou de vez, quando seu fôlego escapou em um último suspiro, entendi por que o Suriel fora ao meu auxílio repetidas vezes. Não apenas por bondade... Mas porque ele era um sonhador.

E foi o coração de um sonhador que parou de bater dentro daquele peito monstruoso.

O silêncio ecoou para dentro de meu coração.

Deitei a cabeça em seu peito, sobre aquela, agora silenciosa, caixa de ossos, e chorei.

Chorei e chorei, até que a mão forte de alguém tocasse meu ombro.

Eu não conhecia o cheiro, a sensação daquela mão. Mas conhecia a voz quando Helion me disse, baixinho: — Vamos, Feyre. Não é seguro aqui. Venha.

Ergui a cabeça. Helion estava ali, com as feições sombrias e a pele marrom lívida.

— Não posso deixá-lo aqui assim — expliquei, recusando-me a soltar a mão do Suriel. Não me importava como Helion tinha me encontrado. Por que tinha me encontrado.

Ele olhou para a criatura caída, e contraiu a boca.

— Vou cuidar dele.

Queimá-lo... com o poder do sol.

Deixei que Helion me ajudasse a ficar de pé. Deixei que estendesse a mão na direção daquele corpo...

— Espere.

Helion obedeceu.

— Me dê sua túnica, por favor.

Franzindo as sobrancelhas, Helion soltou a requintada túnica carmesim presa aos ombros.

Não me dei o trabalho de explicar por que tinha coberto o corpo do Suriel com o tecido refinado. Muito mais refinado que os retalhos odiosos presenteados por Ianthe. Prendi a túnica do Grão-Senhor com delicadeza em volta dos ombros largos, dos braços ossudos do Suriel.

— Obrigada — agradeci uma última vez ao Suriel, e me afastei.

As chamas de Helion eram de um branco puro e ofuscante.

Elas queimaram o Suriel até ele virar cinzas em um segundo.

— Vamos — chamou Helion de novo, estendendo a mão. — Vamos levá-la até o acampamento.

Foi a bondade em sua voz que partiu meu coração. Mas tomei a mão de Helion.

Quando uma luz morna nos recolheu para longe, eu podia jurar que a pilha de cinzas foi agitada por um vento fantasma.

Capítulo 61

Helion atravessou comigo para o acampamento. Direto para a tenda de guerra de Rhys.

Meu parceiro estava pálido. Imundo e coberto de sangue, pele e armadura e cabelos.

Abri a boca... para perguntar como fora a batalha, para contar o que tinha acontecido, não sei.

Mas Rhys apenas estendeu a mão para mim e me aconchegou contra o peito.

E com seu cheiro e o calor e a concretude... comecei a chorar de novo.

Não sabia quem estava na tenda. Quem sobrevivera à batalha. Mas todos saíram.

Saíram enquanto meu parceiro me segurava, me embalando de leve, enquanto eu chorava e chorava.

Rhys só me contou o que aconteceu depois que minhas lágrimas se calaram. Depois que ele lavou o sangue preto do Suriel de minhas mãos, de meu rosto.

Saí da tenda um segundo depois, disparando pela lama, desviando de soldados exaustos e cansados. Rhys estava um passo atrás de mim, mas não disse nada enquanto puxei as abas de outra barraca e vi o que e quem estava diante de mim.

Mor e Azriel, parados diante da cama, monitoravam cada movimento da curandeira sentada a seu lado.

Conforme a mulher mantinha as mãos reluzentes sobre Cassian.

Eu entendi então... o silêncio que Cassian mencionara para mim certa vez.

Estava agora em minha cabeça quando olhei para o rosto enlameado e com expressão de dor; dor, embora estivesse inconsciente. Quando ouvi a respiração difícil, úmida.

Quando vi o corte que se curvava do umbigo de Cassian até a base do esterno. A carne aberta. O sangue; praticamente apenas um fiapo.

Cambaleei... e Rhys me segurou sob os cotovelos.

A curandeira não se virou para me olhar quando a testa se franziu com concentração e as mãos se acenderam com luz branca. Sob elas, devagar, as beiradas do ferimento se estendiam na direção uma da outra.

Se estava ruim assim agora...

— Como — comecei, rouca. Rhys me contara três coisas um momento antes: tínhamos vencido; por pouco. Tarquin havia novamente decidido o que fazer com os sobreviventes. E Cassian fora gravemente ferido.

— Onde você estava? — Foi tudo o que Mor disse para mim. Ela estava ensopada, ensanguentada e coberta de lama. Azriel também. Nenhum sinal de ferimentos além de cortes pequenos, ainda bem.

Sacudi a cabeça. Tinha deixado Rhys entrar em minha mente enquanto ele me abraçava. Mostrara tudo a meu parceiro — explicara Ianthe e o Suriel e a Tecelã. O que ele me dissera. Os olhos de Rhys ficaram distantes por um momento, e soube que

Amren estava a caminho, com o Livro na mão. Para ajudar Nestha a encontrar aquele Caldeirão... ou tentar. Ele poderia explicar a Mor.

Rhys só soubera que eu partira depois do fim da batalha — quando ele percebeu que Mor estava lutando. E que eu não me encontrava mais no acampamento. Rhys acabara de chegar à tenda de Elain quando Helion mandou a notícia de que me encontrara. Usando qualquer que fosse o dom que possuía e que lhe permitia sentir tais coisas. E que estava me levando de volta. Detalhes vagos, breves.

— Ele... ele vai... — Não consegui terminar a frase. As palavras tinham se tornado estranhas e tão difíceis de usar quanto tocar as estrelas.

— Não — respondeu a curandeira, sem me olhar. — Mas ficará dolorido por alguns dias.

De fato, ela conseguira que os dois lados do ferimento se tocassem... e agora começavam a se entremear.

Bile subiu por minha garganta quando vi aquela carne exposta.

— Como? — perguntei de novo.

— Ele não esperava por nós — disse Mor, inexpressiva. — Continuava avançando, tentando recompor a linha. Um dos comandantes inimigos o atacou. Ele não recuou. Quando Az chegou, Cassian já estava caído.

O rosto de Azriel estava petrificado, mesmo enquanto os olhos de avelã se fixavam, determinadamente, naquele ferimento que se fechava.

— Aonde você *foi*? — perguntou Mor, novamente.

— Se estão prestes a brigar — disse a curandeira, em tom afiado —, façam isso lá fora. Meu paciente não precisa ouvir.

Nenhum de nós se moveu.

Rhys passou a mão por meu braço.

— Você é, como sempre, livre para ir onde e quando quiser. Mas o que acho que Mor está dizendo é... tente deixar um bilhete da próxima vez.

As palavras soaram casuais, mas havia pânico nos olhos. Não... não o medo controlador ao qual Tamlin certa vez sucumbira, mas... um terror genuíno por não saber onde eu estava, se precisava de ajuda. Assim como eu iria querer saber onde ele estava, se

precisava de ajuda, caso Rhys desaparecesse enquanto nossos inimigos nos cercavam.

— Desculpe — pedi. Para ele, para os outros.

Mor nem mesmo me olhou.

— Não tem por que se desculpar — respondeu Rhys, deslizando a mão para tocar minha bochecha. — Decidiu fazer as coisas por conta própria, e obteve informação valiosa no processo. Mas... — O polegar de Rhys acariciou minha maçã do rosto. — Temos tido sorte — sussurrou ele. — Nos mantemos um passo à frente, fora das garras de Hybern. Mesmo que hoje... hoje não tenha sido um dia afortunado no campo de batalha. Mas o cínico dentro de mim se pergunta se nossa sorte está prestes a acabar. E eu preferiria que não acabasse para você.

Todos deviam achar que eu era jovem e inconsequente.

Não, disse Rhys, pelo laço, e percebi que havia deixado meus escudos abertos. *Acredite, se soubesse metade das merdas que Cassian e Mor já aprontaram, entenderia por que não achamos isso. Só... deixe um bilhete. Ou me conte da próxima vez.*

Teria me deixado ir se eu tivesse contado?

Não deixo *você fazer as coisas.* Rhys ergueu meu rosto, e Mor e Azriel viraram o olhar. *Você é dona de si, faz as próprias escolhas. Mas somos parceiros — eu sou seu, e você é minha. Não deixamos o outro fazer as coisas como se ditássemos nossos movimentos. Mas... eu poderia ter insistido em ir junto. Mais para meu bem-estar mental, só para saber que estava segura.*

Você estava ocupado.

O vestígio de um sorriso. *Se você estava determinada a ir ao Meio, eu teria me desocupado da batalha.*

Esperei que Rhys brigasse comigo por não esperar até que tivessem terminado, por tudo aquilo, mas... ele inclinou a cabeça.

— Me pergunto se agora a Tecelã a perdoa — ponderou ele, em voz alta.

Até mesmo a curandeira pareceu se sobressaltar com o nome... as palavras.

Um calafrio percorreu minha coluna.

— Não quero saber.

Rhys soltou uma risada grave.

— Então, que jamais descubramos.

Mas a diversão se dissipou quando ele novamente olhou para Cassian. Para o ferimento agora selado.

O Suriel não foi culpa sua.

Expirei quando as pálpebras de Cassian começaram a se mover e estremecer. *Eu sei*.

Já acrescentara sua morte à crescente lista de coisas pelas quais em breve eu faria Hybern pagar.

Longos minutos se passaram, e ficamos parados em silêncio. Não perguntei onde estava Nestha. Mor mal reconheceu minha presença. E Rhys...

Ele se agachou ao pé da cama quando os olhos de Cassian por fim se abriram, e o general soltou um grunhido de dor.

— É isso que consegue — brigou a curandeira, recolhendo suas provisões — por se jogar na frente de uma espada. — Ela franziu a testa para Cassian. — Descanse esta noite e amanhã. Sei bem que não devo insistir por um terceiro dia depois disso, mas tente *não* saltar na frente de espadas tão cedo.

Cassian apenas piscou bastante confuso para ela antes de a curandeira fazer uma reverência para Rhys e para mim, e sair.

— Quão ruim? — perguntou ele, com a voz rouca.

— Quão ruim é seu ferimento — disse Rhys, calmamente —, ou quão ruim foi a surra que levamos?

Cassian piscou de novo. Devagar. Como se qualquer que fosse o sedativo que tivessem dado a ele ainda fizesse efeito.

— Para responder à segunda pergunta — prosseguiu Rhys, e Mor e Azriel recuaram um passo ou dois quando algo se afiou no tom de voz de meu parceiro —, nós nos viramos. Keir foi pesadamente atingido, mas... vencemos. Por pouco. Para responder à primeira... — Rhys exibiu os dentes. — Nunca *mais* faça esse tipo de merda de novo.

A tontura se dissipou do olhar de Cassian quando ele ouviu o desafio, o ódio, e tentou se sentar. O general sibilou, olhando para baixo com irritação para o violento corte vermelho no peito.

— Suas tripas estavam para fora, seu porco burro — disparou Rhys. — Az as segurou para você.

De fato, as mãos do encantador de sombras estavam cobertas de sangue... o sangue de Cassian. E o rosto... frio de... ira.

— Sou um soldado — disse Cassian, inexpressivamente. — Isso faz parte do serviço.

— Dei uma ordem para que você *esperasse* — grunhiu Rhys. — Você a ignorou.

Olhei para Mor, para Azriel — uma pergunta silenciosa sobre se deveríamos ficar. Eles estavam ocupados demais observando Rhys e Cassian a fim de repararem.

— A fileira estava se desfazendo — respondeu Cassian. — Sua ordem era estúpida.

Rhys apoiou as mãos de cada um dos lados das pernas de Cassian e grunhiu contra o rosto do general:

— Sou seu *Grão-Senhor*. Não pode ignorar ordens das quais não gosta.

Cassian se sentou dessa vez, xingando devido à dor que lhe tomava o corpo.

— Não venha usar hierarquia porque está irritado...

— Você e seu maldito teatro no campo de batalha quase o *mataram*. — E, mesmo quando Rhys disse as palavras cuspindo... aquilo era pânico, de novo, nos olhos. Na voz. — Não estou irritado, estou *furioso*.

— Então, você pode se irritar com nossas escolhas ao protegê-*lo*, e nós não podemos ficar furiosos com você por causa de *suas* besteiras sacrificiais?

Rhys apenas o encarou. Cassian encarou de volta.

— Você poderia ter morrido! — Foi tudo o que Rhys falou, com a voz áspera.

— Você também.

Outro segundo de silêncio... e, depois, o ódio passou.

— Mesmo depois de Hybern... não suporto — disse Rhys, em voz baixa.

Vê-lo ferido. Qualquer um de nós ferido.

E pela forma como Rhys falou, a forma como Cassian se inclinou para a frente, encolhendo o corpo de novo, e segurou o ombro de Rhys...

Saí da tenda. Deixei que eles conversassem. Azriel e Mor me seguiram.

Semicerrei os olhos diante da luz aquosa — os últimos resquícios antes da verdadeira escuridão. Quando minha visão se ajustou... Nestha estava de pé perto da tenda mais próxima, um balde de água vazio entre os pés. Os cabelos encharcados eram uma confusão no alto da cabeça cheia de lama. Ao nos ver sair, com expressões sombrias...

— Ele está bem. Curado e acordado — avisei rapidamente.

Os ombros de Nestha relaxaram um pouco.

Ela me poupara o trabalho de procurá-la para perguntar a respeito de rastrear o Caldeirão. Era melhor fazer isso logo, com alguma privacidade. Principalmente antes de Amren chegar.

— Não deveria encher esse balde de novo? — perguntou Mor friamente, porém.

Nestha enrijeceu o corpo. Olhou Mor de cima a baixo. Mas Mor não recuou diante daquele olhar.

Depois de um momento, Nestha pegou o balde, com lama até as canelas, e seguiu em frente, as passadas afundando na lama.

Eu me virei e vi Azriel se dirigindo à tenda dos comandantes, mas Mor...

Lívida. Estava absolutamente *lívida* enquanto me encarava.

— Ela não se deu o trabalho de contar a ninguém que você havia partido.

Por isso o ódio.

— Nestha pode ser muitas coisas, mas certamente é leal.

Mor não sorriu. Nem mesmo ao dizer:

— Você mentiu.

Ela disparou para a própria tenda, e, com *aquele* comentário... não tive escolha a não ser segui-la.

O espaço estava praticamente todo ocupado pela cama e uma pequena mesa cheia de armas e mapas.

— Não *menti* — rebati, encolhendo o corpo. — Só... não contei o que planejava fazer.

Mor me olhou boquiaberta.

— Me incitou a *deixá-la*, insistiu que estaria segura *no acampamento*.

— Desculpe — pedi.

— Desculpe? *Desculpe?* — Ela abriu os braços, e montes de lama voaram.

Não sabia o que fazer com meus braços — como sequer encarar Mor. Eu já a vira irritada, mas nunca... jamais comigo. Nunca tive uma amiga para discutir, uma que se importasse o suficiente para tanto.

— Sei tudo o que está prestes a dizer, cada desculpa para eu não a ter acompanhado — disparou Mor. — Mas nada disso a desculpa por haver *mentido* para mim. Se tivesse explicado, eu a teria deixado ir, se tivesse *confiado* em mim, eu a teria deixado ir. Ou talvez convencido a não executar uma ideia idiota que quase a *matou*. Estão a *caçando*. Querem colocar as mãos em você para *usá-la*. *Feri-la*. E só viu um *lampejo* do que Hybern pode fazer, com o que sentem prazer. E para dobrá-la a sua vontade, o rei faria *qualquer* coisa.

Eu não sabia o que dizer a não ser:

— Precisávamos dessa informação.

— É claro que sim. Mas sabe qual foi a sensação de encarar Rhys e dizer a ele que eu *não fazia ideia* de onde você estava? Perceber, eu mesma, que você tinha *sumido*, e provavelmente me enganara para que eu permitisse seu sumiço? — Mor esfregou o rosto sujo, manchando-o mais ainda de lama e sangue. — Achei que fosse mais inteligente que isso. *Melhor* que esse tipo de coisa.

As palavras dispararam uma linha de fogo por minha visão, queimando até minha espinha.

— Não vou ouvir isso.

Eu me virei para partir, mas Mor já estava ali, agarrando meu braço.

— Ah, vai sim. Rhys pode ser todo sorrisos e perdão, mas você ainda precisa responder a *nós*. Você é minha *Grã-Senhora*. Entende o que significa quando demonstra que não confia em nós para ajudá-la? Para respeitar seus desejos se quiser fazer algo sozinha? Quando *mente* para nós?

— Quer falar sobre mentira? — Eu nem mesmo sabia o que estava saindo de minha boca. Queria ter matado Ianthe com as próprias mãos, ao menos para me livrar do ódio que se contorcia em

meus ossos. — E quanto ao fato de que mente para si mesma e para nós *todos os dias*?

Mor ficou imóvel, mas não soltou meu braço.

— Não sabe do que está falando.

— Por que nunca tomou uma atitude em relação a Azriel, Mor? Por que chamou Helion para sua cama? Obviamente não sentiu prazer naquilo... Vi sua aparência no dia seguinte. Então, antes de me acusar de ser uma mentirosa, sugiro que olhe profundamente para *si mesma*...

— Basta.

— Basta? Não gosta quando alguém a pressiona por causa disso? Por *suas* escolhas? Bem, eu também não.

Mor soltou meu braço.

— Saia.

— Tudo bem.

Nem mesmo olhei para trás quando saí. Eu me perguntei se ela conseguia ouvir o estrondo de meu coração a cada passo tempestuoso pelo acampamento enlameado.

Amren me encontrou vinte passos depois, com um volume embrulhado nos braços.

— Sempre que vocês me deixam em casa, *alguém* é estripado.

Capítulo 62

Não consegui me obrigar a sorrir para Amren. Mal consegui manter o queixo erguido.

Ela olhou para trás de mim, como se pudesse ver a trilha que eu havia tomado a partir da tenda de Mor, sentir o cheiro da briga em mim.

— Cuidado — avisou Amren, quando passei a caminhar a seu lado, seguindo para nossa tenda de novo — com a forma como a pressiona. Há algumas verdades que nem mesmo Morrigan encarou.

O ódio quente rapidamente se dissolvia em algo frio e esquisito e pesado.

— Todos brigamos de vez em quando, menina — ponderou Amren. — Você duas deveriam esfriar a cabeça. Conversem amanhã.

— Tudo bem.

Amren me lançou um olhar afiado, os cabelos oscilaram com o movimento, mas tínhamos chegado a minha tenda.

Rhys e Azriel seguravam Cassian entre si conforme cuidadosamente o sentavam em uma cadeira à mesa cheia de papéis. O rosto do general ainda parecia cinzento, mas alguém tinha lhe encontrado uma camisa — e limpado seu sangue. Pela forma como Cassian afundou naquela cadeira... Ele mesmo devia ter insistido em comparecer. E, pela forma como Rhys alisava os cabelos ao seguir para o outro lado da mesa... aquela ferida também tinha sido fechada.

Rhys ergueu uma sobrancelha quando entrei, ainda batendo um pouco os pés. Sacudi a cabeça. *Conto mais tarde*.

Uma carícia das garras percorreu meu escudo mais interno; um toque de conforto.

Amren apoiou o Livro na mesa, e um estampido ecoou pela terra sob nossos pés.

— A segunda e a penúltima página — anunciei, tentando não me encolher diante do poder do Livro, serpenteando pela tenda. — O Suriel afirmou que a chave que busca está aí. Para anular o poder do Caldeirão.

Presumi que Rhys tivesse contado a Amren o que acontecera — e presumi que tivesse mandado alguém buscar Nestha, pois ela abriu as pesadas abas da entrada da tenda um momento depois.

— Você os trouxe? — perguntou Rhys a Amren, quando Nestha se aproximou silenciosamente da mesa.

Ainda coberta de lama até as canelas, minha irmã parou do outro lado; longe de onde Cassian estava sentado. Olhou para ele de cima a baixo. O rosto não revelava nada, mas as mãos... Podia ter jurado que um leve tremor ondulou pelos dedos de Nestha antes de ela os fechar em punhos e encarar Amren. Cassian observou Nestha por mais um momento antes de virar a cabeça para Amren também. Por quanto tempo Nestha ficara no alto daquela colina, observando a batalha? Será que o vira cair?

Amren levou a mão ao bolso da túnica cobre e jogou uma bolsa de veludo preto na mesa. O objeto estalou e emitiu estampidos ao atingir a madeira.

— Ossos e pedras.

Nestha apenas inclinou a cabeça ao ver a bolsa.

Sua irmã veio imediatamente quando expliquei do que precisávamos, falou Rhys. *Acho que ver Cassian ferido a convenceu a não começar uma briga hoje.*

Ou convenceu minha irmã a começar uma briga com alguém totalmente diferente.

Nestha ergueu a bolsa.

— Então, jogo isso como se fosse uma charlatã de beco e encontraremos o Caldeirão?

Amren soltou uma risada baixa.

— Algo assim.

Havia arcos de lama sob as unhas de Nestha. Ela não pareceu reparar ao desatar a pequena sacola e despejar seu conteúdo. Três pedras, quatro ossos. Os últimos eram castanhos e brilhavam devido à idade; as primeiras eram brancas como a lua, e lisas como vidro, e cada uma tinha uma letra fina, estreita, que não reconheci.

— Três pedras para os rostos da Mãe — disse Amren, ao ver as sobrancelhas erguidas de Nestha. — Quatro ossos... para qualquer que seja o motivo inventado pelas *charlatãs*, e que não vou me dar o trabalho de lembrar.

Nestha riu com escárnio. Rhys ecoou o sentimento.

— E então... eu os agito nas mãos e jogo? Como vou interpretar tudo isso? — perguntou minha irmã.

— Podemos decifrar — respondeu Cassian, a voz áspera e exausta. — Mas comece segurando-os nas mãos e pensando no Caldeirão.

— Não *pense* somente — corrigiu Amren. — Precisa projetar sua mente *na direção do artefato*. Encontre o laço que os une.

Até mesmo eu parei ao ouvir aquilo. E Nestha, com pedras e ossos agora nas mãos... Ela não fez menção de fechar os olhos.

— Eu... devo... tocá-lo?

— Não — avisou Amren. — Apenas se aproxime. Encontre-o, mas não interaja.

Nestha mesmo assim não se moveu. Ela não conseguia usar a banheira, tinha me dito. Porque as lembranças que incitava...

— Nada pode ferir você aqui — assegurou Cassian. Ele inspirou, gemendo baixinho, e se levantou. Azriel tentou impedir o general, mas Cassian o afastou e caminhou até minha irmã. Ele apoiou a

mão na mesa quando, por fim, parou. — Nada pode feri-la — repetiu ele.

Nestha ainda encarava Cassian quando, por fim, fechou os olhos. Eu me movi, e o ângulo me permitiu ver o que não havia notado antes.

Nestha estava diante do mapa, com um punho cheio de ossos e pedras fechado sobre ele. Cassian permanecia a seu lado, a mão na lombar de Nestha.

E fiquei maravilhada com o toque que Nestha permitiu — tanto quanto com a mão coberta de lama que ela estendeu. A concentração que se estampou em seu rosto.

Os olhos de Nestha se moviam sob as pálpebras, como se varrendo o mundo.

— Não vejo nada.

— Vá mais fundo — pediu Amren. — Encontre aquele fio entre vocês.

Nestha enrijeceu o corpo, mas Cassian se aproximou, e minha irmã se acalmou de novo.

Um minuto se passou. Depois, outro.

Um músculo estremeceu na testa de Nestha. A mão tremeu.

O fôlego de minha irmã vinha rápido e com dificuldade, os lábios se retraíam enquanto ofegava entre dentes.

— Nestha — avisou Cassian.

— Calado — disparou Amren.

Um ruído baixo saiu de Nestha; um de terror.

— Onde está, menina? — perguntou Amren. — Abra a mão. Deixe-nos ver.

Os dedos de Nestha apenas seguraram com mais força, os nós estavam brancos como as pedras que ela segurava.

Profundo demais — o que quer que Nestha tivesse feito...

Avancei até ela. Não fisicamente, mas com a mente.

Se os portões mentais de Elain eram como um jardim dormente, os de Nestha...

Pertenciam a uma fortaleza antiga, pontiagudos e brutais. O tipo em que eu imaginava pessoas sendo empaladas.

Mas estavam escancarados. E do lado de dentro...

Escuridão.

Escuridão como eu jamais conhecera, até mesmo com Rhysand.

Nestha.

Dei um passo para sua mente.

As imagens se chocaram contra mim.

Uma após a outra e a seguinte, eu as vi.

O exército que se estendia no horizonte. As armas, o ódio, o mero volume.

Vi o rei curvado sobre um mapa em uma tenda de guerra, flanqueado por Jurian e vários outros comandantes, o Caldeirão apoiado no centro da sala atrás deles.

E ali estava Nestha.

De pé naquela tenda, observando o rei, o Caldeirão.

Congelada no lugar.

Com medo irresoluto.

— Nestha.

Ela não parecia me ouvir enquanto os encarava.

Peguei sua mão.

— Você o encontrou. Estou vendo... vejo onde está.

O rosto de Nestha estava pálido. Mas ela, por fim, voltou a atenção para mim.

— Feyre.

Surpresa iluminou os olhos arregalados de terror de minha irmã.

— Vamos voltar — chamei.

Nestha assentiu, e nos viramos. Mas sentimos... nós duas sentimos.

Não o rei ou os comandantes tramando com ele. Não Jurian ao fazer o jogo mortal da traição. Mas o Caldeirão. Como se alguma grande besta dormente tivesse aberto um olho.

O Caldeirão parecia nos sentir observando. Ele nos sentia *ali*.

Eu o senti se agitar... como se fosse avançar em Nestha. Peguei minha irmã e fugi.

— Abra o punho — ordenei a Nestha quando disparamos para os portões de ferro que davam em sua mente. — Abra *agora*.

Nestha apenas ofegava, e aquela força monstruosa avultava atrás de nós, uma onda preta se erguia.

— Abra *agora*, ou ele vai entrar aqui. Abra *agora*, Nestha!

Ouvi as palavras quando me joguei para fora de sua mente; ouvi porque estava gritando naquela tenda.

Com um arquejo, os dedos de Nestha se abriram totalmente, espalhando pedras e ossos sobre o mapa.

Cassian a pegou com um braço em volta da cintura quando Nestha cambaleou. Ele sibilou de dor com o movimento.

— O que *diabos*...

— Olhem — sussurrou Amren.

Nenhuma jogada poderia ter feito aquilo... Exceto aquela abençoada pela magia.

As pedras e os ossos formavam um círculo perfeito, pequeno, em torno de um ponto no mapa.

Nestha e eu empalidecemos. Tinha visto o tamanho daquele exército; nós duas tínhamos. Enquanto Hybern nos mandava para o norte, permitindo que os caçássemos naquelas duas batalhas...

O rei reunira sua horda no limite leste do território humano.

Talvez a não mais de 150 quilômetros da propriedade de nossa família.

Rhys chamou Tarquin e Helion para lhes mostrar o que havíamos descoberto.

Muito poucos. Tínhamos muito poucos soldados, mesmo com três exércitos ali, para enfrentar aquela horda. Eu mostrara a Rhysand o que vi, e ele mostrou aos demais.

— Kallias chegará em breve — declarou Helion, passando as mãos pelo cabelo cor de ônix.

— Precisaria trazer quarenta mil soldados — argumentou Cassian. — Duvido de que tenha metade disso.

Rhys encarava sem parar aquele aglomerado de pedras e ossos no mapa. Eu podia sentir a ira emanando de meu parceiro — não apenas contra Hybern, mas contra si mesmo, por não ter pensado que Hybern poderia estar, deliberadamente, brincando conosco. Posicionando nossas forças ali.

Tínhamos conquistado a vantagem nas duas batalhas; Hybern conquistara a vantagem na guerra.

Ele sabia o que esperava no Meio.

E o rei de Hybern agora tinha obrigado nossas forças a se reunirem ali — naquele local — para que ele e seu exército monstruoso pudessem nos mandar para o norte. Um golpe certeiro pelo sul, que por fim nos empurrou até o Meio, obrigando-nos a nos separar para evitar o emaranhado letal de árvores e residentes.

E, se levássemos a batalha até eles... talvez cortejaríamos a morte.

Nenhum de nós era tolo o bastante para arriscar qualquer plano com base em Jurian, independentemente de onde repousasse sua lealdade. Nossa melhor chance era ganhar tempo até que outros aliados chegassem. Kallias. Thesan.

Tamlin escolhera quem apoiar nessa guerra. E, mesmo que escolhesse Prythian, teria restado a ele o problema de reunir uma força da Corte Primaveril depois que eu pulverizara a confiança depositada no Grão-Senhor.

E Miryam e Drakon... *Não há tempo o suficiente*, disse Rhys. *Para ir atrás deles, encontrá-los, e trazer de volta seus exércitos. Poderíamos retornar e descobrir que Hybern nos varreu do mapa.*

Mas havia o Entalhador... se eu ousasse recuperar seu prêmio. Não mencionei, não me ofereci. Não até que pudesse ter certeza... até que não estivesse prestes a desmaiar de exaustão.

— Vamos descansar, pensar sobre isso — disse Tarquin, exalando. — Nos encontramos ao alvorecer de amanhã. Tomar uma decisão depois de um longo dia nunca ajudou ninguém.

Helion concordou e saiu. Era difícil não encarar, não comparar as feições com as de Lucien. O nariz era igual — estranhamente idêntico. Como ninguém jamais chamara sua atenção para aquilo?

Supus que era a menor de minhas preocupações.

— Encontraremos uma forma de enfrentar isso — declarou Tarquin, franzindo a testa para o mapa uma última vez.

Rhys assentiu, enquanto a boca de Cassian se repuxou para o lado. Tinha voltado a sentar para a discussão, e agora se demorava com uma caneca de alguma bebida curativa trazida por Azriel.

Tarquin deu as costas para a mesa no momento que as abas da tenda se abriram para a passagem de ombros largos...

Varian. Ele nem mesmo olhou para o Grão-Senhor, sua concentração direcionada a Amren, sentada à cabeceira da mesa. Como se o príncipe sentisse que ela estava ali... ou como se alguém o tivesse avisado. E Varian viera correndo.

Os olhos de Amren se ergueram do Livro quando Varian parou. Um sorriso tímido lhe contraiu os lábios.

Ainda havia sangue e terra na pele marrom de Varian, cobrindo a armadura prateada e os cabelos curtos. O príncipe não pareceu notar ou se importar quando caminhou até Amren.

E nenhum de nós ousou falar quando Varian se ajoelhou diante da cadeira de Amren, segurou o rosto chocado nas mãos largas e a beijou intensamente.

Capítulo 63

Nenhum de nós durou muito depois do jantar.

Amren e Varian nem mesmo se deram o trabalho de se juntar a nós.

Não, ela apenas enroscou as pernas em volta da cintura de Varian, bem ali na nossa frente, e ele se levantou, erguendo Amren com um movimento ágil. Não soube muito bem como o príncipe conseguiu carregá-la para fora da tenda enquanto ainda a beijava, as mãos de Amren lhe acariciando os cabelos, os dois soltando ruídos irritantemente semelhantes ao ronronar de gatos conforme sumiam pelo acampamento.

Rhys soltou uma risada baixa enquanto todos observavam, boquiabertos, o casal.

— Suponho que seja essa a forma como Varian decidiu agradecer a Amren por ela nos ter enviado a Adriata.

Tarquin encolheu o corpo.

— Faremos um revezamento de quem precisará lidar com eles nos feriados.

Cassian deu uma gargalhada rouca e olhou para Nestha, que permaneceu pálida e calada. O que ela vira, o que *eu* vira em sua mente...

O tamanho daquele exército...

— Comida ou cama? — perguntou Cassian a Nestha, e, sinceramente, eu não soube dizer se aquilo era algum tipo de convite. Pensei em dizer ao general que ele não estava em condições.

— Cama — disse apenas Nestha. E, certamente, *não* havia convite na resposta exausta.

Rhys e eu conseguimos comer, discutindo em voz baixa o que tínhamos visto. Cansaço tornava cada fôlego pesado, e mal consegui terminar meu prato de cordeiro assado antes de rastejar até a cama e desmaiar sobre os cobertores. Rhys me acordou apenas para tirar minhas botas e jaqueta.

Amanhã de manhã. Descobriríamos como lidar com tudo amanhã de manhã. Eu falaria com Amren sobre finalmente convocar Bryaxis para nos ajudar a devastar aquele exército.

Talvez houvesse outra coisa que nos escapava. Alguma chance adicional de salvação além daquele feitiço de anulação.

Meus sonhos foram como um jardim emaranhado, espinhos me perfurando conforme eu tropeçava sobre eles.

Sonhei com o Suriel sangrando e sorrindo. Sonhei com a boca aberta da Tecelã dilacerando Ianthe enquanto esta ainda gritava. Sonhei com Lorde Graysen — tão mortal e jovem — de pé no limite do acampamento, chamando Elain. Dizendo que iria buscá-la. Para que fosse para casa com ele. Que tinha encontrado uma forma de desfazer o que fora feito a ela... torná-la humana de novo.

Sonhei com aquele Caldeirão na tenda de guerra do rei de Hybern, tão escuro e dormente... Despertando enquanto Nestha e eu estávamos paradas ali, invisíveis, não detectadas.

Como o Caldeirão observara de volta. Como nos *reconhecera*.

Eu conseguia sentir o artefato me observando, até agora. Nos sonhos. Sentia o Caldeirão estender uma gavinha preta e antiga até mim...

Acordei sobressaltada.

O corpo nu de Rhys estava enroscado no meu, o rosto, suavizado pelo sono. Na escuridão da tenda, ouvi.

Fogueiras crepitando do lado de fora. Os murmúrios sonolentos das sentinelas. O vento suspirando pelas tendas de lona, açoitando as bandeiras sobre elas.

Fiz uma varredura pela escuridão, ouvindo.

Os pelos de meu braço se eriçaram.

— Rhys.

Ele acordou imediatamente... e se sentou.

— O que foi?

— Alguma coisa... — Ouvi com tanta atenção que minhas orelhas se repuxaram. — Tem alguma coisa aqui. Alguma coisa está errada.

Ele se moveu, vestiu a calça e o boldrié. Eu segui, ainda tentando ouvir, os dedos trêmulos sobre as fivelas.

— Sonhei — confessei. — Sonhei com o Caldeirão... que ele nos *observava* de novo.

— *Merda*. — A palavra saiu como um sussurro.

— Acho que abrimos uma porta — sussurrei, enfiando os pés nas botas. — Acho... acho... — Não consegui terminar a frase conforme corria até as abas da tenda, com Rhys ao encalço. Nestha. Precisava encontrar Nestha...

Cabelos castanho-dourados reluziram à luz das fogueiras, e ela já estava lá, correndo para mim, ainda de camisola.

— Você também está ouvindo — disse Nestha, ofegante.

Ouvir... Eu não conseguia ouvir, mas apenas *sentir*...

A pequena figura de Amren saiu de trás de uma barraca, vestida no que parecia ser a camisa de Varian. Batia-lhe nos joelhos, e o dono a seguia, o peito nu como Rhys, os olhos arregalados.

Os pés descalços de Amren estavam sujos de lama e grama.

— Veio até aqui... o poder. Posso sentir... serpenteando por aqui. *Procurando*.

— O Caldeirão — disse Varian, franzindo a testa. — Mas... ele é *senciente*?

— Nós cutucamos demais — disse Amren. — Apesar da batalha, ele sabe onde estamos tanto quanto agora sabemos sua localização.

Nestha ergueu a mão.

— *Ouçam*.

E ouvi então.

Era uma canção e um convite, um aglomerado de notas cantado por uma voz masculina e feminina, jovem e velha, assustadora e atraente, e...

— Não consigo ouvir nada — disse Rhys.

— Você não foi Feito — disparou Amren. Mas nós tínhamos sido. Nós três...

De novo, o Caldeirão cantou sua canção de sereia.

Meus ossos pareceram se encolher.

— O que ele *quer*?

Senti o Caldeirão recuar, senti quando deslizou para a noite.

Azriel saiu de uma sombra.

— O que é isso? — sibilou ele.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Você ouve?

Uma negativa com a cabeça.

— Não, mas as sombras, o vento... Eles se encolhem.

O Caldeirão cantou de novo.

Distante... recuando.

— Acho que está indo embora — sussurrei.

Cassian tropeçou e cambaleou até nós um momento depois, a mão no peito, Mor nos calcanhares. Ela nem mesmo me olhou, e nem eu a ela, quando Rhys contou a eles. De pé, juntos, na calada da noite...

O Caldeirão cantou uma última nota; depois, se calou.

A presença, o peso... sumiu.

Amren expirou.

— A esta altura, Hybern sabe que estamos aqui. O Caldeirão provavelmente queria ver por conta própria. Depois que o provocamos.

Esfreguei o rosto.

— Vamos rezar para que seja a última vez que o vemos.

Varian inclinou a cabeça.

— Então, vocês três... porque foram *Feitas*, conseguem ouvir? Senti-lo?

— Ao que tudo indica, sim — respondeu Amren, parecendo inclinada a arrastar Varian de volta ao buraco de onde tinham saído, a fim de terminar o que, sem dúvida, ainda queriam fazer.

— E quanto a Elain? — perguntou Azriel, baixinho.

Algo frio percorreu meu corpo. Nestha apenas encarou Azriel. Encarou e encarou...

Então, saiu correndo.

Os pés descalços de Nestha deslizavam pela lama, me sujando conforme disparávamos para a tenda de minha irmã.

— Elain... — Nestha escancarou a tenda.

Ela parou subitamente, tão rápido que me choquei contra minha irmã. A tenda... a tenda estava vazia.

Nestha se atirou para dentro, revirando cobertores, como se Elain tivesse, de alguma forma, mergulhado no chão.

— *Elain!*

Eu me virei para o acampamento, observando as tendas próximas. Um olhar para Rhys informou o que tínhamos encontrado do lado de dentro. Uma lâmina illyriana surgiu em sua mão logo antes de Rhys atravessar.

Azriel caminhou até meu lado, até o interior da tenda em que Nestha agora se levantava. Ele fechou bem as asas quando se espremeu para dentro do espaço apertado, ignorando o grunhido de aviso de Nestha, e se ajoelhou diante da cama.

Ele passou a mão coberta de cicatrizes pelos cobertores revirados.

— Ainda estão mornos.

Do lado de fora, Cassian gritava ordens, o acampamento se agitava.

— O Caldeirão — sussurrei. — O Caldeirão estava se dissipando... indo para algum lugar...

Nestha já se movia, disparando para onde tínhamos ouvido aquela voz. *Atraindo* Elain para fora.

Eu sabia como ele havia conseguido.

Sonhara com aquilo.

Graysen de pé no limite do acampamento, chamando-a, prometendo amor e cura a Elain.

Chegamos ao aglomerado de árvores no limite do acampamento, no momento que Rhys surgiu do meio da noite, a lâmina agora embainhada às costas. Trazia algo nas mãos. Nenhuma emoção no rosto cuidadosamente neutro.

Nestha soltou um ruído que poderia ter sido um soluço quando percebi o que Rhys encontrara na beira da floresta. O que o Caldeirão deixara para trás na pressa de retornar ao acampamento de guerra. Ou como um presente debochado.

A túnica azul-escura de Elain, ainda quente pelo contato com sua pele.

Capítulo 64

Nestha sentou com a cabeça apoiada nas mãos dentro de minha tenda. Ela não falou, não se moveu. Retraída, agarrando-se para permanecer inteira; era assim que ela parecia. Como eu me sentia.

Elain... levada para o exército de Hybern.

Nestha tinha roubado algo vital do Caldeirão. E, naqueles momentos em que Nestha o caçara para nós... o Caldeirão descobrira o que era vital para *ela*.

Então, o Caldeirão roubara algo em troca.

— Nós a traremos de volta — garantiu Cassian, rouco, de onde estava encostado, no braço arredondado da espreguiçadeira, no outro lado da pequena área de estar, observando Nestha cautelosamente. Rhys, Amren e Mor estavam em reunião com os outros Grão-Senhores, informando-os sobre o que fora feito. Descobrindo se sabiam de alguma coisa. Se tinham alguma forma de ajudar.

Nestha abaixou as mãos, ergueu a cabeça. Os olhos estavam vermelhos, os lábios, tensos.

— Não, não a trarão. — Nestha apontou para o mapa na mesa. — Vi aquele exército. O tamanho, quem está nele. Eu *vi*, e não há qualquer chance de *qualquer* um de vocês invadi-lo. Nem mesmo você — acrescentou ela, quando Cassian abriu a boca de novo. — *Principalmente* não quando está ferido.

E o que Hybern faria com Elain, o que já podia estar fazendo...

— Vou trazê-la de volta — disse Azriel, dentre as sombras perto da entrada da tenda, como se respondendo a algum debate não proferido.

Nestha voltou o olhar para o encantador de sombras. Os olhos avelã de Azriel brilharam nas sombras.

— Então, você vai morrer — decretou Nestha.

— Vou trazê-la de volta — repetiu Azriel, apenas, com ódio cobrindo o olhar.

Com as sombras, ele podia ter a chance de entrar. Mas havia proteções a considerar, e magia antiga, e o rei com aqueles feitiços, e o Caldeirão...

Por um momento, vi os conjuntos de tinta que Elain comprara para mim, certa vez, com o dinheiro que havia guardado. O vermelho, amarelo e azul com os quais me deliciei, que usei para pintar aquela cômoda no chalé. Não pintava havia anos então, não ousara gastar o dinheiro comigo... Mas Elain ousara.

Fiquei de pé. Encarei os olhos cheios de ira de Azriel.

— Vou com você — anunciei.

Azriel apenas assentiu.

— Jamais entrará o suficiente no acampamento — avisou Cassian.

— Vou caminhar para dentro dele.

Quando os dois semicerraram os olhos, eu me transformei. Não um encantamento, mas uma verdadeira transformação de feições.

— Merda — sussurrou Cassian, depois que terminei.

Nestha se levantou.

— Talvez já saibam que ela está morta.

Pois era o rosto de Ianthe, seus cabelos, que eu agora possuía. Quase drenou o que restava de minha magia exaurida. Qualquer coisa a mais... Talvez eu não tivesse o bastante para manter o rosto

no lugar. Mas havia outras formas. Caminhos. Para fazer o necessário.

— Preciso de um de seus Sifões — pedi a Azriel. O azul era um pouco mais intenso, mas à noite... talvez não reparassem na diferença.

Ele estendeu a palma da mão, uma pedra azul redonda e chata surgiu ali, e Azriel a atirou para mim. Fechei os dedos em volta da pedra morna, e o poder latejava em minhas veias, como as batidas de um coração sobrenatural, quando olhei para Cassian.

— Onde está o ferreiro?

O ferreiro do acampamento não fez perguntas quando entreguei a ele os candelabros de prata de minha tenda e o Sifão de Azriel. Quando pedi a ele que fizesse aquela tiara. Imediatamente.

Um ferreiro mortal podia ter levado um tempo, dias. Mas um feérico...

Quando ele terminou, Azriel tinha ido à sacerdotisa do acampamento buscar uma túnica sobressalente. Talvez não fosse idêntica à de Ianthe, mas era parecida. Como Grã-Sacerdotisa, ninguém ousaria olhar com muita atenção para ela. Fazer perguntas.

Eu tinha acabado de colocar a tiara sobre o capuz quando Rhys entrou em nossa tenda. Azriel afiava a Reveladora da Verdade com uma concentração impassível, e Cassian afiava as armas que eu prenderia sob a túnica... sobre o couro illyriano.

— Ele vai sentir seu poder — avisei a Rhys, antes que meu parceiro falasse.

— Eu sei — respondeu Rhys, com voz rouca. E percebi... percebi que os demais Grão-Senhores não deram soluções.

Minhas mãos começaram a tremer. Eu sabia das chances. Sabia o que enfrentaria lá. Vira na mente de Nestha horas antes.

Rhys cobriu a distância entre nós, segurou minhas mãos. Olhando para *mim*, não para o rosto de Ianthe, como se pudesse ver a alma por baixo.

— Há proteções em volta do acampamento. Não pode atravessar. Precisa entrar andando... e sair. Então, pode saltar de volta para cá.

Assenti.

Ele deu um leve beijo em minha testa.

— Ianthe entregou suas irmãs — disse Rhys, com o tom de voz afiado e ríspido. — É muito adequado que a use para recuperar Elain.

Ele segurou as laterais de meu rosto, aproximando o nariz do meu.

— Não se distraia. Não se demore. É uma guerreira, e guerreiros sabem que brigas lutar.

Assenti, e nossos hálitos se misturaram.

Rhys grunhiu.

— Eles tomaram o que é nosso. E não permitimos que esses crimes fiquem sem punição.

O poder de Rhys ondulou e rodopiou em torno de mim.

— Não tema — sussurrou Rhys. — Não hesite. Não ceda. Entre, pegue-a e saia de novo.

Assenti mais uma vez, ainda encarando meu parceiro.

— Lembre-se de que você é uma loba. E não pode ser enjaulada.

Rhys beijou minha testa mais uma vez, meu sangue latejava e fervia dentro do corpo, uivando por sangue.

Comecei a prender as armas que Cassian havia organizado em fileiras perfeitas na mesa, Rhys me ajudava com as fivelas e os nós, posicionando-os de forma que não ficassem visíveis sob a túnica. A única que não consegui encaixar foi a espada illyriana — não tinha como escondê-la e conseguir sacá-la com facilidade. Cassian me deu uma adaga sobressalente para compensar a falta da espada.

— Entre com Feyre, e saia com as duas, encantador de sombras — disse Rhys a Azriel, quando passei para o lado do mestre espião, sentindo o peso das armas com o balanço da túnica pesada. — Não me importa quantos precise matar para tanto. As duas saem.

Azriel deu um aceno severo, firme.

— Eu juro, Grão-Senhor.

Palavras formais, títulos formais.

Segurei a mão coberta de cicatrizes de Azriel, o peso do Sifão fazia pressão contra minha testa pelo capuz. Olhamos para Rhys, para Cassian e Nestha, para Mor — no momento que ela apareceu, ofegante, à entrada da tenda. Seus olhos se voltaram para mim, então para o encantador de sombras, e se incendiaram com choque e medo...

Mas nós partimos.

A brisa escura de Azriel era diferente da de Rhys. Mais fria. Mais precisa. Cortou o mundo, como uma lâmina, nos fazendo disparar na direção daquele acampamento do exército.

A noite ainda caía acima, o alvorecer devia chegar em duas horas, quando Azriel aterrissou conosco em uma floresta densa no alto de uma colina debruçada sobre o limite do poderoso acampamento.

O rei usara os mesmos feitiços que Rhys conjurara em torno de Velaris e de nossas forças. Feitiços para escondê-lo de vista e repelir pessoas que se aproximassem demais.

Aterrissamos dentro dos feitiços, graças aos detalhes de Nestha. Com uma visão perfeita da cidade de soldados que se estendia pela noite.

Fogueiras queimavam, tão numerosas quanto as estrelas. Bestas mordiam e grunhiam, puxando coleiras e correntes. E mais e mais além aquele exército se estendia, um terror presente, sorvendo a vida da terra.

Azriel silenciosamente se dissolveu em escuridão — até que fosse minha sombra, e nada mais.

Alisei a túnica pálida da sacerdotisa, ajustei a tiara no alto da cabeça e comecei a abrir caminho colina abaixo.

Para o coração do exército de Hybern.

Capítulo 65

O primeiro teste seria o mais perigoso — e informativo.

Passar pelos guardas posicionados no limite do acampamento... e descobrir se sabiam sobre a morte de Ianthe. Descobrir que tipo de poder a sacerdotisa realmente empunhava ali.

Congelei as feições naquela bela máscara beatífica que ela sempre estampava no rosto, a cabeça erguida, o anel da parceria virado para baixo na mão contrária. Nos pulsos, algumas pulseiras de prata que Azriel pegara emprestado da sacerdotisa do acampamento. Deixei que tilintassem alto, como Ianthe fizera, como um gato com um sino na coleira.

Um bicho de estimação; supus que Ianthe não passava de um bicho de estimação do rei.

Não podia ver Azriel, mas podia senti-lo, como se o Sifão que fazia as vezes de joia de Ianthe fosse um fio. Ele estava em cada bolsão de sombra, disparando à frente e atrás.

Os seis guardas que flanqueavam a entrada do acampamento avaliaram Ianthe, caminhando para fora da escuridão, com um

desprezo descarado. Preparei o coração, *me tornei* a sacerdotisa, orgulhosa e tímida, vaidosa e predadora, santa e sensual.

Não me impediram quando caminhei por eles e cheguei à longa avenida que atravessava o infinito acampamento. Não pareceram confusos ou ansiosos.

Não ousei relaxar os ombros, nem mesmo suspirar com puro alívio. Não conforme seguia pela ampla estrada principal ladeada por tendas e forjas, fogueiras e... coisas para as quais não olhei, e nem mesmo me virei na direção dos ruídos que me alcançavam.

Aquele lugar fazia a Corte de Pesadelos parecer uma sala de estar humana, cheia de donzelas castas bordando almofadas.

E, em algum lugar naquele poço infernal... Elain. Será que o Caldeirão a presenteara ao rei? Ou estava em algum limbo, presa em qualquer que fosse o mundo sombrio que ocupado pelo Caldeirão?

Eu vira a tenda do rei na leitura de Nestha. Não parecera tão longe quanto parecia agora, erguendo-se como uma gigantesca besta espinhosa no centro do acampamento. Entrar representaria outra série de obstáculos.

Se chegássemos tão longe sem ser notados.

A hora da noite funcionava em nossa vantagem. Os soldados ainda acordados estavam envolvidos em atividades horrorosas diversas... ou de guarda, desejando participar dessas atividades. O resto dormia.

Era estranho, percebi, com cada passo ritmado e tilintar de joias em direção ao coração do acampamento, considerar que Hybern, de fato, precisava de descanso.

Por algum motivo, eu presumira que seus soldados estavam acima disso — que eram míticos, com força e ódio infinitos.

Mas eles também se cansavam. E comiam. E dormiam.

Talvez não tão facilmente quanto a maioria dos humanos, mas faltando duas horas para o alvorecer, demos sorte. Depois que o sol afugentasse as sombras, no entanto... Depois que evidenciasse algumas falhas em minha roupa...

Era difícil analisar as tendas conforme passávamos, difícil me concentrar nos ruídos do acampamento enquanto fingia ser alguém completamente acostumada a eles. Nem mesmo sabia se Ianthe

tinha uma tenda ali — se era permitido que se aproximasse do rei sempre que quisesse.

Eu duvidava... duvidava de que conseguiríamos entrar em sua tenda pessoal e descobrir onde diabos estava Elain.

Uma imensa fogueira queimava e crepitava perto do centro do acampamento, e o som de comemorações chegava até nós muito antes de conseguirmos ver algo.

Eu soube, em alguns segundos, que a maioria dos soldados *não* estava dormindo.

Estavam ali.

Celebrando.

Alguns dançavam, formando círculos travessos em torno da fogueira, as silhuetas contorcidas eram pouco mais que sombras deturpadas se atirando noite adentro. Alguns bebiam de enormes barris de carvalho com cerveja que eu reconheci: direto dos estoques de Tamlin. Alguns se contorciam juntos... outros apenas observavam.

Mas, em meio às risadas e à cantoria e à música, por cima do rugido do fogo... Gritos.

Uma sombra segurou meu ombro, lembrando-me de não fugir.

Ianthe não fugiria, não demonstraria alarme.

Minha boca secou quando aquele grito soou de novo.

Não pude suportar... deixar que prosseguisse, ver o que era feito...

A mão de sombra de Azriel segurou a minha, me puxando para mais perto. Ódio emanou da forma invisível.

Percorremos as festividades vagarosamente, outras partes se tornaram claras. Os gritos...

Não era Elain.

Não era Elain pendurada em um poste próximo a um altar improvisado de granito.

Era uma jovem dos Filhos dos Abençoados, jovem e esguia...

Meu estômago se revirou, ameaçando despejar o conteúdo pela garganta. Duas outras estavam acorrentadas a seu lado. Pela forma como estavam penduradas, os ferimentos nos corpos nus...

Clare. Era como Clare o que fora feito com elas. E, como Clare, tinham sido deixadas ali para apodrecer, deixadas para os corvos

que certamente viriam ao alvorecer.

Aquela aguentara mais tempo.

Eu não podia. Não podia... não podia *deixá-la* ali...

Mas, se permanecesse tempo demais, eles veriam. E chamar atenção...

Poderia viver com aquilo? Certa vez, matei dois inocentes para salvar Tamlin e seu povo. Seria o mesmo que matá-la, se a deixasse ali para salvar minha irmã...

Estranha. Era uma *estranha*...

— Ele anda procurando por você — cantarolou uma severa voz masculina.

Eu me virei e vi Jurian saindo do espaço entre duas tendas, afivelando o cinto da espada. Olhei para o altar. E, como se a mão invisível de alguém tivesse limpado a fumaça...

Ali estava o rei de Hybern... jogado na cadeira, a cabeça apoiada no punho, o rosto, uma máscara de leve diversão enquanto observava o festejo, a tortura e o tormento. A adulação da plateia que ocasionalmente se virava para brindar ou se curvar a ele.

Obriguei minha voz a se suavizar, adaptei aquela melodia.

— Andei ocupada com minhas irmãs.

Jurian me encarou por um longo momento, voltando os olhos para o Sifão no alto de minha cabeça.

Eu soube assim que ele percebeu quem eu era. Aqueles olhos castanhos brilharam... de leve.

— Onde ela está? — Foi tudo o que sussurrei.

Jurian sorriu, arrogante. Não para mim, mas para qualquer um que nos observasse.

— Anda me seduzindo há semanas — ronronou Jurian. — Aja como tal.

Minha garganta fechou. Mas apoiei a mão em seu antebraço, piscando quando me aproximei.

Um riso de escárnio divertido.

— Acho difícil acreditar que foi assim que conquistou o coração de Rhysand.

Tentei não fazer careta.

— *Onde* ela está?

— A salvo. Intocada.

Meu peito pesou com a palavra.

— Não por muito tempo — avisou Jurian. — Ele ficou chocado quando ela apareceu diante do Caldeirão. Ele a prendeu. Veio até aqui para pensar no que fazer com ela. E como fazer você pagar por isso.

Acariciei seu braço e, depois, deitei a mão sobre o coração de Jurian.

— Onde. Ela. Está?

Jurian se aproximou, como se fosse me beijar, e levou a boca a meu ouvido.

— Foi esperta o bastante para matá-la antes de lhe tomar a pele?

Minhas mãos se fecharam no casaco de Jurian.

— Ela teve o que mereceu.

Consegui sentir o sorriso de Jurian contra meu ouvido.

— Está na tenda do rei. Acorrentada com aço e um pequeno feitiço de seu livro preferido.

Merda. *Merda*. Talvez eu devesse ter trazido Helion, que podia quebrar quase todos...

Jurian segurou meu queixo entre o polegar e o indicador.

— Venha para minha tenda comigo, Ianthe. Quero ver o que essa boquinha linda sabe fazer.

Foi difícil não me encolher, mas deixei que Jurian colocasse a mão em minha lombar. Ele riu.

— Parece que já está levando aço. Não precisa do meu.

Dei a ele um sorriso lindo como o sol.

— E quanto à jovem no poste?

Escuridão percorreu aqueles olhos.

— Houve muitas antes, e muitas virão depois.

— Não posso deixá-la aqui — falei, entre dentes.

Jurian me levou pelo labirinto de tendas, seguindo para aquele círculo interior.

— Sua irmã ou ela... não poderá sair com duas.

— Leve-me até ela e farei acontecer.

— Diga que gostaria de rezar diante do Caldeirão antes de nos recolhermos — murmurou Jurian.

Pisquei, e percebi que havia guardas... guardas e aquela gigantesca tenda cor de osso diante de nós.

— Antes de... nos recolhermos, gostaria de rezar diante do grande Caldeirão. Dar graças pelo butim de hoje — disse a Jurian, e uni as mãos diante do corpo.

Jurian fingiu irritação; um homem no cio deixado à espera.

— Seja rápida — disse ele, indicando com o queixo os guardas de cada lado das abas da tenda. Vi o olhar que Jurian lhes lançou, de macho para macho. Não se incomodaram em esconder as expressões lascivas quando passei.

E como eu era *Ianthe*... dei a cada um meu sorriso provocador, avaliando-os para uma conquista diferente daquela que os levara até Prythian.

O sorriso de resposta do guarda da direita me informou que ele era meu se eu quisesse.

Depois, obriguei meus olhos a dizerem. *Quando terminar com o humano*.

O guarda arrumou o cinto quando entrei na tenda.

Sombria... fria. Como o céu antes do alvorecer, era essa a sensação da tenda.

Nenhum braseiro crepitante, nenhuma luz feérica. E, no centro do imenso espaço... uma escuridão que devorava a luz. O Caldeirão.

Os pelos de meu braço se arrepiaram.

— Tem cinco minutos para tirá-la daqui — sussurrou Jurian em meu ouvido. — Leve-a para o limite oeste, há um penhasco que dá para o rio. Encontrarei vocês lá.

Pisquei para ele.

O sorriso de Jurian foi como um rasgo de branco na escuridão.

— Se ouvir gritos, não entre em pânico. — A distração que ele criaria. Jurian riu para as sombras. — Espero que consiga carregar três, encantador de sombras.

Azriel não confirmou que estava ali, que ouvira.

Jurian me estudou por mais um segundo.

— Guarde uma adaga para seu coração. Se a pegarem com vida, o rei irá... — Ele sacudiu a cabeça. — Não deixe que a peguem com vida.

Então, ele se foi.

Azriel surgiu das sombras profundas no canto da tenda um segundo depois. Ele indicou com o queixo as cortinas ao fundo. Comecei a entoar uma das muitas orações de Ianthe, um discurso bonito que eu ouvira milhares de vezes na Corte Primaveril.

Corremos pelos tapetes, desviando de mesas e móveis. Entoava a oração o tempo todo.

Azriel puxou a cortina...

Elain estava de camisola. Amordaçada, os punhos atados em aço que brilhava violeta. Os olhos se arregalaram quando nos viu — Azriel e *eu*...

Eu havia transformado o rosto de volta, levei a mão aos lábios enquanto Azriel se ajoelhava diante de minha irmã. Prossegui com a ladainha, suplicando ao Caldeirão que tornasse meu útero fértil, e assim por diante...

Azriel retirou cuidadosamente a mordaça da boca de Elain.

— Está ferida?

Ela sacudiu a cabeça, devorando a visão de Azriel, como se não acreditasse.

— Você veio me buscar. — O encantador de sombras apenas inclinou a cabeça.

— Rápido — sussurrei, então retomei a oração. Tínhamos o tempo que ela durasse.

Os Sifões de Azriel se incendiaram, aquele no alto de minha cabeça ficou quente.

A magia não fez nada quando entrou em contato com aquelas amarras. Nada.

Restavam apenas mais alguns versos de minha oração.

Os punhos e os tornozelos de Elain estavam atados. Ela não podia fugir assim.

Estendi a mão para minha irmã, buscando um fio do poder de Helion para desfazer o feitiço do rei sobre as correntes. Mas minha magia ainda estava esgotada, arrasada...

— Não temos tempo — murmurou Azriel. — Ele está vindo.

Os gritos e urros começaram.

Azriel pegou Elain, passando seus braços amarrados pelo pescoço.

— Segure firme — ordenou o encantador de sombras — e não dê um pio.

Latidos e urros tomaram a noite. Tirei a túnica e guardei no bolso o Sifão de Azriel antes de pegar duas facas.

— Pelos fundos?

Um aceno.

— Prepare-se para fugir.

Meu coração acelerou. Elain olhou para nós, mas não tremeu. Não se encolheu.

— Corra e não pare — disse Azriel para mim. — Dispararemos para a margem oeste, para o penhasco.

— Se Jurian não estiver lá com a jovem a tempo...

— Então, você vai. Eu a pego.

Expirei, me preparando.

Os latidos e os grunhidos ficaram mais altos... mais próximos.

— Agora! — sibilou Azriel, e corremos.

Seus Sifões brilharam, e a lona dos fundos da tenda se dissolveu em nada. Disparamos por ali antes de os guardas próximos repararem.

Não reagiram a nós. Apenas olharam pelo buraco.

Azriel nos tornara invisíveis... envoltos pela sombra.

Corremos por entre as tendas, os pés voando sobre grama e terra.

— Corra — sussurrou ele. — As sombras não durarão muito.

Pois no leste, atrás de nós... o sol começava a nascer.

Um uivo lancinante partiu a noite que morria. E soube que haviam percebido o que tínhamos feito. Que estávamos *ali*. E mesmo que não pudessem ver... os cães do rei de Hybern podiam sentir nosso cheiro.

— *Mais rápido* — grunhiu Azriel.

A terra estremeceu atrás de nós. Não ousei virar.

Chegamos perto de uma estante de armas. Embainhei as facas, livrando as mãos ao passarmos em disparada, e peguei um arco e uma aljava de flechas. Flechas de *freixo*.

As flechas estalaram quando passei a aljava pelo ombro. Encaixei uma flecha no arco.

Azriel cortou para a direita, desviando de uma tenda.

E com o ângulo... eu me virei e disparei.

O cão mais próximo... não era um cão, percebi, quando a flecha seguiu espiralando para a cabeça da criatura.

Era algum primo dos naga — alguma coisa monstruosa e escamosa que avançava sobre quatro patas; o rosto viperino grunhia, cheio de dentes brancos capazes de destroçar ossos.

Minha flecha atravessou o pescoço da criatura.

Ela caiu, e demos a volta pela tenda, correndo para aquele horizonte oeste ainda sombrio.

Lancei outra flecha.

Mais três. Mais três em nosso encalço, mais próximos a cada passo daquelas garras...

Eu conseguia senti-los a nossa volta: comandantes hybernianos correndo com os cães, rastreando as bestas porque ainda não podiam nos ver. Aquela flecha disparada informou muito bem a eles da distância. Mas, assim que os cães nos alcançassem... aqueles comandantes surgiriam. E nos matariam ou capturariam.

Fileira após fileira de tendas, vagarosamente despertando com o alarde no centro do acampamento.

O ar ondulou, e ergui o rosto, vendo a chuva de flechas de freixo disparadas por trás, e havia muitas porque aquilo era uma tentativa às cegas de atingir *qualquer* alvo...

O escudo azul de Azriel estremeceu com o impacto, mas se manteve. No entanto, nossas sombras tremeram e se dissiparam.

Os cães se aproximaram, dois se desgarraram e cortaram pela lateral. Para nos arrebanhar.

Pois ali estava o *penhasco* no outro limite do acampamento. Um penhasco com uma queda muito, *muito* profunda, e um rio imperdoável abaixo.

E de pé na borda, aninhada em uma capa escura...

Estava a garota.

Jurian a deixara lá... para nós. Para onde ele fora... Não vi sinal de Jurian.

Mas atrás de nós, preenchendo o ar, como se usasse magia para tal... o rei.

— Que ladrões intrépidos — disse ele, lentamente, as palavras por todo lado e, ao mesmo tempo, em lugar algum. — Como devo

puni-los?

Não tinha dúvidas de que as proteções terminavam logo além da margem do penhasco. Isso foi confirmado pelos grunhidos dos cães, que pareciam sentir a iminência da fuga de sua presa. Menos de 100 metros... se pudéssemos saltar longe o bastante para nos afastar.

— *Tire-a daqui, Azriel* — implorei a ele, ofegante. — Eu pego a outra.

— Vamos *todos*...

— É uma ordem.

Uma chance, um caminho livre até a beira daquele penhasco, e para a liberdade além...

— Você precisa... — Minhas palavras foram interrompidas.

Senti o impacto antes da dor. A dor lancinante, *incandescente* que irrompeu de meu ombro. Uma flecha de freixo...

Meus pés cederam sob o corpo, sangue jorrou, e caí no chão rochoso com tanta força que meus ossos reclamaram. Azriel xingou, mas, com Elain nos braços, lutar...

Os cães chegaram em um segundo.

Disparei uma flecha contra um, o ombro gritou com o movimento. O cão caiu, liberando a vista atrás dele.

Revelando o rei, caminhando pela fileira de tendas, sem pressa e certo de nossa captura, com um arco pendendo da mão. O arco que lançara a flecha que agora atravessava meu corpo.

— Torturar você seria tão entediante — ponderou o rei, a voz ainda ampliada. — Pelo menos o tipo tradicional de tortura. — Cada passo era lento, intencional. — Como Rhysand se revoltaria. Como entraria em pânico. Sua parceira por fim veio me ver.

Antes que eu pudesse avisar a Azriel que corresse, dois outros cães estavam sobre mim.

Um saltou direto contra mim. Ergui o arco para travar sua mandíbula.

O cão o partiu em dois, jogando longe a madeira. Levei a mão a uma faca, no momento que o segundo cão saltou...

Um rugido me ensurdeceu, fazendo minha cabeça zumbir. No momento que um dos cães foi atirado de cima de mim.

Eu conhecia aquele rugido, sabia...

Uma besta de pelos dourados e chifres enroscados dilacerou os cães.

— Tamlin — falei, mas os olhos verdes se semicerraram. *Corra*, ele pareceu dizer.

Era quem nos flanqueava. Tentando nos encontrar.

Tamlin rasgou e dilacerou, e os cães se atiraram, todos, contra ele. O rei parou, e, embora permanecesse longe, eu podia claramente discernir a surpresa que lhe deixou o rosto inexpressivo.

Já. Eu precisava partir *já*.

Fiquei de pé com dificuldade, retirando a flecha com um grito contido. Azriel já estava ali, não tinham se passado mais que alguns segundos...

Azriel me agarrou pelo colarinho, e uma teia de luz azul se prendeu em meu ombro, estancando o sangue como uma atadura até um curandeiro...

— Você precisa voar — ofegou.

Mais seis cães se aproximaram. Tamlin ainda lutava contra os outros, ganhando vantagem... contendo a linha.

— Precisamos voar — disse Azriel, um dos olhos agora no rei conforme este retomava a aproximação debochadamente lenta. — Consegue?

A jovem ainda estava de pé na beira do penhasco. Ela nos observava com olhos arregalados, cabelos pretos açoitando o rosto.

Eu jamais decolara correndo. Mal conseguira me manter no céu.

Mesmo que Azriel pegasse a jovem com o braço livre...

Não me permiti considerar a alternativa. Eu *voaria*. Apenas por tempo o suficiente para planar sobre aquele penhasco, e atravessar para fora quando tivéssemos passado pelo limite das proteções.

Tamlin soltou um grito que parecia ser de dor, seguido por outro rugido de estremecer a terra. O restante dos cães o alcançara. Ele não hesitou, não cedeu um centímetro às criaturas...

Conjurei as asas. O puxão e o peso... Mesmo com a atadura do Sifão, dor queimou meus sentidos com o puxão nos músculos.

Ofeguei entre dentes quando Azriel mergulhou à frente, começando a bater as asas. Não havia espaço o suficiente na projeção do penhasco para que fizéssemos aquilo lado a lado.

Absorvi os detalhes da decolagem de Azriel, o bater das asas, o ângulo do corpo do encantador.

— *Agarre-se a ele!* — ordenou Elain à humana de olhos arregalados, quando Azriel disparou em sua direção. A jovem parecia uma corça prestes a ser derrubada por um lobo.

E ela não abriu os braços quando os dois se aproximaram.

— *Se quiser viver, faça isso agora!* — gritou Elain.

A jovem soltou o manto e abriu bem os braços.

Os cabelos pretos voaram atrás de Azriel, se enroscando entre as asas do feérico quando o encantador de sombras praticamente jogou a jovem no céu. Mas eu vi, mesmo enquanto corria, as mãos pálidas de Elain se esticarem — segurando a menina pelo pescoço, segurando-a o mais forte possível.

E bem a tempo.

Um dos cães fugiu de Tamlin em um salto poderoso. Eu me abaixei, me preparando para o impacto.

Mas eu não era o alvo. Com dois passos saltados pela beirada rochosa e outro pulo...

O rugido de Azriel ecoou pelas rochas quando o cão se chocou contra ele, raspando aquelas garras dilaceradoras pela espinha do encantador de sombras, pelas asas...

A jovem gritou, mas Elain agiu. Enquanto Azriel lutava para manter todos no ar, para continuar segurando as duas, minha irmã deu um chute destemido no focinho da besta. No olho. E outro. E outro.

O animal gritou, e Elain golpeou o pé descalço e enlameado em seu focinho mais uma vez. O golpe foi certeiro.

Com um berro de dor, o animal soltou as garras — e mergulhou na ravina.

Tão rápido. Tudo aconteceu tão rápido. E sangue... sangue jorrou das costas, das asas de Azriel...

Mas ele permaneceu no ar. Luz azul se espalhou pelos ferimentos. Estancando o sangue, estabilizando as asas. Eu ainda corria na direção do penhasco quando Azriel se virou, revelando um rosto envolto em dor, enquanto segurava as duas mulheres com força.

Mas o encantador de sombras viu o que avançava contra mim. A corrida à frente. E, pela primeira vez desde que o conheci, havia terror nos olhos de Azriel conforme ele me observava naquela corrida.

Bati as asas, e uma corrente ascendente elevou meus pés, então bati com eles na rocha. Tropecei, mas continuei correndo, continuei batendo as asas, minhas costas reclamavam...

Outro dos cães passou pela guarda de Tamlin. Veio disparado por aquele trecho estreito de rocha, as garras sulcando a pedra abaixo. Eu podia ter jurado que o rei gargalhou atrás.

— *Mais rápido!* — rugiu Azriel, com sangue escorrendo a cada batida de asas. Eu conseguia ver o nascer do sol entre os rasgos nas membranas. — *Impulsione o corpo para cima!*

A pedra ecoou com os passos estrondosos do cão em meu encalço.

A beira da rocha surgiu. Queda livre esperava além. E eu sabia que o cão saltaria comigo. O rei o faria me pegar de qualquer modo necessário, mesmo que meu corpo estivesse partido no rio bem abaixo. Àquela altura, eu me estatelaria como um ovo jogado de uma torre.

E ele guardaria o que restasse de mim, assim como Jurian fora guardado, vivo e consciente.

— *Segure-as no alto!*

Estendi as asas o máximo possível. Trinta passos entre mim e a beirada.

— *Pernas para cima!*

Vinte passos. O sol irrompeu no horizonte leste, emoldurando a armadura ensanguentada de Azriel em dourado.

O rei disparou outra flecha — duas. Uma para mim, outra para as costas expostas de Elain. Azriel jogou as duas longe com um escudo azul. Não olhei para ver se aquele escudo se estendeu até Tamlin.

Dez passos. Bati as asas, meus músculos gritavam, sangue escorria até mesmo pela atadura do Sifão. Eu as bati quando lancei uma onda de vento subindo por baixo do corpo, o ar inflou a membrana flexível, mesmo quando ossos e tendões se tensionaram até quase se partirem.

Meus pés se levantaram do chão. Então, caíram de novo. Empurrei com o vento, batendo as asas como louca. O cão se aproximava de mim.

Cinco passos. Eu sabia; sabia que qualquer que tivesse sido a força que me impeliu a aprender a voar... De alguma forma, essa força soubera. Que esse momento se aproximava. Tudo aquilo... tudo aquilo havia sido uma preparação para esse momento.

E com apenas três passos até a beira do penhasco... Um vento morno, com cheiro de lilás e grama fresca, soprou por baixo de mim. Um vento de... primavera. Erguendo meu corpo, preenchendo minhas asas.

Meus pés se levantaram. Mais. E mais.

O cão saltou atrás de mim.

— *Desvie!*

Lancei o corpo para o lado, as asas fazendo uma curva aberta. O alvorecer crescente e a queda e o céu giraram e rodopiaram antes que eu me equilibrasse.

Olhei para trás e vi o cão-naga morder o local onde estiveram meus calcanhares. E, então, mergulhar para baixo, mais e mais para baixo, até a ravina e o rio no fundo.

O rei disparou de novo, e a flecha trazia na ponta um poder reluzente de ametista. O escudo de Azriel resistiu — por pouco. Qualquer que fosse a magia em que o rei envolvera a arma... Azriel grunhiu de dor.

Mas rosnou para mim:

— *Voe!*

E me virei para a direção de onde viera, as costas tremendo pelo esforço de manter o corpo reto. Azriel se virou, e a jovem gemeu de terror quando ele caiu alguns metros no céu, antes de se nivelar e disparar a meu lado.

O rei latiu um comando, e uma saraivada de flechas subiu em arco do acampamento... chovendo sobre nós.

O escudo de Azriel estremeceu, mas se manteve firme. Bati as asas, as costas gritando.

Pressionei o ferimento com a mão, no momento que as proteções fizeram pressão sobre mim. Pressão como se tentassem me conter, conter Azriel onde ele agora batia as asas como louco

contra elas, sangue escorrendo daquelas asas feridas, descendo pelas costas dilaceradas...

Liberei uma chama da luz branca de Helion. Queimando, chamuscando, derretendo.

Um buraco se abriu entre as proteções. Quase pequeno demais.

Não hesitamos quando planamos por ele, quando arquejei para tomar fôlego. Mas olhei para trás. Apenas uma vez.

Tamlin estava cercado pelos cães. Sangrando, ofegante, ainda naquela forma bestial.

O rei talvez estivesse a 10 metros, lívido — completamente lívido ao ver o buraco que eu mais uma vez abrira em suas proteções. Tamlin aproveitou a distração.

Não olhou para nós quando disparou para a beira do penhasco.

Ele saltou longe... amplamente. Mais longe que qualquer besta ou feérico deveria ser capaz de conseguir. Aquele vento que enviara em minha direção agora o impulsionava, guiando Tamlin na direção daquele buraco pelo qual tínhamos passado.

Ele atravessou o buraco e seguiu para longe, ainda sem me olhar quando segurei a mão de Azriel e nós também sumimos.

✠

O poder de Azriel cedeu no limite de nosso acampamento.

A garota, apesar das queimaduras e das lacerações na pele branca como a lua, conseguia andar.

A luz cinzenta da manhã havia se espalhado pelo mundo, e a névoa se agarrava a nossos calcanhares enquanto seguíamos para aquele acampamento; Elain ainda aninhada ao peito de Azriel. Sangue pingava do encantador durante todo o caminho — um gotejar, em comparação com a torrente que deveria estar escorrendo. Ajuda, ele precisava de um curandeiro imediatamente.

Nós dois precisávamos. Pressionei a mão contra o ferimento no ombro para estancar o sangramento. A jovem chegou a oferecer usar os retalhos da roupa que lhe restava para fechar o ferimento.

Não tinha fôlego para explicar que eu era feérica, e que havia freixo em minha pele. Eu precisava ver um curandeiro antes que o

ferimento se fechasse sobre quaisquer farpas. Então, apenas perguntei seu nome.

Briar, a jovem respondeu, a voz rouca de tanto gritar. O nome dela era Briar.

A jovem não pareceu se importar com a lama que guinchava sob os pés e lhe sujava as canelas expostas. Apenas olhou para as tendas, para os soldados que dali saíam aos tropeços. Um deles viu Azriel e gritou para que um curandeiro corresse para a tenda do mestre espião.

Rhys atravessou em nosso caminho antes de passarmos pela primeira fileira de barracas. Os olhos foram para as asas de Azriel e, depois, para o ferimento em meu ombro, o tom pálido de meu rosto; para Elain, então para Briar.

— Eu não podia deixá-la — esclareci, surpresa ao perceber que minha voz estava rouca.

Passos acelerados, e, então, Nestha saiu de trás de uma tenda, derrapando até parar na lama.

Ela soltou um soluço ao ver Elain, ainda nos braços de Azriel. Jamais a ouvi emitir um ruído como aquele. Nunca.

Ela não está ferida, eu disse à Nestha, para dentro daquela câmara na mente de minha irmã. Porque palavras... eu não conseguia formá-las.

Nestha disparou em mais uma corrida. Estendi o braço para Rhysand cujo rosto estava tenso conforme ele caminhava até nós...

Mas Nestha chegou primeiro.

Engoli o grito de dor quando os braços de Nestha envolveram meu pescoço ao me abraçar tão forte que me tirou o fôlego.

O corpo de minha irmã estremeceu — estremeceu quando ela chorou e repetiu, diversas e diversas vezes:

— Obrigada.

Rhys avançou até Azriel, tirando Elain do amigo e cuidadosamente apoiando minha irmã no chão.

— Precisamos que Helion tire essas correntes — disse Azriel rouco, oscilando.

Mas Elain não pareceu reparar nas correntes quando ficou na ponta dos pés e beijou a bochecha do encantador de sombras. Então, caminhou até Nestha e eu, e minha irmã mais velha se

afastou por tempo o bastante a fim de observar o rosto limpo de Elain, os olhos límpidos.

— Precisamos levá-la até Thesan — disse Rhys a Azriel. — Agora mesmo.

Antes que eu conseguisse me virar, Elain me envolveu com os braços. Não lembro quando comecei a chorar ao sentir aqueles braços finos me segurarem, fortes como aço.

Não me lembro do curandeiro que me remendou, ou de como Rhys me lavou. Como eu disse a ele o que acontecera com Jurian e Tamlin, e Nestha ficou por perto de Elain quando Helion veio remover suas correntes, xingando o trabalho do rei, mesmo enquanto admirava a qualidade.

Mas eu me lembro de me deitar no tapete de pele de urso depois que acabou. E de como senti o corpo magro de Elain se aninhar perto do meu e se enroscar em mim, com o cuidado de não tocar o ferimento coberto no ombro. Não tinha percebido o quanto estava frio até que seu calor me envolveu.

Um momento depois, outro corpo quente se aninhou a minha esquerda. O cheiro de Nestha flutuou até mim, fogo e aço e irredutível força de vontade.

Ao longe, ouvi Rhys convocar todos para fora — para se juntar a ele e verificar Azriel, agora aos cuidados de Thesan.

Não sabia por quanto tempo minhas irmãs e eu tínhamos nos deitado ali juntas, da mesma forma como uma vez dividimos aquela cama entalhada naquele chalé em ruínas. Então... Naquela época, nos chutávamos e revirávamos e lutávamos por um pouco de espaço, algum respiro.

Mas naquela manhã, conforme o sol nascia pelo mundo todo, nós nos seguramos com força. E não soltamos.

Capítulo 66

Kallias e seu exército chegaram ao meio-dia.

Foram apenas esses ruídos que me acordaram de onde minhas irmãs e eu dormíamos no chão. Isso... e um pensamento que ecoou por meu corpo.

Tamlin.

Suas ações acobertariam a traição de Jurian. Eu não tinha dúvidas de que Tamlin não se juntara ao exército de Hybern depois da reunião com intenção de nos trair... mas para bancar o espião.

Embora depois da noite passada... era improvável que ele se aproximasse de Hybern de novo. Não quando o próprio rei fora testemunha.

Eu não sabia o que pensar daquilo.

Que Tamlin tinha me salvado — que abrira mão do disfarce para tanto. Para onde teria ido depois de atravessar? Não tínhamos ouvido nada sobre as forças da Corte Primaveril.

E aquele vento que Tamlin lançara... Jamais o vira usar tal poder.

A Filosofia Nephelle, de fato. A fraqueza que se transformou em força não foram minhas asas, meu voo. Foi Tamlin. Se ele não

tivesse interferido... Não me permiti pensar nisso.

Elain e Nestha ainda estavam dormindo no tapete de pele de urso quando me desvencilhei do emaranhado de braços e pernas. Lavei o rosto na bacia de cobre posta perto da cama. Um olhar para o espelho acima revelou que eu vira dias melhores. Semanas. Meses.

Puxei a gola da camisa branca e franzi a testa para o ferimento enfaixado no ombro. Encolhi o corpo, girando a articulação — espantada com o quanto já se curara. Mas minhas costas...

Dor lancinante irradiava e ondulava por toda a sua extensão. No abdômen também. Músculos que eu forçara ao máximo para voar. Franzindo a testa para o espelho, trancei os cabelos e vesti o casaco, sibilando ao movimento do ombro. Mais um ou dois dias, e a dor poderia ser minimizada o bastante para que eu usasse uma espada. Talvez.

Rezei para que Azriel estivesse melhor. Se o próprio Thesan o estava curando, talvez estivesse. Se déssemos sorte.

Não sabia como Azriel conseguira permanecer no alto — permanecer consciente durante aqueles minutos no céu. Não me permiti pensar em como e quando e por que Azriel aprendera a suportar dor como aquela.

Pedi baixinho para a dama de acampamento mais próxima que trouxesse algumas bandejas de comida para minhas irmãs. Elain provavelmente estava faminta, e eu duvidava de que Nestha tivesse comido alguma coisa durante as horas em que ficamos fora.

A matrona alada perguntou apenas se *eu* precisava de alguma coisa, e, quando respondi que estava bem, ela apenas emitiu um estalo com a língua e disse que se certificaria de que a comida também me fosse servida.

Não tive coragem de pedir também que ela encontrasse um pouco da comida de preferência de Amren. Mesmo que eu não tivesse dúvidas de que Amren precisaria; depois das... atividades com Varian na noite passada. A não ser que ele...

Não me permiti pensar nisso quando me dirigi para sua tenda. Tínhamos encontrado o exército de Hybern. E, depois de vê-lo na noite passada... eu ofereceria a Amren qualquer ajuda necessária para decodificar aquele feitiço para o qual o Suriel a direcionara.

Qualquer coisa, se isso significasse impedir o Caldeirão. E depois de escolhermos nosso campo de batalha final... somente então eu libertaria Bryaxis sobre Hybern.

Estava quase na tenda de Amren, oferecendo sorrisos tristes em resposta aos acenos e olhares cautelosos que os guerreiros illyrianos me lançavam, quando vi a comoção perto da borda do acampamento. Alguns passos extras me puseram diante de uma linha de demarcação fina de grama e lama: a fronteira do acampamento da Corte Invernal, agora quase montado com todo o esplendor.

O exército de Kallias ainda atravessava com suprimentos e unidades de infantaria; a corte era composta de Grão-Feéricos com cabelos brancos como a neve, ou pretos como a noite mais escura, as peles variando de pálidas como a lua até um castanho exuberante. Os feéricos inferiores... Kallias tinha trazido mais feéricos inferiores que qualquer um de nós, excluindo-se os illyrianos. Foi difícil não olhar boquiaberta enquanto me detive no limite de seu acampamento.

Criaturas de braços e pernas longos, como fragmentos de gelo que ganharam forma, passaram caminhando, altas o bastante para colocar as bandeiras de cobalto e prata sobre diversas tendas; carruagens eram puxadas por renas de passos firmes e preguiçosos ursos brancos com armaduras ornamentadas, alguns tão perfeitamente cientes, quando passaram, que eu não me surpreenderia se pudessem falar. Raposas brancas corriam pela vegetação rasteira, levando o que pareciam ser mensagens presas aos pequenos coletes bordados.

Nosso exército illyriano era brutal, básico — alguns ornamentos e apenas patentes dominavam. O exército de Kallias — ou, supus, o exército que Viviane havia unido durante o reinado de Amarantha — era algo completo, lindo, fervilhante. Ordenado, porém latejando com vida. Todos tinham um propósito, todos pareciam empenhados em realizá-lo com eficiência e orgulho.

Vi Mor caminhando com Viviane, e uma jovem de beleza estonteante que parecia gêmea ou irmã de Viviane. Viviane sorria, e Mor talvez estivesse mais calma, para variar, e, quando ela se virou...

Minhas sobrancelhas se ergueram. A menina humana — Briar — estava com elas. Agora aninhada sob o braço de Viviane, o rosto ainda ferido e inchado em alguns pontos, mas... sorrindo timidamente para as damas da Corte Invernal.

Viviane começou a levar Briar para longe, conversando alegremente, e Mor e possivelmente a irmã de Viviane permaneceram para observar as duas. Mor disse algo à estranha que a fez sorrir — bem de leve.

Foi um sorriso contido e se dissipou rapidamente. Principalmente quando um soldado Grão-Feérico passou e sorriu para ela, soltando alguma implicância, então prosseguiu. Mor observou cuidadosamente o rosto da fêmea — e rapidamente desviou o olhar quando esta voltou a encará-la, deu um tapinha no ombro de Mor e seguiu atrás da possível irmã e de Briar.

Eu me lembrei de nossa briga assim que Mor se virou para mim. Lembrei as palavras não ditas, e aquelas que eu provavelmente não deveria ter falado. Mor jogou os cabelos por cima de um ombro e seguiu em minha direção.

— Entregou Briar a eles? — perguntei, antes que ela conseguisse dizer a primeira palavra.

Caminhamos juntas na direção de nosso acampamento.

— Az explicou o estado em que você a encontrou. Não achei que ser exposta a illyrianos prontos para a batalha ajudaria muito a tranquilizá-la.

— E o exército da Corte Invernal é muito melhor?

— Eles têm bichinhos peludos.

Ri, sacudindo a cabeça. Aqueles imensos ursos eram realmente peludos... quando se ignoravam as garras e os dentes.

Mor olhou de esguelha para mim.

— Fez algo muito corajoso ao salvar Briar.

— Qualquer um teria feito isso.

— Não — rebateu Mor, ajeitando o casaco illyriano justo. — Não tenho certeza... Não tenho certeza se *eu* teria tentado tirá-la de lá. Se teria julgado que o risco valia a pena. Já tomei tantas dessas decisões em que deu tudo errado que... — Mor sacudiu a cabeça.

Engoli em seco.

— Como está Azriel?

— Vivo. As costas estão bem. Mas Thesan não curou muitas asas illyrianas na vida, então, a cura é... lenta. Diferente de asas peregrinas, aparentemente. Rhys mandou chamar Madja. — A curandeira em Velaris. — Estará aqui no fim do dia de hoje ou amanhã para cuidar de Az.

— Ele vai... voar de novo?

— Considerando que as asas de Cassian estavam piores, eu diria que sim. Mas... talvez não em batalha. Não tão cedo.

Meu estômago deu um nó.

— Ele não vai ficar muito feliz com isso.

— Nenhum de nós está.

Perder Azriel no campo...

Mor pareceu ler meus pensamentos, e disse:

— Melhor que estar morto. — Ela passou a mão pelo cabelo dourado. — Teria sido tão fácil... as coisas darem errado ontem à noite. E, quando vi vocês dois sumirem... Tive esse pensamento, esse terror, de que talvez não a visse de novo. Para consertar as coisas.

— Eu falei coisas que não queria dizer de verdade...

— Nós duas. — Mor me levou até o limite das árvores na fronteira de nossos acampamentos, e soube, apenas por isso... Soube que estava prestes a me contar algo que não queria que ninguém ouvisse. Algo pelo qual valia a pena atrasar minha reunião com Amren um pouco mais.

Mor se recostou em um carvalho alto, batendo com o pé no chão.

— Chega de mentiras entre nós.

Culpa revirou meu estômago.

— Sim — concordei. — Eu... Desculpe tê-la enganado. Apenas... cometi um erro. E peço desculpas.

Mor esfregou o rosto.

— Mas estava certa em relação a mim. Estava... — A mão de Mor estremeceu quando se abaixou. Ela mordeu o lábio, engoliu em seco. Os olhos de Mor por fim encontraram os meus, brilhantes e temerosos e angustiados. A voz falhou quando disse: — Não amo Azriel.

Fiquei completamente imóvel. Ouvindo.

— Não, isso também não é verdade. Eu... eu o amo. Como família. E, às vezes, me pergunto se pode ser... mais, porém... não o amo. Não da forma como... como ele se sente em relação a mim. — As últimas palavras saíram como um sussurro trêmulo.

— Você já o amou? Dessa forma?

— Não. — Mor abraçou o próprio corpo. — Não. Eu não... Veja bem... — Jamais a vi tão sem palavras. Mor fechou os olhos, enterrando os dedos na própria pele. — Não *posso* amar Azriel dessa forma.

— Por quê?

— Porque prefiro fêmeas.

Por um segundo, apenas silêncio ondulou por meu corpo.

— Mas... você dorme com machos. Dormiu com Helion... — E parecera terrível no dia seguinte. Torturada em vez de saciada.

Não apenas por causa de Azriel, mas... porque não era o que ela queria.

— Sinto prazer com eles. Com os dois. — As mãos de Mor tremiam tão intensamente que ela se agarrou com ainda mais força. — Mas soube, desde que era pouco mais que uma criança, que prefiro fêmeas. Que me sinto... atraída por elas em vez de por machos. Que eu me conecto com elas, me importo com elas naquele nível mais profundo da alma. Mas na Cidade Escavada... Só se importam com procriar as linhagens, fazer alianças por casamento. Alguém como eu... Se eu me casasse de acordo com o que meu coração deseja, não haveria filhos. A linhagem de meu pai *acabaria* em mim. Eu sabia... sabia que jamais poderia contar a eles. Nunca. Pessoas como eu... Somos abominadas por eles. Consideradas egoístas, por não conseguirmos passar adiante a linhagem. Então, jamais disse uma palavra sobre isso. E então... então, meu pai me prometeu a Eris, e... e não foi apenas a ideia de me casar com *ele* que me assustou. Não, eu sabia que poderia sobreviver à brutalidade, à crueldade e à frieza de Eris. Eu era... eu *sou* mais forte que ele. Era... Era a ideia de procriar como uma égua premiada, de ser obrigada a abrir mão daquela única parte minha... — A boca de Mor estremeceu, e peguei sua mão, soltando-a do braço de Mor. Apertei de leve quando lágrimas começaram a escorrer por seu rosto vermelho.

— Dormi com Cassian porque sabia que significaria pouco para ele também. Porque sabia que fazer isso me daria uma chance de liberdade. Se tivesse contado a meus pais que preferia fêmeas... Já conheceu meu pai. Ele e Beron teriam me amarrado àquela cama matrimonial para Eris. Literalmente. Mas desonrada... Eu sabia que minha chance de liberdade estava ali. E vi como Azriel me olhava... sabia como ele se sentia. E se o tivesse escolhido... — Mor sacudiu a cabeça. — Não teria sido justo com ele. Então, dormi com Cassian, e Azriel achou que eu o tivesse considerado indigno, e então tudo aconteceu e... — Os dedos de Mor apertaram os meus. — Depois que Azriel me encontrou com aquele bilhete preso ao ventre... tentei explicar. Mas ele começou a confessar como se sentia, e entrei em pânico, e... e para fazer com que *parasse*, para evitar que Azriel dissesse que me amava, eu simplesmente me virei e parti, e... eu não tive coragem de explicar depois. Para Az, para os outros.

Mor soltou um suspiro trêmulo.

— Durmo com machos em parte porque gosto, mas... também para evitar que as pessoas prestem atenção demais.

— Rhys não se importaria, acho que ninguém em Velaris se importaria.

Um aceno de cabeça.

— Velaris é... um santuário para pessoas como eu. O Rita's... a dona é como eu. Muitos de nós o frequentam, sem que ninguém realmente perceba.

Não era à toa que Mor praticamente vivia na casa de espetáculos.

— Mas essa parte minha... — Mor limpou as lágrimas com a mão livre. — Não importou muito quando minha família me desonrou. Quando me chamaram de vadia e lixo. Quando me feriram. Porque aquelas coisas... não eram parte de mim. Não eram verdade e não eram... intrínsecas. Não podiam me destruir porque... porque jamais tocaram aquela parte mais interior minha. Eles nunca adivinharam. Mas eu escondi... escondi porque... — Mor inclinou a cabeça para trás, olhando para o céu. — Porque vivo aterrorizada que minha família descubra... e me envergonhe, me *machuque* por causa dessa única coisa que permaneceu completamente minha.

Essa única parte de mim. Não deixarei que eles... não deixarei que a destruam. Ou que tentem. Então, eu raramente... Durante a Guerra, finalmente tive minha primeira... amante fêmea.

Mor ficou calada um momento, piscando para afastar as lágrimas.

— Foram Nephelle e a amante, agora esposa, suponho, que me fizeram ousar tentar. Elas me deixaram com muita inveja. Não delas pessoalmente, mas apenas... do que tinham. Da franqueza. Do fato de que viviam em um lugar com um povo que não achava nada demais. Mas com a Guerra, com as viagens pelo mundo... Ninguém de casa estava comigo, durante meses às vezes. Era seguro, pela primeira vez. E uma das rainhas humanas...

As amigas que Mor mencionara com tanta paixão, que conhecera tão intimamente.

— O nome dela era Andromache. E era... tão linda. E boa. E eu a amava... tanto.

Humana. Andromache era humana. Meus olhos arderam.

— Mas era humana. E uma rainha, que precisava dar continuidade à própria linhagem, principalmente durante uma época tão tumultuada. Então, parti... fui para casa depois da última batalha. E, quando percebi que era um erro, que não me importava se tivesse apenas mais sessenta anos com ela... A muralha subiu naquele dia.

Um pequeno soluço saiu de Mor.

— E eu não pude... Não tive permissão ou condição de atravessar. Tentei. Durante três anos, tentei diversas vezes. E, quando consegui encontrar um buraco e atravessar... Ela havia se casado. Com um homem. E tinha uma filha pequena, outro a caminho. Não coloquei os pés no castelo de Andromache. Nem mesmo tentei vê-la. Apenas me virei e voltei para casa.

— Sinto muito — sussurrei, a voz falhando.

— Ela teve cinco filhos. E morreu uma mulher idosa, a salvo, na cama. E vi seu espírito de novo, naquela rainha dourada. Sua descendente.

Mor fechou os olhos, um suspiro saiu, ondulando, pelos lábios trêmulos.

— Por um tempo, fiquei de luto por ela. Tanto enquanto ainda vivia quanto depois que morreu. Durante algumas décadas, não tive amantes, de nenhum tipo. Mas então... um dia acordei e queria... Não sei o que eu queria. O oposto. Eu os encontrei: fêmeas, machos. Alguns amantes ao longo dos últimos séculos, as fêmeas sempre em segredo, e acho que por causa disso elas se cansavam, sempre terminavam tudo. Eu jamais poderia ser... sincera a respeito. Jamais podia ser vista com elas. E quanto aos machos... nunca foi tão profundo. A união, quero dizer. Mesmo que ainda desejasse... sabe, de vez em quando. — Ela soltou uma risada bufada que eu imitei. — Mas todos eles... Não foi como Andromache. Não dá a mesma sensação... aqui — sussurrou Mor, levando a mão ao coração.

"E os amantes machos que tive... se tornaram uma forma de evitar que Azriel se perguntasse por que... por que eu não reparava nele. Não dava aquele passo. Você vê... vê o quanto ele é maravilhoso. O quanto é especial. Mas, se dormisse com ele, sequer uma vez, apenas para *experimentar*, para ter certeza... Acho que depois de todo esse tempo ele acharia que é um ápice, um final feliz. E... acho que poderia destruí-lo se revelasse depois que... Não tenho certeza se posso dar meu coração inteiro a Azriel dessa forma. E... e eu o amo o suficiente para querer que Az encontre alguém que possa realmente amá-lo como ele merece. E amo a mim mesma... amo a mim mesma o suficiente para não querer me acomodar até também encontrar essa pessoa.

Ela deu de ombros.

— Se algum dia conseguir reunir coragem para contar ao mundo primeiro — arrematou. — Meu dom é a verdade, mas tenho vivido uma mentira durante toda a minha existência.

Apertei a mão de Mor mais uma vez.

— Conte quando estiver pronta. E ficarei ao seu lado não importa o que acontecer. Até então... seu segredo está seguro. Não contarei a ninguém, nem mesmo a Rhys.

— Obrigada — sussurrou Mor.

Sacudi a cabeça.

— Não, obrigada por me contar. Eu me sinto honrada.

— Queria contar a você; percebi que queria contar assim que você e Azriel atravessaram para o acampamento de Hybern. E, quando pensei que não conseguiria... — Os dedos de Mor se fecharam em volta dos meus. — Prometi à Mãe que, se você voltasse em segurança, eu contaria.

— Parece que ela ficou feliz em aceitar esse acordo — falei, com um sorriso.

Mor limpou o rosto e sorriu. O sorriso se dissipou quase imediatamente.

— Você deve achar que sou horrível por brincar com Azriel... e com Cassian.

Refleti.

— Não. Não, acho. — Tantas coisas... tantas coisas agora faziam sentido. Como Mor tinha desviado o olhar do calor nos olhos de Azriel. Como evitara aquele tipo de intimidade romântica, mas não tivera problemas em defendê-lo se o bem-estar físico ou emocional de Azriel estivesse em risco.

Azriel a amava, disso eu não tinha dúvida. Mas Mor... Eu fora cega por não enxergar. Não perceber que havia um maldito motivo pelo qual quinhentos anos tinham se passado e Mor não aceitara o que Azriel tão obviamente lhe oferecia.

— Acha que Azriel suspeita? — perguntei.

Mor tirou a mão da minha, e caminhei alguns passos.

— Talvez. Não sei. Ele é observador demais para não suspeitar, mas... acho que o confundo sempre que levo um macho para casa.

— Então, a coisa com Helion... Por quê?

— Ele queria uma distração dos próprios problemas, e eu... — Mor suspirou. — Sempre que Azriel deixa claros seus sentimentos, como fez com Eris... É estúpido, eu sei. É tão estúpido e cruel fazer isso, mas... Dormi com Helion apenas para lembrar a Azriel... Pelos deuses, nem mesmo consigo dizer. Parece pior ainda dizer.

— Para lembrar a ele de que você não está interessada.

— Eu deveria contar a ele. *Preciso* contar a ele. Pela Mãe, depois de ontem à noite, eu deveria. Mas... — Mor torceu a massa de cabelos loiros sobre um ombro. — Tem se arrastado por tanto tempo. Tanto tempo. Fico petrificada ao encará-lo, para contar a Az que ele passou quinhentos anos correndo atrás de alguém e algo

que jamais existirá. A repercussão possível... Gosto das coisas como estão. Mesmo que não possa... não possa ser realmente *eu*... as coisas estão boas o suficiente.

— Não acho que você deva aceitar “boas o suficiente” — comentei em voz baixa. — Mas entendo. E, de novo... quando decidir que a hora chegou, se for amanhã ou daqui a mais quinhentos anos... estarei a seu lado.

Mor piscou para afastar as lágrimas. Eu me virei na direção do acampamento, e um leve sorriso se abriu em minha boca.

— O quê? — perguntou Mor, se aproximando.

— Eu só estava pensando — respondi, e meu sorriso aumentou — que, quando estiver pronta... Estava pensando no quanto vou me divertir bancando a casamenteira.

O sorriso em resposta de Mor foi mais luminoso que toda a Corte Diurna.

✣

Amren se entocara em uma tenda e não deixava ninguém entrar. Nem eu, Varian ou Rhysand.

Eu de fato tentei, sibilando quando forcei suas proteções, mas nem mesmo a magia de Helion conseguiu parti-las. E não importava o quanto eu exigisse e pedisse e suplicasse, Amren não respondia. O que quer que o Suriel tivesse me dito para sugerir a Amren sobre o Livro... ela julgara mais vital, parecia, que até mesmo o motivo pelo qual eu fora conversar: sua ajuda para buscar Bryaxis. Eu provavelmente conseguiria fazer isso sem ela, pois Amren já desarmara as proteções que o continham, mas... A presença de Amren seria... bem-vinda. De minha parte, pelo menos.

Talvez isso fizesse de mim uma covarde, mas encarar Bryaxis sozinha, prendê-lo a um corpo um pouco mais tangível e conjurá-lo para, por fim, devastar o exército de Hybern... Amren seria melhor — em falar, ordenar.

Mas como não estava disposta a gritar meus planos no meio daquele acampamento... amaldiçoei Amren audivelmente, e voltei, batendo os pés, para minha tenda de guerra.

Apenas para descobrir que meus planos tinham sido suspensos. Pois, mesmo que levasse Bryaxis ao exército de Hybern... aquele exército não estava mais onde deveria.

De pé ao lado da imensa mesa na tenda de guerra, acompanhada de cada lado por Grão-Senhores e seus comandantes, cruzei os braços quando Helion empurrou um número assustador de miniaturas para a metade inferior do mapa de Prythian.

— Meus batedores dizem que Hybern está se movendo desde esta tarde.

Azriel, sentado em um banco, as asas e as costas pesadamente enfaixadas e o rosto ainda cinzento com perda de sangue, assentiu uma vez.

— Meus espiões dizem o mesmo. — A voz ainda estava rouca dos gritos.

Os olhos âmbar incandescentes de Helion se semicerraram.

— Mas ele mudou de direção. Planejara mover aquele exército para o norte, nos levar de volta por aquele caminho. Agora, marcha para o leste.

Rhys apoiou os braços na mesa, e os cabelos negros deslizaram para a frente enquanto ele estudava o mapa.

— Então, ele está agora se encaminhando direto até o outro lado da ilha... Com que objetivo? Seria melhor dar a volta, velejando. E duvido de que tenha mudado de ideia com relação a nos enfrentar em batalha. Mesmo com Tamlin agora exposto como um inimigo. — Todos tinham ficado silenciosamente chocados, alguns aliviados, ao ouvir aquilo. Embora não tivéssemos notícias de Tamlin, se estaria agora marchando com a pequena força até nós. E nada de Beron também.

Tarquin franziu a testa.

— Perder Tamlin não custará muitas tropas a ele, mas Hybern pode estar a caminho de encontrar outro aliado na costa leste, de se reunir com aquele exército das rainhas humanas do continente.

Azriel sacudiu a cabeça, encolhendo o corpo diante do movimento e por conta do que aquilo, certamente, lhe causou às costas.

— Ele mandou as rainhas de volta para casa, e lá elas permanecem, os exércitos sequer reunidos. Vai esperar para usar aquelas tropas quando chegar ao continente.

Depois que terminasse de nos aniquilar. E, se fracassássemos amanhã... haveria alguém para desafiar Hybern no continente? Principalmente depois que aquelas rainhas reunissem os exércitos humanos sob a bandeira hyberniana...

— Talvez esteja nos levando para outra perseguição — ponderou Kallias, franzindo a testa, e Viviane olhou para o mapa ao lado do parceiro.

— Não é o estilo de Hybern — disse Mor. — Ele não estabelece padrões, sabe que descobrimos o primeiro método de nos dispersar. Agora vai tentar de outra forma.

Enquanto ela falava, Keir — de pé com dois capitães silenciosos da legião Precursora da Escuridão — a observou atentamente. Eu me preparei para algum deboche, mas o macho apenas retomou a observação do mapa. Aquelas reuniões eram o único lugar em que Mor se dava o trabalho de reconhecer o papel do pai na guerra; e, mesmo então, mesmo agora, ela mal olhava em sua direção.

Mas era melhor que a hostilidade deflagrada, embora eu não tivesse dúvidas de que Mor era inteligente o bastante para não se desentender com Keir enquanto ainda precisávamos dos Precursores da Escuridão. Principalmente depois que a legião de Keir tinha sofrido tantas perdas naquela segunda batalha. Se Keir estava furioso com aquelas mortes, não deixou transparecer — tampouco os soldados, que não falavam com ninguém fora das próprias patentes mais que o necessário. Silêncio, supus, era preferível. E o instinto de autopreservação de Keir sem dúvida lhe mantinha a boca fechada naquelas reuniões... e o fazia aceitar quaisquer ordens.

— Hybern vai atrasar o conflito — murmurou Helion. — Por quê?

Olhei para Nestha, sentada com Elain perto dos braseiros de luz feérica.

— Ele ainda não tem a parte que está faltando. Do poder do Caldeirão.

Rhys inclinou a cabeça, estudando o mapa, e depois, minhas irmãs.

— Cassian. — Ele apontou para o imenso rio que serpentava para o continente pela Corte Primaveril. — Se cortássemos para o sul de onde estamos agora, para seguir direto para as terras humanas... Você atravessaria aquele rio, ou seguiria longe o bastante para oeste a fim de evitá-lo?

Cassian ergueu uma sobrancelha. O rosto pálido e a dor da véspera tinham sumido. Uma pequena misericórdia.

Do lado oposto da mesa, Lorde Devlon parecia inclinado a abrir a boca e dar sua opinião. Diferentemente de Keir, o comandante illyriano não tinha problemas em deixar claro o desprezo que sentia por nós. Principalmente com relação ao comando de Cassian.

Mas antes que Devlon pudesse se intrometer, Cassian disse:

— Atravessar um rio assim poderia tomar tempo e ser perigoso. O rio é amplo demais. Mesmo com a travessia, precisaríamos construir barcos ou pontes. E, com um exército desse tamanho... precisaríamos seguir para o oeste e, depois, cortar para o sul...

Quando as palavras se dissiparam, o rosto de Cassian empalideceu. E olhei para onde o exército de Hybern marchava agora, na direção leste, abaixo daquele poderoso rio. De onde estávamos agora...

— Ele queria que nos exauríssemos atravessando nossos exércitos pelos territórios — argumentou Helion, continuando o pensamento de Cassian. — Travando aquelas batalhas. Para que, quando fosse importante, não tivéssemos força para atravessar além daquele rio. Precisaríamos seguir a pé, e tomar o caminho mais longo a fim de evitar a travessia.

Tarquin xingou então.

— De forma que ele pudesse marchar para o sul, sabendo que estávamos dias atrás. E entrar nas terras humanas sem resistência.

— Ele poderia ter feito isso desde o começo — replicou Kallias. Meus joelhos começaram a tremer. — Por que agora?

— Porque nós o insultamos. Eu... e minhas irmãs — disse, então, Nestha, de onde estava do outro lado da sala, ao lado do braseiro de luz feérica.

Todos os olhos se voltaram para nós.

— Ele vai marchar até as terras humanas... massacrar todos — sussurrou Elain, e levou a mão ao pescoço. — Para se vingar de

nós?

— Matei sua sacerdotisa — murmurei. — Você roubou do Caldeirão. — Apontei Nestha. — E você... — Observei Elain. — Roubar você de volta foi o insulto final.

— Apenas um louco empunharia o poder de seu exército para se vingar de três mulheres — disse Kallias.

Helion riu com escárnio.

— Você se esquece de que alguns de nós lutaram na Guerra. Sabemos em primeira mão o quanto ele pode ser descontrolado. E que algo assim seria exatamente seu estilo.

Encarei Rhys. *O que fazemos?*

O polegar de Rhys roçou o dorso de minha mão.

— Ele sabe que iremos.

— Eu diria que está presumindo bastante sobre o quanto nos importamos com humanos — rebateu Helion. Keir pareceu inclinado a concordar, mas permaneceu sabiamente calado.

Rhys deu de ombros.

— Deve ter interpretado nossa prioridade pela segurança de Elain como prova de que as irmãs Archeron têm poder aqui. Acha que elas nos convencerão a nos arrastar até lá, provavelmente até um campo de batalha com poucas vantagens, para sermos aniquilados.

— Então não vamos? — Tarquin franziu a testa.

— É claro que vamos — disse Rhys, esticando-se até sua altura total e erguendo o queixo. — Estaremos em menor número, e exaustos, e não acabará bem. Mas isso não tem nada a ver com minha parceira, ou com suas irmãs. A muralha caiu. Ela se foi. É um novo mundo, e precisamos decidir como acabaremos com este antigo e começaremos de novo. Precisamos decidir se começaremos permitindo que aqueles que não podem se defender sejam massacrados. Se esse é o tipo de povo que somos. Não cortes individuais. Nós como um *povo* feérico. Deixamos os humanos sozinhos?

— Todos morreremos juntos, então — declarou Helion.

— Que bom — disse Cassian, olhando para Nestha. — Se perder minha vida defendendo aqueles que mais precisam, então considerarei isso uma boa morte. — Lorde Devlon, pela primeira

vez, assentiu em aprovação. Eu me perguntei se Cassian teria notado... se ele se importava. O rosto do general não revelava nada, não enquanto sua concentração permanecia completamente em minha irmã.

— Eu também — ecoou Tarquin.

Kallias olhou para Viviane, que lançava um sorriso triste ao marido. Eu conseguia ver o arrependimento ali... pelo tempo que tinham perdido. Mas Kallias falou:

— Precisaremos partir amanhã se buscamos a chance de estancar o massacre.

— Antes disso — atalhou Helion, lançando um sorriso estonteante. — Algumas horas. — Ele apontou com o queixo para Rhys. — Sabe que os humanos serão massacrados antes de chegarmos.

— Não se conseguirmos agir mais rápido — retruquei, girando o ombro. Ainda rígido e dolorido, mas se curando rapidamente.

Todos ergueram a testa.

— Esta noite — prossegui. — Atravessaremos; aqueles de nós que puderem. Para lares humanos, cidades. E atravessaremos para fora o máximo que conseguirmos antes do alvorecer.

— E onde os colocaremos? — indagou Helion.

— Velaris.

— Longe demais — murmurou Rhys, observando o mapa diante de nós. — Para toda essa travessia.

Tarquin bateu com o dedo no mapa, no próprio território.

— Então, leve-os para Adriata. Mandarei Cresseida de volta, deixarei que ela os supervisione.

— Precisaremos de toda força que tivermos para combater Hybern — ponderou Kallias, com cautela. — Desperdiçá-la atravessando humanos...

— Não é desperdício — argumentei. — Uma vida pode mudar o mundo. Onde vocês estariam se alguém tivesse achado que salvar minha vida era um desperdício de tempo? — Apontei para Rhys. — Se *ele* tivesse achado que salvar minha vida Sob a Montanha era um desperdício de tempo? Mesmo que sejam apenas vinte famílias, ou dez... Não são um desperdício. Não para mim, ou para vocês.

Viviane lançou ao parceiro um olhar ríspido de reprovação, e Kallias teve o bom senso de murmurar um pedido de desculpas.

Então, Amren falou, atrás de nós, depois de passar pelas abas da tenda:

— Espero que tenham todos votado a favor de enfrentar Hybern em batalha.

Rhys arqueou uma sobrancelha.

— Votamos. Por quê?

Amren apoiou o Livro na mesa com um ruído surdo.

— Porque precisaremos disso como distração. — Ela me deu um sorriso sombrio. — Precisamos ir até o Caldeirão, menina. *Nós.*

E eu soube que não estava falando dos Grão-Senhores.

Mas de nós quatro... que tínhamos sido Feitas. Eu, Amren... e minhas irmãs.

— Encontrou outra forma de impedi-lo? — perguntou Tarquin.

O queixo delineado de Amren oscilou com um aceno.

— Melhor ainda. Encontrei uma forma de impedir seu exército inteiro.

Capítulo 67

Precisaríamos de acesso ao caldeirão — conseguir tocá-lo. Juntas.

Sozinha, o artefato quase me matara. Mas, dividindo com as outras que tinham sido Feitas... Poderíamos enfrentar o poder letal.

Se conseguíssemos controlar o Caldeirão, com um gesto poderíamos reunir o poder do artefato e imobilizar o rei e seu exército. E varrê-los da terra.

Amren tinha encontrado o feitiço para fazê-lo. Bem onde o Suriel dissera que estaria codificado no Livro. Em vez de anular os poderes do Caldeirão... anularíamos a pessoa que o controlava. *E* seu exército.

Mas precisávamos obter o Caldeirão primeiro. E com os dois exércitos prontos a se enfrentar...

Agiríamos apenas quando a carnificina estivesse no auge. Quando Hybern pudesse estar distraída em meio ao caos. A não ser que o rei planejasse usar aquele Caldeirão no campo de batalha.

O que era uma grande possibilidade.

Não havia chance de nos infiltrarmos naquele acampamento de novo — não depois de termos roubado Elain. Então, precisaríamos esperar até que caminhássemos para a armadilha que o rei montara para nós. Esperar, até ocuparmos posições desvantajosas naquele campo de batalha que ele escolhera, e chegar exaustos das batalhas travadas e da caminhada até lá. Exaustos depois de atravessarmos com aquelas famílias humanas para fora do caminho de Hybern.

O que tínhamos feito. Naquela noite, qualquer um de nós que pudesse atravessar...

Fui para minha antiga aldeia com Rhysand.

Fui para as casas nas quais um dia deixei ouro quando era mortal.

A princípio, não me reconheceram.

Então, perceberam quem eu era.

Rhys segurou suavemente suas mentes, acalmando-os enquanto eu explicava. O que tinha acontecido comigo, o que se aproximava. O que precisávamos fazer.

Eles não tiveram tempo de empacotar mais que uns poucos pertences. E estavam todos trêmulos quando os levamos pelo mundo, até o calor da floresta exuberante no limite de Adriata, onde Cresseida já esperava com comida e um pequeno exército de criados para ajudar e organizar.

A segunda família não acreditou em nós. Julgou ser algum truque feérico. Rhys tentou acalmar suas mentes, mas o pânico estava arraigado demais, o ódio, tangível demais.

Quiseram ficar.

Rhys não lhes deu escolha depois disso. Ele atravessou com a família inteira, todos gritando. Ainda estavam aos berros quando os deixamos naquela floresta, com mais humanos ao redor, nossos companheiros atravessando e trazendo recém-chegados para que Cresseida os documentasse e tranquilizasse.

Então, continuamos. De casa em casa. Família em família. Qualquer um no caminho de Hybern.

A noite toda. Cada Grão-Senhor em nosso exército, qualquer comandante ou nobre com o dom e a força.

Até estarmos ofegantes. Até haver uma pequena cidade de humanos amontoados naquela floresta madura de verão. Até que mesmo a força de Rhys cedeu e ele mal conseguiu atravessar de volta a nossa tenda.

Rhys apagou antes de a cabeça atingir o travesseiro, as asas abertas na cama.

Desgaste demais, dependência demais de seu poder.

Observei meu parceiro dormir, contando seus fôlegos.

Sabíamos — todos nós sabíamos. Sabíamos que não sairíamos com vida daquele campo de batalha.

Talvez isso inspirasse outros a lutar, mas... Sabíamos. Meu parceiro, minha família... eles lutariam, ganhariam tempo com as próprias vidas enquanto Amren e minhas irmãs e eu tentaríamos impedir aquele Caldeirão. Alguns cairiam antes de chegarmos a ele.

E estavam dispostos a fazer isso. Se tinham medo, ninguém deixou transparecer.

Afastei os cabelos encharcados de suor de Rhys da testa.

Eu sabia que ele daria tudo antes que qualquer um de nós sequer pudesse oferecer. Sabia que tentaria.

Aquilo era tão parte de Rhys quanto os braços e as pernas, aquela necessidade de sacrificar, de proteger. Mas eu não o deixaria fazer isso... não sem eu mesma tentar.

Amren não tinha mencionado Bryaxis em nossas conversas mais cedo. Parecera se esquecer da criatura. Mas ainda tínhamos uma batalha para travar no dia seguinte. E, se Bryaxis conseguisse dar a meus amigos, dar a Rhys, um pouco mais de tempo enquanto eu caçava aquele Caldeirão... Se conseguisse dar a eles a mais ínfima chance de sobrevivência... então, o Entalhador de Ossos também poderia.

Eu não me importava com o custo. Ou com o risco. Não quando olhei para meu parceiro adormecido, a exaustão estampada em seu rosto.

Ele dera o bastante. E, se aquilo me destruísse, me deixasse louca, me dilacerasse... Amren só precisaria de minha presença, meu corpo, amanhã com o Caldeirão. Qualquer outra coisa... Se era o que eu precisava dar, meu custo para garantir a eles uma chance ínfima de sobrevivência... Pagaria satisfeita. Enfrentaria aquilo.

Então, reuni os resquícios de meu poder e atravessei para longe — atravessei para o norte.

Para a Corte de Pesadelos.

Havia uma escada espiralada nas profundezas da montanha. Levava apenas a um lugar: uma câmara perto do pico mais alto. Eu aprendera bastante com minha pesquisa.

Fiquei de pé na base daquela escada, olhando para cima, para a escuridão impenetrável, com o hálito se condensando diante de mim.

Mil degraus. Era a distância até o Uróboro. O Espelho de Começos e Fins.

Apenas você pode decidir o que a destrói, Quebradora da Maldição. Apenas você.

Conjurei uma esfera de luz feérica acima da cabeça e comecei a subida.

Capítulo 68

Não esperava a neve.

Ou o luar.

A câmara devia estar sob o palácio de pedra da lua; fendas na pedra áspera descortinavam o exterior, deixando entrar sopros de neve e luar.

Trinquei os dentes devido ao frio cortante, e o vento uivava entre as rachaduras, como lobos enfurecidos pela encosta da montanha além.

A neve se refletia pelas paredes e pelo chão, rodopiando por minhas botas com as lufadas do vento. Luar entrou, tão forte que apaguei a esfera de luz feérica, banhando a câmara em tons de azul e prata.

E ali, contra a parede mais afastada da câmara, com neve cobrindo a superfície, a caixa de bronze...

O Uróboro.

Era um imenso disco redondo — tão alto quanto eu. Mais alto. E o metal em volta fora moldado como uma enorme serpente: o

espelho ficava preso entre o círculo formado por ela conforme a cobra devorava a própria cauda.

Fim e começo.

Do outro lado da sala, com a neve... eu não conseguia ver. O que refletia.

Eu me obriguei a dar um passo adiante. E outro.

O próprio espelho estava preto como a noite, mas... completamente límpido.

Eu me vi chegando perto. Vi o braço que erguera para me proteger do vento e da neve, e a expressão tensa em meu rosto. A exaustão.

Parei a um metro. Não ousei tocar o espelho.

Ele só mostrou a mim mesma.

Nada.

Observei o espelho em busca de algum sinal de... *algo* para empurrar ou tocar com minha magia. Mas havia apenas a cabeça da serpente devoradora, com a mandíbula escancarada, gelo brilhando nas presas.

Estremeci devido ao frio, esfregando os braços. Meu reflexo fez o mesmo.

— Oi? — sussurrei.

Nada.

Minhas mãos queimavam de frio.

De perto, a superfície do Uróboro era como um calmo mar cinzento. Imperturbada. Dormente.

Mas... no canto superior... movimento.

Não; não movimento no espelho.

Atrás de mim.

Eu não estava sozinha.

Rastejando para baixo da parede envolta em neve, uma imensa besta, com garras e escamas e pelo e presas, se aproximou do chão. Em minha direção.

Mantive a respiração tranquila. Não deixei que farejasse um pingo de meu medo — o que quer que fosse. Algum guardião daquele lugar, alguma criatura que rastejara pelas fendas...

As patas imensas eram quase silenciosas sobre o chão, seu pelo, uma mistura de preto e dourado. Não parecia uma besta

destinada a caçar naquelas montanhas. Certamente não com a protuberância de escamas escuras nas costas. E os olhos grandes e brilhantes...

Não tive tempo de reparar naqueles olhos azul-acinzentados quando a besta atacou.

Eu me virei, a adaga illyriana na mão congelada, abaixando-me e mirando para cima — para o coração.

Mas nenhum impacto veio. Apenas neve e frio e vento.

Não havia nada diante de mim. Atrás de mim.

Nenhuma pegada na neve.

Então, me virei para o espelho.

Onde eu estava de pé... aquela besta estava agora sentada, a cauda escamosa se agitando distraidamente na neve.

Ela me observava.

Não; não observava.

Olhava de volta para mim. Meu reflexo.

Do que espreitava sob minha pele.

Minha faca caiu nas pedras e na neve. E olhei para o espelho.

O Entalhador de Ossos estava sentado contra a parede quando entrei em sua cela.

— Nenhuma escolta dessa vez?

Eu apenas o encarei... aquele menino. Meu filho.

E, pela primeira vez, o Entalhador pareceu ficar muito quieto e calado.

— Você o pegou — sussurrou ele.

Olhei para um canto da cela. O Uróboro surgiu, neve e gelo ainda o cobriam. Era meu para que eu conjurasse, onde e sempre que quisesse.

— Como?

Palavras ainda eram coisas longínquas, estranhas.

Esse corpo para o qual eu retornara... também era estranho.

— Olhei — respondi, a língua seca como papel.

— O que você viu? — O Entalhador se levantou.

Mergulhei um pouco mais para dentro do corpo. Apenas o suficiente para dar um leve sorriso.

— Não é de sua conta. — Pois o espelho... tinha me mostrado. Muitas coisas.

Não sabia como tinha passado... o tempo. Era diferente dentro do espelho.

Mas mesmo algumas horas poderiam ter sido demais...

Apontei para a porta.

— Você tem seu espelho. Agora cumpra o acordo. A batalha espera.

O Entalhador de Ossos olhou de mim para o espelho. E sorriu.

— Será meu prazer.

E pela forma como ele disse... Eu estava exaurida, minha alma parecia nova e trêmula, mas perguntei: — O que quer dizer?

O Entalhador apenas alisou as roupas.

— Tenho pouca necessidade daquela coisa — disse ele, indicando o espelho. — Mas você, sim.

Pisquei devagar.

— Queria ver se você era digna de ser ajudada — prosseguiu o Entalhador. — É raro uma pessoa encarar quem realmente é e não fugir, não ser destruída por isso. É o que o Uróboro mostra a todos que o buscam: quem são, cada centímetro desprezível e profano. Alguns olham para o espelho e nem percebem que o horror refletido são *eles*, mesmo que o terror os deixe loucos. Alguns entram com arrogância e são arrasados pela pequena criatura medíocre que encontram no lugar. Mas você... Sim, de fato é rara. Eu não poderia arriscar deixar este lugar por menos.

Ódio... ódio fervilhante começou a preencher os vazios deixados pelo que eu tinha visto naquele espelho.

— Queria descobrir se eu era *digna*? — Se pessoas inocentes eram *dignas* de serem ajudadas.

Um aceno com a cabeça.

— Sim. E você é. E agora vou ajudá-la.

Pensei em bater a porta daquela cela em sua cara.

Mas apenas respondi, em voz baixa:

— Que bom. — E me aproximei. E não tive medo quando segurei a mão fria do Entalhador de Ossos. — Então, vamos

começar.

Capítulo 69

O alvorecer chegou, dourando as névoas baixas que serpenteavam sobre as planícies das terras mortais.

Hybern devastara tudo, desde a Corte Primaveril até os poucos quilômetros em frente ao mar.

Inclusive minha aldeia.

Não restava nada além de cinzas fumegantes e escombros ao marcharmos por ali.

E a propriedade de meu pai... Um terço da casa permanecia de pé, o resto fora destruído; as janelas, quebradas, as paredes, rachadas até a fundação.

O jardim de Elain havia sido pisoteado, agora parecia pouco mais que um poço de lama. Aquele carvalho orgulhoso perto do limite da propriedade — em cuja sombra Nestha gostava de ficar para olhar nossas terras... tinha sido queimado até virar uma casca esquelética.

Era um ataque pessoal. Eu sabia. Todos sabíamos. O rei ordenara que nosso rebanho fosse morto. Eu havia retirado os cães e os cavalos na noite anterior — assim como os criados e as

famílias. Mas as riquezas, os pertences pessoais... foram saqueados ou destruídos.

O fato de que os exércitos de Hybern não ficaram para dizimar o que sobrara da casa, me explicou Cassian, sugeria que o rei não queria que nos aproximássemos demais. Estabeleceria a vantagem — escolheria o campo de batalha certo. Não tínhamos dúvidas de que encontrar as aldeias vazias pelo caminho tinha intensificado seu ódio. E havia ainda tantas cidades e aldeias que não tínhamos alcançado a tempo que nos apressamos.

Um feito mais fácil em tese que na prática, com um exército do tamanho do nosso e composto de tantos soldados com treinamentos diferentes, com tantos líderes dando ordens a respeito do que fazer.

Os illyrianos testavam os limites — puxavam a coleira, mesmo sob o comando rígido de Lorde Devlon. Irritados porque precisávamos esperar os outros, por não podermos simplesmente voar à frente e interceptar Hybern, impedir suas forças antes que pudessem escolher o campo de batalha.

Assisti a Cassian dar uma bronca em dois capitães diferentes no intervalo de três horas — vi quando ele realocou soldados resmungões para puxarem carrinhos e carroças de suprimentos, tirando de alguns a honra das linhas de frente. Assim que os demais viram que o general era sincero em cada palavra, cada ameaça... as reclamações cessaram.

Keir e os Precursores da Escuridão também observavam Cassian — e foram sábios o bastante para guardar qualquer insatisfação longe da língua, da expressão do rosto. Para continuar marchando, a armadura escura ficando mais enlameada a cada quilômetro.

Durante o breve descanso do meio-dia em um campo extenso, Nestha e eu entramos em uma das carroças cobertas dos carros de suprimentos para colocar o couro de combate illyriano. Quando saímos, Nestha chegou a prender uma faca na lateral do corpo. Cassian insistira, mas admitiu que, como minha irmã não era treinada, a probabilidade de se ferir era igual à de ferir outra pessoa.

Elain... Ela olhou uma vez para nós duas na grama ondulante do lado de fora da carroça, com nossas pernas e corpos à mostra, e

ficou vermelha. Viviane se intrometeu, oferecendo um traje da Corte Invernal, bem menos escandaloso: calça de couro, mas combinada com um sobretudo azul na altura das coxas, arminho cobrindo o colarinho. No calor, seria insuportável, mas Elain se sentiu tão grata que não reclamou quando, de novo, emergimos da carroça e encontramos nossos companheiros à espera. Ela recusou a faca que Cassian lhe ofereceu, no entanto.

Ficou branca como a morte ao ver a arma.

Azriel, ainda mancando, apenas cutucou Cassian para o lado e estendeu outra opção.

— Esta é a Reveladora da Verdade — disse ele, baixinho. — Não a usarei hoje, então, quero que fique com ela.

As asas tinham se curado — embora cicatrizes longas e finas agora a marcassem. Ele ainda não estava forte o bastante, avisara Madja, para voar naquele dia.

A discussão com Rhys naquela manhã fora rápida e violenta: Azriel insistiu que *podia* voar — lutar com as legiões, como planejavam. Rhys se recusou. Cassian se recusou. Azriel ameaçou se dissolver em sombras e lutar mesmo assim. Rhys apenas disse que, se ele sequer tentasse, acorrentaria Azriel a uma árvore.

E Azriel... Apenas quando Mor entrou na tenda e implorou — *implorou* com lágrimas nos olhos —, ele cedeu. Concordou em ser olhos e ouvidos, e nada mais.

E agora, de pé no meio da grama sussurrante do campo, com a armadura illyriana, todos os sete Sifões reluzindo...

Os olhos de Elain se arregalaram para a faca com cabo de obsidiana na mão cheia de cicatrizes de Azriel. Para as runas no estojo escuro.

— Ela nunca me falhou — disse o encantador de sombras, conforme o sol do meio-dia era devorado pela lâmina escura. — Algumas pessoas dizem que é mágica, e seus golpes serão sempre certeiros. — Ele pegou a mão de Elain com cuidado e colocou na palma o cabo da faca lendária. — Vai lhe servir bem.

— Eu... eu não sei como usá-la...

— Vou me certificar de que não precise — assegurei, e a grama estalou quando cheguei perto.

Elain absorveu minhas palavras... e lentamente fechou os dedos em volta da faca.

Cassian olhou boquiaberto para Azriel, e me perguntei com que frequência Azriel tinha emprestado aquela arma...

Nunca, disse Rhys, de onde terminava de afivelar as próprias armas, na lateral da carroça. *Nunca vi Azriel deixar outra pessoa tocar nessa faca.*

Elain ergueu o rosto para Azriel, os olhos se encontraram, e a mão de Azriel ainda permanecia no cabo da espada.

Vi a pintura na mente: a linda corça, a vibrante primavera florida como fundo. De pé diante da Morte, com sombras e terrores espreitando sobre o ombro do feérico. Luz e escuridão, o espaço entre os corpos era uma mistura dos dois. A única ponte que os conectava... aquela faca.

Pinte isso quando chegarmos em casa.

Enxerido.

Olhei por cima do ombro para Rhys, que se aproximou de nosso pequeno círculo na grama. O rosto ainda estava mais exausto que o habitual, com linhas tensas marcando a boca. E percebi... eu não teria aquela última noite com ele. A noite passada... *aquela* fora a noite final. Tínhamos a passado atravessando...

Não pense assim. Não vá para esta batalha achando que não sairá de novo. O olhar de Rhys era afiado. Irredutível.

Achei difícil respirar. *Esse descanso é a última vez que todos estaremos aqui... conversando.*

Pois aquela última perna da marcha que estávamos prestes a começar... Ela nos levaria direto ao campo de batalha.

Rhys ergueu uma sobrancelha. *Gostaria de entrar naquela carroça fechada por alguns minutos, então? É um pouco apertado entre as armas e os suprimentos, mas posso fazer dar certo*.

O humor; tanto para mim quanto para ele. Peguei a mão de Rhys, os demais conversavam em voz baixa, e Mor se aproximava com armadura completa, escura, Amren... Amren usava couro illyriano também. Tão pequeno... as vestes deviam ter sido feitas para uma criança.

Não conte a ela, mas foram.

Meus lábios se repuxaram para formar um sorriso. Mas Rhys encarou todos nós, de alguma forma reunidos ali, no gramado aberto banhado pelo sol, sem ter recebido a ordem. Nossa família... nossa corte. A Corte de Sonhos.

Todos se calaram.

Rhys olhou nos olhos de cada um, até de minhas irmãs, acariciando o dorso de minha mão.

— Querem o discurso inspirador ou o desanimador? — perguntou ele.

— Queremos o verdadeiro — respondeu Amren.

Rhys esticou os ombros, fechando elegantemente as asas atrás do corpo.

— Acredito que tudo acontece por um motivo. Se é decidido pela Mãe, pelo Caldeirão ou por alguma trama do Destino, não sei. Não me importo. Mas sou grato por isso, o que quer que seja. Grato por ter trazido todos vocês para minha vida. Se não tivesse... eu poderia ter me tornado tão terrível quanto o porco que enfrentaremos hoje. Se não tivesse conhecido um guerreiro illyriano em treinamento — disse Rhys para Cassian —, não conheceria a verdadeira profundidade da força, da resiliência, da honra e da lealdade. — Os olhos de Cassian brilharam forte. Rhys disse a Azriel: — Se eu não tivesse conhecido um encantador de sombras, não saberia que é a família que você faz, não aquela em que nasce, que importa. Não saberia o que é ter esperanças de verdade, mesmo quando o mundo lhe diz para desistir. — Azriel fez uma reverência em agradecimento.

Mor já chorava quando Rhys falou com ela.

— Se não tivesse conhecido minha prima, jamais saberia que a luz pode ser encontrada até mesmo no mais escuro inferno. Que bondade pode prevalecer mesmo em meio à crueldade. — Mor limpou as lágrimas ao assentir.

Esperei que Amren desse uma resposta. Mas ela apenas aguardava.

Rhys fez uma reverência a Amren.

— Se não tivesse conhecido um monstro minúsculo que acumula joias com mais fervor que um dragão de fogo... — Uma risada

baixinha de todos. Rhys sorriu levemente. — Meu poder teria me consumido há muito tempo.

Rhys apertou minha mão quando me olhou por fim.

— E se não tivesse conhecido minha parceira... — As palavras de Rhys falharam quando os olhos se encheram de lágrimas.

Ele falou pelo laço: *Eu teria esperado quinhentos anos mais por você. Mil anos. E, se esse foi todo o tempo que nos foi permitido... a espera valeu a pena*.

Ele limpou as lágrimas que escorriam por meu rosto.

— Acredito que tudo aconteceu exatamente como deveria... para que eu pudesse encontrá-la. — Rhys beijou mais uma lágrima para limpá-la.

E então, ele falou para minhas irmãs:

— Nós não nos conhecemos há muito tempo. Mas tenho de acreditar que vocês foram trazidas aqui, para nossa família, por um motivo também. E talvez hoje o descubramos.

Rhys observou todos de novo... e estendeu a mão para Cassian. Cassian a aceitou e estendeu a outra mão para Mor. Então, Mor ofereceu a dela a Azriel. Azriel, para Amren. Amren, para Nestha. Nestha, para Elain. E Elain, para mim. Até que estivéssemos todos ligados, todos unidos.

— Caminharemos para aquele campo — declarou Rhys. — E só aceitaremos a Morte quando ela vier nos puxar para o Outro Mundo. Lutaremos pela vida, por sobrevivência, por nossos futuros. Mas, se ficar decidido por aquela trama do Destino ou pelo Caldeirão ou pela Mãe que não sairemos daquele campo hoje... — Rhys ergueu o queixo. — A grande alegria e honra de minha vida foi conhecê-los. Chamar vocês de minha família. E sou grato, mais do que posso expressar, por ter recebido esse tempo com vocês.

— Somos gratos, Rhysand — ecoou Amren, baixinho. — Mais do que você sabe.

Rhys deu um leve sorriso a ela quando os demais murmuraram em concordância.

Ele apertou minha mão de novo ao dizer:

— Então, vamos fazer Hybern amaldiçoar o dia em que nos conheceu.

✣

Senti o cheiro do mar muito antes de vermos o campo de batalha. Hybern escolhera bem.

Uma planície ampla se estendia até a praia. Ele posicionara o exército 1,5 quilômetro a partir do litoral.

A horda ondulava, e a massa escura se estendia para o horizonte leste. Encostas rochosas se elevavam à retaguarda — parte do exército também se posicionava sobre elas. De fato, até mesmo a planície parecia se elevar para o leste.

Permaneci ao lado de Rhysand, no alto de um monte amplo que se debruçava sobre a planície, com minhas irmãs, Azriel e Amren próximos. Na vanguarda, distante à frente, Helion, resplandecente em uma armadura dourada e uma capa vermelha ondulante, deu a ordem de sentido. Exércitos obedeceram, passando para as posições escolhidas.

Mas a horda que enfrentávamos... estava à espera. Posicionada.

Muitos. Eu sabia, sem precisar contar, que estávamos em ampla desvantagem.

Cassian aterrissou dos céus, com o rosto petrificado, todos os Sifões ficaram incandescentes quando ele cruzou o platô em poucos passos.

— O desgraçado ocupou cada centímetro de terreno alto e tomou todas as vantagens possíveis. Se quisermos derrotá-los, precisaremos afugentá-los para o cume daquelas colinas. O que, sem dúvida, ele já calculou. Provavelmente está cheio de todo o tipo de surpresas. — Ao longe, aqueles cães-naga começaram a grunhir e uivar. Famintos.

— Quanto tempo acha que temos? — perguntou Rhys, apenas.

Cassian trincou o maxilar, olhando para minhas irmãs. Nestha o observava atentamente; Elain monitorava o exército a partir de nossa pequena elevação, o rosto branco de pesar.

— Temos cinco Grão-Senhores, e ele é apenas um. Vocês poderiam colocar escudos sobre nós por um tempo. Mas pode não ser vantajoso que drenem a si próprios assim. Ele também terá escudos... e o Caldeirão. Teve o cuidado de não nos deixar ver toda a extensão de seu poder. Mas, sem dúvida, estamos prestes a vê-la.

— Ele provavelmente usará feitiços — opinei, lembrando-me de que o rei treinara Amarantha.

— Certifique-se de que Helion fique alerta — sugeriu Azriel, mancando até o lado de Rhys. — E Thesan.

— Não respondeu a minha pergunta — disse Rhys a Cassian.

Cassian observou o exército infinito de Hybern, então, o nosso.

— Digamos que acabe mal. Escudos destruídos, desordem, que ele use o Caldeirão... Algumas horas.

Fechei os olhos. Durante esse tempo, eu precisaria cruzar o campo de batalha diante de nós, encontrar onde o rei mantinha o Caldeirão, e impedi-lo.

— Minhas sombras o estão procurando — disse Azriel para mim, interpretando minha expressão quando abri os olhos. Seu maxilar trincou com as palavras. Deveria procurar por conta própria. Azriel abriu e fechou as asas, como se as testasse. — Mas as proteções são fortes e, sem dúvida, foram reforçadas pelo rei depois que você destruiu as do acampamento. Talvez precise ir a pé. Espere até que o massacre pareça desordenado.

— Você saberá o momento — disse Cassian a Amren, abaixando a cabeça.

Ela assentiu com firmeza, cruzando os braços. Eu me perguntei se Amren teria se despedido de Varian.

Cassian deu um tapinha no ombro de Rhys.

— A seu comando, mandarei os illyrianos para o céu. Avançaremos com seu sinal depois disso.

Rhys deu um aceno distante, com a atenção ainda fixa naquele exército sobrepujante.

Cassian recuou um passo, mas voltou o rosto para Nestha. A expressão de minha irmã era dura como granito. Ele abriu a boca, mas pareceu desistir do que ia dizer. Ela não falou nada quando Cassian disparou para o céu com um impulso poderoso das asas. Mas acompanhou o voo do general até que ele não passasse de um pontinho preto.

— Posso lutar a pé — disse Azriel a Rhys.

— Não. — Não havia como discutir com aquele tom de voz.

Azriel pareceu debater, mas Amren sacudiu a cabeça em aviso, e o encantador recuou, sombras enroscadas nos dedos.

Em silêncio, observamos nosso exército se acomodar em fileiras organizadas e sólidas. Observamos os illyrianos subirem aos céus, formando fileiras idênticas no alto com qualquer que tivesse sido o comando silencioso enviado por Rhys a Cassian. Sifões brilhavam coloridos, e escudos foram posicionados, tanto mágicos quanto metálicos. O próprio chão tremeu com cada passo na direção daquela linha demarcada.

Rhys falou para minha mente: *Se Hybern monitora meu poder, o rei vai me sentir procurando pelo campo de batalha.*

Eu sabia o que Rhys queria dizer. *Você é necessária aqui. Se nós dois sumirmos, ele saberá.*

Uma pausa. *Está com medo?*

Você está?

Os olhos violeta de Rhys encararam os meus. Muito poucas estrelas brilhavam ali dentro.

— Sim — sussurrei. *Não por mim. Por todos vocês*.

Tarquin disparou uma ordem ao longe, e nosso exército unificado parou, como alguma besta poderosa se detendo. Estival, Invernal, Diurna, Crepuscular e Noturna — as forças de cada corte claramente demarcadas pelas alterações em cor e armadura; pelos feéricos que lutavam com os Grão-Feéricos, etéreos e letais. Uma legião dos peregrinos de Thesan bateu as asas e se posicionou ao lado dos illyrianos, as armaduras douradas reluziam contra o preto sólido das nossas.

Nenhum sinal de Beron ou Eris... nem um sussurro a respeito da chegada da Outonal. Ou de Tamlin.

Mas o exército de Hybern não avançou. Poderiam muito bem ser estátuas. A quietude, eu sabia, era mais para nos deixar inquietos.

— Magia primeiro — explicava Amren a Nestha. — Os dois lados tentarão destruir os escudos em volta dos exércitos.

Como se em resposta, eles começaram. Minha magia se contorceu em resposta à liberação do poder dos Grão-Senhores — de todos menos o de Rhysand.

Ele estava poupando o poder para depois da queda dos escudos. Não tinha dúvidas de que Hybern fazia o mesmo do outro lado da planície.

Escudos falharam dos dois lados. Alguns caíram. Não muitos, mas alguns. Magia contra magia, a terra estremeceu, a grama entre os exércitos murchou e virou cinzas.

— Esqueci como essa parte é chata — murmurou Amren.

Rhys lançou um olhar sarcástico para ela. Mas caminhou até a beira de nossa pequena vista, como se sentisse que o impasse em breve se romperia. Rhys liberaria um golpe poderoso e devastador contra o exército no momento que o escudo das tropas cedesse. Uma verdadeira onda de poder beijado pela noite. Os dedos de Rhys se enroscaram na lateral do corpo.

À esquerda, os Sifões de Azriel brilharam — preparando-se para libertar disparos e acompanhar os de Rhysand. Ele podia não conseguir lutar, mas usaria o poder dali.

Fui para o lado de Rhys. Adiante, os dois escudos estremeciam por fim.

— Não cheguei a dar um presente de parceria a você — comentei.

Rhys monitorou a batalha adiante. O poder murmurou sob nós, erguendo-se do coração sombrio do mundo.

Em breve. Questão de momentos. Meu coração ressoou, suor gotejava na testa — não apenas do calor do verão, agora pesado sobre o campo.

— Estive pensando e pensando — prossegui — no que dar a você.

Devagar, tão devagar, os olhos de Rhys se voltaram para mim. Apenas um abismo de poder repousava ali dentro... apagando aquelas estrelas.

Sorri para meu parceiro, banhando-me naquele poder, e mandei uma imagem para a mente de Rhys.

De minhas costas, na altura da coluna, agora tatuada da lombar à nuca com quatro fases da lua. E uma pequena estrela no meio delas.

— Mas admito — falei, quando os olhos de Rhys se incendiaram — que esse presente de parceria é provavelmente para nós *dois*.

O escudo de Hybern desceu com um estrondo. Minha magia disparou de mim, partindo o mundo. Revelando o encantamento que eu segurava no lugar há horas.

Diante de nossa linha de frente... Uma nuvem de escuridão surgiu, contorcendo-se e espiralando.

— Pela Mãe — sussurrou Azriel. No momento que uma figura masculina surgiu ao lado daquela fumaça de ébano rodopiante.

Os dois exércitos pareceram fazer uma pausa de surpresa.

— Você recuperou o Uróboro — sussurrou Rhys.

Pois diante de Hybern estavam o ninho vivo de sombras que era Bryaxis, e o Entalhador de Ossos, que eu finalmente libertara, contendo-o em um corpo feérico, na noite anterior. Ambos condicionados a obedecer pelo acordo simples que agora estava tatuado em minha coluna.

— Sim.

Rhys me olhou da cabeça aos pés, e o vento lhe agitava os cabelos preto-azulados quando meu parceiro perguntou baixinho:

— O que viu?

Hybern se agitava, analisando desesperadamente o que e quem estavam agora diante deles. O Entalhador escolhera a forma de um soldado illyriano no auge. Bryaxis permanecera com a escuridão enroscada a seu redor, a trama viva que usaria para revelar os pesadelos das vítimas.

— Eu mesma — revelei, por fim. — Vi eu mesma.

Era, talvez, a única coisa que eu não mostraria a Rhys. A ninguém. Como tinha me acovardado, enfurecido e chorado. Como tinha vomitado e gritado e arranhado o espelho. Como o acertara com os punhos. Então, me enrosquei, trêmula devido a cada coisa horrível, cruel e egoísta que eu via dentro daquele monstro, dentro de mim. Mas continuei olhando. Não desviei os olhos.

E, quando meus tremores pararam, estudei a coisa. Todas as coisas desprezíveis. O orgulho e a hipocrisia e a vergonha. O ódio e a covardia e a dor.

Então, comecei a ver outras coisas. Coisas mais importantes... mais vitais.

— E o que vi — expliquei, em voz baixa, quando o Entalhador ergueu a mão. — Acho... acho que amei aquilo. Perdoei... a mim. Por inteiro. — Foi apenas naquele momento que soube, que entendi o que o Suriel tinha querido dizer. Apenas eu poderia permitir que a

parte ruim me destruísse. Somente eu mesma poderia assumi-la, abraçá-la. E, quando aprendi isso... o Uróboro se entregou a mim.

Rhys arqueou a sobrancelha, mesmo quando espanto lhe tomou a expressão.

— Você amou tudo... o bom e o ruim?

Sorri um pouco.

— Principalmente o ruim. — As duas figuras pareceram inspirar, uma poderosa inalação que fez a nuvem escura de Bryaxis se contrair. Preparando-se para avançar. Inclinei a cabeça para meu parceiro. — Um brinde a uma longa parceria, Rhys.

— Parece que me venceu.

— Em quê?

Com o piscar de um olho, Rhys apontou para Bryaxis e o Entalhador. Outra figura surgiu.

O Entalhador recuou um passo. E eu soube — pela silhueta feminina e esguia, pelo cabelo preto que fluía, o rosto mais uma vez belo... Eu sabia quem ela era.

Stryga, a Tecelã.

E sobre os cabelos pretos da Tecelã... Uma joia azul pálida reluzia.

A joia de *Ianthe*. Um troféu de sangue, e a Tecelã sorriu para o irmão gêmeo, lhe deu um aceno debochado, e encarou a horda à frente. O Entalhador parou de recuar lentamente, encarou a irmã por um longo momento, e depois se virou mais uma vez para o exército.

— Não é a única que pode oferecer acordos, sabe? — cantarolou Rhys, com um sorriso malicioso.

A Tecelã. Rhys conseguira que a *Tecelã* se juntasse a nós...

— Como?

Ele inclinou o pescoço, revelando uma pequena tatuagem enroscada atrás da orelha.

— Mandei Helion negociar em meu nome, por isso ele estava no Meio naquele dia em que a encontrou. Para oferecer quebrar o feitiço de contenção sobre a Tecelã... em troca de seus serviços hoje.

Pisquei para meu parceiro. Então, sorri, sem me incomodar em esconder certa selvageria.

— Hybern não faz ideia do inferno que vai recair sobre eles, não é?

— Um brinde a reuniões familiares! — Foi tudo o que Rhys falou.

Então, a Tecelã, o Entalhador e Bryaxis avançaram contra Hybern.

Capítulo 70

— Você conseguiu mesmo — murmurou Amren, olhando boquiaberta conforme os três imortais se chocavam contra as linhas de Hybern e os gritos começaram.

Corpos caíram diante do trio; corpos foram deixados para trás — alguns eram apenas cascas envoltas em armaduras. Drenados pelo Entalhador e por Stryga. Outros fugiram do que viram em Bryaxis: o rosto de seus medos mais profundos.

Rhys ainda sorria para mim quando estendeu a mão na direção do exército de Hybern, agora tentando se ajustar ao caos deflagrado.

Ele apontou os dedos.

Poder da cor de obsidiana irrompeu de meu parceiro.

Uma parte enorme do exército de Hybern simplesmente...

Virou fumaça.

Fumaça vermelha e partículas de metal flutuavam onde o exército estivera.

Rhys ofegou, os olhos um pouco selvagens. O golpe fora bem colocado. Dividira o exército em dois.

Azriel liberou uma segunda explosão — luz azul se chocou contra o flanco agora exposto. Afastando-os ainda mais.

Os illyrianos avançaram. Aquele fora o sinal de Rhys.

Eles dispararam dos céus — no momento que uma legião de Hybern subiu, fervilhando com coisas como o Attor, escondidas entre as fileiras. Sifões se acenderam, erguendo escudos... e os illyrianos dispararam flechas com precisão mortal.

Mas a legião do Attor estava bem preparada. E, quando responderam com uma saraivada própria... Flechas de freixo, mas com pontas de pedra, envolvidas em veneno feérico. Mesmo com o antídoto de Nuan nas veias de nossos soldados, ele não se estendia à magia — e não servia de defesa contra a própria pedra. Flechas de veneno feérico perfuraram escudos de Sifões tão facilmente quanto se fossem manteiga. O rei tinha adaptado — aprimorado — seu arsenal.

Alguns illyrianos caíram rapidamente. Os demais perceberam a ameaça e usaram os escudos de metal, soltando-os das costas.

Em terra, os soldados de Tarquin, Helion e Kallias começaram a atacar. Hybern liberou os cães... e outras bestas.

E, quando aqueles dois lados avançaram um contra o outro... Rhys lançou outra explosão, seguida por uma onda de poder de Tarquin; dividindo e afastando as fileiras de Hybern em grupos irregulares.

E em meio a tudo isso, Bryaxis... Eu só conseguia distinguir um borrão de garras e presas e asas e músculos em constante mudança, movendo-se e girando dentro daquela nuvem escura que golpeava e sufocava. Sangue jorrava de onde quer que a nuvem se chocasse contra soldados, que gritavam. Alguns pareciam morrer de puro terror.

O Entalhador de Ossos lutava perto de Bryaxis. Nenhuma arma à vista além de uma cimitarra de marfim — de osso — na mão daquele macho. Ele golpeava com a arma diante do corpo, como se capinasse trigo.

Soldados caíam mortos diante do Entalhador — atingidos por um simples golpe. Mesmo aquele corpo feérico não conseguia conter o poder letal... sufocá-lo.

Hybern fugia diante do Entalhador. Diante da Tecelã. Pois, do outro lado do Entalhador, deixando cascas de corpos ao encalço... Stryga dilacerava Hybern em um emaranhado de cabelos pretos e braços e pernas brancos.

Nossos próprios soldados, ainda bem, não hesitaram ao vê-los correr contra as linhas inimigas. E vociferei uma ordem por aquele laço bifurcado que agora me unia ao Entalhador e a Bryaxis, lembrando-os, entre dentes, que nossos soldados *não* deviam ser feridos. Apenas Hybern e os aliados.

Os dois se irritaram com a ordem, puxando a coleira.

Reuni cada gota de noite e luz de estrelas, e grunhi para os dois que *obedecessem*.

Eu podia ter jurado que uma sensação sobrenatural e profana de *consciência* resmungou em resposta.

Mas os dois obedeceram. E não se voltaram contra nossos soldados que, por fim, interceptaram as fileiras hybernianas.

O som quando os dois exércitos colidiram... Não tinha palavras para descrevê-lo. Elain tapou as orelhas, encolhendo-se.

Meus amigos estavam lá embaixo. Mor lutava com Viviane, de olho na fêmea como prometera a Kallias, enquanto este liberava o poder em dilacerantes jatos de gelo. Cassian... nem mesmo conseguia vê-lo além da luz incandescente dos Sifões perto das linhas de frente, um brilho carmesim entre as sombras brutais dos Precursores da Escuridão de Keir, usadas como vantagem, cegando grupos de soldados hybernianos com escuridão repentina... então, cegando-os novamente quando recolhiam aquelas sombras e deixavam a luz do sol ofuscante passar. Apenas as espadas à espera.

— Já está ficando confuso — avisou Amren, embora nossas linhas, principalmente os illyrianos e os peregrinos de Thesan, se mantivessem.

— Ainda não — retrucou Rhys. — Grande parte do exército ainda não está em combate além das linhas de frente. Precisamos da concentração de Hybern em outro lugar.

Assim que Rhys colocasse os pés naquele campo de batalha.

Meu estômago se revirou. O exército de Hybern começou a se mover, avançando. A Tecelã, o Entalhador e Bryaxis mergulharam

para o meio das fileiras, mas os soldados de Hybern rapidamente agiram para tapar os buracos nas linhas.

Helion gritou para que nossas fileiras segurassem a posição. Flechas se ergueram e caíram de cada lado. Aquelas envoltas em veneno feérico encontraram o alvo. Diversas vezes. Como se o rei as tivesse encantado para que caçassem sua presa.

— Isso acabará antes que consigamos descer esta colina — disparou Amren.

Rhys grunhiu para ela.

— *Ainda não*...

Uma corneta soou... ao norte.

Os dois exércitos pareceram pausar para olhar.

— Agora. Precisam ir *agora* — sussurrou Rhys para mim.

Porque o exército que irrompeu no horizonte norte...

Três exércitos. Um com a bandeira laranja-queimado de Beron.

O outro, a bandeira verde-grama da Corte Primaveril.

E um... trazia homens mortais de armadura. Empunhando uma bandeira cobalto com um texugo rampante. O brasão de Graysen.

De uma fenda no mundo, Eris surgiu no alto de nossa elevação, vestido da cabeça aos pés em armadura prateada, uma capa vermelha flutuando dos ombros. Rhys grunhiu em aviso, estava perdido demais no poder para se dar o trabalho de se controlar.

Eris apenas apoiou a mão no punho da espada requintada e disse:

— Achamos que precisaria de ajuda.

Porque o pequeno exército de Tamlin, e o de Beron, e o de Graysen... agora corriam e atravessavam e disparavam contra as fileiras de Hybern. E liderando aquele exército humano...

Jurian.

Mas Beron. *Beron* viera.

— Tamlin o obrigou — explicou Eris, ao registrar nosso choque. — Arrastou meu pai pelo pescoço. — Um meio sorriso. — Foi divertidíssimo.

Eles tinham vindo... e Tamlin conseguira reunir aquela força que eu tão alegremente destruí...

— Tamlin quer ordens — avisou Eris. — Jurian também.

A voz de Rhys estava rouca... grave.

— E seu pai?

— Estamos cuidando de um problema. — Foi tudo o que Eris falou, e apontou para o exército do pai.

Pois eram os irmãos que se aproximavam da linha de frente, atravessando em rompantes pela horda. Logo além das linhas de frente até as carruagens inimigas espalhadas pelas fileiras de Hybern.

Carruagens cheias de veneno feérico, percebi, quando elas se acenderam com um fogo azul e se tornaram cinzas sem qualquer traço de fumaça. Os irmãos de Eris atravessaram para cada estoque, cada arsenal. Chamas explodiam em seu caminho.

Destruindo aquele suprimento de veneno feérico mortal. Queimando até que virasse nada. Como se alguém — Jurian ou Tamlin — tivesse dito exatamente onde cada arsenal estaria.

Rhys piscou, o único sinal de surpresa. Então, olhou para mim e, depois, para Amren e assentiu. *Vão. Agora*.

Enquanto Hybern se concentrava no exército que se aproximava — tentando calcular os riscos, estancar o caos que Beron e os filhos haviam liberado com os ataques localizados. Tentando entender o que diabo Jurian fazia ali, e quantas fraquezas Jurian aprendera. E agora exploraria.

Amren apressou minhas irmãs para a frente, mesmo quando Elain soltou um soluço baixo ao ver o brasão de Graysen.

— Agora. Rápidas e silenciosas como sombras.

Estávamos descendo... para *aquilo*. Bryaxis e o Entalhador ainda dilaceravam, ainda massacravam nos pequenos bolsões além das linhas inimigas. E a Tecelã... Onde estava a Tecelã...

Ali. Vagarosamente escavando uma trilha estreita de carnificina. Como Rhys instruíra momentos antes.

— Por aqui — indiquei, de olho na trilha de horrores de Stryga. Elain tremia, ainda olhando para aquele exército humano e seu prometido. Nestha monitorava as legiões illyrianas que disparavam acima, as fileiras irredutíveis.

— Presumo que seguiremos a trilha de corpos — murmurou Amren para mim. — Como a Tecelã sabe encontrar o Caldeirão?

Rhys parecia estar ouvindo mesmo quando nos viramos, os dedos roçaram os meus, com um adeus silencioso. Eu apenas

disse:

— Porque parece que ela tem um olfato sobrenaturalmente bom.

Amren riu com escárnio, e nos posicionamos de forma a flanquear minhas irmãs. Um encantamento de invisibilidade, esperávamos, nos permitiria percorrer o limite sul do campo de batalha — com as sombras de Azriel conforme ele monitorava de trás. Mas depois que chegássemos às linhas inimigas...

Olhei para trás quando nos aproximamos do limite da elevação. Apenas uma vez. Para Rhys, onde ele agora conversava com Azriel e Eris, explicando o plano que seria passado para Tamlin, Beron e Jurian. Os irmãos de Eris retornaram às fileiras do pai — incêndios agora queimavam ao longo do exército hyberniano. Não era o bastante para impedi-los, mas... pelo menos tínhamos lidado com o veneno feérico. Por enquanto.

A atenção de Rhys se voltou para mim. E, mesmo com a batalha à volta, com o inferno deflagrado por toda parte... Por um segundo, éramos as duas únicas pessoas naquela planície.

Abri as barreiras mentais para falar com ele. Apenas mais um adeus, mais um...

Nestha inspirou, estremecendo. Tropeçou e derrubou Amren consigo quando esta tentou manter minha irmã de pé.

Rhys estava imediatamente conosco, antes que a compreensão viesse a mim. O Caldeirão.

Hybern estava agitando o Caldeirão.

Amren se contorceu para se desvencilhar de Nestha, virando para o campo de batalha.

— *Escudos*...

Eris atravessou; para avisar o pai, sem dúvida.

Nestha se apoiou sobre os cotovelos, os cabelos se soltando da trança, os lábios pálidos. Ela vomitou na grama.

A magia de Rhys irrompeu de dentro dele, formando um arco em torno de nosso exército inteiro, e a respiração de meu parceiro era como um arquejo úmido...

As mãos de Nestha agarraram a grama quando ela ergueu a cabeça, observando o horizonte.

Como se pudesse ver exatamente onde o Caldeirão estava prestes a ser libertado.

O poder de Rhys fluía mais e mais de si, preparando-se para o impacto. Os Sifões de Azriel se acenderam, um escudo de cobalto se estendeu, fechando-se sobre o de Rhysand, e sua respiração estava tão pesada quanto a de meu parceiro...

E, então, Nestha começou a gritar. Não de dor. Mas um nome. Diversas vezes.

— *CASSIAN.*

Amren estendeu a mão para ela, mas Nestha rugiu:

— *CASSIAN!*

Ela ficou de pé com dificuldades, como se fosse saltar para o céu.

O corpo de minha irmã avançou, e ela prosseguiu, ofegante de novo.

Uma figura disparou das fileiras illyrianas, avançando até nós, batendo as asas com força, com os Sifões vermelhos incandescentes...

Nestha gemeu, se contorcendo no chão.

A terra pareceu estremecer em resposta.

Não — não em resposta a ela. Por terror da coisa que irrompeu do exército de Hybern.

Entendo por que o rei ocupara aquelas encostas rochosas. Não fora para nos fazer avançar colina acima se conseguíssemos encurralá-los até lá. Mas para posicionar o Caldeirão.

Pois foi da elevação rochosa que um aríete de letal luz branca avançou contra nosso exército. Na altura da legião illyriana no céu — no momento que a legião do Attor desceu até a terra e se abaixou, buscando proteção. Deixando os illyrianos expostos.

Cassian estava a meio caminho de nós quando a explosão do Caldeirão atingiu as forças illyrianas.

Eu o vi gritar — mas não ouvi nada. A força daquele poder...

Ele destruiu o escudo de Azriel. Depois, o de Rhysand. E, então, destruiu qualquer escudo formado por Sifões.

Deixou um vazio em meus ouvidos e me queimou o rosto.

E onde mil soldados estavam um segundo antes...

Cinzas caíram em nossos soldados de infantaria.

Nestha soubera. Ela me olhou boquiaberta, com terror e agonia no rosto, e então buscou Cassian no céu; o general batia as asas no

lugar, como se dividido entre descer até nós e disparar de volta para as fileiras illyrianas e peregrinas que se dispersavam. Nestha sabia onde a explosão estava prestes a atingir.

Cassian estava bem no centro.

Ou teria estado se Nestha não o tivesse chamado para longe.

Rhys olhava para ela como se também soubesse. Como se indeciso entre brigar com Nestha, pela culpa que Cassian sem dúvida sentiria, ou lhe agradecer por ter salvo a vida do general.

O corpo de Nestha enrijeceu de novo, e um gemido baixo irrompeu de minha irmã.

Senti Rhys projetar seu poder... um sinal de aviso silencioso.

Os outros Grão-Senhores ergueram escudos dessa vez, apoiando o que Rhys conjurara.

Mas o Caldeirão não acertou o mesmo lugar duas vezes. E Hybern estava disposta a incinerar parte do próprio exército se isso significasse destruir uma parte do nosso.

Cassian disparou de novo até nós, até Nestha, jogada no chão, quando a luz e o calor profanos do Caldeirão foram libertados uma segunda vez.

Contra as próprias fileiras de Hybern. Onde o Entalhador de Ossos alegremente destroçava soldados, lhes drenando a vida com sopros e lufadas daquele vento mortal.

Um grito sobrenatural, feminino, saiu das profundezas das forças hybernianas. O aviso de uma irmã — e a dor. No momento que aquela luz branca atingiu o Entalhador de Ossos.

Mas o Entalhador... eu podia ter jurado que ele olhou na minha direção quando o poder do Caldeirão o acertou. Podia ter jurado que sorriu... e que não foi uma coisa nada terrível.

Ali estava ele; e de repente se foi.

O Caldeirão o varreu sem qualquer sinal de esforço.

Capítulo 71

Eu mal conseguia ouvir, mal conseguia pensar no rastro do poder do Caldeirão.

No rastro do trecho de planície vazio, devastado, onde o Entalhador estivera. O frio repentino que estremeceu por minha coluna — como se apagasse a tatuagem ali.

E então, o silêncio; silêncio em algum bolsão de minha mente quando uma seção daquela coleira bifurcada de controle se dissipou na escuridão sem fim. Sem deixar vestígios.

Eu me perguntei quem entalharia sua morte na Prisão.

Se talvez a tivesse entalhado ele mesmo nas paredes daquela cela. Se quisera se certificar de que eu era digna não para me provocar, mas porque queria que seu fim... queria que seu fim fosse digno de ser entalhado.

E, enquanto olhava para aquela parte dizimada da planície, para as cinzas dos illyrianos que ainda caíam... eu me perguntei se o Entalhador tinha chegado. Onde quer que estivesse tão curioso para ir.

Fiz uma oração silenciosa para ele — para todos os soldados antes ali, e que agora eram cinzas ao vento... Fiz uma oração para que encontrassem tudo o que esperavam que existisse do outro lado.

Foram os illyrianos que me puxaram para fora do silêncio, do zumbido em meus ouvidos. Mesmo quando nosso exército começou a entrar em pânico no rastro do poder do Caldeirão, a porção restante das legiões illyrianas reorganizou as fileiras e avançou, com os peregrinos de Thesan agora totalmente misturados a elas.

O exército humano de Jurian, composto dos homens de Graysen e outros... numa atitude louvável, não hesitaram. Não se desfizeram, nem mesmo ao caírem, um a um.

Se o Caldeirão lançasse outro golpe...

Nestha estava com a testa na grama quando Cassian aterrissou com tanta força que o chão estremeceu. Ele esticava a mão para ela enquanto recuperava o fôlego.

— O que é, o que...

— Ele ficou quieto de novo — sussurrou Nestha, deixando que Cassian a colocasse sentada ao observar o rosto de minha irmã. Devastação e ódio estavam estampados no rosto do general. Será que sabia? Que Nestha gritara por ele, sabendo o que viria... Que tinha feito aquilo para salvá-lo?

— Volte para a fileira — ordenou Rhys. — Os soldados precisam de você lá.

Cassian exibiu os dentes.

— Que *diabo* podemos fazer contra aquilo?

— Vou entrar — disse Azriel.

— Não — disparou Rhys. Mas Azriel abria as asas, a luz do sol se refletia muito clara nas novas cicatrizes que cortavam a membrana.

— Pode me acorrentar a uma árvore, Rhys — disse Azriel baixinho. — Vá em frente. — Ele começou a verificar as fivelas das armas. — Vou arrancá-la do chão e voar com a árvore nas malditas costas.

Rhys apenas o encarou... as asas. Depois, olhou para as forças illyrianas dizimadas.

Qualquer chance que tivéssemos de vitória...

Nestha não iria a lugar algum. Mal conseguia se manter sentada. E Elain... Amren segurava Elain de pé enquanto minha irmã vomitava na grama. Não por causa do Caldeirão. Mas por puro terror.

Mas, se não impedíssemos o Caldeirão antes que ele se recuperasse de novo... morreríamos com mais alguns golpes. Encarei Amren. *Pode ser feito... apenas comigo?*

Seus olhos se semicerraram. *Talvez*. Uma pausa. *Talvez. Não foi especificado quantos. Talvez nós duas... possamos ser o bastante.*

Eu me levantei devagar. A vista da batalha era muito pior de pé.

Helion, Tarquin e Kallias lutavam para manter nossas linhas. Jurian, Tamlin e Beron ainda combatiam no flanco norte enquanto os illyrianos e os peregrinos enfrentavam a legião aérea; os Precursores da Escuridão de Keir agora mal passavam de fiapos de sombras em meio ao caos, mas...

Mas não bastava. E apenas o tamanho de Hybern... estava começando a nos fazer recuar.

Começando a nos sobrepujar.

Mesmo quando Amren e eu conseguíssemos cruzar os quilômetros do campo de batalha... O que restaria?

Quem restaria?

Outra corneta soou então.

Eu sabia que não pertencia a nenhum dos aliados.

Assim como sabia que Hybern não tinha escolhido aquele campo de batalha pelas vantagens físicas... mas pelas geográficas.

Porque no mar, velejando do oeste, de Hybern...

Uma armada surgiu.

Muitos navios. Todos lotados de soldados.

Vi o olhar que Cassian, Azriel e Rhys trocaram quando viram outro exército velejando até ali... às nossas costas.

Não outro exército. O *resto* do exército de Hybern.

Estávamos presos entre eles.

Amren xingou.

— Talvez precisemos correr, Rhysand. Antes que eles cheguem à terra firme.

Não podíamos enfrentar os dois exércitos. Nem mesmo podíamos enfrentar um.

Rhys se virou para mim. *Se conseguir atravessar aquele campo de batalha a tempo, então, faça isso. Tente impedir o exército. O rei. Mas, se não puder, quando tudo virar um inferno... Quando não restar mais nenhum de nós...*

Não, supliquei a Rhys. *Não diga.*

Quero que fuja. Não me importa o custo. Fuja. Vá para bem longe e viva para lutar mais um dia. Não olhe para trás.

Comecei a sacudir a cabeça. *Você disse para não nos despedirmos.*

— Azriel — disse Rhys em voz baixa. Rouco. — Você lidera os illyrianos restantes no flanco norte. — Culpa... culpa e medo ondularam pelos olhos de meu parceiro com a ordem. Sabendo que Azriel não estava completamente curado...

Azriel não deu a Rhys a chance de reconsiderar. Não se despediu de nenhum de nós. Disparou para o céu, com aquelas asas ainda cicatrizando batendo com força conforme o carregavam na direção do confuso flanco norte.

Aquela armada se aproximou. Hybern, sentindo que os reforços em breve chegariam à terra firme, comemorou e avançou. Com determinação. Tanta que as fileiras illyrianas cederam. Azriel planava mais e mais perto delas, os Sifões formando gavinhas de chamas azuis em seu rastro.

Rhys observou o encantador de sombras por um momento, com a garganta oscilando antes de falar: — Cassian, assuma o flanco sul.

Era isso. Os últimos momentos... A última vez que eu veria todos eles.

Não fugiria. Se tudo virasse um inferno, eu faria minhas ações contarem, e usaria meu último suspiro para fazer com que aquele exército e rei fossem varridos da terra. Mas no momento...

A armada de Hybern velejava diretamente para a praia distante. Se não fosse agora, eu precisaria avançar pelo meio dela. A Tecelã já reduzia a velocidade na frente leste, sua dança da morte dificultada por inimigos demais. Bryaxis continuava dilacerando as fileiras, deixando no encalço a devastação da morte. Mas ainda não era o bastante. Todo aquele planejamento... mesmo assim não bastava.

— Vejo vocês do outro lado — disse Cassian para mim, Rhys e Nestha.

Eu sabia que ele não estava se referindo ao campo de batalha.

As asas de Cassian se moveram, preparando-se para erguê-lo.

O sinal de uma corneta partiu o mundo.

Uma dúzia de cornetas soaram em harmonia perfeita, poderosa.

Rhys ficou imóvel.

Completamente imóvel ao som daquelas cornetas ao longe. Do leste — do mar.

Ele virou a cabeça para mim, me segurou pela cintura e voou comigo para o céu. Um segundo depois, Cassian estava do nosso lado, com Nestha nos braços... como se ela tivesse exigido ver.

E ali... velejando pelo horizonte leste...

Eu não sabia para onde olhar.

Para os soldados alados — milhares e milhares deles — voando diretamente para nós, bem acima do oceano. Ou para a armada de navios que se estendia sob eles. Maior que a armada de Hybern. Muito, muito maior.

Eu soube quem eram assim que as asas brancas cobertas de penas da horda aérea se tornaram nítidas.

Os serafins.

A legião de Drakon.

E, naqueles navios abaixo... Tantos navios diferentes. Mil navios de inúmeras nações, parecia. O povo de Miryam. Mas os outros navios...

Das nuvens, um guerreiro serafim de pele bronzeada e cabelos pretos disparava até nós. E Rhys conteve uma gargalhada que foi suficiente para me dizer quem era. Quem agora batia as asas diante de nós, com um largo sorriso.

— Poderia ter pedido ajuda, sabe — disse o macho, arrastado... *Drakon*. — Em vez de nos deixar ouvir tudo isso por meio de boatos. Parece que chegamos bem a tempo.

— Fomos procurar vocês, e vimos que tinham sumido — disse Rhys, mas havia lágrimas em seus olhos. — Isso dificulta pedir ajuda.

Drakon riu com deboche.

— Sim, percebemos isso. Miryam descobriu... por que ainda não tínhamos ouvido notícias. — As asas brancas eram quase ofuscantes de tão claras sob o sol. — Há três séculos, tivemos problemas em nossas fronteiras e erguemos um encantamento para manter a ilha protegida. Amarrada a... Você sabe. De forma que quem quer que se aproximasse visse apenas ruínas e decidisse dar meia-volta. — Ele piscou para Rhys. — Ideia de Miryam, inspirada em você e sua cidade. — Drakon se encolheu um pouco. — Pelo visto, funcionou bem *demais*, pois manteve longe tanto inimigos *quanto* amigos.

— Quer dizer — falou Rhys, baixinho — que esteve em Cretea esse tempo todo.

Drakon fez uma careta.

— Sim. Até... ouvirmos sobre Hybern. Sobre Miryam ser... caçada de novo. — Por Jurian. O rosto do príncipe se contraiu de ódio, mas ele me observou e, depois, Nestha e Cassian, com uma atenção afiada. — Devemos ajudá-los ou só ficar batendo as asas aqui, conversando?

Rhys inclinou a cabeça.

— Como quiser, príncipe. — Rhys olhou para a armada que agora seguia para as forças de Hybern. — Amigos seus?

A boca de Drakon se repuxou para o lado.

— Amigos seus, acho. — Meu coração pareceu parar. — Alguns dos barcos de Miryam estão lá, ela está com eles, mas a maioria daquilo veio de vocês.

— O quê — disse Nestha, em tom aguçado, não exatamente uma pergunta.

Drakon apontou para os navios.

— Nós os encontramos durante o voo até aqui. Vimos quando atravessavam o canal, e decidimos unir as forças. Por isso nos atrasamos um pouco, embora tenhamos dado um empurrãozinho para eles cruzarem. — De fato, o vento agora ondulava nas velas brancas, impulsionando aqueles barcos mais e mais rápido na direção da armada de Hybern.

Drakon esfregou a têmpora.

— Nem consigo começar a explicar a história complicada que me contaram, mas... — Drakon sacudiu a cabeça. — São liderados

por uma rainha chamada Vassa.

Comecei a chorar.

— Que aparentemente foi encontrada por...

— Lucien — sussurrei.

— Quem? — Drakon franziu a testa. — Ah, o macho do olho. Não. Ele os encontrou depois, disse para onde seguir. Que viessem *agora*, na verdade. Tão insistentes vocês, machos de Prythian. Que bom que nós, pelo menos, já estávamos a caminho para ver se precisavam de ajuda.

— Quem encontrou Vassa? — perguntou Nestha, com aquele mesmo tom inexpressivo. Como se ela, de alguma forma, já soubesse.

Aqueles navios humanos velejavam para mais perto. Muitos — muitos deles, empunhando uma diversidade de bandeiras que eu começava a enxergar graças à visão feérica.

— Ele se chama Príncipe dos Mercadores — disse Drakon. — Aparentemente, descobriu que as rainhas humanas eram traidoras há meses, e anda reunindo um exército humano independente para enfrentar Hybern desde então. Conseguiu encontrar a rainha Vassa, e, juntos, eles reuniram esse exército. — Drakon deu de ombros. — Ele me contou que tem três filhas que vivem aqui. E que fracassou com elas durante muitos anos. Mas não fracassaria dessa vez.

Os navios na frente da armada humana se tornaram claros, assim como as letras douradas nas laterais.

— Nomeou os três navios pessoais em homenagem a elas — disse Drakon, com um sorriso.

E ali, velejando à frente... Vi os nomes daqueles navios.

Feyre.

Elain.

E, liderando a investida contra Hybern, disparando sobre as ondas, determinado e sem um pingo de medo...

Nestha.

Com meu pai... nosso pai no leme.

Capítulo 72

O vento limpou as lágrimas que escorriam pelo rosto de Nestha ao ver os navios de nosso pai.

Ao ver o navio em que ele escolhera velejar para a batalha, para a filha que o odiara por não lutar por nós, que o odiara por causa da morte de nossa mãe, pela pobreza e o desespero e os anos perdidos.

— Suponho que se conhecem? — perguntou Drakon, com sarcasmo.

Nosso pai; ele ficou longe por meses e meses sem dar notícias.

Ele se fora, disseram minhas irmãs certa vez, para participar de uma reunião sobre a ameaça acima da muralha. Naquela reunião, se tornara claro que tínhamos sido traídos por nosso próprio povo? E será que então ele partiu, com tanto segredo a ponto de não nos mandar mensagens, para buscar ajuda?

Por nós. Por mim e minhas irmãs.

— Conheça Nestha — apresentou Rhys. — E minha parceira, Feyre.

Nenhuma de nós olhou para o príncipe. Apenas para a frota de nosso pai — para os navios que ele nomeou em nossa homenagem.

— E por falar em Vassa — disse Rhys a Drakon —, a maldição foi... quebrada?

A armada humana e a horda hyberniana se aproximaram, e eu soube que o impacto seria letal. Vi os escudos mágicos de Hybern subirem. Vi os serafins erguerem os próprios escudos.

— Veja você mesmo — respondeu Drakon.

Pisquei para o que começou a disparar entre os barcos humanos. O que voava sobre a água, com a rapidez de uma estrela cadente. Lançando-se contra Hybern. Vermelha e dourada e branca — vibrante como metal derretido.

Eu podia ter jurado que a frota de Hybern começou a entrar em pânico quando ela se separou das linhas da armada humana e cobriu a distância até o inimigo.

Quando abriu as asas, deixando um rastro de faísca e brasas sobre as ondas, e percebi o que — *quem* — agora voava contra aquela horda inimiga.

Um pássaro de fogo. Queimando, tão quente e tão furioso quanto o coração de uma forja.

Vassa, a rainha perdida.

✣

Rhys beijou as lágrimas que escorriam por meu rosto quando aquela rainha pássaro de fogo atingiu a frota de Hybern. Deixando, a reboque, cascos de navios queimados.

Nosso pai e o exército humano se espalharam. Para derrubar os demais.

— Posicione sua legião em terra — disse Rhys a Drakon.

Uma chance ínfima... a chance de um tolo de vencer. Ou de estancar o massacre.

Os olhos de Drakon ficaram vítreos e percebi que ele passava ordens para alguém distante. E me perguntei se Nephelle e a esposa estariam naquela legião — se a última vez que tinham empunhado espadas fora naquela batalha distante no leito do mar.

Rhys pareceu estar pensando no passado também. Porque ele murmurou para Drakon, por cima do estrondo da explosão no mar e da batalha abaixo: — Jurian está aqui.

A graciosidade casual e arrogante do príncipe desapareceu. Ódio gélido lhe endureceu as feições, tornando-as algo apavorante. E os olhos castanhos de Drakon... ficaram completamente pretos.

— Ele luta do nosso lado.

Drakon não pareceu convencido, mas assentiu. Ele indicou Cassian com o queixo.

— Presumo que você seja Cassian. — O queixo do general se abaixou. Eu já conseguia ver as sombras em seus olhos, pela perda daqueles soldados. — Minha legião é sua. Comande-a como quiser.

Cassian observou nossas forças reduzidas, o flanco norte que Azriel reunia, e deu a Drakon algumas ordens breves. Drakon bateu aquelas asas brancas, tão contrastantes com a pele marrom como o mel, e disse a Rhys: — Miryam está furiosa com você, aliás. Trezentos e cinquenta e um anos desde a última visita. Se sobrevivermos, saiba que precisará pedir desculpas.

Rhys deu uma gargalhada rouca.

— Diga àquela bruxa que o sentimento é mútuo.

Drakon riu e, com uma batida poderosa das asas, se foi.

Rhys e Cassian olharam para Drakon e, depois, para as armadas agora ocupadas com um deflagrado derramamento de sangue. Nosso pai estava lá embaixo — nosso pai, que eu jamais vira usar uma arma na *vida*...

O pássaro de fogo lançava o inferno sobre os navios. Literalmente. O inferno incandescente e derretido conforme se chocava contra eles e mandava os soldados em pânico para o fundo do mar.

— Agora — falei para Rhys. — Amren e eu precisamos ir *agora*.

O caos era completo. Com uma batalha em curso por todas as direções... Amren e eu poderíamos conseguir. Talvez o rei estivesse ocupado.

Rhys fez menção de disparar comigo de volta à terra, onde Amren e Elain ainda esperavam.

— Espere — interrompeu Nestha.

Rhys obedeceu.

Nestha olhou na direção daquela armada, para nosso pai que lutava ali.

— Me use. Como isca.

— Não — disse Cassian, no mesmo momento que pisquei.

Nestha o ignorou.

— O rei deve estar ao lado daquele Caldeirão. Mesmo que consigam chegar, precisará enfrentá-lo. Atraia o rei para fora. Para longe. Até mim.

— Como? — perguntou Rhys, baixinho.

— É mútuo — murmurou Nestha, como se as palavras de meu parceiro momentos antes tivessem dado a ideia. — Ele não sabe o quanto tomei. E se... se eu fizer parecer que estou prestes a usar seu poder... virá correndo. Apenas para me matar.

— Ele *vai* matá-la — grunhiu Cassian.

A mão de Nestha apertou o braço do general.

— É aí... é aí que você entra.

Para vigiá-la. Protegê-la. E montar uma armadilha para o rei.

— Não — disse Rhys.

Nestha riu com deboche.

— Você não é meu Grão-Senhor. Posso fazer o que quiser. E como ele sentirá se ficar comigo... precisa ir para muito longe também.

— Não vou deixar que desperdice sua vida nisso — disse Rhys a Cassian.

Eu estava inclinada a concordar.

Cassian observou as reduzidas fileiras illyrianas, que agora se mantinham firmes conforme Azriel as reunia.

— Az tem as fileiras sob controle.

— Eu disse *não* — disparou Rhys. Nunca o vira usar aquele tom com Cassian, com nenhum deles.

— É a única chance de distraí-lo — rebateu Cassian, com firmeza. — De atraí-lo para longe daquele Caldeirão. — As mãos se fecharam em volta de Nestha. — Você deu tudo, Rhys. Passou por aquele *inferno* por nós, durante *cinquenta anos*. — Cassian jamais falara sobre aquilo, não abertamente. — Acha que não sei o que aconteceu? Eu sei Rhys. Todos sabemos. E sabemos que fez aquilo para nos salvar, para nos poupar. — Ele sacudiu a cabeça, e a luz

do sol se refletiu daquele escuro elmo alado. — Nos deixe retornar o favor. Nos deixe pagar a dívida.

— Não há dívida a ser paga. — A voz de Rhys falhou. O som partiu meu coração.

A voz do próprio Cassian hesitou quando ele disse:

— Jamais tive a chance de retribuir sua mãe... pela bondade. Me permita fazer dessa forma. Me deixe ganhar tempo para você.

— Não posso.

Eu não tinha certeza se, em toda a história de Illyria, tal discussão acontecera.

— Você pode — disse Cassian suavemente. — Você pode, Rhys. — O general deu um sorriso preguiçoso. — Guarde parte da glória para o restante de nós.

— Cassian...

— Tem o necessário? — perguntou Cassian a Nestha, apenas.

Nestha assentiu.

— Amren me mostrou o suficiente. O que fazer para chamar o poder até mim.

E, se Amren e eu pudéssemos controlar o Caldeirão juntas... Aquela distração...

Nestha abaixou o rosto para Elain — nossa irmã monitorava o banho de sangue adiante. Então, olhou para mim.

— Diga a papai... obrigada — disse ela, em silêncio.

Nestha abraçou Cassian com força, aqueles olhos azul-acinzentados brilhavam, e, então, os dois se foram.

O corpo de Rhys ficou tenso com o esforço de não ir atrás dos dois quando eles dispararam até um conjunto de árvores bem atrás do campo de batalha.

— Ele pode sobreviver — falei, baixinho.

— Não — retrucou Rhys, voando até Amren e Elain. — Não sobreviverá.

Pedi que Rhys movesse Elain para os limites mais afastados de nosso acampamento. E, quando ele voltou, meu parceiro apenas deu um beijo em minha boca antes de decolar para o céu, disparando para o coração da batalha... a luta mais pesada. Eu mal consegui suportar olhar, ver aonde ele aterrissara.

— Proteja-nos da vista e corra o mais rápido possível — aconselhou Amren, quando se viu sozinha comigo. — Não pare. Tente não matar. Deixará um rastro.

Assenti, verificando minhas armas. Os serafins estavam voando alto agora, as asas brilhando, como sol sobre neve. Projetei um encantamento sobre nós duas, ocultando-nos e abafando nossos sons.

— Rápido — repetiu Amren, os olhos prateados se agitando, como nuvens de tempestade. — Não olhe para trás.

Então, não olhei.

Capítulo 73

O Caldeirão estava aninhado em um mirante escarpado.

A Tecelã fizera bem seu trabalho. Vigias e postos importantes não passavam de pilhas vermelhas e úmidas de ossos e cartilagem. E eu sabia que quando a visse de novo... estaria ainda mais ofuscantemente linda.

O poder de Amren disparou diversas vezes, quebrando encantamentos em nosso caminho até que alcançamos o rastro de Stryga. Qualquer que fossem os feitiços que o rei tivesse erguido... Amren estava pronta para eles. *Faminta* por eles. Ela destruiu todos com um sorriso selvagem.

Mas a colina cinzenta estava lotada de comandantes de Hybern, satisfeitos por deixar os inferiores lutarem. Esperando até que o campo de batalha tivesse separado os brutamontes dos verdadeiros guerreiros. Eu conseguia ouvi-los sibilando ao discutir quem, do nosso lado, queriam enfrentar pessoalmente.

Helion e Tarquin eram dois dos desejos mais frequentes.

Tamlin era o outro. Tamlin, por ser um duas-caras. E Jurian. Como eles sofreriam.

Varian. Azriel. Cassian. Kallias e Viviane e Mor. Disseram os nomes de meus amigos como se fossem cavalos em uma corrida. Quem duraria tempo o suficiente para que eles os enfrentassem. Quem arrastaria a bela parceira do senhor da Invernal até ali. Quem por fim destruiria a Morrigan. Quem levaria asas illyrianas para casa, para prender na parede. Meu sangue fervia, mesmo enquanto meus ossos fraquejavam. Esperava que Bryaxis devorasse a todos — e os levasse a se urinar de terror antes disso.

Mas ousei olhar uma vez para trás.

Mor e Viviane não seriam levadas até aquele acampamento tão cedo. Mantinham afastado um conjunto inteiro de soldados hybernianos, acompanhadas por aquela fêmea de cabelos brancos que eu vira no acampamento da Invernal, além de uma unidade daqueles poderosos ursos com imensas patas dilaceradoras de soldados.

Amren sibilou em aviso, e olhei para a frente conforme começávamos a escalar a lateral silenciosa da colina cinzenta. Nenhum sinal de Stryga, embora ela tivesse parado ali, na base da colina em cujo topo repousava o Caldeirão. Eu já conseguia sentir a terrível presença — o chamado.

Amren e eu subimos devagar. Ouvindo após cada passo.

A batalha se deflagrava atrás de nós. Nos céus, na terra e no mar.

Não achei... mesmo com Drakon e o exército humano... não achei que ia bem.

Minhas mãos se cortaram na afiada rocha cinzenta da face escarpada da colina, o corpo doía conforme eu me puxava para cima, e Amren subia com facilidade. Nestha precisava atrair o rei logo, ou acabaríamos frente a frente com ele.

Um movimento na base da rocha chamou minha atenção.

Fiquei imóvel como a morte.

Uma linda jovem de cabelos pretos estava de pé ali. Encarando-nos diretamente, semicerrando os olhos e farejando.

Um sorriso se abriu na boca vermelha... *de sangue*. A jovem sorriu em minha direção. Revelando dentes cobertos de sangue.

Stryga. A Tecelã tinha esperado. Escondida ali. Até chegarmos.

Ela passou a mão branca como a neve na tatuagem de lua crescente que tinha agora no antebraço. A marca do acordo de Rhys. Um lembrete... e um aviso.

Para irmos. Rápido.

Stryga encarou a trilha rochosa parcialmente visível à esquerda, a joia de Ianthe estava suja de sangue no alto de sua cabeça. A Tecelã caminhou diretamente para os guardas posicionados ali, os quais tentamos evitar ao escalar a face escarpada. Alguns deles se sobressaltaram. Stryga sorriu uma vez — um sorriso odioso, terrível —, e saltou sobre os homens.

Uma distração.

Amren estremeceu, mas avançamos de novo. Os guardas estavam concentrados no massacre de Stryga, correndo das posições até o alto da colina para enfrentá-la.

Mais rápido; não tínhamos muito tempo. Eu conseguia sentir o Caldeirão reunindo...

Não. Não o Caldeirão.

Aquele poder... vinha de *trás*.

Nestha.

— Boa menina — murmurou Amren, sussurrando. Logo antes de me puxar pelas costas do casaco e me jogar de cara na rocha, se abaixando também.

No momento que um par de botas desceu pela trilha estreita. Eu conhecia o som das passadas. Assombravam meus sonhos.

O rei de Hybern passou direto por nós. Concentrado em Stryga, no murmúrio distante do poder de Nestha.

A Tecelã parou quando viu quem se aproximava. Sorriu, com sangue escorrendo do queixo.

— Como você é linda — murmurou o rei, a voz semelhante a um canto sedutor. — Como é magnífica, anciã.

Ela passou os cabelos pretos sobre o ombro fino.

— Pode se curvar, rei. Como se fez um dia.

O rei de Hybern caminhou diretamente até ela. Sorriu para o rosto exótico de Stryga.

Então, pegou seu rosto nas mãos largas, mais rápido que ela podia se mover, e lhe quebrou o pescoço.

Talvez não a tivesse matado. A Tecelã era uma deusa da morte — sua mera existência desafiava a nossa. Então, talvez não a tivesse matado aquele estalar na coluna. Caso o rei não tivesse atirado o corpo de Stryga para os dois cães-naga que grunhiam ao pé da colina.

Eles dilaceraram o corpo inerte da Tecelã sem hesitar.

Até mesmo Amren soltou um ruído de tristeza.

Mas o rei olhava para o norte. Na direção de Nestha.

Aquele poder — o poder *de minha irmã* — avançou de novo. Chamando, como o Caldeirão no alto daquela rocha me chamava.

O rei olhou para o mar... para a batalha que se deflagrava ali.

Eu podia ter jurado que o rei sorria quando atravessou para longe.

— Agora — sussurrou Amren.

Não consegui me mover. Cassian e Nestha... até mesmo Rhys achava que não havia chance de sobreviver.

— Faça valer a pena — disparou Amren, e havia luto sincero em seus olhos. Amren sabia o que estava prestes a acontecer. A oportunidade que tinham nos garantido.

Engoli o desespero, o terror, e avancei colina acima; até a escarpa.

Até onde o Caldeirão repousava. Sem vigias. Esperando por nós.

O Livro surgiu nas pequenas mãos de Amren. O Caldeirão era quase tão alto quanto ela. Um poço negro imponente de ódio e poder.

Eu poderia impedir aquilo. Naquele momento. Impedir aquele exército — e o rei antes que ele matasse Nestha e Cassian. Amren abriu o Livro. Olhou para mim com esperança.

— Coloque a mão no Caldeirão — disse ela, em voz baixa. Obedeci.

O poder infinito do Caldeirão se chocou contra mim, uma onda ameaçando me afogar, uma tempestade sem fim.

Mal consegui manter um pé nesse mundo, mal me lembrava de meu nome. Eu me agarrei ao que vira no Uróboro — me agarrei a cada reflexo e lembrança que havia encarado e assumido, as boas e as más e as cinzentas. Quem eu era, quem eu era, quem eu era...

Amren me observou por um longo momento. E não leu do Livro. Não o colocou em minhas mãos. Ela fechou as páginas douradas e empurrou o Livro para trás com um chute.

Amren tinha mentido. Não planejava prender o rei e o exército com o Caldeirão e o Livro.

E, qualquer que fosse a armadilha que tivesse armado... eu caíra.

Capítulo 74

Eu me agarrei à autoconsciência diante da boca escura do Caldeirão. Agarrei com tudo o que tinha.

— Desculpe ter mentido para você — disse apenas Amren.

Não consegui retirar a mão. Não consegui afastar os dedos. Estava sendo despedaçada, devagar, completamente.

Disparei a magia para fora, desesperada por qualquer elo com esse mundo que me salvasse, que evitasse que eu fosse devorada pela *coisa* eterna e terrível que agora tentava me arrastar para seu abraço.

Fogo e água e luz e vento e gelo e noite. Todos conjurados. Todos me falharam.

Algum fio me escapuliu, e minha mente deslizou para mais perto dos braços estendidos do Caldeirão.

Eu senti quando ele me *tocou*.

E, então, parte de mim se foi.

Metade ali, de pé, calada, ao lado do Caldeirão, a mão colada à borda preta.

Metade... em outro lugar.

Voando pelo mundo. Buscando. O Caldeirão agora caçava aquele poder que tinha chegado tão perto... E agora o provocava.

Nestha.

O Caldeirão buscava por ela, buscava por ela como o rei agora a procurava.

Ele varreu o campo de batalha, como a um inseto na superfície de um lago.

Estávamos perdendo. Feio. Serafins e illyrianos, ensanguentados, eram arrastados para fora do céu. Azriel tinha sido forçado até o chão, as asas se arrastavam na lama vermelha conforme o encantador de sombras lutava, espada a espada, contra um ataque interminável. Nossos soldados de infantaria tinham desfeito as fileiras em certos locais, Keir gritava para que os Precursores da Escuridão retomassem as posições, nuvens de sombras disparavam dele.

Vi Rhysand. No aglomerado daquelas fileiras que se dispersavam. Coberto de sangue. Lutando belamente.

Eu o vi avaliar o campo adiante... e se transformar.

As garras vieram primeiro. Substituindo dedos e pés. Então, escamas escuras, ou talvez penas, não conseguia vê-las, cobriram suas pernas, os braços, o peito. O corpo de Rhys se contorceu, ossos e músculos cresceram e se transformaram.

A forma bestial que Rhysand mantinha oculta. Jamais gostava de liberá-la.

A não ser que estivesse complicado o bastante para isso.

Antes de o Caldeirão me puxar para longe, observei o que aconteceu com sua cabeça, com o rosto.

Era uma coisa de pesadelos. Nada humano ou feérico ali. Era uma criatura que vivia em poços escuros e só emergia à noite para caçar e se banquetear. O rosto... eram aquelas criaturas entalhadas na rocha da Corte de Pesadelos. Que compunham seu trono. O trono não era apenas uma representação do poder de Rhys... mas do que espreitava dentro de meu parceiro. E com as asas...

Soldados hybernianos começaram a fugir.

Helion viu o que aconteceu e correu também, mas na direção de Rhys.

Transformando-se também.

Se Rhys era um terror alado feito de sombras e luar frio, Helion era o equivalente diurno.

Penas douradas e garras dilaceradoras e asas emplumadas...

Juntos, meu parceiro e o Grão-Senhor da Diurna se lançaram contra Hybern.

Até que pararam. Até que um macho esguio e baixo saiu das fileiras em sua direção — um dos comandantes de Hybern, sem dúvida. O grunhido de Rhys estremeceu a terra. Mas foi Helion, brilhando com luz branca, que avançou para enfrentar o macho, as garras se enterrando profundamente na lama.

O comandante nem mesmo usava espada. Apenas as belas roupas cinzentas e uma expressão levemente divertida no rosto. Luz ametista girou a seu redor. Helion grunhiu para Rhys — uma ordem.

E meu parceiro assentiu, com sangue escorrendo da boca, antes de se atirar de volta ao combate.

Deixando o comandante e Helion Quebrador de Feitiços se enfrentarem cara a cara. Feitiço contra feitiço.

Soldados dos dois lados começaram a fugir.

Mas o Caldeirão me puxou para longe quando Helion liberou uma explosão de luz na direção do comandante, pois seu alvo não tinha sido encontrado naquele campo de batalha.

Venha, o poder de Nestha parecia cantar. *Venha*.

O Caldeirão captou o cheiro de minha irmã e disparou conosco adiante.

Chegamos antes do rei.

O Caldeirão pareceu parar subitamente na clareira. Pareceu se encolher e recuar, uma cobra pronta para atacar.

Nestha e Cassian estavam ali, a espada do general em punho, os olhos de Nestha incandescentes com aquele fogo interior profano.

— Prepare-se — sussurrou ela. — Ele está vindo.

O poder que Nestha estava contendo...

Ela mataria o rei de Hybern.

Cassian era a distração — enquanto o golpe de minha irmã encontrava o alvo.

O tempo pareceu desacelerar e se curvar. O poder escuro do rei disparou em nossa direção. Na direção daquela clareira em que eu

não era vista ou ouvida, onde eu não passava de um fiapo de alma levado por um vento negro.

O rei de Hybern atravessou para a frente deles.

O poder de Nestha se reuniu... e então se dissipou.

Cassian não se moveu. Não ousou.

Pois o rei de Hybern segurava meu pai diante do corpo, com uma espada no pescoço.

Por isso tinha olhado na direção do mar. Sabia que Nestha daria aquele golpe mortal assim que aparecesse, e a única forma de impedir...

Um escudo humano. Um que Nestha pensaria duas vezes antes de deixar morrer.

Nosso pai estava cheio de sangue, mais magro que da última vez que o vira.

— Nestha — sussurrou ele, reparando nas orelhas, na graciosidade feérica. O poder que se apagava nos olhos de minha irmã.

O rei sorriu.

— Que pai amoroso, trouxe um *exército* inteiro para salvar as filhas.

Nestha não disse nada. A atenção de Cassian disparou em torno da clareira, sopesando cada vantagem, cada ângulo.

Salve-o, implorei ao Caldeirão, por meu pai. *Ajude-o*.

O Caldeirão não respondeu. Não tinha voz, nenhuma consciência, exceto alguma necessidade básica de recuperar o que lhe fora roubado.

O rei de Hybern virou a cabeça para olhar o rosto barbudo e bronzeado de sol de meu pai.

— Tantas coisas mudaram desde que esteve em casa pela última vez. Três filhas, agora feéricas. Uma delas se casou *muito* bem.

Meu pai apenas olhou para minha irmã. Ignorou o monstro atrás de si, e disse para Nestha: — Amei você desde o primeiro momento

que a segurei nos braços. E eu... eu sinto muito, Nestha... minha Nestha. Sinto muito, por tudo isso.

— Por favor — disse Nestha ao rei. Suas únicas palavras, guturais e roucas. — Por favor.

— O que vai me dar, Nestha Archeron?

Nestha encarou meu pai fixamente, e ele sacudia a cabeça. A mão de Cassian estremeceu, a lâmina se ergueu. Tentava mirar.

— Vai devolver o que tomou?

— Sim.

— Mesmo que eu precise abri-la para o recuperar?

— Não coloque suas mãos imundas em minha filha... — grunhiu nosso pai.

Ouvi o estalo antes de perceber o que tinha acontecido.

Antes de ver a forma como a cabeça de meu pai girou. Vi a luz congelar em seus olhos.

Nestha não emitiu ruído. Não mostrou reação quando o rei de Hybern quebrou o pescoço de nosso pai.

Comecei a gritar. Gritar e me debater nas garras do Caldeirão. Implorando a ele que parasse — que o trouxesse de volta, que acabasse com aquilo...

Nestha abaixou a cabeça para o corpo de meu pai quando ele desabou no leito da floresta.

E como o rei tinha previsto... O poder de Nestha se apagou.

Mas o de Cassian não.

Flechas de um vermelho ofuscante dispararam para o rei de Hybern, um escudo se fechou em volta de Nestha quando Cassian avançou.

E, quando Cassian enfrentou o rei, que gargalhou e pareceu disposto a entrar em uma brincadeira de espadas... encarei meu pai naquele chão. Os olhos abertos, porém cegos.

Cassian empurrou o rei para longe do corpo de meu pai, espadas e magias se chocavam. Não por muito tempo. Apenas o suficiente para segurá-lo... para que Nestha talvez fugisse.

Para que eu terminasse aquilo pelo que deixara minha família dar a vida. Mas o Caldeirão ainda me segurava no lugar.

Embora tentasse voltar para aquela colina na qual Amren me traíra, me usara para qualquer que fosse o propósito...

Nestha se ajoelhou diante de nosso pai, a expressão vazia. Ela olhou para os olhos ainda abertos.

E os fechou com carinho. As mãos firmes como pedra.

Cassian tinha empurrado o rei mais para dentro das árvores. Seus gritos ecoavam.

Nestha se inclinou para beijar a testa suja de sangue de nosso pai.

E, quando ergueu a cabeça...

O Caldeirão se debateu e se inquietou.

Pois nos olhos de Nestha, emoldurando-lhe a pele... havia poder pleno.

Nestha olhou na direção do rei e de Cassian. No momento que o urro de dor de Cassian chegou até nós.

O poder em torno de Nestha estremeceu. Ela se levantou.

Então, Cassian gritou. Olhei em sua direção. Longe de meu pai.

A menos de 6 metros, Cassian estava no chão. As asas... partidas em alguns pontos. Sangue escorria delas.

Osso despontavam da coxa. Sifões apagados. Vazios.

Cassian já os tinha drenado antes de vir até ali. Estava exausto.

Mas tinha vindo... por ela. Por nós.

Estava ofegante, sangue lhe escorria do nariz. Braços tremiam enquanto ele tentava se levantar.

O rei de Hybern ficou de pé diante de Cassian e estendeu a mão.

Cassian arqueou o corpo no chão, urrando de dor. Um osso tinha se partido em algum lugar de seu corpo.

— Pare.

O rei olhou por cima do ombro quando Nestha deu um passo adiante. Cassian disse a ela, sem som, que corresse, com sangue escorrendo dos lábios até a grama abaixo.

Nestha observou o corpo destruído de Cassian, a dor em seus olhos, e inclinou a cabeça.

O movimento não era humano. Não era feérico.

Puramente animal.

Puramente predatório.

E, quando os olhos de minha irmã se ergueram para o rei de novo...

— Vou matá-lo — disse ela, baixinho.

— Mesmo? — perguntou o rei, erguendo uma sobrancelha. — Porque consigo pensar em coisas *muito* mais interessantes para fazer com você.

De novo não. Não conseguiria ver aquilo acontecer de novo. Assistindo, impotente, enquanto aqueles que eu amava sofriam.

O Caldeirão espreitava junto a Nestha, um cão a seu lado.

Os dedos de Nestha se fecharam.

O rei riu com escárnio. E pisou na asa mais próxima de Cassian.

Osso se partiu. E o grito...

Eu me debati contra as garras do Caldeirão. Debati e arranhei.

Nestha explodiu.

Todo aquele poder, todo de uma vez...

O rei atravessou para fora de seu caminho.

O poder de Nestha explodiu as árvores atrás do rei até virarem cinzas. Explodiu por aquele campo de batalha formando um arco baixo, e, depois, parou bem nas fileiras hybernianas. Matando centenas antes que eles soubessem o que havia acontecido.

O rei surgiu a talvez 10 metros de Nestha e riu das ruínas fumegantes atrás dele.

— Magnífica! — exclamou ele. — Mal treinada, impetuosa, mas magnífica.

Os dedos de Nestha se fecharam de novo, como se reunindo aquele poder.

Mas ela gastara tudo com um golpe. Os olhos estavam azul-acinzentados de novo.

— Vá. — Foi o que Cassian conseguiu sussurrar. — *Vá.*

— Isso me parece familiar — ponderou o rei. — Foi ele ou o outro bastardo que rastejou até você naquele dia?

Cassian estava, de fato, rastejando até Nestha, com asas quebradas e arrastando a perna, deixando um rastro de sangue sobre a grama e as raízes.

Nestha correu até ele, ajoelhando-se.

Não para confortá-lo.

Mas para pegar a espada illyriana de Cassian.

Ele tentou impedi minha irmã quando ela se levantou. Quando Nestha ergueu aquela espada diante do rei de Hybern.

Nestha não disse nada. Apenas se manteve no lugar.

O rei gargalhou e inclinou a espada.

— Verei o que os illyrianos ensinaram a você?

O rei avançou para Nestha antes que ela conseguisse erguer mais a espada.

Minha irmã saltou para trás, atingindo a espada do rei com a própria, arregalando os olhos. O rei avançou de novo, e Nestha, mais uma vez, desviou e recuou para as árvores.

Levando-o para longe... para longe de Cassian.

Ela conseguiu atrair o rei por mais alguns metros antes de ele se entediar.

Com dois movimentos, o rei de Hybern desarmou Nestha. Com mais um, lhe acertou o rosto com tanta força que minha irmã caiu.

Cassian gritou seu nome, tentando, de novo, rastejar até Nestha.

O rei apenas embainhou a espada, de pé sobre Nestha, quando ela se impulsionou para fora do chão.

— Bem? O que mais tem?

Nestha se virou e estendeu a mão.

Poder branco e incandescente disparou de sua palma e se chocou contra o peito do rei.

Uma armadilha. Para fazê-lo se aproximar. Abaixar a guarda.

O poder de Nestha fez o rei sair voando para trás, árvores se partiram sob ele. Uma após a outra após a outra.

O Caldeirão pareceu se aquietar. Tudo o que restava... era isso. Tudo o que restava do poder de Nestha.

Ela ficou de pé, cambaleando pela clareira, com sangue na boca de onde o rei a golpeara, e caiu de joelhos diante de Cassian.

— Levante — choramingou minha irmã, puxando seu ombro. — *Levante*.

Cassian tentou e fracassou.

— Você é pesado demais — suplicou Nestha, mas, mesmo assim, tentou levantá-lo, os dedos raspando na armadura preta e ensanguentada. — Não consigo... ele está vindo...

— Vá — gemeu Cassian.

O poder de Nestha tinha parado de atirar o rei pela floresta. Ele agora caminhava batendo os pés na direção de ambos, limpando

farpas e folhas do casaco... se demorando. Sabendo que Nestha não partiria. Saboreando o massacre que aguardava.

Nestha trincou os dentes, tentando levantar Cassian mais uma vez. Um som fraco de dor irrompeu de dentro do general.

— *Vá* — berrou Cassian para minha irmã.

— Não posso — sussurrou Nestha, a voz falhando. — Não *posso*.

As mesmas palavras que Rhys dissera a Cassian.

Ele grunhiu de dor, mas ergueu as mãos ensanguentadas... para segurar o rosto de minha irmã em concha.

— Não tenho arrependimentos na vida, exceto este. — A voz de Cassian estremecia com cada palavra. — Que não tivemos tempo. Que eu não tive tempo com *você*, Nestha.

Ela não o impediu quando Cassian se aproximou e a beijou... de leve. Da forma como conseguiu.

— Eu a encontrarei de novo, no próximo mundo, na próxima vida. E teremos esse tempo. Prometo — disse Cassian, baixinho, afastando a lágrima que escorreu pelo rosto de Nestha.

O rei de Hybern passou para aquela clareira, o poder sombrio fluindo dos dedos.

E mesmo o Caldeirão pareceu parar, surpreso, surpreso ou com algum... sentimento quando Nestha olhou para o rei, que levava a morte espiralando em torno das mãos, e, depois, para Cassian.

E cobriu o corpo de Cassian com o próprio.

Cassian ficou imóvel; então, passou a mão pelas costas de minha irmã.

Juntos. Eles iriam juntos.

Farei um acordo com você, disse eu ao Caldeirão. *Ofereço minha alma. Salve-os.*

— Que romântico — debochou o rei. — Mas imprudente.

Nestha não se moveu de onde protegia o corpo de Cassian.

O rei ergueu a mão, o poder espiralava como uma galáxia escura na palma.

Eu sabia que os dois morreriam assim que aquele poder os atingisse.

Qualquer coisa, implorei ao Caldeirão. *Qualquer coisa*...

A mão do rei começou a descer.

E, então, parou. Ele soltou um ruído como se engasgasse.

Por um momento, achei que o Caldeirão tivesse respondido a minhas súplicas.

Mas, quando uma lâmina preta cortou o pescoço do rei, fazendo sangue jorrar, percebi que outra pessoa tinha.

Elain saiu de uma sombra e enfiou Reveladora da Verdade até o cabo na nuca do rei de Hybern enquanto lhe grunhia ao ouvido: — *Não toque em minha irmã.*

Capítulo 75

O Caldeirão ronronou com a presença de Elain no momento que o rei de Hybern caiu de joelhos, agarrando a faca que se projetava do pescoço. Elain recuou um passo.

Engasgando, com sangue escorrendo dos lábios, o rei arquejou para Nestha. Minha irmã se levantou.

Não para ir até Elain. Mas até o rei.

Nestha fechou a mão no cabo de obsidiana da Reveladora da Verdade.

E devagar, como se saboreasse cada gota de esforço necessária... Nestha começou a girar a lâmina. Não uma simples rotação da própria lâmina — mas uma rotação *para dentro* do pescoço do rei.

Elain correu até Cassian, mas o guerreiro estava ofegante — com um sorriso sombrio e ofegante — enquanto Nestha girava mais e mais aquela faca para dentro do pescoço do rei. Separando carne de osso e tendão.

Nestha abaixou o rosto para o rei antes de fazer o gesto final, as mãos deste ainda tentavam se levantar, tirar a lâmina.

E nos olhos de Nestha... havia o mesmo olhar, o mesmo brilho que ela estampara naquele dia em Hybern. Quando minha irmã apontou o dedo para o rei em uma promessa mortal. Ela sorriu um pouco, como se também lembrasse.

Então, Nestha empurrou a lâmina como um trabalhador operando a manivela de uma imensa roda de moinho.

Os olhos do rei se incendiaram — depois, a cabeça se soltou dos ombros.

— Nestha — gemeu Cassian, tentando chegar até minha irmã.

O sangue do rei sujava o couro de Nestha, o rosto.

Nestha não pareceu se importar quando se abaixou. Quando pegou a cabeça caída do rei de Hybern e a levantou. Levantou-a no ar e a encarou — encarou os olhos mortos de Hybern, a boca escancarada.

Nestha não sorriu. Apenas encarou e encarou e encarou.

Selvagemente. Irredutivelmente. Brutal.

— Nestha — sussurrou Elain.

Nestha piscou e pareceu perceber, então — a cabeça de quem segurava.

O que ela e Elain fizeram.

A cabeça do rei rolou das mãos ensanguentadas de Nestha.

O Caldeirão também pareceu perceber o que Nestha tinha feito, quando a cabeça do rei bateu no chão musguento. Que Elain... Elain defendera aquela ladra. Elain, que o Caldeirão presenteara com tais poderes, que achara tão encantadora que quis dar *algo* a ela... Ele não feriria Elain, mesmo em sua busca por reivindicar o que fora tomado.

Recuei no momento que os olhos de Elain recaíram sobre nosso pai morto, caído na clareira adjacente.

Assim que o grito saiu de dentro de minha irmã.

Não. Avancei até elas, mas o Caldeirão foi rápido demais. Forte demais.

Ele me puxou de volta, mais e mais — pelo campo de batalha.

Ninguém parecia saber que o rei estava morto. E nossos exércitos...

Rhys e os demais Grão-Senhores tinham se entregado por completo aos monstros que espreitavam sob sua pele, punhados de

soldados inimigos morriam em seu encalço, dilacerados ou estripados ou partidos ao meio. E Helion...

O Grão-Senhor da Diurna estava ensanguentado, o pelo dourado, chamuscado e lacerado, mas Helion ainda lutava contra o comandante hyberniano. O comandante permanecia ileso. O rosto, inabalado. Como se soubesse... que poderia muito bem vencer Helion Quebrador de Feitiços naquele dia.

Nós nos afastamos, formando um arco, até o outro lado do campo. Até Bryaxis... que ainda lutava. Segurando a fileira para os homens de Graysen. Uma nuvem negra que abria um caminho para eles, que os protegia. Bryaxis, o próprio medo, protegendo os mortais.

Passamos por Drakon e uma mulher de cabelos pretos, a pele como mel escuro, ambos lutando contra...

Jurian. Estavam combatendo Jurian. Drakon tinha um ajuste de contas antigo — e Miryam também.

Passamos tão rapidamente que eu não consegui ouvir o que era dito, não conseguia ver se Jurian estava de fato revidando ou tentando segurá-los enquanto explicava. Mor se juntou à confusão, ensanguentada e mancando, gritando com eles; era o menor de nossos problemas.

Porque nossos exércitos...

Hybern nos sobrepujava. Sem o rei, sem o Caldeirão, ainda assim conseguiriam. O fervor que o rei despertara, a crença de que tinham sido injustiçados e esquecidos... Continuariam lutando. Nenhuma solução jamais os apaziguaria, além da retomada total do que ainda acreditavam ser seu por direito... do que *mereciam*.

Havia tantos. Tantos. E estávamos todos exaustos.

O Caldeirão disparava, recuando para dentro de si.

Ouvi um rugido de dor — um rugido que reconheci, mesmo com a forma diferente, perturbadora.

Rhys. *Rhys*...

Ele estava caindo, precisava de *ajuda*...

O Caldeirão voltou para dentro de si, e eu estava de novo sobre aquela rocha.

De novo encarando Amren, que estapeava minha cara, gritando meu nome.

— *Menina burra* — disparava ela. — *Enfrente-o!*

Rhys estava ferido. Rhys era sobrepujado...

Retornei para meu corpo. Minha mão permanecia sobre o Caldeirão. Um laço vivo. Mas com o Caldeirão acomodado em si mesmo... pisquei. Eu *conseguia* piscar.

Amren expirou.

— O que *diabo*...

— O rei está morto — declarei, a voz fria e estranha. — E você em breve estará também.

Eu a mataria por isso, por nos trair por qualquer que fosse o motivo...

— Eu sei — respondeu Amren, baixinho. — E preciso que me ajude a fazê-lo.

Quase soltei o Caldeirão ao ouvir as palavras, mas ela sacudiu a cabeça.

— Não interrompa... o contato. Preciso que você seja... um condutor.

— Não entendo.

— O Suriel... mandou uma mensagem por você. Para mim. Apenas para mim.

Minha testa se franziu.

— A resposta no Livro não era um feitiço de controle — explicou Amren. — Menti com relação a isso. Era... um feitiço de libertação. Para mim.

— O quê?

Amren olhou para a carnificina, os gritos dos que morriam ecoavam até nós.

— Achei que precisaria de suas irmãs para ajudar você a controlar o Caldeirão, mas depois que você olhou no Uróboro... sabia que conseguiria. Apenas você. E apenas eu. Porque, quando me libertar com o poder do Caldeirão, em minha forma verdadeira... Vou devastar aquele exército. Até o último soldado.

— Amren...

— *Não* — suplicou uma voz masculina atrás de nós.

Varian surgiu da trilha rochosa, arquejando para tomar fôlego, sujo de sangue.

Amren deu um risinho.

— Como um cão farejador.

— Não. — Foi tudo o que Varian disse.

— Me liberte — disse Amren, ignorando-o. — Me deixe acabar com isso.

Comecei a sacudir a cabeça.

— Você... você *partirá*. Disse que não se lembrará de nós, não será mais *você* se for libertada.

Amren deu um leve sorriso... para mim, para Varian.

— Eu os observei por tantas eras. Humanos... Em meu mundo também havia humanos. E eu os vi amar, e odiar, e travar guerras inúteis, e encontrar a preciosa paz. Eu os vi construir vidas, construir *mundos*. Eu... Nunca me foram permitidas tais coisas. Não tinha sido feita daquela forma, não recebera ordens para que o fizesse. Então, observei. E naquele dia em que vim até aqui... foi a primeira coisa egoísta que fiz. Por um longo, longo tempo, achei que fosse punição por desobedecer às ordens de meu Pai, por *querer*. Achei que este mundo fosse algum inferno no qual ele me trancafiara por desobediência.

Amren engoliu em seco.

— Mas acho... eu me pergunto se meu Pai sabia. Se viu como eu os observava amar e odiar e construir, e abriu aquela fenda no mundo não como punição... mas como um presente. — Os olhos brilharam. — Pois foi um presente. Esse tempo... com vocês. Com todos vocês. Foi um presente.

— Amren — disse Varian, e se ajoelhou. — Estou *implorando* a você...

— Diga ao Grão-Senhor — falou Amren, baixinho — para deixar um cálice para mim.

Não achei que tinha espaço em meu coração para mais uma gota de tristeza. Eu me agarrei ao Caldeirão com um pouco mais de força, com a garganta fechada.

— Direi.

Ela olhou para Varian, com um sorriso sarcástico na boca vermelha.

— Eu os observava mais do que todos, os humanos que amavam. Nunca entendi... *como* acontecia. *Por que* acontecia. — Amren parou a um passo do Caldeirão. — Acho que talvez tenha

aprendido com você. Talvez esse tenha sido um último presente também.

O rosto de Varian se contorceu com angústia. Mas ele não fez mais menção de impedir Amren.

Ela se virou para mim. E falou as palavras dentro de minha mente — o feitiço que eu precisava pensar e sentir e *fazer*. Assenti.

— Quando eu estiver livre — avisou Amren — não fujam. Vai atrair minha atenção.

Ela ergueu a mão firme para meu braço.

— Fico feliz por termos nos conhecido, Feyre.

Sorri para Amren, fazendo uma reverência com a cabeça.

— Eu também, Amren. Eu também.

Amren pegou meu pulso. E se jogou no Caldeirão.

✣

Lutei. Lutei com cada fôlego para terminar o feitiço, o braço submerso pela metade no Caldeirão enquanto Amren descia na água escura que o enchia. Eu disse as palavras com a língua, disse com coração e sangue e osso. Gritei as palavras.

A mão de Amren sumiu de meu braço, derretendo-se como orvalho sob o sol matinal.

O feitiço terminou, saindo de mim com um tremor, e eu recuei, soltando o Caldeirão. Varian me segurou antes que eu caísse, e me agarrou com força quando olhamos para a massa escura do Caldeirão, para a superfície tranquila.

— Ela... — sussurrou ele.

Começou longe, bem abaixo de nós. Como se Amren tivesse ido até o centro da terra.

Deixei que Varian me puxasse alguns passos para trás quando a ondulação estremeceu pelo chão, lançando-se contra nós, contra o Caldeirão.

Só tivemos tempo o suficiente para nos atirar atrás da rocha mais próxima quando fomos atingidos.

O Caldeirão se partiu em três pedaços, separando-se, como uma flor desabrochando; e então ela veio.

Ela explodiu daquela casca mortal, a luz nos cegou. Luz e fogo.

Ela rugia — em vitória, ódio e dor.

E eu podia jurar que vi imensas asas incandescentes abertas; cada pena, uma brasa acesa. Podia jurar que uma coroa de luz de fogo flutuava logo acima dos cabelos em chamas.

Ela parou. A coisa que estava dentro de Amren parou.

Olhou para nós... para o campo de batalha e todos os nossos amigos, nossa família ainda lutando.

Como se para dizer: *Eu lembro de vocês*.

E, então, ela se foi.

Abriu aquelas asas, e chamas e luz ondularam para envolvê-la, não mais que um monstro incandescente que desceu sobre os exércitos de Hybern.

Eles começaram a correr.

Amren desceu sobre eles como um martelo, chovendo fogo e enxofre.

Ela disparou entre eles, queimando-os, sorvendo a morte dos soldados. Alguns morreram com o mero sussurro de sua passagem.

Ouvi Rhys urrar — e o som foi o mesmo que o dela. Vitória e ódio e dor. E um aviso. Aviso para não correrem.

Aos poucos, ela destruiu aquele exército hyberniano infinito. Aos poucos, varreu sua mácula, a ameaça. O sofrimento que tinham trazido.

Ela estilhaçou aquele comandante hyberniano que estava pronto para dar um golpe mortal em Helion. Estilhaçou o comandante, como se fosse feito de vidro. Ela deixou apenas cinzas para trás.

Mas aquele poder... se dissipava. Sumia, brasa após brasa.

Mas Amren foi para o mar, onde os exércitos de meu pai e de Vassa lutavam ao lado do povo de Miryam. Barcos inteiros cheios de soldados hybernianos se calaram depois de sua passagem.

Como se tivesse inspirado a vida para fora deles. Mesmo enquanto a dela se extinguia.

Amren chegou ao último barco — o último barco de nosso inimigo — e não passava de uma chama na brisa.

E, quando aquele navio também caiu em silêncio...

Havia apenas luz. Luz forte, límpida, dançando nas ondas.

Capítulo 76

Lágrimas escorriam pela pele suja de sangue de Varian conforme observávamos aquele ponto no mar em que Amren tinha sumido.

Abaixo, adiante, nossas forças começavam a gritar vitória — com alegria.

Na rocha... silêncio total.

Olhei, por fim, para os terços partidos do Caldeirão.

Talvez eu tivesse feito aquilo. Ao libertar Amren, tinha libertado o Caldeirão. Ou talvez Amren, com o poder liberado... mesmo aquilo era grandioso demais para o Caldeirão.

— Deveríamos ir — falei para Varian. Os demais estariam nos procurando.

Eu precisava pegar meu pai. Enterrá-lo. Ajudar Cassian.

Precisava ver quem mais estava entre os mortos... ou vivos.

Vazia; eu me sentia muito cansada e vazia.

Consegui ficar de pé. Dar um passo antes de sentir.

A... *coisa* no Caldeirão. Ou sua ausência.

Era falta e substância, ausência e presença. E... estava vazando para o mundo.

Ousei dar um passo em direção a ele. E o que vi naquelas ruínas do Caldeirão...

Era um vazio. Mas também *não* um vazio — uma expansão.

Não pertencia àquele lugar. Não pertencia a lugar algum.

Havia mãos em meu rosto, me virando, me tocando.

— Está ferida, está...

O rosto de Rhys estava arrasado, ensanguentado. As mãos ainda exibiam as garras nas pontas, os caninos ainda alongados. Mal saíra daquela forma bestial.

— Você... você a libertou...

Ele gaguejava. Tremia. Eu não tinha certeza de como Rhys sequer estava de pé.

Não sabia por onde começar. Como explicar.

Deixei que ele entrasse em minha mente, e a presença de Rhys foi suave — e, por mais que estivesse exausta, deixei que visse meu pai. Nestha e Cassian. O rei. E Amren.

Tudo.

Inclusive aquela *coisa* atrás de nós. Aquele buraco.

Rhys me abraçou... apenas por um momento.

— Temos um problema — murmurou Varian, apontando para trás de nós.

Acompanhamos seu dedo. Para onde aquela fissura no mundo dentro dos cacos do Caldeirão... crescia.

O Caldeirão jamais poderia ser destruído, tínhamos sido avisados. Porque nosso *mundo* estava preso a ele.

Se o Caldeirão fosse destruído... nós também o seríamos.

— O que eu fiz? — sussurrei. Salvara nossos amigos, apenas para condenar a todos.

Feita. Feita e des-Feita.

Eu o quebrara. Podia refazê-lo.

Corri até o Livro, abrindo as páginas.

Mas o ouro estava entalhado com símbolos que apenas um ser nesse mundo sabia ler, e ela se fora. Atirei a maldita coisa no vazio dentro do Caldeirão.

Ele sumiu e não apareceu de novo.

— Bem, essa é uma forma de tentar — disse Rhys.

Eu me virei ao ouvir a piada, mas o rosto de Rhys estava severo. Sombrio.

— Não sei o que fazer — sussurrei.

Rhys observou os pedaços.

— Amren disse que você era um condutor. — Assenti. — Então, seja um de novo.

— O quê?

Ele me olhou como se *eu* fosse a louca quando disse: — Refaça o Caldeirão. Forje-o de novo.

— Com *que* poder?

— O meu.

— Você está... você está esgotado, Rhys. E eu também. Todos estamos.

— Tente. Como um agrado.

Pisquei, e aquele toque de pânico se acalmou um pouco. Sim; sim, com ele, com meu parceiro...

Pensei no feitiço que Amren me mostrara. Se eu mudasse uma coisinha... Era uma aposta. Mas podia funcionar.

— Melhor que nada — concordei, e bufei.

— Esse é o espírito da coisa. — Humor dançava nos olhos de Rhys.

Os mortos se espalhavam por vários quilômetros, os gritos dos feridos e daqueles em luto começavam a aumentar, mas... havíamos impedido Hybern. Impedido o rei.

Talvez com aquilo... com aquilo também tivéssemos sorte.

Estendi a mão para Rhys; a mão, a mente.

Seus escudos estavam no lugar — paredes sólidas que Rhys erguera durante a batalha. Acariciei um deles com a mão, mas permaneceu de pé. Rhys sorriu para mim, me beijou uma vez.

— Lembre-me de jamais irritar Nestha.

O fato de que ele conseguia fazer *piada* — não, era uma forma de lidar com aquilo. Para nós dois. Porque a alternativa à risada... O rosto devastado de Varian, nos observando silenciosamente, aquela era a alternativa. E, com essa coisa diante de nós, essa última tarefa...

Então, consegui gargalhar.

E ainda estava sorrindo, apenas um pouco, quando, de novo, coloquei a mão nos pedaços quebrados do Caldeirão.

Era um buraco. Sem ar. Nenhuma vida podia existir ali. Nenhuma luz.

Era... era o que existia no início. Antes de todas as coisas explodirem dele.

Não pertencia ali, àquele lugar. Talvez um dia, quando a terra tivesse envelhecido e morrido, quando as estrelas também tivessem sumido... talvez, então, retornaríamos para esse lugar.

Não hoje. Não agora.

Eu era tanto forma quanto nada.

E atrás de mim... o poder de Rhys era um fio. Um relâmpago interminável que se projetara de mim para aquele... lugar. Para ser moldado como eu quisesse.

Feito e des-Feito.

De um canto distante da memória, minha mente humana... lembrei de um mural que vira na Corte Primaveril. Guardado em uma biblioteca empoeirada, não usada. Contava a história de Prythian.

Contava a história de um Caldeirão. *Desse* Caldeirão.

E, quando foi empunhado por mãos femininas... Toda a vida fluiu dele.

Estendi a mão, com o poder de Rhys ondulando por mim.

Unidos. Juntos, como um. Pergunta e resposta.

Eu não estava com medo. Não com ele ali.

Formei uma concha com as mãos, como se os terços rachados do Caldeirão pudessem caber ali. O universo inteiro na palma de minha mão.

Comecei a recitar aquele último feitiço que Amren encontrara para nós. Recitar e pensar e sentir. Palavras e fôlego e sangue.

O poder de Rhys fluía por mim, para fora de mim. O Caldeirão surgiu.

Luz dançou pelas fissuras onde os terços quebrados se uniam. Ali — ali eu precisaria forjar. Soldar. *Conter*.

Coloquei a mão na lateral do Caldeirão. Poder puro e violento cascateou para fora de mim.

Eu me recostei nele, sem medo daquele poder, do macho que me segurava.

Ele fluiu e fluiu, uma represa de luz rompida.

As rachaduras chiaram e se mesclaram.

Aquele vazio começou a serpentear de volta para dentro.

Mais. Precisávamos de mais.

Ele me deu. Rhys entregou tudo.

Eu era uma portadora, um receptáculo, um elo.

Amo você, sussurrou Rhys para minha mente.

Eu apenas me recostei em meu parceiro, me deliciando com o calor, mesmo naquele não lugar.

Poder estremeceu por Rhys. Envolveu o Caldeirão. Recitei o feitiço diversas e diversas vezes.

A primeira rachadura cicatrizou.

Depois, a segunda.

Senti Rhys estremecer atrás de mim, ouvi o sussurro úmido de sua respiração. Tentei me virar...

Amo você, disse Rhys de novo.

A terceira e última rachadura começou a cicatrizar.

O poder começou a se extinguir. Mas continuou fluindo para fora.

Eu joguei meu poder também, faíscas e neve e luz e água. Juntos, lançamos tudo para dentro. Demos até a última gota.

Até que aquele Caldeirão estivesse inteiro. Até que a coisa que ele continha... estivesse ali. Trancafiada.

Até que eu consegui sentir o sol aquecendo meu rosto novamente. E vi aquele Caldeirão repousando diante de mim — sob minha mão.

Soltei os dedos da borda de ferro gelada. Olhei para baixo, para as profundezas de nanquim.

Nenhuma rachadura. Inteiro.

Soltei um suspiro trêmulo. Tínhamos conseguido. Tínhamos conseguido...

Eu me virei.

Levei um momento para entender. O que vi.

Rhys estava jogado no chão rochoso, as asas abertas atrás do corpo.

Ele parecia estar dormindo.

Mas quando inspirei...

Não estava ali.

Aquela coisa que se erguia e descia com cada fôlego. Que ecoava cada batida do coração.

O laço da parceria.

Não estava ali. Tinha sumido.

Porque o peito... não se movia.

E Rhys estava morto.

CAPÍTULO 77

Havia apenas silêncio em minha mente. Apenas silêncio quando comecei a gritar.

Gritar e gritar e gritar.

O vazio em meu peito, em minha *alma*, com a ausência daquele laço, daquela *vida*...

Eu o sacudia, gritava seu nome e sacudia, e meu corpo deixou de ser meu corpo, e se tornou apenas essa *coisa* que continha a mim e essa *falta* dele, e eu não conseguia parar de gritar e gritar...

Então, Mor apareceu. E Azriel, cambaleando, com um braço em volta de Cassian — tão ensanguentado quanto, e de pé apenas por causa das ataduras azuis de trama de Sifão por todo o corpo. Pelo corpo de ambos.

Estavam dizendo coisas, mas eu só conseguia ouvir aquele último *Amo você*, que não fora uma declaração, mas um adeus.

E ele sabia. *Sabia* que não lhe restava mais nada, e que impedir aquilo tomaria tudo. *Custaria* tudo a ele. Rhys manteve os escudos erguidos para que eu não visse, porque não teria dito sim, teria

preferido que o mundo *acabasse* a isso, essa *coisa* que Rhys fizera e esse *vazio* onde ele estava, onde nós estávamos...

Alguém tentava me puxar para longe de Rhys, e soltei um som que poderia ter sido um grunhido ou mais um grito, e a pessoa me largou.

Não conseguia viver com aquilo, não conseguia suportar aquilo, não conseguia *respirar*...

Havia mãos — mãos desconhecidas no pescoço de Rhys. Tocando-o...

Avancei contra elas, mas alguém me segurou.

— Ele está vendo se algo pode ser feito — disse Mor, a voz rouca.

Ele... ele. Thesan. Grão-Senhor da Crepuscular. E da cura. Avancei de novo, para implorar, suplicar...

Mas ele sacudiu a cabeça. Para Mor. Para os outros.

Tarquin estava ali. Helion. Ofegante e arrasado.

— Ele... — disse Helion, rouco, e então sacudiu a cabeça, fechando os olhos. — É claro que fez — afirmou o Grão-Senhor, mais para si mesmo.

— Por favor — implorei, e não tinha certeza de com quem estava falando. Meus dedos rasparam a armadura de Rhys, tentando chegar ao coração abaixo.

O Caldeirão; talvez o Caldeirão.

Eu não conhecia aqueles feitiços. Como colocar Rhys dentro e me certificar de que *ele* voltasse...

Mãos envolveram as minhas. Estavam ensanguentadas e cortadas, mas foram gentis. Tentei me desvencilhar, mas elas seguraram firme quando Tarquin se ajoelhou a meu lado e disse: — Sinto muito.

Foram aquelas duas palavras que me destruíram. Destruíram de uma forma que eu nem sabia ser possível, o rompimento de cada fio e controle.

Fique com o Grão-Senhor. O último aviso do Suriel. *Fique... e viva para ver tudo se acertar*.

Uma mentira. Uma *mentira*, como Rhys mentira para mim. *Fique com o Grão-Senhor.*

Fique.

Pois ali... os retalhos rasgados do laço de parceria. Flutuando em um vento fantasma dentro de mim. Eu os agarrei, puxei, como se Rhys fosse responder.

Fique. Fique, fique, fique.

Eu me agarrei àqueles retalhos e resquícios, agarrando o vazio que espreitava além.

Fique.

Ergui o rosto para Tarquin, e exibi os dentes. Olhei para Helion. E Thesan. E Beron e Kallias, Viviane chorava a seu lado.

— *Tragam-no de volta* — grunhi.

Rostos inexpressivos.

— *TRAGAM-NO DE VOLTA* — gritei com eles.

Nada.

— Vocês fizeram isso por mim — falei, respirando com dificuldade. — *Agora, façam por ele*.

— Você era humana — explicou Helion, com cautela. — Não é igual...

— Não me importa. Façam. — Quando eles não se moveram, reuni os resquícios de meu poder, preparando-me para invadir as mentes dos Grão-Senhores e obrigá-los, sem me importar com que regras ou leis quebrasse. Não me importaria, apenas se...

Tarquin avançou. Ele estendeu a mão devagar em minha direção.

— Pelo que ele deu — falou Tarquin baixinho. — Hoje e por muitos anos antes.

E, quando aquela semente de luz surgiu na palma de sua mão... comecei a chorar de novo. Observei a semente cair no pescoço exposto de Rhys e sumir dentro da pele, um eco de luz se incendiou uma vez.

Helion deu um passo adiante. Aquela semente de luz na mão estremeceu quando caiu na pele de Rhys.

Depois, Kallias. E Thesan.

Até que apenas Beron estava de pé ali.

Mor sacou a espada e a levou ao pescoço do Grão-Senhor da Outonal. Ele se sobressaltou, não vira Mor se mover.

— Não me importaria em causar mais uma morte hoje — disse ela.

Beron lançou um olhar maldoso a Mor, mas empurrou a espada e caminhou para a frente. Ele praticamente atirou aquela faísca de luz em Rhys. Não me importei com isso também.

Não conhecia o feitiço, o poder de onde vinha. Mas eu era Grã-Senhora.

Estendi a palma da mão. Desejando que aquela faísca de vida surgisse. Nada aconteceu.

Respirei para me controlar, lembrando qual era a aparência.

— Digam-me como — grunhi, para ninguém.

Thesan tossiu e deu um passo adiante. Explicando o núcleo de poder exaustivamente, e não me importei, mas ouvi, até que...

Ali. Pequena como uma semente de girassol, surgiu em minha palma. Um pouco de mim — minha vida.

Eu a coloquei com carinho no pescoço incrustado de sangue de Rhys.

E percebi, no momento que ele surgiu, o que estava faltando.

Tamlin estava parado ali, conjurado pela morte de outro Grão-Senhor, ou por um dos demais a meu redor. Estava coberto de lama e sangue, o novo boldrié quase vazio.

Tamlin estudou Rhys, sem vida, diante de mim. Estudou todos nós — com as palmas ainda estendidas.

Não havia bondade em seu rosto. Nenhuma misericórdia.

— Por favor! — Foi tudo o que eu disse a ele.

Então, Tamlin olhou para nós — meu parceiro e eu. O rosto não mudou.

— *Por favor* — chorei. — Eu... eu darei *qualquer coisa* a você...

Algo mudou em seus olhos ao ouvir isso. Mas não bondade. Nenhuma emoção.

Apoiei a cabeça no peito de Rhysand, ouvindo em busca de alguma batida do coração através daquela armadura.

— Qualquer coisa — sussurrei, para ninguém em especial. — Qualquer coisa.

Passos estalaram no chão rochoso. Eu me preparei para mais um par de mãos que tentaria me puxar para longe, e enterrei os dedos com mais força.

Os passos permaneceram atrás de mim por tempo o suficiente para me fazer olhar.

Tamlin estava ali. Me olhando do alto. Aqueles olhos verdes mergulhados em alguma emoção que eu não conseguia reconhecer.

— Seja feliz, Feyre — disse ele, baixinho.

E soltou aquela última semente de luz em Rhysand.

Eu não tinha testemunhado — quando fora Feito comigo.

Então, tudo o que fiz foi segurá-lo. Seu corpo, os retalhos daquele laço.

Fique, implorei. *Fique.*

Luz brilhou além de minhas pálpebras fechadas.

Fique.

E no silêncio... comecei a contar a ele.

Sobre aquela primeira noite em que o vira. Quando ouvi aquela voz me chamando para as colinas. Quando não consegui resistir aos chamados, e agora... agora me perguntava se o teria ouvido me chamar no Calanmai. Se fora a voz de Rhys que me levara até lá naquela noite.

Eu contei como me apaixonei por ele — cada olhar e bilhete passado e risada que Rhys provocara em mim. Contei a ele sobre tudo o que tínhamos feito, e o que significara para mim, e tudo o que eu ainda queria fazer. Toda a *vida* que ainda restava diante de nós.

E em troca... um estampido soou.

Abri os olhos. Outro estampido.

E, então, seu peito inflou, erguendo minha cabeça.

Não consegui me mover, não consegui respirar...

A mão de alguém roçou em minhas costas.

Então, Rhys gemeu:

— Se estamos todos aqui, ou as coisas deram muito, muito errado, ou muito certo.

A risada falhada de Cassian saiu de dentro do general.

Não consegui erguer a cabeça, não consegui fazer nada além de abraçá-lo, aproveitando cada batida do coração e fôlego e o tremor de sua voz quando Rhys disse, rouco: — Vocês ficarão felizes em saber... Meu poder ainda é o mesmo. Nenhum roubo.

— Você sabe mesmo fazer uma entrada — cantarolou Helion. — Ou eu deveria dizer saída?

— Você é terrível — disparou Viviane. — Isso não é nem remotamente engraçado...

Não ouvi o que mais ela disse. Rhys se sentou, me erguendo de cima dele. Então, afastou os cabelos que se agarravam a minhas bochechas úmidas.

— *Fique com o Grão-Senhor* — murmurou ele.

Eu não acreditei... até olhar para aquele rosto. Aqueles olhos salpicados de estrelas.

Não me deixei acreditar que não passava de alguma ilusão...

— É real — disse Rhys, beijando minha testa. — E... tem outra surpresa.

Ele apontou com a mão cicatrizada para o Caldeirão.

— Alguém pesque nossa querida Amren antes que ela pegue um resfriado.

Varian se virou para nós. Mas Mor corria até o Caldeirão, e seu grito quando colocou a mão para dentro...

— Como? — sussurrei.

Azriel e Varian estavam lá, ajudando Mor a puxar uma forma encharcada para fora da água escura.

Seu peito subia e descia, as feições eram iguais, mas...

— Ela estava lá — disse Rhys. — Quando o Caldeirão estava se fechando. Indo... para onde quer que vamos.

Amren cuspiu água, vomitou no chão rochoso. Mor lhe bateu nas costas, acalmando Amren durante tudo.

— Então, eu estendi a mão — prosseguiu Rhys, em voz baixa. — Para ver se ela queria voltar.

E, quando Amren abriu os olhos, quando Varian soltou um ruído engasgado de alívio e alegria...

Eu soube... do que ela abrira mão para voltar. Grã-Feérica... e apenas isso.

Pois os olhos prateados estavam sólidos. Não se moviam. Nada de fumaça, nenhuma névoa queimando ali.

Uma vida normal, sem rastro dos poderes à vista.

E, quando Amren sorriu para mim... eu me perguntei se teria sido seu último presente.

Se tudo... se tudo fora um presente.

Capítulo 78

Em meio ao extenso campo de cadáveres e feridos, havia um corpo que eu queria enterrar.

Apenas Nestha, Elain e eu voltamos àquela clareira, depois que Azriel declarou que a batalha estava realmente terminada.

Deixar Rhys sair de minha vista para reunir nossos exércitos espalhados, separar os mortos e os vivos, e planejar algo que se assemelhasse à ordem foi um esforço para meu autocontrole.

Quase implorei a Rhys que fosse conosco, para que não precisasse soltar sua mão, a qual eu não tinha parado de segurar desde aqueles momentos que ouvira as belas e firmes batidas de seu coração ecoando pelo corpo mais uma vez.

Mas essa tarefa, esse adeus... Eu sabia, bem no fundo, que era apenas para mim e minhas irmãs.

Então, soltei a mão de Rhys, beijando-o uma vez, duas, e o deixei no acampamento de guerra para ajudar Mor a puxar um Cassian que mal se aguentava em pé até o curandeiro mais próximo.

Nestha os observava quando cheguei a ela e Elain no limite das árvores. Será que tinha feito alguma cura, de alguma forma, naqueles momentos após arrancar a cabeça do rei? Ou teriam sido o sangue imortal de Cassian e os curativos de campo de batalha de Azriel que fizeram com que o general conseguisse ficar de pé, mesmo com aquela asa e aquela perna? Não perguntei a minha irmã, e ela não deu resposta quando pegou o balde d'água que pendia das mãos ainda ensanguentadas de Elain e seguimos pelas árvores.

O cadáver do rei de Hybern estava caído na clareira, os corvos já o beliscavam.

Nestha cuspiu no corpo antes de nos aproximarmos de nosso pai. Os corvos mal se dispersaram a tempo.

Os gritos e os gemidos dos feridos eram como uma parede distante de som — outro mundo, longe da clareira banhada pelo sol. Do sangue ainda fresco no musgo e na grama. Bloqueei o odor ferroso — o sangue de Cassian, o sangue do rei, o sangue de Nestha.

Apenas nosso pai não sangrara. Não tivera a chance. E, por qualquer que tivesse sido a misericórdia da Mãe, os corvos não tinham começado a devorá-lo.

Elain limpou silenciosamente o rosto de papai. Penteou seus cabelos e barba. Alisou as roupas.

Ela encontrou flores — em algum lugar. Colocou-as em volta da cabeça, sobre o peito.

Encaramos nosso pai em silêncio.

— Amo você — sussurrou Elain, a voz falhando.

Nestha não disse nada; o rosto indecifrável. Havia muitas sombras em seus olhos. Eu não contara a ela o que vira — deixei que minhas irmãs me contassem o que quisessem.

— Deveríamos... dizer uma oração? — sussurrou Elain.

Não tínhamos tais coisas no mundo humano, eu me lembrei. Minhas irmãs não tinham orações para oferecer a ele. Mas em Prythian...

— Que a Mãe o abrace — sussurrei, recitando palavras que não ouvia desde aquele dia Sob a Montanha. — Que atravesse os portões; que sinta o cheiro daquela terra imortal de leite e mel. —

Chamas se acenderam nas pontas de meus dedos. Tudo o que consegui conjurar. Tudo o que restava. — Não tema o mal. Não tema a dor. — Minha boca estremeceu quando sussurrei: — Que entre para a eternidade.

Lágrimas escorreram pelas bochechas pálidas de Elain quando ela ajustou uma flor desgarrada no peito de nosso pai, de pétalas brancas e delicada, e então recuou para meu lado com um aceno de cabeça.

O rosto de Nestha não mudou quando lancei aquele fogo para acender o corpo de nosso pai.

Ele virou cinzas ao vento em questão de minutos.

Encaramos a faixa queimada de terra por longos minutos, o sol mudando acima.

Passos soaram na grama atrás de nós. Nestha se virou, mas...

Lucien. Era Lucien.

Lucien, exausto e ensanguentado, ofegando para recuperar o fôlego. Como se tivesse corrido até o litoral.

Seu olhar buscou Elain, e Lucien curvou um pouco os ombros. Mas Elain apenas abraçou o próprio corpo e permaneceu do meu lado.

— Está ferida? — perguntou ele, vindo em nossa direção. Vendo o sangue que manchava as mãos de Elain.

Lucien tinha parado subitamente quando reparou na cabeça decepada do rei de Hybern do outro lado da clareira. Nestha ainda estava coberta pelo sangue do monarca.

— Estou bem — respondeu Elain, em voz baixa. E então perguntou, ao reparar no sangue em Lucien, nas roupas rasgadas e nas armas ainda ensanguentadas: — Você...

— Bem, jamais quero lutar em outra batalha enquanto viver, mas... sim, estou inteiro.

Um leve sorriso se abriu nos lábios de Elain. Mas Lucien reparou naquele trecho queimado de grama atrás de nós e falou: — Ouvi... o que aconteceu. Sinto muito por sua perda. De todas vocês.

Eu apenas caminhei até ele e abracei o pescoço de Lucien, mesmo que não fosse o abraço que ele esperava.

— Obrigada... por vir. Com a batalha, quero dizer.

— Tenho uma história e tanta para contar — disse ele, me apertando com força. — E não fique surpresa se Vassa a encurralar assim que os navios forem contados. E o sol se puser.

— Ela é mesmo...

— Sim. Mas seu pai, sempre negociador... — Um sorriso triste, breve, na direção daquela grama queimada. — Ele conseguiu fazer um acordo com o *guardião* de Vassa para vir até aqui. Temporariamente, mas... melhor que nada. Mas sim... rainha à noite, pássaro de fogo durante o dia. — Lucien expirou. — Maldição horrível.

— As rainhas humanas ainda estão lá — falei. Talvez eu as cace.

— Não por muito tempo... não se Vassa se envolver.

— Você parece um acólito.

Lucien corou, olhando para Elain.

— Ela tem um temperamento terrível e uma boca pior. — Ele me olhou com sarcasmo. — Vocês duas vão se entender bem.

Cutuquei as costelas de Lucien.

Mas ele olhou de novo para aquela grama chamuscada, e o rosto sujo de sangue se tornou solene.

— Ele era um bom homem — disse Lucien. — Amava muito todas vocês.

Assenti, incapaz de formar as palavras. Os pensamentos. Nestha sequer piscou para indicar que ouvira. Elain apenas se abraçou com mais força, e mais algumas lágrimas escorreram.

Poupei Lucien do tormento de se decidir se tocava minha irmã, e dei o braço a ele, começando a me afastar, deixando que minhas irmãs decidissem se seguiriam ou ficariam — se queriam um momento a sós com aquela grama queimada.

Elain veio.

Nestha ficou.

Elain passou para meu lado, olhando para Lucien. Ele reparou.

— Soube que deu o golpe fatal — disse ele.

Elain observou as árvores.

— Nestha deu. Eu apenas o esfaqueei.

Lucien pareceu se atrapalhar com uma resposta, mas eu disse a ele: — Então, para onde agora? Partir com Vassa? — Eu me

perguntava se Lucien tinha ouvido sobre o papel de Tamlin... a ajuda que ele nos dera. Um olhar para meu amigo me disse que sim. Alguém, talvez meu parceiro, o informara.

Lucien deu de ombros.

— Primeiro, aqui. Para ajudar. Depois... — Outro olhar para Elain. — Quem sabe?

Cutuquei Elain, que piscou para mim, e então disparei:

— Você poderia vir para Velaris.

Lucien viu tudo, mas assentiu, graciosamente.

— Seria um prazer.

Conforme caminhávamos de volta ao acampamento, Lucien nos contou sobre o tempo em que estivera fora, como caçara Vassa, como a encontrara já com meu pai, um exército marchando para o oeste. Como Miryam e Drakon se juntaram a eles na jornada para nos ajudar.

Eu ainda refletia sobre tudo o que Lucien contara quando entrei na tenda com intenção de, finalmente, tirar as roupas de couro, e deixei Lucien com Elain para encontrar um lugar e se lavar. E conversar... talvez.

Mas, quando passei pelas abas, um som me recebeu do lado de dentro — conversa. Muitas vozes, e uma delas pertencia a meu parceiro.

Dei um passo para dentro e soube que não trocaria de roupa tão cedo.

Pois, em uma cadeira diante do braseiro, sentava o príncipe Drakon, Rhys jogado, ainda ensanguentado, nas almofadas a sua frente. E, nas almofadas ao lado de Rhys, estava uma linda fêmea, os cabelos pretos desciam pelas costas em cachos exuberantes, e ela já sorria para mim.

Miryam.

Capítulo 79

O rosto sorridente de Miryam era mais humano que Grão-Feérico. Mas Miryam, lembrei quando ela e Drakon se levantaram para me cumprimentar, era apenas semifeérica. Tinha as delicadas orelhas pontiagudas, mas... havia algo ainda humano a seu respeito. Naquele amplo sorriso que iluminava os olhos castanhos.

Gostei dela imediatamente. Lama sujava suas vestes de couro — de um modelo diferente daquela dos illyrianos, mas obviamente projetada para outro povo aéreo se manter aquecido nos céus —, e algumas gotas de sangue cobriam a pele marrom como mel no pescoço e nos dedos, mas Miryam não parecia notar. Ou se importar. Ela estendeu as mãos para mim.

— Grã-Senhora — disse Miryam, com o sotaque igual ao de Drakon. Arrastado e forte.

Peguei suas mãos, surpresa por estarem secas e quentes. Miryam apertou meus dedos com força enquanto consegui dizer: — Ouvi muito a seu respeito, obrigada por vir. — Lancei um olhar para onde Rhys ainda estava, deitado nas almofadas, nos observando com as sobrancelhas erguidas. — Para alguém que estava morto

ainda há pouco — falei, com rispidez —, você parece incrivelmente relaxado.

Rhys deu um risinho.

— Fico feliz por estar de volta a seu humor habitual, Feyre querida.

Drakon riu com deboche e pegou minhas mãos, apertando-as com a mesma força com que a parceira o fizera.

— O que ele não quer lhe contar, minha senhora, é que ele é tão velho que *não consegue* ficar de pé no momento.

Eu me virei para Rhys.

— Você está...

— Bem, bem — respondeu ele, gesticulando com a mão, mesmo ao gemer um pouco. — Embora talvez agora você entenda por que não me dei o trabalho de visitar esses dois por tanto tempo. São terrivelmente cruéis comigo.

Miryam gargalhou, sentando-se nas almofadas de novo.

— Seu parceiro estava contando *sua* história, pois parece que já ouviu a nossa.

Eu tinha, mas, mesmo quando o príncipe Drakon graciosamente retornou ao assento e eu me sentei na cadeira ao lado da dele, apenas ao observar os dois... eu queria saber de tudo. Um dia; não amanhã ou no dia seguinte, mas... um dia, eu queria ouvir a história inteira. Mas, por enquanto...

— Eu... vi vocês. Lutando com Jurian. — Drakon imediatamente enrijeceu o corpo, os olhos de Miryam se fecharam quando perguntei: — Ele... Ele está morto?

— Não. — Foi a única resposta de Drakon.

— Mor — interrompeu Miryam, franzindo a testa — acabou nos convencendo a não... ajustar as contas.

Eles teriam. Pela expressão no rosto de Drakon, o príncipe ainda não parecia convencido. E, pelo brilho assombrado nos olhos de Miryam, parecia que muito mais acontecera durante aquela briga do que os dois deixaram transparecer. Mas, mesmo assim, perguntei: — Onde ele está?

Drakon deu de ombros.

— Depois que não o matamos, não faço ideia de para onde rastejou.

Rhys me deu um meio sorriso.

— Está com os homens de Lorde Graysen... cuidando dos feridos.

— Você é... amiga de Jurian? — perguntou Miryam, com cautela.

— Não — respondi. — Quero dizer... acho que não. Mas... todas as palavras que ele me disse eram verdadeiras. E ele me ajudou. Muito.

Nenhum dos dois sequer assentiu ao trocar um olhar prolongado, palavras não ditas passaram de um para outro.

— Achei que tinha visto Nephelle durante a batalha... — perguntou Rhys. — Alguma chance de eu conseguir dar um oi, ou ela é importante demais agora para se incomodar comigo? — Gargalhada, uma linda gargalhada, dançava nos olhos de meu parceiro.

Estiquei o corpo, sorrindo.

— Ela está aqui?

Drakon ergueu uma sobrancelha escura.

— Conhece Nephelle?

— Ouvi *falar* dela — respondi, e olhei na direção das abas da tenda como se Nephelle fosse entrar correndo. — Eu... é uma longa história.

— Temos tempo de ouvir — respondeu Miryam, e depois acrescentou: — Ou... um pouco de tempo, suponho.

Pois havia, de fato, muitas, muitas coisas para resolver. Inclusive...

Sacudi a cabeça.

— Mais tarde — respondi para Miryam, para seu parceiro. A prova de que um mundo podia existir sem uma muralha, sem um Tratado. — Tem algo... — Transmiti meu pensamento pelo laço para Rhys, o que me garantiu um aceno de aprovação antes que eu dissesse: — Sua ilha ainda é secreta?

Miryam e Drakon trocaram um olhar culpado.

— Pedimos desculpas por isso — disse Miryam. — Parece que o encantamento funcionou bem *demais* se manteve os mensageiros bem-intencionados de fora. — Ela balançou a cabeça, e aqueles lindos cachos se moveram. — Teríamos vindo antes, partimos assim que percebemos o perigo em que se encontravam.

— Não — respondi, sacudindo a cabeça, buscando as palavras. — Não... não culpo vocês. Pela Mãe, devemos a vocês... — Expirei. — Estamos em dívida com vocês. — Drakon e Miryam protestaram contra isso, mas prossegui: — O que quero dizer é... Se houvesse um objeto de poder terrível que agora precisasse ser escondido... Cretea ainda seria um bom lugar para escondê-lo?

De novo, aquela troca de olhares, uma troca entre parceiros.

— Sim — respondeu Drakon.

— Está se referindo ao Caldeirão — sussurrou Miryam.

Assenti. Tinha sido arrastado até nosso acampamento, guardado por quaisquer illyrianos que ainda conseguissem ficar de pé. Nenhum dos outros Grão-Senhores pedira por ele... ainda. Mas eu conseguia ver o debate que se deflagraria, a guerra que talvez começássemos internamente, sobre quem, exatamente, ficaria com o Caldeirão.

— Precisa desaparecer — avisei, baixinho. — Permanentemente. Antes que alguém se lembre de reivindicá-lo — acrescentei.

Drakon e Miryam refletiram, alguma conversa não dita entre os dois, talvez pelo próprio laço de parceria.

— Quando partirmos — disse Drakon por fim —, um de nossos navios pode acabar um pouco mais pesado na água.

Sorri.

— Obrigada.

— Quando, exatamente, planejam partir? — perguntou Rhys, erguendo uma sobrancelha.

— Já está nos expulsando? — brincou Drakon, com um meio sorriso.

— Dentro de alguns dias — interrompeu Miryam, rispidamente. — Assim que os feridos estiverem prontos.

— Que bom — comentei.

Todos me olharam. Engoli em seco.

— Quero dizer... Não que esteja feliz que vocês vão embora... — A diversão nos olhos de Myriam aumentou, brilhando. Sorri também. — Quero vocês aqui. Porque gostaria de convocar uma reunião.

Um dia depois... Eu não sabia como tinha sido organizado tão rapidamente. Apenas expliquei o que queria, o que *precisava* fazer, e… Rhys e Drakon fizeram acontecer.

Não havia espaço adequado para fazer aquilo — não com os acampamentos caóticos. Mas havia um lugar... afastado alguns quilômetros.

E, conforme o sol se pôs e a propriedade semidestruída de minha família se encheu de Grão-Senhores e príncipes, generais e comandantes, humanos e feéricos... ainda não tinha palavras para expressar de fato. Como pudemos, todos, nos reunir naquela imensa sala de estar, o único espaço utilizável na antiga propriedade de minha família, e realmente fazer... aquela reunião.

Eu tinha dormido a noite inteira, profunda e imperturbadamente, com Rhys a meu lado na cama. Não o soltei até que o alvorecer entrou na tenda. E então... os acampamentos de guerra muito cheios de sangue e feridos e mortos. E havia essa reunião que precisava ser feita entre diversos exércitos e acampamentos e povos.

Levou o dia todo, mas, no fim, eu estava no saguão destruído, com Rhys e os demais, o amontoado estilhaçado que era o lustre atrás de nós, no piso de mármore rachado.

Os Grão-Senhores chegaram primeiro. A começar por Beron.

Beron, que sequer olhou para o filho-que-não-era-seu-filho. Lucien, de pé a meu lado, não reconheceu a existência de Beron também. Ou a de Eris, quando este entrou um passo atrás do pai.

Eris, um corte violento na bochecha e no pescoço mal cicatrizado, continuava roxo e ferido o suficiente para indicar que chegara ao fim da luta da véspera em um estado lastimável. Mor soltou um grunhido de satisfação ao ver aquilo — ou talvez um ruído de desapontamento porque o ferimento não fora fatal.

Eris prosseguiu, como se não tivesse ouvido, mas não riu com deboche, pelo menos. Na verdade... ele apenas assentiu para Rhys.

A promessa silenciosa bastava: em breve. Em breve, talvez, Eris finalmente tomaria o que desejava... e cobraria nossa dívida.

Não nos demos o trabalho de acenar de volta. Nenhum de nós.

Principalmente não Lucien, que continuou a ignorar, determinado, o irmão mais velho.

Mas, quando Eris passou... Eu podia ter jurado que havia algo como tristeza, como arrependimento, quando ele olhou para Lucien.

Tamlin atravessou a porta momentos depois.

Tinha um curativo no pescoço e um no braço. Ele veio, como na primeira reunião, sem ninguém.

Eu me perguntei se Tamlin sabia que aquela casa em ruínas tinha sido comprada com o dinheiro que ele dera a meu pai. Com a bondade que demonstrara para com eles.

Mas a atenção de Tamlin não foi até mim.

Foi até a pessoa que estava a minha esquerda. Foi até Lucien.

Lucien deu um passo adiante, a cabeça erguida, mesmo quando aquele olho de metal rangeu. Minhas irmãs já estavam na sala de estar, prontas para guiar nossos convidados para os lugares pré-determinados. Tínhamos planejado os lugares com cautela também.

Tamlin parou a poucos metros. Nenhum de nós disse uma palavra. Não quando Lucien abriu a boca.

— Tamlin...

Mas a atenção de Tamlin tinha se voltado para as roupas que Lucien agora usava. O couro illyriano.

Ele podia muito bem estar usando o preto da Corte Noturna.

Foi difícil ficar de boca fechada, não explicar que Lucien não tinha outras roupas consigo, e que elas não eram um sinal de sua lealdade...

Tamlin apenas sacudiu a cabeça, ódio fervilhando nos olhos verdes, e passou direto. Sem dizer uma palavra.

Olhei para Lucien a tempo de ver a culpa e a devastação lampejarem naquele olho avermelhado. Rhys tinha, de fato, contado a Lucien tudo sobre a assistência secreta de Tamlin. Como ajudou ao arrastar Beron até ali. Ao me salvar no acampamento. Mas Lucien permaneceu de pé conosco enquanto Tamlin encontrava seu lugar na sala de estar, à direita. Não olhou para o amigo sequer uma vez.

Lucien não era tolo o bastante para implorar por perdão.

Aquela conversa, aquele confronto... aconteceria em outro momento. Outro dia, ou semana, ou mês.

Perdi a conta de quem entrou depois. Drakon e Miryam, com uma delegação de seu povo. Inclusive...

Eu encarei a fêmea magra de cabelos pretos que entrou à direita de Miryam, com as asas muito menores que as dos demais serafins.

Olhei para onde Azriel estava, do outro lado de Rhys, todo enfaixado e com as asas em talas depois de tê-las forçado demais no dia anterior. O encantador de sombras assentiu em confirmação. Nephelle.

Sorri para a lendária guerreira-escriba quando esta reparou que eu olhava ao passar. Nephelle sorriu de volta.

Kallias e Viviane entraram suavemente, com aquela fêmea que era, de fato, irmã de Viviane. Depois, Tarquin e Varian. Thesan e o arrasado capitão peregrino cuja mão ele segurava com força.

Helion foi o último dos Grão-Senhores a chegar. Não ousei olhar além do portal destruído, para onde Lucien estava agora de pé na sala de estar, perto de Elain, conforme ela e Nestha se mantinham silenciosas contra a parede ao lado das intactas janelas recuadas.

Beron, sabiamente, não se aproximou — e Eris olhava para lá de vez em quando. Para observar.

Helion estava mancando, acompanhado por alguns dos capitães e generais, mas, ainda assim, conseguiu dar um sorriso sombrio.

— Melhor aproveitar isso enquanto durar — disse ele, para mim e Rhys. — Duvido de que seremos tão unidos depois que sairmos daqui.

— Obrigada pelas palavras encorajadoras — respondi, tensa, e Helion riu quando entrou devagar.

Mais e mais pessoas enchiam aquela sala, e a conversa tensa era interrompida por rompantes de gargalhadas ou cumprimentos. Rhys, por fim, disse a nossa família que fosse para a sala... enquanto ele e eu esperávamos.

Esperávamos e esperávamos, longos minutos.

Eles levariam mais tempo para chegar, percebi. Pois não podiam atravessar ou se mover tão rápido pelo mundo.

Eu estava prestes a me virar para a sala e começar sem eles quando duas figuras masculinas ocuparam o portal escuro com a noite.

Jurian. E Graysen.

E atrás deles... um pequeno contingente de outros humanos.

Engoli em seco. Agora começava a parte difícil.

Graysen parecia disposto a dar meia-volta, o corte recente na bochecha se enrugou quando ele fez cara feia, mas Jurian cutucou-o para que entrasse. Um olho roxo se sobressaía do lado esquerdo do rosto de Jurian. Eu me perguntei se Miryam ou Drakon teriam provocado aquilo. Eu apostaria na primeira.

Graysen apenas acenou brevemente para nós. Jurian deu um risinho para mim.

— Coloquei vocês em lados opostos da sala — comentei.

De Miryam e de Drakon. E de Elain.

Nenhum dos homens respondeu, apenas caminharam, orgulhosos e empertigados, para dentro daquela sala cheia de feéricos.

Rhys beijou minha bochecha e caminhou atrás deles. E então, restava...

Como Lucien prometera, com a escuridão agora no céu, Vassa me encontrou.

A última a chegar... a última peça daquela reunião. Vassa disparou pela ombreira da porta, ofegante e determinada, e parou a apenas 30 centímetros.

Os cabelos soltos eram de um dourado avermelhado, espessos cílios e sobrancelhas pretos emolduravam os olhos azuis mais deslumbrantes que eu já vira. Linda, com a pele sardenta marrom-dourada e lustrosa. Apenas alguns anos mais velha que eu, mas... jovial. Vivaz. Destemida e indomável, apesar da maldição.

— É Feyre Quebradora da Maldição? — perguntou Vassa, com sotaque melódico.

— Sim — respondi, sentindo que Rhys ouvia, com humor sarcástico, da outra sala, onde os demais agora começavam a se calar. Para me esperar.

A boca carnuda de Vassa se contraiu.

— Sinto muito... por seu pai. Foi um grande homem.

Nestha, caminhando para fora da sala de estar, parou ao ouvir as palavras. Olhou Vassa de cima a baixo.

Vassa devolveu o favor.

— Você é Nestha — declarou Vassa, e me perguntei o quanto meu pai teria descrito Nestha para que Vassa soubesse. — Sinto muito por sua perda também.

Nestha apenas a olhou com indiferença fria.

— Ouvi dizer que você assassinou o rei de Hybern — comentou Vassa, aquelas sobrancelhas escuras se franzindo quando ela, de novo, observou Nestha, buscando algum sinal de uma guerreira por baixo do vestido azul que minha irmã usava. Vassa apenas deu de ombros quando Nestha não respondeu, e então disse para mim: — Ele foi um pai melhor para mim que o meu. Devo muito a ele e honrarei sua memória enquanto viver.

O olhar que Nestha deu à rainha era suficiente para murchar a grama além da porta da frente destruída. Não melhorou quando Vassa disse: — Pode quebrar a maldição sobre mim, Feyre Archeron?

— Foi por isso que concordou em vir tão rápido?

Um meio sorriso.

— Em parte. Lucien deu a entender que você tinha dons. E outros Grão-Senhores também têm.

Como seu pai — o verdadeiro. Helion.

Vassa prosseguiu antes que eu pudesse responder.

— Não me resta muito tempo... antes de precisar retornar ao lago. Para ele.

Para o senhor da morte que lhe segurava a coleira.

— Quem é ele? — sussurrei.

Vassa apenas sacudiu a cabeça, gesticulando com a mão quando os olhos ficaram sombrios, e repetiu: — Pode quebrar minha maldição?

— Eu... eu não sei como quebrar esse tipo de feitiços — admiti. Sua expressão foi de desapontamento. Acrescentei: — Mas... podemos tentar.

Ela pensou.

— Com nossos exércitos se curando, não poderei partir por algum tempo. Talvez isso me dê uma... brecha, como Lucien chamou, para ficar mais tempo. — Ela sacudiu de novo a cabeça. — Discutiremos isso depois — declarou Vassa. — Com o tratado que as outras rainhas propõem.

Meu coração deu um salto.

Um sorriso cruel curvou a boca de Vassa.

— Elas tentarão intervir — disse Vassa. — Com todo o tipo de conversa sobre paz. Hybern as enviou de volta antes desta batalha, mas não tenho dúvidas de que foram espertas o bastante para encorajar isso. Para não desperdiçar seus exércitos aqui.

— Mas desperdiçarão em outro lugar? — indagou Nestha.

Vassa jogou a cortina macia de cabelos por cima de um ombro.

— Veremos. E você pensará em formas de me ajudar.

Esperei até que ela seguisse para a sala de estar antes de erguer as sobrancelhas diante da ordem. Ela não sabia, ou não se importava, que eu *também* era uma rainha por direito.

Nestha deu um risinho.

— Boa sorte com *aquilo*.

Fiz uma careta, afastando a preocupação que já crescia em meu estômago, e falei: — Aonde vai? A reunião está começando.

— Por que eu deveria assistir?

— É a convidada de honra. Matou o rei.

Sombras percorreram seu rosto.

— E daí?

Pisquei.

— É nossa emissária também. Deve estar presente para isso.

Nestha olhou na direção das escadas, e reparei no objeto que ela segurava no punho fechado.

O pequeno entalhe de madeira. Não conseguia distinguir que tipo de animal era, mas conhecia a madeira. Conhecia o trabalho.

Um dos pequenos entalhes que nosso pai fizera ao longo daqueles anos em que... que não fizera quase nada. Olhei para o rosto de Nestha antes que ela pudesse reparar em minha atenção.

— Acha que vai funcionar... essa reunião? — perguntou Nestha.

Com tantos ouvidos feéricos na sala adiante, não ousei dar qualquer resposta que não a verdade.

— Não sei, mas estou disposta a tentar. — Estendi a mão para minha irmã. — Quero você aqui para isso. Comigo.

Nestha observou aquela mão estendida. Por um momento, achei que ela daria as costas.

Mas minha irmã me deu a mão, e juntas entramos naquela sala cheia de humanos e feéricos. As duas partes desse mundo. *Todas* as partes desse mundo.

Grão-Feéricos de todas as cortes. Miryam e Drakon e sua delegação. Humanos de muitos territórios.

Todos observando Nestha e eu quando entramos, quando caminhamos até onde Rhys e os demais esperavam, encarando os reunidos na sala. Tentei não me encolher diante da mobília despedaçada que fora selecionada para servir de assento. Para o papel de parede rasgado, as cortinas caídas. Mas era melhor que nada.

Supus que o mesmo se podia dizer de nosso mundo.

Silêncio caiu. Rhys me empurrou de leve para a frente, roçando minha lombar com a mão quando passei por ele. Ergui o queixo, observei a sala. E sorri para eles, os humanos e feéricos reunidos ali... em paz.

Minha voz saiu clara e firme.

— Meu nome é Feyre Archeron. Fui um dia humana e agora sou feérica. Chamo os dois mundos de lar. E gostaria de discutir a negociação do Tratado.

Capítulo 80

Um mundo dividido não era um mundo que poderia prosperar.

A primeira reunião se estendeu durante horas, muitos de nós estávamos irritadiços devido à exaustão, mas... canais foram abertos. Histórias foram trocadas. Contos narrados dos dois lados da muralha.

Contei a eles minha história.

Toda ela.

Contei aos estranhos que não me conheciam, contei a meus amigos e contei a Tamlin, que estampava uma expressão severa na parede mais afastada. Expliquei os anos de pobreza, as provações Sob a Montanha, o amor que encontrei e deixei, o amor que me curou e salvou. Minha voz não hesitou. Minha voz não se partiu. Quase tudo o que eu tinha visto no Uróboro... deixei que eles também vissem. Contei a eles.

E, quando terminei, Miryam e Drakon avançaram para contar a própria história.

Outro lampejo de prova — de que humanos e feéricos podiam não apenas trabalhar juntos, viver juntos, mas se tornar muito mais.

Ouvi cada palavra daquilo... e não me dei o trabalho de afastar as lágrimas às vezes. Apenas me agarrava à mão de Rhys, sem soltar.

Havia muitos outros com histórias. Algumas que contrariavam as nossas. Relações que não tinham terminado tão bem. Crimes cometidos. Mágoas não perdoadas.

Mas era um começo.

Havia ainda muito trabalho a ser feito, confiança para ser construída, mas a questão de fazer uma nova muralha...

Ainda estava em aberto se conseguiríamos concordar nesse ponto. Muitos de nós eram contra. Muitos dos humanos, com razão, se sentiam desconfiados. Ainda havia outros territórios feéricos a enfrentar — aqueles que tinham achado as promessas de Hybern atraentes. Sedutoras.

Os Grão-Senhores foram os que mais brigaram a respeito da possibilidade de uma nova muralha. E, com cada palavra, exatamente como Helion disse, aquela aliança temporária se desgastou e se partiu. Fronteiras de cortes foram redefinidas.

Mas, pelo menos, eles ficaram até o fim — até as primeiras horas da manhã, quando finalmente decidimos que o restante seria discutido em outro dia. Outro lugar.

Levaria tempo. Tempo e cura e confiança.

E me perguntei se a estrada adiante — a estrada para a paz verdadeira — seria talvez a mais árdua e mais longa até então.

Os demais partiram, atravessando ou voando ou caminhando para a escuridão, já se unindo novamente aos próprios grupos, cortes e tropas. Eu os observei partirem pela porta aberta da propriedade, até que não passassem de sombras contra a noite.

Eu vira Elain olhando pela janela mais cedo — observando Graysen partir com seus homens, sem sequer olhar para ela. Fora sincero em cada palavra naquele dia na fortaleza. Se reparou que Elain ainda usava o anel de noivado, que Elain o encarava sem parar conforme o jovem lorde caminhava noite afora... Não sei. Que Lucien lidasse com aquilo... por enquanto.

Suspirei, apoiando a cabeça contra a moldura de pedra rachada da porta. A grande porta de madeira havia sido completamente destruída, as farpas ainda estavam espalhadas na entrada de mármore atrás de mim.

Reconheci seu cheiro antes de ouvir as passadas tranquilas se aproximando.

— Para onde irá agora? — perguntei, sem olhar por cima do ombro quando Jurian parou a meu lado e encarou a escuridão. Miryam e Drakon haviam partido rapidamente, precisando cuidar dos feridos e transportar o Caldeirão para um dos navios antes que os demais Grão-Senhores tivessem um momento para considerar seu paradeiro.

Jurian se recostou contra a moldura da porta oposta.

— A rainha Vassa me ofereceu um lugar em sua corte. — De fato, Vassa permanecera do lado de dentro, conversando animadamente com Lucien. Supus que, se ela só tivesse até o alvorecer antes de se transformar naquele pássaro de fogo, gostaria de fazer valer cada minuto. Lucien, surpreendentemente, gargalhava, os ombros relaxados e a cabeça inclinada ao ouvir.

— Vai aceitar?

A expressão de Jurian era solene... cansada.

— Que tipo de corte pode ter uma rainha amaldiçoada? Ela está presa àquele senhor da morte, precisa voltar ao lago no continente em algum momento. — Jurian sacudiu a cabeça. — Uma pena que o rei foi tão espetacularmente decapitado por sua irmã. Aposto que ele poderia ter encontrado uma forma de quebrar aquela maldição.

— Uma pena mesmo — murmurei.

Jurian resmungou, divertido.

— Acha que temos chance? — perguntei, indicando as silhuetas humanas que ainda se afastavam, bem longe, de volta ao acampamento. — De paz entre todos nós?

Jurian ficou em silêncio por um longo momento.

— Sim — respondeu ele, baixinho. — Acho.

E eu não soube por que, mas aquilo me confortou.

✣

Eu ainda remoía as palavras de Jurian dias depois, quando aquele acampamento de guerra foi, por fim, desmontado. Quando fizemos nossas despedidas finais e promessas — algumas mais sinceras que outras — de nos vermos de novo.

Quando minha corte, minha família, atravessou de volta para Velaris.

A luz do sol ainda entrava pelas janelas da casa na cidade. O cheiro de limão e do mar e de pão assado ainda preenchia cada quarto.

E distante... Crianças ainda riam nas ruas.

Lar. O lar estava igual; o lar estava intacto.

Apertei a mão de Rhys com tanta força que achei que ele reclamaria, mas apenas apertou de volta.

E, embora todos tivéssemos nos banhado, enquanto estávamos parados ali... havia uma sujeira em nós. Como se o sangue não tivesse sido totalmente lavado.

E percebi que o lar estava realmente igual, mas nós... talvez nós não.

— Suponho que precisarei comer comida de verdade agora — murmurou Amren.

— Um sacrifício monumental —brincou Cassian.

Ela fez um gesto vulgar para ele, mas semicerrou os olhos ao ver as asas ainda enfaixadas. Os olhos de Amren — olhos prateados normais — se voltaram para Nestha, que se detinha no corrimão da escada, como se estivesse prestes a se retirar para o quarto.

Minha irmã mal falara, mal comera nos últimos dias. Não visitara Cassian na cama enquanto ele se curava. Ainda não falara comigo sobre o que acontecera.

— Fico surpresa por não ter trazido a cabeça do rei de volta para empalhar e pendurar na parede — disse Amren a ela.

Nestha a encarou.

Mor emitiu um estalo com a língua.

— Alguns considerariam essa piada de mau gosto, Amren.

— Salvei a todos. Tenho o direito de falar o que quiser.

E, com isso, Amren saiu da casa para as ruas da cidade.

— A nova Amren é ainda mais rabugenta que a velha — disse Elain, baixinho.

Caí na gargalhada. Os demais se juntaram a mim, e até mesmo Elain sorriu — um sorriso largo.

Todos menos Nestha, que olhava para o nada.

Quando o Caldeirão se quebrou... não sei se quebrou aquele poder dentro de minha irmã também. Se partiu o laço. Ou se ainda vivia, em algum lugar, dentro dela.

— Vamos — chamou Mor, passando um braço pelos ombros de Azriel e, então passou o outro cuidadosamente em volta dos de Cassian e os levou para a sala de estar. — Precisamos de uma bebida.

— Vamos abrir as garrafas caras — gritou Cassian por cima do ombro para Rhys, ainda mancando naquela perna que mal se curara.

Meu parceiro esboçou uma reverência subserviente.

— Guardem um pouco para mim, pelo menos.

Rhys olhou para minhas irmãs, então piscou um olho para mim. As sombras da batalha ainda permaneciam, mas aquele piscar... Eu ainda estava trêmula pelo pavor de que não fosse verdade. De que fosse tudo um sonho febril dentro do Caldeirão.

É real, ronronou Rhys em minha mente. *Provarei depois. Durante horas.*

Ri com deboche e observei quando Rhys inventou uma desculpa para ninguém em particular sobre encontrar comida, e saiu andando pelo corredor, as mãos nos bolsos.

Sozinha na entrada com minhas irmãs, Elain ainda sorrindo um pouco, Nestha com o rosto petrificado, respirei fundo.

Lucien tinha ficado para trás a fim de ajudar com qualquer dos humanos feridos que ainda precisassem de cura feérica, mas prometera vir quando terminasse. Quanto a Tamlin...

Eu não tinha falado com ele. Mal o vira depois que me disse para ser feliz, e me devolveu meu parceiro. Deixara a reunião antes que eu pudesse dizer algo.

Então, dei a Lucien um bilhete para que entregasse a ele se o visse. O que eu sabia — sabia que ele entregaria. Lucien precisava fazer uma parada antes de vir até ali, ele dissera. Eu sabia de onde estava falando.

Meu bilhete para Tamlin era curto. Comunicava tudo o que eu precisava dizer.

Obrigada.

Espero que também encontre a felicidade.

E esperava. Não apenas por causa do que ele fizera por Rhys, mas... Mesmo para um imortal, não havia tempo o suficiente na vida para desperdiçar com ódio. Sentindo ódio e despejando-o no mundo.

Então, desejava o melhor para Tamlin — de verdade, e esperava que um dia... Um dia, talvez, encarasse aqueles medos traiçoeiros, aquele ódio destruidor que apodrecia dentro de si.

— Então — falei para minhas irmãs. — E agora?

Nestha apenas se virou e subiu as escadas, cada passo lento e rígido. Ela fechou a porta com um clique decisivo depois de chegar ao quarto.

— Com papai — sussurrou Elain, ainda olhando para aqueles degraus —, não acho que Nestha...

— Eu sei — murmurei. — Acho que Nestha precisa digerir... muito daquilo.

Muito daquilo.

Elain me encarou.

— Nós a ajudamos?

Brinquei com a ponta da trança.

— Sim... mas não hoje. Não amanhã. — Expirei. — Quando... quando ela estiver pronta. — Quando *nós* estivermos prontas também.

Elain assentiu, sorrindo para mim, e foi uma alegria hesitante... e *vida* que brilhou em seus olhos. Uma promessa do futuro, reluzente e doce.

Eu a levei até a sala de estar, onde Cassian tinha uma garrafa de uma bebida de cor âmbar em cada mão, Azriel já esfregava as têmporas, e Mor pegava copos de cristal de desenho refinado em uma prateleira.

— E agora? — perguntou-se Elain, por fim respondendo minha pergunta de momentos antes, conforme a atenção passava para as janelas que emolduravam a rua ensolarada. Aquele sorriso aumentou, tão alegre que acendeu até mesmo as sombras de Azriel do outro lado da sala. — Eu gostaria de fazer um jardim — declarou ela. — Depois de tudo isso... Acho que o mundo precisa de mais jardins.

Minha garganta deu um nó apertado demais para que eu respondesse imediatamente; então, apenas beijei a bochecha de minha irmã antes de dizer:

— Sim, acho que precisa.

Capítulo 81

Rhysand

Mesmo da cozinha, eu conseguia ouvi-los. O passar do que com certeza era a garrafa mais antiga de bebida que eu tinha, e o tilintar daqueles copos de cristal igualmente antigos uns contra os outros.

Então, as risadas. O estrondo grave — essa era de Azriel. Rindo do que quer que Mor tivesse dito que a levara a um ataque de risos também, o som esganiçado e alegre.

Então, outra risada — prateada e luminosa. Mais linda que qualquer música tocada nas inúmeras casas de espetáculos e nos teatros de Velaris.

Fiquei parado à janela da cozinha, encarando o jardim com todo o esplendor do verão, sem ver de fato as flores de que Elain Archeron cuidara nas últimas semanas. Apenas encarando — e ouvindo aquela linda risada. A risada de minha parceira.

Esfreguei o peito com a mão ao ouvir aquele som... a alegria nele.

A conversa prosseguiu, caindo de novo nos antigos ritmos, mas... Perto. Tínhamos chegado tão perto de não ver de novo. Esse lugar. Um ao outro. E eu sabia que as risadas... eram em parte por causa disso também. Rebeldia e gratidão.

— Você vem beber ou vai apenas encarar as flores o dia todo? — A voz de Cassian interrompeu a melodia de sons.

Eu me virei e encontrei Cassian e Azriel à porta da cozinha, cada um com uma bebida na mão. Uma segunda bebida estava na outra mão cheia de cicatrizes de Azriel — ele a fez flutuar até mim em uma brisa tingida de azul.

Peguei o frio e pesado copo de cristal.

— Se aproximar de fininho de seu Grão-Senhor não é recomendado — avisei a eles, bebendo um grande gole. A bebida queimou ao descer pela garganta, aquecendo meu estômago.

— É bom manter você alerta na velhice — disse Cassian, bebendo também. Ele se recostou à porta. — Por que está se

escondendo aqui?

Azriel olhou subitamente para ele, mas eu ri e tomei outro gole.

— Vocês abriram mesmo as garrafas caras.

Os dois esperaram. Mas a risada de Feyre soou de novo, seguida pela de Elain e a de Mor. E, quando olhei de volta para meus irmãos, vi a compreensão em seus rostos.

— É real — disse Azriel, baixinho.

Nenhum dos dois riu ou comentou sobre as lágrimas em meus olhos. Tomei outro gole para tirar o nó da garganta, e me aproximei de ambos.

— Vamos não fazer isso de novo por mais quinhentos anos — comentei, um pouco rouco, e brindei com eles.

Azriel abriu um sorriso quando Cassian ergueu a sobrancelha.

— E o que faremos até então?

Além de negociar a paz, além daquelas rainhas que certamente seriam um problema, além de curar nosso partido...

Mor nos chamou, exigindo que levássemos comida para elas. De um tipo *impressionante*, acrescentou minha prima. *Com bastante pão*.

Sorri. Sorri mais quando a risada de Feyre soou de novo — quando *senti* pelo laço, faiscando mais forte que toda a Queda das Estrelas.

— Até então — disse a meus irmãos, colocando os braços sobre seus ombros, e levando-os de volta à sala de estar. Olhei para a frente, na direção daquela risada, daquela luz e daquela visão do futuro que Feyre me mostrara, mais linda que qualquer coisa que eu pudesse ter desejado, qualquer coisa que eu *tivesse* desejado, naquelas longínquas e solitárias noites com apenas as estrelas por companhia. Um sonho ainda não realizado, mas não para sempre.
— Até então, aproveitaremos cada segundo.

Capítulo 82

Feyre

Rhysand estava no telhado, as estrelas, claras e baixas, os azulejos sob meus pés descalços, ainda mornos devido ao sol do dia.

Ele sentara em uma daquelas pequenas cadeiras de ferro, sem luz, sem garrafa de bebida — apenas ele e as estrelas e a cidade.

Sentei no colo de Rhys e deixei que ele me abraçasse.

Ficamos sentados em silêncio por um longo tempo. Mal tínhamos conseguido um momento a sós após a batalha, e estávamos cansados demais para fazer qualquer coisa que não dormir. Mas aquela noite... A mão de Rhys desceu por minha coxa, exposta devido à forma como minha camisola se repuxara.

E ele se sobressaltou quando olhou de verdade para mim e, então, deu uma gargalhada bufada contra meu ombro.

— Eu devia saber.

— As moças da loja me deram, de graça. Como agradecimento por tê-las salvado de Hybern. Talvez eu devesse fazer isso mais vezes se me faz conseguir lingerie.

Pois eu usava aquela calcinha vermelha de renda — por baixo de uma camisola vermelha combinando, tão escandalosamente transparente que a deixava à mostra.

— Ninguém contou a você? É rica de dar nojo.

— Só porque tenho dinheiro não quer dizer que preciso gastar.

Rhys apertou meu joelho.

— Que bom. Precisamos de alguém com cabeça para dinheiro por aqui. Ando esbanjando ouro a torto e a direito graças a nossa Corte de Sonhos, que tira vantagem de minha generosidade ridícula.

Uma risada ecoou no fundo de minha garganta quando apoiei a cabeça contra seu ombro.

— Amren ainda é sua imediata?

— Nossa imediata.

— Semântica.

Rhys traçou círculos preguiçosos em minha pele exposta, pelo joelho e na parte inferior da coxa.

— Se ela quiser, a posição é dela.

— Mesmo que não tenha mais os poderes?

— Ela agora é Grã-Feérica. Tenho certeza de que vai descobrir algum talento oculto com que nos aterrorizar.

Gargalhei de novo, saboreando o toque da mão de Rhys em minha pele, o calor do corpo em volta do meu.

— Ouvi você — disse Rhys, baixinho. — Quando eu... fui.

Comecei a ficar tensa com resquícios do terror que me tirara o sono nas últimas noites; o terror do qual eu duvidava que me recuperaria tão cedo.

— Aqueles minutos — falei, depois que Rhys começou a traçar carícias muito longas e tranquilizadoras em minha coxa. — Rhys... nunca mais quero sentir aquilo.

— Agora sabe como me senti Sob a Montanha.

Inclinei o pescoço para encará-lo.

— *Nunca* mais minta para mim. Não com relação a isso.

— Mas com relação a outras coisas?

Belisquei seu braço com tanta força que ele riu e afastou minha mão.

— Não podia deixar todas vocês, *damas*, levarem crédito por nos salvar. Algum macho precisava reivindicar um pouco de glória para que vocês não nos pisoteassem até o fim dos tempos, se vangloriando.

Soquei seu braço dessa vez.

Mas Rhys abraçou minha cintura e apertou, sentindo meu cheiro.

— Ouvi você, mesmo na morte. Aquilo me fez olhar para trás. Me fez ficar... um pouco mais.

Antes de ir para aquele lugar que certa vez eu tentei descrever para o Entalhador.

— Quando chegar a hora de ir para lá — falei, baixinho —, vamos juntos.

— É um acordo — disse Rhys, e me beijou de leve.

— Sim, um acordo — murmurei contra seus lábios.

A pele em meu braço esquerdo formigou. Um sopro morno serpenteou por ela.

Abaixei o olhar e vi outra tatuagem — idêntica àquela que um dia estivera ali, exceto por aquela faixa preta do acordo que eu fizera com Bryaxis. Rhys modificara essa para se posicionar em volta da faixa, para se integrar imperceptivelmente entre os arabescos e redemoinhos.

— Sentia falta da antiga — disse Rhys, inocentemente.

No braço esquerdo, a mesma tatuagem fluía. Não até os dedos, como a minha, mas do pulso ao cotovelo.

— Imitão — falei, provocando. — Fica melhor em mim.

— Hummm. — Rhys traçou uma linha por minha coluna, então cutucou dois pontos ali. — O doce Bryaxis sumiu. Sabe o que isso quer dizer?

— Que preciso sair para caçá-lo e colocá-lo de volta na biblioteca?

— Ah, sem dúvida.

Eu me virei no colo de Rhys, envolvendo seu pescoço com os braços ao dizer: — E você virá comigo? Nessa aventura e em todas as outras?

Rhys se inclinou para a frente e me beijou.

— Sempre.

As estrelas pareceram queimar mais forte em resposta, se aproximando para assistir. As asas de Rhys farfalharam quando ele nos moveu na cadeira e intensificou o beijo até me deixar sem fôlego.

E, então, eu estava voando.

Rhys me colocou nos braços, disparando conosco direto para a noite estrelada, a cidade era um reflexo reluzente abaixo.

Música fluía dos cafés diante do rio. Pessoas gargalhavam conforme caminhavam de braços dados pelas ruas e atravessavam as pontes que se estendiam sobre o Sidra. Pontos pretos ainda manchavam parte da extensão luminosa — pilhas de escombros e construções destruídas —, mas mesmo algumas delas tinham sido acesas com pequenas luzes. Velas. Desafiadoras e lindas contra a escuridão.

Precisaríamos de mais daquilo nos próximos dias — na longa estrada adiante. Para um novo mundo. Um que eu deixaria um lugar melhor do que o havia encontrado.

Mas por enquanto... esse momento, com a cidade sob nós, o mundo ao redor, saboreando aquela paz arduamente conquistada... Eu saboreei também. Cada batida do coração. Cada som e cheiro e imagem que se plantou em minha mente, tantos que seria preciso uma vida inteira — várias delas — para pintar.

Rhys parou de subir, lançou um pensamento para minha mente e abriu um sorriso quando conjurei minhas asas.

Ele me soltou, e eu planei suavemente para fora de seus braços, me deliciando com o vento morno que acariciava cada centímetro, sorvendo o ar envolto em sal e limão. Precisei de algumas batidas das asas para acertar — a sensação e o ritmo. Mas, depois, estava firme, reta.

E, depois, estava voando. Disparando.

Rhys voava a meu lado e, quando sorriu para mim de novo conforme planávamos para as estrelas e as luzes e a brisa beijada pelo mar, quando ele me mostrou todas as maravilhas de Velaris, o Arco-Íris reluzente parecendo um rio vivo de cores sob nós... Quando ele roçou a asa contra a minha, só porque podia, porque queria, e nós teríamos uma eternidade de noites para fazer aquilo, para ver tudo juntos...

Um presente.

Tudo aquilo.

AGRADECIMENTOS

Mesmo depois de nove livros, não fica mais fácil expressar a imensa gratidão às pessoas em minha vida, tanto pessoal quanto profissionalmente, que tornam meu mundo mais alegre apenas por estarem nele.

Para Josh: cada momento com você é um presente. Há muito tempo, quando olhei para as estrelas e desejei, foi para que alguém como você estivesse em minha vida. Realmente acredito que aquelas estrelas ouviram, porque poder compartilhar essa aventura insana com você tem sido como um sonho realizado. Amo você mais que as palavras podem descrever.

Para Annie: obrigada pelos afagos, as birras e as constantes exigências por mais lanchinhos que me mantêm focada. Amo você para sempre e sempre e sempre, filhotinha de cachorro (e não importa o que digam, juro que você *pode* ler isto).

Para minha agente, Tamar, que trabalha tão incansavelmente e é a pessoa mais destemida e durona que conheço: nada disso seria possível sem você, e jamais deixarei de ser grata por isso. Obrigada por tudo.

Para Cat Onder: trabalhar com você foi um enorme privilégio e uma alegria. Obrigada por ser uma editora tão criativa, preocupada e perspicaz, e por todos os anos de amizade.

Para a equipe genial da Bloomsbury pelo mundo: Cindy Loh, Cristina Gilbert, Kathleen Farrar, Nigel Newton, Rebeca McNally, Sonia Palmisano, Emma Hopkin, Ian Lamb, Emma Bradshaw, Lizzy Mason, Courtney Griffin, Erica Barmash, Emily Ritter, Grace

Whooley, Eshani Agrawal, Emily Klopfer, Alice Grigg, Elise Burns, Jenny Collins, Beth Eller, Kerry Johnson, Kelly de Groot, Ashley Poston, Lucy Mackay-Sim, Hali Baumstein, Melissa Kavonic, Diane Aronson, Linda Minton, Christine Ma, Donna Mark, John Candell, Nicholas Church, e toda a equipe de direitos estrangeiros — obrigada pelo trabalho árduo para tornar esses livros realidade, e por serem a melhor equipe editorial global *que já existiu.* Para Jon Cassir e a equipe da CAA: obrigada por promoverem meus livros e a mim.

Para Cassie Homer, assistente extraordinária: obrigada por toda a sua ajuda e por ser tão agradável de se trabalhar!

Para meus pais: obrigada pelos contos de fada e o folclore, pelas aventuras ao redor do mundo, e pelas manhãs de fim de semana com *bagels* e salmão defumado do Murray's. Para Linda e Dennis: criaram um filho tão espetacular, e serei eternamente grata por isso. Para minha família: sou tão sortuda por ter todos vocês em minha vida.

Para Roshani Chokshi, Lynette Noni e Jennifer Armentrout: obrigada por serem luzes tão brilhantes e amigas maravilhosas — e por todo o *feedback* valioso para este livro. Para Renée Ahdieh, Steph Brown e Alice Fanchiang: adoro vocês.

Um imenso obrigada a Sasha Alsberg, Vilma Gonzalez, Alexa Santiago, Rachel Domingo, Jessica Reigle, Kelly Grabowski, Jennifer Kelly, Laura Ashforth e Diyana Wan por serem pessoas excepcionalmente incríveis e encantadoras. Para a maravilhosa Caitie Flum: *muito* obrigada por separar tempo para ler este livro e por dar *feedback* tão valioso. Para Louise Ang: obrigada, obrigada, obrigada por todo o seu carinho incrível, sua alegria contagiosa e generosidade extraordinária.

Para Charlie Bowater, que é não apenas uma artista brilhante, mas também um ser humano magnífico: obrigada pela arte que me comoveu e inspirou, e por todo o seu trabalho árduo e fenomenal no livro de colorir. É uma honra trabalhar com você.

E, por fim, para *você*, caro leitor: obrigada, do fundo do coração, por vir comigo e com Feyre nesta jornada. Suas cartas sinceras e sua arte incrível, sua música encantadora e os *cosplays* sagazes... tudo isso significa mais que consigo expressar. Sou realmente

abençoada por ter vocês como leitores, e mal posso esperar para compartilhar mais deste mundo com vocês no próximo livro!

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Corte de asas e ruína – Corte de espinhos e rosas – vol. 3

Site da autora
http://sarahjmaas.com/

Tumblr da autora
http://sjmaas.tumblr.com/

Twitter da autora
https://twitter.com/SJMaas/

Pinterest da autora
https://br.pinterest.com/sarahjmaas/

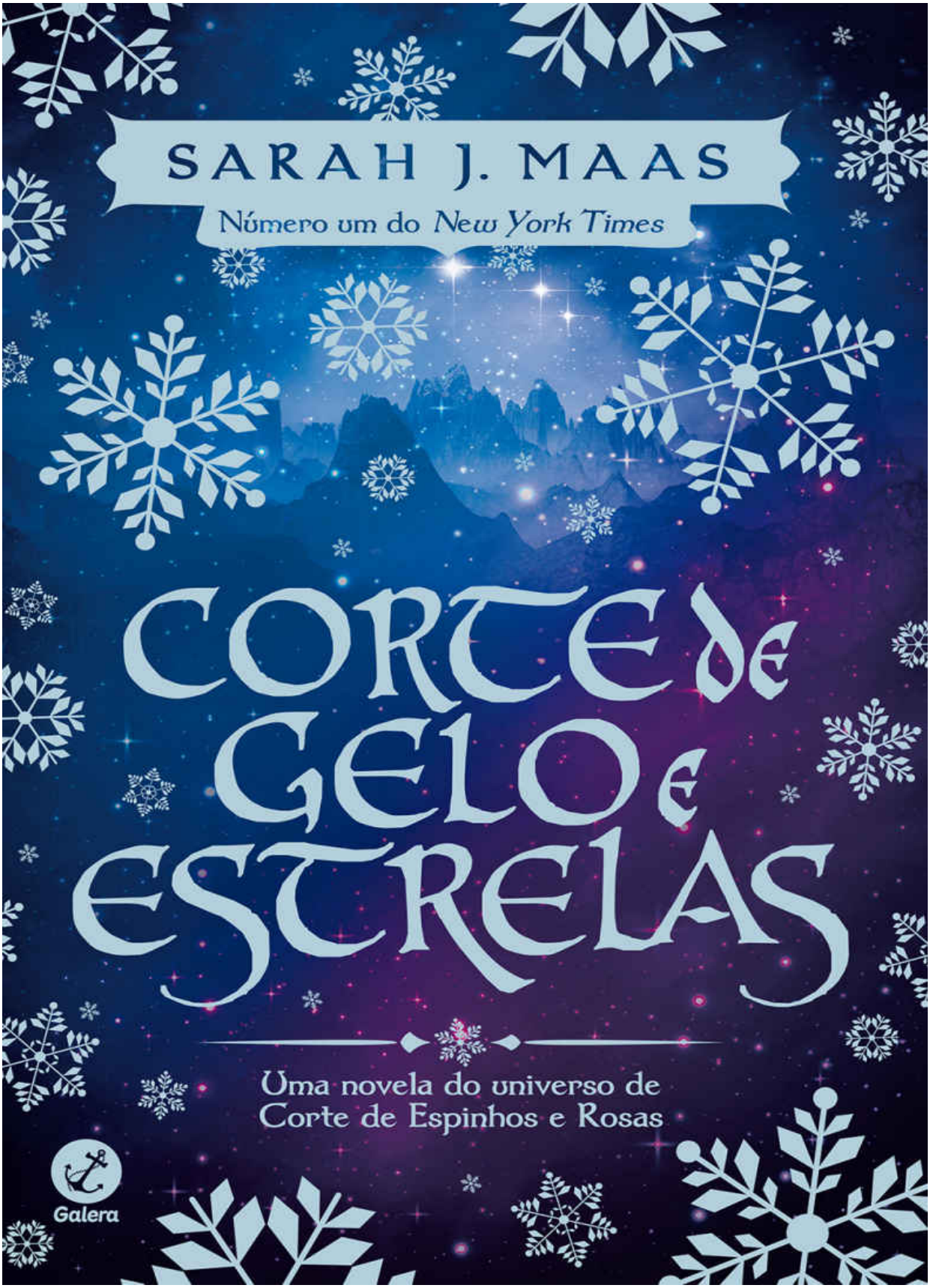
Instagram da autora
https://www.instagram.com/therealsjmaas/

Goodreads da autora
https://www.goodreads.com/author/show/3433047.Sarah_J_Maas

Goodreads do livro
https://www.goodreads.com/book/show/36056681-corte-de-asas-e-ru-na

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/8285-sarah-j-maas

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/corte-de-asas-e-ruina-705589ed706662.html


SARAH J. MAAS
Número um do New York Times
CORTE DE GELO E ESTRELAS
Uma novela do universo de Corte de Espinhos e Rosas
Galera

Obras da autora publicadas pela Editora Record

***Série* Trono de vidro** *Trono de vidro*
Coroa da meia-noite

Herdeira do fogo

Rainha das sombras
Império de tempestades

A lâmina da assassina

***Série* Corte de espinhos e rosas** *Corte de espinhos e rosas Corte de névoa e fúria*
Corte de asas e ruína

Corte de gelo e estrelas

SARAH J. MAAS

CORTE DE GELO E ESTRELAS

Tradução
Mariana Kohnert

1ª edição

Galera

Rio de Janeiro | 2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

Maas, Sarah J.

M11c

Corte de gelo e estrelas [recurso eletrônico] / Sarah J. Maas ; tradução Mariana Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2018.
recurso digital

Tradução de: A court of frost and starlight Formato: epub
SBD
Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11597-1987 (recurso eletrônico) 1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Mariana. II. Título.

18-52336

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Título original:
A Court of frost and starlight Copyright © 2018 Sarah J. Maas Copyright dos mapas © Kelly de Groot Essa tradução foi publicada mediante acordo com Bloomsbury Publishing Inc.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-11597-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Aos leitores que olham para as estrelas e desejam.

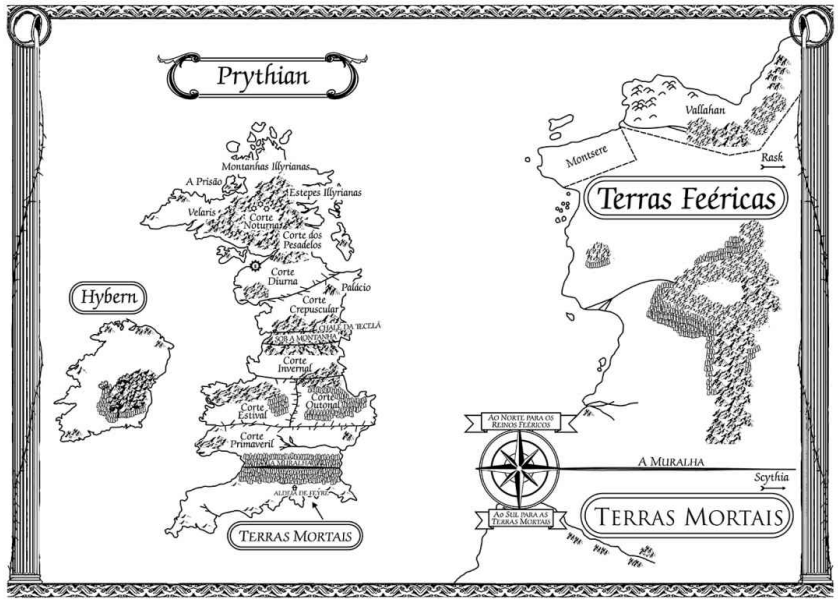

Prythian
Montanhas Illyrianas
A Prisão
Estepes Illyrianas
Velaris
Corte Noturna
Corte dos Pesadelos
Corte Diurna
Palácio
Corte Crepuscular
Corte Invernal
Corte Outonal
Corte Estival
Corte Primaveril
Hybern
TERRAS MORTAIS
Vallahan
Montsere
Rask
Terras Feéricas
AO NORTE PARA OS REINOS FEÉRICOS
A MURALHA
Scythia
AO SUL PARA AS TERRAS MORTAIS
TERRAS MORTAIS

Table of Content

Capa
Outras obras
Rosto
Créditos
Dedicatória
Terras Feéricas
Sumário
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
Agradecimentos
Corte de gelo e estrelas
Colofon

CAPÍTULO

1

Feyre

A primeira neve do inverno começara a fustigar Velaris havia uma hora.

O chão tinha finalmente congelado na semana anterior, e quando, enfim, terminei de devorar minha torrada com bacon do café da manhã, acompanhada de uma xícara de chá forte, os paralelepípedos pálidos estavam salpicados de pó branco e fino.

Eu não fazia ideia de onde estava Rhys. Não o encontrei na cama quando acordei, e seu lado do colchão já estava frio. Nada incomum, pois andávamos ocupados quase ao ponto da exaustão ultimamente.

Sentada à longa mesa de cerejeira na casa da cidade, franzi a testa para a neve rodopiante do outro lado das janelas de vidro decoradas com treliças de chumbo.

Houve uma época em que eu tive medo daquela primeira neve, em que vivia aterrorizada pela ideia de longos e cruéis invernos.

Mas foi um longo e cruel inverno que me levou tão profundamente para dentro do bosque naquele dia, há quase dois anos. Um longo e cruel inverno que me deixou desesperada o bastante para matar um lobo, que, por fim, me trouxe até aqui — a esta vida, esta... felicidade.

A neve caía; pedaços espessos despencavam na grama seca do minúsculo quintal da frente, se acumulando nas lanças e nos arcos

da cerca decorativa diante dele.

Bem dentro de mim, subindo com cada floco rodopiante, um poder reluzente e gélido se agitou. Eu era Grã-Senhora da Corte Noturna, sim, mas também aquela abençoada com os dons de todas as cortes. Parecia que o Inverno queria brincar.

Enfim desperta o bastante para soar coerente, desci o escudo de adamantino negro que protegia minha mente e projetei um pensamento pela ponte de almas entre mim e Rhys. *Para onde você voou tão cedo?*

Minha pergunta se dissipou na escuridão. Um sinal certeiro de que meu parceiro não estava nada perto de Velaris. Provavelmente nem mesmo dentro das fronteiras da Corte Noturna. O que também não era nada incomum — ele andava visitando nossos aliados de guerra nos últimos meses para solidificar nossas relações, estabelecer comércio e acompanhar suas intenções pós-muralha. Quando meu trabalho permitia, eu costumava me juntar a ele.

Peguei o prato, entornei o chá até a borra e caminhei para a cozinha. A brincadeira com gelo e neve podia esperar.

Nuala já preparava o almoço na mesa de trabalho, sem nenhum sinal de sua gêmea, Cerridwen. Mesmo assim, eu a dispensei quando a meio-espectro fez menção de pegar minha louça.

— Posso lavá-la — falei, como cumprimento.

Com a mão na massa, fazendo algum tipo de torta de carne, Nuala lançou um sorriso de gratidão em minha direção e me deixou lavar a louça. Uma fêmea de poucas palavras, embora nenhuma das gêmeas pudesse ser considerada tímida. Certamente não quando trabalhavam — espionavam — tanto para Rhys quanto para Azriel.

— Ainda está nevando — observei, um pouco inutilmente, olhando pela janela da cozinha para o jardim adiante enquanto enxaguava o prato, o garfo e a xícara. Elain já preparara o jardim para o inverno, cobrindo os arbustos e os canteiros mais delicados com aniagem. — Será que vai parar?

Nuala colocou a massa trançada sobre o topo da torta e começou a unir as beiradas com beliscões, os dedos fantasma fazendo um trabalho ágil e habilidoso.

— Seria bom ter um Solstício branco — comentou ela, a voz melódica, porém baixa. Cheia de sussurros e sombras. — Em alguns anos, pode ser bastante ameno.

Certo. O Solstício de Inverno. Em uma semana. Ser Grã-Senhora ainda era uma novidade para mim, então não fazia ideia de qual seria meu papel formal. Se teríamos uma Grã-Sacerdotisa para fazer uma cerimônia odiosa, como Ianthe fizera no ano anterior...

Um ano. Pelos deuses, quase um ano desde que Rhys cobrara o acordo, desesperado para me tirar do veneno da Corte Primaveril, para me salvar de meu desalento. Caso demorasse mais um minuto sequer, só a Mãe sabe o que poderia ter acontecido. Onde eu estaria agora.

Neve rodopiou e avançou no jardim, perdendo-se nas fibras marrons da aniagem que cobria os arbustos.

Meu parceiro — que trabalhou tão árdua e altruisticamente, e sem qualquer esperança de que algum dia eu ficasse com ele.

Ambos tínhamos lutado por aquele amor, sangrado por ele. Rhys morrera por ele.

Eu ainda vivia aquele momento, tanto nos sonhos de um sono pesado quanto naqueles acordada. Como ficara seu rosto, como o peito não se elevara, como o laço entre nós tinha se desfeito em tiras. Ainda sentia aquilo, aquele vazio no peito onde o laço estivera, onde *ele* estivera. Mesmo neste momento, com essa ligação mais uma vez fluindo entre nós como um rio de noites salpicadas de estrelas, o eco do sumiço permanecia. Roubava meu sono; me tirava de conversas, de pinturas, de refeições.

Rhys sabia exatamente por que havia noites em que eu me agarrava a ele com mais força, por que havia momentos em que, mesmo sob o sol intenso e claro, eu apertava sua mão. Meu parceiro sabia, porque *eu* sabia por qual motivo seu olhar às vezes ficava distante, por qual motivo ele ocasionalmente apenas piscava para todos nós sem sequer acreditar, esfregando o peito como se para aliviar uma dor.

Trabalhar tinha ajudado. Nós dois. Manter-se ocupado, concentrado — eu tinha pavor dos dias silenciosos e ociosos, quando todos aqueles pensamentos por fim me aprisionavam. Quando não havia nada além de mim e de minha mente, e aquela

lembrança de Rhys caído morto no solo rochoso, do rei de Hybern quebrando o pescoço de meu pai, de todos aqueles illyrianos explodindo no céu e caindo na terra em forma de cinzas.

Talvez um dia nem mesmo o trabalho servisse de fortaleza para manter as memórias longe.

Misericordiosamente, ainda havia muito o que fazer para o futuro próximo. E a reconstrução de Velaris depois dos ataques de Hybern era apenas uma das várias tarefas monumentais. Tínhamos ainda outros deveres — tanto em Velaris quanto além dela: nas montanhas Illyrianas, na Cidade Escavada, na imensidão de toda a Corte Noturna. E então havia as outras cortes de Prythian. E o novo mundo que surgia adiante.

Mas por enquanto, o Solstício. A noite mais longa do ano. Eu me voltei da janela para Nuala, que ainda mexia nas bordas da torta.

— É um feriado especial aqui também, certo? — perguntei, casualmente. — Não apenas na Invernal e na Diurna. — E na Primaveril.

— Ah, sim — respondeu ela, inclinando-se sobre a mesa de trabalho para examinar a torta. Espiã habilidosa, treinada pelo próprio Azriel, e mestre cozinheira. — Adoramos esse feriado. É íntimo, caloroso, lindo. Presentes e música e comida, às vezes um banquete sob as estrelas... — O oposto da festa enorme e selvagem que durava dias à qual fui sujeita no ano passado. Mas... presentes.

Eu precisava comprar presentes para todos eles. Não precisava, mas *queria*.

Porque todos os meus amigos, agora minha família, tinham lutado e sangrado e quase morrido também.

Afastei a imagem que dilacerou minha mente: Nestha, inclinada sobre o corpo ferido de Cassian, os dois prontos para morrer juntos contra o rei de Hybern. O cadáver de meu pai atrás deles.

Girei o pescoço. Precisávamos mesmo de algo para celebrar. Reunir todos nós por mais de uma ou duas horas havia se tornado algo raro.

— É um momento de descanso também. E um momento para refletir sobre a escuridão, sobre como ela permite que a luz brilhe — prosseguiu Nuala.

— Há uma cerimônia?

A meio-espectro deu de ombros.

— Sim, mas nenhum de nós vai. É mais para aqueles que querem honrar o renascimento da luz e, em geral, passam a noite inteira sentados em completa escuridão. — Um fantasma de sorriso. — Não é muita novidade para mim e minha irmã. Ou para o Grão-Senhor.

Ao assentir, tentei não parecer aliviada demais por não ter que ser arrastada para um templo durante horas.

Depois de apoiar a louça limpa no pequeno suporte de madeira ao lado da pia, desejei sorte com o almoço a Nuala e subi para me vestir. Cerridwen já havia separado minhas roupas, mas não tive sinal da gêmea enquanto eu vestia o pesado suéter cor de carvão, as leggings pretas justas e as botas com forro de lã, tudo antes de fazer uma trança frouxa nos cabelos.

Há um ano, eu teria sido enfiada em vestidos finos e em joias para ser exibida diante de uma corte vaidosa que me secava com os olhos como se eu fosse uma égua parideira premiada.

Aqui... Sorri para o anel de prata e safira na mão esquerda. O anel que eu tinha conquistado para mim mesma da Tecelã do Bosque.

Meu sorriso se desfez um pouco.

Eu também conseguia vê-la. Ver Stryga de pé diante do rei de Hybern, coberta com o sangue de suas presas, enquanto as mãos do rei a pegavam pela cabeça e partiam seu pescoço. E então a atiravam às bestas dele.

Fechei os dedos em punho, inspirando pelo nariz e expirando pela boca, até que a leveza nos braços e nas pernas se dissipasse, até que as paredes do quarto parassem de me sufocar.

Até que eu conseguisse avaliar a variedade de objetos pessoais no quarto de Rhys — em nosso quarto. Não era, de forma alguma, um quarto pequeno, mas ultimamente começara a parecer... apertado. A mesa de pau-rosa contra uma das paredes estava coberta de papéis e livros, tanto de meus negócios quanto dos dele; minhas joias e roupas tiveram que ser divididas entre este e meu antigo quarto. E havia também as armas.

Adagas e espadas, aljavas e arcos. Cocei a cabeça ao reparar na *clava* de aspecto pesado e cruel que Rhys de alguma forma jogara

ao lado da mesa sem que eu reparasse.

Eu nem mesmo queria saber. Mas não tinha dúvidas de que Cassian estava, de algum modo, por trás daquilo.

Poderíamos, é claro, guardar tudo no bolsão entre os dois reinos, mas... Franzi a testa para meu próprio conjunto de lâminas illyrianas, recostado contra o imenso armário.

Se ficássemos presos em casa por causa da neve, talvez eu usasse o dia para organizar as coisas. Encontrar espaço para tudo. Principalmente para aquela clava.

Seria um desafio, considerando que Elain ainda ocupava o quarto no fim do corredor. Nestha escolhera uma casa do outro lado da cidade, uma na qual optei por não pensar durante muito tempo. Lucien, pelo menos, tinha estabelecido residência em um elegante apartamento próximo ao rio no dia seguinte ao retorno dos campos de batalha. E da Corte Primaveril.

Eu não tinha feito qualquer pergunta a ele a respeito daquela visita — a Tamlin.

Lucien também não tinha explicado o olho roxo e o lábio cortado. Apenas perguntara a mim e a Rhys se sabíamos de um lugar para ele ficar em Velaris, pois não queria nos causar mais incômodo ao permanecer na casa da cidade e não queria ficar isolado na Casa do Vento.

Ele não mencionara Elain, ou a proximidade com ela. Minha irmã não pedira que Lucien ficasse ou que se fosse. E caso se importasse com os hematomas no rosto do feérico, certamente não havia demonstrado.

Mas ele permanecera e encontrara formas de se manter ocupado, em geral sumindo durante dias ou semanas inteiras.

Mesmo assim, mesmo com Lucien e Nestha em apartamentos próprios, a casa da cidade andava um pouco apertada ultimamente. Ainda mais se Mor, Cassian e Azriel aparecessem para passar a noite. E a Casa do Vento era grande demais, formal demais, longe demais da área da cidade. Boa por uma ou duas noites, mas... eu amava essa casa.

Era meu lar. O primeiro que tive de verdade, de forma que realmente contasse.

E seria legal comemorar o Solstício aqui. Com todos eles, por mais abarrotada que ficasse.

Fiz uma careta para a pilha de papéis que precisava separar: cartas de outras cortes, de sacerdotisas querendo posições e de reinos tanto humanos quanto feéricos. Eu adiara a tarefa por semanas, e tinha finalmente separado essa manhã para lê-las.

Grã-Senhora da Corte Noturna, Defensora do Arco-Íris e da... Escrivaninha.

Soltei um ronco de escárnio, jogando a trança por cima de um ombro. Talvez meu presente de Solstício para mim mesma fosse contratar um secretário pessoal. Alguém para ler e responder essas coisas, para separar o que era vital do que poderia ser deixado de lado. Porque um pouco mais de tempo para mim mesma, para *Rhys...*

Eu olharia o orçamento da corte, que Rhys jamais se importava muito em seguir, e veria o que poderia fazer para conseguir tal coisa. Para ele e para mim.

Eu sabia que nossos cofres eram fundos, sabia que poderíamos facilmente pagar por isso sem sequer arranhar nossa fortuna, mas não me importava com o trabalho. Adorava o trabalho, na verdade. Esse território, esse povo, eram tanto parte de meu coração quanto meu parceiro. Até ontem, quase todas as horas que me mantive acordada tinham sido dedicadas a ajudá-los. Até que fui, educada e graciosamente, instruída a *ir para casa e aproveitar o feriado*.

Após a guerra, o povo de Velaris havia cumprido o desafio de reconstruir a cidade e ajudar os seus. Antes que eu sequer tivesse alguma ideia de *como* ajudá-los, vários mutirões já haviam sido organizados para auxiliar a cidade. Então eu me voluntariei com um punhado deles para tarefas que iam desde encontrar lares para aqueles desalojados pela destruição até visitar famílias afetadas durante a guerra, além de ajudar os sem abrigo a se preparar para o inverno com novos casacos e suprimentos.

Tudo isso era vital; tudo era parte de um trabalho bom e prazeroso. E, no entanto... havia mais. Havia *mais* que eu poderia fazer para ajudar. Pessoalmente. Só não tinha descoberto isso ainda.

Parecia que eu não era a única ansiosa para ajudar aqueles que tinham perdido tanto. Com o feriado, um fluxo de novos voluntários havia chegado, lotando o salão público perto do Palácio de Linhas e Joias, onde muitos dos grupos de mutirão estavam aquartelados. *Sua ajuda foi crucial, Senhora,* dissera uma matrona da caridade para mim no dia anterior. *Você tem vindo aqui quase todos os dias — trabalhou até cansar os ossos. Tire a semana de folga. Você merece. Comemore com seu parceiro.*

Tentei protestar, insistindo que eu precisava entregar mais casacos, distribuir mais lenha, mas a feérica havia acabado de falar para o salão inteiro, lotado até o limite com voluntários: *Temos mais ajuda do que sabemos o que fazer com ela.*

Quando tentei mais uma vez, ela me enxotou porta afora. E a fechou atrás de mim.

Entendido. A história se repetiu em todas as outras organizações pelas quais passei ontem à tarde. *Vá para casa e aproveite o feriado*.

Então foi o que fiz. Pelo menos a primeira parte. Quanto a *aproveitar*, no entanto...

A resposta de Rhys para minha pergunta sobre seu paradeiro finalmente piscou no laço, carregada por um ronco de poder escuro e lustroso. *Estou no acampamento de Devlon.*

E levou todo esse tempo para responder? Era uma longa distância até as montanhas Illyrianas, sim, mas não deveria ter levado tanto tempo para que uma resposta chegasse.

Rhys soltou uma risada sensual. *Cassian estava esbravejando. Não parou para respirar.*

Meu pobre bebê illyriano. Nós sem dúvida atormentamos você, não é?

A diversão de Rhys ondulou até mim, acariciando meu ser mais interior com as mãos envoltas em noite. Mas ela parou, sumindo tão rapidamente quanto veio. *Cassian está discutindo com Devlon. Dou notícias depois.* Com uma deliciosa carícia contra meus sentidos, ele se foi.

Eu receberia um relatório completo sobre aquilo em breve, mas por enquanto...

Sorri para a neve que dançava do lado de fora das janelas.

CAPÍTULO

2

Rhysand

Mal passara das nove da manhã e Cassian já estava irritado.

O aquoso sol de inverno tentou, sem sucesso, sangrar entre as nuvens que pairavam acima das montanhas Illyrianas enquanto o vento soava como um estrondo sobre os picos cinza. Já havia uma camada de centímetros de neve cobrindo o acampamento lotado, uma visão do que em breve recairia sobre Velaris.

Estava nevando quando saí, ao alvorecer — talvez uma boa camada de gelo já aguardasse no chão o meu retorno. Eu não tive a chance de perguntar a Feyre durante nossa breve conversa pelo laço minutos antes, mas talvez ela saísse para caminhar comigo. E me deixasse mostrar como a Cidade da Luz Estelar brilhava sob neve fresca.

De fato, minha parceira e minha cidade pareciam estar a um mundo de distância das atividades no acampamento Refúgio do Vento, aninhado em um alto desfiladeiro montanhoso. Mesmo o vento frio que soprava entre os picos, traindo o próprio nome do acampamento ao levantar leques de neve, não impedia os illyrianos de executar suas tarefas diárias.

Os guerreiros deviam treinar nos diversos ringues que se abriam para uma queda livre até o pequeno leito do vale abaixo; aqueles que não estavam presentes tinham saído para patrulhar os entornos. Os machos que não tinham conseguido passar na seleção

para guerreiro deviam cuidar dos diversos comércios, assumindo papéis de mercadores ou ferreiros ou sapateiros. Para as fêmeas, restava o trabalho inferior.

Elas não enxergavam dessa forma. Nenhuma delas. Mas as tarefas requeridas, independentemente das feéricas serem velhas ou jovens, permaneciam as mesmas: cozinhar, limpar, cuidar das crianças, fazer roupas, lavá-las... Havia honra em tais tarefas — era possível encontrar orgulho e bom trabalho nelas. Mas não quando era *esperado* que todas as fêmeas ali fizessem isso. E se fugissem desses deveres, qualquer uma das meia dúzia de damas de acampamento ou quaisquer que fossem os machos que controlassem a vida delas as puniriam.

E, assim, havia sido desde que conheci esse lugar, com o povo de minha mãe. O mundo tinha renascido durante os meses de guerra, a muralha fora explodida em nada e, no entanto, algumas coisas não mudavam. Principalmente ali, onde a mudança era mais lenta do que as geleiras derretendo por entre aquelas montanhas. Tradições que remontavam a milhares de anos, deixadas praticamente inalteradas.

Até nós. Até agora.

Desviando minha atenção do acampamento agitado fora do limite dos ringues de treino demarcados com giz, estampei uma expressão neutra conforme Cassian enfrentava Devlon.

— As meninas estão ocupadas com as preparações para o Solstício — dizia o senhor do acampamento, com os braços cruzados sobre o peito inflado. — As esposas precisam de toda ajuda que puderem obter para tudo ficar pronto a tempo. Elas podem praticar na próxima semana.

Eu tinha perdido a conta de quantas variações dessa mesma conversa tínhamos tido durante as décadas em que Cassian insistira no assunto com Devlon.

O vento açoitou os cabelos pretos de Cassian, mas o rosto do feérico permaneceu rígido como granito quando ele se dirigiu ao guerreiro que relutantemente nos treinara.

— As meninas podem ajudar as mães *depois* do treino. Diminuiremos o exercício para duas horas. O resto do dia será o suficiente para auxiliar com os preparativos.

Devlon desviou os olhos avelã para onde eu estava, a alguns metros de distância.

— Isso é uma ordem?

Eu o encarei de volta. E apesar de minha coroa, de meu poder, tive que me esforçar para não voltar a ser aquela criança trêmula de cinco séculos atrás, naquele primeiro dia em que Devlon ficara de pé, imponente, acima de mim e me puxara para o ringue de treino.

— Se Cassian disser que é uma ordem, então é.

Tinha me ocorrido durante os anos em que tínhamos travado aquela mesma batalha com Devlon e os illyrianos que eu poderia simplesmente entrar na mente dele, de todos eles, e fazer com que concordassem. Mas havia alguns limites que eu não poderia ultrapassar, nem iria. Cassian jamais me perdoaria.

Devlon grunhiu, formando uma espiral de vapor com o hálito.

— Uma hora.

— Duas horas — replicou Cassian, as asas se abrindo levemente enquanto mantinha firme a posição severa que eu fora chamado naquela manhã para ajudá-lo a manter.

Devia ser ruim, então, se meu irmão tinha me pedido para vir. Muito ruim mesmo. Talvez precisássemos de uma presença permanente ali, até que os illyrianos se lembrassem das coisas como consequências.

Mas a guerra havia impactado a todos nós, e com a reconstrução, com os territórios humanos se expandindo para nos encontrar, com outros reis feéricos olhando para um mundo sem muralha e se perguntando até onde poderiam ir e sair ilesos... Não tínhamos os recursos para posicionar alguém ali. Ainda não. Talvez no verão seguinte, se o clima nos outros lugares estivesse calmo o bastante.

Os seguidores de Devlon se demoravam no ringue de treino mais próximo, observando Cassian e eu, da mesma forma que tinham feito durante todas as nossas vidas. Como tínhamos massacrado muitos deles no Rito de Sangue tantos séculos atrás, eles ainda se mantinham afastados, mas... Foram os illyrianos que sangraram e lutaram nesse verão; que sofreram a maior parte das perdas ao enfrentar o pior de Hybern e do Caldeirão.

O fato de algum guerreiro ter sobrevivido já era um testemunho a favor de sua habilidade e da liderança de Cassian; mas com os

illyrianos isolados e ociosos ali em cima, essa perda começava a se transformar em algo feio. Perigoso.

Nenhum de nós havia se esquecido de que, durante o reinado de Amarantha, algumas das tropas de guerra tinham se curvado alegremente a ela. E eu sabia que nenhum dos illyrianos tinha se esquecido de que passamos aqueles primeiros meses depois da queda de Amarantha caçando essas tropas desgarradas. E acabando com elas.

Sim, uma presença aqui era necessária. Porém mais tarde.

Devlon insistiu, cruzando os braços musculosos.

— Os meninos precisam de um bom Solstício depois de tudo que enfrentaram. Deixe as meninas darem isso a eles.

O canalha realmente sabia que armas empunhar, tanto físicas quanto verbais.

— Duas horas no ringue todas as manhãs — afirmou Cassian, com aquele tom severo que mesmo eu sabia que não deveria forçar, a não ser que quisesse uma briga deflagrada. Ele não desviou do olhar de Devlon. — Os *meninos* podem ajudar a decorar, limpar e cozinhar. Eles têm duas mãos.

— Alguns têm — retorquiu Devlon. — Outros voltaram para casa sem uma delas.

Senti, mais do que vi, as palavras atingirem Cassian profundamente.

Era o custo de liderar meus exércitos: cada ferimento, morte, cicatriz... ele tomava todas como falhas pessoais. E estar perto daqueles guerreiros, ver membros faltando e ferimentos brutais que ainda se curavam ou jamais se curariam...

— Elas treinam por noventa minutos — falei, acalmando o poder sombrio que começara a correr em minhas veias conforme buscava um caminho em direção ao mundo, então enfiei as mãos frias nos bolsos. Cassian, sabiamente, fingiu parecer indignado, expandindo as asas largamente. Devlon abriu a boca, mas o interrompi antes que ele pudesse gritar algo realmente estúpido. — Uma hora e meia todas as manhãs, então elas fazem o trabalho doméstico, com os machos ajudando sempre que puderem. — Olhei na direção das tendas permanentes e das pequenas casas de pedra e madeira espalhadas pelo amplo desfiladeiro e para cima dos picos cobertos

de árvores atrás de nós. — Não se esqueça de que um grande número de fêmeas, Devlon, também sofreu perdas. Talvez não tenham perdido a mão, mas os maridos e filhos e irmãos estavam naqueles campos de batalha. Todos ajudam nos preparativos para o feriado e todos continuam treinando.

Indiquei Cassian com o queixo, gesticulando para que ele me seguisse para a casa do outro lado do acampamento, que mantínhamos como nossa base de operações semipermanente. Não havia superfície do lado de dentro onde eu não tivesse tomado Feyre — a mesa da cozinha era minha preferida, graças àqueles dias selvagens depois de firmarmos a parceria, quando eu mal conseguia ficar perto de Feyre sem estar enterrado nela.

Quanto tempo havia, quão distantes pareciam aqueles dias. Uma vida atrás.

Eu precisava de férias.

Neve e gelo estalaram sob nossas botas conforme seguimos para a estreita casa de pedra de dois andares, que ficava no limite das árvores.

Não queria férias para descansar ou para visitar algum lugar, mas apenas para passar mais do que um punhado de horas na mesma cama que minha parceira.

Para conseguir mais do que algumas horas para dormir *e* para me enterrar nela. Parecia ser uma coisa ou outra ultimamente. O que era completamente inaceitável. E tinha me deixado estúpido de inúmeras formas diferentes.

A semana passada tinha sido tão absurdamente atribulada, e eu estava tão desesperado pela sensação e pelo gosto de Feyre, que a tomei durante o voo da Casa do Vento até a casa da cidade. Bem sobre Velaris — para que todos vissem, não fosse pela proteção que conjurei; foram necessários movimentos cuidadosos. Eu vinha planejando durante meses tornar aquele um momento realmente especial, mas com ela contra mim daquela forma, sozinhos no céu, fora preciso apenas um olhar na direção daqueles olhos azul-acinzentados para que abrisse a calça de minha parceira.

Um momento depois, quando entrei em Feyre, quase nos lancei contra os telhados como um garoto illyriano. Feyre apenas riu.

Alcancei o clímax com aquele ruído rouco.

Esse não foi o meu melhor momento, e eu não tinha dúvidas de que afundaria ainda mais antes que o Solstício de Inverno nos garantisse um dia de descanso.

Contive o desejo crescente até não passar de um rugido vago no fundo da mente, e não falei até Cassian e eu quase termos atravessado a porta de entrada de madeira.

— Mais alguma coisa que eu deva saber enquanto estou aqui? — Bati a neve das botas contra o portal e entrei na casa. Aquela mesa da cozinha estava bem no meio do cômodo de entrada. Sufoquei a imagem de Feyre debruçada sobre o móvel.

Cassian exalou e bateu a porta atrás de si antes de fechar as asas e se recostar contra ela.

— A discórdia está crescendo. Com tantos clãs se reunindo para o Solstício, será uma oportunidade para que a espalhem ainda mais.

Uma faísca de meu poder fez uma fogueira rugir na lareira, e o pequeno cômodo do andar inferior se aqueceu rapidamente. Mal passava de um sussurro de magia, mas tê-la soltado aliviou aquela tensão quase constante de manter tudo o que eu era, todo aquele poder sombrio, controlado. Ocupei um lugar contra a maldita mesa e cruzei os braços.

— Já lidamos com essa merda antes. Vamos lidar de novo.

Cassian balançou a cabeça, os cabelos escuros na altura dos ombros brilhando à luz aquosa que entrava pelas janelas da frente.

— Não é como antes. Você, eu e Az... eles se ressentiam de nós pelo que somos, por quem somos. Mas desta vez... *nós* os mandamos para a batalha. *Eu* os mandei, Rhys. E agora não são apenas os canalhas guerreiros que estão resmungando, mas também as fêmeas. Elas acham que você e eu os fizemos marchar para o sul como vingança pelo tratamento que recebemos quando crianças; acham que posicionamos especificamente alguns dos machos nas linhas de frente como vingança.

Não era bom. Não era nada bom.

— Precisamos lidar com isso com cautela, então. Descobrir de onde vem esse veneno e dar fim a ele... pacificamente — esclareci quando Cassian ergueu as sobrancelhas. — Não podemos sair matando para nos livrar disto.

Cassian coçou o maxilar.

— Não, não podemos. — Não seria como caçar aquelas tropas de guerra desgarradas que aterrorizavam qualquer um em seu caminho. Não mesmo.

Ele avaliou a casa escura, o fogo crepitando na lareira, onde tínhamos visto minha mãe cozinhar tantas refeições durante nosso treinamento. Uma dor antiga e familiar encheu meu peito. Essa casa inteira, cada centímetro dela, estava cheia do passado.

— Muitos deles virão para o Solstício — prosseguiu Cassian. — Posso ficar aqui, de olho nas coisas. Talvez dar presentes às crianças, a algumas das esposas. Coisas de que precisam de verdade, mas são orgulhosos demais para pedir.

Era uma boa ideia. Mas...

— Isso pode esperar. Quero você em casa para o Solstício.

— Eu não me importo...

— Quero você em casa. Em Velaris — acrescentei quando ele abriu a boca para cuspir alguma baboseira legalista illyriana em que ainda acreditava, mesmo depois de ter sido tratado como um nada durante a vida inteira. — Vamos passar o Solstício juntos. Todos nós.

Mesmo que eu precisasse dar a eles uma ordem direta como Grão-Senhor para que o fizessem.

Cassian inclinou a cabeça.

— O que está irritando você?

— Nada.

De modo geral, eu tinha pouco do que reclamar. Levar minha parceira para a cama regularmente não era, em geral, um assunto urgente. Ou do interesse de ninguém além do nosso.

— Um pouco de tensão acumulada, Rhys?

É claro que ele enxergava exatamente o que era.

Suspirei, franzindo a testa para o antigo teto salpicado de fuligem. Tínhamos comemorado o Solstício nessa casa também. Minha mãe sempre tinha presentes para Azriel e Cassian. O primeiro Solstício que compartilhamos ali fora o primeiro em que Cassian recebera *qualquer* tipo de presente, de Solstício ou não. Eu ainda conseguia ver as lágrimas que ele tentara esconder ao abrir os presentes, e as lágrimas nos olhos de minha mãe ao assistir.

— Quero pular logo para a semana que vem.

— Tem certeza de que esse seu poder não pode fazer isso por você?

Lancei um olhar seco na direção do guerreiro. Cassian apenas me devolveu um sorriso arrogante.

Jamais deixei de me sentir grato por eles — meus amigos, minha família, que olhavam para meu poder e não recuavam, não se tornavam inebriados de medo. Sim, eu poderia matá-los de susto às vezes, mas *todos* fazíamos isso uns com os outros. Cassian me apavorara mais vezes do que eu gostaria de admitir, uma delas há apenas poucos meses.

Duas vezes. Duas vezes em questão de semanas.

Eu ainda o via sendo arrastado por Azriel para fora daquele campo de batalha, com sangue escorrendo pelas pernas e caindo na lama, o ferimento como uma boca aberta que cortava o centro do corpo.

E eu ainda o via como Feyre o vira — depois de ela ter me permitido entrar em sua mente para revelar o que exatamente tinha acontecido entre suas irmãs e o rei de Hybern. Ainda via Cassian, destruído e sangrando no chão, implorando a Nestha para que fugisse.

Ele ainda não tinha falado a respeito daquilo. A respeito do que ocorrera naqueles momentos. A respeito de Nestha.

Cassian e a irmã de minha parceira sequer falavam um com o outro.

Nestha conseguira se enclausurar em algum apartamento decrépito do outro lado do Sidra, recusando-se a interagir com qualquer um de nós, exceto por algumas breves visitas a Feyre todo mês.

Eu precisaria encontrar uma forma de consertar aquilo também.

Eu via como isso corroía Feyre. Eu ainda a confortava quando ela acordava desesperada após ter pesadelos a respeito daquele dia, em Hybern, em que suas irmãs foram Feitas contra a vontade delas. Pesadelos com o momento em que Cassian estava perto da morte, e Nestha, caída sobre ele, protegendo-o daquele golpe mortal, e Elain — *Elain* — pegara a adaga de Azriel e matara o rei de Hybern no lugar dela.

Esfreguei as sobrancelhas com o polegar e o indicador.

— Está difícil agora. Estamos todos ocupados, todos tentando manter tudo em ordem. — Az, Cassian e eu tínhamos mais uma vez adiado nossos cinco dias anuais de caça no chalé nesse outono. Adiado para o ano que vem... de novo. — Venha para casa para o Solstício, e podemos nos sentar e pensar em um plano para a primavera.

— Parece um evento festivo.

Com minha Corte dos Sonhos, sempre era.

Mas me obriguei a perguntar:

— Devlon é um dos potenciais rebeldes?

Rezava para que não fosse verdade. Eu me ressentia do macho e de sua relutância, mas ele tinha sido justo com Cassian, Azriel e eu sob sua vigilância. E tinha nos tratado com os mesmos direitos de guerreiros illyrianos de puro sangue. Ainda fazia isso por todos os bastardos sob seu comando. Era sua ideia absurda em relação às fêmeas que me fazia querer estrangulá-lo. Vaporizá-lo. Mas se precisasse ser substituído, só a Mãe sabia quem assumiria a posição.

Cassian balançou a cabeça.

— Acho que não. Devlon cala qualquer conversa desse tipo. Mas isso apenas torna tudo ainda mais secreto, o que dificulta descobrir quem está espalhando essas porcarias por aí.

Assenti, ficando de pé. Eu tinha uma reunião em Cesere com as duas sacerdotisas que sobreviveram ao massacre de Hybern do ano passado a respeito de como lidar com os peregrinos que queriam vir de fora de nosso território. Chegar atrasado não ajudaria em nada meus argumentos para adiar tal coisa até a primavera.

— Fique de olho nisso durante os próximos dias, então volte para casa. Quero você lá duas noites antes do Solstício. E no dia seguinte.

Um indício de sorriso malicioso surgiu do rosto do guerreiro.

— Presumo que nossa tradição do dia do Solstício ainda esteja valendo, então. Apesar de você agora ser um macho maduro, com uma parceira e tal.

Pisquei um olho para ele.

— Odiaria que vocês, bebês illyrianos, sentissem minha falta.

Cassian riu. Havia, de fato, algumas tradições de Solstício que jamais se tornavam cansativas, mesmo depois dos séculos. Eu estava quase na porta quando o illyriano falou novamente.

— Ela... — Cassian engoliu em seco.

Poupei a ele o desconforto de tentar mascarar o interesse.

— As duas irmãs estarão na casa. Queiram elas ou não.

— Nestha vai tornar as coisas desagradáveis se decidir que não quer estar lá.

— Ela vai estar — afirmei, trincando os dentes —, e será agradável. Deve isso a Feyre.

Os olhos de Cassian brilharam.

— Como ela está?

Não me incomodei em florear a resposta.

— Nestha é Nestha. Ela faz o que quer, mesmo que isso deixe a irmã arrasada. Ofereci emprego após emprego a ela, e Nestha recusa todos. — Puxei o ar entre os dentes. — Talvez você consiga colocar algum juízo naquela cabeça durante o Solstício.

Os Sifões sobre as mãos de Cassian se acenderam.

— Isso provavelmente acabaria em violência.

De fato, acabaria.

— Então não diga uma palavra a ela. Não me importo... apenas mantenha Feyre fora disso. É o dia dela também.

Porque esse Solstício... aconteceria no aniversário dela. Vinte e um anos.

Naquele momento, me dei conta do quanto esse número era pequeno.

Minha linda, forte e destemida parceira, presa a mim...

— Sei o que essa expressão significa, seu idiota, e é um monte de bosta — disse Cassian, em tom áspero. — Ela ama você, de um jeito que jamais vi alguém amar outra pessoa.

— É difícil me lembrar de que ela escolheu ficar comigo — admiti, encarando o campo coberto de neve lá fora, os ringues de treinamento e as residências além deles. — Que me escolheu. Não foi como meus pais, forçados a ficar juntos.

O rosto de Cassian ficou incomumente sério, e ele permaneceu calado por um momento antes me responder.

— Fico com inveja, às vezes. Jamais me ressentiria de você por sua felicidade, mas o que vocês dois têm, Rhys... — Ele passou a mão pelo cabelo, e o Sifão carmesim reluziu na luz que atravessava a janela. — São as lendas, as mentiras que nos contam quando somos crianças. Sobre a glória e as maravilhas do laço da parceria. Achei que fosse tudo baboseira... Até vocês dois aparecerem.

— Ela vai fazer vinte e um. *Vinte e um*, Cassian.

— E daí? Sua mãe tinha dezoito e seu pai tinha novecentos.

— E ela foi infeliz.

— Feyre não é sua mãe. E você não é seu pai. — Ele me olhou de cima a baixo. — Por que está falando isso? As coisas... não estão boas?

O oposto, na verdade.

— Tenho a sensação de que é tudo algum tipo de piada — expliquei, dando um passo para o lado e fazendo com que as tábuas de madeira antigas rangessem sob minhas botas. Meu poder era algo vivo se contorcendo, espreitando nas veias. — Algum tipo de truque cósmico, e que ninguém, *ninguém*, pode ser tão feliz assim e não pagar por isso.

— Você já pagou por isso, Rhys. Vocês dois. Além da conta.

Gesticulei com a mão.

— Eu só... — parei de falar, incapaz de terminar o pensamento.

Cassian me encarou por um longo momento.

Então atravessou a distância entre nós, me puxando em um abraço tão forte que mal consegui respirar.

— Você conseguiu. *Nós* conseguimos. Vocês dois aturaram tanto que ninguém os culparia se saíssem dançando em direção ao pôr do sol como Miryam e Drakon e jamais se preocupassem com outra coisa novamente. Mas estão se preocupando, os dois ainda estão trabalhando para fazer essa paz durar. *Paz,* Rhys. Nós temos *paz*, e do tipo verdadeiro. Aproveite, aproveitem um ao outro. Você pagou a dívida antes mesmo de haver uma.

Minha garganta se apertou e eu o abracei com força por cima das asas, meus dedos se enterrando nas escamas do couro.

— E você? — perguntei, me afastando depois de um momento. — Está... feliz?

Sombras escureceram os olhos avelã de Cassian.

— Estou chegando lá.

Uma resposta desmotivada.

Eu precisaria trabalhar naquilo também. Talvez houvesse fios a serem puxados e tecidos.

Cassian indicou a porta com o queixo.

— Vá, seu canalha. Vejo você em três dias.

Assenti, finalmente abrindo a porta. Mas parei sob o batente.

— Obrigado, irmão.

O sorriso torto de Cassian estava alegre, mesmo que aquelas sombras ainda tremeluzissem em seus olhos.

— É uma honra, meu senhor.

CAPÍTULO

3

Cassian

Cassian não estava completamente seguro de que poderia lidar com Devlon e seus guerreiros sem esganá-los. Pelo menos não durante a próxima hora ou mais...

E como isso não ajudaria em nada a abafar os murmúrios de descontentamento, ele esperou até Rhys ter atravessado para a neve e para o vento antes de desaparecer também.

Não atravessando, embora essa pudesse ser uma arma e tanto contra inimigos na batalha. Cassian vira Rhys fazer isso e ter resultados devastadores. Az também — da forma estranha com que conseguia se mover pelo mundo *sem* tecnicamente atravessar.

Ele jamais perguntara. Azriel certamente jamais explicaria.

Mas Cassian não se incomodava com o próprio jeito de se locomover: voando. Certamente lhe servira bem o bastante na batalha.

Depois de sair pela porta da frente da antiga casa de madeira de uma forma que Devlon e os outros canalhas nos ringues de treino o vissem, Cassian fez questão de se exibir enquanto se esticava. Primeiro os braços, musculosos e ainda coçando para acertar alguns rostos illyrianos; então as asas, maiores e mais largas do que as deles. Sempre se ressentiram daquilo, talvez mais do que qualquer outra coisa. Cassian as abriu até que a tensão nos

poderosos músculos e nas cartilagens parecesse uma queimação agradável, as asas projetando longas sombras na neve.

E com uma batida poderosa, ele disparou para o céu cinza.

O vento era como um rugido ao redor de Cassian; a temperatura estava fria o bastante para que seus olhos se enchessem de lágrimas. Estimulante... Libertador. Ele voou mais alto, então desviou para a esquerda, mirando os picos atrás do desfiladeiro do acampamento. Não havia necessidade de fazer uma varredura de aviso sobre Devlon e os ringues de treino.

Ignorá-los e passar a mensagem de que não eram importantes o suficiente para sequer serem considerados ameaças eram formas muito melhores de irritá-los. Rhys ensinara isso a ele. Há muito tempo.

Ao pegar uma corrente ascendente que o lançou sobre os picos mais próximos e então para o infinito labirinto de montanhas coberto de neve que constituía seu lar, Cassian inspirou fundo. Os couros de voo e as luvas o mantinham aquecido o bastante, mas suas asas, expostas ao vento gelado... O frio era afiado como uma faca.

Ele conseguia se proteger com os Sifões, já fizera isso antes. Mas naquele dia, naquela manhã, queria o frio cortante.

Principalmente por causa do que estava prestes a fazer. Para onde estava indo.

Conheceria o caminho até vendado, apenas ouvindo o vento entre as montanhas, inalando o cheiro dos picos encrustados de pinheiros abaixo, os campos rochosos estéreis.

Era raro que Cassian fizesse a caminhada. Em geral só a fazia quando seu temperamento estava prestes a explodir, mas ainda lhe restava bastante controle para saber que precisava sair por algumas horas. Esse dia não era exceção.

Ao longe, silhuetas escuras disparavam pelo céu. Guerreiros patrulhando. Ou talvez escoltas armadas levando famílias para suas respectivas reuniões de Solstício.

A maioria dos Grão-Feéricos acreditava que os illyrianos eram a maior ameaça naquelas montanhas.

Não percebiam que coisas muito piores espreitavam entre os picos. Algumas caçando aos ventos, outras rastejando para fora de cavernas profundas na própria rocha.

Feyre se aventurara a enfrentar algumas dessas criaturas nas florestas de pinheiros das estepes illyrianas. Para salvar Rhys. Cassian se perguntava se o irmão havia contado a ela o que habitava as montanhas. A maior parte fora morta pelos illyrianos, ou fugira para as estepes. Mas as mais espertas, as mais antigas... tinham encontrado formas de se esconder. De emergir nas noites sem lua para se alimentar.

Mesmo cinco séculos de treino não conseguiram impedir o frio que desceu pela coluna de Cassian quando o guerreiro avaliou as montanhas vazias e silenciosas abaixo, perguntando-se o que dormiria sob a neve.

Ele cortou para o norte, tirando o pensamento da mente. No horizonte, uma forma familiar se tornou nítida, ficando maior a cada batida de asas.

Ramiel. A montanha sagrada.

O coração não apenas de Illyria, mas de toda a Corte Noturna.

Ninguém era permitido naquelas encostas estéreis e rochosas — exceto os illyrianos e, ainda assim, apenas uma vez por ano. Durante o Rito de Sangue.

Cassian voou na direção da montanha, incapaz de resistir aos chamados antigos de Ramiel. Diferente — a montanha era tão diferente da presença estéril e terrível do pico solitário no centro de Prythian. Ramiel sempre parecera viva, de alguma forma. Desperta e vigilante.

Ele havia colocado os pés nela apenas uma vez, naquele dia final do Rito, quando Cassian e os irmãos, ensanguentados e surrados, tinham escalado a encosta para chegar ao monólito ônix no cume. Ele ainda conseguia sentir a rocha desabando sob as botas e ouvir o fôlego áspero da respiração conforme quase puxava Rhys encosta acima, com Azriel fornecendo cobertura atrás. Como um, os três tinham tocado a pedra — os primeiros a chegar ao pico no fim daquela semana brutal. Os vencedores incontestáveis.

O Rito não tinha mudado nos séculos desde então. No início de cada primavera, ainda acontecia. Centenas de candidatos a guerreiros se espalhavam pelas montanhas e florestas que cercavam o pico; o território permanecia fora dos limites durante o restante do ano para evitar que os candidatos fizessem

reconhecimento antecipado dos melhores trajetos e dos locais de armadilhas. Havia diversas etapas classificatórias ao longo de meses para provar o quanto um candidato estava pronto, variando um pouco de acordo com o acampamento. Mas as regras permaneciam as mesmas.

Todos os candidatos competiam com as asas atadas, sem Sifões — um feitiço continha toda a magia — e sem nenhum suprimento além das roupas do corpo. O objetivo: chegar ao cume da montanha ao fim daquela semana e tocar a pedra. Os obstáculos: a distância, as armadilhas naturais e os próprios candidatos contra os outros. Antigas disputas se acirravam; outras nasciam. Contas eram acertadas.

Uma semana de derramamento de sangue inútil, insistia Az.

Rhys costumava concordar, embora *também* costumasse concordar com o argumento de Cassian: o Rito de Sangue oferecia uma válvula de escape para tensões perigosas dentro da comunidade illyriana. Melhor acertá-las durante o Rito a arriscar uma guerra civil.

Illyrianos eram fortes, orgulhosos, destemidos. Mas pacificadores... isso eles não eram.

Talvez Cassian tivesse sorte. Talvez o Rito dessa primavera aliviasse parte do descontentamento. Pelo inferno, ele se ofereceria para participar *pessoalmente* se isso significasse silenciar os resmungos.

Mal tinham sobrevivido àquela guerra. Não precisavam de outra. Não com tantos fatores desconhecidos se reunindo fora de suas fronteiras.

Ramiel se elevou ainda mais, um caco de pedra perfurando o céu cinza. Linda e solitária. Eterna e imutável.

Não era à toa que o primeiro governante da Corte Noturna tinha tornado aquela sua insígnia. Junto com as três estrelas que só apareciam por um breve período todo ano, emoldurando o pico mais alto de Ramiel como uma coroa. Era durante essa janela de tempo que o Rito acontecia. O que viera primeiro: a insígnia ou o Rito, Cassian não sabia. Jamais se importara de fato em descobrir.

As florestas coníferas e as ravinas que pontuavam a paisagem até o pé de Ramiel reluziam sob a neve fresca. Vazia e limpa.

Nenhum sinal do derramamento de sangue do início da primavera.

A montanha se aproximou, poderosa e infinita, tão ampla que ele poderia muito bem ser uma mosca ao vento. Cassian voou na direção da face sul de Ramiel, subindo o bastante para ver um lampejo da pedra preta reluzente que se projetava do topo.

Ele também não sabia quem colocara aquela pedra no alto do pico. Dizia a lenda que já existia antes de a Corte Noturna se formar, antes de os illyrianos migrarem de Myrmidon, antes de os humanos sequer caminharem na terra. Mesmo com a neve fresca envolvendo Ramiel, nenhum floco tocara o pilar de pedra.

Uma emoção gélida, porém não indesejável, inundou as veias do guerreiro.

Era raro que qualquer um no Rito de Sangue chegasse ao monólito. Desde que Cassian e os irmãos tinham feito isso, cinco séculos antes, ele só conseguia se lembrar de uma dúzia ou pouco mais que não apenas chegara à montanha, mas também sobrevivera à escalada. Depois de uma semana lutando, correndo e precisando encontrar e fazer as próprias armas e comida, aquela escalada era pior do que todos os horrores antes dela. Era o verdadeiro teste de vontade, de coragem. Escalar quando não lhe restava mais nada; escalar quando seu corpo implorava para que parasse... Era quando a destruição costumava acontecer.

Mas no momento em que Cassian tocou o monólito ônix, no momento em que sentiu aquela força antiga cantar em seu sangue no segundo antes de a pedra mandá-lo de volta para a segurança do acampamento de Devlon... Valera a pena. Sentir aquilo.

Com uma reverência solene para Ramiel e a pedra viva no alto dela, Cassian pegou outro vento ágil e voou para o sul.

O voo de uma hora o fez se aproximar de outro pico familiar.

Um que ninguém além dele e de seus irmãos se incomodava em visitar. O que ele tanto precisava ver e sentir naquele dia.

Certa vez, fora um acampamento tão atribulado quanto o de Devlon.

Certa vez. Antes de um bastardo ter nascido em uma tenda gélida e solitária nos arredores da aldeia. Antes de terem atirado uma jovem mãe solteira na neve apenas dias depois de dar à luz, com o

bebê nos braços. E então tomado aquele bebê anos mais tarde, jogando-o à lama no acampamento de Devlon.

Cassian aterrissou na extensão plana do desfiladeiro da montanha, os bancos de neve mais altos do que em Refúgio do Vento escondendo qualquer vestígio da aldeia que se erguera ali.

Apenas cinzas e escombros restavam.

Cassian se certificara disso.

Quando os responsáveis pelo sofrimento e pela tortura da mulher, enfim, receberam o que mereciam, ninguém quis permanecer ali por mais um momento sequer. Não com os ossos quebrados e o sangue cobrindo cada superfície, manchando cada campo e ringue de treinamento. Então migraram, alguns se misturando a outros acampamentos, outros fazendo as próprias vidas em outro lugar. Ninguém jamais voltara.

Séculos depois, ele não se arrependia.

De pé na neve e ao vento, observando o vazio onde nascera, Cassian não se arrependia daquilo por um segundo.

A mãe dele sofrera em cada momento da vida curta demais. Apenas piorou depois que ela o pariu. Principalmente nos anos seguintes a Cassian ser levado.

E quando estivera forte e velho o suficiente para voltar e procurar por ela, sua mãe tinha morrido.

Recusaram-se a dizer onde a tinham enterrado. Se tinham dado tal honra a ela, ou se atiraram o corpo a um abismo de gelo para apodrecer.

Cassian ainda não sabia. Mesmo no momento dos últimos suspiros roucos daqueles que se certificaram de que ela jamais conhecesse felicidade alguma, eles se recusaram a contar a ele. Tinham cuspido em seu rosto e contado a Cassian cada coisa terrível que tinham feito a ela.

Ele queria tê-la enterrado em Velaris. Em algum lugar repleto de luz e calor, lotado de pessoas bondosas. Longe daquelas montanhas.

Cassian observou o desfiladeiro coberto de neve. As lembranças que tinha dali eram confusas: lama e frio e fogueiras pequenas demais. Mas conseguia se lembrar de uma voz suave e melódica, assim como de mãos carinhosas e finas.

Era tudo o que tinha dela.

Cassian passou as mãos pelos cabelos, seus dedos se prendendo nos nós emaranhados pelo vento.

Ele sabia por que fora até lá, por que sempre ia até lá. Apesar de toda a provocação de Amren por ser um illyriano bruto, Cassian conhecia a própria mente, o próprio coração.

Devlon era um senhor de acampamento mais justo do que a maioria. Mas para as fêmeas que tinham menos sorte, que eram caçadas ou exiladas, havia pouca misericórdia.

Então treinar aquelas mulheres, dar a elas os recursos e a confiança para revidar, para olhar além das lareiras do acampamento... era por ela. Pela mãe enterrada ali, talvez enterrada em lugar nenhum. Para que jamais acontecesse de novo. Para que seu povo, a quem ele ainda amava apesar dos defeitos, pudesse um dia ser algo *mais*. Algo melhor.

O túmulo sem marca e desconhecido naquele desfiladeiro era seu lembrete.

Cassian ficou parado em silêncio por longos minutos antes de voltar o olhar para o oeste. Como se pudesse ver até Velaris.

Rhys o queria em casa para o Solstício, e ele obedeceria.

Mesmo que Nestha...

Nestha.

Até mesmo nos pensamentos o nome ecoava por dentro dele, vazio e frio.

Aquele não era o momento de pensar nela. Não ali.

De todo modo, Cassian muito raramente se permitia pensar nela. Em geral, não acabava bem para quem quer que estivesse no ringue de luta com ele.

Ao abrir as asas vastamente, o guerreiro lançou um último olhar pelo acampamento que devastara até o chão. Outro lembrete: do que era capaz se forçado ao extremo.

Para tomar cuidado, mesmo quando Devlon e os demais o faziam querer urrar. Ele e Az eram os illyrianos mais poderosos em sua longa e sangrenta história. Usavam sete Sifões cada, algo sem precedentes, apenas para lidar com a onda de poder assassino bruto que possuíam. Era um dom e um fardo que Cassian jamais encarara como insignificante.

Três dias. Tinha três dias até precisar viajar para Velaris. Tentaria fazer com que valessem.

CAPÍTULO

4

Feyre

O Arco-Íris era um murmurinho de atividade, mesmo com os véus de neve caindo.

Grão-Feéricos e feéricos entravam e saíam das várias lojas e dos estúdios; alguns se empoleiravam em escadas para pendurar guirlandas de pinho e azevinho entre os postes de luz, outros varriam montes de neve reunidos às portas, alguns — sem dúvida artistas — ficavam apenas de pé nos paralelepípedos pálidos e giravam no lugar, os rostos erguidos para o céu cinza, os cabelos, a pele e as roupas salpicados de pó fino.

Desviei de uma dessas pessoas no meio da rua — um feérico com pele parecendo ônix reluzente e olhos como aglomerados rodopiantes de estrelas — e segui para uma pequena e linda galeria, a janela de vidro revelando uma variedade de pinturas e cerâmica. O lugar perfeito para fazer algumas compras para o Solstício. Uma guirlanda de sempre-verdes pendia na porta azul recém-pintada, sinos de latão tilintando no centro.

A porta: nova. A vitrine: nova.

Ambas tinham sido estilhaçadas e manchadas de sangue meses antes. Assim como aquela rua inteira.

Era um esforço não olhar para as pedras salpicadas de branco da rua, descendo até o sinuoso Sidra. Para o calçadão ao longo do rio, cheio de clientes e artistas, onde eu tinha ficado de pé meses antes

para conjurar lobos daquelas águas dormentes. Sangue escorria por aqueles paralelepípedos então, e não havia canto e risos nas ruas, mas gritos e súplicas.

Inalei profundamente pelo nariz, e o ar frio fez cócegas em minhas narinas. Devagar, soltei uma longa exalação, observando-a se condensar diante de mim. Ao fundo, também observei meu reflexo na vitrine da loja: eu mal estava reconhecível com o casaco cinza pesado e a echarpe verde e cinza que eu tinha roubado do armário de Mor, meus olhos arregalados e distantes.

Percebi um segundo depois que eu não era a única me encarando.

Dentro da galeria, nada menos do que cinco pessoas estavam fazendo o possível para não me encarar enquanto olhavam a coleção de pinturas e cerâmica.

Minhas bochechas esquentaram, o coração batendo descompassado, e ofereci um sorriso contido antes de prosseguir.

Não importava que eu tivesse visto uma peça que me chamara a atenção. Não importava que eu *quisesse* entrar.

Mantive as mãos enluvadas aconchegadas nos bolsos do casaco conforme caminhava pela rua íngreme, atenta a meus passos nos paralelepípedos escorregadios. Embora Velaris tivesse muitos feitiços para manter os palácios, os cafés e as praças quentes durante o inverno, parecia que, para essa primeira neve, muitos tinham sido removidos, como se todos quisessem sentir o beijo frio da mesma.

Eu tinha de fato desbravado a caminhada da casa da cidade até ali em vez de simplesmente atravessar ou voar, não apenas para inspirar o ar frio e nevado, mas também porque queria sentir a excitação crepitante daqueles que se preparavam para o Solstício.

Embora Rhys e Azriel ainda me dessem aulas sempre que podiam, embora eu realmente amasse voar, a ideia de expor as asas sensíveis ao frio me fazia estremecer.

Poucas pessoas me reconheceram conforme passei; meu poder estava firmemente contido, e a maioria estava preocupada demais com decorar ou aproveitar a primeira neve para reparar naqueles ao redor, de toda forma.

Um pequeno alívio, embora eu certamente não me importasse de ser abordada. Como Grã-Senhora, eu oferecia audiências semanais na Casa do Vento com Rhys. Os pedidos iam desde os pequenos — uma lâmpada de luz feérica quebrou — até os complicados — poderíamos, por favor, parar de importar mercadorias de outras cortes, já que isso estava impactando os artesãos locais?

Alguns eram assuntos com que Rhys já lidava havia séculos, mas ele jamais agia como se fosse o caso.

Não, ele ouvia cada petição, pedia mais detalhes, então os mandava embora com a promessa de enviar uma resposta em breve. Foram necessárias algumas sessões para eu pegar o jeito da coisa — as perguntas que ele usava, a *forma* como ouvia. Rhys não insistia que eu me colocasse a não ser que fosse necessário, e me dera espaço para entender o ritmo e o estilo daquelas audiências, até eu começar a fazer minhas próprias perguntas. Para então passar a escrever respostas aos suplicantes também. Rhys pessoalmente respondia a cada um deles. E agora eu também o fazia.

Por isso as pilhas sempre crescentes de papel em tantos cômodos da casa da cidade.

Como ele tinha durado tanto tempo sem uma equipe de secretários ajudando, eu não fazia ideia.

Mas conforme desci lentamente a ladeira íngreme da rua, com os prédios nas cores alegres do Arco-Íris brilhando a meu redor como uma memória reluzente de verão, mais uma vez remoí o assunto.

Velaris não era, de forma alguma, pobre. O povo era em grande parte assistido, os prédios e as ruas eram bem mantidos. Ao que parecia, minha irmã tinha conseguido encontrar a única coisa relativamente próxima a um cortiço. E insistira em morar ali, em um prédio que era mais velho do que Rhys e que precisava urgentemente de reparos.

Havia apenas poucos quarteirões na cidade como aquele. Quando perguntei a Rhys a respeito deles, a respeito de por que não tinham sido melhorados, ele apenas disse que tinham tentado. Mas desalojar pessoas enquanto os lares delas eram demolidos e reconstruídos... Complicado.

Não fiquei surpresa quando, dois dias antes, Rhys me entregou um pedaço de papel e perguntou se tinha mais alguma coisa que eu gostaria de acrescentar. No papel havia uma lista de caridades às quais ele doava na época do Solstício, desde as destinadas a ajudar os pobres, doentes e idosos até bolsas para que jovens mães começassem os próprios negócios. Acrescentei apenas dois itens, ambos para sociedades que eu tinha conhecido com meu próprio trabalho voluntário: doações aos humanos desalojados pela guerra contra Hybern, assim como para viúvas de guerreiros illyrianos e suas famílias. As quantias que alocávamos eram grandiosas, mais dinheiro que eu jamais tinha sonhado em possuir.

Certa vez, tudo o que eu queria era comida, dinheiro e tempo o bastante para pintar. Nada mais. Eu teria ficado feliz em deixar que minhas irmãs se casassem, em ficar e cuidar de meu pai.

Mas, além de meu parceiro, de minha família, além de ser Grã-Senhora — o mero fato de que eu agora morava *ali*, que podia caminhar por um quarteirão inteiro de artistas sempre que quisesse...

Outra avenida cortava a rua no meio da ladeira. Virei nela, as organizadas fileiras de casas e galerias e estúdios se curvando para a neve. Mas mesmo entre as cores alegres, havia trechos cinza, de vazio.

Eu me aproximei de um desses lugares evacuados: um prédio com a metade desabada. A tinta verde-menta tinha se tornado cinzenta, como se a própria luz tivesse sangrado da cor conforme o prédio se destruía. De fato, os poucos prédios em torno dele também estavam foscos e rachados, e uma galeria do outro lado da rua estava fechada com tábuas.

Alguns meses antes, eu tinha começado a doar uma parte de meu salário — a ideia de receber algo do tipo ainda era completamente absurda — para reconstruir o Arco-Íris e ajudar os artistas do local, mas as cicatrizes permaneciam, tanto nos prédios quanto nos residentes.

E no monte de escombros cobertos de neve diante de mim. Quem tinha morado e trabalhado ali? Será que sobreviveram, ou foram assassinados no ataque?

Havia tantos lugares assim em Velaris. Eu os via em meu trabalho, enquanto entregava casacos de inverno e me encontrava com famílias em suas casas.

Expirei mais uma vez. Sabia que frequentemente me demorava mais que o normal nesses lugares. Sabia que deveria continuar, sorrindo como se nada me incomodasse, como se tudo estivesse bem. No entanto...

— Eles saíram a tempo — disse uma voz feminina atrás de mim.

Eu me virei, as botas deslizando nos paralelepípedos escorregadios. Ao esticar a mão para me equilibrar, agarrei a primeira coisa com que tive contato: um monte de rochas que tinha caído da casa destruída.

Mas foi a visão de quem estava atrás de mim, olhando para os escombros, que me fez abandonar qualquer vergonha.

Não tinha me esquecido dela nos meses que se seguiram ao ataque.

Não tinha me esquecido de tê-la avistado do lado de fora daquela loja, com um cano enferrujado erguido sobre um ombro em posição de ataque contra os soldados hybernianos reunidos, pronta para lutar pelo povo apavorado que estava do lado de dentro.

Um leve rubor rosa brilhou lindamente em sua pele verde pálida, seus cabelos pretos descendo além da altura do peito. Ela estava protegida do frio com um casaco marrom e uma echarpe rosa envolta no pescoço e na parte inferior do rosto, mas os longos e delicados dedos estavam sem luvas conforme ela cruzava os braços.

Feérica — e não de um tipo que eu via muito frequentemente. O rosto e o corpo me lembravam dos Grão-Feéricos, embora as orelhas fossem mais finas, mais longas que as minhas. Era mais magra, esguia, mesmo com o casaco pesado.

Encarei seus olhos, que eram de um ocre vibrante que fez com que eu me perguntasse que tintas precisaria misturar e usar para capturar a semelhança deles, e ofereci um pequeno sorriso.

— Fico feliz por saber.

Silêncio recaiu, interrompido pela cantoria alegre de algumas pessoas no fim da rua e pelo vento soprando do Sidra.

A feérica apenas inclinou a cabeça.

— Senhora.

Eu me atrapalhei em busca de palavras, uma resposta digna de Grã-Senhora, mas ainda assim acessível, e não encontrei nada. Nada mesmo.

— Está nevando — disparei.

Como se os véus de branco soprando pudessem ser outra coisa.

A feérica inclinou a cabeça de novo.

— Está. — Ela sorriu para o céu, e a neve ficou presa em seu cabelo preto como nanquim. — E é uma bela primeira neve.

Observei a ruína atrás de mim.

— Você... você conhece as pessoas que moravam aqui?

— Conheço. Estão morando na fazenda de um parente nas planícies agora. — Ela indicou com a mão o mar distante, a extensão plana de terra entre Velaris e o litoral.

— Ah — consegui dizer, e em seguida indiquei com o queixo a loja coberta pelas tábuas do outro lado da rua. — E quanto àquela?

A feérica observou o lugar indicado. Sua boca, pintada de um rosa-cereja, se contraiu.

— Não foi um final tão feliz, sinto dizer.

As palmas de minhas mãos ficaram suadas dentro das luvas de lã.

— Entendo.

Ela me encarou de novo, os cabelos sedosos esvoaçando em torno do rosto.

— Ela se chamava Polina. Essa galeria era dela. Há séculos.

Agora era uma casca escura, silenciosa.

— Sinto muito — falei, incerta do que mais oferecer.

As sobrancelhas finas e escuras da feérica se semicerraram.

— Por que deveria? — E então acrescentou: — Minha senhora.

Mordi o lábio. Discutir tais coisas com estranhos... Talvez não fosse uma boa ideia. Ignorei a pergunta.

— Ela tem família? — Eu esperava que tivessem sobrevivido, ao menos.

— Moram nas planícies também. A irmã, as sobrinhas e os sobrinhos. — A feérica mais uma vez estudou a fachada coberta com tábuas. — Está à venda agora.

Pisquei, entendendo a oferta implícita.

— Ah... ah, eu não estava perguntando por *esse* motivo. — Nem mesmo passara por minha cabeça.

— Por que não?

Uma pergunta sincera, simples. Talvez mais direta do que a maioria das pessoas, principalmente aqueles que não me conhecem, ousaria ser comigo.

— Eu... que utilidade eu teria para a galeria?

A feérica gesticulou para mim com a mão, um movimento sem esforço e gracioso.

— Há rumores de que você é uma bela artista. Consigo pensar em muitos usos para o espaço.

Virei o rosto, me odiando um pouco por isso.

— Não estou no mercado, na verdade.

A feérica deu de ombros.

— Bem, de qualquer forma, não precisa sair à espreita por aqui. Todas as portas estão abertas para você, sabe.

— Como Grã-Senhora? — ousei perguntar.

— Como uma de nós — respondeu ela, simplesmente.

As palavras se assentaram, estranhas, mas como um pedaço que eu não sabia que estava faltando. A oferta de uma mão que não percebi o quanto queria segurar.

— Sou Feyre — falei, tirando a luva e estendendo o braço.

A feérica apertou meus dedos; um aperto forte como aço, apesar da compleição esguia.

— Ressina. — Não era alguém afeita a sorrisos excessivos, mas ainda assim era cheia de um tipo de acolhimento prático.

Os sinos do meio-dia soaram em uma torre no limite do Arco-Íris, e o som logo ecoou pela cidade nas outras torres irmãs.

— Eu deveria ir — informei, soltando a mão de Ressina e recuando um passo. — Foi bom conhecer você. — Enfiei a luva de novo, meus dedos já doendo por causa do frio. Talvez eu devesse tirar um tempo nesse inverno para dominar meus dons do fogo mais precisamente. Aprender como aquecer roupas e pele sem me queimar seria muito útil.

Ressina apontou para um prédio no fim da rua, do outro lado do cruzamento pelo qual eu acabara de passar. O mesmo prédio que ela defendera, com as paredes pintadas na cor de framboesa, e as

portas e janelas de um turquesa forte, como a água em torno de Adriata.

— Sou uma das artistas que usa o espaço daquele estúdio ali. Se em algum momento quiser um guia, ou até mesmo uma companhia, estou ali na maioria dos dias. Moro em cima do estúdio. — Um gesto elegante na direção das minúsculas janelas redondas no segundo andar.

Levei a mão ao peito.

— Obrigada.

Mais uma vez, o silêncio tomou conta. Observei aquela loja, a porta diante da qual Ressina ficara de pé guardando o lar dela e de outros.

— Nós nos lembramos, sabe — comentou a feérica, baixinho, atraindo meu olhar para longe. Mas a atenção dela tinha recaído sobre os escombros atrás de nós, no estúdio fechado por tábuas, na rua, como se ela também pudesse ver através da neve o sangue que tinha corrido entre os paralelepípedos. — Lembramos que você veio em nosso socorro naquele dia.

Eu não sabia o que fazer com meu corpo, minhas mãos, então preferi ficar parada.

Ressina encontrou meu olhar por fim, com os olhos ocre brilhando.

— Nós ficamos afastados para lhe dar privacidade, mas não pense por um segundo que há um de nós que não saiba ou não se lembre, que não se sinta grato por você ter vindo até aqui e lutado por nós.

Ainda assim, não bastara. O prédio arruinado atrás de mim era prova disso. As pessoas tinham morrido de qualquer forma.

Ressina deu alguns passos demorados na direção do estúdio, então parou.

— Há um grupo que se reúne para pintar em meu estúdio. Uma noite por semana. Vamos nos encontrar em dois dias. Seria uma honra se você se juntasse a nós.

— O que eles pintam? — Minha pergunta saiu suave como a neve que caía além de nós.

Ressina deu um leve sorriso.

— As coisas que precisam ser contadas.

Mesmo com o fim de tarde descendo sobre Velaris, as pessoas lotavam as ruas, cheias de bolsas e caixas, algumas carregando enormes cestas de frutas de uma das muitas barracas que ocupavam cada Palácio.

Com o capuz forrado de pele me protegendo do frio, vasculhei as carroças de vendas e as vitrines das lojas no Palácio de Linhas e Joias, procurando estas últimas, em grande parte.

Algumas das áreas públicas permaneciam aquecidas, mas o suficiente de Velaris já tinha sido temporariamente exposto ao vento gélido, o que fazia com que eu desejasse ter escolhido um casaco mais pesado naquela manhã. Aprender a me aquecer sem conjurar chamas seria de fato útil. Se algum dia eu tivesse tempo de fazer isso.

Eu estava voltando para uma vitrine em uma das lojas de rua, construídas no primeiro andar de alguns prédios, quando um braço se entrelaçou ao meu.

— Amren amaria você para sempre se comprasse para ela uma safira desse tamanho — cantarolou Mor.

Gargalhei, puxando o capuz o suficiente para vê-la por completo. As bochechas de Mor estavam vermelhas devido ao frio, e os cabelos dourados trançados caíam na pele branca que forrava seu manto.

— Infelizmente, não acho que nossos cofres sentiriam o mesmo.

Ela deu um risinho.

— Você *sabe* que nós vivemos confortavelmente, não sabe? Poderia encher uma banheira dessas coisas — ela indicou com o queixo a safira do tamanho de um ovo na loja de joias — e mal faria diferença em nossas contas.

Eu sabia. Tinha visto as listas de bens. Ainda não conseguia apreender a imensidão da riqueza de Rhys. *Minha* riqueza. Não pareciam reais, aqueles números e cifras. Como se fosse dinheiro de mentira para criança brincar. Eu só comprava o que precisava.

Mas agora...

— Estou procurando alguma coisa para dar a ela pelo Solstício.

Mor avaliou a fileira de joias na vitrine, tanto brutas quanto lapidadas. Algumas brilhavam como estrelas caídas. Outras eram incandescentes, como se tivessem sido escavadas do coração em chamas da terra.

— Amren merece mesmo um presente decente este ano, não é?

Depois do que tinha feito durante a batalha final para destruir os exércitos de Hybern, a escolha de permanecer ali...

— Todos merecemos.

Mor me cutucou com o cotovelo, embora os olhos castanhos estivessem brilhando.

— E acha que Varian vai se juntar a nós?

Ri com escárnio.

— Quando perguntei ontem, ela desconversou.

— Acho que isso quer dizer que sim. Ou ele pelo menos visitará *Amren*.

Sorri ao pensar nisso e puxei Mor para a vitrine seguinte, encostando na lateral de seu corpo em busca de calor. Amren e o príncipe de Adriata não tinham oficialmente declarado nada, mas eu, às vezes, me lembrava daquilo também — do momento em que ela abandonara a pele imortal e Varian caíra de joelhos.

Uma criatura de chamas e enxofre, feita em outro mundo para distribuir o julgamento de um deus cruel, para ser sua carrasca sobre as massas de mortais indefesos. Quinze mil anos, ela ficara presa neste mundo.

E não tinha amado, não da forma que poderia mudar a história, mudar o destino... até surgir aquele príncipe de cabelos prateados de Adriata. Ou ao menos amado da forma como Amren era capaz de amar qualquer coisa.

Então, não, não havia nada declarado entre os dois. Mas eu sabia que ele a visitava secretamente aqui em Velaris. Em grande parte porque, em algumas manhãs, Amren entrava passeando pela casa da cidade sorrindo como um gato.

Mas pelo que ela estivera disposta a abrir mão para que nós pudéssemos ser salvos...

Mor e eu vimos a peça na vitrine ao mesmo tempo.

— Aquela — declarou ela.

Eu já estava seguindo para a porta de entrada, e um sino prateado soou alegremente quando entramos.

A dona da loja arregalou os olhos, mas permaneceu sorridente conforme apontamos para a peça. Ela rapidamente dispôs a joia sobre uma almofada de veludo preto e deu uma desculpa gentil de que pegaria algo nos fundos para nos dar privacidade enquanto examinávamos a peça diante do balcão de madeira polida.

— É perfeita — sussurrou Mor, vendo as pedras refratarem a luz e queimarem com o próprio fogo interior.

Passei um dedo pela moldura de prata fria.

— O que *você* quer de presente?

Mor deu de ombros. O pesado casaco marrom ressaltava o tom forte de terra de seus olhos.

— Tenho tudo de que preciso.

— Tente dizer isso a Rhys. Ele diz que o Solstício não é sobre ganhar presentes de que você *precisa*, mas aqueles que jamais compraria para si mesma. — Mor revirou os olhos. Embora eu estivesse disposta a fazer o mesmo, insisti: — Então, o que você *quer*?

Ela passou o dedo por uma pedra lapidada.

— Nada. Eu... não tem nada que eu queira.

Além das coisas que ela talvez não estivesse pronta para pedir nem para buscar.

— Você tem ido bastante ao Rita's ultimamente. Tem alguém que gostaria de convidar para o jantar de Solstício? — perguntei, tentando parecer casual, enquanto examinava a joia mais uma vez.

— Não. — Os olhos de Mor se semicerraram.

Era escolha dela quando e como informaria aos outros o que havia me contado durante a guerra. Quando e como contaria a Azriel, principalmente.

Meu único papel naquilo era ficar ao lado de Mor, dar apoio quando ela precisasse.

— O que *você* vai dar para os outros? — prossegui.

Ela fez uma careta.

— Depois de séculos de presentes, é uma dor de cabeça e tanto encontrar algo novo para todos eles. Tenho quase certeza de que Azriel tem uma gaveta cheia com todas as adagas que já comprei

para ele ao longo dos séculos e que é educado demais para jogar fora, mas jamais usará.

— Realmente acha que ele abriria mão de Reveladora da Verdade?

— Ele a deu para Elain — falou Mor, admirando um colar de pedra da lua na caixa de vidro do balcão.

— Ela a devolveu — corrigi, fracassando em bloquear a imagem da lâmina preta perfurando o pescoço do rei de Hybern. Mas Elain a *tinha* devolvido, colocado a arma nas mãos de Azriel depois da batalha, exatamente como ele a colocara nas mãos de minha irmã antes. E então dera as costas sem olhar para trás.

Mor murmurou consigo mesma. A joalheira voltou um momento depois, e eu assinei a compra com minha conta de crédito pessoal, tentando não me encolher diante da imensa soma em dinheiro que simplesmente havia desaparecido com o toque de uma caneta dourada.

— E por falar em guerreiros illyrianos — comecei, enquanto caminhávamos para a apinhada praça do Palácio e dávamos a volta em uma carroça pintada de vermelho que vendia canecas de chocolate quente derretido e fumegante —, que porcaria de presente eu *devo* comprar para os dois?

Não tive a coragem de perguntar o que eu deveria comprar para Rhys, porque apesar de adorar Mor, parecia *errado* pedir conselhos a outra pessoa sobre o que comprar para meu parceiro.

— Você *poderia* realmente comprar para Cassian uma nova faca e ele lhe daria um beijo por isso. Mas Az provavelmente preferiria não ganhar presente algum, apenas para evitar a atenção ao abri-lo.

Gargalhei.

— Verdade.

De braços dados, prosseguimos, os aromas de avelãs tostando, pinhas e chocolate substituindo o habitual cheiro de sal e verbena-limão que preenchia a cidade.

— Planeja visitar Viviane durante o Solstício?

Nos meses após a guerra, Mor permanecera em contato com a Senhora da Corte Invernal — em breve *Grã*-Senhora, talvez, se Viviane conseguisse fazer algo a respeito disso. Elas eram amigas havia séculos, até o reinado de Amarantha cortar o contato das

duas... Embora a guerra contra Hybern tivesse sido brutal, uma das coisas boas que viera dela fora a retomada da amizade entre Mor e Viviane. Rhys e Kallias tinham uma aliança ainda morna, mas parecia que o relacionamento de Mor com a parceira do Grão-Senhor da Corte Invernal seria a ponte entre nossas duas cortes.

Minha amiga deu um sorriso caloroso.

— Talvez um ou dois dias depois. A comemoração deles dura a semana inteira.

— Você já esteve lá nesse período?

Um aceno negativo de cabeça, os cabelos dourados reluzindo nas lâmpadas de luz feérica.

— Não, eles costumam manter as fronteiras fechadas, até mesmo para os amigos. Mas com Kallias agora no poder, e principalmente com Viviane ao seu lado, estão começando a se abrir mais.

— Posso só imaginar como são as comemorações por lá.

Os olhos de Mor brilharam.

— Viviane me contou sobre elas uma vez. Fazem a nossa parecer realmente chata. Dançar e beber e se banquetear e dar presentes. Fogueiras estrondosas feitas de troncos de árvores inteiros, caldeirões de vinho quente, a cantoria de mil trovadores fluindo pelo palácio, correspondida pelos sinos soando nos grandes trenós puxados por aqueles lindos ursos brancos. — Ela suspirou. Eu também, enquanto a imagem que Mor criara pairava no ar congelado entre nós.

Em Velaris, comemoraríamos a noite mais longa do ano. No território de Kallias, ao que parecia, eles comemorariam o próprio inverno.

O sorriso de Mor se desfez.

— Eu vim atrás de você por um motivo, sabe.

— Não só para fazer compras?

Ela me cutucou.

— Temos que partir para a Cidade Escavada esta noite.

— *Nós* como em todos nós? — Estremeci.

— Você, Rhys e eu, no mínimo.

Contive um resmungo.

— Por quê?

Mor parou diante de uma barraca, examinando as echarpes cuidadosamente dobradas em exibição.

— Tradição. Perto do Solstício, fazemos uma visitinha à Corte dos Pesadelos para desejar o bem a eles.

— Sério?

Mor fez uma careta, assentindo para o vendedor e prosseguindo.

— Como eu disse, tradição. Para cultivar a bondade. Ou o quanto temos dela. E depois da batalha deste verão, não faria mal.

Keir e seu exército Precursor da Escuridão tinham lutado, afinal de contas.

Abrimos caminho pelo centro densamente tumultuado do Palácio, passando por baixo de uma treliça de luzes feéricas que começavam a despertar e piscar acima. De um lugar quieto e dormente dentro de mim, o nome da pintura tremeluziu. *Gelo e Estrelas*.

— Então você e Rhys resolveram me contar meras horas antes de partirmos?

— Rhys passou o dia todo fora. *Eu* decidi que partiremos esta noite. Como não queremos estragar o nosso Solstício com a visita, agora é a melhor hora.

Havia muitos dias entre o agora e a véspera do Solstício para fazer aquilo. Mas o rosto de Mor permanecia cuidadosamente casual.

— Você preside a Cidade Escavada e lida com eles o tempo todo — insisti. Ela praticamente governava quando Rhys não estava lá. E lidava bastante com o pai horrível.

Mor sentiu a pergunta dentro de minha afirmativa.

— Eris estará lá esta noite. Az me contou durante a manhã.

Permaneci calada, esperando.

Os olhos castanhos de Mor escureceram.

— Quero ver por conta própria o quanto ele e meu pai se tornaram próximos.

Era um motivo bom o suficiente para mim.

CAPÍTULO

5

Feyre

Eu estava enroscada na cama, aquecida e sonolenta sob as camadas de cobertores e colchas, quando Rhys finalmente voltou para casa.

Senti seu poder me chamando muito antes de meu parceiro se aproximar da casa, uma melodia sombria pelo mundo.

Mor havia anunciado que não partiríamos para a Cidade Escavada até a próxima hora, mais ou menos — tempo o bastante para que eu desistisse de tocar a papelada na escrivaninha e pegasse um livro em vez disso. Mal consegui ler dez páginas antes de Rhys abrir a porta do quarto.

O couro illyriano reluzia com neve derretida, que brilhava também nos cabelos escuros e nas asas conforme ele silenciosamente fechava a porta.

— Bem onde deixei você.

Sorri, apoiando o livro ao meu lado. O objeto foi quase engolido pelo edredom de penas marfim.

— Não é para isso que sirvo?

Um sorriso malicioso repuxou um canto da boca de Rhys; ele começou a tirar as armas, então, as roupas. Mas apesar do humor que iluminava seus olhos, cada movimento era pesado e lento, como se ele lutasse contra a exaustão a cada fôlego.

— Talvez devêssemos dizer a Mor para que atrase a reunião na Corte dos Pesadelos. — Franzi a testa.

Rhys tirou o casaco, e o couro ressoou ao cair na cadeira da escrivaninha.

— Por quê? Se Eris estiver de fato lá, quero surpreendê-lo com uma visita particular.

— Você parece exausto, é por isso.

Ele colocou a mão de forma dramática sobre o coração.

— Sua preocupação me aquece mais do que qualquer fogueira de inverno, meu amor.

Revirei os olhos e me sentei.

— Você comeu, pelo menos?

Rhys deu de ombros, e a camisa escura se repuxou sobre o peitoral largo.

— Estou bem. — Seu olhar deslizou para minhas pernas expostas quando afastei as cobertas.

Calor floresceu em mim, mas protegi os pés com pantufas.

— Vou trazer comida para você.

— Não quero...

— Quando foi a última vez que comeu?

Um silêncio culpado.

— Foi o que pensei. — Cobri os ombros com um roupão com forro de lã. — Lave-se e troque de roupa. Partiremos em quarenta minutos. Volto logo.

Rhys fechou as asas, a luz feérica emoldurando a garra sobre cada uma delas.

— Não precisa...

— Eu quero e eu vou. — Com isso, saí pela porta e caminhei pelo corredor azul-celeste.

Cinco minutos depois, conforme entrei com a bandeja nas mãos, Rhys segurou a porta aberta para mim usando nada além dos calções.

— Considerando que trouxe toda a maldita cozinha — ponderou ele ao me ver seguir para a escrivaninha, ainda nem perto de estar vestida para nossa visita —, eu deveria ter simplesmente descido.

Mostrei a língua, mas me irritei ao buscar um espaço livre na escrivaninha lotada. Nenhum. Até mesmo a pequena mesa perto da

janela estava coberta de coisas. Todas coisas importantes, vitais. Tive que me contentar com a cama.

Rhys se sentou, fechando as asas atrás do corpo antes de esticar o braço para me puxar para seu colo, mas desviei de suas mãos e mantive uma distância considerável.

— Coma primeiro.

— E comerei você depois — replicou ele, sorrindo maliciosamente e devorando a comida em seguida.

A velocidade e a intensidade daquela comilança foram o suficientes para conter qualquer calor que se elevava dentro de mim diante das palavras.

— Você *sequer* comeu hoje?

Os olhos violeta se voltaram para mim quando ele terminou o pão e começou o rosbife frio.

— Comi uma maçã hoje de manhã.

— Rhys.

— Eu estava ocupado.

— *Rhys*.

Ele apoiou o garfo, e sua boca se contraiu em um sorriso.

— Feyre.

Cruzei os braços.

— Ninguém está ocupado demais para comer.

— Você está exagerando na preocupação.

— É meu trabalho exagerar. E além do mais, *você* exagera bastante. Com coisas muito mais banais.

— Seu ciclo *não é* banal.

— Eu estava com *um pouquinho* de dor...

— Você estava se debatendo na cama como se alguém estivesse arrancando suas vísceras.

— E *você* estava agindo como uma galinha superprotetora dos pintinhos.

— Não vi você gritando com Cassian, Mor ou Az quando *eles* mostraram preocupação.

— Eles não tentaram me dar comida na boca como uma inválida!

Rhys riu, terminando o jantar.

— Farei refeições regulares se você permitir que eu me transforme em uma galinha superprotetora duas vezes por ano.

Meu ciclo era tão diferente neste corpo. Foram-se os desconfortos mensais. Achei que fosse uma dádiva.

Até dois meses atrás. Quando o primeiro aconteceu.

No lugar das cólicas alguns dias por mês, havia uma semana bianual de *agonia* dilaceradora do ventre. Mesmo Madja, a curandeira preferida de Rhys, podia fazer pouco pela dor a não ser me deixar inconsciente. Houve um momento durante aquela semana em que realmente considerei a possibilidade, com a dor perfurando desde as costas e a barriga até as coxas, subindo para os braços, como riscos vivos de relâmpago pulsando dentro de mim. Meu ciclo jamais fora agradável quando eu era humana, e havia, de fato, dias em que eu não conseguia sair da cama. Parecia que ao ter sido Feita, a ampliação de meus atributos não parara na força e nas feições feéricas. Não mesmo.

Mor tinha pouco a me oferecer além de comiseração e chá de gengibre. Pelo menos eram apenas duas vezes por ano, consolara ela. Duas vezes eram vezes demais, era o que eu tinha conseguido resmungar de volta.

Rhys ficara comigo o tempo todo, acariciando meus cabelos, trocando os cobertores que eu encharcava de suor, até me ajudando a me limpar. Sangue é sangue, era tudo o que ele dizia quando eu protestava sobre ele me ver tirar a roupa íntima suja. Eu mal conseguia me mexer naquele momento sem choramingar, então as palavras não tinham sido totalmente absorvidas.

Junto com a implicação daquele sangue. Pelo menos a mistura contraceptiva que Rhys tomava estava funcionando. Mas conceber entre os feéricos era raro e difícil o suficiente para que eu às vezes me perguntasse se esperar até estar pronta para ter filhos não seria um tiro no pé.

Não tinha me esquecido da visão do Entalhador de Ossos, como ele aparecera para mim. E sabia que Rhys também não.

Mas ele não insistira, sequer pedira. Certa vez eu tinha dito a meu parceiro que queria viver com ele, experimentar a *vida* com ele, antes de termos filhos. Eu ainda queria isso. Havia tanto para fazer, e nossos dias eram ocupados demais para *pensar* em trazer um filho ao mundo. Embora fosse uma bênção imensurável, minha vida

era cheia o bastante, então eu suportaria a agonia bianual por enquanto. E ajudaria minhas irmãs com ela também.

Os ciclos de fertilidade feéricos eram algo sobre o qual eu jamais havia pensado, e explicá-los a Nestha e Elain fora desconfortável, para dizer o mínimo.

Nestha apenas me encarara daquela forma fria, sem piscar. Elain havia corado, murmurando algo sobre a impropriedade de tais coisas. Mas elas tinham sido Feitas havia quase seis meses. Estava vindo. Em breve. Se serem Feitas de alguma forma não tivesse interferido nisso.

Eu precisaria encontrar uma maneira de convencer Nestha a dar notícias quando o ciclo dela começasse. Ao inferno que permitiria que ela suportasse aquela dor sozinha. Eu não tinha certeza se ela *conseguiria* suportar aquela dor sozinha.

Elain, pelo menos, seria educada demais para mandar Lucien embora quando ele tentasse ajudar. Seria educada demais para mandá-lo embora em um dia normal. Apenas o ignorava ou mal falava com ele até que Lucien entendesse a mensagem e partisse. Até onde eu sabia, ele não tinha chegado perto de tocá-la desde aquela batalha final. Não, Elain cuidava dos jardins aqui, silenciosamente em luto pela vida humana perdida. Em luto por Graysen.

Como Lucien suportava aquilo, eu não sabia. Não que ele tivesse mostrado algum interesse em encurtar a distância entre os dois.

— Para onde você foi? — perguntou Rhys, entornando o vinho e afastando a bandeja.

Se eu quisesse falar, ele ouviria. Se eu não quisesse, ele deixaria de lado. Fora nosso acordo não dito desde o início — ouvir quando o outro precisasse e dar espaço quando fosse requerido. Rhys ainda estava lentamente trabalhando em me contar tudo que tinha sido feito com ele, tudo que ele testemunhara Sob a Montanha. Ainda havia noites em que eu beijava suas lágrimas para secá-las, uma a uma.

Esse assunto, no entanto, não era tão difícil discutir.

— Estava pensando em Elain — expliquei, me recostando na borda da escrivaninha. — E Lucien.

Rhys arqueou uma sobrancelha, e eu contei tudo.

Quando terminei, ele estava com uma expressão contemplativa.

— Lucien vai se juntar a nós para o Solstício?

— Seria ruim se ele fizesse isso?

Meu parceiro soltou um zumbido, e suas asas se fecharam mais. Eu não fazia ideia de como ele suportava o frio ao voar, mesmo com um escudo. Todas as vezes em que eu havia tentado nas últimas semanas, mal durava mais do que alguns minutos. A única vez em que realmente consegui fora na semana anterior, quando nosso voo da Casa do Vento se tornara muito mais quente.

— Consigo suportar estar perto dele — disse Rhys, por fim.

— Tenho certeza de que ele adoraria ouvir esse endosso animado.

Ele abriu um meio sorriso que me fez caminhar em sua direção, parando entre suas pernas. Rhys apoiou as mãos preguiçosamente em meu quadril.

— Consigo deixar de lado as provocações — afirmou ele, observando minha expressão. — E o fato de que ele ainda alimenta esperanças de um dia se reunir com Tamlin. Mas não consigo esquecer como ele tratou você depois de Sob a Montanha.

— Eu consigo. Já o perdoei por aquilo.

— Bem, então *me* perdoe por eu não conseguir. — Um ódio gélido escureceu as estrelas naqueles olhos violeta.

— Você ainda mal consegue falar com Nestha — comentei. — Mas fala com Elain direitinho.

— Elain é Elain.

— Se culpa uma, precisa culpar a outra.

— Não, não preciso. Elain é Elain — repetiu ele. — Nestha é... ela é illyriana. Digo isso como um elogio, mas é uma illyriana de coração. Então não há desculpa para o comportamento dela.

— Ela mais do que compensou por isso no verão, Rhys.

— Não posso perdoar alguém que fez você sofrer.

Palavras frias, brutais, ditas com tanta graciosidade casual.

Mas ele ainda não se importava com aqueles que *o* tinham feito sofrer. Passei a mão pelos arabescos e redemoinhos das tatuagens sobre o peito musculoso, traçando as linhas intricadas. Rhys estremeceu sob meus dedos, as asas tremeram.

— São minha família. Você precisa perdoar Nestha em algum momento.

Ele apoiou a testa em meu peito, bem entre os seios, e abraçou minha cintura. Por um longo minuto, apenas inspirou meu cheiro, como se o absorvesse bem no fundo dos pulmões.

— Esse deveria ser meu presente de Solstício para você? — murmurou meu parceiro. — Perdoar Nestha por deixar que a irmã de 14 anos entrasse naquele bosque?

Enganchei o dedo sob o queixo de Rhys e puxei a cabeça dele para cima.

— Não vai ganhar presente de Solstício nenhum de *mim* se continuar com essa baboseira.

Um sorriso malicioso.

— Porco — sibilei, fazendo menção de recuar, mas os braços dele me apertaram.

Ficamos em silêncio, apenas nos encarando. Então, pelo laço, Rhys falou: *Um pensamento pelos seus, Feyre querida?*

Sorri para o pedido, o antigo jogo entre nós. Mas o sorriso se desfez quando respondi: *Fui até o Arco-Íris hoje*.

É? Rhys roçou com o nariz a parte reta de minha barriga.

Passei as mãos por seus cabelos pretos, deliciando-me com as mechas sedosas contra meus calos. *Há uma artista, Ressina. Ela me convidou para pintar com ela e uns outros em duas noites*.

Ele recuou para observar meu rosto, então arqueou uma sobrancelha.

— Por que não parece animada com isso?

Indiquei nosso quarto, a casa da cidade, e exalei.

— Não pinto nada há um tempo.

Não desde que tínhamos voltado da batalha. Rhys permaneceu quieto, me deixando pensar e organizar o emaranhado de palavras dentro de mim.

— Parece egoísta — admiti. — Tomar esse tempo, quando há tanto a fazer e...

— Não é egoísta. — As mãos dele se apertaram em meu quadril. — Se quer pintar, então pinte, Feyre.

— As pessoas nesta cidade ainda não têm lares.

— E tomar algumas horas todo dia para pintar não vai mudar isso.

— Não é só isso. — Eu me inclinei para baixo até minha testa encostar na dele, e o cheiro de limão e mar de Rhys encheu meus pulmões, meu coração. — Há muitas delas... coisas que quero pintar. Que preciso pintar. Escolher uma... — Tomei um fôlego trêmulo e recuei. — Não tenho certeza de que estou pronta para ver o que surgirá quando eu pintar algumas delas.

— Ah. — Rhys traçou linhas tranquilizadoras e carinhosas por minhas costas. — Caso queria se juntar a eles em dois dias ou em dois meses, acho que deveria ir. Experimentar. — Ele observou o quarto, o tapete espesso, como se pudesse ver toda a casa da cidade por baixo. — Podemos transformar seu antigo quarto em um estúdio, se quiser...

— Não precisa — interrompi. — Ele... a luz não é ideal ali. — Diante das sobrancelhas erguidas de Rhys, admiti: — Eu verifiquei. O único cômodo que é bom para isso é a sala de estar, e prefiro não encher a casa com o fedor de tinta.

— Acho que ninguém se importaria.

— *Eu* me importaria. E gosto de privacidade, de toda forma. A última coisa que quero é Amren no meu encalço, criticando meu trabalho enquanto pinto.

Rhys deu um risinho.

— Podemos lidar com Amren.

— Não tenho certeza se você e eu estamos falando da mesma Amren, então.

Ele sorriu, me puxando para perto de novo, e murmurou contra minha barriga: — É seu aniversário no Solstício.

— E? — Estava tentando esquecer esse fato. E deixar que os outros esquecessem também.

O sorriso de Rhys se tornou discreto, felino.

— E isso significa que você ganha *dois* presentes.

Resmunguei.

— Eu jamais deveria ter contado a você.

— Você nasceu na noite mais longa do ano. — Os dedos dele mais uma vez acariciaram minhas costas. Mais baixo. — Era para você estar a meu lado desde o início.

Rhys traçou a linha de minhas costas com uma longa e preguiçosa carícia. Com nós dois próximos daquele jeito, ele conseguiu imediatamente sentir a mudança em meu cheiro quando meu núcleo se aqueceu.

Antes que as palavras me falhassem, consegui dizer pelo laço: *Sua vez. Um pensamento por outro.*

Meu parceiro deu um beijo em minha barriga, bem sobre o umbigo.

— Já contei sobre aquela primeira vez que você atravessou e me jogou na neve?

Bati em seu ombro. O músculo por baixo era duro como pedra.

— *Esse* é seu pensamento por outro?

Rhys sorriu contra minha barriga, os dedos ainda explorando tentadoramente.

— Você me derrubou como uma illyriana. Em perfeita forma, um golpe direto. Mas então ficou deitada sobre mim, ofegante. Tudo o que eu queria era fazer com que ficássemos pelados.

— Por que não estou surpresa? — Entrelacei os dedos nos cabelos de Rhys.

O tecido de meu penhoar mal passava de teias de aranha entre nós quando ele sussurrou uma risada em minha barriga. Eu não tinha me incomodado em vestir nada por baixo.

— Você me deixou louco. Todos aqueles meses. Ainda não acredito que mereço ter isto. Ter você.

Minha garganta se apertou. Era esse o pensamento que ele queria trocar, que precisava compartilhar.

— Eu queria você, mesmo Sob a Montanha — falei, baixinho. — Atribuí àquelas circunstâncias terríveis, mas depois de a matarmos, quando eu não podia dizer a ninguém como eu me sentia... sobre como as coisas eram realmente ruins, ainda assim contei a você. Sempre pude conversar com você. Acho que meu coração sabia que você era meu muito antes de eu perceber.

Os olhos violeta brilharam, e Rhys enterrou o rosto entre meus seios novamente, acariciando minhas costas.

— Amo você — sussurrou ele. — Mais do que a vida, mais do que meu território, mais do que minha coroa.

Eu sabia. Ele abrira mão da própria vida para refazer o Caldeirão, o tecido do mundo, para que eu sobrevivesse. Não tive coragem de ficar furiosa com ele por causa disso depois, ou nos meses desde então. Ele sobrevivera — essa era uma dádiva pela qual eu jamais deixaria de me sentir grata. E no fim, no entanto, tínhamos nos salvado. Todos nós tínhamos.

Beijei o alto da cabeça de Rhys.

— Amo você — sussurrei para seus cabelos preto-azulados.

As mãos de meu parceiro se fecharam atrás de minhas coxas, o único aviso antes de ele suavemente nos girar, me prendendo à cama enquanto roçava o nariz em meu pescoço.

— Uma semana — disse ele contra minha pele, graciosamente fechando as asas atrás do corpo. — Uma semana tomando você nesta cama. É tudo o que quero de Solstício.

Gargalhei sem fôlego, mas Rhys flexionou o quadril e investiu contra mim, as barreiras entre nós mal passando de retalhos de tecido. Ele roçou um beijo em minha boca, as asas como uma parede escura atrás dos ombros.

— Acha que estou brincando.

— Somos fortes para Grão-Feéricos — refleti, lutando para me concentrar enquanto ele puxava o lobo de minha orelha com os dentes —, mas uma semana inteira de sexo? Não acho que eu conseguiria andar. Ou que você conseguiria funcionar, pelo menos não com sua parte preferida.

Rhys mordiscou o delicado arco de minha orelha, e meus dedos dos pés se contraíram.

— Então você só vai ter que beijar minha parte preferida e fazer melhorar.

Deslizei a mão para aquela parte preferida — *minha* parte preferida — e a agarrei por cima do calção. Rhys gemeu, pressionando o corpo contra meu toque, e o penhoar sumiu, deixando apenas minha palma contra a rigidez aveludada.

— Precisamos nos vestir — consegui dizer, mesmo enquanto minha mão o acariciava.

— Depois — gemeu ele, sugando meu lábio inferior.

De fato. Rhys recuou, apoiando os braços tatuados ao lado de minha cabeça. Um estava coberto com as marcas illyrianas, o outro,

com a tatuagem gêmea àquela em meus braços: o último acordo que tínhamos feito. De permanecer juntos durante tudo o que nos esperava.

Meu núcleo pulsou, ecoando as batidas estrondosas de meu coração, a necessidade de tê-lo enterrado dentro de mim, de ter Rhys...

Como se debochando daquelas pulsações gêmeas dentro de mim, uma batida fez tremer a porta do quarto.

— Só para que vocês saibam — piou Mor do outro lado —, nós realmente *precisamos* sair em breve.

Rhys soltou um grunhido grave que saltitou por minha pele, os cabelos deslizando sobre a testa conforme ele virava a cabeça na direção da porta. Nada além de intenção predatória nos olhos brilhantes.

— Temos trinta minutos — argumentou Rhys, com uma suavidade notável.

— E você leva duas horas para se vestir — brincou Mor do outro lado da porta. Uma pausa maliciosa. — E não estou falando de Feyre.

Meu parceiro soltou uma gargalhada roncada e apoiou a testa contra a minha. Fechei os olhos, inspirando-o, mesmo enquanto meus dedos se abriam em torno dele.

— Isto não acabou — prometeu Rhys a mim, com a voz áspera, antes de beijar a depressão em meu pescoço e se afastar. — Vá aterrorizar outra pessoa — gritou ele para Mor, girando o pescoço conforme as asas sumiram e ele saiu batendo os pés para o banheiro. — Preciso me embelezar.

Mor riu, e seus passos leves logo se foram.

Desabei contra os travesseiros e respirei profundamente, acalmando a necessidade que pulsava por mim. Água gorgolejou no banheiro, seguida por um grito baixo.

Eu não era a única que precisava esfriar, ao que parecia.

Quando entrei no banheiro alguns minutos depois, Rhys ainda estava se encolhendo enquanto se lavava na banheira.

Um mergulhar de meus dedos na água cheia de sabão confirmou minhas suspeitas: estava fria como gelo.

CAPÍTULO

6

Morrigan

Não havia luz naquele lugar...

Jamais houvera.

Mesmo as guirlandas de sempre-verdes, os festões de azevinho e as fogueiras crepitantes de abeto em honra do Solstício não conseguiam perfurar a eterna escuridão que morava na Cidade Escavada.

Não era o tipo de escuridão que Mor passara a amar em Velaris, o tipo de escuridão que era tanto parte de Rhys quanto o sangue do Grão-Feérico.

Era a escuridão de coisas pútridas, de podridão. A escuridão sufocante que fazia definhar qualquer vida.

E o macho de cabelos dourados de pé diante dela no salão do trono, entre as pilastras altas entalhadas com aquelas bestas escamosas e rastejantes, ele fora criado dela. Prosperava nela.

— Peço desculpas caso tenhamos interrompido suas festividades — ronronou Rhysand para ele. Para Keir. E para o macho ao seu lado.

Eris.

O salão do trono estava vazio naquele momento. Uma palavra de Feyre e a laia habitual que banqueteava, e dançava e tramava ali se fora, deixando apenas Keir e o filho mais velho do Grão-Senhor da Outonal.

Keir falou primeiro, arrumando as lapelas do casaco preto.

— A que devemos esse prazer?

O tom de escárnio. Mor ainda conseguia ouvir os insultos sibilados sob ele, sussurrados havia muito tempo na suíte particular de sua família, sussurrados em todas as reuniões e encontros quando seu primo não estava presente. *Monstruosidade mestiça. Uma desgraça para a linhagem*.

— Grão-Senhor.

As palavras saíram de dentro dela sem que pensasse. E aquela voz, a voz que usava ali... Não era dela. Jamais dela, jamais ali embaixo, com eles, na escuridão. Mor manteve a voz igualmente fria e impiedosa ao corrigir:

— A que devemos esse prazer, *Grão-Senhor*.

Ela não se incomodou em evitar que seus dentes aparecessem.

Keir a ignorou.

Seu método preferido de insulto: agir como se a pessoa não valesse o fôlego que seria preciso para falar com ela.

Tente algo diferente, seu canalha miserável.

Rhys interrompeu antes que Mor pudesse dizer exatamente isso, o poder sombrio do Grão-Feérico preenchendo o salão e a montanha.

— Viemos, é claro, para desejar um bom Solstício para você e para os seus. Mas parece que você já tinha um convidado para entreter.

A informação de Az fora impecável, como sempre. Quando ele a encontrara lendo sobre os costumes da Corte Invernal na biblioteca da Casa do Vento naquela manhã, Mor não perguntara *como* ele descobrira que Eris viria naquela noite. Tinha aprendido, havia tempos, que Az muito provavelmente não contaria.

Mas o macho da Corte Outonal de pé ao lado de Keir... Mor se obrigou a olhar para Eris. Para seus olhos cor de âmbar.

Mais frios do que qualquer sala da corte de Kallias. Eram assim desde o momento em que Mor o conhecera, cinco séculos atrás.

Eris apoiou a mão pálida no peitoral da jaqueta cor de estanho, o retrato do galanteio da Corte Outonal.

— Achei que poderia dar meus próprios cumprimentos de Solstício.

Aquela voz. Aquela voz sedosa e arrogante. Também não tinha se alterado, não em tom ou timbre, nos séculos que se passaram. Não mudara desde aquele dia.

Luz do sol morna e amanteigada entre as folhas, fazendo com que brilhassem como rubis e citrinos. O cheiro úmido e terroso de coisas em putrefação sob as folhas e raízes sobre as quais ela estava deitada. Sobre as quais fora jogada e deixada.

Tudo doía. Tudo. Ela não conseguia se mover. Não conseguia fazer nada além de observar o sol passar pelo exuberante dossel acima, ouvir o vento entre os troncos prateados.

E o centro daquela dor, irradiando para fora como fogo vivo a cada fôlego irregular, rouco...

Passos leves e firmes esmagaram as folhas. Seis conjuntos. Uma guarda da fronteira, uma patrulha.

Ajuda. Alguém para ajudar*...*

Uma voz masculina, estrangeira e grave, xingou. Então se calou.

A voz se calou quando um único par de passos se aproximou. Ela não conseguia virar a cabeça, não suportava a dor. Não conseguia fazer nada a não ser inalar cada fôlego úmido e trêmulo.

— Não toque nela.

Aqueles passos pararam.

Não era um aviso para protegê-la. Defendê-la.

Ela conhecia a voz que falava. Temera ouvi-la de novo.

Ela o sentiu se aproximar. Sentiu cada reverberação nas folhas, o musgo, as raízes. Como se a própria terra tremesse diante dele.

— Ninguém toca nela — informou ele. Eris. — Assim que tocarmos, será nossa responsabilidade.

Palavras frias, insensíveis.

— Mas... mas eles pregaram *um...*

— Ninguém toca nela.

Pregaram.

Tinham enfiado pregos nela.

Tinham-na segurado enquanto ela gritava, segurado enquanto ela rugia para eles, então implorava. Depois pegaram aqueles longos e cruéis pregos de ferro. E o martelo.

Três deles.

Três batidas do martelo, abafadas pelos gritos, pela dor.

Ela começou a tremer, odiando aquilo tanto quanto tinha odiado as súplicas. Seu corpo urrava de dor, aqueles pregos no abdômen eram impiedosos.

Um rosto pálido e belo surgiu acima dela, bloqueando as folhas semelhantes a joias no alto. Imóvel. Impassível.

— Suponho que não queira viver aqui, Morrigan.

Ela preferiria morrer ali, sangrar ali. Preferiria morrer e voltar — voltar como algo maligno e cruel e dilacerar todos eles.

Ele devia ter lido aquilo nos olhos dela. Um leve sorriso curvou os lábios do macho.

— Foi o que pensei.

Eris se esticou, virando-se. Os dedos de Mor se fecharam nas folhas e no solo lamacento.

Ela desejou poder crescer garras — como Rhys fazia — e rasgar aquele pescoço pálido. Mas esse não era o seu dom. O dom de Mor... o dom dela a deixara ali. Destruída e sangrando.

Eris deu um passo para longe.

— Não podemos simplesmente a deixar aí para... — disparou uma voz mais distante.

— Podemos e deixaremos — interrompeu ele, diretamente, com passos determinados conforme se afastava. — Ela escolheu se macular; a família dela escolheu tratá-la como lixo. Já disse a eles qual é minha decisão nesse assunto. — Uma longa pausa, mais cruel do que as demais. — E não tenho o hábito de trepar com sobras illyrianas.

Ela não conseguiu impedi-las então. As lágrimas que escorreram, quentes e ardidas.

Sozinha. Eles a deixariam sozinha ali. Os amigos dela não sabiam para onde tinha ido. Mor mal sabia onde estava.

— Mas... — Aquela voz dissidente interrompeu de novo.

— Saia.

Não houve protesto depois disso.

E quando os passos se afastaram e sumiram, o silêncio retornou.

O sol e o vento e as folhas.

O sangue e o ferro e o solo sob suas unhas.

A dor.

Um leve cutucão da mão de Feyre contra a dela chamou sua atenção, afastando-a daquela clareira sangrenta, logo além da fronteira da Corte Outonal.

Mor deu à Grã-Senhora um olhar de gratidão, o qual Feyre sabiamente ignorou, já voltando a atenção para a conversa. Sem jamais ter perdido a concentração, na verdade.

Feyre entrara no papel de senhora daquela cidade horrível com muito mais facilidade do que ela. Usando um vestido ônix reluzente, o diadema de lua crescente na cabeça, sua amiga parecia a perfeita governante imperiosa. Tanto parte daquele lugar quanto as bestas serpentinas entrelaçadas, que estavam entalhadas e embutidas por toda parte. O que Keir, talvez, um dia tivesse imaginado para a própria Mor.

Não o vestido vermelho que a filha usava, alegre e ousado, ou as joias douradas nos pulsos e nas orelhas, brilhando como luz do sol naquela escuridão.

— Se quisesse que esse pequeno encontro permanecesse privado — dizia Rhys, com uma calma letal —, talvez uma reunião pública não fosse o lugar mais sábio para isso.

De fato.

O administrador da Cidade Escavada acenou com a mão.

— Por que teríamos algo a esconder? Depois da guerra, somos todos tão bons amigos.

Mor costumava sonhar que o estripava. Às vezes com uma faca; às vezes com as próprias mãos.

— E como anda a corte de seu pai, Eris? — Uma pergunta indiferente e entediada de Feyre.

Os olhos âmbar do Grão-Feérico não estamparam nada além de desgosto.

Um rugido encheu a cabeça de Mor diante daquele olhar. Ela mal conseguiu ouvir a resposta arrastada. Ou a réplica de Rhys.

Já fora um prazer para Mor provocar Keir e aquela corte, colocá-los em seu devido lugar. Pelo inferno, ela até mesmo quebrara alguns dos ossos do administrador na primavera — depois de Rhys ter destruído os braços dele até se tornarem inúteis. E ficara feliz em fazê-lo depois do que Keir dissera a Feyre, e então ficara encantada ao ser banida por sua mãe de sua ala particular. Uma ordem que

ainda era mantida. Mas desde o momento em que Eris havia entrado naquela câmara do conselho tantos meses atrás...

Você tem mais de 500 anos, lembrava-se ela frequentemente. Deveria conseguir enfrentar e suportar isso de um modo melhor.

Não tenho o hábito de trepar com sobras illyrianas.

Mesmo agora, mesmo depois de Azriel tê-la encontrado naquele bosque, depois de Madja tê-la curado até que nenhum vestígio dos pregos maculasse sua barriga... Ela jamais deveria ter ido até lá naquela noite.

A pele de Mor se repuxou, o estômago grunhiu. *Covarde.*

Tinha enfrentado inimigos, lutado em muitas guerras, e no entanto, aquilo, aqueles dois machos juntos...

Mor sentiu, mais do que viu, Feyre se enrijecer ao seu lado depois de algo que Eris dissera.

— Seu pai está proibido de cruzar para as terras humanas — respondeu a Grã-Senhora ao macho. Nenhum espaço para concessões com aquele tom de voz, com a severidade dos olhos de Feyre.

Eris apenas deu de ombros.

— Não acho que seja decisão sua.

Rhys colocou as mãos nos bolsos, o retrato da graciosidade casual. Mas as sombras e a escuridão salpicada de estrelas que emanava dele, que fazia com que a montanha tremesse a cada passo que dava — era essa a verdadeira face do Grão-Senhor da Corte Noturna. O mais poderoso Grão-Senhor na história.

— Eu sugeriria lembrar a Beron que expansão territorial não está em jogo. Para nenhuma corte.

Eris não se abalou. Nada jamais o perturbava, o inquietava. Mor odiara isso desde o momento em que o tinha conhecido — aquela distância, aquela frieza. Aquela falta de interesse ou de sentimentos pelo mundo.

— Então eu sugeriria a você, Grão-Senhor, que falasse com seu caro amigo Tamlin a respeito disso.

— Por quê? — A pergunta de Feyre saiu afiada como uma lâmina.

A boca de Eris se curvou em um sorriso viperino.

— Porque o território de Tamlin é o único que ladeia as terras humanas. Creio que qualquer um interessado em expandir precisaria passar primeiro pela Corte Primaveril. Ou pelo menos obter permissão do Grão-Senhor para isso.

Outra pessoa que ela um dia mataria. Se Feyre e Rhys não fizessem isso antes.

Não importava o que Tamlin tinha feito na guerra, se trouxera Beron e as forças humanas consigo. Se tinha enganado Hybern.

Era outro dia, outra fêmea caída no chão, e Mor não esqueceria, não podia perdoar.

O rosto frio de Rhys se tornou reflexivo, no entanto. Ela podia ler facilmente a relutância nos olhos do Grão-Senhor, a irritação por ter sido informado por Eris... Mas informação era informação.

Mor olhou na direção de Keir e viu que ele a observava.

Exceto pela ordem inicial para o administrador, ela não tinha dito uma palavra. Não contribuíra para a reunião. Não se pronunciara.

Ela conseguia ver isso nos olhos de Keir. A satisfação.

Diga algo. Pense em algo para dizer. Para dilacerá-lo até que vire nada.

Mas Rhys decidiu que tinham terminado. Ele entrelaçou o braço ao de Feyre e os guiou para fora, a montanha de fato tremendo sob seus passos. O que tinha dito a Eris, Mor não fazia ideia.

Patética. Covarde e patética.

A verdade é seu dom. A verdade é sua maldição.

Diga algo.

Mas as palavras para castigar seu pai não vieram.

Com o vestido vermelho esvoaçando atrás do corpo, Mor deu as costas para o administrador da Cidade Escavada, para o herdeiro da Outonal e seu sorriso de escárnio, e seguiu o Grão-Senhor e a Grã-Senhora pela escuridão, então de volta à luz.

CAPÍTULO

7

Rhysand

— Você sabe mesmo dar presentes de Solstício, Az.

Virei de costas para a parede de janelas no escritório particular na Casa do Vento; Velaris estava banhada nos tons do início da manhã.

Meu mestre espião e irmão permanecia do outro lado da extensa mesa de carvalho, com os mapas e documentos que ele apresentara espalhados sobre ela. A expressão em seu rosto poderia muito bem ser de pedra. Estava daquela forma desde que Azriel batera às portas duplas do escritório logo depois do alvorecer. Como se soubesse que a noite anterior havia sido inútil para mim depois do aviso nada sutil de Eris a respeito de Tamlin e suas fronteiras.

Feyre não tocou no assunto durante a volta para casa. Não parecera pronta para discutir sobre como lidar com o Grão-Senhor da Primaveril. Ela caíra no sono rapidamente, me deixando ensimesmado diante da fogueira na sala de estar.

Não era surpreendente que eu tivesse voado até ali antes do nascer do sol, ansioso para que o frio cortante afugentasse o peso da noite em claro de cima de mim. Minhas asas ainda estavam dormentes em alguns pontos devido ao voo.

— Você queria informação — disse Az, fracamente. Ao lado do illyriano, o cabo de obsidiana de Reveladora da Verdade parecia

absorver os primeiros raios do sol.

Revirei os olhos, recostando contra a mesa e indicando o que ele compilara.

— Não poderia ter esperado até depois do Solstício para essa gema em particular? — Um olhar para o rosto ilegível de Azriel e acrescentei: — Não se incomode em responder.

Um canto da boca de meu irmão se repuxou, e as sombras ao seu redor deslizaram sobre o pescoço como tatuagens vivas, gêmeas àquelas illyrianas marcadas sob as vestes de couro.

Sombras diferentes de qualquer coisa que meus poderes pudessem conjurar, ou com que falassem. Nascidas em uma prisão sem luz e sem ar, destinada a destruí-lo.

Em vez disso, Azriel aprendera a língua delas.

Embora os Sifões cobalto fossem prova de que a ascendência illyriana do encantador de sombras era verdadeira, mesmo o vasto saber daquele povo guerreiro, *meu* povo guerreiro, não tinha uma explicação para a origem dos dons de Azriel. Eles certamente não estavam conectados aos Sifões, ao poder assassino puro que a maioria dos illyrianos possuía e canalizava pelas pedras para evitar destruir tudo no caminho. Inclusive seu portador.

Desviando os olhos das pedras sobre as mãos de Azriel, franzi a testa para a pilha de papéis que ele apresentara momentos antes.

— Já contou a Cassian?

— Vim direto para cá — respondeu Azriel. — Ele vai chegar logo, de toda forma.

Mordi o lábio enquanto estudava o mapa territorial de Illyria.

— São mais clãs do que eu esperava — admiti, e disparei um monte de sombras ágeis pelo cômodo para acalmar o poder que tinha começado a se agitar, inquieto, em minhas veias. — Mesmo em meus cálculos mais catastróficos.

— Não são todos os membros desses clãs — falou Az, cuja expressão sombria minou a tentativa de suavizar o golpe. — Esse número geral apenas reflete os lugares em que o descontentamento está se espalhando, não onde as maiorias estão. — Ele apontou com o dedo cheio de cicatrizes para um dos acampamentos. — Há apenas duas fêmeas aqui que parecem cuspir veneno sobre a guerra. Uma é viúva e a outra é mãe de um soldado.

— Onde há fumaça, há fogo — repliquei.

Azriel estudou o mapa por um longo minuto. Dei a ele o silêncio, sabendo que meu irmão só falaria no momento em que estivesse completamente pronto. Quando éramos meninos, Cassian e eu tínhamos dedicado horas a socar Az, tentando fazer com que ele falasse. O encantador de sombras jamais cedera uma só vez.

— Os illyrianos são uns merdas — afirmou Azriel, baixo demais.

Abri a boca, então a fechei.

Sombras se reuniram em volta das asas de Az, seguindo para o espesso tapete vermelho.

— Eles treinam e treinam como guerreiros, mas quando não voltam para casa, as famílias *nos* tornam vilões por tê-los mandado para a guerra?

— As famílias perderam algo insubstituível — respondi, com cautela.

Azriel acenou com a mão cheia de cicatrizes, e o Sifão cobalto reluziu com o movimento quando seus dedos cortaram o ar.

— São hipócritas.

— E o que você gostaria que eu fizesse? Dispensasse o maior exército de Prythian?

Az não respondeu.

Eu o encarei, no entanto. Encarei aquela expressão fria como gelo que ainda me matava de medo às vezes. Eu tinha visto o que ele fizera com seus meios-irmãos séculos atrás. Ainda sonhava com aquilo. O ato em si não era o que permanecia. Cada parte fora merecida. Cada maldita parte.

Mas era o precipício congelado para o qual Az mergulhara que às vezes emergia das profundezas de minha memória.

O início daquela geada se estilhaçava sobre os olhos do guerreiro agora.

— Não vou dispensar os illyrianos. Não há lugar para eles irem, de toda forma. E se tentarmos tirá-los daquelas montanhas, podem justamente iniciar o ataque que estamos tentando desencorajar — falei, calmamente, sem deixar espaço para argumentação.

Az não respondeu nada.

— Mas talvez mais urgente — prossegui, apontando para o extenso continente — seja o fato de que as rainhas humanas não

voltaram aos próprios territórios. Elas permanecem naquele palácio conjunto. Além disso, a população geral de Hybern não está muito feliz por ter perdido essa guerra. E sem muralha, quem sabe que outros territórios feéricos podem tentar tomar as terras humanas? — Minha mandíbula se contraiu com a última parte. — Essa paz é tênue.

— Eu sei disso — respondeu Azriel, por fim.

— Então podemos precisar dos illyrianos de novo antes que isso acabe. Podemos precisar que estejam dispostos a derramar sangue.

Feyre sabia. Eu a estava inteirando de cada relatório e reunião. Mas esta última...

— Ficaremos de olho nos opositores — concluí, deixando que Az sentisse um ronco do poder que espreitava dentro de mim, que *sentisse* que tinha sido sincero com cada palavra. — Cassian sabe que eles estão crescendo entre os acampamentos e está disposto a fazer o que for preciso para consertar isso.

— Ele não sabe quantos são exatamente.

— E talvez devêssemos esperar para contar a ele. Até depois do feriado. — Az piscou. Expliquei rapidamente: — Ele vai ter o suficiente com o que lidar. Deixe que aproveite o feriado enquanto puder.

Azriel e eu fazíamos questão de não mencionar Nestha. Não um com o outro e certamente não na frente de Cassian. Não me permitia contemplar aquilo também. Nem Mor, considerando seu silêncio incomum sobre o assunto desde o fim da guerra.

— Ele vai ficar transtornado com a gente por escondermos isso.

— Cassian já suspeita de grande parte, então é apenas uma confirmação a esta altura.

Az passou o polegar pelo cabo preto de Reveladora da Verdade, as runas prateadas do estojo escuro reluzindo à luz.

— E quanto às rainhas humanas?

— Continuamos observando. *Você* continua observando.

— Vassa e Jurian ainda estão com Graysen. Devemos inteirá-los da questão?

Uma reunião estranha nas terras humanas. Sem que nenhuma rainha jamais fosse nomeada para o fiapo de território na base de

Prythian, apenas um conselho de senhores e mercadores abastados, Jurian tinha assumido a liderança de alguma forma. Usando a propriedade da família de Graysen como seu assento de comando.

E Vassa... Ela permanecera. Seu *guardião* lhe concedera um descanso da maldição — do encantamento que a transformava em pássaro de fogo de dia e mulher de novo à noite. E a amarrava ao lago no interior do continente.

Eu jamais vira tal feitiço funcionar. Eu tinha lançado meu poder sobre ela, assim como Helion, buscando qualquer possível fio para desatá-lo. Não encontrei nada. Era como se a maldição estivesse tecida no próprio sangue de Vassa.

Mas sua liberdade acabaria. Lucien dissera isso meses antes, e ainda a visitava com frequência o bastante para que eu soubesse que nada tinha mudado nesse sentido. Ela precisaria voltar ao lago, ao senhor-feiticeiro que a mantinha prisioneira, vendida a ele pelas mesmas rainhas que tinham mais uma vez se reunido em seu castelo compartilhado. Aquele que costumava ser de Vassa também.

— Vassa sabe que as rainhas do reino serão uma ameaça até que lidemos com elas — comentei, por fim. Outro fragmento que Lucien nos contara. Bem, contara para mim e Az, ao menos. — Mas a não ser que as rainhas saiam da linha, não cabe a nós enfrentá-las. Se entrarmos em cena, mesmo que para impedi-las de iniciar outra guerra, seremos vistos como conquistadores, não heróis. Precisamos que os humanos de outros territórios confiem em nós se algum dia quisermos alcançar uma paz duradoura.

— Então talvez Jurian e Vassa devessem lidar com eles. Enquanto Vassa está livre para fazer isso.

Eu havia contemplado essa possibilidade. Feyre e eu tínhamos discutido isso noite adentro. Várias vezes.

— Os humanos devem receber uma chance de governar a si mesmos. De decidir por si mesmos. Até nossos aliados.

— Mande Lucien, então. Como nosso emissário humano.

Estudei a tensão nos ombros de Azriel, as sombras protegendo metade de seu corpo da luz do sol.

— Lucien está fora no momento.

Az ergueu as sobrancelhas.

— Onde?

Pisquei os olhos para ele.

— Você é meu mestre espião. Não deveria saber?

O encantador de sombras cruzou os braços, o rosto tão elegante e frio quanto a lendária adaga ao lado do corpo.

— Não faço questão de rastrear os movimentos dele.

— Por quê?

Nenhum lampejo de emoção.

— Ele é parceiro de Elain.

Esperei.

— Seria uma invasão da privacidade dela rastreá-lo.

Saber quando e se Lucien a procurava. O que eles faziam juntos.

— Tem certeza disso? — perguntei, baixinho.

Os Sifões de Azriel tremeluziram, as pedras se tornaram tão escuras e agourentas quanto o mais profundo mar.

— Para onde Lucien foi?

Enrijeci o corpo diante da pura ordem nas palavras.

— Corte Primaveril. Ficará lá para o Solstício — respondi, com a voz mais lenta.

— Tamlin o expulsou da última vez.

— Expulsou. Mas o convidou para o feriado. — Provavelmente porque o Grão-Senhor da Primaveril percebera que passaria a data sozinho naquela mansão. Ou o que quer que tivesse restado dela.

Eu não sentia pena alguma.

Não quando ainda conseguia sentir o terror absoluto de Feyre ao ver Tamlin destruir o escritório. Ao ser trancada naquela casa.

E Lucien deixara que ele fizesse aquilo. Mas eu o havia perdoado. Ou tentado, pelo menos.

Com Tamlin, era mais complicado do que isso. Mais complicado do que eu me permitia remoer em geral.

Ele ainda amava Feyre. Não podia culpá-lo por isso. Mesmo que me fizesse querer rasgar a garganta do Grão-Senhor da Primaveril.

Afastei o pensamento.

— Discutirei Vassa e Jurian com Lucien quando ele voltar. Verei se está disposto a mais uma visita. — Inclinei a cabeça. — Acha que ele consegue suportar ficar perto de Graysen?

O rosto inexpressivo de Az era precisamente o motivo pelo qual ele jamais perdia no carteado.

— Por que eu deveria saber disso?

— Quer me dizer que *não estava* blefando quando disse que não rastreava todos os movimentos de Lucien?

Nada. Absolutamente nada naquele rosto, naquele cheiro. As sombras, o que quer que fossem, escondiam bem demais. Muito bem. Azriel apenas respondeu, friamente: — Se Lucien matar Graysen, então já foi tarde.

Eu estava disposto a concordar. E Feyre também — e Nestha.

— Estou quase tentado a dar a Nestha direito de caça no Solstício.

— Vai dar um presente a ela?

Não. Talvez.

— Achei que bancar o apartamento e a bebedeira já fosse presente o bastante.

Az passou a mão pelos cabelos pretos.

— Devemos... — Incomum que ele se atrapalhasse com as palavras. — Devemos dar presentes às irmãs?

— Não — respondi, sendo sincero. Az pareceu soltar um suspiro de alívio. Pareceu, pois foi apenas um sopro de ar que passou por seus lábios. — Não acho que Nestha dê a mínima e não creio que Elain espere receber nada de nós. Eu deixaria que as irmãs trocassem presentes entre elas.

Ele assentiu, distante.

Tamborilei sobre o mapa, bem na Corte Primaveril.

— Eu mesmo posso contar a Lucien em um ou dois dias. Sobre a visita à mansão de Graysen.

Azriel arqueou uma sobrancelha.

— Então pretende visitar a Corte Primaveril?

Eu queria poder dizer que não. Mas, em vez disso, contei a ele o que Eris dera a entender: que Tamlin ou não se importava em impor as fronteiras com o mundo humano, ou estava aberto a deixar qualquer um atravessá-las. Duvidava que eu teria uma noite decente de sono até descobrir a verdade.

Quando terminei, Az limpou um grão de poeira invisível nas escamas de couro da manopla. O único sinal de irritação.

— Posso ir com você.

Balancei a cabeça.

— É melhor eu fazer isso sozinho.

— Está falando de ver Lucien ou Tamlin?

— Ambos.

Lucien eu suportava. Tamlin... Talvez eu não quisesse testemunhas para o que poderia ser dito. Ou feito.

— Vai pedir a Feyre que vá junto? — Um olhar para os olhos avelã de Azriel foi o suficiente para que eu soubesse que ele estava bastante ciente de meus motivos para ir sozinho.

— Pedirei em algumas horas — falei —, mas duvido que ela queira ir. E duvido que eu tente o possível para convencê-la a mudar de ideia.

Paz. Tínhamos a paz a nosso alcance. E, mesmo assim, ainda havia dívidas das quais eu não me livraria tão cedo.

Az assentiu compreensivamente. Ele sempre tinha me entendido melhor — mais do que os outros. Exceto por minha parceira. Se eram seus dons que permitiam que o fizesse, ou apenas o fato de que ele e eu éramos mais semelhantes do que a maioria se dava conta, eu jamais descobri.

Mas Azriel sabia uma coisa ou outra sobre antigos acertos de contas. Desequilíbrios a serem corrigidos.

Assim como a maior parte de meu círculo íntimo, eu supunha.

— Nada sobre Bryaxis, imagino. — Olhei na direção do chão de mármore, como se pudesse ver através da montanha a biblioteca no subterrâneo, com seus andares inferiores, que foram um dia ocupados, já vazios.

Az também estudou o chão.

— Nenhum sussurro. Ou mesmo grito, na verdade.

Ri. Meu irmão tinha um senso de humor malicioso e cruel. Eu planejava caçar Bryaxis havia meses — levar Feyre e deixar que ela rastreasse a entidade que, por falta de explicação melhor, parecia ser o próprio medo. Mas, como tantos de meus planos para minha parceira, governar aquela corte e entender o mundo além dela tinham se colocado no caminho.

— Quer que eu cace a criatura? — Uma pergunta simples, calma.

Gesticulei, e meu anel de parceria refletiu a luz da manhã. O fato de ainda não ter ouvido Feyre pelo laço me dizia o bastante: ela ainda dormia. E por mais que fosse tentador acordá-la apenas para ouvir o som de sua voz, eu tinha pouco desejo de ter meus colhões pregados à parede por interromper seu sono.

— Deixe Bryaxis aproveitar o Solstício também — respondi.

Um raro sorriso curvou a boca de Az.

— Que generoso de sua parte.

Inclinei a cabeça dramaticamente, o retrato da magnanimidade real, então me sentei na cadeira antes de apoiar os pés na mesa.

— Quando parte para Rosehall?

— Na manhã depois do Solstício — informou ele, virando para a reluzente extensão de Velaris. Az se encolheu... de leve. — Ainda preciso fazer umas compras antes de ir.

Ofereci um sorriso torto a meu irmão.

— Compre para ela por mim, está bem? E coloque em minha conta desta vez.

Eu sabia que Az não faria isso, mas ele assentiu mesmo assim.

CAPÍTULO

8

Cassian

Uma tempestade se aproximava.

Bem a tempo do Solstício. Chegaria em um ou dois dias, mas Cassian conseguia sentir o cheiro no vento. Os outros no acampamento Refúgio do Vento também conseguiam, e o habitual turbilhão de atividades era agora um pulsar ágil e eficiente. Casas e tendas eram verificadas; ensopados e assados, preparados; pessoas partiam ou chegavam mais cedo do que o esperado para vencer a tempestade.

Por isso, Cassian dera às meninas o dia de folga e ordenara que todos os treinos e exercícios, inclusive dos machos, fossem adiados até depois da nevasca. Patrulhas limitadas ainda sairiam, apenas com aqueles habilidosos e ansiosos para testar a si mesmos contra os ventos certamente violentos e as temperaturas frígidas. Mesmo em uma tempestade, inimigos poderiam atacar.

Se a nevasca fosse tão grande quanto ele sentia que seria, aquele acampamento ficaria enterrado sob neve durante alguns bons dias.

Cassian estava parado no pequeno centro de artesanato do acampamento, além das tendas e do punhado de casas permanentes. Havia apenas poucas lojas ocupando cada lado da estrada não pavimentada, normalmente apenas uma trilha de terra nos meses mais quentes do ano. Uma mercearia, que já colocara

um aviso informando o esgotamento dos produtos, dois ferreiros, um sapateiro, um entalhador e um alfaiate.

A construção de madeira do alfaiate era relativamente nova. Pelo menos para os padrões illyrianos — talvez com dez anos. Acima da loja do primeiro andar parecia haver uma habitação, onde lâmpadas queimavam intensamente. E na vitrine da loja, exatamente o que ele procurava.

Um sino acima da porta de vidro com treliças de chumbo soou quando Cassian entrou, fechando bem as asas para passar, mesmo com a porta mais larga do que o habitual. O calor o atingiu, aconchegante e delicioso, e ele rapidamente fechou a porta atrás de si.

A fêmea jovem e esguia atrás do balcão de pinho já estava de pé, imóvel. Observando-o.

A primeira coisa em que Cassian reparou foram as cicatrizes em suas asas. As cicatrizes cuidadosas e cruéis que desciam pelos tendões centrais.

Náusea revirou o estômago do guerreiro, mesmo quando ele ofereceu um sorriso e caminhou para o balcão polido. Cortada. Ela fora cortada.

— Estou procurando Proteus — disse ele, encarando os olhos castanhos da fêmea. Afiados e sagazes. Espantada com a presença dele, mas sem medo. Seus cabelos escuros estavam trançados com simplicidade, oferecendo uma ampla visão da pele bronzeada e do rosto estreito e anguloso. Não era um rosto belo, mas era marcante. Interessante.

Ela não desviou o olhar, não da forma como fêmeas illyrianas tinham sido ordenadas e treinadas para fazer. Não, mesmo com as cicatrizes do corte que comprovavam como práticas tradicionais estavam brutalmente arraigadas em sua família, a fêmea permaneceu encarando-o.

Aquilo o lembrou de Nestha, aquele olhar. Franco e irredutível.

— Proteus era meu pai — informou ela, desatando o avental branco e revelando um vestido marrom simples antes de passar para o outro lado do balcão. *Era*.

— Sinto muito — disse ele.

— Ele não voltou da guerra.

Cassian segurou o queixo para que não se voltasse para o chão.

— Sinto mais ainda, então.

— Por que deveria? — Uma pergunta insensível, desinteressada. A mulher estendeu a mão fina. — Sou Emerie. Esta é minha loja agora.

A demarcação de um limite. E um incomum. Cassian apertou a mão da fêmea, nada surpreso ao ver que seu aperto era forte e determinado.

Ele conhecera Proteus. Ficara surpreso quando o macho se juntara às fileiras durante a guerra. Cassian sabia que ele tinha uma filha e nenhum filho. Nem parente macho próximo também. Com sua morte, a loja teria ido para um deles. Mas para a filha assumir o lugar, para insistir que a loja deveria ser *dela* e para continuar gerenciando-a... Cassian avaliou o pequeno espaço organizado.

Ele olhou pela vitrine para a loja do outro lado da rua, para a placa de esgotado.

Mercadorias enchiam a loja de Emerie. Como se tivesse acabado de receber um carregamento novo. Ou como se ninguém se incomodasse em entrar ali. Nunca.

Para que Proteus fosse o proprietário e tivesse construído aquele lugar, em um acampamento em que a ideia de lojas havia começado apenas nos últimos cinquenta anos, mais ou menos, significava que tinha bastante dinheiro. O suficiente, talvez, para que Emerie se sustentasse. Mas não para sempre.

— Certamente parece que a loja é sua — comentou Cassian, por fim, voltando a atenção novamente para ela. Emerie tinha se afastado alguns centímetros, com as costas retas, o queixo erguido.

Ele vira Nestha naquela pose também. Costumava dizer que era sua pose de *Matarei Meus Inimigos*.

Cassian tinha nomeado cerca de duas dúzias das poses de Nestha àquela altura. Variando desde *Comerei seus Olhos no Café da Manhã* até *Não Quero Que Cassian Saiba Que Estou Lendo Pornografia*. A última era sua preferida.

Contendo o sorriso, ele gesticulou para as belas pilhas de luvas de couro de carneiro e para as espessas echarpes que enfeitavam a vitrine.

— Levarei todos os acessórios de inverno que tiver.

As sobrancelhas escuras da fêmea se ergueram até o limite dos cabelos.

— Sério?

Cassian enfiou a mão no bolso das vestes de couro para tirar a sacola de dinheiro e estendê-la para a illyriana.

— Isso deve dar.

Emerie avaliou a pequena bolsa de couro na palma da mão.

— Não preciso de caridade.

— Então tire daí qualquer que seja o custo por suas luvas e botas e echarpes e casacos e devolva o resto.

Ela não respondeu, simplesmente jogou a sacola no balcão e disparou para a vitrine. Emerie juntou tudo que Cassian pediu em pilhas organizadas, então correu para o quarto dos fundos atrás do balcão e voltou com mais. Até que não houvesse um único trecho vazio no balcão polido e apenas o som de moedas tilintando preenchesse a loja.

Ela silenciosamente devolveu a sacola. Cassian evitou mencionar que Emerie era um dos poucos illyrianos que aceitara seu dinheiro. A maioria cuspira nele ou o atirara no chão. Mesmo depois que Rhys se tornara Grão-Senhor.

Emerie verificou as pilhas de mercadorias de inverno no balcão.

— Quer que eu procure bolsas e caixas?

Ele balançou a cabeça.

— Isso não será necessário.

De novo, as sobrancelhas escuras dela se ergueram.

Cassian levou a mão à sacola de dinheiro e colocou três pesadas moedas no único espaço vazio que conseguiu encontrar no balcão.

— Para os custos de entrega.

— Para quem? — disparou ela.

— Você mora acima da loja, não é? — Um aceno brusco. — Então presumo que saiba o bastante sobre este acampamento e quem tem muito e quem não tem nada. Uma tempestade vai chegar em poucos dias. Eu gostaria que você distribuísse isto entre aqueles que podem ser mais afetados.

Emerie piscou, e Cassian a viu reconsiderar. A fêmea estudou as mercadorias empilhadas.

— Eles... muitos deles não gostam de mim — explicou ela, mais baixo do que Cassian ouvira antes.

— Também não gostam de mim. Está em boa companhia.

Um relutante curvar de lábios diante daquilo. Não exatamente um sorriso. Certamente não com um macho que ela não conhecia.

— Considere boa propaganda para esta loja — prosseguiu Cassian. — Diga que foi um presente do Grão-Senhor deles.

— Por que não seu?

Cassian não queria responder àquilo. Não naquele dia.

— Melhor me deixar fora disso.

Emerie o avaliou por um momento, então assentiu.

— Vou me certificar de que isto seja entregue aos que mais precisam até o pôr do sol.

Cassian inclinou a cabeça em agradecimento e seguiu para a porta de vidro. Somente a porta e as janelas daquela construção provavelmente tinham custado mais do que a maioria dos illyrianos podia pagar em anos.

Proteus fora um homem rico, um bom comerciante. E um guerreiro decente. Para ter arriscado essa vida ao ir à guerra, ele devia ter algum pingo de orgulho.

Mas as cicatrizes nas asas de Emerie, prova de que ela jamais sentiria o vento de novo...

Uma parte de Cassian desejou que Proteus ainda estivesse vivo. Apenas para que ele mesmo pudesse matar o macho.

O guerreiro levou a mão à maçaneta de bronze, o metal frio contra sua palma.

— Lorde Cassian.

Ele olhou por cima do ombro para o balcão, onde Emerie ainda estava parada, mas não se incomodou em corrigi-la, em dizer que não aceitava e jamais aceitaria usar *lorde* antes do nome.

— Feliz Solstício — disse ela, seriamente.

Cassian deu um sorriso.

— Para você também. Mande notícias se tiver problemas com as entregas.

O queixo fino da fêmea se ergueu.

— Tenho certeza de que não precisarei.

Fogo naquelas palavras. Emerie faria com que as famílias as aceitassem, quisessem elas ou não.

Cassian vira aquele fogo antes — e o aço. Ele se perguntou, mais ou menos curioso, o que aconteceria se as duas se conhecessem. O que sairia do encontro.

Empurrando a porta com o ombro, Cassian saiu da loja para o dia congelante, com o tilintar do sino atrás dele. Um arauto da tempestade por vir.

Uma que estava se formando ali por muito, muito tempo.

CAPÍTULO

9

Feyre

Eu não deveria ter jantado...

Era o pensamento que se agitava em minha mente à medida que me aproximava do estúdio que Ressina ocupava, a escuridão intensa acima. Conforme reparava nas luzes que se derramavam na rua congelada, misturando-se com o brilho das lâmpadas.

Àquela hora, três dias antes do Solstício, estava lotada de consumidores — não apenas residentes do bairro, mas também aqueles que moravam do outro lado da cidade e no campo. Eram tantos Grão-Feéricos e feéricos, muitos de tipos que eu jamais vira antes. Mas todos sorrindo, todos parecendo brilhar de alegria e boa vontade. Era impossível não sentir o latejar daquela energia sob a pele, mesmo quando meus nervos ameaçavam me mandar voando para casa, com ou sem o vento frígido.

Eu tinha arrastado uma sacola de suprimentos até ali, com uma tela presa debaixo do braço, sem saber se seriam fornecidos ou se pareceria grosseiro aparecer no estúdio de Ressina e dar a impressão de ter *esperado* que me dessem o necessário. Eu tinha caminhado da casa da cidade até lá, sem querer atravessar com tantas coisas e sem querer arriscar perder a tela para o puxão do vento gelado se eu voasse.

Além de me manter aquecida, me proteger do vento enquanto estivesse *voando*, no ar, era algo que eu também precisava

dominar, apesar das ocasionais aulas com Rhys e Azriel. Com o peso adicional nos braços e o frio... eu não sabia como os illyrianos faziam aquilo, quanto mais no alto das montanhas, onde era frio o ano todo.

Talvez eu descobrisse em breve, se as lamúrias e o descontentamento se espalhassem pelos campos de guerra.

Não era hora de pensar naquilo. Meu estômago já estava bastante inquieto.

Parei a uma casa do estúdio de Ressina, com as mãos suando dentro das luvas.

Jamais tinha pintado com um grupo antes. Raramente gostava de compartilhar minhas pinturas.

E essa primeira vez diante de uma tela desde a guerra, sem saber o que poderia sair jorrando de dentro de mim...

Um puxão no laço.

Tudo bem?

Uma pergunta suave, casual. A cadência da voz de Rhys acalmava os tremores ao longo de meu corpo.

Ele tinha me dito para onde planejava ir no dia seguinte. Sobre o que planejava investigar.

Havia me perguntado se eu gostaria de ir junto.

Eu tinha respondido que não.

Talvez eu devesse a Tamlin a vida de meu parceiro, talvez eu tenha dito a Tamlin que desejava a ele paz e felicidade, mas não queria vê-lo. Nem falar com ele. Nem lidar com ele. Não por um bom e longo tempo. Quem sabe para sempre.

Acredito que por causa disso, porque eu tinha me sentido pior depois de recusar o convite de Rhys, eu tivesse me aventurado no Arco-Íris essa noite.

Mas diante do estúdio comunal de Ressina, já ouvindo as risadas fluindo do lugar onde ela e outros tinham se reunido para a pintura semanal, minha determinação se extinguiu.

Não sei se consigo fazer isso.

Rhys ficou quieto por um momento. *Quer que eu vá junto?*

Para pintar?

Eu daria um excelente modelo nu.

Sorri, sem ligar para o fato de que estava sozinha na rua, inúmeras pessoas passando por mim. O capuz escondia grande parte de meu rosto mesmo. *Me perdoe, mas não creio que eu tenha vontade de compartilhar sua magnificência com mais alguém.*

Então talvez eu modele para você depois. Uma carícia sensual pelo laço fez meu sangue ferver. *Faz um tempo desde que fizemos algo envolvendo tintas.*

Aquele chalé e a mesa da cozinha surgiram em minha mente, e minha boca ficou um pouco seca. *Libertino*.

Uma risada. *Se quiser entrar, então entre. Se não quiser, não entre. A decisão é sua.*

Franzi a testa para a tela enfiada sob um de meus braços, a caixa de tintas aninhada sob o outro. Franzi a testa para o estúdio a quase dez metros de distância, com sombras espessas entre mim e aquela torrente dourada de luz.

Sei o que quero fazer.

Ninguém reparou quando atravessei para dentro da galeria-estúdio coberta com tábuas no fim da rua.

E com as tábuas sobre as janelas, ninguém reparou nas bolas de luz feérica que acendi e dispus flutuando no ar com um vento suave.

É claro que, com as tábuas sobre as janelas e nenhum ocupante durante meses, o salão principal estava congelando. Frio o bastante para que eu apoiasse meus suprimentos no chão e caminhasse nas pontas dos pés ao avaliar o espaço.

Provavelmente fora lindo antes do ataque: uma imensa janela se voltava para o sul, deixando entrar sol infinitamente, e claraboias — também fechadas com tábuas — pontuavam o teto abaulado. A galeria tinha talvez 10 metros de largura por 15 metros de profundidade, com um balcão contra uma parede a meio caminho para os fundos e uma porta para o que só podia ser o espaço do estúdio ou o armazém. Uma rápida avaliação me informou que eu estava mais ou menos certa: o armazém era nos fundos, mas não havia luz natural para pintura. Apenas janelas estreitas acima de

uma fileira de pias quebradas, alguns balcões de metal ainda manchados de tinta e antigos suprimentos de limpeza.

E tinta. Não tinta de fato, mas o *cheiro* dela.

Inspirei profundamente, sentindo-o se assentar em meus ossos, deixando que a quietude do espaço se assentasse também.

A galeria na frente tinha sido o estúdio dela também. Polina devia pintar enquanto conversava com clientes que avaliavam a arte pendurada, cujas silhuetas eu mal conseguia discernir contra as paredes brancas.

O piso era de pedra cinza, e cacos de vidro estilhaçado ainda brilhavam entre as fendas.

Eu não queria fazer essa primeira pintura na frente dos outros.

Eu mal conseguia fazê-la para mim. Era o bastante para afastar qualquer culpa com relação a ignorar a oferta de Ressina para que me juntasse a ela. Eu não tinha feito promessas.

Então conjurei minhas chamas para começar a aquecer o espaço, dispondo pequenas bolas incandescentes no ar ao longo da galeria. Acendendo-a mais. Aquecendo-a de volta à vida.

Em seguida saí em busca de um banquinho.

CAPÍTULO

10

Feyre

Pintei e pintei e pintei.

Meu coração galopou o tempo todo, constante como um tambor de guerra.

Pintei até ter cãibra nas costas e meu estômago roncar, exigindo chocolate quente e uma guloseima.

Eu soube o que precisava sair de mim assim que me sentei no banquinho bambo resgatado dos fundos.

Mal havia conseguido segurar o pincel firme o bastante para dar as primeiras poucas pinceladas. Por medo, sim. Eu era sincera o suficiente comigo mesma para admitir isso.

Mas também devido à mera libertação do ato, como se eu fosse um cavalo de corrida libertado da baia; a imagem em minha mente era uma visão deslumbrante que eu corria para acompanhar.

Mas ela começou a surgir. Começou a tomar forma.

E ao seu encalço, um tipo de silêncio seguiu, como se fosse uma camada de neve cobrindo a terra. Limpando o que havia abaixo.

Mais purificante, mais tranquilizador do que qualquer uma das horas que eu tinha passado reconstruindo aquela cidade. Igualmente satisfatório, sim, mas a pintura, com a libertação e o enfrentamento, era um alívio. Um primeiro ponto para fechar um ferimento.

Os sinos da torre de Velaris cantaram meia-noite antes que eu parasse.

Antes que eu largasse o pincel e encarasse o que tinha criado.

Encarasse o que me olhava de volta.

Eu.

Ou como eu era no Uróboro: aquela besta de escamas, garras e escuridão; ódio, alegria e frieza. Tudo de mim. O que espreitava sob minha pele.

Eu não tinha fugido dela então. Nem fugi agora.

Sim, o primeiro ponto para fechar um ferimento. Era essa a sensação.

Com o pincel equilibrado entre os joelhos, com aquela besta para sempre na tela, meu corpo ficou um pouco lânguido. Sem ossos.

Observei a galeria, a rua atrás das janelas cobertas com tábuas. Ninguém viera perguntar sobre as luzes durante as horas em que estive ali.

Fiquei de pé por fim, resmungando ao me espreguiçar. Não podia levá-la comigo. Não quando a pintura ainda precisava secar, e o ar noturno úmido que vinha do rio e do mar distante podia ser terrível para a tela.

Eu certamente não a levaria de volta para a casa da cidade para que alguém a encontrasse. Mesmo Rhys.

Mas ali... Ninguém saberia, caso entrasse na galeria, quem a pintara. Eu não tinha assinado. Não queria.

Se deixasse ali para secar da noite para o dia, se eu voltasse no dia seguinte, certamente haveria algum armário na Casa do Vento onde eu poderia escondê-la depois.

Amanhã, então. Eu voltaria amanhã para reivindicá-la.

CAPÍTULO

11

Rhysand

Era a Corte Primaveril, mas não era.

Não era a terra pela qual eu tinha caminhado séculos atrás, ou mesmo a que visitara havia quase um ano.

O sol estava ameno, o dia, claro. Os cornisos e as lilases ao longe ainda estavam em florescência eterna.

Ao longe — porque, na propriedade, nada florescia.

As rosas cor-de-rosa que um dia subiram pelas pálidas paredes de pedra da vasta mansão não passavam de teias emaranhadas de espinhos. As fontes tinham secado, e as sebes estavam sem poda e sem forma.

A própria casa parecera melhor no dia seguinte ao que os capachos de Amarantha a haviam depredado.

Não por qualquer sinal visível de destruição, mas pela quietude geral. Pela falta de vida.

Embora as grandes portas de carvalho estivessem inegavelmente piores. Marcas de garras profundas e longas as cortavam.

De pé no último degrau da escada de mármore que dava naquelas portas da entrada, avaliei as ranhuras brutais. Apostaria meu dinheiro que Tamlin as fez depois que Feyre deixou tanto ele quanto a corte.

Mas o temperamento de Tamlin sempre fora sua ruína. Qualquer dia ruim poderia ter culminado naqueles sulcos.

Talvez o dia de hoje se encerrasse com mais alguns deles.

O sorrisinho era fácil de estampar, assim como a pose casual, com a mão no bolso de meu casaco preto; nenhuma asa ou couro illyriano estava à vista conforme bati às portas destruídas.

Silêncio.

Então...

Tamlin abriu a porta pessoalmente.

Eu não tinha certeza do que notar primeiro: o macho desleixado diante de mim ou a casa escura atrás dele.

Um alvo fácil. Um alvo fácil demais, debochar das roupas um dia requintadas e agora desesperadas por uma lavagem, além dos cabelos embaraçados que precisavam de um corte. A mansão vazia, nenhum criado à vista, nenhuma decoração de Solstício em evidência.

Os olhos verdes que encararam os meus não eram aqueles com os quais eu estava acostumado também. Assombrados e vazios. Sem qualquer brilho.

Seria uma questão de minutos dilacerá-lo, corpo e alma. Terminar o que, sem dúvida, começara no dia em que Feyre me chamara silenciosamente para o casamento deles, o qual compareci.

Mas... paz. Queríamos paz.

Eu poderia dilacerá-lo depois que a obtivéssemos.

— Lucien alegou que você viria — disse Tamlin como cumprimento, a voz tão inexpressiva e sem vida quanto seus olhos; a mão ainda apoiada na porta.

— Engraçado, achei que a parceira dele fosse a vidente.

Tamlin apenas me fitou, ignorando o comentário ou não entendendo a piada.

— O que você quer?

Nenhum indício de barulho atrás dele. Ou em qualquer acre da propriedade. Nem mesmo a nota da canção de um pássaro.

— Vim para uma conversinha. — Ofereci a Tamlin um sorriso que eu sabia que o deixaria furioso. — Seria um incômodo tomarmos uma xícara de chá?

Os corredores estavam apagados, e as cortinas bordadas, fechadas.

Uma tumba.

Aquele lugar era uma tumba.

A cada passo na direção do que um dia fora a biblioteca, a poeira e o silêncio nos sufocavam.

Tamlin não falou nada, não ofereceu explicações para a casa vazia. Para os cômodos por que passamos, algumas das portas entalhadas entreabertas o suficiente para que eu visse a destruição do lado de dentro.

Mobília quebrada, pinturas rasgadas, paredes rachadas.

Lucien não fora lá para fazer as pazes durante o Solstício, percebi quando Tamlin abriu a porta da biblioteca escura.

Lucien fora por pena. Piedade.

Minha visão se ajustou à escuridão antes que Tamlin gesticulasse, acendendo as luzes feéricas nas esferas de vidro.

Ele ainda não destruíra aquele cômodo. Provavelmente me levara para o único aposento da casa que tinha mobília utilizável.

Fiquei de boca fechada conforme caminhamos para uma grande mesa no centro do espaço, então Tamlin ocupou uma poltrona estofada e ornamentada diante do móvel. A única coisa parecida com um trono ultimamente.

Sentei em uma poltrona idêntica na frente dele, e a madeira pálida rangeu em protesto. O conjunto provavelmente se destinava a acomodar cortesãos fofocando, não dois guerreiros enormes.

O silêncio recaiu, tão espesso quanto o vazio da casa.

— Se veio se vangloriar, pode poupar seu esforço.

Levei a mão ao peito.

— Por que eu deveria me incomodar?

Nenhum humor.

— Sobre o que queria conversar?

Fui exagerado ao observar os livros e o teto abaulado pintado.

— Onde está meu caro amigo Lucien?

— Caçando nosso jantar.

— Não tem gosto por essas coisas ultimamente?

Os olhos de Tamlin permaneceram vazios.

— Ele saiu antes que eu acordasse.

Caçar o jantar — porque não havia criados ali para fazer comida. Ou para comprá-la.

Eu não podia dizer que me sentia mal por ele.

Apenas por Lucien, mais uma vez incumbido de ser capacho de Tamlin.

Cruzando a perna, com o tornozelo sobre o joelho, me recostei na poltrona.

— Que boato foi esse que ouvi sobre você não delimitar suas fronteiras?

Um segundo de silêncio. Então Tamlin indicou a porta.

— Está vendo alguma sentinela por aqui para fazer isso?

Até mesmo elas o haviam abandonado. Interessante.

— Feyre fez o trabalho completo, não foi?

Um lampejo de dentes brancos, um brilho de luz nos olhos do Grão-Senhor.

— Com sua orientação, não tenho dúvida.

Eu sorri.

— Ah, não. Aquilo foi tudo dela. Inteligente, não é?

Tamlin apertou o braço curvo da poltrona.

— Achei que o Grão-Senhor da Corte Noturna não se incomodaria em se vangloriar.

— Suponho que pense que eu deveria agradecer por você ter se voluntariado para ajudar a me ressuscitar. — Não sorri ao replicar.

— Não crio ilusões. O dia em que você me agradecer qualquer coisa, Rhysand, será o dia em que os fogos incandescentes do inferno gelarão.

— Poético.

Um grunhido baixo.

Fácil demais. Era fácil demais atraí-lo, incitá-lo. E embora eu tentasse me lembrar da muralha, da paz de que precisávamos, falei:
— Você salvou a vida de minha parceira em várias ocasiões. Serei sempre grato por isso.

Eu sabia que as palavras tinham atingido o alvo. *Minha parceira*.

Baixo. Era um golpe baixo. Eu tinha tudo — *tudo* que sempre desejei, com que sonhei, implorei às estrelas que me dessem.

Ele não tinha nada. Recebera tudo e desperdiçara. Não merecia minha pena, minha simpatia.

Não, Tamlin merecia o que tinha acontecido, aquele fiasco de vida.

Merecia cada quarto vazio, cada galho de espinhos, cada refeição que precisava caçar para si.

— Ela sabe que você está aqui?

— Ah, certamente sabe. — Um olhar para o rosto de Feyre quando eu a tinha convidado para vir comigo me dera a resposta antes que ela a proferisse: minha parceira não tinha interesse em jamais ver o macho diante de mim de novo.

— E — prossegui — ela ficou tão perplexa quanto eu ao descobrir que suas fronteiras não estão delimitadas como esperávamos.

— Com o fim da muralha, eu precisaria de um exército para vigiá-las.

— Isso pode ser providenciado.

Um grunhido baixo ecoou de Tamlin, e um lampejo de garras brilhou em suas articulações.

— Não vou deixar os de sua estirpe entrarem em minhas terras.

— Minha *estirpe,* como os chama, travou a maior parte da guerra que *você* ajudou a causar. Se precisa de patrulhas, eu fornecerei os guerreiros.

— Para proteger os humanos de nós? — Um riso de escárnio.

Minhas mãos coçavam para se fechar em volta do pescoço de Tamlin. De fato, sombras se enroscaram nas pontas de meus dedos, arautos das garras à espreita logo abaixo.

Essa casa — eu odiava essa casa. Eu a tinha odiado desde o momento em que colocara os pés nela naquela noite, quando o sangue da Corte Primaveril escorrera como pagamento por uma dívida que jamais poderia ser retribuída. Pagamento por dois pares de asas pregados no escritório.

Tamlin as queimara havia muito tempo, contara Feyre. Não fazia diferença. Ele estivera lá no dia.

Dera a seu pai e aos irmãos a informação sobre onde minha irmã e mãe estariam me esperando para encontrá-las. E não fizera nada para ajudar enquanto elas eram massacradas.

Eu ainda via a cabeça delas naquelas cestas, o rosto ainda estampando medo e dor. E as via novamente enquanto olhava para

o Grão-Senhor da Primaveril, nós dois coroados na mesma noite sangrenta.

— Para proteger humanos de nós, sim — falei, com a voz ficando perigosamente baixa. — Para manter a paz.

— Que paz? — As garras deslizaram de volta para baixo da pele quando Tamlin cruzou os braços, menos musculosos do que na última vez que os vira nos campos de batalha. — Nada está diferente. A muralha se foi, só isso.

— Podemos fazer com que seja diferente. Melhor. Mas apenas se começarmos do jeito certo.

— Não permitirei sequer um troglodita da Corte Noturna em minhas terras.

O povo dele o odiava o bastante, ao que parecia.

E com aquela palavra — *troglodita* —, me enchi. Território perigoso. Para mim, pelo menos. Deixar que meu temperamento me vencesse. Pelo menos perto dele.

Eu me levantei, mas Tamlin não se incomodou em ficar de pé.

— Você fez por merecer cada uma dessas coisas — afirmei, com a voz ainda baixa. Não precisava gritar para mostrar minha raiva. Nunca havia precisado.

— Você venceu — disparou ele, inclinando-se para a frente. — Tem sua *parceira*. Isso não basta?

— Não.

A palavra ecoou pela biblioteca.

— Você quase a destruiu. Em todos os aspectos.

Tamlin exibiu os dentes. Eu exibi os meus, ao inferno com o temperamento. Que parte de meu poder ressoasse pelo cômodo, pela casa, pelo território.

— Mas ela sobreviveu. Sobreviveu a *você*. E ainda assim você sentiu a necessidade de humilhá-la, de inferiorizá-la. Se queria reconquistá-la, velho amigo, esse não foi o caminho mais sábio.

— Saia.

Eu não tinha terminado. Não estava nem perto disso.

— Merece tudo que recaiu sobre você. Merece esta casa patética e vazia, suas terras assoladas. Não me importa se ofereceu aquela semente de vida para me salvar, não me importa que ainda ame minha parceira. Não me importa que a salvou de Hybern, ou de mil

inimigos antes disso. — As palavras saíam despejadas, frias e firmes. — Espero que viva o resto de sua vida miserável sozinho aqui. É um fim muito mais satisfatório do que assassinar você. — Feyre certa vez chegara à mesma conclusão. Eu tinha concordado com ela então, ainda concordava, mas agora entendia de verdade.

Os olhos verdes de Tamlin se tornaram selvagens.

Eu me preparei para aquilo, estava pronto — *queria* aquilo. Que ele explodisse para fora daquela poltrona e se atirasse contra mim, que suas garras começassem a cortar.

Meu sangue latejou nas veias, e meu poder se encolheu dentro do corpo.

Podíamos destruir a casa com nossa briga. Transformá-la em escombros. E então eu transformaria as pedras e a madeira em nada além de poeira preta.

Mas Tamlin apenas encarou. Depois de um segundo, os olhos dele se abaixaram para a escrivaninha.

— Saia.

Pisquei, o único sinal de minha surpresa.

— Não está a fim de uma briga, Tamlin?

Ele não se incomodou em me olhar de novo.

— Saia — foi tudo o que falou.

Um macho destruído.

Destruído, devido às próprias ações, às próprias escolhas.

Não era de minha conta. Ele não merecia minha compaixão.

Mas conforme atravessei para ir embora, com o vento escuro ondulando ao redor, um tipo estranho de vazio se arraigou em minha barriga.

Tamlin não tinha escudos em torno da casa. Nada para impedir que alguém atravessasse para dentro, nada para se proteger contra inimigos que pudessem surgir em seu quarto e cortar sua garganta.

Era quase como se quisesse que alguém fizesse aquilo.

Encontrei Feyre caminhando para casa provavelmente depois de fazer compras, pois estava com algumas bolsas penduradas nas

mãos enluvadas.

O sorriso dela no momento que aterrissei a seu lado, com a neve subindo ao redor, foi como um soco no coração.

Ele se dissipou imediatamente, no entanto, quando ela leu minha expressão.

Mesmo no meio da rua atribulada, Feyre levou a mão até minha bochecha.

— Tão ruim assim?

Assenti, inclinando-me para seu toque. O máximo que consegui.

Feyre deu um beijo em minha boca, com lábios quentes o suficiente para que eu percebesse que tinha esfriado.

— Caminhe para casa comigo — disse ela, passando o braço pelo meu e se aproximando.

Obedeci, tirando as sacolas de suas mãos. Ao passarmos pelos quarteirões, cruzando o gélido Sidra e então subindo as colinas íngremes, contei a ela. Tudo o que tinha dito a Tamlin.

— Depois de ter ouvido você arrasar com Cassian, diria que pegou relativamente leve — observou ela quando concluí.

Ri com deboche.

— Profanidades não eram necessárias nesse caso.

Ela contemplou minhas palavras.

— Você foi porque está preocupado com a muralha, ou apenas porque queria dizer essas coisas a ele?

— Ambas as coisas. — Não conseguia mentir para ela a respeito daquilo. — E talvez por querer matá-lo.

Preocupação brilhou nos olhos de Feyre.

— De onde veio isso?

Eu não sabia.

— Eu só... — As palavras me falharam.

O braço dela apertou o meu e eu me virei para estudar seu rosto. Aberto, compreensivo.

— As coisas que você disse... não estavam erradas — ofereceu Feyre. Sem julgamento, sem raiva.

Um certo vazio dentro de mim se preencheu um pouco.

— Eu deveria ter sido o melhor macho entre nós dois.

— Você é o melhor macho na maior parte dos dias. Tem direito a um deslize. — Ela deu um amplo sorriso. Forte como a lua cheia,

mais belo do que qualquer estrela.

Eu ainda não tinha comprado um presente de Solstício para minha parceira. Nem um presente de aniversário.

Feyre inclinou a cabeça quando franzi da testa, e sua trança deslizou sobre um ombro. Passei a mão por ela, aproveitando as mechas sedosas contra meus dedos congelados.

— Encontro você em casa — falei, entregando as sacolas a Feyre mais uma vez.

Foi a vez dela de franzir a testa.

— Aonde vai?

Beijei sua bochecha, inspirando seu cheiro de lilás e pera.

— Tenho alguns afazeres ainda. — E olhar para Feyre, caminhar ao seu lado, fazia pouco para acalmar o ódio que ainda se acumulava dentro de mim. Não quando aquele lindo sorriso me fazia querer atravessar de volta para a Corte Primaveril e enfiar minha lâmina illyriana na barriga de Tamlin.

O melhor macho, de fato.

— Vá pintar meu retrato nu — sugeri, piscando um olho, então disparei para o céu amargamente frio.

O som da risada de Feyre dançou comigo até o Palácio de Linhas e Joias.

Observei a seleção que minha joalheira preferida tinha disposto em veludo preto sobre o balcão de vidro. À luz da aconchegante loja que ladeava o Palácio, as peças brilhavam com um fogo interior, chamando.

Safiras, esmeraldas, rubis... Feyre tinha tudo. Bem, em quantidades moderadas. Exceto por aquelas pulseiras de diamante sólido que eu dera a ela para a Queda das Estrelas.

Feyre as usara apenas duas vezes:

Naquela noite em que tínhamos dançado até o alvorecer, eu mal ousando esperar para que Feyre começasse a retribuir uma fração do que eu sentia por ela.

E na noite em que tínhamos voltado para Velaris, depois daquela batalha final contra Hybern. Quando ela usara *apenas* aquelas pulseiras.

— Por mais que sejam lindas, Neve, não acho que a milady queira joias para o Solstício — disse para a feérica esguia e etérea atrás do balcão, balançando a cabeça.

Um gesto de ombros que não foi de forma nenhuma de desapontamento. Eu era um cliente assíduo o bastante para que Neve soubesse que em algum momento faria uma venda.

Ela deslizou a bandeja para baixo do balcão e tirou outra, as mãos envoltas em noite movendo-se suavemente.

Não era um espectro, mas algo semelhante, com a silhueta alta e esguia envolta em sombras permanentes, apenas com os olhos — como brasas brilhando — visíveis. O restante tendia a entrar e sair de vista, como se as sombras se abrissem para revelar a mão escura, um ombro, um pé. Todos do povo dela eram mestres joalheiros, vivendo nas mais profundas minas montanhosas de nossa corte. A maioria das heranças de nossa casa tinha sido feita pelas Tartera, inclusive as pulseiras e as coroas de Feyre.

Neve gesticulou a mão sombreada sobre a bandeja que dispusera.

— Eu tinha escolhido estas mais cedo, se não for presunçoso demais, para considerar para a senhora Amren.

De fato, todas aquelas *cantavam* o nome de Amren. Grandes pedras, armações delicadas. Joias poderosas para minha amiga poderosa. Que tinha feito tanto por mim, por minha parceira — por nosso povo. Pelo mundo.

Observei as três peças. Suspirei.

— Levarei todas elas.

Os olhos de Neve brilharam como uma forja viva.

CAPÍTULO

12

Feyre

— Que inferno está acontecendo aqui?

Na noite seguinte, ao acenar para a pilha de galhos de pinheiro jogados no tapete vermelho ornamentado no centro do saguão, Cassian sorriu e disse: — Decorações de Solstício. Direto do mercado...

Havia neve agarrada nos ombros largos do guerreiro, assim como nos cabelos pretos, e as bochechas bronzeadas estavam coradas de frio.

— Chama isso de decoração?

Ele deu um sorriso irônico.

— Uma pilha de pinho no meio do chão é tradição da Corte Noturna.

Cruzei os braços.

— Engraçadinho.

— Estou falando sério. — Fiz cara de irritação e Cassian riu. — É para as molduras das lareiras, para o corrimão e para onde mais precisar, espertinha. Quer ajudar? — Ele tirou o pesado casaco, revelando uma jaqueta preta e uma camisa por baixo, então o pendurou no armário do corredor. Eu permaneci onde estava e bati o pé.

— O quê? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas. Era raro vê-lo em qualquer coisa que não fossem as vestes de couro

illyrianas, mas as roupas, embora não tão requintadas quanto qualquer coisa que Rhys ou Mor em geral favoreciam, lhe caíam bem.

— Largar um monte de árvores a meus pés é realmente como você diz oi agora? Um tempinho naquele acampamento illyriano e você se esquece de todos os modos.

Cassian estava diante de mim em um segundo, me levantando do chão para me girar até que eu estivesse prestes a vomitar. Bati em seu peito, xingando.

Ele me colocou no chão finalmente.

— O que comprou para mim de Solstício?

Bati no braço do illyriano.

— Uma pilha imensa de cale a boca. — Ele riu de novo e pisquei um olho. — Chocolate quente ou vinho?

Cassian curvou uma asa em torno de mim, nos voltando para a porta da adega.

— Quantas garrafas boas o Rhysinho ainda tem?

Antes de Azriel chegar, bebemos duas delas, demos uma olhada em nossas tentativas bêbadas de decorar e começamos a consertar antes que mais alguém visse a bagunça que tínhamos feito.

Deitados em um sofá diante da fogueira de bétula na sala, ríamos como demônios enquanto o encantador de sombras endireitava os festões e as guirlandas que tínhamos jogado sobre as coisas, varria folhas de pinheiro que tínhamos espalhado pelos tapetes e basicamente balançava a cabeça em reprovação diante de tudo.

— Az, relaxe por um minuto — disse Cassian, com a voz arrastada, gesticulando com a mão. — Tome um vinho. Coma biscoitos.

— Tire o casaco — acrescentei, apontando a garrafa na direção do encantador de sombras, que nem se incomodara em fazer isso antes de arrumar nossa bagunça.

Azriel esticou um trecho caído de guirlanda sobre o batente da janela.

— É quase como se vocês dois tivessem *tentado* fazer tudo o mais feio possível.

Cassian levou a mão ao peito.

— Isso nos ofende.

Azriel suspirou para o teto.

— Pobre Az — falei, me servindo de outra taça. — Vinho fará com que se sinta melhor.

Ele me olhou com raiva, então se voltou para a garrafa e para Cassian... e finalmente caminhou batendo os pés pela sala, tirou a garrafa de minha mão e entornou o resto. Cassian sorriu com prazer.

Em grande parte porque Rhys surgiu à porta e disse preguiçosamente:

— Ora, pelo menos agora sei quem anda bebendo todo meu vinho bom. Quer outro, Az?

Azriel quase cuspiu o vinho na lareira, mas se obrigou a engolir antes de se virar para Rhys, com o rosto vermelho.

— Eu gostaria de explicar...

Meu parceiro gargalhou, e o som exuberante ecoou pelas molduras de carvalho da sala.

— Cinco séculos e acha que não sei que, se meu vinho some, é Cassian quem costuma estar por trás disso?

Cassian levantou a taça em um brinde.

Rhys observou a sala e riu.

— Consigo dizer exatamente quais vocês dois fizeram e quais Azriel tentou consertar antes de eu chegar. — O encantador de sombras estava, de fato, esfregando a têmpora. Rhys ergueu uma sobrancelha para mim. — Esperava mais de uma artista.

Mostrei a língua para ele.

Um segundo depois, sua voz soou em minha mente: *Guarde essa língua para depois. Tenho planos para ela.*

Meus dedos dos pés se curvaram nas meias espessas e altas.

— Está um frio maldito! — gritou Mor do corredor da entrada, me assustando e me tirando do calor que se acumulava em meu centro. — E quem foi que deixou Cassian e Feyre decorarem?

Azriel engasgou no que eu podia jurar ser uma risada, o rosto normalmente coberto por sombras se alegrando quando Mor

irrompeu, rosada de frio e soprando ar nas mãos. Ela, no entanto, fez cara de raiva.

— Vocês dois não podiam esperar até eu chegar para abrir o vinho bom?

— Estávamos apenas começando com a coleção de Rhys — respondeu Cassian, quando eu apenas sorri.

Meu parceiro coçou a cabeça.

— *Está aí* para que todos bebam, sabe. Sirvam-se do que quiserem.

— Palavras perigosas, Rhysand — avisou Amren, caminhando pela porta, quase engolida pelo enorme casaco de pele branco que usava. Apenas os cabelos pretos na altura do queixo e os olhos de prata sólida eram visíveis acima da gola. Ela parecia...

— Você parece uma bola de neve irritada — zombou Cassian.

Apertei os lábios para segurar a gargalhada. Rir de Amren não era sábio. Mesmo agora que a maioria de seus poderes se fora e ela estava permanentemente no corpo de Grã-Feérica.

A bola de neve irritada semicerrou os olhos para ele.

— Cuidado, menino. Não iria querer começar uma guerra que não pode vencer. — Ela desabotoou a gola de modo que todos ouvimos claramente quando Amren ronronou: — Principalmente com Nestha Archeron vindo para o Solstício em dois dias.

Senti a onda que passou por eles — entre Cassian, Mor e Azriel. Senti o temperamento cru que estremeceu de Cassian, toda a alegria semibêbada subitamente sumindo. Com a voz grave, ele disparou: — Cale a boca, Amren.

Mor observava tão atentamente que era difícil não encarar. Olhei para Rhys em vez disso, mas uma expressão de contemplação tinha tomado o rosto dele.

Amren apenas sorriu, abrindo os lábios vermelhos o bastante para mostrar grande parte dos dentes brancos, então caminhou até o armário do corredor da frente.

— Vou gostar de vê-la destruir você. Quer dizer, se ela aparecer sóbria — disse, por cima do ombro.

E aquilo era o suficiente. Rhys pareceu chegar à mesma conclusão, mas antes que ele pudesse dizer algo, interrompi: — Deixe Nestha fora disso, Amren.

Ela lançou um olhar em minha direção que poderia ser considerado um pedido de desculpas, mas apenas declarou, enfiando o enorme casaco no armário: — Varian está vindo, então lidem com isso.

Elain estava na cozinha, ajudando Nuala e Cerridwen a preparar a refeição da noite. Mesmo faltando duas noites para o Solstício, todos já tinham descido para a casa da cidade.

Exceto uma pessoa.

— Alguma notícia de Nestha? — perguntei a minha irmã como cumprimento.

Elain se afastou dos pães quentíssimos recém-saídos do forno, com parte dos cabelos presa e com o avental sobre o vestido rosa-chá sujo de farinha. Então piscou; os grandes olhos marrons estavam nítidos.

— Não. Eu disse a ela que se juntasse a nós esta noite e que me avisasse quando tivesse decidido. Não ouvi resposta.

Ela agitou um pano de prato sobre os pães para esfriá-los levemente, então ergueu um deles e deu uma batidinha na parte de baixo. Um ruído oco soou em resposta, o que foi suficiente para ela.

— Acha que vale a pena ir buscá-la?

Elain passou o pano de prato sobre o ombro magro e puxou as mangas até o cotovelo. Sua pele tinha ganhado cor nos últimos meses — pelo menos antes de o tempo frio se estabelecer. O rosto dela também ficara mais rechonchudo.

— Está me perguntando como irmã ou como clarividente?

Mantive o rosto calmo, agradável, e inclinei o corpo contra a mesa de trabalho.

Minha irmã não mencionara mais visões. E não tínhamos pedido que ela usasse os dons. Se ainda existiam após a destruição e então reconstrução do Caldeirão, eu não sabia. Não queria perguntar.

— Você conhece Nestha melhor — respondi, com cautela. — Achei que gostaria de opinar.

— Se Nestha não quer estar aqui esta noite, então trazê-la daria mais trabalho do que vale a pena.

A voz de Elain estava mais fria do que o habitual. Olhei para Nuala, então para Cerridwen, que me deu um aceno de cabeça como se dissesse: *Não é um bom dia para ela.*

Como o restante de nós, a recuperação de Elain era um processo. Ela tinha chorado durante horas no dia em que eu a levei para uma colina coberta de flores selvagens nos arredores da cidade — até a lápide de mármore que eu erguera ali em homenagem a nosso pai.

Eu havia transformado o corpo dele em cinzas depois que o rei de Hybern o matara, mas ele ainda merecia um lugar de descanso. Por tudo que fizera no final, merecia a linda lápide que eu mandara entalhar com seu nome. E Elain merecia um lugar para visitá-lo, para falar com ele.

Ela ia pelo menos uma vez por mês.

Nestha jamais fora. Ignorara o convite para ir conosco naquele primeiro dia. E todas as vezes depois disso.

Ocupei um lugar ao lado de Elain e peguei uma faca do outro lado da mesa para começar a cortar o pão. No fim do corredor, os sons de minha família ecoavam em nossa direção, a risada alegre de Mor soando acima do ronco de Cassian.

Esperei até ter uma pilha de fatias fumegantes para dizer:

— Nestha ainda é parte desta família.

— É mesmo? — Elain abriu o pão seguinte até o fundo. — Ela certamente não age como se fosse.

Escondi o franzir de minha testa.

— Aconteceu alguma coisa quando você a viu hoje?

Minha irmã não respondeu. Apenas continuou cortando o pão.

Então também continuei. Eu não gostava quando outras pessoas me forçavam a falar. Eu retribuia a mesma cortesia.

Trabalhamos em silêncio, depois começamos a encher as bandejas com a comida que Nuala e Cerridwen avisaram estar pronta. As sombras das espiãs as escondiam mais do que o normal para nos dar certa sensação de privacidade. Lancei-lhes um olhar de gratidão, mas as duas balançaram a cabeça. Nenhum agradecimento era necessário. As gêmeas tinham passado mais

tempo com Elain do que até mesmo eu. Entendiam os humores dela, do que minha irmã precisava às vezes.

Somente quando nós duas estávamos levando a primeira das bandejas pelo corredor na direção da sala de jantar, Elain falou: — Nestha disse que não queria vir para o Solstício.

— Tudo bem. — Embora algo em meu peito tivesse se revirado um pouco.

— Ela disse que não queria vir para *nada*. Nunca.

Parei, avaliando a dor e o medo brilhando nos olhos de Elain.

— Ela disse por quê?

— Não. — Raiva, havia raiva em seu rosto também. — Ela simplesmente disse... Ela disse que temos nossas vidas e ela tem a dela.

Dizer isso para mim, tudo bem. Mas para *Elain*?

Exalei, e meu estômago roncou para o prato de frango lentamente assado que eu segurava entre as mãos conforme o cheiro de sálvia e limão enchia meu nariz.

— Vou falar com ela.

— Não — retrucou Elain, simplesmente, e recomeçou a andar, com véus de vapor das batatas assadas com alecrim que segurava ondulando pelos ombros, como se fossem as sombras de Azriel. — Ela não vai ouvir você.

Ao inferno que não ouviria.

— E você? — Eu me obriguei a falar. — Você está... bem?

Elain olhou por cima do ombro para mim quando entramos no saguão e viramos à esquerda, para a sala de jantar. Na sala de estar do outro lado, toda a conversa parou com o cheiro de comida.

— Por que eu não estaria? — perguntou ela, com um sorriso iluminando seu rosto.

Eu já vira aqueles sorrisos. Em meu maldito rosto.

Mas então os demais vieram em bando da sala de estar. Cassian beijou a bochecha de Elain como cumprimento antes de quase a levantar para tirá-la do caminho da mesa de jantar. Amren veio a seguir, fazendo um aceno para minha irmã, seu colar de rubis brilhando à luz feérica espalhada pelas guirlandas no corredor. Então Mor apareceu, estalando um beijo em cada bochecha. Depois Rhys, balançando a cabeça para Cassian, que começou a se servir

das bandejas que Nuala e Cerridwen tinham atravessado até lá. Como Elain morava ali, meu parceiro deu apenas um sorriso de cumprimento antes de ocupar sua cadeira à direita de Cassian.

Azriel surgiu da sala de estar com uma taça de vinho na mão e as asas fechadas para trás, revelando a jaqueta e a calça pretas e simples, porém elegantes.

Senti, mais do que vi, minha irmã ficar imóvel quando ele se aproximou. A garganta dela oscilou.

— Vai ficar segurando esse frango a noite toda? — perguntou Cassian, sentado à mesa, para mim.

Com cara de irritação, bati os pés até ele, apoiando a bandeja com força na superfície de madeira.

— Cuspi nele — falei, docemente.

— Só faz ficar mais delicioso — cantarolou Cassian, sorrindo de volta. Rhys deu um risinho, bebendo intensamente do vinho.

Mas caminhei até meu assento — aninhado entre Amren e Mor — a tempo de ver Elain se dirigir a Azriel.

— Oi.

Az não disse nada.

Não, ele seguiu na direção dela.

Mor ficou tensa a meu lado.

Mas Azriel apenas tirou a pesada bandeja de batatas das mãos de Elain e disse com a voz suave como a noite: — Sente-se. Eu cuido disso.

As mãos de Elain permaneceram no ar, como se o fantasma da bandeja continuasse entre elas. Piscando os olhos, ela as abaixou e reparou no avental.

— Eu... eu volto já — murmurou minha irmã, disparando pelo corredor antes que eu pudesse explicar que ninguém se importava se ela aparecesse para jantar coberta de farinha e que deveria apenas *sentar*.

Azriel apoiou as batatas no centro da mesa, e Cassian mergulhou direto para elas. Ou tentou.

Em um momento, a mão dele estava disparando para a colher de servir. No seguinte, fora impedida, pois os dedos cheios de cicatrizes de Azriel tinham se fechado em torno de seu pulso.

— Espere — disse Azriel, com nada além de comando na voz.

A boca de Mor se escancarou tanto que eu tive certeza de que as ervilhas mastigadas ali dentro cairiam no prato. Amren apenas sorriu com escárnio sobre a borda da taça de vinho.

Cassian arregalou os olhos para ele.

— Esperar pelo *quê*? Molho?

Azriel não o soltou.

— Espere até que todos estejam sentados antes de começar a comer.

— Porco — acrescentou Mor.

Cassian olhou presunçosamente para as ervilhas, o frango, o pão *e* o presunto já pela metade no prato dela. Mesmo assim, ele relaxou a mão, recostando-se na cadeira.

— Nunca soube que você era um defensor dos bons modos, Az.

Azriel apenas soltou a mão de Cassian e encarou a própria taça de vinho.

Elain entrou, sem avental e com a trança refeita.

— Por favor, não esperem por minha causa — disse ela, ocupando o assento na cabeceira da mesa.

Cassian olhou com raiva para Azriel, que o ignorou propositalmente.

Mas Cassian esperou até que Elain tivesse se servido antes de pegar mais uma colher de qualquer coisa. Assim como os outros.

Encontrei o olhar de Rhys do outro lado da mesa. *O que foi essa cena?*

Rhys cortou o presunto coberto com molho com movimentos habilidosos. *Não teve nada a ver com Cassian.*

Ah, é?

Rhys comeu uma garfada, gesticulando com a faca para que eu comesse. *Digamos apenas que isso mexeu com coisas antigas.* Diante de minha pausa confusa, ele acrescentou: *Há algumas cicatrizes por causa de como a mãe dele era tratada. Muitas cicatrizes*.

A mãe de Azriel, que era uma criada — quase escrava — quando ele nasceu. E depois. *Nenhum de nós se incomoda em esperar que todos se sentem, muito menos Cassian.*

Essas coisas podem ressurgir em momentos estranhos.

Fiz o melhor para não olhar para o encantador de sombras. *Entendo*.

Virando-me para Amren, estudei o prato dela. Pequenas porções de tudo.

— Ainda se acostumando?

Ela grunhiu, virando as cenouras assadas caramelizadas.

— Sangue tem um gosto melhor.

Mor e Cassian engasgaram.

— E não levava tanto *tempo* para ser consumido — resmungou Amren, levando uma ínfima migalha de frango assado aos lábios pintados de vermelho.

Pequenas e lentas refeições para ela. A primeira refeição normal que comera depois de voltar — uma tigela de sopa de lentilha — a fizera vomitar durante uma hora. Então fora um ajuste gradual. Ainda não conseguia engolir uma refeição como o restante de nós costumava fazer. Se era inteiramente físico ou talvez algum tipo de período de ajuste pessoal, nenhum de nós sabia.

— E há também os outros resultados desagradáveis de comer — prosseguiu Amren, cortando as cenouras em fatias minúsculas.

Azriel e Cassian trocaram um olhar, então ambos pareceram achar seus pratos muito interessantes. Mesmo quando sorrisos repuxaram seus rostos.

— Que tipo de resultados? — perguntou Elain.

— Não responda a isso — pediu Rhys, suavemente, apontando para Amren com o garfo.

Com os cabelos pretos oscilando como uma cortina de noite líquida, Amren sibilou para ele: — Sabe como é inconveniente precisar encontrar um local para me aliviar *em todo lugar que vou?*

Um chiado veio do lado de Cassian da mesa, mas fechei os lábios. Mor, cujo corpo tremia com o esforço de conter a gargalhada, agarrou meu joelho sob a mesa.

— Devemos começar a construir banheiros públicos para você por toda Velaris, Amren? — respondeu Rhys em tom arrastado.

— É sério, Rhysand — disparou ela. Não ousei encarar Mor. Ou Cassian. Um olhar e eu perderia a pose por completo. Amren gesticulou com a mão para o próprio corpo. — Eu deveria ter escolhido uma forma masculina. Pelo menos *vocês* podem botar

para fora e fazer onde quiserem sem precisar se preocupar com espirrar no...

Cassian perdeu a compostura. Então Mor. Então eu. E até mesmo Az, rindo de leve.

— Não sabe mesmo como fazer xixi? — rugiu Mor. — Depois de todo esse tempo?

Amren fervilhou de raiva.

— Já vi animais...

— Diga que sabe como um banheiro funciona — disparou Cassian, batendo com a mão larga na mesa. — Diga que sabe pelo menos isso.

Tapei a boca com a mão, como se fosse empurrar a risada de volta para dentro. Do outro lado da mesa, os olhos de Rhys estavam mais brilhantes do que estrelas, e sua boca era uma linha trêmula enquanto tentava, sem sucesso, permanecer sério.

— Sei me sentar em uma privada — grunhiu Amren.

Mor abriu a boca, a gargalhada dançando em sua expressão, mas Elain perguntou: — Poderia ter feito isso? Decidido assumir uma forma masculina?

A questão interrompeu as risadas, uma flecha disparada entre nós.

Amren estudou minha irmã, cujas bochechas estavam vermelhas devido a nossa conversa sem censuras à mesa.

— Sim — respondeu ela, objetivamente. — Antes, em minha outra forma, eu não era nem um nem outro. Apenas *era*.

— Então por que escolheu esse corpo? — perguntou Elain, a luz feérica do lustre refletindo-se nas ondulações da trança castanho-dourada dela.

— A forma feminina me atraía mais — afirmou Amren, simplesmente. — Parecia mais simétrica. Ela me agradava.

Mor franziu a testa para a própria forma, cobiçando seus dons consideráveis.

— Verdade.

Cassian deu um risinho.

— E depois que estava nesse corpo, não podia mudar? — perguntou Elain.

Os olhos de Amren se semicerraram levemente. Eu me estiquei, olhando entre as duas. Incomum, sim, que Elain falasse tanto, mas ela estava melhorando. Na maior parte dos dias, estava lúcida — talvez silenciosa e afeita à melancolia, mas consciente.

Para minha surpresa, ela encarou Amren de volta.

Depois de um momento, Amren falou:

— Está perguntando por curiosidade por meu passado, ou por seu próprio futuro?

A pergunta me deixou chocada demais para sequer a repreender. Os outros também.

A testa de minha irmã se franziu antes que eu pudesse me intrometer.

— O que quer dizer?

— Não tem como voltar a ser humana, menina — disse Amren, talvez um pouco gentil demais.

— Amren — avisei.

O rosto de Elain ficou mais vermelho, as costas se esticaram. Mas ela não cedeu.

— Não sei do que está falando. — Eu jamais ouvira a voz dela tão fria.

Olhei para os outros. Rhys estava franzindo a testa, Cassian e Mor faziam careta, e Azriel... Havia piedade em seu lindo rosto. Pena e tristeza enquanto observava minha irmã.

Elain não mencionara ter sido Feita, ou o Caldeirão, ou Graysen em meses. Presumi que talvez estivesse se acostumando a ser Grã-Feérica, que talvez tivesse começado a abrir mão daquela vida mortal.

— Amren, você tem um dom espetacular para arruinar a conversa do jantar — comentou Rhys, girando o vinho. — Eu me pergunto se poderia transformar isso em uma carreira.

A imediata de meu parceiro o encarou com raiva. Mas Rhys a fitou de volta, com um aviso silencioso no rosto.

Obrigada, falei pelo laço. Uma carícia quente ecoou em resposta.

— Escolha alguém do seu tamanho — disse Cassian a Amren, enfiando frango assado na boca.

— Tenho pena dos ratos — murmurou Azriel.

Mor e Cassian urraram de rir, o que garantiu um rubor de Azriel e um sorriso de gratidão de Elain — e muita cara feia de Amren.

Mas algo dentro de mim relaxou diante daquelas risadas, da luz que voltou aos olhos de minha irmã.

Uma luz que eu não queria ver se extinguir outra vez.

Preciso sair depois do jantar, eu disse a Rhys ao mergulhar na refeição de novo. *Gostaria de voar para o outro lado da cidade?*

Nestha não abriu a porta.

Devo ter batido por pelo menos uns dois minutos, fazendo cara feia para o corredor de madeira escuro do prédio em ruínas em que ela escolhera morar. Então lancei um fio de magia para o interior do apartamento.

Rhys tinha erguido proteções pela coisa toda, e com nossa magia, com o laço de nossas almas, não houve resistência ao fio de poder que estiquei pela porta e para dentro do apartamento.

Nada. Nenhum sinal de vida ou... ou coisa pior.

Ela não estava em casa.

Mas eu tinha uma boa ideia de onde estaria.

Depois de atravessar para a rua congelante, girei os braços para me manter de pé conforme as botas escorregaram no gelo que cobria as pedras.

Reclinando contra um poste, com luz feérica emoldurando as garras no topo das asas, Rhys gargalhou. E não se moveu um centímetro.

— Canalha — murmurei. — A maioria dos machos *ajudaria* a parceira se ela estivesse prestes a quebrar a cabeça no gelo.

Ele se afastou do poste e caminhou predatoriamente até mim, cada movimento era suave e lento. Mesmo agora, eu alegremente passaria horas observando-o.

— Tenho a sensação de que se *tivesse* me intrometido, você me passaria um sermão por ser uma galinha superprotetora, como me chamou.

Grunhi uma resposta que ele preferiu não ouvir.

— Não está em casa, então?

Grunhi de novo.

— Bem, com isso restam exatamente dez outros lugares onde ela poderia estar.

Fiz uma careta.

— Quer que eu procure? — perguntou Rhys.

Não fisicamente, mas usando seu poder para encontrar Nestha. Eu não quisera que ele fizesse isso mais cedo, pois parecia algum tipo de violação de privacidade, mas considerando o *frio* maldito que fazia...

— Tudo bem.

Rhys envolveu os braços, então as asas, em torno de mim, me aconchegando em seu calor, e murmurou contra meus cabelos: — Segure firme.

Escuridão e vento giraram ao redor, e enterrei o rosto no peito de meu parceiro, inspirando seu cheiro.

Então, surgiram gargalhadas e cantoria, música aos berros, o cheiro pungente de cerveja velha, o incômodo do frio...

Resmunguei quando olhei para onde ele nos atravessara, onde detectara minha irmã.

— Há adegas nesta cidade — observou Rhys, se encolhendo. — Há salas de espetáculos. Restaurantes chiques. Clubes de prazer. E, ainda assim, sua irmã...

E, ainda assim, minha irmã conseguia encontrar as tavernas mais sórdidas e baixas de Velaris. Não havia muitas. Mas ela frequentava todas elas. E essa, o Covil do Lobo, era de longe a pior.

— Espere aqui — falei por cima dos violinos e tambores que vinham da taverna ao me afastar do abraço de meu parceiro. No fim da rua, alguns bêbados nos viram e se calaram. Sentiram o poder de Rhys, talvez o meu também, e encontraram outro lugar para ficar por um tempo.

Eu não tinha dúvidas de que o mesmo aconteceria na taverna, e não tinha dúvidas de que Nestha se ressentiria por termos estragado sua noite. Pelo menos eu podia entrar quase sem ser notada. Se nós dois entrássemos, sabia que minha irmã veria como um ataque.

Então seria eu. Sozinha.

Rhys beijou minha testa.

— Se alguém fizer um convite indecente, diga que estaremos livres em uma hora.

— Ridículo. — Gesticulei para que ele se fosse e contive meus poderes até virarem um sussurro dentro de mim.

Rhys me soprou um beijo.

Também gesticulei para dispensar isso, então passei pela porta da taverna.

CAPÍTULO

13

Feyre

Minha irmã não tinha companheiros de copo. Até onde eu sabia, ela saía sozinha e os conhecia conforme a noite avançava. E de vez em quando, um deles voltava para casa com ela.

Eu não tinha perguntado. Nem mesmo tinha certeza de quando fora a primeira vez.

Também não ousei perguntar a Cassian se ele sabia. Os dois mal tinham trocado mais do que algumas palavras desde a guerra.

E conforme entrei na luz e na música alta do Covil do Lobo e imediatamente avistei minha irmã sentada com três machos em uma mesa redonda nos fundos, na escuridão, quase pude ver o fantasma daquele dia contra Hybern pairando atrás dela.

Cada grama de peso que Elain ganhara parecia que Nestha tinha perdido. A face tinha se tornado ainda mais orgulhosa e angulosa, com as maçãs do rosto afiadas o bastante para cortar. Os cabelos permaneciam no alto da cabeça, no coque trançado habitual, e ela usava o vestido cinza preferido. Estava, como sempre, impecavelmente limpa apesar da pocilga que escolhera frequentar. Apesar da taverna fétida e quente que vira anos melhores. Séculos melhores.

Uma rainha sem trono. Era como eu chamaria a pintura que invadiu minha mente.

Os olhos de Nestha, os mesmos olhos azul-acinzentados que os meus, se ergueram assim que fechei a porta de madeira atrás de mim. Nada lampejou por sua expressão além de um vago desdém. Os três machos Grão-Feéricos em sua mesa estavam relativamente bem-vestidos, considerando o local que frequentavam.

Provavelmente jovens fanfarrões ricos em uma noitada.

Contive uma careta quando a voz de Rhys encheu minha cabeça. *Cuide da própria vida*.

Sua irmã está habilidosamente vencendo no carteado, aliás.

Enxerido.

Você adora isso.

Apertei os lábios e lancei um gesto vulgar pelo laço conforme me aproximei da mesa de minha irmã. A risada de Rhys ecoou contra meus escudos em resposta, como um trovão salpicado de estrelas.

Nestha apenas voltou a encarar o leque de cartas que segurava; sua postura era a epítome do tédio glorioso. Mas seus companheiros ergueram os olhos para mim ao me verem parar na beira da mesa de madeira manchada e arranhada. Copos de líquido âmbar pela metade suavam com umidade, mantidos frios por alguma magia da taverna.

O macho do outro lado da mesa — um belo Grão-Feérico que parecia um libertino, com cabelos como ouro tecido — me encarou.

A mão de cartas que segurava caiu na mesa no momento em que ele se curvou. Os demais acompanharam a seguir.

Apenas Nestha, ainda estudando as cartas, permaneceu desinteressada.

— Minha senhora — disse um macho magro e de cabelos escuros, lançando um olhar cauteloso para minha irmã. — Como posso ajudar?

Nestha nem mesmo ergueu o rosto ao arrumar uma das cartas.

Tudo bem.

Dei um doce sorriso para os companheiros dela.

— Detesto interromper sua noitada de homens, cavalheiros. — *Noitada de machos*, melhor dizendo. Um resquício de minha vida humana, algo que o terceiro macho notou com um leve erguer da sobrancelha espessa. — Mas gostaria de uma palavra com minha irmã.

A dispensa foi bastante clara.

Como um, eles se levantaram, abandonando as cartas e pegando as bebidas.

— Vamos buscar um refil — declarou o de cabelos dourados.

Esperei até que estivessem no bar, fazendo questão de não olhar por cima dos ombros, antes de deslizar para o assento bambo que o de cabelos escuros tinha desocupado.

Devagar, os olhos de Nestha se ergueram para os meus.

Eu me recostei na cadeira, a madeira rangeu.

— Então, qual vai para casa com você esta noite?

Nestha juntou as cartas, apoiando o baralho com a face para baixo na mesa.

— Não tinha decidido.

Palavras gélidas, inexpressivas. O acompanhamento perfeito para a expressão em seu rosto.

Apenas esperei.

Nestha também esperou.

Imóvel como um animal. Imóvel como a morte.

Certa vez eu tinha me perguntado se esse seria o poder dela. A maldição concedida pelo Caldeirão.

Nada do que eu tinha visto do poder, de relance naqueles momentos contra Hybern, *parecera* a morte. Era apenas poder bruto. Mas o Entalhador de Ossos sussurrara a respeito disso. E eu a vira, brilhando fria e forte nos olhos de Nestha.

Mas já não via fazia meses.

Não que eu tivesse encontrado minha irmã muitas vezes.

Um minuto se passou. Então outro.

Silêncio absoluto, exceto pela música alegre da banda de quatro instrumentos do outro lado do salão.

Eu podia esperar. Esperaria aqui durante a maldita noite inteira.

Nestha recostou de volta na cadeira, disposta a fazer o mesmo.

Aposto em sua irmã.

Calado.

Estou ficando com frio aqui fora.

Seu bebê illyriano.

Uma risada sombria, então o laço ficou mudo de novo.

— Por acaso aquele seu parceiro vai ficar no frio a noite toda?

Pisquei, me perguntando se ela de alguma forma sentira os pensamentos entre nós.

— Quem disse que ele está aqui?

Nestha deu um riso debochado.

— Aonde um vai, o outro segue.

Evitei proferir qualquer uma das potenciais réplicas que saltaram para minha língua.

Em vez disso, perguntei:

— Elain convidou você para o jantar esta noite. Por que não veio?

O sorriso de Nestha foi lento, afiado como uma lâmina.

— Eu queria ouvir os músicos.

Lancei um olhar descarado para a banda. Mais habilidosos do que o habitual conjunto de taverna, mas não uma desculpa de fato.

— Ela queria você lá. — *Eu queria você lá.*

Nestha deu de ombros.

— Ela poderia ter comido comigo aqui.

— Sabe que Elain não se sentiria confortável em um lugar como este.

Nestha arqueou uma sobrancelha bem-feita.

— Um lugar como este? Que tipo de lugar é este?

De fato, algumas pessoas se viravam para nós. Grã-Senhora — eu era Grã-Senhora. Insultar o lugar e as pessoas nele não me garantiria nenhum apoio.

— Elain se sente aflita em multidões.

— Ela não era assim. — Nestha girou o copo de líquido cor de âmbar. — Amava bailes e festas.

As palavras pairaram, não ditas. *Mas você e sua corte nos arrastaram para este mundo. Tiraram aquela alegria dela.*

— Se você se incomodasse em vir até a casa, veria que ela está se reajustando. Mas bailes e festas são uma coisa. Elain jamais frequentou tavernas antes.

Nestha abriu a boca, sem dúvida para me levar por um caminho que me afastaria do motivo pelo qual eu viera. Então interrompi antes que ela pudesse falar.

— Não é essa a questão.

Olhos frios como aço encararam os meus.

— Pode ir direito ao ponto, então? Gostaria de voltar para meu jogo.

Pensei em jogar as cartas no chão pegajoso de cerveja.

— O Solstício é depois de amanhã.

Nada. Nem um piscar de olhos.

Entrelacei os dedos e os apoiei na mesa entre nós.

— O que será preciso para que você venha?

— Pelo bem de Elain ou pelo seu?

— Ambos.

Outro riso de escárnio. Nestha avaliou o ambiente, todos cuidadosamente *não* nos observando. Eu sabia, sem precisar perguntar, que Rhys tinha criado uma barreira de som ao nosso redor.

Por fim, minha irmã me olhou de volta.

— Então está me subornando?

Não me movi.

— Estou vendo se está disposta a conversar racionalmente. Se há uma forma de fazer com que valha a pena para você.

Nestha plantou a ponta do indicador sobre a pilha de cartas e as abriu sobre a mesa.

— Não é nem mesmo nosso feriado. Não *temos* feriados.

— Talvez devesse tentar. Pode se divertir.

— Como eu disse a Elain: vocês têm suas vidas, e eu tenho a minha.

De novo, lancei um olhar escancarado para a taverna.

— Por quê? Por que essa insistência em se distanciar?

Ela se recostou na cadeira, cruzando os braços.

— Por que preciso ser parte de seu bando alegrinho?

— Você é minha irmã.

De novo, aquele olhar vazio, frio.

Esperei.

— Não vou para sua festa — informou ela.

Se Elain não conseguira convencê-la, eu certamente não teria sucesso. Não sabia por que não tinha percebido isso antes. Antes de desperdiçar meu tempo. Mas tentei uma última vez. Pelo bem de Elain.

— Papai iria querer que você...

— *Não termine essa frase*.

Apesar do escudo de som ao redor, não havia nada para bloquear a visão de minha irmã exibindo os dentes. A visão dos dedos dela se fechando como garras invisíveis.

O nariz de Nestha se franziu com puro ódio quando ela grunhiu.

— *Saia*.

Um espetáculo. Aquilo estava prestes a se tornar um espetáculo do pior tipo.

Então fiquei de pé, escondendo minhas mãos trêmulas ao fechá-las em punhos firmes ao lado do corpo.

— Por favor, venha — foi tudo o que falei antes de me voltar para a porta, a caminhada entre a mesa e a saída parecendo tão mais longa. Todos os rostos atentos pelos quais eu teria que passar pairavam.

— Meu aluguel — disse Nestha, quando comecei a andar.

Parei.

— O que tem seu aluguel?

Ela virou o copo.

— Vence semana que vem. Caso tenha se esquecido.

Nestha estava falando sério.

Respondi, simplesmente:

— Venha para o Solstício e me certificarei de que seja entregue.

Ela abriu a boca, mas me virei de novo, encarando cada rosto boquiaberto que me olhou quando passei.

Senti o olhar de minha irmã perfurando minha nuca durante toda a caminhada até aquela porta. E durante todo o voo para casa.

CAPÍTULO

14

Rhysand

Mesmo com os trabalhadores raramente interrompendo os reparos, a reconstrução ainda estava a anos de terminar. Principalmente ao longo do Sidra, onde Hybern atacara com mais intensidade.

Restava pouco mais do que escombros das propriedades e dos lares um dia grandiosos ao longo da área sudeste do rio; os jardins estavam maltratados e as casas particulares para os barcos, semissubmersas à corrente tranquila das águas turquesa.

Eu tinha crescido naquelas casas, frequentado as festas e os banquetes que seguiam noite adentro, passado dias claros de verão relaxando nos gramados íngremes, torcendo nas corridas de barco de verão no Sidra. As fachadas dos imóveis tinham sido tão familiares quanto o rosto de qualquer amigo. Tinham sido construídas muito antes de meu nascimento, e eu tinha imaginado que durariam muito além de meu fim.

— Não ouviu das famílias a respeito de quando voltarão, ouviu?

A pergunta de Mor flutuou até mim por cima do estalo das pedras pálidas sob nossos pés conforme passeávamos pelo território coberto de neve de uma dessas propriedades.

Ela me encontrara depois do almoço, uma rara e solitária refeição ultimamente. Feyre e Elain tinham saído para fazer compras pela cidade, então quando minha prima apareceu no saguão da casa da cidade, não hesitei em convidá-la para uma caminhada.

Fazia muito tempo desde que Mor e eu tínhamos caminhado juntos.

Embora a guerra tivesse acabado, eu não era burro o suficiente para acreditar que todas as feridas estariam curadas. Principalmente entre mim e Mor.

E não era burro o bastante para me iludir e pensar que não vinha adiando essa caminhada fazia um tempo — assim como ela.

Eu vira os olhos de Mor ficarem distantes naquela noite na Cidade Escavada. Seu silêncio depois do primeiro aviso grunhido para o pai me dissera o bastante sobre para onde sua mente fora.

Outra fatalidade daquela guerra: trabalhar com Keir e Eris tinha destruído algo em minha prima.

Ah, ela escondia bem. Exceto quando estava frente a frente com os dois machos que tinham...

Não me permiti terminar o pensamento, chamar a lembrança. Mesmo cinco séculos depois, o ódio ameaçava me engolir até eu deixar a Cidade Escavada e a Corte Outonal em ruínas.

Mas aquelas mortes eram dela para que reivindicasse. Sempre tinham sido. Eu jamais perguntei por que Mor esperara tanto.

Tínhamos perambulado silenciosamente pela cidade por meia hora, seguindo em grande parte despercebidos. Uma pequena bênção do Solstício: todos estavam ocupados demais com os próprios preparativos para notar quem passava pelas ruas cheias.

Como tínhamos acabado ali, eu não fazia ideia. Mas ali estávamos, nada além dos blocos de pedra caídos e rachados, das ervas daninhas secas pelo inverno e do céu cinza como companhia.

— As famílias — falei, por fim — estão em suas outras propriedades. — Eu conhecia todas, mercadores abastados e nobres que tinham desertado a Cidade Escavada muito antes de as duas metades de meu reino terem sido oficialmente partidas. — Sem planos para retornar tão cedo. — Talvez para sempre. Eu tinha tido notícias de um deles, de uma matriarca de um império mercador, dizendo que provavelmente venderiam em vez de enfrentar o transtorno de reconstruir do zero.

Com o vento frio açoitando mechas de cabelo sobre seu rosto, Mor assentiu distraidamente conforme parou no meio do que um dia fora um jardim que descia da casa para o rio gélido.

— Keir virá para cá em breve, não é?

Tão raramente ela se referia a ele como seu pai. Eu não a culpava. Aquele macho não era pai dela havia séculos. Muito antes daquele dia imperdoável.

— Sim.

Eu tinha conseguido manter Keir afastado desde que a guerra tinha terminado — tinha me preparado para que ele inevitavelmente decidisse que não importava o trabalho que eu soltasse em cima dele, não importava como eu poderia interromper seus encontros com Eris, ele visitaria essa cidade.

Talvez eu mesmo tivesse me colocado naquela situação ao impor as fronteiras da Cidade Escavada por tanto tempo. Talvez suas terríveis tradições e mentes fechadas tivessem apenas piorado ao serem contidas. Era o território deles, sim, mas eu não lhes dera nada mais. Não era à toa que estavam tão curiosos a respeito de Velaris. Embora o desejo de Keir de visitar viesse apenas de uma necessidade: atormentar a própria filha.

— Quando?

— Provavelmente na primavera, se meu palpite estiver certo.

A garganta de Mor oscilou, e o rosto ficou frio de uma forma que eu testemunhava muito raramente. De uma forma que eu odiava, se não por outro motivo, ao menos porque era culpa minha.

Dissera a mim mesmo que valera a pena. Os Precursores da Escuridão de Keir tinham sido cruciais para nossa vitória. E ele sofrera perdas por causa disso. O macho era um canalha em todos os sentidos da palavra, mas tinha cumprido com sua parte.

Eu não tinha muita escolha a não ser cumprir com a minha.

Mor me observou da cabeça aos pés. Eu tinha escolhido uma jaqueta preta feita de lã pesada e abrira mão das asas por completo. Só porque Cassian e Azriel precisavam sofrer enquanto as asas expostas congelavam o tempo todo, isso não significava que eu precisava passar pelo mesmo. Permaneci parado, deixando que Mor chegasse às próprias conclusões.

— Confio em você — disse ela, por fim.

Curvei a cabeça.

— Obrigado.

Mor gesticulou com a mão, lançando-se novamente em uma caminhada pelas trilhas de cascalho pálido do jardim.

— Mas ainda queria que tivesse havido outra forma.

— Eu também.

Ela girou as pontas da espessa echarpe vermelha antes de enfiá-las no sobretudo marrom.

— Se seu pai vier até aqui — sugeri —, posso me certificar de que você esteja fora. — Não importava que tivesse sido ela quem insistira no pequeno confronto com o administrador e Eris na outra noite.

Mor fez uma careta.

— Ele vai enxergar isso como o que é: uma fuga. Não darei essa satisfação a ele.

Eu sabia que não deveria perguntar se ela achava que a mãe viria junto. Não discutíamos a mãe de Mor. Nunca.

— O que quer que você decida, terá meu apoio.

— Sei disso. — Ela parou entre dois arbustos baixos e observou o rio adiante.

— E sabe que Az e Cassian os monitorarão como gaviões durante toda a visita. Eles andam planejando os protocolos de segurança há meses.

— Mesmo?

Assenti com seriedade.

Mor exalou.

— Queria que ainda pudéssemos ameaçar libertar Amren na Cidade Escavada.

Soltei um riso debochado, olhando para o outro lado do rio, em direção ao pedaço da cidade mal visível sobre a elevação de uma colina.

— Uma parte de mim se pergunta se Amren não deseja o mesmo.

— Presumo que vá comprar um presente *muito* bom para ela.

— Neve estava praticamente saltitando de alegria quando deixei a loja.

Uma risada baixa.

— O que comprou para Feyre?

Coloquei as mãos nos bolsos.

— Uma coisinha ou outra.

— Nada, então.

Passei a mão pelos cabelos.

— Nada. Alguma ideia?

— Ela é sua parceira. Esse tipo de coisa não deveria ser instintiva?

— É impossível comprar coisas para ela.

Mor me lançou um olhar sarcástico.

— Patético.

Eu a cutuquei com um cotovelo.

— O que *você* comprou para ela?

— Vai precisar esperar até a noite de Solstício para ver.

Revirei os olhos. Durante os séculos em que nos conhecíamos, as habilidades de Mor para comprar presentes jamais tinham melhorado. Eu tinha uma gaveta cheia de abotoaduras horrorosas que nunca usava, cada uma mais espalhafatosa do que a outra. Mas eu tinha sorte: Cassian tinha um baú cheio de camisas de seda de diversas cores do arco-íris. Algumas tinham até mesmo babados.

Eu só conseguia imaginar os horrores reservados para minha parceira.

Camadas finas de gelo fluíam preguiçosamente pelo Sidra. Não ousei perguntar a Mor sobre Azriel — o que ela comprara para ele, o que planejava *fazer* com ele. Eu tinha pouco interesse em ser atirado naquele rio gelado.

— Vou precisar de você, Mor — falei, baixinho.

A diversão nos olhos dela se aguçou em alerta. Uma predadora. Havia um motivo pelo qual Mor tinha se defendido em batalha e podia se defender contra qualquer illyriano. Meus irmãos e eu tínhamos supervisionado muito de seu treinamento nós mesmos, mas ela passara anos viajando para outras terras, outros territórios, para aprender o que sabiam.

E, precisamente por isso, falei:

— Não com Keir e a Cidade Escavada, não para manter a paz por tempo o bastante para que as coisas se estabilizem.

Ela cruzou os braços, esperando.

— Az consegue se infiltrar na maioria das cortes, na maioria das terras. Mas posso precisar de você para ganhar essas terras. —

Porque as peças que estavam espalhadas pela mesa... — Negociações de tratados estão se arrastando por tempo demais.

— Não estão sequer acontecendo.

A verdade. Com a reconstrução, muitos potenciais aliados tinham alegado que estavam ocupados e que se reuniriam na primavera para discutir os novos termos.

— Não precisaria ficar fora por meses. Apenas visitas aqui e ali. Casuais.

— Casuais, mas para fazer os reinos e os territórios perceberem que, se insistirem demais ou entrarem em terras humanas, nós os destruiremos?

Uma risada contida.

— Algo assim. Az tem listas de reinos com mais probabilidade de ultrapassarem o limite.

— Se eu estiver perambulando pelo continente, quem vai lidar com a Corte dos Pesadelos?

— Eu vou.

Os olhos castanhos de Mor se semicerraram.

— Não está fazendo isso porque acha que não consigo dar conta de Keir, está?

Território muito, muito cauteloso.

— Não — respondi, e não estava mentindo. — Acho que consegue. Sei que consegue. Mas seus talentos serão mais necessários em outro lugar por enquanto. Se Keir quer formar laços com a Corte Outonal, deixe que forme. Não importa o que ele e Eris estejam tramando, sabem que estamos observando e sabem o quanto seria idiota se qualquer um deles forçasse alguma coisa. Uma palavra a Beron e a cabeça de Eris vai rolar.

Tentador. Como era tentador contar ao Grão-Senhor da Outonal que o filho mais velho dele cobiçava seu trono — e estava disposto a tomá-lo à força. Mas eu tinha feito um acordo com Eris também. Talvez um acordo de tolo, mas apenas o tempo diria.

Mor mexeu na echarpe.

— Não tenho medo deles.

— Sei que não.

— Eu só... estar perto deles, *juntos*... — Ela enfiou as mãos nos bolsos. — É provavelmente como você se sente na presença de

Tamlin.

— Se serve de consolo, prima, me comportei muito mal no outro dia.

— Ele está morto?

— Não.

— Então eu diria que você se controlou admiravelmente.

Gargalhei.

— Que sede de sangue, Mor.

Ela deu de ombros, voltando a observar o rio.

— Ele merece.

E merecia mesmo.

Ela olhou de esguelha para mim.

— Quando eu precisaria partir?

— Não por mais duas semanas, talvez um mês.

Mor assentiu e se calou. Pensei em perguntar a ela se desejava saber para *onde* Azriel e eu achávamos que ela poderia ir primeiro, mas seu silêncio disse o suficiente. Iria para qualquer lugar.

Tempo demais. Estivera entocada dentro das fronteiras dessa corte por tempo demais. A guerra mal contava. E não aconteceria em um mês, nem talvez em alguns anos, mas eu conseguia ver: o nó invisível se apertando em volta do pescoço de Mor a cada dia que ela passava ali.

— Tire alguns dias para pensar a respeito — sugeri.

Mor virou a cabeça para mim, e os cabelos dourados refletiram a luz.

— Você disse que precisa de mim. Não parecia que havia muita escolha.

— Você sempre tem uma escolha. Se não quiser ir, tudo bem.

— E quem iria em meu lugar? Amren? — Um olhar de compreensão.

Gargalhei de novo.

— Certamente não Amren. Não se quisermos paz. — Então acrescentei: — Apenas... me faça um favor e tire um tempo para pensar nisso antes de concordar. Considere isso uma oferta, não uma ordem.

Ela se calou de novo. Juntos, observamos as placas de gelo oscilarem pelo Sidra, na direção do mar distante e selvagem.

— Ele ganha se eu for? — Uma pergunta em voz baixa, hesitante.

— Precisa decidir isso por conta própria.

Mor se virou para a casa e para o terreno destruídos atrás de nós. Mas não olhava para eles, percebi, e sim para o leste.

Na direção do continente e de suas terras. Como se imaginasse o que poderia estar à espera lá.

CAPÍTULO

15

Feyre

Eu ainda precisava encontrar — ou mesmo pensar — em algo para dar a Rhysand pelo Solstício.

Ainda bem que Elain tinha me abordado silenciosamente no café da manhã, enquanto Cassian continuava desmaiado no sofá da sala de estar do outro lado do saguão. Já não havia qualquer sinal de Azriel na poltrona a sua frente, onde ele também caíra no sono, ambos preguiçosos demais — e talvez um pouco bêbados depois de todo o vinho que tínhamos tomado na noite anterior — para fazer a caminhada até o minúsculo quarto sobressalente que compartilhariam durante o Solstício. Mor ocupara meu antigo quarto, sem se importar com os entulhos que eu havia acrescentado, e Amren voltara para seu apartamento quando finalmente caímos no sono, nas primeiras horas da manhã. Tanto meu parceiro quanto Mor ainda estavam dormindo, e eu tinha ficado feliz em deixá-los assim. Os dois tinham conquistado aquele descanso. Todos tínhamos.

Mas Elain, ao que parecia, estava tão insone quanto eu, principalmente depois de minha conversa afiada com Nestha, que nem mesmo o vinho que eu tinha tomado ao voltar para casa conseguira amortecer. Minha irmã queria saber se eu estava disposta a uma caminhada pela cidade, me dando a desculpa perfeita para sair e fazer mais compras.

Imoral. Parecia imoral e egoísta sair para fazer compras, mesmo que fosse para pessoas que eu amava. Havia tantos na cidade e além dela que não tinham quase nada, e cada momento adicional e desnecessário que eu passava olhando para vitrines e pondo os dedos sobre várias mercadorias arranhava meus nervos.

— Sei que não é fácil para você — observou Elain conforme passávamos pela loja de uma tecelã, admirando as finas tapeçarias, os tapetes e os cobertores que ela tecera com diversas imagens da Corte Noturna: Velaris sob o brilho da Queda das Estrelas; o litoral rochoso e indomado das ilhas setentrionais; as estelas dos templos de Cesere; a insígnia da corte, as três estrelas coroando um pico montanhoso.

Desviei o olhar de uma tapeçaria de parede que retratava esta última.

— O que não é fácil?

Mantínhamos a voz a quase um murmúrio no espaço quieto e quente, mais por respeito aos outros compradores que admiravam o trabalho.

Os olhos castanhos de Elain pairaram sobre a insígnia da Corte Noturna.

— Comprar coisas sem uma necessidade enorme de fazer isso.

Nos fundos arredondados e cobertos por painéis de madeira da loja, um tear rangia e estalava conforme a artista de cabelos pretos que fazia as peças continuava o trabalho, parando apenas para responder perguntas de clientes.

Tão diferente. Aquele espaço era tão diferente do chalé de horrores que pertencera à Tecelã do Bosque. A Stryga.

— Temos tudo de que precisamos — admiti para Elain. — Comprar presentes parece excessivo.

— Mas é a tradição deles — replicou ela, com o rosto ainda vermelho do frio. — Uma que lutaram e morreram para proteger na guerra. Talvez essa seja a melhor forma de pensar sobre o assunto, em vez de se sentir culpada. Lembrar que esse dia significa algo para eles. Todos eles, independente de quem tem mais, quem tem menos. Ao celebrar as tradições, mesmo com os presentes, honramos aqueles que lutaram justamente pela existência disso, pela paz que esta cidade tem agora.

Por um momento, apenas encarei minha irmã, a sabedoria que ela falara. Não havia um sussurro daquelas habilidades de oráculo. Apenas olhos nítidos e uma expressão franca.

— Está certa — eu disse, observando a insígnia que se elevava diante de mim.

A tapeçaria tinha sido feita de um tecido tão preto que parecia devorar a luz, tão preto que quase feria o olho. A insígnia, no entanto, tinha sido costurada em fio de prata — não, não era prata. Um tipo de fio iridescente que se movia com faíscas de cor. Como luz estelar tecida.

— Está pensando em comprar essa? — perguntou Elain. Ela ainda não comprara nada, mas parara frequentemente para contemplar. Um presente para Nestha, dissera ela. Estava procurando um presente para nossa irmã, independentemente de se Nestha ousaria se juntar a nós no dia seguinte.

Mas Elain parecia mais do que contente em simplesmente assistir à cidade murmurante, em observar os fios brilhantes de luz feérica pendurados entre prédios e sobre as praças, em provar cada pedacinho de comida oferecida por vendedores ansiosos, em ouvir menestréis tocando ao lado das fontes agora silenciosas.

Como se minha irmã também estivesse apenas procurando uma desculpa para sair da casa naquela manhã.

— Não sei para *quem* eu compraria isso — admiti, estendendo um dedo para o tecido preto da tapeçaria. Assim que minha unha tocou a superfície macia como veludo, ela pareceu desaparecer. Como se o material realmente engolisse toda cor, toda luz. — Mas... — Olhei para a tecelã do outro lado do espaço; outra peça se formava no tear. Deixando meu pensamento inacabado, caminhei até ela.

A tecelã era uma Grã-Feérica de silhueta farta e pele pálida. Uma cortina de cabelos pretos tinha sido trançada para afastar os fios do rosto, e a extensão da trança caía sobre o ombro de seu suéter vermelho e grosso. Calça marrom e botas com forro de lã completavam o modelo. Roupas simples, confortáveis. Algo que eu poderia usar enquanto pintava. Ou fazia qualquer coisa.

O que eu estava usando por baixo do pesado sobretudo azul, para ser sincera.

A tecelã interrompeu o trabalho, os dedos ágeis pararam, e ela ergueu o rosto.

— Como posso ajudá-la?

Apesar do belo sorriso, os olhos cinza eram... silenciosos. Não havia outra forma de explicar. Silenciosos e um pouco distantes. O sorriso tentava disfarçar aquilo, mas fracassava na tentativa de mascarar o peso que pairava ali dentro.

— Eu queria saber sobre a tapeçaria com a insígnia — falei. — O tecido preto... o que é?

— Me fazem essa pergunta pelo menos uma vez por hora — comentou a tecelã, ainda sorrindo, mas sem humor iluminando seus olhos.

Eu me encolhi um pouco.

— Desculpe por somar a isso. — Elain passou para meu lado, com um cobertor rosa felpudo em uma das mãos e um cobertor roxo na outra.

A tecelã dispensou minhas desculpas.

— É um tecido incomum. Perguntas são esperadas. — Ela alisou a estrutura de madeira do tear. — Eu o chamo de Vazio. Absorve a luz. Cria uma completa falta de cor.

— Você que fez? — perguntou Elain, olhando por cima de um ombro na direção da tapeçaria.

Um aceno sério.

— Um novo experimento meu. Ver como a escuridão pode ser feita, tecida. Ver se eu poderia ir mais longe, mais profundamente do que qualquer tecelão fez antes.

Eu mesma já estivera em um vazio, e o tecido chegava espantosamente perto do que eu havia sentindo então.

— Por quê?

Os olhos cinza se voltaram para mim de novo.

— Meu marido não voltou da guerra.

As palavras francas e abertas ressoaram em mim.

Foi difícil manter os olhos fixos nela conforme a tecelã prosseguiu: — Comecei a criar o Vazio no dia seguinte após ter descoberto que ele tinha morrido.

Rhys não pedira a ninguém naquela cidade que se juntasse aos exércitos dele, no entanto. Deliberadamente transformara aquilo em

uma escolha. Diante da confusão em meu rosto, a tecelã acrescentou, baixinho: — Ele achou que era certo. Ajudar a lutar. Partiu com vários outros que achavam o mesmo e se uniu a uma legião da Corte Estival que encontraram a caminho do sul. Ele morreu na batalha por Adriata.

— Sinto muito — falei, em um tom baixo. Elain ecoou as palavras, com uma voz suave.

A tecelã apenas encarou a tapeçaria.

— Achei que teríamos mais mil anos juntos. — Ela começou a guiar o tear de volta ao movimento. — Durante os trezentos anos em que estivemos juntos, jamais tivemos a chance de ter filhos. — Os dedos dela se moviam lindamente, sem hesitar, apesar das palavras. — Não tenho nem mesmo um pedaço dele. Ele se foi, e eu não. O Vazio nasceu dessa sensação.

Eu não sabia o que dizer conforme as palavras assentavam. Conforme a tecelã continuava trabalhando.

Poderia ter sido eu.

Poderia ter sido Rhys.

O trabalho extraordinário, criado e tecido a partir de um luto que eu tinha tocado brevemente e jamais desejava conhecer de novo, continha uma perda da qual eu não conseguia me imaginar me recuperando.

— Sempre espero que fique mais fácil a cada vez que explico a alguém que me pergunta sobre o Vazio — continuou a tecelã. Se as pessoas perguntavam tão frequentemente quanto ela dizia... Eu não teria aguentado.

— Por que não tirar a peça dali? — perguntou Elain, com empatia estampada no rosto.

— Porque não quero ficar com ela. — A lançadeira disparou pelo tear, voando com vida própria.

Apesar do comportamento e da calma dela, eu quase conseguia sentir a agonia da tecelã irradiando para o cômodo. Alguns toques de meus dons de daemati e eu poderia aliviar esse luto, diminuir a dor. Jamais tinha feito aquilo por ninguém, mas...

Mas eu não podia. Não faria aquilo. Seria uma violação, mesmo que feito com boas intenções.

E a perda dela, a tristeza interminável — ela tinha criado algo a partir daquilo. Algo extraordinário. Eu não podia arrancar isso dela. Mesmo se ela me pedisse.

— O fio de prata — perguntou Elain. — Como se chama?

A tecelã pausou o tear de novo, os fios coloridos vibravam. Ela encarou minha irmã. Nenhuma tentativa de sorriso dessa vez.

— Eu chamo de Esperança.

Minha garganta ficou insuportavelmente apertada. Meus olhos ardiam tanto que precisei virar o rosto e caminhar de volta para aquela tapeçaria extraordinária.

— Eu fiz isso depois de ter dominado o Vazio — explicou a tecelã para minha irmã.

Encarei sem parar o tecido preto; era como olhar para um poço de inferno. E então encarei o fio de prata iridescente e vivo que o cortava, luminoso, apesar da escuridão que devorava qualquer outra luz e cor.

Poderia ter sido eu. E Rhys. Quase fora assim.

No entanto, ele tinha sobrevivido, e o marido da tecelã, não. *Nós* tínhamos sobrevivido, e a história deles acabara. Ela não tinha um pedaço dele. Pelo menos não da forma como desejava.

Eu tinha sorte — tanta *sorte* de sequer poder reclamar de fazer compras para meu parceiro. Aquele momento em que ele havia morrido fora o pior de minha vida; provavelmente permaneceria assim, mas tínhamos sobrevivido. Nesses meses, o *e se* me assombrava. Todos os *e se* dos quais tínhamos escapado por tão pouco.

E esse feriado de Solstício, essa chance de comemorar estarmos juntos, vivos...

A impossível profundeza de escuridão diante de mim, a improvável provocação da Esperança brilhando nela, sussurrou a verdade antes que eu a conhecesse. Antes que soubesse o que queria dar a Rhys.

O marido da tecelã não tinha voltado para casa. Mas o meu tinha.

— Feyre?

Elain estava de novo a meu lado. Eu não tinha ouvido seus passos. Não ouvira nenhum som durante alguns momentos.

Percebi que a galeria tinha esvaziado. Mas, sem me importar, me aproximei de novo da tecelã, que tinha parado mais uma vez. À menção de meu nome.

Ela estava com os olhos levemente arregalados ao fazer uma reverência com a cabeça.

— Minha senhora.

Ignorei as palavras.

— Como? — Indiquei o tear, a peça pela metade que ganhava forma na estrutura, a arte nas paredes. — Como continua criando, apesar do que perdeu?

Se ela reparou na falha em minha voz, não demonstrou. A tecelã apenas disse, me encarando com o olhar triste e pesaroso: — Eu preciso.

As palavras simples me atingiram como um golpe.

A tecelã prosseguiu:

— Eu *preciso* criar, ou seria tudo por nada. Eu *preciso* criar, ou vou desabar de desespero e jamais deixarei a cama. Eu *preciso* criar porque não tenho outra forma de expressar *isto*. — A mão dela repousou sobre o coração, e meus olhos arderam. — É difícil — disse a fêmea, sem que seus olhos deixassem os meus —, e dói, mas se eu parasse, se deixasse que este tear e a lançadeira se calassem... — Ela por fim tirou os olhos de mim para olhar para a tapeçaria. — Então não haveria Esperança brilhando no Vazio.

Minha boca estremeceu, e a tecelã estendeu o braço para apertar minha mão. Seus dedos calejados eram quentes contra os meus.

Eu não tinha palavras para oferecer a ela, nada para transmitir o que tinha surgido em meu peito. Nada além de: — Eu gostaria de comprar aquela tapeçaria.

A tapeçaria não era um presente para ninguém além de mim, e seria entregue na casa da cidade no fim daquela tarde.

Elain e eu olhamos várias lojas durante mais uma hora antes que eu a deixasse no Palácio das Linhas e Joias, fazendo as próprias compras.

Atravessei direto para o estúdio abandonado no Arco-Íris.

Precisava pintar. Precisava colocar para fora o que vira, o que sentira na galeria da tecelã.

Acabei ficando por três horas.

Algumas pinturas foram desenhos breves, ágeis. Outras comecei a esboçar com lápis e papel, pensando em qual tela eu precisaria, que tinta gostaria de usar.

Pintei em meio ao luto que permanecera pela história da tecelã, pintei *pela* perda dela. Pintei tudo que subiu dentro de mim, deixando o passado sangrar na tela, um alívio abençoado a cada pincelada.

Não foi muito surpreendente que eu fosse pega.

Mal tive tempo de saltar do banquinho antes de a porta da frente se abrir e de Ressina entrar, com um esfregão e um balde nas mãos verdes. Certamente não tive tempo o suficiente para esconder todas as pinturas e os suprimentos.

A fêmea, para o crédito dela, apenas sorriu ao parar subitamente.

— Suspeitei que estaria aqui. Vi as luzes na outra noite e achei que pudesse ser você.

Meu coração latejava pelo corpo, meu rosto estava quente como uma forja, mas consegui oferecer um sorriso de lábios fechados.

— Desculpe.

A feérica graciosamente andou para o outro lado do cômodo, mesmo com os suprimentos de limpeza nas mãos.

— Não precisa pedir desculpas. Eu só estava entrando para fazer uma limpeza.

Ela soltou o esfregão e o balde contra uma das paredes brancas vazias com um leve estampido.

— Por quê? — Apoiei o pincel sobre a paleta que tinha colocado no banquinho a meu lado.

Ressina levou as mãos ao quadril estreito e avaliou o lugar.

Por alguma misericórdia ou falta de interesse, ela não olhou por tempo demais para minhas pinturas.

— A família de Polina não discutiu se vai vender, mas imaginei que ela, pelo menos, não iria querer que o estúdio ficasse uma imundície.

Mordi o lábio, assentindo desajeitadamente em meio à imundície que eu havia acrescentado.

— Desculpe eu... não fui até seu estúdio na outra noite.

Ressina deu de ombros.

— De novo, não precisa pedir desculpas.

Era tão raro que alguém fora do Círculo Íntimo falasse comigo com tanta casualidade. Até mesmo a tecelã tinha ficado mais formal depois que me ofereci para comprar a tapeçaria.

— Apenas fico feliz por alguém usar este lugar. Por *você* usar este lugar — acrescentou ela. — Acho que Polina teria gostado de você.

Silêncio recaiu quando não respondi. Quando comecei a juntar os suprimentos.

— Vou sair do seu caminho. — Eu me movi para apoiar uma pintura que ainda secava contra a parede. Um retrato no qual estivera pensando havia um tempo. Eu o mandei para o bolsão entre mundos, junto com todos os outros em que tinha trabalhado.

E me abaixei para pegar minha bolsa de suprimentos.

— Pode deixar essas coisas.

Parei com a mão na faixa de couro.

— O espaço não é meu.

Ressina se recostou contra a parede ao lado do esfregão e do balde.

— Talvez pudesse falar com a família de Polina sobre isso. São vendedores motivados.

Estiquei o corpo, levando a bolsa de suprimentos comigo.

— Talvez — respondi, cautelosa, mandando o restante do material e das pinturas rolando para o reino-bolsão, sem me importar caso se chocassem uns contra os outros, e segui para a porta.

— Eles moram em uma fazenda em Dunmere, perto do mar. Caso esteja interessada.

Improvável.

— Obrigada.

Eu praticamente conseguia ouvir o sorriso dela quando cheguei à porta da frente.

— Feliz Solstício.

— Para você também — disparei por cima do ombro antes de desaparecer na rua.

E me choquei bem contra o peito duro e quente de meu parceiro.

Pulei para longe de Rhys, xingando e fazendo cara feia para a risada que ele deu ao agarrar meus braços para me equilibrar contra a rua gelada.

— Vai a algum lugar?

Franzi a testa para ele, mas enganchei nossos braços e me lancei em uma caminhada rápida.

— O que está fazendo aqui?

— Por que você está fugindo de uma galeria abandonada como se tivesse roubado alguma coisa?

— Eu não estou *fugindo*. — Belisquei o braço dele, o que me garantiu outra risada grave e rouca.

— Caminhando estranhamente rápido, então.

Não respondi até termos chegado à avenida que se inclinava na direção do rio. Finas placas de gelo flutuavam pelas águas turquesa. Sob elas, eu conseguia sentir a corrente ainda passando — não tão forte quanto nos meses mais quentes, no entanto. Como se o Sidra tivesse caído em um sono crepuscular para o inverno.

— É ali que tenho pintado — confessei, por fim, ao pararmos diante do calçadão gradeado na lateral do rio. Um vento úmido e frio passou, embaraçando meus cabelos. Rhys enfiou uma mecha atrás de minha orelha. — Voltei hoje, mas fui interrompida por uma artista, Ressina. O estúdio pertencia a uma feérica que não sobreviveu ao ataque na primavera. Ressina estava limpando o espaço por ela. Por Polina, caso a família dela queira vender.

— Podemos comprar um espaço de estúdio se você precisa de um lugar para pintar sozinha — ofereceu ele, com a tênue luz do sol emoldurando seus cabelos. Nenhum sinal das asas.

— Não... não, não é sobre estar sozinha é mais pelo... o espaço certo para fazer isso. Uma *sensação* certa. — Balancei a cabeça. — Não sei. A pintura ajuda. Me ajuda, quero dizer. — Exalei e o avaliei, o rosto que me era mais caro do que qualquer coisa no mundo, as palavras da tecelã ecoando por mim.

Ela perdera o marido. Eu não. No entanto, ela ainda tecia, ainda criava. Segurei a bochecha de Rhys em concha, e ele inclinou o

corpo contra o toque quando perguntei baixinho: — Acha que é idiota me perguntar se pintar pode ajudar outros também? Quer dizer, não *minha* pintura. Mas ensinar outros a pintar. Deixar que pintem. Pessoas que podem ter as mesmas dificuldades que eu.

Os olhos dele ficaram mais suaves.

— Não acho isso nada idiota.

Passei o polegar sobre a maçã do rosto de Rhys, saboreando cada centímetro de contato.

— Pintar faz com que eu me sinta melhor. Talvez possa fazer o mesmo por outros.

Ele permaneceu quieto, me oferecendo aquele companheirismo que não exigia nada, não perguntava nada, enquanto continuei acariciando seu rosto. Éramos parceiros a menos de um ano. Se as coisas não tivessem ido bem durante aquela batalha final, quantos arrependimentos teriam me consumido? Eu sabia... sabia quais teriam atingido mais forte, mais profundamente. Sabia quais eu tinha o poder de mudar.

Abaixei a mão do rosto de Rhys, por fim.

— Acha que alguém viria? Se tal espaço, tal coisa, estivesse disponível?

Rhys refletiu, observando meus olhos antes de beijar minha têmpora, com a boca quente contra meu rosto frio.

— Só vendo, suponho.

Encontrei Amren em seu loft uma hora mais tarde. Rhys tinha que ir para outra reunião com Cassian e os comandantes illyrianos no acampamento de guerra de Devlon, então ele tinha caminhado comigo até a porta do prédio e depois atravessara.

Meu nariz se franziu quando entrei no apartamento quentinho de Amren.

— Está com um cheiro... interessante aqui.

Sentada na longa mesa de trabalho no centro do espaço, ela me deu um sorriso cortante antes de indicar a cama com dossel.

Lençóis amassados e travesseiros jogados diziam o suficiente sobre que cheiros eu estava detectando.

— Você poderia abrir uma janela — sugeri, indicando a parede do outro lado do apartamento.

— Está frio lá fora — foi tudo o que ela disse, voltando para...

— Um quebra-cabeça?

Amren encaixou uma peça minúscula na seção em que estava trabalhando.

— Eu deveria fazer outra coisa durante meu feriado de Solstício?

Não ousei responder àquilo conforme tirei o sobretudo e a echarpe. Amren mantinha o fogo na lareira bem intenso. Ou por ela ou para o companheiro da Corte Estival, cujos vestígios eu não conseguia detectar.

— Onde está Varian?

— Saiu para comprar mais presentes para mim.

— Mais?

Um sorriso menor dessa vez, e a boca vermelha se repuxou para o lado quando Amren encaixou outra peça no quebra-cabeça.

— Ele decidiu que aqueles que trouxe da Corte Estival não bastavam.

Eu não queria entrar nesse assunto também.

Ocupei um assento diante dela na longa e escura mesa de madeira, examinando o quebra-cabeça pela metade do que parecia ser algum tipo de pasto outonal.

— Um novo hobby seu?

— Sem aquele Livro odioso para decifrar, descobri que sinto falta de tais coisas. — Outra peça foi colocada no lugar. — É o quinto esta semana.

— Só se passaram três dias da semana.

— Não os fazem difíceis o bastante para mim.

— Quantas peças tem esse?

— Cinco mil.

— Exibida.

Amren soltou um *tsc-tsc*, então se esticou na cadeira, esfregando as costas e se encolhendo.

— Bom para a mente, mas ruim para a postura.

— Que bom que tem Varian com quem se exercitar.

Ela gargalhou. O som era como o grasnido de um corvo.

— Que bom mesmo. — Aqueles olhos prateados, ainda misteriosos, ainda imbuídos de algum vestígio de poder, me observaram. — Você não veio até aqui para me fazer companhia, suponho.

Eu me recostei na cadeira velha e bamba. Nenhuma das cadeiras da mesa combinava. De fato, cada uma parecia de uma década diferente. De um século diferente.

— Não, não vim.

A imediata do Grão-Senhor gesticulou com a mão cujas pontas tinham longas unhas vermelhas e se curvou sobre o quebra-cabeça de novo.

— Prossiga.

Inspirei para me acalmar.

— É sobre Nestha.

— Foi o que imaginei.

— Falou com ela?

— Ela vem aqui de poucos em poucos dias.

— Sério?

Amren tentou, sem sucesso, encaixar uma peça no quebra-cabeça, desviando os olhos entre as peças de cores sortidas ao redor.

— É tão difícil acreditar?

— Ela não vai até a casa da cidade. Ou a Casa do Vento.

— Ninguém gosta de ir à Casa do Vento.

Estendi a mão para uma peça e Amren estalou a língua em aviso. Coloquei a mão de volta no colo.

— Estava esperando que você talvez tivesse alguma ideia a respeito do que ela está passando.

Amren não respondeu por um tempo, avaliando as peças dispostas em vez disso. Eu estava prestes a me repetir quando ela falou: — Gosto de sua irmã.

Uma das poucas.

Amren ergueu os olhos para mim, como se eu tivesse dito as palavras em voz alta.

— Gosto dela porque poucos gostam. Gosto dela porque não é alguém fácil de estar por perto, ou de entender.

— Mas?

— Mas nada — completou Amren, voltando para o quebra-cabeça. — Porque gosto dela, não estou disposta a fazer fofoca sobre seu estado atual.

— Não é fofoca. Estou preocupada. — Todos estávamos. — Ela está seguindo por um caminho que...

— Não vou trair a confiança dela.

— Ela tem falado com você? — Emoções demais cascatearam por mim diante daquilo. Alívio por Nestha ter falado com alguém, confusão por ter sido *Amren* e talvez até mesmo algum ciúme por minha irmã não ter ido até mim... ou Elain.

— Não — respondeu Amren. — Mas sei que ela não gostaria que eu ponderasse sobre o *caminho* dela com ninguém. Com você.

— Mas...

— Dê tempo a ela. Dê espaço. Dê a ela a oportunidade de entender isso sozinha.

— Faz meses.

— Ela é imortal. Meses são insignificantes.

Trinquei a mandíbula.

— Ela se recusa a ir para o Solstício. Elain vai ficar arrasada se ela não...

— Elain ou você?

Aqueles olhos prateados me prenderam no lugar.

— Nós duas — respondi entre dentes.

De novo, Amren examinou suas peças.

— Elain tem seus próprios problemas para pensar.

— De que tipo?

Amren apenas me lançou um Olhar. Eu o ignorei.

— Se Nestha ousar visitar você — concluí, e a cadeira antiga rangeu conforme a empurrei para trás e me levantei, pegando meu casaco e a echarpe do banco ao lado da porta —, diga que seria muito importante se ela viesse para o Solstício.

Amren não se incomodou em tirar os olhos do quebra-cabeça.

— Não farei promessas, menina.

Era o melhor que eu podia esperar.

CAPÍTULO

16

Rhysand

Naquela tarde, ao ocupar seu quarto na casa da cidade, Cassian largou a bolsa de couro na cama estreita contra a parede, o conteúdo chacoalhando no interior.

— Trouxe armas para o Solstício? — perguntei, recostando-me contra a ombreira da porta.

Azriel, apoiando a própria bolsa na cama oposta, lançou um vago olhar de alerta para nosso irmão. Depois de desmaiarem nos sofás da sala de estar na noite anterior, tendo um sono provavelmente desconfortável, os dois tinham finalmente se dado ao trabalho de se acomodar no quarto designado para eles.

Cassian deu de ombros, desabando na cama, que servia mais para uma criança do que para um guerreiro illyriano.

— Algumas podem ser para presente.

— E o restante?

Ele tirou as botas e se recostou na cabeceira da cama, cruzando os braços atrás da cabeça e deixando as asas descerem até o chão.

— As fêmeas trazem joias. Eu trago minhas armas.

— Conheço algumas fêmeas desta casa que poderiam se ofender com isso.

Cassian me ofereceu um sorriso malicioso como resposta. O mesmo sorriso que dera a Devlon e aos comandantes em nossa reunião, uma hora antes. Estava tudo preparado para a tempestade;

todas as patrulhas identificadas. Uma reunião padrão, e uma de que eu não precisava participar, mas era sempre bom lembrá-los de minha presença. Principalmente antes de todos se reunirem para o Solstício.

Azriel caminhou até a janela solitária na ponta do quarto e olhou para o jardim abaixo.

— Jamais fiquei neste quarto. — A voz de meia-noite dele preencheu o espaço.

— É porque você e eu fomos jogados para o final da fila, irmão — respondeu Cassian, cujas asas recaíram sobre a cama e o piso de madeira. — Mor fica com o quarto bom, Elain está morando no outro, então nós ficamos com este. — Ele não mencionou que o último quarto vazio, o antigo quarto de Nestha, permaneceria aberto. Azriel, para crédito dele, também não.

— Melhor do que o sótão — sugeri.

— Pobre Lucien — disse Cassian, sorrindo.

— Se Lucien aparecer — corrigi. Nenhuma palavra sobre se ele se juntaria a nós. Ou se permaneceria naquele mausoléu que Tamlin chamava de lar.

— Aposto meu dinheiro que sim — falou Cassian. — Quer apostar?

— Não — respondeu Azriel, sem se virar da janela.

Cassian se sentou, o retrato do ultraje.

— Não?

Azriel fechou as asas.

— *Você* iria querer pessoas apostando em você?

— Vocês, canalhas, apostam em mim o tempo todo. Lembro da última que fizeram isso, vocês e Mor, apostando se minhas asas se curariam.

Ri com deboche. Era verdade.

Azriel permaneceu à janela.

— Nestha vai ficar aqui se vier?

Cassian subitamente percebeu que o Sifão sobre sua mão esquerda precisava ser polido.

Decidi poupá-lo.

— Nossa reunião com os comandantes foi tão bem quanto se podia esperar. Devlon realmente criou um calendário para o

treinamento das meninas, para quando essa tempestade iminente for embora. Não acho que foi só pelas aparências — falei.

— Ainda ficarei surpreso se eles se lembrarem disso depois que a tempestade passar — comentou Azriel, virando-se da janela do jardim, por fim.

Cassian grunhiu em concordância.

— Alguma novidade sobre as reclamações nos acampamentos?

Mantive a expressão rosto neutra. Az e eu tínhamos concordado em esperar até depois do feriado para contar a Cassian a totalidade do que sabíamos, de *quem* suspeitávamos ou sabíamos que estava por trás daquilo. Tínhamos contado o básico, no entanto. O bastante para abrandar qualquer culpa.

Mas eu conhecia Cassian — tão bem quanto a mim mesmo. Talvez melhor. Ele não conseguiria deixar aquilo de lado se soubesse agora. E depois de tudo que vinha suportando nos últimos meses, e muito antes disso, meu irmão merecia um descanso. Pelo menos por alguns dias.

É claro que aquele *descanso* já incluíra a reunião com Devlon e uma sessão exaustiva de treino no alto da Casa do Vento durante a manhã. De todos nós, o conceito de relaxar era mais estranho a Cassian.

Azriel se recostou contra o pé da cama de madeira entalhada.

— Pouco a acrescentar ao que você já sabe. — Um mentiroso moderado, tranquilo. Muito melhor do que eu. — Mas sentiram que está aumentando. A melhor época para avaliar é depois do Solstício, quando todos tiverem voltado para casa. Veremos quem espalha a discórdia então. Se terá aumentado enquanto todos comemoravam juntos ou estavam presos pela neve com a tempestade.

O modo perfeito de então revelar a extensão total do que sabíamos.

Se os illyrianos se revoltassem... Eu não queria pensar tão longe. O que me custaria. O que custaria a Cassian: combater o povo do qual ele ainda tão desesperadamente queria fazer parte. Matá-los. Seria muito diferente do que tínhamos feito com os illyrianos que haviam servido Amarantha voluntariamente e feito coisas tão terríveis em seu nome. Muito diferente.

Afastei o pensamento. Mais tarde. Depois do Solstício. Lidaríamos com isso então.

Cassian, felizmente, parecia disposto a fazer o mesmo. Não que eu o culpasse, considerando a hora de imposições medíocres que aturara antes de atravessarmos até a casa. Mesmo agora, séculos depois, os senhores e comandantes dos acampamentos ainda o desafiavam. Ainda o desprezavam.

Os pés de Cassian já estavam para fora da cama, e as pernas não estavam nem mesmo totalmente esticadas.

— Quem dormia aqui? É do tamanho de Amren.

Soltei um riso.

— Cuidado com o quanto reclama. Feyre já nos chama de bebês illyrianos com muita frequência.

Azriel gargalhou.

— O voo dela melhorou tanto que acho que tem o direito de fazer isso.

Orgulho passou por mim. Talvez voar não fosse natural para ela, mas compensava com garra e concentração puras. Eu tinha perdido a conta das horas que havíamos passado no ar — o tempo precioso que conseguíamos roubar para nós.

— Posso ver se encontro camas mais longas para vocês dois — disse a Cassian. Com a véspera do Solstício, seria necessário um pequeno milagre. Eu precisaria virar Velaris do avesso.

Ele gesticulou.

— Não precisa. Melhor do que o sofá.

— Deixando de lado o fato de que você estava bêbado demais para subir as escadas ontem à noite — comentei, sarcasticamente, o que me garantiu um gesto vulgar como resposta —, o espaço nesta casa realmente parece ser um problema. Vocês poderiam ficar lá em cima, na Casa, se preferissem. Posso atravessá-los.

— A Casa é chata. — Cassian bocejou para dar ênfase. — Az se esconde nas sombras e eu fico sozinho.

Azriel me lançou um olhar que queria dizer *É um bebê illyriano mesmo*.

Escondi o sorriso e me voltei para Cassian:

— Talvez devesse arrumar uma casa para você, então.

— Tenho uma em Illyria.

— Quis dizer aqui.

Cassian ergueu uma sobrancelha.

— Não preciso de uma casa aqui. Preciso de um *quarto*. — Ele mais uma vez tentou se esticar, chacoalhando a cama inteira. — Este aqui estaria bom se não tivesse uma cama de boneca.

Ri de novo, mas contive a réplica. Minha sugestão de que ele poderia *querer* um lugar próprio. Em breve.

Não que alguma coisa estivesse acontecendo naquela frente. Nem aconteceria tão cedo. Nestha tinha deixado bastante claro que não tinha interesse em Cassian — nem mesmo em estar no mesmo cômodo que ele. Eu sabia por quê. Já tinha visto aquilo acontecer, tinha me sentido daquela forma diversas vezes.

— Talvez este seja seu presente de Solstício, Cassian — respondi em vez disso. — Uma nova cama aqui.

— Melhor do que os presentes de Mor — murmurou Az.

Cassian gargalhou, e o som ecoou pelas paredes.

Mas olhei na direção do Sidra, erguendo uma sobrancelha.

Ela parecia radiante.

A véspera do Solstício tinha recaído completamente sobre Velaris, silenciando o murmúrio que pulsava pela cidade nas últimas semanas, como se todos parassem para ouvir a neve caindo.

Uma queda suave, sem dúvida, comparada com a tempestade selvagem que caía sobre as montanhas illyrianas.

Tínhamos nos reunido na sala de estar, o fogo crepitava, o vinho estava aberto e rolando. Embora nem Lucien nem Nestha tivessem dado as caras, o humor estava longe de ser sombrio.

De fato, quando Feyre saiu do corredor da cozinha, aproveitei para simplesmente admirá-la de onde eu estava, em uma poltrona perto da lareira.

Ela foi direto para Mor — talvez porque minha prima estivesse segurando o vinho, com a garrafa já estendida.

Admirei a vista das costas de Feyre enquanto sua taça era enchida.

Foi difícil conter cada instinto selvagem diante daquela vista particular. Diante das curvas e das reentrâncias de minha parceira, de sua cor — tão vibrante, mesmo nessa sala com tantas personalidades. O vestido azul-escuro de veludo a abraçava perfeitamente, deixando pouco para a imaginação antes de se derramar no chão. Ela deixara os cabelos soltos, cacheados levemente nas pontas — cabelos nos quais eu sabia que mais tarde iria querer mergulhar minhas mãos, espalhando os grampos de prata que prendiam as laterais. E então abriria aquele vestido. Devagar.

— Você vai me fazer vomitar — sibilou Amren, me chutando com o sapato de seda prateada de onde estava sentada na poltrona adjacente à minha. — Contenha esse seu cheiro, menino.

Olhei incrédulo para ela.

— Peço desculpas. — Lancei um olhar para Varian, que estava de pé ao lado da poltrona, e silenciosamente ofereci minhas condolências a ele.

Varian, vestindo o azul e dourado da Corte Estival, apenas sorriu e inclinou a cabeça em minha direção.

Estranho, tão estranho ver o príncipe de Adriata aqui. Em minha casa da cidade. Sorrindo. Bebendo minhas bebidas.

Até que...

— Você sequer comemora o Solstício na Corte Estival?

Até que Cassian decidiu abrir a boca.

Com os cabelos prateados brilhando à luz da lareira, Varian virou a cabeça na direção do sofá onde Cassian e Azriel estavam jogados.

— No verão, obviamente. Pois há dois Solstícios.

Azriel escondeu o sorriso ao tomar um gole do vinho.

Cassian jogou um braço no encosto do sofá.

— É mesmo?

Pela Mãe. Seria esse tipo de noite, então.

— Não se incomode em responder — disse Amren a ele, bebendo do próprio vinho. — Cassian é exatamente tão burro quanto parece. E quanto soa — acrescentou ela, com um olhar cortante.

Meu irmão ergueu o copo em um brinde antes de beber.

— Suponho que seu Solstício de Verão seja o mesmo, em tese, que o nosso — eu disse a Varian, embora soubesse a resposta. Tinha visto muitos deles, tempos atrás. — Famílias se reúnem, comida é consumida, presentes são compartilhados.

Ele me deu o que eu podia ter jurado ser um aceno de gratidão.

— Exato.

Feyre apareceu ao lado de minha poltrona, e seu cheiro me impregnou. Eu a puxei para baixo, para se sentar no braço estofado da poltrona.

Ela fez isso com uma familiaridade que aqueceu algo bem no fundo de meu peito, sem sequer se incomodar em olhar em minha direção antes de seu braço deslizar por meus ombros. Apenas o apoiando ali — apenas porque ela podia.

Parceira. Minha parceira.

— Então Tarquin não comemora o Solstício de Inverno de jeito algum? — perguntou ela a Varian.

Um aceno negativo com a cabeça.

— Talvez o devêssemos ter convidado — ponderou Feyre.

— Ainda há tempo — sugeri. O Caldeirão sabia que precisávamos de alianças mais do que nunca. — A decisão é sua, príncipe.

Varian olhou para Amren, que parecia estar completamente concentrada em sua taça de vinho.

— Vou pensar.

Assenti. Tarquin era o Grão-Senhor dele. Se viesse, a concentração de Varian estaria em outro lugar. Longe de onde ele queria que estivesse — durante os poucos dias que tinha com Amren.

Mor desabou no sofá entre Cassian e Azriel, os cachos dourados quicando.

— Gosto que sejamos apenas nós, de todo modo — declarou ela. — E você, Varian — corrigiu Mor.

Varian ofereceu um sorriso que dizia que reconhecia o esforço.

O relógio na lareira soou oito horas. Como se a tivesse convocado, Elain deslizou para a sala.

Mor imediatamente se levantou, oferecendo — *insistindo* no vinho. Típico.

Elain educadamente recusou, ocupando um lugar em uma das cadeiras de madeira dispostas à janela recuada. Também típico.

Mas Feyre estava encarando o relógio, com a testa franzida. *Nestha não vem.*

Você a convidou para amanhã. Lancei uma carícia tranquilizadora pelo laço, como se pudesse varrer o desapontamento que ondulava dela.

A mão de Feyre apertou meu ombro.

Ergui a taça, e a sala se calou.

— À família, velha e nova. Que as festividades de Solstício comecem.

E todos bebemos a isso.

CAPÍTULO

17

Feyre

O brilho da luz do sol na neve passando pelas nossas grossas cortinas de veludo me acordou na manhã do Solstício.

Olhei com raiva para o fiapo de luminosidade e virei a cabeça para longe da janela. Mas minha bochecha bateu em algo enrugado e firme. Definitivamente não era meu travesseiro.

Depois de descolar a língua do céu da boca e esfregar a dor de cabeça que tinha se formado em minha têmpora esquerda graças às horas de bebedeira, risadas e mais bebedeira até os primeiros momentos da manhã, me levantei o suficiente para ver o que tinha sido colocado ao lado de meu rosto.

Um presente. Embrulhado em papel crepom preto e amarrado com linha prateada. E ao lado dele, sorrindo para mim, estava Rhys.

Ele tinha apoiado a cabeça em um punho e deixado as asas caídas sobre a cama.

— Feliz aniversário, Feyre querida.

Resmunguei.

— Como está sorrindo depois de todo aquele vinho?

— Não tomei uma garrafa inteira sozinho, só por isso. — Ele traçou um dedo pela depressão de minha coluna.

Eu me apoiei nos cotovelos, avaliando o presente que Rhys expusera. Era retangular e quase chato, com a espessura de apenas cinco centímetros ou menos.

— Eu estava torcendo para que esquecesse.

Rhys deu um leve sorriso.

— É claro que estava.

Bocejando, me arrastei até ficar de joelhos, espreguiçando os braços bem acima da cabeça antes de puxar o presente para mim.

— Achei que abriríamos os presentes esta noite com os outros.

— É seu aniversário — lembrou ele, em tom arrastado. — As regras não se aplicam a você.

Revirei os olhos para o comentário, mesmo ao sorrir um pouco. Abrindo o embrulho com cuidado, tirei de dentro um belíssimo caderno de couro preto flexível, tão macio que era quase como veludo. Na frente, gravadas em letras prateadas simples, estavam minhas iniciais.

Ao abrir a capa mole, páginas e páginas de um lindo papel espesso surgiram. Todas em branco.

— Um caderno de desenho — disse ele. — Só para você.

— É lindo. — Era mesmo. Simples, mas feito com primor. Eu teria escolhido algo assim para mim, se tal luxo não parecesse excessivo.

Eu me abaixei para beijá-lo, um roçar de nossas bocas. Pelo canto do olho, vi outro item surgir em meu travesseiro.

Recuei e vi um segundo presente esperando: uma caixa grande envolta em papel ametista.

— Mais?

Rhys gesticulou com a mão preguiçosa, com pura arrogância illyriana.

— Achou que um caderno de desenhos seria o suficiente para minha Grã-Senhora?

Meu rosto corou, então abri o segundo presente. Uma echarpe azul-celeste da mais macia lã estava dobrada dentro da caixa.

— Assim pode parar de roubar as de Mor — disse ele, piscando um olho.

Sorri, passando a echarpe a meu redor. Cada centímetro de pele que ela tocou pareceu exuberante.

— Obrigada — falei, acariciando o material elegante. — A cor é linda.

— Hmmm. — Outro gesto de mão e um terceiro presente surgiu.

— Isso está ficando excessivo.

Rhys apenas arqueou uma sobrancelha e eu ri ao abrir o terceiro presente.

— Uma nova bolsa para meus suprimentos de pintura — sussurrei, passando as mãos pelo couro fino enquanto admirava todos os bolsos e as tiras. Um conjunto de lápis e carvões já estava dentro dela. A frente também tinha sido gravada com minhas iniciais, junto com uma minúscula insígnia da Corte Noturna. — Obrigada — falei, de novo.

O sorriso de Rhysand se intensificou.

— Tive a sensação de que joias não estariam no alto de sua lista de desejos.

Era verdade. Por mais que fossem lindas, eu tinha pouco interesse nelas. E já tinha muitas.

— Isso é exatamente o que eu teria pedido.

— Se não estivesse torcendo para que seu próprio parceiro se esquecesse de seu aniversário.

Dei um riso.

— Se não estivesse torcendo por isso. — Eu o beijei de novo, e quando fiz menção de me afastar, Rhys passou a mão por trás de minha cabeça e me segurou ali.

E me beijou intensa e preguiçosamente — como se fosse ficar contente em não fazer outra coisa o dia todo. Eu poderia ter considerado isso.

Mas consegui me desvencilhar e cruzei as pernas ao sentar outra vez na cama para pegar o novo caderno de desenho e a bolsa de suprimentos.

— Quero desenhar você — falei. — Como um presente de aniversário para *mim*.

O sorriso de Rhys foi definitivamente felino.

Abrindo o caderno e virando para a primeira página, acrescentei:

— Você disse uma vez que o melhor seria nu.

Os olhos de Rhys brilharam, e um sussurro de seu poder pelo quarto abriu as cortinas, inundando o espaço com a luz do sol do meio da manhã. E mostrando cada glorioso centímetro nu de seu corpo jogado sobre a cama, e iluminando também os tons suaves de vermelho e dourado das asas de meu parceiro.

— Faça seu pior, Quebradora da Maldição.

Com meu sangue fervendo, peguei um pedaço de carvão e comecei.

Eram quase 11 horas quando saímos do quarto. Eu tinha enchido páginas e páginas do caderno com ele — desenhos de suas asas, dos olhos, das tatuagens illyrianas. E o suficiente de seu lindo corpo nu, de modo que eu sabia que jamais mostraria aquele caderno a ninguém além de Rhys. Ele de fato murmurara sua aprovação ao folhear meu trabalho, sorrindo diante da precisão dos desenhos sobre certas áreas de seu corpo.

A casa da cidade ainda estava silenciosa conforme descemos as escadas, com meu parceiro vestindo couros illyrianos — por qualquer que fosse o motivo estranho. Se a manhã do Solstício incluísse uma das sessões de treino exaustivas de Cassian, eu ficaria alegremente para trás e começaria a comer o banquete cujo cheiro da preparação eu já sentia vindo da cozinha no fim do corredor.

Ao entrar na sala de jantar e encontrar o café da manhã à espera, mas nenhum de nossos companheiros presentes, Rhys me ajudou a sentar em minha cadeira habitual no meio da mesa, então deslizou para a cadeira ao lado.

— Imagino que Mor ainda esteja dormindo lá em cima. — Coloquei um doce de chocolate em meu prato e outro no dele.

Rhys cortou a quiche de alho-poró com presunto, e em seguida colocou um pedaço em meu prato.

— Ela bebeu ainda mais do que você, então acho que não a veremos até o pôr do sol.

Ri e estendi a xícara para receber o chá que ele estava oferecendo, com vapor espiralando do bico da chaleira.

Mas duas figuras imensas preencheram o arco da sala de jantar, e Rhys parou.

Azriel e Cassian, que tinham se esgueirado com passos suaves como os de gatos, também usavam os couros illyrianos.

E pelos sorrisos de merda, eu sabia que aquilo não acabaria bem.

Os dois se moveram antes que Rhys conseguisse, e apenas uma faísca de seu poder evitou que a chaleira caísse na mesa antes de o puxarem do assento. Mirando direto para a porta da frente.

Eu apenas mordi meu doce.

— Por favor, tragam Rhys de volta inteiro.

— Cuidaremos bem dele — prometeu Cassian, com humor malicioso nos olhos.

— Se ele conseguir acompanhar. — Até mesmo Azriel sorria.

Ergui uma sobrancelha, e no momento em que eles sumiram pela porta da frente, ainda arrastando Rhys, meu parceiro anunciou:

— Tradição.

Como se isso fosse uma explicação.

E então os três se foram; para onde, só a Mãe sabia.

Mas pelo menos nenhum dos illyrianos tinha se lembrado de meu aniversário — graças ao Caldeirão.

Portanto, com Mor dormindo e Elain provavelmente na cozinha ajudando a preparar aquela deliciosa comida cujo aroma já preenchia a casa, eu me deliciei com uma rara refeição silenciosa. E me servi do doce que tinha colocado no prato de Rhys, junto com sua porção da quiche. Assim como outro pedaço depois desse.

Tradição, de fato.

Com pouco para fazer além de descansar até que as festividades começassem na hora que antecedia ao pôr do sol, eu me acomodei à escrivaninha de nosso quarto para resolver alguma papelada.

Muito festivo, ronronou Rhys pelo laço.

Eu quase conseguia ver seu sorriso.

E onde, exatamente, está você?

Não se preocupe.

Olhei com raiva para o olho na palma de minha mão, embora soubesse que Rhys não o utilizasse mais. *Isso faz parecer que eu* deveria *me preocupar.*

Uma risada sombria. *Cassian disse que você pode esmurrá-lo quando chegarmos em casa.*

Que será quando?

Uma pausa longa demais. *Antes do jantar?*

Gargalhei. *Melhor eu não querer saber mesmo, não é?*

Sim, melhor.

Ainda sorrindo, deixei que o fio entre nós caísse e suspirei diante dos papéis que me encaravam. Contas e cartas e orçamentos...

Ergui uma sobrancelha para os últimos, puxando um volume encapado em couro para mim. Uma lista de despesas domésticas — apenas para Rhys e eu. Uma gota de água em comparação com a riqueza contida nos vários bens de meu parceiro. Nossos bens. Ao pegar um pedaço de papel, comecei a contar as despesas até então, trabalhando em um emaranhado de matemática.

O dinheiro *estava* lá para que eu o usasse se quisesse. Para comprar aquele estúdio. Havia dinheiro nos fundos de “compras variadas” para fazer isso.

Sim, eu poderia comprar aquele estúdio em um segundo com a fortuna que tinha em meu nome. Mas usar o dinheiro tão indulgentemente, mesmo para um estúdio que não seria apenas para mim...

Fechei o livro de contas, deslizando meus cálculos para entre as páginas, e me levantei. A papelada podia esperar. Decisões como aquela podiam esperar. Rhys tinha dito que o Solstício era para a família. E como ele estava no momento com os irmãos, supus que deveria encontrar pelo menos uma de minhas irmãs.

Elain me encontrou a meio caminho da cozinha, levando uma bandeja de tortas de geleias para a mesa na sala de jantar. Onde uma variedade de quitutes tinha começado a tomar forma, como bolos em camadas e biscoitos com cobertura. Pães cobertos de açúcar e tortas de frutas cobertas de caramelo.

— Estão bonitos — eu disse a ela, como um cumprimento, assentindo na direção dos biscoitos em formato de coração na bandeja. *Todos* pareciam bonitos.

Elain sorriu, a trança dela oscilava a cada passo na direção da crescente montanha de comida.

— O gosto está tão bom quanto a aparência. — Ela apoiou a bandeja e limpou as mãos cobertas de farinha no avental que usava sobre o vestido rosa-pálido. Mesmo no meio do inverno, Elain era uma florescência de cor e sol.

Ela me entregou uma das tortas, com o açúcar brilhando. Mordi sem hesitar e soltei um murmúrio de prazer. Elain sorriu.

— Há quanto tempo está trabalhando nisso? — perguntei entre mordidas, observando a comida que se reunia na mesa.

Um gesto de um dos ombros.

— Desde o alvorecer. — Elain acrescentou: — Nuala e Cerridwen acordaram horas antes.

Eu tinha visto o bônus de Solstício que Rhys dera a cada uma delas. Era mais do que a maioria das famílias ganhava em um ano. E elas mereciam cada maldita moeda de cobre.

Principalmente pelo que tinham feito por minha irmã. O companheirismo, o propósito, o pequeno senso de normalidade naquela cozinha. Ela comprara para as duas aqueles cobertores aconchegantes e felpudos da tecelã, um cor de framboesa e o outro lilás.

Elain me observou de volta conforme terminei a torta e peguei outra.

— Teve alguma notícia dela?

Eu sabia de quem minha irmã estava falando. No momento em que abri a boca para dizer que não, uma batida soou à porta.

Elain se moveu tão rápido que mal consegui acompanhar. Escancarou a porta de vidro embaçado da antecâmara no saguão, e então destrancou a pesada porta de carvalho da frente.

Mas não era Nestha quem estava no degrau da entrada, com as bochechas vermelhas de frio.

Não, quando Elain recuou um passo, afastando a mão da maçaneta, ela revelou Lucien, sorrindo levemente para nós duas.

— Feliz Solstício — foi tudo o que ele falou.

CAPÍTULO

18

Feyre

— Você parece bem — comentei quando nos acomodamos nas poltronas diante da lareira. Elain se sentou silenciosamente no sofá próximo.

Lucien aqueceu as mãos no brilho do fogo de bétula, com a luz projetando em seu rosto tons vermelhos e dourados — dourados que combinavam com o olho mecânico.

— Você também. — Um olhar de esguelha para Elain, ágil e passageiro. — Vocês duas.

Minha irmã não disse nada, mas pelo menos inclinou a cabeça em agradecimento. Na sala de jantar, Nuala e Cerridwen continuaram a acrescentar comida à mesa, a presença delas como pouco mais do que sombras gêmeas conforme caminhavam através das paredes.

— Você trouxe presentes — observei, inutilmente, assentindo na direção da pequena pilha que ele colocara ao lado da janela.

— É uma tradição de Solstício aqui, não é?

Contive o tremor. O último Solstício que eu tinha passado fora na Corte Primaveril. Com Ianthe. E Tamlin.

— Sinta-se bem-vindo para passar a noite — falei, pois Elain certamente não falaria.

Lucien abaixou as mãos para o colo e se recostou na poltrona.

— Obrigado, mas tenho outros planos.

Rezei para que ele não visse o leve brilho de alívio no rosto de minha irmã.

— Para onde vai? — perguntei, esperando manter sua concentração em mim. Sabendo que era uma tarefa impossível.

— Eu... — Lucien buscou as palavras. Não por alguma mentira ou desculpa, percebi um momento depois. Percebi quando ele falou: — Tenho estado vez ou outra na Corte Primaveril. Mas quando não estou aqui em Velaris, tenho basicamente ficado com Jurian. E Vassa.

Enrijeci o corpo.

— É mesmo? Onde?

— Há uma velha mansão no sudeste, no território dos humanos. Jurian e Vassa foram... presenteados com ela.

Pelas linhas de expressão que emolduraram a boca de Lucien, entendi quem provavelmente providenciara para que a mansão caísse nas mãos deles. Graysen — ou o pai dele. Não ousei olhar para Elain.

— Rhys mencionou que eles ainda estavam em Prythian. Não percebi que era uma situação tão permanente.

Um curto aceno.

— Por ora. Enquanto as coisas são resolvidas.

Como o mundo sem a muralha. Como as quatro rainhas humanas que ainda ocupavam algum lugar no continente. Mas não era o momento de falar sobre isso.

— Como eles estão? Jurian e Vassa? — Eu já tinha descoberto bastante com Rhys a respeito de Tamlin. Não queria ouvir mais.

— Jurian... — Lucien exalou, observando o teto de madeira entalhada acima. — Graças ao Caldeirão por ele. Jamais achei que diria isso, mas é verdade. — Ele passou a mão pelos cabelos ruivos sedosos. — Ele está fazendo com que tudo funcione. Acho que teria sido coroado rei a esta altura se não fosse por Vassa. — Um tremor dos lábios, um brilho naquele olho vermelho. — Ela está muito bem. Aproveitando cada segundo da liberdade temporária.

Não tinha me esquecido da súplica de Vassa naquela noite depois da última batalha contra Hybern. Para quebrar a maldição que a mantinha humana à noite e pássaro de fogo de dia. Uma

rainha que fora um dia orgulhosa — ainda orgulhosa, sim, mas desesperada para reivindicar a liberdade. O corpo humano. O reino.

— Ela e Jurian estão se dando bem?

Eu não os vira interagir e só podia imaginar como seriam os dois juntos no mesmo cômodo, ambos tentando liderar os humanos que ocupavam o fiapo de terra na ponta mais ao sul de Prythian. Deixada sem governo por tanto tempo. Tempo demais.

Nenhum rei ou rainha restava naquelas terras. Nenhuma memória do nome ou da linhagem deles.

Pelo menos entre os humanos. Os feéricos talvez soubessem. Rhys talvez soubesse.

Mas tudo o que restava de quem quer que um dia tivesse governado a ponta sul de Prythian era uma variedade maltrapilha de lordes e ladies. Nada mais. Nenhum duque ou conde nem qualquer dos títulos que um dia ouvira minhas irmãs mencionar enquanto discutiam os humanos do continente. Não havia tais títulos nas terras feéricas. Não em Prythian.

Não, havia apenas Grão-Senhores e senhores. E agora uma Grã-Senhora.

Eu me perguntei se os humanos tinham passado a usar *senhor* como um título graças aos Grão-Feéricos que espreitavam acima da parede.

Espreitavam — mas não mais.

Lucien considerou minha pergunta.

— Vassa e Jurian são dois lados da mesma moeda. Felizmente a visão deles para o futuro dos territórios humanos é praticamente alinhada. Mas os métodos para obtê-la... — Um franzir de testa para Elain, então um tremor para mim. — Essa não é uma conversa adequada para o Solstício.

Definitivamente não era, mas eu não me incomodava. Quanto a Elain...

Minha irmã ficou de pé.

— Eu deveria pegar bebidas.

Lucien também se levantou.

— Não precisa se incomodar. Eu vou...

Mas ela já tinha saído da sala.

Quando seus passos se afastaram do alcance dos ouvidos, Lucien desabou na poltrona novamente e soltou um longo suspiro.

— Como ela está?

— Melhor. Não menciona as habilidades. Se é que elas persistem.

— Que bom. Mas ela ainda... — Um músculo estremeceu na mandíbula de Lucien. — Ela ainda está de luto por ele?

As palavras eram pouco mais do que um grunhido.

Mordi o lábio, sopesando o quanto da verdade revelar. No fim, escolhei revelar tudo.

— Ela estava profundamente apaixonada por ele, Lucien.

O olho vermelho se agitou com um ódio fervilhante. Um instinto incontrolável — para o parceiro eliminar qualquer ameaça. Mas ele permaneceu sentado. Mesmo quando seus dedos se enterraram na poltrona.

— Faz apenas alguns meses. Graysen deixou claro que o noivado acabou, mas pode levar um tempo até que ela supere isso — prossegui.

De novo aquele ódio. Não de ciúmes, ou qualquer ameaça, mas...

— Ele é o maior canalha que já vi.

Lucien *tinha* visto Graysen, percebi. De alguma forma, ao viver com Jurian e Vassa naquela mansão, ele tinha esbarrado com o antigo prometido de Elain. E conseguira deixar o senhor humano respirando.

— Eu concordaria com você nisso — admiti. — Mas lembre-se de que estavam noivos. Dê a ela tempo para aceitar isso.

— Para aceitar uma vida acorrentada a mim?

Minhas narinas se dilataram.

— Não foi o que quis dizer.

— Ela não quer nada comigo.

— *Você* iria querer, se os lugares fossem invertidos?

Ele não respondeu.

— Depois que o Solstício acabar, por que não fica aqui por uma ou duas semanas? Não em seu apartamento, quero dizer. Aqui, na casa da cidade.

— Para fazer o quê?

— Passar tempo com ela.

— Não acho que ela tolere dois minutos sozinha comigo, então esqueça duas semanas. — A mandíbula de Lucien rangia enquanto ele estudava o fogo.

Fogo. O dom de sua mãe.

Não do pai.

Sim, era o dom de Beron. O dom do pai que o mundo acreditava que o havia gerado. Mas não o dom de Helion. Seu verdadeiro pai.

Eu ainda não tinha mencionado isso. A ninguém exceto Rhys.

Também não era hora daquilo.

— Eu esperava — arrisquei dizer — que quando você alugasse o apartamento, viesse trabalhar aqui. Conosco. Ser nosso emissário humano.

— Não estou fazendo isso agora? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Não estou mandando dois relatórios por semana para seu mestre espião?

— Poderia vir *morar* aqui, é tudo o que estou dizendo — insisti. — Realmente morar aqui, ficar em Velaris por mais tempo do que alguns dias por vez. Poderíamos arrumar aposentos melhores para você...

Lucien ficou de pé.

— Não preciso de sua caridade.

Eu também me levantei.

— Mas a de Jurian e Vassa não tem problema?

— Ficaria surpresa ao ver como nós três nos damos bem.

Amigos, percebi. Eles tinham, de alguma forma, se tornado os *amigos* dele.

— Então preferiria ficar com eles?

— Não estou ficando *com* eles. A mansão é *nossa*.

— Interessante.

O olho dourado rangeu.

— O quê?

Não me sentindo nada festiva, retruquei em tom afiado:

— Que você agora se sinta mais à vontade com humanos do que com Grão-Feéricos. Se me perguntar...

— Não perguntei.

— Parece que decidiu se juntar a duas pessoas sem lares também.

Lucien me encarou, longa e severamente. Quando falou, sua voz saiu áspera.

— Feliz Solstício para você, Feyre.

Ele se virou na direção do saguão, mas segurei seu braço para impedi-lo. O músculo definido do antebraço se moveu sob a seda fina do casaco cor de safira, mas Lucien não fez menção de se desvencilhar.

— Não quis dizer isso — falei. — Você tem um lar aqui. Se quiser.

Lucien estudou a sala de estar, o saguão adiante e a sala de jantar do outro lado.

— O Bando de Exilados.

— O quê?

— É assim que nos chamamos. O Bando de Exilados.

— Vocês têm um nome para o grupo. — Contive o tom de incredulidade.

Ele assentiu.

— Jurian não é um exilado — comentei. Vassa, sim. Lucien, duas vezes já.

— O reino de Jurian não passa de poeira e memória semiesquecida. Seu povo está há muito espalhado e sendo absorvido por outros territórios. Ele pode se chamar como quiser.

Sim, depois da batalha contra Hybern, depois da ajuda de Jurian, creio que poderia mesmo.

— E o que exatamente esse Bando de Exilados planeja fazer? Oferecer eventos? Organizar comitês de planejamento de festas? — perguntei.

O olho metálico de Lucien estalou levemente e se semicerrou.

— Você pode ser tão babaca quanto aquele seu parceiro, sabia disso?

Era verdade. Suspirei de novo.

— Desculpe. É que...

— Não tenho mais para onde ir. — Antes que eu pudesse protestar, ele continuou: — Você arruinou qualquer chance que tenho de voltar para a Primaveril. Não para Tamlin, mas para a corte além da casa dele. Todos ainda acreditam nas mentiras que você contou ou que fui cúmplice de sua enganação. E quanto a este lugar... — Ele se desvencilhou de meu toque e seguiu para a porta.

— *Eu* não suporto ficar no mesmo cômodo que ela por mais de dois minutos. *Eu* não suporto estar nesta corte e ter seu parceiro pagando pelas roupas em minhas costas.

Estudei a jaqueta que ele vestia. Eu a vira antes. Na...

— Tamlin a enviou para nossa mansão ontem — sibilou Lucien. — Minhas roupas. Meus pertences. Tudo. Mandou enviarem da Corte Primaveril e largarem à porta.

Canalha. Ainda um canalha, apesar do que fizera por Rhys e por mim durante aquela última batalha. Mas a culpa por aquele comportamento não estava apenas nos ombros de Tamlin. Eu tinha causado aquela divisão. Eu a rasgara com as próprias mãos.

Não me sentia culpada o suficiente para querer pedir desculpas. Ainda não. Talvez nunca.

— Por quê? — Foi a única coisa que consegui pensar em perguntar.

— Talvez tenha algo a ver com a visita de seu parceiro.

Minha coluna enrijeceu.

— Rhys não envolveu você naquilo.

— Foi como se tivesse envolvido. O que quer que tenha dito ou feito, Tamlin decidiu que deseja permanecer em solidão. — O olho vermelho escureceu. — Seu parceiro deveria saber que não se deve chutar um macho caído.

— Não posso dizer que me sinto mal por ele ter feito isso.

— Precisará de Tamlin como aliado antes de a poeira baixar. Tenha cuidado.

Eu não queria pensar nem considerar aquilo hoje. Em dia nenhum.

— Meu assunto com ele está encerrado.

— O seu pode estar, mas o de Rhys, não. E seria bom lembrar seu parceiro desse fato.

Um pulso percorreu o laço, como se em resposta. *Tudo bem?*

Deixei que Rhys visse e ouvisse tudo que fora dito; a conversa foi transmitida em um piscar de olhos. *Sinto muito por ter causado problemas a ele,* falou Rhys. *Precisa que eu volte para casa?*

Eu cuido disso.

Avise se precisar de alguma coisa, disse ele, e o laço ficou mudo.

— Checando se está tudo bem? — perguntou Lucien, baixinho.

— Não sei do que está falando — respondi, com o retrato do tédio estampado no rosto.

Ele me olhou como se tivesse compreendido, então continuou até a porta, pegando o pesado sobretudo e a echarpe dos ganchos pregados ao painel de madeira ao lado da saída.

— A caixa maior é para você. A menor é para ela.

Levei um segundo para perceber que ele estava falando dos presentes. Olhei por cima do ombro para a cuidadosa embalagem prateada, laços azuis sobre as duas caixas.

Quando olhei de volta, Lucien já tinha ido embora.

Encontrei minha irmã na cozinha, observando a chaleira gritar.

— Ele não vai ficar para o chá — falei.

Nenhum sinal de Nuala ou Cerridwen.

Elain simplesmente tirou a chaleira do fogo.

Eu sabia que não estava realmente irritada com ela, não estava irritada com ninguém além de mim mesma, mas falei: — Não podia dizer uma única palavra para ele? Um cumprimento agradável?

Minha irmã apenas encarou a chaleira fumegante ao apoiá-la no balcão de pedra.

— Ele trouxe um presente para você.

Aqueles olhos castanhos de corça se viraram para mim. Mais afiados do que eu jamais os vira.

— E isso dá a ele o direito a meu tempo, minha afeição?

— Não. — Pisquei. — Mas ele é um macho *bom*. — Apesar de nossas palavras severas. Apesar dessa baboseira de Bando de Exilados. — Que se importa com você.

— Ele não me conhece.

— Você não dá a ele a chance de sequer tentar fazer isso.

Sua boca se contraiu, o único sinal de raiva no semblante gracioso.

— Não quero um parceiro. Não quero um *macho*.

Ela queria um homem humano.

Solstício. Hoje era Solstício e todos deveriam estar alegres e felizes. Certamente *não* brigando a torto e a direito.

— Sei que não quer. — Exalei demoradamente. — Mas...

Mas eu não fazia ideia de como terminar aquela frase. Só porque Lucien era o parceiro dela não queria dizer que tinha o direito de reivindicar o tempo de Elain. Sua afeição. Ela era independente, capaz de fazer as próprias escolhas. Avaliar as próprias necessidades.

— Ele é um macho bom — repeti. — E... e apenas... — Busquei as palavras com dificuldade. — Não gosto de ver nenhum de vocês infeliz.

Elain encarou a mesa de trabalho, os quitutes prontos e os incompletos estavam dispostos na superfície, enquanto a chaleira esfriava no balcão.

— Sei que não gosta.

Não havia mais nada a ser dito. Então toquei o ombro dela e saí.

Elain não disse nada.

Encontrei Mor sentada nos degraus na base da escada, usando calça larga de cor pêssego e um suéter branco grosso. Uma combinação do habitual estilo de Amren com o meu.

Com os brincos dourados brilhando, ela me ofereceu um sorriso sombrio.

— Bebida? — Um decantador e dois copos surgiram em suas mãos.

— Pela Mãe, sim.

Mor esperou até que eu estivesse sentada ao seu lado nos degraus de carvalho e tivesse entornado um punhado de líquido âmbar, que desceu queimando por minha garganta e aqueceu minha barriga, antes de perguntar: — Quer meu conselho?

Não. Sim.

Assenti.

Mor bebeu intensamente do copo.

— Fique fora disso. Ela não está pronta, e ele também não, não importa quantos presentes traga.

Ergui uma sobrancelha.

— Enxerida.

Mor se recostou nos degraus, sem qualquer arrependimento.

— Deixe que ele viva com seu Bando de Exilados. Deixe que lide com Tamlin da forma dele. Deixe que decida onde quer estar. *Quem* quer ser. O mesmo vale para ela.

Mor estava certa.

— Sei que ainda se culpa por suas irmãs terem sido Feitas. — Ela cutucou meu joelho com o dela. — E, por causa disso, quer consertar tudo para elas agora que estão aqui.

— Sempre quis fazer isso — falei, sombriamente.

Ela deu um sorriso torto.

— É por isso que amamos você. Por isso que elas amam você.

Sobre Nestha, eu não tinha tanta certeza.

— Apenas seja paciente. Tudo vai se resolver. Sempre se resolve — prosseguiu Mor.

Outra semente de verdade.

Enchi o copo de novo, apoiei o decantador de cristal no degrau atrás de nós e bebi novamente.

— Quero que sejam felizes. Todos eles.

— E serão.

Ela disse aquelas palavras simples com uma convicção tão determinada que acreditei.

Arqueei uma sobrancelha.

— E você... você está feliz?

Mor sabia do que eu estava falando, mas ela apenas sorriu, girando a bebida no copo.

— É Solstício. Estou com minha família. Estou bebendo. Estou *muito* feliz.

Uma evasão habilidosa. Da qual eu estava feliz em participar. Brindei com o copo pesado contra o dela.

— E por falar em nossa família... Onde estão aqueles *malditos*?

Os olhos castanhos de Mor se iluminaram.

— Ah... ah, ele não contou para você, não é?

Meu sorriso hesitou.

— Contou o quê?

— O que os três fazem toda manhã de Solstício.

— Estou começando a ficar nervosa.

Ela apoiou o copo e segurou meu braço.

— Venha comigo.

Antes que eu pudesse protestar, ela nos atravessou.

Uma luz ofuscante me atingiu. Assim como o frio.

Frio gélido, cruel. Frio demais para o suéter e calça que usávamos.

Neve. E sol. E vento.

E montanhas.

E... um chalé.

O chalé.

Mor apontou para o campo infinito no alto da montanha. Coberto de neve, exatamente como eu o vira pela última vez. Contudo, em vez de uma extensão lisa, ininterrupta...

— Aqueles são *fortes de neve*?

Um aceno de cabeça.

Algo branco disparou pelo campo, branco e duro e reluzente, então...

Um urro de Cassian ecoou pelas montanhas ao redor. Seguido por: — Seu *canalha*!

A risada de resposta de Rhys foi tão alegre quanto o sol sobre a neve.

Observei as três muralhas de neve — as *barricadas* — que ladeavam o campo conforme Mor ergueu um escudo invisível contra o vento cruel. Isso fez pouco para afastar o frio, no entanto.

— Estão fazendo uma guerra de bolas de neve.

Outro aceno.

— Três guerreiros illyrianos — ressaltei. — Os *melhores* guerreiros illyrianos. Estão fazendo uma guerra de bolas de neve.

Os olhos de Mor praticamente brilharam com um prazer malicioso.

— Desde que eram crianças.

— Eles têm mais de 500 anos.

— Quer que eu diga a contagem atual de vitórias?

Olhei boquiaberta para ela. Então para o campo adiante. Para as bolas de neve que estavam, de fato, voando com precisão brutal, ágil, conforme cabeças escuras surgiam acima das muralhas que eles haviam construído.

— Sem mágica — recitou Mor —, sem asas, sem descanso.

— Estão aqui desde o meio-dia. — Eram quase três horas da tarde. Meus dentes começaram a tremer.

— Sempre fiquei em casa para beber — observou ela, como se isso fosse uma resposta.

— Como sequer decidem quem *vence*?

— Quem quer que não morra congelado?

Olhei boquiaberta para ela de novo, apesar dos dentes batendo.

— Isso é ridículo.

— Tem mais álcool no chalé.

De fato, nenhum dos machos pareceu sequer reparar em nós. Não quando Azriel surgiu, atirou duas bolas de neve para o céu e sumiu atrás de sua muralha de neve outra vez.

Um momento depois, o xingamento de Rhys disparou até nós: — *Bundão.* — Gargalhada envolvia cada sílaba.

Mor passou o braço pelo meu de novo.

— Não acho que seu parceiro será o vencedor este ano, minha amiga.

Inclinei o corpo contra o calor dela e nós duas caminhamos com neve na altura das canelas até o chalé, onde a chaminé já soprava contra o céu azul límpido.

Realmente, uns bebês illyrianos.

CAPÍTULO

19

Feyre

Azriel venceu.

A centésima nonagésima nona vitória, aparentemente.

Os três tinham entrado no chalé uma hora depois, pingando neve, com a pele manchada de vermelho e sorrindo de orelha a orelha.

Mor e eu, aconchegadas sob um cobertor no sofá, somente reviramos os olhos para eles.

Rhys deu um beijo no alto de minha cabeça e declarou que os três fariam sauna no barracão forrado de cedro anexo à casa, e em seguida eles se foram.

Pisquei para Mor quando os três saíram, deixando a imagem se assentar.

— Outra tradição — explicou ela, a garrafa de álcool cor de âmbar quase vazia. E minha cabeça girando por causa disso. — Um costume illyriano, na verdade, os barracões aquecidos. Os betulíneos. Um bando de guerreiros pelados, sentados juntos no vapor, suando.

Pisquei de novo.

Os lábios de Mor se contraíram.

— Deve ser o único bom costume que os illyrianos já inventaram, para ser sincera.

Ri com deboche.

— Então os três estão simplesmente lá. Pelados. Suando.

Pela Mãe.

Interessada em dar uma olhada? O ronronado sombrio ecoou em minha mente.

Eca. Volte para seu suor.

Tem espaço para mais um aqui.

Achei que parceiros fossem territoriais.

Eu podia sentir o sorriso de Rhys como se estivesse contra meu pescoço. *Estou sempre ansioso para saber o que atiça seu interesse, Feyre querida.*

Observei a cabine ao redor, as superfícies que eu tinha pintado havia quase um ano. *Me prometeram uma parede, Rhys.*

Uma pausa. Uma longa pausa. *Já tomei você contra uma parede antes.*

Estas paredes.

Outra pausa bem longa. *É de mau gosto ficar tão para cima quando se está nos betulíneos.*

Meus lábios se curvaram conforme mandei uma imagem para ele. Uma lembrança.

De mim na mesa da cozinha a apenas poucos metros. De Rhys ajoelhado em frente. Minhas pernas enroscadas em sua cabeça.

Que coisa mais cruel e maliciosa.

Ouvi uma porta bater em algum lugar na casa, seguida por um grito masculino distinto. Então batidas — como se alguém estivesse tentando voltar para dentro.

Os olhos de Mor brilharam.

— Você fez com que ele fosse expulso, não fez?

Meu sorriso de resposta a fez rugir.

Além de Velaris, o sol estava mergulhando no mar distante quando Rhys, ao lado da moldura de mármore preto da lareira da sala de estar da casa da cidade, ergueu a taça de vinho.

Todos nós — em nossa maior elegância, pelo menos uma vez — erguemos as nossas a seguir.

Eu tinha escolhido usar meu vestido da Queda das Estrelas, deixando a coroa de lado, mas usando as pulseiras de diamante. Elas brilharam e reluziram em meu campo de visão conforme fiquei de pé ao lado de Rhys, sorvendo cada parte de seu lindo rosto ao ouvi-lo brindar: — À abençoada escuridão da qual nascemos e para a qual voltamos.

Erguemos nossas taças e bebemos.

Olhei para ele — meu parceiro, na mais elegante jaqueta preta, o bordado prateado reluzindo à luz feérica. *É isso?*

Ele arqueou uma sobrancelha. *Queria que eu seguisse tagarelando ou queria começar a comemorar?*

Meus lábios se contraíram. *Você realmente mantém as coisas informais.*

Mesmo depois de todo esse tempo, você ainda não acredita em mim. A mão de Rhys deslizou para trás de mim e me beliscou. Mordi o lábio para evitar rir. *Espero que tenha comprado um bom presente de Solstício para mim.*

Foi minha vez de beliscá-lo, e ele gargalhou, beijando minha têmpora uma vez antes de sair calmamente da sala para, sem dúvida, pegar mais vinho.

Além das janelas, a escuridão tinha, de fato, caído. A mais longa noite do ano.

Encontrei Elain estudando-a, linda com o vestido de cor ametista. Fiz menção de seguir até ela, mas alguém foi mais rápido.

O encantador de sombras estava vestindo uma jaqueta preta e calças semelhantes a de Rhysand — o tecido impecavelmente costurado e montado para acomodar as asas. Ainda usava os Sifões sobre cada mão, e sombras seguiam seus passos, enroscando-se como brasas espiraladas, mas havia pouco sinal do guerreiro exceto por isso. Principalmente quando ele, com gentileza, desejou um feliz Solstício a minha irmã.

Elain se virou da neve que caía na escuridão adiante e abriu um leve sorriso.

— Nunca participei de um desses.

Do outro lado da sala, com Varian ao lado, Amren, resplandecente na regalia principesca, observou: — São extremamente supervalorizados.

Mor sorriu com ironia.

— Diz a fêmea que sai dele parecendo uma bandida todos os anos. Não sei como não é roubada voltando para casa com tanta joia enfiada nos bolsos.

Amren exibiu os dentes brancos demais.

— Cuidado, Morrigan, ou vou devolver a coisa bonitinha que comprei para você.

Mor, para minha surpresa, se calou imediatamente.

Assim como os outros, pois naquele instante Rhys voltou com...

— Não. — Cuspi as palavras.

Ele sorriu para mim por cima do imenso bolo de camadas que carregava nos braços — por cima das 21 velas acesas que iluminavam seu rosto.

Cassian me deu um tapinha no ombro.

— Achou que conseguiria passar despercebida, não é?

Resmunguei.

— Vocês são todos insuportáveis.

Elain se aproximou de mim.

— Parabéns, Feyre.

Meus amigos — minha família — ecoaram as palavras quando Rhys apoiou o bolo na mesa baixa diante da lareira. Olhei para minha irmã.

— Você...?

Um aceno positivo de Elain.

— Mas Nuala o decorou.

Foi então que percebi como as três camadas diferentes tinham sido pintadas e com o que deveriam se parecer.

No topo, flores. No meio, chamas.

E na base, na camada mais larga... estrelas.

O mesmo desenho do gaveteiro que eu um dia tinha pintado naquele chalé em ruínas. Um para cada uma de nós... cada irmã. Aquelas estrelas e luas enviadas para mim, para minha mente, por meu parceiro, muito antes de sequer nos conhecermos.

— Pedi a Nuala que fizesse nessa ordem — contou Elain enquanto os demais se reuniam. — Porque você é a base, aquela que nos ergue. Sempre foi.

Minha garganta deu um nó insuportável, e apertei a mão de minha irmã em resposta.

Mor, que o Caldeirão a abençoe, gritou:

— Faça um desejo e vamos para os presentes!

Pelo menos essa tradição era igual em ambos os lados da muralha.

Encontrei o olhar de Rhys acima das velas acesas. O sorriso em seu rosto bastou para fazer o nó em minha garganta se tornar uma queimação nos olhos.

Qual vai ser seu desejo?

Uma pergunta simples, justa.

E ao olhar para ele, para aquele rosto lindo de sorriso tranquilo, com tantas daquelas sombras desaparecidas, com nossa família reunida ao redor, a eternidade como uma estrada adiante... eu soube.

Realmente soube qual seria meu desejo, como se fosse um pedaço do quebra-cabeça de Amren encaixado no lugar, como se os fios da tapeçaria da tecelã finalmente revelassem o desenho que deveriam fazer.

Não contei a ele, no entanto. Apenas tomei fôlego e soprei.

Bolo antes do jantar era completamente aceitável no Solstício, Rhys me informou conforme apoiamos os pratos nas superfícies mais próximas na sala de estar. Principalmente antes dos presentes.

— Que presentes? — perguntei, observando a sala desprovida deles, exceto pelas duas caixas de Lucien.

Os demais sorriram para mim quando Rhys estalou os dedos e...

— Ah...

Caixas e sacolas, tudo alegremente embrulhado e adornado, encheram as janelas recuadas.

Pilhas e montanhas e *torres* deles. Mor soltou um gritinho de prazer.

Eu me virei na direção do saguão. Tinha deixado os meus em um armário de suprimentos de limpeza no terceiro andar...

Não. Estavam ali. Embrulhados e no final do recuo da janela.

Rhys piscou um olho para mim.

— Tomei a liberdade de acrescentar seus presentes ao tesouro comunal.

Ergui as sobrancelhas.

— Todos deram os presentes a você?

— Ele é o único em quem confiamos para não olhar — explicou Mor.

Olhei na direção de Azriel.

— Até mesmo ele — disse Amren.

Azriel me deu um encolher de corpo culpado.

— Mestre espião, lembra?

— Começamos a fazer isso há dois séculos — prosseguiu Mor. — Depois que Rhys pegou Amren literalmente *sacudindo* uma caixa para descobrir o que tinha dentro dela.

Amren estalou a língua quando soltei uma risada.

— O que eles não viram foi Cassian aqui embaixo dez minutos antes *cheirando* cada caixa.

Cassian deu a ela um sorriso preguiçoso.

— Não fui eu quem foi pego.

Eu me virei para Rhys.

— E de alguma forma *você* é o mais confiável?

Ele pareceu totalmente ofendido.

— Sou um Grão-Senhor, Feyre querida. Honra irredutível está em meu sangue.

Mor e eu rimos.

Amren caminhou até a pilha mais próxima de presentes.

— Vou primeiro.

— É claro que vai — murmurou Varian, o que o fez ganhar um sorriso meu e outro de Mor.

Amren sorriu docemente para ele antes de se abaixar para escolher um presente. Varian teve o bom senso de estremecer apenas quando ela já tinha virado de costas.

Ela pegou um presente embalado em papel cor-de-rosa, leu a etiqueta e rasgou o embrulho.

Todos tentaram esconder o tremor, porém sem sucesso.

Eu vira animais destruírem carcaças com menos ferocidade.

Mesmo assim, Amren estava radiante ao se virar para Azriel com um par de belos brincos de pérola com diamante sacudindo das pequenas mãos.

— Obrigada, encantador de sombras — disse ela, inclinando a cabeça.

Azriel repetiu o gesto em resposta.

— Fico feliz que tenham passado pela inspeção.

Cassian acotovelou Amren para passar, o que lhe garantiu um sibilo de aviso, e começou a jogar presentes. Mor pegou o dela com facilidade, destruindo o papel com tanto entusiasmo quanto Amren. Ela sorriu para o general.

— Obrigada, querido.

Cassian deu um sorriso convencido.

— Sei do que você gosta.

Quando Mor ergueu...

Eu engasguei. Azriel também, virando-se para Cassian ao fazer isso.

O guerreiro apenas deu uma piscadela para o irmão conforme a camisola vermelha quase inexistente oscilou entre as mãos de Mor.

— Não deixe que ele engane vocês. Cassian não conseguiu pensar em uma maldita coisa para me dar, então ele desistiu e me perguntou diretamente. Dei ordens precisas. E, pela primeira vez na vida, ele as obedeceu — murmurou Mor antes que Azriel pudesse perguntar o que, sem dúvida, todos nós queríamos saber.

— O guerreiro perfeito até o fim — disse Rhys, em tom arrastado.

Cassian se recostou no sofá, esticando as longas pernas diante dele.

— Não se preocupe, Rhysinho. Tenho uma para você também.

— Quer que eu desfile com ela para você?

Gargalhei, surpresa ao ouvir o som ecoar do outro lado da sala. De Elain.

O presente dela... Corri até a pilha de presentes antes que Cassian pudesse jogar mais um pela sala, caçando o pacote que embrulhara cuidadosamente no dia anterior. Tinha acabado de vê-lo atrás de uma caixa maior quando ouvi. A batida.

Apenas uma vez. Rápida e forte.

Eu sabia. Sabia, antes que Rhys sequer olhasse em minha direção, quem estava de pé à porta.

Todos sabiam.

O silêncio recaiu, interrompido apenas pelo fogo crepitante.

Um segundo, e eu já estava me movendo, com o vestido farfalhando ao redor do corpo conforme atravessava o saguão. Em seguida, escancarei a porta de vidro gradeada com ferro e depois abri a de carvalho, então me preparei para o ataque do frio.

Para o ataque de Nestha.

CAPÍTULO

20

Feyre

Havia neve agarrada aos cabelos de Nestha enquanto nos encarávamos através da ombreira da porta.

Suas bochechas estavam coradas por causa da noite gélida, mas o rosto permanecia solene. Frio como os paralelepípedos cobertos de neve.

Abri a porta um pouco mais.

— Estamos na sala de estar.

— Eu vi.

A conversa, hesitante e vacilante, chegava ao saguão. Sem dúvida uma nobre tentativa de todos de nos dar alguma privacidade e senso de normalidade.

Estendi a mão na direção de Nestha, que continuava à porta.

— Aqui... me deixe guardar seu casaco.

Tentei não prender o fôlego quando ela olhou para além de mim, para a casa. Como se sopesando se daria aquele passo além da soleira da porta.

Pelo canto do olho, vi algo roxo e dourado lampejar. Elain.

— Vai ficar doente se continuar de pé aí no frio — disse ela, sorrindo largamente, mas como se estivesse repreendendo Nestha. — Venha se sentar comigo ao lado da lareira.

Os olhos azul-acinzentados de Nestha se voltaram para os meus. Cautelosos. Avaliando.

Continuei onde estava. Mantive aquela porta aberta.

Sem uma palavra, minha irmã atravessou a porta.

Em questão de segundos, ela tirou o casaco, a echarpe e as luvas, revelando um daqueles vestidos simples, porém elegantes, que eram seus preferidos. Nestha escolhera um cinza-escuro. Sem joias. Certamente sem presentes. Mas pelo menos viera.

Elain cruzou o braço com o de nossa irmã para levá-la até a sala, e eu segui, observando o grupo além delas quando as duas pararam.

Observando Cassian, principalmente, que estava de pé com Az diante da lareira.

Era o retrato da tranquilidade, com um braço apoiado na moldura entalhada, as asas fechadas relaxadamente, um leve sorriso e uma taça de vinho na mão. Ele voltou os olhos cor de avelã para minha irmã sem se mover um centímetro.

Elain estava com um sorriso estampado no rosto enquanto levava Nestha não para a lareira, como prometera, mas para o armário de bebidas.

— Não a leve para o vinho, leve-a para a comida — gritou Amren para Elain do assento no braço da poltrona, enquanto enfiava os brincos de pérola que Az lhe dera nos lobos das orelhas. — Consigo ver essa bunda ossuda até mesmo através desse vestido.

Nestha parou no meio da sala, ereta. Cassian ficou imóvel como a morte.

Elain parou ao lado de nossa irmã, e aquele sorriso estampado hesitou.

Amren apenas deu um risinho para Nestha.

— Feliz Solstício, menina.

Nestha a encarou, até que o fantasma de um sorriso curvou seus lábios.

— Belos brincos.

Eu senti, mais do que vi, a sala relaxar levemente.

— Acabamos de começar a abrir os presentes — disse Elain, alegremente.

E apenas quando ela disse essas palavras, me ocorreu que nenhum dos presentes na sala tinha o nome de Nestha.

— Ainda não comemos — ofereci, demorando-me no portal entre a sala de estar e o saguão. — Mas se estiver com fome, podemos fazer um prato...

Nestha aceitou a taça de vinho que Elain colocou em sua mão. Mas não pude deixar de notar que em seguida Elain se virou de novo para o armário de bebidas, se serviu de um dedo de licor cor de âmbar e o entornou com uma careta antes de encarar nossa irmã outra vez.

Uma risada baixa saiu de Amren, que não perdia nada.

A atenção de Nestha, no entanto, tinha passado para o bolo de aniversário ainda sobre a mesa, com as diversas camadas cortadas inúmeras vezes.

Os olhos dela se ergueram para os meus no silêncio.

— Feliz aniversário.

Ofereci um aceno de agradecimento.

— Elain fez o bolo — expliquei, um pouco inutilmente.

Nestha apenas assentiu antes de seguir para uma cadeira perto dos fundos da sala, ao lado de uma das estantes de livros.

— Podem voltar para seus presentes — disse ela ao se sentar, com a voz baixa, mas sem hesitar.

Elain se apressou até uma caixa perto da frente da pilha.

— Este é para você — declarou ela para nossa irmã.

Lancei um olhar de súplica a Rhys. *Por favor, comece a falar de novo. Por favor.*

Parte da luz tinha sumido de seus olhos violeta enquanto Rhys estudava Nestha, que bebia do copo que lhe fora servido. Ele não respondeu pelo laço, mas se virou para Varian:

— Tarquin dá uma festa formal para o Solstício de Verão ou faz uma reunião mais casual?

O príncipe de Adriata não perdeu um segundo e se lançou em uma descrição, talvez desnecessária, das comemorações da Corte Estival. Eu o agradeceria por aquilo depois.

Elain tinha alcançado Nestha àquela altura, oferecendo a ela o que parecia ser uma pesada caixa embrulhada em papel.

Perto das janelas, Mor se colocou em movimento, entregando a Azriel o presente dele.

Dividida entre observar as duas cenas, permaneci à porta.

A compostura de Azriel nem mesmo vacilou quando ele abriu o presente: um conjunto de toalhas azuis bordadas com as iniciais dele. Em um tom intenso de azul.

Precisei virar o rosto para evitar rir. Az, para crédito dele, deu a Mor um sorriso de agradecimento, e um rubor subiu pelas bochechas do mestre espião conforme os olhos cor de avelã se fixaram na Grã-Feérica. Virei o rosto diante do calor, do desejo que tomou conta daqueles olhos.

Mas Mor o dispensou com um gesto e seguiu para dar a Cassian o presente dele; o guerreiro, no entanto, não se moveu. Nem moveu os olhos de Nestha conforme ela abriu o embrulho marrom e revelou um conjunto de cinco livros em uma caixa de couro. Minha irmã leu os títulos, então ergueu a cabeça para Elain, que sorriu para ela.

— Fui até aquela livraria. Sabe aquela ao lado do teatro? Pedi recomendações a eles, e a mulher... quer dizer, a fêmea... Ela disse que os livros desse autor eram seus preferidos.

Eu me aproximei o suficiente para ler um dos títulos. Algo romântico, ao que parecia.

Nestha pegou um dos livros e folheou as páginas.

— Obrigada.

As palavras soaram rígidas, sombrias.

Cassian, por fim, se virou para Mor, rasgando o embrulho do presente dela sem apreço pela bela embalagem. Ele riu para o que estava dentro da caixa.

— O que eu sempre quis. — Ele ergueu o que parecia ser um calção de seda vermelha. O conjunto perfeito para a camisola.

Com Nestha propositalmente ocupada ao folhear os novos livros, segui para os presentes que tinha embrulhado no dia anterior.

Para Amren, uma pasta dobrável especialmente projetada para seus quebra-cabeças. Para não precisar deixá-los no apartamento caso fosse visitar terras mais ensolaradas e quentes. Isso me garantiu tanto um revirar de olhos quanto um sorriso de agradecimento. O broche de rubi e prata, com o formato de um par de asas cheias de penas, me garantiu um raro beijo na bochecha.

Para Elain, um manto azul-claro com buracos para os braços, perfeito para jardinagem nos meses mais frios.

E para Cassian, Azriel e Mor...

Grunhi ao puxar até eles as três pinturas embrulhadas. Então esperei em um silêncio inquieto enquanto abriam as embalagens.

Enquanto observavam o que havia dentro e sorriam.

Eu não fazia ideia do que dar a eles, exceto aquilo. As peças em que trabalhara recentemente — lampejos de suas histórias.

Nenhum dos três explicou o que as pinturas significavam, o que eles seguravam. Mas cada um me deu um beijo na bochecha em agradecimento.

Antes que eu pudesse dar a Rhys o seu presente, encontrei uma pilha deles em meu colo.

De Amren, recebi um manuscrito em iluminura, antigo e lindo. De Azriel, tintas raras e vibrantes do continente. De Cassian, uma bainha de couro decente para uma espada, ideal para ser colocada na depressão de minha coluna como uma verdadeira guerreira illyriana. De Elain, elegantes pincéis gravados com minhas iniciais e a insígnia da Corte Noturna nos cabos. E de Mor, um par de chinelos com forro de lã. Chinelos forrados de lã em um tom de cor-de-rosa bem forte.

Nada de Nestha, mas eu não me importava. Nem um pouco.

Os demais passaram o restante dos presentes, e eu finalmente encontrei um momento para puxar a última pintura para Rhys. Ele estava parado à janela recuada, calado e sorridente. No ano anteior tivera seu primeiro Solstício desde Amarantha — este ano, o segundo. Eu não queria saber como fora, o que ela fizera com ele durante aqueles 49 Solstícios que Rhys perdera.

Ele abriu meu presente cuidadosamente, erguendo a pintura de forma que os demais não a vissem.

Observei os olhos dele percorrerem o que estava ali. Observei sua garganta oscilar.

— Diga que esse não é seu novo bicho de estimação — falou Cassian, tendo se esgueirado para trás de mim para olhar.

Eu o empurrei para longe.

— Enxerido.

O rosto de Rhys permaneceu sério; os olhos brilharam como estrelas ao encontrarem os meus.

— Obrigada.

Os demais prosseguiram, com vozes um pouco mais altas. Para nos dar privacidade naquela sala lotada.

— Não faço ideia de onde pode pendurar — falei —, mas queria que você o tivesse.

Que o visse.

Pois naquela pintura, eu tinha mostrado a ele o que não revelara a ninguém. O que o Uróboro tinha revelado para mim: a criatura dentro de mim, a criatura cheia de ódio e arrependimento e amor e sacrifício, a criatura que podia ser cruel e corajosa, triste e alegre.

Dei a ele *eu mesma* — como ninguém além de Rhys me veria. Ninguém além de Rhys poderia jamais entender.

— É lindo — disse ele, com a voz ainda rouca.

Pisquei para afastar as lágrimas que ameaçaram descer àquelas palavras e me aproximei quando Rhys depositou um beijo em minha boca. *Você é linda*, sussurrou ele pelo laço.

Você também.

Eu sei.

Gargalhei, me afastando.

Canalha.

Havia apenas poucos presentes restantes — os de Lucien. Abri o meu e encontrei um presente para mim e para meu parceiro; três garrafas de uma bebida requintada. *Vão precisar disso*, era tudo o que dizia o bilhete.

Entreguei a Elain a pequena caixa com o nome dela, e seu sorriso se esvaiu quando a abriu.

— Luvas encantadas — leu minha irmã no cartão. — Que não vão rasgar ou se tornar suadas demais durante a jardinagem. — Elain afastou a caixa sem olhar por mais do que um momento. E me perguntei se ela *preferia* ter mãos arranhadas e suadas, como se a terra e os cortes fossem prova de seu trabalho. De sua alegria.

Amren deu um gritinho — um *gritinho* de verdade — de prazer ao ver o presente de Rhys. As joias reluzindo dentro das múltiplas caixas. Mas seu prazer se tornou mais silencioso, mais carinhoso, quando abriu o presente de Varian. Não mostrou a nenhum de nós o que havia dentro da pequena caixa antes de oferecer a ele um sorriso leve e íntimo.

Restara uma minúscula caixa na mesa perto da janela — uma caixa que Mor pegou, semicerrou os olhos para a etiqueta e disse:

— Az, este é para você.

As sobrancelhas do encantador de sombras se ergueram, mas a mão coberta de cicatrizes se estendeu para pegar o presente.

Elain se virou de onde estava conversando com Nestha.

— Ah, esse é meu.

O rosto de Azriel sequer estremeceu diante das palavras. Nem mesmo um sorriso quando ele abriu o presente e revelou...

— Pedi que Madja o fizesse — explicou Elain. As sobrancelhas de Azriel se semicerraram à menção da curandeira preferida da família. — É um pó para ser misturado a qualquer bebida.

Silêncio.

Minha irmã mordeu o lábio, então deu um sorriso tímido.

— É para as dores de cabeça que todos sempre causam em você. Já que esfrega as têmporas com tanta frequência.

Silêncio de novo.

Então Azriel inclinou a cabeça para trás e *gargalhou*.

Eu jamais tinha ouvido tal som, profundo e alegre. Cassian e Rhys se juntaram a ele. Tomando o recipiente de vidro da mão do irmão, Cassian a examinou e disse:

— Brilhante.

Elain sorriu de novo, abaixando a cabeça.

— Obrigado. — Azriel se conteve o bastante para dizer. Eu jamais vira seus olhos cor de avelã tão brilhantes, os tons de verde em meio ao marrom e cinza como veios de esmeralda. — Isso será inestimável.

— Canalha — comentou Cassian, mas gargalhou de novo.

Nestha observava, cautelosa, de sua cadeira, com o presente de Elain — seu único presente — ainda no colo. A coluna dela se enrijeceu levemente. Não diante das palavras, mas diante de Elain, rindo com eles. Conosco.

Como se Nestha estivesse nos vendo de algum tipo de janela. Como se ainda estivesse de pé no pátio, nos observando dentro da casa.

Eu me obriguei a sorrir, no entanto. A rir com eles.

E tinha a sensação de que Cassian estava fazendo o mesmo.

A noite foi um borrão de gargalhadas e bebedeira, mesmo com Nestha sentada quase em silêncio à mesa de jantar lotada.

Somente quando o relógio bateu duas horas os bocejos começaram a surgir. Amren e Varian foram os primeiros a ir embora, com o príncipe levando todos os presentes nos braços e Amren aninhada no elegante casaco de arminho que ganhara dele — um segundo presente a qualquer que fosse aquele que Varian pusera na pequena caixa.

Acomodada de novo na sala de estar, Nestha se levantou meia hora depois e silenciosamente deu boa noite a Elain, beijando-a no alto dos cabelos e caminhando em seguida até a porta.

Cassian, aninhado com Mor, Rhys e Azriel no sofá, sequer se moveu.

Mas eu me movi, me levantei da poltrona e segui até onde ela estava vestindo o casaco à porta. Esperei até que tivesse entrado na antecâmara para estender a mão.

— Aqui.

Nestha deu meia-volta, disparando o olhar para o que estava em minha mão. O pequeno pedaço de papel.

A nota bancária para o aluguel dela. E um pouco mais.

— Como prometido — eu disse.

Por um momento, torci para que ela não a pegasse. Para que me dissesse para rasgá-la.

Mas os lábios de Nestha apenas se contraíram, e os dedos não hesitaram ao pegar o dinheiro.

Ao dar as costas para mim e passar pela porta de entrada, seguindo para a escuridão congelante do lado de fora.

Permaneci na antecâmara fria, com a mão ainda estendida, a secura fantasma daquele cheque ainda em meus dedos.

As tábuas do piso soaram atrás de mim, então fui empurrada para o lado, cuidadosa, porém forçosamente. Aconteceu tão rápido que mal tive tempo de perceber que Cassian tinha passado em disparada, direto pela porta da entrada.

Até minha irmã.

CAPÍTULO

21

Cassian

Para ele, bastava.

Bastava da frieza, do tom afiado. Bastava da coluna reta como uma espada e do olhar de navalha que só se afiara nos últimos meses.

Cassian mal conseguia ouvir acima do rugido em sua cabeça conforme avançava para a noite nevada. Mal conseguia registrar que empurrara de lado sua Grã-Senhora para chegar à porta da frente. Para chegar até Nestha.

Ela já estava no portão, caminhando com graciosidade determinada apesar do chão coberto de gelo. Com a coleção de livros presa sob seu braço.

Somente quando a alcançou, Cassian percebeu que não tinha nada a dizer. Nada a dizer que não fosse fazê-la gargalhar diante dele.

— Caminharei com você até sua casa — foi tudo o que saiu.

Nestha parou logo além do portão de ferro baixo, com o rosto frio e pálido como o luar.

Linda. Mesmo com a perda de peso, estava tão linda de pé na neve quanto estivera da primeira vez em que Cassian pusera os olhos nela, ainda na casa do pai.

E infinitamente mais letal. De tantas formas.

Ela o observou de cima a baixo.

— Estou bem.

— É uma longa caminhada e está tarde.

E você não disse uma maldita palavra para mim a noite inteira.

Não que ele tivesse dito uma palavra para ela.

Nestha deixara bem claro naqueles primeiros dias depois da última batalha que não queria nada com ele. Com nenhum deles.

Cassian entendia. Entendia mesmo. Ele levara meses — *anos* — depois das primeiras batalhas para que se ajustasse novamente. Para que lidasse com tudo. Pelo inferno, ainda estava se recuperando do que acontecera naquela última batalha contra Hybern também.

Nestha se manteve firme, orgulhosa como qualquer illyriano. Mais cruel também.

— Volte para a casa.

Cassian deu a ela um sorriso torto, um que ele sabia que fazia aquele temperamento ferver.

— Acho que preciso de ar fresco, de toda maneira.

Nestha revirou os olhos e se lançou em uma caminhada. Cassian não era burro o bastante para se oferecer para carregar os livros dela.

Em vez disso, ele acompanhou com tranquilidade o ritmo da fêmea, de olho em trechos traiçoeiros de gelo nos paralelepípedos. Os dois mal haviam sobrevivido a Hybern. Tudo que ele não precisava era que ela quebrasse o pescoço na rua.

Nestha percorreu um quarteirão, passando pelas casas de telhado verde ainda alegres e cheias de música e risadas, então parou. E se virou para ele.

— Volte para a casa.

— Eu vou — respondeu Cassian, abrindo mais um sorriso. — Depois de deixar você na porta de casa.

Naquela penúria de apartamento em que ela insistia em viver. Do outro lado da cidade.

Os olhos de Nestha — iguais aos de Feyre, mas completamente diferentes, afiados e frios como aço — se voltaram para as mãos do guerreiro. Para o que estava ali.

— O que é isso?

Outro sorriso à medida que ele erguia o pequeno embrulho.

— Seu presente de Solstício.

— Não quero nada.

Cassian continuou andando, passando por ela e jogando o presente entre suas mãos.

— Vai querer isto.

Ele torcia para que quisesse mesmo, pois levara meses para encontrá-lo.

Cassian não quisera dar o presente na frente dos outros. Nem mesmo soubera que ela iria naquela noite. Estivera bastante ciente da insistência de Elain e Feyre. Assim como ficara ciente do dinheiro que vira Feyre dar a Nestha momentos antes de ela partir.

Como prometido, tinha dito sua Grã-Senhora.

Ele queria que ela não tivesse feito aquilo. Queria muitas coisas.

Nestha passou a caminhar ao lado de Cassian, bufando ao acompanhar as longas passadas.

— Não quero *nada* de você.

Ele se obrigou a arquear uma sobrancelha.

— Tem certeza disso, querida?

Não tenho arrependimentos na vida, exceto este. Que não tivemos tempo.

Cassian afastou as palavras. Afastou a imagem que o assombrava ao sair de seus sonhos, noite após noite: não era Nestha segurando a cabeça do rei de Hybern como um troféu; não era a forma como o pescoço do pai dela tinha sido torcido nas mãos de Hybern. Mas a imagem de Nestha debruçada sobre ele, *cobrindo* o corpo dele com o próprio, pronta para tomar a força total do poder do rei por ele. Para morrer por ele, com ele. Aquele corpo esguio e lindo, arqueado sobre o dele, tremendo de terror, disposto a enfrentar aquele fim.

Cassian não via um lampejo daquela pessoa havia meses. Não a vira sorrir ou gargalhar.

Sabia sobre a bebedeira, sobre os machos. Dissera a si mesmo que não se importava.

Dissera a si mesmo que não queria saber quem era o desgraçado que tomara a virgindade dela. Dissera a si mesmo que não queria saber se os machos significavam alguma coisa — se *ele* significava alguma coisa.

Ele não sabia por que infernos se importava. Por que tinha se incomodado. Mesmo no início. Mesmo depois de Nestha ter lhe dado uma joelhada no saco, naquela tarde na casa do pai dela. Mesmo conforme ela disse: — Já deixei bastante claro o que quero de *você*.

Cassian jamais conhecera alguém capaz de deixar tanto implícito em tão poucas palavras, em colocar tanta ênfase em *você*, de forma a tornar aquilo um insulto tão descarado.

Ele trincou o maxilar.

— Estou cansado de jogar esses jogos de bosta — disse ele, sem se incomodar em se conter.

Nestha manteve o queixo erguido, o retrato da arrogância majestosa.

— Eu não.

— Bem, todos estão. Talvez você possa encontrar uma forma de tentar com mais afinco este ano.

Aqueles olhos intensos deslizaram para ele, e foi difícil manter a posição.

— Tentar?

— Sei que é uma palavra desconhecida para você.

Nestha parou no fim da rua, bem ao longo do Sidra congelado.

— Por que eu deveria *tentar* fazer alguma coisa? — Ela exibiu os dentes. — Fui arrastada para esse seu mundo, para esta corte.

— Então vá para outro lugar.

A boca dela formou uma linha tensa diante do desafio.

— Talvez eu vá.

Mas ele sabia que não havia outro lugar para ela ir. Não quando Nestha não tinha nenhum dinheiro nem família além daquele território.

— Não se esqueça de escrever.

Nestha se lançou em uma caminhada de novo, mantendo-se na beira do rio.

Cassian seguiu, odiando-se por isso.

— Poderia ao menos vir morar na Casa — recomeçou ele, fazendo-a virar novamente.

— *Pare* — grunhiu a fêmea.

Cassian parou onde estava, abrindo as asas levemente para se equilibrar.

— *Pare* de me seguir. *Pare* de tentar me puxar para seu pequeno círculo feliz. *Pare de fazer tudo isso*.

Ele reconhecia um animal ferido quando via um. Sabia dos dentes que poderia exibir, da violência que mostrava. Contudo, isso não poderia impedi-lo de abrir a boca.

— Suas irmãs amam você. Não consigo, de jeito algum, entender por que, mas amam. Se não pode se incomodar em tentar pelo bem de meu pequeno círculo feliz, então pelo menos tente por elas.

Um vazio pareceu penetrar aqueles olhos. Um vazio infinito, sem fundo.

— Vá para casa, Cassian — repetiu ela.

Ele podia contar em uma das mãos o número de vezes em que ela usara seu nome. Em que o chamara de outra coisa que não fosse *você* ou *aquele ali*.

Nestha se virou. Seguiu na direção do apartamento, para aquela sua parte imunda da cidade.

Foi instintivo avançar para a mão livre da fêmea.

Os dedos enluvados de Nestha roçaram contra os calos dele, mas Cassian segurou firme.

— Fale comigo. Nestha. Diga...

Ela desvencilhou a mão de seu toque. E o encarou de cima a baixo. Uma rainha poderosa e vingativa.

Cassian esperou, ofegante, que o ataque verbal começasse. Que ela o dilacerasse.

Mas Nestha apenas o encarou, franzindo o nariz. Ela o encarou, então riu com escárnio e saiu andando.

Como se ele não fosse nada. Como se não valesse o tempo dela. O esforço.

Um bastardo illyriano sem título.

Dessa vez, quando ela prosseguiu, Cassian não foi atrás.

Ele a observou até que virasse uma sombra contra a escuridão. E então Nestha sumiu de vez.

Ele continuou olhando, com aquele presente nas mãos.

As pontas dos dedos de Cassian se enterraram na madeira macia da caixinha.

Ele se sentiu grato pelas ruas vazias quando atirou a embalagem no Sidra. Atirou com tanta força que o som da água ecoou pelos prédios que ladeavam o rio, e o gelo estalou com o impacto.

O gelo imediatamente se formou de novo no buraco que Cassian havia aberto. Como se ele, assim como o presente, jamais tivesse existido.

Nestha

Nestha selou a quarta e última tranca da porta do apartamento e desabou contra a madeira podre e barulhenta.

Silêncio se assentou ao seu redor, bem-vindo e sufocante.

Silêncio, para apaziguar o tremor que a perseguira por aquela cidade.

Ele a tinha seguido.

Nestha sabia bem no fundo dos ossos, no sangue. Ele permanecera no alto, no céu, mas a seguira até que ela entrasse no prédio.

Ela sabia que Cassian estava neste instante esperando em um telhado próximo para ver a luz do apartamento se acender.

Instintos gêmeos travavam uma guerra dentro de Nestha: deixar a luz feérica intocada e fazer com que ele esperasse no escuro congelante, ou acender aquela esfera e simplesmente se livrar da presença do guerreiro. Livrar-se de tudo que ele era.

Ela escolheu a segunda opção.

No silêncio escuro e denso, Nestha se deteve à mesa contra a parede próxima à porta de entrada. Então deslizou a mão para o bolso e tirou a nota bancária dobrada.

O bastante para três meses de aluguel.

Ela tentou reunir sua vergonha, mas não teve sucesso. Nada veio.

Nada mesmo.

Havia raiva de vez em quando. Tão afiada e quente que a cortava.

Mas na maioria das vezes havia silêncio.

Um silêncio ressoante e abafado.

Ela não sentia nada havia meses. Tinha dias em que não sabia muito bem onde estava ou o que tinha feito. Eles passavam rapidamente, porém se estendiam.

Assim como os meses. Ela piscara, e o inverno tinha caído. Piscara, e seu corpo tinha se tornado magro demais. Tão oco quanto ela se sentia.

O frio gélido da noite entrou pelas persianas desgastadas, arrancando outro tremor dela. Mas Nestha não acendeu a fogueira na lareira do outro lado do cômodo.

Ela mal conseguia suportar ouvir o ranger e o estalar da madeira. Mal conseguira suportá-lo na casa da cidade de Feyre. *Claque*, *crunch.*

Como ninguém jamais reparava que soava igual a ossos se quebrando, igual a um pescoço se partindo, ela não fazia ideia.

Não acendera sequer uma fogueira naquele apartamento. Mantivera-se aquecida com cobertores e camadas de roupa.

Asas farfalharam, então ressoaram do lado de fora do apartamento.

Nestha soltou um suspiro trêmulo e deslizou contra a parede até ficar sentada.

Até puxar os joelhos contra o peito e encarar a escuridão.

E ainda o silêncio se revoltava e ecoava em volta dela.

E ainda ela não sentia nada.

CAPÍTULO

22

Feyre

Eram 3 horas da manhã quando os outros foram se deitar. Quando Cassian voltou, calado e emburrado, e entornou um copo de bebida antes de sair batendo os pés para o andar de cima. Mor o seguiu, com preocupação dançando nos olhos.

Azriel e Elain permaneceram na sala de estar. Minha irmã mostrou a ele os planos que esboçara para expandir o jardim nos fundos da casa da cidade, usando as sementes e as ferramentas que minha família dera a ela pelo Solstício. Se Azriel se importava com tais coisas, eu não fazia ideia, mas lancei a ele uma oração silenciosa de agradecimento por aquela bondade antes de Rhys e eu subirmos de fininho.

Estendi a mão para tirar as pulseiras de diamante, mas Rhys me impediu, segurando meus pulsos.

— Ainda não — disse ele, baixinho.

Minhas sobrancelhas se franziram.

Rhys apenas sorriu.

— Espere.

Escuridão e vento sopraram e me agarrei a ele conforme atravessamos...

Luz de velas e uma lareira crepitante e cores...

— O chalé? — Rhys devia ter alterado as proteções para nos permitir atravessar diretamente para dentro.

Ele sorriu, me soltando e caminhando presunçosamente até o sofá diante da lareira, onde se sentou com as asas arrastando no chão.

— Por um pouco de paz e silêncio, parceira.

Uma promessa misteriosa e sensual pairava naqueles olhos salpicados de estrelas.

Mordi o lábio ao me aproximar do braço cilíndrico do sofá e me sentar ali, com o vestido reluzindo como um rio à luz da lareira.

— Você está linda esta noite. — As palavras soaram baixas, ásperas.

Acariciei o colo do vestido, e o tecido reluziu sob meus dedos.

— Você diz isso todas as noites.

— E sou sincero.

Corei.

— Pilantra.

Ele inclinou a cabeça.

— Sei que Grã-Senhoras provavelmente deveriam usar um novo vestido a cada dia — ponderei, sorrindo para o meu —, mas estou bastante apegada a este.

Ele passou a mão por minha coxa.

— Fico feliz.

— Você jamais me disse onde o comprou, onde comprou todos os meus vestidos preferidos.

Rhys arqueou uma sobrancelha escura.

— Você nunca descobriu?

Balancei a cabeça.

Por um momento, meu parceiro não disse nada, apenas abaixou a cabeça para estudar o vestido.

— Minha mãe os fez.

Fiquei imóvel.

Rhys deu um sorriso triste para o tecido reluzente.

— Ela era costureira, lá no acampamento onde foi criada. Não fazia o trabalho somente porque recebia ordens. Fazia porque amava costurar. E quando se tornou parceira de meu pai, ela continuou.

Passei a mão respeitosamente pela manga.

— Eu... eu não fazia ideia.

Os olhos de Rhys estavam luminosos como estrelas.

— Há muito tempo, quando eu ainda era um menino, ela os fez... todos os seus vestidos. Um enxoval para minha futura noiva. — A garganta dele oscilou. — Cada peça... Cada peça que já lhe dei para vestir, ela que fez. Para você.

— Por que não me contou? — Meus olhos arderam quando sussurrei.

Ele gesticulou com um dos ombros.

— Achei que se sentiria... perturbada por usar vestidos feitos por uma fêmea que morreu há séculos.

Levei a mão ao coração.

— Me sinto honrada, Rhys. Sem palavras.

A boca dele tremeu um pouco.

— Ela teria amado você.

Era um presente tão bom quanto os outros que eu tinha recebido. Eu me inclinei até nossas testas se tocarem. *Eu a teria amado*.

Senti a gratidão de meu parceiro sem que Rhys dissesse uma palavra conforme permanecemos ali, inspirando um ao outro por longos minutos.

Quando pude finalmente falar de novo, me afastei.

— Andei pensando.

— Devo me preocupar?

Bati nas botas dele, e Rhys gargalhou, de forma profunda e rouca, o som se enroscando em meu centro.

Então mostrei a ele minhas palmas, o olho nas duas.

— Quero alterar isso.

— Ah?

— Como você não está mais usando isso para me bisbilhotar, imaginei que pudesse virar outra coisa.

Ele apoiou a mão no peito largo.

— Eu jamais bisbilhoto.

— Você é o maior bisbilhoteiro que já conheci.

Outra gargalhada.

— E o que exatamente quer nas suas palmas?

Sorri para as pinturas que eu tinha feito expostas nas paredes, na lareira, nas mesas. Pensei na tapeçaria que tinha comprado.

— Quero uma montanha... com três estrelas. — A insígnia da Corte Noturna. — A mesma que você tem nos joelhos.

Rhys ficou calado por um longo tempo, com o rosto indecifrável. Quando falou, sua voz soou grave.

— Essas são marcas que jamais podem ser alteradas.

— Que bom que planejo ficar aqui por um tempo, então.

Ele se sentou lentamente e desabotoou a gola da jaqueta preta justa.

— Tem certeza?

Assenti lentamente.

Ele se levantou para ficar de pé diante de mim, pegando minhas mãos carinhosamente e virando as palmas para cima. Para o olho de gato que nos encarava.

— Eu nunca bisbilhotei, sabe.

— Bisbilhotou, sim.

— Tudo bem, bisbilhotei. Consegue me perdoar?

Ele estava falando sério — a preocupação de que eu considerasse as espiadelas uma violação. Fiquei na ponta dos pés e o beijei de leve.

— Acho que consigo encontrar uma maneira de perdoar você.

— Hmmm. — Rhys roçou o polegar sobre o olho tatuado nas palmas de minhas mãos. — Alguma última palavra antes de ser marcada para sempre?

Meu coração acelerou, mas falei:

— Tenho um último presente de Solstício para você.

Ele ficou imóvel diante de minha voz suave, do tremor nela.

— Ah, é?

Nossas mãos se uniram, e eu acariciei as paredes de adamantino da mente de Rhys. As barreiras imediatamente caíram, me deixando entrar. Permitindo que eu mostrasse a ele aquele último presente.

O que eu esperava que ele considerasse um presente também.

As mãos de Rhys começaram a tremer em torno das minhas, mas ele não disse nada até que eu tivesse recuado de sua mente. Até estarmos encarando um ao outro em silêncio de novo.

A respiração de meu parceiro ficou irregular, os olhos cheios de lágrimas.

— Tem certeza? — repetiu Rhys.

Sim. Mais do que qualquer coisa. Eu tinha percebido isso, sentido isso, na galeria da tecelã.

— Seria... Seria um presente para você? — ousei perguntar.

Os dedos de Rhys se fecharam em torno dos meus.

— Inestimável.

Como se em resposta, uma luz se acendeu e chiou por minhas palmas, então olhei para baixo e vi minhas mãos alteradas. A montanha e três estrelas agraciavam o centro de cada palma.

Rhys ainda me encarava, com a respiração irregular.

— Podemos esperar — disse ele, baixinho, como se tivesse medo de que a neve caindo lá fora ouvisse nossas palavras sussurradas.

— Não quero — falei, sendo sincera. A tecelã fizera com que eu percebesse isso também. Ou talvez apenas que eu visse com clareza o que secretamente queria já fazia algum tempo.

— Pode levar anos — murmurou ele.

— Sei ser paciente. — Rhys ergueu uma sobrancelha para isso, então sorri, corrigindo: — Posso *tentar* ser paciente.

O sorriso de resposta de meu parceiro me deixou ainda mais sorridente.

Rhys se aproximou, dando um leve beijo em meu pescoço, logo abaixo de minha orelha.

— Devemos começar esta noite, parceira?

Meus dedos dos pés se encolheram.

— Era esse o plano.

— Hmm. Sabe qual era meu plano? — Outro beijo, esse na depressão de meu pescoço conforme as mãos de Rhys deslizaram por minhas costas e começaram a abrir os botões ocultos do vestido. Aquele vestido lindo e precioso. Arqueei o pescoço para lhe dar mais acesso, e ele avançou, com a língua acariciando o lugar que acabara de beijar.

— Meu plano — prosseguiu ele, e o vestido deslizou de mim, amontoando-se no tapete — envolvia este chalé e uma parede.

Meus olhos se abriram no momento em que as mãos dele começaram a traçar longas linhas por minhas costas nuas. Mais baixo.

Encontrei Rhys sorrindo para mim, com as pálpebras pesadas enquanto avaliava meu corpo nu. Nu, exceto pelas pulseiras de diamante. Fiz menção de removê-las, mas ele murmurou para deixá-las.

Meu estômago deu um nó por antecipação, meus seios se tornaram dolorosamente pesados.

Desabotoei o resto da jaqueta de Rhys com os dedos trêmulos, e a tirei junto com a camisa. E a calça.

Então ele estava de pé, nu, diante de mim, com as asas levemente abertas, o peito musculoso inchando e me mostrando a prova definitiva do quanto estava pronto.

— Quer começar na parede, ou terminar ali? — As palavras soaram guturais, quase irreconhecíveis, e o brilho nos olhos dele se tornaram algo predatório. Rhys deslizou a mão pela frente de meu torso com uma possessão incandescente. — Ou vai ser na parede o tempo todo?

Meus joelhos cederam, e me vi sem palavras. Sem nada além dele.

Rhys não esperou minha resposta antes de se ajoelhar diante de mim, as asas caídas sobre o tapete. Antes de dar um beijo em minha barriga, como se com reverência e bênção. Então deu um beijo mais embaixo.

Mais embaixo.

Minha mão deslizou pelos cabelos de meu parceiro no momento em que ele segurou uma de minhas coxas e levantou minha perna por cima de seu ombro. No momento em que me vi, de alguma forma, encostada na parede perto da porta, como se ele tivesse atravessado conosco. Minha cabeça atingiu a madeira com um leve estampido conforme Rhys aproximou a boca de mim.

Ele se demorou.

Lambeu e acariciou até eu me desfazer, então gargalhou contra mim, de forma misteriosa e exuberante, antes de ficar de pé.

Antes de me elevar, com as pernas envoltas em sua cintura, e me prender contra aquela parede.

Com um dos braços apoiado na parede, o outro me segurando no alto, Rhys encontrou meus olhos.

— Como será, parceira?

Eu podia ter jurado que galáxias giravam em seu olhar. Nas sombras entre suas asas, as profundezas gloriosas da noite habitavam.

— Forte o suficiente para derrubar os quadros — lembrei a ele, sem fôlego.

Rhys gargalhou de novo, grave e maliciosamente.

— Segure firme, então.

Que a Mãe e o Caldeirão me salvassem.

Minhas mãos deslizaram para os ombros de Rhys, enterrando-se no músculo duro.

Mas ele lentamente, *tão lentamente*, se impulsionou para dentro de mim.

Então senti cada centímetro de meu parceiro, cada lugar em que estávamos unidos. Inclinei a cabeça para trás de novo, e um gemido escapuliu de mim.

— Todas as vezes — disse ele, entre os dentes. — Todas as vezes você está *deliciosa*.

Trinquei os dentes, ofegando pelo nariz. Ele entrou devagar, impulsionando com movimentos curtos, deixando que eu me ajustasse a cada um de seus espessos centímetros.

E quando estava finalmente acomodado dentro de mim, quando sua mão se apertou em meu quadril, Rhys apenas... parou.

Movi o quadril, desesperada por qualquer fricção. Ele se moveu comigo, negando.

Rhys me lambeu até chegar ao pescoço.

— Penso em você, penso nisso, a cada maldita hora — ronronou ele contra minha pele. — No seu gosto.

Outro leve recuo — então um mergulho. Ofeguei e ofeguei, inclinando a cabeça contra a parede dura atrás de mim.

Rhys soltou um som de aprovação e recuou levemente. Então mergulhou de novo. Com força.

Um chacoalhar baixo soou na parede à esquerda.

Parei de me importar. Parei de me importar se faríamos, de fato, os quadros caírem da parede quando Rhys parou mais uma vez.

— Mas na maior parte do tempo penso nisso. Na sensação de você em volta de mim, Feyre. — Ele entrou em mim, delicioso e irrefreável. — Seu gosto na minha língua. — Minhas unhas cortaram

os ombros largos de Rhys. — Como, mesmo que tenhamos mil anos juntos, jamais me cansarei *disto*.

O prazer começou a se acumular em minha coluna, abafando qualquer som e sentido além de onde meu parceiro me encontrava, me tocava.

Outra investida, mais longa e mais forte. A madeira rangeu sob a mão dele.

Rhys abaixou a boca até meus seios e mordiscou — mordiscou, então lambeu para afastar a dor que lançou prazer zunindo por meu sangue.

— Como me permite fazer coisas tão terríveis e travessas com você.

A voz dele era uma carícia que fez meu quadril se mover, implorando que fosse *mais rápido*.

Rhys apenas gargalhou baixinho, cruelmente, enquanto negava aquela união completa e desenfreada que eu ansiava.

Abri os olhos por tempo o bastante para olhar para baixo, onde eu o via unido a mim, movendo-se tão dolorosamente devagar para dentro e para fora.

— Gosta de assistir? — sussurrou ele. — De assistir enquanto me movo dentro de você?

Em resposta, sem palavras, lancei a mente pela ponte entre nós, roçando contra os escudos de adamantino de meu parceiro.

Rhys me permitiu entrar imediatamente, mente com mente e alma com alma, e logo eu estava vendo pelos olhos dele — olhando para *mim* enquanto ele agarrava meu quadril e investia.

Veja como trepo com você, Feyre.

Pelos deuses, foi minha única resposta.

Mãos percorreram minha mente, minha alma. *Veja como nos encaixamos perfeitamente.*

Meu corpo quente estava arqueado contra a parede — perfeito, de fato, para recebê-lo, para receber cada centímetro dele.

Está vendo por que não consigo parar de pensar nisso — em você?

De novo, ele recuou e mergulhou, e soltou a contenção sobre seu poder.

Estrelas piscaram a nossa volta, e uma escuridão doce nos envolveu. Como se fôssemos as duas únicas almas em uma galáxia. E, ainda assim, Rhys permanecia diante de mim, com minhas pernas enroscadas em sua cintura.

Rocei minhas mãos mentais por ele e sussurrei: *Consegue trepar comigo aqui dentro também?*

Aquele prazer travesso hesitou. E se calou.

As estrelas e a escuridão pausaram também.

Então o predador puro e total respondeu. *Seria um prazer*.

Fiquei sem palavras para o que aconteceu a seguir.

Rhys me deu tudo o que eu queria: as investidas incontroladas dele dentro de meu corpo — o impulso incansável e o preenchimento e o choque de pele contra pele, a batida de nossos corpos contra a madeira. A noite cantando ao redor, as estrelas passando como neve.

E então lá estávamos. Mente com mente, deitados naquela ponte entre nossas almas.

Não tínhamos corpos ali, mas eu o sentia conforme ele me seduzia, seu poder sombrio envolvendo o meu, lambendo minhas chamas, sugando meu gelo, roçando as garras nas minhas.

Senti Rhys conforme seu poder se misturou ao meu, recuando e avançando, para dentro e para fora. Até que minha magia disparou, agarrando-se a ele, e nós dois nos debatemos e queimamos juntos.

Tudo isso enquanto ele se movia dentro de mim, incansável e determinado como o mar. De novo e de novo, poder e carne e alma, até que devo ter começado a gritar, e ele a rugir, então meu corpo mortal se contraiu sobre ele, estilhaçando-se.

Então *eu* me estilhacei. Tudo que eu era se rompeu em estrelas e galáxias e cometas, nada além de alegria pura e brilhante. Rhys me segurou, me envolveu; a escuridão dele absorveu a luz que brilhava e estourava, me mantendo inteira, me mantendo unida.

E quando minha mente conseguiu formar palavras, quando consegui novamente sentir a essência de Rhys ao redor, com seu corpo ainda se movendo dentro do meu, mandei a ele aquela imagem uma última vez, para a escuridão e para as estrelas — meu presente.

Talvez *nosso* presente, um dia.

Rhys se derramou em mim com um rugido, e as asas se abriram.

Em nossas mentes, por aquele laço, a magia de meu parceiro irrompeu. A alma dele lavou a minha, enchendo cada fenda e depressão, de forma que não houvesse uma parte de mim que não estivesse cheia dele, fervilhando com sua essência sombria e gloriosa e com o amor inextinguível.

Rhys permaneceu enterrado em mim, recostando-se pesadamente contra a parede enquanto ofegava contra meu pescoço: — *FeyreFeyreFeyre*.

Ele estava tremendo. Nós dois estávamos.

Reuni a consciência para abrir os olhos.

O rosto de Rhys estava acabado. Entorpecido. Sua boca permanecia parcialmente aberta enquanto ele me olhava, o brilho ainda irradiando de minha pele, forte contra as sombras beijadas pelas estrelas da de meu parceiro.

Por longos momentos, apenas nos encaramos. Respiramos.

E então Rhys olhou de esguelha para o restante da sala.

Para o que tínhamos feito.

Um sorriso malicioso se formou em seus lábios quando observamos os quadros que tinham, de fato, caído da parede, as molduras rachadas no chão. Um vaso sobre uma mesa de canto próxima tinha até sido derrubado no chão, estilhaçando-se em pequenos pedaços azuis.

Rhys deu um beijo sob minha orelha.

— Isso vai sair do seu salário, sabe.

Virei a cabeça para Rhys e soltei seus ombros para dar um beliscão em seu nariz. Meu parceiro gargalhou, roçando os lábios contra minha têmpora.

Mas encarei as marcas que eu tinha deixado em sua pele, já sumindo. Encarei as tatuagens sobre seu peito e seus braços. Mesmo se uma imortal dedicasse a vida inteira à pintura, não seria o bastante para capturar cada faceta de Rhys. De nós.

Ergui os olhos para os de meu parceiro de novo e encontrei estrelas e escuridão esperando. Encontrei meu *lar* esperando.

Jamais seria o bastante. Pintá-lo, conhecê-lo. Séculos jamais seriam o bastante para tudo o que eu queria fazer e ver com ele. Para o tanto que eu queria amá-lo.

A pintura brilhou diante de mim: *Noite triunfante — e as estrelas eternas.*

— Faça de novo — sussurrei, com a voz rouca.

Rhys sabia do que eu estava falando.

E jamais me senti tão grata por um parceiro feérico quando ele ficou duro de novo um segundo depois, me apoiou no chão, então me virou de barriga para baixo e mergulhou profundamente dentro de mim com um grunhido.

E mesmo quando, por fim, desabamos no tapete, evitando por pouco os quadros quebrados e os cacos do vaso, incapazes de nos movermos por um bom tempo, aquela imagem de meu presente permanecia entre nós, reluzindo tão forte quanto qualquer estrela.

Aquele lindo menino de olhos azuis e cabelos pretos que o Entalhador de Ossos um dia me mostrara.

Aquela promessa do futuro.

Velaris ainda estava dormindo quando Rhys e eu voltamos na manhã seguinte.

Ele não nos levou para a casa da cidade, no entanto. Mas para uma propriedade à margem do rio, com a construção em ruínas e os jardins como uma selva.

Névoa pairava sobre grande parte da cidade na hora antes do alvorecer.

As palavras que tínhamos trocado naquela noite, o que tínhamos feito, fluía entre nós, tão invisível e sólido quanto nosso laço de parceria. Ele não tomara o tônico contraceptivo com o café da manhã. E não tomaria de novo tão cedo.

— Você nunca perguntou sobre seu presente de Solstício — disse Rhys depois de um tempo, nossos passos esmagando o cascalho congelado nos jardins ao longo do Sidra.

Ergui a cabeça de seu ombro, onde a havia encostado enquanto passeávamos.

— Imaginei que estivesse esperando para fazer uma revelação dramática.

— Acho que estava mesmo. — Rhys parou e, quando se virou para a casa atrás de nós, eu também parei. — Esta.

Pisquei para ele. Para os escombros da propriedade.

— Esta?

— Considere que é um presente de Solstício e de aniversário. — Rhys indicou a casa, os jardins, a propriedade que corria para a beira do rio. Tinha uma vista perfeita do Arco-Íris à noite, graças à curva do terreno. — É sua. Nossa. Comprei na véspera do Solstício. Os construtores virão em dois dias para começar a limpar os escombros e derrubar o resto da casa.

Pisquei de novo, longa e lentamente.

— Você comprou uma *propriedade* para mim.

— Tecnicamente, será *nossa* propriedade, mas a casa é sua. Construa como seu coração mandar. Tudo o que quiser, tudo de que precisar... construa.

Apenas o custo, o mero tamanho daquele presente, devia ser astronômico.

— Rhys.

Ele caminhou alguns passos e passou as mãos pelos cabelos preto-azulados, as asas bem fechadas.

— Não temos espaço na casa da cidade. Você e eu mal conseguimos enfiar tudo no quarto. E ninguém quer ficar na Casa do Vento. — Mais uma vez, ele gesticulou para a magnífica propriedade ao redor. — Então construa uma casa para nós, Feyre. Sonhe tão ousadamente quanto quiser. É sua.

Eu não tinha palavras para aquilo. Para o que cascateava por mim.

— Isso... o *custo*...

— Não se preocupe com o custo.

— Mas... — Olhei boquiaberta para a terra dormente, emaranhada, para a casa arruinada. Imaginei o que poderia querer ali. Meus joelhos fraquejaram. — Rhys... é muito.

O rosto dele se tornou terrivelmente sério.

— Não para você. Jamais para você. — Ele passou os braços por minha cintura, beijando minha têmpora. — Construa uma casa com um estúdio de pintura. — Então beijou minha outra têmpora. — Construa uma casa com um escritório para você e um para mim.

Construa uma casa com uma banheira grande o bastante para dois... e para as asas. — Outro beijo, dessa vez na bochecha. — Construa uma casa com quartos para toda nossa família. — Ele beijou minha outra bochecha. — Construa uma casa com um jardim para Elain, um ringue de treinamento para os bebês illyrianos, uma biblioteca para Amren e um imenso armário para Mor. — Engasguei em uma risada diante daquilo. Mas Rhys a silenciou com um beijo em minha boca, demorado e doce. — Construa uma casa com um quarto de bebê, Feyre.

Meu coração se apertou a ponto de doer, e eu o beijei de volta. Beijei de novo, e de novo, com a propriedade ampla e livre ao redor.

— Vou construir — prometi.

CAPÍTULO

23

Rhysand

O sexo tinha acabado comigo.

Tinha me destruído completamente.

Qualquer pedaço remanescente de minha alma que ainda não pertencesse a ela tinha se rendido incondicionalmente na noite anterior.

E ao ver a expressão de Feyre quando mostrei a ela a propriedade à margem do rio... Guardei a lembrança do rosto lindo e reluzente conforme bati às portas rachadas da frente da mansão de Tamlin.

Nenhuma resposta.

Esperei um minuto. Dois.

Estendi um fio de poder pela casa, sentindo. Quase temendo o que poderia encontrar.

Mas ali... nas cozinhas. Um nível abaixo. Vivo.

Entrei, meus passos ecoando no piso de mármore rachado. Não me incomodei em disfarçá-los. Ele provavelmente tinha sentido minha chegada assim que atravessara para os degraus da entrada da casa.

Foi questão de poucos minutos chegar à cozinha.

Não estava completamente pronto para o que vi.

Um imenso alce morto na longa mesa de trabalho no centro do espaço escuro, com a flecha no pescoço iluminada pela luz aquosa

que vazava pelas pequenas janelas. Sangue se empoçava no piso de pedra cinza, e o gotejar era o único som.

O único som, enquanto Tamlin permanecia sentado na cadeira diante da mesa. Encarando a besta morta.

— Seu jantar está vazando — falei como cumprimento, assentindo para a sujeira que se acumulava.

Nenhuma resposta. O Grão-Senhor da Primaveril nem mesmo ergueu o rosto para mim.

Seu parceiro deveria saber que não se deve chutar um macho caído.

As palavras de Lucien para Feyre tinham permanecido. Talvez por isso eu tivesse deixado minha parceira explorando as novas tintas que Azriel lhe dera e atravessado até ali.

Observei o grandioso alce, os olhos pretos abertos e vítreos. Havia uma faca de caça enfiada na madeira ao lado da cabeça peluda do animal.

Ainda nenhuma palavra, nem mesmo um sussurro de movimento. Muito bem, então.

— Falei com Varian, príncipe de Adriata — afirmei, permanecendo do outro lado da mesa, a galhada do animal como um arbusto espinhento entre nós. — Solicitei que ele pedisse a Tarquin para despachar soldados para sua fronteira. — Eu tinha feito isso na noite anterior, quando puxei Varian para um canto durante o jantar. Ele concordara prontamente, jurando que seria feito. — Chegarão em poucos dias.

Nenhuma resposta.

— Isso é aceitável para você? — Como parte das Cortes Sazonais, a Estival e a Primaveril eram aliadas de longa data... até essa guerra.

Devagar, a cabeça de Tamlin se ergueu. Os cabelos dourados soltos estavam sem brilho e embaraçados.

— Acha que ela vai me perdoar? — A pergunta saiu rouca. Como se ele andasse gritando.

Eu sabia de quem ele estava falando. E não sabia responder. Não sabia se o fato de ela desejar felicidade a ele era o mesmo que perdão. Se Feyre algum dia iria querer oferecer isso a Tamlin. Perdão podia ser uma dádiva aos dois, mas o que ele fizera...

— Quer que ela perdoe você?

Os olhos verdes do Grão-Senhor estavam vazios.

— Eu mereço?

Não. Jamais.

Ele devia ter lido meu rosto, porque perguntou:

— Você me perdoa... por sua mãe e irmã?

— Não me lembro de algum dia ter ouvido um pedido de perdão.

Como se um pedido de perdão fosse consertar as coisas. Como se um pedido de perdão fosse apaziguar a perda que ainda me corroía, o buraco que restava onde as vidas alegres e lindas de minha mãe e irmã um dia brilharam.

— Não acho que um pedido fará diferença, de toda forma — disse Tamlin, encarando o alce morto mais uma vez. — Para nenhum de vocês.

Destruído. Completamente destruído.

Precisará de Tamlin como aliado antes de a poeira descer, avisara Lucien a minha parceira. Talvez por isso eu tivesse vindo também.

Gesticulei, então minha magia cortou e dividiu. Fez a pele do alce deslizar para o chão com farfalhar de pelo e um estampido de carne úmida. Outra faísca de poder e cortes de carne foram tirados das laterais, empilhados ao lado do fogão escuro — que logo se acendeu.

— Coma, Tamlin — eu disse. Ele nem mesmo piscou.

Não era perdão; não era bondade. Eu não podia, não iria, me esquecer do que ele fizera com aqueles que eu mais amava.

Mas era Solstício... ou tinha sido. E talvez porque Feyre me dera um presente maior do que qualquer um com que eu pudesse sonhar, comentei: — Pode definhar e morrer depois que tivermos organizado esse nosso novo mundo.

Um pulso de meu poder e uma frigideira de ferro deslizou para o fogão já quente. Um bife caiu nela, chiando.

— Coma, Tamlin — repeti, e sumi com um vento sombrio.

CAPÍTULO

24

Morrigan

Ela mentira para Feyre.

De certo modo.

Mor *iria* para a Corte Invernal. Mas não tão brevemente quanto dissera. Viviane, pelo menos, sabia quando realmente a esperar. Embora estivessem trocando cartas durante meses, Mor ainda não tinha contado sequer à Senhora da Corte Invernal onde estaria entre o Solstício em Velaris e a visita à casa de Viviane e Kallias nas montanhas.

Ela não gostava de contar às pessoas sobre aquele lugar. Jamais o mencionara aos demais.

E conforme galopou sobre as colinas nevadas, com o peso sólido e morno da égua Ellia sob o corpo, Mor se lembrou do porquê.

A névoa do início da manhã pairava entre as saliências e as depressões da vasta propriedade. A propriedade dela. Athelwood.

Ela a tinha comprado havia trezentos anos pela paz do lugar. E a mantivera pelos cavalos.

Ellia tomou as colinas com uma graciosidade determinada, fluindo tão rápido quanto o vento oeste.

Mor não tinha sido criada para cavalgar. Não quando atravessar era infinitamente mais rápido.

Mas com a travessia jamais parecia que estava de fato *viajando* a algum lugar. Era mais como se estivesse indo, correndo, disparando

para o lugar seguinte. Ela desejava, e lá estava.

Mas os cavalos... Mor sentia cada centímetro de terra pela qual galopavam. Sentia o vento e o cheiro das colinas e da neve e podia ver a muralha de floresta densa que passava à esquerda.

Vivo. Estava tudo vivo, e ela ainda mais, principalmente quando cavalgava.

Athelwood tinha vindo com seis cavalos, pois o dono anterior se cansara deles. Todos eram de raças raras e cobiçadas. Tinham custado tanto quanto a ampla propriedade e os trezentos acres impecáveis no noroeste de Velaris. Uma terra de colinas extensas e córregos gorgolejantes, de florestas antigas e mares revoltos.

Ela não gostava de ficar sozinha por longos períodos de tempo — não suportava. Mas alguns dias aqui e ali eram necessários, vitais para sua alma. E sair com Ellia era tão rejuvenescedor quanto qualquer dia passado tomando banho de sol.

Mor freou Ellia no alto de uma das colinas maiores e deixou que a égua descansasse, mesmo quando o animal puxou as rédeas. Ela correria até o coração falhar — jamais fora tão dócil quanto seus tratadores queriam. Mor a amava ainda mais por isso.

Sempre se sentira atraída pelas coisas selvagens e indomadas do mundo.

Enquanto cavalo e amazona respiravam com dificuldade, Mor observava sua propriedade extensa, o céu cinza. Aconchegada nas vestes de couro illyriano e aquecida devido à cavalgada, estava confortavelmente quente. Uma tarde lendo diante da lareira crepitante na vasta biblioteca de Athelwood, seguida por um jantar reconfortante e uma noite em que se deitaria cedo seria perfeito.

Como o continente parecia distante, junto com o pedido de Rhys. Ir, bancar espiã e cortesã e embaixadora, ver aqueles reinos há muito fechados, onde amigos um dia moraram... *Sim*, dizia o sangue de Mor para ela. *Vá para as terras mais longínquas e vastas possíveis. Vá com o vento.*

Mas partir, deixar que Keir acreditasse que ele a *fizera* ir por causa do acordo com Eris...

Covarde. Covarde patética.

Mor bloqueou o chiado em sua cabeça, passando a mão pela crina nevada de Ellia.

Ela não tinha mencionado aquilo nos últimos dias em Velaris. Quisera fazer aquela escolha sozinha e compreendera como a notícia poderia projetar uma sombra sobre a alegria.

Ela sabia que Azriel diria não, que a quereria segura. Como sempre fizera. Cassian teria dito que sim, Amren teria concordado com ele, e Feyre teria se preocupado antes de concordar. Az ficaria irado, fechando-se ainda mais.

Ela não queria tirar a felicidade do mestre espião. Não mais do que já fizera.

Mas precisaria contar a eles, independentemente do que decidisse, em algum momento.

As orelhas de Ellia encostaram na cabeça.

Mor enrijeceu o corpo, acompanhando o olhar da égua.

Em direção ao emaranhado do bosque à esquerda delas, que mal passava de uma copa de árvores daquela distância.

Mor esfregou o pescoço de Ellia.

— Calma — sussurrou. — Calma.

Mesmo naqueles bosques, sabia-se que terrores antigos já tinham surgido.

Mas Mor não sentiu cheiro de nada, não viu nada. O tendão de poder que lançou na direção do bosque revelou apenas os pássaros e os pequenos animais habituais. Um cervo bebendo de um buraco no córrego coberto de gelo.

Nada, exceto...

Ali, entre um emaranhado de espinhos. Um trecho de escuridão.

A escuridão não se moveu, não parecia fazer nada além de se deter. E observar.

Familiar e, ainda assim, estranha.

Algo no poder de Mor sussurrou para que não tocasse aquilo, para que não se aproximasse. Mesmo daquela distância.

Mor obedeceu.

Mas continuou observando a escuridão nos espinhos, como se uma sombra tivesse caído no sono ali no meio.

Não como as sombras de Azriel, emaranhadas e sibilantes.

Algo diferente.

Algo que encarava de volta, observando-a também.

Melhor não incomodar. Principalmente com a promessa de uma lareira crepitante e uma taça de vinho em casa.

— Vamos tomar o caminho mais curto de volta — murmurou Mor para Ellia, dando tapinhas no pescoço da égua.

O animal não precisou de mais encorajamento antes de se lançar em um galope, dando as costas ao bosque e ao observador sombreado.

Por cima e entre colinas, elas seguiram, até que o bosque estivesse escondido nas névoas atrás das duas.

O que mais Mor poderia ver, testemunhar, em terras onde ninguém da Corte Noturna se aventurava havia milênios?

A pergunta permanecia com cada passo estrondoso de Ellia sobre neve, córregos e colinas.

A resposta ecoava pelas rochas e árvores e nuvens cinzentas acima.

Vá. Vá.

CAPÍTULO

25

Feyre

Dois dias depois, eu estava de pé à porta do estúdio abandonado de Polina.

Foram-se as janelas fechadas com tábuas e as teias de aranha penduradas. Restava apenas espaço aberto, limpo e amplo.

Eu ainda olhava boquiaberta quando Ressina me encontrou, parando enquanto caminhava na rua, sem dúvida vindo do próprio estúdio.

— Feliz Solstício, minha senhora — disse ela, sorrindo alegremente.

Não correspondi ao sorriso, mas encarei a porta aberta. O espaço adiante.

Ressina apoiou a mão em meu braço.

— Algo errado?

Meus dedos se fecharam ao lado do corpo, envolvendo a chave de bronze na palma da mão.

— É meu — eu disse, baixinho.

O sorriso de Ressina começou a aumentar de novo.

— É mesmo?

— Eles... a família dela deu para mim.

Tinha acontecido naquela manhã. Eu havia atravessado até a fazenda da família de Polina, mas de alguma forma não tinha

surpreendido ninguém ao aparecer. Como se estivessem esperando.

Ressina inclinou a cabeça.

— Então por que essa cara?

— Eles *deram* para mim. — Estendi os braços. — Tentei comprar o estúdio. Ofereci dinheiro para a família. — Balancei a cabeça, ainda desnorteada. Nem mesmo tinha voltado para a casa da cidade. Nem mesmo contara a Rhys. Tinha acordado ao alvorecer, visto que meu parceiro já havia saído para encontrar Az e Cassian no acampamento de Devlon e decidido mandar a espera para o inferno. Adiar a *vida* não fazia sentido algum. Eu sabia o que queria. Não havia motivo para atrasos. — Eles me entregaram a escritura, me disseram para assinar meu nome e me deram a chave. — Esfreguei o rosto. — Eles recusaram meu dinheiro.

Ressina soltou um longo assobio.

— Não fico surpresa.

— Mas a irmã de Polina — falei, com a voz trêmula ao colocar a chave no bolso do sobretudo — sugeriu que eu usasse o dinheiro para outra coisa. Que se quisesse doar, deveria ser para o Pincel e Cinzel. Sabe o que é?

Eu fiquei chocada demais para perguntar, para fazer qualquer coisa que não fosse assentir e dizer que o faria.

Os olhos ocre de Ressina se suavizaram.

— É uma caridade para artistas que precisam de ajuda financeira, para dar a eles e a suas famílias dinheiro para comida ou aluguel ou roupas. Para que não precisem passar fome ou necessidade enquanto criam.

Não consegui impedir as lágrimas que embaçaram minha visão. Não consegui deixar de me lembrar dos anos naquele chalé, da dor vazia da fome. Da imagem dos três pequenos potes de tinta que eu usava aos poucos para aproveitar.

— Não sabia que isso existia — sussurrei, por fim. Mesmo com todos os comitês para os quais me voluntariava para ajudar, essa caridade não tinha sido mencionada.

Eu não sabia que havia um lugar, um mundo, onde artistas poderiam ser valorizados. Cuidados. Eu jamais tinha sonhado com tal coisa.

A mão morna e fina tocou meu ombro, apertando levemente.

— Então, o que vai fazer com ele? Com o estúdio. — perguntou Ressina.

Observei o espaço vazio adiante. Não vazio — *à espera*.

E de longe, como se carregada pelo vento frio, ouvi a voz do Suriel.

Feyre Archeron, um pedido. Deixe este mundo um lugar melhor do que o encontrou.

Contive minhas lágrimas e empurrei uma mecha solta de cabelo de volta para a trança antes de me virar para a feérica.

— Por acaso não estaria buscando uma parceira de negócios sem qualquer experiência, estaria?

CAPÍTULO

26

Rhysand

As meninas estavam no ringue de treino.

Apenas seis delas, e nenhuma parecendo muito satisfeita, mas estavam ali, encolhendo-se diante das ordens sem convicção de Devlon sobre como segurar uma adaga. Pelo menos ele lhes dera algo relativamente simples para aprender. Diferentemente dos arcos illyrianos, que estavam empilhados em espera ao lado do ringue delimitado com giz das meninas. Como se fosse uma provocação.

Um bom número de machos não conseguia reunir forças para empunhar aqueles poderosos arcos. Eu ainda conseguia sentir o açoite do fio contra a bochecha, o pulso, os dedos, durante os anos que levei para que o dominasse.

Se uma das meninas decidisse aprender o arco illyriano, eu mesmo supervisionaria as lições.

Fiquei com Cassian e Azriel na ponta mais afastada dos ringues de treino, o acampamento Refúgio do Vento brilhando intensamente com a neve fresca que fora jogada pela tempestade.

Como esperado, a tempestade tinha terminado no dia anterior — dois dias depois do Solstício. E como prometido, Devlon colocara as meninas no ringue. A mais jovem tinha cerca de 12 anos, a mais velha, 16.

— Achei que haveria mais — murmurou Azriel.

— Algumas partiram com as famílias para o Solstício — explicou Cassian, com os olhos no treino, sibilando volta e meia quando uma das meninas fazia um movimento dolorosamente errado que não era corrigido. — Não voltarão por mais alguns dias.

Tínhamos mostrado a ele as listas que Az havia compilado dos possíveis encrenqueiros desses acampamentos. Cassian ficara distante desde então. Mais descontentamentos do que esperávamos. Um bom número deles vinha de um conhecido rival deste clã, o acampamento Cume de Ferro, onde Kallon, o filho do senhor de lá, gastava sua energia para causar o máximo de divergência possível. Tudo direcionado a mim e a Cassian.

Um movimento ousado, considerando que Kallon ainda era um guerreiro novato. Que só deveria fazer o Rito nessa primavera ou na seguinte. Mas ele era tão ruim quanto o grosseiro do pai. Pior, dizia Az.

Acidentes acontecem no Rito, eu apenas sugerira quando o rosto de Cassian se contraiu com a notícia.

Não desonraremos o Rito adulterando-o, fora sua única resposta.

Acidentes acontecem nos céus o tempo todo, então, replicara Azriel, friamente.

Se aquele moleque quer encher meu saco, é melhor que o dele cresça primeiro e que ele faça isso na minha cara, grunhira Cassian, e pronto.

Eu o conhecia bem o suficiente para deixar que cuidasse daquilo — que decidisse como e quando lidaria com Kallon.

— Apesar dos resmungos nos acampamentos — falei a Cassian, indicando os ringues de treino. Os machos mantinham uma distância saudável de onde as poucas fêmeas treinavam, como se com medo de pegar alguma doença mortal. Patético. — Isso *é* um bom sinal, Cass.

Azriel assentiu, e as sombras o envolveram. A maioria das mulheres do acampamento tinha entrado em casa quando ele apareceu.

Uma rara visita do encantador de sombras. Tanto mito quanto terror. Az parecia igualmente insatisfeito por estar ali, mas viera a meu pedido.

Era saudável, talvez, que Az às vezes se lembrasse do lugar de onde viera. Ainda usava os couros illyrianos. Não tentara remover as tatuagens. Alguma parte dele ainda era illyriana. Sempre seria. Mesmo que ele desejasse esquecer.

Cassian não disse nada por um minuto, seu rosto era uma máscara de pedra. Estivera distante mesmo antes de nos reunirmos em volta da mesa na antiga casa de minha mãe para dar o relatório daquela manhã. Distante desde o Solstício. Eu apostaria um bom dinheiro no motivo.

— Será um bom sinal — respondeu ele, por fim — quando houver vinte meninas lá fora e elas tiverem aparecido por um mês ininterrupto.

Az deu um riso baixo.

— Aposto com você...

— Sem apostas — disse Cassian. — Não nisto.

Az sustentou o olhar de Cassian por um momento, os Sifões cobalto reluziram, então ele assentiu. Entendido. Essa missão de Cassian, nascida anos atrás e talvez perto de dar frutos... Ia além de apostas para ele. Alcançava um ferimento que jamais se curara de verdade.

Passei o braço em volta de seus ombros.

— Pequenos passos, irmão. — Lancei a Cassian um sorriso, sabendo que não chegara a meus olhos. — Pequenos passos.

Para todos nós.

Nosso mundo poderia muito bem depender daquilo.

CAPÍTULO

27

Feyre

Os sinos da cidade soaram 11 horas da manhã.

Um mês depois, Ressina e eu estávamos perto da porta da entrada, ambas usando roupas quase idênticas: suéteres longos e grossos, leggings quentes e botas de trabalho robustas, com forro de lã de carneiro.

Botas que já estavam manchadas de tinta.

Nas semanas desde que a família de Polina me dera o estúdio, Ressina e eu tínhamos ido lá quase todos os dias. Preparando o lugar. Planejando nossa estratégia. As lições.

— A qualquer minuto agora — murmurou ela, olhando para o pequeno relógio pregado na parede branca reluzente do estúdio. *Isso* fora um debate interminável: de que cor pintar o espaço? Queríamos amarelo, mas então decidimos que talvez não mostrasse tão bem a arte. Preto e cinza eram pesados demais para a atmosfera que queríamos, bege também se chocaria com a arte... Então escolhemos branco. O quarto dos fundos, pelo menos, tínhamos pintado de cores alegres — uma cor diferente em cada parede. Verde e rosa e vermelho e azul.

Mas aquele espaço da frente... Limpo. Exceto pela tapeçaria que eu tinha pendurado em uma das paredes, na qual o preto do Vazio era hipnotizante. E um lembrete. Tanto quanto a impossível

iridescência da Esperança, reluzindo ao longo. Trabalhar através da perda, não importasse o quanto fosse sobrepujante. Criar.

E então havia os dez cavaletes e os banquinhos dispostos em círculo no centro da galeria.

Esperando.

— Será que virão? — murmurei para Ressina.

A feérica alternou o peso entre os pés, o único sinal de preocupação.

— Disseram que viriam.

Durante o mês em que tínhamos trabalhado juntas, ela se tornara uma grande amiga. Uma amiga querida. O olho de Ressina para o design era impecável, tão bom que eu tinha pedido a ela que me ajudasse a planejar a casa do rio. Era assim que eu a chamava. Pois *mansão no rio*... Não. *Casa* seria, mesmo que fosse a maior daquela cidade. Não por nenhum capricho, mas apenas pela praticidade. Pelo tamanho de nossa corte, nossa família. Uma família que talvez continuasse crescendo.

Mas isso ficaria para depois. Por enquanto...

Um minuto se passou. Então dois.

— Apareçam logo — murmurou Ressina.

— Talvez estejam com os relógios atrasados?

Mas assim que eu disse isso, eles surgiram. Ressina e eu prendemos o fôlego conforme o bando virou a esquina, dirigindo-se para o estúdio.

Dez crianças, Grã-Feéricas e feéricas, e alguns dos pais delas.

Alguns deles — pois outros não estavam mais vivos.

Mantive um sorriso receptivo, mesmo quando meu coração galopou com cada criança que passou pela nossa porta, cautelosa e insegura, aglomerando-se perto dos cavaletes. Minhas palmas suavam conforme os pais se reuniam com elas, os rostos menos reservados, mas ainda hesitantes. Hesitantes, porém esperançosos.

Não apenas por eles mesmos, mas pelas crianças que tinham trazido.

Não tínhamos feito muita propaganda. Ressina perguntara a alguns amigos e conhecidos, então pedira que eles indagassem por aí. Se havia crianças na cidade que talvez precisassem de um lugar para expressar os horrores do que acontecera durante a guerra. Se

havia crianças que talvez não conseguissem falar sobre o que tinham passado ou sofrido, mas que poderiam, quem sabe, pintar ou desenhar ou esculpir. Talvez não fizessem nenhuma dessas coisas, mas o ato de criar *algo*... poderia ser um bálsamo para elas.

Como era para mim.

Como era para a tecelã e para Ressina e para tantos artistas nessa cidade.

Depois que a notícia se espalhou, choveram perguntas. Não apenas de pais e guardiões, mas de potenciais instrutores. Artistas no Arco-Íris que estavam ansiosos para ajudar, para dar aulas.

Eu daria uma aula por dia, dependendo do que fosse requerido de mim como Grã-Senhora. Ressina daria outra. E haveria um calendário rotativo para os demais professores lecionarem a terceira e quarta aulas do dia. Incluindo a própria tecelã, Aranea.

Porque a resposta dos pais e das famílias tinha sido esmagadora.

Quando começam as aulas? era a pergunta mais frequente. A segunda era *Quanto custa?*

Nada. Nada, dissemos a eles. Era gratuito. Nenhuma criança ou família jamais pagaria por aulas ali — ou suprimentos.

A sala se encheu conforme Ressina e eu trocamos um breve olhar de alívio. E de nervoso também.

E quando encarei as famílias reunidas, a sala aberta e ensolarada ao redor, sorri mais uma vez e comecei.

CAPÍTULO

28

Feyre

Ele estava esperando por mim uma hora e meia depois.

Conforme as últimas crianças correram para fora, algumas gargalhando, outras ainda sérias e com um olhar vazio, ele segurou a porta aberta para elas e para as famílias. Todas ficaram boquiabertas, fazendo uma reverência com a cabeça, e Rhys ofereceu um sorriso largo e tranquilo em resposta.

Eu amava aquele sorriso. Amava aquela graça casual dele ao entrar na galeria, sem sinal das asas, para observar as pinturas ainda secando. Para observar a tinta que manchava meu rosto e o suéter e as botas.

— Dia difícil no escritório?

Afastei uma mecha de cabelo. Sabendo que provavelmente estava manchada com tinta azul. Pois meus dedos estavam cobertos com ela.

— Você deveria ver Ressina.

De fato, ela fora até os fundos momentos antes para lavar o rosto cheio de tinta vermelha. Cortesia de uma das crianças, que achou que seria uma boa ideia formar uma bolha com *toda* a tinta para ver que cor daria e então levitá-la pela sala... até colidir contra o rosto de Ressina.

Rhys gargalhou quando lhe mostrei a cena pelo laço.

— Excelente uso dos poderes em maturação, pelo menos.

Sorri, avaliando uma das pinturas ao lado de meu parceiro.

— Foi o que eu disse. Ressina não achou tão engraçado.

Embora tivesse sido. Sorrir fora um pouco difícil, no entanto, considerando que muitas das crianças tinham cicatrizes tanto visíveis quanto invisíveis.

Rhys e eu estudamos uma pintura de uma jovem feérica cujos pais tinham sido mortos no ataque.

— Não demos a eles nenhuma instrução detalhada — expliquei, conforme os olhos de meu parceiro percorreram a pintura. — Só dissemos a eles que pintassem uma lembrança. Foi isso que ela criou.

Era difícil olhar. As duas figuras ali. A tinta vermelha. As figuras no céu, os dentes cruéis e as garras esticadas.

— Não levam as pinturas para casa?

— Precisam secar primeiro, mas perguntei se ela queria que eu guardasse esta em algum lugar especial e ela disse para jogá-la fora.

Os olhos de Rhys dançaram com preocupação.

— Quero guardá-la. E colocar em meu futuro escritório. Para não esquecermos — eu disse, baixinho.

O que acontecera, pelo que estávamos trabalhando. Exatamente por isso a tapeçaria da insígnia da Corte Noturna de Aranea pendia da parede.

Ele beijou minha bochecha em resposta e seguiu para a pintura seguinte. Então gargalhou.

— Explique esta.

— Esse menino estava *terrivelmente* desapontado com os presentes que ganhou de Solstício. Principalmente porque não ganhou um cachorrinho. Então a “memória” criada é uma que ele espera ter no futuro, dele e do tal cachorro. Com os pais na casinha do animal, enquanto ele e o cachorro moram na casa de verdade.

— Que a Mãe ajude esses pais.

— Foi ele quem fez a bolha.

Rhys gargalhou de novo.

— Que a Mãe ajude *você*.

Eu o cutuquei, gargalhando também.

— Quer caminhar comigo até a casa da cidade para o almoço?

Rhys esboçou uma reverência.

— Seria minha honra, senhora.

Revirei os olhos, gritando para Ressina que voltaria em uma hora. Ela disse que eu deveria levar o tempo que quisesse, já que a aula seguinte só começaria às 14 horas. Tínhamos decidido que nós duas deveríamos estar nessas aulas iniciais, para que os pais e os guardiães nos conhecessem. E as crianças também. Seriam duas semanas inteiras assim, até cobrirmos toda a lista de aulas.

Rhys me ajudou com o casaco, roubando um beijo antes de sairmos para o dia ensolarado e gelado. O Arco-Íris fervilhava ao redor, com artistas e fregueses assentindo e gesticulando para nós conforme caminhávamos para casa.

Entrelacei o braço ao de meu parceiro, aninhando o corpo contra seu calor.

— É estranho — murmurei.

Rhys inclinou a cabeça.

— O quê?

Sorri. Para ele, para o Arco-Íris, para a cidade.

— Essa sensação, essa animação de acordar a cada dia. De ver você, e de trabalhar, e de simplesmente *estar* aqui.

Há quase um ano, eu tinha dito o oposto a ele. Desejado o oposto. O rosto de Rhys se suavizou. Como se ele também se lembrasse. E compreendesse.

— Sei que há muito a fazer. Sei que há coisas que precisaremos enfrentar. Algumas o quanto antes — prossegui. As estrelas nos olhos dele se apagaram diante da afirmação. — Sei que ainda temos que lidar com os illyrianos, com as rainhas humanas e com os próprios humanos, e tudo isso. Mas apesar deles... — Eu não conseguia terminar. Não conseguia encontrar as palavras certas. Ou dizê-las sem me desfazer em público.

Então me recostei em Rhys, naquela força inabalável, e continuei pelo laço: *Você me faz tão, tão feliz. Minha* vida *é feliz, e jamais deixarei de me sentir grata porque você está nela*.

Ergui o rosto e me deparei com lágrimas escorrendo pelas bochechas de meu parceiro, sem que ele tivesse qualquer vergonha disso. Afastei algumas delas antes do vento frio congelá-las, e Rhys sussurrou em meu ouvido: — Jamais deixarei de me sentir grato por

ter você em minha vida também, Feyre querida. E não importa o que esteja adiante — um sorriso leve e feliz ao falar isso —, nós o enfrentaremos juntos. E aproveitaremos cada momento juntos.

Eu me recostei nele de novo, e o braço de Rhys se fechou em volta de meus ombros. Sobre o braço pintado com a tatuagem que ambos estampávamos, a promessa entre nós. De jamais nos separar, não até o fim.

E mesmo depois disso.

Amo você, falei pelo laço.

Como poderia não amar?

Antes que eu pudesse cutucá-lo com o cotovelo, Rhys me beijou de novo, sem fôlego e brevemente. *Às estrelas que ouvem, Feyre*.

Passei a mão pela bochecha de meu parceiro para limpar o que restava das lágrimas, sua pele morna e macia. Então viramos na direção da rua que nos levaria para casa. Para nosso futuro — e para tudo o que nos aguardava nele.

Aos sonhos que são atendidos, Rhys.

AGRADECIMENTOS

Enquanto escrevia esta história, acabei passando por dois dos maiores eventos de minha vida. No último verão, estava com um terço do esboço de *Corte de gelo e estrelas* quando recebi de minha mãe o pior tipo de telefonema: meu pai tinha sofrido um ataque cardíaco violento, e era improvável que sobrevivesse. O que aconteceu a seguir não foi menos do que um milagre, e o fato de que meu pai está vivo hoje para ver este livro ser lançado me enche com mais alegria do que consigo expressar.

A equipe incrível da UTI da Universidade de Vermont, em Burlington, terá para sempre minha profunda gratidão. Não apenas por salvar a vida de meu pai, mas também pelo cuidado e pela compaixão sem iguais que ele (e minha família inteira) recebeu durante as duas semanas que passamos acampados no hospital. Os enfermeiros da UTI serão para sempre meus heróis — seu trabalho incansável, a positividade irredutível e a inteligência notável são lendários. Vocês ofereceram a minha família um raio de esperança durante os dias mais sombrios de nossas vidas e jamais nos fizeram sentir o tremendo peso das probabilidades que estavam contra nós. Obrigada, obrigada, obrigada por tudo o que fazem e fizeram, tanto por minha família quanto por inúmeras outras.

Consegui terminar de escrever *Corte de gelo e estrelas* depois desse susto (graças a algumas semanas revigorantes no lindo estado de Maine), mas somente no início do outono a segunda coisa que mudou minha vida aconteceu: descobri que estava grávida. Passar de um verão que está entre os piores dias de minha vida para esse tipo de alegria foi uma bênção imensa, e embora esta história seja lançada algumas semanas antes de minha data prevista para o parto, *Corte de gelo e estrelas* terá sempre um lugar especial em meu coração por causa disso.

Mas eu não poderia ter passado por esses longos meses de trabalho neste projeto sem meu marido, Josh. (Não conseguiria passar pela *vida* sem Josh.) Então, obrigada ao melhor marido de qualquer mundo, por cuidar tão bem de mim, tanto antes quanto durante essa gravidez, e por se certificar de que eu tivesse tudo de

que precisava para permanecer concentrada e tornar este livro uma realidade (alguns exemplos importantes: infinitos pratos de lanches, chá sob demanda, achar o mais confortável dos travesseiros para apoiar os pés.) Amo você até as estrelas e de volta, e mal posso esperar por esse capítulo épico em nossa jornada juntos.

E Annie. Minha doce e bagunceira cachorrinha Annie. Obrigada pelos carinhos quentinhos e pelos beijos peludos, por ser uma alegria e um conforto tão grandes nos dias mais claros e nos mais sombrios. Não há melhor ou mais fiel companheira canina. Amo você eternamente.

Como sempre, tenho uma dívida imensa com minha agente, Tamar Rydzinski. Obrigada, obrigada, obrigada por estar a meu lado, por me manter sã e por sua sabedoria e orientação. Nada disso seria possível sem você.

Para a equipe sensacional da agência literária Laura Dail: vocês arrasam. Obrigada por *tudo*. E Cassie Homer: você é a melhor, e me sinto muito grata por tudo o que faz.

Bethany Buck, obrigada por toda sua ajuda com este livro e por ser uma pessoa tão adorável. E obrigada vezes infinito a toda a equipe da Bloomsbury: Cindy Loh, Cristina Gilbert, Kathleen Farrar, Nigel Newton, Rebecca McNally, Sonia Palmisano, Emma Hopkin, Ian Lamb, Emma Bradshaw, Lizzy Mason, Courtney Griffin, Erica Barmash, Emily Ritter, Alona Fryman, Alexis Castellanos, Grace Whooley, Alice Grigg, Elise Burns, Jenny Collins, Beth Eller, Kelly de Groot, Lucy Mackay-Sim, Hali Baumstein, Melissa Kavonic, Diane Aronson, Donna Mark, John Candell, Nicholas Church, Anna Bernard, Kate Sederstrom e toda a equipe de direitos estrangeiros. Eu me sinto tão feliz por ser publicada por vocês!

Charlie Bowater, sua arte é uma inspiração tão grande para mim em tantos níveis. Obrigada por todo o seu trabalho enorme. É um sonho realizado colaborar com você, e mal posso esperar para trabalharmos juntas no futuro.

Para minha família: obrigada pelo amor e apoio que deram a meu pai e a mim neste verão. Vocês pegaram aviões e dirigiram de todo o país para estar conosco em Vermont. Quase um ano se passou e ainda não tenho palavras para expressar minha gratidão ou quanto amo todos vocês. Sou tão abençoada por tê-los em minha vida.

Para meus pais: foi um ano e tanto, mas conseguimos. Jamais deixarei de me maravilhar e agradecer por sequer poder dizer essas palavras. Amo vocês dois.

Para meus maravilhosos amigos (vocês sabem quem são): obrigada por estarem lá quando eu mais precisava, por cuidarem de mim, assim como de minha família, e por jamais deixarem de trazer um sorriso para meu rosto.

E, por fim, para todos aqueles que escolheram meus livros: obrigada. Vocês são o melhor grupo de pessoas que já conheci, e me sinto honrada por tê-los como leitores. Às estrelas que ouvem — e aos sonhos que são atendidos.

Corte de gelo e estrelas

Site da autora
www.sarahjmaas.com/

Facebook da autora
www.facebook.com/Sarah-J-Maas-116910261657643/

Twitter da autora
www.twitter.com/SJMaas

Goodreads da autora
www.goodreads.com/SarahJMaas

Skoob da autora
www.skoob.com.br/autor/8285-sarah-j-maas

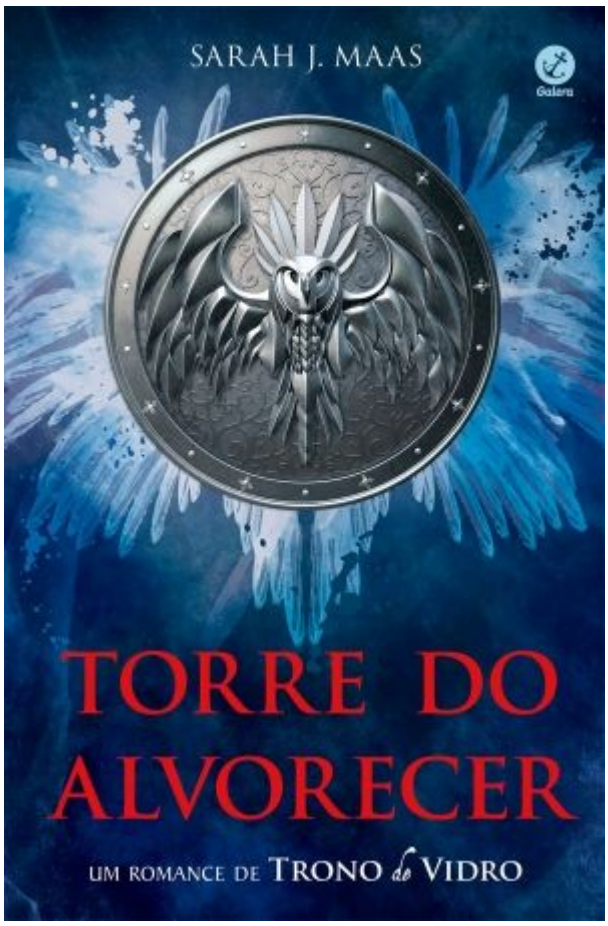
Sobre a autora
http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=121

Instagram da autora
www.instagram.com/therealsjmaas/

Pinterest da autora
www.pinterest.com/sarahjmaas

Página da Wikipédia sobre a autora
www.pt.wikipedia.org/wiki/Sarah_J._Maas

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

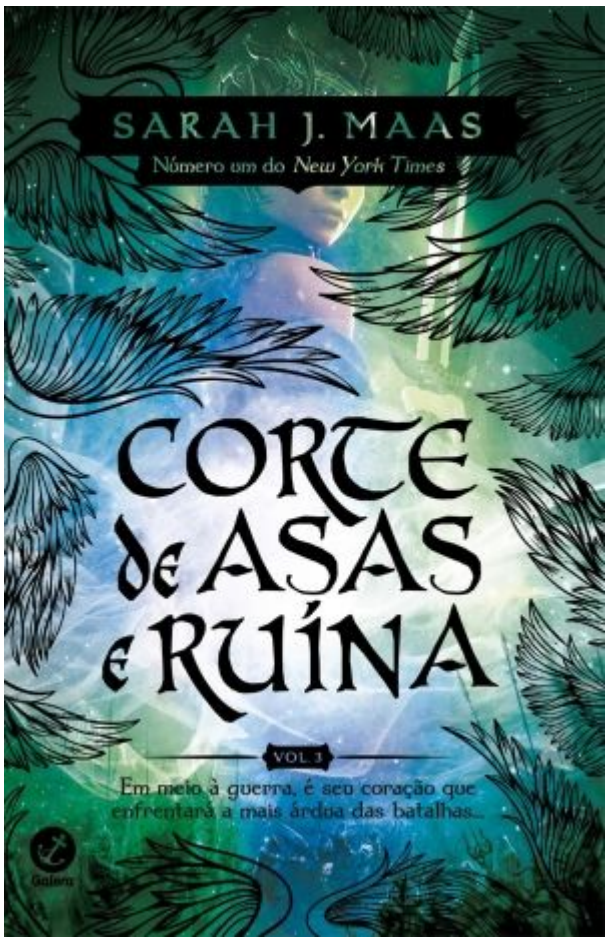

SARAH J. MAAS
Galera
TORRE DO ALVORECER
UM ROMANCE DE TRONO de VIDRO

Torre do alvorecer

Maas, Sarah J.
9788501100917
644 páginas Compre agora e leia

No novo volume da série best-seller do New York Times, acompanhamos Chaol em uma tortuosa viagem a um império distante. Chaol Westfall sempre se definiu por sua lealdade inquebrável, sua força e sua posição como capitão da Guarda. Mas tudo mudou desde que o Castelo de Vidro se quebrou, seus homens foram abatidos e o rei de Adarlan o poupou de um golpe de morte, mas deixou seu corpo quebrado. Sua única chance de recuperação reside nos lendários curandeiros da Torre Cesme, em Antica — a fortaleza do poderosoimpério do continente do sul. E é para lá que ruma Chaol, acompanhado de Nesryn, única mulher na Guarda Real e sua nova capitã, depois de Chaol ter sido nomeado Mão do Rei. Mas, com a guerra se aproximando de Dorian e com Aelin lutando por seu trono de direito, Chaol pode ser uma peça-chave para a sobrevivência dos dois jovens monarcas, convencendo outros governantes a se aliarem a eles. O que Chaol e Nesryn descobrem em Antica, no entanto, vai mudar os dois — e ser mais vital para salvar Erilea do que eles poderiam ter imaginado.

Compre agora e leia

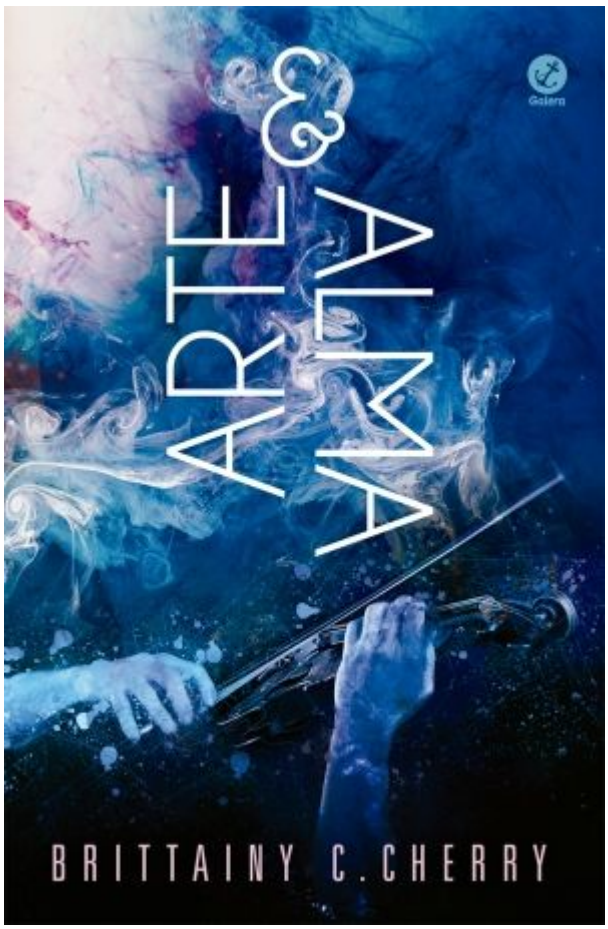

SARAH J. MAAS
Número um do New York Times
CORTE DE ASAS E RUÍNA
VOL 3
Em meio à guerra, é seu coração que enfrentará a mais árdua das batalhas...
Galera

Corte de asas e ruína - Corte de espinhos e rosas - vol. 3

J. Maas, Sarah 9788501112460
686 páginas Compre agora e leia

O esperado terceiro volume da série best-seller Corte de espinhos e rosas, da mesma autora da saga Trono de vidro. Mais uma vez, Sarah J. Maas não desaponta. Em Corte de asas e ruína, a guerra se aproxima, um conflito que promete devastar Prythian. Em meio à Corte Primaveril, em um perigoso jogo de intrigas e mentiras, a Grã-Senhora da Corte Noturna esconde seu laço de parceria e sua verdadeira lealdade. Tamlin está fazendo acordos com o invasor, Jurian recuperou suas forças e as rainhas humanas prometem condescender aos desejos de Hybern em troca de imortalidade. Enquanto isso, Feyre e seus amigos precisam aprender em quais Grão-Senhores confiar e procurar aliados nos lugares mais improváveis. Porém, a Quebradora da Maldição ainda tem uma ou duas cartas na manga antes que sua ilha queime.

Compre agora e leia

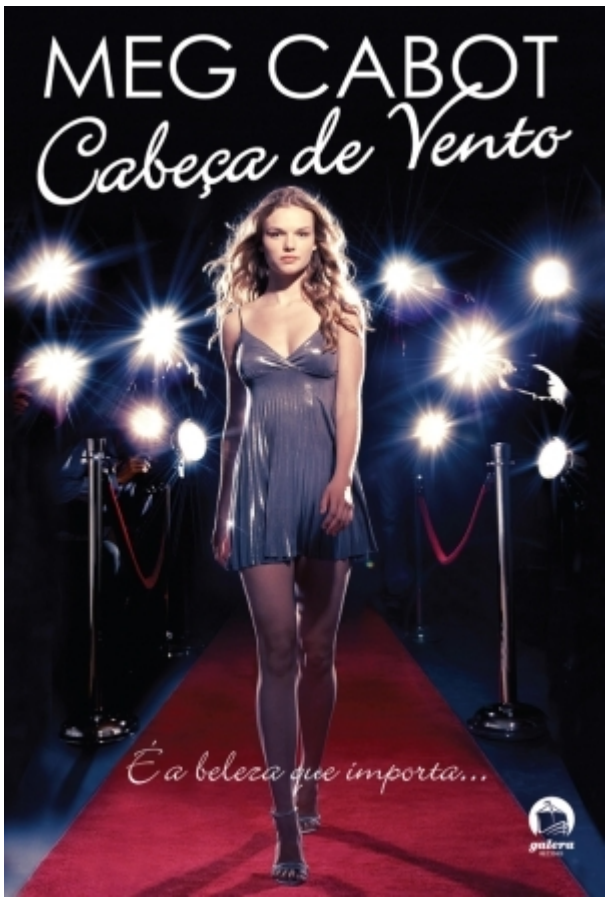

ARTE & ALMA
Galera
BRITTAINY C. CHERRY

Arte & Alma

Cherry, Brittainy C.
9788501403391
308 páginas Compre agora e leia

O novo livro de Brittainy C. Cherry mostra a necessidade de encontrar-se e valorizar o que tem mesmo quando as coisas parecem desmoronar ao redor. Aria Watson era considerada invisível na escola, mesmo com todo seu talento para arte; em casa era uma boa filha e irmã. Mas tudo mudou quando ela anunciou, aos 16 anos, que estava grávida. E a notícia caiu como uma bomba. Agora ela está aterrorizada e se sentindo mais sozinha do que nunca. Levi Myers mudou-se para Wisconsin para ficar com o pai, que não via desde os 11 anos. Ele precisava se afastar um pouco da mãe e passar um ano com o pai parecia uma boa ideia, mas agora Levi não tem mais certeza. Se a mãe tem problemas, o pai é pior. Dois adolescentes passando por momentos difíceis e que, sem querer, encontram um no outro alguém que compreenda o que estão passando. Os dois estão despedaçados por dentro, cheios de cicatrizes. Mas, nas manhãs no bosque, enquanto tentam alimentar cervos, ou esperando o ônibus para escola, eles compartilham seus medos e incertezas. Levi está dividido entre o pai e a mãe e Aria precisa decidir o futuro do bebê que está gerando. Em palavras, e até mesmo no silêncio, os dois fazem um ao outro um pouco mais fortes. Apaixonar-se não era o plano, mas às vezes é difícil resistir quando alguém parece entender tão bem sua dor e solidão.

Compre agora e leia


MEG CABOT
Cabeça de Vento
É a beleza que importa...
galera

Cabeça de vento

Cabot, Meg 9788501400536
320 páginas Compre agora e leia

Emerson Watts nem queria ir à inauguração da Stark Megastore no SoHo, mas alguém precisava tomar conta da sua irmã caçula, que está loucamente apaixonada por um astro pop britânico que daria autógrafos por lá. Além dele, uma outra pessoa muito famosa também marcaria presença... Nikki Howard, supermodelo internacional, sensação adolescente e rosto dos produtos Stark. Isso, é claro, é a receita para um desastre.Junto com os belos e famosos, uma multidão apareceu para conferir a inauguração - e, no meio das pessoas comuns, alguns manifestantes resolveram demonstrar o quanto são contra o monopólio da Stark, que está acabando com o comércio de rua em toda a cidade. Em meio à manifestação, está Emerson Watts, nerd extraordinaire.

Compre agora e leia

Meg Cabot
Autora nº 1 do New York Times
O garoto está de volta
Galera

O garoto está de volta

Cabot, Meg 9788501403360
352 páginas Compre agora e leia

Meg Cabot retorna ao romance adulto, nas linhas de Garoto encontra garotaUm escândalo traz de volta à pequena cidade natal, à família e ao primeiro amor uma estrela do golfe. Reed Stewart pensou que todos os problemas de cidade pequena — incluindo um coração partido — haviam ficado para trás quando ele abandonou a microscópica Bloomville, Indiana, há dez anos para se tornar um rico e famoso profissional do golfe. Até um post na internet ter ressuscitado todas as suas inseguranças de adolescente. Becky Flowers investiu tempo e recursos para se tornar uma bem-sucedida profissional no ramo de realocação de idosos. Mas ela trabalhou ainda mais duro para esquecer que Reed Stewart sequer existia. Ela não tinha, absolutamente, a menor intenção de revê-lo, agora que ele voltou... até a família do garoto a contratar para ajudar na mudança dos pais.

Compre agora e leia

SARAH J. MAAS

Número um do *New York Times*

CORTE DE CHAMAS PRATEADAS

VOL. 4

Tudo o que lhe fora roubado,
ela tomaria de volta.

Galera

Classificação etária: +18 anos

Obras da autora publicadas pela Editora Record *Série* Corte de Espinhos e Rosas Corte de espinhos e rosas Corte de névoa e fúria Corte de asas e ruína Corte de gelo e estrelas Corte de chamas prateadas *Série* Cidade da Lua Crescente Casa de terra e sangue *Série* Trono de Vidro A lâmina da assassina Trono de vidro

Coroa da meia-noite Herdeira de fogo

Rainha das sombras Império de tempestades Torre do alvorecer

Reino de cinzas

SARAH J. MAAS

CORTE DE CHAMAS PRATEADAS

Tradução
Mariana Kohnert

1ª edição

Galera

RIO DE JANEIRO
2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Maas, Sarah J., 1986-

M11c

Corte de chamas prateadas [recurso eletrônico] / Sarah J. Maas ; tradução Mariana Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2021.
recurso digital (Corte de espinhos e rosas ; 4) Tradução de: A court of siler flames Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-009-3 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Mariana. II. Título. III.

Série.

21-70531

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Título original:
A Court of Silver Flames Copyright © Sarah J. Maas, 2021
Leitura sensível: Rane Souza

Esta tradução foi publicada mediante acordo com Bloomsbury Publishing Inc.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

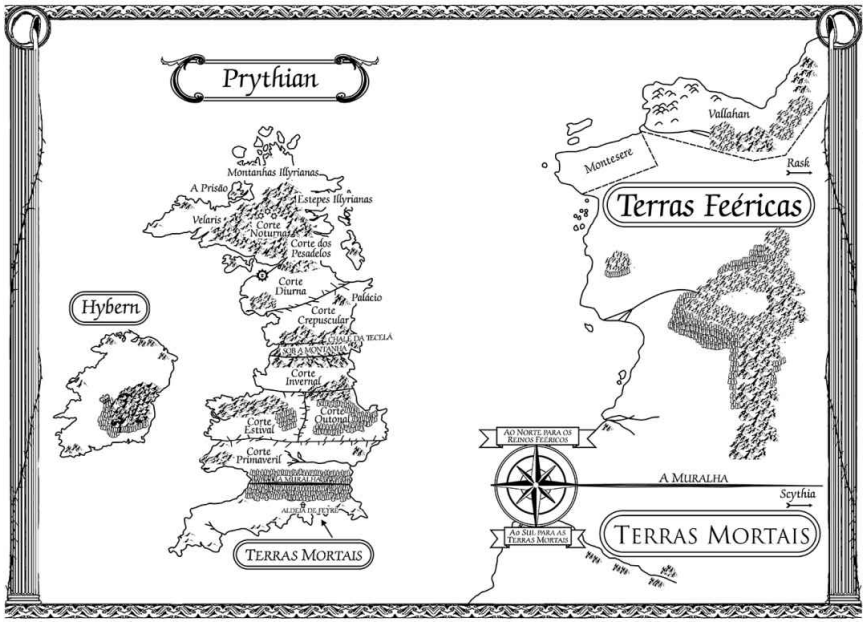
EDITORA AFILIADA
ISBN 978-65-5587-190-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: sac@record.com.br

Para cada Nestha no mundo –
escale a montanha.

E para Josh, Taran e Annie,
Que são o motivo pelo qual eu escalo a minha.


Prythian
Montanhas Illyrianas
A Prisão
Estepes Illyrianas
Velaris
Corte Noturna
Corte dos Pesadelos
Corte Diurna
Palácio
Hybern
Corte Crepuscular
Corte Invernal
Corte Estival
Corte Outonal
Corte Primaveril
Terras Mortais
Vallahan
Montesere
Rask
Terras Feéricas
Ao Norte para os Reinos Feéricos
A Muralha
Scythia
Ao Sul para as Terras Mortais
Terras Mortais

SUMÁRIO

Abertura
Parte Um
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

19
20
21
22
23
24
Parte Dois
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45

46
47
48
49
50
Parte Três
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
Parte Quatro
64
65
66
67
68
69
70
71

72
73
74
75
76
77
78
79
80
Agradecimentos
Conteúdo extra
Feyre
Azriel

A água escura batendo em seus calcanhares agitados era de congelar.

Não era como o ardor do frio do inverno, nem mesmo como o queimar de gelo sólido, mas algo mais frio. Mais profundo.

O frio do espaço entre as estrelas, o frio de um mundo antes da luz.

O frio do inferno — do verdadeiro inferno, percebeu ela, ao dar um pinote contra as mãos fortes que tentavam enfiá-la naquele Caldeirão.

Verdadeiro inferno, porque era Elain que estava caída no piso de pedra com o macho feérico de cabelos vermelhos e um olho só curvado sobre ela. Porque eram orelhas pontiagudas aparecendo entre o cabelo castanho-dourado encharcado de sua irmã, enquanto um brilho imortal irradiava da pele clara de Elain.

Verdadeiro inferno — pior do que as profundezas de nanquim que estavam a meros centímetros dos dedos dela.

Mergulhe-a, ordenou o rei feérico de expressão severa.

E, pelo som daquela voz, da voz do macho que tinha feito aquilo com Elain...

Ela sabia que entraria no Caldeirão. Sabia que perderia aquela briga.

Sabia que ninguém viria salvá-la: não a Feyre aos prantos, não o antigo amor amordaçado de Feyre, nem o novo parceiro arrasado dela.

Nem Cassian, desmantelado e sangrando no chão. O guerreiro ainda tentava se levantar sobre os braços trêmulos. Tentava chegar até ela.

O rei de Hybern é quem havia feito aquilo. Com Elain. Com Cassian.

E com ela.

A água gélida bateu nas solas de seus pés.

Era um beijo venenoso, uma morte tão permanente que cada centímetro dela rugiu em rebeldia.

Ela entraria, mas não sem lutar.

A água agarrou seus calcanhares com garras fantasma, puxando-a para baixo. Ela se virou, desvencilhando o braço do guarda que a segurava.

E Nestha Archeron apontou. Um dedo em direção ao rei de Hybern.

Uma promessa de morte. Um alvo marcado.

Mãos a empurraram para as garras da água à espera.

Nestha gargalhou do medo que viu nos olhos do rei pouco antes de a água devorá-la por inteira.

No início

E no fim
Havia Escuridão

E nada mais

Ela não sentiu frio ao mergulhar em um mar sem fundo, sem horizonte, sem superfície. Mas sentiu a queimação.

A imortalidade não era uma juventude serena.

Era fogo.

Era minério derretido sendo derramado em suas veias, fervendo seu sangue humano até que não passasse de vapor, forjando seus ossos quebradiços até que se tornassem aço fresco.

E quando ela abriu a boca para gritar, quando a dor rasgou ao meio quem era, não houve som. Não havia nada naquele lugar que não fosse escuridão e agonia e poder...

Eles pagariam. Todos eles.

Começando por esse Caldeirão.

Começando *agora*.

Ela avançou pela escuridão com garras e presas. Rasgou, partiu e dilacerou.

E a eternidade escura em torno de Nestha estremeceu. Deu pinotes. Debateu-se.

Ela gargalhou conforme o breu se encolhia. Gargalhou com a boca cheia do poder intocado que acabara de arrancar e engolir de uma vez; gargalhou dos punhados de eternidade que enfiou no coração, nas veias.

O Caldeirão lutou como um pássaro sob a pata de um gato. Ela se recusou a soltar.

Tudo que ele havia roubado dela, de Elain, ela tomaria de volta.

Envoltos em eternidade sombria, Nestha e o Caldeirão se entrelaçaram, queimando pela escuridão como uma estrela recém-nascida.

PARTE UM

Novata

Capítulo 1

Cassian levou o punho até a porta verde no corredor escuro e hesitou.

Ele havia ceifado mais inimigos do que se importava em contar, tinha ficado de pé com sangue até os joelhos em incontáveis campos de batalha e continuara golpeando com a espada, fizera escolhas que haviam lhe custado a vida de guerreiros habilidosos, fora general, soldado de infantaria e assassino, e, no entanto... ali estava ele, abaixando o punho.

Hesitando.

O prédio do lado norte do rio Sidra precisava de uma pintura. De acordo com as tábuas que rangiam sob suas botas, precisava de um piso novo também. Pelo menos o lugar era limpo. Definitivamente nada convidativo para os padrões de Velaris, mas como a própria cidade não tinha bairros desfavorecidos, isso não significava muito. Ele vira e se hospedara em lugares bem piores.

Mesmo assim, jamais entendera por que Nestha insistia em morar ali. Até compreendia por que ela não aceitava morar na Casa do Vento — era longe demais da cidade, e ela não podia voar ou atravessar até lá, o que significava ter que lidar com os dez mil

degraus para cima e para baixo. Mas por que viver nesse lixo, quando a casa na cidade estava vazia? Desde que a obra na ampla casa diante do rio de Feyre e Rhys tinha terminado, a casa na cidade havia ficado aberta para qualquer dos amigos deles que precisasse ou quisesse. Ele sabia que Feyre tinha oferecido a Nestha um quarto ali — o qual fora recusado.

Cassian franziu a testa para a pintura descascando na porta. Nenhum som passava pela fenda considerável entre a porta e o chão, larga o bastante para que até mesmo o maior dos ratos ziguezagueasse por baixo; não havia nenhum cheiro recente no corredor apertado.

Talvez ele desse sorte e ela estivesse fora — quem sabe dormindo atrás do balcão de qualquer que fosse a taverna sórdida a que ela fora na noite anterior. Embora talvez isso fosse pior, pois ele precisaria ir até lá atrás dela.

Cassian levantou o punho de novo e o vermelho do Sifão piscou sob as antigas luzes feéricas embutidas no teto.

Covarde. Não demonstre medo, merda.

Cassian bateu uma vez. Duas.

Silêncio.

Cassian quase suspirou alto de alívio. *Puta merda, graças à Mãe*...

Passos curtos e precisos soaram do outro lado da porta. Cada um mais irritado do que o anterior.

Ele fechou bem as asas, esticando os ombros enquanto afastava os pés. Uma pose de luta tradicional, com a qual fora forjado durante seus anos de treinamento e agora se transformara em simples memória muscular. Cassian não ousou pensar no porquê o som de passos fizera com que seu corpo assumisse aquela posição.

O estalo conforme ela abria cada uma das quatro trancas poderia muito bem ter sido a percussão de um tambor de guerra.

Cassian percorreu a lista de coisas que deveria dizer, como Feyre havia sugerido que as dissesse.

A porta foi aberta com um puxão, a maçaneta girou tão forte que Cassian se perguntou se ela estava fingindo que era o pescoço dele.

Nestha Archeron já estava de cara fechada. Mas ali estava ela.

Com uma aparência terrível.

— O que você quer? — Ela não abriu a porta mais do que um palmo.

Quando foi que a vira pela última vez? Naquela festa de fim de verão na barca no Sidra, no mês passado? Ela não estava tão mal assim. Muito embora ele desconfiasse que uma noite tentando se afogar em vinho e licor jamais deixasse alguém com uma aparência particularmente boa na manhã seguinte. Ainda mais às...

— São sete horas da manhã — prosseguiu ela, perfurando-o com aquele olhar cinza-azulado que sempre atiçava o temperamento de Cassian.

Ela estava com a camisa de algum macho. Pior, ela estava *apenas* com a camisa de algum macho.

Cassian apoiou uma das mãos na ombreira da porta e deu um meio-sorriso que sabia que a provocava.

— Noite difícil?

Ano difícil, na verdade. O lindo rosto dela estava pálido, muito mais magro do que fora antes da guerra contra Hybern, os lábios, sem cor, e aqueles olhos... Frios e aguçados, como as manhãs de inverno nas montanhas.

Não havia alegria nem sorriso em nenhum canto do rosto. Em nenhuma parte dela.

Nestha fez menção de fechar a porta na mão dele.

Cassian enfiou a bota na abertura antes que ela conseguisse quebrar seus dedos. As narinas de Nestha se dilataram levemente.

— Feyre quer você na casa.

— Qual delas? — falou Nestha, franzindo a testa ao mirar o pé que ele havia enfiado na porta. — Ela tem cinco.

Cassian conteve a réplica. Aquele não era o campo de batalha — e ele não era oponente dela. Seu trabalho era transportá-la até o local designado. E então rezar para que a linda casa para a qual Feyre e Rhys haviam acabado de se mudar não fosse reduzida a escombros.

— A nova.

— Por que minha irmã não veio me buscar pessoalmente? — Ele conhecia aquele brilho desconfiado no olhar dela, aquele leve enrijecer das costas. Seus próprios instintos vieram à tona para

enfrentar a rebeldia dela, para continuar insistindo até descobrir o que poderia acontecer.

Desde o Solstício de Inverno, eles haviam trocado poucas palavras. A maioria delas fora na festa da barca, no mês passado. E consistiam em:

Sai.

Oi, Nes.

Sai.

Com prazer.

Depois de meses e meses de nada, de mal vê-la em lugar nenhum, fora apenas isso.

Ele nem mesmo havia compreendido por que ela fora até a festa, ainda mais sabendo que ficaria presa no barco com eles durante horas. Devido a qualquer que fosse a influência que tinha sobre Nestha, era provavelmente Amren quem merecia o crédito por sua rara aparição. Mas ao fim daquela noite, Nestha estava na frente da fila para sair do barco com braços cruzados firmemente diante do corpo, e Amren estava emburrada na outra ponta, quase trêmula de ódio e desprezo.

Ninguém perguntou o que havia acontecido entre elas, nem mesmo Feyre. O barco aportou e Nestha tinha praticamente corrido para fora, e ninguém falara com ela desde então. Até hoje. Até esta conversa, que parecia a mais longa que tiveram desde as batalhas contra Hybern.

Cassian disse, por fim:

— Feyre é Grã-Senhora. Ela está ocupada governando a Corte Noturna.

Nestha inclinou a cabeça e seu cabelo castanho-dourado escorreu sobre um ombro ossudo. Em qualquer outra pessoa, o movimento teria sido de contemplação. Nela, era o aviso de um predador, avaliando a presa.

— E minha irmã — disse ela, com aquela voz inexpressiva que se recusava a entregar qualquer sinal de emoção — considerou minha *presença imediata* necessária?

— Ela sabia que você provavelmente precisaria se limpar, e queria lhe dar tempo. Sua presença é esperada às nove horas.

Ele esperou pela explosão enquanto ela fazia as contas.

Os olhos de Nestha se incendiaram.

— E por acaso parece que preciso de *duas horas* para ficar apresentável?

Cassian aproveitou o convite para avaliá-la: longas pernas nuas, uma elegante curva de quadril, cintura afunilada — magra demais, caramba — e seios fartos, convidativos, que destoavam dos novos ângulos acentuados do corpo dela.

Em qualquer outra fêmea, aqueles seios magníficos poderiam ser motivo suficiente para que ele começasse a cortejá-la desde o momento em que a conheceu. Mas desde que conhecera Nestha, o fogo frio nos olhos dela criou uma tentação diferente.

E agora que ela era Grã-Feérica, cheia de domínio e agressão inerentes — e uma atitude deplorável —, ele a evitava o máximo possível. Principalmente com o que tinha acontecido durante e depois da guerra contra Hybern. Ela deixara seus sentimentos por ele bastante evidentes.

Por fim, Cassian falou:

— Você parece que precisa de umas refeições fartas, um banho e roupas de verdade.

Nestha revirou os olhos, mas levou os dedos à bainha da camisa.

Cassian acrescentou:

— Expulse o coitado e limpe-se que eu lhe trago um chá.

As sobrancelhas dela se ergueram uma fração de centímetro.

Ele deu um sorriso torto.

— Acha que não consigo ouvir aquele macho no seu quarto, tentando silenciosamente se vestir e sair de fininho pela janela?

Como se em resposta, uma batida abafada veio do quarto. Nestha sibilou.

— Volto em uma hora para ver como as coisas estão. — Cassian enfatizou bem as palavras, de modo que seus soldados saberiam que não deveriam provocá-lo, eles seriam lembrados de que ele precisava de sete Sifões para controlar a magia por um bom motivo. Só que Nestha não voava nas legiões dele, não lutava sob seu comando, e certamente não parecia se lembrar de que Cassian tinha mais de quinhentos anos e...

— Não se dê ao trabalho. Vou chegar na hora.

Ele se afastou da ombreira da porta, e suas asas se abriram levemente conforme ele recuou alguns passos.

— Não foi isso que me pediram para fazer. Devo acompanhar você de uma porta a outra.

A expressão do rosto dela se contraiu.

— Vá se empoleirar numa chaminé.

Sem ousar tirar os olhos dela, ele esboçou uma reverência. Nestha surgira do Caldeirão com... dons. Dons consideráveis... e sombrios. Mas ninguém tinha visto ou sentido qualquer sinal deles desde aquela última batalha contra Hybern, desde que Amren estilhaçara o Caldeirão e que Feyre e Rhys tinham conseguido curá-lo. Elain também não havia dado qualquer indicação das habilidades de vidência dela desde então.

Mas se o poder de Nestha permanecia ali, ainda capaz de arrasar campos de batalha... Cassian sabia que não deveria se fazer vulnerável para outro predador.

— Quer o chá com leite ou limão?

Ela bateu a porta na cara dele.

Depois trancou todas as quatro travas.

Assoviando consigo mesmo e se perguntando se aquele pobre coitado dentro do apartamento realmente fugiria pela janela — provavelmente para escapar *dela* —, Cassian saiu andando pelo corredor escuro e foi procurar comida.

Ele precisaria de sustância naquele dia. Principalmente depois que Nestha descobrisse exatamente por que a irmã a havia convocado.

Nestha Archeron não sabia o nome do macho em seu apartamento.

Ela vasculhou a memória afogada em vinho enquanto voltava para o quarto, desviando de pilhas de livros e roupas amontoadas, lembrando-se de olhares fogosos na taverna, do encontro molhado e quente da boca deles, do suor que a cobria conforme ela o cavalgava até que o prazer e a bebida a lançassem para o divino esquecimento, mas não se lembrou do nome dele.

O macho já estava debruçado para fora da janela, e Cassian sem dúvida espreitava na rua abaixo para testemunhar a saída espetacularmente patética dele, quando Nestha chegou ao quarto escuro e apertado. A cama de bronze com dossel estava amassada, os lençóis meio jogados no piso de madeira irregular que rangia, e a janela rachada batia contra a parede nas dobradiças frouxas. O macho se virou para ela.

Ele era belo, da forma como a maioria dos machos Grão-Feéricos são. Um pouco mais magro do que ela gostava — praticamente um menino comparado com a imensa massa de músculos que acabara de preencher a porta de entrada dela. Ele se encolheu conforme Nestha entrou, sua expressão parecendo sofrida quando ele percebeu o que ela usava.

— Eu... Isso é...

Nestha se despiu da camisa dele, exibindo nada além de pele nua. Os olhos do macho se arregalaram, mas o cheiro do medo dele não se desfez — não medo dela, mas do macho que ele ouvira na porta da entrada. Que o fez se lembrar de quem era a irmã dela. De quem era o parceiro da irmã dela. Os amigos da irmã dela. Como se qualquer uma dessas coisas significasse algo.

Qual seria o cheiro de seu medo se o macho descobrisse que ela o havia usado, dormido com ele para se controlar? Para acalmar aquela força sombria que se contorcia e que havia fervilhado dentro dela desde o momento em que emergira do Caldeirão? No último ano, ela aprendera que sexo, música e bebida ajudavam. Não completamente, mas ajudavam a evitar que o poder fervesse. Mesmo que ainda conseguisse senti-lo em seu sangue, contraído firme em torno de seus ossos.

Ela atirou a blusa branca nele.

— Pode usar a porta da frente agora.

Ele enfiou a camisa pela cabeça.

— Eu... ele ainda... — O olhar do macho ficava se voltando para os seios dela, rígidos devido à manhã fria, para a pele nua e para o ápice entre as coxas.

— Tchau. — Nestha entrou no banheiro enferrujado e alagado junto ao quarto. Pelo menos o lugar tinha água quente na torneira.

Às vezes.

Feyre e Elain haviam tentado convencê-la a se mudar. Ela sempre ignorara o conselho delas. Assim como ignoraria o que quer que fosse dito naquele dia. Ela sabia que Feyre planejava um sermão. Talvez alguma coisa a ver com o fato de que Nestha tinha colocado a comanda obscena da taverna na noite anterior na conta bancária da irmã dela.

Nestha deu um riso de deboche enquanto girava a maçaneta da banheira. A torneira rangeu, o metal era gelado ao toque, e água escorreu, então jorrou na banheira rachada e manchada.

Aquela era a residência dela. Nenhum criado, nenhum olho monitorando e julgando cada movimento seu, nenhuma companhia, a não ser que ela convidasse. Ou a não ser que guerreiros enxeridos e arrogantes se incumbissem de aparecer.

Levou cinco minutos até que a água esquentasse o bastante para que ela começasse a encher a banheira. Houve alguns dias no ano anterior em que ela nem havia se dado ao trabalho de perder tempo. Alguns dias em que entrou na água gelada e não sentiu o frio da banheira, mas o das profundezas escuras do Caldeirão conforme ele a devorava por inteiro. Conforme arrancava sua humanidade, sua mortalidade, e a transformava *nisso*.

Foram meses lutando contra aquilo — o pânico que lhe tensionava o corpo e fazia com que seus ossos tremessem quando eram submersos. Mas ela havia se obrigado a enfrentar. Aprendera a se sentar na água gélida, enjoada e trêmula, com os dentes trincados; recusara-se a se mover até que seu corpo reconhecesse que estava em uma banheira e não no Caldeirão, que estava no apartamento e não no castelo de pedra do outro lado do oceano, que estava viva, imortal. Embora seu pai não estivesse.

Não, seu pai era cinzas ao vento, sua existência estava marcada apenas por uma lápide em uma colina fora da cidade. Ou era o que suas irmãs lhe haviam dito.

Eu amei você desde o primeiro momento em que a segurei nos braços, dissera o pai para ela naqueles últimos momentos juntos.

Não coloque as mãos imundas em minha filha. Essas tinham sido as últimas palavras dele, disparadas ao rei de Hybern. O pai dela desperdiçara suas últimas palavras com aquele verme de rei.

O pai dela. O homem que jamais lutara por suas filhas, não até o fim. Quando havia ido salvá-las — salvar humanos e feéricos, obviamente, mas principalmente as filhas. Salvá-la.

Que grande e estúpido desperdício.

Um poder sombrio e profano fluiu dela, mas não fora o bastante para impedir que o rei de Hybern quebrasse o pescoço de seu pai.

Nestha odiara o pai, odiara profundamente, e, no entanto, por algum motivo inexplicável, ele a amara. Não o suficiente para tentar poupá-las da pobreza ou evitar que passassem fome. Mas, de alguma forma, fora o bastante para que ele reunisse um exército no continente. Para que velejasse com um navio nomeado em homenagem a ela até a batalha.

Nestha ainda odiava o pai naqueles últimos momentos. E então o pescoço dele se partiu, e os olhos não estavam cheios de medo quando morreu, mas cheios daquele amor tolo por ela.

Era isso que havia permanecido, essa expressão do olhar dele. O ressentimento no coração enquanto ele morria por ela. Aquilo tinha apodrecido, remoendo Nestha como o poder que ela enterrava profundamente, percorrendo descontroladamente a mente dela até que nenhum banho gelado conseguisse fazê-la esquecer.

Ela poderia ter salvado o pai.

A culpa era do rei de Hybern. Ela sabia. Mas também era dela. Assim como era culpa dela que Elain tivesse sido capturada pelo Caldeirão depois que Nestha o espionou usando aquela adivinhação, culpa dela que Hybern tenha feito coisas tão terríveis para caçar a ela e a irmã como cervos.

Havia dias em que o mero pesar e pânico travavam o corpo de Nestha de tal forma que nada conseguia fazer com que ela respirasse. Nada conseguia impedir que o terrível poder começasse a emergir, emergir e emergir dentro dela. Nada além da música naquelas tavernas, dos jogos de baralho com estranhos, das intermináveis garrafas de vinho e do sexo que não lhe dava prazer nenhum — mas oferecia um momento de alívio em meio aos rugidos dentro dela.

Nestha terminou de lavar o suor e outros resquícios da noite anterior. O sexo não fora ruim — já tivera melhores, mas também

muito piores. Nem mesmo a imortalidade era tempo o suficiente para que alguns machos dominassem a arte do quarto.

Então ela ensinou a si mesma do que gostava. Tinha conseguido um chá contraceptivo mensal no boticário local, e então levara o primeiro macho até ali. Ele não tinha a menor ideia de que a virgindade dela estava intacta até que viu a mancha de sangue nos lençóis. O rosto do macho havia se contraído de desgosto, e depois foi tomado por um brilho de medo de que ela denunciasse uma primeira vez insatisfatória para a irmã. Para o insuportável parceiro da irmã dela. Nestha nem se dera ao trabalho de contar a ele que evitava os dois a todo custo. Principalmente o segundo. Ultimamente, Rhysand parecia contente em fazer o mesmo.

Depois da guerra contra Hybern, Rhysand tinha oferecido empregos a ela. Posições na corte dele.

Ela não as queria. Eram ofertas feitas por pena, tentativas disfarçadas de fazer com que ela participasse da vida de Feyre, que estivesse merecidamente empregada. Mas o Grão-Senhor jamais gostara dela. As conversas deles eram friamente civilizadas, na melhor das hipóteses.

Ela nunca havia contado a ele que os motivos pelos quais ele a odiava eram os mesmos motivos pelos quais ela morava ali. Tomava banhos frios alguns dias. Esquecia-se de comer em outros. Não suportava os crepitares e estalos de uma lareira. E se afogava em vinho e música e prazer toda noite. Cada maldita coisa que Rhysand pensava dela era verdade — e ela sabia muito antes de ele sequer surgir à porta dela.

Qualquer oferta que Rhysand lhe atirasse era feita apenas por amor a Feyre. Era melhor que ela passasse seu tempo da forma como desejava. Eles continuavam pagando, afinal de contas.

A batida à porta chacoalhou o apartamento inteiro.

Nestha olhou com raiva para o cômodo da frente, considerando fingir que tinha saído, mas Cassian conseguia ouvi-la e sentia o cheiro dela. E se ele quebrasse a porta, o que provavelmente faria, ela apenas teria a dor de cabeça de explicar para o proprietário sovina.

Então Nestha colocou o vestido que tinha deixado no chão na noite anterior e, de novo, abriu todas as quatro trancas. Ela as havia

instalado assim que se mudou. Trancá-las toda noite era praticamente um ritual. Mesmo quando os machos anônimos estavam lá, mesmo fora de si devido ao vinho, ela se lembrava de trancá-las.

Como se isso fosse manter longe os monstros desse mundo.

Nestha puxou a porta o suficiente para ver o sorriso arrogante de Cassian, e a deixou entreaberta conforme sumiu para buscar os sapatos.

Ele entrou atrás dela, com uma xícara de chá na mão — louça que provavelmente foi emprestada da loja da esquina. Ou simplesmente dada a ele, considerando como as pessoas costumavam adorar o chão pelo qual as botas enlameadas dele passavam. Cassian já era adorado naquela cidade antes do conflito com Hybern. O heroísmo e o sacrifício dele e os feitos que realizara nos campos de batalha tinham lhe garantido ainda mais admiração.

Nestha não culpava os admiradores dele. Ela vivenciara o prazer e o puro terror de vê-lo naqueles campos de batalha. Ainda acordava com suor no corpo diante das memórias: como não conseguia respirar enquanto o testemunhava lutar e via inimigos o cercando; a sensação de quando o poder do Caldeirão surgira e ela soubera que ele atacaria onde o exército deles era mais forte — nele.

Nestha não conseguira salvar os mil illyrianos que haviam morrido no momento seguinte ao que ela conjurara Cassian até sua segurança. Ela se esquivava daquela lembrança também.

Cassian observou o apartamento e soltou um assovio baixinho.

— Já pensou em contratar uma faxineira?

Nestha observou a pequena área de estar — um sofá carmesim murcho, uma lareira de tijolos manchada de fuligem, uma poltrona floral comida pelas traças, então a decrépita cozinha minúscula, empilhada com colunas tortas de louça suja. Onde havia jogado os sapatos na noite anterior? Ela foi procurar no quarto.

— Um ar fresco seria um bom começo — acrescentou Cassian, do outro cômodo. A janela rangeu quando ele a abriu.

Nestha encontrou os sapatos marrons em cantos opostos do quarto. Um fedia a vinho derramado.

Nestha se sentou na beira do colchão para calçá-los, puxando os cadarços. Ela não se deu ao trabalho de olhar para cima quando os

passos firmes de Cassian se aproximaram e pararam à ombreira da porta.

Ele fungou uma vez. Alto.

— Eu esperava que você ao menos trocasse os lençóis entre as visitas, mas aparentemente isso não a incomoda.

Nestha amarrou o cadarço do primeiro sapato.

— Por acaso isso é da sua conta?

Ele deu de ombros, embora a tensão em seu rosto não refletisse tanta indiferença.

— Se eu consigo sentir o cheiro de alguns machos diferentes aqui, então certamente seus companheiros também conseguem.

— Nenhum deles reclamou até agora. — Ela amarrou o outro sapato enquanto os olhos castanhos de Cassian acompanhavam o movimento.

— Seu chá está esfriando. — Ele exibiu os dentes.

Nestha o ignorou e vasculhou o quarto de novo. O casaco...

— Seu casaco está no chão, perto da porta da frente — disse Cassian. — E vai ficar frio lá fora, então traga um cachecol.

Ela ignorou isso também, mas passou por ele como uma brisa, cuidando para evitar tocá-lo, e encontrou o sobretudo azul-escuro exatamente onde ele dissera que estava. Nestha abriu a porta, gesticulando para que ele saísse primeiro.

Cassian a encarou enquanto batia os pés na direção dela, então esticou o braço...

E recolheu do gancho da parede o cachecol cerúleo e creme que Elain dera a ela de aniversário na última primavera. Ele o segurou firme no punho fechado, balançando o objeto como uma cobra estrangulada ao passar por ela.

Alguma coisa o estava incomodando. Normalmente, Cassian aguentava um pouco mais antes de deixar o temperamento levar a melhor. Talvez tivesse a ver com o que quer que Feyre quisesse dizer na casa.

O estômago de Nestha se revirou conforme fechou cada uma das trancas.

Ela não era burra. Sabia que havia inquietação desde o fim da guerra, tanto nestas terras como no continente. Sabia que, sem a barreira da Muralha, alguns territórios feéricos estavam forçando os

limites do que era aceitável em termos de reivindicações de fronteiras e de como tratavam os humanos. E sabia que aquelas quatro rainhas humanas ainda estavam aboletadas no palácio que compartilhavam com seus exércitos parados e intactos.

Eram monstros, todas elas. Tinham matado a rainha de cabelos dourados que as traíra e vendido outra — Vassa — para um mestre feiticeiro. Parecia adequado que a mais jovem das quatro rainhas restantes tivesse sido transformada em uma velha pelo Caldeirão. Transformada em uma feérica de vida longa, sim, mas envelhecida até se tornar uma casca murcha como punição pelo poder que Nestha tinha tomado do Caldeirão. Pela forma como ela o havia dilacerado enquanto ele dilacerava o corpo mortal dela e o transformava em algo novo.

Aquela rainha grisalha a culpava. E quisera matá-la, se é que os Corvos de Hybern falaram a verdade antes que Bryaxis e Rhysand os destruíssem por terem se infiltrado na biblioteca da Casa do Vento.

Não houvera um sussurro sobre aquela rainha durante os catorze meses desde a guerra.

Mas se alguma nova ameaça tinha surgido...

As quatro trancas pareciam zombar dela antes de Nestha seguir Cassian para fora do prédio e para o meio da cidade tumultuada adiante.

A “casa” à margem do rio era, na verdade, uma mansão, e tão nova, limpa e linda que Nestha se lembrou que seus sapatos estavam cobertos de vinho velho assim que caminhou pelo arco de mármore imponente para dentro do lustroso corredor da entrada, decorado com bom gosto em tons de marfim e areia.

Uma grandiosa escada dividia o enorme espaço, um lustre de vidro soprado — feito pelos artesãos de Velaris — pendia do teto esculpido acima. As luzes feéricas em cada reentrância com forma de ninho projetavam reflexos tremeluzentes no chão pálido de madeira polida, interrompidas apenas por samambaias em vasos, mobília de madeira também feita em Velaris e uma variedade

assombrosa de obras de arte. Ela não se incomodou em prestar atenção a nenhuma delas. Tapetes azuis felpudos irrompiam do piso impecável. Um deles, longo e estreito, fluía pelos corredores cavernosos em ambos os lados; o outro percorria o arco das escadas, direto até uma parede de janelas na outra ponta dele, a qual dava para o morro gramado e o rio reluzente aos pés da grama.

Cassian tomou a esquerda — em direção às salas formais onde, como informara Feyre a Nestha durante aquele primeiro e único tour dois meses antes, aconteciam negociações. Naquele dia, Nestha estava semiembriagada e odiara cada segundo daquilo, cada cômodo perfeito.

A maioria dos machos comprava joias para as esposas e parceiras como presente escandaloso de Solstício de Inverno.

Rhys comprara um palácio para Feyre.

Não... ele havia comprado o terreno dizimado pela guerra e então dera à parceira liberdade para projetar a residência dos sonhos deles.

E de alguma forma, pensou Nestha, enquanto acompanhava em silêncio um Cassian estranhamente quieto pelo corredor na direção de um dos escritórios cujas portas estavam entreabertas, Feyre e Rhys *tinham* conseguido fazer aquele lugar parecer aconchegante, acolhedor. Uma construção colossal, mas mesmo assim um lar. Até a mobília formal parecia ter sido feita visando ao conforto e ao relaxamento, para longas conversas acompanhadas de refeições saborosas. Cada obra de arte tinha sido escolhida pela própria Feyre, ou pintada por ela, muitas eram retratos e representações *deles* — dos amigos, dela própria, de sua... nova família.

Naturalmente, não havia nenhum de Nestha.

Até mesmo o maldito pai delas tinha um retrato na parede de um dos lados da grandiosa escada: ele e Elain, sorrindo e felizes, como eram antes de o mundo virar do avesso. Sentados em um banco de pedra entre arbustos transbordando com hidrângeas cor-de-rosa e azuis. No jardim formal da primeira residência deles, aquela bela mansão perto do mar. Nestha e a mãe delas não estavam à vista.

Era assim que tinha sido, no fim das contas: Elain e Feyre adoradas pelo pai. Nestha valorizada e treinada pela mãe.

Durante aquele primeiro tour, Nestha reparou na ausência dela ali. E na ausência da mãe delas. Não dissera nada, é claro, mas era uma ausência proposital.

Foi o bastante para, agora, fazer com que seus dentes trincassem, para fazer com que agarrasse a coleira invisível que mantinha o terrível poder dentro dela contido e puxasse com força, no momento em que Cassian passou para dentro do escritório e falou, para quem quer que os esperasse:

— Ela chegou.

Nestha se preparou, mas Feyre apenas riu.

— Está cinco minutos adiantada. Estou impressionada.

— Parece um bom presságio para apostas. Deveríamos ir até o Rita's — disse Cassian enquanto Nestha estrava no cômodo de painéis de madeira.

O escritório se abria para um exuberante jardim de pátio. O espaço era aconchegante e luxuoso, e talvez, se não tivesse visto quem estava sentado ali, ela admitiria que gostava das prateleiras do piso ao teto e da mobília de veludo cor de safira diante da lareira de mármore preto.

Feyre estava encostada no braço cilíndrico do sofá, vestindo um suéter branco pesado e legging preta.

Rhys, com o preto habitual, estava encostado na lareira, de braços cruzados. Sem asas hoje.

E Amren, vestindo o cinza que preferia, estava sentada de pernas cruzadas na poltrona de couro ao lado da lareira crepitante, com aqueles olhos prateados e sem expressão observando Nestha com desprezo.

Tanta coisa havia mudado entre ela e a fêmea.

Nestha se encarregara disso, dessa destruição. Ela não se permitia pensar naquela discussão no fim da festa de verão, na barca do rio. Ou no silêncio entre ela e Amren desde então.

Não houve visitas ao apartamento de Amren. Nem conversas enquanto montavam quebra-cabeças. Certamente nada de lições de magia. Ela se certificara dessa última parte também.

Feyre, pelo menos, sorriu para ela.

— Soube que teve uma noite e tanto.

Nestha olhou para onde Cassian havia reivindicado a poltrona diante de Amren, para o lugar vazio no sofá ao lado de Feyre e para onde Rhys estava, ao lado da lareira.

Ela manteve a coluna reta e o queixo erguido, odiando que todos a estivessem olhando quando ela escolheu se sentar no sofá ao lado da irmã. Odiando que Rhys e Amren tivessem notado os sapatos imundos dela, e que provavelmente ainda sentissem o cheiro daquele macho nela, apesar do banho.

— Você está deplorável — falou Amren.

Nestha não era tão burra a ponto de encarar a... o que quer que Amren fosse. Ela podia até ser Grã-Feérica agora, mas um dia tinha sido algo diferente. Não desse mundo. A língua dela ainda era afiada o bastante para ferir.

Como Nestha, Amren não tinha magia específica de uma corte relacionada aos Grão-Feéricos. Isso não tornava a influência dela nessa corte menos poderosa. Os próprios poderes de Grã-Feérica de Nestha jamais haviam se materializado — ela só possuía o que havia tomado do Caldeirão, em vez de deixar que ele lhe concedesse poderes, como fizera com Elain. Não fazia ideia do que tinha arrancado do Caldeirão enquanto ele roubava a humanidade dela — mas sabia que eram coisas que não queria e jamais desejaria entender e dominar. Só de pensar nisso seu estômago se revirava.

— Embora aposto que deva ser difícil ter boa aparência — prosseguiu Amren — quando se fica na rua até altas horas da noite, bebendo até cair e fodendo com qualquer coisa que aparece.

Feyre virou a cabeça para a segunda no comando do Grão-Senhor. Rhys pareceu concordar com Amren. Cassian ficou de boca fechada. Nestha disse, com tranquilidade:

— Eu não estava ciente de que minhas atividades estavam sob sua jurisdição.

Cassian soltou um murmúrio que soou como um aviso. Para qual deles, ela não sabia dizer. E nem se importava.

Os olhos de Amren brilharam, um resquício do poder que um dia tinha queimado dentro dela. E que agora já não estava mais ali. Nestha sabia que o poder dela podia brilhar assim também — mas enquanto o de Amren tinha se revelado ser luz e calor, Nestha sabia

que a chama prateada dela vinha de um lugar mais frio e mais escuro. Um lugar que era antigo — e, ao mesmo tempo, completamente novo.

Amren a desafiou:

— Já que você gasta tanto do nosso ouro com vinho, elas estão, sim.

Talvez ela tivesse forçado a barra com a conta da noite anterior.

Nestha olhou para Feyre, que estremeceu.

— Então você me fez mesmo vir até aqui para ouvir um sermão?

Os olhos de Feyre — espelhos dos dela mesma — se suavizaram um pouco.

— Não, não é um sermão. — Ela lançou um olhar afiado para Rhys, ainda friamente calado contra a lareira, e então para Amren, que fervilhava de ódio na poltrona. — Pense nisso como uma discussão.

Nestha ficou de pé bruscamente.

— Minha vida não é da sua conta, nem está aberta a nenhum tipo de *discussão*.

— *Sente*-se — grunhiu Rhys.

O comando feroz naquela voz, o completo domínio e poder...

Nestha congelou, combatendo e odiando aquela parte feérica dela que se curvava a tais coisas. Cassian se inclinou para a frente na cadeira, como se fosse saltar entre eles. Ela podia jurar que algo parecido com dor percorrera o rosto dele.

Mas Nestha encarou Rhysand de volta. Colocou cada gota de rebeldia que tinha naquele olhar, mesmo que a ordem dele fizesse os joelhos dela *quererem* se dobrar, se sentar.

Rhys falou:

— Você vai ficar. E vai ouvir.

Ela soltou uma gargalhada baixa.

— Você não é meu Grão-Senhor. Não manda em mim. — Mas ela sabia o quanto ele era poderoso. Tinha visto, sentido. Ainda tremia ao estar perto dele.

Rhys sentiu o cheiro daquele medo. Um dos cantos de sua boca se curvou em um sorriso cruel.

— Quer brigar, Nestha Archeron? — ronronou ele. O Grão-Senhor da Corte Noturna indicou o gramado inclinado além das

janelas. — Temos bastante espaço para uma luta.

Nestha exibiu os dentes, silenciosamente rugindo para que o corpo obedecesse às ordens *dela.* Preferiria morrer a se curvar a ele. A qualquer um deles.

Rhys sorriu ainda mais, sabendo muito bem daquilo.

— Chega — disparou Feyre para Rhys. — Falei para você ficar fora disso.

Ele levou os olhos salpicados de estrelas para a parceira, e Nestha só pode se segurar para não desabar no sofá quando seus joelhos, por fim, cederam. Feyre inclinou a cabeça e, com as narinas se dilatando, disse a Rhysand:

— Você pode ou *ir embora,* ou ficar e manter a boca fechada.

Rhys, de novo, cruzou os braços, mas não disse nada.

— Você também — disparou Feyre para Amren. A fêmea bufou e se aninhou na poltrona.

Sentada no sofá por cima das almofadas de veludo, Nestha nem se deu o trabalho de parecer agradecida quando Feyre se virou para encará-la. A irmã engoliu em seco.

— Precisamos fazer algumas mudanças, Nestha — disse Feyre, com a voz rouca. — Você precisa... e *nós* precisamos.

Onde estava Elain, caramba?

— Eu aceito a culpa — prosseguiu Feyre —, por ter permitido que as coisas chegassem a esse ponto. Depois da guerra contra Hybern e com tudo o mais que estava acontecendo... Você... eu deveria ter te ajudado, mas não ajudei, e estou pronta para admitir que isso é parcialmente minha culpa.

— Que *o que* é sua culpa? — sibilou Nestha.

— Você — disse Cassian. — Esse seu comportamento de bosta.

Ele havia dito aquilo no Solstício de Inverno. E da mesma forma que acontecera naquela época, a coluna dela travou ao ouvir o insulto, a *arrogância*...

— Olhe — prosseguiu Cassian, estendendo as mãos —, não é uma falha moral, mas...

— Eu entendo como está se sentindo — interrompeu Feyre.

— Você não sabe *nada* sobre como estou me sentindo.

Feyre insistiu.

— Está na hora de fazer mudanças. Começando agora.

— Não venha tentar mandar na minha vida com essa baboseira pretensiosa e caridosa.

— Você não tem vida — replicou Feyre. — E não vou me sentar por mais um segundo e observar você se destruir. — Ela levou a mão tatuada até o coração, como se isso significasse alguma coisa. — Decidi que depois da guerra lhe daria tempo, mas parece que aquilo foi errado. *Eu* estava errada.

— Ah, não me diga. — Essas palavras foram como uma adaga atirada entre as duas.

Rhys ficou tenso diante do deboche, mas mesmo assim não disse nada.

— Já chega — sussurrou Feyre, com a voz trêmula. — Desse comportamento, daquele apartamento, de tudo isso... já *chega*, Nestha.

— E para onde — falou Nestha, com um tom gélido — eu vou?

Feyre olhou para Cassian.

Pela primeira vez, Cassian não estava sorrindo.

— Você vem comigo — disse ele. — Para treinar.

Capítulo 2

Cassian sentiu como se tivesse lançado uma flecha em um dragão de fogo adormecido. Nestha, embrulhada naquele casaco azul desgastado, com sapatos manchados e o vestido cinza amarrotado, olhou-o de cima a baixo e exigiu saber:

— *Como é que é?*

— A partir desta reunião — explicou Feyre —, você vai se mudar para a Casa do Vento. — Ela indicou o leste com a cabeça, na direção do palácio escavado nas montanhas do outro lado da cidade. — Rhys e eu decidimos que toda manhã você vai treinar com Cassian no acampamento Refúgio do Vento, nas montanhas Illyrianas. Depois do almoço, durante o resto da tarde, será encarregada de trabalhar na biblioteca sob a Casa do Vento. Mas o apartamento, as tavernas indecentes... tudo isso *acabou*, Nestha.

Os dedos de Nestha se fecharam em punhos no colo dela. Mas ela não disse nada.

Ele deveria ter se colocado ao lado dela, em vez de permitir que sua Grã-Senhora se sentasse naquele sofá ao alcance de Nestha. Não importava que Feyre já tivesse um escudo em volta do corpo, cortesia de Rhys — escudo esse que também se fizera presente

durante o café da manhã. *Faz parte do meu treinamento*, murmurara Feyre quando Cassian perguntou sobre as defesas inabaláveis, tão fortes que até mesmo disfarçavam o cheiro dela. *Rhys pediu que Helion ensinasse a ele sobre escudos verdadeiramente impenetráveis, então, é claro, eu tenho o prazer de ser a cobaia. Eu deveria tentar quebrar este para ver se Rhys está seguindo as instruções de Helion corretamente. É um tipo novo de loucura.*

Mas uma loucura que se provara fortuita. Mesmo que não soubessem *o que* o poder de Nestha podia fazer contra magia comum.

Rhys parecia pensar o mesmo, e Cassian se preparou para saltar entre as duas irmãs. Os Sifões dele se acenderam em aviso quando o poder de Rhys estremeceu.

Cassian não tinha dúvidas de que Feyre podia se defender contra a maioria dos oponentes, mas Nestha...

Ele não tinha tanta certeza de que Feyre revidaria o golpe, mesmo que Nestha lançasse aquele poder terrível contra ela. E ele odiava não saber se Nestha poderia se rebaixar tanto a ponto de fazer isso. Odiava que as coisas tivessem ficado tão ruins a ponto de ele chegar a considerar essa possibilidade.

— Não vou me mudar para a Casa do Vento — disse Nestha. — E não vou treinar naquela aldeia miserável. Com certeza não com *ele*. — Ela lançou a Cassian um olhar que era puro veneno.

— Isso não está aberto a discussão — falou Amren, quebrando, pela segunda vez em poucos minutos, a promessa de ficar fora da discussão o máximo possível. A mais velha das irmãs Archeron tinha um talento para dar nos nervos de todos. Mas Nestha e Amren sempre compartilharam um elo, um entendimento.

Até a briga delas no barco.

— Ah, mas é certo que está — desafiou Nestha, mas sem tentar ficar de pé quando os olhos de Rhys brilharam com um aviso frio.

— Suas coisas no apartamento estão sendo empacotadas neste momento — disse Amren, brincando com uma bolinha de linha da blusa de seda. — Quando você voltar, estará vazio. Suas roupas já estão sendo enviadas para a Casa, embora eu duvide que sejam adequadas para treinar no Refúgio do Vento. — Ela deu um olhar significativo para o vestido cinza de Nestha, mais largo nela do que

fora um dia. Será que Nestha reparou no sutil brilho de preocupação nos olhos nebulosos de Amren, será que entendia o quanto aquilo era raro?

Mais do que isso, será que Nestha entendia que aquela reunião não era para condená-la, mas, em vez disso, por pura preocupação com seu bem-estar? Seu olhar fulminante informou a Cassian que ela considerava aquilo puramente um ataque.

— Não podem fazer isso — disse Nestha. — Não faço parte desta corte.

— Você não parece ter problemas com gastar o dinheiro desta corte — replicou Amren. — Durante a guerra contra Hybern, você aceitou ser nossa emissária humana. E nunca se desligou desse papel, então a lei formal ainda a considera parte oficial desta corte. — Com um gesto dos pequenos dedos dela, um livro flutuou na direção de Nestha antes de bater nas almofadas ao seu lado. Essa era basicamente toda a magia que Amren agora possuía, magia de Grã-Feérica medíocre e ordinária. — Página 236, se quiser verificar.

Amren tinha esquadrinhado as *leis* deles para aquilo? Cassian nem mesmo sabia que tal regra existia — ele havia aceitado a posição que Rhys lhe oferecera sem questionar, sem se importar com o que estava concordando, só queria que ele, Rhys e Azriel pudessem ficar juntos. Que tivessem um lar que ninguém jamais poderia tomar deles. Até Amarantha.

Ele jamais deixara de ser grato por aquilo: pela Grã-Senhora a poucos centímetros dele, que salvara a todos do reinado de Amarantha, que devolvera o irmão a ele e então tirara Rhys da tristeza que havia restado.

— Então, aqui estão suas opções, menina — disse Amren, com o queixo delicado se erguendo. Cassian não deixou de notar o olhar entre Feyre e Rhys: a completa angústia no rosto de sua Grã-Senhora devido ao ultimato que ele sabia que seria apresentado a Nestha e ao ódio mal contido em Rhys porque a parceira dele estava sentindo tamanha dor por causa disso. Ele já vira aquele olhar ser trocado uma vez hoje — e teve esperança de não o ver de novo.

Cassian estava tomando café cedo com eles naquela manhã quando Rhys recebeu a conta da noitada de Nestha. Quando Rhys

leu cada item em voz alta. Garrafas de vinho raro, comidas exóticas, dívidas de jogos...

Feyre encarou o prato até que lágrimas silenciosas pingassem nos ovos mexidos dela.

Cassian sabia que houvera conversas anteriores, ou melhor, brigas, a respeito de Nestha. Discussões ponderando se dariam a ela tempo para se curar sozinha, como todos acreditaram que aconteceria a princípio, ou se deveriam intervir. Mas quando Feyre chorou à mesa, ele soube que aquele era algum tipo de ponto final. A aceitação de uma esperança que falhara.

Fora preciso o treinamento de Cassian, cada horror que ele havia suportado dentro e fora do campo de batalha, para não deixar aquela tristeza esmagadora aparente em seu rosto.

Rhys colocara a mão na de Feyre para confortá-la, apertando carinhosamente antes de olhar para Azriel, depois para Cassian, e dispor seu plano. Como se o tivesse pronto e esperando há muito, muito tempo.

Elain havia chegado na metade da explicação. Ela estava trabalhando nos jardins da propriedade desde o alvorecer, e permanecera séria conforme Rhys a inteirava. Feyre não conseguira dizer nada. Mas o olhar de Elain permaneceu firme enquanto ela ouvia Rhys.

Então Rhys convocou Amren do apartamento no sótão, do outro lado do rio. Feyre insistira para que a ordem viesse de Amren, não de Rhys, para preservar qualquer tipo de laço familiar entre Rhys e a irmã.

Para início de conversa, Cassian não achava que havia mais laço nenhum, mas avançando para se ajoelhar ao lado de Feyre, limpando o restante das lágrimas e beijando a têmpora dela, Rhys tinha concordado. Foi então que todos deixaram a mesa, dando privacidade ao Grão-Senhor e à Grã-Senhora.

Cassian levantou voo momentos depois, deixando o rugir do vento abafar todos os pensamentos e o frio resfriar seu coração acelerado. Aquele encontro, o que estava por vir... nada seria fácil.

Amren, eles haviam concordado, sempre fora uma das poucas pessoas que conseguiam influenciar Nestha. A quem Nestha parecia

temer, ainda que só um pouquinho. Que entendia, de alguma forma, o que Nestha era lá no fundo.

Ela era a única com quem Nestha havia falado de verdade depois da guerra.

Não parecia ser coincidência que no último mês, desde que as duas tinham brigado naquele barco, o comportamento de Nestha tivesse se deteriorado mais. Que a aparência dela agora estivesse... assim.

— Um — falou Amren, erguendo um dedo fino —, você pode se mudar para a Casa do Vento, treinar com Cassian pelas manhãs e trabalhar na biblioteca durante as tardes. Não será uma prisioneira. Mas não haverá ninguém para voar ou atravessar você até a cidade. Se resolver se aventurar na cidade, como quiser, vá em frente. Quer dizer, se conseguir desbravar os dez mil degraus. — Os olhos de Amren brilharam com o desafio. — E se conseguir de alguma forma encontrar duas moedas para comprar uma bebida. Mas se seguir esse plano, vamos reavaliar onde e como você vive em alguns meses.

— E minha outra opção? — disparou Nestha.

Pela Mãe do céu, o que foi que deu nessa mulher — fêmea. Não era mais humana. Cassian conseguia pensar em pouquíssimas pessoas que desafiariam Amren e Rhys. Certamente não no mesmo cômodo. Certamente não com tanto veneno.

— Você volta para as terras humanas.

Amren sugerira alguns dias no calabouço da Cidade Escavada, mas Feyre simplesmente dissera que o mundo humano seria prisão mais do que suficiente para alguém como Nestha.

Alguém como Feyre também. E Elain.

Todas as três irmãs eram agora Grã-Feéricas com poderes consideráveis, embora apenas os de Feyre estivessem à mostra. Nem mesmo Amren fazia ideia se os poderes de Elain e Nestha permaneciam. O Caldeirão dera a elas poderes únicos, diferentes dos de outros Grão-Feéricos: o dom da vidência para a primeira e o dom de... Cassian não sabia como chamar o dom de Nestha. Não sabia sequer se era um dom — ou algo que ela havia tomado. O fogo prateado, aquela sensação de morte que paira, o poder puro que ele havia testemunhado conforme explodia no rei de Hybern.

Seja lá o que fosse, existia além do habitual leque de dons de Grão-Feéricos.

Para elas, o mundo humano tinha ficado para trás. Elas jamais poderiam voltar. Embora todas as três fossem heroínas de guerra, cada uma de seu jeito, os humanos não se importavam. Ficariam muito, muito longe se não fossem provocados a agir com violência. Então, sim: Nestha poderia, tecnicamente, voltar às terras humanas, mas ela não encontraria companhia lá, nenhuma acolhida, nenhuma cidade que a aceitasse. Seja lá onde decidisse viver, encontraria, sim, um lugar para ficar, mas estaria essencialmente presa em casa, confinada ao terreno da própria moradia pelo medo dos preconceitos humanos.

Com os lábios se retraindo dos dentes, Nestha se virou para Feyre.

— E essas são minhas únicas opções?

— Eu... — Feyre se segurou antes que pudesse completar com *sinto muito*, então esticou os ombros. Tornando-se a Grã-Senhora da Corte Noturna, mesmo sem a coroa preta, mesmo usando o suéter velho de Rhys. — Sim.

— Você não tem direito.

— Eu...

Nestha explodiu.

— *Você* me arrastou para essa confusão, para este lugar horrível. *Você* é o motivo pelo qual eu sou assim, pelo qual eu estou *presa* aqui...

Feyre se encolheu. O ódio de Rhys se tornou palpável, um pulso de poder beijado pela noite que apertou o estômago de Cassian e deixou cada instinto de guerreiro forjado nele alerta.

— Já chega — sussurrou Feyre.

Nestha piscou.

Feyre engoliu em seco, mas não recuou.

— Já *chega*. Você vai se mudar para a Casa, vai treinar e trabalhar, e não me importa o veneno que cuspa em mim. Você vai e pronto.

— Elain precisa conseguir me ver...

— Elain concordou com isso há horas. Ela está, no momento, empacotando suas coisas. Estarão à sua espera quando você

chegar.

Nestha se encolheu.

Feyre não cedeu.

— Elain sabe como contatar você. Se ela quiser lhe visitar na Casa do Vento, tem liberdade para isso. Um de nós a levará até lá com prazer.

As palavras pairaram entre elas, tão pesadas e desconfortáveis que Cassian disse:

— Prometo que não mordo.

O lábio superior de Nestha se retraiu quando ela o encarou.

— Suponho que isso tenha sido ideia *sua*...

— Foi — mentiu ele, com um sorriso. — Vamos nos divertir juntos.

Eles provavelmente se matariam.

— Quero falar com minha irmã, sozinha — ordenou Nestha.

Cassian olhou para Rhys, que lançou um olhar avaliador para Nestha. Cassian fora alvo daquele mesmo olhar algumas vezes ao longo dos séculos e não invejava Nestha nem um pouco. Mas o Grão-Senhor da Corte Noturna assentiu.

— Estaremos no corredor.

O punho de Cassian se fechou diante do insulto implícito de que não confiavam nela o suficiente para ficarem mais longe do que aquilo, mesmo com o escudo sobre Feyre. Mesmo que a parte racional dele, a que pensava como um guerreiro, concordasse. Os olhos de Nestha faiscaram, e ele percebeu que ela havia entendido também.

Pela forma como a mandíbula de Feyre se contraiu, ele suspeitou que ela não estivesse satisfeita com a sutil alfinetada, e não adiantaria nada convencer Nestha de que estavam fazendo aquilo para ajudá-la. Rhys receberia a surra verbal que merecia depois.

Cassian esperou até que Rhys e Amren se levantassem antes de segui-los para fora. Fiel à palavra, Rhys deu três passos no corredor, afastando-se das portas de madeira enfeitiçadas contra bisbilhoteiros, e se recostou na parede.

Fazendo o mesmo, Cassian disse a Amren:

— Eu nem sabia que tínhamos leis como essa sobre membros da corte.

— Não temos. — Amren limpou as unhas pintadas de vermelho.

Ele xingou baixinho.

Rhys deu um sorriso sarcástico. Mas Cassian franziu a testa na direção das portas duplas fechadas e rezou para que Nestha não fizesse nada estúpido.

Nestha manteve a coluna esticada como um bastão, o que fez suas costas doerem pelo esforço. Jamais odiara tanto alguém quanto odiava todos eles agora. Exceto pelo rei de Hybern, supunha ela.

Todos andavam conversando sobre ela, considerando-a inepta e fora de controle e...

— Você não se importava antes — falou Nestha. — Por que agora?

Feyre brincou com o anel de casamento de prata com safira de estrela.

— Eu lhe disse: não é que eu não me importasse. Nós, todos nós, tivemos várias conversas a respeito. Sobre você. Nós... *eu* decidi que dar tempo e espaço a você seria melhor.

— E o que Elain disse sobre isso? — Parte dela não queria saber.

A boca de Feyre se contraiu.

— A questão aqui não é Elain. E até onde eu sei, você mal a vê também.

Nestha não tinha se dado conta de que a estavam observando tão atentamente.

Ela jamais explicara a Feyre — jamais encontrara as palavras para explicar — por que tinha se afastado tanto de todos eles. Elain tinha sido roubada pelo Caldeirão e salva por Azriel e Feyre. Mas o terror ainda se agarrava a Nestha, tanto acordada quanto dormindo: a lembrança da sensação daqueles momentos depois de ouvir o chamado sedutor do Caldeirão e perceber que tinha sido por Elain, não por ela ou Feyre. A sensação de encontrar a tenda de Elain vazia, de ver aquela capa azul jogada.

As coisas só tinham piorado desde então.

Vocês têm suas vidas, e eu tenho a minha, foi o que ela disse a Elain no último Solstício de Inverno. Sabia o quão profundamente

isso magoaria sua irmã. Mas não suportava o horror que ainda estava encrustado em seus ossos. Os lampejos daquela capa jogada ou das águas frias do Caldeirão ou de Cassian rastejando até ela ou do pescoço do pai dela se quebrando...

Feyre disse, com cautela:

— Se faz alguma diferença, eu esperava que você tomasse jeito sozinha. Queria lhe dar espaço para fazer isso, pois você parece atacar todos que chegam perto, mas você nem mesmo *tentou*.

Talvez você possa encontrar uma forma de tentar com mais afinco este ano. As palavras de Cassian, de nove meses atrás, ainda ecoavam na mente de Nestha, proferidas em uma rua coberta de gelo a alguns quarteirões dali.

Tentar? Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Sei que é uma palavra desconhecida para você.

Então o ódio de Nestha explodiu de dentro dela. *Por que eu deveria* tentar *fazer alguma coisa? Fui arrastada para este seu mundo, para esta corte.*

Então vá para outro lugar.

Ela havia engolido a resposta: *Não tenho para onde ir.*

Era verdade. Não desejava voltar para o mundo humano. Jamais se sentira em casa lá, não de verdade. E esse estranho e novo mundo feérico... Ela poderia ter aceitado o corpo diferente, alterado, poderia ter aceitado que agora estava permanentemente mudada e que sua humanidade se fora, mas não sabia qual era seu lugar neste mundo também. Esse era um pensamento que ela tentava afogar com bebida, música e carteado, tão frequentemente quanto usava essas coisas para abafar aquele poder que se contorcia dentro dela.

Feyre prosseguiu:

— Tudo o que você fez foi se servir de nosso dinheiro.

— Dinheiro do seu parceiro. — Outro lampejo de dor. O sangue de Nestha ferveu com o golpe direto. — Muito obrigada por arrumar tempo na sua rotina de cuidar da casa e fazer compras para se lembrar de mim.

— Construí um quarto nesta casa para você. *Pedi* que você me ajudasse a decorá-lo. Você me mandou dar o fora.

— Por que eu iria querer ficar nesta casa? — Onde ela podia ver exatamente o quanto eles eram felizes, onde nenhum deles parecia

remotamente tão arrasado quanto ela por causa da guerra. Tinha chegado tão perto de fazer parte daquele círculo. Segurara a mão deles quando ficaram juntos na manhã da última batalha e acreditaram que poderiam, todos, sobreviver.

Então ela descobriu exatamente como aquilo poderia ser arrancado sem misericórdia. Descobriu o verdadeiro custo da esperança, da alegria e do amor. Nestha jamais gostaria de encarar aquilo de novo. Não queria dar vazão ao que havia sentido naquela clareira na floresta, com o rei de Hybern gargalhando e com sangue por toda parte. O poder dela não fora o suficiente para salvá-los naquele dia. Ela achou que, aprisionando o poder dentro de si desde então, estava punindo-o por ter falhado.

Feyre disse:

— Porque você é minha irmã.

— Sim, e você sempre se sacrifica por nós, sua triste familiazinha humana...

— Você gastou *quinhentos marcos de ouro* ontem à noite! — explodiu Feyre, ficando de pé para caminhar de um lado para outro diante da lareira. — Sabe quanto dinheiro é isso? Sabe o quanto eu fiquei *envergonhada* quando recebemos a conta esta manhã e meus amigos, minha *família*, precisaram ouvir tudo?

Nestha odiava aquela palavra. O termo que Feyre usava para descrever a corte dela. Como se as coisas tivessem sido tão terríveis com a família Archeron que Feyre precisara encontrar outra família. Como se tivesse escolhido a própria família. As unhas de Nestha se enterraram nas palmas das mãos e a dor sobrepujou aquele aperto no peito.

Feyre prosseguiu:

— E saber não apenas o valor da conta, mas com o que você *gastou*...

— Ah, então a questão aqui são as aparências...

— A questão é que isso se reflete em mim, em Rhys e em minha corte quando minha maldita irmã gasta nosso dinheiro com vinho e apostas e não faz *nada* para contribuir com esta cidade! Se minha irmã não pode ser controlada, então por que deveríamos ter o direito de governar mais alguém?

— Não sou algo que você pode controlar — disse Nestha, friamente. Tudo na vida dela, desde o momento em que nasceu, tinha sido controlado por outras pessoas. As coisas aconteciam *com* ela; sempre que tentava exercer controle, era massacrada a cada tentativa, e ela odiava isso mais do que odiava o rei de Hybern.

— É por isso que você vai treinar no Refúgio do Vento. Vai aprender a *se* controlar.

— Não vou.

— Vai, sim, mesmo que precise ser amarrada e arrastada até lá. Vai acompanhar as lições de Cassian, e vai fazer qualquer que seja o trabalho que Clotho exija de você na biblioteca. — Nestha bloqueou a lembrança das profundezas escuras da biblioteca, do monstro antigo que morava ali. Tinha salvado todos dos enviados de Hybern, sim, mas... Ela se recusava a pensar naquilo. — Você vai mostrar respeito a ela e às outras sacerdotisas da biblioteca — disse Feyre —, e *nunca* vai causar qualquer incômodo a elas. Qualquer tempo livre que tenha é seu para gastar como quiser. Na Casa.

Um ódio quente pulsou dentro dela, tão intenso que Nestha mal conseguiu ouvir o fogo de verdade diante do qual sua irmã andava. Ela ficou feliz com os rugidos na mente, pois o som de madeira estalando quando queimava era tão parecido com o pescoço do pai dela se partindo que Nestha não conseguia suportar acender a lareira dentro da própria casa.

— Você não tinha o direito de fechar meu apartamento, de pegar minhas coisas...

— Que coisas? Algumas roupas e comida estragada. — Nestha não teve a chance de se perguntar como Feyre sabia daquilo. Não quando sua irmã disse: — Vou mandar condenar aquele prédio todo.

— Você não ousaria.

— Já era. Rhys já visitou o proprietário. Será demolido e reconstruído como abrigo para famílias ainda desabrigadas pela guerra.

Nestha tentou controlar a respiração irregular. Uma das poucas escolhas que tinha feito para si mesma, arrancada dela. Feyre não parecia se importar. Feyre sempre fora senhora dela mesma. Sempre conseguiu tudo o que quis. E agora, ao que parecia, seria concedido a Feyre este desejo também. Nestha fervilhou de ódio:

— Nunca mais quero falar com você.

— Tudo bem. Pode falar com Cassian e as sacerdotisas em vez de comigo.

Ela não conseguiria usar insultos para se livrar daquilo.

— Não serei sua prisioneira...

— Não. Você pode ir aonde quiser. Como Amren disse, está livre para deixar a Casa. Se conseguir descer aqueles dez mil degraus. — Os olhos de Feyre faiscaram. — Mas cansei de bancar a sua destruição.

Destruição. O silêncio murmurou nos ouvidos de Nestha e ondulou pelas chamas dela, sufocando-as, calando a ira insuportável. Um silêncio completo e congelado.

Ela havia aprendido a viver com o silêncio que havia começado no momento em que o pai dela morreu, o silêncio que havia começado a esmagá-la quando ela foi até o escritório dele na mansão semidestruída deles dias depois e encontrou um de seus entalhes de madeira patéticos. Ela quisera gritar e gritar, mas tinha tanta gente em volta. Nestha havia se contido até que a reunião com todos aqueles heróis de guerra acabasse. E então se deixou desabar. Direto naquele poço de silêncio.

— Os outros estão esperando — disse Feyre. — Elain deve ter terminado a esta altura.

— Quero falar com ela.

— Ela lhe visitará quando estiver pronta.

Nestha encarou a irmã.

Os olhos de Feyre brilharam.

— Acha que não sei por que você afastou Elain?

Nestha não queria falar sobre aquilo. Sobre o fato de que *sempre* tinha sido ela e Elain. E, de alguma forma, agora a dupla havia se tornado Feyre e Elain. Elain escolhera Feyre e essa gente, e a abandonara. Amren tinha feito o mesmo. Ela deixara isso óbvio na barca.

Nestha não dava a mínima para o fato de que, durante a guerra contra Hybern, ela mesma havia formado um laço hesitante com Feyre, forjado devido a objetivos em comum: proteger Elain e salvar as terras humanas. Eram desculpas, percebera Nestha, para disfarçar o que agora fervia e se debatia no coração dela.

Nestha não se deu ao trabalho de responder, e Feyre não tornou a falar ao partir.

Não havia mais nada que unisse as duas.

Capítulo 3

Cassian observou Rhysand mexer cuidadosamente o chá.

Ele vira Rhys dilacerar inimigos com a mesma precisão fria que ele agora usava com aquela colher.

Estavam sentados no escritório do Grão-Senhor, iluminados pela luz de lâmpadas de vidro verde e um lustre de ferro pesado. O átrio de dois andares ocupava o lado norte da ala de negócios, como Feyre a chamava.

Havia o andar principal do escritório — coberto pelos tapetes azuis trançados à mão que Feyre tinha ido até Cesere selecionar de seus artesãos — com as duas áreas de estar, a escrivaninha de Rhys e duas mesas longas idênticas próximas das estantes de livros. Na outra ponta do cômodo, um pequeno tablado dava para uma alcova elevada flanqueada por mais livros — e no centro dela, um imenso modelo funcional do mundo deles, com as estrelas e os planetas ao redor, e algumas outras coisas chiques que tinham sido explicadas a Cassian certa vez antes de ele as considerar entediantes e seguir em frente ignorando-as de vez.

Az, é claro, tinha ficado fascinado. Rhys tinha construído o modelo ele mesmo há séculos. Não apenas acompanhava o sol, mas

informava as horas e, de algum jeito, permitia a Rhys que ponderasse sobre a existência da vida além do próprio mundo deles e outras coisas que Cassian tinha, imediatamente, esquecido.

No mezanino, acessível por uma escada espiral de ferro retorcido ornamental à esquerda de quem entrava, havia mais livros — milhares apenas naquele espaço —, alguns armários de vidro cheios de objetos delicados dos quais Cassian mantinha distância (por medo de quebrá-los com suas “patas de urso”, como Mor descrevia as mãos dele), e várias das pinturas de Feyre.

Havia muitas dessas no andar inferior também, algumas à sombra, destinadas a permanecer assim, outras reveladas pelo filete de luz que se refletia do rio ao pé do gramado íngreme. A Grã-Senhora de Cassian tinha um jeito de capturar o mundo que sempre o fazia parar. As pinturas dela às vezes o deixavam inquieto. As verdades que ela retratava não eram sempre agradáveis.

Ele visitara o estúdio dela algumas vezes para vê-la pintar. Ela surpreendentemente havia permitido.

Na primeira visita, ele encontrara Feyre tensa ao cavalete. Ela estava pintando o que parecia ser uma caixa torácica magra, tão magra que era possível contar a maioria dos ossos.

Quando Cassian viu a marca de nascença familiar no braço esquerdo fino demais ao lado da caixa torácica, ele olhou para a mesma marca no meio da tatuagem no braço estendido dela, com o pincel em mãos. Cassian apenas assentiu para ela, uma confirmação de que entendia.

Ele jamais tinha sido tão magro quanto Feyre durante os próprios anos de pobreza, mas entendia a fome em cada pincelada. O desespero. A sensação oca e vazia que se *assemelhava* àqueles tons de cinza, azul e branco pálido, doente. O desespero do poço escuro atrás daquele tronco e braço. A morte pairando ali perto, como um corvo esperando a carniça.

Ele pensara muito naquela pintura nos dias seguintes — em como aquilo fizera com que ele se sentisse, o quanto tinham chegado perto de perder a Grã-Senhora antes de sequer a conhecerem.

Rhys terminou de mexer o chá e apoiou a colher com uma delicadeza terrível.

Cassian levou os olhos para o retrato atrás da imensa escrivaninha do Grão-Senhor. As órbitas douradas de luz feérica no cômodo estavam posicionadas para fazer com que parecesse vivo, reluzente.

O rosto de Feyre — um autorretrato — parecia rir dele. Do parceiro cujas costas estavam para ela. Para que ela pudesse vigiá-lo, era o que Rhys tinha dito.

Cassian rezou para que os deuses *o* estivessem vigiando quando Rhys bebeu o chá e disse: — Está pronto?

Ele se recostou.

— Já coloquei jovens guerreiros na linha antes.

Os olhos violeta de Rhys brilharam.

— Nestha não é um potro jovem testando os limites.

— Eu dou conta.

Rhys observou o chá.

Cassian reconheceu aquela expressão. Aquela expressão séria e irritantemente calma.

— Sabe, você fez um bom trabalho restaurando a ordem entre os illyrianos nessa primavera.

Ele se preparou. Estava antecipando aquela conversa desde que havia passado quatro meses com os illyrianos, apaziguando os nervos entre as tropas de guerra, certificando-se de que famílias que tinham perdido os pais e os filhos e irmãos e maridos recebessem assistência, de que soubessem que ele estava ali para ajudar e ouvir, e, no geral, deixando bastante claro que se eles insurgissem contra Rhys, pagariam muito caro.

O Rito de Sangue da primavera anterior dera conta dos piores deles, inclusive do provocador Kallon, cuja arrogância não bastara para compensar pelo treinamento medíocre quando ele foi morto a quilômetros das encostas de Ramiel. Cassian ficou culpado pelo alívio que sentiu quando recebeu a notícia do destino do jovem macho, mas os illyrianos pararam de resmungar logo em seguida. E Cassian passou o tempo desde então reconstruindo os batalhões deles, supervisionando o treinamento de promissores novos guerreiros e certificando-se de que aqueles mais experientes ainda estivessem em boa forma para lutar de novo. Reabastecer os números desfalcados tinha ao menos dado aos illyrianos algo em

que se concentrar — e Cassian sabia que havia pouco que ele poderia acrescentar além da ocasional inspeção e reunião de conselho.

Então os illyrianos estavam em paz — ou tanto quanto uma sociedade guerreira poderia estar, com o treinamento constante deles. Era isso que Rhys queria. Não apenas porque uma rebelião seria um desastre, mas por causa daquilo. Do que ele sabia que Rhys estava prestes a dizer.

— Acho que está na hora de você receber mais responsabilidades.

Cassian fez uma careta. Ali estava.

Rhys riu.

— Nem venha me dizer que não sabia que a situação illyriana era um teste.

— Eu esperava que não fosse — resmungou ele, ajeitando as asas.

Rhys deu um risinho, mas rapidamente ficou sério.

— Mas Nestha não é um teste. Ela é... diferente.

— Eu sei. — Mesmo antes de ela ter sido Feita, ele tinha visto. E depois daquele dia terrível em Hybern... Ele jamais se esqueceu das palavras sussurradas pelo Entalhador de Ossos na Prisão.

E se eu lhe contar o que a rocha e a escuridão e o mar além sussurraram para mim, Senhor do Derramamento de Sangue? Como estremeceram de medo, naquela ilha do outro lado do mar. Como tremeram quando ela *emergiu. Ela levou algo... algo precioso. Arrancou com os dentes.*

O que você despertou naquele dia em Hybern, Príncipe dos Bastardos?

Essa última pergunta lhe tirara o sono por mais noites do que ele gostava de admitir.

Cassian se obrigou a dizer:

— Não vimos um único indício do poder dela desde a guerra. Até onde sabemos, sumiu quando o Caldeirão se quebrou.

— Ou talvez esteja dormente, assim como o Caldeirão está agora dormente e seguramente guardado em Cretea com Drakon e Miryam. O poder dela poderia surgir a qualquer momento.

Um calafrio percorreu a espinha de Cassian. Ele confiava no príncipe serafim e na mulher meio-humana para manterem o Caldeirão escondido, mas não haveria nada que eles ou qualquer um pudesse fazer para controlar o poder do objeto caso ele despertasse.

— Fique alerta — disse Rhys.

— Você parece que tem medo dela.

— Eu tenho.

Cassian piscou.

Rhys ergueu uma sobrancelha.

— Por que acha que eu mandei você ir atrás dela hoje de manhã?

Cassian fez que não com a cabeça, incapaz de conter a risada. Rhys sorriu, entrelaçando os dedos atrás da cabeça e se recostando na cadeira.

— Você precisa aparecer no ringue de treino mais vezes, irmão — disse Cassian a ele, observando o poderoso corpo do amigo. — Não quer que aquela sua parceira veja que você é um molenga.

— Ela nunca encontra nada molengo em mim quando estou perto dela — disse Rhys, e Cassian riu de novo.

— Será que a Feyre vai lhe esfolar vivo por causa do que você disse mais cedo?

— Já falei aos empregados para tirarem o resto do dia de folga assim que você levar Nestha para a Casa.

— Acho que os empregados ouvem vocês brigando bastante vezes. — De fato, Feyre não hesitava quando se tratava de dizer a Rhys quando ele saía da linha.

Rhys lançou a Cassian um sorriso malicioso.

— Não é a briga que quero evitar que eles ouçam.

Cassian sorriu de volta, mesmo que algo parecido com inveja tenha repuxado seu estômago. Ele não se ressentia da felicidade deles, não mesmo. Havia muitas vezes em que ele via a alegria no rosto de Rhys e precisava se afastar para evitar chorar, porque seu irmão tinha esperado por aquele amor, merecia aquilo. Rhys batalhara incansavelmente por aquele futuro com Feyre. Por *essa vida*.

Às vezes, porém, Cassian via aquele anel de parceria, o retrato atrás da escrivaninha e aquela casa e simplesmente... desejava.

O relógio anunciou 10h30 e Cassian ficou de pé.

— Aproveite a não briga.

— Cassian.

O tom de voz o parou.

O rosto de Rhys estava cautelosamente calmo.

— Não perguntou que responsabilidades maiores tenho em mente para você.

— Presumi que Nestha fosse grande o bastante — esquivou-se ele.

Rhys lhe deu um olhar de quem sabia mais do que revelava.

— Você poderia ser mais.

— Sou seu general. Isso não basta?

— Basta para você?

Sim, ele quase falou. Mas se viu hesitar.

— Ah, você está hesitando mesmo — falou Rhys. Cassian tentou erguer os escudos mentais, mas viu que estavam intactos. Rhys sorria como um gato. — Você ainda revela tudo com esse seu rosto, irmão — provocou Rhys. Mas seu divertimento logo sumiu. — Az e eu temos bons motivos para crer que as rainhas humanas estão tramando algo de novo. Preciso que você investigue. Que cuide disso.

— O que é isso? Estamos invertendo os papéis? Az vai liderar os illyrianos agora?

— Não se faça de tolo — disse Rhys, friamente.

Cassian revirou os olhos. Mas os dois sabiam que Azriel preferiria se amotinar e destruir Illyria a ajudá-la. Convencer o irmão deles de que os illyrianos eram um povo que valia a pena salvar ainda era uma batalha entre os três.

Rhys prosseguiu:

— Azriel está lidando com mais do que quer admitir no momento. Não vou jogar mais uma responsabilidade nele. Essa sua tarefa vai ajudá-lo. — Rhys lançou um sorriso desafiador. — E vai permitir que todos nós vejamos do que você realmente é capaz.

— Quer que eu banque o espião?

— Tem outros modos de obter informação, Cass, além de bisbilhotar pelo buraco da fechadura. Az não é nenhum cortesão. Ele trabalha das sombras. Mas preciso de alguém, preciso de você, para

dar a cara à tapa. Mor pode lhe inteirar dos detalhes. Ela volta de Vallahan em algum momento hoje.

— Também não sou cortesão. Você sabe. — Essa ideia fez o estômago dele se revirar.

— Está com medo?

Cassian deixou os Sifões sobre o dorso de suas mãos reluzirem com fogo interior.

— Então vou ter que lidar com essas rainhas e também treinar Nestha?

Rhys se recostou, e o silêncio dele foi a confirmação.

Cassian caminhou até as portas duplas fechadas, contendo uma sucessão de palavrões.

— Lá vamos nós para alguns meses bem longos, pelo visto.

Ele estava quase na porta quando Rhys falou, baixinho:

— Para você serão longos mesmo.

— Você guardou aquela armadura de couro da guerra? — perguntou Cassian a Nestha como cumprimento quando ele caminhou até o corredor da entrada. — Vai precisar dela amanhã.

— Eu me certifiquei de que Elain colocasse na mala dela — respondeu Feyre, do degrau em que estava na escada, sem olhar para a irmã de costas rígidas que estava de pé à base dos degraus. Cassian se perguntava se sua Grã-Senhora já havia notado o desaparecimento dos empregados.

O sorriso secreto nos olhos de Feyre lhe disse que ela sabia bastante a esse respeito. E do que a aguardava em alguns minutos.

Graças aos deuses que ele estava de saída. Provavelmente precisaria voar até o próprio mar para *não* escutar Rhys. Ou sentir o poder dele quando o macho... Cassian se interrompeu antes de concluir o pensamento. Ele e os irmãos tinham colocado bastante distância entre os jovens idiotas que tinham sido — trepando com qualquer fêmea que mostrasse interesse, normalmente no mesmo quarto em que os outros estavam — e os machos que eram agora. Ele queria que as coisas continuassem assim.

Nestha apenas cruzou os braços.

— Você vai atravessar a gente até a Casa? — perguntou Cassian a Feyre.

Como se em resposta, Mor falou, atrás dele:

— Eu vou. — Ela piscou um olho para Feyre. — Ela tem uma reunião especial com Rhysinho.

Cassian sorriu quando Mor entrou pela ala residencial.

— Achei que você só voltaria mais tarde hoje. — Ele abriu os braços, segurando Mor contra o peito e apertando firme. O cabelo dourado até a cintura de Mor tinha cheiro de mar gelado.

Ela o abraçou de volta.

— Não quis esperar até a tarde. Vallahan já está até os joelhos com neve. Eu precisava de um pouco de sol.

Cassian se afastou para avaliar o lindo rosto dela, tão familiar para ele quanto o dele próprio. Apesar das palavras, os olhos castanhos dela estavam sombrios.

— Qual é o problema?

Feyre se levantou, também reparando a tensão.

— Nada — respondeu Mor, jogando o cabelo por cima de um dos ombros.

— Mentirosa.

— Eu conto depois — admitiu Mor, e olhou para Nestha. — Você deveria usar o couro amanhã. Quando treinar no Refúgio do Vento, vai querer a armadura para se proteger do frio.

Nestha lançou um olhar entediado e gélido para Mor.

Mor apenas sorriu em resposta.

Feyre tomou esse como um bom momento para casualmente se colocar entre as duas, com o escudo de Rhys ainda forte como aço em volta dela. Não importava que estariam todos bem próximos em cerca de um minuto.

— Hoje vamos deixar que você se acomode na Casa, pode desfazer suas malas. Descanse, se quiser.

Nestha não respondeu.

Cassian passou a mão pelo cabelo. Que o Caldeirão os livrasse. Rhys esperava que ele brincasse de política quando não conseguia nem mediar *isso*?

Mor deu um risinho, como se lesse o pensamento na expressão dele.

— Parabéns pela promoção. — Ela sacudiu a cabeça. — Cassian, o cortesão. Jamais achei que veria esse dia.

Feyre riu com deboche. Mas os olhos de Nestha se voltaram para ele, surpresos e cautelosos. Ele disse a ela, ainda que apenas para impedi-la de falar primeiro: — Ainda sou um ninguém, um bastardo, não se preocupe.

Os lábios de Nestha se contraíram.

Feyre disse, com cuidado, para Nestha:

— Vamos conversar em breve.

Nestha, mais uma vez, não respondeu.

Pelo visto, ela havia parado de falar com Feyre de vez. Mas pelo menos iria voluntariamente.

Semivoluntariamente.

— Vamos? — disse Mor, oferecendo cada um dos cotovelos.

Nestha olhou para o chão. Seu rosto estava pálido e lúgubre, e os olhos, incandescentes.

Feyre encontrou os olhos de Cassian. A simples expressão comunicava tudo o que ela suplicava a ele.

Nestha passou direto pela irmã, pegou o antebraço de Mor e encarou um canto da parede.

Mor se inclinou para cumprimentá-lo, mas Cassian não ousou compartilhar o gesto. Nestha podia não estar olhando para eles, mas ele sabia que ela via, ouvia e avaliava tudo.

Então ele apenas aceitou o outro braço de Mor e piscou um olho para Feyre antes de todos sumirem no vento e na escuridão.

Mor atravessou com eles para o céu bem acima da Casa do Vento.

Antes que o mergulho de embrulhar o estômago fosse sentido, Nestha estava nos braços de Cassian, cujas asas estavam abertas, conforme ele voava na direção da varanda de pedra. Fazia muito tempo desde que ela fora abraçada por ele, desde que vira a cidade tão pequena abaixo.

Ele poderia ter voado com os dois até lá em cima, percebeu Nestha, quando Cassian aterrissou e Morrigan desapareceu do mergulho com um aceno. As regras da Casa eram simples: ninguém

poderia atravessar diretamente para dentro, graças às pesadas proteções, então a escolha era caminhar dez mil degraus para cima, atravessar e cair uma distância assustadora até a varanda — provavelmente quebrando ossos — ou atravessar para o limite das proteções com alguém que tivesse asas para voar o resto do caminho para dentro. Mas estar nos braços de Cassian... Ela preferiria ter arriscado quebrar cada osso do corpo no mergulho até a varanda. Ainda bem que o voo durou apenas alguns segundos.

Nestha se desvencilhou dos braços dele assim que seus pés atingiram as pedras desgastadas. Cassian deixou, fechando as asas e demorando-se próximo ao parapeito, com toda Velaris reluzindo abaixo e além dele.

Ela havia passado semanas ali no ano anterior — durante aquele terrível período depois de ser transformada em feérica, implorando para que Elain demonstrasse qualquer sinal de que queria viver. Ela mal dormira por medo de que Elain caísse daquela varanda, ou que se debruçasse demais para fora de qualquer das inúmeras janelas, ou simplesmente se atirasse para baixo daqueles dez mil degraus.

A garganta dela se fechou com a torrente de memórias diante da vista ampla — o filete reluzente que era o Sidra, bem abaixo, e o palácio de pedras vermelhas construído da lateral da própria montanha de topo plano.

Nestha enfiou as mãos nos bolsos, desejando ter aceitado as luvas quentes que Feyre tentara convencê-la a levar. Ela havia as recusado. Ou silenciosamente recusado, pois não havia proferido uma palavra sequer para a irmã depois que saíram do escritório.

Em parte porque Nestha tinha medo do que sairia.

Por um longo momento, Nestha e Cassian olharam um para o outro.

O vento balançou o cabelo dele, que ia até os ombros. Pela reação que ele tinha ao frio, tão mais forte ali em cima, bem acima da cidade, Cassian parecia mais estar num campo no verão. Ela quase não conseguia evitar que os dentes batessem até caírem da boca.

Cassian finalmente disse:

— Você vai ficar no seu antigo quarto.

Como se ela tivesse algum poder de decisão naquele lugar. Ou em qualquer outro.

Ele prosseguiu:

— Meu quarto fica bem em cima.

— Por que eu precisaria saber disso? — As palavras dispararam para fora dela.

Cassian começou a andar na direção das portas de vidro que davam para o interior da montanha.

— Caso você tenha um pesadelo e precise que alguém leia uma história para você — disse ele, com a voz arrastada e um meio-sorriso dançando no rosto. — Talvez um dos livros obscenos de que tanto gosta.

As narinas dela se dilataram. Mas Nestha passou pela porta que Cassian segurou aberta para ela, quase suspirando diante do calor aconchegante que preenchia os corredores de pedra vermelha. A nova moradia. O novo dormitório.

Aquele lugar não era um lar. Assim como o apartamento dela não fora.

Nem a casa luxuosa do pai de Nestha, antes de Hybern tê-la deixado semidestruída. Nem o chalé, ou a gloriosa mansão antes daquilo. *Lar* era uma palavra desconhecida.

Mas ela conhecia bem aquele andar da Casa do Vento: a sala de jantar à esquerda e a escada à direita, que a levaria dois lances para baixo, até o seu andar, e para a cozinha um andar abaixo dele. A biblioteca era bem abaixo.

Nestha não teria se importado com onde ficaria, exceto pela conveniência da pequena biblioteca particular que também ficava no andar dela. Que fora o lugar onde havia descoberto os livros obscenos, como Cassian os chamara. Ela devorara algumas dezenas deles durante aquelas semanas em que estivera ali pela primeira vez, desesperada por qualquer salvação que a impedisse de se desfazer, de urrar pelo que tinha sido feito com seu corpo, sua vida — com Elain. Elain, que não comia, falava ou fazia qualquer coisa.

Elain, que de alguma forma tinha se tornado a *ajustada*.

Nos meses anteriores e durante a guerra, Nestha havia dado o seu jeito. Tinha entrado naquele mundo, com aquela gente, e

começado a vislumbrar... um futuro.

Até ter sido caçada pelo rei de Hybern e pelo Caldeirão. Até ter percebido que todo mundo de quem gostava seria usado para feri-la, destruí-la e aprisioná-la. Até aquela última batalha, quando ela não conseguiu impedir que mil illyrianos morressem, e em vez disso só conseguira salvar um.

Ele. E salvaria de novo, se fosse obrigada. E perceber isso... Era outra verdade com a qual ela não sabia lidar.

Cassian seguia para as escadas que levavam para o andar de baixo, cada movimento dele transbordando uma arrogância irredutível.

— Não preciso ser escoltada para o quarto. — Nestha não estava nem aí que o quarto dele também fosse naquela direção. — Sei como chegar lá.

Ele deu um risinho por cima do ombro musculoso e desceu as escadas mesmo assim.

— Só quero me certificar de que você vai chegar inteira antes que eu me acomode. — Ele assentiu para o andar pelo qual tinham passado, para o arco aberto que dava para o corredor com o quarto dele. Ela só sabia porque tinha pouco mais a fazer durante aquelas primeiras semanas como Grã-Feérica do que perambular pelo palácio como um fantasma.

Cassian acrescentou:

— Az está no quarto duas portas depois da minha. — Eles chegaram ao andar do quarto dela e ele seguiu arrogantemente pelo corredor. — Mas você provavelmente não vai vê-lo.

— Ele está aqui para me espionar? — As palavras dela ecoaram pelas pedras vermelhas.

Cassian disse, tenso:

— Ele diz que prefere ficar aqui a ficar na casa do rio.

Eram dois, então.

— Por quê?

— Não sei. É Az. Ele gosta de espaço. — Cassian deu de ombros, a luz feérica se infiltrava pelas arandelas, emoldurando com dourado a garra no ápice das asas dele. — Ele fica na dele, então na maior parte do tempo seremos apenas você e eu.

Ela não ousou responder. Especialmente tendo em vista tudo que aquela afirmação deixava implícito. Sozinha... com Cassian. Ali.

Cassian parou diante de uma familiar porta de madeira em arco. Ele encostou na moldura. Seus olhos castanhos monitoravam cada passo dela.

Ela sabia que a casa pertencia a Rhys. Sabia que a vida de Cassian era bancada por Rhys, assim como o Grão-Senhor bancava todo o Círculo Íntimo. Sabia que o jeito mais rápido e mais profundo de irritar Cassian, de feri-lo, naquele exato momento seria recorrer àquilo, fazer com que ele duvidasse do trabalho que fazia e questionar se merecia estar ali. O instinto a tomou como uma onda ascendente, cada palavra foi escolhida para cortar e ferir. Ela sempre tivera o dom, se é que se poderia chamar assim. Mas também, não era uma maldição, não completamente. Havia servido bem a ela.

Cassian observou o rosto de Nestha quando ela parou diante da porta do quarto.

— Pode falar, Nes.

— Não me chame assim. — Ela deixou as palavras pairarem como isca. Queria que ele pensasse que ela era vulnerável.

Mas Cassian desencostou da porta e ajeitou as asas.

— Você precisa de um prato de comida.

— Não quero.

— Por quê?

— Porque não estou com fome.

Era verdade. O apetite dela fora a primeira coisa a sumir depois daquela batalha. Apenas instinto e o ocasional requerimento social de fazer parecer que ela se importava com alguma coisa a mantinham comendo.

— Não vai durar uma hora de treino amanhã sem comida na barriga.

— Não vou treinar naquele lugar horrível. — Ela odiara o Refúgio do Vento desde a primeira vez que vira o lugar, era frio, deprimente e cheio de pessoas sem senso de humor e rostos severos.

O Sifão preso na mão esquerda de Cassian brilhou, uma faixa de luz vermelha espiralou para fora da pedra e se enroscou na maçaneta da porta. A luz puxou o ferro para baixo, abrindo a porta com um rangido e então sumiu como se fosse fumaça.

— Você recebeu uma ordem, assim como a alternativa de segui-la. Se quiser voltar para as terras humanas, vá em frente.

Então vá para outro lugar.

Ele provavelmente faria com que aquela presunçosa da Morrigan a jogasse do outro lado da fronteira sem mala nem nada.

E Nestha até poderia ter blefado, mas... ela sabia o que enfrentaria no sul. A guerra não ajudara em nada a apaziguar os sentimentos dos humanos no que dizia respeito aos feéricos.

Não tinha para onde ir. Elain, por mais que estivesse de luto pela vida que teria tido com Graysen, tinha encontrado um lugar, um papel ali. Cuidando dos jardins do verdadeiro palácio de Feyre no rio, ajudando outros residentes de Velaris a restaurarem seus jardins destruídos — ela mantinha um propósito, alegria e *amigos*: aquelas duas meio-espectros que trabalhavam na casa de Rhysand. Mas a irmã dela nunca teve que lutar por nada disso. Essas qualidades sempre fizeram de Elain alguém especial.

Tinham feito Nestha lutar arduamente para manter Elain segura a qualquer custo.

O Caldeirão aprendera essa lição. O rei de Hybern também.

Um fardo conhecido e pesado a puxou para baixo. Era a fadiga a chamando.

— Estou cansada. — As palavras saíram sem emoção.

— Tire o dia para descansar, então — disse Cassian, com uma voz um pouco baixa. — Mor ou Rhys vão nos atravessar até Refúgio do Vento depois do café, amanhã.

Ela não disse nada. Ele continuou:

— Vamos começar devagar: duas horas treinando, então almoço, depois você vai ser trazida de volta para encontrar Clotho.

Ela não tinha energia para perguntar mais a respeito do treinamento, ou do trabalho na biblioteca com a grã-sacerdotisa. Não se importava, na verdade. Que Rhysand, Feyre, Amren e Cassian a obrigassem a fazer aquela porcaria. Que eles pensassem que podiam, de algum jeito, fazer um pingo de diferença.

Nestha nem se deu ao trabalho de responder antes de sair caminhando pelo arco para dentro do quarto. Mas sentiu o olhar dele, avaliando cada passo ao atravessar a ombreira da porta, a

forma como a mão dela agarrou o lado da porta, o modo como flexionou os dedos antes de batê-la.

Nestha esperou, poucos centímetros para dentro do quarto, piscando contra a luz forte que passava pela parede de janelas na outra ponta. Um arrastar de botas sobre pedra informou a ela que ele havia partido.

Somente quando o som se dissipou completamente, ela prestou atenção ao quarto adiante, inalterado desde que estivera ali pela última vez, e à porta que se conectava à antiga suíte de Elain agora selada.

O amplo espaço acomodava com facilidade uma gigantesca cama com dossel contra a parede à esquerda dela, assim como uma pequena área de estar à direita, completa com um sofá e duas cadeiras. Uma lareira de mármore esculpido ocupava a parede diante da área de estar, que por sorte estava escura, e diversos tapetes estavam espalhados pelo quarto, oferecendo alívio do piso de pedra frio.

Mas não era isso que ela gostava a respeito daquele quarto. Não, era o que ela agora encarava: a parede de janelas que dava para a cidade, o rio, as planícies e o distante brilho do mar além. Toda aquela terra, toda aquela gente, tão distante. Era como se o palácio flutuasse nas nuvens. Havia alguns dias lá em cima em que a névoa era espessa o bastante para bloquear a vista abaixo, espiralando tão perto da janela que Nestha conseguia passar os dedos por ela.

Nenhuma espiral de névoa pairava no momento. As janelas não revelavam nada além de um dia claro de início de outono e a luz do sol quase ofuscante.

Segundos se passaram. Minutos.

Um rugido familiar soou nos ouvidos dela. Aquele vazio pesado a puxou para baixo, com a determinação de alguma criatura feérica fechando as mãos ossudas no tornozelo de Nestha e puxando-a para o fundo de uma superfície escura. Com a mesma determinação com que ela fora enfiada sob aquela água gélida e etérea no Caldeirão.

O corpo de Nestha se tornou distante, estranho, quando ela fechou as pesadas cortinas de veludo cinza para se proteger da luz. Envolvendo o quarto em escuridão pouco a pouco. Ela ignorou as

três bolsas e os dois baús colocados ao lado da cômoda quando se aproximou da cama.

Nestha mal conseguiu tirar os sapatos antes de deslizar sob as camadas de edredons brancos de pena e colchas, então fechou os olhos e respirou.

E respirou.

Respirou.

Capítulo 4

Mor já estava na mesa de café que havia reivindicado à margem do rio, com um dos braços jogado no encosto de uma cadeira de ferro retorcido e o outro elegantemente apoiado nos joelhos cruzados. Cassian parou a alguns metros do labirinto de mesas ao longo da passagem, sorrindo ao vê-la: cabeça inclinada para o sol e os lábios carnudos curvados para cima, aproveitando a luz.

Ela jamais parava de apreciar a luz do sol. Mesmo quinhentos anos depois de deixar aquela verdadeira prisão que chamara de lar e os monstros que a chamavam de família, sua amiga — sua irmã, na verdade — ainda aproveitava cada momento sob o sol. Como se os primeiros 17 anos de vida, passados na escuridão da Cidade Escavada, ainda espreitassem em volta dela como as sombras de Az.

Cassian pigarreou quando se aproximou da mesa, oferecendo sorrisos agradáveis aos outros clientes e às pessoas ao longo do caminho que olhavam boquiabertas ou acenavam para ele. Quando Cassian se sentou, Mor já estava rindo e os olhos castanhos dela se iluminavam com diversão.

— Não comece — avisou ele, acomodando as asas em torno do encosto da cadeira e acenando para o dono do café, que o conhecia bem o bastante para entender que ele havia pedido água, nada de chá ou doces, os quais Mor já tinha diante dela.

Mor sorriu, tão linda que tirou o fôlego dele.

— Não posso aproveitar a visão de meu amigo sendo bajulado pelo público?

Cassian revirou os olhos e murmurou um agradecimento ao dono quando uma jarra de água e um copo surgiram diante dele.

Mor disse, depois que o dono foi embora para cuidar das outras mesas:

— Lembro de uma época em que você também gostava desse tipo de coisa.

— Eu era um idiota jovem e arrogante. — Ele se encolheu ao lembrar de como desfilava depois de batalhas ou missões bem-sucedidas, acreditando que merecia elogios de estranhos. Por tempo demais, ele havia se aproveitado dessa baboseira. Fora preciso caminhar por aquelas mesmas ruas depois de Rhys ser aprisionado por Amarantha, depois de Rhys ter sacrificado tanto para proteger a cidade, e ver o desapontamento e o medo em tantos rostos para Cassian se dar conta de como tinha sido tolo.

Mor pigarreou, como se sentisse para onde os sentimentos dele haviam vagado. Ela não tinha as habilidades de Rhys, mas, por ter sobrevivido à Corte dos Pesadelos, havia aprendido a ler a mais sutil das expressões. Um mero piscar de olhos, foi o que ela um dia disse a ele, poderia indicar a diferença entre a vida e a morte naquela corte miserável.

— Então ela se acomodou?

Cassian sabia de quem Mor estava falando.

— Está tirando uma soneca.

Mor riu com deboche.

— Não. — A atenção dele se voltou para o Sidra reluzente, a poucos metros dali. — Por favor, não.

Mor tomou um gole do chá, ela era o retrato de uma inocência elegante.

— Seria melhor jogarmos Nestha na Corte dos Pesadelos. Ela prosperaria lá.

Cassian trincou a mandíbula, tanto pelo insulto quanto pela verdade.

— Esse é exatamente o tipo de existência do qual estamos tentando afastá-la.

Mor o avaliou enquanto piscava os cílios espessos.

— Você sofre ao vê-la assim.

— Tudo isso me faz sofrer. — Mor e ele sempre tiveram esse tipo de relacionamento: verdade a qualquer custo, por mais que fosse difícil. Desde aquela primeira e única vez que dormiram juntos, quando ele descobriu tarde demais que ela havia escondido dele as repercussões terríveis. Quando viu o corpo arrasado de Mor e soube que, mesmo que ela tivesse mentido, ele ainda tinha sua parcela de culpa.

Ele exalou um suspiro, afastando a memória encharcada de sangue que ainda manchava sua mente cinco séculos depois.

— Sofro porque Nestha se tornou... aquilo. Sofro porque ela e Feyre estão sempre brigando. Sofro porque Feyre sofre com isso, e sei que Nestha também. Sofro porque... — Ele tamborilou os dedos na mesa e depois bebeu água. — Não quero falar sobre isso, de verdade.

— Tudo bem. — A brisa levantou o tecido translúcido do vestido azul-crepúsculo de Mor.

Ele mais uma vez se deixou admirar o rosto perfeito dela. Além das consequências desastrosas para Mor depois da noite que tiveram juntos, a briga subsequente com Rhys fora horrível, e Azriel tinha ficado tão furioso do jeito silencioso dele que Cassian sufocara qualquer desejo restante por Mor. Tinha deixado que a luxúria se tornasse afeto, e todos os sentimentos românticos tinham virado laços familiares. Mas ainda podia admirar a pura beleza dela — como admirava qualquer obra de arte. Embora soubesse bem que o que havia dentro de Mor era muito mais belo e perfeito do que o exterior dela.

Ele se perguntou se Mor sabia disso.

Bebendo de novo, ele falou:

— Conte o que aconteceu em Vallahan. — O território feérico antigo e montanhoso do outro lado do mar do norte estava agitado desde antes da guerra contra Hybern, e havia sido tanto inimigo

quanto aliado de Prythian em diferentes eras históricas. Que papel o rei e o povo de temperamento esquentado de Vallahan teriam nesse novo mundo ainda estava por ser decidido, embora muito desse destino parecesse depender da presença agora frequente de Mor na corte deles, como emissária de Rhys.

De fato, os olhos de Mor estremeceram.

— Não querem assinar o novo tratado.

— Merda. — Rhys, Feyre e Amren tinham passado meses trabalhando naquele tratado, com colaboração dos aliados em outras cortes e outros territórios. Helion, Grão-Senhor da Corte Diurna e aliado mais próximo de Rhys, havia sido o que mais se dedicara. Helion Quebrador de Feitiços era inigualável em sua arrogância total e presunçosa — ele mesmo deve ter inventado o próprio apelido. Contudo, o macho tinha mil bibliotecas à disposição, e tinha feito bom uso de todas elas para o tratado.

— Passei semanas naquela maldita corte — falou Mor, cutucando o doce folheado ao lado da xícara de chá — morrendo de frio, tentando puxar os sacos congelados daqueles canalhas, e o rei e a rainha deles recusaram o tratado. Voltei para casa um dia mais cedo porque sabia que qualquer insistência de última hora de minha parte seria malvista. Meu tempo lá, de um jeito ou de outro, deveria ser para uma visita amigável.

— Por que não querem assinar?

— Porque aquelas rainhas humanas burras estão se agitando, o exército delas ainda não se desfez. A rainha de Vallahan até me perguntou qual seria a utilidade de um tratado de paz quando outra guerra, dessa vez contra os humanos, poderia redesenhar as linhas territoriais para bem abaixo da Muralha. Não acho que Vallahan está interessada na paz. E nem que vai se aliar a nós.

— Então Vallahan quer outra guerra para aumentar território? Eles já tomaram mais do que lhes era devido depois da Guerra há quinhentos anos.

— Estão entediados — falou Mor, franzindo a testa com desprezo. — E os humanos, apesar daquelas rainhas, são muito mais fracos do que nós. Forçar a barra para as terras humanas é como colher uma fruta que está para cair. Montesere e Rask estão provavelmente pensando o mesmo.

Cassian grunhiu para o céu. Fora esse o medo durante a última guerra: que aqueles territórios do outro lado do mar pudessem se aliar a Hybern. Se tivessem se aliado, não haveria chance alguma de sobrevivência. Agora, mesmo com o rei de Hybern morto, seu povo continuava revoltado. Um exército poderia ser erguido novamente em Hybern. E, caso se unam a Vallahan, se Montesere e Rask se unissem com o objetivo de reivindicar mais território dos humanos...

— Você já contou isso a Rhys.

Não foi uma pergunta, mas Mor assentiu.

— Por isso ele pediu que você investigasse o que está acontecendo com as rainhas humanas. Vou tirar alguns dias de folga antes de voltar para Vallahan, mas Rhys precisa saber qual é a posição das rainhas humanas nisso tudo.

— Então você deve convencer Vallahan a não começar outra guerra, e eu devo convencer as rainhas humanas a não fazerem isso também?

— Você não vai chegar perto das rainhas humanas — disse Mor, com franqueza. — Mas pelo que observei em Vallahan, sei que estão tramando alguma coisa. Planejando alguma coisa. Só não conseguimos descobrir o que é, ou por que os humanos seriam burros o suficiente para começar uma guerra que não podem vencer.

— Eles precisariam de algo que lhes garanta uma vantagem.

— É isso que você precisa descobrir.

Cassian bateu com as botas nas pedras da passagem.

— Sem pressão.

Mor terminou o chá.

— Bancar o cortesão não é só ficar por aí indo a festas chiques com roupas bonitas.

Ele fez uma careta. Muitos momentos se passaram em um silêncio amigável, embora Cassian tenha entreouvido o vento sussurrar sobre o Sidra, a conversa animada das pessoas em volta dele e o tilintar de talheres contra pratos. Satisfeita em deixá-lo pensando, Mor voltou a tomar sol.

Cassian se esticou.

— Tem uma pessoa que conhece aquelas rainhas como a palma da mão. Que pode oferecer alguma informação.

Mor abriu um olho, então lentamente se sentou ereta, com os cabelos caindo em volta dela como um rio dourado ondulante.

— Hã?

— Vassa. — Cassian não tinha lidado muito com a rainha humana expulsa, a única boa do grupo sobrevivente, que tinha sido traída pelas colegas rainhas quando elas a venderam para um mestre feiticeiro que a amaldiçoou a se tornar um pássaro de fogo durante o dia e uma mulher à noite. Ela tivera sorte: as mulheres entregaram a outra rainha rebelde do grupo ao Attor. Que a empalou em um poste a algumas pontes de onde Cassian e Mor estavam agora.

Mor assentiu.

— Talvez ela possa nos ajudar.

Ele apoiou os braços na mesa.

— Lucien está morando com Vassa. E Jurian. Ele deveria ser nosso emissário nas terras humanas. Deixe que ele lide com isso.

Mor deu outra mordida no doce.

— Lucien não é mais de inteira confiança.

Cassian a encarou.

— O quê?

— Mesmo com Elain aqui, ele se tornou próximo de Jurian e Vassa. Está morando com eles por vontade própria agora, e não apenas como emissário. Como amigo.

Cassian relembrou tudo o que tinha ouvido e observado nos encontros com Lucien desde a guerra, tentando ver aquilo como Rhys e Mor veriam.

— Ele passou meses ajudando-os a organizar a política de quem comandaria a parcela de Prythian das terras humanas — disse Cassian, lentamente. — Então não tem como Lucien ser imparcial quando nos trouxer relatos sobre Vassa.

Mor assentiu com seriedade.

— Lucien pode ter boas intenções, mas qualquer relato seria parcial, mesmo que inconscientemente. Precisamos de alguém do lado de fora da bolha deles para coletar informações e reportá-las. — Ela terminou o doce. — Que seria você.

Tudo bem. Fazia sentido.

— Por que ainda não entramos em contato com Vassa a respeito disso?

Mor gesticulou com a mão, embora seus olhos sombrios desmentissem o gesto casual.

— Porque só agora juntamos as peças. Mas você deveria definitivamente falar com ela, quando puder. O mais rápido que puder, na verdade.

Cassian assentiu. Ele não desgostava de Vassa, embora encontrar com ela também significasse falar com Lucien e Jurian. Com o primeiro ele aprendera a conviver, mas com o segundo... Não importava que, no fim das contas, Jurian estivesse lutando pelo lado deles. Que o general humano que fora o prisioneiro torturado de Amarantha por cinco séculos tivesse enganado Hybern depois de ter sido ressuscitado pelo Caldeirão, e que tivesse ajudado Cassian e a família dele na guerra. Cassian não gostava dele.

Ele se levantou, inclinando-se para bagunçar os cabelos brilhosos de Mor.

— Ando com saudade de você. — Ela andava passando muito tempo longe e, sempre que voltava, uma sombra que ele não conseguia identificar cobria os olhos dela. — Sabe que avisaríamos a você se Keir algum dia viesse aqui. — O canalha do pai dela ainda não tinha cobrado o favor de Rhys: visitar Velaris.

— Eris ganhou tempo para mim. — As palavras dela estavam envoltas em ácido.

Cassian havia tentado não acreditar, mas sabia que Eris tinha feito aquilo de boa-fé. Tinha convidado Rhysand para dentro da mente dele, para ver exatamente por que havia convencido Keir a postergar indefinidamente a visita a Velaris. Apenas Eris tinha esse tipo de influência sobre Keir e sua sede de poder, e o que quer que Eris tivesse oferecido a Keir em troca de não ir até Velaris ainda era um mistério. Pelo menos para Cassian. Rhys provavelmente sabia. Pelo rosto pálido de Mor, ele se perguntou se ela saberia também. Eris devia ter sacrificado alguma coisa grande para poupar Mor da visita do pai dela, a qual provavelmente teria sido cronometrada para um momento que maximizaria o tormento dela.

— Não importa. — Mor gesticulou com a mão para encerrar a conversa. Ele percebia que outra coisa a estava incomodando. Mas

ela compartilharia quando estivesse pronta.

Cassian deu a volta na mesa e beijou o alto da cabeça de Mor.

— Descanse um pouco. — Ele decolou para o céu antes que ela conseguisse responder.

Nestha acordou na mais pura escuridão.

Escuridão que não havia testemunhado há anos. Desde que aquele chalé aos pedaços tinha se tornado uma prisão e um inferno.

Ficando de pé com um salto e com as mãos junto ao peito, ela arquejou para tomar fôlego. Será que fora algum sonho febril em uma noite de inverno? Será que ainda estava naquele chalé, faminta, pobre e desesperada...

Não. O ar do quarto estava morno, e ela era a única pessoa na cama, não estava agarrada às irmãs procurando calor, sempre brigando para ver quem ficava no cobiçado lugar no meio da cama nas noites mais frias, ou nas pontas, nas noites mais quentes de verão.

E embora tivesse se tornado tão magra quanto fora naqueles longos invernos... esse corpo era novo também. Feérico. Poderoso. Ou um dia fora.

Esfregando o rosto, Nestha saiu da cama. O piso era aquecido. Não eram as tábuas de madeira geladas do chalé.

Caminhando até a janela, ela abriu as cortinas e olhou para fora, para a cidade escura abaixo. Luzes douradas brilhavam nas ruas, dançando pela faixa sinuosa formada pelo Sidra. Para mais além, apenas a luz das estrelas pintava de prata as planícies diante do mar frio e vazio.

Um olhar para o céu não revelou nada a respeito de quanto faltava para o alvorecer, e um longo momento ouvindo sugeriu que a casa permanecia dormente. Assim como todos os três que a ocupavam.

Por quanto tempo havia dormido? Tinham chegado às 11 horas da manhã, e ela caíra no sono logo depois. Não consumira absolutamente nada o dia inteiro. Seu estômago roncava.

Mas Nestha o ignorou e apoiou a testa contra o vidro frio da janela. Ela deixou que a luz das estrelas gentilmente acariciasse sua cabeça, seu rosto, seu pescoço. Imaginou-a percorrendo os dedos reluzentes por sua bochecha, como a mãe tinha feito por ela, apenas ela.

Minha Nestha. Elain vai se casar por amor e beleza, mas você, minha rainhazinha esperta... Você vai se casar para conquistar.

A mãe se debateria no túmulo se soubesse que, anos depois, sua Nestha tinha chegado perigosamente perto de se casar com o filho de um lenhador de mente fraca que se sentava sem fazer nada enquanto o pai batia na mãe dele. Que tinha colocado as mãos nela quando ela terminou as coisas entre os dois. Que tinha tentado tomar o que ela não tinha oferecido.

Nestha tentara esquecer Tomas. Ela costumava se pegar desejando que o Caldeirão tivesse arrancado aquelas lembranças como arrancara sua humanidade, mas o rosto dele às vezes manchava seus sonhos. E os pensamentos dela, quando acordada. Às vezes, ela ainda conseguia sentir as mãos ásperas dele a apalpando, machucando. Às vezes, o gosto acobreado do sangue dele ainda cobria a língua dela.

Afastando-se da janela, Nestha estudou aquelas estrelas distantes de novo. Perguntando-se em parte se elas poderiam falar.

Minha Nestha, era como a mãe sempre a chamara, mesmo no leito de morte, tão arrasada e pálida devido ao tifo. *Minha rainhazinha*.

Nestha já se deleitara com o título. Fizera o possível para cumprir aquela promessa, vivendo uma vida deslumbrante que se esvaiu assim que os credores surgiram e todos os supostos amigos dela se revelaram não passar de covardes invejosos usando máscaras de sorrisos. Nenhum deles ofereceu ajuda para salvar a família Archeron da pobreza.

Tinham atirado todos eles, meras crianças e um homem acabado, aos lobos.

Então Nestha se tornou um lobo. E se armou com dentes e garras invisíveis, e aprendeu a atacar mais rápido, mais fundo e com mais mortalidade. E se deliciara com isso. Mas quando chegou o

momento de deixar seu lobo interior de lado, ela descobriu que ele também a havia devorado.

As estrelas brilharam no alto da cidade, como se piscando em anuência.

Nestha fechou as mãos em punhos e voltou para a cama.

Pelo maldito Caldeirão, ele não devia ter concordado em levá-la até lá.

Cassian estava deitado acordado na cama gigantesca — grande o bastante para que três guerreiros illyrianos dormissem lado a lado, com asas e tudo. Pouca coisa havia mudado no quarto nos últimos quinhentos anos. Mor ocasionalmente reclamava de querer redecorar a Casa do Vento, mas ele gostava daquele quarto como era.

Ele havia acordado com o som de uma porta se fechando e ficara imediatamente alerta, com o coração martelando conforme ele pegava a faca que guardava na mesa de cabeceira. Havia mais duas escondidas sob o colchão, outro conjunto acima da porta, uma espada sob a cama e outra em uma cômoda. Essa era apenas a sua coleção. Só a Mãe sabia o que Az tinha guardado no quarto dele.

Cassian deduzia que entre ele, Az, Mor e Rhys, durante os cinco séculos em que usavam a Casa do Vento, tinham enchido o lugar com armas o suficiente para equipar uma pequena legião. Tinham escondido, guardado e esquecido tantas delas que havia sempre uma boa chance de se sentar em um sofá e ser espetado na bunda por alguma coisa. E uma boa chance de a maioria das armas agora não passar de ferrugem nos estojos.

Mas aquelas no quarto dele, essas ele mantinha lustradas e limpas. Prontas.

A faca brilhou sob a luz das estrelas, seus Sifões tremeluziram com luz vermelha quando seu poder vasculhou o corredor além da porta.

Mas nenhuma ameaça surgiu, nenhum inimigo havia ultrapassado as novas proteções. Os soldados de Hybern tinham invadido havia mais de um ano, quase colocando as mãos em Feyre

e Nestha na biblioteca. Ele não esquecera daquilo... do terror no rosto de Nestha conforme ela corria até ele de braços estendidos.

Mas o som no corredor... Azriel, percebeu ele, um segundo depois.

O fato de ter ouvido a porta significava que Az queria que Cassian ficasse ciente de que ele havia voltado. Que não quisera conversar, mas queria que Cassian soubesse que estava por perto.

O que havia deixado Cassian ali, encarando o teto, com os Sifões dormentes de novo e a faca mais uma vez embainhada e apoiada na mesa de cabeceira. Pela posição das estrelas, ele sabia que havia passado das três, o alvorecer ainda estava longe. Ele deveria tentar dormir. O dia seguinte seria bem difícil.

Como se sua súplica silenciosa tivesse saído pelo mundo, uma voz suave de macho ronronou em sua mente. *Por que está acordado tão tarde?*

Cassian vasculhou o céu além da parede de janelas, como se fosse ver Rhys voando ali. *Faço a mesma pergunta a você.*

Rhys riu. *Falei que eu tinha que me desculpar com minha parceira.* Uma longa e maliciosa pausa. *Estamos fazendo um intervalo.*

Cassian gargalhou. *Deixe a pobre fêmea dormir.*

Foi ela quem começou esta rodada. Havia pura satisfação masculina envolvida em cada palavra. *Você ainda não respondeu minha pergunta.*

Por que está me espionando a esta hora?

Queria me certificar de que está tudo bem. Não é culpa minha que você já estava acordado.

Cassian soltou um resmungo baixinho. *Está tudo bem. Nestha foi dormir logo depois que chegamos aqui e permaneceu na cama. Presumo que ainda esteja dormindo.*

Vocês chegaram aí antes das 11 horas.

Eu sei.

São 3h15 da manhã.

Eu sei.

O silêncio foi significativo o bastante para que Cassian acrescentasse, *Não se intrometa.*

Nem nos meus sonhos eu faria uma coisa dessas.

Cassian não queria ter aquela conversa, não às três da manhã, e certamente não duas vezes no mesmo dia. *Mando notícias amanhã à noite com informações sobre a primeira lição.*

A pausa de Rhys foi, de novo, significativa demais para ignorar. Mas seu irmão disse: *Mor vai subir com vocês até Refúgio do Vento. Boa noite, Cass.*

A presença escura na mente dele se dissipou, deixando-o vazio e gelado.

O dia seguinte seria um campo de batalha diferente de qualquer outro em que ele havia estado.

Cassian se perguntou quanto dele restaria intacto ao fim do dia.

Capítulo 5

— Se você não comer, vai se arrepender daqui a uns trinta minutos.

Sentada à longa mesa da sala de jantar da Casa do Vento, Nestha tirou os olhos do prato de ovos mexidos e da tigela fumegante de mingau. O sono ainda pesava em seus ossos, afiando seu temperamento quando ela respondeu: — Não vou comer isso.

Cassian avançou no próprio prato — quase o dobro do que havia no dela.

— É isso ou nada.

Nestha se manteve perfeitamente imóvel na cadeira, muito ciente de cada movimento dentro da roupa de combate de couro que tinha vestido. Ela se esquecera de qual era a sensação de vestir calça — a nudez de ter as coxas e a bunda à mostra.

Ainda bem que Cassian estava ocupado demais lendo algum relatório para vê-la se esgueirar porta adentro e deslizar para a cadeira. Nestha olhou para a porta, torcendo para que um criado aparecesse.

— Eu como torrada.

— Vai gastar a torrada em dez minutos e ficar cansada. — Cassian indicou o mingau com a cabeça. — Coloque um leite aí dentro se precisar deixá-lo mais saboroso. — Ele acrescentou, antes que ela pudesse exigir: — E não tem açúcar.

Nestha agarrou com a força a colher.

— É uma punição?

— Vou repetir, vai lhe dar energia por uma curta explosão e então vai fazer você desabar. — Ele enfiou ovos na boca. — Você precisa manter o nível de energia constante ao longo do dia, comidas cheias de açúcar ou pão fino lhe dão um aumento temporário. Carnes magras, grãos integrais, frutas e vegetais mantêm você relativamente estável e satisfeita.

Ela tamborilou as unhas na mesa lisa. Tinha se sentado ali várias vezes com os membros da corte de Rhysand. Hoje, com apenas eles dois, a mesa parecia obscenamente grande.

— Alguma outra área da minha vida diária que você vai controlar?

Ele deu de ombros, sem parar de comer.

— Não me dê motivo para acrescentar mais à lista.

Babaca arrogante.

Cassian assentiu para a comida de novo.

— Coma.

Ela enfiou a colher na tigela, mas não a levantou.

— Como quiser, então. — Ele terminou o mingau e voltou para os ovos.

— Quanto tempo vai durar a sessão de hoje? — O alvorecer revelara céu limpo, embora ela soubesse que as montanhas Illyrianas tivessem seu próprio clima. Talvez até já estivessem cobertas com a primeira neve.

— Como falei ontem: a lição dura duas horas. Até o almoço. — Ele apoiou a tigela no prato, empilhando os talheres dentro dela. A louça sumiu um segundo depois, levada pela magia da casa. — Que será a próxima vez que vamos comer. — Ele deu um olhar significativo para a comida dela.

Nestha se recostou na cadeira.

— Um: não vou participar dessa *lição*. Dois: não estou com fome.

Os olhos castanhos dele ficaram intensos.

— Não comer não vai trazer seu pai de volta.

— Não tem *nada* a ver com isso — sibilou Nestha. — *Nada.*

Ele apoiou os antebraços na mesa.

— Vamos parar com a palhaçada. Você acha que eu não passei pelo que você está passando? Acha que já não vi, fiz e senti tudo isso? Que não vi aqueles que amo enfrentarem isso também? Você não é a primeira, e não vai ser a última. O que aconteceu com seu pai foi terrível, Nestha, mas...

Ela ficou de pé abruptamente.

— Você não sabe *nada*. — Nestha não conseguiu segurar o tremor que tomou conta dela. Se era de ódio ou outra coisa, ela não sabia. Nestha fechou as mãos em punho. — Guarde as suas opiniões de merda para você.

Ele piscou diante do palavrão, diante do que ela imaginava ser o puro ódio incandescente que exalava do rosto dela. E então Cassian falou: — Quem ensinou você a xingar?

Ela fechou os punhos com mais força.

— Vocês. Vocês têm as bocas mais sujas que já vi.

Os olhos de Cassian se semicerraram com interesse, mas a boca dele permaneceu uma linha fina.

— Vou guardar minhas opiniões de merda para mim se você comer.

Ela jogou cada gota de veneno que conseguiu reunir no olhar.

Ele apenas esperou. Imóvel como a montanha na qual a Casa fora construída.

Nestha se sentou, pegou a tigela de mingau, enfiou uma colherada cheia na boca e quase vomitou ao sentir o gosto. Mas forçou o mingau para baixo. Depois mais uma colherada. E outra. Até que a tigela estivesse limpa e ela começasse com os ovos.

Cassian acompanhou cada mordida.

E quando não sobrou nada, ela pegou o prato e a tigela e o encarou de volta até soltar a louça empilhada, o que fez com que talheres tilintassem e o som preenchesse o cômodo.

Nestha se levantou de novo e foi com passadas pesadas na direção dele. Em direção à porta além dele. Cassian também se levantou.

Nestha podia jurar que ele não estava respirando quando ela passou, tão perto que com um movimento seu cotovelo roçaria a

barriga dele. Ela disse, em tom doce: — Mal posso esperar pelo seu silêncio.

Incapaz de segurar o risinho que surgia em sua boca, ela seguiu para a porta. Mas a mão dele em seu braço a impediu.

Os olhos de Cassian estavam incandescentes e o Sifão vermelho preso no dorso da mão que a segurava tremeluzia com cor. Um sorriso malicioso e provocador curvou os lábios dele.

— Que bom ver que você acordou pronta para brincar, Nestha. — A voz de Cassian ficou grave como um estrondo.

Ela não conseguiu segurar as batidas aceleradas do coração ao ouvir aquela voz, ao ver o desafio naqueles olhos, ao sentir a proximidade e o tamanho dele. Jamais conseguira evitar. Certa vez, tinha deixado que ele cheirasse e lambesse seu pescoço por causa disso.

Deixara que ele a beijasse durante a última batalha por causa disso. Mal fora um beijo — foi tudo o que ele conseguiu fazer no estado em que se encontrava —, mas, mesmo assim, a destruíra por inteiro.

Não tenho arrependimentos na vida exceto este. Que não tivemos tempo. Que eu não tive tempo com você, Nestha. Eu a encontrarei de novo, no próximo mundo, na próxima vida. E teremos esse tempo. Prometo.

Ela revivia aqueles momentos mais frequentemente do que gostava de admitir. A pressão dos dedos dele ao segurar o rosto dela em concha, a sensação e o gosto da boca de Cassian, suja de sangue, mas ainda carinhosa.

Ela não aguentou.

Cassian nem piscou, mas o toque no braço de Nestha se suavizou.

Ela se segurou para não engolir em seco. Desejou que o sangue que fervia resfriasse como gelo.

Os olhos dele, de novo, se semicerraram com diversão, mas Cassian a soltou.

— Você tem cinco minutos até sairmos.

Nestha conseguiu se afastar.

— Você é um bruto.

Cassian piscou um olho.

— Nascido e criado.

Ela conseguiu dar outro passo. Caso se recusasse a deixar a Casa, Cassian, Morrigan ou Rhys podiam simplesmente carregá-la até Refúgio do Vento. E se ela se recusasse terminantemente a fazer qualquer coisa, eles a jogariam nas terras humanas sem pensar duas vezes. Essa percepção bastou para que conseguisse se controlar.

— Nunca mais coloque as mãos em mim.

— Registrado. — Os olhos dele ainda brilhavam.

Os dedos de Nestha se fecharam de novo. Ela escolheu as palavras seguintes como facas de arremesso.

— Se acha que essa besteira de treinamento vai levar você até minha cama, está se iludindo. — Então acrescentou, com um sorriso fino: — Eu preferiria dormir com um cachorro de rua sarnento.

— Ah, não vai me levar até sua cama.

Nestha riu com escárnio, havia vencido, e tinha chegado às escadas quando ele cantarolou: — Vai levar é *você* para a minha.

Com o pé ainda suspenso no ar, ela se virou para ele.

— Eu preferiria apodrecer.

Cassian lançou um sorriso debochado para ela.

— Veremos.

Nestha buscou mais daquelas palavras afiadas, um riso debochado, um grunhido ou qualquer coisa, mas o sorriso dele aumentou.

— Agora você tem três minutos para se arrumar.

Nestha considerou atirar a coisa mais próxima nele — um vaso sobre um pequeno pedestal ao lado da porta. Mas demonstrar que ele a havia irritado seria satisfatório demais para Cassian.

Então ela apenas deu de ombros e passou pela porta. Lentamente. Completamente inabalada por ele e pelo orgulho arrogante e insuportável.

Ser levada para a cama dele, faça-me o favor.

Aquela calça de Nestha iria acabar matando-o.

Matando de forma brutal e contundente.

Cassian não tinha se esquecido da visão de Nestha no couro de combate illyriano durante a guerra — não mesmo. Mas em comparação com a lembrança... Mãe do céu.

Cada palavra, cada língua que ele conhecia tinha sumido ao vê-la passar, com as costas eretas e sem pressa, como qualquer dama nobre governando sua casa.

Cassian sabia que deixaria que ela ganhasse aquela rodada, que ele havia perdido a vantagem no momento em que ela lhe lançou aquele pequeno gesto de ombros e prosseguiu para o corredor, sem saber da vista que aquilo fornecia. Sem saber como aquela visão fazia cada pensamento, exceto aquele mais primitivo, se afastar da mente dele.

Recuperar o controle exigiu todos os três minutos em que ela ficou lá embaixo. Só a Mãe sabia que ele tinha muito com que lidar naquele dia, tanto com a lição de Nestha quanto com outras coisas, sem se perder em pensamentos relacionados a arrancar aquelas calças e adorar cada centímetro daquele traseiro espetacular.

Ele não podia se dar ao luxo de distrações como aquela. Por um milhão de motivos.

Mas, porra, quando foi a última vez que ele se satisfez embaixo dos lençóis? Certamente não desde a guerra. Talvez desde antes de Feyre libertar todos do domínio de Amarantha. Que o Caldeirão o fervesse, mas tinha sido no mês antes de Amarantha cair, não? Com aquela fêmea que conheceu no Rita's. Em um beco do lado de fora da casa de espetáculos. Contra uma parede de tijolos. Rápido e sujo, e terminou em minutos, nem ele nem a fêmea queriam mais do que o alívio momentâneo.

Isso fazia mais de dois anos. Desde então, havia sido apenas a mão dele.

Cassian devia ter aliviado essa vontade antes de decidir que morar na Casa com Nestha era uma boa ideia. Ela estava magoada, perdida, e a *última* coisa de que precisava era ele babando atrás dela. Segurando o braço dela como um animal, incapaz de se manter longe.

Ela não queria nada com ele. Tinha dito isso no Solstício de Inverno.

Deixei minha opinião sobre o que quero de você bem evidente.

Um monte de nada.

Isso tinha rachado um pedaço intrínseco dele, a última resistência e gota de esperança de que tudo por que tinham passado durante a guerra pudesse dar em alguma coisa. De que, quando ele estava morrendo e abriu o coração para ela, de que quando ela cobriu o corpo dele com o próprio e escolheu morrer com ele, Nestha tivesse escolhido ficar com *ele* também.

Era uma esperança burra e maldita que ele não devia ter cultivado. Então, naquela noite de Solstício de Inverno nas ruas gélidas, quando ele sabia que ela só tinha aparecido na casa da cidade para pegar o dinheiro que Feyre tinha oferecido em troca de sua presença, quando Nestha afirmou que não queria nada com ele... Cassian jogou no Sidra congelado o presente que tinha passado meses caçando e se ocupou em conter a dissidência crescente entre os illyrianos.

E tinha se mantido longe dela durante os nove meses seguintes. Muito, muito longe. Tinha chegado tão perto de cometer um erro idiota naquela noite, de abrir o coração para que ela arrancasse de seu peito. Mal conseguira sair com algum resquício de orgulho. Nestha não faria aquilo de novo, a não ser por cima do cadáver frio dele.

Ela apareceu com o cabelo trançado e enroscado sobre o alto da cabeça como uma tiara tecida. Ele fez questão de não olhar para baixo do pescoço dela. Para o corpo em exposição. Ela precisava recuperar o peso que tinha perdido e cultivar alguns músculos, mas... aquele maldito couro.

— Vamos — disse ele, com a voz áspera e fria. Graças ao Caldeirão por aquilo.

Na varanda além das portas de vidro da sala de jantar, Mor aterrissou, fazendo parecer que mergulhar dos 10 metros acima das proteções não fosse nada. Para ela, Cassian supunha que não fosse mesmo.

Mor saltava de um pé para outro, esfregando os braços e batendo os dentes, e dava para ele um olhar que dizia: *Você me deve muito por isso, babaca.*

Nestha fez uma careta, mas vestiu a capa com movimentos graciosos e sem pressa, e se dirigiu para onde Mor esperava.

Cassian voaria com as duas para além das proteções, então Mor atravessaria com eles até Refúgio do Vento.

Onde ele, de algum jeito, encontraria uma forma de convencer Nestha a treinar.

Mas, ainda bem, Nestha sabia que precisava fazer o mínimo naquele dia, o que significava ir até Refúgio do Vento. Ela sempre soubera como travar aquele tipo de guerra mental e emocional. Teria dado uma boa general. Talvez ainda desse, um dia.

Cassian não sabia dizer se isso era algo bom. Transformar Nestha nesse tipo de arma.

Ela apontara para o rei de Hybern com uma promessa de morte antes de ser transformada em Grã-Feérica contra sua vontade. Meses depois, ela erguera a cabeça cortada dele como um troféu e encarara os olhos mortos do homem.

E se o Entalhador de Ossos tinha dito a verdade sobre ela emergir do Caldeirão como algo a ser temido... Merda.

Nem se deu ao trabalho de colocar a capa antes de abrir as portas de vidro. Respirou uma lufada de ar frio do outono e foi para os braços abertos de Mor.

Nenhum gelo ou neve cobria a fortaleza montanhosa de Refúgio do Vento, mas isso não impediu o frio amargo de se chocar contra Nestha assim que eles apareceram. Morrigan sumiu com o piscar de um olho para Cassian e uma careta de aviso para Nestha, deixando os dois avaliando o campo que se estendia adiante.

Algumas pequenas casas de pedra se erguiam à direita, e além delas havia algumas novas residências feitas de pinho fresco. Uma aldeia — era o que aquele lugar tinha se tornado recentemente. Mas logo diante deles estavam os ringues de luta, bem ao longo da beira do topo plano da montanha, totalmente abastecido com várias armas, pesos e equipamento de treino. Nestha não fazia ideia do que era nada daquela variedade de coisas, além dos básicos: espada, adaga, flecha, escudo, lança, arco, bola-redonda-e-cheia-de-espetos-de-aspecto-brutal-presa-na-corrente...

Do outro lado deles havia fogueiras em brasa, nuvens de fumaça espiralando até uma variedade enjaulada de animais de pasto, ovelhas, porcos e cabras, todos maltrapilhos, mas bem alimentados. E, é claro, os próprios illyrianos. Fêmeas cuidavam de panelas fumegantes em torno daquelas fogueiras — e todos eles pararam quando Cassian e Nestha surgiram. Assim como a dúzia de machos naqueles ringues de luta. Nenhum sorriu.

Um macho parrudo de ombros largos, que Nestha reconheceu vagamente, desfilou até eles, flanqueado por duas fileiras de machos mais jovens. Todos tinham as asas bem fechadas, talvez para andar como uma unidade, mas quando pararam diante de Cassian, aquelas asas se abriram levemente.

Cassian manteve as asas dele no que Nestha chamava de sua abertura casual — não amplas, mas não totalmente fechadas. A posição comunicava a quantidade perfeita de tranquilidade e arrogância, prontidão e poder.

O olhar daquele macho familiar parou sobre ela.

— O que *ela* veio fazer aqui?

Nestha deu a ele um sorriso dissimulado.

— Bruxaria.

Ela podia jurar que Cassian murmurou uma súplica à Mãe antes de interromper: — Devo lembrar a você, Devlon, que Nestha Archeron é irmã de nossa Grã-Senhora, e será tratada com respeito. — As palavras tinham agressividade o suficiente para que até mesmo Nestha olhasse para o rosto imperturbável de Cassian. Ela não ouvia aquele tom irredutível desde a guerra. — Ela vai treinar aqui.

Nestha só queria jogá-lo da beira do abismo mais próximo.

O rosto de Devlon se contraiu.

— Qualquer arma que ela tocar precisará ser enterrada depois. Vamos deixá-las em uma pilha.

Nestha piscou.

As narinas de Cassian se dilataram.

— Não faremos tal coisa.

Devlon farejou perto dela, os comparsas dele dando risadinhas.

— Está sangrando, bruxa? Se estiver, não terá sequer permissão de tocar nas armas.

Nestha se obrigou a parar e contemplar a melhor forma de humilhar aquele canalha.

Cassian disse, com uma firmeza espantosa:

— Essas são superstições ultrapassadas. Ela pode tocar as armas estando ou não em seu ciclo.

— Ela pode — respondeu Devlon —, mas serão enterradas mesmo assim.

Silêncio se instalou. Nestha não deixou de notar que a expressão de Cassian tinha ficado sombria conforme encarava Devlon. Mas ele disse, abruptamente: — Como os novos recrutas estão se saindo?

Devlon abriu a boca, então fechou, havia irritação estampada ali devido a uma briga negada.

— Bem — disparou ele, dando as costas e sendo seguido por seus soldados.

O rosto de Cassian se contraiu com cada fôlego. Nestha sentiu a adrenalina se acumulando lentamente em seu sangue e se preparou para vê-lo avançando contra Devlon.

Mas Cassian grunhiu:

— Vamos. — E começou a andar para uma área de treino vazia.

Devlon olhou com raiva por cima do ombro, e Nestha lançou a ele um olhar frio antes de ir atrás de Cassian. O olhar do illyriano se deteve como um ferrete marcando as costas dela.

Cassian não se dirigiu a uma das inúmeras estantes de armas posicionadas pela área de treinamento. Ele apenas parou no ringue mais afastado, com as mãos no quadril, e esperou por ela.

Ela não se juntaria a ele por nada no mundo. Nestha viu uma pedra erodida perto da estante de armas, lisa devido ao clima inclemente ou ao número incontável de guerreiros que haviam se sentado nela, gesto que ela repetiu naquele momento. A superfície gélida feriu sua pele, mesmo através da espessura do couro.

— O que está fazendo? — O lindo rosto de Cassian era quase predatório.

Nestha cruzou as pernas na altura dos tornozelos e arrumou a extensão da capa como se fosse a cauda de um vestido.

— Já disse: não vou treinar.

— Levante. — Ele jamais dera uma ordem com aquele tom a ela.

Levante, dissera ela aos prantos naquele dia, diante do rei de Hybern. *Levante*.

Nestha o encarou. Desejou que estivesse transmitindo um olhar distante e inabalado.

— Estou oficialmente no treino, Cassian, mas você não pode me *obrigar* a fazer nadica de nada. — Ela indicou a lama. — Pode me arrastar ali, se quiser, mas não vou fazer nada.

Os olhares dos illyrianos os bombardeavam como pedras. Cassian fervilhou de ódio.

Que bom. Que ele visse o desperdício de vida, o fim do poço em que ela havia chegado.

— Levante, *inferno*. — As palavras dele eram como um grunhido baixo.

Devlon e o grupo dele haviam retornado, atraídos pela discussão dos dois, e se reuniram além do limite do círculo. Mesmo assim, os olhos castanhos de Cassian permaneciam fixos nela.

Uma suave nota de súplica lampejou por eles.

Levante, sussurrou uma vozinha na cabeça dela, nos ossos. *Não o humilhe dessa forma. Não dê a esses babacas a satisfação de ver Cassian sendo feito de idiota.*

Mas o corpo dela se recusava a se mover. Nestha havia traçado o limite, e ceder — a ele ou a qualquer um...

Algo parecido com desprezo tomou o rosto dele. Desapontamento. Raiva.

Que bom. Mesmo que alguma coisa tenha murchado dentro dela, Nestha não conseguiu conter o alívio.

Cassian deu as costas a ela, sacando a espada que estava guardada em suas costas. E sem dizer mais nada, sem olhar, ele começou seus exercícios matinais.

Que ele a odiasse. Era melhor assim.

Capítulo 6

Cada série de passos e movimentos que Cassian executava era linda, letal e precisa, e Nestha fez de tudo para não o encarar boquiaberta.

Ela nunca fora capaz de tirar os olhos dele. Desde o momento em que se conheceram, ela desenvolveu uma consciência aguçada da presença dele em qualquer espaço, qualquer cômodo. Não conseguia impedir nem bloquear aquilo, por mais que sugerisse o contrário.

Vá! Ele havia implorado a ela enquanto estava deitado, morrendo.

Não posso, chorara ela. *Não posso*.

Nestha não sabia onde fora parar a pessoa que ela havia sido naquele momento. Não conseguia encontrar o caminho de volta até ela.

Mas mesmo sentada naquela pedra encarando os pinheiros que balançavam sobre as montanhas, ela observou Cassian pelo canto do olho, ciente de cada movimento gracioso, do sussurro da respiração controlada dele e do movimento dos cabelos escuros do guerreiro ao vento.

— Trabalhando duro, pelo que estou vendo.

A voz de Morrigan tirou o olhar de Nestha das montanhas e do guerreiro que parecia tanto ser parte delas. A fêmea impressionante estava ao lado dela, com os olhos castanhos brilhando de admiração e fixos em Cassian. Não havia sinal de Devlon ou dos seguidores dele, parecia até que tinham sumido para longe há muito tempo. Será que já haviam se passado duas horas? Mor falou, em um tom tranquilo: — Ele é bonito, não é?

A coluna de Nestha enrijeceu diante do tom caloroso na voz dela.

— Só perguntar a ele.

Nenhuma diversão iluminou o rosto de Morrigan quando ela voltou a atenção para Nestha.

— Por que você não está lá?

— Estou descansando.

O olhar de Morrigan percorreu o rosto de Nestha, reparando a ausência de suor ou da pele corada e o cabelo que mal saíra do lugar. A fêmea disse, baixinho: — Meu voto teria sido para jogar você de volta nas terras humanas, sabe.

— Ah, eu sei. — Nestha se recusou a ficar de pé, a aceitar o desafio. — Que bom que ser irmã de Feyre tem suas vantagens.

O lábio de Morrigan se repuxou. Atrás dela, Cassian tinha parado os movimentos suaves.

Fogo escuro queimava nos olhos de Morrigan.

— Já conheci muita gente como você. — A mão dela desceu até o abdômen. — Nunca merecem o benefício da dúvida que pessoas boas como ele lhes dão.

Nestha estava muito ciente daquilo. E sabia de que tipo de pessoa Morrigan estava falando — aquelas que viviam na Corte dos Pesadelos na Cidade Escavada. Feyre jamais contara a ela a história toda, mas Nestha sabia dos detalhes básicos: os monstros que tinham atormentado e brutalizado Morrigan até ela ser jogada aos lobos.

Nestha se apoiou nas mãos e o frio da rocha penetrou suas luvas. Ela abriu a boca, mas Cassian se aproximava das duas, sem fôlego e brilhando de suor.

— Você chegou cedo.

— Queria ver como as coisas estavam indo. — Morrigan tirou o olhar incandescente de Nestha. — Parece que hoje foi um começo

lento.

Cassian passou os dedos pelos cabelos.

— Pode-se dizer que sim.

Nestha trincou o maxilar tão forte que doeu.

Morrigan estendeu a mão a ele, e depois esticou a outra na direção de Nestha sem sequer olhá-la.

— Vamos?

Morrigan era uma enxerida prepotente.

Esse pensamento assolou Nestha enquanto ela estava na biblioteca subterrânea sob a Casa do Vento. Uma enxerida prepotente e vaidosa.

Cassian não tinha falado com ela depois de voltarem. Ela nem esperara para ver se ele ofereceria almoço antes de ir para o quarto tomar um banho para aquecer os ossos.

Quando Nestha saiu, viu que haviam passado um bilhete por baixo da porta. Com letras cursivas e fortes, o recado dizia que ela deveria estar na biblioteca às 13 horas. Sem ameaças, sem promessas de mandá-la para as terras humanas. Como se ele não ligasse se ela obedecia ou não.

Bom, pelo menos derrotar Cassian tinha sido mais rápido do que ela antecipara.

Nestha havia se aventurado na biblioteca não porque desejou obedecer aos comandos dele ou de Rhysand, mas porque a alternativa era igualmente insuportável: ficar sentada no quarto silencioso, sem nada além do rugido na mente para preencher o silêncio.

Fazia mais de um ano desde que ela estivera ali embaixo. Desde aqueles momentos assustadores quando os assassinos de Hybern tinham entrado de fininho e perseguido Feyre e ela até o centro escuro da biblioteca. Ela olhou pela beira do corrimão de mármore da escada, diretamente para o fosso sombrio lá embaixo. Não havia mais nenhuma criatura ancestral adormecida na escuridão, mas a falta de luz ainda se fazia presente. E no fundo havia o chão em que

Cassian tinha aterrissado, procurando por ela. O rosto dele ficara tão contorcido de ódio quando viu o medo nos olhos dela...

Nestha afastou o pensamento. Afastou o tremor que a percorreu, e se concentrou na fêmea sentada à escrivaninha, quase escondida por colunas de livros empilhados.

As mãos da fêmea estavam detonadas. Não havia um jeito educado de descrevê-las além disso. Ossos tortos e retorcidos, dedos em ângulos errados... Feyre certa vez mencionara que as sacerdotisas naquela biblioteca não haviam tido uma vida fácil. No mínimo.

Nestha não queria saber o que tinham feito a Clotho, a grã-sacerdotisa da biblioteca, para deixá-la naquele estado. Ter a língua cortada, então ser deliberadamente curada assim para que o dano jamais pudesse ser desfeito. Machos a haviam ferido e...

Mãos a empurrando bem para baixo, até a água congelante, vozes gargalhando e debochando.

Um rosto bruto de macho sorrindo ao antecipar o troféu que seria puxado para fora...

Ela não conseguiu impedir. Não conseguiu salvar Elain, que chorava no chão. Não conseguiu salvar a si mesma. Ninguém viria salvá-la, e aqueles machos fariam o que quisessem, e o corpo dela não era dela, não era humano — não por muito mais tempo...

Nestha trouxe os pensamentos de volta ao presente, afastando a lembrança.

Com o rosto escondido nas sombras do capuz pálido, Clotho estava sentada em silêncio, como se tivesse visto os pensamentos percorrerem Nestha, como se soubesse com que frequência as lembranças daquele dia em Hybern a despertavam. A pedra azul límpida que coroava o capuz do manto de Clotho tremeluziu como um Sifão à luz fraca quando ela passou um pedaço de pergaminho para o outro lado da escrivaninha.

Pode começar hoje colocando na prateleira os livros do Nível Três. Pegue a rampa atrás de mim para chegar até lá. Haverá um carrinho com os livros, que estão organizados alfabeticamente pelo nome do autor. Se não tiver autor, coloque de lado e peça ajuda no fim do seu turno.

Nestha assentiu.

— Quando acaba meu turno?

Usando os pulsos e o dorso das mãos, Clotho puxou para perto um pequeno relógio. Apontou com uma articulação protuberante para o marcador das 18 horas.

Cinco horas de trabalho. Nestha conseguiria.

— Certo.

Clotho a avaliou de novo. Como se pudesse ver o mar agitado e revolto dentro dela, que se recusava a deixá-la quieta por sequer um momento, que se recusava a deixá-la ter um segundo de paz.

Nestha abaixou os olhos para a escrivaninha. Obrigou-se a expirar. Mas quando o suspiro escapou de seus lábios, aquele pesar familiar entrou em cena.

Sou inútil e não presto para nada, foi o que Nestha quase falou. Ela não tinha certeza de por que as palavras tinham vindo à tona, de como haviam pressionado seus lábios para que as proferissem. *Odeio tudo o que sou. E estou tão, tão cansada. Estou cansada de querer estar em qualquer lugar que não seja minha cabeça.*

Ela esperou que Clotho gesticulasse, que fizesse qualquer coisa que indicasse que tinha ouvido os pensamentos.

A sacerdotisa indicou a biblioteca acima e abaixo. Uma dispensa silenciosa.

Com os pés pesados, Nestha seguiu para a rampa.

Era uma tarefa braçal, mas requeria tanta concentração que o tempo voou e a mente dela se aquietou, abrindo espaço para um pacífico vazio.

Ninguém se aproximou de Nestha conforme ela caçava seções e prateleiras e seus dedos percorriam as lombadas dos livros à procura do lugar certo. Havia ao menos três dúzias de sacerdotisas que trabalhavam, pesquisavam e curavam ali, embora fosse quase impossível contá-las, já que todas usavam as mesmas vestes pálidas e tantas mantinham os capuzes no rosto. Aquelas que deixavam os capuzes para baixo haviam sorrido hesitantemente para ela.

Aquele era o santuário delas, presenteado por Rhysand. Ninguém podia entrar sem permissão.

O que significava que aprovavam a presença de Nestha, por qualquer que fosse o motivo.

As mãos de Nestha estavam quase murchas devido à poeira quando um sino tocou seis badaladas metálicas pela cavernosa biblioteca, ecoando desde os andares superiores até o fosso escuro. Algumas sacerdotisas se levantaram das escrivaninhas e cadeiras de cada andar onde trabalhavam, enquanto outras permaneceram.

Ela encontrou Clotho na mesma escrivaninha. Será que a sacerdotisa levantava o capuz? Deveria, para poder tomar banho, mas será que mostrava o rosto a alguém?

— Acabei por hoje — anunciou Nestha.

Clotho passou outro bilhete pela escrivaninha.

Obrigada pela ajuda. Vemos você amanhã.

— Tudo bem. — Nestha colocou o bilhete no bolso.

Mas Clotho estendeu a mão quebrada. Nestha observou espantada quando uma caneta-tinteiro pairou acima de um pedaço de papel e começou a escrever.

Vista roupas que não se incomoda de sujar de poeira. Vai estragar esse lindo vestido aqui.

Nestha olhou para o vestido cinza que tinha colocado.

— Tudo bem — repetiu ela.

A caneta começou a se mover de novo, enfeitiçada de alguma forma que a permitia se conectar com os pensamentos de Clotho. *Foi um prazer conhecer você, Nestha. Feyre fala muito bem de você*.

Nestha se virou.

— Ninguém gosta de mentirosos, Sacerdotisa.

Ela podia ter jurado que um suspiro de diversão pairou por baixo do capuz da fêmea.

Cassian não apareceu para jantar.

Nestha tinha parado no quarto dela apenas por tempo o bastante para lavar a poeira das mãos e do rosto, e então quase correu para cima, com o estômago roncando.

A sala de jantar estava vazia. A mesa posta para um confirmava que ela faria uma refeição solitária.

Nestha encarara a cidade banhada pelo pôr do sol lá embaixo, os únicos barulhos eram o vestido dela farfalhando e a cadeira rangendo.

Por que estava surpresa? Tinha humilhado Cassian no Refúgio do Vento. Ele estava provavelmente com os amigos na casa do rio, reclamando com eles para que encontrassem outra forma de lidar com ela.

Um prato de comida surgiu, jogado cerimoniosamente no descanso de mesa. Até a Casa a odiava.

Nestha fez careta para o cômodo de pedras vermelhas.

— Vinho.

Nada surgiu. Ela levantou a taça adiante.

— *Vinho*.

Nada. Ela tamborilou as unhas na superfície lisa da mesa.

— Você recebeu ordens de *não* me dar vinho?

Falando com uma casa: um novo fundo do poço.

Mas como se em resposta, a taça se encheu de água.

Nestha grunhiu para o arco aberto às suas costas.

— Engraçadinha.

Ela avaliou a comida: metade de um frango assado temperado com o que cheirava a alecrim e tomilho; purê de batatas nadando em manteiga; e vagem salteada no alho.

Aquele silêncio rugiu em sua mente, no cômodo.

Ela tamborilou de novo.

Ridículo. Essa coisa toda, essa interferência superior era *ridícula*.

Nestha ficou de pé e se dirigiu à porta.

— Fique com seu vinho. Eu mesma pego.

Capítulo 7

Sem a magia da Muralha bloqueando o acesso às terras humanas, Mor atravessou com Cassian depois do pôr do sol direto para a mansão que tinha se tornado lar e quartel general de Jurian, Vassa e — pelo visto — Lucien. Mesmo depois de mais de um ano, a devastação da guerra era evidente na propriedade: árvores caídas, trechos vazios de terra onde nada havia crescido ainda e uma vastidão desértica generalizada que fazia a casa de pedra cinza parecer uma sobrevivente acidental. Ao luar, a brutalidade era ainda mais nítida, os resquícios de árvores brilhavam prateados e as sombras na terra manchada eram mais profundas.

Cassian não sabia a quem a casa tinha pertencido, e aparentemente os novos ocupantes também não. Feyre dissera a ele que o grupo se chamava de o Bando de Exilados. Cassian riu consigo mesmo ao pensar naquilo. Mor não se demorou depois de deixá-lo à porta arqueada de madeira da casa, sorrindo de uma forma que dizia a ele que mesmo que Cassian implorasse para que ela ajudasse, ela não ajudaria. Não, ela queria vê-lo bancar o cortesão, exatamente como Rhys havia pedido.

Cassian não tinha planejado começar aquela missão hoje, mas depois daquela tentativa desastrosa de uma lição com Nestha, ele precisava fazer alguma coisa. Qualquer coisa.

Nestha sabia exatamente o que estava fazendo quando se recusou a sair daquela pedra. Que impressão passaria para Devlon e aqueles outros babacas vaidosos. Ela sabia e tinha feito mesmo assim.

Então, assim que deixou Nestha na Casa, Cassian foi para um penhasco deserto no mar, onde o rugido da arrebentação abafava o calor revolto nos ossos dele.

Ele parou na casa do rio para admitir seu fracasso, mas Feyre apenas fervilhou de irritação com o comportamento de Nestha, e Rhys dera a ele um olhar de divertimento cauteloso.

Foi Amren quem disse, por fim, *Deixe que ela cave o próprio túmulo, menino. E, depois, ofereça a mão a ela.*

Achei que era isso que tinha acontecido durante esse último ano, replicou ele.

Continue estendendo a mão, fora a única resposta de Amren.

Ele havia encontrado Mor logo depois disso, explicou que precisava ser transportado, e ali estava. Cassian levantou o punho para a porta, mas a placa de madeira se afastou antes que ele conseguisse tocá-la.

O rosto bonito e coberto de cicatrizes de Lucien surgiu, e o olho dele tremia.

— Achei que tivesse sentido mais alguém chegando.

Cassian entrou na casa e as tábuas do piso rangeram sob suas botas.

— Você acabou de chegar?

— Não — respondeu Lucien. Cassian notou a tensão dos ombros dele sob o casaco cinza-escuro que vestia e o silêncio desconfortável que emanava de cada pedra da casa. Ele prestou atenção na disposição da construção, para caso precisasse lutar para sair. O que, considerando o desprazer que Lucien irradiou enquanto caminhava a passos largos até a porta em arco à esquerda deles, parecia uma possibilidade real.

Sem se virar, Lucien disse:

— Eris está aqui.

Cassian não hesitou. Não levou a mão à faca presa a sua coxa, embora fosse difícil bloquear a memória do rosto surrado de Mor. Do bilhete pregado ao abdômen dela, do corpo nu da fêmea jogado como lixo na fronteira da Corte Outonal. O maldito canalha a havia encontrado e a *deixara* ali. Ela ficara à beira da morte e...

Os planos de Cassian para o que um dia faria com ele iam muito além da dor que uma faca poderia infligir. O sofrimento de Eris duraria semanas. Meses. Anos.

Cassian não se importava que Eris tivesse convencido Keir a atrasar a visita a Velaris, aparentemente fazendo aquilo por qualquer pingo de bondade que ainda tinha. Não ligava que Rhys notara algo em Eris capaz de conquistar sua confiança. Nada disso importava porra nenhuma. A atenção de Cassian se voltou para o macho de cabelos ruivos sentado perto da lareira crepitante na sala de estar surpreendentemente chique. Ele sabia muito bem que deveria ficar de olho nos inimigos.

Eris estava jogado em uma poltrona dourada, com as pernas cruzadas. Seu rosto pálido era retrato da arrogância cortesã.

Os dedos de Cassian se fecharam. Nos últimos cinco séculos, tinha que se controlar sempre que o encontrava. Controlar aquele ódio ofuscante diante da mera visão do macho.

Eris sorriu, bastante ciente disso.

— Cassian.

O olho dourado de Lucien emitiu um clique, percebendo o ódio de Cassian enquanto, com o olho castanho-avermelhado restante, deixava evidente sua preocupação.

O macho tinha crescido com Eris. Lidara com a crueldade de Eris e de Beron. Teve a amante assassinada pelo próprio pai. Mas Lucien tinha aprendido a se manter calmo.

Tudo bem. Essa reunião havia sido um pedido de Rhys. Cassian precisava pensar como Rhys, como Mor. Tinha que deixar o ódio de lado.

Cassian se permitiu um segundo para fazer isso, vagamente ciente de que Vassa dizia alguma coisa. Ele havia notado e parcialmente ignorado os dois humanos na sala: o guerreiro de cabelos castanhos — Jurian — e a jovem rainha de cabelos ruivos.

Se Rhys e Mor estivessem aqui... Não diriam uma palavra sequer sobre nada diante de Eris. Fingiriam que aquela era uma visita amigável, para ver como as terras humanas estavam indo. Mesmo que Eris fosse muito provavelmente aliado deles.

Não, Eris *era* aliado deles. Rhys tinha negociado e trabalhado com ele. Eris sempre havia cumprido com sua parte. Rhys confiava nele. Mor, apesar de tudo o que havia acontecido, confiava nele. Mais ou menos. Então Cassian supôs que devesse confiar também.

A cabeça dele doía. Eram tantas coisas para ponderar. Ele já tinha passado por isso em campos de batalha, mas aqueles jogos mentais e teias de mentiras... *Por que* Rhys pedira a ele que fizesse aquilo? Ele fora direto ao lidar com os illyrianos: tinha exposto o inferno que cairia sobre eles caso se rebelassem, e aparecera para ajudar com o que quer que precisassem. Isso não era de modo algum comparável com aquilo.

Cassian piscou, e registrou o que Vassa tinha dito: *General Cassian. Um prazer*.

Ele deu a rainha uma breve e superficial reverência.

— Vossa Majestade.

Jurian tossiu, e Cassian olhou para o guerreiro humano. Ex-humano? Parcialmente humano? Não sabia. Jurian tinha sido despedaçado por Amarantha e sua consciência, de alguma forma, ficou presa dentro do olho, o qual ela havia prendido em um anel e usado durante quinhentos anos. Até que os ossos remanescentes dele foram usados por Hybern para ressuscitar seu corpo e retornar sua essência para aquela forma, a mesma que tinha liderado exércitos naqueles antigos campos de batalha durante a Guerra. Quem era Jurian agora? *O que* ele era?

Do lugar que ocupava, em um sofá cor-de-rosa ridículo próximo à parede mais afastada, Jurian falou:

— Ela fica toda convencida quando alguém a chama assim.

Vassa se esticou, o casaco cobalto dela contrastava profundamente com o vermelho-dourado do cabelo. Das três pessoas ruivas naquela sala, Cassian achava a rainha humana a mais bela: o tom reluzente da pele, os olhos azuis grandes e puxados para cima, emoldurados por cílios e sobrancelhas escuras,

e o cabelo vermelho sedoso, o qual ela havia cortado na altura dos ombros desde a última vez que ele a vira.

Vassa disse a Jurian:

— Eu *sou* uma rainha, sabe.

Rainha à noite e pássaro de fogo de dia, vendida pelas compatriotas rainhas humanas para um mestre feiticeiro que a havia encantado. Condenando-a a se transformar a cada alvorecer em um pássaro de fogo e cinzas. Cassian tinha esperado até o pôr do sol para visitar, para encontrá-la na forma humana. Ele precisava que Vassa fosse capaz de falar.

Jurian cruzou um tornozelo sobre o joelho. As botas enlameadas ficaram opacas à luz da lareira.

— Até onde sei, seu reino não é mais seu. Você ainda é uma rainha?

Vassa revirou os olhos, então mirou Lucien, que afundou no sofá ao lado de Jurian. Como se o macho feérico tivesse resolvido discussões semelhantes entre os dois antes. Mas a atenção de Lucien estava sobre Cassian.

— Veio com novidades ou com ordens?

Bastante ciente da presença de Eris perto da lareira, Cassian manteve o olhar sobre Lucien.

— Nós lhe damos ordens como nosso emissário. — Ele assentiu para Jurian e Vassa. — Mas quando está com seus amigos, só lhe damos sugestões.

Eris riu com deboche. Cassian o ignorou, e perguntou a Lucien:

— Como está a Corte Primaveril?

Ele precisava dar crédito a Lucien: o macho de alguma forma conseguia se deslocar entre seus três papéis — emissário da Corte Noturna, aliado de Jurian e Vassa e representante de Tamlin — e ainda se vestir impecavelmente.

O rosto de Lucien não revelou nada sobre como Tamlin e a corte dele estavam.

— Está bem.

Cassian não sabia por que esperava uma notícia sobre o Grão-Senhor da Corte Primaveril. Lucien só dava essas notícias em particular para Rhys.

Eris riu com escárnio de novo diante do jeito atrapalhado de Cassian, e, incapaz de se conter, Cassian por fim se virou para ele.

— O que você está fazendo aqui?

Eris nem se deu ao trabalho de se mexer na cadeira.

— Algumas dúzias de soldados meus estavam patrulhando minhas terras há vários dias e não retornaram com notícias. Não encontramos sinal de batalha. Nem mesmo meus farejadores puderam rastreá-los além do último lugar em que estiveram.

Cassian franziu as sobrancelhas. Ele sabia que não deveria deixar nada transparecer, mas... Aqueles farejadores eram os melhores de Prythian. Cães abençoados com uma magia muito particular. De cor cinza e reluzentes como fumaça, podiam rastrear com a velocidade do vento, farejar qualquer presa. Eram tão estimados que a Corte Outonal proibia que fossem dados ou vendidos além de suas fronteiras, e eram tão caros que apenas a nobreza os possuía. E se reproduziam tão raramente que era extremamente difícil encontrar um sequer. Eris, Cassian sabia, tinha 12.

— Nenhum deles tinha o poder de atravessar? — perguntou Cassian.

— Não. Embora a tropa seja uma das minhas mais habilidosas em combate, nenhum dos soldados tem magia ou é de linhagem notável.

A palavra *linhagem* foi atirada a Cassian com um risinho. Babaca.

Vassa disse:

— Eris veio ver se eu consigo pensar em algum motivo pelo qual os soldados dele possam ter se metido em encrenca com humanos. Os farejadores detectaram cheiros estranhos no local em que sumiram. Alguns que pareciam humanos, mas eram... esquisitos, de algum jeito.

Cassian ergueu uma sobrancelha para Eris.

— Você acha que um grupo de humanos conseguiria matar seus soldados? Então eles não podem ser *tão* habilidosos assim.

— Depende do humano — falou Jurian, cujo rosto estava sombrio. O de Vassa era um espelho do dele.

Cassian fez uma careta.

— Desculpe. Eu... desculpe.

Que ótimo cortesão.

Mas Eris deu de ombros.

— Acho que há muita gente interessada em atiçar outra guerra, e este seria o início dela. Embora talvez a sua corte tenha feito isso. Eu não diria que está aquém de Rhysand atravessar com meus soldados para longe e plantar cheiros misteriosos para nos confundir.

Cassian lançou a ele um olhar selvagem.

— Somos aliados, lembra?

Eris deu a ele um sorriso idêntico.

— Sempre.

Cassian não conseguiu se conter.

— Talvez você tenha feito seus próprios soldados sumirem, se é que sumiram mesmo, e só está inventando isso pelo mesmo motivo de merda que acabou de dar.

Eris riu, mas Jurian interrompeu:

— Houve tensões entre os humanos com relação à sua gente. Mas até onde sabemos, até onde soubemos pelas forças de Lorde Graysen, os humanos daqui mantiveram as antigas fronteiras de demarcação, e não têm interesse em criar problemas.

A palavra *ainda* ficou implícita.

Será que perguntar sobre as rainhas humanas no continente revelaria os planos de Rhys? O papo tinha tomado esse rumo, de modo que ele podia mencionar isso e fazer passar por conversa fiada, em vez de como o motivo pelo qual tinha ido até ali... Merda, a cabeça de Cassian doía.

— E quanto a suas... suas irmãs? — Ele apontou com a cabeça para Vassa. — Será que elas teriam alguma coisa a ver com isso?

O olhar de Eris disparou até ele, e Cassian conteve um palavrão. Talvez tivesse falado demais. Desejava que Mor estivesse ali. Mesmo que colocar ela e Eris na mesma sala... Não, ele a pouparia daquele sofrimento.

Os olhos cerúleos de Vassa ficaram sombrios.

— Estávamos chegando nesse assunto, na verdade. — Ela indicou Cassian. — Você ouviu os mesmos boatos que nós: elas estão se mobilizando de novo do outro lado do oceano, e estão prontas para causar problemas.

— Mas a verdadeira questão é: será que são burras o bastante para fazerem isso? — disse Jurian.

— Elas são tudo menos burras — disse Lucien, sacudindo a cabeça. — Mas deixar um cheiro humano no local é uma pista tão óbvia que parece improvável que tenha sido uma delas.

— Qualquer movimento que fazem é profundamente calculado — disse Vassa, olhando para a parede de janelas que dava para as terras destruídas adiante. — Embora eu não consiga imaginar por que qualquer uma delas capturaria seus soldados — disse ela a Eris, que parecia monitorar cada palavra que saía da boca deles. — Há outros feéricos no próprio continente, então por que se dar o trabalho de cruzar o mar para pegar os seus? E por que não os da Corte Primaveril? Tamlin não notaria ninguém faltando a esta altura.

Lucien se encolheu, e Cassian, embora tenha ficado com vontade de sorrir ao pensar naquele canalha sofrendo, percebeu que franzia a testa. Se a guerra estava chegando, eles precisavam de Tamlin e das tropas dele em forma para a batalha. Precisavam que Tamlin estivesse preparado. Rhys andara visitando o Grão-Senhor regularmente, certificando-se tanto de que ele estava do lado deles quanto de que era capaz de liderar.

Como Rhys conseguia não matar o Grão-Senhor da Primaveril era algo que Cassian ainda não conseguia entender.

Mas era por isso que Rhys era o Grão-Senhor e Cassian, a espada dele.

Ele sabia que, se algum dia conseguisse o nome do humano desgraçado que tinha colocado as mãos em Nestha, nada o impediria de encontrá-lo. Uma conversa que ele tivera com Nestha anos antes, quando ela ainda era humana, sempre estava à espreita no fundo da sua mente. O modo como ela enrijeceu ao toque dele, fazendo-o entender — ele sentira o cheiro e vira o medo nos olhos dela, e *soube* — que um homem a havia ferido. Ou tentara. Ela jamais havia contado a ele os detalhes, mas confirmou o suficiente ao se recusar a dar o nome do homem. Cassian costumava pensar em como o mataria, caso Nestha desse seu aval. Arrancar a pele seria um bom começo.

Seus amigos entenderiam a ferida que aquilo abria. Até que ponto aquela ferida antiga o motivaria. Um acampamento illyriano

devastado foi tudo o que restou da última vez que ele se permitiu afundar até aquele nível de ódio.

E Rhys o designara para bancar o cortesão. Para afastar a espada e usar as palavras. Era uma piada.

Eris descruzou as pernas.

— Suponho que isso possa ser para semear tensão entre nós. Para nos fazer suspeitar uns dos outros. Enfraquecer nossos laços.

— É uma coisa que Hybern teria feito — concordou Jurian. — Ele talvez tenha ensinado uma ou duas coisas a elas. — Antes de Nestha o decapitar.

Mas Vassa falou:

— As rainhas não precisam ser ensinadas. Elas eram muito bem versadas em traição antes de sequer contatarem Hybern. E já lidaram com monstros muito maiores do que ele.

Cassian podia jurar que chamas ondularam pelos olhos azuis dela.

Tanto Jurian quando Lucien a encararam, o rosto do primeiro estava completamente indecifrável, e o do segundo estampava compaixão. Cassian conteve um sobressalto. Ele devia ter perguntado a alguém antes de ir até lá quanto tempo restava até que Vassa fosse forçada a voltar para o continente — para o mestre feiticeiro que segurava a coleira dela em um lago remoto e que permitira que Vassa saísse apenas temporariamente, como parte de um acordo que o pai de Feyre tinha feito.

O pai de Feyre... e pai de Nestha. Cassian bloqueou a memória do pescoço do homem sendo partido. Do rosto de Nestha quando aquilo aconteceu. E decidindo mandar a precaução para os ares, perguntou:

— Qual das rainhas faria algo tão ousado assim?

O rosto de Vassa ficou tenso.

— Briallyn.

A rainha outrora jovem que havia sido transformada em Grã-Feérica pelo Caldeirão. Contudo, em meio ao ódio por causa do que Nestha havia tomado dele, o Caldeirão punira Briallyn. Ela foi Feita uma feérica imortal, sim — mas murchou até se parecer uma anciã. Condenada a ser velha durante milênios.

Ela não escondera o ódio por Nestha. O desejo de vingança.

Se Briallyn agisse contra Nestha, ele mataria a rainha com as próprias mãos.

Cassian tentava pensar apesar da besta que urrava em sua cabeça e contraía cada músculo de seu corpo, sedenta pela única coisa que poderia acalmá-la. Violência e muito sangue.

— Calma — disse Lucien.

Cassian grunhiu.

— *Calma* — repetiu Lucien, e uma chama chiou no olho castanho-avermelhado dele.

A chama, o domínio surpreendente que ela emanava, atingiu Cassian como uma pedra na cabeça e arrancou dele a necessidade de matar e matar e matar o que quer que o ameaçasse...

Estavam todos encarando. Cassian flexionou os ombros tensos, estendendo as asas. Ele havia revelado muito. Como um brutamontes estúpido, tinha deixado que todos vissem muito, que descobrissem muito.

— Mande aquele seu encantador de sombras rastrear Briallyn — ordenou Jurian, com o rosto sério. — Se ela for, de algum jeito, capaz de capturar uma unidade de soldados feéricos, precisamos saber como. Logo. — A ordem foi proferida como o general que Jurian um dia fora.

Cassian disse a Vassa:

— Acha mesmo que Briallyn faria algo assim? Que seria tão descarada? Alguém deve estar tentando nos enganar para irmos atrás dela.

Lucien perguntou:

— Como ela sequer conseguiria chegar aqui e sumir tão rápido? Cruzar o mar leva semanas. Precisaria atravessar para conseguir.

— As rainhas *atravessam* — corrigiu Jurian. — Fizeram isso durante a guerra, não lembram?

Mas Vassa disse:

— Só quando há muitas de nós juntas. E não é atravessar como os feéricos fazem, é um poder diferente. É parecido com a forma como todos os sete Grão-Senhores podem combinar os poderes para fazer milagres.

Mas que merda.

Eris falou:

— Sei por fonte segura que as outras três rainhas estão dispersadas pelo mundo. — Cassian não falou nada sobre os fatos e as perguntas que aquela informação levantava. Como Eris sabia disso? — Briallyn está morando sozinha no palácio delas há semanas. Muito antes de nossos soldados sumirem.

— Então ela não pode atravessar — concluiu Cassian. — E, mais uma vez, será que ela seria tão tola assim para fazer uma coisa dessas sem as outras rainhas?

Os olhos de Vassa ficaram sombrios.

— Sim. A partida das outras serviria para remover obstáculos às ambições dela. Mas ela só faria isso se tivesse apoio de alguém com um imenso poder. Talvez alguém que mexa os pauzinhos.

Até mesmo o fogo pareceu se calar.

O olho de Lucien fez um clique.

— Quem?

— Você quer saber quem é capaz de fazer uma unidade de soldados feéricos do outro lado do mar sumir? Quem poderia dar a Briallyn o poder de atravessar... ou fazer isso por ela? Quem poderia ajudar Briallyn de forma que ela fosse ousada o suficiente para fazer tal coisa? Investigue Koschei.

Cassian congelou quando lembranças se encaixaram, tão certas quanto um dos quebra-cabeças de Amren.

— O feiticeiro que aprisionou você se chama Koschei? Ele é... ele é o irmão do Entalhador de Ossos? — todos olharam para ele. Cassian explicou: — O Entalhador de Ossos mencionou um irmão para mim certa vez, outro verdadeiro imortal e um senhor da morte. Esse era o nome dele.

— Sim — sussurrou Vassa. — Koschei é... era... o irmão mais velho do Entalhador de Ossos.

Lucien e Jurian olharam para ela surpresos. Mas o olhar de Vassa repousava sobre Cassian. Medo e ódio o preenchiam, como se falar o nome do macho fosse aterrorizante.

A voz dela ficou rouca.

— Koschei não é um mero feiticeiro. Ele está confinado ao lago devido a um feitiço antigo. Porque não foi esperto o bastante certa vez. Tudo o que ele faz é para se libertar.

— Por que é que ele foi aprisionado? — perguntou Cassian.

— A história é longa demais para contar — esquivou-se ela. — Mas saiba que Briallyn e as demais me venderam a ele não para atender aos desejos delas, mas aos dele. Por meio de palavras que ele plantou nas cortes delas, que sussurrou aos ventos.

— Ele ainda está no lago — disse Lucien, com cautela. Cassian lembrava que Lucien estivera lá. Tinha ido com o pai de Nestha até o lago onde Vassa era mantida presa.

— Sim — falou Vassa, com alívio nos olhos. — Mas Koschei é tão velho quanto o mar, mais velho até.

— Alguns dizem que ele é a própria Morte — murmurou Eris.

— Não sei se isso é verdade — disse Vassa —, mas chamam ele de Koschei, o Sem-Morte, porque não há morte o aguardando. É realmente imortal. E teria conhecimento sobre algo que pudesse dar a Briallyn uma vantagem sobre nós.

— E acha que Koschei faria tudo isso não por simpatia pelas rainhas humanas, mas com o objetivo de se libertar? — insistiu Cassian.

— Com certeza. — Vassa olhou para as mãos e flexionou os dedos. — Temo o que pode acontecer se ele se libertar do lago. Se encontrar este mundo à beira do desastre e souber que pode atacar, atacar com tudo, e se tornar mestre dele. Como tentou fazer uma vez, há muito tempo.

— Essas são lendas anteriores às nossas cortes — falou Eris.

Vassa assentiu.

— É tudo o que descobri durante o tempo em que fui escravizada por ele.

Lucien olhou pela janela — como se pudesse ver o lago do outro lado de um mar e um continente. Como se estivesse mirando o alvo.

Mas Cassian já tinha ouvido o suficiente. Não esperou pelas despedidas antes de seguir para a porta em arco e para o corredor da entrada atrás dele.

Dera dois passos além da porta, inspirando o ar noturno frio, quando Eris disse, atrás dele:

— Você é um péssimo cortesão. — Cassian se virou e encontrou Eris fechando a porta e encostando-se nela. O rosto estava pálido e impassível sob o luar. — O que você sabe?

— Tão pouco quanto você — disse Cassian, oferecendo uma verdade que esperava ser considerada como mentira por Eris.

Eris farejou a brisa noturna. Depois sorriu.

— Ela não quis se dar o trabalho de entrar e dizer oi?

Cassian não sabia dizer como Eris havia detectado o cheiro remanescente de Mor. Quem sabe Eris e os cães de fumaça dele tivessem mais em comum do que Cassian imaginava.

— Ela não sabia que você estava aqui.

Mentira. Mor provavelmente tinha sentido. Ele pouparia a ela a dor de voltar lá, e pediria que Rhys o buscasse. Voaria para o norte por algumas horas, até estar ao alcance do poder de Rhys, e então dispararia um pensamento para ele.

O longo cabelo ruivo de Eris voou ao vento.

— O que quer que você esteja fazendo, o que quer que esteja investigando, quero participar.

— Por quê? E não.

— Porque preciso da vantagem que Briallyn tem, o que Koschei contou a ela, ou mostrou.

— Para destronar seu pai.

— Porque meu pai já prometeu as forças dele a Briallyn e à guerra que ela deseja provocar.

Cassian se assustou.

— Como é?

O rosto de Eris foi preenchido por uma diversão fria.

— Eu queria interrogar Vassa e Jurian. — Cassian achou inusitado Eris não ter mencionado o irmão. — Mas eles obviamente sabem pouco sobre isso.

— Explique que porra você quer dizer com Beron ter *prometido* as forças dele a Briallyn.

— É isso mesmo que você ouviu. Ele soube das ambições da rainha e foi até a casa dela há um mês para uma reunião. Fiquei aqui, mas mandei meus melhores soldados com ele. — Cassian conteve uma alfinetada sobre Eris ter ficado de fora, principalmente quando as últimas palavras se assentaram.

— Esses não seriam os mesmos soldados que sumiram, seriam?

Eris assentiu, sério.

— Voltaram com meu pai, mas estavam... diferentes. Distraídos e estranhos. Sumiram logo depois, e meus cães confirmaram que os cheiros na cena são os mesmos que aqueles nos presentes que Briallyn mandou como bajulação pelas graças de meu pai.

— Você sabia que era ela esse tempo todo? — Cassian indicou a casa e as três pessoas dentro dela.

— Você não achou que eu simplesmente daria toda essa informação, achou? Eu precisava que Vassa confirmasse que Briallyn era capaz de fazer algo assim.

— Por que Briallyn se aliaria a seu pai só para sequestrar seus soldados?

— É isso o que quero descobrir.

— O que Beron tem a dizer?

— Ele não sabe. Você sabe como é minha relação com meu pai. E essa aliança profana que ele fez com Briallyn só vai nos fazer mal. A *todos* nós. Vai se tornar uma guerra feérica por controle. Então quero encontrar respostas sozinho, e não no que meu pai tenta me contar.

Cassian avaliou o macho, estudando o rosto sombrio dele.

— Então matamos seu pai.

Eris riu com deboche, e Cassian se irritou.

— Sou a única pessoa para quem meu pai contou sobre essa nova aliança. Se a Corte Noturna avançar, vão me expor.

— Então sua preocupação com a aliança de Briallyn e Beron é pelo que ela significa para você, e não para o resto de nós.

— Só quero defender a Corte Outonal dos piores inimigos.

— Por que eu trabalharia com você nisso?

— Porque somos, de fato, aliados. — O sorriso de Eris se tornou ferino. — E porque não acredito que seu Grão-Senhor desejaria que eu fosse para outros territórios e pedisse a *eles* que ajudassem com Briallyn e Koschei. Que os ajudasse a se lembrar de que, para garantir a aliança de Briallyn, bastaria entregar uma certa irmã Archeron. Não seja burro o bastante para acreditar que meu pai também já não pensou nisso.

O ódio de Cassian fez seus olhos lampejarem em vermelho. Tinha revelado essa fraqueza antes. Deixara Eris ver o quanto Nestha era importante, o que ele faria para protegê-la.

Tolo, ele se amaldiçoou. *Tolo, inútil.*

— Eu poderia matar você agora e nunca mais me preocupar — ponderou Cassian.

Ele gostara de espancá-lo naquela noite no gelo, com Feyre e Lucien. E tinha esperado séculos para matá-lo.

— E assim certamente teria uma guerra nas mãos. Meu pai iria direto para Briallyn, e Koschei, suponho, e depois seguiria para os outros territórios insatisfeitos, e você seria varrido do mapa. Talvez literalmente, pois a Corte Noturna seria dividida entre os outros territórios se Rhysand e Feyre morressem sem um herdeiro.

Cassian trincou a mandíbula.

— Então você vai ser meu aliado, querendo eu ou não?

— E finalmente o brutamontes entendeu. — Cassian ignorou a alfinetada. — Sim. O que você sabe, *eu* quero saber. Vou avisá-lo de qualquer movimento da parte de meu pai em relação à Briallyn. Então mande seu encantador de sombras. E quando ele voltar, me procure.

Cassian o encarou por baixo de sobrancelhas franzidas. A boca de Eris se curvou para cima e, antes de atravessar para a noite como um fantasma, Eris disse:

— Atenha-se a travar batalhas, general. Deixe o governo para aqueles capazes de comandá-lo.

Capítulo 8

Nestha não se deu ao trabalho de ir até a adega. Ou à cozinha. Estariam trancadas.

Mas sabia onde ficavam as escadas. Sabia que aquela porta em especial, pelo menos, não estaria trancada.

Ainda grunhindo, Nestha abriu com um solavanco a pesada porta de carvalho e olhou pela escada íngreme e estreita. Os degraus eram em espiral. Cada um com trinta centímetros de altura.

Dez mil degraus, que giravam e giravam e giravam. Apenas a ocasional janela em fenda oferecia um sopro de ar e um lampejo do progresso.

Dez mil degraus entre ela e a cidade, e depois uma caminhada de no mínimo oitocentos metros desde a base da montanha até a taverna mais próxima. E lá, à sua espera, o divino esquecimento.

Dez mil degraus.

Ela não era mais humana. Aquele corpo de Grã-Feérica conseguiria.

Ela conseguiria.

Ela não conseguiria.

A tontura a atingiu primeiro. Girar sem parar com os olhos fixos no chão para evitar um deslize que poderia matá-la fizera sua cabeça rodar.

O estômago vazio se revirou.

Mas ela se concentrou, contando cada degrau. *Setenta. Setenta e um. Setenta e dois.*

A cidade abaixo nem chegava a parecer mais próxima através das ocasionais janelas em fenda pelas quais ela passava.

Suas pernas começaram a tremer; os joelhos reclamavam do esforço de mantê-la de pé e de terem que se equilibrar em cada degrau da descida íngreme.

Nada além da própria respiração e do som de passos se arrastando preenchiam o espaço estreito. Tudo o que ela conseguia ver era o arco da parede adiante, infinitamente curvo e perfeito. Jamais se alterava, exceto por aquelas minúsculas e raras janelas.

Girando e girando e girando e girando e girando...

Oitenta e seis, oitenta e sete...

Para baixo e para baixo e para baixo e para baixo...

Cem.

Ela parou, não havia nenhuma janela à vista; as paredes a pressionaram, o chão continuou se movendo...

Nestha se recostou na parede de pedra vermelha e deixou que o frio entrasse em sua testa. Respirou.

Restavam nove mil e novecentos degraus.

Apoiando a mão na parede, ela recomeçou a descida.

Sua cabeça girou de novo. As pernas fraquejaram.

Ela conseguiu descer mais onze degraus antes dos joelhos cederem tão subitamente que ela quase escorregou. Apenas sua mão que se agarrou à parede irregular evitou a queda.

A escada girava e girava e girava, e ela fechou os olhos para não ver.

Sua respiração irregular ecoava pelas pedras. E, na quietude, Nestha não tinha defesa contra o que sua mente sussurrava. Ela não conseguiu afastar as últimas palavras que seu pai lhe dissera.

Eu amei você desde o primeiro momento em que a segurei nos braços.

Por favor, implorara ela ao rei de Hybern. *Por favor*.

Mesmo assim, ele partira o pescoço dele...

Nestha trincou os dentes, exalando um fôlego após o outro. Ela abriu os olhos e esticou a perna para dar mais um passo.

A perna tremeu tanto que ela não teve coragem.

Não se permitiu pensar naquilo, se revoltar contra aquilo, quando deu meia-volta. Nem mesmo se deixou sentir a derrota. Suas pernas protestaram, mas ela as forçou para cima. Para longe.

Girando e girando de novo.

Mais e mais para cima, 111 degraus.

Incapaz de segurar o fôlego, estava inegavelmente engatinhando nos últimos trinta degraus. O suor formava poças no corpete do vestido e fazia o cabelo grudar no pescoço encharcado. De que adiantava se tornar Grã-Feérica se não aguentava nem descer essas escadas? Das orelhas pontudas, ela aprendera a gostar. O ciclo irregular, o qual Feyre tinha avisado que seria doloroso, na verdade fora uma bênção, algo com que Nestha ficava feliz em se preocupar apenas duas vezes por ano. Mas de que adiantava tudo isso se ela não conseguia nem conquistar aqueles degraus?

Nestha manteve os olhos em cada degrau, em vez de na parede espiral e na sensação de tontura que ela provocava.

Que Casa desprezível. Que lugar horroroso.

Ela grunhiu quando a porta de carvalho no alto da escada finalmente se tornou visível.

Enterrando os dedos nos degraus com tanta força que as pontas reclamaram de dor, ela se arrastou pelo fim do trajeto, rastejando sobre a barriga até o piso do corredor.

E deu de cara com Cassian, sorrindo encostado na parede adjacente.

Cassian havia precisado de um tempo antes de vê-la de novo.

Ele informara Rhys e os demais assim que retornou, e eles receberam as informações com expressões sérias e sombrias. Ao fim da conversa, Azriel estava se preparando para uma missão de reconhecimento sobre Briallyn enquanto Amren se perguntava que

tipo de poderes ou recursos a rainha e Koschei teriam, se é que tinham, de fato, para ter capturado os soldados de Eris com tanta facilidade.

Cassian fora então incumbido de uma nova ordem: ficar de olho em Eris. *Além do fato de que ele se aproximou de você*, dissera Rhys, *você é meu general. Eris comanda as forças de Beron. Mantenha-se em comunicação com ele.* Cassian havia começado a protestar, mas Rhys lançara um olhar significativo para Azriel, e Cassian cedeu. Az já tinha muito com que lidar. Cassian podia lidar com aquele merda do Eris sozinho.

Eris quer evitar uma guerra que o exporia, sugeriu Feyre. *Se Beron se aliar a Briallyn, Eris seria forçado a escolher entre o pai e Prythian. O cuidadoso equilíbrio que ele forjou ao jogar dos dois lados ruiria. Ele quer agir quando for conveniente para seus planos. Isso ameaça tudo.*

Mas ninguém tinha conseguido decidir qual era a maior ameaça a *eles*: Briallyn e Koschei ou a disposição de Beron de se aliar à rainha e ao feiticeiro. Enquanto a Corte Noturna tentava tornar a paz permanente, o desgraçado fazia o possível para começar outra guerra.

Depois de um jantar incomumente silencioso, Cassian voou de volta para a Casa. Lá, encontrou aberta a porta de carvalho que dava para os degraus e sentiu o cheiro de Nestha por perto.

Então esperou. Contou os minutos.

Tinha valido a pena.

Vê-la rastejando até o alto, ofegante, com o cabelo cacheando devido ao suor que escorria pelo rosto, fez com que o dia de merda que tivera valesse totalmente a pena.

Nestha ainda estava jogada no chão do corredor quando sibilou:

— Quem projetou essas escadas era um monstro.

— Acredita que Rhys, Az e eu tínhamos que subir e descê-las como castigo quando éramos meninos?

Os olhos dela brilharam de raiva — que bom. Era melhor do que aquele frio vazio.

— Por quê?

— Porque éramos jovens, tolos e ficávamos testando os limites de um Grão-Senhor que não entendia pegadinhas envolvendo nudez

pública. — Ele assentiu para a escada. — Fiquei tão tonto na descida que vomitei em Az. Então ele vomitou em Rhys, e Rhys vomitou em si mesmo. Estávamos no auge do verão, e quando fizemos a caminhada para cima, o calor estava insuportável, estávamos todos fedendo e o cheiro na escada ficou terrível. Todos regurgitamos de novo quando passamos pelo vômito.

Ele podia ter jurado que os cantos da boca de Nestha estavam tentando subir.

Cassian não conteve o próprio sorriso diante da lembrança. Mesmo que tivessem precisado descer de novo e limpar tudo.

Ele perguntou:

— Até que degrau chegou?

— Cento e onze. — Nestha não se levantou.

— Patético.

Os dedos dela empurraram o chão, mas o corpo não se moveu.

— Esta Casa idiota não quis me dar vinho.

— Imaginei que essa seria a única motivação para fazer você arriscar dez mil degraus.

Os dedos dela se enterraram no piso de pedra frio mais uma vez.

Cassian lançou a Nestha um sorriso torto, feliz com a distração.

— Você não consegue levantar, não é?

Os braços dela se esforçavam e os cotovelos tremiam.

— Vá voar contra uma pedra.

Cassian se afastou da parede e chegou até Nestha com três passos. Ele passou as mãos por baixo dos braços dela e a puxou para ficar de pé.

Nestha fez careta para ele o tempo todo. E estampou ainda mais raiva no rosto quando cambaleou e ele a segurou com mais firmeza, mantendo-a reta.

— Eu sabia que você estava fora de forma — observou Cassian, afastando-se quando ela provou que não estava prestes a desabar —, mas cem degraus? Mesmo?

— Duzentos, se contar os da subida — grunhiu ela.

— Mesmo assim é patético.

Ela esticou as costas e ergueu o queixo.

Continue estendendo a mão.

Cassian deu de ombros, virou para o corredor e depois para a escada que o levaria até seu quarto.

— Se você ficar de saco cheio de ser fraca como uma gatinha chorona, venha treinar. — Ele olhou por cima de um dos ombros. Nestha ainda estava ofegante e com o rosto corado e furioso. — E participe.

Nestha se sentou à mesa do café da manhã, feliz por ter deixado o quarto logo depois do nascer do sol para subir até a sala de jantar.

Tinha levado o dobro do tempo que normalmente levaria, graças às pernas rígidas e latejantes.

Sair da cama exigira dela uma trincada nos dentes e uma boa quantidade de palavrões. Tudo depois disso só piorara. Abaixar-se para colocar as pernas dentro da calça, ir ao banheiro, até mesmo a simples ação de abrir uma porta. Não havia uma parte das pernas dela que não doesse.

Então ela saiu cedo do quarto, sem querer dar a Cassian a satisfação de vê-la mancar e fazer careta até a sala de jantar.

O problema, é claro, era que agora não tinha certeza se conseguia ficar de pé.

Então ela se demorou muito fazendo a refeição. Estava engolindo o mingau quando Cassian entrou perambulando pelas portas da sala, olhou uma vez para ela e riu.

Ele sabia. De alguma forma, aquele babaca arrogante sabia.

Nestha talvez tivesse dito alguma gracinha, mas Azriel entrou no salão atrás de Cassian. Nestha ajeitou a postura diante da entrada do encantador de sombras. A escuridão se agarrava aos seus ombros conforme ele oferecia seu sorriso sombrio a ela.

Azriel era lindo, para dizer o mínimo. Até mesmo com aquelas mãos cheias de cicatrizes e as sombras que fluíam dele como fumaça, ela sempre o considerara o mais lindo dos três machos que se chamavam de irmãos.

Cassian se sentou na cadeira diante da dela. A comida dele apareceu imediatamente à frente, e o guerreiro disse com uma alegria desmedida: — Bom dia, Nestha.

Ela lançou a ele um sorriso igualmente meloso.

— Bom dia, Cassian.

Os olhos castanhos de Azriel dançaram, mas ele não disse nada ao ocupar seu lugar graciosamente ao lado de Cassian, e um prato com sua comida surgiu.

— Não vejo você há um tempo — disse Nestha a ele. Ela não conseguia se lembrar da última vez, na verdade.

Azriel comeu uma garfada dos ovos antes de responder.

— Igualmente. — O encantador de sombras olhou para as roupas dela. — Como andam os treinos? — Cassian lançou a ele um olhar afiado.

Nestha olhou de um para outro. Não tinha como Azriel não saber sobre o dia anterior. Cassian provavelmente se gabara do incidente com a escada também.

Ela bebericou o chá.

— Fantásticos. Absolutamente cativantes.

A boca de Azriel se repuxou em um canto.

— Espero que não esteja dificultando as coisas para meu irmão.

Ela abaixou a xícara de chá.

— Isso é uma ameaça, Encantador de Sombras?

Cassian tomou um longo gole do próprio chá. Virou até a borra.

Azriel respondeu, friamente:

— Não preciso recorrer a ameaças. — As sombras se encolheram ao redor dele, como cobras prontas para o bote.

Nestha lançou a ele um sorriso, encarando-o de volta.

— Nem eu.

Ela se recostou na cadeira e disse a Cassian, que estava franzindo a testa para os dois: — Quero treinar com ele em vez de você.

Ela podia jurar que Cassian ficou imóvel. Interessante.

Azriel tossiu dentro do chá.

Cassian tamborilou na mesa.

— Acho que vai descobrir que Az é ainda menos piedoso do que eu.

— Com esse rostinho lindo? — cantarolou ela. — Acho difícil acreditar.

Azriel abaixou a cabeça, concentrando-se na comida.

— Quer treinar com Az — disse Cassian, tenso —, então vá em frente. — Ele pareceu pensativo por um momento, seus olhos se iluminaram antes de ele acrescentar: — Embora eu duvide que você sobreviva a uma lição com ele, já que não consegue nem descer cem degraus sem ficar tão dolorida na manhã seguinte que não consegue levantar da cadeira.

Ela colocou os pés no chão. Ele veria cada pingo de dor no rosto dela caso Nestha se levantasse, mas deixá-lo achar que estava certo...

Azriel estudou os dois quando ela plantou as mãos na mesa, conteve o grito e ficou de pé com muita pressa.

Cassian enfiou mais ovos na boca e disse, entre mastigadas:

— Não vale quando você usa as mãos para fazer a maior parte do trabalho.

Nestha transformou sua expressão para desdém puro, mesmo que um chiado estivesse ascendendo por dentro dela.

— Aposto que não é isso o que você tem dito a si mesmo à noite.

Os ombros de Azriel chacoalharam com uma risada silenciosa quando Cassian soltou o garfo. Seus olhos brilhavam com o desafio.

A voz de Cassian baixou uma oitava.

— É isso que aqueles seus livros obscenos ensinam? Que só acontece à noite?

Levou um segundo para as palavras se assentarem. E ela não conseguiu impedir o calor que lhe subiu ao rosto, o olhar para as poderosas mãos dele. Mesmo com Azriel agora mordendo o lábio para evitar rir, ela não conseguiu se segurar.

Cassian falou, com um sorriso malicioso:

— Pode ser a qualquer hora, à primeira luz do dia, ou quando estou no banho, ou até mesmo depois de um longo e duro dia de treino.

Ela não deixou de notar a sutil ênfase que ele colocou em *longo* e *duro*.

Nestha não conseguiu evitar que os dedos dos pés se flexionassem nas botas. Mas ela respondeu, com um leve sorriso, caminhando até a porta, recusando-se a deixar que um pingo sequer do desconforto nas pernas doloridas ficasse evidente: — Parece que você tem bastante tempo nas mãos, Cassian.

— Você está atolado na merda — disse Azriel, tranquilamente, na varanda fria enquanto Nestha vestia a capa do lado de dentro.

— Eu sei — murmurou Cassian. Ele não fazia ideia de como tinha acontecido: como tinha passado de debochar de Nestha a provocá-la com os próprios hábitos íntimos. Depois, imaginou a mão *dela* fechada sobre ele, tocando-o, até que ele estivesse a um segundo de explodir da cadeira e saltar até o céu.

Ele sabia que Az tinha percebido a mudança em seu cheiro. A forma como sua pele tinha se arrepiado com o jeito como ela havia dito o nome dele, o pênis que latejava insistentemente ao se esfregar contra os botões da calça.

Cassian conseguia contar em uma das mãos o número de vezes que ela se dirigira a ele pelo nome.

Pensar naquela mão o remeteu à mão dela, apertando-o com brutalidade e força, bem como ele gostava...

Cassian trincou os dentes e inspirou o ar gelado da manhã. Desejou que a brisa o acalmasse. Obrigou-se a focar na doce canção do vento matinal. O vento em torno de Velaris sempre fora delicioso, suave. Não era como a amante cruel e impiedosa que governava os picos de Illyria.

Az riu e o vento soprou as mechas do cabelo escuro dele.

— Vocês dois precisam de um supervisor lá em cima?

Sim. Não. Sim.

— Achei que você fosse o supervisor.

Az lançou a ele um olhar malicioso.

— Não tenho tanta certeza de que sou capaz para o trabalho.

Cassian o dispensou com um gesto.

— Boa sorte hoje.

Az partiria em breve para começar a espionar Briallyn — Feyre tinha decidido na noite anterior. Embora Rhys tivesse pedido a Cassian que investigasse as rainhas humanas, o subterfúgio recairia sobre Az.

Os olhos castanhos de Azriel brilharam. Ele apertou o ombro de Cassian, sua mão era como um peso morno contra o frio.

— Boa sorte para você também.

Cassian não sabia por que achou que Nestha entraria no ringue de treino com ele hoje. Ela sentou a bunda na mesma pedra do dia anterior e não se moveu.

Quando Mor apareceu para atravessar com eles até o acampamento, Cassian tinha conseguido recuperar o autocontrole o bastante para não pensar mais em qual seria a sensação das mãos de Nestha e começar a considerar o que eles fariam naquele dia. Tinha planejado manter a duração da aula em uma hora, então a deixaria na antiga casa da mãe de Rhys enquanto fazia uma verificação de rotina no progresso da reconstrução das fileiras das tropas de guerra illyrianas.

Ele não mencionaria que, dependendo do que Az descobrisse, talvez estivessem prestes a batalhar novamente.

Também não contou nada a Nestha. Principalmente sobre Eris. Ela deixara seu desprezo pelos reinos feéricos bastante evidente. E coitado de Cassian se desse a ela mais uma arma verbal para usar contra ele, pois ela provavelmente enxergaria a verdade e perceberia que ele sabia que toda essa maquinação e planejamento políticos estavam muito além de suas habilidades.

Cassian também não se permitiu considerar se era sábio deixá-la sozinha ali até mesmo por uma hora.

— Então voltamos a isso? — perguntou Cassian, ignorando como cada babaca do acampamento estava de olho nele. Neles. Nela.

Nestha limpava as unhas enquanto as mechas do cabelo trançado voavam livres ao vento. Ela se curvara sobre os joelhos, mantendo o corpo o mais compacto possível.

Ele falou:

— Você não sentiria tanto frio se ficasse de pé e se mexesse.

Ela apenas cruzou um tornozelo sobre o outro.

— Se quiser se sentar nessa pedra e congelar durante as próximas duas horas, vá em frente.

— Tudo bem.

— Tudo bem.

— *Tudo bem*.

— Boa, Nes. — Ele lançou a ela um sorriso debochado que sabia que a deixava fervilhando de raiva e saiu andando até o centro da área de treino. Cassian parou bem no meio, permitindo que sua respiração assumisse o controle.

Quando ela não respondeu, ele se permitiu entrar naquele lugar calmo e tranquilo dentro da mente, deixou que o corpo começasse a série de movimentos que ele havia realizado durante cinco séculos seguidos.

Os primeiros passos serviam para lembrar seu corpo de que era hora de começar a trabalhar. Alongamento e respiração, a concentração que ia dos dedos dos pés às asas. Despertando tudo.

Ficava mais difícil a partir dali.

Cassian cedeu ao instinto, ao movimento e à respiração. Estava apenas remotamente atento à fêmea que o observava daquela pedra.

Continue estendendo a mão.

Cassian estava ofegante quando terminou, uma hora depois. Nestha, para sua satisfação, tinha ficado rígida de frio.

Mas não havia se mexido. Nem mesmo mudara de posição durante os exercícios dele.

Limpando o suor da testa, Cassian notou que os lábios dela tinham assumido um tom azul. Inaceitável.

Ele indicou a casa da mãe de Rhys.

— Vá esperar lá. Tenho negócios a resolver.

Ela não se moveu.

Cassian revirou os olhos.

— Você pode ou ficar aqui fora durante a próxima hora, ou entrar e se aquecer.

Ela não era tão teimosa assim, era?

Ainda bem que uma lufada de vento gelado atingiu o acampamento naquele exato momento, e Nestha começou a se mover na direção da casa.

O interior da construção estava realmente aquecido, devido à lareira que crepitava na lareira cheia de fuligem que ocupava boa

parte da sala principal. Feyre ou Rhys deviam ter despertado a casa para eles. Cassian segurou a porta para Nestha entrar, já esfregando as mãos.

Lentamente, Nestha observou o espaço: a mesa da cozinha ficava diante de janelas, a pequena área de estar ocupava a outra metade da sala e a escada estreita dava para o corredor aberto de cima e para os dois quartos que ficavam mais adiante. Um daqueles quartos havia sido dele desde a infância — o primeiro quarto, a primeira noite sob um teto que ele tivera.

Aquela casa tinha sido o primeiro lar de verdade que ele tivera. Cassian conhecia cada arranhão e farpa, cada amassado e marca de queimadura, e tudo isso estava preservado com magia. Ali, no ponto protuberante na base do corrimão — foi ali que ele abriu a cabeça quando Rhys o jogou durante uma das incontáveis brigas. Ali, aquela mancha no antigo sofá vermelho: foi na vez que ele derramou cerveja quando os três estavam podres de bêbados na primeira noite sozinhos naquela casa, aos 16 anos — a mãe de Rhys tinha ido para Velaris para uma rara visita ao parceiro —, e Cassian estava bêbado demais e não sabia como limpar. Até mesmo Rhys, cambaleando com a mistura de cerveja e licor, tinha fracassado em tirar a mancha e, com sua magia, acabou deixando-a permanente sem querer, em vez de fazer com que sumisse. Eles tinham reposicionado as almofadas para esconder da mãe dele quando ela voltasse na manhã seguinte, mas ela viu a mancha na mesma hora.

Talvez o fato de eles ainda estarem bêbados quando ela voltou tenha entregado tudo, delatados pelos soluços incessantes de Azriel.

Cassian assentiu para a mesa da cozinha.

— Já que você é tão boa em ficar sentada, por que não se acomoda?

Quando ela não respondeu, ele se virou e viu Nestha de pé diante da lareira com os braços cruzados com força e os lindos cabelos refletindo a luz tremeluzente. Ela não olhou para ele.

Sempre ficava imóvel com aquela quietude. Até quando humana. Aquilo tinha se intensificado quando ela virou Grã-Feérica.

Nestha encarou a lareira como se o fogo murmurasse para sua alma em chamas.

— O que está olhando? — perguntou ele.

Ela piscou, parecendo se dar conta de que ele ainda estava ali.

Uma lenha estalou no fogo, e ela se encolheu.

Não de surpresa, reparou ele, mas com pesar. Medo.

Ele olhou de Nestha para o fogo. Para onde será que ela fora durante aqueles poucos momentos? Que horror estava revivendo?

O rosto dela tinha empalidecido. E sombras escureciam seus olhos azul-acinzentados.

Ele conhecia aquela expressão. Tinha visto e sentido tantas vezes que tinha perdido a conta.

— Tem algumas lojas na cidade — sugeriu Cassian, subitamente desesperado por qualquer coisa que tirasse aquele vazio dela. — Se você não estiver com vontade de ficar sentada aqui, pode ir visitá-las.

Nestha continuou sem dizer nada. Então ele deixou aquilo de lado e saiu da casa em silêncio.

Capítulo 9

Nestha adentrou o aconchego da pequena loja. O sino acima da porta tilintou quando ela entrou.

O piso era de pinheiro fresco, todo polido e reluzente. Um balcão do mesmo material ocupava o fim do espaço e uma porta aberta além dele revelava um quarto dos fundos. Roupas tanto para machos quanto fêmeas ocupavam o lugar, algumas expostas em manequins, outras dobradas cuidadosamente sobre bancadas de exposição.

Uma fêmea de cabelos pretos apareceu do outro lado do balcão, seu cabelo trançado para trás brilhando com a iluminação. O rosto dela era impressionante — elegante e anguloso, contrastando com a boca farta. Os olhos inclinados e a pele marrom-clara sugeriam uma ascendência de outra região, talvez um ancestral próximo vindo da Corte Crepuscular. A luz naqueles olhos era direta. Nítida.

— Bom dia — disse a fêmea, com a voz sólida e sincera. — Posso ajudar?

Se ela reconheceu Nestha, não deixou transparecer. Nestha indicou a peça dela de couro para combate.

— Estou procurando alguma coisa mais quente do que isto. O frio passa.

— Ah — disse a fêmea, olhando para a porta e para a rua vazia além dela. Será que estava preocupada que alguém a visse ali dentro? Ou esperando outro cliente? — Os guerreiros são uns tolos tão orgulhosos que nunca reclamam do couro ser frio. Dizem que os mantém perfeitamente aquecidos.

— Até aquecem bem — confessou Nestha, parte dela sorrindo pela forma como a fêmea disse *tolos orgulhosos*. Como se compartilhasse do instinto de Nestha de não se impressionar com os machos no acampamento. — Mas ainda fico com frio.

— Hmmm. — A mulher abriu o tampo do balcão e entrou na área da exposição das mercadorias. Ela observou Nestha da cabeça aos pés. — Não vendo equipamento de combate, mas talvez possamos mandar fazer couro forrado com lã. — Ela indicou a rua. — Com que frequência você treina?

— Não estou treinando. Estou... — Nestha se esforçou para encontrar as palavras certas. Na verdade, o que ela estava fazendo era ser uma babaca insuportável. — Estou assistindo — disse ela, meio patética.

— Ah. — Os olhos da fêmea brilharam. — Trazida contra a sua vontade?

Não era da conta dela. Mas Nestha falou:

— Parte de meus deveres com a Corte Noturna.

Ela queria ver se a fêmea se intrometeria, ver se ela realmente não a reconhecia. Se a julgaria por ser uma ridícula, um desperdício de vida.

A fêmea inclinou a cabeça e a trança escorregou pelo ombro do vestido simples, tecido em casa. As asas dela se contraíram e o movimento atraiu o olhar de Nestha. Cicatrizes percorriam as asas, o que era incomum entre os feéricos. Azriel e Lucien eram dois dos poucos que tinham cicatrizes, ambos de traumas tão terríveis que Nestha jamais ousava pedir detalhes. Aquela fêmea ter cicatrizes também era...

— Minhas asas foram cortadas — disse a fêmea. — Meu pai era um... macho tradicional. Ele acreditava que fêmeas deveriam servir

suas famílias e ficar confinadas ao lar. Eu discordei. Ele venceu, no final.

Palavras breves e afiadas. A mãe de Rhys, Feyre contara a ela certa vez, quase fora condenada ao mesmo destino. Apenas a chegada do pai dele tinha impedido o corte de acontecer. Ela fora revelada parceira dele, e suportara a união miserável em grande parte por gratidão pelas asas ilesas.

Ninguém, ao que parecia, esteve presente para salvar esta fêmea.

— Sinto muito. — Nestha trocou o peso do corpo entre os pés.

A fêmea acenou com a mão magra.

— Não faz diferença agora. Esta loja me mantém tão ocupada que às vezes me esqueço que algum dia voei.

— Nenhum curandeiro pode consertá-las?

O rosto da fêmea ficou tenso, e Nestha se arrependeu da pergunta.

— É extremamente complexo, com todos os músculos, nervos e sentidos que se conectam. À exceção do Grão-Senhor da Crepuscular, não tenho certeza de que alguém daria conta. — Thesan, lembrava-se Nestha, era um mestre da cura; Feyre levava o poder dele nas veias. Oferecera-se para usá-lo para curar Elain do estupor dela depois que foi transformada em Grã-Feérica.

Nestha bloqueou a memória daquele rosto pálido, dos vazios olhos castanhos.

— Enfim — disse a fêmea, rapidamente —, posso perguntar a meus fornecedores se é possível deixar o couro mais eficaz contra o frio. Talvez leve algumas semanas, possivelmente um mês, mas mando notícias assim que souber.

— Está ótimo. Obrigada. — Um pensamento abalou Nestha. — Eu... Quanto vai custar? — Ela não tinha dinheiro.

— Você trabalha para o Grão-Senhor, não é? — A fêmea inclinou a cabeça de novo. — Posso mandar a conta para Velaris.

— Eles... — Nestha não queria admitir até que nível tinha caído, não para aquela estranha. — Na verdade, não preciso das roupas mais quentes.

— Achei que Rhysand pagasse bem a todos vocês.

— Ele paga, mas eu... — Tudo bem. Se a fêmea podia ser direta, ela também podia. — Estou com o salário cortado.

Curiosidade encheu os olhos da fêmea.

— Por quê?

Nestha enrijeceu o corpo.

— Não conheço você o suficiente para lhe contar.

A fêmea deu de ombros.

— Tudo bem. Posso perguntar mesmo assim. Conseguir um orçamento para você. Se estiver sentindo frio lá fora, não deveria sofrer. — Ela acrescentou, sem rodeios: — Não importa o que o Grão-Senhor pense.

— Acho que ele preferiria que Cassian me atirasse da beira daquele penhasco ali.

A fêmea riu. Mas estendeu a mão para Nestha.

— Meu nome é Emerie.

Nestha apertou a mão dela, surpresa ao descobrir que o aperto era como aço.

— Nestha Archeron.

— Eu sei — respondeu Emerie, soltando a mão de Nestha. — Você matou o rei de Hybern.

— Matei. — Não havia como negar. E ela não conseguia dizer que não sentia certo orgulho disso.

— Que bom. — O sorriso de Emerie era de uma beleza perigosa. Ela falou de novo: — Que bom. — Havia força naquela fêmea. Não apenas na coluna ereta e no queixo, mas nos olhos.

Nestha se virou para a porta e para o frio que esperava, sem saber o que fazer com a aprovação descarada do que tantos outros viam com assombro, medo ou dúvida.

— Obrigada pela ajuda.

Que estranho dizer palavras educadas, normais. Estranho desejar oferecê-las, ainda mais para uma desconhecida.

Machos, fêmeas e crianças correndo entre eles olharam boquiabertos para Nestha quando ela saiu para a rua. Alguns enxotaram as crianças. Ela os encarou com uma indiferença fria.

Estão certos em esconder seus filhos de mim, era o que ela queria dizer. *Sou o monstro que temem.*

— Mesma tarefa que ontem? — perguntou Nestha a Clotho como cumprimento, ainda um pouco gelada do acampamento do qual saíra havia apenas dez minutos.

Cassian mal falara ao voltar para a casa da mãe de Rhysand, o rosto dele estava tenso com o que quer que tivesse lidado nas outras aldeias illyrianas, e Morrigan estava igualmente azeda quando apareceu para atravessar com eles de volta para a Casa do Vento. Cassian tinha largado Nestha na varanda de pouso sem nem se despedir antes de dar meia-volta para onde Mor se limpava. Em segundos, ele carregava a beldade loira para o vento frio.

Não deveria tê-la incomodado — ver Cassian voando com outra fêmea nos braços. Alguma pequena parte dela sabia que não era nem de longe justo sentir aquela irritação que deixava seu corpo tenso. Ela o afastara tantas e tantas vezes, e ele não tinha motivo nenhum para crer que ela desejaria que fosse diferente. E Nestha sabia que Cassian tinha uma história com Morrigan, que eles haviam sido amantes há muito tempo.

Ela virou o rosto diante da imagem, entrando na Casa pela sala de jantar, onde encontrou uma tigela de algum tipo de sopa de carne de porco com feijão esperando. Uma oferta silenciosa, atenciosa.

Nestha apenas disse para a Casa:

— Não estou com fome. — E saiu andando para a biblioteca.

Agora ela esperava enquanto Clotho escrevia a resposta e lhe entregava um papel.

Nestha leu: *Há livros que precisam ser guardados no Nível Cinco.*

Nestha olhou pelo parapeito ao lado da mesa de Clotho e contou em silêncio. O Nível Cinco era... bem lá embaixo. Não dentro do primeiro círculo da escuridão, mas pairando na semiescuridão logo acima.

— Não tem mais nada vivendo lá embaixo, não é? Bryaxis não voltou?

A caneta encantada de Clotho se moveu. O segundo bilhete dizia: *Bryaxis nunca fez mal a nenhuma de nós*.

— Por quê?

A caneta arranhou o papel. *Acho que Bryaxis tinha pena de nós. Vimos nossos pesadelos se tornarem realidade antes de chegarmos aqui*.

Foi difícil não olhar para as mãos retorcidas de Clotho ou tentar ver entre as sombras sob o capuz dela.

A sacerdotisa acrescentou ao bilhete: *Posso designar você a um nível mais alto.*

— Não — disse Nestha, com a voz rouca. — Eu consigo.

E foi isso. Uma hora depois, com o couro coberto de poeira, Nestha desabou em uma mesa de madeira vazia, precisando de um descanso.

A mesma tigela de sopa de carne de porco com feijão apareceu na mesa.

Ela olhou para o teto distante.

— Eu *disse* que não estou com fome.

Uma colher surgiu ao lado da tigela. E um guardanapo.

— Isso não é da sua conta.

Um copo d'água caiu com um estampido ao lado da sopa.

Nestha cruzou os braços e se recostou na cadeira.

— Com quem você está falando?

A voz leve de uma fêmea fez Nestha se virar, enrijecendo o corpo ao encontrar uma sacerdotisa com as vestes de acólita de pé entre as duas prateleiras mais próximas. O capuz dela estava para baixo, e luz feérica dançava no intenso castanho-acobreado dos cabelos escorridos dela. Os grandes olhos azul-mar eram tão nítidos e infinitos quanto a pedra que costumava encimar o capuz das sacerdotisas, e uma profusão de sardas se espalhava por seu nariz e pelas bochechas, como se alguém as tivesse salpicado com a mão descuidada. Era nova — quase jovial, com braços e pernas esguios e elegantes. Grã-Feérica, mas... Nestha não conseguia explicar a forma como sentiu que havia alguma outra coisa nela. Algum segredo sob o rosto bonito.

Nestha indicou a sopa e a água, mas tinham sumido. Ela fez careta para o teto, para a Casa, que teve a audácia de a importunar e depois fazer com que parecesse uma lunática. Mas ela respondeu à sacerdotisa: — Não estava falando com ninguém.

A sacerdotisa equilibrou os cinco tomos nos braços.

— Terminou por hoje?

Nestha olhou para o carrinho de livros que deixara de separar.

— Não. Estava descansando.

— Faz só uma hora que você começou a trabalhar.

— Não sabia que tinha alguém monitorando meu horário. — Nestha permitiu que cada gota de irritação transparecesse em seu rosto. Já havia conversado com uma estranha hoje, cumprindo sua cota de decência básica. Ser gentil com uma segunda estranha estava além dela.

A acólita permaneceu pouco impressionada.

— Não é todo dia que temos alguém novo na biblioteca. — Ela soltou os livros no carrinho de Nestha. — Estes precisam ser guardados.

— Não respondo a assistentes.

A sacerdotisa se esticou até sua altura total, que era um pouco maior do que a média para fêmeas feéricas. Um tipo de energia crepitante zumbiu em torno dela, e o poder de Nestha resmungou em resposta.

— Você está aqui para trabalhar — disse a assistente, com a voz inabalada. — E não só para Clotho.

— Você fala muito informalmente de sua grã-sacerdotisa.

— Clotho não impõe hierarquias. Ela nos encoraja a chamá-la pelo nome.

— E qual é o seu nome? — Ela certamente reclamaria com Clotho da atitude daquela assistente impertinente.

Os olhos da sacerdotisa brilharam com diversão, como se soubesse o plano de Nestha.

— Gwyneth Berdara. — Incomum que aquelas feéricas usassem o sobrenome. Nem mesmo Rhys usava um, até onde Nestha sabia. — Mas a maioria me chama de Gwyn.

Um andar acima, duas sacerdotisas passaram pelo parapeito em silêncio, com as cabeças encapuzadas baixas e livros nos braços. No entanto, Nestha podia jurar que uma delas estava observando.

Gwyn acompanhou o foco da atenção dela.

— Aquelas são Roslin e Deirdre.

— Como você sabe? — Com os capuzes, elas pareciam quase idênticas, exceto pelas mãos.

— O cheiro — respondeu Gwyn, simples assim, e se virou para os livros que tinha deixado no carrinho. — Você planeja guardar estes livros ou preciso levá-los para outro lugar?

Nestha voltou um olhar inexpressivo para ela. Vivendo lá embaixo, havia uma boa chance de a sacerdotisa não saber quem ela era. O que tinha feito. Que poder carregava.

— Eu guardo — respondeu Nestha, entre dentes trincados.

Gwyn prendeu o cabelo atrás das orelhas arqueadas. Sardas salpicavam as mãos dela também, como pedacinhos dispersos de ferrugem. Se ainda tinha alguma marca de trauma, qualquer evidência estava escondida pela túnica.

Mas Nestha sabia muito bem como feridas podiam ser invisíveis. Como marcavam profunda e terrivelmente como qualquer machucado físico.

E com apenas esse lembrete, Nestha falou, com mais gentileza:

— Vou guardar agora mesmo. — Talvez ela ainda tivesse um pouco de decência restante.

Gwyn notou a alteração.

— Não preciso de sua pena. — As palavras eram afiadas, nítidas como seus olhos azul-mar.

— Não foi pena.

— Estou aqui há quase dois anos, mas não estou tão desconectada dos outros que não sei quando alguém se lembra de *por que* estou aqui e muda de comportamento. — A boca de Gwyn se contraiu em uma linha. — Não preciso ser paparicada. É só me tratar como gente.

— Duvido que você goste da forma como eu falo com a maioria das pessoas — disse Nestha.

Gwyn riu com escárnio.

— Tente.

Com as sobrancelhas franzidas de novo, Nestha olhou para a jovem.

— Suma da minha frente.

Gwyn deu um sorriso alegre e luminoso que mostrava a maioria dos dentes dela e fazia seus olhos brilharem de uma forma que Nestha sabia que os dela jamais foram capazes.

— Ah, você é boa. — Gwyn se virou de volta para as pilhas. — Muito boa. — Ela sumiu na semiescuridão.

Nestha ficou olhando por um bom tempo, perguntando-se se teria imaginado a coisa toda. Duas conversas amigáveis em um dia. Não fazia ideia de quando algo do tipo havia acontecido pela última vez.

Outra sacerdotisa encapuzada passou, e ofereceu a Nestha um aceno do queixo como cumprimento.

Silêncio se assentou em torno dela, como se Gwyn tivesse sido uma tempestade de verão soprada para dentro e depois evaporado num estalar de dedos. Suspirando, Nestha recolheu os livros que Gwyn tinha deixado no carrinho.

Horas depois, empoeirada, exausta e finalmente faminta, Nestha ficou diante da mesa de Clotho e disse: — Mesma coisa amanhã?

Clotho escreveu: *Não está satisfeita com seu trabalho?*

— Eu estaria, se suas assistentes não ficassem me dando ordens como se eu fosse uma criada.

Gwyneth mencionou que esbarrou com você mais cedo. Ela trabalha para Merrill, meu braço direito, que é uma estudiosa vorazmente exigente. Se os pedidos de Gwyneth foram abruptos, foi devido à natureza urgente do trabalho que ela faz.

— Ela queria que eu guardasse os livros, não que encontrasse mais.

Outras estudiosas precisam deles. Mas não estou aqui para explicar o comportamento de minhas assistentes. Se não gostou dos pedidos de Gwyneth, deveria ter dito. A ela.

Nestha fervilhou.

— Eu disse. Ela não é fácil.

Tem quem diga o mesmo sobre você.

Nestha cruzou os braços.

— Tem mesmo!

Ela teria apostado que Clotho estava sorrindo sob o capuz, mas a sacerdotisa escreveu: *Gwyneth, assim como você, tem a própria história de bravura e sobrevivência. Peço que dê a ela o benefício da dúvida.*

Uma sensação ácida que parecia bastante com arrependimento queimou nas veias de Nestha. Ela afastou o sentimento.

— Entendido. E o trabalho é bom.

Clotho escreveu apenas: *Boa noite, Nestha*.

Nestha subiu os degraus se arrastando e entrou na área da Casa. O vento parecia gemer entre os corredores, respondido apenas pelo estômago roncando dela.

A biblioteca particular estava por sorte vazia quando Nestha entrou pelas portas duplas, imediatamente relaxando ao ver todos aqueles livros apertados juntos, o pôr do sol na cidade abaixo e o Sidra uma faixa viva de ouro. Sentada à mesa diante da parede de janelas, ela disse à Casa: — Tenho certeza de que você não vai fazer nada agora, mas eu gostaria daquela sopa.

Nada. Ela suspirou para o teto. Fantástico.

Seu estômago se revirou, como se fosse devorar seus órgãos caso ela não comesse logo. Nestha acrescentou, tensa: — Por favor.

A sopa surgiu com um copo de água ao lado dela. Um guardanapo e talheres surgiram a seguir. Fogo rugiu ao ganhar vida na lareira, mas Nestha disse, rapidamente: — Nada de fogo. Não precisa.

A lareira se extinguiu, mas as luzes feéricas na sala ficaram mais fortes.

Nestha levava a mão à colher quando um prato de pão fresco e crocante surgiu. Como se a Casa fosse uma mãe coruja atarefada.

— Obrigada — disse ela para o silêncio, e comeu.

As luzes feéricas piscaram uma vez, como se para dizer: *De nada*.

Capítulo 10

Nestha comeu até não aguentar mais, servindo-se de três rodadas da sopa. A Casa pareceu mais do que feliz em agradá-la, e até mesmo ofereceu uma fatia de bolo duplo de chocolate para concluir.

— Isso foi aprovado pelo Cassian? — Ela pegou o garfo e sorriu para o bolo úmido e lustroso.

— Certamente não — disse ele, da porta, e Nestha se virou, fazendo uma careta. Ele olhava para o bolo. — Mas coma.

Ela apoiou o garfo.

— O que você quer?

Cassian observou a biblioteca da família.

— Por que está comendo aqui?

— Não é óbvio?

O sorriso rápido dele mostrou os dentes brancos.

— A única coisa óbvia é que você está falando sozinha.

— Estou falando com a Casa. O que é consideravelmente melhor do que falar com você.

— A Casa não responde.

— Exatamente.

Ele riu.

— Eu caí nessa direitinho. — Cassian atravessou a sala, olhando para o bolo que ela ainda não havia tocado. — Você está mesmo... falando com a Casa?

— Você não fala com ela?

— Não.

— Ela me ouve — insistiu Nestha.

— É claro que ouve. É encantada.

— Até me mandou comida na biblioteca sem que eu pedisse.

As sobrancelhas dele se ergueram.

— Por quê?

— Não sei como funciona sua magia feérica.

— Você... *fez* alguma coisa para que ela agisse assim?

— Se você está seguindo a crença de Devlon e querendo saber se eu fiz alguma bruxaria, a resposta é não.

Cassian riu.

— Não foi o que quis dizer, mas tudo bem. A Casa gosta de você. Parabéns. — Ela grunhiu, e ele debruçou o corpo sobre ela para pegar o garfo. Nestha ficou rígida com a proximidade dele, mas Cassian não disse nada quando comeu uma garfada do bolo. Ele soltou um murmúrio de prazer que viajou pelos ossos dela. Então deu outra garfada.

— Isso é para mim — reclamou Nestha, olhando para ele conforme Cassian continuava comendo.

— Então tire de mim — disse ele. — Uma simples manobra de desarmamento bastaria, já que meu centro de gravidade está desequilibrado e estou distraído com este bolo delicioso.

Ela olhou para ele com raiva.

Cassian comeu uma terceira garfada.

— Essas são as coisas, Nes, que você aprenderia nas lições comigo. Suas ameaças seriam muito mais impressionantes se pudesse sustentá-las.

Ela tamborilou os dedos na mesa. Olhou para o garfo nas mãos dele e se imaginou enterrando o talher na sua coxa.

— Você também poderia fazer isso — disse ele, interpretando a direção do olhar dela. — Eu poderia ensinar você a transformar qualquer coisa em arma. Até mesmo um garfo.

Ela exibiu os dentes, mas Cassian apenas apoiou o garfo com precisão cirúrgica e foi embora, deixando para ela o bolo comido pela metade.

Nestha leu o romance deliciosamente erótico que encontrou em uma prateleira na biblioteca particular até que suas pálpebras ficaram tão pesadas que somente uma vontade de ferro conseguiria mantê-las abertas. Foi então que ela arrastou os pés até o quarto no fim do corredor e desabou na cama, sem se incomodar em trocar de roupa antes de se atirar no colchão.

Nestha acordou congelando na calada da noite, despertou o suficiente para tirar o couro de combate, e se enfiou debaixo dos lençóis com os dentes se batendo.

Um momento depois, um fogo se acendeu na lareira.

— Nada de fogo — ordenou ela, e as chamas sumiram de novo.

Ela podia ter jurado que uma curiosidade hesitante se enroscou ao seu redor. Tremendo, ela esperou que as cobertas aquecessem a temperatura de seu corpo.

Longos minutos se passaram, então a cama se aqueceu. Não pelo corpo nu dela, mas por algum tipo de feitiço. O próprio ar também ficou morno, como se alguém tivesse soprado uma grande lufada de ar ali.

A tremedeira dela parou, e Nestha se aninhou, quentinha.

— Obrigada — murmurou.

A única resposta da Casa foi fechar as cortinas ainda abertas. Quando elas pararam de balançar, Nestha estava dormindo de novo.

Elain tinha sido levada. Por Hybern. Pelo Caldeirão, o qual vira Nestha o observando e a observou em resposta. Tinha reparado que ela usara adivinhação com ossos e pedras, e a fez se arrepender.

Ela fizera aquilo. Trouxera aquilo até eles. Tocar seu poder, usá-lo, tinha feito aquilo, e ela jamais se perdoaria, jamais...

Elain certamente seria atormentada, teria a alma arrancada do corpo.

Uma fenda partiu o mundo.

O pai estava diante dela, o pescoço torcido. Seu pai, com os olhos castanho-claros, o amor por ela ainda brilhando ali conforme a luz se extinguia deles...

Nestha acordou sobressaltada e uma náusea ondulou por ela conforme se agarrou aos lençóis.

Bem no fundo de suas vísceras, bem no fundo da sua alma, alguma coisa se contorcia e se enroscava em si mesma, buscando uma saída, buscando um caminho até o mundo...

Nestha abafou aquilo. Sufocou seu poder. Fechou toda porta mental que conseguiu contra ele.

Sonho, disse ela ao poder. *Sonho e memória. Vá embora.*

O poder resmungou nas veias dela, mas obedeceu.

A cama tinha se tornado tão quente que Nestha chutou as cobertas antes de esfregar as mãos no rosto encharcado de suor.

Ela precisava de uma bebida. Precisava de alguma coisa que limpasse aquilo.

Nestha se vestiu rápido, sem sentir muito bem seu corpo. Sem se importar que horas eram ou onde estava, pensando apenas no obstáculo entre ela e aquele cabaré.

A porta para os dez mil degraus já estava aberta, as luzes feéricas no corredor estavam tão difusas que tudo se encontrava quase na escuridão. Suas botas arrastaram na pedra conforme ela se aproximou, olhando para trás para se certificar de que ninguém seguia.

Com as mãos trêmulas, ela começou a descer.

Girando e girando e girando.

Eu amei você desde o primeiro momento em que a segurei nos braços.

Mais e mais para baixo.

O antigo Caldeirão abrindo um olho para encará-la. Para fixá-la no lugar.

O Caldeirão a arrastando para dentro dele, para o poço da Criação, tomando e tomando dela, impiedosamente, apesar de seus gritos...

Girando e girando, exatamente como ela havia sido puxada para dentro do Caldeirão, esmagada sob o terrível poder dele...

Náusea emergiu, o poder dela também, e seu pé escorregou.

Ela teve apenas um segundo para se apoiar na parede, mas foi tarde demais. Seus joelhos bateram nos degraus, o rosto bateu um segundo depois, e então ela estava girando e disparando para baixo, chocando-se contra a parede, ricocheteando para longe e dando cambalhotas para baixo, degrau após degrau.

Nestha estendeu a mão sem conseguir enxergar e arranhou as unhas na pedra. Faíscas explodiram quando ela gritou e agarrou.

O mundo parou de se mover. O corpo dela parou de mergulhar.

Estatelada nos degraus, com a mão agarrada à pedra, ela ofegou, puxando longos fôlegos entrecortados que eram interrompidos a cada inalação. Nestha fechou os olhos, aproveitando a quietude, a completa falta de movimento.

E, no silêncio, a dor se assentou. Uma dor lancinante, latejante, em cada parte do corpo.

O gosto acobreado de sangue encheu sua boca. Algo molhado e quente escorreu pelo pescoço dela. Uma farejada e ela soube que era sangue também.

E suas unhas, aquelas que agarraram os degraus de pedra...

Nestha piscou para a mão. Ela *vira* faíscas.

Os dedos tinham afundado na pedra e a rocha brilhou como se acesa com a chama interior dela.

Arquejando, Nestha puxou a mão de volta, e a pedra ficou escura.

Mas as marcas permaneceram, quatro sulcos enterrados no topo do degrau, um único buraco no espelho do degrau onde o polegar dela havia pressionado.

Um temor gélido percorreu seu corpo. Colocou-a de pé sobre as pernas castigadas, o que fez seus joelhos reclamarem. Para longe daquela impressão de mão, para sempre gravada na pedra.

— Então, quem ganhou a briga? — perguntou Cassian, na manhã seguinte, enquanto ela estava sentada na pedra observando-o repassar os exercícios.

Ele não havia perguntado no café da manhã sobre o olho roxo, o queixo cortado ou sobre o quanto ela se movia com dificuldade. Nem Mor, ao chegar. Os hematomas e cortes que permaneceram mostravam como a queda tinha sido feia, mas, como Grã-Feérica, com a cicatrização aprimorada, já estavam melhorando.

Como humana, supunha ela, a queda a teria matado. Talvez aquele corpo feérico tivesse suas vantagens. Ser humana e fraca nesse mundo de monstros era uma sentença de morte. O corpo de Grã-Feérica era sua melhor chance de sobreviver.

A reticência de Cassian durara apenas uma hora depois do início da sequência de treino. Ele estava no centro do ringue de luta, ofegante, com suor escorrendo pelo rosto e o pescoço.

— Que briga? — Ela examinou as unhas quebradas. Mesmo com o... o que quer que ela tivesse disparado para se segurar, suas unhas tinham quebrado. Nestha não se permitiu nomear o que tinha vindo de dentro dela, não se permitiu reconhecer. Ao alvorecer, tinha sufocado aquilo até a submissão.

— Aquela entre você e as escadas.

Nestha olhou com raiva para ele.

— Não sei do que você está falando.

Cassian começou a se mover de novo, sacando a espada e repassando uma série de movimentos que pareciam designados a cortar uma pessoa ao meio.

— Sabe, sim: 3 horas da manhã, você saiu do quarto para encher a cara na cidade, estava com tanta pressa de vencer os degraus que caiu por uns bons 30 deles antes de conseguir se segurar.

Será que ele tinha visto o degrau? A marca da mão dela?

Nestha exigiu saber:

— Como você sabe disso?

Ele deu de ombros.

— Está me *vigiando*? — Antes que ele pudesse responder, ela disparou: — Você estava vigiando e não foi ajudar?

Cassian deu de ombros de novo.

— Você parou de cair. Se tivesse continuado, alguém teria ido segurá-la antes que chegasse ao fundo.

Ela sibilou para ele.

Cassian apenas sorriu e a chamou com uma das mãos.

— Quer se juntar a mim?

— Eu deveria jogar *você* daquelas escadas.

Cassian embainhou a espada às costas em um movimento elegante. Quinhentos anos de treinamento — ele devia ter sacado e embainhado aquela espada tantas vezes que o movimento era memória muscular.

— E então? — indagou Cassian, com um tom ansioso na voz. — Se você acabou recebendo esses belos hematomas, pode muito bem dizer que foi por treinar e não por uma queda patética. — Cassian acrescentou: — Quantos degraus conseguiu desta vez?

Sessenta e seis. Contudo, Nestha respondeu:

— Não vou treinar.

No limite do ringue, machos os observavam de novo. Estiveram observando Cassian primeiro, parcialmente com assombro e parcialmente com o que ela só podia presumir ser inveja. Ninguém se movia como ele. Ninguém chegava nem perto. Mas agora as expressões deles se tornaram divertidas, debochando de Cassian.

No ano anterior, ela talvez tivesse se aproximado daqueles machos e acabado com eles. Talvez tivesse demonstrado um pouco daquele poder terrível dentro dela para que realmente acreditassem que era uma bruxa e poderia amaldiçoar a eles e mais mil gerações de descendentes deles se insultassem Cassian de novo.

Nestha esticou as pernas, apoiando as palmas machucadas na pedra.

— Aproveite seus exercícios.

Cassian fervilhou de ódio. Mas estendeu a mão de novo.

— Por favor.

Ela jamais o ouvira dizer aquelas palavras. Era uma corda lançada entre os dois. Ele cederia parcialmente a ela — deixaria que ganhasse a batalha de poder, admitiria a derrota, se ela simplesmente saísse da pedra.

Nestha disse a si mesma que levantasse, que aceitasse aquela mão estendida.

Mas não podia. Não conseguia fazer seu corpo levantar.

Os olhos castanhos dele brilhavam com súplica sob o sol da manhã e o vento dançava no cabelo escuro dele. Como se Cassian fosse feito daquelas montanhas, esculpido do vento e da pedra. Ele

era tão lindo. Não da forma como Azriel e Rhys eram bonitos, mas de um jeito não lapidado. Selvagem e obstinado.

Na primeira vez em que ela vira Cassian, não conseguira parar de olhá-lo. Sentiu-se como se, depois de uma vida rodeada por meninos, um homem — um macho, ela supôs — tivesse aparecido do nada. Tudo a respeito dele irradiava aquela masculinidade confiante e arrogante. Tinha sido inebriante e desconcertante, e tudo o que ela queria, tudo o que quis durante muitos meses, era tocá-lo, sentir o cheiro, o gosto dele. Se aproximar daquela força e atirar tudo de si contra aquilo, porque ela sabia que ele jamais quebraria, jamais vacilaria, jamais recuaria.

Mas a luz nos olhos dele diminuiu conforme ele abaixou a mão.

Nestha merecia o desapontamento dele. Merecia a mágoa e o desprezo de Cassian. Mesmo que aquilo cortasse algo vital dela.

— Amanhã, então — falou Cassian. Ele não tornou a falar com ela pelo resto do dia.

Capítulo 11

As portas da biblioteca particular estavam trancadas. Nestha chacoalhou a maçaneta, mas a porta se recusou a abrir.

Ela disse, baixinho:

— Abra esta porta.

A Casa a ignorou.

Ela tentou a maçaneta de novo, empurrando a porta com o ombro.

— *Abra* esta porta.

Nada.

Ela continuou batendo o ombro na porta.

— *Abra esta porta agora mesmo.*

A Casa se recusou a obedecer.

Ela trincou os dentes, ofegante. Tivera mais livros do que no dia anterior para guardar, pois as sacerdotisas tinham aparentemente ouvido de Gwyn que Nestha deveria ser a faz-tudo delas.

Então começaram a jogar tomos no carrinho dela — e algumas pediram que Nestha buscasse livros também. Ela atendera aos pedidos, principalmente porque encontrar os livros solicitados a levava a lugares novos na biblioteca e ocupava seus pensamentos,

mas quando o relógio soou 18 horas, ela estava exausta, empoeirada e faminta. Nestha ignorou o sanduíche que a Casa oferecera a ela durante a tarde, e isso aparentemente deixara a Casa tão irritada que ela agora se recusava a permitir que Nestha entrasse na biblioteca particular.

— Tudo o que eu quero — ralhou Nestha — é um belo prato de comida e um bom livro. — Ela tentou a maçaneta de novo. — Por favor.

Nada. Nadinha.

— *Tudo bem*. — Ela saiu batendo os pés pelo corredor. Somente a fome a carregou até a sala de jantar, onde encontrou Cassian no meio da refeição e Azriel diante dele.

O rosto do encantador de sombras estava sério, e os olhos dele, cautelosos. Cassian, de costas para ela, apenas enrijeceu o corpo, sem dúvida alertado pelo cheiro dela ou pelo ritmo dos passos.

Nestha não falou nada ao se dirigir até uma cadeira no meio da mesa. Um apoio de pratos e uma porção de comida surgiram quando ela chegou à cadeira. Nestha teve a sensação de que se pegasse o prato e saísse, ele sumiria de suas mãos antes que ela chegasse à porta.

Nestha manteve o silêncio ao deslizar para a cadeira. Pegou o garfo e atacou o filé de carne bovina com aspargos assados.

Cassian pigarreou e disse a Azriel:

— Por quanto tempo vai ficar fora?

— Não tenho certeza. — Os olhos do encantador de sombras recaíram sobre ela antes de acrescentar: — Vassa estava certa em suspeitar que há algo muito errado. As coisas estão tão perigosas por lá que seria mais inteligente que eu mantivesse minha base aqui na Casa e atravessasse entre um lugar e outro.

A curiosidade a cutucou lá no fundo, mas Nestha não disse nada. Vassa — ela não via a rainha humana encantada desde que a guerra havia acabado. Desde que a jovem tinha tentado falar com ela sobre como o pai de Nestha tinha sido *maravilhoso*, como tinha sido um verdadeiro pai para ela, como a ajudara e conquistara aquela liberdade temporária, e assim por diante, até que os ossos de Nestha estivessem gritando para fugir e seu sangue fervendo ao pensar que o pai tinha encontrado sua coragem por alguém que não fossem ela

e as irmãs. Que ele fora o pai que ela precisava — mas para outra pessoa. Ele permitira que a mãe delas morresse ao se recusar a enviar a frota de mercadores em busca de uma cura para ela, tinha caído na pobreza e deixado que elas passassem fome, mas decidira lutar por aquela estranha? Aquela rainha desconhecida tentando vender uma história triste de traição e perda?

Aquela coisa no fundo de Nestha se agitou, mas ela a ignorou, enterrando-a o melhor que pôde sem a distração de música, sexo ou vinho. Ela tomou um gole da água, permitindo que o líquido resfriasse sua garganta, e supôs que aquilo teria de bastar.

— O que Rhys disse sobre isso? — perguntou Cassian, com a boca cheia de comida.

— Quem você acha que insistiu para eu não arriscar uma base lá?

— Desgraçado protetor. — Contudo, um indício de afeição ecoou nas palavras de Cassian.

O silêncio recaiu de novo. Azriel assentiu para ela.

— O que aconteceu com você?

Nestha sabia a que ele estava se referindo: o olho roxo que estava finalmente melhorando. As mãos e o queixo tinham cicatrizado, assim como os hematomas no corpo, mas o olho roxo tinha ficado esverdeado. Na manhã seguinte, teria sumido de vez.

— Nada — disse ela, sem olhar para Cassian.

— Ela caiu da escada — respondeu Cassian, sem olhar para ela também.

O silêncio de Azriel foi significativo, antes de ele perguntar: — Alguém... empurrou você?

— Babaca — grunhiu Cassian.

Nestha ergueu os olhos do prato o suficiente para notar a diversão no olhar de Azriel, embora sorriso algum chegasse à boca sensual dele.

Cassian prosseguiu:

— Eu contei a ela hoje mais cedo: se ela se desse ao trabalho de treinar, teria pelo menos o direito de se gabar dos hematomas.

Azriel tomou um gole tranquilo de água.

— Por que você não está treinando, Nestha?

— Não quero.

— Por que não?

Cassian murmurou:

— Não desperdice a saliva, Az.

Ela olhou com raiva para ele.

— Não vou treinar naquela aldeia miserável.

Cassian olhou com raiva em resposta.

— Você recebeu *uma ordem*. Conhece as consequências. Se não sair daquela porra de pedra até o fim desta semana, o que acontecer depois está fora do meu controle.

— Então vai me delatar para seu precioso Grão-Senhor? — cantarolou ela. — O grande guerreiro valentão precisa que o todo-poderoso Rhysand trave as batalhas por ele?

— Não fale de Rhys com esse de tom de voz, porra — grunhiu Cassian.

— Rhys é um babaca — disparou Nestha. — Ele é um *babaca* arrogante e prepotente.

Azriel encostou na cadeira com os olhos fervilhando de ódio, mas não disse nada.

— Que papo furado — disparou Cassian, os Sifões no dorso das mãos dele queimando como chamas de rubi. — Você sabe que isso é *um papo furado*, Nestha.

— Eu o odeio — fervilhou ela.

— Que bom. Ele também odeia você — disparou Cassian de volta. — Todo mundo odeia você, porra. Era isso que você queria? Porque, parabéns, aconteceu.

Azriel soltou um longo, longo suspiro.

As palavras de Cassian a atingiram, uma após a outra. Atingiram em algum lugar baixo e vulnerável, e atingiram com força. Os dedos dela se fecharam em garras e arranharam a mesa quando ela disparou de volta para ele: — E agora você vai dizer que *você* é a única pessoa que não me odeia, e eu deveria sentir algum tipo de gratidão e concordar em treinar, não é?

— Agora vou dizer que já *chega* para mim.

As palavras ecoaram entre os dois. Nestha piscou, o único sinal de surpresa que ela permitira.

Azriel ficou tenso, como se também estivesse surpreso.

Mas ela atacou Cassian antes que ele pudesse continuar.

— Isso também significa que você vai parar de ficar babando atrás de mim? Porque seria um *alívio*, saber que você finalmente caiu na real.

O peito musculoso de Cassian se inflou e a garganta dele se contraiu.

— Você quer se destruir, vá em frente. Pode implodir à vontade. — Ele ficou de pé, seu prato estava pela metade. — O treinamento deveria ajudar você. Não punir. Não sei por que você não *entende isso*, porra.

— Já falei: não vou treinar naquela aldeia miserável.

— Tudo bem. — Cassian saiu batendo os pés. Seus passos estrondosos se dissiparam no corredor.

Sozinha com Azriel, Nestha exibiu os dentes para ele.

Azriel a observou com aquele silêncio frio, mantendo-se completamente imóvel. Como se ele visse tudo na cabeça dela. Na cabeça machucada dela.

Nestha não aguentou. Então ficou de pé, depois de apenas duas garfadas da comida, e saiu da sala também.

Ela voltou para a biblioteca. As luzes estavam tão fortes quanto durante o dia, e algumas sacerdotisas perambulavam pelos andares. Ela encontrou o carrinho, encheu de novo com livros que precisavam ser guardados.

Ninguém falou com ela, e Nestha não falou com ninguém quando começou a trabalhar, acompanhada apenas pelo silêncio que rugia em sua mente.

Amren estava errada. *Continue estendendo a mão* era puro papo furado quando a pessoa para quem se estendia podia morder tão forte a ponto de arrancar os dedos.

Cassian se sentou no topo plano da montanha na qual a Casa do Vento tinha sido construída, olhando para o ringue a céu aberto abaixo dele. As estrelas brilhavam acima, e uma brisa fria de outono que sussurrava sobre folhas caindo e noites gélidas passou flutuando por ele. Abaixo, Velaris era uma faísca dourada, ressaltada pelo Sidra com um arco-íris de cores.

Ele jamais fracassara em nada. Não daquele jeito.

E estava tão desesperado que chegava a ser estúpido, tão esperançoso que não acreditou que ela realmente se recusaria. Até aquele dia, quando ele a viu naquela rocha e soube que ela quis se levantar, mas a observou sufocar esse instinto. Observou-a fechar aquela vontade de aço sobre si.

— Você não é do tipo que fica emburrado.

Cassian se espantou, virando a cabeça para encontrar Feyre sentada ao seu lado. Ela balançou os pés no vazio, seu cabelo castanho-dourado soprando ao vento enquanto ela olhava para o ringue de treinamento.

— Você voou até aqui?

— Atravessei. Rhys falou que você estava “pensando alto”. — A boca de Feyre se repuxou de lado. — Achei bom vir ver o que estava acontecendo.

Uma fina camada de poder permanecia ao redor da Grã-Senhora dele, invisível a olho nu, mas reluzindo com força. Cassian assentiu para ela.

— Por que Rhysinho colocou esse escudo de aço em você? — Era potente o bastante para resguardar toda Velaris.

— Porque ele é um pé no saco — disse Feyre, mas sorrindo levemente. — Ainda está aprendendo como funciona, e eu ainda não descobri como me libertar dele. Mas com as rainhas se tornando uma nova ameaça, e Beron junto, principalmente se Koschei é quem está mexendo os pauzinhos, Rhys fica bastante feliz em deixar o escudo no lugar.

— Tudo com aquelas rainhas é uma dor de cabeça da porra — resmungou Cassian. — Tomara que Az descubra o que elas estão tramando. Ou pelo menos o que Briallyn e Koschei estão tramando.

Rhys ainda estava contemplando o que fazer a respeito das exigências de Eris. Cassian supôs que ele receberia as ordens sobre aquela frente em breve. E então precisaria lidar com o babaca. De um general para outro.

— Parte de mim teme o que Azriel encontrará — disse Feyre, apoiando-se nas mãos. — Mor parte para Vallahan de novo amanhã. Isso também me preocupa. Que ela volte com notícias piores sobre as intenções deles.

— Vamos dar um jeito.

— Você falou como um verdadeiro general.

Cassian tocou o ombro de Feyre com a asa, um gesto casual de afeição. Um que ele jamais ousara fazer com as fêmeas de qualquer comunidade illyriana. Os illyrianos eram psicóticos a respeito de quem tocava as asas deles e de que jeito, e o tocar de asas fora do quarto, do treino, ou do combate mortal, era um enorme tabu. Mas Rhys jamais se importara, e Cassian precisava do contato. Sempre precisara de contato físico, descobrira. Provavelmente graças a uma infância passada com tão pouco carinho.

Feyre pareceu entender a necessidade dele por um toque de conforto, porque falou: — Está muito ruim?

— Está ruim. — Foi tudo o que ele conseguiu admitir.

— Mas ela está indo à biblioteca?

— Ela voltou à biblioteca esta noite. Ainda está lá embaixo, pelo que sei.

Feyre deu a ele um *hmm* de contemplação enquanto olhava a cidade. A Grã-Senhora dele parecia tão jovem, ele sempre se esquecia do quanto ela era realmente jovem, considerando o que já enfrentara e conquistara na vida. Aos 21 anos, ele ainda estaria bebendo, brigando e trepando, sem se preocupar com nada e ninguém, exceto sua ambição de ser o mais habilidoso dos guerreiros illyrianos desde o próprio Enalius. Aos 21, Feyre tinha salvado o mundo deles, encontrado seu parceiro e a felicidade verdadeira.

Feyre perguntou:

— Nestha falou por que não quer treinar?

— Porque ela me odeia.

Feyre riu com escárnio.

— Cassian, Nestha não odeia você. Vai por mim.

— Ela certamente age como se odiasse.

Feyre fez que não com a cabeça.

— Não, ela não odeia. — Suas palavras soaram tão magoadas que ele franziu a testa.

— Ela também não odeia você — disse ele, baixinho.

Feyre deu de ombros. O gesto fez o peito dele doer.

— Durante um tempo, achei que não odiasse. Mas agora não sei.

— Não entendo por que vocês duas não conseguem simplesmente... — Ele não conseguiu encontrar a palavra certa.

— Nos entendermos? Sermos civilizadas? Sorrir uma para a outra? — A risada de Feyre soou vazia. — Sempre foi assim.

— Por quê?

— Não faço ideia. Quer dizer, sempre foi assim com a gente e nossa mãe. Ela só ligava para Nestha. Ignorava a mim, e via Elain como pouco mais do que uma boneca para vestir, mas Nestha era *dela*. Nossa mãe fazia questão de que soubéssemos disso. Ou ela simplesmente se importava tão pouco com o que pensávamos ou fazíamos que não se incomodava em esconder isso da gente. — Mágoa e dor há muito guardadas envolviam cada palavra. Que mãe faria uma coisa dessas com os filhos? — Quando caímos na pobreza, quando comecei a caçar, piorou. Nossa mãe havia morrido, e nosso pai não estava exatamente presente. Ele não estava completamente *ali*. Então éramos eu e Nestha, sempre no pescoço uma da outra. — Feyre esfregou o rosto. — Estou cansada demais para repassar cada detalhe. É tudo uma confusão só.

Cassian evitou observar que as duas irmãs pareciam precisar uma da outra — que Nestha talvez precisasse de Feyre mais do que percebia. E evitou mencionar que essa confusão entre as duas fêmeas o magoava mais do que ele conseguia expressar.

Feyre suspirou.

— Esse é o meu longo jeito de dizer que se Nestha odiasse você... É que eu sei como é ser odiada por ela, e ela não odeia você.

— Talvez odeie depois do que eu disse a ela esta noite.

— Azriel me contou. — Feyre esfregou o rosto de novo. — Não sei o que fazer. Como ajudá-la.

— Depois de três dias já estou esgotado — disse ele.

Os dois ficaram sentados em silêncio enquanto o vento soprava entre eles. Névoa se acumulou no Sidra bem abaixo, e a fumaça branca de inúmeras chaminés subiu para se juntar a ela.

Feyre perguntou:

— Então, o que faremos?

Ele não sabia.

— Talvez o trabalho na biblioteca seja o suficiente para tirar ela disso. — Mas assim que pronunciou essas palavras, elas pareceram

falsas.

Feyre aparentemente concordava.

— Não, na biblioteca ela pode se esconder no silêncio entre as prateleiras. A biblioteca deveria equilibrar o que o treinamento faz.

Ele girou os ombros.

— Bom, ela disse que não vai treinar naquela aldeia *miserável*, então estamos em um impasse.

Feyre suspirou de novo.

— Parece que estamos.

Mas Cassian parou. Piscou uma vez e olhou para o ringue de treino adiante.

— O quê?

Ele riu, sacudindo a cabeça.

— Eu deveria ter percebido.

Um sorriso hesitante brotou na boca de Feyre, e Cassian se inclinou para beijar a bochecha dela. Ele só chegou a 3 centímetros do rosto da Grã-Senhora antes que seus lábios encontrassem um aço beijado pela noite.

Certo, o escudo.

— Esse nível de proteção é insano.

Feyre alisou o suéter creme espesso.

— Assim como Rhys.

Cassian farejou, tentando, sem sucesso, detectar o cheiro dela.

— Ele também protegeu seu cheiro?

Feyre sorriu.

— É tudo parte do mesmo escudo. Helion não estava brincando sobre ser impenetrável.

E apesar de tudo, Cassian sorriu de volta. Lembranças passaram como uma torrente por ele, de quando a conheceu na sala de jantar vários andares abaixo, aquela menina que se tornaria sua Grã-Senhora. Ela estava tão terrivelmente magra na época, os olhos tão mortos e tão retraída que fora preciso todo o autocontrole dele para não voar até a Corte Primaveril e arrancar cada membro de Tamlin.

Cassian afastou o pensamento, concentrando-se, em vez disso, na revelação diante dele.

Uma última vez. Ele tentaria uma última vez.

Capítulo 12

Nestha estava no ringue de treino no alto da Casa do Vento fazendo careta.

— Achei que iríamos até Refúgio do Vento.

Cassian caminhou até a escada de corda estendida no chão e esticou um nó.

— Mudança de planos. — Não havia mais nenhum indício daquele ódio vermelho-incandescente no rosto dele quando ela entrou na sala do café da manhã. Azriel já havia ido embora, e Cassian não tinha dito uma palavra sobre por que ele havia partido. Deve ter sido alguma coisa a respeito das rainhas, a julgar pelo que ela ouvira na noite anterior.

Quando Nestha terminou o mingau, procurou por qualquer sinal de Morrigan, mas a fêmea não havia aparecido. E Cassian a levara até ali, sem falar nada durante a caminhada até o alto.

Todo mundo odeia você. As palavras ainda ecoavam, como um sino que não para de soar.

Ele finalmente explicou:

— Mor voltou para Vallahan, e Rhys e Feyre estão ocupados. Então não tem ninguém para nos atravessar até Refúgio do Vento.

Vamos treinar aqui hoje. — Ele indicou o ringue vazio. Livre de qualquer olho curioso. E acrescentou com um sorriso afiado que fez Nestha engolir em seco: — Só eu e você, Nes.

Nestha tinha dito na noite anterior que não treinaria na aldeia. Tinha dito várias vezes e Cassian havia percebido. Ela não treinaria lá, *naquela aldeia miserável*.

Ele devia ter se dado conta há dias. Ele a conhecia muito bem, no fim das contas.

Nestha podia estar disposta a enfrentar o próprio rei de Hybern, mas era orgulhosa até não dar mais. Ela preferiria morrer a parecer tola e se mostrar vulnerável. Preferiria se sentar em uma pedra congelante no vento gélido por horas a parecer uma tola na frente de qualquer um, principalmente guerreiros arrogantes predispostos a debochar de qualquer fêmea que tentasse lutar como eles.

Cassian não estava nem aí para onde ela treinasse. O importante era começar a treinar.

Se ela se recusasse hoje, ele não sabia o que faria.

O sol da manhã brilhava forte, prometendo um dia quente, e Cassian tirou o casaco de couro antes de enrolar a manga da camisa.

— E então? — perguntou ele, erguendo os olhos para o rosto dela.

— Eu...

A hesitação fez o peito dele se apertar de um jeito insuportável. Mas Cassian sufocou aquela esperança enquanto dobrava a outra manga. Ele se perguntou se ela havia notado que os dedos dele tremiam levemente.

Finja que está tudo normal. Não a assuste.

Não havia nenhum lugar por perto em que ela pudesse sentar aquela bela bunda. Ele já havia tirado as espreguiçadeiras que Amren — e às vezes Mor — gostava de usar para tomar sol enquanto ele e os demais treinavam.

Quando Nestha permaneceu à porta, Cassian se viu dizendo:

— Faço um acordo com você.

Os olhos dela brilharam. Barganhas feéricas não eram brincadeira. Ele sabia que Feyre já havia versado Nestha a respeito delas, assim que a irmã chegou. Como precaução. Pelo olhar cauteloso de Nestha, ele sabia que ela se lembrava dos avisos de Feyre também: acordos feéricos eram selados por magia e marcados com tinta no corpo. A tinta não sumiria até que o acordo fosse cumprido. E se fosse quebrado... a magia poderia exercer uma vingança terrível.

Cassian manteve uma pose casual.

— Se fizer uma hora de exercícios agora mesmo, fico lhe devendo um favor.

— Não preciso de favores seus.

— Então diga seu preço. — Ele lutou para acalmar o coração acelerado. — Uma hora de treino pelo que quiser.

— Você é muito bobo para fazer uma barganha dessas. — Ela semicerrou os olhos. — Achei que fosse um general. Não deveria ser bom em negociar?

A boca de Cassian se repuxou para cima. Ela não o estava afastando.

— Para você, não tenho estratégias.

Nestha o estudou com foco irredutível.

— Qualquer coisa que eu quiser?

— Qualquer coisa. Qualquer coisa que não seja me ordenar a cair do céu e esmagar minha cabeça na terra — Ele acrescentou, sarcasticamente.

Ela não sorriu como ele esperava. Os olhos de Nestha se tornaram lascas de gelo.

— Você realmente acredita que sou capaz de fazer algo assim?

— Não — disse ele, sem hesitar.

A boca de Nestha se contraiu. Como se não acreditasse nele. E... aquelas eram manchas roxas sob os olhos dela. Quanto tempo tinha trabalhado na biblioteca na noite passada? Indagar o motivo de ela ter ficado acordada até tão tarde não seria sábio. Ele guardaria essa batalha para outro momento. Dali a uma hora, talvez.

Ela o observou de novo, e Cassian se obrigou a ficar imóvel, a parecer receptivo e não ameaçador, a não demonstrar que estava oferecendo seu coração nas mãos ensanguentadas e estendidas.

Ela respondeu, por fim:

— Tudo bem. Digamos que será um favor. Um favor do tamanho que eu quiser.

Era perigoso permitir aquilo. Mortal. Estúpido. Mas ele falou: — Sim.

Cassian estendeu a mão. Uma última vez.

Continue estendendo a mão.

— Um acordo. — Ele respondeu à expressão de aço dela com a própria. — Você treina comigo por uma hora e eu lhe devo um favor do tamanho que você quiser.

— De acordo. — Ela deslizou a mão contra a dele e apertou firme.

Magia passou como um choque entre eles, e Nestha arquejou, encolhendo-se.

Cassian permitiu que ressoasse por ele, como um estouro de cavalos galopando. Ele esperou passar. Qualquer que fosse o poder dela, tinha feito o acordo deles mais intenso. Mais exigente.

Cassian avaliou as mãos, os antebraços expostos, procurando algum indício de uma tatuagem além das illyrianas que ele tinha para dar sorte e glória. Nada.

Tinha de estar em algum lugar.

Ele tirou a camisa e observou as placas musculosas do tronco. Nada.

Cassian se aproximou do estreito espelho que ficava encostado em uma ponta do ringue, deixado ali para que estudassem a técnica enquanto se exercitavam sozinhos. Ao parar diante do espelho, Cassian virou o corpo, olhando por cima do ombro para as costas tatuadas.

Ali, bem no centro das tatuagens illyrianas que serpenteavam pela coluna dele, uma nova em folha havia surgido. Uma estrela de oito pontas, cujos ponteiros de bússola irradiavam em linhas afiadas horizontal e verticalmente na depressão da coluna dele, entremeando-se às marcas illyrianas há muito tatuadas ali. As pontas do leste e oeste da estrela se estendiam até as asas dele, preto misturando-se ao preto. Uma idêntica, ele sabia, estaria na coluna de Nestha. Enquanto a encarava, ele tentou não pensar na pele nua dela, agora marcada com tinta preta.

Mas os olhos de Nestha nem mesmo estavam no espelho.

Não, estavam fixos no tronco dele. No peito, nos músculos abdominais, nos braços nus. A pulsação dela estremecia na garganta.

Cassian não ousou se mover, não enquanto o olhar dela estava fixo no “v” formado pelos músculos que desciam sob a cintura da calça dele. Não quando os olhos dela se tornaram mais sombrios e os cílios estremeceram quando um rubor espreitou na pele pálida dela.

O sangue dele esquentou, a pele se repuxou sobre osso e músculos, como se conseguisse sentir o toque dos olhos azul-acinzentados de Nestha, como se fossem os dedos dela percorrendo a barriga dele. Mais para baixo.

Cassian sabia que não deveria fazer um comentário provocador. Caso a atiçasse, ela não apenas se recusaria a treinar, com ou sem acordo, mas pararia de olhar para ele daquela forma.

Lentamente, os olhos de Nestha subiram pelo corpo dele, detendo-se nos músculos peitorais esculpidos e na tatuagem illyriana que espiralava sobre um deles, antes de descer fluidamente pelo braço esquerdo. Cassian talvez tivesse flexionado o músculo. Um pouquinho. Com a voz rouca, ele conseguiu dizer: — Pronta?

Que o Caldeirão o fervesse, ele sabia que a pergunta tinha mais significados do que se importava em desvendar.

Pelo brilho nos olhos dela, Cassian sabia que ela entendia. Mas Nestha esticou os ombros.

— Tudo bem. Devo a você uma hora de treino.

— Pode ter certeza de que deve mesmo. — Cassian controlou a respiração, afastando aquele desejo voraz. Ele caminhou até o centro do ringue, mas optou por ficar sem camisa. Por causa do dia quente. Porque a pele dele estava agora queimando.

Ele indicou o espaço ao lado, e lançou a ela seu maior sorriso.

— Vamos ver do que você é capaz, Archeron.

Um acordo — com Cassian. Nestha não sabia como tinha se permitido concordar com aquilo, deixar aquela magia passar entre

eles e marcá-la, mas...

Todo mundo odeia você.

Talvez fosse apenas esse fato que a fez concordar com aquela loucura. Nestha não fazia ideia de que favor pediria dele, mas... Tudo bem. Esse ringue de treino, com as paredes altas e o céu como única testemunha — ali, supôs ela, podia deixar que ele pegasse pesado.

Não importava que Cassian sem camisa fosse uma visão quase obscena, mesmo com a coleção de cicatrizes que salpicavam sua pele marrom reluzente. Aquela no peitoral esquerdo era particularmente feia — e uma que Nestha sabia que ele não tinha recebido durante a guerra contra Hybern. Ela não queria saber o que tinha sido tão ruim a ponto de deixar uma marca num corpo que cicatrizava tão rápido. Principalmente quando qualquer prova do ferimento arrasador que ele sofrera durante a guerra tinha sumido. Restavam apenas músculos curvos e pele.

Sendo bem sincera, havia tantos músculos que Nestha nem conseguia contar todos. Até as costelas dele tinham músculos. Ela não fazia ideia que era possível ter músculos ali. E aqueles que fluíam para dentro da calça, como uma flecha apontando exatamente para o que ela queria...

Nestha afastou o pensamento da cabeça ao se aproximar de Cassian no centro do ringue. Ele sorriu como um inimigo.

Ela parou a um metro de distância dele, com o sol da manhã aquecendo seus cabelos e bochechas. Era o mais perto que ficava dele sem brigar ou provocar em... muito tempo.

Cassian girou os ombros fortes e a tatuagem ampla se mexeu com o movimento.

— Certo. Vamos começar com o básico.

— Espadas? — Ela indicou a estante de armas contra a parede à esquerda da porta em arco que dava para as escadas.

A boca de Cassian se curvou para cima.

— Não vai receber espadas ainda. Precisa aprender a controlar seus movimentos, seu equilíbrio. Vai desenvolver força básica e consciência corporal antes de sequer pegar uma espada de madeira feita para treinar. — Ele olhou para as botas amarradas dela. — Pés e respiração.

Ela piscou.

— Pés?

— Seus dedos, principalmente.

Ele estava muito sério.

— O que têm meus dedos?

— Aprender a se firmar no chão, a equilibrar o peso, constrói uma fundação para todo o resto.

— Vou exercitar meus dedos dos pés.

Ele riu.

— Você achou que já chegaria com espadas e flechas no primeiro dia?

Canalha arrogante.

— Você jogou minha irmã no ringue de treino e fez exatamente isso.

— Sua irmã já possuía um conjunto de habilidades que você não tem, e ela também não tinha o luxo do tempo.

Caçar para mantê-las alimentadas tinha ensinado aquelas habilidades à Feyre. Caçar, enquanto Nestha ficava em casa, segura e aquecida, deixando Feyre se aventurar na floresta sozinha. Aquelas habilidades que Feyre tinha aperfeiçoado permitiram que ela sobrevivesse contra os Grão-Feéricos e todos os terrores deles, mas... Feyre só as tinha por causa do que fora forçada a fazer. Porque Nestha não tinha feito aquilo. Não havia assumido o controle.

Ela viu que Cassian observava atentamente. Como se ouvisse aqueles pensamentos, sentisse o peso deles sobre ela.

— Feyre me ensinou como usar um arco. — Apenas algumas lições, e há muito tempo, mas Nestha se lembrava. Era uma das únicas vezes em que ela e Feyre tinham sido aliadas.

— Não um arco illyriano. — Cassian indicou uma estante de imensos arcos e aljavas ao lado do espelho. Os arcos eram quase tão altos quanto uma mulher adulta. — Só quando me tornei um adulto maduro tive força para sequer engatilhar uma flecha em um desses.

Nestha cruzou os braços e tamborilou os dedos no bíceps.

— Então vou passar uma hora ali, balançando os dedos dos pés?

O sorriso de Cassian surgiu de novo.

— Isso.

Em algum momento, Nestha começou a suar. Os pés dela doíam e suas pernas pareciam ter virado gelatina.

Ela tirara as botas e repassara algumas posições com Cassian, concentrando-se em apertar os dedos dos pés, encontrar o equilíbrio e, num geral, ficar com cara de tola. Pelo menos não havia ninguém para vê-la de pé sobre uma perna enquanto dobrava o corpo na altura do quadril e a outra perna subia atrás dela. Ou usando dois mastros de madeira para se equilibrar enquanto balançava o pé de um mastro a outro, se esforçando para subir em cada vara. Ou fazendo agachamentos básicos — que se revelaram completamente errados, já que ela não sabia posicionar seu peso e deixava as costas arqueadas demais.

Só coisas básicas, estúpidas. E ela fracassara lindamente em tudo.

Cassian não parecia sequer remotamente impressionado quando Nestha se levantou do agachamento que ele a fez manter enquanto segurava uma vara de madeira acima da cabeça.

— Fique reta, a cabeça primeiro.

Nestha obedeceu.

— Não. — Ele indicou para que ela agachasse de novo. — Cabeça primeiro. Não curve as costas nem incline o corpo para a frente. Fique reta com um movimento só.

— Estou fazendo isso.

— Você está se curvando. Pressione os pés no chão. Pressione os dedos dos pés conforme endireita a cabeça... Isso. — Ela estava fazendo careta ao se esticar. Cassian apenas disse: — Faça mais uma direito e aí termina.

Ela fez, muito ofegante, com os joelhos trêmulos e as coxas reclamando da ardência. Quando terminou, Nestha se escorou com a vara que tinha erguido acima da cabeça.

— É só isso?

— A não ser que queira fazer um acordo comigo por uma segunda hora.

— Quer mesmo me dever dois favores?

— Se for para manter você aqui para concluir a lição, quero.

— Não tenho certeza se aguento mais desses alongamentos.

— Então faremos trabalho de respiração e depois um resfriamento.

— Como assim um resfriamento?

— Mais alongamentos. — Ele sorriu. Quando ela abriu a boca, explicou: — É para ajudar a levar seu corpo de volta a um ritmo normal e limitar qualquer dor que possa surgir depois.

O tom de voz dele não era de condescendência. Então ela perguntou: — E o que é trabalho de respiração?

— Exatamente o que parece. — Ele levou a mão à barriga, bem sobre aqueles músculos ondulantes, e fez uma longa inspiração antes de expirar lentamente. — Seu poder durante uma luta vem de muitos lugares, mas a respiração é um dos mais importantes. — Ele assentiu para a vara nas mãos dela. — Estoque com ela para a frente como se estivesse empalando alguém com uma lança.

Erguendo as sobrancelhas, Nestha obedeceu com um movimento esquisito e deselegante.

Ele apenas assentiu.

— Agora, faça de novo e, quando fizer, *inspire*.

Ela obedeceu e fez o movimento significativamente mais fraco.

— Agora, faça de novo, mas *expire* com a estocada.

Ela levou um ou dois segundos para orientar a respiração, mas obedeceu, empurrando a vara para a frente ao expirar. Poder ondulou por seus braços, seu corpo.

Nestha piscou para a vara.

— Deu para sentir a diferença.

— Está tudo conectado. Respiração, equilíbrio e movimento. Músculos fortes como estes — ele deu tapinhas naquele abdômen absurdamente delineado dele — não querem dizer nada quando você não sabe usá-los.

— Então como se aprende a controlar a respiração?

Ele sorriu de novo com seus olhos castanhos iluminados pelo sol.

— Assim.

E assim começou mais uma série de movimentos, todos tão simples quando ele demonstrava, mas quase impossíveis de coordenar no corpo dela quando ela tentava replicá-los. Mas Nestha

se concentrou na respiração, no poder, como se os pulmões fossem os foles de uma grande forja.

O sol subiu mais alto, cruzando o espaço de treino e arrastando as sombras consigo.

Inspire. Expire. Fôlegos marcados por uma estocada unilateral profunda, ou um agachamento, ou por se equilibrar em uma perna só. Eram todos exercícios que ela havia feito na primeira hora, mas agora renovados com a dimensão extra da respiração.

Inspirando e expirando, para dentro, para fora, com corpo e mente fluindo, a concentração não falhava.

Os comandos de Cassian eram firmes, mas gentis, encorajadores sem serem irritantes. *Prenda, prenda, prenda — e solte. Bom. De novo. De novo. De novo.*

Não havia uma parte do corpo dela que não estivesse escorregadia de suor, uma parte que não estivesse tremendo quando ele pediu que ela se deitasse em um tapete preto na outra ponta do ringue.

— Resfriamento — disse ele, ajoelhando e dando tapinhas no tapete.

Ela estava cansada demais para protestar, praticamente se jogou ali e encarou o céu.

A tigela azul se arqueava infinitamente e o sol ardia contra o suor no rosto dela. Filetes de nuvens flutuavam pelo azul estonteante, sem sequer se preocupar com ela.

A mente de Nestha havia se tornado tão nítida quanto aquele céu, a névoa e as sombras iminentes tinham sumido.

— Você gosta de voar? — Nestha não sabia de onde tinha vindo a pergunta.

Ele olhou para ela.

— Eu amo. — A verdade ecoou naquelas palavras. — Me dá uma sensação de liberdade, alegria e desafio.

— Conheci a dona de uma loja no Refúgio do Vento que teve as asas cortadas. — Ela virou o rosto do céu para olhar para ele. O rosto de Cassian tinha ficado tenso. — Por que os illyrianos fazem isso?

— Para controlar as mulheres — disse Cassian, com um ódio silencioso. — É uma tradição antiga. Rhys e eu tentamos acabar

com isso tornando ilegal, mas a mudança leva um tempo entre os Grão-Feéricos. Para canalhas teimosos como os illyrianos, leva ainda mais tempo. Emerie, suponho que seja quem você conheceu, pois ela é a única fêmea dona de uma loja, foi uma das que nos escapou. Foi durante o reinado de Amarantha, e... muita merda acabou passando.

Os olhos dele ficaram perturbados, não apenas pelo que tinha sido feito a Emerie pelo pai dela, percebeu Nestha, mas pelas lembranças daqueles cinquenta anos. Pela culpa.

E talvez fosse para poupá-lo de reviver aquelas lembranças, para banir aquela culpa injustificada dos olhos dele, que ela se aninhou contra o colchonete e disse: — Resfriamento.

— Você parece ansiosa.

Ela o encarou.

— Eu... — Nestha engoliu em seco. Odiou-se por hesitar, então se obrigou a dizer: — A respiração faz minha cabeça parar de ser tão... — Horrível. Terrível. Insuportável. — Barulhenta.

— Ah. — Compreensão tomou o rosto dele. — A minha também.

Por um momento, ela o encarou, observou o vento puxar as mechas do cabelo na altura dos ombros dele. O instinto de tocar as mechas pretas a fez pressionar as palmas das mãos contra o colchonete, como se estivesse se contendo fisicamente.

— Certo. — Cassian pigarreou. — Resfriamento.

Ela tinha ido bem. Muito bem.

Nestha terminou o resfriamento e se estatelou no colchonete preto, como se precisasse se recompor. Recuperar a força.

Cassian permitiu, ficando de pé e caminhando até a estação de água à direita do arco.

— Precisa beber o máximo de água que conseguir — disse ele, pegando dois copos e enchendo-os da moringa na pequena mesa. Cassian retornou para o lado dela, bebendo do próprio copo.

Nestha permaneceu de barriga para cima, com braços e pernas frouxos e os olhos fechados enquanto a luz do sol fazia seu cabelo e pele suada brilharem. Ele não conseguiu impedir a imagem de surgir

em sua mente: dela deitada na cama dele daquele jeito, saciada, com o corpo inerte de prazer.

Ele engoliu em seco. Nestha entreabriu um olho, sentou-se lentamente e pegou a água que ele estendeu. Entornou, percebeu como estava com sede e ficou de pé. Ele observou conforme ela se dirigiu até a moringa, enchendo o copo e esvaziando mais duas vezes antes de finalmente o deixar na mesa.

— Você nunca falou o que queria pela segunda hora de treino — disse ele, por fim.

Ela olhou por cima do ombro. Os olhos dela brilhavam e a pele estava rosada de uma forma que ele não via há muito, muito tempo. A respiração, como ela disse, tinha ajudado. Acalmado. Percebendo a leve mudança em seu rosto, Cassian acreditou.

O que aconteceria quando aquele humor se dissipasse, não se sabia. Pequenos passos, assegurou-se ele. Passos muito, muito pequenos.

Nestha falou:

— A segunda hora foi por conta da casa.

Ela não sorriu, nem mesmo piscou um olho, mas Cassian sorriu.

— Que generoso da sua parte.

Ela revirou os olhos, mas sem o veneno de sempre.

— Preciso trocar de roupa antes de ir para a biblioteca.

Quando Nestha entrou na porta em arco, em direção à escuridão da escada mais além, Cassian disparou: — Eu não tive a intenção de falar aquilo ontem à noite, sobre todo mundo odiar você.

Ela parou, e sentiu os olhos azul-acinzentados congelando.

— É verdade.

— Não é. — Cassian ousou dar um passo mais para perto. — Você está aqui porque *não* odiamos você. — Ele pigarreou, passando a mão pelo cabelo. — Queria que soubesse disso. Que nós não... que *eu* não odeio você.

Ela sopesou o que quer que estivesse no olhar dele. Provavelmente mais do que era sábio deixar que Nestha visse. Mas ela respondeu, baixinho: — E eu nunca odiei você, Cassian.

Com isso, ela passou pela porta e foi para dentro da Casa, como se não o tivesse atingido na boca do estômago, primeiro com as palavras, depois ao usar o nome dele.

Somente quando Nestha sumiu escada abaixo ele exalou o fôlego que estava segurando.

Capítulo 13

Ela estava faminta. Era o único pensamento que ocupava Nestha enquanto ela colocava livro após livro nas prateleiras. Isso, e a dor que sentia no corpo inteiro. As coxas queimavam a cada centímetro andado para cima ou para baixo na rampa da biblioteca, e seus braços pareciam insuportavelmente rígidos com cada livro erguido até seu respectivo lugar de descanso.

Tanta dor, de alongamentos e exercícios de equilíbrio. Nestha não queria nem imaginar o que um treino como os que ela vira Cassian fazer lhe causaria.

Ela era patética, fraca desse jeito. Patética por agora ser incapaz de caminhar sequer um passo sem fazer careta.

— Resfriamento, é? Percebi — resmungava Nestha, erguendo um tomo nas mãos. Ela olhou para o título e gemeu. Pertencia ao outro lado daquele andar, uma boa caminhada de cinco minutos pelo átrio central e pelo corredor interminável. As pernas latejantes dela podiam muito bem ceder no meio do caminho.

O estômago dela roncou.

— Vou lidar com você depois — disse Nestha ao livro, e observou os outros títulos que restavam no carrinho. Nenhum, feliz ou

infelizmente, precisava ser guardado na seção a que aquele livro pertencia. Empurrar o carrinho até lá seria exaustivo — era melhor simplesmente carregar o tomo, mesmo que fosse uma viagem essencialmente insignificante para depositar um livro.

Não que ela tivesse nada melhor para fazer com seu tempo. Seu dia. Sua vida.

Qualquer nitidez que tivesse sentido no ringue de treino acima tinha se anuviado de novo. Qualquer calma e tranquilidade que tivesse conseguido capturar na mente havia se dissipado como fumaça. Apenas manter-se em movimento poderia controlar aquilo.

Nestha encontrou a estante de que precisava — muito acima da cabeça dela, e não havia banquinhos à vista. Ela ficou na ponta dos pés, o que fez as pernas gritarem em protesto, mas a prateleira era alta demais. Nestha era alta para uma fêmea, tinha uns bons cinco centímetros a mais do que Feyre, mas aquilo estava fora do alcance. Grunhindo, ela tentou guardar o livro com as pontas dos dedos, os braços se esforçando.

— Ah, que bom. É você — uma voz familiar de fêmea soou do fim da fileira. Nestha se virou e descobriu Gwyn caminhando rapidamente em sua direção com os braços cheios de livros e o cabelo cobre brilhando à luz fraca.

Nestha não se deu o trabalho de parecer agradável ao descer das pontas dos pés.

Gwyn inclinou a cabeça, como se finalmente tivesse percebido o que ela estava fazendo.

— Não pode usar magia para colocar no alto da estante?

— Não. — A palavra soou fria e emburrada.

As sobrancelhas de Gwyn se contraíram uma na direção da outra.

— Você quer dizer que tem guardado tudo *à mão*?

— De que outra forma eu faria?

Os olhos azul-mar de Gwyn se semicerraram.

— Mas você tem poder, não tem?

— Não é da sua conta. — Não era da conta de ninguém. Ela não tinha nenhum dos dons habituais dos Grão-Feéricos. O poder dela, aquela *coisa*, era completamente estranho. Grotesco.

Mas Gwyn deu de ombros.

— Tudo bem. — Ela soltou os livros bem nos braços de Nestha. — Estes podem voltar.

Nestha cambaleou sob o peso dos livros e fez cara de raiva.

Gwyn ignorou a expressão, olhando em volta antes de abaixar a voz.

— Você viu o volume sete do livro *A grande guerra*, de Lavinia?

Nestha vasculhou a memória.

— Não. Não esbarrei com esse.

Gwyn franziu a testa.

— Não está na prateleira.

— Então está com outra pessoa.

— Era o que eu temia. — Ela exalou um fôlego dramático.

— Por quê?

A voz de Gwyn baixou para um sussurro conspiratório.

— Trabalho para alguém que é muito... exigente.

A memória retornou à Nestha. Alguém chamada Merrill, dissera Clotho no outro dia. O braço direito dela.

— Suponho que você não seja fã dessa pessoa?

Gwyn se recostou em uma das estantes, cruzando os braços com uma casualidade que traía suas vestes de sacerdotisa. De novo, ela não usava capuz ou pedra azul no alto da cabeça.

— Olha, embora eu considere muitas das fêmeas aqui minhas amigas, há algumas que não são o que eu consideraria legais.

Nestha riu.

Gwyn mais uma vez olhou para o fim da fileira.

— Você sabe por que todas estamos aqui. — Sombras tomaram os olhos dela, foi a primeira vez que Nestha as vira ali. — Todas passamos por... — Ela esfregou a têmpora. — Então eu odeio, *odeio* sequer falar mal de qualquer uma das minhas irmãs aqui. Mas Merrill é desagradável. Com todo mundo. Até mesmo Clotho.

— Por causa das experiências dela?

— Não sei — falou Gwyn. — Só sei que fui designada para trabalhar com Merrill e ajudar na pesquisa dela, e talvez tenha cometido um erro minúsculo. — Ela fez uma careta.

— Que tipo de erro?

Gwyn suspirou para o teto escuro.

— Eu deveria entregar o volume sete de *A grande guerra* para Merrill ontem, junto com uma pilha de outros livros, e eu podia ter *jurado* que entreguei, mas esta manhã, enquanto estava no escritório dela, olhei para a pilha e vi que tinha entregado o volume oito em vez do sete.

Nestha conteve um revirar de olhos.

— E isso é ruim?

— Merrill vai me matar se não estiver lá para ela ler hoje. — Gwyn saltou de um pé para o outro. — O que pode acontecer a qualquer momento. Eu saí assim que pude, mas o livro não está na prateleira. — Ela parou de se agitar. — Mesmo que eu encontrasse o livro, ela me veria trocando na pilha.

— E você não pode contar a ela? — Gwyn não podia estar falando sério sobre a parte de matar. Embora, com os feéricos, Nestha supunha que talvez fosse uma possibilidade. Apesar de aquele lugar ser de paz.

— Pelos deuses, não. Merrill não aceita erros. O livro deveria estar lá, eu *disse* a ela que estava lá, e... eu estraguei tudo. — O rosto da sacerdotisa empalideceu. Ela parecia quase doente.

— Por que isso importa?

Emoção se agitou naqueles olhos notáveis.

— Porque não quero cometer mais erros.

Nestha não sabia como interpretar aquela frase. Então apenas disse: — Ah.

Gwyn prosseguiu:

— Essas fêmeas me receberam. Me deram abrigo, cura e família. — De novo, os olhos grandes dela ficaram sombrios. — Não suporto desapontá-las em nada. Principalmente alguém tão exigente quanto Merrill. Mesmo que pareça trivial.

Admirável, embora Nestha estivesse relutante em admitir.

— Você já deixou esta montanha desde que chegou?

— Não. Depois que chegamos, não saímos a não ser que esteja na hora de partirmos, de volta ao mundo lá fora. Embora algumas de nós fiquem para sempre.

— E nunca mais veem a luz do dia? Nem sentem o ar fresco?

— Temos janelas, em nossos dormitórios. — Diante da expressão confusa de Nestha, ela explicou: — Elas são encantadas para não

serem vistas da encosta da montanha. Apenas o Grão-Senhor sabe sobre elas, pois o encantamento é dele. E agora você, suponho.

— Mas vocês não saem?

— Não — respondeu Gwyn. — Não saímos.

Nestha sabia que podia deixar a conversa terminar ali, mas perguntou: — E o que fazem com o tempo em que não estão na biblioteca? Praticam suas... coisas religiosas?

Gwyn abafou uma risada baixa.

— Em parte. Nós honramos a Mãe, e o Caldeirão, e as Forças da Existência. Temos um culto ao alvorecer e um ao anoitecer, e em todo dia sagrado.

Nestha deve ter feito uma careta, pois Gwyn riu com deboche.

— Não é tão chato assim. Os cultos são lindos, as músicas são tão belas quanto qualquer uma que você ouviria em um salão de música.

Isso *parecia* muito interessante.

— Eu gosto dos cultos do anoitecer — prosseguiu Gwyn. — A música sempre foi minha parte preferida, sabe. Quer dizer, não aqui. Eu era uma sacerdotisa... ainda acólita... antes de vir para cá. — Ela acrescentou, um pouco mais baixo: — Em Sangravah.

O nome parecia familiar a Nestha, mas ela não conseguia se lembrar.

Gwyn sacudiu a cabeça, seu rosto estava tão pálido que as sardas se destacavam como alto relevo.

— Preciso retornar a Merrill antes que ela comece a se perguntar onde estou. E pensar em algum jeito de salvar minha pele quando ela não conseguir encontrar aquele livro na pilha. — Ela indicou com o queixo os livros nas mãos de Nestha. — Obrigada por isso.

Nestha apenas assentiu, e a sacerdotisa se foi, com seu cabelo marrom-acobreado sumindo de vista.

Nestha voltou para o carrinho quase sem se encolher e resmungar, embora ter ficado de pé parada por tanto tempo com Gwyn tivesse tornado quase impossível voltar a andar.

Algumas sacerdotisas passaram, ou diretamente por ela, ou em algum dos andares acima ou abaixo, completamente caladas. Aquele lugar inteiro era silencioso. O único pingo de cor e som vinha de Gwyn.

Será que ela ficaria ali, trancada sob a terra, pelo resto da vida imortal?

Parecia uma pena. Compreensível para o que Gwyn devia ter aturado, sim — para o que todas aquelas fêmeas tinham aturado e sobrevivido. Mas não deixava de ser uma pena.

Nestha não soube por que fez aquilo. Por que esperou até que ninguém estivesse por perto para dizer para o ar sussurrado da biblioteca: — Pode me fazer um favor?

Ela podia jurar que sentiu uma pausa na poeira e na escuridão, um interesse elevado. Então perguntou: — Pode conseguir para mim o volume sete de *A grande guerra*? De alguém chamado Lavinia. — A Casa não tinha problema em mandar comida para ela, talvez conseguisse encontrar o volume.

De novo, Nestha podia jurar que sentiu aquela pausa de interesse, seguida de uma súbita ausência.

Então, um estampido soou no carrinho dela quando um livro de capa de couro cinza com letras também de cor cinza aterrissou sobre a pilha dela. Os lábios de Nestha se curvaram para cima.

— Obrigada. — Uma brisa suave e morna passou pelas pernas dela, como um gato se entremeando entre elas com um cumprimento acolhedor e uma despedida.

Quando a próxima sacerdotisa passou, Nestha se aproximou dela.

— Com licença.

A fêmea parou tão rapidamente que suas vestes pálidas balançaram junto. A pedra azul no capuz brilhava sob a luz feérica fraca.

— Sim? — A voz dela era baixa, sussurrada. Um cabelo preto cacheado despontava da túnica, e pele marrom exuberante brilhava nas lindas e delicadas mãos dela. Como Clotho, a fêmea usava o capuz sobre o rosto.

— A sala de Merrill... onde fica? — Nestha indicou o carrinho atrás dela. — Tenho alguns livros para ela, mas não sei onde trabalha.

A sacerdotisa apontou.

— Três andares para cima, no Nível Dois, no fim do corredor à direita.

— Obrigada.

A sacerdotisa se apressou, como se até mesmo aquele momento de interação social tivesse sido excessivo.

Mas Nestha olhou para seu destino, três andares acima.

O corpo dolorido não a ajudava a ser sorrateira, mas Nestha teve a sorte de não encontrar ninguém na subida. Ela bateu à porta fechada de madeira.

— Entre.

Nestha abriu a porta para uma sala que parecia uma cela retangular, ocupada por uma mesa na ponta oposta e duas prateleiras de livros ladeando ambas as paredes longas. Um pequeno estrado ficava à direita da mesa, sobre ele, havia um cobertor e um travesseiro perfeitamente alinhados. Como se a sacerdotisa encapuzada de costas para Nestha às vezes não pudesse se dar o trabalho de voltar ao dormitório para dormir.

Nenhum sinal de Gwyn. Nestha se perguntou se ela já fora dispensada devido ao suposto fracasso.

Mas Nestha deu alguns passos para dentro da sala, observando a prateleira à direita antes de dizer: — Trouxe os livros que solicitou.

A fêmea estava curvada sobre o trabalho, o arranhar da caneta preenchendo a sala.

— Ótimo. — Ela nem se virou. Nestha olhou para a outra prateleira.

Ali estava — o volume oito de *A grande guerra*. Nestha dera um passo silencioso na direção dele quando a cabeça da sacerdotisa se ergueu.

— Não pedi mais livros. E onde está Gwyneth? Ela devia ter voltado há meia hora.

Nestha perguntou do jeito mais inexpressivo e tolo que conseguiu: — Quem é Gwyneth?

Merrill se virou ao ouvir isso, e Nestha foi cumprimentada por um rosto surpreendentemente jovem — e espantosamente belo. Todos os Grão-Feéricos eram bonitos, mas Merrill fazia até mesmo Mor parecer sem sal.

O cabelo branco como neve fresca contrastava contra o marrom-claro da pele, e os olhos da cor de um céu crepuscular piscaram uma vez, duas. Como se estivessem se concentrando no aqui e agora e não em qualquer que fosse o trabalho que estivesse fazendo. Ela reparou nas roupas de couro de Nestha, na ausência de túnicas ou pedra sobre o cabelo trançado, e indagou: — Quem é você?

— Nestha. — Ela equilibrou os livros nos braços. — Foi-me pedido que trouxesse isto até você.

O volume oito de *A grande guerra* estava a meros centímetros. Se ela simplesmente colocasse a mão para a esquerda, conseguiria tirá-lo da prateleira. Trocá-lo pelo sete da pilha em seus braços.

Os olhos incríveis de Merrill se semicerraram. Ela parecia tão jovem quanto Nestha, mas um tipo de energia mal-humorada zunia em torno dela.

— Quem lhe deu essas ordens?

Nestha piscou, sentindo-se a personificação da estupidez.

— Uma sacerdotisa.

A boca volumosa de Merrill se contraiu.

— *Qual* sacerdotisa?

Gwyn estava certa em sua avaliação daquela fêmea. Ser designada a trabalhar com ela parecia mais uma punição do que uma honra.

— Não sei. Vocês todas usam esses capuzes.

— Estas são as roupas sagradas de nossa ordem, menina. Não *esses capuzes*. — Merrill retornou aos seus papéis.

Nestha perguntou, porque fazer isso deixaria a fêmea transtornada: — Então você não pediu estes livros, Roslin?

Merrill soltou a caneta e exibiu os dentes.

— Acha que sou *Roslin*?

— Mandaram que eu trouxesse estes livros para Roslin, e alguém disse que o seu... que o escritório dela era aqui.

— Roslin fica no Nível *Quatro*. Eu estou no Nível *Dois*. — Ela falou isso como se deixasse implícito algum tipo de hierarquia.

Nestha deu de ombros de novo. E talvez tenha se deliciado com aquilo.

Merrill fervilhou de ódio, mas voltou a trabalhar.

— Roslin — murmurou ela. — A insuportável e idiota da Roslin. *Sempre* tagarelando.

Nestha esticou a mão sorrateiramente para a prateleira à esquerda.

Merrill virou a cabeça, e Nestha puxou o braço para o lado do corpo.

— Nunca mais me incomode. — Merrill apontou para a porta. — Saia e feche a porta atrás de você. Se vir aquela tonta da Gwyneth, diga que a quero aqui *imediatamente*.

— Peço desculpas — disse Nestha, incapaz de manter o brilho de irritação longe dos olhos, mas Merrill já estava se virando para a mesa de novo.

Precisava ser agora.

Com um dos olhos na sacerdotisa, Nestha se moveu.

Ela tossiu para acobertar o barulho de livros se movendo. E quando Merrill virou a cabeça de novo, Nestha se certificou de que nem mesmo estivesse olhando para a prateleira. Onde o volume sete de *A grande guerra* estava no lugar do volume oito, o qual estava agora no topo dos outros livros nos braços de Nestha.

O coração de Nestha retumbava pelo corpo todo.

Merrill sibilou:

— O que ainda está fazendo aqui? *Saia*.

— Peço desculpas — repetiu Nestha, enquanto fazia uma reverência na altura da cintura, e saiu, fechando a porta atrás de si.

Foi só quando parou no corredor silencioso que se permitiu sorrir.

Ela encontrou Gwyn da mesma forma que encontrou Merrill: perguntando a uma sacerdotisa, essa ainda mais calada e retraída do que a outra. Tão trêmula e nervosa que até mesmo Nestha usou sua voz mais tranquila. E não conseguiu afastar o embrulho no estômago quando seguiu para a área de leitura do primeiro andar. Do outro lado do espaço cavernoso e quieto, era fácil ouvir o cantarolar baixinho de Gwyn conforme ela saltava entre mesas, olhando para as pilhas de livros jogados. Tentando desesperadamente encontrar o tomo perdido.

As palavras da alegre música de Gwyn eram em uma língua que Nestha não conhecia, mas, por um segundo, ela se permitiu ouvir — saborear a voz pura e doce que se elevava e abaixava com uma facilidade maleável.

O cabelo de Gwyn parecia brilhar ainda mais com a música, e sua pele irradiava uma luz que a convocava. Atraindo qualquer ouvinte para perto.

Mas o aviso de Merrill ressoou pela beleza da voz de Gwyn e Nestha pigarreou. Gwyn se virou para ela e o brilho sumiu mesmo quando seu rosto sardento se iluminou com surpresa.

— Oi de novo — disse ela.

Nestha apenas estendeu o volume oito de *A grande guerra*. Gwyn arquejou.

Nestha lançou a ela um sorriso malicioso.

— Alguém guardou esse aqui no lugar errado. Troquei pelo livro certo.

Felizmente, Gwyn não pareceu precisar de mais do que isso, e agarrou o livro contra o peito como um tesouro.

— Obrigada. Você acabou de me salvar de uma bronca terrível.

Nestha arqueou uma sobrancelha para o livro.

— Que pesquisa é essa que Merrill está fazendo, afinal de contas?

Gwyn franziu a testa.

— Um monte de coisas. Merrill é genial. Horrível, mas genial. Assim que ela chegou aqui, estava obcecada com teorias sobre a existência de mundos diferentes. Vivendo uns sobre os outros sem saber um do outro. Se há apenas uma existência, a nossa existência, ou se pode ser possível que mundos estejam sobrepostos, ocupando o mesmo espaço, mas separados pelo tempo e por um bando de outras coisas que nem consigo começar a explicar a você porque eu mesma mal entendo.

As sobrancelhas de Nestha se elevaram.

— É mesmo?

— Alguns filósofos acreditam que há onze mundos assim. E outros acreditam que há *26*, e que o último deles seja o próprio Tempo, o qual... — A voz de Gwyn se tornou um sussurro. — Olha,

vou ser bem sincera, dei uma olhada na pesquisa inicial dela e meus olhos sangraram só de ler as teorias e fórmulas.

Nestha riu.

— Posso imaginar. Mas ela está pesquisando outra coisa agora?

— Sim, graças ao Caldeirão. Está escrevendo uma história completa das Valquírias.

— As quem?

— Um clã de guerreiras fêmeas de outro território. Eram melhores lutadoras até mesmo do que os illyrianos. Mas o nome Valquíria era só um título, elas não eram uma raça, como os illyrianos. Vinham de todo tipo de feérico, e geralmente eram recrutadas desde o nascimento ou da infância. Tinham três estágios de treino: Novata, Lâmina e, por fim, Valquíria. Tornar-se uma era a maior honra em sua terra. O território delas se foi agora, tomado por outros.

— E as Valquírias também sumiram?

— Sim. — Gwyn suspirou. — As Valquírias existiram durante milênios. Mas a Guerra... aquela de quinhentos anos atrás... acabou com a maioria delas, e as poucas sobreviventes tinham idade o bastante para rapidamente atingirem a velhice e morrerem depois. Por causa da humilhação, é o que dizem as lendas. Elas *se deixaram* morrer, em vez de enfrentarem a vergonha da batalha perdida e sobreviverem quando suas irmãs não conseguiram.

— Nunca ouvi falar delas. — Ela sabia pouco sobre qualquer parte da história dos feéricos, tanto por escolha quanto por causa da total falta de instrução sobre isso no mundo humano.

— A história e o treino das Valquírias eram em grande parte orais, então qualquer relato que temos foi escrito por algum historiador, filósofo ou comerciante de passagem. São apenas fragmentos, espalhados por vários livros. Não há nenhuma fonte primária além de alguns pergaminhos preciosos. Merrill colocou na cabeça há anos que começaria a compilar tudo em um volume. A história delas, as técnicas de treino.

Nestha abriu a boca para perguntar mais, mas um relógio soou em algum lugar atrás delas.

Gwyn enrijeceu.

— Faz muito tempo que estou fora. Ela vai ficar furiosa. — Merrill ficaria mesmo. Gwyn se virou para a rampa além da área de leitura.

Mas parou e olhou por cima do ombro. — Mas não tão furiosa quanto ficaria com o livro errado. — A sacerdotisa lançou a Nestha um sorriso. — Obrigada. Tenho uma dívida com você.

Nestha trocou o peso do corpo entre os pés.

— Não foi nada.

Os olhos de Gwyn brilharam, e antes que Nestha pudesse evitar a emoção que brilhava ali, a sacerdotisa disparou, com as vestes voando atrás, em direção à sala de Merrill.

Nestha conseguiu chegar no próprio quarto sem desabar de pura exaustão e sem que Merrill percebesse que tinha sido enganada e fosse matá-la. As duas coisas pareciam uma grande conquista.

Ela encontrou um prato de comida esperando na escrivaninha do quarto, e mal havia se sentado quando avançou na carne com pão e na variedade de vegetais assados. Ficar de pé de novo foi difícil, mas ela chegou ao banheiro, onde um banho quente já fumegava.

Entrar na banheira exigiu toda sua concentração. Ela puxou uma perna de cada vez, e gemeu de alívio quando o delicioso calor a encharcou e envolveu. Nestha ficou sentada ali até seu corpo ter relaxado o suficiente para se mover, depois caiu nos lençóis aquecidos sem se incomodar em vestir uma camisola.

Não tentaria as escadas essa noite. Nenhum sonho a acordou também.

Nestha dormiu e dormiu e dormiu, embora pudesse jurar que sua porta se entreabriu em certo momento. Que um cheiro familiar e chamativo preencheu seu quarto. Ela tentou alcançá-lo com a mão sonolenta e pesada, mas já havia sumido.

Capítulo 14

Cassian estava no ringue de treino, tentando não encarar a porta vazia.

Nestha não aparecera para tomar café da manhã. Ele tinha deixado passar porque ela também não tinha aparecido para jantar, mas isso foi porque estava desmaiada na cama. Nua. Ou quase.

Ele não viu nada quando colocou a cabeça para dentro do quarto dela — pelo menos nada que pudesse ter mexido com sua cabeça a ponto de deixá-lo inútil — mas o ombro exposto dela sugeriu o bastante. Ele pensou em acordá-la para insistir que comesse, mas a Casa se intrometeu.

Uma bandeja surgiu ao lado da porta, cheia de pratos vazios.

Como se a Casa estivesse mostrando a ele exatamente o quanto ela havia comido. Como se a Casa tivesse *orgulho* do que tinha feito ela comer.

— Bom trabalho — murmurou Cassian para o ar, e a bandeja sumiu. Ele fez uma nota mental para perguntar a Rhys sobre aquilo depois, se a Casa era consciente. Jamais ouvira o Grão-Senhor mencionar isso em cinco séculos.

Considerando as coisas sacanas que tinha feito no quarto, no banheiro — caramba, em tantos cômodos dali —, pensar na Casa *assistindo*... que o Caldeirão o fervesse vivo.

Então Cassian tinha deixado Nestha dormir e perder o café da manhã, esperando que a Casa pelo menos tivesse levado a refeição para o quarto dela. Mas isso significava que ele não fazia ideia se ela apareceria. Nestha tinha feito um acordo com ele no dia anterior, e ele tinha ido até lá hoje para ver se ao menos ela o encontraria. Se provaria que o dia anterior não tinha sido uma exceção.

Minutos se passaram.

Talvez ele fosse um tolo por ter esperanças. Por pensar que uma lição poderia bastar...

Palavrões abafados preencheram a escada além do arco. Cada raspar de botas parecia se mover lentamente.

Cassian não ousou respirar, não quando os palavrões dela iam se aproximando. Centímetro a centímetro. Como se ela estivesse levando muito, muito tempo para subir as escadas.

E então ela estava ali, mas ele apenas disse, com alívio fraquejando seus joelhos: — Eu devia ter pensado nisso.

— Pensado *no quê*? — Ela parou a um metro dele.

— Que você se atrasaria porque está tão dolorida que mal consegue subir as escadas.

Ela apontou para a porta.

— Eu cheguei, não cheguei?

— Verdade. — Ele piscou um olho. — Vou deixar isso contar como parte do seu aquecimento. Para soltar os músculos das pernas.

— Preciso sentar.

— E arriscar não conseguir se levantar de novo? — Ele sorriu. — Sem chance. — Cassian assentiu para o espaço ao lado dele. — Alongamentos.

Ela resmungou. Mas se posicionou.

E quando Cassian começou a instruir Nestha com os movimentos, ela prestou atenção.

Duas horas depois, suor escorria pelo corpo de Nestha, mas a dor tinha pelo menos parado. *Você precisa tirar o ácido lático dos músculos — é isso que está doendo*, dissera Cassian quando ela reclamou sem parar durante os primeiros trinta minutos. Sabe-se lá o que aquilo queria dizer.

Ela estava deitada no colchonete preto, ofegante de novo, olhando para o céu nublado. Estava bem mais frio do que no dia anterior, com tendões de névoa flutuando pelo ringue de vez em quando.

— Quando vai parar de doer? — perguntou ela a Cassian, sem fôlego.

— Nunca.

Nestha virou a cabeça para ele, o máximo de movimento que conseguia.

— *Nunca?*

— Bom, fica melhor — corrigiu ele, e foi até os pés dela. — Posso?

Ela não fazia ideia do que ele estava perguntando, mas assentiu.

Cassian fechou as mãos com cuidado em torno do tornozelo dela, sua pele quente contra o pé de Nestha, e levantou a perna dela para o alto. Nestha sibilou quando um músculo na parte de trás da coxa gritou em protesto, ficando tão tenso que ela trincou os dentes.

— Inspire quando eu empurrar a perna na sua direção — ordenou ele.

Cassian esperou até que ela expirasse e então levantou mais a perna. A tensão na coxa era considerável, a ponto de ela parar de pensar nas mãos calejadas e quentes dele contra seu tornozelo exposto, em como ele estava ajoelhado entre as pernas dela, tão próximo que ela virou a cabeça para olhar para a rocha vermelha da parede.

— De novo — disse ele, e Nestha expirou, avançando mais um centímetro. — De novo. Pelo Caldeirão, sua musculatura posterior está tão tensa que poderia se partir.

Nestha obedeceu, e continuou alongando a perna para cima, avançando centímetro após centímetro.

— A dor fica mais tranquila, sim — disse Cassian, depois de um momento, como se ele não estivesse segurando a perna dela contra

o peito. — Embora tenha muitos dias em que eu mal consiga andar depois do treino. Depois de uma batalha, então, preciso de uma semana para me recuperar.

— Eu sei. — Os olhos dele encontraram os dela, e Nestha explicou: — Quer dizer, eu vi você. Na guerra.

Ela o viu ser puxado, inconsciente, com as tripas para fora. Viu Cassian no céu, a morte correndo atrás dele até que ela gritou seu nome, salvando-o. Viu Cassian no chão, destruído e sangrando, o rei de Hybern prestes a matar os dois...

O rosto de Cassian se suavizou. Como se ele soubesse quais eram as memórias que a perturbavam.

— Sou um soldado, Nestha. Isso faz parte dos meus deveres. Parte de quem sou.

Ela olhou para a parede, e ele abaixou a perna dela antes de começar com a outra. A tensão naquela musculatura posterior era insuportável.

— Quanto mais alongar — explicou ele, quando Nestha fechou os olhos com força para afastar a dor —, mais mobilidade vai conseguir.

Ele assentiu para a escada de corda aberta no chão do ringue de treino, onde Cassian a havia feito correr de um lado para outro, levando os joelhos ao peito, mantendo-se dentro de cada quadrado, durante cinco minutos seguidos.

— Você tem flexibilidade nos pés.

— Fiz aula de dança quando era criança.

— Sério?

— Nem sempre fomos pobres. Até eu fazer 14 anos, meu pai era rico como um rei. Eles o chamavam de Príncipe dos Mercadores.

Cassian deu um sorriso hesitante.

— E você era a princesa dele?

Gelo estalou em Nestha.

— Não. Elain era a princesa dele. Até Feyre era mais a princesa dele do que eu jamais fui.

— E o que você era?

— Eu era a criatura de minha mãe. — Ela disse aquilo com tanta frieza que quase congelou sua língua.

Cassian falou, com cautela:

— Como ela era?

— Uma versão pior de mim.

As sobrancelhas dele se franziram.

— Eu...

Nestha não queria ter aquela conversa. Nem mesmo a luz do sol conseguia aquecê-la. Ela puxou as pernas e se sentou; precisava se distanciar dele.

Como parecia que ele falaria de novo, Nestha disse a única coisa em que conseguiu pensar: — O que aconteceu com as sacerdotisas de Sangravah há dois anos?

Ele ficou completamente imóvel.

Foi assustador. A quietude de um macho pronto para matar, para defender, para sangrar. Mas a voz de Cassian soou terrivelmente calma quando ele perguntou: — Por quê?

— O que aconteceu?

A boca dele ficou tensa, e Cassian engoliu em seco antes de falar; — Hybern estava procurando pelo Caldeirão na época, pelos pedaços dos pés dele. Um estava escondido no templo de Sangravah, o poder foi usado para alimentar os dons das sacerdotisas de lá durante milênios. Hybern descobriu, e mandou uma unidade dos guerreiros mais mortais e cruéis para recuperá-los. — Um ódio frio tomou o rosto dele. — Os guerreiros massacraram a maioria das sacerdotisas por diversão. E estupraram aquelas de que gostaram.

Um horror gélido e profundo percorreu o corpo dela. Gwyn tinha...

— Você conheceu uma delas na biblioteca? — perguntou ele.

Nestha assentiu, incapaz de encontrar as palavras.

Ele fechou os olhos, como se contendo a raiva.

— Ouvi falar que Mor tinha trazido uma delas. Azriel foi quem chegou lá primeiro, e ele matou todos os soldados de Hybern que restavam, mas àquela altura... — Ele estremeceu. — Não sei o que aconteceu com as outras sobreviventes. Mas fico feliz que uma delas tenha acabado aqui. Que esteja segura, quer dizer. Com pessoas que a entendem e desejam ajudar.

— Eu também — falou Nestha, baixinho.

Ela ficou de pé sobre as pernas surpreendentemente relaxadas, e piscou para elas.

— Não estão mais doendo tanto.

— Alongamento — falou Cassian, como se fosse resposta suficiente. — Nunca se esqueça do alongamento.

A Corte Primaveril fazia Cassian sentir coceira. Tinha pouco a ver com o canalha que a governava, percebeu ele, mas com o fato de que o território vivia em eterna primavera. O que significava nuvens de pólen flutuando, fazendo o nariz dele escorrer, a pele coçar, e quando dava por si, havia pelo menos uma dúzia de insetos rastejando em seu corpo.

— Pare de se coçar — disse Rhys, sem olhar para ele, conforme os dois caminhavam por um pomar de macieiras em flor. Sem asas à vista hoje.

Cassian abaixou as mãos do peito.

— Não posso fazer nada se este lugar deixa minha pele pinicando.

Rhys riu debochado, indicando uma das árvores em flor acima deles com pétalas grossas como a neve penduradas.

— O temido general, derrubado por alergias sazonais.

Cassian deu uma fungada desnecessariamente alta, o que garantiu uma gargalhada de Rhys. Que bom. Quando ele se encontrou com o irmão meia hora antes, os olhos de Rhys estavam distantes, e o rosto, solene.

Rhys parou no meio do pomar, que ficava ao norte da outrora bela mansão de Tamlin.

O sol da tarde aquecia a cabeça de Cassian, e se o corpo inteiro dele não estivesse coçando tão intensamente, ele poderia ter se deitado na grama aveludada e tomado sol nas asas.

— Eu arrancaria minha pele agora, se fizesse a coceira passar.

— Está aí uma visão que eu gostaria de testemunhar — disse uma voz atrás deles, e Cassian não se incomodou em parecer amigável quando encontrou Eris de pé à base de uma árvore a um metro e meio de distância. Em meio às flores cor-de-rosa e brancas, o herdeiro da Corte Outonal de expressão fria parecia um verdadeiro feérico, como se tivesse saído da árvore, e como se seu único mestre fosse a própria terra.

— Eris — ronronou Rhys, levando as mãos aos bolsos. — Que prazer.

Eris assentiu para Rhys. Seu cabelo ruivo manchado pela luz do sol que penetrava pelos galhos estava carregado de flores.

— Tenho pouco tempo.

— Você convocou este encontro — disse Cassian, cruzando os braços. — Então desembuche.

Eris lançou para ele um olhar cheio de desprezo.

— Tenho certeza de que você relatou minha oferta a Rhysand.

— Ele relatou — respondeu Rhys, com o cabelo preto sendo soprado por uma brisa suave, suspirante. Parecia que o próprio vento amava tocá-lo. — Não gostei das ameaças.

Eris deu de ombros.

— Só quis deixar bem explícito.

— Desembuche, Eris — falou Cassian. Mais um minuto ali e a coceira o levaria à loucura.

Ele desejava que qualquer outra pessoa tivesse ido em seu lugar. Mas tinha sido designado por Rhys para lidar com aquele desgraçado. De um general para outro. Eris tinha convocado a reunião naquela manhã e escolheu aquele lugar como território neutro. Ainda bem que o lorde dali não tinha interesse em patrulhar quem entrava naquelas terras.

Eris ficou de olho em Rhys.

— Presumo que seu encantador de sombras esteja fazendo o que faz de melhor.

Rhys não respondeu, não revelou nada. Cassian o imitou.

Eris prosseguiu, dando de ombros.

— Estamos desperdiçando tempo reunindo informações em vez de agir. — Os olhos âmbar dele brilharam no mesmo tom da macieira. — Independentemente de qual senhor da morte as controla, se as rainhas humanas pretendem ser uma pedra em nosso sapato, poderíamos simplesmente dar um jeito nelas agora. Em todas elas. Meu pai seria forçado a abandonar os planos dele. E tenho certeza de que você poderia inventar algum motivo que não tenha nada a ver comigo ou com o que lhe contei para justificar a... remoção delas.

Cassian disparou:

— Você quer que derrubemos as rainhas?

Foi a vez de Eris de não dizer nada.

Rhys também permaneceu calado.

Cassian lançou a eles um olhar incrédulo.

— Se matarmos aquelas rainhas, estaremos em uma confusão maior do que nunca. Guerras já começaram por muito menos. Matar uma rainha sequer, que dirá quatro, seria uma catástrofe. Todos saberiam quem fez isso, independentemente dos motivos que inventaríamos para justificar.

Rhys inclinou a cabeça.

— Só se formos desleixados.

— Você não pode estar falando sério — disse Cassian ao irmão.

— Em parte estou — respondeu Rhys, lançando a ele um sorriso sarcástico que nem chegou aos olhos. Uma distância profunda pairava ali. Mas Rhys se virou para Eris. — Por mais que seja tentador optar pela saída mais simples, concordo com meu irmão. É uma solução simples para nossos problemas atuais, e para derrotar seu pai, mas criaria um conflito muito maior do que qualquer um que estejamos antecipando. — Rhys observou Eris. — Você sabe muito bem disso.

Eris continuou sem dizer nada.

Cassian olhou de um para outro, observando Rhys processando as falas.

Rhys perguntou, com seriedade:

— Por que seu pai quer tanto começar uma guerra?

— Por que alguém faz guerra? — Eris estendeu a mão longa e esguia, deixando as pétalas que caíam se acumularem ali. — Por que Vallahan não assina o tratado? As fronteiras deste novo mundo ainda não foram delimitadas.

— Beron não tem força militar para controlar a Corte Outonal e um território no continente — replicou Cassian.

Os dedos de Eris se fecharam em volta das pétalas.

— Quem disse que ele quer um território no continente? — O macho avaliou o pomar, como se para indicar seu argumento.

Silêncio recaiu.

Rhys murmurou:

— Beron sabe que outra guerra que coloque feéricos contra feéricos seria catastrófica. Muitos de nós seríamos devastados de vez. Principalmente... — Rhys inclinou a cabeça para trás para observar as flores da maçã. — Principalmente aqueles de nós que estão enfraquecidos. E quando a poeira baixasse, haveria pelo menos uma corte vazia, com terras abertas para quem quisesse tomá-las.

Eris olhou para as colinas além do pomar, verdes, douradas e brilhando à luz do sol.

— Dizem que uma besta vaga por estas terras agora. Uma besta com olhos verdes atentos e pelo dourado. Alguns pensam que a besta esqueceu sua outra forma, de tanto tempo que passou nesse corpo monstruoso. E embora perambule por estas terras, não vê ou se importa com a negligência pela qual passa, a ausência de leis, a vulnerabilidade. Até sua mansão caiu em descuido, semidevorada por espinhos, embora rumores digam que ele mesmo a destruiu.

— Chega dessas metáforas — falou Cassian. — Tamlin permanece na forma bestial e finalmente está recebendo a punição que merece. E daí?

Eris e Rhys se encararam. Eris falou:

— Você está tentando trazer Tamlin de volta faz tempo. Mas ele não está melhorando, não é?

A mandíbula de Rhys se contraiu, seu único indício de desprazer.

Eris assentiu em compreensão.

— Posso atrasar a aliança de meu pai com Briallyn e o início desta guerra por algum tempo. Mas não para sempre. Talvez por alguns meses. Então sugiro que seu encantador de sombras se apresse. Encontre uma forma de lidar com Briallyn e descubra o que ela quer e por quê. Descubra se Koschei está mesmo envolvido. Na melhor das hipóteses, impediremos todos eles. Na pior, teremos provas que justifiquem qualquer conflito e com sorte conquistem aliados para nosso lado, evitando o derramamento de sangue que partiria estas terras mais uma vez. Meu pai pensaria duas vezes antes de se colocar contra um exército de força e tamanho superiores.

— Você se tornou um traidorzinho e tanto — falou Rhys, com estrelas brilhando em seus olhos.

— Eu lhe disse há anos o que eu queria, Grão-Senhor — falou Eris.

Tomar o trono do pai.

— Por quê? — perguntou Cassian.

Aparentemente, Eris entendeu o que ele quis dizer, porque chamas chiaram em seus olhos.

— Pelo mesmo motivo que deixei Morrigan intocada na fronteira.

— Você a deixou lá para sofrer e morrer — disparou Cassian. Seus Sifões brilharam, e tudo o que ele conseguiu ver foi o belo rosto do macho, tudo o que conseguiu sentir foi o próprio punho, ávido por fazer contato.

Eris riu com desprezo.

— Deixei, é? Talvez você devesse perguntar a Morrigan se isso é verdade. Acho que ela finalmente sabe a resposta. — A cabeça de Cassian girou, e a coceira insistente retornou, como dedos percorrendo sua espinha, suas pernas e o couro cabeludo. Eris acrescentou, antes de atravessar e partir: — Conte-me quando o encantador de sombras voltar.

Pétalas passaram como uma corrente, espessas como uma nevasca montanhosa, e Cassian se virou para Rhys.

Mas o olhar de Rhys tinha ficado distante — mais uma vez distraído. Ele encarou as colinas distantes, como se pudesse ver a besta que vagava por ali.

Cassian tinha visto Rhys se perder nos próprios pensamentos várias vezes. Sabia que o irmão era propenso a se fechar e continuar parecendo perfeitamente bem. Mas aquele nível de distração...

— Qual é o seu problema? — Cassian coçou a cabeça. Que lugar infernal.

Rhys piscou, como se tivesse se esquecido que Cassian estava ao seu lado.

— Nada. — Ele deu um peteleco em uma pétala na luva das vestes de couro. — Nada.

— Mentiroso. — Cassian fechou as asas.

Mas Rhys não estava ouvindo de novo. Ele não disse nada antes de atravessar com Cassian para casa.

Nestha encarou o brilho avermelhado da escada.

Tinha ficado tão dolorida quanto no dia anterior, enquanto trabalhava na biblioteca, mas ainda bem que Merrill não tinha vindo arrancar seu couro por causa do livro trocado. Ela não falou com ninguém além de Clotho, que lhe dera apenas cumprimentos breves. Então, Nestha ficou guardando livros na escuridão, cercada pelos sussurros de papel farfalhando e parando apenas para limpar a poeira das mãos. Sacerdotisas passavam por ela como fantasmas, mas Nestha não viu um lampejo de cabelos castanho-acobreados e grandes olhos azul-mar.

Sendo sincera, ela não sabia dizer por que queria ver Gwyn. O que Cassian tinha lhe dito sobre o ataque no templo não era o tipo de coisa que Nestha tinha qualquer direito de mencionar.

Mas Gwyn não a procurou, e Nestha não ousou subir até o segundo andar para bater à porta de Merrill e ver se Gwyn estava lá.

Então o trabalho foi preenchido por silêncio, dor e o rugido em sua cabeça. Talvez tenha sido o rugido que a levou até a escada, em vez de para o quarto, para se lavar. A semiescuridão chamava, desafiando-a como a boca aberta de alguma besta enorme. Um verme, preparado para devorá-la por inteiro.

As pernas dela se moveram por vontade própria, e seu pé aterrissou no primeiro degrau.

Mais e mais para baixo, girando e girando. Nestha ignorou o degrau com os cinco buracos sulcados nele. Fez questão de não olhar para baixo ao cuidadosamente pulá-lo.

Silêncio, um rugido e nada, nada, nada...

Nestha chegou ao degrau 150 antes de suas pernas quase cederem de novo. Poupando-se de outra queda, ela ofegou nos degraus, encostando a cabeça contra a pedra.

Naquele silêncio estrondoso, ela esperou que as escadas parassem de girar ao redor dela. E quando o mundo ficou de novo quieto, ela fez a longa e terrível subida para o alto.

A Casa ofereceu o jantar dela na mesa, junto com um livro. Aparentemente, tinha registrado o pedido por um livro no outro dia e julgara que *A grande guerra* era chato demais. O título desse era adequadamente obsceno.

— Eu não sabia que você gostava dessas coisas lascivas — disse Nestha, sarcasticamente.

A Casa respondeu apenas preparando um banho.

— Jantar, banho e um livro — disse Nestha, em voz alta, sacudindo a cabeça com algo próximo de espanto. — Perfeito. Obrigada.

A Casa não disse nada, mas quando Nestha entrou no banho, descobriu que não era um banho comum. A Casa havia acrescentado uma variedade de óleos que tinham cheiro de alecrim e lavanda. Ela inspirou o cheiro inebriante e belo, e suspirou.

— Acho que você talvez seja minha única amiga — falou Nestha, então gemeu até chegar no calor acolhedor da banheira.

A Casa aparentemente ficou tão satisfeita com as palavras dela que, assim que Nestha encostou, uma bandeja surgiu atravessada sobre a banheira. Nela estava servido um pedaço imenso de bolo de chocolate.

Capítulo 15

O sétimo andar da biblioteca era perturbador.

De pé no parapeito de pedra do Nível Seis, agarrada a um livro que precisava ser guardado, Nestha olhou para a escuridão a poucos centímetros dela, tão densa que pairava como uma camada de neblina, ocultando os níveis abaixo.

Ela sabia que havia livros lá embaixo, mas nunca tinha sido enviada até aqueles andares escuros. Nunca vira uma das sacerdotisas se aventurar além do ponto onde ela estava no momento, olhando por cima do parapeito. Mais adiante, a escuridão fazia seu chamado no fim da rampa. Como se fosse uma entrada para um poço escuro do inferno.

Os Corvos gêmeos de Hybern estavam mortos. Será que o sangue deles ainda manchava o chão lá embaixo? Ou será que Rhysand e Bryaxis tinham limpado até mesmo esse vestígio deles?

A escuridão parecia se elevar e descer. Como se respirasse.

Os pelos do braço dela se arrepiaram.

Bryaxis se fora. Estava solto pelo mundo. Nem a caçada de Feyre e Rhysand tinha recuperado aquilo que era o próprio Medo.

No entanto, a escuridão continuava ali. Pulsava e mandava tendões de sombras flutuando para cima.

Ela estava encarando as profundezas há tanto tempo, que a escuridão poderia encará-la de volta.

Mas Nestha não se moveu do parapeito. Não conseguia se lembrar de como tinha chegado até ali, ou que livro ainda segurava nas mãos.

Havia a noite, havia a escuridão de se apagar uma vela, e havia aquilo. Não apenas a pura ausência de luz, mas... um ventre. O ventre do qual toda vida tinha saído e para o qual voltaria, nem bom nem mau, só escuro, escuro, escuro.

Nestha.

O nome pairou até Nestha como se subisse das profundezas de um oceano preto.

Nestha.

Ele deslizou por seus ossos, seu sangue. Ela precisava recuar. Afastar-se.

A escuridão pulsava como uma convocação.

— Nestha.

Ela se virou e quase deixou o livro cair do parapeito.

Gwyn estava de pé ali, olhando para ela.

— O que está fazendo?

Com o coração retumbando, Nestha se virou para a escuridão, mas... era apenas isso. Escuridão empoeirada, através da qual ela agora conseguia mais ou menos distinguir os níveis inferiores abaixo. Como se o preto denso e impenetrável tivesse sumido.

— Ela... eu...

Gwyn, com os braços cheios de livros, caminhou até o lado dela e observou a escuridão. Nestha esperou pelo sermão, pela ridicularização e a incredulidade, mas Gwyn apenas perguntou, com seriedade: — O que você viu?

— Por quê? — perguntou Nestha. — Você vê coisas nessa escuridão? — A voz dela soou fina.

— Não, mas algumas das outras veem. Dizem que a escuridão já as seguiu. Até seus quartos. — Gwyn estremeceu.

— Eu vi escuridão — conseguiu dizer Nestha. O coração não se acalmava. — Pura escuridão.

Do tipo que ela não via desde que estivera dentro do Caldeirão.

Gwyn olhou para Nestha e para o abismo abaixo.

— Acho que devíamos ir um pouco mais para cima.

Nestha ergueu o livro que ainda estava em seus braços trêmulos.

— Preciso guardar isto.

— Deixe — falou Gwyn, com tanta autoridade que Nestha soltou o livro em uma mesa de madeira escura. A sacerdotisa levou a mão às costas de Nestha, acompanhando-a para cima da rampa. — Não olhe para trás — murmurou Gwyn, pelo canto da boca. — Em que nível está seu carrinho?

— No quatro. — Ela começou a virar a cabeça para olhar por cima do ombro, mas Gwyn a beliscou.

— Não olhe para trás — murmurou Gwyn de novo.

— A escuridão está me seguindo?

— Não, mas... — Gwyn engoliu em seco audivelmente. — Consigo sentir alguma coisa. Como um gato. Algo pequeno, esperto e curioso. À espreita.

— Se você estiver brincando...

Gwyn levou a mão ao bolso da túnica pálida e pegou a pedra azul das sacerdotisas. A pedra tremeluziu, como o sol em um oceano raso.

— Rápido agora — sussurrou ela, e as duas apertaram o passo, chegando ao quinto nível. Nenhuma outra sacerdotisa se aproximou, e não havia ninguém para testemunhar Gwyn insistindo: — Continue.

A pedra na mão dela brilhava.

As duas fizeram mais uma curva para cima, e no momento em que chegaram ao quarto andar, aquela presença, aquela sensação de alguma coisa às costas delas, se aliviou.

Elas esperaram até terem chegado ao carrinho de Nestha antes de Gwyn soltar os livros no chão e se atirar na poltrona mais próxima. As mãos dela tremiam, mas a pedra azul tinha ficado dormente de novo.

Nestha precisou engolir em seco duas vezes antes de conseguir dizer:

— O que *é* isso?

— É uma Pedra de Invocação. — Gwyn abriu os dedos, revelando a joia na mão. — Semelhante aos Sifões dos illyrianos,

mas é o poder da Mãe que flui por elas. Não podemos usar para fazer o mal, apenas para cura e proteção. Estava nos protegendo.

— Não... estava falando daquela escuridão.

Os olhos de Gwyn se assemelhavam quase perfeitamente à pedra dela, até as sombras que agora encobriam sua expressão.

— Dizem que o ser que morava lá embaixo se foi. Mas acredito que parte dele pode ter ficado. Ou no mínimo alterou a essência da escuridão em si.

— Não foi essa a sensação. Pareceu... mais antigo.

As sobrancelhas de Gwyn se ergueram.

— E você entende dessas coisas? — Não havia condescendência nas palavras, apenas curiosidade.

— Eu... — Nestha piscou. — Você não sabe quem sou?

— Sei que você é a irmã da Grã-Senhora. Que você matou o rei de Hybern. — O rosto de Gwyn ficou solene, assombrado. — Que você, assim como Senhora Feyre, um dia foi mortal. Humana.

— Eu fui Feita pela Caldeirão. Sob ordens do rei de Hybern.

Gwyn passou os dedos pela curva suave da Pedra de Invocação, que ondulou com luz ao toque.

— Eu não sabia que isso era possível.

— Minha outra irmã, Elain... nós fomos forçadas a entrar no Caldeirão e transformadas em Grã-Feéricas. — Nestha engoliu em seco de novo. — Ele... passou parte dele para mim.

Gwyn observou o parapeito, a queda aberta para a escuridão além dele.

— Semelhante atrai semelhante.

— Isso.

Gwyn sacudiu a cabeça, o que fez seus cabelos balançarem.

— Bom, talvez seja melhor você não voltar ao Nível Seis.

— É meu trabalho guardar os livros.

— Avise a Clotho e ela vai se assegurar de que aqueles livros sejam entregues a outras.

— Parece covardia.

— Não tenho a mínima vontade de descobrir o que pode sair rastejando daquela escuridão se até você, que foi Feita pelo Caldeirão, a teme. Principalmente se é... atraída por você.

Nestha afundou na cadeira ao lado de Gwyn.

— Não sou guerreira.

— Você matou o rei de Hybern — repetiu Gwyn. — Com a faca do encantador de sombras.

— Sorte e raiva — admitiu Nestha. — E prometi matá-lo pelo que fez comigo e com minha irmã.

Uma sacerdotisa passou por elas, viu as duas paradas ali e saiu correndo. O medo dela deixou um odor no ar como o de comida queimada.

Gwyn suspirou.

— Aquela é Riven. Ainda fica desconfortável com qualquer tipo de contato com estranhos.

— Quando ela chegou?

— Há oito anos.

Nestha se espantou. Mas tristeza encheu os olhos de Gwyn quando ela explicou: — Não fazemos fofocas umas sobre as outras aqui. Nossas histórias permanecem nossas para contarmos ou guardarmos. Apenas Riven, Clotho e o Grão-Senhor sabem o que aconteceu com ela. Ela não fala a respeito.

— E não houve ajuda para ela?

— Não estou a par dessa informação. Sei dos recursos disponíveis para nós, mas não é da minha conta se Riven fez uso deles. — Pela preocupação agora estampada no rosto de Gwyn, Nestha sabia que a jovem tinha usado os serviços. Ou pelo menos havia tentado.

Gwyn prendeu o cabelo atrás das orelhas arqueadas.

— Eu queria encontrar você ontem para agradecer de novo por ter trocado aquele livro, mas fiquei enrolada com o trabalho com Merrill. — Ela inclinou a cabeça. — Estou em dívida com você.

Nestha esfregou uma cãibra insistente na coxa.

— Não foi nada.

Gwyn notou o movimento.

— O que tem na sua perna?

Nestha trincou os dentes.

— Nada. Estou treinando toda manhã com Cassian. — Ela não fazia ideia se Gwyn sabia dele, então explicou: — O general do Grão-Senhor...

— Sei quem ele é. Todo mundo sabe quem ele é. — Era impossível decifrar o rosto de Gwyn. — Por que você treina com ele?

Nestha esfregou um tufo de poeira do joelho.

— Digamos que me foram apresentadas várias opções, todas destinadas a... conter meu comportamento. Treinar com Cassian de manhã e trabalhar aqui à tarde foi a mais palatável.

— Por que você precisa conter seu comportamento?

Gwyn realmente não sabia... sobre o desperdício terrível e miserável que Nestha havia se tornado.

— É uma longa história.

Gwyn pareceu entender a relutância de Nestha.

— Que tipo de treino é? Combate?

— No momento, vários exercícios de equilíbrio e alongamento.

Ela acenou na direção da perna de Nestha.

— E dói?

— Dói quando se está fora de forma como eu. — Uma fracote patética.

Duas outras sacerdotisas passaram, e aparentemente a presença delas bastou para lançar Gwyn de pé.

— Bom, preciso voltar para Merrill — anunciou ela, sem mais nenhum traço de solenidade. Ela assentiu para a queda do poço. — Não vá atrás de confusão.

Gwyn deu meia-volta; uma luz azul lampejava em sua mão.

A visão daquele azul fez Nestha disparar:

— Por que você não usa essa pedra na cabeça como as outras?

Gwyn guardou a gema.

— Porque não mereço.

— Isso é mesmo tudo o que faremos? — indagou Nestha na manhã seguinte, no ringue de treino, ao se levantar do que Cassian chamou de um agachamento-reverência. — Equilíbrio e alongamento?

Cassian cruzou os braços.

— Enquanto você continuar com um equilíbrio de merda, sim.

— Eu não caio *tanto* assim. — Apenas a cada poucos minutos.

Ele indicou para que ela fizesse outro agachamento.

— Você ainda mantém o peso na perna direita quando fica de pé. Isso abre seu quadril, e seu pé direito gira levemente para o lado. Seu centro de equilíbrio está todo torto. Até corrigirmos isso, você não vai fazer nada mais intenso, não importa o quanto seja flexível nos pés. Você acabaria se lesionando.

Nestha expirou ao fazer mais um agachamento enquanto a perna direita ia deslizando para trás da esquerda conforme ela descia. Uma queimação estremeceu por sua coxa e joelho esquerdos. Quantas reverências tinha praticado sob o olho atento da mãe? Tinha se esquecido de que eram tão difíceis.

— Como se você tivesse uma postura muito perfeita.

— Eu tenho. — Havia uma arrogância irredutível em cada palavra. — Treino desde criança. Nunca tive a chance de aprender a ficar de pé incorretamente. Você tem 25 anos de maus hábitos para corrigir.

Ela se levantou do agachamento com pernas trêmulas. Ficou tentada a cobrar o acordo entre eles e ordenar que Cassian jamais a obrigasse a fazer outro agachamento.

— E você realmente gosta desses exercícios e treinos intermináveis?

— Mais dois e eu lhe respondo.

Resmungando, Nestha obedeceu. Só porque estava cansada de ser tão fraca quanto uma gatinha chorona, como ele a havia chamado várias noites antes.

Quando ela terminou, Cassian disse:

— Beba um pouco de água. — O sol do meio da manhã batia sobre eles sem parar.

— Não preciso que me diga quando beber — disparou ela.

— Então vá em frente e desmaie.

Nestha encontrou o olhar dele, o rosto sério, e bebeu água. Para que a cabeça parasse de girar, disse a si mesma. Quando ela esvaziou um copo, Cassian disse: — Nasci de uma fêmea não casada em um assentamento que faz Refúgio do Vento parecer um paraíso tolerante e acolhedor. Ela foi expulsa por gerar um filho fora do casamento, e forçada a dar à luz sozinha em uma tenda no meio do inverno.

Horror percorreu Nestha. Ela sabia que Cassian tinha nascido em uma classe baixa, mas toda aquela crueldade por causa disso...

— E seu pai?

— Está se referindo ao merda que se forçou nela e depois voltou para a esposa e a família? — Cassian soltou uma gargalhada fria que ela quase nunca ouvia. — Não houve consequências para ele.

— Nunca há — disse Nestha, friamente. Ela bloqueou a imagem do rosto de Tomas.

— Aqui há — grunhiu Cassian, como se sentisse a direção dos pensamentos dela. Cassian indicou a cidade abaixo, escondida pela montanha e pela Casa que bloqueava a vista. — Rhys mudou as leis. Aqui na Corte Noturna e em Illyria. — O rosto dele ficou mais severo. — Mas ainda requer que o sobrevivente denuncie. E, em lugares como Illyria, eles transformam em um inferno a vida de qualquer fêmea que faça isso. Consideram uma traição.

— Que absurdo.

— Somos todos feéricos. Esqueça a besteira de Grão-Feérico e feérico inferior. Somos todos imortais, ou quase isso. As mudanças demoram a acontecer para nós. O que os humanos conseguem em décadas, leva séculos para nós. Mais, se você vive em Illyria.

— Então por que você se importa com os illyrianos?

— Porque dei tudo de mim para provar meu valor a eles. — Os olhos de Cassian brilharam. — Para provar que minha mãe trouxe algum bem para o mundo.

— Onde ela está agora? — Ele jamais havia falado dela.

Os olhos de Cassian se fecharam de uma forma que ela não tinha testemunhado antes.

— Fui tirado dela quando tinha 3 anos. Jogado na neve. E na sarjeta que a deixaram, minha mãe se tornou presa de outros monstros. — O estômago de Nestha se revirou com cada palavra. — Ela fez o trabalho árduo deles até que morreu, sozinha e... — A garganta dele estremeceu. — Eu estava no Refúgio do Vento nessa época. Não fui forte o suficiente para voltar e ajudá-la. Para levá-la a algum lugar seguro. Rhys ainda não era Grão-Senhor, e nenhum de nós podia fazer nada.

Nestha não tinha muita certeza de como tinham acabado falando sobre aquilo.

Aparentemente, Cassian também se deu conta.

— É uma história para outro momento. Mas o que eu queria tentar explicar é que em meio a tudo isso, em meio a tantas coisas terríveis, o treino me manteve centrado. E me guiou. Quando eu tinha um dia de merda, quando me cuspiam, batiam ou expulsavam, quando eu liderava exércitos e perdia bons guerreiros, quando Rhys foi levado por Amarantha... em meio a *tudo* isso, o treinamento permanecia. Você disse no outro dia que a respiração ajudou você. Ela também me ajuda. Ajudou Feyre. — Ela observou a fortaleza se erguendo nos olhos dele, palavra após palavra. Como se ele estivesse esperando que ela a demolisse. Que o demolisse. — Entenda como quiser, mas é verdade.

Uma vergonha densa escorreu por Nestha. Ela fizera aquilo — trouxera à tona aquele nível de atitude defensiva nele.

Ela sentiu o peso nos ombros, e seu estômago começou a embrulhar.

Então Nestha disse:

— Mostre outra repetição de movimentos.

Cassian observou o rosto dela por um segundo; seu olhar ainda estava trêmulo quando ele começou a demonstração seguinte.

A Casa gostava de livros de romance. Nestha ficou acordada até mais tarde do que deveria para terminar aquele que a Casa lhe deixara no dia anterior, e quando voltou para o quarto naquela noite, outro estava à espera.

— Não me diga que você de alguma forma leu estes. — Ela folheou o volume na mesa de cabeceira.

Em resposta, mais dois livros caíram na superfície. Um mais obsceno que o outro.

Nestha soltou uma risadinha.

— Deve ser extremamente entediante aqui em cima.

Um terceiro livro caiu sobre os demais.

Nestha riu de novo, um som enferrujado, rouco. Ela não conseguia se lembrar da última vez que gargalhara. Que dera uma gargalhada sincera, do fundo da garganta.

Talvez antes de a mãe morrer. Ela certamente não teve nada do que rir depois que eles caíram na pobreza.

Nestha assentiu para a mesa.

— Nada de jantar hoje à noite?

A porta do quarto dela se abriu apenas para revelar o corredor pouco iluminado.

— Já vi o bastante dele por um dia. — Ela mal conseguira falar com Cassian durante o resto da lição, incapaz de parar de pensar em como ele havia erguido uma barreira sem que ela sequer dissesse nada, antecipando que ela o atacaria, presumindo que ela era tão terrível que não poderia ter uma conversa normal. Que debocharia dele por causa da mãe e da dor dos dois.

— Prefiro ficar aqui.

A porta se abriu mais.

Nestha suspirou. Seu estômago doía de fome.

— Você é tão enxerida quanto o restante deles — murmurou ela, e seguiu para a sala de jantar.

Cassian estava sentado sozinho à mesa; o sol poente emoldurava de dourado e vermelho o cabelo preto dele, brilhando através das lindas asas. Por um segundo, ela entendeu a ânsia de Feyre por pintar coisas — por capturar visões como aquela, preservá-las para sempre.

— Como foi na biblioteca? — perguntou ele, quando Nestha ocupou o assento diante de Cassian.

— Nada tentou me comer hoje, então foi bom.

Um prato com carne de porco assada e vagem apareceu junto com um copo de água diante dela.

Mas ele tinha ficado imóvel.

— Alguma coisa tentou comer você em algum *outro* dia?

— Bom, não chegou perto o bastante para tentar, mas essa foi a impressão que tive.

Ele piscou e os Sifões brilharam.

— Conte.

Nestha se perguntou se tinha dito algo errado, mas relatou o incidente com a escuridão e concluiu com a assistência de Gwyn. Ela não tinha visto a sacerdotisa desde então, mas no fim do dia havia

um bilhete em seu carrinho que dizia: *Apenas um lembrete amigável para ficar longe dos níveis inferiores!*

Nestha tinha rido e amassado o bilhete, mas o guardara no bolso.

Diante dela, o rosto de Cassian estava pálido.

— Você viu Bryaxis certa vez — falou Nestha para o silêncio.

— Algumas vezes — sussurrou ele. Sua pele tinha ficado esverdeada. — Sei que deveríamos continuar a caçar Bryaxis. Não é bom que ele esteja solto no mundo. Mas não acho que eu aguentaria encontrá-lo de novo.

— Como foi?

Os olhos de Cassian encontraram os dela.

— Como meus piores pesadelos. E não estou falando de medos bobos. Estou falando dos meus pavores mais profundos e primitivos. Coloquei alguns dos piores e mais cruéis monstros na Prisão, mas aqueles eram monstros em toda a dimensão da palavra. Acho que... ninguém conseguiria entender, a não ser que os tivesse visto.

Ele olhou para ela de novo, e Nestha percebeu que Cassian estava se preparando para o veneno dela.

Monstro — *ela* era um monstro. Essa informação a cortava e lacerava profundamente. Mesmo assim, Nestha falou, torcendo para mostrar a Cassian que não se intrometeria nos assuntos dele só para magoá-lo: — Que tipo de criaturas você colocou na Prisão?

Cassian comeu uma garfada. Um bom sinal de que aquele, pelo menos, era um território aceitável.

— Quando você vivia no mundo humano, tinha lendas de bestas temidas e de feéricos que a matariam caso algum dia passassem pela Muralha, não é? Coisas que rastejavam por janelas abertas para beber o sangue de crianças? Coisas que eram tão malignas, tão cruéis que não havia esperança contra o mal delas?

Os pelos da nuca de Nestha se arrepiaram.

— Sim. — Aquelas histórias sempre a deixavam nervosa e morta de medo.

— Eram baseadas na verdade. Baseadas em seres antigos, quase primordiais, que existiam antes de os Grão-Feéricos se dividirem em cortes, antes dos Grão-Senhores. Alguns as chamam de os Primeiros Deuses. Eram seres quase sem forma física, mas com uma inteligência aguçada e maléfica. Humanos e feéricos eram

presas deles. A maioria foi caçada e levada a se esconder ou aprisionada há muitas eras. Mas restaram alguns, que espreitam em cantos esquecidos da terra. — Ele engoliu mais uma garfada.

“Quando eu tinha quase trezentos anos, um deles surgiu de novo, rastejando para fora das raízes de uma montanha. Antes de ir para a Prisão e o confinamento o enfraquecer, Lanthys conseguia se transformar em vento e arrancar o ar dos pulmões das pessoas, ou se transformar em chuva e afogar você em terra firme; ele podia arrancar sua pele do corpo com alguns movimentos. Jamais revelou sua verdadeira forma, mas quando eu o enfrentei, ele escolheu aparecer como um redemoinho de névoa. Ele gerou uma raça de feéricos que ainda nos atormenta e que prosperou durante o reinado de Amarantha, os Bogge. Mas os Bogge são inferiores, são mais como sombras quando comparados com Lanthys. Se existe algo como o próprio mal encarnado, é ele. Ele não tem piedade e nenhum senso de certo e errado. Há Lanthys, e todo o resto. Somos todos suas presas. Seus métodos de matar são criativos e lentos. Ele se banqueteia de medo e dor tanto quanto de carne.”

O sangue dela gelou.

— Como você prendeu essa coisa?

Cassian tocou um lugar no pescoço onde uma cicatriz descia sob a orelha.

— Rapidamente percebi que jamais conseguiria derrotá-lo em combate ou com magia. Ainda tenho a cicatriz para provar. — Cassian deu um leve sorriso. — Então usei a arrogância dele contra ele. Elogiei e o provoquei para que se prendesse em um espelho atado com madeira de freixo. Apostei com ele que o espelho o conteria, e Lanthys apostou errado. Ele saiu do espelho, é claro, mas quando isso aconteceu eu já havia jogado o ser miserável que ele é na Prisão.

Nestha ergueu uma sobrancelha. Ele lançou-lhe um sorriso aguçado que não chegou aos olhos e falou: — Não sou só um brutamontes, no fim das contas.

Não, ele não era. E embora ela já tivesse dito aquilo, Nestha jamais achara de verdade...

Cassian prosseguiu:

— De todos os ocupantes da Prisão, Lanthys é aquele que eu temo que encontre uma saída.

— Isso poderia acontecer?

— Acho que não, graças ao Caldeirão. Aquela Prisão é inviolável. A não ser que você seja Amren.

Nestha não queria falar sobre Amren. Nem pensar nela.

— Você disse que colocou outros lá dentro. — Parte dela não queria saber.

Cassian deu de ombros, como se fosse insignificante que tivesse feito tantas coisas notáveis.

— A Lubia de sete cabeças, que cometeu o erro de sair das cavernas do oceano profundo para caçar moças ao longo da costa oeste. Annis Azul, que era um terror de se ver: pele cobalto e garras de ferro e, como Lubia, tinha gosto pela carne das fêmeas. Lubia, pelo menos, engolia as presas rapidamente. Annis... levava mais tempo. Annis era como Lanthys nesse aspecto. — A garganta dele estremeceu, e Cassian puxou o colarinho da camisa, revelando mais uma cicatriz: aquela horrível e grossa, que ficava acima do peitoral esquerdo. Ela a vira outro dia, no ringue de treino. — Isso é tudo o que restou agora, mas Annis tinha dilacerado meu peito com aquelas garras de ferro e estava quase em meu coração quando Azriel interveio. Então suponho que a captura dela seja compartilhada entre nós dois. — Ele tamborilou os dedos na mesa. — E então teve...

— Já ouvi o bastante. — As palavras dela soaram ofegantes. — Não vou conseguir dormir esta noite. — Ela fez que não com a cabeça, comendo mais uma garfada de comida. — Não sei como você dorme, depois de ter enfrentado tudo isso.

Ele se acomodou na cadeira.

— Aprendi a conviver com isso. A bloquear os horrores que permeiam minha cabeça. — Ele acrescentou, um pouco mais baixo: — Mas eles ainda estão à espreita. No fundo da mente.

Ela queria saber fazer algo assim: afastar todos os pensamentos que a devoravam para trás de uma parede, ou para um buraco dentro dela, de modo que ela pudesse enterrá-los bem fundo.

Cassian perguntou a Nestha, com a voz ainda baixa:

— A escuridão na biblioteca, acha que reagiu a você, especificamente? — Quando ela não disse nada, ele insistiu: — Por

causa de seus poderes?

— Não tenho poder nenhum — mentiu ela. Treinar com Amren não tinha feito nada para ajudá-la a entendê-los.

— Então quem deixou aquela impressão de mão na escada?

Ela nem se deu ao trabalho de parecer agradável.

— Talvez Lucien. Ele tem fogo nas veias.

— Ele disse que seu fogo era diferente do dele. Que, de alguma forma, queimava de um jeito frio.

— Então talvez você devesse me trancafiar naquela Prisão.

Ele apoiou o garfo.

— Só estava fazendo uma pergunta.

— E importa se eu tenho poderes?

Cassian sacudiu a cabeça no que parecia ser um misto de admiração e desprezo.

— Você pode até ter nascido humana, mas é feérica pura. O jeito que responde a perguntas com outras perguntas e se esquiva de uma resposta sincera.

— Não sei dizer se isso é um elogio ou não.

— Não é. — Ele exibiu os dentes. — O tipo de poder que você tem não é do tipo que deveria permanecer ocioso. Precisa de um escape, e treinamento...

— Equilíbrio e alongamento?

Cassian trincou o maxilar.

— O que aconteceu com você e Amren?

— Por que tantas perguntas hoje à noite?

— Porque estamos conversando como pessoas normais, e quero saber. De tudo.

Nestha se levantou da mesa, dirigindo-se à porta.

— Que diferença faz para você?

— Vamos deixar o passado para lá, Nes.

Ela falou, por cima de um ombro:

— Não tinha me dado conta de que já o havíamos superado.

— Que conversa fiada.

— Agora é o momento em que você me lembra de que todos me odeiam, e eu vou embora.

Cassian ficou de pé subitamente, bloqueando o caminho dela para a porta com três passos. Nestha tinha se esquecido do quanto

ele era rápido, do quanto era gracioso, apesar do tamanho. Cassian a olhou com raiva.

— Nunca liguei se você tomou metade ou só uma gota do poder do Caldeirão. E ainda não ligo.

— Por quê? — Nestha não conseguiu se impedir de perguntar. — Por que você se *importa*?

As feições dele ficaram sérias.

— Por que você ficou ao meu lado quando enfrentamos o rei de Hybern durante aquela última batalha?

Como se houvesse uma resposta para essa pergunta. Ela não aguentava aquela conversa e a expressão no rosto dele.

— Porque fui uma tola, uma idiota. — Nestha o empurrou para passar.

— Do que você tem medo? — perguntou Cassian, seguindo-a até o corredor.

Ela parou de súbito.

— Não tenho medo de nada.

— Mentirosa.

Nestha se virou lentamente. Que ele visse cada gota de ódio que ondulava por ela.

Os olhos de Cassian brilhavam com uma satisfação selvagem.

Os Sifões dele brilharam, projetando luz vermelha nas pedras, como se sangue aguado tivesse sido derramado. A boca dele se repuxou para o lado com um sorriso torto e debochado.

— Sabe como seus olhos brilham quando seu poder sobe até a superfície? Como aço derretido. Como um fogo prateado.

Ele tinha a incitado daquele jeito de propósito. Para que ela pusesse as cartas na mesa.

Os dedos de Nestha se fecharam em garras ao lado do corpo. Ela deu um passo na direção dele. Cassian se manteve onde estava. Ela deu outro passo. Mais um.

Até que ficaram tão próximos que uma inspiração profunda faria com que o peito dela roçasse no dele. Tão próximos que ela estava exibindo os dentes para o rosto dele, que ainda sorria com arrogância.

Cassian a avaliou. Olhou dentro dos olhos dela e sussurrou:

— Linda.

Ele não impediu a mão que Nestha apoiou no peito musculoso dele. E nem se opôs quando ela empurrou aquele peito, colocando-o contra a parede e fazendo as asas dele se abrirem com o impacto. Ele apenas a encarou, maravilhado — faminto.

Nestha não se moveu, não conseguia se mover, quando Cassian se aproximou para sussurrar ao ouvido dela: — Na primeira vez em que vi essa expressão no seu rosto, você ainda era humana. Ainda humana, e eu praticamente fiquei de joelhos diante de você. — A respiração dele acariciou a orelha dela, e Nestha não conseguiu impedir que seus olhos estremecessem até se fecharem. O sorriso dele roçou a têmpora dela. — Seu poder é uma canção, e uma que esperei muito, muito tempo para ouvir, Nestha. — As costas dela se arquearam levemente com a forma como ele disse seu nome, o modo como ele enfatizou a segunda sílaba. Como se estivesse imaginando fechar os dentes em outras partes dela. Mas apenas a mão de Nestha unia os corpos deles. Apenas a mão dela, que agora se fechava e amassava a camisa de Cassian, e sentia o coração estrondoso pulsando abaixo.

Até que Cassian abaixou o rosto um centímetro e roçou a ponta do nariz pelo pescoço dela. Sob a mão de Nestha, o peito dele se elevou quando Cassian inalou uma lufada profunda e gananciosa do cheiro dela.

Longe demais. Ela não deveria ter se permitido ir tão longe com ele, deixá-lo se aproximar tanto.

Mesmo assim, Nestha não conseguia se afastar. Não conseguia fazer nada, a não ser deixar que ele roçasse o nariz por seu pescoço de novo. A ânsia de pressionar o corpo contra o dele, de sentir o calor e a rigidez dele roçando nela, quase suprimiu qualquer pensamento racional.

No entanto, as mãos de Cassian permaneceram ao lado do corpo. Como se esperando por permissão.

Nestha afastou a cabeça para trás, para longe — apenas o bastante para ver as feições dele.

Os joelhos dela quase fraquejaram diante do desejo que queimava ali. Um desejo fluido e determinado, todo fixo nela.

Nestha não conseguiu tomar fôlego quando se afogou naquele olhar. Quando partes mais baixas e sensíveis dela se enrijeceram e

começaram a latejar, o desejo deixando seus seios pesados. As narinas dele se dilataram, sentindo aquele cheiro também.

Ela não podia. Não podia fazer aquilo com ele. Consigo mesma.

Não podia, não podia, não podia...

Nestha começou a puxar a mão do peito dele, mas Cassian deslizou a dele por cima. Esfregou o polegar no dorso da mão dela, e apenas esse toque de pele calejada fez com que ela trincasse os dentes, incapaz de pensar, de respirar...

Cassian sussurrou ao ouvido dela:

— Sabe no que vou pensar esta noite?

Um ruído baixo devia ter escapulido dela, porque ele sorriu ao dar um passo para o lado. E soltou a mão de Nestha.

A ausência do calor dele, do cheiro, foi como um balde de água fria.

Ele sorriu, e não havia ali nada além de malícia e desafio.

— Vou pensar nesse seu olhar. — Ele deu mais um passo até o corredor. — Estou sempre pensando nesse seu olhar.

Ela não conseguiu dormir. As cobertas roçavam, a estrangulavam, sufocavam com calor até que suor começou a escorrer por seu corpo.

Estou sempre pensando nesse seu olhar.

Nestha ficou deitada no escuro, com a respiração irregular e o corpo ardendo.

Ela mal conseguira se concentrar em ler quando voltou para o quarto. E estava se revirando na cama pelo que pareciam ser horas.

Estou sempre pensando nesse seu olhar.

Ela conseguia visualizar: Cassian na própria cama, esparramado como um rei sombrio, tocando o próprio corpo, com força...

Ela conseguiu sussurrar para o quarto:

— Volte ao amanhecer.

Não sabia se a Casa tinha obedecido. Não descobriu se a Casa entendeu por que ela queria privacidade ao tracejar a mão pela camisola. O toque da seda contra o corpo era quase insuportável.

Nestha gemeu no travesseiro quando seus dedos deslizaram entre as pernas, imediatamente escorregadia com a umidade que se acumulou ali, que não tinha passado desde que ela fora deixada de pé naquele corredor. Seu quadril se arqueou ao toque, e ela trincou os dentes, soltando um longo sibilo ao passar os dedos pelo centro do corpo arqueado, latejando.

Estou sempre pensando nesse seu olhar.

Ela deslizou os dedos para dentro profundamente, contorcendo-se com a intrusão, incapaz de evitar ver o rosto de Cassian, aquele meio-sorriso, aquela luz nos olhos dele. O corpo poderoso e as belas asas. Ela tirou os dedos quase até as pontas, e quando os mergulhou de volta, foi a mão de Cassian que ela imaginou, que sentiu. Foi a outra mão de Cassian que subiu e segurou seu peito, apertando forte, bem do jeito que ela gostava, uma afiada e sutil pontada de dor para aguçar o prazer.

Foi na mão de Cassian em que ela cavalgou, mordendo o lábio para conter o gemido. Foi a mão de Cassian que a levou ao ápice e então a um clímax tão intenso que Nestha quase gritou. Foi a mão de Cassian que deslizou para dentro dela de novo e de novo, clímax após clímax, até que Nestha ficou deitada, exaurida e ofegante na cama, com apenas a escuridão para abraçá-la.

Capítulo 16

Cassian não dormira bem.

Foi tão difícil dormir depois de ter ficado excitado daquele jeito, que Cassian precisou se dar prazer não apenas uma, mas *três vezes* para conseguir se acalmar o suficiente para fechar os olhos. Mesmo assim, acordou antes do amanhecer ardendo em desejo por ela, com o cheiro dela ainda no nariz, e mais um clímax mal fora o suficiente para acalmar aquela sensação.

Ele havia dito a ela exatamente o que planejava fazer na noite anterior, mas encarar a expressão de Nestha à mesa do café na manhã seguinte foi mais desconfortável do que ele tinha imaginado.

Ela havia chegado antes dele à mesa, e estava lendo um livro enquanto comia. O livro estava fechado agora, mas pela lombada, ele supôs que fosse um dos romances de que ela tanto gostava.

Para quebrar o silêncio, Cassian perguntou:

— O que está lendo?

Rubor manchou as bochechas pálidas de Nestha. E ele podia jurar que ela precisou se esforçar para olhá-lo nos olhos.

— Um romance.

— Isso eu percebi. Sobre o que é?

Nestha abaixou os olhos rapidamente. Mas o rubor permaneceu.

Ele sabia que não tinha nada a ver com o romance.

Mas ela ergueu o olhar para ele de novo e arrumou a postura. Como se estivesse se esforçando como nunca para se obrigar a encará-lo. Os dedos estavam fechados com força ao redor do garfo. E quando ele olhou para aqueles dedos, ela puxou a mão para debaixo da mesa.

Como se resplandecessem como prova.

O sangue de Cassian esquentou quando ele percebeu o rubor e o modo como ela ficou sem graça... Ele se obrigou a tomar fôlegos profundos, tranquilizadores. Precisavam treinar juntos durante as duas horas seguintes. Estar ereto não apenas atrapalharia, como também era inapropriado para o ringue de treino.

Isso não o impediu de visualizar a cena: aquela mão entre as pernas dela, o corpo arqueando pelo clímax como o dele fizera. A forma como ela provavelmente mordera o lábio, assim como ele, para segurar o grito. O pau dele ficou duro, e pressionou tanto a calça que chegou a doer.

Cassian se acomodou na cadeira, tentando liberar algum espaço. Isso serviu apenas para fazer com que a costura grossa se esfregasse contra o pau, e a fricção foi o bastante para fazê-lo trincar os dentes.

Treino. Tinham treino.

— O livro — disse Nestha, ligeiramente sem fôlego — é sobre... — As narinas dela se dilataram e seus olhos perderam um pouco o foco. — Um livro.

— Interessante — murmurou Cassian. — Parece ótimo.

Ele precisava sair dali. Precisava dar um jeito nessa merda antes de subir. O calor entre os dois não pertencia ao ringue de treino. Onde estava Az quando se precisava dele, porra? Cassian tinha bancado a contenção de Mor durante anos, onde é que *ela* estava agora, porra?

Ele não podia se levantar da cadeira. Se levantasse, Nestha veria exatamente como ela o havia afetado. Quer dizer, se é que ela já não tinha sentido o cheiro — e entendido a mudança no cheiro dele. Além disso, se ela olhasse para o volume na calça dele com o mesmo calor que exibiu nos olhos na noite anterior, o calor a que ele

chegara apenas ao imaginá-la, era bem capaz de Cassian acabar passando vergonha.

Era um risco que Cassian estava disposto a correr, que precisava correr, antes que a deitasse na mesa e tirasse as roupas dos dois, peça por peça.

Cassian disparou da cadeira, murmurando:

— Vejo você lá.

E saiu.

— O livro — repetiu Nestha consigo mesma, encarando o mingau — é sobre um livro. — Ela apoiou a testa nas mãos em concha. — Que idiotice.

Pelo menos Cassian não parecia estar ouvindo. Mas todo aquele desejo que os olhos dele evidenciaram na noite anterior parecia relutante hoje, como se ele não pudesse evitar — como se não *quisesse* aquele calor entre eles, aquela tensão. Ele tinha praticamente fugido da sala para evitá-la.

O treino seria horrível.

Ele estava esperando no ringue como a personificação de um guerreiro arrogante. Nestha não ousou olhar para a calça de Cassian. Para o que podia ter jurado que viu de relance, empurrando as costuras e os botões quando ele correu da sala.

Mas se ele aparentasse não ter se abalado, então beleza. Ela o imitaria.

Nestha alongou os ombros enquanto se aproximava dele.

— Outro treino de alongamento e equilíbrio?

— Não.

Os olhos deles se encontraram, e havia apenas uma calma nítida e determinada — e um desafio.

— Faremos o aquecimento e depois um treino para as áreas interiores.

Ela olhou boquiaberta. O *interior*... dela?

— Abdominais — explicou ele, e um rubor percorreu seu rosto. Cassian pigarreou. — Mente suja. — Ele deu um peteleco na bochecha dela. — Anda lendo obscenidades demais.

Ela empurrou a mão de Cassian e indicou os músculos escondidos sob a camisa dele.

— Você vai me fazer ficar assim?

A risada grave de Cassian fez o corpo dela estremecer.

— Ninguém pode ser tão bonito assim a não ser eu, Nes.

Babaca arrogante.

— Rhysand e Azriel são assim — disse ela, em tom doce.

— Tenho um ou dois músculos a mais do que eles.

— Não estou vendo.

Ele piscou um olho.

— Talvez estejam em outros lugares.

Ela não conseguiu evitar. Não conseguiu impedir. Não o lampejo de desejo, mas o sorriso que tomou seu rosto. Nestha conteve uma gargalhada.

Cassian a encarou como se nunca a tivesse visto antes.

O choque dele foi tanto que Nestha parou de sorrir.

— Certo — disse ela. — Aquecimento, e depois abdominais.

Ela odiava abdominais.

Principalmente porque não conseguia *fazê-los*.

— Eu sabia que você não tinha muitos músculos — observou Cassian enquanto Nestha estava deitada de barriga para baixo no chão, depois de ter desabado de cara ao tentar manter uma prancha de corpo inteiro —, mas isso é absolutamente patético.

— Você não deveria me motivar como professor?

— Você não consegue ficar mais do que cinco segundos.

Ela disparou:

— E quanto tempo você consegue?

— Cinco minutos.

Nestha se colocou sobre os cotovelos.

— Desculpe se eu não treino abdominal há quinhentos anos.

— Pedi a você que mantivesse a prancha por trinta segundos.

Ela se colocou de joelhos e sentiu a barriga doer. Ele a colocara para fazer abdominais supra, depois extensões das pernas enquanto estava deitada sobre as costas e, em seguida, a mandou levantar

uma pedra lisa de 2,5 quilos acima da cabeça enquanto tentava subir de uma pronação deitada até a posição sentada usando apenas os músculos da barriga. Nestha não conseguiu fazer mais do que uma ou duas repetições de cada exercício antes de sentir o corpo ceder. Não havia força de vontade ou resistência no mundo que conseguissem fazê-la se mover.

— Isso é tortura. — Apoiando as mãos nos joelhos, Nestha apontou para o ringue. — Se você é tão perfeito, faça tudo o que acabou de me mandar fazer.

Cassian riu, debochado.

— Um menino illyriano de dez anos conseguiria fazer isso em alguns minutos.

— Então faça a *sua* sequência de exercícios de macho grande e fortão.

Ele deu um risinho.

— Tudo bem. Você quer ser engraçadinha, então vou lhe mostrar minha sequência de macho grande e fortão.

Ele tirou a camisa. Prendeu o cabelo.

E aquilo foi outro tipo de tortura. Vê-lo fazer os mesmos exercícios, porém mais difíceis, mais pesados e mais rápidos. Ver os músculos do estômago e de *toda parte* se definirem. Ver o suor brilhar e então escorrer pelo seu corpo reluzente, sobre as tatuagens, pela estrela de oito pontas do acordo deles na coluna antes de escorrer para o cós da calça.

Contudo, Cassian se manteve profissional durante a aula. Completamente profissional e distante, como se aquele ringue de treinamento fosse sagrado para ele.

Nestha não conseguia desviar os olhos enquanto ele completava os exercícios, ofegando levemente. Ela tentou não se perguntar se os ruídos dele tinham soado como aquela respiração ofegante na noite anterior, enquanto ele se dava prazer.

Mas os olhos castanhos de Cassian estavam nítidos. Triunfantes.

Em outra era, outro mundo, ele podia ter sido considerado um deus guerreiro por mortais. Depois do que tinha dito a ela sobre os monstros que havia colocado na Prisão, poderia muito bem ser considerado um grande herói *nesta* era. O tipo sobre o qual um dia se sussurraria em volta de uma fogueira. As pessoas iriam querer

nomear os filhos em homenagem a ele. Um bom guerreiro seria conhecido como uma *reencarnação de Cassian*.

Ela o havia chamado de brutamontes.

— O quê? — Cassian limpou o suor do rosto.

Ela perguntou, para se distrair dos próprios pensamentos: — Não existe mesmo nenhuma unidade de combate formada por fêmeas entre os illyrianos? — Nestha não vira nenhuma durante a guerra.

O sorriso dele se esvaiu.

— Tentamos certa vez e foi um fracasso espetacular. Então, não. Não há.

— Porque illyrianos são antiquados e péssimos.

Ele se encolheu.

— Você tem falado com Az?

— Só minhas observações.

Cassian soltou o cabelo, o que fez as mechas espessas e lisas caíram sobre o rosto dele.

— Os illyrianos... eu disse. O progresso é lento. É um objetivo nosso de longo prazo... meu e de Rhys, quer dizer.

— É tão difícil assim as fêmeas se tornarem guerreiras?

— Não é apenas o treino. Tem toda a pressão social que elas teriam de aguentar também. E tem o Rito de Sangue, que elas também precisariam completar.

— O que é o Rito de Sangue?

— O que parece. — Ele esfregou o pescoço. — Quando um guerreiro illyriano atinge a plenitude de seu poder, o que normalmente acontece aos vinte anos, ele precisa passar pelo Rito de Sangue antes de poder se qualificar como um guerreiro completo e um adulto. Aspirantes a guerreiros de todo clã e de todas as aldeias são enviados, normalmente três ou quatro de cada, e ficam todos espalhados por uma área nas montanhas Illyrianas. Somos deixados lá por uma semana com dois objetivos: sobreviver e chegar a Ramiel.

— O que é Ramiel? — Ela se sentiu como uma criança com aquelas perguntas, mas sua curiosidade venceu.

— Nossa montanha sagrada. — Ele desenhou um símbolo familiar na terra: um triângulo apontado para cima com três pontos sobre ele. Uma montanha, ela percebeu. E três estrelas. — É o

símbolo da Corte Noturna. O Rito de Sangue sempre acontece quando Arktos, Carynth e Oristes, nossas três estrelas sagradas, brilham sobre ela durante uma semana por ano. No último dia do Rito, estão diretamente acima do pico.

— Então vocês escalam até lá?

— Matamos até chegar lá. — Os olhos dele tinham ficado sérios. — Somos drogados e jogados na natureza, com nada além das roupas.

— E são obrigados a participar?

— Depois que você está dentro, não pode ir embora. Pelo menos não até o Rito acabar, ou até que você chegue ao pico de Ramiel. Se alguém invadir o Rito para extrair ou salvar você, a lei institui que os dois serão caçados e mortos pela transgressão. Nem mesmo Rhys está isento dessas leis.

Nestha estremeceu.

— Parece uma barbárie.

— E não é só isso. Um feitiço é colocado em ação para que nossas asas sejam inutilizadas e nenhuma magia possa ser usada. — Ele ergueu a mão, mostrando o Sifão vermelho no dorso. — Magia é rara entre os illyrianos, mas quando se manifesta, requer Sifões para ser controlada, e precisa ser filtrada para ser útil. Mas nos dá uma vantagem sobre os outros illyrianos sem ela, então o feitiço nivela o campo de batalha. Illyrianos possuem magia uma noite por ano, no entanto: a noite anterior ao Rito de Sangue, quando os líderes das tropas de guerra podem atravessar com os novatos drogados para a natureza. Nem me pergunte o porquê disso. Ninguém sabe.

— Mas Azriel consegue atravessar o tempo todo.

— Az é diferente. De muitas formas. — O tom dele não era convidativo para mais perguntas.

— Então, sem o uso de magia no Rito, vocês se matam do jeito normal? Espadas e adagas?

— Armas também são proibidas. Pelo menos aquelas trazidas de fora. Mas é permitido fazer uma. É *preciso* fazer uma. Ou será morto.

— Por outros guerreiros?

— Sim. Clãs rivais, inimigos, canalhas buscando notoriedade, tudo isso. Em algumas aldeias, quanto mais mortes, mais glória você

traz. Os clãs mais perturbados reivindicam que o massacre é para escassear os guerreiros mais fracos, mas sempre achei que fosse um grande desperdício de qualquer talento potencial. — Cassian passou a mão pelo cabelo. — E também há as criaturas que perambulam pelas montanhas, aquelas que podem facilmente derrubar um guerreiro illyriano com garras e presas.

Uma lembrança embaçada surgiu, de Feyre lhe contando sobre as bestas horríveis que um dia encontrara na região. Cassian prosseguiu: — Então, temos que enfrentar tudo isso enquanto tentamos chegar às encostas de Ramiel. A maioria dos machos esquece de poupar força para o fim da semana, para fazer a escalada. São um dia e uma noite inteiros de escalada brutal, onde uma queda pode ser fatal. A maioria não chega nem à base da montanha. Mas se chegam, o oponente muda. Não são mais os outros guerreiros que precisam ser enfrentados, a partir dali é cada um, cada alma, contra a montanha. É normalmente isso que destrói qualquer um que tenta escalar Ramiel.

— E o que... quando chega ao topo se ganha um troféu?

Cassian riu, mas as palavras dele soaram sérias.

— Há uma pedra sagrada no topo. Quem tocá-la primeiro, vence. Ela transporta o vencedor para fora imediatamente.

— E o que acontece com os outros, quando a semana acaba?

— Quem ainda estiver de pé é considerado um guerreiro. Onde cada um está no fim determina a colocação do indivíduo entre os três escalões de guerreiro, que são nomeados em homenagem a nossas estrelas sagradas: Arktosianos, aqueles que não chegam à montanha, mas sobrevivem; Oristianos, aqueles que chegam à montanha, mas não chegam ao topo; e Carynthianos, aqueles que escalam até o cume e são considerados guerreiros de elite. Tocar a pedra no alto de Ramiel é para ganhar o Rito. Apenas uma dúzia de guerreiros nos últimos cinco séculos chegou à montanha.

— Suponho que você tenha tocado a pedra.

— Rhys, Az e eu tocamos juntos, embora tenhamos sido deliberadamente separados uns dos outros no início.

— Por quê?

— Os líderes temiam a nós e aquilo que nos tornaríamos. Achavam que os guerreiros ou bestas dariam cabo de nós, se não

tivéssemos um ao outro para nos dar apoio. Estavam errados. — Os olhos dele brilharam ferozmente. — O que descobriram foi que nos amamos como verdadeiros irmãos. E não havia nada que não faríamos, ninguém que não mataríamos, para alcançarmos um ao outro. Para salvarmos um ao outro. Matamos para abrir caminho pelas montanhas, e chegamos à Quebra, a pior das três trilhas de Ramiel até o topo, e vencemos a maldita corrida. Tocamos a pedra no mesmo momento, com o mesmo fôlego, e entramos no grupo de guerreiros Carynthianos.

Nestha não conseguiu manter o choque longe do rosto.

— E você disse que somente doze se tornaram Carynthianos... em cinco séculos?

— Não. Doze chegaram à montanha e se tornaram Oristianos. Apenas outros três, além de nós, ganharam o Rito de Sangue e se tornaram Carynthianos. — A garganta dele estremeceu. — Eram bons guerreiros, e lideraram unidades exemplares. Perdemos dois deles contra Hybern.

Provavelmente naquela explosão que dizimou mil guerreiros. A explosão da qual ela o protegeu. Ele, e apenas ele.

Nestha sentiu o estômago embrulhar e uma náusea percorreu seu corpo. Ela se obrigou a tomar um longo fôlego.

— Então você acha que fêmeas não poderiam participar do Rito?

— Mor provavelmente ganharia em tempo recorde, mas não. Eu não iria querer nem ela participando do Rito. — O porquê disso permaneceu silenciado nos olhos de Cassian. Haveria um tipo de violência diferente contra o qual se defender, mesmo que as fêmeas fossem tão altamente treinadas quanto os machos.

Nestha estremeceu.

— Seria possível ter uma unidade de fêmeas sem que elas participassem do Rito de Sangue?

— Elas jamais seriam honradas como verdadeiras guerreiras sem um desses três títulos. Bom, eu as consideraria guerreiras, mas não o restante dos illyrianos. Nenhuma outra unidade voaria com elas. Considerariam uma desgraça e um insulto. — Nestha franziu a testa e ele ergueu as mãos. — É como eu disse: a mudança é lenta. Você ouviu as porcarias que Devlon disse sobre seu ciclo. *Aquilo* já é considerado progresso. No passado, eles matariam uma fêmea por

segurar uma arma. Agora, eles “descontaminam” a arma e se acham modernos. — Nojo tomou as feições dele.

Nestha se levantou devagar e observou o céu. A mente dela estava mais tranquila — apenas um pouco. Ela não gostava da ideia de guardar livros quando seu corpo já estava doendo... Mas talvez visse Gwyn.

— Treinar as fêmeas illyrianas — prosseguiu Cassian — não seria para que lutassem em nossas guerras. Seria para que provassem que são tão capazes e fortes como os machos. Seria para que dominassem o medo, para que aperfeiçoassem a força que já têm.

— O que elas temem?

— Tornar-se minha mãe — disse ele, baixinho. — Passar pelo que ela sofreu.

Pelo que as sacerdotisas sob a montanha tinham sofrido.

Nestha pensou nas sacerdotisas silenciosas que não deixavam a montanha, que moravam na penumbra. Riven passou por sua memória, correndo por ela, incapaz de suportar a presença de uma estranha. Gwyn, com seus olhos alegres, que algumas vezes escureciam com sombras.

Cassian inclinou a cabeça para o lado diante do silêncio dela.

— O que foi?

— Você treinaria fêmeas não illyrianas?

— Estou treinando você, não estou?

— Quero dizer, consideraria... — Ela não sabia como colocar aquilo de forma elegante, não como Rhysand, com sua lábia. — As sacerdotisas na biblioteca. Se eu as convidasse para treinar com a gente aqui, onde é reservado e seguro. Você as treinaria?

Cassian piscou lentamente.

— Sim. Claro que sim, mas... — Ele se encolheu. — Nestha, muitas das fêmeas na biblioteca não querem ficar... *não suportam* estar perto de machos de novo.

— Então pediremos que uma de suas amigas fêmeas se junte. Mor ou outra pessoa em quem consiga pensar.

— As sacerdotisas podem nem mesmo conseguir suportar a minha presença.

— Você jamais machucaria ninguém dessa forma.

Os olhos dele se suavizaram levemente.

— A questão não é essa. É o medo... o trauma que carregam. Mesmo que saibam que eu jamais faria isso, eu ainda poderia trazer memórias insuportavelmente difíceis para elas enfrentarem.

— Você disse que esse treinamento me ajudaria com meus... problemas. Talvez possa ajudá-las. Ou, no mínimo, dar a elas um motivo para sair um pouco.

Cassian a observou por um longo momento. Então disse: — Treino com prazer quem você conseguir trazer para cá. Mor está fora, mas posso pedir a Feyre...

— A Feyre não. — Nestha odiou as palavras. A forma como as costas dele se enrijeceram. Ela não conseguiu olhar para ele ao dizer: — É que eu... — Como poderia explicar a complicação entre ela e a irmã? O desprezo próprio que ameaçava consumi-la sempre que olhava para o rosto da irmã?

— Tudo bem — repetiu Cassian. — Feyre não. Mas preciso avisar a ela e Rhys. Você deveria pedir permissão a Clotho também. — Sua mão quente segurou o ombro de Nestha e apertou. — Gostei da ideia, Nes. — Os olhos castanhos dele brilharam. — Gostei muito.

E, por algum motivo, aquelas palavras significaram tudo.

Capítulo 17

— Tenho uma proposta para você.

Com os músculos do abdômen latejando e as pernas doendo, Nestha parou diante da mesa de Clotho enquanto a sacerdotisa terminava de escrever em qualquer que fosse o manuscrito em que fazia anotações com a caneta encantada.

Clotho levantou a cabeça quando a caneta fez o último ponto e escreveu em um pedaço de papel: *Tem?*

— Você permitiria que suas sacerdotisas treinassem comigo toda manhã no ringue do alto da Casa? Não todas elas... só as que estiverem interessadas.

Clotho continuou sentada completamente imóvel. Então a caneta se mexeu. *Treinar o quê?*

— Fortalecer o corpo, se defender, atacar, se quiserem. Mas também para aliviar a mente. Ajudar a ficarem mais tranquilas.

Quem vai supervisionar esse treinamento? Você?

— Não. Não sou qualificada. Vou treinar com elas. — O coração de Nestha batia forte. Ela não tinha certeza do motivo. — Cassian vai supervisionar. Ele não é perver... quero dizer, ele é respeitoso e... — Nestha sacudiu a cabeça. Ela parecia uma ridícula.

Sob as sombras do capuz, Nestha podia sentir o olhar de Clotho sobre ela. A caneta se moveu de novo.

Creio que não serão muitas as que irão.

— Eu sei. Mas mesmo que seja uma ou duas... eu gostaria de oferecer. — Nestha indicou uma pilastra atrás de Clotho. — Vou colocar uma ficha de inscrição ali. Quem quiser participar será bem-vinda.

Mais uma vez, aquele longo olhar encarou Nestha por baixo do capuz, o peso dos olhos como um toque fantasma.

Então Clotho escreveu: *Quem quiser participar tem minha aprovação.*

Nestha colou a ficha de inscrição na pilastra naquele dia.

Ninguém tinha escrito o nome ali quando seu turno terminou.

Ela acordou cedo, fez a caminhada até a biblioteca para verificar a lista, e a encontrou ainda vazia.

— Vai levar tempo — consolou Cassian, interpretando o que quer que estivesse estampado na expressão dela quando Nestha entrou no ringue de treinamento. Ele acrescentou, num tom mais baixo: — Continue estendendo a mão.

E foi o que Nestha fez.

Toda tarde, quando ela chegava à biblioteca, verificava a lista. Toda noite, quando ia embora, verificava novamente. Estava sempre vazia.

No treino, Cassian começou a ensiná-la posicionamento básico corporal e com os pés no combate corpo a corpo. Nada de socos ou chutes, ainda não. Nestha manteve aquela prancha infernal durante dez segundos. Depois quinze. E vinte. Trinta.

Cassian acrescentou pesos aos exercícios dela, para que ela desenvolvesse os braços frágeis. Pedras pesadas com alças escavadas para serem carregadas enquanto ela fazia os agachamentos unilaterais e simples.

Tudo isso enquanto ela respirava e respirava e respirava.

Nestha tentou as escadas de novo. Chegou ao degrau de número quinhentos antes que seus músculos exigissem que ela se virasse.

Na noite seguinte, ela parou no degrau 610. Então no 750.

Não sabia o que faria quando chegasse lá embaixo. Ela supunha que encontraria uma taverna ou uma casa de espetáculos e beberia até cair. Se conseguisse chegar, mereceria, era o que Nestha dizia a si mesma a cada degrau.

À noite, a exaustão pesava tanto que ela mal conseguia comer e tomar banho antes de cair na cama. Mal lia o capítulo de um livro antes que suas pálpebras se fechassem. Nestha encontrou um romance obsceno que já lera e adorara em um dos baús que Elain tinha arrumado, e colocou o livro na mesa.

Ela disse, para o ar:

— Encontrei isto para você. É um presente. — O livro desapareceu. Mas pela manhã, ela encontrou um buquê de flores outonais em sua mesa. Era um jarro de vidro entupido de ásteres e crisântemos de todas as cores.

Uma semana se passou, durante a qual ela mal vira Gwyn, embora tivesse descoberto por Clotho que Merrill estava sobrecarregando bastante a sacerdotisa com a pesquisa sobre as Valquírias. Nestha, contudo, tinha tantos livros para guardar que as horas passaram rápido.

Principalmente depois que começou a usar os livros para treinar. Enquanto subia a rampa, ela segurava uma pilha pesada e executava uma variedade de agachamentos unilaterais. Por diversas vezes, surpreendeu sacerdotisas de passagem pelo andar acima olhando para ela enquanto se exercitava.

Todo dia, Nestha verificava a ficha de inscrição na pilastra atrás da mesa de Clotho. Vazia.

Dia após dia após dia.

Continue estendendo a mão, dissera Cassian.

Mas de que adiantaria, começou Nestha a se perguntar, se ninguém se desse ao trabalho de estender a mão de volta?

— Se você fechar o punho assim quando socar alguém, vai quebrar o polegar.

Ofegante e com suor escorrendo pelas costas como extensos rios, Nestha fez careta para Cassian. Ela ergueu o punho que ele havia ordenado que ela fechasse, com o polegar para dentro dos dedos flexionados.

— Qual é o problema com meu punho?

— Mantenha o polegar sobre as articulações do indicador e do dedo médio. — Ele fez um punho para demonstrar e agitou o polegar fechado sobre os dedos. — Se o seu polegar atingir o alvo, vai doer pra caramba.

Estudando o punho que Cassian estendeu, Nestha copiou a posição com a própria mão.

— E depois?

Ele indicou com o queixo.

— Faça a posição que estudamos ontem. Pés paralelos, jogue a força para o chão...

— Eu sei, eu sei — murmurou Nestha, e assumiu a posição que ele a havia feito praticar durante três dias. Nestha prestou atenção aos pés conforme os arrastava para a posição, então flexionou levemente os joelhos, balançando o corpo duas vezes para se certificar de que havia encontrado seu centro de equilíbrio.

Cassian a circundou.

— Bom. Qualquer soco que dê precisa ser rápido e preciso, não um golpe aleatório que fará com que você perca o equilíbrio e com que seu braço perca a força. Seu corpo e sua respiração vão alimentar o soco mais do que seu braço em si. — Ele fez uma pose semelhante, e golpeou o ar.

Cassian se moveu com tanta agilidade e força que o golpe terminou antes que ela conseguisse piscar.

Ele estendeu o braço com os músculos se contraindo quando terminou. Cassian tinha puxado as mangas por causa do dia quente de outono, mas não tirara a camisa. Sob o sol forte, a tatuagem no braço esquerdo dele parecia sorver a claridade.

— Alinhe os dois nós dos dedos da frente com seu antebraço. É com isso que você tem que bater, e a força de seu braço vai ser levada até elas. Se bater com o anelar e o mindinho, vai quebrar a mão.

— Não fazia ideia de que socar era tão perigoso.

— Aparentemente, é preciso ter inteligência para ser um brutamontes.

Nestha relaxou as sobrancelhas, mas se concentrou em alinhar o antebraço e os nós dos dedos que ele havia indicado.

— Assim?

— Para socar com os nós certos, você precisa inclinar o pulso para baixo apenas uma fração de centímetro.

— Por quê?

— Para que seu pulso não quebre.

Ela abaixou o braço.

— Levando em consideração a quantidade de jeitos com que posso quebrar minha mão quando for socar alguém, não parece valer a pena.

— Por isso um bom guerreiro sabe quando travar uma batalha. — Ele abaixou o punho. — Você precisa sempre se perguntar se o risco vale a pena.

— E você sempre dá socos perfeitos?

— Dou — respondeu Cassian, sem uma gota de dúvida. Ele afastou o cabelo dos olhos. — Quer dizer, na maioria das vezes. Houve algumas brigas em que eu não estava com o ângulo e o equilíbrio certos, mas um soco, mesmo um que pudesse quebrar minha mão, era a melhor forma de sair de uma confusão. Quebrei a mão... — Cassian semicerrou os olhos para o céu, como se fizesse uma contagem mental. — Ah, acho que umas dez vezes.

— Em quinhentos anos.

— Não dá para ser perfeito em todos os momentos de todos os dias, Nes. — Os olhos dele pestanejaram.

Aquela loucura no corredor da semana anterior não se repetira. E Nestha estava cansada demais à noite para sequer chegar à sala de jantar, que dirá se dar prazer na cama.

— Certo — disse ele. — Agora mova o quadril na direção do soco. — Cassian atingiu o ar de novo. Ele se moveu mais devagar dessa vez, deixando que ela visse como seu corpo fluía na direção do golpe. — Isso vai ativar seu centro de força e ombro, os dois acrescentam mais força. — Outro soco.

— Então aqueles exercícios abdominais não servem só para exibir o tanquinho?

Cassian lançou um sorriso sarcástico para ela.

— Acha mesmo que isto aqui é só para me exibir?

— Acho que já peguei você se olhando no espelho pelo menos uma dúzia de vezes em cada aula. — Nestha indicou o espelho fino do outro lado do ringue.

Ele riu.

— Que mentirosa. Você é quem usa aquele espelho para me ver quando acha que não estou prestando atenção.

Nestha se recusou a deixar que ele visse a verdade em seu rosto. Recusou-se a sequer abaixar a cabeça. Ela se concentrou de novo na posição.

— Toda séria hoje, hein?

— Você não quer que eu treine? — disse Nestha, friamente — Então me treine.

Mesmo que nenhuma sacerdotisa aparecesse, mesmo que ela fosse uma tola idiota por esperar que elas fossem, Nestha não se incomodava em treinar. Os exercícios limpavam sua mente e exigiam tanto raciocínio e respiração que os pensamentos que rugiam tinham pouca chance de devorá-la por inteiro. Era só nos momentos de quietude que aqueles pensamentos martelavam de novo, normalmente quando ela perdia o foco enquanto trabalhava na biblioteca ou tomava banho. E quando isso acontecia, a escada sempre chamava. Os infernais dez mil passos.

Mas será que ajudava em alguma coisa — o treino, o trabalho, as escadas — a não ser mantê-la ocupada? Os pensamentos ficavam à espreita como lobos para sufocá-la. Para despedaçá-la.

Eu amei você desde o primeiro momento em que a segurei nos braços.

Os lobos se aproximaram com as garras estalando.

— Para onde você foi? — perguntou Cassian com os olhos castanhos sombrios de preocupação.

Nestha assumiu a posição de novo. O que fez os lobos recuarem um passo.

— Lugar nenhum.

Elain estava na biblioteca particular.

Nestha, coberta de poeira da biblioteca, soube antes de terminar de descer as escadas.

O delicado cheiro de jasmim com mel da irmã estava presente no corredor de pedras vermelhas como uma promessa de primavera, um rio brilhante que ela seguiu até as portas abertas do cômodo.

Elain estava de pé diante da parede de janelas, usando um vestido lilás cujo corpete justo mostrava como a irmã tinha encorpado desde aqueles primeiros dias na Corte Noturna. Foram-se os ângulos pontudos, agora substituídos por maciez e curvas elegantes. Nestha sabia que ela mesma tivera aquela aparência em algum momento, mesmo que os seios de Elain sempre tivessem sido menores.

Nestha abaixou o rosto e olhou para si mesma, toda ossuda e desajeitada. A irmã se virou para ela, radiante de saúde.

O sorriso de Elain era tão luminoso quanto o sol poente além das janelas.

— Achei que seria uma boa ideia passar aqui e ver como você está.

Alguém tinha levado Elain até lá, já que de jeito nenhum ela teria subido aqueles dez mil degraus.

Nestha não devolveu um sorriso à irmã, mas indicou o próprio corpo, vestido com o couro de combate e coberto de poeira.

— Andei ocupada.

— Você parece um pouco melhor do que algumas semanas atrás.

Na última vez que ela vira Elain — uma semana antes de ir para a Casa. Ela passou pela irmã na agitada praça do mercado que chamavam de Palácio de Osso e Sal, e embora Elain tivesse parado, sem dúvida pretendendo falar com ela, Nestha havia seguido em frente. Sem olhar para trás antes de sumir na multidão. Se estava melhor agora, Nestha não queria nem imaginar como devia estar com uma aparência deplorável na ocasião.

— Quero dizer que você está corada — explicou Elain, afastando-se das janelas para atravessar o quarto. Ela parou a poucos centímetros, como se estivesse se segurando para não dar o abraço que talvez oferecesse.

Como se Nestha fosse algum tipo de leprosa cheia de doenças.

Quantas vezes estiveram naquela sala durante aqueles primeiros meses? Quantas vezes tinha sido daquela forma, só que as duas em lados opostos? Elain havia sido o fantasma naquela ocasião, magra demais e com pensamentos reclusos.

De alguma forma, Nestha havia se tornado o fantasma.

Pior do que um fantasma. Um espectro cuja raiva e fome eram infinitas, eternas.

Elain só precisara de tempo para se ajustar. Mas Nestha sabia que precisava de mais do que aquilo.

— Está gostando de seu tempo aqui em cima?

Nestha encontrou os acolhedores olhos castanhos da irmã. Quando humana, Elain era facilmente a mais bela das três, e quando se tornou Grã-Feérica, aquela beleza foi amplificada. Nestha não conseguia identificar que mudanças tinham sido feitas além das orelhas pontudas, mas Elain passara de bela a arrasadoramente linda. Elain jamais pareceu se dar conta disso.

Era sempre assim entre elas: Elain, doce e distraída, e Nestha, o lobo rosnando ao lado dela, pronto para dilacerar qualquer um que a ameaçasse.

Elain é agradável de se ver, refletira certa vez sua mãe enquanto Nestha estava sentada ao lado da penteadeira e uma criada silenciosamente escovava o cabelo castanho-dourado da mãe dela, *mas não tem ambição. Ela não sonha além do jardim e das lindas roupas. Será um bem valioso no mercado de casamentos para nós um dia, se essa beleza se mantiver, mas serão suas ações, Nestha, não as dela, que nos garantirão um casamento vantajoso.*

Nestha tinha doze anos na época. Elain mal completara onze.

Ela havia absorvido cada palavra das maquinações da mãe, planos para futuros que jamais aconteceram.

Precisaremos pedir a seu pai que vá até o continente quando chegar o momento, dizia a mãe dela com frequência. *Não há homens dignos de nenhuma de vocês duas.* Feyre nem mesmo fora considerada naquela época, uma criança emburrada e estranha ignorada pela mãe. *Realeza humana ainda governa por lá — lordes e duques e príncipes —, mas a riqueza deles se esgotou, muitas das propriedades estão beirando a ruína. Duas lindas moças com a fortuna de um rei poderiam ir longe*.

Talvez eu me case com um príncipe? perguntara Nestha. A mãe dela apenas sorrira.

Nestha sacudiu a cabeça para afastar as memórias e disse, por fim:

— Não tenho escolha a não ser estar aqui, então não vejo como eu poderia estar aproveitando.

Elain entrelaçou os dedos esguios com unhas sempre curtas por causa de seu trabalho nos jardins.

— Sei que as circunstâncias de sua vinda para cá foram terríveis, Nestha, mas você não precisa ser tão trágica a respeito disso.

— Fiquei ao seu lado por semanas — disse Nestha, inexpressivamente. — Semanas, enquanto você definhava, recusando comida e bebida. Enquanto parecia que você torcia para murchar e morrer.

Elain se encolheu. Mas Nestha não conseguiu segurar as palavras que saíam em torrente.

— Ninguém sugeriu que *você* tomasse jeito ou então seria mandada para as terras humanas.

Elain, surpreendentemente, não se abalou.

— Eu não estava bebendo até cair e... e fazendo aquelas outras coisas.

— Fodendo com estranhos?

O rosto de Elain ficou vermelho e ela se encolheu de novo.

Nestha riu com deboche.

— Você vive entre seres que não compartilham desse seu puritanismo humano, sabe. — Elain esticou os ombros de novo, no momento em que Nestha acrescentou: — Você fala como se você e Graysen não tivessem feito nada juntos.

Foi um golpe baixo, mas Nestha não se importava. Ela sabia que Elain tinha perdido a virgindade com Graysen um mês antes de elas serem transformadas em feéricas. Elain havia ficado radiante na manhã seguinte.

Elain inclinou a cabeça. Não se dissolveu na chorona que costumava se transformar quando Graysen era mencionado. Em vez disso, falou:

— Você está com raiva de mim.

Tudo bem, então. Ela também podia ser direta. Nestha disparou de volta:

— Por ter empacotado meus pertences enquanto Rhysand e Feyre me diziam que eu sou uma inútil, uma merda? Estou.

Elain cruzou os braços e disse com calma e tristeza:

— Feyre me avisou que isso poderia acontecer.

As palavras atingiram Nestha como um tapa na cara. Elas tinham falado dela, do *comportamento* dela, da atitude dela. Elain e Feyre — era assim que as coisas estavam agora. Fora esse o laço que Elain escolheu.

Era inevitável, supôs Nestha, com o estômago se revirando. Ela era o monstro. Por que as duas não deveriam se unir e expulsá-la? Mesmo que tivesse mentido para si mesma e acreditado que Elain sempre vira todos os seus defeitos terríveis e decidido ficar ao seu lado do mesmo jeito.

— Mesmo assim, eu quis vir — prosseguiu Elain, com aquela calma concentrada, a lâmina silenciosa envolvendo sua voz. — Eu queria ver você, explicar.

Elain tinha escolhido Feyre, escolhido o mundinho perfeito dela. Amren não fora diferente. A coluna de Nestha enrijeceu.

— Não há nada a explicar.

Elain ergueu as mãos.

— Fizemos isso porque *amamos* você.

— Faça-me um favor e me poupe desse papo furado.

Elain se aproximou com seus olhos castanhos arregalados. Sem dúvida totalmente convencida da própria inocência, de sua bondade nata.

— É verdade. Fizemos isso porque amamos e nos preocupamos com você, e se papai estivesse aqui...

— *Nunca* fale dele. — Nestha exibiu os dentes, mas manteve a voz baixa. — *Nunca mais fale dele, porra.*

Ela proibiu o autocontrole de se esvair por completo. Mas sentiu aquilo, a agitação daquela besta terrível dentro dela. Sentiu o poder emergir, incandescente, mas frio. Nestha avançou contra ele, empurrando-o para baixo, mais e mais abaixo, mas era tarde demais. O arquejo de Elain confirmou que os olhos de Nestha tinham sido tomados por um fogo prateado, como Cassian descrevera.

Mas Nestha sufocou o fogo na parte mais sombria de si, até que estivesse fria, vazia e calma novamente.

A dor lentamente tomou o rosto de Elain. E compreensão.

— É esse o problema aqui? Papai?

Com o dedo trêmulo devido ao esforço de manter aquele poder inquieto sob controle, Nestha apontou para a porta. Cada palavra da boca de Elain ameaçava destruir seu autocontrole.

— *Saia*.

Lágrimas emolduraram os olhos de Elain, mas a voz permaneceu firme e determinada.

— Não havia nada que pudesse ser feito para salvá-lo, Nestha.

As palavras eram como combustível. Elain aceitara a morte dele como algo inevitável. Não se dera ao trabalho de lutar por ele, como se ele não valesse o esforço, do mesmo jeito como Nestha sabia que ela mesma não valia o esforço.

Dessa vez, Nestha não impediu o poder de brilhar em seus olhos; ela tremeu tão violentamente que precisou cerrar as mãos.

— Você diz a si mesma que não havia nada que pudesse ser feito porque não aguenta pensar que *você* poderia ter salvado papai, se ao menos tivesse se dado ao trabalho de aparecer alguns minutos mais cedo. — A mentira era amarga na boca de Nestha.

Não era culpa de Elain que o pai delas havia morrido. Não, era completamente culpa da própria Nestha. Mas se Elain estava tão determinada a encontrar o bem nela, então ela mostraria à irmã o quanto podia ser baixa. Deixaria que uma fração daquela agonia a dilacerasse.

Era por isso que Elain tinha escolhido Feyre. *Por isso*.

Fora Feyre que havia resgatado Elain de novo e de novo. Enquanto Nestha tinha ficado inerte, armada apenas com a língua viperina. Inerte enquanto elas passavam fome. Inerte quando Hybern as levou e as enfiou no Caldeirão. Inerte quando Elain fora sequestrada. E quando o pai delas estava nas mãos de Hybern, ela também não tinha feito nada, *nada* para salvá-lo. O medo a havia congelado, sufocado sua mente, e Nestha havia permitido que o medo a dominasse, de modo que quando o pescoço de seu pai se partiu, era tarde demais. E completamente culpa dela.

Por que Elain *não* escolheria Feyre?

Elain enrijeceu, mas se recusou a recuar do que quer que tivesse visto no olhar de Nestha.

— Acha que *eu* sou a culpada da morte dele? — Cada palavra pingava com intimidação. Entre tantas pessoas, Nestha estava sendo intimidada por Elain. — Ninguém além do rei de Hybern tem culpa. — O tremor na voz traiu a firmeza das palavras.

Nestha sabia que tinha atingido o alvo. Ela abriu a boca, mas não conseguiu continuar. Bastava. Já havia dito o bastante.

E rápido assim, o poder dentro dela recuou, sumindo até virar fumaça ao vento. Deixando apenas exaustão pesando em seus ossos, seu fôlego.

— Não importa o que eu acho. Volte para seu jardinzinho e para Feyre.

Nem as discussões delas no chalé, brigas a respeito de quem ficaria com roupas, botas ou fitas, eram feias assim. Aquelas brigas tinham sido mesquinhas, motivadas pela miséria ou o desconforto. Essa era um monstro completamente diferente, vindo de um lugar tão sombrio quanto a escuridão no fundo da biblioteca.

Arrastando seu vestido roxo, Elain foi até as portas.

— Cassian disse que achava que o treinamento estava ajudando — murmurou ela, mais para si mesma do que para Nestha.

— Desculpe desapontá-la. — Nestha bateu as portas com tanta força que elas chacoalharam.

Silêncio preencheu o quarto.

Ela não se virou para as janelas para ver quem poderia passar voando com Elain, quem testemunharia as lágrimas que Elain provavelmente derramaria.

Nestha deslizou para uma das poltronas diante da lareira apagada e encarou o vazio.

Ela não impediu os lobos quando eles se reuniram ao seu redor de novo, com verdades afiadas e cheias de ódio nas línguas vermelhas. Ela não os impediu quando começaram a despedaçá-la.

Quando Elain entrou de súbito na sala de jantar da Casa, Cassian e Rhys estavam se esquentando do ar frígido do inverno que uivava no

Refúgio do Vento.

Os olhos castanhos dela estavam brilhando com lágrimas, mas ela manteve o queixo erguido.

— Quero ir para casa — disse Elain, com a voz um pouco trêmula.

Cassian olhou para Rhys, que tinha deixado a irmã Archeron do meio antes de buscar Cassian no Refúgio do Vento. Ele queria ver com seus próprios olhos quão prontos os illyrianos estavam para a batalha. O fato de Rhys não ter achado nenhuma falha tanto alegrou Cassian quanto o encheu de temor. Se a guerra começasse de novo, quantos morreriam? O fardo da vida de um soldado era lutar, marchar ao lado da Morte, e Cassian tinha levado machos à batalha diversas vezes. No entanto, quantas promessas tolas de que a paz duraria ele tinha feito às famílias daqueles que haviam perecido na última guerra? Quantas famílias mais precisaria reconfortar? Cassian não sabia por que era diferente dessa vez, por que pesava tanto. Mas enquanto Rhys e Devlon estavam conversando, Cassian estava olhando as crianças do Refúgio do Vento, perguntando-se quantas perderiam o pai.

Cassian afastou essa lembrança quando Rhys, com olhos azul-violeta que não deixavam nada passar, olhou fixamente para Elain.

— O que aconteceu?

Quando Rhys falava assim, era mais um comando do que uma pergunta.

Elain fez um gesto de dispensa com a mão antes de abrir as portas da varanda e sair para o ar fresco.

— Elain — disse Rhys, quando ele e Cassian a seguiram para a luz poente.

Elain ficou perto do parapeito e sentiu a brisa acariciar seu cabelo.

— Ela não está melhorando nada. Não está nem tentando. — Elain se abraçou e encarou o mar distante.

Rhys se virou para Cassian com o rosto sério. *Feyre a avisou.*

Cassian xingou baixinho. *Nestha está progredindo — sei que está. Alguma coisa a provocou.* Ele acrescentou, porque Rhys ainda parecia a morte fria em pessoa, *Vai levar tempo. Talvez baste de visitas das irmãs, por enquanto. Pelo menos não sem a permissão*

dela. Ele não queria isolar Nestha. De modo algum. *Se Elain quiser vê-la de novo, deixe-me perguntar a Nestha primeiro.*

A voz de Rhys sibilou como noite líquida. *E quanto a Feyre?*

Ela não quer Feyre aqui.

O poder retumbou de dentro de Rhys, apagando as estrelas em seus olhos.

Calma, porra, disparou Cassian. *Elas têm as próprias merdas para resolver. Você ameaçar destruir Nestha sempre que isso vem à tona não ajuda.*

Rhys continuou o encarando, a dominância inerente ao olhar dele era como a força de uma onda de maré. Mas Cassian esperou passar. Deixou que a onda quebrasse. Então Rhys sacudiu a cabeça e disse a Elain:

— Voo com você para casa.

Elain não protestou quando Rhys a pegou no colo e decolou para o céu manchado de vermelho e cor-de-rosa.

Foi só quando viraram um pontinho preto e roxo nos telhados, quando Rhys planava sobre o rio emoldurado em dourado, como se mostrasse a paisagem a Elain, que Cassian entrou na Casa.

Ele disparou pela sala de jantar e entrou no corredor; avançou escada abaixo, com seus pés devorando cada centímetro de distância até que escancarou as portas da biblioteca comum.

— O que foi que aconteceu, caralho?

Nestha estava sentada em uma poltrona diante da lareira escura, seus dedos enterrados nos braços cilíndricos do assento. Uma rainha em um trono acolchoado.

— Não quero falar com você — foi tudo o que ela disse.

O coração de Cassian batia forte, o peito inflava como se ele tivesse corrido mais de um quilômetro.

— O que você disse a Elain?

Ela inclinou o corpo para a frente, para vê-lo. Então ficou de pé, como um pilar de aço e chamas, e seus lábios se afastaram dos dentes.

— Mas é claro que você presumiria que a culpa foi minha. — Ela chegou perto dele com olhos queimando como um fogo frio. — Sempre defendendo a doce e inocente Elain.

Ele cruzou os braços, deixando que ela se aproximasse tanto quanto quisesse. De jeito nenhum Cassian cederia um passo para ela.

— Devo lembrá-la que você era a principal defensora da doce e inocente Elain até pouco tempo. — Ele a havia testemunhado ficar frente a frente com feéricos capazes de matá-la sem pensar duas vezes, tudo pela irmã.

Nestha apenas fervilhou, quase tremendo de ódio. Ou frio. Pelo Caldeirão, como estava frio ali. Só o piso aquecido oferecia algum alívio.

— Fogo — disse ele, e a Casa obedeceu. Uma grande chama ganhou vida na lareira atrás de Cassian.

— Nada de fogo — disse ela, concentrada em Cassian, embora suas palavras não fossem direcionadas a ele.

A Casa pareceu ignorá-la.

— *Nada* de fogo — ordenou Nestha. Ele podia jurar que ela empalideceu levemente.

Por um segundo, ele estava de novo na casa da mãe de Rhys, no Refúgio do Vento. Ela estava observando o fogo sem parar, como se falasse com o fogo, como se não percebesse que Cassian sequer estivesse ali.

O fogo sibilou e estalou. Nestha disse, fervilhando, para o ar:

— Eu *disse*...

Lenha estalou, como se a Casa alegremente a ignorasse, acrescentando calor à chama.

Mas Nestha se encolheu. Um piscar e um tremor quase imperceptíveis, mas o corpo dela ficou rígido por inteiro. Medo e pesar percorreram suas feições e sumiram.

Estranho.

Qualquer que tivesse sido a curiosidade que Nestha viu no rosto de Cassian a fez se irritar de novo antes que ela se lançasse pelas portas abertas da biblioteca.

— Aonde vai? — indagou ele, incapaz de manter o temperamento longe da voz.

— Sair. — Ela chegou ao corredor e se dirigiu para a escada.

Cassian a seguiu, e deixou um grunhido escapar da garganta. Ele rapidamente cobriu a distância entre os dois.

— Me deixe em paz — disparou ela.

— Qual é o plano, Nes? — Ele a seguiu até o andar mais baixo da Casa e à escada no meio do corredor. — Você avança nas pessoas que amam você até que elas desistam e deixem você em paz? É isso que quer?

Ela puxou a maçaneta da porta antiga e lançou a ele um olhar intimidador por cima do ombro. Nestha abriu a boca, então fechou, para segurar o que quer que estivesse prestes a sair.

Como se ela se controlasse por ele. Com pena dele. *Como se o poupasse.* Como se ele precisasse ser protegido dela.

— Diga — falou Cassian. — Apenas *diga*, porra.

O olhar de Nestha se acendeu com aquele fogo prata. O nariz dela se franziu com um ódio animalesco.

Os Sifões sobre as mãos dele ficaram quentes, preparando-se para um inimigo que Cassian se recusava a reconhecer.

Os olhos dela se voltaram para as pedras vermelhas. E quando eles mais uma vez se ergueram para o rosto de Cassian, o fogo profano no olhar dela havia sumido. Fora substituído por algo tão morto e vazio que era como olhar para os olhos cegos de um soldado caído no campo de batalha. Ele já havia visto corvos bicarem olhos mortos como aqueles.

Nestha não disse nada quando se virou para a escada de novo e começou a descer.

Capítulo 18

Só existia o mármore vermelho da escada, a respiração ofegante de Nestha, as facas que a dilaceravam por dentro ininterruptamente, as paredes que a sufocavam e suas pernas que queimavam a cada passo da descida.

Nestha não queria estar na própria mente, não queria estar no próprio corpo. Queria que a batida de tambores e a música alegre de um violino a enchessem de som, que silenciassem qualquer pensamento. Queria encontrar uma garrafa de vinho e beber sem parar, queria deixar que o vinho a tirasse de dentro de si, que fizesse sua mente flutuar, que a entorpecesse.

Para baixo, para baixo e para baixo.

Girando, girando e girando.

Nestha passou pelo degrau com a marca que sua mão queimara. Passou do degrau 250. Trezentos. Quinhentos. Oitocentos.

Foi no degrau 803 que as pernas dela começaram a fraquejar.

O rugido em sua cabeça se calou quando Nestha se concentrou em ficar de pé.

No milésimo degrau, Nestha parou de vez.

Havia apenas o silêncio que a circundava.

Nestha fechou os olhos e, erguendo um braço para se apoiar como se estivesse se segurando firme em alguém que amava, encostou a testa na pedra fria à direita. Podia ter jurado que uma batida de coração soou dentro da pedra, com tanta nitidez quanto se batesse dentro de um peito sob a orelha dela.

Devia ser seu próprio sangue pulsando, disse Nestha a si mesma. Mesmo agarrada à parede, aquela batida de coração continuava.

Nestha deixou que seu fôlego saísse e entrasse como uma serra. Deixou que o tremor do corpo se acalmasse.

A batida de coração na pedra cessou. A parede se tornou gélida sob sua bochecha vermelha. Áspera contra a ponta de seus dedos.

Ela começou a caminhada de volta. Um passo, depois outro, então outro. As coxas se contraindo, os joelhos reclamando e o peito em chamas.

A cabeça de Nestha tinha esvaziado quando ela praticamente engatinhou os últimos vinte degraus. Havia precisado parar cinco vezes para descansar. Cinco vezes, apenas pelo tempo necessário para recuperar o fôlego e se recompor — apenas até que os rugidos ameaçassem pressioná-la de novo.

Ela estava exausta e completamente esgotada quando chegou. Cassian estava encostado na parede oposta com o rosto sério.

— Não estou com a mínima vontade de brigar — disse ela, inexpressiva, esgotada demais para ficar com raiva. Ela sabia que poderia cobrar o acordo para ordenar que ele voasse com ela até a cidade, mas não tinha a energia para sequer se dar o trabalho. — Boa noite.

Ele se colocou no caminho dela e bloqueou o caminho de Nestha com as asas.

— Até que degrau chegou dessa vez?

Como se isso tivesse importância.

— Mil. — As pernas dela latejavam muito.

— Impressionante.

Nestha ergueu o olhar para o rosto dele, e encontrou sinceridade ali. Ela não se incomodou em esconder o cansaço que pesava em cada parte de seu corpo.

Ela fez menção de passar por ele, mas Cassian não abaixou as asas. A não ser que o socasse para passar, Nestha não sairia dali.

— O que é?

— O que tirou você do sério hoje?

— Tudo. — Ela não queria dizer mais nada.

— O que foi que Elain disse?

Ela não conseguia retornar àquela conversa, não conseguia falar sobre o pai ou a morte dele e nem nada daquilo. Então fechou os olhos pesados.

— Por que elas não se inscrevem para treinar?

Ele sabia de quem Nestha estava falando.

— Talvez não estejam prontas.

— Achei que elas se inscreveriam.

— É por isso que está chateada? — A pergunta dele foi tão atenciosa, tão triste.

Nestha abriu os olhos.

— Algumas delas estão aqui há centenas de anos e ainda não conseguiram se recuperar do que passaram. Então que esperança eu tenho?

Ele esfregou o ombro, como se estivesse dolorido.

— Faz só duas semanas que estamos treinando, Nestha. Você pode até ver mudanças físicas, mas o que está acontecendo na sua mente e no coração vai levar muito mais do que isso. Porra, Feyre levou meses...

— Não quero ouvir sobre Feyre e a incrível jornada dela. Não quero ouvir sobre a jornada de Rhys, nem de Morrigan, nem de ninguém.

— Por quê?

As palavras e o ódio se acumularam de novo. Ela se recusava a falar e, em vez disso, direcionou seu foco a abafar o poder em seu interior até que essa força não conseguisse fazer nada além de murmurar.

— Por quê? — insistiu ele.

— Porque não quero — respondeu ela, irritada. — Ponha essas asas de morcego para lá.

Cassian obedeceu, mas se aproximou, mais alto do que ela.

— Então vou contar a você sobre a minha incrível jornada, Nes. — Seu tom de voz estava gelado de uma forma que ela jamais tinha ouvido.

— Não.

— Matei cada um que feriu minha mãe.

Ela piscou para ele e percebeu que o pesar que sentia sumiu diante daquelas palavras cruéis.

O rosto de Cassian estampava apenas um ódio antigo.

— Quando tive idade e força o suficiente, voltei para a aldeia em que nasci, onde fui arrancado dos braços dela, e descobri que ela estava morta. E não havia ninguém que eu pudesse enfrentar que mudasse aquilo. Eles se recusaram a me contar onde a haviam enterrado. Uma das fêmeas deu a entender que a haviam jogado do penhasco.

Horror e algo parecido com dor a percorreram.

Os olhos dele se incendiaram com uma luz fria.

— Então eu os destruí. Quem não tinha culpa, crianças, algumas fêmeas e os idosos, eu deixei que fossem embora. Mas qualquer um que tivesse participado do sofrimento dela... Eu fiz sofrer de volta. Rhys e Azriel me ajudaram. Encontraram o merda que me gerou. Deixei que meus irmãos o dilacerassem antes que eu acabasse com ele.

As palavras ficaram pairando entre eles.

Com uma fúria suave, ele disse:

— Levei dez anos até poder encarar isso. O que fiz com aquelas pessoas, e o que perdi. Dez anos. — Ele estava trêmulo, mas não de medo. — Então, se quiser levar dez anos para enfrentar o que quer que esteja devorando você viva de dentro para fora, vá em frente. Se quiser levar vinte anos, vá em frente.

O silêncio preencheu o ambiente, interrompido apenas pela respiração irregular dos dois.

Nestha sussurrou:

— Você se arrepende?

— Não — disse ele, com uma honestidade muito determinada. A mesma honestidade que agora a avaliava, notando cada pedaço afiado dela que rugia.

Nestha abaixou a cabeça, como se para impedi-lo de ver tudo.

Dedos quentes e fortes seguraram o queixo dela em concha, calos arranharam sua pele.

Ela permitiu que ele levantasse sua cabeça. Nestha não havia percebido que Cassian tinha se aproximado. Que apenas centímetros os separavam. A não ser que tivesse sido ela quem se aproximou dele, atraída por cada palavra brutal.

Cassian manteve o toque leve no queixo dela.

— O que quer que você precise jogar contra mim, eu aguento. Não vou quebrar. — Não havia nenhum desafio naquelas palavras. Apenas súplica.

— Você não entende — disse ela, com a voz rouca. — Não sou *como* você e os outros.

— Nunca dei a mínima para isso. — Ele tirou a mão do queixo dela.

Nestha esticou o corpo.

— Deveria.

— Você fala como se quisesse que essa diferença entre nós me incomodasse.

— Incomoda todo mundo. Até o tão especial *Rhysand*.

Cassian exibiu os dentes, qualquer semblante de carinho sumira.

— Eu já disse, e vou falar de novo: não use essa porra de tom debochado quando falar dele.

— Ele não é meu Grão-Senhor. Posso falar dele como eu quiser. — Ela fez menção de ir embora, mas Cassian segurou seu pulso, segurando-a no lugar. — Solte.

— Me obrigue. Use seu treino e me *obrigue*.

O temperamento esquentado veio à tona.

— Você é um canalha arrogante.

— E você é uma bruxa presunçosa. Somos o par perfeito.

Ela grunhiu.

— *Solte*.

Cassian riu, mas obedeceu, virando o rosto ao recuar um passo. E foi a luz de vitória nos olhos dele, a nítida sensação de que ele acreditava que, de algum jeito, a havia irritado e *vencido* aquela briga que a fez agarrar a frente da jaqueta de couro dele.

Nestha disse a si mesma que foi para arrancar aquele sorrisinho do rosto dele que ela fechou os dedos no couro e avançou com a boca contra a dele.

Capítulo 19

Por um instante, havia apenas o calor da boca de Cassian, o toque de seu corpo, a tensão em cada músculo trêmulo do guerreiro quando Nestha entreabriu os lábios sobre os dele, ficando na ponta dos pés.

Ela o beijou de olhos abertos, para poder ver exatamente o quanto os olhos dele se arregalavam.

Nestha se afastou um momento depois e encontrou os olhos dele ainda arregalados e a respiração ofegante de Cassian.

Ela riu baixinho, fazendo menção de soltar os dedos do casaco dele e sair pelo corredor.

Nestha só conseguiu abaixar a mão direita antes que ele avançasse para beijá-la de volta.

A força daquele beijo os derrubou contra a parede e fez a pedra bater nos ombros dela quando Cassian alinhou todo seu corpo contra o dela e deslizou uma das mãos pelo cabelo de Nestha enquanto a outra segurava seu quadril.

Assim que Nestha atingiu aquela parede, assim que Cassian a envolveu, qualquer ilusão de autocontrole foi estilhaçada. Ela abriu a

boca, e a língua de Cassian entrou, dando vida a um beijo punitivo e selvagem.

O gosto dele era como uma brisa beijada pela neve e brasa estalando...

Nestha gemeu, incapaz de se segurar.

Aquele som pareceu ter sido a ruína de Cassian, pois os dedos que seguravam o cabelo dela se enterraram na cabeça, inclinando o pescoço de Nestha de forma que ele pudesse sentir melhor o gosto dela, reivindicá-la.

As mãos de Nestha percorreram o peito musculoso de Cassian, desesperadas por qualquer pele, qualquer coisa em que tocar enquanto as línguas deles se encontravam e se afastavam, enquanto a língua dele tocava o céu da boca de Nestha, enquanto a língua de Cassian deslizava pelos dentes dela.

Nestha correspondeu a ele, uma carícia após a outra, e toda a noção de controle se esvaiu. Ela mergulhou os dedos no cabelo de Cassian, e era tão macio quanto ela havia imaginado, as mechas como seda na sua pele.

Cada pensamento rancoroso fugiu de sua mente. Ela se entregou à distração, recebeu-a de braços abertos, deixou que o beijo queimasse tudo. Havia apenas a boca de Cassian, os dentes e a língua dele, lambendo, provando, mordendo; só existia a força do corpo dele, pressionando o dela, mas longe de estar perto o suficiente...

Cassian deslizou as mãos pelo corpo dela, segurou Nestha pela bunda, e a levantou no ar. Ela o abraçou com as pernas, e gemeu de novo quando Cassian pressionou o corpo entre suas coxas.

Nestha precisava desse alívio temporário para a mente, para aquela *coisa* que queimava no fundo dela, as lembranças que a assombravam. Ela precisava daquilo. Precisava dele.

Cassian roçou nela, e gemeu dentro da boca de Nestha com o primeiro impulso do quadril. Ela arqueou as costas ao ouvir aquele som gutural e expôs o pescoço para ele. Cassian foi até o seu pescoço, afastando a boca da de Nestha.

A boca de Cassian traçou uma linha para cima da curva do pescoço dela, trazendo calor consigo, e chegou àquele ponto logo

abaixo da orelha de Nestha que a fazia se contrair, que a fazia soluçar. Ele soltou uma risada contra a pele dela.

— Assim? — murmurou Cassian, e passou a língua de novo.

Os seios dela latejavam, e Nestha avançou contra ele, buscando qualquer contato com o peito de Cassian, qualquer tipo de fricção. Mas ele enterrou o rosto no pescoço dela, seus dentes se fechando levemente sobre a pulsação trêmula dela. A mais ínfima dor a fez ofegar; o roçar da língua dele naquele ponto fez os olhos de Nestha se revirarem.

Ele afastou a cabeça do pescoço dela. E Nestha jamais estivera tão exposta quanto quando ele roçou o quadril nela mais uma vez e a viu se contorcer.

Um sorriso sombrio agraciou sua boca.

— Tão receptiva — ronronou ele, com uma voz que Nestha jamais ouvira, mas sabia que rastejaria para ouvir de novo. Ele empurrou o quadril no dela, uma pressão preguiçosa e plena, proporcionada pela rigidez dele contra o latejar incessante dela. Nestha tentou recuperar qualquer noção de controle, de sanidade, e se surpreendeu querendo entregar tudo a ele, deixar que ele a tocasse e tocasse e tocasse, que lambesse e sugasse e a preenchesse...

Cassian rosnou, como se tivesse visto isso no olhar dela, e a beijou de novo.

Suas línguas se entrelaçaram. Seus corpos estavam pressionados tão próximos que ela conseguia sentir o coração dele batendo contra o próprio peito. Ele sentiu o gosto dela por inteiro, se afastou, então provou de novo. Como se estivesse estudando cada lugar da boca de Nestha.

Ela precisava sentir a pele dele. Precisava sentir com as próprias mãos, a boca, o corpo, a rigidez que a pressionava. Enlouqueceria se não conseguisse, enlouqueceria se não conseguisse tirar aquelas roupas, enlouqueceria se ele parasse de beijar...

Nestha enfiou a mão no espaço entre seus corpos, buscando Cassian. Ele gemeu de novo, suave e longamente, quando a mão dela o segurou pelo couro da calça. O fôlego foi roubado dela. O tamanho dele...

A boca de Nestha se encheu de água. Ela ardia, estava tão úmida que cada ponto da costura no meio da calça parecia tortura.

O beijo de Cassian ficou mais intenso, mais selvagem, e ela se atrapalhou com as cordas e os botões da calça dele. Havia tantos que Nestha não sabia onde encontrar aqueles que abririam a calça. As pontas de seus dedos puxavam cada laço, quase arranhando para soltá-lo.

A respiração ofegante de Cassian acariciou a pele dela quando ele mordiscou seu lábio inferior, a orelha, a mandíbula. A respiração ritmada dele ecoava aquilo, o fogo que rugia no sangue dela, e ele capturou a boca de Nestha mais uma vez, gemendo contra ela quando ela desistiu dos cadarços e botões e espalmou a mão contra ele. Cassian impulsionou o corpo para a frente quando Nestha esfregou a base da palma da mão na extensão dele, maravilhando-se com cada centímetro.

Ele afastou a boca da dela.

— Se você continuar fazendo isso eu vou...

Nestha fez de novo, arrastando a base da mão para cima, na direção da ponta que ela sabia que tocava o abdômen dele. O quadril de Cassian se arqueou na direção dela, e ele inclinou a cabeça para trás, expondo a coluna forte do pescoço. Ela entendeu o formato dele através da calça, e apertou mais a mão, dedicando-se a sua extensão. Cassian trincou os dentes e elevou o peito como um fole. Ao vê-lo perder o controle, ela inclinou o corpo para a frente. Nestha fechou os dentes no pescoço dele ao mesmo tempo que o esfregou de novo, com mais força e mais voracidade.

Cassian sibilou. Com o nome dela nos lábios, o quadril dele avançou em direção à mão dela com uma força que fez Nestha latejar por dentro a ponto de doer, imaginando aquela força, aquele tamanho e calor, enterrados bem no fundo dela. Ela o segurou e movimentou com força enquanto mordia seu pescoço e isso bastou para que Cassian entrasse em erupção.

As asas se fecharam com firmeza quando ele gozou, e cada pulsar do pênis estremeceu através da calça, ecoando pela mão dela conforme Nestha o acariciava sem parar.

Foi só quando Cassian se acalmou, quando estava tremendo — somente então Nestha afastou o rosto do pescoço dele. Seus olhos

castanhos estavam tão arregalados que a parte branca brilhava em volta da íris. Um rubor manchava suas bochechas, tão atraente que ela quase se aproximou para lamber ali também.

Ele continuou boquiaberto. Como se tivesse percebido o que tinha feito e se arrependesse.

Cada chama de desejo da divina distração dentro dela se apagou.

Nestha empurrou Cassian pelo peito, e ele imediatamente a soltou, quase a jogando no chão quando os corpos deles se afastaram.

Ela não esperou para ouvir palavras de arrependimento, de que aquilo tinha sido um erro. Ela não permitiria que ele tivesse aquele poder sobre ela. Então Nestha contraiu os lábios em um sorriso frio e cruel e disse, ao ir embora:

— Você é rapidinho, né?

Cassian não conseguia encarar Azriel no café da manhã seguinte.

O irmão tinha voltado tarde na noite anterior, recusara-se a dizer qualquer coisa sobre o que tinha descoberto a respeito de Briallyn, e apenas insistira que naquele dia todos se encontrassem na casa do rio e descobrissem juntos. Cassian não se importava. Ele mal ouvira Azriel perguntando como andavam os treinos.

Tinha ejaculado na calça depois de alguns poucos toques de Nestha, encharcando-se como se não fosse melhor do que era na juventude.

Mas assim que ela o beijou no corredor, ele perdeu qualquer semblante de sanidade. Tornou-se praticamente um animal, lambendo e mordendo o pescoço dela, incapaz de pensar direito além do instinto básico de reivindicá-la.

O gosto dela havia sido como fogo, aço e um alvorecer de inverno. Tudo isso apenas na boca e no pescoço dela. Se tivesse colocado a língua entre as pernas de Nestha... Cassian se agitou na cadeira.

— Aconteceu alguma coisa que eu, como seu supervisor, deva saber? — A pergunta seca de Azriel tirou Cassian da excitação crescente. Pela diversão no rosto do irmão, ele sabia que Az

conseguia não só sentir o cheiro daquela excitação, mas vê-la em seu rosto.

— Não — grunhiu Cassian. Ele ouviria até o fim da vida se admitisse o que tinha feito.

Havia encontrado o prazer, e Nestha não. Ele nunca tinha permitido que tal coisa acontecesse.

Tinha gozado tão intensamente que chegou a ver estrelas, e somente então percebeu que ela não tinha. Que ele tinha se envergonhado, que a deixara insatisfeita, e caso aquela fosse a única vez que ele a provaria, Cassian tinha fodido tudo monumentalmente.

E então veio o desaforo dito quando ela se despediu, estilhaçando o que restara do orgulho dele.

Rapidinho, foi o que ela havia ronronado, como se o que tivessem feito não houvesse significado nada.

Ele sabia que era mentira. Tinha sentido a necessidade descontrolada dela, ouvido os gemidos e quisera devorá-los por inteiro. Mas aquela semente de dúvida se enraizou.

Cassian precisava igualar o jogo de alguma forma. Precisava recuperar a vantagem.

Azriel pigarreou, e Cassian piscou.

— O quê?

— Eu perguntei se vocês dois estão prontos para descer até a casa do rio.

— Dois? — Ele piscou em meio à nuvem de excitação.

Azriel riu, as sombras saltitaram.

— Você prestou atenção em alguma coisa de ontem à noite?

— Não.

— Pelo menos é sincero. — Azriel riu. — Você e Nestha estão sendo requisitados lá embaixo.

— Por causa da merda com Elain?

Azriel ficou imóvel.

— O que aconteceu com Elain?

Cassian gesticulou.

— Ela e Nestha brigaram. Nem toca no assunto. — avisou ele, quando os olhos de Azriel ficaram sombrios. Cassian expirou. — Vou

entender isso como um *não* no que diz respeito ao tópico da reunião, então.

— É sobre o que eu descobri. Rhys falou que quer vocês dois lá.

— É ruim, então. — Cassian observou as sombras se acumularem em torno de Az. — Você está bem?

O irmão dele assentiu.

— Sim. — Mas sombras ainda o cobriam.

Cassian sabia que era mentira, mas não insistiu. Az falaria quando estivesse pronto, e Cassian teria mais sucesso convencendo uma montanha a se mexer do que fazer com que Az desabafasse.

Então disse:

— Tudo bem. Encontramos você lá.

Capítulo 20

Enquanto sobrevoavam Velaris, Nestha mal suportava olhar para Cassian. Cada olhar, cada aroma exalado por ele, cada toque enquanto o macho a carregava até a casa do rio roçava sua pele, ameaçando levá-la de volta à noite anterior, ao momento em que ela estava faminta por provar qualquer parte dele.

Felizmente, Cassian não falou com ela. Mal a olhou. E quando a extensa mansão ao longo do rio surgiu, Nestha tinha se esquecido de ficar irritada com o silêncio dele. Duas semanas na Casa e a cidade de repente pairava imensa, barulhenta e com gente demais.

— A reunião será rápida — prometeu Cassian quando aterrissaram no gramado da entrada, como se ele tivesse lido a tensão no corpo dela.

Nestha não respondeu, incapaz de falar com o estômago se revirando. Quem estaria lá? Qual deles ela precisaria enfrentar e por quem teria que aguentar ser julgada por seu suposto progresso? Todos eles provavelmente já deviam ter ouvido da briga com Elain... pelos deuses, será que Elain estaria presente?

Ela acompanhou Cassian para dentro da linda casa, mal reparando na mesa redonda no centro da entrada, coroada por um

vaso imenso cheio de flores recém-colhidas. Mal reparando no silêncio da casa; não havia um criado à vista.

Mas Cassian parou diante da pintura de uma paisagem com uma montanha imponente, estéril, desprovida de vida e mesmo assim, de alguma forma, latejando com presença. Neve e pinheiros encrustavam os picos menores ao redor dela, mas aquela montanha estranha, vazia... Apenas uma rocha preta se elevava do topo. Um monólito, percebeu Nestha, aproximando-se.

Cassian murmurou:

— Não sabia que Feyre tinha pintado Ramiel.

A montanha sagrada do Rito de Sangue. De fato, três estrelas brilhavam fracas no céu crepuscular acima do pico. Era uma representação quase perfeita, real, da insígnia da Corte Noturna.

— Quando será que ela viu Ramiel? — refletiu Cassian, com um sorriso fraco.

Nestha não se incomodou em sugerir que Feyre poderia ter simplesmente olhado dentro da mente de Rhysand. Cassian continuou adiante, levando-a pelo corredor sem dizer mais nada.

Nestha se preparou quando ele parou diante das portas do escritório — o mesmo cômodo em que ela se sentara e recebera o sermão público —, e abriu uma delas.

Rhys e Feyre estavam sentados no sofá de safira diante da janela. Azriel estava encostado na lareira. Amren tinha se aconchegado em uma poltrona, aninhada em um casaco de pele cinza, como se o frio singelo naquele dia fosse um vendaval de inverno. Nada de Elain e nada de Morrigan.

O olhar de Feyre estava cauteloso. Frio. Mas ficou mais acolhedor quando ela sorriu para Cassian, que caminhou até ela e beijou sua bochecha — ou tentou. Ele disse a Rhys: — Sério? Mesmo aqui ela está com o escudo?

Rhys esticou as pernas longas, cruzando um tornozelo sobre o outro.

— Mesmo aqui.

Cassian revirou os olhos e desabou na poltrona ao lado da de Amren, avaliando o casaco de pele dela e dizendo: — Nem está *tão* frio assim.

Amren exibiu os dentes.

— Continue falando assim e vai ser o seu couro que vou vestir amanhã.

Talvez Nestha tivesse sorrido, caso Amren não tivesse se voltado para ela.

Uma tensão espessa e dolorosa se estendeu entre as duas. Nestha se recusou a desviar o olhar.

Os lábios vermelhos de Amren se contraíram e seu cabelo preto e curto reluzia.

Feyre pigarreou.

— Certo, Az. Pode contar.

Azriel fechou as asas e sombras se contorceram em volta dos tornozelos e do pescoço dele.

— A rainha Briallyn anda mais ocupada do que pensávamos, mas não da forma como esperávamos.

O sangue de Nestha gelou. A rainha que tinha saltado para dentro do Caldeirão voluntariamente, desesperada para ser transformada em imortal. Ela saíra de lá uma velha enrugada — e imortal. Condenada a ser velha e curvada para sempre.

Azriel prosseguiu:

— Na semana em que a vigiei, eu... descobri quais são seus próximos passos. — A forma como ele hesitou antes de falar *descobri* explicava muito: ele havia torturado alguém pela informação. Muitos alguéns.

Nestha olhou para as mãos dele cobertas de cicatrizes e Azriel as escondeu às costas, como se tivesse reparado a atenção dela.

— Continue — disparou Amren, agitando-se na poltrona.

— As outras rainhas de fato fugiram de Briallyn há semanas, como Eris falou. Ela fica sozinha no salão do trono no palácio que compartilhavam. E o que Eris revelou sobre Beron também é verdade: o Grão-Senhor visitou Briallyn no continente, prometendo unir suas forças à causa dela. — Um músculo se contraiu na mandíbula de Azriel. — Mas a formação dos exércitos de Briallyn e a aliança com Beron são apenas o reforço para o que ela planejou. — Ele sacudiu a cabeça e sombras rastejaram por suas asas. — Briallyn quer encontrar o Caldeirão de novo. Para recuperar a juventude.

— Ela nunca vai conseguir o Caldeirão — disse Amren, gesticulando a mão que brilhava com tantos anéis. — Ninguém além de nós, Miryam e Drakon sabe onde ele está escondido. Mesmo que Briallyn descobrisse a localização dele, há proteções e feitiços o suficiente sobre ele para que ninguém jamais consiga invadi-lo.

— Briallyn sabe disso — falou Azriel, com seriedade. O estômago de Nestha se revirou. Azriel assentiu para Cassian. — O que Vassa suspeitava é verdade. Koschei, o senhor da morte, anda sussurrando ao ouvido de Briallyn. Ele continua preso no lago, mas suas palavras são levadas até ela pelo vento. Ele é ancestral e a profundidade de seu conhecimento é infinita. Koschei colocou Briallyn no caminho dos Tesouros Nefastos. Não pelo benefício dela, mas por interesse dele. O feiticeiro deseja usá-los para se libertar do lago. E Briallyn não é a marionete que acreditávamos ser, ela e Koschei são aliados. — Ele acrescentou, dirigindo-se a Cassian: — Você precisa perguntar a Eris se Beron sabe sobre isso. E sobre os Tesouros.

Cassian assentiu durante o silêncio que se seguiu. Nestha se viu perguntando: — O que são os Tesouros Nefastos?

Os olhos de Amren brilharam com um resquício de poder.

— O Caldeirão fez muitos objetos de poder, há muito tempo, e forjou armas inigualáveis. A maioria se perdeu no decorrer da história e da guerra, e quando cheguei à Prisão, restavam apenas três. Na época, alguns diziam que havia quatro, ou que o quarto tinha sido Desfeito*,* mas as lendas de hoje falam apenas de três.

— A Máscara — murmurou Rhys —, a Harpa e a Coroa.

Nestha tinha a sensação de que nenhuma delas era coisa boa.

Feyre franziu a testa para o parceiro.

— São diferentes dos objetos de poder na Cidade Escavada? O que fazem?

Nestha tinha feito o possível para se esquecer daquela noite em que Amren e ela foram testar seu suposto dom contra a coleção dentro daquelas catacumbas profanas. Os objetos estavam parcialmente aprisionados na própria pedra: facas, cordões, órbitas e livros, todos brilhando com poder. Nenhum deles era agradável. Se os Tesouros Nefastos eram piores do que o que ela havia testemunhado...

— A Máscara pode despertar os mortos — respondeu Amren, no lugar de Rhys. — É uma máscara da morte, moldada a partir do rosto de um rei há muito esquecido. Quem a usar pode invocar os mortos, comandá-los para que marchem de acordo com sua vontade. A Harpa pode abrir qualquer porta, física ou não. Alguns dizem que portas entre os mundos. E a Coroa... — Amren sacudiu a cabeça. — A Coroa pode influenciar qualquer um, perfurar até mesmo o mais poderoso dos escudos mentais. Sua única falha é que requer proximidade física para começar a mergulhar as garras na mente da vítima. Mas quem usar a Coroa pode obrigar os inimigos a fazer sua vontade. Pode obrigar um pai a matar o filho, ciente do horror, mas incapaz de se impedir.

— E essas coisas foram *perdidas*? — indagou Nestha.

Rhys franziu a testa para ela.

— Aqueles que as possuíam ficaram descuidados. Elas foram perdidas em guerras antigas, ou devido à traição, ou simplesmente porque foram deslocadas e esquecidas.

— O que isso tem a ver com o Caldeirão? — insistiu Nestha.

— Semelhante chama semelhante — murmurou Feyre, olhando para Amren, que assentiu. — Já que os Tesouros foram Feitos pelo Caldeirão, eles podem encontrar seu Criador. — Ela inclinou a cabeça. — Briallyn foi Feita. Ela não poderia encontrar o Caldeirão sozinha?

Amren tamborilou os dedos no braço da poltrona.

— O Caldeirão envelheceu Briallyn para puni-la. — Um olhar para Nestha. — Ou punir você, suponho. — Nestha manteve a expressão cuidadosamente vazia. Amren prosseguiu: — Mas acho que você tomou algo dele quando pegou seu poder, menina.

Feyre olhou para Nestha, a voz dela estava baixa quando perguntou: — O que, exatamente, aconteceu no Caldeirão?

Cada imagem, pensamento e sentimento invadiu Nestha. Sufocando-a, exatamente como ela precisou sufocar o poder que se elevou com a pergunta da irmã. Ninguém falou. Todos apenas a olharam.

Cassian pigarreou.

— Isso importa? — Todos olharam para ele, e Nestha quase cambaleou de alívio com a troca da atenção. Mesmo que algo tenha

acendido no peito dela diante das palavras de Cassian. Da defesa que ele fez dela.

— Isso nos ajudaria a entender — disse Feyre.

— Podemos discutir depois... — começou Cassian, mas Nestha se esticou.

— Eu... — Todos pararam e se viraram para ela. A boca de Nestha secou. Ela engoliu em seco, rezando para que não vissem as mãos trêmulas que ela prendeu sob as coxas. Seus pensamentos a invadiram, cada lembrança gritou, e ela não soube por onde começar, como explicar...

Respire. Sua mente se acalmava sempre que Cassian a guiava nos exercícios. Então ela se permitiu inspirar e expirar lentamente. De novo. Uma terceira vez.

E, no silêncio, Nestha falou:

— Eu não sabia o que estava tomando. Só que estava tomando coisas que o Caldeirão não queria que eu levasse. Pareceu adequado, considerando o que ele estava fazendo comigo.

Pronto. Era tudo o que ela conseguia e iria falar.

Mas Feyre assentiu, seus olhos brilhavam forte com algo que Nestha não conseguiu identificar. Feyre disse a Amren: — Então, é bastante possível que o Caldeirão *não possa* dar a Briallyn a habilidade de rastreá-lo. Que só conseguisse dar a Briallyn a habilidade de rastrear qualquer coisa que ele tivesse Feito, uma simples sombra do poder original.

Os outros assentiram, e Nestha ousou olhar para Cassian, que lhe retribuiu um sorriso gentil. Como se ao dizer as poucas palavras que ela conseguira falar, tivesse, de alguma forma, feito algo... digno. Seu peito se apertou.

Será que Nestha tinha feito tantas coisas *in*dignas que uma mísera contribuição lhe garantia tanto reconhecimento?

Nestha estava se obrigando a ignorar esse pensamento nauseante quando Amren prosseguiu: — Se alguém reunisse todos os três objetos, conseguiria usar sua essência combinada, por serem Feitos, para rastrear o Caldeirão, não importa onde esteja.

— Sem falar que se ganharia três objetos terrivelmente poderosos — acrescentou Azriel, em tom sombrio. — Capazes de

conceder a até mesmo um exército humano uma vantagem contra os feéricos.

— Quem despertasse os mortos — refletiu Cassian, com a expressão ficando tensa e eliminando qualquer vestígio daquele sorriso de reconhecimento — teria uma força irrefreável, capaz de marchar sem descanso ou comida. Se abrisse qualquer porta, poderia mover esse exército de mortos para onde quisesse. E, com influência ilimitada, poderia fazer com que qualquer território inimigo e seu povo se curvasse em rendição.

A sala foi tomada pelo silêncio mais uma vez. O coração de Nestha galopava.

— E tudo o que Koschei quer é se ver livre do lago? — perguntou Rhys a Azriel.

Mas Amren respondeu.

— Ninguém sabe exatamente a extensão dos poderes dos Tesouros. Além de libertá-lo do lago, Koschei poderia muito bem saber algo sobre os Tesouros que não sabemos, algum poder maior que se manifesta quando os três são unidos.

Rhys olhou para Azriel, que assentiu com pesar.

— O que é um senhor da morte? — perguntou Nestha, quebrando o silêncio.

Os olhares a atingiram como pedras. Cassian respondeu, indicando a cicatriz na lateral do pescoço.

— Contei a você sobre Lanthys e o ferimento que ele me deu. Ele é literalmente incapaz de morrer. Nada pode matá-lo. Koschei também não pode ser morto. Ele é o senhor da própria morte. — Cassian afastou a mão da cicatriz horrível. O brilho em seu olho sugeria que seus pensamentos tinham se voltado para os poderes dela. Nestha ignorou a *coisa* que se contorceu dentro dela em resposta e confirmação, o fogo frio que percorreu sua coluna. Ainda bem que Cassian prosseguiu: — Eles são senhores da morte.

As palavras pairaram no ar. Rhys deixou escapar um palavrão.

— Eu tinha esquecido de Lanthys.

Cassian deu a ele um olhar seco enquanto novamente tocava a cicatriz.

— Eu não.

Para o horror de Nestha, Amren estremeceu. *Amren*.

Feyre pigarreou.

— Então estão tentando encontrar esses Tesouros Nefastos para rastrear o Caldeirão para Briallyn, e provavelmente libertar Koschei nesse meio-tempo. E começar uma guerra, com Beron como aliado, que lhes garantiria qualquer território que quisessem. Ou daria algumas terras a Koschei, dependendo do acordo que ele fizesse com Briallyn, provavelmente um que fosse vantajoso para ele.

— De novo, Briallyn sabe muito bem da influência insidiosa de Koschei — falou Azriel. — Se está sendo manipulada, é porque permite isso para alcançar seus próprios objetivos.

Cassian falou:

— Então, temos esses dois em uma frente, e Beron aqui, pronto e ansioso para ir para a guerra ao lado de Briallyn e expandir o próprio território depois que a carnificina terminar.

A cabeça de Nestha girava. Ela não fazia ideia de nada daquilo que estava acontecendo. Tinha pescado uma informação aqui e ali, mas nada que a tivesse confrontado com o conhecimento do perigo que estava diante deles. Estar à beira de um desastre tão terrível de novo... Ela se agitou na cadeira.

Feyre perguntou a Azriel:

— Briallyn ainda não encontrou os Tesouros Nefastos?

Azriel fez que não.

— Pelo que sei, não. De acordo com os últimos rumores, os Tesouros Nefastos estavam em Prythian. Pelo visto, isso é tudo o que Koschei sabe. Temos isso a nosso favor, pelo menos. Briallyn não vai arriscar vir até aqui, ainda não. Mesmo tendo Beron como aliado. E Koschei está preso ao lago. Mas ambos estão preparando Briallyn para vir, reunindo os maiores espiões e guerreiros do reino dela. Já havia uma horda deles no palácio das rainhas. Por que Briallyn e Koschei levaram os soldados de Eris é algo que ainda não entendi. — Ele indicou Cassian. — Você precisa se encontrar com Eris.

Cassian assentiu.

— Eu vou. Mas precisaremos reforçar as fronteiras. Avisar às cortes. Contar a elas sobre o plano de Beron. Contar em segredo.

— Exporíamos Eris se fizéssemos isso — replicou Rhys. — E perderíamos um aliado valioso — acrescentou ele, quando Cassian

revirou os olhos. — Eris é uma cobra, mas é útil. Seus motivos podem ser egoístas e ambiciosos, mas ele pode ter muito a nos oferecer. — Rhys franziu a testa e disse, com cautela: — Concordo com Az. Quero que você atualize Eris sobre isso, como prometeu.

— Tudo bem — concordou Cassian. — Mas e quanto a avisar as cortes sobre os Tesouros?

— Não — respondeu Rhys. — Só começaríamos a arriscar que alguma delas fosse atrás dos Tesouros. Beron mandaria cada guerreiro e espião que tivesse para que encontrasse primeiro. O fato de ele ainda não ter feito isso sugere que não sabe sobre os Tesouros, mas precisamos que Eris confirme essa informação.

Feyre perguntou:

— Por que não procuramos os Tesouros quando estávamos atrás do Caldeirão?

— O Livro era mais fácil de encontrar — disse Amren. — E faz dez mil anos desde a última vez que alguém usou os Tesouros. Deduzi que estivesse tudo no fundo de um oceano.

— Então vamos encontrá-los — afirmou Cassian. — Alguma ideia?

— Objetos Feitos tendem a não querer ser encontrados por qualquer um — avisou Amren. — O fato de terem sumido da memória, de que nem mesmo *eu* pensei neles imediatamente na luta contra Hybern sugere que talvez tenham desejado que assim fosse. Que quisessem permanecer escondidos. Objetos de poder verdadeiros têm esses dons.

— Você fala como se os objetos tivessem consciência — falou Cassian.

— E têm — respondeu Amren, com tempestades percorrendo os seus olhos. — Foram Feitos numa época em que a magia selvagem ainda perambulava pela terra, e os feéricos não eram mestres de tudo. Objetos Feitos naquela época costumavam ganhar autoconsciência e desejos próprios. Não era algo bom. — O rosto de Amren se anuviou com lembranças, e um calafrio correu pela coluna de Nestha.

Rhys pensou em voz alta:

— Da mesma forma que consigo alterar mentes para que esqueçam, talvez eles tenham um dom semelhante.

— Mas Briallyn foi Feita — disse Amren. A boca de Nestha mais uma vez secou. — Quando Briallyn foi Feita, isso provavelmente retirou dela o glamour que encobria os Tesouros Nefastos, e digo glamour por falta de um termo melhor. Reconheceu a rainha como semelhante. Enquanto antes ela poderia ter ouvido a menção dos itens sem nunca pensar duas vezes, agora o pensamento permanecia. Ou talvez tenham chamado Briallyn, apresentando-se a ela em um sonho.

Todos eles, de uma só vez, olharam para Nestha.

— Você — disse Amren, baixinho — é igual. E Elain também.

Nestha enrijeceu.

— Se estão todos enfeitiçando as pessoas para que esqueçam, como Azriel conseguiu se lembrar e trazer a informação até aqui?

— Talvez depois que se descobre sobre eles, que as reconhece, o feitiço seja quebrado — respondeu Amren. — Ou talvez os Tesouros Nefastos queiram que saibamos sobre eles agora, por algum motivo obscuro.

Os pelos nos braços de Nestha se arrepiaram.

Cassian enrijeceu na poltrona.

— Então como... vamos rastrear os Tesouros Nefastos?

Depois de ter aparecido tão silenciosamente que todos se viraram para ela, Elain disse: — Me usando.

Capítulo 21

A mente de Nestha se calou quando as palavras de Elain finalmente terminaram de ecoar pelo cômodo. Com o rosto pálido de pânico, Feyre tinha se virado no sofá.

Nestha ficou de pé subitamente.

— Não.

Elain permaneceu à porta. Seu rosto estava pálido, mas exibia a expressão mais severa que Nestha já vira.

— Você não decide o que posso ou não fazer, Nestha.

— Da última vez que nos envolvemos com o Caldeirão, ele abduziu você — replicou Nestha, tentando controlar a tremedeira. Ela encontrou as palavras, as armas que buscava. — Achei que você não tivesse mais poderes.

Elain contraiu os lábios.

— Achei que você também não tivesse.

A coluna de Nestha se enrijeceu. Ninguém falou, mas a atenção de todos se fixou nela como uma película sobre a pele.

— Você não vai procurar por ele.

Amren disse, friamente:

— Então procure você, menina.

Nestha se virou para a pequena fêmea.

— Não sei como encontrar nada.

— Semelhante atrai semelhante — respondeu Amren. — Você foi Feita pelo Caldeirão. Assim como Briallyn, você pode rastrear outros objetos também Feitos por ele. E como você foi Feita por ele, é imune à influência e ao poder dos Tesouros. Pode usá-los, sim, mas eles não podem ser usados contra você. — Ela olhou para Elain. — Contra nenhuma de vocês.

Nestha engoliu em seco.

— Não posso. — Mas deixar que Elain se envolvesse, que se colocasse em perigo...

Amren falou:

— Você encontrou o Caldeirão...

— Ele quase me *matou*. Me prendeu como um pássaro em uma gaiola.

Elain disse:

— Então eu vou encontrá-lo. Talvez precise de tempo para... me acostumar de novo com meus poderes, mas posso começar hoje.

— De jeito nenhum — disparou Nestha, fechando os dedos ao lado do corpo. — *De jeito nenhum*.

— Por quê? — indagou Elain. — Tenho que ficar cuidando do meu *jardinzinho* para sempre? — Quando Nestha encolheu o corpo, Elain argumentou: — Você tem que se decidir. Não pode se ressentir de minha decisão de levar uma vida reservada e pacata e ao mesmo tempo se recusar a me deixar fazer qualquer coisa mais significante.

— Então saia em aventuras — respondeu Nestha. — Vá beber e foder com estranhos. Mas fique *longe* do Caldeirão.

Feyre disse:

— A escolha é de Elain, Nestha.

Nestha se virou para ela, ignorando a faísca de ira primordial no olhar de Rhys.

— Fique fora disso — sibilou ela para a irmã mais jovem. — Não tenho dúvida alguma de que *você* colocou essas ideias na cabeça dela, provavelmente a *encorajou* a se atirar ao perigo...

Elain interrompeu em tom afiado:

— Não sou uma criança para que briguem por mim.

A pulsação de Nestha latejou pelo corpo.

— Não se lembra da guerra? Do que enfrentamos? Não se *lembra* do Caldeirão sequestrando você, levando você para o centro do acampamento de Hybern?

— Lembro — respondeu Elain, friamente. — E lembro de Feyre me resgatando.

Rugidos soaram pela mente de Nestha.

Por um segundo, pareceu que Elain fosse dizer algo para apaziguar as palavras. Mas Nestha a interrompeu, fervilhando com a pena que estava prestes a ser atirada a ela.

— Olha só quem decidiu finalmente mostrar as garras — cantarolou ela. — Talvez você se torne interessante no fim das contas, Elain.

Nestha viu o golpe atingir o alvo, como um impacto físico, viu no rosto de Elain, na postura dela. Ninguém falou nada, embora sombras tivessem se reunido no canto da sala, como cobras se preparando para atacar.

Os olhos de Elain brilharam de dor. Alguma coisa implodiu no peito de Nestha ao ver aquela expressão. Ela abriu a boca, como se aquilo pudesse de alguma forma ser desfeito. Mas Elain falou: — Eu também entrei no Caldeirão, sabe. E ele *me* capturou. Mas, por algum motivo, tudo em que você consegue pensar é no que o *meu* trauma fez com *você*.

Nestha piscou, tudo dentro dela ficou vazio.

Mas Elain deu meia-volta.

— Podem me procurar quando desejarem começar. — As portas se fecharam atrás dela.

Cada palavra horrorosa que Nestha tinha dito pairou no ar, ecoando.

Feyre disse a ela, com uma voz irritantemente gentil: — Não foi uma escolha fácil pedir a Elain que se colocasse em perigo dessa forma.

Nestha se virou para Feyre.

— E por que *você* não vai atrás dos Tesouros? — Ela odiou cada palavra covarde, odiou o medo que sentia no coração, odiou que, ao fazer esse pedido, expunha sua preferência por Elain. — Você tem toda essa magia, e também foi Feita, mesmo que não tenha sido

pelo Caldeirão. Você treinou... você é uma *guerreira*. Não pode encontrá-los?

De novo, aquele silêncio. Mas de um tipo diferente. Como um trovão prestes a ressoar.

— Não — disse Feyre, em voz baixa. — Não posso. — Ela olhou para Rhys, que assentiu com os olhos brilhando.

Todos observavam Feyre agora. Mas a atenção de Feyre permanecia fixa em Nestha.

— Não posso arriscar.

— Por quê? — disparou Nestha.

— Porque estou grávida.

Silêncio recaiu. Silêncio, então Cassian soltou um urro com tanta alegria que estilhaçou o silêncio frágil e transformou-o em cacos, saltando da cadeira para derrubar Rhys.

Eles caíram como um emaranhado de asas e cabelo preto, então Amren dizia a Feyre, com luz dançando em seus olhos: — Parabéns, menina.

Azriel se abaixou para dar um beijo na testa de Feyre — ou a 3 centímetros dela.

— Eu *sabia* que esse escudo idiota não era só para treinar uma coisa que Helion ensinou a você — dizia Cassian, dando a Rhys um sonoro beijo na bochecha antes de se virar para Feyre e abraçá-la. Rhysand desarmou o escudo por tempo o suficiente para que Cassian a abraçasse, ainda gargalhando.

E quando Rhys baixou o escudo, o cheiro de Feyre preencheu a sala.

Era o cheiro habitual de Feyre, mas... havia alguma coisa nova. Um cheiro mais fraco, suave, como um botão de rosa, subjacente a ele.

Cassian gargalhou.

— Não é à toa que você anda um babaca mal-humorado, Rhys. Acho que estamos prestes a descobrir um patamar inteiramente novo de superproteção.

Feyre olhou com irritação para ele, então para o parceiro.

— Já tivemos discussões sobre isso. O escudo é um meio-termo.

Amren deu um largo sorriso.

— Qual foi a oferta inicial dele?

Feyre fez uma careta.

— Que ele jamais deixasse de ficar ao meu lado durante os próximos dez meses. — Os feéricos levavam mais tempo para gestar as crianças, Nestha aprendera isso debruçada nos livros da biblioteca da Casa durante as semanas iniciais que passara lá. Um mês a mais do que uma gravidez humana.

— De quanto tempo está? — perguntou Azriel, olhando para a barriga ainda reta de Feyre.

Ela deslizou os dedos até ali, como se a atenção de qualquer um sobre o local a fizesse querer proteger a criança dentro.

— Dois meses.

Cassian se virou para Rhys.

— Você está escondendo isso há *dois meses*?

Rhys lançou a ele um sorriso arrogante.

— Achamos que todos vocês já teriam adivinhado a esta altura, para ser sincero.

Cassian gargalhou de novo.

— Como poderíamos adivinhar se você a embrulhou nesse escudo?

— Babaca mal-humorado, lembra?

Cassian riu, e disse a Azriel:

— Vamos ser tios.

Feyre resmungou:

— Que a Mãe ajude esta criança.

O sorriso de Azriel se alargou diante daquilo, mas o olhar de Feyre se voltou para Nestha.

Nestha disse, baixinho, para a irmã:

— Parabéns.

Como não havia falado nada, Nestha conseguira apenas ficar de pé olhando para todos eles, para a alegria e a proximidade que compartilhavam, como se estivesse vendo tudo por uma janela.

Mas Feyre ofereceu a Nestha um sorriso hesitante.

— Obrigada. Você sabe que vai ser tia, né?

— Que os deuses ajudem esta criança mesmo — murmurou Cassian, e Nestha olhou com raiva para ele.

Ela se virou para Rhys e Feyre e percebeu o primeiro observando-a atentamente, o epítome da tranquilidade com o braço

sobre os ombros da parceira — o brilho no olhar era de ameaça pura.

Então, Nestha permitiu que ele visse que ela não representava mal algum para Feyre ou para o bebê. Alguma parte primordial dela entendeu que Rhys não era apenas um macho, mas um macho feérico, e ele eliminaria qualquer ameaça a sua parceira e seu filho. E que ele faria isso lenta e dolorosamente e depois daria as costas ao corpo dilacerado dela sem um pingo de arrependimento.

Foi autopreservação, talvez algum novo instinto feérico dela, que fez Nestha abaixar levemente o queixo, deixando que ele visse que ela não pretendia fazer mal, que jamais os machucaria.

O queixo do próprio Rhys se abaixou, e foi isso.

Nestha disse a Feyre:

— Você contou a Elain?

Antes que Feyre pudesse responder, Azriel falou: — E Mor?

Feyre sorriu.

— Elain foi a única que suspeitou. Ela me pegou vomitando duas manhãs seguidas. — Feyre assentiu na direção de Azriel. — Acho que superou você em guardar segredos.

— Contarei a Mor quando ela voltar de Vallahan — disse Rhys. — Considerando sua reação, Cassian, não acho que ela vai conseguir conter a animação se eu contar enquanto ela estiver lá, mesmo que não diga nada a eles. E não quero que um potencial inimigo saiba. Ainda não.

— Varian? — perguntou Amren. Nestha jamais soubera como a fêmea e o príncipe de Adriata da Corte Estival tinham cruzado caminhos. Ela supunha que agora jamais descobriria.

— Ainda não — repetiu Rhys, sacudindo a cabeça. — Não até que a gravidez esteja mais avançada.

Nestha inclinou a cabeça para a irmã.

— Então você não pode fazer magia enquanto estiver grávida?

Feyre se encolheu.

— Posso, mas considerando meu conjunto incomum de dons, não tenho certeza de como isso pode afetar o bebê. Atravessar não tem problema, mas alguns outros poderes, quando ainda estamos tão no início da gravidez, poderiam exigir demais de meu corpo. — A mão de Rhys apertou o ombro dela. — É um saco. — Feyre deu um

peteleco na mão que agarrava seu braço. — Tanto quanto ele se tornou.

Rhys deu uma piscadinha para ela. Feyre revirou os olhos. Mas então ele disse a Nestha: — Elain vai precisar de tempo para desenferrujar os poderes e tentar usar a Visão para encontrar os Tesouros. Mas você, Nestha... Você poderia usar adivinhação de novo.

Rhys acrescentou:

— O mais rápido possível. O tempo não está do nosso lado.

Nestha perguntou a Amren:

— Você não foi Feita?

— Não como você — respondeu Amren. Ela deu a Nestha um sorriso malicioso. — Está com medo?

Nestha ignorou a provocação. Até mesmo a alegria de Cassian se dissipara.

— Que escolha eu tenho? — perguntou Nestha.

Tendo que escolher entre ela ou Elain, Nestha não tinha outra escolha. Sempre se ofereceria primeiro para manter Elain longe do perigo. Mesmo que tivesse acabado de magoar a irmã mais do que conseguia suportar.

— Você tem escolha, sim — disse Rhys, com firmeza. — Sempre terá escolha aqui.

Nestha lançou a ele um olhar frio.

— Vou à procura. — Ela olhou para a barriga da irmã, para a mão que repousava distraidamente sobre ela. — É óbvio que vou.

Cassian queria trocar uma palavra com Rhys sobre as legiões illyrianas, então Nestha teve que caminhar até a entrada da casa do rio sozinha.

Ela havia chegado à metade do corredor quando Feyre chamou seu nome, e Nestha parou, bem diante da pintura de Ramiel.

O sorriso de Feyre era hesitante.

— Espero com você até ele terminar.

Não se dê ao trabalho, foi o que Nestha quase falou, mas se conteve. Elas caminharam em silêncio até a entrada principal, com

todas aquelas pinturas e retratos de todo mundo, exceto dela e da mãe, observando as duas.

O silêncio ficou mais tenso, tornando-se quase insuportável quando pararam no amplo saguão. Nestha não conseguiu pensar em nada para dizer, nada para *fazer* consigo mesma.

Até que Feyre falou:

— É um menino.

Nestha virou a cabeça para a irmã.

— O bebê?

Feyre sorriu.

— Eu queria que você soubesse primeiro. Pedi que Rhys esperasse até que eu tivesse contado a você, mas... — Feyre gargalhou quando novos gritos de alegria ecoaram pelo corredor. — Suponho que ele esteja contando a Az e Cassian agora.

Contudo, Nestha precisou de um momento para entender aquilo: a oferta de gentileza que Feyre havia lhe estendido, o que ela havia revelado...

— Como você pode saber o gênero?

O sorriso sumiu do rosto de Feyre.

— Durante o conflito com Hybern, o Entalhador de Ossos me mostrou uma visão do filho que eu teria com Rhys.

— Como *ele* sabia?

— Não sei — admitiu Feyre, a mão novamente deslizando para a barriga. — Mas não percebi o quanto queria um menino até saber que carregaria um.

— Provavelmente porque ter irmãs foi horrível para você.

Feyre suspirou.

— Não foi o que eu quis dizer.

Nestha deu de ombros. Feyre podia dizer aquilo, mas o sentimento estava sem dúvida ali. Tudo o que tinha acabado de acontecer com Elain...

Feyre pareceu sentir para onde os pensamentos de Nestha estavam indo.

— Elain estava certa. Ficamos tão concentradas em como o trauma dela *nos* impactou que esquecemos que foi ela quem o vivenciou.

— Aquilo foi direcionado a mim, não a você.

— Tenho culpa pelas mesmas coisas, Nestha. — Tristeza apagou o brilho dos olhos de Feyre. — Foi injusto da parte de Elain direcionar aquela verdade só a você.

Nestha não tinha uma resposta para aquilo, não sabia por onde começar.

— Por que não contou a Elain sobre o gênero do bebê primeiro?

— Ela descobriu a gravidez. Eu queria que você soubesse essa parte antes de qualquer outra pessoa.

— Eu não sabia que tinha um placar.

Feyre deu a ela um olhar de exasperação.

— Não tem, Nestha. É que... Preciso de uma desculpa para compartilhar as coisas com você? Você é minha irmã. Eu queria contar antes de qualquer outra pessoa. Só isso.

Nestha também não tinha uma resposta para aquilo. Ainda bem que a voz de Cassian tomou conta do corredor conforme ele se despedia de Rhys.

— Boa sorte — disse Feyre, baixinho, antes de correr para encontrar um Cassian radiante, e Nestha soube que a irmã não estava se referindo apenas aos Tesouros Nefastos.

Capítulo 22

— Você acha que Nestha consegue encontrar os Tesouros? — perguntou Azriel a Cassian enquanto os dois relaxavam na sala de estar que separava os quartos deles e chamas estalavam na lareira à frente. A noite havia se tornado tão fria que precisaram da fogueira, e Cassian, que sempre adorara o outono apesar dos canalhas da Corte Outonal, saboreava o calor.

— Espero que sim — esquivou-se Cassian. Ele não suportava a ideia de Nestha se colocar em perigo, mas entendia completamente as motivações dela. Se precisasse escolher entre mandar um dos irmãos para o perigo, ou ir ele mesmo, sempre, *sempre*, escolheria a si mesmo. Embora tivesse se encolhido diante de cada palavra que saíra da boca de Nestha para Elain, ele não podia culpar o medo e o amor por trás da decisão dela. Só podia admirar que ela tivesse se prontificado, se não pelo bem do mundo, então para manter a irmã segura.

Azriel falou:

— Nestha deveria mesmo tentar usar a adivinhação.

Cassian olhou para o espaço entre as duas poltronas. Os dois tinham se sentado nelas, diante daquela lareira, tantas vezes que era

uma regra não dita que a de Azriel era a poltrona à esquerda, mais perto da janela, e a de Cassian ficava à direita, mais perto da porta. Uma terceira poltrona ficava à esquerda de Azriel, em geral para Rhys, e uma quarta à direita de Cassian, sempre para Mor. Uma almofada dourada com borda de renda enfeitava a quarta poltrona, um sinal permanente da propriedade de Mor. Amren, por qualquer que fosse o motivo, raramente ficava ali por tempo o suficiente para ver aquela sala, então nenhuma poltrona jamais tinha sido guardada para ela.

— Nestha não quer usar a adivinhação — falou Cassian. — Nem mesmo sabemos que poder ainda lhe resta.

Mas Elain tinha confirmado para todos: as duas irmãs ainda possuíam os poderes dados pelo Caldeirão. Se eram tão poderosas quanto antes, ele não fazia ideia.

— Você sabe, sim — replicou Azriel. — Você já viu, até mais do que brilha nos olhos dela.

Cassian não tinha contado a ninguém sobre o degrau que tinha encontrado com os nítidos sulcos de dedos queimados nele. Ele se perguntou se Azriel teria de alguma forma descoberto sobre aquilo, se as sombras haviam sussurrado para ele sobre isso.

— Ela está volátil agora. Da última vez que fez uma adivinhação, terminou mal. O Caldeirão *olhou* para ela. E então levou Elain. — Ele tinha visto cada memória terrível passar pelos olhos de Nestha naquele dia. E embora entendesse que Elain tinha dito a verdade, reivindicando o trauma daquela memória, Cassian conhecia em primeira mão o horror constante e a dor de ter um ente querido levado e ferido.

Azriel enrijeceu o corpo.

— Eu sei. Ajudei a resgatar Elain, no fim das contas.

Az nem mesmo hesitara antes de entrar no coração do acampamento de guerra de Hybern.

Cassian deitou a cabeça no encosto da cadeira, e farfalhou as asas entre as fendas projetadas para acomodá-las.

— Se for capaz, Nestha vai acabar usando a adivinhação sozinha, em algum momento.

— Se Briallyn e Koschei encontrarem apenas um dos itens dos Tesouros Nefastos...

— Deixe que Nestha tente do jeito dela primeiro. — Cassian encarou Az. — Se entrarmos ordenando que ela faça, vai dar errado. Deixe que ela esgote as outras possibilidades antes de perceber que apenas uma é viável.

Azriel estudou o rosto dele, então assentiu com seriedade.

Cassian expirou, observando as chamas saltarem e tremeluzirem.

— Vamos ser tios — disse ele após um momento, incapaz de conter o tom maravilhado na voz.

O rosto de Azriel se encheu de orgulho e alegria.

— Um menino.

Não era garantido que o primeiro filho de um Grão-Senhor seria seu herdeiro. A magia às vezes levava um tempo para decidir, e frequentemente ignorava a ordem dos nascimentos. Às vezes encontrava um primo, em vez disso. Às vezes abandonava a linhagem por completo. Ou escolhia o herdeiro naquele momento do nascimento, nos ecos dos primeiros choros de um recém-nascido. Não importaria para Cassian, no entanto, se o filho de Rhys herdasse do pai o poder de sacudir mundos, ou apenas uma fração mínima disso.

Não importaria para Rhys também. Para nenhum deles. Aquele menino já era amado.

— Estou feliz por Rhys — disse Cassian, baixinho.

— Eu também.

Cassian olhou para Az.

— Você acha que algum dia estará pronto para ter filhos? — *Será que um dia poderá confessar a Mor o que está em seu coração?*

— Não sei — respondeu Azriel.

— Você quer um filho?

— Não importa o que eu quero. — Palavras distantes, palavras que impediam Cassian de se intrometer mais. Ele, mesmo assim, ficava feliz por ser um amortecedor entre Mor e Azriel, mas alguma coisa havia mudado recentemente. Nos dois. Mor não se sentava mais ao lado de Cassian, não se jogava mais em cima dele, e Azriel... aqueles olhares desejosos na direção dela tinham se tornado esparsos. Como se ele tivesse desistido. Depois de quinhentos anos, ele tinha, por algum motivo, desistido. Cassian não conseguia entender por quê.

Az perguntou:

— *Você* quer um filho?

Cassian não conseguiu conter o pensamento que surgiu: dele e Nestha contra a parede no andar abaixo, a mão dela o esfregando exatamente da forma como ele gostava, os gemidos dela como uma doce música.

Ele a deixara insatisfeita — ela fugira antes que ele conseguisse empatar as coisas entre os dois. Cassian subira para Refúgio do Vento depois da reunião mais cedo e não a vira na hora do jantar. Não fazia ideia do que diabos diria a ela e nem de como poderia iniciar uma conversa.

Aquele desequilíbrio de prazer era como o acordo inacabado pintado nas costas deles. E uma questão que ele, sem sentir vergonha, chamaria de orgulho de macho. Nestha estava com a vantagem agora. E tinha estampado uma expressão tão arrogante quando o interrompeu: *rapidinho*.

O joelho de Cassian tremeu, e ele olhou com irritação para a chama.

— Cassian?

Ele percebeu que Azriel havia feito uma pergunta. Certo — sobre filhos.

— Claro que quero filhos. — Ele pensava nisso com frequência, em que tipo de família formaria para si, como se certificaria de que seus filhos jamais passariam um momento achando que não eram amados ou queridos; que nunca, nunca, passariam um momento com fome, medo, frio ou dor.

Mas jamais aparecera uma fêmea que o tivesse tentado o bastante para lutar por esse futuro.

Ele supunha, bem no fundo, que era isso que estava esperando: o laço da parceria. O que ele tinha visto entre Feyre e Rhys.

Cassian exalou mais uma vez e ficou de pé. Azriel levantou uma sobrancelha silenciosamente.

Cassian se dirigiu até a porta. Ele não conseguiria descansar e nem se concentrar até que tivesse igualado a partida. Quando entrou no corredor, murmurou, sem olhar para trás:

— Vire o rosto, supervisor.

Enroscada na cama, com um livro apoiado no espesso edredom de penas, Nestha estava chegando ao beijo quente do mais novo romance quando uma batida soou à porta.

Ela fechou o livro de súbito e se sentou encostada nas almofadas.

— Oi?

A maçaneta girou, e ali estava ele.

Cassian ainda usava o couro de combate, as escamas sobrepostas do uniforme cheias de sombras que faziam com que ele parecesse uma grande besta se contorcendo ao fechar a porta.

Ele encostou no carvalho entalhado e as asas se elevaram acima da cabeça como picos gêmeos.

— O que foi? — Ela soltou o livro na mesa de cabeceira, sentando-se mais reta. Os olhos dele deslizaram até a camisola dela e depois se voltaram rapidamente ao rosto. — O que foi? — indagou ela de novo, inclinando a cabeça. O cabelo solto de Nestha escorria sobre um dos ombros, e ela viu que ele também reparou nisso.

A voz de Cassian soou rouca quando ele disse:

— Nunca vi você de cabelo solto.

Ela sempre usava trançado sobre a cabeça ou preso em um coque. Nestha franziu a testa ao olhar para as mechas que escorriam até a cintura, o castanho dourado brilhando à luz fraca.

— É uma inconveniência quando está solto.

— É lindo.

Nestha não conseguiu se impedir de engolir em seco quando levantou o olhar. Os olhos de Cassian estavam incandescentes, mas ele permanecia recostado contra a porta e com as mãos presas atrás do corpo. Como se estivesse fisicamente se segurando.

O cheiro dele flutuou até Nestha, mais sombrio, mais almiscarado do que o habitual. Ela apostaria todo o dinheiro que não tinha que era o cheiro da excitação dele.

Aquilo fez a pulsação de Nestha galopar, desviando tanto do caminho da sanidade que ela saiu aos tropeços atrás do autocontrole. Permitir que ele a afetasse tão facilmente, tão intensamente era inaceitável.

Ela não ousou olhar abaixo da cintura dele, não quando contraiu os lábios em um sorriso frio.

— Veio atrás de mais?

— Estou aqui para acertar a dívida entre nós.

As palavras dele eram guturais. Os dedos dos pés dela se flexionaram sob o cobertor.

Contudo, a voz de Nestha permaneceu surpreendentemente calma.

— Que dívida?

— Aquela de ontem à noite.

Ele falou como se não houvesse espaço para provocações, para humor. Os olhos de Cassian desceram para abaixo do rosto dela, notando as marteladas da pulsação de Nestha.

— Temos negócios inacabados.

Ela buscou qualquer coisa que pudesse usar contra ele.

— Orgulho de macho é algo impressionante. — Quando ele não respondeu, ela atirou mais um obstáculo: — Por que você está aqui? Deixou bem evidente que ontem à noite foi um erro.

Ele não aceitaria.

— Eu nunca disse isso. — A atenção dele permaneceu fixa na pulsação galopante de Nestha.

— Não precisou. Vi em seus olhos.

O olhar dele disparou para o dela.

— O único erro foi que gozei antes de poder provar você.

Nestha sabia que ele não estava falando de sua boca. Ou de sua pele.

Cassian prosseguiu:

— O único erro foi que você fugiu antes que eu conseguisse me ajoelhar.

Ficou difícil respirar.

— Seus amigos não lhe dirão que *isto* é um erro? — Ela indicou o espaço entre eles.

— Meus amigos não têm nada a ver com isso. Com o que quero de você.

Ele falou com tanta determinação que os seios dela se arrepiaram. Os olhos de Cassian foram em direção aos mamilos rígidos de Nestha contra a seda da camisola...

Todo o ser dele pareceu se concentrar nisso. Nela. Todos os quinhentos anos como um guerreiro treinado, um predador no ápice da cadeia. Tudo aquilo, concentrado nela.

A fixação dele a envolveu como uma lufada de vento, de fogo.

— E o treino? — sussurrou ela.

— Isso fica fora do treino. — Os olhos dele tinham se tornado completamente escuros.

A pele dela se repuxou, tornando-se quase dolorida quando teve a sensação de que estava derretendo entre as pernas.

— Nestha.

Um tom de súplica tinha tomado a voz dele. Ele estava trêmulo — a porta atrás dele chacoalhando com a força de seu autocontrole se esvaindo.

Então ela olhou. Abaixo da cintura dele. Para o que fazia força contra a calça.

A mente dela esvaziou, e só havia ele, ela e o espaço entre os dois.

Cassian soltou um grunhido, e o som também pareceu uma súplica.

Ela se obrigou a dizer:

— Isso fica de fora do treino, e de todo o resto. É só sexo.

Alguma coisa mudou na expressão dele, mas Cassian respondeu:

— Só sexo.

Aquilo com certeza seria um erro, com certeza seria algo pelo qual ela pagaria, pelo qual sofreria. Mas não conseguia negá-lo. Negar a si mesma. Apenas aquela noite, ela permitiria.

Então Nestha encontrou o olhar dele de novo, absorvendo cada centímetro trêmulo, contido e falou:

— Sim.

Cassian avançou até ela, uma besta libertada da jaula, e Nestha mal conseguiu se virar para a beira da cama antes que os lábios dele chegassem aos dela, devorando e reivindicando.

Sons parecidos com ronronados graves vibravam do peito dele entre os dedos dela conforme Nestha arrancava o casaco e a camisa dele, rasgando o tecido. Ele afastou os lábios dos dela apenas o suficiente para tirar a camisa; o tecido se prendeu nas asas antes de cair no chão. E ele estava sobre ela de novo, subindo na cama, e

Nestha abriu as pernas para ele, deixando que o corpo de Cassian caísse no vão entre as coxas dela.

Ela não conseguiu conter o gemido quando Cassian impulsionou o quadril contra o dela, o couro da calça dele deslizando contra ela. Ele mergulhou a língua na boca de Nestha, o beijo foi como uma marca enquanto uma das mãos deslizava pela coxa nua de Nestha, puxando a camisola junto. Cassian sibilou quando chegou ao quadril de Nestha e não encontrou calcinha nenhuma. Então olhou para onde havia pressionado a ereção contra ela e se deu conta de que apenas o couro da calça o separava da umidade de Nestha.

Ela estava tremendo, e não de medo, quando ele esticou a própria mão trêmula e deslizou a camisola dela mais para cima. Puxou até o umbigo e então a encarou, nua e brilhando, fazendo pressão contra o volume da calça dele. O peito de Cassian se elevou, e ela esperou por aquele toque brutal e exigente, mas ele apenas se inclinou para baixo e beijou o pescoço de Nestha. Carinhoso, sedutor. Cassian deu outro beijo no ombro dela, e Nestha estremeceu. Estremeceu mais conforme ele passou a língua por aquele ponto. Ele beijou o pescoço dela. Lambeu.

Então deslizou as alças da camisola de Nestha até os braços. Beijou as clavículas dela. A cada beijo, ele puxava mais para baixo o decote da camisola. Até que seu hálito aquecesse os seios expostos.

Cassian soltou um ruído do fundo da garganta, do estômago. Como algum tipo de criatura faminta e atormentada. Ele encarou os seios dela, e ela não conseguiu respirar sob aquele olhar incandescente. Não conseguiu respirar quando a cabeça dele mergulhou e ele envolveu o mamilo dela com os lábios.

Nestha arqueou o corpo na cama e deixou um som sem fôlego escapulir.

Cassian apenas repetiu o movimento no outro seio.

E então roçou os dentes pelo bico sensível antes de mordiscar bem levemente.

Nestha gemeu e virou a cabeça para trás, jogando o peito contra ele em uma súplica silenciosa.

Cassian soltou aquela risada sombria e voltou para o outro seio, os dentes roçando, provocando, mordiscando.

Ela esticou as mãos na direção dele, na direção em que ele havia ficado imóvel entre as pernas dela. Ela precisava dele — agora. Na mão dela ou no corpo, Nestha não se importava.

Mas tudo o que Cassian fez foi se afastar. Então levantou e se ajoelhou diante dela. Avaliou o corpo de Nestha sob o dele, a camisola como um monte de seda no tronco dela, todo o restante exposto para ele. Seu próprio banquete para que devorasse.

— Tenho uma dívida com você — disse ele, com aquela voz gutural que a fez se contorcer. Cassian observou o quadril dela ondular, e apoiou as mãos grandes e poderosas em cada coxa dela. Ele esperou que ela sinalizasse que entendia o que ele pretendia. Aquilo com que ela havia sonhado por tanto tempo, nas horas mais escuras da noite.

Com um sussurro engasgado, ela falou:

— Tem.

Cassian lhe deu um sorriso bestial, puramente macho. Então as mãos dele se fecharam nas coxas nuas de Nestha, abrindo-as ainda mais. Ele abaixou a cabeça, e tudo o que ela conseguiu ver foi o cabelo escuro dele, emoldurado pelas lâmpadas, e as asas exóticas, elevando-se acima dos dois.

Ele não perdeu tempo com toques delicados e degustação.

Afastando os lábios dela com uma das mãos, ele passou a língua bem pelo centro.

O mundo se partiu, se refez e se partiu de novo. Cassian deixou escapar um palavrão ao sentir o quanto ela estava molhada, e abaixou a outra mão para ajeitar o volume na calça.

Ele a lambeu de novo, demorando-se naquele ponto no ápice das pernas. Sugando e mordiscando com os dentes antes de se afastar.

Nestha arqueou o corpo, incapaz de conter o gemido que fugiu de sua garganta.

A língua de Cassian passeou para baixo em um movimento vagaroso, e ele apoiou a mão no abdômen de Nestha, contendo-a, quando deslizou a língua direto para dentro dela. A língua dele se enroscou dentro dela, avançando mais fundo do que ela havia esperado, e ela não conseguiu pensar, não conseguiu fazer nada além de se deleitar com aquilo, com ele...

— Seu gosto — grunhiu Cassian contra o corpo dela, subindo de novo pelo emaranhado de nervos com lambidas curtas e provocadoras — é ainda melhor do que eu sonhei.

Nestha soluçou, e ele brincou com a língua. O soluço dela se transformou em um grito, e Cassian riu contra a pele dela, brincando com a língua de novo.

O clímax se tornou um véu translúcido logo além do alcance dela, chegando mais perto.

— Tão molhada — sussurrou ele, e chupou a entrada de Nestha, como se determinado a consumir cada gota dela. — Você está sempre molhada assim para mim, Nestha?

Ela não permitiria que ele tivesse a satisfação de saber a verdade. Mas não conseguiu pensar em uma mentira, não com a língua dele mergulhando e saindo dela, atraindo-a, mas ainda negando a pressão e o latejar incansável de que ela tanto precisava.

Cassian riu, como se soubesse a resposta. Ele a lambeu, seu cabelo sedoso roçando a barriga de Nestha, e ergueu o rosto para encontrar os olhos dela.

Quando os olhares deles se cruzaram, Cassian deslizou um dedo para dentro dela.

Nestha gemeu alto, e ele deslizou a mão desde a coxa dela para afastá-la de novo conforme lambia aquele ponto e seu dedo entrava e saía, em um ritmo provocantemente lento.

Mais — Nestha queria mais. Ela comprimiu o quadril contra ele, com força o bastante para empurrar o dedo de Cassian mais para dentro.

— Que gulosa — murmurou ele, e puxou o dedo até quase a ponta. Apenas para acrescentar um segundo dedo que mergulhou de volta para dentro.

Foi neste momento que Nestha se libertou por completo. Abandonou a sanidade e qualquer orgulho assim que ele a preencheu com aqueles dois dedos. Ele sugou e mordiscou, e o clímax se aproximou dela como uma névoa iridescente.

Cassian grunhiu de novo, entregue a qualquer que fosse a necessidade que o impulsionava, e as reverberações do som ecoaram para lugares dentro dela que jamais tinham sido tocados.

Os dedos dele deslizavam para dentro e para fora, esticando-se e preenchendo, tudo isso enquanto ele sentia seu gosto e saboreava.

Nestha cavalgou sua mão, seu rosto, esfregando-se contra Cassian sem se segurar.

— Pelos deuses. — Os dentes de Cassian roçavam contra ela. — Nestha.

O som do nome dela nos lábios dele contra seu ponto mais sensível fez com que a mente de Nestha se estilhaçasse na eternidade.

Ela arqueou para longe da cama com a força de seu clímax, e Cassian se tornou voraz, inserindo os dedos e movendo a língua e os lábios contra ela, como se ele fosse devorar o prazer dela por inteiro. Ele não parou até que Nestha tivesse desabado contra o colchão, até que ela estivesse inerte e zonza e tentando pensar coerentemente.

O deslizar dos dedos de Cassian para fora dela, deixando-a vazia e desejosa, e a remoção da língua de entre suas pernas foi como um beijo frio.

Cassian estava ofegante, ainda ereto quando se levantou e a encarou.

Nestha não conseguia se mover — não lembrava-se de como se mover. Ninguém jamais tinha feito aquilo com ela. Feito com que ela se sentisse daquele jeito.

A plenitude do prazer lhe tirara o fôlego. Parecia que o mundo poderia ser refeito com a força do que tinha irrompido dela.

Nestha apenas observou o músculo definido e ofegante do peito de Cassian, as asas e seu lindo rosto.

Ela estendeu a mão para o pênis que estava louca para sentir, provar, mas ele se afastou da cama.

Cassian pegou a camisa e foi até a porta.

— Agora estamos quites.

Capítulo 23

Ver Nestha chegar ao clímax foi o mais perto de uma experiência religiosa que Cassian já havia chegado. Aquilo o abalou profundamente, e somente determinação e orgulho puros o impediram de ejacular na calça de novo. Somente determinação e orgulho puros tinham feito com que ele recuasse da cama quando Nestha estendeu a mão. Somente determinação e orgulho puros tinham feito com que ele saísse do quarto, quando tudo o que queria era mergulhar o pau naquele calor doce e apertado e cavalgar Nestha até que os dois estivessem gritando.

Ele não conseguia tirar o gosto perfeito dela da boca. Não enquanto tomava banho para dormir. Não enquanto tocava seu pau até não poder mais, encharcando o lençol. Não enquanto tomava café da manhã. Não conseguia parar de sentir a pressão dela sobre seus dedos, como um punho de seda ardente. Ele tinha lavado a mão uma dúzia de vezes quando encontrou Nestha no ringue de treino, e ainda conseguia sentir o cheiro dela ali, ainda conseguia sentir o corpo dela, o gosto.

Cassian expulsou o pensamento da mente. Junto com o conhecimento de que se Nestha tinha sido gostosa nos dedos dele,

na língua, não seria nada comparado com a sensação dela no seu pau. Ela estava tão contraída que ele sabia que seria paraíso e loucura — sua perdição. E Nestha tinha ficado tão molhada para ele que Cassian sabia que faria coisas deploráveis para ter a permissão de sentir aquela umidade de novo.

Mas a Nestha que entrou no ringue de treino era aquela que ele via toda manhã.

Nenhum indício de rubor, ou brilho nos olhos que dissesse a ele que ela havia sentido prazer.

Mas talvez fosse porque Azriel havia entrado ao lado dela.

O irmão olhou uma vez para Cassian e riu. Az sabia. Ou conseguia sentir o cheiro de Cassian em Nestha, ou já sentia o de Nestha em Cassian, mesmo do outro lado do ringue.

Cassian não se arrependeu do que tinha feito com ela. De jeito nenhum. E talvez fosse o fato de que fazia dois anos desde que ele tinha feito qualquer tipo de sexo, mas não conseguia se lembrar da última vez que tinha sido tão levado pela própria necessidade.

Alguma parte pequena de seu cérebro sussurrou em discórdia. Ele ignorou aquilo. Ignorava havia muito tempo.

— Bom dia, Az — disse Cassian, animado. Ele assentiu para Nestha. — Nes, dormiu bem?

Os olhos dela brilharam com a raiva, que era como combustível para a dele, mas então ela deu um sorriso frio.

— Como um bebê.

Então seria um jogo. Qual deles conseguiria fingir que nada tinha acontecido por mais tempo. Qual deles conseguiria parecer menos afetado.

Cassian lançou um sorriso para ela que mostrou que topava jogar. E que a faria rastejar antes que acabasse.

Nestha apenas começou a abrir o cadarço da bota.

Ele indicou Azriel com o queixo.

— Por que você está aqui em cima?

— Pensei em também treinar um pouco antes de sair hoje — respondeu Az, suas sombras demorando-se sob o arco, como se temessem o sol claro no ringue. — Não estou interrompendo nada, estou?

Cassian podia ter jurado que os dedos de Nestha se demoraram no cadarço da bota. Ele disse, arrastado: — Nadinha. Vamos começar com combate corpo a corpo.

— O que menos gosto — disse Azriel.

Tirando as botas, Nestha perguntou:

— Por quê?

Az a observou, caminhando descalça até o ringue.

— Prefiro luta com espadas. Corpo a corpo é próximo demais para o meu gosto.

— Ele não gosta de sujar o rosto com o suor do sovaco dos outros — disse Cassian, rindo.

Azriel revirou os olhos, mas não negou.

Nestha observou o encantador de sombras com uma franqueza da qual a maioria das pessoas se esquivava.

Até mesmo Feyre ficara hesitante na presença de Azriel no início, mas Nestha contemplava o macho com o mesmo olhar de avaliação que apontava para todos.

Talvez por isso Azriel nunca tenha dito uma palavra ruim sobre Nestha. Nunca tenha parecido inclinado a começar uma briga com ela. Ela o via, e não tinha medo dele. Não havia muitas pessoas que podiam dizer isso.

Nestha falou:

— Mostre como vocês dois lutam. — Azriel piscou, mas ela acrescentou: — Quero saber o que vou enfrentar. — Quando nenhum deles disse nada, ela perguntou: — O que vi na batalha foi diferente, não foi?

— Foi — respondeu Cassian. — Uma variação do que fazemos aqui, mas requer um tipo de luta diferente. — Sombras cobriram os olhos dela, como se a lembrança daqueles campos de batalha a assombrasse. Ele falou: — Só começaremos o treinamento para batalha daqui a um tempo. — Anos, provavelmente. Az estava observando Nestha como se ele também tivesse percebido as sombras nos olhos dela. Cassian lhe perguntou: — Quer fazer um treino de combate? Faz tempo desde que usei você como pano de chão.

Ele precisava liberar aquela energia — o desejo permanente da noite passada que o deixava confuso. Precisava queimá-la do corpo

com movimento e respiração.

Az girou o ombro, inabalado e calmo. Os olhos brilharam como se ele tivesse notado a necessidade de Cassian de expulsar aquela energia acumulada. Mas Az tirou o casaco e a camisa, deixando os Sifões sobre o dorso das mãos, presos no lugar pelo pulso e por uma corrente no dedo médio. Cassian fez o mesmo quando tirou a própria camisa.

O olhar de Nestha o perfurou do outro lado do ringue. Cassian talvez tivesse flexionado os músculos do abdômen ao se aproximar do círculo delimitado com giz. Az sacudiu a cabeça e murmurou: — Patético, Cass.

Cassian piscou um olho, assentindo para a barriga igualmente musculosa do irmão.

— Onde você anda se exercitando ultimamente?

— Aqui — respondeu Azriel. — À noite. — Quando terminava de espionar os inimigos.

— Não consegue dormir? — Cassian assumiu a posição de luta.

Uma sombra se enroscou no pescoço de Azriel, a única corajosa o bastante para ofuscar a luz do sol.

— Algo assim — disse ele, e se acomodou na própria posição diante de Cassian.

Cassian deixou passar, sabendo que Az teria contado se quisesse compartilhar o que o atormentava tanto a ponto de fazê-lo se exercitar à noite, em vez de pela manhã com eles. Cassian explicou a Nestha, que estava a poucos metros do lado de fora do ringue de giz: — Vamos com tudo, e depois paramos para eu explicar direitinho os movimentos para você. Pode ser?

Ele precisava expurgar a energia antes de ousar chegar tão perto dela.

Nestha cruzou os braços. Em seu rosto, a expressão era tão neutra que ele se perguntou por um momento se tinha sonhado alguma fantasia selvagem na noite anterior em que sua cabeça estava no meio das pernas dela.

Afastando esse pensamento, ele olhou de novo para Az. Os olhos deles se encontraram, a expressão de Az tão indecifrável quanto a de Nestha, e Cassian assentiu. *Comece*.

Começou com movimentos de pés: um circundar lento, uma avaliação, um esperando que o outro revelasse seu primeiro movimento.

Cassian conhecia os truques de Az. Sabia qual lado Az preferia e como gostava de atacar.

O problema era que Az também conhecia todas as técnicas e os defeitos dele.

Os dois se circundaram de novo. Os pés de Cassian batiam em ritmo constante no chão seco.

— Então? — perguntou ele a Az. — Por que não me mostra em que todo aquele mau humor noturno resultou?

A boca de Az se curvou. Cassian se recusou a morder a isca.

O sol bateu sobre eles, aquecendo a pele exposta e o cabelo de Cassian.

— É só isso? — perguntou Nestha. — Vocês ficam andando em círculos e se provocando?

Cassian não ousou olhar na direção dela. Nem mesmo por um instante. Assim que ele piscasse para ela, Azriel atacaria, e atacaria com tudo. Mesmo assim...

Cassian sorriu. E olhou na direção de Nestha.

Az caiu na armadilha dele e acabou avançando.

Cassian, que esperava o golpe, interceptou o punho que Az lançou contra seu rosto, bloqueando, desviando e então contra-atacando. Az impediu o golpe, abaixou para evitar o segundo que Cassian havia preparado, e mirou nas costelas expostas de Cassian.

Cassian bloqueou, socou em contra-ataque e então a luta teve início.

Punhos, pés e asas, socos e bloqueios, chutes e pisadas, respirações entrecortadas conforme tentavam atravessar a defesa um do outro. Nenhum dos dois colocou força total nos golpes — não da forma como fariam em uma luta de verdade, quando um soco poderia estilhaçar uma mandíbula. Mas usaram força o suficiente para fazer Cassian urrar com o impacto nas costelas e Az perder o fôlego quando Cassian deu um golpe em seu estômago. Az foi poupado de ficar sem ar ao girar o corpo, caso contrário, a luta teria terminado ali.

Dando voltas e mais voltas pelo ringue, e com socos voando e dentes expostos em sorrisos ferozes, eles se perderam em meio ao suor, ao sol e à respiração. Tinham nascido para aquilo, suportado séculos do treino que aperfeiçoara seus corpos e os transformara em instrumentos de violência. Ter como permitir que seus corpos fizessem exatamente o que desejavam era um tipo particular de liberdade.

Eles lutaram mais e mais rápido, e até mesmo a respiração de Cassian ficou entrecortada. Embora Cassian tivesse mais músculos, Azriel era incrivelmente rápido — eles eram páreo um para o outro. Podiam ficar naquilo por horas, se estivessem realmente se enfrentando como inimigos. Talvez ficassem ali por dias, se fossem oponentes em uma das guerras antigas nas quais batalhas inteiras paravam para que se observassem grandiosos guerreiros lutando corpo a corpo.

Mas o tempo não era ilimitado, e Cassian tinha uma lição para repassar à Nestha.

— Certo — disse Cassian, ofegante, entre os dentes trincados, quando bloqueou o chute de Az e saltou um passo para trás, circundando-o de novo. — Quem der o próximo golpe, vence.

— Que ridículo — respondeu Azriel, ofegante. — Vamos continuar até um de nós comer poeira.

Az tinha uma veia competitiva cruel. Não era presunçoso e arrogante, como Cassian sabia que ele mesmo costumava ser, ou possessivo e assustador como Amren. Não, sua veia competitiva era silenciosa, cruel e completamente letal. Cassian tinha perdido a conta de quantos jogos haviam disputado ao longo dos séculos, com um deles certo de que ganharia, apenas para que Azriel revelasse alguma estratégia magistral. Ou quantos jogos tinham sido reduzidos a apenas Rhys e Az, enfrentando-se nas cartas ou no xadrez até o meio da noite, depois que Cassian e Mor tinham desistido e começado a beber.

Eles se encararam de novo, mas Az virou a cabeça para Nestha com olhos arregalados.

Cassian olhou. Seu coração estava na garganta...

Azriel atacou e deu um soco tão forte na mandíbula de Cassian que o fez cambalear.

Zonzo e equilibrando-se, ele soltou um palavrão.

Az soltou uma gargalhada baixa e seus olhos tremeluziram. Ele havia usado a mesma armadilha que Cassian quando aquilo começou, jogara a única carta que faria Cassian perder o foco no oponente.

Tinha acontecido antes — contra Hybern. Nestha tinha gritado o nome dele e, mesmo no meio do campo de batalha, ele abandonou os soldados e correu até ela, sem se importar com nada que não fosse salvá-la.

Mas foi Nestha quem o salvou. E ela havia gritado seu nome para tirá-lo do alcance do Caldeirão.

Os soldados de Cassian foram destruídos pouco depois, e quando ele olhou para ela, entendeu uma coisa — uma coisa que, durante o último ano e meio, tinha se desfeito e esfriado.

Cassian girou o ombro e, com a mão na mandíbula, disse para Az:

— Canalha.

Az riu de novo, e os dois se viraram para Nestha.

Ela permanecia imóvel, como um pilar de calma fria, mas um rubor manchou suas bochechas.

Não havia vento para soprar o cheiro dela para ele, mas pela forma como a garganta dela estremeceu quando olhou de um para o outro...

Azriel tossiu e foi até a estação de água.

— Você está babando — disse Cassian para ela, e Nestha enrijeceu o corpo.

— Se teve alguma coisa atraente — sibilou ela, entrando no ringue —, foi ver Azriel socar seu rosto.

Cassian indicou para que ela assumisse pose de combate.

— Continue se convencendo disso, Nes.

— O que você sabe sobre os Tesouros Nefastos?

— Os o quê? — Gwyn se virou da mesa onde Nestha havia encontrado a sacerdotisa cantando baixinho sozinha, bem do lado de fora da porta fechada do escritório de Merrill.

— Os Tesouros Nefastos — disse Nestha, encolhendo-se diante dos protestos do corpo dolorido quando ocupou uma cadeira na ponta da mesa de Gwyn. — Três artefatos antigos...

Gwyn sacudiu a cabeça.

— Nunca ouvi falar disso.

Nestha ainda estava suada da aula com Cassian e Azriel. Eles haviam repassado com elas os socos, chutes e passos que tinham feito com facilidade, embora nenhum dos dois tivesse rido quando ela pareceu desajeitada.

Ver os dois lutando tinha sido intenso. As lindas formas deles, tatuadas, cheias de cicatrizes e esculpidas com músculos, brilhando de suor conforme lutavam com uma ferocidade e inteligência que ela jamais tinha visto... Ela mesma estava suando quando terminaram, perguntando-se como seria estar entre aqueles dois corpos de machos, deixar que eles voltassem toda aquela atenção letal para adorá-la.

Elain desmaiaria ao ouvir tais pensamentos. E se ouvisse que Nestha já tivera dois machos na cama não uma, mas duas vezes, e que tinha gostado de cada segundo. Mas os machos com quem Nestha se compartilhou não se pareciam com Cassian e Azriel. Não *eram* Cassian e Azriel.

Nestha se obrigou a se concentrar durante a lição, mas assim que os deixou no ringue de treino, pensamentos obscenos a invadiram, deixando-a parcialmente distraída enquanto caminhava até a biblioteca. Pensar em Cassian enchendo sua boca enquanto Azriel a tomava por trás e nos dois satisfazendo-a em uníssono...

Falar com Gwyn sobre os Tesouros Nefastos tinha trazido Nestha de volta à realidade bem rápido.

— Parece que os Tesouros têm um glamour que faz as pessoas esquecerem que eles existem — disse Nestha a Gwyn. Em seguida, explicou brevemente o que eram, com detalhes vagos sobre por que eram desejados. Ela não mencionou a rainha Briallyn, ou Koschei, ou o Caldeirão. Apenas que os Tesouros precisavam ser encontrados rápido. E que Gwyn não deveria mencionar aquilo a ninguém.

Nestha supôs que, ao fazer aquilo, desobedecia diretamente a ordem de Rhys por silêncio, mas... ele que fosse para o inferno.

Quando terminou, Gwyn estava de olhos arregalados e com o rosto tão pálido que suas sardas se sobressaíam como alto-relevo.

— E você precisa encontrá-los?

— Não faço a menor ideia de onde começo a procurar. Qual deles encontro primeiro.

Gwyn mordeu o lábio inferior.

— Temos um sistema de catalogação extenso — refletiu ela, distraída, mas olhou na direção das pilhas além delas, para o poço aberto no fundo da biblioteca. — Mas não listam o que há abaixo do Nível Sete.

— Eu sei.

Gwyn inclinou a cabeça.

— Então por que veio até mim?

— Você é obviamente boa no que faz, se está trabalhando com alguém tão exigente quanto Merrill. Se tiver um momento livre, qualquer ajuda seria bem-vinda. Ou se pudesse apenas me apontar numa direção.

— Deixe-me terminar de revisar este capítulo e então vejo o que consigo descobrir.

Nestha ofereceu um sorriso tenso.

— Obrigada.

Gwyn gesticulou com a mão.

— Encontrar objetos para ajudar nossa corte a proteger o mundo é muito animador. Talvez seja o máximo de empolgação que estou disposta a vivenciar ultimamente, mas vai ser uma aventura.

— Você pode vir treinar se quiser outro tipo de aventura — disse Nestha, com cautela.

Gwyn ofereceu a ela um sorriso contido.

— Temo que isso não seja para mim.

— Por que não?

Gwyn indicou o couro de combate de Nestha, as escamas sobrepostas.

— Não sou uma guerreira.

— Também não sou. Mas você poderia ser.

Gwyn fez que não com a cabeça.

— Acho que não. Se eu quisesse ser uma guerreira, teria tomado esse caminho quando criança. Em vez disso, eu me ofereci como

acólita, e é isso o que sou.

— Você não precisa abrir mão de uma coisa para ser outra. Treinar é exercício. Aprender a respirar, se alongar e lutar. Não está pesquisando as Valquírias para Merrill? Isso pode até ajudar você a entendê-las melhor. — Nestha deu um tapinha em uma das coxas. — E já tenho músculos crescendo. Duas semanas, e consigo ver a diferença.

— Por que uma sacerdotisa precisaria de coxas musculosas?

Nestha semicerrou os olhos para Gwyn e voltou a trabalhar.

— É por causa de Cassian?

— Cassian é um macho bom e honrado.

— Eu sei que é. — Ela sempre soubera. Nestha insistiu: — Mas é a presença de Cassian que faz você hesitar?

Não houvera indício naquela manhã do que tinha acontecido entre eles na noite anterior. Como se a dívida entre os dois tivesse sido paga, e Cassian não tivesse mais interesse em tocá-la. Como se ela fosse uma coceira que foi coçada, e pronto. Ou talvez ele não tivesse gostado tanto quanto ela.

Isso a deixava inquieta, o fato de passar tanto tempo pensando naquilo.

Gwyn não respondeu, e Nestha soube que ela não tinha direito de insistir, não quando um rubor surgiu nas bochechas de Gwyn e a cabeça dela se curvou levemente. Vergonha — era vergonha e medo.

Algo no peito de Nestha se contraiu quando ela começou a ir embora.

— Tudo bem. Avise se você encontrar alguma coisa sobre os Tesouros.

Nestha repassou a conversa durante as horas em que trabalhou. Quando verificou a ficha de inscrição ao deixar a biblioteca ao pôr do sol, nenhum nome tinha sido acrescentado.

Ela sentiu os olhos de Clotho em sua direção enquanto observava a folha em branco. Nestha por fim se virou para a sacerdotisa, sentada à mesa com as mãos unidas diante do corpo. Silêncio se estendeu entre as duas, mas Nestha não disse nada ao partir.

Ela foi até a escada, em vez de ir para o quarto ou para a sala de jantar, e encarou a vermelhidão curva dos degraus.

Nestha começou a descida, mais devagar desta vez, contemplando cada posição do pé. Deixou que cada passo para baixo fosse um pensamento, um pedaço de um dos quebra-cabeças de Amren, que ela separava.

Ela desceu mais e mais, revirando cada palavra e olhar de Gwyn durante o tempo em que Nestha tinha trabalhado na biblioteca. *Passo a passo*, disse ela a si mesma, a cada movimento que queimava e tremia suas pernas. *Passo a passo*.

De novo, ela repassou a conversa. Cada passo era uma palavra, movimento ou cheiro diferente.

Nestha estava no passo dois mil quando parou.

Ela sabia o que precisava fazer.

Capítulo 24

Cinco dias depois, Cassian estava sentado diante da mesa da Grã-Sacerdotisa da biblioteca e observava a caneta encantada dela se mover. Seu caminho havia se cruzado com o de Clotho algumas vezes ao longo dos séculos. Ele sabia que a fêmea tinha um senso de humor ácido e travesso, mas era uma presença reconfortante. Ele havia jurado não olhar para as mãos dela ou para o rosto que só tinha visto uma vez, quando Mor a levou para lá tanto tempo atrás. Estava tão surrado e ensanguentado que sequer parecia um rosto.

Ele não fazia ideia de como tinha se curado sob o capuz. Se Madja tinha conseguido salvá-lo de um jeito que não fora capaz salvar as mãos de Clotho. Cassian supôs que não importava a aparência dela, não quando havia realizado e construído tanta coisa com Rhys e Mor naquela biblioteca. Um santuário para fêmeas que tinham vivido horrores tão inomináveis que ele sempre se sentia feliz ao fazer justiça por elas.

A mãe de Cassian precisara de um lugar como aquele. Mas Rhys só o estabeleceu muito depois de ela ter deixado o mundo. Ele se perguntava se a mãe de Azriel tinha algum dia considerado ir até lá, ou se ele havia insistido para que ela fosse.

— Bom, Clotho — disse Cassian, recostando-se na cadeira, cercado pelos barulhos de pergaminho farfalhando e das túnicas das sacerdotisas como asas esvoaçando —, você pediu uma audiência?

A caneta dela fez um floreio quando terminou de escrever.

Já pedi a Nestha duas vezes que não pratique na biblioteca, e ela ignorou meu pedido. Faz cinco dias que ela tem terminantemente ignorado minhas ordens para que pare.

As sobrancelhas de Cassian se ergueram.

— Ela está treinando aqui embaixo?

De novo, a caneta rabiscou o papel. Ele olhou para o poço aberto à esquerda, como se fosse ver Nestha ali. Uma semana tinha se passado desde aquela loucura no quarto dela, e eles não tinham falado a respeito e nem feito mais nada. Cassian não tinha certeza se seria sábio continuar.

Além da rotina árdua de exercícios para fortalecer o corpo dela, Cassian repassara com Nestha as minúcias do combate corpo a corpo, passos individuais e movimentos que podiam ser reunidos em combinações infinitas. Aprender cada um daqueles passos requeria não apenas força, mas foco — lembrar qual movimento se correlacionava com o passo numerado, deixar que o corpo dela começasse a se lembrar sozinho: um soco cruzado, um gancho, um chute alto... Ele havia perdido a conta de quantas vezes a vira murmurando para o corpo que se lembrasse para que ela não precisasse *pensar* tanto.

Mas Cassian sabia que ela gostava dos socos. Dos chutes. O rosto dela se iluminava conforme avançava pelos movimentos, focando sua força em um só ponto de impacto. Ele sempre se sentia daquela forma quando fazia os movimentos direito, como se seu corpo e mente e alma tivessem se alinhado e começado a cantar.

Clotho escreveu, *Nestha vem praticando constantemente nos últimos dias.*

— Ela causou algum mal?

Não. Mas pedi que parasse, e ela não parou.

Cassian conteve o sorriso. Talvez as aulas matinais não estivessem tão exigentes.

— O trabalho dela está prejudicado com isso?

Não. Isso não vem ao caso.

A boca dele se repuxou para o lado.

Clotho escreveu, *Preciso que você dê um fim a isso*.

— Incomoda as outras?

Ver alguém chutando e socando sombras as distrai.

Cassian precisou abaixar a cabeça para que Clotho não visse a diversão no olhar dele.

— Vou falar com ela. Ela está lá embaixo agora? — Ele assentiu para a rampa suave. — Com sua permissão, é claro.

Aquele era o porto seguro delas. Não importava que ele fosse um membro da corte de Rhys, ou que tivesse ido até lá antes. Ele sempre pedia permissão. Só deixara de fazer isso uma vez: quando os Corvos de Hybern atacaram.

Sim. Dou a você permissão para entrar. Nestha está no Nível Cinco. Talvez você consiga convencê-la.

Tomando isso como sua deixa, Cassian se levantou.

— Você sabe que é de Nestha Archeron que estamos falando, né? Ela não faz nada que não queira. E é a que tem menos chances de me dar ouvidos.

Clotho conteve uma gargalhada. *Ela tem uma vontade de ferro.*

— De aço. — Ele sorriu. — Foi bom ver você, Clotho.

Digo o mesmo, lorde Cassian.

— É só Cassian — disse ele, como tinha dito tantas vezes antes.

Você é um lorde por seus feitos. Não é um título de nascença, mas conquistado.

Ele fez uma reverência com a cabeça ao dizer, com a voz embargada:

— Obrigado.

Somente ao chegar na seção em que Clotho dissera que Nestha estava Cassian se recuperou das palavras da sacerdotisa. Do significado que tinham para ele.

Os passos arrastados o receberam primeiro, então a respiração constante e rítmica, que ele passara a conhecer tão intimamente. Cassian fez sua respiração se igualar à dela, obrigou os próprios passos a ficarem silenciosos e olhou para o corredor seguinte de estantes.

Qualquer um passando pela rampa só precisaria olhar para a direita para ver Nestha de pé ali, em uma posição de luta quase

perfeita, atirando socos na direção da prateleira. Ela havia escolhido cinco livros como alvos e dava cada soco na direção deles como se fossem as partes do corpo que ele havia mostrado a ela que atacasse.

Então Nestha parou, exalou e afastou do rosto uma mecha de cabelo rebelde, depois ajeitou os livros antes de voltar para o carrinho de metal atrás dela.

— Você ainda está abaixando o cotovelo — disse Cassian, e Nestha se virou, caindo de costas contra o carrinho com tanta surpresa que ele engoliu uma gargalhada. Nunca tinha visto Nestha Archeron tão... abalada.

Ela ergueu o queixo quando caminhou até Cassian. Ele observou cada movimento das pernas dela. Nestha tinha parado de jogar tanto o peso para a perna direita, e músculos esguios e fortes se contraíam nas coxas dela. Três semanas talvez não fossem muito tempo para que um corpo humano ganhasse músculo, mas ela era Grã-Feérica agora.

— Não estou abaixando o cotovelo — desafiou Nestha, saindo do corredor de estantes de livros até a área plana diante da inclinação da rampa.

— Acabei de ver você fazer isso duas vezes com aquele gancho direito.

Ela encostou na ponta de uma longa prateleira.

— Presumo que Clotho tenha enviado você para me repreender.

Ele deu de ombros.

— Não sabia que você estava tão focada no treino que continuava praticando aqui.

Os olhos dela praticamente brilhavam na escuridão.

— Estou cansada de ser fraca. De depender de outros para me defender.

Justo.

— Antes que eu comece o sermão por ignorar os pedidos de Clotho, só quero dizer que...

— Mostre. — Nestha se afastou da prateleira e esticou o corpo diante dele. — Mostre onde estou abaixando o cotovelo.

Ele piscou diante da intensidade agitada no rosto dela. Então engoliu em seco.

Engoliu em seco porque ali estava ela: um lampejo daquela pessoa que ele conhecera antes que a guerra contra Hybern tivesse terminado. Um lampejo dela, como uma miragem — como se, caso ele olhasse por tempo demais, ela fosse se dissipar e sumir.

Então Cassian falou:

— Assuma a posição.

Nestha obedeceu.

Esperando que Clotho não aparecesse para jogá-lo do parapeito por desobedecer às ordens dela, ele falou:

— Certo. Dê o gancho direito.

Nestha obedeceu. E abaixou o maldito cotovelo.

— Volte para a posição. — Ela voltou, e ele perguntou: — Posso?

Nestha assentiu, e se manteve perfeitamente imóvel ao fazer pequenos ajustes no ângulo do braço.

— Soque de novo. Devagar.

Ela seguiu a instrução e a mão de Cassian se fechou em torno do cotovelo dela conforme o braço começou a abaixar.

— Está vendo? Mantenha aqui no alto. — Ele colocou o braço dela de volta na posição inicial. — Não se esqueça de balancear o peso no quadril. — Cassian segurou o braço dela, mantendo bons 30 centímetros de distância entre os corpos dos dois, e fez o movimento do soco. — Assim.

— Entendi. — Nestha se reposicionou, e ele recuou um passo. Sem que Cassian desse a ordem, ela executou o soco de novo. Com perfeição.

Cassian assoviou.

— Faça isso com mais força e vai estilhaçar a mandíbula de um macho — disse ele, com um sorriso torto. — Faça uma combinação um-dois, quatro-cinco-três e um-um-dois.

As sobrancelhas de Nestha se franziram conforme ela se reposicionava. Seus pés se colocaram em posição, firmando o peso do corpo no piso de pedra.

Então ela se moveu, e foi como observar um rio, como observar o vento cortar uma montanha. Não foi perfeito, mas quase.

— Se fizer isso contra um oponente — disse Cassian —, ele vai acabar no chão, tentando recuperar o fôlego.

— E então eu o mato.

— Isso, uma espada no coração concluiria o serviço. Mas se atingir o peito dele forte o suficiente com aquele último soco, talvez faça um dos pulmões entrar em colapso. Em um campo de batalha, você optaria pelo golpe mortal com uma espada ou apenas o deixaria ali, incapaz de se mover, para que outra pessoa terminasse o serviço enquanto você enfrenta o próximo oponente.

Ela assentiu, como se esse papo parecesse uma conversa perfeitamente normal. Como se ele estivesse lhe dando dicas de jardinagem.

— Tudo bem. — Cassian pigarreou e fechou as asas de novo — Então, chega de treinar na biblioteca. A próxima pessoa que Clotho vai pedir para lhe dar um sermão talvez não seja alguém com quem você esteja com vontade de conversar.

Os olhos de Nestha ficaram sombrios quando ela considerou qual de suas pessoas menos preferidas seria, então assentiu de novo.

Com seu trabalho concluído, Cassian falou:

— Faça mais uma combinação. — Ele proferiu a ordem.

O sorriso de Nestha era felino conforme ela executava. E o gancho direito nem chegou a oscilar para baixo.

— Bom — disse ele, e se virou para a rampa que o levaria para a saída.

Cassian se espantou com o que viu: sacerdotisas tinham parado diante do parapeito de vários andares diferentes, olhando para os dois. Para Nestha.

Com a atenção dele, elas imediatamente começaram a andar, trabalhar ou guardar livros. Mas uma jovem sacerdotisa com cabelo marrom-acobreado — a única delas sem capuz ou pedra — permaneceu no parapeito por mais tempo. Mesmo de um andar abaixo e do outro lado do buraco, Cassian via que os grandes olhos dela eram da cor de água morna e rasa. Ficaram arregalados por um momento antes de ela também sumir.

Cassian se virou de novo para Nestha, que o encarou com os olhos quase úmidos.

— Seu gancho direito foi perfeito esta manhã — murmurou ele.

— Foi.

— Mas não quando observei você entre as estantes de livros.

— Imaginei que você me corrigiria.

Choque e encanto tomaram conta dele. Ela havia saído do corredor de estantes antes de deixar que Cassian a corrigisse. Colocando-se à vista. Para que todas o vissem ensinando a ela.

Ele a olhou boquiaberto.

— Pode dizer a Clotho que não vou mais precisar treinar na biblioteca — disse Nestha, com tranquilidade, antes de se virar para o corredor de estantes de novo.

Ela sabia que Clotho e as demais jamais o convidariam, e que jamais iriam até o ringue para ver o que ele podia fazer. Como ele ensinava. Então Nestha mostrara às sacerdotisas o que estava aprendendo, dia após dia. Mais do que isso, ela havia irritado tanto Clotho que a sacerdotisa tinha ordenado que ele descesse até lá.

Fora ali que Nestha o usara para uma demonstração. Não para si mesma, mas para as sacerdotisas que tinham se aproximado para assistir.

Cassian soltou uma gargalhada baixa.

— Astuta, Archeron.

Nestha levantou a mão por cima do ombro para dar tchau ao chegar ao carrinho.

Nestha se deu conta de que elas precisavam ver como Cassian era quando a ensinava. Que havia toque, mas sempre com a permissão dela, e sempre de uma forma profissional. Precisavam ver como ele jamais debochava dela, apenas corrigia atenciosamente. E precisavam ver o que ele havia ensinado a ela. Ouvi-lo dizer exatamente o que ela podia fazer com aquelas combinações de socos e chutes.

O que as sacerdotisas podiam aprender a fazer.

Mas naquela noite, quando Nestha partiu, a folha de inscrição continuava vazia.

Ela olhou para Clotho, que estava sentada à mesa, como sempre, desde o alvorecer até o anoitecer.

Se a sacerdotisa tinha entendido que fora enganada, não demonstrou. Mas havia algo parecido com tristeza emanando de

Clotho, como se ela também quisesse ver aquela folha preenchida naquele dia.

Nestha não sabia por que aquilo importava. Por que a tristeza de Clotho a deixou sem fôlego. Depois, Nestha começou a subir, subir pela Casa até os dez mil degraus.

Talvez ela não prestasse para nada mesmo. Talvez tivesse sido tola ao achar que aquele truque poderia convencê-las. Talvez o treino físico não fosse o que elas requeriam para superar seus demônios, e ela fora tão arrogante a ponto de achar que sabia do que elas precisavam.

Mais e mais para baixo das escadas Nestha caminhou enquanto as paredes se fechavam ao seu redor.

Ela só chegou ao degrau novecentos antes de dar meia-volta com os passos tão pesados quanto como se tivessem sido cobertos por blocos de chumbo.

Nestha ainda estava suando e ofegando quando entrou aos tropeços no quarto e encontrou um livro na mesa de cabeceira. Ela ergueu uma sobrancelha para o título.

— Este não é o seu tipo de romance — disse ela ao quarto.

Não era sequer um romance. Era um antigo manuscrito encadernado chamado *A dança da batalha*.

Nestha disse:

— Pode levar de volta, obrigada. — A última coisa que queria ler à noite era um texto velho e chato sobre estratégia de guerra. A Casa não obedeceu, e Nestha suspirou e pegou o manuscrito, a encadernação de couro preto tão desgastada pelo tempo que era mole como manteiga.

Um cheiro familiar flutuou das páginas.

— Não foi você que deixou isto para mim, foi?

A Casa respondeu jogando uma pilha de romances, como se para dizer: *Isto é o que eu teria escolhido.*

Nestha olhou para o manuscrito, que exalava o cheiro de Cassian, como se ele o tivesse lido milhares de vezes.

Ele o havia deixado para ela. Julgara que Nestha era digna do que quer que houvesse dentro.

Nestha se sentou na beira da cama e abriu o livro.

Era meia-noite quando ela fez uma pausa na leitura de *A dança da batalha* e esfregou as têmporas. Não tinha soltado o livro, nem mesmo para jantar à sua mesa, e ficou segurando o tomo com uma das mãos enquanto devorava o ensopado com a outra.

Era impressionante o quanto da arte da guerra se parecia com a manipulação social que a mãe insistira para que ela aprendesse: escolher o campo de batalha, encontrar aliados entre os inimigos de um inimigo... Parte daquilo era inteiramente novo, obviamente, e era uma forma tão precisa de pensar que ela sabia que seria necessário ler o manuscrito muitas vezes para compreender inteiramente as lições dele.

Nestha tinha conhecimento de que Cassian sabia como liderar exércitos. Ela o vira fazer isso com uma precisão e esperteza irredutíveis. Mas, ao ler o manuscrito, percebeu que jamais entendera o quanto era preciso um pensamento sofisticado para planejar batalhas e guerras.

Nestha apontou o manuscrito na mesa de cabeceira e encostou nos travesseiros.

Ela imaginou Cassian em um campo de batalha, como estivera naquele dia que enfrentara um comandante de Hybern e atirara uma lança com tanta força que o macho tinha sido atirado do cavalo ao cair.

Ele desviou dos conselhos do manuscrito de apenas uma forma: lutou na linha de frente com seus soldados, em vez de comandar da retaguarda.

Ela deixou os pensamentos livres por um momento, até que se detiveram sobre outro emaranhado.

Será que importava se as sacerdotisas não aparecessem para o treino? Além da própria relutância dela de reconhecer o fracasso, será que importava?

Importava. De alguma forma, importava.

Ela havia fracassado em todos os aspectos da vida. Completa e espetacularmente, e evitar que outros se dessem conta disso tinha sido seu principal propósito. Nestha os afastara, se isolara, porque o

peso de todos aqueles fracassos ameaçava estilhaçá-la em mil pedaços.

Nestha esfregou o rosto com as mãos.

O sono demoraria muito para vir.

Suor ainda escorria por seu corpo quando Nestha entrou na biblioteca na tarde seguinte, dirigindo-se até a rampa que a levaria até onde havia deixado o carrinho.

Ela não teve coragem de olhar para a folha de inscrição vazia. De tirá-la.

Não teve coragem de olhar para Clotho e admitir a derrota. Ela continuou andando.

Mas Clotho a parou ao erguer a mão. Nestha engoliu em seco.

— O que foi?

Clotho apontou para trás de Nestha, o dedo retorcido indicando a porta. Não, a pilastra.

E não era tristeza que emanava da sacerdotisa, mas algo parecido com uma animação vibrante. Algo que fez Nestha dar meia-volta e caminhar até a pilastra.

Um nome tinha sido escrito na folha.

Um nome, com letras fortes. Um nome, pronto para a aula do dia seguinte.

GWYN

PARTE DOIS

LÂMINA

Capítulo 25

— Pare com esse nervosismo — murmurou Cassian pelo canto da boca.

— Não estou nervosa — murmurou Nestha de volta, mesmo ao saltitar entre os pés, tentando não olhar para o arco aberto enquanto o relógio tiquetaqueava em direção às 9 horas.

— Só relaxe. — Ele esticou o casaco.

— É você que está inquieto — sibilou ela.

— Porque *você* está me deixando inquieto.

Passos se arrastaram na pedra além da entrada em arco, e a respiração de Nestha escapou em uma onda que ela não havia percebido que estava contendo até o cabelo marrom-acobreado de Gwyn aparecer. Sob a luz do sol, a cor do cabelo dela era extraordinária, as mechas de dourado reluziam, e os olhos azul-mar eram quase perfeitamente iguais às pedras que as outras sacerdotisas usavam.

Gwyn olhou para eles, de pé no centro do ringue, e parou subitamente.

O cheiro do medo dela fez Nestha se aproximar.

— Oi.

As mãos de Gwyn estavam trêmulas quando ela deu mais um passo para dentro do ringue e olhou para a curva aberta do céu.

Era primeira vez que ela saía — para o exterior de verdade — em anos.

Cassian, muito gentil, foi até a estante de armas de treino que alegou que não usariam durante meses, e fingiu que as arrumava.

Gwyn engoliu em seco.

— Eu, hã... me dei conta durante a subida até aqui que não tenho roupas adequadas. — Ela indicou as vestes pálidas. — Acredito que estas não sejam ideais.

Cassian disse, sem olhar para elas:

— Posso ensinar você com as vestes, se desejar. O que for mais confortável.

Gwyn ofereceu um sorriso contido a ele.

— Vou ver como a lição de hoje vai ser e então decido. Usamos as vestes em grande parte porque é tradição, não são regras rigorosas. — Ela encontrou o olhar de Nestha ao sorrir. — Esqueci qual é a sensação de ter sol pleno sobre a cabeça. — Gwyn olhou para cima de novo. — Desculpem se eu passar algum tempo olhando boquiaberta para o céu.

— Imagina — disse Nestha. Ela não tinha encontrado Gwyn no dia anterior, depois de ver que a sacerdotisa estava inscrita para a lição daquele dia, mas estava quase com medo de vê-la, preocupada que uma observação azeda acidentalmente proferida fizesse Gwyn pensar duas vezes.

As palavras ficaram presas na garganta de Nestha, mas Cassian pareceu antecipar isso.

— Tudo bem. Chega de conversa fiada. Nes, mostre a nossa nova amiga, Gwyn, não é? Eu sou Cassian. Nes, mostre seus pés a ela.

— Pés? — As sobrancelhas acobreadas de Gwyn se elevaram.

Nestha revirou os olhos.

— Você vai ver.

Gwyn entendeu o conceito de firmar o corpo com os pés melhor do que Nestha tinha conseguido, e certamente não teve problemas com passar o peso para o lado direito do quadril ou outras coisas que Nestha tinha se esforçado para corrigir durante três semanas. Mesmo com a túnica, era evidente que Gwyn tinha o corpo flexível e esguio, acostumada com a graciosidade casual dos feéricos que Nestha estava apenas aprendendo.

Ela esperava ter de persuadir a amiga, mas depois que Gwyn superou a trepidação inicial, se tornou uma participante motivada, e uma companhia alegre. A sacerdotisa ria dos próprios erros, e não se irritava com as correções de Cassian.

Ao fim da aula, no entanto, as vestes de Gwyn estavam encharcadas de suor, e mechas de cabelo cacheavam em torno do rosto vermelho dela. Cassian ordenou que as duas bebessem água antes dos exercícios de resfriamento.

Enquanto Gwyn se servia de um copo, falou:

— No templo, em Sangravah, tínhamos uma série de movimentos antigos que executávamos ao nascer do sol. Não para treinamento de combate, mas para acalmar a mente. Fazíamos resfriamento depois deles também, mas chamávamos de enraizamento. Os movimentos nos levavam para fora dos nossos corpos, de certa forma. Permitiam que entrássemos em comunhão com a Mãe. O enraizamento nos assentava de volta ao mundo presente.

— Por que você se inscreveu, então? — Nestha bebeu o copo que Gwyn estendeu a ela. — Se já tem exercícios para acalmar a mente com os quais está acostumada?

— Porque nunca mais quero me sentir impotente — disse Gwyn, baixinho, e todos aqueles sorrisos leves e risadas alegres se foram. Nos olhos dela, uma honestidade franca e dolorosa reluziu.

Nestha engoliu em seco e, embora o instinto lhe dissesse para recuar, ela falou, baixinho:

— Eu também.

O sino acima da porta da loja tocou quando Nestha entrou, limpando os flocos de neve que tinham se agarrado ao ombro de sua túnica.

Cassian precisara subir até as montanhas Illyrianas depois da segunda aula deles com Gwyn, e, para a surpresa dela, ele pedira a Nestha que se juntasse a ele. Cassian já havia combinado com Clotho que ela se atrasaria algumas horas para o trabalho na biblioteca. Ele não tinha explicado o motivo além de um comentário casual sobre tirá-la da Casa para tomar ar puro.

Mas Nestha aceitara o convite, e também não dissera a ele o motivo. Cassian nem mesmo parecera curioso quando ela pediu que ele a deixasse no Refúgio do Vento para que pudesse fazer compras. Talvez uma fagulha tivesse brilhado no olho dele, como se Cassian soubesse, mas ele estava distante, calado.

Como Cassian estava lá em cima para se encontrar com Eris, Nestha não o culpava. Ele a deixara perto da fonte, no centro da aldeia congelante, certificando-se de que ela soubesse que, se precisasse se aquecer, a casa da mãe de Rhys estava aberta.

Velaris ainda estava sob o toque do verão, o outono mal começava a expulsá-lo, mas Refúgio do Vento já havia se entregado de vez ao abraço do inverno. Nestha não se demorou para entrar na loja.

— Nestha — disse Emerie, recebendo-a e olhando por cima do ombro e das asas largas de um macho de aparência jovem de onde ela estava, atendendo a ele no balcão. — Que bom ver você.

Aquilo era alívio na voz dela? Nestha se certificou de que havia fechado bem a porta antes de entrar. A neve em suas botas deixava marcas enlameadas ao lado daquelas deixadas pelo cliente de Emerie.

O macho se virou parcialmente para Nestha, revelando um rosto de beleza comum, com o cabelo escuro preso na altura do pescoço e olhos marrons vítreos. O babaca estava bêbado. *Babaca* parecia ser o termo correto, pois a postura rígida de Emerie revelava desprezo e cautela.

Nestha passeou até o balcão, dando ao macho um olhar de cima a baixo que ela sabia que costumava fazer as pessoas quererem derrubá-la. Pela forma como ele enrijeceu o corpo, cambaleando um pouco sobre as botas, ela sabia que tinha funcionado.

— Bom dia — falou Nestha, alegremente, para Emerie. Outra coisa que machos pareciam detestar: ser ignorados por uma fêmea.

— Espere sua vez, bruxa — grunhiu o macho, virando-se de novo para o balcão e para Emerie.

Emerie cruzou os braços.

— Acho que acabamos aqui, Bellius.

— Acabaremos quando eu disser. — As palavras saíram um pouco enroladas.

— Tenho um horário marcado — falou Nestha, lançando um olhar frio para ele. Ela farejou o macho e enrugou o nariz. — E você parece precisar de um horário com uma banheira.

Ele se virou de vez para ela, os ombros musculosos se esticando. Mesmo com a expressão vítrea, a ira ferveu em seu olhar.

— Sabe quem sou?

— Um tolo bêbado desperdiçando meu tempo — disse Nestha. Havia dois Sifões, de um azul mais escuro do que os de Azriel, sobre o dorso das mãos grandes dele. — Saia.

Emerie enrijeceu o corpo, como que se preparando para a retaliação. Mas ela disse, antes que o macho pudesse responder:

— Falaremos sobre isso depois, Bellius.

— Meu pai me mandou para entregar uma mensagem.

— Mensagem recebida — respondeu Emerie, erguendo o queixo. — E minha resposta é a mesma: esta loja é minha. Se ele quer tanto uma, pode abrir a própria.

— Sua cadela rancorosa — disparou Bellius, cambaleando um passo para trás.

Nestha deu uma risada fria e vazia. Feéricos e humanos tinham mais em comum do que ela havia imaginado. Quantas vezes tinha testemunhado os credores do pai dela surgindo à porta para assustá-lo e tirar dele o dinheiro que não tinha? E então teve a vez em que foram além das ameaças. Quando deixaram a perna do pai dela destruída. E despedaçaram também qualquer noção de segurança.

— Saia — disse Nestha, de novo, apontando para a porta quando Bellius se transtornou com a risada dela que se dissipava. — Faça um favor a si mesmo e saia.

Bellius esticou o corpo todo e abriu as asas.

— Ou o quê?

Nestha estava limpando as unhas.

— Não acho que você vai querer descobrir a parte do *ou o quê*.

Bellius abriu a boca, mas Emerie falou:

— Seu pai já tem minha resposta, Bellius. Sugiro que pegue água da fonte antes de voar para casa.

Bellius cuspiu no chão e seguiu pisando forte até a saída, lançando a Nestha um olhar zonzo antes de bater a porta atrás de si.

Em silêncio, Nestha e Emerie o observaram cambalear até a rua coberta de neve e abrir as asas. Nestha franziu a testa quando ele decolou.

— Amigo seu? — perguntou Nestha, encarando Emerie no balcão de novo.

— Meu primo. — Emerie se encolheu. — O pai dele é meu tio. Do lado do meu pai. — Ela acrescentou, antes que Nestha pudesse perguntar: — Bellius é um jovem idiota e arrogante. Vai participar do Rito de Sangue desta primavera, e sua arrogância só cresceu nos últimos meses, agora que ele acredita que vai se tornar um guerreiro de verdade. Ele é tão habilidoso que foi posicionado em uma unidade de reconhecimento no continente, e, pelo visto, acaba de voltar da comemoração desse feito. — Emerie limpou um grão de poeira invisível no balcão. — Mas eu não esperava que ele estivesse bêbado no meio do dia. Esse é um novo fundo do poço para ele. — Rubor manchou as bochechas dela. — Desculpe que você teve que testemunhar isso.

Nestha deu de ombros.

— Lidar com bêbados idiotas é minha especialidade.

Emerie ficou brincando com o ponto imaginário do balcão.

— Nossos pais eram farinha do mesmo saco. Eles acreditavam que os filhos deviam ser severamente disciplinados por qualquer infração. Havia pouco espaço para perdão e compreensão.

Nestha contraiu os lábios.

— Conheço o tipo. — A mãe da mãe dela havia sido igual, antes de morrer de uma tosse profunda que se tornou uma infecção mortal. Nestha tinha 7 anos quando a dama de expressão rigorosa que insistia em ser chamada de vovozinha espancara a palma de suas mãos até sangrarem com uma régua, por errar os passos nas aulas de dança. *Menina imprestável e desengonçada. Você é um desperdício do meu tempo. Talvez isto a ajude a se lembrar de prestar atenção às minhas ordens*.

Tudo o que Nestha havia sentido quando a besta velha morreu havia sido alívio. Elain, que tinha sido poupada das crueldades da tutela de vovó, chorou e prontamente colocou flores no túmulo dela — túmulo esse que foi logo acompanhado da lápide da mãe delas. Feyre era jovem demais para entender, mas Nestha jamais se deu ao trabalho de colocar flores no túmulo de vovozinha. Não quando carregava a cicatriz perto do polegar esquerdo de uma das punições mais cruéis da mulher. Ela só deixava flores para a mãe, cujo túmulo havia visitado mais do que gostava de admitir.

Nem uma vez ela fora visitar o túmulo do pai nos arredores de Velaris.

— Você está bem? — perguntou Nestha a Emerie, por fim. — Bellius vai voltar?

— Não — respondeu Emerie, sacudindo a cabeça. — Quer dizer, estou bem. Mas não, ele é membro da tropa de guerra do Cume de Ferro. As terras deles ficam a algumas horas de voo daqui. Ele não vai voltar tão cedo. — Ela deu de ombros. — Recebo essas visitinhas da família de meu tio de vez em quando. Nada de que eu não dê conta. Embora Bellius tenha sido algo novo. Acho que eles pensam que ele é adulto o bastante agora para me intimidar. — Nestha abriu a boca, mas Emerie ofereceu mais um meio-sorriso e mudou de assunto. — Você parece bem. Muito mais saudável do que quando a vi... Quanto tempo faz agora? Quase três semanas. — Ela deu a Nestha um olhar de avaliação. — Você não voltou.

— Passamos a treinar em Velaris — explicou Nestha.

— Eu estava prestes a escrever uma carta para você quando Bellius me interrompeu. Perguntei sobre o couro de combate forrado com lã. — Emerie apoiou os antebraços no balcão imaculado. — Pode ser feito, mas não é barato.

— Então está além de meus meios, mas obrigada por pesquisar, de qualquer forma.

— Eu poderia encomendar e deixar que você pague quando conseguir.

Era uma oferta generosa. Muito além da bondade que qualquer um jamais havia mostrado a Nestha no mundo humano, quando o pai dela estava tentando vender os entalhes de madeira por algumas míseras moedas de cobre.

Apenas Feyre as mantivera alimentadas e vestidas, ganhando quantias esparsas pelas peles e pela carne que caçava. Ela as mantivera vivas. Da última vez que caçara para as irmãs, a comida tinha acabado no dia anterior. Se Feyre não tivesse voltado para casa com carne naquela noite, elas teriam morrido de fome ou mendigado na cidade.

Nestha dissera a si mesma naquele dia que Tomas a acolheria, caso fosse necessário. Talvez também acolhesse Elain. Mas a família dele tinha sido desprezível, tinham bocas demais para alimentar. O pai dele teria recusado alimentá-la, sem dúvida. Nestha havia se preparado para oferecer a única coisa que tinha para vender a Tomas, se aquilo evitasse que Elain passasse fome. Teria vendido o corpo na rua para qualquer um que pagasse o suficiente para alimentar a irmã. O corpo dela não significava nada — nada, foi o que Nestha dissera a si mesma, conforme sentia as opções diminuindo. Elain significava tudo.

Mas Feyre tinha voltado com comida. E então sumiu do outro lado da Muralha.

Três dias depois, Nestha terminou com Tomas. Enfurecido, ele se atirou nela, prendendo-a contra a enorme pilha de madeira encostada na parede do celeiro. *Vadia cruel*, grunhira ele. *Acha que é melhor do que eu? Agindo como uma rainha quando não tem merda nenhuma.* Ela jamais se esqueceria do som do vestido dela rasgando, da ganância nos olhos dele conforme suas mãos tateavam a saia dela, tentando subi-la enquanto se atrapalhava com a fivela do próprio cinto.

Apenas o terror puro e cru e o instinto de sobrevivência que a salvaram. Nestha permitiu que ele se aproximasse, que achasse que a força dela se fora, e então cravou os dentes na orelha dele. E rasgou.

Tomas gritara, mas a soltou — apenas o suficiente para que ela se libertasse e saísse aos tropeços pela neve, cuspindo o sangue dele da boca, e não parasse de correr até chegar ao chalé.

E então tinha chegado a notícia dos navios do pai dela: encontrados, com toda a riqueza intacta.

Nestha sabia que era mentira. Os baús de joias e ouro não tinham vindo daquele carregamento maldito, mas de Tamlin, o

pagamento pela mulher humana que ele havia roubado. Para ajudar a família que ele condenara a morrer sem a caça de Feyre.

Nestha afastou a lembrança.

— Não precisa. Mas obrigada.

Emerie esfregou as longas e finas mãos.

— Está congelando, e vou fazer minha pausa para o almoço. Gostaria de se juntar a mim?

Além de Cassian, ninguém a convidava para comer havia um bom tempo. Ela não dera motivos para nenhum dos dois. Mas ali estava: uma oferta honesta e simples. De alguém que não fazia ideia do quanto ela era terrível.

Almoçar com Emerie seria uma indulgência; era apenas uma questão de tempo até que a fêmea descobrisse mais sobre Nestha. Até que soubesse de cada coisa terrível, e então os convites parariam. Será que ela era melhor do que Bellius, já que passou meses bêbada e fervilhando de ódio? Se Emerie soubesse, a expulsaria daquela loja também.

Mas, por enquanto, nem os boatos, nem a verdade tinham chegado a Emerie.

— Gostaria, sim — respondeu Nestha, e foi sincera.

A sala dos fundos da loja de Emerie era tão imaculada quanto a frente, embora houvesse caixas de estoque sobressalente empilhadas contra a parede. Duas janelas davam para um jardim coberto de neve e, além dele, via-se o pico da montanha mais próxima, bloqueando o céu cinza com sua extensão rochosa.

Uma pequena cozinha ficava à direita, pouco mais do que uma fogueira e um balcão e uma pequena mesa de trabalho. Algumas cadeiras de madeira estavam em torno dela, e Nestha se deu conta de que a mesa era também a área de refeições. Um conjunto de mesa tinha sido disposto para uma pessoa.

— Só você? — perguntou Nestha quando Emerie foi até o balcão de madeira e pegou uma bandeja de rosbife e um prato com cenouras assadas. Ela os dispôs na mesa diante de Nestha e pegou um pedaço de pão, junto com uma tigela de manteiga.

— Só eu. — Emerie abriu um armário para pegar um segundo conjunto de mesa. — Sem parceiro ou marido para me incomodar.

Ela falou com um pouco de tensão, como se tivesse algo mais ali, mas Nestha disse:

— Nem eu.

Emerie lançou um olhar sarcástico para ela.

— E aquele bonitão do general Cassian?

Nestha bloqueou a lembrança da cabeça dele entre suas coxas, da língua na entrada dela, deslizando para dentro.

— De jeito nenhum — respondeu Nestha, mas os olhos de Emerie brilharam com compreensão.

— Olha, é muito bom conhecer outra fêmea que não é obcecada por se casar e fazer bebês — disse Emerie, sentando-se à mesa e indicando para que Nestha fizesse o mesmo. Ela colocou rosbife, cenoura e pão no prato de Nestha, e empurrou a tigela de manteiga para ela. — Está gelado, mas deve ser comido assim. Costumo almoçar apenas por tempo o bastante para me alimentar.

Nestha avançou e grunhiu.

— Está delicioso. — Ela deu outra mordida. — Você quem fez?

— Quem mais teria feito? Não temos nenhum tipo de restaurante por aqui, exceto o açougueiro. — Emerie apontou com o garfo para o jardim além da construção. — Eu planto meus vegetais. Essas cenouras vieram do jardim.

Nestha comeu uma garfada.

— Têm um sabor delicioso. — Manteiga, tomilho e alguma coisa intensa...

— O segredo está nos temperos. Que são escassos por aqui, infelizmente. Illyrianos não sabem ou se importam com eles.

— Meu pai era mercador — disse Nestha, um abismo se abrindo diante das palavras dela. Ela pigarreou. — Ele negociava temperos do mundo todo. Ainda me lembro do cheiro no escritório dele, era como mil personalidades diferentes todas reunidas no mesmo espaço.

Feyre adorava ficar no escritório do pai delas, mais fascinada com o comércio do que Nestha aprendera ser aceitável para uma jovem rica. Feyre sempre fora assim: completamente desinteressada nas regras que governavam a vida deles, desinteressada em se tornar

uma verdadeira dama que ajudaria a aumentar a fortuna da família com um casamento vantajoso.

Elas raramente concordavam em alguma coisa. E aquelas visitas ao escritório do pai tinha resultado em um ressentimento fervilhante entre elas. Feyre tinha tentado fazer com que ela se interessasse, tinha mostrado a ela tantas raridades para tentá-la. Mas Nestha mal tinha ouvido as explicações da irmã, em grande parte de olho nos parceiros de negócios do pai dela para saber se os filhos deles poderiam ser bons pretendentes. Feyre ficava enojada. Tinha deixado Nestha ainda mais determinada.

— Você viajava com ele?

— Não, minhas duas irmãs e eu ficávamos em casa. Não era apropriado que viajássemos o mundo.

— Sempre me esqueço de como as ideias humanas de propriedade são semelhantes às dos illyrianos. — Emerie deu outra garfada. — Você gostaria de ter visto o mundo, se pudesse?

— Era meio mundo, não era? Com a Muralha erguida.

— Ainda assim é melhor do que nada.

Nestha riu.

— Você está certa. — Ela considerou a pergunta de Emerie. Se seu pai tivesse oferecido levá-las em um dos navios, deixar que elas vissem litorais estranhos e distantes, será que teriam ido? Elain sempre quisera visitar o continente para estudar as tulipas e outras flores famosas, mas a imaginação dela não ia além disso. Feyre tinha falado certa vez sobre a gloriosa arte dos museus e das propriedades privadas do continente. Mas isso era tudo na ponta oeste. Além dela, o continente era tão vasto. E ao sul, outro continente se estendia. Será que ela teria ido?

— Eu teria brigado — disse Nestha, por fim —, mas no final teria cedido à curiosidade.

— Ainda tem família nas terras humanas?

— Minha mãe morreu quando eu tinha 12 anos, e meu pai... Ele não sobreviveu à guerra mais recente. Os pais deles morreram durante minha infância. Não tenho família por parte de pai, e minha mãe tinha uma prima no continente e que convenientemente nos esqueceu quando caímos na pobreza.

Nestha escrevera carta após carta quando caíram na pobreza, implorando à prima Urstin que as abrigasse. Elas não foram respondidas, e o dinheiro para postagem havia acabado. Nestha ainda se perguntava se a prima sequer soubera o que acontecera com os parentes que havia ignorado e deixado morrer.

Nestha perguntou, com cautela:

— E sua família? — Ela vira e ouvira o bastante de Bellius para ter uma ideia geral, mas não podia deixar de perguntar.

— Mamãe morreu ao me dar à luz, e meu irmão mais velho morreu em uma briga entre tropas de guerra dez anos antes de eu nascer. Meu pai morreu durante a guerra contra Hybern. — As palavras saíram rigorosas, frias. — Não me importo com o resto de meus parentes, embora a família de meu pai faça questão de tentar reivindicar esta loja e a riqueza dele.

— Eles não têm direito a ela, têm?

— Não. Rhysand mudou as leis de herança há séculos para incluir as fêmeas, mas meus tios não parecem se importar. Eles ainda aparecem de vez em quando para me incomodar como Bellius fez. Acreditam que uma mulher não deveria ter um negócio próprio, que eu deveria me casar com um macho nesta aldeia e deixar a loja para eles. — Ela fez uma careta. — São abutres.

Emerie terminou o almoço e serviu chá para as duas.

— É uma pena que você não vai aparecer por aqui com tanta frequência. Não seria nada mal ter alguém racional com quem conversar.

Nestha piscou ao ouvir o elogio, e percebeu o pingo de verdade que revelava sobre Emerie: ela estava infeliz naquele lugar. Todas aquelas perguntas sobre viajar...

— Você pensa em se mudar?

Emerie engasgou com uma risada.

— E ir para onde? Pelo menos aqui eu conheço gente. Nunca deixei esta aldeia. Nunca subi até o alto daquela montanha ali. — Ela indicou a janela e Nestha se concentrou em não olhar para as asas de Emerie.

Nestha bebeu do chá. Era uma infusão intensa, com um pouco de amargor. Ela devia ter feito careta, pois Emerie explicou, baixinho:

— O chá é escasso por aqui, um luxo que me permito. Mas para durar mais, acrescento um pouco de casca de salgueiro. Também ajuda com algumas de minhas... dores.

— Que dores?

— Minhas asas às vezes doem. As cicatrizes, quer dizer. Como um ferimento antigo.

Nestha sufocou a pena. Ela bebeu todo o chá no momento em que Emerie terminou, e disse:

— Obrigada pela comida. — Levantando-se, ela pegou o próprio prato.

— Pode deixar comigo. — Emerie se apressou para o outro lado da mesa. — Não se incomode.

Ela se moveu com uma graciosidade genuína, como alguém que se sentia confiante no próprio corpo.

Nestha passou para a frente da loja e, por fim, revelou seu motivo para visitar:

— O treinamento que estou fazendo com Cassian na Casa do Vento está aberto a qualquer um, qualquer fêmea, quer dizer. Fêmeas que passaram por situações... difíceis. — As asas de Emerie, a família horrível, não eram a mesma coisa por que Gwyn havia passado, mas os traumas tinham muitas faces. — Treinamos toda manhã das 9 às 11 horas, embora às vezes avance até o meio-dia. Você é bem-vinda.

Emerie enrijeceu o corpo.

— Não tenho como chegar lá, mas agradeço a oferta.

— Alguém poderia vir buscar e trazer você de volta. — Nestha não sabia quem, mas se precisasse pedir ao próprio Rhys, pediria.

— É uma oferta generosa, mas tenho a loja para gerenciar. — O rosto de Emerie não entregava nada, tão endurecido pela batalha quanto o de Azriel. — Não estou interessada em treinamento de guerra. Duvido que consiga clientes nesta cidade se souberem que estou fazendo uma coisa assim.

— Você não me parece ser covarde.

As palavras pairaram entre as duas.

Emerie mordeu o lábio. Mas Nestha deu de ombros.

— Mande notícias se quiser se juntar a nós. A oferta continua de pé.

Cassian odiava admitir, mas para um babaca mimado e desalmado, Eris até que era útil. Principalmente para algo em particular: a bolha de calor que os aquecia contra os ventos frios que se entremeavam pelos pinheiros das estepes Illyrianas. Alguma magia de fogo para aquecer o osso deles.

— Os Tesouros Nefastos — refletiu Eris, observando o céu cinza que ameaçava neve. — Nunca ouvi falar. Embora não me surpreenda.

— Seu pai ouviu falar deles? — As estepes não eram território neutro, mas estavam vazias o suficiente para que Eris finalmente aceitasse o pedido de Cassian para se encontrarem ali. Depois de levar dias para responder à mensagem dele.

— Não, graças à Mãe — falou Eris, cruzando os braços. — Ele teria me contado se soubesse. Mas se os Tesouros têm consciência como você sugeriu, se eles *querem* ser encontrados... Temo que também possam estar se comunicando com outros. Não apenas Briallyn e Koschei.

Beron de posse dos Tesouros seria um desastre. Ele se uniria às fileiras do rei de Hybern. Poderia se tornar algo terrível e imortal, como Lanthys.

— Então Briallyn deixou de informar Beron sobre a busca pelos Tesouros quando ele a visitou?

— Aparentemente, ela também não confia nele — falou Eris, com o rosto cheio de contemplação. — Vou precisar pensar nisso.

— Não conte a ele — avisou Cassian.

Eris sacudiu a cabeça.

— Você não entendeu. Não vou contar porcaria nenhuma. Mas o fato de Briallyn estar ativamente escondendo seus planos maiores... — Eris assentiu, mais para si mesmo. — É por isso que Morrigan está em Vallahan? Para descobrir se eles sabem sobre os Tesouros?

— Talvez — mentiu Cassian. Ela ainda estava tentando convencê-los a assinar o novo tratado. Mas Eris não precisava saber disso.

— E eu achando que Morrigan ia tanto até lá para se esconder de mim — falou Eris.

— Não seja convencido. É só coincidência. — Ele não teve certeza se a mentira funcionou.

— Por que eu não deveria me sentir convencido com tais pensamentos? Você é um convencido que acha que é mais do que um bastardo vira-lata.

Os Sifões de Cassian brilharam no dorso das mãos, e Eris riu diante da prova de que havia atingido o alvo. Mas Cassian se obrigou a dizer, tranquilamente:

— Essa é toda a informação que tenho.

— Você me deu muito em que pensar.

— Certifique-se de manter isso em *segredo* — avisou Cassian de novo.

Eris piscou um olho antes de atravessar para ir embora.

Sozinho ao vento uivante, Cassian suspirou. Recebeu os ventos gelados, o cheiro fresco de pinheiro, e desejou que lavassem sua irritação e seu desconforto.

Mas eles permaneceram. Por algum motivo, permaneceram.

Capítulo 26

A ausência de treinamento extra pelas estantes de livros fez Nestha ficar menos exausta quando saiu da biblioteca. Cassian a havia recolhido no Refúgio do Vento depois de duas horas e meia, e ela já estava tão entediada sentada na casa da mãe de Rhys que quase sorriu ao vê-lo. Contudo, o rosto de Cassian estava tenso, os olhos frios e distantes, e ele mal havia falado com ela quando Rhys apareceu. Rhys mal falara com ela também, mas isso já era de se esperar. Era até melhor assim.

Mas Cassian não dissera nada além de “vejo você mais tarde” antes de ir embora de novo com Rhys depois que o Grão-Senhor os levou de volta para a Casa do Vento, com o rosto ainda tenso e irritado.

Com a energia extra zunindo pelo corpo naquela noite e perguntando-se incessantemente por que Cassian pareceu tão chateado, Nestha não teve vontade de comer no quarto e cair no sono. Então ela se viu à porta da sala de jantar.

Cassian estava descansando na cadeira dele, com uma taça de vinho na mão, encarando o nada. Um príncipe-guerreiro emburrado,

contemplando a morte dos inimigos. Ela deu um passo para dentro da sala, e a taça de vinho sumiu.

Nestha riu.

— Não sou tão alcoólatra a ponto de roubar vinho da sua mão.

— A Casa recebeu ordens específicas... nada de vinho quando você estiver perto. — Ele flexionou os dedos e se sentou esticado. — Foi a Casa que tirou de mim.

— Ah. — Nestha ocupou a cadeira diante dele quando um conjunto de mesa e um prato de comida apareceram, junto com água para os dois.

Cassian voltou a encarar a refeição comida pela metade. Desde a guerra que ela não via aquele rosto tão sério.

— Aconteceu alguma coisa com as rainhas ou os Tesouros?

Ele piscou.

— O quê? — E deu de ombros. — Não, é que... Eris estava simpático como sempre hoje. — Ele brincou com o frango assado, espetando-o com o garfo.

Nestha pegou o próprio garfo com tanta fome que deixou o assunto morrer ao devorar a comida. Depois de matar a fome, disse:

— Pedi a Emerie que se juntasse ao treino.

— Presumo que ela tenha negado. — Suas palavras soaram inexpressivas, e o olhar estava distante.

— De fato. Mas se ela mudar de ideia, achei que talvez alguém pudesse atravessar com ela até aqui.

— Claro. — Nestha percebeu que Cassian não estava apenas sendo lacônico com ela, ele estava tão preocupado com o que quer que o estivesse corroendo que mal conseguia conversar.

Aquilo a incomodou mais do que deveria. Incomodou tanto que ela perguntou:

— O que houve? — Nestha se obrigou a continuar comendo e agindo o mais casualmente possível, tentando convencê-lo a se abrir. A falar sobre o que tinha levado aquela expressão magoada até seus olhos.

Baixando o olhar até o prato, Cassian contou a ela sobre o encontro com Eris.

— Eris está determinado a nos ajudar a encontrar os Tesouros... e se certificar de que o pai dele não coloque as mãos nelas, ou que

saiba sobre elas — falou Nestha, quando ele concluiu. — Isso não é bom? Por que você está inquieto desse jeito? — *Por que está com uma cara tão abatida?*

— É a maldade daquela *alma* de merda dele que me irrita. Nem ligo que tenha me chamado de bastardo vira-lata. — Eris tinha chamado Cassian daquelas coisas, percebeu Nestha. Um ódio ressoou nela. — É que, aliado ou não, eu o *odeio*. Ele é tão ardiloso e inabalável e... não aguento nem olhar para a cara dele. — Cassian soltou o garfo e olhou pela janela atrás dela. — Eris, com seus jogos de palavras e a política deturpada, é um inimigo com o qual não sei lidar. Sempre que o encontro, sinto como se ele tivesse a vantagem. Como se eu precisasse alcançá-lo, e ele vê através de cada tentativa atrapalhada que faço de ser inteligente. Talvez isso faça de mim um brutamontes estúpido mesmo.

Tristeza sincera tomou conta do rosto dele — e tanto desprezo por si mesmo que Nestha ficou de pé. Ele ficou imóvel quando ela deu a volta na mesa, e só levantou a cabeça quando Nestha se encostou na beira da mesa ao lado do prato dele.

— Rhys deveria matá-lo e acabar logo com isso.

— Se alguém vai matar Eris, será Mor ou eu. — Os olhos castanhos dele estavam quase suplicantes. Não para ela, Nestha sabia, mas para o destino. — Mas matá-lo provaria que Eris e os outros da laia dele estão certos a meu respeito. E independentemente de como eu me sinto com relação a Eris, ele daria um Grão-Senhor melhor do que Beron. Não importa o que quero, ainda é preciso considerar o bem-estar da Corte Outonal.

Cassian era bom. Em sua alma, em seu coração de guerreiro, Cassian era bom de uma forma que Nestha sabia que a maioria das pessoas não era. De uma forma que ela sabia que ela mesma não era e jamais seria.

Ele não era um guerreiro que matava por impulso, mas um macho que cuidadosamente considerava cada vida que precisava ceifar. Que defenderia o que amava até a morte.

E Eris... Ele havia ferido Cassian. Com o que tinha feito a Morrigan, sim, mas também com as palavras tão semelhantes àquelas que a própria Nestha já havia usado. A mágoa estava nos olhos de Cassian, tão exposta como um ferimento.

Vergonha percorreu o corpo dela. Vergonha, raiva e um tipo selvagem de angústia. Nestha não podia suportar a dor nos olhos dele, equilibrando-se no limite do desespero. Não conseguia suportar a ausência dos sorrisos, as piscadelas e a postura arrogante que ela conhecia tão bem.

Faria qualquer coisa para dar um fim àquela expressão nos olhos dele. Mesmo que apenas por alguns momentos.

Então Nestha apoiou as mãos nos braços da cadeira dele ao dar um beijo suave em seu pescoço.

Cassian perdeu o fôlego. Mesmo assim, Nestha deu outro beijo na pele macia e quente do pescoço dele, logo abaixo da orelha. E outro, agora mais baixo, mais perto do colarinho da camisa escura.

Ele estremeceu, e Nestha beijou a saliência rígida no centro do pescoço dele. Lambeu.

Cassian se moveu na cadeira, gemendo baixinho. Sua mão se levantou para segurar o quadril dela, como se fosse empurrá-la para longe, mas Nestha tirou a mão dele.

— Deixa comigo — disse ela, contra o pescoço de Cassian. — Por favor.

Ele engoliu em seco, e aquela saliência rígida se moveu contra a boca dela. Cassian não a impediu, e então Nestha o beijou de novo, passando para o outro lado do pescoço. Tinha alcançado aquele ponto logo abaixo da orelha quando colocou a mão no peito dele e sentiu seu coração acelerando contra a palma.

Ela não o beijou na boca. Não queria aquela distração. Nada disso, pensou ela, enquanto deslizou entre Cassian e a mesa e se ajoelhou.

Os olhos dele se arregalaram.

— Nestha.

Ela levou a mão à calça dele; o volume já fazendo pressão por dentro.

— Por favor — disse ela de novo, e o olhou nos olhos. De onde estava, ajoelhada entre as pernas de Cassian, ele estava bem mais alto do que ela, mas a tensão nos olhos dele se suavizou quase imperceptivelmente antes de ele assentir. Cassian estendeu a mão para ajudá-la com os botões e cadarços, mas Nestha colocou a mão gentilmente sobre a dele.

Os dedos dela estavam firmes e determinados conforme Nestha abria a calça de Cassian. A mente dela estava completamente nítida.

Os músculos das coxas dele se contraíram contra ela quando Nestha o liberou e quase arquejou.

O pau dele era enorme. Lindo, duro e completamente enorme. Sua boca secou, cada plano que tinha feito precisou ser subitamente repensado. De modo algum ele caberia inteiro em sua boca. Talvez de modo algum ele sequer coubesse no *corpo* dela.

Mas Nestha com certeza queria tentar.

Os dedos dela estremeceram um pouco conforme ela os roçou pela extensão grossa e longa. A pele era tão macia, mais macia do que seda ou veludo. E ele estava duro como aço por baixo. Cassian estremeceu, e Nestha ergueu os olhos e encontrou o olhar dele fixo em sua mão.

— Como você gosta? — perguntou ela, sussurrando ao sentir uma vontade fervorosa percorrer seu corpo. Ela fechou a mão no pênis dele, seus dedos mal conseguiam se fechar. — Devagar? — Apertando levemente, Nestha subiu a mão com a suavidade de uma pena sobre ele.

Cassian sacudiu a cabeça, como se não tivesse palavras.

Ela o acariciou de novo, um pouco mais forte.

— Assim?

O peito se elevou, e os dentes brilharam quando Cassian os trincou. Mas ele sacudiu a cabeça.

Nestha sorriu, e quando o tocou uma terceira vez, apertou com força, deixando as unhas roçarem a base sensível da extensão dele.

O quadril de Cassian se arqueou para fora da cadeira, e ela o segurou com uma das mãos.

— Entendi — murmurou ela, e repetiu. Ainda mais forte, girando o pulso ao chegar à cabeça redonda.

Ele tentou arquear o corpo contra a mão de Nestha, mas ela o segurou de novo com a outra mão.

— E assim? — ronronou ela, abaixando a cabeça. — Gosta assim?

Deslizando a língua até a pequena fenda na ponta, Nestha lambeu a cabeça larga dele. Ela lambeu a gotinha de umidade que já havia se acumulado ali.

Tudo em seu corpo se derreteu; uma descarga de umidade escorreu entre as coxas dela quando o gosto preencheu sua boca, sal e alguma outra coisa, algo vital.

— Ah, deuses — ofegou Cassian. E as palavras, o gemido que as carregou, eram tão deliciosas que Nestha sugou a ponta dele com a boca e roçou a língua pela parte de baixo.

Sibilando, ele jogou a cabeça para trás contra a cadeira.

Ela lambeu a extensão dele em um movimento longo. Esfregou as coxas apertadas quando sentiu o gosto, quando sentiu todo aquele gosto morno e metálico na boca. Nestha lambeu o outro lado, cobrindo-o com sua língua, tornando mais fácil para ela fechar a boca em torno dele de novo e deslizá-lo entre seus lábios.

Cassian a preencheu quase que imediatamente, e Nestha olhou para baixo e descobriu que havia tanto dele ainda exposto que ela precisou acrescentar a mão.

— Nestha — suplicou ele, e ela o esfregou mais uma vez, tirando quase tudo da boca antes de o engolir de novo, deixando sua garganta relaxar, desesperada pelo máximo dele na boca quanto conseguisse encaixar.

A mão de Cassian tinha disparado para o cabelo dela, agarrando-a, e Nestha percebeu que ele estava se segurando. Não queria avançar para dentro dela, feri-la, desagradá-la.

E não poderia ser assim. De jeito nenhum.

Ela queria que ele se perdesse, queria que ele agarrasse a cabeça dela e fodesse com sua boca com tanta força quanto conseguisse.

Então, quando Nestha o recebeu de novo na boca enquanto a mão trabalhava em uníssono, ela roçou os dentes. Suave o suficiente para doer só um pouquinho.

Cassian resistiu, e Nestha permitiu, engolindo-o vorazmente, apertando-o com a mão o bastante para informar a ele que queria aquilo, queria que ele se soltasse. Ela puxou os lábios até a pontinha dele, enroscando a língua em torno, e mirou Cassian com os olhos entreabertos.

Os olhos dele estavam sobre ela, arregalados e vítreos de desejo.

E quando Cassian a encarou, quando viu que ela olhava para ele...

Ele se libertou.

Cassian não aguentava. Era tortura, um tipo especial de tortura, ter Nestha ajoelhada diante dele com o pau na boca e na mão e não poder rugir de prazer. Mas então ela o encarou entre os cílios, e a visão dela com o pau dele entre os lábios fez algo se partir.

Ele não se importava que estivessem na sala de jantar, que uma parede de janelas e portas acompanhasse metade do cômodo e que qualquer um que passasse voando pudesse ver.

Cassian deslizou a outra mão para o cabelo dela, entremeou os dedos no coque trançado, e deu impulso contra a boca de Nestha.

Ela o recebeu profundamente, e gemeu tão alto que reverberou pelo pênis dele até chegar às bolas. O membro se retesou mais, e o clímax se acumulou em sua coluna, um nó incandescente que o fez arquear o corpo contra a boca de Nestha mais uma vez. Ele estava completamente à mercê dela.

Nestha gemeu de novo, um encorajamento baixinho, e Cassian não precisou de mais nada. Segurando o cabelo dela, o couro cabeludo, e mantendo-a no lugar, ele avançou com o quadril. Nestha o acompanhou com cada impulso, boca e mão trabalhando em uníssono, até que o calor escorregadio dela, os dentes que às vezes roçavam nele, que o provocavam, a pressão do punho dela — eram insuportáveis, eram tudo com que ele se preocupava.

Cassian fodeu a boca dela, e os gemidos dela o fizeram decidir que ele também o faria com o resto de Nestha. Que tiraria aquela calça dela e enfiaria tão fundo que ela gritaria o nome dele e reverberaria até o teto.

Cassian fez menção de tirar, mas Nestha se recusou a se mover. Ele grunhiu, seus dedos fechando-se na cabeça dela para impedi-la.

— Quero entrar em você — foi o que conseguiu dizer, com a voz áspera.

Mas Nestha levantou o olhar para ele de novo por baixo dos cílios, e Cassian viu seu membro sumir dentro da boca dela. A ponta dele tocou o fundo de sua garganta.

Ah, deuses. Ele trincou os dentes.

— Quero terminar dentro de você.

Nestha apenas abafou uma risada, e o sugou tão profundamente que Cassian não conseguiu segurar. Não conseguiu segurar seu alívio quando ela deslizou a outra mão para dentro da calça dele e segurou as bolas em concha, apertando-as de leve.

Arqueando o corpo contra ela ao jorrar dentro da garganta de Nestha, Cassian ejaculou com um rugido que balançou o vidro da mesa.

Ela se segurou, o segurou e, quando Cassian parou de estremecer, ela suave e graciosamente deslizou a boca para fora dele.

Nestha o encarou enquanto engolia. Engolia cada gota do que ele havia derramado dentro da boca dela. E então seus lábios se curvaram para cima. Uma rainha triunfante.

Cassian estava ofegante, não se importava que seu pênis ainda estivesse para fora, escorregadio e pingando, apenas que ela estava a meros centímetros e ele devolveria aquele favor em particular que Nestha lhe fizera.

Nestha ficou de pé e os olhos se voltaram para o pênis dele. O calor no olhar dela ameaçou queimá-lo, e o cheiro da excitação dela envolveu Cassian e enterrou suas garras com força.

— Tire a calça — grunhiu ele.

O sorriso de Nestha apenas aumentou, pura diversão felina.

Ele foderia ela naquela mesa. Naquele momento. Não se importava com mais nada, nem com a área comum em que estavam, nem com Eris ou Briallyn ou Koschei ou os Tesouros Nefastos. Precisava estar dentro dela, sentir aquela pressão quente em volta dele e reivindicá-la como ela o havia reivindicado.

Os dedos de Nestha deslizaram até os botões e cadarços da calça, e ele tremeu ao vê-los abrirem o primeiro botão...

Passos se arrastaram no corredor. Um aviso. De alguém que sabia como ficar em silêncio.

Cassian enrijeceu, então enfiou o pênis latejando na calça. Nestha ouviu o som e se afastou alguns centímetros, fechando de novo aquele primeiro botão. Cassian tinha acabado de se arrumar quando Azriel entrou.

— Boa noite — disse o irmão dele, com uma calma irritante, ao caminhar até a mesa.

— Az. — Cassian não conseguiu manter a irritação longe da voz. Ele encontrou o olhar ciente demais do irmão e silenciosamente comunicou cada gota de irritação que sentiu pela chegada inconveniente dele. Azriel apenas deu de ombros, avaliando a comida que a Casa tinha trazido para ele. Como se soubesse exatamente o que havia interrompido e levasse seu dever de supervisor muito a sério.

Nestha os observava, mas assim que Cassian se virou para ela, ela se colocou em movimento, afastando-se da mesa e seguindo para a porta.

— Boa noite. — Ela não esperou que ele respondesse antes de partir.

Cassian olhou com raiva para Az.

— Muito obrigado.

— Não sei do que está falando — disse Az enquanto sorria, olhando para a comida.

— Babaca.

Az riu.

— Não entregue suas cartas de uma vez só, Cass.

— O que isso quer dizer?

Az assentiu para a porta.

— Guarde alguma coisa para depois.

— Enxerido.

Az deu uma garfada.

— Você deixou que ela chupasse seu pau no meio da sala de jantar. Na mesa que estou usando agora para comer meu jantar. Eu diria que isso me dá direito a uma opinião.

Cassian gargalhou, sua tristeza de mais cedo sumira. Por causa dela. Tudo por causa dela.

— É justo.

Capítulo 27

Nestha não fazia ideia de como encararia Cassian na manhã seguinte, mas Gwyn forneceu uma barreira que ela ficou muito ansiosa por usar. Nestha encontrou a sacerdotisa nos degraus da área de treino, e Gwyn lhe ofereceu um sorriso alegre.

— Bom dia.

— Bom dia — respondeu Nestha, caminhando ao lado dela. — Alguma coisa sobre os Tesouros?

Gwyn fez que não com a cabeça. Ela ainda estava com a túnica, embora tivesse passado a prender o cabelo com uma trança firme.

— Até perguntei a Merrill ontem à noite. Ela quebrou aquele feitiço, mas, fora algumas menções em textos antigos, não conseguiu encontrar nada além do que você já sabe. Nenhum indício sobre quando ou onde eles foram perdidos ou quem perdeu. Não conseguimos nem descobrir quem os possuiu por último, pois é uma informação que retoma pelo menos dez mil anos.

Era sempre um choque lembrar exatamente da idade dos feéricos. Qual deveria ser a idade de Amren para que ela tivesse se lembrado dos objetos dos Tesouros Nefastos quando ainda estavam

livres pelo mundo. Mas, aparentemente, nem mesmo Amren tinha memória de quem havia os usado pela última vez.

Nestha afastou o pensamento, e a pontada fria de dor que veio junto.

— Talvez se revele uma tarefa impossível — disse Gwyn, repuxando a boca para o lado. — Não tem outro jeito de encontrar?

Havia. Envolvia ossos e pedras. O corpo de Nestha travou.

— Não — mentiu ela. — Não tem outro jeito.

— Você vai subir até Refúgio do Vento? — Nestha se viu perguntando a Cassian quando Gwyn se despediu deles ao final da lição. Gwyn tinha começado com as posições de luta naquela manhã, e tinha exigido tanta concentração de todos eles que Nestha não teve um momento para realmente falar com ele a sós. Houve um olhar levemente oblíquo quando ela chegou, e nada além disso.

Nestha não se arrependia do que tinha feito na sala de jantar. Mesmo que estivesse gritantemente óbvio que Azriel soubesse o que havia interrompido.

Mas estar ali sozinha com Cassian... O gosto dele permanecia em sua boca, como se ele tivesse deixado sua marca na língua dela.

Nestha tinha ficado deitada, acordada, na cama na noite passada, pesando em cada carícia, cada som que ele fez, ainda sentindo a pressão dos dedos dele na cabeça conforme ele dava impulso contra sua boca. A simples lembrança a fez deslizar a mão entre as pernas, e ela precisou encontrar o ápice duas vezes antes que seu corpo se acalmasse o bastante para dormir.

Cassian tirou o casaco de onde o havia deixado, agitando-se para dentro do couro preto com escamas.

— Preciso inspecionar as legiões de novo. Para me certificar de que estejam se preparando para o possível conflito e que os recrutas estejam em boa forma.

— Ah. — Os olhos deles se encontraram, e ela podia jurar que os dele ficaram sombrios, como se Cassian estivesse se lembrando de cada momento delicioso da noite anterior. Mas ela sacudiu a cabeça, limpando a mente.

— Gwyn está indo bem — disse Cassian, assentindo para o arco por onde a sacerdotisa tinha sumido. — Ela é uma menina legal.

Nestha tinha descoberto que Gwyn tinha 28 anos, de fato, apenas uma menina para ele.

— Eu gosto dela — admitiu Nestha.

Cassian piscou.

— Acho que nunca ouvi você falar isso sobre ninguém. — Nestha revirou os olhos, mas ele acrescentou: — Uma pena que as outras sacerdotisas não vêm.

Nestha verificava a folha de inscrição todo dia, mas ninguém mais tinha colocado o nome. Gwyn disse a Nestha que ela havia pessoalmente convidado algumas das sacerdotisas, mas elas tinham medo demais, eram inseguras demais.

— Não sei o que posso fazer para encorajá-las — disse Nestha.

— Continue fazendo o que está fazendo. — Ele terminou de fechar o casaco.

Uma brisa fria de outono passou, trazendo cheiros da cidade abaixo: pão, canela e laranjas; carnes assadas e sal. Nestha inspirou, identificando cada um deles, perguntando-se como poderiam, todos, de alguma forma se combinar para criar uma sensação única de outono.

Nestha inclinou a cabeça ao ter uma ideia.

— Se você vai passar no Refúgio do Vento, pode me fazer um favor?

Cassian estava na loja de Emerie e fazia sua melhor tentativa de um sorriso não ameaçador quando dispôs o conteúdo da sacola que carregava.

Emerie olhou para o que ele havia colocado no balcão impecável.

— Nestha deu isso a você?

Tecnicamente, Nestha o havia informado, a Casa dera a ela. Mas ela pedira à Casa por aqueles itens, com a intenção de que fossem levados até ali.

— Ela disse que é um presente.

Emerie pegou uma lata de bronze, entreabriu a tampa e inalou. O cheiro defumado e aveludado de folhas de chá fluiu para fora.

— Ah, que coisa boa. — Ela ergueu um frasco de vidro com um pó moído fino. Quando Emerie girou a tampa, um cheiro amendoado e apimentado tomou conta da loja. — Cominho. — O suspiro dela foi como o de uma pessoa apaixonada. Ela pegou outro, então outro, seis frascos de vidro no total. — Cúrcuma, canela, pimenta, cravo e... — Ela olhou para o rótulo. — Pimentado-reino.

Cassian colocou o último frasco na mesa, uma grande caixa de mármore que pesava no mínimo 1 quilo. Emerie tirou a tampa e soltou uma gargalhada.

— Sal. — Ela pegou com os dedos em pinça os cristais flocados. — Muito sal.

Os olhos dela brilharam quando um sorriso raro percorreu seu rosto. Fez com que Emerie parecesse mais jovem, levando embora o peso e as cicatrizes de todos aqueles anos com o pai.

— Por favor, diga a ela que agradeço.

Ele pigarreou, lembrando-se do discurso que Nestha o fizera decorar.

— Nestha diz que você pode agradecer aparecendo para o treino amanhã de manhã.

O sorriso de Emerie hesitou.

— Falei a ela no outro dia: não tenho como ir.

— Ela imaginou que você fosse dizer isso. Se quiser ir, mande um recado e um de nós virá buscá-la. — Precisaria ser Rhys, mas ele duvidava que o irmão protestaria. — Se não puder ficar para o treino inteiro, não tem problema. Venha por uma hora, antes da loja abrir.

Os dedos de Emerie se ergueram dos temperos e do chá.

— Não é um bom momento.

Cassian sabia que não deveria insistir.

— Se algum dia mudar de ideia, é só avisar. — Ele deu meia-volta do balcão, dirigindo-se à porta.

Cassian sabia que Nestha dera o presente em parte para tentar Emerie a se juntar a ela no treino, mas também por bondade. Ele perguntara por que ela estava mandando aquelas coisas, e Nestha respondera:

— Emerie precisa de temperos e de um bom chá.

Aquilo o havia chocado, assim como ele se chocara mais cedo ao ouvi-la admitir que gostava de Gwyn.

Nestha, quando estava com Gwyn, era uma criatura completamente diferente de quem era com a corte. Elas não brincavam ou riam uma com a outra, mas havia uma leveza entre elas que Cassian jamais vira, nem mesmo quando Nestha estava com Elain. Ela sempre fora a guardiã de Elain, ou a irmã de Feyre, ou aquela que fora Feita pelo Caldeirão.

Com Gwyn... ele se perguntava se Nestha gostava da moça porque com ela era apenas Nestha. Talvez ela se sentisse assim com Emerie também.

Será que ia para Velaris, noite após noite, não apenas para se distrair e se entorpecer, mas para estar com pessoas que não conheciam o peso de tudo que ela carregava?

Cassian chegou à porta, exalando suavemente. Ele havia se recusado a pensar no que Nestha tinha feito com ele na sala de jantar enquanto estavam treinando, principalmente com Gwyn ali, mas ver o sorriso hesitante de Nestha quando enfiou o chá e os temperos em uma sacola o fez suprimir o desejo de empurrá-la contra a parede e beijá-la.

Ele não fazia ideia de qual era o estado das coisas com eles. Se estavam de volta à dinâmica de um favor em troca de outro. Ela não dera qualquer indício a ele de que o receberia em sua cama, ou se tinha ficado de joelhos para tirá-lo do estado emburrado em que ele estava.

Se tinha, aquilo indicava que em algum nível ela se importava com o bem-estar dele, não é? E pena. Porra, se Nestha o havia chupado porque sentia pena...

Não. Não tinha sido isso. Ele vira o desejo nos olhos dela, sentira a maciez da boca de Nestha em seu pescoço naqueles primeiros toques. Tinha sido conforto, dado da única forma que ela conhecia.

Cassian abriu a porta, olhou para trás e viu Emerie ainda no balcão, com a mão sobre a variedade de temperos e chá. Seus olhos estavam sérios, os lábios eram uma linha fina. Ela não parecia ciente da presença dele, então Cassian aproveitou a deixa para ir embora e levantou voo.

Nestha subiu os degraus do ringue de treino, refletindo sobre os Tesouros Nefastos. Ela presumiu que os outros não haviam tido mais sorte do que ela, e se as coisas eram realmente tão urgentes quanto Azriel alegava, então talvez pesquisar na biblioteca não fosse o melhor caminho.

Mas seu estômago se revirou ao sopesar a outra opção, ao se lembrar do que tinha acontecido na primeira e única vez em que tentara a adivinhação. Suas mãos tremeram quando Nestha subiu o último dos degraus. Ela fechou os dedos em punhos, respirando fundo pelo nariz para se acalmar.

Cassian já estava no centro do ringue. Ele sorriu quando ela subiu.

Foi um sorriso mais largo do que os de costume, animado e... como se estivesse contente.

Os olhos de Nestha se semicerraram quando ela entrou na claridade do ringue. Gwyn já estava esperando a alguns metros de Cassian e um sorriso iluminava seu rosto.

E diante deles, bebendo um copo na estação de água, estava Emerie.

Capítulo 28

Emerie se provou tão desajeitada e sem equilíbrio quanto Gwyn se mostrara graciosa.

— Tem a ver com suas asas — disse Cassian com tanta gentileza que Nestha, equilibrando-se sobre uma perna e jogando a outra para trás, quase caiu na terra ao lado de Emerie. — Sem o uso total das asas, seu corpo compensa pela falta de equilíbrio daquele jeito. — Ele indicou a queda de boca na terra que ela havia feito.

Gwyn parou o próprio exercício de equilíbrio.

— Por quê?

— As asas agem como um contrapeso. — Ele ofereceu a mão para ajudar Emerie a se levantar. — São cheias de músculos delicados que constantemente se ajustam e equilibram sem a gente nem pensar. — Emerie ignorou a mão dele e ficou de pé sozinha. Cassian explicou com cuidado. — Muitos dos músculos principais podem ser impactados quando as asas de alguém são cortadas.

Gwyn olhou para Nestha, que ficou tensa, franzindo a testa. Gwyn e Emerie tinham feito uma amizade fácil em minutos. Isso poderia ser porque Gwyn encheu Emerie de perguntas sobre a loja dela conforme as duas repassavam os exercícios de abertura.

Emerie limpou a terra da calça de couro, mais larga do que aquelas que Nestha usava, como se ela se sentisse desconfortável com a norma de serem justas na pele.

O olhar de Cassian se suavizou.

— Qual das curandeiras cortou você?

O queixo de Emerie se ergueu e a cor sumiu de seu rosto. Ela o encarou, no entanto, com um nível de objetividade que Nestha só podia admirar.

— Meu pai mesmo quem fez.

Cassian soltou um palavrão, baixo e sujo.

Emerie falou, com a voz fria:

— Lutei contra ele, então o resultado ficou ainda mais desleixado.

Gwyn e Nestha ficaram caladas quando Emerie estendeu a asa direita quase toda antes que se recolhesse e estremecesse. Assim como o rosto de Emerie.

— Consigo abrir essa até aqui. — Ela estendeu a asa esquerda até quase a metade da extensão dela. — Isso é tudo o que consigo deste lado.

Cassian parecia prestes a passar mal.

— Ele mereceu morrer naquela batalha. Já merecia ter morrido muito antes, Emerie. — Os Sifões dele brilharam em resposta, e algo selvagem e travesso se aqueceu no sangue de Nestha diante das palavras grunhidas e do puro ódio no rosto dele.

Emerie fechou as asas de novo.

— Ele merecia morrer por muito mais do que fez com minhas asas.

— Se você vai vir até Velaris todo dia, posso pedir que Madja suba até aqui. Ela é a curandeira particular da corte. — Rhys tinha levado Emerie, Nestha descobrira. E a levaria de volta em uma hora.

Emerie ficou mais tensa.

— Agradeço a oferta, mas não é necessário.

Cassian abriu a boca, mas Nestha interrompeu:

— Chega de jogar conversa fora. Se só temos Emerie por uma hora hoje, então repasse com a gente os socos, Cassian. Deixe que ela veja o que ainda vai precisar aprender.

Emerie lançou a ela um olhar de gratidão, e Nestha ofereceu um leve sorriso em resposta.

Cassian assentiu e, pelo brilho nos olhos dele, ela soube que ele estava muito ciente do motivo da interrupção.

Gwyn perguntou a Emerie:

— Vocês têm bibliotecas em Illyria? — Outra saída oferecida.

— Não. Nunca estive em uma. — A tensão sumira da postura de Emerie, palavra após palavra.

Gwyn prendeu novamente o cabelo lustroso na base da nuca.

— Você gosta de ler?

A boca de Emerie se curvou para cima.

— Moro sozinha no alto das montanhas. Não tenho nada para fazer com o tempo livre exceto trabalhar no jardim e ler qualquer que seja o livro que encomendo pelo serviço de correio. E no inverno, nem a distração do meu jardim eu tenho. Então, sim. Gosto de ler. Não consigo sobreviver sem ler.

Nestha grunhiu em concordância.

— Que tipo de livros? — perguntou Gwyn.

— Romances — disse Emerie, arrumando a trança preta e grossa cheia de tons vermelhos e marrons sob a luz do sol. Nestha se espantou. Os olhos de Emerie se iluminaram. — Você também? Quais?

Nestha listou os cinco melhores, e Emerie riu, um sorriso tão largo que foi como ver outra pessoa.

— Já leu os romances de Sellyn Drake?

Nestha fez que não. Emerie arquejou espantada, tão dramaticamente que Cassian murmurou alguma coisa sobre ser poupado de fêmeas obcecadas por obscenidades antes de avançar mais no ringue.

— Você *precisa* ler os livros dela. *Precisa*. Vou trazer o primeiro amanhã. Você vai ficar acordada a noite inteira lendo, eu juro.

— Obscenidades? — perguntou Gwyn, ouvindo as palavras murmuradas de Cassian. Houve tanta hesitação na voz dela que Nestha arrumou a postura.

Nestha olhou para Emerie, percebendo que a fêmea não sabia sobre Gwyn... a história dela, ou o porquê das sacerdotisas morarem na biblioteca. Mesmo assim, Emerie perguntou: — O que você lê?

— Aventura, às vezes mistérios. Mas na maior parte do tempo preciso ler o que Merrill, a sacerdotisa com quem trabalho, escreveu

naquele dia. Não é tão emocionante quanto um romance, nem de longe.

Emerie falou, casualmente:

— Posso trazer um dos livros de Drake para você também, um dos mais leves. Uma introdução às maravilhas do romance. — Emerie piscou um olho para Nestha.

Nestha esperou Gwyn recusar, mas a sacerdotisa sorriu.

— Eu vou adorar.

Rhys apareceu no ringue exatamente quando disse que apareceria. Uma hora, nem mais, nem menos.

Poeira vermelha e suor cobriam Emerie, mas o olhar dela brilhava alegremente quando ela fez uma reverência para o Grão-Senhor.

Gwyn, no entanto, enrijeceu, aqueles olhos grandes da cor do mar pareceram ainda mais sobrenaturais quando se arregalaram. Não sentiu cheiro de medo algum, mas algo como surpresa... admiração.

Rhys lançou a ela um sorriso tranquilo, um que Nestha apostaria que tinha sido fabricado para deixar as pessoas à vontade com a tão magnífica presença dele. O sorriso casual de um macho acostumado a que as pessoas ou fugissem de terror ou caíssem de joelhos em adoração.

— Olá, Gwyn — disse ele, em tom acolhedor. — Bom ver você de novo.

Gwyn corou, saindo do transe, e fez uma reverência baixa.

— Meu senhor.

Nestha revirou os olhos, e viu que Rhys a observava. Aquele sorriso casual se aguçou quando ele encontrou o olhar dela.

— Nestha.

— Rhysand.

As outras duas mulheres olhavam de um para o outro, o pingue-pongue dos olhares delas era quase cômico. Cassian caminhou até o lado de Nestha e passou o braço pelos ombros dela antes de falar em tom tranquilo para Rhys: — Essas moças vão acabar com você em combate muito em breve.

Nestha fez menção de sair de baixo do peso forte e suado do braço dele, mas Cassian fechou demais a mão amigável em seu ombro, e seu sorriso nem mesmo hesitou. O olhar de Rhys deslizou de um para o outro, havia pouca acolhida nos olhos dele. Mas muita cautela.

O principezinho não gostava dela com o amigo dele.

Nestha encostou em Cassian. Não muito, mas o suficiente para que um guerreiro treinado como Rhysand notasse.

Aquela mão sombria e sedosa roçou a mente dela. Um pedido.

Nestha pensou em ignorar, mas se viu abrindo uma pequena porta entre aquela barreira de aço e espinhos que ela mantinha em volta de si dia e noite. A porta era basicamente um buraco de fechadura, e ela deixou o que supôs ser o equivalente a seu rosto mental olhar através do buraco para o plano escuro e brilhante adiante. *O que é?*

Você deve tratar Gwyn com bondade e respeito.

A coisa que estava além da fortaleza da mente dela era uma criatura com garras, escamas e dentes. Estava escondida da vista sob sombras que se retorciam e sob a ocasional estrela cadente que brilhava na escuridão, mas, vez ou outra, um lampejo de asa ou garra brilhava.

Vá cuidar da sua vida. Nestha bateu aquele pequeno buraco para fechá-lo.

Ela piscou, lentamente registrando que Emerie perguntava a Cassian sobre a lição da manhã seguinte, e o que perderia hoje por sair uma hora mais cedo.

Os olhos de Rhys brilharam.

O braço de Cassian permaneceu em volta de Nestha, e o polegar dele se moveu sobre o ombro dela em uma carícia tranquila e reconfortante. Se ele havia percebido ou sentira a conversa silenciosa de Nestha com o Grão-Senhor, não deixou transparecer.

— Pronta? — perguntou Rhys a Emerie com aquele sorriso gentil e agradável de novo. Emerie talvez tenha corado. Rhysand tinha esse efeito nas pessoas.

Nestha se perguntava como Feyre suportava aquilo, o modo como todas as pessoas babavam no parceiro dela. Nestha tentou se

desvencilhar do braço de Cassian de novo, e dessa vez ele deixou. Ela seguiu Emerie até onde ela pegava o casaco pesado.

— Então você vai voltar amanhã? — perguntou Nestha. Um olhar por cima do ombro revelou Gwyn caminhando até a estação da água, ou para dar privacidade aos dois machos, ou por desconforto em ser deixada com eles.

Nestha se sentiu culpada por tê-la abandonado, e fez uma nota mental de não permitir que acontecesse de novo. Gwyn havia lidado bem com Cassian nos últimos dias: ela não o tocava, e ele não a tocava, mas ela não tinha se afastado dele como fez agora. Nestha não queria pensar no motivo, que cicatrizes tinham sido marcadas tão profundamente em Gwyn que dois dos machos mais confiáveis daquela terra inteira não conseguiam deixá-la à vontade.

Rhysand podia ser um canalha arrogante e vaidoso, mas era honroso. Lutava incansavelmente para proteger os inocentes. O fato de Nestha não gostar dele não tinha nada a ver com o que ele havia provado tantas vezes: que era um governante justo que colocava o povo em primeiro lugar. Não, ela só achava que a personalidade dele — aquela arrogância ardilosa — era irritante.

Emerie respondeu:

— Volto amanhã.

Nestha inclinou a cabeça.

— Eu não fazia ideia de que chás e temperos eram tão convincentes.

Emerie deu um leve sorriso.

— Não foi só o presente, mas o lembrete do que ele significa.

— E o que ele significa?

Emerie olhou para o céu, fechando os olhos quando uma brisa de outono ondulou por ela.

— Que há um mundo além do Refúgio do Vento. Que sou covarde demais para vê-lo.

— Você não é covarde.

— Você disse que eu era, naquele dia.

Nestha se encolheu.

— Eu estava com raiva.

— Você estava certa. Fiquei acordada a noite inteira pensando naquilo. E então você pediu que Cassian entregasse os temperos e o

chá e percebi que existe, *sim,* um mundo lá fora. Um mundo amplo e vibrante. Talvez essas lições me deixem mais corajosa para desbravá-lo.

Nestha ofereceu um sorriso hesitante.

— Para mim, parece uma ótima justificativa.

Cassian observava o rosto de Rhys com atenção conforme Nestha e Emerie falavam, e Gwyn caminhava para se juntar a elas. Promessas de livros trocados eram o assunto.

Rhys disse a ele, *Que desenvolvimento mais interessante*.

Cassian não se incomodou em fazer a expressão do rosto parecer agradável. *Você não precisava ter dado um aviso mental a Nestha.*

Rhys franziu a testa. *Como você sabe que fiz isso?*

O canalha nem tentou negar.

Reparei na forma como ela ficou tensa. E conheço você muito bem, irmão. Você viu Gwyn e pensou o pior de Nestha. Ela tratou Gwyn — e Emerie — com gentileza.

Foi isso que irritou você?

Fico irritado porque você parece ser incapaz de acreditar numa coisa boa sequer a respeito dela. Parece que se recusa a acreditar que ela possa ser boa, caralho. Precisava surpreendê-la daquele jeito?

Arrependimento brilhou nos olhos de Rhys.

Cassian prosseguiu, *Você não está facilitando. Deixe que ela construa esses laços, e não se meta nisso.*

Rhys piscou. *Desculpe. Vou fazer isso.*

Cassian respirou fundo. Rhys acrescentou, *Você achou mesmo que precisava colocar o braço nos ombros dela para segurá-la?*

Não quero vocês dois a 10 metros um do outro. Você está com uma parceira grávida, Rhys. É capaz de matar qualquer um que represente uma ameaça a Feyre. Você é um perigo para todos nós no momento.

Eu jamais faria mal a alguém que Feyre ama. Você sabe disso.

Havia tanta tensão nas palavras que Cassian deu um tapinha no ombro do irmão, apertando o músculo tenso por baixo. *Talvez seja melhor deixar Emerie do outro lado da Casa amanhã. Dê a Nestha um tempo para se resolver.*

Tudo bem.

As três fêmeas se aproximaram deles. Rhys abriu as asas e disse a Emerie: — Vamos?

Emerie aceitou a mão que Rhys estendeu.

— Vamos. — Ela olhou para Cassian, então para Nestha, e falou: — Obrigada.

Maldição. Aquela gratidão e esperança nos olhos de Emerie o atingiu bem no coração.

Rhys segurou a fêmea perto do corpo, tomando cuidado com o toque íntimo das asas dela contra o corpo dele, e disparou para o céu.

Conforme Rhys voou acima das proteções da Casa, logo antes de atravessar para o Refúgio do Vento, ele disse a Cassian, *Não sei que porra vocês dois andam fazendo nessa Casa, mas que fedor de sexo.*

Cassian gargalhou. *Um macho educado nunca falaria uma coisa dessas.*

A risada de Rhys ecoou na mente de Cassian. *Não acho que você sabe o que a palavra* educado *significa.*

Graças aos deuses.

O irmão dele riu de novo. *Eu disse a Az que bancar o supervisor seria inútil*.

Capítulo 29

As pernas de Nestha cederam no degrau três mil.

Ofegando e com suor escorrendo pelas costas e pela barriga, ela apoiou as mãos nas coxas trêmulas e fechou os olhos.

O sonho tinha sido igual. O rosto do pai dela, cheio de amor e medo, e seu olhar vazio quando morreu. O estalo do pescoço. O sorriso malicioso e cruel de Hybern.

Cassian e Azriel não tinham aparecido para o jantar, e ela não recebeu explicação alguma para aquilo. Eles deviam estar na casa do rio ou pela cidade, e Nestha ficou surpresa ao perceber que desejava companhia. Surpresa ao descobrir que o silêncio da sala de jantar a sufocava.

Claro que ela não seria convidada para sair. Tinha feito questão de ser o mais desagradável possível por mais de um ano. E, mais do que isso, eles não tinham obrigação de incluí-la em tudo.

Ninguém tinha obrigação nenhuma de incluí-la. Ou vontade, pelo visto.

Seus arquejos ecoavam pela pedra vermelha. Ela havia acordado do pesadelo suando frio, e estava na metade do caminho quando

percebeu aonde ia. Se ela por acaso chegasse ao final, para onde iria? Ainda mais de camisola.

Ainda via o pai quando fechava os olhos. Sentia cada lampejo de horror, dor e medo que ela havia suportado durante aqueles meses próximos da guerra.

Ela precisava, de algum jeito, encontrar os Tesouros Nefastos.

Tinha fracassado em todas as tarefas que haviam dado a ela. Tinha fracassado em impedir que a Muralha fosse destruída, fracassado em salvar a legião illyriana do golpe incinerador do Caldeirão...

Nestha conteve aquela cadeia de pensamentos.

Alguma coisa bateu no degrau ao lado dela, e ela piscou e encontrou um copo de água.

— Obrigada — disse ela, bebendo intensamente, deixando que o frescor a acalmasse ainda mais. Ela perguntou para a escuridão: — Você já leu algum livro de Sellyn Drake?

A Casa não respondeu, o que ela deduziu que significava um não.

— Uma amiga vai me trazer um dos romances dela amanhã. Vou emprestar para você quando terminar.

Nada. Então uma brisa fresca soprou escada abaixo, resfriando a testa suada dela.

— Obrigada — disse Nestha de novo, inclinando o corpo na direção da brisa.

Outra coisa tilintou ao lado dela no degrau, e ela encontrou duas pedras ovais chatas e três pedaços de osso amarronzado devido à idade, ossos do tornozelo de alguma besta ovina. Sua boca secou. Ossos e pedras; para adivinhação.

— Não posso — disse ela, rouca.

Aquela brisa uniu os ossos, e o tilintar soou como uma pergunta jogada no poço de uma escada. *Por quê?*

— Coisas ruins aconteceram da última vez. O Caldeirão *olhou* para mim. E levou Elain. — Ela não conseguiu impedir que o corpo travasse. — Não dá, não posso arriscar. Nem mesmo por isso.

Os ossos e as pedras sumiram, junto com aquela brisa refrescante.

Nestha começou a subir, gemendo baixinho. A cada passo, ela podia ter jurado que sentia o gosto de desapontamento no ar.

— Nestha precisa começar a procurar pelos Tesouros — disse Amren, girando o vinho na taça, sentada diante de Cassian na imensa mesa de jantar da casa do rio. O jantar mensal da corte deles, como sempre, tinha se transformado em horas de conversa em torno daquela mesa, e múltiplas garrafas de vinho depois, conforme o relógio se aproximava da uma hora da manhã, nenhum deles dava qualquer sinal de se mexer.

Apenas Feyre tinha ido dormir. Estar grávida a tornava insuportavelmente sonolenta, reclamara ela. Tão cansada que precisava de sonecas ao longo do dia, e estava na cama na maioria das noites às 21 horas.

Cassian encontrou o olhar cinzento de Amren.

— Nestha está procurando. Não a pressione.

Da cabeceira da mesa, onde estava sentado em uma pose relaxada, Rhys falou:

— Ela pediu que as sacerdotisas procurassem por ela. Eu mal chamaria isso de procurar.

Varian, sentado ao lado de Amren, com o braço apoiado no encosto da cadeira dela, perguntou: — Você ainda não pediu que Helion pesquise os Tesouros na biblioteca dele? — Varian era a única pessoa fora da Corte Noturna, e à exceção de Eris, que Rhys permitira que soubesse da busca deles. Mas tinha vindo com um risco: Varian servia a Tarquin, Grão-Senhor da Corte Estival. Embora ele tivesse prometido a Rhys não dizer nada a Tarquin a respeito daquilo sem ter motivo, caso Tarquin perguntasse a Varian, ele se veria em uma posição delicada quanto a sua lealdade.

O relacionamento de Tarquin e Rhys tinha se recuperado desde a guerra, mas não o bastante para que Rhys confiasse no macho com conhecimento a respeito dos Tesouros. E Cassian, que havia se metido em uma briguinha que talvez tenha resultado na destruição de um prediozinho da última vez que estivera na Corte Estival, estava disposto a concordar. Não a respeito de Tarquin. Não, ele

gostava do macho. E gostava bastante de Varian. Mas havia pessoas maldosas na Corte Estival — assim como em todas as cortes —, e ele não confiava que fossem tão generosas quanto o governante delas.

— Helion é um último recurso — falou Rhys, tomando seu vinho. — Ao qual podemos chegar em alguns dias caso Nestha sequer tente uma adivinhação. — As últimas palavras se dirigiram para Cassian. — Mas eu pediria que Elain tentasse o que puder antes de abordarmos Helion.

Elain havia ido embora com Feyre, alegando que precisava acordar com o alvorecer para cuidar do jardim de uma feérica idosa. Cassian não sabia muito bem por que suspeitava que aquilo não fosse verdade. Havia tensão no rosto de Elain quando ela falou. Normalmente, quando dava essas desculpas, Lucien estava por perto, mas o macho permanecia nas terras humanas, com Jurian e Vassa.

Cassian replicou:

— Nestha vai usar a adivinhação, ainda que seja para evitar que Elain se coloque em risco. Mas vocês têm que entender que Nestha foi profundamente afetada pelo que aconteceu durante a guerra... Elain foi levada pelo Caldeirão depois que ela tentou adivinhação. Não podem culpar Nestha por hesitar.

Amren falou:

— Não temos tempo de esperar até que Nestha decida. Por mim, falamos com Elain amanhã. É melhor ter as duas trabalhando nisso.

Azriel enrijeceu, um sinal evidente do humor vindo dele quando o macho falou, em voz baixa: — Existe toda uma escuridão inerente aos Tesouros Nefastos à qual Elain não deveria ser exposta.

— E Nestha deveria? — grunhiu Cassian.

Todos olharam para ele.

Cassian engoliu em seco, oferecendo um olhar de desculpas a Az, que deu de ombros.

Amren terminou o vinho e disse a Cassian:

— Nestha tem uma semana. Mais uma semana para encontrar os Tesouros pelos métodos dela. Depois, buscaremos pelos nossos. — Ela assentiu para Azriel. — Incluindo Elain, que é mais do que capaz

de se defender sozinha contra a escuridão dos Tesouros, se quiser. Não a subestime.

Cassian e Azriel olharam para Rhys, que apenas bebeu do próprio vinho. A ordem de Amren se mantinha. Como a segunda no comando naquela corte, caso Rhys não indeferisse, a palavra dela era a lei.

Cassian olhou com raiva para Amren.

— Não é certo usar Elain como ameaça para manipular Nestha para que use adivinhação.

— Há formas mais cruéis de convencer Nestha, menino.

Cassian se recostou na cadeira.

— Você é uma tola se acha que ameaças farão com que ela a obedeça.

Todos ficaram tensos de novo. Inclusive Varian.

Os lábios de Amren se abriram em um sorriso afiado.

— Estamos à beira de outra guerra. Deixamos o Caldeirão escapar de nossas mãos na última, o que quase nos custou tudo. — A nova forma feérica de Amren era prova disso, ela abrira mão de seu ser imortal de outro mundo para permanecer naquele corpo. Nenhum fogo cinza brilhava em seus olhos. Ela era mortal, da forma como os Grão-Feéricos são mortais. Os dedos de Varian se enroscaram nas pontas retas do cabelo dela, como se para se assegurar de que ela estava ali, de que permanecia com ele. — Precisamos eliminar esse potencial desastre antes de perdermos a vantagem. Se precisarmos manipular Nestha para que faça adivinhação, mesmo que seja usando Elain contra ela, então faremos o que for necessário.

O estômago dele se revirou.

— Não gosto disso.

— Não precisa gostar — disse Amren. — Só precisa calar a boca e fazer o que lhe pedem.

— Amren — falou Rhys, envolvendo seu alerta em uma camada de repreensão e aviso.

Amren nem mesmo piscou com remorso, mas Varian franziu a testa para ela.

— O que é? — disparou ela.

O príncipe de Adriata lançou a ela um sorriso exasperado.

— Não falamos sobre isso? Sobre... ser gentil?

Amren revirou os olhos. Mas seu rosto se suavizou, ainda que de leve, quando ela encontrou o olhar de Cassian de novo.

— Uma semana. Nestha tem uma semana.

Três dias se passaram. Emerie foi a cada treino, e embora Gwyn tivesse quase alcançado o progresso de Nestha, Emerie precisaria de mais esforço. Por isso, Nestha e Gwyn faziam dupla uma com a outra para repassar as séries de exercícios que Cassian mostrava a elas, e ele treinava equilíbrio e mobilidade com Emerie.

Nenhuma delas se importava, muito menos depois que perceberam que Emerie estava certa sobre os livros de Sellyn Drake. Nestha ficara acordada por duas noites seguidas para ler o primeiro romance da autora, uma fantasia erótica de deixar a pele eriçada, do jeito que ela desejava. E, conforme prometido, Emerie levara um exemplar de um dos romances mais brandos de Drake para Gwyn, que chegara corada na manhã seguinte e contara a Emerie que se aquele livro era considerado brando, ela não podia nem imaginar o conteúdo dos outros.

Depois daquele primeiro dia, Emerie decidiu que o movimento matutino não era tão intenso, então passou a ficar por toda a duração das aulas, que agora oficialmente duravam três horas inteiras. Então elas treinavam e, entre os exercícios, falavam de livros. Nestha acordou na quarta manhã e percebeu que estava... animada para encontrar com elas de novo.

Ela estava guardando um exemplar na biblioteca naquela tarde quando Gwyn a encontrou. Devido aos treinos toda manhã, Gwyn estava mais ocupada às tardes, o que significava que Nestha raramente a via na biblioteca, exceto quando Gwyn estava percorrendo prateleiras, buscando um ou outro livro para Merrill. Ocasionalmente, Nestha ouvia um lindo trecho ressonante de canção de algum canto distante da biblioteca — o único indicativo de que Gwyn estava por perto.

Naquela tarde, contudo, foi a respiração ofegante de Gwyn que anunciou a sua presença segundos antes de a sacerdotisa aparecer.

Os olhos dela estavam tão arregalados que Nestha ficou em estado de alerta, observando a escuridão atrás da fêmea.

— O que foi? — Será que a escuridão lá debaixo a havia perseguido?

Gwyn se controlou o suficiente para dizer:

— Não sei como, mas Merrill descobriu que você trocou o livro. — Ela arquejou ao apontar para um andar bem acima. — Você deveria ir embora.

Nestha franziu a testa.

— E daí? Não vou deixar que ela me amedronte como se eu fosse uma criança desgarrada.

Gwyn empalideceu.

— Quando ela está furiosa, é...

— É o que, Gwyneth Berdara? — cantarolou uma voz fêmea das prateleiras. — Quando estou furiosa, sou *o quê*?

Gwyn se encolheu, virando-se lentamente conforme a beldade de cabelos brancos surgia da escuridão. As vestes pálidas dela flutuavam atrás do corpo como se sob um vento fantasma, e a pedra azul no alto do capuz dela tremeluziu. Gwyn fez uma reverência com a cabeça, seu rosto ficou pálido.

— Não quis dizer nada, Merrill.

Nestha trincou os dentes ao ver a reverência e o medo no rosto e nas palavras suaves de Gwyn.

Sacerdotisas pararam ao longo das sacadas acima delas.

Merrill voltou os olhos fascinantes para Nestha.

— Não gosto de ladrões e mentirosos.

— Nem eu — respondeu Nestha com frieza enquanto ergueu o queixo.

Merrill sibilou.

— Você tentou me passar a perna em meu próprio escritório. — Ela nem mesmo olhou para Gwyn, que se encolheu para longe.

— Não sei do que está falando.

— Não sabe, é? Estou falando de quando fui ver o livro que minha assistente idiota tinha me trazido *incorretamente*, sim, isso mesmo, eu sabia sobre isso desde o início, e encontrei o livro certo no lugar, com *seu* cheiro nele. Quer dizer que você não tem nada a

ver com isso? — Merrill olhou de Gwyn para Nestha. — É inaceitável pedir a outros que consertem sua própria estupidez e desatenção.

O medo de Gwyn roçava contra os sentidos dela. Nestha falou, abaixando a voz:

— Gwyn não fez nada disso. E quem se importa? Você está tão entediada aqui embaixo que precisa inventar esses dramas para se entreter? — Ela gesticulou para a passagem aberta atrás de Merrill. — Nós duas estamos ocupadas. Saia e nos deixe trabalhar em paz.

Alguém arquejou em algum andar acima.

Merrill gargalhou; aquele vento fantasma sussurrou em torno dela.

— Você não sabe quem eu sou, menina?

— Sei que você está atrapalhando meu trabalho — disse Nestha, com aquela calma inexpressiva que ela sabia que deixava as pessoas transtornadas. — E sei que isto é uma biblioteca, mas você armazena livros como se fosse sua coleção pessoal.

Merrill exibiu os dentes.

— Acha que não sei quem *você é*? A menina humana que foi enfiada no Caldeirão e saiu Grã-Feérica. A fêmea que matou o rei de Hybern e levantou a cabeça dele como um troféu enquanto o sangue escorria.

Surpresa iluminou o rosto de Gwyn diante da descrição.

Nestha não se permitiu sequer engolir em seco.

— Mesmo aqui, sob tanta rocha, os boatos chegam até a mim — disse Merrill. — Ele encontra caminho entre as rachaduras e murmura o que acontece no mundo ao meu ouvido. — Merrill riu com escárnio. — Você acha que tem direito de fazer o que quiser agora?

O poder de Nestha ressoou em suas veias. Ela o pisoteou, o engoliu e o sufocou.

— Acho que você gosta muito de se ouvir.

— Sou descendente de Rabath, Senhor do Vento Oeste — disse Merrill, fervilhando. — Diferente de Gwyneth Berdara, não sou uma lacaia para ser dispensada.

Essa bruxa que fosse para o quinto dos infernos. Bastava de se esconder e se segurar.

Nestha deixou que o poder fervesse até a superfície, uma quantidade que ela sabia que fazia seus olhos brilharem. Deixou que

estalasse, mesmo ao ignorar os urros selvagens e profanos.

Gwyn tinha recuado um passo. Até mesmo Merrill piscou quando Nestha disse:

— Tenho certeza de que esse recalque não combina com um título chique desses.

Nestha sorriu, selvagem e cruel. Merrill apenas olhou entre ela e Gwyn antes de dizer: — Volte para o trabalho, ninfa.

Vento estalou ao encalço dela, Merrill saiu batendo os pés em direção à escuridão.

Nestha soltou o fio do poder, abafando a música e o rugido dele com a mão de ferro.

Mas somente quando o vento frio de Merrill se foi, Gwyn encostou-se em uma prateleira, esfregando as mãos no rosto. As sacerdotisas que estavam observando se colocaram em movimento de novo, enchendo a biblioteca com seus sussurros.

— Ninfa? — perguntou Nestha, invadindo o silêncio farfalhante.

Gwyn abaixou as mãos, notou a ausência do poder brilhando nos olhos de Nestha, então suspirou aliviada. Mas sua voz permaneceu casual.

— Minha avó era uma ninfa do rio que seduziu um Grão-Feérico da Corte Outonal. Então, sou um quarto ninfa, mas é o suficiente para isto. — Gwyn indicou os olhos grandes, de um azul tão claro que podia ser o mar raso, e o corpo esguio. — Meus ossos são um pouco mais flexíveis do que os dos Grão-Feéricos comuns, mas quem liga?

Talvez por isso Gwyn fosse tão boa com o equilíbrio e os movimentos.

Gwyn prosseguiu:

— Minha mãe era indesejada pelos dois povos. Ela não podia viver nos rios da Corte Primaveril, mas era selvagem demais para o confinamento da floresta de Outono. Então ela foi entregue na infância para o templo, em Sangravah, onde foi criada. Ela participou do Grande Rito quando teve idade, e eu, nós... minha irmã e eu, quer dizer... fomos o resultado daquela união sagrada com um macho desconhecido. Ela jamais descobriu quem ele era, pois a magia o escolheu naquela noite, e ninguém jamais apareceu para perguntar

sobre meninas gêmeas. Fomos criadas no templo também. Nunca deixei o templo até... até vir para cá.

Havia tanta dor nos olhos de Gwyn naquele momento. Uma dor tão terrível que Nestha sabia que não deveria perguntar sobre a mãe ou a irmã gêmea dela.

Gwyn sacudiu a cabeça, como se desfazendo a lembrança. Ela abriu os dedos.

— Minha gêmea tinha membranas entre os dedos, como as ninfas. Eu não tenho.

Tinha.

De novo, Gwyn suspirou.

— Merrill vai transformar sua vida num inferno, sabe.

— Ela que tente — respondeu Nestha, tranquilamente. — Vai ser difícil tornar pior.

— Bom, agora temos um inimigo comum. Merrill jamais vai se esquecer disso. — Ela indicou as sacadas onde as sacerdotisas tinham se posicionado. — Embora eu suponha que elas também não. Não é todo dia que alguém a enfrenta. Só Clotho consegue fazer com que ela tome jeito de verdade, mas Clotho deixa que ela faça como quiser, em grande parte porque Merrill dá aqueles ataques ventosos que fazem com que os manuscritos de todos saiam voando.

— Sempre que precisar de alguém para colocar Merrill no lugar dela, fale comigo.

Gwyn deu um leve sorriso.

— Da próxima vez, talvez eu tenha a coragem de fazer eu mesma.

Parecia que as sacerdotisas não tinham se esquecido do que Nestha tinha feito.

Nestha, Gwyn e Emerie estavam fazendo os alongamentos de abertura, Cassian com o rosto impassível e olhos atentos para pegar qualquer erro, quando passos se arrastaram no arco além da área de treino.

Todos pararam diante das três figuras encapuzadas que surgiram, com mãos unidas tão firmes que as articulações estavam brancas.

Mas as sacerdotisas avançaram para a luz do sol, para o céu aberto. Piscaram para ele, como se lembrassem do que eram aquelas coisas.

Gwyn ficou de pé com um rolamento ágil, sorrindo tanto que Nestha ficou momentaneamente espantada. A sacerdotisa era bonita na biblioteca, mas com aquela alegria, aquela confiança conforme se dirigia até as três sacerdotisas, Gwyn tinha alcançado uma beleza que rivalizava com a de Merrill ou Mor.

Ou talvez nada tivesse mudado além da confiança, da forma como os ombros de Gwyn estavam retos, a cabeça erguida e o sorriso livre conforme ela dizia: — Roslin. Deirdre. Ananke. Eu esperava que vocês viessem.

Nestha não tinha verificado a folha de inscrição naquela manhã. Tinha parado de acreditar que qualquer uma exceto Gwyn apareceria para treinar.

No entanto, as três se reuniram quando Cassian ofereceu um sorriso casual que era quase uma réplica do de Rhys. Feito para deixar as pessoas à vontade e diminuir a ameaça do poder dele, do corpo dele.

— Moças — disse ele, gesticulando para o ringue. — Bem-vindas.

Roslin e Ananke não disseram nada, mas a do meio, Deirdre, tirou o capuz.

Nestha conteve cada instinto que a teria feito arquejar. Emerie, no colchonete ao lado dela, parecia tentar fazer o mesmo.

Uma longa e cruel cicatriz cortava o rosto de Deirdre, quase atingindo o olho esquerdo. Estava saliente, de um branco marcante contra a pele marrom dela, e se alongava desde os cabelos pretos com cachos bem pequenos até a fina e linda mandíbula da moça. Os olhos pretos redondos, emoldurados por um tufo espesso de cílios que os faziam parecer ainda mais redondos, estavam arregalados, mas determinados, quando ela falou: — Tomara que não estejamos muito atrasadas.

Todas elas olharam para Nestha. Mas ela não era a líder ali.

Ela olhou para Cassian, e ele deu de ombros, como se para dizer *Sou apenas o instrutor*.

Outra cicatriz avançava pelo pescoço de Deirdre e desaparecia sob a túnica. O fato de cicatrizes como aquela sequer existirem em uma Grã-Feérica sugeria um evento de tal violência, de tal horror, que o estômago de Nestha se revirou. Mesmo assim, ela caminhou na direção da sacerdotisa.

— Estávamos começando agora.

— Me dê aquelas pedras e ossos, por favor — disse Nestha, baixinho, para a Casa, enquanto estava sentada na biblioteca particular com um mapa de todas as sete cortes à sua frente, e Cassian um passo atrás.

Uma pequena tigela de argila surgiu ao lado do mapa, cheia deles.

Nestha engoliu em seco devido à secura na boca.

Cassian assoviou.

— Ela ouve mesmo você.

Nestha olhou por cima do ombro. Ela o havia convidado depois de voltar do trabalho na biblioteca por pura precaução, foi o que disse a si mesma. Se perdesse o controle, se não conseguisse testemunhar onde seu dedo recairia no mapa, alguém precisava estar lá. Essa pessoa, por acaso, era ele.

Não importava que ele um dia estivera ao lado dela, com a mão nas costas de Nestha, como estava agora, e deixara que ela se confortasse no calor e na força dele.

Cassian olhou da tigela de instrumentos de adivinhação para o mapa.

— Por que mudou de ideia?

Nestha não se deu tempo para hesitar antes de deslizar os dedos para dentro da tigela e pegar o punhado de pedras e ossos. Eles tilintaram uns contra os outros, ocos e antigos.

— Não consegui parar de pensar naquelas sacerdotisas que vieram para o treino hoje. Roslin disse que não colocava os pés do lado de fora há sessenta anos. E Deirdre, com aquelas cicatrizes...

— Ela respirou fundo. — Estou pedindo que elas sejam corajosas, que se esforcem, que enfrentem seus medos. Mas não estou fazendo o mesmo.

— Ninguém acusou você disso.

— Não preciso que ninguém diga. Eu sei. E talvez eu tenha medo de fazer essa adivinhação, mas tenho mais medo de ser uma hipócrita covarde.

As sacerdotisas eram novatas em todo o sentido da palavra: Ananke tinha um equilíbrio tão ruim que caíra tentando plantar os dedos na terra. Roslin tinha sido apenas um pouco melhor. Nenhuma delas tinha tirado o capuz, não como Deirdre fizera, mas Nestha vira lampejos do cabelo vermelho como vinho de Roslin, do cabelo dourado de Ananke e de suas peles pálidas como creme.

Cassian falou:

— Tem certeza de que não quer fazer isso com Rhys e Amren por perto?

Nestha apertou os ossos e as pedras no punho.

— Não preciso deles.

Ele se calou, deixando que ela se concentrasse.

Tinha levado alguns momentos na primeira e única vez que ela havia tentado. Para deixar a mente se esvaziar, esperar por aquele puxão pelo corpo que a lançara contra uma força invisível. Nestha tinha sido atirada pela terra e, quando abrira os olhos, estava de pé em uma tenda de guerra, com o rei de Hybern diante dela e o Caldeirão como uma massa invasora escura além dele.

Nestha fechou os olhos, desejando que a mente se acalmasse quando levantou o punho fechado sobre o mapa. Ela se concentrou na respiração, no ritmo dos suspiros de Cassian.

Deu pra ouvir quando ela engoliu em seco.

Tinha fracassado em tudo. Mas podia fazer aquilo.

Fracassara com o pai, fracassara com Feyre por anos a fio antes daquilo. Fracassara com a mãe, supunha ela. E com Elain, também fracassara: primeiro ao deixar que fosse levada por Hybern naquela noite em que foram tiradas da cama; depois, por deixar que ela entrasse naquele Caldeirão. Por fim, quando o Caldeirão a levou para o coração do acampamento de Hybern.

Nestha fracassara, fracassara e fracassara, e não havia fim para aquilo, não havia fim...

— Alguma coisa?

— Não fale.

Cassian grunhiu, mas se aproximou. Seu calor agora era como uma massa sólida ao lado dela.

Nestha se obrigou a esvaziar a mente. Mas não conseguiu. Era como estar naquela maldita escada — ela apenas girava e girava e girava, descendo e descendo.

Os Tesouros Nefastos. Ela precisava encontrar os Tesouros Nefastos.

A Máscara, a Harpa e a Coroa.

Mas outros pensamentos surgiram também. Muitos.

A Máscara, ela se esforçou em pensar. *Onde está a Máscara dos Tesouros Nefastos*?

Sua palma estava escorregadia com suor, as pedras e os ossos se mexiam em seu punho fechado. Se a Máscara era consciente como o Caldeirão tinha sido... Ela não podia deixar que a visse. Que encontrasse o que ela mais amava.

Não podia deixar que a visse, que a encontrasse, que a ferisse.

A Máscara, pediu ela às pedras e aos ossos. *Encontre a Máscara*.

Nada respondeu. Não houve nenhum puxão, nenhum sussurro de poder. Ela exalou pelas narinas. *A Máscara*, pediu Nestha a eles.

Não houve nada.

O coração dela galopava, mas Nestha tentou de novo. Tomou uma rota diferente. Pensou na origem comum deles, naquela que ela e os Tesouros Nefastos compartilhavam. O Caldeirão.

Um vazio escancarado respondeu.

Nestha franziu a testa, agarrando os itens com mais força. Imaginou o Caldeirão: a grande tigela do mais escuro dos ferros, tão grande que múltiplas pessoas poderiam tê-la usado como banheira. Tinha uma forma física, mas quando aquela água gelada a engoliu, não havia fundo. Apenas um abismo de água congelante que logo se tornaria completa escuridão. A coisa que tinha existido antes da luz; o berço do qual toda a vida tinha surgido.

Suor brotou em gotas na testa dela, como se o próprio corpo de Nestha se rebelasse contra a lembrança, mas ela se obrigou a lembrar da aparência do Caldeirão na tenda de guerra do rei de Hybern, acomodado sobre o junco e os tapetes, uma besta primordial que estava dormente quando Nestha lá entrara.

E então, havia aberto um olho. Não um que ela pudesse ver, mas um que Nestha sentia fixo nela. Tinha se arregalado ao perceber quem estava ali: a fêmea que tinha tomado tanto, tanto. Ele concentrou todo o poder infinito, todo o ódio, sobre ela. Como um gato prendendo um rato com a pata.

A mão dela tremeu.

— Nestha?

Ela não conseguia respirar.

— Nestha?

Ela não conseguia suportar a lembrança daquele horror e fúria antigos...

Ela abriu os olhos.

— Não consigo — disse ela, rouca. — Não consigo. O poder... acho que não o tenho mais.

— Está aí. Vi nos seus olhos, senti nos meus ossos. Tente de novo.

Ela não conseguia conjurá-lo. Não podia enfrentá-lo.

— Não consigo.

Nestha soltou as pedras e os ossos na tigela.

Ela não conseguiu suportar o desapontamento na voz de Cassian quando ele falou: — Tudo bem.

Ela não jantou com ele. Não fez nada exceto rastejar até a cama, encarar a escuridão, e se jogar nela em queda livre.

Ele estava atrás dela.

Entremeando pelos corredores da Casa e serpenteando como uma cobra escura, procurava, farejava e caçava Nestha.

Ela não conseguia se mover na cama. Não conseguia abrir os olhos para soar o alarme, para fugir.

Ela o sentiu se aproximar, rastejando escada acima. Pelo corredor dela.

Ela não conseguia mover o corpo. Não conseguia abrir os olhos.

Escuridão deslizou pela fenda entre a porta e o piso de pedra.

Não — não podia tê-la encontrado. Ele a pegaria dessa vez, seguraria Nestha naquela cama e arrancaria dela tudo o que havia sido tomado dele.

A escuridão rastejou até a cama dela, e Nestha obrigou os olhos a se abrirem para vê-la se reunir acima dela, uma nuvem sem formato e nem forma, mas uma presença tão maligna que ela soube o nome antes que a presença saltasse.

Ela gritou quando a escuridão do Caldeirão a prendeu na cama, e então não havia nada a não ser o terrível peso dele preenchendo seu corpo, dilacerando Nestha de dentro para fora...

E então nada.

Cassian acordou sobressaltado e levou a mão à faca na mesa de cabeceira.

Ele não sabia por quê. Não havia tido um pesadelo, não ouvira nenhum barulho. Mas o terror e o pesar rastejavam dentro dele, acelerando seu coração. O solitário Sifão em sua mão brilhava como sangue fresco, como se também buscasse um inimigo para atacar.

Nada.

Mesmo assim, o ar tinha ficado frio como gelo. Tão frio que a respiração dele se condensava, e então as lâmpadas se acenderam. Acenderam e tremeluziram, piscando, como se estivessem desesperadamente sinalizando para ele.

Como se a Casa estivesse implorando para que ele corresse.

Cassian saltou da cama e a porta se abriu antes que ele conseguisse disparar até ela. Atirando-se ao corredor, com a faca na mão, ele não se importava que estivesse só de short, ou que só estivesse com um Sifão. A porta de Az se escancarou um segundo depois, e os passos do irmão se aproximaram atrás dele conforme Cassian chegou às escadas e correu para baixo.

Ele havia chegado ao patamar do andar de Nestha quando ela gritou.

Não um grito de raiva, mas de puro terror.

Seu corpo se aguçou ao ouvir aquele grito, como se não fosse mais do que a faca em sua mão, uma arma para ser usada para eliminar e destruir qualquer ameaça a ela, para matar e matar e não parar até que o último inimigo estivesse morto ou sangrando.

Sua porta estava aberta, e luz irradiava lá de dentro. Uma luz prateada e fria.

— Cassian — avisou Az, mas Cassian acelerou, correndo o mais rápido que tinha corrido na vida. Ele se chocou contra o arco da porta dela, adentrou apressado no quarto de Nestha, e parou subitamente diante do que via.

Nestha estava deitada na cama com o corpo arqueado. Banhada em fogo prateado.

Ela gritava, puxava os lençóis com as mãos, e aquele fogo queimava e queimava sem destruir os cobertores e nem o quarto. Queimava e se contorcia, como se a devorasse.

— Pelos deuses — sussurrou Azriel.

O fogo irradiava frio. Cassian jamais ouvira falar de tal poder entre os Grão-Feéricos. De fogo, sim — mas fogo com *calor*. Não seu gêmeo gelado e terrível.

Nestha arqueou o corpo de novo, soluçando entre os dentes trincados.

Cassian avançou até ela, mas Azriel o segurou pelo tronco. Ele grunhiu, pensando se conseguiria se desvencilhar dos braços de Azriel, mas a forma como Az o segurava era bastante perspicaz.

Nestha gritou de novo, e uma palavra surgiu no grito. *Não*.

Ela começou a gritar, a suplicar, *Não, não, não*.

Nestha arqueou o corpo de novo, e aquele fogo foi sugado para dentro, como se uma inalação profunda tivesse sido feita, prestes a ser exalada, invadindo o mundo...

As janelas do quarto foram sopradas para fora.

A escuridão da noite, cheia de sombras, vento e estrelas, invadiu o recinto.

E quando Nestha entrou em erupção e explodiu em labaredas de fogo prateado, Rhys atacou.

Ele sufocou o fogo dela com sua escuridão, como se tivesse soltado um cobertor nele. Nestha gritou, e dessa vez foi um ruído de dor.

A noite ficou límpida o suficiente para que Cassian conseguisse ver Rhys na cama, rugindo algo que o vento, o fogo e as estrelas abafavam. Mas, pelos lábios dele, Cassian sabia que era o nome dela.

— Nestha! — gritou Rhys. O vento se dissipou o bastante para que Cassian ouvisse desta vez. — *Nestha! É um sonho!*

O fogo de Nestha recuou de novo, e Rhys empurrou uma onda de escuridão sobre ela. A Casa inteira tremeu.

Cassian se debateu contra Azriel, gritando para que Rhys parasse com aquilo, parasse de machucá-la...

A escuridão de Rhys fez pressão para baixo, e a chama de Nestha revidou para cima, como se os dois poderes fossem espadas se chocando em batalha, lutando pela vantagem.

Domínio ecoou pelas palavras de Rhys desta vez.

— Acorde. É um sonho. *Acorde*.

Nestha ainda lutava, e Rhys trincou os dentes, sentindo poder se acumulando de novo.

— Me solte — disse Cassian para Azriel. — Az, me solte agora mesmo. — Azriel, para a surpresa dele, soltou.

Cassian sabia que as chances não estavam a seu favor. Ele tinha uma faca e um Sifão. Ser pego na magia entre Nestha e Rhys seria equivalente a entrar desarmado na cova de um leão.

Mas ele caminhou até onde o fogo prateado e a mais escura das noites lutavam.

E disse, com uma calma tranquilizadora:

— Nestha.

O fogo prateado tremeluziu.

— Nestha.

Ele podia jurar que a consciência dela, que aquele poder, tinha se voltado para ele. Apenas por tempo o suficiente.

A onda do poder de Rhys que a atingiu não foi o ataque bruto de mais cedo, mas uma onda macia que varreu aquela chama. Que a conteve.

Rhys ficou imóvel de um jeito que dizia a Cassian que o irmão não estava mais totalmente presente, mas na mente da fêmea que tinha ficado imóvel sobre a cama. Ele raramente pensava muito nos poderes de Rhys como daemati — no poder de Feyre também —, mas nunca se sentira tão grato por aquilo.

Cassian mal ousou respirar. Azriel pairou atrás dele enquanto Rhys estava diante da cama.

Lentamente, aquela chama retrocedeu. Sumiu como fumaça.

Lentamente, o corpo de Nestha relaxou.

E então a respiração dela se equilibrou e o corpo ficou inerte. Pacificamente inconsciente.

Cassian engoliu em seco, seu coração batia tão forte que ele sabia que Azriel podia ouvir quando se aproximou dele.

Então Rhys inalou de forma intensa e seu corpo se moveu plenamente de novo. Com suas próprias sombras reunidas nos ombros, Azriel perguntou: — O que aconteceu?

Mas Rhys apenas caminhou até a pequena área de estar e desabou em uma cadeira. As mãos do Grão-Senhor estavam trêmulas — tremiam tanto que Cassian não sabia o que fazer. Pela preocupação estampada no rosto de Azriel, o irmão também não sabia.

Cassian perguntou:

— Deveríamos chamar Feyre?

— Não. — A palavra saiu como um grunhido. Os olhos de Rhys brilharam como estrelas violeta. — Ela não chega perto daqui.

— Aquilo foi... — Azriel olhou para a cama e para a fêmea inconsciente sobre ela. — Aquilo foi o verdadeiro poder de Nestha? Aquele fogo prateado?

— Só a superfície dele — sussurrou Rhys, cujas mãos ainda tremiam conforme ele as passava pelo rosto. — Merda.

Cassian firmou os pés, como se pudesse interceptar fisicamente o que Rhys estava prestes a dizer.

— Entrei no pesadelo dela. — Rhys olhou para Cassian. — Por que não me disse que tentaram adivinhação hoje?

— Não funcionou. — E o medo e a culpa de Nestha eram tão pesados na sala que o peito dele doeu. Cassian a deixara sozinha depois daquilo, sabendo que ela gostaria de privacidade.

Rhys soltou um suspiro trêmulo.

— A adivinhação foi como um gatilho. Para as lembranças. Percebi quando entrei. — A garganta dele se moveu, como se fosse inspirar, mas se conteve. — Ela estava sonhando com o Caldeirão. Com... com o momento em que ela entrou. — Cassian jamais vira Rhys tão sem palavras.

— Eu vi — sussurrou Rhys. — Senti. Tudo o que aconteceu dentro do Caldeirão. Vi quando ela tomou o poder dele com dentes, garras e ódio. E vi... *senti*... o que ele tomou dela.

Rhys esfregou o rosto e lentamente se enrijeceu. Ele encontrou o olhar de Cassian sem hesitar, aqueles olhos cheios de remorso e dor.

— O trauma dela é... — A garganta de Rhys tremeu.

— Eu sei — sussurrou Cassian.

— Eu imaginava — sussurrou Rhys —, mas foi diferente *sentir*.

— Qual é o poder dela? — perguntou Azriel.

— Morte — sussurrou Rhys, com as mãos trêmulas de novo quando ficou de pé e seguiu para a janela, a qual estava agora se consertando, um caco após o outro, como se uma paciente mão trabalhasse naquilo. Ele olhou para a fêmea que dormia na cama, e medo anuviou o rosto do Grão-Senhor da Corte Noturna. — Pura morte.

Capítulo 30

O sonho tinha sido real e surreal ao mesmo tempo, e não havia fim nele, nenhuma forma de escapar.

Até que uma voz masculina familiar tinha dito o nome dela.

E o terror havia sido interrompido, como se o eixo do mundo tivesse mudado em direção àquela voz. Aquela voz, que se tornou uma porta, cheia de luz e força.

Nestha estendeu a mão na direção dela.

E então havia outra voz masculina na mente dela, e aquela também era familiar, e cheia de poder. Mas fora gentil, de uma forma que ela jamais ouvira a voz ser, e a tirara com calma do poço escuro do sonho, guiando-a com a mão salpicada de estrelas até uma terra de nuvens e colinas ondulantes sob uma lua brilhante.

Nestha se aninhara em uma daquelas colinas, a salvo e vigiada sob o luar, e dormira.

Ela caiu no sono, pesado e sem sonhos, e não abriu os olhos até que a luz do sol, não da lua, beijou seu rosto.

Ela estava no próprio quarto, com lençóis retorcidos e parcialmente no chão, mas...

Cassian estava dormindo em uma cadeira ao lado de sua cama.

A cabeça dele estava em um ângulo estranho, as asas arrastavam na pedra e ele vestia apenas um short e um cobertor que parecia ter sido colocado por alguém sobre seu colo.

Tinha sido um pesadelo, percebeu ela, com um jato frio de compreensão. Nestha sonhara com o Caldeirão; estava perdida dentro dele, gritando e gritando.

E tinha sido a voz dele que ela ouviu. A voz dele e...

Não havia sinal de Rhysand. Apenas Cassian.

Ela o encarou por longos minutos, a palidez incomum do rosto dele, as sobrancelhas ainda franzidas de preocupação, como se não parasse de se preocupar com ela nem em sonhos. O sol emoldurava seu cabelo preto e brilhava entre suas asas, ressaltando os tons de vermelho e dourado em ambos.

Como um cavaleiro vigiando sua donzela. Ela não conseguiu impedir a imagem que saltou das páginas de seus livros infantis. Como um príncipe-guerreiro, com aquelas tatuagens e o peito musculoso.

A garganta de Nestha se apertou insuportavelmente e seus olhos arderam.

Ela não se permitiria chorar, não por si mesma, e não ao vê-lo montando guarda ao lado da cama dela a noite toda.

Mas pareceu que as piscadelas furiosas de Nestha o acordaram, como se ele pudesse ouvir o tremor dos seus cílios.

Os olhos castanhos de Cassian dispararam para os dela, como se ele sempre soubesse exatamente onde ela estava. E estavam tão cheios de preocupação e daquela bondade irredutível que ela precisou lutar intensamente para evitar que as lágrimas caíssem.

Cassian disse, gentilmente:

— Oi.

Ela se conteve.

— Oi.

— Você está bem?

— Estou. — Não. Mas não pelo motivo que ele achava.

— Que bom. — Cassian gemeu, espreguiçando-se, primeiro os braços e depois as asas. Os músculos se contraíram. — Quer conversar sobre isso?

— Não.

— Tudo bem.

E foi isso.

Mas Cassian lançou a ela um meio-sorriso, e foi tão normal, tão *ele* de uma forma que ninguém mais era ou jamais seria, que a garganta de Nestha se apertou de novo.

— Quer tomar café?

Nestha conseguiu responder ao meio-sorriso dele com um próprio.

— Gosto das suas prioridades, general.

— O que aconteceu com você? — perguntou Emerie enquanto elas ofegavam durante exercícios abdominais. — Está pálida como a morte.

— Pesadelos — falou Nestha, desejando não olhar para onde Cassian estava, instruindo Roslin de uma distância respeitosa sobre como fazer um agachamento direito. Eles tinham tomado um café da manhã silencioso, mas não fora estranho. Tinha sido confortável... tranquilo. Agradável.

Gwyn perguntou, do outro lado de Nestha:

— Você os tem com frequência?

— Tenho. — Nestha concluiu um abdominal, resmungando devido à fraqueza no tronco.

— Eu também — disse Gwyn, em voz baixa. — Algumas noites, preciso de uma poção para dormir de nossa curandeira, para conseguir apagar.

Emerie deu a Gwyn um olhar observador. Emerie jamais tinha perguntado sobre o passado de Gwyn, ou sobre as histórias de outras sacerdotisas, mas era uma fêmea atenta. Certamente vira a forma como elas mantinham uma distância saudável de Cassian, sentia o cheiro da hesitação e do medo delas, e tinha juntado as peças. Emerie perguntou a Nestha: — Sobre o que sonhou?

O corpo de Nestha travou, mas ela se colocou em movimento de novo, recusando-se a deixar as lembranças tomarem conta.

— Sonhei com o Caldeirão. Com o que ele fez comigo.

Gwyn disse, brincando com o cabelo:

— Também sonho com meu passado.

A admissão de Gwyn e a da própria Nestha não as fez perder o ritmo. A mente de Nestha tinha se esvaziado um pouco. E, de alguma forma, ela descobriu que conseguia se forçar ainda mais.

Talvez ao dizer aquelas verdades ela lhes dera asas. E as lançara voando pelo céu aberto acima.

— Como você está?

Cassian estava sentado diante da mesa de Rhys na casa do rio, um tornozelo apoiado no joelho, e perguntou: — Eu? Eu que lhe pergunto. Você está deplorável.

— Ontem foi um dia difícil, seguido por uma noite difícil. — Rhys apoiou a cabeça sobre um punho fechado na mesa.

Cassian inclinou a cabeça.

— O que aconteceu antes do desastre que foi a noite passada?

Pelos deuses, ele quase havia chorado naquela manhã ao abrir os olhos e encontrar Nestha olhando para ele com o rosto calmo e livre de dor. As sombras ainda pairavam, sim, mas ele aceitava qualquer coisa no lugar dos gritos dela. No lugar daquela magia que Rhys só conseguiu explicar como *pura morte* Quando Rhys não respondeu, Cassian falou:

— Rhys.

Rhys não olhou para ele ao sussurrar:

— O bebê tem asas.

Alegria tomou conta de Cassian — mesmo que o sussurro partido e o que aquelas palavras queriam dizer tenham feito seu sangue esfriar.

— Tem certeza?

— Tivemos uma consulta com Madja ontem de manhã.

— Mas ele é apenas um quarto illyriano. — Era possível, é claro, que o bebê tivesse herdado asas, mas improvável, considerando que o próprio Rhys havia nascido sem elas, e apenas as conjurava por meio de qualquer que fosse a magia estranha e sobrenatural que possuía.

— Ele é. Mas Feyre estava em forma illyriana quando ele foi concebido.

— Isso faz diferença? Achei que ela só fizesse as asas, nada mais.

— Ela muda de forma e transfigura todo seu ser na forma que assume. Quando se dá asas, ela essencialmente altera o corpo no nível mais intrínseco. Então era inteiramente illyriana naquela noite.

— Ela não tem asas agora.

— Não, ela mudou de volta antes que soubéssemos.

— Então deixe que ela se transforme em illyriana de novo para carregar o bebê.

O rosto de Rhys estava sério.

— Madja baniu a transfiguração. Ela diz que alterar o corpo de Feyre de qualquer maneira agora poderia colocar o bebê em risco. Caso isso seja ruim para o bebê, Feyre está proibida de sequer mudar a cor do cabelo até depois do nascimento.

Cassian passou a mão pelo cabelo.

— Entendo. Mas, Rhys... vai ficar tudo bem. Não é tão ruim assim.

Rhys grunhiu.

— *É* ruim, sim. Por tantas malditas razões. É muito *ruim*.

Rhys não tinha ficado tão fora de si assim desde que retornara da corte de Amarantha.

— Respire — disse Cassian, calmamente.

Os olhos de Rhys fervilharam; as estrelas dentro deles se apagaram.

— Vai se foder.

— Respire fundo, Rhysand. — Cassian indicou a janela atrás dele, o gramado que descia até o rio. — Quer ir lutar para extravasar? Tenho energia para queimar.

As portas do escritório se abriram e Azriel entrou. Pela expressão triste estampada em seu rosto, ele já sabia.

Azriel ocupou a cadeira ao lado de Cassian.

— Diga do que precisa, Rhys.

— Nada. Preciso não perder a cabeça para que minha parceira não capte um cheiro disso quando ela voltar para casa para almoçar.

— Rhys semicerrou os olhos, e poder ecoou pelo cômodo. — *Ninguém* diz uma palavra sobre isso para Feyre. *Ninguém*.

— Madja não a avisou? — perguntou Azriel.

— Não tão detalhadamente. Ela só mencionou um risco elevado durante o parto. — Rhys soltou uma gargalhada áspera. — Um risco elevado.

O estômago de Cassian se revirou.

Azriel falou:

— Sei que é um momento ruim, mas tem outra coisa para considerar, Rhys.

Rhys ergueu a cabeça de novo.

O rosto de Azriel parecia pedra.

— A gravidez não será visível por mais algumas semanas, mas alguém vai reparar em breve. As pessoas vão descobrir sobre a gravidez.

— Eu sei.

— Eris vai descobrir.

— Ele é nosso aliado. Suspeito que estará mais concentrado em lidar com o pai e encontrar os soldados perdidos do que nisso.

Então Az o acertou em cheio:

— E Tamlin vai descobrir.

O grunhido de Rhys fez as luzes piscarem.

— E daí?

Cassian lançou a Azriel um olhar irritado de aviso, mas Az falou, sem medo e inabalado: — Precisamos nos preparar para qualquer reação.

— Estou pouco me fodendo para o Tamlin.

O fato de Rhys não entender o que Az quis dizer informou a Cassian o quanto ele estava transtornado e apavorado.

Cassian tentou imitar o tom calmo de Azriel.

— Ele pode reagir mal.

— Se colocar os pés nesta fronteira, ele morre.

— Não duvido disso — falou Cassian. — Mas Tamlin já está por um fio. Você e Lucien não deixaram dúvidas que ele quase não melhorou no último ano. Descobrir sobre a gravidez de Feyre pode fazer com que ele desabe de novo. Com uma possível nova guerra e

Briallyn metida com Koschei, precisamos de um aliado forte. Precisamos das forças da Corte Primaveril.

— Então escondemos a gravidez dela?

— Não. Mas precisamos chamar Lucien — disse Azriel, apenas um pouco mais tenso, como se não gostasse nada daquilo. — Precisamos dar a notícia a ele, e colocá-lo permanentemente na Corte Primaveril para conter qualquer dano e para ser nossos olhos e ouvidos.

Silêncio. Eles deixaram as palavras serem absorvidas por Rhys.

— A ideia de cuidar de Tamlin me faz querer estilhaçar aquela janela — falou Rhys, mas foi uma reclamação suficiente para que Cassian quase desabasse de alívio. Pelo menos aquele tom afiado de violência havia acalmado. Apenas um pouco.

— Vou entrar em contato com Lucien — ofereceu-se Azriel.

Ainda havia medo nos olhos de Rhys, então Cassian deu a volta pela mesa e puxou seu Grão-Senhor de pé. Rhys permitiu.

Cassian passou um braço sobre os ombros de Rhys.

— Vamos nos sujar de sangue.

Capítulo 31

Nestha acabava de se acomodar à mesa de jantar e estava com o estômago roncando de fome quando Cassian entrou.

Mancou para dentro, na verdade.

Ela não conseguiu segurar um arquejo quase silencioso que lhe escapou quando viu o olho roxo, o lábio cortado e a mandíbula machucada.

— O que aconteceu? — indagou ela.

Cassian meio mancou, se arrastou até a cadeira, e então desabou nela.

— Lutei com Rhys.

— Você parece um pedaço de carne moída.

— Devia ver como ele ficou. — Ele soltou uma gargalhada rouca.

— Por que lutaram assim? — Se tivera algo a ver com o pesadelo dela...

— Rhys precisava extravasar. — Cassian suspirou para a tigela de frango assado e sopa de arroz que surgiu diante dele. — Apesar daquele exterior tranquilo que meu irmão mostra para o mundo, ele precisa se soltar de vez em quando.

— Acho que temos significados bem diferentes para a palavra.

Ele riu, tomando uma colherada de sopa.

— Não foi por diversão. Só para liberar tensão.

— Tensão pelo quê? — Nestha sabia que não era da sua conta.

Mas Cassian soltou a colher e ficou com o rosto sério.

— O bebê tem asas.

Ela precisou piscar algumas vezes para processar aquilo.

— Como já sabem?

— A magia de Madja permite que ela veja o formato geral de um bebê no útero, para ver se está tudo bem. Ele está grande o suficiente agora para que ela detecte que todos os membros estão em ordem... e que ele tem asas.

Totalmente inacreditável, a forma como a magia deles podia funcionar. Conseguir ver dentro do próprio útero.

Nestha não conseguiu impedir a voz baixa em sua mente de se perguntar o que o poder dela própria poderia fazer, se soltasse a coleira em que o mantinha. E não conseguiu segurar a descarga de pânico que respondeu. Como se pensar naquilo permitisse que ele vagasse livremente.

Nestha se obrigou a perguntar:

— Então Rhysand não queria que o bebê tivesse asas?

Cassian continuou comendo.

— Não é isso. Vai ser uma alegria para ele, para mim, Az e Feyre também, eu acho, ensinar o bebê a voar, a amar o vento e o céu como nós amamos. O problema é o nascimento.

— Não entendo.

— Quantos meio-illyrianos você conhece?

— Só Rhys, acho.

— Isso é porque são extremamente incomuns. Mas a mãe de Rhys era illyriana. E mulheres illyrianas quase nunca se casam e reproduzem fora de suas comunidades. Machos illyrianos fazem isso muito mais frequentemente, ou pelo menos saem transando por aí, mas raramente se vê os filhos.

— Por quê?

— Fêmeas illyrianas têm uma pélvis especificamente feita para que crianças com asas passem. Fêmeas Grã-Feéricas não têm. E quando uma criança tem asas, pode ficar presa durante o parto. — O rosto dele tinha ficado pálido sob os hematomas. — A maioria das

fêmeas morre, os bebês também. Não tem como a magia ajudar, a não ser fraturar a pélvis da fêmea para alargá-la para o nascimento. O que pode matar o bebê do mesmo jeito.

— Feyre vai morrer? — As palavras dela saíram como um sussurro. Por um segundo, cada gota de desprezo, ódio e amargura se foi. Um pânico puro e cristalino as substituiu.

— Algumas sobrevivem. — Cassian fez menção de esfregar o rosto, mas parou antes de tocar os ferimentos. — Mas o parto é tão violento que muitas delas chegam perto da morte ou são tão alteradas por ela que não conseguem ter outro filho.

— Mesmo com uma curandeira para curá-las? — O coração dela batia forte, tão nauseantemente rápido que Nestha precisou soltar os talheres.

— Sinceramente, não sei. Qualquer tentativa passada de cortar a criança do ventre da mãe acabou... — Ele estremeceu. — Mãe nenhuma sobreviveu. — O sangue de Nestha se tornou ácido. Cassian girou os ombros. — Então não vamos nem tentar essa opção. Madja vai estar lá a cada passo, fazendo o possível. E ainda não sabemos como a própria magia de Feyre vai impactar o nascimento.

— Feyre está nervosa?

— Ela ainda não sabe de tudo. Mas todos nós que crescemos aqui sabemos o que significa quando uma fêmea Grã-Feérica carrega um bebê com asas.

Nestha se concentrou em conter o medo que escorria por ela.

— E Rhys precisou lutar para liberar esse medo.

— Sim. Junto com a culpa e a dor dele.

— Talvez outra corte tenha uma curandeira que saiba mais do que Madja. Talvez uma com povo alado. A Corte Crepuscular tem os Peregrinos, o povo de Drakon é Serafim. Myriam não tem asas, mas deu à luz os filhos de Drakon.

— Rhys vai para a ilha deles amanhã. E Mor está fazendo perguntas discretas pelas cortes feéricas no continente. — Ele passou a mão pelo cabelo e o Sifão refletiu luz. — Se houver uma forma de salvar Feyre da morte, Rhys vai descobrir. Ele não vai parar por nada até descobrir uma forma de poupá-la.

Silêncio recaiu, e o peso no peito dela era quase insuportável. Rhys faria aquilo, ela sabia, sem sombra de dúvida. O Grão-Senhor iria até o fim do mundo atrás de um jeito de salvar Feyre.

Ela disse, baixinho:

— Vou tentar a adivinhação de novo.

O olho preto de Cassian se destacou na luz quando ele abaixou as sobrancelhas em aviso.

— Depois de ontem à noite...

Ela levantou o queixo. Se aquele bebê sobrevivesse... Nestha não permitiria que ele nascesse em um mundo mais uma vez mergulhado em guerra. Mas ela não disse isso, não conseguiu se abrir daquela forma.

— Preciso recuperar minhas forças depois da tentativa de ontem. Faremos isso amanhã à noite.

— Quero Rhys e Amren lá. E Az.

— Tudo bem.

Cassian encostou na cadeira. Era quase cômico, o olhar pesado dele combinado com o lábio cortado e o olho roxo. Ele falou, depois de um momento: — Por que você não me procurou?

Nestha sabia o que ele queria dizer apenas pela forma como a voz dele baixou uma oitava.

Ela podia jogar aquele jogo de distração. Ele não fazia ideia do quão bem ela aprendera a jogá-lo. Então Nestha deixou a própria voz baixar também.

— Por que você não *me* procurou?

— Estou interpretando suas deixas. Você não pareceu ter interesse em mim depois de... — Ele mirou a mesa entre os dois, para o chão onde ela havia ajoelhado entre as pernas dele. — Não machuquei você, machuquei?

Nestha soltou uma risada rouca.

— Não, não me machucou. — Ela estendeu o braço sobre a mesa, traçando o dedo pelo braço dele antes de o encarar. — Eu adorei quando você fodeu minha boca, Cassian.

Os olhos dele ficaram mais sombrios. Nestha se levantou, e ele ficou completamente imóvel quando ela deu a volta pela mesa e parou ao lado da cadeira dele.

— Quer transar comigo nesta mesa? — perguntou ela, baixinho, passando a mão pela superfície lisa. Ele estremeceu, como se tivesse imaginado aquele toque em sua pele.

— Quero — respondeu ele, com a voz gutural. — Nesta mesa, nesta cadeira, em cada superfície desta Casa.

— Não acho que a Casa gostaria de um comportamento tão impróprio. Muito embora ela também seja leitora de romance.

— Eu... O quê? — A respiração dele tinha se tornado ofegante.

Nestha se aproximou e deu um beijo na boca cortada dele. Não foi um gesto romântico. Não foi nem mesmo carinhoso. Foi um desafio e uma provocação maliciosa para que esquecesse o medo e a dor e se entrelaçasse com ela.

— Não tenho interesse em levar para cama um macho que parece que saiu de uma briga de taverna — disse ela, contra os lábios dele.

— Podemos diminuir as luzes.

Nestha riu. O desejo tinha embaçado a visão dele, e Nestha sabia que, se olhasse para baixo, veria a prova do quanto ele estava afetado. Mas não se entregaria a essa tentação.

Ele seria a recompensa dela — mas apenas depois que ela tivesse realizado a adivinhação.

Os lábios de Nestha se curvaram.

— Quando você estiver curado e bonitinho de novo — disse ela, afastando-se —, aí deixo você foder comigo onde quiser nesta Casa.

As mãos de Cassian se enterraram nos braços da cadeira, como se estivesse se segurando para não saltar nela. Mas sua boca se entreabriu em um sorriso selvagem.

— Combinado.

Ninguém perguntou sobre Nestha mudar de ideia quando ela e Cassian entraram no escritório da casa do rio no fim da tarde seguinte e encontraram Rhys, Feyre, Azriel e Amren esperando diante de um mapa gigante dos reinos feéricos. Uma tigela de pedras e ossos estava ao lado dele.

Todos encaravam, sopesando e julgando-a. Mas os olhos de Nestha recaíram sobre Feyre, que estava do outro lado da sala, com uma das mãos repousada distraidamente na leve saliência da barriga.

Nestha se recusou a deixar qualquer coisa transparecer em seu rosto quando ofereceu à irmã um curto aceno de cumprimento. Ela se odiou quando os olhos de Feyre se suavizaram — odiou a emoção pura ali quando Feyre assentiu de volta, sorrindo hesitantemente.

O alívio e a felicidade nos olhos de Feyre eram demais para Nestha. O fato de que só um aceno feito por educação provocasse aquilo em sua irmã. Incapaz de suportar, Nestha olhou para onde Rhysand estava, ao lado de Feyre. Um olhar para ele e Nestha permitiu que sua mente se abrisse — apenas um pouco.

Não vou dizer uma palavra a Feyre, jurou Nestha.

Ela não fez isso por nenhuma gentileza em particular, mas para tirar aquele olhar de cautela de Rhys antes que a perfurasse ainda mais. Ele sem dúvida soubera ou imaginara que Cassian tinha contado a ela sobre as asas do bebê.

Rhys apenas disse, com a voz cautelosa, *Obrigado*.

Nestha não perguntou sobre a visita dele a Miryam ou Drakon — se tinha descoberto alguma coisa. Ela chegou à mesa, com Cassian sempre por perto. Mas se esqueceu dele quando viu Amren, que a olhava com um desprezo frio.

As palavras que meses antes Nestha havia tanto tentado esquecer dispararam do poço mais escuro de suas lembranças, cada uma a perfurando. *Você se tornou patética, um desperdício de vida*.

Nestha desviou do olhar de Amren e se concentrou no mapa.

— Vamos logo com isso.

Azriel perguntou, ao lado de Amren:

— Quando você tentou, há dois dias, não sentiu nada?

— Nada. — Os dedos de Nestha pairaram na tigela de ferramentas. — Minha mente ficou andando em círculos em volta de si mesma.

— Em que você pensou? — perguntou Amren.

No quanto ela se odiava. No pai. No quanto temia o Caldeirão.

Nestha respondeu:

— Nos Tesouros. E no que aconteceu da última vez em que tentei adivinhação.

Feyre disse:

— Não vamos deixar que nenhum mal aconteça com Elain. Rhys a protegeu com escudos esta manhã, e vamos ficar de olho nela o tempo todo.

— Olhos podem ser ofuscados — disse Nestha.

— Não aqueles sob meu comando — disse Azriel, com uma leve ameaça. Nestha o encarou, sabendo que ele era o único, à exceção de Feyre, que poderia realmente entender a hesitação dela. Ele fora com Feyre ao centro do acampamento de Hybern para salvar Elain, ele conhecia o risco. — Não vamos cometer o mesmo erro duas vezes.

Ela acreditou nele.

— Tudo bem. — Ela pegou as pedras e os ossos. Estavam frios como gelo contra seus dedos.

Segurando-os firme, Nestha fechou os olhos e estendeu o braço sobre o mapa aberto na mesa. Ninguém falou, embora o peso dos olhares deles a pressionasse.

O calor de Cassian emanou ao seu lado e as asas dele farfalharam perto das costas dela.

Ela permitiu que aquele calor e aquele farfalhar a ancorassem.

Ele fora salvá-la do pesadelo dela, tinha ficado com Nestha enquanto ela dormia. Tinha vigiado e lutado por ela. Ele não deixaria que nenhum mal viesse até ela agora.

Nenhum mal

Nenhum mal

Nenhum mal

O que tinha sido uma espiral interminável de pensamentos sumiu. Um buraco se escancarou na mente dela.

Nenhum mal

Nenhum mal

Nenhum mal

Nestha entrou naquela escuridão, como se lentamente mergulhasse em um lago.

O braço de Cassian roçou o dela, e Nestha deixou que aquilo a ancorasse também. Um bote salva-vidas. Ela segurou a mão dele com sua mão livre e entrelaçou os dedos deles. Deixou que o toque a firmasse quando ela permitiu que o que restava de sua mente deslizasse sob a superfície escura.

E então, nada.

Caindo lentamente. Pairando como uma pequena pedra estremecendo até o fundo de um lago.

A Máscara, sussurrou ela, projetando a mente para a eternidade. *Onde está a Máscara dos Tesouros Nefastos?*

Ela ainda flutuava em noite líquida.

No início e no fim, havia Escuridão e nada mais. Ela ouvira aquela verdade pela primeira vez, compreendendo-a, durante sua batalha contra o Caldeirão. E entendia de novo agora, conforme flutuava para aquele mesmo lugar estranho, tanto cheio quanto vazio, eternamente frio.

Onde está a Máscara?, perguntou Nestha ao vazio.

Distante, como uma vela em uma janela, ela sentiu a mão de Cassian apertar a dela. Aquele era o caminho de volta. Nada poderia prendê-la, contê-la, se ela tivesse aquele caminho de volta.

Onde está a Máscara?

Durante longos minutos, apenas o tique-taque do relógio de pêndulo no canto preenchia o escritório.

Nestha ficou ao lado de Cassian, com os dedos agora frouxos na mão dele enquanto a outra mão dela se estendia sobre o mapa, com ossos e pedras fazendo volume dentro dos dedos fechados.

Cassian trocou olhares com Feyre. Ele mal conseguira olhar para ela e para a saliência em sua barriga. Mas havia se forçado a sorrir; a personificação da calma casual e arrogante.

Agora uma brisa fria e fantasmagórica passava por ele. Os pelos se arrepiaram em sua nuca.

Amren soltou um sibilo baixo.

— Para onde ela está vagueando?

A mão de Nestha ainda estava sobre o mapa. Mas os dedos dela nos dele tinham ficado frios como gelo.

Cassian apertou a mão dela, desejando transmiti-la calor.

Do outro lado da mesa, a respiração de Azriel se condensou. Rhys se aproximou de Feyre, posicionando-se de modo a interceptar qualquer ameaça inesperada.

— Isso não aconteceu naquela vez durante a guerra contra Hybern — murmurou Azriel.

Antes que qualquer um deles pudesse responder, as pálpebras de Nestha se moveram — como se ela estivesse vendo alguma coisa. Com o movimento de um espasmo em direção uma à outra, suas sobrancelhas se uniram. Os dedos dela se apertaram sobre as pedras e ossos, e as articulações ficaram brancas. O ar ficou ainda mais frio.

— Menina, caso você esteja vendo a Máscara, este é um bom momento para soltar os ossos — ordenou Amren, com cautela na voz.

A mão de Nestha permaneceu fechada. Mas seus olhos ainda se moviam rapidamente atrás das pálpebras, procurando, buscando.

— Nestha — comandou Feyre. — Abra a mão. — Feyre tinha entrado na mente de Nestha da última vez, tinha tirado a irmã, graças ao poder de daemati que herdara de Rhys. Feyre disse um palavrão baixinho. — Ela não chegou a baixar os escudos. Os escudos dela são...

— Uma fortaleza de ferro sólido — murmurou Rhys, de olho em Nestha.

— Não consigo entrar — sussurrou Feyre. — E você?

— A mente dela está protegida por uma coisa que magia feérica alguma consegue romper — disse Amren. A essência do próprio Caldeirão.

Mas Nestha não dava sinais de medo, nenhum cheiro.

— Deem tempo a ela — murmurou Cassian. Pelos deuses, como estava frio. As pálpebras de Nestha estremeceram de novo.

— Não gosto disso — disse Feyre. — Onde quer que ela esteja, parece mortal.

O frio continuou baixando. A mão de Nestha apertou a dele — um apertão forte.

Um aviso.

— Tire ela de lá, Rhys — exigiu Cassian. — Tire ela agora.

— Não consigo — disse ele, baixinho, com o poder como um manto de estrelas e noite em volta dele. — Eu... As portas da mente dela estavam abertas na outra noite. Estão fechadas agora.

— Ela não quer que ele a veja. Ou que nos veja — disse Feyre, com a expressão tensa. — Ela o trancou do lado de fora, só que com isso se trancou do lado de dentro.

O estômago de Cassian se revirou.

— Nestha — disse ele ao ouvido dela. — Nestha, abra a mão e volte.

A respiração dela ficou mais intensa. O frio aumentou.

— *Nestha* — grunhiu ele...

E o frio parou. Não sumiu, mas... parou. Os olhos de Nestha se abriram.

Neles, um fogo prateado ardia. Não havia nada de feérico neles.

Rhys empurrou Feyre para trás dele. Ela se empurrou de volta para o lado dele. Mas a mão de Nestha continuou apertando a de Cassian. Ele apertou de volta, deixou que seus Sifões lançassem uma faísca de poder por sua pele.

Nestha moveu a cabeça tão lentamente que foi como ver uma boneca se mexer. Os olhos dela encontraram os dele.

A Morte o observava.

Mas a Morte havia caminhado ao lado dele durante todos os dias de sua vida. Então Cassian acariciou a palma da mão dela com o polegar e disse: — Oi, Nes.

Nestha piscou, e ele deixou que os Sifões a espetassem com seu poder de novo. O fogo tremeluziu.

Ele assentiu para o mapa.

— Solte as pedras e os ossos. — Ele não deixou que ela sentisse o cheiro do medo dele. Ali estava o ser sobre o qual o Entalhador de Ossos tinha sussurrado, exaltado e temido.

Os olhos dela estampavam chamas. Ninguém ousou respirar.

— Solte as pedras e os ossos, e então você e eu podemos brincar — disse Cassian, deixando que ela sentisse o calor e a

necessidade dele, obrigando-se a lembrar daquele beijo provocador no jantar e da promessa dela de deixar que ele a comesse onde quisesse na Casa; o que aquilo tinha feito nele, o quanto ardia. Cassian deixou que tudo isso se acendesse em seus olhos, deixou que o cheiro de sua excitação a envolvesse.

Todos ficaram tensos quando ele inclinou o corpo para a frente, abaixou a cabeça e a beijou.

Os lábios de Nestha eram como lascas de gelo.

Mas ele deixou que a frieza machucasse seus lábios e roçou a língua contra a dela. Mordiscou o lábio inferior de Nestha até sentir que abriu-lhes por uma fração. Passou a língua para dentro daquela abertura, e encontrou o interior da boca de Nestha, normalmente tão macio e quente, encrustado com cristais de gelo.

Nestha não o beijou de volta, mas não o empurrou para longe. Então Cassian, pela união de suas bocas, lançou seu calor para dentro e, com a mão livre, segurou o quadril dela enquanto seus Sifões beliscavam a mão de Nestha mais uma vez.

A boca de Nestha se abriu mais, e ele deslizou a língua sobre cada centímetro — pelos dentes congelados e pelo céu da boca. Aquecendo, amaciando, libertando.

A língua dela se levantou e encontrou a dele com uma carícia única que rachou o gelo na boca de Nestha.

Cassian inclinou a boca sobre a dela, puxando-a contra o peito, e provou Nestha como queria fazer na outra noite, profunda e completamente, reivindicando-a. A língua dela mais uma vez roçou a dele, e então o corpo dela estava se aquecendo, e Cassian se afastou o suficiente para dizer, contra os lábios dela: — Solte, Nestha.

Ele aproximou a boca da de Nestha mais uma vez, desafiando-a a liberar aquele fogo frio contra ele.

Alguma coisa bateu e tilintou ao lado deles.

E quando a outra mão de Nestha segurou o ombro dele, com dedos agora livres de pedras e ossos, quando ela arqueou o pescoço, dando a ele acesso melhor e mais profundo, Cassian quase estremeceu de alívio.

Ela parou o beijo primeiro, como se deslizasse para dentro do próprio corpo e se lembrasse de quem a beijava, onde estavam,

quem assistia.

Cassian abriu os olhos e a encontrou tão perto que os dois compartilhavam o fôlego. Uma respiração normal, não condensada. Os olhos de Nestha haviam retornado ao azul-acinzentado que ele conhecia tão bem. Havia uma surpresa dilaceradora e um pouco de medo iluminando seu rosto. Como se ela jamais o tivesse visto.

— Interessante — observou Amren, antes de ir ao encontro da fêmea que estudava o mapa.

Com a mão de Rhys segurando a dela com força, Feyre olhava boquiaberta. Cautela se acendeu no rosto de Rhys. No de Azriel também.

Que diabo você fez para tirá-la daquilo? perguntou Rhys.

Cassian não sabia ao certo. *A única coisa em que consegui pensar.*

Você aqueceu a sala toda.

Não foi a minha intenção.

Nestha se afastou — não bruscamente, mas com tamanha determinação que fez Cassian olhar para o ponto em que ela e Amren estavam avaliando no mapa.

— O pântano de Oorid? — Feyre franziu a testa para o ponto no Meio. — A Máscara está em um pântano?

— Oorid, um dia, foi um lugar sagrado — disse Amren. — Guerreiros eram colocados em seu descanso final naquelas águas pretas como a noite. Mas Oorid se transformou num lugar de escuridão há muito tempo. Não me olhe assim, Rhysand, sabe o que quero dizer. É uma região tão vil que ninguém se aventura por lá, e apenas os piores feéricos são atraídos até ele. Dizem que a água lá flui até Sob a Montanha, e que as criaturas que vivem no pântano há muito usam as passagens aquáticas subterrâneas para viajar pelo Meio, até mesmo para dentro das montanhas das cortes que o cercam.

Feyre franziu a testa.

— Não dá para ser mais específico? — Ela perguntou a Rhys: — Temos um mapa detalhado do Meio?

Rhys sacudiu a cabeça.

— É proibido mapear o Meio além de vagos marcos. — Ele apontou para a montanha sagrada no centro, onde tinha sido

mantido preso por quase cinquenta anos. A Montanha, os bosques, o pântano... Tudo pode ser visto da terra e do ar. Mas os segredos, aqueles descobertos a pé... esses são proibidos.

A testa de Feyre continuou franzida.

— Por quem?

— Um conselho antigo de Grão-Senhores. O Meio é um lugar onde magia selvagem ainda vive, prospera e se alimenta. Respeitamos como uma entidade própria, e não queremos provocar a ira dele ao revelar seus mistérios.

Feyre encarou Nestha, que estava olhando inexpressivamente para onde as pedras e os ossos tinham caído, em uma pilha organizada sobre o pântano.

— O Meio é onde a Tecelã do Bosque morava — disse Feyre, com a voz tensa. — Se você for ao pântano, vai precisar se armar.

— Nós dois estaremos armados — disse Cassian. — Até os dentes.

Quando Nestha não respondeu, todos olharam para ela. Nenhum deles ousou perguntar sobre aquele poder, o ser que olhara para ele. Aquele que Cassian derretera com um beijo. Ele ainda conseguia sentir o gosto de gelo na língua, sentia o cheiro semelhante ao dela, mas completamente diferente.

Nestha falou:

— Vamos amanhã.

Feyre se sobressaltou:

— Precisam de tempo para se preparar...

— Vamos amanhã — repetiu Nestha. Cassian vislumbrou tudo o que ela não dizia. Queria ir no dia seguinte para não ter a chance de pensar duas vezes. De descobrir mais sobre o perigo que enfrentaria.

Os dedos dele roçaram a lombar de Nestha, aproveitando o calor dela depois de todo aquele frio.

— Partiremos depois do café da manhã.

Capítulo 32

— Eu deveria ir com vocês — disse Rhys a Cassian quando eles se encontraram no saguão da casa do rio na manhã seguinte.

— *Eu* deveria ir com vocês — replicou Feyre, recostando-se no corrimão da escada e franzindo a testa para o parceiro e para Cassian.

Nestha os observava em silêncio, o peso das armas que ela carregava era como mãos fantasmas pressionando suas costas, coxas e quadril. *Você tem tantas chances de se machucar quanto de ferir um oponente*, dissera Cassian ao colocar as armas na mesa de jantar naquela manhã, *mas é melhor do que entrar em Oorid desarmada*. Ela escolheu uma adaga e ele sorriu. *O lado pontudo vai no inimigo*.

Nestha lhe dera um olhar repreensivo, mas deixou que ele a ajudasse com as alças e fivelas dos vários estojos de armas, concentrando-se nas mãos fortes de Cassian sussurrando sobre a pele dela, e não na tarefa futura.

— Nós dois deveríamos ir com vocês — corrigiu Rhys. — Mas pelo menos Azriel estará lá.

— Obrigado pela consideração — disse Cassian, sarcasticamente, e beijou a bochecha de Feyre. Rhys devia ter baixado o escudo dela naquele momento. — Vocês dois nem são pais ainda e essa superproteção galinhal atingiu um nível insuportável.

— *Superproteção galinhal?* — Feyre engasgou com a gargalhada.

— É uma expressão — disse Cassian, tão casualmente que Nestha se perguntou se ele entendia o perigo ao qual estavam se dirigindo.

Nestha voltou o olhar para Azriel, que deu de ombros sutilmente em confirmação. Sim, eles estavam prestes a se aventurar em um pântano letal e antigo. Não, Cassian não parecia tão perturbado quanto eles dois estavam.

Nestha fez uma careta, e Az ofereceu a ela um sorriso sutil. Eles podiam ser aliados, era o que aquele sorriso parecia dizer. Contra a insanidade absoluta de Cassian. Ela se viu respondendo a Azriel com um sorriso próprio.

Rhys suspirou para o teto.

— Vamos?

Nestha olhou para o alto das escadas, para Feyre. Elain escolhera mais uma vez ficar no quarto enquanto Nestha estava presente, o que não era um problema. Problema algum. Elain podia fazer as próprias escolhas. E tinha escolhido fechar de vez a porta para Nestha. Mesmo ao receber de braços abertos Feyre e o mundo dela. O peito de Nestha se apertou, mas ela se recusou a pensar sobre o assunto e reconhecer aquilo. Elain era como um cachorro, leal a quem quer que fosse o mestre que a mantivesse alimentada e confortável.

Nestha desviou a atenção das escadas, amaldiçoando-se por ser uma tola ao sequer olhar para lá.

— Não gosto disso — disparou Feyre, avançando na direção dela. — Você não teve treino o suficiente.

Cassian riu.

— Ela tem dois guerreiros illyrianos para vigiá-la. O que poderia dar errado?

— Não responda — falou Rhys, sarcasticamente, para a parceira. Ele encontrou o olhar de Nestha. Estrelas nasciam e morriam nos olhos dele. — Se não quiser ir...

— Vocês precisam de mim — disse Nestha, erguendo o queixo. — O pântano é grande demais e vocês não vão conseguir encontrar a Máscara sem meu... dom. — Ela não fazia ideia de *como* encontraria a Máscara em Oorid, mas eles podiam pelo menos começar a explorar a área naquele dia. Pelo menos fora isso que Cassian disse de manhã.

Feyre parecia pronta para protestar, mas Azriel estendeu as mãos cobertas de cicatrizes para Cassian e Nestha. Feyre deu um passo adiante de novo.

— O Meio não se parece com nada que você tenha visto antes, Nestha. Não abaixe a guarda nem por um instante.

Nestha assentiu, sem se incomodar em dizer que ela já agia assim há muito tempo.

Azriel não lhes deu a chance de trocar mais uma palavra antes que sombras murmurantes deslizassem em torno deles. Nestha não conseguiu deixar de se segurar em Azriel, entendendo em algum nível intrínseco que, se soltasse, rolaria pelo espaço entre os lugares e se perderia para todo o sempre.

Mas então uma luz cinza e aquosa a atingiu. E o ar — o ar era pesado, preenchido por uma umidade desacelerada, bolor e solo argiloso. Nenhum vento se movia em torno deles; nem mesmo uma brisa.

Cassian assoviou.

— Olhem só que buraco. — Soltando a mão de Azriel, Nestha fez exatamente isso.

Oorid se estendia diante deles. Ela jamais vira um lugar tão morto. Um lugar que fazia sua parte ainda humana se encolher, sussurrando que era *errado errado errado* estar ali.

Azriel estremeceu. O encantador de sombras da Corte Noturna *estremeceu* quando a totalidade do ar, do cheiro e da quietude opressores de Oorid o atingiu.

Os três avaliaram a área deserta.

Nem mesmo a água do Caldeirão era de um preto tão sólido quanto o da água ali, que parecia ser constituída de nanquim. Nas

sombras a poucos metros, onde a água encontrava a grama, sequer uma folha se via onde a superfície a tocava.

Árvores mortas, acinzentadas pela idade e pela erosão, elevavam-se como as lanças quebradas de mil soldados, algumas envoltas em cortinas de musgo. Nenhuma folha se agarrava aos seus galhos. A maioria dos galhos tinha sido quebrada, deixando estacas pontiagudas se estendendo dos troncos.

— Sequer um inseto — observou Azriel. — Nem um só pássaro.

Nestha se esforçou para ouvir. Só teve silêncio como resposta. Vazio até mesmo de um sussurro de brisa.

— Quem enterraria seus mortos aqui?

— Não os colocavam na terra — disse Cassian, com a voz estranhamente abafada, como se aquele ar espesso engolisse qualquer eco. — Estas eram águas funerárias.

Nestha falou:

— Prefiro ser queimada até virar cinzas e jogada ao vento a ser deixada aqui.

— Preferência registrada — respondeu Cassian.

— Este lugar é maligno — sussurrou Azriel. Havia um medo verdadeiro nos olhos castanhos do encantador de sombras.

Os pelos nos braços de Nestha se arrepiaram.

— Que tipo de criatura vive aqui?

— Só agora você pergunta? — disse Cassian, erguendo as sobrancelhas. Ele e Azriel tinham colocado a armadura mais espessa, conjurada quando eles tocavam os Sifões no dorso das mãos.

— Eu estava com medo de perguntar antes — admitiu ela. — Não queria perder a calma.

Cassian abriu a boca, mas Azriel respondeu:

— Coisas que caçam na água e se banqueteiam com carne.

— Ninguém vê um kelpie há muito tempo — replicou Cassian.

— O que não significa que foram extintos.

— O que é um kelpie? — perguntou Nestha, com o coração acelerado diante da tensão estampada no rosto deles.

— Uma criatura ancestral, um dos primeiros monstros reais dos feéricos — disse Cassian. — Os humanos chamavam por outros nomes: cavalos-d'água, nixies. Eram metamorfos que moravam nos

lagos e rios e atraíam pessoas desavisadas para seus braços. E depois de terem afogado a pessoa, a devoravam. Só as entranhas retornavam à margem.

Nestha encarou a superfície preta do pântano.

— E eles vivem aqui?

— Eles sumiram centenas de anos antes de nós nascermos — disse Cassian, com firmeza. — São um mito sussurrado em volta de fogueiras, e um aviso para que crianças não brinquem perto da água. Mas ninguém sabe para onde foram. A maioria foi caçada, mas os sobreviventes... — Ele admitiu com um aceno para Azriel: — É possível que tenham fugido para o Meio. O único lugar que poderia protegê-los. — Nestha fez uma careta. Cassian lançou um sorriso para ela que não chegou aos olhos. — Só não saia correndo atrás de um lindo cavalo branco ou um rapaz de rosto bonito e vai ficar tudo bem.

— E fique longe da água — acrescentou Azriel, com seriedade.

— E se a Máscara estiver na água? — perguntou ela, indicando o amplo pântano. Haviam decidido que voariam por cima dele, e deixariam que ela sentisse o que havia ali.

— Então Az e eu tiraremos no palitinho, como os guerreiros valentes que somos, e o perdedor entra.

Azriel revirou os olhos, mas riu. O sorriso de Cassian por fim iluminou seu olhar quando ele abriu os braços.

— A beleza de Oorid aguarda, minha dama.

Cassian havia passado por lugares horríveis no decorrer de seus cinco séculos de existência.

O pântano de Oorid era, de longe, o pior. Sua mera essência exalava morte e podridão.

O ar opressor abafava até mesmo o som das asas deles, como se Oorid não permitisse que som algum perturbasse seu sono antigo.

Nestha se agarrou a ele conforme voavam. Com Az ao seu lado, Cassian olhava para a floresta morta que se estendia abaixo; a água preta a inundara como um espelho de obsidiana. Estava tão parada que ele conseguia ver os reflexos deles perfeitamente.

Com o vento açoitando seu cabelo trançado, Nestha falou:

— Não sei exatamente o que estou procurando.

— Só mantenha todos os sentidos atentos e veja se alguma coisa chama atenção. — Cassian começou um círculo amplo para o oeste. O ar pareceu pressionar as asas dele, como se fosse derrubá-los na terra.

Mas entrar naquela água preta seria um caso extremo.

Ilhas de grama pontuavam a extensão, algumas tão cheias de espinhos que ele não conseguia encontrar um lugar seguro para aterrissar. Os emaranhados de espinhos eram um deboche do que poderia ter sido — como se Oorid tivesse um dia produzido rosas. Sequer uma flor brotava.

— É insuportável. — Nestha estremeceu.

— Ficaremos só o tempo que conseguirmos aguentar — disse Cassian —, e, se não encontrarmos nada, voltaremos amanhã e retomaremos de onde paramos.

Ele tinha duas espadas, quatro facas, um arco illyriano e uma aljava de flechas, além dos sete Sifões. Mas não conseguia afastar a sensação de que voava despido.

— O que mais vive aqui além de kelpies?

— Dizem que bruxas — murmurou ele. — Não do tipo humano — acrescentou ele, quando ela ergueu uma sobrancelha. — Do tipo que costumava ser outra coisa e então sua sede por magia e poder as transformou em criaturas desprezíveis, banidas até aqui por diversos Grão-Senhores.

— Elas não parecem tão ruins assim.

— Elas bebem sangue jovem para preencher a frieza que a magia deixou nelas.

Nestha se encolheu. Cassian prosseguiu conforme ela observou o pântano:

— Há os encantadores de luz: seres lindos e etéreos que, quando você se perde, simulam rostos amigos para lhe atrair. Somente quando você está nos braços deles verá sua verdadeira face, antes que eles a afoguem no pântano. Mas esses matam por diversão, não para comer.

— Todas essas criaturas horríveis são simplesmente *deixadas* aqui, sem supervisão?

— O Meio não está sob a jurisdição de nenhum Grão-Senhor. Há muito tempo que é o local de desova de indesejáveis.

— Não era para estarem na prisão?

— Os crimes deles são inerentes à natureza. Um kelpie é feito para atrair e matar, como um lobo é feito para caçar a presa. O Meio os mantém separados de nós sem puni-los pelo jeito como foram feitos.

— Mas ninguém vem livrar o mundo deles?

— O Meio é cheio de magia primordial. Tem as próprias regras e leis. Se caçar os kelpies ou os encantadores de luz sem ser provocada, pode acabar presa aqui.

Ela estremeceu.

— Como a Máscara pode ter acabado no pântano?

— Não sei. — Ele indicou o chão. — Está sentindo alguma coisa?

— Não. Nada.

Cassian olhou por cima do ombro para Az antes de eles entrarem em uma nuvem de neblina que pairava sobre a seção norte do pântano. Era tão espessa que Cassian se elevou mais, com medo de empalá-los em uma árvore alta. A névoa era tão fria que passava como dedos gelados pelas asas e pelo rosto dele.

Nestha estremeceu, então sussurrou:

— Cassian.

Ele saiu da névoa e virou para a esquerda.

— Sentiu alguma coisa?

— Não sei o que senti. — Ela engoliu em seco. — Tem alguma coisa aqui.

Ele olhou por cima do ombro de novo para sinalizar para Azriel.

Mas Az não estava ali.

Capítulo 33

— *Azriel!*

O grito de Cassian nem chegou a produzir eco.

Agarrada ao pescoço dele, Nestha observou a névoa. Cassian permaneceu fora dela, batendo as asas no mesmo lugar enquanto procurava pelo irmão.

— Segure firme — sibilou Cassian, antes de se lançar em uma queda e usar o impulso para planar pela névoa.

Luz azul piscou abaixo e mais adiante. Os Sifões de Azriel.

— Merda — disparou Cassian, e desceu mais.

Árvores afiadas como espadas se projetavam para cima, e ele desviou delas e ficou com as asas a um centímetro de serem dilaceradas por aquelas estacas. O coração de Nestha galopava, mas ela não fecharia os olhos para escapar da morte ao redor, não quando Cassian desceu sob a cortina da névoa e eles viram o que Azriel enfrentava.

Cassian se virou tão rápido que Nestha mal teve tempo de se segurar, e então ele estava voando de volta por onde tinha vindo, pela névoa.

— Aonde você vai? — indagou ela. — Tem duas dúzias de soldados ali!

— Soldados da Corte Outonal — explicou Cassian, batendo as asas com tanta força que o vento atacava os olhos dela. — Não sei que merda estão fazendo aqui, ou se Eris nos fodeu bonito, mas um deles disparou uma flecha de freixo na asa de Az.

— Então por que estamos voando *para longe*?

— Porque não vou aterrissar com você no meio daquilo.

— Me coloque no chão! — gritou Nestha. — Me coloque no chão onde der e volte para ele! — Cassian não obedeceu e continuou observando o pântano abaixo em busca do lugar certo. Ela bateu com a mão no peito musculoso dele. — Cassian!

— Sei o que cada segundo me custa, Nestha — disse ele, em voz baixa.

— Me coloque numa porra de uma árvore, então! — Ela apontou para uma da qual eles desviaram por pouco.

Cassian viu uma área que ele julgou ser segura o suficiente: uma extensão sólida de terra gramada onde o resquício de uma árvore se elevava. Cassian a colocou na árvore, como Nestha havia sugerido, empoleirando-a no galho mais alto e mais firme. O galho rangeu e balançou sob o peso dela.

— Fique aqui — comandou ele, esperando até que ela tivesse fechado as mãos no galho e estivesse agarrada como uma criança que tinha subido alto demais. — Volto logo. *Não* desça. Não importa o que veja ou ouça.

— Vá. — Nestha sabia que era completamente inútil numa briga. Ela só o distrairia.

— Cuidado — avisou Cassian, como se não fosse ele aquele prestes a tomar a direção do perigo, então se foi. Nestha se agarrou ao galho da árvore com tanta força que o corpo dela tremeu inteiro. O silêncio do pântano a envolveu como um cobertor de chumbo.

Oorid devorou as ágeis batidas das asas de Cassian dentro de segundos, de modo que ela nem conseguiu ouvir quando ele sumiu na névoa.

Cassian se dirigiu para onde seus sentidos lhe diziam que Az ainda lutava. A visão dele não ajudava porra nenhuma — a névoa parecia mais espessa agora.

A Corte Outonal estava ali. Seriam aqueles os soldados desaparecidos de Eris, ou será que ele havia feito todos de tolos? Será que Beron, de alguma forma, tinha descoberto os planos deles?

Ele voou o mais rápido possível, rezando para que Az os tivesse contido, mesmo com aquela flecha de freixo na asa. A limitação que a flecha impunha ao poder de Az era o único motivo pelo qual os soldados ainda não estavam mortos — o motivo pelo qual os Sifões de Azriel tinham produzido uma faísca, não uma parede incineradora contra soldados que eram muito menos habilidosos.

Cassian mergulhou numa calma fria, despertando cada um de seus Sifões. Ele os alimentou de seu poder, e os Sifões o desviaram de volta, confirmando que estavam prontos; que ele estava pronto para o derramamento de sangue.

Os Sifões azuis de Azriel se acenderam adiante, uma mancha cobalto na névoa, e Cassian disparou mais alto no céu, até que aquele azul fosse um tremor abaixo dele.

Ele parou no ar, para que os guerreiros não conseguissem ouvir nenhuma asa batendo.

Então, bateu as asas silenciosamente e deslizou em queda livre. Foi atingido pela névoa e o ar pesado golpeou seu rosto, mas ele silenciosamente sacou uma lâmina e a faca presa em sua coxa.

A névoa se abria a quase um metro da briga.

Os soldados não tiveram tempo de olhar para cima antes de Cassian descer sobre eles.

Sangue jorrou e machos gritaram quando o poder vermelho disparou dos Sifões de Cassian. Az, com a asa esquerda ferida e sangrando e com os próprios Sifões acesos, lutava contra seis soldados ao mesmo tempo. A flecha de freixo tinha deixado o poder de Az quase inutilizável. Mas os Sifões estavam brilhando como um sinal — para Cassian.

Ver a asa ferida de Az fez sua mente começar a rugir.

Cassian matou, matou e não parou.

Muito tempo.

Cassian e Azriel estavam longe há muito tempo.

Os braços e as pernas de Nestha começavam a travar pelo esforço de se agarrar como um filhote de urso à árvore. Ela sabia que tinha meros minutos até que seu corpo se rebelasse e se soltasse.

Não havia som, nenhum clarão de luz. Apenas o pântano silencioso, a névoa e a árvore morta.

Cada fôlego ecoava os pensamentos dela. Cada fôlego era engolido pela opressão de Oorid.

Ela vira Cassian enfrentar soldados de Hybern. Duas dúzias dos da Corte Outonal não seriam nada. Mas por que eles estavam ali?

As pernas dela tremiam tanto que Nestha quase soltou o galho. Ela sabia que devia compor uma visão absolutamente patética, disposta daquele jeito sobre o galho exatamente como Cassian a havia deixado, com as pernas enroscadas, os tornozelos cruzados um sobre o outro e dedos enterrando-se na madeira seca e prateada.

Cuidadosamente, ela se impulsionou para cima e sentiu os braços formigando devido à dormência de segurar tão forte por tanto tempo. Suas pernas também cederam com alívio quando ela as liberou, deixando que ficassem penduradas no ar. Nestha observou a direção por onde Cassian havia ido. Nada.

Ele havia caído em batalha antes — ela o vira gravemente ferido. Na primeira vez em Hybern, quando ele tentou rastejar até ela conforme Nestha ia até o Caldeirão. Na segunda vez, contra as forças de Hybern, quando ele teve o abdômen dilacerado e Azriel segurou as entranhas com as próprias mãos. E na terceira vez, contra o próprio rei de Hybern, quando ela pediu a ele, ordenou a ele, que a usasse como isca, como distração enquanto ela atraía o rei para longe de Feyre e do Caldeirão.

Depois de tantos encontros com a morte, era apenas uma questão de tempo até que fosse definitivo.

A boca de Nestha secou. Azriel tinha sido atingido com uma flecha de freixo. E se os soldados tivessem ferido Cassian da mesma forma? E se os dois precisassem de ajuda?

Ela não podia fazer nada contra duas dúzias de soldados — nem contra um único soldado, para falar a verdade —, mas não podia suportar ficar sentada em uma árvore como uma covarde. Sem saber se ele estava vivo. E ela possuía magia. Não fazia ideia de como usá-la, mas... tinha, pelo menos. Talvez ajudasse.

Nestha disse a si mesma que também estava preocupada com Azriel. Disse a si mesma que se importava com o destino do encantador de sombras tanto quanto com o de Cassian. Mas era o rosto morto de Cassian que ela não suportava imaginar.

Nestha não se permitiu reconsiderar quando, mais uma vez, se deitou no galho, fechando os braços em volta dele ao descer a perna às cegas, procurando o galho logo abaixo...

Ali. O pé dela encontrou apoio, mas Nestha não deixou que aguentasse seu peso inteiro. Ainda agarrada ao galho, com as unhas enterradas na madeira morta com tanta força que farpas entraram sob elas, Nestha se abaixou para o galho abaixo. Ofegante, ela se ajoelhou de novo, e, mais uma vez, abaixou o pé, encontrando outro galho. Mas estava longe demais. Resmungando, ela subiu a perna de novo e cuidadosamente colocou as mãos de cada lado dos joelhos, concentrando-se no equilíbrio, exatamente como Cassian havia ensinado, pensando em cada movimento do corpo, nos pés, na respiração.

Com as pontas dos dedos reclamando das farpas que perfuravam a pele sensível sob as unhas, ela abaixou as pernas até que atingissem o galho abaixo. O galho seguinte estava mais próximo, mas era mais fino e mais bambo. Ela precisou se deitar sobre ele para evitar que se partisse.

Galho após galho, Nestha desceu até que suas botas mergulhassem no chão coberto de musgo, e a árvore se erguesse como um gigante acima dela.

O pântano se expandia ao redor, quilômetros de água preta e árvores e grama mortas.

Ela precisaria caminhar na água para chegar até ele. Nestha se concentrou na respiração — ou tentou. Cada inalação permaneceu rasa, curta.

Cassian podia estar ferido e morrendo. Sentar-se sem fazer nada não era uma opção.

Ela observou a margem, um metro adiante, em busca de algum indício de água mais rasa sobre a qual pudesse avançar até a ilha de musgo mais próxima, coberta com espinhos de dilacerar a pele, mas a água estava tão escura que era impossível determinar se estava rasa ou se descia até um poço sem fim.

Nestha se concentrou na respiração de novo. Ela sabia nadar. Sua mãe tinha se certificado disso, graças a uma prima que havia se afogado na infância. *Assassinada por fadas*, alegara a mãe dela. *Eu a vi ser arrastada para o rio*.

Será que tinha sido um kelpie? Ou os próprios medos da mãe dela distorcidos em algo monstruoso?

Nestha se obrigou a chegar perto da beira da água preta.

Corra, sussurrou uma voz baixinha. *Corra, corra e não olhe para trás*.

A voz era fêmea, gentil. Sábia e serena.

Corra.

Ela não conseguia. Se fosse correr, seria na direção dele, não para fugir.

Nestha entrou na beira da água, onde a grama sumia na escuridão.

O rosto dela a encarou de volta da quietude. Pálido e com olhos arregalados de terror.

Corra. Seria aquela voz tudo que lhe restara dos instintos humanos, ou algo mais? Ela olhou para seu reflexo como se ele fosse lhe dizer.

Alguma coisa farfalhou nos espinhos da ilha, e Nestha levantou a cabeça. Seu coração galopava conforme ela procurava por aquele rosto masculino familiar e as asas. Mas não havia sinal de Cassian. E seja lá o que estivesse naquele emaranhado... Ela deveria encontrar outra ilha para ficar.

Nestha observou o reflexo de novo.

E encontrou um par de olhos escuros como a noite olhando de volta através dele.

Capítulo 34

Nestha tropeçou para longe tão rápido que caiu de costas no chão que tinha tanto musgo que amorteceu o impacto. Um rosto emergiu pela água preta onde o reflexo dela estivera.

Era humanoide e mais branco do que osso. Macho. Pouco a pouco, centímetro a centímetro, a cabeça se elevou acima da água escura. Cabelos da cor de obsidiana flutuavam na água em torno da criatura, tão sedosos que poderiam muito bem ser a superfície do lago em si.

Os olhos pretos dele enormes — não havia nenhuma parte branca à vista — e as maçãs do rosto tão acentuadas que poderiam ter cortado o ar. O nariz era estreito e longo, como uma lâmina, e água pingava da ponta do nariz sobre uma boca... uma boca...

Era grande demais, aquela boca. Lábios sensuais, mas amplos demais.

Então os braços deslizaram para fora da água.

Com movimentos rígidos e aos solavancos, eles se esticaram para o musgo, brancos e finos, terminando em dedos tão longos quanto o antebraço de Nestha. Dedos que se enterraram na grama, revelando quatro articulações e unhas afiadas como adagas. Elas

racharam e estalaram conforme ele se esticou e as enterrou na grama, buscando apoio.

O fôlego de Nestha foi arrancado dela, e o pavor, como um rugido, tomou conta de sua mente conforme ela rastejava para trás.

Ele se impulsionou para fora da água e revelou um torso ossudo e o cabelo preto que se arrastava atrás dele como uma rede.

Nestha avançou para trás de novo conforme ele lentamente erguia a cabeça.

Aquela boca ampla demais se entreabriu. Fileiras gêmeas de dentes podres, pontudos como cacos de vidro, preenchiam a boca que exibia um sorriso.

A bexiga de Nestha se aliviou e suas pernas ficaram úmidas e mornas.

Ele sentiu o cheiro, viu, e aquela boca se abriu ainda mais. Os dedos, em frenesi, puxavam mais e mais do corpo para fora da água. O quadril estreito e nu...

O macho se apoiou nos braços ao deslizar uma longa perna branca da escuridão. Outra. E então ele se ajoelhou e ficou de quatro, sorrindo para ela.

Nestha não conseguiu se mover. Não conseguiu fazer nada a não ser olhar para aquele rosto pálido, para aqueles olhos pretos tão escuros quanto o pântano, e para os dedos frenéticos longos demais, aqueles dentes de enguia...

Ele falou então, e não foi uma língua que ela reconheceu. A voz da criatura falhava e era grave e rouca, cheia de uma voracidade terrível e de uma perversão cruel.

A voz feminina suave na cabeça dela suplicou, *Corra, corra, corra.*

A cabeça dele se inclinou. Os cabelos pretos encharcados escorreram com o movimento, cheios do que pareciam ser algas do pântano. Como se ele também tivesse ouvido aquela voz feminina. Ele falou de novo, dessa vez com um tom mais exigente, sua voz soando como rocha esfregando rocha.

Kelpie. Aquilo era um kelpie, e ele a mataria.

Corra, gritou a voz. *Corra!*

As pernas de Nestha tinham se tornado distantes, dormentes. Ela não conseguia se lembrar de como usá-las.

A cabeça do kelpie estremeceu e os dedos convulsionaram na grama. O sorriso dele aumentou de novo. Tanto que ela viu a língua comprida e preta que se enroscava na boca, como se o macho já conseguisse sentir o gosto da carne dela.

Quando ele avançou nela, Nestha não conseguiu se lembrar de como se gritava.

Não conseguiu fazer absolutamente nada quando aqueles dedos longos se fecharam em suas pernas e as garras rasgaram sua pele, e a puxaram em sua direção.

Dor arrancou Nestha do estupor, e ela lutou e se agarrou com os dedos à grama, que se soltou em tufos, como se não tivesse raiz nenhuma. Como se o pântano não fosse fazer nada para ajudá-la.

O kelpie a puxou conforme serpenteava de volta para a água frígida.

E a arrastou para baixo da superfície.

Os dois soldados estavam de joelhos. A armadura leve de couro deles estampava a insígnia de Eris de dois cães sobre as patas traseiras na altura do peito. Isso não confirmava nada. Eles poderiam ter sido enviados até lá por Eris, ou por Beron, ou por ambos. Até que Azriel ou Rhys pudessem arrancar respostas deles, Cassian não desperdiçaria tempo com teorias. Não que os soldados tivessem oferecido alguma explicação.

Os rostos deles estavam vazios. Não havia um traço de medo — nem no cheiro deles.

Azriel ofegava. Sua asa sangrava sem parar no ponto onde ele arrancara a flecha de freixo. Cassian, coberto de sangue que não era dele, avaliava os dois soldados sobreviventes e os companheiros caídos em volta deles. Muitos em pedaços.

— Amarre-os — disse Cassian a Azriel, que já havia cicatrizado o suficiente para conjurar o poder dos Sifões. Luz azul disparou do irmão dele, envolvendo-se em torno dos pulsos dos dois machos, dos tornozelos e das bocas; então, os acorrentou juntos.

Cassian lidara com assassinos e prisioneiros suficientes para saber que manter dois prisioneiros vivos permitiria que ele

confirmasse informações, que colocasse um contra o outro.

Os soldados tinham lutado cruelmente, com espadas e chamas, mas não tinham falado com os oponentes ou um com o outro. Aqueles dois pareciam tão distraídos e ausentes quanto os comparsas deles.

— Tem alguma coisa errada com eles — murmurou Azriel enquanto os dois soldados simplesmente os encaravam com violência nos olhos. Violência, mas sem reconhecimento ou compreensão de que agora estavam à mercê da Corte Noturna, e em breve aprenderiam como aquela corte obtinha respostas dos inimigos.

Cassian fungou.

— Pelo cheiro, eu diria que eles não tomam banho há semanas.

Az também farejou, fazendo uma careta.

— Será que estes são os soldados desaparecidos de Eris? Ele disse que andavam agindo estranho antes de sumirem. Eu certamente consideraria isto um comportamento estranho.

— Não sei. — Cassian limpou o sangue do rosto com o dorso da mão. — Acho que logo vamos descobrir. — Ele avaliou o irmão da cabeça aos pés. — Você está bem?

— Estou. — Mas a voz de Az estava tensa o suficiente para indicar que a asa doía como nunca. — Precisamos sair daqui. Pode haver mais deles.

Cassian enrijeceu o corpo. Ele deixara Nestha em uma árvore. Uma árvore alta, claro, mas...

Ele levantou voo, sem esperar para ver se Azriel conseguiria seguir antes de começar a bater as asas na direção daquele trecho de terra. Melhor do que uma ilha, decidira ele. Em uma ilha ela teria ficado presa. Mas o trecho de grama em que ele a havia deixado parecia ter sido um campo, um dia, e a árvore era tão alta que teria sido preciso um gigante para alcançá-la. Ou alguma outra coisa com asas.

O ar se abriu, e Azriel apareceu ao encalço dele, instável e cambaleando, mas voando. Escuridão se elevou atrás deles, confirmando que Az usava as sombras para esconder os prisioneiros.

Cassian seguiu o cheiro de Nestha de volta até aquela árvore. A névoa só diminuiu quando os galhos mais altos dela surgiram. Mas Nestha não estava ali.

Ele pairou no lugar enquanto avaliava a árvore e o chão.

— Nestha! — Ela não estava na grama, ou na árvore seguinte. Ele desceu até a terra, seguindo o cheiro dela por toda a área, mas não ia mais longe. Ia direto até a água, e então sumia.

Azriel aterrissou, girando no lugar.

— Não a vejo.

A água continuava parada como vidro preto. Não havia uma onda sequer. Havia uma ilha a quase 5 metros do outro lado da água — será que Nestha havia tomado aquela direção?

Cassian não conseguia respirar e nem pensar direito...

— *Nestha*!

Oorid devorou o rugido dele antes que pudesse ecoar sobre a água preta.

Capítulo 35

Não havia luz, nada além da água frígida e mãos com garras que a puxavam.

Nestha já estivera ali antes. Era exatamente como o Caldeirão, como quando foi puxada em direção a uma escuridão gélida...

Era assim que ela morreria, e não havia nada que pudesse ser feito a respeito, ninguém para salvá-la. Ela havia tomado o último fôlego e nem mesmo fora um completo, tão concentrada no terror que se esquecera de que tinha armas, e que tinha magia...

Armas. Cega na escuridão, Nestha pegou a adaga ao lado do corpo. Ela havia revidado contra o Caldeirão. Faria o mesmo agora.

Seus ossos reclamavam onde o kelpie a agarrava; a mão dele a informava onde atacar. Trabalhando contra a correnteza conforme ela acelerava, Nestha estocou com a adaga para baixo, rogando aos deuses para que não cortasse a própria perna.

Osso reverberou contra a lâmina. A mão na perna dela se espalmou, e Nestha enfiou a ponta da adaga mais fundo quando o braço se afastou.

Ela se debateu na escuridão que espiralava. O lado de cima e o de baixo se embaçaram e embaralharam; Nestha estava se

afogando...

Mãos esguias se chocaram contra seu peito, uma se fechando em seu pescoço quando as costas dela atingiram algo macio e arenoso. O leito.

Não, ela não acabaria daquela forma, indefesa como estivera naquele dia contra o Caldeirão...

Lábios e dentes colidiram com sua boca, e Nestha gritou quando o kelpie a beijou, enfiando a língua preta com gosto de carne podre em sua boca.

Por um segundo, ela não estava debaixo da água, mas contra uma pilha de madeira nas terras humanas, a boca dura de Tomas esmagava a dela e as mãos dele tateavam seu corpo...

Nestha lutou para afastar a cabeça, para libertar a boca, mas seus pulmões se encheram de ar. Como se o kelpie tivesse respirado para dentro dela. Como se a quisesse viva por um pouco mais de tempo, para prolongar sua dor.

O kelpie recuou, e Nestha teve o bom senso de fechar a boca dolorida e invadida, de prender aquele fôlego que ele lhe dera. De não questionar como tal coisa era sequer possível.

As mãos do kelpie percorreram o corpo dela, arrancando cada arma com uma mira infalível, como se ele não precisasse enxergar naquela escuridão, como se aqueles olhos pretos enormes conseguissem enxergar cada filete de luz como alguma criatura do fundo do mar. O corpo inteiro de Nestha ficou rígido e imóvel, cada toque brutal era dominador e furioso e deleitava-se com o medo dela.

Quando ele terminou de desarmá-la, os pulmões de Nestha estavam ardendo de novo, e ela sentiu aquele corpo masculino magro empurrá-la contra o fundo mais uma vez quando ele enfiou a boca na dela.

Nestha arquejou, mas abriu a boca para ele, deixando que ele enchesse sua boca com mais um fôlego vital que não tinha nada a ver com bondade. A língua dele se agitou como um verme contra a dela, e as mãos esguias e grandes demais percorreram seus seios e cintura, e quando Nestha arquejou de novo, lutando contra o choro, a risada dele foi como um sopro pelos lábios dela.

O kelpie se afastou, fileiras de dentes arranharam a boca de Nestha quando ele o fez, e ela estremeceu quando ele se demorou,

acariciando seu cabelo. Seu pequeno prêmio — era o que o toque dizia. Como faria com que ela sofresse e implorasse antes do fim. Nestha havia escapado dos monstros do reino humano apenas para encontrar os mesmos acima da Muralha. Tinha escapado de Tomas apenas para acabar ali, furiosa como estivera naquela ocasião.

Aquela voz feminina suplicante sumira. Como se o que quer que ela fosse, quem quer que fosse, soubesse que não existia mais esperança.

Nestha buscou internamente seu poder enquanto o kelpie começou a nadar de novo, com a mão em volta da cintura dela, puxando-a.

As pernas delas se chocaram contra objetos metálicos e ossos, de alguma forma preservados dentro do pântano.

Alguns dos ossos pareciam ainda carnudos.

Por favor, implorou Nestha àquele poder dormente, ancestral e terrível dentro dela. *Por favor*. Nestha o conjurou, buscando o poder no abismo dentro de si.

Ela conseguia vê-lo brilhando adiante, dourado e reluzente. Seus dedos tentaram tocá-lo.

O kelpie nadou mais rápido pela escuridão, ziguezagueando pelos objetos na água como se fossem as raízes de uma árvore.

A coisa dourada ficou mais próxima, e era um disco redondo — seu poder — que ficava mais, mais e mais próximo. Conforme Nestha era arrastada, aquele disco dourado correu na direção de seus dedos abertos. O kelpie pareceu não notar; ele não desviou quando aquilo disparou para a mão esticada de Nestha.

Não era o poder dela que brilhava adiante.

O disco se conectou com seus dedos, e Nestha soube o que era quando o apertou com força. Semelhante atraía semelhante. Poder atraía poder.

Alheio, o kelpie continuava a puxá-la. O fôlego de Nestha mais uma vez começou a falhar. Os pés e as pernas dela roçavam objetos afiados como adagas e cortavam-se em alguns deles.

Em uma de suas mãos havia poder. Morte a agarrava pela outra.

Ela sabia o que precisava fazer com o tipo de lucidez que apenas o desespero e o terror puros podem trazer. Sabia o que precisava arriscar. Seus dedos se fecharam na coisa em sua mão.

O kelpie diminuiu a velocidade, como se sentisse a mudança nela. Mas não rápido o bastante.

Ele não conseguiu impedi-la de levar a Máscara ao rosto.

Capítulo 36

Os pulmões de Nestha pararam de doer. Seu corpo parou de latejar.

Ela não precisava de ar. Não sentia dor.

Conseguia ver fracamente pelos buracos dos olhos na Máscara. O kelpie era uma coisa branca e fina — uma criatura de puro ódio e fome.

Ele a soltou, como se em choque e com medo. Como se hesitasse ao ver o que ela agora usava.

Foi tudo de que Nestha precisou.

Ela conseguia senti-los ao redor. Os mortos.

Sentia seus corpos há muito apodrecidos, alguns já meros ossos, enquanto outros estavam preservados, parcialmente devorados sob a armadura antiga. Suas armas estavam próximas, jogadas e ignoradas pelas criaturas do pântano, que estavam mais interessadas em se alimentar de carne em putrefação, mesmo das mais antigas.

Milhares e milhares de corpos.

Mas ela não chamaria milhares. Ainda não.

Seu sangue era uma canção fria, a Máscara era como um eco que serpenteava ao som dela, sussurrando tudo o que ela poderia fazer. *Meu lar*, era o que parecia suspirar. *Meu lar*.

Nestha não a rejeitou. Apenas a recebeu, deixando que a magia — mais fria do que a dela, e tão antiga quanto — fluísse para suas veias.

O kelpie se controlou, e exibiu os conjuntos idênticos de dentes antes de saltar.

A mão esquelética de alguém se fechou no tornozelo dele.

O kelpie se virou e olhou para baixo bem no momento em que outra mão esquelética, coberta com uma luva rachada pelo tempo, se fechou no outro tornozelo.

Outra mão, com carne caindo dos dedos, agarrou a juba de cabelos pretos dele.

O kelpie se virou para Nestha de novo, os olhos pretos arregalados.

Oscilando na água, com o poder da Máscara como uma canção gelada através dela, Nestha chamou os mortos. Para fazer o que o corpo dela não podia.

Embora tivesse lutado contra Tomas, contra o Caldeirão, contra o rei de Hybern, todos tinham *acontecido* com ela. Ela havia sobrevivido, mas depois de ter sido tomada pelo medo e pela desesperança.

Hoje não.

Hoje, ela aconteceria *a ele*.

O kelpie se debateu e livrou-se de uma das mãos esqueléticas quando outras dez, nas pontas de longos braços ossudos, se estenderam. Os corpos deles se levantaram com os braços. O kelpie tentou nadar para fora do alcance, mas um esqueleto alto parcialmente vestido em armadura enferrujada apareceu atrás dele e envolveu-o com os braços. Um rosto que era apenas osso olhou por cima do ombro do kelpie e abriu a mandíbula, revelando dentes pontudos — o que significava que não se tratava de um Grão-Feérico — que brilharam antes de se enterrarem na pele branca do kelpie.

Ele gritou, mas não saiu som algum. Assim como os mortos não emitiam som ao emergir do leito lamacento, alguns até em formação

de combate enquanto convergiam até ele.

Nestha deixou o poder fluir por ela, permitindo que a Máscara fizesse o que desejasse, erguendo os honráveis mortos que um dia tinham sido enterrados ali e tinham sofrido o sacrilégio de servirem como um banquete infinito para o kelpie e os da espécie dele.

O kelpie resistia aos mortos, seus olhos estavam suplicantes agora. Mas Nestha se fixou nele sem um pingo de piedade, ainda sentindo o gosto da podridão em sua boca.

Ela sabia que ele conseguia ver os dentes dela brilhando. Sabia que o kelpie conseguia ver seu sorriso frio conforme ela ordenava aos mortos que o despedaçassem.

— *NESTHA!*

Mergulhado até a cintura na água escura e tão densa que ele não conseguia ver o próprio quadril, Cassian rugia o nome dela conforme Az voava acima, procurando, procurando...

Ele havia sentido o cheiro dela na margem do rio — o cheiro dela e de urina, que os deuses o condenassem ao inferno. Ela vira alguma coisa, tinha sido atacada por alguma coisa tão horrível que havia se molhado, e agora sumira sob aquela água...

— *NESTHA*!

Ele não sabia por onde começar naquela escuridão. Se continuasse a fazer muito mais barulho, outras coisas viriam procurar, mas precisava encontrá-la, ou murcharia e morreria, ele...

— *NESTHA*!

Azriel aterrissou na água ao lado dele.

— Não vejo nada — disse ele, ofegante, e com olhos tão desesperados quanto Cassian sabia que os seus estavam. — Precisamos de Rhys...

— Ele não está respondendo.

Como se o pântano engolisse as mensagens deles da mesma forma que engolia som.

Cassian caminhava com água até o peito e tateava as mãos às cegas em busca de qualquer pista, de um corpo...

Ele urrou ao pensar naquilo, e nem mesmo Oorid conseguiu abafar o som.

Ele se atirou para a frente, e somente a mão de Azriel no colarinho de sua armadura o segurou. Az grunhiu:

— *Olhe.*

Cassian olhou para onde Azriel apontava para a água mais profunda. A superfície estava ondulando. Uma luz dourada brilhava abaixo. Cassian avançou pela água naquela direção, mas Az o impediu de novo, seus Sifões brilhando em azul.

Foi quando as lanças romperam a superfície.

Como uma floresta se erguendo da água, lança após lança após lança surgiu. Então os capacetes, pingando água, alguns enferrujados, outros brilhando como se recém-forjados. E sob aqueles capacetes: crânios.

— Que a mãe nos salve — sussurrou Azriel, com a voz embalada não por um assombro, mas pelo mais puro terror conforme os mortos se levantavam das profundezas de Oorid.

Uma fileira deles; uma legião. Alguns eram meras coleções de ossos de pé, mandíbulas abertas e olhos cegos. Alguns parcialmente preservados, com a carne em decomposição balançando sobre as costelas expostas. A julgar pelas armaduras elegantes, eram guerreiros, reis, príncipes e lordes.

Eles emergiram da água, de pé na parte rasa perto da ilha espinhenta. E quando aquela luz dourada irrompeu pela superfície diante deles, os mortos se ajoelharam.

Cada palavra sumiu da mente de Cassian quando Nestha também emergiu da água, como se erguida por um pilar submerso. Uma máscara dourada repousava sobre o rosto dela, primitiva, mas gravada com arabescos e desenhos tão antigos que tinham perdido todo o significado.

Água escorria de suas roupas, o cabelo tinha sido puxado da trança, e de sua mão...

A cabeça de um kelpie pendia da cortina de cabelos pretos, o rosto rasgado congelado em um grito. Exatamente como a cabeça do rei de Hybern tinha pendido da mão dela.

Apenas fogo prateado queimava nos olhos atrás da Máscara.

— Pelos deuses — sussurrou Azriel. Os mortos estavam parados, imóveis, uma legião pronta para atacar. A vontade da fêmea era a vontade dos mortos; o comando dela era a única razão de sua existência. Não tinham mais ego... apenas ela, apenas Nestha, flutuando entre eles.

— Nestha — sussurrou Cassian.

Ela soltou a cabeça do kelpie. A água escura a seus pés a engoliu por inteiro.

Uma onda fria de poder foi em direção a eles e, quando os atingiu, Cassian deixou que passasse por ele, em torno dele e se entregou. Porque se colocar contra ele seria como provocar a ira da Máscara. Colocar-se contra ele seria se colocar contra a própria Morte.

Ela era a própria Morte.

Azriel estremeceu, suportando aquele poder primitivo.

Mas os dois eram illyrianos, gostasse Az ou não. Então fizeram o que seu povo sempre fazia diante do belo rosto da Morte. Se curvaram.

Com o peito mergulhado na água, eles não podiam se curvar muito, mas os dois abaixaram a cabeça até que seus rostos quase tocassem a superfície. Cassian ergueu o olhar enquanto mantinha a posição, e observou o dourado do reflexo da Máscara dançar na água. Então aquele dourado se moveu.

Ele levantou a cabeça e viu Nestha tirar a Máscara.

Os mortos desabaram. Caíram sob a superfície preta com jatos de água e ondulações e sumiram de vez. Nem uma lança sequer restou.

Nestha desabou. Cassian avançou até ela e sentiu a água gelada ferindo seu rosto. Ele a segurou bem no momento em que ela afundou.

Nestha parecia uma boneca de pano quando ele a puxou de volta para Az, que estava com a espada erguida contra qualquer coisa que pudesse sair daquela água. Quando chegaram à margem, à grama e à árvore, Cassian avaliou o rosto pálido, rasgado e arranhado ao redor da boca e da mandíbula...

Nestha piscou, e seus olhos estavam novamente azul-acinzentados, e ela agarrava a Máscara ao peito como uma criança

com sua boneca, tremendo, tremendo e tremendo.

Cassian só conseguiu fechar os braços em torno dela e segurá-la firme, até que o tremor passasse e a inconsciência oferecesse a Nestha a misericórdia do esquecimento.

Capítulo 37

Havia um lugar na Corte dos Pesadelos onde nem mesmo Keir e seu esquadrão de elite de Precursores da Escuridão ousavam pisar.

Depois que os inimigos da Corte Noturna entravam naquele lugar, não saíam. Não vivos, pelo menos.

A maior parte do que restava de seus corpos não saía também. Eles passavam pela escotilha no centro da sala circular — e entravam no recinto das bestas que se contorciam e habitavam aquele poço. Para suas escamas, garras e fome impiedosa. As bestas não se alimentavam frequentemente; podiam receber um corpo a cada dez anos e fazer durar, entrando em hibernação entre as refeições.

O sangue dos dois machos da Corte Outonal que escorreu pelo ralo do piso de pedra preta as acordou.

Os grunhidos e sibilos delas, as caudas estalando e as garras arranhando deveriam ter incentivado os machos acorrentados às cadeiras a falar.

Azriel estava encostado contra a parede ao lado da porta solitária, com Reveladora da Verdade ensanguentada em sua mão. Cassian,

um passo atrás dele, e Feyre, do outro lado de Az, observavam enquanto Rhys e Amren se aproximavam dos dois machos.

— Estão mais dispostos a se explicar? — perguntou Rhys, deslizando as mãos para dentro dos bolsos.

Apenas o conhecimento de que Nestha estava dormindo segura no quarto, no palácio de Rhys acima daquela montanha, protegida pelo poder do Grão-Senhor dele, permitiu que Cassian permanecesse naquela sala. A Máscara, coberta com um tecido de veludo preto, estava sobre uma mesa em outra sala do palácio, igualmente protegida e enfeitiçada. Azriel atravessara com eles para longe do pântano momentos depois de Nestha desmaiar, e os levara até a residência de Rhys no alto da Cidade Escavada. Cassian sabia, quando Rhys sumiu um segundo depois, que ele tinha ido até o pântano buscar os soldados da Corte Outonal e que os levaria até ali.

Nestha estava inconsciente desde então.

Os dois machos eram parecidos, do modo como pessoas pertencentes a mesma corte tendem a se parecer: a Corte Outonal tendia para cabelos de diversos tons de vermelho, olhos castanhos ou dourados, às vezes verdes, e, geralmente, pele pálida. O macho à esquerda tinha cabelo avermelhado mais para o marrom; o cabelo daquele à direita brilhava como cobre-claro. Os dois permaneciam com expressões vazias.

— Devem estar sob algum tipo de encantamento — observou Amren, circundando os machos. — A única motivação deles parece ser ferir sem motivo, sem contexto.

— Por que vocês atacaram membros de minha corte no pântano de Oorid? — perguntou Rhys, com aquela mesma calma tranquila que tantos tinham ouvido logo antes de serem dilacerados em filetes sangrentos.

Rhys concordara que os soldados que haviam atacado eram provavelmente os soldados da Corte Outonal que haviam sumido, mas como tinham ido parar no pântano de Oorid... Bom, era isso que pretendiam descobrir. Rhys tinha tentado entrar na mente deles, mas não encontrara nada além de névoa e neblina.

Os machos apenas olhavam na direção de Cassian, na direção de Azriel, e fervilhavam com violência.

Feyre comentou da parede:

— Eles são como cães raivosos, perderam qualquer sanidade.

— Eles também lutaram como se fossem — disse Cassian. — Sem inteligência, apenas... um desejo de matar.

Rhys estendeu a mão para aquele de cabelo acastanhado, o macho que sangrava nos lugares em que Azriel sabia que machucariam, mas não matariam. Az sabia onde cortar um macho sem permitir que sangrasse até a morte. Sabia como fazer aquilo durar dias.

— Se estão sob um feitiço de Briallyn ou Koschei — sugeriu Feyre —, então é certo feri-los dessa forma?

A pergunta ecoou pela câmara, por cima do grunhido das bestas famintas.

Rhys falou, depois de um momento:

— Não. Não é.

Amren disse a Feyre:

— O nevoeiro na mente deles e o fato de que suportaram as torturas de Az sem mostrar compreensão de nada além de dor básica pelo menos confirma nossas suspeitas.

— Se é assim que vocês querem justificar — disse Feyre, um pouco fria —, então tudo bem.

Todos eles, inclusive Feyre, tinham sido torturados em algum momento.

Feyre se virou para Rhys.

— Precisamos chamar Helion. Não por causa da... você sabe — disse ela, olhando para os dois soldados que podiam muito bem ainda estar cientes de tudo, mesmo presos dentro das próprias mentes —, mas para quebrar o feitiço sobre eles.

— Sim — respondeu Rhys, com os olhos brilhando com algo como culpa e vergonha. Alguma conversa silenciosa transcorreu entre ele e a parceira, e Cassian sabia que Rhys estava perguntando sobre a tortura, pedindo desculpas por fazer Feyre testemunhar os dez minutos em que Azriel havia trabalhado.

Mas Feyre, Cassian sabia, estava ciente do que veria quando entrou. E muito ciente de que aqueles dez minutos tinham sido apenas os movimentos de abertura em uma sinfonia de dor que Azriel podia conduzir com uma eficiência brutal.

O rosto de Feyre se suavizou depois de um momento, e ela ofereceu a Rhys um leve sorriso que fez os olhos dele se iluminarem. Rhys afirmou:

— Eles ficam aqui, vigiados. Vou contatar Helion imediatamente.

Cassian perguntou:

— E Eris? Quando contaremos a ele que encontramos seus soldados? Ou o que fizemos com a maioria deles?

— Vocês agiram em legítima defesa — disse Feyre, cruzando os braços. — Até onde sei, quem quer que estivesse controlando os soldados é o culpado pelas mortes deles, não vocês.

Amren acrescentou:

— Contaremos a Eris depois de verificarmos tudo. Ainda existe a possibilidade de que ele esteja, de alguma forma, por trás disso.

Feyre assentiu, dando sua aprovação, mas a boca dela se contraiu.

— Esses dois machos têm famílias que certamente estão preocupadas com eles. Deveríamos ser o mais rápido possível.

Cassian afastou o pensamento de todos os machos que não tinha deixado de pé — que também tinham famílias preocupadas. Cada morte tinha um peso, criava uma ondulação no mundo, no tempo. Era fácil demais se esquecer daquilo. Ele olhou para Az, mas o rosto do irmão estava frio como pedra. Se Az se arrependia do que tinham feito, não revelava nenhum indício. Cassian fechou as asas.

— Seremos o mais rápido que pudermos.

Deixaram no recinto os machos cujo sangue ainda escorria até as bestas trêmulas.

Eles subiram, para fora do calabouço da Cidade Escavada, para fora daquele lugar desprezível, até estarem sobre as pilastras de pedra da lua do lindo palácio acima. Rhys seguiu para a sala onde estava a Máscara. Ele abriu a porta e seu corpo se enrijeceu.

Nestha estava sentada à mesa, encarando a Máscara coberta por um tecido.

— Como chegou aqui? — perguntou Rhys, enquanto sombras escuras como a noite espiralavam nas pontas de seus dedos.

Cassian sabia que o irmão tinha tornado as proteções na porta impenetráveis. Ou pelo menos deveriam ser impenetráveis.

— A porta estava aberta — disse Nestha, entorpecida, e olhou para o rosto deles, como se procurasse alguém. Cassian entrou na sala, e os olhos dela se fixaram sobre ele.

O macho ofereceu um sorriso triste a ela.

— A Máscara abriu a porta para você? — indagou Amren.

— Eu me senti atraída até aqui — respondeu Nestha, mesmo enquanto olhava Cassian de cima a baixo.

Procurando ferimentos, percebeu ele. Ela estava olhando para ver se *ele* estava ferido. Como se fosse ele que tivesse acabado com a boca arrebentada, o pescoço marcado por garras e os tornozelos e canelas dilacerados. Os ferimentos dela tinham parado de sangrar, já formavam casca, mas... que o Caldeirão o condenasse, mas Cassian não suportava ver um machucado nela.

— Ela fala com você? — perguntou Feyre, inclinando a cabeça.

Cassian tinha contado tudo a eles — tudo o que conseguira entender. Nestha tinha sido atacada por um kelpie, arrastada para debaixo da água, e de alguma forma tinha encontrado a Máscara, conjurado os mortos de Oorid até ela para matar o kelpie e emergir triunfante.

— Apenas um tolo desesperado colocaria aquela Máscara — disse Amren, mantendo-se bem longe da mesa. Se era para colocar distância entre ela e Nestha, ou para evitar a Máscara, ele não fazia ideia. — Você tem sorte de ter conseguido tirá-la do rosto. A maioria dos que a usaram jamais conseguiu tirar. Para se separar dela, precisaram ser decapitados. É o preço do poder: pode erguer um exército de mortos para conquistar o mundo, mas jamais se libertar da Máscara.

— Eu desejei que ela saísse, e ela saiu — falou Nestha, observando Amren com um desdém frio.

— Semelhante atrai semelhante — disse Rhys. — Outros não puderam se libertar porque a Máscara não reconhecia o poder deles. A Máscara os usou, não o contrário. Apenas alguém Feito da mesma fonte sombria poderia usar a Máscara e não ser governado por ela.

— Então a rainha Briallyn poderia usá-la — falou Azriel. — Talvez por isso os soldados da Corte Outonal estivessem em Oorid: ela

ainda não pode arriscar colocar os pés aqui, mas encontrou uma unidade para ir no lugar dela.

As palavras ondularam pela sala.

Nestha, de novo, olhou para a Máscara.

— Ela deveria ser destruída.

— Isso não é possível — falou Amren. — Talvez se o Caldeirão tivesse sido realmente destruído, a Máscara poderia ter acabado enfraquecida o suficiente para que os Grão-Senhores e Feyre unissem seus poderes para fazer isso.

— Se o Caldeirão tivesse sido destruído — disse Feyre, com um tremor —, a vida teria deixado de existir.

— Então a Máscara permanece aqui — disse Amren, sarcasticamente. — Só podemos lidar com ela. Não pode ser eliminada.

— Deveríamos jogá-la no mar, então — falou Nestha.

— Não gostou dos mortos-vivos, menina? — perguntou Amren.

Nestha desviou os olhos na direção de Amren de uma forma que fez Cassian se preparar para o pior.

— Nada de bom pode vir do poder dela.

— Se a jogarmos no mar — disse Azriel —, alguma criatura maligna pode encontrá-la. É mais seguro mantê-la trancafiada conosco.

— Mesmo que consiga abrir portas e desfazer feitiços? — perguntou Rhys.

— Semelhante atrai semelhante — disse Feyre, para o silêncio confuso. — Talvez Nestha consiga protegê-la e trancar a sala. Contê-la.

— Não sei fazer esses feitiços — disse Nestha. — Fracassei nos mais básicos quando treinava com Amren, lembra?

A cabeça de Feyre se inclinou para o lado.

— É isso que acha, Nestha? Que você fracassou?

Nestha esticou o corpo, e o peito de Cassian se apertou diante da parede que se ergueu nos olhos dela, tijolo após tijolo. Diante da verdade que Nestha tinha deixado escapar com aquela única palavra.

— Não importa — disse Nestha, a versão antiga de si mesma ressurgindo e virando a cabeça conforme o queixo se erguia. — Diga

como faço os feitiços e vou tentar. — Ela direcionou a última parte para Amren e Rhys.

— Quando Helion vier — disse Rhys, tranquilamente, como se ele também entendesse o que Nestha havia revelado —, vou pedir que mostre a você. Ele conhece feitiços de proteção que nem eu conheço.

O silêncio se tornou tão tenso que Cassian se obrigou a sorrir.

— Considerando que Nestha dispensou as investidas sensuais dele durante a guerra, ele pode não estar tão inclinado a ajudá-la.

— Ele vai ajudar — falou Rhys, cujos olhos estavam salpicados por estrelas. — Ainda que seja só para ter mais uma chance com ela.

Nestha revirou os olhos, e o gesto foi tão normal que o sorriso de Cassian se tornou mais genuíno, agora acentuado por alívio.

Você deixa seu coração à mostra de todos, irmão, falou Rhys, sem se virar para Cassian.

Cassian apenas deu de ombros. Já nem se importava mais.

Feyre disse a Nestha:

— Deveríamos pedir a Madja que cuide dos seus machucados.

— Já estão cicatrizando — falou Nestha, e Cassian se perguntou se ela fazia ideia do quanto sua aparência estava horrível.

De fato, Amren disse:

— Parece que um gato tentou devorar seu rosto. — Ela fungou. — E está fedendo a pântano.

— São as consequências de ser arrastada de cara num brejo — disse Cassian, para Amren, o que lhe garantiu um olhar de surpresa de Nestha. Ele perguntou a ela: — Como o kelpie pegou você?

A garganta arranhada de Nestha vibrou.

— Eu fiquei... nervosa quando você, vocês dois, não voltaram. — O silêncio na sala foi palpável. — Fui atrás de vocês.

Cassian não ousou dizer que só havia ficado fora por trinta minutos. Trinta minutos, e ela entrara em pânico daquele jeito?

— Não teríamos deixado você — respondeu ele, com cautela.

— Não fiquei com medo de ser deixada. Fiquei com medo de que vocês dois morressem.

O fato de ela ficar enfatizando *vocês dois* causou um apertou no peito dele. Cassian sabia o que ela cuidadosamente evitava dizer.

Estava tão preocupada que tinha se aventurado nos perigos de Oorid por ele.

Nestha desviou do olhar de Cassian.

— Eu estava prestes a entrar na água quando o kelpie apareceu. Ele rastejou até a margem, falou comigo e depois me arrastou para dentro.

— Ele falou com você? — perguntou Rhys.

— Não em uma língua que eu conhecesse.

A boca de Rhys se repuxou para o lado.

— Pode me mostrar?

Nestha franziu a testa, como se indisposta a reviver a memória, mas assentiu. Os olhares deles ficaram vazios, e então Rhys recuou.

— Aquela coisa... — Ele observou Nestha com puro choque por ela ter sobrevivido. Rhys se virou para Amren. — Ouça.

Até mesmo o rosto de Amren se empalideceu diante do que quer que Rhys tivesse lhe mostrado, e então ela sacudiu a cabeça, o que fez o cabelo preto curto balançar.

— Esse é um dialeto de nossa língua que não é falado há 15 mil anos.

— Só consegui entender uma ou outra palavra — falou Rhys.

Feyre arqueou uma sobrancelha.

— Você fala a língua dos feéricos antigos?

Rhys deu de ombros.

— Minha educação foi abrangente. — Ele fez um gesto gracioso e tranquilo com a mão. — Exatamente para situações como esta.

Azriel perguntou:

— O que o kelpie falou?

Amren virou os olhos para Nestha, e respondeu:

— Ele disse: É você *meu sacrifício, doce carne? Como é jovem e pálida. Diga, estão retomando os sacrifícios às águas?* E quando ela não respondeu, o kelpie falou: *Deus nenhum pode salvar você. Vou levá-la, pequena beldade, e você será minha noiva antes de virar meu jantar*.

Nestha levou uma das mãos até as marcas em seu rosto, e depois se encolheu.

Horror escorreu por Cassian — e, por fim, um ódio líquido.

— As pessoas costumavam fazer sacrifícios para os kelpies? — perguntou Feyre, franzindo o nariz com nojo e medo.

— Sim — disse Amren, fazendo careta. — A maioria dos feéricos antigos e dos humanos acreditava que os kelpies eram deuses dos rios e lagos, embora eu sempre tenha me perguntando se os sacrifícios começaram como uma forma de evitar que os kelpies os caçassem. Mantê-los alimentados e felizes, controlar as mortes, e quem sabe eles não sairiam da água para pegar as crianças. — Os dentes dela brilharam. — Para que esse ainda estivesse falando aquela língua antiga... ele deve ter se retirado para Oorid há muito tempo.

— Ou foi criado por pais que falavam aquela língua — replicou Azriel.

— Não — respondeu Amren. — Os kelpies não se reproduzem. Eles estupram e aterrorizam, mas não se reproduzem. Eles foram feitos, de acordo com as lendas, pela mão de um deus cruel, e depositados nas águas deste mundo. O kelpie que você matou, menina, talvez fosse um dos últimos.

Nestha olhou para a Máscara de novo.

Rhys falou:

— Ela voou até você. A Máscara. — Ele devia ter visto na mente dela.

— Eu estava tentando chamar meu poder — murmurou Nestha, e todos ficaram imóveis, ela jamais falara do poder tão explicitamente. — Isso respondeu no lugar dele.

— Semelhante atrai semelhante — repetiu Feyre. — Seu poder e o da Máscara são semelhantes o bastante para que chamar um fosse o mesmo que chamar o outro.

— Então você admite que seus poderes ainda estão aí — disse Amren, sarcasticamente.

Nestha a encarou.

— Você já sabia disso.

Cassian se intrometeu antes que as coisas dessem errado.

— Tudo bem. Deixem que a Lady Morte descanse um pouco.

— Isso não tem graça — sibilou Nestha.

Cassian piscou o olho, mesmo quando os outros ali ficaram tensos.

— Acho que vai pegar.

Nestha fez cara de raiva, mas foi uma expressão humana, e ele preferiria aquilo a qualquer momento em vez daquele fogo prateado. Ao ser que tinha caminhado sobre água e comandado uma legião dos mortos.

Ele se perguntou se Nestha pensava o mesmo.

Nestha ficou no palácio de pedra da lua no alto da Cidade Escavada. Feyre a sugerira que o espaço aberto e iluminado seria melhor do que os corredores escuros e vermelhos da Casa do Vento. Pelo menos naquela noite.

Nestha estava cansada demais para concordar, para explicar que a Casa era amiga dela, e que a teria mimado e agradado como uma babá idosa.

Ela mal notou o quarto opulento — que se projetava da lateral da montanha, cujos picos cobertos de neve brilhavam sob o sol ao redor, com uma cama cheia de lençóis e travesseiros brancos reluzentes, e... Bom, ela não pôde deixar de notar a piscina de banho rebaixada a céu aberto, cuja água escorria pela borda que, por sua vez, se projetava acima do penhasco e pingava na queda infinita lá embaixo.

Faixas de vapor espiralavam sobre superfície da água, convidativas e perfumadas com lavanda, e ela estava alerta o bastante para tirar as roupas e entrar na água antes de sujar os lençóis de novo. Já tinham sido trocados desde que ela dormira ali mais cedo — Nestha sabia disso porque tinha deixado uma grande impressão de lama na cama ao levantar, e agora estava impecável.

Nestha entrou devagar na piscina e fez uma careta quando a água trouxe uma ardência aos machucados. Além dos picos, o sol passou de dourado branco para amarelo e mergulhou para o abraço da terra. Nuvens gordas e felpudas eram sopradas, cheias de luz de cor pêssego, lindas contra o céu que se arroxeava. Os dedos dela foram até o cabelo, e conforme Nestha passou as mãos pela bagunça embaraçada e ainda encharcada, viu o céu se transformar no mais lindo pôr do sol que já vira. Pedaços de alga de pântano e

lama saíam como cascas de seu cabelo e eram carregados pela água para além da borda da piscina.

Suspirando, Nestha deslizou para dentro, sentiu o rosto arder, e esfregou o couro cabeludo. Ela emergiu, com o cabelo ainda espesso e sujo, e observou a parede ao lado da piscina, onde havia frascos do que deveriam ser misturas para lavar o corpo e o cabelo.

Ela jogou um punhado nas mãos, seu nariz se encheu com o cheiro de hortelã e alecrim, e esfregou o cabelo. Ela deixou o cheiro inebriante levar embora sua tensão, o máximo possível, e ensaboou as mechas pesadas. Outro mergulho na água a fez limpar as bolhas. Quando Nestha emergiu, levou a mão à barra de sabão que tinha cheiro de amêndoa doce.

Nestha lavou cada parte do corpo duas vezes. E somente quando terminou, se permitiu observar a vista de novo. O pôr do sol estava no ápice, o céu estava incandescente com rosa, azul e dourado e roxo, e ela desejou que a luz a preenchesse, que lavasse qualquer resquício da escuridão de Oorid.

Ela jamais tinha sentido nada semelhante ao poder da Máscara. O kelpie, pelo menos, tinha parecido real — o terror, o ódio e o desespero dela tinham sido todos sentimentos humanos e comuns. Assim que Nestha colocou a Máscara, aquelas sensações sumiram. Ela se tornou mais, se tornou algo que não precisava de ar para respirar, algo que não entendia ódio, amor, medo ou luto.

Aquilo a havia assustado mais do que qualquer outra coisa. Aquela total falta de sensação. Como havia sido bom, se sentir tão distante de tudo.

Nestha engoliu em seco. Ela não havia confessado a nenhum deles. Já estava contemplando a Máscara quando a encontraram na sala, contemplando aquele vazio. Perguntando-se se alguém algum dia já havia usado a Máscara não para despertar os mortos, mas simplesmente para não estar mais dentro da própria mente.

Não, ela não havia perdido a consciência. Tinha matado o kelpie porque desejou que ele morresse. Mas todo o peso, os pensamentos que ecoavam, o ódio e a culpa que a cortavam como facas — tinham sumido.

E tinha sido tão sedutor, tão libertador e belo, que ela soubera que a Máscara deveria ser destruída. Ao menos, para salvá-la.

Não vinha ao caso que, pelo mesmo motivo, ela seria a única pessoa com acesso a ela. Todos estariam salvos da tentação e do poder da Máscara — exceto ela. Aquela que mais precisava ficar longe do objeto.

Uma batida soou à porta, e Nestha desceu abaixo da superfície escura da piscina, deixando o longo cabelo cobrir os seios, antes de dizer:

— Oi?

Cassian entrou, com uma bandeja de comida na mão, e parou de súbito quando não a viu na cama. Os olhos dele dispararam para a piscina rebaixada, e ela podia jurar que ele quase soltou a bandeja no carpete branco.

— Eu... Você.

A perda de palavras bastou para afastá-la dos pensamentos, para repuxar os cantos da boca para cima.

— Eu?

Cassian sacudiu a cabeça como um cachorro molhado.

— Trouxe comida. Achei que iria querer jantar.

— Não tem sala de jantar aqui?

— Tem, mas achei que você talvez precisasse relaxar.

Ela o observou, surpresa por ele a conhecer tão bem a ponto de saber que a ideia de falar com todo mundo de novo e de se vestir com roupas adequadas, era desgastante e deprimente. Ele a conhecia bem o bastante para entender que ela preferiria comer no quarto e se recompor.

Cassian pigarreou.

— Vou deixar ali. — Ele indicou com o queixo a mesa ao lado da borda da piscina, onde a água escorria para baixo da montanha.

Nestha se virou quando ele seguiu um pouco mais tenso para a escrivaninha e apoiou a bandeja.

— Certo. — Ele pigarreou de novo. — Aproveite o banho. E a refeição.

Ver Cassian tão vermelho afastou as sombras do coração dela. Os pensamentos sobre a Máscara se tornaram um ronco distante.

— Quer entrar?

Ele inspirou, mas alguma coisa parecida com dor percorreu as feições dele.

— Você está machucada.

Nestha ficou de pé, o que fez água escorrer e os cabelos grudarem nos seios sem conseguir esconder os mamilos rígidos por baixo.

— Pareço machucada para você?

Ele assentiu ao olhar para os cortes pelo corpo e rosto dela.

— Parece.

Nestha riu.

— Parece pior do que eu meu sinto agora.

Cassian não respondeu. Seu peito se elevava e baixava e, um ritmo aguçado. Com cada elevação irregular, ela começou a latejar entre as pernas, como se o corpo de Nestha respondesse ao dele.

Sim, era o que o corpo dela parecia dizer. *Isso... ele. Vida para afastar a Máscara; vida para afastar o horror de Oorid*. A necessidade de tocá-lo, de sentir o calor e a força dele, ecoaram por ela.

Se ele não entraria na banheira, então Nestha precisaria ir até Cassian.

Nestha caminhou em direção aos degraus da piscina rebaixada e Cassian ficou rígido.

Ele sussurrou:

— Achei que você tinha morrido hoje.

Nestha chegou à escada.

— Eu também. — Ela deu um passo acima, expondo o abdômen. — Achei que você também estava morto.

— Deve ter ficado feliz.

Ela sorriu, observando o olhar dele descer a cada pedaço dela que era revelado. Outro passo para cima expôs o sexo dela para ele.

— Não fiquei. — Nestha chegou ao piso do quarto.

Usando o que Nestha sabia que eram quinhentos anos de força de vontade, Cassian levantou a concentração para o rosto dela conforme Nestha foi até ele e a água continuava a escorrer do corpo.

— Quer fazer isso? — sussurrou ele.

— Quero. — Ela parou a um passo dele, com o cabelo molhado caído pelo tronco, e o encarou. Os olhos de Cassian queimavam como estrelas. Nestha deu a ele um sorriso que era puramente feérico. — Só sexo.

As palavras pareceram incitar alguma coisa, porque Cassian piscou.

— Isso. Só sexo. — Ele não falou com a mesma leveza. Ainda assim, não foi até ela.

Então Nestha falou:

— Não pode haver nada além de sexo, Cassian.

A mandíbula dele se contraiu, e ele pareceu travar alguma batalha interna antes de falar, sombriamente:

— Nesse caso, então, aceito o que você me oferecer. — Cassian se inclinou para a frente, ainda sem tocar no corpo dela com o seu, e disse, contra a orelha de Nestha: — E eu vou te tomar como você me quiser.

Seus cabelos ainda pingavam e os dedos dos pés dela se contraíram no piso de pedra.

— E se *eu* quiser tomar você?

Ele sorriu contra a orelha dela.

— Então imploro que me cavalgue até que eu mude de ideia.

Ela derreteu, e pela forma que as asas dele se fecharam, ela soube que Cassian conseguia sentir a umidade que se acumulava entre as coxas.

Cassian tirou carinhosamente o cabelo molhado de cima dos seios dela. A respiração de Nestha veio em fôlegos intensos conforme ele traçou a ponta do dedo pelo mamilo dela. E repetiu a ação.

Palavras balbuciaram em sua boca, mas Nestha não conseguiu se lembrar de como falava, não conseguia pensar em nada exceto aquele dedo que circulava seu mamilo, deixando o corpo todo latejando de desejo.

Cassian pressionou o mamilo dela, uma pressão forte e intensa que a fez gemer.

Desesperada por mais, por ele inteiro, Nestha falou:

— Faça o que quiser.

Ele circulou o mamilo dela de novo, um predador brincando com o jantar.

— Isso não parece muito sedutor, *faça o que quiser*. — Ele fechou o mamilo dela entre o polegar e o indicador, a exigência no gesto era tanta que Nestha olhou para o rosto dele. Cassian era o

retrato da arrogância do macho, um guerreiro pronto para a conquista, e ela quase chegou ao clímax só ao ver aquilo. Os olhos dele ficaram sombrios. — A forma como você às vezes me olha me faz pensar coisas tão imundas, Nestha.

— Faça essas coisas. Faça tudo comigo.

Ele beliscou o mamilo dela até quase doer. Nestha arqueou ao toque, uma súplica silenciosa por mais, para que ele se soltasse.

— Não temos tempo em uma só noite para todas as coisas que quero fazer a você, com você. Cada lugar em que quero tocar e penetrar.

Ela esfregou as coxas uma na outra, desesperada por qualquer fricção.

— Então faça seu melhor.

Cassian deu uma risada sombria, mas a outra mão dele chegou ao seio intocado dela, circulando por ali também. Ela observou seus dedos marrom-claros brincarem contra sua pele pálida, observou enquanto ele a tocava como se quisesse mapear cada centímetro de seu corpo e tivesse todo o tempo do mundo para fazê-lo. Nestha conseguia distinguir a rigidez abaixo da cintura de Cassian.

— Quer me chupar de novo? — sussurrou ele ao ouvido dela. — Você me quer escorrendo pela sua garganta de novo?

Nestha soltou um gemido de confirmação.

— Você continuou sentindo meu gosto dias depois?

Ela não podia responder, não podia revelar a verdade.

Os dedos dele se fecharam nos mamilos de Nestha, causando apenas a dor necessária para deixá-la completamente úmida.

— Sentiu?

— Senti. Senti seu gosto por dias. — As palavras saíram aos tropeços, e com elas, uma sensação de certeza e voracidade veio à tona e arrancou-a daquele estupor de desejo. — Pensei no seu pau na minha boca toda noite desde então, enquanto enfiava minha mão entre as pernas.

Ele rugiu, e Nestha roçou a mão contra a rigidez dele, apertando-o. Ela levantou a cabeça, encontrou o olhar sombrio dele, e exibiu os dentes.

— Pensei na sua cabeça entre minhas pernas também — disse ela, com o coração galopando —, e em como sua língua deslizou

para dentro de mim. — Ela o apertou de novo.

Cassian gemeu, e os polegares dele acariciaram os mamilos sensíveis demais dela.

Nestha levou a outra mão até o peito dele, empurrou-o em direção à cama, e ele foi, obediente, permitindo que ela determinasse o ritmo, o lugar.

— Prometi que você poderia me foder onde quisesse na Casa — disse ela, com uma voz que parecia mais um ronronado grave e rouco que ela mal reconhecia. A parte posterior das coxas dele atingiu a cama, e Cassian a segurou, e desceu uma das mãos até a cintura de Nestha para equilibrar os dois. — Mas aqui não é a Casa. — A respiração dele saía áspera em torno dos dois conforme ela sorria para as feições sérias e tensas dele. — Então acho que isso significa que vamos foder onde *eu* quiser.

Cassian sorriu, e a mão na cintura dela desceu e segurou em concha a bunda de Nestha. Ele apertou um dos lados.

— Contanto que eu ainda possa foder você na Casa.

Ela igualou o sorriso selvagem dele.

— Que bom.

A mão de Cassian deslizou mais para o sul, entre as pernas dela, sentindo-a por trás. Os dedos dele roçaram na umidade que se acumulara ali, e ele disse um palavrão, puxando a mão, segurando-a entre os dois. A umidade dela se refletiu nos dois dedos dele, e os olhos de Cassian brilharam com intenção predatória quando ele levou os dedos à boca e lambeu, um a um.

O corpo dela ardia, contraindo-se em torno do vazio, desesperada por algo que o preenchesse. Para que ele o preenchesse. Nestha roçou os dedos pela extensão do pênis dele, ainda preso dentro da calça. E quando passou por ali uma segunda vez, ele abriu a boca sobre a dela.

Foi um beijo leve, provocador.

Nestha mordeu o lábio inferior de Cassian. Então ele a puxou para si e esmagou os corpos deles juntos. As duas mãos agora seguravam a bunda de Nestha enquanto ele a pressionava contra si. As bocas abertas deles se esbarraram, se encontraram, e Nestha sentiu o próprio gosto na língua dele. Em seguida, agarrou o cabelo sedoso de Cassian e puxou-o pelo couro cabeludo.

Cassian girou, virando os dois de lado, e então ela estava deitada com as costas no colchão enquanto Cassian estava diante dela.

Ele tirou a boca quando apoiou as pernas dela na cama, flexionando-as na altura dos joelhos. Quando a puxou para a beira do colchão, de forma a deixar o sexo dela exposto para ele.

Cassian se ajoelhou, levantou as asas acima do corpo, e passou a língua direto pelo centro dela.

Nestha gemeu no mesmo momento que ele, e Cassian deixou que ela se contorcesse, como se soubesse que, deixá-la daquele jeito, se mexendo, sem nada preenchendo-a, fosse fazê-la ficar cada vez mais desesperada. Ele a lambeu para saboreá-la mais uma vez, detendo-se no ápice das coxas de Nestha, sugando o conjunto de nervos para dentro da boca e mordiscando com os dentes, antes de começar de novo.

De novo. De novo.

Ele a devorava, derretendo o corpo dela como um pedaço de chocolate na língua.

Nestha não aguentava mais, e agarrou o próprio peito, desesperada por mais toque, mais sensação. Ele ergueu a cabeça de entre as pernas dela e percebeu que a mão de Nestha apalpava o próprio seio. Notou e sorriu, com os dentes brilhando brancos contra o brilho corado dela.

— Gosta de me ver assim, ajoelhado na sua frente? — perguntou ele, com palavras que ecoaram pelo centro dela. Ele mergulhou a língua nela. — Pelo seu gosto, acho que sim.

Nestha arqueou o corpo, impulsionando-o mais contra a língua dele, mas Cassian apenas riu e negou a Nestha o que ela desejava. Ele deu outra lambida lenta em Nestha, da base até o topo, e quando chegou naquele monte de nervos, deslizou dois dedos para dentro dela.

Dois, não um, porque ele parecia saber que ela já o estava esperando, que o queria desinibido e bruto e selvagem. Ela se afastou da cama ao arquear, e Cassian enfiou os dedos de novo e, em meio a sua respiração irregular, disse:

— Como você quer?

Ele enfiou a mão para dentro de Nestha de novo, arrancando dela uma resposta.

— Com força — arquejou ela.

— Graças à Mãe — blasfemou ele, e Nestha ouviu um clique de metal e o farfalhar do couro, e então a língua dele a acariciou de novo, além daquele monte de nervos, para cima da barriga dela, até os seios, até que ele estivesse sobre ela.

Cassian a moveu mais para cima da cama. Nestha não se importava que suas pernas se abrissem para ele, só ligava para o fato dele estar pelado, e para todos aqueles músculos trincados e a pele reluzente que brilhavam acima dela.

Cassian se abaixou até o nicho entre as coxas dela, e seus olhos estavam tão arregalados que Nestha não conseguia ver a parte branca deles. Ele abriu a boca, mas ela não queria ouvir palavras, não queria saber o que ele estava prestes a dizer. Ela segurou o rosto dele entre as mãos e o beijou selvagemente, raspando a língua nos dentes conforme ela esmagava as bocas juntas.

A ponta larga do pau de Cassian tocou a entrada dela, escorregando na umidade ali, e ele abaixou a mão para se direcionar para dentro.

Com o primeiro impulso de Cassian para dentro de seu corpo, labaredas irromperam em Nestha. Ela ofegou contra a boca dele, mordendo o lábio inferior de Cassian conforme ele entrava devagar. Apenas três centímetros.

Ele parou. Cassian era tão grande que o alargamento causava a mais doce das dores — tão grande que ela não tinha certeza de que conseguiria recebê-lo por inteiro. Ele tremeu, segurando-se quase sem ter entrado nela, como se ele estivesse agora se perguntando o mesmo.

Sua hesitação e preocupação derreteram algum caco gelado dentro dela. E a fizeram se libertar de qualquer inibição.

Nestha segurou a bunda de Cassian, sentiu os músculos flexionarem sob as pontas dos dedos, e o puxou para si.

Só mais três centímetros. Apenas mais três centímetros, porque Cassian apoiou os braços na cama, segurando o quadril contra o puxão dela.

— Vou machucar você.

— Eu não ligo. — Nestha passou a língua pela mandíbula dele.

— Mas eu ligo — grunhiu ele, ficando tenso quando Nestha tentou puxá-lo para ela. — Nestha.

Os dedos dela se enterraram de novo, o sangue e os ossos dela gritando por mais dele, mas Cassian se recusou a se mover.

— Nestha. Olhe para mim.

Combatendo o rugido dentro do corpo, ela obedeceu. Calor se incendiou nos olhos dele, e algo mais também.

— Olhe para mim — sussurrou Cassian.

Que os deuses a livrassem, mas ela olhou. Não conseguiu tirar os olhos dele. Encontrou-se em queda livre nos olhos escuros e no lindo rosto de Cassian.

O quadril dele se flexionou, e ele deslizou mais três centímetros para dentro — então recuou até quase a borda.

As respirações se sincronizaram, e Nestha ficou imóvel sob Cassian, sentindo uma calma absoluta, uma plenitude absoluta se espalhando por ela conforme o quadril se moveu de novo, e ele avançou para dentro de novo, um pouco mais fundo dessa vez.

Cassian a encarava a cada pequeno impulso, a cada recuo. Ele a alargava, preenchendo-a centímetro a centímetro, e Nestha sabia que ele estava certo de ir devagar nessa primeira união.

Recuando e avançando, Cassian a preencheu. Eles não disseram nada, simplesmente compartilharam o fôlego com olhos arregalados conforme se encaravam.

Ele tirou de novo, com um movimento longo o suficiente para que ela soubesse que ele estava quase todo dentro. Cassian parou com o pau quase todo fora, e observou o rosto dela. Um deus guerreiro conquistador. Havia a chamado de Lady Morte, e ele era sua espada.

Cassian se abaixou para beijar Nestha. E quando sua língua deslizou para dentro da boca dela, ele se impulsionou para dentro com um poderoso movimento final.

Nestha gemeu quando ele se chocou até a base. O impacto total dele a atingiu, a alargou, e ela não conseguia respirar rápido o bastante. Cassian recuou mais uma vez e se chocou de novo dentro dela, empurrando os corpos dos dois mais para cima da cama.

Ele gemeu dessa vez, e o som foi o fim dela. Nestha fechou as pernas em volta dele, tomando cuidado com as asas, e aproximou os

lábios para encontrar os dele. Cassian mergulhou ainda mais, e ela enterrou as unhas em seus ombros.

Pelos deuses — nada nunca fora tão bom, tão pleno, tão incandescente e prazeroso. Nada jamais tivera aquela sensação, nada.

Cassian ditava o ritmo suave e profundo, e por um momento, Nestha não conseguiu fazer nada além de acompanhá-lo, impulso após impulso. Por um momento, ela olhou entre os corpos deles para onde o pau de Cassian mergulhava nela, tão grosso, longo e refletindo sua umidade que Nestha se fechou em torno dele, o clímax dela já se acumulando.

Ele sentiu os músculos internos dela o apertarem mais forte e grunhiu:

— Porra, Nestha.

E ela gostou tanto de vê-lo perdido que fez de novo, fechando-se nele no momento em que ele entrou por completo. Cassian arqueou o corpo contra o movimento e enterrou os dedos na cama.

— Porra — repetiu ele.

Mas não foi o suficiente. Não chegou nem perto de bastar. Ela queria Cassian rugindo, queria que ele ficasse tão perdido que não conseguiria lembrar nem do próprio nome.

Nestha o impediu com a mão no peito. Apenas uma das mãos, e ele parou, completamente sob o comando dela. Se ela quisesse acabar ali, acabaria.

Aquilo a sensibilizou tanto que ela não conseguiu manter o tremor longe da voz quando disse:

— Quero você mais fundo.

Com olhos selvagens, Cassian ofegou, quando ela saiu dos braços dele. Quando se virou de barriga para baixo e ergueu a parte posterior do corpo para ele, oferecendo-se.

Ele fez um ruído baixo de desejo. Nestha arqueou o quadril mais alto, convidando-o a receber, a se banquetear.

O autocontrole dele se estilhaçou. Ele estava sobre ela em um instante, levantando mais o quadril de Nestha ao entrar com um único impulso. Nestha gritou, um som de tanto prazer que ela sabia que tinha ecoado nas montanhas quando o sentiu atingir seu ponto mais profundo.

Cassian martelou para dentro dela, uma das mãos se movendo do quadril até o cabelo, puxando a cabeça dela para trás, expondo a garganta de Nestha. Ela se entregou àquilo, a ele, e a falta de controle foi inebriante, tão prazerosa que ela mal conseguiu suportar. Ele avançou mais forte, tão profundamente naquele ângulo que ela talvez tivesse gritado de novo, talvez tivesse gemido.

A outra mão de Cassian passeava entre as pernas dela e o pau a martelava. Os cabelos de Nestha estavam presos como rédeas em uma das mãos dele, enquanto a outra estava sobre o prazer dela. Ela estava completamente à mercê dele, e ele sabia disso — Cassian grunhia de desejo, metendo com tanta força que as bolas estalavam contra ela.

O toque sedoso a fez entrar em erupção.

O clímax de Nestha a esmagou e fugiu de dentro dela, fazendo os músculos internos o contraírem com firmeza.

Cassian rugiu. O som ecoou pelo quarto, e ele virou um selvagem quando atingiu o clímax, e jorrou nela com tanta força que seu sêmen escorreu pelas coxas de Nestha.

E então o peso dele caiu nas costas dela, e apenas um braço que ele estendeu para os segurar evitava que os dois desabassem.

Recuperando-se, Nestha só conseguia respirar, respirar e respirar.

Cassian estava enterrado nela, e aquilo era tão bom, tão certo, que Nestha o queria sempre assim, profundamente nela, com sêmen escorrendo por suas pernas, para sempre.

— Ah, deuses — sussurrou ele, contra a coluna dela, sobre a tatuagem. — Isso foi...

— Eu sei — disse ela, ofegante. — Eu sei.

Era o máximo que ela confessaria. O máximo que se permitiria admitir.

Bom demais. Fora bom demais, e nada nem ninguém jamais se compararia.

Ele disse, com a voz trêmula:

— Eu sujei você toda.

Ela enterrou o rosto no cobertor.

— Eu gosto.

Cassian ficou imóvel, mas gentilmente se afastou dela com um longo, longo puxão. Ele puxou seu sêmen junto, e mais um filete escorreu pelas coxas de Nestha, e pingou no cobertor quando ele se afastou de vez. Ela não se moveu. Não conseguia se mover. Não queria se mover.

Nestha sentiu que Cassian ajoelhava atrás dela, encarando a bunda que ela ainda mantinha empinada, a vista que oferecia.

— Eu não deveria gostar tanto de ver isso — grunhiu ele.

Os seios dela se retesaram. Mas Nestha perguntou, timidamente:

— Ver o quê?

— Você. Coberta de mim. Sua intimidade, linda desse jeito.

Ela corou e abaixou o corpo até o colchão.

— Ninguém nunca falou assim comigo.

— Mas é. É a mais linda que já vi.

Ela sorriu contra o cobertor.

— Mentiroso.

— Já estou além de mentiras agora, Nestha.

A voz dele estava tão áspera que Nestha olhou por cima do ombro. Cassian ainda estava ajoelhado, e o rosto dele... Estava completamente arrasado, como se ela o tivesse despedaçado e deixado em ruínas.

— O que foi? — perguntou ela, mas ele se afastou da cama e pegou as roupas caídas.

Nestha se virou, as pernas e o interior encharcados com a essência dele e a dela, mas ele vestiu a calça, pegou a camisa, o casaco, e as armas que ela não percebeu que ele havia carregado. Quando Cassian levantou a cabeça, ele lançou a ela um sorriso malicioso.

— Só sexo, né?

Era uma armadilha, de alguma forma. Nestha não sabia dizer como, mas as palavras eram perigosas. Contudo, ela fora sincera. Ou quisera ser, pelo menos. Então Nestha falou:

— É.

Os olhos dele brilharam, e Cassian sorriu de novo, dirigindo-se até a porta.

— Obrigado pela diversão, Nes. — Ele piscou um olho e foi embora.

Ela encarou a porta, confusa com a saída dele, tão rápida que o sêmen dele ainda vazava dela.

Seria punição? Será que ele não tinha gostado? Nestha tinha a prova de que ele gostara entre as pernas, mas machos podiam sentir prazer e ainda assim não considerar bom.

Será que ele estava tentando demonstrar o que ela havia feito com todos aqueles machos? Levando-os para a cama e então os expulsando?

Nestha dissera apenas sexo, mas pensou que ao menos viria com algum... carinho. Alguns minutos para aproveitar a sensação do corpo dele contra o dela antes que o orgulho a fizesse mandá-lo embora.

Nestha ficou ajoelhada na cama, encarando a porta e com o silêncio como sua única resposta.

Capítulo 38

— Você o levou para cama, não foi?

A pergunta sussurrada de Emerie fez Nestha virar a cabeça para ela enquanto os músculos da barriga tremiam conforme mantinha a posição elevada do abdominal. Emerie, copiando a posição à esquerda, apenas riu do choque no rosto de Nestha. Gwyn, do outro lado de Emerie, estava com olhos arregalados.

Nestha manteve as feições neutras e se esticou até o chão, certificando-se de manter os músculos abdominais contraídos até que as costas estivessem esticadas contra o chão de pedra de novo.

— Por que você disse isso?

— Porque você e Cassian andam trocando olhares suspeitos a manhã toda.

Nestha olhou com raiva para Emerie.

— Não andamos, não.

Foi difícil não olhar para o outro lado do ringue, para onde Cassian estava agora introduzindo o mais novo grupo de sacerdotisas — duas dessa vez, Ilana e Lorelei — ao posicionamento dos pés e ao equilíbrio. Nestha *tinha*, na verdade, visto Cassian olhando na direção dela duas vezes desde que a aula

havia começado, duas horas antes, mas fizera questão de não se envolver em contato visual demorado.

— Andaram, sim — sussurrou Gwyn, baixo o suficiente para que a audição feérica de Cassian não reconhecesse as palavras. Nestha revirou os olhos.

— Bom, se não quer falar sobre isso — disse Emerie, com igual quietude —, então pelo menos conte o que aconteceu ontem, por que não teve aula, e onde você estava à tarde.

— Me pediram para manter segredo — disse Nestha. Os ferimentos dela já haviam cicatrizado e sumido, o que facilitava a omissão de informações.

— Tem alguma coisa a ver com os Tesouros — disse Gwyn. Aqueles olhos azul-mar andavam reparando em coisas demais.

Nestha não respondeu, e isso foi resposta o suficiente. Emerie sabia do básico — tanto quanto Gwyn — e franziu a testa. Mas manteve a voz a um sussurro.

— Então você não dormiu mesmo com ele?

Nestha fez outro abdominal elevando o tronco até os joelhos.

— Eu não disse isso.

Emerie soltou um *hmmm*.

As bochechas de Nestha coraram. Emerie e Gwyn trocaram olhares. E foi Gwyn quem disse: — Foi bom?

Nestha fez outro abdominal, e Cassian gritou do outro lado do ringue: — Emerie! Gwyn! Se conseguissem fazer abdominais tão bem quanto conseguem tagarelar, já teriam terminado.

Emerie e Gwyn deram sorrisos maliciosos.

— Desculpe! — gritaram elas, e se colocaram em movimento.

Nestha ficou parada quando o olhar de Cassian encontrou o dela. O espaço entre eles ficou tenso, os sons das sacerdotisas se exercitando se dissiparam em nada, o céu virou um borrão azul acima, o vento era uma carícia distante nas bochechas dela...

— Você também, Archeron — ordenou ele, apontando para onde Emerie e Gwyn agora se exercitavam, aparentemente fazendo o possível para não rir. — Faça mais 15. — Nestha lançou um olhar emburrado para todos eles e recomeçou suas abdominais. Era por *isso* que ela estava evitando contato visual com ele.

A atenção de Cassian se voltou para outro lugar, mas a cada abdominal para cima, Nestha se viu controlando o impulso de olhar em sua direção. Ela perdeu a conta três vezes. Cafajeste.

Entre abdominais, Gwyn falou:

— Sabe, Nestha, se você está com problemas para se concentrar...

— Ah, por favor — murmurou Nestha.

Gwyn soltou uma risada sussurrada.

— É sério. Aprendi uma nova técnica das valquírias ontem à noite. Chama-se Silenciamento Mental.

Mesmo com o corpo gritando devido ao esforço dos abdominais, Nestha conseguiu perguntar: — O que é isso?

— Elas costumavam fazer para acalmar a mente e as emoções. Algumas delas faziam três ou quatro vezes por dia. Mas é basicamente o ato de se sentar e deixar a mente se calar. Pode ajudar você a se... concentrar.

Emerie deu risadinhas, mas Nestha parou, ignorando a implicação de Gwyn.

— Isso é possível? Treinar a mente?

Gwyn parou o exercício também. O sorriso provocador dela se tornou contemplativo.

— Bom, é. Requer treino constante, mas tem um capítulo inteiro nesse livro que resumi para Merrill sobre como elas faziam. Envolvia respiração profunda e a capacidade de se tornar ciente acerca do corpo, de depois aprender a se desapegar. Elas usavam para permanecer calmas diante dos medos, se acalmar depois de uma batalha difícil, e para combater quaisquer que fossem os demônios interiores que possuíam.

— Guerreiros illyrianos não fazem isso — murmurou Emerie. — A mente deles está cheia de ódio e batalha. Só piorou desde a última guerra. Agora que estão reconstruindo seus batalhões.

— As valquírias achavam que emoções exacerbadas eram distrações diante de um oponente — falou Gwyn. — Elas treinavam a mente para ser armas tão afiadas quanto qualquer lâmina. Conseguir manter a compostura, saber acessar aquele lugar de calma em meio à batalha as tornou adversárias inabaláveis.

O coração de Nestha acelerava a cada palavra. Aquietar a mente...

— Consegue pedir que uma escriba faça cópias do capítulo?

Gwyn sorriu.

— Já pedi.

Cassian disparou:

— Vocês três querem fofocar ou treinar?

Nestha lançou a ele um olhar sarcástico.

— Não conte isso a ele — avisou ela. — É nosso segredo. — E Cassian não ficaria surpreso quando *ela* se tornasse a inabalável?

Emerie e Gwyn assentiram em concordância quando Cassian se aproximou. Cada músculo, cada trecho de sangue e osso no corpo de Nestha ficou em estado de alerta. Ela havia retornado para a Casa naquela manhã, atravessado até lá por um Rhys neutro demais. Cassian não estava à vista.

Ela só teve trinta minutos para tomar café da manhã e colocar o couro sobressalente, pois aqueles que tinha vestido no pântano ainda estavam encharcados. O conjunto que tinha colocado era maior — não largo, mas um pouco maior. Ela não havia notado o quanto seu conjunto habitual era justo até colocar aquele bem mais confortável. Não tinha notado quanto músculo tinha ganhado nas coxas e nos braços durante o mês até se dar conta de que os movimentos tinham sido restritos pelo antigo par.

Cassian parou diante delas com a mão no quadril.

— Tem alguma coisa mais interessante hoje do que o treino?

Ele sabia. O canalha sabia que estavam falando dele. A fagulha em seu olhar e o meio-sorriso mostravam isso.

Os lábios de Emerie tremiam com o esforço de evitar sorrir.

— De jeito nenhum.

A atenção de Gwyn quicava entre Nestha e Cassian.

Cassian disse às sacerdotisas:

— É mesmo?

Gwyn sacudiu a cabeça rápido demais para ser inocente e começou os abdominais de novo, o que fez seu rosto sardento brilhar com suor. Emerie tinha se juntado a ela e as duas treinavam com tanta dedicação que era risível. Nestha olhou para Cassian.

— O que é?

Os olhos dele dançavam com interesse malicioso.

— Terminou sua série?

— Terminei.

— E os abdominais?

— Também.

Ele se aproximou, e Nestha não conseguiu deixar de pensar na forma com que Cassian se aproximara na noite anterior, no modo como aquelas mãos agarraram o quadril dela enquanto ele avançava nela por trás. Algo devia ter aparecido no rosto dela, porque Cassian disse, com a voz baixa: — Você certamente tem sido produtiva, Nes.

Ela engoliu em seco e soube que as duas fêmeas ao seu lado estavam se segurando para não falar nada. Nestha, contudo, ergueu o queixo.

— Quando é que vamos fazer algo de útil? Quando começaremos com arco e flecha ou espadas?

— Acha que está pronta para dar conta de uma espada?

Emerie soltou um sibilo, mas manteve a concentração.

Nestha se recusou a sorrir e a corar, e disse, sem desviar os olhos de Cassian: — Só você pode me responder isso.

As narinas dele se dilataram.

— Levante.

Cassian tinha dito a si mesmo dúzias de vezes desde que saíra daquele quarto que o sexo tinha sido um erro. Mas ao ver Nestha desafiá-lo, aquela insinuação fervilhando como chamas, não conseguia se lembrar por quê.

Algo a ver com ela só querer sexo, algo a ver com o sexo ter sido o melhor da maldita vida dele, e como o havia deixado literalmente aos pedaços.

Nestha piscou.

— O que foi?

Ele indicou o centro do ringue.

— Você me ouviu. Acha que está pronta para lidar com uma espada, então prove.

As amigas dela estavam claramente cientes do que eles haviam feito na noite anterior. Emerie não conseguia sequer esconder as risadas, e Gwyn ficava olhando de esguelha para eles.

Ele disparou para as duas fêmeas:

— Terminem os exercícios agora ou farão em dobro.

Elas pararam de encarar.

Nestha ainda o encarava com seu lindo rosto corado devido ao suor e à exaustão. Uma gota de transpiração escorreu pela têmpora dela, e Cassian precisou se segurar para não lambê-la.

Ela perguntou:

— Vamos aprender a usar espadas?

Ele seguiu para a estante do outro lado do ringue e ela o acompanhou.

— Vamos começar com espadas de madeira, feitas para treinar. Nem por cima do meu cadáver vou colocar aço de verdade nas mãos de novatas.

Ela riu, e ele enrijeceu o corpo. Cassian falou, por cima do ombro:
— Se você é infantil demais para falar de lâminas sem rir, então não está pronta para treinar espadas.

Ela fez uma careta. Mas Cassian falou:

— Estas são armas mortais. — Ele deixou a voz se elevar para que todas as fêmeas ouvissem, embora estivesse falando apenas com ela. — Precisam ser tratadas com uma dose saudável de respeito. Nem cheguei a tocar em uma espada de verdade durante os primeiros sete anos.

— Sete *anos*? — indagou Gwyn atrás deles.

Cassian chegou à estante e sacou uma espada longa, quase uma réplica da illyriana que ele mantinha às costas.

— Acha que crianças deveriam andar por aí empunhando espadas de verdade?

— Não — disparou Gwyn. — Só quis dizer que... você pretende que a gente pratique com espadas de madeira por sete anos?

— Se vocês três continuarem rindo desse jeito, sim.

Nestha disse a Gwyn e Emerie:

— Não deixem que ele intimide vocês.

Cassian riu.

— Palavras perigosas para uma fêmea prestes a me enfrentar.

Ela revirou os olhos, mas hesitou quando ele estendeu a espada de treino com o punho voltado para ela.

— É pesada — observou Nestha ao sentir o peso todo.

— A espada de verdade pesa mais.

Nestha olhou para o ombro dele, onde o cabo da espada despontava por cima.

— Mesmo?

— Sim. — Ele assentiu olhando para as mãos dela. — Segure o cabo com as duas mãos. Não aperte o punho perto demais da ponta.

Emerie começou a tossir, e a boca de Nestha se contraiu, mas ela se conteve — combateu a vontade de rir. Até mesmo Cassian conteve uma gargalhada antes de pigarrear.

Mas Nestha fez o que ele instruiu.

— Os pés onde mostrei a você — disse ele, muito ciente de cada olhar sobre eles. Pela forma como o rosto de Nestha ficou sério, Cassian sabia que ela também estava ciente. Que aquele momento, com aquelas sacerdotisas observando, era crucial, de alguma forma.

Vital.

Nestha encontrou o olhar de Cassian. E cada pensamento em sexo, em como tinha sido bom, se esvaiu no momento em que ela ergueu a espada diante do corpo.

Foi como uma chave, finalmente, abrindo uma fechadura.

Era uma espada de madeira, mas não era. Era parte do treino, mas não era.

Cassian demonstrou a ela oito cortes e bloqueios diferentes. Cada um era um movimento individual, explicara ele, e como socos, podiam ser combinados. O mais difícil era se lembrar de guiar com o cabo da espada e usar o corpo inteiro, não só os braços.

— Bloqueio um — ordenou ele, quando Nestha ergueu a espada perpendicularmente ao corpo, levantando-a contra um inimigo invisível. — Corte três. — Ela girou a lâmina, lembrando-se de liderar com o maldito cabo, e cortou para baixo em um ângulo inclinado. — Estocada um. — Mais um giro, e ela avançou, batendo a lâmina contra um inimigo imaginário.

Todas tinham parado para olhar.

— Bloqueio três — comandou Cassian. Nestha trocou para uma pegada de uma com apenas a mão esquerda subindo até o peito, onde ele a instruíra a mantê-la. Aquela seria sua mão-escudo, dissera ele, e aprender a mantê-la fechada perto do corpo seria essencial para sua sobrevivência. — Corte dois. — Nestha arrastou a espada em linha reta para cima, partindo aquele inimigo da virilha até o esterno. — Bloqueio dois. — Ela girou em um dos pés, arrastando a espada do peito daquele inimigo para interceptar outro golpe invisível.

Nenhum dos movimentos possuía qualquer semblante da elegância e do poder dele. Ainda eram travados e ela precisava de um segundo para se lembrar de cada um dos passos, mas Nestha disse a si mesma que levaria muito mais do que trinta minutos de instrução para aprendê-los. Cassian a lembrara disso muitas vezes.

— Bom. — Ele cruzou os braços. — Bloqueio um, corte três, estocada dois.

Ela obedeceu. Os movimentos fluíram mais rápido, mais certeiros. A respiração dela entrava em sincronia com o corpo a cada golpe.

— *Bom*, Nestha. De novo.

Ela conseguia ver o campo de batalha enlameado, e ouvia os gritos de aliados e inimigos. Cada movimento era uma luta por sobrevivência, por vitória.

— De novo.

Ela conseguia ver o rei de Hybern, o Caldeirão, e os Corvos — via o kelpie e Tomas e todas aquelas pessoas que tinham desprezado a pobreza e o desespero dos Archeron, os amigos que tinham dado as costas com sorrisos estampados no rosto.

O braço dela era uma dor distante, secundária àquela canção que se acumulava no sangue dela.

A sensação era boa. A sensação era tão, tão boa.

Cassian ordenou combinações diferentes, e Nestha obedeceu, deixou que fluíssem por ela.

Cada inimigo odiado, cada momento no qual ela estivera impotente contra eles subiu à superfície. E com cada movimento da

espada, cada fôlego, um pensamento se formava. Ecoava a cada inalação, estocada e bloqueio.

Nunca mais.

Nunca mais ela seria fraca.

Nunca mais ficaria à mercê de alguém.

Nunca mais fracassaria.

Nunca mais, nunca mais, nunca mais.

A voz de Cassian parou, e então o mundo parou, e tudo que existia era ele, com seu sorriso destemido, como se soubesse que música rugia no sangue de Nestha, como se somente ele entendesse que a lâmina era instrumento para canalizar aquele fogo revolto dentro dela.

As outras fêmeas estavam completamente caladas. A hesitação e o choque delas brilhavam no ar.

Lentamente, Nestha tirou os olhos de Cassian e olhou para Emerie e Gwyn, já movendo-se pelo ringue. Cassian estava com as espadas de madeira prontas quando elas chegaram.

Não havia medo algum nos olhos delas. Como se elas também vissem o que Cassian via. Como se elas também ouvissem aquelas palavras dentro da mente de Nestha.

Nunca mais.

Capítulo 39

O fogo dentro dela não parou.

Nestha mal conseguiu fazer o trabalho na biblioteca naquela tarde graças ao fogo, àquela energia saltitante. Quando o relógio bateu seis horas, ela se despediu de Clotho e foi direto para a escada exterior.

Mais e mais para baixo, girando e girando e girando.

Degrau após degrau após degrau.

Ela não parou. Não podia parar.

Como se tivesse sido libertada de uma gaiola na qual não sabia que estava.

A cada passo para baixo, ela ouvia as palavras. *Nunca mais*.

Nestha havia escapado do kelpie por pura sorte. Mas tinha ficado apavorada. Tão apavorada quanto na ocasião em que fora atirada nas profundezas do Caldeirão, tão apavorada quanto tinha se sentido com Tomas. Pelo menos com Tomas ela havia lutado. Com o kelpie, mal fizera alguma coisa até que a Máscara a salvou.

Nestha tinha se sentido tão assustada. Tão fraca e trêmula. Era inaceitável. Inaceitável que ela tivesse se permitido recuar e se acovardar e se encolher.

Mais e mais para baixo, girando e girando e girando.

Degrau após degrau após degrau.

Nunca mais. Nunca, nunca mais.

Nestha chegou ao degrau de número seis mil e começou a subida.

As primeiras chuvas de outono chegaram no dia seguinte, e Cassian em parte esperava que as sacerdotisas não aparecessem para treinar, mas elas já estavam esperando molhadas e no frio quando ele entrou no ringue de treino. Nenhuma delas se deu ao trabalho de usar magia para se manter secas.

Como se elas quisessem a dificuldade, o esforço a mais.

No centro do grupo estava Nestha, com olhos já concentrados.

O sangue de Cassian esquentou, incapaz de conter o desejo ao ver aquela determinação no rosto dela, a ansiedade de aprender mais, de se esforçar mais.

Ele não a procurara na noite anterior, decidindo dormir na casa do rio em vez de arriscar a tentação. O sexo tinha sido tão bom — e ele sabia que se não colocasse algum semblante de obstáculo, seria totalmente consumido. *Ela* o consumiria por completo.

Nestha, Emerie e Gwyn estavam juntas, e havia três novas sacerdotisas naquele dia.

— Moças — disse ele, como cumprimento, observando as onze fêmeas encharcadas que esperavam como tropas para serem comandadas em campo de batalha. Roslin tirara o capuz, revelando uma cabeça de cabelo vermelho-vivo e pele pálida sobre feições delicadas. Os olhos dela eram castanho-claros, e se estava com medo de revelar o rosto, não deixou transparecer. Cassian observou o resto da fila e, bom, aquilo era novo. Gwyn estava usando couro illyriano. Os antigos de Nestha, pelo cheiro nas roupas.

Cassian as observou, todas de olhares nítidos e ansiosas.

— Acho que vamos precisar de mais um tutor.

Na manhã seguinte, embora as fêmeas estivessem hesitantes perto de um rosto novo, Azriel se manteve tão distante e calado que elas rapidamente relaxaram perto dele. Az prontamente concordou em encaixar as aulas em sua agenda antes de partir para ficar de olho em Briallyn.

Cassian continuou a treinar Nestha, Emerie e Gwyn. A chuva não aliviava, e eles estavam todos encharcados, mas o esforço mantinha o frio longe.

— Então isso pode mesmo derrubar um macho com um movimento? — perguntou Gwyn a Cassian enquanto ela estava diante de Nestha. Eles tinham feito uma pausa com as espadas para alongar as mãos, mas em vez de sentar ociosos e deixar que o corpo ficasse rígido devido à falta de atividade, ele havia mostrado a elas algumas técnicas para se livrar de uma situação difícil.

Gwyn estava distraída naquele dia — um dos olhos do outro lado do ringue. Cassian só podia presumir que ela estava observando o irmão dele, que dera a Gwyn um leve sorriso de cumprimento ao chegar. Gwyn não retornara o sorriso. Cassian se amaldiçoou pela tolice. Ele devia ter perguntado a ela se Gwyn estaria confortável com Azriel ali. Talvez devesse ter perguntando a todas as sacerdotisas sobre incluir outro macho, mas principalmente Gwyn, a pessoa que Azriel tinha encontrado naquele dia em Sangravah.

Ela não havia falado nada durante a aula. Só olhava de vez em quando para Az, que permanecia profundamente concentrado em suas obrigações. Cassian não conseguia decifrar a expressão no rosto dela.

Ele se concentrou nas fêmeas à sua frente.

— Este movimento pode deixar qualquer um inconsciente se você atingir o ponto certo. — Cassian segurou a mão de Nestha, colocando-a no pescoço dele. Os dedos dela eram tão pequenos contra os dele, e estavam congelando. Talvez ele tivesse traçado o polegar pelo dorso da mão dela antes de posicionar os dedos de Nestha. — Você deve procurar este ponto de pressão. Se atingir com força suficiente, vai fazer com que caiam como uma pedra.

Os dedos de Nestha se fecharam, e Cassian segurou a mão dela. Mas ela sorriu, como se soubesse que o havia surpreendido. Ele apertou os dedos frios dela.

— Sei que você estava considerando fazer isso.

— Eu jamais faria uma coisa assim — respondeu ela, tranquila, com os olhos dançando.

Cassian piscou um olho, e Nestha tirou a mão do pescoço dele.

— Tudo bem — disse ele. — De volta às espadas. Quem quer me mostrar os oito pontos de novo?

Mesmo depois de terem trocado de roupa, Nestha e Gwyn continuavam geladas até os ossos uma hora depois da aula ter terminado. Aninhada em um nicho quente e confortável de uma parte da biblioteca raramente visitada, Nestha bebia seu chá de hortelã, e deixava o calor percorrer seu corpo enquanto lia o capítulo que Gwyn havia copiado. Ela dera um a Emerie antes da amiga partir, recebendo uma promessa da illyriana de que ela praticaria naquela noite para que pudessem trocar observações no dia seguinte.

— Então é fácil assim mesmo? — perguntou Nestha, apoiando os papéis na almofada desgastada do sofá.

Gwyn, sentada na ponta oposta do sofá, esticou os pés na direção do fogo; suas vestes farfalhavam.

— De fato *parece* fácil, mas de acordo com tudo o que li, não é.

— Aqui diz que você só precisa sentar num lugar confortável e silencioso, fechar os olhos, respirar bastante, e desapegar da mente.

— Estou dizendo: as valquírias levavam meses para aprender o básico, e dominar isso exigia fazer esses exercícios *várias* vezes por dia. Mas vamos tentar. Diz no fim deste capítulo que se estivermos fazendo pela primeira vez, talvez a gente fique sonolenta, ou até durma, mas aprender a combater a vontade de dormir é algo que faremos mais para a frente.

— Preciso de uma soneca depois do treino de hoje — murmurou Nestha, e Gwyn riu em concordância. Nestha apoiou o chá na mesa baixa diante do sofá. — Tudo bem. Vamos tentar.

— Eu decorei as etapas, então vou guiar a gente — sugeriu Gwyn.

Nestha riu.

— É claro que decorou.

Gwyn deu um tapa de brincadeira no ombro dela.

— Aprender isso é meu emprego, você sabe.

— Você teria decorado essa informação de qualquer forma.

— Não posso negar. — Gwyn gargalhou, terminou o próprio chá e então se sentou ereta. — Fique em uma posição sentada confortável, alerta, mas à vontade.

— Nem sei o que isso significa.

Gwyn demonstrou, arrastando-se até que as costas tocassem as almofadas do encosto, os pés ficassem plantados no chão e as mãos repousassem suavemente nos joelhos. Nestha copiou a posição. Gwyn a avaliou, então assentiu.

— Agora respire fundo três vezes, inspire pelo nariz contando até seis, expire pela boca contando até seis. Depois de terminar a terceira respiração, feche os olhos, e continue respirando.

Nestha obedeceu. Inalar e exalar por tanto tempo requeria mais concentração e esforço do que ela esperava. A respiração era alta demais nos ouvidos dela; cada fôlego parecia fora de sincronia com os de Gwyn. Será que tinha tomado fôlego duas vezes, ou três? Ou quatro?

— Consigo sentir você pensando demais aqui — murmurou Gwyn. — Feche os olhos e continue respirando. Tome cinco fôlegos.

Nestha obedeceu. Sem nada que a distraísse visualmente, ela imaginou que a respiração seria mais fácil de acompanhar.

Não era. De alguma forma, sua mente só queria pairar por aí. Ela se *ordenou* a se concentrar na contagem, a cronometrar cada fôlego e contar quantos tomava, no entanto, se viu pensando nas almofadas macias, no chá que esfriava, no cabelo ainda úmido...

Quantos fôlegos tinham sido?

— Acho que estou ficando louca — murmurou Nestha.

Gwyn a calou.

— Agora, deixe a respiração se acalmar, e se concentre nos sons ao redor. Repare nesses sons, então deixe que eles se dissipem.

Nesta obedeceu. À esquerda, ela discernia pés se arrastando e vestes farfalhando. Quem estava passeando pelas estantes? Que livros elas...

Concentração. Abandonar os sons. Alguém estava caminhando ali perto. Ela notou isso, e, com uma exalação, mandou o

pensamento embora flutuando. À direita, a respiração de Gwyn continuava constante.

Gwyn devia ser boa naquilo. Gwyn era boa em tudo, na verdade. Mas isso não a irritava. Por qualquer que fosse o motivo, Nestha queria enaltecer sua amiga para quem quer que ouvisse.

Sua amiga. Era isso que Gwyn era. As coisas...

Foco. Desapego. Nestha reparou na respiração de Gwyn, libertou o pensamento, e passou para o som seguinte. Então o seguinte.

— Agora, observe seu corpo — disse Gwyn, baixinho. — Comece pela cabeça, desça lentamente até os dedos dos pés e avalie como está se sentindo. Se tem algum ponto dolorido...

— Tudo está dolorido depois daquela lição de espadas — sibilou Nestha.

Gwyn segurou outra risada.

— É sério. Note se há pontos doloridos, se há pontos em que a sensação é boa... — Papéis farfalharam. — Ah, e as instruções também dizem que quando terminar, deve avaliar como *você* está se sentindo. Não se demore com isso, apenas reconheça.

Nestha não gostava muito de como esta última parte soava, mas obedeceu. Cada parte de seu corpo doía, desde uma rigidez no pescoço até uma dor no pé esquerdo. Ela não se dera conta de quantos pequenos pedaços dela existiam, todos constantemente gritando suas dores ou seu estado. Quanto barulho sua cabeça produzia. Mas reconheceu cada uma daquelas coisas e deixou que elas se dissipassem para longe.

Avaliar suas emoções, no entanto... Como ela estava se sentindo? No momento, cansada, mas... satisfeita por estar ali com Gwyn. Rindo. Fazendo aquilo. Se fosse mais fundo...

— Agora vamos trabalhar a respiração concentrada. Inspire pelo nariz, expire pela boca. Faça dez vezes, depois comece de novo. Se um pensamento surgir, reconheça, então mande de volta para onde veio. Diga a si mesma: *Sou a rocha contra a qual a onda quebra*. Seus pensamentos são a onda. Deixe que eles quebrem em você.

Parecia fácil.

Não era. Nas primeiras vezes que Nestha contou dez fôlegos, nenhum pensamento a importunou. Mas quando começou o conjunto seguinte...

O que Elain pensaria, se visse Nestha ali com uma amiga? O pensamento surgiu do nada. Pareceu até que aquela ideia havia corrido na direção dela assim que relaxara a mente. Será que Elain ficaria satisfeita, ou sentiria necessidade de avisar Gwyn a respeito da verdadeira natureza de Nestha?

Ela estava no folego de número cinco. Não, seis. Espere... talvez tenham sido apenas três.

— Comece de novo se perder a conta — disse Gwyn, como se tivesse ouvido a interrupção na respiração constante de Nestha.

Nesta obedeceu, concentrando-se nas respirações, não em Elain. *Reconheço esse pensamento sobre minha irmã, e estou abrindo mão dele.*

Ela estava no sétimo fôlego quando a irmã apareceu de novo. *E no entanto, por algum motivo, você só consegue pensar no que* meu *trauma fez com* você.

Será que Elain estava certa? Feyre admitira que também era culpada daquilo, mas... Feyre não conhecia Elain como Nestha conhecia. Ou, não antes. Antes de Elain ter escolhido Feyre.

Antes de Amren ter escolhido Feyre.

Antes...

Reconheço esses pensamentos e estou abrindo mão deles.

Nestha inspirou uma oitava vez. *Estou me concentrando na minha respiração. Esses pensamentos existem, e estou deixando que eles passem por mim*.

Nestha tomou outro fôlego. Forçou a mente a pensar apenas na respiração.

— Quando terminar seu próximo conjunto de dez respirações — falou Gwyn, próxima, e, no entanto, longe — pare de contar e apenas deixe a mente fazer o que quiser. Faremos isso por alguns segundos, então pararemos. O objetivo é trabalhar em períodos cada vez mais longos assim.

Nestha obedeceu, contando cada um dos dez fôlegos restantes. Sentindo aquele momento da parada como uma onda iminente. Ela terminou o décimo fôlego.

Faça como quiser, mente. Pode pairar até aqueles lugares sombrios e horríveis.

Mas a mente não o fez. A mente de Nestha permaneceu. Não pairou. Ela apenas... ficou sentada ali. Contente. Descansando. Como um gato enroscado aos pés dela.

Imóvel.

Apenas alguns momentos se passaram antes de Gwyn sussurrar:

— Comece a mergulhar de volta para seu corpo. Repare nos sons ao nosso redor. Repare na sensação de seus dedos das mãos, dos pés.

Estranho, tão estranho encontrar seu corpo subitamente... tranquilizado. Distante. Como se ela de alguma forma tivesse conseguido mesmo se afastar. Deixar que ele descansasse. E sua mente...

— Abra os olhos — sussurrou Gwyn.

Nestha abriu. E pela primeira vez na vida, sentiu-se completamente tranquila na própria pele.

Capítulo 40

A chuva continuou caindo por dois dias, o que manteve a temperatura baixas. Folhas se espalhavam por toda Velaris, e o Sidra era agora uma cobra prateada, às vezes escondido pela névoa que pairava. As fêmeas apareciam todo santo dia, sem falta.

Mas apenas Nestha estava ao lado dele quando Cassian bateu à porta da pequena loja do ferreiro na periferia a oeste de Velaris.

A loja de pedras cinza e telhado de palha não tinha mudado durante os cinco séculos em que ele era cliente — tinha comprado todas as armas não illyrianas ali. Cassian a teria levado a um ferreiro illyriano, mas a maioria deles eram machos retrógrados e supersticiosos que não queriam as fêmeas perto das lojas. O macho Grão-Feérico de pele corada que abriu a porta para eles era habilidoso e gentil, ainda que ríspido.

— General — disse o macho, limpando as mãos cobertas de fuligem no avental de couro manchado. Ele abriu mais a porta, o calor delicioso disparou para fora e os encontrou sob a chuva fria. Os olhos escuros do ferreiro percorreram Nestha, reparando no cabelo encharcado e nas vestes de couro dela, na intensidade calma das feições apesar do tempo horrível.

Ela estampara a mesma expressão no rosto, em cada linha de expressão do corpo, enquanto treinava naquela manhã. E quando Cassian emitiu o convite para que ela se juntasse a ele ali durante o almoço. Ele tinha convidado todas as fêmeas, mas Emerie precisava voltar para Refúgio do Vento, e as sacerdotisas não estavam dispostas a deixar a montanha. Então, apenas Nestha foi com ele até a pequena aldeia, com a cidade pairando do lado leste e planícies amplas e planas se estendendo na direção do mar a oeste.

— Como posso ajudar você?

Cassian cutucou Nestha para a frente com a mão na lombar dela, e sorriu para o macho.

— Quero que Lady Nestha aprenda como se faz uma lâmina. Antes que ela escolha uma de verdade.

O ferreiro avaliou Nestha de novo.

— Acho que não preciso de uma aprendiz.

— Só uma breve demonstração — falou Cassian, mantendo o sorriso estampado enquanto olhava para Nestha, que estava encarando para além do ombro largo do ferreiro, para dentro da oficina atrás dele. O ferreiro franziu a testa profundamente, então Cassian acrescentou: — Quero que ela aprenda quanto trabalho e habilidade estão envolvidos no processo. Que veja que uma lâmina não é apenas uma ferramenta para matar, mas uma obra de arte também. — Elogios sempre ajudavam a abrir o caminho. Rhys ensinara isso a ele.

O olhar de Nestha se voltou para o rosto do ferreiro, e, por um momento, eles se encararam. Então Nestha falou:

— O que você puder me mostrar, durante qualquer tempo livre que tenha, me deixaria muito grata.

Cassian tentou não mostrar surpresa diante das palavras educadas. Do indício de deferência.

Aquilo pareceu adiantar, pois o ferreiro gesticulou para que entrassem.

Nestha ouviu enquanto o macho de cabelos pretos explicava os diversos estágios de se forjar uma lâmina, desde a qualidade do minério até o teste. Cassian ficou perto dela, fazendo as próprias perguntas, pois Nestha falou pouco. Uma das poucas vezes em que ela falou foi para pedir para se afastar das fogueiras que rugiam na

sala da forja e ir até a área mais fria e mais escura da oficina. Mas quando o ferreiro terminou de repassar o processo de desenho de lâminas mais ornamentais, Nestha perguntou:

— Posso testar? — Diante da hesitação do ferreiro, Nestha deu um passo adiante, com os olhos na porta além deles, cheios do estrondo da forja. — Martelar as lâminas, quero dizer. Se você tiver alguma sobressalente. — Ela olhou para Cassian. — Você será compensado, é claro.

Cassian assentiu.

— Pagaremos pelas lâminas que possivelmente sejam danificadas.

O ferreiro avaliou Nestha de novo, como se testasse o minério nela, então assentiu.

— Tenho algumas em que você poderia tentar.

Ele os levou de volta ao calor, às chamas e à luz, e Cassian podia jurar que Nestha estava inalando e exalando em um ritmo perfeito e controlado. Ela mantinha o olhar no ferreiro, no entanto, conforme ele trazia uma espada inacabada e a colocava sobre a bigorna. Bonita, mas comum. Uma espada simples, sem nada de mais, dissera o ferreiro. Depois de uma demonstração ágil e impecável, ele entregou o martelo a Nestha.

— Firme os pés assim — disse o ferreiro, e Nestha acompanhou as instruções dele até erguer o martelo acima de um dos ombros e descer a ferramenta.

O clangor de uma batida soou, e a espada saiu quicando. Uma tentativa desastrada. Nestha trincou os dentes.

— Não é tão fácil quanto parece.

O ferreiro apontou para a espada.

— Tente de novo. Leva um tempo para se acostumar. — Cassian jamais ouvira o macho falar tão... gentilmente. Normalmente, as conversas deles eram breves e diretas, livres de formalidades ou detalhes pessoais.

Nestha bateu com a espada de novo. A mira estava melhor dessa vez, mas ainda assim era sofrível. Pedaços de carvão estalaram na forja atrás deles, e Nestha se encolheu. Antes que Cassian pudesse perguntar o motivo, ela trincou os dentes de novo e bateu com a espada uma terceira vez. Quarta. Quinta.

Quando o ferreiro sacou uma adaga, Nestha tinha pegado o jeito da coisa. Estava até um pouco sorridente.

— Adagas requerem uma técnica diferente — explicou o ferreiro, demonstrando de novo. Tanto trabalho, habilidade e dedicação, tudo por uma lâmina comum. Cassian balançou a cabeça. Quando tinha sido a última vez que ele parou para apreciar o artesanato e o trabalho que eram empregados em suas armas?

Suor brotava na testa de Nestha conforme ela martelava a adaga; os golpes e o corpo estavam mais firmes agora. Orgulho se entremeou no peito dele. Ali estava ela, aquela fêmea que tinha sido forjada durante a guerra contra Hybern. Mas diferente, mais concentrada. Mais forte.

Cassian estava ouvindo apenas parcialmente quando o ferreiro trouxe uma espada longa.

Mas ele ficou atento quando Nestha se curvou sobre ela em um movimento suave e o martelo atingiu o alvo.

Golpe após golpe, e Cassian podia ter jurado que o mundo parou quando ela se libertou com a mesma intensidade que Nestha levava para o treino.

O ferreiro sorriu para ela. A primeira vez que Cassian tinha visto o macho fazer isso.

O braço de Nestha formava um arco acima dela, o martelo estava preso em seus dedos flexionados. Era uma dança, cada um dos movimentos dela sincronizado com o eco que ecoava do martelo na lâmina. Ela batia na espada ao som de uma música que ninguém além dela podia ouvir.

Cassian deixou que ela continuasse. A chuva e o vento farfalhavam o telhado de palha a uma contrabatida distante acima deles, e ele começou a se perguntar o que sairia do calor e das sombras.

Aprender a lutar com espada não era uma tarefa fácil — requeria repetição, memória muscular e paciência — mas Nestha, Emerie, e Gwyn estavam dispostas.

Não, percebeu Cassian enquanto as observava guardar as espadas na chuva gelada que continuou no dia seguinte. Estavam mais do que dispostas: tinham treinado com uma concentração renovada e firme. Nenhuma delas mais do que Nestha, que agora guardava a espada e pegava uma faixa de tecido. Ela começou a enfaixar as mãos, alongando o pescoço ao fazer isso.

Eles não tinham conversado depois da lição com o ferreiro na tarde anterior, embora ela tivesse agradecido a ele baixinho quando voltaram para a Casa do Vento. Ela estava com aquela intensidade no rosto de novo e com os olhos distantes — como se estivesse se concentrando em algum alvo invisível. Então ele não a havia procurado na noite anterior, embora cada parte dele tivesse gritado para fazer isso. Ele daria tempo a ela. Deixaria que ela tomasse a iniciativa quando estivesse pronta. Caso o quisesse de novo.

Cassian sufocou o pensamento e permitiu que a chuva gelada esfriasse seu desejo, seu pesar.

Em silêncio, Nestha se aproximou do saco de pancadas: um tronco de árvore caído que tinha sido envolvido em cobertores grossos. Ela se aproximava dele como se estivesse enfrentando um oponente.

Nestha olhou por cima do ombro para Cassian quando parou diante do tronco, havia uma pergunta em seus olhos.

Ele assentiu.

— Se quiser usar os últimos 15 minutos para treinar, vá em frente.

Era tudo de que ela precisava, e ele estava satisfeito demais para dizer qualquer outra coisa quando Nestha assumiu a posição de luta e começou a socar.

O primeiro impacto nas articulações dos dedos dela contra a madeira acolchoada doeu. Mas ela bateu onde deveria, e seu polegar continuou onde ela o obrigara a aprender a ficar, e quando seu braço recuou, a dor se tornou uma canção. Ela deu mais um soco, arrancando um satisfatório *tum* da madeira.

Bom — aquilo era *bom*. Colocar tudo para fora, canalizar as angústias daquele jeito.

A respiração de Nestha estava aguçada como uma lâmina, mas ela deu um gancho esquerdo, e depois dois cruzados com o punho direito.

Ela não sentia a chuva, não sentia o frio.

Cada soco carregava o medo, a raiva e o ódio para fora do corpo e para dentro daquele tronco.

Durante três dias, ela manteve aquele fogo no sangue. Por três dias, sonhou com espadas, escadas e combate. Não conseguiu impedir. Ela caíra na cama tão cansada que não teve chance de sequer ler antes de ficar inconsciente. Certamente não fez sexo com Cassian. Nem mesmo um olhar incandescente do outro lado da mesa de jantar.

A presença de Azriel ajudava. Ele agora treinava as recrutas mais jovens, calado, gentil, mas inabalável, e se ela não soubesse, juraria que pelo menos duas das sacerdotisas — Roslin e Ilana — suspiravam sempre que ele passava.

Alguma parte pequena e terrível dela estava feliz por não terem suspirado por Cassian. Ela também socou aquele pensamento para fora. Aquele pensamento patético e egoísta.

Assim como ela inteira era patética, egoísta e cheia de ódio.

Um-dois, dois-um-um; ela socava e socava, atirando o corpo todo no tronco.

— Pelo Caldeirão — disse uma voz masculina familiar ao lado de Cassian, e ele se virou e viu Lucien no arco da área de treino. O resto das sacerdotisas e de Azriel tinha partido dez minutos antes. Nestha nem mesmo notou. — Feyre disse que estava treinando, mas eu não sabia que ela estava... bom, *treinando*.

Cassian assentiu como cumprimento e manteve os olhos em Nestha onde ela socava o tronco acolchoado sem parar, como tinha feito pelos últimos 25 minutos seguidos. Ela estava em um lugar que Cassian conhecia bem — onde pensamento e corpo se tornavam um, onde o mundo se dissipava em nada. Trabalhando alguma coisa bem no fundo dela.

— Achou que ela estivesse lixando as unhas?

O olho mecânico de Lucien estalou. O rosto dele ficou tenso quando Nestha deu um espetacular gancho esquerdo no tronco de madeira. Que estremeceu com o impacto.

— Fico pensando, sabe. Será que não há coisas que jamais deveriam ser despertas? — murmurou.

Cassian olhou com raiva para ele.

— Cuide da sua vida, foguinho.

Lucien apenas observou Nestha atacar, a pele reluzente dele estava um pouco pálida.

— Por que você está aqui? — perguntou Cassian, incapaz de conter o tom afiado. — Onde está Elain?

— Não venho sempre a esta cidade para ver minha parceira. — As últimas duas palavras pingavam desconforto. — Vim até aqui porque Feyre disse que eu deveria. Preciso matar algumas horas antes de me encontrar com ela e Rhys. Ela achou que eu poderia gostar de ver Nestha em ação.

— Ela não é uma atração de circo — disse Cassian, entre os dentes.

— Não é por diversão. — O cabelo ruivo de Lucien brilhou na escuridão do dia chuvoso. — Acho que Feyre queria uma avaliação do progresso de alguém que não a vê há um tempo.

— E? — disparou Cassian.

Lucien lançou a ele um olhar desmotivador.

— Não sou seu inimigo, sabe. Pode parar com essa fachada de brutamontes agressivo.

Cassian deu a ele um sorriso que não chegou aos olhos.

— Quem disse que é fachada?

Lucien soltou um suspiro demorado.

— Muito bem, então.

Nestha deu mais uma série de socos, e Cassian soube que ela estava chegando ao golpe de nocaute. Dois cruzados esquerdos e um gancho direito que se chocaram tão forte com a madeira que o tronco rachou.

Então ela parou, pressionando a madeira com o punho.

A respiração ofegante dela espiralava da boca, se condensando.

Lentamente, ela se esticou, primeiro se abaixando e soltando vapor entre os dentes conforme se virava. Ele viu um lampejo de

fogo prateado nos olhos dela, que logo sumiu. Lucien tinha ficado imóvel.

Nestha caminhou até os dois machos. Ela encontrou o olhar de Lucien ao se aproximar do arco, e não disse nada antes de prosseguir para a Casa. Como se palavras estivessem além dela.

Somente quando os passos de Nestha se dissiparam Lucien falou:

— Que a Mãe poupe vocês.

Cassian já estava caminhando até o tronco da madeira.

Havia um pequeno sulco de impacto no centro dele, através do acolchoamento, até a própria madeira. Ele brilhava. Cassian levou dedos trêmulos até ali.

A marca de queimadura, ainda brilhando como brasa.

O bloco de madeira inteiro estava incandescente de dentro para fora. Ele levou a palma da mão até ali. A madeira estava fria como gelo.

O bloco se dissolveu em uma pilha de cinzas.

Cassian encarou em silêncio assombrado, a madeira fumegante ainda sibilando na chuva.

Lucien se aproximou pelo lado dele. O macho apenas repetiu, com a voz solene:

— Que a Mãe poupe vocês.

Capítulo 41

Helion, Grão-Senhor da Corte Diurna, chegou na Cidade Escavada na tarde seguinte em um cavalo alado.

Ele quisera entrar na cidade escura em uma carruagem dourada puxada por quatro cavalos brancos como a neve e com crinas feitas de fogo dourado, foi o que Rhys contou a Cassian, mas Rhys tinha proibido a carruagem e os cavalos, e avisou a Helion que ele teria que atravessar; caso contrário, era melhor nem ir.

Por isso o pégaso. A ideia de Helion de um meio-termo.

Cassian ouvira os boatos sobre o raro pégaso de Helion. Os mitos diziam que o premiado garanhão tinha voado tão alto que o sol o queimara, mas ao olhar para o animal agora... Bom, Cassian provavelmente sentiria inveja, caso ele mesmo não tivesse asas.

Os cavalos alados eram raros — tão raros que se dizia que os sete pares procriadores de cavalos alados de Helion eram os únicos que restavam. De acordo com a crença popular, certa vez houve muito mais deles, antes dos registros históricos, e a maioria tinham simplesmente sumido, como se tivessem sido devorados pelo próprio céu. A população deles escasseara mais nos últimos mil anos, por motivos que ninguém podia explicar.

Amarantha não tinha ajudado nesse quesito. Ela massacrara três dúzias dos pégasos de Helion além de queimar tantas das bibliotecas dele. Os sete pares de pégasos que restavam tinham sobrevivido porque tinham sido libertados antes que os brutamontes de Amarantha conseguissem chegar às baias deles na torre mais alta do palácio de Helion.

O par mais adorado por Helion — aquele garanhão preto, Meallan, e a parceira dele — não produziam crias havia trezentos anos, e aquele último potro não tinha chegado a desmamar quando sucumbiu a uma doença que curandeiro nenhum conseguiu curar.

De acordo com as lendas, os pégasos tinham vindo da ilha sobre a qual estava a Prisão — um dia haviam se alimentado em campos lindos que fazia muito tempo tinham dado lugar a musgo e névoa. Talvez isso fosse parte da decadência: a terra natal deles tinha sumido, e o que quer que os sustentasse ali não existia mais.

Cassian se permitiu admirar Meallan aterrissando nas pedras pretas do pátio diante dos portões imponentes que davam para dentro da montanha, a crina do garanhão soprava ao vento contra as asas pretas como azeviche. Restavam poucas coisas nas terras feéricas que podiam incitar qualquer tipo de surpresa em Cassian, mas aquele garanhão magnífico, orgulhoso e arrogante e apenas parcialmente domado, lhe tirou o fôlego do peito.

— Incrível — murmurou Rhys, com admiração semelhante brilhando no rosto.

Feyre sorriu com prazer, e Cassian soube por aquele olhar que ela pintaria aquele animal — e possivelmente o mestre fascinante também. Azriel também piscava espantado enquanto o garanhão batia com as patas no chão, bufando, e Helion deu tapinhas no pescoço grosso e musculoso do pégaso antes de descer.

— Seja bem-vindo — disse Rhys, avançando.

— Não é o desfile que eu queria — falou Helion, segurando a mão de Rhys —, mas Meallan sabe como entrar com estilo. — Ele assoviou, e o pégaso deu meia-volta e, graciosamente, apesar do tamanho, bateu aquelas asas poderosas e saltou de volta para o céu para esperar pelo mestre em outro lugar.

Helion sorriu para Feyre, que observou de olhos arregalados o garanhão levantar voo nas nuvens. Ele disse: — Posso levar você

para um passeio, se quiser.

Feyre sorriu.

— Normalmente, eu aceitaria a oferta, mas acho que não posso arriscar.

As sobrancelhas de Helion se ergueram. Por um segundo, Rhys e Feyre conversaram silenciosamente, e então Rhys assentiu.

A voz de Rhys encheu a mente de Cassian um segundo depois. *Vamos contar a ele.*

Cassian manteve o rosto neutro. *Por que arriscar?*

Rhys falou, com seriedade, *Porque precisamos das bibliotecas dele.* Para encontrar algum jeito de salvar Feyre, omitiu Rhys. O Grão-Senhor dele prosseguiu: *E porque você e Azriel estavam certos, é apenas uma questão de tempo até que a gravidez apareça. Ela aceitou meu pedido do escudo, mas vai me castrar se eu sugerir enfeitiçá-la para esconder a gravidez.* Rhys fez uma careta. *Então, lá vamos nós.*

Cassian assentiu. *Estou ao seu lado, irmão*.

Rhys lançou um olhar de gratidão a ele, e então retirou o escudo sobre a parceira, porque o cheiro de Feyre — aquele cheiro maravilhoso e delicioso — encheu o ar. Os olhos de Helion se arregalaram, voltando-se direto para o abdômen dela, onde a mão de Feyre agora repousava sobre a pequena saliência. Ele soltou uma gargalhada.

— Então é por isso que precisava aprender sobre escudos impenetráveis, Rhysand. — Helion se aproximou para beijar a bochecha de Feyre. — Meus parabéns a vocês dois.

Feyre sorriu, mas o sorriso de Rhys foi menos aberto. Se Helion notou, não disse nada. O Grão-Senhor Diurno olhou para Cassian e Azriel, então franziu a testa.

— Onde está minha bela Mor?

Az falou, tenso:

— Saiu.

— Que pena. Ela é muito mais bonita de se ver do que vocês dois.

Cassian revirou os olhos.

Helion deu um risinho, limpando uma bolinha de tecido invisível da túnica branca drapeada, então encarou Rhys. A pele marrom-

escura dele brilhava sobre os músculos fortes das coxas e pernas nuas, as sandálias douradas amarradas até altura das panturrilhas eram inúteis no solo coberto de neve ao redor deles. O Grão-Senhor não levava armas — o único metal nele era o bracelete dourado em torno de um dos bíceps musculosos, esculpido em forma de cobra, e a coroa dourada com espinhos sobre o cabelo preto na altura do ombro. Seria impossível confundir Helion com qualquer coisa que não fosse um Grão-Senhor. Mesmo assim, Cassian sempre gostara do ar casual e irreverente dele. O macho disse a Rhys: — Então? Você queria que eu investigasse um feitiço? Ou isso era uma desculpa para me trazer para seu palácio dos prazeres deturpado sob esta montanha?

Rhys suspirou.

— Por favor, não faça com que eu me arrependa de ter trazido você aqui, Helion.

Os olhos dourados de Helion se iluminaram.

— Qual seria a graça se eu não fizesse isso?

Feyre deu o braço a ele.

— Senti sua falta, meu amigo.

Helion deu tapinhas na mão dela.

— Vou negar até o túmulo se você contar a alguém, mas também senti a sua, Quebradora da Maldição.

— Gosto *muito* mais deste palácio do que daquele lá de baixo — disse Helion uma hora depois, avaliando as pilastras de pedra da lua e as cortinas translúcidas que sopravam sob uma brisa leve que contrariava a cadeia montanhosa coberta de neve em volta deles. Além dos escudos do palácio, Cassian sabia que aquela brisa se tornava um vento estrondoso e cortante que podia esfolar a carne dos ossos.

Helion se jogou em uma cadeira baixa diante de uma das vistas infinitas, suspirando.

— Tudo bem. Quer minha avaliação agora que saímos da Cidade Escavada?

Feyre passou para o assento ao lado do dele, mas Cassian, Rhys e Az permaneceram de pé, enquanto o encantador de sombras ficou recostado em uma pilastra, parcialmente escondido da vista. Feyre perguntou: — Os soldados estão enfeitiçados?

Helion tinha brevemente falado e tocado as mãos dos dois soldados da Corte Outonal acorrentados àquela sala, mantidos vivos e alimentados pela magia de Rhys. O rosto de Helion ficara tenso quando ele tocou as mãos deles — e então o Grão-Senhor murmurou que tinha visto o bastante.

Nada na Cidade Escavada parecera incomodá-lo até aquele momento. Não as pilastras pretas imponentes e os entalhes nelas, não o povo maligno que a ocupava, não as trevas absolutas do lugar. Se aquilo lembrou a Helion da época dele Sob a Montanha, ele não deixou à mostra. Amarantha moldara sua corte de acordo com aquela, aparentemente — uma réplica sofrível, dissera Rhys.

— *Enfeitiçados* não é a palavra certa — disse Helion, franzindo a testa. — Os corpos e suas ações de fato não pertencem a eles, mas não há feitiço algum sobre os machos. Consigo sentir feitiços, como fios. Aqueles capazes de encantar parecem amarras em torno de um indivíduo. Não senti nada disso.

— Então qual é o problema com eles? — perguntou Rhys.

— Não sei — admitiu Helion, com uma seriedade incomum. — Em vez de um fio, era mais como uma névoa. Um nevoeiro, exatamente como você descreveu, Rhysand. Não havia nada a que me agarrar, nada tangível para quebrar, mas estava *ali*.

Rhys perguntou:

— Parece menos com um feitiço e mais como... uma influência?

Merda. *Merda.*

Helion esfregou a mandíbula.

— Não consigo explicar agora, mas é como se esse nevoeiro em volta da mente os guiasse. — Ele notou as expressões do grupo. — O que foi?

A boca de Feyre se contraiu.

— A Coroa... parte dos Tesouros Nefastos.

E então tudo veio à tona, a rainha Briallyn e a caçada dela pelos Tesouros, o envolvimento de Koschei, a Máscara que Nestha tinha recuperado. Apenas os segredos de Eris a respeito da gravidade da

traição de Beron permaneceram não ditos. Quando Feyre concluiu, Helion balançou a cabeça lentamente.

— Achei que teríamos pelo menos um descanso de tentar evitar desastres como esse.

— Somente a Harpa permanece sumida, então — falou Azriel. Ele continuava encostado na pilastra, envolto em sombras. — Se Briallyn tem a Coroa, é possível que ela a tenha há um tempo, e é por isso que as outras rainhas fugiram para os próprios territórios. Talvez tenham achado que a coroa seria usada contra elas, por isso fugiram. Talvez ela até mesmo a tenha encontrado aqui, durante a guerra, enquanto estávamos todos distraídos combatendo Hybern, e usou para retirar suas forças, para ganhar tempo. Pode ter sido isso que chamou a atenção de Koschei para ela, é isso que ele quer dela.

— Pode até ser — disse Feyre —, mas por que usar os soldados de Eris para atacar nossa gente em Oorid? Qual é o motivo?

— Talvez fosse para nos avisar que ela sabe que *nós* sabemos dos planos dela — sugeriu Rhys.

— Mas como ela sabia que estaríamos no pântano? — perguntou Cassian. — Aqueles soldados não tinham poder de atravessar, eles teriam precisado viajar a pé durante semanas para chegarem lá.

— Eles estão desaparecidos há mais de um mês — observou Feyre.

Helion falou:

— Lembrem que Briallyn também foi Feita. Ela pode não conseguir usar adivinhação para encontrar o Caldeirão, mas consegue usar adivinhação para encontrar os Tesouros Nefastos tão bem quanto Nestha Archeron. Ela poderia ter descoberto que a Máscara estava em Oorid, mas não ousou se aventurar nas trevas do pântano. É possível que ela tenha infiltrado os soldados para tomar a Máscara de vocês depois que a encontrassem.

— Ou nos enganar para que os matássemos, nos tornando inimigos da Corte Outonal — falou Cassian.

— Mas Briallyn só pode ser idiota — disse Feyre — se acha que aqueles soldados seriam o suficiente para dominar qualquer um de nós.

Helion assentiu para Feyre.

— Você disse que a Máscara está aqui agora? Posso ver?

— Precisamos da sua ajuda com ela, na verdade — disse Feyre. — Rhys protegeu e trancou a sala onde a Máscara está, mas ela abriu as trancas para deixar minha irmã entrar, provavelmente porque ela foi Feita. E se ela consegue entrar, é possível que Briallyn também consiga. — Feyre colocou as mãos tatuadas nos bolsos. — Pode mostrar a Nestha como ela mesma pode fazer a proteção? Alguma coisa com talvez um pouco mais de... *tchan*?

— *Tchan?* — perguntou Rhys, erguendo uma sobrancelha.

— *Tchan* — repetiu Feyre, olhando com irritação para ele. — Não é todo mundo que tem a língua de veludo como a sua.

Rhys piscou um olho.

— Que bom que você se beneficia disso, Feyre querida.

Cassian optou por ignorar a insinuação, e o lampejo de excitação entre os dois. Helion, no entanto, riu.

Azriel pigarreou.

— Nestha está esperando.

— Ela está aqui? — Helion praticamente brilhou com luz dourada.

— Sim — disse Feyre, levantando-se da cadeira. Cassian não deixou de notar o olhar provocante que sua Grã-Senhora deu a Rhys quando passou, dirigindo-se para as salas na ponta norte do palácio. E não deixou de notar a gargalhada grave que Rhys deu a ela em resposta, cheia de promessa sensual.

Ele não conseguiu segurar a pontada no peito diante da intimidade casual, da afeição e do amor diretos. Muito diferente de *apenas sexo*.

Helion seguiu, comentando sobre a beleza do palácio. Cassian bloqueou o Grão-Senhor, ocupado demais remoendo como Nestha sequer se incomodara em protestar quando ele deixou a cama dela. Nem mesmo se aproximara dele procurando mais desde então.

Cassian estava se contendo, principalmente porque ela parecia se exaurir durante o treino, trabalhando o que quer que precisasse no coração, na mente. Mas ele não tinha conseguido parar de se lembrar daquilo — do sexo, e daquela imagem dela, das costas dela ainda erguidas enquanto ela estava deitada na cama, de sua linda intimidade inchada e reluzente, molhada com o sêmen dele.

— Em que *você* está pensando? — cantarolou Helion quando eles se aproximaram de uma porta de madeira fechada.

Cassian se esticou. Não tinha percebido que seus pensamentos tinham incitado aquele cheiro. Ele sorriu.

— Na sua mãe.

Helion riu.

— Sempre me esqueço do quanto gosto de você.

— Fico feliz em fazê-lo lembrar. — Cassian piscou um olho.

Feyre chegou à porta, bateu, então ali estava ela — Nestha.

Ela estava sentada à mesa onde a Máscara repousava, com um livro aberto diante dela. Pela velocidade com que fechou o volume, Cassian sabia que ela estava lendo um dos romances que ela, Emerie e Gwyn trocavam.

Cassian percebeu que ficou tenso quando Helion entrou na sala, e Nestha ficou de pé. Ela estava com um vestido azul-escuro naquele dia — a primeira vez em um mês que ele a via de vestido. Não havia mais tecido sobrando. Ela ganhara peso o suficiente para que o corpete ficasse de novo justo, e aqueles seios fartos transbordassem graciosamente acima do decote acentuado.

Helion ofereceu uma reverência com a cabeça, a epítome da graciosidade cortesã.

— Lady Nestha.

Nestha ensaiou uma mesura, mas os olhos dela se voltaram para Feyre.

— Lady?

Feyre deu de ombros.

— Ele está sendo educado.

Nestha voltou os olhos para Cassian.

— Agora entendo por que você acha o título irritante.

Ele sorriu, e Helion piscou — como se chocado por ela ter se esquecido de que um Grão-Senhor estava diante dela.

Mas Nestha tinha ignorado Helion da primeira vez que eles se viram também, totalmente indiferente.

Cassian disse a ela:

— Não fica mais fácil.

Nestha encarou Helion de novo, observando aquela coroa de ouro cheia de espinhos e a túnica branca drapeada.

— Aquele cavalo alado que voou até aqui mais cedo era seu?

O sorriso de Helion era algo de beleza cultivada.

— Ele é meu mais belo garanhão.

— É lindo.

— Assim como você.

Nestha inclinou a cabeça quando Cassian se viu quase sem fôlego, esperando pela resposta dela. Feyre e Rhys pareciam tentar não rir, e Azriel era o retrato do tédio frio.

Nestha avaliou Helion durante tanto tempo que ele se mexeu, desconfortável. Um grão-Senhor ficou *desconfortável* com o olhar dela. Nestha falou, por fim: — Agradeço o elogio. — E pronto.

Aquela pausa enquanto ela avaliava Helion tinha sido uma pausa cortesã. Avaliando o melhor modo de atacar.

Helion franziu levemente a testa.

Rhys pigarreou, e havia diversão nos olhos dele.

— Bom, aí está. — Ele apontou para o suporte de veludo preto na mesa. — Nestha?

Ela tirou o tecido. O ouro antigo e surrado brilhou, e Helion sibilou quando um poder frio e estranho encheu a sala, sussurrando como uma brisa fria.

Helion se virou para Nestha, toda a sensualidade sumira.

— Você usou mesmo isso e sobreviveu? — Não era uma pergunta que exigia resposta. — Cubra de novo, por favor. Não consigo aguentar.

Rhys fechou as asas.

— Ela afeta você tanto assim?

— Não sente as garras frias se fechando nos seus sentidos? — perguntou Helion.

— Não tanto assim — disse Feyre. — Conseguimos sentir o poder dela, mas não incomodou nenhum de nós desse jeito Helion estremeceu, e Nestha jogou o tecido sobre a Máscara. Como se o tecido de alguma forma a cegasse para a presença deles.

— Talvez um ancestral meu tenha usado certa vez, e o aviso do preço esteja impresso em meu sangue. — Helion exalou, trêmulo. — Muito bem, não-Lady Nestha. Permita-me mostrar a você alguns truques de proteção que nem mesmo o esperto Rhysand consegue fazer.

No fim, Helion criou as proteções e as ligou ao sangue de Nestha. Uma agulhada dele, cortesia de Reveladora da Verdade, tinha concluído tudo, e Cassian percebeu que ficou tenso ao ver aquela pequena gota vermelha. Ao sentir o cheiro dela.

Foi um exercício de força de vontade dizer ao corpo que não havia ameaça, que o sangue tinha sido oferecido, que ela estava bem. Mas isso não o impediu de trincar os dentes tão alto que Feyre sussurrou para ele, por baixo da conversa de Nestha e Helion: — Qual é o seu problema?

Cassian murmurou de volta:

— Nada. Pare de ser tão enxerida, Quebradora da Maldição.

Feyre lançou a ele um olhar de esguelha.

— Você está agindo como um animal enjaulado. — Os lábios dela se curvaram para cima. — Está com ciúmes?

Cassian manteve a voz neutra.

— De Helion?

— Não vejo mais ninguém nesta sala segurando a mão de minha irmã e sorrindo para ela no momento.

O canalha estava mesmo fazendo aquilo, embora Nestha permanecesse impassível.

— Por que eu estaria com ciúmes?

A risada de Feyre foi um farfalhar de ar.

Cassian não conseguiu segurar o sorriso de resposta, o que lhe garantiu um olhar confuso de Azriel. Cassian balançou a cabeça, no momento em que Nestha tirou a mão da de Helion e perguntou: — Então é isso?

— Depois que deixarmos a sala, ninguém poderá entrar. Nem você, caso não desfaça as proteções, conseguirá entrar.

Nestha soltou um suspiro baixinho.

— Que bom.

— Vou lhe mostrar o feitiço de abertura — disse Helion, mas ela se afastou dele.

— Não — disse Nestha, abruptamente. — Não, não quero saber.

Silêncio recaiu sobre o lugar.

Nestha disse a ninguém em particular:

— Se Briallyn está caçando a Máscara, se ela me apreender, não quero ter nenhum conhecimento de como soltá-la. — Era uma

atitude sábia, mesmo que ele sentisse náusea ao considerar, mas ele podia ter jurado que era mentira. Podia ter jurado que Nestha não queria ter acesso à informação... para ela mesma.

Como se ela pudesse se sentir tentada pela Máscara.

Rhys falou:

— Tudo bem. Helion pode me mostrar, e se precisarmos do conhecimento, mostro a você. — Rhys estendeu a mão para Helion, indicando como ele preferiria que o macho lhe mostrasse o feitiço. Os dedos deles se entrelaçaram, os olhos ficaram distantes, e então Rhysand piscou. — Obrigado.

Azriel falou:

— Precisamos avisar a Eris sobre os soldados dele terem reaparecido. E o que fizemos com eles.

Cassian olhou para sua família, seus amigos.

— Quanto diremos a Eris? Informamos a ele que temos a Máscara?

A pergunta pairou ali. Então Rhys falou:

— Ainda não. — Ele olhou para Cassian. — Visite Eris amanhã. — Rhys indicou a Nestha. — Você vai com ele.

Nestha enrijeceu, e Cassian tentou não olhar boquiaberto.

— Por quê? — perguntou ela.

— Porque você gosta de jogar o jogo — disse Rhys. Ele sem dúvida reparou em como ela lidou sutilmente com as tentativas de Helion de flertar mais cedo. Rhys sabia como usar uma ferramenta à disposição dele. — Mas a escolha é sua — acrescentou ele.

Cassian pigarreou.

— Por mim, tudo bem. — Nestha, para surpresa dele, não protestou.

— Quero confirmar que Briallyn tem a coroa — falou Azriel. — Vou viajar para as terras humanas amanhã.

— Não — disseram Feyre e Rhys ao mesmo tempo, com o mesmo fôlego.

Os olhos de Azriel estremeceram.

— Eu não estava pedindo permissão.

Rhys riu.

— Não importa.

Az abriu a boca para protestar, mas Feyre disse:

— Você não vai, Azriel. Se Briallyn tiver a coroa e pegar você, mesmo que ela apenas suspeite que você está próximo, quem sabe o que poderia fazer?

— Me dê algum crédito, Feyre — respondeu Az. — Posso continuar bem escondido.

— Não assumimos riscos — disse Feyre, sua voz impassível com comando. — Retire todos os seus espiões.

— De jeito nenhum.

Cassian se preparou, mas Feyre não recuou.

— Informação de seus espiões, de *qualquer* espião, não é confiável com a Coroa em jogo. Amren disse que precisa de proximidade para enterrar as garras na mente de alguém. Ficaremos bem longe de Briallyn.

Azriel fervilhou de ódio e se virou para Rhys.

— E você concorda com ela?

— Ela é sua Grã-Senhora — respondeu Rhys, friamente. — O que ela diz é lei.

Az olhou para ele, e depois para Feyre. Determinou que eles eram uma unidade imóvel, uma parede impenetrável contra a qual sua fúria apenas quebraria de novo e de novo.

No silêncio tenso, Helion assentiu para o corredor iluminado adiante do quarto.

— Eu gostaria de me retirar da presença odiosa da Máscara, e talvez aproveitar seu palácio, Rhysand. Faz muito tempo desde que estive em um lugar tão silencioso. Se me permitirem, vou ficar aqui por uma ou duas horas.

— Alguma coisa o incomoda em casa? — perguntou Rhys, caminhando ao lado do Grão-Senhor.

Cassian encontrou o olhar de Nestha quando ele saiu da sala, e ela pegou o livro antes de segui-los para fora. Feyre saiu com Azriel, murmurando com a mão tatuada no ombro dele.

Cassian perguntou a Nestha:

— O que está lendo hoje?

— *Uma breve história dos grandes cercos*, de Osian.

Ele quase tropeçou.

— Não é um romance?

— Percebi depois que você me deixou *A dança da batalha* que tenho muito que aprender. Ontem à noite pedi à Casa que me desse alguma coisa que você talvez lesse.

— Por quê?

Nestha enfiou o livro debaixo do braço.

— Qual é o objetivo de aprender técnicas de luta se não sei o verdadeiro propósito e os usos delas? Você me treinaria para ser uma arma, e eu seria apenas isso: a arma de outra pessoa. Quero saber como usá-la... quer dizer, me usar. E como usar os outros.

Cassian ficou calado de choque conforme eles subiam os degraus, acompanhando Helion e Rhys, que tagarelavam adiante do grupo.

— Você planeja liderar um exército, Nes?

— Não um exército. — Ela olhou de esguelha para ele. — Mas talvez uma pequena unidade de fêmeas.

Ela estava absolutamente séria.

— As sacerdotisas?

— Não sei se elas participariam, mas... Há outras lá fora, tenho certeza, que poderiam participar. Sou imortal agora, ou o mais próximo possível disso. Não tenho nada além de tempo para planejar um futuro distante.

O peito dele se apertou. Planejando o futuro. Era um sinal muito bom.

Cassian bateu à porta do quarto de Nestha na Casa depois do jantar. Ela não havia se juntado a ele e Azriel, mas talvez fosse melhor assim.

O Grão-Senhor e a Grã-Senhora da Corte Noturna haviam confrontado o encantador de sombras naquela tarde, e saíram triunfantes.

Talvez *triunfantes* não fosse a palavra certa, mas o argumento tinha terminado com Azriel relutantemente concordando em não espionar Briallyn por enquanto — e ficando emburrado no jantar.

A voz de Nestha ecoou pela madeira.

— Entre.

Ele a encontrou na cama com um livro apoiado nos joelhos. Parecia que tinha voltado aos romances.

— Chega de livros sobre guerra? — Ele ergueu os três que tinha levado, seu motivo para estar ali. Sua desculpa.

— Só durante o dia. — Ela se sentou, puxando os cobertores em torno da cintura. — O que é isso?

— Mais textos que achei que pudessem interessar você. — Ele os apoiou na mesa.

Nestha abaixou o queixo em um aceno curto, a longa trança balançou sobre o peito com o movimento. Ela usava uma camisola de manga longa, e embora não houvesse fogueira na lareira, o quarto permanecia quente. Como se a Casa tivesse notado que ela não gostava de fogo e o aquecesse de outra forma.

Cassian se obrigou a se afastar da mesa, a se dirigir à porta dela de novo.

Nestha disse, antes que ele chegasse ao arco:

— Não foi bom para você?

Cassian se virou lentamente.

— O quê?

Um rubor corou as bochechas dela quando Nestha ergueu o queixo.

— O sexo não foi bom para você?

Ele engoliu em seco.

— Por que você diria isso?

A garganta de Nestha oscilou. Ela estava... Merda, será que ela realmente se sentia tão insegura a respeito dele?

— Você saiu rápido. E não me procurou de novo.

Eu saí rápido porque precisava manter alguns pedaços de mim intactos.

— Você anda concentrada no treino.

Os olhos dela brilharam com algo que parecia mágoa.

— Então, tá. Boa noite.

— Não foi o que eu quis dizer. Porra, Nestha. — Ele caminhou até a cama, e ela se esticou de novo, olhando para Cassian acima dela. — Como eu poderia ser tão egoísta... de exigir mais sexo de você quando você está tão investida no treino?

— Não é uma exigência se os dois querem — disse ela. — E eu só fiquei preocupada que você... não tivesse gostado tanto quanto eu.

— Acha que não procurei você porque não *gostei*? — Quando ela não disse nada, Cassian apoiou as mãos de cada lado de Nestha e se inclinou para sussurrar ao ouvido dela, inspirando seu perfume: — Eu gostei *demais*. Pensei nisso por dias e dias. — Ela estremeceu, e ele sorriu contra a pele macia da orelha dela. Cassian amava aquilo, ver aquele exterior gelado se desfazer, ver como ele a afetava. — Você tem se tocado à noite, pensando naquela vez, como eu?

O queixo de Nestha se abaixou com o mais sutil aceno de cabeça, e pelo canto do olho, ele viu um lampejo dos dentes dela quando Nestha mordeu o lábio inferior.

— Esses dedinhos doces têm sido tão bons quanto os meus?

Ele segurou a respiração, mas ela não responderia. Cassian sabia que ela não queria dar a ele a satisfação. Ele mordiscou o lóbulo da orelha dela, arrancando um arquejo de Nestha.

— Então?

— Não sei — sussurrou ela. — Eu precisaria ver de novo.

— Hmm. — Cassian abaixou a boca, dando um beijo sob cada orelha. O pau dele ficou mais duro, já doendo contra a calça. — O que você acha de fazermos uma comparação lado a lado?

Ela gemeu, e Cassian rastejou para a cama, montando nas pernas dela. O sangue dele latejava por cada centímetro do corpo, acompanhando a pulsação do pau, e Cassian se afastou do pescoço de Nestha e viu os olhos dela iluminados com desejo.

O mundo se calou, e ela o encarou sem desviar conforme ele lentamente puxava o cobertor da cintura dela. A camisola de Nestha estava embolada no alto das coxas, e ele passou a mão por uma delas e acariciou os músculos lisos que se acumulavam ali com o polegar.

— Por que não me mostra como você se toca, Nestha? Assim, vou lembrar você de como eu toco seu corpo. — Ele expôs os dentes em um sorriso malicioso. — Depois você pode me dizer qual das duas sensações é melhor.

O peito dela inflou e os seios rígidos despontaram pela camisola. A boca de Cassian se encheu d’água, o corpo estremeceu com o

controle necessário para evitar colocar a boca neles.

Ela parecia ler cada linha do corpo dele, cada palavra do desejo de Cassian. Os olhos dela brilharam com fogo derretido.

— Enquanto eu... me toco, você está proibido de me tocar — disse ela, com um sorriso feral. — E proibido de se tocar.

A pele dele esquentou, retesando-se sobre os ossos.

— Certo.

Cassian esperou que ela se acomodasse nos travesseiros, mas Nestha pegou a barra da camisola para se despir, amassando a roupa em uma bola antes de atirá-la ao chão.

Cada pensamento recuou da mente dele quando ela inclinou a metade do corpo ali, completamente nua, aqueles lindos seios rígidos e esperando por ele, a pele sedosa quase brilhando. E entre as pernas... Nestha puxou os joelhos levemente para cima, abrindo-as. Expondo-se.

Cassian soltou um ruído baixo e sofrido. A intimidade rosada dela brilhava, e aquele cheiro inebriante e sedutor o chamava. Ele precisava sentir o gosto, precisava senti-la na língua, no pau...

— Nada de tocar — ronronou Nestha, porque a mão dele estava pairando na direção do pau, desesperada por qualquer tipo de alívio da visão dela aberta e nua, emoldurada pelas luas feéricas.

A respiração dele ficou presa na garganta — e acabou o abandonando de vez quando Nestha deslizou dois dedos delicados pelo corpo. Eles pararam no alto daquele montinho de nervos e ali se mexeram lentamente em círculos.

A respiração dela ficou irregular, mas Nestha o viu observando conforme ela fez outro círculo, e então desceu mais. Um deslize lento e torturante até o centro, antes de o pulso dela se curvar para baixo e Nestha mergulhar os dedos dentro do próprio corpo.

Cassian gemeu, o quadril avançando um pouco onde ele estava ajoelhado, e Nestha lhe deu um olhar de repreensão. Ele ficou imóvel, incapaz de pensar em outra coisa que não os dois dedos dela conforme Nestha os deslizou para dentro do corpo de novo, e gemeu. Os dedos voltaram brilhando com a umidade dela, e ele talvez estivesse ofegante quando ela os mergulhou uma terceira vez, profunda e lentamente.

— Isso — sussurrou Nestha, iniciando um movimento lento e constante como se bombeasse — é o que eu faço quando penso em você toda noite.

Se ela tocasse nele, Cassian ejacularia. Mas ele grunhiu:

— Faça com mais força.

Nestha estremeceu, como se aquelas palavras fossem um toque físico, e obedeceu. Os dois gemeram dessa vez, e ele se viu dizendo: — Por favor.

Cassian não sabia o que aquilo queria dizer — só que precisava tocá-la.

Nestha sorriu para ele com diversão felina.

— Ainda não.

Ela deslizou a mão entre as pernas dele de novo.

— Imagino você me tomando, de novo e de novo. Com força, como fizemos antes. — Ele não conseguia respirar, não conseguia fazer nada a não ser encarar a mão e o rosto zonzo de prazer de Nestha. — Imagino você menos paciente do que foi na primeira vez, simplesmente metendo em mim, até o fundo. — Ela ecoou as palavras com um mergulho rápido dos dedos.

— Não quero machucar você — disparou ele, rezando para a Mãe e o Caldeirão para que mantivesse sua sanidade.

— Não vai me machucar. — A outra mão dela provocou aquele monte de nervos. — Quero você desinibido.

Cassian soltou um ruído baixo, estava necessitando.

Ela abafou uma risada maliciosa.

— Quer me ver gozar? Ou quer provar?

— Provar. — Ele imploraria sobre carvão quente por uma lambida nela.

Nestha abriu mais as pernas.

— Então pode se servir, Cassian.

O nome dele nos lábios dela foi o fim de Cassian. Ele agarrou as coxas de Nestha e as escancarou, então sua boca estava nela, lambendo-a da base ao ápice com um deslize longo e luxuriante.

Ela gemeu, mais alto do que na primeira vez, e Cassian agarrou as pernas dela de novo, prendendo-as sobre os ombros enquanto enterrava seu rosto contra ela.

Não havia nada de suave no movimento, nada provocador. Ele se banqueteou com a língua, os lábios e os dentes, e cada gosto fez os rugidos no sangue dele aumentarem como uma onda poderosa em seu interior. Nestha se esfregava contra ele e os dedos dos pés faziam tanta coceguinha nas asas de Cassian que ele precisou parar um momento para não ejacular com aquele simples toque. Ele ensinaria Nestha a brincar com as asas depois. Porque Cassian queria que ela tocasse as asas dele, que aprendesse onde acariciar enquanto eles transavam, para que ele gozasse tão forte a ponto de ver estrelas, que ela aprendesse os lugares onde acariciar mesmo enquanto ele não estivesse fodendo com ela, para que ejaculasse em sua mão, na boca.

Cassian deslizou a língua até o interior dela, o clímax já se acumulando sob a pele dele, na coluna. Era rápido demais — ele não queria ir rápido demais.

Cassian se obrigou a fazer uma pausa. Ele se obrigou a recuar, se afastar. Ver Nestha nos travesseiros, nua e aberta para ele, quase o fez ejacular.

Mas ele tirou a camisa. A calça.

Só quando ele estava nu, ajoelhado entre as pernas dela, com o pênis apontado para a frente, foi que Cassian disse: — Quer meus dedos, minha língua, ou meu pau, Nestha? — Ele segurou o último entre o punho fechado para ela, bombeando o pênis com uma pressão lenta, quase dolorosa. Ela observou com olhos arregalados, como se lembrasse do tamanho dele dentro dela.

— Que tal uma comparação lado a lado? — foi o que Nestha conseguiu dizer, mas a malícia não estava nos olhos dela, não quando ele tocou no pau de novo, saboreando como aquilo fazia com que ela perdesse o fôlego.

— O que você quiser. O que você precisar. — Ele sabia que eram as palavras de um tolo, sabia que tinha oferecido demais.

Mas ela apenas olhou para o pau dele.

— Quero isso. Agora.

Cassian murmurou uma oração de agradecimento à Mãe e se deitou sobre ela, apoiando-se nos braços.

— Me coloque dentro de você.

Quando a mão de Nestha se fechou em volta dele, Cassian arqueou o corpo e trincou os dentes. Ela sorriu ao ver aquilo, e bombeou tão forte quanto ele havia se tocado, no limite da dor. Nestha o encaixou em sua entrada encharcada.

Ele não esperou dessa vez. Não entrou lentamente, não depois dela ter dito que queria o contrário.

Cassian mergulhou para dentro de Nestha e avançou.

Nestha soltou um ruído que era algo entre um gemido e um grito, e ele se viu ecoando o barulho quando todo o calor sedoso e incandescente dela o envolveu. Ela era tão perfeita e avassaladoramente apertada. Como se tivesse sido feita para ele, e ele, para ela.

Cassian saiu com um deslize longo, e avançou de volta, preenchendo-a completamente. As unhas de Nestha se enterraram no ombro dele, aquela dor secundária, aquela dor como um prazer quando ela o marcou.

Cassian recuou de novo, abaixando a cabeça para ver o próprio pau deslizar para fora dela, reluzindo com a umidade de Nestha e, então, entrar novamente. Cada centímetro para dentro daquele núcleo apertado e incandescente era um paraíso e um tormento, e ele precisava de mais, precisava ir mais fundo, precisava rastejar tanto para dentro que não teria como se desenlaçar depois.

As unhas de Nestha cortaram a pele dele, e o cheiro do sangue de Cassian encheu o ar. Ele se abaixou para beijá-la. Nestha avançou para ele imediatamente, e ele deixou que ela sentisse o próprio gosto em sua língua, movendo-a no ritmo das investidas.

Nestha fechou os lábios na língua de Cassian e a sugou como tinha feito com o pênis, e qualquer pensamento são se dissipou. Puxando-a para ele, Cassian se ajoelhou, as pernas dela se cruzaram em volta da cintura dele quando ele avançou de novo e de novo para dentro dela. Nestha inclinou a cabeça para trás, expondo o pescoço, e Cassian mordeu bem no centro, tão forte que deixou uma marca.

Nestha se movia contra o seu pau, e Cassian raspava os dentes pelo pescoço e mergulhava cada vez mais fundo.

Nestha soltou o ombro dele e segurou o próprio seio em concha, e Cassian quase atingiu o clímax quando a viu erguendo o seio para

ele, num comando silencioso.

Cassian lambeu o mamilo dela, e ela se esfregou nele, com aqueles músculos delicados se flexionando com firmeza.

— *Porra* — disse ele, em volta do seio dela. Nestha deu uma risada sussurrada e repetiu o movimento.

Em determinado momento, tudo o que existia era a língua e os dentes dele no seio de Nestha, as investidas quase selvagens do pau de Cassian para dentro do calor apertado dela, o ritmo do quadril dela a cada investida, como se tentasse fazer com que ele fosse ainda mais fundo. Cassian tirou a boca do seio de Nestha e mordeu seu pescoço e ombro, selando os dois corpos e unindo-os em um único ser conforme ele investia mais fundo e com mais força.

Foi neste momento que os dedos dela encontraram suas asas. O toque não foi forte, mas suave — uma carícia tão gentil, hesitante e maravilhada que ele rugiu.

O clímax veio como uma torrente para ele, e Cassian avançou para dentro de Nestha com uma investida tão potente que ela gritou, atingindo o clímax junto com ele. Ela se fechou em torno dele, pulsando, escorrendo, e ele arqueou o corpo, em frenesi, reduzido àquela necessidade de estar dentro dela, de se derramar dentro dela, de derramar o máximo de si que conseguisse.

Nestha o cavalgou até que Cassian tivesse parado de jorrar, até que o prazer dela a deixasse jogada sobre o peito dele, com um braço ainda esticado em direção à asa dele.

Os dois se agarraram, e Cassian tentou se recompor, se lembrar, pelo amor dos deuses, de qual era seu nome e onde estavam.

Mas só havia ela. Apenas aquela fêmea em seus braços.

E o único nome do qual ele se lembrava era o dela.

Nestha não conseguia se mexer.

Enroscada em Cassian, que estava ajoelhado no centro da cama, com as mãos ainda fechadas na bunda de Nestha para mantê-la no lugar e o pênis dele enterrado dentro dela, ela *não queria* se mexer.

Nestha jamais sentira aquilo com ninguém, aquela força que fazia com que um simples olhar do amante a deixasse no seu limite;

bastava um olhar e, quando ela dava por si, estava tirando as roupas e se dando prazer diante dele.

Não tinha condições de sentir vergonha. Não quando tinha sido tão bom, tão certo.

Ele estava trêmulo, e as asas se contraíram quando o pênis, por fim, se exauriu.

Nestha disse a si mesma que não deveria gostar tanto daquilo — de ver Cassian acabado, de sentir o sêmen dele dentro dela, escorrendo dela. E o fato de que gostava a fez se afastar, por fim, gemendo baixinho quando ele tirou o pênis.

Nestha se ajoelhou diante dele, quase joelho contra joelho.

— Ainda preciso de mais.

A cabeça de Cassian se ergueu e os olhos dele brilharam.

— Eu sei.

Ela não conseguia respirar diante daquele olhar, daquele rosto lindo.

— Como é possível eu precisar de você de novo tão rápido? — Não foi uma pergunta tímida de cortesã, mas proferida com puro desespero. Porque ela precisava de mais. Precisava dele de volta dentro dela, precisava do peso dele, da boca e dos dentes de Cassian nela. Nestha não conseguia explicar aquilo, aquela sede crescente e insaciável.

Os olhos dele se agitaram.

— Senti que precisava de você desde o momento que a vi pela primeira vez. E agora que posso ter você, não quero parar.

— Sim — sussurrou ela, não admitiria nada além disso. — Sim.

Eles se encararam por um longo minuto, por uma eternidade. Então, para choque e prazer dela, Cassian enrijeceu diante de seus olhos.

— Viu o que você faz comigo? — perguntou ele. — Está vendo o que acontece sempre que olho para você, a porra do dia inteiro?

Ela deu um risinho.

— Eu me lembro vagamente de você se gabando semanas atrás de que *eu* seria aquela a rastejar até a sua cama. Parece que o jogo virou.

Os lábios dele se repuxaram para cima.

— Parece que sim. — O coração de Nestha galopou quando ele continuou olhando nos olhos dela. — Fique de quatro — ordenou Cassian, com a voz tão baixa que ela mal conseguiu entender. Mas o sangue dela esquentou, e um latejar que não tinha nada a ver com a força com que ele acabara de tomá-la começou a aumentar entre as pernas dela mais uma vez.

Então Nestha fez como ele pediu, posicionando-se, ainda úmida e brilhando com o alívio dos dois.

Ele rosnou de satisfação.

— Linda. — Ela gemeu um pouco, porque por baixo do elogio, havia puro desejo. Cassian grunhiu: — Coloque as mãos na cabeceira da cama.

A respiração dela começou a falhar de novo, mas Nestha obedeceu, já latejando de vontade.

Cassian se levantou atrás dela, segurando-a pelo quadril. Ele empurrou um joelho contra cada um dos dela, abrindo mais as pernas de Nestha. As pontas dos dedos calejadas roçaram pela extensão da coluna dela, até a tatuagem, a tinta que os unia.

Ele se aproximou para sussurrar ao ouvido dela:

— Segure firme.

Capítulo 42

Cassian recebeu o chamado para a casa do rio logo depois do alvorecer.

Ele não dormira no quarto de Nestha — não, depois daquela segunda vez, quando o corpo dele inteiro ficou saciado e satisfeito, ele rolou de cima dela e voltou para o próprio quarto. Nestha não dissera nada. O entendimento estava ali: apenas sexo, mas não precisavam esperar tanto entre uma vez e outra.

O sono tinha sido evasivo conforme ele pensava no que os dois haviam feito, no que ele tinha feito com ela. A segunda vez tinha sido ainda mais forte do que a primeira, e ela recebera tudo o que ele jogara contra ela, igualando o ritmo e a profundidade exigentes dele, e tinha se segurado àquela cabeceira até que seu corpo desabara de prazer. Pelos deuses, o sexo com Nestha era como...

Cassian não se permitiu fazer comparações enquanto estava no escritório de Rhys, ao lado de Amren e Azriel, encarando o Grão-Senhor deles do outro lado da escrivaninha. Aqueles pensamentos não tinham ajudado na noite anterior. Ou naquela manhã, quando ele acordou duro e latejando, e percebeu que o cheiro dela estava nele inteiro.

Ele sabia que os amigos sentiam. Nem Rhys nem Azriel comentaram nada, mas os olhos de Amren tinham se semicerrado. No entanto, ela não disse nada, e ele se perguntou se Rhys teria lhe dado um comando silencioso. Cassian guardou a curiosidade sobre porque Rhys poderia sentir necessidade de fazer tal coisa.

— Tudo bem, Rhysand — disse Amren, apoiando um pé sob a coxa. — Diga por que estou aqui antes do café da manhã enquanto Varian ainda está dormindo profundamente em minha cama.

Rhys abriu uma lona que ocupava parte de sua escrivaninha.

— Estamos aqui porque recebi uma visita ao alvorecer de um ferreiro no limite oeste da cidade.

Cassian ficou imóvel ao ver o que havia ali: uma espada, uma adaga, e uma espada longa, todas embainhadas em couro preto.

— Qual ferreiro?

Rhys se recostou na cadeira, cruzando os braços.

— Aquele que você e Nestha visitaram há vários dias.

As sobrancelhas de Cassian se franziram.

— Por que ele trouxe essas armas para você? Como presente?

Azriel se aproximou e estendeu a mão coberta de cicatrizes para a espada mais próxima.

— Eu não faria isso — avisou Rhys, e Az parou.

Rhys falou para Cassian:

— O ferreiro largou as armas aqui em pânico absoluto. Ele disse que as lâminas eram amaldiçoadas.

O sangue de Cassian gelou.

Amren perguntou:

— Amaldiçoadas de que jeito?

— Ele só disse amaldiçoadas — respondeu Rhys, indicando as armas. — Disse que não queria ter nada a ver com elas e que eram nosso problema agora.

Amren voltou os olhos para Cassian.

— O que aconteceu na loja?

— Nada — disse ele. — O ferreiro deixou que ela martelasse o metal um pouco, para que tivesse uma noção do trabalho árduo que é fazer armas. Mas não teve *maldição* nenhuma.

Rhys se esticou.

— Nestha martelou as lâminas?

— Todas as três — disse Cassian. — Primeiro a espada, depois a adaga, e por último a espada longa.

Rhys e Amren trocaram um olhar.

Cassian exigiu saber:

— O que foi?

Rhys perguntou a Amren:

— É possível?

Amren olhou para as lâminas.

— Faz... faz tanto tempo, mas... sim.

— Alguém poderia me explicar... — disse Azriel, olhando para as três lâminas de uma distância segura.

Cassian se obrigou a se sentar perfeitamente imóvel enquanto Rhys passava a mão pelo cabelo preto.

— Houve uma época em que os Grão-Feéricos eram mais elementais, mais propensos a ler as estrelas e criar obras-primas da arte das joias e das armas. Os dons deles eram mais puros, mais conectados com a natureza, e podiam imbuir objetos com esses dons.

Cassian imediatamente soube para onde aquilo estava indo.

— Nestha colocou o poder dela nessas espadas?

— Ninguém consegue criar uma espada mágica há mais de dez mil anos — falou Amren. — A última que foi Feita, a grandiosa lâmina Gwydion, sumiu na época em que o que restava dos Tesouros desapareceu.

— Esta espada não é Gwydion — disse Cassian, que conhecia bem os mitos a respeito da espada. Tinha pertencido a um verdadeiro Grão-Rei feérico em Prythian assim como havia um em Hybern. Ele havia unido as terras, o povo, e durante um tempo, com aquela espada, a paz havia reinado. Até que ele foi traído pela própria rainha e por seu general mais destemido, perdeu a espada para os dois, e as terras caíram nas trevas mais uma vez. Nunca mais outro Grão-Rei foi visto, apenas Grão-Senhores, que governaram os territórios que um dia responderam ao rei.

— Gwydion se foi — disse Amren, um pouco triste —, ou está contente por ter sumido há milênios. — Ela assentiu para a espada longa. — Isso é algo novo.

Azriel falou:

— Nestha criou uma nova espada mágica.

— Sim — disse Amren. — Somente os Grandes Poderes podiam fazer isso, Gwydion recebeu seus poderes quando a Grã-Sacerdotisa Oleanna a mergulhou no Caldeirão enquanto era forjada.

O sangue de Cassian gelou, ondas percorreram sua pele.

— Um toque da magia de Nestha enquanto a lâmina ainda estava quente...

— E a lâmina foi imbuída dele.

— Nestha não sabia o que estava fazendo — disse Cassian. — Ela estava liberando a raiva.

— O que pode ser pior — disse Amren. — Quem sabe que emoções ela jogou nas lâminas com o poder dela? Talvez as tenha moldado em instrumentos de tais sentimentos, ou talvez tenha sido o catalisador para liberar o poder dela. Não tem como saber.

— Então usaremos a espada — falou Cassian — e descobriremos.

— Não — replicou Amren, em tom afiado. — Eu não ousaria sacar essas lâminas. Principalmente não a espada longa. Consigo sentir poder acumulado ali. Ela trabalhou nessa por mais tempo?

— Sim.

— Então precisa ser tratada como um objeto dos Tesouros Nefastos. *Novos* Tesouros.

— Você não pode estar falando sério.

As sobrancelhas de Amren se abaixaram.

— Os Tesouros Nefastos foram forjados pelo Caldeirão. Nestha possui os poderes do Caldeirão. Então qualquer coisa que ela faça e imbua com o poder se torna um novo Tesouro. A esta altura, eu nem mesmo comeria uma fatia de pão se ela tivesse torrado.

Todos olharam para as três lâminas sobre a mesa.

Azriel falou:

— As pessoas matariam por esse poder. Ou a matariam para impedi-lo, ou nos matariam para capturá-la.

— Nestha forjou um novo Tesouro — disse Cassian, contendo o ódio diante da verdade das palavras de Azriel. — Ela poderia criar *qualquer coisa*. — Ele assentiu para Rhys. — Ela poderia encher

nossos arsenais com armas que nos fariam vencer qualquer guerra. — Briallyn, Koschei e Beron não teriam a menor chance.

— Por isso Nestha não deve saber disso — falou Amren.

Cassian indagou:

— Como é?

Os olhos cinzentos de Amren se mantiveram firmes.

— Ela não pode saber.

Rhys falou:

— Isso parece um risco. E se, alheia a esse fato, ela criar mais?

— E se, em um dos ataques de mau humor dela — desafiou Amren —, Nestha criar o que quiser apenas para nos castigar?

— Ela *nunca* faria isso — disse Cassian, irritado. Ele apontou para Amren. — Você também sabe disso, porra.

— Nestha não criaria os Tesouros Nefastos — disse Amren, inabalada pelos grunhidos dele —, mas os Tesouros dos Pesadelos.

— Não posso mentir para ela — disse Cassian, olhando para Rhys. — Não posso.

— Não precisa mentir — respondeu Amren. — Só não ofereça a informação.

Ele apelou para Rhys:

— Você não vê problema nisso? Porque eu com certeza vejo.

— A ordem de Amren se mantém — disse Rhys, e por um segundo, Cassian o odiou. Odiou a desconfiança e cautela que ele viu no rosto de Rhys.

— Eu teria cuidado quando estivesse comendo ela — acrescentou Amren, os lábios se retraindo em uma expressão de desprezo. — Quem sabe no que ela pode transformar você quando as emoções estiverem à flor da pele?

— Chega — disse Azriel, e Cassian voltou os olhos agradecidos ao irmão. Az prosseguiu: — Estou com Cassian nisso. Não é certo esconder essa informação de Nestha.

Rhys considerou, então olhou longa e seriamente para Cassian, que sustentou o olhar, manteve as costas retas e a expressão séria. Rhys disse, por fim: — Quando Feyre voltar do estúdio, vou perguntar a ela. Ela vai ser o voto decisivo.

Era um meio-termo, e até mesmo Amren concordou com aquilo. Cassian assentiu, desconfortável, mas disposto a deixar a decisão

recair nas mãos de Feyre.

Amren se aninhou na cadeira.

— Aquela espada há de entrar para a história. — Suas palavras ecoaram pelo recinto e os olhos dela ficaram sóbrios ao olhar para a espada longa. — Resta saber se será lembrada pelo bem ou pelo mal.

Cassian afastou o tremor que percorreu sua espinha, como se o próprio destino, em pessoa, tivesse ouvido as palavras e estremecido. Ele lançou um sorriso para ela.

— Você adora ser dramática, né?

Amren fez cara feia e ficou de pé.

— Vou voltar para a cama. — Ela apontou para Rhysand. — Guarde essas armas em algum lugar onde ninguém vai encontrá-las. E que a Mãe o amaldiçoe se você ousar desembainhar uma delas.

Rhys gesticulou para dispensá-la, entediado e cansado.

— Com certeza.

— Estou falando sério, menino — disse Amren. — *Não* desembainhe essas armas. — Ela encarou os três machos antes de partir. — Nenhum de vocês.

Por um momento, apenas o tiquetaque do relógio de pêndulo fez barulho.

Rhys olhou na direção do relógio. Então disse, com os olhos distantes: — Não consigo encontrar nada que ajude Feyre com o bebê... com o parto.

O peito de Cassian se apertou.

— E Drakon e Miryam?

Rhys sacudiu a cabeça.

— As asas dos Serafim são tão flexíveis e arredondadas quanto as dos illyrianos são ossudas. É isso que vai matar Feyre. Os filhos de Miryam conseguiram passar pelo canal vaginal dela porque as asas se flexionavam com facilidade, e quase todo mundo da parte humana do povo dela que se relacionou com o povo de Drakon teve um sucesso semelhante. — A garganta de Rhys oscilou. As palavras seguintes partiram o coração de Cassian. — Foi só quando vi a pena nos olhos deles que percebi quanta esperança eu ainda tinha. Até Drakon precisar me abraçar para evitar que eu desabasse.

Cassian deu alguns passos em direção ao irmão. Ele segurou o ombro de Rhys, recostando-se na beira da escrivaninha.

— Vamos continuar procurando. E quanto a Thesan?

Rhys soltou os botões do alto do casaco preto, revelando um indício do peito tatuado abaixo.

— A Corte Crepuscular não tinha nada útil. Os Peregrinos são semelhantes aos Serafins, são parentes, embora distantes. Os curandeiros deles sabem como virar um bebê com asas que está sentado no útero, como tirá-lo da mãe, mas, de novo: as asas deles são flexíveis.

Azriel apareceu do outro lado de Rhys e colocou uma das mãos no ombro dele também.

O relógio continuou tiquetaqueando, um lembrete brutal de cada segundo que corria na direção da perdição certeira. O que precisavam, percebeu Cassian a cada tique daquele relógio, era de um milagre.

Azriel perguntou:

— E Feyre ainda não sabe?

— Não. Ela sabe que o parto vai ser difícil, mas ainda não contei a ela que pode muito bem custar sua vida. — Rhys falou dentro das mentes deles, como se não conseguisse dizer em voz alta, *Não contei que os pesadelos que agora me arrancam do sono não são sobre o passado, mas sobre o futuro.*

Cassian apertou o ombro de Rhys.

— Por que não quer contar?

A garganta de Rhys estremeceu.

— Porque não consigo tomar coragem de incutir esse medo nela. De tirar a única gota de alegria nos olhos dela sempre que Feyre leva a mão à barriga. — A voz dele falhou. — Porra, esse terror está me devorando vivo. Eu me mantenho ocupado, mas... Não tem ninguém com quem fazer um acordo pela vida dela, não tem dinheiro no mundo que possa salvá-la, *nada* que eu possa fazer para salvar Feyre.

— Helion? — perguntou Azriel, com os olhos cheios de dor.

— Contei a ele antes de ele ir embora ontem. Puxei Helion de lado depois que Feyre atravessou para casa, e implorei a ele de joelhos que encontrasse alguma coisa nas mil bibliotecas que a

salve. Ele disse que todo bibliotecário-chefe e pesquisador que estejam com tempo serão colocados na busca. Em algum momento da história, alguém deve ter estudado isso. Encontrado um jeito de trazer ao mundo um bebê com asas cuja mãe não tivesse o corpo equipado para isso.

— Não percamos a esperança, então — disse Cassian. Rhys estremeceu, abaixando a cabeça e escondendo os olhos com o cabelo preto.

Cassian ergueu o olhar para Azriel, cujo rosto mostrava tudo: esperança não seria suficiente para manter Feyre viva.

Cassian engoliu em seco, e voltou o olhar para as três lâminas na mesa.

Os cabos eram comuns — tanto quanto se poderia esperar de um ferreiro em uma aldeia pequena. Ele fazia belas armas, sim, mas nenhuma obra-prima artística. O cabo da espada longa era uma simples guarda em cruz, o punho era um pedaço de metal redondo.

Gwydion, a última das espadas mágicas, havia sido preta e tão linda quanto a noite.

Quantas brincadeiras Cassian não tinha feito quando criança com Rhys e Azriel, fingindo que um longo cabo de vassoura era Gwydion? Quantas aventuras não tinham imaginado, compartilhando aquela espada mítica entre eles conforme matavam monstros e resgatavam donzelas?

Não importava que a donzela de Rhys tivesse matado um monstro ela mesma e o resgatado em vez disso.

Mas se Amren estivesse certa... Cassian não conseguia lembrar de outro lugar no mundo que possuísse uma lâmina mágica, imagine três.

Aquelas poderiam muito bem ser as únicas existentes.

Cassian tamborilou os dedos na mesa, sentindo uma curiosidade profunda.

— Vamos ver.

— Amren disse para não chegarmos perto dessas armas — avisou Azriel.

— Amren não está aqui — disse Cassian, rindo. — E não precisamos *tocar* nelas. — Ele deu um tapinha no ombro de Rhys. — Use essa magia chique para desembainhá-las.

Rhys levantou a cabeça.

— Não é uma boa ideia.

Cassian se encolheu.

— Isso deveria estar escrito no brasão da Corte Noturna.

Algumas estrelas brilharam nos olhos de Rhys. Azriel murmurou uma oração.

Mas Rhys tomou fôlego duas vezes para se acalmar e liberou seu poder na direção da espada imensa, deixando que ele erguesse a lâmina com mãos salpicadas de estrelas.

— É pesada — observou Rhys, com as sobrancelhas franzidas em concentração. — De um jeito que não deveria ser. Como se estivesse lutando contra minha magia. — Ele manteve a espada flutuando acima da escrivaninha, perpendicular a ela, como se estivesse sobre um suporte.

Cassian se preparou quando Rhys inclinou a cabeça e puxou o cabo com a magia. Rhys refletiu: — O ferreiro nunca disse nada sobre *o que* pareceu amaldiçoado, e ele deve ter tocado várias vezes nela, para sentir o poder e a trazer aqui, no mínimo. Então não pode ser uma espada da morte que mate qualquer mão descuidada.

Azriel grunhiu.

— Eu teria cuidado mesmo assim.

Com um sorriso travesso na direção de Az, Rhys usou o poder para tirar a bainha preta.

Não saiu fácil, como se a espada não quisesse ser revelada — ou não por Rhysand, pelo menos.

Mas centímetro após centímetro, a bainha deslizou da lâmina. E centímetro a centímetro, o aço fresco brilhou — *brilhou* de verdade, como se o luar estivesse dentro do metal.

Nem Az conseguiu controlar a expressão para algo que não fosse um assombro boquiaberto quando a bainha por fim caiu.

Cassian tropeçou para trás, chocado.

Faíscas iridescentes dançavam pela lâmina. Magia pura estalava no aço. A luz dançava e se acendia como se um martelo invisível ainda a atingisse.

Os pelos do corpo de Cassian se arrepiaram.

Rhys inalou, reunindo a magia, então a fez pairar e desembainhou a outra espada e a adaga.

Elas não faiscaram com poder puro, mas Cassian conseguia sentir. A adaga irradiava frio, a lâmina brilhava tão forte que parecia uma estaca de gelo ao sol. A segunda espada parecia quente — colérica e determinada.

Mas a espada longa entre as outras duas... As faíscas sumiram, como se sugadas para dentro da própria lâmina.

Nenhum deles ousou tocar. Alguma coisa profunda e primitiva dentro de Cassian avisou a ele que não tocasse. Que ser empalado ou cortado por aquela lâmina não seria um corte normal.

Uma risada baixa de fêmea ondulou da porta, e Cassian não precisou se virar para saber que Amren estava de pé ali.

— Eu sabia que esses três idiotas não conseguiriam resistir.

Rhys murmurou:

— Nunca vi nada assim. — A magia dele fez as três lâminas girarem, permitindo que o grupo observasse cada faceta. O rosto de Az ainda estava inexpressivo de espanto.

— Amarantha destruiu uma — disse Amren.

Cassian se espantou.

— Nunca ouvi falar disso.

Amren corrigiu:

— Reza a lenda que ela jogou uma no mar. A arma não parava de jeito nenhum nas mãos de Amarantha, e nem nas mãos de qualquer um de seus comandantes, então, em vez de deixar que o rei de Hybern a tomasse, ela a jogou no mar.

Azriel perguntou:

— Qual espada?

— Narben. — Os lábios vermelhos de Amren se curvaram para baixo. — Pelo menos era isso que os boatos diziam. Você estava Sob a Montanha na época, Rhys. Ela teria mantido segredo. Eu só soube por uma ninfa da água que estava fugindo.

— Narben era ainda mais antiga do que Gwydion — falou Rhys. — Onde diabos ela estava?

— Não sei, mas ela encontrou, e quando a espada não se curvou a ela, Amarantha a destruiu. Como fez com todas as coisas boas. — Era o máximo que Amren diria sobre aquela época terrível. — Talvez tenha sido para nosso bem. Se o rei de Hybern tivesse possuído Narben, temo que teríamos perdido a guerra.

Os poderes de Narben não eram a luz sagrada e salvadora de Gwydion, mas muito mais sombrios.

— Não acredito que aquela bruxa jogou a espada no mar — disse Cassian.

— Vou repetir: foi um boato, ouvido de alguém que ouviu de alguém. Vai saber se ela realmente encontrou Narben. Mesmo que não obedecesse a Amarantha, ela teria sido uma tola de jogar a espada fora.

— Amarantha às vezes não tinha um raciocínio muito bom — falou Rhys. Cassian odiava o som do nome dela na boca do irmão. Pelo lampejo de ódio no rosto de Azriel, o encantador de sombras também.

— Mas você, Rhysand, você tem. — Amren assentiu para as armas que ainda giravam. — Com essas três armas, poderia se fazer Grão-Rei.

As palavras ecoaram pela sala. Cassian piscou lentamente.

Rhys disse, tenso:

— Não desejo ser Grão-Rei. Só desejo estar aqui, com minha parceira e meu povo.

Amren replicou:

— Todas as sete cortes unidas sob um governante nos dariam chances muito melhores de sobrevivência em qualquer conflito iminente. Não seria preciso discutir e fazer politicagem para mandar seus exércitos. Gente insatisfeita como Beron não teria como ameaçar nossos planos nem se aliar aos nossos inimigos.

— Teríamos que travar uma guerra interna primeiro. Eu seria considerado traidor por meus amigos de outras cortes, seria forçado a fazer com que se ajoelhassem.

Com sombras sobre os ombros, Azriel deu um passo adiante.

— Kallias, Tarquin e Helion podem estar dispostos a se ajoelhar. Thesan o fará se os outros fizerem.

Cassian assentiu. Rhys como Grão-Rei: ele não conseguia pensar num macho em quem confiasse mais. Em outro macho que seria um governante mais justo do que Rhys. E com Feyre com Grã-Rainha... Prythian seria abençoada de ter tais líderes. Então Cassian falou: — Tamlin provavelmente lutaria, e perderia. Beron seria o único em nosso caminho.

Rhys mostrou os dentes.

— Beron já está em meu caminho, e se saindo muito bem nisso. Não tenho interesse em justificar esse comportamento dele. — Ele deu a Cassian um olhar desapontador. — Não precisamos sair logo para atravessar você e Nestha até a Corte Primaveril para se encontrarem com Eris?

— Não mude de assunto — cantarolou Cassian.

O poder de Rhys ecoou pela sala.

— Não quero ser Grão-Rei. Não tem por que discutir isso.

— O seu poder é terrível e lindo, Rhysand — falou Amren, suspirando. — Você tem três lâminas mágicas à sua frente, cada uma capaz de tornar alguém rei por seu próprio mérito, e, mesmo assim, você preferiria compartilhar o poder. Se limitar a suas fronteiras. Por quê?

Rhys indagou:

— Por que você quer que eu me transforme num conquistador?

Amren disparou de volta:

— Por que você foge do poder que é seu direito de nascença?

— Não fiz nada para merecer esse poder — falou Rhys. — Eu nasci com ele. É uma ferramenta para defender meu povo, não para atacar outros. — Ele os observou. — De onde está vindo esse assunto?

Azriel falou, baixinho:

— Estamos todos enfraquecidos... todas as sete cortes. E nos estranhando mais ainda entre nós e com o resto do mundo desde a guerra. Se Montesere e Vallahan marcharem contra nós, se Rask se unir a eles, não aguentaremos. Não com Beron já contra nós e aliado a Briallyn. Não se Tamlin não conseguir controlar a culpa e o luto e se tornar o que ele um dia foi.

Cassian continuou por ele, fechando as asas.

— Mas uma terra unida sob um só rei e rainha, armados com tal poder e tais objetos... Faria nossos inimigos hesitarem.

Rhys grunhiu:

— Se você acha por um momento que Feyre estaria remotamente interessada em ser Grã-Rainha, está delirando.

Amren disse:

— Feyre veria como um mal necessário. Para proteger seu filho de nascer na guerra, ela faria o que for preciso.

— E eu não? — indagou Rhys, ficando de pé. — Não serei Grão-Rei. Não vou considerar isso, nem hoje e nem daqui a um século.

Amren olhou para a espada longa, que ainda girava lentamente acima deles.

— Então explique para mim por que, depois de milhares de anos, objetos que um dia coroaram e ajudaram os antigos feéricos voltaram. Da última vez que um Grão-Rei governou Prythian, foi com uma *espada mágica* na mão. Olhe para essa espada longa na sua frente, Rhysand, e diga que não é um sinal do próprio Caldeirão.

A respiração de Cassian ficou presa na garganta.

— Foi um acidente, Amren. Nestha não fez isso de propósito.

Amren sacudiu a cabeça, o que fez seu cabelo balançar.

— Nada é acidental. O poder do Caldeirão flui por Nestha, e poderia tê-la usado como marionete sem que ela soubesse. Queria que aquelas armas fossem Feitas, e então elas foram Feitas. Queria que Rhysand tivesse as armas, e então, o ferreiro trouxe até você. A você, Rhysand, não para Nestha. E não se esqueça que a própria Nestha, e Elain, qualquer que seja o poder dela, estão aqui. Feyre está aqui. Todas as três irmãs abençoadas pelo destino e dotadas de poderes que se igualam ao seu. Só a Feyre já deixaria você duas vezes mais forte. Nestha, então, lhe deixaria irrefreável. Principalmente se ela marchasse para a batalha usando a Máscara. Inimigo nenhum poderia enfrentá-la. Ela massacraria os soldados de Beron, então os levantaria dos mortos e os voltaria contra ele.

O sangue de Cassian gelou. Sim, Nestha seria irrefreável. Mas a que custo para a alma dela?

Rhys olhou friamente para Amren.

— Não vou alimentar essa ideia ridícula por nem mais um segundo sequer.

Cassian sabia que eles tinham sido dispensados. Ele assentiu para Az, que o seguiu para fora. Os dois pararam, no entanto, bem diante da ombreira da porta. Olharam para trás, para o irmão, seu Grão-Senhor, agora sentado sozinho à escrivaninha. O peso de tantas escolhas pressionando seu ombro, baixando suas asas.

— Muito bem, Rhysand. — Amren também deu as costas para a escrivaninha e para as lâminas que a magia de Rhys agora colocava de volta nas bainhas e apoiava na superfície. — Mas saiba que a benevolência do Caldeirão será oferecida a você por tempo limitado até que seja oferecida a outro.

Capítulo 43

Inspirando o odor inebriante e doce da vegetação de lilases roxas que floresciam atrás deles, Nestha olhou de esguelha para Cassian. Ela podia jurar que ele estava sutilmente se coçando sempre que ela se virava para admirar a pura beleza e a paz da floresta da Corte Primaveril.

Rhys atravessara com os dois até ali, calado e de rosto impassível, então se fora. Cassian não parecera abalado com aquilo, então Nestha não perguntou. Muito menos enquanto esperavam que Eris aparecesse a qualquer momento.

Nestha fingiu olhar para uma roseira, então virou a cabeça de volta para Cassian e o encontrou, de fato, coçando os braços.

— O que está acontecendo com você?

— Odeio este lugar — murmurou ele, ficando vermelho. — Alergia.

Nestha engoliu uma gargalhada.

— Não precisa esconder de mim. No mundo humano, eu costumava ficar com tanta coceira que precisava tomar dois banhos por dia para me livrar de todo o pólen. — Bom, antes de terem se mudado para o chalé. Depois daquilo, Nestha tinha sorte se tomava

banho uma vez por semana, graças ao incômodo de aquecer e carregar tanta água até a banheira solitária no canto do quarto delas. Às vezes, ela e Elain até compartilhavam a água do banho, tirando no palitinho quem entraria primeiro.

A garganta de Nestha se apertou, e ela observou as cerejeiras balançando acima. Elain amaria aquele lugar. Tantas flores, todas desabrochadas, tanto verde — o verde vibrante e claro da grama nova —, tantos pássaros cantando e tanta luz do sol morna e amanteigada. Nestha se sentiu como uma nuvem de tempestade em meio àquilo tudo. Mas Elain... A Corte Primaveril tinha sido feita para alguém como ela.

Uma pena que a irmã se recusava a vê-la. Nestha teria dito a Elain que visitasse o lugar.

E uma pena que o senhor que governava aquela terra fosse um merda.

— Eris está atrasado — disse Nestha a Cassian. Eles estavam esperando havia dez minutos. — Acha que ele vem?

— Deve estar tomando chá, aproveitando o fato de que estamos aqui, esperando por ele. — Cassian refletiu. — Bom, ele não sabia que você também iria vir. Mas vai gostar de me deixar esperando.

— Ele é um desgraçado. — Nas poucas vezes em que Nestha havia se encontrado com o filho do Grão-Senhor da Corte Outonal, ela detestara o macho de expressão fria e arrogante. Exatamente o tipo de pessoa que abandonaria Morrigan ferida no bosque.

— Está falando de mim, ou do brutamontes ao seu lado? — disse uma voz grave e aveludada nas sombras de uma cornácea em botão.

E ali estava ele, como se os pensamentos dela o tivessem conjurado. Eris se vestia tão impecavelmente quanto Rhysand, sem uma mecha do cabelo longo fora do lugar. Mas embora as feições angulosas de Eris fossem belas, luz nenhuma brilhava nos olhos dele. Nenhuma alegria.

Aqueles olhos recaíram sobre Nestha, percorrendo desde o cabelo trançado até suas botas.

— Oi, Nestha Archeron.

Nestha encontrou o olhar do macho. Ela não disse nada, deixando que o desprezo frio congelasse seu olhar.

A boca de Eris se curvou para cima. Mas a expressão sumiu quando ele se virou para Cassian.

— Ouvi falar que você tem algo a me contar sobre meus soldados.

Cassian cruzou os braços.

— Notícia boa e ruim, Eris. Escolha a que quiser.

— Ruim. Sempre a ruim primeiro. — O sorriso de Eris estava cheio de veneno.

— A maioria dos seus soldados está morta.

Eris apenas piscou.

— E a notícia boa?

— Dois deles sobreviveram.

Nestha estudou cada ínfima alteração no rosto de Eris: o ódio que brilhou em seus olhos, o desprazer que estampou seus lábios contraídos e a irritação que culminou no tremor de um músculo da mandíbula. Como se inúmeras perguntas estivessem percorrendo sua mente. A voz de Eris permaneceu inexpressiva, no entanto.

— E quem fez isso?

Cassian fez uma careta.

— Tecnicamente, Azriel e eu. Seus soldados foram encantados pela rainha Briallyn e Koschei para se tornarem assassinos irracionais. Eles nos atacaram no pântano de Oorid, e não tivemos escolha a não ser matá-los.

— Mesmo assim, dois sobreviveram. Que conveniente. Presumo que tenham recebido o tratamento especial de interrogatório de Azriel? — A voz de Eris pingava desdém.

— Só conseguimos conter dois — disse Cassian, com a voz tensa. — Sob a influência de Briallyn, estavam fervendo de raiva.

— Vamos jogar limpo. Você *só* se deu o trabalho de conter dois, quando sua sede de sangue de brutamontes passou.

Nestha enxergou tudo vermelho ao ouvir as palavras, e Cassian inspirou.

— Fizemos o possível. Havia duas dúzias deles.

Eris riu, debochado.

— Certamente havia bem mais, e você poderia ter facilmente poupado mais do que dois. Mas não sei por que eu esperaria que alguém como você tivesse feito melhor do que isso.

— Quer que eu peça desculpas? — grunhiu Cassian. O coração de Nestha começou a bater selvagemente diante do ódio que cobria a voz dele, a dor que brilhava em seus olhos. Cassian se arrependia daquilo, ele não gostara de matar aqueles soldados.

— Você ao menos tentou poupar os outros, ou simplesmente se lançou em um massacre? — perguntou Eris, fervilhando.

Cassian hesitou. Nestha podia jurar que viu as palavras acertarem o alvo. Não, Cassian não havia hesitado. Nestha sabia que não. Ele jamais hesitaria em salvar alguém que amava de um inimigo. Não importava o que custasse a ele.

Nestha deu um passo mais para perto de Eris.

— Seus soldados dispararam uma flecha de freixo em uma das asas de Azriel.

Eris mostrou os dentes.

— E você participou desse massacre também?

— Não — disse ela, honestamente. — Mas me pergunto: Será que Briallyn armou os soldados com aquelas flechas de freixo, ou vieram de seu arsenal particular?

Eris piscou, a única confirmação de que ela precisava.

— Essas armas são banidas, não são? — perguntou ela a Cassian, cujas feições permaneciam tensas. A conflagração dentro de Nestha queimou mais intensamente, com mais força. Ela voltou a atenção para Eris. Se ele podia brincar com Cassian, então ela devolveria o favor. — Para quem estava guardando aquelas flechas? — refletiu Nestha. — Inimigos estrangeiros? — Ela sorriu levemente. — Ou um inimigo doméstico?

Eris a encarou de volta.

— Não sei do que está falando.

O sorriso de Nestha não hesitou.

— Será que uma flecha de freixo no coração mataria um Grão-Senhor?

O rosto de Eris empalideceu.

— Está desperdiçando meu tempo.

Nestha deu de ombros.

— E você está desperdiçando o nosso. Até onde sabemos, você enfeitiçou seus soldados para nos matar. Alegou que seus cães encontraram cheiros no local do desaparecimento deles que ligava o

caso a Briallyn, então mentiu sobre as alianças de Beron. Talvez você até mesmo tenha feito o pai de Morrigan atrasar a visita dele a Velaris em uma grande maquinação para conquistar nossa confiança. Tudo parte de seu jogo.

O olhar de Cassian foi como um toque físico no rosto dela, mas Nestha manteve a atenção em Eris, que estava com as costas tensas.

— Se quiser bancar o belicista, vá em frente, Eris. — O sorriso dela se alargou. — Gosto de um adversário interessante.

— Não sou seu inimigo — disparou Eris, e Nestha soube que tinha vencido. Pela carícia dos dedos de Cassian em sua lombar, ele também soube.

Cassian falou:

— Sinto muito por não ter salvo seus soldados, Eris. De verdade. Os dois restantes serão enviados de volta a você hoje, embora permaneçam sob o feitiço da Coroa. Mas não sou seu inimigo também. Briallyn e Koschei são nossos inimigos, de nós dois. Se as famílias daqueles soldados precisarem de qualquer coisa, ficarei feliz em fazer o que puder para ajudar.

Algo como orgulho cresceu dentro dela ao ouvir as palavras sinceras de Cassian. Ele daria tudo o que tivesse para aquelas famílias, se corrigisse aquele erro.

Eris olhou de um para outro. Reparou na mão às costas dela. No que Cassian deixara exposto.

Eris disse a Nestha, com um risinho:

— Você é uma coisa bonitinha. Eu ficaria feliz de jogar qualquer tipo de jogo com você, Nestha Archeron.

Os dedos de Cassian ficaram tensos às costas dela. Eris pareceu sentir isso também. Será que Cassian tinha alguma ideia das coisas que deixava vulneráveis para que pessoas como Eris atacassem? Ele vivia muito abertamente, muito destemidamente, para reparar ou se importar. Ela não podia deixar de admirar aquilo.

— Quando você se cansar do animal — disse Eris a Nestha, indicando Cassian com o queixo —, venha me procurar. Vou lhe mostrar como um futuro Grão-Senhor brinca.

Cassian grunhiu, abrindo a boca, mas parou.

Eris também ficou imóvel.

Nestha sentiu um segundo depois. A presença espreitando na direção deles com patas macias.

Cassian a empurrou para trás dele no momento em que uma besta de pelo dourado com chifres curvos saltou de trás dos arbustos e aterrissou na clareira da floresta.

Ela jamais se esqueceria daquela besta. De como havia quebrado a porta do chalé delas e a apavorado até os ossos. Como tudo em que conseguira pensar foi proteger Elain enquanto Feyre pegava aquela faca para enfrentá-lo.

Tamlin.

Olhos verdes os avaliaram. Notaram Eris. Depois Cassian. E, por fim, ela.

Tamlin soltou um grunhido baixo e grave, e os Sifões de Cassian se acenderam.

— Estávamos indo embora — disse Cassian, com uma calma tranquilizadora e pegando a mão de Nestha. Ele os lançaria ao ar. Mas será que seria rápido o bastante para evitar as garras de Tamlin? Ou o poder?

O olhar de Tamlin permanecia sobre ela. Revoltado e colérico.

Aquele era o macho, a besta, que a irmã dela um dia amara. Por quem desistira de tudo, inclusive da vida mortal, para salvar. O qual, então, pegara o amor dela e o deturpara, quase destruindo Feyre no processo. Até Rhys. Até Cassian e os outros ajudarem a trazê-la de volta. Ajudarem Feyre a aprender a se amar de novo.

Nestha não dava a mínima ao fato dele ter aparecido para ajudar durante a batalha final com Hybern. Tamlin tinha ferido Feyre. De uma forma imperdoável.

Ela jamais se incomodara antes. Ficara enojada, sim, mas... Nestha viu que seus dedos se fechavam. Viu que seus lábios se afastavam dos dentes quando ela grunhiu.

Sua irmã mais nova tinha sido levada por aquele macho porque a própria Nestha não conseguira enfrentá-lo. Tamlin chegou a olhar para ela e *perguntar* se Nestha iria no lugar de Feyre. E ela dissera que não, porque era uma covarde odiosa e horrível.

Não seria covarde agora.

Nestha deixou que uma brasa de seu poder brilhasse nos olhos. Deixou que Tamlin visse quando ela falou: — Você não vai tocar em

nós.

— Tenho todo o direito de matar invasores em minhas terras. — As palavras saíram guturais, quase impossíveis de entender. Como se Tamlin não falasse há muito tempo.

— Estas ainda são suas terras? — perguntou Nestha, friamente, saindo de trás de Cassian. — Pelo que andei ouvindo, você não se dá mais ao trabalho de governá-las.

Eris permaneceu completamente imóvel. Ele tinha sido pego se encontrando com eles, percebeu Nestha. Se Tamlin contasse a alguém.

Nestha falou:

— Sugiro que mantenha o focinho calado a respeito disso.

Tamlin fervilhou e seus pelos se arrepiaram.

— Você é tão terrível quanto sua irmã disse que era.

Nestha gargalhou.

— Eu ficaria muito triste em desapontá-la.

Ela se fixou no olhar esmeralda dele, sabendo que chamas prateadas brilhavam nos dela.

— Entrei no Caldeirão por sua causa — disse ela, baixinho, e um trovão ecoou ao longe. Era como se Cassian e Eris tivessem desaparecido. Só havia Tamlin, só aquela besta, e o que ele tinha feito a ela e à família dela.

— Elain entrou no Caldeirão por sua causa — prosseguiu Nestha. As pontas dos dedos dela se aqueceram, e ela sabia que se olhasse para baixo, encontraria brasas prateadas brilhando ali. — Não me importa o quanto você peça desculpas ou tente se redimir por isso, ou alegue que não sabia que o rei de Hybern faria tal coisa depois de você implorar a ele que não fizesse. Você tramou com ele. Porque achou que Feyre era sua *propriedade*.

Nestha apontou para Tamlin. O chão tremeu.

Cassian disse um palavrão atrás dela.

Tamlin se encolheu ao esticar do dedo dela e enterrou as garras no solo.

— Abaixe esse dedo, sua bruxa.

Nestha sorriu.

— Que bom que você se lembra do que aconteceu com a última pessoa para quem apontei. — Ela abaixou o braço. — Estamos de

saída agora.

Nestha recuou para onde Cassian já estava esperando de braços abertos. Ele os fechou em volta da cintura dela. Nestha olhou para Eris, que deu a ela um curto aceno de aprovação, então sumiu.

Nestha disse a Tamlin, antes de eles levantarem voo:

— Se contar a alguém que nos viu, Grão-Senhor, vou arrancar sua cabeça do corpo também.

Nestha encarava o poço de escuridão no fundo da biblioteca.

Ela não conseguira dormir e passou o dia inteiro mal conseguindo evitar reviver o encontro com Tamlin. Cassian voara até a casa do rio, e não tinha voltado. Talvez Rhys tivesse ido garantir o silêncio de Tamlin depois das maquinações deles com Eris. Talvez Rhys fizesse um favor a todos e transformasse a mente de Tamlin em gelatina.

Nestha apoiou os braços no parapeito do Nível Cinco, deixando que a cabeça abaixasse. Àquela hora da noite, não havia ninguém acordada, e ela não sabia onde ficavam os dormitórios, então não podia procurar Gwyn. Não que quisesse acordar a amiga. De qualquer forma, duvidava que Gwyn fosse querer ouvir seus problemas.

Um copo de leite morno apareceu no parapeito atrás dela.

Nestha olhou para a biblioteca escura.

— Obrigada — disse ela, para a Casa.

A Corte Primaveril tinha parecido estagnada. Oca. Vazia apesar da vida crescente. Mas aquela Casa era viva. Ela a recebia e queria que Nestha crescesse e prosperasse. Era um lugar onde Nestha podia descansar ou explorar, onde podia ser quem e o que quisesse.

Era isso que significava um lar? Ela jamais soubera. Mas aquele lugar... Sim, *lar* podia ser um bom nome. Talvez fora isso que Feyre também sentiu, quando deixou a Corte Primaveril para vir para essas terras. Talvez Feyre tivesse se apaixonado por essa corte tanto quanto tinha por seu governante.

Alguma coisa se agitou na escuridão abaixo. Nestha se esticou, deixando o leite para lá.

Ali. No coração do poço escuro, como um tendão de fumaça... alguma coisa se mexeu.

Parecia se expandir e se contrair, pulsando a uma batida selvagem...

— Achei que encontraria você aqui. Bom, ou aqui ou nas escadas até a cidade.

A voz de Cassian soou atrás dela, e Nestha se virou.

Ele ficou alerta, mas Nestha olhou por cima do ombro na direção da escuridão. Nada.

Tinha sumido. Ou ela havia imaginado.

— Não é nada — disse Nestha, quando ele olhou por cima do parapeito. — Apenas sombras.

Cassian exalou, encostando no parapeito.

— Não consegue dormir?

— Fico pensando em Tamlin.

— Você lidou bem com ele. E com Eris também. Não acho que ele vá se esquecer daquilo tão cedo.

— Ele é uma cobra.

— Que bom que concordamos em alguma coisa.

Nestha abafou uma gargalhada.

— Não gostei dele ter falado com você daquele jeito.

— É como muita gente fala comigo.

— O que não faz com que seja certo. — Ela própria já havia falado com ele daquela forma. Tinha dito coisas muito piores a Cassian do que Eris. Sua garganta se apertou.

Mas Nestha falou:

— Não acredito que Feyre tenha algum dia amado Tamlin.

— Tamlin jamais a mereceu. — Cassian apoiou a mão nas costas dela.

— Não. — Nestha olhou de novo para a escuridão abaixo. — Ele não a mereceu.

Capítulo 44

— Alguém pode me dizer de novo por que isso seria uma boa ideia? — Gwyn estava ofegante ao lado de Nestha e suor escorria pelo rosto conforme elas repassavam os exercícios básicos com espada.

— A mim também — grunhiu Emerie. Nestha, sem fôlego para falar, apenas grunhiu em concordância.

Cassian riu, e o som reverberou no corpo de Nestha. Ele tomara a mão dela na biblioteca na noite anterior e, olhos ainda suaves, levara-a até o quarto dela. Mas aquela ternura sumira quando ele viu uma cópia dos capítulos de Gwyn sobre as valquírias na escrivaninha de Nestha. Estava lendo sobre as guerreiras, explicou ela quando Cassian pegou as páginas e folheou.

A única resposta dele foi beijá-la intensamente antes de se deitar na cama e posicionar Nestha acima do rosto dele para poder se banquetear dela prazerosamente. Nestha só aguentou um minuto até precisar tocar nele, e se virou, deixando que Cassian continuasse devorando-a enquanto ela se esticava pelo corpo dele e o colocava na boca.

Ela nunca tinha feito aquilo — se banqueteado enquanto alguém se banqueteava nela — e Cassian tinha ejaculado na língua dela logo antes de Nestha gozar na dele. Os dois esperaram apenas por um curto tempo, ofegantes no silêncio da cama dela, antes de Nestha subir nele, acariciando-o com a mão, depois a boca, e quando ela estava pronta, Nestha mergulhou em Cassian, recebendo cada centímetro maravilhoso e espesso. Com ele se esticando e a preenchendo tão deliciosamente, Nestha chegou ao clímax rápido. Ele acompanhou o prazer dela e segurou o quadril de Nestha, impulsionando-se para dentro, atingindo aquele ponto perfeito e a levando ao clímax de novo.

Ela estava sutil e agradavelmente dolorida naquela manhã, e Cassian piscara um olho para ela do outro lado da mesa de café da manhã, como se soubesse o quanto certas áreas estavam sensíveis quando ela estava sentada.

Não havia vestígio daquela satisfação arrogante agora conforme Cassian dizia a elas:

— Achei que hoje seria um bom dia para integrar a estrela de oito pontas, mas se vocês já estão reclamando, podemos esperar até a semana que vem.

— Não estamos reclamando — disse Gwyn, inspirando. — Você só está deixando a gente sem fôlego.

As mais novas sacerdotisas que treinavam com Az já estavam exaustas e com as pernas bambas.

Cassian encarou Nestha.

— Bela unidade de valquírias que você tem.

Gwyn se virou para Nestha.

— Você contou a ele?

— Não — disseram Nestha e Cassian juntos. Cassian acrescentou: — Acha que eu não reparei nas técnicas de respiração que permitem que vocês fiquem com aquele olhar calmo e tranquilo mesmo quando Az e eu irritamos vocês? Eu certamente não ensinei isso. Posso reconhecer um Silenciamento Mental a quilômetros de distância.

Elas apenas olharam boquiabertas para ele. Então Gwyn perguntou:

— Você conhece a técnica?

— É claro que conheço. Lutei ao lado das valquírias na Guerra.

Um silêncio preenchido por choque tomou conta do ambiente. Nestha tinha se esquecido de como aqueles feéricos eram velhos, do quanto Cassian tinha visto e vivido. Ela pigarreou.

— Você conheceu as valquírias pessoalmente?

Gwyn soltou um ruído agudo de pura animação. Azriel, do outro lado do ringue com o resto das sacerdotisas, se virou parcialmente ao ouvir o som e ergueu as sobrancelhas.

Cassian estampou um sorriso.

— Lutei ao lado das valquírias em cinco batalhas. Mas isso acabou na Batalha do Desfiladeiro Meinir. — O sorriso dele sumiu. — Quando a maioria delas morreu para salvar o lugar. As valquírias sabiam que era uma missão suicida desde o início.

Azriel retornou aos seus deveres, mas Nestha teve a sensação de que o encantador de sombras monitorava cada palavra, cada gesto do irmão dele.

Até mesmo Gwyn parou de sorrir.

— Por que elas lutaram, então? Todos ali sabiam que seria um massacre. Mas jamais consegui encontrar nada sobre a política por trás daquilo.

— Não sei. Eu era um milico de uma legião illyriana; não estava inteirado de nenhumas das discussões dos líderes. — Ele olhou para Nestha, que estava olhando boquiaberta para ele. — Mas eu tinha... amigas que morreram naquele dia. — A forma como ele hesitou na palavra *amigas* a fez se perguntar se alguma deles havia sido mais do que isso. E embora fossem mortas honradas, caídas em batalha, alguma coisa feia se revirou no peito dela. — As valquírias lutavam quando nem mesmo os mais corajosos machos queriam. Os illyrianos tentaram se esquecer disso. Lutei contra machos que eram meus superiores, argumentando para que ajudássemos as valquírias. Eles me espancaram até que eu perdesse os sentidos, me acorrentaram a uma carroça de suprimentos e me deixaram lá. Quando recobrei os sentidos, a batalha tinha acabado, as valquírias tinham sido massacradas.

Aquele era o macho que ela havia levado para a cama, que partira de novo na noite anterior sem lhe dar um beijo de boa noite.

— Por que você não mencionou isso quando viu as páginas sobre elas em minha escrivaninha?

— Você não perguntou. — Cassian desembainhou sua arma illyriana. — Chega de história. — Ele desenhou quatro linhas na terra, todas se cruzando para formar uma estrela de oito pontas. — Este é seu mapa para golpear com a espada. Essas oito manobras. Vocês já aprenderam seis delas. Aprenderão as outras duas hoje, e começaremos as combinações.

Gwyn perguntou:

— Por que não usamos as técnicas das valquírias, já que você as admirava tanto?

— Porque não conheço essas técnicas.

Nestha deu um risinho.

— Se nós seremos as valquírias renascidas — disse ela —, talvez devêssemos combinar as técnicas illyrianas e valquirianas.

Ela disse de brincadeira, mas as palavras ecoaram pelo espaço, como se tivesse dito alguma grande verdade, alguma coisa que fez o destino prestar atenção. Com os olhos semicerrados, Azriel se virou completamente para elas dessa vez. Como se aquelas sombras tivessem sussurrado alguma coisa para ele.

Um calafrio percorreu a coluna de Nestha.

Cassian olhou para o rosto delas. Como se tivesse visto algo que não tinha visto antes.

Por fim, ele falou, rapidamente:

— Hoje, aprenderemos técnicas illyrianas. — Ele assentiu para Gwyn. — Amanhã, você me traz qualquer informação que tiver sobre o estilo das valquírias.

— É muita coisa — falou Gwyn. — Merrill está escrevendo um livro sobre isso. Eu poderia conseguir uma cópia do manuscrito atual, já que reúne a maior parte da informação em um só lugar.

Cassian pareceu controlar qualquer que fosse a emoção que tivesse tomado conta dele, pois o macho esfregou a mandíbula. O sangue de Nestha latejou em resposta.

— Alguma coisa nova — disse ele, mais para si mesmo do que para elas. — Alguma coisa antiga se tornando nova.

Ele sorriu de novo, e Nestha viu que sua boca se curvava em resposta, com um sorriso.

Principalmente quando os olhos de Cassian se iluminaram.

— Muito bem, moças. Primeira lição sobre as valquírias: elas não reclamam de estarem suadas.

— Valquírias? — perguntou Feyre do outro lado da mesa de jantar na casa do rio, com o garfo na metade do caminho até os lábios. — De verdade?

— De verdade — falou Cassian, tomando um gole do vinho no jantar daquela noite. Ele tinha ido até a casa para discutir o que fazer com as armas que Nestha tinha Feito, para descobrir qual seria o voto de Feyre. Ela não hesitara ao dizer que Nestha deveria ser informada. Mas quando se voluntariou para contar à irmã, Cassian se prontificou. Ele contaria a Nestha, quando o momento certo chegasse.

A única que não tinha votado era Mor, que permanecia em Vallahan para continuar incentivando seus governantes a assinar o novo tratado, a ausência dela era marcada por um lugar de honra colocado à mesa.

— Nunca ouvimos falar delas nas terras humanas — disse Elain. Ela ficara tão fascinada quanto Feyre ao ouvir Cassian contar: primeiro sobre o interesse de Nestha e das outras, depois da breve história das guerreiras fêmeas. — Deviam ser criaturas pavorosas.

— Algumas eram tão lindas quanto você, Elain — disse Rhys, ao lado de Feyre —, por fora. Mas depois que colocavam os pés na arena de batalha, se tornavam tão sedentas por sangue quanto Amren.

Amren levantou a taça em um brinde.

— Eu gostava daquelas fêmeas. Nunca deixavam um macho dizer a elas o que fazer, mas dispensaria aquele rei tolo delas. Ele é tão culpado por suas mortes quanto os illyrianos que fugiram da batalha.

— Você está totalmente certa — falou Cassian. Ele havia levado muito, muito tempo para superar aquela batalha. Jamais retornara ao desfiladeiro nas montanhas Gollian, mas segundo rumores, as rochas ali permaneciam estéreis, como se a terra ainda lamentasse

as mortes das fêmeas que tinham dado a vida sem hesitar, que riam na cara da morte e viviam a vida plenamente. A primeira amante dele de fora das fronteiras da Corte Noturna havia sido uma guerreira valquíria, uma fêmea destemida chamada Tanwyn cujo sorriso parecia uma tempestade. Ela havia cavalgado para aquela batalha à frente das valquírias e nunca mais voltara do desfiladeiro. Cassian acrescentou, depois de um momento: — Nestha teria se encaixado bem entre elas.

— Sempre achei que ela tivesse nascido do lado errado da Muralha — admitiu Elain. — Nestha transformava salões de baile em campos de batalha e tramava como qualquer general. Igualzinho a vocês dois — disse ela, assentindo para Cassian, e então, um pouco mais timidamente, para Azriel.

Azriel ofereceu um pequeno sorriso a ela, do qual Elain rapidamente virou o rosto. Cassian escondeu sua confusão. Lucien certamente não estava por perto para grunhir para qualquer macho que olhasse para ela por tempo demais.

Feyre, por fim, comeu sua garfada farta.

— Nestha é um lobo que passou a vida trancado em uma jaula.

— Eu sei — disse Cassian. Ela era um lobo que jamais aprendera a *ser* um lobo, graças àquela jaula que os humanos chamavam de boas maneiras e sociedade. E como qualquer animal maltratado, ela mordia quem se aproximasse. Ainda bem que ele gostava de ser mordido. Ainda bem que ele se deliciava com os hematomas e arranhões que ela deixava em seu corpo todas as noites, e que o senso de liberdade que ela exalava quando ele estava enterrado nela, o fazia querer se libertar também.

Elain se inclinou para a frente.

— Você só acha que sabe, mas nunca a viu dançando. É aí que Nestha deixa o lobo solto. Quando tem música.

— É mesmo? — Nestha *tinha* dito a ele uma vez, quando ele a arrancou de uma taverna especialmente imunda, que havia ido lá só pela música. Cassian a ignorara, pensando que era uma desculpa.

— É — falou Elain. — Ela foi treinada em dança desde muito nova. Ela adora tanto dança quanto música. Não da forma como eu gosto de uma valsa ou uma gavota, mas da forma como os artistas

fazem da dança uma arte. Nestha podia fazer um salão de baile inteiro parar quando dançava com alguém.

Cassian apoiou o vinho.

— Ela mencionou aulas de dança para mim algumas semanas atrás. — Ele presumiu que aquelas aulas fossem o motivo pelo qual Nestha tinha rapidamente dominado o trabalho com os pés e o equilíbrio, apesar da dificuldade inicial. A memória muscular devia ter permanecido intacta. Mas se a dança tinha sido incutida nela tão impiedosamente quanto ele havia aprendido a lutar...

— Acho normal ela não querer se abrir muito sobre esse assunto — disse Elain. — Nestha tinha apenas 14 anos no último baile a que fomos antes... bom, antes de ficarmos pobres... — Elain sacudiu a cabeça. — Outra jovem herdeira estava no baile, e ela simplesmente me *odiava*. Era muitos anos mais velha, e eu nunca havia feito nada para provocá-la, mas acho que...

— Que ela sentia inveja da sua beleza — falou Amren, com um sorriso divertido nos lábios vermelhos.

Elain corou.

— Talvez.

Definitivamente era aquilo. Embora Elain mal devesse ter 13 anos na época.

— Bom, Nestha viu como ela me tratava, as crueldades casuais e como me ignorava, e aguardou. Esperou até aquele baile, quando um belo duque do continente foi até lá encontrar uma noiva. A família dele estava sem dinheiro, o motivo pelo qual ele ousara ir até lá, para conseguir uma noiva rica e encher os cofres das propriedades deles. Nestha sabia que a herdeira estava de olho nele. A moça tinha se gabado sobre aquilo com todas nós no toucador de todos os bailes durante as semanas que precederam.

— Nestha gastou uma pequena fortuna no vestido e em joias para aquela noite. Nosso pai sempre teve medo demais dela para dizer não, e naquela noite... Bom, ela realmente parecia a filha de um príncipe de Mercadores. Com aquele vestido de seda ametista com fios de ouro, diamantes e pérolas no pescoço e nas orelhas... — Elain suspirou. Tanta riqueza. Cassian jamais se dera conta da riqueza que elas possuíram e perderam.

— O baile inteiro parou quando Nestha entrou — disse Elain. — Ela fez uma entrada triunfante, perfeitamente fria e distante, mesmo aos 14 anos. Ela mal olhou para o duque. Porque tinha aprendido sobre ele também. Sabia que ele ficava cansado de quem o perseguia. E sabia que a riqueza que ela usava naquela noite diminuía tudo o que aquela herdeira estava usando.

Amren sorria agora.

— Nestha tentou conquistar um duque só por rancor? Aos *14 anos*?

Elain não sorriu.

— Ela o atraiu para que a chamasse para uma dança com alguns olhares bem posicionados pelo salão. A mesma valsa que a herdeira queria para ela, que tinha se gabado que seria tudo de que precisaria para garantir o pedido de casamento. Nestha *roubou* aquela dança dela. E então roubou o duque também. Nestha dançou naquela noite como se fosse uma de vocês.

— Acho que você nunca viu Cassian dançar, né? — murmurou Rhys.

Cassian fez um gesto grosseiro para o Grão-Senhor quando Feyre e Az riram.

Com a voz baixa quase como em reverência, Elain continuou:

— O duque era vaidoso, e Nestha usou isso. O salão inteiro parou. A dança deles foi boa a esse ponto; e ela estava linda à altura de toda aquela ostentação. E quando terminou... Eu soube que ela era uma artista naquele momento. Da mesma forma que Feyre é. Mas o que Feyre faz com tinta, é o que Nestha fazia com música e dança. Nossa mãe viu quando éramos crianças, e transformou em uma arma. Tudo isso para que Nestha um dia se casasse com um príncipe.

Cassian congelou. Um príncipe... será que era isso que Nestha queria? O estômago dele se revirou.

— O que aconteceu com o duque? — perguntou Azriel.

Elain fez uma careta.

— Ele propôs casamento na manhã seguinte.

Rhys engasgou com o vinho.

— Ela tinha14 anos.

— Eu disse: Nestha é *muito* boa dançarina. Mas foi isso o que meu pai disse, que ela era jovem demais. Foi uma saída graciosa, pois meu pai, apesar dos defeitos dele, conhecia bem Nestha. Ele sabia que ela provocara o duque para que fizesse uma oferta de casamento só para punir a herdeira pela crueldade dela comigo. Nestha não tinha interesse nele, sabia que era jovem demais. Mesmo que o duque parecesse mais interessado em apenas... reservá-la até que ela tivesse idade. — Elain estremeceu com asco. — Mas acho que parte de Nestha acreditou mesmo que ela um dia se casaria com um príncipe. Então o duque voltou para casa sem noiva, e aquela herdeira... Bom, ela foi uma das pessoas que sentiu prazer com nossos infortúnios.

— Eu tinha me esquecido — murmurou Feyre. — Disso, e da dança dela.

— Nestha nunca mais tocou no assunto — disse Elain. — Eu só observava.

Nestha estava errada, percebeu Cassian, ao pensar que Elain era leal e amorosa como um cachorro. Elain via tudo que Nestha fazia, e entendia os seus motivos.

Amren perguntou, sem rodeios:

— Então sua mãe deturpou os prazeres criativos de Nestha, transformando-os no arsenal de uma alpinista social?

Feyre interrompeu:

— Nossa mãe não era o que se chamaria de uma pessoa agradável. Nestha fez as próprias escolhas, mas depois de muita influência de nossa mãe.

Elain assentiu, unindo as mãos no colo.

— Então, fico muito feliz em saber dessa história de valquíria. Fico feliz que Nestha encontre interesse em alguma coisa de novo. E que possa canalizar tudo... *aquilo* para isso. — *Aquilo*, Cassian sabia, significava a raiva dela, a lealdade destemida e irredutível àqueles que amava, os instintos de lobo e a habilidade para matar.

Eles passaram para assuntos muito menos alegres, mas Cassian remoeu aquilo durante a noite. A luta era apenas uma parte. O treino daria sustento a ela, canalizaria aquela raiva, mas precisava haver mais. Precisava haver alegria.

Precisava haver música.

Capítulo 45

— Acho que as valquírias eram ainda mais sádicas do que os illyrianos — grunhiu Gwyn, e Nestha podia ver as pernas da sacerdotisa tremendo conforme ela mantinha a pose que estava ilustrada em um dos muitos volumes de pesquisa. — Não tem Silenciamento Mental que baste para me fazer completar esses exercícios. Qual era a frase que elas usavam? *Sou a rocha contra a qual a onda quebra*. Mas uma rocha jamais precisou manter um agachamento.

— Isso é um absurdo — concordou Emerie, com os dentes trincados.

Cassian girava distraidamente uma longa adaga na mão.

— Eu falei que elas eram guerreiras frias.

Nestha ofegava entre os dentes em um ritmo constante.

— Minhas pernas vão quebrar.

— Vocês três ainda têm... vinte segundos. — Cassian olhou para o relógio que Azriel havia trazido da Casa e deixado na mesa da estação de água. O encantador de sombras estava fora naquele dia, mas as sacerdotisas que ele costumava treinar tinham sido deixadas com um plano de aulas rigoroso.

As pernas de Nestha tremiam e queimavam, mas ela firmou a força nos dedos dos pés e se concentrou na respiração. Ela buscou aquele lugar de calma, onde poderia ficar além da dor e do corpo trêmulo, e estava tão perto, tão próximo, se pudesse apenas se concentrar, respirar mais profundamente...

— Acabou o tempo — disse Cassian, e as três desabaram na terra. Ele riu de novo. — Patético.

— Tente você — disse Gwyn ofegante, deitada na terra de barriga para cima. — Acho que nem mesmo você sobreviveria.

— Graças às passagens que você me mandou ontem à noite, eu estava aqui ao amanhecer fazendo os exercícios — respondeu ele. Nestha ergueu as sobrancelhas. Cassian não estava no jantar, e não a havia procurado, mas ela estava tão cansada depois de algumas noites de pouco sono que não se incomodou. — Decidi que, se vou torturar vocês três, preciso pelo menos me garantir. — Ele piscou um olho. — Exatamente para o momento em que você reclamasse que eu deveria sofrer junto.

— Por isso que você está desse jeito — murmurou Emerie, virando-se para se deitar de barriga para cima e olhar para o céu frio de outono. Os dias tinham desistido de qualquer tentativa de parecerem quentes, embora o verdadeiro frio ainda não tivesse chegado. O sol oferecia uma gota de calor contra a brisa gelada, um calor amanteigado que aquecia os ossos, o qual Nestha aproveitava enquanto também estava deitada.

— Vou tomar isso como um elogio.

O sorriso dele apertou algo no fundo do estômago de Nestha.

Ele a viu olhando e aquele sorriso se tornou um pouco mais ciente. Mas Cassian apenas disse: — Se você tivesse que nomear uma espada, como a chamaria?

Gwyn respondeu, embora a pergunta não tivesse sido direcionada a ela: — Majestade Prateada.

Emerie riu.

— Sério?

Gwyn indagou:

— Como *você* chamaria?

Emerie considerou.

— Assassina de Inimigos, ou algo assim. Algo intimidador.

— E você acha isso melhor?

A boca de Nestha se repuxou para cima com as provocações das amigas. Gwyn olhou para ela com seus olhos azul-mar alegres.

— O que é pior: Assassina de Inimigos ou Majestade Prateada?

— Majestade Prateada — falou Nestha, e Emerie se esticou, triunfante. Gwyn balançou a mão, vaiando.

— Como você chamaria? — perguntou Cassian a Nestha de novo.

— Por que quer saber?

— Porque sim.

Ela ergueu a sobrancelha. Mas então disse, com toda sinceridade.

— Assassina.

As sobrancelhas dele ficaram retas.

Nestha deu de ombros.

— Sei lá. É preciso mesmo dar um nome para uma espada?

— Só me diga: se precisasse nomear uma espada, como chamaria?

— Você vai dar uma espada de presente de Solstício de Inverno para ela? — perguntou Emerie.

— Não.

Nestha escondeu o sorriso. Ela adorava aquilo — quando as três se juntavam contra ele, como leoas em volta de uma carcaça muito musculosa e muito atraente.

— Então por que continua perguntando? — disse Gwyn.

Cassian fez uma careta.

— Curiosidade.

Mas a mandíbula dele se contraiu. Não era apenas curiosidade. Havia outro motivo. Por que ele iria querer que ela nomeasse uma espada?

— De volta ao trabalho — disse ele, unindo as mãos. — Por toda essa rebeldia, vocês vão fazer o dobro de tempo do agachamento das valquírias hoje.

Emerie e Gwyn gemeram, mas Nestha avaliou Cassian por mais um momento antes de acompanhar as duas.

Ela ainda estava remoendo aquilo quando terminaram, duas horas depois, encharcadas de suor e com as pernas trêmulas.

Emerie e Gwyn retomaram a conversa anterior e foram até a estação de água.

Nestha observou as duas irem embora, então se virou para Cassian.

— Por que estava me enchendo por causa do nome de uma espada?

Os olhos dele permaneciam em Gwyn e Emerie.

—Só queria saber como você chamaria uma.

— Isso não é resposta. Por que você quer saber?

Ele cruzou os braços, e depois os descruzou.

— Lembra de quando fomos ao ferreiro?

— Lembro. *Ele* vai me dar uma espada de Solstício de Inverno?

— Ele deu três. Aquelas que você tocou.

Ela arqueou uma sobrancelha.

Cassian bateu com o pé no chão.

— Quando você martelou aquelas lâminas, você as imbuiu, as duas espadas e a adaga, com seu poder. O poder do Caldeirão. Elas agora são lâminas mágicas. E não estou falando de magia legal e bonita. Estou falando de uma magia poderosa e ancestral que não é vista há muito, muito tempo. Não restam mais armas mágicas. Nenhuma. Elas foram perdidas, destruídas ou jogadas ao mar. Mas você Fez três delas. Você criou novos Tesouros Nefastos. E poderia criar ainda mais, se quisesse.

As sobrancelhas dela se erguiam mais a cada palavra absurda.

— Eu Fiz três armas mágicas?

— Nós ainda não sabemos que tipo de magia elas têm, mas sim.

Nestha inclinou a cabeça. Emerie e Gwyn pararam de conversar na estação de água, como se pudessem ver ou sentir a mudança nela. E não foi o fato de que tinha Feito aquelas armas que a atingiu como um golpe.

— “Nós” quem?

— O quê?

— Você disse “Nós não sabemos que tipo de magia elas têm”. “Nós” quem?

— Rhys, Feyre e os outros.

— E há quanto tempo vocês todos sabem disso?

Ele se encolheu e percebeu seu erro.

— Eu... Nestha...

— *Há quanto tempo*? — A voz dela se tornou afiada como vidro. As sacerdotisas estavam olhando, e ela não se importava.

Cassian sim, aparentemente.

— Este não é o lugar para ter essa conversa.

— Era você quem estava tentando tirar um nome de mim no meio do treino! — Ela indicou o ringue.

O sangue de Nestha latejava nas orelhas, e a expressão de Cassian se encheu de mágoa.

— Isso não está saindo como deveria. Nós discutimos sobre contar a você, mas votamos e o resultado foi em seu favor. Porque confiamos em você. Eu só... não tinha tido a chance de mencionar ainda.

— Havia a possibilidade de você nem me *contar*? Vocês todos se sentaram e me julgaram? Teve até uma *votação?* — Alguma coisa profunda no peito dela se partiu ao saber que todas as coisas terríveis a seu respeito tinham sido analisadas.

— É que... Merda. — Cassian estendeu a mão para ela, mas Nestha recuou. Todas estavam olhando agora. — Nestha, aqui não é...

— Quem. Votou. Contra mim.

— Rhys e Amren.

Aquilo a atingiu como um golpe físico. Rhys não era surpresa. Mas Amren, que sempre a entendera mais do que os outros; Amren, que não tinha medo dela; Amren, com quem Nestha havia brigado tão feio... Alguma pequena parte dela esperava que Amren não a odiasse para sempre.

A cabeça de Nestha se calou. O corpo dela se calou.

Cassian arregalou os olhos.

— Nestha...

— Tudo bem — disse ela, friamente. — Não estou nem aí.

Ela deixou que ele a visse fortalecer aquelas paredes de aço na mente. Usou cada gota de Silenciamento Mental que havia praticado com Gwyn para ficar calma, concentrada e equilibrada. Inspirando pelo nariz, expirando pela boca.

Nestha revirou os ombros exageradamente, da mesma forma com que se aproximou de Emerie e Gwyn, cujos rostos estavam

franzidos com preocupação de uma forma que Nestha sabia que ela não merecia, de uma forma que ela sabia que um dia sumiria, quando elas também percebessem como ela era terrível. Quando Amren dissesse a elas que desperdício patético de vida ela era, ou quando ouvissem por outra pessoa, e deixassem ser suas amigas. Ela se perguntava se elas sequer diriam pessoalmente, ou se apenas sumiriam.

— Nestha — disse Cassian de novo. Mas ela deixou o ringue sem olhar para ele.

Emerie estava ao seu encalço imediatamente, seguindo-a escada abaixo.

— O que houve?

— Nada — disse Nestha, com uma voz que até ela própria achou estranha. — Assuntos da Corte.

— Você está bem? — perguntou Gwyn, um passo atrás de Emerie.

Não. Ela não conseguia segurar o rugido em sua mente, o estalo no peito.

— Estou — mentiu Nestha, e não olhou para trás quando atingiu a plataforma e sumiu pelo corredor.

Nestha chegou ao seu quarto, onde encheu a banheira. Ela sabia que Cassian viria. Ficou de pé ao lado da banheira e ficou observando a água jorrar, enquanto ele batia à porta. Ela esperou até sentir que ele tinha ido embora, desistindo dela como todos tinham feito, e cessou a água.

— Ele foi embora?

A porta se abriu em resposta.

— Obrigada. — Ela caminhou para o corredor vazio. Talvez a Casa o tivesse escondido de vista, pois Nestha não sentiu cheiro ou viu qualquer lampejo de Cassian conforme correu pelo pequeno lance de escadas perto do quarto. Até o fim do corredor. Logo através do arco até aquela longa escadaria.

Foi somente então que ela liberou a fúria. Somente então que abandonou aquela frieza e se entregou à fúria no coração.

Amren a julgara tão indigna de confiança, tão terrível, que saber que tinha aquele dom de mudar mundos seria perigoso. Amren tinha falado com os demais sobre isso, e eles tinham *votado* naquilo.

Mais e mais e mais para baixo.

Degrau após degrau após degrau.

Girando e girando e girando.

Ela não contou os degraus. Não sentiu as pernas se movendo. Havia apenas o rugido do sangue, o rugido na mente e o estalo no centro do peito. Não havia Silenciamento Mental que pudesse acalmá-la, que fosse capaz de sufocar aquilo.

O chão se aproximou.

Nestha não conseguia pensar devido á fúria, à dor. Não conseguia *pensar*, apenas se mover.

A escada ficou mais quente, mais longe do vento frio acima.

Amren tinha desistido de vez dela. O debate a respeito de enviá-la até lá em cima tinha sido diferente — Nestha sabia que o debate tinha sido por um desejo de ajudá-la. Conseguia reconhecer isso agora.

Já este último, tinha sido por ódio e medo dela.

Os telhados ficaram nítidos. As pernas dela tremiam. Nestha não as sentia.

Ela não sentia nada além daquele ódio incandescente conforme as escadas subitamente pararam e ela se viu diante de uma porta.

A porta se abriu antes que os dedos dela pudessem tocar a maçaneta. Luz do sol invadiu as escadas, revelando paralelepípedos adiante.

Com o ódio ondulando como uma tempestade ao redor dela, Nestha finalmente pisou novamente em Velaris.

Capítulo 46

Ela não reparou na cidade ao redor, nas pessoas que ou viam seu rosto e se mantinham bem longe ou simplesmente seguiam seu caminho. Não reparou nos laranjas, vermelhos e amarelos vibrantes das árvores de outono ou no azul reluzente do Sidra conforme atravessava uma das inúmeras pontes que se estendiam por seu corpo sinuoso, dirigindo-se à margem oeste.

Nestha se entregou à fúria. Mais tarde, não teria lembrança de ter corrido para o alto das escadas do apartamento. Nenhuma lembrança da caminhada até lá antes de bater com a mão na porta de madeira. O material da porta se estilhaçou como se fosse vidro.

Amren e Varian estavam na cama, a pequena fêmea estava nua enquanto cavalgava o Príncipe de Adriata. Os dois pararam, Amren se virou para a porta, Varian arrumou a postura e um escudo de água os envolveu quando Nestha entrou no quarto e grunhiu:

— *Você*. Você achou que eu não deveria sequer *saber* do que meu poder é capaz.

Amren se moveu com a rapidez dos Grão-Feéricos, saltando de cima de Varian, que pegou um lençol para se cobrir quando ela jogou um robe de seda sobre o corpo. Aquela parede brilhante de água fez

parecer que eles estavam sob a superfície do oceano. Amren olhou para Varian.

— Abaixe.

Ele obedeceu, saiu da cama e enfiou as longas pernas musculosas na calça.

Nestha grunhiu para ele:

— Saia.

Mas, com o rosto tenso de preocupação, o príncipe da Corte Estival observou Amren. Ele ficaria, morreria defendendo Amren. Nestha riu e sentiu uma amargura cobrindo sua língua. Certa vez, Amren tinha sido aquela pessoa para ela — a pessoa que ela sabia que a defenderia em uma briga, que falaria em favor dela. Amren assentiu para ele, e Varian lançou a Nestha um olhar de aviso antes de correr para fora do quarto.

Presumivelmente para contar aos outros, mas Nestha não se importava.

Não quando Amren falou:

— Suponho que aquele canalha linguarudo tenha dito a você mais do que era necessário.

— Você votou contra mim — disse ela, com uma voz fria que traiu a rachadura em seu peito.

— Você não fez nada para provar que é capaz de dar conta de um poder tão terrível — disse Amren, com igual frieza. — Naquela barca, você disse isso quando deu as costas de qualquer tentativa de dominá-lo. Me ofereci para ajudar, mas você deu as costas.

— Dei as costas porque você escolheu minha irmã. — Assim como Elain. Amren era a amiga *dela*, aliada *dela*, mas no fim, nada disso teve importância. Ela havia escolhido Feyre.

— Não escolhi ninguém, sua mimada — disparou Amren. — Eu disse a você que Feyre tinha solicitado que você e eu trabalhássemos juntas de novo, e você de alguma forma deturpou isso achando que eu estava me *aliando* a ela? — Nestha não respondeu. — Eu disse a eles que deixassem você em paz durante meses. Recusei-me a falar sobre você com eles. E no momento em que percebi que meu comportamento não estava ajudando você, que talvez sua irmã estivesse certa, *eu* de alguma forma traí você?

Nestha sacudiu a cabeça.

— Você sabe como me sinto em relação à Feyre.

— Sim, coitadinha da Nestha, com uma irmã mais nova que a ama tanto que está disposta a qualquer coisa para ajudá-la.

Nestha bloqueou a lembrança de Tamlin na forma bestial, de como ela queria arrancar membro após membro dele. Não era melhor do que ele, no fim das contas.

— Feyre não me ama. — Ela não merecia o amor de Feyre. Assim como Tamlin não merecera.

Amren soltou uma gargalhada.

— Você acreditar que não é amada por Feyre apenas prova que é indigna de seu poder. Qualquer um tão voluntariamente cego não pode ser confiado. Você seria um pesadelo ambulante com aquelas armas.

— Agora é diferente. — As palavras ecoaram vazias. Era mesmo? Será que *ela* estava diferente do que fora no último verão, quando ela e Amren brigaram na barca, e o total desapontamento de Amren com o fracasso dela em *ser* alguma coisa tinha finalmente surgido?

Amren sorriu, como se também soubesse daquilo.

— Pode treinar o quanto quiser, trepar com o Cassian o quanto quiser, mas isso não vai consertar o que está quebrado se você não começar a refletir.

— Não me venha com sermão. *Você...* — Ela apontou para Amren, e podia ter jurado que a fêmea saiu da linha de fogo. Como Tamlin tinha feito. Como se Amren também se lembrasse que da última vez que Nestha tinha apontado para um inimigo, ele acabara com a cabeça decepada. Uma risada sem alegria irrompeu de Nestha. — Você acha que eu marcaria você com uma promessa de morte?

— Você quase fez com Tamlin no outro dia. — Então Cassian tinha contado a eles tudo sobre aquilo também. — Mas vou dizer de novo o que disse naquela barca: acho que você tem poderes que ainda não entende, respeita ou controla.

— Como você ousa presumir que sabe o que é melhor para mim?

Quando Amren não respondeu, Nestha sibilou:

— Você era minha *amiga*.

Amren exibiu os dentes.

— Era mesmo? Não acho que você sabe o que essa palavra quer dizer.

O peito dela doeu, como se aquele punho invisível a tivesse socado de novo. Passos soaram além da porta estilhaçada, e ela se preparou para Cassian entrar rugindo...

Mas era Feyre.

Tinta manchava suas roupas casuais; uma pincelada de branco decorava sua bochecha sardenta. Varian devia ter corrido seminu pelas ruas até chegar ao estúdio dela. Feyre disse, ofegante:

— Parem com isso.

Se Feyre reparou ou se importou com as farpas e os destroços no chão, não deixou à vista quando se aproximou. Feyre suplicou:

— Nestha, Cassian contou de um jeito que acabou parecendo pior do que realmente é.

— Cassian contou a você? — Ele tinha ido até Feyre em vez de ir até ali?

— Não, mas posso adivinhar. Ele não queria esconder nada de você.

— Meu problema não é com Cassian. — Nestha nivelou o olhar para Amren. — Confiei que você me defenderia.

— Eu parei de defender você no momento em que você decidiu usar essa lealdade como escudo contra todo mundo.

Nestha grunhiu, mas Feyre, com as mãos erguidas, se colocou entre as duas.

— Esta conversa acaba agora. Nestha, volte para a Casa. Amren, você... — Ela hesitou, como se considerasse o quanto era sábio dar ordens a Amren. Feyre concluiu com cautela: — Você fique aqui.

Nestha soltou uma gargalhada baixa.

— Você é Grã-Senhora dela. Não precisa agradá-la. Não agora que ela é menos poderosa que qualquer um de vocês.

Os olhos de Feyre se incendiaram.

— Amren é minha amiga, e é membro desta corte há séculos. Eu ofereço *respeito* a ela.

— E é respeito que ela oferece a você? — disparou Nestha. — É respeito o que o seu *parceiro* oferece a você?

Feyre ficou imóvel.

Amren avisou:

— Não diga mais uma maldita *palavra*, Nestha Archeron.

Feyre perguntou:

— Do que está falando?

E Nestha não se importava. Não conseguia pensar por cima dos rugidos.

— Algum deles já contou a você, a *respeitada* Grã-Senhora deles, que o bebê no seu ventre vai lhe matar?

Amren disparou:

— *Cale a boca!*

Mas a ordem dela foi confirmação o suficiente. Com o rosto empalidecendo, Feyre sussurrou de novo:

— Do que está falando?

— Das asas — respondeu Nestha, fervilhando. — As asas illyrianas do menino vão ficar presas no seu corpo feérico durante o parto, e isso vai matar vocês dois.

Silêncio preencheu o quarto, o mundo.

Feyre sussurrou:

— Madja só disse que o parto seria arriscado. Mas o Entalhador de Ossos... O filho que ele me mostrou não tinha asas. — A voz dela falhou. — Será que ele só me mostrou o que eu queria ver?

— Não sei — disse Nestha. — Mas sei que seu parceiro ordenou que ninguém informasse você da verdade. — Ela se virou para Amren. — Vocês todos votaram nisso também? Falaram dela, a julgaram, e decidiram que ela era indigna da verdade? Qual foi o *seu* voto, Amren? Deixar que Feyre morresse na ignorância? — Antes que Amren pudesse responder, Nestha se virou para a irmã. — Você não se perguntou por que seu precioso Rhysand tem agido como um babaca mal-humorado há semanas? Porque ele *sabe* que você vai morrer. Ele sabe, e mesmo assim não disse nada.

Feyre começou a tremer.

— Se eu morrer... — O olhar dela foi até um dos braços tatuados. Ela levantou a cabeça e, com os olhos brilhando com lágrimas, perguntou a Amren: — Vocês... todos vocês sabiam disso?

Amren lançou um olhar desencorajador na direção de Nestha, mas falou:

— Não queríamos alarmar você. O medo pode ser tão mortal quanto qualquer ameaça física.

— Rhys sabia? — Lágrimas escorriam pelas bochechas de Feyre, manchando a tinta pincelada ali. — Sobre a ameaça às nossas vidas? — Ela olhou para baixo do próprio corpo, para a mão tatuada que aninhava o abdômen.

E Nestha soube naquele momento que, durante a vida toda, ela jamais tinha sido amada pela mãe como Feyre já amava o menino que crescia em seu ventre.

Isso partiu algo dentro de Nestha — partiu aquela raiva, aquele rugido — ver aquelas lágrimas começarem a cair, o medo tomando conta do rosto sujo de tinta de Feyre.

Ela fora longe demais. Ela... Ah, deuses.

Amren falou:

— Acho melhor, menina, você falar com Rhysand sobre isso.

Nestha não podia suportar — a dor, o medo e o amor no rosto de Feyre enquanto ela acariciava a barriga.

Amren grunhiu para Nestha:

— Espero que esteja feliz agora.

Nestha não respondeu. Não sabia o que dizer ou fazer consigo mesma. Ela simplesmente deu meia-volta e correu para fora do apartamento.

Cassian tinha ido até a casa do rio. Aquele tinha sido o terceiro erro dele naquele dia.

O primeiro tinha sido o jeito atrapalhado com que perguntara sobre um nome de espada, levantando as suspeitas de Nestha. Ele não conseguira mentir para ela, então contara tudo.

O segundo erro tinha sido deixar Nestha se esconder no quarto e não sair entrando para falar com ela. Deixar que ela tomasse banho, pensando que aquilo a acalmaria. Ele fez o mesmo, e quando saiu do banho, seguiu o cheiro dela até o andar das escadas para o exterior, onde a porta estava aberta.

Ele não fazia ideia se Nestha conseguira sair ou se desabara lá dentro, então também desceu os degraus. Todos os dez mil enquanto sentia o cheiro fresco e furioso que ela deixara pelo caminho.

Nestha havia chegado à base. A porta tinha sido deixada aberta.

Ele se lançou para o céu, sabendo que teria problemas para encontrar o cheiro dela na cidade tumultuada, esperando vê-la do ar. Cassian presumiu que Amren estivesse trabalhando na casa do rio, então foi para lá.

Mas Amren não estava lá. E nem Nestha.

Ele havia chegado ao escritório de Rhys quando a notícia veio. Não de um mensageiro, mas de Feyre — diretamente para a mente de seu parceiro.

Rhys estava na mesa, com o rosto tenso enquanto silenciosamente falava com ela. Cassian viu aquele olhar, soube com quem ele estava falando, e ficou imóvel. Nenhuma das duas estava ali, o que significava que deviam estar no apartamento de Amren, e se Feyre estava passando o relatório...

Cassian se virou para a porta, sabendo que poderia chegar lá em um voo de dois minutos, rezando para que conseguisse ser rápido o bastante...

— Cassian.

A voz de Rhys era algo saído de um pesadelo, da escuridão entre as estrelas.

Cassian congelou ao ouvir aquele tom de voz que tão raramente ouvia, e nunca dirigido a ele.

— O que aconteceu?

O rosto de Rhys estava completamente calmo. Mas morte — uma morte escura e revolta — estava nos olhos dele. Não restava uma estrela ou rastro de violeta.

Rhys disse, naquela voz que era como o inferno corporificado:

— Nestha achou adequado informar Feyre do risco a ela e ao bebê.

O coração de Cassian começou a galopar, mesmo enquanto se estilhaçava.

Rhys o encarou de volta, e foi tudo o que Cassian conseguiu fazer para suportar aquilo enquanto seu irmão, seu Grão-Senhor, dizia:

— Tire Nestha desta cidade. Agora mesmo. — O poder de Rhys ecoou pela sala como uma tempestade crescente. — Antes que eu a *mate*, porra.

Capítulo 47

Cassian encontrou Nestha correndo por uma rua lateral, como se ela suspeitasse que Rhysand estivesse prestes a sair em uma caçada que só se encerraria quando seu sangue fosse derramado. Mas ele sabia que ela só estava correndo do que tinha feito, que corria de si mesma. Corria na direção de uma das tavernas de que tanto gostava.

Cassian não deu a Nestha a chance de vê-lo quando ele planou para baixo até o beco, segurou-a pela cintura e abaixo dos joelhos, e levou os dois para o céu.

Ela não o combateu, não disse uma palavra sequer. Ficou apenas deitada nos braços dele, com o rosto frio contra seu peito.

Cassian planou sobre a Casa do Vento e encontrou Azriel ali, pairando no lugar, com uma mochila pesada na mão. Se tinha sido por um aviso separado de Rhys, ou pelos sussurros das próprias sombras de Az, ele não sabia.

Cassian pegou a mochila, prendeu a alça em um dos pulsos, e grunhindo devido ao peso enquanto segurava Nestha. Az não disse nada quando Cassian passou por ele em disparada, subindo para o céu de outono.

E não ousou olhar de volta para a cidade atrás dele.

Não havia sons na cabeça nem no corpo dela. Ela sabia que Cassian a segurava, sabia que eles estavam voando há horas e horas, e não se importava.

Tinha feito algo imperdoável.

Ela merecia ser transformada em névoa sangrenta por Rhysand. Desejava que Cassian não tivesse ido salvá-la.

Eles voaram para as montanhas até que o sol afundou atrás deles. Quando aterrissaram, os arredores estavam cobertos pela escuridão. Cassian fez uma careta quando desceu, como se cada parte dele doesse, e soltou a mochila que Azriel dera a eles a seus pés.

— Vamos acampar aqui hoje à noite — disse ele, baixinho e com frieza.

Nestha não queria falar. Estava determinada a não dizer mais uma palavra pelo resto da vida.

— Vou fazer uma fogueira — prosseguiu ele, e não havia nada de bondoso em seu rosto.

Ela não suportava. Então deu as costas e observou a pequena área onde haviam aterrissado: um trecho plano de terra seca logo abaixo da projeção de uma rocha preta.

Em silêncio, ela caminhou até a parte mais profunda da saliência. Em silêncio, se deitou na terra dura e batida, usando o braço como travesseiro, e se enroscou contra a parede da rocha.

Nestha fechou os olhos e se obrigou a ignorar os ruídos de estalo da madeira conforme o fogo a consumia, desejou derreter para dentro da terra, dentro da montanha, e desaparecer para sempre.

Cassian.

A voz de Feyre preencheu a mente de Cassian, tirando-o de onde estava observando as estrelas surgirem acima da vista ampla. Ele

havia voado com Nestha até as montanhas Dormentes, a cordilheira que separava Illyria de Velaris. Eram picos menores que ainda não estavam ao alcance do inverno, com muitos rios e animais para caçar.

Cassian.

Esqueci que você consegue falar por telepatia.

A risada dela soou. *Não consigo decidir se deveria me sentir ofendida ou não. Talvez devesse usar meus dons de daemati mais frequentemente.* Ela parou antes de dizer, *Você está bem?*

Eu é que deveria perguntar.

Rhysand exagerou. Total e completamente.

Cassian sacudiu a cabeça, embora Feyre não pudesse ver. *Sinto muito que você tenha descoberto.*

Eu não. Estou furiosa com todos vocês. Entendo por que não queriam me contar, mas estou furiosa.

Bom, e nós estamos furiosos com Nestha.

Ela teve a coragem de me dizer a verdade.

Ela disse a verdade para ferir você.

Talvez. Mas ela foi a única que disse alguma coisa.

Cassian suspirou pelo nariz. *Ela...*Ele refletiu. *Acho que ela viu os paralelos entre as suas situações e, do jeito dela, decidiu vingar vocês duas.*

É isso que eu acho também. Rhys discorda.

Eu queria que você tivesse descoberto de outra forma.

Olha, eu não. Mas vamos enfrentar isso juntos. Todos nós.

Como você pode estar tão calma?

A alternativa é o medo e o pânico. Não vou deixar meu filho sentir essas coisas. Vou lutar por ele, por nós, até não poder mais.

A garganta de Cassian se apertou. *Vamos lutar por vocês também*.

Eu sei. Feyre parou de novo. *Rhys não tinha o direito de mandar vocês embora da cidade, ou de ameaçar Nestha. Ele percebeu isso, e pediu desculpas. Quero que você volte para casa. Vocês dois. Para onde foram?*

Para a floresta. Cassian olhou por cima do ombro, para onde Nestha estava dormindo durante as últimas horas, enroscada contra

a parede de pedra. *Acho que vamos ficar aqui alguns dias. Vamos fazer uma trilha.*

Nestha jamais fez uma trilha na vida. Garanto que ela vai odiar.

Então diga a Rhys que é a punição dela. Porque Rhys, apesar de pedir desculpas pelas ameaças, ainda estaria furioso. *Diga a ele que Nestha e eu vamos fazer uma trilha, e que ela vai odiar, mas que ela volta para casa quando eu decidir que está pronta para isso.*

Feyre ficou quieta por um longo minuto. *Ele diz que sabe que deveria dizer que não precisa, mas pede para contar a você que está secretamente felicíssimo.*

Que bom. Eu estou secretamente feliz em saber disso.

Feyre gargalhou, e o som era prova de que ela poderia estar magoada e chocada com a notícia, mas que estava, de fato, se adaptando a ela. Não deixaria que aquilo a fizesse se acovardar e chorar. Ele não sabia por que havia esperado menos dela.

Feyre disse, *Por favor, cuide dela, Cassian. E se cuide.*

Cassian olhou para a fêmea dormindo quase escondida nas sombras da rocha.

Pode deixar.

Capítulo 48

— Levante.

Nestha ficou tensa e entreabriu um olho para se proteger da claridade ofuscante do alvorecer. Cassian estava de pé acima dela, com um prato do que pareciam ser cogumelos e torrada em uma das mãos. O corpo dela inteiro doía devido à dureza do solo e ao frio da noite. Nestha mal dormira, tinha praticamente deitado ali, encarando a rocha, desejando ignorar os sons do fogo, desejando sumir, virar nada.

Ela se sentou devagar, e Cassian empurrou o prato para ela.

— Coma. Temos um longo dia pela frente.

Ela ergueu os olhos, pesados e doloridos, para o rosto dele.

Não havia nada acolhedor ali. Nenhum desafio ou luz. Apenas o guerreiro sólido e frio como uma pedra.

Cassian disse:

— Vamos caminhar do alvorecer até o anoitecer, com apenas duas paradas ao longo do dia. Então coma.

Não importava. Se ela comia ou dormia ou fazia a trilha. Nada disso.

Mas Nestha se obrigou a comer o que ele havia preparado, sem falar quando ele apagou a fogueira que tinha feito, concentrando-se em qualquer coisa que não fosse o som de *crack* da lenha. Cassian rapidamente guardou os suprimentos de cozinha, junto com o resto da comida na mochila de lona.

Ele a pegou, os músculos se contraíram no antebraço com o peso, e caminhou até Nestha antes de jogar a mochila aos pés dela.

— Não consigo colocar uma mochila desse tamanho nas costas com as asas. Então você vai carregar.

Será que Azriel sabia daquilo? Pelo brilho gelado e divertido no olhar de Cassian, ela achou que sim.

Nestha terminou a comida e não tinha nada com que lavar o prato, então o enfiou na mochila.

Ele falou:

— Você pode lavar a louça quando chegarmos ao rio Gerthys, na hora do almoço. É uma caminhada de seis horas a partir daqui.

Ela não se importava. Que ele a fizesse desabar no chão, que a obrigasse a caminhar e a agir como criada. Não adiantaria de nada.

Não a consertaria.

Nestha ficou de pé; suas articulações estalaram e o corpo ficou rígido. Ela não se incomodou em refazer a trança.

— Você pode tratar das suas necessidades ali no canto. — Ele assentiu para a leve curva na face do penhasco. — Não tem ninguém aqui.

Ela fez como ele pediu. Quando voltou, Cassian apenas assentiu para a mochila.

— Pegue.

Nestha grunhiu quando a levantou. Devia pesar pelo menos um terço do peso dela. Suas costas quase se curvaram quando colocou a mochila nos ombros, mas conseguiu e agitou o corpo para ajustá-la. Ela mexeu nas correias e nas fivelas até que estivesse justa contra a coluna e com o peso equilibrado no peito e no quadril.

Cassian aparentemente decidiu que ela havia feito um trabalho decente.

— Vamos.

Nestha deixou que ele liderasse, e em dez minutos, a respiração dela ficou ofegante e as pernas começaram a queimar conforme Cassian subia a encosta, atravessando a face da montanha. Ele não falou com ela, e Nestha não falou com ele.

O dia estava tão frio quanto se podia desejar, as montanhas em torno deles eram de um verde vibrante, os rios azuis estavam tão cristalinos que mesmo do alto dava para ver as pedras brancas que cobriam seus leitos.

O sol formou um arco no céu, arrancando suor da testa e do pescoço de Nestha. O cabelo dela ficou encharcado de suor. Mesmo assim, ela caminhou, seguindo Cassian mais para o alto do pico. Ele chegou a uma protuberância rochosa, olhou por cima do ombro para se certificar de que ela estava atrás, então desapareceu — provavelmente descendo.

Ela chegou à protuberância e contemplou o quanto era íngreme.

Ele havia falado algo sobre pararem em um rio. Bom, muito abaixo e adiante havia uma faixa de rio, semicoberto por árvores. Não parecia que levaria horas para chegar até lá, mas... Cassian andava atravessado em relação à montanha, em vez de descer em linha reta. Ninguém conseguiria descer reto sem tropeçar e cair para a própria morte.

Um conjunto completamente diferente de músculos logo começou a protestar diante da descida. Era pior do que subir, percebeu ela — agora parecia que a mochila estava determinada a jogá-la para a frente e então a atirar no vale e no rio.

Ao contrário de Nestha, Cassian não se incomodava em apressar cuidadosamente o passo entre a grama e as pequenas pedras. Ele, pelo menos, tinha a garantia das asas. Àquela altura, as nuvens pairavam como observadores desocupados, nenhuma delas caridosa o suficiente para oferecer sombra contra o sol escaldante.

As pernas de Nestha tremiam, mas ela continuou se movendo. Agarrou-se às alças da mochila onde estavam presas contra o peito, e usou os braços para escorar o peso. Ela acompanhou Cassian montanha abaixo, passo após passo, hora após hora.

Com um passo após o outro, Nestha seguiu sem dizer nada.

Eles pararam para almoçar no rio. Se é que pão e queijo duro podiam ser considerados almoço.

Nestha só ligava para o fato de que enchia sua barriga. Só ligava para o fato de que o rio diante deles estava cristalino e limpo, e ela estava seca. Ela desabou na margem gramada e se ajoelhou para enterrar o rosto na água. Nestha arquejou contra o choque de frio, então se levantou e levou água até a boca com a palma da mão em concha diversas vezes, engolindo sem parar.

Ela se afastou do rio e se deitou de lado, com a respiração ainda pesada.

— Você tem trinta minutos — disse Cassian de onde estava, sentado na grama alta e oscilante, bebendo do cantil. — Use como quiser.

Ela não disse nada, até assentir parecia difícil.

Ele abriu a mochila e jogou um cantil para ela.

— Encha isso. Se você desmaiar, pode cair da montanha e quebrar cada osso do corpo.

Nestha não olhou para ele. Não deixou que Cassian visse a palavra em seus olhos. *Que bom*.

Mas ele ficou imóvel. Suas palavras seguintes foram mais gentis, e ela se ressentiu delas também.

— Descanse.

Cassian sabia que Nestha passava boa parte do tempo se odiando.

Mas ele nunca soube que ela se odiava tanto a ponto de querer... não existir mais.

Ele reparou na expressão dela quando mencionou a ameaça de cair. E soube que voltar para Velaris não a salvaria daquele olhar. Ele não podia salvá-la daquele olhar também.

Apenas Nestha podia se salvar daquele sentimento.

Ele deixou que ela descansasse durante os trinta minutos que havia prometido, e talvez ainda estivesse um pouco irritado com ela, pois apenas disse:

— Vamos — antes de recomeçar.

Ela seguiu adiante em meio aquele silêncio pesado e transbordante. Tão calada como um burro de carga.

Ele conhecia aquelas montanhas bem o bastante por tê-las sobrevoado durante séculos: pastores viviam ali, em geral, feéricos comuns que preferiam a solidão do verde imponente e das pedras preto-amarronzadas às áreas mais populosas.

Os picos não eram tão cruéis e pontiagudos quanto aqueles em Illyria, mas tinham uma presença que Cassian não podia explicar direito. Mor certa vez dissera a ele há muito tempo que aquelas terras eram usadas para cura. Que as pessoas feridas no corpo e no espírito tinham se aventurado naquelas montanhas, no lago que eles estavam a dois dias e meio de alcançar, para se recuperar.

Talvez por isso ele tivesse ido. Algum instinto tinha se lembrado da cura, sentido o coração dormente daquela terra, e decidira levar Nestha até ali.

Quilômetro após quilômetro, com o silêncio dela como uma assombração que pairava atrás dele, Cassian se perguntava se seria o suficiente.

Capítulo 49

Estavam na metade da subida de uma montanha que parecia uma mera colina de longe, quando Cassian disse lá da frente:

— Vamos acampar aqui esta noite.

Ele tinha parado em um ponto que dava vista para a montanha, cujo pico mais próximo, separado apenas por outro rio que serpenteava bem abaixo, estava tão perto que Nestha podia tê-lo acertado com uma pedra. O chão era pálido e empoeirado, e, acima de tudo, era plano.

Nestha não disse nada quando cambaleou até o solo plano, com as pernas por fim cedendo, e se jogou na terra.

O solo feriu sua bochecha, mas ela não se importou, não quando respirou, de novo e de novo, e sentiu o corpo tremer. Não se moveria até o dia raiar. Nem para usar o banheiro. Ela preferia se molhar a precisar mover outro músculo.

Cassian disse, do outro lado do pequeno local:

— Tire a mochila antes de desmaiar para que eu pelo menos possa fazer meu jantar.

As palavras dele eram frias, distantes. Ele mal falara com ela o dia todo.

Nestha merecia — merecia coisa pior.

Esse pensamento a fez abrir as fivelas da mochila sobre o quadril e o peito. A mochila bateu no chão, e ela se virou e a empurrou para Cassian com o pé. A perna de Nestha tremeu com o movimento. Mas se obrigou a recuar, até estar encostada em uma pequena pedra.

Ele segurou a mochila com apenas um grunhido, como se ela não estivesse suando e tremendo sob aquele peso o dia todo. Então saiu até o arbusto mais próximo, cuja grama e vegetação farfalhante chegava na altura do joelho.

O vento murmurou, entremeando-se entre os picos. Sombras lentamente espreitaram sobre as faces rochosas das montanhas, o resquício de sol projetou os limites superiores dela em ouro, o frio se aprofundou a cada centímetro entregue à escuridão crescente.

O rio, com suas muitas cachoeiras mal discerníveis na vista, rugia abaixo da encosta da montanha num fluxo constante que ela ouvira ao longo do dia enquanto caminharam. Mesmo ali, com a luz diminuindo, as cores do rio mudaram de cinza para jade e então pinho, conforme ele entremeava os picos ao longo do leito do vale.

Estava tudo tão quieto, mas, de certa forma, vigilante. Como se ela estivesse cercada por algo ancestral e parcialmente acordado. Como se cada pico tivesse os próprios humores e preferências, como se as nuvens escolhessem se agarrarem a ele ou o evitarem, ou se as árvores optassem por sincronizarem suas florações ou os deixarem sem vegetação. Os formatos eram tão estranhos e longos que pareciam que gigantes tinham um dia se deitado ao lado dos rios, colocado um cobertor amarrotado sobre o corpo e caído num sono eterno.

Pensar em dormir devia ter atraído ela até o sono, pois a seguir, o mundo ficou escuro, exceto pelas estrelas e pela lua quase cheia, tão brilhante que uma fogueira não era necessária. Se bem que o calor até que seria útil. Cassian ficou deitado a alguns metros de distância, de costas para ela e com as asas emolduradas pelo luar.

Ele havia deixado um prato de comida para ela — pão e queijo duro e algum tipo de carne seca. Nestha no entanto, ignorou o ronco no estômago e nem tocou na comida.

Ela apenas estalou o pescoço duro, jogou um cobertor sobre o corpo e se deitou no chão. Então deslizou o braço sob a cabeça e fechou os olhos, protegendo-se do frio.

Durante os dois dias seguintes, Nestha encarou a parte de trás da cabeça de Cassian.

Durante os dois dias seguintes, ela não falou.

Cada pedrinha ou rocha parecia estar em uma missão para fazê-la tropeçar, torcer o tornozelo ou entrar em suas botas.

Com a chegada da tarde do dia seguinte, nuvens pairando logo acima dos picos com um vento rápido, a cabeça dela começou a latejar. A luz do sol se tornou clara demais; seu suor ardia.

Apesar dos dias de caminhada, só haviam percorrido alguns dos picos. Montanhas pelas quais Cassian disparava quando voava eram intermináveis a pé. Ela não perguntou como ele escolhia a trilha certa e nem para onde estavam indo. Nestha só o seguia, com os olhos fixos nas costas de Cassian.

Aquela visão ficou embaçada conforme sua cabeça, e seu corpo inteiro, balançaram um pouco.

Ela tentou engolir e viu que a garganta estava tão seca que a língua tinha ficado presa ao céu da boca. Nestha soltou a língua. Água — quando tinha sido a última vez que bebera um gole? O cantil estava no alto da mochila, mas parar para pegá-lo... Ela não estava com vontade de abrir as fivelas para tirar a mochila. De sinalizar para ele que precisava parar.

A última noite tinha sido igual à anterior: Nestha havia chegado ao acampamento deles, desabado e mal conseguira tirar a mochila antes de cair no sono. Ela acordou mais tarde e encontrou um prato de comida fria ao lado, coberto com um tecido fino como proteção. Nestha comeu enquanto ele dormia, e depois fechou os olhos de novo.

Somente a mais profunda exaustão poderia invocar o amortecimento que ela almejava. Sempre que paravam ao longo do dia, ela estava tão cansada que caía de joelhos e jogava a mochila. E durante as pausas, ela estava tão cansada que não conseguia

pensar na coisa terrível em que havia se transformado, naquele caco que, bem no fundo, ela sempre fora. Nenhum treino, nenhum aprendizado sobre as valquírias e nenhum Silenciamento Mental ajudaria. Nada ajudaria.

Então ela poderia esperar pela água. Porque parar seria permitir que aqueles pensamentos entrassem, mesmo que a acompanhassem como sombras de chumbo, mais pesados do que o pico.

O tornozelo dela se torceu sobre uma pedra solta, e ela trincou os dentes ao sentir a pontada de dor, mas prosseguiu. Cassian não tropeçara nem mesmo uma vez. Ela sabia: passara o dia observando-o. Mas ele tropeçou agora. Nestha avançou, mas... Não. Era ela. Era ela quem estava caindo.

Cassian estava na metade da subida pelo leito do rio seco quando pedras foram esmagadas e caíram atrás dele.

Ele se virou e encontrou Nestha imóvel, com a cara no chão.

Ele soltou um palavrão, correu pela trilha rochosa, e caiu de joelhos diante dela. Mesmo com a calça, as pedras afiadas machucaram suas pernas, mas ele não se importou, não enquanto a virava, com o coração galopando.

Nestha havia desmaiado. O alívio dele foi algo primitivo, tranquilizador, mas...

Ele não olhava para trás para vê-la havia horas. Um branco frágil cobria os lábios de Nestha; a pele dela estava corada e suada. Ele pegou o cantil no cinto, abriu a tampa, e colocou a cabeça dela no colo.

— Beba — ordenou ele, abrindo a boca de Nestha por ela, o sangue rugindo nos ouvidos.

Nestha se mexeu, mas não protestou quando ele jogou um pouco de água pela garganta dela. Aquilo bastou para que ela abrisse os olhos. Estavam vítreos.

Cassian indagou:

— Quando foi a última vez que bebeu água?

Os olhos dela ficaram mais atentos. A primeira vez que ela olhava para ele em três dias inteiros. Mas Nestha apenas pegou o cantil e bebeu intensamente, esvaziando a garrafa.

Quando ela terminou, gemeu, impulsionando o corpo para fora do corpo dele, mas apenas para ficar de lado.

Ele disparou:

— Você deveria ter bebido água durante o dia.

Ela encarou as rochas em volta deles.

Cassian não suportava aquele olhar — a distância, a indiferença, como se ela não mais se importasse se vivia ou morria ali, na natureza.

O estômago dele se revirou. Instinto urrou para que ele a abraçasse, para que a reconfortasse e acalmasse, mas outra voz, uma voz antiga e sábia, sussurrou para que eles continuassem em frente. Mais uma montanha, disse aquela voz. Só mais uma montanha.

Ele confiou naquela voz.

— Vamos acampar aqui esta noite.

Nestha não tentou levantar, e Cassian procurou uma extensão mais plana do solo. Ali, alguns metros acima do leito do rio e à esquerda. Plano o suficiente.

— Vamos — chamou ele. — Mais alguns metros e você pode dormir.

Ela não se mexeu. Não conseguia.

Ele disse a si mesmo que era porque ela havia desmaiado e poderia não ter força, mas Cassian caminhou até ela. Agachou-se e a levantou nos braços, com mochila e tudo.

Ela não disse nada. Absolutamente nada.

Mas Cassian sabia que estava vindo — aquela tempestade. Sabia que Nestha falaria de novo, e que, quando falasse, era melhor ele estar pronto para aguentar.

Nestha encontrou outro prato esperando quando acordou na escuridão. A lua cheia tinha mostrado sua face, tão forte que as montanhas, os rios e o vale estavam iluminados a ponto de até as

folhas das árvores lá embaixo serem visíveis. Ela jamais contemplara uma vista assim. Parecia uma terra secreta e dormente que o tempo havia esquecido.

Ela não era nada diante daquela vista, daquelas montanhas. Tão insignificante para aquilo tudo quanto as pedras que ainda chacoalhavam em sua bota. Era um alívio divino não ser nada e ninguém.

Ela não se lembrava de ter caído no sono, mas o dia raiou, e eles estavam em movimento de novo. Em direção ao norte, dissera ele — mostrando a ela, em um raro momento de civilidade, que os lados musguentos das árvores sempre se voltavam para aquela direção, ajudando-o a permanecer no caminho.

Havia um lago, dissera ele durante o almoço. Eles o alcançariam naquela noite, e permaneceriam ali por um ou dois dias.

Ela mal ouvira. Um pé atrás do outro, quilômetro após quilômetro, para cima e para baixo. As montanhas a observavam, o rio cantava para ela, como se a guiassem adiante até aquele lago.

Nem um milhão de quedas a faria uma pessoa melhor. Nestha sabia disso. E se perguntava se ele sabia também. Ficava pensando se ele achava que fazer aquela trilha até lá com ela era um esforço fútil.

Ou talvez era como uma das histórias antigas que ela ouvira quando criança: ele era o caçador de uma rainha cruel, levando-a até o interior da floresta antes de arrancar seu coração.

Ela queria que fosse isso. Queria que alguém cortasse aquela coisa maldita de dentro de seu peito. Queria que alguém sufocasse a voz que sussurrava cada coisa terrível que ela já fizera, cada pensamento horrível que tivera, cada pessoa que desapontara.

Nestha tinha nascido errada. Tinha nascido com garras e presas e jamais conseguira evitar usá-las, jamais conseguira sufocar aquela parte que rugia diante da traição, que podia odiar e amar mais violentamente do que qualquer um jamais entendera. Elain era a única que talvez entendesse, mas agora a irmã a odiava.

Nestha não sabia consertar aquilo. Não fazia ideia de como consertar nada daquilo. Como parar de ser daquele jeito.

Ela não se lembrava de uma época em que não sentira raiva. Talvez antes da mãe morrer, mas mesmo então, a mãe dela era

amarga, desdenhava do pai de Nestha, e o desdém da mãe se tornara o dela.

Ela não conseguia conter aquele ódio incansável e revolto. Não conseguia se impedir de atacar antes de ser ferida.

Ela não era melhor do que um cão raivoso. Tinha agido como um cão raivoso com Amren e Feyre. Uma besta, exatamente como Tamlin. Ela nem mesmo tinha se importado com o fato de que finalmente conseguira descer as escadas da Casa — será que valia a pena se vangloriar quando aquilo só aconteceu por conta de um acesso de fúria?

Será que *ela* valia... será que era digna de valor?

Foi essa pergunta que fez tudo desabar dentro dela.

Nestha terminou de subir a montanha que Cassian subira à frente, e um lago turquesa reluzente se estendeu diante deles. Ficava levemente rebaixado entre dois picos, como se um par de mãos verdes tivesse se fechado em concha para conter a água ali. Pedras cinzas cobriam a margem.

Nestha não viu o lago, ou as pedras, ou a luz do sol e o verde.

A visão dela se embaçou, e seus olhos ardiam como se tivessem sido cortados — abertos com um corte para permitir que as lágrimas passassem.

Ela chegou às pedras antes de cair de joelhos, com tanta força que a rocha feriu seus ossos. Será que era digna de valor?

Nestha sabia qual era a resposta. Sempre soubera.

Cassian se virou na direção dela, mas Nestha não o viu também, ou ouviu suas palavras.

Apenas enterrou o rosto nas mãos e chorou.

Capítulo 50

Depois que os arquejos dolorosos escaparam dela, Nestha soube que não conseguiria parar.

Ela se ajoelhou na margem daquele lago na montanha e extravasou de vez.

Permitiu que cada pensamento terrível a atingisse, que corresse por ela. Permitiu-se ver o rosto pálido e arrasado de Feyre quando revelara a verdade, quando deixara que o próprio ódio e a dor a guiassem.

Ela jamais conseguiria superar aquilo, aquela culpa. Não fazia sentido tentar. Ela soluçava na escuridão das mãos.

E então, as pedras emitiram cliques, e uma presença morna e constante surgiu ao seu lado. Ele não a tocou, mas sua voz soou próxima quando disse: — Estou aqui.

Ela soluçou mais forte ao ouvir aquilo. Não conseguiu parar. Como se uma represa tivesse se rompido e tudo o que ela pudesse fazer fosse deixar a água seguir seu curso e tomá-la em suas correntes revoltas.

— Nestha. — Os dedos dele roçaram o ombro dela.

Nestha não suportava aquele toque. Aquela bondade.

— Por favor — disse ela.

A primeira palavra dela em cinco dias.

Ele ficou imóvel.

— Por favor o quê?

Ela se afastou dele.

— Não me toque. Não... não seja *bom* comigo. — As palavras eram uma confusão proferida em meio ao choro.

— Por quê?

A lista de motivos surgiu, lutando para sair, para serem ditos, e Nestha deixou que eles fluíssem por ela, e sussurrou: — Eu deixei que ele morresse.

Cassian ficou calado.

Entre as mãos no rosto, Nestha continuou sussurrando.

— Ele foi me salvar, e lutou por mim, e eu deixei que ele morresse com ódio no meu coração. Ódio dele. Ele morreu porque não impedi. — A voz dela falhou, e Nestha chorou mais intensamente. — E fui tão horrível com ele, até o fim. Fui tão, tão horrível com ele a vida toda, e ele ainda assim me amava por algum motivo. Eu não merecia, mas ele amava. E deixei ele morrer.

Ela curvou o corpo sobre os joelhos, dizendo contra as palmas das mãos: — Não posso desfazer isso. Não posso consertar. Não posso consertar a morte dele, não posso consertar o que eu disse a Feyre, não posso consertar nenhuma das coisas horríveis que fiz. Não posso *me* consertar.

Ela chorava com tanta força que teve a impressão de que seu corpo se partiria. Queria que o corpo se desfizesse como um ovo quebrado, queria que o que restava de sua alma saísse pairando pelo vento da montanha.

Nestha sussurrou:

— É demais para mim.

— Não é culpa sua.

Com o rosto ainda entre as mãos, como se o gesto pudesse protegê-la, ela sacudiu a cabeça. Cassian disse: — A morte de seu pai não foi culpa sua. Eu estava lá, Nestha. Eu também procurei uma saída. E não havia nada que pudesse ser feito.

— Eu podia ter usado meu poder, eu podia ter *tentado*...

— Nestha. — O nome dela era um suspiro, como se Cassian estivesse magoado. Então os braços dele estavam em volta dela, e Nestha foi puxada até o colo dele. Ela não lutou, não quando ele a aconchegou contra seu peito. Contra sua força e seu calor.

— Eu podia ter encontrado uma saída. Eu deveria ter encontrado uma saída.

A mão de Cassian começou a acariciar o cabelo dela.

O corpo dela inteiro, até os ossos, tremeu.

— A morte de meu pai é... é o motivo pelo qual não suporto fogueiras.

A mão dele parou, então voltou a acariciá-la.

— Por quê?

— A lenha... — Ela estremeceu. — Ela *estala*. Como o som de osso se partindo.

— Como o pescoço de seu pai.

— Isso — sussurrou ela. — É isso que eu ouço. Não sei como algum dia vou *não* ouvir o pescoço dele se partindo quando estou perto de uma fogueira. É... é *tortura*.

Cassian continuou acariciando a cabeça dela.

Uma onda de palavras se impulsionou para fora dela.

— Eu deveria ter encontrado uma forma de nos salvar antes daquilo. Salvar Elain e Feyre quando éramos pobres. Mas eu estava com tanta *raiva*, e queria que ele tentasse, que lutasse por nós, mas ele não lutou, e eu teria deixado que todos nós morrêssemos de fome para provar como ele era um miserável. Aquilo me consumiu tanto que... que eu deixei Feyre entrar naquela floresta e disse a mim mesma que não me importava, que ela era meio selvagem, e que não importava, e, no entanto... — Nestha soltou um choro doloroso. — Fecho meus olhos e a vejo naquele dia que ela saiu para caçar pela primeira vez. Vejo Elain entrando no Caldeirão. Vejo Elain sendo levada por ele durante a guerra. Vejo meu pai morto. E agora vejo o rosto de Feyre quando contei a ela que o bebê a mataria. — Nestha tremia sem parar e as lágrimas queimavam suas bochechas.

Cassian continuou acariciando o cabelo e as costas dela enquanto a abraçava diante do lago.

— Eu odeio isso — disse ela. — Cada parte de mim que... *faz* essas coisas. Mas não consigo parar. Não consigo retirar minhas

defesas, porque deixar que ela caia, deixar tudo entrar... — Era isso que aconteceria. Essa confusão esganiçada e chorosa que ela havia se tornado. — Não suporto isso em minha mente. Não suporto ouvir e ver tudo, de novo e de novo. É só isso que ouço, o pescoço dele se partindo. As últimas palavras dele para mim. Dizendo que me amava. — Ela sussurrou: — Eu não merecia esse amor. Não mereço *nada*.

As mãos de Cassian se apertaram nela e as mãos da própria Nestha caíram conforme ela enterrou o rosto no casaco dele e chorou apoiada em seu peito.

Ele falou, depois de um momento:

— Posso contar mais sobre minha mãe, e sobre como a morte dela me destruiu. Posso contar com detalhes sobre o que fiz depois, e o que isso me custou. Posso contar sobre a década que levei para pôr isso em prática. Posso contar quantos dias e noites sofri durante os 49 anos que Amarantha manteve Rhys preso, com a culpa me dilacerando porque eu não estive lá para ajudá-lo, porque não pude salvá-lo. Posso contar como ainda olho para ele e sei que não sou digno dele, que fracassei quando ele precisou de mim... isso me tira o sono às vezes. Posso dizer que já matei tanta gente que perdi a conta, mas lembro da maioria dos rostos. Posso dizer como ouço Eris e Devlon e os demais falando e, bem no fundo, ainda acredito que eu sou um brutamontes, um bastardo inútil. Que não importa quantos Sifões eu tenha ou quantas batalhas tenha vencido, porque fracassei com as duas pessoas que me são mais queridas quando mais importava.

Ela não conseguiu encontrar as palavras para dizer que ele estava errado. Que ele era bom, e corajoso, e...

— Mas não vou dizer nada disso — falou Cassian, dando um beijo no alto da cabeça de Nestha.

O vento pareceu pausar, a luz do sol no lago ficou mais clara.

Ele falou:

— Vou dizer que você vai superar isso. Que vai enfrentar tudo, e que vai superar. Que essas lágrimas são *boas*, Nestha. Essas lágrimas significam que você se importa. Vou dizer que não é tarde demais, para nada. E não posso dizer quando, ou como, mas vai melhorar. O que você está sentindo, a culpa, a dor e esse ódio de si mesma... você vai superar. Mas só se estiver disposta a lutar. Só se

estiver disposta a encarar, acolher esse sentimento, passar por tudo e sair pelo outro lado. E talvez você ainda sinta aquela pontada de dor, mas *há* outro lado. Um lado melhor.

Ela se afastou do peito dele. Encontrou o olhar de Cassian cheio de lágrimas.

— Não sei como chegar lá. Não acho que sou capaz.

Os olhos dele brilharam de dor por ela.

— Você é. Eu já vi... já vi o que você pode fazer quando está disposta a lutar pelas pessoas que ama. Por que não aplica essa mesma coragem e lealdade a si mesma? Não diga que não merece. — Ele segurou o queixo dela. — Todo mundo merece felicidade. O caminho até lá não é fácil. É longo, e difícil, e normalmente viajado às cegas. Mas você segue em frente. — Ele indicou as montanhas, o lago. — Porque sabe que o destino vale a pena.

Ela virou o rosto para cima, para ele, aquele macho que tinha caminhado com ela durante cinco dias em silêncio, esperando, ela sabia, por aquele momento.

Nestha disparou:

— Todas as coisas que eu fiz antes...

— Deixe isso no passado. Peça desculpas para quem você sentir que precisa, mas deixe essas coisas para trás.

— O perdão não é assim tão fácil.

— O perdão é algo que também damos a nós mesmos. E posso falar com você até estas montanhas ruírem ao nosso redor, mas se você não quiser ser perdoada, se não quiser parar de se sentir assim... não vai acontecer. — Ele segurou o queixo dela com a mão em concha, e seus calos arranharam a pele superaquecida dela. — Não precisa se tornar um ideal impossível. Não precisa se tornar doce e sorridente. Pode dar a todos aquele olhar de *Vou Acabar Com Meus Inimigos*, que é o meu preferido, aliás. Pode manter esse temperamento afiado de que gosto tanto, sua ousadia e coragem. Não quero que você perca essas coisas, que você se enjaule.

— Mas eu ainda não sei como me consertar.

— Não há nada quebrado para ser consertado — disse ele, com determinação. — Você está se *ajudando*. Curando as partes que doem, e que talvez também machuquem os outros.

Nestha sabia que ele jamais diria, mas ela via no olhar dele, que ela o havia machucado. Muitas vezes. Ela sabia que sim, mas ver aquilo no rosto dele... Ela levou a mão à bochecha de Cassian e a deixou ali, cansada demais para se importar com o carinho do toque.

Cassian roçou o rosto contra a mão dela e fechou os olhos.

— Vou estar com você a cada passo — sussurrou ele contra a palma dela. — Só não me exclua. Se você quiser andar em silêncio por uma semana, não tem problema para mim. Contanto que fale comigo depois.

Ela acariciou a maçã do rosto dele com o polegar, maravilhando-se com Cassian — com as palavras e a beleza dele. Algum pedaço essencial dela se encaixou. Um pedaço que sussurrou, *Tente*.

Cassian abriu os olhos e eles eram tão lindos que quase tiraram o fôlego dela. Nestha se inclinou para a frente até que a testa deles se tocassem. E apesar de tudo que fervilhava em seu coração, de tudo que fluía pelo seu corpo, com certeza e sinceridade, Nestha apenas sussurrou: — Obrigada.

A tempestade tinha caído, e não foi o que Cassian esperava. Ele esperava raiva capaz de derrubar montanhas. Não lágrimas o suficiente para encher aquele lago.

Cada soluço partira seu coração.

Cada tremor do corpo dela conforme as palavras saíam o levara aos pedaços. Até que ele não conseguiu evitar se enroscar nela, e a reconfortou.

Nestha não ouvia madeira estalando numa fogueira, mas osso se partindo. Ele devia ter imaginado.

De quantas fogueiras Nestha havia se encolhido, ouvindo não a madeira, mas o pescoço do pai se quebrando? No Solstício de Inverno do ano anterior, ela estava pálida e retraída — muito pior do que o costume. E eles tinham uma fogueira imensa, crepitante, naquela sala. Que continuou queimando, quente e ruidosa a noite toda.

Cada estalo a lembrara do pai. Cada um havia sido cruel. Insuportável. E quando ela subitamente saiu correndo da casa na

cidade no fim da festa... Tinha sido para fugir deles, ou se livrar do som? Talvez os dois, mas... Ele desejava que ela tivesse dito alguma coisa. Ele desejava ao menos ter desconfiado.

E merda, quantas fogueiras tinha acendido nos últimos dias? Naquela primeira noite, Nestha tinha se enroscado o tão longe da chama quanto pôde. Tinha dormido com um braço sobre a cabeça. Bloqueando as orelhas; que a Mãe o condenasse. E no ferreiro, quando ela pediu para passar para uma sala mais fria, mais silenciosa — uma *sem* o estalo da forja... Tinha sido preciso mais coragem do que ele entendia para que ela pedisse para voltar para a oficina, para as chamas, para martelar aquelas lâminas.

Nestha estava sofrendo e Cassian não fazia ideia do quanto aquilo consumia cada faceta da vida dela. Ele vira a aversão que Nestha tinha de si mesma e a raiva dela, mas não percebera o quanto ela estava ciente daquilo. Quanto aquilo a havia devorado. Ele não podia suportar. Saber o quanto ela sofrera, durante tanto tempo.

Cassian a abraçou na margem do lago até o pôr do sol, até que a lua subiu, e eles permaneceram ali, ouvindo a respiração um do outro, como se o mundo tivesse sido inundado pelas lágrimas dela, como se os dois estivessem esperando para ver o que surgiria depois que a água da enchente retrocedesse.

O lago brilhava como um espelho prateado ao luar, tão forte que podia ser o crepúsculo.

O estômago dele roncava de fome, mas conforme a lua subia mais, ele deu um beijo na cabeça de Nestha.

— Levante.

Ela se agitou contra ele, mas obedeceu. Cassian gemeu, as pernas estavam duras de ter se sentado por tanto tempo, e ficou de pé com ela. Os braços de Nestha envolveram o próprio corpo. Como se ela fosse se recolher para trás daquele muro de aço dentro da mente, do coração.

Cassian sacou a espada illyriana das costas.

Ela brilhou com o luar quando ele a estendeu para Nestha, com o cabo voltado para ela.

— Pegue.

Piscando, com os olhos ainda inchados de lágrimas, Nestha obedeceu. A arma caiu quando ela fechou as mãos no cabo, como se não esperasse o peso depois de tanto tempo com as espadas de treino.

Cassian recuou um passo. Então falou:

— Mostre a estrela de oito pontas.

Ela estudou a lâmina, então engoliu em seco. Suas feições estavam abertas, temerosas, mas tão confiantes que Cassian quase caiu de joelhos. Ele assentiu para a lâmina.

— Mostre, Nestha.

O que quer que ela buscasse no rosto dele, Nestha encontrou. Ela afastou as pernas e firmou o pé nas pedras. Cassian prendeu o fôlego quando Nestha assumiu a primeira posição.

Ela ergueu a espada e executou um corte em arco perfeito. Então trocou o peso entre as pernas no momento em que virou a espada, e subiu o braço contra um ataque invisível. Outra troca de peso e a espada desceu, um corte brutal que teria cortado um adversário ao meio.

Cada corte era perfeito. Como se aquela estrela de oito pontas estivesse marcada no coração dela.

A espada era uma extensão de seu braço, uma parte dela, tanto quanto o cabelo ou seu fôlego. Cada movimento florescia com propósito e precisão. Ao luar, diante do lago prateado, ela era a coisa mais linda que Cassian já vira.

Nestha terminou o oitavo movimento, e retornou com a espada ao centro.

A luz em seus olhos brilhou mais forte do que a lua acima.

Tanta luz e claridade que ele só conseguiu sussurrar:

— De novo.

Com um sorriso suave que Cassian jamais vira antes, de pé na margem do lago iluminada pela lua, Nestha começou.

PARTE TRÊS

Valquíria

Capítulo 51

— Então quer dizer — murmurou Emerie, pelo canto da boca, quando elas estavam no ringue de treinamento dois dias depois — que você brigou com sua família, desapareceu durante uma semana com Cassian, voltou sabendo manusear uma espada *de verdade*, e quer que eu acredite que não aconteceu *nada*?

Gwyn deu risinhos, a atenção dela estava fixa em amarrar um pedaço de fita de seda branca em uma viga de madeira que se projetava da lateral do ringue. Nem a fita nem a viga estavam ali uma semana antes, e Nestha não fazia ideia de como tinham prendido a madeira na pedra, mas ali estava.

O vento gelado da manhã embaraçou o cabelo de Nestha.

— É exatamente o que estou dizendo.

— Diga que ao menos fez sexo a semana inteira — murmurou Emerie.

Nestha se engasgou com uma gargalhada e Cassian ficou tenso do outro lado do ringue — mas ele não se virou.

— Talvez tenha acontecido algumas vezes. — Depois daquela noite diante do lago, ela e Cassian ficaram ali durante dois dias inteiros, ou treinando com a espada dele, ou transando como

animais na margem, na água, curvados sobre uma pedra enquanto ela gemia o nome dele tão alto que ecoava nas montanhas que os cercavam. Cassian a possuíra de novo e de novo, e Nestha o agarrara com as unhas e rasgara a pele dele todas as vezes, como se pudesse entrar em Cassian e unir as almas dos dois.

Eles voltaram na noite anterior, e ela estava cansada demais para se aventurar até o quarto dele. Presumira que Cassian tinha sido chamado para a casa do rio, porque ele não estava no jantar, e também não a procurara.

Ela ainda não estava pronta para ver Feyre. Depois de tudo o que havia confessado a Cassian, aquele passo... era algo que ela enfrentaria em breve.

— Pronto — disse Gwyn. A fita branca oscilava ao vento, pendurada na viga. Atrás delas, algumas das sacerdotisas que treinavam com Azriel tinham se virado para ver o que era o lance da fita. O encantador de sombras cruzou os braços e inclinou a cabeça, mas permaneceu em seu lado do ringue.

Cassian, no entanto, se aproximou do trabalho de Gwyn e passou a seda branca entre dois dedos. Nestha não conseguiu segurar seu rubor.

Ele tinha feito aquilo no lago: depois de foder ela usando os dedos, manteve o contato visual enquanto esfregava esses dedos um no outro, testando a viscosidade da umidade dela contra a pele, da mesma forma que tocava aquela fita. Pela forma como os olhos castanhos dele ficaram sombrios, Nestha soube que ele estava se lembrando da mesma coisa.

Mas Cassian pigarreou.

— Explique — ordenou ele a Gwyn.

Gwyn esticou os ombros.

— Este é o teste das valquírias para confirmar se o treino está completo e se você está pronta para a batalha: cortar a fita ao meio.

— O quê? — perguntou Emerie, rindo.

Cassian fez um ruído contemplativo, indicando a outra metade do ringue.

— Az me disse que vocês também começaram o treino preliminar com as lâminas de aço enquanto estávamos fora. — Ele assentiu para Gwyn e Emerie. Gwyn olhou para Azriel, o qual observava em

silêncio. — Então, mostrem o que aprenderam. Cortem a fita ao meio.

— Se cortarmos a fita ao meio — perguntou Emerie a Gwyn, cautelosa —, nosso treino está completo?

Gwyn olhou de novo para Azriel, que se aproximou. Ela disse:

— Não tenho tanta certeza.

Cassian soltou a fita.

— O treino de um guerreiro nunca está completo, mas se conseguirem cortar esta fita ao meio, com um só corte, então eu diria que podem se defender contra a maioria dos inimigos. Mesmo que só estejam treinando há pouco tempo. — Diante do silêncio delas, ele olhou de uma para a outra. — Quem vai primeiro?

De novo, as três trocaram olhares. Nestha franziu a testa. Quem fosse primeiro ficaria com o fardo da humilhação. Gwyn balançou a cabeça. De jeito nenhum.

A boca de Emerie se abriu.

— Por que eu? — indagou ela.

— Como é? — perguntou Cassian, e Nestha se deu conta de que elas não haviam falado nada.

— Você é a mais velha — disse Gwyn, empurrando Emerie na direção da fita.

Emerie resmungou, mas se aproximou da fita ondulante e pegou com relutância a espada que Cassian estendeu. Azriel murmurou por cima do ombro para as sacerdotisas sob sua guarda enquanto elas assistiam. As fêmeas imediatamente começaram a se mover de novo. Mas a atenção de Azriel permaneceu na fita.

— Vamos apostar? — perguntou Gwyn a Nestha.

— Cale a boca — sibilou Emerie, embora um tom de diversão iluminasse seus olhos.

Nestha deu um risinho.

— Vá em frente, Emerie.

Falando um palavrão baixinho e com as asas bem fechadas, Emerie levantou a espada numa pose quase perfeita e desceu a lâmina pela fita.

A seda branca oscilou e se dobrou sobre a lâmina. E definitivamente não se partiu ao meio.

— Vamos todas admitir que sabíamos que isso aconteceria — falou Emerie, com os dentes expostos quando desceu a espada de novo. A fita dançou inofensivamente para longe.

Cassian deu um tapinha no ombro dela.

— Parece que vou ver você no treino de amanhã.

— Babaca — murmurou Nestha.

Cassian gargalhou e pegou a espada de Emerie, e — no mesmo fôlego — girou, cortando baixo e reto.

A metade inferior da fita flutuou até o chão. Um corte perfeito.

Ele sorriu.

— Pelo menos eu consigo cortar a fita.

Nestha não se esqueceu daquela frase final. Ainda pensava nela quando terminaram de treinar aquele dia, e com toda certeza quando ela arrastou Cassian escada abaixo, direto para o quarto dele, com o desejo latejando nas veias.

Cassian aparentemente sentia o mesmo, pois ele mal havia falado nos últimos poucos minutos e seus olhos brilhavam incandescentes. Eles só conseguiram chegar até a escrivaninha, contra a parede, antes de Nestha agarrá-lo — bem no momento em que ele a empurrou contra a superfície de madeira e tirou a calça de Nestha.

Curvada sobre a mesa, com a metade de baixo do corpo completamente exposta, Nestha roçava os mamilos latejando contra a superfície de madeira, deliciando-se com a pressão brutal. O casaco dela, a camisa, as botas — tudo isso permaneceu. Na verdade, a calça só estava abaixada até os tornozelos, restringindo mais seus movimentos. Deixando-a completamente à mercê dele.

E quando o pau de Cassian finalmente mergulhou profundamente nela, os dois gemeram. Ele estava atrás de Nestha, com uma das mãos apoiada na escrivaninha e a outra agarrada ao quadril dela, quando ele tirou até quase a ponta, então empurrou para dentro de novo devagar. Nestha se contorceu.

— Eu podia ficar te comendo por dias — disse ele contra o pescoço suado dela. Nestha gemeu contra uma pilha de papéis. —

Estou encharcado de você, porra — grunhiu Cassian, e a mão no quadril dela deslizou e provocou o ápice das coxas de Nestha.

À primeira carícia provocadora, ela sussurrou:

— Cassian.

Ele entrava com força nela com um ritmo constante e profundo. O deslize líquido do pau de Cassian para seu interior fazia um barulho obsceno no quarto silencioso. As bolas dele roçavam na pele dela, fazendo cócegas a cada investida potente.

— Mais forte. — Ela queria Cassian impresso em seus ossos. — *Mais forte*.

— *Porra* — explodiu ele, com um só fôlego, e se afastou de onde estava apoiado. — Segure na mesa — ordenou Cassian, e Nestha se esticou para se agarrar às beiradas no momento em que as mãos de Cassian tocaram seu quadril. As coxas dele afastaram as dela, abrindo-as ainda mais, o máximo que ela conseguisse abrir, e Cassian não avisou antes de suas mãos a apertarem e ele ir com tudo.

Investidas deliciosas e punitivas, se chocavam tão profundamente que chegavam à parede mais interna dela, e os olhos de Nestha viraram para trás diante da pura felicidade. Ele se tornou selvagem, incontrolável. Ela talvez tivesse soluçado ao sentir o prazer, o puro tamanho dele, tão grande que jamais poderia se acostumar com aquilo. Cada impulso incontrolável a empurrava contra a mesa, e ela sentia a madeira e os papéis provocando seus seios, e Nestha quase chorou ao sentir aquilo.

Os dedos de Cassian se enterraram tão forte no quadril dela que Nestha soube que ficaria roxa, e amaria aquele hematoma. Ele mudou de posição, e o pau mergulhou ainda mais, esfregando aquele ponto, e os sons que saíram dela não eram humanos ou feéricos, mas algo muito mais primordial.

— Porra, isso — grunhiu Cassian, diante da libertação dela. — Assim, Nestha. — Ele enfatizava cada palavra com uma investida selvagem. — Você gosta quando entro assim?

Ela gemeu em confirmação, então conseguiu falar:

— Gosto quando você me come com força. Quando meu corpo todo fica dolorido com o menor movimento... — Ela precisou buscar as palavras. O controle. — Penso em você. No seu pau.

— Que bom. Quero que meu pau seja a única coisa na sua cabeça. — O ritmo hesitou quando Cassian lambeu a curva do pescoço dela. Nestha conseguia ouvir o sorriso provocador nas palavras dele quando Cassian sussurrou: — Porque a sua bocetinha linda é a única coisa em que eu penso.

Ao ouvir as palavras, a linguagem suja dele, os dedos dos pés dela se contraíram. Mas Nestha não deixaria que ele vencesse aquela partida, não quando isso tinha, de alguma forma, se tornado uma competição para ver quem podia fazer o outro gozar primeiro, então ela sussurrou:

— Adoro quando você me deixa tão cheia de gozo que depois fico vazando por séculos. Adoro sentir sua porra deslizando pela minha coxa, e saber que você deixou sua marca em mim.

— Porra — exalou ele, com investidas agora selvagens, tão descontroladas que somente as mãos dela na mesa mantinham os pés de Nestha no chão. — *Porra!*

Cassian ejaculou com um rugido, e com a primeira pulsação do pau dele jorrando profundamente dentro dela, Nestha atingiu o clímax, gritando tão alto que ele cobriu a boca dela com a mão. Ela mordeu os dedos de Cassian, e ele continuou se movimentando dentro dela, derramando-se sem parar. Até que seu sêmen estivesse novamente escorrendo pelas coxas dela, até que ele deslizasse os dedos por um filete e levasse até aquele ponto no ápice da intimidade de Nestha.

— Você está brincado com fogo, sabia? — sussurrou ele ao ouvido dela, esfregando sua umidade ali, roçando a pele sensível dela em círculos despretensiosos.

Nestha não respondeu quando os dedos dele a friccionaram e ela gozou de novo.

Nestha não se aventurou na cidade para ver Feyre. Ou Amren.

Mas continuou tomando as escadas. Não conseguira chegar à base de novo. Parte dela sabia que se quisesse, até poderia conseguir — assim como poderia abrir a boca e pedir a Cassian que a levasse até a casa do rio. Mas não fez isso.

Então, continuou tentando as escadas durante uma semana inteira, sempre chegando até a metade antes de voltar com as pernas parecendo gelatina quando alcançava o corredor.

Era adequado, considerando que seus braços também eram gelatina. Sim, ela sustentava a espada com o corpo todo, mas os braços doíam mais que tudo. E não ajudou que tivessem começado a trabalhar com escudos agora.

Ninguém tinha conseguido cortar a fita de Gwyn ao meio.

Todas tentavam no início e no fim de cada lição, e todas fracassavam. Nestha começara a ficar com asco de qualquer fita em qualquer lugar que fosse, amarrada nos cabelos ruivos de Roslin, dobrada na gaveta de acessórios da penteadeira dela, até mesmo presa para marcar a página do último romance que Emerie havia emprestado. Todas riam dela. Provocando-a.

Nestha percorria os degraus, e treinava, e fracassava. Ela levava Cassian para a cama toda noite e às vezes durante o dia, embora eles jamais dormissem no quarto um do outro. Nunca. Eles transavam, acabavam um com o outro, e se despediam.

Não importava que havia noites em que ela queria que ele ficasse. Queria rolar de cima dele e se aconchegar no calor de Cassian e cair no sono ouvindo sua respiração. Mas ele sempre saía antes que ela reunisse coragem de pedir.

Nestha estava folheando um título sobre história militar na biblioteca — que tinha *um* parágrafo sobre estratégias de emboscada das valquírias — quando Gwyn surgiu.

— Diga que encontrou o segredo delas para cortar a fita.

— Você e aquela fita — murmurou Nestha, fechando o volume. De todas elas, Gwyn tinha se tornado a mais determinada a obter sucesso.

Gwyn cruzou os braços, o que fez suas vestes pálidas farfalharem. Ela se encolheu e esfregou o ombro.

— Você já sabia que os escudos eram tão pesados assim? Eu não fazia ideia. Não é à toa que as valquírias tenham aprendido a usá-los como armas tão mortais quanto as espadas. — Ela suspirou. — Elas devem ter sido uma visão e tanta na batalha: rachando os crânios dos inimigos com golpes dos escudos, atirando-os para derrubar um adversário de costas antes de os perfurarem... — Ela

esfregou o ombro de novo. — Os músculos dos braços delas deviam ser duros como aço.

Nestha riu com escárnio.

— Deviam mesmo. — Ela inclinou a cabeça. — Agora que você está aqui, quero pedir um favor.

Gwyn arqueou uma sobrancelha.

— Sobre os Tesouros?

— Não. — Nestha sabia que precisaria usar adivinhação, em breve, para achar a Harpa. Tinha perdido uma semana nas montanhas, e se a rainha Briallyn já estava com a Coroa... O tempo não estava ao lado delas. Mas ela falou: — Você mencionou há um tempo que vocês fazem cultos à noite, com música, não é?

Gwyn sorriu.

— Ah, sim. Quer se juntar a nós? Prometo que não é só coisa religiosa. Quero dizer, é, mas é lindo. E a caverna em que fazemos o culto é linda também. Foi escavada pelo rio subterrâneo que flui abaixo da montanha, então as paredes são lisas como vidro. E é acusticamente perfeita, o formato e o tamanho ampliam e deixam mais nítidas as vozes lá dentro.

— Parece divino — admitiu Nestha.

— E é — Gwyn sorriu de novo, os olhos se iluminando com orgulho. — Algumas das músicas que vai ouvir são tão antigas que existiam antes da palavra escrita. Algumas tão antigas que nem mesmo as tínhamos em Sangravah. Clotho encontrou em um livro nas prateleiras abaixo do Nível Sete. Hana, ela é quem toca o alaúde, descobriu como ler a melodia.

— Eu vou. — Nestha trocou o peso do corpo entre os pés. — Acho que preciso de algo assim. — Diante do olhar confuso de Gwyn, Nestha falou: — Eu... — Ela procurou ou jeito mais suave de dizer aquilo. — Eu...

Gwyn colocou as mãos dentro dos bolsos das vestes e ficou esperando com o rosto receptivo.

Nestha por fim disse, deixando-se proferir as palavras:

— Depois da guerra, eu não estava muito boa da cabeça. Ainda não estou, acho, mas durante mais de um ano depois da guerra... — Ela não conseguia encarar Gwyn. — Fiz muitas coisas das quais me arrependo. Feri pessoas que me arrependi de ter ferido. E feri a mim

mesma. Eu bebia dia e noite e eu... — Ela não queria dizer a palavra para Gwyn... *transar*, então falou: — Eu levava estranhos para a cama. Para me punir, para me esquecer. — Ela gesticulou com um dos ombros. — É uma longa história, e não vale a pena contar, mas em meio a tudo isso, escolhia tavernas e casas de espetáculo para frequentar por causa da música. Sempre amei música. — Ela se preparou para o julgamento condenatório. Mas apenas tristeza preencheu o rosto de Gwyn.

—Você deve ter adivinhado que minha residência na Casa, meu treino, meu trabalho na biblioteca sejam a tentativa de minha irmã de me ajudar. — A irmã, a quem Nestha ainda não tinha pedido desculpas, a qual não tinha coragem de enfrentar. — E eu... Acho que talvez eu esteja feliz por Feyre ter feito isso por mim. A bebida, os machos... não sinto falta de nada disso. Mas da música... disso eu sinto falta. — Nestha gesticulou com a mão, como se pudesse banir a vulnerabilidade que tinha oferecido. Mas prosseguiu: — E como eu não sou exatamente bem-vinda na cidade, esperava que você tivesse sido sincera quando disse que eu poderia ir a um dos cultos. Só para poder ouvir um pouco de música de novo.

Os olhos de Gwyn brilharam, como a luz do sol em um mar quente. O coração de Nestha galopava, esperando pela resposta dela. Mas Gwyn falou:

— Sua história merece ser contada, sabe.

Nestha começou a protestar, mas Gwyn insistiu.

— Vale sim. Mas sim... se você quer música, venha para os cultos. Ficaremos felizes em receber você. *Eu* ficarei feliz em receber você.

Até que Gwyn descobrisse o quanto ela fora horrível.

— Não — disse Gwyn, aparentemente lendo o pensamento no rosto dela. A sacerdotisa segurou a mão de Nestha. — Você... eu entendo. — Nestha ouviu o coração de Gwyn começar a galopar. — Eu entendo — repetiu Gwyn — como é... fracassar com as pessoas mais importantes. Viver com medo de que as pessoas descubram. Eu temo que você e Emerie descubram a minha história. Eu sei que quando souberem, nunca mais vão me ver da mesma forma. — Gwyn apertou a mão de Nestha.

A história dela viria mais tarde. Nestha deixou que Gwyn visse em seu rosto, que quando Gwyn estivesse pronta, nada que ela pudesse revelar a faria dar as costas.

— Venha ao culto desta noite — falou Gwyn. — Ouça a música. — Ela apertou a mão de Nestha de novo. — Você sempre será bem-vinda a se juntar a mim, Nestha.

Nestha não percebeu o quanto precisava ouvir aquilo. Ela apertou a mão de Gwyn em resposta.

Capítulo 52

Os bancos de madeira que ocupavam a imensa caverna de pedra vermelha estavam cheios de figuras de capuz pálido, as gemas azuis brilhavam à luz da tocha conforme elas esperavam o início do culto do pôr do sol. Nestha ocupou um lugar em um banco nos fundos, e atraiu alguns olhares curiosos das fêmeas encapuzadas que passavam em fileira, mas ninguém falou com ela.

O outro lado do espaço era elevado, mas não havia altar sobre a elevação. Um pilar de pedra natural se erguia do solo; o topo achatado se parecia mais ou menos com um pódio. Nada mais. Nenhuma efígie ou ídolo, nenhum móvel decorado com ouro.

Com um vento frio em seu encalço, uma figura de cabelos prateados entrou batendo os pés pelo corredor, e as outras abriram bastante espaço. Nestha enrijeceu quando os olhos da cor do crepúsculo de Merrill se assentaram sobre ela e se semicerraram em reconhecimento — e ódio. Mas a fêmea continuou adiante e ocupou seu lugar sobre a elevação, onde Clotho tinha aparecido. Ainda nada de Gwyn.

A última das sacerdotisas encontrou um assento disponível e silêncio recaiu quando um grupo de sete fêmeas subiu na elevação

ao lado de Merrill e Clotho. Algumas usavam capuzes; outras estavam com a cabeça exposta. E uma daquelas sacerdotisas de cabeça exposta...

Gwyn. Os olhos dela brilhavam com malícia e satisfação quando encontraram os de Nestha, como se para dizer: *Surpresa*.

Nestha não conseguiu evitar um sorriso em resposta.

Um sino tocou sete vezes em algum lugar próximo; o som ecoou pelas pedras e pelos pés de Nestha. Cada badalada foi uma convocação, um chamado para que se concentrassem. Todas se levantaram à sétima badalada. Nestha olhou para o mar de túnicas pálidas e pedras azuis quando a sala inteira pareceu inspirar.

Quando aquela sétima badalada terminou, uma música irrompeu o recinto.

Não de algum instrumento, mas de todo lado. Como se fossem apenas uma voz, as sacerdotisas começaram a cantar, uma onda de som brilhante.

Nestha só conseguiu olhar boquiaberta para as sacerdotisas que cantavam aquela linda melodia. As vozes da frente da caverna lideravam o coro e elevavam-se acima das outras. Gwyn cantou de queixo erguido, um brilho fraco parecia irradiar dela.

A música era pura, antiga, alternava-se entre o sussurro e trechos mais fortes, em um momento era como um tendão de névoa, no seguinte, era como um raio de luz dourado. A música terminou, e Merrill falou sobre a Mãe, o Caldeirão, a terra, o sol e a água. Falou de bênçãos, sonhos e esperança. De perdão, amor e amadurecimento.

Nestha ouvia apenas em parte, esperando que o som, aquele som perfeito e lindo, começasse de novo. Gwyn parecia brilhar com orgulho e ousadia.

Merrill terminou a oração, e o grupo começou outra música.

A música era como uma trança — uma trança de sete vozes, entremeando-se para dentro e para fora; mechas individuais que juntas formavam um padrão. Na metade, um tambor surgiu na mão da cantora na ponta esquerda. Um alaúde soou do centro.

Ela jamais ouvira uma música assim. Como um feitiço, um sonho que ganhava forma. A sala inteira cantou e cada voz ecoou pela pedra.

Nítida, poderosa e rouca em algumas notas, a voz de Gwyn se elevava acima de todas. Uma mezzo-soprano. A palavra flutuou das profundezas da memória de Nestha, proferida por um tutor de música com os olhos cheios de água que rapidamente afirmou que Nestha era um caso perdido como cantora ou musicista, mas que tinha um ouvido incomumente aguçado.

A música acabou, e mais orações e palavras flutuaram de Merrill enquanto Clotho permanecia calada ao lado dela. Então outra música começou — essa mais alegre, mais rápida do que a anterior. Como se as músicas fossem uma progressão. Essa era um canto ritmado, com palavras que tropeçavam umas nas outras como água dançando na encosta de uma montanha, e o pé de Nestha bateu no chão acompanhando a batida. Nestha podia jurar que, por baixo da bainha da túnica, Gwyn fazia o mesmo. As palavras e as contramelodias dançavam, girando e girando, até que as paredes murmuraram com a música, até que a pedra pareceu cantar de volta.

Elas terminaram, e começaram outra música — guiada por batidas de tambor consecutivas e depois por uma única voz. A harpa se juntou ao conjunto e trouxe consigo uma segunda voz. Então o alaúde, junto com uma terceira voz. As três cantavam alternada e concomitantemente, outra trança de vozes e melodias. Elas chegaram ao segundo verso, e as outras quatro se juntaram; a sala cantava em uníssono

A voz de Gwyn voou como um pássaro através da caverna quando ela começou a terceira música com um solo, e Nestha fechou os olhos, inclinando-se para a música, fechando um sentido para poder se deliciar com o som da amiga. Alguma coisa chamava na música de Gwyn, de uma forma que as outras não tinham feito. Como se Gwyn estivesse chamando apenas ela, com sua voz cheia de luz do sol, alegria e determinação inabalável. Nestha jamais ouvira uma voz como a de Gwyn, que alternava entre treinada e selvagem, como se houvesse tanto som lutando para se libertar de Gwyn que ela não conseguisse conter tudo. Como se o som *precisasse* ser libertado para o mundo.

As outras se juntaram a Gwyn para o segundo verso, e a harmonia da harpa se elevou acima da música, arcos de notas sem palavras.

De olhos fechados, apenas a música importava — a música, as vozes, a harpa. A canção envolveu Nestha, e a sensação foi de como se ela tivesse sido atirada de um poço sem fundo de som. A voz de Gwyn se elevou de novo, segurando uma nota tão alta que foi como um raio de luz pura, perfurando e chamando. Duas outras vozes se juntaram, ondulando, pulsando em torno daquela nota alta repetida, enquanto a harpa ainda tocava e vozes sussurravam e flutuavam, embalando Nestha mais e mais para baixo, até um lugar puro e antigo onde não existia o mundo exterior, ou tempo, nada além da música nos ossos, das pedras aos seus pés, ao seu lado, acima.

A música tomou forma atrás dos olhos de Nestha conforme a sacerdotisa cantava letras em línguas tão antigas que ninguém as usava mais. Ela viu do que a música falava: terra coberta de musgo e sol dourado, rios cristalinos e as sombras profundas de uma floresta milenar. A harpa tocava, e montanhas ondulavam adiante, como se um véu tivesse sido removido com o toque daquelas cordas, e ela estivesse voando para lá — na direção de uma montanha imensa, envolta em neblina, com terra estéril a não ser por musgo, pedras e um mar cinza e tempestuoso em volta dela. A própria montanha tinha dois picos no topo, e nas pedras que se projetavam dos lados dela estavam entalhados símbolos estranhos e antigos, tão velhos quanto a própria música.

O corpo de Nestha se derreteu, os ossos dela e as pedras da caverna se tornaram uma lembrança distante conforme ela flutuou até a montanha, viu imponentes portões escavados, e passou por eles, entrando em uma escuridão tão plena que era primordial, uma escuridão cheia de coisas vivas e terríveis.

Um caminho levava para a escuridão, e ela o acompanhou, passou por portas sem maçanetas, seladas para sempre. Sentiu horrores espreitando atrás daquelas portas, um horror maior do que os outros — um ser de névoa e ódio — mas a música a levou além de todos eles, invisível e despercebida.

Aquele lugar era completamente letal. Um lugar de sofrimento, ódio e morte. A alma de Nestha tremia ao caminhar por aqueles corredores. E embora ela tivesse passado pela porta que a mantinha a salvo daquele ser mais terrível do que os demais... ela sabia que

ele a observava. Nestha se recusou a olhar para trás, a reconhecer isso.

Então ela flutuou mais e mais para baixo, a harpa e as vozes pulsavam e a guiavam, até que ela parou diante de uma pedra. Nestha colocou a mão na pedra e descobriu que era uma ilusão, e a atravessou, descendo mais um corredor, sob a própria montanha, e então estava de pé em uma caverna, quase idêntica àquela na qual as sacerdotisas cantavam, como se estivessem ligadas por música e sonho.

Mas em vez de pedra vermelha, era escavada em pedra preta. Símbolos tinham sido gravados no piso liso e nas paredes curvas, subindo até um teto tão alto que sumia na escuridão. Feitiços e defesas mágicas pulsavam em torno da sala, mas ali, no centro do espaço, colocada como se tivesse sido disposta por alguém que simplesmente deu as costas e se esqueceu dela...

Ali, no centro da câmara, havia uma pequena harpa dourada.

Frio penetrou Nestha e desanuviou sua mente o bastante para que ela se desse conta de onde estava. Para que percebesse que a música das sacerdotisas a havia embalado em um transe, que seus próprios ossos e a pedra da montanha que a cercava tinham sido suas ferramentas de adivinhação, e ela havia flutuado até aquele lugar...

A Harpa reluzia na escuridão, como se estivesse possuída pelo próprio sol dentro do metal e das cordas. *Toque-me*, era o que parecia sussurrar. *Deixe-me cantar de novo. Una sua voz com a minha*.

A mão dela se estendeu para as cordas. *Toco*.

A Harpa suspirou, um ronronado baixo escapuliu do objeto quando a mão de Nestha se aproximou. *Vamos abrir portas e caminhos; vamos nos mover pelo espaço e pelas eras juntas. Nossa música vai nos libertar de regras e fronteiras terrenas.*

Sim. Ela tocaria a Harpa, e não haveria nada além de música até que as estrelas se apagassem.

Ser tocada. Há tanto tempo que desejo ser tocada, disse o Tesouro, e Nestha podia ter jurado que ouviu um sorriso dentro do som. *O que minha canção pode abrir aqui?* Uma risada fria, sem

humor, saltitou pelos ossos de Nestha. Ela cantou de novo: *Tocar, tocar...*

A música parou, e a visão se estilhaçou.

Os joelhos de Nestha cederam quando a sala surgiu varrendo sua visão, e ela desabou no banco, o que lhe garantiu um olhar alarmado de Gwyn em meio à multidão. O coração de Nestha galopava, sua boca estava seca como areia, e ela se obrigou a ficar de pé de novo. A ouvir o fim do culto conforme ela encaixava as peças, percebia o que tinha descoberto com aquela adivinhação acidental.

— Tem certeza?

Cassian encostou o quadril contra a escrivaninha de Rhys.

— Nestha disse que a Harpa está sob a Prisão.

— Ela nunca foi à Prisão — disse Rhys, franzindo a testa.

Sendo bem sincero, Cassian tinha achado que Nestha estava bêbada quando havia invadido a sala de jantar uma hora antes, sem fôlego, e contado a ele aquela história insana. Ele mal conseguira acompanhar o que ela dissera, exceto pelo fato de que Nestha acreditava que a Harpa estava na Prisão.

Pior, que ela havia *despertado* a Harpa na Prisão. Que caos ela poderia causar se não fosse controlada? Pensar nisso deixou Cassian gelado até o âmago.

Então ele voou até ali, e encontrou Rhys no escritório. De novo debruçado sobre livros de antigas curandeiras, tentando encontrar uma forma de salvar a parceira.

Rhys encostou na cadeira. Refletiu.

Az tinha atravessado até um ponto de encontro na costa leste para se atualizar com Mor sobre a situação em Vallahan, e Feyre tinha saído para jantar com Amren, então eram apenas eles dois naquela noite. Cassian tinha sugerido que Nestha fosse contar a Rhys pessoalmente, mas ela se recusou. Estava abalada... precisava de tempo para se recompor. Ele veria como ela estava mais tarde. Para se certificar de que ela não estava reclusa demais dentro da própria mente.

Rhys tamborilou os dedos no bíceps. Encarou a escrivaninha por um longo momento.

— Quando ouvimos sobre a traição de Beron, pedi que Helion me mostrasse como aplicar um escudo sobre a Prisão como aquele em torno de Feyre.

— Você imaginou que isso fosse acontecer?

— Não. — Um músculo se contraiu na mandíbula de Rhys. — Feyre e eu estávamos preocupados que Beron tentasse libertar os presos para usar em um conflito, como usamos o Entalhador de Ossos na guerra. Me dê esta noite, e vou abrir o escudo para você amanhã.

— Leva tanto tempo assim para desfazer um escudo?

Rhys passou a mão pelo cabelo. A preocupação sulcou rugas profundas na testa dele.

— É uma mistura de magia e feitiços, então, sim. E admito que estou tão distraído ultimamente que posso precisar de mais tempo para me certificar de que seja feito direito.

O estômago de Cassian se revirou diante da inexpressividade do rosto de Rhys. Mas ele apenas falou:

— Tudo bem.

Uma espada surgiu na mesa, conjurada de onde quer que Rhys a guardasse. A espada longa que Nestha tinha Feito.

— Leve com você — disse o Grão-Senhor dele, em voz baixa. — Quero ver o que acontece se Nestha usá-la.

— Uma visita à Prisão não é o momento para seus experimentos — replicou Cassian.

As estrelas nos olhos de Rhys se apagaram.

— Então vamos torcer para que ela não precise usar.

Capítulo 53

— É sério que Rhysand deu essa espada para mim por vontade própria? — perguntou Nestha a Cassian na manhã seguinte, conforme eles caminhavam pela encosta musguenta e cheia de pedras da montanha imponente conhecida como a Prisão. Era exatamente como ela havia visto no transe, e até pior pessoalmente. A própria terra parecia abandonada. Como se alguma coisa maior tivesse existido ali e então sumido. Como se a terra ainda esperasse pelo retorno dela.

— Rhys disse que se vamos entrar na Prisão, deveríamos estar bem armados — falou Cassian, com seu cabelo escuro soprado pelo vento frio e úmido do mar cinza revolto além da planície à direita dela. — E este é o melhor lugar em que ele conseguiu pensar para experimentarmos a espada que você Fez.

— Então, se der errado, pelo menos ela vai me matar, e a ninguém mais? — Nestha não conseguiu afastar o tom afiado da voz. Rhys atravessara com eles até ali e deixara-os na base da montanha, pois magia nenhuma poderia perfurar as defesas pesadas dela. Nestha não tinha conseguido encará-lo.

— Você não vai ser morta. Nem por aquela lâmina, nem por nada ali dentro. — A mandíbula de Cassian se contraiu quando ele observou os portões altos acima deles. Ele havia colocado muitos dos atuais prisioneiros ali, e Nestha tinha ouvido as histórias assustadoras de Feyre sobre ter visitado a Prisão em diversas ocasiões. Havia pouco que amedrontasse sua irmã, então o fato de Feyre achar que a Prisão era apavorante não ajudava com o nó no estômago de Nestha.

— Você se lembra das regras? — perguntou Cassian, quando eles se aproximaram dos portões de ossos, intricadamente entalhados com todo tipo de criaturas.

— Lembro. — Segurar a mão de Cassian o tempo todo, não falar de Amren, não falar de *nada* a respeito dos Tesouros ou da corte ou da gravidez de Feyre, não falar das criaturas que ele havia colocado ali, não fazer nada, exceto andar e ficar em alerta total. E tirar aquela Harpa dali antes que pudesse libertar o caos.

Os portões de ossos se abriram. Cassian ficou tenso, mas continuou subindo.

— Parece que estão nos aguardando.

Para baixo, dentro da escuridão, do próprio inferno, eles seguiram.

Nestha agarrou a mão de Cassian, o salva-vidas dela naquele lugar sem luz. Um dos Sifões de Cassian iluminava com luz vermelha, banhando em sangue as paredes pretas e as portas pelas quais eles passavam ocasionalmente.

Cassian se moveu com a fluidez de um guerreiro treinado, mas ela reparou no olhar dele percorrendo o caminho que seguiam, o qual mergulhava para dentro da terra. A entrada para o corredor escondido que Nestha vira na adivinhação ficava muito, muito abaixo — entre uma porta de ferro com uma única runa sobre ela, e uma pequena alcova na pedra.

Ruídos baixos sussurravam pela pedra. Nestha podia jurar que unhas rasparam atrás de uma porta. Quando ela olhou para Cassian, o rosto dele empalideceu. Ele notou o olhar dela e deu uma batidinha no peitoral esquerdo — logo acima da cicatriz espessa que havia ali.

Indicação de quem estava preso atrás daquela porta. Quem raspava as unhas por ela.

O sangue de Nestha gelou. Annis Azul.

Pele cor de cobalto e garras de ferro, dissera ele. Annis gostava de comer a presa.

Nestha engoliu em seco, apertou a mão de Cassian, e eles prosseguiram para baixo.

Minutos ou horas se passaram, ela não sabia quanto. No escuro, no ar pesado e sussurrante, o tempo deixara de importar.

Náusea percorreu seu corpo. Amren tinham ficado naquele lugar durante milhares de anos, atirada ali por tolos que a temiam em sua verdadeira forma, aquele ser de chama e luz que tinha devastado o exército de Hybern.

Nestha não podia imaginar passar um dia sequer naquele lugar. Um ano.

Ela não sabia como Amren não tinha enlouquecido. Como havia encontrado a força para sobreviver.

Nestha tratara Amren mal. Esse pequeno pensamento ficou preso em sua mente. Ela a havia usado, exatamente como Amren tinha dito, como um escudo contra todos. E Amren, que tinha sobrevivido durante milênios naquele lugar terrível, junto com os piores monstros na terra... Amren achava que *ela* era terrível.

Tristeza queimou como ácido.

Alguma coisa martelou na rocha à esquerda deles, e Nestha se encolheu. Cassian apertou a mão dela.

— Ignore — murmurou ele.

Mais e mais para baixo, até um lugar pior do que o inferno. E então ela viu uma alcova que estava gravada em sua memória, por trás de suas pálpebras. E — sim, ao lado dela havia uma porta de ferro com a única runa na superfície.

— Aqui — Nestha indicou o queixo na direção da pedra lisa. — Através da rocha.

Quando Cassian não respondeu, Nestha se virou para ele.

A concentração do guerreiro estava fixa na porta de ferro. Sua pele marrom reluzente tinha ficado pálida.

Seus lábios proferiram, sem som, o nome do ser atrás dela.

Lanthys.

— Tem certeza... — Cassian engoliu em seco. — Tem certeza de que este é o lugar?

— Tenho. — Nestha não pensou duas vezes, estendeu a mão livre e avançou para a pedra.

Seus dedos atravessaram a rocha. Como se ela não existisse.

Cassian a puxou de volta, mas Nestha avançou, e sua mão, então seu pulso e depois seu braço sumiram. E eles passaram.

— Eu não fazia ideia de que havia algo mais na Prisão — sussurrou Cassian conforme eles continuaram por outro corredor. Nenhuma porta o ladeava, apenas pedra lisa. — Achei que só havia celas.

— Eu disse — respondeu ela. — Vi uma câmara aqui.

A luz do Sifão sobre a mão de Cassian revelou um arco e uma abertura, e ali estava. Símbolos salientes entalhados no chão projetavam sombras contra a luz carmesim. A câmara redonda inteira estava cheia deles. E no centro, a Harpa dourada, coberta com relevo intricado, feita com cordas de prata.

Ela não cantou, não falou. Podia muito bem ser um instrumento comum.

E foi exatamente por isso que Nestha puxou Cassian até que ele parasse sob o arco, sem ousar pisar no chão entalhado.

— Precisamos tomar cuidado. — Nestha olhou para a câmara ampla e vazia. — Tem defesas mágicas e feitiços aqui.

Cassian esfregou a mandíbula com a mão livre.

— Minha magia não se dobra na direção de feitiços. Posso destruir escudos e defesas mágicas, mas se for uma armadilha como a que Feyre e Amren enfrentaram na Corte Estival, não consigo sentir.

Nestha bateu o pé com um ritmo ágil.

— As defesas de Rhys sobre a Máscara não conseguiram me manter longe. A Máscara queria que eu me aproximasse, então permitiu que eu passasse pela proteção. Talvez a Harpa faça o mesmo. Semelhante atrai semelhante, como vocês todos gostam tanto de repetir.

— Não vou deixar você entrar nessa sala sozinha. Ainda mais se essa coisa quer ser tocada.

— Não acho que temos escolha.

Ele apertou a mão dela e esfregou os calos contra os de Nestha.

— Você vai na frente, eu acompanho.

— E se minha presença passar despercebida, mas a sua acionar uma armadilha? Não podemos arriscar perder essa oportunidade.

A garganta dele tremeu.

— Não posso arriscar perder você.

As palavras acertaram o coração de Nestha em cheio.

— Eu... Você pode. Você precisa. — Antes que ele pudesse protestar mais, Nestha falou: — Você está me treinando para ser uma guerreira mas me afasta do perigo? Como isso é melhor do que ser um animal enjaulado?

As palavras deviam ter atingido alguma coisa dentro dele.

— Tudo bem. — Cassian desembainhou a longa espada que carregava para ela. Ele prendeu o objeto de peso considerável no tronco de Nestha. Ela ajustou o equilíbrio. — Vamos tentar do seu jeito. E ao primeiro sinal de qualquer coisa errada, partimos.

— Tudo bem. — Ela engoliu a secura na boca.

Os olhos dele brilharam, reparando na hesitação de Nestha.

— Não é tarde demais para mudar de ideia.

Ela fervilhou.

— Não vou deixar que ninguém além de nós coloque as mãos na Harpa.

Com isso, ela se aproximou da linha de demarcação entre o corredor e a câmara. Preparando-se, empurrou um pé adiante.

Foi como pisar na lama.

Mas as defesas mágicas permitiram que Nestha atravessasse. Ela deu outro passo, com o braço estendido atrás do corpo para segurar a mão de Cassian. A pressão dos feitiços pressionava suas canelas, seu quadril, seu corpo, e espremia seus pulmões.

— Essas não se parecem com nenhuma defesa mágica que eu já tenha sentido — sussurrou Nestha, parando de pé enquanto esperava qualquer indício de uma armadilha acionada. — Elas parecem antigas. Incrivelmente antigas.

— Provavelmente são de antes deste lugar ser usado como uma prisão.

— O que era aqui antes?

— Ninguém sabe. Sempre esteve aqui. Mas esta câmara... — Ele observou o espaço adiante de Nestha. — Eu não sabia que lugares assim existiam aqui. Talvez... — Ele franziu a testa. — Parte de mim se pergunta se a Prisão foi construída ou abastecida com seus prisioneiros para esconder a presença da Harpa. Tem tantos poderes terríveis aqui, e as defesas mágicas na própria montanha... Será que alguém escondeu a Harpa sabendo que jamais seria notada com tanta magia terrível em torno dela.

A boca de Nestha secou de novo.

— Mas quem a colocou aqui?

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. Alguém que existia antes de os Grão-Senhores governarem. Rhys me contou que esta ilha talvez tenha até mesmo sido uma oitava corte.

— Você não reconhece essas marcas no chão?

— Não mesmo.

Ela soltou um longo suspiro.

— Não acho que nenhuma armadilha foi acionada.

Ele assentiu.

— Ande logo.

Os olhos deles se encontraram, e Nestha virou o rosto da preocupação pura nos olhos de Cassian quando ela tirou a mão da dele e entrou na câmara.

As defesas mágicas pesavam contra a pele de Nestha a cada passo sobre o piso de pedra em direção à Harpa reluzente.

— Parece recém-polido — observou ela para Cassian, que assistia do arco. — Como isso é possível?

— Ela existe fora das amarras do tempo, assim como o Caldeirão.

Nestha estudou os entalhes no chão. Todos pareciam espiralar para uma mesma direção.

— Acho que são estrelas — sussurrou ela. — Constelações. — E como um sol dourado, a Harpa estava no centro do sistema.

— Esta *é* a Corte Noturna — disse Cassian, em tom seco.

Mas, de alguma forma, parecia... diferente da magia da Corte Noturna. Nestha parou diante da Harpa, as defesas faziam pressão contra sua pele quando ela observou a moldura dourada e as cordas prateadas. A Harpa estava sobre uma grande representação de estrela de oito pontas. Os pontos cardeais mais extensos do que os outros quatro, com a Harpa situada diretamente no coração da estrela.

Os pelos da nuca de Nestha se arrepiaram. Ela podia jurar que o sangue de seu corpo correu em sentido contrário.

Ela teve a sensação arrepiante de que tinha sido levada até ali.

Não pelo Caldeirão, pela Mãe ou pela Harpa. Por algo mais vasto. Algo que se estendia até as estrelas entalhadas em torno deles.

As mãos frias e leves guiavam seus pulsos conforme ela pegava a Harpa.

Seus dedos roçaram no metal gelado. A Harpa murmurou contra sua pele, como se ainda sustentasse uma nota final desde a última vez em que fora tocada...

Feéricos gritavam, batendo na pedra que não estava ali um momento antes, suplicando pelo bem de seus filhos, implorando para serem libertados, serem libertados...

Nestha teve a sensação de que estava caindo, dando cambalhotas pelo ar, pelas estrelas e pelo tempo...

Era uma armadilha, e nosso povo foi tolo demais para perceber...

Eras, estrelas e escuridão se instalaram em torno dela...

Os feéricos arranhavam pedras, destruindo as unhas em rochas onde um dia houvera uma porta. Mas o caminho de volta estava eternamente selado, e eles imploraram conforme tentavam passar seus filhos pela parede sólida, se ao menos seus filhos pudessem ser poupados...

Uma luz ofuscante piscou. Quando se dissipou, Nestha estava em um palácio de pedras brancas.

Um grande salão, onde cinco tronos agraciavam um palanque. O sexto trono, no centro, era ocupado por uma idosa de orelhas pontudas. Uma coroa dourada e pontiaguda repousava sobre a cabeça dela, brilhando como o ódio em seus olhos pretos.

A velha feérica enrijeceu o corpo e as vestes de veludo azul se agitaram com o movimento. Seus olhos, nítidos apesar do rosto

enrugado, se aguçaram. Diretamente sobre Nestha.

— Você tem a Harpa — disse a rainha, com a voz parecendo papel se amassando. E Nestha sabia diante de quem estava congelada, que coroa estava sobre aquele cabelo branco fino. Os dedos retorcidos de Briallyn se fecharam nos braços do trono, e o olhar dela se semicerrou. A rainha sorriu, revelando uma boca cheia de dentes semipodres.

Nestha recuou um passo — ou tentou. Não conseguiu se mover.

O sorriso horrível de Briallyn se aprofundou e ela disse, em tom de conversa:

— Meus espiões me contaram quem são suas amigas. A feérica de linhagem mista e a illyriana traumatizada. Que garotas mais adoráveis.

O sangue de Nestha ferveu, e ela soube que seus olhos estavam incandescentes com poder quando grunhiu:

— Se chegar perto delas, vou abrir sua garganta. Vou caçar e estripar *você.*

Briallyn proferiu:

— Esses laços são tolice. Uma tolice tão grande quanto você ainda segurando a Harpa, que canta as respostas para todas as minhas perguntas. Eu sei onde você está, Nestha Archeron...

A escuridão invadiu o recinto.

Uma escuridão imóvel e sólida se chocou contra Nestha com a força de uma parede.

Gritos ainda ecoavam.

Não — não, aquele era um macho gritando seu nome.

E ela não havia se chocado contra a escuridão. Ela havia colidido com a pedra, e agora estava no chão, com a Harpa em mãos.

— *NESTHA*! — Luz vermelha brilhou, avançando como uma maré de sangue pelas pedras, pelo rosto dela, pelo teto. Mas os Sifões de Cassian não conseguiam quebrar as defesas mágicas. Ele não conseguia alcançá-la.

Nestha agarrou a Harpa contra o peito, a última de suas reverberações ecoou por ela. Precisava soltar. De alguma forma, ao encostar na Harpa enquanto Briallyn usava a Coroa, ela abrira um caminho entre a mente e os olhos delas. Nestha podia ver Briallyn, e

Briallyn podia ver Nestha, podia sentir onde ela estava. Ela precisava soltar...

Nestha não conseguiu fazer mais do que tremer as pontas dos dedos enquanto um peso invisível e opressor a pressionava, como se fosse esmagá-la até virar poeira no chão. *Solte*, pediu ela silenciosamente, trincando os dentes e roçando os dedos na corda mais próxima. *Me liberte, seu objeto maldito*.

Não gosto do seu tom de voz. Respondeu uma voz linda, rouca e preenchida por uma música tão bela que partiu o coração de Nestha.

Com isso, a Harpa fez mais força contra ela, e Nestha rugiu silenciosamente.

A unha dela raspou uma corda. *Me solte!*

Devo abrir uma porta para você, então? Libertar aquilo que está preso?

Sim, sua maldita! Sim!

Faz muito tempo, irmã, desde que fui tocada. Vou precisar de tempo para me lembrar dos acordes certos...

Não me venha com brincadeirinhas. Nestha gelou ao ouvir a palavra que a Harpa usara. *Irmã*. Como se ela e aquela coisa fossem iguais.

As cordas pequenas são para brincadeiras — movimentos e saltos leves — mas as mais longas, as últimas... Tantas maravilhas e horrores profundos poderíamos tocar e criar. Magia tão grandiosa e monstruosa que forjei com meu último menestrel. Devo mostrar a você?

Não. Só abaixe essas defesas mágicas.

Como quiser. Toque a primeira corda, então.

Nestha não hesitou quando a ponta de seu dedo se fechou sobre a primeira corda, agarrando-a e depois soltando. Uma gargalhada musical preencheu sua mente, mas o peso foi levantado. Sumiu.

Nestha respirou, levantando-se, e viu que estava livre para se mover como quisesse. A Harpa ainda estava em suas mãos, dormente. O próprio ar parecia mais leve. Mais solto. Como se abrir outra porta tivesse fechado aquela que dava para Briallyn.

— NESTHA! — berrava Cassian do outro lado da câmara.

— Estou bem — gritou ela, afastando os resquícios de tremores. — Mas acho que alguém muito maligno usou isto pela última vez. —

Ela observou a escuridão acima. — Acho que a usaram para... para prender os inimigos e os filhos dos inimigos na própria rocha. — Era isso que estava acontecendo com ela naquele momento? A Harpa a estava empurrando para dentro da rocha, fundindo a alma dela com a pedra? Nestha estremeceu.

Cassian indagou:

— Você está ferida? O que aconteceu?

Ela gemeu, ficando de pé lentamente.

— Não. Eu... Eu a toquei e recebi uma memória. Uma ruim. — Uma que ela jamais esqueceria. — E precisamos ir embora. A Harpa me mostrou Briallyn, usando a coroa. Ela me *viu* aqui. — As palavras saíram aos tropeços quando Nestha caminhou de volta pela caverna cheia de defesas mágicas, sentindo aquele ponto central, a estrela no coração dele, como uma presença física às suas costas. Aquelas mãos grandes e leves pareciam puxá-la, tentando fazer com que ela voltasse, mas Nestha as ignorou, explicando a Cassian o que ouvira da Harpa, e o que tinha sido revelado na visão com Briallyn.

A respiração de Cassian permaneceu irregular. Ele não relaxou um músculo até que Nestha tivesse voltado ao corredor do túnel. Até que a mão dele estivesse de novo sobre a dela. Ele nem mesmo se incomodou em olhar para a Harpa, ou comentar sobre Briallyn. Apenas a observou em busca de um sinal de perigo.

Foi mais íntimo que qualquer outro olhar que ele já dera a Nestha. Até em comparação com aqueles olhares que trocavam quando ele estava enterrado profundamente nela, movendo o corpo, o olhar dele jamais tinha sido tão abertamente puro.

Nestha segurou a Harpa ao lado do corpo e não conseguiu impedir a mão que ergueu até a bochecha dele.

— Estou bem.

Cassian deu um beijo no centro da palma da mão dela.

— Não sei por que duvidei de você. — Ele se afastou do toque dela. — Vamos dar o fora daqui. — Uma promessa sombria envolveu as palavras, e ela soube o que fariam assim que devolvessem a Harpa para que se tornasse problema de Rhysand.

Suas bochechas coraram, algo parecido com prazer percorreu seu corpo. O fato de ele a escolher, escolher eles — de querer tanto o conforto do corpo dela.

Nestha entrelaçou os dedos com os dele, apertando tão forte quanto as mãos deles podiam ser unidas. Cassian apertou de volta, e a puxou pela passagem, para longe da visão de dor e da memória há muito esquecida. A espada batia contra a coxa dela, e Nestha falou, rompendo o silêncio:

— Escolhi Ataraxia como nome.

Cassian olhou por cima do ombro para ela.

— Essa espada? O que significa?

— É da Língua Antiga. Encontrei em um livro no outro dia, na biblioteca. Gostei de como soou.

— Ataraxia — disse ele, como se estivesse experimentando a própria arma. — Gostei.

— Fico tão feliz que você aprove.

— É melhor do que Assassina, ou Majestade Prateada — disparou ele de volta. Seu sorriso estava mais alegre do que o Sifão reluzente sobre sua mão esquerda. A pulsação de Nestha acelerou. — Ataraxia — disse ele de novo, e Nestha podia ter jurado que a lâmina pendurada em seu cinto murmurou em resposta. Como se gostasse do som da voz dele tanto quanto ela.

Eles chegaram ao fim do túnel, mas Nestha parou Cassian com um puxão na mão.

— O que foi? — perguntou ele, observando a caverna. Mas ela ficou na ponta dos pés e o beijou de leve. Cassian piscou com um choque quase cômico quando Nestha se afastou. — Por que fez isso?

Nestha deu de ombro e ficou com o rosto todo vermelho.

— Gwyn e Emerie são minhas amigas — disse ela, baixinho. Nestha afastou seu terror por Briallyn estar de olho nelas. — Mas... — Ela engoliu em seco. — Acho que talvez você também seja, Cassian.

O silêncio de Cassian era palpável, e ela se amaldiçoou por expor aquele desejo, aquela compreensão. Desejou poder retirar as palavras, a estupidez...

— Eu sempre fui seu amigo, Nestha — disse ele, rouco. — Sempre.

Ela não conseguiu suportar ver o que havia nos olhos dele.

— Eu sei.

Cassian levou os lábios à têmpora dela, e os dois saíram do túnel por fim, entrando no caminho principal da Prisão, no brilho pesado dele.

Nestha sussurrou, finalmente ousando dizer:

— E eu sempre...

Cassian a jogou para trás dele tão rápido que o resto das palavras morreu na garganta dela.

— Fuja. — As batidas de seu coração e o puro terror encheram o ar. — Nestha, *fuja*.

Ela se virou para o que ele encarava, viu a lâmina illyriana brilhando como rubi sob a luz do Sifão. Como se uma lâmina pudesse fazer alguma coisa.

A porta da cela de Lanthys estava aberta.

Capítulo 54

Cassian olhou para a porta aberta da cela de Lanthys e soube duas coisas.

A primeira, e mais óbvia, era que ele estava prestes a morrer.

A segunda era que ele faria qualquer coisa no mundo para evitar que Nestha tivesse o mesmo destino.

A segunda deixou sua mente mais nítida a ponto de tranquilizar e afiar seu medo, transformando, assim, seu pavor em uma arma. Quando a voz serpenteou da escuridão em torno deles, Cassian estava pronto.

— Pensei muito em quando você e eu nos encontraríamos de novo, Senhor dos Bastardos.

Cassian nunca tinha, nem uma vez, esquecido o timbre e a frieza daquela voz, como fazia o sangue dele se arrepiar com espinhos de gelo. Mas Cassian respondeu:

— Tantos séculos aqui dentro e você não inventou um nome mais criativo para mim?

A risada de Lanthys se enroscou em volta deles como uma cobra. Cassian segurou a mão de Nestha, embora sua ordem para que ela fugisse ainda pairasse entre os dois. Era tarde demais para correr.

Pelo menos para ele. Tudo o que restava era dar a ela tempo o suficiente para escapar.

— Você achou que foi tão inteligente com o espelho de freixo — disse Lanthys, fervilhando e com sua voz ecoando em torno deles. A luz do Sifão esquerdo de Cassian revelou apenas escuridão nebulosa pintada de vermelho. — Achou que podia *me* enganar. — Outra risada. — Eu sou imortal, menino. Um verdadeiro imortal, como você jamais pode esperar ser. Dois séculos aqui dentro não são nada. Eu sabia que só precisaria esperar até encontrar um modo de fugir.

— E encontrou? — provocou Cassian, para a névoa que era Lanthys. — Parece que alguém ajudou você a sair. — Ele emitiu um clique com a língua.

Só precisava esperar — esperar até que o ataque viesse. Então Nestha poderia fugir. Ela estava rígida ao lado dele, completamente congelada. Cassian a cutucou com um pé, tentando arrancá-la do estupor. Ele precisava que ela estivesse pronta para fugir, não enraizada no lugar como um cervo.

— A porta se abriu pela minha própria vontade — ronronou Lanthys.

— Mentiroso. Alguém a abriu para você.

Nestha engoliu audivelmente, e Cassian soube. Quando ela ordenou que a Harpa a soltasse... A Harpa também havia soltado Lanthys. *Só abaixe essas defesas mágicas*, instruíra ela. E foi o que o instrumento fez: as defesas sobre ela, e as defesas próximas, sobre a cela de Lanthys. A Harpa tinha dito que queria ser tocada. E ali estava ela: tocando o terror em Cassian e Nestha.

E se a Harpa tivesse estendido o alcance além da porta de Lanthys? E se cada porta de cela estivesse aberta...

Merda.

Mas Cassian disse ao monstro que ele mais temia:

— Então você pretende ficar rodopiando à minha volta como uma nuvem carregada? E aquela forma bonitona que eu vi no espelho?

— É isso o que sua companheira prefere? — sussurrou Lanthys perto demais, perto demais. Nestha se encolheu. Lanthys inalou. — O que você é?

— Uma bruxa — sussurrou Nestha. — Do coração sombrio de Oorid.

— Aí está um nome que não ouço há muito tempo. — A voz de Lanthys soou a poucos centímetros de Nestha. Cassian trincou os dentes. Ele precisava que o monstro se reunisse do outro lado dela, de forma que o caminho para cima ficasse livre. Precisava atrair Lanthys até ele. — Mas você não tem cheiro do peso de Oorid, do desespero de lá. — Uma inalação, ainda atrás deles, bloqueando a saída. — Seu cheiro... — Ele suspirou. — Uma pena que sujou um cheiro desses com o fedor de Cassian. Eu mal consigo distinguir alguma coisa em você além da essência dele.

Apenas isso, percebeu Cassian, impedia que Lanthys percebesse o que ela era. Que ficasse interessado, como o Entalhador de Ossos tinha ficado. Mas revelava outra verdade perigosa: onde atacar primeiro.

— O que você está escondendo aí atrás? — perguntou Lanthys, e Nestha se virou, como se o acompanhando, mantendo a Harpa escondida às costas. Mas Lanthys deu uma gargalhada. — Ah. Entendi. Há muito tempo me pergunto quem viria reivindicá-la. Eu conseguia ouvir a música dela, sabe. A última nota, como um eco na pedra. Fiquei surpreso ao encontrá-la aqui embaixo, escondida sob a Prisão, depois de todo esse tempo.

A névoa rodopiou e Lanthys cantarolou:

— Que música belíssima ela faz. Que maravilha ela tece. Tudo se curva a essa Harpa: estações, reinos, a ordem do tempo e dos mundos. Nada disso a afeta. E a última corda... — Ele gargalhou. — Até a morte se curva para essa corda.

Nestha engoliu em seco de novo. Cassian apertou a mão dela com mais força e disse, casualmente:

— Vocês verdadeiros imortais são todos iguais: babacas arrogantes que adoram se ouvir falar.

— E nenhum de vocês feéricos enxergam quem são de verdade. — Lanthys cantarolou, fazendo mais uma volta, e Cassian preparou a lâmina. — Considerando apenas o cheiro, eu diria que vocês dois são...

Cassian soltou a mão de Nestha e avançou, estocando a lâmina na névoa antes que Lanthys pudesse dizer mais uma maldita

palavra.

Lanthys gritou de ódio quando os Sifões de Cassian brilharam, e Cassian rugiu:

— *FUJA!* — antes de atacar de novo. Lanthys recuou, e Cassian usou esse descanso para soltar o Sifão da mão esquerda e atirá-lo a Nestha, ordenando que se acendesse. — *Vá!* — comandou ele, quando jogou a pedra para ela. O rosto contraído de medo de Nestha ficou vermelho enquanto ela segurou seu Sifão, mas Cassian já estava se virando para Lanthys.

Os passos esmagando pedras e se dissipando informaram a ele que Nestha obedeceu.

Que bom.

Lanthys se acumulou na escuridão, uma víbora se preparando para atacar.

Cassian só rezava para que Nestha saísse pelos portões antes de ele morrer.

Nestha fugiu daquela voz que era uma junção de puro ódio, crueldade e voracidade. A voz que roubou a alegria dela, o calor, qualquer coisa que não fosse o medo mais básico e primordial.

As coxas dela protestaram diante do caminho íngreme, mas Nestha disparou na direção dos portões, obedecendo ao comando de Cassian, enquanto ouvia os rugidos do guerreiro e do monstro ecoando pelas pedras. Luz vermelha piscou atrás dela. As portas das celas da Prisão chacoalhavam. Bestas gritavam atrás deles, como se percebendo que uma havia fugido. Querendo sair também.

Ela agarrou a Harpa com uma das mãos, o Sifão de Cassian brilhando na outra. Precisava chegar aos portões. Então descer a montanha. E gritar por Rhysand e rezar para que ele tivesse algum tipo de feitiço que sentisse seu nome ao vento. Então ele precisaria correr de volta para o alto da montanha, descer o caminho e...

Cassian podia estar morto quando Nestha chegasse aos portões que ficavam tão no alto. Ele podia estar morrendo naquele exato momento.

Uma descarga gelada perfurou seu coração.

Ela havia fugido. *Abandonado* Cassian.

A Harpa ficou quente em sua mão, murmurando. O ouro brilhou como se derretido.

Vamos abrir portas e caminhos; vamos nos mover juntas pelo tempo e espaço, o instrumento tinha cantado durante a adivinhação acidental dela. *Nossa música vai nos libertar de regras e fronteiras terrenas.*

Abrir portas... Ela abrira uma porta com ela — da cela de Lanthys. Abriu uma porta com o poder do instrumento que a pressionava. Mas se mover no espaço...

As cordas pequenas são para brincadeiras — movimentos e saltos leves — mas as mais longas, as últimas... Tantas maravilhas e horrores profundos poderíamos tocar e criar.

Nestha contou as cordas. Vinte e seis. Ela havia tocado a primeira, a menor, para se libertar do poder da Harpa, mas o que as outras faziam?

Vinte e seis, vinte e seis, vinte e seis...

A voz de Gwyn flutuou de muito longe, recontando a pesquisa inicial de Merrill sobre dimensões. A possibilidade de *vinte e seis* dimensões.

Vamos nos mover juntas pelo tempo e espaço... As cordas pequenas são para brincadeiras — movimento e saltos leves... Será que a Harpa podia... O fôlego de Nestha ficou preso na garganta. Será que a Harpa conseguia transplantá-la de um lugar para outro? Não apenas abrir uma porta, mas criar uma que ela pudesse atravessar?

Libertar de regras e fronteiras terrenas...

Ela precisava tentar. Por Cassian.

Algo se mexeu na escuridão acima, passos apressados seguindo na direção dela. Alguém tinha entrado na Prisão pelos portões. Nestha virou o Sifão de Cassian na direção do barulho, preparando-se para qualquer que fosse o monstro que vinha disparado...

Machos feéricos usando armaduras desgastadas e sujas corriam para ela. Pelo menos dez soldados da Corte Outonal.

Nestha sabia quem os havia enviado e atravessado-os com o poder de Koschei. Quem os controlava, mesmo do outro lado do mar.

Eu sei onde você está, Nestha Archeron.

E como Rhys tinha baixado os escudos em volta da Prisão... eles entraram sem pestanejar.

Nestha não pensou. Ela lançou mão daquele fogo prateado dentro dela. Deixou que cobrisse suas mãos.

— Leve-me até Cassian — sussurrou ela, e tocou a primeira corda prateada da Harpa.

O mundo e os soldados que se aproximavam sumiram, e Nestha teve a sensação de que era jogada, mesmo ainda parada, e rezou e rezou...

Metal brilhou e luz vermelha se acendeu, e ali estava Cassian, sangrando no chão, os Sifões brilhando, lutando contra a névoa diante dele.

Não havia onde acertar um golpe fatal. A névoa se dissipava a cada golpe da espada de Cassian, e Lanthys gritava com cada um, mas Lanthys não podia ser morto. Apenas contido, como Cassian dissera.

E a Harpa podia abrir portas — mas não matar pessoas. Ela correu até Cassian, e posicionou o dedo na corda da Harpa para carregar os dois dali.

Mas os olhos de Cassian se incendiaram e ele gritou:

— *SAI...*

A névoa se fechou em torno do pescoço dele e o atirou para longe.

O grito de Nestha se espalhou pelo túnel quando ela o viu atingir a parede de rocha e cair no chão, com as asas esmagadas. Ele não se moveu.

Uma risada que parecia uma faca raspando pedra preencheu o túnel e então Nestha foi atirada também, chocando-se contra a parede com tanta força que seus dentes trincaram e sua cabeça girou. O fôlego escapuliu conforme seus dedos se espalmaram na Harpa, antes de ela atingir o chão.

Mas Nestha tinha caído perto de Cassian, e ela correu para virá-lo, rezando para que seu pescoço não tivesse se partido, para que ela não o tivesse condenado ao irem até lá...

O peito de Cassian inflou e desceu, e a coisa poderosa e primordial dentro dela respirou um suspiro de alívio. Mas durou pouco, pois Lanthys gargalhou de novo.

— Você vai desejar que o golpe o tivesse matado antes de eu terminar com vocês dois — disse a criatura. — Vai desejar ter continuado fugindo. — Mas Nestha se recusou a ouvir mais uma palavra, não enquanto estivesse ajoelhada sobre Cassian e fosse a única coisa entre ele e Lanthys.

Ela já se encontrara naquela situação antes.

Estivera exatamente naquela posição, com a cabeça dele no colo e ouvindo a Morte rir dos dois.

Naquela vez, ela havia se curvado sobre Cassian e esperado ele morrer. Naquela ocasião, havia desistido.

Nestha não fracassaria desta vez. A névoa se aproximou, e ela podia ter jurado que sentiu a mão de alguém se esticar até ela.

Aquilo bastou para que Nestha se pusesse em movimento.

Sacando a espada ao mesmo tempo em que ficou de pé, Nestha executou uma combinação perfeita.

Lanthys gritou, e não foi nada parecido com o que ela ouvira antes — esse foi um som de estourar os tímpanos, constituído de puro choque e fúria.

Nestha sopesou Ataraxia, acomodou o próprio peso entre os pés, e se certificou de que a posição estava certa. Inabalável. A lâmina começou a brilhar.

A névoa se contorceu, encolheu e estremeceu como se combatesse um inimigo invisível, e então se tornou sólida e adquiriu cor.

Um macho nu e de cabelos dourados estava diante dela. Ele era de altura mediana, tinha a pele da cor de ouro* esculpida com músculos e o rosto anguloso fervilhando de ódio. Não era uma criatura repulsiva e horrível, mas bela.

Os olhos pretos dele se semicerraram na direção da espada quando ele sibilou:

— *Essa não é Narben*. — O nome não significava nada para Nestha.

Ela avançou, estocando Ataraxia para a oitava posição. Lanthys saltou para trás.

Cassian gemeu, recobrando a consciência enquanto ela mantinha sua posição.

— Qual deus da morte é você? — perguntou Lanthys, exigindo uma resposta enquanto olhava da espada para Nestha. O fogo prateado chiava nos olhos dela.

Nestha balançou Ataraxia de novo, e Lanthys se encolheu para longe. Com medo da lâmina.

Aquilo que não podia ser morto estava com medo da espada dela. Não dela, mas de Ataraxia. Sua arma Feita.

— Entre em sua cela. — Nestha avançou um passo, com Ataraxia apontada à sua frente. Lanthys recuou lentamente na direção da cela.

— O que é essa *espada*? — Seu cabelo loiro balançava até a cintura conforme ele recuou de novo.

— O nome dela é Ataraxia — disparou Nestha. — E vai ser a última coisa que você vai ver.

Lanthys caiu na gargalhada, o som era como o de um corvo. Horroroso comparado com a linda forma dele.

— Você chamou uma espada da morte de *Ataraxia*? — gargalhou ele, e a própria montanha tremeu.

— Ela vai matar você, goste você ou não do nome.

— Ah, acho que não — disse Lanthys, fervilhando. — Cavalguei na Caçada Selvagem antes de você ser sequer um fiapo de existência, *bruxa de Oorid*. Conjurei os cães e o mundo se acovardou diante de seus latidos. Galopei adiante da Caçada, e feéricos e bestas se curvaram diante de nós.

Nestha girou Ataraxia na mão, um movimento que ela passara a fazer com as lâminas illyrianas em momentos de distração durante o treino. Ela vira Cassian fazer aquilo frequentemente, e descobriu que dissipava energia acumulada.

Nestha não tinha se dado conta de que era uma técnica de intimidação tão eficiente. Lanthys se encolheu.

Ela rogou para que os soldados da Corte Outonal que chegariam pela passagem a qualquer momento hesitassem diante da lâmina também. Mas sabia que eles não fariam isso. Não com Briallyn e a Coroa controlando-os.

— Qual deus da morte é você? — perguntou de novo. — *Quem é você por baixo dessa pele?*

— Não sou ninguém — disparou ela.

— De quem é o fogo que queima em seu olhar prateado?

— Você sabe de quem — respondeu ela, irritada.

De alguma forma, aquilo o assustou. Lanthys empalideceu.

— Não é possível. — Ele olhou para a Harpa ao lado de um Cassian que despertava, e seus olhos se arregalaram de novo. — Ouvimos falar de você aqui. Você é aquela sobre quem o mar, o vento e a terra sussurraram. — Ele estremeceu. — *Nestha*. — Lanthys sorriu, mostrando dentes um pouco longos demais. — Você tomou do próprio Caldeirão.

Lanthys parou de recuar. E estendeu a mão grande e graciosa.

— Você nem sabe o que consegue *fazer*. Venha. Vou lhe mostrar. — Ele sorriu de novo, com aqueles dentes longos demais, transformando o rosto de belo para terrível com uma contração dos lábios. — Venha comigo, Rainha das Rainhas, e vamos trazer de volta o que um dia foi perdido. — As palavras eram uma canção de ninar, uma promessa coberta de mel. — Vamos reconstruir o que éramos antes de as legiões de ouro dos feéricos lançarem suas correntes e nos derrubarem. Vamos ressuscitar a Caçada Selvagem e cavalgar triunfantes noite adentro. Vamos construir palácios de gelo e chamas, palácios de escuridão e luz estelar. A magia fluirá livre novamente.

Nestha podia ver o retrato que Lanthys teceu no ar em torno deles. Ela se viu em um trono preto, uma coroa da mesma cor nos cabelos soltos. Imensas bestas de ônix — com escamas, como aquelas que ela viu nas pilastras da Cidade Escavada — se deitavam ao pé do altar. Ataraxia se recostava no trono dela, e do outro lado... Lanthys estava sentado ali, a mão dele entrelaçada na dela. O reino deles era infinito; o palácio construído de pura magia que vivia e prosperava ao redor deles. A Harpa estava atrás deles em um altar, a Máscara também, mas a Coroa dourada não estava ali.

Estava sobre a cabeça de Lanthys.

E foi esse o fio retorcido que a puxou para fora — o brilho escancarado da ganância dele. Ele tinha visto a Harpa, sabia que ela estava atrás dos Tesouros, e revelou o que faria com eles. A Coroa ele reivindicaria para si. Não teria influência sobre ela, mas o reinado deles seria de coerção. Escravidão.

Um quarto objeto repousava no altar, encoberto por sombras. Mas ela não conseguia ver mais do que um lampejo de osso desgastado pelo tempo...

A visão mudou, e eles se contorciam em uma enorme cama preta, a pele cor de ouro das costas de Lanthys brilhava conforme ele se movia dentro dela. Tanto prazer... ela jamais conhecera tal prazer com ninguém. Apenas ele conseguia foder ela daquele jeito, entrando tão profundamente, o corpo dela quente, flexível e úmido por causa dele, e logo, logo a semente de Lanthys criaria raízes no ventre dela e a criança que ela carregaria para ele governaria o universo inteiro...

Outro fio retorcido que a levou para fora. Para além da ilusão.

O corpo de Nestha não era dele para tocar, para encher de vida. E ela *conhecera*, sim, um prazer melhor do que o que ele havia mostrado.

Nestha piscou, e a imagem sumiu.

Lanthys grunhiu. Ele agora estava à distância do braço dela. À distância de Ataraxia.

— Posso dar um jeito naquele problema ali — grunhiu ele para Cassian. — E você vai se esquecer desses laços rapidinho.

Ela sopesou Ataraxia mais alto.

— Volte para sua cela e feche a porta.

— Vou escapar de novo. — Lanthys riu. — E quando eu fugir, vou encontrar você, Nestha Archeron, e você vai ser minha rainha.

— Não. Acho que não vou. — Nestha deixou seu poder ondular pela lâmina. Ataraxia cantou, brilhando como a lua.

Lanthys ficou pálido.

— O que você está fazendo?

— Terminando o serviço.

E os olhos dele estavam tão fixos na lâmina reluzente que ele não olhou de esguelha para Cassian. Não viu a adaga ser sacada. Aquela que Cassian atirou com mira impecável.

Ela se enterrou até o cabo no peito de Lanthys.

Lanthys gritou, arqueando o corpo, e Nestha saltou. Ela desceu uma combinação dois-três, cortando uma cruz reta, deixando o poder de seu fôlego, de suas pernas e do abdômen carregar a lâmina.

Ataraxia cantou uma canção de amor ao vento quando açoitou o ar.

A cabeça e o cadáver de Lanthys caíram em direções opostas, batendo no chão.

Sangue escuro e estranho jorrou, e então Cassian estava ali, gemendo ao fechar a mão na dela de novo.

— A Harpa — disse ele, ofegante, seu rosto era o retrato da dor. Sangue escorria pela têmpora dele. — Pegue e vamos. Precisamos sair daqui.

— Você consegue ficar em pé?

Ele cambaleou sobre os pés. Não conseguiria dar três passos.

— Sim — respondeu o macho. Para tirá-la dali, Nestha sabia que ele tentaria. Assim como ela sabia que Lanthys estava morto. Será que tinha sido a espada, ou o poder dela? Como Nestha tinha Feito a espada, ela supôs que a arma tecnicamente contava *como* seu poder, mas... Mesmo que ele fosse imortal, seu corpo havia sido dilacerado. De alguma forma. Uma pequena parte dela se deliciou com aquilo, mesmo enquanto o resto de Nestha tremia.

Agora o arranhar e os estampidos de passos corriam na direção deles.

— Soldados da Corte Outonal — sussurrou Nestha, apontando para o caminho escuro que subia. — Mais deles. Briallyn os mandou para pegar a Harpa.

— *Mais*...

Uma gritaria começou pela montanha. Gritos petrificados, suplicantes e sons de punhos batendo. Não na rocha ou nas portas que os seguravam, mas nas paredes opostas das celas. Como se estivessem implorando à Prisão que os poupasse dela e daquela espada.

Lanthys tinha caído. E os ocupantes da Prisão haviam sentido.

Até mesmo os passos dos soldados da Corte Outonal pareceram ficar mais lentos com o som.

Nestha sorriu sombriamente, e pegou a Harpa.

— Não vamos fugir daqui. E deixaremos os soldados da Corte Outonal intocados. — Ao menos para provar que Eris estava errado. Mas os ferimentos de Cassian... Sim, eles precisavam ir embora.

Rápido. — Segure em mim — ordenou ela, e sussurrou: — O jardim da frente da casa de Feyre diante do rio Sidra em Velaris.

Cassian disparou um aviso, mas Nestha tocou três cordas dessa vez. Tocar apenas uma a carregara até ali, então ela supôs que duas os levariam talvez um pouco mais longe do que aquilo, e Velaris... Bom, parecia que seriam necessárias três cordas. Ela não queria saber até onde todas as 26 cordas a levariam se fossem tocadas. Ou se alguém fizesse uma melodia.

O mundo sumiu de novo, Nestha teve a sensação de que caía mesmo enquanto estava parada, e então...

Sol, grama e uma brisa gelada de outono. Uma casa imensa e linda atrás deles, um rio adiante, e nenhum vestígio da Prisão ou de Lanthys. Nestha soltou Cassian quando Rhysand disparou para fora das portas de vidro da casa. Ele olhou boquiaberto para o amigo, e quando Nestha viu Cassian à luz do dia... Sangue escorria do cabelo dele até a bochecha. O lábio de Cassian estava cortado; o braço pendia em um ângulo estranho...

Foi tudo o que Nestha viu antes de Cassian desabar na grama.

---

* “Golden skin” no original.

Capítulo 55

— É um cortezinho. Pare de fazer alarde.

— Seu crânio estava rachado, e seu braço estava quebrado. Você está de castigo por alguns dias.

— Você só pode estar brincando.

— Ah, estou sim.

Nestha podia ter sorrido da discussão entre Cassian e Rhysand, caso não concordasse com o Grão-Senhor. Feyre estava ao lado do parceiro com as feições tomadas pela preocupação.

Nestha ainda sentia o peso de Ataraxia em uma mão, e o da Harpa na outra.

Os olhos da irmã se voltaram para ela. Nestha engoliu em seco, fixando o olhar em Feyre. Ela rogou para que a irmã pudesse ler as palavras silenciosas em seu rosto. *Desculpa pelo que eu falei para você no apartamento de Amren. De verdade.*

O olhar de Feyre se suavizou. E então, para o choque de Nestha, Feyre respondeu na mente dela: *Deixe isso para lá.*

Nestha enrijeceu, tentando disfarçar a surpresa. Ela havia se esquecido de que a irmã era... Qual era a palavra? Daemati. Capaz

de falar pela mente, como Rhys podia. Nestha falou, com o coração galopando: *Eu estava com raiva, e peço desculpas*.

A pausa de Feyre foi considerável. Então ela disse, as palavras parecendo os primeiros raios do alvorecer: *Eu perdoo você*.

Nestha tentou não desabar. Ela pretendia perguntar sobre o bebê, mas Rhys se virou para ela e disse: — Coloque a Harpa na mesa, Nestha.

Nestha colocou, com cuidado para não tocar em nenhuma das 26 cordas.

— Ela permitiu que vocês atravessassem dentro e para fora da Prisão — disse Feyre, olhando para a Harpa. — Suponho que por ser Feita e não depender das regras da magia comum, certo? — Ela olhou para Rhys, que deu de ombros. A boca de Feyre se contraiu. — Se algum de nossos inimigos colocasse as mãos nisso, usaria contra nós em um segundo. Nenhuma defesa mágica em volta desta casa, da Casa do Vento, em volta de nenhum de nossos esconderijos e refúgios estaria segura. Sem falar que a Harpa parece ter vontade própria, um desejo de criar problemas. Não podemos colocá-la de volta na Prisão, não agora que foi despertada.

Rhys esfregou a mandíbula.

— Então vamos trancafiá-la com a Máscara, com defesas e feitiços, para não poder se comportar mal de novo.

— Eu as manteria separadas — aconselhou Feyre. — Lembra do que aconteceu quando as metades do Livro ficaram próximas uma da outra? E por que facilitar para um inimigo obter as duas?

— Bem observado — disse Cassian, encolhendo-se como se as palavras fizessem seu crânio doer. Madja tinha curado a fratura fina logo acima da têmpora dele, mas Cassian sentiria dor durante alguns dias. E o braço quebrado estava curado, mas ainda sensível o bastante para exigir cuidados. A visão de todas as ataduras bastou para fazer Nestha desejar poder matar Lanthys de novo.

Rhys tamborilou os dedos na mesa, observando a Harpa. Então ele perguntou a Nestha: — Além de ver Briallyn, você disse que também viu alguma coisa assim que tocou na Harpa?

Nestha explicara rapidamente quando eles chegaram.

— Acho que quem usou a Harpa por último fez algo terrível com ela. Talvez tenha prendido as pessoas que um dia viveram na ilha da

Prisão dentro das paredes, de algum jeito. Isso é possível?

Dúvida brilhou nos olhos de Rhys.

Nestha perguntou:

— O que é a Caçada Selvagem? — Ela também havia contado a ele sobre o encontro com Lanthys, e a presença dos soldados da Corte Outonal. Cassian tinha convencido Rhys a não os confrontar, pelo menos até poderem lidar com Briallyn. Quando Rhys levantou o escudo em torno da Prisão de novo, eles já haviam sumido.

Rhys respirou fundo, encostando na cadeira.

— Sendo bem sincero, achei que fosse apenas mito. O fato de Lanthys se lembrar... Bom, há sempre a chance de ele estar mentindo, suponho, mas considerando que estava falando a verdade, então ele teria mais de 15 mil anos.

Feyre perguntou:

— Então, o que é?

Rhys ergueu a mão e um livro de lendas de uma prateleira atrás dele flutuou até seus dedos. Ele o dispôs sobre a mesa. Então abriu em uma página, revelando a imagem de um grupo de seres altos, de aparência esquisita, com coroas na cabeça.

— Os feéricos não foram os primeiros mestres deste mundo. De acordo com nossas lendas mais antigas, a maioria agora esquecida, fomos criados por seres que eram quase deuses, e monstros. Os Daglan. Eles governaram durante milênios, e escravizaram a nós e aos humanos. Eram mesquinhos, cruéis e bebiam a magia da terra como se fosse vinho.

Os olhos de Rhys se voltaram para Ataraxia, então para Cassian.

— Algumas correntes da mitologia alegam que um dos heróis feéricos que se levantou para destroná-los foi Fionn, que recebeu a espada longa Gwydion da Grã-Sacerdotisa Oleanna, que mergulhou a arma no próprio Caldeirão. Fionn e Gwydion destronaram os Daglan. Um milênio de paz se seguiu, e as terras foram divididas em territórios de fronteiras confusas que foram os precursores das cortes, mas no fim daqueles mil anos, eles estavam no pescoço uns dos outros, à beira da guerra. — O rosto dele ficou tenso. — Fionn os unificou e se colocou acima deles como Grão-Rei. O primeiro e único Grão-Rei que esta terra já teve.

Nestha podia ter jurado que as últimas palavras foram ditas com um olhar afiado na direção de Cassian. Mas Cassian apenas piscou um olho para Rhys.

— O que aconteceu com o Grão-Rei? — perguntou Feyre.

Rhys passou a mão por uma página do livro.

— Fionn foi traído pela rainha dele, que tinha sido a líder do próprio território, e pelo melhor amigo dele, que era seu general. Eles o mataram, tomando algumas das armas mais poderosas e preciosas da linhagem dele, e então, do caos que se seguiu, os sete Grão-Senhores se ergueram, e as cortes existem desde então.

Feyre perguntou:

— Amren se lembra disso?

Rhys sacudiu a cabeça.

— Apenas vagamente agora. Pelo que entendi, ela chegou durante aqueles anos antes de Fionn e Gwydion se erguerem, e foi para a Prisão durante a Era das Lendas, a época em que esta terra estava cheia de figuras heroicas que estavam empenhadas em caçar os últimos membros da raça dos antigos mestres. Eles temiam Amren, acreditavam que ela era um dos inimigos, e a atiraram na Prisão. Quando ela saiu de novo, tinha perdido a queda de Fionn e a perda de Gwydion, e encontrou os Grão-Senhores governando.

Nestha considerou tudo o que Lanthys tinha dito.

— E o que é Narben?

— Lanthys perguntou sobre ela?

— Ele disse que minha espada não é Narben. Ele pareceu surpreso.

Rhys estudou a lâmina dela.

— Narben é uma espada da morte. Está perdida, possivelmente destruída, mas de acordo com as histórias, ela pode matar até mesmo monstros como Lanthys.

— A espada de Nestha também pode, aparentemente — falou Feyre, também estudando a lâmina.

— Decapitá-lo com a espada o matou — refletiu Rhys.

— Um corte dela pareceu prendê-lo a uma forma física — corrigiu Nestha. — A adaga de Cassian atingiu o alvo apenas depois de Lanthys ter sido forçado a abrir mão da névoa dele.

— Interessante — murmurou Rhys.

Cassian disse:

— Você ainda não explicou a Caçada Selvagem.

Rhys virou algumas páginas do livro, até a ilustração de uma horda de cavaleiros sobre cavalos e todo tipo de bestas.

— Os Daglan se deleitavam em aterrorizar os feéricos e os humanos sob seu controle. A Caçada Selvagem era uma forma de manter todos nós na linha. Eles reuniam uma horda dos guerreiros mais destemidos e impiedosos deles e lhes davam liberdade para matar como quisessem. Os Daglan possuíam bestas poderosas e monstruosas, os cães, como eram chamados, embora não se parecessem com os cães que conhecemos, que usavam para jogar as presas no chão antes de as torturarem e matarem. É uma história terrível, e, em grande parte, podem ser mitos elaborados.

— Os cães se pareciam com as bestas da Cidade Escavada — disse Nestha, baixinho.

Todos olharam para ela.

Nestha admitiu:

— Lanthys me mostrou uma visão. De... do que ele e eu poderíamos ser. Juntos. Nós governávamos em um palácio, rei e rainha com os Tesouros, e aos nossos pés estavam aqueles cães. Eles se pareciam com as bestas escamosas entalhadas nas pilastras da Cidade Escavada.

Nem mesmo Rhys tinha uma resposta para aquilo.

A mandíbula de Cassian se contraiu.

— Então, ele estava tentando seduzir e matar ao mesmo tempo?

O estômago de Nestha se revirou, mas ela não mencionou o quanto aquela visão tinha sido gráfica.

— Havia um quarto objeto na visão, mas estava nas sombras, algum dia houve um quarto Tesouro? Tudo o que consegui discernir foi um pedaço de osso antigo.

Rhys passou a mão pelo cabelo preto.

— Até onde a história confirmou, existem apenas três objetos dos Tesouros.

Feyre perguntou:

— E se estiver protegido por um feitiço, como aquele que deflete qualquer pensamento sobre os Tesouros, para evitar que as pessoas jamais saibam sobre o quarto objeto?

Os olhos de Rhys ficaram sombrios.

— Então que a Mãe nos poupe, porque até mesmo Amren só se lembra vagamente de um rumor dele.

As palavras pairaram ali. Nestha perguntou:

— Então agora vou atrás da Coroa.

— Não — disse Cassian, com os olhos nebulosos de dor se aguçando.

Feyre assentiu.

— Briallyn sabe que temos os outros dois itens. Ela mandou aqueles soldados atrás da Harpa.

Cassian grunhiu.

— Pensei que Eris estava sendo um babaca, mas quando contei a ele sobre as duas dúzias de soldados em Oorid, ele disse que havia mais na unidade que desapareceu. — Ele esfregou a mandíbula. — Eu deveria ter escutado. Deveria ter investigado. Briallyn tinha mais uma dúzia esperando para atacar. — Autodepreciação tomou conta da expressão dele, e Nestha suprimiu a vontade de pegar a mão de Cassian.

Feyre replicou:

— Eris fala tanta besteira o tempo inteiro que qualquer um pode perder um comentário indiferente como esse, Cass. Pelo menos agora podemos contar a Eris onde está o resto dos soldados. — Nestha podia ter abraçado a irmã pelo alívio que curvou os ombros de Cassian quando ele ouviu as palavras dela. Apesar de toda a arrogância, as opiniões dos amigos da família importavam profundamente para ele. Nenhum deles jamais o repreenderia por fracassar, mas Cassian se puniria por isso.

Nestha roçou os dedos contra os de Cassian em compreensão silenciosa. Os dedos dele se enroscaram contra os dela, encontrando o olhar dela como se para dizer: *Está vendo? Somos iguais no fim das contas.*

Feyre prosseguiu:

— Se Briallyn quer tanto a Máscara e a Harpa a ponto de ter agido tão rapidamente hoje, ela vai continuar vindo atrás de nós. E estaremos à espera dela. — Uma luz determinada entrou nos olhos dela.

Rhys franziu a testa.

— Mesmo só com a Coroa, Briallyn pode causar muito estrago. Até onde sabemos, Beron está sob o controle dela, no mesmo transe que os soldados de Eris. Precisamos dar um fim a ela e recuperar a Coroa. Antes que a guerra se deflagre de fato.

— É arriscado demais — replicou Feyre. — Nós perseguimos o Caldeirão em Hybern e não terminou bem.

— Então aprendemos com nossos erros — desafiou Rhys.

— Ela vai ter montado uma armadilha — disse Feyre. — Não vamos atrás dela.

Silêncio recaiu antes de Rhys falar:

— Então precisamos garantir alianças do tempo da guerra de novo, e logo. E fazer controle de danos naquelas que já temos e que podem estar fragilizadas.

Cassian arqueou uma sobrancelha, preocupação brilhando em seus olhos.

— Parece que você tem uma ideia.

— Eris vem para a comemoração do Solstício de Inverno na Cidade Escavada — disse Rhys. Estava chegando rápido, percebeu Nestha. — Ele está abalado desde que Tamlin pegou vocês dois se encontrando com ele, e anda se perguntando se vamos recuar da aliança agora que existe uma pequena chance de que Tamlin possa revelá-la. Ou decidir entregá-lo primeiro. Precisamos lembrar a Eris de nosso compromisso contínuo, e de que ele é... importante para nós. Que nós o protegemos.

Cassian grunhiu com desprezo; Feyre ecoou a expressão.

— Então compre um presente para ele — disse Feyre, gesticulando — e diga que todos mandamos nosso carinho.

— Ele vai querer mais do que isso — falou Rhys, contorcendo a boca, e seus olhos recaíram sobre Nestha.

Cassian se esticou antes que Rhys conseguisse falar.

— Você não vai usá-la.

Feyre olhou de um para o outro, e depois de um segundo, como se o parceiro tivesse falado na mente dela, Feyre indagou: — Sério, Rhys?

Rhys se recostou, e Nestha franziu a testa, a única entre eles que aparentemente não sabia o que aquilo queria dizer. Rhys disse a ela: — Você não precisa fazer nada que não queira. Mas Elain

mencionou que você tem uma habilidade especial no salão de dança. Habilidade que uma vez lhe garantiu a mão de um duque com uma única valsa.

Ela havia se esquecido daquela noite, do borrão das joias e sedas e o belo rosto daquele duque. Tudo o que ela havia sentido na ocasião foi triunfo selvagem.

— Nem por cima da porra do meu cadáver — disse Cassian, irritado.

Nestha perguntou:

— Você quer que eu dance com Eris? — O coração dela começou a bater forte, não só de medo.

— Quero que você seduza Eris — falou Rhys. — Não para levá-lo para a cama, mas para fazer com que perceba o que pode obter depois que entender que não temos planos de romper essa aliança. Para fazer com que os benefícios pesem mais do que os riscos.

Nestha cruzou os braços, ignorando o olhar significativo de Cassian, silenciosamente exigindo que ela dispensasse aquela ideia de vez.

— Acha mesmo que eu dançar com Eris solidificaria a lealdade dele?

— Acho que Eris é nosso aliado, e vai esperar dançar com uma dama desta corte no baile, não importa o que aconteça. Não vou deixar Feyre a um metro dele, Mor pode matá-lo, e é mais provável que Amren mais o assuste do que conquiste, então você e Elain são as únicas opções.

— Elain não chega perto dele — disse Feyre. — E você não me *deixa* chegar perto dele?

Rhys lançou a ela um sorriso encantador.

— Sabe o que quero dizer.

Feyre revirou os olhos.

— Você está se tornando insuportável. — Ela se virou para Nestha. — Eris não é... Ele não é bom. Não é como Beron, mas ele...

— Eu sei o que ele fez com Morrigan — disse Nestha. Ou, na verdade, o que ele não tinha feito: ajudado a fêmea, quando a família dela a havia brutalizado e largado na fronteira da Corte Outonal como punição por ter arruinado a aliança de casamento deles. Eris a

havia encontrado e simplesmente dado as costas. — Eu lidei com ele no outro dia. Sei em que estaria me metendo.

— Mor — prosseguiu Rhys —, pode ensinar as danças a você. Ela precisou aprender todas, e como ainda preside a Corte dos Pesadelos, é a melhor para ensinar você.

— Nestha não concordou com nada — disparou Cassian. — Mesmo uma dança com aquele canalha é muito...

— Eu danço — interrompeu Nestha, apenas por rancor por ele ser tão... territorial. Ela olhou para a espada ainda em sua mão. — Acabei de matar um ser imortal. Eris não é nada. E se vai fazer com que ele se lembre de por que é bom se manter aliado com a gente, fazer com que ele pense que pode me obter se mantiver sua parte do acordo, então tudo bem.

— Ele já é nosso aliado — replicou Cassian. — Uma dança vai realmente garantir a cooperação contínua dele?

— Precisamos mostrar a Eris que respeitamos e confiamos nele — admitiu Feyre, com um suspiro de derrota. — Mesmo que não seja verdade. E deixar que ele dance com alguém de nossa família é prova disso, pelo menos para alguém da Corte Outonal. Se ele acabar comendo da mão de Nestha, fantástico. Se isso só fizer com que ele se lembre que estamos do lado dele, ótimo. Mas esses laços precisam ser mantidos.

— Não estou gostando disso — grunhiu Cassian.

— Não precisa gostar — disse Feyre, levantando a cabeça, cheia daquela autoridade de Grã-Senhora. — Você só precisa observar do canto e não parecer que quer arrancar a cabeça dele.

Nestha interrompeu:

— Diga a Morrigan que vou me encontrar com ela para as aulas de dança assim que estiver disponível.

Feyre e Cassian, ainda fervilhando um para o outro, silenciosamente se viraram para Nestha.

Nestha se aproximou da escrivaninha e apoiou Ataraxia ali.

— Aqui — disse ela a Rhys. — Pode levar de volta.

Rhys não disse nada, mas as sobrancelhas de Feyre se ergueram.

— Por que não fica com ela?

O olhar curioso de Cassian a queimou como um ferrete, mas Nestha apenas disse: — Não estou interessada em mais mortes.

Nestha inalou pelo nariz contando até seis, prendeu a respiração por alguns segundos, então exalou pela boca por mais seis segundos. Na quietude do quarto dela naquela noite, acomodada na cadeira, ela se concentrou na respiração e em nada mais.

Qualquer pensamento que aparecia ela reconhecia e deixava passar. Mesmo que alguns ficassem voltando.

Nestha não se importou com onde tinham escondido a Harpa. Se precisassem do sangue dela para protegê-la como tinham precisado para a Máscara, avisariam. Mas pensar no que vinha a seguir...

Respire. *Conte.*

Nestha inalou de novo, e fixou a atenção nas costelas que se expandiam, e na sensação do fôlego em seu corpo. Mesmo treinando há semanas, os exercícios de Silenciamento Mental em alguns dias eram mais difíceis do que em outros. Mas ela insistia, dez minutos de manhã e dez minutos à noite.

Nestha exalou, contando. Prosseguiu.

Era tudo o que ela deduziu que poderia fazer: seguir em frente. Um dia e um fôlego de cada vez.

Ela se desapegou desse pensamento também. Respirou e respirou, então parou de contar de vez. Deixou a mente pairar.

Mas sua mente não pairou em todas as direções. Ela permaneceu calma. Descansando.

Contente onde estava.

A guerra havia deixado o chalé intocado. Mas passara por invernos difíceis desde que Nestha o vira pela última vez.

Azriel atravessara até lá com Cassian e ela depois do treino, mas não ficara. Aparentemente, Gwyn queria que ele repassasse

manuseio de adaga, então ele os deixou com a promessa de voltar em uma hora.

Nestha não fazia ideia se uma hora seria o bastante, ou muito pouco. Não fazia ideia de por que havia pedido a Cassian que fosse até ali com ela, na verdade. Mas ela havia colocado na cabeça que precisava visitar. Ver aquele lugar.

O sol de outono do meio-dia tornava o abandono ainda mais evidente: o telhado de palha que tinha mofado ou estava com trechos faltando, as ervas daninhas grandes, já ficando marrons antes do inverno, subindo até as pequenas janelas das paredes de pedra. A garganta de Nestha se apertou, mas ela se obrigou a caminhar até a entrada.

Cassian permaneceu calado atrás dela, com passos tão silenciosos que ele poderia ser o vento frio se curvando entre a grama alta demais. Sua cabeça e braço estavam completamente curados naquela manhã, dois dias depois de Nestha concordar em seduzir Eris. Cassian tinha até se exercitado ao lado dela mais cedo, embora com um ritmo mais lento do que o normal. Como se ele estivesse realmente obedecendo ao aviso de Rhys e Madja para pegar leve. O fato de ele ter feito os exercícios sem fazer careta tinha levado alguma parte intrínseca dela a suspirar aliviada — e a ousar pedir a ele que se juntasse a ela naquele dia. Ela jamais teria chamado Cassian para ir junto se ele ainda estivesse ferido.

Não que houvesse um inimigo ali que representasse alguma ameaça. Nenhum humano perambulava pela estrada cheia de folhas atrás do chalé; apenas alguns pássaros cantavam uma melodia desanimada das árvores quase sem folhas.

Muda, monótona e vazia. Era assim que essa terra parecia, mesmo com o outono sobre ela. Como se nem mesmo o sol pudesse se dar o trabalho de brilhar direito ali.

O coração de Nestha bateu forte quando ela colocou a mão na porta de madeira gelada. O sulco de marcas de garras ainda estava ali.

— Deixada por Tamlin, imagino? — perguntou Cassian atrás dela.

Nestha deu de ombros, incapaz de encontrar as palavras. Ela e Elain tinham colocado a porta no lugar depois que Tamlin a quebrara.

O pai delas, com a perna destruída sem possibilidade de conserto e incapaz de segurar peso, as observara, oferecendo conselhos úteis.

Os dedos de Nestha se fecharam em punho quando ela abriu a porta com o ombro. As dobradiças enferrujadas reclamaram, rangendo, e um cheiro empoeirado, semipodre, encheu seu nariz.

As bochechas dela coraram. Cassian estava ali, vendo aquilo...

— Sou só um brutamontes, lembra? — Ele passou para o lado dela. — Já vivi em lugares muito piores. Pelo menos você teve paredes e um telhado.

Nestha não havia se dado conta do quanto precisava ouvir aquelas palavras, e seus ombros relaxaram quando ela entrou no chalé. Na escuridão fria, interrompida apenas por raios de sol, ela franziu a testa para o teto.

— Essa casa *costumava* ter um telhado. — O dano tinha deixado entrar todo tipo de criatura e tempo, as primeiras tinham se acomodado, a julgar pelos ninhos e as várias fezes espalhadas.

A boca de Nestha ficou seca. Aquele lugar horrível e escuro.

Ela não conseguia parar de tremer.

Cassian apoiou a mão no ombro dela.

— Explique para mim.

Ela não conseguia. Não conseguia encontrar palavras.

Ele apontou para uma longa mesa. Uma perna tinha quebrado, e o móvel estava inclinado.

— Você comia aqui?

Ela assentiu. Eles comiam ali, algumas refeições em silêncio, outras com ela e Elain tentando preencher o silêncio com conversas frívolas, outras com ela e Feyre se atracando. Como aquelas últimas refeições que tiveram naquela casa.

O olhar de Nestha pairou até a pintura descascando nas paredes. Os pequenos desenhos complexos. Cassian acompanhou o olhar dela.

— Foi Feyre que pintou isso?

Nestha engoliu em seco, e conseguiu dizer:

— Ela pintava sempre que podia. Qualquer dinheiro a mais que conseguisse guardar ia para tintas.

— Você já viu o que ela fez no chalé nas montanhas?

— Não. — Nestha nunca havia ido lá.

— Feyre pintou o lugar inteiro. Exatamente como aqui. Ela contou certa vez que aqui tem uma cômoda...

Nestha foi até o quarto.

— Esta aqui? — Cassian a seguiu, e, pelos deuses, o quarto estava tão lotado, escuro e fedido. A cama ainda estava coberta com os lençóis manchados. As três tinham dormido ali durante anos.

Cassian passou a mão pela cômoda pintada, maravilhando-se.

— Ela pintou mesmo estrelas para si antes de saber que Rhys era seu parceiro. Antes de saber que ele existia. — Os dedos de Cassian traçaram gavinhas de flores na segunda gaveta. — A gaveta de Elain. — Elas desciam, enroscando-se em uma chama. — E a sua.

Nestha conseguiu dar um grunhido de confirmação, o peito dela se apertou a ponto de doer. No canto havia um par de sapatos desgastados e semipodres. Os sapatos dela. Um deles estava rasgado na costura do dedão. Ela usava aqueles sapatos — em público. Ainda se lembrava da lama e das pedras entrando.

O coração de Nestha galopava, e ela saiu do quarto, de volta para o espaço principal.

Ela não teve a intenção, mas olhou para a lareira escura. Na direção da cornija.

As miniaturas de madeira do pai dela estavam ali, com uma camada espessa de poeira e teias de aranha. Algumas tinham sido derrubadas, provavelmente por qualquer que fosse a criatura que agora vivia ali.

Aquele rugido familiar enchia as orelhas dela, e os passos de Nestha batiam alto demais nas tábuas empoeiradas conforme ela se aproximou da lareira.

O entalhe de um urso sobre as patas traseiras — não maior do que o punho dela — estava no centro. Os dedos de Nestha tremeram quando ela pegou a miniatura e soprou a poeira.

— Ele era muito habilidoso — disse Cassian, baixinho.

— Não o suficiente — respondeu Nestha, colocando o urso de volta na cornija de pedra. Ela estava com ânsia de vômito.

Não. Ela podia controlar aquilo. Controlar a si mesma. E enfrentar o que estava adiante.

Nestha inspirou pelo nariz. Exalou pela boca. Contou as respirações.

Cassian estava ao lado dela o tempo todo. Sem falar e sem tocar. Simplesmente ali, caso ela precisasse. Seu amigo — que ela pedira que fosse até ali com ela, não porque estavam compartilhando a cama, mas porque ela o *queria* ali. A segurança, a bondade e a compreensão dele.

Nestha pegou mais uma miniatura de cima da lareira: uma rosa entalhada de um tipo de madeira escura. Ela a segurou na palma da mão, o peso sólido era surpreendente, e ela traçou um dedo sobre uma das pétalas.

— Ele fez este para Elain. Pois era inverno e ela sentia falta das flores.

— Ele fez alguma para você?

— Ele sabia muito bem que não deveria. — Ela inspirou um fôlego trêmulo, segurou, então expirou. Deixou que sua mente se acalmasse. — Acho que ele teria feito, se eu tivesse dado o mínimo de encorajamento, mas... nunca dei. Eu tinha tanta raiva.

— Você teve a vida virada de ponta-cabeça. Era compreensível que sentisse raiva.

— Não foi o que você disse quando nos conhecemos. — Ela se virou e o viu arqueando uma sobrancelha. — Você disse que eu era uma pessoa de merda por deixar minha irmã mais nova sair para a floresta caçar enquanto eu não fazia nada.

— Eu não falei assim.

— A mensagem foi a mesma. — Ela esticou os ombros, virando-se para uma pequena cama de acampamento quebrada nas sombras além da lareira. — E você estava certo. — Ele não respondeu quando ela caminhou até a cama. — Meu pai dormiu aqui durante anos, deixando o quarto para nós. Aquela cama ali... Foi onde eu nasci. Minha mãe morreu naquela cama. Eu odeio aquela cama. — Ela passou a mão pela madeira rachada da estrutura do móvel. Farpas ficaram presas nas pontas de seus dedos. — Mas odeio esta cama de acampamento ainda mais. Ele a arrastava para a frente da lareira todas as noites e se aninhava ali, aconchegado sob as cobertas. Eu sempre achei que ele parecia tão... tão *fraco*. Como um animal covarde. Aquilo me revoltava.

— E ela causa revolta em você agora? — Uma pergunta casual, mas cuidadosa.

— Ela... — A garganta de Nestha ondulou. — Eu achei que ele dormindo ali fosse uma punição adequada enquanto ficávamos com a cama. Nunca me ocorreu que ele *queria* que ficássemos com a cama, para ficarmos aquecidas e o mais confortáveis possível. Que só conseguiríamos levar algumas peças de mobília de nossa antiga casa, e ele escolheu aquela cama como uma delas. Para nosso conforto. Para não precisarmos dormir em camas de acampamento ou no chão. — Ela esfregou o peito. — Eu nem mesmo o deixei dormir ali quando os cobradores quebraram as pernas dele. Eu estava tão perdida no luto, na raiva e... e na tristeza, que eu queria que ele sentisse uma fração do que eu sentia. — O estômago dela se revirou.

Cassian apertou o ombro dela, mas não disse nada.

— Ele devia saber disso — disse ela, rouca. — Ele *devia* saber o quanto fui horrível, e mesmo assim... ele nunca gritou. Aquilo também me irritava. E então ele nomeou um navio em minha homenagem. Velejou com ele até a batalha. Eu só... Não entendo o motivo.

— Você era a filha dele.

— E isso é uma explicação? — Ela observou o rosto dele, a tristeza estampada ali. Tristeza, por ela. Pela dor no peito e pelas lágrimas nos olhos dela.

— O amor é complicado.

Nestha desviou os olhos dele ao ouvir aquilo. Ela era uma covarde por evitar o olhar dele. Mas ergueu o queixo.

— Nunca pensei em como devia ser difícil para ele. Passar daquele homem que tinha feito a própria fortuna, que ficou conhecido como o Príncipe dos Mercadores, para alguém sem nada. Não acho que perder minha mãe acabou com ele da mesma forma que perder a frota. Ele estava tão certo de que a empreitada lhe daria ainda mais riquezas, uma quantidade obscena de riquezas. As pessoas disseram que ele estava louco, mas ele se recusou a ouvir. Quando ficou provado que elas estavam certas... Acho que a humilhação acabou com ele tanto quanto a perda financeira.

Ela estudou os calos que já estavam crescendo nos dedos e nas palmas dela.

— Os cobradores pareceram felizes quando vieram aqui, como se eles tivessem se ressentido dele o tempo todo, e ficaram mais do que contentes por descontar na perna dele. Passei o tempo todo mais apavorada com o que fariam comigo e Elain. Feyre... Ela tentou fazer com que eles parassem. Ficou aqui com ele enquanto nós nos escondemos no quarto. — Ela se obrigou a encontrar o olhar de Cassian de novo. — Eu não desapontei Feyre apenas quando a deixei ir para a floresta. Houve muitas outras vezes.

— Você já disse isso a ela?

Nestha riu.

— Não. Não sei como.

Ele a estudou, e ela resistiu à vontade de se encolher sob o escrutínio.

— Você vai achar uma forma. Quando estiver pronta.

— Quanta sabedoria.

Cassian esboçou uma reverência.

Apesar daquela casa, da história que a cercava, Nestha sorriu. Ela enfiou a rosa entalhada no bolso.

— Já vi o suficiente.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Sério?

Ela fechou a rosa de madeira no bolso.

— Acho que só precisava ver este lugar. Uma última vez. Para saber que saímos. Que não resta nada aqui a não ser poeira e memórias ruins.

Ele deslizou o braço pela cintura dela conforme os dois seguiram para a porta, olhando de novo as pequenas pinturas que Feyre tinha espremido pelo chalé.

— Az vai demorar a voltar. Vamos voando.

— E os humanos? — Eles sairiam gritando de terror.

Cassian deu um sorriso malicioso para ela, abrindo aquela porta meio quebrada para ela. Levando-a para a luz do sol e o ar puro.

— Vai apimentar um pouco o dia deles.

Capítulo 56

Um mês se passou e o inverno espreitou sobre Velaris como uma estaca de gelo diante do vidro de uma janela.

O treino da manhã tinha se tornado um evento gelado, a respiração delas formava nuvens no ar frio conforme treinavam com espadas e facas cujo metal era tão frio que machucava as palmas das mãos. Até mesmo seus escudos às vezes ficavam encrustados de gelo. As valquírias aprendiam a lutar em todo tipo de tempo, dissera Gwyn a elas. Principalmente no frio. Então, quando a neve caía ocasionalmente, Nestha e as demais também treinavam.

Nestha precisou trocar o tamanho da armadura de couro, e quando ela se olhava no espelho todas as manhãs para trançar o cabelo, o rosto que a olhava de volta tinha perdido a palidez, as sombras sob os olhos. Mesmo com Cassian transando com ela em cada superfície da Casa, às vezes até as primeiras horas da manhã, a exaustão e os hematomas roxos sob os olhos dela tinham sumido.

Ela disse a si mesma que não importava que ele jamais ficasse na cama depois para abraçá-la. Ela se perguntava quando Cassian se cansaria daquilo — dela. Certamente ele ficaria entediado e seguiria em frente. Mesmo que se banqueteasse nela toda noite

como se estivesse faminto. Que agarrasse as coxas dela com as mãos poderosas e lambesse e sugasse ela até que Nestha estivesse se contorcendo. Às vezes ela montava no rosto dele, as mãos agarradas à cabeceira da cama, e cavalgava a língua de Cassian até gozar. Às vezes era a língua dela nele, em volta dele, e ela engolia até a última gota que ele derramava em sua boca. Às vezes ele derramava no peito dela, na barriga, nas costas, e ela gozava com o primeiro jato dele na pele.

Ela não podia se imaginar ficando cansada dele. Tomá-lo de novo e de novo só fazia o desejo crescer.

Ela estava praticando danças com Morrigan no escritório da Casa duas vezes por semana, as duas mal trocavam mais do que poucas palavras enquanto Nestha aprendia valsa após valsa, algumas específicas da Cidade Escavada, outras da Corte Outonal, outras dos feéricos em geral.

Rhys dera a elas a esfera Veritas, para que Morrigan pudesse dividir com Nestha as lembranças das danças, e das músicas que as acompanhavam.

Nestha tinha assistido aos passos, aos bailes e às festas que às vezes eram cheias de luz, e outras vezes eram cercadas por escuridão e tristeza. Morrigan não ofereceu qualquer explicação além de comentários sobre a técnica de uma dançarina.

Mas a música... Era genial. Tão cheia de vida e movimento que ela sempre se via desejando ter mais uma ou duas horas de aulas apenas para ouvir de novo e de novo e de novo.

Ninguém aparecia para assistir as duas, nem mesmo Cassian. Se Morrigan relatava sobre o progresso delas, não demonstrava.

Agora, com o Solstício de Inverno a três dias, Morrigan estava encerrando a lição enquanto a neve caía do outro lado da parede de janelas. Ela perguntou a Nestha, subitamente:

— O que você vai vestir para o baile, afinal?

Nestha, encostada na mesa de trabalho para recuperar o fôlego e ouvindo as notas do violino pela miragem tremeluzente da esfera Veritas, deu de ombros.

— Um de meus vestidos.

— Ah, não. — Suor brotava na testa de Morrigan, e o cabelo loiro trançado dela se ondulava levemente com a umidade. — Eris... —

Ela buscou as palavras. — Ele só liga para as aparências. Você precisa usar a coisa certa.

Nestha considerou o que Morrigan costumava usar, e franziu a testa.

— Não posso usar uma coisa tão reveladora. — Tanto Morrigan quanto Feyre optavam por *menos é mais* quando se tratava do modelito para a Cidade Escavada. Nestha não tinha problemas com nudez diante dos companheiros de quarto, mas em público... Seu lado humano continuava à espreita dentro dela.

— Vou procurar. — Morrigan se afastou do parapeito da janela. — Ver o que temos.

— Obrigada, Morrigan.

Foi a primeira conversa normal que elas haviam tido. A primeira vez que Nestha sequer proferira aquelas palavras para Morrigan. Que dizia o nome dela.

Morrigan piscou, percebendo isso também.

— É só Mor, sabe. Amren é a única pessoa nesta corte que me chama de Morrigan, e isso é porque ela é uma velha rabugenta.

Os lábios de Nestha se repuxaram para cima.

— Muito bem, então. — Ela acrescentou, experimentando: — Mor.

O relógio soou as 13 horas, e Nestha começou a sair pela porta, deixando a esfera e a música alta no lugar delas na mesa.

— Preciso ir para a biblioteca. — Ela já estava atrasada, mas a música era tão cativante que Nestha não queria parar.

— Eu também, na verdade — disse Morrigan, Mor, e as duas caminharam juntas pelo corredor. — O trabalho que estou fazendo por Rhys e Feyre em Vallahan requer alguma pesquisa, e Clotho está pesquisando para mim.

— Ah.

Um silêncio desconfortável recaiu conforme elas caminhavam pelas escadas, então para outro corredor.

As portas imponentes da biblioteca apareceram antes que Nestha perguntasse:

— Incomoda você que eu vou dançar com Eris?

Mor refletiu.

— Não. Porque sei que você vai fazer com que ele rasteje antes do final.

Não foi um elogio. Não de verdade.

Elas encontraram Clotho à mesa de sempre. Ela se levantou, cumprimentando Mor com um abraço que deixou Nestha sem palavras.

— Minha velha amiga — disse Mor, com o rosto se iluminando com acolhimento. O rosto que ela mostrava a todos naquela corte, exceto a Nestha. E àqueles na Cidade Escavada.

Vergonha revirou o estômago de Nestha. Mas ela não disse nada quando a caneta e o papel encantados de Clotho escreveram: *Você parece bem, Mor.*

— Eh. — Mor levantou um dos ombros. — Nestha tem acabado comigo com as aulas de dança, mas eu ando bem.

Encontrei os livros que você pediu. Clotho apoiou a mão torta em uma pilha de livros na mesa.

Nestha entendeu aquilo como sua deixa para partir, e assentiu para as fêmeas conforme elas entraram numa discussão sobre o material. Gwyn estava esperando um andar abaixo, observando-as, com Emerie nas estantes atrás dela.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Nestha a Emerie. Ela ainda estava no ringue de treinamento quando Nestha saiu correndo para a aula de dança. Mas aquilo tinha sido horas antes.

— Eu queria ver onde vocês duas trabalham — disse Emerie, de olho em Clotho e Mor, um andar acima. Ela suspirou, assentindo para Mor. — Sempre me esqueço do quanto ela é linda. Ela não tem mais ido até Refúgio do Vento. — Nestha podia jurar que rubor corou a testa e as bochechas de Emerie.

De fato, na escuridão profunda da biblioteca, Mor brilhava como um raio de sol. Até a escuridão do fundo pareceu rastejar para longe.

— Eu estava mostrando a Emerie as maravilhas do escritório de Merrill enquanto ela está em uma reunião — falou Gwyn. — Preciso ir trabalhar, mas achei que você poderia mostrar os arredores enquanto guarda os livros. — Gwyn lançou um olhar sarcástico para ela. — E dança.

Nestha revirou os olhos. Ela talvez tivesse sido surpreendida praticando as valsas nas estantes uma ou duas vezes. Ou dez.

Nestha assentiu para Emerie, atraindo o olhar da fêmea para longe dos gestos animados de Mor.

— Vamos.

Mas Gwyn falou:

— Na verdade, antes de vocês duas irem, queria dar uma coisa a vocês. Como essa é provavelmente a última vez que nos veremos antes do fim do Solstício de Inverno.

Nestha e Emerie trocaram olhares confusos. A última perguntou:

— Você comprou presentes para a gente?

Gwyn apenas disse:

— Encontro vocês no seu carrinho. — Com isso, ela disparou para dentro da escuridão.

Emerie e Nestha se dirigiram ao Nível Cinco, onde Nestha tinha deixado o carrinho dela. Tinha sido enchido de novo com livros que precisavam ser guardados. Ela explicou o que fazia, mas Emerie parecia ouvir apenas em parte. O rosto dela tinha ficado pálido.

— O quê?

A testa de Emerie se franziu.

— Eu... eu não devo ter bebido água o suficiente durante o treino. — Elas haviam tentado duas novas técnicas das valquírias que Gwyn tinha encontrado na noite anterior, e as duas eram especialmente cruéis, obrigando-as a usar escudos como plataformas para lançar uma colega valquíria no céu, e a fazer os abdominais segurando o peso daqueles escudos.

Ninguém tinha conseguido cortar a fita, embora Emerie tivesse picotado a ponta dois dias antes.

— Qual é o problema? — insistiu Nestha.

Os olhos de Emerie ficaram vazios.

— É... eu juro que consigo ouvir meu pai gritando lá embaixo. — As mãos dela tremeram quando a fêmea levantou uma delas para colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Consigo ouvi-lo gritando para mim, consigo ouvir a mobília quebrando...

O sangue de Nestha gelou. Ela virou a cabeça para a rampa de descida à direita delas. Nenhuma escuridão espreitava ali, mas estavam em um nível baixo o suficiente...

— Este lugar é antigo e estranho — disse ela, mesmo enquanto processava o que Emerie tinha admitido. Ela jamais falara do pai

além do corte das asas. Mas Nestha tinha entendido o suficiente: o homem era, na melhor das hipóteses, como o pai de Tomas Mandray.

— Vamos subir um andar, onde a escuridão não sussurra tão alto. Tenho certeza de que Gwyn vai nos encontrar com facilidade. — Ela deu o braço ao de Emerie, aproximando seu corpo, deixando parte de seu calor passar para a amiga.

Emerie assentiu, embora permanecesse pálida.

Nestha se perguntou se Emerie ouvia os gritos do pai a cada passo.

Gwyn as encontrou mesmo, a sacerdotisa estava ofegante e corada ao entregar dois envelopes retangulares, cada um mais ou menos do tamanho de um livro grande e fino.

— Um para cada uma de vocês.

Nestha abriu o papel marrom e viu uma pilha de páginas escritas. No alto da primeira página dizia apenas *Capítulo 21*. Ela leu as primeiras linhas abaixo disso, então quase soltou as páginas.

— Isso... isso é sobre *nós*.

Gwyn sorriu.

— Convenci Merrill a nos acrescentar no penúltimo capítulo. Ela até me deixou escrever, com as anotações dela, é claro. Mas é sobre o renascimento das valquírias. Sobre o que estamos fazendo.

Nestha não tinha palavras. As mãos de Emerie estavam tremendo de novo quando ela folheou as páginas.

— Você tinha tudo *isso* a dizer sobre nós? — disse Emerie, engasgando com uma gargalhada.

Gwyn esfregou as mãos.

— E tem mais por vir.

Nestha leu uma linha aleatória na quinta página. *Não importava se o sol batia forte no rosto, ou se a chuva congelante transformava seus ossos em gelo, Nestha, Emerie e Gwyneth apareciam para treinar todas as manhãs, prontas para...*

A garganta dela doeu; seus olhos arderam.

— Estamos em um livro.

Os dedos de Gwyn deslizaram para os dela, apertando forte. Nestha ergueu o rosto e a viu segurando a mão livre de Emerie também. Gwyn sorriu de novo, os olhos alegres.

— Nossas histórias merecem ser contadas.

Nestha estava se recuperando da generosidade do presente de Gwyn naquela noite quando encontrou um bilhete de Cassian, dizendo a ela que precisava passar a noite nos postos de observação illyrianos para lidar com alguma rixa frívola entre tropas de guerra. Com o Rito de Sangue a meros meses de acontecer, dissera ele, as tensões estavam sempre elevadas, mas aquele ano parecia especialmente ruim. Novas rivalidades apareciam a cada poucos dias, antigos rancores ressurgiam... Nestha, apesar do conteúdo do bilhete, sorriu consigo mesma, imaginando a expressão de Cassian de quem não aceita desaforos enquanto explicava a lei.

Mas a diversão dela logo sumiu, e embora tivesse tentado o Silenciamento Mental duas vezes depois do jantar, não conseguia se acalmar. Continuava pensando no presente de Gwyn, no rosto apavorado de Emerie quando ela sentiu algo na escuridão.

Sentada à escrivaninha, observando o nada, Nestha apoiou a testa na palma da mão.

Uma xícara de chocolate quente apareceu ao lado dela, junto com um punhado de biscoitos. Nestha riu.

— Obrigada.

Ela tomou um gole da bebida e quase suspirou com a intensidade do cacau.

— Eu gostaria de tentar uma fogueira — disse ela, baixinho. — Uma pequena.

Imediatamente, a Casa acendeu uma pequena chama na lareira. Uma lenha estalou, e Nestha esticou o corpo e sentiu o estômago revirar.

Era uma fogueira. Não era o pescoço do pai. O olhar dela passou para a rosa de madeira entalhada que ela havia colocado sobre a cornija, semioculta pelas sombras ao lado de uma miniatura de uma fêmea de corpo flexível, com braços elevados que agarravam uma lua cheia. Algum tipo de deusa primordial — talvez até mesmo a própria Mãe. Nestha não se deixou pensar no motivo pelo qual sentiu

a necessidade de colocar a rosa ali. Por que não tinha simplesmente jogado a miniatura em uma gaveta.

Outra lenha estalou, e Nestha se encolheu. Mas permaneceu sentada ali. Encarando aquela rosa entalhada.

Será que ela viveria o resto da vida como Emerie, sempre olhando por cima do ombro em busca da sombra do passado que a assombrava? Será que ela se assemelhava à Emerie naquela tarde, apavorada e magoada?

Ela devia mais a si mesma. Emerie também, merecia mais. Uma chance de viver a vida sem medo e pesar.

Então Nestha podia tentar. Naquele momento. Ela enfrentaria aquela fogueira.

Outra lenha estalou. Nestha trincou os dentes. *Respire. Inspire por seis segundos, segure, expire por mais seis.*

Ela fez exatamente isso.

Isso é uma fogueira. Ela lembra a você de seu pai, de algo terrível que aconteceu. Mas não é ele, e embora você esteja se sentindo desconfortável, consegue superar isso.

Nestha se concentrou na respiração. Obrigou-se a relaxar cada um dos músculos tensos demais, começando pelo rosto e indo até os dedos dos pés.

Tudo isso enquanto dizia a si mesma, de novo e de novo, *Isso é uma fogueira. Deixa você desconfortável. É por isso que você reage dessa forma. Pode respirar para superar isso. Se resolva com esse trauma.*

O corpo dela não relaxou, mas Nestha conseguiu se sentar ali. Suportar a fogueira até que se tornasse brasa, e se extinguisse de vez.

Ela não entendeu por que se viu à beira de lágrimas conforme cinzas queimaram. Não entendeu por que a descarga de orgulho que preencheu seu peito fez com que ela quisesse rir e comemorar e dançar em volta do quarto. Nestha não tinha feito nada além de se sentar diante de uma fogueira, mas... ela havia se sentado. E ficado.

Não tinha fracassado. Tinha enfrentado aquilo e sobrevivido.

Ela podia não ter salvado o mundo ou liderado exércitos, mas tomou aquele pequeno passo inicial.

Nestha limpou os olhos, e quando olhou em volta do quarto silencioso, ela se sobressaltou a encontrar uma trilha de galhos de sempre-verde que levavam até sua porta, a qual agora estava aberta.

Erguendo a sobrancelha, ela se levantou.

— O que é isso? —perguntou ela à Casa, acompanhando a trilha que tinha sido deixada por ela.

Pelo corredor, ao longo das escadas, descendo até a própria biblioteca.

— Aonde vamos? — perguntou Nestha ao ar quente. Ainda bem que até mesmo as madrugadoras entre as sacerdotisas tinham ido dormir, de modo que ninguém a viu correndo atrás do rastro de galhos. Eles espiralavam pelos andares da biblioteca, mais e mais para o interior, até que chegaram ao sétimo nível.

Nestha parou subitamente quando a trilha acabou no limite da parede de escuridão.

Uma luz se acendeu adiante dela. Várias luzes.

Como se para dizer: *Venha. Não tema.*

Então Nestha respirou fundo ao entrar na escuridão.

Pequenas velas serpenteavam para dentro de uma escuridão familiar. Ela e Feyre tinham um dia se aventurado até lá embaixo — tinham enfrentado horrores ali. Não restava nenhuma evidência daquele dia. Apenas a escuridão iluminada pelo fogo e as velas que a levavam até os níveis mais baixos da biblioteca.

Ao próprio poço.

Nestha as seguiu, descendo em espiral até o fundo do poço, onde uma pequena lanterna brilhava, iluminando fracamente as prateleiras de livros encobertas pela sombra constante em torno delas.

Com o coração acelerado, Nestha levantou a lanterna com uma das mãos e olhou para a escuridão, intocada pela luz da biblioteca bem no alto. O coração do mundo, da existência. Do ser.

O coração da Casa.

— Essa... — Os dedos dela se fecharam na lanterna. — Essa escuridão é *seu* coração.

Como se em resposta, a Casa colocou um pequeno galho de sempre-verde aos pés dela.

— Um presente de Solstício de Inverno. Para mim.

Ela podia ter jurado que a mão morna de alguém acariciou seu pescoço em resposta.

— Mas sua escuridão... — Espanto suavizou seu tom de voz. — Você estava tentando me mostrar. Mostrar às outras. Quem você é, bem no fundo. O que assombra você. Estava tentando mostrar a elas todos esses pedaços sombrios e quebrados porque as sacerdotisas, e Emerie e eu... Somos como você.

A garganta dela se apertou diante do que a Casa lhe dera de presente. Aquele conhecimento.

Nestha levantou mais a lanterna e soprou a chama.

Deixou que a escuridão invadisse. Recebeu-a.

— Não tenho medo — sussurrou ela para a escuridão. — Você é minha amiga e meu lar. Obrigada por compartilhar isso comigo.

De novo, Nestha podia ter jurado que aquele toque fantasma acariciou seu pescoço, sua bochecha, sua testa.

— Feliz Solstício — disse ela, para a linda escuridão quebrada.

Capítulo 57

Cassian normalmente se sentia animado pelo Solstício de Inverno por uma variedade de motivos, começando pelos habituais três dias de bebedeira com a família e terminando com a diversão caótica da guerra de bola de neve anual com seus irmãos. Seguida por um tempo na sauna de bétula e mais bebedeira, normalmente até que os três desmaiassem em várias posições idiotas. Um ano, ele acordou usando uma peruca loira e nada além de uma guirlanda de sempre-verde em torno da virilha como um tapa-sexo. Havia pinicado terrivelmente, embora não fosse nada comparado à ressaca de fazer a cabeça latejar.

Ele supôs que no fundo gostasse do Solstício de Inverno porque era um período de tempo ininterrupto que passava com as pessoas que mais valorizava.

Mas esse ano, assim como fora no ano anterior, o momento o enchia de nada além de azia.

A Corte dos Pesadelos estava decorada como de costume, adornada para a comemoração que durava três dias inteiros incluindo a noite mais longa do ano. Havia um baile diferente a cada noite, e no primeiro deles, Nestha dançaria com Eris.

Naquela noite. Dali a pouco.

Ele tivera um mês para se preparar para aquilo. Um mês em que estivera na cama de Nestha — ou que pelo menos transara com ela ali. Só o Caldeirão sabia que ela nem mesmo pedia que ele ficasse depois que eles acabavam.

Ele estava de pé diante do altar preto, olhando para a multidão reluzente com uma expressão que prometia a morte. Az estava do outro lado do altar, estampando uma expressão semelhante.

Cada uma das pessoas ali podia queimar no maldito inferno.

Começando por Keir, à frente da multidão reunida. E terminando com Eris, que estava de pé, orgulhoso e altivo — usando o preto da Corte Noturna — ao lado dele.

Mor estava ao lado dos tronos de Feyre e Rhysand, representando os dois até que eles chegassem.

O salão do trono inteiro estava enfeitado com velas pretas, coroas de flores e guirlandas de sempre-verdes e azevinho. As mesas de banquete idênticas que acompanhavam cada lado do imenso espaço estavam abarrotadas de comida, mas eram proibidas a todos até que Feyre e Rhys permitissem.

Ele até havia atenuado seu comportamento “Noite triunfante” com o povo da Cidade Escavada ultimamente, mas não muito. Cassian não invejava o malabarismo que Rhys fazia entre as cortes. Eles não podiam isolar Keir, não se fossem precisar dos Precursores da Escuridão dele novamente. Por isso o tom mais amigável. Mas não podiam deixar que ele se esquecesse da surra que receberia caso saísse da linha. Por isso o tom apenas *levemente* mais amigável.

Não tinham ouvido nada a respeito da Coroa, nada de Briallyn. Ela não fora atrás dos Tesouros. Cassian não era burro a ponto de acreditar que tinha acabado. Nenhum deles era.

As portas imponentes do salão do trono por fim se abriram.

Poder sombrio ecoou pela montanha, avisando da chegada deles. A montanha cantou junto. Todos se viraram quando o Grão-Senhor e a Grã-Senhora surgiram, coroados e trajando preto.

Rhys estava bonito como sempre, mas Feyre...

O salão arfou.

Aquela noite também servia a outro propósito: contar ao mundo sobre a gravidez de Feyre.

Ela usava um vestido de recortes pretos brilhantes, bem parecido com o que usara ali na primeira visita — e não fazia nada para esconder a barriga saliente.

Não, a roupa exibia o ventre grávido, brilhando sob a luz de velas.

O rosto de Rhys era o retrato do orgulho do macho arrogante. Cassian sabia que ele destruiria em mil pedaços sangrentos qualquer um que sequer piscasse errado para Feyre. De fato, violência fria ondulava de Rhys conforme eles caminhavam na direção do altar, o cheiro de bebê intenso de Feyre enchendo o ar. Ele deixaria que todos ali sentissem, confirmando ainda mais que ela estava grávida.

Feyre podia muito bem ser uma deusa antiga, coroada e reluzente, com a barriga inchada com vida. O rosto sereno dela estava lindo, e seus lábios vermelhos e carnudos se entreabriram em um sorriso para Rhys conforme eles se dirigiram aos tronos. Keir parecia dividido entre a raiva e o choque; o rosto de Eris estava cuidadosamente neutro.

O movimento nos fundos do salão tirou o olhar de Cassian dos inimigos, e então...

As duas irmãs estavam de preto. As duas caminhavam atrás de Rhys e Feyre, um indicativo silencioso de que eram parte da família real. De que tinham seus próprios poderes magníficos. Eles haviam planejado dessa forma, querendo que Eris visse por conta própria o quanto Nestha era valiosa. Cassian se perguntou se Elain e Nestha tinham rompido o silêncio delas enquanto esperavam para entrar. Não falavam uma com a outra havia meses.

Elain de preto ficava ridícula. Sim, ela era linda, mas a cor do vestido modesto de longas mangas drenava a alegria do rosto dela. O vestido a vestia, e não o contrário. E Cassian sabia que a crueldade da Cidade Escavada a incomodava. Mas ela não hesitara em vir. Quando Feyre sugeriu que ela ficasse em casa, Elain endireitara os ombros e afirmara que era parte daquela corte — e que faria o que fosse preciso. Então Elain tinha soltado o cabelo loiro-acastanhado para aquela noite, afastando-o do rosto com pentes de pérolas combinando. Ele nunca tinha pensado, durante os dois anos em que a conhecia, em Elain como insípida, mas vestida

de preto, não importava o quanto ela alegasse ser parte daquela corte... Aquilo sugava a vida dela.

Nestha com aquele vestido preto da Corte Noturna ameaçava deixar Cassian de joelhos.

Ela havia trançado o cabelo sobre a cabeça, seu estilo habitual, mas no alto dele, uma delicada tiara de pedra preta reluzente repousava, com espinhos finos que se projetavam para cima formando uma coroa escura. Cada espinho era encimado por uma minúscula safira, como se os espinhos fossem tão afiados que tivessem perfurado o céu e tirado sangue cobalto dele.

E o vestido...

Linha de prata bordava o corpete justo, as alças eram tão estreitas que pareciam invisíveis contra a pele branca como a lua. O decote mergulhava até quase o umbigo, onde o fio de prata se enroscava e segurava uma pequena safira que combinava com aquelas na coroa. A saia volumosa se arrastava no chão escuro, farfalhando no silêncio ondulante.

O queixo de Nestha permaneceu erguido, acentuando seu longo e lindo pescoço. Os lábios pintados de vermelho se curvaram em um sorriso felino quando os olhos delineados dela observaram o salão que vigiava cada fôlego seu.

Nestha pareceu brilhar com a atenção. Possuí-la. Comandá-la.

Feyre e Rhys ocuparam seus tronos, e Nestha e Elain ficaram de pé na base do altar, entre ele e Azriel. Cassian não ousou dizer uma palavra a Nestha, nem mesmo olhar para ela, para o corpo exposto — o corpo que ele havia experimentado tantas vezes que era um milagre não haver uma marca de seus lábios no pescoço dela.

Ele também não ousou olhar para Eris. Um olhar e toda a trama deles seria revelada. Até o cheiro dela — cheiro *dele*, Cassian sabia, com bastante satisfação — tinha sido cuidadosamente enfeitiçado para esconder qualquer vestígio da relação dos dois.

Feyre disse para a multidão reunida:

— Que as bênçãos do Solstício de Inverno estejam sobre vocês.

Keir se apressou para a frente, fazendo uma reverência baixa.

— Permita-me estender meus parabéns. — Cassian sabia que o canalha não tinha um pingo de sinceridade.

Eris se aproximou como o convidado de honra deles.

— E permita-me estender os meus também, em nome de meu pai e da Corte Outonal inteira. — O macho lançou um sorriso bonito e treinado para Feyre. — Ele vai ficar animadíssimo com essa notícia.

A boca de Rhys se curvou com um meio-sorriso cruel, que apagou as estrelas em seus olhos.

— Tenho certeza de que vai.

Não tinha como fingir: Rhys era realmente o Grão-Senhor da Corte dos Pesadelos enquanto Feyre e o bebê deles estivessem ali. Ele mataria qualquer um que os ameaçasse. E gostaria de fazer isso.

Rhys disse, para ninguém em particular:

– Música.

Uma orquestra escondida em um mezanino coberto por um biombo começou a tocar.

Feyre levantou a voz e disse:

— Vão, comam. — A multidão ondulou conforme as pessoas seguiram para as mesas.

Apenas Eris e Keir permaneceram diante deles. Nenhum dos dois sequer olhou para Mor, embora ela risse debochadamente deles, com um vestido vermelho como uma chama à meia-luz do salão.

Cassian, com a armadura preta, se sentia mais como as bestas entalhadas nas pilastras altas sob aquela montanha. Tinha penteado o cabelo e deixado solto, e esse era o máximo da arrumação dele para a noite. Passara a maior parte do tempo pensando em como gostaria de arrancar a pele de Eris em minúsculas tiras, em como Rhys e Feyre tinham cruzado um limite ao pedir aquilo de Nestha. Ele amava os dois, mas podiam ter encontrado outra forma de garantir a lealdade de Eris. Não que Cassian tivesse pensado em uma alternativa melhor.

Pelo menos Briallyn e Koschei não haviam feito mais nada. Embora ele não tivesse dúvidas de que agiriam em breve.

Com a voz como trovão à meia-noite, Freyre deu um comando à multidão:

— Dancem.

As pessoas encontraram seus pares e entraram discretamente na dança. Keir foi com elas dessa vez.

— Antes de você se juntar à diversão, Eris — cantarolou Rhys, e uma longa caixa preta surgiu em suas mãos —, eu gostaria de dar

seu presente de Solstício.

Cassian manteve o rosto inexpressivo. Rhys tinha comprado um *presente* para o desgraçado?

Rhys fez a caixa flutuar até Eris com um vento beijado pela noite. Deixou que o suficiente daquele vento permanecesse, envolvendo-se atrás de Eris, de modo que Cassian soube que bloqueava o macho de vista. Da vista de Keir, especificamente.

Eris ergueu as sobrancelhas e abriu a tampa entalhada. Ele enrijeceu o corpo e falou, com a voz mais baixa.

— O que é isso?

— Um presente — falou Rhys, e Cassian teve um relance do cabo familiar na caixa.

A adaga que Nestha tinha Feito. Cassian se segurou para não virar na direção de Rhys e Feyre, indagando em que diabo os dois estavam pensando.

Eris inspirou. Feyre disse:

— Você sente o poder.

— Há chamas nela — disse Eris, sem tocar a adaga. Como se a magia dele o avisasse. Com o rosto levemente pálido, ele fechou a tampa. — Por que dar isso a mim?

— Você é nosso aliado — disse Feyre, descansando a mão na barriga. — Você enfrenta inimigos que existem fora das leis de magia habituais. Pareceu justo dar a você uma arma que operasse fora dessas leis também.

— Isso é realmente Feito, então.

Cassian se preparou para a verdade, a verdade maldita e perigosa que seria revelada sobre Nestha. Mas Rhys falou:

— Da minha coleção pessoal. Uma herança de família.

— Você possuía um item Feito e o manteve escondido todos esses anos? Durante a guerra?

— Não faça pouco de nossa generosidade — avisou Feyre a Eris, baixinho.

Eris ficou imóvel, mas assentiu. Ele estendeu a caixa de volta a Rhys.

— Vou deixar sob seus cuidados enquanto danço, então. — Ele acrescentou com o que Cassian podia jurar que era sinceridade: — Obrigado.

Feyre assentiu quando Rhys pegou a caixa e a colocou ao lado do trono.

— Use bem. — Ela sorriu baixinho para Eris. — Normalmente, eu pediria a você para dançar, mas minha condição me deixou tão enjoada que não sei o que pode acontecer se eu rodopiar. — Era verdade. Feyre tinha disparado do jantar três noites antes para encontrar o banheiro mais próximo. Agora ela fazia questão de olhar de uma irmã para a outra. Elain dava uma impressão passável de parecer interessada. Nestha apenas parecia entediada. Como se não tivessem acabado de dar para Eris a adaga Feita por ela.

Talvez fosse porque os olhos de Nestha tivessem desviado para a multidão que dançava. Como se ela não pudesse se conter quando a música aumentava. Ela parecia ouvir em parte. Talvez a música significasse mais para ela do que a adaga, mais do que magia e poder.

Feyre notou a direção do olhar de Nestha.

— Minha irmã mais velha vai tomar meu lugar.

Nestha apenas olhou para Eris, que tirou o olhar observador de Elain para encarar a mais velha das irmãs Archeron com uma mistura de cautela e determinação que fez Cassian trincar a mandíbula. Ou quase, caso não tivesse se controlado a tempo de manter a expressão neutra conforme Nestha começou a caminhar na direção de Eris.

Eris ofereceu um braço, e Nestha o aceitou com o rosto neutro, o queixo erguido e deslizando a cada passo. Eles pararam no limite da pista de dança, afastando-se para se encarar.

Outros observaram dos limites da pista conforme a dança terminou e as cordas introdutórias da próxima melodia começaram, ao som de uma harpa tocando alto e docemente. Eris estendeu a mão, havia um meio-sorriso em sua boca.

Como se aquelas cordas da harpa envolvessem o braço de Nestha, ela o levantou, e colocou a mão na de Eris exatamente quando o último e ágil toque da harpa soou.

Percussão e cornetas explodiram; instrumentos de corda graves começaram um compasso apressado de música. Um chamado para a dança em contagem regressiva até o movimento. Cassian se lembrou de respirar quando Eris deslizou a mão enorme sobre a

cintura de Nestha, puxando-a para perto. Ela ergueu o queixo, olhando para o rosto dele quando um tambor de corpo profundo ressoou.

Quando os violinos começaram sua música ligeira, como um vaivém hipnotizante, Nestha se moveu como se o próprio fôlego dela estivesse sincronizado com a batida. Eris foi com ela, e ficou evidente que ele conhecia as nuances e as notas exatas da dança, mas Nestha...

Ela segurou a saia com a outra mão, e quando Eris a liderou pelos movimentos de abertura da valsa, o corpo dela se soltou e contraiu em tantos lugares diferentes que Cassian não sabia para onde olhar: ela era curvada, moldada e direcionada pelo som.

Até mesmo os olhos de Eris se arregalaram com aquilo — a mera habilidade e graciosidade, cada movimento do corpo precisamente afinado com cada nota e tremor da música, das pontas dos dedos até a extensão de seu pescoço conforme ela se virava, o arco de suas costas acompanhando uma nota constante. Cassian ousou olhar para Feyre e Rhys e viu que até mesmo os rostos normalmente contidos deles tinham ficado um pouco pasmos.

Quando Nestha e Eris terminaram a primeira rotação pelo salão de dança, Cassian teve a sensação crescente de que Elain não fizera jus às habilidades da irmã.

A música incendiava Nestha.

Será que um som tão perfeito e parcialmente selvagem já existira assim no mundo? As lembranças de Mor na Veritas não eram nada em comparação com aquilo, com a performance ao vivo, com a chance de dançá-la. A música fluía e percorria Nestha, preenchendo seu sangue, e se ela pudesse, teria se derretido na melodia, se tornado os tambores ondulantes, os violinos altos, os címbalos se chocando com a contrabatida, as cornetas e as flautas com seu som que se erguia alto.

Não havia espaço o suficiente dentro de Nestha para aquele som, para tudo o que ele a fazia sentir — não havia espaço o suficiente

em sua mente, seu coração, seu corpo; e tudo o que ela podia fazer para honrá-lo, adorá-lo, era dançar.

Eris, para seu crédito, a acompanhou.

Ela o encarava durante cada passo, deixando que ele sentisse o corpo flexível dela, o quanto era maleável conforme ela se mexia de acordo com as notas. A mão dele se apertou sobre ela, e os dedos pressionaram as costas de Nestha, e ela deixou um pequeno sorriso subir até seus lábios pintados de vermelho.

Ela jamais usara tal cor na boca. Parecia o pecado personificado. Mas Mor tinha feito aquilo, junto com a pincelada de delineador líquido nas pálpebras. E quando Nestha se olhara no espelho por fim, não reconheceu quem a encarou de volta.

Ela viu uma Rainha da Noite. Tão impiedosa e bela quanto o deus Lanthys quisera fazer dela. A companheira da Morte.

A Morte em pessoa.

Eris soltou sua cintura para girá-la, e não foi difícil sincronizar a rotação com as notas flutuantes, o olhar dela se fixou de volta no dele exatamente quando a música retornou à melodia. Chamas queimaram em seus olhos, e ele a girou de novo — não era um movimento oficial da dança, mas ela acompanhou, virando a cabeça para encontrar o olhar dele de novo enquanto sua saia rodopiava.

Os lábios de Eris se curvaram com aprovação, ela passara no teste.

Nestha riu de volta para Eris, deixando seus olhos brilharem. *Faça com que ele rasteje*, era o que Mor tinha dito. E ela faria.

Mas primeiro, dançaria.

Cassian conhecia a valsa. Ele a assistira e dançara durante séculos. Sabia que o último meio minuto era um frenesi apressado de notas e som estrondoso que se elevava. Sabia que a maioria dos dançarinos continuaria valsando durante aquela parte, mas os mais corajosos, os habilidosos, fariam os doze giros, movimento em que a fêmea vira às cegas com um braço acima da cabeça, e gira de novo e de novo e de novo pelo parceiro de dança conforme eles se moviam pelo salão.

Girar era arriscar parecer tolo na melhor das hipóteses, e dar com a cara no mármore na pior delas.

Nestha arriscou.

E, com olhos incandescentes iluminados por um deleite bestial, Eris a acompanhou.

A música retumbou para a finalização explosiva, com tambores batendo e violinos seguindo, e o salão inteiro se esticou, de olhos em Nestha.

Todos os olhares estavam em Nestha, aquela fêmea outrora humana que havia conquistado a morte, que agora brilhava como se tivesse devorado a lua também.

Entre uma batida e a seguinte, Eris levantou o braço de Nestha acima da cabeça dela e a girou com tanta força que seus calcanhares saíram do chão. Nestha mal terminara a rotação quando ele a girou de novo, o que fez sua cabeça se virar com tanta precisão que tirou o fôlego de Cassian.

E os pés dela...

Um giro após o outro, movendo-se pelo salão de dança agora vazio como uma tempestade noturna, os pés de Nestha, de sapatilhas, dançavam tão rápido que eram quase um borrão. Ele sabia que Eris girava o braço dela, mas os pés de Nestha a seguravam, os impeliam. Era ela quem liderava aquela dança. No sétimo giro, Nestha rodou tão rápido que ficou completamente nas pontas dos dedos.

No nono giro, Eris soltou os dedos dela. E Nestha, com o braço ainda esticado acima da cabeça, girou três vezes mais. Cada uma das safiras no alto da tiara brilhou como se acesa com um fogo interno. Alguém arquejou perto. Talvez tivesse sido Feyre.

E quando Nestha girou sozinha — nos dedos de um pé perfeito — ela sorriu. Não o sorriso malicioso de uma cortesã, não um sorriso tímido, mas um sorriso de pura e selvagem alegria, trazido pela música, pela dança e pela entrega absoluta de Nestha a ela.

Era como ver alguém nascer. Como ver alguém ganhar vida.

Quando Nestha terminou a última rotação, aquele desafio absurdo às leis do movimento e do espaço, Eris segurou a mão dela de novo, girando-a mais três vezes. O cabelo ruivo dele brilhava

como fogo, como se ecoando a alegria descontrolada e sombria que explodia de dentro de Nestha.

A mãe de Nestha queria um príncipe para ela. Cassian agora achava que ela desvalorizara a filha. Apenas um rei ou um imperador serviria para alguém com aquele nível de habilidade.

Ela estava seduzindo Eris até que ele ficasse por um triz. Os murmúrios na Cidade Escavada confirmavam que Cassian não era o único que reparava.

Os olhos de Eris brilhavam com desejo obsceno conforme ele sorvia o sorriso e o brilho de Nestha. Ele sabia o que Nestha poderia se tornar com um pouco de ambição. Com a orientação certa.

Se ele descobrisse que os Tesouros Nefastos obedeciam a ela, que ela havia Feito sua nova adaga...

Tinha sido um erro trazê-la. Exibi-la diante de Eris, do mundo.

Recém-saída do casulo de luto e raiva, aquela nova Nestha poderia muito bem deixar cortes inteiras de joelhos. Reinos.

A música se elevou mais e mais e mais, ficando mais e mais e mais rápida, e quando as últimas notas soaram, Eris a soltou de novo. Nestha girou sozinha mais uma vez, mais três rotações precisas e perfeitas quando Eris caiu de joelhos diante dela e estendeu a mão.

A nota final explodiu e se manteve, e Nestha parou com uma facilidade sobrenatural, aceitando a mão de Eris com o mesmo movimento com que as costas dela se arquearam e ela elevou o outro braço, o retrato do triunfo.

A dança seguinte teve início, e Nestha não hesitou quando Eris continuou a embalando. Era mais leve, mais fácil do que a primeira, que ecoara em seu sangue.

O parceiro de dança dela podia ser um monstro, mas sabia dançar. Soubera como o corpo dela gritava para fazer aqueles giros solo a mais, e a deixou seguir livre não uma, mas duas vezes, e mesmo isso não tinha bastado. Se ela não estivesse com o vestido pesado, talvez tivesse implorado à orquestra que tocasse a música de novo para que ela pudesse simplesmente executar um giro após

o outro sozinha, sabendo quando fazer voltas duplas ou triplas apenas pelo instinto e ouvido.

Ela estava bêbada com a música. Mas a segunda dança não requeria giros selvagens ou excesso de emoção. Como se o condutor da orquestra escondida naquele salão quisesse que ela respirasse. Ou que pelo menos conversasse com o parceiro de dança.

Os olhos âmbar de Eris a estudaram.

— Só o Rhysand mesmo para manter você escondida.

Certo. Ela deveria elogiá-lo, mantê-lo do lado deles.

— Acabei de ver você, na outra semana mesmo.

Eris riu.

— E por mais que tenha sido hipnotizante ver você mandar Tamlin aos tropeços com o rabo entre as pernas, não vi *este* seu lado. O tempo desde a guerra a mudou.

Ela não sorriu, mas o encarou diretamente ao dizer:

— Para melhor, espero.

— Certamente lhe deixou mais interessante. Parece que você não está para brincadeira esta noite, afinal de contas. — Eris a girou, e quando Nestha voltou para ele, murmurou ao ouvido dela: — Não acredite nas mentiras que lhe dizem sobre mim.

Ela se afastou apenas o suficiente para encará-lo.

— Como?

Eris assentiu para onde Mor, com o rosto neutro e distraído, os observava ao lado de Feyre e Rhys.

— Ela sabe a verdade, mas nunca a revelou.

— Por quê?

— Porque tem medo.

— Você não cai nas graças de ninguém com seu comportamento.

— Não? Eu não me alio a esta corte sob ameaças constantes de ser descoberto e morto por meu pai? Não ofereço ajuda sempre que Rhysand deseja? — Ele a girou de novo. — Eles acreditam em uma versão dos eventos que é mais fácil de engolir. Eu sempre achei que Rhysand fosse mais inteligente do que isso, mas ele costuma ser cego no que diz respeito àqueles que ama.

A boca de Nestha se repuxou para um lado.

— E você? Quem você ama?

O sorriso dele se aguçou.

— Está querendo saber sobre minha disponibilidade?

— Estou apenas dizendo que é difícil encontrar um bom parceiro de dança ultimamente.

Eris gargalhou, o som foi como seda sobre a pele dela. Nestha estremeceu.

— De fato, é. Principalmente uma que possa ao mesmo tempo dançar e arrancar a cabeça do rei de Hybern.

Ela deixou que ele visse um pouco daquela pessoa — que visse o ódio selvagem e o fogo prateado que tinha testemunhado diante de Tamlin. Então Nestha piscou e aquilo sumiu. O rosto de Eris se contraiu, e não de medo.

Ele a girou de novo; a valsa já chegava ao fim. Eris sussurrou ao ouvido de Nestha:

— Dizem que Elain é a irmã bonita, mas você a ofuscou esta noite. — A mão dele acariciou a pele exposta das costas dela, e Nestha se arqueou levemente ao toque.

Ela obrigou a garganta a ondular, deixou que um indício de cor subisse até suas bochechas.

A valsa terminou, e eles iniciaram a dança seguinte imperceptivelmente, um pouco mais complexa desta vez. Ela se lembrava das aulas com Mor — era linda, ágil e como estar em um sonho, até que o minuto final se tornava tão grandioso que sempre a deixava sem fôlego. Antecipação latejou em seu corpo, fazendo com que seus olhos brilhassem.

— Você é desperdiçada na Corte Noturna — murmurou Eris, quando Nestha girou e envelopou os dois com sua saia. — Completamente desperdiçada.

— Não tenho certeza se isso é um elogio.

Outra risada. Nestha percebeu um movimento mas não tirou o olhar de Eris, não parou seus passos, até que...

— Saia.

A voz fria de Cassian quebrou o feitiço da música, fazendo-a parar. Ele ficou de pé diante dos dois, em meio ao mar de pessoas girando e girando, e embora a maioria delas usasse preto, a armadura e as armas dele faziam com que ele parecesse... diferente. Como um pedaço literal da noite.

Eris abaixou o nariz reto para Cassian.

— Não recebo ordens de brutamontes.

Nestha conteve o grunhido e disse friamente para Cassian:

— Devo entender isso como um convite para dançar?

— Deve. — Os olhos castanhos dele queimavam com violência. Será que tinha mesmo acreditado no que tinha visto naquele salão de dança?

Eris estampou os dentes para Cassian.

— Vá se sentar aos pés do mestre, cão.

Foi necessária toda a concentração dela, cada momento de Silenciamento Mental, para evitar rasgar o pescoço de Eris. Mas Nestha sufocou a fúria, até o lugar onde ela continha o poder.

— Ninguém gosta de um parceiro egoísta, Eris. — Ela nem mesmo olhou para Cassian. Não confiava no que faria se visse mágoa nos olhos dele diante do insulto de Eris. Feyre e Rhysand haviam dado a Eris uma das lâminas dela para garantir a aliança contínua dele. Ela não colocaria tudo em risco agora. Então Nestha acrescentou, cantarolando: — Hora de compartilhar.

Eris lançou a ela um sorriso debochado.

— Vamos brincar depois, Nestha Archeron. — Ele ignorou Cassian conforme se dirigiu ao altar de novo.

Sozinha com Cassian, com o salão de dança lotado fervilhando ao redor deles, Nestha indagou:

— Está feliz agora?

O rosto dele parecia pedra.

— Não. — Um olhar por cima do ombro mostrou a ela um Rhys e uma Feyre de expressões tensas, que estavam sem dúvida gritando na mente dele. Mas se ela e Cassian permanecessem daquele jeito por tempo demais, o feitiço que ela tecera em Eris poderia ser interrompido e...

Cassian ofereceu a mão a ela. Engoliu em seco uma vez.

Ele estava *nervoso*. Aquele macho que enfrentara exércitos inimigos, que batalhara até a beira da morte mais vezes do que ela se importava em contar, que lutara contra tantos perigos que era um milagre que estivesse vivo... estava nervoso.

Aquilo suavizou algum pedaço crucial dela, e Nestha deslizou a mão para a dele, os calos dos dois roçaram uns contra os outros. A

mão dele deslizou pela cintura dela, tão grande que cobria quase a metade do tronco de Nestha. Ela segurou a saia e ergueu os olhos para ele.

Nestha recuou um passo, guiando-o, guiando os dois, para a dança, e Cassian a seguiu.

Ele não era gracioso como Eris. Não se movia instintivamente a cada batida como ela. Mas ele acompanhava, disposto a segui-la para a música, para o som e o movimento, e os olhos dele não deixaram, não quiseram deixar o rosto dela.

Os passos dos dois se apressaram, e Cassian encontrou seu ritmo.

Ele a girou, e Nestha virou, os braços dele esperando para segurá-la.

A mão na cintura dela se apertou, o único aviso dele quando Cassian os lançou mais adiante, mais rápido para a música. Cassian sorriu para ela, e o mundo sumiu. A música não era mais a coisa mais linda que existia. Era ele.

Nestha não conseguiu se segurar então.

Segurar o sorriso que por fim brotou nela em resposta, tomando seu rosto, luminoso como o amanhecer.

Cassian só aceitou entregar Nestha a Azriel, o qual a deslizou para uma valsa com a mesma facilidade com que respirava.

Caminhando até a mesa de vinho para se servir de uma taça, Cassian encontrou os olhares de alguns cortesãos que fitavam Nestha e deixou que eles vissem o que aconteceria se sequer chegassem perto dela. Eles rapidamente se dispersaram, e ele se recostou em uma pilastra, satisfeito em ver Nestha dançar com seu irmão.

Mor estava ao seu lado um momento depois, com lábios se curvando para cima.

— Parece que as lições valeram a pena.

Cassian beijou a bochecha dela.

— Devo uma a você. — Eles haviam treinado em segredo durante as últimas semanas. Mor tinha rido sem parar quando ele

pediu a ajuda dela.

Mas seus olhos estavam sombrios agora, e o rosto pálido.

— Como você está? — perguntou ele, neutro, muito ciente das pessoas ao redor. O que Mor tinha sido e o que significava agora para eles.

Mor ergueu um dos ombros, então deixou descer.

— Bem. — Ela assentiu para Nestha. — Gostei de ver o que ela fez. — Mor cutucou as costelas de Cassian com o cotovelo. — Mas acho que você não gostou. Você *precisava* interromper, não é mesmo?

Ele cruzou os braços.

— Rhys que se vire.

— Parece que Rhys está se virando — falou Mor, e Cassian acompanhou o olhar dela na direção do altar, onde Eris estava de pé ao lado dos tronos, falando com Rhys e Feyre.

Sem Rhys sequer piscar na direção deles, Cassian viu que o Grão-Senhor os deixou participar da conversa — ele estava dentro da mente de Rhys, vendo e ouvindo a conversa pelos olhos de Rhys. Pela quietude repentina de Mor, ele soube que ela também tinha sido puxada para a conversa.

— Tudo bem — dizia Eris a Rhys, deslizando as mãos para os bolsos. — Você me mostrou o que posso ter, Rhysand. Estou intrigado o suficiente para perguntar o que você quer em troca.

Feyre disparou nos pensamentos de Rhys: *O quê?*

Cassian concordava com o sentimento de Feyre e seu corpo inteiro ficou tenso. Mas Rhys não se moveu de onde estava acomodado no trono.

— O que você quer dizer com isso?

Luxúria brilhava nos olhos de Eris. Luxúria cobiçosa, calculista. Cassian engoliu um rosnado.

— Quero dizer que dou o que você quiser em troca dela. Como minha noiva. — Ele indicou com o queixo a caixa com a adaga aos pés de Rhys. — Prefiro ter ela a ter isso.

Ele dançou três danças com ela!, gritou Feyre. Os lábios de Rhys pareciam lutar uma batalha perdida para não sorrir.

Cassian só conseguia encarar o pescoço de Eris, perguntando-se se deveria estrangulá-lo ou rasgar sua pele. Deixar que sangrasse

até morrer ali, estirado no chão.

— Essa decisão não é minha — disse Rhys, calmamente, para Eris. — E parece tolice você me oferecer qualquer coisa que eu quiser em troca dela.

A mandíbula dele se contraiu.

— Tenho meus motivos.

Pelas sombras no olhar dele, Cassian soube que algo a mais estava por trás da oferta precipitada. Algo que nem mesmo os espiões de Az tinham captado na Corte Outonal. Só seria preciso um empurrão do poder de Rhys para dentro da mente dele e eles saberiam, mas... ia contra tudo o que eles representavam, pelo menos entre os aliados. Rhys exigia a confiança deles; ele precisava dá-la em troca. Cassian não podia culpar o irmão por isso.

Eris acrescentou:

— É um bônus, é claro, que ao fazer isso, eu estaria dando o troco a Cassian por ter estragado meu noivado com Morrigan.

Canalha. As mãos de Cassian se fecharam em punhos, mas os dedos de Mor desceram no braço dele. Carinhosos e reconfortantes.

Não podemos atirá-lo às bestas sob a cela e acabar com ele?, disse Feyre, fervilhando, para Rhys.

De novo, os lábios de Rhys se repuxaram. *Tão sedenta por sangue,* Cassian ouviu o Grão-Senhor cantarolar para a parceira. Mas Rhys falou:

— Qualquer coisa que eu quiser, sejam exércitos da Corte Outonal ou seu primogênito, você me daria em troca de Nestha Archeron como sua esposa?

Cassian grunhiu baixo na garganta. O irmão dele estava deixando aquilo ir longe demais.

Eris fez expressão de raiva.

— O primogênito já seria pedir demais, mas sim, Rhysand. Se você quer exércitos contra Briallyn e meu pai, são seus. — Os lábios dele se curvaram para cima. — Eu não poderia deixar a irmã de minha esposa ir para a batalha sem ajuda, poderia?

Você pode devolver todos os presentes de Solstício em troca de me deixar dilacerá-lo, falou Feyre. Cassian fechou a boca para evitar gritar em concordância.

Mas Rhys, o babaca, riu silenciosamente. O rosto dele permaneceu frio como pedra quando ele falou:

— Vou considerar isso e falar com Nestha. Mas fique com a adaga. Pode precisar dela.

Cassian olhou para Azriel e Nestha, ainda valsando belamente.

Aquilo não atiçou uma brasa de seu temperamento.

Mas Eris... Aliado ou não, ele se certificaria de que o canalha recebesse o que merecia.

Capítulo 58

Nestha estivera ali antes. Um ano antes, na verdade.

Uma casa diferente, em uma parte diferente daquela cidade, mas permanecera de pé do lado de fora enquanto os outros comemoravam o Solstício de Inverno do lado de dentro, e se sentira como um fantasma olhando para dentro pela janela.

Gelo encrustava o Sidra atrás da casa, o gramado que se inclinava na direção do rio estava branco como o inverno. Mas guirlandas e galhos de sempre-verde decoravam a casa do rio — a epítome de uma acolhida calorosa.

— Pare de fazer careta — disse Cassian. — É uma festa, não um funeral.

Ela olhou com raiva para ele, mas Cassian abriu a porta da frente e revelou um caos de música e gargalhadas.

Ela não tinha dormido com ele depois do baile, ou desde então. Ele parecia disposto quando voltaram para a Casa do Vento, mas Nestha disse que estava cansada e foi para o próprio quarto.

Porque assim que aquela música acabou e a dança parou, ela percebeu o quanto sorria tolamente para ele, o quanto as muralhas de sua mente tinham caído por terra. Eris dançara com ela mais

duas vezes depois de Azriel, e ele tinha tanta determinação nos olhos que Nestha soube que tinha tecido bem seu feitiço. Ele pedira a mão dela, Nestha descobriu, com bastante orgulho.

Ela deixou que Rhysand e Feyre decidissem como tirar melhor proveito daquela oferta.

Em vez de se preocupar com isso, ela se concentrou no treino. Entregando-se a ele. As sessões tinham parado durante as festividades, mas ela subira até o ringue na manhã seguinte para praticar mesmo assim, socando a viga de madeira vigorosamente para expulsar seus pensamentos ruidosos.

Agora, acompanhava Cassian até a casa do rio, onde ele imediatamente se dirigiu para a sala de estar, tirou a capa coberta de neve e deixou-a em um banco no grandioso corredor no caminho. Nestha franziu a testa para a neve que pingava no material brocado e pegou a capa, ansiosa por alguma coisa com que se ocupar para evitar entrar naquela sala. Ela abriu a própria capa e olhou pelo corredor em busca de um armário de casacos ou ganchos, e encontrou o primeiro enfurnado sobre o arco da escada. Ela pendurou as duas peças de roupa ali, e deu um suspiro intenso ao fechar a porta.

— Você veio — disse Elain atrás dela, e Nestha se sobressaltou, pois não ouvira a irmã chegar. Ela observou Elain da cabeça aos pés, perguntando-se se aprendera a ser sorrateira com Azriel ou com as duas meio espectros que ela chamava de amigas. Fora-se o vestido preto do baile que lhe caía mal, substituído por um vestido de veludo ametista. Metade do cabelo dela estava preso, e ele cacheava até a cintura. Ela radiava com boa saúde. Exceto por...

Os olhos castanhos de Elain estavam cautelosos. Normalmente, aquele olhar era reservado para Lucien. O macho *estava* definitivamente na sala de estar, pois Nestha sabia que Feyre e Rhys o haviam convidado, mas para que aquele olhar fosse direcionado a Nestha...

Elas não tinham falado da briga durante os poucos minutos que tiveram juntas antes da procissão do baile, e então Nestha evitou Elain completamente até o fim do evento. Ela não sabia o que diria. Como consertar aquilo.

Nestha pigarreou.

— Cassian disse que poderia ser... bom se eu viesse.

Os olhos de Elain se agitaram.

— Feyre pagou a você, como no ano passado?

— Não. — Vergonha percorreu Nestha.

Elain suspirou e olhou por cima do ombro de Nestha, para a porta aberta do outro lado da entrada que dava passagem para a festa apenas para o pequeno círculo íntimo deles.

— Por favor, não deixe Feyre chateada. É aniversário dela, para início de conversa. E no estado dela...

— Ah, *vai se foder* — disparou Nestha, e então engasgou.

Elain piscou. Nestha piscou de volta e foi tomada por horror.

E então Elain caiu na gargalhada.

Gargalhadas uivadas, quase choros, que a fizeram se curvar, tentando tomar fôlego. Nestha apenas a encarou, dividida entre fazer perguntas e querer se atirar no Sidra gelado.

— Me... Desculpe, de verdade...

Elain ergueu a mão e limpou os olhos com a outra.

— Você *nunca* disse isso para mim! — Ela riu de novo. — Acho que é um bom sinal, não é?

Nestha balançou a cabeça lentamente, sem entender. Elain apenas deu o braço à irmã e a levou na direção da sala de estar, onde Azriel estava parado à porta, monitorando-as. Como se ele tivesse ouvido a risada afiada de Elain e se perguntasse o que tinha causado aquilo.

— Eu só estava verificando a sobremesa — explicou Elain, conforme elas se aproximaram da porta e de Azriel. Nestha encontrou o olhar do encantador de sombras e ele assentiu para ela. Então seu olhar se voltou para Elain, e embora fosse completamente neutro, alguma coisa carregada passou por ali. Passou entre os dois. Elain prendeu um pouco a respiração, e ela deu a Azriel um aceno curto em cumprimento antes de passar de raspão, levando Nestha para a sala.

Mor estava acomodada em um sofá de veludo verde diante da lareira; Amren estava sentada no colo de Varian no sofá idêntico, diante de Mor e Feyre estava ao lado deles, com a mão na barriga. Rhys estava jogado em uma poltrona, e Cassian ocupava uma

segunda poltrona na qual Lucien estava encostado, discutindo com eles sobre algo que parecia relacionado a um evento esportivo.

Nestha tinha tentado convencer Emerie e Gwyn a se juntarem a ela, mas as duas recusaram. Emerie disse que tinha a obrigação de visitar sua família terrível, e Gwyn apenas disse que não estava pronta para deixar a biblioteca para ir além do o ringue de treino. Então ali estava Nestha, sozinha com o mesmo grupo com o qual tinha lidado no ano anterior.

Foi aí que eles a viram se sentar emburrada como uma criança nos fundos da sala antes de sair impulsivamente.

Feyre sorriu para ela, irradiando com saúde e vida. Mas o olhar de Nestha se deteve em Amren.

A fêmea nem mesmo olhou para ela.

Varian reparou, e lançou a ela um olhar cauteloso que disse o bastante: Não, Amren não falaria com ela.

O peito de Nestha se apertou. Mas Cassian a chamou. Ele se levantou da poltrona, oferecendo o assento a ela, embora houvesse mais uma dúzia de lugares na sala.

— Sente — disse ele. — Quer chá de menta?

Ela sabia que estavam todos a observando e odiava que estivessem fazendo isso, mas também entendia o motivo. Mesmo assim, ela assentiu para Cassian e se sentou, dizendo a Feyre:

— Feliz aniversário.

Feyre sorriu de novo.

— Obrigada.

E foi isso. Nestha ignorou a sensação coletiva de alívio que preencheu a sala e se virou, voltando a cabeça para cima e olhando para Lucien, o qual a cumprimentou com uma cautelosa inclinação do queixo. Elain, aquela miserável, ocupara o assento entre Feyre e Varian, o mais longe de Lucien que conseguia ficar. Azriel permanecia à porta.

— Como está a Corte Primaveril? — perguntou Nestha. O fogo estalou alegremente à direita dela, e ela permitiu que o som ondulasse e passasse por ela. Reconheceu o estalo e o que aquilo fazia com ela, e seguiu em frente enquanto ela se concentrava no macho com quem tinha falado.

A mandíbula de Lucien se contraiu.

— Como se esperaria que estivesse.

Tensão ondulou pela sala, confirmando que Tamlin tinha ouvido a notícia sobre a gravidez de Feyre. Pela expressão sombria de Lucien, ela sabia que ele não tinha reagido bem. Nestha falou:

— E Jurian e Vassa?

— Apertando o pescoço um do outro, como eles gostam — disse Lucien, com um tom um pouco afiado. Ela se perguntou o motivo daquilo, e não conseguiu de modo algum interpretar. Lucien perguntou, tomando o chá: — Como vai o treinamento?

Ela sorriu para ele, um verdadeiro sorriso.

— Bom. Estamos aprendendo a estripar machos.

Lucien engasgou com a bebida e quase cuspiu na cara dela. Cassian apareceu, com uma xícara de chá fumegante nas mãos, e a entregou a Nestha antes de dizer orgulhosamente a Lucien:

— Como era de se esperar, Nes é excepcional nisso.

Mor levantou o copo em um brinde debochado.

— Minha parte preferida do treino.

Nestha franziu a testa.

— Mas ainda não cortamos a fita.

As sobrancelhas de Mor se uniram.

— Então estão mesmo aprendendo as técnicas valquírias.

Nestha assentiu. Elas estavam tão ocupadas durante as aulas de dança que os detalhes do treino não tinham sido mencionados.

Mor sorriu.

— Você se importa se eu me juntasse a vocês depois que esse negócio com Vallahan acabar? Eu não tive a chance de treinar com as valquírias antes da primeira Guerra, e depois dela, todas se foram.

— Acho que as sacerdotisas gostariam de ver você — falou Nestha, e olhou para Cassian para se certificar de que ele não se importava. Ele gesticulou com a mão.

O sorriso de Mor se tornou malicioso.

— Que bom. Também quero me certificar de que Cassian use o presente dele no treino.

— Que os deuses me poupem — resmungou Cassian, e o estômago de Nestha se revirou. Ela não tinha comprado nada para eles, não tinha comprado nada para *ele*. Havia dito isso antes de ele

voar com ela até ali, e Cassian não se importara, mas... ela se importava.

Nestha aninhou seu chá, e a conversa prosseguiu em torno dela. Mas Nestha conseguiu afastar aquela sensação ruim, pelo menos por enquanto. Conseguiu participar.

Azriel continuou perto da porta, tão calado que quando Feyre e Mor começaram a falar sobre algumas das pinturas dela, Nestha foi até o macho.

— Por que você não se senta? — Ela encostou na porta ao lado do encantador de sombras.

— Minhas sombras não gostam muito das chamas. — Uma mentirinha besta. Nestha vira Azriel diante de chamas muitas vezes. Mas ela olhou para quem estava sentado perto delas e soube a resposta.

— Por que você veio se isso o atormenta tanto?

— Porque Rhys me quer aqui. Ele ficaria magoado se eu não viesse.

— Bom, para mim essas festividades são uma besteira.

— Para mim não.

Ela arqueou uma sobrancelha. Ele explicou:

— Elas unem as pessoas. E trazem alegria. São uma época de parar, refletir e se reunir, e essas coisas nunca são ruins. — Sombras escureceram seu olhar, tão cheios de dor que ela não conseguiu se impedir de tocar o ombro dele. Deixando que Azriel visse que ela entendia o motivo de ele permanecer à porta, o motivo de ele não chegar perto do fogo.

O segredo era dele para contar, jamais dela.

O rosto de Azriel permaneceu neutro.

Então Nestha lhe deu um pequeno aceno e voltou para a conversa, ocupando um lugar no braço cilíndrico do sofá mais próximo.

Uma hora se passou antes de Mor começar a reclamar para abrir os presentes. Rhys estalou os dedos e uma pilha deles surgiu.

Cassian se preparou para qualquer que fosse o presente horrível que Mor tinha trazido para ele — e olhou para Nestha. Ele tinha guardado o presente dela no bolso, reservando-o para dar a ela em particular mais tarde. Tinha feito o mesmo no ano anterior, e a maldita coisa tinha acabado no fundo do Sidra. Provavelmente carregada pelo mar.

Ele passara meses procurando o livro, tão minúsculo que caberia nas mãos de uma boneca, mas tão precioso que havia lhe custado uma quantia indecente de dinheiro. Uma miniatura de manuscrito iluminado, feita pelas habilidosas mãos dos menores dos feéricos inferiores — um dos primeiros livros impressos que existiam. Não era destinado à leitura — mas ele achou que alguém que adorava livros tanto quanto Nestha apreciaria aquele pedaço da história. Mesmo que ela se ressentisse de todas as coisas feéricas. Ele se arrependeu de jogar o livro no Sidra assim que sumiu sob o gelo, mas... tinha sido um tolo naquela noite.

Esse ano, ele rezava para que fosse diferente. Parecia diferente.

Nestha estava melhor naquela noite do que no ano anterior. Uma pessoa completamente diferente. Ela não ria abertamente como Mor e Feyre, ou sorria com doçura como Elain, mas falava, participava, e às vezes ria. Ela via tudo, ouvia tudo. Até a lareira, que ela parecia ignorar. Seu peito se encheu de orgulho ao ver aquilo. E de alívio. E só aumentou quando ele notou que ela se importou tanto com a distância de Azriel que foi até ele conversar.

Apenas Amren a ignorava, e Nestha ignorava Amren. A tensão entre as duas era um fio de relâmpago carregado. Mas ninguém disse nada, e elas pareceram contentes em fingir que a outra não existia.

Ninguém ofereceu presentes para o bebê, pois era contra a tradição dos feéricos fazer isso antes de o bebê nascer, temerosos de atrair azar ao gozar das bênçãos antes da hora. Mas os presentes de aniversário de Feyre eram abundantes — quase de um jeito irritante.

Os presentes de Cassian eram a variedade estranha de sempre: um manuscrito antigo sobre estratégias de guerra de Rhys, uma sacola de carne-seca de Azriel — *Eu literalmente não consegui pensar em nada que você fosse gostar mais do que isso*, foi o que

Az disse quando Cassian gargalhou — e um suéter verde horroroso de Mor que dava um ar doente para a pele dele. Amren dera um conjunto de temperos para levar em viagens — *para você não precisar sofrer sempre que estiver em Illyria* — e Elain deu a ele uma xícara de cerâmica especialmente projetada com uma tampa com a qual ele podia viajar, encantada para que não quebrasse e para manter o chá quente durante horas.

Feyre lhe deu uma pintura, a qual ele abriu em particular, e precisou conter as lágrimas antes de esconder atrás da poltrona. Um retrato dele, Azriel e Rhys, de pé no ato de Ramiel, depois do Rito de Sangue. Ensanguentados, roxos, imundos, com os rostos cheios de triunfo sombrio e mãos unidas quando eles as levaram ao monólito no pico. Ela devia ter olhado na mente de Rhys para ver a imagem.

Cassian beijara a bochecha dela, o escudo havia se ausentado no momento, e murmurou um agradecimento — como se isso fosse bastar. Ele adoraria aquela pintura pelo resto da vida.

Ele e Lucien não trocaram presentes, embora o macho tivesse levado um presente para Feyre e outro para a parceira dele, que mal agradeceu depois de abrir os brincos de pérola. O coração de Cassian se apertou ao ver a dor gravada profundamente no rosto de Lucien quando ele tentou esconder o desapontamento e a ansiedade. Elain apenas se encolheu mais, sem vestígios daquela ousadia recém-descoberta.

Cassian conseguia sentir que Nestha o observava, mas quando ele olhou, a expressão dela era indecifrável. Ninguém tinha trazido presentes para ela, exceto por Feyre e Elain, que juntas tinham dado à irmã um ano de crédito para comprar livros na livraria preferida dela na cidade. Tinha um limite de trezentos livros, o que elas pareceram achar que seria mais do que ela poderia ler em um ano. Quinhentos livros teriam sido um palpite mais seguro, ele sabia.

Mas então Azriel se aproximou dela. Nestha piscou diante do presente que o encantador de sombras colocou em seu colo.

— Não trouxe nada para você — murmurou ela para Az, com as bochechas corando.

— Eu sei — disse ele, sorrindo. — Não me importo.

Cassian tentou se concentrar no presente em suas mãos — o conjunto de pente e escova de prata que havia comprado para Mor,

gravados com o nome dela — mas seu olhar se fixou nos dedos de Nestha quando ela abriu a caixa. Ela olhou para o que havia dentro, então olhou para Azriel, confusa.

— O que é isso?

Azriel pegou a pequena vareta de prata dobrada que havia dentro e a abriu. Uma ponta tinha um clipe, e a outra, uma pequena esfera de vidro.

— Você pode prender isso a qualquer livro que esteja lendo, e a bolinha de luz feérica vai brilhar. Para não precisar forçar a vista quando estiver lendo à noite.

Nestha tocou a bola de vidro, que não era maior do que a unha de seu polegar, e luz feérica se acendeu dentro dela, projetando um brilho forte e suave em seu colo. Ela bateu ali de novo e a luz se apagou. E então ela ficou de pé com um salto e abraçou Azriel.

A sala se calou um segundo.

Mas Azriel riu e a apertou com cuidado. Cassian sorriu ao ver aquilo — ao ver os dois.

— Obrigada — disse Nestha, afastando-se rapidamente para se maravilhar com o objeto. — É genial.

Com as sombras espiralando, Azriel corou e recuou um passo.

Nestha olhou para Cassian, e aquela luz estava mais uma vez nos olhos dela. Tanto que ele quase deu o presente dela ali mesmo.

Mas considerando como a tentativa do ano anterior tinha acabado, considerando que desde o baile ela havia permanecido longe da cama dele... ele se segurou.

Caso ela estilhaçasse seu coração de novo.

Por volta de uma da manhã, os olhos de Nestha doíam de exaustão. Os demais ainda estavam bebendo, mas como não lhe foi oferecido vinho algum — e ela também não queria — ela não se juntara a eles na cantoria e na dança. Embora tivesse se servido de três pedaços do bolo de aniversário rosa ridiculamente grande de Feyre.

Cassian disse que eles ficariam ali naquela noite, pois ele estaria bêbado demais para voar os dois de volta para a Casa do Vento, e Mor e Azriel estariam bêbados demais para atravessar os dois, sem

falar que ele ainda precisaria voar com ela durante o último trecho. Rhys e Feyre provavelmente estariam aproveitando um ao ouro quando estivessem todos prontos para partir.

A porta que Feyre indicara a ela já estava aberta, luzes feéricas brilhavam dentro do quarto opulento decorado com tons de branco, de creme e de bege. Luzes piscavam em jarros de vidro na cornija de mármore. As cortinas já estavam fechadas para a noite, faixas pesadas de veludo azul — a única cor do quarto, junto com alguns enfeites azuis. Era tranquilizador e tinha cheiro de jasmim, exatamente o tipo de quarto que ela teria decorado para si caso tivesse a chance.

Ela *tivera* a chance, percebeu Nestha. Feyre havia perguntando, e ela se recusara. Aparentemente, Feyre tinha feito ela mesma, sabendo de alguma forma do que a irmã gostaria.

Nestha se sentou à pequena penteadeira e encarou seu reflexo no silêncio.

A porta dela se abriu com um ranger, e então Cassian estava ali, encostado à porta, olhando para Nestha pelo espelho.

— Você não quis dizer boa noite?

O coração dela acelerou.

— Eu estava cansada.

— Você está cansada já faz algumas noites. — Ele cruzou os braços. — O que está acontecendo?

— Nada. — Ela se virou sobre o banquinho acolchoado da penteadeira. — Por que você não está lá embaixo?

— Você não perguntou sobre o seu presente.

— Achei que não ganharia nada de você.

Ele se afastou da ombreira da porta e a fechou às suas costas. Cassian tomava todo o ar do quarto apenas ao ficar de pé ali.

— Por quê?

Ela deu de ombros.

— Só uma impressão.

Ele tirou uma caixinha do casaco e a deixou na cama entre os dois.

— Surpresa. — Cassian engoliu em seco quando Nestha pegou a caixa, examinando-a. Mas ela não chegou a abrir.

— Desculpe pelo modo como me comportei no último Solstício. Pelo quanto fui horrível.

Ele havia comprado um presente para ela naquela ocasião também. E Nestha nem ligara, estava tão miserável que queria magoá-lo por aquilo. Por se importar.

— Eu sei — disse ele, com a voz embargada. — Eu perdoei você há muito tempo. — Ela ainda não conseguia olhar para ele, mesmo enquanto Cassian dizia: — Abra.

As mãos de Nestha tremeram um pouco quando ela obedeceu, encontrando uma bola prateada aninhada na caixa de veludo preto. Era do tamanho de um ovo de galinha, redonda, exceto por uma área que tinha sido achatada para que pudesse ser apoiada em uma superfície sem sair rolando.

— O que é isso?

— Toque no topo. Apenas um toquezinho.

Lançando um olhar confuso para ele, ela fez como pedido.

Uma música preencheu o quarto.

Nestha saltou para trás e levou a mão ao peito enquanto ele ria.

Mas... tinha *música* saindo daquela esfera prateada. E não qualquer música, mas as valsas do baile da outra noite, puras e livres de qualquer multidão tagarelando, como se ela estivesse sentada em um teatro para ouvi-las.

— Essa não é a esfera Veritas — foi o que Nestha conseguiu dizer enquanto a valsa irrompia da esfera, tão nítida e perfeita que o sangue dela cantou de novo.

— Não, é uma Sinfonia, um aparelho raro da corte de Helion. Pode prender a música dentro dele e tocar de novo para você. Foi originalmente inventado para ajudar a compor música, mas nunca se popularizou, por algum motivo.

— Como você conseguiu tirar o ruído da multidão quando prendeu o som da outra noite? — maravilhou-se ela.

As bochechas de Cassian coraram.

— Voltei lá no dia seguinte. Pedi aos músicos na Cidade Escavada que tocassem de novo para mim, e algumas das preferidas deles. — Ele indicou a esfera. — E então fui a algumas de suas tavernas preferidas e encontrei os músicos e pedi que tocassem...

Ele parou de falar ao ver a cabeça baixa dela. As lágrimas que ela não conseguia segurar. Nestha não tentou segurá-las quando a música invadiu o quarto.

Ele tinha feito tudo aquilo por ela. Tinha encontrado uma forma de ela ter música sempre.

— Nestha — sussurrou Cassian.

Ela fechou os olhos para sufocar a compreensão que subia dentro de si como se fosse uma onda de maré. Aquilo varreria tudo no caminho depois que Nestha admitisse. E a consumiria por inteiro. Aquele pensamento bastou para ela se esticar e limpar as lágrimas.

— Não posso aceitar.

— Foi feita para você. — Ele sorriu suavemente.

Ela não podia suportar aquele sorriso, a bondade e a alegria. E disse:

— Não vou aceitar isso. — Ela colocou a esfera de volta na caixa e entregou a ele. — Devolva.

Os olhos de Cassian estremeceram.

— É um presente, não é a porra de um anel de noivado.

Ela enrijeceu o corpo.

— Não, para isso eu vou atrás do Eris.

Ele ficou imóvel.

— Como é?

Nestha estampou uma expressão fria, o único escudo que tinha contra ele.

— Rhys disse que Eris me quer como noiva dele. Que fará qualquer coisa que quisermos em troca de minha mão.

Os Sifões sobre as mãos de Cassian brilharam.

— Você não está considerando aceitar.

Ela não disse nada. Deixou que ele acreditasse no pior.

Ele grunhiu.

— Entendi. Eu chego perto demais, e você me afasta de novo. De volta à segurança. Melhor se casar com uma víbora como Eris do que estar comigo.

— Eu não estou *com* você — disparou ela. — Estou *transando* com você.

— É só para isso que sirvo, não é mesmo? Um brutamontes bastardo.

— Eu não disse isso.

— Não precisa. Você já disse mil vezes antes.

— Então por que você se deu o trabalho de interromper a dança no baile?

— Porque eu estava com ciúmes, porra! — rugiu ele, abrindo as asas. — Você parecia uma *rainha*, e estava dolorosamente óbvio que você deveria ficar com um príncipe como Eris, e não com um nada sem título como eu! Porque não aguentei ver aquilo, nem meus ossos aguentaram! Mas vá em frente, Nestha. Vá em frente, porra, e se *case* com ele, e boa sorte de merda para vocês!

— *Eris* é o brutamontes — disparou ela em resposta. — Ele é um brutamontes e um *merda*. E eu me casaria *mesmo* com ele, porque eu sou *exatamente* como ele!

As palavras ecoaram pelo quarto.

O rosto magoado de Cassian arrasou com Nestha.

— Eu mereço Eris. — A voz dela falhou.

Cassian respirou ofegante, os olhos dele ainda estavam acesos com fúria, e agora também com choque.

Nestha disse, rouca:

— Você é bom, Cassian. E você é *corajoso*, e genial, e carinhoso. Eu poderia matar qualquer um que algum dia lhe diminuiu. E sei que eu mesma já fiz isso, e me odeio. — Os olhos dela queimaram, mas Nestha combateu aquilo. — Você é *tudo* que eu nunca fui, e nunca vou ser boa o bastante para você. Seus amigos sabem disso, e carrego essa verdade comigo o tempo todo, que eu não mereço você.

A fúria escapou do rosto dele.

Nestha não segurou as lágrimas que caíram, ou as palavras que saíram aos tropeços.

— Eu não merecia você antes da guerra, ou depois, e certamente não mereço agora. — Ela soltou uma risada grave e falhada. — Por que você acha que afastei você? Por que acha que eu não queria falar com você? — Ela levou a mão ao peito dolorido. — Depois que meu pai morreu, depois que fracassei de tantas formas, me privar de você... — Nestha soluçou. — Era minha punição. Você não entende? — Ela mal conseguia vê-lo através das lágrimas. — Desde que lhe conheci, passei a querer você mais do que é racional. Desde o

momento em que vi você em minha casa, você era tudo em que eu conseguia pensar. E isso me *apavorava*. Ninguém jamais tivera tanto poder sobre mim. E ainda morro de medo de, caso eu me permita ter você... que você seja levado de mim. Alguém vai levar você embora, e se você estiver morto... — Ela enterrou o rosto nas mãos. — Não importa — sussurrou Nestha. — Eu não mereço você. Nunca, nunca vou merecer.

Silêncio absoluto preencheu o quarto. Tanto silêncio que ela se perguntou se Cassian tinha partido, e abaixou as mãos para ver se ele estava ali.

Cassian estava de pé diante dela. Com lágrimas escorrendo pelo lindo e perfeito rosto dele.

Nestha não recuou e deixou que ele a visse daquela forma: seu modo mais cru, mais primitivo. Ele sempre a vira por inteiro mesmo.

Cassian abriu a boca e tentou falar. Ele precisou engolir em seco e tentar de novo.

No entanto, Nestha viu no olhar dele tudo o que não foi dito. As mesmas palavras que ela sabia que estavam nos dela.

Então ele parou de tentar falar, e se aproximou dela. Deslizou a mão para os cabelos de Nestha, a outra até a cintura e a puxou para ele. Cassian não falou nada ao abaixar a cabeça e roçar a boca nas lágrimas que desciam por uma das bochechas dela. Depois a outra.

Nestha fechou os olhos, permitindo-se saborear os lábios dele em sua pele superaquecida, a forma como o hálito dele acariciava sua bochecha. Cada beijo carinhoso ecoava aquelas palavras que ela vira nos olhos dele.

Cassian recuou e permaneceu desse jeito por tempo o suficiente para que ela abrisse os olhos de novo e encontrasse o rosto dele a centímetros do dela.

— Você não vai se casar com Eris — disse ele, rudemente.

— Não — sussurrou ela.

Os olhos dele se incendiaram.

— Não haverá mais ninguém. Para nenhum de nós.

— Não — sussurrou ela.

— Nunca mais — prometeu ele.

Nestha apoiou a mão no peito musculoso dele, deixando que as batidas estrondosas do coração ali abaixo ecoassem na palma de

sua mão. Deixando que viajassem pelo seu braço, para dentro do seu peito, de seu coração.

— Nunca mais — jurou ela.

Era tudo o que ele precisava. Tudo que ela precisava.

A boca de Cassian encontrou a dela, e o mundo deixou de existir.

O beijo foi punitivo e intenso, meticuloso e frenético, uma reivindicação e uma entrega. Nestha não teve palavras para aquilo. Ela fechou os braços em volta dele, aproximou o corpo o máximo que conseguiu e, carícia após carícia, encontrou a língua de Cassian.

Ele grunhiu e a guiou de costas até a cama enquanto sua boca devorava, provava e dizia tudo o que ela ainda não conseguia proferir, mas um dia, talvez em breve, ela conseguiria. Por ele, ela encontraria a coragem de falar.

A parte de trás das pernas dela encontrou o colchão, e Cassian interrompeu o beijo deles para cuidar das roupas.

Ela esperava que ele rasgasse e arrancasse. Mas Cassian cuidadosamente tirou o vestido dela, com dedos trêmulos conforme abriam cada botão das costas da anágua. Os dedos dela tremiam também quando Nestha tirou a camisa dele.

Então eles estavam nus, encarando um ao outro de novo com aquelas palavras não ditas nos olhos, e Nestha deixou que ele a deitasse na cama. Deixou que Cassian subisse nela.

Não houve nada bruto ou selvagem no que se seguiu.

Nestha não queria a cabeça de Cassian entre suas pernas. Nem mesmo queria os dedos dele. Quando ele deslizou um dedo pelo centro dela, ela deixou que ele sentisse que ela estava pronta e então pegou sua mão, entrelaçando os dedos deles quando a outra mão dela se fechou no pau de Cassian e o guiou na direção dela.

Ele roçou a entrada dela, então parou. Os olhos dele encontraram os seus.

E então Cassian a beijou intensamente quando deslizou para dentro.

Ela arquejou. Não para a plenitude de tê-lo dentro dela — mas para aquela coisa em seu peito. A coisa que retumbava e batia selvagemente conforme ele olhava para Nestha de novo, deslizava

para fora quase até a ponta, então mergulhava novamente para dentro.

Nesse segundo mergulho, a coisa no peito dela — o coração de Nestha... Se entregou completamente a Cassian.

No terceiro, Cassian a beijou de novo.

No quarto, Nestha entrelaçou os braços em volta da cabeça e do pescoço de Cassian e o segurou ali enquanto o beijava, beijava e beijava.

No quinto, as paredes daquela fortaleza interior de ferro antigo sucumbiram. Cassian se afastou, como se sentisse, e os olhos dele se iluminaram quando encontraram os dela.

Mas ele continuou avançando para dentro dela, fazendo amor com Nestha por completo, sem urgência. Então Nestha deixou tudo o que havia além daquelas paredes de ferro se abrir na direção dele. Fio após fio de pura luz dourada fluiu para dentro de Cassian, e ele os recebeu com os próprios fios. Onde aqueles fios se entrelaçavam, a vida brilhava como fogo estelar, e Nestha jamais vira algo mais lindo, jamais sentira algo mais lindo.

Ela estava chorando, e não sabia por que — só sabia que não queria que aquilo acabasse nunca, aquela união entre eles, a sensação de que ele se movia tão profundamente dentro dela que ela o queria impresso em sua pele. As lágrimas de Cassian pingavam no rosto dela, e Nestha levantou a mão para limpá-las. Ele abaixou a cabeça contra a mão dela, esfregando-se ali.

— Diga — sussurrou Cassian, contra a pele de Nestha.

Ela sabia do que ele estava falando. De alguma forma, ela sabia.

Nestha esperou até que Cassian avançasse de novo e mergulhasse o mais fundo para dentro dela que já havia ido, e sussurrou:

— Você é meu.

Ele gemeu, avançando rápido.

Ela sussurrou:

— E eu sou sua. — Aqueles fios dourados entre as almas deles brilharam com as palavras, como se formasse uma harpa tocada por uma mão divina.

Pois havia música entre as almas deles. Sempre houvera. E a voz de Cassian era a melodia preferida de Nestha.

— Nestha. — Ela ouviu a súplica no nome dela. Ele estava perto, e queria que ela chegasse lá com ele. Queria que mergulhassem no êxtase juntos. Era importante para ele, por algum motivo, que naquela união, naquele momento, eles chegassem lá como um.

Cassian abaixou a cabeça até o seio dela, os dentes se fecharam em torno do mamilo e a língua brincou com a pele.

Era tudo de que Nestha precisava para levá-la ao clímax. Ela gemeu, e ele fez de novo, sincronizando a língua com os avanços fortes do pênis. De novo e de novo.

Os fios dourados brilharam e cantaram, e ela não conseguiu aguentar, a música entre as almas deles, a sensação do corpo de Cassian no dela, dentro dela, e...

O clímax explodiu por ela, arrasando com o último pedaço daquela muralha interior, devastando montanhas e florestas, varrendo o mundo com luz e prazer, estrelas caíram do céu em uma chuva interminável.

Cassian rugiu quando gozou, e o som foi o chamado de uma caçada, uma sinfonia, uma única corneta nítida tocando conforme o alvorecer rompia pelo mundo.

Havia apenas aquele momento, aquela coisa compartilhada entre eles, e durou por uma eternidade. O tempo não tinha influência alguma. O tempo sempre ficara parado em torno dele, em torno deles.

Cassian se derramou dentro dela sem parar, por mais tempo do que qualquer outra vez, como se ele estivesse se segurado nas ocasiões antes dessa, como se tivesse deixado as próprias defesas desabarem.

Para sempre, para sempre, para sempre.

A palavra ecoava a cada fôlego deles, com cada batida do coração, tão sincronizadas que eles pareciam bater como um.

Então silêncio, exuberante e sereno, recaiu, e Cassian permaneceu enterrado nela, encarando Nestha com maravilha e alegria no rosto.

Nestha se esticou para beijá-lo.

Um beijo levou a outro e outro, e uma fome subiu como a maré dentro dela, entre eles. E então Cassian estava se movendo dentro

dela de novo, mais rápido e mais forte, e o tempo deixou de existir de novo.

Horas depois, dias, semanas, meses e milênios depois, quando eles estavam finalmente exaustos, quando as almas deles tinham se unido inteiramente, Cassian saiu de dentro dela e desabou na cama.

Nestha mal conseguia se lembrar de palavras. Mas ela as encontrou quando sussurrou na escuridão:

— Fique comigo.

Um tremor o balançou, mas ele apenas sorriu quando a aninhou ao seu lado.

E quente, segura e em casa finalmente nos braços de Cassian, Nestha dormiu.

Capítulo 59

Nestha abriu os olhos.

Ela sabia que se sentia acolhida e contente, mas demorou um pouco para entender o motivo. Para perceber que ainda estava nos braços de Cassian. Ela se deliciou com a sensação. Aproveitou cada fôlego que roçou em sua têmpora e sentiu a pressão dos dedos dele pela lombar dela. Uma calma se assentou nela, surpreendentemente parecida com o que ela sentia quando fazia seu Silenciamento Mental diário.

Cassian acordou logo em seguida, dando a ela um sorriso sonolento e saciado. O sorriso se suavizou até algo carinhoso, e durante longos minutos eles ficaram ali, se olhando enquanto Cassian passava a mão distraidamente pelas costas dela. As carícias logo se tornaram toques ardentes, e quando o dia raiou, eles se entrelaçaram de novo, fazendo amor plena e vagarosamente.

Quando mais uma vez se deitou suando e ofegante ao lado dele, passando um dedo pela depressão do estômago musculoso de Cassian, Nestha murmurou:

— Bom dia.

Os dedos de Cassian alisaram o cabelo dela distraidamente.

— Bom dia para você também. — Ele olhou para a cornija da lareira, o pequeno relógio de madeira no centro, então se sentou com um impulso.

— Merda.

Nestha franziu a testa.

— Você tem algum compromisso? — Ele já estava saltando para dentro da calça, olhando para o chão em busca do restante das roupas. Nestha silenciosamente apontou para o outro lado da cama, onde a camisa dele estava sobre o vestido dela.

— Guerra de bola de neve. Vou me atrasar.

Nestha precisou analisar cada palavra, mas só conseguiu perguntar:

— O quê?

— Tradição anual, com Rhys e Az. Nós subimos até o chalé da montanha, me lembre de levar você lá um dia, e... Bom, é uma longa história, mas fazemos isso praticamente todos os anos há séculos, e não ganho há anos. Se não ganhar este ano, *nunca* vou parar de ouvir. — Tudo isso foi dito enquanto ele se enfiava na camisa, casaco de couro, e nas botas.

Nestha apenas riu.

— Vocês três, os guerreiros mais temidos de toda a terra, fazem uma guerra anual de *bolas de neve*?

Cassian chegou à porta e lançou a ela um sorriso malicioso.

— Eu mencionei que nós relaxamos na sauna de bétula anexa ao chalé depois?

Pelo sorriso malicioso, ela soube que ele quis dizer *completamente nus*. Nestha se sentou e seu cabelo deslizou sobre os seios. O olhar dele desceu mais, um músculo latejou no pescoço de Cassian. Por um segundo, ela esperou que ele avançasse até ela novamente. De fato, as narinas de Cassian se dilataram, sentindo o cheiro do desejo que ferveu dentro dela simplesmente ao ver o olhar dele pairando livremente sobre seu corpo, a forma como cada parte dele ficou tensa.

Mas Cassian engoliu em seco e o sorriso e a malícia sumiram quando ele pigarreou.

— Depois da guerra, preciso fazer uma inspeção completa das legiões de Illyria por alguns dias. Voltarei depois disso.

Sem sequer um beijo de despedida, ele sumiu.

Três dias se passaram sem notícias de Cassian. Ele fora substituído no treino por um Azriel de rosto impassível, que estava mais distraído do que o normal e nem mesmo sorria para ela, mas ele não protestou quando Nestha levou a Sinfonia para o ringue todas as manhãs pela motivação extra enquanto se exercitava. As sacerdotisas tinham se maravilhado com o presente, algumas delas até dançaram ao som da música, mas Nestha só conseguia pensar em quanto tempo e esforço Cassian tinha dedicado a ele. O quanto ele sabia que aquele presente significaria para ela.

O corpo inteiro de Nestha doía com desejo, fazendo-a trincar os dentes. Três dias sem ele podiam muito bem ter sido três meses. Ela estava tão desesperada que sua mão agora deslizava para o meio das pernas no banho, na cama e até mesmo durante o almoço em seu quarto. Mas o clímax a deixava vazia, como se seu corpo soubesse que precisava de Cassian preenchendo-o. Ela perguntava a Azriel todos os dias quando ele voltaria, e Azriel só dizia, *Em breve*, antes de liderar as aulas.

Talvez ela tivesse perdido a cabeça. Talvez aquela parede de ferro em torno de sua mente fosse isso — a coisa que mantinha a sanidade dela. Certamente não era normal pensar tanto em uma pessoa, precisar *tanto assim* dele.

Era essa a preocupação que a atormentava quando eles encerravam os treinos, ofegantes e suados, apesar da manhã gelada, graças às corridas de velocidade das valquírias que estavam praticando: dez segundos em velocidade total, trinta segundos caminhando rápido, mais dez segundos correndo... Por quinze minutos seguidos. Depois que conseguissem completar, precisavam acrescentar os escudos. Então espadas. Tudo isso planejado para aumentar a resistência e para que se concentrassem em controlar a respiração entre rompantes de ataque e recuo. Tudo isso era uma completa loucura que não conseguia amansar nem a ponta da preocupação de Nestha quando ela perguntou a Emerie e Gwyn:

— Querem ficar na Casa comigo esta noite? — Ela indicou o arco. — Fazer uma leitura, ou algo assim?

Gwyn piscou, considerando o convite. Ela não tinha colocado os pés fora da biblioteca exceto para ir até as aulas ou usar o ringue de treino para cortar aquela fita. Mas respondeu:

— Vou pedir a Clotho.

Emerie deu risinhos para Nestha, como se soubesse por que ela precisava de companhia.

— Beleza.

Naquela noite, Nestha e Emerie liam em silêncio, fazendo companhia uma para a outra, na biblioteca particular, esperando por Gwyn. Emerie estava jogada na poltrona, as pernas balançando sobre um dos braços, de costas uma para a outra. Sem tirar os olhos do livro no colo, ela falou:

— Cassian deve ser *muito* bom de sexo, para você ficar assim tão tensa enquanto ele está fora.

Nestha pigarreou, afastando as lembranças da boca dele, do corpo dele, da forma como o cabelo preto sedoso de Cassian caía de cada lado do rosto dele quando ele se deitava sobre ela, balançando conforme ele avançava para dentro dela.

— Ele é... — Ela emitiu um ruído grave com a garganta.

— Imaginei — disse Emerie, rindo. — Ele tem o Andar.

— O Andar?

Emerie deu risinhos.

— Você sabe, quando um macho sabe como usar bem o pau, e anda por aí com aquela arrogância que basicamente ostenta isso a todo mundo.

Nestha revirou os olhos.

— É bom que ele saiba usar bem, pois está vivo há quinhentos anos. — Ela riu com deboche. — Embora eu tenha conhecido muitos que provaram que isso nem sempre acontece.

Emerie arqueou uma sobrancelha para que Nestha prosseguisse, mas uma batida soou à porta da biblioteca. Gwyn colocou a cabeça para dentro, e observou a sala antes de entrar. A sacerdotisa carregava uma pequena sacola, presumivelmente o que ela precisaria para a noite. Nestha já pedira à Casa que preparasse um quarto para as três compartilharem, e quando ela entrou na

biblioteca particular, encontrou-a transformada: diante da janela, contra a parede mais afastada, uma mesa com cadeiras fora substituída por três camas improvisadas, cada uma completa com cobertores e travesseiros.

Gwyn sorriu, embora sua pulsação estivesse acelerada contra o pescoço.

— Desculpem pelo atraso. Merrill me fez repassar um parágrafo com ela *dez vezes*. — Gwyn suspirou. — Por favor, diga que todo o chocolate é para nós.

A Casa tinha estocado a mesa entre as poltronas com pilhas de chocolate: trufas, bombons e barras. Junto com biscoitos e pequenos bolos de camadas. E uma bandeja de queijos e frutas. E garrafas de água e vários sucos.

Gwyn observou a mesa.

— Você se deu a esse trabalho todo?

— Ah, não — disse Emerie, com os olhos brilhando. — Nestha anda escondendo coisas de nós.

Nestha riu, mas Emerie falou:

— A Casa dá *qualquer coisa que você queira*. É só dizer em voz alta. — Diante das sobrancelhas erguidas de Gwyn, Emerie falou: — Eu gostaria de uma fatia de bolo de pistache, por favor.

Uma porção do bolo apareceu diante dela. Assim como uma tigela de chantilly com framboesas por cima.

Gwyn piscou.

— Você mora em uma casa mágica.

— Ela gosta de ler — admitiu Nestha, dando tapinhas em uma pilha de romances. — Ficamos amigas por isso.

Gwyn sussurrou para a sala:

— Qual é seu livro preferido?

Um livro bateu na mesa ao lado do bolo de Emerie, e Gwyn deu um grito de surpresa. Mas então esfregou as mãos.

— Ah, isso é bom.

— Esse sorriso boa coisa não é — falou Emerie.

O sorriso de Gwyn apenas se alargou.

Duas horas depois, Nestha se encontrava completamente vestida em uma banheira no meio da biblioteca particular com a coisa toda cheia de bolhas. Sem água, apenas bolhas. Em banheiras idênticas de cada lado dela, Emerie e Gwyn riam.

— Isso é ridículo — falou Nestha, mesmo enquanto a boca dela se curvava para cima.

Cada um dos pedidos delas tinha ficado mais e mais absurdo, e Nestha teve medo de estar abusando da Casa, mas esta havia sido tão exuberante em atender aos comandos delas. Acrescentando floreios criativos em cada magia.

Como o fato de que cada bolha tinha um minúsculo pássaro batendo as asas dentro.

Fogos de artifício silenciosos ainda explodiam no canto da sala, e um minipégasos — o pedido de Nestha, feito apenas quando as amigas insistiram com ela — se alimentava em um pequeno trecho de grama ao lado da prateleira, satisfeito ao ignorá-las. Um bolo mais alto do que Cassian estava no centro da sala, aceso com mil velas. Seis sapos dançavam em círculos em torno de um cogumelo de topo vermelho com bolinhas brancas, as valsas fornecidas pela Sinfonia de Nestha.

Emerie usava uma coroa de diamantes e seis cordões de pérolas. Gwyn exibia um chapéu de abas largas adequado a qualquer dama requintada, disposto em um ângulo inclinado na cabeça dela. Uma sombrinha de renda estava encostada em seu outro ombro, e ela a girava distraidamente enquanto olhava pelas janelas, o mundo do outro lado, e dizia, com uma voz sussurrada:

— Eu às vezes me pergunto se algum dia vou ter a coragem de sair até lá de novo. Todo dia temo não ter.

O sorriso de Nestha se desfez. Ela considerou as palavras antes de falar:

— Eu sinto o mesmo.

Porque aquela existência, morar na Casa, treinar, trabalhar na biblioteca... Não era a vida real. Não completamente. Quando ela tivesse permissão de voltar para a cidade, então enfrentaria a vida de novo. Veria se era digna daquilo. Essa ideia fazia o estômago dela se revirar.

Dissipando a tristeza, Gwyn saltou para fora da banheira, esparramou bolhas e caminhou até a sacola.

— Agora, não ousem rir de mim, mas trouxe uma coisa para fazermos. Não percebi que teríamos uma casa mágica para nos manter ocupadas. — Ela pegou um monte de fios coloridos. — Minha irmã e eu costumávamos trançar pulseiras e colocar esses pingentes cheios de desejos uma para a outra. — Ela pegou um saco e derramou algumas moedas de prata na palma da mão. Não eram maiores do que a unha do dedo mindinho dela, e tão finas quanto uma lâmina. A voz dela ficou baixa. — Nós acreditávamos que o desejo se tornaria verdade depois que a pulseira caísse.

Emerie perguntou, sutilmente:

— Qual era o nome dela?

— Catrin. — A voz de Gwyn estava preenchida por dor e tristeza. — Éramos gêmeas fraternas. O cabelo dela era preto como ônix, a pele, pálida como a lua. E ela era tão temperamental quanto o mar. — Gwyn riu baixinho. — Apesar dos defeitos dela, e dos meus, nós nos amávamos muito. Éramos tudo o que tínhamos quando éramos pequenas. Ela era a única com quem eu podia contar de verdade. Sinto saudade dela todo dia.

Nestha não conseguiu se impedir de pensar em Feyre.

Gwyn falou:

— Eu só queria ter mais um momento com ela. Só um, para dizer a ela que eu a amo e me despedir. — Ela esfregou os olhos, levantou a cabeça e olhou diretamente para Nestha. — Era o que realmente importava no fim das contas, sabe. Não as nossas briguinhas ou indiferenças. Esqueci de tudo isso quando ela... — Gwyn sacudiu a cabeça. — É tudo o que importa.

Nestha assentiu lentamente. Talvez não fossem só ela e Feyre, então. Talvez *todas* as irmãs passassem por dificuldades, brigas e abismos. Ela não era perfeita, mas... Feyre também não era. As duas tinham cometido erros. E as duas tinham vidas muito, muito longas pela frente. O que tinha acontecido no passado não precisava ditar o futuro.

Então Nestha assentiu de novo, deixando Gwyn ver a compreensão dela.

— É tudo o que importa — concordou Nestha.

Gwyn sorriu, e então se esticou, pigarreando.

— Consegui encontrar o fio e os pingentes antes do Solstício, pensando em fazer para vocês como presentinhos, mas levou mais tempo para chegarem do que achei que levariam. Então pensei que podíamos fazer as pulseiras hoje à noite. — Ela cuidadosamente apoiou os materiais na mesa mais próxima.

Nestha e Emerie se levantaram para olhar a variedade de fios: todas as cores e tonalidades, tudo cuidadosamente amontoado.

— Mostre como se faz — disse Emerie, baixinho. Nestha se perguntava se as palavras de Gwyn a teriam afetado também... que dor e esperança Emerie poderia estar guardando dentro dela.

Mas Gwyn sorriu e começou a demonstração ao selecionar três cores que achou que combinavam com o espírito de Emerie, pelo que disse. Verde, roxo e dourado. Nestha conteve uma risada e escolheu as cores para Gwyn: azul, branco e verde-mar. Emerie, por sua vez, escolheu as cores de Nestha: azul-marinho, carmesim e prata. Nestha e Emerie obedientemente tentaram copiar os passos "simples" de Gwyn: dobrar o fio ao meio, dar um nó, cortar as dobras, então prender a ponta da pulseira sob um livro pesado enquanto elas separavam cada fio pela cor. E então teve início um processo de trançar e puxar, de uma ponta à outra. Os nós de Emerie eram impecáveis. Os de Nestha...

— Sua pulseira vai ficar horrorosa, Gwyn. — Nestha fez careta para a confusão desajeitada e embolada que eram suas primeiras quatro fileiras.

— Continue — disse Gwyn, muito adiantada com sua pulseira e começando a acrescentar lindos padrões dentro das fileiras. — Os nós vão ficar mais bonitos com a prática. Só me avise quando chegarem na metade e então vamos colocar o pingente.

Elas trabalharam com companheirismo e ao som de música, comentários despreocupados saltavam entre uma e outra, Emerie e Gwyn ocasionalmente riam do trabalho terrível de Nestha.

— Agora — disse Gwyn, quando estavam na metade —, a gente faz pedidos uma para a outra. — Ela levou a mão a uma das pequenas moedas. — É só segurar isso na mão, pensar em alguma coisa para Emerie e...

— Espere — disse Nestha, segurando a mão de Gwyn antes que pudesse chegar ao pingente. — Deixa que eu faço.

As amigas dela a olharam com curiosidade, e Nestha engoliu em seco.

— Deixa que eu faço um pedido para todas nós — explicou ela, recolhendo os três pingentes. Um pequeno presente, para as amigas que tinham se tornado irmãs.

Uma família escolhida. Como a que Feyre tinha encontrado para si.

Nestha apertou os pingentes na palma da mão, fechou os olhos, e falou:

— Desejo que a gente tenha a coragem de sair mundo afora quando estivermos prontas, mas que sempre possamos encontrar nosso caminho de volta uma até as outras. Não importa o que aconteça.

Gwyn e Emerie comemoraram ao ouvir isso. E quando Nestha abriu os olhos e abriu a palma da mão, podia jurar que as moedas brilharam levemente.

Capítulo 60

Cassian estava fora havia cinco dias. Cinco dias para inspecionar cada uma das legiões illyrianas, e para se lembrar de como se comportar como um macho normal, racional, em vez de um cachorrinho apaixonado. Mas por algum motivo, quando voltou, uma mudança tinha ocorrido.

Não apenas a mudança transformadora que tinha acontecido no Solstício de Inverno entre ele e Nestha. Mas uma mudança entre Nestha, Emerie e Gwyn.

Ele saiu para a manhã gelada e encontrou as três já no ringue de treino. Elas estavam em volta da viga de madeira e a fita ondulava graciosamente ao vento gélido. Gwyn tinha uma lâmina na mão, e Emerie e Nestha estavam a alguns metros de distância. Todas as três usavam pulseiras trançadas e coloridas com pingentes prateados pendurados.

Cassian se demorou à porta enquanto Nestha murmurava para Gwyn:

— Você consegue.

Azriel se aproximou pelo lado dele, silencioso como as sombras que cobriam suas asas.

Gwyn encarou a fita como se fosse um inimigo no campo de batalha. Ela ondulava ao vento, dançando para longe com um movimento tão imprevisível quanto o de qualquer adversário.

— Faça pelo minipégasos — disse Emerie. Cassian não tinha ideia do que aquilo significava, mas os lábios de Gwyn se repuxaram para cima.

Nestha gargalhou.

O som podia muito bem ter sido um raio atingindo a cabeça dele, de tanto que o abalou, aquela risada. Livre, leve e tão diferente de tudo que ele ouvira dela que até mesmo Azriel piscou. Uma verdadeira gargalhada.

— O minipégasos — disse Nestha — era uma ilusão. E agora voltou para seu pasto de faz de conta.

— Ele amava mais Gwyn — provocou Emerie. — Apesar dos seus esforços para conquistá-lo.

Elas se calaram de novo quando Gwyn arrastou os pés e inclinou a lâmina. O vento balançou a fita de novo, como se a provocasse.

Cassian olhou para Az, mas a atenção dele estava fixa na jovem sacerdotisa, cujo rosto brilhava com admiração e encorajamento silencioso.

Gwyn sussurrou:

— Sou a rocha contra a qual as ondas quebram. — Nestha se esticou ao ouvir as palavras, como se fossem uma oração e uma convocação. Gwyn ergueu a espada. — Nada pode me destruir.

A garganta de Cassian deu um nó, e mesmo do outro lado do ringue, ele podia ver os olhos de Nestha brilhando com orgulho e dor.

Emerie falou:

— Nada pode *nos* destruir.

O mundo pareceu pausar diante das palavras. Como se estivesse seguindo um rumo e agora se bifurcasse em outra direção. Em cem anos, mil, aquele momento ainda estaria gravado na mente dele. De modo que ele contaria aos filhos, aos netos, *Bem ali. Foi ali que tudo mudou*.

Azriel ficou completamente imóvel, como se ele também tivesse sentido a mudança. Como se também estivesse ciente de que forças muito maiores olhavam para aquele ringue de treino enquanto Gwyn se movia.

Suave como o Sidra, ágil como o vento das montanhas illyrianas e com o corpo inteiro trabalhando em uma harmonia melódica, Gwyn avançou na direção da fita, girou e, quando ela virou, seu braço se estendeu e executou um corte reverso perfeito que partiu a própria manhã de inverno.

Metade da fita flutuou até a pedra vermelha.

Um corte impecável, preciso. Nenhum fio solto ondulou ao vento conforme a fita cortada pendurada na viga balançou.

Nestha se curvou, pegou a metade caída da fita e a amarrou solenemente na testa de Gwyn. Uma versão improvisada do que as sacerdotisas usavam sobre a cabeça com as pedras. Mas Cassian jamais vira Gwyn exibir uma Pedra de Invocação.

Gwyn ergueu dedos trêmulos até a testa e tocou a fita com a qual Nestha a havia coroado.

A voz de Nestha pareceu embargada quando disse:

— Valquíria.

Aquele se tornou o ritual: cortar a fita, ser coroada com a metade cortada e consagrada valquíria.

Gwyn foi a primeira. Emerie a segunda. Ao fim do treino naquela manhã, Nestha se tornou a terceira.

Aquilo fez com que encarar Cassian fosse um pouco mais fácil. Mesmo que o desejo dentro dela só tivesse piorado, enterrando as garras por dentro da própria pele, implorando para ser liberado. Para chegar até ele.

Sempre que Nestha o encontrava, ou ficava a alguns metros dele, o desejo rugia para que ela tirasse a roupa e se oferecesse a Cassian. Ela se concentrou na fita branca em volta de sua testa, se concentrou no que as três tinham realizado.

O treino acabou, e Nestha podia ter arrastado Cassian até o quarto se ele não houvesse simplesmente levantado voo e partido. Ele não voltou até a manhã seguinte.

Cassian a estava evitando.

Mas na manhã seguinte, Nestha entendeu o motivo — ou pelo menos ele teve motivo para o sumiço.

O ringue de treino fora transformado de novo.

Uma pista de obstáculos fora montada em torno dela, enroscando-se como uma cobra pelo caminho. Nestha foi uma das últimas a chegar, e se juntou ao grupo de fêmeas que permanecia à porta, murmurando sobre aquilo enquanto Cassian e Azriel se voltavam para todas elas.

Cassian falou:

— Valquírias eram guerreiras destemidas e brilhantes por mérito próprio. Mas a verdadeira força delas vinha de ser uma unidade altamente treinada. — Ele indicou a pista de obstáculos. — Sozinha, nenhuma de vocês conseguirá concluir essa pista. Juntas, vocês conseguem encontrar um caminho.

Emerie riu com deboche.

Cassian estampou um sorriso para ela.

— Parece simples, não é?

Emerie teve o bom senso de parecer nervosa.

Azriel bateu palmas e todas as fêmeas se alongaram.

— Vocês vão trabalhar em grupos de três.

Gwyn perguntou a Az, com os olhos azul-mar brilhando:

— O que ganhamos se terminarmos o percurso?

As sombras de Az dançaram em volta dele.

— Como não tem chance nenhuma de vocês conseguirem terminar o percurso, nós não nos demos ao trabalho de trazer um prêmio.

Vaias soaram. Gwyn ergueu o queixo em desafio.

— Mal podemos esperar para provar que vocês estão errados.

Provar que Azriel e Cassian estavam errados levaria um tempo, pelo visto.

Gwyn, Emerie e Nestha foram as que conseguiram ir mais longe em três horas: até a grandiosa e impressionante metade do caminho.

Roslin, Deirdre e Ananke chegaram ao obstáculo atrás delas antes do tempo acabar, e os cabelos dourados de Ananke estavam sujos de sangue da pancada que havia levado na cabeça de uma *coisa* de madeira giratória com vários braços.

— Monstros sádicos — sibilou Gwyn conforme as três amigas mancavam em direção à estação de água, sentindo o peso da derrota nos ombros.

— Vamos tentar de novo amanhã — jurou Emerie, estampando um olho roxo graças ao tronco oscilante que a derrubou de bunda no chão antes que Nestha conseguisse segurá-la. — Vamos continuar tentando até limparmos aquele olhar arrogante dos rostos perfeitos e idiotas deles.

De fato, Azriel e Cassian haviam ficado encostados na parede, de braços cruzados e sorrindo para elas o tempo todo.

Gwyn voltou um olhar fulminante para Azriel conforme passou por ele.

— Vejo você amanhã, encantador de sombras — disse ela por cima do ombro.

Az a encarou com as sobrancelhas erguidas em uma expressão divertida. Quando ele se virou de volta, Nestha sorriu.

— Você não faz ideia do que começou — disse ela. Az inclinou a cabeça e seus olhos castanhos se semicerraram quando Gwyn chegou ao arco.

— Lembra de como Gwyn ficou com a fita? — Nestha piscou um olho e deu um tapinha no ombro do encantador de sombras. — Você é a nova fita, Az.

A pista de obstáculos continuava impossível.

Os canalhas mudavam toda noite. A cada nova manhã havia um desafio diferente e mais difícil. Mas sempre com um mesmo padrão: começava com alguma variedade de trabalho com os pés, fosse uma corrida ágil elevando o joelho até o peito por uma escada no chão, ou se equilibrar em uma viga suspensa. Então vinha um teste mental — enigmas que requeriam que pensassem juntas, e então que confiassem umas nas outras para avançar. E quando estavam completamente exaustas, vinham os trechos de força.

As três chegaram ao terceiro estágio apenas uma vez nas duas semanas seguintes.

Roslin, Ananke e Deirdre estavam logo ao encalço, impulsionando Gwyn a exigir mais de seu grupo. Ela queria ser a primeira. Queria que Nestha, Emerie e ela fossem aquelas que arrancariam os risinhos do rosto de Azriel e Cassian. Principalmente do de Azriel.

Não importava que, depois do primeiro dia, só tivessem uma hora para atravessar o percurso. As outras duas horas eram passadas como um grupo, trabalhando em treinamento militar: marchando em formação (mais difícil e mais idiota do que parecia), lutando lado a lado (mais perigoso do que parecia), e aprendendo a se mover, pensar e respirar como uma unidade.

Mas elas insistiam. Marchavam em falanges valquírias. Lutavam como um só corpo, com Cassian e Azriel bancando os adversários. Aprendiam a manter os escudos no lugar contra o ataque dos Sifões illyrianos, das formas imponentes dos machos. Cada gota do treinamento de resistência das valquírias valeu a pena: cada agachamento infernal ou exercício avançado agora permitia que elas segurassem os escudos com pouco esforço. Que se mantivessem firmes contra um ataque inimigo.

Elas se exercitavam como um só corpo, em fileiras precisas conforme faziam as abdominais ao mesmo ritmo. Faziam flexões de braço juntas. Se uma caísse, todas precisavam recomeçar.

Mas elas prosseguiam. Em meio a suor, fôlego e sangue, elas forjavam sua unidade.

E às vezes, quando os cultos noturnos terminavam, as três se encontravam na biblioteca e liam sobre estratégia militar. Sobre o que se sabia das valquírias. Sobre as técnicas antigas.

Mais sacerdotisas cortaram a fita — Roslin. Deirdre. Ananke. Ilana. Lorelei.

Tudo que Azriel e Cassian atiravam a elas, elas recebiam e atiravam de volta.

E toda noite, Nestha corria os degraus da Casa. Avançando mais e mais longe. Ela não conseguira chegar à base de novo desde a briga com Amren, mas continuava tentando.

Memórias e palavras não a colocavam mais para baixo. Agora ela era motivada por pura determinação irrefreável.

Nestha, Gwyn e Emerie derrotaram o percurso de obstáculos dois meses depois do dia em que tinha sido montado. É claro que foi apenas no dia em que todas as sacerdotisas foram convocadas para longe por Clotho para alguma cerimônia especial, então não havia ninguém para testemunhar exceto Cassian e Azriel. Apenas Gwyn tinha sido dispensada da cerimônia, ao que parecia.

E quando Gwyn alcançou a linha de chegada, ensanguentada, ofegante e rindo tão selvagemente que os olhos azul-mar brilhavam como um oceano iluminado pelo sol, ela simplesmente estendeu a mão castigada para Azriel.

— Então?

— Vocês já têm seu prêmio — disse Azriel. — Vocês acabam de passar no Percurso Qualificatório para o Rito de Sangue. Parabéns.

Gwyn escancarou a boca. Nestha e Emerie pararam. Mas Gwyn disse a ele:

— Foi por *isso* que você convidou eles dois?

Nestha não fazia ideia do que a sacerdotisa estava falando, mas acompanhou o olhar de Gwyn para cima, até a beira da área de treino, de onde um lorde Devlon de rosto petrificado e outro macho olhavam para dentro, irritados.

Sem dúvida era esse o motivo pelo qual as outras sacerdotisas estavam ocupadas naquele dia.

Cassian murmurou para Nestha:

— Tive a sensação de que hoje seria o dia.

Devlon parecia pronto para explodir, o rosto dele estava roxo de raiva, mas ele olhou para Cassian e assentiu bruscamente.

— Vocês disseram às sacerdotisas que não viessem? — perguntou Nestha a Cassian e Azriel.

— Nós informamos Clotho de que talvez tivéssemos expectadores hoje — respondeu Azriel, com os olhos cheios de gelo e morte ao encarar Devlon. O macho virou o rosto do encantador de sombras antes de resmungar para o colega e sair voando para o leste na direção de Illyria. Azriel prosseguiu, observando-os sumirem: — Clotho explicou às outras, e elas escolheram encontrar outras formas de ocupar o dia.

Nestha perguntou a Gwyn:

— Mas pareceu que você não sabia o que estávamos fazendo.

— Cassian e Azriel me avisaram que seríamos observadas por machos hoje, mas não especificaram o motivo. Eu não tinha ideia de que era o Qualificatório do Rito de Sangue. — Os olhos dela brilhavam intensamente acima da terra que sujava seu rosto.

Emerie tinha empalidecido, no entanto. Ela perguntou a Cassian:

— Mas nós não vamos entrar no Rito de Sangue, não é?

— Só se quiserem — assegurou Cassian a ela. Apenas Emerie, entre todas as fêmeas ali, entenderia os verdadeiros horrores do Rito de Sangue, Nestha sabia disso. — Mas queríamos que Devlon, e a quem quer que ele conte, entendesse que vocês são tão talentosas quanto qualquer unidade illyriana. Essa era a única forma deles entenderem. Ser uma valquíria não significa nada para eles, e vocês certamente não precisam da aprovação deles, mas... — Cassian olhou para Emerie de novo. — Eu queria que eles soubessem. O que vocês realizaram. Que embora as valquírias não tenham algo parecido com o Rito de Sangue, vocês são tão treinadas quanto qualquer guerreiro de Illyria.

— Os percursos? — perguntou Gwyn.

— Rotas diferentes — respondeu Azriel — de vários Qualificatórios ao longo dos séculos.

Cassian sorriu.

— À exceção de participar do Rito de Sangue, vocês agora estão tão próximas de serem guerreiras illyrianas quanto poderiam.

Silêncio se instalou. Então Nestha falou, limpando o sangue do canto da boca ferida:

— Eu prefiro ser valquíria. — As fêmeas murmuraram em concordância.

Cassian gargalhou.

— Que os deuses nos ajudem.

Capítulo 61

Restava um teste.

Não um que Cassian tivesse dado a ela, ou algum decretado pelos illyrianos ou as valquírias, mas um que Nestha tinha estabelecido para si mesma.

Ela achou que aquele fosse um dia tão bom quanto qualquer outro para se esforçar naquelas últimas centenas de degraus.

Mais e mais para baixo ela seguia.

Girando, girando e girando.

Elas haviam cortado a fita valquiriana, e tinham passado no Qualificatório do Rito de Sangue. Mas continuariam treinando. Ainda havia tanto a aprender, tanto que ela ansiava aprender com todas elas. Com suas amigas.

Com Cassian.

Eles alternavam quartos, dormindo no lugar mais próximo de onde tinham feito amor. Ou fodido. Havia uma diferença, ela percebera. Eles normalmente faziam amor tarde da noite ou cedo pela manhã, quando ele era vagaroso, minucioso e sorridente. E costumavam foder na hora do almoço ou em momentos aleatórios, contra uma parede ou debruçados sobre uma mesa, ou com ela

montada no colo dele, empalando-se com ele, de novo e de novo. Às vezes começava como uma foda e se tornava a coisa carinhosa e intensa que ela chamava de fazer amor. Às vezes o fazer amor se dissolvia em uma transa frenética. Nestha jamais sabia dizer o que aconteceria, e era por isso que não se cansava.

Ela passou de cem degraus. Duzentos. Mil.

Sua mente estava nítida. Queimava com propósito, com direção e foco. Ela acordava todas as manhãs feliz por estar ali, por se atirar contra o mundo e ver o que ele fazia. Ela ouvia música toda noite nos cultos, onde havia aprendido a maioria das canções e cantava com as sacerdotisas, deixando sua voz ecoar junto com a de Gwyn. Ela ouvia música da Sinfonia de Cassian, a qual ela tocava sempre que podia.

E tinha música no coração. Uma música feita da voz de Cassian, das risadas de Gwyn e Emerie, da própria respiração dela conforme descia mais, mais e mais aqueles degraus.

Dois mil. Três mil.

Os pés de Nestha voavam e os passos não hesitavam mesmo conforme seus músculos queimavam.

Ela lutou contra aquilo e trincou os dentes com um sorriso bestial.

Nestha se entregou à queimação, à exaustão e à dor. Não deixou que a consumissem, mas permitiu que a percorressem. Que a atravessassem. Não permitiu que esses sentimentos a quebrassem.

Ela era a rocha contra a qual tais coisas quebravam. Com cada passo, cada fôlego, ela se entregou ao Silenciamento Mental. Era a fase seguinte do treinamento mental das valquírias: passar da calma sentada para o relaxamento ativo. Conseguir amansar a mente, concentrá-la, em meio ao caos.

Quatro mil. Cinco mil. Seis mil. O Silenciamento Mental se tornou tão fácil quanto respirar.

Ela não voltaria a ser dominada por nada. Ela era mestre de si mesma.

Sete mil. Oito mil. Nove mil.

E aquela pessoa que ela estava se tornando, que surgia dia após dia...

Ela talvez até gostasse daquela pessoa.

As escadas sumiram. E então havia apenas uma porta diante dela.

Nestha cambaleou, o corpo ainda parecia achar que precisava continuar girando e girando, mas ela segurou a maçaneta. Abriu a porta para o crepúsculo e a cidade adiante.

As luzes estavam fraquinhas, mas vozes alegres enchiam as ruas. Ninguém a impediria de se aventurar pela cidade, até uma taverna, e de beber até ficar tonta. Ninguém viria puxá-la de volta. Ela havia conseguido descer as escadas. A vida estava adiante.

Mas Nestha se viu olhando para cima. Na direção da Casa onde uma festa da Queda das Estrelas aconteceria em uma hora. Para o macho que estaria lá, que a havia encorajado a ir.

Nestha encarou a cidade — a linda e vibrante cidade. Nada nela parecia tão vibrante quanto o que esperava no alto. A subida seria brutal, e quase sem fim, mas no alto... Cassian estaria esperando. Como ele a havia esperado há anos.

Nestha sorriu. E começou a subir.

Cassian, vestindo as roupas elegantes da corte, estava de pé à porta das escadas quando Nestha voltou.

Ele estava tão belo que se Nestha já não estivesse ofegante da subida, teria ficado incapaz de respirar.

Com cinco passos Nestha cruzou o corredor. Passou os braços em volta do pescoço dele. Levou a boca à dele.

Ela o beijou, e Cassian se abriu para ela, deixando aquelas palavras silenciosas passarem entre os dois, segurando-a tão forte que a batida dos corações ecoaram entre eles.

Quando ela se afastou, sem fôlego devido ao beijo e tudo que enchia seu coração, Cassian apenas sorriu.

— A festa já começou — disse ele, beijando a testa dela e se afastando. — Mas está se aproximando do ápice. — De fato, música e gargalhadas entravam dos andares acima.

Cassian estendeu a mão, e Nestha silenciosamente a aceitou, deixando que ele a levasse pelo corredor. Quando ela olhou para os degraus acima e suas pernas fraquejaram, ele a pegou nos braços e

carregou. Ela deitou a cabeça no peito de Cassian, fechou os olhos e aproveitou o som do coração dele batendo. O mundo todo era uma música, e o ritmo do coração dele era a melodia central.

Ar livre e música flutuaram em torno dela, taças tilintavam e roupas farfalhavam, e Nestha abriu os olhos de novo quando Cassian a colocou no chão.

Estrelas disparavam acima. Milhares e milhares de estrelas. Ela mal se lembrava da Queda das Estrelas do ano anterior. Estava bêbada demais para se importar.

Mas ali, tão no alto...

Nestha não se importava que estava coberta de suor, usando o couro de combate em meio a uma multidão cheia de joias. Não estava nem aí quando foi cambaleando até a varanda no alto da Casa e olhou boquiaberta para a chuva de estrelas contra o arco do céu. Elas passavam zunindo, tão próximas que algumas soltavam faíscas contra as pedras, deixando um rastro de poeira brilhando.

Ela teve a vaga sensação de Cassian, Mor e Azriel por perto, de Feyre, Rhys e Lucien, de Elain, Varian e Helion. De Kallias e Viviane, também enorme com um bebê na barriga, e brilhando com alegria e força. Nestha sorriu como cumprimento e os deixou piscando, mas ela se esqueceu deles em um momento, porque as estrelas, as estrelas, as estrelas...

Nestha não se dera conta de que havia uma beleza como aquela no mundo. De que observá-las podia fazer com que ela se sentisse tão plena que chegava a doer, como se seu corpo não conseguisse conter tudo aquilo. E ela não soube porque chorou nesse momento, mas lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

O mundo era lindo, e ela estava tão grata por habitá-lo. Por estar viva, por estar ali, por testemunhar aquilo. Nestha estendeu a mão sobre o parapeito, tocou uma estrela que passou em disparada, e seus dedos voltaram brilhando com poeira azul e verde. Ela gargalhou, um som que era pura alegria, e chorou mais, porque aquela alegria era um milagre.

— Está aí um som que jamais achei que ouviria de você, menina — disse Amren, ao lado dela.

A fêmea delicada estava majestosa em um vestido cinza-claro, com diamantes no pescoço e nos pulsos, os cabelos pretos curtos de

sempre emoldurados em prata com a luz das estrelas.

Nestha secou as lágrimas, sujando o rosto com poeira estelar, sem se importar com isso. Por um longo momento, a garganta dela oscilou, tentando organizar tudo que tentava subir de seu peito. Amren a encarou de volta, esperando.

Nestha caiu sobre um joelho e curvou a cabeça.

— Desculpa.

Amren fez um ruído de surpresa, e Nestha soube que havia outros olhando, mas não se importou. Ela manteve a cabeça baixa e deixou as palavras saírem de seu coração.

— Você me deu gentileza, respeito e me deu seu tempo, e eu os tratei como lixo. Você me contou a verdade, e eu não quis ouvir. Eu estava com ciúmes, e com medo, e fui orgulhosa demais para admitir. Mas a perda da sua amizade é algo que não consigo suportar.

Amren não disse nada, e Nestha levantou a cabeça e encontrou a fêmea sorrindo, alguma coisa parecida com espanto em seu rosto. Prata cobriu os olhos de Amren, um indício de como elas um dia tinham sido.

— Saí bisbilhotando pela Casa quando chegamos, há uma hora. Vi o que você fez com este lugar.

Nestha franziu a testa. Ela não tinha mudado nada.

Amren segurou Nestha por baixo dos ombros, puxando-a de pé.

— A Casa canta. Consigo ouvir nas rochas. E quando falei com ela, ela respondeu. Tudo bem que me deu uma pilha de romances no final, mas... você fez esta Casa ganhar vida, menina.

— Não fiz nada.

— Você Fez a Casa — disse Amren, sorrindo de novo, um lampejo de vermelho e branco no escuro luminoso. — Quando chegou aqui, o que você mais queria?

Nestha refletiu e viu algumas estrelas passarem zunindo.

— Uma amiga. Bem no fundo, eu queria uma amiga.

— Então você Fez uma. Seu poder deu vida à Casa com um desejo silencioso que nasceu da solidão e da necessidade desesperada.

— Mas meu poder só cria coisas terríveis. A Casa é boa — sussurrou Nestha.

— É mesmo?

Nestha refletiu.

— A escuridão no poço da biblioteca... é o coração da Casa.

Amren assentiu.

— E onde ele está agora?

— Não dá as caras há semanas. Mas ainda está lá. Acho que só está... sob controle. Talvez, porque a Casa sabe que sei sobre ele, e que não a julguei por isso, seja mais fácil controlar.

Amren colocou a mão sobre o coração de Nestha.

— Essa é a resposta, não é? Saber que a escuridão sempre vai estar a nossa volta, mas o importante... é o modo como enfrentamos e lidamos com isso... essa é a parte que importa. Não deixar que ela nos consuma. Para se concentrar no bem, nas coisas que lhe preenchem de alegria. — Ela indicou as estrelas zunindo. — A luta contra essa escuridão vale a pena, mesmo que seja apenas para ver as estrelas depois.

Mas o olhar de Nestha tinha desviado das estrelas — encontrando um rosto familiar na multidão, dançando com Mor. Rindo, com a cabeça para trás. Tão lindo que ela não tinha palavras para ele.

Amren riu baixinho.

— E valem a pena por aquilo ali também.

Nestha olhou de volta para a amiga. Amren sorriu, e o rosto dela ficou tão belo quanto o de Cassian, conforme as estrelas passavam em arco.

— Bem-vinda de volta à Corte Noturna, Nestha Archeron.

Capítulo 62

A primavera tinha caído sobre Velaris. Nestha acolheu o sol nos ossos e no coração, deixando que a aquecesse.

Eles tinham superado o inverno sem movimento de Briallyn ou Beron e sem nenhuma invasão de algum exército. Mas Cassian avisou que muitos exércitos não atacavam no inverno, e Briallyn podia estar reunindo as tropas em segredo. Azriel estava proibido de se aproximar alguns quilômetros dela, graças à ameaça da Coroa, e qualquer relato precisava ser verificado por múltiplas fontes. Em suma: eles não sabiam nada, e só podiam esperar.

Não ajudou muito que uma rara estrela vermelha tenha estourado no céu certo dia — um mau presságio, foi o que Nestha ouvira as sacerdotisas murmurando. Cassian contou que até mesmo Rhys tinha ficado abalado com aquilo, parecendo incomumente pensativo depois. Mas Nestha suspeitava de que o presságio não fosse a única coisa contribuindo para a solenidade de Rhys. Feyre estava a apenas dois meses de dar à luz, e eles ainda não sabiam nada sobre como salvá-la.

Ela canalizou aquela preocupação crescente no treino com as sacerdotisas. Azriel e Cassian tinham criado mais simulações de

treino, e as fêmeas avançavam por elas como uma unidade, pensavam e batalhavam como uma unidade.

Nestha às vezes se perguntava se elas algum dia veriam a batalha. Se aquelas sacerdotisas algum dia estariam dispostas a sair dali para lutar, para enfrentar a violência que poderia invocar os demônios vorazes de seus passados. Será que ela desejava passar das simulações para o combate de fato? O que o fato de ver suas amigas matando ou sendo mortas faria com ela?

Era um teste final, supôs ela. Um pelo qual talvez nunca passassem.

Talvez o Rito de Sangue, que Cassian tinha dito que estava a apenas alguns dias de acontecer, tivesse começado assim: uma forma de introduzir jovens guerreiros illyrianos à matança em um ambiente controlado, um trampolim para a inclemência absoluta da batalha.

Mas a primeira incursão de Nestha para a inclemência da batalha tinha vindo na forma de uma carta. Uma carta impaciente e exigente que requisitava a presença dela imediatamente. E a de Cassian.

Eris estava esperando por Nestha e Cassian quando eles chegaram em uma clareira da floresta aninhada no Meio. Mas Nestha não se incomodou em fazer mais do que olhar para o filho do Grão-Senhor — não com a visão que se elevava acima das árvores. A montanha sagrada — *a* montanha sob a qual Feyre, Rhys e todos os outros Grão-Senhores tinham sido aprisionados por Amarantha. Ela se erguia como uma onda no horizonte, agourenta e estéril, e de alguma forma latejando com sua presença.

— Você nunca a viu? — perguntou Eris, como cumprimento, ao acompanhar o olhar dela.

— Não. — Ela tirou os olhos do pico perturbador. — Por que é sagrada para vocês?

Eris deu de ombros, e Nestha soube que Cassian monitorava cada fôlego dele.

— Há três delas, sabe. Montanhas irmãs. Esta, a montanha chamada de Prisão, e aquela que os brutamontes illyrianos chamam de Ramiel. Todas elas montanhas desnudas, estéreis, destoantes daquelas ao redor.

— Não viemos para uma aula de história — murmurou Cassian.

Nestha olhou para ele.

— Eu perguntei. Eu quero saber.

Cassian riu com escárnio, então acenou com o queixo para Eris, em uma ordem silenciosa para que prosseguisse.

— Não sabemos por que elas existem, mas você não acha estranho que duas das três tenham palácios subterrâneos escavados dentro delas?

— Eu mal chamaria a Prisão de um palácio — interrompeu Cassian. — É só perguntar aos prisioneiros.

Eris deu a ele um sorriso debochado, mas continuou:

— Não é surpresa que os illyrianos jamais tiveram curiosidade o bastante para ver que segredos existem sob Ramiel. Se ela também foi escavada como as demais por mãos antigas.

— Achei que Amarantha tivesse feito a corte Sob a Montanha sozinha — falou Nestha.

— Ah, ela a decorou e nos obrigou a agir como uma imitação sofrível de sua Corte dos Pesadelos, mas os túneis e corredores foram escavados muito antes disso. Por quem, nós não sabemos.

— Esse é o máximo de história que eu aguento — disse Cassian, o que lhe garantiu um olhar fulminante de Eris. Nestha o imitou em seguida. Cassian apenas lhe deu uma piscadela divertida antes de prosseguir: — Sua carta pareceu indicar que seu pai estava agindo. Desembuche.

— Meu pai foi ao continente de novo na semana passada. Ele voltou parecendo normal, sem o distanciamento de olhos vítreos que meus soldados exibiam. Ele não me convidou para acompanhá-lo, nem explicou o que discutiu com Briallyn. Só posso presumir que o conflito está se aproximando, e queria avisar vocês. Não era algo que eu pudesse arriscar colocar por escrito. Mas por enquanto... por enquanto parece que o mundo está segurando o fôlego.

— Por quê? — perguntou Nestha.

— À espera de que você encontre a Harpa.

Nestha piscou. E percebeu, tarde demais, devagar demais, que eles não tinham contado a Eris que a haviam encontrado. E o piscar dela delatara isso.

Eris indagou:

— Vocês a têm?

— Isso faz diferença? — perguntou Cassian, casualmente.

— A Corte Noturna possui dois objetos dos Tesouros. Eu diria que sim. — Eris se esticou. — É esse o motivo de todos esses atrasos? Ganhando tempo para poderem descobrir os segredos dos Tesouros e usar o poder para ganho próprio?

— Que coisa mais absurda — disparou Nestha. — O que ganharíamos com isso?

Chama vermelha chiou nos olhos de Eris.

— O que o rei de Hybern tinha a ganhar quando obteve o Caldeirão e invadiu nossas terras?

— Não temos interesse na conquista, Eris — disse Cassian, cruzando os braços. — Você sabe disso. E não vamos usar os Tesouros.

Eris soltou uma gargalhada. Nestha podia ver que ele não acreditava nos dois — que ele estava tão acostumado com a política deturpada e as maquinações da própria corte que até mesmo quando uma verdade simples e fácil era oferecida, ele não conseguia enxergar.

— Não fico completamente confortável com sua corte possuindo dois itens dos Tesouros. — O olhar dele se voltou para Nestha. — Ainda mais com tantas outras armas no arsenal.

Nestha enrijeceu o corpo, mas Cassian nem mesmo arrastou os pés.

— Rhys tem os planos dele, Eris. Você não pode ser tolo a ponto de pensar que contaríamos *todos* eles a você, mas posso lhe assegurar que não envolvem usar os Tesouros.

Nestha tentou não olhar boquiaberta para a voz fria e divertida que tinha saído de Cassian. A voz de um cortesão. Como se ele andasse escutando Rhysand e ela, e tivesse replicado perfeitamente aquela combinação de tédio e crueldade. Nestha não conseguiu conter a animação que percorreu sua coluna. Ela queria que ele usasse aquela voz no quarto. Queria que ele sussurrasse daquela forma ao seu ouvido enquanto ele...

— É o que você alega — disse Eris. — Suponho que vão atrás da Coroa agora. — O cabelo dele brilhava como brasa sob a luz difusa.

Cassian riu.

— Nós contaremos quando você precisar saber. E vamos tentar não esquecer dessa vez.

Eris limpou uma bolinha de tecido do casaco. Ao lado do corpo dele pendia a adaga que Rhys e Feyre tinham dado a ele, simples e comum em comparação com a elegância dele. A adaga *dela*.

— Vocês teriam que ser muito burros para ir atrás de Briallyn diretamente.

— Deixe o heroísmo com os brutamontes, Eris — respondeu Cassian. — Não vai querer arriscar cortar essas mãos lindas.

Os dedos de Eris se fecharam levemente no bíceps dele. Nestha conteve o sorriso. As palavras de Cassian tinham encontrado o alvo.

— E o que você vai fazer quando tiver todos os três objetos dos Tesouros? — As sobrancelhas de Eris ficaram retas. — Não pode destruí-los; e duvido que escondê-los funcionaria. Considerando o perigo que se reúne a nossa volta, não vejo por que não os usaria.

Nestha ficou calada, feliz ao deixar Cassian assumir a liderança.

Cassian soltou uma gargalhada baixa, e o sangue de Nestha cantou de novo com a maestria que havia ali. Ele brincaria com Eris um pouco mais. De fato, Cassian perguntou, friamente: — E o que você vai fazer para nos impedir?

Eris apenas disse:

— Se vocês fracassarem em recuperar a Coroa, correrão o risco de que Briallyn a use contra vocês. Ela poderia voltar uns contra os outros. Fazer com que fizessem coisas inomináveis. Até mesmo revelar onde estão os outros dois objetos. E não teriam escolha a não ser contar tudo. — Ele se preocupava que revelassem a aliança deles, pelo próprio bem. — Vocês ameaçam nos expor. *Não* partam em busca da Coroa.

— Veremos — disse Cassian, personificando uma calma inabalável. Nestha quase riu quando ele assentiu para a adaga do lado do corpo de Eris. — Temos nossa própria forma de nos proteger da Coroa. — Nestha escondeu a surpresa. As armas que ela Fizera protegiam dos Tesouros? Ninguém tinha lhe contado aquilo.

Eris estampou ódio.

— Esse foi o plano o tempo todo? Me enganar, fazer de mim um inimigo de meu pai, então usar os Tesouros contra todos nós?

— Você fez de você mesmo um inimigo de seu pai — disse Cassian, rindo sutilmente. — Quando ele descobrir, me pergunto se vai deixar os cachorros dilacerarem você, ou se vai ele mesmo fazer isso.

Eris empalideceu de leve.

— Não quer dizer *se* ele descobrir?

Cassian não disse nada. Manteve a expressão neutra. Nestha sufocou seu orgulho e fez o mesmo.

Eris os observou. Pela primeira vez desde que Nestha conhecera o macho, incerteza extinguiu o fogo no olhar dele.

E então ele voltou o olhar para o outro destinatário da carta, encarando Nestha antes de perguntar: — E minha oferta para você? — Nem um pingo de afeição ou desejo envolveu suas palavras.

Nestha ergueu o queixo e riu.

— Suponho que depois que tivermos a Coroa em nossas mãos, a Corte Noturna não vai precisar de você, no fim das contas. E eu também não.

Ela podia jurar que Cassian estava reprimindo uma gargalhada, mas Nestha manteve o olhar sobre Eris, que ficou rígido, ondulando de ódio.

— Não gosto que brinquem comigo, Nestha Archeron. Minha oferta foi sincera. Fique com a Corte Noturna e arrisque ser arruinada.

Cassin interrompeu sutilmente:

— Venha para cima da gente, Eris, e você correrá o mesmo risco.

O lábio superior de Eris se repuxou.

— Façam como quiserem. — Ele enrijeceu o corpo, como se afastando qualquer emoção, e trouxe uma expressão fria e cruel novamente para o rosto. — É com suas vidas que estão brincando, não com a minha. — Eris gargalhou, assentindo para Cassian. — E daí se o mundo perder mais um brutamontes para a guerra? Já vai tarde.

Cassian sorriu lentamente.

— Obrigado pelos votos de simpatia, Eris.

E com isso, Cassian pegou Nestha nos braços e disparou para o céu. As árvores passaram como um borrão verde e a montanha sagrada espreitou às costas deles.

Nestha olhou para o rosto dele conforme os dois voavam para o norte e viu que Cassian ria.

— Você se saiu bem — disse ela, passando a mão no pescoço dele.

— Eu fingi que era você — admitiu ele. — Acho que consegui imitar aquele olhar de *Vou Matar Meus Inimigos*, não consegui?

Nestha gargalhou, apoiando a cabeça contra o peito dele.

— Conseguiu, sim.

Eles voaram durante horas, contentes de ficarem sozinhos, planando sobre a terra. Eles voaram e voaram, Cassian incansável e sem hesitar, e Nestha se deixou aproveitar a sensação dos braços dele. De estar com ele. E embora o frio invadisse sua pele, quando as luzes de Velaris surgiram no horizonte que escurecia, ela ficou triste ao vê-las.

Mas Cassian os levou até a cidade, aterrissando em uma das pontes que cruzava o Sidra.

— Pensei que podíamos caminhar um pouco — disse ele, entrelaçando os dedos com os dela.

Depois de tanto tempo nos céus vazios, as pessoas em volta deles pareciam pressioná-los. Mas Nestha assentiu, caminhando ao lado dele, deleitando-se com os calos de Cassian contra os dela, a fricção do frio que mantinha o Sifão dele no lugar sobre a mão, o calor que emanava dele.

— O que acha que Eris vai fazer? — Eles não tinham conversado sobre aquilo durante o voo.

— Ficar emburrado, e depois pensar na próxima forma de me insultar — disse Cassian, e Nestha gargalhou. Ele a olhou de esguelha. — Você gostou de me ver bancar o cortesão?

A boca de Nestha se repuxou para cima.

— Eu não iria querer que fosse assim para sempre, mas foi... atraente. Me deu algumas ideias.

Os olhos dele brilharam, e embora estivessem à vista da cidade inteira, Cassian levou a mão à bochecha dela. Deu um leve beijo na boca de Nestha.

— Também me deu algumas ideias, Nes. — Ele pressionou o corpo contra o dela, e Nestha entendeu completamente o que ele quis dizer.

Ela gargalhou, então se afastou, dirigindo-se para o final da ponte.

— As pessoas estão olhando.

— Não me importo. — Ele caminhou ao lado dela de novo, passando um braço sobre o ombro de Nestha para enfatizar a afirmação. — Não tenho nada a esconder com você. Quero que saibam que compartilhamos a cama. — Ele beijou a têmpora dela, puxando-a para perto conforme caminhavam pela cidade tumultuada.

Uma afirmação tão simples e linda, mas... Nestha se viu perguntando: — Minha imagem como guerreira é prejudicada por eu estar com você?

— Não. A de Feyre é prejudicada quando ela é vista com Rhys?

O estômago de Nestha se revirou. As batidas do coração dela pulsavam nos braços, no estômago.

— É diferente para eles — obrigou-se ela a dizer quando eles chegaram ao fim da ponte e viraram para caminhar pelo quarteirão que acompanhava o rio.

Cassian perguntou, com cautela:

— Por quê?

Nestha manteve o foco no rio reluzente, vibrante com os tons do pôr do sol.

— Porque eles são parceiros.

Diante do completo silêncio de Cassian, ela soube o que ele diria. Parou de novo, preparando-se para aquilo.

O rosto de Cassian estava inexpressivo. Completamente vazio quando ele falou: — E nós não somos?

Nestha não disse nada.

Ele abafou uma gargalhada.

— Porque eles são parceiros e você não quer que a gente seja.

— Essa palavra não significa nada para mim, Cassian — disse ela, com a voz embargada conforme tentava evitar que as pessoas que passavam ouvissem. — Significa uma coisa para todos vocês, mas durante a maior parte da minha vida, marido e mulher era o máximo que existia. *Parceiro* é só uma palavra.

— Que besteira.

Quando ela simplesmente começou a andar pela margem do rio de novo, ele perguntou: — Por que você tem medo?

— Não tenho medo.

— O que assustou você? Só ser vista publicamente comigo assim?

Sim. Que ele a beijasse e em seguida compreendesse que em breve ela precisaria voltar para aquele mundo que murmurava ao redor deles, e deixar a Casa, e ela não sabia o que faria então. O que significaria para eles. Se ela mergulharia de volta naquele lugar sombrio que ocupara antes.

Se arrastaria Cassian junto.

— Nestha. Fale comigo.

Ela o encarou, mas não abriu a boca.

Os olhos de Cassian se incendiaram.

— Diga. — Ela se recusou. — *Diga, Nestha*.

— Não sei do que você está falando.

— Pergunte por que eu sumi por quase uma semana depois do Solstício. Por que eu de repente precisei fazer uma inspeção *logo depois* de uma festividade.

Nestha ficou calada.

— Foi porque acordei na manhã seguinte e tudo o que queria fazer era transar com você por uma semana seguida. E eu soube o que isso queria dizer, o que tinha acontecido, embora você não soubesse, e eu não queria assustar você. Você não estava pronta para a verdade, ainda não.

A boca de Nestha secou.

— *Diga* — grunhiu Cassian. As pessoas davam amplo espaço a eles. Algumas se viravam descaradamente na direção de onde tinham vindo.

— Não.

O rosto de Cassian estremeceu com raiva mesmo quando a voz dele se acalmou.

— Diga.

Ela não conseguia. Não antes de ele ordenar, e certamente não agora. Ela não deixaria que ele vencesse daquele jeito.

— Diga o que suspeitei desde o momento que nos conhecemos — sussurrou ele. — O que eu soube da primeira vez que beijei você. O que se tornou inquebrável entre nós na noite do Solstício.

Ela não falaria.

— Eu sou seu *parceiro*, porra! — gritou Cassian, alto o bastante para que as pessoas do outro lado do rio ouvissem. — Você é *minha* parceira! Por que ainda está lutando contra isso?

Ela deixou que a verdade, finalmente proferida, a percorresse.

— Você me prometeu a eternidade no Solstício — disse Cassian, com a voz falhando. — Por que uma palavra de alguma forma faz você se desviar daquilo?

— Porque com essa palavra, a última gota da minha humanidade vai embora! — Ela não se importava com quem os visse. — Com essa uma palavra idiota, eu não sou mais humana de forma alguma. Sou uma de *vocês!*

Ele piscou.

— Achei que você quisesse ser uma de nós.

— Eu não sei o que eu quero. Não tive *escolha*.

— Bom, eu não tive a escolha de ser acorrentado a você também.

A revelação se chocou contra ela. *Acorrentado*.

Cassian respirou fundo.

— Essa foi uma escolha de palavras absolutamente péssima.

— Mas é a verdade, não é?

— Não. Eu estava com raiva, não é verdade.

— Por quê? Seus amigos me viram pelo que eu era. Pelo que eu sou. O laço da parceria deixou você estupidamente cego a isso. Quantas vezes avisaram a você que ficasse longe de mim, Cassian? — Ela soltou uma risada fria.

Acorrentado.

As palavras chamavam, afiadas como facas, implorando para que ela escolhesse uma e enterrasse no peito dele. Para que o magoasse tanto quanto aquela única palavra a magoara. Para fazer com que ele sangrasse.

Mas se ela fizesse aquilo, se o atacasse... Ela não podia. Não se permitiria fazer aquilo.

Ele suplicou:

— Eu não tive a intenção...

— Vou pedir meu favor — disse Nestha.

Ele ficou imóvel e franziu as sobrancelhas. E então seus olhos se arregalaram.

— O que quer que você esteja prestes a...

— Quero que você vá embora. Vá para a Casa do Vento e passe a noite. Não fale comigo até eu ir falar com *você*, ou até que uma semana tenha se passado. O que vier primeiro. Não me importo.

Até que ela tivesse se controlado o suficiente para não o ferir, para que parasse de sentir aquela velha ânsia de atacar e destruir antes que fosse ferida.

Cassian avançou na direção de Nestha, mas se encolheu e arqueou as costas. Como se a tatuagem do acordo nas costas o tivesse queimado.

— Vá embora — ordenou ela.

A garganta dele oscilou e seus olhos se arregalaram. Combatendo o poder da barganha com cada fôlego.

Mas então ele se virou e as batidas das assas ressoaram conforme ele saltou para o céu acima do rio.

Nestha permaneceu no quarteirão enquanto sua coluna formigava, e ela soube que a tatuagem tinha sumido.

Emerie estava na mesa da cozinha quando Nestha apareceu à porta dos fundos. Mor atravessara com ela até ali sem fazer perguntas, sem nem mesmo olhar com reprovação. Mas Nestha não se importava com aquilo. Ela só se sentia agradecida porque a fêmea tinha aparecido – provavelmente enviada por Cassian. Ela não se importava com isso também.

Nestha deu dois passos para dentro da loja de Emerie antes de desabar e chorar.

Ela mal notou o que aconteceu. Como Emerie a ajudou a se sentar na cadeira, como as palavras saíram aos tropeços, explicando o que ela e Cassian tinham dito, o que ela fizera com ele.

Uma batida soou à porta uma hora depois, e Nestha parou de chorar quando viu quem estava ali.

Gwyn abraçou Nestha.

— Soube que você talvez precisasse de nós. — Nestha ficou tão chocada ao ver a sacerdotisa que a abraçou em resposta.

Mor, um passo atrás, deu a ela um aceno de preocupação, então atravessou para longe.

Foi Emerie quem disse a Gwyn:

— Não acredito que você saiu da biblioteca.

Gwyn acariciou a cabeça de Nestha.

— Algumas coisas são mais importantes do que o medo. — Ela pigarreou. — Mas, por favor, não me lembre demais disso. Estou tão nervosa que talvez vomite de verdade.

Até mesmo Nestha sorriu diante daquilo.

Suas duas amigas a consolaram, sentando-se à mesa da cozinha e bebendo chocolate quente — um presente de Solstício atrasado de Nestha para Emerie, roubado da despensa da Casa. Elas jantaram, então comeram sobremesa, e discutiram suas leituras mais recentes. Elas conversaram sobre tudo e sobre nada noite adentro.

Apenas quando os olhos de Nestha queimaram com exaustão e o corpo dela virou um peso inerte foi que as três subiram. Havia três quartos acima da loja, todos impecáveis e simples, e Nestha colocou a camisola que Emerie ofereceu sem pensar duas vezes.

Ela conversaria com ele no dia seguinte. Dormiria agora, segura com as amigas ao seu redor, e conversaria com ele no dia seguinte.

Nestha explicaria tudo — por que havia hesitado, por que aquele passo seguinte para o desconhecido a assustava. A vida além dele. E pediria desculpas por ter usado o acordo deles para mandá-lo para longe, e não pararia de pedir desculpas até que ele sorrisse de novo.

Talvez o futuro não precisasse ser tão planejado — ela poderia apenas levar um dia de cada vez. Contanto que tivesse Cassian ao seu lado e as amigas com ela, Nestha conseguiria. Enfrentaria aquilo. Eles não deixariam que ela voltasse para aquele poço. Cassian jamais a deixaria cair de novo.

Mas se caísse... ele estaria esperando por ela no alto de novo. Com a mão estendida. Nestha não merecia aquilo, mas tentaria ser digna dele.

Nestha caiu no sono com aquele pensamento ecoando, um peso erguido do peito dela.

No dia seguinte, ela contaria tudo a Cassian. No dia seguinte, sua vida começaria.

Um cheiro de macho encheu o quarto dela. Não era Cassian. E não eram Rhys ou Azriel.

Estava cheio de ódio, e Nestha levantou o tronco no momento em que uma risada áspera soou. No fim do corredor, Gwyn gritou — então se calou.

No escuro, ela não conseguia discernir nada, e buscou o poder dentro dela, buscou a faca ao lado da cama...

Alguma coisa fria e úmida foi pressionada contra seu rosto.

Aquilo queimou suas narinas e escancarou sua mente.

Escuridão infiltrou seus pensamentos, e ela se foi.

Capítulo 63

O acordo de Nestha tinha requerido que ele fosse até a Casa do Vento para passar a noite.

E que ele só pudesse falar com ela quando que ela falasse com ele, ou depois que uma semana tivesse passado.

Regras bem fáceis de contornar. Ele fez uma nota mental para ensinar Nestha a escolher as palavras dos acordos com mais esperteza.

Cassian esperou até a noite requerida passar e então encontrou Rhys ao amanhecer, e pediu ao irmão que o atravessasse até Refúgio do Vento. Mor tinha relutantemente informado a ele que levara Nestha até lá no dia anterior. Ele acabaria aquela briga com Nestha, de um jeito ou de outro. Aquilo nunca o assustara. O laço da parceria, ou que Nestha fosse a parceira dele. Ele havia imaginado muito antes de o Caldeirão a transformar.

A única coisa que o assustava era que ela pudesse rejeitar a parceria. Odiá-lo por aquilo. Repeli-lo. Ele havia contemplado a verdade nos olhos de Nestha no Solstício, quando o laço da parceria tinha parecido uma imensidão de fios de ouro entre as almas deles, mas ainda assim ela hesitou. E no dia anterior o temperamento dele

havia levado a melhor e... ele começaria a segunda rodada fazendo com que ela dissesse uma palavra a ele, para que estivesse livre para dizer o resto.

O pedido de desculpas, a promessa que ele ainda precisava fazer — tudo isso.

Ele sentiu o cheiro de Nestha e Gwyn na porta dos fundos de Emerie quando bateu. Aquilo o comoveu profundamente, o fato de Gwyn ter desbravado o mundo além da biblioteca para confortar Nestha. Mesmo que ele se sentisse envergonhado por ter sido a causa.

Mas ao lado dele, o rosto de Rhys ficou subitamente pálido.

— Elas não estão aqui.

Cassian não esperou antes de invadir a loja, arrombando a tranca da porta de Emerie. Se alguém as tivesse ferido, levado...

Ninguém estava na sala de estar nos fundos. Mas — subitamente havia cheiros de *machos* naquela sala, como se tivessem atravessado direto até ali.

Illyrianos não tinham esse tipo de magia.

Exceto em uma noite, quando os illyrianos tinham um poder antigo e selvagem.

— Não. — Ele disparou escada acima, os degraus fétidos com aqueles cheiros de machos, e do medo das fêmeas. Ele encontrou o quarto de Nestha primeiro.

Ela havia lutado. A cama estava empurrada para o outro lado do quarto, a mesa de cabeceira estava caída, e sangue — sangue de macho, pelo cheiro, estava empoçado no chão. Mas o cheiro acre do sonífero em pomada, o suficiente para derrubar um cavalo, ainda estava no recinto.

A mente dele se silenciou. O quarto de Emerie e Gwyn estava do mesmo jeito. Sinais de uma luta, mas não das próprias fêmeas.

Medo surgiu, tão vasto e amplo que ele mal conseguiu respirar. Era uma mensagem — para as fêmeas, por acharem que eram guerreiras, e para *ele* por ter ensinado a elas, por desafiar as hierarquias e regras arcaicas dos illyrianos.

Rhys passou para o lado dele, com o rosto branco com aquele mesmo pesar.

— Devlon acaba de confirmar tudo. O Rito de Sangue começou à meia-noite.

E Gwyn, Emerie e Nestha tinham sido levadas da cama. Para participar dele.

PARTE QUATRO

Ataraxia

Capítulo 64

Alguém tinha derramado areia em sua boca. E martelado sua cabeça.

Ainda estava martelando, pelo visto.

Nestha descolou a língua dos dentes e engoliu algumas vezes para trazer a umidade de volta à boca. A cabeça doía...

Cheiros chegaram até ela. Machos, variados, e tantos...

Havia um chão duro e frio sob suas pernas nuas e folhas de pinheiro a espetavam através do tecido fino da camisola. Vento frio, de gelar o sangue, carregou todos aqueles cheiros de machos acima de uma maré de neve, pinho e terra...

Os olhos de Nestha se abriram de súbito. As costas largas de um macho preencheram seu campo visual, a maior parte delas coberta por um par de asas. Asas amarradas.

Imagens da noite anterior invadiram sua mente: os machos que a agarraram, como ela lutou até que eles pressionassem alguma coisa contra seu rosto que a fez apagar, os gritos de Gwyn e Emerie...

Nestha levantou o tronco com um sobressalto.

A vista era pior do que ela esperava. Muito, muito pior.

Lenta e silenciosamente, ela se virou no lugar. Guerreiros illyrianos inconscientes estavam espalhados em volta dela. Às costas, adiante. Em torno de seus pés descalços. Mais a cercavam, pelo menos duzentos, até o meio dos pinheiros altos.

O Rito de Sangue.

Ela devia ter acordado antes dos outros porque era Feita. Diferente.

Nestha voltou sua atenção para dentro, para aquele lugar onde o poder antigo e terrível descansava, e não encontrou nada. Como se o poço tivesse sido drenado, como se o mar tivesse retrocedido.

Os feitiços do Rito de Sangue atavam a magia. Seus poderes haviam se tornado inúteis.

Ela sabia que seus tremores não eram apenas de frio. Qualquer tempo que tivesse, não duraria muito. Os outros logo se agitariam.

E a veriam de pé entre eles, vestindo nada além de uma camisola. Sem armas.

Ela precisava se mover. Precisava encontrar Emerie e Gwyn naquela extensão infinita de corpos. A não ser que elas tivessem sido largadas em outro lugar.

Cassian, Rhysand e Azriel tinham sido deixados em locais diferentes, ela se lembrava. Eles haviam passado dias matando para abrir caminho uns até os outros, em meio aos guerreiros sedentos de sangue e das bestas que perambulavam por aquelas terras. Mas eles tinham, de algum jeito, se encontrado e escalado Ramiel, a montanha sagrada, e vencido o Rito.

Ela teria sorte se atravessasse aquela área em que estava.

Prendendo a respiração, Nestha ficou de pé devagar. Longe do escudo de corpos de guerreiros, o frio se chocou contra ela, quase lhe roubando o fôlego. Os tremores se intensificaram.

Ela precisava de algo mais quente. Precisava de sapatos. Precisava fazer uma arma.

Nestha olhou para a luz de brilho aquoso, como se aquilo fosse dizer a ela para que direção seguir em busca das amigas. Mas a luz queimou seus olhos e piorou o latejar na cabeça. Árvores — ela poderia encontrar o lado musguento das árvores, dissera Cassian. O norte estaria para aquela direção.

A árvore mais próxima se erguia a cerca de seis metros e dez corpos. Pelo que ela podia ver, musgo nenhum crescia em qualquer parte.

Então ela precisava encontrar um terreno mais alto e observar a área. Ver onde Ramiel se erguia e se ela conseguia ver outros locais em que guerreiros tinham sido largados.

Mas precisava de roupas, armas e comida para encontrar Gwyn e Emerie e, ah, deuses...

Nestha levou a mão à boca para conter sua exalação trêmula até quase o silêncio. Mexer. Ela precisava se *mexer*.

Mas alguém já tinha feito isso.

O farfalhar de asas o denunciou. Nestha se virou.

A trinta metros de distância, separado dela pelo mar de corpos dormindo, havia um macho bestial.

Ela não o conhecia, mas reconheceu o brilho em seu olhar. A intenção predatória e a diversão cruel. Soube o que aquilo quis dizer quando o olhar dele mergulhou para a camisola dela, para os seios empinados devido ao frio gelado, para as pernas nuas.

Medo queimou como ácido pelo corpo dela.

Nenhum dos outros se agitou. Pelo menos isso. Mas aquele macho...

Ele olhou para a esquerda — apenas por um segundo. Nestha acompanhou seu olhar, e perdeu o fôlego. Enterrada no tronco de uma árvore, brilhando levemente, havia uma faca.

Impossível. Ter armas no Rito de Sangue ia contra as regras. Será que o macho sabia que estaria ali, ou ele apenas vira antes dela?

Não importava. Só importava que a faca existia. E que era a única arma à vista.

Ela podia correr. Deixar que ele avançasse para a faca e fugir na direção oposta e rezar para que ele não seguisse.

Ou poderia ir na direção da arma. Chegar antes dele e então... ela não sabia o que faria depois. Mas estava de pé em um campo de guerreiros dormindo, que acordariam em breve, e se eles a encontrassem sem arma, indefesa...

Nestha correu.

Cassian não conseguia respirar.

Fazia longos minutos que não conseguia respirar ou falar. A família dele tinha chegado, e todos o cercaram no quarto destruído da casa de Emerie. Estavam falando, Azriel com alguma urgência, mas Cassian não o ouviu, não ouviu nada além do rugido em sua mente antes que ele dissesse para ninguém em particular:

— Vou atrás delas.

Silêncio recaiu, e ele se virou e viu que todos o encaravam, pálidos e de olhos arregalados.

Cassian bateu nos Sifões no dorso das mãos, e os Sifões restantes dele apareceram nos ombros, nos joelhos e no peito. Ele assentiu para Rhys.

— Atravesse comigo até ela. Az, você vai atrás de Emerie e Gwyn.

Rhys não se moveu nem um centímetro.

— Você conhece as leis, Cass.

— As leis que se fodam.

— Que leis? — indagou Feyre.

— Conte a ela — ordenou Rhys a ele, enquanto a escuridão da noite rodopiava em suas asas. Cassian fervilhou de ódio. — *Conte a ela, Cassian*.

O babaca tinha usado aquela dominância inerente sobre ele. Cassian disse, com os dentes trincados:

— Qualquer um que tire um guerreiro do Rito de Sangue será caçado e executado. Junto com o guerreiro que for desonrosamente removido do Rito.

Feyre esfregou o rosto.

— Então Nestha, Emerie e Gwyn precisam ficar no Rito.

— Nem eu posso quebrar essas regras — falou Rhys, em um tom mais suave. — Não importa o quanto eu queira — acrescentou ele, segurando o ombro de Cassian.

O estômago de Cassian se revirou. Nestha e as amigas dela — as amigas *dele* — estavam no Rito. E ele não podia fazer nada para interferir, não sem condenar todos. Sua mão tremeu.

— Então o quê... ficamos com a bunda sentada durante uma semana e esperamos? — A ideia era abominável.

Feyre agarrou os dedos trêmulos dele e apertou firme.

— Você... Cassian, não estava ouvindo quando chegamos aqui?

Não. Ele não tinha prestado muita atenção em nada.

Azriel disse, tenso:

— Meus espiões souberam que Eris foi capturado por Briallyn. Ela mandou os soldados restantes atrás dele enquanto ele estava caçando com os cães. Os soldados o agarraram e, de alguma forma, foram todos atravessados de volta para o palácio dela. Suponho que usando o poder de Koschei.

— Não me importo. — Cassian se dirigiu até a porta. Mesmo que... Porra. Não foi ele que disse a Rhys para não ir atrás daqueles soldados? Para deixá-los para lá? Tinha sido um tolo. Tinha deixado um inimigo armado em ponto cego e se esquecera disso. Mas, por ele, Eris podia apodrecer.

Az falou:

— Precisamos libertá-lo.

Cassian parou subitamente.

— Precis*amos*?

Rhys passou para o lado de Azriel, com Feyre ao seu lado. Uma parede formidável.

— Nós não podemos ir — disse Feyre, acenando para Rhys. Não era preciso explicar: com o bebê a menos de dois meses de nascer, Feyre não arriscaria nada. Mas Rhys...

Cassian desafiou seu Grão-Senhor:

— Você consegue voltar em uma hora.

— Não posso ir. — Tempestades da cor da meia-noite rodopiaram nos olhos de Rhys.

— Pode sim, porra — disse Cassian, sentindo o ódio tomar conta, como uma onda de maré que varreria tudo em seu caminho. — Você...

— Eu não posso.

Era dor, dor pura e crua que tomou conta do rosto de Rhys. E medo. Feyre deslizou os dedos tatuados entre os de Rhys.

Amren perguntou, em tom afiado:

— Por quê?

Rhys encarou a tatuagem nos dedos de Feyre, entrelaçados com os dele. Sua garganta oscilou. Feyre respondeu por ele.

— Fizemos uma barganha. Depois da guerra. De... apenas deixar este mundo juntos.

Amren começou a massagear as têmporas, murmurando uma oração pela sanidade.

Azriel perguntou:

— Vocês fizeram uma barganha para morrerem juntos?

— Tolos — sibilou Amren. — *Tolos* românticos e idealistas. — Rhys virou seu olhar desolado para ela.

Cassian não conseguia controlar a respiração. Az estava imóvel como uma estátua.

— Se Rhys morrer — disse Feyre, com a voz embargada e o medo brilhando forte em seus olhos —, eu morro. — Os dedos dela acariciaram a barriga inchada. O bebê também morreria.

— E se *você* morrer, Feyre — disse Azriel, baixinho —, então Rhys morre.

As palavras ecoaram vazias e frias como uma badalada fúnebre. Se Feyre não sobrevivesse ao parto...

Os joelhos de Cassian ameaçaram ceder. O rosto de Rhys estava tenso com súplica e dor.

— Nunca achei que isso aconteceria — disse Rhys, baixinho.

Amren massageou as têmporas de novo.

— Podemos discutir a idiotice dessa barganha depois. — Feyre olhou com raiva para ela, e Amren devolveu o olhar antes de dizer a Cassian: — Você e Azriel precisam salvar Eris.

— Por que não você?

Feyre beliscou o osso do nariz.

— Porque Amren está...

— Sem poderes — grunhiu Amren. — Pode dizer, menina.

Feyre se encolheu.

— Mor partiu para Vallahan esta manhã e está fora do alcance da nossa magia daemati. Az não pode ir sozinho. Precisamos de você, Cassian.

Cassian ficou imóvel. Eles apenas esperaram.

Enquanto Nestha participava do Rito de Sangue, arriscando passar por todo horror e tristeza, ele partiria para salvar a porra do

Eris...

— Ele que morra.

— Por mais que isso seja tentador — falou Feyre —, ele é mais perigoso para nós nas mãos de Briallyn. Se estiver sob a influência da Coroa, vai revelar tudo o que sabe. — Ela perguntou a Cassian: — O que ele *sabe* sobre nós, exatamente?

— Demais. — Cassian pigarreou. Em meio aos bate-bocas deles, em meio a sua necessidade de alfinetar Eris, ele havia revelado demais. — Ele estava preocupado com o que faríamos com Nestha como um poder da Corte Noturna, e com todos os três objetos dos Tesouros Nefastos à nossa disposição. Ele achou que a Corte Noturna pudesse se rebelar e tentar algum tipo de tomada de poder.

Feyre disse, esperançosa:

— Talvez a adaga Feita que nós demos a ele lhe conceda imunidade da Coroa. Se ele estiver carregando a adaga, se não o desarmaram, isso pode protegê-lo de outro objeto Feito.

— Mas não sabemos disso — replicou Rhys. — E ele ainda estará nas garras de Briallyn. Ela pode conseguir a adaga por conta própria, e a adaga pode responder a ela.

Az acrescentou, sombriamente:

— E há muitos outros métodos de fazer com que ele fale.

Amren interrompeu:

— Vocês precisam ir agora. — Ela se virou para Feyre e Rhys. — Vamos voltar para Velaris e ter uma boa e longa conversa sobre essa sua barganha.

Cassian não se incomodou em ler as expressões de Feyre e Rhys quando olhou para a pequena janela, para a natureza além dela. Como se pudesse ver Nestha ali.

Ele conjurou sua armadura, as escamas e as placas intricadas se fecharam com uma familiaridade reconfortante em seu corpo.

— Eu treinei bem Nestha. Treinei todas bem — disse ele com a garganta oscilando. Então acrescentou no silêncio enquanto Az batia nos próprios Sifões e a armadura dele aparecia: — Se alguém pode sobreviver ao Rito de Sangue, são elas.

Se conseguissem se encontrar.

Nestha disparou na direção da árvore com a faca, o macho se lançando em movimento apenas um segundo depois.

Ele tropeçou sobre os corpos espalhados, mas Nestha manteve os joelhos para o alto. Um espelho de cada exercício com os pés que tinha feito com a escada no chão, como se aqueles corpos fossem os degraus da corda a serem evitados. Sua memória muscular entrou em ação; ela mal olhou para o emaranhado de membros ao se aproximar da árvore. Mas o macho já havia se equilibrado e se aproximava rápido.

Alguém devia ter plantado a arma, ou sob o véu da escuridão da noite anterior, ou semanas antes. O Rito de Sangue já era bastante brutal sem armas — apenas as que eles faziam — mas com aço de verdade...

O macho tinha bons quinze centímetros e cinquenta quilos a mais do que ela. No combate físico, ele possuiria todas as vantagens. Mas se ela conseguisse pegar aquela faca...

Nestha saiu da área onde os corpos estavam, e suas pernas voaram conforme ela corria os últimos poucos metros até o tronco da árvore com a mão estendida. Ela roçou o cabo da faca...

O macho se chocou contra ela com a força de um guerreiro illyriano adulto.

O fôlego escapou para fora dela diante do impacto quando eles caíram no chão — ultrapassaram o ápice da colina para o outro lado da árvore.

Eles saíram rolando na direção da margem do rio, trinta metros abaixo, alternando-se conforme rolavam pela colina. Rochas e folhas estalavam e arranhavam a pele dela, asas batiam acima e abaixo e o cabelo de Nestha açoitava seu rosto conforme suas mãos tateavam...

Nestha se chocou contra a margem do rio com tanta força que sua coluna rangeu, o macho caiu sobre ela, fazendo com que a última lufada de fôlego explodisse para fora de seus pulmões.

As asas dele estremeceram, mas ele não se moveu.

Nestha abriu os olhos e se viu encarando o olhar cego dele. Viu que sua mão, agarrada a adaga que ela havia enterrado no pescoço do macho, estava encharcada de sangue morno.

Resmungando, Nestha rolou o macho para fora. Deixou a adaga despontando do pescoço dele, com sangue ainda escorrendo do ferimento. A faca tinha perfurado até a base da curva do pescoço.

Nestha cuspiu um punhado de sangue nas pedras secas. A camisola estava coberta de sangue e terra, sua pele estava esfolada e ardendo. Mas ela estava viva. E o macho não.

Nestha se permitiu inalar lentamente pelo nariz enquanto contou até seis. Ela prendeu a respiração, e soltou lentamente. Fez o exercício de respiração mais duas vezes. Avaliou o estado de seu corpo, desde a cabeça latejante até os pés cortados. Respirou de novo.

Quando sua mente se acalmou, Nestha tirou a faca do pescoço do macho. Então tirou as roupas dele, item após item, incluindo as botas. Ela se vestiu com fria eficiência, tirou a camisola ensanguentada e jogou-a sobre o rosto do macho como se fingisse estar num velório, então enfiou a faca no cinto que havia afivelado o máximo possível. As roupas estavam largas, as botas grandes demais podiam ser um risco, mas eram melhores do que a camisola.

E então ela foi atrás das amigas.

Capítulo 65

Nestha escalou o outro lado do vale e encontrou a terra adiante livre de guerreiros. Atrás dela, do outro lado da pequena ravina, os outros ainda dormiam. Nenhum sinal de Emerie ou Gwyn entre eles. Nenhum sinal de onde elas poderiam estar também.

Cassian havia dito a ela quando estavam deitados na cama certa noite, suados e exaustos, que havia três locais em que soltavam os guerreiros para o Rito — um no norte, um no oeste, e um no sul. As amigas dela deviam estar nos demais, ou juntas, ou uma em cada. Elas ficariam apavoradas quando acordassem.

Gwyn...

Nestha se recusou a pensar naquilo quando correu pelos pinheiros, colocando distância entre ela e os guerreiros adormecidos antes de encontrar uma árvore imponente. Ela subiu, sentiu a seiva cobrindo seus dedos rapidamente, e quando chegou ao topo...

Ramiel podia muito bem estar do outro lado de um oceano. A montanha se erguia adiante, com mais outras duas e um mar de floresta e sabe-se lá os deuses o que mais entre ela e as colinas estéreis. Era idêntica à pintura de Feyre. Ela olhou para o sol, depois

para o tronco abaixo dela, buscando musgo. Ali – logo abaixo de seu pé esquerdo.

Ramiel ficava no leste. Então ela fora jogada no oeste, e as outras...

Nestha precisava escolher norte ou sul. Ou seria melhor seguir para a montanha e torcer para encontrar as duas no caminho?

Ela buscou a memória por conselhos que Cassian pudesse ter dado casualmente. Cassian... Talvez ele já estivesse a caminho de salvá-la.

A bolha de esperança em seu peito estourou. Ele não podia salvá-la. Ele mesmo havia informado a ela sobre as leis que proibiam tal coisa. Ele seria executado, assim como ela. Nem mesmo Rhysand ou Feyre podiam impedir aquilo.

Cassian não iria salvá-la. Ninguém iria salvá-la, nem Emerie, ou Gwyn.

Nestha flexionou os dedos, tentando fazê-los recuperarem a circulação depois de ter ficado tanto tempo parada. Ela soltou um palavrão baixinho ao ver o sangue que vazava de alguns pequenos cortes em suas mãos.

Eles já deviam estar curados. Mas o feitiço que atava o Rito também suprimia qualquer magia de cura no sangue de um feérico, aparentemente. Inclusive o dela.

Qualquer ferimento seria fatal. Curaria a um ritmo humano, mortal. Nestha se permitiu tomar mais alguns fôlegos lentos e tranquilizadores. Ela conseguiria fazer aquilo. Ela *faria* aquilo.

Salvaria as amigas. E a si mesma.

Berros ecoaram atrás dela. Os outros estavam acordando. Aos palavrões, Nestha correu para baixo da árvore e sentiu casca e folhas de pinheiro grudando em suas mãos cobertas de seiva. Ela precisava escolher uma direção, e correr assim que chegasse ao chão.

Os berros atrás dela foram acentuados por mais gritos.

Ela olhou para trás, para se certificar de que ninguém se aproximava. E ao fazer isso, viu de relance um clarão de luz da pulseira trançada no pulso esquerdo. Do pequeno pingente de prata no meio, reluzindo à luz.

Não — estava *brilhando*.

Nestha passou a ponta do dedo pelo pingente. Ele zumbiu contra sua pele. Pesar tomou conta dela — um arrepio no pescoço, como se uma voz baixinha tivesse sussurrado, *Rápido.*

Nestha se virou para ver melhor contra o sol, mas a luz dentro do pingente sumiu. Nestha se virou para o norte. O pingente brilhou de novo.

Erguendo as sobrancelhas, ela inclinou o braço para o leste: nada. Sul: apenas um brilho fraco. Nenhuma sensação de urgência, de puro pânico. Mas ao norte... O pingente acendeu, e de novo, aquele pesar tomou conta dela.

Nestha inspirou fundo, lembrando-se da noite na Casa quando tinham feito as pulseiras. Lembrando-se do desejo para elas: *a coragem de sair mundo afora quando estivermos prontas, mas sempre poder encontrar nosso caminho de volta uma até a outra. Não importa o que aconteça.*

Ela havia Feito os pingentes. Transformou-os em faróis. E qualquer que fosse a amiga que estava no sul, não estava nem de longe correndo o mesmo perigo que aquela no norte.

A terra naquela direção era uma subida. Uma pequena benção. Os outros guerreiros provavelmente escolheriam o caminho mais rápido e mais fácil até Ramiel, e evitariam uma rota que envolvesse subida.

Mas como é que os pingentes funcionavam ali? O Rito bania magia, tanto de um possuidor quanto de objetos. A não ser que o poder que cercasse o Rito não sufocasse os itens Feitos. Feitiços feéricos precisavam ser proferidos com cautela, talvez quem quer que tivesse criado aquele feitiço para os illyrianos jamais tivesse considerado a possibilidade de um item Feito acabar no Rito.

Mesmo assim, o poder dela estava adormecido. Nestha se voltou para dentro, tentando encontrá-lo, mas foi recebida pelo vazio.

A garganta dela se apertou. Ela mesma era algo Feito, mas também era uma pessoa. A magia a reconhecia como uma *pessoa*, não como uma coisa.

Nestha não se dera conta de quanto precisava que lhe mostrassem essa distinção. Ela inspirou o cheiro de pinho e a promessa distante de neve. *Viva*. Mesmo naquele inferno, ela estava viva.

E se certificaria de que as amigas também estivessem.

Expirando lentamente e controlando a respiração, Nestha abaixou o braço e começou a se mover.

As botas grandes demais atingiram o chão, seus dedos se agitaram dentro delas.

Quando Nestha se esticou, verificando a faca ao lado do corpo, já estava rumando para o norte.

Ocorreu a Nestha depois de dez minutos correndo colina acima, com o pingente brilhante ainda a impulsionando adiante e os pés naquelas botas infernais que escorregavam de um lado para o outro, que ela precisava de água. E de comida. E que precisaria de abrigo antes do pôr do sol. E precisaria decidir se arriscaria uma fogueira, ou possivelmente morreria de frio apenas para evitar ser encontrada.

As roupas que tinha tirado do macho não eram espessas o bastante para ajudá-la a sobreviver à noite. E se o céu cinzento era algum indicativo, neve e chuva podiam estar próximas.

Mas nenhum guerreiro estava ao seu encalço. Pelo menos tinha essa vantagem. A não ser que fossem tão sorrateiros quanto Cassian e Azriel.

Esse pensamento a fez conter o ritmo frenético e silenciar os passos. Nestha enfiou a pulseira e o pingente brilhante para dentro da manga para esconder o brilho na escuridão. Tentando deixar poucas evidências de sua passagem conforme ela escalava uma colina particularmente íngreme e observava o terreno adiante.

Mais árvores e rochas e...

Nestha se abaixou quando uma flecha passou zunindo. Uma porra de *flecha*...

A faca não tinha sido uma coincidência. Alguém havia jogado armas no Rito de Sangue. Nestha observou o terreno atrás dela em busca da flecha. Ali... presa na base de uma árvore.

Ela deslizou de volta para baixo da colina até a alcançar, soltar e enfiar no cinto. Então, sempre abaixada, voltou a subir a colina e olhou novamente para o pico.

E viu-se cara a cara com uma ponta de flecha afiada como lâmina.

— Levante — grunhiu o guerreiro.

Com cada légua que Cassian voava em torno do castelo um dia compartilhado pelas rainhas, ele amaldiçoava Eris por ter sido tolo a ponto de ser capturado. Agora aquela era a fortaleza de Briallyn, supôs ele. Trechos de neve ainda cobriam a terra aberta e montanhosa, embora os primeiros botões e brotos de primavera despontassem. Ele se manteve alto o suficiente para que respirar fosse difícil, tão alto que não pareceria ser mais do que um pássaro bem grande para qualquer humano no chão. Mas com sua visão feérica, ele podia distinguir nitidamente o que atravessava a terra.

Mas não viu sinal de Eris. Nenhum cabelo vermelho, nenhuma chama, nenhum indício dos soldados. Azriel, circundando na direção oposta, sinalizou que também não tinha visto nada.

Era difícil permanecer concentrado. Continuar voando, circundando como abutres, quando sua mente pairava para o nordeste. Para as montanhas Illyrianas e o Rito de Sangue e Nestha.

Será que ela havia sobrevivido à onda inicial? Os guerreiros deviam estar acordando agora.

Porra de Eris. Como ele podia ter sido tão inconsequente a ponto de deixar aqueles soldados se aproximarem?

Cassian verificou de novo o terreno abaixo, lutando para manter a respiração tranquila no ar rarefeito. Ele encontraria Eris rapidamente. Espancaria o macho, se tivesse tempo.

E depois o quê? Ele não podia fazer nada para ajudar Nestha. Mas pelo menos podia ficar perto do Rito. Se o pior acontecesse...

Ele sufocou o pensamento. Nestha sobreviveria. Gwyn e Emerie sobreviveriam.

Ele não permitiria outra alternativa.

Capítulo 66

O guerreiro illyriano era menor do que o que Nestha havia matado, mas ele tinha conseguido um arco e flecha.

— Me passe as suas armas — ordenou ele, percorrendo-a com o olhar e reparando no sangue que cobria o rosto de Nestha, que se encrustava em seu queixo e pescoço.

Nestha não se moveu. Nem mesmo abaixou o queixo.

— Me passe suas armas, *porra* — avisou o macho, com a voz mais afiada.

— De onde você veio? — indagou ela, exigindo uma resposta como se não tivesse uma flecha apontada para seu rosto. E então, antes que o macho tivesse tempo para responder: — Havia outra fêmea lá?

O macho piscou — e foi a única confirmação de que Nestha precisava antes de entregar a flecha. Muito lentamente levando a mão à faca.

— Você matou ela também? — A voz dela tinha se tornado puro gelo.

— A cadela mutilada? Deixei para os outros. — Ele sorriu. — Você é uma presa melhor mesmo.

Emerie. Se aquele macho já a vira, ela não devia estar muito longe. Nestha soltou a faca.

O macho manteve a flecha apontada.

— Solte e recue dez passos.

Emerie estava viva. E perto. E em perigo.

E aquele desgraçado não impediria Nestha de salvá-la.

Nestha abaixou a cabeça e curvou os ombros no que ela esperava que o macho acreditasse ser um sinal de resignação. De fato, ele sorriu.

Ele não tinha a menor chance.

Nestha abaixou a faca. Girou o pulso e abriu os dedos ao atirá-la.

Bem na direção da virilha dele.

Ele gritou, e ela avançou quando a mão dele se afrouxou sobre o arco. Ela se chocou contra ele e a arma, o fio do arco açoitou seu rosto com tanta força que lhe arrancou lágrimas, mas elas caíram, e o macho urrava...

Ninguém ficaria entre ela e as amigas.

A mente de Nestha deslizou até um lugar frio e calmo. Ela pegou o arco, atirou longe. Enquanto o macho se contorcia no chão, tentando se desvencilhar da faca que lhe perfurava as bolas, ela saltou para a lâmina, enterrando-a mais fundo. O grito dele fez os pássaros voarem em debandada dos pinheiros.

Nestha girou a faca para soltá-la e deixou o macho caído ali. Ela pegou as duas flechas, mas não se deu ao trabalho de soltar a aljava presa sob as costas dele. Nestha pegou o arco illyriano, guardou a faca e correu na direção da qual ele tinha vindo.

Os urros do macho a seguiram durante quilômetros.

Um rio anunciou sua presença muito antes de Nestha o alcançar. Assim como os guerreiros na margem próxima, conversando hesitantes uns com os outros — avaliando um ao outro, supôs Nestha — enquanto enchiam o que pareciam ser cantis. Como se alguém também tivesse deixado os recipientes no Rito.

Nenhum sinal de Emerie.

Ela se manteve atrás de uma árvore, contra o vento, e ouviu.

Não havia um sussurro sobre Emerie ou outra fêmea. Apenas uma tensa enumeração de regras sobre as alianças que estavam formando, como chegar a Ramiel, quem tinha deixado as armas e os cantis para eles...

Ela estava prestes a procurar um ponto tranquilo para atravessar o rio, longe dos machos, quando ouviu:

— Pena que aquela cadela escapou. Teria dado um bom entretenimento nas noites frias.

Tudo no corpo de Nestha paralisou. Emerie havia chegado até aquele rio. Viva.

Outro disse, bebendo da água corrente:

— Ela deve ter sido carregada pelo rio até o pé da montanha. Se não tiver sido morta pelas corredeiras, as bestas vão pegá-la antes do alvorecer.

Emerie devia ter pulado no rio para fugir daqueles machos.

Nestha passou os dedos pelo arco jogado sobre seu ombro. As flechas em seu cinto pendiam como lastros. Ela deveria matar aqueles machos por isso. Disparar suas flechas em dois deles e *matá-los* por terem machucado sua amiga.

Mas se Emerie tinha sobrevivido...

Ela se afastou da árvore. Deslizou até a seguinte. Então a seguinte. Acompanhou o rio, seus passos eram pouco mais do que um sussurro de água sobre pedra.

Entre os pinheiros, ela seguiu colina abaixo. As corredeiras ficavam mais fortes e as rochas se erguiam como lanças pretas. Uma cachoeira rugia adiante. Se Emerie a tivesse atravessado...

As corredeiras avançavam além da borda, até o fundo, trinta metros abaixo. Não tinha como sobreviver àquilo.

A garganta de Nestha secou.

E secou mais ainda quando ela contemplou o que estava do outro lado do rio, presa em uma árvore caída que se projetava da margem rochosa diretamente diante da queda da cachoeira.

Emerie.

Nestha correu até a beira da água, mas puxou o pé de volta da correnteza gelada. Emerie parecia inconsciente, mas Nestha não ousou arriscar gritar o nome dela. Um olhar para o céu revelou que o

sol estava na posição do meio da tarde, mas não oferecia calor, salvação.

Há quanto tempo será que Emerie estava na água gelada?

— Pense — murmurou Nestha. — Pense, pense.

Cada minuto na água arriscava matar Emerie. Ela estava longe demais para que Nestha visse qualquer ferimento, mas não se mexia contra o galho. Apenas as asas trêmulas davam algum sinal de vida.

Nestha tirou a roupa. Desejou ter levado a camisola para poder amarrar a faca e as duas flechas na perna, em vez de deixá-las na margem, mas não tinha escolha. Ela balançou o arco illyriano, no entanto, prendendo-o no peito, e enterrando o fio em sua pele exposta.

Nua, Nestha mediu a distância entre a cachoeira, a corredeira, as rochas e Emerie.

— De uma rocha para a outra — disse ela a si mesma. E se preparou para o frio.

Então saltou na água.

Nestha arquejou e tossiu ao sentir o choque gelado. Suas mãos tremiam tanto que ela teve medo de soltar as rochas escorregadias e ser atirada para a cachoeira. Mas prosseguiu. Dirigindo-se até Emerie. Mais e mais perto, até que finalmente nadou freneticamente entre a última rocha e a margem do rio, e até Emerie, que estava debruçada sobre a árvore parcialmente submersa.

Trêmula e batendo dentes, Nestha libertou Emerie dos galhos e a subiu mais na margem do rio, então se agachou sobre a amiga.

O rosto de Emerie estava cheio de hematomas e o braço dela sangrava de um corte no bíceps. Mas ela respirava.

Nestha conteve o soluço de alívio e sacudiu gentilmente a amiga.

— Emerie, acorde.

A fêmea nem mesmo gemeu de dor. Nestha tateou os cabelos pretos de Emerie, e seus dedos saíram ensanguentados.

Ela precisava atravessar o rio, encontrar abrigo. Fazer uma fogueira, então esquentar as duas. O arco que ela carregava não seria suficiente para protegê-las. Nem de longe.

— Tudo bem, Emerie. — Os dentes de Nestha batiam tão forte que o rosto dela doía. — Desculpe por isso.

Ela segurou a camisola da amiga e a rasgou no meio, expondo o corpo magro e tonificado de Emerie aos elementos da natureza. Nestha tirou a camisola e a torceu em uma corda longa, então tirou o arco do ombro.

— Você não vai gostar desta parte — disse Nestha, entre os dentes batendo, puxando Emerie de volta para a água. — E nem eu — murmurou ela enquanto a água gélida feria seus pés dormentes.

Frio como Caldeirão. Frio como...

Nestha deixou o pensamento passar e desejou que ele pairasse como uma nuvem. Concentrou-se.

Ela conseguiu levar Emerie para a água até a altura da cintura delas, segurando a amiga tão forte quanto seus dedos trêmulos permitiam. Então Nestha levantou Emerie pelas costas e passou o arco illyriano em volta das duas, deixando que o fio quase inquebrável do arco se enterrasse no seu peito, de forma que a madeira repousasse contra a coluna de Emerie, prendendo uma na outra.

— Melhor do que nada. — Ela prendeu os braços inertes de Emerie em volta dos próprios ombros, então pegou a camisola de Emerie e a prendeu nos pulsos, amarrando-as naquela posição. — Segure firme — avisou Nestha, embora Emerie ainda fosse um peso imóvel em suas costas.

De rocha em rocha. Exatamente como tinha feito antes. De rocha em rocha, então de volta à margem.

De rocha em rocha. Um degrau após o outro.

Ela conseguira avançar dez mil degraus na Casa do Vento. Tinha conseguido mais do que isso durante os últimos meses. Ela conseguiria fazer aquilo.

Segurando o grito devido ao frio, Nestha se moveu mais para dentro da água.

Emerie balançava e batia contra ela, e o fio do arco illyriano se enterrava no peito de Nestha com tanta força que cortava a pele. Mas se mantinha fixo.

Passo após passo.

Quando Nestha voltou à margem mais afastada, trêmula e quase soluçando, o fio do arco a tinha feito sangrar. Mas elas estavam em

terra firme, suas roupas e armas estavam ali, e agora deveriam encontrar calor e abrigo.

Nestha deitou Emerie nas folhas de pinheiro, cobriu a amiga com as roupas secas que tinha deixado para trás, e recolheu tanta madeira quanto conseguiu carregar. Nua e trêmula, ela mal conseguia segurar os gravetos nos braços quando os empilhou perto de Emerie. Seus dedos trêmulos tinham dificuldade para girar os gravetos por tempo suficiente para acender uma fagulha, para transformar a madeira em chama, mas — ali estava. Fogo. Ela vasculhou a área em busca de troncos caídos, rogando para que não tivessem molhados demais pelos borrifos das corredeiras para pegar fogo.

Quando a fogueira estava estalando consistentemente, Nestha deslizou para baixo da pilha de roupas ao lado de Emerie e abraçou a amiga, unindo bem a pele uma da outra. As duas estavam congelando, mas o fogo estava quente, e sob as roupas grandes do macho, o frio da água começou a se dissipar.

Mas estavam completamente expostas ao mundo. Se alguém aparecesse, elas morreriam.

Nestha abraçou Emerie e sentiu o corpo dela ficar cada vez mais quente. Viu a respiração se tranquilizar. Sentiu os próprios dentes batendo se acalmarem.

Logo a noite cairia. E o que surgiria na escuridão...

Nestha se lembrou das histórias de Cassian sobre monstros que espreitavam por aqueles bosques. Ela engoliu em seco e abraçou Emerie com mais força. Ela olhou para o braço, o pingente ainda brilhava pouco, apontando apenas para o sul agora. Um único brilho de esperança, de direção. O que tinha acontecido com Gwyn? Será que estava revivendo seus piores pesadelos? Será que ela...

Nestha se concentrou na respiração. Silenciou a mente.

Ela sobreviveria à noite. Ajudaria Emerie. E encontraria Gwyn.

Em volta de um rio, ela aprendera durante a caminhada com Cassian, sistemas de cavernas costumavam ser escavados pela água. Mas para encontrar um, ela precisaria deixar Emerie...

Nestha olhou para o sol que sumia, então saiu de debaixo da pilha de roupas. Ela cobriu Emerie com folhas e galhos, acrescentou

outro tronco à fogueira, e arriscou pegar o casaco do macho para se cobrir.

Nestha calçou as botas, embora seus pés cheios de bolhas protestassem, e percorreu um círculo cauteloso em torno do local do acampamento, tentando ouvir alguma coisa. Alguém. Observando cada pedra e rocha cortada.

Nada.

O céu escureceu. Devia ter cavernas ali em algum lugar. Mas onde, *porra?* Onde...

— A entrada é aqui.

Nestha se virou com a adaga em punho, e encontrou um macho illyriano de pé a poucos metros dela. Como é que ele havia se aproximado sorrateiramente, como havia sobrevivido apesar da laceração que descia pelo lado do rosto...

O macho reparou nos ferimentos dela, na nudez de Nestha sob o casaco, nas pernas nuas e nas botas. Na faca.

Mas nenhuma luxúria ou ódio tomaram seus olhos castanhos.

O macho cuidadosamente apontou para o que ela havia confundido com uma rocha coberta de folhas.

— Aquilo é uma caverna. Grande o bastante para entrar.

Nestha ficou de pé. Deixou que ele visse a violência fria em seus olhos.

— Você não vai sobreviver uma hora no chão quando a noite cair — disse o macho. Seu rosto charmoso era jovial e neutro. — E se ainda não escalou uma árvore, então vou supor que tem alguém ferido com você.

Ela não revelou nada.

O macho ergueu as mãos. Nenhuma arma, nenhum sangue nele, exceto pelo corte que descia por seu rosto.

— Eu vim do ponto do oeste. — De onde Nestha tinha vindo. — Vi o corpo na ravina, você fez aquilo com Novius, não foi? Ele estava nu. Você está usando as roupas de um macho. E essa deve ser a faca que cortou a garganta dele. Sabe quem diabos largou armas aqui?

Nestha se manteve calada. A noite se intensificava em torno deles.

O macho deu de ombros quando ela não respondeu.

— Decidi ir rumo ao norte, esperando chegar a Ramiel por um caminho menos escolhido, evitando de vez o conflito com os outros, se puder. Não tenho problemas com você. Mas vou entrar naquela caverna agora, e se você for esperta, vai trazer quem quer que esteja com você e entrar também.

— E deixar que você tome minhas armas e me mate enquanto durmo?

Os olhos castanhos do macho brilharam.

— Eu sei quem você é. Não sou tão burro a ponto de perseguir você.

— É o Rito de Sangue. Você seria perdoado.

— Feyre Quebradora da Maldição não me perdoaria por ter matado a irmã dela.

— Então está fazendo isso para cair nas graças dela?

— E importa? Juro pelo próprio Enalius que não vou matar você ou quem quer que esteja com você. É pegar ou largar.

— Não vai nos matar ou ferir de modo algum. E nem deixar que alguém que você conhece faça isso.

Um leve sorriso.

— Você se adaptou rápido às regras dos feéricos. Mas sim. Juro isso também.

A garganta de Nestha tremeu quando ela sopesou a expressão do macho. Olhou para a caverna escondida atrás dele.

— Vou precisar de ajuda para carregá-la.

Eles não arriscaram uma fogueira na caverna, mas o macho, cujo nome era Balthazar, ofereceu a capa grossa de lã para cobrir Emerie. Nestha vestiu Emerie nas roupas do macho morto, o que a deixou apenas com o casaco de couro, e embora fosse contra todos os seus instintos, ela permitiu que Balthazar se sentasse ao seu lado; o calor dele penetrou seu corpo gelado.

— Quando o sol nascer, vá embora — disse Nestha, para a escuridão da caverna e cheia de folhas conforme a noite caía.

— Se sobrevivermos à noite, ficarei feliz em fazer isso — respondeu Balthazar. — As bestas da floresta podem sentir o cheiro

do sangue de sua amiga e nos rastrear direto até esta caverna.

O olhar de Nestha percorreu o jovem guerreiro.

— Por que não está lá fora matando todo mundo?

— Porque quero chegar à montanha e me tornar Oristiano. Mas se encontrar alguém que gostaria de matar, não vou hesitar.

Silêncio se instalou e permaneceu.

Alguns minutos depois, galhos estalaram.

O corpo de Balthazar ficou tenso, a respiração dele se tornou impossivelmente silenciosa. No breu da caverna, os únicos barulhos eram o farfalhar das roupas deles e das folhas sob seus corpos.

Um uivo perfurou a noite, e Nestha se encolheu, puxando Emerie para mais perto de seu corpo.

Os estalos dos galhos e o uivo se afastaram, e o corpo de Balthazar relaxou.

— Esse é só o primeiro — sussurrou ele para a escuridão. — Vão espreitar até o alvorecer. — Ela não queria saber o que havia lá fora. Ainda mais quando gritos começaram a soar a distância. — Alguns podem subir em árvores — murmurou Balthazar. — Os idiotas dos guerreiros esquecem disso.

Nestha permaneceu calada.

— Eu pego o primeiro turno — disse o guerreiro. — Descanse.

— Tudo bem. — Mas ela não ousou fechar os olhos.

Nestha permaneceu acordada a noite toda. Se Balthazar sabia que ela não estava dormindo durante o turno dele, não disse nada. Ela aproveitou para fazer os exercícios de Silenciamento Mental, o que manteve a ansiedade afastada, mas não completamente.

O estalo de vegetação sob as patas e garras de bestas à espreita e os gritos dos illyrianos continuaram por horas.

Quando Balthazar a cutucou com o joelho e ela fingiu que acordou, ele apenas murmurou que ia dormir e se acomodou contra ela. Nestha se permitiu absorver o calor dele contra o ar frígido da caverna. Nestha não dava a mínima se os fôlegos profundos dele eram sono verdadeiro ou fingido, como o dela tinha sido.

Ela manteve os olhos abertos, mesmo quando se tornaram insuportavelmente doloridos e pesados. Mesmo quando o calor de seus dois companheiros ameaçou embalá-la no sono.

Ela não dormiria. Não baixaria a guarda por um momento sequer.

O alvorecer por fim entrou pela cerca de galhos, e os gritos e uivos diminuíram até sumirem. Uma rápida inspeção à luz fraca revelou que embora sua amiga permanecesse inconsciente, o ferimento na cabeça de Emerie tinha parado de sangrar. Mas...

— Você vai encontrar muitas roupas hoje — disse Balthazar, parecendo ler a mente dela. Ele avançou para a luz do dia e olhou ao redor, então disse um palavrão baixinho. — Muitas roupas.

As palavras fizeram Nestha sair aos tropeços da caverna.

Corpos alados estavam jogados por toda parte, muitos parcialmente devorados.

Um vento frio soprou o cabelo escuro de Balthazar quando ele saiu andando.

— Boa sorte, Archeron.

Eris não estava em lugar nenhum das terras que cercavam o castelo das rainhas. Mas Azriel tinha encontrado um mercador humano de passagem na estrada que vinha do palácio, que não hesitou quando lhe foi perguntado se um macho feérico tinha chegado recentemente. Ele prontamente informou que um feérico de cabelos ruivos tinha sido arrastado para dentro do castelo duas noites atrás. Ele ouviu na taverna que o macho deveria ser levado a outro lugar em breve.

— Vamos esperar aqui até que eles saiam do castelo. Então os seguiremos pela cobertura das nuvens — disse Azriel, com o rosto sombrio.

Cassian resmungou em concordância e passou a mão pelo cabelo. Ele mal havia dormido, pensando em Nestha e em Feyre e Rhys.

Cassian e Azriel não tinham conversado sobre o acordo do irmão dele, o qual condenaria Rhys caso Feyre não sobrevivesse ao parto. Perdê-la seria insuportável, mas também perder Rhys... Cassian não podia pensar naquilo sem ficar enjoado. Talvez Amren estivesse

trabalhando em algum modo de desfazer o acordo. Se havia alguém capaz de encontrar um jeito, seria ela. Ou Helion, supôs ele.

Mas Cassian e Azriel estavam fora do alcance de daemati de Rhys e Feyre. Não tinham recebido notícia nenhuma.

Mas ele saberia se Nestha estivesse morta. Em seu coração, sua alma, ele pressentiria. Sentiria.

Um parceiro sempre sabia.

Mesmo que ela tivesse rejeitado aquele laço.

Nestha tinha sobrevivido à noite, graças à pura sorte e a um illyriano mais interessado em política do que em matar.

A exaustão deixava cada momento mais pesado conforme Nestha entremeava os corpos desmembrados, tirando qualquer roupa que estivesse intacta e não manchada por sangue ou fluidos corporais. Muitos dos guerreiros tinham se urinado ou defecado quando as bestas da floresta os encontraram. Encontrar uma calça limpa foi uma tarefa árdua.

Mas Nestha recolheu o suficiente, inclusive um par menor de botas para si e um conjunto para Emerie, e pegou outra adaga, dois cantis de água e o que parecia ser a metade do coelho que alguém havia caçado como jantar.

Quando ela voltou para a caverna — vestida, hidratada e com meia pata de coelho na mão — Emerie estava acordada. Fraca, mas acordada. Ela não disse nada quando Nestha lhe entregou a carne e a água e a ajudou a se vestir.

Foi só quando Nestha a tirou com cuidado da caverna e Emerie observou a carnificina que ela disse, rouca:

— Gwyn?

Nestha, com o braço em torno do tronco de Emerie, levantou a mão livre — aquela com a pulseira. Ela lentamente apontou o braço em cada uma das direções.

— Sul — disse ela, quando o pingente brilhou. A localização de Gwyn não tinha mudado desde o dia anterior.

Emerie inspirou. Ergueu a própria pulseira para o sul. O pingente brilhava quase freneticamente agora, emitindo uma sensação

urgente de precisar se mover, agir, ser rápido.

Pavor percorreu os olhos de Emerie antes de eles se aguçarem em uma concentração sombria.

— Vamos rápido.

Capítulo 67

Emerie confirmou que tinha sido atacada e perseguida pelos machos que Nestha tinha visto no rio. Ela havia saltado na água como uma última chance de sobrevivência, batido com a cabeça na pedra e não lembrava de mais nada até a caverna.

Nestha deu a ela um breve e brutal resumo dos próprios encontros conforme elas seguiam para o sul, mantendo-se em grande parte caladas para ouvir os illyrianos que passavam. Alguns guerreiros solitários as ignoraram conforme passaram arrastando os pés, cobertos de sangue, todos rumando para o leste; alguns bandos lutavam uns contra os outros; e muitos outros corpos jaziam na terra fria.

Elas buscaram qualquer lampejo de cabelo cobre. Mas não viram ou ouviram nenhum sinal de Gwyn. Não discutiram se os pingentes as estariam levando na direção de um cadáver.

O dia passou, elas encontraram outra caverna quando a noite caiu e amontoaram-se pelo calor. Emerie insistiu em pegar o primeiro turno, e Nestha, enfim, dormiu. Quando a amiga a acordou, Nestha teve a sensação de que Emerie a deixara dormir por mais tempo do que deveria.

Pela manhã, elas saíram e encontraram sangue misturado à neve no chão. Os rastros de animais em torno da abertura da caverna eram grandes o bastante para embrulhar o estômago de Nestha.

Logo, começou a nevar vagarosamente. O bastante para cobrir o mundo adiante e atrás, e qualquer inimigo. Elas tremiam a cada passo em direção ao sul, embora tivessem vestido casacos sobressalentes de guerreiros caídos, e conforme a manhã avançava para o meio-dia, Nestha flexionou os dedos para evitar que as mãos congelassem.

Se ela sobrevivesse, nunca mais reclamaria do calor do verão; nunca mais subestimaria o casaco, o gorro, as luvas e aquele cachecol idiota que Cassian a obrigou a usar quando saiu de seu apartamento tantos meses antes.

— Sinto cheiro de fogo — murmurou Emerie. A última vez que tinham se falado fora horas atrás, em vez disso, se concentraram em afastar o frio que era tão intenso a ponto de seus dentes doerem.

Elas pararam atrás de dois pinheiros e observaram o terreno, o céu carregado de neve. Nestha consultou o pingente.

— Por ali — disse ela, inclinando a cabeça para a esquerda. — O fogo também está naquela direção, o vento está carregando a fumaça para baixo daquela cordilheira.

— Pode ser a fogueira de Gwyn — sugeriu Emerie, esperançosa.

Nestha assentiu, acalmando o coração acelerado. Elas avançaram lentamente, disparando de uma árvore para a outra, prestando atenção a qualquer perigo em volta delas, qualquer indício de Gwyn adiante. Estavam se movendo há vários minutos quando a gargalhada as alcançou. Gargalhada de macho.

O rosto de Emerie empalideceu quando ela voltou a pulseira na direção da fonte daquela gargalhada. O pingente brilhou, ofuscando até mesmo a luz fraca do sol invernal.

— Continue contra o vento — disse Nestha, sombriamente. — Vamos pegar a cordilheira pelo lado sul.

Uma camisola pendia de um galho perto do limite do acampamento.

O estômago de Nestha se revirou e o café da manhã precário queimou sua garganta. Uma inalação baixa de Emerie foi o único sinal da amiga de pesar e dor conforme elas subiram o último trecho da cordilheira na direção dos guerreiros acampados no alto. Eles estavam se gabando dos machos que tinham matado, da caminhada que restava até Ramiel. Nestha se esforçou para ouvir qualquer indício de uma fêmea entre eles. Se a camisola de Gwyn estava pendurada em uma árvore, então Gwyn...

Ramiel que fosse para o inferno. Ela passaria o resto da semana ali, matando todos lentamente.

O cume da cordilheira estava poucos metros acima.

Nestha controlou a respiração, mantendo-a silenciosa e breve, como as valquírias faziam. Um olhar para Emerie informou a ela que a fêmea estava fazendo o mesmo, ainda que ódio brilhasse nos olhos escuros dela.

Elas decidiram antes de subir a encosta que, como as asas de Emerie se erguiam muito acima da cabeça, Nestha observaria o que havia além da cordilheira. Emerie segurou duas facas; Nestha tinha uma adaga e o arco illyriano e duas flechas. Nestha precisaria da olhadela para reunir informações sobre que armas os machos tinham também.

Elas trocaram um último olhar, no momento em que os machos caíram na gargalhada, e Nestha se levantou. Apenas o suficiente para sua visão despontar pelo cume da cordilheira.

Dez machos estavam sentados em torno de uma fogueira, comendo. Alguns tinham machados, outros tinham espadas, alguns tinham facas. Nestha distinguiu o macho no meio, rindo e conversando mais alto, como o líder. O rosto dele — ela vira o rosto dele antes. Em algum lugar.

Nenhum sinal de Gwyn. Nestha se abaixou de novo, virando-se para Emerie.

Mas Emerie tinha sumido. Arrastada para baixo da encosta e presa entre dois machos sorridentes.

Ninguém entrou ou saiu do castelo imponente de pedras cinzentas. Azriel e Cassian se revezaram para circundá-lo do alto, esperando por qualquer sinal de um grupo partindo, mas os portões não se abriram. Ninguém sequer entrou ou saiu da cidade murada que o cercava. Era como se os portões tivessem sido trancados e o povo mantido do lado de dentro. Nenhuma aldeia pontuava as colinas em torno do castelo também.

O castelo parecia ter se erguido da terra e se assentado ali, ocupando o lugar como uma besta imensa sobre a terra.

— Briallyn deve saber que estamos aqui — disse Cassian, quando desceu depois de concluir sua última vigilância aérea. — Acha que ela está esperando que a gente aja?

— Acho que a pergunta melhor seria se Eris ainda está vivo — murmurou Azriel, sombras sussurrando ao seu ouvido. — Não consigo discernir isso.

— Esperar é inútil. Deveríamos invadir. Ficar fora de vista, para ela nem mesmo saber que estamos lá e ficar tentada a usar a Coroa em nós.

— Eu já disse: o lugar é guardado por tantos feitiços de proteção quanto a Casa do Vento. Se Briallyn vai mover Eris, é melhor pegarmos ele quando isso acontecer.

— Talvez o mercador estivesse errado.

— Talvez. Vamos continuar a vigilância amanhã. — Azriel cruzou os braços. — Sei que você quer ajudar Nestha. Talvez Amren possa encontrar alguma brecha nas leis...

Cassian engoliu em seco.

— Não tem brecha. Se eu interferir, nós dois morreremos. E mesmo que eu interfira, Nestha me mataria se eu entrasse para salvá-la. Ela jamais me perdoaria por isso.

Ele não tinha mais nada a fazer, exceto contemplar aquilo durante esses últimos dias. O destino de Nestha pertencia a ela. Ela era forte o bastante para forjar o próprio caminho, mesmo em meio aos horrores do Rito de Sangue. Ele mesmo havia ensinado a ela as habilidades para fazer isso.

E nem se as leis permitissem, ele jamais tiraria aquilo dela: a chance de se salvar.

— Não achei que vocês seriam burras o bastante para cair no truque da camisola, mas suponho que essa seja a diferença entre uma fêmea achando que é uma guerreira e um verdadeiro guerreiro — disse o líder de rosto impassível quando Nestha e Emerie foram atiradas aos pés calçados em botas dele. O macho riu, com olhos tão vítreos que Nestha se perguntou se alguém teria contrabandeado uma caixa de vinho com as armas. — Oi, Emerie.

Foi então que Nestha reconheceu o macho. Bellius, o primo desprezível de Emerie.

Emerie apenas disparou:

— Onde ela está, *porra*?

Bellius deu de ombros.

— Encontrei a camisola a alguns quilômetros. Talvez algum outro guerreiro tenha trepado com ela e a matado. — O sorriso dele não estampava nada além de maldade. — Você não deveria ter vindo, prima.

Emerie replicou:

— Fui trazida até aqui contra minha vontade, *primo.* Mas agora vou gostar de provar que você e seu pai estavam errados.

Os dentes dele brilharam sob a luz fraca e nevada entre o dossel da floresta.

— Você desonrou seu pai. Desonrou nossa família.

Nestha viu que suas armas estavam aos pés do macho, todas entregues com a captura de Emerie.

— Foi você que sabotou o Rito com essas armas? — perguntou Nestha, fervilhando de ódio.

Bellius riu de novo, embora seus olhos permanecessem nebulosos. Flocos de neve se acumulavam em seu cabelo preto.

— Eu não chamaria de sabotagem. E ela também não chamou.

Nestha congelou. Ela vira aquele olhar vítreo antes — nos rostos dos soldados de Eris.

E aquela palavra... *ela*. Será que Briallyn tinha de alguma forma capturado Bellius com a Coroa? Ele estava com olhar vítreo quando ela o viu na loja de Emerie meses antes. Quando ele tinha acabado de voltar de uma viagem de reconhecimento no continente. Briallyn

devia tê-lo interceptado, então. Talvez usado a Coroa para influenciar os illyrianos para que quebrassem as regras sagradas do Rito, para plantar armas ali. Mas por quê?

Bellius disse a Emerie, quando a fêmea tremeu de ódio:

— Você sabe que não posso deixar que saia daqui viva. Nossa família jamais se recuperaria da vergonha.

— Vai se foder — grunhiu Emerie. — Você e sua família.

Bellius apenas olhou para Nestha e sorriu levemente. Ele limpou a neve dos ombros do casaco.

— Eu sou o primeiro na cadela Grã-Feérica — disse ele aos guerreiros.

O estômago de Nestha se revirou, ácido queimou em seu corpo. Ela precisava encontrar alguma saída, mesmo em menor número, desarmada, sem magia...

O puro pânico e o ódio no rosto de Emerie lhe informou que a amiga também estava sem soluções.

Bellius deu um passo na direção delas.

E então sangue jorrou do lado do rosto dele quando as tripas de um de seus comparsas caíram na neve diante dele.

A coisa que rastejou sobre a cordilheira era feita de pesadelos. Parte gato, parte serpente, coberta de pelagem preta, garras afiadas e dentes em forma de gancho. Ela parou na beira do acampamento. Não olhou para o cadáver estripado do guerreiro cujo abdômen ela havia cortado com um único gesto. Havia sangue na neve em torno dele em um círculo amplo.

Os guerreiros, Bellius inclusive, se prepararam. Bellius sacou a espada.

A criatura saltou. Guerreiros gritaram, armas lampejaram na confusão sangrenta e barulhenta.

— *Corra* — ordenou Nestha a Emerie, ficando de pé. Ela pegou as armas, e Emerie avançou para pegar uma espada quando a arma voou da mão de um guerreiro para a neve.

Uma voz de fêmea ecoou do outro lado da cordilheira.

— *Aqui!*

Nestha quase chorou ao ouvir a voz, diante da cabeça acobreada que surgiu, da mão que a chamava conforme Bellius e os machos dele se posicionavam contra a criatura que os dilacerava. Nestha e Emerie tinham chegado à beira do cume e deslizaram para baixo, fazendo neve voar. Gwyn esperava do outro lado, ensanguentada e usando as roupas de um guerreiro, com o rosto imundo e dilacerado, mas olhos atentos.

— Me sigam — sussurrou Gwyn, e elas não desperdiçaram forças debatendo conforme avançavam quase caindo pela encosta da colina e disparavam entre as árvores, dirigindo-se para o sudeste.

Elas correram até que os gritos dos guerreiros e os rugidos da besta ficassem distantes. Até que se dissipassem de vez.

Elas pararam perto de um filete de córrego que atravessava a neve, ofegando tanto que Nestha precisou se encostar em uma árvore.

— Como? — arquejou Emerie.

— Eu acordei antes dos outros — disse Gwyn, entre fôlegos, com a mão no peito.

— Eu também — disse Nestha. — Achei que fosse porque sou Feita, mas talvez seja porque você e eu não somos illyrianas.

Gwyn assentiu.

— Eu comecei a correr e encontrei um arsenal quase que imediatamente. — Ela indicou o sangue no couro illyriano. — Tirei a camisola e coloquei a roupa de alguém. De um corpo, quer dizer. — Ela estendeu o pulso. — Vocês sabiam que essa coisa brilha? Lembrei do seu desejo para nós: que sempre pudéssemos encontrar o caminho uma até a outra. Não importa o que aconteça. Imaginei que me levaria até vocês. Deve ser de alguma forma imune ao banimento da magia no Rito.

Ela deu um sorriso torto para Nestha.

— Fiquei nas árvores durante as duas primeiras noites, observando as bestas, e vi aquele macho horrível e os companheiros dele esta manhã. Vi que tinham encontrado minha camisola e a exibiram, e eu soube que estavam atrás de vocês. Pensei em matá-los antes que eles as encontrassem.

— Você levou a besta direto até eles.

— Aprendi onde as bestas dormem durante o dia — falou Gwyn. — E que elas ficam *muito* irritadas quando são acordadas. — Ela apontou para os cortes no rosto e nas mãos. — Eu quase não fui mais rápida do que aquela quando a levei na direção do acampamento, mas dei sorte.

Emerie estremeceu.

— A Mãe estava nos protegendo.

Nestha podia ter jurado que os pingentes nas pulseiras delas emitiram um zumbindo baixo e melódico depois daquilo.

Mas Gwyn se encolheu.

— Ele é mesmo seu primo?

— Espero que possa me referir a esse triste fato no passado depois disto — disse Emerie, friamente.

Nestha ofereceu um sorriso selvagem a ela.

— Precisamos continuar em movimento. Se Bellius ou qualquer um dos amigos deles sobreviver, vão querer nos matar, ainda mais agora.

Mais quatro dias. Elas precisavam durar mais quatro dias.

Gwyn disse, com a voz rouca conforme elas avançavam na natureza, a neve piedosamente ficando mais leve:

— Vocês duas vieram atrás de mim.

— Lógico que viemos — falou Emerie, entrelaçando as mãos com as de Gwyn, depois com as de Nestha, e apertando firme. — É isso que irmãs fazem.

Capítulo 68

Nestha preferia as cavernas às árvores. Mas quando a noite caiu e nenhuma caverna se revelou, ela se viu sem opção a não ser escalar uma árvore atrás de Emerie enquanto Gwyn contava como tinha conseguido descansar em cima de uma: com um longo pedaço de corda. Devia ser um dos itens que a rainha Briallyn mandou os illyrianos deixarem, talvez para amarrar os prisioneiros, ou enforcá-los ou estrangulá-los, e Gwyn havia usado para se amarrar ao tronco de uma árvore a cada noite. Era tão longa que as três, sentadas lado a lado em um galho imenso, conseguiam se amarrar umas às outras e à própria árvore.

— Como evitou que as criaturas subissem para devorar você? — perguntou Emerie a Gwyn, a qual estava encaixada entre ela e Nestha. — Elas estavam puxando os illyrianos das árvores como se fossem maçãs.

— Talvez porque eu não tenha cheiro de illyriana — disse Gwyn, franzindo a testa para as roupas. — Apesar disso. — Ela indicou Nestha. — Você também não. Se tivermos sorte, nosso cheiro vai mascarar o de Emerie.

— Talvez — disse Nestha, falando cada vez mais baixo à medida que a noite se instalava. A neve tinha finalmente parado horas antes, e até o vento fustigante diminuíra. Um pequeno milagre.

Gwyn se esticou para olhar para Emerie.

— Quanto você sabe sobre o Rito?

Emerie enfiou as mãos debaixo das axilas para se aquecer.

— Bastante. Meu pai e irmão, e meus primos horríveis, falavam disso sem parar. Em qualquer reunião familiar, todos os machos contavam e recontavam suas histórias tão gloriosas sobre os próprios Ritos. Quantos tinham matado, as bestas das quais tinham escapado. Mas nenhum deles jamais chegou a Ramiel. — Emerie indicou Nestha. — Eles sempre odiaram esse fato a respeito de Cassian. E Rhysand e Azriel. Eles *odiavam* o fato dos três terem chegado ao topo e vencido essa coisa.

— A montanha é tão difícil assim de escalar? — perguntou Gwyn, sussurrando.

Emerie resmungou.

— Difícil de alcançar, mais ainda de escalar. Está coberta de rochas pontiagudas que cortam a pele como um ralador de queijo.

Nestha estremeceu.

— E com nossa habilidade de cura lenta como a dos humanos graças às regras do Rito — prosseguiu Emerie —, teríamos sorte de chegar ao desfiladeiro de Enalius inteiras.

— O que é isso? — perguntou Nestha.

Os olhos de Emerie brilharam.

— Há muito tempo, há tanto tempo que nem se tem uma data exata, uma grande guerra foi travada entre os feéricos e os seres antigos que os oprimiam. Uma das batalhas principais foi aqui, nestas montanhas. Nossas forças estavam arrasadas e em menor número, e por algum motivo, o inimigo estava desesperado para chegar à pedra no alto de Ramiel. Nunca nos ensinaram o motivo; acho que foi esquecido. Mas um jovem guerreiro illyriano chamado Enalius não cedeu às investidas dos soldados inimigos. Ele encontrou um arco natural de pedra entre o monte de rochas e transformou aquilo em seu gargalo. Ele acabou morrendo, mas conteve o inimigo por tempo o suficiente para que nossos aliados

nos alcançassem. Esse Rito é todo em homenagem a ele. Tanto da história foi perdida, mas a memória da coragem dele permanece.

Assim como o nome de Cassian perduraria pela história, pensou Nestha. Será que o dela também? Alguma pequena parte sua desejava que sim.

— Há alguns caminhos diferentes até o topo de Ramiel — prosseguiu Emerie. — Mas o mais difícil, o mais infame, é aquele que passa pelo desfiladeiro de Enalius. Pelo arco de pedra. Eles chamam esse caminho de a Quebra.

— Por que não estou surpresa que tenha sido esse o caminho que Cassian e os irmãos dele tomaram? — resmungou Nestha.

Emerie e Gwyn riram, mas quando uma besta rugiu ao longe, elas imediatamente se calaram.

Nestha murmurou:

— Deveríamos nos revezar para vigiar.

Elas se organizaram, Nestha pegou o primeiro turno, Emerie o segundo e Gwyn o terceiro, e quando isso foi decidido, elas se sentaram em silêncio por um longo momento. Haviam feito uma refeição esparsa, um esquilo assado que Gwyn tinha conseguido roubar de um illyriano distraído, mas a fome ainda era um embrulho barulhento no estômago delas.

Nestha se encostou no calor de Gwyn, deixou que ele passasse para seus ossos. E rezou para qualquer que fosse o deus que estivesse ouvindo que o ronco da barriga delas não as revelasse para as bestas abaixo.

O quarto dia trouxe sol, forte o bastante para tornar a neve ofuscante, mesmo à sombra dos pinheiros. Gwyn tinha escalado a árvore até o topo, então estimou que Ramiel estivesse a dias de distância, para o nordeste. O que lhes daria, caso elas conseguissem chegar lá, um dia para escalar a superfície estéril da montanha.

— Não consegui ver se havia mais alguém adiante — anunciou Gwyn —, mas há uma ravina imensa aqui perto, com uma pequena ponte de madeira. Devemos ser as primeiras a encontrá-la, pois se alguém mais tivesse, teriam destruído a ponte para evitar que fosse

usada por outros. Precisamos chegar a ela antes que outros cheguem.

— A que distância? — perguntou Nestha, verificando a faca ao lado do corpo, a corda que tinha enroscado sobre um ombro e o arco illyriano. Emerie tinha a espada que havia roubado do acampamento de Bellius, e Gwyn levava um escudo e uma faca próprios.

— Várias horas, se conseguirmos correr — disse Gwyn.

— Correr arrisca chamar a atenção — avisou Emerie.

— Andar arrisca perder a ponte — replicou Nestha.

As três se entreolharam.

— Então corremos — falou Gwyn, e elas assentiram.

Avançaram em um ritmo leve, destinado a manter os passos silenciosos e tranquilos mesmo com a neve sob os pés, mas correr depois de dias de exaustão, com os membros rígidos de frio e a barriga praticamente vazia fez a cabeça de Nestha latejar.

— Temos companhia — disse Emerie, ofegante, e as três pararam. A menos de quinhentos metros havia seis machos.

— Acham que eles sabem sobre a ponte? — sussurrou Gwyn.

Assim que ela falou, os machos dispararam em uma corrida. Não em direção a elas, mas em direção à ravina.

Aos palavrões, Nestha se lançou em movimento com Gwyn e Emerie ao encalço, fazendo a neve voar a seus pés.

— Rápido! — gritou ela.

Entre as árvores adiante, o mundo se iluminou — como se a floresta tivesse acabado. E tinha, percebeu ela. Haviam chegado ao limite da ravina, agora equidistante entre elas e os machos. Quem quer que chegasse primeiro, cortaria a ponte depois de atravessar.

E se os dois grupos chegassem à ponte ao mesmo tempo...

— Precisamos interceptá-los — disse Nestha, ofegante. — Muito antes de eles chegarem à ponte. — Ela mudou a trajetória subitamente, e Emerie e Gwyn se moveram com Nestha como uma unidade. Os machos pareceram perceber que o inimigo estava agora indo direto até eles e diminuíram a velocidade para pegar as armas.

Nestha encontrou seu alvo, um macho a uns trinta centímetros dela, e cortou com a adaga ao se atirar contra ele. O macho estava correndo tão rápido que perdeu o equilíbrio e caiu quando desviou do golpe dela. Exatamente onde ela o queria: bem diante de Emerie.

Nestha se voltou para o macho seguinte enquanto sua amiga enterrava a espada no peito do primeiro.

O próximo macho que Nestha atacou estava pronto, usando uma espada curta. Ela se abaixou e se afastou com um giro — deixando que ele acertasse o golpe no escudo de Gwyn. No momento em que Gwyn se abaixou, cortou as canelas dele com a adaga.

Os outros quatro...

Nestha se esquivou e desviou de outro macho, adaga contra adaga. Cada movimento cantava em perfeita harmonia com a respiração dela; cada giro do corpo, dos membros, fazia parte de uma sinfonia.

O macho golpeou, formando um arco amplo contra Nestha, e ela enxergou sua abertura. Ela deixou que o golpe avançasse e então bateu com o cotovelo no nariz do dele. Osso encontrou osso com um estalo que ecoou pelo corpo dela.

Ele caiu com um resmungo e a lâmina de Nestha cortou, prata e vermelho lampejaram do pescoço do macho. Ela não se permitiu sentir a viscosidade morna do sangue.

Outro macho já avançava contra ela, e Gwyn gritou o nome de Nestha — chamando sua atenção logo antes de a sacerdotisa jogar um escudo para ela.

Nestha pegou o escudo e girou na neve sobre um joelho ao absorver o impacto do peso do instrumento. Soltando o fôlego com uma exalação poderosa, ela levantou o escudo bem alto quando o macho desceu uma espada apontada para sua cabeça. Nestha interceptou o golpe, empurrando o escudo para cima e tirando o equilíbrio do macho. Ela enterrou a faca na bota dele.

O macho gritou, caiu para trás, e Nestha se levantou com um salto e desceu o escudo com tanta força que o objeto ficou amassado ao se chocar contra a cabeça dele. As reverberações feriram sua mão e o antebraço, mas ela continuou segurando o escudo.

Nestha se virou para o oponente seguinte, mas suas amigas já haviam tomado conta dele. Os machos em torno delas estavam caídos.

Silêncio absoluto encheu a floresta nevada. Até os pássaros nos pinheiros tinham parado de piar.

— Valquírias — falou Emerie com um brilho intenso no olhar.

Nestha sorriu por trás do sangue que ela sabia que manchava seu rosto.

— Valquírias, porra.

— Quatro dias, caralho — sibilou Cassian de onde ele e Azriel monitoravam o castelo. — Estamos com a bunda aqui há quatro dias, porra.

Azriel afiava Reveladora da Verdade. A lâmina preta absorvia a luz fraca do sol que entrava pelo dossel da floresta acima.

— Parece que você se esqueceu de quanto da espionagem é ficar sentado esperando o momento certo. As pessoas não se lançam às tarefas malignas quando é conveniente para você.

Cassian revirou os olhos.

— Parei de ser espião porque eu ficava entediado até a morte. Não sei como você aguenta isso o tempo todo.

— Combina comigo. — Azriel não parou de afiar, embora sombras tivessem se reunido em torno de seus pés.

Cassian exalou.

— Sei que estou sendo impaciente. Eu *sei*. Mas você acha mesmo que não deveríamos ir até aquele maldito castelo e dar uma espiada?

— Já falei: o castelo é protegido demais, e cheio de armadilhas mágicas que enganariam até Helion. Além disso, Briallyn tem a Coroa. Não estou interessado em explicar a Rhys e Feyre por que você morreu aos meus cuidados. E menos interessado ainda em explicar isso a Nestha.

Cassian observou o castelo.

— Você acha que ela está viva? — A pergunta o assombrava a cada fôlego que ele tomava nos últimos dias.

— Você saberia se ela tivesse morrido — falou Azriel, parando de trabalhar e olhando para Cassian. Ele bateu no peito do irmão com a mão coberta de cicatrizes. — Bem aqui... você saberia, Cass.

— Há muitas outras coisas inomináveis que poderiam estar acontecendo com ela — disse Cassian, com a voz embargada. —

Com Emerie e Gwyn.

As sombras ficaram mais profundas em torno de Azriel e os Sifões dele brilharam como fogo cobalto.

— Você... nós as treinamos bem, Cassian. Confie nisso. É tudo o que podemos fazer.

A garganta de Cassian se apertou, mas um movimento atraiu o olhar de Azriel para longe. Cassian ficou de pé na mesma hora.

— Tem alguém saindo do castelo. — Os dois, calados, se lançaram ao céu, e entraram na cobertura das nuvens em questão de segundos. No ar frio e rarefeito, Cassian só viu o que a distância entre as nuvens permitia.

Mas era o bastante.

Uma pequena caravana tinha deixado os portões leste da cidade e tomado a estrada vazia que seguia entre as colinas.

— Não estou vendo uma carroça de prisioneiro — disse Cassian, por cima do barulho do vento.

O olhar de Azriel permanecia na terra abaixo.

— Não precisam de uma — disse ele, com uma amargura silenciosa.

Cassian precisou esperar até o próximo espaço entre as nuvens para ver.

Não, não precisavam de uma carroça para prisioneiros. Porque montado sobre um cavalo branco adiante do grupo, lado a lado com uma figura pequena e curva, estava Eris.

— Babaca idiota — grunhiu Cassian. — Ela o aprisionou com a Coroa.

— Não — disse Az baixinho. — Olhe para o lado esquerdo dele. Ele ainda está com a adaga do lado do corpo. Se estivesse sob transe, teria entregado a arma.

— Então possuir outro objeto Feito o protege mesmo da Coroa. — O que significava que... — Traidor. — Cassian cuspiu. — Não sei por que estou surpreso. — As mãos dele se fecharam em punhos. — Vamos pegá-lo, arrastar a bunda dele de volta para casa e desmembrá-lo. — Ele fora levado para longe de Nestha para aquilo? Para os joguetes de Eris?

A voz de Azriel cortou o vento uivante.

— Vamos segui-los. Se capturarmos Eris agora, podemos não conseguir arrancar nada dele. Pelo menos não rapidamente. Vamos segui-los e ver até onde a traição dele vai. Vamos ver com quem estão se encontrando. Deve ser importante, para que deixem a segurança do castelo.

Não tinha como discutir com aquela lógica, mesmo que o coração de Cassian gritasse com ele em cada bater das asas para que voasse de volta para casa.

Nestha, Emerie e Gwyn não tinham nem mesmo chegado à ponte quando um novo grupo de machos se aproximou, armados com arcos e flechas.

— Vamos conseguir — disse Emerie ofegante, correndo adiante do grupo delas em direção à ponte, agora visível entre as árvores cobertas de neve. — Podemos correr mais rápido do que eles.

Flechas passaram zunindo.

Emerie chegou à ponte primeiro, a engenhoca bamba quicou com o peso dela conforme ela praticamente voava ao atravessar. Flechas batiam nas árvores, no chão, nos mastros da ponte, e Nestha não hesitou quando correu sobre as tábuas, sem ousar olhar para a queda abaixo até um leito de rio seco, apenas para Emerie conforme a fêmea terminava de cruzar a ponte.

Um grito de dor explodiu atrás delas, e Nestha se virou no fim da ponte e viu Gwyn ainda do outro lado, com uma flecha presa na coxa. Caída. Perto demais dos machos que se aproximavam...

— *CORTEM!* — urrava Gwyn.

— Levante — gritou Nestha. — *Levante*.

A sacerdotisa tentou. Conseguiu ficar de pé, mas jamais conseguiria atravessar a ponte a tempo.

Então Nestha tirou o arco illyriano do ombro. Tirou também a corda enroscada e entregou às cegas para Emerie.

— Amarre uma ponta àquela árvore, e então passe em volta do seu corpo. — Nestha não esperou para ver se a fêmea obedeceu antes de amarrar a outra ponta à flecha. E engatilhar a flecha no arco.

— Não aprendemos arco e flecha — sussurrou Emerie.

Mas Nestha colocou a flecha no lugar. Mirou. Bem em Gwyn, que olhou para a corda amarrada à flecha, a outra ponta em volta de uma árvore e de Emerie, e compreendeu.

— Minha irmã me ensinou. — Os braços de Nestha tremiam quando ela puxou o fio do arco. — Há muito tempo.

Grunhindo e trincando os dentes, Nestha puxava forte cada centímetro. Mirava Gwyn conforme a amiga corria em direção à ponte, mancando, com o rosto pálido de dor, deixando um rastro de sangue na neve.

Nestha soltou a flecha no momento em que os primeiros machos surgiram entre as árvores.

Ela acertou o alvo. Caiu na neve, aos pés de Gwyn.

A sacerdotisa pegou a flecha e passou a corda em volta do tronco, várias vezes, conforme corria até a ponte...

Nestha soltou o arco. Gwyn tinha chegado à outra ponta da ponte e estava gritando:

— *CORTEM, CORTEM, CORTEM!*

Os machos saíram de entre as árvores. Eles corriam em direção à ponte e à Gwyn, que mancava, aproximando-se dela com rapidez. Nestha só precisava estender a mão antes de Emerie jogar a espada para ela.

Gwyn, mancando até o meio da ponte, não parou de se mover. Os machos estavam a alguns metros atrás, amontoando-se até a estrutura aos pedaços.

Nestha desceu a lâmina sobre as cordas da ponte. Nestha pareceu continuar correndo mesmo depois das madeiras sumiram de debaixo de seus pés, então saltou no ar, com apenas aquela corda no tronco protegendo-a da morte quando começou a cair...

Mas Nestha havia agarrado a corda, abaixando-se diante do mastro da ponte e cruzando as pernas em torno dela, segurando firme conforme centímetro após centímetro de fibra áspera rasgava suas mãos. Atrás dela, apoiada no pinheiro, Emerie se segurava de maneira igualmente firme.

Gwyn caiu em direção ao leito da ravina. Machos illyrianos gritaram conforme caíam, soltos, com ela.

Nestha gritou quando as palmas de sua mão pegaram fogo. Um pigmento vermelho cobria a corda, mas ela fechou as mãos cortadas com mais força e respirou para controlar a sensação dos cortes e da laceração.

Até que Gwyn foi freada e parou de cair. O mundo inteiro pareceu tomar fôlego quando Nestha esperou que a corda se partisse.

Mas Gwyn estava pendurada na beira do abismo grunhindo de dor.

Graças à Mãe, os illyrianos que caíram haviam levado consigo os únicos arcos, e os machos do outro lado xingavam e cuspiam.

Mas Nestha e Emerie não deram atenção a eles conforme puxavam Gwyn para cima, com as mãos ensanguentadas deixando a corda ainda mais vermelha. Cada puxão deixava Nestha mais ofegante devido à dor, até que Gwyn surgiu na beira do penhasco, fazendo uma careta quando a flecha enterrada em sua coxa tocou o chão. Tinha sido um disparo limpo, mas sangue encharcava a perna dela. O rosto de Gwyn já estava pálido.

— *Cadelas* desgraçadas! — rugiu um dos machos.

— Ah, cala essa boca! — berrou Emerie do outro lado da ravina, ajudando Nestha a levar Gwyn até as árvores nevadas enquanto suas respirações condensavam o ar diante de seus rostos. — Vê se acha um xingamento melhor!

Elas conseguiram tirar a flecha da perna de Gwyn e estancar o ferimento usando uma camisa sobressalente que haviam tirado de um guerreiro morto, mas a sacerdotisa ainda mancava. O rosto dela tinha ficado macilento, e até mesmo apoiada entre Nestha e Emerie, ela mantinha o ritmo delas lento.

Mesmo assim, as fêmeas prosseguiram em direção a Ramiel, agora visível adiante.

Elas não encontraram mais ninguém. Começou a nevar de novo por volta do meio-dia, e Gwyn passou a cambalear. A respiração dela estava ofegante demais. Logo, Nestha e Emerie estavam praticamente a puxando entre elas.

Quando a noite caiu, o simples ato de levar Gwyn para o alto de uma árvore exigiu toda a força que restava a elas. As fêmeas se prenderam no tronco com a corda ensanguentada, e Nestha e Emerie tiraram distraidamente minúsculas fibras de corda das mãos cortadas. Não tinham mais comida, apenas água.

O dia seguinte foi igual: caminhada lenta, lufadas de neve, ouvidos atentos a qualquer indício de outros guerreiros, pausas demais, apenas água para encher a barriga, e, quando a noite caiu, uma nova árvore.

Mas essa árvore era a última antes de uma encosta estéril se elevar acima delas, como uma fera preta.

Elas haviam chegado ao pé de Ramiel.

Nestha acordou antes do alvorecer, verificou que Gwyn estava respirando, que a perna dela não tinha infeccionado, e observou a encosta preta e cinza adiante.

No alto, longe demais, estava o pico com a pedra preta sagrada. Três estrelas brilhavam acima da montanha: Arktos e Oristes à esquerda e à direita; Carynth acima delas. A luz das estrelas aumentava e diminuía, como um convite e um desafio.

— Cassian me contou que só 12 chegaram a este ponto — murmurou Nestha para as amigas. — Já conquistamos o título de Oristianas, só por estarmos aqui.

Emerie se agitou.

— Poderíamos ficar aqui em cima hoje, esperar passar a noite, e então terminar ao amanhecer. Esses títulos que se lasquem. — Era a coisa sábia a se fazer. A coisa segura a se fazer.

— Aquele caminho — disse Nestha, apontando para uma pequena trilha ao longo da base de Ramiel — também poderia nos levar para o sul. Ninguém iria por ali, porque leva para longe da montanha.

— Então chegamos até aqui para nos esconder? — perguntou Gwyn, com a voz rouca.

— Você está ferida — replicou Nestha. — E é uma *montanha* na nossa frente.

— Então em vez de tentar e fracassar — indagou Gwyn —, vocês pegariam a estrada segura?

— Nós viveríamos — disse Emerie, com cautela. — Não há nada de que gostaria mais do que arrancar os sorrisinhos dos lábios dos machos de minha aldeia, mas não por esse preço. Não se isso nos custar você, Gwyn. Precisamos que você viva.

Gwyn estudou a encosta rochosa e impiedosa de Ramiel. Não havia muita neve agraciando as laterais da montanha. Era como se o vento tivesse limpado tudo. Ou as tempestades tivessem evitado o pico inteiramente.

— Mas isso é viver? Pegar a estrada segura?

— É você que está há dois anos em uma biblioteca — disse Emerie.

Gwyn não demonstrou reação nenhuma.

— Estou sim. E cansei disso. — Ela observou o couro encharcado de sangue ao longo da coxa. — Não quero pegar a estrada segura. — Ela apontou para a montanha, para o caminho estreito em direção ao alto. — Quero pegar *aquela* estrada. — A voz dela ficou embargada. — Quero pegar a estrada pela qual ninguém ousa viajar, e quero viajar nela com vocês duas. Não importa o que aconteça com a gente. Não faremos isso como illyrianas, e nem pelos títulos deles, mas sim por algo *novo*. Para provar para eles, para todo mundo, que algo novo e diferente pode triunfar mesmo com todas as suas regras e restrições.

Um vento frio soprou dos lados de Ramiel. Sussurrando, murmurando.

— Eles chamam essa subida de a Quebra por um motivo — replicou Emerie, séria.

Nestha acrescentou:

— Faz dias que não comemos. Estamos com a reserva de água no fim. Subir essa montanha...

— Já fui quebrada uma vez — disse Gwyn, com a voz nítida. — E sobrevivi. Não serei quebrada de novo, nem mesmo por esta montanha.

Nestha e Emerie ficaram caladas enquanto Gwyn soltava um fôlego profundo.

— Um comandante de Hybern me estuprou há dois anos. Ele mandou os soldados me segurarem em uma mesa. Riu o tempo todo.

Lágrimas brilharam nos olhos de Gwyn.

— Hybern atacou na calada da noite. Estávamos todas dormindo quando invadiram o templo e começaram o massacre. Eu dividia o quarto com minha irmã gêmea, Catrin. Acordamos com o primeiro grito que veio da muralha. Ela era... Catrin sempre foi a mais forte. A inteligente e encantadora. Depois que nossa mãe morreu, ela cuidou de mim. Tomou conta de mim. E naquela noite, ela ordenou que eu fosse proteger as crianças de Sangravah e saiu correndo direto para a muralha do templo.

A voz de Gwyn falhou.

— Quando cheguei ao dormitório das crianças, a matança estava a apenas alguns corredores. Reuni os pequenos, e corremos para um dos túneis das catacumbas. Eles eram acessíveis por um alçapão na cozinha, e eu tinha acabado de passar a última criança para baixo quando ouvi os soldados vindo. Eu... soube que eles nos encontrariam se eu descesse e deixasse a porta descoberta, então joguei um tapete sobre o alçapão e empurrei a mesa da cozinha para cima dele. Eu tinha acabado de mover a mesa quando os soldados me encontraram.

Nestha não conseguia respirar. Gwyn observou a montanha que se elevava acima. Até o vento pareceu se aquietar ao ouvir as palavras dela.

— Os gritos tinham parado, e eles carregavam outras sacerdotisas. Inclusive Catrin. Mas o comandante entrou, e me perguntou onde estava o restante de nós. Eles queriam as crianças também. As meninas.

Nestha conseguia ouvir o coração galopante de Emerie, a batida frenética que imitava seu próprio coração.

Gwyn engoliu em seco.

— Eu disse a ele que as crianças tinham tomado a estrada da montanha para pedir ajuda. Ele não acreditou em mim. Então pegou Catrin, porque nossos cheiros eram quase idênticos, sabe, e me disse que se eu não revelasse onde estavam as crianças, ele a mataria. E quando não entreguei as crianças... — A boca de Gwyn

tremeu. — Ele decapitou Catrin bem ali, junto com outras duas sacerdotisas. E então disse aos soldados que *pegassem firme* na gente. Ele me reivindicou. Cuspi na cara dele. — Lágrimas escorriam pelas bochechas dela. — E então ele... começou.

O coração de Nestha se partiu.

— Eu ainda não tinha participado do Grande Rito, e estávamos tão isoladas lá em cima que nunca havia tido a chance de me deitar com um macho, e ele tirou isso de mim também. Depois chamou três dos soldados e disse que continuassem até que eu revelasse para onde as crianças tinham ido.

Nestha sentiu seu estomago embrulhar. Ela não teria conseguido se mover se quisesse.

— O primeiro tinha acabado de abrir o cinto quando Azriel chegou. — Lágrimas silenciosas e intermináveis escorriam pelo rosto de Gwyn.

— Azriel massacrou todos eles em segundos. Sem hesitar. Mas eu mal consegui me mexer, e quando tentei levantar... Ele me deu sua capa e me embrulhou nela. Morrigan chegou alguns minutos depois, e então Rhysand surgiu, e ficou evidente que alguns dos soldados tinham fugido com o pedaço do Caldeirão, então Azriel saiu atrás deles. Mor me curou tanto quanto conseguiu, e me levou até a biblioteca. Eu não consegui... Não aguentei ficar no templo, com as outras. Ver o túmulo de Catrin e saber que eu tinha fracassado com ela, ver aquela cozinha todo dia pelo resto da minha vida.

“Nos primeiros cinco meses que passei na biblioteca, mal falei. Não cantava. Eu ia até a sacerdotisa que aconselhava todas nós, e às vezes só ficava sentada ali chorando, ou gritando, ou não dizia nada. E então comecei a trabalhar com Merrill a pedido de Clotho, e o trabalho me trouxe foco. Me motivava a sair da cama toda manhã. Comecei a cantar durante os cultos da noite. E então você apareceu, Nestha.”

Os olhos de Gwyn se voltaram para os dela, brilhando com lágrimas, dor e... esperança. A mais bela e preciosa esperança.

— E eu sabia que alguma coisa ruim tinha acontecido com você também. Mas você estava combatendo aquilo. Não estava deixando que dominasse você. Eu sabia que Catrin teria sido a primeira a se inscrever para treinar, então... também me inscrevi. Mas nem o treino

nos últimos meses apagou o fato de que deixei minha irmã morrer. Você me perguntou uma vez por que eu não uso o capuz ou a Pedra da Invocação. Aquela pedra é um sinal de santidade. Como alguém como eu poderia usá-la?

Gwyn parou por fim, como se esperasse que elas a julgassem.

Mas havia lágrimas escorrendo pelo rosto de Emerie. Elas não pararam quando Emerie pegou a mão de Gwyn e falou:

— Você não está sozinha, Gwyn. Ouviu? *Você não está sozinha*.

Nestha pegou a outra mão de Emerie quando a amiga prosseguiu:

— Nós sofremos de formas diferentes, mas... Meu pai uma vez me espancou tanto que quebrou minha coluna. Ele me manteve na cama durante semanas enquanto eu me curava, dizendo às pessoas que eu estava doente, mas eu não estava. Esse foi... Esse foi um dos menores males que ele me causou. — Ela pausou. — Ele espancava minha mãe antes disso. E ela... Acho que ela me protegia dele, porque ele nunca botou a mão em mim antes dela morrer. Até que a espancou tanto que ela não conseguiu se recuperar. Ele me fez cavar uma cova para ela certa noite de lua nova, e disse às pessoas que ela havia sofrido um aborto e morrido de hemorragia.

Emerie limpou uma lágrima com ódio.

— Todo mundo acreditou nele. Sempre acreditavam, ele era tão encantador e tão esperto que todo mundo sempre acreditava. Sempre que as pessoas me diziam como eu tinha sorte de ter um pai tão bom, eu me perguntava se as coisas ruins eram imaginação minha. Apenas minhas cicatrizes e minhas asas me lembravam da verdade. E quando ele morreu, eu fiquei tão feliz, mas esperavam que eu ficasse de luto. Eu deveria ter contado a todos que tipo de monstro ele era, mas não contei. Eles tinham fechado os olhos para o corte das minhas asas enquanto ele estava vivo; por que se incomodariam em acreditar na verdade agora que ele estava entre os mortos honrados?

O nariz de Emerie se franziu.

— Ainda sinto os punhos dele em mim. Ainda sinto o impacto dele batendo a minha cabeça contra uma parede, ou esmagando meus dedos em uma porta, ou simplesmente me espancando até que eu apagasse. — Ela estava tremendo, e Nestha apertou a mão dela

com mais força. — Ele nunca me deu dinheiro nenhum, nem me deixou ganhar meu próprio dinheiro, nunca me deixava comer mais do que ele julgava apropriado, e se entranhou tanto em minha mente que eu *ainda ouço a voz dele* quando me olho no espelho ou cometo um erro.

Ela engoliu em seco.

— Fui treinar porque eu sabia que ele teria proibido. Fui treinar para tirar a voz dele da minha cabeça. E para saber como parar um macho se algum deles um dia colocar as mãos em mim de novo. Mas nada disso jamais vai trazer minha mãe de volta, ou mudar o fato de que me escondi enquanto meu pai descontava seu ódio nela. Nada jamais vai consertar aquilo. Mas essa montanha... — Emerie apontou para a pequena trilha de terra na base do pico. — Vou escalar pela minha mãe. Por ela, vou enfrentar a Quebra e ir o mais longe possível.

As duas olharam para Nestha. Mas o olhar dela permanecia na montanha. No pico. Naquela trilha que levava até ele. O mais difícil de todos os caminhos.

Por fim, Nestha disse:

— Fui mandada para a Casa do Vento porque eu tinha me tornado uma desgraça, bebendo e fodendo com qualquer um que aparecesse. Minha... família não suportava aquilo. Durante mais de um ano, eu abusei da bondade e da generosidade deles, e tudo isso porque... — Ela exalou um suspiro trêmulo. — Meu pai morreu durante a guerra. Diante dos meus olhos, e não fiz nada para impedir. — E então Nestha desabafou. Contou às duas cada coisa horrível que tinha feito, pensado e aproveitado. Contou a elas sobre o Caldeirão, o terror, a dor e o poder. Contou o pior dela, de forma que se elas decidissem arriscar subir aquela montanha com ela, iriam de olhos abertos. De forma que pudessem escolher desistir agora.

E quando Nestha terminou, ela se preparou para o desapontamento nos rostos das amigas, para o desprezo delas.

No entanto, a mão de Gwyn deslizou sobre a dela. Emerie segurou firme a outra mão de Nestha.

— Nenhuma de vocês tem culpa do que aconteceu — sussurrou Nestha. — Nenhuma de vocês fracassou com *ninguém*.

— Você também não — disse Emerie, baixinho.

Nestha olhou para as amigas. E viu dor e mágoa no rosto manchado de cada uma lágrima delas, mas também a franqueza de permitirem que uma visse as fraquezas da outra. A compreensão de que não dariam as costas.

Os olhos de Nestha arderam quando Gwyn falou:

— Então vamos escalar Ramiel. Vamos pegar a Quebra. Venceremos para provar a todos que algo novo pode ser tão poderoso e inquebrável quanto as antigas regras. Que algo que ninguém nunca viu antes, não totalmente valquíria e nem totalmente illyriana, pode vencer o Rito de Sangue.

— Não — disse Nestha por fim. — Vencermos para provar a *nós mesmas* que conseguimos. — Ela exibiu os dentes em um sorriso feral para a montanha. — Vamos vencer essa porra.

Capítulo 69

Eris e a pequena caravana cavalgaram para o leste durante três dias, parando apenas para comer e dormir. O ritmo era lento, e pelos lampejos que Cassian e Azriel tinham entre as nuvens, parecia que Eris não estava preso. A silhueta pequena e curva de Briallyn cavalgava ao lado dele todo dia. Mas não viram indícios da Coroa sobre ela, nenhum brilho dourado sob o sol.

O Rito de Sangue terminaria no dia seguinte. Cassian não ouvira nada a respeito de Nestha, não sentira nada. Mas ele não conseguia dormir direito. Mal conseguia manter a concentração no grupo adiante conforme eles entraram em uma floresta baixa além das colinas, antiga, retorcida e cheia de musgo pendurado.

— Eu nunca estive aqui antes — murmurou Az por cima do vento. — Parece um lugar antigo. Me lembra do Meio.

Cassian manteve o silêncio. Não falou enquanto acompanhavam seu alvo mais para dentro da floresta até um pequeno lago no centro. Foi só quando o grupo parou diante da margem escura que Azriel e Cassian pousaram e começaram uma silenciosa caminhada a pé.

O grupo não devia estar preocupado com ser ouvido, pois Cassian podia discernir as palavras deles vindas de muito além do

acampamento na margem. Vinte deles se reuniam, uma mistura do que parecia ser nobreza humana e soldados. O garanhão branco de Eris tinha sido preso a um galho. Mas o macho...

— Aqui, Cassian — cantarolou Eris.

Cassian se virou, e viu o filho do Grão-Senhor apontando uma faca para suas costelas.

Ao meio-dia, Nestha mal conseguia respirar. Gwyn se arrastava, Emerie estava ofegante, e elas começaram a racionar a pouca água que tinham. Não importava o quanto escalassem, por quantas rochas passassem pelo caminho estreito, o pico não ficava mais próximo.

Elas não viram mais ninguém. Não ouviram mais ninguém.

Uma pequena dádiva.

A respiração de Nestha cantava nos pulmões. Suas pernas fraquejavam. Em seu corpo, havia apenas dor e o circundar incansável dos pensamentos, como se fossem abutres se reunindo para se banquetear.

Ela só queria desligar a *mente*...

Seria possível que a Quebra não fosse apenas física, mas mental também? Que aquela montanha de alguma forma tivesse dragado cada parte do medo dela e puxado sua mente para aquele abismo de pavor?

Elas pararam para almoçar, se é que água pode ser chamada de almoço. A perna de Gwyn estava sangrando de novo e seu rosto estava fantasmagoricamente pálido. Nenhuma das fêmeas disse nada.

Mas Nestha reparou nos olhos assombrados — soube que estavam dando ouvidos aos próprios medos.

Elas descansaram por tanto tempo quanto ousaram, e prosseguiram de novo.

Continuar subindo. Era a única direção. Passo após passo.

— Parece que já subimos dois terços do caminho — sussurrou Emerie adiante.

A noite havia caído e a lua brilhava forte o bastante para manter a trilha da Quebra iluminada. Para mostrar àquelas três estrelas acima do pico de Ramiel. Chamando. Esperando.

Se o alcançassem ao alvorecer, seria um milagre.

— Preciso descansar — disse Gwyn, com a voz fraca. — Só... só por mais um minuto. — O rosto dela estava cinzento, o cabelo estava seboso. O couro ao longo da perna estava encharcado de sangue.

Emerie tinha escorregado em uma rocha solta duas horas antes e torcido o tornozelo, ela também estava mancando agora.

Elas estavam seguindo muito devagar.

— O desfiladeiro de Enalius não está muito longe — insistiu Emerie. — Se conseguirmos passar pelo arco, então é um caminho livre até o topo.

Gwyn sussurrou:

— Não tenho certeza se consigo.

— Deixe que ela descanse, Emerie — falou Nestha, sentada em uma pequena pedra ao lado de Gwyn. O alvorecer devia estar a quatro horas. E então acabaria. Será que importaria se elas chegassem ao pico até então? Se vencessem? Tinham chegado até aquele ponto. Elas...

— Como foi que eles chegaram até aqui? — perguntou Gwyn, falando um palavrão.

Nestha ficou imóvel. De seu ponto de vantagem, ela possuía visão desobstruída até a base. Até onde um raio de luar iluminou um macho familiar e seis outros que subiam a montanha atrás delas. Bastante afastados, mas se aproximando.

— Bellius — sussurrou Emerie.

— Precisamos ir — disse Nestha, colocando-se de pé. Gwyn seguiu, encolhendo-se.

Nestha avaliou os machos. Emerie e Gwyn estavam feridas demais para lutar, exaustas e...

— Passe os braços em volta do meu pescoço — disse Nestha, oferecendo as costas a Gwyn.

— O quê?

Nestha fizera aquilo por ela. Havia subido os dez mil degraus da Casa do Vento, para cima e para baixo, de novo e de novo e de novo. Talvez para aquilo. Aquele exato momento.

— Vamos vencer essa porra — disse Nestha, abaixando-se para segurar as pernas de Gwyn. Com os dentes trincados, Nestha levantou Gwyn nas costas.

Os músculos das coxas dela ficaram tensos, mas aguentaram. Seus joelhos não cederam.

O olhar de Nestha estava no terreno adiante. Ela não olharia para trás.

Então Nestha começou a subir, com Emerie mancando ao seu lado.

Com o vento como a canção delas, Nestha e Emerie encontraram seu ritmo. Elas subiram, apertando, entremeando e puxando seu peso. E os machos ficaram para trás, como se a montanha estivesse silenciosamente sussurrando, *vá, vá, vá*.

— Eu sabia que você era um mentiroso desgraçado — disse Cassian, entredentes. Azriel, a um passo de distância, não podia fazer nada. Não com Eris inclinando aquela faca, a adaga de Nestha, nas costelas de Cassian. Ele podia ter jurado que sentiu uma chama o queimando onde a faca tocou seu couro de combate. — Mas isso é baixo, até mesmo para você.

— Sinceramente, estou desapontado com Rhysand — disse Eris, enterrando a ponta da faca no couro de Cassian a ponto de ele sentir a pontada, e aquela ondulação de chamas incandescentes. Se era o poder de Eris pela lâmina, ou o que quer que Nestha tivesse Feito dela, não importava. Só precisava encontrar uma forma de evitar que a arma perfurasse sua pele. — Ele está tão sem graça ultimamente. Nem tentou olhar dentro da minha mente.

— De jeito nenhum você vai se safar dessa — avisou Azriel com uma ameaça silenciosa. — Você é um macho morto, Eris. Já há muito tempo.

— Sim, sim, toda aquela coisa antiga com a Morrigan. Que chatice você insistir tanto nisso.

Cassian piscou. *A* Morrigan.

Eris jamais se referia a ela daquela forma.

— Liberte-o, Briallyn — grunhiu Cassian. — Venha tentar pegar a gente, em vez dele.

A adaga Feita deslizou para longe das costelas dele, e uma voz murcha e rouca falou, de um lugar próximo: — Já tenho vocês na palma da minha mão, Senhor dos Bastardos.

As pernas de Nestha tremiam. Os braços tremiam. Gwyn era um peso semimorto em suas costas. A perda de sangue a deixara tão fraca que parecia que ela mal conseguia se segurar.

A Quebra seguia por um arco de pedra preta onde o caminho se tornava mais amplo e mais fácil. O desfiladeiro de Enalius. Emerie tinha parado apenas o bastante para passar a mão ensanguentada pela pedra, o rosto sujo dela se encheu de admiração e orgulho.

— Estou de pé onde nenhum de meus ancestrais jamais esteve — sussurrou, com a voz embargada.

Nestha desejou poder parar com a amiga. Poder se maravilhar. Mas se parasse, mesmo que por um segundo... Nestha sabia que depois que parasse, não conseguiria se mover de novo.

O nivelamento da trilha em torno do arco era apenas um alívio temporário. Elas logo chegaram a um aglomerado de pedras — o último trecho da escalada impossível antes de parecer se tornar um caminho direto para o topo. O alvorecer ainda estava a umas duas horas de acontecer. A luz da lua cheia estava começando a se dissipar conforme afundava a oeste.

O grupo de machos as alcançaria antes do topo.

Os dedos de Nestha estremeceram quando ela os estendeu para a mão esticada de Emerie, onde a amiga estava ajoelhada sobre uma das pedras afiadas. Se elas conseguissem ultrapassar aquela parte...

Seus joelhos cederam, e Nestha caiu e chocou o rosto com tanta força contra uma rocha que estrelas explodiram em sua visão, mas ela só conseguiu segurar Gwyn conforme elas rolavam e batiam em

pedras e cascalho, rolando e rolando até embaixo, com os gritos de Emerie ecoando no ouvido dela, e então...

Nestha se chocou bruscamente contra alguém.

Não — não era alguém, embora ela pudesse jurar que sentiu calor e respiração. Tinha atingido o arco de pedra. Elas tinham caído de volta até o desfiladeiro de Enalius, perigosamente perto dos machos que as perseguiam.

— Gwyn...

— Viva — gemeu a amiga dela.

Emerie deslizou de joelhos pela trilha.

— Está machucada?

Nestha não conseguia se mover enquanto Gwyn se soltava. As duas estavam cobertas de terra, escombros e sangue.

— Não consigo... — disse Nestha, ofegante. — Não consigo mais carregar você.

Silêncio se fez.

— Então vamos descansar — conseguiu dizer Gwyn —, e depois continuamos.

— Nunca chegaremos a tempo — falou Nestha. — Ou pelo menos não antes dos machos nos alcançarem.

Emerie engoliu em seco.

— Vamos tentar mesmo assim. — Gwyn assentiu. — Descanse um minuto primeiro. Talvez o alvorecer nos alcance antes de eles chegarem.

— Não. — Nestha olhou para baixo da trilha. — Eles estão subindo rápido demais.

De novo, silêncio.

— O que está dizendo? — perguntou Emerie, com cautela.

Nestha se maravilhou com a esperança e a coragem nos rostos delas.

— Eu consigo segurá-los.

— Não — disse Gwyn, a voz ficando mais afiada.

Nestha conteve as feições em frieza absoluta.

— Vocês duas estão feridas. Não vão sobreviver à luta. Mas podem conseguir subir. Emerie pode ajudar...

— *Não*.

— Eu posso usar o gargalo da trilha bem ali — Nestha olhou para a frente, apontando para o espaço além do arco — para mantê-los afastados por tempo o suficiente para vocês duas chegarem ao topo. Ou até que o dia amanheça. O que vier primeiro.

Gwyn exibiu os dentes.

— *Eu me recuso a deixar você aqui*.

O rosto magoado de Emerie disse o bastante a Nestha: ela entendia. Enxergava a lógica.

Nestha disse a Gwyn:

— É o único jeito.

Gwyn gritou:

— *NÃO É O ÚNICO JEITO!* — E então começou a soluçar. — Não vou abandonar você para eles. Eles vão *matar* você.

— Você tem que ir — disse Nestha, mesmo enquanto suas mãos começaram a tremer. — Agora.

— Não — chorou Gwyn. — Não, eu não vou. Vou enfrentá-los com você.

Alguma coisa no fundo do peito de Nestha se partiu. Partiu completamente, e o que havia ali dentro brotou, pleno, luminoso e puro.

Ela abraçou Gwyn. Deixou que a amiga chorasse em seu peito.

— Vou enfrentá-los com você — sussurrou Gwyn, repetidas vezes. — Prometa que vamos enfrentá-los juntas.

Nestha não conseguiu segurar as lágrimas. O vento gelado congelou suas bochechas.

— Prometo — sussurrou ela, acariciando o cabelo sujo de Gwyn. — Eu prometo.

Gwyn soluçou, e Nestha se permitiu soluçar com ela, apertando-a com força. Deixando que a mão que acariciava parasse sobre o pescoço de Gwyn.

Um beliscão no local certo, exatamente naquele ponto de pressão que Cassian tinha mostrado a ela, e estava feito.

Gwyn caiu. Inconsciente.

Nestha resmungou, cuidadosamente abaixando Gwyn até o chão enquanto olhava para Emerie. O rosto da amiga estava sério, mas não surpreso.

Nestha apenas disse:

— Você consegue carregá-la o resto do caminho? — Aquilo seria um feito e tanto. — Ou pelo menos prosseguir até o alvorecer?

— Consigo. — Nestha sabia que Emerie encontraria aquela força. A fêmea tinha a alma de aço. Emerie colocou a espada diante de Nestha. A adaga. O escudo.

— Fique com os cantis — disse Nestha, dando tapinhas no dela. — Tenho o suficiente. — Mais uma mentira.

— Ela nunca vai perdoar você por isso — disse Emerie.

— Eu sei. — Os machos estavam mais no alto. Ela não esperou Emerie falar antes de ajudar a colocar Gwyn nas costas de Emerie, que sibilou ao sentir o peso sobre as asas, abrindo-as em ângulos esquisitos. Nestha amarrou a corda ensanguentada em torno delas, amarrando-as uma na outra. Emerie fez uma careta, mas conseguiu se mover alguns passos.

— Venha com a gente — sugeriu Emerie, com os olhos cheios de lágrimas.

Nestha fez que não com a cabeça.

— Considere isso o pagamento de uma dívida.

Uma lágrima escorreu pela bochecha de Emerie.

— Que dívida?

— Por serem minhas amigas. Quando eu não merecia.

O rosto de Emerie se fechou.

— Não tem dívida alguma, Nestha.

Mas Nestha sorriu sutilmente.

— Tem sim. Me deixe pagá-la.

Engolindo as lágrimas, Emerie assentiu. Levantou Gwyn mais alto e se encolheu, mas conseguiu cambalear pelo arco. Na direção das rochas e do último trecho da Quebra, até o alto do pico.

Nestha não se despediu. Apenas inspirou pelo nariz, segurou o fôlego, e expirou. Repetiu o Silenciamento Mental de novo e de novo, até que sua respiração se tornou o quebrar constante das ondas e o coração dela se tornou pedra sólida, e cada centímetro de seu corpo ficou sob seu controle.

Ela era a rocha contra a qual as ondas quebravam. Aqueles machos também quebrariam contra ela.

Eles não tinham escolha. Com Eris sob o controle de Briallyn, Cassian e Azriel só podiam seguir a figura curva e encapuzada até o lago. Cassian não ousou considerar se a Coroa estava sendo usada nele. Se seria usada em Azriel.

O grupo com o qual Eris e Briallyn tinham viajado havia se dispersado, não estava à vista ao longo do lago. Será que aquelas pessoas eram reais? Ou tinham sido apenas uma ilusão?

Um olhar para Az revelou que o irmão estava com o rosto petrificado, com fúria fria nos olhos.

A figura curvada e encapuzada parou diante das pedras do lago. Eris parou ao lado dela.

— Ande logo, então — falou Cassian.

Briallyn tirou o capuz do manto.

Não havia nada ali. O material caiu e se empilhou sobre as pedras. O rosto de Eris permaneceu inexpressivo. Vazio.

— Só uma semente animada de magia — cantarolou uma voz viperina vinda do lago.

A dez metros da margem, erguida sobre a superfície, flutuava uma sombra. Ela se agitou e contorceu, suas bordas tremeluziam, mas ainda mantinham o formato vago de um macho alto.

— Quem é você? — indagou Azriel.

Mas Cassian sabia.

— Koschei — sussurrou ele.

Nestha permaneceu de pé sob o desfiladeiro de Enalius durante um longo minuto.

Pegou o cantil. Bebeu o que restava da água. Jogou a garrafa para o lado.

Então enfiou a adaga no cinto. Pegou a espada. E desenhou uma linha na terra diante do arco.

Sua resistência final. Sua última linha de defesa.

Nestha recolheu o escudo. Olhou por cima do ombro para onde Emerie tinha percorrido o último aglomerado de pedras e agora subia com dificuldade o caminho longo e reto até o pico.

Um sorriso breve e silencioso passou pelo rosto de Nestha.

Então ela levantou o escudo. Girou a espada.

E deu um passo além da linha que tinha desenhado para encontrar o inimigo.

Capítulo 70

Bellius mandou os guerreiros pelo gargalo primeiro. Um movimento inteligente, destinado a cansar Nestha.

Ela não teve escolha a não ser enfrentá-los.

Não havia vozes odiosas em sua mente. Apenas o conhecimento de que as amigas estavam atrás dela, atrás da linha que Nestha tinha desenhado na terra, e que ela não entregaria essa linha para os machos.

Não fracassaria com as amigas. Não tinha espaço para medo no coração.

Apenas calma. Determinação.

E amor.

Os lábios de Nestha se curvaram em um sorriso quando o primeiro dos guerreiros correu até ela, com a espada erguida. Ela ainda estava sorrindo quando levantou o escudo para receber o impacto total do golpe.

Nestha chocou o escudo contra o primeiro macho, cortou as canelas do segundo, e despachou o terceiro com uma interceptação que o lançou em disparada contra o quarto, e os dois rolaram até o chão. Um para cada fôlego, um movimento para cada inalação e

exalação. Ela silenciou a mente de novo, deixou que aquilo a arraigasse.

Por um segundo, Nestha se perguntou o que teria feito se tivesse Ataraxia na mão. O que faria com aquele corpo, com aquelas habilidades treinadas em seus ossos. Se ela seria enfim digna da espada.

Nestha escolhera um nome da Língua Antiga, uma língua que ninguém falava há 15 mil anos. Um nome do qual Lanthys rira ao ouvir.

Nestha enfrentou quatro dos illyrianos de uma vez, então cinco, então seis, e os machos começaram a cair, um após o outro. Nestha manteve a linha em uma tempestade de foco irredutível e morte, protegendo as amigas atrás dela.

Ataraxia, como ela havia nomeado aquela espada mágica.

Paz Interior.

Capítulo 71

O ser que estava no alto do lago era uma sombra. Devia ser um reflexo, pensou Cassian. Um truque de fumaça e espelhos.

— Onde está Briallyn? — indagou Azriel, cujos Sifões brilhavam como chama cobalto.

— Eu passo tantos meses me preparando para vocês — cantarolou Koschei —, e vocês não querem nem falar comigo?

Cassian cruzou os braços.

— Solte Eris e então conversaremos. — Ele rogava para que Koschei não soubesse da adaga Feita que Eris tinha, mais uma vez, embainhada do lado do corpo, que a aura de poder da Coroa tivesse cegado até mesmo Briallyn da presença dela. Mas se o senhor da morte colocasse as mãos nela... Merda. Cassian não se permitiu sequer olhar na direção da lâmina.

— Vocês caíram bem fácil — prosseguiu Koschei —, embora tenham levado tempo até fazer contato. Achei que correriam para o ataque, do jeito que são brutamontes. — Eles não conseguiam discernir nada dele além das sombras de sua forma. Até mesmo as sombras do próprio Azriel se mantinham escondidas sob suas asas.

Koschei gargalhou, e Azriel ficou rígido. Como se as sombras dele tivessem murmurado um aviso.

Seus Sifões brilharam de novo.

— Fuja — sussurrou Azriel, e o puro terror no rosto do irmão fez Cassian abrir as asas, preparando-se para se lançar...

Mas suas asas pararam. O corpo dele inteiro parou.

Azriel pegou Eris e disparou para os céus, levando a adaga Feita. Eles precisavam levá-la para longe de Koschei. Mas Cassian não conseguia se mover.

Os Sifões de Cassian brilharam como sangue fresco, então se apagaram. Azriel gritou o nome dele do alto. Koschei pairou mais perto da margem.

— Pode levá-lo agora, Briallyn. Você tem bastante tempo antes do alvorecer.

Uma figura pequena e curva surgiu de detrás das árvores. Uma idosa. Uma coroa dourada repousava sobre sua cabeça, bem acima das orelhas pontudas. Ódio queimava em seus olhos.

Koschei falou:

— Diga a minha Vassa que estou esperando. — As sombras dele espiralaram.

Azriel disparou de volta na direção do chão. Os Sifões dele criaram uma órbita azul de poder que o circundava, mas Briallyn já havia alcançado Cassian.

— Preciso de você, Senhor dos Bastardos — a rainha de aparência antiga fervilhava de ódio. Cassian não conseguiu dizer nada. Não conseguiu se mover. A Coroa brilhou como ferro derretido. Briallyn ordenou a Koschei:

— Atravesse a gente.

O senhor da morte apontou a mão de dedos longos para Briallyn e Cassian. Agitou os dedos uma vez.

E o mundo sumiu, girando na escuridão e no vento.

O escudo de Nestha tinha se tornado um fardo. A espada, escorregadia com sangue, pendia de sua mão como um peso de chumbo escorregadio.

Cada centímetro de seu corpo queimava. Com exaustão, com os ferimentos, com a compreensão de que além daquela linha que havia traçado na terra, pelo arco às suas costas, Gwyn e Emerie ainda estavam respirando, ainda subiam aquele último trecho da Quebra até o pico.

Então ela havia matado os machos illyrianos que se espremeram para passar por aquelas rochas pontiagudas. Que acreditavam que encontrariam uma fêmea destreinada e indefesa, e encontraram a morte à espera diante do arco.

Restava apenas um.

Nestha estremeceu diante dos rostos que não enxergavam, surrados. Do sangue que escorria dos cadáveres.

Valquíria, sussurrou ela para si mesma. *Você é uma valquíria, e mais uma vez, está protegendo o desfiladeiro. Se cair, será para salvar as amigas que salvaram você, mesmo quando não sabiam que era isso que estavam fazendo.*

Um olhar por cima do ombro mostrou que Emerie ainda escalava o último trecho do pico, tão lentamente, mas tão próxima. O alvorecer se aproximava, mas... Elas conseguiriam. Venceriam.

Nestha olhou mais uma vez para o arco. Sabia quem encontraria.

Bellius estava encostado em um pedregulho, com a espada em uma mão e o escudo pendurado em outra.

— Nada mal para uma piranha Grã-Feérica.

O macho se afastou da pedra do arco, sem olhar uma única vez para os guerreiros que tinha deixado morrer por ele.

— Sabe, nosso deus, o primeiro dos illyrianos, segurou a barra contra hordas inimigas bem aí onde você está.

Não havia um arranhão nele. Nenhum sinal de exaustão, apesar da subida.

Bellius deu risinhos.

— Ele também traçou uma linha na terra. — O macho assentiu, olhando para a linha. — Belo toque.

Nestha não sabia daquele detalhe da história. Mas não revelou nada. Ela havia se tornado sangue, terra e pura determinação.

— Não acabou bem para Enalius — prosseguiu Bellius. — Ele morreu depois de defender esse ponto durante três dias. Subiu com

as tripas para fora até a pedra sagrada no alto e morreu lá. É por isso que fazemos essa coisa idiota. Para honrá-lo.

Ela, ainda assim, não falou. Mas o olhar de Bellius se voltou para o pico acima. Desgosto o fez semicerrar os olhos.

— A vaca mutilada da minha prima e aquela maldita de linhagem mista desgraçam este local sagrado.

Um lampejo de luz do pico percorreu as feições de Bellius.

Os lábios de Nestha se retraíram. Abriram-se em um sorriso ao ouvir o resmungo de Bellius.

Gwyn e Emerie tinham tocado a pedra sagrada e sido atravessadas para longe pela magia dela.

— Parece que você não venceu — disse Nestha para Bellius por fim.

Os olhos vítreos de Bellius ficaram pesados de ódio. Como se em resposta, neve começou a cair, grandes nuvens se acumulavam em volta da montanha. Trovões ressoaram. A neve permaneceu nas rochas dessa vez.

— Eu nunca quis vencer. — A boca de Bellius se repuxou para cima. — Eu só queria isto.

Ele avançou contra ela.

Capítulo 72

Emerie e Gwyn tinham vencido. Haviam conseguido atravessar a Quebra. Aquilo bastava.

Nestha só precisava segurar aquele babaca por mais alguns minutos — até o alvorecer. Então acabaria. O poder dela voltaria, e ela poderia... Nestha não sabia o que faria. Mas pelo menos teria aquela arma.

Bellius avançou, mais ágil e mais certeiro do que os outros.

Nestha mal teve tempo de levantar o escudo. O impacto a chacoalhou até os ossos, mas ele já estava girando e agitando o próprio escudo até o rosto dela...

Nestha escapou do alcance dele. Pelos deuses, como ela estava cansada. Tão, tão cansada, e...

Ele não parava. Não lhe deu um momento de descanso quando atacou, defletindo e golpeando, empurrando Nestha para trás na direção da linha, do arco. Ódio queimava no rosto dele.

Ódio cego e implacável. Sem motivo. Sem fim.

A neve ficou mais espessa, o vento uivava, e o céu ressoava. Bellius golpeou de novo, e Nestha levantou o escudo, segurando o ataque.

Um relâmpago brilhou e um trovão ecoou ao encalço.

Uma tempestade avançara em torno da montanha, encobrindo a lua e as estrelas. Apenas o relâmpago formando um arco no céu fornecia iluminação para o ataque de Bellius.

Ela estava na defensiva, e se quisesse sobreviver àquilo, precisava encontrar alguma forma de mudar essa dinâmica...

Mas a neve deixava as pedras e a terra escorregadias, e quando raios cortaram o céu de novo, cegando os dois, ele pensou mais rápido. Agiu mais rápido.

Usou seu piscar de olhos para bater com o escudo dele no dela, fazendo com que caísse da mão de Nestha.

O escudo caiu com um clangor em uma pedra próxima. O olhar de tola dela na direção do instrumento fez com que Bellius derrubasse a espada da mão de Nestha também.

Desarmada como uma novata.

Trovão estalou de novo, e Bellius gargalhou.

— Que frustrante. — Ele parou e avaliou Nestha. E sorriu antes de atacar mais uma vez.

Nestha desviou de um avanço após o outro, mas não rápido o bastante para evitar os cortes precisos que Bellius deu em seus braços, pernas e rosto. Ela ficou mais lenta, seus pés deslizavam na encosta escorregadia da montanha conforme a tempestade de trovão e neve se deflagrava.

Outro golpe e os pés dela deixaram o chão. O fôlego foi arrancado de Nestha quando a coluna dela atingiu algo inflexível. Uma rocha.

O corpo de Nestha se recusou a se mover enquanto ela ofegava. Sangue morno escorreu de seu nariz.

Bellius se aproximou e jogou as armas para o lado.

— Fazer isso com minhas mãos será muito mais satisfatório.

Mexa-se.

A palavra ecoou por Nestha. Ela precisava se manter em movimento.

Sobre as mãos trêmulas, conforme raios estalavam e a neve rodopiava, Nestha se afastou da rocha. Suas pernas tremiam, implorando para que ela se sentasse, para que parasse, para que simplesmente morresse de uma vez, porra.

Bellius avançou, o corpo poderoso assumiu a posição de luta. O ódio selvagem no olhar do inimigo a perfurou.

As amigas de Nestha tinham conseguido... mas ela não queria morrer.

Queria viver, e viver bem, e viver feliz.

Queria fazer isso com...

Nestha afastou os pés. Acalmou o corpo dolorido e surrado.

Bellius riu com deboche.

— Acha mesmo que pode me vencer em combate corpo a corpo?

Sangue escorria da boca e do nariz de Nestha. Mas ela sorriu mesmo assim, sentindo o gosto forte cobrindo sua boca.

— Acho.

Bellius deu o primeiro soco com toda a força de seu corpo poderoso. Nestha bloqueou e enterrou o punho no nariz dele. Esmagando o osso. Bellius urrou, recuando um passo.

E Nestha sibilou:

— Porque meu parceiro me ensinou bem.

Capítulo 73

Parceiro.

A palavra percorreu Nestha como uma estrela cadente conforme ela e Bellius avançaram um contra o outro, socando, chutando, desviando. Como se proferir a palavra tivesse dado a ela aquela última descarga de força...

Bellius enfiou o punho na mandíbula de Nestha com tanta força que ela cambaleou alguns passos para trás.

Ela desviou do movimento seguinte e acertou um golpe nas costelas do macho. Mas ele continuou encurralando Nestha na direção do arco, da linha.

Exaurindo-a. Sobrepujando-a.

Ela prosseguiria. Até o fim, ela o enfrentaria.

O punho de Bellius atingiu a bochecha esquerda de Nestha. Uma dor estalou pelo corpo dela. Os pés de Nestha deslizaram de baixo dela. Ela voou para trás, e o tempo ficou mais lento.

Nestha caiu do outro lado da linha na terra, e podia jurar que a montanha estremeceu.

Nestha rastejou. Ela não se importava com o quanto aquilo a fazia parecer patética. Ela rastejou para longe de Bellius,

atravessando o arco, destruindo a linha que tinha desenhado.

Ele avançou, ensanguentado e arrogante.

— Vou gostar disso.

Ela dissera que não se importava em morrer pelas amigas, que estava tudo bem porque elas tinham conseguido, tinham vencido, mas ser morta por aquele *zero à esquerda*...

Nestha grunhiu. Não restava mais nada a ela. Seu corpo tinha desistido. Como tantos outros haviam feito.

Bellius sacou uma faca da bota.

— Acho que prefiro cortar sua garganta.

Ela estava sozinha.

Nascera sozinha, morreria sozinha, e aquele macho horrível seria aquele que a mataria...

Trovão ressoou, e a montanha inteira estremeceu com o impacto. Bellius deu um passo na direção dela, erguendo a faca.

Sangue jorrou.

A princípio, ela achou que fosse relâmpago que tivesse lampejado de um lado a outro do pescoço dele, abrindo-o tanto que o sangue de Bellius banhou o ar nevado.

Mas então viu as asas. O *outro* par de asas.

E quando Bellius desabou na terra, engasgando com seu sangue vital, revelou Cassian de pé ali, exibindo os dentes, com a arma na mão, ela se perguntou se o relâmpago que tremeu a montanha havia sido o ódio dele.

Cassian passou por cima do corpo moribundo de Bellius e ofereceu a mão a ela. Não para pegá-la nos braços, mas para ajudá-la a se levantar. Como sempre fazia.

Com o corpo reclamando, Nestha segurou a mão dele e se levantou.

Mesmo assim, ela esqueceu da dor e da morte a sua volta assim que ele a abraçou contra o peito e segurou firme, sussurrando carinhosamente em meio ao cabelo ensanguentado dela:

— E agora vou cortar o seu pescocinho lindo.

As palavras de Cassian não eram dele. As mãos dele não eram dele conforme Nestha — conforme sua *parceira* — tentou se afastar e ele fechou os braços em volta dela. Com tanta força que os ossos de Nestha se acomodaram sob as mãos dele.

Ele estava gritando. Silenciosamente, infinitamente. Gritando para que ela lutasse contra ele. Gritando para si mesmo, para que parasse.

Mas ele não conseguia. Não importava o que fizesse, não conseguia.

— Cassian — disse Nestha, se esforçando.

Me mate, implorava ele silenciosamente a ela. *Me mate antes que eu precise fazer isso*.

— *Cassian.* — Nestha empurrou o peito dele. Mas os braços de Cassian seguravam firme. E apertaram com mais força.

— Ele não pode obedecer a você, Nestha Archeron — disse, rouca, uma voz velha e enrugada atrás de Nestha. — Ele é meu agora.

Cassian não conseguiu nem mesmo arregalar os olhos em aviso. Os braços dele se afrouxaram com o comando silencioso da rainha, permitindo que Nestha se virasse nos braços dele.

Apresentando-a a Briallyn, que usava a Coroa no alto do cabelo fino e branco.

Capítulo 74

Os olhos escuros de Briallyn brilhavam satisfeitos, e os três espinhos simples da Coroa dourada cintilaram quando ela levantou a mão.

A tempestade parou. Dissipou-se e revelou o céu cinza pálido de antes do amanhecer; as últimas estrelas iam se apagando.

Até a natureza podia ser influenciada pela Coroa.

Horror se acumulou em Nestha quando os braços de Cassian relaxaram. Ela se atirou a alguns passos de distância, virando-se, mas sabia o que encontraria. Cassian estava parado como uma estátua. Como se tivesse sido transformado em pedra. Os olhos dele, normalmente tão alegres e vivos, tinham ficado vítreos. Vazios.

Briallyn tinha desejado que ele ficasse daquela forma. Tinha movido as pessoas como peças de xadrez para se certificar de que Nestha chegaria ali.

— Por quê? — falou Nestha.

O manto espesso de pele de Briallyn farfalhou sob o vento da montanha.

— Seu poder é forte demais, atirar você nesse espetáculo primitivo deixou você exaurida.

— *Você* fez os illyrianos me trazerem aqui?

— Minha intenção era pegar a mutilada. — O sangue de Nestha ferveu à menção de Emerie. — Bellius me deu a informação sobre sua amizade e vi o quanto ela significava para você quando fomos unidas pela Harpa e a Coroa. Eu sabia que se a capturasse, se a trouxesse até aqui, você seguiria, com ou sem lei. Você é inconsequente e arrogante o bastante para pensar que poderia salvá-la. Mas você facilitou para mim: foi direto até a casa dela no Refúgio do Vento. E me poupou do trabalho de atrair você. Deixei que aqueles illyrianos estúpidos levassem ela e aquela de linhagem mista como um bônus divertido.

Nestha não ousou olhar para Cassian.

— Tudo isso para me cansar?

— Sim. E sem sua magia...

Nestha interrompeu, exigindo saber:

— Eu estava exausta há dois dias. Por que esperar até agora?

Briallyn fez cara de ódio diante da interrupção.

— Eu estava esperando por *ele*. — Ela assentiu na direção de Cassian, que estava fervilhando de ódio, algo parecido com ódio e medo agora penetrava a nebulosidade de seus olhos. — Dias e dias, esperei que ele se aproximasse o suficiente para eu poder usar a Coroa para pegá-lo. Precisei usar aquele inconsequente do príncipe Eris para atraí-lo. — Uma risada baixa. — Eris tentou ajudar os soldados dele quando o cercaram durante a caçada. *Ajudar* aqueles miseráveis. Ele cavalgou direto até eles, em vez de ir embora galopando como qualquer pessoa sábia faria. Eles o pegaram sem esforço. Nem aqueles cães infernais puderam fazer alguma coisa quando Koschei o atravessou para longe.

Será que Eris estava morto? Ou agora era escravizado por ela? O rosto de Cassian não revelou nada.

Mas Briallyn sorriu para ele.

— Eu estava ficando preocupada que você jamais chegaria. O coitado do Eris teria tido um fim *muito* trágico se isso acontecesse. Acho que o fogo dele não teria suportado o lago de Koschei.

Ela olhou para o cadáver de Bellius.

— Ele é um brutamontes cheio de ódio, igualzinho a você, Cassian. Arrogante e impulsivo. Ele se afastou do grupo de

reconhecimento para procurar *diversão* nas minhas terras. Então mostrei a ele minha ideia de diversão. — Os lábios finos dela se curvaram em um sorriso debochado.

Briallyn gargalhou.

— Ordenei que ele caçasse você, não que a matasse, mas parece que não fui precisa o bastante com as palavras. E é bastante satisfatório ver alguém matar, principalmente com ferramentas que forneci. Eu sabia que o Rito seria muito mais divertido com armas. Suponho que pudesse ter ordenado que Bellius recuasse, mas eu estava gostando do que via.

Nestha indagou:

— Por que está fazendo isso? Por que não quer paz?

— Paz? — Briallyn gargalhou. — Que paz eu posso ter agora? — Ela indicou o próprio corpo com a mão. — O que eu quero é vingança. O que eu quero é *poder*. O que eu quero são os Tesouros. Então me certifiquei de que você soubesse também. Me certifiquei de que você se tornasse minha cúmplice desavisada ao coletar os itens de poder neste território maldito. E sei que só existe uma forma de você os entregar a mim. Uma pessoa por quem você faria isso. — Um sorriso na direção de Cassian. — Seu parceiro.

— Não estou com os Tesouros aqui.

— Você pode conjurá-los. Os objetos responderão a você, não importa que defesas estejam sobre eles. E você vai entregá-los a mim.

— E então você vai matar nós dois?

— E então vou me Fazer *jovem* de novo. Não moverei nenhum dedo contra vocês.

Nestha sentiu o cheiro da mentira.

Cassian grunhiu:

— *Não*.

Briallyn lançou a ele um olhar de surpresa, e a boca de Cassian se fechou. Ele tremeu, mas continuou parado de pé. Contudo, o transe de seus olhos havia perdido intensidade.

— Então — disse Briallyn — você vai trocar os Tesouros pela vida de seu parceiro. Você é tão feérica agora, Nestha Archeron, que permitiria que o mundo se tornasse cinzas e ruínas antes de deixar seu parceiro morrer. — Ela franziu a testa com desgosto para os

corpos em volta deles, para o sangue. — Convoque os Tesouros, e vamos acabar com esse negócio sujo.

Nestha não conseguia parar de tremer. Entregar os Tesouros a Briallyn, se é que ela conseguiria convocá-los...

— Não.

— Então vou precisar tentar convencer você.

Briallyn estalou os dedos para Cassian, e Nestha teve meio segundo para se virar antes de ele a alcançar.

Pânico e ódio brilhavam em seus olhos, mas Nestha não conseguiu fazer nada, absolutamente nada, quando ele se chocou contra ela, jogando-a no chão. Prendendo-a ali, com um braço em seu pescoço, ela sentiu o peso dele, outrora tão íntimo e amoroso, agora como a força que a segurava ali, que a machucava...

Súplica tomou o rosto de Cassian, uma angústia absoluta, quando ele lutou contra a Coroa. Lutou e perdeu.

— Isso vai destruí-lo, obviamente, matar a própria parceira — falou Briallyn. — Você vai morrer, e vai morrer sabendo que o condena a uma vida de tristeza.

O braço livre de Cassian tremeu quando ele tirou a faca com a qual tinha matado Bellius do cinto. Levou na direção dela.

— Se você me matar — arquejou Nestha —, não vai obter os Tesouros. Jamais os encontrará.

— Há outros na sua corte tão delirantes quanto você. Com o incentivo certo, vão trazê-los para mim de uma forma ou de outra. Está certo que precisarei do seu sangue para abrir as defesas mágicas sobre os Tesouros. Também vi isso, sabe. Quando você tão estupidamente segurou a Harpa na Prisão. Mas suponho que matar você vai fornecer bastante do sangue necessário. — Briallyn assentiu para Cassian. — Levante-a.

Nestha não lutou quando ele a puxou de pé. Quando segurou a faca contra seu pescoço. Súplica brilhava nos olhos dele. Súplica, medo e... e amor.

Um amor que ela não merecia, que jamais merecera, mas que ali estava. Exatamente como estivera desde o momento em que se conheceram.

Quanto valia o mundo em comparação a ele? Com aquilo?

— Isso está ficando entediante — falou Briallyn.

Nestha deixou que o parceiro visse o amor que brilhava no rosto dela.

O céu se encheu com luz suave e gentil.

— Mate — ordenou Briallyn a Cassian.

Nestha amara Cassian desde que pusera os olhos nele. Amara Cassian mesmo quando não queria, mesmo quando tinha sido engolida por desespero, medo e ódio. Amara Cassian e destruíra a si mesma porque não acreditava que o merecia, porque ele era bom, corajoso e gentil, e ela o amava, ela o amava, ela o amava...

O braço de Cassian tremeu, e Nestha se preparou para o golpe, mostrando a ele seu perdão, o amor infinito e indestrutível que sentia...

Mas Cassian rugiu.

E então a faca girou na mão dele, inclinando-se não na direção dela, mas na direção do coração dele.

Por vontade própria.

Contra o poder da Coroa, contra uma Briallyn arquejante, ele escolheu enterrar a faca no próprio coração. *Mate*, foi o que a rainha disse. Mas não tinha especificado quem.

E quando o sol irrompeu no horizonte, conforme a faca de Cassian mergulhava até seu peito, Nestha irrompeu com a força do Caldeirão.

Não havia nada no coração de Nestha a não ser gritos. Nada no coração dela além de amor, ódio e fúria quando ela soltou tudo que havia dentro dela e o mundo inteiro explodiu.

Os uivos de sua magia eram uma besta sem nome. Avalanches desceram em cascata pelos penhascos nos mares de branco reluzente. Árvores se curvaram e partiram ao encalço do poder que se estilhaçou para fora dela. Mares distantes recuaram dos litorais e dispararam em ondas na direção deles de novo. Vidros tremeram e se estilhaçaram em Velaris, livros caíram das prateleiras nas mil bibliotecas de Helion, e os resquícios de um chalé aos pedaços nas terras humanas desabou em uma pilha de escombros.

Mas tudo o que Nestha viu foi Briallyn. Tudo o que viu foi a idosa boquiaberta quando Nestha saltou sobre ela, atirando o corpo frágil da rainha no chão rochoso. Tudo o que ela ouviu foram gritos quando agarrou o rosto de Briallyn, enquanto a Coroa brilhava com um branco ofuscante, e rugiu sua fúria para as montanhas, para as estrelas, para os lugares sombrios entre eles.

Mãos retorcidas se tornaram jovens. Um rosto enrugado se tornou belo e encantador. Cabelo branco escureceu até se tornar preto como as penas de um corvo.

Mas Nestha urrou e urrou, libertando seu ódio mágico, libertando cada brasa. Apagando a rainha abaixo dela da existência.

As mãos jovens se tornaram cinza. O rosto lindo se dissolveu em nada. O cabelo preto murchou até virar pó.

Até que tudo o que restou da rainha foi a Coroa no chão.

Capítulo 75

Cassian estava deitado com o rosto na terra.

Nestha correu até ele, rogando e chorando enquanto sua magia ainda ecoava pelo mundo.

Ela o virou, buscando a faca, o ferimento, mas...

A faca estava abaixo dele. Sem sangue.

Ele gemeu, entreabrindo os olhos.

— Imaginei — disse ele, rouco — que seria melhor ficar no chão mesmo enquanto você fazia isso.

Nestha o olhou boquiaberta. Então caiu em lágrimas.

Tentando acalmá-la, Cassian se sentou e segurou o rosto de Nestha nas mãos.

— Você Desfez ela.

Nestha olhou para a Coroa na terra e para a mancha preta onde Briallyn tinha estado.

— Ela mereceu.

Ele riu e encostou a testa na dela. Nestha fechou os olhos e inspirou o cheiro dele.

— Você é meu parceiro, Cassian — disse Nestha contra os lábios dele, e o beijou suavemente.

— E você é a minha — disse ele, beijando Nestha de volta.

E então suas mãos deslizaram para o cabelo dela. E o beijo...

Quando ele a beijou, tanto o mundo em torno deles quanto a Coroa aos pés de Nestha perderam a importância. O beijo de um parceiro. O beijo que fez a alma deles se entrelaçar, geminadas.

Ela recuou, deixando que Cassian visse seu sorriso e a felicidade em seus olhos. A admiração em seus olhos, a alegria em seu semblante, fez a garganta de Nestha dar um nó.

— Cassian, eu...

Mas duas figuras aterrissaram ao lado deles, fazendo a montanha estremecer, e eles se viraram e encontraram Mor e Azriel ali, com o rosto sério.

— Eris? — indagou Cassian.

— Seguro. A adaga Feita está com a gente de novo — disse Azriel —, embora Eris esteja irritado e confuso. Ele está na Cidade Escavada. Mas...

— É a Feyre — disse Mor.

Capítulo 76

A casa do rio estava muito silenciosa. Como um túmulo.

— Ela começou a sangrar há algumas horas — disse Mor, conforme os levou pela casa.

— Mas faltam meses para ela dar à luz — protestou Nestha, seguindo de perto ao encalço dela.

O cheiro de sangue enchia o quarto onde eles entraram. Tanto sangue, por toda a cama, manchando as coxas abertas de Feyre. Nada de bebê, e o rosto de Feyre... Estava pálido como a morte. Os olhos dela estavam fechados e a respiração estava breve.

Rhys estava agachado ao lado dela, agarrando a mão de Feyre. Pânico, terror e dor se enfrentavam no rosto dele.

Madja, ajoelhada na cama entre as pernas de Feyre, com sangue até os cotovelos, disse, sem olhar para eles:

— Eu virei o bebê, mas ele não está saindo. Está preso no canal vaginal.

Uma inspiração baixinha do canto do quarto revelou Amren sentada ali, com o rosto pálido drenado de toda cor.

— Ela está perdendo muito sangue, e consigo sentir o coração do bebê em estresse — anunciou Madja.

— O que fazemos? — perguntou Mor, quando Cassian e Azriel foram para trás de Rhys, colocando as mãos nos ombros deles.

— Não tem nada que possamos fazer — respondeu Madja. — Puxar o bebê através de um corte vai matar a mãe.

— Corte? — indagou Nestha, o que lhe garantiu um olhar afiado de irritação de Rhys.

Madja ignorou o tom de voz dela.

— Uma incisão no abdômen, mesmo que seja feita com cuidado, é um risco enorme. Nunca deu certo. E mesmo com as habilidades de cura de Feyre, a perda de sangue a enfraqueceu...

— Faça — conseguiu dizer Feyre, as palavras carregadas de dor.

— Feyre — protestou Rhys.

— O bebê provavelmente não vai sobreviver — disse Madja, com a voz tranquila, mas séria. — Ainda é muito pequeno. Arriscaremos a vida de vocês dois.

— De vocês todos — sussurrou Cassian, de olho em Rhys.

— *Faça* — disse Feyre, com a voz da Grã-Senhora. Sem medo. Havia apenas determinação pela vida do bebê dentro dela. Feyre olhou para Rhys. — É a única solução.

Com olhos mareados de prata, o Grão-Senhor assentiu lentamente.

A mão de alguém deslizou para a de Nestha, e ela viu Elain ali, tremendo e de olhos arregalados. Nestha apertou os dedos da irmã. Juntas, elas se aproximaram do outro lado da cama.

E quando Elain começou a rezar para os deuses estranhos dos feéricos, para a Mãe deles, Nestha curvou a cabeça também.

Feyre estava morrendo. O bebê estava morrendo.

E Rhys morreria com eles.

Mas Cassian sabia que não era medo da própria morte que fazia seu irmão tremer. A mão de Cassian apertou o ombro de Rhys. Poder salpicado de noite vazava do Grão-Senhor, tentando curar Feyre, como Madja estava fazendo, mas o sangue continuava escorrendo, mais rápido do que qualquer poder podia conter.

Como havia chegado àquele ponto? Uma barganha feita por amor entre dois parceiros agora acabaria com três vidas perdidas.

O corpo de Cassian pairou para algum lugar distante quando Madja saiu da cama e voltou com um conjunto de facas, instrumentos, cobertores e toalhas.

— Entre na mente dela para tirar a dor — disse Madja a Rhys, que piscou em confirmação, então disse um palavrão, como se brigasse consigo mesmo por não ter pensado nisso antes. Cassian olhou para o outro lado da cama, para onde Elain segurava a outra mão de Feyre, e Nestha segurava a de Elain.

Rhys disse à parceira:

— Feyre, querida...

— Sem despedidas — ofegou Feyre. — Sem despedidas, Rhys.

O que quer que Rhys tivesse feito para a dor levou os olhos dela a se fecharem. E a mente de Cassian ficou completamente silenciosa e vazia quando Madja tirou o lençol de Feyre e as facas reluziram.

Não houve som quando o minúsculo bebê alado surgiu. Quando Mor ficou de pé ali, com os cobertores na mão, e pegou o menino imóvel das mãos ensanguentadas de Madja.

Mas Rhys estava chorando, e lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Mor quando ela olhou para o bebê silencioso em seus braços.

Então Madja soltou um palavrão, e Rhys...

Rhys começou a gritar.

Quando Rhys disparou até Feyre na cama, Cassian soube o que estava prestes a acontecer.

Mas força nenhuma no mundo poderia impedir aquilo.

O mundo ficou lento. Ficou frio.

Havia o bebê silencioso e pequeno demais nos braços de Mor.

Havia Feyre, aberta e sangrando até a morte na cama.

Havia Rhysand gritando, como se a alma dele estivesse sendo dilacerada, mas Cassian e Azriel estavam ali, puxando-o para longe da cama enquanto Madja tentava salvar Feyre...

Mas a Morte pairava perto. Nestha conseguia sentir, conseguia enxergar uma sombra mais densa e mais permanente do que qualquer uma das de Azriel. Elain soluçava, apertando a mão de Feyre, suplicando para que ela aguentasse, e Nestha estava no meio daquilo. A Morte rondando ela, e não havia nada, nada, nada a fazer conforme a respiração de Feyre ficava mais fraca, e Madja começou a gritar para que ela combatesse aquilo...

Feyre.

Feyre, que tinha entrado na floresta por elas. Que as salvara tantas vezes.

Feyre. Sua irmã.

A Morte pairava perto de Feyre e de seu parceiro, como uma besta esperando para atacar e devorar os dois. Nestha tirou a mão da de Elain. Recuou um passo.

Ela fechou os olhos e abriu aquele lugar em sua alma que tinha se libertado em Ramiel.

Cassian mal conseguia segurar Rhys, mesmo com todos os sete Sifões brilhando com os de Azriel.

Ele deveria deixar que Rhys fosse até ela. Se os dois estavam prestes a morrer, ele deveria deixar Rhys ir até a parceira. Ficar com ela naqueles últimos segundos, durante os últimos fôlegos...

Uma luz dourada brilhou do outro lado do quarto, e Amren arquejou. O coração de Cassian se embrulhou com horror.

Nestha não estava mais ao lado da cama. Ela estava agora a alguns metros de distância.

Ela usava a Máscara. Tinha colocado a Coroa na cabeça. E segurava a Harpa nos braços.

Ninguém jamais tinha usado as três e sobrevivido. Ninguém podia conter o poder delas, ninguém seria capaz de controlá-las...

Os olhos de Nestha brilharam com fogo prateado atrás da Máscara. E Cassian soube que o ser que olhava para fora não era nem feérico nem humano, ou nada que caminhasse pelas terras daquele mundo.

Ela começou a se mover em direção à cama, e Rhys avançou até ela.

Nestha levantou a mão, e Rhys ficou imóvel. Tão imóvel quanto Cassian ficara sob o controle da Coroa.

O peito de Feyre inflou, um tremor fúnebre sussurrando dos lábios brancos dela, e Cassian não podia fazer nada, a não ser observar quando os dedos de Nestha, ainda ensanguentados e imundos do Rito, pairaram até a última corda da Harpa. A vigésima sexta.

E a tocaram.

Capítulo 77

Era o Tempo.

A vigésima sexta corda da Harpa era o próprio Tempo, e Nestha o parou quando Feyre deu seu último suspiro.

Lanthys tinha dito isso. Que até a Morte se curvava para a última corda. Que o tempo não afetava a Harpa.

A corda não emitiu som quando Nestha a tocou. Apenas destituiu o mundo dele.

E a morte que Nestha tinha sentido em torno da irmã, em torno de Rhysand, em torno do bebê nos braços de Mor — ela pediu à Máscara que parasse aquilo também. Que a mantivesse afastada.

No início

E no fim
Havia Escuridão

E nada mais

Uma voz baixa e familiar sussurrou as palavras. Como foram sussurradas para ela há tanto tempo. Como a avisara na escuridão de Oorid. Uma linda e gentil voz de fêmea, sábia e acolhedora, que estava esperando por ela todo aquele tempo.

O quarto era um quadro de movimento congelado, de rostos chocados e horrorizados voltados para ela, para Feyre e todo aquele sangue. Nestha caminhou pelo cômodo. Passou pelo corpo agonizante de Rhys, cujo rosto era o retrato do desespero, do terror e da dor; passou por um Azriel de rosto sério; passou por Cassian, que trincava os dentes ao tentar segurar Rhys. Passou por Amren, cujos olhos cinza estavam fixos onde Nestha estivera, com puro temor e algo parecido com admiração no olhar.

Passou por Mor, que segurava aquele pacotinho nos braços. Passou por Elain ao lado dela, congelada enquanto chorava.

Nestha passou por aquilo tudo, pelo Tempo. Até a chegar à irmã.

Está vendo como pode ser? Sussurrou aquela voz fêmea baixinha, olhando através dos olhos de Nestha. *O que você pode fazer?*

Eu não sinto nada, disse Nestha, silenciosamente. Apenas a visão de Feyre à beira da Morte evitava que ela se esquecesse de por que estava ali, do que precisava fazer.

Não era isso o que você queria? Sentir nada?

Achei que fosse isso o que eu queria. Nestha observou as pessoas em torno dela. Suas irmãs. Cassian, que estava disposto a mergulhar uma adaga no próprio coração em vez de feri-la. *Mas não quero mais*. Quando a voz da fêmea não insistiu, Nestha prosseguiu: *Quero sentir tudo. Quero acolher de coração aberto.*

Mesmo as coisas que machucam e assombram você? A pergunta não carregava nada além de curiosidade.

Nestha se permitiu refletir por um segundo e silenciou a mente mais uma vez. *Precisamos dessas coisas para darmos valor ao que é bom. Alguns dias podem ser mais difíceis do que outros, mas... Quero vivenciar tudo, viver tudo. Com eles.*

Aquela voz sábia e baixinha sussurrou: *Então viva, Nestha Archeron*.

Nestha não precisou de mais nada quando pegou a mão inerte da irmã e se ajoelhou no chão. Apoiou a Harpa ao lado do corpo enquanto a nota silenciosa ainda reverberava, segurando o Tempo firmemente em seu acorde.

Ela não sabia o que poderia oferecer, além daquilo.

Acariciando a mão fria de Feyre, Nestha falou para o quarto atemporal e congelado:

— Você me amou quando ninguém mais quis. Você nunca deixou de me amar. Mesmo quando eu não merecia, você me amou, e lutou por mim, e... — Nestha olhou para o rosto de Feyre. A Morte estava a um fôlego de reivindicá-la. Ela não segurou as lágrimas que escorreram por sua bochecha quando apertou a mão fina de Feyre com mais força. — Eu amo você, Feyre.

Ela nunca havia dito aquelas palavras em voz alta. Para ninguém.

— Amo você — sussurrou Nestha de novo. — Amo você.

E quando a última corda da Harpa ondulou, como um sussurro de trovão para o ar, Nestha cobriu o corpo de Feyre com o dela. O Tempo retornaria em breve. Ela não podia demorar.

Nestha buscou em seu interior o poder que tinha feito monstros imortais tremerem e reis cruéis caírem de joelhos, mas... ela não sabia como usá-lo. Morte fluía por suas veias, mas ela não tinha o conhecimento para dominá-la.

Um movimento em falso, um erro, e Feyre seria perdida.

Então, com o Tempo parado em torno delas, Nestha segurou a irmã com firmeza e sussurrou:

— Se me mostrar como salvá-la, pode pegar de volta.

O mundo parou. Mundos além do mundo pararam.

Nestha enterrou o rosto no suor frio do pescoço de Feyre. Ela abriu aquele lugar dentro dela, e disse à Mãe, ao Caldeirão:

— Devolverei o que tomei de você. Só me mostre como salvá-los, ela, Rhysand e o bebê. — Rhysand, seu irmão. Era isso que ele era, não? Seu irmão, que oferecera gentileza a Nestha mesmo quando ela sabia que ele queria esganar o pescoço dela. E ela o dele. E o bebê... seu sobrinho. Sangue de seu sangue. Nestha o salvaria, salvaria os três, mesmo que aquilo tomasse tudo. — Mostre — suplicou ela.

Ninguém respondeu. A Harpa parou de ecoar.

Quando o Tempo retornou, barulho e movimento rugiram no quarto, Nestha sussurrou para o Caldeirão, elevando sua promessa acima da confusão:

— Eu devolvo tudo.

A mão macia e invisível de alguém acariciou a bochecha dela em resposta.

Cassian piscou, e Nestha tinha passado de um lado do quarto para a cama. Tinha tocado a Harpa, e agora estava com metade do corpo sobre Feyre, sussurrando. Nenhum fogo prateado queimava em seus olhos. Nenhuma brasa fria. Nenhum sinal do ser que tinha olhado pelos olhos dela.

Rhys avançou contra os braços dele, mas Amren passou para o lado dos dois e sibilou:

— *Ouça.*

Nestha sussurrava:

— Eu devolvo tudo. — Os ombros dela tremiam enquanto ela chorava.

Rhys começou a balançar a cabeça, seu poder era uma onda crescente palpável que podia destruir todos eles, destruir o mundo se isso significasse que Feyre não seria mais parte dele, mesmo que ele só tivesse segundos de vida além dela, mas Amren segurou a curva do pescoço dele. As unhas vermelhas dela se enterraram na pele reluzente de Rhys.

— *Olhe para a luz*.

Luz iridescente começou a fluir do corpo de Nestha. Para dentro de Feyre.

Nestha continuava segurando a irmã.

— Eu devolvo. Eu devolvo. Eu devolvo.

Até Rhys parou de lutar. Ninguém se mexia.

A luz brilhou pelos braços de Feyre. Pelas pernas. A luz banhou o rosto macilento dela. Começou a preencher o quarto.

Os Sifões de Cassian tremeluziram, como se sentissem um poder muito além do dele, além dos de qualquer um.

Ramos de luz se estenderam entre as irmãs. E uma rama, delicada e encantadora, flutuou até Mor. Para o pacotinho nos braços dela, fazendo o bebê silencioso brilhar como o sol.

E Nestha continuou sussurrando:

— Eu devolvo tudo. Eu devolvo tudo.

A iridescência a preencheu, preencheu Feyre, preencheu o pacotinho nos braços de Mor, iluminando o rosto da amiga dele, de modo que o choque ali estampasse alívio puro.

— Eu devolvo tudo — disse Nestha, mais uma vez, e Máscara e Coroa caíram de sua cabeça. A luz explodiu, ofuscante e morna, um vento soprou entre eles, como se reunindo cada caco seu para fora do quarto.

E conforme sumiu, uma tinta preta manchou as costas de Nestha, visível pela camisa parcialmente rasgada dela, como se fosse uma onda quebrando no litoral.

Uma barganha. Com o próprio Caldeirão.

Mas Cassian podia jurar que a mão luminescente e carinhosa de alguém impediu que a luz saísse completamente do corpo dela.

Cassian não impediu Rhys quando ele correu para a cama dessa vez. Para onde Feyre estava deitada, corada. Não havia mais sangue se derramando entre as pernas dela. Feyre abriu os olhos.

Ela piscou para Rhys e se virou para Nestha.

— Também amo você — sussurrou Feyre para a irmã, e sorriu. Nestha não segurou o choro quando se jogou em Feyre e a abraçou.

Mas o gesto não se prolongou, mal durou uma piscadela antes de um choro saudável soar do outro lado do quarto, e...

Mor gaguejou, chorando, e o bebê que ela levou até a cama não era a coisa pequena e imóvel que ela havia segurado, mas um menino alado de gestação completa. Uma espessa cabeleira preta estava grudada na cabeça enquanto ele chorava pela mãe.

Feyre começou a chorar também, pegando o filho de Mor, mal reparando em Madja, subitamente entre suas pernas, inspecionando o que havia ali — a cura.

— Se eu não soubesse, diria que você desenvolveu uma anatomia illyriana — murmurou a curandeira, mas ninguém estava ouvindo.

Rhys abraçou Feyre e, juntos, olharam para o menino, filho deles. Juntos, choraram e riram, e quando Madja falou:

— Deixe que ele se alimente —, Feyre obedeceu, com admiração nos olhos ao levar o menino ao seio, agora inchado de leite.

Rhys observou maravilhado por um momento antes de se virar para Nestha, que tinha deslizado para fora da cama e estava agora ao lado da Máscara. Atrás dela, a Coroa e a Harpa estavam jogadas no chão. Cassian prendeu o fôlego quando os dois se encararam.

Rhys, então, caiu de joelhos e pegou as mãos de Nestha, pressionando a boca nos dedos dela.

— Obrigado — chorou ele, com a cabeça curvada. Cassian sabia que não era por gratidão pela sua própria vida que Rhys estava ajoelhado sobre as tatuagens sagradas em seus joelhos.

Nestha se abaixou até o tapete. Levantou o rosto de Rhys nas mãos, estudou o que havia ali. Então jogou os braços em volta do Grão-Senhor da Corte Noturna e o abraçou com força.

Capítulo 78

Gwyn e Emerie estavam esperando em uma das salas que dava para o rio, curadas, mas ainda com roupas rasgadas e ensanguentadas. Fumaça quente subia em espirais das xícaras servidas na mesa baixa diante delas.

Emerie disse, com a voz embargada, quando Nestha parou diante do sofá delas: — Dois espectros trouxeram chá para a gente...

Mas Gwyn a interrompeu, com o rosto incandescente quando sibilou para Nestha: — Eu *nunca* devia perdoar você.

Nestha apenas saltou no sofá e abraçou Gwyn com força. Ela estendeu um braço para Emerie, que se juntou ao abraço.

— Podemos falar sobre perdão outro dia — disse Nestha, chorando e acomodando-se entre elas. — Vocês venceram.

— Graças a você — disse Emerie.

— Eu já tenho uma coroa, não se preocupem — falou Nestha, mesmo ao saber que Mor agora atravessava com todos os três objetos dos Tesouros de volta para o lugar de onde Nestha os tirara. Ela convocara os objetos, contornando os feitiços de Helion. Nenhum feitiço jamais poderia mantê-los longe dela... Briallyn tinha dito a verdade sobre isso.

— Quem curou vocês? — Nestha se afastou para observar as duas. — Como é que estão aqui?

— A pedra — explicou Emerie, com as feições se suavizando em admiração. — Ela curou todos os nossos ferimentos assim que nos tirou do Rito. Dentre tantos lugares, fomos trazidas para cá.

— Acho que ela sabia onde seríamos mais necessárias — disse Gwyn, baixinho, e Nestha sorriu.

O sorriso dela sumiu, no entanto, quando perguntou a Emerie: — Sua família vai punir você pelo que aconteceu a Bellius? — Se eles sequer pensassem nisso, Nestha lhes faria uma visitinha. Com a Máscara, a Harpa e a Coroa.

E era justamente por isso que os Tesouros deveriam ser mantidos bem longe.

Emerie gesticulou com um dos ombros.

— Mortes acontecem no Rito. Ele pereceu em combate quando um de seus colegas guerreiros se voltou contra ele durante a subida pela encosta de Ramiel. Isso é tudo o que precisam saber. — Os olhos dela brilharam.

Nestha teve a sensação de que a verdade do que tinha acontecido naquela montanha permaneceria apenas com elas — e com o círculo íntimo da corte de Feyre. Com sorte ninguém jamais contestaria aquele fato.

Gwyn soltou uma gargalhada rouca.

— Os illyrianos vão ficar furiosos com sua vitória, você sabe. Principalmente porque não tenho intenção de ser chamada de Carynthiana. Estou satisfeita em ser valquíria.

— Ah, eles vão ficar delirantes por décadas — concordou Emerie, sorrindo.

Nestha sorriu de volta, passou os braços em torno das amigas de novo, e se afundou nas almofadas do sofá.

— Não vejo a hora.

E pela primeira vez, com aquelas duas amigas ao seu lado e com o parceiro a esperando... era verdade.

Nestha não via a hora de descobrir como o futuro se desdobraria. Como tudo aconteceria.

Rhys e Feyre chamaram o bebê de Nyx, e ele era o mais perfeito possível. Cabelo preto, olhos azuis que já brilhavam com a luz estelar do pai e da mãe, contrastando com o marrom-claro de sua pele.

E então havia as minúsculas asas, as quais Cassian jamais se dera conta do quanto eram delicadas, tão perfeitas, até que tocou a maciez aveludada delas. As garras no topo das asas cresceriam muito mais tarde, junto com a habilidade de usá-las mas... Ele encarou o embrulhinho em seus braços, seu coração estava cheio até quase explodir, e disse para onde Feyre e Rhys estavam sentados na cama, perfeitamente refeita com lençóis limpos: — Vocês não têm ideia de em quanta confusão este pequenininho vai se meter.

Feyre riu.

— Esses olhos lindos ainda vão causar muita encrenca, tenho certeza.

Rhys, ainda abalado e pálido, apenas sorriu.

A porta se abriu, e então Nestha estava ali, ainda usando as roupas roubadas, rasgadas e ensanguentadas. Ela já havia segurado o bebê, e o peito de Cassian tinha se enchido, dolorido, quando a viu sorrir para Nyx.

Mas agora os olhos de Nestha se voltavam para Cassian, que viu o pedido silencioso neles.

Calado, ele entregou Nyx a Azriel, que se encolheu diante da transferência daquela criaturinha tão delicada para suas mãos cobertas de cicatrizes, e acompanhou Nestha porta afora, para o corredor e escada abaixo. Eles não se falaram até estarem no gramado dos fundos da casa, olhando para o rio que mais uma vez acordava ao sol da primavera.

Nestha havia contado tudo a eles rapidamente. O que ela fizera, tanto durante o Rito quanto depois... Ele sabia que havia mais. Mas talvez algumas coisas permanecessem para sempre em segredo entre ela e as amigas. Suas irmãs de combate.

Então Cassian perguntou:

— Sua magia... O poder se foi mesmo?

O vento frio da primavera açoitou o cabelo castanho-dourado contra o rosto de Nestha.

— Eu devolvi ao Caldeirão em troca do conhecimento de como salvá-los. — Ela engoliu em seco. — Mas sobrou um pouco. Acho que outra coisa, alguém, impediu o Caldeirão de tomar tudo. E fiz algumas mudanças.

A Mãe. O único ser que veria o sacrifício que Nestha tinha feito e daria algo em troca. Talvez tivesse sido ela quem olhara para eles pela Máscara.

— O que você mudou?

Nestha levou a mão ao abdômen.

— Eu me modifiquei um pouco também. Para que nenhuma de nós precise passar por isso de novo.

Por um segundo, Cassian ficou sem palavras.

— Você... Você está pronta para ter um *bebê*?

Nestha soltou uma gargalhada.

— Não. Pelos deuses, não. Vou tomar meu chá contraceptivo por um bom tempo. — Ela gargalhou de novo. — Mas me ajustei para igualar o que o Caldeirão fez por Feyre. Para quando chegar o momento.

Ele não conseguia tirar a atenção da alegria silenciosa que iluminava o rosto dela. Então ofereceu um sorriso suave a Nestha. Sim — quando chegasse o momento, eles fariam aquela jornada juntos.

Mas o que Nestha tinha feito naquele dia, o que ela dera...

— Você poderia ter governado o mundo. — Os olhos dela estavam com a guarda baixa, de uma forma que Cassian jamais vira. *Parceiro*, como ela o havia chamado.

— O que você quer? — conseguiu dizer Cassian, com a voz rouca.

Ela sorriu, e pelos deuses, aquela era a coisa mais linda que ele já vira.

— Você.

— Sou seu desde o momento em que você me conheceu.

Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás de uma orelha pontuda.

— Eu sei.

Ele deu um beijo leve na boca de Nestha, que disse:

— Quero uma cerimônia de parceira insuportavelmente exagerada.

Ele gargalhou, se afastando.

— Mesmo?

— Por que não?

— Porque Azriel e Mor vão rir de mim pelo resto dos meus dias. — E os illyrianos.

Nestha ponderou. Então tirou algo do bolso. Um pequeno biscoito, tomado de uma bandeja no quarto do nascimento.

— Então toma. Comida. De mim para você, meu parceiro. Esse é o ritual oficial, não é? O compartilhamento de comida, de um parceiro para o outro?

Ele engasgou.

— Essas são minhas duas opções? Uma cerimônia insuportavelmente exagerada ou um biscoito velho?

O rosto dela se encheu com uma luz tão sincera que aquilo quase o deixou sem fôlego.

— Sim.

Então Cassian gargalhou de novo, fechou os dedos dela em torno do biscoito patético e se inclinou para sussurrar ao seu ouvido: — Vamos transformar a coisa toda em uma coroação, Nes.

— Eu já tenho uma coroa — disse ela. — Só quero você.

A mandíbula dele se contraiu. Sim, eles precisariam entender o que fazer com todos os Tesouros Nefastos agora que tinham os três objetos. Agora, como foi que Nestha havia conseguido convocá-los apesar dos feitiços que Helion tinha lançado... nisso ele pensaria em outro dia. Isso sem mencionar o fato de que ela conseguira parar o Tempo com a Harpa. E que ela parecia ter algum tipo de conexão, ou entendimento, com a Mãe. *A Mãe*.

Mas Nestha acariciou a testa franzida dele, como se pudesse ver aquelas preocupações.

— Depois — prometeu ela. — Vamos lidar com tudo isso depois. — Inclusive as outras rainhas, Koschei, e uma guerra que ainda era iminente.

— Depois — concordou ele, e ela passou os braços pelo seu pescoço.

Não havia mais o que dizer depois daquilo. Estavam apenas os dois, de pé na margem do rio, sob o sol, absorvendo o calor nos ossos.

Nestha se afastou e sussurrou:

— Amo você. — E era tudo de que Cassian precisava antes de beijá-la de novo com uma intensidade mais poderosa e duradoura do que o próprio Caldeirão.

Capítulo 79

Encontrar Eris era a última coisa que Cassian queria, mas alguém precisava entrar em contato com o macho. Dois dias depois do nascimento de Nyx, Cassian partiu para fazer exatamente isso. Eris tinha sido colocado em uma suíte na Cidade Escavada, e pela expressão tempestuosa de Keir quando Cassian chegou, ele tinha a sensação de que Eris havia contado muito pouco ao administrador.

Eris estava lendo um livro diante do fogo crepitante, um dos tornozelos estava cruzado sobre um joelho, como se a presença dele não fosse nada fora do comum. Como se ele não tivesse sido sequestrado, encantado e manipulado por uma rainha vingativa e um senhor da morte.

Eris ergueu os olhos âmbar quando Cassian fechou a porta.

— Não posso ficar muito tempo.

— Que bom.

Vendo Cassian se abaixar no assento adiante, Eris fechou o livro.

— Suponho que você queira saber o que contei a Briallyn.

— Rhys já olhou dentro da sua mente. Pelo visto, você não sabia muito. — Ele deu ao macho um lampejo de sorriso.

Eris revirou os olhos.

— Então por que estou aqui?

Cassian o observou. As roupas de Eris permaneciam imaculadas, mas um músculo se contraiu na mandíbula dele.

— Queríamos saber o que você contou a Beron. Como você está sentado aqui, inteiro, presumo que ele não saiba sobre nosso envolvimento em seu resgate.

— Ah, ele sabe que você... me ajudou.

Cassian se enrijeceu e agitou as asas.

Eris prosseguiu:

— Sempre misture verdade e mentiras, general. Aqueles guerreiros brutamontes não ensinaram você a suportar a tortura de um inimigo?

Cassian sabia. Já havia sido torturado e interrogado e nunca dera informação nenhuma.

— Beron torturou você?

Eris ficou de pé e enfiou o livro debaixo do braço.

— Quem se importa com o que meu pai faz comigo? Ele acreditou na minha história sobre os espiões do encantador de sombras terem informado a ele que um bem valioso tinha sido sequestrado por Briallyn, e que vocês tinham ficado enojados ao chegar e descobrir que tinha sido eu, em vez de alguém das Cortes Estival ou Invernal ou quem quer que se rebaixe para se unir a vocês.

Cassian interpretou cada palavra. Beron tinha torturado o próprio filho atrás de informações, em vez de agradecer à Mãe por tê-lo devolvido. Mas Eris tinha aguentado e alimentado Beron com outra mentira.

E então tinha a forma como Eris havia falado sobre as outras cortes. Alguma coisa estava diferente nas palavras dele, na expressão tensa. Será que o macho estava com ciúmes?

Cassian abriu a boca, mais do que pronto para lançar aquela pergunta para ele e desferir um golpe dolorido.

Mas hesitou. Olhou nos olhos de Eris.

O macho fora criado com todo luxo e privilégio — em teoria. Mas quem conhecia os terrores que Beron tinha infligido a ele? Cassian sabia que Beron tinha assassinado a amada de Lucien. Se o Grão-Senhor da Outonal fez uma coisa como aquela, o que não faria?

— Tire esse olhar de pena do rosto — grunhiu Eris baixinho. — Sei que tipo de criatura meu pai é. Não preciso de sua simpatia.

Cassian o estudou de novo.

— Por que você deixou Mor na floresta naquele dia? — Era a pergunta que sempre restaria. — Foi só para impressionar seu pai?

Eris soltou uma gargalhada áspera e vazia.

— Por que isso ainda importa tanto?

— Porque ela é minha irmã, e eu a amo.

— Não sabia que os illyrianos tinham o hábito de trepar com as irmãs.

Cassian grunhiu.

— Ainda importa — replicou ele —, porque não faz sentido. Você sabe que tipo de monstro seu pai é e quer usurpar a posição dele; pode agir contra ele pelo bem não somente da Corte Outonal, mas também de todas as terras feéricas; você arrisca a vida para se aliar a nós... no entanto, você a deixou no bosque. É culpa que motiva tudo isso? Você se sente culpado por tê-la deixado lá, sofrendo e à beira da morte?

Uma chama dourada queimou no olhar de Eris.

— Não me dei conta de que estaria enfrentando outro interrogatório tão rápido.

— Responda, caramba.

Eris cruzou os braços e se encolheu. Como se quaisquer que fossem os ferimentos sob as roupas imaculadas doessem.

— Você não é a pessoa para quem quero me explicar.

— Duvido que Mor queira ouvir.

— Talvez não. — Eris trocou o peso do corpo entre os pés, e fez outra careta. — Mas você e os seus têm coisas mais importantes em que pensar do que nessa história antiga. Meu pai está furioso porque a aliada dele está morta, mas não vai ser contido. Koschei ainda está no jogo, e Beron pode ser burro o bastante para estabelecer uma aliança com ele também. Espero que o que Morrigan esteja fazendo em Vallahan neutralize o dano que meu pai vai causar.

Cassian ouvira o suficiente. Queria voltar para casa — para a Casa e para Nestha. Para sua determinada e linda parceira, que salvara seu Grão-Senhor e sua Grã-Senhora e o filho deles. Ele

jamais deixaria de se impressionar com ela, e com tudo o que ela fizera. Até onde ela havia chegado.

E um dia, quando o momento chegasse... Eles dariam os próximos passos. Tomariam juntos qualquer que fosse a estrada adiante.

Então Cassian saiu batendo os pés até a porta, até a vida que o esperava em Velaris.

Eris ainda era um aliado. Estava disposto a ser torturado para guardar os segredos deles. E Cassian não precisava ser um cortesão para saber que suas palavras seguintes cortariam profundamente, mas seriam uma ferida necessária. Talvez fosse o bastante para forçar as coisas na direção certa.

— Sabe, Eris — disse ele, fechando a mão na maçaneta. — Acho que você pode ser, bem no fundo, um macho decente preso a uma situação terrível. — Ele olhou por cima do ombro e encontrou o olhar de Eris incandescente de novo. Mas somente pena se agitou no peito dele, pena de um macho que tinha nascido na riqueza, mas tinha sido destituído de tudo que importava de verdade. De todas as formas que Cassian tinha sido abençoado, bênçãos que estavam agora transbordando.

Então Cassian falou:

— Eu cresci cercado por monstros. Passei a existência lutando contra bestas. E olhando para você, Eris, vejo que não é um deles. Nem de perto. Acho que você pode até ser um macho bom. — Cassian abriu a porta, dando as costas ao lábio retraído de Eris. — O problema é que você é covarde demais para aceitar essa bondade.

Capítulo 80

A primavera desabrochou completamente em Velaris, e Feyre e Nyx estavam, enfim, saudáveis o bastante para sair de casa todo dia e fazer caminhadas que duravam horas, graças a pessoas bem-intencionadas que queriam ver a criança. Alguém sempre os acompanhava, normalmente Rhys ou Mor, que era tão protetora quanto os pais do bebê. Cassian e Azriel também não eram muito diferentes.

Mas nenhum dos outros estava presente em um dia quente algumas semanas depois, quando Nestha se juntou a Feyre e Elain para uma caminhada fora da cidade. Nem mesmo um relance para o céu revelava qualquer sinal de Cassian, o qual mantinha Nestha acordada até o alvorecer fazendo amor e tinha se tornado completamente irritante chamando-a de *parceira* sempre que tinha a chance, exceto no treino matinal deles com as sacerdotisas.

Passar no Rito de Sangue não significava que o treino parava. Não, depois que ela e as amigas contaram a Cassian e a Azriel a maior parte dos detalhes de suas atribulações, os dois comandantes compilaram uma longa lista de erros que as três haviam cometido e que precisavam ser corrigidos, e as demais queriam aprender com

elas também. Então continuariam treinando, até todas serem verdadeiramente valquírias. Gwyn, apesar do Rito, voltara a viver na biblioteca.

Gwyn dissera que *talvez* saísse para a cerimônia de parceria de Nestha e Cassian em três dias, a qual aconteceria no pequeno templo da propriedade da casa do rio. Apesar dos desejos de Nestha por uma cerimônia elaborada, ela não queria uma multidão. O templo já estava sendo enfeitado com flores de todas as variedades, encantadas para que não murchassem, assim como sedas, rendas, velas e guirlandas, tudo pago por Rhys, que não conseguia parar de comprar presentes para ela. Vestidos, joias, almofadas e todo tipo de besteira tinha chovido sobre ela até que Nestha precisou ordenar que ele parasse, dizendo que uma cerimônia de parceria extravagante os deixaria quites.

Então Rhys tinha se certificado de que a cerimônia seria tão excessiva quanto fosse possível. Nestha não tinha dúvida de que o templo estaria coberto com tantas riquezas que seria até engraçado.

Mas tudo o que importava, percebeu Nestha, era o macho que estaria de pé com ela, primeiro quando fizessem os votos, depois quando oferecessem comida um ao outro, e então quando seus amigos e familiares atassem as mãos dos dois com um pedaço de fita preta, que permaneceria ali até que a parceria fosse consumada.

Embora a consumação estivesse acontecendo duas ou três vezes por dia havia semanas.

Mas não importava. Nestha mal podia esperar — pela cerimônia, por... o que quer que houvesse além dela. Nada daquilo a assustava. Nada daquilo a deixava com aquele vazio de desespero. Não com Cassian ao seu lado, seus amigos às costas, a Casa do Vento...

Aquele tinha sido o último presente de Rhys antes da cerimônia: era deles. Dela.

Como a Casa tinha decidido que gostava mais de Nestha do que de qualquer outra pessoa, Rhys a dera a ela e Cassian, com a condição de que a biblioteca pertenceria às sacerdotisas e que a corte ainda pudesse usar a Casa para ocasiões formais. Era bom o suficiente para Nestha, mais do que bom, na verdade.

Ela se juntou a eles na casa do rio certa noite e encontrou um presente de parceria de Feyre esperando por ela. Pendurado na

parede da entrada principal.

Um retrato de Nestha, segurando a linha no desfiladeiro de Enalius. Ela deixara que Rhys visse algumas partes do Rito — mas não fazia ideia de que ele pedira não por curiosidade, mas para dar ideias à parceira.

Nestha olhara e olhara o retrato sem parar, o qual pendia entre um de Feyre e um de Elain, e não se dera conta de que estava chorando até que Feyre a segurou firme.

Um lar. A Casa do Vento, Velaris, aquela corte... eram o lar dela. Essa ideia acendeu uma semente de luz em seu peito que não se apagou, mesmo nos dias depois do Rito.

Aquela semente ainda estava brilhando quando Nestha enfrentou a tarefa daquele dia. A tarefa que estava há tanto tempo aguardando.

Feyre deixou a carruagem preta ornamentada na base da colina gramada, e carregou Nyx conforme as três subiam a encosta suave. A cidade se estendia diante delas, brilhando sob o sol da primavera, mas os olhos de Nestha permaneceram na pedra solitária no alto da colina.

Seu coração galopava, e ela se manteve um passo atrás quando Feyre se ajoelhou diante da lápide do túmulo, mostrando Nyx à pedra.

— Seu neto, pai — sussurrou ela, com a voz embargada. E então Feyre curvou a cabeça, falando baixo demais para que Nestha ou Elain, que estava ao seu lado, ouvissem.

Depois de alguns minutos, Feyre se levantou e deixou suas lágrimas escorrerem, pois segurar o bebê mantinha suas mãos ocupadas. Elain avançou, sussurrou algumas coisas para o túmulo do pai, e então as duas irmãs olharam para Nestha, sorrindo hesitantes.

Feyre havia perguntado naquela manhã se Nestha queria ir. Para mostrar o bebê ao pai delas.

E não havia outra resposta no coração de Nestha.

Então ela assentiu para que as irmãs prosseguissem, e elas obedeceram, descendo lentamente a colina gramada enquanto Nestha continuava diante da lápide.

Ela buscou palavras, alguma explicação ou pedido de desculpas, mas nada veio.

O sol era como a mão morna de alguém em seu ombro, como aquela que tinha evitado que o restante de seu poder se fosse, como se dizendo a ela que aquele pedido de desculpas, aquela súplica por perdão... não era mais necessária.

O pai morrera por ela, com amor no coração, e embora ela talvez não merecesse na época... Faria o possível agora para ser merecedora. Para merecer não apenas o amor dele, mas o amor daqueles ao seu redor. De Cassian.

Alguns dias poderiam realmente ser difíceis, mas ela conseguiria. Lutaria por aquilo.

Seu pai morrera por ela, com amor no coração, e Nestha tinha amor no próprio coração quando tirou a pequena rosa entalhada do bolso e a colocou sobre a lápide. Um indício permanente da beleza e do bem que ele havia tentado trazer ao mundo.

Nestha levou os dedos aos lábios, beijando-os, então colocou a mão na lápide.

— Obrigada — disse ela, piscando para conter o ardor nos olhos. — Obrigada.

Uma sombra rápida passou acima, seguida por um farfalhar de asas, e Nestha não precisou olhar para saber quem planava bem no alto, certificando-se de que tudo estava seguro. De que ela estava segura.

Enxerido. Mas ela mandou um beijo suave para Cassian também.

Seu parceiro. Seu amor. Seu amigo. A luz dentro do peito dela se acendeu até virar um sol radiante.

Ela encontrou Feyre e Elain esperando no meio da colina. Nyx agora cochilava tranquilamente nos braços de Elain. Suas irmãs sorriram, chamando-a para que se juntasse a elas.

E Nestha sorriu de volta enquanto, com passos leves, correu colina abaixo para encontrá-las.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim deste livro foi uma jornada que, por diversos motivos, levou anos, desde as páginas iniciais que rabisquei enquanto trabalhava em *Corte de Asas e Ruínas* até os anos passados esboçando, revisando e aprimorando. Mas talvez o mais importante seja que este livro foi um companheiro durante minha própria jornada pelos vales e montanhas da saúde mental, viajando comigo conforme eu enfrentava todos os percalços internos. Embora a história de Nestha de forma alguma seja um reflexo direto de minhas experiências pessoais, houve momentos neste livro que precisei muito escrever — não apenas pelos personagens, mas por mim. Espero que alguns desses momentos ressoem, e que lembrem a você, caro leitor, de que você é amado, e de que é *digno* de amor, não importa o que aconteça.

Sou imensamente grata por estar cercada de pessoas na vida pessoal e profissional que caminharam, sem hesitar, por essas colinas e esses vales comigo, principalmente durante um momento tão tumultuoso para o mundo todo.

Para meu filho, Taran: você me traz alegria, força e tanto amor que faz meu coração transbordar a cada dia. Sua risada é a música mais linda do mundo. (Estou escrevendo isso embora você tenha acabado de tentar comer flocos de isopor quando eu não estava olhando). É uma honra ser sua mãe e tenho muito orgulho de você. Amo você, meu coelhinho.

Para meu marido, Josh: há tantos pedaços da nossa história espalhados por todos os meus livros, mas este parece que

abocanhou o maior deles. Desde o momento em que coloquei os olhos em você na sala de estar do nosso dormitório, há 16 anos, eu soube que você seria O Tal. Não me pergunte como, mas você entrou e eu simplesmente soube. Mas eu não fazia ideia do caminho incrível e maravilhoso que percorreríamos juntos, dos lugares que veríamos, da vida que construiríamos, e da família que criaríamos. Obrigada por me amar enquanto tudo isso acontecia.

Para Annie, meu bebê peludo e minha companheira mais leal: você é a melhor irmã possível para Taran, a melhor copiloto enquanto escrevo estes livros, e o melhor carinho depois de um longo dia de trabalho. Adoro sua cauda cacheada, suas orelhas de morcego, seu jeitinho bagunceiro — e sua alma doce e amorosa.

Para minha amiga e irmã Jenn Kelly: acho que quando você finalmente ler este livro, vai entender o impacto que nossa amizade teve sobre mim, e quanta bondade você trouxe para minha vida. Você continuou estendendo a mão para mim, e serei eternamente grata.

Para minha editora e colega fanática pelas palavras cruzadas do *New York Times*, Noa Wheeler: você é um gênio. Um gênio de verdade, uma heroína, e a melhor editora com a qual já tive o prazer de trabalhar. Obrigada, obrigada, obrigada por sua dedicação incrível, suas ideias inteligentes e atenciosas e por me pressionar a ser uma escritora melhor. Acordo todas as manhãs animada de verdade para trabalhar e aprender com você, e nem consigo começar a lhe dizer o quanto sou grata por isso.

Para meu agente, Robin Rue: obrigada não é suficiente por tudo que você fez por mim, e para refletir o quanto adoro trabalhar contigo. Você chegou no exato momento da minha vida em que eu mais precisava do seu conhecimento, e agradeço ao universo todo dia por ter a honra de chamá-la de minha agente. Embora tenhamos feito um milhão de ligações por Zoom até agora, mal posso esperar para abrirmos juntas uma garrafa de champanhe (risos) pessoalmente!

Para Jill Gillet: você é minha fada madrinha que não aceita desculpas. Obrigada por trabalhar tão incansavelmente para fazer tantos dos meus sonhos se tornarem realidade — e por ser um ser humano genial e encantador.

Para Victoria Cook: você é a epítome de uma pessoa fera, e me sinto muito grata por tê-la comigo.

Para Maura Wogan: obrigada, obrigada, obrigada por sua sabedoria, pelo trabalho árduo e pela generosidade.

Para Cecilia de la Campa: você é uma das pessoas mais legais e mais trabalhadoras desta indústria. Obrigada por apadrinhar a mim e meus livros!

Para Beth Miller: você é um verdadeiro raio de sol e a pessoa mais organizada que já conheci. Eu me curvo diante de suas habilidades de tomar notas! Sou muito grata por tudo o que você faz.

Para a equipe da Writers House: embora a gente não tenha trabalhado junto há muito tempo, vocês já superaram minhas expectativas mais extravagantes. Não consigo imaginar meus livros em melhores mãos — ou com pessoas melhores! Tenho tanto orgulho de fazer parte dessa família!

Para Laura Keefe: obrigada por seu trabalho árduo e pelas dicas de brinquedos para ocupar Taran! É muito divertido trabalhar com você — obrigada por tudo!

Para todo a equipe global da Bloomsbury — Nigel Newton, Emma Hopkin, Kathleen Farrar, Rebecca McNally, Cindy Loh, Valentina Rice, Nicola Hill, Amanda Shipp, Marie Coolman, Lucy Mackay-Sim, Nicole Jarvis, Emily Fisher, Emilie Chambeyron, Patti Ratchford, Emma Ewbank, John Candell, Donna Gauthier, Melissa Kavonic, Diane Aronson, Nick Sweeney, Claire Henry, Nicholas Church, Fabia Ma, Daniel O'Connor, Brigid Nelson, Sarah McLean, Sarah Knight, Liz Bray, Genevieve Nelsson, Adam Kirkman, Jennifer Gonzalez, Laura Pennock, Elizabeth Tzetzo e Valerie Esposito: obrigada pelo incrível trabalho árduo.

Para Kaitlin Severini: muito obrigada por seu copidesque meticuloso!

Para Christine Ma: obrigada pela revisão com visão de águia.

Para meus editores no mundo todo: sou imensamente grata por todo o apoio e por todo o esforço que vocês empregaram para levar estes livros para as mãos de leitores do mundo todo.

Para Jillian Stein: você é muito divertida de trabalhar junto, e uma das pessoas mais incríveis que conheço. Obrigada por todo o

árduo trabalho, e por ser você!

Para Tamar Rydzinski: muito obrigada por sua dedicação e gentileza.

Para Nick Odorisio, verdadeiro mestre Jedi. Obrigada por repassar tudo comigo, desde equilíbrio até a importância dos pés e o básico do mestre Jedi. Tanto de sua sabedoria chegou a este livro (junto com minhas reclamações sobre abdominais, pranchas e minha falta de equilíbrio)!

Para Jason Chen: obrigada por seu artigo sobre como socar — e para Aiman Farooq, Keith Horan, Chris Wagespack e Pete Cavill pelas valiosas informações e dicas fornecidas nele. Se algum dia eu estiver em uma briga de bar, espero poder me lembrar de pelo menos *alguns* dos seus conselhos! Se errei alguma informação neste livro, a culpa é toda minha.

Obrigada a Anna Victoria, cujo aplicativo de exercícios (Fit Body) me ajudou a vivenciar tanto da transformação física de Nestha em primeira mão. Nunca me dei conta de quanto significaria para mim poder fazer uma única flexão de braço (embora eu possa viver sem aqueles agachamentos búlgaros!). E obrigada ao Headspace, pela calma e o descanso que encontrei na meditação.

Para dr. C.: tem tanto que eu gostaria de dizer a você, e sei que nada será o suficiente para expressar minha gratidão. Mas vou me contentar com um obrigada pelo tanto que você me ajudou.

Eu gostaria de estender meu mais profundo agradecimento a Mahu Whenua, na Nova Zelândia. Caminhar pelas trilhas montanhosas, ouvir o rugido do rio, ver o sol se mover sobre a terra — tudo isso inspirou a trilha de Nestha e Cassian. (Embora eu tenha quase torcido o tornozelo algumas vezes enquanto tentava tomar notas e continuar andando!) Sua propriedade é meu lugar preferido no mundo, onde vivenciei um nível de paz e lucidez que ainda não consigo explicar. Obrigada ao povo maori pela cura que essas terras trouxeram para minha alma cansada.

Para Lynette Noni: obrigada pela amizade que ilumina meus dias, e por ser a parceira de críticas mais inteligente do planeta. Não sei o que eu faria sem você!

Para minha amiga Steph Brown: amo você. Só isso. (Tudo bem, com certeza não é só isso, mas à essa altura do campeonato você

já sabe dos meus sentimentos!)

Para Louisse Ang e Laura Ashforth: eu já disse umas mil vezes, mas quero que saibam o quanto adoro vocês e que sorte eu tenho de conhecê-las.

Meus pais e minha família maravilhosa: faz tanto tempo desde que pudemos nos ver pessoalmente, mas sinto o amor de vocês mesmo de centenas de quilômetros. Não sei o que faria sem vocês. E para meus sogros, Linda e Dennis: obrigada pelo chocolate (mesmo quando eu disse que não queria!), por serem avós tão dedicados e pelo amor incondicional.

E por fim, a todos os meus leitores: sua bondade, generosidade e apoio significam o mundo para mim. Obrigada por receberem esses personagens com o coração, e por me permitirem trabalhar com o que eu mais amo. Sou eternamente grata.

A seguir, um trechinho exclusivo dos bastidores com um pouco do que alguns dos seus personagens preferidos andaram fazendo fora das páginas de

Corte de chamas prateadas

Feyre

— Ora, até que foi melhor do que eu esperava — admitiu Rhys depois que todos tinham ido embora, encostando a cabeça no braço do grande sofá no escritório. Nestha e Cassian haviam voltado para a Casa do Vento, onde minha irmã prometera encontrar um jeito de começar a procurar pelos Tesouros Nefastos. Meu parceiro acrescentou, sarcasticamente: — Apesar do desastre com Elain e Nestha.

Eu tinha acabado de voltar da conversa com minha irmã sobre o bebê — o *menino* — e encontrei Rhys jogado no sofá, um braço sobre os olhos, aparentemente precisando de um momento de paz depois de aguentar a euforia exuberante de Cassian e Azriel.

Eu me joguei no sofá ao lado de Rhys, levantando as suas pernas musculosas para me acomodar debaixo delas.

— Elain mostrou as presas — observei. — Eu não esperava por isso. — Ou pelo que ela disse sobre os vestígios do trauma. Fui sincera em minha discussão com Nestha. Quantas vezes eu tinha me concentrado apenas no *meu* terror enquanto Elain sofria?

Rhys me observou com os olhos semicerrados, o retrato da graciosidade ociosa. Mas ele disse, com cautela:

— Como você se sente a respeito disso?

Eu dei de ombros, encostando a cabeça nas almofadas.

— Culpada. Ela direcionou tudo para Nestha, mas eu também mereço.

Elain e eu tínhamos ficado mais próximas desde o fim da guerra contra Hybern. Verdade seja dita, eu talvez jamais saísse para beber com ela como fiz com Mor, e às vezes com Amren, mas... bem, com um bebê a caminho, eu não poderia mesmo fazer isso. E embora eu jamais corresse primeiro até Elain com meus problemas ou para pedir conselhos, tínhamos um entendimento pacífico, amigável. Eu a considerava uma companhia agradável.

Eu me perguntei se ela se ressentiria desse julgamento. Eu certamente sim.

Rhys perguntou:

— Você já viu Elain agir daquela forma antes?

— Não. — Mordi o lábio inferior. O olhar de Rhys acompanhou o movimento. — Quero dizer, ela foi corajosa quando precisou ser, mas nunca gostou de confrontos.

— Talvez ela nunca tenha tido a chance de ser assim.

Eu virei a cabeça na direção dele.

— Acha que eu a reprimo?

Rhys ergueu as mãos.

— Não só você. — Ele olhou ao redor do escritório enquanto pensava. — Mas me pergunto se todo mundo passou tanto tempo presumindo que Elain é doce e inocente a ponto de ela sentir que precisava ser dessa forma ou desapontaria todos vocês. — Ele suspirou, encarando o teto. — Com o tempo e com segurança, talvez vejamos um lado diferente dela surgir.

— Isso parece perigosamente próximo do que Nestha falou sobre Elain finalmente se tornar interessante.

— Às vezes, Nestha não está errada.

Eu olhei com raiva para Rhys.

— Você acha que Elain é entediante?

— Acho que ela é gentil, e eu prefiro gentileza a crueldade. Mas também acho que não vimos tudo o que ela tem a oferecer. — Um canto da boca de Rhys se repuxou para cima. — Não se esqueça de que jardinagem costuma resultar em algo belo, mas envolve sujar as mãos pelo caminho.

— E se espetar em espinhos — observei, lembrando de uma manhã no último verão quando Elain entrou em casa, a palma direita sangrando com vários cortes graças a uma roseira teimosa

que tinha furado as luvas dela. Espinhos arranharam a pele dela, deixando farpas afiadas que eu precisei tirar.

Não ousei mencionar que se ela estivesse usando as luvas encantadas que Lucien dera a ela no último Solstício, nada as teria furado.

Eu suspirei, acariciando distraidamente minha barriga ainda reta.

— Vamos nos concentrar em ajudar uma irmã antes de focar em outra.

— De acordo — disse Rhys, arrastando a voz.

Eu fixei o olhar nele.

— Você precisava mesmo dar a Nestha aquele olhar letal mais cedo?

Ele se sentou, o retrato da inocência.

— Não sei do que você está falando, Feyre querida. — Rhys inclinou-se, e o ar brilhou brevemente quando o escudo ao meu redor baixou. Os lábios dele roçaram em minha bochecha. — Eu jamais faria tal coisa. Você deve estar pensando em seu outro parceiro.

— Sim, aquele cruel, superprotetor e semilunático. — Eu sorri quando ele beijou meu queixo, então meu pescoço. Meus dedos se enroscaram.

— Cruel? — Rhys ronronou a palavra contra minha pele. — Você me magoa.

Eu deixei que ele me deitasse nas almofadas, apreciando o peso dele quando Rhys se apoiou nos cotovelos.

— Você parece feliz — disse ele, com um sorriso suave e carinhoso de um jeito que tão poucos no mundo, além de Velaris, viam.

— Eu estou feliz — respondi. — Estou feliz porque nossa família pode compartilhar nossa alegria. — Independentemente do quanto meu relacionamento com Nestha se tornou difícil, um peso saiu de meu peito quando ela nos parabenizou.

— Se você acha que eu sou superprotetor — falou Rhys, com o cabelo preto esvoaçando sobre o rosto —, espere só até Mor voltar de Vallahan. Você jamais vai deixar a casa sem um acompanhante.

— Achei que Azriel e Cassian seriam a maior preocupação.

— Ah, eles serão péssimos. Mas Mor provavelmente acrescentará um segundo escudo em você *e* verificará seis vezes por dia para se certificar de que você esteja comendo e dormindo o suficiente.

Eu resmunguei.

— Que a Mãe me poupe.

— Hmmm — falou Rhys, os olhos quase deslumbrantes quando ele brincou com a ponta da minha trança.

Por um longo minuto, sorrimos um para o outro. Eu sorvi cada parte elegante do rosto dele, cada brasa de calor e felicidade que irradiava de sua presença.

— Cassian disse que você anda mal-humorado. Por quê?

Eu acreditei em Cassian, mas Rhys não ficava mal-humorado perto de mim. Sempre que meu parceiro me olhava ultimamente, apenas o amor mais puro brilhava em seu olhar.

Eu jamais me esqueceria do momento em que descobrimos que eu estava grávida, carregando o lindo menino que o Entalhador de Ossos me mostrou. Eu estava sentada diante de um cavalete na galeria, tarde da noite, pintando um pesadelo que tivera na noite anterior.

As crianças haviam voltado para casa, e eu era a única ali — o que era incomum nesses dias — e me restava um raro excesso de energia depois das aulas. As coisas que as crianças pintavam costumavam me deixar em lágrimas, embora eu sempre tomasse o cuidado de esconder. Mas apesar da descarga de emoções complicadas que aquele trabalho diário havia despertado em mim, ele se provara gratificante de uma forma que eu jamais havia imaginado. De uma forma que minha magia considerável jamais fizera com que eu me sentisse.

E a única coisa a fazer com aquele sentimento era pintá-lo.

O pesadelo me deixara zonza o dia todo, permanecendo em minha mente como um machucado. Eu estava de volta Sob a Montanha, mais uma vez diante da minha segunda prova, aquelas lanças pontiagudas descendo para me empalar se eu não escolhesse a alavanca certa a tempo. Eu ficava sem conseguir ler de novo, não conseguia decifrar as marcas na parede, era forçada a

escolher minha salvação ou minha ruína aleatoriamente. Rhys tinha me salvado na época — mas no sonho, ele não estava lá.

Apenas Amarantha estava lá, o rei de Hybern era uma sombra atrás dela, e por algum motivo ninguém sabia onde eu estava, que eu tinha sido arrastada de volta para lá porque ela descobrira que eu de alguma forma havia trapaceado para passar da primeira vez, e eu nunca escaparia, nunca escaparia, nunca escaparia...

Esse foi o último pensamento que tive antes de me forçar a acordar — encharcada de suor, com o coração martelando no peito. Rhys havia se agitado, me aconchegando ao lado dele, as asas nos cobrindo, e embora eu tivesse me aninhado no calor e na sua força, o sono de verdade não me encontrara de novo.

Então esperei até as crianças irem embora do estúdio antes de puxar uma tela vazia e minha paleta de tintas. Fiz uma xícara fumegante de chá de raiz de alcaçuz com menta e escolhi o pincel.

Estava pintando aquele pesadelo durante quase duas horas, de costas para a porta, quando Rhys entrou. Ele permaneceu completamente calado. Não era o silêncio tranquilo em que ele às vezes caía ao me observar pintando. Era silêncio puro, chocado.

Eu me virei para olhar em sua direção a tempo de vê-lo cair de joelhos.

E então ele chorou, e gargalhou, e tudo o que consegui entender no êxtase balbuciante foi uma palavra: *bebê*. Eu desci do banquinho. Eu também estava chorando quando me lancei em seus braços, o que nos derrubou no chão, e ele levou a mão à minha barriga, maravilhado.

Alguma coisa tinha mudado em meu cheiro desde que eu havia me despedido dele naquela manhã, talvez desde que eu havia me despedido das crianças. A vida tinha se enraizado dentro de mim, finalmente.

Ficamos deitados juntos no chão, nossas risadas e nossas lágrimas se misturando, e somente quando nos acalmamos eu o beijei. Nossas roupas sumiram depois disso, e eu cavalguei Rhys no piso do estúdio, deixando a luz dentro de mim brilhar tanto que projetou sombras pela sala. Ele começou a chorar de novo quando viu que eu me mexia, lágrimas silenciosas escorrendo pela noite beijada pelas estrelas que se derramavam dele, e quando me

abaixei para beijar aquelas lágrimas, ele atingiu o clímax tão intensamente que me lançou em direção ao meu próprio ápice.

E agora, como ele tinha feito repetidas vezes naquela ocasião dentro do estúdio, seus dedos começaram a tracejar círculos gentis em minha barriga até meus seios, já pesados e doloridos de uma forma que não tinha nada a ver com o desejo que se acumulava entre as minhas pernas. Fora um dos primeiros sinais, além dos enjoos que ultimamente tinham se tornado constantes: meus seios inchados e *doloridos*.

Rhys traçou círculos em um de meus mamilos, que ficou rígido ao toque. Rhys observou a pele se encher de bolinhas através de minha camisa, como um gato vigiando um rato.

— Rhys — eu disse, quando minha pergunta continuou sem resposta. — Por que Cassian disse que você anda mal-humorado?

Ele fechou a boca em torno de meu seio, os dentes roçando em mim sobre a camisa.

— Por motivo nenhum.

— Mentiroso. — Eu puxei o cabelo dele, virando a cabeça de Rhys para cima. — Fale.

Ele se desvencilhou da minha mão e esfregou o rosto no meu pescoço, abaixando o corpo o suficiente para me mostrar exatamente como aquilo terminaria. Eu não consegui impedir meu quadril de se elevar para encontrar o dele. Outra indicação inicial: eu estava com uma fome voraz. E não só de comida.

Houve noites em que eu mal conseguia esperar Rhys entrar no quarto para arrancar as roupas dele, para cair de joelhos e enfiar o pau dele até o fundo da boca, ou pedir que ele transasse comigo apoiado na parede. Houve dias inteiros em que eu senti tanta necessidade dele dentro de mim que usei meus dons de daemati para pedir que ele me encontrasse na casa da cidade durante o almoço, pois ficava mais perto do estúdio do que o nosso novo lar.

Essa casa linda e perfeita que construímos — com um quarto de bebê que, pela vontade do Caldeirão, será ocupado no final da primavera.

Rhys recebera minha voracidade insaciável com a dele. Às vezes íamos devagar, admirando cada centímetro um do outro, a materialização do fazer amor. Outras vezes — normalmente — era

uma foda pura, pesada. Naquela manhã mesmo, eu estava tão cheia de desejo que mal conseguimos terminar o café da manhã no quarto antes de eu sentar em Rhys até que nós dois perdêssemos os sentidos de tanto prazer.

Eu perguntei a Madja sobre isso ontem — se era... normal querer Rhys *tanto* assim.

Sim, foi a resposta dela, com os olhos brilhando. *Muitas grávidas não falam sobre isso, mas tem a ver com a essência do corpo se alterando. Não sei lhe dizer o motivo, mas é normal. Aproveite cada momento.*

Rhys falou, contra meu pescoço:

— Eu ando mal-humorado porque não estou conseguindo dormir. — Ele lambeu a lateral do meu pescoço, e a mão dele foi até minha calça. Eu não impedi, não quando seus dedos encontraram a umidade que o esperava. Rhys soltou um grunhido de satisfação. — Está vendo?

Eu sabia que ele estava se esquivando da pergunta, mas deixei passar. Aprendi que Rhys me contaria o que o estava incomodando quando estivesse pronto. Talvez Cassian estivesse interpretando errado — talvez aquilo estivesse direcionado para minha irmã.

Eu sabia que era improvável.

Mas quando Rhys deslizou os dedos para dentro de mim, impondo um ritmo maliciosamente preguiçoso, eu deixei passar. Aquilo sempre fora parte da nossa amizade: dar espaço um ao outro para decidir quando estivéssemos prontos para conversar.

E havia nossa barganha final, tatuada em nós desde que derrotáramos Hybern... Eu o beijei intensamente, minha língua se enroscando com a dele. Não passaríamos um momento nesse mundo sem um ao outro. Eu só podia rogar para que nosso filho encontrasse um amor assim algum dia.

Rhys me levou ao limite do clímax, então a mão dele e minhas roupas sumiram. Ele abriu a calça com uma lentidão provocante, observando meu rosto enquanto libertava seu membro de tamanho considerável. Rhys observou meu rosto durante todo o tempo em que deslizou para dentro de mim com um único e poderoso impulso, parecendo saborear cada um dos meus gemidos e das súplicas conforme ele penetrava profundamente em mim.

Como se estivesse memorizando — tudo aquilo.

Quando estávamos os dois ofegantes, o rosto de Rhys ainda enterrado em meu pescoço, meus dedos puxaram distraidamente a camisa dele, encharcada de suor, e eu falei:

— Parece real agora que os outros sabem.

Rhys sabia do que eu estava falando.

— Tem mais uma pessoa para contar.

Eu sorri, puxando o cabelo dele para fazer com que ele olhasse para mim. Ele obedeceu, me encarando.

— Quer contar a Mor ou posso contar?

Ele a conhecia há mais tempo, mas eu a considerava minha amiga mais querida. Uma irmã, talvez mais do que as minhas irmãs de sangue.

— Acho que deveríamos deixar que *ele* contasse a ela — falou Rhys, olhando para a minha barriga.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Como?

Ele sorriu sarcasticamente.

— Da próxima vez que Mor estiver em casa, vamos descer o escudo em volta de você. E ver quanto tempo leva para que ela sinta seu cheiro. E o dele.

Eu sorri de volta.

— Gosto dessa ideia. — Eu queria que houvesse um modo de capturar o rosto de Mor no momento em que ela descobrisse. Passei a mão pelo cabelo sedoso de Rhys. — Você tem algum nome em mente?

Rhys sorriu.

— Ah, sim.

— Não confio nesse sorriso nem por um momento.

— Por quê? — Ele se afastou de mim, e com uma nova onda de sua magia, nós dois estávamos limpos. Eu contive a fome crescente em mim quando o vi se guardando de volta na calça. — Eu jamais daria algum nome ridículo.

— Não acredito em você. — Eu dei uma batidinha no nariz dele. — Seu nome de família...

— Não vamos falar do meu nome de família — disse ele, mordiscando a ponta de meus dedos.

Eu gargalhei.

— Tudo bem.

Mas seu olhar ficou sombrio.

— E se dermos um nome em homenagem a seu pai?

Meu coração se apertou.

— Não seria um problema para você?

— É claro que não.

Eu precisei engolir o nó em minha garganta quando me sentei, encarando Rhys por completo.

— Talvez um nome composto, um segundo nome... não. Eu quero que nosso filho tenha um nome só dele.

Nosso filho. As palavras soaram estranhas, mas lindas em minha língua.

Rhys assentiu para mim, sua expressão se suavizando como se as palavras também o tivessem comovido.

Eu já conseguia ver o pai que ele se tornaria — eu o via rindo enquanto ele brincava de jogar nosso filho para o alto, eu o via caindo no sono com o menino naquele mesmo sofá, livros abertos no colo deles. Nosso filho jamais, nem por um momento, duvidaria que era amado e adorado. E Rhys iria até o fim do mundo para protegê-lo.

Eu sorri pelos devaneios, as mãos já latejando para pintá-los.

Rhys soltou um murmúrio de contemplação.

— Que tal Nyx?

Eu pisquei.

— Nyx?

Rhys apontou para uma das paredes de livros do escritório. Um livro com encadernação de couro flutuou até os dedos abertos dele. Calado, Rhys folheou até uma página, então o passou para mim.

Eu corri os olhos pelo texto.

— Uma antiga deusa da noite?

— Da época dos Tesouros, na verdade — falou Rhys. — Ela foi praticamente esquecida, mas eu gosto de como o nome dela soa. Por que não usar para um menino?

— Nyx — eu refleti de novo, o nome ecoando no escritório silencioso. Passei os dedos tatuados pela barriga. A mão de Rhys

repousou sobre a minha e nós dois sorrimos para a pequena vida que se formava dentro de mim.

— Nyx — eu repeti, uma última vez, e podia ter jurado que um tremor de poder beijado pela noite se elevou em resposta.

Rhys inspirou profundamente, como se ele também tivesse sentido aquela semente de poder.

Juntos, nós olhamos para nossas mãos unidas, minha barriga sob elas.

Juntos, olhamos para nosso filho, e ofereci meu agradecimento silencioso à Mãe pelo lindo futuro que florescia diante de nós.

Azriel

A casa do rio havia finalmente ficado silenciosa depois da barulhenta festa de Solstício de Inverno, as luzes feéricas diminuindo e projetando pequenos feixes de luz dourada entre a profunda sombra da noite mais longa do ano.

Amren, Mor e Varian haviam finalmente se recolhido, mas Azriel se encontrava ainda no primeiro andar.

Ele sabia que deveria ir dormir. Precisaria do descanso quando chegasse o amanhecer, para a guerra de bola de neve no chalé. Cassian tinha mencionado nada menos do que seis vezes naquela noite que havia um *plano secreto* relacionado a sua suposta *vitória iminente*. Az deixou o irmão se vangloriar, principalmente porque Azriel estava planejando a própria vitória havia um ano.

Cassian mal sabia o que o esperava. E Az planejava usar o fato de que Nestha provavelmente não deixaria Cassian dormir muito naquela noite.

Az riu consigo mesmo, com as sombras que ele ouvia ao seu redor.

Durma, era o que elas pareciam sussurrar ao ouvido dele. *Durma*.

Quem me dera se eu conseguisse, respondeu ele, silenciosamente. Mas o sono quase nunca o encontrava ultimamente.

Muitos pensamentos afiados o cortavam sempre que ele ficava quieto por tempo o suficiente para que o atacassem. Muitas vontades e necessidades deixavam a pele dele superaquecida e repuxada sobre os ossos. Então ele só dormia quando seu corpo cedia e, ainda assim, apenas por algumas horas.

Azriel observou a sala de estar vazia, presentes e embrulhos espalhados pela mobília. Cassian e Nestha não tinham descido de novo, embora isso não fosse nenhuma surpresa. Ele estava felicíssimo pelo irmão, mas...

Azriel não conseguia conter a inveja em seu peito. De Cassian, e de Rhys.

Ele sabia que seria dominado por ela se subisse até o quarto, então havia permanecido lá embaixo diante da luz da lareira que se extinguia.

Mas mesmo o silêncio pesava demais, e embora as sombras lhe fizessem companhia, como sempre tinham feito, como sempre fariam, ele se viu deixando a sala. Entrando no saguão.

Passos suaves soaram sob o arco da escada, e ali estava ela.

As luzes feéricas tingiam de dourado o cabelo solto de Elain, fazendo com que ela brilhasse como o sol ao alvorecer. Ela parou, contendo o fôlego na garganta.

— Eu... — Ele a observou engolir em seco. Ela segurava um pequeno presente nas mãos. — Eu estava vindo deixar isto na sua pilha de presentes. Esqueci de dar mais cedo.

Mentira. Bem, a segunda parte era mentira. Ele não precisava das sombras para ler o tom de voz dela, a sutil tensão no rosto. Ela havia esperado até que todos estivessem dormindo antes de se aventurar até lá embaixo de novo, onde deixaria seu presente entre os outros, já abertos, sutil e sorrateiramente.

Elain se aproximou e a respiração dela ficou mais rápida quando ela, mais uma vez, parou, agora a meros centímetros dele. Ela estendeu o presente embrulhado, a mão tremendo.

— Aqui.

Az tentou não olhar para os dedos cobertos de cicatrizes ao aceitar o presente. Ela não havia comprado um presente para o parceiro. Mas dera um a Azriel no ano anterior — um pó contra dor de cabeça que ele guardava na mesa de cabeceira da Casa do

Vento. Não para usar, mas para olhar. Algo que fizera toda noite que dormira lá. Ou que tentara dormir lá.

Azriel desembrulhou a caixa, olhando para o cartão que apenas dizia *Talvez você ache isso útil na Casa*, e então abriu a tampa.

Havia dentro duas bolotas de tecido em formato de feijão. Elain murmurou: — Você coloca nas orelhas, e elas bloqueiam qualquer som. Com Nestha e Cassian morando lá com você...

Ele riu, incapaz de segurar o impulso.

— Não é à toa que você não quis que eu abrisse na frente de todo mundo.

A boca de Elain se repuxou em um sorriso.

— Nestha não gostaria da piada.

Ele ofereceu um sorriso em resposta.

— Eu não tinha certeza se deveria dar a você seu presente.

Ele deixou o resto não dito. Porque o parceiro dela estava ali, dormindo um andar acima. Porque o parceiro dela estivera na sala de estar, e Azriel precisara ficar à porta o tempo todo porque podia não aguentar ver aquilo, o cheiro do laço da parceria deles, e precisara da opção de ir embora caso se tornasse insuportável.

Os grandes olhos castanhos de Elain brilharam, bastante cientes de tudo aquilo. Assim como ele sabia que ela compreendia o motivo de Azriel quase nunca participar dos jantares de família ultimamente.

Mas naquela noite, ali, na escuridão e no silêncio, sem ninguém vendo... Ele tirou a pequena caixa de veludo das sombras que o cercavam. Abriu para ela.

Elain inspirou um fôlego baixinho que sussurrou sobre a pele dele. As sombras de Azriel recuaram às pressas ao som. Elas costumavam sumir quando Elain estava perto.

O colar dourado parecia comum — a corrente não tinha nada de especial, o amuleto era tão pequeno que podia ser entendido como um pingente de uso diário. Era uma pequena rosa chata feita de vidro tingido, desenhada de modo que, quando erguida contra a luz, a verdadeira profundidade das cores se tornava visível. Vale de beleza secreta e encantadora.

— É linda — sussurrou ela, tirando da caixa. A luz feérica dourada brilhou através das pequenas facetas de vidro, fazendo

com que o pingente brilhasse com tons de vermelho, rosa e branco. Azriel deixou suas sombras levarem a caixa embora quando ela disse, baixinho: — Você coloca em mim?

A cabeça dele se aquietou. Mas Azriel pegou o colar, abriu o fecho quando ela expôs as costas, levantando o cabelo com uma das mãos e expondo o pescoço longo e macio.

Ele sabia que era errado, mas ali estava ele, passando o colar em torno dela. Deixando que seus dedos cobertos de cicatrizes tocassem a pele imaculada de Elain. Deixando que roçassem na lateral do pescoço dela, aproveitando a textura suave como veludo. Elain estremeceu, e ele se demorou bastante para fechar o colar.

Os dedos de Azriel deslizaram pela nuca de Elain, sobre o primeiro nó da coluna dela. Lentamente, Elain se virou ao toque dele, até que a palma da mão de Azriel estivesse aberta sobre o seu pescoço.

Jamais foram tão longe. Eles tinham trocado olhares, o ocasional roçar de dedos, mas jamais aquilo. Jamais toques diretos, irrestritos.

Errado, era tão errado.

Ele não se importava.

Precisava saber qual era o gosto do pescoço dela. Qual era o gosto daqueles lábios perfeitos. Dos seios dela. Do sexo dela. Ele precisava dela gozando em sua língua...

O pau de Azriel fez pressão contra a calça, latejando tanto que ele mal conseguia pensar. Ele rezava para que ela não olhasse para baixo. Rezava para que ela não percebesse a mudança no cheiro dele.

Ele só se permitia aqueles pensamentos na calada da noite. Só permitia que sua mão se fechasse sobre o pau e pensar nela, quando até mesmo suas sombras tinham ido dormir. Como aquele rosto lindo ficaria quando ele entrasse nela, que sons ela faria.

Elain mordeu o lábio inferior, e foi preciso cada gota de autocontrole para que Azriel evitasse colocar os dentes ali.

— Eu deveria ir — disse Elain, mas não se moveu para ir embora.

— Sim — disse ele, com o polegar fazendo carícias demoradas na lateral do pescoço dela.

A excitação dela subiu até ele, e os olhos de Azriel quase viraram para trás quando ele sentiu o cheiro doce. Ele imploraria de joelhos por uma chance de sentir seu gosto. Mas Azriel apenas acariciou o pescoço de Elain novamente.

Elain estremeceu, aproximando-se. Tanto que uma inspiração profunda levaria seus seios a roçarem contra o peito dele. Ela ergueu o olhar para Azriel, seu rosto tão cheio de confiança e esperançoso e aberto que ele soube que ela não fazia ideia de que ele fizera coisas inomináveis que mancharam suas mãos muito além das cicatrizes.

Coisas tão terríveis que era um sacrilégio que seus dedos tocassem a pele de Elain, manchando-a com sua presença.

Mas ele poderia ter aquilo. Aquele momento, e quem sabe provar, e só isso.

— Sim — sussurrou Elain, como se tivesse visto a decisão no rosto dele. Apenas provar, na calada da noite mais longa do ano, onde só a Mãe era testemunha.

A mão de Azriel deslizou para cima do pescoço dela, enterrando-se no cabelo espesso de Elain. Virando o rosto dela na direção que ele queria. A boca de Elain se entreabriu, os olhos dela percorreram os dele antes de se fecharem com um tremor.

Oferta e permissão.

Ele quase gemeu com alívio e desejo quando abaixou a cabeça em direção à dela.

Azriel.

A voz de Rhys ecoou por ele, parando a poucos centímetros da doce boca de Elain.

Azriel.

Um comando irredutível envolveu o nome dele, e Azriel olhou para cima.

Rhysand estava parado no alto da escada. Olhando com irritação para os dois.

Meu escritório. Agora.

Rhys sumiu, e Azriel ficou parado diante de Elain, que ainda esperava pelo seu beijo. O estômago dele se revirou quando Azriel tirou a mão do cabelo dela e recuou, obrigando-se a dizer: — Isso foi um erro.

Ela abriu os olhos, mágoa e confusão enfrentando-se ali dentro antes de ela sussurrar: — Sinto muito.

— Você não... Não peça desculpas — conseguiu dizer Azriel. — Jamais peça desculpas. Sou eu quem deveria... — Ele balançou a cabeça, incapaz de suportar a desolação que tinha causado a ela. — Boa noite.

Azriel atravessou para dentro das sombras antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, surgindo à porta do escritório de Rhys um segundo depois. As sombras dele sussurraram ao seu ouvido que Elain tinha subido.

Rhys estava sentado à mesa, a fúria parecendo uma noite sem lua estampada no rosto dele. Ele perguntou, baixinho: — Você perdeu a cabeça?

Azriel estampou a máscara congelada que havia aperfeiçoado na masmorra do pai.

— Não sei do que está falando.

O poder de Rhys ondulou pela sala como uma nuvem escura.

— Estou falando sobre *você*, prestes a beijar Elain, no meio de um corredor onde *qualquer um poderia ver vocês* — grunhiu ele. — *Inclusive o parceiro dela*.

Azriel enrijeceu. Deixou que seu ódio frio subisse até a superfície, o ódio que ele só deixava Rhys ver, porque sabia que o irmão podia equipará-lo.

— E se o Caldeirão estava errado?

Rhysand piscou.

— E quanto a Mor, Az?

Azriel ignorou a pergunta.

— O Caldeirão escolheu três irmãs. Diga como é possível que meus dois irmãos estejam com duas dessas irmãs, mas a terceira tenha sido dada a outro. — Ele jamais ousara proferir as palavras em voz alta.

O rosto de Rhys perdeu a cor.

— Você acredita que *merece* ser o parceiro dela?

Azriel fez uma careta.

— Acho que Lucien jamais será bom o suficiente para ela, e Elain não tem interesse nele mesmo.

— Então o que você vai fazer? — A voz de Rhys era gelo puro. — Seduzi-la e tirá-la dele?

Azriel não disse nada.

Ele não tinha chegado tão longe no planejamento, certamente não além das fantasias com as quais se dava prazer.

Rhys grunhiu:

— Permita-me deixar uma coisa bem evidente. Você deve ficar longe dela.

— Não pode me ordenar a fazer isso.

— Ah, posso, e vou. Se Lucien descobrir que você está atrás dela, ele tem todo direito de defender o laço deles como achar adequado. Inclusive invocando o Duelo de Sangue.

— Essa é uma tradição da Corte Outonal. — A batalha até a morte era tão brutal que só se fazia em raros casos. Apesar de ser forasteiro, Azriel quisera invocá-la quando encontrou Mor, tantos anos antes. Ele estava pronto para desafiar Beron e Eris em um Duelo de Sangue, e matar os dois. Apenas o direito de Mor de reivindicar a cabeça deles como vingança o impediu de fazer aquilo.

— Lucien, como filho de Beron, tem o direito de exigir isso de você.

— Vou derrotá-lo fácil. — Arrogância pura envolveu cada palavra, mas era verdade.

— Eu sei. — Os olhos de Rhys brilharam. — E se você fizer isso, vai devastar qualquer paz frágil e as alianças que temos, não somente com a Corte Outonal, mas também com a Corte Primaveril *e* com Jurian e Vassa. — Rhys exibiu os dentes. — Então, você vai deixar Elain em paz. Se precisa trepar com alguém, vá a uma casa de espetáculos e pague por isso, mas *fique longe* dela.

Azriel grunhiu baixinho.

— Pode grunhir o quanto quiser. — Rhys encostou-se na cadeira. — Mas se eu vir você babando atrás dela de novo, vou fazer com que se arrependa.

Rhys raramente ameaçava punição ou fazia uso de sua autoridade. Azriel ficou tão chocado que sua raiva se dissolveu.

Rhys indicou a porta com o queixo.

— Saia.

Azriel fechou as asas e saiu sem dizer mais uma palavra, batendo os pés pela casa até o jardim da frente, para se sentar sob a luz frígida das estrelas. Deixando que o gelo em suas veias se igualasse ao do ar em volta dele.

Até que não sentisse nada. Até que voltasse a ser nada.

Então ele voou até a Casa do Vento, sabendo que se dormisse na casa do rio, faria algo de que se arrependeria. Ele fora tão cuidadoso em ficar longe de Elain, tanto quanto possível, e ficara lá em cima para evitá-la, mas essa noite... essa noite provou que ele estava certo em agir assim.

Azriel se dirigiu até o ringue de treino, entregando-se à necessidade de se exercitar para afastar a tentação, o ódio, a frustração e o desejo inquietante.

Ele encontrou o ringue já ocupado. Suas sombras não o avisaram.

Era tarde demais para recuar sem parecer que estava fugindo. Azriel aterrissou no ringue alguns metros de onde Gwyn treinava sob a noite fria, a espada dela brilhando como gelo ao luar.

Ela parou no meio de um corte, virando-se para encará-lo.

— Desculpe. Eu sabia que vocês iriam todos para a casa do rio, então achei que ninguém se importaria se eu subisse e...

— Não tem problema. Vim buscar uma coisa que esqueci. — A mentira era sutil e fria, como ele sabia que seu rosto era. Suas sombras olharam para ela por cima das asas.

A jovem sacerdotisa sorriu — e Azriel achou que fosse direcionado para suas sombras curiosas. Mas ela apenas prendeu o cabelo castanho-acobreado atrás de uma orelha pontuda.

— Eu estava tentando cortar a fita. — Gwyn apontou com a espada para a fita branca, a qual parecia brilhar prateado.

— Não está com frio? — A respiração dele se condensava diante do rosto.

Gwyn deu de ombros.

— Depois que você começa a se mexer, para de notar.

Ele assentiu, o silêncio recaindo. Por um segundo, os olhares deles se encontraram. Ele bloqueou a lembrança sangrenta que lampejou, tão destoante da Gwyn que ele via agora.

Ela abaixou a cabeça, como se também tivesse se lembrado. Que fora ele quem a encontrou naquele dia em Sangravah.

— Feliz Solstício — disse Gwyn, mais para ignorar a sensação do que como um cumprimento pelas festividades.

Ele riu.

— Está me expulsando?

Os olhos azul-mar de Gwyn brilharam alarmados.

— Não! Quero dizer, não me importo em compartilhar o ringue. É que... Eu sei que você gosta de ficar sozinho. — A boca de Gwyn se repuxou em um meio-sorriso, enrugando as sardas do nariz. — Foi por isso que subiu aqui?

Mais ou menos.

— Eu esqueci uma coisa — disse ele.

— Às 2 horas da manhã?

Pura diversão brilhou no olhar dela. Melhor do que a dor e o luto que Azriel tinha visto um momento antes. Então ele ofereceu um sorriso torto para ela.

— Não consigo dormir sem minha adaga preferida.

— Um conforto para toda criança em fase de crescimento.

Azriel ensaiou um sorriso. Ele não mencionou que, de fato, dormia com uma adaga. Muitas adagas. Inclusive uma debaixo do travesseiro.

— Como foi a festa? — A respiração dela se condensou diante da boca, e uma das sombras dele disparou para dançar com ela antes de se enroscar de volta para Azriel. Como se tivesse ouvido uma música silenciosa.

— Boa — disse ele, e percebeu um segundo depois que não era uma resposta socialmente aceitável. — Foi legal.

Não foi muito melhor. Então ele perguntou:

— Você e as sacerdotisas comemoraram?

— Sim, mas o culto foi a atração principal.

— Entendo.

Ela inclinou a cabeça, o cabelo brilhando como metal derretido.

— Você canta?

Ele piscou. Não era todo dia que as pessoas o surpreendiam, mas...

— Por que a pergunta?

— Chamam você de encantador de sombras. Os encantadores de serpentes usam música. Então, é porque você canta?

— Eu *sou* um encantador de sombras, não é um título que alguém inventou.

Ela deu de ombros de novo, com irreverência. Az semicerrou os olhos, estudando Gwyn.

— Mas você faz isso? — insistiu ela. — Canta?

Azriel não conseguiu conter a risada baixa.

— Sim.

Ela abriu a boca para perguntar mais, mas ele não quis explicar. Ou demonstrar, pois era certamente o que ela pediria a seguir. Então Az indicou com o queixo a espada que pendia da mão dela.

— Tente cortar a fita de novo.

— O que... com você assistindo?

Ele assentiu.

Ela considerou, e ele se perguntou se Gwyn diria que não, mas ela respirou fundo, firmou os pés, se equilibrou e cortou. Um lindo e preciso golpe, mas que não cortou a fita.

— De novo — ordenou Azriel, esfregando as mãos para se proteger do frio, grato pelo incômodo revigorante e pela distração daquela lição de última hora.

Gwyn cortou de novo, mas a fita não cedeu.

— Você está virando a lâmina um pouquinho quando ela fica paralela ao chão — explicou Azriel, sacando a sua lâmina illyriana das costas. — Observe. — Ele demonstrou lentamente, girando o pulso no momento em que ela fazia o mesmo. — Está vendo como você abre o movimento bem aqui? — Ele corrigiu a posição. — Mantenha o pulso assim. A lâmina é uma extensão do seu braço.

Gwyn tentou o movimento com a mesma lentidão que ele havia feito, e Azriel a observou fazer a correção sozinha, contendo a vontade de girar o pulso e virar a lâmina. Ela fez três vezes antes de recorrer ao mau hábito.

— Eu culpo Cassian por isso. Ele está ocupado demais olhando para Nestha para reparar nesses erros ultimamente.

Azriel gargalhou.

— Eu concordo com isso.

Gwyn deu um largo sorriso.

— Obrigada.

Azriel abaixou a cabeça em um esboço de reverência, alguma coisa inquieta se acalmando dentro dele. Até mesmo as sombras haviam se acalmado. Como se contentes em relaxar sobre os ombros dele e observar.

Mas... estava com sono. Ele precisava pelo menos tentar dormir.

— Feliz Solstício — disse Azriel, antes de seguir para o arco e entrar na Casa. — Não fique aqui fora até tarde. Vai congelar.

Gwyn assentiu como despedida, encarando a fita de novo. Um guerreiro sopesando um adversário, qualquer vestígio daquela irreverência encantadora sumindo.

Azriel entrou no calor da escada, e conforme ele desceu, podia jurar que uma cantoria baixa e linda o acompanhou. Podia jurar que suas sombras cantaram em resposta.

Ele dormiu tão bem quanto se podia esperar, mas quando Azriel voltou para a casa do rio para pegar seus presentes antes do alvorecer, ele encontrou o colar de Elain no meio da pilha. Azriel guardou o colar. Passou o resto do dia, até mesmo a maldita guerra de bola de neve, com a intenção de devolver para a loja no Palácio de Fios e Joias.

Mas quando ele voltou no chalé nas montanhas, não foi até a praça do mercado.

Em vez disso, ele se viu na biblioteca sob a Casa do Vento, de pé diante de Clotho conforme o relógio soava as 19 horas.

Ele deslizou a caixinha sobre a mesa dela.

— Se você encontrar Gwyn, pode dar isto a ela?

Clotho inclinou a cabeça encapuzada, e sua caneta encantada escreveu em um pedaço de papel: *Um presente de Solstício seu?*

Azriel deu de ombros.

— Não diga a ela que veio de mim.

Por quê?

— Ela precisa saber? Só diga que foi um presente de Rhys.

Isso seria mentira.

Ele evitou a vontade de cruzar os braços, não querendo parecer intimidador. Ele bloqueou a memória que lampejou — de sua mãe se encolhendo diante do pai dele, o macho de pé com os braços

cruzados de uma forma que comunicava sua insatisfação antes de ele abrir a boca cheia de ódio.

— Olhe, eu... — Az buscou as palavras, sua voz ficando baixa. — Se tiver outra sacerdotisa aqui que possa gostar do presente, dê a ela. Mas não vou levar esse colar comigo quando eu for embora.

Ele esperou que a caneta de Clotho terminasse de escrever. *Seus olhos estão tristes, encantador de sombras.*

Ele ofereceu um sorriso sombrio a ela.

— Perdi a guerra de bola de neve de hoje.

Clotho era esperta o suficiente para ver através da esquiva dele. Ela escreveu: *Darei a Gwyneth. Direi que um amigo deixou para ela.*

Ele não chegaria ao ponto de chamar Gwyn de amiga, mas...

— Tudo bem. Obrigado.

A caneta de Clotho se moveu de novo. *Ela merece uma coisa bonita assim. Eu agradeço a você pela alegria que isso vai trazer a ela.*

Alguma coisa faiscou no peito de Azriel, mas ele apenas assentiu em agradecimento e partiu. Mas Azriel conseguia imaginar, conforme subia as escadas de volta para a área da Casa, como os olhos azul-mar de Gwyn poderiam se iluminar ao ver o colar. Por qualquer que fosse o motivo... ele podia ver.

Mas Azriel guardou o pensamento, apagando conscientemente o leve sorriso que aquilo trouxe ao seu rosto. Enterrando a imagem bem fundo, onde ela brilhou quietinha.

Uma coisa de beleza secreta e encantadora.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

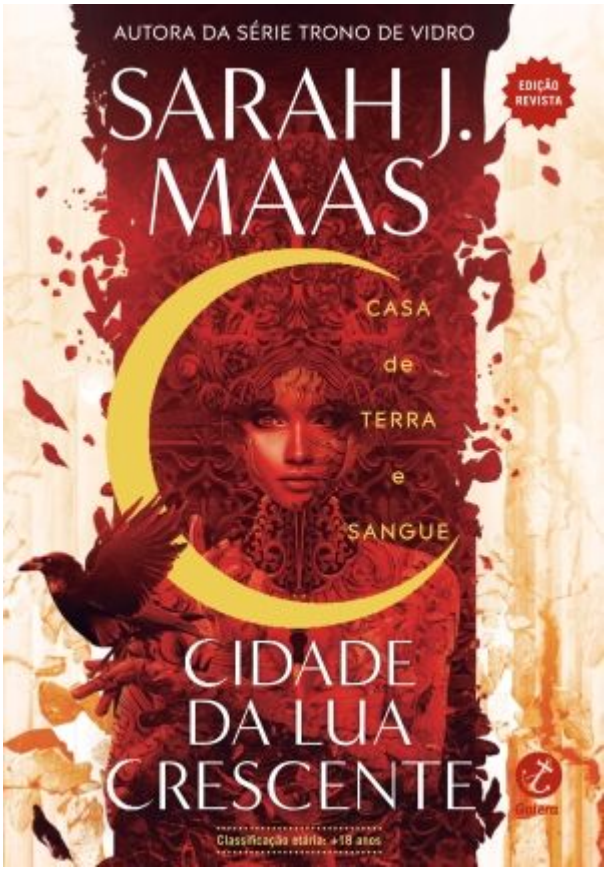
Corte de chamas prateadas

Wikipédia da autora:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sarah_J._Maas

Instagram da autora:
https://www.instagram.com/therealsjmaas/?hl=pt-br

Site da autora:
https://sarahjmaas.com/

Livros da autora:
https://www.record.com.br/autores/sarah-j-maas/


AUTORA DA SÉRIE TRONO DE VIDRO
SARAH J. MAAS
EDIÇÃO REVISTA
CASA de TERRA e SANGUE
CIDADE DA LUA CRESCENTE
Classificação etária: +18 anos
Galera

Cidade da Lua Crescente - Casa de Terra e Sangue (Vol. 1) - Edição revista

Maas, Sarah J.
9786555871470
744 páginas

Compre agora e leia

A autora #1 do New York Times Sarah J. Maas lança sua novíssima série Cidade da Lua Crescente. Neste primeiro volume, Casa de terra e sangue, conhecemos a história da semifeérica Bryce Quinlan, que busca vingança em um mundo de fantasia contemporâneo repleto de magia, perigo e romance abrasador.

Bryce Quinlan tinha a vida perfeita - trabalhava duro o dia todo e festejava noite adentro -, até que um demônio assassina alguns de seus melhores amigos, deixando-a destruída e mudando sua vida para sempre. Sem entender como sobreviveu ao ataque da besta, a semifeérica tenta superar a perda, com o consolo de que o culpado por conjurar o demônio está atrás das grades. Mas quando os crimes recomeçam, dois anos depois e com as mesmas características, Bryce se vê no meio de uma investigação que pode ajudá-la a vingar a morte dos amigos.

Hunt Athalar é um notório anjo caído, agora escravizado pelos arcanjos que um dia tentou derrubar. Suas habilidades brutais e força incrível foram definidas para alcançar um único objetivo: assassinar – sem perguntas – os inimigos do seu chefe. Mas com

um demônio causando estragos na cidade, ele ofereceu um acordo irresistível: ajudar Bryce a encontrar o assassino, e sua liberdade estará ao seu alcance.

Enquanto Bryce e Hunt se aprofundam nas entranhas da Cidade da Lua Crescente, eles descobrem um poder sombrio que ameaça tudo e todos que amam, e encontram um no outro uma paixão ardente – que teria o poder de libertar os dois, se eles apenas a aceitassem.

Com personagens inesquecíveis, romance ardente e um suspense eletrizante a cada virar de página, *Casa de terra e sangue* é o primeiro volume da nova série de fantasia da autora best-seller nº 1 do New York Times, Sarah J. Maas. Com mais de 1 milhão de exemplares vendidos em todo o mundo, Sarah é um fenômeno. Vencedora de três prêmios literários em anos consecutivos, a autora possui uma legião de fãs apaixonados. Agora, estreia brilhantemente no universo da ficção *new adult*.

Compre agora e leia

Corrente de Ouro
CASSANDRA CLARE
AS ÚLTIMAS HORAS
Da autora de
OS INSTRUMENTOS MORTAIS
Galera

Corrente de ouro (Vol 1. As últimas horas)

Clare, Cassandra
9786555871586
598 páginas

Compre agora e leia

O mal se esconde à vista de todos. O amor corta mais profundamente que qualquer lâmina.

Da autora best-seller do *New York Times* Cassandra Clare, *Corrente de ouro* é o primeiro volume da trilogia *As últimas horas.*

Seja bem-vindo ao período eduardiano londrino! Um tempo de luzes elétricas e sombras extensas, a celebração da beleza artística e a selvagem busca pelo prazer, com demônios à espreita no escuro. Por anos a paz reinou no mundo dos Caçadores de Sombras. James e Lucie Herondale, filhos dos famosos Will e Tessa, cresceram e desenvolveram-se em um ambiente harmônico com sua família e amigos, ouvindo histórias sobre o bem derrotando o mal e o amor como o grande vencedor... Mas tudo muda quando as famílias Blackthorn e Carstairs vêm para Londres, assim como uma espécie de praga nunca vista antes, implacável e inevitável.

Cordelia Carstairs é uma Caçadora de Sombras, uma guerreira treinada desde a infância para enfrentar demônios. Quando seu pai foi acusado de um terrível crime, ela e seu irmão viajam a Londres na esperança de evitar a ruína de sua família. Sua mãe, Sona Carstairs, quer que a filha se case... mas Cordelia está mais determinada a ser uma heroína do que uma esposa. Logo, Cordelia

encontra James e Lucie Herondale, seus amigos de infância, e é levada a seu universo de bailes reluzentes, tarefas secretas e salões sobrenaturais, onde vampiros e bruxos se misturam a sereias e feiticeiros.

Enquanto isso, ela precisa esconder sua paixão secreta por James, que jurou se casar com outra pessoa.

Quando o desastre atinge, depois de tanto tempo, os Caçadores de Sombras, James, Cordelia e seus amigos mergulham em uma aventura descontrolada que os revelará sombrios e incríveis poderes, o verdadeiro e cruel preço de ser um herói... e de se apaixonar.

Ao mesclar enredos complexos, um cenário histórico e personagens cativantes, *Corrente de ouro* se torna uma verdadeira jornada onde os fãs dos Caçadores de Sombras aprenderão o valor do amor, do ódio, da paixão e da amizade, excedendo todas as expectativas.

"A potência da fantasia *young adult* de Cassandra Clare retorna com uma nova geração de Caçadores de Sombras, mais uma vez abordando temas como amor, amizade e família, e entregando uma emocionante história – nostálgica para fãs de longa data, e, ainda assim, acessível para novos leitores." – *Booklist*

Compre agora e leia

Uma história de fantasmas intensa
e assustadora, com aventuras pelo mundo, que vai
agradar tanto fãs de horror quanto entusiastas por
programas de viagem. — School Library Journal
Galera
A CIDADE DOS FANTASMAS
AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
VICTORIA SCHWAB

A cidade dos fantasmas

Schwab, Victoria
9786559810062
225 páginas

Compre agora e leia

Em A cidade dos fantasmas, uma fantasia young adult de Victoria Schwab, conheça a história de Cassidy Blake. Seus pais são os conhecidos Espectores, uma famosa dupla de caça-fantasmas. No entanto, em segredo, quem realmente consegue ver – e se comunicar – com os espíritos é a própria Cass.

Cassidy Blake vive uma rotina simples e tranquila com seus pais no subúrbio. Sua vida é perfeitamente normal – exceto pelo fato de ela conseguir se mover, através do Véu, entre o mundo dos vivos e o do mortos e por ter como melhor amigo Jacob, um fantasma.
Quando seus pais são convidados por uma emissora de televisão para apresentar um programa sobre os lugares mais assustadores do mundo, seu cotidiano vira de cabeça para baixo. Em pouco tempo, estão todos – Cassidy, seus pais, seu melhor amigo fantasma e Ceifador, seu gato – em direção à superassombrada Edimburgo, na Escócia, a primeira parada do roteiro do programa... e situações fora do comum começam a acontecer.
Na Escócia, Cass se vê cercada, para onde quer que olhe, por fantasmas de todos os tipos, e, é claro, nem todos são gentis e amigáveis. Em meio às incertezas sobre como deve usar seu dom, Cassidy e Jacob se deparam com a Rapina Rubra, um espírito maligno e lendário que surge a cada inverno para assombrar a população local – principalmente as crianças.
Cruzando a cidade e passando pelos pontos turísticos mais célebres da região – do cemitério Greyfriars ao bar The White Hart Inn, do

Beco de Mary King ao castelo de Edimburgo –, Cassidy e Jacob conhecem a fundo as fábulas, mitos e segredos da cidade, e precisam confrontar a história sangrenta e sobrenatural da capital escocesa.
Ainda que em meio a uma empreitada de muitas reviravoltas, os poderes de Cassidy – além de sua bravura e coragem – a levarão a uma batalha épica e, para salvar a si mesma e aos que ama, ela precisará de um impulso e determinação finais, que se estendam tanto pelo enérgico mundo dos vivos quanto pelo sombrio mundo dos mortos.

"Essa atmosférica histórica de fantasmas de Schwab arrepia e encanta enquanto desafia os leitores a enfrentar seus medos." – Publishers Weekly

Compre agora e leia

"Uma mistura
inebriante de folclore feérico,
alta fantasia e drama, que traz
o mundo perigoso, mas
tentador, das fadas à vida."
- KIRKUS REVIEW
O
PRÍNCIPE
CRUEL
HOLLY BLACK
Galera

O príncipe cruel

Black, Holly 9788501101952
322 páginas Compre agora e leia

Primeiro livro da mais nova série de Holly Black. Conheça a impressionante história de uma garota mortal que se vê presa em uma teia de intrigas reais. Jude tinha 7 anos quando seus pais foram assassinados e foi forçada a viver no Reino das Fadas. Dez anos depois, tudo o que ela quer é ser como eles – lindos e imortais – e realmente pertencer ao Reino das Fadas, apesar de sua mortalidade. Mas muitos do povo das Fadas desprezam os humanos. Especialmente o Príncipe Cardan, o filho mais jovem, mais bonito e mais cruel do Grande Rei. Para ganhar um lugar na Alta Corte, ela deve desafiá-lo... e enfrentar as consequências. Envolvida em intrigas e traições do palácio, Jude descobre sua própria capacidade para truques e derramamento de sangue. Mas, com a ameaça de uma guerra civil e o Reino das Fadas por um fio, Jude precisará arriscar sua vida em uma perigosa aliança para salvar suas irmãs, e o próprio Reino. Com personagens únicos, reviravoltas inesperadas, e uma traição de tirar o fôlego, este livro vai deixar o leitor pedindo bis – querendo mergulhar de cabeça na continuação deste universo.

Compre agora e leia

COMO O
REI
DE
ELFHAME
APRENDEU A
ODIAR HISTÓRIAS
HOLLY BLACK
Galera
Ilustrações ROVINA CAI

Como o Rei de Elfhame aprendeu a odiar histórias

Black, Holly
9786559810079
192 páginas

Compre agora e leia

Retorne, em Como o Rei de Elfhame aprendeu a odiar histórias, ao cativante e irresistível universo da série best-seller O Povo do Ar.

Era uma vez, em uma terra mágica e distante, um garoto com uma língua perversa.
Antes de se tornar um príncipe cruel ou um rei perverso, Cardan era uma criança fada conhecida por ter um coração de pedra. Em Como o Rei de Elfhame aprendeu a odiar histórias, a autora best-seller #1 do New York Times Holly Black revela um olhar mais profundo sobre a vida do enigmático Grande Rei de Elfhame.
No Reino das Fadas, um príncipe jovem, perigosamente bonito e, acima de tudo, cruel conhece Jude, uma humana criada em Elfhame. Uma trilogia inteira é dedicada a contar a história de sua perspectiva, mas, agora, Cardan está no centro das atenções. Esta história inclui maravilhosos e precisos detalhes da vida do Grande Rei antes dos acontecimentos de O príncipe cruel, uma aventura que ultrapassa as fronteiras de A rainha do nada e, ainda, momentos fundamentais vistos anteriormente pela perspectiva de Jude, narrados na íntegra pelo ponto de vista de Cardan.
Este novo livro é um retorno ao universo dos romances épicos, acelerados, perigosos e carregados de drama que conquistaram leitores por todo o mundo. Com cada história acompanhada de deslumbrantes e coloridas ilustrações, Como o Rei de Elfhame

aprendeu a odiar histórias se torna um indispensável item de colecionador a ser apreciado por públicos de todas as idades.

"Black é magistral ao construir mundos. Ela consegue transmitir todos os detalhes ao leitor, sem ser tediosa ou enciclopédica, seja você alguém já familiarizado com as fadas ou um recém-chegado ao gênero. É um truque especialmente interessante, porque ler um romance como esse é como estar cercado por magia." – The New York Times
"Black continua construindo um mito cada vez maior com suas histórias de fadas, e, embora este volume exija conhecimento prévio da trilogia O Povo do Ar, oferece novos prazeres junto a momentos já familiares contados anteriormente." – Kirkus Review

Compre agora e leia